Vidas Paralelas

Plutarco

Volume I

Teseu

SUMÁRIO DA VIDA DE TESEU

I. Começo dos tempos verdadeiros da História. II. Relações do Teseu e Rômulo. III. Nascimento de Teseu. V. Viagem a Delfos. VII. Admiração por Hercules. X. Primeiros combates contra os Bandidos. XVI. Chegada a Atenas. XVI. Parte para ir combater o touro de Maratona. XVIII. Tributo de filhos que Minos, rei de Creta, impusera a Atenas. XIX. Teseu vai a Creta, combate o Minotauro e isenta os Atenienses do tributo. XXIV. Morte de Ariadne. XXV. Na volta da ilha de Creta, Teseu passa a Delos. Origem da dança do Grou. XXVI. Teseu retorna a Atenas, celebra as obséquias do pai e sobe ao trono. XXVII. Barco de Teseu conservado durante mais de nove séculos. XXVIII. Reúne os habitantes da Ática num corpo de cidade em Atenas. Instituição da festa das Panatenéias. XXIX. Leis e polícia de Atenas. XXX. Estabelecimento dos Jogos ístmicos. XXXI. Viagem de Teseu ao Ponto Euxino. A amazona Antíope. XXXIII. Combate das Amazonas. XXXVI. Fedra, esposa de Teseu. Hipólito, filho de Antíope. XXXVIII. Amizade de Teseu e Pirítoo. Combate dos Lápitas e Centauros. XXXIX. Rapto de Helena. XLI. Os Tindáridas Castor e Pólux vêm pedi-la de novo. Origem da Academia. XLII. Menesteu intriga em Atenas contra Teseu. XLIII. Regresso àquela cidade. Revoltas e sedições. Teseu faz imprecações contra os Atenienses e retira-se para a ilha de Ciros. XLIV. Morre. XLV. Os ossos são transportados para Atenas. XLVI. Sacrifícios em sua honra.

Desde o ano de 1249 até ao ano de 1199 antes de Jesus Cristo; 423 anos antes da primeira Olimpíada.

Assim como os historiadores que descrevem a terra em figura, amigo Sósio Senecião [1], costumam suprimir nas extremidades de suas cartas as regiões de que não têm conhecimento e disso enumerar as razões em trechos da margem — além destes países aqui não há senão profundos areais sem água, cheios de animais venenosos, ou a vasa que não se pode navegar, ou a Cítia deserta pelo frio, ou ainda o mar gelado — também nesta minha história, na qual comparei as Vidas de alguns homens ilustres umas com as outras, tendo seguido todo o tempo do qual os monumentos estão ainda tão inteiros que sobre eles se pode falar com alguma verossimilitude ou escrever com real verdade, eu bem posso dizer dos tempos mais antigos e mais afastados do presente: o que antes existe não é mais que ficção estranha e não se encontram senão fábulas monstruosas que os poetas inventaram, onde não há certeza nem qualquer aparência de verdade. Todavia, tendo posto à luz as vidas de Licurgo, que estabeleceu as leis dos Lacedemônios, e do rei Numa Pompilio, pareceu-me que eu bem podia razoavelmente remontar ainda até Rômulo, pois que tão próximo estava de seu tempo — assim pensei longamente comigo mesmo, como diz o poeta Ésquilo:

Que campeão se medirá

Com tal homem?

Quem irá

Ao meu juízo de encontro?

Quem topará tal recontro?

E por fim resolvi comparar aquele que povoou a nobre e famosa cidade de Atenas com aquele que fundou a gloriosa e invencível metrópole de Roma: no que eu teria desejado que as fábulas daquela antiguidade se deixassem tão destramente limpar com meus escritos que lhes pudéssemos dar alguma aparência de narração histórica; mas, se acaso em alguns lugares saem um pouco audaciosamente fora dos limites da verossimilhança e não têm nenhuma conformidade com coisa crível, é necessário que os leitores graciosamente me escusem, recebendo de bom grado o que se pode escrever e recontar de coisas tão velhas e tão antigas.

II. Ora, pareceu-me que Teseu tinha muitas coisas semelhantes a Rômulo, porque, tendo sido ambos gerados clandestinamente e fora de legítimo matrimônio, também tiveram ambos o murmúrio de haverem nascido da semente dos deuses:

Ambos valentes, como todos sabem.

Tiveram ambos o bom-senso conjunto à forca do corpo e, das duas mais nobres metrópoles do mundo, um fundou a de Roma e o outro reuniu em um corpo de cidade os habitantes da de Atenas. Um e outro raptaram mulheres, e nem um nem outro pôde evitar a infelicidade de querelar com os seus e de sujar-se com o sangue de parentes próximos; e, mais, sustenta-se que um e outro acabaram incorrendo no ódio e malquerença de seus cidadãos, se queremos ao menos receber por verdadeiro o que sobre isso se escreve menos estranhamente e onde há mais aparência de verdade.

III. Teseu, pois, a par de seu pai, descendia em linha direta do grande Erecteu e dos primeiros habitantes que atingiram o país da Ática, os quais foram depois chamados Autóctones, o que vale tanto como dizer nascidos da terra mesma, porque não há memória de que tenham jamais vindo de alhures; e, do lado de sua mãe, tinha saído de Pélope, que em seu tempo foi o mais poderoso rei de toda a província do Peloponeso, não tanto pelas riquezas quanto pela multidão de filhos, de tal maneira que dava as filhas, das quais tinha bom número, aos maiores Senhores do pais, e ia semeando os filhos, que eram também em bom número, pelas cidades, francas, achando meio de lhes fazer ter delas os governos, Piteu{2}, avô materno de Teseu, foi um deles, o qual fundou a pequena cidade de Trezena e teve a reputação do mais sábio e prudente homem do seu tempo; mas a ciência e a prudência, que então estavam em estima, consistiam todas em graves sentenças e ditos morais, como são aqueles pelos quais o poeta Hesíodo tem sido tão estimado em seu livro intitulado «As Obras e os Dias», no qual livro se lê ainda presentemente esta bela sentença que se diz ser de Piteu;

Pagar logo tu deves o salário

Que prometes ao pobre mercenário{3}.

Ass im escreve mesmo o filósofo Aristóteles; e o poeta Eurípides, chamando a Hipólito discípulo do santo Piteu, dá a entender assaz em que reputação ele era tido.

IV Mas, desejando Egeu, assim como se diz, saber como poderia ter filhos, dirigiu-se na cidade de Delfos ao oráculo de Apoio, onde{4} pela religiosa do templo lhe foi respondida esta profecia tão renomea da, a qual lhe defendia tocar e conhecer mulher enquanto não estivesse de retorno a Atenas; e, porque as palavras da profecia eram um pouco obscuras, retornou pela cidade de Trezena, para comunicá-las a Piteu. As palavras da profecia eram tais:

Homem em que a virtude está formada,

Fique a pata do bode bem atada,

Enquanto não te encontres em Atenas.

Isso entendido, persuadiu-o Piteu, ou por algum ardil o afinou de sorte que o fez deitar com sua filha chamada Etra. Egeu, pois, após ter tido sua companhia, conhecendo que era a filha de Piteu que deitara com ele e suspeitando que ela estava grávida de suas obras, deixou-lhe uma espada e sapatos, os quais escondeu debaixo de. uma grande pedra, oca justamente na medida necessária para conter o que ali colocava, e não o disse a ninguém no mundo, senão a ela mesma, encarregando-a de que, se porventura tivesse um filho, quando{5} este chegasse à idade de homem assaz poderoso para remover a pedra e tomar o que ele deixara debaixo, o enviasse com tais insígnias o mais secretamente que pudesse, sem que nenhum outro tivesse disso conhecimento: porque temia muito os filhos de um chamado Palas{6}, os quais espiavam todos os meios.de o fazer morrer e o desprezavam porque ele não tinha filhos e eles eram cinquenta irmãos, todos gerados pelo mesmo pai. Isso feito, ele se foi; e Etra, alguns meses depois, deu à luz um belo filho, o qual desde então se chamou Teseu, como quiseram dizer alguns, por causa dessas insígnias de reconhecimento que o pai colocara debaixo da pedra. Todavia, há outros que escrevem ter sido isso depois, em Atenas, quando o pai o reconheceu e o confessou seu filho; mas, durante os primeiros anos da juventude, nutrido em casa de seu avô Piteu, teve um mestre e governador chamado Cônidas, em honra do qual os Atenienses

até hoje sacrificam um carneiro no dia anterior à grande festa de Teseu, honrando com melhor razão a memória desse governador que a de um Silânion e a de um Parrásio, aos quais também fazem honra, porque pintaram e moldaram imagens de Teseu.

V. Ora, nessa época, era ainda costume na Grécia que os homens jovens, ao saírem da infância, iam à cidade de Delfos oferecer parte dos seus cabelos ao templo de Apoio. Teseu para lá seguiu como os demais; e dizem que o lugar onde se fazia a cerimônia dessa oferenda conserva-lhe até hoje o nome, pois ainda no presente se chama Teséia; mas ele fez raspar somente a frente da cabeça, como diz Homero que os Abantes se tonsuravam outrora; e foi essa espécie de tonsura chamada Teseida, por amor a ele. E, quanto aos Abantes, foram em verdade os primeiros que assim se fizeram tonsurar; mas não o aprenderam dos Árabes, como estimaram alguns, nem o faziam à imitação dos Mísios, mas porque eram homens belicosos e ousados, que juntavam de perto o inimigo em batalha e, mais do que todos os povos do mundo, sabiam combater bem, de pé firme, a golpes de mão, como o testemunha o poeta Arquíloco nestes versos:

Eles não usam fundas na jornada,

Nem também arcos, mas estoque e espada.

Quando Marte sangrento dá começo

Em campanha ao terrífico arremesso,

Tornam-se desumanos em ação,

Combatendo de espadas mão a mão:

Em tal esgrima chegam a esse ponto

Os marciais varões de Negroponto.

A causa pela qual se faziam assim tonsurar na frente era a fim de que os inimigos não pudessem pegá-los pelos cabelos quando combatiam, como pela mesma consideração Alexandre, o Grande, comandou lambem a seus capitães que fizessem rapar as barbas aos Macedônios: porque é a presa mais fácil e mais à mão, que se poderia fazer ao inimigo em combate, agarrá-lo pela barba.

VI Mas, para voltar a Teseu: Etra, sua mãe, todo o tempo antes lhe havia ocultado quem era seu verdadeiro pai, e Piteu tinha feito correr o rumor de que ele fora gerado por Netuno, tanto assim que os Trezenienses têm esse deus em grande reverência e o adoram como patrono e protetor de sua cidade, fazendo-lhe oferenda dos seus primeiros frutos; e assim têm como marca de sua moeda o tridente{7}, que é uma forquilha de três pontas, e insígnia de Netuno; mas, chegado que foi aos primeiros anos da juventude, e quando mostrou com a forca do corpo ter uma grande coragem, junto com uma prudência natural e equilibrado senso, então a mãe o conduziu ao lugar onde estava a grande pedra oca e, declarando-lhe verdadeiramente o fato de seu nascimento e por quem fora gerado, fez-lhe tomar as insígnias de reconhecimento que o pai ali escondera e aconselhou-o a ir por mar à presença dele em Atenas. Teseu sublevou facilmente a pedra e tomou o que estava debaixo; mas respondeu francamente que não iria por mar, conquanto fosse muito mais seguro e embora a mãe e o avô lhe pedissem com muita insistência, porque o caminho para ir por terra de Trezena a Atenas era bem perigoso, em razão dos bandidos e ladrões que havia por toda parte. Pois aquele século trouxe homens que, em forca de braços, ligeireza de pés e potência universal de toda a pessoa, sobrepassavam grandemente o ordinário dos outros e jamais se cansavam com

qualquer trabalho que tomassem; mas não empregavam esses dons de natureza em nenhuma coisa honesta nem aproveitável, antes sentiam prazer em ultrajar vilã e arrogantemente os outros, como se todo o fruto de suas extraordinárias forças consistisse em crueldade e inumanidade somente e em poderem ter em sujeição, forçar, perder e gastar tudo o que lhe caísse nas mãos, estimando que a maior parte daqueles que louvam a vergonha de fazer mal, a justiça, a equidade e a humanidade, o fazem por fraqueza de coração, sem ousarem prejudicar a outrem por medo de o fazerem a si mesmos e, portanto, os que pela força podiam obter vantagem sobre outros não tinham o que fazer todas essas qualidades.

VII. Ora, desses maus homens, Hércules, percorrendo o mundo, tirava dele alguns e fazia-os morrer; os outros, enquanto ele passava pelos lugares onde se encontravam, ocultavam-se de medo e se retiravam, de maneira que Hércules, vendo que assim se rebaixavam e humilhavam, não mais fazia conta de os perseguir; mas, quando a fortuna lhe adveio de matar Ífito com a própria mão e quando se dirigiu por ultramar ao país de Lídia, Onde longamente serviu a rainha Ônfale, condenando-se ele próprio a essa pena voluntária, pelo crime que cometera, todo o reino da Lídia, enquanto ali esteve, ficou em grande paz e em grande segurança de tal espécie de gente; mas, na Grécia e arredores, essas maldades começaram outra vez a renovar-se e a ressurgir mais do que nunca, porque ninguém mais havia que os castigasse nem[8] quem os tirasse deste mundo: na qual ocasião o caminho para ir do Peloponeso a Atenas, por terra, era muito perigoso.

VIII. E por essa cau sa Piteu, recontando a Teseu quais eram os bandidos que dominavam aquele caminho e os ultrajes e violências que eles faziam aos passantes, tratava de persuadi-lo de que ele fizesse logo essa viagem por mar; mas havia muito tempo, em meu aviso, que a glória dos renomeados feitos de Hércules lhe inflamara secretamente o coração, de maneira que não fazia conta senão de si mesmo e escutava muito afetuosamente aqueles que recitavam qual homem era, mesmo aqueles que o tinham visto e que estiveram presentes quando ele dissera ou fizera alguma coisa digna de memória; pois então dava manifestamente a conhecer que sofria no peito a mesma paixão de que Temístocles muito tempo depois sofreu, quando disse que a vitória e o troféu de Milcíades não o deixavam dormir. Pois também a grande admiração na qual Teseu tinha a virtude de Hércules faziam que à noite não sonhasse senão com os seus gestos, e de dia o ciúme de sua glória o pungia com o desejo de fazer às vezes outro tanto com os que eram parentes próximos, como aqueles que eram filhos de duas primas-germanas: pois Etra era filha de Piteu e Alcmena, mãe de Hércules, filha de Lisídico, a qual era irmã-germana de Piteu, todos dois filhos de Pélope e sua mulher Hipodâmia.

XI. Assim pensou que lhe seria coisa vergonhosa e insuportável que Hércules tivesse percorrido todo o mundo, procurando os maus para deles limpar o mar e a terra, e que ele, ao contrário, fugisse à ocasião de Combater aqueles que se pressentiam em seu caminho: o que fazendo, desonraria aquele que a opinião comum e o murmúrio do povo diziam ser seu pai, se, fugindo a ocasião de combater, se fizesse conduzir por mar e levasse a seu verdadeiro pai, para se fazer reconhecer, sapatos e uma espada não ainda tinta de sangue — lá onde mais cedo ele devia procurar matéria de fazer conhecer incontinente, pela evidente marca de alguns belos feitos de armas, a nobreza do sangue de que saíra. Com tal deliberação se pôs Teseu a caminho, propondo-se não ultrajar ninguém, mas bem defender-se e revingar-se daqueles que empreendessem assaltá-lo.

X. O primeiro, pois, que derrotou foi um ladrão chamado Perifetes, dentro do território da cidade de Epidauro. Asse ladrão trazia ordinariamente por bastão uma clava e por isso era comumente sobrenomeado Corinetes, quer dizer, o portador da clava. Assim, pôs primeiro a mão sobre ele, para impedir-lhe a passagem, mas Teseu o combateu de sorte que o matou: com o que ficou tão contente, assim como por lhe haver ganho a clava, que desde então a portou sempre ele mesmo, não mais nem menos que Hércules a pele do leão; e, assim como

aquele despojo do leão testemunhava o tamanho da fera que Hércules abatera, também Teseu ia por toda parte mostrando que essa clava que tomara das mãos de outro era inconquistável entre as suas. Passando mais além, dentro do estreito do Peloponeso, derrotou outro, chamado Sínis e sobrenomeado Pitiocamptes, quer dizer, curvador de pinheiros, e o derrotou em tudo da mesma maneira que ele fizera morrer vários passantes: não que o tivesse aprendido antes, nem que se tivesse exercitado em fazê-lo, mas fazendo ver por efeito que por si só a virtude pode mais do que todo artifício ou exercitação. Esse Sínis tinha uma filha muito bonita e robusta, chamada Perigoune, a qual fugiu ao ver o pai morto; e Teseu a procurava aqui e acolá, mas a moça se lançara dentro de um pequeno bosque, onde havia grande quantidade de juncos e aspargos selvagens, aos quais ela muito simplesmente suplicava, infantil, como se eles tivessem senso para entendê-la, prometendo-lhes por juramento que, se a escondessem e cobris-sem tão bem que não pudesse ser encontrada, jamais os cortaria nem os queimaria, Teseu chamou-a e jurou por sua fé que a trataria bem e não lhe faria mal nem desprazer nenhum: sobre a qual promessa, ela saiu da mata e deitou-se com ele, de quem concebeu um belo filho que teve o nome de Menalipo. Depois, Teseu a deu em casamento a um certo Deioneu, filho de Êurito Ecaliense. Desse Menalipto, filho, de Teseu, nasceu Ioxo, o qual com Órnito levou gente para o país da Cária, onde construiu a cidade dos Ióxidas{9}; e daí vem que esses Ióxidas observem ainda hoje essa antiga cerimônia de não queimar nunca o espinho dos aspargos nem o junco, tendo-os antes em alguma honra e reverência.

XI Quanto à Javalina de Crômíon, que se chamava de outro modo Féia, quer dizer, Burel{10}, não era uma fera de que se devesse fazer pequena conta, antes era corajosa e bem pouco fácil de matar, Teseu nada menos a esperou e a matou sem deter-se no caminho, a fim de que ao mundo não parecesse que fazia todas essas valentias porque a isso fosse constrangido por necessidade; além de qu e era sua opinião que o homem de bem só deve combater contra os homens para se defender dos maus, mas que deve ser o primeiro a assaltar e correr sobre as bestas selvagens e malfazejas. Todavia, escreveram outros que Féia era uma salteadora, assassina e abandonada de corpo, a qual roubava os que passavam nas proximidades do lugar chamado Crômion{11}, onde se fixava, e que foi sobrenomeada Javalina pelos seus costumes desonestos e má vida, a qual finalmente foi morta por Teseu.

XII. Após aquela, derrotou Círon{12} à entrada do território de Mégara, porque ele despojava os passantes, assim como o sustenta a mais comum opinião; ou, assim como dizem outros, porque, por ultrajosa malvadez e prazer desordenado, estendia os pés aos que por lá passavam ao longo da marinha e comandava-lhes que lhos lavassem; depois, quand o cuidavam de baixar para assim fazerem, empurrava-os a pontapés, até fazê-los estrebuchar no mar: e Teseu aí o lançou também a ele, do alto a baixo dos rochedos. Todavia, os historiadores de Mégara, contradizendo a voz pública e querendo, como diz Simônides, combater a prescrição do passado, sustentam que Círon não foi nunca nem bandido nem malfeitor, mas antes perseguidor dos maus e amigo e aliado das pessoas de bem e mais justos homens da Grécia; pois não há ninguém que não reconheça que Éaco foi o mais santo homem do seu tempo e que Cicreu de Salamina é honrado e reverenciado como um deus em Atenas; e assim não há homem que não saiba também que Peleu e Télamon foram pessoas de singular virtude. Ora, é certo que Círon foi genro de Cicreu, sogro de Éaco e avô de Peleu e de Télamon, que todos dois foram filhos de Endeis, filha do dito Círon e de sua mulher Cáriclo. Assim não é verossímil que tanta gente de bem tivesse querido fazer aliança com tão desgraçado homem, tomando dele e dando-lhe o que os homens têm de mais caro no mundo; e, no entanto, dizem tais historiadores que não foi na primeira viagem de Teseu a Atenas que ele matou Círon, mas depois, quando tomou a cidade de Eleusina, ainda ocupada pelos Mégaros, onde enganou o governador da cidade chamado Díocles e ali fez morrer Círon. Eis as oposições que os Mégaros alegam a esse propósito.

XIII. Também na cidade de Eleusina, matou Cércion Acárdio, lutando contra ele. E, seguindo um pouco mais além, na cidade de Hermíona{13}, derrotou Damastes, que de outro modo era sobrenomeado Procrustes: no que o igualou à medida de seus feitos, como se acostumara a

fazer com os estrangeiros passantes; e isso fazia Teseu à imitação de Hércules, o qual punia os tiranos com a mesma pena que haviam feito sofrer a outros. Pois assim sacrificou Busíris; assim sufocou Anteu na luta; assim fez morrer Cic no, combatendo-o de homem para homem; assim rompeu a cabeça de Térmero, do que ainda até hoje ficou o provérbio sobre o mal termeriano, porque esse Térmero tinha o costume de fazer morrer assim os que encontrava, chocando contra a deles a sua cabeça. De maneira semelhante, Teseu ia punindo os malfeitores, fazendo-os sofrer justamente os mesmos tormentos que tinham sido os primeiros a fazer sofrer injustamente a outros.

E assim prosseguiu caminho até chegar ao rio Cefiso, onde alguns da casa dos Fitálidas foram os primeiros a honrá-lo, seguindo-lhe ao encontro, e a seu requesto o purificaram segundo as cerimonias costumeiras daquele tempo; depois, tendo feito aos deuses um sacrifício de propiciação, festejaram-no em suas casas; e foi o primeiro bom acolhimento que achou em todo o caminho.

XIV. Sustenta-se que chegou à cidade de Atenas no oitavo dia do mês de junho{14}, que então se chamava Crônio. Assim achou a coisa pública turbada por sedições, parcialidades e divisões, e particularmente a casa de Egeu em maus termos também, por isso que Medéia, tendo sido banida da cidade de Corinto, retirara-se para Atenas e morava com Egeu, ao qual prometera fazê-lo ter filhos pela virtude de algumas medicinas; mas, tendo sentido o vento da vinda de Teseu, a ntes que o bom homem Egeu, que estava já velho, suspeitoso e desconfiando de todas as coisas, pelas grandes parcialidades que reinavam dentro da cidade, soubesse quem ele era, ela o persuadiu de envenená-lo em um banquete que se lhe faria como a um estrangeiro passante. Teseu não deixou de ir a esse banquete para o qual fora convidado; mas também não achou o bom passo de se descobrir ele próprio: antes querendo dar a Egeu matéria e meio de o reconhecer, quando se levou a carne para a mesa, desembainhou a espada, como se com ela tivesse querido trinchar, e mostrou-lha. Egeu reconheceu-o logo em seguida e incontinente derrubou a copa onde estava o veneno que se aprestara para lhe impingir, Em seguida, após o haver inquirido e interrogado, abraçou-o; e depois, em pública assembleia de todos os habitantes da cidade, declarou que o reconhecia por seu filho. Todo o povo o recebeu com grande gáudio, pelo renome de sua proeza; e diz-se que, quando Egeu derrubou a copa, o veneno que estava dentro tombou no lugar onde há agora certa mansão, toda fechada em torno, no interior do templo que se chama Delfínio. Pois nesse local é que estava antigamente a casa de Egeu: em testemunho do que se chama ainda hoje a imagem de Mercúrio, que está no lado desse templo que dá para o sol levante, o Mercúrio da porta de Egeu.

XV. Mas os Palântidas, que outrora tinham sempre esperado recobrar o reino de Atenas, pelo menos após a morte de Egeu, porque ele não tinha filhos, quando viram que Teseu era reconhecido e confessado seu filho, herdeiro e sucessor ao reino, então não mais podendo suportar,- não somente que Egeu, que não era senão filho adotivo de Pandíon e não tinha nada do sangue real dos Erectidas, lhes tivesse usurpado o reino, mas que Teseu ainda o ocupasse, resolveram fazer-lhes a guerra a ambos e, tendo-se dividido em duas tropas, uns vieram{15} abertamente em armas, com seus pais, direito à cidade e os outros puseram-se de emboscada no burgo de Gargeto, com a intenção de assaltá-los por dois lados. Ora, tinham eles então consigo um heraldo nativo do burgo de Agnus, nomeado Leos, que descobriu a Teseu o desígnio de toda aquela empresa. Teseu, sendo advertido, foi incontinente atacar os que estavam de emboscada e passou-os todos a fio de espada: o que entendendo os outros que estavam na tropa de Palas, debandaram o mais que depressa e se esgueiraram aqui e acolá: de onde vem, ao que se diz, que os do burgo de Palene jamais fazem aliança de casamento com os do burgo de Agnus, e que em seu burgo, quando se faz algum clamor público, jamais são ditas as palavras que se dizem alhures, por todo o país da Ática, «Escutado Leos», que valem tanto como dizer «Ora ouvi povo»: tanto têm eles em grande ódio essa palavra Leos, pela traição que lhes fez o heraldo que se chamava assim.

XVI. Isso feito, Teseu, que não queria ficar sem nada fazer e de quando em quando desejava agradar ao povo, partiu para ir combater o touro de Maratona, o qual fazia muitos males aos habitantes da região de Tetrápolis{16}; e, tendo-o tomado vivo, fê-lo passar através da cidade, a fim de que fosse visto por todos os habitantes, depois o sacrificou a Apoio sobrenomeado Delfiniano.

XVII. Ora, quanto a Hécale, que, segundo se conta, o alojou e ao bom tratamento que lhe deu, isso não está inteiramente fora da verdade, pois antigamente os burgos e aldeias dos arredores se reuniam e faziam em comum um sacrifício , que chamavam de Hecalésion, em honra de Júpiter Hecaliano, onde honravam aquela velha chamando-lhe por nome diminutivo, Hecalena, de maneira que ela, quando em sua moradia recebeu Teseu, que era ainda bastante jovem, o saudou e acariciou assim com nomes diminutivos, como as pessoas idosas costumam fazer festa às crianças; e, porque tivesse votado a Júpiter fazer-lhe um sacrifício solene, se Teseu retornasse são e salvo da empresa a que se lançava, e como estivesse morta antes do seu regresso, teve como recompensa da boa hospedagem que lhe proporcionara, a honra que referimos, por ordem de Teseu, conforme escreveu Filócoro.

XVIII. Pouco tempo depois dessa façanha, vieram de Cândia{17} os homens do rei Minos, pedir pela terceira vez o tributo que pagavam os de Atenas em tal ocasião. Andrógeo, filho primogênito do rei Minos, foi morto à traição dentro do' país da Ática, em razão do que Minos, objetivando a vingança dessa morte, fez a guerra com extrema aspereza aos Atenienses e muitos prejuízos lhes causou; mas, além disso, os deuses ainda perseguiram e afligiram de maneira extremamente dura todo o país, tanto por esterilidade e fome como po r pestilências e outros males, até fazer secar os rios. O que vendo aqueles de Atenas, recorreram ao oráculo de Apoio: o qual lhes respondeu que apaziguassem Minos e, quando estivessem reconciliados com ele, a ira dos deuses cessaria também contra eles e suas aflições teriam fim. Assim enviaram incontinente os de Atenas perante ele e lhe requereram a paz: a qual ele lhes outorgou sob a condição de que, durante o espaço de nove anos, seriam obrigados a enviar cada ano a Cândia{18}, em forma de tributo, sete meninos e outras tantas meninas. Ora, até aqui, todos os historiadores estão bem de acordo, mas, quanto ao resto, não; e aqueles que parecem afastar-se mais da verdade contam que, quando esses meninos chegaram a Cândia, fizeram-nos devorar pelo Minotauro dentro do Labirinto, ou melhor, encerraram-nos dentro do Labirinto e eles foram errando aqui e acolá, sem poderem encontrar saída para escapar, até que morreram de fome; e era esse Minotauro, assim como diz o poeta Eurípides,

Um corpo misto, um monstro com figura

De homem e touro em dúplice natura.{19}

Mas Filócoro escreve que os de Cândia não confessam isso, antes dizem que esse Labirinto era uma cadeia na qual não havia outro mal senão o de que não podiam dali sair os que ali eram encerrados; e que Minos, em memória de seu filho Andrógeo, instituíra festas e jogos de prendas, onde ele dava aos que obtinham a vitória esses meninos Atenienses, os quais entretanto eram cuidadosamente guardados dentro da cadeia do Labirinto, sendo que, n os primeiros jogos, um dos capitães do rei, nomeado Tauro, que mais crédito tinha junto ao senhor, ganhou o prêmio. Esse Tauro foi homem revesso e desgracioso de natura, que tratou muito dura e soberbamente esses meninos de Atenas; e, quanto a ser isso verdadeiro, o próprio filósofo Aristóteles{20}, falando da coisa pública dos Botieus, mostra não estimar que Minos tivesse jamais feito morrer as crianças Atenienses, antes diz que elas envelheceram em Cândia, ganhando a vida em servir pobremente. Pois escreve que os Candiotas, cumprindo um voto que muito tempo antes haviam feito, enviaram por vezes os principais de seus homens a

Apoio, na cidade de Delfos, e entre eles se misturam também aqueles que eram descendentes dos antigos prisioneiros de Atenas, e então se foram com eles. Mas, porque não puderam viver ali, tomaram caminho primeiramente da Itália, onde demoraram algum tempo na província de Apúlia, e depois se transportaram ainda daí às marcas da Trácia, motivo por que tiveram esse nome de Botieus: em memória do que as jovens Botiéias, num solene sacrifício que fazem, costumam cantar este refrão: «Vamos a Atenas», Mas nisso pode-se ver quanto é perigoso incorrer na malevolência de uma cidade que sabe parlamentar e onde as letras e a eloquência florescem, Pois desde esse tempo Minos{21} tem sido sempre difamado e injuriado pelos teatros de Atenas, e de nada lhe serviu o testemunho de Hesíodo, ao chamar-lhe digníssimo rei, nem a recomendação de Homero, que o nomeia familiar amigo de Júpiter, porque os poetas trágicos ganharam não obstante o extremo oposto: e do catafaldo onde se jogavam suas tragédias expandiram sempre diversas palavras injuriosas e ataques difamatórios contra ele, como contra um homem que teria sido cruel e inumano, embora comumente se considere que Minos seja o rei que estabeleceu as leis e Rad amanto o juiz e conservador que as faz observar.

XIX. Tendo pois decaído o termo em que era preciso pagar o tributo pela terceira vez, quando se veio a constranger os pais que tinham filhos não ainda casados a entregá-los para pô-los à aventura da sorte, os cidadãos de Atenas começaram a murmurar de novo contra Egeu, alegando por seus agravos que ele, que tinha sido causa de todo o mal, era o único isento de pena; e{22} que, para fazer cair o reino nas mãos de um seu bastardo estrangeiro, não lhe importava que eles ficassem privados e destituídos de seus naturais e legítimos filhos. Essas justas queixas dos pais contra quem lhes tirava os filhos feriam o coração de Teseu, o qual, desejando submeter-se à razão e correr a mesma fortuna de seus cidadãos, ofereceu-se voluntariamente para ser enviado sem esperar a aventura da sorte, pelo que os da cidade estimaram grandemente a gentileza de sua coragem e o amaram singularmente pela afeição que ele mostrava ter à comu nidade; mas Egeu, após ter ensaiado toda sorte de imprecações e reprimendas, por cuidar diverti-lo desse propósito, vendo por fim que não havia ordem, atirou à sorte os outros infantes que deviam então seguir com ele.

XX. Todavia, Helânico escreveu que não eram os da cidade que sorteavam os infantes que deviam ser enviados, mas que o próprio Minos a isso se entregava em pessoa, que os escolhia, como então escolheu Teseu em primeiro lugar, sob as condições combinadas entre eles, a saber, que os Atenienses fornecessem os navios e que os infantes embarcassem em sua companhia sem levar nenhum bastão de guerra, mas que, após a morte do Minotauro, a pena desse tributo cessou. Ora jamais houvera antes qualquer esperança de retorno, nem de salvamento, e contudo tinham sempre os Atenienses enviado um navio para conduzir seus infantes com uma vela negra, como significância de perda inteiramente certa. Entretanto, pela esperança dada a seu pai por Teseu, fazendo-se forte e prometendo ousadamente que suplantaria o Minotauro, deu Egeu ao piloto do navio uma vela branca, ordenando-lhe que no regresso a estendesse, se o filho escapasse; se não, que pusesse a negra, para de bem longe mostrar-lhe seu infortúnio. Não obstante, diz Simônides que essa vela dada por Egeu ao piloto não era branca, antes vermelha, tinta com grão escarlate, e que lha entregou para significar de longe sua libertação e salvamento. Esse piloto tinha o nome de Féreclo Amarsíadas, assim como diz Simônides; mas Filócoro escreve que Ciro de Salamina deu a Teseu um piloto chamado Nausiteu e outro marinheiro para governar a proa, que tinha o nome de Féias, por isso que os Atenienses então não se dedicavam ainda à marinha; e o fez Ciro de maneira que um dos infantes sobre os quais caiu a sorte era seu sobrinho: do que fazem fé as capelas que Teseu edificou depois em honra de Nausiteu e de Féias no burgo de Falero, junto ao templo de Ciro. E se diz assim que a festa que se nomeia Cibernésia, quer dizer, a festa dos patrões de navios, é celebrada em sua honra.

XXI- Após ter sido a sorte tirada, Teseu, tomando consigo aqueles sobre os quais ela caíra, dirigiu-se do palácio{23} ao templo chamado Delfínio, para dar a Apoio, por si e pelos demais, a oferenda de suplicação, que se denomina Hicetéria, consistindo num ramo de oliva sagrada

retorcido em torno com lã branca; e, após ter feito sua prece, desceu até à borda do mar para embarcar no sexto dia do mês de março, no qual ainda hoje a esse mesmo templo Delfínio as jovens são enviadas, para aí fazerem suas preces e orações aos deuses; mas dizem que o oráculo de Apoio na cidade de Delfos lhe respondera que ele tomasse Vênus por guia e a reclamasse para conduzi-lo na viagem; na qual ocasião sacrificou à borda do mar uma cabr a que de repente se achou transformada num bode, sendo esse o motivo por que se dá àquela deusa o nome de Epitrágia, como quem dissesse a deusa do bode.

XXII. Afinal, quando chagou a Cândia, ali matou o Minotauro, assim como o descreve a maior parte dos antigos autores, com o meio que lhe proporcionou Ariadne, a qual, tendo-se dele enamorado, lhe deu um novelo de fio, com auxílio do qual lhe ensinou como poderia facilmente sair dos desvios e extravios do Labirinto; e dizem que, tendo exterminado o Minotauro, retornou ao ponto de onde partira, levando então consigo os outros jovens infantes de Atenas, e Ariadne também. Ferecides diz mais, que ele quebrou e destruiu as quilhas e carenas de todos os navios de Cândia, a fim de que não pudessem subitamente persegui-los; e Dêmon escreve que Tauro, capitão de Minos, foi morto por Teseu dentro do porto mesmo, combatendo, assim como estavam todos prestes a fazer vela. Todavia, Filócoro conta que o rei Minos, tendo feito abrir os jogos, pois que a isso se acostumara todos os anos em honra e memória de seu filho, começou cada qual a invejar esse capitão Tauro, porque se esperava que ele ganhasse ainda o prêmio, como fizera nos anos precedentes, com o que sua autoridade o tornava malquerido, por isso que era homem soberbo e suspeitava-se que entretivesse a rainha Pasifaéia. Porque, quando Teseu foi pedir o combate contra ele, Minos facilmente lhe concedeu, E, sendo costume em Cândia que as damas se achassem nos divertimentos públicos e assistissem a ver os jogos, Ariadne, que ali se encontrava entre eles, foi tomada de amor por Teseu, vendo-o tão belo e tão destro na luta que venceu todos aqueles que se apresentaram para lutar. E o próprio rei Minos ficou tão contente de que ele tivesse arrebatado essa honra ao capitão Tauro que o reenviou quite e franco ao seu país, entregando-lhe também os outros prisioneiros Atenienses e, por amor dele, remetendo à cidade de Atenas o tributo que lhe devia pagar.

XXIII. Más Clidemo conta essas coisas de outra e inteiramente diferente maneira, muito particularmente rebuscando o começo de mais acima, Pois diz que havia então Uma ordenança geral por toda a Grécia, que proibia a toda espécie de gente fazer vela em navio onde houvesse mais de cinco pessoas, exceto Jasão somente, que foi eleito capitão da grande nave «Argo», com a comissão de ir aqui e acolá, para repelir e expulsar todos os corsários e ladrões que infestavam o mar; e que, tendo Dédalo fugido de Cândia para Atenas dentro de um pequeno barco, quis Minos persegui-lo, contra as defesas públicas, com uma frota de vários navios em comboio, mas foi lançado pela tormenta à costa da Sicília, onde faleceu. Depois, seu filho Deucalião, estando enfurecido gravemente contra os Atenienses, enviou-os a intimar que lhe entregassem Dédalo, pois de outro modo faria morrer os infantes que haviam sido dados como reféns a Minos seu pai: do que Teseu* se escusou, dizendo que não podia abandonar Dédalo, visto como o tinha tão próximo ao ponto de ser seu primo-germano, porque era filho de Méràpe, filha de Erecteu; mas, enquanto isso, mandou secretamente fazer vários navios, parte dentro da própria Ática, no burgo de Timétades, atrás dos grandes caminhos passantes, e parte também na cidade de Trezena, por intermédio de seu avô Piteu, a fim de que a empresa ficasse ali mais encoberta. Após isso, quando toda a equipagem se aprestou{24}, pôs-se ao mar, antes que os Candiotas fossem de algum modo advertidos; de sorte que, quando o descobriram de longe, cuidaram se tratasse de navios amigos. Graças ao que Teseu desceu em terra sem nenhuma resistência e apoderou-se do porto; depois, tendo Dédalo e os banidos de Cândia por guias, entrou até dentro da própria cidade de Gnose, onde derrotou em batalha a Deucalião, diante das portas do Labirinto, com todos os seus guardas e satélites, e por isso foi preciso que Ariadne, sua irmã{25}, tomasse em mãos os negócios do reino, Teseu com ela ajustou as contas e retirou os jovens infantes de Atenas, que estavam detidos como reféns, repondo em boa paz, amizade e concórdia os Atenienses com os Candiotas: os quais prometeram e juraram que jamais começariam a guerra contra eles.

XXIV. Contam-se ainda muitas outras coisas sobre tal assunto, assim como a respeito de Ariadne, mas nisso nada há de seguro nem de certo, pois alguns dizem que Ariadne enforcou-se de dor, quando se viu abandonada por Teseu, ao passo que outros escrevem que foi levada pelos marinheiros para a ilha de Naxos, onde se casou com Enaro, presbítero de Baco, e sustentam que Teseu a deixou porque amava outra:

De Panopeu a filha então amava,

Egle, ninfa gentil, formosa e brava,

Heréias de Mégara diz que esses dois versos estavam antigamente entre os versos do poeta Hesíodo, mas que Pisístrato dali os tirou; como também ajuntou os dois outros abaixo à descrição dos infernos em Homero, para agradar aos Atenienses:

Perítoo e Teseu, os dois infantes

Dos imortais em armas triunfantes.

Sustentam outros que Ariadne teve dois filhos de Teseu, um dos quais recebeu o nome de Enópion, e outro o de Estáfilo; que foi assim descrito, entre outros, pelo poeta Íon, natural da ilha de Quios, o qual diz falando de sua cidade:

Enópion, filho de Teseu valente,

Esta cidade deste à nossa gente.

Ora, quanto ao que se lê de mais honesto nas fábulas dos poetas, não há ninguém que não o cante, por maneira de dizer; mas certo Fênon, natural da cidade de Amatunte, recita-o de forma inteiramente diversa dos outros, dizendo que Teseu foi lançado por uma tormenta à ilha de Chipre, tendo então consigo Ariadne, que estava grávida e tão trabalhada pela agitação do mar que não mais pôde suportá-lo, de tal maneira que ele foi constrangido a pô-la em terra e depois reentrou em seu navio para cuidar de o defender contra a tormenta, mas foi novamente atirado longe da costa, em pleno mar, pela violência dos ventos. As mulheres do país recolheram humanamente Ariadne e, para reconfortá-la (porque ela se desconfortou extraordinariamente, quando se viu assim abandonada), contrafizeram cartas, como se Teseu lhas tivesse escrito, e, quando ficou prestes a dar à luz o filho, tudo fizeram para socorrê-la: ela, todavia, morreu no sofrimento, sem jamais poder dar à luz, e foi inumada honrosamente pelas damas de Chipre. Teseu, pouco depois retornou e mostrou-se extremamente desgostoso com essa morte, deixando dinheiro aos do país para lhe sacrificarem anualmente; e em memória dela mandou fundir duas pequenas estátuas, uma de cobre e outra de prata, que lhe dedicou. Tal sacrifício é feito no segundo dia de setembro, observando-se ainda a cerimônia de se deitar um menino sobre o leito, gritando e clamando nem mais nem menos do que o fazem as mulheres durante o parto; e diz-se que os Amatusienses dão ainda ao pequeno bosque onde está sua sepultura o nome de Bosque de Venus Ariadne. Habitantes de Naxos narram o fato de outro modo, dizendo que houve dois Minos e duas Ariadnes, uma das quais se casou com Baco na ilha de Naxos, dela nascendo Estáfilo, e a outra, mais jovem, foi raptada elevada por Teseu, o qual pouco depois a abandonou, retirando-se ela para a ilha de Naxos com sua ama chamada Córcine, da qual ainda hoje se mostra ali a sepultura. A segunda

Ariadne ali morreu também, mas não teve tais honras após a morte como a primeira, porque eles celebram a festa da primeira com todo o regozijo e toda a alegria, ao passo que os sacrifícios que se fazem em memória da segunda são entremeados de luto e tristeza.

XXV- Teseu, pois, partindo da ilha de Cândia, veio descer na de Delos, onde sacrificou no templo de Apoio, dando-lhe uma pequena imagem de Vênus que recebera de Ariadne; depois, com os outros jovens que libertara, dançou um tipo de dança que os Delis ainda hoje guardam, segundo se diz: na qual há vários desvios e extravios, à imitação dos meandros do Labirinto; e a essa espécie de meneio os Delis chamam Grou{26}, conforme refere Dicearco; e a dançou Teseu em primeiro lugar, ao redor do altar que se chama Ceráton, isto é, feito de cornos, por isso que é composto de cornos somente, todos do lado esquerdo, se bem que entrelaçados em conjunto, sem outra ligação e formando um altar. Dizem também que ele fez nessa mesma ilha de Delos um jogo de prendas, no qual o vencedor recebeu um ramo de palma como penhor da vitória.

XXVI. Mas, quando se aproximaram da costa da Ática, ficaram de tal maneira tomados de alegria, ele e seu piloto, que se esqueceram de pôr ao vento a vela branca pela qual deviam dar significância de seu salvamento a Egeu. O qual, vendo de longe a vela negra e não mais esperando rever o filho, teve tão grand e desgosto que se precipitou do alto de um rochedo abaixo e se matou. Logo que Teseu chegou ao porto de Falero, cumpriu os sacrifícios que votara aos deuses por ocasião da partida e enviou à cidade um arauto para levar a notícia de sua volta. Encontrou o arauto vários na cidade a lamentar a morte do rei Egeu e vários outros também que o receberam com grande alegria, como se pode imaginar, e quiseram coroá-lo com flores, por lhes haver trazido tão boas novas, tendo os infantes da cidade retornado salvos. O arauto recebeu de bom grado as coroas de flores, mas não quis pô-las sobre a cabeça, antes as colocou em volta de sua verga heráldica, que levava à mão; depois regressou por mar, até onde Teseu fazia os sacrifícios; e, vendo que ele não tinha ainda terminado, não quis entrar no templo, permanecendo do lado de fora, a fim de não perturbar os sacrifícios; depois, quando todas as cerimonias tiveram fim, foi transmitir-lhe as notícias da morte de seu pai; e então ele e os que estavam em sua companhia, agitados por grande sofrimento, seguiram prontamente para a cidade. É a razão por que até hoje, na festa que se chama Oscofória, como quem diria a festa dos ramos, o arauto não tem a cabeça coroada de flores, mas somente a verga; e também por que os assistentes, depois que o sacrifício está encerrado, fazem tais exclamações, Eleleuf, iou, iou: das quais a primeira é o grito e a voz de que usam ordinariamente os que procuram infundir coragem uns aos outros para se apressarem, ou é o refrão de um canto de triunfo, e a outra é o grito e a voz de pessoas amedrontadas ou aflitas. Após ter feito as obséquias do pai, cumpriu ele para com Apoio os sacrifícios que lhe votara no sétimo dia do mês de outubro{27}, no qual chegaram de volta à cidade de Atenas. Assim, o costume que se guarda até hoje de fazer cozer legumes em tal dia vem de que aqueles que então retornaram com Teseu fizeram cozer dentro de uma marmita tudo o que lhes restara de víveres, banqueteando-se em conjunto. Também daí procede a usança de levar o ramo de oliva retorcido com lã, que se chama Iresione, porque então levaram também o ramo de suplicação, como dissemos antes; e ao redor deste foram ligadas todas as espécies de frutos, porque então cessara a esterilidade, conforme testemunham os versos que depois cantaram:

Trazei-lhe pão sadio e saboroso{28},

E bons figos também, mel amoroso,

Óleo de unção e a taça onde apareça

Vinho puro que a face lhe adormeça.

Todavia, houve quem quisesse dizer que esses versos foram feitos para os Heráclidas, isto é, os descendentes de Hércules, os quais, tendo-se retirado à salvaguarda dos Atenienses, foram por eles assim nutridos durante algum tempo; mas a maior parte sustenta que foram feitos na ocasião por nós referida.

XXVII. O navio no qual Teseu partiu e regressou era uma galeota de trinta remos, que os Atenienses guardaram até ao tempo de Demétrio de Falero {29}, retirando sempre as velhas peças de madeira, à medida que apodreciam, e colocando outras novas em seus lugares; de maneira que depois, nas disputas dos Filósofos sobre as coisas que aumentam, a saber, se permanecem unas ou se fazem outras, essa galeota era sempre alegada com exemplo de dúvida, porque uns mantinham que era um mesmo barco, enquanto outros, ao contrário, sustentavam que não; e afirma-se que a festa{30} dos ramos, ainda hoje celebrada em Atenas, foi primeiramente instituída por Teseu. Diz-se mais que ele não levou todas as jovens sobre as quais caíra a sorte, antes escolheu dois belos meninos de semblantes doces e delicados como de virgens, conquanto fossem ficando ousados e prontos para a ação; mas tanto os fez banhar com água quente, manterem-se cobertos sem sair ao mormaço nem ao Sol, tanto lavar, untar e esfregar com óleos próprios para amolecer a pele, conservar a tez fresca a alourar os cabelos, e tanto os ensinou a contrafazer a palavra, a continência e a maneira das moçoilas, que eles mais se pareciam com elas do que com jovens rapazes pois não havia exteriormente nenhuma diferença que se pudesse perceber, de sorte que ele os misturou entre as outras raparigas, sem que ninguém nada reconhecesse. Depois, quando seguiu de volta, fez uma procissão, na qual ele e os outros jovens se vestiram como o são hoje aqueles que levam os ramos no dia da festa; e são eles usados em honra de Baco e de Ariadne, segundo a fábula que a esse respeito se conta, ou antes, porque retornaram justamente na época e na estação em que se colhem os frutos das árvores; e há mulheres que se chamam Dipnóforas, isto é, que levam para o jantar, as quais assistem e participam do sacrifício feito naquele dia, representando as mãos daqueles sobre os quais recaíra a sorte, porque assim lhes levaram de comer e de beber; e aí contam as fábulas porque essas mães prestaram contas aos filhos, para reconfortá-los e dar-lhes coragem. O historiador Dêmon escreveu todas essas particularidades. Ademais, foi escolhido lugar para edificar-lhe um templo, e ele mesmo ordenou que as casas que nos anos precedentes tivessem pago o tributo ao rei de Cândia contribuíssem todos os anos vindouros para as despesas de um solene sacrifício que ali se faria em sua honra; e desse templo deu a administração à casa dos Fitálidas, em recompensa pela cortesia de que usaram em sua terra quando ele chegou.

XXVIII. Enfim, após a morte de seu pai Egeu, ele empreendeu uma grande coisa maravilhosa: reuniu numa cidade e reduziu a um corpo urbano os habitantes de toda a província da Ática, os quais antes estavam esparsos em vários burgos, e nessa ocasião mal azada para reunir, quando se tratava de ordenar alguma coisa concernente ao bem público, havia frequentes querelas e guerras de uns contra os outros. Mas Teseu deu-se ao trabalho de ir de burgo em burgo e de família em família para dar-lhes a entender as razões pelas quais deviam assim fazer: assim achou os pobres e os homens privados dispostos a obtemperar à sua advertência, mas os ricos e os que tinham autoridade em cada burgo, não; todavia, conquistou-os também, prometendo-lhes que seria uma coisa pública não sujeita ao poder de um príncipe soberano, antes um governo popular ao qual se reservariam somente a superintendência da guerra e a guarda das leis; e, de resto, que cada cidadão ali tivesse em tudo e por tudo igual autoridade. Assim houve ali alguns que de bom grado se submeteram; os outros, que tal não ensejavam, dobraram-se contudo; por medo do seu poder e de sua ousadia, que era já grande; de tal forma que preferiram consentir de boa vontade no que ele lhes pedia a esperar que a isso fossem constrangidos pela força. Assim fez demolir todos os palácios para instalar a justiça e todas as salas para reunir o conselho, retirou todos os juízes e oficiais, e construiu um palácio comum e uma sala para alojar o conselho, no lugar onde agora está assentada a cidade que os Atenienses chamam de Asti, mas ao conjunto de todo o corpo da cidade chamou ele Atenas; depois, instituiu a festa geral e o sacrifício comum para todos os da Ática, com o nome de Panatenéia{31}; e ali ordenou também outro no sexto dia do mês de junho para os estrangeiros que viessem habituar-se em Atenas, o qual foi chamado Metécia e se observa ainda hoje. E isso feito, deixou sua autoridade real, como prometera, e pôs-se a ordenar o estado e a polícia da coisa pública, começando pelos serviços dos deuses, pois procurou em primeiro lugar o

oráculo de Apoio, na cidade de Delfos, para inquirir das aventuras dessa nova cidade, sobre o que lhe foi relatada tal resposta

De Egeu filho e da filha de Piteu,

O alto tonante que este me deu

De muitos o destino pôs assim

Nessa vossa cidade e deu-lhes fim.

E, quanto a ti, teu coração valente

Não vá de tédio algum ficar temente:

Pois como um couro inflado sempre irás

Oceano adentro e não perecerás.

Acha-se escrito que a Sibila pronunciou mais tarde de sua própria bôca um discurso inteiramente semelhante para a cidade de Atenas:

O couro inflado voga sobre o mar,

Porém ele não pode naufragar.

XXIX. Entrementes, a fim de povoar e aumentar ainda mais sua cidade, convidou todos aqueles que ali quisessem vir habitar, oferecendo-lhes todos os mesmos direitos e os mesmos privilégios de burguesia dos cidadãos naturais: de tal maneira que se estima que essas palavras ainda hoje usadas em Atenas quando se faz um clamor público, «Compareçam todos os povos», são as mesmas que Teseu fez então proclamar quando reuniu assim um povo de todas as costas. Todavia, não deixou a grande multidão de homens acorrer tumultuariamente, sem ordem nem distinção alguma de estados: pois foi ele o primeiro a dividir a nobreza em relação aos lavradores, aos artesãos e à gente de ofício, dando aos nobres o encargo de conhecer das coisas pertinentes à religião e ao serviço dos deuses, o poder de serem eleitos para os ofícios da coisa pública, de interpretar as leis, de ensinar as coisas santas e sagradas{32}, e por esse meio igualou a nobreza aos dois outros estados: pois como os nobres ultrapassavam em honra aos demais, também os artesãos os superavam em número e os lavradores em utilidade, E que seja verdade tenha sido ele o primeiro inclinado ao governo da coisa pública popular, como diz Aristóteles, e tenha abdicado da soberania real, o próprio Homero parece testemunhá-lo na enumeração dos navios integrantes da armada dos Gregos diante da cidade de Troia: porque somente aos Atenienses, entre todos os Gregos, dá o nome de povo. Ademais, mandou forjar a moeda que tinha por marca a figura de um boi{33}, em memória do touro de Maratona, ou do capitão de Minos, ou para incitar os cidadãos a dedicarem-se à lavoura; e dizem que dessa moeda vieram depois os nomes Hecatômbeon e Decábeon, que significam «vale cem bois» e «vale dez bois».

XXX . E, mais, tendo juntado todo o território da cidade de Mégara ao da Ática, fez erigir a tão renomeada coluna quadrada, que tem por limite interior o estreito do Peloponeso, e mandou

gravar ali uma inscrição que declara a separação dos dois países confinantes. As palavras da inscrição são as seguintes:

Volta-se Jônia para o Sol nascente,

Peloponeso é para o Sol poente[34].

Foi também ele quem instituiu os jogos chamados Ístmia, por imitação de Hércules, a fim de que os Gregos, que celebravam a festa dos jogos chamados Olímpia, em honra de Júpiter, por ordem de Hércules, celebrassem também os que se chamam Ístmia, por ordem sua e de sua instituição, em honra de Netuno: pois aqueles que se realizavam no mesmo estreito em honra de Melicerta eram noturnos e tinham antes forma de sacrifício que de jogos e de festa pública. Todavia, há os que afirmam que tais jogos ístmicos foram instituídos em honra e memória de Círon e que Teseu os ordenou em homenagem à sua morte, porque era seu primo-germano, sendo filho de Câneto e de Henióca, filha de Piteu; dizem outros que era Sínis, e não Círon, e que foi por ele que Teseu estabeleceu os ditos jogos, não pela memória do outro. Como quer que seja, ordenou notadamente aos Coríntios que dessem aos que viessem de Atenas, para ver o divertimento dos jogos, no mais honroso lugar do parque e no recinto onde se realizasse a festa, tanto espaço que pudesse cobrir a vela do navio no qual tivesse chegado: assim escrevem Helânico e Ândron de Halicarnasso.

XXXI. Quanto à viagem que ele fez ao mar Maior[35], sustentam Filócoro e alguns outros que para ali seguiu com Hércules contra as Amazonas e que, para honrar-lhe a virtude, Hércules lhe deu Antíope; mas a maior parte dos outros historiadores, do mesmo modo que Helânico, Ferecides e Heródoro, escreve que Teseu para ali partiu após a viagem de Hércules e que fez aquela Amazona prisioneira, o que é mais verossímil. Com efeito, não se encontra que outro de todos aqueles que então com ele fizeram tal viagem tenha jamais feito cativa qualquer Amazona; e assim diz o historiador Bíon que ele a induziu a engano e surpresa, porque as Amazonas (diz ele), amando naturalmente os homens, não fugiram quando o viram aportar a seu país, antes lhe enviaram presentes, e que Teseu convidou aquela que lhos levou a entrar em seu navio e, logo que ela aí entrou, mandou pôr a vela ao vento e assim a transportou.

XXXII. Outro historiador, Menécrates, que escreveu a história da cidade de Nicéia, no país de Bitínia, diz que Teseu, tendo consigo essa Am azona Antíope, demorou-se algum tempo, naquelas marcas e que em sua companhia estavam, entre outros, três jovens irmãos Atenienses: Euneu, Toas e Sólois. Este último, Sólois, enamorou-se de Antíope e sobre isso nada revelou a seus outros companheiros, exceto a um de que era mais familiar e em quem mais confiava; desse modo, dirigiu ele a palavra a Antíope, que recusou o pedido; entrementes, fez prudente e docemente correr a notícia, sem acusá-lo perante Teseu; mas o jovem, desesperando de poder gozar de seus amores, ficou tão desgostoso que se precipitou num rio, onde se afogou. Disso advertido Teseu, e também da causa pela qual ele tanto se desesperara, muito se condoeu e se afligiu: veio-lhe assim à memória certo oráculo Pítico, pelo qual lhe era recomendado que fundasse uma cidade em país estrangeiro, no lugar onde maior desgosto sentisse, deixando-lhe como governadores alguns daqueles que então o cercassem. Por esse motivo, fundou naquela região uma cidade a que deu o nome de Pitópolis, por isso que a construíra por ordem da religiosa Pítia[36]; chamou Sólois ao rio onde se afogara o jovem homem, em sua memória; e deixou seus dois irmãos como governadores e superintendentes da nova cidade, com outro gentil-homem Ateniense chamado Hermo, daí resultando que ainda hoje os Pitopolitanos denominam casa de Hermo a certo lugar de sua cidade; mas erram no acento, colocando-o na última sílaba: pois Hermón[37], assim pronunciado, significa Mercúrio; e dessa forma transferem ao deus Mercúrio a honra devida à memória daquele semi-deus.

XXXIII. Eis pois aí qual foi a ocasião da guerra das Amazonas, que não me parece ter sido coisa ligeira, nem empresa de mulheres, pois elas não teriam acampado dentro da própria cidade de Atenas, nem teriam combatido na praça mesma que se chama Pnice, alcançando o templo das Musas{38}, se primeiramente não houvessem conquistado todo o país em torno; nem teriam chegado para logo no primeiro assalto assim conquistarem ousadamente a cidade. Ora, que tenham vindo por terra de tão longínquo país e tenham passado através do braço de mar chamado Bósforo Cimério, então gelado, como o descreve Helânico, é bem difícil de se crer; mas que tenham acampado dentro do próprio recinto da cidade, os nomes dos lugares que ficaram até hoje o testemunham, e também as sepulturas daquelas que ali morreram.

XXXIV. Longamente ficaram então os dois exércitos um diante do outro, sem combater; todavia, tendo primeiro feito um sacrifício ao Medo, segundo o mandamento de uma profecia que a esse respeito obtivera, deu-lhe afinal Teseu combate no mês de agosto{39}, no mesmo dia em que os Atenienses solenizam ainda no presente à festa a que chamam Bedrômia. Mas o historiador Clidemo, querendo narrar por miúdo todas as particularidades desse recontro, diz que a ponta es querda da batalha se estendia até ao lugar chamado Amazônion, e que a ponta direita marchou pelo lado de Crisa, até à praça denominada Pnice, contra a qual os Atenienses que vinham do templo das Musas{40} chocaram em primeiro lugar. E que seja isso verdade, as sepulturas das que morreram nesse primeiro recontro se acham ainda na grande rua que corresponde à porta Piraica, perto da capela do semideus Calcodo{41}; e nesse ponto, diz ele, foram os Atenienses repelidos pelas Amazonas, até onde estão as imagens das Eumênides, quer dizer, das fúrias; mas do outro lado também os Atenienses, que vinham dos quartéis do Paládio, do Árdeto e do Lício, repeliram-lhes a ponta direita até dentro do seu próprio campo, matando grande número delas. Depois, ao cabo d e quatro meses, fez-se um acordo por meio de certa Hipólita, pois aquele historiador chama Hipólita e não Antíope à Amazona que Teseu desposou, embora afirmem alguns que ela foi morta combatendo ao lado de Teseu, por outra de nome Molpádia, com um golpe de dardo: em sua memória foi erigida a coluna junto ao templo da Terra Olímpica{42}. Assim, não é de maravilhar que a história de coisas tão antigas se ache escrita d iversamente, havendo mesmo quem escreva que a rainha Antíope enviou secretamente as que então foram feridas para a cidade de Cálcida, onde algumas se curaram e outras morreram, tendo sido enterradas perto do lugar chamado Amazônion.

XXX V. Como quer que seja, é bem certo que essa guerra terminou por acordo, pois um lugar junto ao templo de Teseu o testemunha, sendo chamado Orocomósio, porque a paz foi ali jurada; e disso dá também fé o sacrifício feito às Amazonas em toda a antiguidade, durante a festa de Teseu. Os de Mégara mostram semelhantemente uma sepultura de Amazonas em sua cidade, no trecho em que se vai da praça para o lugar chamado Rus{43}, onde se vê uma antiga tumba{44} em forma de losango. Dizem que outras também morreram perto de Queronéia e foram inumadas ao longo do pequeno rio que ali passa e que, em meu aviso, se chamava outrora Termodonte, sendo agora chamado Hemo, como alhures escrevemos na vida de Demóstenes. E assim parece que elas não passaram pela Tessália sem combater, porque isso é mostrado ainda por suas sepulturas ao redor da cidade de Escotussa{45}, perto dos rochedos que têm o nome de Cabeças de Cão,

XXXVL É o que me parece digno de memória no tocante a essa guerra das Amazonas, pois quanto à emoção, que descreve o poeta autor da «Teseida», lá onde diz que as Amazonas moveram a guerra a Teseu para vingarem a ofensa por ele feita à sua rainha Antíope, repudiando-a para desposar Fedra, e também quanto ao morticínio por ele atribuído a Hércules, isso me parece totalmente ficção poética. É bem verdade que, após a morte de Antíope, Teseu desposou Fedra, tendo já tido de Antíope um filho chamado Hipólito ou, como

escreve o poeta Píndaro, Demofonte, E, porque, os historiadores em nada contradizem os poetas trágicos, no que toca às desgraças que lhe advieram nas pessoas dessa sua mulher e de seu filho, é preciso estimar que seja assim como o lemos escrito nas tragédias; todavia, acham-se várias outras narrativas referentes aos casamentos de Teseu, das quais os começos não foram honestos nem as saídas bem afortunadas; e, não obstante, não se fizeram tragédias a esse respeito, nem houve representações nos teatros.

XXXVII. Pois lê que ele raptou Anaxo Trezeniana e que, após haver morto Sínis e Cércion, tomou-lhe pela força as filhas; que desposou também Periébea, mãe de Ajax, e depois Ferébea e lopa, filha de íficlo; e o censuram por haver covardemente abandonado sua mulher Ariadne pelo amor de Egle, filha de Panopeu, como já dissemos antes. E finalmente raptou Helena, rapto esse que encheu de guerra toda a província da Ática e por fim foi causa de que lhe conviesse abandonar seu país; e, depois de tudo, o fez morrer, como diremos aqui depois. E, conquanto em seu tempo os outros príncipes da Grécia tenham feito diversas belas e grandes proezas de armas, estima Heródoro que Teseu não se achou em nenhuma, a não ser na batalha dos Lápitas contra os Centauros; e, ao contrário, dizem outros que ele esteve na viagem de Cólquida com Jasão e que ajudou Meléagro a abater o javali de Cálidon, daí vindo, segundo dizem, o provérbio «Não sem Teseu», quando se quer dar a entender que a coisa não foi feita sem grande socorro de outrem; e que ele próprio executou vários altos feitos de proeza, sem requerer auxílio de ninguém e que, por sua valentia, entrou em uso o provérbio que diz «Este é outro Teseu». Bem certo é que ajudou o rei Adrasto a recobrar os corpos daqueles que foram mortos na batalha diante da cidade de Tebas; mas, como diz o poeta Eurípides, não foi pela força das armas, após haver vencido os Tebanos em batalha, antes foi por composição, pois o maior número dos antigos autores assim o admite. E ademais escreve Filócoro ter sido o primeiro tratado outrora feito para recobrar os corpos dos mortos em batalha; todavia nas histórias dos gestos de Hércules, lê-se que foi ele o primeiro que permitiu aos inimigos levarem seus mortos, após havê-los passado a fio de espada. Mas, como quer que seja, mostra-se ainda hoje, no burgo de Elêutero, o lugar no qual foi o povo enterrado, e as sepulturas dos príncipes se veem ao redor da cidade de Eleusina, o que ele fez a pedido de Adrasto. E que assim seja a tragédia dos Eleusínios de Esquilo, lá onde ele assim o faz dizer o próprio Teseu, desmente a das «Suplicantes» de Eurípides.

XXXVIII. Em suma, quanto à amizade de Pirítoo com ele, diz-se que ela começou desta maneira: o renome de sua valentia estava muito espalhado por toda a Grécia, e Pirítoo, querendo conhecê-la por experiência, foi especialmente correr suas terras, dali levando alguns bois que lhe pertenciam para o território de Maratona: disso advertido, Teseu incontinente passou ao revide armado. Ao receber a notícia, Pirítoo não fugiu, antes retornou imediatamente diante dele; e, logo que se entreviram, ficaram ambos assombrados com a beleza e a ousadia um do outro, de tal maneira que não tiveram vontade de combater; ao contrário, estendendo primeiro a mão a Teseu, disse-lhe Pirítoo que o fazia juiz do prejuízo que ele pudesse ter sofrido com aquela aventura e que voluntariamente pagaria a multa que por isso lhe aprouvesse impor. Teseu, diante disso, não só o dispensou de toda essa reparação, mas ainda o convidou a ser seu amigo e irmão de armas. Assim juraram em seguida amizade fraternal e, depois de haver esta sido jurada entre ambos, Pirítoo desposou Deidamia e mandou pedir a Teseu que fosse às suas núpcias, visitasse o seu país e fizesse camaradagem com os Lápitas. Ora, ele também fizera convidar para a festa de Centauros, os quais, estando embriagados, cometeram várias insolências, a ponto de quererem tomar as mulheres à força; mas os Lápitas os castigaram tão bem que mataram imediatamente alguns deles na praça e depois expulsaram os outros de todo o país, mediante o auxílio de Teseu, que tomou das armas e combateu por eles. Todavia, Heródoro descreve a coisa um pouco diversamente, dizendo que Teseu não foi ali senão depois que a guerra já tinha começado e que foi a primeira vez que ele viu Hércules e lhe falou perto da cidade de Traquine, quando ele já estava em repouso, tendo posto fim às suas longínquas viagens e aos seus maiores trabalhos. Assim diz que essa entrevista foi cheia de camaradagem, carícias e honras prodigalizadas entre si, bem como de recíprocos louvores: parece-me, todavia, que se deve ajuntar mais fé aos que escrevem que eles se entrevistaram por diversas vezes e que a recepção de Hércules na religião e confraria dos mistérios de Eleusina lhe foi outorgada mediante o porte e o favor

que lhe fez Teseu; e semelhantemente também sua purificação, porque era preciso necessariamente que ele fosse purificado antes de poder entrar na confraria dos santos mistérios, por causa de algum caso infeliz que acidentalmente lhe adviesse.

XXXIX. De resto, tinha já Teseu cinquenta anos quando raptou Helena, a qual era ainda extremamente jovem, e não em idade de se casar, como diz Helânico; em virtude disso, querem alguns encobrir esse rapto, como se fosse um grande crime, e vão dizendo, que não foi ele quem a raptou, mas sim um Idas e um Linceu que, tendo-a roubado antes, a puseram em depósito entre suas mãos, e que Teseu a quis guardar para eles, sem entregá-la a Castor e a Pólux, seus irmãos, os quais depois a reclamaram; ou dizem que foi o próprio pai de Tíndaro quem a entregou sob custódia, por medo de Enársforo, filho de Hipocoonte, o qual a toda a força a queria possuir{46}. Mas, o mais verossímil nesse caso, aliás testemunhado por mais autores, é que se tenha passado da seguinte maneira: Teseu e Pirítoo foram juntos até à cidade de Lacedemônia, ali raptaram Helena, que era ainda muito jovem e dançava no templo de Diana sobrenomeada Órtia, e fugiram. Mandaram-lhes depois emissários mas aqueles que foram enviados não passaram além da cidade de Tégea. Porque, tendo escapado fora do país de Peloponeso, eles acordaram entre si tirar a sorte: a cargo de qual dos dois ela ficaria, sob a condição de que a teria por mulher aquele a quem coubesse, mas que também ficaria obrigado a ajudar o companheiro a encontrar outra. Deu-a a sorte a Teseu, que a levou para a cidade de Afidnas, porque ela não estava ainda em idade de casar; e, tendo mandado chamar sua mãe para governá-la, confiou-as à guarda de um amigo chamado Afidno, recomendando-lhe que a guardasse tão cuidadosa e tão secretamente que ninguém soubesse nada; e, a fim de cumprir em relação a Pirítoo o que fora acordado entre eles, em sua companhia seguiu então para raptar a filha de Edoneu, rei dos Molóssios, o qual sobrenomeara a sua mulher Prosérpina, a sua filha{47} Prosérpina e a seu cão Cérbero, contra o qual dizia combater aqueles que lhe vinham pedir a filha em casamento e prometia dá-la a quem ficasse vencedor; mas, tendo sido então advertido de que Perítoo não fora pedir-lhe a filha em casamento e sim raptá-la, fê-lo deter prisioneiro com Teseu; e, quanto a Pirítoo, o fez abater incontinente por seu cão, mandando encerrar Teseu em estreito cárcere.

XL. Ora, havia entrementes em Atenas certo Menesteu, filho de Peteu, o qual Peteu era filho de Orneu, e Orneu filho de Erecteu. Êsse Menesteu foi o primeiro que começou a adular o povo e a tratar de ganhar as boas graças da comuna com belas e atraentes palavras; mediante tal artifício, ele irritou contra Teseu os principais da cidade, que já de há longo tempo começavam a aborrecer-se dele, demonstrando-lhes que ele tirara a cada um suas realezas e senhoriais e os encerrara dentro da clausura de uma cidade, a fim de melhor poder servilizá-los e sujeitá-los inteiramente à sua vontade. Quanto ao povo miúdo, ele também o amotinava, dando-lhe a entender que não passava de um sonho a liberdade que se lhe prometera, mas que, ao contrário, fora realmente e de fato privado de suas próprias casas, de seus templos e dos seus lugares de nascimento, a fim de que, em lugar de vários bons e naturais senhores, que ele costumava ter ante s, fosse constrangido a servir um único amo e senhor estrangeiro.

XLI. Assim como Henesteu urdia essa trama, a guerra dos Tindáridas sobreveio e muito serviu à sua prática, pois esses Tindáridas, isto é, filhos de Tíndaro, Castor e Pólux, marcharam de mão armada contra a cidade de Atenas; e nisso há os que sustentam que o mesmo Menesteu foi quem os instigou a marchar; todavia, em sua primeira incursão, nenhum dano causaram eles ao país, antes pediram somente que lhes entregassem sua irmã. Ao que os da cidade responderam que não sabiam onde ela tinha sido deixada; e, pois, puseram-se os irmãos a fazer a guerra cientemente; todavia, houve um, chamado Academo, que, tendo ouvido, não se sabe por que meio, que ela estava segregada na cidade de Afidnas, declarou-lhes o fato. Por essa razão, os Tindáridas lhe prestaram sempre grandes honras, enquanto ele viveu; e depois os Lacedemônios, que por tantas vezes queimaram e arruinaram todo o resto do país da Ática, jamais tocaram na Academia, em honra daquele Academo. Todavia, conta Dicearco que no exército dos Tindáridas havia dois Árcades, Equedemo e Márato, e que pelo nome de um foi então chamado o lugar Equedêmia, que depois se denominou Academia, e pelo nome do outro

foi chamado o burgo de Maratona, por se haver ele oferecido voluntariamente para ser sacrificado diante da batalha, segundo o que lhes fora injungido e ordenado por uma profecia. Assim foram acampar diante da cidade de Afidnas e, tendo ali ganhou a batalha e tomado a cidade de assalto, arrasaram a praça. Dizem que nessa batalha morreu Álico, filho de Círon, que estava na hoste de Tindáridas, e que por ele foi chamado Álico certo distrito do território de Mégara, no qual seu corpo foi enterrado. Ademais, escreve Heréias que o próprio Teseu o matou diante de Afidnas, em testemunho do que alega estes versos que falam de Álico;

Foi em Afidnas, na planície amena,

Que combateu pela formosa Helena

E por Teseu foi morto em duro embate

XLII. Todavia não é verossímil que, ali estando Teseu, a cidade de Afidnas e sua própria mãe tenham sido tomadas; mas, quando foi tomada, os de Atenas começaram a ter medo e Menesteu aconselhou-os a receber os Tindáridas na cidade e a tratá-los bem, visto como não faziam a guerra senão a Teseu, que primeiro os ultrajara, e que eles, em suma, causavam prazer e bem a toda a gente: o que era verdade, Com efeito, quando tudo tiveram em seu poder, não pediram senão que fossem recebidos na confraria dos mistérios, porquanto não eram mais estrangeiros do que Hércules: o que lhes foi outorgado, sob a condição de que Afidno os adotasse como filhos, do mesmo modo que Pílio adotara Hércules; e, ademais, honraram-nos nem mais nem menos do que se tivessem sido deuses, chamando-lhes Ânaces, ou porque fizeram cessar a guerra, ou porque deram tão boa ordem a tudo que, estando seu exército alojado dentro da cidade, não houve entretanto agravo nem desprazer para ninguém, assim como compete aos que têm o encargo de alguma coisa e velam diligentemente por sua conservação: o que significa essa palavra grega Ânacos, da qual vem porventura o nome dos reis Anactes. Outros há ainda que sustentam terem eles sido chamados Ânaces por causa de suas estreias que aparecem no ar: porque a língua Ática diz Ânecas e Anécaten, onde a comum diz Ano e Anóten, isto é, no alto. Não obstante, Etra, mãe de Teseu, foi levada prisioneira à Lacedemônia e dali para Troia com Helena, como dizem alguns e como o próprio Homero o testemunha nestes versos em que fala das mulheres que seguiram Helena:

Etra, a filha do velho Piteu, mais

Clímene, com seus olhos divinais.

Todavia, rejeitam outros esses dois versos e sustentam que não são de Homero, como também reprovam tudo o que se conta de Munico{48}, a saber, que, tendo-o Laódice concebido secretamente de Demofonte, foi ele nutrido às ocultas por Etra, dentro de Troia; mas o historiador Híster, em seu décimo-terceiro volume das histórias da Ática, faz disso um relato de todo diferente dos outros, dizendo que alguns sustentam que Páris Alexandre foi derrotado em batalha por Aquiles e Pátroclo, no país da Tessália, perto do rio Esperqueu, e que seu irmão Heitor tomou a cidade de Trezena, da qual retirou Etra: no que não há nenhuma aparência. Mas Edoneu, rei dos Molóssios, festejando Hércules, um dia em que ele passou por seu reino, entrou incidentalmente no caso de Teseu e Pirítoo, como eles tinham vindo para roubar-lhe de assalto a filha e como, tendo sido descobertos, foram punidos. Hércules ficou muito desgostoso quando ouviu que um deles já estava morto e o outro em perigo de morrer, e achou que não adiantaria nada queixar-se a Edoneu{49}, de modo que se limitou a pedir-lhe a libertação de Teseu, pelo amor que lhe tinha: o que foi concedido.

XLIII. Assim, uma vez livre desse cativeiro, regressou Teseu a Atenas, onde seus amigos não estavam ainda totalmente oprimidos por seus inimigos, e ao voltar dedicou a Hércules todos os templos que a cidade anteriormente fizera construir em sua honra; e ao lugar que primeiramente denominavam Teséia, sobrenomearam todos Herculéia, exceto quatro, assim como o escreve Filócoro. Ora, logo que chegou a Atenas, quis ele comandar e ordenar, como estava acostumado; mas se achou embrulhado por sedições civis, visto como aqueles que o odiavam de longa data haviam ajuntado ao ódio antigo o desprezo de não temê-lo mais; e o popular comum tornara-se tão corrompido que, naquilo em que antes costumava fazer, sem dizer palavra nem replicar, tudo o que lhe era recomendado, queria então ser obedecido e lisonjeado. Assim cuidou Teseu, no começo, usar da força, mas foi constrangido a disso desistir pelas tramas e manobras dos adversários; e, por fim, não mais esperando que os seus negócios se portassem jamais como desejava, enviou secretamente seus filhos a Elfenor, filho de Cálcodo, na ilha de Eubéia; e, após haver feito diversas imprecações e maldições contra os Atenienses dentro do burgo de Gargeto, num lugar que por isso ainda hoje se chama Aratérion, isto é, lugar das maldições, ganhou o mar e foi para a ilha de Ciros, onde possuía bens e pensava te r também amigos.

XLIV. Licômedes era então o rei da ilha, ao qual pediu Teseu suas terras, com a intenção de nelas habitar, conquanto digam outros que ele requereu lhe fosse dado auxílio contra os Atenienses. Licômedes, ou porque temesse o renome de tão grande personagem, ou porque desejasse agradar a Menesteu, levou-o sobre altos rochedos, fingindo que era para mostrar-lhe suas terras; mas, quando ele ali chegou, precipitou-o de alto abaixo e assim o fez desgraçadamente morrer. Todavia, dizem outros que ele próprio caiu acidentalmente, quando passeava um dia após o jantar, conforme se habituara. Não houve ninguém que em seguida investigasse essa morte e, ao contrário, Menesteu pacificamente se tornou rei de Atenas; e os-filhos de Teseu, como pessoas privadas, acompanharam Elfenor na guerra de Troia; mas, após a morte de Menesteu, que morreu nessa viagem, os filhos de Teseu retornaram a Atenas e recuperaram o reino. E depois houve muitas ocasiões que levaram os Atenienses a reverenciá-lo e honrá-lo como semideus; pois na batalha de Maratona{50}, julgaram muitos ver sua imagem em armas, combatendo contra os Bárbaros; e, após as guerras Médicas, no ano em que Fédon{51} foi preboste em Atenas, a religiosa Pítia respondeu aos Atenienses, que tinham procurado o oráculo de Apoio, que eles retirassem os ossos de Teseu e que os colocassem em lugar honroso, guardando-os religiosamente; mas foi bem difícil encontrar-lhe a sepultura e, quando esta foi encontrada, mais difícil ainda foi retirar dali os ossos, por causa da maldade dos Bárbaros habitantes da ilha, tão ferozes que não se podia frequentá-los.

XLV. Todavia, Címon a tomou, como escrevemos em sua vida, e, procurando aquela sepultura, teve a boa fortuna de perceber uma águia que batia com o bico e encravava as garras num lugar um pouco relevado; assim lhe veio incontinente, como por inspiração divina, a ideia de cavar esse ponto, onde se encontrou a sepultura de um grande corpo, com a ponta de uma lança de bronze e uma espada. Essas coisas foram todas levadas para Atenas por Címon, em sua galera-capitânia, que os Atenienses receberam com grande alegria, realizando procissões e sacrifícios magníficos, exatamente como se Teseu estivesse vivo e regressasse à cidade; e jazem ainda hoje essas relíquias em pleno centro da cidade, perto do parque{52} onde os jovens praticam exercícios físicos e onde há livre trânsito para os e scravos e todos os pobres aflitos perseguidos pelos mais poderosos do que eles: em memória de haver sido Teseu em vida protetor dos oprimidos, tendo acatado com humanidade as súplicas dos que lhe pediam auxílio .

XLVI. O maior e mais solene sacrifício em sua honra é feito no oitavo dia{53} de outubro, no qual ele voltou de Cândia{54} com os outros jovens infantes de Atenas; mas não se deixa ainda de. honrá-lo todos os oitavos dias dos outros meses, ou porque ele chegou de Trezena a Atenas no oitavo dia de junho{55}, assim como escreve Diodoro o geógrafo, ou porque estimavam que aquele número lhe fosse mais conveniente, visto como havia o rumor de que fora engendrado por Netuno, E também a Netuno se sacrificam todos os oitavos dias de cada

mês, porque o número oito{56} é o primeiro cúbico que procede de número par e o dobro do primeiro número quadrado, que representa uma firmeza imóvel, propriamente atribuída à potência de Netuno, o qual por essa razão sobrenomeamos Asfálio e Geioco, o que vale tanto como dizer assegurar e afirmar a terra.

Rômulo

SUMÁRIO DA VIDA DE RÔMULO

I. Diversidade das opiniões sobre a origem de Roma. III. Nascimento de Rômulo e de Remo, seu irmão. VI. São aleitados por uma loba. VII. Suas primeiras inclinações. XII. Fundação de Roma. XV. Remo é morto por Rômulo. Cerimonias observadas para traçar o recinto de Roma. XIX. Ordenanças militares de Rômulo. Formação da Legião. Criaç ão do Senado. XX. Rapto das Sabinas. XXIV. Vitória alcançada sobre Ácron, rei dos Gênicos. XXV. Origem do Triunfo. XVI. Primeir as conquistas dos Romanos. Tomada do Capitólio pelos Sabinos. XXVIII. Rômulo invoca Júpiter Estator. XXIX. As Sabinas sustentam o partido dos Romanos. XXX. Associação dos Romanos e dos Sabinos. Começo e número das Tribos. XXXIII. Festas. XXXIV. Instituições das Vestai s e do fogo sagrado. XXXV. Leis. O parricídio desconhecido em Roma durante seiscentos anos. XXXVI. Querela de Tácio, rei dos Sabinos. Sua morte. XXXVII. Rômulo apodera-se da cidade de Fidena e forma ali uma colônia. Peste violenta em Roma, XXXVIII. Derrota dos Camerinos. XXXIX. Guerras dos Veienses. XLI. Rômulo vitorioso começa a exercer um d uro império. XLIII. Desaparece. XLV. Honras divinas que lhe foram prestadas sob o nome de Quirino.

Desde o ano 769 até o ano 715 antes de Jesus Cristo; 39.º ano desde a fundação de Roma.

Os historiadores não se acordam em escrever por quem nem por que causa o grande nome da cidade de Roma, do qual a glória se estendeu por todo o mundo, lhe fora primeiramente imposto: porque sustentam uns que os Pelasgos, após haverem corrido a maior parte da terra habitável e terem dominado várias nações, finalmente se detiveram no lugar onde ela está no presente fundada; e que, por sua grande' potência em armas, impuseram o nome de Roma à cidade que construíram, o qual em linguagem grega significa potência. Dizem outros que, após a tomada e destruição de Troia, houve alguns Troianos que, uma vez salvos da espada, embarcaram em navios ocasionalmente encontrados no porto e foram lançados pelos ventos à costa da Toscana, onde puseram âncoras perto do rio Tibre; e ali, como suas mulheres se achassem já tão mal que de modo algum podiam mais suportaria fúria do mar, houve uma, a mais nobre e mais prudente de todas, chamada Roma, que aconselhou as companheiras a porem fogo nos barcos, o que fizeram e com o que os maridos no começo ficaram muito descontentes, mas depois, constrangidos pela necessidade ao pé da cidade de Palâncio, quando viram que os negócios prosperavam ali melhor do que teriam ousado esperar, achando a terra fértil e os povos vizinhos doces e obsequiosos, pois os receberam amigavelmente, entre outras honras prestadas como recompensa àquela dama, deram à cidade o nome de Roma, por ter sido ela a causa de a terem edificado. E dizem que daí começou o costume, que ainda hoje dura em Roma, de saudarem as mulheres seus parentes e maridos beijando-os na boca, porque então essas damas Troianas saudavam e acariciavam os maridos, depois de lhes haverem queimado os navios, pedindo-lhes que acalmassem sua cólera e má disposição contra elas.

II. Dizem outros que Roma era filha de Ítalo e de Lucária, ou de Télefo, filho de Hércules, e mulher de Enéias, segundo outros de Ascânio, filho de Enéias: a qual deu seu nome à cidade. Outros há que sustentam ter sido Romano, filho de Ulisses e de Circe, quem fundou Roma; querem outros dizer que foi Romo, filho de Emátion, que Diomedes para ali enviara de Troia. Escrevem outros que foi certo Rômis, tirano dos Latinos, que expulsou daquele distrito os Toscanos, os quais, partindo da Tessália, passaram primeiramente à Lídia e, depois, da Lídia à Itália.

III. E, mais, aqueles mesmos que sustentam que Rômulo (como há mais aparência) foi aquele que deu o nome à cidade, não estão de acordo no tocante aos seus antepassados, porque uns escrevem que ele era filho de Enéias e Dexítea, filha de Forbas, e que foi levado recém-nascido para a Itália com seu irmão Remo, mas que então o rio Tibre, tendo transbordado, todos os outros navios ali afundaram, exceto o escaler onde estavam as suas crianças, o qual afortunadamente foi deter-se docemente num trecho do rio que era unido e plano; e que, tendo-se desse modo salvo os meninos contra toda a esperança, foi o lugar chamado mais tarde Roma. Dizem outros que Roma, filha daquela primeira dama Troiana, foi casada com Latino, filho de Telêmaco, do qual teve Rômulo. Outros escrevem que foi Emília, filha de Enéias e de Lavínia, a qual foi engravidada pelo deus Marte. Contam outros uma coisa referente ao nascimento de Rômulo, onde não há nenhuma verossimilitude: pois dizem que houve outrora um rei de Alba chamado Tarquécio, homem muito mal e cruel, em cuja casa com licença dos deuses apareceu a visão seguinte: surgiu-lhe no lar uma forma de membro viril que ali ficou durante vários dias; e dizem que nesse tempo havia na Toscana um oráculo de Tétis, do qual se levou a esse mau rei Tarquécio uma resposta predizendo que sua filha[57], que ainda estava para se casar, teria a companhia do dito monstro, para que daí nascesse um filho que seria muito famoso pela valentia e que, em força de corpo e prosperidade de fortuna, ultrapassaria todos os do seu tempo. Tarquécio comunicou esse oráculo a uma de suas filhas e lhe ordenou que se aproximasse do monstro: o que ela desdenhou de fazer, enviando em seu lugar uma de suas criadas. Com isso Tarquécio ficou tão acremente enfurecido que mandou prender as duas para fazê-las morrer; mas, à noite, quando dormia, a deusa Vesta lhe apareceu e proibiu-o de assim proceder; em virtude dessa ocorrência, ele ordenou-lhes que urdissem uma peça de tela na prisão, sob a condição de que se casariam quando a terminassem. Essas jovens assim faziam durante o dia inteiro, mas à noite vinham outras, por ordem de Tarquécio, que desfaziam tudo o que elas tinham feito e tecido de dia. Entretanto, a

criada que fora engravidada pelo monstro deu à luz dois belos filhos gêmeos, os quais foram entregues por Tarquécio a certo Terácio, com a injunção de fazê-los morrer. Esse Terácio levou-os para a beira do rio, onde veio uma loba que lhes deu de mamar, e pássaros de toda espécie levaram-lhes migalhas e puseram-lhas na boca, até que um boiadeiro os percebeu, maravilhou-se grandemente com o fato e teve a ousadia de se aproximar e carregar consigo os meninos; os quais, tendo sido preservados, quando chegaram mais tarde à idade de homens, atacaram Tarquécio e o derrotaram, É um chamado Promátion, que escreveu uma história Itálica, quem faz esse relato; mas, quanto ao propósito que tem mais aparência de verdade e que é também confirmado por outros testemunhos, coube a Díocles de Pepareto, que Fábio Pictor segue em várias coisas, a primazi a de o divulgar entre os Gregos, ao menos quanto aos principais pontos.

IV. E, conquanto nesse propósito mesmo haja ainda algumas variedades, todavia em suma o discurso que dele se faz é o seguinte: a linha dos reis de Alba, descontentes de Enéias por sucessão de pai a filho, veio afinal cair em dois irmãos, Numitor e Amúlio; dos quais Amúlio, quando veio a fazer suas respectivas partilhas, fez dois lotes de todos os bens, cabendo a um o reino e a outro todo o ouro e o dinheiro de contado, e todo o tesouro que fora levado de Troia. Numitor escolheu o reino por sua parte, mas Amúlio, achando-se o ouro e o dinheiro em suas mãos, e sentindo que era o mais forte, facilmente lhe tirou o reino; e, temendo que sua filha tivesse filhos que pudessem um dia despojá-lo dele, entregou-a religiosa à deusa Vesta, para usar seus dias em virgindade e jamais se casar: dão-lhe uns o nome de Réia, outros o de Sílvia, e outros o de Ília. Todavia, pouco tempo depois, foi ela encontrada grávida, contra a regra e a profissão das religiosas Vestais. Assim, não houve nada que a salvasse de ser prontamente posta à morte, senão as súplicas da filha do rei Amúlio, chamada Anto, que por ela intercedeu junto a seu pai; não obstante isso, foi estreitamente encerrada, sem que ninguém a visitasse nem falasse com ela, de medo que desse à luz sem o conhecimento de Amúlio. Por fim, nasceram-lhe dois filhos gêmeos, maravilhosamente belos e grandes, causando ainda maior medo do que na presença de Amúlio. Ordenou-se então a um de seus servidores que tomasse os dois meninos e os fizesse desaparecer. Dizem alguns que esse servidor se chamava Fáustulo, enquanto outros afirmam ter sido aquele que os levou; como quer que seja, aquele que teve o encargo de lhes dar sumiço colocou-os dentro de um tina e foi para o rio com a intenção de atirá-los, mas o encontrou tão cheio e correndo com tamanha força que não ousou aproximar-se do nível da água e colocou-os à margem. Entretanto, crescendo sempre, o rio acabou transbordando, de tal maneira que a água penetrou até debaixo da tina, fê-la emergir docemente e levou-a a um lugar unido e plano, que se chama agora Cermano e antigamente Germano, como acredito, porque os Romanos chamam germanos aos irmãos de pai e de mãe.

V. Ora, havia ao pé desse lugar uma figueira selvagem que se chamava Ruminalis, do nome de Rômulo, como a maior parte estima, ou porque os animais que pastavam tinham o costume de abrigar-se debaixo dela quando fazia muito calor, para ali ruminarem à sombra, ou ainda porque os dois meninos ali foram aleitados pela loba, porque os antigos Latinos davam à mama o nome de Ruma e ainda hoje chamam Rumília{58} à deusa que se reclama

VI. Estando os dois meninos assim deitados, escreve-se que sobreveio uma loba que lhes deu de mamar, tendo também um picanço ajudado a nutri-los e guardá-los. Estima-se que esses dois animais são consagrados ao deus Marte, e os Latinos honram e reverenciam singularmente o picanço, O que ajudou grandemente a acreditar-se no dizer da mãe a, qual afirmou ter concebido do deus Marte as duas crianças; todavia, dizem alguns ter ela adotado essa opinião por erro, porque Amúlio, que a desvirginou, foi encontrá-la todo armado e a forçou. Sustentam outros que o nome da nutriz que deu de mamar aos dois meninos ocasionou o rumor comum em torno dessa fábula, por causa da ambiguidade de sua significação, porque os Latinos chamam pelo mesmo nome de Lupas, isto é, lobas, às fêmeas dos lobos e às mulheres que abandonam o corpo a todos os que aparecem, como fazia aquela nutriz, mulher de Fáustulo, que levou as crianças para casa. Chamava-se ela por seu nome

direito Aca Larência, a quem os Romanos ainda hoje sacrificam; e lhe oferece o presbítero de Marte, no mês de abril, as efusões de vinho e de leite que se usam nos funerais; e a festa mesma tem o nome de Larência{59}. É bem verdade que eles honram ainda outra Larência, em tal ocasião. O sacristão do templo de Hércules, não sabendo um dia em que passar o tempo, como é verossímil, convidou de coração alegre o deus a jogar os dados com ele, sob a condição de que, se ganhasse, Hércules teria de enviar-lhe alguma felicidade; e, se perdesse, prepararia muito bem um jantar para Hércules e lhe conduziria uma bela mulher para deitar-se com ele. Assim articuladas as condições do jogo, o sacristão lançou os dados primeiro para Hércules e depois para si mesmo. Aconteceu que Hércules ganhou, e o sacristão, reconhecendo de boa-fé e estimando ser razoável o cumprimento do pacto que ele próprio fizera, preparou um belo jantar e alugou essa cortesã Larência, que era muito bela, mas ainda não famosa; e, tendo festejado dentro do templo mesmo, ali fez descer um leito e a encerrou dentro dele, como se Hércules devesse vir deitar-se com ela; e dizem que na verdade ele veio e lhe ordenou que ela fosse de madrugada para a rua, saudando o primeiro homem que encontrasse e retendo-o como amigo. Ela assim fez e encontrou primeiro certo Tarrúcio, homem já muito idoso, que havia acumulado muitos bens e não tinha filhos, bem como nunca fora casado. Ele se ligou a essa Larência e de tal maneira a amou que mais tarde, vindo a morrer, a fez herdeira de vários bens importantes, a maior parte dos quais ela mesma deixou por testamento ao povo Romano; e dizem que, sendo então muito famosa e honrada, como sendo aquela que se estimava ser a amiga de um deus, desapareceu no mesmo lugar onde fora enterrada a primeira Larência. O lugar chama-se hoje Velabro, do mesmo modo que o rio que aí vem desembocar e frequentemente se era constrangido a passar de barco para ir por esse lugar até à rua, tendo-se dado o nome de Velatura a essa maneira de passar de barco. Dizem outros que aqueles q ue realizavam jogos e passatempos públicos, para ganhar o favor do povo, tinham o costume de cobrir de véus e de telas a passagem pela qual se vai da praça às liças{60} onde se realizam as corridas de cavalos, que tiveram começo naquele lugar; e os Romanos, em sua língua, dão a um véu o nome de velum. Eis a causa pela qual aquela segunda Larência é honrada em Roma.

VII. Fáustulo, pois, mestre porqueiro de Amúlio, roubou os dois meninos sem que ninguém soubesse nada, conforme dizem uns, ou, como contam outros com mais semelhança de verdade, após haver disso Numitor tomado conhecimento e inteligência, pois secretamente forneceu dinheiro aos que os nutriram. Pois dizem mesmo que foram levados para a cidade dos Gábios, onde aprenderam as letras e todas as outras coisas honestas que se costuma mandar ensinar às crianças de boa e nobre casa; e dizem que se chamaram Remo e Rômulo porque foram encontrados mamando” na teta de uma loba, Assim logo se mostrou a beleza de seus corpos e, somente de se lhes verem o talhe e os traços do rosto, viu-se também de que natureza seriam; mas, à medida que foram crescendo, a coragem lhes cresceu também, e tornaram-se homens seguros e ousados, de- sorte que não se perturbavam, nem se espantavam de modo algum com qualquer perigo que se lhes apresentasse diante dos olhos. Todavia, afigurava-se que Rômulo tinha mais senso e entendimento do que o irmão, pois em todas as coisas que precisavam decidir com os vizinhos, no tocante à caça ou aos limites das pastagens, dava evidentemente a conhecer que nascera para comandar e não para obedecer. Por isso, eram ambos muito estimados por seus semelhantes e por aqueles de mais baixa condição do que eles; mas, quanto aos que tinham a superintendência dos rebanhos do rei, disso não faziam eles conta, dizendo que em nada eram melhores do que eles, sem preocupar-se com as suas fúrias nem com as suas ameaças; antes se entregavam a todos os exercícios e a todas as ocupações honestas, não estimando que viver em ociosidade e se m trabalhar fosse coisa bela nem boa, bem ao contrário de exercitar e endurecer o corpo em caçar, correr, combater os bandidos, perseguir os ladrões e socorrer aqueles aos quais se fizesse mal. Por essas razões, tornaram-se em pouco tempo muito famosos; e, quando ocorria algum debate ou diferença entre os pastores de Amúlio e os de Numitor, de maneira que os de Numitor ameaçassem pela força parte do gado dos outros, eles não podiam tolerá-los, mas os perseguiam e derrotavam; e, após os pôr em fuga, reconduziam a maior parte dos animais que eles haviam levado; com isso muito se enfurecia Numitor, mas eles não se preocupavam e, ao contrário, reuniam em torno de si grande número de vagabundos sem lar nem lugar, e servos fugitivos que eles próprios incitavam, dando-lhes ousadia e coragem para escaparem dos senhores.

VIII. Mas um dia, enquanto Rômuío estava impedido em algum sacrifício, porque era homem devoto, gostava de sacrificar aos deuses e se empenhava na arte de adivinhar e predizer as coisas futuras, os pastores de Numitor encontraram casualmente Remo mal acompanhado: precipitaram-se então subitamente sobre ele e houve golpes dados e gente ferida de uma parte e outra; todavia, os de Numitor foram por fim os mais fortes e, tomando-o consigo, levaram-nos imediatamente à presença de Numitor, e alegaram várias queixas e acusações contra ele. Numitor não ousou mandar puni-lo com sua autoridade privada, porque lhe temia o irmão, que era homem terrível; mas foi perante ele e pediu-lhe com grande instância que lhe fizesse justiça, não permitindo que ele, que era seu próprio irmão, fosse assim ultrajado por sua gente. Não havia aquele na cidade de Alba que não achasse muito mal o agravo de Numitor dizia haver-lhe sido feito e que não dissesse publicamente que não era um personagem que se devesse assim ofender; de maneira que Amúlio, levado por essas razões, entregou-lhe nas mãos Remo, para puni-lo tal como bem lhe parecesse. Por isso, levou-o Numitor consigo, mas, ao chegar em casa, pôs-se a considerar melhor, e não sem admiração, aquele belo jovem que em altura e em força corporal ultrapassava todos os outros; e, percebendo-lhe no rosto uma segura constância, uma ousadia e firmeza de coragem tais que não se dobrava nem se espantava por nenhum perigo que visse diante dos olhos, e ouvindo também contar suas obras e feitos correspondentes ao que via, mas principalmente, em minha opinião, incitado por alguma secreta inspiração dos deuses, que lançavam o fundamento de grandes coisas, começou, parte por conjectura e parte por casualidade, a suspeitar da verdade: perguntou-lhe, assim quem era e quem eram seu pai e sua mãe, falando-lhe com voz mais doce e semblante mais humano do que antes, para assegurá-lo e dar-lhe boa esperança.

IX. Remo respondeu-lhe ousadamente: «Certamente não te ocultarei nada da verdade, pois me pareces, senhor, mais digno de ser rei que teu irmão Amúlio, porque inquires e escutas, antes de condenar, e ele condena antes de ouvir as partes. Até aqui nós pensamos ser filhos de dois servidores do rei, a saber, Fáustulo e Larência; digo nós, porque somos dois irmãos gêmeos. Mas, depois que falsamente nos acusaram junto a ti e por tais calúnias nos puseram injustamente em perigo de vida, ouvimos dizer coisas estranhas de nós, das quais o perigo era que estamos presentemente esclarecerá a verdade; pois dizem que fomos engendrados miraculosamente, e nutridos e aleitados de modo ainda mais estranho, tendo sido nos primeiros dias de nossa infância alimentados pelos pássaros e pelos animais selvagens aos quais nos expuseram como presa. Pois uma loba nos deu de mamar (dizem) e um picanço nos levou migalhas à boca na beira do grande rio onde tínhamos sido lançados dentro de uma tina, a qual ainda hoje está inteira, bandada de lâminas de cobre, sobre as quais há algumas letras gravadas e meio apagadas que porventura servirão um dia de insígnias de reconhecimento inúteis para os nossos pais, quando não mais houver tempo para isso, após havermos sido destruídos. » Numitor, pois, relacionando essas palavras ao tempo e à idade que o jovem mostrava ter, ao considerar-lhe o rosto, não rejeitou a esperança que lhe sorria, mas fez de sorte que achou meio de a esse respeito falar secretamente à filha; a qual então estava ainda estreitamente guardada.

X. Nesse ínterim, Fáustulo, advertido de que Remo estava prisioneiro e de que o rei o entregara às mãos de seu irmão Numitor, para fazer justiça, foi solicitar a Rômulo que o socorresse, dando-lhe então a entender de quem eles eram filhos, porque antes nunca lhes havia dito senão em palavras cobertas e não lhes declarara isso senão de passagem, só na medida bastante para elevar-lhes um pouquinho o coração; e foi então quando, tomando ele próprio a tina, saiu apressadamente à procura de Numitor, muito assustado com o perigo presente em que pensava achar-se Remo. Isso deu motivo a suspeita entre os guardas do rei que estavam à porta da cidade, e ainda mais suspeito se tornou ele quando se perturbou no responder aos interrogatórios que lhe fizeram, com o que se descobriu a tina que trazia sob o manto. Ora, havia por acaso, entre esses guardas, um que era aquele ao qual as crianças tinham sido entregues para que lhes desse sumiço e estivera presente quando foram expostas à mercê da fortuna: reconhecendo a tina, tanto pela forma como pelas letras gravadas em cima, desconfiou incontinente do que era verdadeiro. Assim, não desprezou a coisa, mas foi comunicá-la ao rei, levando Fáustulo em sua companhia, para fazê-lo confessar a verdade. Fáustulo, achando-se nessa perplexidade, não pôde manter-se de todo invencível que não confessasse alguma coisa, mas também não se deixou levar de todo: pois reconheceu que as

crianças estavam vivas, mas disse que bem longe da cidade de Alba, onde se vigiavam os animais nos campos; e, quanto à tina, ia levá-la a Ília, porque ela por várias vezes pedira que a deixasse ver e tocar, a fim de melhor poder assegurar-se de sua esperança, que lhe prometia que reveria um dia os filhos.

XI. Assim aconteceu a Amúlio o que ordinariamente acontece aos que se perturbam e que fazem alguma coisa por medo ou cólera: ficou tão aturdido que mandou um emissário, homem de bem e grande amiga de seu irmão Numitor, perguntar-lhe se ouvira dizer que os filhos de sua filha estavam vivos. Esse personagem, chegando à residência de Numitor, encontrou-o quase a ponto de abraçar e beijar Remo, e por seu testemunho lhe confirmou sua esperança, recomendando-lhe ainda que pusesse prontamente mãos à obra; e desde então ficou do seu lado.

XII. De outra parte, também a ocasião não lhes dava lazer para diferirem a empresa, ainda que o tivessem querido, pois Rômulo já estava muito perto da cidade e iam juntar-se a ele vários cidadãos de Alba, que temiam ou odiavam Amúlio; além desses, levava ele ainda bom número de combatentes distribuídos por centenas, cada uma das quais era conduzida por um centenário que marchava à frente da tropa levando um feixe de erva ou de madeira miúda, ligado à extremidade de uma percha. Os Latinos chamam a esses feixes manípulos, de onde vem que ainda hoje, em um exército de Romanos, os soldados que estão sob a mesma insígnia se denominam manipulares. Assim, com Remo solicitando os de dentro da cidade e Rômulo conduzindo gente de fora, viu-se o tirano Amúlio tão perturbado e amedrontado que, sem prover-se de alguma coisa que lhe pudesse ser salutar, foi surpreendido em palácio e morto. Eis como aproximadamente o relatam Fábio Pictor e Díocles de Peparetos, que em minha opinião foi o primeiro que escreveu sobre a fundação da cidade de Roma; todavia, há os que estimam tratar-se inteiramente de fábulas e contos recreativos. Parece-me, porém, que não se deve rejeitá-los nem descrer de todo, se queremos considerar os estranhos efeitos muitas vezes provocados pela fortuna e também a grandeza do império Romano, o qual jamais teria atingido a potência em que se acha atualmente se os deuses nisso não se tivessem envolvido desde o começo e se ele não tivesse tido alguma origem estranha e um miraculoso fundamento.

XIII. Tendo assim Amúlio sido morto, depois que todas as coisas se acalmaram e foram repostas em boa ordem, Remo e Rômulo não quiseram ficar na cidade de Alba não sendo seus senhores, nem tampouco assenhorear-se dela enquanto o avô materno fosse vivo. Porque, após o terem reposto em seu estado e terem feito à sua mãe a honra que lhe cabia, propuseram-se construir uma cidade no lugar onde primeiramente haviam sido nutridos; pois era a mais honesta cor que podiam tomar para partirem de Alba; mas acontecia que eram constrangidos a fazê-lo, quisessem ou não, por causa do grande número de banidos e servos fugitivos que se haviam reunido em torno deles, nos quais consistia toda a sua força, a qual se perderia se acaso debandassem e partissem sem estes homens. Assim, era preciso que habitassem à parte, em algum lugar separado, para retê-los: pois que seja verdade que os habitantes da cidade de Alba não queriam que tais banidos e fugitivos se misturassem entre eles, nem recebê-los em sua cidade para serem seus concidadãos, aparece logo pelo fato de haverem tais proscritos roubado mulheres: o que não fizeram por insolência, antes por expressa necessidade, pois não achavam quem lhas quisesse entregar, o que se pode conhecer porque, muito honraram àquelas que foram roubadas. Ademais, quando sua cidade começou um pouco a tomar pé, fizeram um templo de refúgio para todos os aflitos e fugitivos, que eles chamaram de templo do deus Asileu[61], onde havia liberdade para toda espécie de gente que pudesse alcançá-lo e nele ingressar: pois não entregavam o escravo fugitivo ao senhor, nem o devedor ao credor, nem o homicida ao justiceiro, alegando por toda defesa que o oráculo de Apoio em Delfos, lhes prescrevera expressamente que dessem liberdade e segurança a todos os que recorressem aos gêmeos; de maneira que em pouco tempo sua se diz que, na primeira fundação, não houve mais de mil casas, como diremos aqui depois.

XIV. Quando se veio pois a fundar sua cidade, os dois irmãos debateram juntos sobre o lugar em que devia ser erguida, por isso que Rômulo construiu o que se chama Roma quadrada e quis que ela ficasse no lugar que escolhera; mas Remo, seu irmão, escolheu outro lugar assentando sobre o monte Aventino, que em seu nome foi chamado Remônio e agora se chama Rignário; afinal, puseram-se de acordo decidindo a divergência pelo voo dos pássaros que dão feliz presságio das coisas vindouras. Tendo-se assim sentado em diversos lugares à parte para contemplá-los, dizem que apareceram a Remo seis abutres e a Rômulo doze. Dizem outros que Remo verdadeiramente viu seis e que Rômulo fingiu no começo ter visto duas vezes tanto; mas que, quando Remo se achegou a ele, então é que em verdade lhe apareceram doze. É a causa pela qual os Romanos até hoje, nas significações e prognósticos do voo dos pássaros, observam muito os abutres. Verdade é que o historiador Heródoto do Ponto escreve que Hércules se regozijava quando lhe aparecia um abutre no momento em que ele começava uma empresa; porque é no mundo o animal menos malfazejo, que não prejudica nem arruína coisa nenhuma que os homens semeiam, plantam ou nutrem; visto como se alimenta somente de carniça e não fere nem mata jamais o que tenha vida; do mesmo modo não toca nos pássaros mortos pela conformidade do gênero existente entre eles, ao passo que as águias, os mochos e os falcões assassinam, matam e comem aqueles mesmos que são de sua própria espécie; e, em suma, como diz Esquilo:

«Pode ser puro o pássaro que come

O próprio semelhante, em sua fome? »

Ademais, os outros pássaros estão sempre, por assim dizer, diante dos nossos olhos, e se nos apresentam ordinariamente onde o abutre é coisa bem rara e difícil de ver-se, pois não se encontra facilmente nos ares. O que deu ensejo a formarem alguns a falsa opinião de que os abutres são pássaros de passagem, provindo de algum país estranho, E os adivinhos sustentam que tais coisas que não são ordinárias e, se acontecem com muito pouca frequência, não são naturais, antes enviadas miraculosamente pelos deuses para prognosticar alguma coisa.

XV. Quando Remo soube do engano a que seu irmão o induzira, enfureceu-se com razão; e, como Rômulo mandasse fazer um fosso ao redor do recinto, que ele queria cercar de muralhas, não somente zombou disso com desprezo, mas ainda impediu a obra e, por fim, à guisa de escárnio, saltou-lhe por cima: Em suma, tanto fez que finalmente foi morto pela própria mão de Rômulo, como dizem uns, ou, como sustentam outros, pela mão de um dos seus homens, que se chamava Céler. Nessa contenda morreram também Fáustulo e seu irmão Plistino, que o ajudara a nutrir e criar Rômulo. Como quer que seja, esse Céler ausentou-se de Roma e se retirou para o país da Toscana; e dizem que por ele os homens prontos e decididos foram depois chamados Céleres, como entre outros Quinto Metelo, o qual após a morte de seu pai, tendo em poucos dias feito ver ao povo um combate de esgrimistas extremados, que os Romanos chamam de gladiadores, foi sobrenomeado Céler, porque os Romanos se maravilharam com o fato de haver ele podido fazer seus preparativos e em tão pouco tempo.

XVI. Entrementes, tendo Rômulo enterrado o irmão e seus dois nutridores no lugar que se chama Remônia, pôs-se a construir e fundar sua cidade, mandando buscar na Toscana homens que lhe enumeraram e ensinaram todas as cerimonias que precisava ali observar segundo os formulários existentes, exatamente como se fosse algum mistério ou algum sacrifício. Assim fizeram logo de início uma fossa redonda no lugar que se chama agora Comício, dentro do qual puseram primícias de todas as coisas que os homens usam legitimamente como boas e naturalmente como necessárias; depois lançaram ali também um pouco da terra de onde cada

um deles tinha vindo e misturaram tudo (essa fossa tem em suas cerimonias o nome de Mundo, nome pelo qual os Latinos chamam também o Universo) e ao redor dessa fossa traçaram o recinto da cidade que desejavam edificar, exatamente com quem descrevesse um círculo ao redor de um centro. E, isso feito, o fundador da cidade toma uma charrua, à qual liga uma relha de bronze, e atrela-lhe um touro e uma vaca, e ele próprio, conduzindo a charrua por toda a volta do recinto, faz um profundo sulco, enquanto os que o seguem têm o encargo de derrubar para dentro da cidade os torrões que a relha da charrua vai retirando e de não deixar por fora nenhuma volta. Esse traço do sulco é o circuito que deve ter a muralha: o que eles chamam de Pomoerium{62} em latim, por um encurtamento de sílabas, como quem dissesse post murum, isto, atrás dos muros ou junto aos muros. Mas, no lugar onde pensaram fazer uma porta, tiram a relha e levam a churrua, deixando um espaço da terra sem lavrar: de onde vem que os Romanos estimam santo e sagrado todo o recinto das muralhas, excetuadas as portas, porque, se fossem sagradas e santificadas, ter-se-ia tomado consciência de por elas não levar nem trazer de fora da cidade alguma coisa que não são puras, embora necessárias à vida do homem.

XVII. Ora, sustenta-se que a cerimonia de fundação se realizou com certeza no dia vinte e um de abril, motivo por que os Romanos festejam ainda esse dia e lhe chamam festa da natividade de seu país; no qual dia não sacrificavam outrora coisa nenhuma que tivesse vida, estimando que era preciso que o dia consagrado ao nascimento da cidade ficasse puro e limpo, sem estar manchado nem contaminado de sangue; todavia, tinham eles, antes de Roma ser fundada, outra festa pastoral, que celebravam naquele mesmo dia e denominavam Palília. São agora os começos dos meses dos Romanos inteiramente diferentes dos Gregos: assim é que se tem por certo que o dia no qual Rômulo fundou a cidade foi seguramente aquele a que os Gregos chamam Trícada, isto é, o trigésimo, no qual houve eclipse da lua{63}, que se estima ter sido visto e observado pelo poeta Antímaco, natural da cidade de Teos, no terceiro ano da sexta olimpíada{64}.

XVIII. Mas, ao tempo de Marco Varro, homem douto e que lera tanto as antigas histórias como jamais nenhum outro Romano, havia um de seus amigos chamado Tarrúcio, grande filósofo e matemático, que se entregava ao cálculo da astrologia pelo prazer da especulação somente, no que era tido por excelente: propôs-lhe Varro o tema de procurar a hora e o dia do nascimento de Rômulo, coligindo-o como consequência de suas aventuras, exatamente como se faz nas resoluções de algumas proposições geométricas, porque dizem eles que por um mesmo art ifício se pode predizer o que deve advir a um homem na vida, quando é conhecida a hora do nascimento; e conhecer também a hora do nascimento, quando se sabe o que lhe aconteceu na vida. Tarrúcio, pois, fez o que Varro lhe propôs e, tendo bem considerado as aventuras, os feitos e os gestos de Rômulo, quanto viveu e como morreu, tudo reunido e conferido em conjunto, pronunciou ousadamente que por certo ele fora concebido dentro do ventre materno no primeiro ano da segunda olimpíada, no dia vinte e três do mês que o Egípcios chamam de Choeac{65} (que é o mês de dezembro), cerca das três horas do dia, na qual hora houve eclipse total do sol{66}; e que dali tinha saído aos vinte e um do mês de Tote, que é o mês de setembro, próximo do sol levante; e que Roma foi por ele fundada no dia nove do mês que os Egípcios chamam de Farmuti, que corresponde ao mês de abril, entre duas e três horas do dia, pois querem eles dizer que uma cidade tem sua revolução e seu tempo de duração prefixado, do mesmo modo que a vida do homem, e que se conhece isso pela situação dos astros no dia do...

XIX. Mas, depois que fundou a cidade, dividiu primeiramente por tropas todos os que estavam em idade de pegar em armas. Havia em cada uma dessas tropas três mil homens a pé e trezentos a cavalo; e foram chamadas legiões, porque eram compostas de homens eleitos e escolhidos entre todos os outros, para combater; e o restante da comuna foi chamado Populus, o que vale tanto como dizer povo. Depois disso, criou cem conselheiros dentre os demais aparência e os melhores da cidade, aos quais chamou Patrícios, e a toda a companhia Senātus, que propriamente significa o conselho dos antigos. Assim foram chamados Patrícios,

como querem alguns dizer, porque eram pais de filhos legítimos, ou, como estimam outros, porque podiam mostrar seus pais, o que poucos dos primeiros habitantes teriam podido fazer. Não é que se queria dizer que esse nome lhes foi imposto de Patrocinium, que equivale a patronagem ou proteção, palavra da qual ainda hoje se usa com o mesmo significado, porque um daqueles que seguiram Evandro na Itália chamava-se Patrono, o qual era homem socorredor, que sustentava os pobres e pequenos, tendo por isso dado seu nome a esse ofício de humanidade. Mais verossímil, contudo, parecer-me-ia dizer que Rômulo os teria assim chamado porque estimava que os mais graúdos e mais poderosos deviam ter cuidado e solicitude paternal para com os miúdos; além de que era para ensinar os pequenos a não terem medo da autoridade dos grandes, nem deplorarem suas honras e preeminência, mas a usarem de seu porte e favor nos negócios com toda a benevolência, nomeando-os e tendo-os como pais; pois até hoje os estrangeiros dão aos do Senado o nome de senhores ou capitães, mas os naturais Romanos os chamam de Patres conscripti, que é um nome de grande honra e de grande dignidade, sem inveja. É verdade que no começo eles foram chamados somente Patres, mas depois, porque houve vários acrescentados aos primeiros, passaram, a ser denominados Patres conscripti, como quem diria pais ajuntados, que é o nome mais venerável que se teria podido inventar para pôr diferença entre os senadores e o povo. Entrementes, ele separou ainda os outros cidadãos poderosos do povo baixo e miúdo, chamando a uns Patronos, que equivale a defensores e protetores, e a outros Clientes, que significa aderentes ou recebidos em salvaguarda; e criou entre eles uma admirável benevolência, que os ligou uns aos outros por diversas grandes obrigações recíprocas, porque os patronos declaravam aos seus aderentes asileis, defendiam-lhes as causas em julgamento, davam-lhes conselhos e tomavam em mãos todos os seus negócios; e reciprocamente também os aderentes faziam a corte aos seus patronos, não somente prestando-lhes toda a honra e reverência, mas também socorrendo-os com dinheiro para ajudá-los a casar as filhas ou a pagar as dívidas, se eram pobres; e não havia nem lei nem magistrado que pudesse constranger o patrono a dar testemunho contra o seu aderente ou segundo, nem o segundo contra o seu patrono; e depois, todos os outros direitos de aliança foram bem estabelecidos entre eles, exceto somente que se achou odioso e vil que os grandes e poderosos tomassem dinheiro aos pequenos.

XX. Mas já falamos bastante sobre essa matéria: em suma, quatro meses{67} depois que a cidade foi fundada, assim como escreve Fábio, foi feito o rapto das mulheres; e alguns há que dizem ter sido Rômulo, o qual sendo homem belicoso por natureza e confiando em algumas profecias e respostas dos deuses, que o diziam predestinado, que sua cidade se tornaria muito grande e poderosa, elevando-se em guerras e acrescendo-se em armas, procurou essa cor para ultrajar os Sabinos; e que seja isso verdade, dizem eles que não mandou raptar muitas, mas trinta raparigas somente, como se pedisse mais ocasião de guerra do que tinha necessidade de casamentos: o que todavia não me parece verossímil. Mas, ao contrário, vendo que a cidade ficara incontinente repleta de gente de toda espécie, com muito poucas mulheres, porque era gente reunida de todos os países e a maior parte pobres necessitados que não se conheciam, de maneira que os seus vizinhos os tinham em grande desprezo e não se esperava que por muito tempo continuassem juntos, ele esperou por meio desse rapto que lhes fosse dado entrar em aliança com os Sabinos e começar a misturar-se de algum modo com eles, quando as mulheres fossem tratadas com doçura. Assim empreendeu executar o rapto desta maneira: fez primeiro correr por toda parte o rumor de que encontrara o altar de um deus escondido dentro da terra, e a esse deus chamaram Conso, ou porque fosse um deus de conselho, e os Romanos ainda hoje em sua língua chamam Consilium ao conselho, e Cônsules aos primeiros magistrados da cidade, como quem dissesse Conselheiros, ou porque fosse Netuno, sobrenomeado o Cavaleiro, ou ainda o Patrono dos cavalos, porque esse altar está hoje dentro das grandes liças, coberto e oculto todo o resto do tempo, exceto quando se fazem os jogos das corridas de cavalos. Dizem outros que porque é preciso que um conselho seja ordinariamente mantido secreto e coberto, eles emprestaram à boa causa esse altar do deus Conso, oculto dentro da terra; mas, quando foi descoberto, Rômulo fez um sacrifício de magnífica alegria e mandou publicar por toda parte que em certo dia prefixado se realizariam em Roma jogos públicos e se faria uma festa solene, onde todos os que desejassem comparecer seriam recebidos. Grande multidão de povo ali acorreu de todas as partes; e assentou-se ele no mais honroso lugar das liças, vestido cora uma bela túnica de púrpura, acompanhado dos principais homens da cidade ao redor de si, e tinha dado o sinal para começar o rapto, quando se levantou de súbito, dobrou uma aba de sua túnica e depois a desdobrou. Seus homens estavam de atalaia, armados de espadas; e, logo que perceberam o sinal, puseram-se a correr de um lado para outro, empunhando as espadas, com grandes

gritos, e raptaram e levaram as jovens Sabinas, deixando fugir os homens, sem causar-lhes outro desprazer. Dizem alguns que houve somente trinta raptadas, cujos nomes foram dados às trinta linhagens do povo Romano; todavia, Valério Âncio escreve que houve quinhentas e vinte e sete; e Juba, seiscentas e oitenta e três. Grandemente notório, como descargo de Rômulo, é que ele tomou apenas uma, chamada Hersília, a qual depois foi causa de mediação e acordo entre os Sabinos e os de Roma: o que mostra não ter sido para fazer injúria aos Sabinos, nem para satisfazer nenhum desordenado apetite, que eles empreenderam esse rapto, antes para conjugar dois povos entre si com os mais estreitos laços existentes entre os homens. Essa Hersília, como dizem alguns, foi casada com um Hostílio, o mais nobre que então havia entre os Romanos, ou, como escrevem outros, com o próprio Rômulo, que teve dela dois filhos: o primeiro foi uma filha com o nome de Prima, porque era a primeira; o outro foi um filho que se chamou Aólio, por causa da aglomeração de povo que reunira em sua cidade, e depois foi sobrenomeado Abílio. Assim escreve Zenódoto de Trezena: no que, todavia, vários o contradizem.

XXI. Mas, entre os que raptavam então as jovens Sabinas, dizem que houve algumas pessoas de pequeno estado, que dentre elas retiraram uma maravilhosamente bela e robusta. Encontraram eles casualmente em seu caminho alguns dos principais da cidade, que lha quiseram tirar pela força; e, como, o tivessem feito, puseram-se a gritar que a levavam a Talássio{68}, jovem bem estimado e querido de todos, porquanto, ao ouvirem os outros que era para ele, fizeram grande festa e os louvaram por isso; de sorte que houve alguns que voltaram sem mais aquela com eles e os acompanharam por amor a Talássio, gritando em altas vozes e repetindo frequentemente seu nome: de onde veio o costume de até hoje em suas núpcias os Romanos cantarem Talássio, exatamente como os gregos cantam Himeneu, porque se diz que ele foi feliz por ter encontrado essa mulher Mas Séxtio Sila de Cartago, homem de gentil espírito e de bom saber, disse-me outrora que era o grito e o sinal que Rômulo dera à sua gente para começar o rapto: naquela ocasião, os que roubavam iam gritando essa palavra Talássio, e daí ficou o costume de ser cantado ainda nas núpcias. Todavia, a maior parte dos autores, do mesmo modo que Juba, estima que se trate de uma admoestação, para advertir as recém-casadas a pensar em fazer bem a sua tarefa de fiar, a que os Gregos dão o nome de Talássia{69}, não existindo ainda na época as palavras italianas misturadas entre as gregas. E, se isso é verdade, que então os Romanos usassem desse termo Talássia como nós outros Gregos, poder-se-ia por conjectura dar outra razão na qual haveria mais aparência: pois, quando os Sabinos, após a batalha, fizeram a paz com os Romanos, puseram eles no tratado, em favor das mulheres, um artigo pelo qual elas não seriam obrigadas a servir os maridos em outro mister senão o de fiar a lã. Daí veio depois o costume de que aqueles que dão suas filhas em casamento, ou que conduzem as recém-casadas, ou que estão presentes às núpcias, gritam por brincadeira aos recém-casados, rindo, Talássio como que testemunhando que a esposa é conduzida para a casa do marido não com o encargo de outro serviço que o de fiar a lã.

XXII. Daí ficou também até hoje o costume de que a recém-casada não atravessa por si mesma a soleira da porta da casa do marido, mas a levam para dentro, por isso que então as Sabinas foram assim raptadas e levadas pela força, E dizem ainda que o costume de repartir os cabelos das recém-casadas com o ferro de uma lança vem também daí, sendo sinal de que essas primeiras núpcias se realizaram pela força das armas e, por assim dizer, à ponta de espada, como escrevemos mais amplamente no livro em que damos as c ousas das maneiras de agir e costumes de Roma. Esse rapto foi executado aproximadamente no dia dezoito do mês que então se chamava Sextil e agora se denomina Augusto: dia no qual é ainda celebrada a festa que tem o nome de Consália.{70}

XXIII. Ora, eram bem os Sabinos homens de guerra e tinham povo grandemente numeroso, mas habitavam pequenos burgos não cercados de muralhas, sendo coisa pertinente à sua magnanimidade não temer nada, como aqueles que descendiam dos Lecedemônios; todavia, vendo-se penhorados e obrigados através de reféns que lhes ficavam tão perto, e temendo que

suas jovens fossem maltratadas, enviaram embaixadores a Rômulo, por intermédio dos quais lhe fizeram ofertas e observações muito razoáveis: «Que mandasse entregar-lhes as jovens sem usar de força nem de violência; e depois mandasse pedi-las em casamento aos pais, assim como a razão e as leis o exigiam, a fim de que, por vontade e consentimento das partes os dois pov os viessem a contratar amizade e aliança recíprocas». Ao que respondeu Rômulo que não entregaria as jovens que sua gente raptara mas pedia com empenho aos Sabinos que tratassem de ter por agradável sua aliança»

XXIV. Ouvida essa resposta, enquanto os outros príncipes e comunais dos Sabinos se entretinham em consultar e em preparar-se, Ácron, rei dos Cênicos, homem corajoso e bem entendido em matéria de guerra, e que desde o começo suspeitara das ousadas empresas de Rômulo, vendo ainda de novo esse rapto das jovens, estimou que ele devia já ser temido por todos os vizinhos, não sendo tolerável que não fosse castigado. Foi assim o primeiro que marchou contra ele, para fazer-lhe a guerra com um poderoso exército. Rômulo, do outro lado, lhe foi também ao encontro. Quando ficaram tão perto um do outro que puderam entrever-se, desafiaram-se reciprocamente a combater de homem para homem no meio de seus dois exércitos, sem que estes se mexessem. E Rômulo dirigindo a Júpiter sua prece, prometeu-lhe e votou que lhe faria oferenda das armas do inimigo, se ele lhe desse a graça de o derrotar. Assim o fez, pois o matou em seguida e depois deu batalha à sua gente, desbaratando-a, e afinal tomou-lhe a cidade, onde não causou mal nem desgosto algum aos que encontrou no interior, senão que lhes ordenou a demolição e destruição de suas casas, para irem habitar em Roma, onde teriam todos os mesmos direitos e os mesmos privilégios que os primeiros habitantes. Não há nada que tenha mais aumentado a cidade de Roma do que essa maneira de juntar e incorporar sempre consigo os que vencia.

XXV- Mas Rômulo, querendo cumprir seu voto, de sorte que sua oferenda fosse muito agradável a Júpiter e muito deleitável aos olhos de seus cidadãos, cortou uma bela, grande e direita carvalheira afortunadamente encontrada no lugar onde seu acampamento estava situado e enfeitou-a em forma de troféu, pendurando e ligando em volta, pela ordem as armas do rei Ácron; depois, cingiu a túnica e, pondo uma coroa de louros por cima de sua longa peruca{71}, carregou sobre o ombro direito a carvalheira, com a qual se pôs a marchar para a frente, na direção de sua cidade, começando a entoar uma canção real de vitória, seguido por todo o exército em armas até dentro de Roma, onde os concidadãos o receberam com grande alegria e grandes louvores. Essa pomposa entrada deu começo e reputação para se fazer desejar, aos triunfos que se fizeram depois, mas a oferenda do troféu foi dedicada a Júpiter sobrenomeado Ferétrio, porque essa palavra latina Ferire significa bater e matar; e a prece que havia Rômulo feito era que ele pudesse ferir e matar o inimigo. -Tais despojos se chamam em latim Spolia opima, por isso que, diz Varro, Opes significa riqueza; todavia, mais verossímil me pareceria dizer que tinham sido chamados por essa palavra opus, que significa obra ou ato, porque é preciso ser o próprio chefe do exército, que matou com sua própria mão o comandante-chefe dos inimigos, para poder oferecer tal oblata de despojos, que se chama Spolia opima, como quem dissesse despojos principais. O que ainda não aconteceu senão a três capitães romanos somente: dos quais o primeiro foi Rômulo, que matou Ácron, rei dos Cênicos; e segundo foi Cornélio Cosso, que matou Tolumnio, capitão-geral dos Toscanos; e o terceiro foi Cláudio Marcelo, que com sua mão abateu Britomarto, rei dos Gauleses. E, quanto aos dois últimos, Cosso e Marcelo, entraram eles na cidade levando os troféus sobre carretas triunfantes: mas Rômulo, não. E, portanto, falhou nesse ponto o historiador Dionísio, ao escrever que Rômulo entrou em Roma sobre uma carreta de triunfo: pois foi Tarquínio, filho de Demarato, o primeiro que elevou os triunfos a essa soberba magnificência; sustentam outros que foi Valério Publícola quem entrou primeiro em cima de uma carreta triunfal. Quanto a Rômulo, veem-se ainda em Roma suas estátuas levando esse troféu inteiramente a pé.

XXVÏ. Após essa luta dos Cênicos, os habitantes das cidades de Fidena, Crustumério, Antemnas, bandearam-se todos contra os Romanos, enquanto os outros Sabinos ainda se

preparavam. Assim houve batalha, na qual eles foram derrotados; e abandonaram suas cidades em poder de Rômulo e suas terras para repartir a quem ele quisesse, deixando-se eles próprios transportar para Roma. Rômulo distribuiu as terras a seus cidadãos, exceto as que pertenciam aos pais das jovens raptadas. Pois quis que estes as retivessem. Gravemente indignados com isso, os outros Sabinos elegeram capitão-general um chamado Tácio e avançaram c om um poderoso exército até à cidade de Roma, a qual era então de difícil acesso, tendo por terrapleno o castelo onde está hoje o Capitólio; e havia dentro uma grande guarnição de que era comandante Tarpéio, e não sua filha Tarpéia, como querem alguns dizer, fazendo de Rômulo um tolo; mas a filha do comandante, Tarpéia, vendeu a praça aos Sabinos, por desejar possuir os braceletes de ouro que eles traziam em volta dos braços; e pediu-lhes para alugar a traição, o que eles levavam nos braços esquerdos. Tácio lho prometeu, e ela, à noite, abriu-lhes uma porta pela qual introduziu os Sabinos no castelo. Antígono, pois, não ficou só, ao dizer que amava os que traíam e odiava os que haviam traído; nem César Augusto, que disse a Remetalces da Trácia que amava a traição, mas odiava os traidores: é antes uma comum afeição que se tem pelos maus enquanto se tem negócio com eles, exatamente com os que têm negócio com o fel e o veneno de alguns animais venenosos, pois ficam satisfeitos quando os encontram e os tomam para servirem-se deles em seus desígnios; mas, uma vez atingido o que desejavam, odeiam-lhes a malícia. Assim fez então Tácio: pois, quando se viu dentro da fortaleza, ordenou aos Sabinos que, de acordo com a promessa que fizera a Tarpéia, não lhe poupassem nem retivessem nada de tudo quanto traziam nos braços esquerdos; e, tirando primeiro ele próprio de seu braço o bracelete que levava, atirou-lhe assim como depois o escudo: todos os outros fizeram outro tanto, de sorte que, lançada por terra a golpes de braceletes e de paveses, ela morreu sufocada pelo fardo; todavia, Tarpeio foi também atingido e convencido de traição no processo de Rômulo, como diz Juba que Sulpício Galba quem escreveu. Entrementes, os que de outro modo escrevem sobre essa Tarpéia, dizendo que era filha de Tácio, comandante dos Sabinos, e que era forçada a deitar-se com Rômulo; e que, após haver feito a traição que descrevemos, foi assim, punida pelo próprio pai — esses, digo eu, entre os quais está Antígono, não merecem nenhum crédito. E ainda mais sonha o poeta Símile, ao dizer que Tarpéia vendeu o Capitólio, não aos Sabinos, mas ao rei dos Gauleses, do qual se enamorara; e o diz nestes versos:

Tarpéia[{72}], a jovem que morava então

No alto do Capitólio, à traição

Fez tomar Roma, pela cupidez

De ter um dia o amor do rei Gaulés, Ao qual, naquela fútil esperança, Entregou de seu pai a própria herança.

E, um pouco depois, falando da maneira de sua morte, diz ainda:

Mas os Gauleses, que na praça entraram,

Dentro do Pó o corpo não lançaram,

Preferindo cobri-lo belicosos,

Com seus belos broqueis, tão numerosos

Que dessa forma a pobre criatura

Debaixo deles teve sepultura.

Essa jovem, pois, tendo sido enterrada no mesmo lugar, todo o monte foi mais tarde chamado Tarpéio e conservou esse nome até que o rei Tarquínio dedicou toda a praça a Júpiter, pois então foram transportados seus ossos para outro lugar, e mudou seu nome; de modo que ainda hoje se dá a uma rocha situada nesse monte de Capitólio o nome de Rupes Tarpeia{73}, da qual era costume antigamente precipitar embaixo os malfeitores.

XXVII. Quando, pois, os Sabinos ficaram senhores da fortaleza, Rômulo se encolerizou e mandou desafiá-los a entrarem em batalha: o que Tácio não recusou, vendo que, se porventura fossem forçados, tinham uma segura retirada, pois o lugar entre os dois exércitos, no qual deviam combater, era em toda a volta cercado de pequenas montanhas; de sorte que era aparente que o combate ali seria áspero e penoso, por causa da incomodidade do lugar, no qual não se poderia nem fugir nem repelir para longe, tão constrita era a praça. Ora, acidentalmente, alguns dias antes o rio Tibre transbordara, daí resultando um atoleiro mais profundo do que parecia visto de cima, porque ficava em lugar plano, no ponto mesmo onde está a grande praça de Roma: tal não se reconhecia à primeira vista, porque a parte superior formava uma crosta, de modo que era fácil cair dentro e difícil sair, pois a parte inferior afundava. Assim, teriam os Sabinos dado diretamente dentro, não fora o perigo por que passara Cúrcio, que afortunadamente os livrou disso. Era ele um dos mais nobres e mais valentes homens dos Sabinos, e tendo montado u m corcel, marchava bem distante, em frente à tropa dos outros. O corcel foi lançar-se dentro do atoleiro e ele, que estava em cima, sentindo-o afundar, tratou logo de o fazer sair dali, à força de o picar e fatigar; mas, por fim, vendo que não podia livrar-se, deixou-o e se salvou. O lugar onde isso aconteceu é ainda hoje chamado por seu nome, Lacus Curtius. Os Sabinos, pois, evitando esse perigo, começaram a batalha, que foi áspera e durou longamente, sem que a vitória se inclinasse mais para uma parte do que para a outra; e, não obstante, houve grande número de mortos, entre os quais Hostílio, que se diz ter sido marido de Hersília e avô de Hostílio, que foi rei dos Romanos após Numa Pompílio.

XXVII. Houve depois ainda vários outros recontros em poucos dias, como se pode imaginar; faz-se menção, porém, do último de todos, no qual Rômulo recebeu uma pedrada na cabeça, tão forte que pouco faltou para tombar por terra{74} e de tal maneira que foi constrangido a retirar-se um pouco para trás da refrega; nessa ocasião, os Romanos recuaram também e fugiram para o monte Palatino, tendo sido expulsos da planície. Rômulo começava já a refazer-se do golpe que recebera e quis retornar ao combate, gritando tanto quanto podia à sua gente, para que resistisse e fizesse face ao inimigo; mas nem por isso deixavam eles de fugir s empre ao longo da estrada, e não havia nenhum que ousasse voltar. Então, levantando as mãos para o céu, pediu a Júpiter que lhe permitisse deter a fuga de seus homens e não deixasse que os negócios dos Romanos se arruinassem daquela maneira, antes os restabelecesse. Bem não tinha acabado a prece, vários dos seus homens que escapavam começaram a ter vergonha de fugir diante do seu rei e de repente lhes veio uma segurança em lugar de medo, de sorte que pararam primeiramente no lugar onde é agora o templo de Júpiter Estator, o que vale tanto como dizer Parador; depois, zombando uns dos outros, repeliram os Sabinos até ao lugar que no presente se chama Régia e até ao templo da deusa Vesta, onde, como os dois batalhões se preparassem para recomeçarem a combater de novo, apresentou-se diante deles uma coisa estranha de se ver e mais maravilhosa do que poderia narrar, que os livrou disso. Pois os Sabinos que os Romanos tinham raptado acorreram, umas de um lado, outras de outro, com prantos, gritos e clamores, lançando-se através das armas e dos mortos que jaziam por terra, de maneira que pareciam fora de si ou possessas de algum espírito; e em tal estado foram encontrar seus pais e maridos, umas levando entre os braços filhinhos que ainda mamavam, outras descabeladas, e todas chamando ora os Sabinos e ora os Romanos, pelos mais doces nomes existentes entre os homens; o que enterneceu os corações de uns e de outros, de maneira que eles se retiraram um pouco e lhes fizeram praça entre as duas batalhas. Foram assim os seus gritos e lamentos ouvidos claramente por todos e não houve aquele a quem elas não causassem grande piedade, tanto por vê-las em tal estado como por ouvir as palavras que diziam, acrescentando aos francos enunciados de suas razões as mais humildes preces e súplicas de que podiam advertir-se.

XXIX. «Pois que ofensa (diriam elas) ou que desgosto vos fizemos para merecermos tantos males que já sofremos e que nos fazeis ainda sofrer agora? Fomos violentamente e contra as leis raptadas por aqueles com quem estamos atualmente; mas nossos pais, nossos irmãos, nossos parentes e amigos nos abandonaram tão longamente que a extensão do tempo, tendo-nos ligado com os mais estreitos laços do mundo àqueles que odiávamos mortalmente, nos constrangeu agora a ter medo vendo combater e a lamentar vendo morrer os que então nos raptaram injustamente, Pois não viestes procurar-nos quando estávamos ainda intactas e retirar-nos das mãos dos que nos detinham iniquamente, e vindes agora para tirar as mulheres aos maridos e as mães às crianças, de sorte que a socorro que vós cuidais trazer-nos agora nos é mais penoso do que o abandono no qual então nos deixastes e que não foi tão doloroso: tal é a amizade que eles nos demonstraram e tal a piedade que tendes agora de nós. Se, pois, combatêsseis por alguma outra causa, diferente de nós, ainda seria razoável que cessásseis o combate por amor a nós, por quem vos fizestes sogros, avós, aliados e cunhados daqueles contra os quais combateis. Mas, se assim, é que toda esta guerra não foi empreendida senão por nós, então vos suplicamos de todo o coração que nos queirais receber como vossos genros e netos, sem nos querer privar dos nossos maridos e dos nossos filhos, nem nos querer entregar cativas e prisioneiras mais uma vez. »

XXX. Ouvidas tais súplicas e reprimendas de Hersília e das outras damas Sabinas, os dois exércitos depuseram as armas e os dois chefes falaram um com o outro; durante o qual parlamento, elas conduziram os maridos e os filhos aos seus pais e irmãos, levaram de comer e de beber aos que o desejaram, pensaram os feridos e, introduzindo-os em suas moradias, mostraram-lhes como eram donas das casas de seus maridos e como estes as- tinham em grande conta, prestando-lhes todas as honras com amizade conjugal; de maneira que, finalmente, houve um acordo pelo qual ficou estabelecido que as Sabinas que desejassem ficar com aqueles que as possuíam ali permanecessem, isentas de qualquer outra incumbência e de qualquer outro serviço, como dissemos antes, senão o de fiar a lã; e também que os Sabinos e os Romanos habitariam juntamente dentro da cidade, a qual seria chamada Roma, do nome de Rômulo; e os habitantes seriam chamados Quirites, do nome{75} da cidade onde Tácio era rei dos Sabinos; e que ambos reinassem e governassem de comum acordo. O lugar onde se firmou tal pacto é ainda hoje chamado Comitium, porque Coíre{76}, em linguagem latina, significa reunir-se. Assim aumentada a cidade da metade, ajuntaram-se cem novos patrícios Sabinos aos cem primeiros Romanos, e foram pois feitas as legiões de seus mil homens a pé{77} e de seiscentos a cavalo, e se distribuíram todos os habitantes em três linhagens, sendo os de Rômulo chamados Ramnenses, de seu nome; os do lado de Tácio, Tacienses; e os da terceira, Lucerenses, por causa do bosque ao qual acorreu grande número de pessoas de toda espécie, desde que ali se deu livre acesso a todos os que vinham, os quais foram depois feitos cidadãos Romanos, pois em latim os bosques são chamados Lucos. Ora, que no começo houvesse em Roma três linhagens somente, e não mais, a própria palavra tribus, que significa linhagem, o testemunha, pois assim lhes chamam os Romanos ainda hoje, e tribunos aos seus chefes; mas cada uma dessas linhagens principais tinha sob si mais dez outras particulares, as quais alguns estimam haverem sido chamadas pelos nomes das damas Sabinas, mas isso é falso, porque várias trazem os nomes de alguns lugares.

XXXI. Todavia, houve várias coisas estabelecidas e ordenadas em honra das damas, como ceder-lhes e dar-lhes o lugar mais elevado quando encontradas pelo caminho; não dizer nada de sujo nem de desonesto em sua presença; não se despir{78} diante delas; não poderem ser chamadas à justiça perante os juízes criminais que conhecem dos homicídios; que seus filhos trouxessem ao colo uma espécie de baga que se chamava Bulla, por isso que é quase como essas garrafinhas que se formam em cima da água quando começa a chover; e que suas saias fossem bordadas de púrpura.

XXXII. Assim não conferenciavam os dois reis logo que as questões sobrevinham, mas cada qual deliberava primeiramente à parte, com seus cem senadores, e depois se reuniam todos.

Tácio residia no lugar onde é agora o templo de Juno Monēta, e Rômulo no lugar a que hoje se dá o nome de Degraus de bela margem, que ficam na descida do monte Palatino, assim como se vai ao parque das grandes liças{79}, onde dizem que outrora estava a santa sorveira{80}, do que se conta o seguinte: Rômulo, querendo um dia experimentar s ua força, atirou (dizem) 'do monte Aventino até lá uma lança cujo cabo era de sorveira: o ferro penetrou de tal modo a terra, forte e gorda, que ninguém pôde arrancá-la, ainda que vários o tentassem e nisso pusessem todo o esforço. A terra, sendo própria para nutrir árvores, cobriu a ponta do cabo, que criou raiz e começou a dar ramos, de tal maneira que com o tempo se tornou uma bela e grande sorveira, que os sucessores de Rômulo cercaram de muralha em toda a volta, reverenciando-a e preservando-a como coisa muito santa; e, se porventura, algu ém ia vê-la e não ia achava fresca e verdejante, antes como árvore que vai fenecendo e secando por falta de nutrição, dizia-o amedrontado a todos os que encontrava, e eles, nem mais nem menos do que se tratasse de extinguir um fogo, iam gritando por toda parte: «Água, água»; e de toda parte se acorria com vasos cheios de água, para regá-la e embebê-la. Mas, no tempo de Caio César, que mandou refazer esses degraus, os operários, segundo se diz, cavando e esburacando tudo à volta da sorveira, por desleixo lhe ofenderam as raízes, de modo que a árvore secou inteiramente.

XXXIII. Ora, receberam os Sabinos os meses dos Romanos, com referência aos quais escrevemos suficientemente na vida de Numa; mas também Rômulo usou de seus escudos e mudou o feitio das armas de que antes usavam tanto ele como seus homens: pois levavam pequenos escudos, à maneira dos Argianos. E, quanto às festas e sacrifícios, eles as comunicavam entre si, e não aboliram nenhuma daquelas que ambos os povos observavam antes, mas lhes acrescentaram outras novas, como a que se denomina Matronália{81}, que foi instituída em honra das damas, porque estas haviam sido causa de se fazer a paz; e também a de Carmentália{82}, a qual alguns estimam ser a deusa fatal, que domina e preside ao nascimento do homem, razão por que as mães a reclamam e a honram. Dizem outros que era a mulher de Evandro de Arcádia, a qual, sendo profetisa inspirada pelo deus Febo, transmitia os oráculos em versos, pelo que foi sobrenomeada Carmenta, porque Carmina em latim significam versos: pois é certo que seu próprio nome era Nicóstrata. Todavia, há quem dê outra derivação e interpretação mais verossímil a essa palavra Carmenta, como se fosse Carens mente, que significa fora do senso, pelo furor que domina os que são inspirados de espírito profético. Pois em latim Carere significa ser privado e Mens significa o senso e o entendimento. Quanto à festa de Palília, falamos dela precedentemente{83}; mas a de Lupercália{84}, considerado o tempo no qual é celebrada, parece ter sido instituída para uma purificação, pois se realiza em dias desencontrados do mês de fevereiro, nome que, interpretado, significa o mesmo que purificativo; e ao dia em que era celebrada se dava antigamente o nome de Februata. Mas o nome próprio da festa vale tanto como dizer a festa dos lobos, causa pela qual parece ser muito antiga', tendo sido instituída pelos Árcades que vieram com Evandro, conquanto o nome seja comum tanto às lobas como aos lobos, podendo ter sido imposto por causa da loba que nutriu Rômulo, pois vemos que os que nesse dia correm pela cidade, chamados Luperci, começam a corrida no próprio lugar em que se diz ter sido Rômulo exposto. Mas então se fazem coisas cuja causa e origem seria bem difícil conjecturar: matam-se cabras e conduzem-se dois jovens de nobre casa, aos quais se toca a fronte com a faca tinta do sangue das cabras imoladas, e depois são eles enxugados com lã temperada no leite, e é preciso que os jovens se ponham a rir depois que lhes enxugam a fronte; isso feito, cortam-se as peles das cabras e com elas se fazem correias que eles tomam nas mãos, e vão correndo pela cidade inteiramente nus, tendo apenas um pano cingido diante da natureza; e batem com as correias nos que encontram em caminho; mas as jovens não os evitam, antes ficam satisfeitas quando são batidas, estimando que isso lhes sirva para ficarem grávidas e darem à luz com facilidade. Há ainda outra particularidade nessa festa: é que os Lupercos, isto é, os que correm, sacrificam um cão. Mas um poeta chamado Butas, em certas elegias que escreveu, onde apresenta causas fabulosas para os costumes e cerimonias de Roma, diz que Rômulo, após haver derrotado Amúlio, pôs-se a correr, com grande alegria, no mesmo lugar em que a loba dera de mamar a seu irmão e a ele; em memória dessa corrida, diz ele, a festa de Lupercália é celebrada, e jovens de nobre casa correm então pela cidade^ batendo e ferindo os que encontram no caminho, para recordar que Remo e Rômulo correram desde Alba até àquele lugar, tendo as espadas seguras nas mãos; e que se lhes toca a fronte com uma faca tinta de sangue, como lembrança do perigo de serem mortos em que então estiveram; e, depois de tudo, que se lhes enxuga a fronte com leite, para comemorar a maneira como foram aleitados. Mas Caio Acílio escreve que Remo e Rômulo antes de haver

sido Roma construída, extraviaram um dia seus animais e, para procurá-los, após terem dirigido preces a Fauno, puseram-se a correr inteiramente nus em várias direções, de medo que o suor os impedisse; e que é a causa pela qual hoje os Lupercos correm inteiramente nus. E, se é verdade que tal sacrifício se faça para uma purificação, poder-se-ia dizer que eles imolam um cão com esse fim, exatamente como os Gregos levam {85} para fora os cães e em vários lugares observam aq uela cerimonia de expulsar os cães, o que tem o nome de Periscilacismos; ou melhor, se é para dar graças à loba que aleitou e evitou que Rômulo perecesse que os Romanos solenizam essa festa, não é sem propósito que se sacrifique um cão, porque é o inimigo dos lobos; se porventura não se quisesse dizer que foi para castigar essa fera, que prejudica e impede os Lupercos quando eles correm.

XXXIV. Dizem também alguns que foi Rômulo o primeiro que instituiu a religião de guardar o fogo santo e que ordenou as virgens sagradas que se chamam Vestais; atribuem-no outros a Numa Pompílio. Como quer que seja, é bem certo que ele foi homem muito devoto e bem entendido na arte de adivinhar as coisas futuras pelo voo dos pássaros, que era a causa pela qual levava ordinariamente o bastão augurai, que em latim tem o nome de Lituus. É uma verga curvada pela extremidade, com a qual os adivinhos, quando se assentam para contemplar o voo dos pássaros, designam e marcam as regiões do céu, Ficava cuidadosamente guardada dentro do palácio, mas se extraviou no tempo da guerra dos Gauleses, quando a cidade de Roma foi tomada; e, depois que os bárbaros foram expulsos, tornaram a encontrá-la intacta, segundo se diz, dentro de um alto montão de cinzas, sem que de nenhum modo estivesse prejudicada, ao passo que todas as outras coisas ao redor tinham sido consumidas ou arruinadas pelo fogo.

XXXV. Fez ele também algumas ordenanças, entre as quais uma existe que parece um pouco dura, a qual não permite que a mulher deixe o marido e dá licença ao marido para deixar a mulher quando acaso ela tenha envenenado os filhos, ou falsificado as chaves, ou cometido adultério; e, se por outro motivo a repudiasse, a metade dos bens era adjudicada à mulher e a outra à deusa Ceres; e mandava que aquele que repudiasse a mulher sacrificasse aos deuses da terra. Mas isso é próprio e particular em Rômulo, que, não tendo estabelecido nenhuma pena contra os parricidas, isto é, contra os que matam o pai ou a mãe, chama contudo parricídio a todo homicídio, como sendo execrável um, e o outro impossível. Assim pareceu longamente que ele tinha razão de pensar que jamais tal maldade acontecesse, pois não se achou ninguém em Roma que cometesse tal crime no espaço de seiscentos anos; e o primeiro parricida foi Lúcio Óstio, depois da guerra de Aníbal. Mas já se falou bastante sobre o assunto.

XXXVI. Entrementes, no quinto ano do reino de Tácio, alguns de seus parentes e amigos encontraram incidentalmente em seu caminho alguns embaixadores vindos da cidade de Laurento a Roma, sobre os quais se precipitaram e trataram de lhes tirar o seu dinheiro; e, porque esses embaixadores não lhe quisessem entregar, antes se puseram em defesa, eles os mataram. Assim cometido esse vil delito, foi Rômulo avisado de que deviam imediatamente aplicar-lhes punição exemplar; mas Tácio a adiava, usando sempre de alguma desculpa, o que foi exclusivamente a causa de entrarem em dissensão aparente, pois até então se estavam comportando o mais honestamente possível um para com o outro, conduzindo e governando todas as coisas de comum acordo e consentimento. Mas os parentes daqueles que haviam sido mortos, vendo que não podiam obter justiça, por causa de Tácio, espiaram-no um dia em que ele sacrificava na cidade de Lavínio com Rômulo, e o mataram, sem nada pedir a Rômulo: antes o louvaram como príncipe direito e justiceiro. Rômulo fez transportar o corpo de Tácio e o inumou muito honrosamente no monte Aventino, perto do lugar que se chama agora Armilústrio{86}; mas, quanto ao resto, não deu mostra alguma de querer vingar-lhe a morte. Há historiadores que escrevem que os da cidade de Laurento, horrorizados com esse crime, entregaram-lhe os que o haviam cometido, mas que Rômulo os deixou ir embora, dizendo que um crime tinha sido justamente vingado por outro. Isso deu ocasião a que se dissesse e pensasse que ele ficara muito satisfeito por se ter livrado do companheiro; todavia, os Sabinos

não se impressionaram com isso nem se amotinaram, ao contrário, uns pela amizade que já lhe dedicavam, outros por lhe temerem o poder e outros porque o adoravam como a um deus, perseveraram em prestar-lhe sempre toda a honra e obediência.

XXXVII. Vários estrangeiros mesmo reverenciavam também a virtude de Rômulo, como entre outros, aqueles que então se chamavam os antigos Latinos, os quais lhe mandaram emissários e com ele trataram de fazer amizade e aliança. Ele tomou também a cidade de Fidena, que era muito vizinha de Roma; e dizem alguns que a ocupou de assalto, tendo enviado antes alguns homens a cavalo para romperem os gonzos que sustentavam as portas; e depois sobreveio com o remanescente do seu exército, antes que os da cidade o suspeitassem. Escrevem outros que os Fidenatas correram e foram os primeiros a devastar seu país até aos subúrbios de Roma, onde causaram grandes males, mas que Rômulo levantou-lhes emboscadas no caminho, quando regressavam, matando grande número deles; e assim tomou ainda sua cidade, a qual todavia não demoliu, antes fez dela uma colônia, isto é, cidade dependente de Roma, para ali enviando dois mil e quinhentos{87} burgueses que a habitassem. O que fez no dia treze do mês de abril, que os Romanos chamam de Idos. Algum tempo depois, surgiu em Roma uma peste tão violenta que os homens morriam subitamente, sem estarem doentes; a terra não produzia frutos, os animais não davam crias e choravam-se gotas de sangue{88} dentro da cidade; de tal maneira que, além dos males que é forçoso que os homens sintam em tais acidentes, ainda tinham eles um terror muito grande da ira e furor dos deuses. E, quando tal se viu acontecer aos habitantes da cidade de Laurento, então não houve aquele que não julgasse que era expressa vingança divina que perseguia e afligia essas duas cidades, pelo assassínio cometido na pessoa de Tácio, e semelhantemente nas pessoas dos embaixadores que tinham sido mortos, Porque os homicídios de uma parte e de outra foram justiçados e, feita a punição, os males evidentemente cessaram em uma cidade e outra. Rômulo purificou as cidades com alguns sacrifícios de purgação, que ainda hoje se fazem{89} junto à porta que se chama Ferentina.

XXXVÏÏÏ. Mas, antes que a pestilência cessasse, os de Camerino tinham vindo as saltar os Romanos e percorrido todo o seu país, estimando que eles não poderiam defendê-lo, por causa do inconveniente da peste que os atormentava. Todavia, Rômulo contra eles avançou incontinente com o seu exército e os derrotou em batalha, na qual{90} morreram seis mil homens; e, tendo-lhes tomado a cidade, dela transportou para Roma a metade dos habitantes que tinham sobrado do desbarato; depois, mandou vir de Roma duas vezes tanto o que montava o resto dos naturais Camerinos, para habitar com eles em Camerino, e foi isso feito no dia primeiro de agosto: tão grande era a multidão de habitantes em Roma, apenas dezesseis anos após haver ela sido edificada. Mas, entre outros despojos que ele ganhou, trouxe uma carreta de cobre a quatro cavalos, a qual mandou erigir no templo de Vulcano e pôr em cima{91} sua estátua cingida por Vitória com uma coroa de triunfo.

XXXIX. Tendo assim acrescido seu poder, os mais fracos dobravam-se debaixo dele e se contentavam de com ele viver em paz; mas os poderosos tinham medo e lhe invejavam o crescimento, estimando que não seria prudente deixá-lo assim crescer a olhos vistos e que era preciso logo impedir-lhe o crescimento e aparar-lhe as asas. Os primeiros Toscanos que para isso se esforçaram foram os Veienses, os quais dominavam um grande país e habitavam uma vasta e poderosa cidade; e, para lhe começarem a guerra, mandaram-no intimar a entregar-lhe a cidade de Fidena, como pertencente a eles; o que não somente era desarrazoado, mas também digno de sarcasmo, visto como, quando os Fiden atas se achavam em guerra e estavam em perigo, eles não os tinham socorrido; ao contrário, tinham tolerado a matança das pessoas, e depois vinham reclamar as terras quando outros a possuíam. Portanto, tendo-lhes Rômulo dado também uma resposta cheia de sarcasmo e de irrisão, eles dividiram seu exército em dois e enviaram uma parte contra os habitantes de Fidena e com a outra foram ao e ncontro de Rômulo. O que avançou contra a cidade de Fidena ganhou a batalha, ali matando dois mil Romanos; mas o outro foi também derrotado por Rômulo e ali morreram oito mil homens dos Veienses,

XL. Depois, tornaram a encontrar-se ainda outra vez perto da cidade de Fidena, onde houve batalha, na qual todos confessam que a principal façanha foi executada pela própria mão de Rômulo, o qual nesse dia mostrou ali toda a astúcia e ousadia que poderia existir num bom capitão e pareceu haver ultrapassado grandemente o ordinário dos homens em força corpórea e disposição pessoal; mas, não obstante o que a esse respeito dizem alguns, é bem difícil acreditá-lo, ou, para melhor dizer, inteiramente tora de crédito e de verossimilitude, pois escrevem que, tendo sido mortos nessa batalha catorze mil homens, mais da metade sucumbiu às próprias mãos de Rômulo, visto como todos estimam ser uma vã gabolice o que os Messenianos contam de Aristômenes{92}, que ele imolou aos deuses trezentas vítimas por tantos Lacedemônios que matara numa batalha. Tendo sido pois batido o exército adversário, deixou Rômulo fugir os que apressadamente puderam salvar-se e avançou diretamente contra a sua c idade; mas os que dentro dela se achavam, após haverem sofrido tão pesada perda, não esperaram o assalto, antes se adiantaram com humildes súplicas, pedindo-lhe paz e aliança, que lhes foi outorgada por cem anos, uma vez perdida como indenização boa parte de seu território, que se chama Septemagium{93}, quer dizer, a sétima parte, deixadas aos Romanos as salinas junto ao rio e entregues como reféns cinquenta dos principais entre eles. Rômulo triunfou ainda sobre eles no dia dos idos de outubro, “que é o décimo-quinto do mês, levando em triunfo vários prisione iros de guerra e, entre outros, o capitão-general dos Veienses, homem já ancião que loucamente se lançara à carga e mostrara com efeito ser menos experimentado nos negócios da guerra do que o requeria a sua idade. Daí vem que ainda hoje, quando se sacrifica aos deuses para render-lhes graças por alguma vitória, leva-se ao Capitólio, através da praça, um velho vestido com uma túnica de púrpura, com a baga chamada Bulla, que as criancinhas de boa casa trazem ao colo, e há um arauto que marcha depois, pondo em leilão os Sardos, porque se sustenta que os Toscanos se originaram dos Sardos{94}, e a cidade de Véios está situada no país da Toscana.

XLI. Essa guerra foi a última que teve Rômulo, após a qual não pôde evitar lhe acontecesse o que costuma acontecer a quase todos aqueles que, por extraordinários favores da fortuna, são elevados a alto estado e grande poder: pois, confiando na prosperidade de seus negócios, começou a tornar-se presunçoso e a ter mais gravidade do que costumava antes, saindo dos termos de príncipe cortês e acessível a toda a gente e desviando-se nas maneiras de fazer monarquia soberba e odiosa a cada um, primeiramente pelos hábitos e pelo porte e continência que tomou, pois trazia sempre um saio tinto de púrpura{95} e por cima uma longa túnica também de púrpura, e dava audiência sentado numa cadeira de costas inclinadas para trás, tendo sempre ao redor jovens que se chamavam Céleres, isto é, rápidos, pela grande prontidão e celeridade com que executavam suas ordens, e outros que marchavam diante dele empunhando bastões com que faziam retirar-se a multidão do povo e cingidos de correias com que ligavam e garroteavam incontinente os que ele mandava. Ora, os Latinos diziam antigamente ligare para ligar, mas agora dizem alligare, de onde vem que os ostiários e acólitos são chamados Lictores; todavia, parecer-me-ia verossímil dizer que houve acréscimo de um c e que antes se chamavam Litores sem c, porque são os mesmos a que os Gregos chamam Liturgos, isto é, oficiais públicos; e ainda hoje Leitos, ou Laos, em língua grega, significa o p ovo.

XLIL Mas, depois que seu avô Numitor faleceu na cidade de Alba, permitindo-lhe apoderar-se do reino, como a ele pertencente por direito de sucessão, ele transmitiu o governo à comuna, assim fazendo para ganhar a graça do povo; e todos os anos elegia um magistrado para legislar e administrar justiça aos Sabinos{96}. Isso ensinou os nobres de Roma a desejarem e procurarem um governo livre, que não estivesse sujeito ao querer de, um só rei e onde cada um mandasse e obedecesse por seu turno. Pois os que se nomeavam Patrícios nada manejavam, antes tinham somente o nome e o hábito honroso, e se reuniam em conselho mais para constar do que para se conhecer sua opinião; pois, quando estavam reunidos, precisavam escutar o comando e a ordenança do rei sem dizer palavra, e depois se retiravam, não tendo acima do povo miúdo outra vantagem além de serem os primeiros a saber o que se fazia; e ainda lhes ficavam todas as outras coisas menos graves, mas quando ele próprio, com

sua autoridade, distribuiu aos velhos soldados as terras conquistadas aos inimigos e entregou os reféns aos Veienses sem lhes falar sobre isso, era manifesto que fazia grande injúria ao Senado.

XLIII. Deu isso ocasião a que os senadores fossem depois suspeitos de o haverem feito morrer, quando poucos dias após, ele desapareceu tão estranhamente que jamais se soube o que lhe sucedeu, (o que foi no sétimo dia do mês que s e chama agora julho, que então se nomeava Quintilis), sem deixar aos Albinos, ao menos um vestígio para que se pudesse assegurar de sua morte, senão o tempo, tal como dissemos; pois naquele dia{97} se fazem ainda agora muitas coisas em comemoração do acidente que então lhe adveio, E é preciso não se maravilhar demasiado da incerteza de sua morte, visto como Cipião o Africano, tendo sido após o jantar encontrado morto em sua casa, jamais se soube verificar nem saber como morrera. Pois uns dizem que, sendo doentio por compleição, desfaleceu e morreu subitamente; dizem outros que se fez morrer ele próprio com veneno; outros cuidam que os inimigos entraram secretamente à noite em sua casa e o sufocaram no leito: todavia, ao menos se achou seu corpo bem estendido, que cada um pôde considerar à vontade, para ver se lhe encontraria algum indício pelo qual se pudesse conjecturar a maneira como teria morrido. Mas Rômulo tendo desaparecido subitamente, não se achou nem parte nenhuma de seu corpo, nem peça nenhuma de suas roupas, E, no entanto, têm alguns estimado que os senadores se precipitaram juntos sobre ele dentro do templo de Vulcano e, após o haverem posto em pedaços, cada qual levou um dentro da dobra da própria túnica.

XLIV. Pensam outros que essa desaparição não ocorreu dentro do templo de Vulcano, nem na presença dos senadores somente: antes dizem que Rômulo, àquela hora, estava fora da cidade, perto do lugar chamado Brejo da Cabra, onde pregava ao povo, e que de súbito o tempo mudou e se moveu o ar tão horrivelmente que não se poderia exprimi-lo nem crê-lo; pois primeiramente o sol perdeu inteiramente a luz, como se fosse noite inteiramente negra; e as trevas não foram doces nem tranquilas, antes houve trovões horríveis, ventos impetuosos e borrascas de todos os lados, que fizeram fugir o poviléu e o afastaram aqui e acolá, enquanto os senadores se abrigavam juntos. Depois, quando a tempestade passou, o dia ficou de novo claro e o céu sereno como antes, o p ovo tornou a reunir-se e pôs-se a procurar o rei e a perguntar o que lhe acontecera, mas os senhores não quiseram que eles inquirissem mais, antes os admoestaram a honrá-lo e reverenciá-lo como aquele que fora roubado ao céu e que, daí por diante, em lugar de bom rei, lhes seria deus propício e favorável. O poviléu, em sua maior parte, deu-se por pago e se regozijou de todo com ouvir essas notícias, passando de coração a adorar Rômulo com boa esperança; mas houve alguns que, investigando áspera e acremente a verdade do fato, muito perturbaram os patrícios, exigindo-lhes que absolvessem a rude multidão de vãs e loucas persuasões, por isso que eles mesmos com suas próprias mãos é que haviam assassinado o rei.

XLV. Estando pois as coisas nessa perturbação, dizem que houve um dos mais nobres patrícios, Júlio Próculo, muito estimado como homem de bem e que havia sido grande amigo familiar de Rômulo, tendo vindo da cidade de Alba com ele, que se apresentou na praça a todo o povo e afirmou, pelos maiores e mais santos juramentos que se poderiam fazer, que encontrara Rômulo em seu caminho, maior o mais belo do que jamais o vira, vestido de branco com armaduras claras e luzentes como fogo, e que, aterrorizado por vê-lo em tal estado, lhe perguntara: «Majestade, por que crime nosso e com que intenção nos deixaste expostos às falsas calúnias imputações iníquas que nos to rnaram suspeitos por tua partida? e por que abandonaste tua cidade toda em luto infinito?» Ao que Rômulo lhe respondem «Próculo aprouve aos deuses, dos quais eu viera, que eu ficasse entre os homens tanto tempo quanto e que, após haver construído uma cidade, que cm glória e em grandeza de império será um dia a primeira do mundo, voltasse a morar, como antes, no céu. Portanto, faze boa cara e dize aos Romano-, que, exercendo proeza e temperança, atingirão o cimo da potência humana; e, quanto a mim, eu serei doravante vosso deus protetor e patrono, que chamareis de Quirino. » Essas palavras pareceram criveis aos Romanos, tanto pelos costumes daquele

que as dizia como pelo grande juramento que fizera, mas; ainda houve não sei que emoção celeste, semelhante a uma inspiração divina, que a isso ajudou: pois ninguém o contradisse, ao contrário, foram esquecidas as suspeitas e calúnias e cada qual se pôs a invocar, suplicar e adorar Quirino.

XLVI. Esses discursos certamente se parecem muito com o que os Gregos contam de Arísteas de Proconeso e de Cleômedes de Astipaléia: pois dizem que Arísteas morreu na oficina de um pisoeiro e que os amigos vieram para levar-lhe o corpo, mas não se soube o que lhe aconteceu e, naquela mesma hora, houve algumas pessoas voltando dos campos que afirmaram havê-lo encontrado e ter falado com ele, que estava a caminho da cidade de Crotona. Dizem também que Cleômedes foi homem de tamanho e força fora do natural, mas além disso irascível e insensato: pois, após haver feito várias outras violências, finalmente entrou um dia numa escola cheia de crianças, cuja cumeeira era sustentada por um pilar, e deu com a mão contra o pilar tão grande golpe que o rompeu pelo meio, de tal maneira que toda a cobertura caiu, esmagou e matou todas as crianças. Correram incontinente atrás dele para o prenderem, mas ele se atirou dentro de um grande cofre, que fechou sobre si e segurou a tampa por dentro tão firme que vários juntos, tendo-se esforçado para abri-lo, absolutamente nada puderam fazer; razão por que romperam todo o cofre, mas, quando este ficou em pedaços, não encontraram o homem dentro, nem vivo nem morto; com o que ficaram muito espantados e se dirigiram a Apoio Pítico, cuja profetisa lhes respondeu este verseto:

Dos semideuses o último, Cleômedes.

XLVII. Diz-se também que o corpo de Alcmena desapareceu quando o levavam para a sepultura e que, em seu lugar, encontraram uma pedra dentro do leito. Em suma, contam os homens várias outras maravilhas tais, onde não há aparência nenhuma de verdade, querendo deificar a natureza humana e associá-la com os deuses. É bem verdade que seria vil e mau reprovar e negar a divindade da virtude; mas também querer misturar a terra com o céu seria grande tolice. Portanto, é preciso deixar aí tais fábulas, sendo coisa bem segura o que diz Píndaro:

O corpo morre, certamente:

Viva fica a alma, tão-somente,

Como sinal da eternidade.

Pois veio do céu e para lá retorna, não com o corpo, mas antes quando, mais distanciada e separada do corpo, está nítida e santa, nada mais possuindo da carne. É o que desejava dizer o filósofo Heráclito, quando afirmava que a{98} luz seca é a melhor alma, que se evola fora do corpo, nem mais nem menos que o raio fora da nuvem; mas aquela que se destempera com o corpo, cheia de paixões corporais, é como um vapor grosseiro, pesado e tenebroso, que não se pode inflamar nem elevar. Portanto, não há necessidade de querer, contra a natureza, enviar ao céu os corpos dos homens virtuosos, juntamente com as almas; mas é preciso estimar e crer firmemente que suas virtudes e suas almas, segundo a natureza e segundo a justiça divina, os tornam, de homens, santos; e de santos, semideuses; e de semideuses, após terem sido notificados e purificados perfeitamente, como nos sacrifícios de purgação, estando livres de toda possibilidade e de toda mortalidade, tornam-se, não por nenhuma ordenança civil, mas em verdade e segundo razão verossímil, deuses completos e perfeitos, recebendo um fim muito feliz e muito glorioso.

XLVIII. Em suma, quanto ao sobrenome de Rômulo, que depois foi chamado Quirino, dizem uns que significa tanto como belicoso; outros sustentam que foi assim chamado porque os próprios Romanos se chamaram Quirites. Escrevem outros que os antigos davam à ponta de um dardo ou ao próprio dardo o nome de Quiris: em razão do que a estátua de Juno sobrenomeada Quirítide estava assentada sobre um ferro de lança, e a lança consagrada ao palácio real se chamava Mars; e, mais, que àqueles que numa batalha cumprem bem o dever era costume honrar dando-lhes uma lança ou um dardo; e que, por essas razões, Rômulo foi sobrenomeado Quirino, como quem dissesse deus das armas e das batalhas. Edificaram-lhe depois um templo no monte que, por isso, se denomina Quirinalis; e o dia em que desapareceu se chama a Fuga do povo{99}, ou de outro modo as Nonas Capratinas, porque se vai nesse dia fora da cidade sacrificar no lugar chamado Brejo da Cabra; e os Romanos chamam à cabra Capra e, indo ali, se acostumaram a chamar com altos gritos vários nomes romanos, como Marco, Cneu, Gaio, em lembrança da fuga que houve então e do modo por que entre si se chamaram uns aos outros, fugindo com grande pavor e em grande confusão.

XLIX. Todavia, dizem outros que isso não se faz para representação de fuga, mas de pressa e diligência, relacionando-o à seguinte história: depois que os Gauleses tomaram Roma e foram dali expulsos por Camilo, a cidade ficou tão debilitada que mal podia convalescer e manter-se de pé: razão por que vários povos se aliaram e, com grande e poderoso exército, foram atacar os Romanos, tendo por capitão Lívio Postúmio, o qual foi acampar o mais perto possível da cidade de Roma e mandou, por uma trombeta, fazer saber aos Romanos que os Latinos queriam, por novos casamentos, renovar e refrescar a antiga aliança e parentesco existente entre eles, porque já começava a enfraquecer; e, portanto, se os Romanos quisessem enviar-lhes algum número de suas filhas casadouras ou de suas jovens mulheres, viúvas, teriam paz e amizade com ele, como por esse meio tiveram outrora com os Sabinos.

Os Romanos, ouvidas tais notícias, ficaram bastante desgostosos, estimando que entregar assim suas mulheres não seria outra coisa senão render-se e submeter-se à mercê dos inimigos; mas, quando estavam ness a perplexidade, uma serva chamada Filótis, ou, como outros lhe chamam, Tutola aconselhou-os a não fazerem nem uma coisa nem outra, antes usassem de um ardil mediante o qual escapariam ao perigo da guerra e não ficariam empenhados nem obrigados por meio de reféns. Consistia o ardil em que ela, enviada com certo número de outras escravas, as mais belas, enfeitadas como burguesas e filhas de boa casa, à noite lhes levantaria no ar um archote alumiado, a cujo sinal eles viriam armados atacar os inimigos, quando estes estivessem dormindo» O que foi feito. Os Latinos cuidaram fossem verdadeiramente as filhas dos Romanos; e Filótis não deixou, à noite, de lhes erguer no ar e lhes mostrar um archote ardente de cima de uma figueira selvagem, estendendo atrás alguns tapetes e coberturas, a fim de que os inimigos não pudessem ver-lhes a luz e ao contrário, os Romanos a vissem mais claramente. Logo, pois, que o perceberam, saíram com diligência, chamando-se entre si várias vezes uns aos outros por seus nomes, ao passarem as portas da cidade, pela grande pressa que tinham, e foram surpreender os inimigos de improviso, derrotando-os: em memória da qual derrota, solenizam ainda essa festa a que chamam Nonas Capratinas, por causa da figueira selvagem que em latim se chama Caprificus, e festejam as damas fora da cidade, sob ramadas feitas com galhos de figueira; e as servas procuram, andando de um lado para outro, e brincam juntas, depois se batem entre si e atiram pedras umas às outras, assim como quando socorreram os Romanos que combatiam; mas poucos historiadores aprovam esse relato. E, por estar esclarecido que eles chamam assim os nomes uns dos outros e que vão ao lugar que se denomina Brejo da Cabra como a um sacrifício, isso parece convir melhor à primeira história, não sendo por acaso que os dois episódios ocorreram em diversos anos no mesmo dia. Em suma, diz-se que Rômulo desapareceu dentre os homens com a idade de cinquenta e quatro anos, no trigésimo-oitavo de seu reino.{100}

A COMPARAÇÃO DE TESEU COM RÔMULO

É o que pudemos recolher, digno de memória, dos feitos de Rômulo e Teseu; mas, para vir a compará-los um ao outro, parece primeiramente que Teseu, de sua própria vontade, sem constrangimento de ninguém, podendo reinar fora de temor na cidade de Trezena é suceder a seu avô em um estado não pequeno, preferiu e procurou os meios de fazer grandes coisas, e que Rômulo, ao contrário, para livrar-se da servidão que o premia e escapar à punição que o ameaçava, mostrou-se certamente, como diz Platão, ousado de medo e, por temor de sofrer a pena extrema, foi constrangido, quisesse' ou não, a lançar-se à aventura de fazer grandes coisas. E, depois, sua maior façanha foi ter matado um único tirano da cidade de Alba, onde Teseu, só de passagem quando, se preparava para maiores empresas, derrotou Círon, Sínis, Procrustes, Corinete e, punindo-os tirando-os deste mundo, livrou a Grécia de crudelíssimos tiranos, antes que aqueles que livrava conhecessem quem ele era. Ademais, pôde fazer sua viagem sem se atormentar nem se pôr em perigo, seguindo por mar, mesmo porque esses bandidos não lhe haviam feito mal algum; ao passo que Rômulo não podia ficar em segurança enquanto Amúlio vivesse: em confirmação do que se pode alegar que Teseu, não sendo provocado por nenhuma ofensa particular feita contra ele, atacou e fez a guerra aos maus; e, ao contrário, Remo e Rômulo, enquanto o tirano não os ofendeu particularmente, deixaram-no oprimir e ultrajar todos os outros. E, se forem julgados atos memoráveis que Rômulo tenha sido ferido em combate contra os Sabinos, tenha abatido Ácron com sua própria mão, tenha vencido e subjugado muitos inimigos, também se pode contrapor, da parte de Teseu, a batalha dos Centauros e a guerra das Amazonas.

II. Mas o que Teseu ousou empreender no tocante ao pagamento do tributo devido ao rei de Cândia, para ali se dirigindo francamente com os outros jovens rapazes e raparigas de Atenas, apresentando-se voluntariamente ao perigo de ser devorado por um cruel animal ou de ser imolado sobre a sepultura de Andrógeo, ou de servir em vil e desonesto cativeiro a homens ultrajosos e inimigos, que é o menor mal que a esse respeito se acha escrito, foi um ato de tão grande proeza, magnanimidade, justiça, desejo de glória e, em suma, de virtude tão completa, que não é possível exprimi-lo devidamente. Assim me parece que os filósofos não definiram mal o amor, quando disseram que é como uma intromissão de deuses desejosos de salvar e guardar algumas jovens pessoas. Pois o amor de Ariadne foi, em meu aviso, obra de algum deus e um meio expressamente preparado para a salvação de Teseu; e, portanto, é preciso não censurar nem repreender a amante, mas antes admirar que todo o resto dos homens e das mulheres não se lhe afeiçoasse do mesmo modo. E, se ela somente sentiu-se apaixonada com seu amor, eu digo e não sem grande verossimilitude, que mereceu também ser depois amada por um deus, como aquela que por natureza amava o bem e a virtude, dedicando afeição aos homens de singular valor.

III. Mas, dotados ambos de natureza própria para comandar e governar, nem um nem outro conservou as maneiras de agir de um verdadeiro rei, antes delas se afastaram ambos, um transform ando-se em homem popular e o outro em tirano: de modo que, por diversas paixões, caíram os dois no mesmo inconveniente e erro. Pois é preciso que um príncipe, diante de todas as coisas, conserve seu estado, o qual se conserva não menos não fazendo nada que não lhe assente bem do que fazendo tudo o que lhe é bem conveniente; mas aquele que se enrijece ou se afrouxa mais ou menos do que deve, não mais continua rei nem príncipe, antes se torna ou popular adulador ou amo soberbo, fazendo que os súbditos o desprezem ou odeiem; todavia, parece que um seja erro de demasiada grande bondade e humanidade, o outro de arrogância e orgulho. E, se não é razoável atribuir inteiramente à fortuna todas as desgraças que advêm aos homens, antes é preciso nestes procurar e considerar a diferença de paixões e de costumes, não se poderia absolver um nem sustentar que ele não tenha sido movido por fúria desarrazoada demais e por ira demasiado precipitada, naquilo que cometeu na pessoa de seu irmão, nem o outro, na pessoa de seu filho; todavia, a causa que lhes excitou a cólera escusa mais aquele que por motivo maior, como por golpe mais violento, foi

derrubado; pois, se a má disposição de Rômulo contra o irmão foi precedida de madura deliberação pelo bem e utilidade pública, ninguém cuida que seu julgamento se tivesse assim subitamente deixado transportar a tão violenta cólera; ao passo que Teseu, ao contrário, delinquiu contra o Filho, comovido por paixões que poucos homens jamais puderam evitar, a saber, amor, ciúmes e falso testemunho de sua mulher. E, mais, a fúria de Rômulo passou além e se efetivou, com desfecho bastante calamitoso; e a ira de Teseu não procedeu senão até às palavras injuriosas e às maldições de velhice irritada; porque parece que o que aconteceu além disso a seu filho lhe adveio antes por acidente do que de outro modo. Eis os pontos que se poderiam alegar em favor de Teseu.

IV. Mas, quanto a Rômulo, tem de grande em primeiro lugar que o seu começo foi muito pequeno; pois, seu irmão e ele sendo estimados servos e reputados filhos de porqueiros, antes de serem ambos livres, libertaram, por assim dizer, quase todos os Latinos, adquirindo de golpe e ao mesmo tempo vários títulos de grande glória, opressores de inimigos, salvadores de parentes, reis de nações, fundadores de cidades novas e não removedores das antigas, como Teseu, que de várias habitações compôs uma só demolindo e arruinando várias que traziam os nomes dos antigos reis, príncipes e semideuses da Ática: o que todavia Rômulo fez também depois, constrangendo aqueles que tinha vencido a destruir suas casas para irem habitar com os vencedores; mas não removeu nem aumentou uma cidade que antes dele tivesse existido, antes edificou uma inteiramente de novo, adquirindo tudo, terra, país, reino, alianças, casamentos, sem perder nem matar ninguém, pelo contrário, fazendo muito bem a muitos pobres vagabundos que não tinham nem país, nem terras, nem casas e não pediam outra coisa senão que fizessem deles um povo e os tornassem burgueses de alguma cidade; e assim não se divertiu em perseguir bandidos e ladrões, antes conquistou pela força das armas vários povos poderosos, tomou cidades e triunfou de príncipes e reis que derrotara em batalha. E, quanto ao assassínio de Remo, não se sabe certamente quem o matou, e a maior parte dos autores acusa disso a outros que não ele; mas é coisa certa que ele livrou sua mãe de morte evidente e restabeleceu seu avô no trono real de Enéias, que antes era constrangido a servir e obedecer vilmente, sem honra nem dignidade nenhuma, e, tendo-lhe prestado cientemente vários bons serviços, jamais lhe causou um só desgosto, nem mesmo por ignorância.

V. E, em contraposição, eu penso que o esquecimento ou despreocupação de Teseu, ao deixar em retorno de mandar estender a vela branca, não poderia ser justificado nem lavado do crime de parricídio por uma longa arenga feita em sua defesa, embora diante de juízes demasiado moles e favoráveis, por meio da qual certo Ateniense, vendo ser demasiado difícil escusar e defender tão pesada falta, imaginou que o bom homem Egeu, tendo notícias de que o navio do filho se aproximava, acorreu com grande pressa ao castelo para de longe o ver chegar e, correndo, chocou com alguma coisa que o fez cair, como se não houvesse um de seus homens em torno dele e, ao vê-lo assim apressadamente na direção do mar, ninguém o tivesse acompanhado nem seguido.

VI. Ademais, quanto às faltas que ambos cometeram raptando mulheres, as de Teseu não têm nenhuma cobertura nem cor honesta: primeiramente, porque o fez por várias vezes, pois raptou Ariadne, Antíope, Anaxo de Trezena, e depois todas, estando já idoso, e, tendo passado os próprios anos a fazer núpcias, embora legítimas, raptou Helena, que não estava ainda em idade de se casar, tão jovem era; e, secundariamente, porque as filhas dos Trezenianos e dos Lacedemônios, nem as Amazonas, além de não serem legitimamente suas noivas, não eram tais que devessem ser preferidas, para delas ter linhagem, àquelas que em Atenas descendiam das raças de Erecteu e Cécrope, o que dá ocasião de suspeitar-se que ele assim procedeu antes por concupiscência e desordenado apetite do que por outro motivo.

VII. Ao contrário, Rômulo, tendo primeiro raptado oitocentas, ou aproximadamente isso, não

as reteve todas para si, antes tomou uma somente, Hersília, assim como se diz e distribuiu as outras aos demais homens de bem entre os seus concidadãos; e depois, pela honra, amizade e bom tratamento de que fez usar para com elas, converteu aquela força e violento rapto em ato de muita beleza e prudência, o qual uniu e aliou as duas nações, conjuntamente; e foi essa a fonte da mútua benevolência que depois existiu entre os dois povos, e, por conseguinte, o fundamento da pujança que se lhe seguiu. Em suma, o tempo foi bom testemunho do amor, reverência, constância e firmeza conjugal que ele estabeleceu, nos casamentos de então, entre marido e mulher{101}: pois, no espaço de duzentos e trinta anos depois, jamais houve homem que ousasse deixar a mulher, nem mulher o marido; antes, assim como entre os Gregos os mais sábios e mais curiosos da antiguidade sabem como se chamava aquele que primeiro matou seu pai ou sua mãe, também todos os Romanos sabem quem foi aquele que primeiro repudiou sua mulher. Foi um chamado Espúrio Carvílio, porque ela não tinha filhos. E, em testemunho de tão longo tempo, também concordam os efeitos, pois o reino foi comum entre os dois reis e todos os direitos da coisa pública igualmente comunicados entre as duas nações, por aliança provinda desse rapto.

VIII. E, ao contrário, os Atenienses não adquiriram amizade nem aliança com pessoa nenhuma pelas núpcias de Teseu, mas antes guerra, inimizades e assassínios de seus concidadãos, com a perda finalmente da cidade de Afidnas; ainda com grande dificuldade e por mercê de seus inimigos, que adoraram e reclamaram como deuses, escaparam ao perigo de sofrer por ele o que os Troianos sofreram depois, em virtude da mesma causa, por Alexandre Páris. Tanto ao menos quanto sua mãe não somente esteve por isso em perigo, mas sofreu realmente e de fato o mesmo cativeiro mais tarde imposto a Hécuba, tendo sido largada e abandonada pelo filho, se porventura o que se lê da tomada de Etra não é coisa inventada, como seria necessário para a memória de Teseu, que isso e várias outras coisas o fossem.

IX. Pois mesmo o que se conta da divindade põe grande diferença entre eles, porque Rômulo em sua natividade foi preservado por singular favor dos deuses; e, ao contrário, o oráculo respondido a Egeu, que não tocasse em mulher de país estrangeiro, parece fazer fé quanto a ter sido Teseu engendrado contra a vontade divina.

Licurgo

SUMÁRIO DA VIDA DE LICURGO

I. Diversidade de opiniões sobre o tempo em que Licurgo viveu. II. Sua origem. III. Sobe ao trono da Lacedemônia e em seguida torna-se tutor do rei Carilau, seu sobrinho. IV. Viagens. VII. Regresso. VIII. Vai a Delfos. IX. Leis que dá à Lacedemônia. Criação do Senado. XI. Autoridade dos éforos. XII. Partilha das terras. XIII. Abolição da moeda de ouro e de prata. Estabelecimento da moeda de ferro. XV. Ordenança das refeições públicas. Descontentamento dos ricos sobre essa ordenança. XVI. Alcandro fura a Licurgo um olho e se torna seu amigo. XVII. Leis e vantagens das refeições públicas. XXIII. Regulamento para as construções. XXIV. Ordenança militar. XXV. Casamentos das mulheres, educação das filhas. XXXII. Educação dos moços. XXXIX. Réplicas prontas e vivas dos Lacedemônios e de Licurgo. XLIII. Divertimentos, canções. XLV. Música. XLVL Ornamentação nos dias de batalha. LI. Vida militar. LII. Exclusão das artes mecânicas, que são abandonadas aos Hilotas. LIII. Nenhum processo. Regozijos contínuos. LIV. O deus Riso reverenciado por Licurgo. LV. Leis para a eleição dos senadores- LVI. Regulamentos para os funerais, para o luto. LVII. Para as viagens a países estrangeiros e para os estrangeiros. LVIII. Observação sobre as leis de Licurgo. LX. Faz os Lacedemônios jurarem a observação e parte para Delfos LXI. Suas leis estão em vigor durante cinco séculos. LXII. Corrupção das leis, desde que o rei Agis introduziu o ouro e a prata. LXIII. Vantagens das leis lacedemônias. LXVI. Honras divinas prestadas a Licurgo após sua morte.

Cerca do ano 884 antes de Jesus Cristo.

Nada absolutamente se poderia dizer de Licurgo, que estabeleceu as leis dos Lacedemônios, em que não haja sempre alguma diversidade entre os historiadores, pois que, tanto de sua raça e do seu afastamento do país, como de sua morte e mesmo das leis e da forma de governo que instituiu, quase todos escreveram diferentemente. Mas, menos ainda do que em qualquer outra coisa se acordam eles sobre o tempo no qual viveu: porque uns, entre os quais o filósofo Aristóteles, querem que ele tenha sido do tempo de ífito e que este o tenha ajudado a ordenar a suspensão de armas que se guarda durante a festa dos jogos olímpicos: em testemunho do que alegam a placa de cobre{102} lançada nos ditos jogos, sobre a qual está ainda hoje gravado o nome de Licurgo. Ao contrário, os que contam os tempos pela sucessão dos reis da Lacedemônia, como fazem Eratóstenes e Apolodoro, o colocam muitos anos antes da primeira olimpíada{103}; e Timeu suspeita que haja dois desse nome em diversos tempos, mas que, tendo sido um mais renomeado do que o outro, atribuíram-lhe os feitos de ambos, e que o mais antigo não tenha existido muito tempo depois de Homero; e ainda há os que querem dizer que ele o viu. Xenofonte mesmo nos dá bem que pensar seja ele muito antigo, quando diz que foi do tempo dos Heráclidas, isto é, dos próximos descendentes de Hércules; pois não é verossímil que tenha querido referir-se indiferentemente aos descendentes de Hércules, porque os últimos reis de Esparta foram tanto de sua raça quanto os primeiros; assim, deve ter-se referido àqueles que foram, sem interregno, do tempo mesmo de Hércules. Todavia, ainda que haja tanta diversidade entre os historiadores, não deixaremos por isso de recolher e pôr por escrito o que sobre ele se acha nas antigas histórias, elege ndo as coisas em que houver menos contradição ou que tiverem mais graves e mais aprovados testemunhos.

I. Pois logo de início o poeta Simônides diz que seu pai foi chamado Prítanis, não Êunomo; e a maior parte escreve de outro modo a genealogia tanto do próprio Licurgo como de Êunomo, dizendo que Pátrocles, filho de Aristodemo, gerou Sous, de Sous nasceu Euritião, do qual Prítanis foi filho, de Prítanis nasceu Êunomo, de Êunomo Polidectes, que ele teve de sua primeira mulher, e de sua segunda, cujo nome era Dianasse, nasceu Licurgo; "todavia," Eutíquides, que é outro historiador, o põe sexto em uma linha direta após Poíidectes e undécimo após Hércules. Mas, entre todos os seus antepassados, o mais famoso foi Sous, do tempo em que os da cidade de Esparta subjugaram os Hilotas, que fizeram escravos, e aumentaram e alargaram várias terras que conquistaram aos Árcades. E dizem que, estando ele próprio um dia muito estreitamente assediado pelos Clitórios, em lugar áspero onde não havia água, mandou oferecer-lhes a entrega de todas as terras que conquistassem, desde que ele e toda a sua companhia bebessem numa fonte assaz próxima dali. Os Clitórios concordaram e o acordo foi assim jurado entre eles. Fez pois reunir seus homens e declarou-lhes que, se houvesse algum deles que quisesse abster-se de beber, ele lhe cederia e daria a realeza: não houve em toda a tropa quem pudesse deixar de fazê-lo de tal maneira estavam premidos pela sede; antes beberam todos cientemente, exceto ele, que foi o último a descer e não fez outra coisa senão apenas refrescar-se e molhar-se um pouco por fora, em presença dos próprios inimigos, sem beber sequer uma gota: de modo que não quis depois entregar as terras, como prometera, alegando que nem todos tinham bebido.

II. Mas, ainda que por seus feitos tenha sido muito estimado, o fato é que sua casa não foi chamada por seu nome, antes pelo de seu filho Euritião, pois era denominada a casa dos Euritiônides: o que se explica por haver sido seu filho Euritião o, primeiro que desejando agradar e contentar o povo, relaxou um pouco o duro e absoluto poder dos reis. Essa indulgência deu mais tarde origem a uma desordem e grande dissolução, que durou longamente na cidade de Esparta, porquanto o povo, sentindo a rédea frouxa, tornou-se audacioso; e, por isso, alguns dos reis sucessores foram odiados de morte, por haverem querido manter à força a antiga autoridade sobre o povo; os outros, para ganharem as boas graças da plebe, ou porque não se sentissem bastante fortes, foram constrangidos a dissimular. O que de tal modo aumentou a audácia e a insolência do povo que o próprio pai de Licurgo, que era rei, foi morto em consequência: pois, querendo um dia apartar alguns que se engalfinhavam, recebeu um golpe de faca de cozinha, do que morreu, deixando o reino ao

filho primogénito, Polidectes, o qual morreu logo depois sem h erdeiros; de maneira que todos estimavam que Licurgo devia ser rei, como também o foi, até que se conheceu que a mulher de seu irmão tinha ficado grávida: logo que ele o percebeu, declarou que o reino pertencia ao filho que nascesse, se fosse homem; e depois administrou o reino como tutor do rei somente. Os Lacedemônios chamam Pródicos aos tutores de seus réis que ficam órfãos em tenra idade. Mas a viúva de seu irmão mandou dizer-lhe que, se ele prometesse desposá-la quando fosse rei, ela trataria de abortar para perder o fruto que tinha no ventre. Licurgo ficou horrorizado com a perversidade e má índole dessa mulher, mas não rejeitou em palavras a oferta que lhe fazia, fingindo mesmo que ficara satisfeito e a aceitava; mas lhe mandou dizer que não era necessário, por meio de beberagens ou medicinas, desimpedir-se antes do tempo, porque, assim procedendo, poderia prejudicar e pôr em perigo a si mesma, mas era preciso somente ter paciência até dar à luz: pois então ele encontraria meio de se desfazer da criança que nascesse.

III. Assim entreteve com tal linguagem aquela mulher, até ao tempo do parto, e, logo que percebeu que ela estava prestes a dar à luz, enviou guardas para assistirem ao transe, aos quais recomendou que, se nascesse uma filha, a deixassem entre as mãos das mulheres, e, se fosse filho, o levassem incontinente a qualquer lugar onde ele se encontrasse e fosse qual fosse o negócio que tivesse. Assim aconteceu que ela deu à luz um filho, mais ou menos à hora do jantar, quando ele estava à mesa com os, oficiais da cidade, e entraram seus servidores na sala e lhe apresentaram o menino, que ele tomou nos braços, dizendo aos assistentes: «Eis um rei que nos acaba de nascer, senhores Espartanos. » Dizendo essas palavras, deitou-o no lugar do rei e deu-lhe o nome de Carilau, que equivale a dizer alegria do povo, porque viu todos os assistentes muito alegres, louvando e abençoando sua magnânima probidade e justiça. Dessa forma, embora não tendo sido rei senão durante somente oito meses ao todo, era tão reverenciado c estimado como homem de bem pelos cidadãos que havia mais os que lhe obedeciam voluntariamente por sua virtude do que porque ele fosse tutor do. rei, e não porque tivesse autoridade real nas mãos; todavia, alguns havia que o invejavam e tratavam de impedir-lhe o crescimento quando era jovem, mesmo os parentes, amigos e aliados da mãe do rei, a qual estimavam ter sido desprezada e desonrada por ele; de maneira que um irmão dela, chamado; Leônidas, entrando um dia audaciosamente a proferir grosseiras palavras contra ele, não hesitou em lhe dizer: «Bem sei que por um destes dias serás com certeza rei», querendo torná-lo suspeito e preveni-lo por essa caluniosa presunção, a fim de que, se acaso o pequeno rei viesse a falecer em idade pupilar, acreditassem que ele o tinha feito morrer secretamente. A própria mãe ia também espalhando semelhantes rumores, os quais por fim o desgostaram tanto, com o medo que o dominava pela incerteza do futuro, que resolveu abandonar o país, para evitar com sua ausência a suspeita que pudessem ter sobre ele; e assim foi errando pelo mundo, até que o sobrinho gerou um filho que o sucederia no reino.

IV. Tendo pois partido com tal intenção, dirigiu-se primeiramente a Cândia, onde observou e considerou diligentemente a forma de viver e governar a coisa pública que era ali seguida, visitando e conferenciando com os homens de bem e mais conceituados do lugar. Assim encontrou algumas leis que lhe pareceram boas e delas fez um extrato, com a deliberação de levá-las para seu país e delas servir-se no futuro; também achou outra de que não fez conta. Ora havia entre outros um personagem considerado prudente e muito entendido em matéria de estado e de governo, e se chamava Tales{104}: ao qual Licurgo fez tantas súplicas, também pela amizade contraída com ele, que o persuadiu a seguir para Esparta. Esse Tales tinha fama de ser poeta lírico e dessa arte usava o título; mas, de fato, ele fazia tudo o que poderiam fazer os melhores e mais suficientes governadores e reformadores do mundo, pois todos os seus trabalhos eram belas canções nas quais pregava e admoestava o povo a viver sob a obediência das íeis, em união e concórdia uns com os outros, sendo as palavras acompanhadas de cantos, gestos e acentos plenos de doçura e gravidade, que secretamente edulcoravam os corações endurecidos dos ouvintes e os induziam a amar as coisas honestas, desviando-os das sedições, inimizades e divisões então reinantes; de tal maneira que se pode dizer ter sido ele quem preparou para Licurgo a via pela qual este mais tarde conduziu e encaminhou os Lacedemõnios à razão.

V. Ao partir de Cândia, seguiu para a Ásia, querendo, como dizem, pela comparação da maneira de viver e da polícia dos Candíotas (então austera e estreita) com as superfluidades e delícias Jônicas, considerar a diferença que havia entre os respectivos costumes e governos: nem mais nem menos que um médico que, para melhor conhecer os corpos sãos e nítidos, os comparasse aos gastos e tarados. É verossímil que ali tenha ele visto pela primeira vez a poesia de Homero entre as mãos dos herdeiros e sucessores de Cleófilo{105}; e, achando nela o fruto da instrução política, não menor que o prazer da ficção poética, copiou-a diligentemente e reuniu-a num corpo para levá-la à Grécia. Verdade é que havia já alguma notícia da poesia de Homero entre os Gregos, mas era muito pouco: alguns particulares, aqui e acolá, possuíam dela peças descosidas, sem ordem nem sequência alguma e foi Licurgo quem mais a fez vir à luz nas mãos dos homens.

VI. Dizem os Egípcios que ele esteve também em seu país e que, tendo achado entre outras ordenanças aquela, singular, de que os homens de guerra são ali em tudo e por tudo separados do resto do povo, transportou-a para Esparta, onde, pondo à parte os mercadores, artesãos e gente de ofício, estabeleceu uma coisa pública verdadeiramente nobre, nítida e gentil. Os historiadores do Egito, e ainda alguns Gregos, assim o dizem. Mas, quanto ao mais, que ele tenha estado na África e na Espanha, e até nas índias, para ali ter comunicação com os sábios do país que se chamam ginosofistas, eu não sei de ninguém que o tenha escrito, senão Aristóteles, filho de Hiparco{106}.

VII. Mas os Lacedemônios o lamentaram muito quando partiu e, por várias vezes, mandaram pedir que voltasse, estimando que seus reis não tinham senão a honra e o nome de reis tão-somente, sem outra qualidade que o fizesse aparecer acima do popular comum; e que ele, ao contrário, nascerá para comandar, tendo por natureza a graça e a eficácia de atrair os homens a voluntariamente lhe obedecerem; e os próprios reis não se desgostavam com sua volta, porque esperavam que sua presença refreasse e contivesse um pouco o povo, que não seria tão insolente para com eles. Eis porque, reportando-se a essa opinião e afeição de cada um para com ele, logo que chegou, pôs-se a remodelar todo o governo da coisa pública e mudar inteiramente toda a polícia, estimando que fazer somente algumas leis é ordenanças particulares não serviria de nada, do mesmo modo que a um corpo inteiramente gasto e cheio de toda sorte de moléstias, nada aproveitaria prescrever-se alguma ligeira medicina que não lhe desse ordem de purgar, resolver e consumir primeiramente lodos os maus humores, para depois lhe dar nova forma e regra de vida.

VIII. Te ndo pois tomado essa resolução em seu entendimento, seguiu antes de toda obra para a cidade de Delfos, onde, após haver sacrificado a Apolo, perguntou-lhe dos seus negócios e obteve aquele tão renomeado oráculo pelo qual a profetisa Pítia lhe chama Amado dos deuses, e deus antes que homem; e, em suma, quanto ao pedido da graça de poder estabelecer boas leis no país, ela lhe respondeu que Apolo lha outorgaria e que ele ordenaria a melhor e mais perfeita forma de coisa pública que existiu em todo o mundo. Essa resposta encorajou-o ainda mais, de maneira que começou a descobrir-se a alguns dos principais da cidade e a pedir-lhes e exortá-los secretamente a ajudá-lo, dirigindo-se primeiramente aos que sabia serem seus amigos aos poucos e conquistando sempre alguns outros, que se juntavam à sua empresa. Depois, quando a oportunidade chegou, mandou buscar na praça, certa manhã, trinta dos primeiros homens da cidade, armados, para amedrontarem e conterem aqueles que tivessem vontade de opor-se ao que se havia proposto fazer. O historiador Hermipo cita vinte dos mais aparentes; mas aquele dentre todos os outros que mais o assistiu em todas as coisas, e mais o ajudou a estabelecer suas leis, foi o chamado Aritmíadas. Ora, ao começar o. movimento, o rei Carilau, pensando que fosse uma conjuração contra sua pessoa, ficou tão apavorado que se refugiou no templo de Juno sobrenomeado Calcieco, isto é, templo de bronze; todavia, depois, quando se lhe deu a conhecer a verdade, ele se assegurou, saiu do templo e favoreceu a empresa, sendo homem de boa e doce natureza, como testemunha o que Arquelau, que era na mesma época outro rei da Lacedemònia, respondeu a alguns que em sua presença o

louvavam, dizendo que era boa pessoa: «E como{107} não seria bom, disse ele, quando não saberia ser mau nem para os próprios maus?»

IX. Houve, nessa modificação do estado promovida por Licurgo, muitas novidades, mas a primeira e maior foi a instituição do Senado, o qual, misturado com o poder dos reis e igualado a eles quanto à autoridade nas coisas de consequência, foi, como diz Platão, um contrapeso salutar no corpo universal da coisa pública: a qual antes estava sempre em abalo, pendendo ora para a tirania, quando os reis tinham demasiado poder, ora para a confusão popular, quando o povo comum vinha usurpar aí autoridade demais. E Licurgo pôs entre ambos esse conselho dos senadores, que foi como forte barreira mantendo as duas extremidades em igual balança e dando pé firme e seguro ao estado da coisa pública, porque os vinte e oito senadores que formavam o corpo do Senado se enfileiravam às vezes ao lado dos reis, tanto quanto necessário para resistir à temeridade popular e, também, ao contrário, fortificavam às vezes a parte do povo contra a dos reis, para impedir que estes usurpassem um poder tirânico. E diz Aristóteles que ele estabeleceu esse número de vinte e oito senadores porque, dos trinta que inicialmente haviam empreendido remodelar o governo com ele, houve dois que por medo abandonaram a empresa; todavia Esfero escreve que, desde o começo, nunca houve mais de vinte e oito que participassem da conspiração. E porventura teria ele também considerado que era um número completo, visto como se compõe de sete multiplicado por quatro, sendo além disso o primeiro número perfeito, depois do seis, que iguala todas as suas partes reunidas e recolhidas em conjunto. Mas, quanto a mim, minha opinião é que escolheu aquele número, de preferência a outro, a fim de que o corpo inteiro do conselho fosse de trinta pessoas ao todo, ajuntando aí os dois reis. E teve Licurgo, assim, grande cautela no bem estabelecer e autorizar tal conselho, que lhe fora anunciado por um oráculo do templo de Apolo, na cidade de Delfos, Esse oráculo se chama ainda hoje Retra, como quem dissesse o decreto, e dele é a seguinte sentença: «Depois{108} que tiveres edificado um templo a Júpiter Silaniano e a Minerva Silaniana, e dividido o povo em linhagens, estabelecerás um Senado de trinta conselheiros, inclusive os dois reis; e reunirás o povo, segundo as ocorrências dos tempos, na praça que está entre a ponte e o rio de Gnácion, onde os senadores proporão as matérias e deixarão as assembleias, sem que ao povo seja permitido arengar.» Naquele tempo, as assembleias do povo se realizavam entre dois rios{109}, pois não havia sala para reunir o grande conselho, nem praça que fosse de outro modo embelezada nem ornada, porque Licurgo estimava que isso de nada serviria para bem deliberar e escolher bom conselho, e sim para prejudicar, porque comumente faz que os homens, que em tais lugares se reúnem para deliberar acerca de negócios, sonhem com coisas vãs, desviando seus entendimentos no considerar estátuas ou quadros e pinturas que ordinariamente se colocam para embelezar tais lugares públicos; ou, se é um teatro, olhar para a cena, isto é, o lugar onde se representam as peças; ou, se é uma grande sala, a contemplar os lambris ou a abóbada que for engenhosamente trabalhada e suntuosamente enriquecida por alguma bela manufatura.

X. Quando todo o povo estava reunido em conselho, não era permitido, a quem o quisesse, propor e apresentar matérias para deliberar, nem emitir opinião; tinha antes o povo autoridade somente para aprovar e confirmar, se bem lhe parecesse, o que fora proposto pelos senadores ou pelos reis; mas depois, como o povo fosse frequentemente forçando ou desviando as proposições do Senado, tirando-lhes ou acrescentando alguma coisa, os reis, Poiidoro e Teopompo, ajuntaram ao teor do supracitado oráculo que, quando o povo quisesse de algum modo alterar às op iniões propostas ao conselho pelo Senado, seria permitido aos reis e aos senadores abandonar o conselho e anular o referido decreto, como tendo alterado, dissimulado e modificado para pior as sentenças e proposições apresentadas pelo Senado. Esses dois reis persuadiram semelhantemente o povo de que esse acessório, do mesmo modo que o principal, vinha do oráculo de Apolo, assim como disso faz menção o poeta Tirteu, na passagem em que diz:

Pelo Deifico oráculo sagrado

Tinha-lhes Pítia ainda acrescentado:

Os reis, aos quais pertence por dever

O bem de Esparta amável promover,

Serão os chefes e moderadores

Do conselho, assim como os senadores;

Sempre de acorde, a massa popular

Deverá limitar-se a confirmar.

XI. Tendo pois Licurgo assim temperado a forma da coisa pública, pareceu contudo, aos que vieram depois dele, que esse pequeno número de trinta pessoas que formavam o Senado era ainda poderoso demais e possuía demasiada autoridade; de modo que, para mantê-los um pouco sob as rédeas, deram-lhes, como diz Platão, um freio que foi o poder e a autoridade dos éforos, que equivale a dizer controladores, os quais foram criados cerca de cento e trinta anos após a morte de Licurgo{110}; e foi o primeiro eleito o chamado Elato, do tempo em que reinava o rei Teopompo, cuja mulher o censurou um dia, furiosa, por haver ele deixado aos sucessores o reino menor, que não recebera dos predecessores, ao que ele respondeu: «Mas será tanto maior quanto mais duradouro e mais seguro.» Pois também em verdade, perdendo o poder demasiado absoluto que lhes causava a inveja e o ódio dos cidadãos, escaparam ao perigo de sofrerem o que os vizinhos Argivos e Messenianos fizeram a seus reis, por não haverem querido relaxar nem ceder nada de sua autoridade soberana. Iss o faz, como nenhuma outra coisa, conhecer evidentemente o grande senso e a longa previdência de Licurgo, a quem quiser de perto considerar as sedições e maus governos dos Agivos e Messenianos, seus próximos vizinhos e parentas, tanto dos povos como dos reis, os quais tendo tido a princípio todas as coisas semelhantes aos de Esparta, e ainda, na repartição das terras, tendo obtido melhores do que eles, todavia não prosperam longamente; ao contrário, pela arrogância dos reis e desobediência dos povos, entraram em guerras civis uns contra os outros e mos traram que efetivamente era uma graça especial haverem os deuses dado aos de, Esparta um reformador que temperasse e ordenasse tão sabiamente o estado e o governo da coisa pública, como aqui deduziremos depois.

XII. A segunda novidade de Licurgo, e a de mais ousada e mais difícil empresa, foi mandar de novo repartir as terras{111}: pois, havendo no país da Lacedemônia grande dificuldade e desigualdade entre os habitantes, porque uns, e a maior parte, eram tão pobres que não tinham uma só polegada de terra, e outros, em bem pequeno número, tão opulentos que possuíam tudo, ele advertiu que, para banir e expulsar da cidade a insolência, a inveja, a avareza, as delícias e, mais a riqueza e a pobreza, que são ainda as maiores e mais antigas pestes das cidades e das coisas públicas, não havia meio mais expediente do que persuadir os cidadãos a reporem em comum todas as terras, possessões e heranças do país e de novo as repartirem igualmente entre si, para daí por diante viverem todos juntos como irmãos de maneira que um não tivesse em bens nada mais do que o outro, e a não procurarem preceder uns aos outros em nenhuma outra coisa senão na virtude: estimando não dever existir outra desigualdade nem diferença, entre os habitantes de uma mesma cidade, senão aquela que procede da censura às coisas desonestas e do louvor às coisas virtuosas e honestas. Seguindo aquela imaginação, executou de fato a repartição das terras, pois dividiu todo o resto do país da Lacônia inteiramente, em trinta mil partes iguais, as quais distribuiu aos habitantes dos arredores de Esparta; e das terras mais próximas da própria cidade de Esparta, que era capital de todo o país da Lacônia, fez outras nove mil partes, que repartiu entre os naturais burgueses de Esparta, que são os que propriamente se chamam os Espartanos. Todavia, querem alguns dizer que ele não fez senão seis mil partes e que depois o rei Polidoro acrescentou-lhes outras três mil; e há os que dizem ainda que dessas nove mil partes Licurgo não fez senão a metade somente e Polidoro a outra. Cada uma dessas partes era tal que podia dar a seu dono, anualmente setenta meias-minas de cevada{112} para o homem e doze para a mulher, além de uvas e outras frutas líquidas em semelhante proporção: estimando suficiente

essas qualidades para manter o corpo do homem são, disposto e robusto, e que não há necessidade de nada mais. Assim, dizem que, voltando um dia dos campos e passando através das terras onde o trigo fora não muito antes ceifado, vendo os montes de grão todos iguais e tão grandes uns como os outros, pôs-se a rir e disse aos que o acompanhavam que todo o país da Lacônia lhe parecia uma herança de vários irmãos que tivessem novamente feito suas partilhas.

XIII. Tentou ele também, semelhantemente, mandar pôr em comum e partilhar os móveis, a fi m de eliminar inteiramente toda desigualdade; mas, vendo que os cidadãos supunham muito impacientemente que se lhes tirariam a descoberto, ele nisso procedeu por via coberta, aguçando-lhes sutilmente a avareza e a cobiça: pois primeiramente depreciou toda espécie de moeda de ouro e de prata, ordenando que se usasse somente moeda de ferro, da qual ainda uma grande e pesada massa era de bem pouco preço, de tal maneira que, para se alojar dela o valor de cem escudos{113}, seria preciso impedir todo um grande celeiro na casa e seria necessária uma parelha de bois para transportá-la. Ora, estando por esse meio o ouro e a prata banidos do país da Lacônia, era forçoso que vários crimes e malefícios desaparecessem também. Pois quem pretenderia roubar, tomar, sonegar, furtar ou reter uma coisa que não soubesse esconder e que não houvesse grande ocasião de desejar nem proveito em possuir, visto como não podia servir-se dela para empregá-la em outro uso? Porque, quando o ferro que se queria amoedar estava todo vermelho de fogo, deitava-se vinagre em cima, extinguindo-lhe a força e rigidez, de maneira que perdesse toda capacidade para servir na execução de outro trabalho, porque se tornava tão rude e tão brilhante que não mais podia ser batido nem forjado.

XIV. Depois disso, baniu também todos os misteres supérfluos e inúteis, e, ainda que por édito não os tivesse perseguido, teriam assim desaparecido todos, ou a maior parte, com o uso da moeda, quando não mais encontrasse m quem ficasse com seus trabalhos, porque a moeda de ferro não tinha curso nas outras cidades da Grécia, antes zombavam dela por toda parte, e dessa forma não podiam os Lacedemônios comprar mercadorias estrangeiras, nem lhes visitava o porto nenhum navio para ali traficar, nem entrava no país nenhum afetado retórico para ensinar a pleitear com habilidade, nem nenhum adivinho para ali dizer a boa sorte, nem sarda para ali ficar no cais, nem ourives, nem joalheiro que ali fizesse ou vendesse broches de ouro ou de prata para enfeitar as damas, visto como são coisas que se fazem somente para ganhar e acumular dinheiro, que não havia; e assim as delícias, destituídas das coisas que as nutrem e que as entretém, começavam a fanar ao poucos 6 finalmente a cair por si mesmas, não podendo os mais ricos ter nada a mais que os mais pobres e não lendo a riqueza meio nenhum de se mostrar em público e pôr-se em evidência, antes ficando reclusa em casa, coisa, sem poder de nada servir a seu dono. E, contudo, os utensílios indispensáveis e com os quais se tem todos os dias o que fazer, como estrados, mesas, cadeiras e outros móveis que tais, se faziam muito bem, sendo muito louvada a forma e feitio do copo Lacônico, que se chamava Cothon, também para uso de guerreiros, como costumava dizer Crítias, porque era feito de sorte que a cor poupava aos olhos conhecer a água que às vezes se é constrangido a beber num acampamento, tão turva e tão suja que, só de ver-se, provoca náusea; e, se acaso havia alguma sujeira e algum limo no fundo, ele parava nos limites do ventre e pelo gargalo, não vinha à boca de quem bebia senão a parte mais limpa. Do que foi também causa o reformador, porque os artesãos, não estando mais ocupados no mister de obras supérfluas, empregaram sua capacidade em bem produzir o necessário.

XV. Mas, querendo ainda mais perseguir a superfluidade e as delícias, a fim d e exterminar inteiramente a cobiça de possuir e de enriquecer, fez uma terceira ordenança, nova e muito bela, que foi a dos convívios, pela qual quis e ordenou que eles comessem juntos das mesmas viandas e, notadamente, das que estavam especificadas na ordenança, que expressamente os proibia de comerem à parte e em particular sobre ricas mesas e leitos suntuosos, abusando do labor dos excelentes operários e requintados cozinheiros, para engordarem em segredo e nas trevas, como se engordam os animais glutões: o que arruma e corrompe não somente as

condições da alma, mas também as compleições do corpo, quando se lhe deixa assim a rédea em abandono a toda sensualidade e glutonaria, acontecendo depois que ele tem necessidade de muito dormir, para cozer e digerir o que demais tomou de vianda, e quer ser ajudado com banhos quentes, longo repouso e tratamento ordinariamente necessário a um doente.

XVI. Foi pois grande coisa ter ele podido fazer isso, mas ainda maior o haver tornado a riqueza não sujeita a ser roubada e menos ainda a ser cobiçada, como diz Teofrasto, o que conseguiu por meio daquele estatuto de mandá-los comer juntos com tão grande sobriedade no viver ordinário. Pois não mais havia meio de usar, gozar e mostrar a r iqueza somente aos que a tivessem, visto como o pobre e o rico eram constrangidos a ficarem no mesmo lugar, para aí comerem as mesmas viandas: de tal maneira que o que se diz comumente, que Pluto, isto é, o deus das riquezas, é cego, era verdadeiro somente na cidade de Esparta, entre todas as que jamais existiram no mundo; pois ali jazia por terra, como uma pintura sem alma e sem movimento: visto como não era permitido comer antes de vir às salas públicas, à parte, em casa, e depois vir por continência, todo saturado, ao lugar do convívio: pois cada qual tinha os olhos voltados expressamente para os que não bebiam nem comiam com bom apetite, os quais eram censurados e repreendidos como glutões ou como desdenhosos da delicadeza de comer em comum com os outros; de sorte que foi essa, ao que se diz, a ordenança que mais desgostou os ricos, entre todas aquelas que então estabeleceu Licurgo; e por causa dela gritaram e se enfureceram mais contra ele, até que, vendo que se precipitavam todos juntos sobre a sua pessoa, foi constrangido a fugir da praça. Assim ganhou a dianteira e se lançou em segurança dentro de uma igreja, antes que os outros pudessem atingi-lo, exceto um jovem chamado Alcandro, que aliás não era de má natureza, senão que um pouco pronto de mão e de cólera; e, perseguindo Licurgo de mais perto que os outros, quando o viu voltar-se, deu-lhe uma bastonada no rosto, furando-lhe um olho. Mas nem por isso Licurgo se deixou abater, antes se apresentou de cabeça erguida aos que o perseguiam, mostrando-lhes a face toda em sangue e a vista vazada: o que de tal modo os envergonhou que não houve quem ousasse abrir a boca para falar contra ele: ao contrário, entregaram-lhe nas mãos Alcandro, que o ferira, para o castigar como bem lhe parecesse, e o convidaram todos para suas casas, mostrando que deploravam o mal causado. Licurgo agradeceu e mandou-os de volta, fazendo consigo entrar Alcandro em sua casa, onde não o puniu nem o acusou com uma só palavra: ordenou-lhe somente que o servisse, mandando que se retirassem os domésticos que o serviam ordinariamente, O rapaz, que não era desajeitado, o fez de bom grado, sem nada replicar; e, após ficar algum tempo junto com ele, sempre ao redor de sua pessoa, começou a conhecer e apreciar a bondade do seu natural, bem como a afeição e o intuito que o levava a proceder como fazia, a austeridade de sua vida ordinária e sua constância em suportar todos os trabalhos, sem jamais fatigar-se; e começou então a amá-lo e honrá-lo afetuosamente, e depois saiu pregando aos parentes e amigos que Licurgo não era tão rude nem revês como parecia à primeira vista mas antes o mais doce e o mais amável possível para com os outros. Eis como Alcandro foi castigado por Licurgo, e a punição que recebeu: é que de mal condicionado rapaz, ultrajoso e temerário que era antes, tornou-se prudente e moderado.

XVII. Mas, em memória daquele inconveniente, Licurgo edificou um templo a Minerva, que ele sobrenomeou Optilétida, de modo que os Dórios que habitam essas regiões da Moréia dão aos olhos o nome de Optiles. Há outros, entre os quais Dioscórilhedes, que dizem haver Licurgo recebido uma bastonada, mas que não teve o olho furado e que, ao contrário, fundou esse templo a Minerva para lhe render graças pela cura de sua vista; e o fato é que, desde essa época, os Espartanos cessaram de usar bastões nas assembleias do conselho.

XVIII. E, para voltar aos convívios públicos, os Candiotas chamavam-lhes Andria e os Lacedemônhenios Phiditia, ou porque eram lugares nos quais se aprendia a viver sóbria e estreitamente, tendo a poupança em língua grega o nome de Phido ou porque ali se travava amizade entre uns e outros, como se tivessem querido dizer Philitia, pondo um d em lugar de 1. Poderia também ser que tivessem acrescentado de supérfluo a primeira letra, como se quisessem dizer Editia, porque eram lugares aonde iam comer e tomar suas refeições; e ali se

reuniam às quinzenas em cada sala, pouco mais ou menos; e levava cada um deles, no começo do mês, meia-mina de farinha{114}, oito jarras de vinho{115}, cinco libras de queijo e duas libras e meia de figos, e além disso boa porção de moeda para a compra da pitança. Mas, além disso, quando algum deles sacrificava em casa, enviava as primícias do sacrifício à sala do convívio; semelhantemente, se havia conseguido alguma veação na caça, enviava-lhe dela um pedaço; pois eram os dois casos nos quais era permitido comer à parte na própria casa, quando: se imolava algum animal aos deuses ou quando se voltava tarde demais da caça; de outro modo, eram constrangidos a reunir-se todos nas salas dos convívios, quando queriam comer, se quisessem comer. O que durante muito tempo conservavam com rigor, de maneira que um dia, tendo o rei Agis voltado da guerra em que derrotara os Atenienses, e querendo comer em separado com a mulher, mandou pedir sua porção mas os Polelhemarcos, que são certos oficiais que assistem os reis na guerra como seus colaterais, lha recusaram; e, no dia seguinte, tendo Agis, por despeito, deixado de fazer o sacrifício habitual à saída de uma guerra, foi por eles condenado à multa.

XIX. As próprias crianças iam a esses convívios, nem mais nem menos do que a escolas de honra, onde ouviam boas e graves palestras referentes ao governo da coisa pública, por mestres que não eram mercenários, e ali aprendiam a jogar prazenteiramente, sem, todavia picarem acremente, nem gozarem de maneira desonesta, nem se aborrecerem é uma qualidade, entre os Lacedemônios, tolerar com paciência uma pilhéria; todavia se algum houvesse não gostasse disso, bastava pedir ao outro que se abstivesse, e este incontinente cessava. Mas era costume que a todos os que entravam na sala do convívio o mais velho dissesse mostrando-lhes a porta:

«Nenhuma palavra sairá por esta porta. »

XX. Também era preciso que aquele que de deixasse ser recebido na companhia do convívio fosse primeiramente aprovado e aceito por todos os outros da seguinte maneira: ao lavar as mãos, cada um deles tomava uma pequena bola feita com farelo ou miolo de pão e a lançava sem dizer palavra dentro de uma bacia que trazia à cabeça o criado do convívio, que os servia à mesa; aquele que se contentasse de que o outro fosse recebido lançava a bolinha, muito simplesmente; se não, apertava-a fortemente entre os dedos, até achatá-la. Essa bola de farelo assim achatada equivalia à fava atravessada, que era nos julgamentos o sinal de sentença condenatória; e, se ali se achasse uma só dessa espécie, o pretendente não era recebido pois não queriam que entrasse na companhia ninguém que não fosse agradável a tolhedos os outros. Aquele que era assim rejeitado, diziam eles que havia caducado, porque o vaso dentro do qual lançavam as bolinhas de farela se chamava Cados.

XXI. A vianda mais esquisita, servida nesses convívios, era a que chamavam de bródio negro{116}, de modo que, quando havia este, os velhos não comiam carne, deixando-a toda para os moços, e comiam à parte o bródio. Houve outrora um rei do Ponto que, para provar esse bródio negro, comprou expressamente um cozinheiro lacedemônio mas, depois que este o experimentou, ele incontinente ficou enojado, tendo-lhe dito então o cozinheiro: «Majestade, para gostar desse bródio seria preciso primeiro tomar banho no rio Eurotas{117}.» Depois de sobriamente beberem e comerem juntos, voltavam todos sem luz para suas casas, pois não lhes era permitido ir a parte alguma com candeia, a fim de se acostumarem a marchar ousadamente à noite e nas trevas. Tais eram a ordem e a maneira de seus convívios.

XXII. Mas convém notar que jamais Licurgo consentiu se escrevesse nenhuma de suas leis;, ao contrário, por uma de suas ordenanças, a que dão eles o nome de Retres, ficou estabelecido

que não haveria nenhuma escrita porquanto, no que é de principal força e eficácia para tornar-se uma cidade feliz e virtuosa, estimava que isso devia ser impresso, pela nutrição, nos corações e nos costumes dos homens, a fim de aí ficar para sempre imutável , sendo a boa vontade um laço mais forte do que qualquer outro constrangimento que se pudesse impor aos home ns, de modo que o hábito tomado por boa instituição, desde a primeira infância, faz cada qual servir-se dele como de uma lei para si mesmo. E, em suma, no que concerne aos contratos dos homens entre si, que são coisas ligeiras e que ora mudam, de uma forma, ora de outra, conforme a necessidade, pensou que era melhor não extingui-los sob constrangimentos redigidos por escrito, nem estabelecer costumes que não pudessem modificar-se, mas deixá-los antes à discrição e ao arbítrio dos homens bem educados e instituídos, para aí tirar ou ajuntar o que requeressem a ocorrência e a disposição do tempo; pois estimou, em suma, que o fim principal de um bom estabelecedor e reformador da coisa pública devia consistir em bem educar e instituir os homens. Uma de suas ordenanças prescrevia, pois, expressamente, que não haveria nenhuma lei escrita.

XXIII. Havia outra contra a superfluidade, a qual ordenava que as coberturas das casa fossem feitas à cunha e as guarnições das portas com serra somente, sem outro utensílio de marcenaria. No que teve a mesma imaginação que depois revelou também Epaminondas, quando disse, falando de sua mesa: «Semelhante trivial nunca é traído. » Também estimava Licurgo que tal casa não deveria ter superfluidade nem delícias, porque não havia homem tão impertinente nem de tão mau julgamento que para uma casa tão pobre e sóbria fosse levar estrados com pés de prata, nem dosséis e forros de cama tingidos de púrpura, nem baixela de ouro ou de prata, e todo o séquito de superfluidade e delícias que isso acarreta, porque é preciso que os leitos sejam proporcionados à casa, as cobertas convenientes aos leitos, e todo o resto dos móveis e da maneira de viver de acordo e em correspondência com o vestuário. Desse costume procedeu o que o rei Leotiquides, primeiro desse nome, disse uma vez: jantando um dia na cidade de Corinto e vendo o revestimento da sala onde comia, suntuosamente lambrisado e trabalhado, perguntou ao hóspede se as árvores cresciam assim quadradas no país.

XXIV. A terceira ordenança proibiu fazer frequentemente a guerra contra os mesmos inimigos, por medo de que estes, tantas vezes constrangidos a tomar das armas para se defenderem, se tornassem afinal homens valorosos e bons combatentes. Tal censura se fez ao rei Agesilau, que existiu muito tempo depois: por ter frequentemente entrado em armas no país da Beócia, acabou tornando os Tebanos tão bons guerreiros como os Lacedemônios. Naquela ocasião, Antálcidas, vendo-o um dia ferido, disse-lhe: «Recebes dos Tebanos ó preço de seu aprendizado, tal como o mereceste; pois lhes ensinaste, malgrado seu, o mister da guerra, que eles antes não queriam aprender nem exercer. » São as ordenanças que o próprio Licurgo chamou de Retres, o que equivale a dizer graves sentenças ou oráculos que o deus Apolo lhe teria dado.

XXV. Mas, quanto à educação das crianças, que ele estimava ser a mais bela e maior coisa que poderia estabelecer ou introduzir um reformador de leis, começando de longe, c onsiderou primeiro os casamentos e a geração das crianças. Pois, quanto ao que diz Aristóteles, que ele ensaiou reformar as mulheres e disso desistiu incontinente, ao ver que não podia consegui-lo, por causa da enorme licença que elas haviam usurpado na ausência dos maridos, porque estes eram constrangidos a partir constantemente para as guerras, durante as quais os homens se viam obrigados a deixá-las senhoras de suas casas, honrando-as e acariciando-as além da medida, chamando-lhes damas e senhoras — isso me par ece falso: a verdade é que tratou de regulamentar-lhes e ordenar-lhes a maneira de viver, assim como a dos homens, de acordo com a razão. Primeiramente, pois, quis que as moças enrijecessem o corpo, exercitando-se em correr, lutar, jogar a barra e lançar o dardo, a fim de que o fruto que concebessem, vindo a tomar forte raiz num corpo disposto e robusto, germinasse melhor; e também para que, reforçadas por tais exercícios, suportassem com mais vigor e facilidade as dores do parto. E, para tirar-lhes toda delicadeza e ternura efeminada, acostumou as

mocinhas, assim como os rapazes, a{118} frequentarem as procissões, dançarem nuas em algumas festas e sacrifícios solenes e cantarem na presença e à chegada dos rapazinhos, aos quais, muitas vezes, ao passarem, dirigiam algum brocardo apropriado, tocando ao vivo aqueles que em alguma coisa tivessem esquecido seu dever; e, não raro, também recitavam em suas canções os louvores dos que destes eram dignos. Assim fazendo imprimiam nos corações dos jovens uma grande gelosia e contenção de honra, pois aquele que por elas tivesse sido louvado como valente e do qual houvessem cantado os atos de proeza, ia sendo educado com a coragem de fazer ainda melhor no futuro e os golpes e picadas que dirigiam aos outros não eram mais pungentes do que as mais severas admoestações e correções que se lhes tivesse sabido dar, mesmo porque isso era feito em presença dos reis, senadores e todo o resto dos cidadãos que ali se achavam para assistirem aos divertimentos.

XXVI. Mas, quanto ao fato de se mostrarem inteiramente nuas em público, não havia nisso vilania alguma, pois a exibição era acompanhada de toda a honestidade, sem lubricidade nem dissolução; antes pelo contrário, trazia consigo o costume da simplicidade e, entre elas, a vontade de possuir o corpo mais robusto e melhor disposto; e, além disso, isso lhes elevava de certo modo o coração, tornando-as mais magnânimas e dando-lhes a conhecer que não lhes assentavam menos bem do que aos homens o exercício, a proeza e a competição para a conquista do prêmio. Daí resultava que as mulheres! Lacedemônias tinham também a coragem de afirmar e pensar por si mesmas, como respondeu um dia Gorgônia, mulher do rei Leônidas, a qual, conforme se acha escrito, tendo-lhe uma dama estrangeira, em conversa com ela, que «não há mulheres no mundo como as Lacedemônias, que mandam nos seus homens», replicou incontinente: «Também não há outras como nós, que temos homens. » Ademais, era isso um estímulo que atraía os rapazes ao casamento: eu entendo esses jogos, danças e divertimentos, a que se entregavam as moças inteiramente nuas na presença dos homens jovens, não como constrangimento de razões geométricas, como diz Platão, mas como atrativos para o amor.

XXVII. E, todavia, além desses atrativos, ainda estabeleceu ele a nota de infâmia contra os que não quisessem casar-se; pois não lhes era permitido frequentar os lugares onde se realizavam a nu esses jogos e passatempos públicos; e mais, os oficiais da cidade os constrangiam, em pleno inverno, a circundarem a praça inteiramente nus; e, caminhando, de viam cantar certa canção feita contra eles, a qual dizia, em suma, que estavam sendo justamente castigados por não terem obedecido às leis; de modo que, quando ficavam velhos, não lhes prestavam a honra nem a reverência de que eram alvo os outros anciãos.

Portanto, não houve ninguém que repreendesse ou achasse mal o que disse a Dercílídas, conquanto fosse ele bom e valente capitão, um jovem que, ao entrar numa companhia, não se dignara de levantar-se para saudá-lo e dar-lhe o lugar para sentar-se: «Não geraste um filho para comigo proceder da mesma forma no futuro. »

XXVIII. Mas os que desejavam casar-se precisavam raptar aquelas que pretendiam como esposas, não moçoilas ainda não casadouras, mas mulheres vigorosas e já maduras para terem filhos; e, quando havia uma raptada em tais condições, vinha a intermediária do casamento e lhe raspava inteiramente os cabelos até ao couro, depois a vestia com um traje de homem e do mesmo modo o calçado, e deitava-a sobre um colchão, inteiramente só e sem candeia. Feito isso, o recém-casado, não estando ébrio nem mais delicadamente vestido do que de costume, mas tendo jantado{119} sobriamente como de ordinário, voltava secretamente para casa, onde desatava a cintura da esposa e, tomando-a nos braços, deitava-a numa cama e ali ficava durante algum tempo com ela; mais tarde, voltava muito docemente para o lugar onde se acostumara a dormir com os outros rapazes; e daí por diante, continuava a fazer sempre o mesmo, ficando o dia inteiro e dormindo à noite com os companheiros, exceto quando às vezes ia ver a mulher raptada, com medo e vergonha de ser percebido por alguém da casa; então, a recém-casada o ajudava também de seu lado, espiando as ocasiões e meios de se encontrarem sem que fossem notados. Essa maneira de agir durava muito tempo, até que alguns deles tinham filhos antes de coab itarem livremente e de verem suas mulheres em

pleno dia. Serve-lhes essa entrevista assim às ocultas, não só porque era um exercício de continência e pudicícia, mas também porque ficavam mais vigorosas para gerar; e, além disso, as duas partes se mantinham Com ardor e apetite para novos amores, não tépidas, nem languescentes, como ordinariamente são os que gozam de coração saturado os seus amores, tanto quanto queiram, mas se entrelaçavam sempre repartindo entre si o aguilhão do desejo e as reservas de calor amoroso.

XXIX. Mas, tendo estabelecido tão grande honestidade e tão reservada temperança nos casamentos, não pôs ele menos cuidado em eliminar toda vã e feminina gelosia, estimando ser bem razoável impedir que houvesse violência ou confusão, ao mesmo tempo que a razão também exigia que aos mais dignos se permitisse gerar filhos em comum, ridicularizando a tolice dos que se vingam de tais coisas com guerras e efusão de sangue humano, como se os homens não devessem ter nisso participação nem comunicação alguma uns com os outros. Portanto, não era merecedor de censura o homem muito idoso que, tendo mulher jovem e vendo algum belo rapaz que lhe agradasse e lhe parecesse de gentil natureza, o levasse para deitar com a própria mulher e enchê-la da boa semente, para depois reconhecer o fruto daí nascido como tendo sido gerado por ele próprio. Também era permitido a um homem honesto amar a mulher de outro, por vê-la prudente, pudica e capaz de ter belos filhos, e pedir ao marido que o deixasse deitar-se com ela, para então semear, como em terra gorda e fértil, belas e boas crianças, que dessa forma vinham a ter comunicação de sangue e parentesco com gente de bem e honrada.

XXX. Pois em primeiro lugar Licurgo não queria que as crianças pertencessem a particulares, mas fossem comuns à coisa pública, desejando assim, também, que aqueles que tivessem de ser cidadãos fossem gerados não por todos os homens, mas somente por gente de bem. Parecia-lhe, pois, que nas leis e ordenanças das outras nações, no tocante aos casamento, havia muitas tolices e vaidades, visto como faziam suas cadelas e éguas serem cobertas pelos mais belos cães e melhores garanhões que podiam obter, pedindo-os ou pagando-os aos respectivos senhores, e, não obstante, guardavam as mulheres encerradas debaixo de chave, com medo de que elas concebessem de outros que não eles, mesmo quando desmiolados, doentios ou velhuscos, como se não fosse primeira e principalmente por culpa dos pais e mães, e dos que os educam, que as crianças nascem viciosas e defeituosas, quando filhas de pessoas taradas; e, ao contrário, para proveito e contentamento daqueles, quando nascem bonitas e boas, por terem sido geradas de semelhante semente.

XXXI. Essas coisas assim se faziam então em virtude de razão natural e civil, mas eram tão necessárias que, embora as mulheres fossem tão fáceis, como se diz que depois o foram, não se sabia antigamente, na cidade de Esparta, o que era adultério; e em testemunho disso se pode alegar a resposta de um desses antigos Espartanos, chamado Geradas, a um estrangeiro que lhe perguntara que pena sofriam os que eram surpreendidos em adultério: «Meu amigo, disse ele, tal pena não existe.» «E se existisse?» replicou-lhe o estrangeiro. «Seria preciso, respondeu, pagar um touro tão grande que poderia beber a água do rio Eurotas de cima da montanha de Taígeto{120}. «Mas como seria possível encontrar touro tão grande?» perguntou o estrangeiro. E Geradas, rindo, lhe respondeu: «E como seria possível encontrar em Esparta um adultério?» É o que se acha escrito a respeito das ordenanças de Licurgo, no tocante aos casamentos.

XXXII. Entrementes, depois que a criança nascia, o pai não mais era dono dela para educá-la à vontade, mas a levava para certo lugar a ele deputado que se chamava Lesche, onde os mais antigos de sua linhagem residiam: visitavam eles a criança e, se a achavam bela, bem formada de membros e robusta, ordenavam fosse educada, destinando-lhe nove mil partes das heranças para sua educação; mas, se lhes parecia feia, disforme ou franzina, mandavam atirá-la num precipício a que vulgarmente se dava o nome de Apothetes, isto é, depositórios, pois

tinham a opinião de que não era expediente, nem para a criança, nem para a coisa pública, que ela vivesse, visto como desde o nascimento não se mostrava bem constituída para ser forte, sã e rija durante toda a vida. E, por esse motivo, as próprias mulheres que as governavam não as levavam com água simples, como se faz por toda parte, mas{121} com uma mistura de água e vinho, e por esse meio experimentavam se a compleição e a têmpera de seus corpos era boa ou má; porque dizem eles que as crianças sujeitas à epilepsia, ou então catarrosas e doentias, não podem resistir nem tolerar esse banho de vinho, mas definham e caem em langor; e, ao contrário, as que têm saúde se tornam...

XXXIII. As governantes também usavam de certa diligência artificiosa para cuidarem de seus meninos sem enfraldá-los ou embrulhá-los com faixas e flanelas, de sorte que os tornavam mais desembaraçados{122} de membros, melhor formados e de mais bela e gentil corpulência; e assim se tornavam indiferentes no seu viver, sem serem difíceis de criar, nem gulosos ou enjoados, nem assustadiços e receosos de ficarem sós no escuro, nem gritalhões ou de algum modo perversos, que são todos sinais cie natureza frouxa e vil. De tal maneira que havia estrangeiros que compravam amas no país da Lacônia, expressamente para criarem os filhos: assim, dizem que Amilca, que criou Alcibíades, era uma delas; mas Péricles, seu tutor, deu-lhe depois{123} por mestre e governador um servo chamado Zópiro, o qual não tinha nenhum quinhão melhor do que os outros escravos comuns. O que não fez Licurgo, pois não pôs a educação e o governo dos meninos de Esparta entre as mãos de mestres mercenários ou de servos comprados a preço de dinheiro; e, assim, não era permitido aos pais educar os filhos à sua moda, como bem lhes parecesse. Pois logo que estes chegavam à idade de sete anos, ele os tomava e os distribuía por grupos, para serem educados juntos e se habituarem a brincar, aprender e estudar uns com os outros; depois, escolhia em cada grupo aquele com aparência de ser o mais avisado e o mais corajoso no combate, ao qual dava a superintendência de todo o grupo. Os outros tinham sempre a vista voltada para ele e obedeciam às suas ordens, suportando pacientemente as punições que ele lhes ordenava e as corveias que lhes determinava; de maneira que quase todo o estudo era aprender a obedecer; mas, além disso, os velhos assistiam frequentemente aos seus brinquedos coletivos e a maior parte do tempo lhes proporcionavam ocasiões para debates e querelas uns com os outros, para melhor conhecerem e descobrirem qual era o natural de cada um e se mostravam sinais de um dia deverem ser ou cobardes ou audazes.

XXXIV. Quanto às letras, aprendiam somente o necessário e, em suma, todo o aprendizado consistia em bem obedecer, suportar o trabalho e obter a vitória em combate. Por essa razão, à medida que avançavam em idade, aumentavam-lhes também os exercícios corporais; raspavam-lhes os cabelos, faziam-nos andar descalços e os constrangiam a brincar juntos a maior parte do tempo, inteiramente nus; depois, quando chegavam à idade de doze anos, não mais usavam sais daí por diante, pois todos os anos lhes davam somente uma túnica simples, o que era causa de andarem sempre sujos e ensebados, como aqueles que não se lavavam nem se untavam senão em certos dias do ano, quando os faziam gozar um pouco, dessa doçura. Deitavam e dormiam juntos sobre enxergas, que eles próprios fabricavam com pontas dos juncos e caniços que cresciam no rio Eurotas, os quais eles próprios deviam ir colher e quebrar, somente com as mãos, sem nenhuma ferramenta; mas, no inverno, ajuntav am a isso e misturavam no meio o que se chama{124} Lycophanos, porque parece que essa matéria tem em si um pouco de calor.

XXXV. Mais ou menos nessa idade, seus amantes, que eram os rapazes mais galhardos e mais gentis, começavam a frequentá-los mais assiduamente, e também os velhos tinham as vistas semelhantemente voltadas para eles, aparecendo mais ordinariamente nos lugares onde faziam os exercícios e onde combatiam, e assistindo-os quando se divertiam em pilheriar uns com os outros: o que os velhos faziam não só por passatempo, mas com tal diligência e tal afeição como se fossem seus pais, mestres e preceptores desde que eles eram crianças; de maneira que nunca havia tempo nem lugar onde não tivessem sempre alguém para os admoestar, repreender e castigar, se cometessem alguma falta.

XXXVI. E, contudo além de tudo isso, ainda havia sempre um dos homens de bem da cidade que tinha expressamente o título e o encargo de governador das crianças, o qual as repartia por bandos e depois dava a superintendência àquele dentre os meninos que lhe parecesse mais prudente, ousado e corajoso: Chamavam aos rapazes írenes , dois anos após haverem saído da infância, e aos meninos maiores chamavam Melírenes, como se dissessem prestes a sair da infância. O moço a quem se dava esse cargo tinha já vinte anos e era seu capitão quando combatiam, e comandava-os quando estavam em casa, como a seus criados, injungindo aos que eram mais corpulentos e mais fortes que carregassem lenha para o jantar, e aos que eram menores e mais fracos, ervas. Precisavam furtá-las, para consegui-las. Uns iam furtar nos jardins, outros nas salas dos convívios, onde os homens comiam juntos, dentro das quais se esgueiravam o mais fina e cautamente que podiam, porque, se acaso fossem surpreendidos, seriam conscientemente chicoteados, por te rem sido preguiçosos demais e não bastante finos e astutos no furto. Também furtavam quaisquer outras viandas sobre as quais pudessem pôr a mão, espiando as ocasiões de poderem tomá-las habilmente, quando os homens dormiam ou não faziam boa guarda; mas aquele que fosse surpreendido era chicoteado e[125] tinha ainda de jejuar, pois muito pouco lhes davam de comer, a fim de que a necessidade os constrangesse a arriscar-se ousadamente e a inventar alguma habilidade para escaparem sutilmente. Era a causa primeira e principal por que lhes dav am tão pouco alimento, mas o acessório era enfim que seus corpos crescessem mais em altura, porque os espíritos de vida, não estando muito ocupados em cozer e digerir muita vianda, nem rebatidos para baixo ou estendidos em largura pelo peso demasiado grande dela, se estendiam em comprimento e se rebatiam para cima, por causa de sua ligeireza e, por essa forma, o corpo crescia em altura, nada havendo que o impedisse de subir. E parece que a mesma causa os tornava também mais belos, porque os corpos miúdos e delgados obedecem melhor e mais facilmente à virtude da natureza, que dá o molde e a forma a cada; um dos membros; e, ao contrário, parece que os corpos grandes, gordos e demasiado nutridos lhe resistem, não sendo tão maleáveis quanto os outros, por causa de seu peso: nem mais nem menos do que se vê, por experiência, que as crianças nascidas de mulheres formosas, que purgaram durante a gravidez, são também mais delgadas e mais belas, porque a matéria que lhes forma o corpo, sendo mais flexível, é também mais facilmente regida pela força da natureza, que lhe dá a forma: todavia, quanto à causa natural desse efeito, deixemos disputá-la quem o queira, sem nada decidir.

XXXVII. Mas, para voltar ao assunto dos meninos Lacedemônios: furtavam com tanto cuidado e tanto medo de serem descobertos que se conta de um que, tendo furtado um raposinho, o escondeu debaixo da túnica, deixando-se dilacerar todo o ventre com as unhas do animal, sem jamais gritar, por medo de ser descoberto, até que morreu onde se achava. O que não é incrível, pois se vê o que os menores sofrem ainda hoje: vimos vários deles serem chicoteados até à morte, em cima do altar de Diana sobrenomeada Órtia. Ora, aquele submestre que tinha a superintendência de cada grupo de crianças, após o jantar, sentado ainda à mesa, mandava que um dos meninos cantasse uma canção e fazia uma pergunta depois da outra, as quais exigiam bastante reflexão para que as respostas fossem adequadas, com por exemplo: «Quem é o melhor homem da cidade?» Ou: «Que te parece o que fez fulano?» Com esse exercício, acostumavam-se desde tenra idade, a julgar as coisas bem ou malfeitas e a indagar da vida e do governo dos cidadãos. Pois, se algum não respondia pronta e pertinentemente a tais perguntas — quem é homem de bem, quem é bom cidadão e quem não o é — estimavam eles que isso era sinal de natureza frouxa, indolente, nã o incitada à virtude pelo desejo de honra; e, assim, era preciso que a resposta fosse sempre acompanhada de sua razão e prova, curta e estrita, em poucas palavras: do contrário, a punição daquele que respondesse mal consistia em que o mestre lhe mordia o polegar, fazendo-o mais frequentemente em presença dos velhos e magistrados da cidade, para verificar se o castigava com razão e como convinha. E, ainda que o fizesse mal, não o repreendiam em seguida, mas quando os meninos já se haviam retirado; e então era ele próprio repreendido e punido, conforme a punição tivesse sido dura demais ou, ao contrário, demasiado branda.

XXXVIII. Além disso, imputava-se aos amantes a boa ou má opinião que se concebia dos meninos que haviam tomado para amar, de sorte que se diz que, tendo certa vez um menino, combatendo contra outro, deixado escapar da boca um grito que lhe revelou a coragem frouxa e falida, seu amante: foi por isso condenado à multa pelos oficiais da cidade. Mas, conquanto o amor fosse, coisa tão incorporada entre eles que até as mulheres honestas e virtuosas amavam as meninas, não havia contudo ciúmes, mas, ao contrário, era isso um começo de mútua amizade entre os que amavam no mesmo lugar; e procuravam juntos por todos os meios de que podiam dispor, fazer que o menino que amavam em comum fosse o mais gentil e o melhor condicionado de todos os outros. Ensinavam os meninos a falar de sorte que sua linguagem tivesse malícia misturada de graça e prazer, e que em poucas palavras compreendesse muita substância.

XXXIX. Pois Licurgo queria que a moeda de ferro, de grande peso e grosseira massa, tivesse muito pouco valor, como dissemos alhures; e, ao contrário que a fala, em poucas palavras, nem pesadas nem afetadas, compreendesse muito grave e boa sentença, acostumando as crianças, por longo silêncio, a serem breves e agudas nas respostas. Porque exatamente assim como a semente dos homens luxuriosos, que se misturam frequente e dissolutamente demais com as mulheres, não pode germinar nem frutificar, também a intemperança de falar demais torna a palavra vã, tola e vazia de sentido. Daí vem que as respostas Lacónicas eram tão agudas e tão sutis; conta-se {126} que o rei Agis respondeu um dia a um Ateniense que zombava das espadas usadas pelos Lacedemônios, dizendo que eram tão curtas que os saltimbancos e ilusionistas as engoliam facilmente na praça, diante de toda a gente: «E todavia, disse Agis, com elas atingimos bem os nossos inimigos.»

XL. Quanto a mim, sou de opinião que os Lacõnios, em sua maneira de falar, não usam de muita linguagem, mas tocam muito bem no ponto e se fazem entender muito bem pelos ouvintes; e, assim, parece-me que o próprio Licurgo era igualmente breve e agudo no falar, o que se pode conjecturar por algumas de suas respostas que se encontram por escrito, como foi a que deu a alguém que o aconselhava a estabelecer na Lacedemônia um governo popular, onde o pequeno tivesse tanta autoridade quanto o grande: «Começa, disse-lhe ele, a fazê-lo tu mesmo em tua casa.» Semelhantemente, também, o que respondeu a outro que lhe perguntara porque havia ordenado se oferecessem aos deuses coisas tão pequenas e de tão pouco valor: «A fim, disse ele{127}, de jamais cessarmos de honrá-los.» E o que de outra feita disse no tocante aos combates{128}: proibia aos cidadão somente aqueles nos quais a mão é estendida, isto é, onde há rendição.

XLI. Encontram-se também algumas belas res^ postas em certas cartas missivas que escrevia aos seus concidadãos, como quando lhe perguntaram: «Como poderemos defender-nos contra os nossos inimigos?» Respondeu-lhes: «Continuando pobres e sem nenhum cobiçar possuir mais do que' o outro.» E em outra missiva, na qual discute se era expediente fechar a cidade com muralhas: «Como se poderia dizer que a cidade está sem muralhas, quando está cingida e cercada de homens em toda a volta, e não de tijolos?» Todavia, quanto a essas cartas e outras semelhantes que se mostram dele, é difícil decidir se devemos crer ou descrever sejam de sua autoria.

XLII. Mas, quanto a que o muito falar fosse repreendido e censurado entre os Lacedemônios, pode-se evidentemente mostrar pelas agudas palavras que alguns deles responderam outrora. O rei Leônidas disse um dia a alguém com quem conversava e que alegava muitas coisas boas, mas fora de tempo e de estação: «Amigo, tratas sem propósito de muitos «bons propósitos». E Carilau, o sobrinho de Licurgo, interrogado porque seu tio fizera tão poucas leis: «Porque, disse ele, não há necessidade de muitas leis para os que não falam muito.» E Arquidâmidas disse a alguns que repreendiam o orador Hecateu{129} porque, tendo sido convidado para jantar em um dos convívios, não falou durante todo o tempo da refeição: «Aquele que sabe

falar bem sabe igualmente quando é preciso falar.» E, quanto ao que eu disse antes, que em suas agudas e sutis respostas havia ordinariamente um pouco de malícia misturada com graça, pode-se ver e conhecer por estas outras palavras: Demarato respondeu a um cacete que lhe quebrava a cabeça com perguntas impertinentes e importunas, perguntando-lhe quem era o melhor homem da Lacedemônia: «Aquele que «menos» se parece contigo.» E Agis disse a alguns que em altas vozes louvavam os Elianos porque julgavam segundo o direito e a justiça nos jogos Olímpicos: «Que grande maravilha existe em que, no espaço de cinco anos, os Elianos façam ao menos um dia boa justiça?»

E Teopompo a um estrangeiro que, desejando mostrar sua afeição pelos Lacedemônios, dissera: «Em nossa cidade todos me chamam Philolacon», isto é, amador dos Lacedemônios; «Seria mais honesto, respondeu, que te sobrenomeassem Philopolites», isto é, amante dos seus concidadãos. E Plistônax, filho de Pausânias, como um orador Ateniense chamasse aos Lacedemônios grosseiros e ignorantes: «Dizes a verdade, respondeu, pois somos os únicos entre os Gregos que não soubemos nada de mal a respeito de vós outros.» E Arquidâmidas a um que lhe perguntara quantos eram os Espartanos: «Bastantes, respondeu-lhe, para expulsar os maus.»

XLIII. Pode-se também fazer conjectura de sua maneira de falar pelas palavras jocosas que às vezes diziam brincando, porque estavam acostumados a jamais dizer nada no ar e em vão, tendo sempre cada palavra alguma inteligência secreta que a tornava merecedora de ser considerada de perto. Como aquele que disse, ao ser convidado para ir ouvir alguém que ingenuamente imitava o rouxinol: «Eu já ouvi o próprio rouxinol.» E outro que, tendo lido esta inscrição de sepultura:

Após em seu país a tirania

Extinguiram com bélica energia,

Diante das altas torres comba teram

Outrora e em Selinunte pereceram,

disse: «Eles bem mereciam a morte, por terem extinguido uma tirania, quando deveriam deixar que se queimasse toda.» E um rapazinho a outro que prometia dar-lhe galos tão corajosos que morriam rio terreiro combatendo: «Não me dês daqueles que morrem mas dos que fazem morrer os outros combatendo.» Outro, vendo homens que passavam sentados dentro de coches e liteiras, disse: «Não queria Deus que eu jamais esteja em cadeira de onde não possa levantar-me suas respostas e recontros; de maneira que não é sem razão que outrora disseram alguns que laconizar era antes filosofar, isto é, exercitar antes a alma que o corpo.

XLIV. Mas, além disso, não se empenhavam menos em contar bem e compor belos cânticos do que em falar com rapidez e propriedade; e, assim, em suas canções, havia sempre não sei que espécie de aguilhão a excitar a coragem dos ouvintes e a inspirar-lhes o ardente desejo de fazer alguma bela coisa. A linguagem era simples, sem nenhuma afetação, e o assunto grav e e moral, contendo mais frequentemente o elogio dos que tinham morrido na guerra, pela defesa de Esparta, como sendo muito felizes; e censura aos que, por frouxidão de caráter, tinham evitado morrer, passando a viver uma vida miserável e infeliz: ou era ainda a promessa de serem homens virtuosos no futuro, ou a gabolice de o serem presentemente, segundo as

diversas idades dos que cantavam. Assim, não será fora de propósito, para melhor entendimento, apresentar aqui alguns exemplos. Nas festas públicas, havia sempre três danças, segundo a diferença das três idades. A dos velhos era a primeira que começava a cantar, dizendo:

Nós fomos, em tempos idos,

Jovens, bravos e atrevidos.

Vinha depois a dos homens, que dizia:

Nós o somos no presente,

À prova de toda a gente.

A terceira, das crianças, vinha depois e dizia:

E nós um dia o seremos,

Pois vos ultrapassaremos.

XLV. Em suma, quem observar de perto as obras e composições dos poetas Lacónicos, das quais Se encontram ainda algumas, até ao tempo presente, C considerar a nota que faziam soar com flautas, ao Som e à cadência da qual marchavam em batalha, quando iam enfrentar o inimigo, achará que não é sem razão que Terpandro e Píndaro conjugavam a ousadia com a música. Pois Terpandro, ao falar dos Lacedemônios, diz em certo trecho:

Eis onde em guerra a música se alia

Aos atos de bravura e de ousadia,

Sob o fecundo reino da justiça,

E Píndaro, falando também deles, diz;

Os velhos são mais prudentes,

Os moços bravos, contentes,

Sabendo bailar, cantar

E o inimigo dominar.

Pelos quais testemunhos aparece que ambos os fizeram e descreveram como amantes da música e das armas ao mesmo tempo; pois, assim como diz outro poeta Lacônico,

Saber{130} à lira cantar

Formosos carmes fagueiros

Bem corresponde a lutar

Como valentes guerreiros.

XLVI. Por essa causa, em todas as guerras, quando iam dar batalha, o rei sacrificava primeiramente às Musas{131}, para recordar os combatentes, como me parece, a disciplina na qual tinham sido educados e os julgamentos, a fim de que, no mais forte e perigoso da refrega, eles se representassem diante dos olhos dos soldados e fossem causa de os incitar a praticar atos dignos de memória. Mas, então, relaxavam um pouco aos jovens a rígida austeridade e dureza de sua regra ordinária de viver, permitindo-lhes que enfeitassem os cabelos e embelezassem as armas e indumentos, e tomando prazer em vê-los assim regozijar-se, nem mais nem menos do que jovens cavalos relinchões e resfolegantes de ardor de combater. Portanto, ainda que desde o tempo da primeira juventude começassem a usar longos cabelos, não eram jamais tão cuidadosos em os pentear e compor como quando estavam prestes a dar batalha; pois então os untavam{132} com óleos perfumados] e os repartiam, lembrando-se de uma observação de Licurgo, o qual costumava dizer que os cabelos tornam aqueles que são belos ainda mais belos e aqueles que são feios mais medonhos e hediondos. Os próprios exercícios individuais eram mais doces e menos penosos na guerra do que em outra época, e geralmente todo o seu viver menos estreitamente reformado e menos controlado, de maneira que no mundo só para eles a guerra era repouso de trabalhos que os homens em geral suportam a fim de se tornarem militarmente idóneos.

XLVII. Depois, quando todo o seu exército estava enfileirado em batalha, à vista do inimigo, o rei sacrificava aos deuses uma cabra e, de quando em quando, mandava que todos os combatentes colocassem à cabeça chapéus de flores e que os tocadores de flautas soassem a alvorada que eles chamam de canção de Castor, ao som e à cadência da qual ele próprio começava a marchar em primeiro lugar; de sorte que era aprazível, e não menos aterrador, vê-los assim marchar todos juntos em tão boa ordem ao som das flautas, sem jamais perturbar a ordem nem confundir as fileiras, e sem perder-se nem assustar de nenhum modo, mas antes indo pausada e alegremente, ao som dos instrumentos, arrostar o perigo da morte. Pois é verossímil que tais coragens não são apaixonadas nem pelo pânico nem pela fúria além da medida; e, ao contrário, têm eles constância e ousadia segura, com boa esperança, como se fossem acompanhados pelo favor dos deuses.

XLVIII. O rei, marchando nessa formação, tinha sempre ao pé de si alguém que tivesse outrora conquistado o prêmio nos jogos e torneios públicos; e dizem que certa vez houvessem ao qual, na festa dos jogos Olímpicos, se ofereceu boa soma de dinheiro, a fim de que não se apresentasse para combater: o que ele não quis fazer, antes preferiu com grande dificuldade ganhar ali o prêmio da luta. E, então, disse-lhe alguém: «Afinal, Lacõnio, que te adiantou ter conquistado com tanto suor o prêmio da luta?» O Lacônio respondeu-lhe rindo: «Combaterei em batalha diante do rei.»

XLIX. Após desbaratarem os inimigos, eles os expulsaram e perseguiam até que, pela derrota e fuga completa, a vitória estivesse de todo assegurada; e, então, voltavam sem nada mais para o seu acampamento, estimando que não era ato de coroação gentil nem de nação nobre e generosa, como a Grega, matar e chacinar os que estavam tão debandados que não mais podiam reagrupar-se e abandonavam toda esperança de vitória. Isso lhes era não somente honroso, mas também grandemente aproveitável, porque os que os enfrentavam em batalha, sabendo que eles matavam os que se obstinassem em fazer-lhes face, achavam que fugir era mais útil do que esperar e ficar.

L. Diz o sofista Hípias que o próprio Licurgo foi bom capitão e grande homem de guerra, pois estivera em várias batalhas; e Filostéfano lhe atribui a separação dos homens a cavalo em companhias, chamadas Oulames, cada uma das quais era de cinquenta homens armados, que se enfileiravam em quadrado. Mas, ao contrário, Demétrio de Falero escreve que ele nunca esteve na guerra e que estabeleceu suas leis e seu governo em plena paz. Quanto a mim parece-me que a instituição da trégua de armas durante a festa dos jogos Olímpicos, a qual se diz ter sido inventada por ele, é bem sinal de uma natureza doce e que ama o repouso da paz; todavia, há alguns, entre os quais está Hermipo, que dizem que ele não esteve desde o começo com ífito a ordenar as cerimonias dos jogos Olímpicos, mas que ali se encontrou uma vez por acaso e de passagem somente, detendo-se para assistir à exibição; e então lhe aconteceu que ouviu atrás de si como a voz de um homem que o interpelara, dizendo estr anhar que ele não persuadisse os cidadãos de participarem dessa bela assembleia; e, como se voltasse para ver quem lhe falava, não viu ninguém. Diante disso, estimou fosse uma admoestação vinda da parte dos deuses, de modo que foi incontinente procurar ífito, com o qual ordenou todos os estatutos e cerimonias daquela festa, a qual depois se tornou muito mais famosa, melhor estabelecida e mais assegurada do que antes.

LI. Ma s, para voltar aos Lacedemônios, sua disciplina e regra de viver durava ainda depois de haverem chegado à idade de homens, pois não havia ninguém a quem fosse tolerado nem permitido viver como entendesse, antes ficavam dentro da cidade nem mais nem menos do que dentro de um acampamento, onde cada qual sabe o que deve ter para viver e o que deve fazer para o público. Em suma, estimavam todos que não tinham nascido para servirem a si mesmos, antes para servir o país; e, portanto, se outra coisa não lhes era recomendada, continuavam sempre a ir ver o que faziam os meninos e a ensinar-lhes alguma coisa que resultasse em utilidade pública, ou ainda a aprender eles próprios com os que eram mais idosos do que eles.

LII Pois uma das mais belas e mais felizes coisas que Licurgo introduziu jamais em sua cidade foi o grande lazer proporcionado ao s cidadãos, não permitindo se empregassem em nenhum mister vil ou mecânico; e, assim, não havia necessidade de trabalhar para acumular grandes riquezas em lugar onde a opulência não era de modo algum útil nem apreciada; pois os Hilotas, que eram homens servilizados por direito de guerra, lavravam-lhes as terras, proporcionando-lhes assim certa renda todos os anos. A esse propósito, conta-se de um Lacedemõnio que, achando-se em Atenas, num dia em que ali se realizavam julgamentos, ouviu dizer como um burguês da cidade acabava de ser convencido e condenado por ociosidade, tendo voltado para casa todo desconfortado, acompanhado pelos amigos, que o deploravam grandemente e estavam muito desgostosos com seu infortúnio; e o Lacedemõnio, então, pediu aos que estavam perto dele que lhe mostrassem aquele que fora condenado por viver nobremente e como gentil-homem. O que eu aleguei para mostrar quanto ele estimava ser coisa plebeia e servil exercer algum mister mecânico ou fazer alguma obra manual para ganhar dinheiro.

LIII. Quanto aos processos, pode-se bem imaginar que foram banidos da Lacedemônia com o dinheiro, mesmo porque não havia avareza, cobiça, pobreza, nem indigência, antes igualdade com abundância e grande comodidade no viver, por causa da sobriedade, sem nenhuma superfluidade. Eram só danças, festas, jogos, banquetes, caçadas, exercícios físicos e assembleias para se entreterem durante todo o tempo em que não estavam ocupados na guerra; pois os moços, até à idade de trinta anos, jamais se encontravam no mercado para comprarem ou fazerem alguma provisão doméstica, mas faziam seus negócios e provisões necessárias por intermédio dos parentes e amigos, sendo também coisa vergonhosa que mesmo os mais velhos ali se encontrassem frequentemente; e, ao contrário, era-lhes honroso frequentar, durante a maior parte do dia, as liças onde se faziam exercícios corporais, ou os redutos e reuniões recreativas, onde passavam o tempo a discorrer honestamente uns com os

outros, sem jamais terem o propósito de ganhar, traficar ou acumular dinheiro: porque todas as suas conversas, ou a maior parte, eram para louvar alguma coisa honesta ou censurar as desonestas com pilhérias e risadas, que entretanto sempre continham, de passagem, uma doce advertência e uma correção.

LIV. Pois o próprio Licurgo não era tão austero que nunca o vissem rir, antes escreve Sosíbio haver ele quem doou a pequena imagem do Riso existente na Lacedemônia, tendo querido introduzir o riso nos convívios e outras assembleias, como agradável molho para adocicar o trabalho e a dureza de sua regra de viver. Em suma, acostumou os cidadãos a não quererem e não poderem jamais viver sós, antes serem por assim dizer colados e incorporados uns com os outros, e a se acharem sempre juntos, como as abelhas, em torno dos superiores, saindo de si mesmos quase por um arrebatamento de amor para com o país e de desejo de honra para servir inteiramente ao bem da coisa pública; a qual afeição se pode fácil e claramente ver impressa em algumas de suas respostas, como a que deu um dia Pedareto, por ter deixado de ser eleito para o número dos trezentos: pois voltou alegre e satisfeito para casa, dizendo que se regozijava de haver encontrado na cidade trezentos homens melhores do que ele. E Polistrátidas, tendo sido enviado embaixador com alguns outros junto aos capitães e lugares-tenentes do rei da Pérsia, os senhores Persas lhe perguntaram se eles iam por motivo privado ou se haviam sido enviados pelo público: «Se nós obtemos, disse ele, é pelo público; se não obtemos, é por iniciativa privada que viemos.» E Argileônida, mãe de Brásidas, perguntou a alguns, que na volta da viagem de Anfípolis à Lacedemônia a tinham ido visitar, se seu filho morrera como homem de bem e digno de ter nascido em Esparta; e, como o louvassem em altas vozes, dizendo que não havia ainda homem tão valente em todo o país da Lacedemônia, replicou-lhes: «Não digais isso, meus amigos, pois Brásidas era por certo muito valente, mas o país da Lacedemônia tem muitos outros que o são ainda mais do que ele.»

LV. Ora, quanto ao Senato, Licurgo o estabeleceu primeiramente com aderentes de sua empresa, como dissemos antes; mas ordenou que, quando viesse mais tarde a morrer algum deles, o substituísse aquele que fosse considerado o melhor homem da cidade, desde que passasse dos sessenta anos. Era bem o mais honroso combate que poderia existir entre os homens, no qual conquistava ele o prêmio, não que fosse o mais ágil entre os ágeis, nem o mais forte entre os fortes, mas sim o mais virtuoso entre os virtuosos, tendo por preço de sua virtude pleno poder, por assim dizer, e autoridade soberana no governo da coisa pública, e detendo em seu poder a honra, a vida e os bens de todos os cidadãos. Mas a eleição se fazia desta maneira: o povo primeiramente se reunia acima da praça, onde havia alguns deputados encerrados dentro de uma casa, de maneira que não podiam ver nem ser vistos pelos que estavam reunidos na praça, antes ouvindo-lhe somente o rumor; então o povo declarava por aclamação aquele que aceitava ou que recusava, entre os pretendentes, como também declarava sua vontade por esse mesmo meio em qualquer outra coisa. Os pretendentes não eram introduzidos nem apresentados todos juntos, mas uns depois dos outros, pela ordem, para se tirar a sorte. Aquele em quem a sorte recaísse passava através da assembleia do povo sem dizer palavra, e os deputados encerrados tinham tabuletas nas quais anotavam a grandeza do rumor e do clamor do povo, de modo que cada um dos candidatos passava sem que eles soubessem quem era; e contavam somente o primeiro, o segundo, o terceiro ou o tantésimo, pela ordem de apresentação; e aquele a cuja passagem o clamor do povo fosse maior, era por eles declarado eleito senador. E ele, então, trazendo um chapéu de flores sobre a cabeça, ia por todos os templos dos deuses para render-lhes graças, seguindo de grande número de jovens que em altas vozes louvavam e magnificavam sua virtude; e também de um grande grupo de mulheres que iam entoando cânticos em seu louvor e abençoando-o por haver tão virtuosamente vencido; depois, cada um de seus parentes lhe preparava em casa uma colação e, assim que ele entrava, dizia-lhe: «A cidade te honra com este banquete.» Isso feito, ele voltava para o lugar ordinário do seu convívio, onde fazia em tudo o mesmo que de costume, salvo quando lhe serviam à mesa diante dele dupla porção, da qual conservava apenas uma; e, depois do jantar, todas as suas parentes ficavam à entrada da sala do convívio onde ele tinha jantado; e ele chamava aquela que mais estimava, dava-lhe a segunda porção e dizia-lhe: «Isto me foi dado em testemunho de que eu hoje conquistei o prêmio da virtude; e eu te dou da mesma forma.» Então, ela era reconduzida para casa por todas as outras damas, nem mais nem menos do que ele pelos homens.

LXI. Ademais, quanto às sepulturas, Licurgo também as ordenou com muita sabedoria, pois em primeiro lugar, para evitar toda superstição{133}, quis que o mortos se enterrassem dentro da cidade e que as sepulturas fossem ao redor das igrejas, para acostumar os jovens a tê-los sempre diante dos olhos, sem medo de ver um defunto, como se fosse coisa que só de tocar-se, ou passar através das sepulturas, tornasse o homem poluído; depois, proibiu que logo pudesse ser enterrado com eles, e quis somente que se envolvesse o corpo com um pano vermelho, com folhas de oliveira. Não era permitido escrever sobre a sepultura o nome do defunto, salvo de homem morto na guerra ou de mulher religiosa e sagrada. Ademais, o tempo prefixado para usar o luto era muito curto, pois não durava mais de onze dias, e era preciso que no duodécimo sacrificassem a Prosérpina e abandonassem o luto.

LVII. Em suma, nada deixou ocioso, pois entre todas as coisas que os homens não podem dispensar introduziu sempre algum aguilhão incitando os homens à virtude e fazendo-os odiar o vício; e encheu a cidade de belos e bons ensinamentos e exemplos, de forma que o homem assim educado, encontrando-os sempre diante dos olhos em qualquer parte onde se achasse, vinha por força moldar-se e formar no padrão da virtude. E por essa causa não permitiu a quem quisesse, sem licença, sair fora do país e ir aqui e acolá, pelo mundo, de medo que aqueles que assim saíssem a seu bel-prazer trouxessem então consigo costumes estrangeiros e exemplos de vida corrompida e desordenada: o que pouco a pouco teria podido acarretar alteração e mudança da polícia. Além disso, expulsou de Esparta os estrangeiros, salvo os que ali tinham necessariamente o que fazer e que ali haviam chegado para alguma coisa boa e aproveitável: não que tivesse receio de que ali aprendessem algo que lhes servisse para fazê-los amar a virtude, como o disse Tucídides, e que eles ficassem com vontade de seguir a forma de sua polícia, mas sim por temer que eles ensinassem aos seus cidadãos alguma coisa má e viciosa, pois é forçoso que com pessoas estrangeiras entrem numa cidade propósitos e desígnios novos: os novos avisos engendram novas afeições e vontades discordantes e muito frequentemente repugnantes às leis e à forma de governo já estabelecida, nem mais nem menos do que a uma harmonia de música bem acordada; portanto, estimou ser coisa necessária manter a cidade pura e nítida de costumes e modos de agir estrangeiros, nem mais nem menos que de pessoas infectas de moléstia contagiosa.

LVIII. Ora, em tudo o que dissemos inteiramente até aqui, não há marca nem aparência alguma de iniquidade nem de injustiça, de que censuram alguns as ordenanças de Licurgo, dizendo que são bem ordenadas para tornar os homens belicosos e valentes, não justos e direitos; mas, quanto àquela a que chamavam Criptia, como quem dissesse secreta, se é ordenança de Licurgo, segundo admite. Aristóteles, ela poderia haver induzido Platão a formar sobre ele a mesma opinião que de sua coisa pública. Essa ordenança era tal: os governadores que tivessem a superintendência dos jovens, a certos intervalos de tempo escolhiam os que lhes parecessem mais avisados e os enviavam aos campos, um aqui, outro acolá, levando então consigo adagas e somente o necessário para viverem. Esses jovens, esparsos no meio dos campos, escondiam-se durante o dia em alguns lugares cobertos onde repousavam, depois à noite iam espiar os caminhos e aí matavam o primeiro Hilcta que encontrassem; e, às vezes, nos campos, em pleno dia, iam matar os mais fortes e mais robustos, como conta Tucídides em sua história da guerra Peloponésica, onde diz que alguns Hilotas, em bom número, foram por édito público dos Espartanos coroados como libertos e levados por todos os templos aos deuses, em virtude dos bons serviços que valorosamente haviam prestado à coisa pública; e em pouco tempo não se soube o que se tornaram, ainda que fossem mais de dois mil, de sorte que jamais ninguém ouviu dizer, nem então nem depois, como tinham morrido. E Aristóteles, além de todos os outros, diz que os Éforos, logo que se instalavam em seus ofícios, declaravam guerra aos Hilotas, a fim de que fossem permitido matá-los. Também é certo que, em outras coisas ainda, os tratavam muito duramente, pois às vezes os faziam beber à força vinho sem água, além da medida, até os embriagarem; depois os levavam inteiramente ébrios às salas dos convívios, para as crianças verem a vilania de uma pessoa embriagada; e os faziam cantar canções e praticar danças indignas de pessoas honestas, e cheias de derrisão e zombaria, proibindo-os expressamente de cantarem as que

fossem honestas. De sorte que se diz{134} que, na viagem que fizeram os Tebanos dentro da Lacônia, os Hilotas feitos prisioneiros, quando se lhes ordenava que cantassem versos de Terpandro, ou de Álcman, ou de Espèndon da Lacônia, não o faziam, dizendo que não ousariam cantar as canções de seus amos. De tal maneira, aquele que primeiro se lembrou de dizer que no país da Lacedemônia quem é livre é mais livre e quem é servo é mais servo do que em nenhuma outra parte do mundo, conheceu muito bem a diferença que há entre a liberdade e a servidão de lá e de alhures.

LIX. Mas, quanto a mim, penso que os Lacedemônios começaram a usar dessas grandes rudezas e crueldades muito tempo após a morte de Licurgo e mesmo depois do grande tremor de tetra que sobreveio em Esparta {135}, época na qual os Hilotas se sublevaram contra eles com os Messenianos e causaram muitos males a todos o país, pondo a cidade no maior perigo que jamais tivera; pois eu não poderia pensar que Licurgo jamais inventasse nem instituísse coisa tão infeliz nem tão perversa como aquela ordenaça: conjecturando que sua natureza era doce e bonacheirona, pela clemência e equidade que se percebia em todos os outros atos seus, tendo sido mesmo testemunhada por expresso oráculo dos deuses.

LX. Entrementes, quando viu que, por uso, os principais pontos de seu governo já tinham tomado pé, e que sua forma de polícia era bastante forte para manter-se e conservar-se por si mesma, assim como diz Platão, que Deus se regozijou grandemente quando terminou o mundo, vendo-o girar e fazer o seu primeiro movimento: também ele, com singular prazer e contentamento de espírito, ao ver ordenanças tão belas e tão grandes postas em uso, e tão bem encaminhadas por experiência real, procurou ainda torná-las imortais, tanto quanto fosse possível por previdência humana, de sorte que no futuro jamais pudessem ser mudadas nem alteradas. Para consegui-lo, fez reunir o povo e, em plena assembleia, demonstrou-lhe que a polícia e o estado da coisa pública lhe pareciam muito bem estabelecidos para uma vida feliz e virtuosa, mas que havia, não obstante, um ponto de maior consequência que tudo o mais, o qual não lhes podia ainda declarar, até que o tivesse comunicado e sobre ele pedido conselho ao oráculo de Apolo; e, portanto, era preciso que observassem suas leis e ordenanças inviolavelmente, sem nada mudar, remover ou alterar, até que ele estivesse de volta da cidade de Delfos; e, quando regressasse, fariam então o que o deus lhe houvesse aconselhado. Eles prometeram todos fazê-lo assim e lhe pediram se apressasse em ir até lá; mas, antes de partir, fez primeiro os reis e senadores, depois consequentemente todo o povo, jurarem que respeitariam suas ordenanças e estatutos, sem nada mudarem nem removerem de nenhum modo, até que estivesse de volta; feito isso, seguiu para a cidade de Delfos, onde, logo que chegou, sacrificou ao templo de Apolo e perguntou se as leis que estabelecera eram boas para bem e felizmente viver: respondeu-lhe Apolo que suas leis eram verdadeiramente muito boas e que sua cidade, conservando a forma de governo que ele ordenara, se tornaria muito gloriosa e renomeada.

LXI. Licurgo mandou escrever esse oráculo, enviando-o a Esparta; e, depois de haver ainda de novo sacrificado a Apolo, despediu-se dos amigos e do filho e resolveu morrer, a fim de que seus concidadãos não pudessem jamais ser absolvidos do juramento feito. Quando tomou essa resolução, tinha ele chegado à idade em que o homem está ainda bastante vigoroso para viver e também maduro para morrer quando o queria; porque, sentindo-se feliz’ de ter chegado acima de sua empresa, deixou-se morrer por falta de alimento, abstendo-se voluntariamente de comer, porque estimava ser conveniente que a própria morte dos grandes personagens trouxesse algum fruto à coisa pública e que o fim de sua vida não fosse nem mais ocioso nem inútil do que tudo o mais, antes fosse um de seus atos mais meritórios e de suas mais virtuosas façanhas. Pensou, assim, que sua morte viria a ser o cúmulo e o coroamento de sua felicidade, após haver feito e ordenado tantas e tão belas, tão boas e tão grandes coisas para honra e bem do país, e seria como um selo de salvaguarda que conservasse em essência as boas ordenanças que encaminhara, visto como os cidadãos tinham todos jurado que as manteriam invioláveis até que ele estivesse de volta. Não se iludiu em tal esperança, pois sua cidade foi a primeira do mundo em glória e bondade de governo, durante o espaço de quinhentos anos, enquanto observou suas leis, sem que nenhum dos reis sucessores mudasse ou alterasse coisa nenhuma, até ao rei Agis, filho de Arquidamo; pois a criação dos éforos não afrouxou, mas enrijeceu, as leis de Licurgo, ainda que à primeira vista eles parecessem haver

sido instituídos para manter e defender a liberdade do povo: pois{136} fortificaram também a autoridade dos reis e do Senado.

LXII. Mas, durante o reino de Agis, começaram primeiramente o ouro e a prata a correr dentro da cidade de Esparta, e com o dinheiro a avareza e a cobiça de possuir, por intermédio de Lisandro, o qual, embora inexpugnável e incorruptível por dinheiro, trouxe contudo ao país a riqueza e a avareza, enchendo-o de delícias, levando-lhe a guerra à força de curo e prata, e contravindo diretamente às l eis e ordenanças de Licurgo, durante cuja vigência e duração o governo de Esparta não parecia ser polícia de coisa pública, mas antes regras de alguma devota e santa religião. E, do mesmo modo que os poetas fingem que Hércules, com sua maça e pele de leão, ia por todo o mundo punindo os ladrões inumanos e cruéis tiranos, também a cidade de Esparta, com{137} um pequeno bilhete de pergaminho e uma pobre capa, comandava e dava lei a todo o resto da Grécia, por grado, consentimento e vontade desta, afastando os tiranos que usurpavam dominação violenta sobre os cidadãos nas outras cidades, decidindo querelas e apaziguando sedições, muitas vezes sem fazer marchar um só homem de guerra, antes somente enviando um simples embaixador, a cujo comando os outros povos obedeciam incontinente, nem mais nem menos do q ue as abelhas que se enfileiram e reúnem em torno de seu rei, logo que o percebem: tão grande era a reverência que se prestava ao bom governo e à Justiça daquela cidade.

LXIII. Portanto, não me posso admirar daqueles que vão dizendo que a cidade de Lacedemônia Dabia obedecer, e não comandar; e louvam uma observação do rei Teopompo, o qual respondeu a ninguém que dizia que Esparta se mantinha porque ali os reis sabiam comandar: «Mas antes, disse ele, porque os habitantes sabem obedecer.» Pois os homens ordinariamente desdenham de obedecer aos que não sabem comandar: de maneira que a fiel obediência dos súbditos depende da suficiência no bem comandar por parte do príncipe, pois quem bem conduz faz com que seja bem seguido. E, do mesmo modo que a perfeição da arte de um bom escudeiro é tornar o cavalo obediente e saber encaminhá-lo à razão, também o principal efeito da ciência de um rei é bem ensinar a obediência aos súbditos.

LXIV. Mas os Lacedemônios não faziam somente que os outros povos lhes obedecessem de bom grado, antes desejavam ser governados, regidos e comandados por eles, a fim de que não lhes pedissem navios nem dinheiro, e, assim, não lhes enviavam muitos homens de guerra para os constranger, mas somente um cidadão de Esparta para governá-los, ao qual os outros povos se submetiam, servindo-se dele em caso de necessidade, temendo-o e reverenciando-o: como os Sicilianos serviram-se de Gilipo, os Calcidianos de Brásidas e todos os Gregos habitantes na Ásia de Lisandro, Calicrátidas e Agesilau, nomeando-os reformadores e corretores dos príncipes, povos e reis, aos quais eram enviados, e tendo sempre os olhos sobre toda a cidade de Esparta, como sobre um perfeito exemplo de vida inteiramente reformada e de polícia bem ordenada. Ao qual propósito se relaciona muito bem a palavra jocosa proferida um dia por Estratônico, ao dizer, por pilhéria, «que ele mandava os Atenienses fazerem mistérios, procissões e outras cerimónias referentes ao serviço dos deuses; que os Elianos fizessem jogos de prendas, como coisas que sabiam fazer; e{138}, se aí fizessem falta, fossem os Lacedemônios bem chicoteados». Isso foi dito por brincadeira, em tom jocoso; mas Antistenes, filósofo Socrático, vendo os Tebanos tornarem-se soberanos e gloriosos, após terem vencido uma vez os Lacedemônios na jornada de Luctras, disse: «Parece-me que esses Tebanos aqui não fazem nem mais nem menos do que as crianças de escola, que se glorificam quando às vezes corrigem o mestre».

LXV. Todavia, isso não era o fim nem o objetivo ao qual tendia Licurgo, deixar sua cidade comandando a várias; antes, estimando que a felicidade de toda uma cidade, como a de um homem particular, consiste principalmente no exercício da virtude e na união e concórdia dos habitantes, compôs e estabeleceu a forma de seu governo para que os cidadãos se tornassem

francos de coração, contentes de si mesmos, temperados em todos os seus feitos para poderem manter-se e conservar-se no todo muito longamente. Essa mesma intenção tiveram também Platão, Diógenes e Zenão, ao escreverem os livros nos quais discorreram sobre o governo das coisas públicas, e semelhantemente todos os outros grandes e sábios personagens que se puseram a escrever acerca do mesmo assunto; mas após si não deixaram senão escritos e palavras somente; e, ao contrário Licurgo não deixou livros nem papéis, mas produziu e realizou de fato uma forma de governo que nenhum antes dele jamais inventara e que depois nenhum outro pôde imitar; e fez ver àqueles que cuidam que a definição do perfeitamente sábio seja coisa imaginada no ar somente, e que não possa realmente existir no mundo, toda uma cidade vivendo e se governando filosoficamente, isto é, segundo os preceitos e as regras de perfeita sapiência; dessa maneira, ele em bom direito superou a glória de todos os que em todos os tempos se entregaram à tarefa de descrever ou de estabelecer o governo de algum estado político.

LXVI. E, por essa causa, diz Aristóteles que, depois de sua morte, fizeram-lhe na Lacedemônia m enos honra do que ele merecera, ainda que lhe tenham feito tanto quanto possível, pois lhe edificaram um templo e lhe instituíram um sacrifício solene todos os anos, como a um deus. Além disso, diz-se que as cinzas de seu corpo, tendo sido transportadas para Esparta, um raio caiu sobre a sua sepultura: o que não se viu acontecer a outros personagens de nome, após o falecimento, senão ao poeta Eurípides, o qual, tendo morrido na Macedónia, foi enterrado depois na cidade de Aretusa, o que é um grande argumento para os amadores da memória desse poeta, para responderem àqueles que o caluniam que somente a ele aconteceu, depois da morte, o que antes sucedera somente com um homem tão santo e tão amado dos deuses.

LXVII. Querem alguns dizer que Licurgo morreu na cidade de Cirra, mas Apolótemis diz que foi em Élida, para onde foi levado; e Timeu e Aristóxeno escrevem que ele acabou seus dias em Cândia; e diz aind a mais Aristóxeno que os Candiotas mostraram sua sepultura na região que se chama Pérgamo, ao longo do grande caminho. Deixou ele um filho único chamado Antíoro, o qual morreu sem filhos, de sorte que sua raça terminou nele. Mas seus familiares, parentes e amigos fizeram uma sociedade e confraria em sua memória, a qual durou muito tempo, e aos dias em que se reuniam deram o nome de Lícúrgidas. Há outro, Aristócrates, filho de Hiparco, que diz ter ele morrido em Cândia, tendo-lhe os amigos queimado o corpo e depois espalhado as cinzas no mar, conforme ele lhes recomendara e pedira, porque temia que, se porventura as relíquias do seu corpo fossem um dia levadas para Esparta, os habitantes não quisessem dizer que ele voltara e, dessa forma, dizendo-se absolvidos do juramento que lhe tinham feito, empreendessem remover o governo por ele instituído. Eis o que há sobre a vida de Licurgo.

Numa Pompílio

SUMÁRIO DA VIDA DE NUMA POMPÍLIO

I. Antiguidade dos registros de Roma. II. Origem de Numa. Suas palestras com Pitágoras. Distinção entre dois filósofos desse nome. II. Interregno após a morte de Rômulo. V. Numa é eleito rei. VI. Suas virtudes. XII. Costumes populares. Instituições religiosas. XIII. Suas opiniões, seus estabelecimentos pacíficos. XIV. A ninfa Egéria. XVI. Criação do colégio dos pontífices. XVII. Consagração das Vestais. Fogo sagrado: maneira de acendê-lo. XVIII. Privilégios e punição das Vestais. XIX. Templo de Vesta. XX. Culto da deusa Libitina: leis do luto. XXI. Sacerdotes Sálios, Feciais. XXIII. Doença pestilencial em Roma. Escudo que se diz caído do céu. Escudos sagrados. XXIV. Palácio de Numa. Cerimônias religiosas. XXVI. Seus efeitos sobre os costumes dos Romanos. XXIX. Polícia de Roma. Criação dos corpos e ofícios. XXX. Lei em favor das crianças. XXXI. Reforma do calendário. XXXII. Templo de Jano, fechado durante a paz. XXXIV. Morte de Numa. XXXV. Suas obséquias. Seus livros. XXXVI. Sua glória aumenta sob o reino dos sucessores.

Desde o ano 754 até ao ano 671 antes de Jesus Cristo, 83 anos após a fundação de Roma.

Há semelhantemente grande diversidade entre os historiadores, no tocante ao tempo no qual reinou o rei Numa Pompílio, embora queiram alguns derivar dele a nobreza de várias grandes casas de Roma. Certo Clódio, que escreveu o livro intitulado «A Tábua dos Tempos», afirma que os antigos registros da cidade de Roma se perderam no tempo em que ela foi tomada e saqueada pelos Gauleses e que os que se têm hoje não são verdadeiros, antes foram compostos por homens desejosos de agradar a alguns que se vão a toda a força ingerindo nas antigas casas e famílias dos primeiros Romanos, sem lhes estarem ligados absolutamente nada. De outro lado, ainda que a opinião comum seja que Numa foi discípulo e familiar amigo do filósofo Pitágoras, há contudo quem pretenda dizer que ele jamais teve conhecimento das letras e disciplinas Gregas, sustentando ser bem possível que nasceu tão bem e tão perfeitamente predisposto a toda virtude que não teve nenhuma necessidade de mestre; e, ainda que houvesse necessidade disso, preferem atribuir a honra da instituição desse rei a algum bárbaro mais excelente do que Pitágoras.

II. Dizem outros que o filósofo Pitágoras existiu muito tempo depois do reinado de Numa{139} e bem cinco idades de homens depois dele, mas que outro Pitágoras, natural de Esparta, tendo ganho o prêmio de corrida nos jogos olímpicos da décima-sexta olimpíada, no terceiro ano da qual Numa foi eleito rei, seguiu para a Itália e ali frequentou Numa e ajudou-o a governar e ordenar o reino, daí resultando que há ainda muitos costumes Lacônicos de mistura com os dos Romanos, ensinados pelo segundo Pitágoras; mesmo sem isso, Numa era natural do país dos Sabinos, os quais se dizem descendentes dos Lacedemônios. Assim, é bem difícil acordar certamente os tempos, mesmo para os que desejam o rol e a tábua daqueles que, de olimpíada em olimpíada, consecutivamente, ganharam o prêmio nos jogos olímpicos, visto como este rol que se tem agora foi bem tarde publicado por certo Hípias Elieno, o qual não alega nenhum argumento necessário para que se deva ajuntar fé indubitável ao que recolheu. Não obstante, não deixaremos tampouco de deitar por escrito as coisas dignas de memória que pudemos reunir do rei Numa, começando pelo lugar que nos parece mais conveniente.

III. Havia já trinta e sete anos, tanto quanto durara o reino de Rômulo, que Roma fora fundada, quando Rômulo, no quinto dia do mês de julho, agora chamado Nonas Capratinas, fez um sacrifício solene fora da cidade, perto de um lugar vulgarmente denominado Brejo da Cabra; e, estando todo o Senado presente ao sacrifício, com a maior parte do povo, no ar se levantou subitamente fortíssima tempestade, e uma nuvem negra e espessa caiu sobre a terra com ventos impetuosos, raios, relâmpagos e trovões; de maneira que o poviléu, apavorado com tão violenta borrasca, afastou-se fugindo em todas as direções; e o rei Rômulo desapareceu, de maneira que nunca mais foi visto, nem morto nem vivo, Isso tornou os senadores e os nobres chamados Patrícios muito suspeitos, e correu na comuna o surdo rumor de que havia muito tempo eles suportavam impacientemente a condição de súditos de um rei, querendo usurpar e atribuir a si mesmos o poder soberano, e que para tais fins tinham assassinado o rei Rômulo; acresce também que este, pouco tempo antes, começara a tratá-los mais rigorosa e a comandá-los mais orgulhosamente do que de costume; todavia, acharam eles meio de solicitar os murmúrios e extinguir todas as suspeitas com as honras divinas que lhe prestaram, como àquele que não estava morto, antes passara desta vida para outra melhor; e assim houve um dos mais notáveis personagens dentre eles, chamado Próculo, que afirmou sob juramento, diante do povo, que vira Rômulo subindo ao céu, armado dos pés à cabeça, e ouvira uma voz mandando que daí por diante o chamassem de Quirino.

IV. Mas, apaziguado o tumulto, surgiu outra perturbação, a saber, quem se elegeria em seu lugar, porque os estrangeiros, tendo vindo de alhures habitar em Roma, não estavam ainda bem misturados nem inteiramente incorporados e confundidos com os naturais Romanos, de sorte que não somente o povo comum flutuava e oscilava nessa dúvida, mas também os senadores, por serem de várias facções, entravam na suspeita uns dos outros, Não obstante, todos se acordavam bem em que era necessário eleger um rei; mas, quanto ao resto,

divergiam em saber não só quem elegeriam, mas também de que nação; porque os que tinham começado a construir e fundar Roma com Rômulo não podiam suportar que os Sabinos, com os quais haviam partilhado a cidade e as terras, tentassem e presumissem comandar aqueles que os tinham recebido e associado com eles. Os Sabinos, de outro lado, alegavam uma razão em que havia grande aparência: era que, depois da morte de seu príncipe Tácio, não perturbaram nem inquietaram Rômulo, antes permitiram que reinasse pacificamente, e por essa causa, de haver ele falecido, queria a razão que o novo rei fosse eleito de sua nação; e, se bem os Romanos os tivessem recebido em sua cidade, não se devia dizer que no tempo, dessa associação eles fossem menores do que eles em qualquer coisa, pois que, juntando-se a eles, tinham aumentado ao dobro o seu poder e feito um corpo de povo que merecia a honra e o título de cidade. Eis as causas de suas divergências; mas, para obviar a que desse debate surgisse alguma confusão na cidade, se ela ficasse sem magistrado com autoridade de comandar, os senadores, que eram em número de cento e cinquenta, avisaram que cada um deles, um após outro, teria por seu turno as marcas e insígnias reais, faria os sacrifícios ordinários e despacharia os negócios durante seis horas do dia e seis horas da noite, como{140} soberano; e pareceu-lhes que seria melhor assim repartir o tempo, de sorte que tempo houvesse igualmente para uns e outros, tanto para o que respeitava a eles próprios como para o que respeitava ao povo, porque essa mutação e esse transporte da autoridade soberana, passando assim de um a outro, diminuiria a inveja, quando se visse que em um mesmo dia e em uma mesma noite um deles seria simultaneamente rei e homem privado. Os Romanos chamam a essa espécie de principado Interregnum, como quem dissesse entre-reino; mas, conquanto os senadores governassem muito civil e moderadamente, não puderam contudo deixar de cair nas suspeitas e murmúrios do povo, o qual ia dizendo que eles haviam finamente inventado esse meio de mudar o reino em domínio de pequeno número da nobreza, a fim de que toda a autoridade e o governo dos negócios ficasse sempre em suas mãos, porque lhes aborrecia ser súditos de um rei; finalmente, as duas partes da cidade chegaram ao acordo de que uma elegeria um rei tirado do corpo da outra.

V. O expediente pareceu-lhe muito bom, tanto para pacificar a dissensão presente como também para que o assim eleito tivesse afeição igual para com as duas partes, amando uma, porque o teria eleito, e a outra, porque seria de sua nação. Os Sabinos foram os primeiros que deferiram aos Romanos a opção de eleger, e os Romanos estimaram que seria melhor elegerem um da nação Sabina do que terem um de sua nação eleito pelos Sabinos; e, após haverem a esse respeito deliberado e consultado entre si, elegeram do corpo dos Sabinos Numa Pompílio, o qual não era do número daqueles que tinham vindo morar em Roma, mas homem tão renomeado por sua virtude que os Sabinos, logo que o ouviram nomear, o receberam de melhor grado do que se eles próprios o tivessem eleito. Tendo pois feito ouvir ao povo sua eleição, foram deputadas as primeiras e principais personagens de uma e de outra parte para irem à presença dele, pedindo-lhe que viesse a Roma e aceitasse o reino que se lhe oferecia.

VI. Ora, era Numa Pompílio natural de uma das melhores cidades que tinham os Sabinos, a qual se chamava Cures, razão por que os Romanos com os associados Sabinos se chamaram depois Quirites, e era filho de Pompônio, homem de honra, o mais jovem de quatro irmãos, tendo por divina coincidência nascido no mesmo dia em que a cidade de Roma foi primeiramente fundada por Rômulo, ou seja, vinte e um de abril. Ele, pois, sendo naturalmente inclinado e dedicado a toda virtude, poliu-se ainda mais pelo estudo das boas disciplinas e pelo exercício de paciência e da filosofia; de sorte que não somente limpou a alma dos vícios e paixões que toda a gente estima censuráveis, mas dela tirou também a violência e a cobiça de usurpar pela força a outrem, que então eram louvadas entre os bárbaros, estimando que a verdadeira força era dominar e conter em si mesmo, pelo julgamento da razão, toda cupidez. Seguindo tal opinião, baniu de golpe de sua casa toda superfluidade e toda delícia, servindo a quem desejasse usar dele, tanto ao estrangeiro como ao do país, na qualidade de juiz às direitas e sábio conselheiro e empregando seu lazer, não no prazer próprio ou na acumulação de bens, mas no servir aos deuses e no contemplar-lhes a natureza e a potência, tanto quanto o entendimento humano pela razão o pode compreender; por isso adquiriu tão bom nome e tão grande reputação que Tácio, que foi rei de Roma com Rômulo, tendo apenas uma filha única chamada Tácia, o fez seu genro; mas, por esse

casamento não se elevou tanto que desejasse ir morar em Roma, junto ao sogro, mas se fixou na própria casa, no país dos Sabinos, para ali servir e tratar o velho pai, com sua mulher Tácia, a qual preferiu viver docemente em repouso junto ao marido, como homem privado, a seguir para Roma, onde teria podido viver em triunfo e honra à causa do pai. Ela morreu, segundo dizem, treze anos depois de casada; e, após sua morte, Numa, deixando a residência da cidade, desejou fixar-se nos campos e ir inteiramente só a passeio pelas florestas e prados consagrados aos deuses, levando vida solitária nos lugares afastados da companhia dos homens. Daí procedeu, em minha opinião, o que dizem dele e da deusa, que não era por nenhum desgosto nem melancolia que Numa se retirava da conversação dos homens, mas para experimentar outra mais venerável e mais santa companhia, tendo-lhe a ninfa e deusa Egéria feito tanta honra que o recebeu como marido, com a qual sua amiga ele vivia feliz, como aquele que, pela frequentação ordinária que tinha com ela, era inspirado do amor e do conhecimento das coisas celestes.

VII. Essas histórias são por certo muito semelhantes a algumas das mais antigas fábulas que os Frígios, que as aprenderam de pai a filho, gostam de contar de certo Átis; os Bitínios, de certo{141} Ródoto; e os Árcades, de certo Endimião e de vários outros homens que tais, em suas vidas reputados santos e bem-vistos dos deuses. Todavia, é bem verossímil que a divindade não ama os pássaros nem os cavalos, mas os homens, experimentando prazer em frequentar às vezes familiarmente os perfeitamente bons e não desdenhando a conversação dos santos e religiosos; mas que uma divina essência tenha companhia carnal e encontre prazer na beleza de um corpo humano, isso é bem difícil de acreditar; e, contudo, os sábios Egípcios cuidam nisso fazer distinção bastante verossímil, dizendo não ser impossível que o espírito de um deus se aproxime de uma mulher e faça germinar em seu corpo um começo de genitura, mas que o homem não pode ter coabitação nem comistão corporal nenhuma com a natureza divina; no que não consideram que tudo o que se mistura dá tanta comunicação do seu ser quanto a recebe daquele com o qual se misturou. Não obstante, é muito razoável crer que os deuses tragam amizade aos homens e que dessa amizade nasça o amor, dize ndo-se por isso que eles são amantes daqueles cujos costumes purificam e os dirigem para a virtude. E não pecam os que imaginam que Forbante, Jacinto e Admeto tenham sido outrora os amores de Apoio, e semelhantemente Hipólito de Sícion, do qual se diz que, todas as vezes que atravessava o braço de mar existente entre a cidade de Sícion e a de Cirra, o deus que o sentia vir se regozijava e fazia pronunciar pela profetisa estes versos heroicos;

Eis que no mar remonta novamente

Hipólito, que eu amo ardentemente.

Também dizem que Pã foi amante de Píndaro e de seus versos, e que a divindade honrou os poetas Hesiodo e Arquílogo após serem mortos pelas Musas; e dizem mais que Esculápio morou em casa de Sófocles quando vivo, do que se mostram ainda hoje vários indícios, e, após sua morte, outro deus, ao que dizem, fez que ele tivesse honrosa sepultura{142}.

VIII. Ora, concedendo que tais coisas sejam verdadeiras, como se pode recusar crédito ao fato de haverem alguns deuses querido frequentar familiarmente Zaleuco, Minos, Zoroastro, Licurgo, Numa e outros personagens tais, que governaram reinos e estabeleceram coisas públicas? Não é verossímil que os deuses os tenham frequentado cientemente, para inspirar-lhes e ensinar-lhes tão belas coisas, e não se tenham aproximado desses poetas e tocadores de lira lamurientes e plangentes, a menos que jamais se aproximassem senão por divertimento e recreio somente? Todavia, se alguém existe de outra opinião, o caminho é largo e aberto, como disse Baquílides. Mesmo porque não acho sem aparência o que outros discorrem no tocante a Licurgo, Numa e demais personagens semelhantes que, tendo de manejar povos rudes e ferozes, e querendo introduzir grandes novidades nos governos de

seus respectivos países, sabiamente fingiram ter comunicação com os deuses, pois tal ficção era útil e salutar àqueles mesmos aos quais o faziam crer.

IX. Mas, para retornar à nossa história, tinha Numa a idade de quarenta anos, quando os embaixadores de Roma lhe foram enviados para oferecer-lhe e pedir-lhe que aceitasse o reino, tendo falado em seu nome Próculo e Veleso, um dos quais se esperava devesse ser eleito rei, porque os do lado de Rômulo favoreciam a Próculo e os da parte de Tácio favoreciam a Veleso; assim, não usaram para com ele de longa arenga, pois estimavam que devesse estar muito satisfeito com tal aventura; mas, ao contrário, era em verdade coisa bem difícil, e que reclamava grandes persuasões e muitas súplicas, abalar um homem que sempre vivera em repouso e tranquilidade, e persuadi-lo de aceitar a senhoria de uma cidade por assim dizer nascida, crescida e educada em armas e para a guerra; assim, na presença do pai e de outro parente chamado Márcio, respondeu-lhes que toda mutação da vida do homem era perigosa, mas quem não carece de nada que lhe seja necessário e, não podendo queixar-se da fortuna e condição é presente, despreza contudo seu estado e abandona a maneira de viver costumeira para adotar outra, não pode dizer que não faz grande loucura, visto como, quando não houvesse outra coisa, deixa o certo pelo duvidoso; «Mas, além disso, nesse caso, os inconvenientes e perigosos dessa realeza que se me oferece não são incertos, se queremos considerar o que sucedeu a Rômulo e que sobre ele próprio recaíra a suspeita de haver de tocaia feito morrer Tácio, seu par e companheiro no reino, deixando que depois de sua morte também os senadores fossem acusados de o terem assassinado à traição; e, todavia, vão dizendo e cantando por toda parte que ele era filho de um deus, que ao nascer foi salvo de maneira miraculosa e depois nutrido quase incrivelmente. Ora, quanto a mim, nasci de semente mortal e fui nutrido, educado e instruído por pessoas que vós conheceis; e as poucas qualidades que se apreciam e louvam em mim são todas condições bem distantes de pessoa idônea para reinar. Eu sempre amei a vida retirada, o repouso e o estudo, longe de manejos de negócios; durante toda a minha vida, amei, procurei e desejei a paz sobre todas as coisas, sem ter nada de comum com a guerra; minha conversação tem sido frequentar homens que não se acham juntos senão para servirem e honrarem os deuses, ou para se regozijarem uns com os outros, e que, em suma, na vida privada dedicam-se à lavoura ou ao gado e às pastagens; visto como, senhores Romanos, deixou-vos Rômulo muitas guerras começadas, que porventura estaríeis impedidos de não ter meios para sustentar, vossa cidade precisaria de um rei belicoso, ativo e vigoroso. Ademais, vosso povo, por longo costume e pelo crescimento que recebeu das armas, não pede outra coisa senão a guerra; e vê-se claramente que ele deseja ainda crescer e comandar os vizinhos. De sorte que, quando outra consideração não houvesse, seria uma derrisão querer ensinar agora a servir os deuses, amar a justiça, abominar a guerra e a violência, a uma cidade que necessita antes de um capitão conquistador do que de um rei pacífico».

X. Tais razões e advertências alegava Numa para descarregar-se da realeza que lhe apresentavam; mas os embaixadores Romanos puseram então a rogar-lhe e suplicar-lhe, com toda a instância possível, que não se tornasse causa de recaírem eles ainda uma vez em sedições e guerras civis de uns contra os outros, por isso que as duas partes da cidade só com ele concordavam. Ademais, quando os embaixadores se retiraram, seu pai e seu parente Márcio, à parte, começaram também a mostrar e advertir que ele não devia recusar tão belo e divino presente e que, se, por estar satisfeito com a fortuna, não desejava mais bens do que possuía, nem cobiçava a honra e a glória de ser rei, porque tinha outra mais verdadeira e mais certa, que era a da virtude, devia contudo estimar que bem reinar era prestar serviço a Deus, que desejava empregar sua justiça, sem deixá-la ociosa; «Não fujas, pois, e não recuses, disseram-lhe, essa dignidade real, que é para o homem prudente e sábio um belo campo para fazer grandes e louváveis obras, Lá poderás prestar magníficos serviços aos deuses, adocicando os corações desses homens marciais até torná-los devotos e religiosos, para se tornarem de pronto e se conformarem com facilidade à natureza de seu príncipe. Eles amaram caramente a Tácio, embora fosse estrangeiro, e consagraram a memória de Rômulo com as honras divinas que lhe prestam hoje; e talvez o povo, vendo-se vitorioso, estará facilmente saturado da guerra, e os Romanos, achando-se cheios de triunfos e despojos, encarecerão um príncipe doce e amante da justiça, para doravante viverem em paz debaixo de boas e santas leis; e, se acaso fervem ainda de ardor combativo, não será melhor convergir

para alhures essa vontade de guerrear, quando se pode ter em mãos a brida para fazê-lo e ser então um meio de conjugar por amizade e aliança perpétua o teu país e toda a nação dos Sabinos com uma cidade tão poderosa e florescente?» Além de todas essas advertências e razões, havia ainda, dizia -se, vários sinais que lhe prometiam ali bom encontro, como o afeto e a solicitude dos seus concidadãos, os quais, logo que ouviram a notícia da chegada e da comissão dos embaixadores de Roma, com ele insistiram para que fosse e aceitasse a oferta do reino, a fim de uni-los mais e incorporá-los com eles.

XI. Eis porque Numa, tendo aceito o reino, após haver sacrificado aos deuses, pôs-se a caminho de Roma, onde o povo e o Senado saíram ao encontro dele, com um maravilhoso desejo de vê-lo. As mulheres iam depois, abençoando-o e cantando-lhe louvores, sacrificava-se em todos os templos dos deuses, e não havia quem não mostrasse igual satisfação e regozijo, como se à cidade tivesse advindo um novo reino e não um novo rei. Assim foi conduzido nessa alegria pública até à praça, onde aquele dos senadores que então se achava no posto de vice-rei, chamado Espúrio Vétio, fez proceder à eleição, e foi unanimemente eleito rei por todas as vozes e sufrágios do povo. Então, foram-lhe levadas as marcas e insígnias da dignidade real, mas ele próprio mandou que se esperasse ainda, dizendo que era preciso primeiramente ser confirmado rei pelos deuses. Chamou então os adivinhos e os presbíteros, e com eles subiu ao Capitólio, que então se chamava ainda monte Tarpéio, e lá o principal dos adivinhos voltou-o para o meio-dia, com a face velada, e plantou-se de pé atrás dele, tocando-lhe a cabeça com a mão direita e fazendo preces aos deuses para que lhes aprouvesse, pelo voo dos pássaros e outros indícios, declarar sua vontade no tocante a essa eleição, lançando-lhes a vista para todos os lados o mais longe que ela pudesse estender-se. Havia, entretanto, um silêncio maravilhoso na praça, embora todo o povo, em número infinito, ali estivesse reunido, esperando com grande devoção qual seria a saída daquela adivinhação, até que à mão direita lhes apareceram pássaros de bom presságio, confirmando a eleição. E então Numa, vestindo o saio real, desceu do monte Tarpésia até à praça, onde todo o povo o recebeu com grandes aclamações de alegria, com o mais santo e melhor amado dos deuses que se teria sabido eleger.

XII. Tendo assim entrado na posse do reino, a primeira coisa que fez foi dissolver a companhia de trezentos satélites que Rômulo sempre tivera ao redor de sua pessoa e aos quais dava o nome de Céleres, isto é, ligeiros: dizendo que não queria desconfiar daqueles que se fiavam nele, nem ser rei de gente que desconfiasse dele. A segunda foi que ajuntou aos dois presbíteros de Júpiter e de Marte um terceiro, em honra de Rômulo, o qual foi chamado Flamen Quirinalis, porque os Romanos chamavam Flamines também aos outros presbíteros mais antigamente instituídos, por causa de certos chapéus estreitos que traziam à cabeça, como se lhes chamassem Pilamines, porque Pilos em língua grega significa chapéu. E então, segundo dizem, havia muito mais palavras gregas misturadas entre as latinas do que agora, pois aos mantos que os reis traziam davam o nome de Laenas, e diz Juba ser a isso mesmo que os Gregos chamavam Chlaenas, sendo chamado Camillus o jovem ministro do templo de Júpiter, assim como alguns povos gregos chamam ainda ao deus Mercúrio, por ser ele ministro dos deuses.

XIII. Tendo pois Numa feito essas coisas em sua entrada, para sempre ganhar cada vez mais o amor e a benevolência do povo, começou incontinente a tratar de amolecer e adocicar sua cidade nem mais nem menos do que a um ferro, tornando-a, em lugar de rude, áspera e belicosa que era, mais doce e mais justa, Pois sem ponta de dúvida ela era propriamente o que Platão chama de cidade fervente, tendo sido primeiramente fundada por homens os mais corajosos e os mais belicosos do mundo, que de todos os lados, com desesperada audácia, se haviam ali lançado e reunido; e depois crescera e se fortificara por armas e guerras contínuas, do mesmo modo que as estacas fincadas na terra, quanto mais se sacodem, tanto mais se afirmam, entrando mais para diante. Eis porque Numa, pensando bem que não era pequena nem ligeira empresa querer adocicar e ordenar para a vida pacífica um povo tão agressivo, tão orgulhoso e tão feroz, serviu-se da ajuda dos deuses amolecendo aos poucos e

arrefecendo essa altivez de coragem e esse ardor de combater com sacrifícios, festas, danças e procissões ordinárias que ele próprio celebrava, nas quais de mistura com a devoção havia passatempo e deleite, e às vezes ante os olhos punha-lhes os receios e temores dos deuses, fazendo-os crer que tivera visões estranhas ou que ouvira vozes pelas quais os deuses os ameaçavam de grandes calamidades, para humilhar-lhes e abaixar-lhes sempre os corações sob o terror dos deuses: o que foi causa mais tarde de se estimar que aprendeu sua sabedoria do filósofo Pitágoras, porque a maior parte da filosofia de um e do governo do outro consistia em tais cerimonias e vocações às coisas divinas; e dizem que vestiu a máscara e a aparência exterior de santidade, com a mesma intenção e pelo mesmo exemplo.

XIV. Pois, assim como se diz que Pitágoras amansou uma águia, tendo-a feito descer e vir até ele por certas vozes, quando ela voava no ar acima de sua cabeça, e que, passando através da assembleia dos jogos olímpicos, deixou ver sua coxa de ouro, e várias outras habilidades tais e atos que se contam, os quais pareciam milagres e levaram Tímon de Fliunte a escrever estes versos a respeito dele:

Pitágoras, sutil encantador,

Da aparência e da glória apreciador,

Que, para os homens atrair, usava

Frases douradas, quando se expressava,

assim também o disfarce com que Numa se enfeitava foi o amor de uma deusa, ou de uma ninfa de montanha, e as secretas entrevistas e parlamentos que fingia ter com ela, como aqui já dissemos antes, e assim também a frequentação das Musas. Pois dizia ter das Musas a maior parte de suas revelações e ensinou os Romanos a dentre elas reverenciarem uma acima de todas as outras, à qual chamava Tácita, como quem dissesse calada ou muda: o que parece ter inventado segundo o exemplo e a imitação de Pitágoras{143}, que tanto encomendava e recomendava o silêncio a seus discípulos; além disso, o que ordenou no tocante às imagens e representações dos deuses se conforma em tudo com a doutrina de Pitágoras, o qual estimava que a causa primeira não era nem sensível nem passível, antes invisível e incorruptível, e somente inteligível. E Numa semelhantemente defendeu aos Romanos acreditarem que Deus tivesse formado animal ou homem; de sorte que, nesses primeiros tempos, não houve em Roma imagem de Deus, nem pintada nem moldada, e foi no espaço dos cento e setenta primeiros anos que edificaram tantos templos e capelas aos deuses; mas não haviam dentro estátua nem figura nenhuma de Deus, estimando que fosse um sacrilégio querer representar as coisas divinas pelas terrestres, visto como não é possível atingir de nenhum modo o conhecimento da divindade, senão por meio do entendimento. Os próprios sacrifícios que Numa instituiu se acordavam e relacionavam muito com a maneira de servir os deuses de que usavam os Pitagorianos, pois neles não se expandia sangue, antes se faziam pela maior parte com Um pouco de farinha e um pouco de efusão de vinho e leite, e com tais outras coisas ligeiras.

XV. Mas os que pretendem ter havido frequentação e comunicação entre esses dois personagens combatem ainda com outros argumentos e provas mais remotas. Uma é que os Romanos deram a Pitágoras em sua cidade o direito de burguesia, assim como diz Epicarmo, poeta cômico, em um pequeno tratado que escreveu e endereçou a Antenor{144}, autor antigo, como um dos próprios discípulos de Pitágoras; o outro argumento é que, tendo tido quatro filhos, deu Numa a um deles o nome de Mamerco, o mesmo do filho de Pitágoras, do qual dizem descender a família dos Emilianos, das mais nobres patrícias, porque o rei lhe deu o sobrenome de Emílio, por causa do seu doce e gracioso falar. Ademais, tenho eu próprio por

várias vezes ouvido dizer e contar, em Roma, que os Romanos, havendo recebido um oráculo pelo qual lhes fora recomendado que erigissem na cidade imagens ao mais sábio e ao mais valente homem que jamais existiu entre os Gregos, fizeram colocar na praça duas estátuas de cobre, uma de Pitágoras e outra de Alcibíades; todavia, quanto a isso, pois que há tantas dúvidas, esforçar-se por mais amplamente refutá-lo ou prová-lo me pareceria obstinação ingênua e tola.

XVI. Além disso, atribui-se a Numa a ereção e instituição do colégio dos pontífices, e dizem ter sido ele próprio o primeiro; mas, quanto ao nome de pontífices, querem alguns dizer que foram assim chamados porque se destinam principalmente ao serviço{145} do Todo-Poderoso, pois a palavra Potens significa em língua Romana o que dizemos poderoso. Cuidam outros que esse nome lhes tenha sido imposto por maneira de exceção, como se o fundador os tivesse injungido a fazer aos deuses os serviços e sacrifícios que lhes fossem possíveis, mas que, se acaso tivessem também algum legítimo impedimento, não os condenaria pela omissão; todavia, a maior parte aprova outra derivação desse nome, onde me parece haver menos razão, como se tivessem sido chamados pontífices por lhes haver sido cometido o encargo de entreter a ponte, ou em virtude de alguns dos mais antigos e mais santos sacrifícios, os quais se realizam em cima da ponte. Pois ao que os Gregos chamam de Gephyran dão os Latinos o nome de Pontem, isto é, ponte. E, na verdade, o encargo de mandar reparar a ponte pertence aos pontífices, nem mais nem menos do que a guarda das mais santas e imutáveis cerimonias, por isso que os Romanos -estimavam não ser admissível, antes reputavam danoso malefício, violar ou romper a ponte de madeira, a qual, como se diz, era toda conjunta e ligada somente com madeira, sem nenhuma ferragem, segundo a recomendação de antigo oráculo. Mas a ponte de pedra{146} foi construída muito tempo depois do reinado de Numa, quando reinava seu sobrinho Márcio. Ora, o primeiro e principal desses pontífices, que eles chamam de grande pontífice, tem o lugar, a autoridade e a dignidade de soberano presbítero e senhor da lei, que deve ter os olhos não somente sobre as cerimonias e sacrifícios públicos, mas também sobre os particulares, para velar que nenhum em caráter privado ultrapasse as cerimonias antigas ou inove alguma coisa na religião, e para ensinar a cada um como e com que deve servir e honrar os deuses.

XVII. Tem ele também a guarda das virgens sagradas, que se chamam Vestais, pois se atribui semelhantemente a Numa a primeira fundação e consagração delas, e também a instituição de guardar com honra e reverência o fogo imortal que elas têm em guarda, ou porque ele estimasse conveniente confiar a substância do fogo, que é pura e nítida, à guarda de pessoas não corrompidas nem poluídas, ou porque pensasse que a natureza do fogo, que é estéril e nada produz assentava bem à virgindade; pois também na Grécia, nos lugares onde se guarda assim o fogo perpétuo, como no templo de Apoio Pítico na cidade de Delfos e em Atenas, não são virgens que têm dele o cuidado, antes são mulheres que passaram a idade de ser casadas. E, se acaso esse fogo vem a falhar — como se diz que em Atenas, a santa lâmpada se extinguiu, ao tempo da tirania de Arístion; e na cidade de Delfos, quando o templo de Apoio foi ardido e queimado pelos Medos; e também em Roma, ao tempo da guerra que os Romanos tiveram contra o rei Mitridates; e ao tempo das guerras civis, quando o fogo e o altar foram todos consumidos juntos — dizem eles ser preciso não tornar a acendê-lo com outro fogo material, mas fazê-lo inteiramente de novo, tirando-o da flama pura e nítida dos raios do sol, o que fazem desta maneira: têm eles um vaso oco, composto da costa de um triângulo{147} com um ângulo reto e duas pernas iguais; de sorte que todos os lugares de sua volta e circunferência vão acabar num ponto;-depois, levantam esse vaso reto contra o sol radiante, de sorte que os raios luminosos vão de todos os lados unir-se e acumular-se no centro do vaso, onde sutilizam o ar tão fortemente que o inflamam; e, quando se aproxima dele alguma matéria árida e seca, o fogo aí pega incontinente, por isso que o raio, por meio da reverberação, toma corpo de fogo e forca para inflamar-se. Alguns estimam que essas religiosas vestais não guardem outra coisa senão esse fogo que jamais se extingue; dizem outros que há ainda outras coisas santas que a ninguém é permitido ver senão a elas somente, e a respeito das quais escrevemos mais amplamente na vida de Camilo, ao menos o que sobre elas se pode saber e dizer. As primeiras jovens entregues e votadas por Numa a essa religião foram, como se disse, Gegânia e Verênia, e depois delas Canuléia e Tarpéia; mais tarde, o rei Sérvio ajuntou-lhes duas outras, e ficou esse nome até ao tempo presente.

XVIII. Sua regra foi assim ordenada pelo rei: deviam votar e guardar castidade pelo espaço de trinta anos, nos dez primeiros dos quais aprendem o que devem fazer, nos dez seguintes fazem o que aprenderam e nos dez últimos ensinam às noviças; passado esse tempo, é-lhes permitido casarem-se, se bem lhes parece, e adotarem outra maneira de viver, saindo dessa religião; mas, pelo que se diz, jamais houve as que usassem de tal licença, e ainda menos prêmio existe para as que usaram, antes todas se arrependeram e viveram em langor e tristeza todo o resto da vida, o que atemorizou as outras, de maneira que preferiram conter-se e permaneceram virgens até à velhice e à morte. Também lhes deu ele grandes privilégios e prerrogativas, como a de poderem fazer testamento em vida mesmo de seu pai; de poderem fazer todas as coisas sem intermédio de curador, como as mulheres que têm três filhos {148}; quando saem em público, levam-se massas diante delas para honrá-las; e, se acaso encontram em seu caminho algum pobre criminoso que se conduz à morte, salvam-lhe a vida, mas é preciso que a religiosa afirme por juramento que o encontro foi casual e não propositado; se alguém se lança sob a cadeira em que são transportadas pela cidade, é punido com a morte; também, quando cometem alguma falta, são batidas pelo grande pontífice, que às vezes as flagela inteiramente nuas, segundo a qualidade do delito, em lugar obscuro e sob uma cortina; mas aquela que profanou sua honra e violou sua virgindade é enterrada viva junto a uma das portas da cidade, que se chama Porta Colina, por isso que há dentro da cidade certa mota de terra que se estende bastante longe e a chamam os Latinos por uma palavra que significa tanto como elevação. Sob essa elevação, abre-se uma pequena cava e deixa-se uma passagem pela qual se pode resvalar, e dentro há um pequeno leito instalado, uma lâmpada ardente e uns poucos víveres necessários para sustentar a vida do homem, como um pouco de pão, água e leite num pote, e um pouco de óleo, à maneira de desencargo e quitação de consciência, a fim de não parece r que se faça morrer de fome um corpo que foi sagrado pelas mais devotas e mais santas cerimonias do mundo. Isso feito, pega-se a criminosa e mete-se dentro de uma liteira, que se cobre bem por fora e cerra-se com correias, de sorte que não se poderia daí ouvir-lhe ao menos a voz, e assim é levada através da praça. De muito longe, quando se vê essa liteira, todos se afastam para abrir-lhe caminho e a seguem de cara baixa e morna, sem dizer palavra. Não se faz coisa em toda a cidade que seja tão horrível de ver-se como isso, nem há dia no qual as pessoas estejam tão tristes como nesse. Depois, quando chega ao local dessa cava, os acólitos incontinente desligam as amarras da liteira e, então, o grande pontífice, após levando as mãos para o céu, tira fora da liteira a paciente{149} toda enleada e coloca-a em cima da escada pela qual se desce dentro da cava. Feito isso, retira-se, e todos os presbíteros também; depois, quando a criminosa já desceu, retira-se para cima a escada e deita-se bastante terra dentro da abertura, de sorte que esta fique tapada até ao nível do resto da elevação. Eis como são punidas as religiosas vestais que mancharam sua virgindade.

XIX. Sustenta-se também que foi Numa quem mandou construir o templo redondo da deusa Vesta, no qual está guardado o fogo eterno{150}, representando não a forma da terra, que se diz ser Vesta, mas a figura do mundo universal, no meio do qual os Pitagorianos pretendem se encontre a sede e morada própria do fogo, ao qual chamam Vesta e dizem ser a unidade, pois não acham que a terra seja imóvel{151} nem esteja situada no centro do universo, nem que o céu gire ao redor, antes pelo contrário dizem que ela está suspensa em torno do fogo, como centro do mundo, pretendendo assim que não se trate de uma das primeiras e principais partes do universo, a qual opinião dizem que o próprio Platão teve na velhice, que a terra estava em outro lugar que não o meio, e que o centro do mundo, como sítio mais honroso, pertencia a alguma outra mais digna substância.

XX. Mas, além disso, o ofício dos pontífices consiste ainda em mostrar ao que os procuram todos os direitos, usos e costumes das sepulturas, tendo-lhes Numa ensinado a não crerem que haja nisso poluição nem contaminação nenhuma, mas sim reverenciarem e honrarem de serviço usitados e legítimos os ditos subterrâneos, como aqueles que recebem após nossa morte uma das principais partes de nós; mas, sobre todas as outras, eles têm em singular reverência a deusa que chamam de Libitina, superintendente e conservadora dos direitos dos mortos, ou seja Prosérpina, ou Vênus, assim como os mais sábios Romanos estimam, pois não sem causa atribuem a superioridade do que concerne ao começo e ao fim da vida dos homens ao mesmo poder da divindade. Estabeleceu também quanto tempo se deveria usar luto, segundo as diversas idades dos defuntos, como não quis que de nenhum modo se usasse luto

pela morte de uma criança falecida abaixo da idade de três anos; e acima, até à idade de dez anos, ordenou se usasse durante t antos meses quanto tivesse vivido em anos, sem acrescentar a mim um só dia, pois queria que o luto mais longo fosse de dez meses apenas, assim como ordenou também que as mulheres viúvas continuassem em viuvez, pelo menos, logo após o falecimento dos maridos, sendo que de outro modo aquela{152} que desejasse casar-se de novo, antes desse prazo, era obrigada a sacrificar por sua ordem uma vaca prenhe.

XXI. Numa instituiu ainda várias outras espécie de presbíteros, mas não mencionarei mais do que duas: uma será a dos Sálios, e outra a dos Feciais, por me parecer- que ambas mostram de maneira evidente a grande santidade e devoção que existiam nele. Os Feciais são propriamente aqueles que os Gregos chamam de Irenophylaces, como quem diria conservadores da paz, e me parece que tiveram o nome do efeito que deviam provocar segundo o dever do ofício, porque apaziguavam as divergências com a razão por via de acordo, não permitindo, quando possível, que se chegasse às vias de fato e das armas antes de toda esperança de paz ter sido frustrada; pois os Gregos chamam propriamente Irenen, quando as duas partes acordam e decidem suas divergências com a razão, e não pelas armas. Também aqueles que os Romanos chamam de Feciais se dirigiam muitas vezes pessoalmente aos que ofendiam os Romanos e tratavam de persuadi-los com vivas razões, que eles reconheciam de boa-fé; mas, se não quisessem submeter-se à razão, então era invocado o testemunho dos deuses, aos quais pediam que, se aqueles outros não prosseguissem justamente o que por direito lhes pertencia, então todos os males e desgraças da guerra caíssem sobre eles mesmos e o seu país. Isso feito, declaravam a guerra aos inimigos; e, se por acaso esses Feciais se opusessem, ou não quisessem consentir na declaração, de uma guerra, nesse caso não era permitido nem a homem privado nem ao próprio rei mover as armas: antes preciso que, como justo príncipe, pedisse licença para iniciar uma guerra por sua permissão; e então consultava por que meio lhe seria mais expediente conduzi-la.

XXII. A esse propósito, sustenta-se que o infortúnio causado aos Romanos, quando a cidade foi tomada e saqueada pelos Gauleses, resultou da transgressão daquele santo costume, pois os Bárbaros tinham então sitiado a cidade de Clúsio, e foi-lhes enviado como embaixador Fábio Ambusto, para ver se poderia negociar um acordo. Não foi favorável a resposta dos Bárbaros, de modo que ele, estimando finda sua missão, foi tão temerário que tomou das armas pelos Clusinos, desafiando para combater de homem para homem o mais valente dos Gauleses. Favoreceu-o a fortuna nesse combate, de maneira que derrotou o Gaulés e o despojou em seguida. Os Gauleses, vendo derrotado seu chefe, enviaram incontinente um arauto a Roma para acusar esse Fábio como tendo contra o direito e a razão começando a guerra sem prévia declaração. Os Feciais, então advertiram que era preciso entregá-lo nas mãos dos Gauleses, mas ele recorreu ao povo, que lhe foi favorável, tendo assim escapado à pena que merecera; mas, pouco tempo depois, com todo o seu poderio, os Gauleses marcharam contra Roma, tomando-a, saqueando-a e queimando-a toda, exceto o Capitólio, assim como escrevemos mais amplamente na vida de Camilo.

XXIII. E, quanto aos presbíteros Sálios, dizem que os instituiu nessa ocasião: por volta do oitavo ano de reinado, surgiu uma doença pestilencial que, após haver corrido toda a Itália, finalmente invadiu também a cidade de Roma, de forma que, estando toda a gente grandemente abalada e desencorajada, dizem ter caído do céu um escudo de cobre que foi parar nas mãos de Numa; e, a esse respeito, conta-se uma história maravilhosa, que o próprio rei afirmou ter ouvido da ninfa Egéria e das Musas, a saber, que o tal escudo fora enviado do céu para salvar e conservar a cidade e que, assim, era preciso preservá-lo diligentemente e com ele fundir e forjar outros onze de feitio e tamanho inteiramente iguais, a fim de que, se acaso houvesse quem empreendesse roubá-lo, ficassem sem saber qual tomar por verdadeiro, Ademais, dizem ainda que era preciso dedicar e consagrar às Musas o lugar no qual se encontrava frequentemente com elas, bem como os prados circunvizinhos; e que era preciso também destinar a fonte surgida naquele mesmo lugar às religiosas vestais, a fim de que

todos os dias elas ali fossem tirar água para lavar a regar o santuário do templo. Os acontecimentos testemunharam que era verdade o que diziam, pois a doença cessou incontinente; e ele mostrou o escudo a todos os fundidores então existentes em Roma, para tentarem fazer outros, semelhantes; todos desesperaram de poder consegui-lo, ma s um, chamado Vetúrio Mamúrio, o mais excelente operário da época, os fez todos tão parecidos que o próprio Numa não pôde mais reconhecê-los quando se misturaram. Ordenou assim àqueles presbíteros Sálios que os guardassem e os tivessem a seu cargo, e foram chamados Sálios, não por causa do nome de certo Sálio, natural de Samotrácia ou de Mantinéia, c omo falsamente alguns têm querido dizer, porque foi ele o primeiro que inventou a maneira de bailar armado, mas antes foram assim chamados por sua maneira de dançar saltando; pois no mês de março vão saltando por toda a cidade, levando nos braços aqueles escudos, vestidos com jalecos vermelhos e cingidos por cima com talabartes chatos e largos de cobre, tendo à cabeça capacetes também de cobre e batendo nos escudos com as curtas adagas que levam na mão. Em suma, todo o baile consiste no movimento dos pés, que se mexem grotescamente, fazendo súbitas voltas e reviravoltas, com grande forca e agilidade, Dão a esse escudo o nome de Ancília, por causa de sua forma{153}, que não é inteiramente circular, porque a curva não é toda redonda como nos escudos comuns, mas há um corte e incisura de linha sinuosa, cujas duas extremidades se recurvam em várias voltas muito perto uma da outra, de maneira que todo o conjunto vem a formar uma curva a que os Gregos chamam «Ancylon»; ou são assim chamados porque Ancon significa cotovelo, à volta do qual os levam. Tôdas essas derivações são descritas na história de Juba, que pretende a toda a forca que essa palavra Ancília tenha sido tirada da língua grega, e poderia ser também que tivessem sido assim chamados por haverem descido do alto, o que os Gregos dizem «Anecathen»; ou pela cura dos doentes, que se chama Acesis; ou pela cessação da seca, que se diz em grego «Auchmon lysis», e pelo término dos males e desgraças, para os quais os Atenienses invocam Castor e Polux Anacas, ao menos se se quer dar àquela palavra a derivação tomada à língua grega. Ora, a recompensa que recebeu o fundidor Mamúrio por ter forjado os tais escudos foi que, até hoje, os Sálios fazem ainda menção dele, em certo cântico que vão entoando pela cidade, bailando sua dança armada; todavia, há quem estime que não dizem Vetúri o Mamúrio, mas sim «Veterem memoriam», isto é, antiga memória.

XXIV. Mas Numa, após haver estabelecido e instituído essas ordens de presbíteros, construiu junto ao templo de Vesta sua casa, que se chama ainda hoje Regia, isto é, o palácio do rei, no qual ficava a maior parte do tempo, vagando ou sacrificando aos deuses, ou para ensinar aos presbíteros o que deviam fazer, ou para dedicar-se com eles à contemplação das coisas divinas; é verdade que havia outra casa em cima do monte, que se chama agora Quirinal, cuja praça ainda hoje se mostra. Mas, em todos os sacrifícios, cerimonias e procissões dos presbíteros, havia sempre acólitos que marchavam à frente e iam gritando ao povo que se calasse, deixando qualquer outra preocupação para ficar atento ao serviço divino. Pois, como dizem que os Pitagorianos não achavam bom que se adorassem os deuses, nem que se lhes fizessem preces, passeando ou fazendo outra coisa, antes queriam que se saísse de casa expressamente com a intenção de servi-los e rogar-lhes, também pensou o rei Numa ser preciso que os súbditos não vissem nem ouvissem nada do serviço divino negligentemente, fazendo outra coisa; antes queria que interrompessem qualquer outra tarefa e que nisso empregassem todo o pensamento e todo o entendimento, como no principal ato da religião e devoção para com os deuses; de sorte que desejava que, durante o serviço divino, não se ouvisse nas ruas nem murmurar, nem bater nem chorar, nem suspirar de aflição, como se ouve ordinariamente nos lugares onde se exercem misteres necessários e mecânicos, do que se vê até hoje, nos sacrifícios de Roma, algum vestígio que ficou: enquanto o magistrado contempla o voo dos pássaros ou faz algum sacrifício, gritam alto «Hoc age», que vale tanto como dizer «Faze isto», e é uma advertência aos assistentes para se recolherem pensando no que estão fazendo.

XXV. Também há várias de suas ordenanças semelhantes aos preceitos dos Pitagorianos; pois, assim como estes admoestavam a «não sentar sobre a. canada{154}, não fender o fogo com a espada{155}, não olhar para trás fora de casa{156}, sacrificar aos deuses celestes em número não par{157} e aos deuses terrestres em número par», dos quais preceitos não queriam que o poviléu tivesse inteligência, assim também há muitas instituições de Numa cuja razão é

oculta{158}, como «não oferecer aos deuses vinho de videira não podada e não sacrificar-lhes sem farinha, fazer uma volta ao adorar e saudar os deuses, e sentar depois de adorá-los». Ora, quanto às duas primeiras ordenanças, parece que por elas quis ele recomendar a clemência e a doçura, como sendo parte da devoção para com os deuses; mas, quanto àquela volta que pretende façam os que adoram os deuses, dizem ser uma representação do giro que faz o céu por seu movimento; mas pareceria antes ser porque, estando os templos voltados para o sol levante, o adorador, ao entrar dá as costas para o oriente, e por isso se volta para aquele lado e depois torna a voltar-se para o deus fazendo a volta completa e perfazendo a consumação de sua prece por essa dupla adoração à frente e atrás; não é assim por acaso que ele teria secretamente querido significar e dar a entender por esse giro e mudança de observação o que os Egípcios figuram com suas rodas, querendo mostrar que as coisas humanas nunca permanecem firmes no mesmo estado; e porque nos é preciso aceitar e suportar pacientemente, de certa maneira, que a Deus agrade remover e transformar nossa vida e, quanto ao que recomendava, sentar depois de adorar, dizem que era um presságio de boa esperança aos suplicantes, para que suas preces fossem escutadas e os seus bens continuassem firmes; dizem outros que o repouso é uma separação das ações e, portanto, que ele queria que todos se sentassem nos templos dos deuses para mostrarem que tinham posto fim à tarefa que antes tinham em mãos, devendo receber dos deuses o começo de outra. E pode ser também que isso se relacione com o que dissemos há pouco, que Numa queria acostumar sua gente, a não servir nem falar aos deuses passeando ou fazendo outra coisa e às pressas, mas queria que tal se fizesse com tempo e lazer, suspensas então todas as outras coisas.

XXVI. Por esse aprendizado e encaminhamento para a religião, a cidade de Roma tornou-se aos poucos tão manejável, e teve em tal admiração o poder do rei Numa, que recebeu por verdadeiros contos onde não havia mais aparência do que nas fábulas muito simplesmente inventadas; e pensou que não havia mais nada incrível nem impossível para ele, desde que o quisesse. A esse propósito, conta-se que um dia, tendo convidado para jantar numerosos cidadãos da cidade, mandou que lhes servissem viandas muito simples e comuns, com baixela bastante pobre; e, como tivessem já começado a jantar, dirigiu-lhes uma palavra em virtude da qual a deusa que frequentava imediatamente lhes apareceu, e em seguida a sala ficou cheia de preciosos móveis e as mesas cobertas de viandas esquisitas e deliciosas.

XXVII. Mas ainda excede mais toda a vaidade de mentira o que se acha por escrito no tocante ao seu parlamento com Júpiter. Pois o monte Aventin o não era ainda então habitado nem encerrado dentro da cidade, mas havia muitas fontes e bosques sombrios, aonde iam ordinariamente divertir-se dois deuses, Pico e Fauno, os quais se poderia em suma estimar fosse dois sátiros ou da raça dos Titãs{159} exceto quanto ao dizer-se que iam por toda a Itália fazendo os mesmos milagres e provas maravilhosas em virtude de medicinas, encantamentos e arte mágica, atribuídos àqueles que os Gregos chamam de Idaees Dactyles; assim, dizem que Numa os surpreendeu a ambos quando tomavam vinho e mel dentro da monte onde costumavam beber costumeiramente. Ao sentirem-se pilhados, transfiguraram-se das mais diversas formas, disfarçando e transmudando sua essência em vários fantasmas terríveis e medonhos; todavia, quando afinal se viram tão bem pilhados que não podiam de modo algum escapar, revelaram-lhe diversas coisas sobre o futuro e ensinaram-lhe a purificação contra o raio e o trovão, que se faz ainda hoje com cebolas, cabelos e sardinhas{160}. Dizem outros que não foram eles que lha ensinaram; mas que, por conjuração de arte mágica, fizeram Júpiter descer do céu; furioso com isso, Júpiter respondeu em cólera que precisava fazê-la com cabeças, e Numa incontinente acrescentou que de cebolas; Júpiter replicou que de homens. Numa de novo lhe perguntou, para divertir um pouco a crueldade daquela ordem, que cabelos; Júpiter respondeu que de vivas{161}, e Numa acrescentou que de sardinhas; e dizem que foi a deusa Egéria quem ensinou tal sutileza a Numa. Isso feito, Júpiter voltou apaziguado, sendo por isso aquele lugar chamado Ilicium, porque Ileos em língua grega significa apaziguado e propício, e a purificação foi mais tarde assim feita. Esses contos, não só fabulosos, mas também dignos de escárnio, nos mostram claramente a afeição e a devoção dos homens desse tempo para com os deuses, às quais Numa os acostumara.

XXVIII. E, quanto ao próprio Numa, diziam que fixava tanto sua esperança e confiança na ajuda dos deuses, que um dia, quando lhe foram dizer que os inimigos armados iam atirar-se sobre ele, limitou-se a rir e a responder: «Eu sacrifico.» Foi ele, segundo dizem, o primeiro que edificou um templo à Fé e ao Termo, e que deu a entender aos Romanos que o mais santo e maior juramento que poderiam fazer era jurarem sua fé, como a guardam ainda hoje. Mas Têrmo que equivale a dizer limite, é o deus dos confins{162}, ao qual sacrificavam em público e em particular nos confins das herdades, e agora lhe sacrificam animais vivos, mas antigamente os sacrifícios se faziam sem efusão de sangue, pela sábia instituição de Numa, que 'lhes advertia e pregava que esse deus dos confins devia ser puro e limpo de sangue e de crime, como testemunho da justiça e guarda da paz. Foi também ele, em minha opinião, quem primeiro demarcou o território de Roma, o que Rômulo não quisera fazer de medo que, demarcando o seu, confessasse o que ocupava de outrem, porque o limite, para quem o quer justamente guardar, é um lugar que freia o poder e, para quem não o quer guardar, é prova e testemunho que arguiu a injustiça; também em verdade, o território de Ro ma não era de grande extensão no começo, tendo Rômulo conquistado a maior parte dele, e Numa o distribuiu inteiramente aos habitantes pobres, para tirá-los da pobreza que constrange os homens a serem maus e também para encaminhar o povo ao t rabalho, a fim de que, cultivando a terra, cultivasse e abrandasse também a si mesmo; pois não há mister nem vocação nenhuma no mundo que engendre no homem tão subitâneo nem tão veemente desejo da paz como a vida rústica, na qual a ousadia de combater para defender o próprio é sempre pronta, enquanto a cobiça de arrebatar com violência e ocupar injustamente o alheio é inexistente. Portanto, Numa, querend o dar aos súbditos a lavoura da terra como uma bebida que os fizesse amar a paz, e desejando que se dedicassem a esse mister, antes para adocicar-lhes os costumes do que para aumentar-lhes os bens, repartiu todo o território em certas porções a que chamou Pagos, que vale tanto como dizer aldeias: em cada uma das quais estabeleceu controladores e visitadores que iam por toda parte; e ele próprio às vezes ali ia em pessoa, conjecturando pelo labor os costumes e a natureza de cada um; e àqueles que sabia diligentes fazia avançar em honra, dando-lhes autoridade e crédito; e àqueles que achava frouxos e preguiçosos emendava, orientando-os e repreendendo-os.

XXIX. Mas, entre suas constituições aprecia-se e louva-se sobre todas as outras a que ele fez no tocante à distribuição do povo por ofício; pois a cidade de Roma parecia ainda composta de duas nações como dissemos alhures, e para melhor dizer estava dividida em duas ligas de tal maneira que não podia ou não queria de modo algum reduzir-se a uma só, não sendo possível tirar-lhe inteiramente todas as parcialidades e fazer que não houvesse continuamente querelas, disputas e debates entre as duas partes. Eis porque ele pensou que, quando se quer misturar dois corpos conjuntamente, que por dureza ou contrariedade de natureza não podem receber mistura um do outro, é preciso quebrá-los e fragmentá-los tão miudamente quanto possível; pois então, pela pequenez das partes, eles se confundem melhor um com o outro; também pensou que era melhor dividir ainda todo o povo em várias pequenas parcelas, por meio das quais o lançaria em outras pardalidades que viriam a desfazer mais facilmente a principal e primeira, quando fosse dividida e separada em diversas pequenas. Assim, fez essa divisão por ofícios, como menestréis, ourives, carpinteiros, tintureiros, sapateiros, alutadores, curtidores, fundidores, oleiros e outros ofícios, dos quais enfileirou todos os supostos artesãos em um mesmo corpo, estabelecendo as respectivas confrarias, festas, assembleias e serviços aos deuses, segundo a dignidade de cada mister; assim fazendo, foi o primeiro a eliminar essa diversidade de tal forma que não mais se disse nem estimou que aqueles são Sabinos, estes Romanos, aqueloutros burgueses de Tácio e estoutros de Rômulo: de sorte que essa divisão foi uma incorporação, mistura e reunião de todos com todos.

XXX. Louvam-se também, entre as suas ordenanças, a reforma e a limitação que deu à lei que permitia aos pais poderem vender os filhos, pois excetuou dentre estes os já casados, desde que o fossem por vontade e consentimento dos pais, estimando ser coisa demasiado iníqua e muito dura que a mulher que pensara ter esposado um homem livre se achasse casada com um servo.

XXXI. Começou também a reacomodar um pouco o calendário, não tão precisamente como o deveria ser, nem também tão ignorantemente; pois, durante o reino de Rômulo usavam eles os meses confusamente, sem ordem nem razão nenhuma, fazendo-os uns de vinte dias e menos, e outros de trinta e cinco e mais, sem terem conhecimento algum da desigualdade existente entre o curso do sol e o da lua e observando so mente a regra de que haveria no ano trezentos e sessenta dias{163}. Mas Numa, considerando que a tara{164} da desigualdade é de onze dias, porque as doze revoluções da lua se fazem em trezentos e cinquenta e quatro dias e a do sol em trezentos e sessenta e cinco, duplicou os onze dias e assim fez um mês que colocou de dois em dois anos após o mês de fevereiro, e a esse mês interposto os Romanos chamavam Mercedinum{165}, o qual tinha vinte e dois dias. Eis a correção que aí fez Numa, a qual depois teve necessidade ainda de maior emenda. Modificou também a ordem dos meses, pois o mês de março, que antes era o primeiro, foi posto em terceiro lugar, e tornou janeiro o primeiro, que sob Rômulo era o undécimo, e{166} fevereiro o duodécimo e último; todavia, opinam vários que Numa ajuntou esses dois, janeiro e fevereiro, porque os Romanos no começo tinham somente dez meses no ano, como alguns bárbaros apenas três, e os Árcades, entre os Gregos, apenas quatro, e os Acarnânios seis; e os Egípcios tinham somen te um mês no ano, que mais tarde aumentaram para quatro. Eis porque, embora habitando um país muito novo{167}, parecem contudo ser os mais antigos do mundo, e porque em seus anais contam um número infinito de anos, contando os meses por anos. E que seja verdadeiro que os Romanos não tinham no começo senão dez meses no ano, e não doze, pode-se julgar pelo nome do último, que chamam ainda hoje de dezembro; e que o mês de março fosse também o primeiro, pode-se conjecturar porque ainda o quinto se chama semelhantemente quintilis, o sexto sextilis, e os outros consecutivamente, segundo a ordem dos números; pois se janeiro e fevereiro fossem os primeiros, seria preciso que o mês de julho, que eles chamam de quintilis se denominasse setembro; além disso, é bem verossímil que o mês que Rômulo dedicara a Marte fosse por ele posto em primeiro lugar. O segundo era abril, assim chamado por causa de Afrodite{168}, isto é, Vénus, à qual se sacrificava publicamente nesse mês; e no dia primeiro dele as mulheres se banham trazendo à cabeça um chapéu de murta; todavia, diziam outros que não teve seu nome tirado de Afrodite, mas que somente se denominou aprilis porque então é que se manifestam a força e o vigor da primavera{169}, na qual a terra se abre e os germes das plantas e das ervas começam a brotar e desabrochar: o que em si mesma essa palavra significa. O mês seguinte chama-se maio, do nome de Maia, mãe de Mercúrio, ao qual o mês é consagrado. O mês de junho é também chamado assim pela qualidade dessa estação{170}, que é como a juventude do ano, conquanto alguns queiram dizer que o mês de maio tirou seu nome de Majores, que significa velhos, e o mês de junho de Juniores, que significa jovens. Todos os outros seguintes eram antigamente chamados pelos nomes, segundo a sua ordem, de quintilis, sextilis, september october, november e december; mas depois quintilis se denominou julius, do nome de Júlio César, que derrotou Pompeu; e sextilis foi sobrenomeado augustus, do nome de seu sucessor no império, Otávio, que foi também sobrenomeado Augusto. Verdade é que Domiciano quis também que se chamassem os dois seguintes, que são setembro e outubro, um Germanicus e outro Domitianus; mas isso não durou, pois logo que ele foi morto os meses retomaram os antigos nomes. Só os dois últimos ficaram sem nunca mudarem a denominação. Mas dos dois que Numa acrescentou, ou que ao menos transpôs, o de fevereiro equivale a dizer purificativo, ou a derivação do termo muito se aproxima disso; e nesse mês são feitos sacrifícios pelas plantas{171} e soleniza-se a festa das Lupercais{172}, na qual há muitas coisas conformes e semelhantes nos sacrifícios feitos para purificação; e o primeiro que é janeiro, foi chamado pelo nome de Jano.

XXXII. Assim me parece que Numa tirou o mês de março do primeiro lugar e o deu a janeiro, entre outras casas, por querer que a paz em tudo e por tudo estivesse antes da guerra e as coisas civis antes das militares. Pois esse Jano, rei ou semideus que fosse, nos primeiros tempos era civil e político, tendo mudado o viver dos homens, que antes dele era rude, áspero e selvagem, em maneira de viver maia, honesta, mais doce e mais civil. É a razão pela qual é pintado ainda hoje com dois rostos, um na frente e outro atrás, por causa dessa mudança da vida dos homens; e há em Roma um templo que lhe é dedicado com duas portas que se chamam portas da guerra, porque o costume é abri-lo quando os Romanos têm guerra em alguma parte e fechá-lo quando há paz universal: o que é bem difícil de ver-se e acontece muito pouco frequentemente, para grandeza do seu império, que de todos os lados está

cercado de nações bárbaras, as quais é preciso conter e parar pelas armas. Não obstante, foi uma vez fechado, ao tempo de Augusto{173}, com a derrota de Antônio, e antes ainda, no ano em que Marco Atílio e Tito Mânlio foram cônsules{1741}; mas isso não durou, pois foi incontinente reaberto, por uma guerra que sobreveio; mas, durante o reinado de Numa, jamais foi aberto um só dia, tendo ficado continuamente fechado pelo espaço de quarenta e três anos inteiros, de tal maneira haviam sido extintas e amortecidas por toda parte as causas de guerra, porque não só em Roma o povo se achou amolecido e adocicado pelo exemplo de justiça, clemência e bondade do rei, mas também nas cidades dos arredores começou maravilhosa mutação de costumes, nem mais nem menos do que se tivesse havido algum doce hálito de vento salubre e gracioso, que lhes tivesse assoprado do lado de Roma para refrescá-los; e percorreu docemente os corações dos homens o desejo de viver em paz, de laborar a terra, de educar as crianças em repouso e tranquilidade, e de servir e honrar os deuses; de maneira que por toda a Itália não havia senão festas, jogos, sacrifícios e banquetes. Os povos se frequentavam e traficavam uns com os outros sem medo nem perigo, e se entre-visitavam na mais cordial hospitalidade, como se a sapiência de Numa fosse uma viva fonte de todas as boas e honestas coisas, da qual vários arroios derivassem para irrigar toda a Itália, e como se a tranquilidade de sua prudência fosse de mão em mão comunicada a toda a gente; de tal maneira que as excessivas figuras de falar, de que os poetas se acostumaram a usar, não seriam ainda bastante amplas para suficientemente exprimir o repouso daquele reino:

Neste país os bélicos arreios

De mil teias de aranha fi cam cheios;

Enferrujam-se os gumes das espadas

E das lanças as pontas aguçadas;

Não mais perturba as noites silenciosas

O soar das trombetas rumorosas,

Que outrora aos p obres olhos impedia

Fecharem-se no sono cada dia.

XXXIII. Pois não se descobre que, enquanto Numa reinou, tenha jamais havido guerra ou sedição civil, nem atentado de novidade no governo da coisa pública, e ainda menos inimizade ou inveja particularmente contra ele, nem conjuração co ntra sua pessoa por cobiça de reinar; antes seria, ou por medo de ofender os deuses, que pareciam visivelmente havê-lo tomado em proteção e salvaguarda, ou pela reverência de sua virtude, ou boa fortuna, que durante todo o seu reinado manteve a vida dos homens pura e limpa de toda maldade; como quer que seja, pôs em evidência ante os olhos de toda a gente um claro exemplo do que Platão muito tempo depois ousou dizer e afirmar, que o único meio de verdadeiro repouso e libertação de todos os m ales que habitualmente afligem os homens, é quando por alguma divina fortuna se encontram na mesma pessoa a soberana autoridade de poder real e a vontade do filósofo prudente, para tornar a virtude senhora e colocá-la acima do vício. Pois bem-aventurado em verdade é o homem prudente, e bem-aventurados também, consequentemente, aqueles que podem ouvir os belos discursos e bons ensinamentos que lhe saem da boca; e me parece que aí não há nenhuma necessidade de força, constrangimento, nem qualquer ameaça, para conter a multidão do povo; pois os homens, vendo a virtude ingênua impressa em tão visível patrono como a vida exemplar de seu príncipe, tornam-se voluntariamente prudentes e se conformam por si mesmos, em amizade, caridade e concórdia, com temperança e justiça uns para com os outros, a uma vida irrepreensível e verdadeiramente feliz: o que é o ponto último do maior bem e do mais nobre socorro que se poderia prestar aos homens; e aquele, por natureza, mais digno de ser rei é quem, por virtude, pode imprimir nos costumes dos homens tal disposição: o que Numa parece ter sabido e entendido melhor do que nenhum outro.

XXXIV. Em suma, quanto a suas mulheres e seus filhos, há contradições entre os historiadores: porque uns dizem que ele não esposou jamais outra mulher além de Tácia, e que nunca teve filhos, senão uma única filha chamada Pompília; outros escrevem, ao contrário, que teve quatro filhos, Pompônio, Pino, Calpo e Mamerco, de cada um dos quais, por sucessão de pai a filho, ficaram as mais nobres raças e mais antigas casas de Roma, a saber, a dos Pomponianos, de Pompônio; a dos Pinarianos, de Pino; a dos Calpur nianos, de Calpo; e a dos Marnercianos, de Mamerco: todas essas famílias, em razão dessa primeira origem, mantiveram o sobrenome de Reges, isto é, reis. Outros ainda, em terceiro lugar, repreendem os dois primeiros, como que para agradar a essas famílias, fazendo-as, com falsas insígnias, descender da raça do rei Numa; e assim dizem mais que sua filha Pompília nascera não de sua mulher Tácia, mas de outra chamada Lucrécia, que ele desposou após tornar-se rei. Mas todos estão bem de acordo em que sua filha Pompília foi casada com um chamado Márcio, filho daquele Márcio que o persuadiu a aceitar o reino de Roma; pois ali foi então morar com ele, tendo-lhe cabido a honra de ser recebido no número dos Senadores; e, após a morte de Numa, tendo empreendido a disputa da sucessão do reino contra Hostílio e sendo vencido, fez-se ele próprio morrer de arrependimento. Mas seu filho Márcio, que desposara Pompília, ficou sempre em Roma, onde gerou Anco Márcio, o qual foi rei de Roma após Tulo Hostílio e tinha apenas cinco anos quando Numa faleceu: a morte deste não foi súbita, pois morreu desfalecendo aos poucos, tanto pela v elhice como por uma doença lenta que lhe sobreveio, segundo escreveu Piso, e faleceu após ter vivido mais de oitenta anos.

XXXV. Mas a honra que se lhe prestou em seus funerais tornou-lhe a vida ainda mais feliz e mais gloriosa, pois todos os povos vizinhos, amigos, aliados e confederados dos Romanos, compareceram levando coroas e outras contribuições públicas para honrar-lhe as exéquias. Os nobres da cidade, chamados Patrícios, carregaram às costas o leito dentro do qual foi colocado seu corpo ao ser levado para a sepultura; e os presbíteros assistiram ao enterro, o que também fez todo o restante do povo, até as mulheres e crianças, que o acompanharam ao túmulo com prantos, suspiros e gemidos, não como a um rei de idade já avançada, mas como a um parente próximo ou amigo excepcional, morto prematuramente, por todos lamentado. Não lhe queimaram o corpo, porque, segundo dizem, o proibira no testamento: antes fizeram duas grandes urnas de pedra, que enterraram ao pé do monte chamado Janículo, e puseram o corpo dentro de uma, e dentro da outra os livros sagrados que ele próprio escrevera, nem mais nem menos do que os que fizeram as leis dos Gregos as escreveram em tábuas; mas, porque em vida ensinara aos presbíteros a substância de tudo inteiramente o que estava contido dentro, quis ele que as tábuas sagradas que havia escrito fossem sepultadas com seu corpo, como se não fosse razoável qu e coisas tão santas fossem guardadas por letras e escrituras mortas. Segundo a qual razão, dizem que os Pitagorianos não queriam pôr por escrito suas obras nem invenções, antes lhes imprim iam a ciência na memória dos que disso soubessem dignos, sem nenhuma escritura. E, como às vezes teriam sido comunicados alguns dos mais reclusos segredos e das mais ocultas sutilezas da geometria a algum personagem que não fosse digno disso, disseram que os deuses por evidentes mensagens ameaçavam vingar esse sacrilégio e essa impiedade com alguma grande calamidade pública. De tal maneira que, vendo tantas coisas conformes e em tudo semelhantes entre eles, eu perdoo facilmente aos que se obstinam em sustentar que Numa e Pitágoras se frequentaram e comunicaram mutuamente. Mas Valério de Âncio, historiador, escreve que havia doze livros referentes ao que pertencia ao ofício dos presbíteros, e doze outros contendo a filosofia dos Gregos; e que, quatrocentos anos depois, no ano em que Público Cornélio e Marco Bébio foram cônsules{175}, houve grande devastação de águas e de chuvas, que fendeu a terra e descobriu aquelas urnas, cujas cobertas foram arrancadas, tendo sido uma encontrada totalmente vazia, sem aparência nem relíquia nenhuma do corpo, e na outra foram achados os livros, os quais um chamado Petílio, então pretor, teve o encargo de ler; e, tendo-os lido, fez seu relatório ao Senado, dizendo não lhe parecer expediente que o que estava escrito nos livros fosse publicado nem divulgado para o povo simples; e por essa razão foram eles levados para a praça e queimados.

XXXVI. Ora, é coisa que acontece comumente a todos os homens bons e justos, serem mais louvados e estimados após a morte do que antes, porque a inveja não permanece ordinariamente após o trespasse, morrendo frequentemente antes deles; mas, não obstante, os acidentes ocorridos aos cinco reis que reinaram em Roma depois de Numa tornaram-lhe a glória ainda mais clara e mais ilustre. Pois o último deles foi expulso de seu estado e morreu no exílio após ali envelhecer; e dos outros quatro nenhum faleceu de morte natural, mas foram três assassinados à traição, e Tulo Hostílio, que reinou depois de Numa, zombando com desprezo da maior parte de suas boas e santas instituições, e mesmo da devoção para com os deuses, como coisa que torna os homens cobardes e efeminados, logo que se tornou rei conduziu os súbditos à guerra, mas não durou nessa louca temeridade, porque caiu numa grave, estranha e perversa doença que o fez mudar de aviso; e, ao contrário, transformou o desprezo da religião em demasiada medrosa superstição, a qual não tinha nada de comum com a verdadeira devoção e religião de Numa: e ainda infectou mais os outros com esse erro contagioso, pelo inconveniente que lhe adveio com a sua morte, pois foi atingido e queimado por um raio{176}.

A COMPARAÇÃO DE LICURGO COM NUMA

Mas, tendo acabado de escrever as vidas de Licurgo e de Numa, é tempo doravante de colocá-los um diante do outro e de tratarmos, ainda que seja isso coisa bem difícil, de encontrar as diferenças entre ambos; pois, quanto às similitudes e coisas comuns entre eles, demonstram-se bastante por si mesmas em seus feitos, como a temperança, devoção para com os deuses, sabedoria em governar destreza no manejar seus povos e, bem assim, seu fazer querer e dar a entender que os deuses lhe tinham revelado as leis que estabeleciam. Mas, para vir às qualidades, que são diversa e separadamente louváveis em cada um, a primeira é que Numa aceitou o reino e Licurgo o entregou; um o recebeu sem o ter procurado, e o outro o restituiu quando o tinha entre as mãos; um, sendo estrangeiro e homem privado, foi por estrangeiros eleito e escolhido senhor e rei, ao passo que o outro se fez ele próprio, de rei que era, homem privado. Ora, bela coisa é adquirir por justiça um reino, mas também bela coisa é preferir a justiça a um reino. A virtude pôs um em tal reputação que foi estimado digno de ser eleito rei, e tomou o outro tão magnânimo que não fez conta de ser rei. A segunda é que, nem mais nem menos do que um instrumento de música, um enrijeceu e tendeu as cordas que estavam frouxas demais em Esparta, e o outro afrouxou as que estavam demasiado tensas em Roma: no que a dificuldade maior está do lado de Licurgo, pois não persuadiu aos cidadãos de não se despojarem das cotas de malhas e couraças, nem de não usarem espadas, mas sim de deixarem ouro e prata, abandonarem leitos, meses e outros móveis preciosos, não repousarem do labor da guerra para fazerem festas, sacrifícios e jogos, mas, ao contrário, deixarem banquetes e festins, para continuamente trabalharem em armas e em todos os penosos exercícios do corpo. De forma que, um pelo amor e reverência que lhe prestavam, persuadiu facilmente de tudo o que quis; e o outro, posto em perigo e ferido, só levou sua missão a cabo com muita dificuldade.

II. Assim, foi amigável, doce e benigna a musa de Numa, que tão bem soube amolecer e arrefecer os costumes dos cidadãos, antes ardentes e violentos, ensinando-os amar a paz e a justiça; e, ao contrário, se me querem constranger a citar, entre as ordenanças e estatutos de Licurgo, o que escrevemos a respeito dos Hilotas, que era uma coisa bárbara e cruel demais, ser-me-á forçoso confessar que Numa foi muito mais sábio, mais doce e mais humano em suas leis, visto como àqueles mesmos que verdadeiramente tinham nascido servos, ainda fez provar uma pequena honra e a doçura da liberdade, tendo querido que nas festas de Saturno se assentassem à mesa para comerem com os próprios senhores. Pois há os que pretendem que tal costume tenha sido introduzido pelo rei Numa e que ele quis que os que tinham levado sua parte do labor de cultivar a terra, tivessem também parte no prazer de fazer boa mesa com os frutas dela; outros vão adivinhando que é outra marca daquela igualdade existente no mundo entre os homens do tempo de Licurgo, quando não havia senhor nem servo, mas todos eram homens iguais como irmãos ou parentes muito próximos.

III. Em suma, parece que ambos quiseram igualmente encaminhar e conduzir seus povos à temperança e ao contentamento do seu; mas, quanto às outras virtudes, parece que um mais amou a força e o outro a justiça, se não se quiser dizer que, pela diversidade da natureza ou costume dos respectivos povos, quase contrários em costumes, tenham sido constrangidos a ter também meios de todo diferentes. Pois não foi por frouxidão de caráter que Numa tirou aos seus o uso das armas e a vontade de guerrear, antes foi a fim de não fazerem mal a outrem; nem Licurgo se preocupou em tornar os seus belicosos para fazer ultraje aos outros, mas antes de medo que se lhes fizesse; assim para tirar o que excedia a uns e suprir o que faltava a outros, foi forçoso que cada qual introduzisse grandes novidades em seu governo.

IV. Além disso, quanto ao estabelecimento da polícia e à distribuição dos estados da coisa pública, a de Numa era maravilhosamente baixa e acomodada à vontade do poviléu, fazendo um corpo de cidade e um povo composto a trouxe-mouxe de ourives, menestréis, fundidores, sapateiros e todas as demais espécies de pessoas mecânicas; mas a de Licurgo, ao contrário, era austera e mais tirante ao governo da nobreza, rejeitando todos os misteres e artes

mecânicas entre as mãos dos servos e dos estrangeiros, e pondo na mão dos cidadãos o escudo e a lança, sem permitir-lhes o exercício de outro mister senão o das armas, como a verdadeiros supostos de Marte, que não soubessem nem aprendessem outra ciência em toda a vida senão obedecer aos capitães e comandar os inimigos; pois o poupar, mercadejar e traficar era ali proibido aos homens livres, a fim de que fossem absoluta e inteiramente livres; e todo artifício para acumular dinheiro{177} era permitido aos escravos e aos Hilotas, sendo estimado tão vil como o mister de vestir para jantar e de fazer a cozinha.

V. Numa não pôs essa diferença entre o seu povo, somente lhe tirou a cobiça de enriquecer pelas arm as; mas, além disso, não proibiu que enriquecesse por outras vias lícitas, nem se preocupou em unir e aplainar toda desigualdade, antes permitiu o enriquecimento tanto quanto possível, não cuidando de eliminar a pobreza que tanto se expandia e multiplicava na cidade: o que era preciso fazer desde o começo, quando não havia ainda muito grande desigualdade e quando os cidadãos eram bastante parelhos e semelhantes em bens; era quando devia fazer face à avareza, para evitar os inconvenientes adivinhos mais tarde, os quais não foram pequenos, pois foi essa a fonte, começo e raiz da maior parte dos maiores e mais perniciosos males que depois surgiram. Mas, quanto à partilha dos bens, nem Licurgo deve ser censurado por havê-la feito, nem Numa por não a ter feito; pois essa igualdade foi para um a base e o fundamento da polícia que instituiu depois, e para o outro não, porque, tendo essa partilha sido feita, não antes do tempo de seu predecessor, não havia grande necessidade de remover a primeira partilha, que, como é verossímil, estava ainda pela maior parte por ser feita.

VI. Quanto aos casamentos e à comunidade das crianças, ambos quiseram sabiamente eliminar toda ocasião de gelosia; mas não seguiram absolutamente os mesmos caminhos. Pois o marido Romano, tendo já bastantes filhos à sua vontade, se outro que desejasse tê-los lhe fosse pedir que entregasse a mulher, ele poderia cedê-la, e estava nele dá-la de todo ou emprestá-la por algum tempo, para retomá-la mais tarde. Mas o Lacônio, retendo a mulher em casa, e permanecendo o matrimônio integral, podia transferi-la a quem lha pedisse, para dela ter filhos; e mais, vários, como dissemos alhures, pediam os homens dos quais esperavam ter raça de belas e boas crianças, e os colocavam eles próprios com suas mulheres. Que diferença, pois, havia entre esses dois costumes{178} , senão que o dos Lacônios mostrava que os maridos não sentiam nenhuma repugnância nem paixão alguma por suas mulheres, nas coisas que tanto afligem e atormentam de dor e gelosia a maior parte dos homens; e o dos Romanos era uma simplicidade um pouco mais vergonhosa, que, para encobrir-se, colocava por cima o véu do casamento e a estipulação dos esponsais, confessando que essa comunidade de ter mulher e filhos pela metade com outro lhe era coisa insuportável? Ademais, a guarda das raparigas casadouras, pelas ordenanças de Numa, era mais estreita e conforme à honra do sexo, e a de Licurgo sendo demasiado livre e franca, deu aos poetas ocasião de falar e de dar-lhes sobrenomes que não são honestos, como Íbico ao chamá-las de Phenomeridas, isto é, exibidoras de coxas, e de Andromanes, isto é, sequiosas de macho; e Eurípides{179} diz também delas:

Moças que fora do paterno lar

Seguem com os rapazes a passear,

Mostrando ao mundo as coxas descobertas

Por entre suas cotas meio abertas.

Também, em verdade, os flancos de suas cotas não eram cosidos por baixo, de sorte que em marcha mostravam as coxas descobertas e nuas, o que Sófocles dá bem claramente a

entender por estes versos:

Vós{180} cantareis Hermíona, a donzela

Robusta, cuja cota se desvela,

Mostrando o que aparece ou se insinua

Em torno a cada coxa toda nua.

Dizem, portanto, que eram audaciosas, viris e magnânimas contra os próprios primeiros maridos, pois estavam inteiramente senhoras de suas casas e em público ainda tinham de opinar francamente sobre os principais negócios.

VII. Mas Numa guardou bem às mulheres a honra e a dignidade que tiveram ao tempo de Rômulo, quando os maridos se esforçavam por dar-lhes todo o mais gracioso tratamento que podiam depois de as terem raptado; mas, de resto, ajuntou a isso grande honestidade, tirando-lhes toda curiosidade, tornando-as sóbrias e acostumando-as a falar pouco, de sorte que se conta que, tendo um dia acontecido que certa mulher pleiteou pessoalmente sua causa em plena audiência diante dos juízes, o Senado, disso advertido, consultou incontinente o oráculo de Apoio, para inquirir o que isso prognosticava dever advir à cidade. E, de resto, para mostrar sua grande humildade, doçura e obediência, pode-se alegar o que se acha escrito sobre elas, onde houve o que censurar; pois exatamente como os nossos historiadores Gregos citam aqueles que primeiro assassinaram seus concidadãos ou fizeram a guerra a seus irmãos, ou mataram seus pais ou mães, também os Romanos revelam que o primeiro que repudiou sua mulher foi Espúrio Carvílio, duzentos e trinta anos{181} depois da primeira fundação de Roma, o que antes jamais tinha sido feito; e que a mulher de certo Pinário, chamada Taléia, foi a primeira que teve disputa e debate com sua sogra chamada Gegânia, ao tempo em que reinava o rei Tarquínio sobrenomeado o Soberbo: de tal maneira haviam sido bem e honestamente ordenados por Numa os estatutos de casamentos.

VIII. Ademais, a idade e o tempo de casar as raparigas, que ambos ordenaram, estava de acordo com o resto de sua educação: pois Licurgo só permitia se casassem as mulheres feitas e maduras, a fim de que a companhia do homem, sendo-lhes dada quando a natureza o pedisse, lhes fosse começo de prazer e amor, não de medo e ódio, no caso de, serem entregues à força antes da época prefixada pela natureza,* e a fim também de que os seus corpos se tornassem mais robustos para terem filhos e suportarem os sofrimentos e as dores do parto, visto como só as casavam com o intuito de que tivessem filhos; mas os Romanos ao contrário, as casavam com doze anos e ainda mais jovens, dizendo que, por esse meio, o corpo e os costumes eram inteiramente daqueles que as desposavam, sem que outro de nenhum modo os pudesse haver tocado. E assim é evidente que um era mais natural para torná-las fortes no ter filhos, e outro mais moral para lhes dar o hábito das condições que se desejava que elas retivessem durante toda a vida.

IX. Além disso, quanto à educação dos filhos, para serem criados, instruídos e ensinados sob os mesmos mestres e governadores, que tivessem a seu cargo fazê-los beber, comer, brincar e exercitar o corpo honesta e regularmente juntos, Numa não providenciou a esse respeito, nem sequer como o menor autor de leis jamais existente, muito menos em comparação com Licurgo; pois deixou à discrição dos pais, segundo sua avareza ou necessidade, a liberdade de criar e educar os filhos como bem lhes parecesse, para fazê-los lavradores ou carpinteiros,

fundidores , menestréis, como se não se devesse formar os costumes das crianças, conduzindo e encaminhando-as desde e após o nascimento para o mesmo fim, e como se fossem nem mais nem menos do que passageiros do mesmo navio, os quais, aí estando um para uma tarefa, outro para outra, e todos com diversas intenções, jamais se comunicam, senão quando há tormenta, por medo do seu próprio e particular perigo; pois de outro modo cada um deles não pensa senão para si mesmo. E é ainda perdoável que outros estabelecedores de leis tenham omitido alguma coisa por ignorância ou por não terem bastante autoridade e poder; mas um sábio filósofo, tendo recebido o reino de um povo novamente reunido, que em nada o contradizia, em que devia ele antes empregar esforços, como fazer educar bem as crianças e exercitar os jovens, a fim de não serem diferentes de costumes, nem turbulentos pela diversidade de educação, mas todos concordantes por haverem sido desde a infância encaminhados na mesma direção e modelados na mesma forma da virtude? Isso, além das outras utilidades, serviu ainda para manter as leis de Licurgo, pois o receio do juramento que tinham feito teria muito pouca eficácia, se pela instituição e educação ele não tivesse, por maneira de dizer, tingido em lã os costumes das crianças, e não lhes tivesse com o leite das nutrizes feito quase sugar o amor de suas leis e de sua polícia: o que teve tanta força que, no espaço de mais de quinhentos anos, suas principais instituições e ordenanças permaneceram integralmente, como boa e forte tintura, que tivesse atingido até ao fundo para fixar-se fortemente além; e, ao contrário, o que era o objetivo e fim principal para o qual tendia Numa, manter a cidade de Roma em paz e amizade, faliu incontinente com ele, pois assim que morreu, abriram inteiramente as duas portas do templo de Jano, que no seu tempo conservara tão cuidadosamente fechadas, como se em verdade ali tivesse encerrado a guerra, e encheram toda a Itália de crime e sangue; e nada durou tão belo, santo e justo governo, pois seu reinado foi além do seu tempo, porque não tinha para mantê-lo o laço da educação e da disciplina das crianças,

X. Como, poderá aqui dizer-me alguém, não esteve Roma sempre na dianteira e não tirou cada vez mais proveito no terreno das armas? Eis aí uma pergunta que teria necessidade de longa resposta, mesmo para pessoas que medem o bem e o progresso pelas riquezas, ‘delícias e grandeza de poder e de império, e não pelo bem-estar e pela salvação pública, pela clemência e pela justiça conjugada ao contentamento. Todavia, como quer que seja, depõe ainda em favor de Licurgo o fato de que os Romanos se tenham assim tornado grandes e poderosos por terem deixado a maneira de viver que Numa lhes indicara; e, ao contrário, o fato de que os Lacedemônios, logo que começaram a transgredir os estatutos de Licurgo, de muito grandes que eram, tornaram-se incontinente muito pequenos, de tal maneira que, tendo perdido o principado e superioridade da Grécia, caíram ainda em perigo de serem completamente exterminados, Mas também, em verdade, é coisa sem dúvida excelente e divina em Numa que, sendo estrangeiro o tenham ido procurar para fazê-lo rei, e que tenha podido assim mudar tudo e manejar a seu bel-prazer uma cidade que não estava ainda bem unida, sem ter tido necessidade de armas nem de força nenhuma, como teve Licurgo, que para sobrepor-se à comuna se fortificou com os maiorais da cidade, antes que por sabedoria somente e por justiça, não de outro modo, os tivesse podido conter em paz e fazer viver amigavelmente juntos.

Sólon

SUMÁRIO DA VIDA DE SÓLON

I. Nobreza de Sólon. II. Seus costumes. V. Talento para a poesia. VI. Gosto pela filosofia moral. VII. Encontr o dos sete Sábios em Delfos. VIII. Entrevista de Sólon e Anacársis-IX. Palestra com Tales. XI. Assunto da elegia de Salamina. XIII. Sólon faz a conquista dessa ilha. XVII. Arenga para o templo de Delfos. XVIII. Conspiração de Cilon. Mégara recupera a ilha de Salamina. — XIX. Epimênides é consultado. XX. Perturbações em Atenas por causa da desigualdade entre pobres e ricos. XXI. Sólon é escolhido mediador. XXII. Recusa o título de rei. XXIII. Dá leis a Atenas. XXIV. Abolição das dívidas. Mudanças de valor das moedas. XXVII. Sólon é nomeado reformador geral das leis e do estado. XXVIII. Anula as leis de Drácon. XXX. Mantém os ricos no exercício da administração e da magistratura. Estabelecimento das classes proporcionalmente às rendas. XXXII. Permissão dada a cada um para esposar a causa do oprimido. XXXIII. Areópago. XXXV. Nota de infâmia para quem não toma partido numa sedição. XXXVI. Leis do matrimônio. XXXIX. Proibição de falar mal dos mortos. Multa por injúrias. XL. Lei dos testamentos. XLI. Regulamentos para as mulheres. XLII. Para as crianças. XLIV. Observação sobre algumas leis de Sólon. XLVI. Regulamento para as águas. XLVII. Para as plantações de árvores e a venda de frutas. L. Direito de burguesia em Atenas. LI. Refeições de cidade. LII. Leis de Sólon escritas e confirmadas por cem anos. LIII. Regula o mês lunar. LIV. Viagens ao Egito e à ilha de Chipre. LVI. Entrevista com o rei Creso. XL. Perturbações em Atenas durante sua ausência. LXI. Regresso. LXII. Tragédias de Téspis. LXIII. Artifício de Pisístrato. LXIV. Conduta firme e sábia de Sólon. LXVI. Seus nervos sobre a ilha Atlântica. Sua morte.

Desde o segundo ano da 35a. olimpíada até ao segundo ano da 55a. , 559 anos antes de Jesus Cristo.

I. O gramático Dídimo, num pequeno tratado que escreveu e dedicou a Asclepíades, no tocante às tábuas das leis de Sólon, cita as palavras em que certo{182} Ânficies, contra a opinião comum daqueles que disso fazem menção, diz que o pai de Sólon se chamava Eufórion, pois todos os outros escrevem conformemente que ele era filho de Excestides, homem de recursos e, além disso, das mais nobres e mais antigas casas da cidade de Atenas: pois do lado paterno descendia do rei Codro, e, quanto à mãe, Heráclides do Ponto escreve que era prima-germana da mãe de Pisístrato. De maneira que no começo houve grande amizade entre eles, parte por causa do parentesco e parte também por causa da gentileza e beleza de Pisístrato, do qual se diz que Sólon foi amante durante algum tempo, daí resultando que mais tarde, tendo-se ambos desavindo por causa do governo da coisa pública, a controvérsia não produziu nenhum incidente demasiado acre nem violento, pois ficaram sempre em seus espíritos os deveres e obrigações do passado, que conservaram a memória daquele amor, nem mais nem menos que de um fogo muito grande a chama ainda ardente.".

II. Que Sólon não tenha sido muito firme para resistir à beleza, nem bastante valente campeão para combater o amor, pode-se evidentemente conhecer tanto por outros escritos poéticos de sua autoria como pelo estatuto no qual proíbe que o servo se perfume ou seja amante de meninos, como pondo isso na ordem das coisas honestas e louváveis exercícios e convidando por assim dizer as pessoas dignas àquilo de que excluía as indignas. Também dizem que o próprio Pisístrato, foi amante de Carmo e que foi ele quem doou a pequena imagem de amor que está no parque da Academia, no lugar onde aqueles que correm com o archote sagrado costumam acendê-la.

III. Mas, tendo o pai de Sólon, conforme diz Hermipo, diminuído seus bens em dar e praticar atos semelhantes de liberalidades, ele, embora pudesse facilmente encontrar quem lhe fornecesse dinheiro para as necessidades, teve vergonha de aceitá-lo, porque pertencia a uma casa mais acostumada a dar e ajudar os outros do que a receber; e assim, jovem ainda, foi constrangido a dedicar-se ao comércio. Todavia, dizem outros que foi antes para ver e aprender do que para traficar e ganhar que Sólon saiu a correr mundo; pois em verdade estava desejoso de saber, como se pode verificar pelo fato de que, sendo já idoso, dizia ordinariamente este verso:

Aprendendo à medida que envelheço.

E, assim, não era avarento nem muito amante da riqueza, como diz em uma passagem:

O mais{183} rico não é quem tem ganância

De ouro e prata em inútil abundância,

Numerosos rebanhos e manadas,

Cavalos, mulos, terras cultivadas,

Mas, ao contrário, o que possui somente

Roupa que o vista e cibo que o sustente;

Se além disso, entretanto, pode ter

De esposa e filho o divinal prazer,

Vendo a beleza à mocidade unida,

Então será perfeita sua vida.

E, em outra passagem, diz também:

Que algo ter eu deseje é bem verdade,

Mas por direito meu, com equidade,

Pois quem de outra maneira tem riqueza

Nas mãos cai da justiça com certeza.

IV. Também nada há que proíba que o homem de bem e de honra, assim como não deve atormentar-se para adquirir mais bens do que precisa, também possa e deva esforçar-se por ter o suficiente para as necessidades. Ora, não havia naquela época nenhum estado censurável, como diz Hesíodo{184}, nem arte ou mister que pusesse diferença entre os homens; além disso, a mercadoria era tida como coisa honrosa, que permitia frequentar e traficar com as nações estrangeiras e bárbaras, ganhar a amizade dos príncipes e adquirir experiência de várias coisas. De tal maneira que houve comerciantes que foram outrora fundadores de grandes cidades, como{185} aquele que primeiro fundou Marselha, após conquistar a amizade dos Gauleses, habitantes da região ao longo do rio Ródano; e dizem que o sábio Tales de Mileto exerceu também o comércio, outro tanto fez o matemático Hipócrates, e Platão custou as despesas de sua viagem ao Egito com o dinheiro ganho na venda de óleos. Mas também existe a opinião de que Sólon aprendeu a ser excessivo em despesas, delicado no viver e dissoluto no falar das volúpias em seus poemas, um pouco mais licenciosamente do que convém a um filósofo, por ter sido educado nesse estado de comércio, o qual, estando sujeito a azares muito grandes e a grandes perigos, requer também que em recompensa se tenha boa mesa e delicioso trat amento; e, não obstante, ele se incluía no número dos pobres, e não no dos ricos, como demonstram estes versos:

Enquanto maus existem que enriquecem,

Há muitos bons que pobres permanecem;

Todavia, trocar nossa bondade

Não desejamos pela vil maldade,

Pois a virtude é firme e perdurável,

Mas a riqueza incerta e transmutável.

V. Ora, quanto à poesia, no começo só a cultivou por passatempo, quando tinha lazer, sem escrever em verso nenhuma coisa de importância; mais tarde, porém, compôs vários temas graves de filosofia e descreveu a maior parte de tudo o que fizera no governo da coisa pública, não em forma de história ou de memória, mas de discurso; pois ai dá a razão das coisas por ele feitas e em alguns trechos admoesta, crítica e repreende os Atenienses; e

assim, há quem queira ainda dizer que ele ensaiou pôr em versos suas ordenanças e leis, recitando-lhes o começo, que era o seguinte:

A Júpiter rogar primeiramente

Quero que, em seu domínio onipotente.

Conceda às minhas leis tamanha glória

Que se conserve delas a memória.

VI. E, quanto à filosofia, amou principal mente a parte da moral que trata do governo das coisas públicas, como também fizeram em sua maior parte os sábios daquela época; mas, quanto à filosofia natural, era nisso maravilhosamente simples e grosseiro, como aparece nestes versos:

Neve e granizo, que a natura encerra,

Vão-se formando no ar e caem na terra,

Ao passo que o trovão é procedente

Do raio e do relâmpago luzente;

O mar por fortes ventos é batido

E, se de qualquer m odo enfurecido

Por elemento externo assim não fosse,

Seria ele o mais brando, justo e doce.

Também não houve outro, em suma, senão somente Tales, entre todos os sete sábios da Grécia, cuja sabedoria passasse e procurasse mais além da contemplação das coisas de uso comum dos homens; pois, exceto aquele, todos os outros adquiriram renome de sapiência por serem bem entendidos em matéria de estado e de governo.

VII. Dizem que todos sete um dia se encontraram juntos na cidade de Delfos, e outra vez na de Corinto, onde Periandro os reuniu num festim que ofereceu aos outros seis; mas o que mais lhes aumentou a glória e lhes deu mais fama e renome foi a restituição do tripé, quando todos o recusaram, cedendo-o por turno uns aos outros, com honesta humildade. Pois tendo, como dizem, alguns pescadores da ilha de Co lançado a rede ao mar, houve alguns estrangeiros que, de passagem pela cidade de Mileto, compraram a linha da rede antes que ela fosse puxada; mas, quando foi puxada, encontrou-se dentro um tripé de ouro maciço, o qual dizem que Helena, ao voltar de Troia, atirara naquele lugar como lembrança de um antigo oráculo que então lhe viera à memória. Assim, houve disputa por causa do tripé, primeiro entre os pescadores e os estrangeiros; mais tarde, porém, as próprias cidades continuaram a demanda através de seus respectivos povos, a qual teria prosseguido até à guerra aberta, não tivesse a profetisa Pítia dado a ambas as partes o mesmo oráculo: «Entregassem o tripé ao mais sábio.» Seria ele assim primeiramente enviado a Tales, na cidade de Mileto, mas o cederam de bom grado os de Co a um particular, porque estavam em guerra contra todos os Milésios. Tales declarou estimar Bias mais sábio do que ele, e o tripé

lhe foi enviado; este de novo o mandou a outro, como ao mais sábio; e outro ainda a outro, de sorte que, tendo assim passado e dado a volta pelas mãos de todos, foi parar, pela segunda vez, nas mãos de Tales, na cidade de Mileto, e finalmente levado para Tebas e dedicado ao templo de Apolo sobrenomeado Ismênico; todavia, TEJO escreve que ele foi primeiro enviado a Bias, na cidade de Priena, e depois a Tales, na cidade de Mileto, por cessão de Bias, e que, tendo passado pelas mãos de todos, retornou ainda às mãos de Bias, até que por fim foi enviado para a cidade de Delfos.

VIII. Eis como o descreve a maior parte dos antigos autores, dizendo uns que foi, em lugar de um tripé{186}; uma copa que o rei Creso enviara para a cidade de Delfos; dizem outros que era um vaso que Baticles ali deixara, e narram ainda outra particular entrevista de Anacársis e Sólon, e outra com Tales, ao contarem que tiveram esta conversa: Anacársis, tendo chegado a Atenas, foi bater à porta de Sólon, dizendo que era estrangeiro e vinha expressamente para travar conhecimento e amizade com ele. Sólon respondeu-lhe que «era melhor cada um conquistar amizades em seu próprio país»; e Anacársis replicou-lhe: «Tu, pois, que estás agora em teu país e em tua casa, começa por fazer amizade comigo». E, então, Sólon, surpreso com a vivacidade e prontidão do seu entendimento, deu-lhe muito boa acolhida e o teve algum tempo consigo em casa, com ele fazendo camaradagem, mesmo no tempo em que mais se empenhava no manejo da coisa pública e compunha suas leis. O que vendo Anacársis, zombou de tal empresa, porque ele pensava com leis escritas refrear e conter a avareza e a injustiça dos homens: «Pois tais leis, dizia, se parecem propriamente com as teias de aranha, prendendo os pequenos e os fracos, enquanto os ricos e poderosos passarão através e as romperão.» Sólon respondeu-lhe «que os homens cumprem os contratos e acordos que firmam uns com os outros, porque não é expediente para nenhuma das partes transgredi-los; e que, semelhantemente, também ele temperava suas leis de sorte que dava a conhecer aos cidadãos que era mais útil obedecer às leis e à justiça do que violá-las». Não obstante, as coisas foram mais tarde postas à prova, antes segundo a comparação feita por Anacársis do que segundo a esperança concebida por Sólon. Mas Anacársis, tendo um dia comparecido a uma assembleia pública em Atenas disse que «se maravilhava de que na s consultas e deliberações dos Gregos os sábios propusessem as matérias para os tolos decidirem».

IX. Dizem eles também que Sólon esteve algumas vezes na cidade de Mileto, na residência de Tales, onde se maravilhou de que este não tivesse querido tomar mulher para ter filhos; Tales nada lhe respondeu imediatamente, mas, alguns dias depois, disso encarregou um estrangeiro que informara t er chegado havia pouco de Atenas, pois de lá partira apenas dias antes. Sólon perguntou-lhe incontinente se havia alguma novidade, e o estrangeiro, que Tales havia assoprado, respondeu: «Nada de novo, além do enterro de um jovem a cujo funeral toda a cidade compareceu, porque era filho de um dos maiores personagens e melhores homens da cidade, que na ocasião não se achava presente, pois fazia muito tempo, pelo que diziam, que estava fora.» «Ó pobre pai infeliz, disse então Sólon; e como se chamava ele?» «Eu ouvi seu nome, disse o estrangeiro, mas só me lembro de que toda a gente dizia tratar-se de um personagem de grande sabedoria e probidade.» Afinal, cada vez mais aterrorizado com as respostas daquele homem, Sólon não pôde conter-se e, inteiramente perturbado, sem ter dito seu nome ao estrangeiro, perguntou-lhe se era o filho de Sólon, que tinha morrido, «Sim», respondeu o estrangeiro. Então, Sólon pôs-se a esmurrar a própria cabeça e a fazer e dizer tudo aquilo a que se acostumaram os que estão mortificados pelo sofrimento e que impacientemente suportam sua aflição. Mas Tales, rindo, o conteve e lhe disse: «Eis aí, Sólon, a causa que me impediu de casar e gerar filhos, a qual é tão violenta que logo te transtornou, embora no mais tu sejas rijo e forte para a luta; mas, quanto ao que te disse esse homem, não te perturbes, pois não é verdade.» Hermipo escreve que Pateco, o tal que dizia ter a alma de Esopo, o conta também.

X. Não obstante, é falto de bom senso e de bom coração o homem que não ousa adquirir as coisas necessárias por medo de perdê-las, porque desse jeito não estimaria nem a honra, nem os bens, nem a ciência, quando os possuísse, por medo de privar-se deles; pois vemos que a

própria saúde, que é a maior e a mais doce riqueza que o homem poderia adquirir, perdesse muitas vezes por doença ou por algumas medicinas ou bebidas; e, mais, o próprio Tales não estaria isento desse medo por não ter sido casado, a não ser que desejasse confessar que não tinha afeição nenhuma aos amigos, aos parentes e ao país; mas, ao contrário, teve um filho adotivo e adotou um sobrinho chamado Cibisto, filho de uma irmã. Pois nossa alma, tendo em si uma faculdade naturalmente amorosa e nascida para amar, nem mais nem menos do que possui outras para sentir, entender e reter, desprende-se às vezes e se liga à parte afetiva e estimável dos objetos que não lhe são próprios e que em nada lhe pertencem; nem mais nem menos do que se fosse uma casa ou uma herdade destituída de legítimos herdeiros, que estrangeiros ou bastardos encontrassem, por adulações, meio de ocupar e invadir: os quais fazem de sorte que, sendo a alma inclinada a amá-los, também receia e teme perdê-los. De tal maneira que vereis, às vezes, homens revessos de natureza repelirem para longe aqueles que lhes falam de casamento e geração de filhos legítimos; e mais tarde morrem de medo e arrependimento, quando veem os filhos que tiveram de escravas ou de concubinas caírem doentes ou morrerem, e se deixam escapar palavras indignas de homens de coragem; e alguns há que, pela morte de cães ou cavalos, se desconfortam tão cobarde e miseravelmente que ficam quase para morrer. Mas, ao contrário, também há outros que por terem perdido os filhos, homens de bem e de honra, não fizeram nem disseram nada de pusilânime nem de feio, antes se portaram todo o resto da vida como homens sábios, constantes e virtuosos; pois é a imbecilidade, e não a caridade, a causa desses desgostos infinitos e desses temores desmesurados em pessoas não exercitadas nem acostumadas a combater com a razão contra a fortuna, o que é motivo também de não gozarem do prazer do que amam ou desejam, mesmo quando está presente, pelos contínuos temores, angústias e terrores que sofrem pensando que serão um dia privados desse bem. Ora, é preciso, não se armar e fazer pavês de pobreza contra a dor da privação de bens, nem de falta de afeição contra o perigo de perder os amigos, nem de fuga do casamento contra a morte de filhos; antes é preciso prover-se da razão contra todos os acidentes.

XI. Mas, por enquanto, já discorremos bastante, e mais do que o bastante, sobre o assunto. Tendo pois os Atenienses sustentado longa e fastidiosa guerra contra os Mégaros, no tocante à possessão da ilha de Salamina, por fim se cansaram e fizeram um édito pelo qual proibiram houvesse homem tão ousado ou tão atrevido para submetera ao conselho da cidade a necessidade de querelar mais a dita possessão, e isso sob pena de morte. Sólon, não podendo suportar tal vergonha e vendo que os jovens, pela maior parte, não pediam outra coisa senão a abertura da guerra, mas que não ousavam abrir a boca para falarem sobre isso por causa do édito, fez parecer que estava fora do senso, mandou divulgar pela cidade a notícia de que enlouquecera e, tendo composto secretamente alguns versos elegíacos, aprendeu-os de cor para pronunciá-los em público. Então, lançou-se um dia subitamente fora de casa, tendo um chapéu à cabeça, e correu para a praça, onde se reuniu incontinente grande número de populares em torno dele, e, subindo à pedra de onde era costume fazer os apelos e proclamações públicas, começou a pronunciar, cantando, a elegia que assim começa:

De Salamina, arauto satisfeito,

Venho para exaltar o grande feito;

Mas, ao invés de em prosa vos falar,

Prefiro os belos versos meus cantar.

Essa elegia é intitulada Salamina e contém cem versos, muitos belos e bem-feitos: os quais, tendo sido então publicamente pronunciados por Sólon, seus amigos puseram-se incontinente a louvá-los em altas vozes, mesmo Pisístrato, e foram exortando e suscitando o pov o assistente a crer no que ele dissera; assim fizera, de sorte que na mesma hora o édito foi revogado e de novo a guerra prosseguida com mais ardor do que antes, sob a direta e a superintendência de Sólon.

XII. Ora, o que sobre isso se conta, mais vulgar e mais comumente, é que ele foi por mar, com Pisístrato, até ao templo de Vênus sobrenomeada Colíada, onde encontrou todas as mulheres fazendo uma festa solene e um sacrifício ordinário à deusa; e, aproveitando a ocasião, enviou um homem de confiança aos Mégaros, que então ocupavam Salamina, tendo-o instruído para se fingir traidor, expressamente vindo para adverti-los de que, se quisessem surpreender todas as principais damas de Atenas, bastaria seguirem com ele. Os Mégaros facilmente acreditaram e fizeram incontinente embarcar certo número de homens; mas, logo que Sólon percebeu que o navio partira de Salamina, mandou que as mulheres se retirassem e, em lugar delas colocou homens jovens e ainda imberbes, os quais fez enfeitar de toucas, vestidos e sapatos femininos, com curtas adagas escondidas debaixo das roupas, e ordenou- lhes que brincassem e bailassem juntos ao longo do mar, até que os inimigos descessem em terra e o seu navio fosse capturado. O que foi feito, pois os Mégaros, enganados pelo que viam de longe, desembarcaram e em seguida se lançaram em massa à terra, na suposição de que iriam aprisionar mulheres; mas não escapou um, pois foram todos mortos em ação. Isso feito, os Atenienses ganharam logo o mar e seguiram para a ilha de Salamina, a qual foi por eles surpreendida e tomada sem dificuldade.

XIII. Dizem outros que tal surpresa não se verificou, mas que Apolo Deifico lhe dera primeiramente este oráculo:

Primeiro tornarás, com sacrifícios,

Todos os semideuses mais propícios,

Patronos do lugar, presentemente

Sepultos em Asopo, no ocidente.

Seguindo esse oráculo, Sólon passou uma noite em Salamina e sacrificou a Perifemo e a Cícris, semideuses do país. Isso feito, deram-lhe os Atenienses quinhentos homens que se ofereceram voluntariamente e fizeram um decreto pelo qual ordenaram que, se eles tomassem a ilha de Salamina, seriam os primeiros no governo da coisa pública. Sólon embarcou com sua gente em diversos botes de pesca, com uma galeota a trinta remos que o seguia atrás, e ancorou bem perto da cidade de Salamina, abaixo de uma ponta que dá para a ilha de Negroponto. Os Mégaros que estavam dentro de Salamina, tendo sentido não sei como algum vento, sem todavia saberem de outro modo nada decerto, acorreram incontinente às armas, em desordem e tumulto, e enviaram um de seus navios para descobrir o que havia, o qual, tendo-se aproximado demais, foi aprisionado por Sólon, que mandou prender e ligar os Mégaros, em lugar dos quais fez embarcar naquele mesmo navio os melhores homens Atenienses que havia em sua tropa, instruindo-lhes que singrassem diretamente para a cidade, conservando-se o mais ocultos e encobertos que pudessem; e, no mesmo instante, tomando consigo o restante de seus homens, desceu em terra e foi enfrentar os Mégaros que tinham saído para os campos; e, enquanto combatiam, os que ele enviara dentro do navio chegaram e se apoderaram da cidade.

XIV. E que esse relato seja verdadeiro, o que a esse respeito se representa ainda hoje o testemunho; pois há um navio Ateniense que chega muito quieto no começo, depois de repente os que estão dentro fazem um grande barulho e um deles, armado, lança-se fora do barco e dirige-se gritando para o escolho chamado Cirádion{187}, situando do lado da terra, perto do templo de Marte, que Sólon fundou após haver derrotado em batalha os Mégaros, de

onde ele devolveu, sem pagar resgate, os prisioneiros que não foram mortos no ardor da refrega.

XV. Não obstante, os Mégaros se obstinaram em querer ainda recuperar Salamina, até que, depois de terem causado e sofrido muitos males, acabaram fazendo os Lacedemônios juízes e árbitros de sua causa: no qual julgamento, a comum opinião é que a autoridade de Homero serviu a Sólon, porque ele ajuntou à lista dos navios nomeados na Ilíada de Homero{188} estes versos que pronunciou diante dos juízes, como tendo verdadeiramente sido assim escritos por Homero:

Doze barcos o altivo Ajax levava

De Salamina e em linha os conservava

Com o quartel no qual os comandantes

De Atenas alojaram seus infantes.{189}

XVI. Todavia, os próprios Atenienses estimam ser por isso uma história inventada e dizem que Sólon fez ver aos juízes que Fileu e Eurisaces, ambos filhos de Ajax, tinham sido feitos burgueses de Atenas. Por esse meio, deram eles a ilha de Salamina aos Atenienses e foram habitar, um no lugar que se chama Bráuron, no país da Ática, e o outro no burgo de Mélita, em testemunho do que dizem eles que ainda há um cantão da Ática que se chama cantão dos Fileidas, do nome desse Fileu, do qual era natural Pisístrato. E dizem mais que Sólon, querendo ainda mais amplamente convencer os Mégaros, alegou que os de Salamina não enterravam os mortos como faziam os Mégaros, mas como os Atenienses; pois em Mégara, são enterrados com a face voltada para o sol levante, e em Atenas para o sol poente; todavia, Héreas de Mégara insiste em contradizer que os de Mégara os enterravam também com a face voltada para o sol poente, e alegou ainda mais que em Atenas cada morto tinha um sarcófago à parte e que em Mégara eram aí postos três ou quatro juntos. Mas dizem que houve ainda oráculos de Apolo Pítico que ajudaram Sólon, pelos quais o deus chamava Jônia a Salamina, Essa divergência foi decidida por cinco árbitros naturais da própria cidade de Esparta: Critolaidas, Amonfareto, Hipséquidas, Anaxilas e Cleômenes.

XVII. Ora, tinha já Sólon adquirido grande glória e reputação por essa façanha; mas ainda foi mais estimado e renomeado pela arenga que pronunciou em defesa do templo de Apolo na cidade de Delfos, advertindo ser preciso não admitir que os Cirreus abusassem à vontade do santuário do oráculo, e ser ainda necessário levar socorro aos Délficos em honra e reverência de Apolo; pois o conselho dos Anfictiões, comovido por suas advertências e razões, sentenciou a guerra contra os Cirreus{190}, como vários outros testemunham, e mesmo Aristóteles no livro que escreveu sobre os que conquistaram o prémio nos jogos Píticos, ao atribuir a Sólon a honra de tal sentença; todavia, ele não foi eleito capitão para conduzir a guerra, como Hermipo diz que Evantes de Samos escrevera; pois o orador Esquines não o admite, e nos registros dos Délficos achasse que foi certo Acméon, e não Sólon, o capitão dos Atenienses. Ora, havia já longo tempo que o crime de Cílon{191} mantinha a cidade de Atenas em grande pena e aflição, desde o ano em que Mégacles, sendo preboste{192} em Atenas, usou de tão belas palavras para com os cúmplices de Cílon, que se haviam lançado na imunidade da deusa Minerva, que os persuadiu de que estavam com o direito e de que se apresentassem a julgamento segurando pela extremidade uma rede que ligariam à base da imagem da deusa, a fim de não perderem a imunidade; mas, quando chegaram à mansão das veneráveis deusas que eles dizem serem as imagens das Fúrias, descendo para irem apresentar-se a julgamento, a rede se rompeu por si mesma e, então, Mégacles e os outros oficiais seus companheiros os agarraram incontinente, dizendo que era sinal manifesto de que a deusa Minerva lhes

recusava salvaguarda. Assim foram os que puderam ser agarrados imediatamente lapidados fera da cidade, e os outros que acorreram aos altares foram ali mortos, e não se salvaram senão os que tiveram meio de fazer interceder por eles as mulheres dos governadores da cidade, os quais desde esse tempo ficaram muito mal queridos do povo e comumente chamados os excomungados,

XVIII. Além disso, os descendentes dos que tinham sido dessa conspiração de Cílon recuperaram crédito e, tendo-se tornado poderosos, jamais cessaram, depois, de ter grandes querelas contra os descendentes de Mégacles; e aconteceu que as suas parcialidades adquiriram maior força ao tempo de Sólon, o qual, tendo autoridade e vendo que todo o povo estava dividido nessas duas partes, pôs-se entre ambas com os principais personagens de Atenas e fez tanto, por suas advertências e pedidos para com aqueles que se chamavam os excomungados, que eles ficaram contentes de se submeterem a julgamento; assim foram eleitos juízes, para conhecer do caso, trezentos homens dentre a gente de bem da cidade, e foi acusador Míron de Fliunte, A causa foi pleiteada e, por sentença dos juízes, condenados os excomungados: dos quais os vivos foram para o exílio, e os ossos dos executados foram desterrados e lançados fora dos limites do território de Atenas. Os Mégaros, entretanto, aproveitaram-se habilmente da ocorrência de tais perturbações para atacarem os Atenienses, tomando-lhes o porto de Niséia e recuperando de suas mãos a ilha de Salamina.

XIX. Ademais, toda a cidade se achou presa de supersticioso terror, porque se falava na volta dos espíritos e no aparecimento de fantasmas. Os próprios adivinhos diziam que, por seus sacrifícios, notavam que a cidade estava contaminada de alguns casos abomináveis, que necessariamente constituíam motivo de purgação. Por essa causa, foi enviado a Cândia, para investigar, Epimênides de Festo, que se conta o sétimo dos sábios, ao menos entre os que nesse número não querem receber Periandro. Era um santo homem religioso e muito entendido nas coisas celestes por inspiração e revelação divina: em razão do que os homens de seu tempo lhe chamavam o novo Curete, isto é, profeta, e sustentava-se que era filho de uma ninfa chamada Balta. Tendo pois chegado a Atenas e contraído amizade com Sólon, ajudou muito e preparou-lhe-o caminho para estabelecer suas leis: pois acostumou os Atenienses a tornarem seus sacrifícios mais ligeiros e menos dispendiosos, mais suportáveis em seu suplício, eliminando deles certas austeridades e cerimonias barbarescas, que a maior parte das mulheres observava pondo luto, e ordenando certos sacrifícios que ele queria se fizessem logo após as obséquias de um defunto. Mas, o que é mais ainda do que tudo isso, acostumando a cidade à santidade e a devoções, por sacrifícios contínuos de propiciação, por preces aos deuses, purgações, oferendas e fundações, tornou aos poucos os corações dos homens mais dóceis para obedecerem à justiça e mais idóneos e tratáveis para conduzirem à união e concórdia, Conta-se também que, tendo visto o porto de Huníquia, após havê-lo considerado longamente, disse aos que o cercavam que «o homem era bem cego nas coisas do futuro, pois que, se os Atenienses, disse ele, soubessem quanto mal este porto aqui lhes deve acarretar, eles o comeriam, por assim dizer, com os próprios dentes». Dizem também que Tales, semelhantemente, predisse coisa análoga e ordenou que, quando falecesse, enterrassem seu corpo num mau lugar do qual não se fizesse conta dentro do território dos Milésios, dizendo que seria um dia a praça da cidade. Epimênides, pois, gozando por essas causas de grande reputação no conceito geral, prestaram-lhe os Atenienses grandes honras e lhe ofereceram belos presentes com boa soma de dinheiro, mas ele nada quis aceitar e pediu somente que lhe dessem um ramo da santa oliveira. O que lhe foi outorgado, lavrando ele um tento.

XX. Mas, sendo essa sedição de Cílon apaziguada e extinta em Atenas, porque os excomungados de lá foram expulsos, recaiu de novo a cidade nas antigas perturbações e dissensões, no tocante ao governo da coisa pública, e se dividiu em tantas ligas e parcialidades quantas eram as diversas espécies de territórios dentro do país da Ática: pois havia a gente da montanha, a gente da planície e a gente da marinha. Os da montanha eram populares para a vida; ao contrário, os da planície queriam que pequeno número dos grandes

burgueses tivessem toda a autoridade no manejo dos negócios; e os da marinha, querendo um governo médio e composto de ambos, impediam que qualquer das partes contrárias pudesse sobrepujar a outra. Ademais, ao mesmo tempo, a querela entre pobres e ricos, procedendo da desigualdade, estava então no auge do seu vigor, de modo que a cidade enfrentava um perigo muito grande e parecia não haver nenhum meio de compor e pacificar todas essas diferenças, a não ser que se levantasse algum tirano para ocupar a monarquia e tornar-se senhor absoluto; pois todo o povo miúdo estava tão endividado com os ricos que, ou trabalhavam suas terras e estas lhes rendiam a sexta parte dos frutos, e por esse motivo se chamavam Hectemorii e criados, ou deles tomavam dinheiro emprestado com usura sobre a garantia de suas próprias pessoas, e, não podendo pagar, ficavam adjudicados aos credores, que os mantinham como servos e escravos em suas casas, ou então os mandavam vender em país estrangeiro; e vários havia que por pobreza eram constrangidos a vender os próprios filhos, porque não havia lei que o proibisse, ou a abandonar a cidade e o país pela aspereza e crueldade dos credores usurários, até que diversos dos mais dispostos e mais robustos se uniram e se entrecorajaram a não mais sofrerem isso, para elegerem um capitão dentre eles, homem fiel, que fosse livrar do cativeiro os que estivessem adjudicados como servos por não terem pago as dívidas no dia prefixado, e que também fizesse repartir de novo todo o território e mudar inteiramente o governo.

XXI. Então, os mais sábios da cidade, vendo que Sólon era o único isento de culpa, porque não participava nem da iniquidade e violência dos ricos, nem da necessidade dos pobres, pediram-lhe interviesse nos negócios, para apaziguar e sopitar todas essas parcialidades; todavia, Fânias de Lesbos escreveu que ele usou de um ardil, pelo qual enganou ambas as partes em benefício da coisa pública: pois prometeu secretamente aos pobres que mandaria de novo repartir as terras, e aos ricos que mandaria revalidar e confirmar os contratos. Como quer que seja, é certo que Sólon no começo hesitou muito em interferir, temendo a cobiça de uns e a arrogância de outros; por fim, todavia, foi eleito preboste{193} depois de Filombroto, e ao mesmo tempo mediador e reformador das leis e do estado da coisa pública, por vontade e consentimento das du as partes: tendo agradado aos ricos como homem que não era necessitado, e aos pobres como homem de bem. Dizem mais que uma frase e sentença dele, então na boca de toda a gente, que a igualdade não gera debate, contentava tanto os que tinham recursos como os que não possuíam nada: porque uns consideravam essa igualdade esperando que ele a medisse de acordo com a dignidade e o valor de cada um, e os outros somente de acordo com o número e por cabeça: de sorte que os próprios chefes de ambas as partes o admoestavam e solicitavam-lhe que ousadamente assumisse o pri ncipado, visto como tinha na mão toda a cidade; e os que não eram de uma nem de outra liga, vendo ser bem difícil pacificar as coisas com a lei e a razão, não estavam descontentes de que o mais sábio e melhor homem exercesse sozinho a autoridade soberana; e, assim, há os que dizem ter havido mesmo tal oráculo de Apolo:

Toma assento na popa e tua mão

Segura firme e intrépido o timão

Para reger Atenas, a cidade

Onde possuis dos teus a atividade.

XXII. Mas sobretudo os familiares e amigos o instavam dizendo que ele seria bastante besta se, por medo somente de ser chamado tirano, deixasse de aceitar a monarquia, a qual se torna incontinente justo reinado quando aquele que a exerce é homem de bem: como outrora Tinondas se fez rei do Negro- ponto pelo consentimento do povo, e agora Pítacd o é dos Coríntios. Não obstante, todas essas belas razões, jamais puderam fazê-lo sair de sua resolução; e dizem que respondeu aos amigos que «o principado e tirania era bem um bonito lugar, mas que não havia por onde sair depois de nele ter entrado»; e, num poema que escreveu a Foco, diz:

Se deixei de ultrajar o meu país

Usurpando um governo que não quis

Fosse de tirania e principado,

Por força iníqua e mando exacerbado,

Deslustrando meu nome e meu talento,

Não há motivo de arrependimento,

E nisso espero haver ultrapassado

Os homens do presente e do passado.

Por onde aparece que, ainda antes de ter sido eleito reformador do estado, para estabelecer leis novas, já era tido em grande reputação e possuía muita autoridade; mas ele próprio escreveu o que vários diziam dele após ter recusado a ocasião de usurpar a tirania:

Sólon um louco foi desabusado,

Por haver dessa forma rejeitado

Aquele grande oráculo divino.

Puxar a si não soube, astuto e fino,

A rede com a presa já segura.

E o motivo se vê de tal loucura

Somente em seu falido coração

E no cérebro cego de razão;

Pois que ser deveria, sem favor,

De Atenas rei e dos seus bens senhor,

Mesmo que depois, vivo o esquartejassem

E até parentes seus despedaçassem.

XXIII. Eis como imaginou o homem comum falando a seu respeito; mas, tendo recusado a monarquia, não se portou por isso mais mole nem mais frouxamente no governo dos negócios e nem vergou com medo dos mais poderosos, nem acomodou suas leis ao grado e à vontade dos que o elegeram reformador; e também não extirpou o mal ao vivo, nem remodelou o estado da maneira que teria sido mais expediente, por temer que, tentando reformar de alto abaixo todo o governo da cidade, não tivesse depois bastante poder para assentá-la de novo e restabelecê-la na melhor forma: portanto, modificou somente o que esperava persuadir pela razão ou fazer aceitar pela força aos seus concidadãos, misturando, como ele próprio disse, a força com a justiça. Ao que se acorda o que depois respondeu a alguém que lhe perguntara se havia estabelecido as melhores leis possíveis para os Atenienses: «Sim, disse ele, tais como as receberiam.» E o que mais tarde se observou na língua dos Atenienses, que adocicam a dureza de certas coisas odiosas em si mesmas, cobrindo-as e diminuindo com doce e graciosos

nomes, como quando chamam às putas, amigas; às talhas, contribuições; às guarnições das cidades, guardas; à prisão, casa — surgiu isso primeiramente da invenção de Sólon, o qual chamou à abolição das dívidas «Seisachtheian», que equivale a dizer desencargo.

XXIV. Pois a primeira inovação e reforma que fez do governo da coisa pública foi ordenar que «todas as dívidas passadas seriam abolidas, de sorte que no futuro não mais se poderia reclamar nada aos devedores; e ninguém mais poderia emprestar dinheiro com usura sob obrigação do corpo». Todavia, há quem escreva, como entre outros Andrócion, que os pobres se contentaram de que as usuras fossem apenas moderadas, sem que as dívidas fossem abolidas e anuladas inteiramente, e que Sólon chamou «Seisachtheian» a esse desafogo e a esse gracioso desencargo, com o aumento das medidas e do valor das moedas; pois fez que a mina de prata, que antes não valia mais de setenta e três dracmas{194}, valesse cem, de maneira que os que tinham a render grande soma de dinheiros vinham a pagar em estimação e valor tanto quanto deviam, e não tanto em número de peças{195}; assim, os devedores ganhavam muito e os credores nada perdiam. Não obstante, a maior parte dos que escreveram a esse respeito diz que tal desencargo foi uma recisão geral e universal e uma abolição de todos os contratos, com o que parecem concordar os próprios poemas de Sólon, pois se gaba e glorifica, em seus versos{196}, «de haver tirado todos os limites que antes faziam as separações das herdades em todo o território da Ática{197} a qual diz ter libertado, quando antes era serva; e dos burgueses de Atenas, que por falta de pagamento estavam adjudicados como escravos aos seus credores, trouxera, uns de países estrangeiros onde por muito tempo tinham sido vagabundos e que tinham esquecido ao falarem a língua natural Ateniense, e os outros, reduzidos no país a um cativeiro de miserável condição, a todos libertara.»

XXV. Mas, assim fazendo, dizem que interveio um caso que o irritou e desgostou bastante: pois, quando estava a ponto de publicar o édito pelo qual cassava e anulava todas as dívidas, não restando senão deitá-lo em bons termos e dar-lhe honesto começo, descobriu-se a alguns de seus amigos de maior confiança e com os quais tinha mais familiaridade, Cônon, Clínias e Hipônico, e lhes disse que não tocaria nas terras nem herdades, mas que anularia toda espécie de dívidas; eles, incontinente, antes que o édito fosse publicado, foram tomar em prestada daqueles que estavam cheios de pecúnia grande soma de dinheiros, com a qual compraram herdades; depois, quando o édito foi publicado, retiveram muito bem as herdades e não restituíram o dinheiro que haviam tomado de empréstimo. Isso provocou grande barulho contra Sólon e fez com que fosse muito caluniado, como se ele próprio não tivesse sofrido, mas feito parte daquela injustiça e daquele abuso; todavia, justificou-se dessa falsa imputação, mediante três mil escudos que perdeu{198}, pois achar am que tanto ele devia, e foi assim o primeiro que os remeteu e deu aos seus devedores, segundo o teor de seu édito; dizem outros, entre os quais Polizelo de Rodes, que havia destes nove mil{199}; todavia, jamais se deixou mais tarde de chamar aos seus amigos Creocopides, como quem dissesse anuladores de dívidas.

XXVI. Essa ordenança não aguardou nem a uns nem a outros, porque ofendeu grandemente os ricos pela cassação dos contratos; e desagradou ainda mais aos pobres, porque não punha em comum todas as terras, assim como esperavam, e não igualou todos os cidadãos em faculdades e em bens, como Licurgo fizera entre os Lacedemônios. Mas Licurgo era o undécimo descendente de Hércules em linha reta e tinha sido vários anos rei de Lacedemônia onde adquirira enorme autoridade e fizera muitos amigos: todas as quais coisas o ajudaram grandemente a pôr em execução o que sabiamente imaginara para o estabelecimento de sua coisa pública; e, não obstante, ainda usou ele mais de força que de advertência, como testemunha o fato de que lhe furaram um olho ao querer impor um ponto que na verdade é o principal e de maior eficácia, para longamente manter uma cidade em união e concórdia, ou seja, fazer que não haja nem pobre nem rico entre os cidadãos. O que Sólon não pôde conseguir, porque era nascido de raça popular e não era dos mais ricos de sua cidade, mas dos médios burgueses somente; mas fez bem tudo o que era possível fazer, com o pouco poder

que tinha, não sendo ajudado senão pelo bom senso e pela confiança que os cidadãos lhe depositavam. E que seja verdade que por esse édito incorreu no desagrado da maior parte dos habitantes da cidade, testemunhado ele próprio, dizendo:

Os que antes se diziam meus amigos

São agora ferozes inimigos,

Vendo-me sempre com olhar reverso,

Como se eu fosse mesmo algum perverso.

E, todavia, também diz depois que ninguém, com a mesma autoridade e poder

Teria{200} em qualquer tempo assim logrado

Apaziguar o povo amotinado.

XXVII. Mas não passou muito tempo para conhecerem a utilidade de sua ordenança; e, então, esquecendo cada qual suas queixas particulares, fizeram todos juntos um público sacrifício a que chamaram o «Sacrifício de Seisachthein», isto é, de desencargo, e elegeram Sólon reformador geral das leis e de todo o Estado da coisa pública, sem limitar- lhe o poder, antes submetendo indiferentemente todas as coisas à sua vontade, os magistrados, as assembleias públicas para o conselho, os votos e sufrágios nas eleições dos oficiais, os julgamentos, o corpo do Senado, com autoridade e poder de definir as faculdades e poderes que cada um deveria ter, o número que deveriam ser e o tempo que teriam de durar, conservando, confirmando ou cassando o que bem lhe parecesse das leis e costumes antigos e já recebidos em uso.

XXVIII. Primeiramente, pois, revogou e anulou todas as leis de Drácon, excetuadas somente as dos crimes e homicídios, por sua demasiada rigorosa severidade e crueldade das penas, pois quase a única espécie de punição, ordenada para todas as faltas e todos os crimes, era a morte; de maneira que os acusados e convencidos de ociosidade eram condenados à morte, e os que roubavam frutas ou ervas num jardim eram tão severamente punidos como os sacrílegos ou os assassinos. E, portanto, observou muito bem Dêmades quando disse que «as leis de Drácon tinham sido escritas com sangue e não com tinta»; e ele próprio, sendo um dia interrogado porque havia assim ordenado indiferentemente para todas as espécies de crimes a pena de morte, respondeu que «porque estimava os menores crimes dignos de tal pena e que para os maiores não encontrava outra mais grave».

XXX.{201} Secundariamente, querendo Sólon que a administração e a magistratura ficassem nas mãos dos cidadãos ricos, como estavam, e além disso misturar a autoridade do governo de sorte que o povo miúdo nela tivesse parte, o que não havia antes, fez uma estimação geral dos bens de cada cidadão particular e dos que se acharam ter renda anual até à quantidade de quinhentas meias-minas e acima, tanto em grãos como em frutos líquidos, e fez deles a primeira ordem e lhes chamou Pentacosiomedimnes, isto é, possuidores de quinhentas meias-minas{202} de renda. E os que possuíam trezentas e podiam entreter um cavalo em serviço foram postos na segunda ordem e chamados cavaleiros. Os que tinham apenas duzentas

foram postos na terceira ordem e chamados Zeugites. Todas as outras abaixo se chamavam Tetes, como quem dissesse mercenários ou assalariados, vivendo de seus braços, aos quais não permitiu tivessem nem exercessem nenhum cargo público e não gozassem do direito de burguesia, senão quando votassem nas eleições e assembleias, públicas, bem como nos julgamentos, nos quais o povo julgava soberanamente. O que no começo parecia não ser nada, mas depois se conheceu muito bem ser grande coisa, porque a maior parte dos processos e diferenças surgidas entre os particulares vinha afinal perante o povo, pois ele permitiu que perante o povo, de todas as coisas de que conheciam os oficiais, apelassem aqueles que pensassem ser gravados por suas sentenças.

XXXI. E, mais, como suas leis estivessem um pouco obscuramente escritas, de maneira que podiam ser interpretadas em vários sentidos, isso aumentou grandemente a autoridade e o poder dos julgamentos e dos que deviam julgar, porque não podendo ser suas diferenças resolvidas nem acordadas por expressa decisã o das leis, era preciso recorrer sempre para os juízes e quase todas as questões serem debatidas diante deles; de tal maneira que os juízes, por esse meio, vinham a ficar de algum modo acima das próprias leis, porque davam a estas as interpretações que ent endiam. O próprio Sólon nota e testemunha igual distribuição da autoridade pública, numa passagem de sua poesia, onde diz:

Ao povo humilde conferi poder

No que lhe cabe por direito haver,

Sem reduzir-lhe em nada a dignidade

Nem lhe aumentar demais a autoridade:

E, quanto aos grandes, cheios de opulência,

Detentores de t oda a preeminência,

Agi de tal maneira que afinal

Não se pode causar-lhe nenhum mal{203}.

XXXII. Mas, estimando necessário prover ainda à fraqueza do povo miúdo, a quem o quisesse permitiu tomar e esposar a causa do ultrajado; pois, se alguém tivesse sido ferido, batido, forçado ou de outro modo prejudicado, a quem o quisesse era permitido chamar o ultrajante à justiça e persegui-lo. O que foi sabiamente ordenado por ele, para acostumar os cidadãos a ressentir-se e doer-se pelo mal causado uns aos outros, como membro do corpo ofendido; e com essa ordenança se relaciona uma resposta que dizem ter ele dado uma vez. Interrogado sobre que cidade lhe parecia melhor policiada, respondeu: «Aquela onde os que não são ultrajados perseguem tão asperamente a reparação da injúria de outrem como aqueles mesmos que a receberam.»

XXXIII. Ora, tinha já estabelecido a corte e o conselho de Areópago, compondo-o daqueles que cada preboste{204} da cidade elegia, ele próprio era um deles, porque tinha sido preboste durante um ano; mas, não obstante, vendo que o povo estava ainda ao mesmo tempo arrogante e excessivo, por- sentir-se desobrigado de suas dívidas, criou outro segundo conselho para as matérias de estado, elegendo cem ho mens de cada linhagem, dos quais havia quatro para consultar e debater as matérias antes de propô-las ao povo, a fim de que não se pudesse dar andamento a nenhuma causa, quando o grande conselho de todo o povo

estivesse reunido, que não tivesse sido primeiramente bem debatida e bem digeri da nesse conselho dos quatrocentos. Além disso, quis que a corte soberana tivesse a direção e a superintendência de todas as coisas, mesmo quanto a fazer entreter, observar e guardar as leis, estimando que a coisa pública seria menos agitada e menos atormentada com essas duas cortes, nem mais nem menos do que com duas fortes âncoras, e que o povo seria mais pacífico e mais quieto. A maior parte, pois, dos autores é dessa opinião de que foi Sólon quem estabeleceu a corte dos Areopagitas, como dissemos: do que parece ser grande testemunho que Drácon, em suas leis, não faz em nenhuma parte menção dos Areopagitas, antes dirige sempre suas palavras aos Éfetas, que eram os juízes criminais, quando fala dos crimes e homicídios.

XXXIV. Mas a oitava lei da décima-terceira tábua de Sólon diz assim, nestes próprios termos: «Os que tiverem sido banidos ou marcados de infâmia antes de haver Sólon estabelecido suas leis, serão restituídos em seus bens e em sua boa reputação, exceto aqueles que tiverem sido condenados por aresto da corte de Areópago ou pelos Éfetas, ou pelos Reis no auditório do palácio e prefeitura da cidade, por crime e homicídio, ou por ter aspirado a usurpar tirania.» Essas palavras, ao contrário, parecem provar e fazer fé de que a corte de Areópago existia antes de Sólon ter sido eleito reformador das leis: pois como haveria malfeitores condenados por aresto da corte de Areópago antes de Sólon, se o próprio Sólon foi o primeiro que lhe deu autoridade para julgar? Com isso não se quer dizer que seja preciso um pouco ajudar a letra da ordenança, que é obscura, e suprir alguma coisa que lhe falte dando-lhe tal interpretação. Os que se acharem acusados e convencidos nos casos de que conheciam a corte de Areópago, os Éfetas ou os governadores da cidade, quando esta ordenança for publicada, ficarão condenados, e todos os outros serão absolvidos e restituídos. Como quer que seja, isso era o fim de sua intenção. Mas, de resto, entre as suas leis, há uma que lhe é peculiar, porque jamais alhures foi estabelecida semelhante.

XXXV. É aquela que quer que, numa s edição civil, aquele dos cidadãos que não se enfileira numa ou noutra parte seja marcado de infâmia: por onde parece que ele tenha querido que os particulares não cuidassem somente de pôr em segurança suas próprias pessoas e seus negócios privados, sem de outro modo afeiçoar-se ou apaixonar-se pelo público, fazendo virtude de não comungar dos infortúnios e misérias do país, antes que desde o começo da sedição se juntassem àqueles que tivessem a causa mais justa, ajudá-los e arriscar-se com eles, em lugar de esperar, sem correr perigo, qual das duas partes ficaria vitoriosa.

XXXVI. Mas há outra que me parece à primeira vista impertinente e digna de escárnio: a que determina que, tendo alguém desposado uma rica herdeira segundo o direito que a lei lhe confere, se ache impotente ou incapaz de carnalmente usar e habitar com ela, seja permitido à mulher habitar com quem lhe aprouver dentre os parentes próximos do marido; todavia, há quem sustente que isso foi sabiamente instituído contra os que, sentindo-se impotentes para realizar ato de marido, querem contudo desposar ricas herdeiras para gozar de seus bens e, pelo direito que lhe dá a lei, querem forçar a natureza; pois, vendo que a lei permite também a tal herdeira mal casada juntar-se com quem ela queira dentre os parentes do marido, eles não mais ambicionarão tais casamentos ou, quando se mostrem tão vis que os ambicionem e os aceitem, será para sua vergonha e confusão, sofrendo assim a pena de sua avareza e desordenado apetite. E ainda isso está tão bem ordenado que ele não permite à mulher juntar-se com todos indiferentemente, mas só com aquele que desejar dentre os parentes do marido a fim de que os filhos que nascerem sejam ao menos do sangue e da raça do marido.

XXXVII. Com isso também concorda o fato de querer que a recém-casada seja encerrada com o esposo, comendo marmelo{205} com ele, e qu e aquele que toma tal herdeira em casamento seja obrigado a visitá-la ao menos três vezes por mês. Pois, ainda que não lhe faça filhos, será isso uma honra que o marido presta à mulher, mostrando que a reputa honesta, que a ama e

que faz conta dela: o que evita muitas brigas e descontentamentos que frequentemente ocorrem em tal caso e impede que as coragens e vontades se alheiem inteiramente entre si. Além disso, aboliu os dotes dos outros casamentos e quis que as mulheres não levassem aos maridos senão três vestidos somente, com alguns outros móveis de bem pequeno valor, sem outra coisa, não querendo que elas comprassem os mari dos nem que se traficasse com os casamentos, como com outra mercaria para obter ganho, antes querendo que a conjunção de homem e mulher se fizesse para ter linhagem e por prazer e amor, não por dinheiro.

XXXVIII. A esse propósito, o tirano da Sicília, Dionísio, respondeu um dia a sua mãe, que a toda a força queria casar-se com um jovem de Siracusa: «Eu posso muito bem, disse ele, anular as leis civis de Siracusa e usurpar a tirania, mas forçar as leis da natureza, fazendo casamentos fora da idade competente, isto não é de minha alçada.» Também é preciso não permitir que essa desordem tenha lugar nas cidades bem ordenadas, nem suportar que se realizem tais conjunções de pessoas tão desiguais em idade e tão desagradáveis, visto como não há nem ato nem fim próprio e requerido para o casamento; e poderia um sábio governador de cidade ou um censor e reformador dos costumes e das leis dizer a um velho que desposasse uma mocinha o que disse o poeta de Filoctetes:

Agora, em tal estado, na verdade,

Tens para o casamento a boa idade.

E, encontrando certo rapaz em casa de uma velha rica, com as despesas pagas para dormir com ela, à maneira das perdizes que engordam cobrindo as fêmeas, o tirará de lá para o pôr com alguma rapariga necessitada de marido: eis o que há quanto a esse ponto.

XXXIX. Mas, louva-se grandemente outra ordenança de Sólon, que proíbe falar mal de um defunto: pois é bem e devotamente feito pensar que não se deve tocar nos defuntos, como tampouco nas coisas sagradas, e se deve evitar ofender os que não mais estão neste mundo; e, assim, é prudência civil impedir que as inimizades sejam imortais. Proibiu ele também pela mesma lei injuriar com palavras ultrajantes os vivos, as igrejas, durante o serviço divino, em julgamento, no palácio onde se assentam os governadores da cidade, nem nos teatros, enquanto ali se representam as peças, e isso sob pena de três dracmas de prata{206} pagáveis à pessoa injuriada e duas à coisa pública; pois lhe parecia uma licença dissoluta demais não poder conter em parte alguma a própria cólera, a menos que se tra te de pessoa muito mal-educada; mas também poder vencê-la por toda parte é coisa bem difícil, e para alguns totalmente impossível. E é preciso que aquele que faz a lei observe a ordinária possibilidade dos homens, se pretende castigar uns poucos com proveitoso exemplo, e não muitos sem nenhuma utilidade.

XL. Também foi ele muito estimado, pela ordenança que fez no tocante aos testamentos, pois antes não era permitido instituir herdeiro à vontade, mas era preciso que os bens ficassem na raça do defunto; mas ele, permitindo a qualquer deixar seus bens para quem quisesse, desde que não houvesse filhos, preferiu assim fazendo a amizade ao parentesco, e a vontade e graça ao constrangimento e necessidade; fazendo que cada um fosse senhor e dono inteiramente de seus haveres; e, todavia, não aprovou simples e indiferentemente todas as espécies de doações que de qualquer modo fossem feitas, mas só as que não procedessem nem de senso alienado por moléstia grave, ou por bebidas, medicinas, envenenament os, encantamentos ou outra violência e constrangimento, nem de atrações e aliciamentos de mulheres, estimando muito bem e muito sabiamente que era preciso não pôr diferença entre o ser forçado por vias

de fato e o ser induzido por suborno a fazer alguma coisa contra o dever, e reputando em tal caso a fraude igual à força e a volúpia à dor, como paixões que têm ordinariamente tanta eficácia umas quanto as outras para fazerem os homens desviar-se da justa razão.

XLI. Fez ainda outra ordenança pela qual limitou as saídas das damas para os campos, o luto, as festas e os sacrifícios, eliminando toda desordem e toda licença desregrada, ali em uso anteriormente: pois as proibiu de saírem da cidade com mais de três vestidos e levarem então consigo, para comerem e beberem, o que passasse o valor de um óbolo{207}, ou cesto com mais de um côvado de altura; e, notadamente, as proibiu de saírem à noite, a não ser de carreta e que se lhes levasse à frente um archote. Proibiu-as também de se escalavrarem e de se mortificarem à força de tanto baterem em si mesmas nos enterramentos dos mortos, de fazerem lamentações em versos, de irem chorar nos funerais de um estrangeiro que não fosse seu parente, de sacrificarem um boi na sepultura do defunto, de inumarem com os corpos mais de três vestidos, de irem às sepulturas de outrem senão à hora mesma do cortejo do enterramento — todas as quais coisas que, em sua maior parte, são ainda hoje proibidas por nossas íeis, e mais, pois querem que os que as fazem sejam condenados a multa por certos oficiais expressamente ordenados para controlar e reformar os abusos das mulheres, como sendo pessoas efeminadas e de coragem frouxa, que se deixam dominar por tais paixões e tais erros em seu luto.

XLII. E, vendo que a cidade de Atenas se enchia todos os dias cada vez mais, para ali acorrendo os homens de todas as partes pela grande segurança e liberdade ali existentes, que a maior parte do território era inteiramente estéril ou magra, e que os homens traficando no mar não tinham o costume de nada levarem para os que não lhes davam nada em troca, ensaiou fazer que os cidadãos se dedicassem aos misteres e manufaturas, e fez uma lei pela qual «o filho não seria obrigado a nutrir o pai na velhice, a não ser que este o tivesse feito aprender um mister na juventude». Pois a Licurgo, que habitava numa cidade onde não havia nenhum dote de estrangeiros e que possuía tão grande território que poderia ter o dobro de seus habitantes, como disse Eurípides, e que além disso estava por toda parte cercado de grande multidão de Hilotas escravos, os quais era melhor evitar fossem ociosos e manter submissos, constrangendo-os a trabalhar e lidar continuamente, fora indicada a conveniência de conservar os cidadãos sempre ocupados no exercício das armas, sem fazê-los aprender nem exercer nenhum outro mister, desencarregando-os de quaisquer outras vocações penosas e tarefas braçais. Mas a Sólon, acomodando suas ordenanças às coisas, e não as coisas à sua ordenança, e vendo que o território da Ática era tão magro e tão fraco que mal podia dar para nutrir somente os que o laboravam, sendo-lhe impossível sustentar tão grande multidão de habitantes, pareceu-lhe haver necessidade de honrar e dignificar os misteres. Quis, assim, que a corte soberana de Areópago tivesse a autoridade e o encargo’ de inquirir de que vivia cada habitante e de castigar os que achasse ociosos{208} e sem fazer nada.

XLIII. Mas isso era ainda muito mais rígido do que ele ordenou, assim como Heraclides do Ponto escreve, pois os filhos nascidos de concubinas ou de mulheres públicas não seriam obrigados a nutrir os pais: porquanto aquele que, em matéria de casamento, não faz conta do dever, mostra manifestamente que não é para ter filhos que usa mulher, mas para com ela ter volúpia somente; e também recebe assim o salário que merece e se priva ele próprio da autoridade que um pai deve ter sobre os filhos, visto como, por sua culpa, até o nascimento para eles se transforma em jaca.

XLIV. Todavia, para dizer a verdade, há nas leis de Sólon, no tocante às mulheres, muitas coisas descosidas e que se concatenam muito mal, pois{209} ele permite seja morto o adúltero pilhado em flagrante; e aquele que raptou ou tomou à força uma mulher de livre condição, não o condena senão a multa de cem dracmas de prata{210}, e aquele que tiver sido o corruptor e a tiver conduzido, a vint e dracmas{211} somente, exceto se ela não é das que

publicamente se vendem a quem as queira, como as cortesãs, pois estas vão abertamente àqueles que as desejam. Ademais, proibiu fossem vendidas suas filhas ou irmãs, a' não ser que o pai ou o irmão achasse que com o casamento fariam ofensa à sua honra. Ora, não há propósito nem razão de punir uma coisa acre e severamente num lugar e deixá-la passar em outro, por assim dizer, brincando, ou estabelecer-lhe alguma ligeira multa, como por mera quitação: assim, não é por procurarem o dinheiro então muito curto em Atenas que se queira dizer que essas multas fossem muito graves e difíceis de pagar; pois, na apreciação das oferendas que se deviam fazer nos sacrifícios, põe um carneiro e uma dracma de prata por meia-mina de trigo{212}, e ordena que àquele que tivesse ganho o prêmio nos jogos ístmicos, seriam dados em público cem dracmas; e àquele que tivesse ganho nos jogos Olímpicos, quinhentas; e como recompensa àquele que levasse um lobo, ordena cinco dracmas, e por uma loba, uma dracma, como escreve Demétrio de Falero, dizendo que um era o preço e o valor de um boi, e o outro de um carneiro: pois, quanto às taxas que ordena para as hóstias esquisitas e eleitas na décima-sexta tábua de suas leis, é verossímil que as taxe muito mais alto do que então valiam ordinariamente as comunas, e não obstante ainda é o preço que para elas ele supõe bem pouco em comparação com o que hoje valem.

XLV. Ora, coisa costumeira de longa data entre os Atenienses é fazer a guerra aos lobos, por isso que achavam o país mais próprio para a pastagem do que para a lavoura; e há os que a esse respeito querem dizer que as linhagens do povo Ateniense não foram chamadas pelos nomes dos filhos de Íon, como sustenta a opinião comum{213}, mas que tiveram seus nomes tirados das diversas maneiras de viver que desde o começo eles adoraram: pois aqueles que se dedicaram às armas se denominaram Oplites, como quem dissesse os armados; os que lidavam nos misteres se chamaram Ergades, que vale tanto como dizer os artesãos; dos outros dois, os que lavravam a terra foram chamados Gedeontes, que significa lavradores, e aqueles que tratavam de nutrir o gado, Aegicores, que vale tanto como dizer cabreiros.

XLVI. E, por isso que a província da Ática é muito seca e tem grande falta de águas, não sendo banhada por rios ou regatos correntes nem por lagos, nem tendo grande número de fontes, de maneira que é forçoso usar na maior parte do país as águas de poços feitos a mão, fez ele tal regulamento que, onde houvesse um poço público, os que estivessem a uma carreira de cavalo mais o u menos limitada a cerca de quinhentos passos, poderiam tirar água desse poço para seu uso e os que estivessem mais afastados seriam obrigados a buscar alhures água para si; mas, se depois de haver procurado a uma profundidade de braças não encontrassem ainda água, nesse caso poderiam tirar do poço mais próximo uma bilha de água contendo seis potes{214}, duas vezes por dia: estimando com grande razão que era preciso socorrer a necessidade, não entreter o ócio.

XLVII. Regulou também as distâncias que é preciso guardar no plantio de árvores{215}, como homem bem entendido em tal caso, ordenando que quem quisesse plantar qualquer outra espécie de árvores no seu terreno, o fizesse a cinco pés longe daquela do seu vizinho; mas quem ali plantasse uma figueira ou uma oliveira, que fosse a nove pés de distância, porque essas duas árvores lançam e estendem as raízes muito longe e não podem ficar perto de outras árvores sem causar-lhes grande dano, pois que, além de lhes subtraírem a nutrição, lançam-lhes ainda um influxo que lhes é muito nocivo. E quem quisesse fazer um fosso ou cavar um buraco no seu terreno, que o fizesse tão longe do terreno do vizinho quanto o fosso ou buraco cavado tivesse de profundidade; e quem quisesse assentar sobre o seu terreno colmeias de abelhas, que as assentasse a trezentos pés, pelo menos, longe daquelas que antes tivessem sido assentadas em torno dele.

XLVIII. Quanto aos frutos da terra, permitiu que somente óleos fossem transportados para fora do país e vendidos aos estrangeiros, e não outros, querendo que o preboste da cidade, cada ano, publicasse e pronunciasse imprecações e maldições contra os que o fizessem ou que

ele próprio pagasse ao público, de multa, cem dracmas de prata. Essa ordenança está na primeira tábua das leis de Sólon e, portanto, não se devem descrer totalmente daqueles que dizem ter sido outrora proibido e defendido o transporte de figos para fora do país da Ática, tendo sido por is so os delatores, que acusavam e apontavam aqueles que os transportavam, chamados Sycophantes.

XLIX. Fez outra ordenança no tocante ao prejuízo causado pelos animais, na qual manda que, se um cão mordesse alguém, o dono fosse obrigado a entregá-lo à pessoa mordida, ligado a um cepo de madeira de quatro côvados de comprimento: boa invenção para se preservar do cão.

L. Mas há bem alguma dificuldade na ordenança que ele fez, que nenhum estrangeiro poderia adquirir direito de burguesia em Atenas, a não ser que estivesse banido perpetuamente do seu país ou que ali viesse ficar com todos os seus móveis e toda a sua família, para exercer algum mister; todavia; dizem que não o fez tanto para repelir quanto para atrair os estrangeiros, dando-lhes por esse estatuto a segurança de poderem adquirir direito de burguesia; e, o que é mais, estimou que uns e outros seriam assim mais fiéis à coisa pública de Atenas: uns, porque, malgrado seu, teriam sido constrangidos a abandonar seu país; e outros, porque o teriam deixado voluntariamente após madura deliberação.

LI. É também outra coisa própria e peculiar a Sólon o que ele ordenou no tocante aos que deveriam comer em certos dias no palácio e prefeitura da cidade, ao que em suas ordenanças chama Parasiter: pois não quer que uma mesma pessoa ali coma frequentemente; mas também, se aquele ao qual incumbe o dever de fazê-lo não o faz, ele o condena a multa, repreendendo a mesquinhez e a avareza mecânica de um e a arrogância do outro, no desprezarem os costumes públicos.

LII. Após haver estabelecido suas leis, rizou as todas pelo espaço de cem anos, e foram escritas sobre eixos ou rolos de madeira que giravam dentro dos quadros mais longos do que largos, onde estavam encaixados, dos quais existem ainda algumas relíquias em nossa época, que se mostram na prefeitura de Atenas. Diz Aristóteles que esses rolos se chamavam Cirbes; e também Cratino, o poeta cômico, diz numa passagem: «Da parte de Sólon e da parte de Drácon, Cirzes dos quais já se começa a fritar o catete»; todavia, dizem outros que os Cirbes propriamente eram tábuas contendo as ordenanças tocantes aos sacrifícios, e Axones as outras tábuas. Assim, jurou todo o conselho, em comum, que observaria e faria observar ponto por ponto todas as ordenanças de Sólon; mas particularmente, ainda, cada um dos Tesmotetes, que eram certos oficiais do corpo do conselho que tinham especialmente a seu cargo a guarda das leis, jurou solenemente na grande praça, perto da pedra onde se fazem as proclamações públicas, prometendo e votando que, quando transgredisse um só ponto das ditas ordenanças, pagaria ao templo de Apolo, na cidade de Delfos, uma imagem de ouro maciço, que pesaria tanto quanto ele.

LIII. Entrementes, vendo a irregularidade dos meses e do movimento da lua, a qual não se governa segundo o curso do sol, levantando-se e deitando-se na mesma ocasião que ele, mas que frequentemente num mesmo dia o alcançava e o passava, foi o primeiro que nomeou a esse dia da lua Enecainea, isto é, velha e nova lua: estimando que o que aparecia antes da conjunção era do mês passado, e o que se mostrava após a conjunção pertencia ao mês seguinte. E foi consequentemente também o primeiro, em meu aviso, que apreendeu bem o que Homero{216} assim queria dizer: «Quando termina o mês e quando se inicia»{217} . Ao dia seguinte chamou Neomenia, que é o mesmo que dizer o novo mês ou a nova lua; e após o

vigésimo dia, que eles chamam{218} de Icade, contou o resto do mês, não aumenta ndo, antes diminuindo, nem mais nem menos do que via a luz da lua ir decrescendo até ao trigésimo dia.

L IV. Tendo pois suas leis sido assim publicadas, dirigiam-se todos os dias alguns a ele para louvarem ou censurarem certos artigos, e para lhe pedirem que tirasse ou acrescentasse alguma coisa, e vários iam perguntar-lhe como entendia determinada passagem e exigir que declarasse em que sentido era preciso tomá-la. Eis porque, considerando que recusar fazê-lo não teria propósito e que, fazei, também provocaria muita inveja, indagou como sair desses espinhos para evitar ataques, reclamações e querelas dos cidadãos; pois, como ele próprio diz,

Em negócios quaisquer, dificilmente.

A todos se contenta inteiramente.

Assim, tomou o encargo de conduzir um navio para dar alguma cor à sua viagem e à sua ausência, e se des pediu dos Atenienses por dez anos, esperando que dentro desse termo já se teriam acostumado a suas leis; depois, ganhou o mar e o primeiro lugar a que aportou foi o Egito, onde ficou algum tempo, como ele próprio diz:

Onde um braço do Nilo ao mar se lança Tendo Canobo{219} ali por vizinhança.

Esteve também algum tempo conferenciando e estudando com Psenofis de Heliópolis e Sonquis de Sais, os dois mais sábios presbíteros que então havia no Egito, dos quais tendo ouvido a descrição da ilha Atlântica, assim como escreve Platão, ensaiou pô-la em versos e publicá-la entre os Gregos.

LV. Ao partir do Egito, passou em Chipre, onde travou grande amizade comum dos príncipes do país, chamado Filócipro, que era senhor de uma cidade não muito grande, que Demofonte, filho de Teseu, fez construir outrora sobre o rio Clare, era situação bem forte, mas em país áspero, magro e estéril. Eis porque Sólon advertiu-l he que seria melhor removê-la daquele lugar para uma bela e fértil planície existente mais abaixo, e ali reedificá-la maior e mais aprazível do que era: o que foi feito por sua persuasão; e esteve ele próprio presente, tendo toda a superintendência da construção da cidade, a qual ajudou a dispor e ordenar muito bem, tanto para o prazer como para a força e para a segurança, de maneira que muita gente de alhures ali foi habitar. E nisso vários outros senhores do país seguiram o exemplo desse Filócipro, o qual, para honrar Sólon, deu à sua cidade o nome de Solos, que antes se chamava Épi. O próprio Sólon, em suas elegias, menciona essa fundação, dizendo, ao dirigir a palavra a Filócipro:

A ti e à tua sã posteridade

Deem os deuses real autoridade

Por muito tempo em Solos; e também,

Deixada esta nobre ilha, para além

Com meu barco ligeiro navegar,

Possa eu ir sem perigo sobre o mar,

Conduzido por Vênus coroada:

Se esta cidade foi por mim formada,

Desejo só chegar, se o permitis,

Com segurança e glória ao meu país.

LVI. E, quanto à entrevista e ao parlamento entre ele e o rei Creso, bem sei que há os que pretendem provar por colação dos tempos que seja uma fábula meramente inventada{220}; mas, quanto a mim, não quero assim rejeitar nem condenar uma história tão renomeada, recebida e aprovada por tantos e tão graves testemunhos, e que ademais é muito conveniente aos costumes e à natureza de Sólon e do mesmo modo digna de sua sabedoria e de sua magnanimidade, ainda que não se relacione nem concorde de todo com certas tábuas que se chamam Crênicas, onde se cotaram a ordem e a sequência dos tempos, as quais infinitas pessoas ensaiaram corrigir até hoje e não souberam jamais soldar nem acordar todas as contradições e repugnâncias que ali estão. Sólon, pois, a instância e pedido de Creso, foi vê-lo na cidade de Sardes e, tendo ali chegado, AC tudo nem mais nem menos do que se conta de um homem nascido e nutrido em terra firme, que jamais tivesse visto o mar nem perto nem longe, de tal modo que cada rio que encontrava ele cuidava que fosse o mar: também Sólon, passando através do palácio de Creso e encontrando em seu caminho vários dos senhores de sua corte vestidos muito SAN e trazendo após si grande séquito de servidores e de satélites, cuidava sempre que cada um deles fosse o rei, até que foi conduzido diante do próprio Creso, o qual tinha sobre si tudo o que era possível ter de mais esquisito, mais singular e mais admirável no mundo, tanto em pedrarias como em tecidos de rico colorido e obras de ourivesaria, para se mostrar a Sólon no mais magnífico, mais soberbo e mais suntuoso apuro. E, vendo que Sólon, ao chegar diante dele, não tinha mostrado sinal nem continência de homem que se maravilhasse de ver toda aquela pompa, nem dissera nenhuma palavra que se aproximasse do que ele esperava, mas antes tinha dado bastante a conhecer a pessoas de bom entendimento que desprezava em si mesma toda essa tola vaidade e baixeza de coração, mandou que lhe abrissem todos os seus tesouros, onde estavam o seu ouro e a sua prata, e que lhe mostrassem toda a opulência e a magnificência de seu móveis, sem que ele tivesse deles nenhuma necessidade, pois era suficiente vê-lo inteiramente só para perceber quais eram sua natureza e seus costumes. E, após haver visto bem e revisto tudo, quando outra vez foi reconduzido diante do rei Creso, este lhe perguntou se vira jamais homem mais feliz do que ele: Sólon respondeu que sim e que era um burguês de Atenas chamado Telo, o qual tinha sido homem de bem e deixara filhos muito estimados e suficientes haveres, e que afinal tivera a dita de morrer muito gloriosamente combatendo pela defesa de seu país.

LVII. Creso, tendo ouvido essa resposta, começou a estimá-lo homem de cérebro aventurado, ou grosseiro e sem julgamento, por não medir a bati e felicidade deste mundo no possuir muito ouro e dinheiro, e reputar a vida e a morte de um homem privado, de pequena e baixa condição, mais feliz do que a opulência e o poderio de tão grande rei; mas, não obstante, ainda lhe perguntou que outro homem ele tinha visto mais feliz do que ele depois desse Telo. Sólon lhe respondeu que vira Cléobis e Bíton, dois irmãos que haviam singularmente amado um ao outro e a sua mãe, de sorte que num dia de festa solene, em que ela devia ir ao templo de Juno na sua carreta puxada por bois, porque os bois demorassem demais em vir, submeteram-se os dois voluntariamente ao jugo e puxaram eles mesmos ao pescoço a carreta de sua mãe, a qual teve por isso muito grande alegria e foi reputada muito feliz por todo o povo, por haver tido tais filhos; depois, tendo sacrificado à deusa e comido bem no festim do sacrifício, foram deitar-se, mas não mais se levantaram no dia seguinte, antes foram

encontrados mortos sem terem sofrido mal nem dor, após terem recebido tanta glória e tanta honra.

LVIII. Creso, então, perdeu a paciência e lhe disse encolerizado: «E como não me incluis assim em nenhum grau dos homens felizes?» Sólon, não querendo lisonjeá-lo, nem também irritá-lo e enfurecê-lo mais, respondeu-lhe: «Ó rei dos Lídios, os deuses nos deram a nós outros, Gregos, todas as coisas médias e, do mesmo modo, entre outras, uma baixa e popular sabedoria, não real nem magnífica, a qual, considerando como a vida humana está sujeita a infinitas mutações, nos defende de confiarmos ou glorificarmos os bens deste mundo, nem muito estimarmos a felicidade de um homem que está ainda em perigo de mutação e cambiamento; pois o tempo traz todos os dias variadíssimos acidentes ao homem, nos quais jamais pensara. Mas, quando os deuses continuaram a boa dita em uma pessoa até ao fim de seus dias, então a reputamos bem-aventurada; mas julgar feliz aquele que ainda vive visto como está sempre em perigo enquanto lhe dura a vida, isso nos parece de todo ser nem mais nem menos do que adjudicar o prêmio da vitória, antes do tempo, a quem ainda combate e que não está seguro de alcançá-la.»

LIX. Ditas essas palavras, Sólon regressou, tendo ofendido e não tornado prudente nem emendado o rei Creso. Mas Esopo, aquele que compôs as fábulas, estando então na cidade de Sardes, aonde fora mandado pelo rei, que lhe dava muito boa hospedagem, desgostou-se de ver que o rei tivesse feito a Sólon tão mau acolhi mento e, assim, lhe disse à guisa de advertência. «Ó Sólon, ou de todo é preciso não se aproximar dos príncipes, ou é preciso comprazê-los e agradar-lhes.» «Mas, ao contrário, respondeu Sólon, ou é preciso não se aproximar deles, ou é preciso dizer-lhes a verdade e bem aconselhá-los.» Assim, na ocasião, fez Creso bem pouca conta de Sólon; mas, depois que ele perdeu a batalha contra Ciro, que perdeu sua cidade e foi feito prisioneiro, e o levantaram ligado e garroteado em cima de uma alta fogueira de lenha, para queimá-lo à vista de todos os Persas e de seu próprio inimigo Ciro, ele pôs-se a gritar tanto quanto pôde, em altas vozes, por três vezes: «Ó Sólon». Ciro ficou assombrado com isso e mandou perguntar-lhe se era um deus ou um homem aquele Sólon que ele reclamava assim unicamente no extremo da desgraça. Creso nada lhe ocultou e disse que «era um dos sábios da Grécia, que eu mandei buscar há algum tempo, não para aprender qualquer coisa com ele, de que tivesse necessidade, mas a fim de que fosse testemunha da felicidade na qual eu então me encontrava, quando o visse, na perda da qual há muito mais mal do que bem no gozo; pois eu conheço agora que todos os bens que possuía então não passavam de palavras e opinião, as quais se me tornaram agora realmente e de fato em graves dores e calamidades que não posso remediar: o que considerando aquele sábio Grego, e prevendo de longe o que sofro agora pelas coisas que fazia então, me advertiu que esperasse o fim de minha vida, e não presumisse demais de mim, inflado de vanglória sobre a opinião de uma beatitude tão mal fundada e tão pouco segura.» Tendo sido essas palavras relatadas a Ciro, que era mais sábio do que Creso e que via o dizer de Sólon confirma do por tão notável exemplo, não somente livrou Creso do perigo da morte, mas o honrou depois sempre, enquanto ele viveu: assim, pois, teve Sólon a glória de haver salvado a um desses reis a honra e a outro a vida, com sua sábia advertência.

LX. Mas, enquanto esteve ausente, houve grandes sedições entre os habitantes de Atenas, e eram chefes: daqueles da planície, Licurgo; daqueles da marinha, Mégacles, filho de Alcnéon; e daqueles da montanha, Pisístrato — com{221} os quais estavam juntos os artesãos que viviam de seus braços, que eram os mais ásperos contra os ricos, de tal modo que ainda que a cidade guardasse as leis e ordenanças de Sólon, não havia contudo aquele que não esperasse a mutação e não desejasse ver as coisas em outro estado, esperando cada uma das partes que sua condição melhorasse com a mudança e que ficasse acima de seus adversários.

LXI. Estando pois as coisas em tal perturbação, chegou Sólon a Atenas, onde todos lhe

prestaram honra e reverência; mas ele não mais dispunha de sua pessoa para poder falar alto em público, nem para manejar negócios como no passado o fizera, porque a velhice lho impedia; e, por isso, falou separadamente aos chefes das partes, ensaiando ver se podia pô-las de acordo e reconciliá-las. O que parecia querer Pisístrato entender mais do que nenhum dos outros, pois estava cortês e tinha a palavra doce e amigável, mostrando-se socorredor para com os pobres e moderado mesmo para com os inimigos; e, se havia nele alguma boa qualidade que lhe desfalecesse, ele a contrafazia tão bem que a acreditavam existir mais nele do que naqueles que verdadeira e naturalmente a possuíam, como ser homem repousado, não empreendedor, contentando-se com o seu sem aspirar mais além, odiando os que tentassem mudar o estado presente da coisa pública e maquinassem quaisquer novidades. Pelos quais fingimentos e simulações abusava do popular comum; mas Sólon descobriu-lhe incontinente os costumes e a natureza e foi o primeiro a perceber o fim a que ele tendia, mas, sem odiá-lo ainda, tratava sempre de o conquistar e de o reconduzir à razão, dizendo frequentemente a ele próprio e a outros que, se lhe pudessem tirar da fantasia a ambição de querer ser o primeiro e se pudessem curá-lo dessa cupidez de dominar, não se encontraria homem mais bem-nascido para a virtude nem melhor cidadão do que ele.

LXII. Ora, já então começav a Téspis a apresentar suas tragédias; e era coisa que agradava maravilhosamente ao povo pela novidade, não havendo ainda numerosos poetas que as fizessem por emulação entre si, para conquista de prêmio, como houve depois, E Sólon, sendo por natureza desejoso de ouvir e de aprender, e procurando na velhice passar o tempo em todos os divertimentos, na música, na camaradagem, mais do que nunca, foi um dia ver Téspis, que também representava, como era costume antigo dos poetas; e, terminada a peça chamou-o e perguntou-lhe se não tinha vergonha de mentir assim na presença de tanta gente. Téspis respondeu-lhe que não havia mal em fazer e dizer tais coisas, visto como não passavam de farsa. Então, Sólon, batendo com firmeza no solo, com uma bengala que trazia na mão, disse-lhe: «Mas louvando e aprovando tais divertimentos de mentir cientemente, não nos guardaremos de que em breve iremos encontrá-los em nossos próprios contratos e negócios.»

LXIII. Pouco tempo depois, Pisístrato, tendo-se ferido ele próprio e ensanguentado por todo o corpo, fez-se levar dentro de uma carreta até à praça, onde comoveu grandemente o poviléu, dando-lhe a entender que tinham sido seus inimigos que o haviam surpreendido à traição e o tinham assim fantasiado tão mal numa desavença que tivera com eles por causa do governo da coisa pública; e vários havia que estavam muito indignados e gritavam que aquilo tinha sido mal feito. E então Sólon se aproximou e lhe disse: «Ó filho de Hipócrates, tu contrafazes e representas mal o personagem do Ulisses de Homero: pois tu te[222] chicoteaste a ti mesmo para enganar os teus concidadãos, ao passo que ele se escalavrou para abusar dos inimigos.» Não obstante isso, a comuna tumultuava sempre, prestes a tomar das armas por Pisístrato; e realizou-se uma assembleia geral do conselho, na qual certo Aríston propôs se outorgassem a Pisístrato cinquenta homens armados[223] de alavancas e de maças, para a guarda de sua pessoa. Ao que Sólon, subindo à cátedra ou tribuna das arengas, contradisse virtuosamente e apresentou ao povo várias razões semelhantes àquelas que depois escreveu em versos, dizendo:

Cada um de vós em seus negócios ousa

Ser avisado assim como a raposa,

Mas em conjunto sois de entendimento

Bem grosseiro, sem ver o fingimento

Desse Homem em que não deveríeis crer

Sem nenhum dos seus atos conhecer.[224]

Mas, por fim, vendo que os pobres tumultuavam, tomando o partido de Pisístrato, e os ricos fugiam amedrontados aqui e acolá, retirou-se também, dizendo que mostrara ter mais senso do que uns e mais coragem do que os outros: mais senso do que aqueles que não viam o fim ao qual tendia Pisístrato, e mais coragem do que aqueles que conheciam bem que ele aspirava a usurpar a tirania e, contudo, não ousavam resistir-lhe. Assim, o povo autorizou a proposição de Aríston, no tocante à outorga dos alabardeiros, sem limitar-lhes o número, antes obrigando- o a tê-los ao redor de si e a reunir tantos quantos quisesse, até que ele se apoderou da fortaleza do castelo. E então a cidade se viu bastante surpreendida e aterrorizada, tendo fugido incontinente Mégacles e todos os que eram da raça dos Alcmeônidas.

LXIV. E Sólon, que estava já muito velho e não tinha ninguém que o secundasse, dirigiu-se contudo ainda à praça, onde falou aos cidadãos que encontrou, censurando-lhes a burrice e a frouxidão de caráter e encorajando-os a não deixarem que se perdesse a sua liberdade. Foi então que pronunciou estas palavras que depois foram recolhidas e se tornaram famosas: «Antes, disse ele, era-vos mais fácil impedir que esta tirania se formasse; mas agora, que ela está formada, ser-vos-á mais glorioso aboli-la e exterminá-la.» Todavia, para todas essas belas razões, ele não achou ninguém que lhe prestasse ouvido, tão espantados estavam. Eis porque se retirou para casa, onde tomou suas armas e as pôs diante da porta no meio da rua, dizendo: «Quanto a mim, fiz tudo o que me foi possível para socorrer e defender as leis e a liberdade do meu país.» E desde então se manteve quieto, sem mais intrometer-se no governo da coisa pública. Os amigos aconselharam-no a fugir, mas ele nada quis fazer para isso e se conservou em casa compondo versos nos quais censurava aos Atenienses suas faltas, dizendo:

Se muito no presente vós sofreis,

Contra os deuses por tal não murmureis:

Vede o engano fatal que praticastes

Quando tropas vassalas entregastes

Aos que dominam vossos chefes vis

Para torná-los inda mais servis.

LXV. Por tais discursos, admoestaram-no os amigos para que reparasse no que dizia, havendo perigo de que o tirano, ouvindo-o assim falar, mandasse matá-lo; e lhe perguntavam em que confiava para falar tão audaciosamente, ao que ele respondeu-lhes: «Em minha velhice». Todavia, Pisístrato, após sobrepor-se à sua aliança, prestou-lhe tantas honras e deu-lhe tão bom acolhimento, mandando indagar de sua opinião, que Sólon por fim entrou no seu conselho e aprovou muitas coisas que ele fazia; pois o próprio Pisístrato guardou inviolavelmente e fez que seus amigos guardassem as leis de Sólon, de tal maneira que, sendo chamado à justiça perante a corte de Areópago, por um homicídio quando já tirano, apresentou-se muito modestamente para responder às acusações que lhe faziam e justificar-se; mas o acusador não prosseguiu. E o próprio Pisístrato fez ainda novas ordenanças, como aquela segundo a qual «quem fosse mutilado de algum membro na guerra e ficasse incapaz, seria nutrido durante toda a vida a expensas da coisa pública». O que antes já fora começado na pessoa de Tersipo, assim como escreve Heráclides, por sugestão de Sólon, que o apresentou ao conselho; e depois Pisístrato, seguindo essa proposição, fez para o futuro uma ordenança geral. O próprio Teofrasto diz que foi Pisístrato, e não Sólon, quem instituiu a ação por ociosidade, o que foi causa de que o país da Ática se tornasse mais frutuoso sendo mais bem laborado, e a cidade de Atenas ficou mais pacífica.

LXVI. Mas Sólon, tendo começado a deitar por escrito em versos o conto e a fábula da ilha Atlântica, que ele aprendera dos sábios da cidade de Sais no Egito, e que convinha aos Atenienses, cansou-se e ficou em caminho, não por negócio ou impedimento que tivesse, como diz Platão, mas somente por sua velhice e porque a extensão da obra lhe causou medo. Pois, em suma, que tivesse lazer bastante, aparece nos versos onde diz:

Aprendendo à medida que envelheço.

E em outra passagem, onde diz:

Dona Vénus agora me seduz

E de Baco a bebida me conduz,

Bem como os dons das Musas: aí temos

Os pontos de prazer por que vivemos.

Depois, tendo Platão querido deduzir longamente e enriquecer esse tema da fábula Atlântica, como querendo, por maneira de dizer, cultivar um campo deixado sáfaro, que de algum modo lhe pertencia, por extrair e descender da raça de Sólon, começou a construir ali um belo e soberbo pórtico, cercá-lo de belas muralhas e pôr grandes pátios à entrada, tais como jamais outro tratado nem fábula, ou invenção poética, teve tão magníficos; mas, porque começou também tarde demais, acabou a vida antes da obra, deixando aos leitores tanto mais desgosto de não terem o que sobre isso resta escrever quanto mais dá prazer aos leitores o que se escreveu; pois, exatamente assim como na cidade de Atenas o templo de Júpiter Olímpico foi o único que ficou imperfeito, também a sapiência de Platão, entre tão belos discursos que dele saíram, não deixou imperfeito senão aquele único da fábula Atlântica.

LXVII. Sólon, pois, viveu ainda muito tempo depois que Pisístrato usurpara a tirania, assim como diz Heráclides do Ponto; todavia, Fânias de Éfeso escreve que ele não viveu mais do que dois anos. Pois Pisístrato usurpou dominação tirânica no ano em que Cômias foi preboste em Atenas; e Fânias escreve que Sólon morreu no ano em que Hegéstrato o foi, isto é, no ano próximo seguinte. E, quanto ao dizerem alguns que as cinzas de seu corpo após a morte foram espalhadas por toda a ilha de Salamina, parece isso ser coisa inventada, onde não há verossimilhança; mas, não obstante, foi ela escrita por vários notáveis autores e, entre outros, pelo filósofo Aristóteles.

Publícola

SUMARIO DA VIDA DE PUBLÍCOLA

I. Origem de Valério Publícola. Tarquínio o Soberbo é expulso do trono. II. Eleição dos dois primeiros cônsules, Bruto e Colatino. III Esforços de Tarquínio para reascender ao trono. VI. Conspiração contra os cônsules. VII. Ela é descoberta por Publícola. VIII. Bruto condena à morte seus dois filhos. IX Fraqueza de Colatino. Abdica o consulado. Publícola o substitui. X.II. Campo de Marte. Ilha sagrada em Roma. XV. Batalha sangrenta. O filho primogênito de Tarquínio e Bruto perdem aí a vida. Triunfa Publícola. XVII- Pronuncia o elogio de Bruto. Origem das arengas fúnebres. XVIII. Conduta generosa de Publícola. XIX. Seu respeito pela majestade soberana do povo. XX. Uso que faz do poder para o bem do Estado. Preenche os lugares vacantes do Senado. Leis populares. XXI. Ordenança contra a tirania. XXII Pelas finanças. XXIII. Criação de dois questores- XXV. Trabalhos e doação do templo de Júpiter Capitolino. XXVIII. Doação do segundo templo: seu incêndio sob o império de Vitélio. Terceiro templo, construído por Vespa-siano e queimado pouco tempo depois de sua morte. Quarto templo, construído por Domiciano. XXIX. Despesas feitas com sua douração. XXX. Magnificência do palácio de Domiciano. XXXI. Tarquínio dirige-se ao rei Porsena, que vem sitiar Roma. XXXII. Segundo consulado de Publícola. E’ ferido em combate. Bela defesa de Horácio Codes. XXXIII. Terceiro consulado de Publícola. Coragem de Múcio Cévola. XXXIV. Publícola negoceia a paz com Porsena. XXXV. Ousadia de Clélia. XXXVII. Vitória alcançada sobre Sabinos por Valério, irmão de Publícola. XXXVIII. Quarto consulado de Publícola. Alarmas em Roma. Consultam-se Os livr os da Sibila. Ápio Clauso deixa o país dos Sabinos: e vem estabelecer-se em Roma. Origem da família Claudia. Derrota dos Sabinos. XL. Triunfa Publícola. Sua morte. Funerais a expensas do público. Luto geral.

Desde o ano 245 até ao ano 251 depois da fundação de Roma, 503 anos antes de Jesus Cristo.

Antes pois que Sólon fosse tal, pareceu-nos assentar bem reuni-lo com Publícola, aquele ao qual o povo Romano deu por honra esse sobrenome, porque antes ele se chamava Públio Valério, sendo descendente de um antigo Valério que foi um dos principais instrumentos de mediação para que os Romanos e os Sabinos, que eram inimigos mortais, se conjugassem em um mesmo, povo; pois foi ele quem mais incitou os dois reis a acordarem-se e juntarem-se em comum. Sendo pois Publícola descendente daquele, enquanto os reis dominavam ainda em Roma estava ele ainda em grande estima, tanto por sua eloquência como por sua riqueza, usando de uma direita e livremente, para a defesa da justiça, e da outra liberal e humanamente, para com ela prover os pobres; de sorte que era de todo aparente que, se o reino viesse a mudar-se em estado de coisa públ ica, seria ele um dos primeiros homens daquela. Assim adveio que o rei Tarquínio sobrenomeado o Soberbo, não tendo chegado ao reino por boa via, antes de maneira infeliz e má, e tendo-se ali portado não como rei, antes como violento e ultrajoso tirano, foi tão odiado e tão malquerido pelo povo, por causa da morte de Lucrécia, a qual se matou por ter sido violada à força, que toda a cidade se sublevou e rebelou contra ele; e Lúcio Bruto, tomando em mãos a conduta de tal sublevação e rebelião, dirigiu-se primeiramente a esse Valério, que muito-afetuosamente o secundou na empresa e o ajudou a expulsar o rei Tarquinio com todos os de sua casa.

II. Ora, quando se pensou que o povo deveria eleger um só capitão em chefe, ao invés de um rei, Valério ficou quieto, cedendo voluntariamente o primeiro lugar a Bruto, como melhor pertencendo àquele que fora principal autor e condutor da restauração da liberdade; mas, quando se viu que o nome de Monarquia, isto é, de poder soberano em um só, era desagradável ao povo e que este a suportaria mais pacientemente quando ela fosse dividida em dois, e por isso queria eleger dois cônsules, começou pois Valério a esperar que seria um deles com Bruto; todavia, decaiu dessa esperança, pois contra a vontade do próprio Bruto, foi com ele eleito cônsul{225} Tarquinio Colatino, o marido de Lucrécia, não que fosse homem de maior virtude nem melhor reputação que Valério, mas os principais da cidade, temendo as manobras que faziam os da casa real, que tentavam todos os meios de retornar e iam adulando e amolecendo o povo, quiseram ter por um dos seus chefes aquele que tivesse ocasião de ser mais áspero e mais veemente inimigo, tendo bem opinião de que aquele não se dobraria em nada.

III. Valério tomou muito a peito que não confiariam em que ele fizesse todas as coisas em proveito do país, porque não tinha particularmente recebido nenhuma injúria dos tiranos; em razão do que cessou de ir ao Senado, de pleitear pelos particulares e inteiramente de mais se intrometer nos negócios públicos, de maneira que deu que falar a muita gente, preocupando a muitos que receavam, em virtude desse descontentamento, que se colocasse ao lado dos reis e fosse causa de ficar a cidade sem direção, visto como por isso mesmo ela se achava em grande abalo. Mas, quando Bruto, que suspeitava de alguns outros, quis que prestassem juramento sobre os sacrifícios todos os do Senado e lhes marcou dia para assim fazerem solenemente, Valério desceu de bom grado à praça e, com fisionomia franca, foi o primeiro que jurou não poupar nem omitir nada que pudesse resultar em prejuízo para os Tarquínios, mas que com todo o seu poder combateria pela nação e defesa da liberdade. Isso regozijou grandemente toda a assistência do Senado e deu grande segurança aos cônsules, do mesmo modo que logo após ele mostrou que os efeitos respondiam às palavras do juramento, pois vieram embaixadores a Roma trazendo cartas do rei Tarquínio, cheias de doces e humildes palavras para ganhar a graça do povo, com o encargo de manterem as mais generosas e humildes conversações que pudessem ocorrer-lhes, para abrandar os corações da multidão, do mesmo modo que vinham da parte do rei, o qual diziam ter deixado toda ferocidade e não pedir senão coisas razoáveis. Os cônsules foram de aviso que lhes dessem audiência pública e os obrigassem a falar ao povo, mas Valério o contradisse e se opôs, advertindo que seria demasiado perigoso dar ocasião e meio de suscitar alguma novidade a uma turba de povo pobre, mais receoso da guerra que da tirania.

IV. Vieram depois outros embaixadores para dizerem que Tarquínio dali por diante desistia de entrar novamente em seu reino e de fazer a guerra, mas que ao menos requeria lhe entregassem seu dinheiro e bens, a ele e aos amigos, a fim de que tivessem com que entreter-se no exílio. Vários se dobravam e deixavam-se levar por esse pedido, do mesmo modo que Colatino, um dos cônsules, que os favorecia na pretensão; mas Bruto, homem inflexível e violento em sua cólera, acorreu incontinente à praça, gritando que seu companheiro era traidor, pois queria se concedesse aos tiranos matéria para fazerem a guerra, de forma que não mereciam se lhes desse sequer com que viverem no exílio. O povo lá se reuniu e o primeiro que falou na assembleia foi um privado chamado Caio Minúcio, o qual, dirigindo a palavra a Bruto e a todos os assistentes, disse-lhes: «Senhores, fazei de sorte que os bens dos tiranos estejam antes convosco para fazer-lhes a guerra do que com eles para vo-la fazer a vós mesmos.» Não obstante, foram os Romanos de opinião que, tendo a liberdade pela qual combatiam contra os tiranos, não deviam retendo os seus bens, recusar a oferta de paz, sendo melhor atirar-lhes os bens após eles.

V. Ora, a menor coisa em que pensava Tarquinio era reaver seus bens, mas, sob a cobertura de reclamá-los, fazia sub-repticiamente tentar o povo e urdia uma traição que os seus embaixadores conduziam fazendo menção de recolherem os bens do rei e de sua gente, dizendo que tinham já vendido uma parte deles e que os guardavam e enviavam todos os dias, se bem que sob essas cores corrompessem duas das melhores e mais antigas casas da cidade, a dos Aquilianos, onde havia três senadores, e a dos Vitelianos, onde havia dois, que todos eram sobrinhos, pelo lado materno, do cônsul Colatino; e tinham os Vitelianos ainda outra aliança com Bruto, pois sua mulher era sua própria irmã, da qual tivera ele vários filhos, dos quais os Vitelianos tinham já tirado para si os dois maiores, porque se gabavam familiarmente de serem primos-germanos, e os tinham induzido a participarem de sua traição, aliando-se à casa dos Tarquínios, que era grande e poderosa, mediante o suporte da qual podiam prometer todo crescimento de honra e de bens por meio dos reis, em lugar de se prenderem à brutalidade e dureza do pai; pois chamavam dureza à sua severidade contra os maus, aos quais jamais perdoava. E, de resto, tinha ele de longa data dissimulado ser insensato e idiota quanto à segurança de sua pessoa, a fim de que os tiranos não o fizessem morrer, de tal maneira que o nome de Bruto ainda lhe ficara.

VI. Depois que esses dois jovens consentissem e falassem com os Aquilianos, foram todos de opinião que se obrigassem uns aos outros com tão grande e horrível juramento, bebendo sangue todos juntos e tocando com as mãos nas entranhas de um homem que imolariam. Isso acordado entre eles, reuniram-se para executá-lo na casa dos Aquilianos. Ora, para isso fazerem, tinham eles escolhido uma escura dependência da casa, quase não frequentada por ninguém; e aconteceu que um servidor da casa, ch amado Víndice, se escondeu sem que os conjurados soubessem de nada, não que tivesse expressamente espiado a ocasião e o meio de ver o que fariam ou que antes houvesse tido disso algum sentimento; mas, tendo-se ali achado por acaso, quando os conjurados entraram em atitude de quererem fazer alguma coisa secreta e de consequência, teve medo de ser percebido e se manteve quieto, ocultando-se atrás de um cofre ali existente, de maneira que viu inteiramente tudo o que se fez e ouviu tudo o que se deliberou e se disse. Assim foi a resolução de seu conselho que eles matariam os dois cônsules, e escreveram cartas a Tarquínio nas quais isso estava contido, que entregaram a seus embaixadores alojados em casa dos Aquilianos e presentes a essa conclusão.

VII. Assentado isso, dali saíram, e Víndice também saiu o mais secretamente que pôde, achando-se em grande angústia por não saber como devia governar-se nesse negócio, pois estimava ser coisa bem dura, como na verdade o era, ir acusar os próprios filhos perante o pai, que era Bruto, de tão perversa e infeliz empresa, e os sobrinhos perante o tio, que era Colatino; de outro lado, também não lhe parecia ser um segredo que ele devesse revelar a nenhum particular privado, e menos ainda era possível que se calasse, sentindo-se incitado e

impelido pela consciência; assim, concluiu por fim que se dirigia a Valério, sendo convidado a isso fazer pela facilidade e humanidade do personagem que dava facilmente acesso e audiência a todos aqueles que desejassem falar-lhe e que não desdenhava jamais de ouvir as conversas e os casos dos pobres. Tendo pois Víndice ido perante ele e tendo-lhe declarado tudo em presença de um seu irmão, Marco Valério, e de sua mulher, ele ficou seriamente espantado e impressionado. Assim, reteve-o de medo que ele fugisse e encerrou-o dentro de um quarto, dando a sua própria mulher o encargo de guardar a porta, para que ninguém entrasse nem saísse, e ordenando a seu irmão que fosse cercar o palácio do rei, para se possível surpreender as cartas e velar por que nenhum dos servidores se evadisse; e ele, acompanhado como de costume por grande comitiva, tanto de amigos como de seguidores e grande número de pessoas que lhe faziam a corte, seguiu diretamente para a residência dos Aquilianos, que por acaso não estavam então em casa, e entrando pela porta, sem que ninguém lhe impedisse, encontrou as cartas no quarto onde se alojavam os embaixadores do rei Tarquínio. Diante dessas ocorrências, os Aquilianos, que lhes ouviram o rumor, acorreram incontinente à casa e ali encontraram Valério que saía. Esforçaram-se então por tirar-lhe as cartas que ele possuía; mas, Valério e sua companhia o impediram e, o que é mais, enrolaram-lhe as roupas à volta do pescoço e os arrastaram até à praça, à força, por alguma resistência que pudessem oferecer. Outro tanto se fez no próprio palácio do rei, onde Marco Valério encontrou ainda outras cartas que tinham sido envolvidas dentro de fardos, para mais seguramente serem transportadas, e também pela força arrastou à praça todos os servidores que encontrara do rei. E ali, tendo os cônsules ordenado silêncio, Valério mandou buscar em sua residência o servo Víndice, e então os conjurados foram publicamente acusados e suas cartas lidas, sem que tivessem a ousadia de nada responder.

VIII. Toda a assistência, cheia de assombro, a cabeça baixa, mantinha os olhos no chão, e não havia ninguém que ousasse abrir a boca para falar, excetuados os que, desejando agradar a Bruto, começaram a dizer que era preciso bani-los; e assim lhes dava Colatino alguma esperança, porque se pôs a chorar, e Valério também, porque não dizia palavra; mas Bruto, chamando os filhos pelos nomes, disse: «Agora, sus, Tito, e tu, Valério, porque não respondeis a isso de que vos acusam? » E, tendo-os por três vezes intimado a que respondessem, quando viu que não respondiam nada, voltou-se para os executores de justiça e disse-lhes: «Cabe-vos agora executar o resto: cumpri vosso dever. » Assim, logo que pronunciou essas palavras, os executores de justiça apoderaram-se incontinente dos corpos dos dois jovens e, rasgando-lhes as vestes, ligaram-lhes as mãos para trás e depois os vergastaram, o que causou tão grande horror a todos os assistentes que eles não tiveram coragem de- encará-los, mas se voltaram de lado para não verem nada. Mas, ao contrário, dizem que o próprio pai não desviou o olhar nem abrandou de piedade o rigor e a severidade que mostrou no semblante, antes assistiu de olhos fixos à punição dos próprios filhos até que eles ficassem estendidos por terra e a ambos lhes fossem arrancadas as cabeças com um machado: feito isso, Bruto retirou-se, deixando que os outros fossem castigados por seu companheiro.

IX. Foi esse um ato que não se poderia louvar suficientemente nem censurar bastante: pois era uma excelência de virtude que tornava o seu coração assim impassível, ou uma violência de paixão que o tornava insensível: nem uma nem outra é coisa pequena, mas ultrapassa o ordinário da natureza humana, tendo tanto da divindade quanto da bestialidade. Mas é mais razoável que o julgamento dos homens corresponda à sua glória do que a fraqueza dos julgadores faça descrer de sua virtude, pois os Romanos estimam que não foi tão grande proeza de Rômulo ter sido o primeiro a fundar Roma quanto a de Bruto haver recobrado a liberdade e estabelecido o governo da coisa pública; mas então, quando se retirou, toda a gente ficou na praça, como que transida de horror e de assombro, por longo tempo sem dizer palavra, por ter visto o que tinha sido feito.

X. E os Aquilianos, tendo-se certificado de que viam o outro cônsul Colatino proceder lenta e friamente contra eles, requereram se lhes desse tempo e lazer para responderem às acusações que se lhes imputavam e se lhes entregasse Víndice como escravo, porque não era

razoável ficasse entre as mãos dos acusadores. O que o cônsul lhes queria conceder e estava já prestes a deixar a assembleia; mas Valério disse que não entregaria Víndice, o qual estava entre a turba de gente ao pé de sua pessoa; e assim impediu que o povo se retirasse, deixando escapar aqueles que haviam empreendido trair tão covardemente o país, até que ele próprio os prendeu, chamando Bruto em seu auxílio e protestando que Colatino não se portava como homem de bem, por isso que, vendo como seu companheiro Bruto fora constrangido a fazer punir com a morte os seus próprios filhos, ele ao contrário, para agradar às mulheres, tratava de fazer evadir traidores manifestos e inimigos públicos do país.

XI. Furioso com isso, o cônsul mandou que trouxessem o servidor Víndice, e os lictores, fazendo afastar a massa, puseram a mão sobre ele para trazê-lo e começaram a bater nos que tentavam impedi-lo; mas os amigos de Valério puseram-se à frente e os repeliram. O próprio povo pôs-se a gritar e a chamar Bruto; o qual, com esse clamor, voltou de novo à praça e, feito silêncio, disse que, «quanto aos seus próprios filhos, tinha sido ele o único juiz suficiente para puni-los segundo o mal que haviam praticado, mas, quanto aos outros, deixara ao povo o julgamento, que era franco e livre. Eis porque, disse ele, levante-se quem quiser e persuada o povo do que bem lhe parecer». Assim, já não houve necessidade de outras palavras, antes somente de recolher os votos do povo, por todos os quais eles foram condenados e, segundo a condenação, tiveram as cabeças cortadas.

XII. Ora, estava já antes o cônsul Colatino em alguma suspeita, porque era parente dos reis, e assim odiavam-lhe o sobrenome, porque se chamava Tarquínio, e, vendo mais que, por seu procedimento nesse caso, era odiado e malquerido de toda a gente, ele próprio se depôs voluntariamente do consulado e retirou-se para fora da cidade de Roma. E então, tendo-se o povo reunido para dar-lhe substituto e sucessor, foi Valério eleito sem nenhuma oposição, em recompensa da boa afeição e cuidadosa diligência de que usara nesse negócio. Mas, estimando que o servidor Víndice bem merecera também alguma recompensa, ele fez que lhe desse não só liberdade por outorga do povo, mas também direito de burguesia, e foi o primeiro servo liberto que se fez cidadão Romano, com permissão de votar nas eleições dos "oficiais, em alguma linhagem na qual desejasse fazer-se arrolar. Longo tempo depois e bem tarde, Ápio, para ganhar a graça do poviléu, outorgou a todos os outros servos libertos a lei pela qual davam também seus sufrágios nas eleições; e até hoje uma perfeita libertação de servo se chama Vindicta, do nome de Víndice, que foi então libertado.

XIII. Isso feito, os bens dos reis foram abandonados à pilhagem do povo e seu palácio arrasado. Ora, entre outras herdades, a mais bela parte do campo de Marte era do rei Tarquínio: ela foi então dedicada e consagrada ao deus Marte, e, como ainda não tivesse sido ceifado o trigo e ainda houvesse montes no campo, estimaram que de nenhum modo se devia moer nem aproveitar o trigo dali saído, antes lançaram os montes e feixes de trigo dentro do rio, e semelhantemente as árvores que arrancaram e cortaram, a fim de que o campo ficasse inteiramente nu, sem dar fruto nenhum, sagrado ao deus Marte. Asses montes, assim lançados de golpe dentro do rio, foram levados a vau pelo fio d'água, não muito longe dali, até a um lugar onde os primeiros encontraram a água baixa e ali se detiveram e impediram que os outros que sobrevieram pudessem passar além, e se ligaram e engranzaram tão bem uns aos outros que toda a massa começou a tomar pé firme e a fundar-se dentro da água; depois, ainda o curso do rio para ali levou grande quantidade de areia e de limo, que aumentou sempre cada vez mais e afirmou essa massa, de sorte que a força da água não mais pôde abalá-la, mas antes, cerrando-a e apertando-a docemente, ligou-a mais. Assim, crescendo sempre a grandeza e a firmeza desse monte, porque tudo o que o rio levava a vau se lhe prendia, afinal a coisa chegou com o tempo a tal aumento que é hoje em Roma a Ilha Sagrada{226}, onde há vários belos templos de diversos deuses e vários pórticos em torno, e o chamam, em linguagem latina, de Entre Duas Pontes.{227}

XIV. Todavia, há os que querem dizer que isso não aconteceu quando esse campo dos Tarquínios foi consagrado a Marte, antes foi desde quando uma virgem do número das vestais, que se chamava Tarquínia, deu ao povo um campo junto ao de Tarquínio, pela qual liberalidade teve em recompensa grandes prerrogativas e grandes honras, como entre outras o ter sido ordenado que seu testemunho fosse válido em julgamento, o qual privilégio nenhuma outra mulher possuía, e lhe foi também permitido, por graça especial do povo, que pudesse casar-se assim que bem lhe parecesse: o que ela não quis aceitar. Eis como se conta que isso aconteceu.

XV. Mas, tendo Tarquínio perdido toda esperança de poder reentrar em seu reino de surpresa, retirou-se entre os Toscanos, que o receberam de muito bom grado e reuniram grande poder para cuidar de restabelecê-lo. Os cônsules Romanos saíram também com seu exército ao encontro e se enfileiraram as duas hostes em ordem de batalha uma diante da outra dentro dos lugares sagrados aos deuses, dos quais um se chama a floresta Ársia e outro o prado Esúvio; e, quando os dois exércitos começaram a entrechocar-se, Arrunte, filho primogênito de Tarquínio, e o cônsul Bruto tornaram a encontrar-se, não por caso, antes porque se procuravam de novo para executar o grande ódio que tinham um ao outro, um como a um tirano inimigo da liberdade do país, o outro como àquele que fora principal autor de sua expulsão para o exílio. Lançaram assim os seus cavalos um contra o outro, logo que se entre perceberam, com mais furor do que razão, e ambos se feriram tão rudemente que rijos tombaram mortos na praça, E, tendo sido a entrada dessa batalha tão cruel, a saída não foi menos sangrenta, até que os dois exércitos, após muitos prejuízos causarem um ao outro, foram separados por uma tempestade que se levantou; e se achou Valério em grande embaraço por não saber a quem coubera a vitória nessa jornada, vendo os combatentes tão desconfortados pelo grande número de pessoas que viam mortas diante de si, quanto satisfeitos pelos inimigos que haviam eliminado; pois a multidão dos mortos que se viam era tão igual, que seria bem difícil estimar de quais havia mais, senão que uns e outros, vendo a olho e de perto a diminuição de seu campo, se confirmavam antes na opinião de haverem perdido e não ganho, conjecturando de longe a derrota dos inimigos.

XVI. Sobrevindo a noite, tal como se pode estimar após tal batalha, quando o barulho se acalmou nos dois campos, dizem que a floresta onde estavam acampados tremeu e ouviu-se uma voz alta dizer que do lado dos Toscanos morrera somente nessa batalha um a mais que do lado dos Romanos. Foi certamente alguma voz divina, pois incontinente os Romanos puseram-se a gritar alto e claro como gente a quem a coragem aumentou, e os Toscanos ao contrário se amedrontaram de tal forma que a maior parte escapou do campo e extraviou-se, não ficando ali senão cerca de cinco mil que os Romanos fizeram prisioneiros e dos quais pilharam tudo o que haviam deixado no campo. Os mortos foram depois contados, e achou-se que havia no campo onze mil e trezentos do lado dos Toscanos, e dos Romanos outro tanto menos um somente. Travou-se essa batalha no último dia de fevereiro, como dizem, e nela triunfou o cônsul Valério{228}, sendo o primeiro dos cônsules que jamais entrou em Roma num carro triunfal puxado por quatro cavalos: o que o povo achou belo e magnífico, sem ofender-se por isso como pretendem alguns, nem censurar aquele que o começou, pois de outro modo o costume não teria sido tão afetuosamente seguido nem durado tantos e tantos anos como aconteceu depois.

XVII. Também muito se prezaram as honras que prestou ao seu companheiro Bruto no cortejo de seus funerais e obséquias, onde fez uma arenga fúnebre em seu louvor: o que aprouve tanto aos Romanos, e a maneira lhe foi tão agradável, que depois se conservou o costume de serem publicamente louvadas as grandes personagens mortas, pelos sobreviventes na ocasião do seu enterramento. Dizem que essa arenga fúnebre é mais antiga do que a primeira jamais pronunciada em matéria semelhante dentro da Grécia; assim, não é que se queira manter o que o orador Anaxímenes escreveu — que a maneira de louvor assim os trespassados em suas obséquias tenha sido primeiramente instituída por Sólon.

XVIII. Mas, quiseram mal a Valério, e o receberam de má vontade, porque Bruto que o povo reconhecia como pai da liberdade, jamais quisera ficar só no cargo, antes procurara ele próprio por duas vezes que lhe dessem por substituto um companheiro, ao passo que ele, ao contrário (dizia o rumor comum), atribuindo-se a autoridade soberana, mostra não desejar ser o sucessor de Bruto no consulado, não sendo esse o fim que pretende, mas o de Tarquínio no reinado. Que serve pois louvar Bruto em palavras e de fato imitar Tarquínio, tendo diante de si todos os maceiros, todos os machados e todos os feixes de vergas, quando sai em público fora de sua casa, a qual é muito maior e mais soberba que a do rei, por ele próprio demolida? Também, a dizer verdade, Valério habitava uma casa um pouco soberbamente demais, construída na encosta do monte que se chama Vélia, e descobria, por estar em situação alta, toda a praça, de tal maneira que se podia com facilidade ver inteiramente tudo o que ali se fazia, e era difícil aproximar-se dela pelo exterior; de maneira que, quando ele saía de casa, era uma pompa muito soberba vê-lo assim descer de lugar tão alto, com um séquito que lembrava a magnificência da corte de um rei. Mas nesse lugar mostrou bem Valério quanto serve a um personagem colocado em eminente dignidade e de posse do manejo de grandes negócios ter os ouvidos abertos para ouvir e receber de bom grado um franco falar em vez de adulações, e a verdade em vez de mentiras; pois que, tendo ouvido de alguns amigos seus como o povo se queixava e se descontentava com isso, não se obstinou nem se irritou com eles, antes logo reuniu muitos operários, tão de manhã que não era ainda dia, aos quais mandou lhe demolissem a casa e a arrasassem até à terra; de tal maneira que no dia seguinte, quando os Romanos reunidos na praça viram essa grande e súbita ruína, prezaram muito a grandeza de coragem que Valério tinha mostrado nisso; mas também se desgostaram e tiveram pena de ver uma casa tão bela e tão grande, que era ornamento da cidade, demolida em um instante," nem mais nem menos do que um homem que se tivesse mandado matar por inveja, e também de ver seu soberano magistrado como um vagabundo, constrangido a alojar-se em casa de outrem: pois seus amigos o hospedaram até que o povo lhe desse um lugar no qual ele mandou construir uma residência mais modesta e menos soberba do que a primeira, no lugar onde é hoje{229} o templo que se chama Vico Público.

XIX. E, querendo tornar não somente sua pessoa, mas também o ofício de consulado agradável e prazível ao povo, no lugar que antes lhe causava pavor separou os machados dos feixes de vergas que os maceiros levavam diante do cônsul; e ainda, quando entrava na praça onde o povo se reunia em conselho, fazia baixar as vergas, em sinal de reconhecimento e reverência à majestade soberana do povo: o que todos os magistrados observam ainda hoje. Assim fazendo, não baixou tanto a sua dignidade, o que o vulgar à primeira vista cuidaria, quanto se livrou da inveja, adquirindo tão verdadeira autoridade como se deixasse e cedesse por licença; pois isso fez que o povo tomasse prazer em submeter-se a ele e lhe obedecesse mais espontaneamente, de sorte que por essa ocasião o sobrenomeou Publícola, que vale tanto como dizer honrando e amando o povo: o qual sobrenome ele manteve sempre depois, e nós também, doravante, escrevendo o resto de sua vida, não usaremos outro{230}: pois ele permitiu, a quem o quisesse, apresentar-se para pedir o consulado em lugar de Bruto.

XX. Mas, não sabendo qual seria aquele que ali o subrogaria e receando que, por inveja ou por ignorância, aquele que o substituísse se opusesse ao que ele pretendia fazer, empregou seu soberano poder e autoridade, enquanto esteve só, em muitos belos e grandes feitos: primeiramente, completou o Senado, que estava muito desfalcado e diminuído de homens, porque o rei Tarquínio mandara matar alguns, tempos antes, e os outros tinham morrido havia pouco na batalha, em lugar dos quais colocou novos, até ao número de cento e sessenta e quatro; e depois fez estatutos e ordenanças novas, que fortificaram grandemente a autoridade do povo. A primeira permitia que todos os criminosos condenados por sentença dos cônsules apelassem para o povo; a segunda condenava a perder a vida aquele que ousasse empreender exercer um ofício que o povo não lhe tivesse dado; a terceira, grandemente a favor dos pobres, estabelecia que os burgueses pobres da cidade não mais pagariam gabelas nem quaisquer impostos, o que foi causa de cada qual passar a exercer de bom grado algum ofício e alguma manufatura. E, quanto àquela contra os que desobedecessem aos mandamentos dos cônsules, foi ainda achada tão popular que se estimou que fizesse mais pelos pobres do que

pelos ricos e poderosos: condenava os desobedientes à multa do valor de cinco bois e dois carneiros; e era então o preço de um carneiro, dez óbolos{231}, e de um boi, cem{232}. Naquele tempo, os Romanos não usavam muita moeda forjada, e ao contrário tinham grande número de carneiros e toda espécie de gado: de onde vem que ainda até hoje chamam Peculim às suas faculdades, porque Pecus significa ovelhas e carneiros; e antigamente a marca de sua moeda era um boi, um carneiro ou um porco; e assim chamavam seus filhos, uns Bubulci, que significa boiadeiros; outros, Caprarii, isto é, cabreiros; e outr os, Porcii, que significa porqueiros.

XXI. Mas, conquanto em todas as outras ordenanças fosse muito popular e moderado, o fato é que em tal moderação estendeu às vezes além da medida o rigor da pena, pois fez uma ordenança pela qual permitiu matar, sem que de nenhum modo fosse julgado, aquele que aspirasse à tirania, querendo que o autor do crime fosse absolvido pura e simplesmente e fazendo aparecer assim que o assassinado teria tentado fazer-se rei. Ora, sendo impossível que um homem pretenda tão grande coisa sem que ninguém o perceba, e ao contrário sendo bem possível, ainda que se perceba, que às vezes se antecipe, fazendo-se tão poderoso que não mais haja ordem para chamá-lo a juízo, nesse caso ele permitia prevenir por via de fato a via da justiça contra aquele que tendesse à abolição desta.

XXII. Louvou-se também a ordenança tocante às finanças: pois sendo necessário que os particulares contribuíssem com dinheiro{233}, segundo suas faculdades, para sustentar as despesas de guerra, não quis ele próprio tomar esse encargo, nem tolerar que ninguém dos seus se intrometesse nisso, nem que os dinheiros públicos entrassem de nenhum modo em casa de nenhum particular, antes quis que o templo de Saturno fosse o tesouro público, no qual se depositaria todo o dinheiro que se levantasse sobre o povo: o que se observa ainda até hoje.

XXIII. Entrementes, permitiu ao povo eleger dois jovens tesoureiros que tivessem tal encargo, e foram os dois primeiros eleitos Públio Vetúrio e Marco Minúcio, os quais acumularam muito dinheiro: pois por censo do povo foram encontrados cento e trinta mil principais{234} contribuintes, não compreendidas aí, as crianças órfãs nem as mulheres viúvas que estivessem isentas da talha.

XXIV. Depois que ordenou todas essas coisas, fez eleger seu companheiro no consulado o pai de Lucrécia, que se chamava também Lucrécio e ao qual; por ser" mais velho do que ele, cedeu a prerrogativa do lugar mais honroso e quis se levassem perante eles. os feixes de vergas, que eram as insígnias do soberano magistrado; e depois essa honra foi sempre reservada à velhice. Mas, tendo Lucrécio falecido poucos dias após. a sua eleição, elegeu-se em seu lugar Marco Horácio, o qual foi cônsul com Publícola todo o resto do ano.

XXV. Ora, achava-se naquele tempo o rei Tarquinio retirado no país da Toscana, onde preparava segunda guerra aos Romanos, e adveio uma coisa maravilhosa. No tempo em que era rei, tinha ele quase acabado o templo de Júpiter Capitolino e propusera, ou porque algum oráculo a isso o tivesse injungido, ou porque de outro modo isso lhe tivesse vindo à fantasia, fosse colocada no ponto mais alto do templo uma carreta feita de terracota, e encarregou alguns operários Toscanos da cidade de Veios de a fazerem mas, nesse meio tempo, foi expulso do reino. Quando os operários acabaram de formar essa carreta e a colocaram dentro do forno para cozê-la, aconteceu exatamente o contrário do que costuma ocorrer em tal caso: a terra não se tornou mais compacta no fogo, tendo toda a unidade desaparecido, mas cresceu e engrossou, e tornou-se tão forte e tão dura que foi preciso quebrar a tampa e as

par edes do forno para tirá-la. Os adivinhos interpretaram que era isso um sinal celeste que prometia grande prosperidade e grande crescimento de poder para aqueles a quem ficasse a carreta; por essa razão, os Veientes resolveram não entregá-la aos Romanos que a pediam e responderam somente que ela pertencia ao rei Tarquínio e não aos que o expulsaram.

XXVI. Alguns dias depois, na cidade de Veios, realizou-se um solene jogo de prêmios de corrida de cavalos, no qual todas as outras belas coisas se fizeram como de costume; mas, terminado o jogo, aquele que obtivera o prêmio, tendo sido coroado pela vitória, como é de uso ordinário, conduzia a carreta e os cavalos muito tranquilamente fora do parque da liça, e de súbito os cavalos, sem que se percebesse por que motivo, se espantaram, ou por acaso, ou por expressa inspiração divina, e correram de brida solta com a carreta para a cidade de Roma. No começo, o cocheiro fez tudo o que pôde para detê-los, puxando a rédea, acariciando-os e segurando-os com a voz; mas, por fim, vendo que não podia pôr ordem nisso, deixou-se levar pela impetuosidade até perto do Capitólio, onde o derrubaram com a carreta perto da porta que se chama agora Ratúmena{235}: com o que os Veientes, grandemente impressionados e assombrados, permitiram que os operários entregassem aos Romanos a carreta de terracota que haviam feito.

XXVII. Mas, quanto ao templo de Júpiter Capitolino, o primeiro rei Tarquínio, filho de Demarato, votou fazê-lo edificar numa guerra que teve contra os Sabinos, e Tarquínio o Soberbo, sendo filho ou neto daquele que o votara, edificou-o; mas não o dedicou, porque foi expulso de seu estado antes de o haver acabado inteiramente. E, quando ficou de todo pronto, com todos os ornamentos, e embelezamentos, Publícola desejou muito ter a honra de o dedicar; mas os principais do Senado invejaram-lhe essa glória, aborrecidos porque ele não se contentava com tantas honras que adquirira, tanto na paz, pelas ordenanças que fizera, como na guerra, pelas vitórias que alcançara (o que bem merecia) mas que desejasse ainda ter a honra de tal dedicação, que não lhe pertencia. Assim impeliram e incitaram Horácio a pretendê-lo; e, tendo advindo a ocasião em que era necessariamente preciso que Publícota conduzisse o exército Romano aos campos, eles fizeram, pelos sufrágios do povo, dar a Horácio a autoridade de o consagrar, enquanto Publícola estava ausente, estimando que não lhe poderiam fazer melhor presente, e o levaram até ao Capitólio para isso fazer. Dizem outros que os cônsules tiraram entre si a sorte e que a Publícola coube conduzir o exército contra a própria vontade, e a Horácio consagrar o templo, o que se pode conjecturar pelo que sucedeu nessa dedicação. No décimo-quinto{236} dia do mês de setembro, que é aproximadamente o plenilúnio do mês que os Gregos chamam de Metagítnion, estando todo o povo reunido no Capitólio em grande silêncio e tendo Horácio feito todas as outras cerimonias requeridas em tal assunto, e segundo já as portas do templo, como é costume, no momento em que ia pronunciar as solenes palavras da dedicação, o irmão de Publicola, Marco Valério, que havia muito tempo estava junto à porta do templo, espiando e aguardando a ocasião, pôs-se a dizer em voz bem alta: «Senhor cônsul, teu filho morreu doente no campo.» Essa notícia desagradou grandemente a todos os assistentes que a ouviram, mas o cônsul não se perturbou e limitou-se a responder: «Tir ai de lá o corpo para onde quiserdes, pois quanto a mim não quero passar por outro sofrimento.» E continuou até ao fim a dedicação. Ora, a notícia não era verdadeira, mas fora inventada por Marco Valério com o propósito de o fazer desistir da dedicação: no que Horácio se mostrou de grande constância, ou porque tivesse prontamente percebido que era uma fraude, ou porque, embora crendo-a verdadeira, de nenhum modo se comoveu.

XXVIII. Aconteceu um caso quase semelhante na consagração do segundo templo{237}, pois aquele primeiro que Tarquinio edificara e Horácio consagrara foi consumido pelo fogo, ao tempo das guerras civis, e o segundo foi reconstruído por Sila, que não o dedicou, pois a inscrição da dedicação é de Catulo, porque Sila morreu antes de poder dedicá-lo; o segundo foi ainda queimado por ocasião das perturbações e tumultos que houve em Roma sob o imperador Vitélio; o terceiro foi inteiramente reedificado por Vespasiano, que teve a fortuna, entre outras, de o ver concluído e perfeito antes de morrer, e não destruído como aconteceu

depois de sua morte, sobrepassando nisso a felicidade de Sila que morreu antes de poder dedicar aquele que edificara, ao passo que Vespasiano faleceu antes de ver o seu arrumado, pois todo o Capitólio foi completamente incendiado e queimado incontinente após o seu trespasse; e esse quarto que vemos hoje foi edificado e dedicado por Domiciano.

XXIX. Dizem que Tarquínio, somente para fazer os fundamentos do primeiro, despendeu a soma de quarenta mil marcos de prata{238}, mas desse que vemos em nosso tempo, todos os bens do mais rico homem privado que exista em Roma não forneceriam sequer para o que custou a duração, a qual montou a mais de sete milhões e duzentos mil escudos{239}. As colunas ali existentes foram talhadas na pedreira do mármore Pentélico, e as vi em Atenas, onde eram muito bem proporcionadas da grossura à altura; mas depois foram retalhadas e repolidas em Roma, no que não adquiriram tanta graça quanto perderam de proporção, pois ficaram muito miúdas e despidas de toda a primeira beleza.

XXX. Mas aquele que se maravilhasse da magnificência da estrutura do Capitólio, se viesse depois ver dentro do palácio de Domiciano alguma galeria ou algum pórtico, ou alguma sala, ou as estufas, ou os alojamentos de suas concubinas, diria, em meu aviso, o que o poeta Epicarmo disse do pródigo:

É vício teu o dar com profusão,

Pois n isso tens prazer sem reflexão.

Também se poderia em boa causa dizer de Domiciano: Tu não és magnífico nem devoto para com os deuses, mas é um vício que tens o gostar de construir, e desejadas, como se diz do antigo Midas, que tudo o que existe em torno de ti se tornasse ouro e pedra. Mas já se falou bastante a esse propósito.

XXXI. Tarquínio, então, após essa grande batalha na qual perdeu o filho, que combateu sozinho contra Bruto, retirou-se para a cidade de Clúsio, ao lado do rei Porsena, que era o mais poderoso príncipe então existente em toda a Itália, homem de boa natureza e de gentil coração. Porsena prometeu-lhe ajudá-lo e, primeiramente, enviou embaixadores a Roma para intimarem os habitantes a receberem seu rei, o que os Romanos recusaram fazer; mandou-lhes então declarar a guerra, com o tempo e o lugar para onde iria atacá-los, como de fato fez com grande poderio.

XXXII. Publícola, estando ausente, foi eleito cônsul pela segunda vez{240} e com ele Tito Lucrécio. Retornando então a Roma para sobrepujar em grandeza de coragem a esse rei Porsena, pôs-se a construir uma cidade chamada Sigliúria{241}, estando já o rei com seu exército bastante perto de Roma, e, tendo-a cercado de muralhas com grandes despesas, para ali enviou setecentos h abitantes, para mostrar que se importava muito pouco com essa guerra; todavia, Porsena, à sua chegada, mandou atacar o monte Janículo tão vivamente que os guardas que ali tinham sido postos foram repelidos e, fugindo através de Roma, arrastaram atrás de si os inimigos, os quais teriam entrado desordenadamente entre eles, de modo que Publícola lhes saiu ao encontro, atacou-os numa grande escaramuça ao longo do rio Tibre e ali os deteve, depois que, por serem mais numerosos, tinham feito recuar os Romanos; até que,

tendo sido muito ferido nessa escaramuça, foi levado nos braços de sua gente para dentro da cidade. Outro tanto fizeram semelhantemente ao outro cônsul Lucrécio, o que deixou os Romanos muito amedrontados e desencorajados, de tal maneira que se puseram a fugir para a cidade. Os inimigos os perseguiram vivame nte até em cima da ponte de madeira, de forma que a cidade ficou em grande perigo de ser tomada de assalto; mas Horácio Cocles e com ele dois outros jovens dos mais nobres da cidade, Hermênio e Lucrécio{242}, plantaram-se na própria ponte e fizeram face ao inimigo. Asse Horácio foi sobrenomeado Cocles, que vale tanto como dizer zarolho, porque tinha perdido um olho na guerra; todavia, querem outros dizer que era por ser ele muito narigueta e ter o nariz de tal maneira afundado dentro da testa que não se via nada em sua face que lhe separasse os dois olhos, antes estavam os supercílios inteiramente conjuntos; por essa razão, o povo, cuidando sobrenomeá-lo Ciclope, por erro de língua o nomeou, dizem eles, Cocles. Como quer que seja, esse Horácio Cocles teve bem a ousadia de fazer face ao inimigo e sustentar a ponte até que ela se partisse e quebrasse atrás dele. Tendo assim feito, lançou-se todo armado, e ferido na coxa por um golpe de pique toscano, dentro do rio Tibre, e salvou-se a nado até à outra margem. Eis porque Publícola, maravilhado com tão virtuoso ato, persuadiu prontamente os Romanos de que se cotizassem todos para lhe darem tanto quanto um deles despedia em um dia{243}; e depois ainda fez que lhe fosse dada publicamente tanta terra quanta ele pudesse lavrar nos arredores em um dia; e, além disso, ainda mandou que lhe fosse erigida uma imagem de cobre dentro do templo de Vulcano, reconfortando por essa honra a debilitação da coxa onde ele tinha sido ferido e de que tinha ficado manco. Mas, como o rei Porsena se obstinasse em manter estreitamente o sítio de Roma, a penúria começou a trabalhar os Romanos; e assim sobreveio ainda outro exército da Toscana, que percorreu, pilhou e arruinou todo o território de Roma.

XXXIII. Eis porque Publícola, eleito cônsul pela terceira vez{244}, estimou que para bem resistir a Porsena não era preciso senão manter-se quieto e tratar de bem guardar a cidade de Roma. Entrementes, tendo escolhido a ocasião própria, saiu secretamente fora da cidade com seu exército e foi encontrar os Toscanos que percorriam todo o plano país e os derrotou em batalha, tendo morto até ao número de cinco mil. Agora, quanto à história de Múcio, vários a contam diversamente; mas eu a escreverei da maneira que me parece mais verossímil. Asse Múcio era homem de bem em tudo e por tudo, mas principalmente na guerra; e, procurando o meio de poder matar o rei Porsena, vestiu-se à guisa dos Toscanos e, falando bem a língua Toscana, foi até ao acampamento dele, onde se aproximou da cadeira na qual dava audiência e, não o conhecendo com certeza, não ousou perguntar quem era, com receio de ser descoberto; assim tirou sua espada e com ela matou aquele que cuidava ser o rei. Imediata mente preso e interrogado, como ali houvesse um fogareiro cheio de fogo para o rei que queria sacrificar aos deuses, estendeu a mão direita sobre o fogo, encarando francamente Porsena entre os dois olhos, enquanto a carne de sua mão se tostava, com uma fisionomia constante e segura, sem de nenhum modo se mover, até que o rei, espantado de ver coisa tão estranha, mandou que o deixassem e ele próprio lhe deu sua espada. Múcio tomou-a com a mão esquerda, pelo que dizem haver tomado o nome de Cévola, que vale tanto como dizer canhoto, e lhe disse: «Tu não poderias vencer-me pelo medo, Porsena, e me venceste por honestidade, de modo que desejo revelar-te por amor uma coisa que jamais revelaria pela força: há trezentos Romanos espalhados no teu acampamento, com a mesma vontade e o mesmo propósito que eu, não procurando senão o meio e a ocasião de poderem executá-lo: a sorte recaiu em mim e foi preciso que eu tentasse a fortuna em primeiro lugar; todavia, não lamento ter falhado no matar um homem de bem, que é digno de ficar antes amigo do que inimigo dos Romanos.» Porsena, tendo ouvido essas palavras, ajuntou-lhes fé e daí por diante começou de bom grado a prestar mais ouvido aos que iam falar-lhe de acordo, não tanto, em meu aviso, por medo que tivesse daqueles trezentos que espiavam os meios de poder matá-lo quanto por admiração pela grandeza de coragem dos Romanos. Todos os outros historiadores chamam a esse personagem Múcio Cévola, mas Atenodoro, sobrenomeado Sândon, numa história que dedicou a Otávia, irmã de Augusto, diz que ele se chamava também Opsígono{245}.

XXXV. Mas Publícola, estimando que o rei Porsena não era tão perigoso inimigo de Roma quanto seria aproveitável aliado e amigo, fez-lhe saber que estava contente de o fazer a ele

próprio juiz da diferença que eles tinham com Tarquínio: o qual ele provocou por várias vezes a vir debater judicialmente sua querela diante do rei Porsena; e provaria ser ele o mais perverso e mais desgraçado homem do mundo, tendo sido em bom direito expulso. Tarquínio respondeu orgulhosamente que não queria que ninguém fosse seu juiz e menos ainda Porsena do que qualquer outro, visto como, tendo-lhe prometido restabelecê-lo em seu estado, mudava já de vontade. Porseṇa ficou indignado com essa resposta, julgando que era sinal bem certo de que ele tinha má causa. Diante disso, sendo ainda solicitado por seu próprio filho, chamado Arunte, que favorecia os Romanos, facilmente lhes outorgou a paz desde que eles lhe entregassem as terras que antes haviam conquistado dentro do país da Toscana, com os prisioneiros que haviam feito nessa guerra, em troca dos quais lhes devolveu também entre suas mãos os da cidade que tinham ido entregar-se a ele: para segurança desse acordo, os Romanos deram dez nobres filhos das melhores casas da cidade e outras tantas filhas, entre as quais estava Valéria, a própria filha de Publícola.

XXXV. Assi m firmado o acordo e tendo já Porsena desfeito o seu exército e toda equipagem de guerra, para confiança da paz, as moças Romanas, que tinham sido entregues como reféns, desceram à borda do rio para se lavarem, num lugar onde o rio se curvava em forma de crescente, dentro do qual a água estava muito pacífica, sem estar agitada nem perturbada por vagas quaisquer; quando lá chegaram e viram que não havia guardas em tôrno delas, nem passantes, nem barcos subindo ou descendo, deu-lhes vontade de atravessar a nado o rio, que era muito frígido e muito profundo. Assim dizem alguns que houve uma, chamada Clélia, que passou sobre um cavalo, segurando e encorajando as outras que passavam a nado de ambos os lados dela; e, tendo assim passado a água, foram apresentar-se diante do cônsul Publícola, o qual não as louvou pelo que haviam feito, nem com isso se mostrou contente, antes se desgostou, temendo se estimasse que era menos zeloso no guardar sua fé do que o rei Porsena e se pudesse suspeitar que a ousadia daquelas moças fosse uma astúcia e malícia dos Romanos; portanto, fez que todas fossem incontinente reconduzidas a Porsena, Disso advertido, Tarquínio, preparou u ma emboscada para aqueles que as conduziam; e, logo que estes passaram o rio, pôs-se a persegui-los, pois eram em muito menor número, não obstante se defendessem; mas, enquanto combatiam, Valéria, a filha de Publícola e três de seus servidores escaparam através dos combatentes e se salvaram, tendo as outras ficado no meio das armas, não sem grande perigo para suas pessoas; disso advertido, Arunte, o filho de Porsena, acorreu incontinente, mas à sua chegada os inimigos puseram-se em fuga, e os Romanos acabaram de reconduzir suas reféns. Porsena, revendo-as, perguntou qual delas tinha começado a passar em primeiro lugar e encorajado as outras a fazerem o mesmo: mostraram-lhe e disseram-lhe que se chamava Clélia. Ele olhou-a alegremente e mandou que lhe levassem um dos melhores cavalos de sua coudelaria, com os mais belos e mais ricos arneses que ali houvesse, e lhes deu. Os que sustentam não ter havido senão Clélia na passagem do rio a cavalo alegam isso tomo testemunho do seu dizer; outros o negam, dizendo que o rei Toscano quis somente honrar sua viril magnanimidade. Como quer que seja, vê-se ainda a imagem a cavalo na rua sagrada por onde se vai ao palácio; e dizem uns que é a estátua de Valéria, outros a de Clélia,

XXXVI. Mas Porsena, tendo feito a paz com os Romanos, ao retirar-se mostrou-lhes sua magnificência em várias outras coisas e, do mesmo modo, ao proibir que sua gente levasse nada além de suas armas somente, deixando o acampamento cheio de trigo, víveres e toda sorte de bens: de onde resulta ainda hoje que, ao vender-se em leilão alguma coisa pertencente ao público, o oficial de justiça grita que são bens do rei Porsena, para render-lhe graças e honrar sua liberdade e beneficência com essa lembrança eterna, e assim há ainda hoje uma imagem dele junto ao palácio onde se acha o Senado, feita de material muito grosseiro da antiguidade.

XXXVII. Depois, tendo os Sabinos entrado em armas dentro do país dos Romanos, Marco Valério, irmão de Publícola, foi eleito cônsul{246} com Postúmio Tuberto; mas, não obstante isso, todas as coisas de grande consequência se faziam segundo o conselho e a autoridade de

Publícola, que a tudo estava pres ente; e, por seu intermédio, Marco, seu irmão, ganhou duas grandes batalhas, na última das quais derrotou treze mil homens dos inimigos sem perder um só dos seus. Pelas quais vitórias, além da honra do triunfo alcançado, foi-lhe ainda edificada u ma casa a expensas da coisa pública na região do monte Palatino, e foi-lhe permitido abrir sua porta para fora, da rua, quando todas as outras se abriam dentro da casa, querendo significar que na outorga dessa honra o público estava sempre compreendido. Dizem que as casas dos Gregos se abriam todas assim antigamente, e tal se conjectura pelas comédias nas quais aqueles que desejam sair de casa batem e fazem soar as portas por dentro das casas, a fim de que, se porventura houver alguém esperando do lado de fora, ou algum passante que se ache no lugar, ouvindo o ruído se ponha de lado, por medo de que a porta o atinja empurrando-o para a rua.

XXXVIII. No ano seguinte, Publícola foi eleito cônsul pela quarta vez{247}, porque se esperava que os Sabinos e os Latinos começassem juntos a guerra; além disso, um temor supersticioso tinha invadido toda a cidade, porque as mulheres grávidas davam à luz filhos quase todos defeituosos{248} e imperfeitos em alguma parte do corpo, e não havia nenhum que viesse a termo. Eis porque Publícola, mandando consul tar os livros da Sibila, fez alguns sacrifícios particulares a Plutão e restabeleceu algumas festas e jogos solenes que outrora tinham sido injungidos pelo oráculo de Apoio, Tendo essas medidas regozijado um pouco a cidade com boa esperança, porque se pensou que a cólera dos deuses estivesse apaziguada, ele começou depois a prover aos perigos que os ameaçavam da parte dos homens, por isso que havia notícias de que inimigos lhes surgiam de todos os lados e faziam grandes preparativos para atacá-los. Ora, havia então entre os Sabinos um personagem chamado Ápio Clauso{249}, homem muito rico e opulento em bens, forte e disposto de pessoa, e além disso o primeiro homem de sua nação em eloquência e em reputação; mas o que costumeiramente advém aos grandes personagens, o serem sujeitos à inveja, ele não pôde evitá-lo; se antes murmuravam contra ele, ainda aumentaram muito mais os murmúrios, quando cuidou de intrometer-se para desviar essa guerra que se queria começar contra os Romanos, dizendo os in vejosos e malevolentes que ele procurava acrescer o poderio dos Romanos para depois, com seu auxílio, poder fazer-se tirano e senhor do país, O povo miúdo prestava de bom grado ouvidos a tais palavrórios, e bem sentia Ápio que era muito odiado pelos homens de guerra, de sorte que receava que o levassem à justiça; eis porque, tendo bom número de parentes, amigos adeptos e aderentes, promoveu uma sedição entre os Sabinos, o que foi causa do retardamento dessa guerra contra os Romanos. Publícola, de seu lado, se esforçava não só por entender as particularidades dessa sedição, mas também por aumentá-la e inflamá-la cada vez mais, tendo homens categorizados para fazê-lo, os quais levavam de sua parte tais palavras a Ápio, que Publícola bem sabia ser homem direit o, incapaz de vingar-se de seus concidadãos em detrimento do país, ainda que pelas injustiças que lhe faziam lhe dessem grandes motivos para isso; mas, se pretendesse prover à segurança de sua pessoa e retirar-se para Roma, livrando-se das mãos daqueles que sem causa lhe queriam tão grande mal, seria recebido em público e em particular tão honrosamente como sua virtude o merecia e a magnificência do povo Romano o requeria. Clauso, tendo consultado longamente e por várias vezes a si mesmo sobre esses propósitos, concluiu afinal que era o melhor partido que podia tomar na necessidade em que se achava; e, tendo resolvido fazê-lo solicitou ainda a seus amigos que fizessem o mesmo, e eles ainda ganharam outros, de maneira que ele retirou das terras dos Sabinos cinco mil famílias{250}, com mulheres e crianças, que então levou consigo para morarem em Roma. Era tudo quanto havia de gente dócil e amante do repouso da paz entre os Sabinos. Do que Publícola tendo sido bem advertido antes, os recebeu humanamente, com grande alegria e com toda sorte de bom tratamento; pois deu, ao chegarem direito de burguesia a todas as suas famílias e distribuiu-lhes por cabeça dois arpentes de terra, ao longo do rio Teverone, e quanto a Ápio, deu-lhe vinte e cinco{251} e o recebeu no número dos senadores.

XXXIX. Eis aí como chegou ele ao governo da coisa pública em Roma, onde tão prudente e sabiamente se comportou que por fim ali adquiriu o primeiro lugar em autoridade, crédito e dignidade, enquanto viveu; e depois lhe deixou a família dos Claudianos, descendentes deles, a qual em nobreza e em glória não cede a nenhuma outra casa antiga de Roma. Mas tendo sido apaziguada a dissensão entre os Sabinos pela retirada daqueles que tinham ido habitar

em Roma, os sediciosos governadores não deixaram os outros viverem em paz, antes gritaram que isso seria enorme vergonha, que Clauso fugitivo e tornado inimigo fez o que no presente não tinha podido obter, que os Romanos não fossem por eles punidos por erros e injúrias que lhes faziam. Assim reuniram um grande e poderoso exército, com o qual foram acampar perto da cidade de Fidenas e armaram uma emboscada bem perto de Roma, em certos lugares cobertos e esburacados, onde puseram dois mil homens a pé, todos bem escolhidos e bem armados, e deviam no dia seguinte de manhã mandar à frente, alguns a cavalo, correr até às portas de Roma, advertindo-os de que, quando os da c idade saíssem sobre eles, fizessem menção de fugir, até os atraírem para o lugar onde estava a emboscada. Publícola ouviu isso, ponto por ponto, de um traidor que fora entregar-se a ele: preveniu-se e preparou-se contra todos os espias, fazendo partir o seu exército; depois, deu a seu genro Postúmio Balbo três mil homens a pé, que ele fez partir à tarde, e o enviou para tomar as colinas em cujas folhagens os Sabinos deviam esconder-se de emboscada. Seu companheiro no consulado, Lucrécio, tendo os mais ligeiros e mais dispostos jovens da cidade, foi mandado para fazer frente aos corredores e forrageiros, e ele com o restante do exército fez um grande circuito para cercar os inimigos pela retaguarda. No dia seguinte de manhã, por acaso, fez um nevoeiro muito espesso; e, no mesmo instante, Postúmio, descendo das colinas com grandes gritos, atacou os que estavam de emboscada. Lucrécio, do outro lado, começou também a atacar os corredores, e Publícola penetrou no seu acampamento; de maneira que em todos os lugares os negócios dos Sabinos se portaram muito mal, pois foram batidos por toda parte, e os Romanos os mataram em fuga, sem que eles voltassem o rosto para se porem em defesa, de sorte que isso em que eles punham a esperança de sua salvação se lhes tornou mortal derrota, porque cada uma de suas tropas, cuidando que as outras estivessem intactas, se dispersava quando iam atacá-la, e não havia nenhuma que lhes fizesse frente: aqueles que estavam dentro do acampamento corriam para os que se achavam de emboscada e, ao contrário, os da emboscada corriam para o acampamento, de tal maneira que, ao fugirem, chocavam uns com os outros e encontravam aqueles na direção dos quais fugiam, e cuidando estarem em segurança, tinham também grande necessidade de auxílio como eles próprios; e o que os livrou de serem todos postos em pedaços foi a cidade de Fidenas, que ficava perto, do mesmo modo que fugiram do acampamento quando este foi surpreendido; mas os que não puderam ganhar a cidade a tempo foram todos mortos no acampamento, ou aprisionados,

XL. A glória de tão feliz proeza, ainda que os Romanos se tenham acostumado a atribuir todas essas grandes coisas ao destino e referi-las ordinariamente à graça dos deuses, foi contudo julgada então por eles como devia somente à providência do capitão, pois não se ouvia dizer outra coisa entre os que tinham entrado em ação, senão que Publícola lhes tinha entregue entre as mãos, para os matarem à vontade, os inimigos, coxos e cegos, e por assim dizer de mãos e pés atados e encerrados. O povo enriqueceu grandemente com essa vitória, tanto pelos outros despojos como pelo número de prisioneiros. E Publícola, após haver triunfado e posto o governo da cidade de Roma entre as mãos daqueles que tinham sido eleitos cônsules para o ano seguinte{252}, morreu incontinente, tendo usado seus dias em tudo o que os homens estimavam virtuoso e honroso, tanto quanto ao homem em vida é dado fazer. E o povo, como se durante sua vida não lhe houvesse prestado nenhuma honra e lhe fosse ainda devedor de todos os bons e grandes serviços por ele prestados em vida à coisa pública, ordenou que ele seria enterrado às expensas do público; de maneira que, para fazer-lhe os funerais, cada cidadão contribuiu com uma pequena peça de moeda, que se chama quatrim{253}, e as mulheres também, para o honrarem à parte, decidiram entre si que durante um ano inteiro usariam luto por sua morte, que foi um luto muito honroso e muito glorioso em sua memória. Assim foi enterrado, por expressa ordenança do povo, dentro da cidade, na região que se chama Vélia{254}; e foi também outorgado privilégio a toda a sua posteridade para ser semelhantemente sepultada; todavia, ali não mais se enterra agora ninguém de sua raça, mas, quando algum morre, o corpo é levado àquele lugar, onde alguém, segurando uma tocha ardente, coloca-a debaixo e depois a retira incontinente, para mostrar que eles têm bem o privilégio de inumá-lo ali, mas que voluntariamente desistem dessa honra; e, feito isso, levam o corpo para fora dali.

A COMPARAÇÃO DE SÓLON COM PUBLÍCOLA

Ora, para fazer-se a comparação desses dois personagens, parece haver uma coisa própria de ambos e que não se encontra em nenhuma outra vida dentre as quais escrevemos até aqui: é que um foi testemunho e o outro imitador daquele ao qual se assemelha. E que seja isso verdade, a sentença que Sólon pronunciou diante do rei Creso, n o tocante à felicidade de Telo, convém muito melhor a Publícola do que a esse Telo, o qual julgou haver sido muito feliz, porque morto com honra, que tivesse vivido virtuosamente e deixado belos filhos, e todavia não faz menção dele em nenhuma passagem de seus poemas, como de personagem de excelente virtude; e assim não teve jamais em sua vida honroso encargo, nem deixou filhos que tivessem sido muito renomeados após a morte; ao passo que Publícola, enquanto viveu, foi sempre o primeiro homem dos Romanos em todo crédito e toda autoridade; e, depois de sua morte, algumas das mais nobres famílias e mais antigas casas ainda existentes em Roma até ao nosso tempo, há já seiscentos anos, como a casa dos Publícolas, a dos Messalas e[{255}] a dos Valerianos, referem a glória de sua nobreza e de sua antiguidade nele. E, o que é mais, Telo foi morto por seus inimigos, combatendo valentemente como homem de bem e guardando bem sua linhagem; e Publícola morreu após haver matado os seus, o que é coisa maior e mais feliz do que haver sido morto; e, após ter visto seu país vitorioso sob seu comando e por sua conduta, tendo ainda em vida recebido as honras e os triunfos que lhe eram devidos, teve o fim de seus dias e a saída de sua vida como Sólon tanto desejava e reputava tão feliz. Ademais, assim ele exclama, à maneira de aspiração, na passagem em que contradiz a Mimnermo, no tocante ao curso e à duração da vida humana, dizendo:

Não deixe pelos meus a minha morte De ser sentida com atroz transporte, E que eu morrendo aos meus amigos deixe De lamentos e lágrimas um feixe.

Se isso é felicidade, ela torna Publícola grandemente feliz, pois com sua morte não deixou so mente aos parentes e amigos, mas a toda a cidade, e a tantos milhares de pessoas, lágrimas, lamentos e dor por sua morte: pois as mulheres Romanas o choram todas e por ele usaram luto nem mais nem menos do que se tivesse cada qual perdido o próprio pai, irmão ou marido.

Que ter bens eu deseje é bem verdade,

Mas por direito meus, com equidade.

Isso disse Sólon, porque a vingança seguiu-se depois,

II. E Publícola guardou-se não só de adquirir bens injustamente, mas aqueles que teve os despendeu com honestidade, socorrendo os que deles tinham carência; de sorte que, se em bom direito Sólon foi reputado sábio, é preciso confessarmos também que Publícola foi muito feliz, pois o que um deseja como sendo o maior, mais completo e mais perfeito bem que o homem poderia ter neste mundo, o outro a adquiriu, conservou e levou a efeito durante toda a vida até à morte. Por essa forma Sólon honrou Publícola, e Publícola reciprocamente fez honra a Sólon, dando tão perfeito exemplo e tão belo espelho onde se pode ver como é preciso governar uma coisa pública popular, quando tirou a seu consulado toda a pompa e toda a soberba aparência e se tornou generoso, cortês e amável com toda a gente. Serviu-se também de várias de suas leis, como naquela em que quis que somente o povo tivesse autoridade para eleger todos os oficiais e magistrados públicos, e que se pudesse apelar de todos os juízes para o julgamento definitivo do povo, como Sólon quando permitiu apelar do povo perante os

juízes.

III. Verdade é que Publícola não criou um novo Senado como fez Sólon, mas aumentou o número do primeiro de tantas pessoas quase quantas havia antes. O estabelecimento dos tesoureiros para manejar as finanças veio também semelhantemente daí, a fim de que o soberano magistrado, se é homem de bem, não se divirta por ligeiro motivo em vacar-se a melhores e maiores negócios; e também, se é mau, não tenha tanto meio de executar sua má vontade, tendo na mão o manejo dos negócios e do dinheiro. Além disso, o ódio aos tiranos foi mais áspero e mais veemente em Publícola, pois Sólon puniu em suas leis aquele que tentasse fazer-se tirano, depois que disso fosse convencido; e Publícola permite matá-lo, antes que levá-lo à justiça. E, quanto a ser Sólon glorificado, justa e verdadeiramente, porque recusou fazer-se senhor até pelo consentimento de seus concidadãos, esse louvor não é menos devido a Publícola, o qual, achando tirânica a dignidade do consulado, tornou-a mais moderada e mais popular, não usando de toda a autoridade, como bem poderia fazê-lo. E parece que Sólon conheceu antes dele ser esse o verdadeiro meio de governar um estado político, pois diz numa passagem:

Os grandes e os pequenos obedecem, Quando nem pouco nem demais padecem,

IV. Há uma coisa própria e peculiar a Sólon: é a abolição de todas as dívi das, que foi inteira confirmação de liberdade, porque de nada servem as leis que pretendem haja igualdade entre os cidadãos quando as dívidas impedem os pobres de gozá-la; antes, quando parece que usam mais de sua liberdade, como no poderem ser eleitos juízes e oficiais, e no dizerem suas opiniões no conselho e darem seus votos, é onde se tornam mais servos e mais sujeitos, porque não fazem senão obedecerem a tudo o que lhes mandam os ricos. Mas ainda há nesse ato coisa mais maravilhosa e mais notável: é que ordinariamente essas abolições de dívidas costumam acarretar grandes tumultos e grandes sedições nas coisas públicas; e Sólon, tendo usado delas em tempo oportuno, nem mais nem menos do que de uma medicina perigosa e ousada, apaziguou a sedição já em curso, amortecendo, por sua glória e pela opinião que se tinha publicamente de sua probidade e de sua virtude, toda infâmia e toda calúnia que pudesse nascer desse fato.

V. Quanto à primeira entrada no governo dos negócios teve Sólon mais ilustre começo, pois marchou à frente e não seguiu outro; e sozinho, sem ser acompanhado de outros, fez e executou a maior parte de suas mais belas façanhas, Mas também a saída de Publícola foi muito mais gloriosa e mais feliz; pois Sólon, antes de morrer, viu sua coisa pública arruinada, ao passo que a de Publícola sempre se manteve depois intacta, até no tempo das guerras civis, Sólon, após haver feito e escrito suas leis em rolos de madeira, sem que tivessem nenhuma pessoa para defendê-las, retirou-se incontinente para fora da cidade de Atenas; ao passo que Publícola, ficando continuamente em Roma no manejo dos negócios, fundou e deu pé firme às suas. Ademais, Sólon, tendo bem previsto as manobras de Pisístrato, pelas quais ele aspirava ao principado e a fazer-se tirano, jamais pôde todavia impedi-las, antes ele mesmo vencido e oprimido pela tirania que se estabeleceu em sua vida, mal grado seu; ao passo que Publícola aboliu e arruinou uma poderosa realeza que havia longo tempo tomara pé e estava inteiramente estabelecida, tendo além disso a virtude igual e a intenção semelhante, fortuna próspera com poder suficiente para executar sua virtuosa vontade.

VI. Mas, quanto aos feitos de armas e proezas de guerra, há pouca conferência entre eles, pois o próprio Daimaco de Platéia não atribui a Sólon o feito de Mégara, como escrevemos; ao passo que Publícola, sendo chefe de exército e combatendo ele próprio em pessoa, ganhou várias grandes batalhas. E, ainda quanto às ações civis e negócios da paz, Sólon não ousou apresentar-se francamente para insuflar a emprêsa de Salamina, senão sob a cobertura de ter perdido o juízo, e sob uma forma de pilhéria e passatempo; ao passo que Publícola, jogando a

sorte, desde o começo se declarou, sem nada dissimular, abertamente inimigo de Tarquínio e, depois, ainda descobriu a conjuração; e, tendo sido principal causa e autor da ordem de punição dos traidores conjurados, expulsou não somente as pessoas dos tiranos para fora de Roma, mas também tirou-lhes toda esperança de retorno. E, tendo-se portado assim generosa e virtuosamente, sem jamais curvar-se nem variar nos negócios que requeriam força, coragem e resistência aberta, portou-se ainda mais sabiamente nas coisas que tinham necessidade de prudência sem força, de razoáveis advertências e de prudente persuasão, quando destramente conquistou o rei Porsena, que era inimigo temível e invencível pela força, para com o qual fez tanto que ele se lhe tornou amigo.

VII. Todavia, também se poderia insistir nesse ponto, que Sólon recuperou para os Atenienses a ilha de Salamina, que eles queriam perder; e, ao contrário, Publícola entregou a Porsena as terras que os Romanos tinham antes conquistado dentro do país da Toscana. Mas é preciso sempre considerar os tempos nos quais as coisas foram feitas, pois um sábio governador de estado e homem político se governa diversamente segundo as ocasiões, tomando cada coisa pela extremidade em que ela se deixa manejar: bem frequentemente abandonando uma parte, salva o todo e, perdendo um pouco, muito ganha — como fe z então Publícola, pois que, perdendo um pouco de território que havia sido usurpado de outrem, conservou tudo o que era certamente seu. E, quando os Romanos estimavam que seria muito para eles o poderem apenas salvar sua cidade, ele lhes adquiriu a maioria dos bens que estavam no campo dos inimigos que os mantinham sitiados; e, fazendo o inimigo juiz de sua diferença, ganhou-lhe a causa e assim adquiriu mais o que teria sido bem fácil dar para vencer e obter na judicatura de sua diferença; pois o rei inimigo não somente fez a paz com eles, mas ainda lhes deixou toda a sua equipagem e t odas as provisões e munições de guerra, pela opinião da virtude, probidade e legalidade que o bom-senso do cônsul o fez estimar existirem em todos os outros Romanos.

Observações

SOBRE A VIDA DE TE SEU

CAP. XXVI. Trazei-lhe pão saboroso. Amyot não entendeu esses versos, que são muito difíceis de explicar de maneira satisfatória. Eis como acredito se possam traduzir:

— "A Iresione (o ramo sagrado) traz figos e pão saborosos; traz mel num vaso, óleo para esfregar o corpo e uma copo de vinho puro, para adormecer depois de estar inebriada."

Eu li no primeiro verso com Eustátio, sobre Homero, página 1283, phérei em lugar de phérein; mas não entendo o terceiro verso e não sei o que se relaciona com os an methyoysa katheyde, pela qual ela adormece depois de estar inebriada. Dacier traduz: E as velhas encontram em ti esse doce néctar com o qual se inebriam e que as adormece. Não sei de onde ele tirou isso, pois não se trata de velhas no texto. É provável que' esses versos não sejam senão o fragmento de um poema mais considerável e que esse último verso tenha relação com os que se perderam. C.

CAP. XXX. Peloponeso é para o Sol poente. Amyot foi torturado pela rima e pelo verso. A inscrição da coluna trazia na face oriental:

Aqui não é o Peloponeso, mas a Jônia.

E na face ocidental:

Aqui é o Peloponeso e não a Jônia.

O imperador Adriano imitou essa inscrição naquela que se vê ainda em Atenas sobre o monumento que erigiu entre a antiga e a nova cidade. De um lado: Aqui é Atenas, a antiga cidade de Teseu, e do Quatro Aqui é a cidade de Adriano, e não a de Teseu.

SOBRE A VIDA DE RÓMULO

CAP. XXVI. Tarpéia, a jovem que morava então, etc.

Eis como esses versos devem ser traduzidos:

"Sobre o cimo do Capitólio morava Tarpéia, que fez tomar Roma; pois que, na esperança de esposar o rei dos Celtas, entregou-lhe a casa do próprio pai."

Amyot afastou-se ainda mais do sentido nos versos que seguem, que Dacier traduziu muito bem:

"Os Bóios e os Celtas não a enterraram para além do Pó e não cortaram os cabelos sobre o seu sepulcro; mas atiraram sobre a infeliz os seus broquéis, que foram os únicos ornamentos de seu túmulo."

Observarei que Dacier leu no texto:

reíthron ektos ethento Pádoy, lição que Reiske diz ter encontrado numa das edições de Aldo e que eu acredito a melhor; os Gauleses estavam para além do Pó, relativamente à Itália; e o poeta queria dizer com isso que o rei dos Celtas não a levara para o seu país.

CAP. XXX. As legiões de seis mil homens a pé. Não foi senão em tempos bem posteriores a Rómulo, e muito raramente, que se viram legiões romanas compostas de seis mil homens. Que significa pois, aqui a observação de Plutarco? Ela mostra o que se fez após a reunião dos Sabinos com os Romanos. Para se estabelecer perfeita igualdade entre as duas nações, a juntaram-se cem patrícios Sabinos aos cem patrícios Romanos. A mesma coisa se fez no domínio militar. Os Sabinos tiveram também sua legião. Foi então que a legião reunida dos Sabinos e dos Romanos foi composta de seis mil homens a pé e seiscentos homens a cavalo.

CAP. XL. Os Toscanos se originaram dos Sardos. Sardes era a capital da Lídia. Tornou-se, sob os Romanos, uma Corte de Justiça muito extensa, que se chamava a Sardiana. Plínio, Hist. Nat. V, 9. Segundo Plutarco, os Toscanos vieram de Sardes; como vimos mais acima, cap. XXIII, os Sabinos descendiam dos Lacedemônios. O grito dos Sardos em leilão seria pois, do tempo de Rómulo. Outros, entretanto, pretendem que esse grito é mais recente e que não começou senão muitos séculos depois, quando a Sardenha foi tomada pelo cônsul Tibério Semprônio Graco. Gritou-se: Os Sardos em leilão, cada qual mais perverso do que o outro.

SOBRE A VIDA DE LICURGO

CAP. IX. Depois que tiveres edificado um templo a Júpiter Silaniano e a Minerva Silaniana. Essa passagem é muito difícil de interpretar e, como está no dialeto dos Lacedemônios, que conhecemos pouco, não é fácil corrigir. Dacier propõe pôr Júpiter Selásio e Minerva Selasiana, porque Selásia era uma cidade da Lacônia, às margens do Eurotas; Bryant propõe se leia: Júpiter Helaniano e Minerva Helaniana. Os Lacedemônios descendiam, como se sabe, de Doro, filho de Helen," e eram mesmo, segundo Heródoto, livro I, parágrafo 56, os principais dos Dórios: não seria, pois surpreendente que as suas duas principais divindades conservassem nomes que lhes recordassem a origem; e, por pouco que se conheça a afeição dos Gregos por sua metrópole, seria estranho que assim não fosse. Eis, pois, como eu creio dever ler a passagem:

Dios Ellaníoy es Athenas Ellanías ieron idrysaménon, phylas phyláxanta, es obas abaxanta, triákonta geroysían syn archagétais katarésanta, oras ex oras apellázein metaxy Babykas te es Knakíonos, otos eisphézein; es aphisatho damo exoysían eimen es krátos.

E creio dever traduzi-lo assim: "Depois que tiveres edificado um templo a Júpiter Heleniano e a Minerva Heleniana, e dividido o povo em linhagens e em tribos, estabelecerás um Senado de trinta conselheiros, inclusive os dois reis, e reunirás o povo de tempos a tempos entre o Babício e o Cnácion; aí o Senado proporá as leis e o povo terá o direito de rejeitá-las."

Plutarco ajunta em seguida, à guisa de interpretação: "Phylas phylaxai, obas obaxai, é dividir o povo em diferentes porções, das quais umas se chamam phyla e as outras oba; os archagetae são os reis; apellázein é reunir o povo- Essa palavra vem de Apolo, porque a ele se devem os primórdios da ordem civil: Cnácion chama-se agora Oinonte; mas Aristóteles diz que o Cnácion era um rio e que o Babício era uma ponte.

O pouco espaço de que disponho não me permite justificar as modificações que introduzi e que estão de acordo com o que Plutarco diz um pouco mais abaixo.

CAP. XII. Repartir as terras. Um grande caráter, de grandes exemplos, poucas leis, mas gerais e sem exceção, fundadas sobre a igualdade, a estima da glória e o amor ao bem público, eis a arte de Licurgo; eis o que fez a força da instituição lacedemônia e de todas as que se lhe aproximaram. Tais espécies de instituições são extremas: subsistem ou caem com suas leis. Foi o que levou Montesquieu a dizer: "Peço que se atente um pouco a extensão do gênio que foi necessário a esses legisladores para verem que, chocando todos os usos recebidos, confundindo todas as virtudes, mostrariam ao universo sua sabedoria. Combinando o latrocínio com o espírito de justiça, a mais dura escravidão com a extrema liberdade, os sentimentos mais atrozes com a maior moderação, deu Licurgo estabilidade à sua cidade. Parecia tirar-lhe todos os recursos, as artes, o comércio, o dinheiro, as muralhas: tem-se ali ambição sem esperança de melhorar; os sentimentos são naturais, sem que ninguém seja filho, nem marido, nem pai; o próprio pudor é tirado à castidade. Foi por esses caminhos que Esparta chegou à grandeza e à glória, mas com tal afalibilidade de suas instituições que não se obteria nada contra ela ganhando batalhas, se não se chegasse a tirar-lhe a polícia." Espírito das Leis, IV, 6.

CAP. XXV. A frequentarem as procissões, dançarem nuas, etc. Amyot não seguiu a lição recebida: gymnás te polyteyein, o que poderia significar irem nuas pela cidade, embora eu não me lembre de ter visto em outra parte a palavra polyteyein empregada nesse sentido; aliás, não é verdade que elas andassem nuas pela cidade, e a passagem de Plutarco, que Bryant cita para apoiar a lição ordinária, não diz isso: vê-se aí somente que as moças de Esparta iam à cidade com vestidos abertos dos lados, deixando ver as coxas. (Paralelo entre Licurgo e Numa, cap. VI); mas não se trata, como aqui, de nudez absoluta.

Amyot parece ter lido pomoeyein, a julgar por sua tradução. Essa correção ocorreu também ao espírito de Bryant, que a apoiou com a passagem seguinte de Plutarco, Apophith. Lec. t. VI, página 849: memphoménon de tinon ten lymnosin ton parthénon en tais pampais- Alguns censuram o costume de andarem as moças nuas nas procissões, e ela é ainda melhor apoiada pelo que diz Plutarco, Vida de Licurgo, no capítulo seguinte: Ademais, era isso um estímulo que atraía os jovens ao casamento; assim entendo esses jogos, danças e divertimentos a que se entregavam as moças inteiramente nuas na presença dos rapazes. Plutarco emprega também aqui a palavra pompas, que Amyot tomou mal por jogos, quando significa procissões. Dacier encontrou num manuscrito pykteyein, e Salvino em outro palaíein. Essas duas lições não são más e significariam que elas lutavam inteiramente nuas; mas eu prefiro a lição seguida por Amyot. C.

CAP. XXXIX. Quanto a mim, sou de opinião que os Lacônios, etc- O sentido dessa passagem não foi apreendido por Amyot nem por alguns outros tradutores; eles não viram que Plutarco citou a resposta de Agis somente para fazer uma comparação entre as espadas dos Lacedemônios e os seus discursos. Eis como é preciso traduzi-la: "O rei Agis respondeu um dia a um Ateniense que zombava das espadas usadas pelos Lacedemônios, dizendo que os saltimbancos e prestidigitadores as engoliam facilmente no teatro diante de toda a gente: E todavia, disse Agis, assim repelimos bem os nossos inimigos; do mesmo modo, sou de opinião que o discurso dos Lacedemônios é curto, mas atinge muito bem o objetivo e se faz entender muito bem pelos ouvintes." C.

CAP. XLVI. O rei sacrificava primeiramente às Musas, para recordar aos combatentes, como me parece, a disciplina na qual tinham sido educados e os julgamentos. Há no grego: anamimnéskon os eoike, tes paideías es ton Kríseon. Essa palavra Kríseon, que Amyot traduziu por julgamentos, não tem nenhum sentido: achou-se num manuscrito poiésecs, o que seria melhor; mas creio ser preciso ler reséon, sentenças: "para recordar aos combatentes a disciplina na qual tinham sido educado e as sentenças que lhes tinham ensinado."

SOBRE A V IDA DE NUMA

CAP. XVI. M as a ponte de pedra. Amyot não é exato nessa passagem. Ele devia traduzir: "a ponte de pedra foi construída muito tempo depois pelo questor Emilio. Dizem mesmo que a ponte de madeira não existia no tempo de Numa e que foi construída depois, quando reinava seu sobrinho Márcio-" Essa ponte ficava ao pé do monte Aventino, perto do lugar que se chama agora Ripa Grande. Sob os imperadores, ela trazia ainda os nomes de Ponte de Madeira e Ponte Emílio. O rei Márcio é Anco Márcio, quarto rei dos Romanos.

CAP. XVII. Um vaso oco, composto da costa de um triângulo. A descrição dos espelhos ardentes e do seu uso não é muito precisa nem bastante exata em Amyot. Eis o relato de Plutarco: "Se o fogo das vestais vem a extinguir-se, dizem eles que não se deve tornar a acendê-lo com outro fogo, mas fazer um novo, tirando do sol uma flama pura e nítida. Servem-se eles ordinariamente de vasos ocos, cuja superfície côncava é formada pelo lado de um triângulo retângulo isósceles: tudo vai terminar da circunferência em um ponto. Quando esses vasos são colocados em face do sol, os raios, refletidos de todas as partes da circunferência, se reúnem, entremisturando-se no ponto; eles sutilizam-se, dividem o ar: os raios que adquiriram pela reflexão a natureza e a ponta candente do fogo, queimam prontamente as matérias secas e áridas que se lhes apresentam." Esses espelhos ardentes eram de bronze. A ponta, ou o centro, como se exprime Plutarco, é o foco. A razão pela qual ele diz que se serviam ordinariamente desses espelhos é que havia outra maneira, talvez mais antiga, de fazer fogo. Ela é relatada por Festo. Tomava-se uma tábua de madeira, com atenção para que fosse madeira de bom augúrio. Friccionando-se violentamente essa tábua, fazia-se que pegasse fogo. Uma vestal recebia esse fogo num crivo de bronze. Tal maneira de fazer fogo foi encontrada em quase todas as nações selvagens. Dupuy publicou uma erudita memória sobre essa passagem de P lutarco. Mostra ele que esses espelhos não eram parabólicos, como o pretendeu Méziriac. Ele determina em geometria as vantagens dos vasos cónicos retangulares para a reflexão dos raios solares. Vide as Memórias da Academia das Inscrições, tomo XXXV, página 395.

CAP. XVIII. Como as mulheres que têm três filhos. As mulheres que tinham três filhos podiam fazer suas disposições sem intromissão de curador. Esse privilégio fora-lhes concedido por Augusto para encorajar a população num estado exausto pelas guerras civis e que devia temer ainda os efeitos do luxo. É o que recorda Plutarco, falando do mesmo privilégio que Numa concedera outrora às vestais.

CAP. XXVII. Da raça dos Titãs. Os Titãs não têm nenhuma semelhança com os Sátiros. Mas Pã e todo o grupo dos Pãs muito se parecem com eles. Plutarco não fala, pois, da raça dos Titãs, mas dos Pãs. Há muito tempo que se notou que o desprezo era fácil em grego. Ter-se-á escrito Titánon, em lugar de Pánon.

CAP. XXXI. E fevereiro o duodécimo e último. Há aqui uma lacuna do texto, que induziu Amyot em erro. Lê-se, com efeito: dodékatos de es teleytaios, ó phebroyá-rios, o nyn deutero chrontai. É preciso ler: dodékatos en este-leytaios o phebroiarios o nyn deutero chrontai, isto é, e fevereiro, que era então o duodécimo e último, é desde aquele tempo o segundo. Sabemos,- com efeito, por Macróbio, Saturnales, 1. I, cap. XII, que Numa pôs o mês de fevereiro em segundo.

OBSERVAÇÕES SOBRE A COMPARAÇÃO ENTRE LICURGO E NUMA

CAP. VI, página 321. Essa passagem me parece corrompida; não sei, com efeito, como sé pode explicar este verso:

Thyraion amphi meron, e surpreende-me que Walckenaer, que, em sua diatribe sobre os fragmentos de Eurípides, página 221, corrige, no primeiro verso, néorton, em lugar de neorgon, o que não me parece muito necessário, não diga nada sobre isso; Brunk, na coletânea dos fragmentos de Sófocles, também não diz mais. Creio que, em lugar de thyraion, é preciso ler araión, tenro, delicado{256}, como em Homero, Ilíada, canto V, verso 425; e é preciso traduzir: E Hermíona, que começa a sentir desejos, cuja saia ainda aberta dos dois lados, deixa ver as delicadas coxas.

SOBRE A VIDA DE SÓLON

CAP. III. O mais rico não é quem tem ganância. Esses versos se acham citados por Estobeu, título 93 ou 97, seguindo a ordem estabelecida por Grócio, sob o nome de Teógnida, entre cujos versos se encontram, v. 719 e seg., exceto na edição de Brunk, que os restituiu a Sólon; e, como o fragmento é mais completo, julguei dever dar-lhe a tradução por inteiro:

Aquele que tem muito ouro e dinheiro, campos muito vastos, cavalos, mulas, não é mais rico do que aquele que tem justamente tudo o que lhe é preciso para ser bem nutrido, bem calçado e bem vestido, que é amado por alguns jovens rapazes ou algumas jovens mulheres, e que está ainda na idade de entregar-se aos prazeres de sua sociedade; eis aí a verdadeira riqueza, os outros bens são supérfluos, ninguém lhes resiste nos Infernos, e com presentes ninguém fica preservado da morte, nem das doenças, nem da velhice."

Horácio, que muito imitou os poetas gregos, apropriou-se desse pensamento de Sólon, em sua epístola 12, livro I, verso 5:

Si ventri bene, si lateri est pedibusque tuis, nil Divitiae poterunt regales addere majus. C.

CAP. XXIV. Eis aqui os versos aos quais Plutarco se contenta de fazer alusão e que Aristides nos conservou em seu discurso De Paraphthegmate, tomo Il, página 397:

"Eu poderia com justiça invocar o testemunho da maior das divindades do Olimpo, a Terra, mãe de Saturno, de cuja superfície arranquei as inscrições que ali estavam colocadas por toda parte; ela era escrava, está agora livre; reconduzi à pátria vários Atenienses, dos quais uns tinham sido vendidos justa ou injustamente, outros tinham errado por tanto tempo nos países estrangeiros, dizendo a sorte para ganharem a vida, que chegaram a esquecer a língua ática; libertei outros que haviam sido entregues a escravidão no próprio seio da pátria e que tremiam então diante dos senhores; prometera eu fazer tudo isso e o fiz, empregando ao mesmo tempo a força e a justiça. Escrevi leis para punir o mau, favorecer o homem honesto e permitir se fizesse a cada um justiça pronta. Se tal autoridade tivesse sido confiada a algum avarento ou mal-intencionado, ele se teria entregue às suas paixões e não descansaria enquanto não agitasse o povo e não lhe arrebatasse o mais precioso de sua substância."

Devo observar que emendei o primeiro verso, que se lê assim em todas as edições, mesmo nas de Brunck, tanto em seus Analecta como em seus Poetae Gnomicis

Symmartyroín tayt an on dike chrónoy Meter megíse daimónon Olympíon.

Ali pus Kronoy, em lugar de Chrónoy, tempo e o relaciono com meter, porque a Terra é efetivamente a mãe de Saturno.

Li no vigésimo verso, com W. Canter, em suas notas sobre Aristides, publicadas por Reiske no quinto volume de suas Animadversiones ad Authores Graecos, oyk an cache thy-mon, em lugar de daimons: essa correção foi também adotada por Brunck, em seus Gnomici, e oferece um sentido muito melhor, como se verá no cap. XXVI. C.

CAP. XXVI. É preciso pôr nessa passagem, como disse na observação sobre o cap. XXIV, thymon, e traduzir assim: Que ninguém com a mesma autoridade e poder, teria deixado de entregar-se às suas paixões e não teria repouso enquanto não agitasse o povo e não lhe tirasse o mais precioso de sua substância ou, literalmente, não o desnatasse, pois é positivamente o que significa pion exéte gála. C.

CAP. XLIV. Não posso deixar de referir aqui, para justificação de Sólon, uma passagem de Lísias, em seu discurso sobre o homicídio, que nos permite conhecer com que espírito essa lei foi feita:

"Vós entendeis, cidadãos, a lei ordena que, se alguém viola um homem ou uma criança livre, pagará multa dobrada; e, se viola uma mulher casada, cujo sedutor é permitido matar, a lei não ordena senão a mesma multa: vedes por aí que o legislador encarou como menos puníveis aqueles que usam de violência do que aqueles que empregam a sedução; pois que pronunciou a morte contra uns, e somente multa dobrada contra os outros. Ele pensava com efeito que aqueles que usavam de violência se faziam ordinariamente detestar por aquelas para com as quais dela usavam, ao passo que aqueles que empregam a sedução corrompem de tal maneira o espírito daquelas que seduzem que elas lhes são mais afeiçoadas do que a seus esposos; que eles se tornam absolutamente senhores da casa e que não se pode saber a quem pertencem os filhos, ao marido ou ao sedutor." Lísias, página 34 e seg., tomo V, dos Oradores Gregos de Reiske.

Volume II

Temístocles

SUMÁRIO DA VIDA DE TEMÍSTOCLES

Temístocles. Origem de Temístocles. II. Sua juventude ardente e aplicada. III. Seu estudo da Sabedoria, isto é, da ciência de governo. IV. Antiguidade desta ciência. V. Sua rivalidade com Aristides. VI. Sua sensibilidade à glória. VII. Ele obriga Atenas a empregar o dinheiro de suas minas na construção de navios. VIII. Seu caráter. X. Sua popularidade. XI. Ele faz banir Aristides. XII. Sua firmeza. XIII. Ele é eleito capitão geral dos atenienses. Fá-los embarcar para ir combater contra Xerxes. XIV. Cede o comando a Euribíades, general da Lacedemónia. XV. Combate de Artemisio. XVI. Xerxes domina as Termopilas. XVIII. Subterfúgio de Temístocles para inspirar coragem aos atenienses. Ele sustenta a coragem de Euribíades. XXII. Temor dos gregos. XXIII. Temístocles os coloca na necessidade de combater. XXVII. Número dos navios de Xerxes. XXVLI. Temístocles se põe a favor do vento. XXIX. Vitória de Salamina. XXXII. Fuga de Xerxes. XXXIII. Honras prestadas a Temístocles. XXXV. Sua paixão e glória. Memoráveis palavras suas. XXXVII. Ele reconstrói as muralhas de Atenas. XXXVLI. Reconstrói o Pireu. XXXIX. Projeto de Temístocles para atribuir a Atenas a hegemonia sobre toda a Grécia, rejeitado por injusto. XL. Sua sábia política para manter o equilíbrio. XLI. O poeta Timocreonte censura-o por concussão. XLII. Ele faz sentir excessivamente os seus serviços. XLIII. É banido pelo ostracismo. XLIV. Traição de Pausânias, que con fia o segredo a Temístocles. XLV. O povo quer prendê-lo. Ele foge para Corfú. XLVI. De Corfú ao Épiro. XLV. II. Na Pérsia enfim. L. Sua entrevista com o rei da Pérsia. LIII. Ele recebe honroso tratamento. O rendimento de três cidades lhe é atribuído. LVI. Revolta do Egito, excitada pelos atenienses. A Pérsia se arma contra Atenas. Temístocles suicida-se para não servir contra sua pátria. LVII. O rei da Pérsia o admira. Seus filhos. LVIII. Seu túmulo magnífico em Magnésia. LIX. Sua posteridade, homenageada até o tempo de Plutarco.

Desde a sexagésima-terceira olimpíada até a sexagésima-nona, 463 anos antes de Jesus Cristo.

A linhagem a que pertencia Temístocles pouco ajudou à sua glória, porque seu pai, chamado Nicocles, se bem que cidadão de Atenas, não era dos mais importantes da cidade, nativo do Burgo de Frear, da estirpe Leontida, e do lado de sua mãe ele era mestiço, como se diz, por ser ela estrangeira, como testemunham estes versos:

Abrotonon, nasci na Tracia,

Mas posso considerar-me tão venturosa

Que gerei para os gregos

O grande e tão cantado Temístocles.

Fânias, todavia, escreve que sua mãe não era da Trácia mas nativa do país de Caria, e não a chama Abrotonon, mas Euterpe, e Neantes acrescenta que era de Halicarnasso, cidade capital do reino de Cária, razão pela qual, sendo costume que as crianças mestiças, isto é. aquelas não nascidas de pai e mãe cidadãos naturais de Atenas, se reunissem para jogar e exercitar-se em um certo lugar chamado Cinosargos, parque destinado aos exercícios dos jovens, fora das muralhas da cidade e dedicado a Hércules, que, entre os deuses, não era também legítimo, mas bastardo por causa da mãe mortal: Temístocles insistiu tanto com alguns jovens das mais nobres casas da cidade, que os acabou levando ao parque de Cinosargos, onde os fez despir, ungir e exercitar-se com ele. Agindo assim, ele aboliu habilmente a diferença que se fazia antes, entre os mestiços e os cidadãos legítimos de Atenas. Não obstante o que fica dito, é certo que ele se ligava de alguma maneira à casa dos Licomedes uma vez que a capela dessa família, situada no burgo de Fila, tendo sido incendiada e queimada pelos bárbaros, Temístocles a mandou refazer à sua custa, e a enriqueceu e ornou de pinturas, como narra Simônides.

II. É todavia, coisa aceita de todos, que desde o tempo de sua infância percebia-se já perfeitamente que ele era ardente, inquieto, avisado, de bom senso, ambicioso de grandes realizações e nascido para o manejo dos negócios. Nos dias e horas de folga nos estudos e de permissão para divertir-se, jamais brincava nem permanecia ocioso, como faziam as demais crianças, mas era sempre encontrado decorando ou compondo sozinho algum discurso cujo objeto era, na maior parte das vezes, a defesa ou acusação de um dos seus companheiros. Em razão disso dizia-lhe seu mestre frequentemente: «Não serás jamais pouca coisa, meu filho, mas é forçoso que sejas algum dia, um grande bem ou um grande mal.» Quando queriam, entretanto, ensinar-lhe qualquer noção, servindo apenas para reforma e civilização de costumes, ou bem uma dessas questões que se estudam por prazer e honesto passatempo, ele as aprendia com frouxidão e frieza; se era, porém, algo de sentido, servindo ao manejo dos negócios públicos, via-se ele tomar nota, querendo saber mais do que lhe permitia a idade, como alguém que se entrega à sua inclinação. Isso foi causa de que se vendo mais tarde objeto de zombaria em companhia de outros q ue tinham estudado essas artes de entretenimento honesto e elegante, foi levado para defender-se e revidar, a responder-lhes com palavras um pouco altivas e inamistosas, dizendo que ele, em verdade, não sabia afinar uma lira ou uma viola, nem tocar o saltério, mas que lhe pusessem entre as mãos uma cidade pequena, fraca e de pouco nome, e ele saberia bem encontrar os meios de a fazer grande, poderosa e de nobre nomeada.»

III. Escreve, todavia, Estesimbroto, que ele esteve na escola de Anaxágoras, e que estudou com Melisso, o filósofo da natureza, enganando-se nisso, profundamente, por não ter levado

em conta a sequência do tempo, porque Melisso foi capitão dos samienses contra Péricle s quando este sitiou a cidade de Samos. Ora, é certo que Péricles era muito mais jovem que Temístocles e Anaxágoras se manteve em sua própria casa, morando com ele, sendo portanto, mais verossímil e mais tempestivo crer naqueles que dizem que Temístocles se propôs imitar Mnesifilo o Freariano, o qual não fazia profissão de orador nem de filósofo da natureza, como chamavam naquele tempo, mas sim daquilo que apelidava então sabedoria, a qual não era outra coisa do que prudência no manejo dos negócios e bom-senso e discernimento em matéria de estado e de governo, profissão essa que, iniciada com Solon{257} tinha continuado de mão em mão, até ele, como uma seita de filosofia. Mas aqueles que vieram depois, a misturaram entre as artes de debate oral, e, pouco a pouco, transferiram o exercício dos' atos, ao das palavras nuas, e em razão disso foram chamados sofistas, como quem dissesse, contrafação dos sábios. Quanto a este Mnesifiilo todavia, Temístocles se aproximou dele, quando já tinha começado a envolver-se no governo da coisa pública. Assim, foram os primeiros movimentos e impulsos de sua juventude muito variáveis e diversos, como daquele que se deixa ir onde o impele a impetuosidade de sua natureza, sem discipliná-la é guiá-la pelo julgamento da razão. Advinha disso que ele revelou grandes mutações de comportamento e costumes; em uma e outra direção, orientando-se muitas vezes para a pior, como ele mesmo confessou depois, dizendo que os potros mais rebeldes e selvagens são os que finalmente" se tornam" os melhores cavalos, quando domados, feitos e adestrados, como convém.

IV. Quanto ao resto, todas as outras notícias que alguns vão acrescentando a isso, como a de que seu pai o deserdou, e sua mãe se deixou morrer voluntariamente de tristeza e dor ao ver os desmandos do filho, são, a meu aviso, coisas contestáveis, porque, ao contrário, há quem escreva, que seu pai mesmo, querendo dissuadi-lo de imiscuir-se no governo da coisa pública, foi-lhe mostrando ao longo da praia marítima, a carcaça de velhas galeras lançadas aqui e ali, dizendo-lhe que o povo fazia exatamente assim como os políticos{258} quando não podiam mais servir.

V. Como quer que seja, é absolutamente certo que Temístocles se afeiçoou, imediata e conscientemente pela política, e bem cedo foi atingido pelo anseio de glória, de forma que, desejando desde o começo levar a melhor, sobre todos os demais audaciosamente, logo ao chegar, tomou a lança, contra os homens maiores e mais poderosos dentre os que se envolviam em negócios públicos, inclusive contra Aristidcs, filho de Lísímaco, o qual em tudo e por tudo se manteve sempre seu adversário. Parece entretanto, que a inimizade concebida contra este teve origem em uma causa assaz fútil: ambos se sentiram apaixonados do belo Estesilau, natural da cidade de Tios de acordo com o que narra o filósofo Ariston. Após o ciúme inicial, continuaram para sempre a tomar partidos contrários, não somente em seus assuntos privados, mas também no governo da coisa pública. Creio, contudo, que a diversidade dos seus costumes e condições, aumentou grandemente a inimizade e dissensão, mantida entre eles, porque Aristides sendo, por natureza, homem grave, reto e íntegro em sua vida, não tendendo em suas ações para a lisonja popular, nem para servir à sua própria glória, mas a fazer, dizer e aconselhar sempre o que ele considerava como melhor, mais justo e mais seguro para a coisa pública, era constrangido a se opor frequentemente a Temístocles que ia incitando o povo a empreender sempre coisas novas, pondo todos os dias em movimento uma medida inesperada com o fim de impedir a ampliação da autoridade de Aristides.

VI. Consta que ele era tão arrebatado pela ambição de glória, e tão ardentemente atormentado pelo desejo de realizar grandes coisas, que sendo ainda bem jovem ao tempo em que a batalha de Maratona{259} foi travada contra os bárbaros, na qual não se falava em outra coisa senão no valor do capitão Milcíades, vencedor da mesma, foi ele encontrado muitas vezes sozinho, sonhando e pensando de si para si, sem poder conciliar o sono à noite, nem querer, de dia ir aos lugares, ou frequentar as companhias a que antes estava acostumado, dizendo aos que estranhavam uma tão grande mudança em sua maneira de agir e perguntavam-lhe o motivo, «que a vitória de Milcíades não o deixava dormir», e isso porque os outros pensavam que a derrota dos bárbaros, nesse dia de Maratona, devia resultar no

término definitivo da guerra. Temístocles, entretanto, pensava, ao contrário, ser apenas um começo de choques maiores, aos quais se ia preparando cada dia, para salvação da Grécia e para esse fim, adestrou desde logo a cidade, prevendo de longe, o que iria acontecer.

VII. Por esse motivo, antes de mais nada, em relação aos Atenienses que tinham antes o costume de distribuir entre si o rendimento anual retirado das minas de prata, localizadas em um local da Ática, chamado Laurium, foi ele o único que ousou demonstrar ao povo a necessidade de para o futuro, suspender-se essa distribuição para empregar-se o dinheiro na construção de galeras em grande número para a guerra contra os eginetas{260} a qual, por esse tempo, era a que mais pesava sobre toda a Grécia, em virtude de terem estes todo o mar em seu poder , tal era a quantidade de seus navios. Foi assim que Temístocles persuadiu mais facilmente seus concidadãos daquilo que pretendia nesse momento, sem ameaçá-los com o rei Dario nem com. os persas, porque estes estavam muito longe, e não havia receio, ao menos perfeitamente fundamentado, de que eles estivessem para vir, mas usando, oportunamente do ódio e do ciúme dos atenienses em relação aos eginetas. Do dinheiro em questão foram construídas cem galeras com as quais combateram e derrotaram, por mar, o rei Xerxes. E depois desse começo, atraindo aos poucos seus concidadãos e fazendo-os tender para a marinha, mostrando-lhes como por terra eram eles apenas bastante, fortes para enfrentar seus semelhantes, enquanto com o poder que podiam adquirir no mar, sê-lo-iam não só para defender-se dos bárbaros, mas também para impor a lei ao resto da Grécia, conseguiu assim fazê-los marinheiros e gente do mar, como diz Platão, ao passo que antes eram bons e rudes campeões de terra firme. Isso deu matéria aos seus inimigos para censurá-lo, mais tarde, por ter ele tirado ao povo de Atenas a lança do pavês para reduzi-lo ao banco e ao remo, seduzindo-o, em oposição a Milcíades que o contradizia nisso, como diz Estesimbroto. Se agindo assim foi ele causa de corromper-se a nitidez e pureza da coisa pública ou não, deixo a disputa ao filósofos, mas que a preservação da Grécia foi devida, todavia, por essa vez, à marinha, e que as galeras foram causa da recuperação de Atenas, além de outras provas que se possam aduzir, o próprio Xerxes o testemunhou, quando, com seu exército de terra, ainda inteiro, fugiu ao ver o do mar rompido e desfeito, como se confessasse não estar mais bastante forte para combater os gregos, deixando, a meu aviso, na Grécia, Mardônio, seu lugar-tenente, mais para impedir que os gregos o perseguissem, do que por esperança de subjugá-los.

VIII. Escrevem alguns de Temístocles{261} que era avidamente interessado no ganho, preocupando-se muito com isso, porque despendia regiamente e gostava de oferecer, frequentemente, sacrifícios e de recolher e tratar com distinção os estrangeiros, razão pela qual se fazia mister fosse diligente e ardoroso em acumular, para poder fazer face às suas despesas. Outros, ao contrário, o censuram por ter sido mesquinho e prático, ao ponto de fazer vender os presentes de comestíveis que lhe faziam. Pediu, de certa vez, um potro como donativo, a alguém de nome Dilfilides, possuidor de uma coudelaría. Recusando-lhe este, secamente, o pedido, foi Temístocles tomado de tão grande despeito, que o ameaçou de transformar-lhe a casa, antes de muito tempo, no cavalo de madeira com o qual Troia foi tomada, querendo abertamente, dar-lhe a entender que em breve lhe suscitaria processos e choques contra seus próprios parentes e mesmo contra seus criados.

IX. Não há dúvida que ele era o homem mais ambicioso do mundo. Ao tempo de sua juventude, ainda pouco conhecido, solicitou, com grande insistência, a um excelente tocador de citara, então em voga em Atenas, chamado Epicles, natural de Hermione, que viesse à sua casa para exercer e mostrar sua arte, a fim dê que muita gente, com vontade de ouvi-lo, procurasse sua residência e viesse a ele. Tendo do certo ano a festa e assembléia dos jogos olímpicos, quis manter casa aberta a todos os adventícios, com tendas ricamente decoradas e demais brilho de vida e de equipagem, à maneira de Cimon. Isso desagradou os gregos os quais consideravam essa despesa adequada e permissível a Cimon, em virtude de sua juventude e de sua alta linhagem, mas a ele que era homem novo e se fazia grande, mais do que seus bens e faculdades autorizavam, e mais do que lhe cabia, não somente deixou isso de

ser-lhe louvado, mas foi considerado vangloria e presunção. Outra vez ele custeou uma tragédia, representada publicamente, ganhando o prêmio. Sendo já a esse tempo, a honra de vencer em tais jogos muito invejada e calorosamente disputada em Atenas, fez pintar sua vitória em um quadro que dedicou e mandou pendurar num templo, com a seguinte inscrição:

«Temístocles Freariano custeou,

Frínico a compôs,

Adímanto era arconte{262}»

X. Apesar disto ele agradava ao povo comum, em parte porque saudava cada cidadão pelo nome próprio, sem que ninguém o ajudasse a nomeá-los, e em parte também porque se mostrava juiz reto nos negócios particulares, como respondeu um dia ao, poeta: Simonides, natural de Quio, que lhe requeria qualquer coisa desarrazoada, quando governador da cidade: «Não serias bom poeta se cantasses contra as regras da música, nem eu bom governador se fizesse qualquer coisa contra as leis.» Uma outra vez, zombando do mesmo Simonides, disse-lhe «que ele não era sensato em maldizer os coríntios, visto que eram senhores de uma tão grande e poderosa cidade, nem em fazer-se retratar ao natural uma vez que era tão feio.»

XI. O certo é que, adquirindo crédito, e tendo conquistado as boas graças da plebe, ele comprometeu de tal forma à Aristides, que, ao fim, fê-lo expulsar e banir da cidade de Atenas por cinco anos{263}, E como o rei da Pérsia estivesse a caminho para vir fazer guerra aos gregos, e os atenienses começassem a deliberar a quem elegeriam por chefe, conta-se que todos aqueles acostumados à política, sé recolheram temendo o perigo, e não houve senão um orador chamado Epicides, filho de Eufemides, homem eloquente mas covarde no íntimo, e ávido de dinheiro, que se apresentasse para pleitear esse cargo, com indícios de que ia obtê-lo. Foi por isso que Temístocles, temendo a geral perdição se a conduta da guerra viesse às mãos de uma tal personagem, comprou a dinheiro de contado, a ambição de Epicides, fazendo-o abandonar o intento.

XII. Louva-se também grandemente o seu procedimento em relação ao intérprete que veio com os embaixadores do rei, para pedir água e terra, isto é, inteiro reconhecimento e obediência dos gregos, porque ele o fez prender e punir de morte em decreto público, por ter ousado empregar a língua grega na transmissão de ordens dos bárbaros. Foi também uma bela coisa, que a instâncias suas, Ártmío, natural de Zeléia, fosse marcado dê infâmia cornos filhos e toda sua posteridade, por ter trazido ouro do rei da Pérsia, para seduzir e corromper homens da Grécia, Mas o maior e mais louvável de seus atos nessa ocasião, foi o de acalmar e pacificar todos os conflitos que os gregos mantinham entre si, persuadindo às cidades que procrastinassem suas inimizades até o após-guerra, e consta que nisso, Quileu, arcadiano, o. auxiliou mais que nenhum outro.

XIII. Tendo então sido eleito capitão geral dos atenienses, tratou; incontinente, de fazer embarcar seus concidadãos nas galeras, insistindo em que eles deviam ...abandonar sua cidade, para; ir por mar, ao encontro do rei dos bárbaros, o mais longe possível da Grécia, alvitre que o povo não achou bom, razão pela qual Temístocles conduziu, por terra, boa tropa de combatentes ao passo do Tempé{264}, com os lacedemônios, para defender contra os bárbaros essa entrada da Tessália, a qual não se tinha ainda declarado pelos medos, nem se bandeado com eles. Depois, entretanto, de se terem retirados os gregos, sem nada fazer, e tendo os tessalianos tomado o partido do rei, de tal forma que até o país da Beócia, todos se

devotaram à causa dos bárbaros, começaram então os atenienses, a achar boa a opinião de Temístocles, de querer combater por mar, e o enviaram com os seus navios à cidade de Artemísio, para guarnecer o estreito. Quiseram ali, os outros gregos que os lacedemônios e seu almirante Euribíades, tivessem a preeminência no comando de todos, recusando-se os atenienses a marchar sob a direção alheia, porque eles sozinhos, nesse exército, tinham maior número de navios do que os outros gregos reunidos.

XIV. Temístocles, porém, prevendo o perigo iminente, cedeu, voluntariamente, a Euribíades a autoridade do comando, e fez os atenienses condescenderem com isso, prometendo e assegu rando-lhes que se eles se mostrassem gente de bem nessa guerra, os outros gregos, espontaneamente, se submeteriam, depois à sua obediência. Revela-se aí ter sido ele a principal causa da salvação da Grécia, salientando a honra e a glória dos atenienses ao fazê-los vencer os inimigos em coragem e os aliados e amigos em bondade. Tendo vindo entretanto, a armada barbaresca, ancorar ao lado da ilha dos Afetes{265}, e vendo Euribíades de frente, tão grande número de barcos, espantou-se e sabendo que havia ainda outros duzentos que iam por cima, contornar a ilha de Ciate, quis imediatamente, retirar-se mais para dentro da Grécia, e aproximar-se do Peloponeso, a fim de que o exército marítimo se mantivesse perto do de terra, não considerando possível combater no mar, a força do rei Xerxes. Em virtude disso, os habitantes da ilha de Eubéia, temendo que os gregos os abandonassem, falaram secretamente com Temístocles, enviando-lhe boa soma de dinheiro, por intermédio de um certo Pelagon, dinheiro esse que "emístocles recebeu, como o escreve Heródoto, dando-o a Euribíades. Havia, porém, entre os cidadãos um de nome Aquíteles, capitão da galera que se denominava sagrada, o qual resistia fortemente à sua orientação, e não tendo dinheiro para pagar e entreter seus marinheiros, fazia todo o possível para partirem depressa. Temístocles irritou sua gente contra ele, mais do que já estava, até que correram sobre a sua galera, e lhe tomaram à força, seu jantar. Como Arquitetes ficasse indignado e furioso, Temístocles enviou-lhe pão e carne num cesto, em cujo fundo fez' incluir um talento de prata{266}, dizendo-lhe para cear essa tarde, preocupando-se no dia seguinte, em prover o pessoal de sua galera, senão gritaria contra ele, e o acusaria aos seus concidadãos, de ter recebido dinheiro dos inimig os. Assim o escreve Fanias de Lesbos.

XV. Enquanto isso os recontros que se davam dentro do estreito de Eubéia, entre gregos e bárbaros, não eram de grande consequência para a decisão de toda a guerra. Foi porém, como um ensaio útil para os gregos, fazendo-os ver por experiência, e no perigo mesmo do combate, que a grande quantidade de navios, a pompa c magnificência do seu equipamento, os brados soberbos e os cantos de vitória dos bárbaros, não adiantavam nada contra quem têm coragem de aproximar-se e combater mão a mão com o inimigo, e que não se deve dar importância a tudo isso, mas sim avançar diretamente ao choque com os homens é lançar-se ousadamente contra eles. O poeta Pindaro parece ter entendido isso muito bem, quando diz referindo-se à batalha de Artemísio{267}:

Os de Atenas plantaram o glorioso fundamento da liberdade grega. Porque, sem sombra de dúvida, a base da vitória é a firmeza, Este lugar, Artipísio, é uma costa da ilha de Eubéia{268} voltada para o Norte, acima da cidade de Estiae, fronteira à região que obedecia, outrora, a Filoctetes, exatamente diante da cidade de Olison e onde há um templo de Diana, cognominada Oriental, não muito grande, circundado de árvores e envolto por um círculo de colunas de pedras brancas que, ao atrito da mão tomam a cor e produzem o cheiro do açafrão. Há em uma delas uma inscrição em versos elegíacos nos termos seguintes:

Depois de ter, outrora em choque marcial, batido no mar, aqui em frente, nações da Ásia em número infinito, os heróis, filhos de Atenas, fizeram edificar, em memória do fato, este monumento, à Diana, a santa, ... quanto por eles foi, de fato, destruído o exército dos orgulhosos Medos.

Mostra-se ainda hoje naquela costa, um lugar, onde há, no meio de muita areia, um pó escuro como cinza, avançando bem para dentro da terra, pensando-se que seja ali o local em que eles queimaram os mortos e as relíquias dos naufrágios.

XVI. Tendo, porém, chegado a notícia do que acontecera no passo das Termópilas, onde o rei Leônidas morrera, e de como Xerxes tinha conquistado aquela entrada por terra, retirou-se então o exército de mar, mais para dentro da Grécia, tendo-se colocado os Atenienses na retaguarda, últimos de todos, como quem tinha o coração alto, pela glória das proezas já praticadas. Passando Temístocles ao lado dos locais onde era necessário que os inimigos abordassem e se recolhessem a abrigo, gravou em letras grandes e grossas sobre as pedras que ali encontrava, por acaso, ou que fazia trazer expressamente aos mencionados lugares, onde o abrigo era bom para os navios, ou onde havia comodidade para aprovisionamento de água, palavras dirigidas aos Jônios incitando-os a voltar-se para o lado dos atenienses, que eram seus ancestrais e fundadores, e que combatiam pela liberdade, ou, pelo menos, a criar alguma dificuldade e a fazer o maior mal que pudessem ao exército dos bárbaros quando viessem a combater. Ele esperava com isso, fazer os Jônios passarem para seu lado ou, quando nada, colocar os bárbaros em situação de desconfiança frente a eles.

XVII. De resto, tendo entrado Xerxes pelo alto da provínca Dórica, no país da Fócida, queimando e destruindo a s cidades dos Fócios, os outros gregos não fizeram nenhum gesto para socorrê-los, muito embora os Atenienses pedissem a eles que se dispusessem a avançar contra os bárbaros, até a Beócia para preservar o país da Ática, enquanto eles tinham ido, por mar, até a costa de Artemísio. Ninguém todavia, lhes prestou ouvidos, mas queriam todos que se fizesse a retirada para o Peloponeso, e ali se reunissem todas as forças da Grécia dentro dos seus limites, fortificando-o com uma boa muralha que fosse de um mar ao outro. Os Atenienses ficaram muito descontentes com isso e também muito desencorajados e aborrecidos de se verem assim esquecidos e abandonados pelos outros gregos. Combater sozinhos contra tantos milhares de inimigos não se podia pensar, e não lhes restava outro expediente senão abandonar sua cidade, embarcando em seus navios, o que o povo recebia de muito má vontade considerando que não cabia mais preocupar-se nem de vencer nem de salvar-se, quando tivessem abandonado os templos dos seus deuses, e as sepulturas dos seus antepassados.

XVIII. Mas Temístocles, vendo que não podia humanamente convencer nem persuadir o povo a seguir a sua opinião, recorreu a um ardil como se faz algumas vezes nos jogos das tragédias, e começou a despejar sobre os atenienses sinais celestes, oráculos e respostas dos deuses, servindo-se, na ocasião, do dragão de Minerva por sinal e presságio celeste, o qual, por sorte, não compareceu, por esses dias ao templo, como era seu costume, encontrando os sacerdotes as oblações que lhe ofereciam cada dia, inteiras sem que as tivesse tocado de forma alguma. Em razão disso, preparados por Temístoclesr espalharam entre o povo o boato de que a deusa protetora da cidade a tinha abandonado, mostrando-lhes o caminho dó mar. Ele os conquistou por outro lado por meio da profecia que os ordenava escapar em muralhas de madeira, dizendo que às muralhas de madeira não significavam outra coisa senão os navios, e que por essa causa Apoio, em seu oráculo, chamava divina a Salamina, e não miserável nem desgraçada, porque ela devia atribuir seu nome a uma vitória muito feliz que os gregos aí ganhariam. Sendo assim recebido o seu conselho, expediu ele o decreto, que se colocasse a cidade de Atenas sob a salvaguarda de Palas, senhora e protetora do país, e que todos aqueles capazes, de pegar em armas, subissem às galeras enquanto, entrementes, cada um pensasse em retirar para qualquer lugar seguro sua mulher, seus filhos e seus escravos, como melhor lhe parecesse.

XIX. Lavrado esse decreto e autorizado pelo -povo, a maior parte dos Atenienses transportou seus pais e mães velhos, mulheres e filhos pequenos, para a cidade de Trezena, onde os Trezentinos os receberam muito honesta e humanamente, ordenando que eles fossem nutridos a expensas públicas, e dando-lhes dois óbolos{269} de sua moeda por dia a cada um, o que equivale mais ou menos a quatorze dinheiros por cabeça, e permitindo às crianças apanhar frutos onde quer que os encontrassem, além de pagar mestres-escolas à custa de sua coisa pública para ensinar-lhes as primeiras letras. Aquele que se inscreveu como autor desse decreto foi um certo Nicágoras.

XX. Ora, por esse tempo, não tinham os Atenienses tesouro público, mas o Senado dos Areopagitas, como diz Aristóteles, forneceu a cada homem de guerra oito dracmas{270}, tendo sido esse, o principal meio de serem armadas as galeras. Clidemo todavia escreve que isso foi ainda uma artimanha de Temístocles, porque, tendo os Atenienses descido ao Pireu, simulou ele que o escudo de Palas, onde está gravada a cabeça de Medusa, tinha-se perdido e não se encontrava com a imagem da deusa, e, fingindo procurá-lo, esquadrinhou por toda parte e encontrou grande quantidade de prata que os particulares tinham escondido entre seus utensílios. Essa prata foi trazida a público e por esse meio, tiveram os homens da defesa, ao embarcar nos navios, com o que fazer suas indispensáveis provisões. Quando veio o momento da partida e toda a cidade tinha embarcado, causava pena e ao mesmo tempo produzia grande espanto àqueles que consideravam a ousadia e a firmeza desses homens que enviavam adiante deles, pais e mães para um lado, enquanto eles, sem ceder às lágrimas e aos gritos e abraços de suas mulheres e filhos que partiam, passavam corajosamente para a ilha de Salamina. Havia, além disso, todavia, velhos cidadãos que se era obrigado a deixar, por não ser possível transportá-los em virtude de sua velhice, o que provocava grande compaixão, havendo também, não sei que de lamentável, comovendo os corações, nos animais domésticos e privados que se viam correr de um lado para outro, significando com uivos a sua dor, no momento do embarque dos seus senhores e dos que os haviam criado. Entre esses animais, conta-se do cão de Xantipo, pai de Péricles, que não podendo suportar a mágoa de ser abandonado por seu dono, lançou-se ao mar atrás dele e nadando ao lado da galera onde estava, foi até a ilha de Salamina, onde, mal chegando, faltou-lhe o alento e morreu subitamente. Diz-se que é chamado ainda hoje, a Sepultura do cão, o lugar onde ele foi enterrado.

XXI. Vendo os Atenienses lamentar a ausência de Aristides e temendo que por despeito ele tendesse para o lado dos bárbaros, e que, agindo assim viesse a ser causa da ruína dos negócios da Grécia, porque ele fora banido, antes da guerra, por cinco anos, em virtude de manobras de Temístodes {271}, baixou este um decreto, e é um dos seus grandes atos, permitindo a volta de todos aqueles que tivessem sido banidos em tempo anterior, para vir fazer, dizer e aconselhar, aos seus concidadãos, o que considerassem ser o melhor para a salvação da Grécia. Euribíades, constituído capitão geral de todo o exército de mar dos gregos, em virtude da dignidade da cidade de Esparta, homem a quem faltava coragem quando necessária, pretendendo sair dali e retirar-se para o istmo do Peloponeso{272}, onde todo o exército de terra dos Peloponesianos se tinha reunido, Temístocles se opôs a isso, resistindo forte e firmemente. Foi nessa ocasião que ele deu certas respostas notáveis, recolhidas e anotadas cuidadosamente depois. Tendo-lhe dito Euribíades, certo dia «Temístocles, no jogo dos prêmios aqueles que se levantam antes do tempo são esbofeteados», «é verdade, respondeu-lhe Temístocles, mas aqueles também que se mantêm entre os últimos, não são jamais coroados». Uma outra vez, levantando Euribíades, o bastão que trazia nas mãos, como se quisesse bater-lhe disse-lhe Temístocles: «Bate se queres, desde que ouças». Euribíades, em consequência, admirando-se de ver nele tão grande cordura, e tão grande paciência permitiu-lhe dizer tudo quanto quis, e começava já Temístocles a conduzi-lo à razão, quando alguém que ali se encontrava disse-lhe: «Não fica bem a um homem que já não tem cidade nem lar, pregar a qu em os tem ainda, que os abandone», Temístocles voltando-se para ele, replicou: «Nós, disse ele, homem covarde e mal que és, abandonamos voluntariamente casas e muralhas, não querendo submeter-nos ao jugo da servidão, só por temor a perder coisas sem alma nem vida; nossa cidade, todavia, não deixa de ser a maior de toda a Grécia, porque é uma frota de duzentas galeras prestes a combater, que vieram aqui para salvá-los se o desejardes, mas se vos ides, abandonando-nos pela segunda vez, ouvi,-reis,

antes que passe muito tempo, que os Atenienses possuem uma outra cidade livre, e têm tantas terras e tão boas, como as que aqui tiverem perdido». Essas palavras fizeram imediatamente Euribíades pensar e temer que os Atenienses quisessem partir e abandoná-los. Mas como um outro eretriano tentasse ainda alegar algumas razões contra o conselho de Temístocles, não se pôde este conter e disse-lhe: «Cabia que vós também falasseis de guerra, vós que pareceis exatamente com os calamares:{273} porque tendes bem uma espada mas falta-vos coração». Escrevem alguns que enquanto Temístocles falava, percebeu-se, do convés de sua embarcação, uma coruja{274} voando a mão direita dos navios, a qual foi pousar na ponta do mastro de uma galera, dando causa a que os outros gregos, condescendendo com à sua opinião, se preparassem para o combate.

XXII. Mas quando a frota dos vasos inimigos atingiu, na costa da Ática, a região do porto Falérico, onde cobria todo o litoral da zona, até a distância que a vista podia atingir, e que o próprio Xerxes, em pessoa, veio acampar com seu exército de terra, ao longo da costa marinha, revelando todo ó seu poder, tanto o de mar como o de terra reunidos, todas as belas razões e demonstrações de Temístocles se esvaíram então, da memória dos gregos e os Peloponesianos volvendo outra vez os olhos, para o modo pelo qual poderiam retirar-se para o istmo do Peloponeso, irritavam-se quando se pretendia falar com eles em outra coisa. Decidiu-se, em resumo, que na noite seguinte levantar-se-iam as velas, determinando-se aos pilotos que se mantivessem prontos para partir.

XXIII. Temístocles desolado de que os gregos se afastassem assim uns dos outr os, retirando-se, cada um, para a sua cidade e abandonando a vantagem que lhes dava a natureza do local e o estreito braço de mar, onde se achavam concentrados, pensou consigo mesmo, diante disso, como poderia remediar o caso, e decidiu adotar o estratagema de um certo Sicino, persa de nação, aprisionado outrora na guerra e qu e amava Temístocles, sendo preceptor de seus filhos. Enviando-o. secretamente, ao rei da Pérsia, deu-lhe a entender que Temístocles, capitão geral dos Atenienses, desejando muito tornar-se seu servidor, advertia-o, desde logo, que os gregos pretendiam fugir e aconselhava-o a não deixá-los escapar, atacando-os com conhecimento de causa, enquanto se mantinham perplexos e atemorizados, longe do seu exército de terra, de forma a destruir-lhes de um golpe, todo o seu poder no mar.

XXIV. Xerxes supondo que esta advertência viesse de um homem desejoso de prosperidade em seus negócios, a recebeu com grande alegria e imediatamente fez saber aos seus capitães de marinha que deviam, com calma, embarcar sua gente nos navios, enviando, porém, imediatamente, duzentos deles, para ir, por detrás fechar a saída do estreito e envolver totalmente as ilhas, a fim de que não se salvasse um único dos inimigos, o que foi feito. Aristides filho de Lisímaco percebendo, em primeiro lugar, a manobra, foi ao alojamento de Temístocles, apesar de ser seu inimigo, por ter sido banido por cinco{275} anos em virtude de seus enredos, como já narramos antes, e tendo-o feito sair, contou-lhe como estavam cercados. Temístocles que, aliás, conhecia bastante a bondade da personagem, e estava muito satisfeito de que tivesse vindo procurá-lo em sua tenda, comunicou-lhe o estratagema urdido por intermédio de Sicino, rogando-lhe que o ajudasse a reter os gregos e a procurar, com ele, tendo em vista que a sua palavra tinha a maior autoridade, que se combatesse dentro do estreito de Salamina. Aristides, louvando o seu bom senso, dirigiu-se aos outros capitães das galeras para exortá-los e incitá-los a. combater. Não se acreditava ainda, entretanto, em tudo quanto ele lhes dizia, quando chegou uma galera tenediana, capitaneada por um certo Panecio, a qual, tendo-se furtado às hostes dos bárbaros, trouxe notícias certas de como o estreito tinha sido realmente fechado, de tal sorte, que, além da necessidade, a raiva concebida pelos gregos os levou a querer tentar a sorte da batalha.

XXV. Na manhã seguinte, o nascer do dia, sentou-se Xerxes num lugar muito elevado de onde via a frota dos seus navios e a linha do seu exército naval, acima do templo de Hércules, como

o escreve Fanodemo, região entre a ilha de Salamina e a costa da Ática, onde o canal tem a menor largura, ou, como diz Acestodoro, sobre os limites do território de Megara acima da ponta vulgarmente chamada Cornos, onde fez levantar um trono de ouro mantendo ao lado dele muitos secretários para redigirem, por escrito, tudo que acontecesse na batalha.

XXVI. Quando porém, Temístocles sacrificava aos Deuses sobre a galera capitânia, trouxeram-lhe três jovens prisioneiros muito belos de rosto, e ricamente paramentados com vestes e joias de ouro, constando serem filhos de Sandace, irmã do Rei, e de um príncipe chamado Autarcto. Assim que o adivinho Eufrantides' os percebeu, tendo observado também que à sua chegada, saíra do sacrifício uma grande chama clara e, ao mesmo tempo alguém entre os assistentes, espirrara ao lado direito, segurou Temístocles pela mão, determinando-lhe que sacrificasse esses três prisioneiros ao deus Baco cognominado Omestes, que equivale a dizer cruel: porque, agindo assim, somente sei salvariam os gregos, mas conseguiriam a vitória sobre os seus inimigos. Temístocles desnorteou-se ao ouvir uma ordem tão estranha e terrível, mas a multidão, segundo seu costume, de esperar a salvação, nos grandes perigos e questões quase desesperados, mais de meios estranhos e desarrazoados na aparência, do que dos sensatos e comuns, começou a invocar o deus a uma voz, e constrangeu-o, aproximando os três prisioneiros do altar, a cumprir o sacrifício na forma ordenada pelo, adivinho, assim como escreve Fanias Lesbiano, homem sábio em filosofia, e grande conhecedor de histórias e da antiguidade.

XXVII. Quanto ao número dos navios barbarescos, o poeta Esquilo, na tragédia intitulada por ele «Os Persas», como se o soubesse exata e verdadeiramente, assim se manifesta:

O Rei Xerxes tinha em conjunto

Entre os quais havia

duzentos e sete

Que ultrapassavam quaisquer

outros, em velocidade.[{276}]

Os atenienses tinham cento e oitenta, sobre cada um dos quais havia dezoito homens de guerra, sendo quatro arqueiros[{277}] e os demais portadores de arma branca.[{278}]

XXVIII. Não foi Temístocles menos sábio e avisado em escolher o tempo, do que o foi na escolha do lugar do combate, porque ele esperou para alinhar seus barcos em formação de batalha até a hora em que costumava levantar-se, ordinariamente, um grande vento do lado do mar, agitando enormes vagas dentro d o canal. Este vento não prejudicava as galeras gregas, chatas e baixas como eram, mas para os navios barbarescos com proas levantadas, altos bordos e pesados de manejo, o vento causava grandes estragos porque os fazia dar o flanco aos gregos que os iam atacar imediatamente, batendo-os com ligeireza, com os olhos sempre prontos para ver o que lhes ordenava Temístocles, como sendo ele quem entendia melhor do que nenhum outro o que se devia fazer e também porque, junto a ele, o almirante de Xerxes, Ariamenes, homem de coragem pessoal, e entre, os irmãos do Rei, indiscutivelmente 0 melhor e o mais justo, combatia sobre um grande navio a golpes de d ardos de chuços[{279}], nem mais nem menos dó que se estivesse sobre a muralha de algum castelo. Avançou assim sobre a galera na qual combatiam juntos Aminias Deceliano e Sósicles Pediano, e como os dois navios se entrechocassem de frente enroscando-se nos grampos e

gatos de bronze, ele saltou para dentro da galera mas aqueles lhe ofereceram ousada resistência e a golpes de dardo, o lançaram ao mar. O seu corpo, flutuando entre os outros náufragos, foi reconhecido pela rainha Artemísia que o tendo recolhido, levou-o ao rei Xerxes.

XXIX. Ora enquanto a batalha se desenvolvia em tais termos, conta-se que apareceu no ar, do lado da cidade de Eleusis, uma grande chama, ouvindo-se uma voz alta e um grande clamor pela planície triasiana até o mar, como se houvesse considerável número de homens cantando juntos, em alta voz, o cântico sagrado de Iaco, e parecia que, da multidão dos cantores, levantava-se pouco a pouco, uma nuvem pelo ar, a qual, partindo de terra, ia dissolver-sé e cair sobre ás galeras no mar. Outros afirmavam terem Visto figuras e imagens de homens armados, que da ilha de Egina estendiam as mãos para as galeras gregas, pensando-se que fossem os Eacidas, de quem, sé tinha invocado o amparo antes da batalha, em públicas orações.

XXX. O primeiro que tomou um navio aos inimigos, foi Liçômedes ateniense, capitão de uma galera, o qual, tirando-lhe os paramentos e insígnias, a consagrou e dedicou a Apoio cognominado porta-louro{280}, isto é, vitorioso. Os outros gregos mantendo-se na frente, em número igual ao dos bárbaros por causa do braço de mar onde combatiam, o qual era estreito, não permitindo a estes vir ao combate senão em fila, onde se entrechocavam estorvando-se uns aos outros, em virtude da sua grande multidão, tanto os apertaram que finalmente, ao entardecer os constrangeram à fuga, depois de ter resistido e lutado até à noite, ganhando assim a tão renomada e gloriosa vitória{281} da qual se pode, em verdade, afirmar o que dela disse Simônides:

Jamais nação bárbara,

Nem grega, realizou, no mar.

Feito de guerra tão raro, e tão digno de nota.

e isso foi feito pela proeza e grande coragem daqueles que aí combateram mas particularmente pela habilidade e sábia conduta de Temístocles.

XXXI. Depois desta batalha naval, Xerxes na teimosia do despeito pela sua perda, pretendeu aterrar o braço de mar para fazer atravessar, sobre um dique, o seu exército de terra para a ilha de Sa-lamina. Temístocles, querendo sondar a opinião de Aristides, disse-lhe, trocando ideias, ser ele de opinião que se avançasse até o estreito de Helesponto com o exército de mar, para romper ali a ponte de navios que Xerxes fizera construir, a fim, disse ele «de capturarmos a Ásia na Europa». " Aristides não achou bom esse conselho «porque», afirmou, «nós temos até agora combatido esse Rei bárbaro que não pensava senão divertir-se, mas nós o fechamos na Grécia e reduzimos um inimigo que comanda tão grande força, à necessidade de lutar para salvar a vida, ele não se divertirá mais, contemplando a batalha como um passatempo, sentado comodamente sob um pavilhão dourado, mas tentará todas as possibilidades e ele próprio será visto em toda parte, por temor ao perigo, para, provavelmente, reabilitar-se, diligentemente, da falta cometida por negligência, provendo melhor à sua situação, quando perceber que se jogam nela, sua vida e seu estado conjuntamente. Portanto, Temístocles, eu seria de aviso não somente de não romper a ponte que ele fez construir, mas até, se o pudéssemos, de construir-lhe uma nova, para expulsá-lo o mais cedo possível, para fora da Europa». Respondeu-lhe então Temístocles: «Uma vez que

assim lhe parece, será preciso que nos aconselhemos juntos, e inventemos um meio de fazê-lo sair sem mais delongas».

XXXII. Estando ambos de acordo, Temístocles enviou incontinente um dos eunucos do Rei, isto é, um de seus criados de quarto chamado Arsaces. encontrado entre os prisioneiros, por quem o fez ciente de que os gregos, tendo ganho a batalha por mar, tinham decidido, em seu conselho, ir ao estreito do Helesponto para romper a ponte de navios que ali tinha sido edificada por sua ordem, desejando ele adverti-lo disso pela afeição que lhe dedicava, a fim de que, quanto ante s, decidisse retirar-se dos mares dominados pelos gregos, para repassar à Ásia o mais cedo possível, enquanto seriam dadas ordens para distrair os aliados confederados, de forma a que não o perseguissem imediatamente. O Rei bárbaro, ouvindo essas n otícias, ficou tão atemorizado que partiu com toda a rapidez. De resto, o bom senso e sábia previdência de Temístocles e Aristides, nessa ocasião se mostraram, de forma evidente, mais tarde, na batalha que os gregos travaram diante da cidade de Platéia contra Marconio, lugar-tenente de Xerxes, o qual, não tendo senão uma pequena fração do poderio real, colocou, todavia, os gregos, em grande perigo de total perdição.

XXXIII. Ora, quanto às vilas e cidades que combateram nesta batalha, escreve Heródoto que a de Egina conquistou o prêmio de valentia e quanto aos homens particulares, os gregos o adjudicaram a Temístocles, embora de má vontade, pela inveja votada à sua glória, porque, tendo-se retirado todos os capitães, depois da batalha, para o estreito, à entrada do Peloponeso, jurando sobre o altar dos sacrifícios que dariam seus votos a quem melhor lhes parecesse merecê-los, de acordo com as suas consciências, atribuiu cada um deles a si próprio o primeiro posto em valor, e o segundo a Temístocles. Os próprios Lacedemônios o levaram a Esparta onde atribuíram a seu almirante Euribíades, a honra da coragem e a Temístocles a da sabedoria e prudência, em razão do que lhe deram um ramo de oliveira juntamente com o mais belo carro existente em toda a cidade, enviando trezentos dos seus jovens para comboiá-lo até o limite de suas terras.

XXXIV. Na primeira festa e assembleia dos jogos olímpicos, realizada depois desta vitória, conta-se que, quando Temístocles entrou no parque onde se desenrolavam os jogos, os assistentes deixaram de olhar os combatentes e durante todo o dia mantiveram os olhos fixos nele mostrando-o com o dedo aos estrangeiros que não o conheciam é testemunhando com palmas, quanto o estimavam. Sentiu-se Temístocles tão alegre com isso que, segundo ele mesmo confessou a seus familiares, colheu nesse momento o fruto de tantos trabalhos suportados antes, pela salvação da Grécia, de tal forma era, por natureza, ambicioso e ávido de honrarias como se pode facilmente reconhecer, por alguns fatos e ditos notáveis, recolhidos dele.

XXXV. Tendo sido eleito almirante de Atenas, não despachava quaisquer negócios, privados ou públicos, parceladamente, à medida que se apresentavam, mas remetia-os, em conjunto, para o próprio dia de seu embarque, a fim de que, quando o vissem despachar tantos assuntos a um tempo, falando simultaneamente com tanta gente, o considerassem ainda mais, como grande homem, atribuindo-lhe maior autoridade. De outra feita, passeava ele pela praia marinha, contemplando os corpos dos bárbaros lançado s à costa pelo mar e vendo alguns que mantinham cadeias e braceletes de ouro, continuou o caminho, mas mostrando-os, a um seu familiar que o seguia, disse-lhe, «Recolhe isto para ti, uma vez que tu não és Temístocles». A um certo Antifates que fora outrora um belo jovem e se recusara, altivamente, a ele, sem dar-lhe importância, indo-lhe depois fazer a corte, quando o viu chegado a grande autoridade: «Jovem, meu amigo», disse ele, «embora muito tarde, nós nos tornamos ambos, repentinamente bem comportados». Afirmava que os Atenienses não o honravam nem o estimavam em tempo de paz, Dias quando ameaçava qualquer tempestade bélica, e eles se viam em perigo, corriam a ele da mesma forma que se faz com a sombra de um plátano,

quando sobrevêm uma chuva repentina, ao qual, depois quando volta o bom tempo, o povo esgalha e lhe corta os ramos. A um indivíduo natural da ilha de Serife que altercando com ele, disse-lhe não ser por seu valor pessoal mas pela nobreza da cidade onde nascera, que ele tinha adquirido tanta glória: «É verdade, respondeu-lhe, mas nem eu teria adquirido jamais grande honra se nascesse Serifiano, nem tu se tivesses nascido ateniense.»

XXXVI. Outra vez em que um dos capitães da cidade, em virtude de qualquer bom serviço prestado à cousa pública, se glorificasse diante de Temístocles e comparasse seus gestos aos dele, este, em resposta, lhe propôs uma parábola: «O Dia Seguinte da Festa, atritou-se certa vez com ela, lançando-lhe em rosto, que ele não fazia senão trabalhar, sofrendo todo o peso consequente a ela que não fazia nada, senão gastar e passar bem com aquilo que os outros haviam ganho. «Dizes a verdade, respondeu-lhe a festa mas se eu não tivesse existido antes de ti, tu não existirias neste momento.» Assim também se eu não tivesse existido naquele tempo, vós outros, onde estaríeis neste momento?» Seu filho abusava um pouco exageradamente da afeição que lhe dedicava a mãe, abusando dele também, através dela, pelo que dizia, brincando, Temístocles, «que seu filho tinha mais poder que qualquer homem existente na Grécia porque», afirmava, «os atenienses comandam os outros gregos, eu comando os atenienses, ela a mim e ele a ela». Querendo, além disso, ter sempre alguma coisa de singular, diferente dos outros em tudo e por tudo, ao fazer anunciar uma herdade que desejava vender, determinou ao oficial de justiça, que apregoava, que acrescentasse na sua proclamação, ter a herdade um bom vizinho. De dois candidatos pretendentes de sua filha, ele preferiu o honesto ao rico dizendo «que desejava antes para genro um homem falto de bens, do que bens a que faltasse o homem». Tais foram as respostas e ditos de Temístocles.

XXXVII. Mas depois de ter feito as coisas que aqui expusemos, ele ensaiou imediatamente reconstruir a cidade e as muralhas de Atenas, corrompendo por dinheiro os oficiais da Lacedemônia, para que eles não criassem empecilhos, assim como escreve Teopompo, ou, como todos os outros dizem, ludibriando-os com a seguinte artimanha: ele foi a | Esparta, como embaixador, enviado expressamente por se terem queixado, os da Lacedemônia, que os Atenienses fechavam outra vez sua cidade com muralhas. Um orador chamado Poliarco os acusava diante do conselho de Esparta, tendo sido especialmente mandado para esse fim, pelos eginetas. "Temístocles negou tudo com força e firmeza, dizendo-lhes que para se informarem da verdade, enviassem lua gente ao local, querendo, com essa dilação ganhar o tempo necessário ao acabamento das muralhas, e também que os Atenie nses retivessem como reféns, pela segurança" de sua pessoa, aqueles que fossem enviados a Atenas para a verificação, como de fato aconteceu, porque, informados os Lacedemônios sobre a verdade do que ocorria, não lhe fizeram nenhum mal, mas dissimulando o desc ontentamento de se verem assim ludibriados por ele, o devolveram são e salvo.

XXXVIII. Fez ele depois equipar e fortificar o porto do Pireu, considerando a conveniência do local para adaptar a cidade inteiramente à marinha. Nisso ele seguiu o conselho quase totalmente contrário ao dos antigos reis de Atenas, os quais, como se diz, tratando de subtrair seus homens à marinha para acostumá-los a viver sem frequentar o mar, plantando, semeando e lavrando diligentemente suas terras, inventaram e publicaram a fábula conhecida da deusa Palas segundo a qual disputando ela o padroado da Ática com Netuno, produziu e mostrou aos juízes a oliveira, ganhando com isso seu processo. Temístocles não adaptou assim o porto do Pireu à cidade de Atenas, como disse o poeta Aristófanes{282}, mas antes ajustou a cidade ao Pireu e a terra ao mar. Com essa orientação ele aumentou o poder do povo contra os nobres e tornou a plebe mais audaciosa, em virtude do que veio a autoridade a cair em mãos de marinheiros, embarcadiços, pilotos e demais gente da marinha, razão pela qual a própria tribuna das arengas, situada na praç a de Pnix, olhava para o mar. Os trinta tiranos que vieram depois, removeram-na porém, dali fazendo-a voltar-se para o lado de terra, sendo de opinião que o poderio marítimo engendrava e mantinha a autoridade do governo popular, e que em contraposição, os que vivem do trabalho da terra, suportam mais pacientemente o

governo da nobreza.

XXXIX. Temístocles se capacitou ainda de algo muito mais importante para tornar a cidade de Atenas poderosa no mar, porque, tendo-se recolhido toda a frota do exército naval dos gregos depois da retirada de Xerxes, ao porto de Pégaso{283} para invernar, disse ele, certo dia, em assembleia pública do povo, que imaginara uma coisa muito útil e salutar para ele, embora não fosse expediente para ser declarado publicamente. O povo ordenou-lhe que a comunicasse a Aristides e caso ele a considerasse boa, fosse executada prontamente. Temístocles declarou a este que aquilo que tinha no pensamento era incendiar o arsenal aonde se tinham recolhido os navios dos gregos, queimando-os conjuntamente. Ouvido o conselho, Aristides voltou-se para o povo, dizendo-lhe não haver nada mais útil, nem mais injusto do que o imaginado por Temístocles. Determinaram-lhe então, os Atenienses que ele abandonasse inteiramente a ideia.

XL. Enquanto isso, os Lacedemônios tendo proposto ao Conselho dos Anfitriões, assembleia geral dos Estados de toda a Grécia, que as cidades gregas não participantes da liga dos Helenos contra os bárbaros, fossem afastadas desse Conselho, Temístocles, temendo que se os arginos, os tessalianos e ainda os tebanos viessem a ser postos fora, se tornassem os lacedemônios os mais fortes em número de votos, fazendo por esse meio tudo o que lhes agradasse nesse Conselho, falou tão bem pelas cidades que se queriam eliminar que fez os deputados, com assento nessa Assembleia, mudarem de opinião., mostrando-lhes não ter havido mais que trinta e uma cidades somente compreendidas na liga, entre elas algumas muito fracas e pequenas, não sendo razoável que com a eliminação de todo o resto da Grécia, a autoridade total do Conselho, viesse a cair entre as mãos de duas ou três das principais cidades apenas. Foi essa a principal causa de virem depois os lacedemônios a querer-lhe muito mal, estimulando Cimon o mais que puderam, como um adversário para se opor sempre a ele, no manejo dos negócios atenienses. Temístocles incorreu também na malquerença dos aliados e confederados de Atenas, por deslocar-se, circulando de um lado para outro{284} entre as ilhas, pedindo dinheiro aos habitantes, como se pode inferir da proposta que fez aos andrianos{285}, de quem pretendeu obter dinheiro, e da resposta recebida, como escreve Heródoto, porque, declarando-lhes que lhes trazia dois deuses poderosos, Amor e Força, responderam-lhe os andrianos que eles tinham também dois, não menos grandes, que lhes impediam dar-lhe, isto é, Pobreza e Impossibilidade.

XLI. A esse respeito Timocreonte, poeta Ródio, o agride bem duramente, acusando-o de readmitir, por dinheiro, muitos dos banidos e que, pela cobiça de ganhar certa quantia tinha-o{286} traído e abandonado, a ele que era seu hóspede e seu amigo. Os versos onde ele o diz são os seguintes:

Nem Pausânias nem Leotiquides,

Nem Xantipo são para mim

Grandes capitães perto de Aristides;

Este é o melhor que saiu de Atenas.

Temístocles eu não menciono,

Ele é odiado a justo título de Latona,

Porque é um traidor, um mau e um mentiroso

Que por pouco dinheiro recusou

Covardemente a seu hóspede antigo,

Timocreonte, a volta ao seu país

Laliso{287}; e pela soma e preço

De três talentos de prata{288} mal ganhos,

Fez voltar a alguns do exílio

E a outros banir injustamente

Ou matar sem crime que o merecesse;

Depois fez-se ao mar como aventureiro

Sempre por dinheiro, o concussionário.

Que depois manteve um taverneiro

Ordinário, avarento e interesseiro

Nos jogos sobrados da Assembleia Ístmica,

Servindo aos que frequentavam sua mesa

Carne fria, e eles, comendo-a, desejavam

Não ter pertencido jamais ao tempo do falso

Temístocles Por sua maldade,

Ele o injuriou porém de forma bem mais ultrajante, e mais a descoberto, depois que Temístocles foi exilado e condenado, e isso em uma canção que começa assim:

Ó Musa, seja por ti a fama

Destes meus versos,

disseminada entre os Gregos.

Assim como é justo e razoável.

Conta-se que o motivo de ter sido banido Timocreonte, liga-se à inteligência mantida por ele com os bárbaros, tendo sido Temístocles um dos que o condenaram, razão pela qual, quando o próprio Temístocles foi, depois, acusado do mesmo crime, Timocreonte compôs contra ele os versos seguintes:

Timocreonte não foi portanto o único

Que tratou com os medos;

Houve outros tão maus quanto eu;

Não sou a única raposa pelos campos

XLII. Mas além de tudo isso, já começavam seus próprios concidadãos, por inveja a prestar ouvido, de boa vontade, aos que o caluniavam e diziam mal dele. Cuidando obviar ao mal, ele foi constrangido a agir de maneira a tornar-se ainda mais odioso, porque, discursando, muitas vezes ao povo, rememorava-lhe seus benefícios e serviços, e vendo que a gente se aborrecia, dizia-lhe: «por que vos cansais de receber continuamente o bem da mesma origem?»

Ele desagradou, também profundamente a muitos quando apelidou Diana, na dedicatória do templo que lhe mandou construir, de Aristóbulo que significa de muito bom conselho, querendo dizer com isso que tinha dado à sua cidade e a todos os gregos, um conselho muito bom e sábio. Edificou também o templo que está no distrito de Melita perto de sua casa, no local onde os carrascos expõem hoje, os corpos dos executados pela justiça, e onde são trazidas também as vestes e as cordas dos criminosos, enforcados, ou justiçados por qualquer outro meio. Havia ainda contemporaneamente a nós, nesse templo de Diana Aristóbulo, uma pequena imagem de Temístocles, a qual mostra e dá claramente a conhecer que ele tinha não somente o coração e a inteligência elevados, mas também o rosto cheio de majestade.

XLIII. Os atenienses finalmente o baniram e relegaram para fora da cidade por cinco anos{289}, com a intenção de reduzir-lhe a autoridade e seu exagerado prestígio, como tinham o costume de fazer com todos aqueles cujo poder lhes parecia excessivo, e desmesurado, para a igualdade que deve existir entre os cidadãos de um estado popular; porque essa forma de banir por um certo período, denominada ostracismo, não constituía punição de crime nenhum mas era uma espécie de satisfação e alívio à inveja da plebe, a qual sentia prazer em diminuir e rebaixar aqueles que pareciam excedê-la muito em grandeza, evitando-se, por tal meio, o veneno da sua malquerença com essa redução de honrarias. Tendo sido assim expulso de Atenas, ele se recolheu a Argos.

XLIV. Adveio entrementes, o caso de Pausânias, que deu pretexto e meio, aos seus inimigos para o atacarem; mas quem se inscreveu contra ele como acusador e parte, em matéria de traição, foi um certo Leobotes filho de Alcmeonte, natural do burgo de Agraula, encarregado pelos espartanos que também o perseguiram; porque Pausânias não tinha antes revelado nada a Temístocles da traição maquinada, embora fosse seu grande amigo. Quando porém o viu expulso do seu país, suportando muito impacientemente o exílio, teve, nesse momento a ousadia de comunicar-lhe, solicitando-lhe, quisesse vir com ele, e mostrando-lhe cartas que o rei da Pérsia lhe havia escrito, incitava-o contra os gregos, como sendo gente ingrata e de má natureza. Temístocles rejeitou com firmeza a solicitação, declarando-lhe abertamente que não queria ter com ele nenhuma participação nesse assunto, sem contudo revelar a ninguém no mundo, as propostas que Pausânias lhe fizera, nem denunciar jamais a decisão deste, fosse porque confiasse em sua desistência ou porque considerasse fatal que tudo viesse logo a ser descoberto por outro meio, tendo em visa que Pausânias aspirava desvairadamente, a coisas muito incertas, sem propósito, nem possibilidade nenhuma.

XLV. Ora, depois que Pausânias foi munido com a morte, encontraram-se entre os seus papéis algumas cartas e escritos que tornavam Temístocles muito suspeito e os lacedemônios gritando de um lado, contra ele, seus invejosos de outro, também o responsabilizavam e o acusavam em Atenas, durante sua ausência. Respondeu-lhes a princípio, Temístocles através de cartas nas quais escrevia ao povo não ser verossímil que ele, que procurara sempre dominar, por todos os meios, e não tinha nascido para servir, nem para isso sentia nenhuma inclinação, tivesse pensado, de qualquer forma em vender sua liberdade e a dos gregos aos bárbaros inimigos. O povo, entretanto, excitado por seus desafetos, enviou gente para prendê-lo a fim de apresentá-lo à Assembleia dos estados da Grécia, onde seria julgado pelo conselho.

Sentindo desde logo o vento, transportou-se Temístocles para a ilha de Corfu, por lhe ser a cidade reconhecida, por um favor que lhe concedera outrora> porque tendo tido os de Corfu, certa diferença contra os de Corinto, Temístocles apaziguou sua disputa, sentenciando a seu favor, e condenando os coríntios a multa de vinte talentos{290} a eles destinada, e ordenando que gozassem em comum da ilha de Leucadia, como tendo; sido povoada por habitantes de uma e outra cidade, conjuntamente.

XLVI. Dali fugiu ele para o Épiro, onde, perseguido por atenienses e lacedemônios, foi constrangido a lançar-se em uma aventura muito incerta e bem perigosa, indo entregar-se entre as mãos do rei dos molossos, Admeto, o qual tendo solicitado qualquer coisa aos atenienses em tempos passados, tinha sido despedido assaz vergonhosamente, por Temístocles então no auge do prestigio, pelo que muito se indignou esse rei contra ele, sendo evidente que se o tivesse então, apanhado nas mãos, tê-lo-ia maltratado. No calamitoso exílio em que se encontrava, todavia, considerou que a malquerença já envelhecida do rei, era menos temível que o ódio e a. inveja inteiramente atuais dos seus concidadãos. Por esse motivo foi como suplicante de Admeto entregar-se à sua discrição, de uma maneira nova e difer ente da comum, porque, tomando entre os braços o filho do rei, ainda criança, foi lançar-se de joelhos junto ao altar doméstico, o que os molossos consideraram como a mais urgente forma de súplica, que ninguém ousaria afastar nem recusar. Dizem alguns ter sido a própria Ftia, mulher do rei, que lhe deu conhecimento desse costume do país, levando, além disso, seu filho para perto do mencionado altar. Escrevem outros que foi o próprio Admeto que lhe ensinou essa premente maneira de suplicar, para poder escusar-se diante de quem exigisse a sua pessoa, com o dever decorrente da religião que o impedia entregá-lo.

XLVII. Entrementes, Epícrates Acarniano, encontrou meios de subtrair secretamente sua mulher e filhos para fora de Atenas, enviando-os a ele, razão pela qual foi depois chamado à Justiça, e executado, a instâncias e por perseguição de Cimon conforme o escreve Estesimbroto, o qual esquecendo isso pouco depois, não se sabe como, ou bem, atribuindo o esquecimento a Temístocles, diz que ele n avegou para a Sicília onde pediu a filha de Hierão, tirano de Siracusa, em casamento, prometendo-lhe, se fosse aceito, conquistar todos os povos da Grécia, submetendo-os inteiramente. Não tendo Hierão as-sentido, diante da sua recusa, tomou Temístocles o caminho da Ásia. Isto porém não é verossímil, porque Teofrasto escreve no seu tratado sobre a realeza, que Hierão, tendo enviado cavalos para correr na festa dos jogos Olímpicos, e fazendo erigir aí uma tenda magnífica, suntuosa e rica, Temístocles discursou aos Gregos, demonstrando-lhes que se devia estraçalhar e saquear a tenda do tirano, sem permitir que seus cavalos corressem com os outros, nos jogos sagrados, em disputa do prêmio de velocidade. Tucídides declara que ele desceu até o outro mar, embarcando na cidade de Pidna, sem que ninguém o conhecesse a bordo, até o vento lançá-los sobre a ilha de Naxos, sitiada, casualmente, nesse momento, pelos atenienses, pelo que temendo abordar ali, foi ele constrangido a declarar quem era, ao capitão e ao piloto do navio, aos quais, em parte com súplicas e em parte com ameaças de os acusar aos atenienses de não ter sido por ignorância mas por dinheiro que eles o haviam recebido a bordo, forçou-os a passar ao largo, tomando a rota da Ásia.

XLVIII. Quanto a seus bens, seus amigos desviaram e salvaram boa parte deles enviando-os à Ásia, mas a parte descoberta e confiscada, escreve Teopompo, atingiu o valor de 100 talentos{291}, não mencionando Teofrasto mais que oitenta{292}, quando sua fortuna não valia três,{293} ao tempo em que começou a imiscuir-se no governo da coisa pública.

Quando atingiu a cidade de Cumas, Temístocles viu muita gente em toda a costa marinha, que o observava para prendê-lo, notando-se entr e outros um certo Ergóteles e um Pítódoro, por ser a presa grandemente ambicionada por gente desejosa de realizar proveito de qualquer coisa e por qualquer meio, e isso porque o rei da Pérsi a tinha feito proclamar, ao som de

trombeta, que daria duzentos talentos a quem o trouxesse. Ele fugiu, por esse motivo, para uma pequena cidade da nação Eólica, chamada Egas, onde ninguém o conhecia a não ser seu hospedeiro, Nicógenes, o mais rico e mais opulento entre todos os eólicos, mantendo relações com senhores de prestígio junto ao rei da Pérsia. Temístocles ficou alguns dias escondido em sua casa, durante os quais uma tarde, depois do festim de um sacrifício, o preceptor dos filhos desse Nicógenes, chamado Olbio, tendo sido subitamente transportado e posto fora de si por inspiração divina, começou a pronunciar alto estes versos:

Dá tua voz à noite negra,

E teu conselho e tua vitória.

Estando Temístocles na noite seguinte deitado em seu leito, sonhou que tinha uma serpente enroscada em torno do ventre, a qual, deslizando ao longo do pescoço, atingiu-lhe a face; transformando-se, então, subitamente em uma águia que o envolveu entre suas asas e levantando-o, arrebatou-o pelo ar e o levou bem para longe até ele perceber um bastão de ouro semelhante aos que os arautos trazem na mão, sobre o qual a águia o colocou firmemente, tão bem, que ele se sentiu então livre do medo desesperado e da grande perturbação em que se achava. Para conduzi-lo em segurança à corte, Nicógenes recorreu, por esse motivo, ao seguinte estratagema:

As nações bárbaras, em sua maior parte, inclusive a persa, são, por natureza, estranha e cruelmente zelosas das mulheres, não somente das d esposadas, mas também das escravas e concubinas, guardando-as tão cuidadosamente, que ninguém as vê jamais fora, mas se mantêm sempre encerradas em casa, e quando saem pelos campos s ão levadas em carros bem fechados, cobertos inteiramente, de sorte que não se pode ver dentro. Temístocles tomou um carro preparado dessa maneira, depois de instruir sua gente a responder aos que encontrassem pelo caminho e perguntassem quem ia ali dentro, que se tratava de uma jovem grega do país da Jônia, conduzida a um dos senhores da corte. Segundo dizem Tucídides e Caronte Lampsasceno, foi depois da morte de Xerxes que Temístocles se dirigiu para ali, onde falou com seu filho. Mas Éforo, Dinon, Clitarco, Heráclides e muitos outros, escrevem que foi com o próprio Xerxes. Parece, todavia, que a afirmação de Tucídides concorda melhor com as crônicas e as tábuas onde está registrada a sequência do tempo, muito embora elas mesmas não sejam muito precisas.

XLIX. Temístocles então, atingindo o limiar do perigo dirigiu-se primeiro a Artabano, capitão de mil homens de infantaria, e disse-lhe que era Grego de nação e queria falar ao rei sobre coisas de alta importância que o interessavam profundamente. Respondeu-lhe Artabano desta maneira: «estrangeiro, meu amigo, as leis e costumes dos homens são diferentes, e uns consideram honesta uma coisa, outros outra, mas é honroso para todos observar as do próprio país. Ora, quanto a vós outros Gregos, dizem que estimais a liberdade e a igualdade acima de tudo; quanto a nós, entretanto, entre muitos belos costumes e leis que possuímos, nos parece mais belo o de reverenciar e adorar nosso rei, como a imagem do deus da natureza que mantém todas as coisas em seu ser e sua plenitude. Sendo assim, se te queres acomodar a nossa maneira de agir, e adorar o rei, poderás vê-lo e falar-lhe, mas se tens outro desígnio, ser-te-á necessário negociar e tratar com ele por interposta pessoa, porque tal é o costume do país. e o rei não dá jamais audiência a ninguém que não o tenha primeiramente adorado». Tendo Temístocles ouvido esse propósito, respondeu-lhe: «Senhor Artabano, eu vim aqui desejando aumentar a glória e o poder do rei e portanto, não somente obedecerei às vossas leis, pois isso agrada a Deus que elevou o império da Pérsia a esta grandeza, como farei também que venha adorá-lo, mais gente do que atualmente o adora: não seja', portanto, por isso que não vá eu mesmo declarar ao rei o que lhe tenho a dizer». «Mas quem diremos nós perguntou-lhe então Artabano, que tu sejas? Porque te ouvindo falar não parece seres homem

de baixa categoria». Temístocles respondeu-lhe: «Quanto a isso, Artabano, ninguém o saberá antes do rei». Assim o narra Fânias, e Eratóstenes em um tratado escrito por ele sobre a riqueza, onde acrescenta que Temístocles teve acesso a este Artabano, e lhe foi recomendado, por intermédio de uma mulher, eretriana, pelo mesmo entretida.

L. Conduzido, então, diante do rei, manteve-se de pé, sem dizer palavra, depois de lhe ter feito a reverência até que o rei fez o intérprete perguntar-lhe quem era. Perguntou-lhe o intérprete e ele respondeu: «Senhor rei, eu sou Temístocles ateniense, que banido e expulso do meu país pelos gregos, me retirei para junto de ti, consciente de ter feito muito mal aos persas, mas considerando ter-lhes feito ainda maior bem, por ter impedido os gregos de perseguir-vos quando, tendo colocado os negócios da Grécia em segurança, e meu país fora de perigo, pareceu-me que podia ser-vos também agradável. Ora, quanto a mim, meus sentimentos se acordam ao calamitoso estado em que me encontro no momento, porque venho deliberadamente para reconhecer como uma graça se te agrada reconciliar-te comigo amigavelmente, e para pedir-te perdão, caso ainda estejas irritado contra mim. Rogo-te, contudo, senhor que, tomando a inimizade dos gregos por mim como testemunho dos serviços que prestei à nação persa, queiras usar d o meu destino como de ocasião e materna para mostrar tua virtude antes que para satisfazer a paixão de tua ira, porque, salvando-me a vida, salvarás um suplicante que se ofereceu francamente à tua graça, e fazendo-me morrer destruirás um inimigo dos gregos». Pronunciando essas palavras ele acrescentou que os Deuses, por muitos sinais e argumentos, o tinham incitado a vir entregar-se a ele, narrando a visão que tivera, em sonho, na casa de Nicógenes, e recitando o oráculo de Júpiter Dedoniano, pelo qual lhe fora determinado que ele recolhesse para junto de quem se designava como Deus, supondo tratar-se dele porque, Deus e ele se consideravam, e eram na verdade, dois grandes reis.

LI. O rei tendo-o ouvido falar nada lhe respondeu, de momento, embora possuído de grande admiração pelo seu bom senso e ousadia, mas depois, entre seus amigos, disse considerar-se feliz da boa sorte de ter-se Temístocles retirado para junto dele, e orou ao seu grande deus Arimã para que estimulasse sempre em seus inimigos, essa vontade de expulsar o maior número de pessoas de bem e de grandes homens existentes entre eles. Conta-se que o rei sacrificou aos deuses, rendendo-lhes graças e começou imediatamente a banquetear-se de tal maneira que, à noite, sonhando, durante o mais profundo de seu sono gritou três vezes de alegria: «Eu tenho comigo Temístocles, o ateniense». No dia seguinte de manhã, tendo chamado as principais personagens da corte, fez também vir Temístocles, o qual nada esperava de bom, principalmente quando viu os guardas que estavam à porta o olharem com má catadura, dirigindo-lhe injúrias quando o viram, e ouviram o seu nome. Especialmente Roxanes, um dos capitães, quando Temístocles passou a seu lado para aproximar-se do rei, sentado sobre o trono, disse-lhe baixinho, suspirando, enquanto os demais conservavam profundo silêncio: «Ó serpente grega, astuta e maliciosa, a sorte do rei te trouxe aqui.».

LII. Quando ele chegou diante do soberano, entretanto, e fez outra vez a reverência, este o saudou e dirigiu-lhe a palavra amavelmente dizendo-lhe que já lhe devia duzentos talentos{294}, uma vez que se tendo apresentado por si mesmo, cabia-lhe receber o prêmio em dinheiro, prometido a quem o trouxesse; prometeu-lhe ainda muito mais, garantindo-lhe segurança ao determinar-lhe que dissesse livre e francamente tudo o que entendesse no tocante aos negócios da Grécia. Respondeu-lhe então Temístocles: «a palavra do homem se parece exatamente a uma tapeçaria de histórias e figuras porque, numa e noutra as belas imagens aí colocadas são vistas, quando estendidas e desenroladas, e ao contrário não aparecem e se perdem quando recolhidas e dobradas, razão pela qual ele tinha necessidade de tempo para poder desenvolver sua palavra». O rei achou esta comparação muito própria e adequada, e como lhe concedesse o tempo que desejasse, pediu-lhe Temístcles um ano, durante o qual, tendo aprendido suficientemente a língua persa, falou depois ao rei, diretamente, sem intérprete.

LIII. Supuseram os não pertencentes à corte que ele tivesse falado apenas dos negócios gregos, mas como a esse tempo, aparecesse ali, muita novidade e mudança, foram os grandes de opinião que ele ousara falar também a respeito deles, razão pela qual votaram-lhe depois grande inveja, porque a honra dispensada pelo rei a outros estrangeiros, não era nenhuma em comparação à que conferia a Temístocles, a quem levava à caça consigo, tendo-lhe permitido ver sua mãe com a qual ele obteve familiaridade e tendo assistido, por ordem expressa do rei, aos discursos dos sábios da Pérsia sobre a filosofia secreta, denominada por eles magia. E como Demarato Lacedemônio se encontrava ao mesmo tempo na corte da Pérsia, e foi um dia convidado pelo próprio rei a pedir-lhe, de presente, o que entendesse, solicitou aquele, lhe fosse outorgada a graça de poder andar pela cidade de Sardes com o chapéu real sobre a cabeça, como fazem os reis da Pérsia. Mitropausto, primo do rei, disse tocando-lhe na mão: «Demarato, o chapéu real que pedes, se estivesse sobre tua cabeça, quase não cobriria cérebro nenhum, porque ainda que Júpiter tivesse o seu raio para tê-lo na mão, não serias Júpiter por isso.» O rei lhe fez uma áspera admoestação por esse importuno pedido, e entrou em tão grande cólera contra Demarato, que era de pensar que jamais o perdoaria. Temístocles, entretanto, intercedeu tão bem por ele, que conseguiu restabelecer sua posição. Conta-se dos reis sucessores, vindos depois, sob os quais os negócios persas se mesclaram com os dos gregos como jamais acontecera antes que quando queriam tomar a seu serviço alguma personagem da Grécia, prometiam-lhe, escrevendo-lhe, que eles a fariam maior junto a eles, do que fora Temístocles junto a Xerxes. Relaciona-se com tudo isso o fato que também é contado., de ele mesmo, já muito acreditado e seguido por muita gente que o cortejava em virtude da autoridade por ele adquirida, certa vez que se achava à mesa, servido magnificamente de todos os alimentos delicados, ter-se virado para os filhos dizendo: «meus filhos, estaríamos perdidos se não tivéssemos estado perdidos.» Escreve a maior parte dos historiadores ter-lhe sido atribuída a renda de três cidades para seu pão, seu vinho e sua subsistência, a saber Magnésia, Lampsaco e Miunto; Neantes Ciziceno e Fânias, entretanto, acrescentam ainda duas outras, Percota e Palescepse, uma para seu vestuário e outra para seu dormitório.

LIV. Quando ele desceu às províncias baixas unto ao mar para inquirir dos negócios da Grécia, ouve um senhor persa chamado Epixies, governador da alta Frígia que lhe armou uma cilada, tendo, com grande antecedência, contratado alguns assassinos pisidianos para matá-lo quando ele chegasse à cidade de seu governo chamada «Cabeça de Leão»; Gomo ele, porém dormisse um dia em seu alojamento, por volta da tarde, a mãe dos deuses apareceu-lhe e lhe disse: «Temístocles, não chegues à «Cabeça de Leão», por temor ao Leão; e por esta advertência eu te peço tua filha Mnesiptólema para minha serva.» Temístocles, acordando em sobressalto nesse momento, fez sua oração à deusa e afastando-se da entrada principal, tomou outro rumo. Ultrapassando depois a cidade, acampou quando já era noite. Aconteceu porém que uma das bestas que carregavam sua tenda, tombou por acaso no rio, pelo que sua gente estendeu as tapeçarias, totalmente, molhadas, à luz da lua para secá-las. Os pisidianos não tendo podido discernir de longe, ao luar, que eram tapeçarias estendidas para secar, pensaram tratar-se da própria tenda habitada por Temístocles, e caíram sobre elas com as espadas nuas na mão, esperando encontrá-lo aí dormindo; quando chegaram e já levantavam uma ponta da tapeçaria, alguns dos homens de Temístocles, de sentinela, perceberam-nos e correram sobre eles, prendendo-os. Temístocles, escapando assim a esse perig o espantou-se muito do favor que lhe dispensara a deusa, aparecendo a ele, e em agradecimento, quando atingiu a cidade de Ma gnésia mandou edificar aí um templo a Dindimena, onde fez entrar como religiosa, sua filha Mnesiptleóma.

LV. Transitando, todavia, pela cidade de Sardes ia visitando, por desfastio, os templos e as oferendas aí existentes. No templo da mãe dos deuses viu uma imagem de uma donzela feita de cobre com dois côvados de altura, que se chamava Hidrófora, isto é, portadora de água e era uma estátua que ele mesmo dedicara outrora, tendo-a mandado fazer com o dinheiro resultante das multas a que haviam sido condenados os que furtavam e desviavam água pública de Atenas, quando era ele superintendente das águas. E fosse porque lhe fizesse mal ver essa bela imagem prisioneira entre as mãos dos bárbaros, ou porque quisesse mostrar aos

atenienses quanto prestígio e autoridade ele desfrutava em todos os países obedientes ao rei, falou com o governador da Lídia, pedindo-lhe por favor, concordasse em devolver essa imagem à Atenas. O bárbaro zangou-se muito com o pedido, dizendo-lhe que escreveria sobre isso ao rei. Temístocles sentiu tanto medo com isso que se viu constrangido a recorrer às mulheres e concubinas do governador e, subornando-as por dinheiro, fê-las interceder por ele para amainar a ira do sátrapa. Depois disso ele se conduziu bem mais prudentemente e com mais reserva em todas as coisas, temendo já a inveja dos bárbaros, porque, como escreve Teopompo, deixou de passear daqui para ali pela Ásia, mantendo-se porém, demoradamente na cidade de Magnésia, gozando aí, em paz, dos donativos e benefícios do rei, honrado e venerado como uma das maiores personagens da Pérsia, enquanto o rei estava impedido com os negócios das altas províncias asiáticas, e não tinha tempo de preocupar-se com os da Grécia.

LVI. Mas quando chegaram notícias de que o Egito se tinha rebelado, apoiado pelo favor e auxílio dos atenienses, e de que as galeras gregas vinham correr até a ilha de Chipre e as costas da Cilícia, e de que Cimon dominava todo o mar, volveu-se, por isso, o pensamento do rei para a resistência contra os gregos, a fim de impedi-los que crescessem em seu detrimento. Começou-se assim a recrutar gente, despachar capitães, e enviar mensageiros à Magnésia ao encontro de Temístocles. a quem o rei determinava que superintendesse aos negócios gregos, mantendo as promessas feitas. Mas Temístocles sem mostrar-se ferido nem irritado pelo rancor contra seus concidadãos, nem emocionado pelo desejo do grande poder e autoridade que podia ter nessa guerra, ou talvez não considerando que fosse coisa da qual pudesse sair-se bem, tendo em vista, especialmente, que a Grécia tinha então três grandes capitães e que Cimon, entre os outros, prosperava admiravelmente e, mais ainda, com vergonha de macular a glória de tantos belos feitos, de tantos triunfos e vitórias ganhas por ele, tomou uma resolução, cheia de sabedoria de pôr fim à própria vida, na forma a ele conveniente, porque, oferecendo um solene sacrifício aos deuses, no qual festejou seus amigos de quem se despediu, bebeu depois sangue de touro como o afirma a voz mais corrente ou, como dizem outros, uma espécie de veneno que mata o homem dentro de 24 horas, e acabou assim, os seus dias na cidade de Magnésia, após ter vivido até a idade de sessenta e cinco anos, a maior parte dos quais desempenhando sempre, ofícios e grandes cargos.

LVII. Conta-se que o rei da Pérsia tendo sabido a causa e a maneira de sua morte, o estimou ainda mais que antes, por isso, tendo continuado a tratar sempre bem, seus amigos e parentes, porque ele deixou filhos tidos de Arquipe filha de Misan-dro da cidade de Alopecia, a saber, Arquéptoles, Polieucto e Cleofanto a quem o próprio Platão filósofo menciona, dizendo que era{295} homem de armas bastante bom, mas sem mérito no demais. Quanto aos outros mais idosos, Neocles morreu de uma mordida de cavalo e Adiocles, foi adotado como filho, por seu avô Lisandro. Temístocles deixou ainda muitas filhas, entre as quais Mnesiptólema da segunda mulher, que foi casada com seu irmão Arquéptoles o qual não era da mesma mãe; Itália, casada com um certo Pantidas, natural de Quio; Sibaris casada com Nicomedes ateniense e Nicômaca casada com Fasicles sobrinho de Temístocles, a quem seus irmãos a deram em casamento na própria cidade de Magnésia, após a. morte do pai, sustentando e educando este, a mais jovem de todas que se chamava Ásia.

LVIII. Em relação ao mais, sua sepultura magnífica vê-se ainda na praça de Magnésia, mas quanto a seus ossos, não se deve acreditar no que escreve Ândocides, em discurso feito a seus amigos, quando afirma que os atenienses, tendo encontrado relíquias do seu corpo, as jogaram ao vento, porque isso não passa de uma ficção para irritar os nobres contra o povo. Filarco também, em sua história, nem mais nem menos do que se fosse uma tragédia, arma por assim dizer engenhoso mito no qual faz aparecer não sei que Neocles e Demópols filhos de Temístocles, para levar os leitores à compaixão, mas não há ninguém que não veja imediatamente tratar-se de coisa contestável e de pura invenção. Diodoro o geógrafo, num tratado por ele escrito sobre as sepulturas diz, mas por conjectura do que por ciência certa,

que junto ao porto do Pireu, do lado de quem vem da cabeça de Aícimo{296} há uma ponta em forma de cotovelo dentro da qual quando se dobra sua extremidade, o maré sempre liso, encontrando-se aí uma base grande e longa, onde há como que a forma de um altar, dizendo ele ser a sepultura de Temístocles, e pensa mesmo que o poeta cômico Platão, o testemunha nestes versos:

Tua sepultura é situada no ponto exato

Para ser saudada pelos mercadores;

Ela verá todos os que entrarem

No porto, e. dele saírem;

E caso se trave algum combate

No mar, ele contemplará o choque.

LIX. Os de Magnésia, finalmente, fixaram algumas honrarias para os descendentes de Temístocles que duram até hoje; gozava delas, ao meu tempo, um outro Temístocles Ateniense, com o qual mantive conversação familiar e amizade, em casa do filósofo Amônio.

Fúrio Camilo

Denominado o segundo fundador de Roma.

Desde o ano 308 até o ano 339 de Roma, trezentos e sessenta e cinco anos antes de Jesus Cristo.

I. Dignidades acumuladas sobre Camilo sem o consulado.

Entre as muitas grandes coisas que se dizem de Fúrio Camilo, parece a mais nova e a mais estranha a de ter exercido os primeiros cargos de seu país, realizando muitos altos e gloriosos feitos, como o de ter sido eleito cinco vezes e o de ter triunfado quatro, adquirindo o título de segundo fundador de Roma sem jamais todavia ter sido cônsul. Resulta isso do estado em que se encontrava, por esse tempo, a coisa pública romana porque, mantendo-se o povo em dissensão contra o senado, não queria mais eleger cônsules, elegendo porém, outros governadores que se chamavam tribunos militares, os quais, ainda que fizessem todas as coisas com autoridade e poder semelhante ao dos cônsules, não eram contudo tão odiosos ao povo em razão do nome, porque, colocar a direção dos negócios na mão de seis oficiais e não na de dois somente, era de algum conforto para aqueles que suportavam de má vontade o domínio da nobreza pouco numerosa, Camilo estando assim, durante esse tempo, no auge do seu prestígio, e na maior glória dos seus atos, não desejou ser cônsul contra a vontade do povo, embora durante o tempo em que ele se manteve em voga, tenha havido cônsules eleitos, por muitas vezes.

II. Sua moderação; sua bravura.

II. Em todos os outros cargos e ofícios, entretant o, que ele exerceu de toda a espécie, comportou-se de tal maneira que enquanto esteve só, a autoridade era comum, e quando teve companheiro, a glória do que se fazia recaía apenas sobre ele. De vê-se isso, de um lado, à sua moderação, porque ele comandava sem arrogância, e de outro à sua grande prudência e eficiência, pelo que os demais lhe cediam voluntariamente o primeiro lugar. Não sendo ainda a casa dos Fúrios{297} muito celebre, foi ele o primeiro que de si próprio começou a elevá-la, quando em uma grande batalha travada contra os equos e os volscos, como simples homem de armas, sob o ditador Postúmio Tuberto{298}, foi o primeiro a carregar, avançando na frente de todo o exército, e ferido na coxa, não recuou, mas arrancando, ele próprio, o pedaço de dardo que lhe ficara enterrado, atirou-se sobre os homens mais valentes do inimigo e combateu tão valorosamente que os fez dar as costas.

III. Ele é nomeado censor.

III. Nessa ocasião, além de outras honras e recompensas obtidas, foi ele eleito censor, ofício que já a esse tempo, era de preeminência e dignidade. Realizou Camilo nessa censura, dois atos notáveis: um honesto, quando induziu os homens, não casados, a esposar as mulheres viúvas, muito numerosas por causadas guerras, levando-os a aquiescer, em parte por solicitações que lhes fez, em parte por ameaças de condená-los a multa; o outro necessário quando fez lançar impostos sobre as crianças órfãs as quais antes dele jamais tinham sido

tributadas. O motivo da medida decorria da continuidade das guerras, em virtude das quais a república era obrigada a fazer grandes despesas, especialmente no cerco da cidade dos Veienses, denominados por alguns,{299} venetaneanos, que mais urgia no momento, porque a cidade era a capital de toda a Toscana, a qual em quantidade de armas e em número de combatentes não era de forma alguma inferior a Roma, e engrandecendo-se com a suai opulência e delícias, tinha antes combatido muitas vezes contra esta em muitas grandes batalhas, pela glória e pelo império. Sentindo-se porém, enfraquecida a esse tempo, em razão de numerosos combates em que fora vencida, abandonava sua primeira ambição de sair contra os romanos em campo raso. Tendo os habitantes levantado e guarnecido adequadamente as muralhas com boa provisão de armas, dardos, trigo e outras munições necessárias, sustentavam ousadamente, sem temor de nada esse sítio{300}, que já se prolongava muito, e não era menos penoso e difícil para os sitiantes do que para os sitiados; porque, enquanto, em tempos anteriores não costumavam os combatentes manter-se em campo senão no estio, retirando-se no inverno para suas casas, foram então, pela primeira vez, constrangidos pelos capitães e tribunos militares a edificar fortes e a murar seu acampamento, dentro do próprio território dos inimigos, passando aí, tanto inverno{301} como verão.

IV. Cerco dos Veios.

IV. Ora, já durava o cerco sete anos inteiros, e censurados os capitães por não cumprirem o dever de conduzi-lo com o devido calor, foram eles, finalmente depostos dos seus cargos elegendo-se outros em seu lugar para terminá-lo, entre os quais Camilo que, instituído tribuno militar pela segunda vez, nada tinha feito ainda nesse assédio, porque lhe coubera em sorte, fazer a guerra aos falerianos e capenates, os quais, promovendo correrias em suas terras enquanto os romanos se achavam impelidos em outro lugar, haviam-nos molestado e prejudicado seriamente durante todo o tempo da guerra Toscana. Camilo, porém, batendo grande número deles que encontrou em campo, expulsou os demais, encerrando-os no interior de suas muralhas.

V. Enchentes e extravasamento do lago de Alba.

V. Entrementes, o acidente do lago Albaniano{302}, sobrevindo ao tempo em que a guerra da Toscana se desenvolvia com mais vigor, estarreceu profundamente os romanos, não sendo menos de admirar do que as mais estranhas e incríveis coisas que se pudessem ouvir contar, porque não é possível conceber para o caso, nenhuma razão comum, nem causa com fundamento natural. Estava-se já no princípio do outono e terminava o verão que não fora muito chuvoso, nem excessivamente desagradável em virtude dos ventos sulinos. Existindo na Itália muitos lagos, muitos ribeiros e rios, muitas fontes e outras águas, umas secaram totalmente, outras mal resistiram à seca, estando os rios muito baixos como acontece ordinariamente no verão, havendo bem pouca água. Ao contrário, porém, o lago de Alba que não tem origem em outra fonte, nem transborda de si mesmo, cercado totalmente por encostas e montanhas, onde a terra é bem boa, começou a encher e levantar-se à vista de olhos, sem causa nenhuma a não ser oculta e divina, e continuou assim, crescendo cada vez mais ao longo das encostas até atingir o mais alto nível, subindo sempre serenamente, sem agitação nem tormenta qualquer.

VI. Isso produziu, a princípio, um grande espanto, nos pastores e boiadeiros que guardavam seus animais na região, mas quando a terra de uma das encostas que sustinham o lago como um dique e o impediam de espalhar-se pelo campo, veio, finalmente, a romper-se pelo peso e

grande quantidade de água, a qual se foi descarregar no mar com uma violência e ímpeto inauditos, através das terras lavradias e das herdades arborizadas; então, não somente os romanos, mas todos os habitantes da Itália se aterraram, julgando que era sinal e presságio de algum grande acontecimento futuro, e não falavam de outra coisa dentro do campo que sitiava a cidade de Veios de forma que o rumor penetrou até mesmo os sitiados.

VII. E como sucede ordinariamente em cercos que duram excessivamente, onde os de fora se comunicam muitas vezes com os de dentro, houve um romano que conseguiu aproximar-se, habituando-se a tratar familiarmente com um dos da cidade, que conhecia muitas coisas antigas, e era considerado como mais entendido na arte de adivinhar do que nenhum outro. O romano falou-lhe então, certo dia, nessa enchente do lago de Alba, e vendo que o outro, depois de ter ouvido, dava mostras de grande alegria zombando do assédio, disse-lhe que esse espantoso acidente não fora o único sucedido aos romanos por esse tempo, havendo muitos outros ainda mais estranhos que ele desejaria comunicar-lhe, para ver se não haveria meio de conseguir viessem a bom termo seus negócios particulares, uma vez que os públicos iam tão mal. O veietaneano respondeu que de boa vontade os ouviria e se dispôs a isso atentamente, esperando receber do romano algum grande segredo. Mas este, atraindo-o a si de conversa em conversa sempre caminhando, ao vê-lo bastante longe das portas da cidade segurou-o subitamente, e, sendo mais forte que ele, dominou-o, levando-o aos capitães, ajudado por outros que acorreram do acampamento. Vendo-se assim forçado, e sabendo também que não se pode evitar o destino fatal, começou este homem a declarar e revelar aos romanos, antigos oráculos e profecias relativos à sorte da sua cidade, nos quais se afirmava que jamais ela seria tomada antes dos inimigos fazerem voltar para trás a água do lago de Alba que transbordaria, e antes de provocarem um desvio dessa água em outra direção, de forma que não viesse mais a descarregar-se no mar.

VIII. A notícia transmitida ao Senado de Roma, foi sujeita à deliberação do Conselho, que decidiu se enviasse alguém ao oráculo de Apolo na cidade de Delfos, para perguntar-lhe o que deveria ser feito. Foram, para isso, enviados Cosso Licínio, Valério Potito, e Fábio Ambusto, grandes e notáveis personagens, as quais, feita a viagem por mar e obtida a resposta solicitada, voltaram ao país trazendo um oráculo, entre outros, revelando que, por negligência, tinham sido omitidas algumas antigas cerimonias das férias latinas{303}; e outro determinando que se evitasse por todos os meios imagináveis, que a água do lago de Alba entrasse no mar, fazendo-a voltar, se possível, ao seu antigo leito e desviando-a, em caso contrário, por meio de muitas fossas e valas a fim de que ela se perdesse pelo campo.

IX. Primeira ditadura de Camilo.

IX. Ouvidos os oráculos os sacerdotes deram provimento à parte relativa ao serviço divino, e o povo se dirigiu à água do lago para desviá-la. Feito isso, o Senado, no décimo ano da guerra contra os Veienses, demitiu todos os outros magistrados e instituiu Camilo ditador{304}. Nomeou este como orientador e chefe da cavalaria, a Cornélio Cipião, e antes de qualquer manobra prometeu aos deuses que se lhes agradasse dar um fim favorável a essa guerra, ele Camilo, faria celebrar grandes jogos em sua honra, bem como edificar um templo à deusa denominada pelos romanos Matuta{305}, parecendo ser aquela que nós chamamos Leucotéia, tendo em vista as práticas dos seus sacrifícios, porque eles fazem entrar no templo uma camareira em quem dão bofetadas e fazendo-a sair depois, abraçam os filhos de seus irmãos, de preferência aos próprios, realizando muitas outras cerimonias semelhantes às que se oferecem às amas de Baco, bem como às dificuldades pelas quais passou Ino por causa da concubina de seu marido.

X. Derrota dos Faliscos.

X. Feitos esses votos e orações, entrou Camilo, com seu exército, pela terra dos faliscos, aos quais derrotou em uma grande batalha juntamente com os capenates que os tinham vindo socorrer; dirigiu-se dali para o cerco da cidade de Veios onde vendo que a sua tomada de assalto era coisa muito pe rigosa e difícil, começou a miná-la, verificando ser a terra da região própria para escavações e para minas tão profundas que os inimigos nada podiam perceber. Realizando-se o plano, de acordo com suas esperanças, Camilo fez dar um assalto geral à muralha para obrigar a virem sobre ela todos os da cidade, e, enquanto pretendiam defendê-la, seus homens entraram secretamente pelas minas até o interior da praça no templo de Juno, que era o maior de toda a cidade, e ao qual os habitantes dedicavam a maior devoção. Cola-se que exatamente nesse momento o capitão dos toscanos fazia aí um sacrifício aos deuses, tendo seu adivinho, gritado alto, considerando as entranhas dos animais imolados, que os deuses dariam a vitória a quem surgisse durante o sacrifício.

XI. Tomada de Veios.

XI. Os romanos, dentro da mina, ouvindo essa exclamação romperam imediatamente a terra, lançando-se para fora bradando e fazendo barulho de armas. Os inimigos aterrados fugiram, e eles, tomando as entranhas, levaram-nas a Camilo. Embora isso se assemelhe muito aos contos de imaginação, tendo Camilo tomado a cidade por esse meio, vendo do alto do castelo como os romanos pilhavam e saqueavam a enorme riqueza que havia na cidade, começou a chorar de compaixão. Como aqueles que estavam ao redor dele falassem na sua felicidade, Camilo levantou as mãos para o céu, fazendo a seguinte prece: «Oh! Júpiter altíssimo e vós ó deuses que vedes e julgais as boas e as más ações dos homens, sabeis bastante que nós outros não iniciamos esta guerra voluntariamente, sem razão e sem causa, mas justamente e constrangidos a isso, para vingar-nos de uma cidade inimiga que nos fizera muitos ultrajes. Mas se, por acaso, entretanto, nos é predestinada alguma desgraça, como contrapeso desta prosperidade, eu vos suplico que em lugar de fazê-la cair sobre toda a cidade de Roma, ou sobre todo o seu exército, seja de vosso agrado permitir, com o menor mal possível, que ela caia apenas sobre mim.»

XII. Tendo pronunciado essas palavras quis ele virar-se para a direita, como é costume dos romanos quando fazem suas súplicas e orações aos deuses, mas, ao voltar-se sofreu uma grande queda no meio da praça. Os assistentes perturbaram-se, tomando esse acidente por mau presságio mas Camilo, levantando-se, disse-lhes que tinha-lhe acontecido o que pedira aos deuses: era um pequeno mal, contrabalançando uma grande felicidade.

XIV. Triunfo de Camilo. Ele se opõe à proposta da evacuar uma parte de Roma para ir habitar Veies.

XIII. Pilhada e saqueada toda a cidade, Camilo quis transportar também para Roma, a imagem de Juno, segundo o voto que fizera. Tendo enviado operários para esse fim, sacrificou primeiramente à deusa, rogando-lhe quisesse aceitar e ter por agradável o bom afeto dos romanos, indo voluntariamente habitar entre os outros deuses que mantinham Roma sob a sua proteção. Há quem diga ter a imagem respondido estar satisfeita com isso, embora

Lívio{306} escreva que Camilo fez essa prece tocando a imagem, tendo os assistentes respondido que ela estava de acordo e iria de boa vontade. Aqueles, entretanto que afirmam ter sido a resposta dada pela própria imagem, tendendo para o milagre, têm um grande argumento para ajud ar a prová-lo, na sorte da cidade de Roma, a qual, de um começo tão humilde e pequeno não poderia jamais subir a tão alta glória e tão desmedido poder, sem o especial favor dos deuses, que se revelou de uma forma evidente em muitas grandes e expressas demonstrações. E alegam além disso, m uitas outras maravilhas semelhantes, como a de terem imagens produzido, outrora, gotas de suor, terem sido ouvidas suspirar, terem-se virado de lado ou feito alguns sinais com os olhos como se vê em muitas histórias antigas. Nós mesmos poderíamos contar muitos prodígios semelhantes,{307} ouvidos a homens de nosso tempo, os quais não são para rejeitar nem condenar levianamente. Quanto a tais coisas há o perigo de darmos a elas muito crédito ou muito pouco, em virtude da tolice da natureza humana, a qual não tem limites precisos, não podendo conter-se a si mesma, deixando-se algumas vezes expandir-se em vaidade ou superstição, e outras em desprezo e recusa das coisas divinas, pelo que, manter-se com cautela sem muita precipitação neste campo, como em tudo o mais, é o melhor.

XIV. Camilo, entrementes, seja porque a grandeza da obra concluída o tivesse envaidecido, por ter tomado uma cidade que disputava de igual para igual com Roma, e isso após dez anos de sítio, ou porque as palavras daqueles que o abençoavam e engrandeciam o tivessem encorajado, levando-o a fazer de si mesmo, uma opinião mais presunçosa do que a que comportava a dignidade de um magistrado da república, sujeito às leis, preparou um triunfo soberbo, e magnífico em todo o seu aparelhamento, principalmente em ter-se feito conduzir através de Roma em um carro triunfal tirado por quatro corcéis brancos, o que nenhum capitão ousara antes dele, nem o ousou depois, por considerar-se esse veículo como sagrado e destinado apenas ao rei e pai dos deuses. Essa atitude gerou a malquerença dos seus concidadãos não habituados a um tal desafio. Se houve ainda outro motivo que o tornou malquisto, foi sua oposição à lei projetada de dividir-se a cidade de Roma, porque os tribunos populares propuseram um edito{308}, para que fossem separados o povo e o senado romano em duas partes, manuado-se em R oma aqueles escolhidos pela sorte, indo os outros habitar a cidade de Veios, recentemente conquistada, alegando, para persuadi-los, que uns e outros se tornariam mais ricos, e guardariam mais facilmente suas terras e seus bens das incursões dos inimigos, por meio dessas duas grandes cidades. O povo que já se multiplicara muito{309} e tinha cumprido devidamente sua tarefa, achou o projeto o melhor do mundo e não fazia outra coisa senão gritar em tumulto diant e da tribuna de onde se faziam as arengas, pedindo se submetesse a lei à votação e ao sufrágio popular. Mas o senado, conjuntamente, e toda a gente de bem entre os cidadãos, considerando que esta proposta dos tribunos seria a destruição e não o desdobramento da cidade de Roma, não podiam suportar o progresso dessa lei, recorrendo a Camilo que, com medo de experimentar se ela passaria ou não, ia sempre inventando novos motivos e impedimentos, pelos quais adiava e transferia sempre para mais tarde a sua complementação, sendo, por essa razão odiado, pela plebe. Mas a causa principal, a mais visível e não sem algum fundamento, da malquerença do povo contra ele, resultou da décima dos despojos, embora, em verdade, fosse injustamente que o povo o quis mal por isso. Porque, quando Camilo se viu diante da vila de Veios, fez votos de oferecer aos deuses o dízimo{310} da pressa que se conquistasse na tomada desta cidade, caso a pudesse tomar. Quando, porém, ela foi tomada e pilhada, fosse por constrangimento de molestar seus concidadãos, ou porque, pelo grande número de outros assuntos, tivesse esquec ido seu voto, Camilo permitiu que os homens de guerra repartissem entre si os despojos, realizando seu proveito. Depois de estar, já havia algum tempo fora do cargo, advertiu o senado do fato, enquanto, ao mesmo tempo, os adivinhos revelaram que, pelos sinais dos sacrifícios, percebiam certa irritação e descontentamento dos deuses, sendo necessário reconciliar-se com eles e pacificá-los.

XV. Descontentamento do povo.

XV. Ciente do fato, o senado ordenou que cada um trouxesse, mediante juramento, o décimo do seu ganho, sendo como era, inviável a apresentação das próprias coisas recebidas como parte da presa, para nova partilha. Houve, em consequência, muito atrito e foi necessário usar violência para os pobres soldados, que muito haviam trabalhado e sofrido nessa guerra, devolverem uma tão grande porção do seu lucro, tendo em vista especialmente que muitos o tinham já gasto, motivo pelo qual todos protestavam contra Camilo. Não encontrando este outra razão melhor para cobrir-se foi constrangido a usar a mais fraca e descabida das desculpas, confessando ter agido assim por esquecimento. O povo, entretanto, não deixava por isso de irritar-se asperamente, dizendo que ele oferecera então, aos deuses o dízimo dos bens dos inimigos, e queria, agora, dizimar seus próprios concidadãos. Não obstante isso, cada um trouxe o que devia de sua parte e foi decidido fundir-se uma taça de ouro maciço, para ser enviada ao templo de Apolo, na cidade de Delfos. Como porém, houvesse bem pouco ouro na cidade de Roma, e os oficiais estivessem impedidos de o procurar onde podia ser encontrado, as damas romanas, de si mesmas, decidiram entre elas contribuir com o ouro de suas joias, para empregá-lo na fabricação dessa oferenda que pesou oito talentos{311}. Em recompensa de seu ato, o senado ordenou, para homenageá-las que elas fossem louvadas em público nos discursos fúnebres, por ocasião de sua morte, nem mais nem menos do que se fazia com os grandes homens honrados, quando vinham a falecer, não sendo antes costume elogiar-se assim publicamente as damas nos seus funerais. Foram enviadas três das personagens mais notáveis da cidade, para ir apresentar a oferenda, em uma galera muito bem equipada de bons remadores, e, além disso, paramentada e provida triunfalmente. Tanto, porém, em virtude de tormenta, como no bom tempo posterior, vieram eles a passar por grande perigo pessoal, porque após terem-se quase afogado na tempestade, caíram noutra aventura, quando o vento amainou, da qual também escaparam, contra toda a esperança, pois aconteceu que perto da ilha de Eolo, as galeras dos liparianos atacaram-nos como se fossem corsários{312}. Quando, entretanto, os liparianos viram que eles não se defendiam mas imploravam estendendo-lhes as mãos, não carregaram mais contra eles, mas ligaram apenas a sua galera às deles e arrastando-a para terra expuseram publicamente à venda em leilão, os bens e as pessoas que trazia, depois de tê-las declarado piratas, e tudo teria sido vendido se não fosse a prudência e autoridade de Timasíteo, a esse tempo capitão da praça, o qual teve muita dificuldade em persuadir o povo a que os deixasse ir. Não só o conseguiu entretanto, como ainda determinou fossem lançados ao mar alguns navios a ele pertencentes, com os quais os acompanhou nessa viagem, ajudando-os a fazer sua oferenda. Por esse motivo foram-lhe depois prestadas grandes homenagens em Roma, como ele merecia.

XVI. Ora, por esse tempo, recomeçavam os tribunos do povo a propor a lei referente à divisão dos habitantes da cidade. Sobreveio entretanto, a guerra dos faliscos bem oportunamente, conferindo aos nobres meios de eleger os magistrados que entenderam. Foi assim eleito Camilo tribuno militar{313} em companhia de outros cinco, uma vez que o momento exigia um comandante de reputação e austeridade já adquiridas numa longa experiência em assunto de armas. Tendo o povo autorizad o a eleição, Camilo entrou imediatamente no país dos faliscos com o exército romano onde foi sitiar a sua cidade que era bem fortificada e provida de todas as coisas exigidas e necessárias para a guerra. Consciente perfeitamente, de que não era fácil tomá-la, nem empresa para ser levada a cabo em pouco tempo Camilo pretendeu manter os seus concidadãos ocupados em alguma coisa, distraindo-os de forma a não terem folga, com demorada permanência em suas casas, para promover sedições e lutas. Os romanos usavam sabiamente este remédio, voltando para fora, como os bons médicos, os humores que ameaçavam perturbar o repouso da República.

XVII. Guerra dos Faliscos.

XVII. Os f alerianos porém, confiando na resistência de sua cidade, forte de todos os lados faziam tão pouco caso do sítio, que, aqueles que não estavam de guarda nos muros, passeavam desarmados pela cidade levando seus filhos à escola, cujo mestre os conduzia frequentemente a passeio fora da cidade para brincar ou exercitar-se ao longo das muralhas.

Porque eles tinham um mestre-escola comum para toda a cidade, como ainda os têm os gregos, querendo que seus filhos se acostumassem, desde o início, a comerem juntos e a conversarem sempre reunidos. Esse professor aguardando ocasião de causar mal aos falerianos, levava todos os dias seus filhos para divertir-se fora da cidade, a princípio não longe das muralhas, reconduzindo-os depois para dentro após terem brincado e feito exercício. Saindo com eles o professor os conduzia cada dia um pouco mais longe para atribuir-lhes confiança, dando-lhes a entender que não havia perigo, até que finalmente, tendo certa vez consigo, todas as crianças da cidade, avançou até a guarda do campo romano, a quem entregou seus escolares, solicitando-lhes que o levassem ao seu general, o que foi feito. Quando ele se viu diante de Camilo começou a dizer que era mestre e preceptor dessas crianças mas considerava de maior importância cair em suas boas graças, do que cumprir o dever imposto por esses títulos, motivo pelo qual vinha entregar-lhe a cidade pondo as crianças em suas mãos.

XVIII. Ouvindo essas palavras Camilo considerou o ato miserável e mau, dizendo aos circunstantes que a guerra era coisa bem ruim onde se cometiam muitas violências e ultrajes mas que entretanto havia ainda entre gente de bem, algumas leis e alguns direitos bélicos, não se devendo procurar a vitória com avidez tal, que não se evitassem as contingências de usar meios tão nefandos e condenáveis, sendo necessário a um grande capitão, fazer a guerra confiando na própria virtude e não na maldade de outrem. Ordenou assim a seus lictores{314} que rasgassem as vestes daquele homem mau, atando-lhe as mãos atrás das costas, distribuindo às crianças varas e correias para que elas tangessem o miserável traidor, chicoteando-o até a cidade. Ora, mal os falerianos tiveram notícias de que o mestre-escola os havia traído, toda a cidade cobriu-se imediatamente de luto, como se pode avaliar em uma tão grave perda, correndo homens e mulheres de roldão para as muralhas e portas da cidade, sem saber o que faziam, tão perturbados estavam. Perceberam dali seus filhos que chicoteavam de volta o mestre, nu e amarrado, chamando Camilo seu pai, seu deus e seu salvador. Não somente os pais e as mães das crianças, mas também todos os outros cidadãos conceberam assim, em conjunto, uma grande admiração e singular afeto pela probidade, bondade e justiça de Camilo, razão pela qual reuniram imediatamente o Conselho sendo aí resolvido prontamente, enviar-se embaixadores a ele Camilo, para colocar-se a si mesmos e aos próprios bens à sua discrição.

XX. Nova tentativa para fazer habitar Veios pelos Romanos.

XIX. Camilo enviou os embaixadores a Roma onde lhes foi concedida audiência pelo Senado, na qual disseram que, tendo os romanos preferido a justiça à vitória, haviam-lhes ensinado que era melhor para eles submeter-se do que manter a própria liberdade, declarando terem sido dominados, mais por sua virtude, do que pela sua força e poder. O Senado entregou o assunto a Camilo para agir e decidir como bem lhe aprouvesse. Fazendo os falerianos pagar uma soma em dinheiro, Camilo firmou paz e aliança com o resto dos faliscos, voltando em seguida à Roma. A gente de guerra ficou muito descontente com a solução, por ter concebido a esperança de pilhar a cidade dos falerianos, e percebendo assim que era preciso voltar para a casa com as mãos vazias, começou em Roma, a acusar Camilo, junto aos demais cidadãos, dizendo que ele não amava a plebe e, por inveja, tinha tirado aos pobres o meio de realizarem seu proveito.

XX. Como os tribunos populares, por outro lado, tivessem proposto de novo sua lei, referente à divisão dos habitantes de Roma e pretendessem fazê-la passar pelo sufrágio do povo, Camilo, sem medo de incidir na malquerença popular, fez e disse livremente, às claras, tudo quanto foi possível contra essa lei, tornando-se assim, manifestamente, pela sua grande insistência, a causa principal do povo recusá-la, mau grado ele próprio. A plebe manteve-se entre tanto, tão asperamente indignada contra ele, que mesmo em relação ao acidente que

sofreu em casa, onde um de seus filhos morreu de doença, não suavizou, por piedade sua ira muito embora, Camilo que era de boa e afetuosa natureza, sentisse essa perda muito amargamente, de tal forma que, chamado pela justiça, não se moveu de casa, mantendo-se fechado com as mulheres, de luto pela morte do filho. Quem o acusava era Lúcio Apuleio inculpando-o de ter subtraído e desviado parte dos despojos de Toscana, afirmando-se que tinham sido vistas em sua casa, algumas portas de bronze, trazidas dali.

XXI. Ora, o povo estava tão fortemente irritado contra ele que era evidente e do conhecimento de todos que, se alguma vez o pudesse apanhar entre as mãos por qualquer motivo, certamente o condenaria. Reunindo, por isso, seus amigos e os que tinham estado na guerra sob seu comando, ou em missão c om ele, os quais eram muito numerosos, rogou-lhes que não permitissem fosse ele assim, baixamente condenado por imputações, que falsamente lhe atribuíam, nem escarnecido e difamado por seus inimigos. Seus amigos, confabulando e discutindo entre si, responderam-lhe que, quanto ao julgamento, não viam como podê-lo socorrer, mas caso fosse condenado, declaravam que eles se cotizariam todos, de boa vontade, para ajudá-lo a pagar a multa. Não podendo Camilo suportar tamanha indignidade, resolveu, colérico, sair da cidade e exilar-se. Após despedir-se de sua mulher e de seu filho saiu de casa, dirigindo-se à porta da cidade sem dizer palavra; quando ali chegou porém, deteve-se subitamente, e voltando-se para trás, estendeu as mãos na direção do Capitólio, rogando aos deuses, se não fosse por justiça, mas iniquamente que o povo, por inveja, o constrangia a sair vergonhosamente da cidade, que bem cedo se arrependessem os romanos e que, lamentando publicamente a sua perda, viessem a tratar de novo com ele.

XXII. Camilo é condenado e banido.

XXII. Depois de ter feito essa prece contra seus concidadãos, como Aquiles contra os Gregos, Camilo partiu, e foi condenado, por contumácia, a uma multa de quinze mil asses{315} em moeda romana que equivalem na grega a mil e quinhentas dracmas de prata, uma vez que o asse era uma pequena moeda, correspondente a um décimo do dinheiro de Roma. Mas não há romano que não creia firmemente que a punição não se tenha seguido incontinente, e que a injustiça a ele feita não tenha sido logo vingada com uma vingança nada agradável de recordar, mas dura e mordente, notável e célebre; aliás, tais foram as desgraças que tombaram subitamente sobre a cidade de Roma, e de tal forma lhe trouxe esse tempo ruína e perigo, de mistura com vergonha e infâmia, seja por mero acaso ou porque corresponda à missão própria de algum deus, não permitir que a virtude seja assim ingratamente ultrajada, sem vingança.

XXIII. Invasão dos Gauleses.

XXIII. O primeiro sinal que os ameaçou então, do grande desastre futuro, foi a morte de Júlio, um dos censores, porque os romanos veneram especialmente e consideram santo e sagrado o ofício dos censores. O segundo sinal, revelado um pouco antes do exílio de Camilo, foi uma personagem sem grande importância, não pertencendo ao corpo do Senado, embora homem de bem e de boa consciência, chamado Marco Seditio, ter advertido os tribunos militares de uma coisa que bem merecia ser meditada, porque ele lhes disse que na noite precedente, quando seguia seu caminho ao longo da rua nova, ouviu alguém chamá-lo em alta voz, e quando se voltou para ver quem era, nada viu mas ouviu somente uma voz mais forte que a humana dizer-lhe: «Marco Seditio, vá amanhã aos tribunos militares para adverti-los de que esperem ter logo aqui os gauleses.» Os tribunos não fizeram senão ouvir e zombar dessa

advertência, sobrevindo logo depois a condenação de Camilo.

XXIV. Ora, quanto aos gauleses{316} pertenciam eles, como se diz, à nação Céltica e não sendo seu país suficiente para sustentar e nutrir sua multidão, tinham saído a procura de outras terras onde habitar. Havia entre eles muitos milhares de jovens de serviço e bons combatentes, mas ainda maior número de mulheres e crianças. Desses, uns se lançaram do lado do oceano Setentrional, passaram os montes Rifeus{317} e ocuparam as partes extremas da Europa. Outros se detiveram entre os montes Pireneus e as grandes montanhas dos Alpes, junto aos senones e celtorianos, onde permaneceram muito tempo, até que aconteceu experimentarem o vinho a eles trazido da Itália, e de tal forma acharam boa a bebida que se sentiram transportados pelo desejo e volúpia de bebê-la, e tomando repentinamente armas seguiram com mulheres e crianças pelo caminho dos Alpes, para procurar o país produtor de um tal fruto, considerando toda outra terra estéril e selvagem.

XXV. Penetram na Toscana.

XXV. Conta-se que foi um certo toscano, chamado Arronte, quem primeiro levou-lhes o vinho, quando foi solicitar-lhes que passassem à Itália. Era Arronte homem nobre, não sendo aliás, de má natureza. Sucedera-lhe entretanto o seguinte desastre: ele era tutor de um menino órfão chamado Lucumo, o mais rico existente em todo o país da Toscana, e além ‘ disso de uma maravilhosa beleza. Foi este assim, tratado desde a primeira infância, na casa de Arronte, e depois de ter atingido a adolescência, não quis sair dali, simulando achar-se muito bem em sua companhia, mas pela razão verdadeira de, há já muito tempo, entreter relações secretas com a mulher de Arionte, a quem amava, sendo também amado. Esse amor, todavia desenvolveu-se tanto, finalmente, que eles já não podiam afastar-se um do outro, e ainda mesmo dissimulá-lo, razão pela qual o jovem raptou-a enfim, e a reteve pela força. Arronte o chamou a juízo, mas foi mal sucedido, porque Lucum o o venceu e suplantou por meio de amigos, dinheiro, presentes e gastos. Arronte sofreu tão grande mágoa, que abandonou seu país e tendo ouvido falar nos gauleses juntou-se a eles e os guiou à Itália, onde conquistaram imediatamente toda a região mantida antigamente pelos toscanos, a qual começa ao pé das montanhas, estendendo-se de um a outro mar que cerca a Itália como os próprios nomes o testemunham, porque o mar voltado para o norte ainda se chama Adriático, em virtude de uma cidade denominada Adria, fundada pelos toscanos, chamando-se o outro, situado em frente, olhando para o sul, mar da Toscana.

XXVI. Toda esta província é bem arborizada e tem belas e boas pastagens para alimento do gado, sendo banhada e irrigada por muitos rios e continha, desde esse tempo, dezoito cidades belas e grandes, todas muito bem colocadas tanto para enriquecer seus habitantes pelo tráfico de mercadorias, como para sustentá-los opulentam ente. Os gauleses tinham ocupado todas essas cidades, das quais expulsaram os toscanos, havia já muito tempo. Nesse momento porém, tendo avançado mais para o interior da Toscana, estavam cercando a cidade de Clusio, e como os clusios, recorrendo ao auxílio dos romanos, lhes tivessem rogado quisessem enviar cartas e embaixadores a esses bárbaros, em seu favor, foram mandados três das melhores e mais honradas personagens da cidade, todos três da casa dos Fabianos. Os gauleses os receberam com bondade em virtude do nome de Roma e cessando de bater e assaltar a cidade, deram-lhes audiência na qual os embaixadores romanos lhes perguntaram que mal tinham feito os clusios para eles virem fazer-lhes a guerra.

XXVII. Breno, rei dos gauleses, se pôs a rir a esta pergunta, e respondeu-lhes: «Os clusios nos

prejudicam em serem poucos e não poderem lavrar muitas terras, querendo apesar disso, ocupá-las, sem concordar em partilhá-las conosco que somos estrangeiros fora do nosso país e que temos necessidade delas. O mesmo erro praticavam antigamente em relação a vós outros romanos, os de Alba, os fidenates e os ardeates, e agora os veienses, os capenates e parte do s faliscos e volscos, contra os quais tomastes armas e ainda as tomais todas as vezes que eles não querem repartir convosco os seus bens, escravizais suas pessoas, pilhais suas riquezas e destruís sua cidade; e, agindo assim, não praticais ultrajes nem injustiça nenhuma, mas seguis a lei mais antiga deste mundo, a qual entrega sempre aos mais fortes o que é dos mais fracos, começando com os deuses e terminando com os animais, entre os quais por natureza, os mais potentes querem sempre obter vantagem sobre os mais fracos. Cessai portanto, de apiedar-vos de ver os clusios sitiados, por temor a que possais ensinar os gauleses, a ter compaixão daqueles que oprimis.»

XXVIII. Temeridade dos Fabianos. Os Gauleses marcham contra Roma.

XXVIII. Perceberam os romanos, com essa resposta, que não havia meios de entrarem em acordo com o rei Breno. Recolheram-se, em consequência, à cidade de Clusio, onde levantaram a coragem dos habitantes e os incitaram a fazer com eles uma sortida contra os bárbaros, seja pelo desejo de experimentar a valentia dos gauleses ou de mostrar a própria. Fizeram assim os da cidade um ataque e houve um grande choque bem junto às muralhas, no qual um dos Fabianos, chamado Quinto Fábio Ambusto montado em um cavalo lançou-se de encontro a um belo e agigantado gaulês, que se tinha precipitado muito adiante da tropa. O fato não foi conhecido a princípio, tanto por ter sido o choque repentino, como também porque o brilho de suas armas ofuscava a vista dos assistentes. Depôs, porém, que ele venceu o gaulês e veio despojá-lo, Breno o reconheceu e protestou contra ele, chamando os deuses em testemunho de que tinha violado as leis e o direito das gentes tendo vindo como embaixador e praticado ato de inimigo fez assim cessar no mesmo instante a luta, e levantando o cerco de Clusio, conduziu seu exército diretamente contra a própria Roma, e para não pensarem que os gauleses estavam satisfeitos com a ofensa que lhes fora feita, a qual lhes dava um protesto honesto para começar a guerra contra os romanos, enviou adiante dele um arauto, pedindo a entrega daquele que praticara o insulto, para ser punido, e, enquanto isso, avançou atrás dele em marchas reduzidas.

XXIX. O Senado, à vista disso, reuniu-se em Assembleia, onde houve muitos senadores que censuraram a temeridade dos Fabianos, sobretudo os sacerdotes denominados Feciais que deram grande importância ao caso, por tocar a religião e a honra dos deuses, demonstrando que o Senado, para descarregar e absolver o resto da cidade do crime desse atentado, devia fazer refluir todo o seu peso sobre quem o tinha cometido. O rei Numa Pompilio, o mais justo e o mais pacífico de todos os reis romanos, foi quem instituiu o colégio deste Feciais e determinou fossem eles os guardas da paz, bem como juízes para conhecer e aprovar as causas pelas quais se poderia, com justiça, começar a guerra. O Senado, todavia, transferiu a decisão do assunto à vontade e julgament o do povo, diante de quem os Feciais acusaram da mesma forma a Fábio Ambusto. O povo, entretanto, deu tão pouca importância à religião e à honra dos deuses, nesse caso, que em lugar de entregar o mencionado Fábio aos inimigos o elegeu um dos tribunos militares juntamente com seus irmãos. Cientes do fato, os gauleses, ficaram tão revoltados e irritados que já não quiseram de forma alguma contemporizar, mas marcharam com toda celeridade sobre Roma.

XXX. Ora, os povos que ficavam no caminho por onde eles passavam, espantados de vê-los em tão grande número e com tão belo equipamento, e temendo a violência da sua ira, supunham que a terra viesse a ser inicialmente destruída por eles, e que as próprias cidades o seriam imediatamente depois; mas eles, ao contrário, não se apropriaram de coisa alguma da região nem fizeram mal, nem desprazer a ninguém, e passando ao lado das cidades gritavam que iam

a Roma e não queriam guerra senão contra os romanos, desejando quanto aos demais, manter-se amigos de todo o mundo.

XXXI. Batalha de Ália.

XXXI. Avançando então os bárbaros, com esta intenção contra Roma, os tribunos militares fizeram sair a campo o exército romano, para combatê-los. Não eram em menor número do que os gauleses, porque havia perto de quarenta mil combatentes a pé, cuja maior parte, entretanto, era de homens novos e não aguerridos, jamais antes tendo lidado com armas. Houve ainda, de sua parte, displicência e desprezo pelas coisas pertencentes à religião dos deuses, porque ninguém se preocupou nem em obter os sinais favoráveis dos sacrifícios, nem de inquirir dos adivinhos o que era do costume antes de uma batalha. Mas além de tudo isso, o número excessivo de capitães, iguais em poder, prejudicou a ação tanto ou mais que nenhuma outra causa, tendo em vista que, muitas vezes antes, em assuntos de muito menor importância e menos perigosos, fosse hábito eleger magistrados únicos, com poder soberano, denominados ditadores, conhecendo-se muito bem, qual a importância, em tempos de crise, de haver um único chefe no comando, com toda a autoridade da justiça nas próprias mãos, sem ser obrigado a prestar contas do que faz.

XXXIII. Observação sobre os dias de desgraça.

XXXII. O mal que tinham feito, ingratamente, a Camilo, causou-lhes também, então um prejuízo muito grande, porque, depois disso, os outros capitães não ousaram mais comandar rudemente o povo nada mais fazendo do que lisonjeá-lo. Saindo pois a campo, eles acamparam ao longo de um ribeiro chamado Alia, aproximadamente cinco léguas e meia longe da cidade, não distante do local onde o dito ribeiro desemboca no Tibre. Encontraram-se ali com os bárbaros que os venceram em batalha, em virtude da má ordem existente em seu exército, porque a ala esquerda de sua linha foi incontinente rompida pelos gauleses, os quais a forçaram com tal violência, que a lançaram no rio, enquanto a ala direita tendo-se retirado antes do choque, um pouco para fora do terreno plano, sobre algumas encostas próximas, foi menos prejudicada, salvando-se dela a maior parte, que se retirou para Roma. Dos demais entretanto, os que puderam escapar após os inimigos terem-se cansado de matar, retiraram-se, à noite, para a cidade de Veios, supondo perdida a de Roma e passados a espada todos quantos ali se encontravam. Essa derrota se deu em pleno verão, em tempo de lua cheia, no mesmo dia em que, antes, sucedera o grande desastre dos Fabianos, quando houve trezentos, todos do mesmo nome, mortos em um dia pelos toscanos. O dia foi depois chamado Aliada,{318} do nome do ribeiro, ao lado do qual se deu esta segunda catástrofe.

XXXIII. Quanto à diferença dos dias porém, se é verdade que há alguns naturalmente desfavoráveis, ou se o filósofo Heráclito repetiu com a boa razão o poeta Hesíodo, que os declara, uns auspiciosos, outros infaustos, como se não considerasse igual a natureza de todos, nós tratamos e discutimos o assunto em outro lugar{319}. Em relação à matéria que se oferece agora, entretanto, não será fora de propósito aduzir ao acaso, alguns exemplos apenas. Aconteceu outrora aos beocianos ganharem duas vitórias, muito gloriosas, no quinto dia do mês que eles chamam Hipódromo, e é chamado pelos atenienses Hecatombeon, isto é, o mês de junho. Em cada uma dessas vitórias eles restauraram de novo a liberdade dos gregos. Uma foi a de Leuctres{320} e a outra de Geresto, verificada mais de duzentos anos{321} antes, quando venceram em batalha, latânios e os tessalianos. Os persas, ao contrário, foram vencidos pelos gregos em batalha, no sexto dia do mês de agosto{322} na jornada de Maratona; no terceiro, na de Platéia{323} e, no mesmo dia, perto de Mcale; no vigésimo quinto dia na de

Arbela{324}. Os atenienses ganharam a batalha naval perto da ilha de Naxos, sob o comando de Chabrias, mais ou menos no plenilúnio do mês de agosto{325} e no dia vinte desse mês, a de Salamina{326}, como noticiamos mais amplamente, no tratado que fizemos sobre a diferença dos dias.

XXXIV. Assim também, e de forma semelhante, o mês de abril{327} trouxe aos bárbaros perdas bem notáveis, porque Alexandre o Grande, bateu os comandantes do rei da Pérsia na jornada de Gra-nico nesse mês, e os cartagineses foram derrotados na Sicília por Timoleon no dia 27{328} e nesse mesmo dia considera-se como tendo sido tomada a cidade de Tróia, assim como o escrevem Éforo, Calístenes, Damastes, Pilarco. Ao contrário também, o mês de julho{329}, que os beocianos chamam Panemo, não foi favorável aos gregos, porque no dia sete desse mês, foram eles vencidos por Antipater na batalha de Cranon, que se transformou em sua ruina total, e antes, tinham sido batidos, no mesmo mês, junto à cidade de Queronéia pelo rei Filipe {330} e no mesmo dia, mês e ano, os que tinham passado à Itália com o rei Arquidamo,{331} aí foram derrotados pelos bárbaros do país. E os cartagineses temem o dia 27{332} como o que outrora lhes trouxe os maiores desastres e desgraças. Ao c ontrário também, não ignoro que, por ocasião da festa dos Mistérios, a cidade de Tebas{333} foi destruída por Alexandre, e que os atenienses foram constrangidos a receber guarnição em sua cidade nas proximidades do dia 20 de agosto, quando se faz a santa procissão mística de Baco.{334} É também de notar que os romanos perderam, no mesmo dia, o seu exército com o chefe Cipião{335} batido pelos Cimbros e que depois, conduzidos por Lúculo venceram o rei Tigrano e os armênios; e que Átalo e Pompeu morreram ambos em dia correspondente ao do seu nascimento. Poder-se-iam, em resumo, aduzir muitos exemplos de pessoas às quais, coube notáveis acidentes de boa e má fortuna, após as mesmas revoluções de tempo.

XXXV. Para voltar à nossa história porém, o dia desta derrota é um dos que os romanos consideram mais nefastos, em virtude da mesma. Outros{336} dois dias ainda, em cada mês, foram também reputados de mau agouro, tendo-se estendido para diante o temor e a superstição, em virtude desse sinistro acontecimento, como acontece ordinariamente. Sobre isso, porém, escrevemos mais ampla e cuidadosamente no livro em que demos razão dos costumes e maneira de agir dos romanos{337}.

XXXVI. Consternação dos Romanos.

XXXVI. Ora, depois desta derrota, se os gauleses tivessem perseguido com calor os fugitivos, nada poderia ter salvado a cidade de Roma e estaria ela inteiramente perdida e destruída, sendo passados a fio de espada todos os seus moradores, de tal forma os que escaparam em rápida fuga, vieram trazer o terror aos que os receberam, enchendo a cidade de confusão, pavor e perplexidade. Mas os bárbaros, não percebendo sua vitória como sendo tão grande, como tinha sido e divertindo-se em passar bem nessa tão grande alegria e além disso em repartir entre si os despojos encontrados no campo dos inimigos deram tempo e sossego à multidão que fugiu da cidade para retirar-se, à sua vontade, recolhendo-se a lugar seguro, e aos que ali permaneceram, para ter ainda esperança de salvação, tomando providências e preparando-se para isso, porque, abandonando todo o resto da cidade, entrincheiraram e fortificaram o monte do Capitólio, provendo-o de toda a sorte de armas. Antes de qualquer ação, todavia, levaram esta parte das coisas santas e sagradas para dentro do dito forte do Capitólio, e as virgens religiosas da deusa Vesta, trouxeram para ali o fogo santo com as suas outras coisas sagradas, embora haja quem pretenda não terem elas outra coisa em sua guarda, senão esse fogo eterno, por instituição do rei Numa, o qual quis e ordenou que fosse o fogo venerado, como o princípio e o começo de todas as coisas{338}, tendo em vista que é a substância mais móvel existente na natureza, como a querer significar que a geração é um movimento, ou pelo menos que ela não se realiza sem algum movimento, e que toda outra matéria, quando lhe falta o calor, mantém-se inerte e imóvel, sem ação nenhuma como coisa

morta, apetecendo e procurando o rigor do fogo, como a própria alma, a qual recobrada, permite-lhe então começar a mover-se de alguma forma, dispondo-se a atuar ou a suportar alguma atuação. Essa foi a razão pela qual, Numa, tendo sido, como dizem, homem de grande conhecimento e que por sua sabedoria tinha fama de comunicar-se com as musas, consagrou o fogo e quis fosse ele conservado sem que o deixassem extinguir-se, nem mais nem menos do que como uma imagem viva do poder eterno, que rege e governa todo este mundo.

XXXVII. Dizem outros, que havia togo sempre ardente, diante das coisas sagradas, para fim e símbolo de purificação, como também os gregos o têm, havendo porém, no interior, coisas escondidas as quais não é permitido a ninguém ver, senão a essas virgens consagradas, chamadas Vestais. Há muitos que insistem em dizer que o Paládio de Troia, isto é, a imagem de Palas, trazida por Enéias à Itália, está aí escondido. Há outros que contam que, quando Dardano edificou inicialmente a cidade de Troia, levou para lá as santas imagens dos deuses Samotracios, onde os consagrou, mas que Enéias, depois, quando a cidade foi tomada os subtraiu, guardándoos consigo até vir habitar a Itália. Outros, simulando saber sobre o assunto mais do que comumente se sabe, afirmam haver lá dois tonéis, não grandes, dos quais um está vazio e aberto, o outro fechado e cheio, podendo, porém, vê-los, apenas essas virgens sagradas. Consideram outros estarem estes últimos enganados no que dizem, porque na verdade as Vestais lançaram, nessa ocasião, dentro dos tonéis, tudo quanto aí puderam encerrar, escondendo-os sob a terra no templo de Quirino, razão pela qual o lugar ainda hoje tem o nome dos tonéis{339}, mas tomando consigo o que era mais importante e mais venerável, fugiram margeando todo o rio. Lúcio Albino, homem popular que também fugia levando em um carro sua mulher e filhos pequenos, com seus móveis mais necessários encontrou-as ali e assim que percebeu essas virgens sagradas, inteiramente sós, levando entre os braços as joias santas dedicadas ao serviço dos deuses, com grande dificuldade para caminhar, fez descer incontinente sua mulher, seus filhos e seus bens, exortando-as a tomarem o carro e a fugirem para uma das cidades gregas. Pareceu-me por isso que não devia continuar, sem fazer, de passagem, uma ligeira menção à reverência e devoção aos deuses, revelada por esse Albino em tempos de perigo tão extremo.

XXXVIII. Quanto ao resto, os sacerdotes dos outros deuses e os velhos mais respeitáveis da cidade que haviam, outrora, sido cônsules ou tinham obtido a honra do triunfo, vestindo suas mais belas roupas sagradas, sem coragem de abandonar Roma, voltaram-se a si mesmos e por assim dizer, se sacrificaram voluntariamente ao destino, para o bem de seu país, e repetindo certas palavras e preces que Fábio, o soberano pontífice, lhes recitou, foram assim vestidos, sentar-se em cadeiras de marfim, na grande praça, esperando lhes fosse enviado o que aprouvesse aos deuses.

XXXIX. Os Gauleses entram em Roma e a destroem. Manilo salva o Capitólio.

XXXIX. Três dias depois entretanto, chegou Breno com seu exército, e encontrando as portas da cidade inteiramente abertas com as muralhas sem guarda, teve medo, a princípio, de que fosse um ardil ou uma emboscada, não podendo acreditar, estivessem os romanos tão abatidos a ponto de abandonarem sua cidade. Depois, porém, que se informou exatamente da verdade, entrou pela porta Colina e tomou Roma, pouco mais de 360 anos após{340} sua primeira fundação, se é possível que até hoje tenha restado qualquer certeza relativa à conta desse tempo, tendo em vista que a perplexidade e a confusão dominantes na época, tornaram duvidosas muitas coisas mais modernas do que estas. É positivo, todavia, que o rumor dessa conquista repercutiu imediatamente ainda que obscura e incerta, na Grécia, porque, Heraclides o Pontico, que viveu não muito distante desse tempo, conta, em um tratado sobre a alma, ter vindo notícia, do lado do poente, que um exército saído de além dos Hiperboreanos, tomara uma cidade grega chamada Roma, construída no país à beira do grande mar. Não me admiro, porém, se Heraclides que escreveu tantas outras fábulas e mentiras, exagerou a

notícia verdadeira da tomada de Roma, acrescentando aí, como coisa sua os Hiperboreanos e o grande mar. É coisa certa que o filósofo Aristóteles soube positivamente da conquista dos gauleses, declarando, todavia, que quem a salvou depois, se chamava Lúcio, quando em realidade chamava-se Marco Camilo e não Lúcio. Tudo isso porém, não é dito senão como conjectura.

XL Camilo bati em grande contingente gaulés perto da Arcléia.

XL. Entrando em Roma, Breno ordenou a parte de sua gente que mantivesse sitiados os do Capitólio, enquanto ele com os demais, desceu à praça, assombrando-se muito ao ver esses homens sentados assim em suas cadeiras, com toda gravidade sem dizer palavra especialmente quando não se levantaram, vendo os inimigos em armas, dirigir-se para eles nem alteraram de forma alguma o rosto, nem a cor, apoiando-se, calmamente, sobre os bastões mantidos entre as mãos, sem revelar espanto, nem terror diante de coisa alguma, contemplando-se uns aos outros. Os gauleses perturbaram-se muito, a princípio com a estranha conduta dessa gente, hesitando, por algum tempo, em aproximar-se e tocá-la, temendo fossem deuses, até que um deles teve bastante ousadia para chegar junto a Marco Papírio, e passar-lhe suavemente a mão pela barba loura. Deu-lhe Papírio com o bastão, tão forte pancada sobre a cabeça que o feriu, levando o bárbaro, irritado a desembainhar sua espada e matá-lo. Os outros, imitando-o mataram também em seguida todos os demais e permanecendo muitos dias pilhando e saqueando tudo o que havia nas casas, atearam-lhes depois fogo, arruinando-as por despeito contra os que se mantinham firmes no Capitólio, os quais sem querer render-se à sua intimação, tinham-nos repelido muito bem quando se aproximaram da muralha. Eles, por isso, demoliram inteiramente a cidade, passando a fio de espada todas as pessoas que lhes caíram nas mãos, tanto mulheres como homens, crianças e velhos.

XLI. Ora, prolongando-se muito o assédio, começaram os víveres a escassear para os gauleses e foi-lhes necessário procurá-los fora, razão pela qual se dividiram, mantendo-se uma tropa com o rei no cerco do Capitólio, e indo os demais correr o país para abastecer-se pilhando as aldeias da região, não em conjunto mas em bandos separados, uns cá outros lá, sem preocupar-se com nada, nem manter-se prevenidos, de tal forma se fiavam em sua fortuna. A maior parte dessas tropas, entretanto, dirigiu-se, por acaso, para a cidade de Ardéia, onde se encontrava Camilo, vivendo como homem privado, sem imiscuir-se, de maneira alguma, em negócios, desde o seu exílio até o momento em que começou a ter esperança e a pensar, não como quem se contentasse em manter-se escondid o e em segurança, escapando à mão dos inimigos, mas como quem espreitasse os meios de liquidá-los se a ocasião se apresentasse. Vendo em consequência, que os habitantes de Ardéia constituíam número assaz respeitável, faltando-lhe porém coração e audácia por causa da covardia de seus governadores e capitães que não tinham experiência alguma de guerra, Camilo começou a espalhar entre os jovens que não se devia considerar a desgraça dos romanos como decorrente do valor dos gauleses, nem a calamidade que caíra sobre eles, por não terem segui do bom conselho, como sendo obra daqueles que nada tinham, de sua parte, que lhes tornassem merecida a vitória, devendo-se reconhecer que não se tratava de outra coisa senão só da sorte que quisera mostrar seu poder, sendo empresa bela e honrosa expulsar para fora do país, ainda que com perigo, estrangeiros bárbaros, tendo em vista que eles não tinham outro fim em sua vitória, senão o de perder e consumir como o fogo tudo quanto caía em suas mãos. Se eles pois, quisessem revelar coragem apenas, esforçando -se para isso, ele Camilo lhes daria a vitória a tempo e hora, sem nenhum perigo.

XLII. É chamado do exílio e nomeado ditador.

XLII. Os jovens consideram esses propósitos como os melhores do mundo, razão pela qual Camilo dirigiu-se também aos oficiais e aos do conselho, e, tendo-os persuadido, fez armar todos quantos estavam em idade de envergar o escudo, s em permitir que nenhum sequer saísse da cidade, temendo que os inimigos, próximos dali, o percebessem. Porque após correrem todo o país, carregados com a pi lhagem de toda a sorte de presas, foram os inimigos acampar negligentemente, sem prevenir-se, em campo aberto, onde, depois de embriagar-se, puseram-se a dormir, havendo grande silêncio em seu acampamento. Camilo constanteme nte advertido por seus espias, fez sair então a campo os ardeatas, e tendo transposto, em silêncio o caminho que ia da cidade a o acampamento dos gauleses, chegou aí justamente por volta da meia-noite, fazendo sua gente lançar, incontinente gritos e soar trombetas de todos os lados para aterrar os inimigos, que, ainda assim, mal podiam acordar com o grande barulho, tão bêbados estavam. Houve entretanto alguns que se acordaram com medo e em sobressalto, e que, voltando a si, tomaram armas para fazer frente a Camilo, sendo mortos em combate. Outros, porém, em muito maior número, deitados aqui e ali pelo campo, sem armas, tomados ainda pelo sono e pelo vinho, foram passados à espada sem combater. Aqueles que fu giram do campo, à noite, bem poucos aliás, foram também liquidados no dia seguinte pela cavalaria que os perseguiu e os matou, encontrando-os errantes pelos campos.

XLIII. A fama deste desastre correu inco ntinente por todas as cidades próximas, fazendo com que muitos jovens viessem juntar-se à tropa de Camilo, principalmente romanos que tinham fugido para a cidade de Veios após a derrota de Alia e ali se lamentavam entre si, dizendo: «Ó deuses! que capitão o destino arrebatou a Roma para honrar, com proezas e belos feitos de Camilo, a cidade de Ardéia, enquanto aquel a que o gerou e o criou, acha-se, entretanto, perdida e destruída. E nós, faltos de chefe que nos conduza, estamos aqui sem fazer nada, encerrados dentro de muralhas al heias, permitindo todavia, que se arruíne a Itália diante de nossos olhos. Por que não irmos então, pedir de volta o nosso capitão aos ardeatas ou não tomarmos nossas armas para nos juntarmos a ele, uma vez que não está mais banido, nem somos nós mais cidadãos, porque a nossa cidade está em poder e na posse dos nossos inimigos?» Puseram-se assim de acordo com este conselho, e enviaram a Camilo uma súplica para que aceitasse o cargo de capitão, mas este lhes fez responder que não o aceitaria antes de aqueles, cercados no Capitólio, o confirmarem legitimamente, por seus votos e sufrágios, uma vez que esses, enquanto se mantivessem, representavam o corpo da cidade; sendo, contudo, determin ado por eles a aceitar, obedeceria porém, de boa vontade. De outra forma entretanto, contra sua aquiescência, e sem sua ordem, ele Camilo não se intrometeria. Conhecida a resposta, não houve entre os romanos quem não louvasse e estimasse altamente a probidade e a grande fidelidade à lei que movia Camilo, mas não sabiam como comunicar-se com os sitiados do Capitólio, porque parecia de todo impossível entrar um mensageiro na fortaleza assediada, rendo em vista que os inimigos dominavam a cidade.

XLIV. Houve todavia, entre os jovens um, chamado Pôncio Cominio, de estirpe modesta, mas, quanto ao mais ansioso de honra e de glória, que se ofereceu voluntariamente para arriscar-se à empresa. Deixou assim de levar consigo cartas para os sitiado s, temendo se fosse, por ventura, surpreendido, revelassem elas a intenção de Camilo. Vestindo-se, porém, com uma roupa vulgar sob a qual escondeu alguns pedaços de cortiça, e pondo-se a caminho em pleno dia, avançou sempre, sem temor, até atingir as cercanias de Roma quando já era noite fechada. Como não pudesse passar pela ponte, guardada pelos bárbaros, enrolou ao pescoço suas vestes escassas e não pesadas, la nçou-se a nado sobre a cortiça que trouxera e conseguiu atravessar o rio, no local onde está situada a cidade e afastando-se sempre dos lugares em que supunha dormirem inimigos por ver luz de fogo e ouvir rumor, dirigiu-se à porta Carmental onde havia mais silêncio do que nas outras e junto à qual o Capitólio era mais áspero e escarpado, porque há ali rochedos muito difíceis de escalar, pelos quais, não obstante, ele subiu, chegando, com muito trabalho, até a muralha da fortaleza num lugar onde era menos intensa a guarda, c ali, saudando as sentinelas, declarou-lhes quem era, sendo guiado por elas e conduzido aos que então exerciam as magistraturas, os quais decidiram convocar imediatamente o Senado, onde Cominio deu-lhes a notícia da vitória de Camilo,

desconhecida ainda de todos, expondo-lhes também o pensamento da gente de guerra romana que se mantinha do lado de fora, a qual pretendia atribuir a autoridade suprema a Camilo, e os admoestou a que também a deferissem e confirmassem porque era o único homem a quem os cidadãos de fora consentiam em obedecer.

XLV. Ouvindo isso, os sitiados, depois de deliberarem, elegeram Camilo ditador e reenviaram o mesmo mensageiro Pôncio Cominio pelo caminho por que tinha vindo. Teve este, na volta, a mesma ventura que tivera na vinda, e sem ser de forma alguma perseguido pelos inimigos, transmitiu aos de fora o que o Senado tinha ordenado, enchendo-os de alegria. Veio assim Camilo a encarregar-se dos negócios e encontrando já, vinte mil combatentes em armas e reunindo ainda outros com o apoio dos aliados e confederados, preparou-se dia por dia para ir ao ass alto dos inimigos. Eis como Camilo se elegeu ditador pela segunda vez, seguindo para a cidade de Veios onde dirigiu a palavra à gente de guerra romana que aí estava, aumentando ainda mais o número de aliados, para ir, o quanto antes, dar batalha aos adversários.

XLVI. Entrementes, todavia, dentro de Roma, passando por acaso alguns bárbaros por onde, à noite, subira Pôncio Cominio, perceberam em muitos lugares, sinais dos seus pés e mãos nos pontos onde se agarrara subindo encosta acima, e viram também ervas e arbustos pisados e a terra revolvida e foram comunicá-lo ao rei que, pessoalmente, dirigiu-se ao lugar e tendo-o observado cuidadosamente, nada fez no momento. Mais tarde, porém, quando veio a noite, ele reuniu uma tropa dos gauleses mais ágeis, e mais acostumados a galgar montanhas, e lhes disse: «Os próprios inimigos nos mostram o caminho que não podíamos encontrar para surpreendê-los, e tendo subido por eles nos dão bastante a entender que não é impossível subir: seria grande vergonha para nós, depois de ter começado tão bem, falhar na hora do arremate, abandonando este lugar como inexpugnável, porque, se a escalada foi fácil a um só, deve ser menos difícil a muitos, que sobem uns após outros, tendo em vista o auxílio que um oferece ao outro. Comunico-lhes pois, que, quem cumprir o seu dever, subindo, será remunerado com presentes e honras adequadas à sua proeza »

XLVII. Feito o discurso pelo rei, esses gauleses empreenderam ousadamente a escalada, e cerca de meia-noite começaram a subir a rocha morro acima, em numerosa fila, no maior silêncio possível, aderindo como melhor podiam ao declive muito rude do rochedo, embora mais acessível e fácil todavia, do que haviam suposto a princípio, até que tendo os primeiros chegado ao ponto mais alto, estavam já prontos a tomar a muralha, atacando os guardas que dormiam, porque não houve nem homem nem cão que os tivesse escutado. Havia porém, ali, os gansos sagrados, criados no templo de Juno, que, antes, alimentados abundantemente, eram então tratados muito mal, ninguém fazendo conta deles, uma ve z que só a duras penas, se conseguiam víveres para os homens, e ainda assim, muito racionadamente.

Ora, esses animais que já de natureza têm o sentido do ouvido muito agudo, sendo também muito tímidos, mantinham-se, pela fome que suportavam, ainda mais acordados e eram mais fáceis de espantar-se. Sentiram eles incontinente a supressa dos inimigos, e começaram a correr e gritar, de tal forma, ao encontro deles, que acordaram os do castelo. Vendo-se os gauleses descobertos não se preocuparam mais em evitar o barulho e avançaram da maneira mais terrível que puderam. Ouvindo o alarme, os romanos, tomaram cada um o primeiro bastão que prontamente encontraram à mão e correram imediatamente em apoio do local de onde ouviram o estrépito, sendo entre todos o primeiro um certo Manlio, homem consular forte e robusto, de grande coração, o qual avançou sobre dois bárbaros juntos e assim que o primeiro levantou a acha para golpeá-lo na cabeça, impediu-o, cortando-lhe o punho com sua espada, ferindo tão rudemente o outro no rosto, com o escudo, que o fez cambalear para trás despenhando-se rochedo abaixo. Com os demais que tinham também acorrido e apareceram depois a seu lado, na muralha, Manlio repeliu o resto dos bárbaros dos quais não eram ainda muitos os que tinham atingido o cume, nem deram grande prova de audácia.

XLVIII. Escapando assim os romanos a esse perigo, lançaram, no dia seguinte de manhã, de cima do castelo, pelos rochedos abaixo o capitão que estava essa noite encarregado da sentinela, e atribuíram a Manlio, em recompensa do bom serviço prestado, uma renda, mas de honra que de proveito: cada um contribuiu, em seu favor, com meia libra de trigo do país, que eles chamam «far», e com a quarta parte de uma medida de vinho denominada pelos gregos «cotyle», a qual podia equivaler, mais ou menos, a uma «chopine», e correspondia ao que cada um tinha em sua ração diária para viver. Após esse revés começaram os gauleses a perder o ânimo, porque, de um lado tinham falta de víveres, não ousando mais sair à busca de provisões pelos campos, por temor a Camilo, e de outro porque a peste começou a atacá-los, alojados como estavam, entre grande número de corpos mortos jazendo aqui e ali sem sepultura, e entre ruinas de casas queimadas onde a cinza muito alta revolvida pelos ventos e pela veemência do calor, tornava o ar seco e penetrante, lesando-lhes gravemente o corpo quando a aspiravam. Mais que tudo entretanto, foi-lhes prejudicial a mudança de sua maneira acostumada de viver, porque eles vinham de país fresco, onde tinham retiros adequados para evitar os incômodos do verão, e encontravam-se ali em lugares baixos e maus para residir na estação do outono. Tudo isto, com o prolongamento do tempo gasto nesse cerco do Capitólio, os dispôs para doenças, porque já corriam o sétimo mês, sobrevindo tal mortalidade em seu campo que devido ao grande número de pessoas mortas aí cada dia, já não eram mais enterradas.

XLIX. Os negócios dos sitiados, entretanto, não iam melhor apesar de tudo isso, porque a fome crescia cada vez mais, e eles não ouviam notícias de Camilo o que os punha em grande desespero porque não podiam enviar-lhe mensageiros, de tal forma os bárbaros mantinham guarda no interior da cidade. Encontrando-se assim as duas partes em tal estado, trocaram algumas palavras de entendimento, por intermédio das sentinelas que conversaram entre si, e depois com o consentimento dos principais. Sulpício, tribuno dos romanos, veio a parlamentar com Breno. Nesse contacto foi acordado que os sitiados pagariam em ouro o peso de mil libras{341} e os sitiantes, imediatamente depois de o ter recebido, sairiam da cidade e de todo o seu território. O acordo passado e jurado, foi trazido o ouro e quando se começou a pesá-lo, os gauleses, de começo, faziam dissimuladamente gestos de má-fé, passando logo depois, abertamente, a segurar o peso, impedindo que a balança jogasse livremente, provocando a ira dos romanos. Breno então, como zombaria e escárnio é para despeitá-los ainda mais, descingiu a espada e a pôs, com cintura e tudo, dentro da balança do lado onde se achava o peso. Sulpício, vendo-o, perguntou-lhe o que significava aquilo, e Breno respondeu-lhe: «Que outra coisa poderia significar senão, miséria aos vencidos?» Essa frase manteve-se sempre depois, na boca do povo, que dela fez um provérbio comum.

L. Alguns dos romanos despeitaram-se tanto com essa insolência barbaresca, que quiseram, a toda a força, retomar o ouro e voltar para a fortaleza, e ali sustentar de novo o assédio como antes; eram outros de aviso que convinha suportar resignadamente essa indignidade, sem considerar-se que a vergonha consistisse em pagar mais do que tinha sido prometido, mas reputando apenas o fato de pagar a que haviam sido constrangidos pela miséria do tempo, como sendo mais necessário que honroso.

LI. Expulsa os gauleses e os derrota.

LI. Enquanto durava esse debate dos romanos, tanto entre si como com os bárbaros, chegou Camilo às portas da cidade com seu exército, e sabendo do que aí se passava, determinou ao resto da tropa que o seguisse lentamente em formação, enquanto ele, com a elite de sua gente, avançava com a maior diligência. Mal os outros romanos o perceberam, abriram alas

incontinentes e o receberam com grande reverência, sem dizer palavra, como se tivesse chegado o seu capitão soberano, detentor de todo o poder; e ele, recolhendo o ouro que estava sobre a balança, o entregou à sua gente, determinando aos gauleses que tomassem seus pesos e sua balança, e se retirassem: «porque, disse ele, não é costume dos romanos conservar o seu país pelo ouro, mas sim pelo ferro». Breno então, tomado de cólera, disse que era mal feito contrariar o acordo já passado e jurado. Respondeu-lhe Camilo que esse acordo não se tinha efetuado legitimamente, não sendo válido em consequência, porque ele, tendo sido antes, instituído ditador, suprimira-se com a sua eleição qualquer outro oficial e magistrado, e por essa razão tinham os gauleses tratado com gente sem autoridade nem poder para agir, cabendo-lhes falar, a ele Camilo, se quisessem alguma coisa, porque vinha com plenos poderes para perdoá-los caso se arrependessem e pedissem perdão, ou bem para castigá-los e fazê-los pagar a pena adequada aos excessos e aos danos praticados por eles no país. Essas palavras puseram Breno fora de si, até o ponto de lançar mão das armas. Vieram assim, uns e outros a tirar as espadas e a entrechocar-se como podiam, dentro das casas e entre ruas onde não era possível alinhar um exército em batalha. Breno, entretanto, tendo repentinamente percebido que a coisa não ia bem para ele, retirou-se incontinente para o seu campo com sua gente, antes de sofrer uma perda considerável. Na noite seguinte deixou a cidade com todo seu exército, e foi acampar a mais ou menos três léguas e meia dali, sobre a estrada que vai à cidade dos gábios, onde Camilo com o seu exército em boa ordem o foi encontrar ao raiar do dia e, reencorajados os romanos, deu-lhes batalha que durou longo tempo muito áspera, até que os gauleses foram, por fim, batidos, e o seu campo tomado com grande morticínio, porque aqueles que escaparam ao furor da batalha foram mortos, uns, pelos próprios romanos que os perseguiram acaloradamente depois de sua dispersão, outros, na maior parte, pela gente das cidades e vilas da região que caiu sobre eles quando fugiam espalhados, aqui e ali pelos campos.

LII. Prepara os templos e reconstrói Roma.

LII. Eis como a cidade de Roma, tendo sido estranhamente tomada, foi também, depois, estranhamente recuperada, após ter ficado sete meses nas mãos dos bárbaros: porque eles entraram aí por volta do dia quinze de julho{342} e foram expulsos no dia 13 de fevereiro, aproximadamente{343}. Triunfou assim Camilo, como cabia a quem tinha salvado e libertado o seu país das mãos dos inimigos, restaurando em si mesma a cidade de Roma; porque aqueles que, durante o assédio, se tinham mantido fora, reentraram seguindo o seu carro triunfal, e os que tinham sido cercados dentro do Capitólio onde pensaram morrer de fome, caminharam diante dele abraçando-se uns aos outros e chorando de alegria. Os sacerdotes e ministros dos templos trouxeram de novo, em sua totalidade, as joias sagradas, das quais algumas tinham sido escondidas na terra, dentro da própria cidade, e outras levadas com eles durante sua fuga. O povo contemplava tudo satisfeito e com a maior alegria, como se os próprios deuses tivessem voltado para dentro da cidade. E depois de ter sacrificado a eles rendendo-lhes graças, e de ter purificado a praça segundo o ensinamento dos entendidos em tais coisas, Camilo fez reparar os templos já antes existentes, além dos quais edificou mais um ao deus Aio Locucio, no lugar onde Marcos Sedicio ouvira a voz, denunciando-lhe a vinda dos bárbaros. Os locais dos ditos templos, foram assim descobertos a grande custo, em virtude de boa diligência de Camilo, e da grande solicitude e trabalho dos sacerdotes, mas quando se veio a reconstruir também o resto da cidade que estava inteiramente demolida e destruída, o povo sentiu-se desencorajado, adiando sempre o momento de pôr mãos a obra, tanto pela falta de todas as coisas indispensáveis como por ter mais necessidade de repouso e relaxamento após tantos trabalhos, do que de recomeçar a trabalhar, matando-se de corpo e alma, sem pessoas dispostas, nem bens suficientes para o seu suprimento.

LIII. Inclinavam-se, por isso, voluntariamente para a cidade de Veios que tinha sido totalmente poupada e estava provida de todas as coisas para recebê-los, dando motivo aos pregadores, acostumados sempre a pregar e falar ao agrado do povo, a que renovassem esse alvitre, começando-se já a prestar ouvidos a certas palavras sediciosas e rebeldes que se diziam contra Camilo, atribuindo-se à sua ambição particular o querer privá-los de uma

cidade inteiramente pronta, e os constranger a morar em ruínas e a restaurar uma demolição tão grande feita pelo fogo, a fim de que o chamassem, não somente de capitão e general dos romanos, mas também o fundador de Roma, denegando a Rómulo esse título de honra.

LIV. O Senado, vendo isso e temendo que se levantasse alguma sedição, não quis permitir que Camilo depusesse seu cargo de ditador antes do fim do ano{344}, embora ninguém nele tivesse jamais ultrapassado seis meses, e assumiu também, de resto, o dever por sua parte, de reconfortar e apaziguar a plebe, rogando-lhe que ficasse e apontando-lhe com o dedo a sepultura dos seus ancestrais, e restaurando em sua memória os lugares sagrados dedicados aos deuses e santificados pelo rei Numa, ou Rómulo, ou pelos outros reis. Entre os argumentos tirados das coisas religiosas e divinas porém, não deixaram de referir-se à cabeça de homem encontrada em perfeito estado debaixo da terra, quando se faziam as fundações do Capitólio, como indicando o lugar fatalmente destinado a ser, futuramente, a cabeça de toda a Itália. Referiram-se também ao fogo sagrado da deusa Vesta que, tendo sido reacendido após a guerra pelas santas Virgens Vestais, viria a ser novamente extinto por eles se abandonassem a cidade do seu nascimento, além da grande censura e desonra que consistiria para eles vê-la habitada no futuro, por algum inesperado estrangeiro, ou bem, reduzida ao abandono e à pastagem de animais. Tais eram as lamentações e queixas alegadas constantemente à plebe pela gente de bem, em forma privada ou em público. O povo, todavia, em contraste, rompia-lhes também o coração de piedade, quando expunha diante dos seus olhos a pobreza e indigência na qual se encontrava, suplicando-lhes não quisessem forçá-los a reunir e juntar as peças de uma cidade destruída, como um naufrágio de onde tivessem escapado inteiramente nus não salvando senão suas pessoas, tendo em vista, especialmente, que eles tinham outra cidade inteira e pronta para recolhê-los.

LV. Faz rejeitar a proposta de habitar Veios.

LV. Camilo foi assim de parecer que se reunisse o Senado para deliberar e resolver esse assunto de forma peremptória, o que foi feito. Ele próprio deduziu nesse conselho, muitas razões pelas quais não se devia, de maneira alguma, abandonar o lugar do seu nascimento, o mesmo fazendo os demais senadores que o desejaram. Após todas essas advertências, finalmente, ele determinou a Lúcio Lucrécio que tinha o costume de falar em primeiro lugar nessas assembleias, que se levantasse para dar seu parecer, dando-o também os outros por ordem, consecutivamente. Silenciaram todos, e no instante mesmo em que Lucrécio pretendia falar, passou, por acaso, diante do local onde se reunia o conselho, um centurião, de ronda nesse dia com a sua tropa, o qual deu ordem, em alta voz, a seu porta-bandeira que marchava na vanguarda que se detivesse e plantasse ali sua insígnia porque, disse ele, «ficaremos muito bem neste lugar». Esta frase dita e ouvida, referindo-se exatamente ao ponto em relação ao qual havia dúvida e no momento da grande expectativa do que se resolveria sobre a questão, levou Lucrécio a dizer que, agradecendo devotamente a deus, aprovava seu bom conselho. Cada um dos demais repetiu por sua vez o mesmo e houve também uma maravilhosa alteração e mudança na vontade da multidão, porque ia cada um admoestando e encorajando o companheiro a pôr, vivamente, mãos a obra, de maneira que, sem esperar se dividissem as ruas, indicando-se a cada um sua posição adequada para construir, puseram-se todos a ocupar os lugares que mais lhes agradaram ou lhes pareceram mais cômodos para a construção, sem qualquer outra regra ou distribuição. Resultou da excessiva precipitação que as ruas se tornaram confusas, sendo as casas reconstruídas sem ordem nenhuma. Porque, segundo se conta, dentro de um ano a cidade foi toda reedificada, tanto os edifícios públicos como os particulares. Aqueles porém, a quem Camilo encarregava de descobrir e demarcar os locais sagrados onde haviam sido os templos na confusão de todas as coisas, atingiram, ao contornar o monte Palatino, o local onde estivera situada a capela de Marte, totalmente arruinada e queimada pelos bárbaros como as outras, e aí escavando e limpando o lugar, encontraram, por acaso, o bastão augurai{345} de Rómulo no meio de um alto monte de cinzas. É esse um bastão curvo em uma das extremidades, denominado «Lituus», e é usado, pelos adivinhos, para designar as regiões do céu quando querem contemplar o voo dos pássaros, para prever as coisas futuras. Rómulo que era entendido na arte de adivinhar, usava esse bastão e depois

de ter desaparecido de entre os homens, os sacerdotes o tomaram e guardaram religiosamente, sem deixar ninguém tocá-lo, como uma santa relíquia. Ao encontrá-lo então, perfeito e inteiro ali, onde todas as demais coisas tinham perecido, consumidas pelo fogo, alegraram-se muito, interpretando o fato como um sinal que prometia eterna duração à cidade de Roma.

LVI. Guerra dos Equos dos Volscor. dos Latinos. Terceira ditadura de Camilo.

LVI. Antes de terem terminado suas construções, entretanto, surgiu-lhes uma nova guerra, porque os équos, os volscos, e os latinos entraram, repentinamente, em armas pelas suas terras a dentro, indo também os toscanos cercar a cidade de Sutrio, sua aliada e confederada. Como os tribunos militares saídos com seu exército tivessem ido acampar no monte marciano, foram assediá-los ali os latinos, tão estreitamente que eles se viram em perigo de perder sua tropa, sendo constrangidos a enviar emissários a Roma para virem socorrê-los. Camilo, em consequência, foi eleito ditador pela terceira vez. De resto, quanto ao resultado dessa guerra, é ele narrado de duas maneiras, das quais mencionarei em primeiro lugar, a que me parece lendária. Conta-se que os latinos, ou porque procurassem algum pretexto para começar a guerra, ou porque, em verdade, desejassem conjugar de novo seus povos mediante novas alianças de casamento, mandaram pedir aos romanos moças de livre condição para desposá-las. Os romanos ficaram muito constrangidos, não sabendo o que fazer, temendo muito a guerra por não se terem ainda recuperado totalmente, e desconfiando que esse pedido relativo a suas moças não fosse mais do que uma intimação para a entrega de reféns, disfarçada sob o nome de aliança conjugal. Contam assim, ter havido uma serva chamada Tutola ou, como outros querem, Filotis, a qual se dirigiu aos magistrados da cidade, aconselhando-lhes enviassem com certo número de outras servas jovens e belas, ataviadas como moças de boa estirpe, deixando-a agir, quanto ao resto. Acharam os oficiais bom o conselho e escolheram servas no número indicado por ela, e vestindo-as com boas vestes e adornando-as com belas joias de ouro, entregaram-nas depois, nas mãos dos latinos, acampados não muito longe da cidade. Quando veio a noite, enquanto as outras moças esconderam as espadas dos inimigos, esta Tutola ou Filotis, como quer que a chamem, subiu numa figueira selvagem de onde mostrou aos romanos um facho aceso, estendendo atrás dele uma roupa qualquer, para que os latinos nada pudessem ver, porque esse era o sinal convencionado com os magistrados de Roma, sem que os demais soubessem de coisa alguma, dando causa a que a gente de guerra, quando chamada a sair a campo à noite, o fizesse em confusão e tumulto porque, premidos por seus capitães, chamavam-se uns aos outros, tendo dado muito trabalho colocá-los em formação de batalha. Foram assim surpreender os inimigos dormindo em seu campo sem desconfiar de nada, matando a maior parte deles.

LVII. Isso aconteceu no quinto dia{346} do mês chamado então Quintilis e agora julho, no qual se celebra uma festa até o presente, em comemoração deste ato, ocasião em que, logo ao sair da cidade, vão todos gritando em alta voz os nomes mais comuns do país, como Caio, Marco, Lúcio, reproduzindo a cena de terem saído da cidade em grande pressa, chamando-se uns aos outros. Servas depois, vestidas distintamente, vão pela cidade cantando e fazendo graça aos que encontram no caminho, simulando finalmente que combatem entre si, representando terem então ajudado a derrotar os latinos. Elas são, em seguida, festejadas com ramagens de galhos de figueira selvagem, denominando-se o dia dessa festa, Nonas Capratinas{347}, no dizer de alguns, por causa da figueira selvagem, de onde a serva mostrou aos romanos o facho aceso, e isso porque eles romanos, chamam a figueira selvagem Caprífico. Dizem outros que todas essas coisas se celebram e dizem em comemoração do acidente ocorrido a Rómulo, quando, no mesmo dia, desapareceu fora das portas da cidade, ao levantar-se uma tempestade com uma nuvem negra, ou como contam outros, ao surgir um eclipse do sol, considerando ter sido o dia chamado Nonas Capratinas, porque Capra, em linguagem romana, significa cabra, e Rómulo desapareceu dentre os homens quando pregava ao povo, perto do lugar chamado o pântano da cabra, como escrevemos mais extensamente em sua vida{348}.

LVIII. A outra maneira pela qual a maior parte dos historiadores descreve o fim dessa guerra, é a de que Camilo, eleito ditador pela terceira vez, sabendo estarem os tribunos militares com o seu exército, sitiados pelos latinos e volscos, em posição crítica, foi constrangido a armar os velhos, já isentos, em virtude da idade, de ir à guerra, e fazendo um grande circuito em torno do monte marciano para não ser percebido pelo inimigo, foi alojar-se atrás deles, e ali fez acender muitos fogos para tornar os sitiados cientes de sua chegada, o que, tendo sido notado por eles, os fez recuperar a coragem, deliberando combater. Os latinos e volscos porém, mantiveram-se dentro do acampamento onde se entrincheiraram e fortificaram com um muro de madeira e muitas árvores cruzadas de atravessado, ao se verem assim assaltados pela frente e pela retaguarda, resolvendo esperar o reforço de outro exército de sua gente, bem como socorro dos toscanos. Camilo, vendo isso e temendo que fizessem com ele o mesmo que fizera aos outros ao cercá-los por detrás, pensou na necessidade de evitá-lo, e considerando que o muro com que eles tinham vedado e fortificado seu acampamento era de madeira, e que todas as manhãs se levantava geralmente um grande vento do lado das montanhas, fez provisão considerável de tochas' de fogo, e pondo seu exército em campo ao levantar do dia, ordenou a uma parte dele o assalto contra os inimigos por um dos lados, com grandes gritos e lançamento de dardos, enquanto ele, com a outra parte que devia pôr fogo do lado oposto por onde o vento costumava vir, mantinha-se esperando a hora oportuna. Mal viu levantar-se o sol, começando o vento a soprar de acordo com o previsto, do lado das montanhas, e travada a escaramuça do outro lado, fez também dar sinal a seus comandados para correr sobre o inimigo, lançando contra o seu muro muitos potes e lanças incendiárias de maneira que a chama, encontrando material para inflamar-se nessa cerca de madeira e árvores cruzadas, levantou-se incontinente muito alta e foi avançando por todo o circuito. Como os latinos não estavam providos de nenhum meio para extinguir as chamas, vendo seu campo todo incendiado em volta deles, concentraram-se juntos em um espaço bem pequeno, sendo entretanto constrangidos finalmente, a sair em terreno livre onde encontraram seus inimigos bem armados e alinhados em batalha, de tal forma que escaparam bem poucos dentre os que saíram, tendo sido totalmente consumidos pelo fogo os que se mantiveram no acampamento, até que os próprios romanos o apagaram para pilhagem dos bens que aí se encontravam.

LIX. Cidade tomada e retomada no mesmo dia. Triunfo de Camilo.

LIX. Feito isso, Camilo deixou seu filho para guardar os prisioneiros e os despojos, enquanto ele mesmo, com o resto do exército foi correr o país dos inimigos, onde apoderou-se da cidade dos équos. Depois também de ter reduzido os volscos a seu arbítrio, levou incontinente o exército para a cidade de Sutrio, sem nada saber ainda do que tinha acontecido aos sutrinos, mas apressando-se a ir socorrê-los, supondo que ainda estivessem cercados pelos toscanos. Já tinham eles porém, entregado a sua c idade, mediante acordo, salvando, de todos os seus bens, apenas as vestes que traziam consigo. Encontraram assim Camilo pelo caminho, quando iam lamentando sua sorte com suas mulheres e crianças, provocando-lhe grande compaixão, ao vê-los em tão lamentável estado. Percebendo além disso que os romanos também choravam de piedade por essa pobre gente que estava com eles, revelando grande mágoa pela sua derrota, resolveu, consigo mesmo, não adiar a vingança, mas avançar diretamente nesse mesmo dia, até a cidade de Sutrio, calculando encontrar os toscanos em desordem, sem manter-se prevenidos, nem pensando em outra coisa senão em passar bem, por terem acabado de tomar uma cidade opulenta e rica onde não havia ficado inimigo nenhum, não imaginando que, de fora, se pudesse vir assaltá-la. Camilo não calculou mal, porque, não somente atravessou todo o território da cidade sem que os de dentro o advertissem, mas atingiu suas portas e se apoderou de suas muralhas antes de eles perceberem qualquer coisa, uma vez que não tinham colocado sentinela nem guarda de espécie alguma mantendo-se dispersos, aqui e ali pelas casas, a empanturrar-se e embriagar-se. Quando eles souberam que os inimigos estavam já dentro da cidade, achavam-se tão fartos e ébrios, que a maior parte deles não teve nem a preocupação de fugir, mas esperou que os fossem matar ou prender muito vulgarmente no interior das casas.

LX. A cidade de Sutrio foi assim tomada duas vezes no mesmo dia e aconteceu que quem a tinha conquistado a perdeu e os que a tinham perdido a recuperaram por intermédio de Camilo, merecedor da honra de entrar em triunfo em Roma, não lhe tendo trazido essa entrada, menos simpatia, grandeza e glória, do que as duas primeiras, porque os piores malignos invejosos que pretendiam atribuir seus mais belos feitos precedentes, mais ao favor da sorte do que à sua virtude, foram então constrangidos a confessar pelos resultados, que o louvor era devido ao seu bom senso e valentia.

LXI. Ambição de Mânlio.

LXI. O mais declarado dos seus invejosos e adversários, era Marco Manlio, o que primeiro repelira os gauleses na noite em que pretenderam penetrar na fortaleza do Capitólio, razão pela qual fora cognominado Capitolino. Querendo ser o primeiro da cidade e não podendo conseguir, por caminho reto, suplantar a glória de Camilo, ele se colocou na estrada daqueles que prepararam a tirania, que é a de bajular a plebe, especialmente os endividados, defendendo suas causas, pleiteando por eles em juízo contra os credores e fazendo-os escapar de sua:* mãos, arrebatando-lhes pela f orça aqueles que por falta de pagamento, lhes eram adjudicados como escravos conforme o rigor da lei. Por esses meios Manlio reuniu em pouco tempo, em torno dele, grande número de homens dessa espécie, pobres e necessitados, os quais causavam muito medo à gente de bem e de honra, pelas insolências que praticavam, e pelas confusões e tumultos que excitavam, frequentemente, na praça. Tal foi o terror gerado, que, em virtude disso, se elegeu ditador Quinto Capitolino{349}, o qual fez deter, incontinente, o dito Manlio, constituindo-o prisioneiro, razão pela qual o povo, mudou de roupa o que não era costume a não ser nas grandes calamidades públicas. O Senado, temendo sucedesse alguma perturbação sediciosa, fê-lo soltar. Ele porém, saindo da prisão, não se tornou por isso nada melhor nem mais prudente, continuando a excitar e amotinar a comuna, mais audaciosa e sediciosamente do que nunca.

LXII. Ele é precipitado de alto do Capitólio que linha salvo.

LXII. Camilo foi então eleito, de novo, tribuno militar,{350} sendo Manlio, em seu tempo, chamado à barra da justiça. Quando porém, veio a discutir-se a causa, a visão do Capitólio prejudicou muito os acusadores, porque o exato local onde Manlio tinha repelido os gauleses à noite, defendendo o mesmo Capitólio, via-se da praça onde se dava a audiência, e ele próprio o mostrava a seus juízes estendendo as mãos e, chorando copiosamente, relembrava-lhes como tinha exposto sua vida combatendo por eles, enternecendo-lhes assim o coração de piedade, de tal forma, que sem saber o que fazer, adiavam a causa seguidamente, sem querer absolvê-lo, tendo em vista que era inculpado por provas de extrema evidência, e sem poder usar o rigor e severidade das leis, por terem diante dos olhos o local onde Manlio tinha prestado tão grandes serviços à coisa pública. Camilo, percebendo a situação, fez transportar a sede desse julgamento para fora da cidade em um local chamado Bosque Petiliano, de onde não se podia ver o Capitólio, e lá, prosseguindo os acusadores vivamente, em sua acusação, e voltando, de novo, à memória dos juízes, as más ações que ele tinha praticado, conceberam justa indignação para puni-lo segundo seus deméritos. Manlio foi então condenado, por sentença, a morrer, sendo conduzido ao monte do Capitólio de onde foi precipitado pelos rochedos que aí se encontram. O mesmo lugar foi assim testemunho dos seus mais brilhantes feitos, e de sua mais deplorável calamidade. Sua casa foi além disso, arrasada, edificando-se em seu lugar o templo da deusa denominada Moneta, e publicou-se um édito determinando que daí para o futuro não se permitiria mais a nenhum patrício, morar no monte do Capitólio.

LXIII. Guerra dos Prenesestinos e dos Volscos. Temeridade de Fúrio. Valor de Camilo.

LXIII. Tendo sido Camilo chamado novamente para o cargo de tribuno militar pela sexta vez{351}, procurava escusar-se, tanto por sentir-se já bem avançado em anos, como também talvez, por temer alguma inveja da fortuna, ou algum desastre, após tanta glória adquirida por ele, e tantas altas empresas que terminara com felicidade. A causa mais aparente todavia, sobre a qual fundava a escusa, era sua indisposição, porque, mais ou menos a esse tempo, ele se achava doente. O povo porém não quis admitir nem perceber suas desculpas, mas gritando que não lhe pedia que combatesse nem a pé nem a cavalo, mas apenas que aconselhasse e determinasse, constrangeu-o a aceitar o cargo, com um dos seus companheiros chamado Lúcio Frurio{352}, para conduzir o exército contra os inimigos prenestinos e volscos, que, reunidos, corriam e pilhavam as terras dos aliados romanos. Ele então se pôs incontinente a campo com o exército, indo alojar-se o mais perto possível dos inimigos, desejando fazer demorar essa guerra, para combater depois, se houvesse necessidade, quando estivesse bem provido. Ao contrário porém, Frurio, por ambição de glória, queria, a qualquer preço, arriscar acaloradamente a batalha, e ia solicitando nesse sentido aos capitães e chefes de tropa. Camilo, temendo por esse motivo, que se pensasse ser por inveja a esses jovens, que ele pretendia tirar-lhes e tolher-lhes os meios de conquistar honra e de praticar qualquer ato digno de memória, permitiu-lhe, contra a sua vontade, fosse o exército alinhado em batalha. Ele entretanto, em virtude de sua indisposição, manteve-se no acampamento com pouca gente.

LXIV. Lúcio, foi assim, levianamente, apresentar batalha ao inimigo, sendo ali rompido, Camilo porém, sabendo da derrota dos romanos, não se pôde conter, e mesmo doente como estava, levantou-se do leito e dirigiu-se com os de sua casa para as portas do acampamento, varejando por entre os fugitivos até encontrar aqueles que os perseguiam. Os romanos que já tinham entrado no acampamento, vendo-o, seguiram-no incontinente, e os que ainda fugiam do lado de fora, detendo-se subitamente, quando o perceberam, juntaram-se em formação de batalha diante dele, admoestando-se, uns aos outros, para não abandonarem seu capitão, de forma que os inimigos cessaram nesse dia, de apartá-los e persegui-los. No dia seguinte, porém, pondo Camilo em campo toda a tropa, deu-lhes batalha na qual os venceu e prosseguindo em sua vitória, entrou de mistura com os fugitivos dentro do seu acampamento, matando a maior parte deles. Camilo foi advertido, em seguida, que os toscanos tinham tomado a cidade de Sutria{353}, passando a fio de espada todos os cidadãos romanos que ali habitavam. Devolvendo a Roma a parte mais pesada do seu exército, ele reteve consigo, por essa razão, os mais decididos e mais leves para assaltar os toscanos que se tinham alojado nessa cidade de Sutria e, retomando-a, matou uma parte deles, salvando-se a outra pela velocidade da fuga. Camilo, depois disso, entrou de volta a Roma com grande quantidade de despojos, fazendo saber, por experiência, terem sido muito sábios os que não tinham temido nem a senilidade nem a doença do bom capitão experimentado e audaz, e haviam-no eleito mau grado ele próprio, embora velho e doente, preferindo-o aos jovens e dispostos que pleiteavam insistentemente o cargo.

LXV. Ele faz voltar ao dever os rebeldes de Tusculo.

LXV. Tendo vindo, entretanto, ao senado a notícia de que os tusculanos se tinham rebelado, enviaram para ali Camilo, exortando-o a tomar consigo quem bem lhe parecesse{354}, dos cinco outros companheiros que o requeriam, desejosos todos de ser escolhidos por ele. Omitindo porém os demais, ele escolheu novamente Lúcio Frúrio contra a opinião e a esperança de todo o mundo, porque fora este quem, havia pouco, tinha querido por toda a força, contra sua vontade, arriscar a batalha na qual fora batido. Camilo, entretanto,

querendo, ao que me parece, cobrir essa falta e a consequente vergonha que caíra sobre eles, preferiu-o humanamente, a todos os outros. Os tusculanos, de resto, percebendo que Camilo vinha contra eles, quiseram habilmente dissimular o erro cometido, porque, fizeram ir muita gente para os campos, uns para la vrar as terras, outros para guardar os animais, nem mais nem menos do que se estivessem em plena paz, e conservaram abertas as portas da sua cidade, onde as crianças iam publicamente à escola, os artesãos trabalhavam em suas tendas, a gente de qualidade passeava com suas longas roupas pela praça, os oficiais e governantes iam daqui para ali pelas casas, determinando que se aprontassem alojamentos para os romanos, como se não tivessem medo de nenhum perigo, nem se sentissem culpados de qualquer falta. Todas essas aparências todavia não levaram Camilo a descrer que eles tivessem maquinado rebelar-se contra os romanos, mas fizeram-nos apiedar-se deles, vendo-os arrependidos do que tinham pretendido fazer. Determinou-lhes assim, que fossem a Roma e se dirigissem ao Se nado, solicitando-lhe perdão pelo seu erro, e ele mesmo os ajudou, não somente em fazer absolver sua cidade do crime de rebelião, mas também em que lhes fosse outorgado o privilégio da burguesia romana. Esses foram os principais atos praticados por Camilo no seu sexto tribunado.

LXVI. Perturbações provocadas por Licínio Estolo. Quarta ditadura de Camilo.

LXVI. Houve depois um certo Licínio Estolo[{355}], que provocou uma grande sedição na cidade entre a plebe e o Senado, por querer, a toda a força, que dos dois cônsules eleitos em cada ano, houvesse um, necessariamente, pertencent e a estirpe popular, não podendo ser ambos vinculados a antigas famílias nobres, chamadas patrícias. Foram assim, regularmente eleitos os tribunos do povo, mas quanto aos cônsules, a comuna impedia sua eleição, de maneira que a coisa pública ameaçava cair em perturbações maiores do que nunca, por falta de magistrados. Para obviar a isco, o Senado instituiu Camilo ditador pela quarta vez, não o satisfazendo de forma alguma com isso, por ser contra a vontade do povo, não querendo ele entrar em atrito com homens que, por terem estado sob seu comando em muitas guerras e batalhas, podiam franca e verdadeiramente alegar ter ele realizado mais belas coisas na companhia deles em armas, do que com os patrícios em paz, e não obstante, deixava-se instituir ditador, a despeito deles, pela inveja dos nobres. Era assim forçoso para Camilo, ou suplantar e oprimir o povo, caso fosse mais forte nessa dissensão, ou ser ele próprio suplantado, caso se revelasse mais fraco. Apesar disso, procurando mediar ao mal presente e sabendo o dia em que os tribunos do povo tinham decidido propor o seu edito para fazê-lo passar com a votação da plebe, Camilo proclamou, afixando cartazes, que nesse mesmo dia queria recrutar gente para a guerra, visando assim deslocar o povo da praça para o campo de Marte, onde pretendia realizar a revista, sob pesadas penas a quem desobedecesse. Os tribunos do povo, ao contrário, se opunham a suas ameaças, e juravam que o condenariam a ele Camilo a uma multa de 50 mil dracmas de prata[{356}], se não desistisse de tentar impedir, que o povo desse seus votos para sancionar qualquer lei que lhe aprouvesse. Camilo, diante disso, seja temendo ser, ainda uma vez, condenado e banido, o que não lhe convinha como a um homem já velho e senil, que realizara tão belas e grandes coisas, seja por não se sentir bastante poderoso para resistir nem conseguir uma mudança na decisão do povo, retirou-se, nesse dia, para sua casa e, fingindo-se doente nos dias seguintes, demitiu-se finalmente do seu cargo.

LXVII. O Senado, em consequência, elegeu para substituí-lo um outro ditador, o qual nomeou para comandante da cavalaria o próprio Estolo, autor e promotor de toda a sedição, permitindo-lhe que propusesse e fizesse passar com os votos do povo uma outra lei, mais irritante para os patrícios que nenhuma outra. Trata-se daquela que proibia a qualquer cidadão romano ter ou possuir mais de quinhentos arpentes de terra. Foi para Estolo uma grande honra ter feito autorizar a lei a despeito do Senado. Pouco tempo depois porém, verificado que ele próprio possuía maior área do que essa sua lei permitia, foi punido com a pena prevista na mesma. Restava ainda a mais delicada questão de toda essa luta, questão que a tinha gerado em primeiro lugar, e que maior preocupação dava ao Senado: a eleição dos

cônsules.

LXVIII. Nova invasão dos gauleses. Camilo é nomeado ditador pela quinta vez na idade aproximada de oitenta anos. Ele bate os gauleses.

LXVIII. Entrementes, porém, chegaram notícias certas de que os gauleses, partindo de novo da região do mar Adriático, avançavam com grande poderio, diretamente sobre Roma, e simultaneamente os efeitos da guerra repercutiram quase ao mesmo tempo das notícias, porque os inimigos corriam já as planícies do país, e as gentes do campo que não tinham tido tempo de alcançar rapidamente a cidade de Roma, tinham-se dispersado, aqui e ali, pelas montanhas. Essa ameaça apaziguou por um pouco a dissensão, e o povo reunindo-se com o Senado, e os plebeus com os nobres em acordo e consentimento conjunto, elegeram todos a Camilo ditador pela quinta vez{357}. Ele estava já muito velho, faltando pouco para atingir oitenta anos. Vendo porém, a necessidade e o perigo presente, sem alegar escusas nem procurar qualquer subterfúgio como fizera antes, aceitou o cargo, e mal acabara de aceitá-lo, se pôs incontinente a levantar homens e a preparar seu exército. Tendo conhecimento todavia, que a maior violência dos bárbaros consistia nos golpes de talhe de suas espadas, com as quais cortavam cabeças e espáduas, manejando-as pesadamente, sem qualquer artifício, ele fez forjar para a maior parte de sua gente, seladas e morriões, todos de ferro bem polido por fora, a fim de que as espadas resvalassem de lado, ou se rompessem ao bater sobre eles, e fez revestir seus paveses em toda a sua orla com uma lâmina de cobre porque a madeira só, não podia aturar nem resistir aos golpes. Advertiu também a seus soldados que levassem longos dardos, para lançá-los por baixo das espadas dos bárbaros quando os vissem em atitude de desferir seus grandes golpes de cima para baixo.

LXIX. Depois, quando os gauleses chegaram bem perto de Roma, tendo estabelecido acampamento à margem do rio Aniano{358}, carregados e cheios de toda a espécie de pilhagem e despojos, ele pôs também seu exército a campo, indo alojar-se sobre uma colina fácil de subir e onde havia muitas pequenas cavidades, de forma que a maior parte de sua tropa mantinha-se aí coberta e escondida e o pouco que se via dela parecia ter-se retirado, de medo, para lugar alto e vantajoso. Querendo Camilo estimular essa opinião dos inimigos, permitia que eles viessem exercer pilhagens até ao pé da colina onde se tinha alojado, sem que ele se mexesse para impedi-lo, conservando-se quieto em seu canto bem fortificado, até que pôde sentir a sua oportunidade, quando a maior parte do exército gaulês se achava disperso pelos campos à procura de reabastecimento. Os que se tinham mantido no acampamento nada faziam a não ser empanturrar-se e embriagar-se de maneira dissoluta e permanente. Camilo enviou então muito cedo, antes do dia, aqueles dos seus, que estavam armados à ligeira, para excitar os bárbaros a saírem do seu campo e impedi-los de alinhar-se em formação de batalha. Ao clarear do dia, fez também descer os outros à planície e os dispôs para o combate bem armados, em número considerável, muito decididos, e não poucos e atemorizados como supunham os bárbaros.

LXX. Isso, antes de mais nada, abateu a coragem dos gauleses que consideraram sua honra diminuída, vendo os romanos assaltá-los em primeiro lugar, constrangendo-os, depois, os batedores, que carregaram contra eles, de improviso, antes de terem tempo de colocar-se em ordem de batalha ou de organizar sua tropa, a combater em massa e em desordem na forma em que casualmente se encontravam. Caiu-lhes enfim sobre os ombros Camilo com o grosso de seu exército, contra o qual, apesar de tudo, eles arremeteram com as espadas erguidas. Os romanos porém os receberam com os seus chuços, apresentando-lhes as pontas ferradas para aparar-lhes os golpes em que cegavam suas espadas de lâminas bastante tênues e débeis, forjadas, como eram, com ferro muito mole, pelo que se curvavam e quebravam imediatamente. E como também seus escudos, furados a golpes de dardo, pesassem muito sobre os braços quando os romanos os puxavam, eles abandonaram as próprias ar mas, procurando servir-se dos inimigos cujos dardos seguravam com as mãos, experimentando

arrancá-los dos punhos, enquanto os romanos, vendo como se descobriam, lançavam mão das espadas. Foi assim feito grande morticínio nas primeiras linhas, e as demais fugiram em todas as direções pela planície, porque Camilo fizera ocupar as encostas e as montanhas das redondezas. Os bárbaros não se retiraram para seu acampamento, porque não o tendo fortificado, por nada temerem antes, sabiam bem que ele seria facilmente conquistado.

LXXI. Esta batalha, assim como é relatado, deu-se treze anos[359] após a tomada de Roma, e depois dela os romanos se afirmaram muito contra os bárbaros a quem antes tinham temido tanto, considerando que da primeira vez não os haviam batido pela força, mas sim por que a peste se pusera de permeio ou por outras estranhas razões. Fora tão veemente o seu medo que eles tinham elaborado uma lei segundo a qual os sacerdotes seriam isentos de ir à guerra, desde que não fosse guerra contra os gauleses. Essa derrota constituiu o último feito de armas de Camilo, considerando que a conquista da cidade de Velitras foi como um acessório dessa expedição, tendo-se rendido a ele sem luta.

LXXII. Quanto aos combates da cidade porém, em matéria de governo, restava-lhe a parte maior e mais difícil em relação ao povo, que voltava a Roma forte e poderoso, em virtude da vitória que acabava de obter e queria por toda a força que um dos cônsules fosse necessariamente eleito dentre as estirpes populares, contra o costume então observado. O senado resistia a isso com toda força e firmeza, não querendo que Camilo se demitisse do cargo, esperando, por intermédio de sua grande autoridade, combater melhor pela dignidade e prerrogativas da nobreza. Mas estando Camilo sentado em seu tribunal na praça, dando audiência e despachando negócios, veio ao encontro dele um lictor enviado pelos tribunos do povo, e determinando-lhe que o seguisse, pôs, ao mesmo tempo, a mão sobre sua pessoa como para levá-lo a força. O fato provocou a maior gritaria e tumulto jamais havido na praça, porque os partidários de Camilo repeliram o lictor para trás da madeira, enquanto a plebe lhe gritava debaixo, para que ele o tirasse dali, de tal forma que o lictor não sabia mais o que devia fazer nem como orientar-se. Camilo não abandonou assim, sua magistratura, mas reunindo os senadores presentes em torno dele, dirigiu-se para o lugar onde se costumava reunir o senado, onde, antes de entrar, voltou-se para o Capitólio dirigindo uma prece aos deuses para que quisessem conduzir a bom termo essas perturbações, fazen do voto e prometendo, se a revolta e confusão pudessem ser suavemente apaziguadas, que ele faria edificar um templo à Concórdia.

LXXIII. Conciliação da nobreza e do povo. Sexto, primeiro cônsul saído do povo. Fundação de templo da Concordia.

LXXIII. Quando a coisa veio a ser proposta no senado, houve ali o mesmo choque e grande contrariedade de opiniões. Prevaleceu finalmente a mais benigna entretanto, isto é, a que cedia ao povo, permitindo-lhe que um dos cônsules fosse eleito dentre os cidadãos plebeus. O ditador tendo comunicado publicamente diante do povo, a conclusão a que chegara o senado, alegrou-se este, de tal forma, que se esqueceu imediatamente de toda a má vontade contra a nobreza e o senado, reconduzindo Camilo à sua casa, com grandes gritos de alegria e palmas. No dia seguinte, na praça, em plena assembleia popular, foi decidido que o templo da Concórdia seria construído a expensas da coisa pública, conforme o voto de Camilo, em lugar de onde se pudesse ver essa mesma praça, na qual se faziam as assembleias do povo em conselho, bem como que se acrescentaria um dia mais às férias latinas, festejando-se daí por diante quatro dias sem trabalhar, e ainda que se fariam, presentemente, sacrifícios aos deuses em todas as igrejas em ação de graças, com as cabeças cobertas de chapéus floridos, em sinal de alegria por essa reconciliação.

LXXIV. Peste que devasta Rema. Morte de Camilo.

LXXIV. Procedendo pois Camilo à eleição, foram instituídos dois cônsules,{360} Marco Emílio pelos nobres patrícios e Lúcio Sexto pelo povo. Foi este o último ato de Camilo, porque, no ano seguinte{361} sobreveio a peste em Roma, a qual, além de uma incontável multidão de gente, levou também muitos magistrados e oficiais da cidade e entre eles, Camilo, o qual, muito embora tivesse vivido assaz longamente, encerrando notável curso de vida e estivesse tão maduro para a morte como nenhum outro, foi todavia, mais lamentado e sentido sozinho pelos romanos, do que, em conjunto, todos os demais vitimados pela peste.

A COMPARAÇÃO DE TEMÍSTOCLES COM CAMILO

por DU HAILLAN{362}

Sobre as Vidas Paralelas de Temístocles e Fúrio Camilo de Plutarco de Queronéia

Consideremos agora a diferença e a concordância que se podem notar entre essas duas grandes personagens. Vê-se em primeiro lugar, que, pertencendo ambos a casas pouco famosas, avançaram na vida pública por atos de bom-senso e de ousadia, realizaram grandes serviços em favor de s uas repúblicas, e recebendo, por isso, pobre recompensa, preferiram no entanto suportar tais indignidades, do que agir contra seu dever. Parece, entretanto, que Temístocles fez mais cedo, prova de sua suficiência, muito embora a estirpe a que pertencia forçasse seu retardamento, antecipando-se muito a Camilo nos seus exercícios, estudos, ocupações, respostas e primeiros conselhos nos negócios de Estado, uma vez que Camilo se manteve desconhecido até o momento em que se achando, por acaso, em uma escaramuça, na qualidade de simples homem de armas, começou a aparecer.

II. Temístocles, além disso, comprando a ambição de Epícides, homem de conduta rasteira, para impedi-lo de obter a superintendência da guerra contra os Persas e cedendo à autoridade do comando a Euribíades, almirante dos lacedemônios, com o fito de manter a união dos Confederados, e apaziguando com um elegante ardil o capitão Arquiteles, cuja partida lançaria toda a Grécia em espantoso perigo, adquiriu maior honra do que Camilo no cerco dos Veios, do qual participou muito tarde, não vencendo por sua habilidade, mas porque a situação da cidade inimiga, não podia durar mais tempo. E há bem mais: a sabedoria de Temístocles, fazendo embarcar os atenienses em suas galeras para torná-los mais fortes contra o exército dos persas e perseverando com tão grande coragem no bom conselho dado para salvação de sua pátria; sua reconciliação, na hora oportuna e pelo bem público, com Aristides; o engano imposto aos persas com um dos mais louváveis estratagemas que é possível imaginar, do qual resultou um feito de guerra tão raro como jamais houve, e uma das mais notáveis vitórias que se possa encontrar entre os historiadores; essa sabedoria, digo eu, revela ainda com mais evidência a falta de Camilo e o perigo em que colocou Roma, no que dependia dele, quando, em cumprimento de seu voto para tornar mais fácil a conquista de Veios, permitiu que se constrangesse sua gente de guerra (a quem devia conceder menor licença) a entr egar a décima parte de sua presa. Foi esse o começo do rancor dos seus concidadãos, concebido e revelado depois contra ele.

III. Temístocles, além disso, obrigado a sair da Grécia pela calúnia de seus inimigos depois de ter tentado todos os meios para justificar-se, retira-se sem protesto, e recebido com honra pelo rei da Pérsia, em lugar de fazer ou dizer qualquer coisa contrária ao decoro de sua vida passada e ao bem de sua pátria, prefere suicidar-se a manter sua vida por mais tempo, vendo os seus ameaçados por um inimigo poderoso. Camilo, ao contrário, premido pelo povo a quem podia facilmente satisfazer, preferindo sua paixão e opinião particular ao conselho de seus amigos, deixou por cólera, sua cidade, a quem podia ser muito útil, fez imprecações indignas contra ela, e vendo na Itália os gauleses, ao invés de reunir-se aos seus compatriotas para socorrê-los com seu conselho e seu braço em uma tão urgente necessidade, contentou-se em observar os golpes e fez pensar que sentia prazer em ver Roma abatida, mantendo-se assim, à margem, em uma solidão de onde talvez não se tivesse arredado para correr contra os inimigos, se estes não o tivessem irritado rudemente, tal foi a forma pela qual parece ter querido satisfazer sua ira com a calamidade pública, permanecendo sem sair a campo até o

momento em que o perigo próximo e particular o despertou.

IV. Acresce ter sido Temístocles perseguido injustamente e com excesso de rigor pelos atenienses que não se preocuparam em chamá-lo de novo, havendo motivos para crer que ele teria voltado de boa vontade para junto deles, enquanto Camilo, firmando-se em uma disputa assaz sem importância na qual revelara alguma culpa, espero u que lhe pedissem expressamente para socorrer a cidade. E caso se aleguem as ditaduras, as diversas guerras, vitórias e triunfos de Camilo, em comparação dos quais são pouca coisa os feitos de Temístocles, pode-se replicar, sem hesitação, que não se deve julgar a superioridade do homem pelo grande ou pequeno número de seus atos notáveis, mas pela consequência e importância desses atos. A vitória naval de Temístocles, nesse caso, com o que dela dependeu, se revelará de peso igual ou pouco menos, a todas as guerras e vitórias de Camilo conjuntamente consideradas.

V. Deve-se observar, todavia, em Temístocles, que suas virtudes foram obscurecidas por vícios muito evidentes. É coisa louvável ter o espírito pronto, desejoso de grandes realizações, ser afável, resoluto, avisado em negócios complicados, saber decidir-se com segurança e empunhar a ocasião no momento oportuno. Há tudo isso em Temístocles, aliado a uma memória excelente, uma incrível diligência, uma prudência, solicitude, paciência e felicidade notáveis, em muitos acidentes de sua vida. Ele foi em consequência, uma extraordinária personagem em tempo de guerra e de paz. Ninguém o poderia louvar o suficiente por ter pacificado as perturbações da Grécia e reunido as cidades, de forma a poderem fazer frente, em mútuo consentimento, ao inimigo comum; ter declarado infame Artmio com a sua raça, por haver recebido dinheiro dos persas para a corrupção dos gregos, e por outras ações que revelam a elegância e grandeza de sua coragem. Sua ambição porém, era também extrema e ele a revelava constantemente por uma vanglória e presunção ridículas, em ditos e atitudes que finalmente o levaram a querer exibir qualquer singularidade em relação aos outros, em tudo e por tudo. Se, além disso, ele se atritava com grandes ou pequenos, procurava impor-se por todos os meios, deixando-se levar pelas suas paixões, sem olhar consequências, como aconteceu em relação aos lacedemônios por diversas vezes, humilhando os aliados de Atenas assaz licenciosamente, e fazendo essencialmente soar suas virtudes mais alto que de razão. Fê-lo isso, tombar, finalmente, no ostracismo, seguido do seu contato com Pausânias no qual se comportou indiscretamente; sua retirada para a Pérsia onde de forma alguma, mudou de costumes; sua morte indigna, precipitada, revelando com evidência, o natural de um homem prodigiosamente cheio de si . Eis o que se tem a dizer contra Temístocles.

VI. Camilo, quanto a isso, leva grande vantagem sobre o outro. Porque, enquanto Temístocles demonstrou desde sua infância, uma natureza agitada e perigosa, Camilo, ao contrário, mantendo-se obscuro durante toda sua juventude como uma pérola que aguarda ser posta em evidência, revelou-se repentinamente sem fazer grande alarde. E ao passo que Temístocles gastou muito tempo em dar voltas para encontrar a entrada dos negócios do Estado, Camilo foi lançado neles incontinente por sua virtude, e desde seu primeiro ensaio, na qualidade de censor, praticou atos de madura sabedoria. De resto seus feitos de guerra contra tantos inimigos do povo romano, por ele subjugados irremediavelmente, e o grande período de sua vida onde reluzem tantas virtudes, como piedade, justiça, prudência e bondade, tiram muito brilho a Temístocles que maculou seus ardis de guerra com um sacrifício cruel, e depois de uma ou duas derrotas dos bárbaros, nada mais fez digno de memória, passando o resto dos seus dias inibido, a garantir-se contra a espada dos seus próprios concidadãos, e contra a inveja dos persas entre cujos braços, pode-se afirmar, ele se foi perder. Camilo, entretanto, acumulando glorio samente, troféu sobre troféu e não cessando de servir a causa de seu país, foi temido e amado por todos.

VII. É verdade que por ter sido indignamente tratado pelos seus, Camilo os abandonou, mas

isso não diminuiu sua glória porque, ao contrário, pode-se dizer que a ingratidão dos romanos, seu exílio voluntário, a devastação dos gauleses e a ruína de Roma, tornaram-se um campo espaçoso onde ele exibiu e fez boa prova das grandes virtudes de que era dotado. E é lícito dizer que se Camilo não se tivesse perdido, Roma não teria sido recuperada. Quando Roma veio a chamá-lo seu pai e libertador fez o que era justo e não teria feito mais que o seu dever se, depois de tão notável libertação e restabelecimento, ela atribuísse a si mesma, o nome de Camilo. Atenas, ao contrário, floresceu tanto ou mais, depois de Temístocles do que antes quando ele se imiscuía nos negócios da Grécia. Não me refiro às vitórias conquistadas contra os faliscos, équos, volscos e outros povos vizinhos de Roma, embora nelas, Camilo, possa cotejar-se com os mais sábios e corajosos que o anteciparam ou seguiram; refiro-me somente à libertação de Roma, e de toda a Itália do terror das armas gaulesas, por duas e três vezes, libertação essa que, devolvendo a seus concidadãos maior repouso e prosperidade do que antes haviam desfrutado, ultrapassa toda a atuação de Temístocles, morto (como se pode presumir), em profundo remorso e desassossego pelos negócios da Grécia que ele deixara envolvida em sérias dificuldades e ameaçada de uma guerra próxima com um inimigo extremamente poderoso. Vê-se, além disso, em Camilo um traço, de coração mais que humano, quando, ao entrar em Roma onde Breno e os gauleses pesavam na balança do seu orgulhoso poder, o ouro dos sitiados, falou como senhor, fazendo sentir, de fato, aos inimigos que os romanos guardavam seu país com o ferro. O louvor de tantos atos valorosos praticados a esse tempo, pertence totalmente (no tocante aos homens), à sabedoria e coragem de Camilo, enquanto a ação de Temístocles na jornada de Salamina contra os persas, foi favorecida pelo bom conselho e pela força dos demais chefes aliados.

VIII. Cabe ainda notar que Camilo, tendo-se comportado como homem total e magnânimo em tantos cargos públicos que desempenhou com felicidade, perseverou em sua direção, até cerca de oitenta anos quando, eleito ditador pela quinta vez, deu a conhecer (como alguns anos antes na célebre derrota imposta aos toscanos) que a velhice e a indisposição não lhe tinham diminuído em nada seu bom senso e ousadia. Temístocles, ao contrário, não tendo tido a habilidade de conservar-se para sua pátria, perdeu, por assim dizer, o fôlego no meio da carreira, e com seu pobre fim, sem ser muito lastimado, recomenda da forma mais evidente, a feliz orientação de Camilo o qual carregado de dias, após reunir os corações dos seus concidadãos, contemplando o templo e o reino da Concórdia entre eles, deixou aos romanos, com sua morte pacífica, mais saudade do que valiam os serviços recebidos dele em sua laboriosa existência, da qual, se alguém disser que foi um dos mais belos padrões que se poderiam encontrar na história grega e romana, para sábios políticos e bravos guerreiros, terá confessado e dito francamente a verdade, como me parece.

Péricles

SUMÁRIO DA VIDA DE PÉRICLES

I. O gosto e os talentos dos homens devem ser úteis e honestos. II. Virtude de Péricles e de Fábio. III. Glória da casa de Péricles. IV. Seus estudos de música; de filosofia. VI. Seu caráter formado por Anaxágoras. XI. Ele se imiscui nos negócios públicos, e toma o partido do povo. XIII. Seu espírito reservado e sua eloquência. Atribuem-lhe o cognome de Olímpico. XV. Dignidade de suas ações e palavras. XVI. Os costumes do povo se alteram pela abundância e pelos prazeres que Péricles lhe proporciona. XVII. Ele se serve de seu prestígio para reduzir o do Areópago. XVIII. Faz banir e chamar de volta a Cimon. XXI. A nobreza opõe Tucídides a Péricles. XXII. Jogos, festas, banquetes que ele oferece ao povo. XXIII. Decoração da cidade, de Atenas. XXV. Emulação e recompensa para as artes. XXVII. Elas são levadas ao mais alto grau de perfeição. XXVIII. Ofídias preside a todos os grandes trabalhos. O templo de Minerva; o Odeon, a longa muralha; os pórticos. XXXI. O partido de Tucídides se queixa das excessivas despesas. Tucídides é banido. XXXV. Péricles fica só à frente dos negócios do Estado. XXXIII. No clímax de seu poder, ele não aumenta em nada as riquezas de sua casa. XXXV. Sua maneira de administrar os próprios bens. XXXVI. Indigência de Anaxágoras. XXXVII. Péricles propõe uma assembleia geral para pacificação e união de toda a Grécia. XXXVIII. Sua prudência em nada arriscar nas batalhas. XXXIX. Seus êxitos no Quersoneso, no Peloponeso, no Ponto. XLII. Ideias de conquistar o Egito, Cartago e Sicília, reprimidas por Péricles. XLIII. Guerra da Eubéia. XLV. Guerra de Samos, empreendida por Aspásia. XLVI. Pátria desta mulher célebre, e seu espírito. XLVIII. Acontecimentos da guerra de Samos. LII. Artemão inventa as máquinas de guerra para os assédios. LIII. Samos subjugada. LVI. Guerra do Peloponeso. LX. Brigas contra Péricles. LXIII. Sua constância, sabedoria. LXVI. Peste que devasta Atenas. LXVII. O povo se irrita contra Péricles e o condena a uma pesada multa. LXVIII. A peste lhe arrebata parentes e amigos. LXIX. Sua firmeza e sua grande alma. LXX. Ele retoma a direção dos negócios. Lei da burguesia de Atenas revogada. Número dos cidadãos. LXXI. Filhos de Péricles e de Aspásia. LXXII. Péricles atacado pela peste. LXXIII. Suas últimas palavras. Situação e pesar dos atenienses depois de sua morte.

Desde a 72.ª olimpíada, até o quarto ano da 87ª; 429 anos A. C.

I. César, vendo um dia em Roma[{363}] alguns estrangeiros, homens ricos e opulentos, que tinham sempre entre os braços cãezinhos e macaquinhos, acarinhando-os cuidadosamente, perguntou-lhes se as mulheres em seu país não tinham filhos, criticando assim, muito sensatamente aqueles que empregam em relação aos bichos, a inclinação para o amor e a afeição caritativos, que a natureza pôs em nós para usá-la com os homens e não com os animais. Em caso semelhante, tendo a natureza impresso em nossa alma um desejo natural de aprender e saber, é bem razoável censurar aqueles que abusam desse desejo e aprendem coisas que não frutificam, enquanto tratam com negligência as úteis e honestas. Porque, quanto aos sentidos que recebem a impressão do seu objeto com alguma paixão, cabe-lhes considerar de forma forçosamente indiferente tudo o que se apresenta a ele seja útil ou inútil. Não acontece porém o mesmo com o entendimento, porque cada um pode usá- lo à sua vontade e desviá-lo facilmente a todo o momento, aplicando-o no que bem lhe parece. É preciso, por isso, orientá-lo sempre para o melhor a fim de que não somente se satisfaça, mas também que se alimente e se nutra na sua contemplação. Porque assim como a cor mais adequada ao olho é aquela que por sua vivacidade e alegria rejubila e conforta a vista, assim também cada um deve aplicar o seu entendimento em intuições que, ao deleitá-lo, o elevam ao mesmo tempo para o seu verdadeiro bem. Tais são os efeitos da virtude, que, sendo ouvidos ou quando se lê algo sobre eles, imprimem nos corações uma tendência e preocupação para segui-los, o que não acontece com todas as outras coisas pelas quais temos alguma estima, não nos sentindo sempre incitados a desejar fazer o que consideramos bem feito, mas, ao contrário, retirando muitas vezes prazer da obra desprezamos o obreiro, como nas composições de perfumes e tinturas de púrpura, porque, deleitando-nos com um e outro, consideramos todavia os perfumistas e tintureiros como pessoas vis e plebeias. Antístenes, portanto, respondeu muito bem a certo indivíduo que lhe dizia ser Ismenias excelente tocador de flauta, «também eu acho[{364}], disse ele, mas quanto ao resto é homem que não vale nada porque de outra forma, não seria tão esplêndido tocador de flauta. A esse propósito Filipe, rei da Macedónia, disse, certa vez, a seu filho Alexandre o Grande que tinha cantado em um festim de maneira muito agradável, e isso como homem bom entendedor da arte musical: «não tens vergonha de cantar tão bem?» Porque é bastante ao rei empregar de vez em quando o seu descanso em ouvir cantar os cantores, fazendo muita honra às musas ao querer ouvir algumas vezes os obreiros dessa arte, quando porfiam uns com os outros para ver quem canta melhor. Quem porém, exerce alguma arte baixa e vil, oferece, em testemunho contra si mesmo, o trabalho que empregou em coisas "inúteis, como prova de sua preguiça em aprender as honestas e úteis. E não houve jamais jovem de coração bem formado e gentil natureza, que, contemplando a imagem de Júpiter existente na cidade de Pisa, desejasse ser Ofídias; ou Policleto, diante da Juno de Argos, ou Anacreonte, Filemon e Arquíloco ao sentir, porventura, prazer lendo suas obras, porque não se deduz necessariamente da obra que deleita, ser sempre louvável o seu obreiro. Não aproveitam assim, tais coisas a quem as contempla, porque elas não engendram nos corações dos seus observadores o zelo de imitá-la, nem excitam uma propensão para assemelhar-se e conformar-se a elas. A virtude porém, tem isso de próprio em sua atuação, torna o homem que a conhece, de tal forma atraído que considera os seus atos como belos em conjunto, desejando assemelhar-se a quem os pratica, porque dos bens da fortuna nós amamos a fruição, e os da virtude levam-nos à ação. Ficamos por isso, satisfeitos em receber aqueles bens dos outros, mas a estes nós queremos que o outros os recebem de nós. Porque a virtude tem a força de incitar a vontade do homem que a considera a querer exercê-la incontinente, e engendra em seu coração um desejo de a pôr em atividade, formando assim, os costumes de quem a contempla, não por imitação apenas, mas pela compreensão e conhecimento do ato virtuoso, o qual gera-lhe repentinamente o instinto e propósito deliberado de fazer o mesmo.

II. É a razão pela qual considerei que devo continuar a escrever as vidas dos homens ilustres, e compus este décimo livro contendo as de Péricles e Fábio Máximo que sustentou a guerra contra Aníbal, porque são duas personagens semelhantes em muitas outras virtudes, e especialmente na bondade e justiça, e ambas, por ter sabido suportar pacientemente os desvarios dos seus povos e dos seus companheiros nos cargos de governo, foram muito úteis aos seus países. Se porém, andamos bem em juntá-los, comparando um ao outro, poder-se-á julgar melhor pelo que segue escrito.

III. Péricles pertencia à estirpe Acamânida, do distrito de Gholargo, uma das melhores casas e mais antigas raças da cidade de Atenas, tanto do lado de sua mãe como do lado de seu pai. Porque Xantipo, seu pai, que derrotou em batalha os comandantes do rei da Pérsia na jornada de Micale{365} casou-se com Agaristo descendente do Clístenes que expulsou de Atenas os filhos de Pisístrato e destruindo corajosamente sua tirania, estabeleceu depois leis_ e organizou uma forma de governo muito bem equilibrada para manter seus concidadãos em paz e concórdia uns com os outros. Agaristo sonhou uma noite que tinha dado à luz um leão e poucos dias depois teve Péricles, tão bem proporcionado em todas as partes do corpo que nada se podia criticar, exceto sua cabeça um pouco longa e desproporcionada no tamanho em relação ao resto, sendo essa a causa de quase todas as suas estátuas terem o capacete sobre a cabeça, não querendo os escultores, como é crível, salientar-lhe essa deformidade. Os poetas áticos, contudo o chamam Esquinocéfalos, que quer dizer cabeça de cebola, porque os áticos chamam aquilo que se apelida em língua comum Scilla, isto é, cebola da barbaria{366}, Esquinos; e Cratino, poeta cómico, diz na comédia que ele intitulou Quírones:

O velho Saturno e a Sedição

Engendraram conjuntamente

Este grande titã que na corte imortal

Dos deuses do céu, é chamado Cabeça Grande.

E de novo diz, referindo-se a ele, na comédia intitulada Nemesis:

Vem Júpiter hospitaleiro, cabeça longa.

E Teléclides, zombando também dele, diz em certa passagem:

Algumas vezes não sabendo em verdade

A quantas anda em seu governo,

Mantem-se quieto e não se apresenta,

Sentindo dolorida sua cabeça pesada:

Mas outras vezes também, ele despede

Do seu grande crânio um maravilhoso trovão.

E Eupolis na comédia intitulada{367} Demi, interrogando e inquirindo particularmente cada um dos oradores que ele figura como saindo dos infernos, diz, quando lhe indicam por último a Péricles:

Certamente nos trouxestes A cabeça de todos aqueles que lã estavam em baixo.

IV. Ora, quanto à música, a maior parte dos autores escreve que quem lhe ensinou, foi Damon, cujo nome, como se diz, deve ser pronunciado com a primeira sílaba breve. Aristóteles todavia, diz que ele aprendeu a música com Pitóclides. Como quer que seja é certo que este Damon, homem muito entendido e astuto em matéria de governo, cobrindo-se, para dissimular e esconder ao povo sua habilidade, com o nome de músico, estava sempre ao lado

de Péricles como mestre de luta e de esgrima, e lhe ensinava como devia conduzir-se em negócios de Estado. Afinal, entretanto, ele não pôde dissimular tão bem que não viesse ao conhecimento do povo, servir-se ele dá lira e da música como coberta, e por ser homem turbulento empreendedor, e propiciador da tirania, foi banido por cinco anos{368}. Isso deu o que falar aos poetas cómicos, entre os quais Platão, que em uma de suas comédias introduz alguém que lhe pergunta:

Diz-me primeiro, Quíron,

Por que corre a fama

De que tu modelaste e instruíste Péricles.

V. Ele foi também ouvinte e discípulo ao filósofo Zenon, nativo da cidade de Eléia, que ensinava a filosofia natural como Parmenides, mas fazia profissão de contradizer todo o mundo, e alegar tantas oposições quando discutia, que levava seu antagonista a não saber como responder nem ao que resolver-se, como o testemunha Timon Fliasiano nestes versos:

Grande eloquência e força de arte

Para disputar de um lado ou de outro

Tinha Zenon, criticando todo o mundo

Quando pretendia desenvolver sua facúndia.

VI. Mas quem conviveu mais com ele e lhe deu essa gravidade e dignidade que mantinha em todos os seus atos e ditos, mais adequada a senhores do que à condição e ao estado de quem deve arengar diante de um povo livre, quem, em resumo, elevou seus costumes até uma certa majestade, demonstrada em todas as suas maneiras de agir, foi Anaxágoras o Clazomeniano, denominado comumente pelos homens desse século «Nus», isto é, entendimento, fosse por sentirem uma singular admiração pela vivacidade e sutileza do seu espírito em procurar as causas dos fenómenos naturais, ou por ter sido o primeiro em atribuir a disposição e o comportamento desse mundo, não ao acaso nem à necessidade fatal, mas a uma pura e simples inteligência ou entendimento, o qual separa, como primeira causa agente, as substâncias de partes semelhantes das demais substâncias que estão em todos os outros corpos, misturadas e confundidas.

VII. Péricles, por conseguinte, tendo especial admiração por essa personagem a quem devia ter-se instruído no conhecimento das coisas naturais, especialmente das que acontecem no ar e no céu, tomou dela, não somente uma coragem grande e elevada e uma dignidade de linguagem onde não havia nada de afetado, de baixo, nem vulgar, mas também uma sisudez de rosto que não se movia facilmente ao riso; uma gravidade no andar, um tom de voz que jamais se perdia; uma atitude serena e um toque honesto na sua indumentária, não se perturbando jamais, com qualquer coisa que acontecesse enquanto falava, e outros dotes semelhantes, que levavam a um espanto deslumbrado a todos quantos o contemplavam e consideravam.

VIII. Conta-se, a esse propósito, ter havido certa vez, um indivíduo desavergonhado que se manteve durante -um dia inteiro a ultrajá-lo com palavras difamatórias em plena praça, dizendo toda a sorte de injúrias que lhe vieram à cabeça, suportando-o Péricles pacientemente, sem jamais lhe responder uma única palavra, enquanto despachava qualquer negócio importante, até retirar-se serenamente, à noite, para sua casa, sem se mostrar alterado de maneira alguma, muito embora esse importuno o seguisse sempre, repetindo-lhe todos os ultrajes possíveis. Quando estava prestes a entrar em casa, já noite fechada, determinou a um dos seus servos que tomasse uma tocha e reconduzisse esse homem à sua morada. O poeta Íon entretanto, escreve que o trato de Péricles era soberbo e arrogante e que na sua gravidade e magnanimidade havia muito orgulho e desprezo pelos outros. Louva, este, ao contrário, grandemente, a civilidade, humanidade e cortesia de Cimon, o qual sabia acomodar-se com facilidade a todos os convívios. Não convém porém nos determos na afirmação de Íon{369}, o qual pretendia houvesse na virtude, como em algumas tragédias, uma parte onde se introduzissem sátiras próprias ao riso. Zênon, em compensação, aconselhava àqueles que diziam constituir a gravidade de Péricles presunção e arrogância, que se tornassem presunçosos como ele, porque essa maneira de contrafazer as coisas honestas e virtuosas, traz secretamente, com o tempo, uma tendência para amá-las e o desejo de acostumar-se ou de se adaptar a elas conscientemente. Péricles hão recebeu exclusivamente1 dons da sua conversação com Anaxágoras, mas aprendeu também com ele a expulsar de si e dominar todo supersticioso temor dos sinais celestes e das impressões que se formam no ar, as quais geram grande terror a quem ignora suas causas, bem como aos que temem os deuses com um desvairado terror, por não terem deles nenhum conhecimento certo, como o atribuído pela filosofia natural que, em lugar de uma superstição sempre trémula e assustada, engendra verdadeira devoção, acompanhada de segura esperança do bem.

IX. Conta-se a esse propósito que trouxeram certo dia, a Péricles, de uma de suas terras, a cabeça de um carneiro que não tinha senão um chifre, razão pela qual o adivinho Lampão, considerando essa cabeça com o chifre muito duro no meio da testa, interpretou-a como significando que, sendo duas as linhas e dois os partidos na cidade de Atenas no tocante a seu governo, a de Péricles e a de Tucídides o poder das duas seria fundido em um, e especialmente no daquela em cuja casa o sinal se revelara. Anaxágoras porém, achando-se presente, fez partir a cabeça{370} em dois, e mostrou aos assistentes como o cérebro do carneiro não enchia toda a capacidade do seu lugar natural, mas era comprimido de todos os lados e ia terminar em ponta como um ovo, no local onde o chifre tinha o começo de sua raiz! Anaxágoras foi assim admirado no momento, mas Lampão o foi logo depois, quando Tucídides veio a ser expulso e todos os negócios da coisa pública caíram universalmente nas mãos de Péricles.

X. Não há incoerência, no meu modo de ver, em que a filosofia natural e o adivinho tenham com boa verdade, interpretado o fato em seu conjunto, percebendo a primeira, a causa e o outro, o fim deste acontecimento, porque a profissão de uma, é procurar como acontece o fato, e a do outro porque acontece, predizendo o que significa. Quando alguém diz que descobrir a causa corresponde, a destruir a significação do sinal, não considera que, procurando abolir por esta razão as predições dos sinais e prodígios celestes, abole também os obtidos por artifício, como o som das bacias, os clarões dos fogos ao longo da costa marinha, as sombras dos ponteiros dos relógios de sol, coisas essas que se fazem por alguma razão, para serem sinal de outra coisa. Essa disputa sem fim porém, pertence mais a outro tratado.

XI. Quanto a Péricles, sendo ele ainda muito jovem, temia bastante o povo porque tinha o rosto um pouco parecido com o de Pisístrato, e os mais velhos da cidade, temiam também muito sua voz doce, sua língua elegante, sua palavra fácil, porque se assemelhavam da mesma form a, às de Pisístrato. Ele possuía, além disso, muitos bens, pertencendo a uma das mais nobres casas da cidade e seus amigos eram assim os mais acreditados e detinham a maior autoridade no manejo dos negócios. Em virtude disso, receando ser banido pelo decreto de

ostracismo, Péricles não se imiscuía no governo de maneira alguma, mostrando-se na guerra homem valente que não poupava sua pessoa. Depois, porém, que Aristides morreu, que Temístocles foi expulso e que Cimon, encarregado dos exércitos, se mantinha a maior parte do tempo fora da Grécia, ocupado com guerras distantes, Péricles então{371} se ligou com a arraia miúda, preferindo a multidão da plebe pobre, ao pequeno número dos nobres e ricos, o que era contra sua natureza porquê de si mesmo ele não era popular. Agiu assim, entretanto, como é verosímil, para evitar a suspeita de que pretendesse usurpar a tirania, e também porque vendo que Cimon se inclinava inteiramente para o lado da nobreza e era singularmente amado e apoiado pela gente de bem, cabia a ele, ao contrário, lançar-se entre os braços da comuna, provendo-se por esse meio, de segurança para si mesmo e de autoridade contra Cimon.

XII. Começou assim incontinente a adotar uma maneira de viver totalmente nova, desde o momento em que interveio nos negócios{372} públicos, porque ninguém mais o viu depois, andar pela cidade, a não ser para ir à praça ou ao Senado. Desistiu de ir aos banquetes para os quais era convidado e abandonou qualquer outro entretenimento com amigos e qualquer outra forma de conversa, de tal modo que durante todo o tempo no qual se envolveu com o governo da coisa pública, tempo esse muito longo, não foi jamais cear em casa de nenhum de seus amigos a não ser no festim de núpcias de Euriptolemo, seu sobrinho, e aí mesmo permaneceu apenas até a ação de graças, momento em que se oferece vinho aos deuses, levantando-se depois imediatamente porque essas amáveis intimidades reduzem muito qualquer dignidade aparentemente assumida e é bem difícil manter uma severa gravidad e para conservar sua reputação, e ao mesmo tempo, deixar-se frequentar familiarmente por todo o mundo. É verdade que em uma total e autêntica virtude é sempre mais belo o que é mais aparente, e nas gentes de bem e de honra não há nada que possam os estranhos achar tão admirável, quanto o que os domésticos, sempre juntos a elas, acham em sua vida quotidiana.

XIII. Péricles, entretanto, para impedir que se aborrecessem dele, vendo-o continuamente, não se aproximava do povo e não se apresentava a ele senão por intervalos. Não falava de todos os assuntos em público e nem saía, reservando-se da mesma forma que, em Atenas, era reservada a galera de Salamina, como diz Critolau, para as situações de grande importância. Manejava outros negócios de menor significação por intermédio de alguns oradores seus familiares, entre os quais Efialta, segundo se diz, o mesmo que tirou a autoridade e o poder à corte do Areópago, atribuindo excessiva e desenfreada licença ao povo, como declara Platão. É o motivo pelo qual dizem os poetas cómicos, ter-se ele tornado tão insolente, que ninguém o podia deter e como um cavalo novo sem rédeas, tornara-se tão audacioso que já sem querer obedecer, mordera a ilha de Eubéia, saltando por cima das demais. Desejando Péricles formar um estilo de falar e uma maneira de linguagem que fosse instrumento adequado e conforme ao modo de viver e à gravidade por ele adotados, empregava a todo o propósito o que aprendera de Anaxágoras, colorindo seus argumentos de filosofia natural com a habilidade retórica, e, tendo adquirido pelo estudo dessa filosofia altas concepções e eficácia para concluir bem tudo o que desejava provar, sendo também dotado por natureza de bom entendimento, como escreve o divino Platão, tirando disso tudo o que convinha a seus desígnios revestidos sempre com artifícios de eloquência, tornou-se distanciadamente o melhor orador do seu tempo. Por esse motivo, como se disse, impuseram-lhe o cognome de Olímpico, que equivale dizer celeste ou divino, embora queriam alguns ter sido por causa das belas obras e edifícios públicos com os quais embelezou a cidade de Atenas, e outros em razão da sua grande autoridade e poder no governo tanto em guerra quanto em paz. Não é impossível porém que esta glória lhe tenha sido conferida por motivo das muitas excelentes qualidades que havia juntas nele. As comédias, todavia, levadas à cena pelos poetas do tempo, aonde há muitas alusões a ele, umas sérias, outras em tom de farsa e burla, testemunham que foi principalmente por sua eloquência que se lhe atribuiu esse apelido, porque, dizem eles, Péricles arengando, trovejava e faiscava e trazia em sua língua um raio terrível.

XIV. A esse propósito conta-se uma resposta espirituosa de Tucídides, filho de Milésio, relativa à força de eloquência de Péricles, porque aquele era homem de bem e de honra, tendo feito durante muito tempo oposição ao governo deste. Como Arquidamo, rei da Lacedemônia, lhe perguntasse um dia quem lutava melhor, ele ou Péricles, respondeu-lhe: «Quando eu o derrubo lutando, ele sabe negá-lo tão bem, que faz crer aos assistentes não ter caído, persuadindo-os do contrário daquilo que v iram.»

XV. Péricles, era todavia, muito contido e reservado no seu falar, de sorte que em todas as vezes nas quais se apresentava à tribuna das arengas, para discursar ao povo, fazia orações aos deuses para que não lhe escapasse da boca, inadvertidamente, nenhuma palavra prejudicial à matéria tratada. Nada resta entretanto, de suas obras por escrito, a não ser alguns éditos por ele publicados. Foram ainda retidos de memória bem poucos dos seus ditos notáveis, como quando declarou «que era preciso fazer desaparecer a cidade de Egina, porque era um cisco nos olhos do porto de Pireu e outra vez na qual disse «que já via de longe a guerra que, do Peloponeso, avançava sobre eles». Uma outra vez, ao embarcar com Sófocles, seu companheiro, a esse tempo, no cargo de capitão general, louvando este a beleza de um jovem que haviam encontrado no caminho: «É preciso, Sófocles, disse Péricles, que um governador tenha limpos nã o somente as mãos, mas também os olhos.» E Estesimbroto escreve, em relação ao seu discurso fúnebre, feito em louvor dos mortos na guerra de Samos, ter Péricles dito que eles eram imortais como os deuses, porque não vemos a estes em sua essência, mas pelas honras a eles conferidas e, pelos grandes bens por eles desfrutados, conjecturamos serem imortais, e as mesmas coisas acontecem aos que morrem em defesa do seu país.

XVI. Ora, cabe ver a razão pela qual Tucídides descreve o governo da coisa pública ao tempo de Péricles, como um governo da nobreza, embora na aparência parecesse popular, sendo de fato um principado regido pela inteligência e autoridade do primeiro homem de Atenas, e por que razão dizem muitos outros, ter sido ele quem em primeiro lugar fomentou o costume de repartir pelo povo as terras conquistadas na guerra e de distribuir dinheiros públicos para ir ver os jogos, fixando-lhe salários para todas as coisas, sendo esse um mau costume, porque a plebe que antes passava com pouco, ganhando a vida com o trabalho do seu corpo, tornou-se supérflua, suntuosa e dissoluta, em razão das utilidades então introduzidas. Poder-se-á verificar pela simples exposição do fato, a causa dessa mutação.

XVII. Porque Péricles ao aparecer, como dissemos, para adquirir reputação semelhante à de Cimon, esforçou-se em cair nas boas graças da multidão, mas não tendo nem riquezas nem bens tão grandes quanto os daquele, para sustentar a mesma despesa com a qual Cimon entretinha os pobres, mantendo casa aberta a todos os adventícios, vestindo velhos indigentes e fazendo tirar a cerca de suas terras, férteis e herdadas, para que cada um pudesse entrar e colher frutos à vontade, via-se, em virtude disso, superado na simpatia da plebe, pelo que começou a introduzir essas distribuições de dinheiros públicos, por sugestão e conselho de Demônides, natural da ilha Delos, como narra Aristóteles. Tendo em pouco tempo ganho a benquerença da arraia miúda por essas distribuições de dinheiro, que fazia repartir entre ela, tanto para ver os jogos como por salário para assistir aos julgamentos, e por outras corrupções semelhantes, Péricles serviu-se dela, pouco depois, contra a corte do Areópago a cujo corpo não pertenceu jamais, por nunca ter sido sorteado para arconte anual{373}, nem conservador das leis, nem rei dos sacrifícios, nem superintendente das guerras, ofícios esses que, desde a mais remota antiguidade, eram atribuídos por sorteio s endo que aqueles a quem tocava a sorte, quando exerciam bem a administração de suas magistraturas, subiam e vinham a pertencer ao corpo da corte do Areópago.

XVIII. Péricles, tendo assim adquirido, por esses meios, grande prestígio junto a plebe, envolveu de tal forma esse senado do Areópago, que lhe fez tirar a competência para

conhecer muitos assuntos, por intermédio de Efialta, e ao mesmo tempo fez banir de Atenas, a Cimon, como favorecedor dos lacedemônios e contrário ao bem e à autoridade popular, apesar de ser o mais rico e o mais nobre de toda a cidade, tendo obtido as mais gloriosas vitórias, enchendo a cidade de Atenas de despojos conquistados ao inimigo, como escrevemos em sua vida, tamanha era a autoridade popular de Péricles. Ora, o desterro que foi aplicado a Cimon, denominado ostracismo, era por lei, limitado a dez anos, e tendo os lacedemônios penetrado com grande poder no país de Tanagra durante esse período, saíram incontinente os Atenienses a seu encontro, e lá, Cimon, querendo fazer ver, de fato, que era caluniado falsamente de favorecer os lacedemônios, apresentou-se em armas para combater junto aos seus. Os amigos de Péricles porém, juntando-se constrangeram-nos a retirar-se por ser banido. Foi essa a causa de Péricles ter combatido nessa jornada mais duramente do que nunca, adquirindo a honra de ter-se arriscado pessoalmente, tanto ou mais que nenhum outro em todo o exército. Os amigos de Cimon, todavia, aos quais Péricles também acusava de favorecer os interesses dos lacedemônios, morreram todos aí, razão pela qual os Atenienses se arrependeram muito da expulsão de Cimon e o lamentaram bastante após terem sido vencidos nessa batalha travada nos confins do país da Ática, especialmente porque esperavam ter na próxima estação{374} uma guerra bem áspera e rude. Percebendo-o, Péricles, não fingiu satisfazer nisso à plebe, mas propôs de si mesmo um decreto que fez expedir, chamando de volta a Cimon, como aconteceu. Este, ao voltar, serviu de intermediário na paz entre as duas cidades, porque os lacedemônios tinham-lhe afeições odiando, ao contrário, a Péricles e a todos os outros{375} governantes.

XIX. Há porém, quem escreva, não ter Péricles jamais condescendido em fazê-lo chamar, antes de ter feito com ele, um acordo secreto por intermédio de Elpinice, irmã de Cimon, a saber que este iria com um exército de duzentas galeras fazer a guerra em países submissos ao rei da Pérsia, permanecendo Péricles em casa, com a autoridade do' governo dentro da cidade. Esta irmã Elpinice já tinha em ocasião anterior, amenizado Péricles em relação a seu irmão, quando este foi a juízo por um crime capital, porque Péricles era daqueles a quem a acusação tinha sido delegada e entregue pelo povo. Elpinice dirigiu-se a ele, suplicando-lhe não fizesse o pior que pudesse a seu irmão. Péricles respondeu-lhe rindo: «És muito velha, Elpinice, muito velha para conseguir tão grandes coisas.» Quando, entretanto, se veio a juízo, debater a causa, ele não se levantou a não ser uma vez para falar contra Cimon, como para desempenhar-se de uma obrigação, e retirou-se tendo feito menos mal a ele do que qualquer outro dos acusadores.

XX. Quem poderá assim dar fé a Idomeneu, que acusa Péricles de ter feito matar à traição o orador Efialta, seu amigo, que tinha sido sempre favorável à sua maneira de pensar e pertencia a seu partido no governo da coisa pública, por ciúme e inveja de sua glória? Porque tais palavras difamatórias, colhidas não sei onde, Idomeneu as vomitou com humor colérico contra Péricles que embora não fosse evidentemente de todo irrepreensível, tinha certamente, o coração grande e nobre, com uma natureza desejosa de honra, não se vendo quase em homens dessa espécie, engendrar-se essas paixões tão brutais e cruéis. O orador Efialta, em verdade, temido pelos que sustentavam o partido da nobreza, por não perdoar de forma alguma àqueles que em qualquer assunto ofendiam a autoridade do povo, acionando-os e perseguindo-os com todo rigor até o fim, levou seus inimigos a lhe armarem uma emboscada, por intermédio de um certo Aristodico Tanagriano, onde foi morto a traição, como escreve Aristóteles.

XXI. Cimon, entrementes, morrera na ilha de Ghipre como general do exército de mar de Atenas, motivo pelo qual os que apoiavam o partido da nobreza, vendo Péricles, já poderoso, marchar adiante de todos os outros cidadãos da cidade e querendo que houvesse alguém de seu lado para fazer-lhe frente, reduzindo-lhe um pouco a autoridade, a fim de que ele não viesse a dispor do poder absoluto, opuseram-lhe Tucídides do burgo de Alopecia, homem prudente, cunhado{376} de Cimon, para resistir a ele. Esse Tucídides entendendo menos de guerra do que Cimon, embora entendesse mais dos negócios da cidade e do governo da coisa

pública do que ele, mantinha-se a maior parte do tempo na cidade, onde, combatendo continuamente a Péricles na tribuna das arengas, formou em pouco tempo uma liga semelhante à sua, evitando que a gente de bem e de honra, como são denominados os nobres, se misturasse e confundisse com a comuna como antes, onde sua dignidade era ofuscada e dissolvida pela multidão do povo, e separando-a da plebe, a reuniu num único corpo, que veio a ter poder igual ao da outra liga, colocando-se por assim dizer, como o contrapeso da balança. Porque a princípio não houve mais que um certo debate oculto entre essas duas facções, como uma folha superfici al em uma lâmina de ferro, salientando-se apenas ligeiramente a diferença entre os que apoiavam o partido do povo e os que eram do partido da nobreza. Mas a disputa e a dissensão dessas duas personagens foi como uma profunda incisão separando a cidade em dois grupos dos quais um foi publicamente chamado a nobreza e o outro o povo.

XXII. Péricles entretanto, soltando ainda mais as rédeas populares fazia tudo para satisfazer o povo e agradá-lo, dando ordens para que na cidade houvesse sempre jogos, festas, banquetes e passatempos públicos, a fim de entreter a comuna com esses prazeres honestos. Ele enviava, além disso, à guerra todos os anos, um exército de sessenta galeras, sobre as quais havia bom número de cidadãos pobres que assim, durante nove meses{377} do ano, percebiam soldo público, adquirindo experiência marítima na qual se exerciam. Péricles enviou além do mais, ao país de Quersoneso mil burgueses para habitá-lo e repartir as terras entre si; quinhentos à ilha de Naxos; duzentos e cinquenta à Andros; mil à Trácia para habitar com os bisaltos; outros à Itália quando a cidade de Sibaris foi reconstruída, sendo depois chamada a cidade dos Túrios. Isso era feito para descarregar Atenas de uma multidão ociosa, a qual em virtude da sua ociosidade era curiosa e ávida de coisas novas, bem como para prover à necessidade dos pobres burgueses que nada tinham, acrescendo que alojar assim, cidadãos naturais de Atenas junto a seus súditos ou aliados, era o mesmo que pôr entre estes, uma guarnição que os mantinha freados, impedindo-os de empreender qualquer novidade.

XXIII. Mas o que produziu maior prazer e atribuiu mais ornamentos à cidade de Atenas, sendo também o que mais deslumbrou os estrangeiros, dando testemunho suficiente de que as coisas contadas sobre o antigo poder riqueza e opulência da Grécia, nada têm de falsas, foi a magnificência das obras e edifícios públicos construídos ao tempo de Péricles. De todo o seu trabalho é também o que causou aos ressentidos e malévolos a maior inveja, razão pela qual o caluniaram, clamando contra ele em todas as assembleias do conselho, que o povo de Atenas se difamara por ter trans ferido para sua cidade o dinheiro de contado de toda a Grécia, depositado na ilha de Delos. Disseram ainda que a escusa mais honesta possível para cobrir o fato, a alegação de ter sido por temor aos bárbaros, visando colocar o dinheiro em lugar forte, onde ficasse sob guarda mais segura, Péricles mesmo a tinha destruído. Constituía o ato segundo eles, uma grande injúria feita a todo o resto dos gregos e um golpe de manifesta tirania, considerando-se estar diante dos olhos de todos que o dinheiro com o qual a Grécia fora forçada a contribuir para os negócios da guerra contra os bárbaros, os atenienses o empregavam em fazer dourar, embelezar e arranjar sua cidade como se fosse uma mulher gloriosa, ávida de paramentar-se com ricas joias e pedras preciosas bem como em fazer imagens e construir templos de uma excessiva despesa.

XXIV. Péricles, ao contrário, demonstrava aos atenienses que eles não eram obrigados a prestar contas desse dinheiro aos seus aliados, uma vez que combatiam por eles, mantendo os bárbaros longe da Grécia sem que eles contribuíssem para isso com um só homem, um só cavalo ou um só navio, mas apenas com dinheiro, o qual não pertence mais a quem o paga mas aos que o recebem, desde que façam valer a razão pela qual o recebem, pelo que, estando sua cidade bem provida de todas as coisas necessárias à guerra, era honesto empregar o supérfluo de suas finanças em obras que, no futuro, quando estivessem terminadas, lhes trariam glória eterna, e desde agora, enquanto ainda se executavam, os enriqueciam com uma opulência presente, pela diversidade de trabalho de toda a espécie, e de matérias que se faziam mister, uma vez que para trazê-las e usá-las seriam empregados

obreiros de todos os ofícios e todas as mãos que quisessem trabalhar, de maneira que todos os habitantes da cidade viriam a receber paga e salário, públicos, e por esse meio a cidade se embelezaria nutrindo-se ao mesmo tempo por si mesma. Porque os fortes e disponíveis em idade de pegar em armas, eram mantidos com soldo público que lhes tocava quando iam à guerra» e quanto aos mais que não se envolviam em questão de armas como gente mecânica, vivendo do seu braço, quis Péricles que tivessem também parte no dinheiro comum, não o ganhando porém, sem fazer nada.

XXV. Foi essa a razão pela qual ele levou o povo a empreender grandes edificações e a projetar obras de muitos ofícios que não se podiam terminar a não ser dentro de um longo lapso de tempo a fim de que o cidadão que permanecesse em casa tivesse meios de participar dos dinheiros públicos e de enriquecer, da mesma forma que os guerreiros, os embarcadiços ou os de guarnição na guarda de lugares. Porque assim, uns ganhavam no fornecimento de materiais, como pedra, cobre, marfim, ouro, ébano e cipreste, outros em trabalhar e lidar como carpinteiros, moldadores", fundidores, fazedores de imagens, pedreiros, entalhadores de pedra, tintureiros, ourives, marceneiros de marfim, pintores, marqueteiros e torneiros; outros em transportar e fornecer matéria-prima, como mercadores, marinheiros, pilotos para as coisas que se trazem por mar, fabricantes de carros, para as de terra e cocheiros, condutores, cordoeiros, canteiros, seleiros, correeiros, pioneiros para aplainar caminhos e escavadores de minas. Cada chefe de ofício, além disso, tinha um capitão, com o seu próprio exército de operários, ganhando a vida apenas com o esforço do braço, para servir como instrumentos e auxílio aos mestres obreiros, de forma que a lida por esse meio, permitia espalhar e distribuir o ganho por todas as idades e por gente de toda a qualidade e condição.

XXVI. Vieram assim as obras a levantar-se e a progredir, soberbas na magnificência das proporções e inigualáveis em graça e beleza, porque os operários, cada um em seu setor, esforçavam-se em emulação, para superar a imensidade das suas tarefas pela excelência do artifício. Não havia entretanto, nada que fosse mais admirável do que a celeridade, porque quando se supunha que cada uma das mencionadas obras devesse terminar apenas em muitas gerações e várias sucessões de vidas humanas, umas depois das outras, foram elas inteiramente executadas e concluídas durante o tempo em que se manteve em vigor o prestígio e a autoridade de um único governante. E conta-se, apenas disso, que a esse mesmo tempo, como o pintor Agatarco se vangloriasse de pintar animais rápida e facilmente, respondeu-lhe Zeuxis, ao ouvi-lo, e eu, ao contrário, glorifico-me em demorar muito tempo em pintá-los», porque comumente a rapidez e a facilidade não podem atribuir firmeza durável nem beleza perfeita à obra; mas a demora no tempo, acrescida da assiduidade de trabalho na sua manufatura dá-lhe força e vigor de longa duração.

XXVII. Eis porque as realizações de Péricles são mais admiráveis, visto terem sido executadas em tão pouco tempo, e terem durado tanto. Porque, cada uma delas em sua perfeição, revelava já antiguidade em sua beleza, e quanto à graça e vigor parece até hoje, terem sido feitas e concluídas há pouco, de tal forma há em tudo não sei quê de florescente novidade, impedindo que a injúria do tempo perturbe a sua visão, como se cada uma dessas obras tivesse, por dentro, um espírito sempre rejuvenescente e uma alma jamais envelhecida que as mantivesse com esse vigor.

XXVIII. Ora, quem conduzia -tudo, superintendendo a lida geral, era Ofídias, embora houvesse muitos outros mestres superiores e operários excelentes em cada obra, porque o templo de Palas denominado Partenon, como quem dissesse templo da Virgem, e apelidado Hecatompedon porque tem cem pés em todos os sentidos{378}, foi edificado por íctino e Calicratida; e a capela de Eleusina onde se celebrava a cerimónia secreta dos mistérios, foi projetada por Corebo, que levantou a fila das primeiras colunas à flor da terra, ligando-as com as suas arquitraves. Morto ele porém, Metagenes, nativo do burgo de Xipete, fez a cúpula e

depois alinhou as colunas que estão em cima{379} e Xenocles do burgo de Cholargo foi quem fez a lanterna ou florão que cobre o santuário. Mas á longa muralha{380} cuja construção Sócrates pessoalmente diz ter ouvido ser proposta a Péricles, foi Calicrates que se incumbiu de fazê-la. O poeta Gratino em uma comédia sua, zomba dessa obra que era conduzida com muita displicência, demorando excessivamente para ser concluída, dizendo:

Há muito tempo que Péricles, de boca,

A faz progredir bastante, mas de fato, não toca nela.

XXIX. O teatro ou auditório de música destinado à audição dos jogos dos músicos, chamado Meon{381}, foi feito por dentro, em várias ordens de assentos e muitas fileiras de colunas, sendo a cobertura constituída por um bloco único redondo, que se vai curvando em torno, e fechando-se sobre 8i mesmo, termina em ponta. Conta-se que foi feito sobre o modelo e à semelhança do pavilhão do rei Xerxes, e que Péricles forneceu o desenho e a orientação, pelo que Cratino, em outra passagem da comédia «As Trácias.», zomba e caçoa dele dizendo:

Aí vem Péricles denominado Júpiter, cabeça de cebola,

Que concebeu na sua larga testa

A forma e a cobertura do Odeon

Depois que escapou do perigo

De ser banido para país estrangeiro.

Foi nessa ocasião que Péricles, pela primeira vez, procurou muito devotadamente que fosse determinada pelo povo, no dia da festa chamada Panatenéia{382}, a celebração de jogos, de música, e tendo sido ele p róprio eleito reitor desses jogos para adjudicar o prêmio a quem o tivesse ganho, regulamentou a maneira pela qual, de futuro, deveriam os músicos tocar flautas ou cítaras e outros instrumentos. Foi o primeiro jogo musical celebrado no Odeon mediante prêmio, sendo os outros, daí por diante, celebrados sempre nesse mesmo auditório.

XXX. Quanto ao portal e aos pórticos{383} do castelo, foram feitos e acabados no espaço de cinco anos, sob a direção de Mnesicles que foi mestre da obra. Enquanto eram construídos aconteceu um acidente milagroso, demonstrando bem que a deusa Minerva não reprovava essa fábrica, mas a tinha por muito agradável, porque o mais diligente e dedicado de todos os operários que aí lidavam, tombou, por acaso, de alto a baixo. Ele adoeceu tanto da queda, que os médicos e cirurgiões não esperavam vê-lo escapar. Estando Péricles muito aborrecido com o fato, apareceu-lhe a deusa, enquanto dormia à noite, e lhe ensinou uma medicina{384}, com a qual curou facilmente o paciente, em pouco tempo. Foi por isso que depois ele fez fundir cm cobre a imagem de Minerva, apelidada{385} Saúde, a qual mandou colocar no templo do castelo perto do altar, que já aí estava, como se disse. Ora, quanto à imagem de ouro da deusa Minerva{386} foi Ofídias quem a fez como está escrito em sua base. Em relação ao resto porém, ele tinha apenas a superintendência de quase todos os trabalhos e dirigia todos os demais operários pela amizade que lhe dedicava Péricles. O fato trouxe a um, inveja, a outro, má fama, porque os invejosos e maledicentes espalharam por toda a parte o boato de que Ofídias recebia em sua casa as senhoras da cidade, sob o pretexto de mostrar-lhes suas obras, para entregá-las a Péricles. E os poetas cómicos a proveitando-se desses comentários, espalharam contra ele muitas alusões injuriosas e difamatórias, caluniando-o como se sustentasse a

mulher de Menipo, seu amigo e Lugar-tenente na guerra, dizendo também que Pirilampo, um dos seus familiares, criava pássaros e especialmente pavões que enviava secretamente às mulheres seduzidas por Péricles. Mas, não devem espantar os ditos desses homens satíricos cuja profissão é maldizer e ferir todo o mundo e q ue ordinariamente sacrificam à inveja da plebe, como a um espírito maligno, as injúrias e ultrajes que lançam contra as gentes de bem e de honra, visto que Estesimbroto o Tásío, levou sua ousadia ao ponto de censurar a Péricles por um crime detestável, inventado falsamente, como seja o de ligar-se com a mulher do próprio filho. Eis porque é, a meu aviso, bem difícil e penoso ter inteiro conhecimento da verdade das coisas antigas, pelos monumentos dos historiadores, dado que os que vêm depois, têm a distância do tempo para perturbar e ofuscar-lhes a nítida inteligência dos assuntos e a história escrita enquanto vivos os homens nela referidos disfarça e corrompe a verdade, por ódio e inveja algumas vezes, outras por favor e lisonja.

XXXI. Mas como os oradores da liga de Tucídides, gritassem contra Péricles em suas arengas costumeiras, que ele consumia em vão, as finanças da coisa pública, despendendo toda a renda de Atenas, Péricles um dia, em plena assembleia da cidade, perguntou à assistência do povo se lhe parecia que ele despendera excessivamente. O povo respondeu agastou excessivamente». «Está bem, disse ele, será então tudo feito às minhas expensas e não às vossas, desde que só meu nome seja escrito na dedicatória das obras». Quando Péricles pronunciou essas palavras, o povo, seja por admiração pela sua magnanimidade ou por não querer atribuir-lhe a honra e o louvor de. ter mandado fazer sozinho tão suntuosos e magníficos trabalhos, gritou-lhe alto que não aceitava e decidira que Péricles as fizesse concluir à custa do público, sem nada poupar. Tendo-se enfim lançado abertamente em uma contenda com Tucídides e entregando-se à sorte o ver quem faria banir seu adversário com o decreto do ostracismo. Péricles sobrepujou Tucídides e o expulsou da cidade, desfazendo ao mesmo tempo a liga que lhe era contrária.

XXXII. Ficando inteiramente extinta qualquer facção e a cidade reconduzida à união e concórdia, concentrou-se assim, todo o poder de Atenas em mãos de Péricles, e todos os negócios atenienses ficaram à sua disposição, finanças, armas, galeras, ilhas, mar e um domínio imenso que se estendia, parte sobre os gregos, parte sobre os bárbaros, admiravelmente fortificado e garantido pela obediência das nações sujeitas, pela amizade de reis e pela aliança de diversos príncipes c senhores poderosos. Péricles, em virtude disso, começou, desde então, a agir com o povo de forma desacostumada, deixando de ceder e obedecer muito facilmente aos apetites da plebe, como a[{387}] todos os ventos contrários. Enrijeceu um pouco aquela maneira de governar excessivamente frouxa, mole e popula r, usada até então, como sendo harmonia musical delicada e efeminada em excesso, convertendo-a em um governo mais senhorial, e semelhante à autoridade de um rei, permanecendo porém, no caminho reto e mantendo-se irrepreensível em fazer dizer e aconselhar o que era mais adequado à coisa pública. Péricles, na maior parte das vezes, levava o povo, mediante demonstrações e argumentos, a fazer voluntariamente e de bom grado o que ele propunha; outras porém, ele o arrastava pela força obrigando-o a fazer, contra a sua vontade, o que era pelo melhor. Seguia nisso o estilo do bom médico que em uma longa e complicada doença, permite algumas vezes ao seu paciente, dentro de certos limites todavia, coisas que lhe dão prazer, mas outras vezes também, lhe dá remédios que o sacodem e atormentam para curá-lo. Porque, como é fatal a um povo possuidor de tão grande império, aconteciam comumente acidentes geradores das diversas paixões que Péricles somente, sabia orientar com destreza, manejando os dois principais lemes: o temor e a esperança. Refreava com o primeiro a arrogância e temeridade insolente da plebe próspera; e com a segunda reconfortava seu tédio e desalento na adversidade.

XXXIII. Tornou evidente, com isso, serem a retórica, e a eloquência, como diz Platão, artes que conduzem e orientam os espíritos dos homens a seu bel-prazer, constituindo o seu principal artifício, a habilidade em mover a propósito as paixões e os afetos que, como os tons e sons da alma, querem ser tocados e tangidos por mão de bom mestre. Ele conseguia isso

aliás, não apenas pela força de sua eloquência, como testemunha Tucídides, mas pela reputação de sua vida, pela opinião e a confiança que inspirava sua probidade, porque, de forma alguma, era subornável por presentes, nem o dominava a avareza, visto que, transformando sua cidade de grande, em muito grande e opulenta, e superando em autoridade e poder a muitos reis e tiranos, mesmo entre os que puderam, por testamento, deixar seus estados aos filhos, ele, entretanto não aumentou jamais, os bens deixados por seu pai, em uma dracma de prata sequer.

XXXIV. E não obstante o historiador Tucídides descreve assaz claramente a grandeza do seu poder, e os poetas cómicos desse tempo a reconhecem malignamente por meias palavras, chamando novos Pisistratidas a seus familiares e amigos, e dizendo que cabia obrigá-lo a protestar e jurar que não usurparia a tirania, querendo significar com isso que lua autoridade era excessiva para uma república popular. E Teleclides, entre outros, diz que os atenienses tinham colocado entre suas mãos a renda das cidades submissas, bem como as próprias cidades para ligar e desligar, para abater ou reconstruir à vontade suas muralhas, e ainda o poder de tratar paz e aliança dispondo de sua força, seu poder, suas finanças e todos os seus bens. E isso tudo não foi concedido apenas por um capricho nem por uma voga de favor passageiro, mas durou quarenta anos, sendo ele sempre o primeiro da cidade entre os Efialtas, Leócrates, Mirônides, Cimons, Tolmides e Tucídi-des, porque, após ter arruinado e feito banir a este, Péricles manteve-se ainda dominando a todos os outros, pelo espaço de quinze anos, e{388} adquirindo uma superioridade e autoridade, de comando que durou sempre, continuamente, por todo esse tempo, enquanto a dos outros capitães não durava senão um ano. Péricles apesar disso tudo, permaneceu sempre invencível e incorruptível por dinheiro, embora aliás, não fosse mal administrador nem preguiçoso em conservar o seu.

XXXV. No que se refere aos bens que lhe pertenciam a justo título, deixados por seus ascendentes, para que não perecessem por negligência, e ao mesmo tempo não lhe dessem muitas preocupações, nem lhe tomassem muito tempo ao querer divertir-se em valorizá-los, Péricles os administrava da maneira que lhe parecia mais fácil e mais certa, isto é, vendia por atacado todos os frutos colhidos da sua produção anual, e fazia depois comprar diariamente no mercado o que era necessário para o entretenimento e despesa cotidiana de sua casa. Não era isso muito agradável a seus filhos quando se tornaram um pouco maiores, nem satisfazia às suas mulheres que queriam gastar mais largamente e se queixavam de uma despesa ordinária excessivamente estreita e cerrada visto que em uma casa tão rica e tão grande não havia jamais coisa alguma que sobrasse, sendo aí toda a receita controlada na medida justa. Todo esse manejo era conduzido e orientado por um seu servidor chamado Evângelo, homem muito hábil e entendido na direção financeira de uma grande casa, ou por ter sido preparado e instruído por Péricles nesses assuntos, ou por dote natural:

XXXVI. Essas coisas diferiam muito da sabedoria de Anaxágoras, que abandonou sua casa e deixou suas terras sem cultura e reduzidas a pastagem, por desprezo das coisas terrestres e arrebatamento pelas celestes. Há porém, segundo me parece, grande diferença entre a vida de um filósofo contemplativo, e a de uma personagem ativa, envolvida) com o governo de uma república, visto que um emprega seu entendimento na especulação de, coisas belas e honestas, sem que para isso tenha necessidade de nenhum instrumento nem de matéria exterior qualquer, enquanto o outro, acomodando sua virtude à utilidade comum dos homens, tem necessidade de riquezas, como de um instrumento, não somente indispensável mas também honesto, como aconteceu a Péricles que socorreu muitos pobres, e especialmente Anaxágoras entre outros. Conta-se deste, que estando Péricles preocupado com outras coisas e sem tempo para pensar nele, viu-se abandonado de todo o mundo em sua velhice, pelo que, cobrindo a cabeça, deitou-se resolvido a deixar-se morrer de fome. Péricles, ao ter conhecimento disso, correu imediatamente muito aflito para junto dele, rogando-lhe o mais afetuosamente possível, que procurasse restaurar sua vontade de viver, lamentando não a ele mas a si próprio por perder um tão fiel e sábio conselheiro em questões relativas aos negócios públicos. Anaxágoras descobriu então o rosto, dizendo-lhe: «quem se preocupa com a luz de

uma lâmpada, Péricles, abastece-a com óleo.»

XXXVII. Ora, começavam já por esse tempo, os lacedemônios, a enciumar-se com o crescimento de Atenas, porque Péricles, querendo levantar ainda mais o coração do povo ateniense para fazê-lo pensar em todas as coisas altas e grandes, emitiu um decreto, determinando que se enviassem embaixadores a todos os gregos, para solicitar-lhes onde quer que habitassem na Europa ou Ásia, fosse em cidades pequenas ou grandes, que enviassem os seus deputados a Atenas para uma assembleia geral que aí se reuniria, a fim de deliberar sobre os templos dos deuses queimados pelos bárbaros, e sobre os sacrifícios votados pela salvação da Grécia, por ocasião da batalha dada aos mesmos bárbaros, e também quanto à marinha, a fim de que cada um pudesse navegar com segurança onde bem lhe parecesse, vivendo todos amigavelmente em boa paz uns com os outros. Foram assim enviados para esta comissão, vinte personagens de mais de cinquenta anos, dos quais cinco se dirigiram aos Dórios{389} da Ásia e aos habitantes das ilhas, até as de Lesbos e Rodes; cinco outros percorreram todo o país do Helesponto e da Trácia, até a cidade de Bizâncio; outros cinco foram encarregados de ir à Beócia, Fócida e a todo Peloponeso, passando dali ao país dos lócrios e a toda a terra firme adjacente, até a região da Acarnania e Ambracia; os demais foram, primeiro, à ilha de Eubéia e de lá aos Etaianos e a todo{390} o golfo de Maléia, aos ftiotas, aos acasios e aos tessalianos, instando junto a todos os povos para persuadi-los a enviarem representantes a Atenas, para assistirem ao conselho que aí se manteria para pacificação e união de toda a Grécia. Nada porém, se fez afinal, nem se reuniram as ditas cidades gregas, em virtude de manobras dos lacedemônios que o impediram, como se diz, porque do Peloponeso partiu a primeira recusa a esse convite. Eu quis, de propósito, escrever sobre isso para dar a conhecer a magnanimidade de Péricles e a elevação de sua alma e entendimento.

XXXVIII. Quanto ao resto, no cargo de capitão, ele foi muito estimado por levar sua gente à terra com a máxima segurança, porque jamais, por sua vontade, arriscou batalha onde sentisse grande dúvida ou perigo aparente, e não considerava bons capitães, nem queria seguir aos que tinham obtido grandes vitórias por se terem aventurado, muito embora fossem grandemente louvados e estimados. A esse respeito, costumava dizer: «que outro que não ele, os levasse à matança, porquanto, no que dependesse dele, todos seriam imortais.» E vendo que Tolmides filho de Tolmeu, confiante em êxitos passados pelos quais era muito querido e louvado em virtude de seus belos feitos de armas, preparava-se para entrar, sem propósito nem motivo qualquer, no país da Beócia, e já tinha induzido mil dos mais ousados e valentes jovens da cidade a oferecer-se voluntariamente para acompanhá-lo nessa expedição, adicionando-se ao resto do exército já levantado por ele, Péricles esforçou-se em dissuadi-lo, retendo-o em casa com advertências que lhe fez publicamente diante do povo, ocasião na qual pronunciou palav ras, bem lembradas mais tarde: «se ele não quisesse acreditar no seu conselho, disse, esperasse ao menos o curso do tempo, o mais sábio conselheiro que se poderia ter». Essas palavras de Péricles fo ram mediocremente aplaudidas, no momento, mas poucos dias depois, quando veio a notícia de que o próprio Tolmides tinha sido morto em uma batalha perdida, perto da cidade de Coronéia, onde muita outra gente de bem c muitos homens valentes de Atenas tinham perecido, veio seu dito aumentar-lhe grandemente a reputação e a benquerença da plebe, porque passou a ser considerado como homem prudente, que amava seus concidadãos.

XXXIX. Mas de todas as expedições dirigidas por ele como chefe do exército de Atenas, a de Quersoneso foi a mais apreciada e encarecida, por ter sido muito salutar a todos os gregos habitantes do país, porque além de conduzir mil burguese s de Atenas para aí habitarem, fortificando assim as cidades com esses homens válidos, ele guarneceu também o istmo{391} que impede a região de ser uma ilha, com uma fortificação distendida de um mar a outro, garantindo assim a região contra as incursões, surpresas e pilhagens dos trácios habitantes da zona, livrando-a por esse meio de uma guerra perniciosa que a revolvia continuamente, em virtude da proximidade dos bárbaros seus vizinhos ou habitantes do país, os quais não viviam

senão de rapinagem.

XL. Péricles tornou-se também querido e famoso entre os estrangeiros por ter cercado todo o Peloponeso, a partir do porto de Peges na costa megárica, com uma frota de cem galeras, sendo que não pilhou apenas as cidades marítimas, como antes dele tinha feito Tolmides, mas entrando bem para dentro da terra, longe do mar, com os homens de guerra levados nas galeras, obrigou alguns a se retirarem para dentro de suas muralhas, tal o terror por ele gerado, e derrotou em batalha no país de Nemeia aos Sicionios que o esperaram em campo e, levantando um troféu para assinalar essa vitória, embarcou nos navios algum reforço de gente de guerra recolhida na Acaia, aliada então, dos atenienses e passou à terra firme fronteira, onde navegando para além da embocadura do rio Aquelou, foi correr toda a província da Acarnania, encerrando os enéadas dentro de suas muralhas. Depois de ter danificado e destruído todo o país aberto, voltou para casa fazendo-se conhecer dos inimigos, nessa viagem, como capitão temível e conduzindo com segurança seus concidadãos, porque não aconteceu em toda expedição um único desastr e aos que estiveram sob seu comando, seja por caso fortuito ou por outro motivo qualquer.

XLI. Tendo ido depois com uma grande frota de navios muito bem equipados{392} ao reino do Ponto, tratou aí complacentemente as cidades gregas, fazendo tudo o que lhe pediram e dando a conhecer aos bárbaros, habitantes da região e aos seus príncipes e reis, a grandeza do poder dos atenienses que navegavam sem nada temer por toda a parte, onde bem lhes parecia, mantendo todo o mar em obediência. Péricles deixou além disso aos sinopenses treze galeras com certa quantidade de gente de guerra, comandadas pelo capitão Lamaco, para defendê-los contra o tirano Timesileonte, e depois de expulso este com os de sua liga, Péricles fez publicar e passar um edito em Atenas, autorizand o seiscentos burgueses da cidade que, sem constrangimento o desejassem, a ir residir em Sínope, onde lhes seriam repartidos os bens e heranças outrora pertencentes ao tirano e seus adeptos.

XLII. Quanto ao mais ele não aquiesceu com os desvairados apetites dos seus concidadãos, nem se deixou arrastar pela sua cobiça excessiva que ao ver as próprias forças tão grandes, e tão favorável a fortuna, pretendeu tentar novamente a conquista do Egito e agitar as províncias marítimas do império do rei da Pérsia, E a esse tempo já havia muitos fascinados, pela infeliz e calamitosa aspiração da Sicília, que Alcibíades depois excitou ainda mais. Havia também quem já pensasse em conquistar a Toscana e o império de Cartago, o que não era de todo inviável nem deixava de motivar alguma esperança, tendo em vista a grande extensão dos seus domínios e o curso favorável dos seus empreendimentos de que se saíam de acordo com os seus desejos. Mas Péricles contrariou o impulso e cortou toda essa curiosa ambição, empregando a maior parte do seu poder em conservar e assegurar aquilo que tinham conquistado, considerando que se faria muito, impedindo-se o crescimento dos lacedemônios, a quem sempre se opunha, como declarou em muitas outras passagens e especialmente pelo que fez na guerra santa. Porque lendo os lacedemônios retirado aos fócios a superintendência do templo de Apolo na cidade de Delfos, usurpada por eles e tendo-a reposto entre as mãos dos délficos, Péricles, mal se tinham os lacedemônios retirado, avançou também com um exército e restabeleceu os rocios. E como os lacedemônios tivessem feito gravar na fronte de um lobo de cobre a prerrogativa que os de Delfos lhes haviam outorgado de propor seus pedidos ao oráculo em primeiro lugar, Péricles, obtendo{393} o mesmo direito dos fócios, fê-lo gravar sobre o flanco direito da mesma estátua. XLIII. Os resultados, em verdade, testemunham sua prudente sabedoria em ter contido as forças dos atenienses dentro da Grécia, porque em primeiro lugar, se rebelaram os de Eubéia, e Péricles conduziu incontinente contra eles, o exército de Atenas; vieram-lhe em seguida notícias de outro lado, de que os megarianos tinham também repentinamente, tomado armas contra os atenienses, estando já os inimigos, com grande poder, dentro da Ática, sob o comando de Plistonax rei da Lacedemônia. Voltou-se Péricles, imediatamente para enfrentar essa guerra acesa no interior da própria Ática. Não ousou porém apresentar-se em formação de batalha contra tão grande

número de bons combatentes, mas sabendo que o rei Plistonax, ainda muito jovem, era governado principalmente pelo conselho de Cleandrides, que os Éforos tinham agregado ao rei para assessorá-lo, aconselhá-lo e guiá-lo, Péricles experimentou secretamente corromper a esse Cleandrides e conseguindo logo suborná-lo por dinheiro, persuadiu-o que reconduzisse os peloponesianos para fora do país da Ática, o que foi feito. Quando, porém, os lacedemônios viram o exército desfeito e os povos retirando-se cada um para sua cidade, irritaram-se de tal modo que condenaram seu rei a uma pesada multa, pelo que, não podendo pagá-la, foi constrangido a ausentar-se da Lacedemônia, enquanto Cleandrides, fugindo desde logo, foi condenado à morte por contumácia. Este Cleandrides era pai de Gilipo, que mais tarde bateu os atenienses na Sicília e a quem a natureza parece ter instilado a avareza como uma doença hereditária passando de pai a filho, porque, tendo sido também ignominiosamente acusado e provada a sua culpa por atos de vilania por ele cometidos, foi banido de Esparta como narramos mais pormenorizadamente na vida de Lisandro. Na prestação de contas desse cargo, como tivesse Péricles lançado uma verba de despesa de 10 talentos, declarando que a empregara onde fora necessária, o povo a ratificou sem querer inquirir como, nem em que, e sem verificar se era verdadeira ou não. Há alguns, entre os quais o filósofo Teofrasto, que escrevem que Péricles enviava cada ano à Esparta 10 talentos{394}, com os quais entretinha os que aí exerciam a autoridade, para não lhe fazerem a guerra, não com a intenção de comprar a paz, mas sim o tempo durante o qual, preparando-se com toda a calma, pudesse ter maior comodidade para sustentar a luta.

XLIV. Logo que o exército dos peloponesianos saiu da Ática, Péricles se voltou contra os rebeldes e passou à ilha de Eubéia com cinquenta velas e cinco mil combatentes de infantaria bem armados, e ali subjugou todas as cidades sublevadas, expulsando os hipobates{395} que eram os mais renomeados entre os calcidenses tanto por seus haveres como por sua valentia e proezas. Expulsou da mesma forma os estieianos, a quem fez evacuar todo o país, alojando em sua cidade burgueses de Atenas somente. Péricles os tratava assim tão rigorosamente sem querer perdoá-los por terem eles apreendido uma galera de Atenas, fazendo morrer todas as pessoas que ali se encontravam.

XLV. Efetivando-se depois uma trégua de trinta anos entre atenienses e lacedemônios, Péricles dirigiu a guerra contra os da ilha de Samos, acusando-os de não terem querido obedecer à intimação dos atenienses para pacificarem as querelas existentes entre eles e os milesianos, Como porém, muitos opinem que ele empreendeu essa expedição a pedido de Aspásia, não será fora de propósito procurar esclarecer, nesta passagem, quem era essa mulher, e que artifício ou poder tão grande tinha, para prender dessa forma em suas redes os principais homens que então se envolviam no governo da coisa pública, e para que os próprios filósofos falassem tanto e tão amplamente dela.

XLVI. É coisa absolutamente certa, em primeiro lugar, ter sido nativa da cidade de Mileto. Era filha de um certo Axioco, e. seguindo o exemplo de uma antiga cortesã da Jônia chamada Targélia, entrou em contato com as principais e maiores personagens do, seu tempo, porque essa Targélia, sendo bela de rosto e muito graciosa, com um espírito vivo e doce linguagem, fizera o mesmo na Grécia, atraindo para o serviço do rei da Pérsia todos os que se aproximaram dela, com tanto êxito que semeou pelas cidades gregas amplos fundamentos da facção Meda, por serem os maiores e mais poderosos homens de cada cidade todos aqueles com quem ela estabeleceu relações. Quanto à Aspásia, todavia, dizem uns que Péricles a procurou como mulher cheia de sabedoria, muito entendida em matéria de governo estatal, sendo que o próprio Sócrates a ia ver de vez em quando com seus amigos, e que os que a frequentavam levavam também algumas vezes as suas mulheres para ouvi-la conversar, embora Aspásia levasse uma vida nada bela nem honesta porque mantinha em sua casa jovens raparigas que comerciavam com o corpo. Esquines escreve que Lísicles, um revendedor de gado, homem antes de baixa e vil natureza, tornou-se o primeiro de Atenas, após a morte de Péricles, por frequentar esta Aspásia. E do livro de Platão, intitulado Menexeno, embora escrito, a princípio, sob forma de sátira e zombaria, consta como história

verdadeira, que esta mulher tinha fama de ser procurada por muitos atenienses que iam aprender dela a arte da retórica.

XLVII. Parece entretanto, mais verossímil que a afeição de Péricles por ela vinha mais do amor que de outra causa, porque ele esposara uma mulher sua parente, a qual fora antes casada com Hiponico, de quem tivera Calias, apelidado o rico, e depois Xantipo e Páralo de Péricles. Não lhe sendo porém agradável sua companhia, ele a entregou de bom grado e com seu consentimento a um outro, e tomou Aspásia a quem amou singularmente, porque todas as vezes que saía de casa para ir à praça, ou a ela retornava, Péricles saudava Aspásia beijando-a. Nas antigas comédias, Aspásia é, por essa razão, chamada em muitas passagens a nova Onfalc e algumas vezes Dejanira, outras Juno; mas Cratino a chama abertamente prostituta nestes versos:

Ela gerou a sua Juno,

Aspásia, a prostituta desavergonhada.

Parece que Péricles teve dela um bastardo, porque Eupolis o introduz em uma comédia sua, chamada[396] Demosii, interrogando Pirônides nestes termos:

— Meu filho bastardo ainda vive?

Pirônides respondeu-lhe em seguida:

— Ele seria homem feito certamente se não temesse essa má rameira.

Esta Aspásia, em resumo, foi tão celebrada e teve tanta fama, que Ciro, o que combateu contra o rei Artaxerxes, seu irmão, pelo império da Pérsia, deu o nome de Aspásia a uma das suas concubinas que ele mais amava, chamada antes Milto, natural da Fócida e filha de Hermótimo. Morto Ciro, em batalha, esta Aspásia foi aprisionada e conduzida ao rei seu irmão, junto a quem teve depois muito prestígio. Isto me veio à memória ao escrever esta vida, e me pareceu seria agir muito duramente rejeitando-o ou omitindo-o.

XLVIII. Voltando porém ao nosso tema, acusa-se Péricles de ter feito a guerra contra os de Samos e a favor dos de Mileto a pedido de Aspásia. Entre essas duas cidades que lutavam pela de Priena, eram mais fortes os sâmios. Os atenienses porém, intimaram-nos a que abandonassem o caminho das armas e viessem pleitear sua diferença diante deles onde se faria justiça. Os sâmios, todavia, não quiseram atender, razão pela qual Péricles foi até Samos, aboliu o governo da nobreza pouco numerosa, tomando como reféns cinquenta das principais personagens da cidade e mais outras tantas crianças que fez recolher à ilha de Lemnos. Há quem diga, sobre isso, que cada um dos ditos reféns lhe quis dar um talento[397], além dos quais foi ele ainda presenteado com muitos outros por aqueles que não queriam ver a

autoridade soberana do governo colocada entre as mãos da plebe. Pissutnes o Persa, lugar-tenente do rei, enviou-lhe além disso, por amizade dedicada aos de Samos, 10.000 escudos{398} para que os perdoasse. Péricles, porém, nada recebeu de tudo isso, e tendo feito em Samos tudo quanto se tinha proposto fazer e estabelecendo ali um governo popular, voltou para Atenas. Os sâmios, entretanto, se rebelaram logo depois, recuperando seus reféns por intermédio desse Pissutnes que os raptou e forneceu aos demais o necessário para sustentar a guerra.

XLIX. Péricles dirigiu-se outra vez contra eles, não os encontrando de forma alguma ociosos ou aterrados, mas muito bem decididos a recebê-lo e a combater pela hegemonia marítima. Houve assim entre eles uma grande batalha perto da ilha denominada Trácia{399}, vencendo-a Péricles com muita glória, derrotando, com quarenta e quatro velas apenas; os seus inimigos que contavam setenta, das quais v inte navios de guerra. Prosseguindo ao mesmo tempo em sua vitória ele conquistou também o porto de Samos, e manteve os sâmios sitiados dentro da sua cidade, onde ainda demonstravam ousadia bastante para sair algumas vezes e combater diante de suas muralhas. Contudo, tendo chegado depois a Péricles um reforço maior de navios, foram os sâmios totalmente encerrados dentro da cidade.

L. Péricles, tomando em seguida, sessenta galeras, lançou-se em pleno m ar, querendo, como dizem alguns, ir ao encontro de navios Fenícios que vinham em socorro de Samos, o mais longe possível da cidade; ou, como diz Estesimbroto, para ir à ilha de Chipre, o que não me parece verosímil. Qualquer que tenha sido a sua intenção porém, cometeu ele uma grave falta, porque Melisso, filho de Itágenes, grande filósofo e. ao tempo, capitão dos Sâmios, vendo que tinham ficado poucos navios para o assédio da cidade e ainda que os comandantes encarregados não eram gente de guerra experimentada, persuadiu seus concidadãos a fazer uma sortida contra eles resultando em batalha que os Sâmios ganharam, e aprisionando muitos atenienses puseram a pique vários dos seus navios, razão pela qual, tornando-se senhores da marinha, trouxeram para dentro da cidade muitas coisas necessárias à guerra e de que antes careciam. Escreve Aristóteles, entretanto, que o próprio Péricles já tinha sido antes vencido numa batalha naval por Melisso.

LI. Quanto ao resto, os sâmios, para impor aos prisioneiros de Atenas injúrias semelhantes às que deles haviam recebido, gravaram-lhes uma coruja{400} na fronte, porque a coruja é a marca da moeda de Atenas, da mesma maneira que os atenienses tinham impresso na testa dos seus prisioneiros uma «samena», isto é, uma espécie de embarcação de Samos, baixa de proa mas bojuda e larga de ventre, prestando-se bem para singrar o mar alto, veloz como veleira e assim denominada por ter sido na ilha de Samos que se construiu a primeira com essa forma ao tempo do tirano Policrates, que determinou sua fabricação. Conta-se que pela impressão desses caracteres, diz o poeta Aristófanes, em sátira velada, numa passagem de suas comédias: «Os Sâmides são homens muito letrados».

Advertido, Péricles, da derrota de seu exército, veio incontinente em seu socorro. Melisso saiu-lhe ao encontro dando-lhe batalha que perdeu, sendo repelido até dentro da cidade, onde Péricles o encerrou com um tapume de muralha circundando-a toda, preferindo obter a vitória e tomar a praça pela demora do tempo e com despesa, do que expor seus concidadãos ao perigo de serem mortos ou feridos. Quando viu, entretanto, que estes se aborreciam com a longa espera e queriam a toda a força vir as mãos, tornando-se assim muito difícil retê-los, Péricles dividiu todo o seu exército em oito corpos, entre os quais fazia tirar a sorte e aquele a quem tocava uma fava branca mantinha-se em repouso, alimentando-se bem, enquanto os outros sete combatiam. Conta-se ser essa a origem de chamar-se ainda hoje um dia branco, aquele no qual se passa bem, em pleno prazer, em recordação dessa fava.

LII. Escreve o historiador Éforo, ter sido ali, que começou pela primeira vez{401} a usar engenhos para derrubar grandes muralhas, tendo Péricles considerado admirável a novidade, porque foi Artemão, um engenheiro que as inventou, fazendo-se levar por toda a parte sobre uma cadeira para orientar e apressar as obras, em virtude de ser aleijado de uma perna, razão pela qual foi chamado Periforetos. Heraclides o Pontico, entretanto, contraria nisso a Éforo, tendo em vista os versos de Anacreonte, nos quais Artemão é chamado Periforetos, muitas gerações antes desta guerra de Samos, e diz que este Periforetos era um homem excessivamente delicado que por temer tão desvairadamente todas as coisas, não se movia de casa a maior parte do tempo, mantendo-se aí sempre sentado, tendo a seu lado dois servidores segurando-lhe sobre a cabeça um escudo de cobre, de medo que desabasse qualquer coisa sobre ele e se era por acaso constrangido a sair para fora fazia com que o levassem num pequeno leito suspenso bem junto ao chão, tendo sido, por esse motivo, apelidado Periforetos.

LIII. Ao cabo de nove meses finalmente, os sâmios foram constrangidos a render-se e Péricles fez abater e arrasar suas muralhas, tirou-lhes todos os navios e os condenou a pagar uma grande quantia em dinheiro, da qual exibiram prontamente urna parte, e o resto dentro de um prazo prefixado, oferecendo reféns como garantia desse pagamento. Duride o Sâmio, porém, nessa passagem, amplia, muito lamentavelmente as coisas, para imputar aos atenienses e a Péricles mesmo, uma crueldade inumana, à qual Tucídides, nem Éforo nem o próprio Aristóteles fazem menção. O que ele escreve, e não me parece verdadeiro, é ter feito, Péricles, levar os capitães das galeras e os próprios soldados de Samos, para a praça da cidade de Mileto, onde os fez prender em postes de madeira durante dez dias, ao fim dos quais, a pobre gente sem aguentar mais, foi morta a golpes de bastão com que se esmagaram suas i a becas, lançando-se fora os corpos sem a permissão de serem sepultados. Duride, sendo useiro e vezeiro em extravagar para fora da verdade, mesmo em outros assuntos onde não há nada que o toque particularmente, parece, nessa narração, ter aumentado com palavras as calamidades do seu país ultrapassando seu dever para caluniar os atenienses e torná-los odiosos.

LIV. Subjugada a cidade de Samos, voltou Péricles para Atenas, onde fez inumar com honrarias os ossos dos que tinham morrido nessa guerra e ele próprio proferiu a oração fúnebre{402} em seu louvor segundo o costume, causando tão profunda admiração que ao descer da cátedra de onde havia arengado, as senhoras da cidade vinham-lhe beijar as mãos pondo-lhe na cabeça, coroas e chapéus de flores, como se faz aos campeões vitoriosos quando voltam dos jogos onde conquistaram o prémio. Disse-lhe porém, Elpinice, aproximando-se dele: «São em verdade belos feitos os teus, Péricles, e é bem digno de chapéus triunfais, o teres perdido para nós muitos concidadãos bons e valentes, não em guerra com os medos, fenícios e bárbaros como fez meu irmão Cimon, mas destruindo uma cidade de nossa própria nação e nossa aliada». A essas palavras Péricles sorrindo docemente, respondeu com os versos de Arquíloco:

Sendo assim tão velha não te perfumes mais.

LV. Escreveu-se entretanto que ele se orgulhou profundamente, concebendo de si mesmo uma opinião extraordinária após ter subjugado os sâmios, dizendo que Agamenon demorara dez anos para conquistar uma cidade bárbara, enquanto ele, em nove meses, conquistara a mais poderosa cidade de toda nação jónica. Não era, em verdade, sem motivo que ele atribuía a si mesmo tanta glória, porque houve certamente grande dúvida e não menor perigo nessa conquista se é verdade o que escreve Tucídides quando diz ter faltado pouco para os de Samos arrebatarem a superioridade e o domínio do mar aos atenienses.

LVI. Quando depois a guerra do Peloponeso já estava pendente{403}, como "os coríntios guerreassem o s de Corfu. Péricles persuadiu o povo de Atenas a enviar socorro aos corfiotas e a reunir à sua liga essa ilha poderosa no mar dizendo que, logo mais, eles teriam os peloponesianos como inimigos declarados. Decidiu assim o povo, suscitado por file, a socorrer os de Corfu, enviando-se a sua ilha o Lacedemônio, filho de Cimon, com dez galeras apenas, como se fosse uma zombaria, porque toda a casa de Cimon tinha afeição e grande amizade aos lacedemônios, razão pela qual fez Péricles entregar tão pequeno número de navios a esse Lacedemônio, enviando-o a Corfu contra sua vontade a fim de que, se não realizasse nesse cargo nenhuma ação digna de memória, caísse ainda mais sobre ele a suspeita de favorecer aos da Lacedemônia. Enquanto Péricles viveu, impediu sempre, o mais que pôde, o êxito dos filhos de Cimon por não serem nascidos em Atenas como seus nomes indicavam, sendo assim estrangeiros, chamando-se um Lacedemônio, outro Tessaliano e um terceiro Eliano, todos gerados por mãe nativa do país da Arcádia. Censurado porém, por ter enviado essas dez galeras apenas, socorro bem pequeno para os solicitantes e matéria bastante para os que diziam mal dele, Péricles enviou outras mais tarde, em maior número, as quais chegaram após a batalha. Os coríntios extremamente irritados com o fato foram queixar-se ao conselho dos lacedemônios, onde propuseram muitas acusações e queixas contra os atenienses, fazendo outro tanto os megarianos, sob alegação de lhes terem negado os de Atenas seus portos e mercados,{404} bem como todo o comércio e tráfico em lugares de seu domínio, o que feria diretamente as leis comuns, e os artigos de paz acordados e jurados por todos os gregos. Os eginetas além disso, sentindo-se pisados e tratados com excessiva violência, enviaram secretamente suas queixas e lamúrias aos lacedemônios não ousando abertamente lamentar-se contra os de Atenas.

LVII. Nesse entrementes a cidade de Potideia, dominada então por Atenas, embora fundada na antiguidade pelos coríntios, rebelou-se e foi sitiada pelos atenienses, fato que apressou a guerra. Diante dessas queixas entretanto, foram primeiramente enviados embaixadores à Atenas e Arquidamo, rei dos lacedemônios, fez tudo o que pôde para levar a acor do a maior parte dessas diferenças, apaziguando e serenando seus aliados, de forma que os atenienses não teriam tido a guerra pelas demais acusações feitas contra eles, se houvessem condescendido em revogar o decreto imposto aos megarianos, razão pela qual Péricles que resistiu mais que nenhum outro a esta revogação e preparou e incitou o povo a perseverar teimosamente no que havia sido decidido contra os ditos megarianos, foi considerado causa e autor único da guerra peloponesíaca. Conta-se assim que os lacedemônios enviaram embaixadores a Atenas para discutir essa questão, e como Péricles citasse uma lei que proibia a retirada do quadro sobre o qu al se escrevesse um édito público, houve um dos embaixadores da Lacedemônia chamado Poliarces, que lhe disse: «pois bem, não o tires, vira-o somente, porque não há lei nenhuma que o proíba».

LVIII. Considerou-se espirituoso o dito, mas nem por isso Péricles cedeu. Parece portanto que ele tinha algum motivo secreto de especial e particular malquerença contra os megarianos, e querendo encobri-lo com uma causa pública e manifesta{405}, retirou-lhes e excluiu-os das terras sagradas que eles lavraram e para isso fez decretar que lhes fosse enviado um arauto para intimá-los a deixar o lugar, devendo o mesmo arauto ir até os lacedemônios para acusar diante deles aos megarianos{406}. É certo que esse decreto foi posto em execução por Péricles, não havendo nele nada que não fosse justo e razoável, tendo acontecido todavia, que o arauto enviado morreu, supondo-se que os megarianos o tivessem feito morrer. Charino, por esse motivo, propôs incontinente um decreto contra eles, declarando-os inimigos mortais dos atenienses para sempre, sem nenhuma esperança de reconciliação e dispondo que se um megariano pusesse o pé dentro do território da Ática fosse punido de morte, e que os capitães anuais quando fizessem o seu juramento ordinário, jurassem, entre os outros artigos, que todos os anos entrariam em armas, por duas vezes, pelo interior do país e em prejuízo dos megarianos, e que o arauto Antemócrito fosse enterrado no local chamado então Portas Triasianas e agora denominado Dipilo{407}. Os megarianos, negando decididamente terem sido causa da morte desse Antemócrito, lançavam a culpa sobre Aspásia e Péricles, alegando como

testemunho os versos do poeta Aristófanes em sua comédia intitulada Acharnes tão conhecidos que o povo mesmo os tem na boca:

Nossos jovens embriagados foram

Um dia até Mégara, onde raptaram

Uma prostituta chamada Simeta.

Os de Mégara, irritados, em lugar dela,

Vieram apanhar furtivamente

Duas raparigas de Aspásia.

LIX. É assim bem difícil saber a verdade da primeira origem e causa primitiva desta guerra; todos historiadores porém, estão de acordo em que Péricles foi o principal empecilho à revogação do decreto lavrado contra os megarianos. Mantêm alguns que foi por autêntica magnanimidade, e com bom julgamento, que ele persistiu no que lhe parecia mais certo, porque considerava que o pedido dos lacedemônios, não era senão um ensaio para sondar se os atenienses pretendiam ceder-lhes, e que obedecer nisso seria, evidentemente, confessar que se sentiam mais fracos. Outros, pelo contrário, dizem que foi por arrogância e teimosia, para mostrar sua autoridade e poder, que ele não deu importância aos lacedemônios. Mas a pior versão, a qual, entretanto, tem maior número de testemunhos para confirmá-la, é dada mais ou menos nestes termos: Ofídias, o fazedor de imagens{408} como já o dissemos antes, empreendera fazer a estátua de Palas e sendo amigo de Péricles, tinha grande prestígio junto a ele. Isso suscitou-lhe a inveja de alguns malevolentes, os quais desejando sondar o juízo que o povo faria de Péricles, atraíram Menão, um dos operários que trabalhava sob a direção de Ofídias e o fizeram vir à praça e requerer ao povo garantia pública para poder revelar e acusar Ofídias de cer to crime por ele cometido. O povo recebeu sua denúncia, e sua acusação foi ouvida em plena assembleia popular, onde não se fez nenhuma menção de roubo, porque Ofídias, a conselho e orientação de Péricles, tinha colocado e aplicado o ouro na composição da imagem de tal forma que se podia tirá-lo e pesá-lo{409}. Péricles alegou publicamente o fato aos acusadores, dizendo-lhes que o pesassem. Mas era a glória de suas obras que excitara essa inveja, tanto mais e especialmente porque, tendo gravado no escudo da deusa a batalha das amazonas, entalhara seu retrato ao natural, na personagem de um velho calvo, que levanta nas mãos uma grande pedra. Retratara! também aí a Péricles muito belo, combatendo contra uma amazona num gesto tal, que sua mão, levantando um dardo diante do rosto, parecia querer esconder e cobrir essa semelhança num singular artifício, embora ela se descubra e revele de um lado e de outro. Ofídias foi assim lançado à prisão, onde morreu de doença ou talvez envenenado por seus inimigos, como dizem alguns, para estimular ainda mais a suposição e a calúnia contra Péricles. Como quer que seja, o povo deu imunidade e franquia de todos os subsídios ao acusador Menão, de acordo com um decreto proposto por Glicão que instou junto aos capitães para que o tomassem sob sua proteção, e cuidassem da segurança de sua pessoa.

LX. Por esse mesmo tempo foi também Aspasia acusada de não crer nos deuses, sendo acusador Hermipo, o escritor de comédias, que a denunciou, além disso, como alcoviteira de Péricles, recebendo em sua casa as burguesas da cidade que se entregavam a ele. Diopites, propôs concomitantemente um decreto, determinando que fosse feito um inquérito sobre os descrentes sem fé nas coisas divinas, que usinavam certos propósitos novos, relativos ao ar e ao céu, dirigindo a suspeita contra Péricles por causa de Anaxágoras. O povo aceitou e aprovou esse Inquérito, sendo proposto além disso por Dracontides, que Péricles prestasse contas do dinheiro por ele despendido junto aos pritanos, que e ram como superintendentes das finanças, e que os juízes julgadores, dessem as suas sentenças no interior da cidade sobre o altar. Agnão, porém, retirou essa disposição do decreto, fazendo prescrever em seu lugar,

que o processo fosse julgado por 1.500 juízes, denominando-se a ação de roubo, ou concussão ou injustiça, como se quisesse. Ora, quanto à Aspásia, Péricles a salvou pela piedade e compaixão inspirada aios juízes, suplicando com grande afeição por ela e chorando intensamente enquanto a causa se disputava, como o escreve Esquines. Quanto a Anaxágoras, todavia, temendo não conseguir o mesmo, enviou-o para fora da cidade acompanhando-o pessoalmente.

LXI. Quanto ao resto, vendo que tinha incorrido na d esgraça popular por causa de Ofídias, e temendo por isso, o resultado do julgamento, inflamou a guerra sempre adiada e que apenas fumegava, esperando fazer esvair-se por esse meio as acusações lançadas contra ele, eliminando assim a inveja que lhe tinham, porque o povo, encontrando-se em grandes questões cheias de perigo, lançar-se-ia em seus braços, entregando-se totalmente a ele, tal era sua autoridade e reputação. São essas as causas pelas quais Péricles não quis permitir, como se conta, que os atenienses cedessem em nada aos lacedemônios, embora não se saiba exatamente o que se deva afirmar quanto a isso. Os da Lacedemônia, porém, conscientes de que se eles o pudessem afastar e arruinar poderiam mais facilmente, manejar a seu bel prazer os atenienses, enviaram-lhes emissários dizendo-lhes que deviam purgar sua vida do crime ciloniano{410}, e isso por saberem que a raça de Péricles, pelo lado materno, estava maculada por esse crime, como o escreve Tucídides. Essa prova, entretanto, saiu contrária, à esperança dos enviados, porque em vez de desconfiar de Péricles e caluniá-lo, seus concidadãos o honraram ainda mais, confiando nele como nunca ao verem que os inimigos o temiam dessa forma.

LXII. Por essa razão, antes do rei Arquidamo entrar com o exército dos peloponesianos no país da Ática, Péricles prometeu aos atenienses, que se por acaso, devastando e destruindo o país aberto, Arquidamo poupasse suas terras e seus bens pela amizade e hospitalidade mantida entre ambos, ou antes, para dar motivo a que seus inimigos o caluniassem, ele doaria, nessa hipótese, à coisa pública as terras e as casas que possuía no campo. Desceram assim os lacedemônios, com grande poder, em companhia dos seus aliados e confederados ao país da Ática, sob o comando do rei Arquidamo, e arruinando tudo em sua passagem penetraram até o burgo de Acames, onde acamparam, supondo que os atenienses não suportariam jamais a sua presença nesse lugar e sairiam a seu encontro para defender o próprio país e mostrar que não tinham o coração enfraquecido. Péricles porém, considerava muito perigoso aventurar uma batalha na qual entrava em jogo a própria cidade de Atenas, contra 60.000 infantes, tanto do Peloponeso quanto da Beócia, porque esse era o número dos que havia nessa primeira incursão. Aos que queriam combater a qualquer risco, e perdiam a paciência vendo assim destruir o seu país diante dos próprios olhos, ele os reconfortava e acalmava, observando, «Que as árvores talhadas e cortadas voltam em pouco tempo, mas que é impossível recuperar os homens, uma vez perdidos.»

LXIII. Péricles, entretanto, não fazia jamais reunir o povo em conselho, temendo ser obrigado pela multidão a fazer alguma coisa contra a vontade, e agia como o piloto prudente quando a tormenta o surpreende em alto mar, o qual distribui boa ordem a todas as coisas do navio, mantendo prontas as defesas conforme à exigência de sua arte, sem deter-se diante das lágrimas ou súplicas dos passageiros, atormentados pelo terror e de coração opresso. Com a cidade bem fechada e dispondo de bons e seguros guardas para tudo, ele se orientava pela própria razão, sem preocupar-se com os que gritavam e se irritavam contra ele, embora muitos amigos seus lhe suplicassem com grande insistência e muitos inimigos o ameaçassem e acusassem, e apesar de se cantarem pela cidade canções, cheias de zombaria, em desabono e censura do seu governo, como se ele fosse um capitão tímido, o qual, por covardia, abandonasse todas as coisas como presa dos inimigos.

LXIV. Cleion, entre outros, era já um daqueles que mais o debicavam, começando a ter prestígio e a cair nas graças da plebe pela ira e descontentamento, despertos contra Péricles, como se revela nos versos difamatórios de Hermipo, publicados a esse tempo:

Rei dos sátiros, porque

Não tens a ousadia

De tomar nas mãos pique nem lança,

Visto que como homem cheio de valentia,

Tu nos falas ordinariamente

Da guerra, com tanta altivez,

Prometendo tua corajosa linguagem

A bravura de um nobre cavaleiro?

Depois enraiveces quando o ardente Cíeon te mete o dente.

Como se fosse a pedra escura{411} Que aguça o corte da espada!

LXV. Péricles, todavia, não se comoveu de forma alguma com tudo isso, mas suportando pacientemente, sem dizer palavra, todas essas injúrias, todas essas sátiras e debiques dos malevolentes, enviou uma frota de cem velas ao Peloponeso, recusando-se a ir pessoalmente para conservar-se em casa e manter freada a cidade até que os inimigos se retirassem. Para entreter a plebe irritada e aborrecida da guerra, ele reconfortava os pobres fazendo-lhes distribuir algum dinheiro público e repartindo-lhes as terras conquistadas, porque tendo feito expulsar todos os eginetas para fora do seu país, Péricles determinou a repartição da ilha de Egina entre os burgueses de Atenas, por sorteio. Era assim para eles de alguma consolação na adversidade, ouvir falar no prejuízo que também sofriam seus inimigos, porque o exército de mar enviado ao Peloponeso, devastava bastante o país aberto e saqueava muitos burgos e pequenas cidades, e o próprio Péricles, entrando por terra, no país dos megarianos percorreu-o e pilhou-o todo, de forma que os peloponesianos recebendo dos atenienses, pelo mar, tanto dano quanto lhes causavam em terra, não teriam feito durar a guerra, nem a sustentariam muito tempo, cansando-se logo como Péricles havia predito, se alguma divina potestade não tivesse impedido secretamente o curso da razão humana.

LXVI. So breveio em primeiro lugar uma peste{412} tão contagiosa e violenta, que levou toda a flor da juventude e enfraqueceu profundamente as forças de Atenas. A doença, trabalhando os corpos dos sobreviventes, levou seus corações a se azedarem tão duramente contra Péricles que tendo o mal perturbado o bom senso de todos, houve uma revolta contra ele, como acontece com os pacientes em relação ao médico ou com as crianças em relação aos pais. Chegou-se até a ultrajá-lo por instigação dos seus inimigos, os quais espalhavam que a peste não procedia de outra causa senão da quantidade de camponeses atraídos, em massa, para dentro da cidade, em pleno estio, onde eram constrangidos a alojar-se em promiscuidade, muitos conjuntamente, sob pequenas tendas e cabanas abafadiças, onde se mantinham agachados durante todo o dia, sem nada fazer, quando estavam, antes, habituados a viver ao ar livre, puro e aberto. É causador de tudo isso, diziam eles, quem pela suscitação desta guerra acumulou os povos dos campos dentro das muralhas da Cidade, sem empregá-los em coisa alguma, mantendo-os encerrados como animais no interior de um estábulo, infectando-se uns aos outros com o contágio pestilencial, negando-lhes qualquer meio de arejar-se um

pouco para poderem, ao menos, respirar livremente.

LXVII. Querendo, Péricles remediar a isso, prejudicando também o inimigo, fez armar cento e cinquenta navios onde embarcou bom número de Infantes armados e de cavaleiros. A vista de tão grande força despertou intensa esperança em seus concidadãos e não menor espanto nos inimigos. Quando, porém, e stava pronto para fazer-se a vela, com toda a gente já embarcada, inclusive ele próprio na galera capitânia, aconteceu que o sol entrou repentinamente em eclipse e o dia sucumbiu, provocando profundo espanto cm toda companhia, como se fosse um grave, sinistro e perigoso presságio. Vendo Péricles o piloto de sua galera desnorteado e sem saber o que fazer, estendeu seu manto sobre ele cobrindo-lhe os olhos e perguntou-lhe se isso lhe parecia coisa ameaçadora. Respondeu-lhe o piloto negativamente: «e então, disse Péricles, não há diferença entre isto e aquilo, a não ser que o corpo, causador das trevas, é maior do que meu manto sobre teus olhos». São assim considerados esses fenómenos pelas escolas dos filósofos, mas a verdade é, que Péricles, fazendo-se a vela, não realizou nenhuma façanha digna de tão grande aparato. Indo estabelecer o sítio da cidade santa de Epidauro, foi constrangido a levantá-lo, no momento em que se esperava sua conquista, em virtude da peste, tão violenta que não matou apenas os de Atenas, mas também a todos quantos se aproximaram deles e de seu campo, por pouco que fosse. Percebendo os atenienses extremamente indignados contra ele, Péricles tentou consolá-los e confortá-los sem conseguilo entretanto, visto que, por maioria de votos, retiraram-lhe o cargo de comandante em chefe, e o condenaram a uma pesada multa em dinheiro no valor de quinze talentos{413}, segundo alguns que a dizem menor e no de cinquenta{414} segundo outros. O acusador subscrito nessa condena ção foi ou Cleon, como declara Idomeneu, ou Símias, como escreve Teofrasto. Heráclides, o Pontico, entretanto, se refere a um certo Lacratidas.

LXVIII. Ora, quanto a seus males públicos eles passaram logo, porque o povo depressa amainou a irritação desperta contra ele, da mesma forma que a vespa abandona o aguilhão ao picar. Quanto a sua vida privada, porém, não corriam bem seus assuntos domésticos, tanto por ter-lhe a peste levado muitos dos seus parentes e amigos, quanto porque, de longa data, mantinha-se ele em dissensão com os de sua casa, pois Xantipo, o mais velho dos seus filhos legítimos{415}, homem de má natureza, tendo desposado além disso, uma mulher jovem e pródiga, filha de Isandro, filho de Epílico, estava sempre, descontente com a estreita poupança de seu pai, que não lhe fornecia dinheiro a não ser muito escassamente c bem pouco de cada vez. Certo dia, por essa razão, ele enviou alguém, em nome de Péricles, a um de seus amigos para pedir-lhe dinheiro emprestado, sendo atendido. Como, porém, mais tarde, viesse o amigo pedi-lo de volta, Péricles não o quis pagar, chamando-o mesmo a juízo, por esse motivo. O jovem Xantipo indignado contra o pai, dizia mal dele publicamente pela cidade, zombando das ocupações em que passava o tempo na intimidade e das conversações que mantinha com os sofistas e professores de retórica. E como tivesse acontecido, num jogo de prémios, que um dos campeões, ao disputar quem lançaria melhor o dardo, tivesse acidentalmente{416} atingido e matado um certo Epitimio Tessaliano{417}, Xantipo ia dizendo por toda a parte que Péricles passara o dia inteiro a discutir com Protágoras, o retórico, para saber quem devia ser julgado culpado da morte, segundo a verdadeira e reta razão, o dardo, o arremessador ou quem organizara o jogo de prémios. Estesimbroto escreve, além disso, que o rumor propalado pela cidade de que Péricles entretinha sua mulher{418} foi disseminado pelo próprio Xantipo. Essa dissensão entre o pai e o fi lho durou, sem jamais reconciliar-se, até a morte, porque Xantipo morreu durante a peste geral, morrendo também nessa ocasião, a irmã germana de Péricles, o qual perdeu da mesma maneira a maior parte dos seus amigos, aliados e parentes, especialmente os que lhe eram mais úteis para o governo da república.

LXIX. Ele nunca, entretanto, fraquejou com tudo isso nem diminuiu a grandeza e elevação de sua coragem, quaisquer que fossem as desgraças tombadas sobre ele, nem jamais o viram chorar, nem vestir luto nos funerais de nenhum de seus parentes ou amigos, até a morte de Paralo, o último de seus filhos legítimos, porque somente a perda deste, enterneceu-lhe o coração, tendo ele tentado, ainda assim, manter-se em sua constância natural, conservando a

costumeira gravidade, até que ao colocar um chapéu de flores sobre a cabeça, a dor o dominou quando viu o rosto do filho e ele começou, repentinamente, a soluçar alto, derramando muitas lágrimas, como jamais o fizera em toda a sua vida.

LXX. O povo, entretanto, tendo já ensaiado outros capitães e governadores, aprendeu por experiência que não havia nenhum de peso e autoridade suficientes para tão alto cargo, e chamou-o finalmente, à tribuna das arengas para ouvir seus conselhos, reconduzindo-o ao posto de capitão para a conduta dos negócios. A esse tempo ele se mantinha cerrado em sua casa, de luto, e na dor de suas adversidades domésticas. Alcibíades porém, e outros familiares e amigos seus, forçaram-no a apresentasse diante do povo que se escusou junto a ele da injustiça com que ingratamente o tratara. Péricles retomou então, como antes, o governo dos negócios públicos, e o seu primeiro ato foi requerer a revogação da lei, proposta antes por ele próprio, relativa aos bastardos, temendo que, à falta de herdeiro legítimo, viessem seu nome e sua casa a desaparecer com ele. Quanto a essa lei, entretanto, eis o que acontecera: estando Péricles no auge do seu prestígio, obtivera por meio dela que só fosse considerado burguês de Atenas quem nascesse de pai e mãe atenienses. Algum tempo depois, tendo o rei do Egito enviado de presente, ao povo ateniense, quarenta mil minas{419} de trigo, para serem distribuídas entre os burgueses da cidade, foram muitos acusados, nessa ocasião, de bastardia e mestiçagem, fato antes ignorado, ou pelo menos a que ninguém dava importância, havendo alguns entre os indicados, condenados injustamente. Nada menos de cinco mil pessoas foram julgadas e vendidas como escravas. Os que ficaram para gozar d os privilégios da burguesia, e foram considerados cidadãos de Atenas, atingiram o número de 14.040.

LXXI. Causou muito má impressão que uma lei que tivera tanto poder, fosse assim revogada e cassada pelo próprio autor. A calamidade presente que caíra sobre a casa de Péricles, todavia fez fraquejar o coração dos atenienses, os quais julgaram ter ele sofrido suficientemente a punição de sua arrogância, e acreditando que o castigo se dera por expressa permissão e vingança dos deuses, sendo porém muito humana sua pretensão, permitiram-lhe que fizesse alistar seu bastardo no registro dos cidadãos legítimos de sua linhagem, dando-lhe o próprio nome. Esse bastardo, mais tarde, após bater os peloponesianos numa grande batalha naval, perto das ilhas Arginusas, foi executado por se ntença do povo, junto com outros capitães seus companheiros.

LXXII. Péricles foi finalmente atingido pela peste, não tão violenta nem aguda como a dos demais, mas fraca e lenta, e por longo tempo, a doença foi-lhe amortecendo a pouco e pouco a força e o vigor do corpo e superando a sua coragem serena e o seu discernimento seguro. É por isso que Teofrasto em suas máximas, na passagem em que discute se os costumes dos homens se transformam segundo as contingências, e se as paixões e aflições do corpo podem alterá-los, forçando-os a ultrapassarem os limites da virtude, narra que Péricles, durante essa moléstia, mostrou, certo dia, a um dos seus amigos que o fora visitar, não sabe que encantamento preservativo preso, pelas mulheres, ao seu pescoço, como uma coleira, querendo dar-lhe a entender que estava realmente mal pois suportava até, que lhe aplicassem esse disparate.

LXXIII. Como Péricles estivesse, enfim, bem próximo da morte, a maior parte da gente de bem da cidade e os seus amigos vivos que ainda restavam, começaram a falar, em torno do seu leito, de sua virtude e do grande poder e autoridade que desfrutara, avaliando a grandeza de seus atos e contando o número de suas vitórias, porque ele vencera nove batalhas como capitão geral de Atenas e erigira outros tantos troféus em honra do seu país. Discutiam assim, entre si, sobre essas coisas como se ele já não se ouvisse, certos de que perdera a consciência. Ele, entretanto, tendo ainda lúcida a inteligência, percebera tudo, e começou a dizer "lhes: «que se espantava de os ver louvar tão exaltadamente o que ele tinha de comum com os outros capitães, num campo onde a sorte mesmo, tinha sua parte, sem contudo dizer o

que era nele mais belo e maior: isto é, que nenhum ateniense, jamais vestira luto por sua causa.»

LXXIV. Péricles foi verdadeiramente uma personagem extraordinária, não só pela doçura e clemência sempre mantidas no manejo de negócios tão grandes e entre tantos inimigos e malevolentes, mas também pela sua capacidade de julgar que o melhor dos seus mais gloriosos atos no poder absoluto por ele desfrutado, era não ter jamais concedido nada ao ódio, à inveja, ou à ira, nem ter-se nunca vingado sem piedade de nenhum inimigo seu. Parece-me assim que esse fato somente, tornava seu apelido de Olímpico, isto é, divino ou celeste, que de outra forma soaria excessivamente arrogante e soberbo, nem odioso nem invejado, mas ao contrário, adequado e conveniente, em razão da sua natureza tão benigna e bondosa, e de ter conservado suas mãos puras e limpas, em uma licença tão absoluta. Assim também reputamos os deuses, dignos de reger o mundo todo como autores de todos os bens e jamais causadores de nenhum mal. A verdade não é como dizem os poetas que perturbam e confundem os nossos espíritos com as suas desvairadas ficções. Chamam eles, o céu onde os deuses habitam, mansão segura que nada perturba e nem é agitada pelos ventos nem ofuscada pelas nuvens. Mansão sempre doce e serena, iluminada igualmente a todo o tempo por uma luz pura e clara, habitação própria e conveniente à natureza soberanamente feliz e imortal. E é aí que eles descrevem depois, os deuses, como cheios de desavenças, de inimizades, iras e outras paixões que não convêm sequer a homens prudentes e de bom senso. Este discurso porém viria talvez mais a propósito em um outro tratado.

LXXV. As questões em que se envolveram os atenienses logo após a morte de Péricles, fizeram-nos sentir e lastimar a perda que haviam sofrido. Aqueles mesmo que durante sua vida mal suportavam sua excessiva autoridade que os ofuscava, imediatamente depois de ter ele falecido, quando foram experimentados outros oradores e governantes, viram-se constrangidos a confessar que não podia haver natureza de homem mais moderada na sua gravidade, nem mais séria na sua doçura e bondade do que a dele. E esse poder tão invejado, que eles denominavam enquanto Péricles era vivo, como monarquia e tirania, apareceu então a eles, com a maior evidência, como tendo sido o baluarte salutar de toda a coisa pública, de tal forma explodiram e se revelaram, depois de sua morte, a corrupção e a maldade. Enquanto Péricles viveu, esses males foram sempre mantidos em inferioridade e fraqueza, sem conseguir aparecer ou pelo menos sem obter licença tal, que pudessem originar erros impossíveis de remediar.

Fábio Máximo

Desde o ano 494 aproximadamente, até o ano 551 de Roma; 203 A. C.

I. **Antiguidade e glória da casa de Fábio.**

Revelado Péricles pelas coisas dignas de memória de que tomamos conhecimento, é tempo, daqui por diante, de escrevermos também sobre Fábio. Conta-se que o primeiro Fábio de quem descende a casa e a raça dos Fabianos, uma das maiores e mais nobres de Roma, foi engendrado por Hércules que fecundou uma ninfa ou, como dizem outros, uma mulher do país marginal ao rio Tibre. E há quem diga que os primeiros dessa casa foram, a princípio, chamados Fodianos, porque caçavam animais selvagens com laços e fossas, sendo certo que até hoje, os romanos chamam ainda as fossas, «fossae» e o ato de escavá-las, «fodere». Mais tarde, porém,{420} as duas primeiras letras foram substituídas, passando eles a chamar-se Fabianos.

II. **Sua doçura e madureza desde a infância.**

II. Como quer que seja, é incontestável que dessa casa saíram grandes personagens. Houve um, entretanto, chamado Fábio Rulo{421} que pela grandeza dos seus atos foi apelidado Máximo pelos romanos, isto é, muito grande. Depois desse Fábio Máximo, aquele sobre o qual agora escrevemos, foi o quarto em linha reta, cognominado Verrugoso, por causa de um sinal que ele tinha em um dos lábios, semelhante a uma pequena verruga. Ele foi também denominado Ovícula, isto é, ovelhazinha, pela doçura, lentidão e peso do seu modo de agir, desde a infância. Sua natureza lenta, tranquila e repousada, sua atitude taciturna; o fato de ser visto poucas vezes brincando reservadamente nos jogos infantis; a consideração de que era duro de entendimento, tendo dificuldade em compreender o que lhe ensinavam; sua excessiva docilidade e obediência a todos com quem andava; tudo isso em conjunto, levava muitos que o conheciam apenas por fora, a julgarem que ele nunca passaria de um inepto e de um ingênuo. Havia outros, porém, que o considerando mais de perto, percebiam em sua natureza unia constância imutável e uma magnanimidade de leão.

III. E ele próprio deu a conhecer, mais tarde, quando excitado pelos negócios públicos, que a sua aparente tolice era uma gravidade inalterável, o que julgavam timidez era prudência, e o fato de não ser precipitado e inquieto em coisa alguma, firmeza e constância. Considerando a grandeza do domínio de sua república e as contínuas guerras por ela mantidas, Fábio fortificou e exerceu seu corpo como se correspondesse a armas nascidas com ele, para servir melhor na guerra, e fez o mesmo com a sua eloquência como a um instrumento de persuasão que lhe facultasse conduzir o povo ao bom senso. Sua linguagem, era assim, adequada e conveniente aos seus costumes e à sua maneira de viver. Não havia nela nada de artifício nem de afetação, mas era toda feita de substância, pesada de ideias e concepções singulares e originais, semelhantes, como dizem, às de Tucídides. Conhece-se ainda hoje um discurso, ou arenga fúnebre que fez diante do povo em louvor do filho, morto ao deixar o consulado.

IV. **Seus consulados. Ele triunfa sobre os ligurianos.**

IV. Quanto a ele, porém, tendo sido eleito cônsul cinco vezes, triunfou, em seu primeiro consulado{422}, sobre os ligurianos das montanhas e da costa de Gênova, os quais batidos por Fábio numa grande batalha onde perderam muita gente, foram constrangidos a retirar-se e a encerrar-se nó interior dos seus Alpes, não mais invadindo e devastando, para abastecer-se, as províncias fronteiriças da Itália. Tendo, Aníbal, invadido depois, a Itália com um grande poder, vencendo a primeira batalha junto ao rio Trébia, avançou para frente através da Toscana assolando e destruindo tudo à sua passagem. Roma foi tomada de perplexidade e espanto. Revelaram-se sinais e prodígios, costumeiros alguns e bastante conhecidos dos romanos como raios e trovões, outros muito estranhos, jamais ouvidos nem vistos. Conta-se que alg uns escudos se tornaram ensanguentados por si mesmos; que nas cercanias da cidade de Ancio, por ocasião da messe, encontraram-se espigas de trigo, cheias de sangue; que haviam tombado doí céus pedras ardentes de fogo, e que no bairro dos falerianos, o céu pareceu entreabrir-se, fazendo cair pequenos letreiros em um dos quais estava escrito, palavra por palavra, «Marte agita as armas.»

V. **Aníbal ganha as batalhas de Trébia e Trasimeno.**

V. Nada disso, entretanto, pôde deter nem reprimir a audácia do cônsul Caio Flamínio, que além de ter por natureza, um grande coração sedento de honra, se achava ainda mais confiante, em virtude de êxitos extraordinários que obtivera antes, de forma imprevisível. Porque, embora o Senado o tivesse chamado de volta e seu companheiro de consulado se opusesse, ele dera batalha aos gauleses, não obstante a opinião de todo o mundo, e, obtivera a vitória. Quanto aos sinais e prodígios celestes mencionados, embora perturbassem muita gente, não preocupavam a Fábio que não via, nisso, razão nenhuma para preocupar-se. Conhecendo porém como era pequeno o número dos inimigos, bem como a falta de dinheiro que os oprimia, aconselhava e ele de parecer que se devia ter um pouco de paciência, não sendo conveniente aventurar uma batalha contra um homem cujo exército aguerrido de longa data, já se tinha experimentado em muitos combates. Fábio era de opinião que se enviasse socorro aos súditos e aliados romanos, de acordo com as circunstâncias para manter fiéis as cidades, enquanto amortecia, por si mesmo, o vigor das forças de Aníbal, que era fogo de palha e chama acesa em matéria de pouca duração. Nenhuma das suas alegações entretanto pôde convencer Flamínio, que se recusou a esperar que a guerra se aproximasse das portas de Roma, declarando que não combateria dentro da cidade para defendê-la, como fizera Camilo antigamente. Determinou assim, a seus capitães que pusessem imediatamente em campo suas companhias, enquanto ele próprio montava seu cavalo, o qual, sem causa aparente, espantou-se, agitando-se de forma tão estranha que lançou o cônsul em terra. O fato entretanto, não o fez mudar de opinião, e obedecendo ao seu primeiro impulso, marchou ao encontro de Aníbal e lhe deu batalha{423} na Toscana, junto ao lago denominado Trasimeno (que é o lago de Perusa){424}.

VI. A batalha foi tão rudemente travada de parte a parte que, embora durante a ação tivesse havido um tremor de terra tão violento que revolvera cidades de cima a baixo, desviando rios dos seus cursos e abalando e abrindo as raízes das montanhas, não houve entre os combatentes nenhum que tivesse sentido coisa alguma. O próprio cônsul Flamínio ficou morto em campo, depois de ter praticado pessoalmente atos de grande bravura e ousadia, juntamente com a maior parte da nobreza existente no e xército. Entre os demais, em fuga, foi feito grande morticínio, sendo destruídos perto de quinze mil homens e caindo prisioneiros outros t antos.

VI. **Morte do cônsul Flamínio.**

VII. Após a derrota, Aníbal fez o que pôde para encontrar o corpo de Flamínio, a fim de fazê-lo inumar com honra, em razão de sua coragem. Não o conseguiu porém achar. Por ocasião da primeira derrota de Trébia, nem o capitão general que a relatara por escrito nem o mensageiro que trouxera a notícia à Roma, haviam revelado o fato como realmente se passara, simulando que a batalha resultara duvidosa, ignorando-se assim quem levara a melhor. Desta vez, porém, mal o pretor Pompônio teve notícias, fez reunir o povo em conselho, e sem disfarce nem simulação, declarou-lhe abertamente: «senhores romanos, perdemos a batalha na qual nosso exército foi tota lmente batido e desfeito, morrendo em ação o próprio cônsul; daí assim parecer sobre o que tendes a fazer para vossa salvação e segurança».

VIII. **Terror em Roma. Fábio é nomeado ditador.**

VIII. Lançadas essas palavras como uma tempestade de vento impetuoso sobre o mar de uma infinita multidão, a cidade entrou em grande tumulto, e o pavor foi tão opressivo que ninguém permaneceu tranquilo nem conservou o bom senso. Concordaram todos porém, que o momento exigia inapelavelmente a magistratura soberana, denominada, em latim, ditadura, bem como uma personagem que a soubesse exercer virtuosamente, sem poupar nem temer a ninguém. Concordaram outrossim em que Fábio Máximo apenas, possuía as qualidades necessárias, tendo a grandeza da coragem e a gravidade de costumes, ao nível da dignidade suprema vinculada a essa magistratura. Acrescia encontrar-se ele na idade em que a força do corpo se une à maturidade do espírito, fundindo-se a ousadia com a experiência e prudência. Aprovada por todos a indi cação, foi Fábio eleito ditador, nomeando este para chefe da cavalaria a Lúcio Minúcio. Fábio, antes de mais nada, requereu ao Senado que lhe fosse permitido montar a cavalo durante a guerra, porque o ditador não era autorizado a fazê-lo, por expressa proibição de uma lei antiga, seja porque os romanos reputavam a infantaria como a principal força do seu exército, querendo por esse motivo que o chefe se mantivesse com ela no dia da batalha sem abandoná-la , seja porque a autoridade tão grande dessa magistratura, em todos os outros assuntos a aproximasse da tirania, querendo eles com a imposição da lei, que, ao menos nisso, dependesse o ditador do supremo poder popular.

IX. Pretendendo Fábio, desde o início, mostrar a majestade e grandeza de seu cargo a fim de que todo o mundo lhe fosse obediente e mais pronto em atender seu comando, saiu em público com vinte e quatro lictores levando as fasces de varas e achas diante dele. E como um dos cônsules viesse a seu encontro, determinou-lhe por um dos seus lictores que abandonasse as fasces conduzidas à sua frente bem como as demais marcas e insígnias de magistrado, vindo a ele na atitude de um particular. Começando depois com um grandioso sacrifício aos deuses, ele demonstrou ao povo como a perda que tinham sofrido decorrera só da temeridade e estouvada displicência de seu capitão que não se preocupara com as coisas divinas, e não da deficiência ou covardia dos combatentes. Exortou-os por isso a não temer os inimigos, aplacando, todavia, a ira dos deuses com honrarias e reverência. Fábio, com essa medida, não tornava supersticiosos, os romanos, mas, ao contrário, revigorando-os com a verdadeira devoção, tirava-lhes ou diminuía-lhes o temor dos inimigos, dando-lhes esperança certa de amparo dos deuses.

X. **Ele promete sacrifícios e jogos.**

X. Consultados então os santos livros proféticos, denominados livros da Sibila, os quais são mantidos em estrito sigilo, foram aí encontrados antigas profecias e oráculos que se referiam e conformavam com os acontecimentos da época, não sendo entretanto, permitido publicar nem dizer o que foi sabido na ocasião. O ditador, em seguida, em plena assembleia do povo, diante de toda assistência votou solenemente aos deuses, sacrificar-lhes todo o fruto que dessem na próxima estação{425}, as ovelhas, as porcas, as vacas e cabras em todas as montanhas, planícies, vales e prados da Itália e fazer-lhes celebrar jogos de música e representar outros mistérios em sua honra, até despender a soma de{426} trezentos e trinta e três sestércios ou {427} trezentos e trinta e três dinheiros romanos, e mais um terço de dinheiro. Esta soma reduzida à moeda grega, atinge o valor de oitenta e três mil quinhentos e oitenta e três dracmas de prata e dois óbolos{428}. Ora, seria bem difícil dar a razão pela qual ele especificou precisamente essa soma assim exata, e porque a distribuiu por três, a menos que quisesse exaltar o poder do número ternário, porque é um número perfeito por natureza e o primeiro dos números que mostra o começo da multidão, e que compreende em si as primeiras diferenças e os primeiros elementos e princípios de todos os números reunidos.

XI. **Reanima a confiança pública e faz a guerra de observação.**

XI. Fábio, por esse meio, levando o povo a ter esperança na ajuda e favor dos deuses, tornou-o assim mais deliberado a agir acertadamente daí por diante. Colocando porém, em si mesmo, toda sua confiança na vitória, por considerar que os deuses enviam aos homens a prosperidade por intermédio de sua virtude e prudência, avançou ao encontro de Aníbal, não com a intenção de o combater mas firmemente deliberado a consumir-lhe o vigor do exército pela demora prolongada, impondo-se à sua pobreza pela força do dinheiro e ao pequeno número de sua gente, pela grande multidão de seus combatentes. Manteve-se assim acampando em lugares fortes e altos sobre as montanhas, fora do perigo da cavalaria do inimigo, ao qual ia sempre flanqueando de tal sorte que, quando este se detinha em algum lugar Fábio fazia o mesmo seguindo seu movimento quando se deslocava, volteando em torno dele, sem jamais deixar as montanhas nem aproximar-se tanto que pudesse ser constrangido a um combate involuntário. Conservava-se sempre, porém, na cola do inimigo, e o mantinha em contínuo temor, supondo que Fábio ia espreitando o momento oportuno para atacá-lo vantajosamente.

XII. **Aníbal o admira, e não pode forçá-lo a combater**.

XII. Adiando e prolongando o tempo, todavia, Fábio veio a ser desprezado por todos, porque, enquanto em seu campo se falava abertamente mal dele, os inimigos o tinham por homem covarde e de coração rasteiro, com exceção apenas de Aníbal. Percebendo este a maneira hábil pela qual pretendia Fábio combatê-lo, sentiu que era necessário atraí-lo a uma batalha por qualquer meio de astúcia ou força. A posição dos cartagineses se arruinaria, de outra forma, por não poderem servir-se nem valer-se das armas em que eram mais fortes, vendo-se entretanto, minados e consumidos pela multidão de homens e pela força do dinheiro em que eram os mais fracos. Ele se pôs assim a imaginar e a experimentar toda a sorte de ardis de guerra concebíveis, como faz o campeão astuto de luta, que procura todos os meios para lançar-se sobre o adversário. Aníbal, ora se aproximava do romano, provocando alarmes em seu campo, ora recuava movendo-se continuamente de um lugar para outro, para ver se conseguia fazê-lo abandonar sua resolução de não arriscar coisa alguma, jogando sempre na forma mais segura.

XIII. **Audácia de Minúcio.**

XIII. Fábio, entretanto, perseverou constantemente em sua primeira deliberação, crendo com firmeza que era a melhor maneira de agir. O general de cavalaria, Minúcio, porém, causava-lhe muita preocupação, com seu ardente desejo de combater fora de propósito. Assumindo atitudes audaciosas ele ia ganhando as boas graças da soldadesca imprimindo-lhe um furioso desejo de bater-se, e enchendo-os de uma vã esperança. Zombavam assim, de Fábio, chamando-o pedagogo de Aníbal, e exaltavam a Minúcio, como capitão ousado e digno da grandeza de Roma. Ampliava-se, em consequência, a sua glória arrogante, e a presunçosa opinião de si mesmo, o levava a debicar Fábio que localizava sempre o seu campo nas montanhas. Dizia Minúcio que o ditador lhes oferecia belos jogos na contemplação da Itália queimada, pilhada e devastada diante de seus olhos. Perguntava também aos amigos de Fábio, se este não levaria finalmente o seu acampamento até o céu, por desconfiança da terra ou se era de medo de ser encontrado pelos inimigos, que ele se ia escondendo dessa forma atrás das nuvens e aguaceiros.

XIV. Os amigos de Fábio lhe comunicavam todos esses gracejos, aconselhando-o a arriscar antes uma batalha, do que a suportar por mais tempo tantos ditos injuriosos murmurados contra ele. Fábio porém respondeu-lhes, «se eu fizesse o que me aconselhais, seria ainda mais covarde do que eles cuidam agora que eu o seja, abandonando minha resolução por temor a palavras picantes e flechas satíricas. Não é vergonha temer pelo bem e salvação do país, mas ao contrário, aturdir-se com o elogio e a estima da multidão, ou com os impropérios e calúnias dos homens, não é ato de personagem digna de um tão grande cargo, mas sim de homem que serve e obedece àqueles a quem deve dirigir e governar, exata mente por não serem capazes disso.»

XV. **Aníbal, enganado por seus guias, é batido por Fábio.**

XV. Aconteceu em seguida, que Aníbal incidiu em um grave erro, pois, desejando afastar-se de Fábio e ao mesmo tempo conduzir seu exército à região plana, onde houvesse víveres e forragens para os animais, determinou aos seus guias que o conduzissem, logo após a ceia, ao plano de Casino{429}. Não tendo os guias entendido bem a determinação porque era bárbara a sua pronúncia da língua italiana, confundiram-se e o foram lançar a ele e seu exército numa extremidade da Campânia{430} perto da cidade de Casilino, região cortada ao meio pelo rio denominado Vulturno{431} pelos romanos, e situada em um vale cercado e envolvido totalmente por montanhas, exceto do lado que se dilata para o mar onde o rio, extravasando fora do seu leito, forma alagadiços e bancos de areia muito profundos, indo finalmente desaguar na costa desse mar, extremamente perigosa sem nenhum abrigo. Descendo Aníbal a esse «beco sem saída», Fábio que conhecia o país e o rumo dos caminhos, seguiu as suas pegadas e cerrou-lhe o passo por onde poderia escapar desse vale e usando 4.000 infantes que aí colocou, dispôs o resto do seu exército na cumeeira das montanhas, nos lugares mais adequados, contornando toda a região. Com seus batedores e os mais dispostos de sua gente armados à ligeira, f ez depois atacar a retaguarda dos inimigos, pondo todo o seu exército em desordem e causando-lhe perto de oitocentas mortes. Aníbal, em consequência, pretendendo subtrair seu campo a esse lugar e percebendo o erro dos guias e o perigo a que o tinham exposto, fê-los enforcar.

XVI. **Astúcias de Aníbal.**

XVI. Quanto a forçar seus inimigos que ma ntinham os cumes das encostas e expulsá-los dali pela força, ele não via meio algum, nem tinha esperança de consegui-lo. Vendo sua gente amedrontada e presa de desânimo por se ver fechada de todos os lados, sem poder escapar, deliberou Aníbal iludir seu inimigo com o seguinte estratagema: determinou que fossem escolhidos cerca de dois mil bois, dentre os capturados na pilhagem, fazendo-lhes amarrar nos chifres tochas ou ramos de salgueiro e feixes de sarmento. Ordenou em seguida aos encarregados que, à noite, quando lhes fosse dado sinal, pusessem fogo aos feixes, e tocassem os boi, encosta acima, na direção das passagens e posições ocupadas pelo inimigo. Enquanto isso se preparava, ele, por sua vez colocou o exército em formação de batalha, e depois, quando a noite veio, fê-lo avançar lentamente.

XVII. Ora, enquanto se manteve pequeno o fogo ateado ao material que lhes fora preso aos chifres, os bois caminharam calmamente morro acima no sopé das montanhas para onde os tocavam, provocando espanto entre os pastores e boiadeiros nos cimos das encostas, os quais percebiam os fogos nos chifres dos bois, como se fosse um exército marchando, em ordem, à luz de archotes. Quando porém, os cornos foram queimados até a raiz e a sensação do fogo penetrou a carne viva, começaram os bois a debater-se e a sacudir as cabeças, cobrindo-se uns aos outros de fogo cada vez mais. Deixaram então de caminhar calmamente em ordem, e, movidos pelo terror que os tomou e pela dor que sentiam, começaram a correr de um lado para outro através das montanhas, e levando a chama nos chifres e nas caudas, ateavam logo às matas e bosques por onde passavam. O fato causava estranheza, inquietando muito os romanos que guardavam as passagens dos montes. Cuidavam eles tratar-se de homens que corriam daqui para ali com tochas nas mãos, pelo que ficaram amedrontados e confusos, pensando serem os inimigos que avançavam contra eles para cercá-los de todos os lados. Não ousaram assim manter-se nas posições onde haviam sido colocados e abandonando as gargantas, fugiram para seu grande acampamento. Os batedores de Aníbal, armados à ligeira, tomaram imediatamente essas* passagens, e o resto do seu exército teve calma bastante para marchar tranquilamente até ali, sem temor nem perigo, não obstante achar-se carregado e tolhido por grande quantidade de despojos de toda espécie.

XVIII. Fábio, entretanto, percebeu logo, nessa mesma noite, que se tratava de um ardil de Aníbal, porque alguns dos bois, enquanto fugiam de um lado para outro, caíram entre suas mãos. Temendo porém, alguma emboscada entre as sombras noturnas, manteve sua gente em formação de batalha sem mover-se nem fazer barulho, e de manhã, mal o dia começou a surgir, avançou sobre as pegadas do inimigo, caindo-lhe sobre a retaguarda e atacando os derradeiros dentre eles nas gargantas da montanha, levou a desordem a toda a hoste adversária. Aníbal enviou então, da vanguarda, certo número de espanhóis, homens leves e dispostos, habituados a galgar montanhas, os quais, carregando contra os romanos equipados pesadamente, mataram muitos deles, obrigando Fábio a retirar-se. O ditador romano foi, em consequência, ainda mais escarnecido e’ censurado que antes, porque, recusando-se a combater Aníbal em luta aberta, pretendendo miná-lo por astúcia e prudência, via-se por ele enganado e superado nesse mesmo campo.

XIX. **Firmeza do Senado que não quer resgatar os prisioneiros. Fábio vende suas terras para seu resgate.**

XIX. Desejando Aníbal, além disso, inflamar ainda mais a ira e o rancor dos romanos contra Fábio, determinou, ao aproximar-se de suas terras, que se queimasse e devastasse toda região, sem contudo tocar de forma alguma nas suas propriedades onde colocou guardas para impedir, expressamente, que se subtraísse delas qualquer coisa ou se causasse ali algum dano. Conhecido o fato em Roma, agravou-se o descontentamento, acrescendo que os tribunos do povo, não cessavam de gritar contra Fábio nas arengas públicas, estimulados

principalmente por um certo Metelo, que o fazia, não por inimizade ao ditador, mas por ser parente de Minúcio, comandante da cavalaria, considerando que a má opinião firmada em relação a um, se transformaria em louvor e proveito para o outro. O próprio senado se irritou contra Fábio, pelo acordo que havia firmado com Aníbal, relativo aos prisioneiros de guerra. Aquiescera este em permutar os prisioneiros, entregando homem por homem, ou ao pagamento{432} de duzentos e cinquenta dracmas de prata por cabeça, caso uma parte tivesse maior número que a outra. Quando a permuta foi feita por essa forma, verificou-se que Aníbal tinha duzentos e quarenta romanos de sobra. O senado decidiu que não se enviaria dinheiro para libertá-los, e censurou asperamente a Fábio por ter feito esse acordo, como não sendo nem digno nem Vantajoso para a coisa pública, uma vez que se destinava a recuperar gente que, por covardia, se tinha deixado prender pelos inimigos. Fábio, ciente disso, suportou pacientemente a ira do senado, mas não tendo dinheiro e não querendo faltar à palavra empenhada, nem abandonar seus concidadãos prisioneiros, enviou seu filho a Roma com procuração para vender suas terras e trazer-lhe incontinente o produto da venda. O jovem obedeceu e vendendo as herdades do pai, trouxe-lhe em pouco tempo, ao acampamento, o dinheiro com o qual Fábio recuperou os prisioneiros, enviando seu resgate a Aníbal. Muitos, entre os libertos, quiseram depois reembolsá-lo, mas ele nada quis receber, resgatando a todos.

XX. **Vai a Roma para os sacrifícios solenes. Redobra a audácia de Minúcio, que combate contra a ordem expressa de Fábio e é derrotado.**

XX. Chamado em seguida a Roma pelos sacerdotes, para a realização de determinados sacrifícios solenes, Fábio deixou o exército nas mãos de Minúcio para que o dirigisse em sua ausência, sob a condição de não atacar nem combater o inimigo.

Quanto a isso ele não só o proibiu expressamente com seu poder soberano, como ainda o admoestou C suplicou com toda insistência, como a um amigo Preocupando-se Minúcio bem pouco com todos esses pedidos e ordens, começou em seguida, a provocar o adversário, mal Fábio virou as costas, e tendo um dia observado, que Aníbal enviara boa parte do exército à busca de forragem e viveu atacou os remanescentes e os levou de roldão até o interior do acampamento com grande morticínio (maior espanto dos sobreviventes, que ali se viram na contingência de ser sitiados. Quando depois se reuniu todo o exército inimigo, Minúcio conseguiu retirar-se à vontade, sem perder coisa alguma. O êxito encheu-o ainda mais de arrogância e aos soldados de temeridade. A notícia dessa derrota alastrou-se imediatamente até Roma, onde a fizeram maior do que tinha sido. Ouvindo-a. Fábio disse que temia muito mais a prosperidade de Minúcio do que a sua adversidade. A plebe, porém, entrou em grande alegria e com intensa demonstração de regozijo acorreu a praça onde Metelo, um dos tribunos do povo, subindo à tribuna das arengas, fez-lhe um sermão no qual exagerou e louvou ao máximo as virtudes de Minúcio, e acusando Fábio, não de vileza e covardia, mas de traição, inculpou também as outras principais personagens de Roma, dizendo que, desde o começo, tinham encontrado meios de prolongar essa guerra com o fim de arruinar a autoridade e o poder do povo. Disse que estas haviam feito cair os negócios sob a direção de uma monarquia, cujas dilações e delongas dariam a Aníbal o vagar suficiente para fixar-se e manter-se na península até que, com o tempo, os cartagineses tivessem meios de enviar-lhe o reforço de um segundo exército, para total conquista, e domínio da Itália.

XXI. Ouvindo-o falar Fábio avançou para dirigir-se ao £ovo e sem perder tempo em dar resposta às acusações feitas contra ele pelo tribuno, declarou que lhe cabia terminar prontamente os sacrifícios e cerimónias do serviço divino, a fim de voltar ao campo e expulsar Minúcio, por ter combatido contra sua expressa proibição. Mal pronunciara essas palavras, levantou-se, em seguida, um grande rumor e tumulto entre o povo, em virtude do perigo que corria Minúcio, porque o ditador tem poder para levar à prisão e fazer matar quem bem lhe pareça, sem figura de processo e de juízo. Supunha-se que Fábio, uma vez saído da costumeira clemência e bondade, ia fazer-se tão duro em seu rancor, que se tornaria difícil aplacá-lo. Não houve, em toda a assistência, quem não se calasse de medo. O tribuno Metelo

apenas, que, por lei, podia dizer tudo, pela segurança a ele atribuída pelo cargo, único que retém a autoridade quando há um ditador eleito, sendo os demais suprimidos, suplicou insistentemente ao povo que não abandonasse Minúcio, nem permitisse que viesse a sofrer o que Manlio Torquato impusera outrora ao filho, a quem fez cortar a cabeça após ter vencido e destruído corajosamente o inimigo. Admoestava-o assim a retirar de Fábio esse poder ditatorial, entregando seus negócios nas mãos de quem desejava e saberia conduzi-los a bom porto.

XXII. O povo, muito emocionado com essas palavras sediciosas, não ousou entretanto, constranger Fábio a deixar a suprema autoridade da ditadura, embora muito descontente com ele. Decidiu porém que Minúcio viesse a ter, daí em diante, poder e autoridade iguais aos do ditador na conduta dos negócios, fato nunca visto antes, mas que veio a repetir-se logo depois por ocasião da derrota de Canas. Estando em atividade, a esse tempo, o ditador Marco Júnio, elegeu-se outro ditador, Fábio Buteo para nomear e instituir novos senadores, substitutos dos que haviam morrido na batalha. Depois porém, de ter nomeado e completado o conselho senatorial, cancelou Buteo, no mesmo dia, os lictores que levavam as achas diante dele, dispensou o séquito de honra que o acompanhava e, misturando-se com a multidão da praça, passou a tratar dos seus negócios privados como qualquer particular.

XXIII. Supunham os romanos que Fábio, vendo atribuir-se a Minúcio poder igual ao seu, magoar-se-ia muito com isso e ficaria extremamente chocado. É porque não conheciam de todo sua natureza. Ele não se preocupou senão com a possibilidade da loucura popular transformar-se para os romanos em de graça, dano ou desonra, e como Diógenes, o sábio, respondeu a alguém que lhe dizia: «Essa gente irnece de ti», declarando: «Eu não me considero Escarnecido». Queria dizer com isso que reputava Objeto de mofa somente quem se apaixona e perturba Com zombarias. Fábio suportou calmamente e sem pa ixão nenhuma, tudo quanto o povo fazia em relação a ele como particular. Tornou-se assim exemplo e prova manifesta para os filósofos que afirmam serem o sábio e o homem de bem, invulneráveis à injúria e à desonra. Toda a preocupação que ele sentia pelo desvario popular, prendia-se exclusivamente ao seu interesse pela coisa pública, uma vez que a plebe atribuíra a um estouvado e temerário os meios para satisfazer a sua louca ambição em assunto militar. Temendo por isso que Minúcio, cego de vaidade e presunçosa opinião de si mesmo, viesse a precipitar-se, provocando algum mal considerável, antes de sua chegada, partiu Fábio inopinadamente de Roma sem que ninguém o soubesse, para voltar ao campo onde encontrou Minúci o de tal forma petulante e soberbo que já não era suportável. Ele pretendia que, alternativamente, se lhe atribuísse autoridade para comandar todo o exército. Fábio não o consentiu, aquiescendo porém em repartir com ele, por metade, toda a tropa, considerando ser melhor que ele comandasse sempre, apenas uma parte dela, do que a sua totalidade, em revezamento. Escolheu para si a primeira e a terceira legiões e entregando a segunda e a quarta, partilhou de modo semelhante as tropas aliadas auxiliares. E como Minúcio se gabasse vangloriasse de que por amor dele, tinha sido reduzida e rebaixada a majestade da suprema magistratura, Fábio observou-lhe que lhe cabia a prudência de pensar não ser a ele Fábio mas a Aníbal, que era preciso combater, e se, por ciúmes, insistia em obcecar-se na luta contra seu companheiro, devia no menos perceber que a Minúcio vencedor, tão honrado por seus concidadãos, não lhe cabia menor soliciltide pela segurança e salvação dos mesmos do que a Fábio, vencido e tratado ignominiosamente por eles, Minúcio recebeu essa advertência como zombaria simulada e coberta, à maneira dos velhos, e tomando a metade do exército, a ele atribuída, foi acampar sozinho, à parte.

XXIV. Aníbal não ignorava coisa alguma do debate e espreitava todas as ocasiões propícias para aproveitar da discórdia. Ora, havia entre os campos uma elevação não difícil de atingir, constituiu do uma bela posição para alojar um acampamento seguro, com conforto e facilidade para todas as coisas. A região circundante, vista de longe, parecia totalmente plana e unida, não sendo coberta por nenhum bosque. Havia nela, entretanto, algumas de pressões e vales intercalados. Aníbal em consequência, ainda que tivesse meios para apoderar-se

facilmente do outeiro de improviso, se assim o quisesse, não o fez entretanto, deixando-o como isca para atrair seus inimigos ao combate. Quando percebeu Municio separado de Fábio, Aníbal espalhou, certa noite, bom número de seus homens por essas depressões e vales, enviando depois, ao raiar do dia, uma a tropa não muito considerável, à descoberta, para ocupar a dita eminência, esperando, por esse meio levar Minúcio a combater pela posição, como de fato aconteceu. Minúcio, a princípio, enviou ali seus batedores, depois toda a cavalaria e finalmente, vendo que o próprio Aníbal vinha em apoio de sua gente sobre o outeiro, avançou também com todo o resto de suas forças em batalha campal e fez um grande esforço para expulsar os que defendiam a elevação. O combate durou algum tempo equilibrado entre ambas as partes, até que Aníbal vendo o adversário apanhado, de fato, em sua armadilha, oferecendo as costas da tropa, totalmente desguarnecidas, à sua gente colocada de tocaia, transmitiu subitamente o sinal convencionado e levantando-se todos os seus, de um golpe, lançaram-se com grande gritaria sobre a retaguarda dos romanos, e matando um número considerável no primeiro choque, colocaram os demais em tamanha confusão e tão grande medo que não é possível exprimir. Dissolveu-se a bravata de Minúcio e a sua arrogante audácia. Ele encarava ora um ora outro dos seus capitães, e não via nenhum com a coragem de resistir, estando todos prestes à. fuga que se teria transformado cm sua ruína total, porque os munidas, percebendo-se mais fortes, começavam já a espalhar-se por toda a planície circunvizinha, estraçalhando a todos quantos debandavam.

XXV. **Fábio voa em seu auxílio, carrega contra o inimigo, e força Aníbal a retirar-se.**

XXV. Tendo a gente de Minúcio caído em tal dificuldade, Fábio que previra muito bem o perigo em que iam incorrer, e por essa razão mantinha seu exército pronto, em formação de batalha, teve o cuidado de estudar o que cabia fazer, não pelo relatório de mensageiros, mas por observação própria que fez de cima de um pequeno cabeço existente diante de seu campo. Ao ver Minúcio e sua tropa envolvidos, de todos os lados e já em atitude de fuga, e ao ouvir seus gritos, não de gente movida pelo ardor do combate, mas de homens aterrados que procuravam salvar-se rapidamente, bateu a mão sobre a coxa e suspirando profundamente, disse aos que o rodeavam: «Ó deuses, Minúcio foi por suas mãos precipitar-se em sua ruína, antes mesmo do que eu esperava e mais tarde do que ele próprio o quis!» Ao dizer isso porém fez avançar ao mesmo tempo os porta-bandeiras com toda celeridade gritando alto: «Meus amigos, é preciso nos apressarmos para socorrer Minúcio, que é homem pessoalmente corajoso e ama o bem e a honra do seu país. Se ele, por acaso, errou, por excesso de precipitação, cuidando expulsar os inimigos, não é tempo agora de acusá-lo. Nós o censuraremos mais tarde.» E logo ao chegar em seu ataque, rompeu e dispersou os munidas, mantidos à espreita na planície, e avançou para diante até atingir os que arremetiam contra a retaguarda dos romanos, onde matou quem se deteve para fazer-lhe frente, enquanto os demais, temendo cair no mesmo perigo em que haviam colocado os romanos, recorreram à fuga antes de serem envolvidos completamente.

XXVI. Vendo Aníbal a mudança, e ao perceber como Fábio em pessoa, rompendo a massa dos combatentes ia subindo o outeiro para alcançar o local onde se encontrava Minúcio, fez cessar o combate, ordenando o toque de retirada e reconduziu sua gente para o acampamento ficando também os romanos muito satisfeitos de poder retirar-se a salvo. Conta-se que Aníbal, ao retirar-se, disse rindo a seus amigos: «Eu não vos disse muitas vezes que essa nuvem sempre presa ao cimo das montanhas, ia arrebentar-se finalmente algum dia, para tombar sobre nós em tempestade e borrasca?»

XXVII. **Minúcio reconhece sua falta: chama Fábio seu pai e salvador.**

XXVII. Depois desse encontro, Fábio, após despojar os mortos abandonados no terreno, retirou-se também para seu campo, sem deixar es capar da boca uma única palavra ofensiva nem desagradável contra seu companheiro. Minúcio porém, assim que chegou à sua primitiva posição, reuniu seus homens, e disse-lhes: «Meus amigos, não errar jamais no manejo de grandes negócios é coisa que ultrapassa a natureza humana. Mas servir-se das faltas passadas como de lição para o futuro, é próprio dos sábios e virtuosos. Confesso, quanto a mim, não ter menos ocasião de agradecer que de queixar-me da sorte, porque tudo quanto um longo tempo não me pudera ensinar, aprendi em parte bem pequena de um só dia: não sou capaz de comandar mas, pelo contrário, tenho eu mesmo necessidade de ser dirigido e orientado por outro. Não devo teimar como desvairado em querer sobrepujar aqueles de quem me honra confessar-me vencido. Declaro-vos, pois que o ditador Fábio será quem, de hoje em diante, vos comandará em todas as coisas, e, para dar-lhe a conhecer nossa gratidão pela graça que hoje nos concedeu, eu mesmo vos levarei a ele para a agradecerdes e serei o primeiro em obedecer às suas ordens, cumprindo tudo quanto ele me determinar.

XXVIII. Depois de pronunciar essas palavras, ordenou aos porta-insígnias que o seguissem e marchou na frente, em direção ao campo de Fábio onde logo ao chegar, encaminhou-se diretamente para a tenda do ditador, provocando o espanto de todos que não sabiam qual era sua intenção. Fábio saiu a seu encontro e Minúcio, lançando-lhe aos pés suas insígnias, chamou-o pai em alta voz e os seus soldados chamaram aos de Fábio patronos, nome que os servos libertos atribuem a quem os tira da servidão. Quando depois o rumor se acalmou, Minúcio declarou alto, com toda a clareza: «Senhor ditador, obtiveste hoje duas vitórias, uma sobre Aníbal a quem venceste num feito de armas e outra sobre mim, teu companheiro, a quem venceste em prudência e bondade. Pela primeira nos salvaste, pela segunda, nos ensinaste. E nós fomos igualmente vencidos de duas maneiras, uma por Aníbal para vergonha nossa, outra por ti para nossa honra e salvação. Eu te chamo portanto, meu pai, não encontrando outro apelido mais venerável com que te possa honrar e sentindo-me mais obrigado a ti, pela graça hoje recebida, do que ao pai que me gerou; por ele fui apenas engendrado enquanto por ti fui salvo em companhia de tantas outras pessoas de bem aqui presentes.» Dizendo essas palavras ele abraçou Fábio enquanto os soldados se estreitavam também nos braços e beijavam-se uns aos outros, enchendo-se o campo de carícias e lágrimas derramadas por excesso de alegria.

XXIX. **Fábio deixa a ditadura. Consulado de Paulo Emílio e de Terêncio Varrão**.

XXIX. Tendo-se Fábio exonerado, depois, da magistratura ditatorial, foram de novo eleitos cônsules{433}, os primeiros dos quais mantiveram a mesma forma de comando adotada por Fábio, evitando oferecer batalha a Aníbal e enviando sempre socorros a seus súditos e aliados para entretê-los e impedi-los de rebelar-se. Assim foi, até que Terêncio Varrão, de origem humilde, mas conhecido bastante pela sua audácia temerária e pelo crédito obtido por suas lisonjas junto ao povo, veio atingir a dignidade consular. Viu-se logo que por seu atrevimento e falta de experiência, ele iria arriscar tudo imediatamente ao acaso de uma batalha, pois bradava em todas as assembleias do povo, que essa guerra duraria ininterrupta enquanto se elegessem Fabianos por capitães, gabando-se publicamente que logo ao primeiro dia em que visse os inimigos ele os destroçaria. Repetindo sempre essas arrogantes palavras, ele congregou uma força, de proporções jamais igualadas antes pelos romanos contra qualquer inimigo. Foram postos em campo até oitenta e oito mil combatentes e Fábio, juntamente com os demais romanos de bom senso, sentiram-se tomados de grande temor por não verem saída para os destinos de Roma, caso viessem a perder tão numerosa juventude.

XXX. Fábio, em consequência, dirigiu-se ao outro cônsul de nome Paulo Emílio, homem muito

entendido em assuntos de guerra, malquisto porém da plebe, cuja ira ainda temia em razão de certa multa a que fora por ela condenado em favor da coisa pública. Animando-o, Fábio o admoestou e encorajou a resistir à louca temeridade de seu companheiro, observando-lhe que ele, para promover a salvação do país, teria de haver-se não só com Aníbal como com Terêncio Varrão, porque ambos procuravam o combate. Varrão o fazia por não entender em que consistia a vantagem de suas forças, o outro por conhecer exatamente sua fraqueza. «Mas é mais razoável que me creias, em tudo o que concerne aos negócios de Aníbal, do que a Terêncio Varrão, e eu te asseguro que se este ano não lhe fo concedida, oportunidade para combater, será necessário, ou que ele se arruine por si mesmo se permanecer, ou que fuja vergonhosamente com seu exército, visto que até o momento, embora pareça vitorioso e senhor da terra., não houve ainda ninguém de entre seus inimigos que se tenha passado para seu partido e que- da tropa trazida por ele de seu país, não lhe resta hoje senão um terço.» A essas demonstrações respondeu-lhe o cônsul, segundo consta: «Quando considero a minha situação, senhor Fábio, parece-me a mim preferível tombar morto entre as lanças dos meus inimigos, a cair de novo, sob os votos e sufrágios dos nossos concidadãos. Uma vez, entretanto, que o bem da república, exige que se proceda de acordo com a tua orientação, esforçar-me-ei para ser considerado como capitão prudente, antes por ti exclusivamente, do que por todos os demais em conjunto, que me quiseram levar à tese contrária.»

XXXI. **Batalha de Canas.**

XXXI. Paulo Emílio partiu de Roma, com essa intenção, mas T erêncio, seu companheiro, exigiu, por toda força, que eles cada dia, comandassem, alternativamente, o exército todo, com plenos poderes, um depois do outro e foi, em seguida, acampar à margem do rio Aufido, junto ao burgo denominado Canas. No dia em que, a seu turno, lhe coube o comando fez expor bem cedo o sinal de batalha, uma cota de armas tinta de escarlate estendida sobre a tenda do comandante, e com tal atitude que os próprios inimigos, a princípio, se assustaram, vendo a ousadia desse novo capitão e o grande número dos seus combatentes dos quais o deles, não atingia a metade. Aníbal, todavia, ordenou a seus soldados que se armassem e mantivessem prontos para o combate, enquanto ele com pequeno séquito, subiu a cavalo sobre uma elevação não muito rude de onde podia observar nitidamente todo o campo dos romanos, e viu como estes já se alinhavam em formação de batalha. E como um dos de sua companhia, chamado Giscão, homem nobre e de condição semelhante à sua, dissesse que o número dos inimigos, visto assim de longe, lhe parecia espantosamente grande, respondeu-lhe Aníbal, franzindo o cenho: «Há ainda uma outra coisa bem mais espantosa que tu não percebeste, Giscão». «E qual é?» perguntou-lhe este, incontinente. «É, disse aquele, que em tão grande número de combatentes, à tua vista, não há nenhum que se chame Giscão como tu». Esse gracejo pronunciado ao contrário do que esperavam os ouvintes, certos de que ia dizer uma coisa importante, fê-los rir gostosamente. Desceram, assim, rindo o outeiro e iam contando a burla aos que encontravam pelo caminho, de sorte que a risada espalhou-se por quase todo o campo, e o próprio Aníbal não podia conter-se. Vendo-o, os soldados cartagineses, sentiram-se em grande segurança, deduzindo que o seu general não brincaria assim perto do perigo, sem sentir-se decididamente o mais forte, e sem ter justa causa para desprezar o inimigo.

XXXII. Aníbal, usou, além disso, durante a batalha, dois estratagemas de capitão experimentado: o primeiro relaciona-se à posição em que colocou sua gente para a luta de maneira a terem o vento pelas costas, porque soprava um vento impetuoso e abrasador, como um turbilhão de chamas. Levantava-se da planície, muito extensa e arenosa, um pó ardente como fogo. O vento impelindo-o por cima da tropa cartaginesa lançava-o com tal violência contra os olhos e a face dos romanos, que os obrigava a volver o rosto para trás, perturbando suas fileiras. O segundo estratagema se refere à forma pela qual dispôs sua gente, ao colocar de um lado e de outro lado, nas duas alas, os melhores combatentes e os homens mais valentes de sua hoste. O centro foi preenchido com os piores e mais inúteis dos seus soldados. Com esse centro construiu Aníbal uma espécie de vanguarda, que foi lançada para frente,

ultrapassando de muito os dois lados da linha de batalha. Determinou, em seguida, às alas, que quando os romanos tivessem rompido essa primeira frente e perseguissem os retirantes, forçando o centro da tropa cartaginesa a curvar-se em meia-lua, e a absorver assim em seu bojo os inimigos, que elas se precipitassem então sobre os atacantes, de um lado e de outro, arremetendo incontinente contra eles pelos flancos e envolvendo-os pela retaguarda. Foi essa a causa do maior morticínio, pois quando o centro começou a recuar recebendo em seu interior os romanos que avançavam porfiadamente, a disposição da tropa de Aníbal mudou de aparência, porque forçado o saliente a princípio constituído, sua figura tomou o aspecto de uma meia-lua. Os capitães dos bandos escolhidos, colocados nas extremidades, fizeram então, meia volta com sua gente, uns à direita, outros à esquerda, e atacaram os romanos pelos flancos e por trás onde se viam desguarnecidos, fazendo em pedaços todos os que não puderam escapar rapidamente, antes do envolvimento. Sobreveio também outro contratempo fortuito para a cavalaria romana, segundo se conta, por ter sido ferido o cavalo do cônsul Paulo Emílio, dando com este em terra. Os que estavam mais próximos dele apearam imediatamente, para socorrê-lo, resultando disso que os mais afastados, supondo tratar-se de uma ordem geral, abandonaram os cavalos para combater a pé. Ao percebê-lo, declarou Aníbal: « Eu os prefiro assim do que se me tivessem sido entregues, pés e mãos atados». Quanto a essas particularidades, porém, os que escreveram pormenorizadamente a história, as expõem de forma mais completa.

XXXIII. Dos dois cônsules, aliás salvou-se apenas Varrão a cavalo com pequeno acompanhamento, entrando na cidade de Venusia. Paulo, na multidão e no aperto do caminho, com o corpo crivado de setas ainda mergulhadas nas feridas, e o coração esmagado por tão angustiosa mágoa de ver a derrota dos seus, ficou sentado junto a uma rocha, esperando que algum dos inimigos viesse acabá-lo de matar. Poucos o reconheciam em virtude da grande quantidade de sangue que lhe maculava a cabeça e a face. Seus próprios amigos e servidores passavam adiante sem percebê-lo. Houve apenas um jovem de casa nobre e patrícia, chamado Cornélio Lentulo, que o tendo reconhecido, se viu no dever de o salvar e apeando imediatamente, trouxe-lhe o cavalo, suplicando-lhe aquiescesse em montá-lo, procurando assim conversar-se como necessário ao seu país, que precisava, como nunca, de um capitão competente e bom. Paulo Emílio, porém, repeliu a oferta e a súplica do jovem fidalgo e o constrangeu a montar de novo embora chorando de compaixão, e levantando-se depois para tocar-lhes na mão, disse-lhe: «Tu dirás de minha parte a Fábio Máximo e o testemunharás, como Paulo Emílio, observou sempre e seguiu seu conselho até o fim, não transgredindo jamais o que combinara, tendo sido, entretanto, forçado primeiramente por Terêncio Varrão e em seguida por Aníbal.» Pronunciando essas palavras, despediu a Lentulo, e desapareceu entre a massa dos que estavam sendo liquidados, onde sucumbiu. Consta que foram mortos nessa batalha, cento e cinquenta mil romanos, caindo prisioneiros quatro mil acrescidos de mais de dez mil, capturados nos dois campos, depois da batalha.

XXXIV. Obtida essa bela vitória, os amigos de Aníbal o aconselharam a prosseguir em sua boa estrela, entrando de envolta com os fugitivos na cidade de Roma, onde, em cinco dias, ele poderia cear no Capitólio. Não é fácil dizer o motivo que o dissuadiu de tomar essa orientação, a não ser, como eu penso antes de mais nada, que se trate de azar favorável ou de algum deus propício ao império romano, que se pôs de permeio, fazendo Aníbal temer e recuar. Conta-se por essa razão, que um cartaginês de nome Barca, dissera-lhe colérico: «Sabes vencer, Aníbal, mas não sabes aproveitar a vitória.»

XXXV. **Quase toda a Itália se declara por Aníbal. Consternação em Roma. Intrepidez e prudência de Fábio.**

XXXV. Esse êxito, entretanto, propiciou-lhe grande mudança. Enquanto anteriormente ele não possuía uma única cidade, uma única praça nem um único porto da Itália, tendo grande

dificuldade e trabalho para alimentar seu exército, com aquilo que conseguia arrebatar e obter dia por dia; enquanto não tinha antes um retiro seguro, nem nenhum lugar garantido sobre o qual pudesse fundar a esperança de manter a guerra e ia daqui para ali, errante pelos campos com seu exército, como uma grande tropa de salteadores e ladrões, obteve em contraste, nessa ocasião, a obediência de quase toda a Itália. A maior parte das grandes e mais poderosas nações da península, renderam-se incontinente a ele. A cidade de Cápua, a mais considerável entre as existentes, depois de Roma, bandeou-se para seu lado. Vê-se claramente, por esse notável exemplo, que um grande revés pode fazer conhecer, por experiência, a sabedoria de um capitão e não apenas a fidelidade de um amigo, como diz o poeta Eurípides. O que antes era considerado covardia e displicência de Fábio foi reconhecido, imediatamente após a batalha não mais como discurso de humano bom senso, mas como inspiração celeste e divina, capaz de prever as coisas do futuro a tal distância, que não parecia concebível, nem mesmo a quem as suportava.

XXXVI. Roma, em consequência, depositou logo depois sobre ele, o resto de sua esperança e recorreu a seu conselho como à salvaguarda de um templo ou de um altar. A primeira e principal causa de manter-se o povo junto, sem dispersar-se como o fez ao tempo da tomada de Roma pelos Gauleses, foi a opinião e confiança que se manteve em sua prudência. Enquanto Fábio parecia antes covarde e pouco confiante, quando ainda não tinha sucedido o perigoso desastre, agora em que cada um se perdia em choro e em luto interminável e inútil, e que todo o mundo se encontrava em perturbação tal, que não havia orientação para coisa alguma, ele só, ao contrário, andava pela cidade com seu passo moderado, com o rosto firme e seguro, saudando a todos cortesmente, acalmando os gritos e lamentações femininas e impedindo os ajuntamentos dos cortejos fúnebres, organizados para a lamentação de um morto. Fábio persuadiu também o senado a reunir-se em conselho, e encorajou os que exerciam as magistraturas, tornado-se ele mesmo toda sua força e virtude, porque não havia homem em exercício de cargo público que não lhe lançasse os olhos para saber o que convinha fazer.

Por sugestão sua, colocaram-se guardas nas portas da cidade, impedindo a saída de quem desejava fugir e abandonar Roma. Restringiu-se também o tempo e o local do luto, determinando-se a quem o queria manter, que o fizesse privadamente em sua casa. e apenas durante o período de trinta dias, após os quais era obrigatório suspendê-lo para que a cidade se tornasse pura e limpa de tais coisas. Sobrevindo por esses dias a festa de Ceres{434}, pareceu a Fábio melhor omitir totalmente os sacrifícios e a procissão realizada habitualmente nesse dia, para não dar a conhecer pelo pequeno número e pela tristeza dos que a iriam assistir, as proporções enormes da perda sofrida. Os deuses, além disso, sentem prazer em ser servidos alegremente por quem se sente próspero.

XXXVII. Foi feito, entretanto, tudo quanto os adivinhos determinaram para pacificar a cólera dos deuses ou afastar as ameaças de sinistros prodígios. Enviou-se ao oráculo de Apolo, na cidade de Delfos, um parente de Fábio apelidado Pictor. Duas religiosas vestais, tendo sido corrompidas, foi uma enterrada viva, segundo a lei e o costume, suicidando-se a outra. Cabe aqui admirar a grandeza da coragem dos romanos e a sua magnânima clemência. Voltando o cônsul Varrão de sua derrota, nas Condições mais deploráveis e vergonhosas possíveis sem ousar nem sequer levantar a cabeça, de tal modo se sentia humilhado e perplexo, saiu-lhe o senado, apesar de tudo, ao encontro até a porta da cidade, acompanhado de todo o povo, para recebê-lo com honra. E houve mais. Os que exerciam as magistraturas e os principais do senado, entre os quais Fábio, louvaram-no, quando se fez silêncio, por não ter desesperado da salvação da república após tão grande calamidade, mas ao contrário, ter voltado à cidade paia imprimir ordem aos negócios, usar da autoridade das leis e do serviço dos seus concidadãos, reconhecendo ainda meios de salvar-se e ressurgir.

XXXVIII. **Ele marcha com Marcelo contra Aníbal.**

XXXVIII. Quando porém souberam que Aníbal, após a batalha, voltara-se para outras regiões da Itália, encorajaram-se então de novo, e enviaram capitães e exércitos aos campos. Entre eles Fábio Máximo e Cláudio Marcelo, foram os principais. Ambos por motivos opostos, tinham adquirido louvor igual e reputação semelhante. Marcelo, como o escrevemos em sua vida, homem de execução rápida, sempre pronto, ousado de natureza, e semelhante aos que Homero chama marciais e belicosos, era próprio para arriscar-se e aventurar-se atrevidamente em qualquer perigo. Tendo de haver-se com outro capitão audaz e impetuoso como ele, agia com ousadia igual à sua em todos os recontros travados entre ambos. Fábio ao contrário, perseverando sempre em sua primeira decisão, esperava que se ninguém combatesse nem apertasse Aníbal, este se acabaria arruinando e destruindo por si mesmo, com o seu próprio exército minado à força de guerrear continuamente, como o corpo de um campeão luta dor que, por excesso de esforços, se vê aquebranta do e amortecido. Por essa razão, como escreve Posidónio, um foi chamado a espada e o outro o escudo de Roma. A firmeza e constância de Fábio em fazer a guerra com toda a segurança, sem entregar nada ao acaso, acompanhadas da clemência de Marcelo, foi o que preservou o império romano. Encontrando Aníbal a um deles em seu caminho, a todo momento impetuoso como uma torrente, via seu exército sempre abalado, contundido e cansado, enquanto o outro como um pequeno rio, deslizava suavemente por baixo, sem barulho e o ia continuamente devorando e consumindo pouco a pouco, até ver-se finalmente reduzido a tais termos que, esgotado de bater-se com Marcelo, temia também a Fábio que não combatia jamais. E durante quase todo o tempo desta guerra Aníbal viu pela frente a esses dois capitães como pretores ou cônsules, tendo sido ambos eleitos por cinco vezes ao consulado. Quanto a Marcelo, ar moulhe Aníbal, uma emboscada em seu quinto consulado, onde o surpreendeu e matou.

XXXIX. **Novas astúcias de Aníbal.**

XXXIX. Em relação a Fábio porém, ele o tentou e sondou por muitas vezes, em atalaias, ardis e embustes de toda espécie. Nada conseguiu todavia, a não ser uma vez em que chegou a perturbá-lo, julgando fazê-lo cair em sua armadilha. Aníbal nessa ocasião, contrafizera cartas missivas, como se os principais da cidade de Metaponto tivessem escrito a Fábio solicitando sua vinda para entregar-lhe nas mãos a cidade, aguardando apenas os conluiados que ele se aproximasse. Essa carta entusiasmando de certo modo a Fábio, levaram-no quase a decidir-se a ir até lá durante a noite, com parte do seu exército. Como porém os sinais dos pássaros não lhe augurassem êxito. Fábio desistiu da ideia. Pouco depois ele veio a saber que as cartas tinham sido habilmente forjadas por Aníbal, para apanhá-lo de surpresa em uma tocaia por ele pessoalmente preparada perto da cidade. O fato, entretanto, se deve atribuir, sem a menor dúvida, à graça dos deuses que o quiseram preservar.

XL. **Fábio mantém por sua doçura a cidade e o exército no cumprimento do dever.**

XL. De resto quanto às rebeliões das cidades sujeitas e ao levante dos povos aliados, Fábio era de opinião que valia mais contê-los, tratando-os com doçura e humanidade e levando-os a envergonhar-se de se agitarem sem motivo, do que ir com severidade sindicar todas as suposições, ou agir com excesso de rigor, contra os suspeitos de alguma coisa. Conta-se, a esse propósito, ter existido em sua tropa um soldado marsiano{435} de nação, pessoalmente corajoso e de estirpe tão nobre quanto as que mais houvesse entre os aliados. Esse soldado conversara com outros sobre a possibilidade de entregar-se aos inimigos. Percebendo-o Fábio, não o incriminou por isso, mas, chamando-o a si, disse-lhe «que confessava não ter feito dele a

conta merecida e por esse lapso, afirmou, censuro por ora os oficiais que distribuem as menções e honras por graça e favor e não por mérito. Doravante porém, atribuirei o erro a ti mesmo, se não te dirigires a mim de quando em quando, para me contar particularmente as tuas necessidades, nos momentos em que precisares de alguma coisa.» Dizendo essas palavras, deu-lhe um cavalo de serviço para a guerra e o homenageou com outros prêmios honrosos com que se costuma recompensar a gente de bem. Esse soldado, tornou-se daí por diante, muito fiel e devotado ao serviço dos romanos.

XLI. Fábio pensava muito acertadamente que não havia razão nenhuma para os monteiros, escudeiros e outros homens de serviço, ocupados em domesticar os animais, não procurarem vencer a rebeldia selvagem da natureza destes, mais por diligência, hábito e cuidado com o seu alimento, do que pelo açoite e a peia. Da mesma maneira segundo ele, cabia a quem se decide a dirigir os homens, usar mais paciência, doçura e clemência para corrigi-los, do que rudeza. Não seria razoável que fossem estes tratados mais áspera e duramente do que os lavradores o fazem com as figueiras, oliveiras e macieiras selvagens, as quais domesticam e amansam tão bem, que as transformam em boas figueiras, boas oliveiras e boas macieiras{436}.

XLII. **Ele engana Aníbal e surpreende Tarento.**

XLII. De outra feita, comunicaram-lhe alguns oficiais que um dos seus soldados se afastava frequentemente do acampamento, abandonando seu posto. Perguntou-lhe Fábio como se comportava ele quanto ao resto. Responderam todos unanimemente, que era um ótimo homem de guerra, sendo difícil encontrar outro igual em toda a tropa. Narraram-lhe, ao mesmo tempo, algumas proezas notáveis e outras provas que havia dado. Fábio, em consequência, fez inquirir cuidadosamente a razão pela qual abandonava o campo com tanta frequência e verificou que ele se apaixonara de uma jovem e por esse motivo deixava sempre seu posto para vê-la arriscando muito a própria vida, em virtude da grande distância do lugar do encontro. Ciente do fato, sem que o soldado o soubesse, Fábio enviou gente para prender a moça escondendo-a depois em sua tenda. Chamou em seguida o soldado, lucaniano de nação, e tomando-o à parte, disse-lhe: «Estou bem ao par de teres dormido muitas noites fora do campo, contra as leis e ordenações militares dos romanos. Soube também, em todo caso, que és homem de bem quanto ao mais. Perdoo-te portanto as faltas passadas, em consideração dos teus bons serviços. Doravante porém, te porei sob a guarda de quem me dará conta de ti.» O soldado espantou-se muito de ouvir essas palavras e Fábio, fazendo sair sua amiga, entregou-lha dizendo: «A esta caberá responder perante mim, que daqui por diante ficarás conosco no campo. Cabe-te a ti alias, convencer-nos que não era por outra razão condenável que tu escapavas, servindo-te do amor como pretexto.» Eis o que se encontra escrito a esse propósito.

XLIII Fábio, de resto, reconquistou pela maneira seguinte a cidade de Tarento que lhe tinha sido arrebatada por traição: havia em seu campo um jovem tarentino irmão de uma moça da cidade que lhe era muito submissa e o amava sinceramente. Era seu amante um capitão brúcio de nação, um dos que Aníbal tinha encarregado da guarda da cidade. O fato deu esperança e possibilidade ao moço tarentino de levar a cabo sua empresa. Obtendo consentimento de Fábio penetrou em Tarento, dando a entender que ele queria, a qualquer preço retirar-se para junto da irmã. Durante os primeiros dias de sua permanência, o capitão brúcio dormiu sozinho, à parte, a pedido da moça, convencida de que o irmão ignorava seu caso. Após alguns dias porém, tomou-a o jovem à parte e disse-lhe: «Minha irmã, era muito comentado até no campo dos romanos, que estavas sendo sustentada por um dos chefes desta guarnição. Peço-lhe me digas quem é ele. Desde que se trate de um bom companheiro, digno também, como consta, e dado que a guerra confunde todas as coisas, o fato não tem maior importância. Não há nada de desonesto naquilo que se faz constrangido e constitui grande

felicidade, em tempos onde o direito e a razão não têm lugar, te encontrares ao menos entre as mãos de um senhor bom e afetivo.» A moça ouvindo essas palavras, mandou procurar o capitão brúcio e o apresentou ao irmão que se pôs imediatamente, a falicitar-lhe o amor fazendo a irmã tornar-se ainda mais meiga e atraente do que antes. O capitão, por esse meio, começou a ter confiança nele, sendo fácil, daí por diante, ao moço tarentino captar e transmudar a vontade desse homem apaixonado e mercenário, na esperança dos grandes presentes que lhe eram prometidos por parte de Fábio. A maior parte dos historiadores narram assim os fatos. Há entretanto quem escreve que a mulher sedutora do capitão brúcio não era tarentina mas brúcia também, ser-vindo-se Fábio dela, no dizer desses autores, como concubina. Segundo os mesmos, tendo ela sabido que o capitão dos brúcios de guarnição em Tarento, era natural da sua própria região, mencionou o fato a Fábio e, com seu consentimento, aproximou-se das muralhas da cidade, falando de forma tão hábil com o capitão, que o seduziu.

XLIV. Enquanto porém se urdia a trama, querendo Fábio distrair e afastar Aníbal desse setor, escreveu à gente de guerra favorável aos romanos de guarnição na cidade de Rege,{437} determinando-lhe que penetrasse no país dos brúcios e fosse sitiar a cidade de Caulonia para arrasá-la e destruí-la. Essa gente que atingia o número aproximado de oito mil homens, era composta de traidores na maior parte, tendo-se bandeado de um campo para outro. Transferidos por Marcelo da Sicília para esse local, eram os mais inúteis entre os marcados de infâmia pelo seu mau comportamento. Perdendo-os, a coisa pública não sofreria grande perda nem teria motivo bastante para lamentá-los. Fábio imaginou que os expondo como isca longe das cercanias de Tarento, ele conseguiria atrair Aníbal para fora desse setor, como de fato aconteceu. Para apanhá-los insinuou-se Aníbal rapidamente com seu exército por essa região, enquanto Fábio sitiava Tarento. Seis dias depois de sua chegada o jovem que, com a irmã, tramara com o capitão brúcio, veio uma noite até ele, depois de' ter notado e assinalado o local onde ficaria de guarda o brúcio, o qual prometera deixar passar os assaltantes desse lado. Fábio todavia, não quis fundar a esperança de êxito sobre a traição do brúcio exclusivamente. É verdade que se apresentou em pessoa diante do local indicado mas sem nada tentar durante algum tempo. Enquanto isso porém fez assaltar vivamente, todos os demais lados da cidade, tanto por mar como por terra com grande rumor e gritaria. Quando o capitão brúcio viu todos os da cidade e da guarnição correrem para o local de onde vinha tanto barulho, fez sinal a Fábio de que era o momento. Foram então trazidas muitas escadas e Fábio subiu com sua tropa às muralhas apossando-se assim da cidade.

XLV. **Enormidade da presa.**

XLV. Parece entretanto, que nessa passagem ele se deixou vencer pela ambição ao ordenar antes de mais nada, a morte dos brúcios, para ninguém saber que a tomada da cidade se dera por traição. Enganou-se todavia se esse foi o seu intento, porque não somente deixou de obter a glória esperada pelo seu feito, como incorreu na censura de felonia e crueldade. Morreram, também nessa conquista, grande número de tarentinos, sendo ainda vendidos trinta mil como escravos. Toda a cidade foi saqueada e da pilhagem foram recolhidos três mil talentos ao Tesouro Público de Roma{438}. Conta-se que durante o saque, enquanto se arrecadava toda a espécie de despojos, o escrivão que fazia as anotações perguntou a Fábio o que deveria fazer dos deuses representados por quadros e imagens. Fábio ter-lhe-ia respondido: «Deixemos aos próprios Tarentinos seus deuses enfurecidos.» Ele mandou contudo, transportar para Roma a enorme estátua de Hércules existente em Tarento e colocando-a no Capitólio, fez erigir em bronze, junto a ela, sua própria imagem equestre. Fábio se mostrou nessa ocasião muito mais violento que Marcelo, ou melhor, fez ver ao mundo como era admirável a humanidade, clemência e bondade de Marcelo, como mencionamos em sua vida.

XLVI. **Segundo triunfo de Fábio.**

XLVI. Tendo tido notícias do assédio, Aníbal se pusera a caminho para vir, com a maior diligência, socorrer Tarento não conseguindo chegar a tempo ante a cidade, segundo se conta, por cerca de duas léguas e meia apenas. Quando soube com certeza da tomada da praça, disse alto e em público: «Os romanos tem também o seu Aníbal. Perdemos Tarento pela mesma maneira que a tínhamos conquistado.» Quando porém, se recolheu à intimidade, disse pela primeira vez a seus familiares, que previra, havia muito, a dificuldade de manter a Itália com as forças de que dispunha, mas só agora percebera com evidência, ser-lhe inteiramente impossível consegui-lo.

XLVII. Fábio em virtude dessa conquista, entrou em triunfo na cidade de Roma{439} pela segunda vez, sendo esse triunfo mais deslumbrante que o primeiro. Receberam-no como a um valente campeão de luta que muitas vezes, fizera frente a Aníbal, desvencilhando-se facilmente de todos os seus ardis, como se fossem assaltos e engajamentos de luta já desprovidos da força e firmeza de antigamente. O exército cartaginês, efeminado por um lado, pelas delícias e riquezas acumuladas, tornara-se, por outro, bisonho e reduzido pelos contínuos abalos e recontros sofridos.

Havia por esse tempo, um romano chamado Marco Lívio que fora governador de Tarento por ocasião de sua tomada por Aníbal. Marco Lívio conseguira manter-se na fortaleza da cidade e a tinha conservado até a volta de Tarento ao poder dos romanos. Sentiu-se ele despeitado ao ver tanta honra dispensada a Fábio e um dia, transtornado pela ambição e inveja, declarou, em pleno senado, ser a ele e não a Fábio que se devia a conquista de Tarento. Fábio se pôs a rir respondendo-lhe imediatamente: «Dizes a verdade, pois se não a tivesses perdido, eu não a poderia retomar».

XLVIII. **Seu filho é nomeado cônsul. Conduta firme e nobre do filho em relação ao pai.**

XLVIII. Os romanos entretanto homenagearam Fábio em tudo e especialmente elegendo cônsul a seu filho. Entrando este na posse de sua magistratura, despachava um dia certos negócios relativos à guerra, quando seu pai, ou por debilidade senil, ou por querer experimentar o filho, veio a seu encontro a cavalo, passando através do ajuntamento de gente que, a seu redor, tinha assuntos a tratar com ele. O jovem vendo de longe a Fábio, não o quis tolerar e lhe enviou um oficial para convidá-lo a desmontar e aproximar-se a pé, caso tivesse algo a fazer junto ao cônsul. Essa ordem desagradou a todos os assistentes, que, sem dizer palavra, lançaram imediatamente os olhos sobre Fábio, como se considerassem o agravo feito a sua grandeza. Ele porém, apeou imediatamente apressando-se em ir abraçar e acarinhar o filho, dizendo: «Tens razão, meu filho, e fazes muito bem em demonstrar que sabes a quem podes comandar, conhecendo a grandeza da autoridade consular recebida por ti. Esse é o verdadeiro meio pelo qual nós e nossos antepassados, aumentamos o império da cidade, considerando mais caros, o bem e a honra do país, do que pai, mãe ou filhos.

XLIX. **Mérito brilhante do avô e bisavô de Fábio.**

XLIX. Conta-se, na verdade, que o bisavô de Fábio, embora a maior e mais venerada

personagem de Roma em seu tempo, tendo sido cônsul cinco vezes e obtido muitos triunfos por suas grandes e gloriosas vitórias, não hesitou em ir à guerra sob o comando do filho como seu oficial ao ser este eleito cônsul. E quando o filho voltou finalmente vitorioso, entrando na cidade em seu carro triunfal, tirado por quatro cavalos, ele o seguiu montado juntamente com a tropa dos demais, vangloriando-se de, não obstante ter por direito de autoridade paterna o domínio sobre o filho, e de ser, reconhecidamente, o maior dentre os cidadãos, sujeitar-se apesar disso à lei e ao magistrado sobre o qual recaía a autoridade da mesma. Fábio entretanto tinha outras virtudes que o faziam ainda mais admirável. Tendo seu filho morrido antes dele, suportou o golpe com moderação, como homem cheio de sabedoria e como bom pai. Sendo costume que, à morte de pessoas ilustres, seus parentes mais próximos fizessem uma oração fúnebre em seu louvor, durante o enterro, ele mesmo a fez em honra do filho, pronunciando-a na praça publicamente. E fez mais: redigiu-a por escrito e publicou-a.

L. **Cipião é enviado à Espanha. Contra o parecer de Fábio ele leva a guerra à África.**

L. Por volta desse tempo, Cornélio Cipião foi enviado à Espanha{440} de onde expulsou os cartagineses após vencê-los em muitas batalhas. Tendo conquistado muitas grandes cidades, deixou ali, em alta reputa ção os negócios de Roma, razão pela qual, ao voltar, foi honrado, amado e estimado tanto ou mais que nenhum outro na cidade. Considerou por isso ao seu eleito cônsul, que o povo romano aguardava e exigia dele algo maior que dos demais. Pensou assim que, dedicar-se ao combate de Aníbal dentro da Itália, seria insistir na velha técnica que tresandava já a senilidade. Resolveu portanto consigo mesmo, ir imediatamente exibir as armas romanas na África e pilhar o país até as portas da própria Cartago, transferindo a guerra da Itália à Líbia. Esforçou-se então, por todos os meios, para fazer entrar seu plano na cabeça do povo, a fim de que este o aceitasse como bom. Fábio, ao contrário, persuadido de que a empresa do jovem estouvado ia precipitar a república em grave perigo, esmerou-se em mergulhar Roma no maior terror possível, sem poupar palavra nem ato, que pudessem servir para afastar o povo dessa ideia. E soube falar e agir tão bem que levou o senado a adotar sua opinião. O povo, entretanto, supôs ser por inveja à glória de Cipião que ele procurava todos os meios para deter o curso de sua boa estrela. Segundo a opinião popular, ele temia que, se por acaso Cipião realizasse algum feito grande e memorável como o de terminar totalmente a guerra, ou expulsar Aníbal para fora da Itália, pudesse parecer que ele Fábio se conduzira com excessiva frouxidão e moleza, permitindo a luta arrastar-se por tanto tempo.

LI. Quanto a mim, acredito que, a princípio, o que moveu Fábio a contradizer Cipião, não foi outra coisa senão o cuidado com a salvação da república, em virtude do grande risco inerente ao empreendimento. Mas penso também que ele ultrapassou finalmente o dever, insistindo com excessiva intransigência em querer impedir o crescimento de Cipião, revelando-se ambicioso ou obstinado. Note-se especialmente, sobre isso, ter ele feito tudo o que pôde, para persuadir Crasso, companheiro de Cipião no consulado,{441} a não lhe ceder nem renunciar em seu favor, o comando do exército, aconselhando-o, se lhe parecesse conveniente passar à África para guerrear os cartagineses, que, de preferência, fosse ele Crasso em pessoa, e houve mais, Fábio chegou a impedir que se entregasse dinheiro{442} a Cipião para a conduta dessa guerra. Vendo-se este constrangido, em consequência, a levantá-lo em outro lugar, arrecadou-o nas cidades da Toscana, as quais, pelo amor que lhe dedicavam, contribuíram para a realização de sua empresa. Crasso conservou-se em casa, tanto por ser pacato, naturalmente desprovido de ambição e combatividade, como porque lhe cabia a prelatura de soberano pontífice, o qual, pela lei religiosa, é obrigado a manter-se na cidade.{443} Vendo Fábio que nada conseguia por esse caminho, tomou repentinamente outro, em sua luta contra Cipião. Tratando de reter e segurar os jovens desejosos de acompanhá-lo nessa viagem, Fábio proclamava sistematicamente em todas as assembléias do senado e do povo, que a Cipião não bastava fugir de Aníbal, mas levava ainda consigo o resto das forças existentes na Itália, enchendo a juventude de infundada esperança, persuadindo os moços a abandonarem suas mulheres, pais, mães e sua terra, enquanto o inimigo, sempre vitorioso e jamais vencido, estava a suas portas. Essas palavras despertaram tal medo entre os romanos, que foi dada

ordem a Cipião de servir-se em seu empreendimento, apenas da tropa estacionada na Sicília, podendo levar além disso, excepcionalmente, trezentos homens dentre os que o tinham servido bem e fielmente na guerra da Espanha. Pode parecer até aqui, ter Fábio feito e dito tudo isso, de acordo com o seu costume e temperamento.

LII. **Cipião justifica sua ousadia com admiráveis resultados.**

LII. Mal Cipião passou à África porém, já se ouviu em Roma a notícia de proezas admiráveis. Êxitos notáveis e gloriosos de causar assombro eram comunicados juntamente com a chegada de grande quantidade de despojos e de presas, testemunhando a verdade das notícias. O rei dos Numidas apanhado; dois campos inimigos incendiados e queimados ao mesmo tempo, com a perda de grande quantidade de gente, de equipamentos e de cavalos ali consumidos; inúmeras cartas e mensageiros expressos enviados de Cartago a Aníbal, para chamá-lo de volta e suplicar-lhe que não continuasse a prosseguir numa esperança vã, jamais realizável, e viesse, o quanto antes, em socorro de seu país. Tendo Cipião adquirido em Roma, por esses resultados, tal estima e fama que não se falava senão nele, Fábio todavia requereu ainda, e foi de parecer, que se lhe enviasse um sucessor, sem alegar outra causa ou razão, a não ser as decorrentes de uma máxima vulgar: a de «que não era seguro entregar tantas e tão grandes coisas à sorte de um único homem, porque é bem difícil ser uma mesma personagem feliz em tudo e por tudo».

LII. Essa linguagem irritou de tal forma o povo, que Fábio passou a ser considerado importuno, impertinente e invejoso ou homem cuja velhice o tinha tornado covarde, mais apavorado diante de Aníbal do que de razão. Ele não deixou a alegria e segurança que iam penetrando o povo, serem totais e livres de qualquer temor e desconfiança nem mesmo quando Aníbal se viu constrangido a abandonar a Itália, de retorno à África{444}. Ia dizendo sobre isso, que a república, corria maior risco do que nunca, vendo-se seus negócios no maior perigo, pois Aníbal, na África, diante das muralhas da própria Cartago, seria duro de resistir como jamais tinha sido. Cipião encontraria ali, um exército ainda quente do sangue de numerosos pretores, ditadores e cônsules romanos por ele vencidos na Itália. Diante dessa linguagem a cidade sentiu-se de novo profundamente perturbada, e embora a guerra tivesse sido transferida da Itália para a África, passou-se a considerar a ameaça cada vez mais próxima de Roma. Pouco tempo depois porém, Cipião, vencendo Aníbal em batalha campal{445}, batendo e calcando aos pés a glória e o orgulho de Cartago, provocou em seus concidadãos uma alegria maior do que jamais haviam esperado. Com esse resultado restabeleceu-se a segurança do Império Romano, tão abalada pouco antes.

LIV. **Morte de Fábio antes do fim da guerra. Suas exéquias a expensas do público, que o chora como pai do povo.**

LIV. A vida de Fábio, entretanto, não se prolongou até o fim dessa guerra. Não pôde, ouvir, enquanto vivo, a notícia da derrota{446} de Aníbal, nem contemplar a grande e segura prosperidade do seu país. Por volta do tempo em que Aníbal deixou a Itália ele foi atacado de uma doença da qual veio a morrer. Narra a história, que os Tebanos sepultaram Epaminondas a expensas pública s, por ter ele falecido em tão grande indigência que, após sua morte, não se encontrou nada em sua casa, a não ser um pequeno espeto de ferro{447}. Os romanos porém, não inumaram o corpo de Fábio à custa da república, mas sim contribuindo cada um dos cidadãos com a menor moeda{448} então existente. E isso, não porque lhe faltassem bens para o sepultamento, mas para honrar-lhe a memória, custeando-lhe as exéquias, como a pai comum. Fábio recebeu assim, pela sua morte, a homenagem adequada à sua vida de virtude.

A COMPARAÇÃO ENTRE PÉRICLES E FÁBIO MÁXIMO

É isso o que se encontra escrito a respeito dessas duas grandes personagens. E como acontece terem ambas deixado belos exemplos de virtude, tanto em assunto de guerra como de governo, comecemos a confrontá-los. Péricles, em primeiro lugar, veio à direção dos negócios de sua república, quando o povo ateniense estava no ápice de sua prosperidade, na flor do seu poder e em abastança maior do que jamais estivera antes e que jamais veio a superar. Poderia parecer ter sido essa a causa de Péricles ter mantido seu país firme, em perpétua segurança sem nunca sucumbir. Não teria sido tanto por seu valor, como pela pujança e florescimento gerais. Os atos de Fábio, ao contrário, se verificaram nos tempos mais infelizes e humilhantes de seu país, durante os quais ele não conserva apenas sua cidade na plenitude de seus bens, mas tirando-a do estado calamitoso em que se encontrava, a reconduz a uma situação melhor.

II. As venturosas façanhas de Cimon, as vitórias e troféus de Mirônides e Leocrates e os diversos grandes e belos feitos de armas de Tolmides, deram a Péricles os meios de manter sua cidade em festas e jogos, enquanto esteve no governo. Não lhe foi necessário conservá-la pela força das armas, ou reconquistar o que houvesse perdido. Fábio, em contraste, vendo diante de si inúmeras fugas, derrotas e desbaratos; muitos assassínios e mortes de capitães generais dos exércitos romanos; vendo os lagos, as planícies, os bosques, cheios da sua destruição; os rios e ribeirões regorgitando até o mar, de sangue e de cadáveres, assumiu o governo de sua cidade e procedendo de forma totalmente diversa dos demais, sustentou-a e deu-lhe arrimo, impedindo-a de tombar aniquilada pela devastação e ruína, causadas por outros.

III. Poder-se-ia também dizer, entretanto, que não é tão difícil dirigir uma cidade humilhada pelo revés, a qual se deixa governar pelo mais sábio, constrangida pela necessidade, quanto conseguir refrear a altivez e insolência de um povo envaidecido e educado em longa prosperidade, como Pericles conseguiu dos atenienses.

IV. A grande quantidade de tantos e tão graves desastres que caíram sobre os romanos, revelou também a Fábio, como personagem grave e constante, que não se deixava arrastar pela gritaria da plebe, nem jamais se divorciava de suas primeiras decisões.

V. E pode-se opor à tomada de Samos, que Péricles conquistou pela força, a recuperarão de Tarento; à ilha de Eubéia, a das cidades da Campânia{449} obtidas por Fábio, excetuada a de Cápua que foi reconquistada pelos cônsules Frúrio{450} e Ápio. Parece todavia, não ter Fábio jamais vencido qualquer batalha a não ser aquela em virtude da qual obteve o triunfo pela primeira vez. Péricles, em contraste, levantou nove troféus de batalhas e vitórias obtidas tanto por mar como por terra.

VI. É verdade também que não se poderia alegar um ato de Péricles semelhante ao de Fábio, quando arrancou Minúcio das mãos de Aníbal e preservou um exército inteiro dos romanos. Foi essa, sem nenhuma dúvida, ação digna de grande glória, tendo, como teve, sua origem em sua coragem, sabedoria e bondade, conjuntamente. Jamais entretanto, cometeu Péric les um erro semelhante ao de Fábio ao ver-se iludido e superado por Aníbal no estratagema dos bois,

ocasião na qual encontrando o inimigo que, por uma infelicidade se encerrara a si mesmo em um vale, deixou-o escapar, à noite por sua sutileza e de dia por sua força. Fábio, superado então, por contemporizar excessivamente, foi batido por aquele a quem tivera dominado.

VII. E se, a um bom capitão cabe não só usar corretamente, em um momento dado, aquilo que tem nas mãos, mas também prever com sabedoria o futuro, veja-se que a guerra de Atenas terminou exatamente na forma prevista por Péricles. Por ambição de querer expandir-se em excesso, perderam os atenienses, seu estado. Os romanos, ao contrário, enviando Cipião à África para ali fazer a guerra aos cartagineses, obtiveram tudo quanto quiseram.

Seu capitão venceu os inimigos, não por acaso, mas por valentia e ação. A capacidade de Péricles na previsão do futuro foi testemunhada pela ruína posterior do seu país. O erro de Fábio, foi demonstrado pelo feliz resultado da empresa que ele pretendeu impedir. Ora, tanto é falha num capitão sofrer alguma dificuldade não esperada ou prevista, como, por desconfiança, deixar passar a ocasião propícia para um grande empreendimento, quando essa ocasião se apresenta. Em ambos os casos, é a mesma falta de experiência que engendra a temeridade de um e tira a segurança do outro. Isso quanto a seus leitos de guerra.

VIII. Quanto aos atos do governo civil, é Péricles altamente passível de censura por ter sido o autor da guerra. Considera-se realmente ter sido ele apenas o seu causador, obstinando-se em nada ceder aos lacedemônios. Cabe-se ponderar, entretanto, que Fábio Máximo também, nada concedeu aos cartagineses, fazendo frente, ousada e corajosamente a todo o perigo, para manter, contra eles, o império do seu país. A mansuetude e clemência porém, reveladas por Fábio em relação a Minúcio, condenam bastante as lutas e manobras de Péricles contra Cimon e Tucídides, ambos gente de bem e de honra, partidários da nobreza, expulsos e banidos por ele da cidade em certo momento. A autoridade e o poder de Péricles eram também maiores em sua república. Ele impediu cm seu tempo, por meio dessa autoridade, que qualquer capitão viesse a exercer a própria loucura e teme ridade, em detrimento público. Excetuou-se apenas Tolmides que lhe escapou e, contra sua vontade, foi chocar-se contra os beocianos, entre os quais sucumbiu. Todos os demais aderiram a ele, submetendo-se à sua orientação, tão grande era seu prestígio. Fábio, nesse campo, embora pessoalmente não cometesse falta, agindo sempre com segurança, parece incompleto, a esse respeito, por não ter sido bastante forte para impedir os erros alheios. Os romanos não se teriam precipitado em tantas calamidades, se ele, em Roma, detivesse tanta autoridade quanto Péricles em Atenas.

IX. Em relação à liberalidade, um a demonstrou não querendo aceitar dinheiro a ele oferecido, e outro dando-o aos necessitados e resgatando seus concidadãos prisioneiros. É de considerar-se todavia que ele não despendeu soma muito grande em dinheiro, mas apenas cerca de três mil e seiscentos escudos{451}. Não seria fácil, em relação a isso, calcular quanto Péricles poderia acumular em dinheiro e presentes, valendo-se do seu poder, tanto dos súditos e dos próprios aliados, como de reis e príncipes estrangeiros. Ele, no entanto, conservou as mãos sempre limpa de toda a concussão.

X. Quanto ao mais porém, em relação à beleza e pompa dos templos, obras e edifícios públicos, nem todos os ornamentos em conjunto, existentes em Roma antes do tempo dos Césares{452}, podem ser comparados àqueles com que Péricles embelezou e ornou a cidade de Atenas. Não há proporção nem paralelo entre a deslumbrante suntuosidade e esplendor de uns e outros.

Alcibíades

Desde o quarto ano da octogésima quarta olimpíada até o primeiro ano da nonagésima quarta; 404 anos A. C.

Antiguidade e nobreza da casa de Alcibíades.

A raça de Alcibíades, do lado de seu pai, descendia, na antiguidade, de Eurisace, filho de Ajax, e do lado materno de Alcmeão pois sua mãe, Dinomaca, era filha de Mégacles. Tendo seu pai Clínias, armado e equipado uma galera à sua custa, obteve grande honra na batalha naval, travada ao longo da costa de Artemísio, morrendo depois em outra batalha contra os beocianos perto de Coronéia. Foram tutores do seu filho, Péricles e Arifron, filho de Xantipo, ambos próximos parentes seus. Conta-se, e é verdade, que a amizade e benevolência de Sócrates foram muito úteis à glória de Alcibíades. Evidencia-se o fato, tendo em vista que não se conhece de Nícias, Demóstenes, Lâmaco, Fórmio, Trasíbulo e Teramene, personagens afamadas de seu tempo, nem sequer os nomes das respectivas mães. Sabemos, ao contrário, de Alcibíades até que sua ama era lacedemônia e se chamava Amicla. Seu pedagogo tinha por nome Zopiro, como, a respeito de uma e de outro escrevem Antístenes e Platão.

Beleza de Alcíbiades

II. Quanto a sua beleza, já não é necessário dizer nada. Direi somente, de passagem, que ela se manteve sempre florescente, na sua infância e adolescência, conservando-se perfeita em sua maturidade. Alcibíades se manteve assim, atraente e agradável em todas as estações de sua vida, muito embora não seja universalmente verdadeiro o dizer de Eurípides «que para os belos é também bela a última quadra». Foi essa porém uma característica própria e peculiar de Alcibíades em virtude do equilíbrio perfeitamente harmônico de seu corpo. Conta-se ainda que ele não pronunciava muito bem o «R», o que não lhe ia mal, atribuindo uma certa graça ingênua e atraente ao seu modo de falar. O próprio Aristófanes a isso se refere em uma passagem{453} onde zomba de Teoro, imitando a fala de quem pronuncia mal o «R»:

Olha bem a face de Teolo,

Dizia-me em seu lambdacismo

O filho tão belo de Clínias:

Vê bem! ele tem a cabeça de um colvo{454}.

Sua maneira de pronunciar o «r»

Fê-lo, em verdade, acertar esse golpe.

Arquipo, também, um outro poeta, ao burlar-se do filho de Alcibíades disse:

Para parecer que o veem

Semelhante em tudo a seu pai,

ele arrasta as vestes pela praça

Caminhando molemente;

Deixa de lado, seu modo de falar,

E simula um lambdacismo, com o pescoço inclinado.

Seus costumes.

III. Seus costumes mudaram e se transformaram muitas vezes, com o tempo, o que não deve espantar, visto as grandes empresas e casos nos quais, depois, se envolveu. Entre as muitas paixões a que foi sujeito por natureza, a mais forte e veemente era a de querer se impor em todas as coisas e ser o primeiro em tudo. Isso transparece de alguns fatos e ditos notáveis de sua infância, recolhidos de mem ória. Certo dia em que se divertia lutando, viu-se, por acaso, bastante apertado pelo companheiro, e em risco de ir ao chão. Tanto fez porém, que conseguiu aproximar a boca do braço do antagonista, mordendo-o com tanta força que parecia querer devorar-lhe a mão. O outro sentindo a mordida, abandonou incontinente a presa e lhe disse: «O que é isso, Alcibíades, tu mordes como mulher?» «Não, respondeu ele, como leão». Sendo ainda menino, ele jogava certa vez, com outros companheiros, o jogo dos ossinhos de carneiro. Surgiu casualmente, um carro inteiramente carregado. Alcibíades solicitou ao carroceiro que esperasse um pouco até ele terminar seu jogo, porque os ossinhos haviam caído justamente no lugar por onde devia passar o carro. O carroceiro foi grosseiro bastante para não concordar, tocando os cavalos, não obstante os rogos de Alcibíades. As outras crianças se afastaram para deixá-lo passar. Alcibíades porém, lançou-se ao chão e estirando-se diante do carro, disse ao homem que passasse se era esse o seu desejo. Atemorizado o carroceiro deteve precipitadamente os cavalos, enquanto os vizinhos, percebendo o incidente, acorriam gritando para o local.

Seu amor à decência.

IV. Quando depois começaram a fazê-lo estudar, ele obedeceu de boa vontade a todos os outros mestres que lhe quiseram ensinar qualquer coisa. Negou-se por exceção, a aprender flauta, declarando que não era arte honesta nem digna de um gentil-homem. Afirmava ele que o uso{455} da rabeca e do arco em nada prejudica, nem a atitude nem a forma do rosto conveniente a um fidalgo. Quando alguém sopra a flauta porém, o rosto se altera e se transforma tanto, que os mais íntimos mal podem reconhecê-lo. A lira e a rabeca,{456} além disso, não impedem a quem as toca de cantar e falar, enquanto a flauta cerra de tal forma a boca do tocador, que lhe inibe não somente a palavra mas também a voz: «Portanto, dizia ele, deixemos a flauta para os filhos dos tebanos, que não sabem falar. Nós outros at enienses, como nos ensinam nossos pais, temos por protetores e patronos do país, Palas e Apolo. Um lançou fora a flauta, como se conta, o outro esfolou vivo o flautista.» Alegando essas razões, Alcibíades, meio brincando meio sério, não somente desistiu de aprender a tocar flauta, como desviou dela seus companheiros, porque correu imediatamente, de mão em mão en tre as crianças, que Alcibíades, com boas razões, odiava e desprezava a flauta, zombando de quem aprendia a tocá-la. A impressão foi tal que, mais tarde em Atenas, foi essa arte excluída de entre as artes honestas e os exercícios liberais, sendo a flauta desonrada e tida por instrumento infame.

Censuras feitas à sua juventude.

V. Quanto ao mais, acha-se escrito num libelo difamatório, composto contra Alcibíades por um certo Antif on que, quando ainda menino, ele fugiu da casa dos seus tutores refugiando-se na de Demócrates, um dos seus apaixonados. Arifron, um dos tutores, foi de parecer que o fizessem apregoar pela cidade. Péricles entretanto o dissuadiu, dizendo que, se por acaso, Alcibíades estivesse morto, eles viriam a sabe-lo pelo pregão, com um dia de antecedência apenas, enquanto, se estivesse vivo, seria desonrado pelo mesmo pregão, pelo resto de sua vida, sendo para ele, nesse caso, melhor perder-se totalmente. Alcibíades foi, além disso, censurado por ter morto com um golpe de bastão, no ginásio de Sibirtio, a um dos servos encarregados de segui-lo por toda a parte. Não é, contudo, razoável, dar fé a tudo quanto diz um indivíduo que confessa injuriá-lo expressa mente por inimizade pessoal.

Sua amizade e respeito por Sócrates.

VI. Houve, bem cedo, em torno de Alcibíades, muita gente de qualidade e importância para acarinhá-lo, esforçando-se por cair em suas boas graças. Davam todos a entender, assaz evidentemente, que o seguiam pela sua extraordinária e singular beleza. Excetuava-se apenas Sócrates, cujo amor constitui grande testemunho, de que o rapaz nascera realmente para a virtude. Percebendo-a Sócrates, reluzente através da beleza corporal de seu rosto, e temendo as riquezas, a dignidade, a autoridade, e o grande número de pretendentes que o perseguiam, tanto entre as principais personagens da cidade como entre estrangeiros, desejosos todos de atraí-lo pela lisonja e seduções do prazer, resolveu intrometer-se para defendê-lo e não permitir que uma planta tão bela viesse a perder ou estragar seu fruto ainda em flor. Porque jamais a fortuna deu tanto apoio e cercou exteriormente um homem, com o que, vulgarmente se chamam seus dons, impedindo que a filosofia o atingisse com suas livres advertências severas e pungentes, como o fez com Alcibíades. Ele foi, a princípio, cercado de delícias e bloqueado pelos que lhe subministravam todos os prazeres e voluptuosidades, para impedi-lo de escutar a palavra de quem queria instruí-lo no bem e ensiná-lo. Sócrates, entretanto, reconheceu, apesar disso, a bondade de sua natureza, e o aproximou de si, repelindo e afastando os outros ricos e poderosos enamorados. Alcibíades, tornou-se assim, imediatamente, familiar seu, e se dispôs a ouvir seus discursos, não de homem que andasse à procura de nenhum gozo desonesto, nem atrás de beijos e contactos, mas de alguém que o advertia, censurando as imperfeições de sua alma, e rebaixava seu orgulho e presunção. E assim, como se diz num provérbio comum:

ele abaixou a asa, como um galo Que vai fugindo ao choque do combate,

e considerou que toda a insistência e afeição de Sócrates junto aos jovens, era, em verdade, uma intromissão dos deuses, e um meio de que usavam com quem queriam preservar e induzir no caminho da salvação.

Generosidade de Sócrates

VII. Ele começou em consequência, a desprezar-se a si próprio admirando Sócrates, recebendo o prazer de seu carinho e ao mesmo tempo reverenciando sua virtude. Sem que ele

o percebesse, foi-se assim formando em seu coração, uma imagem de amor, ou antes um contra-amor, como diz Platão, isto é um amor santo e honesto. Foi tal sua impress ão que todo o mundo se espantou de vê-lo constantemente, beber, comer, divertir-se, lutar e habitar com Sócrates, em tempo de guerra, e ao contrário, tratar com rudeza seus demais apaixonados, sem conceder-lhes a menor vantagem. Ele chegou mesmo a portar-se, de forma ultrajante em relação a alguns, como aconteceu com Anito filho de Antemion. Era este um dos que o amavam e certa vez, como oferecesse um festim a alguns amigos estrangeiros que o tinham vindo visitar, convidou também Alcibíades. Recusando-se este, conservou-se em casa num banquete em companhia de outros companheiros. Depois de ter bebido muito, foi até à residência de Anito e detendo-se à porta da sala, viu a mesa e o aparador cobertos com a baixela de ouro e prata e determinou a seus servos que tomassem a metade dela e a trouxessem para sua casa. Depois de obedecido, retirou-se sem dignar-se entrar. Os estrangeiros presentes ao festim, acharam muito estranha sua atitude, declarando que ele se comportara de forma muito ofensiva e soberba para com Anito: «Mas não, disse-lhes Anito, ele foi extremamente gentil; podia ter levado tudo, e deixou-nos a metade.»

VIII. Alcibíades tratava da mesma maneira os demais apaixonados seus, com exceção de um estrangeiro que viera habitar Atenas. Pobre, como se conta, vendeu este o que possuía e reunindo a soma de cem «stater es»[{457}] levou-a a Alcibíades, rogando-lhe que a aceitasse. Alcibíades se pôs a rir, e satisfeito com a sua boa vontade, convidou-o para cear com ele tratando-o bem e oferecendo-lhe boa mesa. Logo depois da ceia, devolveu-lhe o dinheiro dele minando-lhe que no dia seguinte não faltasse ao local onde se concediam as rendas públicas a quem mais desse para ali fazer o maior lanço, cobrindo o de todos os demais. O infeliz quis escusar-se alegando serem as concessões excessivamente caras para ele. Alcibíades ameaçou fazê-lo açoitar se ele não concordasse, porque além de querer ser-lhe útil, tinha uma certa rivalidade particular contra os arrendatários costumeiros. No dia seguinte de manhã, estava o estrangeiro na praça, no lugar onde se adjudicam as rendas, e fez o lanço de um talento[{458}]. Os outros arrendatários irritando-se muito com isso, ligaram-se contra ele, exigindo que indicasse, prontamente, seu responsável, supondo que ele jamais encontraria quem lhe quisesse dar caução. O estrangeiro, muito perturbado, começava já a recuar, quando Alcibíades gritou de longe, alto, aos oficiais que presidiam ao leilão: «Eu respondo por ele. Inscrevei-me. Ele é amigo meu». Os arrendatários ouvindo isso, já não souberam o que dizer ou fazer, porque acostumados sempre a pagar a renda dos anos precedentes com a dos subsequentes, viam-se privados desse meio de quitar-se com o público. Não encontrando melhor expediente, suplicaram-lhe que aceitasse uma peça de prata para desistir do negócio. Alcibíades porém não permitiu que ele recebesse menos de um talento, concordando com isso os arrendatários. Só assim Alcibíades autorizou a desistência, tornando-se, por isso causa do lucro obtido por esse pobre estrangeiro.

IX. O amor de Sócrates, embora contasse com grandes e poderosos adversários, detinha algumas vezes a Alcibíades, pela sua delicadeza e por meio de belos discursos e sérias advertências que lhe fazia. Suas razões o tocavam ao vivo e o comoviam até as lágrimas. Outras vezes porém, deixando-se levar pelo engodo dos aduladores, que lhe propiciavam todos os prazeres e volúpias, ele se furtava a Sócrates e era preciso que este corresse atrás dele para retomá-lo, como se fosse um escravo fugido da casa do senhor. Porque Alcibíades temia exclusivamente a Sócrates, a quem reverenciava, desprezando todos os demais. A esse propósito, costumava dizer o filósofo Cleanto, que Sócrates mantinha o jovem amado, seguro apenas pelas orelhas, enquanto este dava a seus concorrentes muitas outras formas de o pegarem às quais Sócrates não desejava recorrer. Queria significar com isso, a bebida, a comida e outros prazeres desonestos. Porque, em verdade, Alcibíades, era por natureza, muito fácil de ser levado aos desmandos, e é talvez, o que Tucídides quis exprimir quando escreveu sobre a desordem de sua vida particular. Aqueles entretanto, que o estragavam, aderiam cada vez com mais afinco à sua ambição e ânsia de glória, pondo-lhe na cabeça que ele devia empreender, antes do tempo, todas as grandes coisas, Faziam-no assim, crer que, mal come çasse a intrometer-se na direção dos negócios públicos, não só obscureceria e apagaria todos os demais governadores, mas chegaria mesmo a ultrapassar a autoridade e o poder d e Péricles entre os gregos. Da mesma forma que o ferro mole e fundido pelo fogo,

endurece de novo pela ação do frio, fechando-se em si mesmo, Alcibíades também, inchado de vaidade e de presunçosa confiança em si, todas as vezes que Sócrates o recuperava, contraía-se com as suas censuras, tornando-se pequeno e humilde quando vinha a reconhecer suas múltiplas falhas, e como estava longe da verdadeira virtude.

X. Um dia porém, já tendo ultrapassado a infância, ele entrou em uma escola de gramática e pediu ao mestre qualquer livro de Homero. O mestre respondeu-lhe não possuir nenhum exemplar. Deu-lhe Alcibíades uma bofetada e saiu. Outro gramático disse-lhe, certa vez, que ele tinha um Homero corrigido por suas próprias mãos. Alcibíades replicou: «E por que te divertes a ensinar as primeiras letras aos meninos, se és suficiente para corrigir Homero? Por que não te pões a ensiná-lo aos jovens?» Querendo uma outra vez, falar com Péricles, foi bater-lhe à porta. Responderam-lhe que ele não tinha tempo de falar com ele, pois estava só, pensando na maneira de prestar suas contas aos atenienses: «Mas como! disse Alcibíades ao retirar-se, não seria melhor que ele pensasse na maneira de não precisar prestá-las de todo?»

XI. Quanto ao mais, sendo ainda jovem, ele tomou parte{459} na viagem de Potideia, onde se alojou sempre em companhia de Sócrates, mantendo-o permanentemente a seu lado em todos recontros e escaramuças em que se envolveu. Entre esses choques houve um bastante áspero, onde ambos se comportaram muito bem, sendo ferido Alcibíades, Sócrates lançou-se diante dele para cobri-lo e o socorreu tão eficientemente, à vista de todo o mundo, que o salvou com suas armas, impedindo estas de caírem em poder dos inimigos. De acordo com o direito e a razão era devido a Sócrates, sem nenhuma dúvida, o prêmio de honra desse combate. Os capitães, entretanto, desejavam deferi-lo a Alcibíades porque pertencia a uma casa grande e nobre. O próprio Sócrates, querendo aumentar-lhe e aguçar sua ambição de honra e de glória por coisas honestas e louváveis, foi o primeiro a testemunhar que Alcibíades o tinha merecido e a pedir aos capitães que lhe adjudicassem a coroa e o arnês completos.

Casamento de Alcibíades.

XII. Após a batalha de Delio, tendo sido vencidos e desbaratados os atenienses, retirava-se Sócrates a pé, com poucos companheiros. Alcibíades, a cavalo, tendo-o encontrado, não quis passar adiante, mas o acompanhou e defendeu contra uma tropa de inimigos que o perseguia e matava muitos homens do seu grupo. Isso porém, aconteceu algum tempo depois. Antes disso ele deu um tapa em Hipônico, pai de Calias, homem dos maiores e dos mais poderosos da cidade, tanto pela nobreza de sua casa como por seus bens e riqueza. Alcibíades não agiu movido pela raiva, nem por nenhuma rixa que tivesse com ele. Fê-lo apenas por brincadeira em virtude de uma aposta com seus companheiros. Essa insolência foi, imediatamente, disseminada e divulgada pela cidade, e não havia ninguém, como é fácil de imaginar, que não considerasse o ato extremamente condenável. No dia seguinte de manhã, porém, Alcibíades dirigiu-se à casa de Hipônico, e batendo à porta, entrou e se desnudou diante dele, entregando-lhe o corpo para o açoite e o castigo que entendesse aplicar-lhe. Hipônico perdoou-lhe então a falta, acalmando-se totalmente sua ira. Mais tarde deu-lhe em casamento sua filha Hiparete. Há, todavia, quem diga que não foi Hipônico quem lha deu, mas Calias seu filho, com dez talentos{460} de dote. Depois entretanto, do nascimento do primeiro filho, Alcibíades pediu mais dez talentos, dizendo que assim lhe fora prometido no contrato de casamento, caso sua mulher viesse a procriar. Calias porém, temendo que se. tratasse de pretexto para matá-lo em qualquer cilada, e obter assim a herança de seus bens, declar ou publicamente ao povo, que ele constituía Alcibíades seu herdeiro universal, caso viesse a falecer sem filhos de seu próprio sangue.

XIII. Esta Hiparete. honesta e fiel a seu marido, despeitou-se profundamente com a ofensa que este lhe fazia, sustentando muitas cortesãs, tanto da própria cidade como estrangeiras e deixou a sua casa, retirando-se para a do irmão. Alcibíades não se preocupou com isso nem deu outra importância a não ser a de solicitar-lhe que fosse ela mesma levar ao juiz a declaração dos motivos do seu divórcio, não o fazendo por interp osta pessoa. Indo ela em consequência, propor pessoalmente sua separação, como a lei exigia, Alcibíades que ali também se encontrava, apoderou-se dela e carregou-a pela praça até sua casa, sem que ninguém ousasse intrometer-se para impedi-lo ou para arrebatá-la de suas mãos. Hiparete permaneceu ali até sua morte q ue se verificou logo depois durante uma viagem de Alcibíades à ilha de Éfeso. Essa violência não foi considerada nem ilícita nem inumana pois parece que a razão pela qual a lei determinava à mulher pretendente ao divórcio, que comparecesse, em pessoa, diante do magistrado para expor seus motivos, era a de dar ao marido meios para falar com ela e esforçar-se assim, para retê-la consigo.

XIV. Alcibíades tinha um cão magnífico e de tamanho descomunal, que lhe custara setecentos escudos{461}. Cortou-lhe todavia a cauda, seu mais belo ornamento. Seus familiares o repreenderam, dizendo-lhe que ele tinha dado muito o que falar a todo mundo, sendo geral a censura contra ele pela inutilização de um tão soberbo animal. Alcibíades disse-lhes rindo: «Não peço outra coisa senão isso. Quero que os atenienses sigam cacarejando sobre o fato, e não digam nada pior de mim».

Ele toma parte nos negócios públicos.

XV. Conta-se quanto ao resto, que sua estreia em uma oração pública e sua primeira intromissão nos negócios de Atenas, se deu por ocasião{462} de uma dádiva em dinheiro feita por ele ao povo. Alcibíades não projetara antecipadamente a doação; passando, certo dia casualmente, pela praça, ouviu grande alarido popular e perguntou do que se tratava. Disseram-lhe tratar-se de um dinheiro doado por alguns particulares,{463} à coisa pública. Avançando, imediatamente, Alcibíades ofereceu também do seu dinheiro. O povo ficou tão satisfeito que se pôs a gritar e a bater palmas de agradecimento. Alcibíades, muito alegre com isso, esqueceu-se de uma codorniz que trazia escondida no peito, sob as vestes. A ave, assustada com o barulho, voou. O povo continuou a gritar fazendo ainda maior barulho. Muitos se levantaram de seus lugares para correr atrás da codorniz que foi finalmente, recapturada por um piloto naval, chamado Antíoco, que a devolveu a Alcibíades, tornando-se depois muito amado por ele.

Sua eloquência.

XVI. A nobreza de sua casa, sua riqueza, suas proezas, e o grande número de seus parentes e amigos, propiciavam-lhe magnífica oportunidade para progredir no manejo dos negócios públicos. Alcibíades todavia, mais do que qualquer outra coisa, desejava fazer-se valer junto ao povo pela graça de sua eloquência. Sobre a existência real dessa eloquência, dão testemunho os poetas cômicos do tempo e além deles o demonstra Demóstenes, o príncipe dos oradores, no discurso feito contra Mídias, onde declara que Alcibíades, além de outras qualidades, fora muito eloquente. E se dermos crédito a Teofrasto, o filósofo mais curioso desses assuntos e o mais versado em história, Alcibíades era penetrante e engenhoso em inventar e imaginar o que convinha dizer como nenhum contemporâneo seu. Às vezes entretanto procurando não apenas o que cabia dizer, mas como e em quais termos seria melhor fazê-lo, não podia encontrar as palavras com bastante presteza. Ele se detinha então, abruptamente, no meio de uma proposição, sem encontrar as expressões desejadas, até que, meditando um pouco, voltava-lhe, de novo a memória.

Sua despesa em cavalos e corridas.

XVII. Era afamada a despesa que ele fazia na manutenção de cavalos de corridas nos jogos de prêmios, não somente por serem sempre os seus os mais vistosos, como pelo número dos carros que exibia. Não se conhecera até então nenhum particular, nem mesmo rei, que tivesse enviado como ele, sete carros equipados para correr nos jogos olímpicos. Jamais também existira antes quem, numa mesma corrida, tivesse levantado o primeiro, o segundo e o quarto prêmios, como narra Tucídides, ou como diz Eurípides o terceiro inclusive. Esse fato ultrapassa em brilho e glória e grandeza de todos quantos, anteriormente, se haviam envolvido nesses jogos. Eurípides escreveu sobre isso num cântico composto em seu louvor, onde se diz:

Eu quero, para exaltar teu nome,

Cantar teus louvores em verso,

Filho de Clínias. A vitória

É coisa bela e cheia de glória;

Entre todas porém, a tua é tão grande

Que nenhum grego a conseguiu tão bela:

Porque teus carros magníficos,

Ganharam nos jogos Olímpicos

O primeiro, segundo e terceiro prêmios

Da corrida. E sem esforço{464}

A tua cabeça, ornada de glória,

Foi por duas vezes, coroada

De oliveira, sendo tu, alto e bom som,

Proclamado pela voz do arauto,

Vencedor de todos os concorrentes

Que se haviam apresentado.{465}

XVIII. Essa honra porém, tornou-se ainda mais espetacular, pela preocupação de agradá-lo demonstrada pelas cidades, em recíproca emulação. Os efesianos armaram-lhe uma tenda rica e majestosamente ornada. Os de Quio forneceram-lhe forragens para seus cavalos, além de muitos carneiros e outros animais próprios para os sacrifícios. Os de Lesbos enviaram-lhe vinho e outras provisões para ajudá-lo na grande despesa que fazia, mantendo casa permanentemente aberta, com festas para grande número de convivas. A calúnia todavia, lançada contra ele ou talvez a má-fé por ele usada nessa notável ocasião, deu matéria para faiarem dele mais do que nunca. Conta-se ter existido em Atenas certo indivíduo chamado Diomedes, que aliás não era mau homem e, como amigo de Alcibíades, desejava, ao menos

uma vez em sua vida. levantar o prêmio nesses jogos Olímpicos. Foi ele avisado de que os argeus tinham um carro bem equipado, pertencente à sua república. Sabendo da grande influência de Alcibíades junto à cidade de Argos, através dos muitos amigos que ali tinha, pediu-lhe encarecidamente para comprar o carro em seu nome. Alcibíades o comprou, atribuindo-o todavia, a si próprio, sem consideração por Diomedes, o qual, desesperado, apelava aos deuses e aos homens como testemunhas da. injustiça praticada contra ele por Alcibíades. Parece ter havido um processo sobre o caso, porque Isócrates, ainda adolescente, escreveu um arrazoado e proferiu uma oração em defesa de Alcibíades, referindo-se a uma parelha de cavalos. Nesse arrazoado, entretanto, a parte adversa é chamada Tísias e não Diomedes.

Sua rivalidade com Nícias e a causa dessa rivalidade.

XIX. Mal todavia, Alcibíades se lançou nos negócios da república, ainda muito jovem, suplantou imediatamente todos os demais oradores e intermediários de governo, com exceção de dois apenas que sempre se opuseram a ele. Um foi Féaco, filho de Erasistrato e o outro Nícias, filho de Nicerato. Dos dois, Nícias já era homem maduro e adquirira reputação de notável chefe militar, enquanto Féaco, como o próprio Alcibíades, começava apenas a sobressair, pertencendo também à casa boa e nobre. Muitas coisas lhe faltavam, contudo, e entre elas especialmente a eloquência. Era mais hábil para conversar e discutir em caráter privado, do que para arrazoar e arengar publicamente em matéria contenciosa diante do povo. Tinha, como diz Eupolis:

Bastante verbo, mas nenhuma eloquência.

Ainda se encontra dele, um discurso escrito contra Alcibíades{466}. Nesse discurso ele acusa a este, entre outras imputações, de servir-se comumente em sua casa, como se fossem seus, de utensílios de ouro e prata, pertencentes à coisa pública, que eram levados com toda a pompa segundo o costume, nas procissões do povo.

XX. Ora, havia então em Atenas um certo Hi-pérbolo, nativo do burgo de Peritóide, a quem o próprio Tucídides se refere como a um mau homem, servindo de objeto a todos os motejos e zombarias dos poetas cômicos do tempo. Ele era porém, tão desavergonhado, e se preocupava tão pouco com a fama a ele atribuída que não lhe importava ser vilipendiado nem se comovia de forma alguma com o que se dizia dele. Alguns chamam a isso, sobranceria e firmeza de coragem, quando em verdade não passa de impudência, malícia descarada e irremediável maldade. ele não agradava a ninguém, mas a plebe servia-se dele frequentemente, quando queria debicar, injuriar ou caluniar as personagens de elite. O povo, assim, mantinha-se pronto quando suscitado e persuadido por este Hipérbolo, para aplicar, por maioria de votos, o exílio do ostracismo. Era costume, por esse meio, banir e pôr fora da cidade, por algum tempo, a quem se revelava mais destacado que os outros em prestígio, autoridade e poder. O povo agia por essa forma mais para satisfazer a própria inveja, do que para dar remédio a seu temor. Como era evidente que um dos três homens públicos acima mencionados seria banido, Alcibíades achou meios de reunir em um único grupo, suas três correntes e pondo-se de acordo e em contacto com Nícias, fez virar a sorte do ostracismo contra o próprio Hipérbolo que o propusera. Dizem outros que o acordo não foi feito com Nícias mas com Féaco. Seu bando, junto ao de Alcibíades, fez expulsar Hipérbolo desprevenido, porque jamais homem de baixa condição e pouca autoridade, sofrera a pena desse exílio. O poeta cômico Platão, o testemunha em sua passagem onde se refere a esse Hipérbolo, dizendo;

Embora em verdade, por seus costumes, tenha

Merecido, com justiça, isso e pior,

O certo é que ele, pessoa de condição

Tão vil, e da raça de servos,

Não era digno disso. Porque o ostracismo

Não foi inventado para tal gente.

XXI. Sobre esse assunto porém, falamos mais amplamente em outra parte. É de notar-se, voltando a Alcibíades, que ele não se aborrecia menos com a boa reputação de Nícias entre estrangeiros e inimigos, do que com as honrarias ao mesmo dispensadas pelos seus concidadãos. Nícias era hóspede público dos lacedemônios, que também se alojavam todos em sua casa quando vinham a Atenas, e a cujos prisioneiros, feitos diante do forte de Pila, Nícias dispensara o melhor tratamento possível. A paz, posterior, em virtude da qual os lacedemônios recuperaram os seus prisioneiros, tendo sido tratada além disso, por intermédio e solicitação de Nícias principalmente, passaram aqueles a amá-lo mais que nunca. Espalhara-se por toda a Grécia a fama de que Péricles acendera a guerra entre eles e Nícias a extinguira. Havia assim quem chamasse Nicium a essa paz como se dissesse, a obra-prima de Nícias. Amargurava-se Alcibíades com tudo isso e, por inveja, decidiu romper a paz a qualquer preço. Para isso, antes de mais nada, estando seguro de que os argeus não procuravam senão meio e ocasião de romper com os espartanos, a quem odiavam e invejavam, deu-lhes secret amente a esperança de uma aliança e liga com os atenienses. E, tanto através de cartas como em conversa mantida com quem tinha autoridade e crédito junto ao povo, exortou-os ao rompimento, convencendo-os de que não deviam temer os lacedemônios nem ceder-lhes em nada. Cabia-lhes ao contrário, passar-se para o lado dos atenienses, que logo se arrependeriam do acordo feito com Esparta e o quebrariam.

XXII. Tendo depois os da Lacedemônia, feito aliança com os beocianos, entregando além disso, aos atenienses a cidade de Panacte não intacta como deviam pelo tratado, mais inteiramente demolida e destruída, irritou-se Alcibíades ainda mais, e ao mesmo tempo envolveu Nícias, levando-o a cair no desagrado do povo, ao fazer contra ele acusações verossímeis. Disse que, quando capitão, Nícias jamais quisera ir capturar e forçar os lacedemônios encerrados na ilha de Esfactéria, mas que depois destes terem sido aprisionados por outros, ele achara meio de os pôr em liberdade, enviando-os para casa, num gesto agradável aos da Lacedemônia. Sendo além disso, amigo dos lacedemônios, não se impusera o dever de dissuadi-los de fazerem liga ofensiva e defensiva com os beocianos e coríntios. Ao contrário porém, quando aparecia algum povo da Grécia desejoso de tornar-se amigo e aliado dos atenienses, ele se esforçava para impedi-lo, caso isso não fosse do agrado dos lacedemônios.

Alcibíades torna Nícias suspeito e ilude os embaixadores dos. lacedemônios.

XXIII. Tendo Nícias caído em desgraça junto ao povo, pelas razões mencionadas, aconteceu, por acaso, que, a esse tempo, chegaram embaixadores da Lacedemônia{467}. Logo à sua chegada, com as palavras mais honestas do mundo, declararam ter plenos poderes para acertar e desfazer todas as diferenças existentes entre os respectivos povos, mediante condições razoáveis e equitativas. O senado os ouviu e recebeu de boa vontade e ficou

decidido que o povo se reuniria no dia seguinte para lhes dar audiência. Alcibíades temendo isso, conseguiu falar, à parte, com os embaixadores e lhes disse: «Que fazeis, senhores espartiatas? Não sabeis que o senado teve sempre o costume de tratar moderada e graciosamente com todos quantos têm assuntos a deliberar com ele, enquanto o povo, ao contrário, é altivo por natureza e ávido de grandes coisas? Se ides, ao primeiro contacto, dar a entender que viestes aqui com plenos poderes para tratar livremente sobre todos os assuntos, não percebeis que o povo há de querer forçar-vos e constranger-vos autoritariamente, a dar-lhe vossa outorga a todos os pedidos? Portanto, senhores embaixadores, se quereis levar a melhor sobre os atenienses, impedindo que eles vos constranjam a conceder-lhes, iniquamente, qualquer coisa contra o vosso desejo, aconselho-vos a deixar um pouco de lado essa simplicidade, e a propor-lhes somente como preliminar, algumas condições e artigos equitativos de paz, sem revelar vossos plenos poderes para tudo decidir. Eu de minha parte, vos auxiliarei em favor dos lacedemônios.» Jurou-lhes, com essas palavras, que agiria nesse sentido e fez tais e tantas que os conquistou desviando-os da confiança depositada em Nícias. Passaram os embaixadores a não acreditar senão nele Alcibíades, deslumbrando-se com o bom senso e a vivacidade de sua inteligência, como se estivessem diante de uma personagem de grande e singular elevação. No dia seguinte de manhã, reuniu-se o povo em conselho para ouvi-los, sendo os embaixadores introduzidos à assembleia. Alcibíades perguntou-lhes suavemente sobre as razões de sua vinda. Responderam os embaixadores que tinham vindo para fazer propostas de paz, sem ter entretanto poderes para nada decidir. Começou então Alcibíades a gritar colérico, contra os enviados, como se eles tivessem praticado grave injustiça contra ele, e não fosse verdade o inverso. Chamou-os homens desleais, inconstantes e mutáveis, que não tinham vindo fazer nem dizer, qualquer coisa de útil. O próprio senado se irritou contra os embaixadores, e o povo os maltratou com muita rudeza. Nícias, em consequência, sentiu-se cheio de vergonha e confusão, sem saber o que dizer de uma tão súbita mudança, ignorando o embuste e malícia usados por Alcibíades.

Liga formada por Alcibíades contra a Lacedemônia. Batalha de Mantinéia.

XXIV. Foram assim despedidos os embaixadores lacedemônios que nada conseguiram fazer, elegendo-se general a Alcibíades. Atraiu este imediatamente, à aliança de Atenas, os argeus, os élios e os mantínios. Embora ninguém aprovasse o meio pelo qual conseguira atingir seus fins, foi incontestav elmente, grande a sua proeza ao dividir e abalar assim todo o Peloponeso, articulando numa batalha tão grande número de combatentes contra os lacedemônios, como aconteceu diante da cidade de Man-tinéia. Alcibíades afastou por esse meio para longe de Atenas, as desgraças da guerra e os azares da peleja da qual os lacedemônios pouco poderiam aproveitar se a vencessem, sendo-lhes bem difícil salvar a própria cidade de Esparta se a perdessem.

Os conselhos que ele dá a Argos e Patras.

XXV. Ora, após essa batalha de Mantinéia,{468} os mil homens da tropa mantidos a soldo público na cidade de Argos, tanto em paz como em guerra, considerando a ocasião propícia, tentaram arrebatar à comuna o supremo poder, fazendo-se senhores da praça. Os lacedemônios que para ali acorreram deram-lhes ajuda e aboliram o governo popular. O povo todavia, tomou armas logo depois e tornou-se o mais forte. Chegando no momento exato, Alcibíades assegurou-lhe a vitória restaurando a suprema autoridade popular. Depois disso ele persuadiu os argeus a levantarem longas muralhas unindo sua cidade à costa marinha, para poderem ser assistidos mais facilmente com socorros marítimos da potência ateniense. Enviou-lhes da própria Atenas muitos carpinteiros, pedreiros, canteiros, e outros operários, demonstrando por todos os meios muito grande dedicação em defesa de seus interesses. Alcibíades não adquiria assim junto a esses povos, menor simpatia e crédito em favor próprio, do que em favor de sua república e de seu país.

XXVI. Alcibíades persuadiu também os habitantes de Patras a unirem, da mesma maneira, sua cidade à costa marítima, por meio das longas muralhas que eles fizeram avançar até o mar. E como alguém lhes dissesse: «Ó pobre gente de Patras o que fazeis? os atenienses vos tragarão.» «É bem possível, respondeu Alcíbiades, mas será pouco a pouco, e começando pelos pés. Os lacedemônios ao contrário, vos engulirão, de um golpe, começando pela cabeça.» Muito embora continuasse Alcibíades fortificando o poder marítimo da cidade de Atenas, não se cansava contudo de aconselhar e exortar aos atenienses que decidissem engrandecer-se também do lado da terra. Rememorava assim, frequentemente aos jovens, o juramento que eram obrigados a prestar no burgo de Agraulo, intimando-os de fato a cumpri-lo. Porque eles juravam que considerariam como os limites e extremidades da Ática, o trigo, a cevada, as vinhas e oliveiras. Por esse juramento ensinava-se a juventude a reconhecer a reputar como sua, toda terra lavrada, cultivada e frutífera.

Sua vida voluptuosa.

XXVII. Ao lado, porém, desses belos feitos e ditos de Alcibíades, e juntamente com a grandeza de sua coragem e a vivacidade de sua inteligência, ele tinha também muitos defeitos e imperfeições. Era demasiadamente requintado em sua vida cotidiana, dissoluto amante de mulheres depravadas, desordenado em banquetes, excessivo e efeminado em seus costumes. Saía sempre vestido com longas vestes de púrpura que arrastava passeando pela praça, gastando com exagero e soberba. Insistindo nesses desmandos, mesmo quando a bordo das galeras, fazia abrir e romper o soalho de popa, para sua acomodação mais macia. Porque seu leito não era estendido sobre as tábuas duras, mas suspenso no ar por meio de correias de couro. Alcibíades equipava-se para a guerra com um escudo dourado, sobre o qual não havia nenhum emblema ou divisa comum aos atenienses, mas sim a imagem de Cupido com o raio inflamado na mão. Quanto a esse aspeto seu, a gente de bem e de honra da cidade de Atenas, além de odiar essas suas atitudes que muito a irritavam, sentia além disso, temor diante da audácia desenfreada de Alcibíades e de sua insolência no menosprezo às leis e costumes do país. Eram esses, indícios de homem que aspirava à tirania e com pretensões a revolucionar todas as coisas de cima até em baixo. Quanto à intensa afeição votada a ele pela plebe todavia, o poeta Aristófanes{469} a põe de manifesto quando diz:

Deseja-o ter diante dos olhos Embora lhe seja odioso.

E em outra passagem, agravando ainda a suspeita alimentada contra ele, diz:

Melhor seria para a coisa pública,

Não alimentar o leão tirânico,

Mas uma vez que querem nutri-lo, é necessário

Adaptar-se ao seu modo de agir.

Prestigio de Alcibíades junto ao povo.

XXVIII. Porque em verdade , os dons gratuitos; as liberdades e despesas magníficas feitas com os passatempos oferecidos ao povo, grandes como não era possível maiores; a gloriosa memória dos seus antepassados; a graça de sua eloquência; a beleza de sua pessoa; a força do seu corpo e a sua ousadia temperada pelo bom senso e experiência em assuntos de guerra, faziam com que se permitisse tud o a ele. Os atenienses suportavam pacientemente as suas insolências, disfarçando-as e, amenizando-as com os nomes mais graciosos, pois chamavam-nas arroubos de juventude e brincadeiras, como aconteceu quando ele reteve prisioneiro, à força, em sua casa o pintor Agatarco, até ele pintar todo seu alojamento, deixando-o ir depois com belos presentes, concluído o trabalho; ou quando aplicou uma bofetada em Táureas que financiava, à sua revelia, as despesas de um grupo de comediantes, pretendendo arrebatar a honra desses jogos; ou quando, com a sua autoridade, retirou de entre os prisioneiros de guerra uma jovem média e a fez sua concubina, vindo a ter dela um filho que fez criar. Chamavam a isso, ato de caridade, embora o acusassem como o principal causador de se terem feito passar a fio de espada todos os pobres médios, com exceção das crianças. Acusavam-no disso porque ele favorecera e incentivara o decreto impondo essa desumanidade, o qual fora proposto por outro. Tendo o pintor Aristófon pintado uma cortesã chamada Neméia. com Alcibíades reclinado entre seus braços, o povo todo acorria e sentia prazer em contemplar o quadro. A gente antiga e honesta, porém, se irritava diante de todos esses desmandos considerados tirânicos, e praticados contra a moderação exigida numa burguesia civil.

XXIX. Arquestrato, não parece por isso manifestar-se fora de propósito, quando diz que a Grécia não suportaria dois Alcibíades. Voltava este certo dia da assembleia do povo em conselho, onde arengara ao gosto da assistência, obtendo por isso o que pretendia. Dirigia-se para casa seguido de grande acompanhamento de pessoas que o reconduziam em sinal de reverência. Tímon, o cognominado Misantropo, como quem dissesse lobisomem ou execrador dos homens, ao encontrá-lo em seu caminho não passou adiante, nem se afastou dele como costumava fazer com todos os demais, mas foi-lhe ao encontro e tocando-lhe na mão disse-lhe: «Fazes bem, meu filho, e eu te agradeço muito o fato de ires assim aumentando teu crédito, porque se jamais conseguires o poder, será para grande mal e ruína de todos estes.» Riram alguns, outros injuriaram Tímon e outros ainda notaram bem essas palavras e pensaram depois nelas mais de uma vez, tão diversa e diferente era a opinião que se tinha dele, dada a variedade de sua vida e a inconstância de seus costumes e natureza.

Suas ideias de conquista. Empreendimento contra a Sicília.

XXX. Ora, quanto à empresa da Sicília, é bem verdade que os atenienses tinham começado a cobiçá-la já ao tempo de Péricles. Puseram mãos à obra, entretanto, só depois de sua morte, sob o pretexto de fazer alianças e enviar socorros às cidades guerreadas e acossadas pelos siracusanos. Era o mesmo que construir uma ponte para fazer depois passar sobre ela um exército maior e mais poderoso. Quem, todavia, inflamou-lhes realmente o desejo, persuadindo-os, a não mais penetrar assim pouco a pouco e em pequena escala, mas a ir imediatamente com uma tropa considerável e forte, para total sujeição e conquista de Siracusa, foi Alcibíades. Ele soube falar com tanta habilidade que por sua insinuação se pôs o povo a conceber grandes fantasias sobre o empreendimento, enquanto Alcibíades se propunha a si mesmo outras fantasias ainda maiores. Porque, para ele, a conquista da Sicília não era senão um começo, embora satisfizesse o anseio dos demais, constituindo o fim de suas esperanças. Enquanto Nícias, por suas advertências, dissuadia os atenienses de tentar a guerra contra Siracusa, considerando sua ocupação como emp resa extremamente difícil, Alcibíades, ao contrário, antecipava já, em sua mente, a conquista da Líbia e de Cartago, depois das quais passaria à Itália e ao Peloponeso. A Sicília não serviria assim, mais do que a fornecer víveres e soldo às demais conquistas planejadas. Os jovens, em consequência, foram de si mesmos levados a grandes esperanças, escutando com intensa paixão aos mais antigos que lhes narravam maravilhas dessa viagem. Tal, foi o entusiasmo, que não se via outra coisa nos lugares públicos, próprios para o exercício dos jovens bem como nos pó rticos oficiais, a

não ser gente reunida em círculo, vendo traçar na terra a forma da Sicília e ouvindo discorrer sobre ela bem como sobre a situação da Líbia e de Cartago.

Alcibíades nomeado, juntamente com Nícias, para o comando dessa expedição.

XXXI. Afirma-se, entretanto, que nem o filósofo Sócrates nem o astrólogo Meton, jamais auguraram nada de bom de toda essa expedição. O primeiro como é verossímil, pela revelação do seu espírito familiar que lhe fazia antever o futuro. Quanto ao outro, Meton, ou pelo medo que o tomou ao julgar a empresa por via racional, ou pelo mal pressentido no porvir, através de sua arte de adivinhação, fingiu enlouquecer e com uma tocha ardente simulou que ia atear fogo à própria casa. Dizem outros que não foi fingimento, tendo ele certa noite, queimado de fato e realmente sua casa. Na manhã seguinte apresentou-se na praça para implorar e suplicar ao povo, que em consideração pela grande perda e grave calamidade sofridas por ele, fosse de seu agrado dispensar-lhe o filho dessa viagem. Através desse embuste Meton obteve a graça pedida ao povo ludibriado. Nícias, mau grado seu foi eleito capitão para conduta da guerra. ele não via o cargo com bons olhos, não só pelo seu companheiro no comando, como pelas dificuldades previstas na empresa. Os atenienses porém calcularam que os negócios da guerra se desenvolveriam melhor se eles não os entregassem totalmente à audácia de Alcibíades, interpondo a ela a prudência de Nícias e isso, especialmente, porque o terceiro capitão Lâmaco, investido também no comando embora idoso não se tinha mostrado menos ardente, arrojado e temerário em alguns combates, do que Alcibíades. Quando se veio, enfim, a deliberar sobre o número de combatentes, a maneira e complementação do equipamento que era preciso preparar para a guerra, Nícias tentou ainda, em forma oblíqua, impedir e fazer com que se abandonasse a empresa. Alcibíades porém o contradisse e venceu. Houve também a proposta do orador chamado Demóstrato, de que os capitães eleitos para a direção da campanha, deveriam ter plenos poderes e inteiro arbítrio para recrutar gente a seu talanto, e a fazer os preparativos que bem lhes parecesse. O povo aquiesceu, dando sua autorização.

XXXII. Quando porém, estava tudo pronto e aparelhado para a partida{470} revelaram-se vários sinais de mau presságio. Verificou-se, entre outros, que o embarque fora determinado para o dia exato no qual se celebra a festa denominada Adônia. É costume nessa festa, que as mulheres coloquem nas ruas, em muitos locais da cidade, figuras semelhantes a corpos que se vão enterrar. Simulam então a tristeza e as lamentações próprias dos funerais, e vão chor ando e ferindo a si mesmas, em comemoração ao luto da deusa Vénus ao tempo da morte de seu amigo Adônis. Os Hermes, além disso, imagens e figuras de Mercúrio, que antigamente se costumavam colocar nas encruzilhadas, apareceram quase todos, uma noite, mutilados e estragados, especialmente no rosto.{471} Muita gente foi tomada de espanto e perplexidade, até mesmo entre quem não fazia grande caso de tais coisas. Alegou-se que poderiam ter sido os de Corinto, favoráveis aos siracusanos seus parentes, como seus fundadores, os quais teriam recorrido à prática dessa insolência, considerando que o mau agouro poderia dar causa à desistência da empresa, levando o povo a arrepender-se da guerra intentada. Essas afirmações não foram porém, aceitas pelo povo, como também não o foram as palavras de quem afirmava que não cabia deter-se diante de tais signos e presságios, provocados provavelmente, por jovens libertinos que embriagados teriam cometido e praticado o escândalo por mero divertimento. Não obstante todas essas razões o povo levou a sério o caso e teve medo, pensando que ninguém jamais ousaria a prática de tal ato, se não se tratasse de uma conjuração de grande importância. Sindicava-se, em consequência, sobre qualquer suspeita, por pequena que fosse com a maior severidade, reunindo-se também sobre o caso, senado e povo, muitas vezes em poucos dias.

Ele é acusado de ter partido as estátuas dos deuses.

XXXIII. Androcles, entrementes, um dos oradores que se imiscuíam no governo da república, trouxe ao conselho alguns escravos e estrangeiros residentes em Atenas, os quais depuseram que Alcibíades e outros familiares seus, tinham pela mesma forma, quebrado e mutilado outras imagens, contrafazendo também, satíricamente, em um banquete privado, as cerimónias dos santos mistérios. Relataram minuciosamente particularidades, tais como ter um certo Teodoro imitado o arauto que costuma fazer as proclamações, assumindo Polition o papel de porta-tocha, e Alcibíades o do sacerdote que revela as coisas santas e místicas. Os demais companheiros eram os assistentes, representando os que pretendem e pedem para ser recebidos na religião e confraria dos santos mistérios, chamados por essa razão «Mistos». São exatamente esses, os termos da acusação que Tessalo filho de Cimon, fez a Alcibíades, inculpando-o de ter zombado maldosamente das duas deusas Ceres e Prosérpina. O povo, diante disso, irritado e indignado contra Alcibíades, tornava-se cada vez mais cheio de azedume por excitação do orador Ándrocles, um dos seus mais duros inimigos. Sentiu-se Alcibíades a princípio, meio desnorteado. Mas percebendo em seguida, todos os marinheiros arrolados para a viagem da Sicília e os próprios soldados, muito devotados a ele e particularmente, as tropas de socorro de Argos e Mantinéia, mil homens de pé bem armados, os quais diziam abertamente ser por amor a Alcibíades que eles empreendiam essa viagem tão longa, e que se lhe quisessem impor qualquer injustiça ou mau trato, eles se retirariam imediatamente para suas casas, retomou este pé na situação. Deliberou assim, vendo o momento favorável, apresentar-se em juízo para responder a quem o quisesse acusar. Seus inimigos, à vista disso, esfriaram um pouco, temendo que o povo amolecesse diante dele nesse julgamento, tanto mais à vista do empreendimento pendente.

Mau grado essas acusações, é obrigado a partir para Sicília

XXXIV. Para obviar a esse perigo, eles inscreveram outros oradores que, embora não parecessem adversários de Alcibíades, não lhe queriam menos mal do que seus inimigos declarados. Levantaram-se esses oradores, em plena assembleia do conselho, e declararam não haver propósito em que ele, eleito como um dos generais de um exército tão belo e poderoso, já prestes a fazer-se a vela juntamente com as tropas aliadas auxiliares, se detivesse, perdendo tempo e oportunidade de êxito, enquanto se escolhiam seus juízes e se mediam as honras{472} dentro das quais lhe cabia responder. Portanto, diziam eles, era necessário, por enquanto, que ele iniciasse em boa hora, sua viagem. Quando depois a guerra terminasse, podia apresentar-se de novo em juízo, para purgar-se das acusações feitas contra ele.

XXXV. Alcibíades percebendo e descobrindo imediatamente a malícia desse adiamento, tomou a palavra para observar que não havia razão para o fazerem partir como chefe de uma tropa tão considerável, com a mente suspensa em contínuo temor pelas graves imputações levantadas contra ele na retaguarda. Mereceria assim a morte se antes não se purgasse e justificasse inteiramente. Após sua justificação, sendo reconhecido como inocente, não teria então, nada mais no pensamento a não ser dar combate aos inimigos, sem cogitar mais do perigo constituído pelos caluniadores. Alcibíades todavia, não conseguiu orientar o povo nesse sentido e recebeu dele ordem expressa para embarcar.

XXXVI. Ele foi assim constrangido a fazer-se a vela com os demais companheiros. Sua frota tinha cerca de 140 galeras, todas de três remos por banco{473} com cinco mil e cem combatentes a pé, bem armados, e aproxi madamente mais mil e trezentos fundibulários, arqueiros e outros armados à ligeira. Contava além disso com a restante munição e equipamento necessários para a guerra, em quantidade suficiente. Mal tinham atingido a costa da Itália, desembarcaram na cidade de Rege{474} onde, no conselho reunido para decidir

como deveriam conduzir a guerra, Alcibíades foi de aviso que era conveniente ir diretamente à Sicília. Sua opinião foi seguida, embora Nícias lhe fosse contrário, porque Lâmaco adotou o mesmo parecer. Surpreendeu-se assim, logo ao chegar, a cidade de Catina. Nada mais pôde Alcibíades realizar entretanto, porque foi, logo em seguida, chamado de volta pelos atenienses, para responder pelos crimes e imputações a ele atribuídos. Porque, como o dissemos antes, houve a princípio, algumas leves suspeitas e acusações levantadas contra ele por escravos e estrangeiros. Após sua partida porém, seus inimigos o acusaram muito mais duramente, juntando ao crime de ter quebrado as estátuas de Mercúrio, o sacrilégio da contrafação satírica das santas cerimonias dos mistérios. Davam assim a entender ao povo que um e outro ato procediam da mesma conspiração, destinada a abalar e transformar o governo da cidade. O povo se irritou e emocionou-se tanto que foram lançados à prisão todos quantos se viram indiciados ou suspeitos de qualquer forma, sem que se quisesse ouvir suas justificações. Arrependeram-se muito os atenienses de não terem instaurado processo contra Alcibíades, ante acusações e informações tão sérias, ao tempo em que ainda estava entre as suas mãos. Se algum seu parente, amigo ou familiar caía, em consequência, sob o furor do povo amotinado contra ele, era extremamente maltratado. Tucídides não indica quem foram os delatores. Outros porém apontam Dioclides e Teucro. Entre eles o poeta cômico Frínico o diz nestes versos, onde introduz alguém que se dirige à imagem de Mercúrio nestes termos:

Ó caro amigo, eu suplico cuidado

Em não estrebuchar, ó Mercúrio:

Temo que se te quebras, caindo,

Não me faças caluniar, apesar de inocente,

Por um novo falsário como Dioclides

Que vai procurando todos os meios de fazer o mal.

Mercúrio responde:

Eu terei bastante cuidado, não te preocupes: Porque não quero ser causa de que se dê Ao estrangeiro Teucro, ladrão maldito, O prêmio em dinheiro, prometido ao delator.

Os indícios entretanto, não revelaram nada de seguro e positivo. Houve mesmo alguém que interrogado como pudera reconhecer o rosto dos que tinham quebrado as imagens, visto ser então noite, respondeu tê-los reconhecido ao clarão da lua. Percebeu-se pela resposta, com toda evidência, que o depoimento era falso porque a noite na qual se praticara o ato, tinha sido exatamente de conjuração lunar. O fato pôs em dúvida as pessoas de inteligência, não impedindo porém a plebe de receber, com a mesma aspereza e azedume de antes, toda a espécie de calúnias e delações.

Conduta de Andócides.

XXXVII. Ora, encontrava-se entre os prisioneiros, detidos para sofrerem processo, o orador Andócides, a quem o historiador Helânico, faz descender da raça de Ulisses. Consideravam-no como tendo ódio ao governo popular, agindo favoravelmente ao advento do governo da minoria e da nobreza. Um dos principais motivos pelos quais se s upunha ser ele um dos iconoclastas era porque, uma das estátuas, grande e bela, colocada junto à sua casa, pela

tribo Egeida, tinha sido das poucas poupadas entre as mais famosas. Essa estátua por esse motivo é chamada, ainda hoje, o Mercúrio de Andócides, sendo assim denominada por todo o mundo, embora a inscrição testemunhe coisa diferente. Aconteceu que na prisão, travou ele relações de amizade mais com um certo Timeu, do que com os outros detidos pelo mesmo caso. Não era esse Timeu, homem tão conhecido quanto Andócides, não obstante sua grande inteligência e audácia. Timeu persuadiu o companheiro a acusar-se a si mesmo em companhia de alguns outros, pois reconhecendo e confessando o ato, ele seria agraciado, como determinava o decreto popular, enquanto, caso viesse a esperar a sentença dos juízes, correria perigo, dada a incerteza do resultado de todo o julgamento especialmente no que se referia aos ricos. Se ele encarasse o caso exclusivamente, pela vantagem pessoal, valia evidentemente mais, salvar a própria vida, mentindo, do que deixar-se matar ignominiosamente, com o peso e a condenação desse mesmo crime. Mas se também queria encará-lo pelo aspecto do bem público, ainda assim seria agir prudentemente, expondo ao perigo apenas alguns sobre os quais pesava dúvida quanto à culpabilidade, para salvar do furor popular e resgatar da morte, muitas pessoas de bem, que eram, em verdade, inocentes desses desmandos.

Alcibíades é destituído.

XXXVIII. As razões e sutilezas de Timeu tiveram tal influência sobre Andócides, que o dominaram e persuadiram a acusar-se a si mesmo juntamente com alguns outros. ele obteve assim, pessoalmente, a impunidade prometida pelo povo. Todos quantos indicou todavia, foram condenados e executados, exceto os que se salvaram pela fuga. Para tornar a coisa mais plausível, Andócides colocara, entre os acusados, alguns de seus próprios servos.

XXXIX. Não se aplacou, contudo, a ira do povo. Não tenho mais de pensar nos destruidores de estátuas, dirigiu todo seu rancor contra Alcibíades. Chegou-se a ponto de enviar-lhe a galera denominada "Salaminiana, recomendando-se expressamente aos comissionados incumbidos de irem no seu encalço, a que não tentassem agarrá-lo à força, nem lhe pusessem a mão, de maneira nenhuma. Deviam ao contrário usar as palavras mais suaves e delicadas, emprazando-o somente a comparecer, em pessoa, diante do povo, para responder por certas imputações levantadas contra ele. Temiam que agindo de outro modo, o exército se amotinasse dentro do país inimigo, levantando-se uma sedição na tropa. Alcibíades, se o quisesse aliás, tê-lo-ia facilmente conseguido, porque os soldados desgostaram-se muito vendo-o partir, certos de que sem ele a guerra se arrastaria interminavelmente sob o comando de Nícias, pois Alcibíades funcionava em relação a ele, como um aguilhão propulsor. Lâmaco, embora pessoalmente, audacioso e valente, não tinha nem autoridade nem era considerado por ser de origem modesta e pobre.

XL. Alcibíades logo à sua partida, fez os atenienses perderem a cidade de Messina onde haviam entrado em inteligência com certos indivíduos que concordaram em entregá-la. Alcibíades conhecendo-os muito bem pelos nomes, denunciou-os aos partidários dos siracusanos, no interior da cidade. A combinação foi assim rompida. Chegando, depois à cidade de Túrio, Alcibíades escondeu-se, mal pôs o pé em terra, sem que ninguém o pudesse encontrar. Houve todavia alguém que o reconheceu e lhe disse: «Mas como, Alcib íades, não tens confiança na justiça do teu país?» «Sim respondeu ele, se estivesse tratando de outra coisa, mas quando minha vida está em jogo eu não confiaria em minha própria mãe, temendo que, por descuido, ela desse o seu voto com a fava negra em vez da branca.» (Porque uma correspondia à sentença condenatória e outra à de absolvição)[{475}]. Quando depois Alcibíades veio a saber que o povo de Atenas o tinha condenado à morte, por contumácia, disse: «Eu os farei sentir com toda certeza que ainda vivo.»

É condenado; seus bens são confiscados.

XLI. A acusação proposta contra ele foi redigida por escrito, na seguinte forma: «Tessalo, filho de Cimon, do burgo de Lacrade, denunciou e denuncia a Alcibíades filho de Clínias do burgo dos Escambômidas, por ter praticado crime contra as deusas Ceres e Prosérpina, imitando sarcasticamente os sagrados mistérios, numa exibição feita a alguns familiares seu, sem sua casa. Vestiu-se ele com vestes semelhantes às do hierofante{476}, a Polítio como porta-tocha e a Teodoro do burgo de Fegéia como arauto{477}. Aos demais assistentes, chamou confrades e observadores. Tudo foi feito em escárnio e desprezo das santas cerimonias e costumes dos Eumólpi-das, sacerdotes, religiosos e ministros do santo templo da cidade de eleusis». Alcibíades foi assim condenado por contumácia à revelia, sendo confiscados todos os seus bens. Além dessa condenação, foi ainda ordenado por decreto, que todos os sacerdotes, religiosos e religiosas, o amaldiçoassem e detestassem. Houve apenas uma religiosa chamada Teano, filha de Menon, do burgo de Agraulo que se opôs ao decreto, dizendo «que ela era religiosa para orar e abençoar e não para detestar e amaldiçoar.»

Retira-se para Argos e depois para Lacedemônia.

XLII Pronunciadas assim essas graves sentenças contra Alcibíades, ele deixou a cidade de Túrio e dirigiu-se para o Peloponeso passando a residir por algum tempo na cidade de Argos. Temendo porém seus inimigos, e não admitindo a possibilidade favorável de ele poder voltar ao seu país, mandou pedir aos lacedemônios em Esparta, salvo-conduto e liberdade para residir entre eles. Prometi aprestar-lhes mais serviços e dar-lhes mais proveito como amigo, do que lhes tinha causado dano como inimigo. Os lacedemônios outorgaram-lhe o pedido e o receberam de boa vontade em sua cidade. Mal chegando ali ele realizou inicialmente três coisas: a primeira foi fazer com que os lacedemônios, indecisos antes, se resolvessem a socorrer prontamente os siracusanos, enviando-lhe Gilipo como general, para bater as forças dos atenienses. A segunda levá-los a começar a guerra contra os atenienses dentro mesmo da Grécia. A terceira, e mais importante, foi aconselhá-los a fortificar no interior do próprio território da Ática, a cidade de Decélia, o que contribuiu tanto ou mais do que nenhuma outra coisa, para minar e destruir o poder de Atenas. E se ele era bem-vindo e estimado em Esparta pelos serviços públicos prestados, não conquistava menos as boas graças e simpatia dos particulares pela sua maneira de viver em estilo da Lacônia. Quem o via, com a barba rigorosamente rapada, banhar-se em água fria, comer pão de rala e tomar sopa escura, entrava em dúvida, ou melhor, nunca poderia crer, que um tal indivíduo tivesse tido algum dia cozinheiro em sua casa, o tivesse olhado, sequer, um perfumista, ou tocado em alguma vestimenta feita do pano tecido na cidade de Mileto.

Alcibíades adota os costumes lacedemônios.

XLIII. Entre outros artifícios e habilidades de que ele era pródigo, como se diz, o que mais cativava os homens, era sua capacidade de adaptar-se a seus costumes e à sua forma de vida. Ele adotava precisamente sua maneira de viver, assumindo todos os comportamentos mais facilmente do que um camaleão. Consta que esse animal não pode revestir-se da cor branca, enquanto é certo não ter havido hábitos, costumes ou maneiras características de agir de qualquer nação que fosse, que Alcibíades não soubesse imitar, praticar e simular quando queria, tanto quanto ao mal como quanto ao bom. Em Esparta ele se manteve ativo, em contínuo exercício, vivendo parcamente, austero e rigoroso. Na Jônia, ao contrário, delicado, frívolo, alegre e luxurioso. Na Trácia conservava-se sempre bêbedo ou a cavalo. Quando se aproximava de Tissafernes, lugar-tenente do grande rei da Pérsia, Alcibíades excedia em pompa e suntuosidade o esplendor oriental. Não que sua natureza se alterasse realmente,

passando de um polo a outro, nem que seus costumes sofressem toda a sorte de mutações. Como porém, caso ele seguisse sua própria inclinação, poderia talvez em lugares diferentes, ofender aqueles com quem entrava em contacto, Alcibíades se disfarçava assim com a máscara e o manto mais adequado ao ambiente, assumindo o aspecto e a atitude mais próximos dos seus costumes. Quando, por isso ele estava em Esparta, quem olhasse apenas a exteriorização do seu comportamento, teria repetido o provérbio vulgar:

Não é o filho de Aquiles, mas o próprio Aquiles, considerando-o a ele também, como legítima criação de Licurgo. Mas quem pelo lado interior visse a nu, sua verdadeira inclinação e as ações procedentes do seu temperamento, diria, ao contrário, o que se afirma em outras palavras conhecidas:

Esta mulher é a mesma de sempre{478}.

XLIV. Alcibíades, com efeito, enquanto Ágis, rei de Esparta, se achava na guerra, insinuou-se tão bem junto a Timéia, sua mulher, que a tornou grávida. Ela mesma não negava o fato. Tendo dado à luz um filho, foi-lhe dado o nome de Leotiquides. Sua mãe em público, chamava-o por esse nome em alta voz. Quando porém se encontrava na intimidade com as amigas mais familiares ou entre suas servas, chamava-o baixinho Alcibíades, de tal forma se apaixonara. E ele, zombando, dizia não ter agido por mal, nem por desordenado desejo de prazer, mas exclusivamente para fazer com que sua raça viesse a reinar sobre os lacedemônios. Esses rumores eram levados ao conhecimento do rei Ágis por muitos intermediários, até que finalmente ele deu crédito às notícias, especialmente quando fez a conta do tempo durante o qual não se aproximara de sua mulher. Porque sentindo certa noite, um tremor de terra, fugira do quarto, temendo o desabamento da casa, mantendo-se depois, dez meses sem coabitar com ela. Nascendo Leotiquides, ao cabo desses dez meses, Ágis declarou que não era seu filho, dando causa mais tarde, a que Leotiquides decaísse do trono e fosse privado da realeza.

Suscita inimigos aos atenienses. A derrota destes na Sicília

XLV. Após a total derrota dos atenienses na Sicília, os habitantes da ilha de Quio e de Lesbos, juntamente com os cizicenos, enviaram, simultaneamente, embaixadores a Esparta, para dar ciência aos lacedemônios de sua boa vontade em rebelar-se contra os atenienses, desde que aqueles lhes enviassem socorros para sua defesa. Os beocianos apoiavam os de Lesbos e Farnabazo, lugar-tenente do rei da Pérsia, os cizicenos. Os lacedemônios todavia, preferiram socorrer em primeiro lugar os de Quio, mediante persuasão de Alcibíades que esposou seus interesses. Ele p róprio, fazendo-se ao mar, dirigiu-se à Ásia onde fez revoltar-se contra Atenas quase todos os países da Jônia e em contacto com os generais da Lacedemônia, causou muito dano aos atenienses.

Para subtrair-se ao ressentimento do rei Agis, Alcibíades se retira para junto de Tissafernes, lugar-tenente do rei da Pérsia

XLVI. O rei Ágis, entretanto, queria-lhe muito mal, tanto pelo ultraje dele recebido em sua mulher a quem corrompera, como também por inveja à sua glória, porque era voz corrente,

que os belos resultados obtidos nessa guerra, se deviam, na maior parte, a Alcibíades. Os espartiatas mais poderosos e cheios de ambição, começavam também a aborrec er-se com ele pela inveja que lhe tinham. Seus inimigos adquiriram finalmente, tanto poder, que fizeram os magistrados escrever aos capitães em campanha, para o matarem. Alcibíades, sentindo o perigo, não deixou, por isso, de agir em tudo, em benefício dos lacedemônios, mantendo-se porém prevenido, evitando todas as ocasiões de cair entre suas mãos.

XLVII. Nessas condições, retirou-se ele, finalmente, procurando maior segurança pessoal, para junto de Tissafernes, um dos oficiais do rei persa, e adquiriu ali, imediatamente, tanto crédito que se tornou o primeiro e a principal personagem de sua companhia. Esse bárbaro que não era homem simples, mas de natural astuto e caviloso e que apreciava as pessoas sutis e perigosas, tinha admiração pela facilidade de Alcibíades em transformar facilmente sua maneira de viver, bem como pela vivacidade e agudeza da sua inteligência. Sem contar que o seu convívio habitual em divertimentos e passatempo era extremamente agradável e tão cheio de atrativos que não havia costumes austeros que não se amenizassem a seu contacto, nem natureza tão selvagem que não fosse vencida e abrandada. Era tal seu poder de sedução, que até mesmo quem o temia ou lhe tinha inveja, sentia apesar disso, prazer em vê-lo e se alegrava de falar com ele e andar em sua companhia. Tissafernes, por esse motivo, homem áspero aliás{479} e que naturalmente odiava os gregos, deixou-se envolver de tal forma, com as gentilezas de Alcibíades, tornando-se tão seu cativo, que ele próprio, apesar de tudo, esforçava-se para devolver-lhe com acréscimo suas atenções, fazendo-lhe os maiores afagos. Chamou até «Alcibíades»{480} a sua mais deslumbrante casa de campo, morada admirável entre todas as do mundo, pelos belos jardins, fontes, bosques e prados saudáveis e deliciosos aí existentes, tudo disposto com régia grandeza.

XLVIII. Alcibíades, pois, desesperando de poder jamais encontrar segurança com os Espartiatas, e também temendo-lhes o rei Ágis, ia maldizendo deles e caluniando tudo o que faziam para com Tissafernes; assim fazendo, ele impedia também que ele os ajudasse tão afetuosamente quanto teria podido fazê-lo e que arruinasse inteiramente os Atenienses, pois lhe demonstrava que ele devia fornecer dinheiro escassamente aos Lacedemônios, para os deixar minar e consumir pouco a pouco, a fim de que depois se afligissem e enfraquecessem uns aos outros, sendo então mais fácil a ambos dominar o rei. Com isso o Bárbaro concordou facilmente, e via-se com evidência que ele amava Alcibíades e o estimava muito, de maneira que por isso ele era procurado e considerado tanto por uma como pela outra parte dos gregos.

Perturbações em Atenas.

XLIX. Os atenienses, nessa conjuntura, arrependiam-se bem da decisão decretada contra Alcibíades, em virtude dos grandes males e danos sofridos, em consequência. O próprio Alcibíades de seu lado, lamentava muito vê-los reduzidos a tais termos, temendo que a cidade de Atenas viesse a ser totalmente arruinada, e que ele mesmo caísse finalmente entre as mãos dos lacedemônios que o odiavam de morte. Ora, a esse tempo, estavam quase todas as forças atenienses na ilha de Samos, de onde, com um exército de mar, tentavam a reconquista daqueles que se tinham rebelado e a conservação de quem se mantivera fiel, porque, ao menos no mar, eram ainda bastante fortes para resistir, de certa forma, a seus inimigos. Temiam, porém, grandemente o poder de Tissafernes, e as cento e cinquenta galeras que constava iam chegar de país fenício, em socorro de seus inimigos. Se essas galeras viessem, a cidade de Atenas não teria mais recurso nem esperança de salvação. Alcibíades sabendo disso, enviou emissário secreto ao exército de Atenas em Samos, para lhe dar esperança de que ele Alcibíades poderia fazer de Tissafernes um amigo. Não agia pelo desejo de ser útil ao povo nem se fiava da plebe ateniense. Confiava apenas nos nobres e na gente de bem e de honra desde que demonstrassem ter coração e ousadia bastantes para refrear um pouco a

licenciosa insolência da arraia miúda, e empolgar a autoridade governamental para restabelecer a situação e preservar a cidade de Atenas da última ruína.

Traição de Frínico descoberta por Alcibíades.

L. Recebida a comunicação, todos os homens de responsabilidade prestaram-lhe ouvidos de boa vontade, com exceção de Frínico, do burgo de Dirades, um dos capitães. Duvidava este que Alcibíades se preocupasse realmente em saber quem ficaria no poder em Atenas, a nobreza ou o povo. ele, segundo Frínico, tentava por todos os meios, voltar de qualquer maneira a Atenas e por isso, ia assim preparando a boa vontade da nobreza, censurando e caluniando o povo. Frínico, por essas razões, se opôs à proposta de Alcibíades. Seu parecer entretanto, nessa emergência, não foi seguido. Vendo assim, que se tinha declarado abertamente inimigo de Alcibíades, ele comunicou a Astioco, ao tempo almirante dos lacedemônios, as intrigas e manobras que aquele desenvolvia secretamente junto aos atenienses, e o exortou a precaver-se contra Alcibíades, fazendo-o prender, pois se tratava de homem dúplice, que mantinha contacto com um partido e com outro. Frínico porém, como traidor, não sabia que falava a outro traidor. Esse Astioco, fazia a corte a Tissafernes em proveito próprio e vendo Alcibíades al tamente acreditado junto a ele, revelou-lhe tudo quanto Frínico lhe comunicara. Alcibíades enviou imediatamente emissários aos outros capitães, para denunciar e acusar expressamente a Frínico pela traição, levando todos os do conselho à indignação e repulsa contra ele. Vendo Frínico que já não tinha outro meio de salvar-se, tentou corrigir seu erro praticando outro ainda maior: comunicou-se novamente com Astioco, queixando-se de ter sido denunciado por ele, e ao mesmo tempo prometendo-lhe, se ele o quisesse, entregar-lhe nas mãos toda a frota de navios e o exército inteiro dos atenienses.

LI. Essa traição todavia, não resultou em dano para os atenienses em virtude da contra-traição de Astioco, que novamente levou ao conhecimento de Alcibíades a oferta de Frínico. Percebendo este a denúncia, esperando uma segunda acusação diante do conselho, por parte de Alcibíades, apressou-se em advertir os demais chefes do exército ateniense, que os inimigos iam atacá-los, indicando a maneira pela qual o fariam. Exortou-os também a se manterem de prontidão junto de seus navios, fazendo boa guarda, bem como a fortificar seu campo com a máxima urgência. Tudo isso foi feito. Vieram, em seguida, novas cartas de Alcibíades, nas quais ele avisava os demais chefes para se precaverem contra Frínico que tentara entender-se com o inimigo, no sentido de entregar-lhe nas mãos todo o exército de Atenas. Ninguém deu fé a essas cartas, admitindo-se que Alcibíades, conhecendo os preparativos e desígnios dos adversários, servira-se disso para sem razão, acusar e caluniar a Frínico. Aconteceu porém, que um dos encarregados da ronda, chamado Hermon, apunhalou-o, logo em seguida, matando-o.{481} O caso foi examinado em justiça e verificadas todas as circunstâncias, foi o morto condenado por felonia em julgamento do povo,{482} sendo o homicida Hermon, juntamente com seus cúmplices, coroado em recompensa de ter eliminado um traidor da república.

A nobreza se apossa do poder

LII. Os favoráveis a Alcibíades, em consequência do fato, tornando-se mais fortes no conselho do exército concentrado em Samos, enviaram a Atenas um certo Pisander, para tentar uma revolução, encorajando os nobres a empolgar a direção dos negócios, retirando-a das mãos do povo. Pisander devia assegurar-lhes que Tissafernes se solidarizaria com eles e lhes ofereceria ajuda, tornando-se favorável e amigo por intermédio de Alcibíades. Foi essa a cobertura dos que então transformaram o governo de Atenas, colocando-o entre as mãos da

minoria nobre. Porque embora se chamassem «os cinco mil», não ultrapassavam quatrocentos. Quando estes porém se sentiram fortes e tiveram em mãos, sem contraste, a autoridade do governo, não deram mais importância a Alcibíades, e continuaram a guerra em forma mais displicente e frouxa do que antes. Agiam assim, em parte, por desconfiarem dos seus concidadãos, a quem parecia estranha a mudança de governo e em parte também por serem de opinião que os lacedemônios, sempre mais favoráveis ao governo da nobreza, se inclinariam a fazer a paz com eles. Ora, a plebe do interior da cidade não se moveu e manteve-se quieta, contra a vontade, pelo temor do perigo, pois houve muitos mortos entre os que ousaram resistir abertamente aos quatrocentos.

Serviços que Alcibíades presta à sua pátria

LIII. Mas os que se achavam a postos na ilha de Samos, ao ouvirem a notícia, foram tomados de tal indignação que resolveram voltar imediatamente ao porto do Pireu. Mandaram primeiramente, buscar Alcibíades a quem elegeram capitão, e o intimaram vivamente, a conduzi-los contra esses tiranos que tinham atentado contra a liberdade do povo de Atenas. Alcibíades todavia, não agiu nessa ocasião, como qualquer outro teria agido, sentindo-se subitamente elevado e engrandecido pelo favor de uma comunidade. Não considerou que era seu dever concordar e satisfazer em todas as coisas a quem o tinha transformado de um banido, vagabundo e fugitivo, em chefe e general de tantos belos navios, e de uma força tão poderosa e magnífica. Pensou ao contrário, como convinha a capitão digno de tal cargo, que era preciso resistir um pouco a esses que, movidos pelo rancor, iam precipitar-se e perder-se cabendo-lhe impedi-los de cometer tal falta.

LIV. Foi sem dúvida, essa a causa de se ter preservado nessa ocasião a cidade de Atenas de sua ruína total. Se eles tivessem partido imediatamente de Samos para voltar a Atenas, os inimigos, desimpedidos totalmente teriam se apossado sem combate, de todo o país da jônia, do Helesponto e de todas as ilhas, enquanto os atenienses se divertissem lutando entre si, numa guerra civil, dentro mesmo de suas muralhas. Alcibíades, exclusivamente, e ninguém mais, impediu esse resultado, não somente em discurso público, diante da comuna fazendo a demonstração do desastre que resultaria da súbita partida, como também solicitando a uns em particular e retendo a outros pela força. Secundava-o nisso, Trasíbulo do burgo de Estira, que se encontrava nesse exército e clamava contra quem desejava ir, com sua voz que segundo consta, era a mais forte e mais autoritária de Atenas.

LV. Outro belo ato e grande serviço prestado por Alcibíades, foi ter-se proposto como intermediário para que as cento e cinquenta velas fenícias, esperadas com certeza pelos lacedemônios, como reforço oferecido pelo rei da Pérsia, não viessem de todo ou viessem em favor dos atenienses. Alcibíades partiu imediatamente ao encontro de Tissafernes, junto a quem tanto instou, que o fez deter as ditas velas, já aparelhadas diante da cidade de Aspende, fazendo-o assim falar com a palavra empenhada aos lacedemônios. Alcibíades entretanto, foi depois censurado por ambas as partes por tê-lo dissuadido, principalmente pelos lacedemônios. Diziam estes que ele demonstrara ao bárbaro não lhe ser conveniente ajudar nem a um nem a outro lado, sendo-lhe mais útil deixá-los destruir-se e arruinar-se mutuamente, não havendo dúvida que esse grande reforço da frota do rei, juntando-se a qualquer das partes, tararia à outra o domínio e senhorio do mar.

Alcibíades chamado de volta. Vitórias obtidas por ele.

LVI. Pouco tempo depois foram batidos e expulsos os quatrocentos usurpadores do poder em Atenas, e isso com apoio e auxílio oferecido afetuosamente pelos amigos de Alcibíades, aos que sustentavam o partido do povo. Satisfeitos então os da cidade, autorizaram Alcibíades a voltar quando bem entendesse. Este entretanto, considerando não lhe ser honroso nem elegante voltar com as mãos vazias, sem nada ter merecido, exclusivamente pelo benefício e graça do povo, quis, ao contrário, tornar a sua volta gloriosa e triunfante. Partiu assim de Samos, a princípio com pequeno número de galeras, e foi rodando em torno das ilhas de Cos e Gnidos, sendo aí advertido que o almirante lacedemônio, Mindaro, fora com toda sua frota ao estreito do Helesponto, e que os capitães atenienses tinham ido a seu encontro. Alcibíades singrou então com a maior celeridade naquela direção, e aí chegou, por sorte, com dezoito galeras, no momento em que os dois partidos tinham travado combate diante da cidade de Abidos. A luta durava já muito violenta desde a manhã até a tarde, tendo uns e outros levado a melhor em um setor da batalha e a pior em outro. Assim, ao percebê-lo de longe, acendeu-se em ambas as partes, imaginação enganosa. Encorajaram-se os inimigos vendo-o, perturbando-se os atenienses. Alcibíades fez finalmente, alçar em sua galera capitanea, a insígnia de amigos, lançando-se, imediatamente, contra os peloponesianos que, em superioridade, davam caça a algumas galeras de Atenas. Conseguindo logo constrangê-los à fuga, Alcibíades as perseguiu tão vivamente, que as obrigou a ir dar em terra, onde, quebrando-se os navios, ele matou grande número de homens que se lançaram à água numa tentativa de salvar-se a nado. Muito embora acorresse Farnabazo em socorro dos lacedemônios, fazendo todo o possível para salvar as galeras ao longo da costa marítima, conseguiram os atenienses apossar-se de trinta delas e salvando todas as suas, erigiram em seguida um troféu em sinal de vitória.

LVII. Vencedor Alcibíades nesse glorioso e feliz recontro, quis ir, em t riunfo, mostrar-se a Tissafernes. Provendo-se, com essa intenção de belos e ricos presentes a ele destinados e aparelhando uma comitiva digna de um capitão general, fez-se a vela para ir a seu encontro. Não teve ali todavia, o acolhimento esperado. Tissafernes já de longa data, vinha sendo difamado pelos lacedemônios, queixosos de que ele não cumpria as ordens do rei. Temendo por isso, ser um dia alcançado e punido por este, considerou que Alcibíades chegara no momento oportuno e o fez aprisionar na cidade de Sardes, pensando com essa injustiça, preparar a sua escusa e justificação junto do rei. Ao cabo de trinta dias porém, Alcibíades achou meios, não se sabe como, de arranjar um cavalo, e, furtando-se aos guardas, fugiu para a cidade de Clazomenas{483}. O fato aumentou ainda mais a suspeita contra Tissafernes, por suposição de que, subrepticiamente, ele tivesse propiciado a fuga de Alcibíades. Este entretanto, reembarcou incontinente, indo encontrar-se com o exército dos atenienses, junto ao qual teve notícias de que Mindaro e Farnabazo se haviam reunido na cidade de Cízico. Alcibíades arengou aos soldados, demonstrando-lhes que lhes era absolutamente necessário combater os inimigos por mar e terra, indo assaltá-los até mesmo dentro de seus fortes e cidades, porque de outra forma não tinham meios de obter dinheiro para seu sustento.

LVIII. Encerrada sua oração, ele os fez embarcar imediatamente, e foi ancorar junto à ilha de Proconeso, onde ordenou que se retivessem no meio dos seus navios de guerra, todas as fragatas e outras pequenas embarcações semelhantes, para que os inimigos não pudessem receber de ninguém, qualquer notícia de sua chegada. Foi-lhe propício também o desabamento de um súbito aguaceiro acompanhado de trovões e tempo obscuro, que o ajudou bastante a esconder e dissimular sua empresa. Assim, não somente os inimigos mas também os próprios atenienses, nada perceberam. Já tinham estes calculado que nesse dia nada mais se faria, quando, repentinamente, Alcibíades fê-los embarcar de novo e partir. Mal se fizeram ao largo, o tempo começou a clarear. Viram então, de longe, as galeras inimigas ancoradas diante do porto de Cízico. Temendo que sua frota, muito numerosa, fosse causa de fazê-los fugir para terra, antes de ele os poder alcançar, Alcibíades determinou aos outros capitães que ficassem para trás, vogando lentamente em sua esteira, enquanto ele, com quarenta navios apenas, lançava-se para frente indo mostrar-se aos inimigos para atraí-los ao combate. Pensando estes que Alcibíades tinha apenas os navios visíveis, navegaram a seu encontro, tratando imediatamente, de os atacar e combater. Mal se tinham chocado porém, chegaram os demais que se haviam atrasado, aterrando os inimigos e os pondo precipitadamente em fuga. Alcibíades destacou-se de sua frota com vinte de suas melhores galeras para perseguir os

fugitivos até a costa onde chegou a desembarcar, acossando tão vivamente e de tão perto os que haviam deixado as galeras para salvar-se pela rapidez da fuga, que conseguiu matar um grande número deles no próprio local. E mais ainda, tendo Mindaro e Farnabazo, saído da cidade para socorrer sua gente, ele os venceu a ambos, sendo Mindaro, morto em campo, lutando com valentia, enquanto Farnabazo conseguiu escapar.

LIX. Ficaram assim em poder dos atenienses os corpos dos mortos, em número considerável, com grande quantidade de armas e despojos. Apresaram também, todos os navios dos inimigos. Tomando além disso, a cidade de Cízico, por tê-la Farnabazo abandonado, após a morte dos peloponesianos, os atenienses asseguraram não só a posse do país do Helesponto, como expulsaram além disso o inimigo, a viva força, de todo o resto do mar. Surpreenderam-se cartas nas quais um secretário comunicava a derrota aos Éforos de Esparta, em poucas palavras, de acordo com o costume lacônico de falar. Essas cartas estavam escritas nestes termos: «Tudo é perdido. Mindaro morreu. Nossa gente morre de fome. Nós não sabemos o que fazer». Os soldados atenienses, autores da derrota, se envaideceram tanto, que não queriam e recusavam com desprezo serem misturados com outros que se tinham deixado bater muitas vezes, enquanto eles jamais tinham sido vencidos. Essa recusa se deu porque, pouco tempo antes, sucedera ter sido o capitão Trãsiio derrotado perto da cidade de Éfeso erigindo os efesianos um troféu de bronze pela derrota, para vergonha e ignomínia dos atenienses. Era isso que os soldados de Alcibíades censuravam aos de Trásilo, e como se engrandeciam e se exaltavam a si mesmos e a seu capitão, não queriam alojar-se no m esmo quartel, nem tomar parte em jogos e exercícios, em comum com os demais. A repulsa permaneceu até que Farnabazo avançou contra eles com grande poder, tanto de infantaria como de cavalaria, enquanto se ocupavam em correr as terras dos abidenos para reabastecer-se. Alcibíades foi socorrê-los e oferecendo-lhes batalha, venceu-os novamente e os perseguiu pela noite a dentro em companhia de Trásilo. Os soldados de um e outro chefe, misturaram-se todos na ação, voltando juntos para o acampamento, com grande alegria.

LX. No dia seguinte Alcibíades, depois de ter levantado um troféu pela vitória do dia precedente, foi correr e pilhar o país governado por Farnabazo, sem que ninguém ousasse sair-lhe ao encontro. Nessa incursão foram feitos prisioneiros vários sacerdotes e religiosas do país, mas Alcibíades os libertou em seguida, sem fazê-los pagar nenhum resgate. Enquanto se preparava para ir guerrear os calcedônios que se tinham rebelado contra os atenienses, recebendo em sua cidade, guarnição e governador lace-demônios, Alcibíades foi prevenido de como eles haviam juntado todo o produto de sua revolta e o tinham depositado entre as mãos dos bitínicos, seus vizinhos e amigos, para os guardarem. Alcibíades conduziu assim, o seu exército até as fronteiras destes, e enviou-lhes na frente um arauto para queixar-se, exigindo-lhes explicações pelo agravo feito aos de Atenas. Os bitínicos, temendo que ele viesse atacá-los a eles próprios, entregaram-lhe os bens recebidos em depósitos, e mais, fizeram também aliança com ele.

LXI. Alcibíades, depois disso, foi sitiar a cidade de Calcedonia circundando-a inteiramente com um muro, de um extremo, a beira-mar, a outro. Farnabazo aproximou-se para fazê-lo levantar o sítio enquanto Hipócrates, capitão lacedemônio, governador da cidade, reunindo todas as suas forças no interior da praça, fez uma sortida contra os atenienses. Alcibíades, em consequência, alinhando sua gente em formação de batalha, de maneira a permitir-lhes fazer frente aos dois assaltantes simultaneamente, agiu com tal eficiência que constrangeu Farnabazo à fuga, matando no local a Hipócrates com grande número dos seus. Embarcou em seguida, pessoalmente, para ir ao país do Helesponto levantar dinheiro, e ali tomou de surpresa a cidade de Selibréia, arriscando-se em pessoa, antes do tempo que lhe fora prefixado. Isso porque, alguns particulares da cidade com quem mantivera inteligência, tinham combinado juntar-se a ele, no momento em que levantassem no ar um facho aceso, por volta de meia-noite. Viram-se porém constrangidos a dar o sinal antes da hora, por temor a um dos participantes da conjuração, que repentinamente se arrependeu. O facho foi assim levantado antes de estar pronta toda tropa. Alcibíades, ao vê-lo, tomou consigo trinta homens,

e correu com eles para as muralhas da cidade, determinando ao resto de sua gente que o seguisse com a maior diligência possível. A porta foi-lhe aberta a ele e aos trinta homens de sua companhia, além dos quais apareceram mais vinte, armados à ligeira. Mal entraram ouviram os da cidade que marchavam em armas contra eles, sendo impossível a Alcibíades escapar, caso fizesse frente aos inimigos. Tendo-se porém mantido invencível até esse dia, em todos os recontros por ele capitaneados, repugnava-lhe fugir. Decidiu-se assim, subitamente, a impor silêncio, a toque de trombeta, e, aquietado o rumor, fez solicitar em voz alta, por um dos seus acompanhantes, aos selibrianos que não tomassem armas contra os atenienses. A proclamação esfriou um pouco o calor dos que desejavam o combate, por suporem todo o exército ateniense já dentro da cidade, Os demais tiveram assim facilidade de entrar em composição, sem aventurar-se à sorte das armas. Enquanto eles parlamentavam para fazer o acordo, chegou o resto do exército. Supondo que os selibrianos não pediam outra coisa senão paz, como de fato era verdade, Alcibíades teve medo que uma numerosa tropa de trácios, vinda espontaneamente a essa expedição em seu apoio e por amor dele, começasse a pilhar e saquear a cidade. Determinou por isso, a todos, que saíssem para fora, e entrando em acordo com os principais selibrianos, não lhes causou outro mal senão o de pagarem uma soma em dinheiro, recebendo guarnição dos atenienses. Feito isso Alcibíades se retirou.

LXII. Enquanto era obtido esse resultado, os outros capitães atenienses que mantinham sitiada a cidade de Calcedonia, entraram também em acordo com Farnabazo, para mediante a entrega de certa soma em dinheiro de sua parte, bem como da recolocação da cidade na obediência do s atenienses, se absterem de fazer quaisquer correrias ou causar danos ao país de seu governo. Comprometeu-se ainda Farnabazo a dar guia e salvaguarda aos embaixadores de Atenas para poderem apresentar-se com segurança ao rei da Pérsia. Esse tratado tendo sido jurado pelos demais capitães, Farnabazo quis que Alcibíades também o jurasse. Recusou-se porém este a jurar, antes de fazê-lo o próprio Farnabazo. Quando depois os juramentos foram prestados por ambas as partes, Alcibíades marchou contra os de Bizâncio que se haviam também rebelado. Logo à sua chegada a circundou inteiramente a cidade com um tapume, obtendo depois um contacto secreto com dois particulares, Anaxilau e Licurgo e mais alguns outros, que lhe prometeram a rendição da cidade, caso ele se abstivesse de causar-lhe dano. Para executar a combinação, Alcibíades fez espalhar o boato de ter sido constrangido a abandonar precipitadamente o cerco, em virtude de certas notícias de sublevação no país da Jônia. Ele partiu de fato, com todos os seus navios, em pleno dia, voltando, entretanto nessa mesma noite. Descendo à terra com os mais bem armados de seus homens, aproximou-se das muralhas da cidade sem fazer barulho, ordenando aos demais, deixados nos navios, que, enquanto isso, vogassem em massa para dentro do porto, fazendo o maior alarme possível, com espanto e tumulto. O plano visava, por um lado que a rapidez da surpresa desnorteasse ao máximo os bizantinos, permitindo por outro, que aqueles com quem Alcibíades mantinha inteligência, tivessem mais facilidade para recebê-los e fazer entrar sua tropa com segurança, enquanto todo o mundo acorria ao porto para resistir à gente das galeras.

LXIII. A ação porém não transcorreu sem combate, porque os da guarnição da cidade, peloponesianos uns, outros beocianos e megarianos, barraram com tanta firmeza a tropa das galeras, que a obrigaram a reembarcar. Ouvindo em seguida, que os atenienses haviam entrado, por outro lado, na cidade serraram-se em batalha e marcharam a seu encontro. Foi muito duro o combate, mas Alcibíades saiu, enfim, vencedor, conduzindo a ala direita de sua tropa enquanto a esquerda era dirigida por Tera-mene. Obtida a vitória, Alcibíades fez prisioneiros os inimigos que haviam escapado da derrota, em número de trezentos mais ou menos. Fora do combate, porém, não houve um único bizantino justiçado, nem confiscado ou banido, porque os realizadores do acordo, tinham capitulado sob essa condição de que não lhes seria causado dano algum, nem se atentaria contra suas pessoas ou bens, nem se subtrairia a eles nada do que lhes pertencesse. A combinação foi tal, que mais tarde, na Lacedemônia, acusado Anaxilau de traição em virtude desse acordo, respondeu e justificou-se de maneira a reconhecerem não ter ele praticado ato algum, passível de censura. Declarou Anaxilau nessa ocasião, que não era lacedemônio mas bizantino, e não vira a Lacedemônia em perigo mas sim a Bizâncio totalmente encerrada em um tapume construído pelos inimigos, sendo impossível entrar coisa alguma na cidade e enquanto nessas condições, o pouco trigo existente ali dentro, era comido pelos peloponesianos e beocianos da guarnição, morriam os

pobres bizantinos de fome, com suas mulheres e filhos. Não se podia dizer, por essa razão, ter ele traído seu país sendo mais aceitável considerar que o tinha livrado das misérias e calamidades trazidas consigo pela guerra. Seguira nisso o exemplo da maior parte da gente de bem da Lacedemônia, a qual não reconhece outra honestidade e justiça, fora do que é proveitoso e útil a seu país. Ouvida a defesa, os lacedemônios tiveram vergonha de condená-lo e o deixaram partir.

Reentra em Atenas.

LXIV. Alcibíades porém, desejando finalmente, rever sua casa ou para dizer melhor, desejando ser visto por seus concidadãos depois de ter, tantas vezes, destroçado, desfeito e batido seus inimigos, aparelhou as velas para voltar a Atenas. Reconduzia, ricamente enfeitadas todas as galeras atenienses, ornadas em -todo o seu contorno, pelos escudos, armas e outros despojos dos inimigos. Fazia ainda rebocar muitas outras galeras apresadas por ele, carregando ainda maior número de insígnias e adornos de outras destruídas ou danificadas, as quais contadas conjuntamente, não eram menos de duzentas.

LXV. Quanto a Duris o Saminiano, pretenso descendente da raça de Alcibíades, o qual escreve que nessa sua volta, Crisógono, o tocador de flauta admirável, conquistador dos prêmios nos jogos Píticos, dava a nota, à cuja cadência os galés moviam os remos em compasso; e que Calípides, outro excelente ator trágico desempenhava aí o ofício de comitre{484}, incitando os remadores à voga, paramentado e vestido nos moldes exatos de certos atores quando vêm, em pleno teatro diante do povo, dar prova de sua arte; e que a galera capitanea sobre a qual se encontrava Alcibíades, entrou no porto com uma vela de púrpura, como se fosse uma mascarada levada a efeito depois da orgia de um festim, nem Éforo, nem Teopompo nem Xenofonte, fazem menção a nada disso. E não me parece crível, voltando do exílio depois de um tão longo banimento e de tantos males e calamidades que a ele se haviam seguido, quisesse Alcibíades mostrar-se de forma tão insolente e soberba aos atenienses. É certo, bem ao contrário, que ele voltou cheio de dúvida e temor, porque chegado ao porto de Pireu, não quis desembarcar de sua galera sem antes ter visto do convés, sobre a praça do porto, seu sobrinho Euriptólemo e muitos outros seus parentes e amigos vindos para recebê-lo, os quais lhe diziam para descer ousadamente sem medo nenhum.

LXVI. Mal Alcibíades desembarcou, acorreu todo o povo a seu encontro com tamanho afeto que nem sequer olhava para os outros capitães, acotovelando-se em torno dele e gritando de alegria ao vê-lo. Os que podiam aproximar-se, o saudavam e abraçavam enquanto todos o iam acompanhando, havendo quem se chegasse a ele para colocar-lhe chapéus de flores sobre a cabeça. Os que não podiam juntar-se a Alcibíades, olhavam-no de longe e os velhos o mostravam aos jovens. Essa alegria pública entretanto, era entrecortada de lágrimas e choro de pesar, quando o povo se lembrava de suas desgraças passadas, e as comparava com a prosperidade presente. Consideravam também que não teriam perdido a Sicília nem teriam sido frustradas todas as suas esperanças, se tivessem conservado a conduta do seu exército e o governo dos seus negócios nas mãos de Alcibíades na ocasião em que o haviam intimado a comparecer pessoalmente diante deles. De Alcibíades que depois, encontrando a cidade de Atenas quase inteiramente destituída do domínio do mar, com suas forças de terra reduzidas a tal extremidade que mal podia defender seus arrabaldes; dividida e perturbada, além disso, em seu interior por sedições civis, conseguira, apesar de tudo, restabelecê-la e reunindo o punhado de forças fracas e pequenas que lhe restava, já lhe restituíra, não somente a superioridade e domínio no mar, mas também em terra e a fizera vitoriosa por toda a parte.

LXVII. Seu decreto de anistia já tinha sido antes passado e concedido pelo povo, e instâncias de Calias, filho de Caléscoro, que o propôs, como ele próprio o testemunha em suas elegias, ao relembrar a Alcibíades o serviço prestado, dizendo:

Eu propus o decreto do teu primeiro perdão

Em pleno conselho, e ousei

Propugná-lo. Posso, por isso, sustentar

Ser eu quem te fez retornar

Pois a decisão que te trouxe de volta,

Está selada com selo verbal de minha língua.

Honras que recebe.

LXVIII Reunindo-se o povo em conselho, Alcibíades tomou a palavra apesar disso, e fez um discurso no qual deplorou primeiramente, suas desgraças, e queixando-se um pouco da injustiça que lhe tinham feito, lançou todavia todo o acontecido à conta de sua má sorte, ou de algum deus invejoso da sua prosperidade. Discorreu em seguida minuciosamente sobre os motivos de esperança do inimigo, exortando os atenienses, a manter de qualquer forma, a coragem, e a ter confiança no futuro. Foram-lhe finalmente doadas pelo povo, coroas de ouro, sendo ele eleito capitão general de Atenas, com supremo poder tanto em terra como no mar. Foi também determinado no mesmo momento, por decisão popular, que lhe fossem devolvidos todos os bens, absolvendo-o os sacerdotes Eumólpidas das maldições, revogadas da mesma maneira em alta voz, pelos arautos e oficiais de justiça as execrações fulminadas e publicadas contra ele, por determinação do povo. A ordem foi cumprida por todos exceto por Teodoro{485} o pontífice, o qual declarou: «Se ele nada fez contra a coisa pública eu não o excomunguei nem amaldiçoei. »

LXIX. Apesar dos negócios de Alcibíades estarem assim prosperando tão gloriosamente, houve entretanto quem considerasse mau presságio o tempo de sua volta, pois o dia de sua chegada caiu, por acaso, exatamente naquele em que é celebrada, em honra da deusa Minerva, a festa chamada Plinteria, ou seja, a festa das lavagens. Os sacerdotes, denominados Praxiergidas, praticam nesse dia alguns sacrifícios secretos e cerimonias ocultas, no vigésimo-quinto dia do mês de Setembro{486}. Retiram então todas as joias e paramentos da imagem da deusa, conservando-a escondida e velada. Os atenienses, por esse motivo, colocam esse dia entre os mais aziagos, evitando cuidadosamente fazer ou começar nele qualquer coisa de importância. O fato era interpretado como parecendo não estar a deusa satisfeita nem alegre com o retorno de Alcibíades, escondendo-se para não vê-lo e afastá-lo de si.

LXX. Sucedendo-lhe tudo, nessa sua volta todavia, de acordo com os seus desejos, ele armou cem galeras para retornar imediatamente ao teatro da guerra. Dominou-o, entretanto, um impulso honesto e delicado que o deteve até o tempo no qual se celebra a solenidade dos mistérios{487}. Porque, após a ocupação da praça de Decélia, fortificada pelos lacedemônios dentro do território da Ática, quando os inimigos, mais fortes em campo raso, dominaram os caminhos que conduzem de Atenas a eleusina, não houve mais licença para fazer-se a procissão solene por terra, com a mesma dignidade e devoção de antes, só se podendo ir até lá por mar. Os sacrifícios, as danças e muitas outras santas e piedosas cerimonias, que se costumavam fazer pelo caminho,{488} através do qual se cantava o cântico sagrado de laco,

eram assim necessariamente, descuidadas e suprimidas. Pareceu portanto a Alcibíades que seria para ele obra meritória em relação aos deuses, e gloriosa em relação aos homens, devolver a essa festa e solenidade, sua forma e dignidade costumeira, acompanhando a procissão e defendendo-a das incursões e ataques dos inimigos. Alcibíades calculou que a aconteceria uma das duas hipóteses: ou Ágis, rei dos lacedemônios, não se moveria, diminuindo assim sua reputação e rebaixando sua glória, ou, caso saísse, ele Alcibíades lhe daria batalha devota e religiosa em relação aos deuses, visto que seria em defesa de suas mais santas e sagradas cerimonias e à vista do seu país, onde teria todos seus concidadãos como espectadores e testemunhas do seu valor e coragem.

LXXI. Tomada essa resolução Alcibíades a comunicou aos sacerdotes Eumólpidas, aos arautos e outros ajudantes e ministros dos mistérios. Dispôs, em seguida, ao longo de todo o caminho, homens de sentinela sobre as mais altas encostas da região, e enviou adiante, pela madrugada, batedores para a exploração do país. fez depois disso, marchar os sacerdotes, religiosos, confrarias e os demais acompanhantes em procissão, cobrindo-os a todos com seu exército que os cercava inteiramente, marchando de ambos os lados em boa ordem e profundo silêncio. Foi essa uma expedição venerável do exército, cheia de santa elevação na qual os invejosos, se quisessem confessar a verdade, diriam que Alcibíades desempenhou tanto o ofício de grande sacerdote e soberano pontífice como de general. Ele conduziu então essa procissão até o interior da cidade, sem que ninguém dos inimigos tivesse jamais ousadia de sair a campo para combatê-lo. Isso tudo o encorajou ainda mais, e aumentou a boa opinião formada sobre sua competência e sábia conduta na guerra. Consideravam-no assim como invencível, sempre que investido com plenos poderes no comando de um exército. Quanto ao povo mais humilde e gente de baixa condição Alcibíades os soube atrair e conquistar tão bem, que todos eles desejavam insistentemente fossem, a autoridade e o poder supremo usurpados por ele. Chegaram a dizer-lhe para colocar-se acima de toda inveja, exortando-o a abolir todas essas leis e costumes de se fazerem autorizar as coisas pela voz do povo. Deviam-se abolir também todas as demais loucuras que arruinavam os negócios da coisa pública. Cab ia-lhe apossar-se da soberana autoridade do governo, para dispor inteiramente de tudo à sua vontade, sem temer daí por diante os caluniadores. Se jamais Alcibíades pretendeu realmente, usurpar ou não a tirania, ninguém o saberá dizer. É certo, todavia, terem os maiorais da cidade, apressado ao máximo a sua partida, temendo que ele o fizesse. Satisfizeram, para isso, a todas as suas vontades, dando-lhe até mesmo, por companheiros, no cargo de capitão, aqueles a quem ele próprio escolheu.

Nova expedição contra os lacedemônios e novas acusações contra Alcibíades.

LXXII. Alcibíades partiu enfim, com uma frota de cem galeras, indo primeiramente desembarcar na ilha de Andros. Derrotou em batalha os habitantes da ilha, juntamente com alguns lacedemônios aí presentes. Não conquistou porém, a cidade, constituindo isso uma das primeiras denúncias e imputações que os malevolentes lhe fizeram. Porque, se houve jamais homem prejudicado pela própria fama de capacidade e valor, foi certamente Alcibíades. As belas e grandes coisas por ele realizadas, tinham-lhe atribuído tal reputação de bom senso e ousadia, que quando falhava, no que quer que fosse dava margem a suspeitas, julgando-se não ter sido por impossibilidade que ele falhara, mas por falta de vontade, nada podendo escapar-lhe quando ele se empenhava a fundo. O povo por isso, prometera a si mesmo, ouvir, logo após sua partida, notícias da tomada da ilha de Quio e de todo o país da Jônia. Irritava-se assim por não chegarem tais notícias com a presteza imaginada pelo seu desejo. Não se tinha em consideração a falta de dinheiro sofrida por Alcibíades, especialmente quando fazia a guerra a inimigos, que tinham o grande rei da Pérsia por fornecedor, enquanto ele, por necessidade, era frequentemente constrangido a abandonar seu campo e a ir daqui para ali à procura de numerário, para nutrir, pagar o soldo e entreter sua gente. E foi esse o motivo da última acusação feita contra ele. Lisandro, enviado pelos lacedemônios como almirante e capitão general do seu exército de mar, instou tanto junto a Ciro, irmão do rei da Pérsia, que obteve dele uma considerável soma em dinheiro, por meio da qual deu aos marinheiros quatro óbolos{489} de soldo ordinário por dia, enquanto não era costume deles receberem senão três.

Alcibíades porém tinha grande dificuldade em fornecer aos seus marinheiros, três óbolos apenas. Assim para obter dinheiro, ele abalou-se a fazer uma incursão pela Caria.

LXXIII. Deixara, durante esse tempo, como seu lugar-tenente, entregando-lhe a superintendência dos navios em sua ausência, a um certo Antíoco, bom piloto, mas homem leviano, quase destituído de bom senso e com mau discernimento. Alcibíades lhe de-terminara expressamente não combater de forma alguma, nem mesmo se os inimigos lhe viessem apresentar batalha. Antíoco, todavia, revelou-se de tal forma contrário, e deu tão pouca atenção à ordem terminante recebida, que, armando a galera por ele capitaneada, juntamente com mais outra, dirigiu-se à ilha de Éfeso e foi navegar diante das proas inimigas, fazendo e dizendo vilanias e ultrajes aos tripulantes das suas embarcações. Irritado com isso, Lisandro saiu-lhe ao encontro, a princípio, com poucos navios. Os outros oficiais das galeras atenienses, vendo Antíoco em perigo, saíram em fila, para socorrê-lo. Lisandro, de seu lado, lançou-se então ao mar contra eles com toda sua frota, destroçando-os. O próprio Antíoco morreu em combate, e houve muitas galeras e homens aprisionados, razão pela qual Lisandro erigiu um troféu em sinal de vitória.

LXXIV. Alcibíades recebendo a notícia do desastre, voltou imediatamente com toda diligência para a ilha de Samos. Aí chegado, foi apresentar batalha a Lisandro com o resto de sua frota. Este porém, satisfeito com a primeira vitória, não lhe saiu ao encontro. Houve, logo em seguida, um certo Trasíbulo, filho de Trasão, inimigo de Alcibíades que partiu do acampamento de Samos, indo diretamente para Atenas a fim de acusá-lo junto ao povo, dando a entender que ele estragava tudo, tendo perdido já vários navios por negligenciar seu cargo e dar-lhe pouca atenção, fazendo-se substituir por gente acreditada junto a ele exclusivamente por ser de agradável companhia. Segundo a denúncia, essa gente fazia Alcibíades passar seu tempo em bebedeiras, repetindo as chalaças costumeiras dos homens do mar, enquanto se deslocava, a seu bel-prazer, de um lado para outro, amontoando dinheiro, e celebrando banquetes com cortesãs abidenas e jônias, mesmo a esse tempo em que o exército inimigo se encontrava tão perto do seu. Alcibíades foi também acusado, de fazer fortificar alguns castelos no país da Trácia, perto da cidade de Bisante{490} para aí retirar-se, não podendo, ou antes não querendo viver mais em seu país. Os atenienses, dando crédito a essas imputações, elegeram imediatamente outros capitães, para demonstrar a sua irritação e descontentamento contra ele.

Ele se retira para a Trácia.

LXXV. Alcibíades, sabendo disso, e temendo lhe fizessem algo ainda pior, retirou-se inteiramente do campo ateniense e reunindo certo número de soldados estrangeiros, foi fazer a guerra, por conta própria, a alguns povos trácios, independentes da autoridade de qualquer jugo. Alcibíades acumulou ali boa soma de dinheiro com os despojos conquistados, e ao mesmo tempo garantiu os gregos, habitantes dessa região, contra as correrias e invasões dos bárbaros. Os capitães atenienses, Tideu, Menan-der e Adimanto mantinham-se então com todas as galeras que restavam à cidade de Atenas, na costa vulgarmente chamada{491} o Ribeirão da Cabra, de onde todas as manhãs, durante vários dias seguidos, lançavam-se ao mar alto, e iam apresentar batalha a Lisandro, ancorado diante da cidade, de Lampsaco, com todo o exército de mar lacedemônio. Os chefes atenienses retornavam ao local de onde haviam partido, em muito má ordem, sem fazer sentinela, nem manter-se em guarda por qualquer outra forma, como gente que desprezava os inimigos. Alcibíades, achando-se em terra firme não longe dali, inquietando-se com a falta por eles cometida, foi-lhes ao encontro, a cavalo, para observar que eles se haviam colocado mal nessa costa, onde não tinham abrigo, nem contavam com cidades, e onde necessitavam procurar seu reabastecimento muito longe, na cidade de Sestos. Observou também que eles permitiam à sua gente de mar sair fora dos navios quando junto à costa, e dispersar-se pela terra, à sua vontade, quando tinham diante

deles um grande exército inimigo acostumado a obedecer prontamente às ordens de um só chefe. Alcibíades chamou-lhes a atenção, aconselhando-os a saírem dali para irem ancorar diante da cidade de Sestos. Os capitães não o quiseram escutar e o que é pior, um deles, Tideu. ordenou-lhe cheio de orgulho que se retirasse imediatamente, pois não competia a ele mas a outros, a direção do exército.

Lisandro bate os atenienses, conquista Atenas e garante para a Lacedemônia, o império do mar.

LXXVI. Alcibíades, retirou-se, suspeitando alguma traição escondida. Ao partir disse a alguém dentre seus conhecidos, que o acompanhavam quando deixava o campo, que se os capitães atenienses não o tivessem assim repelido com tanta soberba, ele Alcibíades, constrangeria dentro de poucos dias os lacedemônios a travar batalha, mesmo contra vontade, ou a deixar e abandonar seus navios. Alguns consideraram essa declaração como pura jactância, enquanto outros julgaram-na possível porque ele estava em condições de trazer do lado de terra, grande número de trácios, gente com armas de arremesso e de cavalaria, com os quais teria caído sobre os lacedemônios pondo seu campo em confusão. Demonstrou-se, de resto, com toda evidência, que ele tinha previsto sabiamente o resultado dos erros cometidos pelos capitães atenienses, em virtude do sucedido logo depois, porque Lisandro atacou um dia. de improviso, os atenienses com tal rudeza que, do conjunto dos navios de sua frota, não se salvaram senão oito galeras com as quais fugiu Conon. As demais, nada menos de duzentas, foram todas apresadas e conduzidas cativas, com três mil prisioneiros que foram todos mortos por determinação de Lisandro. Pouco tempo depois, conquistou este a própria cidade de Atenas onde incendiou o resto de seus navios, fazendo demolir e abater suas longas muralhas.

Alcibíades dirige-se para a Bitínia com a intenção de ir à corte do rei Artaxerxes.

LXXVII. Depois desse grande acontecimento, temendo os lacedemônios, que se tinham tornado sem contraste, senhores do mar e da terra, Alcibíades passou-se para o país da Bitínia, fazendo seguir atrás de si grande quantidade de bens, e levando consigo boa soma em dinheido, sem contar o que havia deixado, além disso, nos castelos da Trácia, onde se firmara, ele perdeu, entretanto, na Bitínia grande parte do que trazia, tomado e desviado por alguns trácios, habitantes do país. Alcibíades deliberou nessa ocasião, retirar-se para junto do rei Artaxerxes. esperando que, quando este rei o tivesse experimentado, não o julgaria homem menos útil do que fora antes Temístocles. O motivo de sua presença, cabia notar, seria ainda considerado mais justo, porque ele não ia propor ao rei a guerra contra seus concidadãos, nem contra seu país, como fizera Temístocles, mas ao contrário, ia pedir-lhe fosse do seu agrado socorrê-los. Pensando que Farnabazo, mais do que ninguém, lhe forneceria meios para ir com segurança até a corte do rei, tomou a direção do seu país na Frigia, onde permaneceu algum tempo a lhe fazer a corte, sendo também honrado e acarinhado por ele.

LXXVIII. Os atenienses, entrementes, sentiam-se desolados de ver seu império perdido. Quando, porém, Lisandro, após lhes ter tirado a liberdade, colocou ainda Atenas sob o domínio de trinta governadores, vendo então tudo irremediavelmente liquidado, quando lhes teria sido possível ressurgir[492], se tivessem sido bem avisados, puseram-se juntos, a lamentar e deplorar suas misérias e desgraças, rememorando os erros e faltas cometidos, entre os quais consideravam como o maior de todos terem-se irado pela segunda vez contra Alcibíades. Porque eles o haviam expulso e repelido sem que de sua parte tivesse este praticado ofensa ou cometido crime, exclusivamente por despeito de ter, um dos seus subordinados, em sua ausência, perdido vergonhosamente, pequeno número dos seus navios.

eles entretanto, mais vergonhosamente ainda, haviam privado sua cidade do capitão de maior valor e capacidade entre os que possuíam. E apesar de tudo, tinham ainda uma vaga esperança de que seus negócios não estivessem totalmente perdidos, enquanto vivesse Alcibíades. Se antes, fugitivo e banido, ele não se contentara com viver em repouso sem nada empreender, muito menos se contentaria agora, diziam eles, e caso lhe reste algum meio, não suportará jamais o orgulho e insolência dos lacedemônios, nem as crueldades e ultrajes dos trinta tiranos.

A Lacedemônia nada mais teme a não ser Alcibíades. Lisandro é encarregado de fazê-lo morrer. Lisandro contrata sua morte com Farnabazo.

LXXIX. Não era totalmente desarrazoado que a plebe desenvolvesse tais fantasias em sua maneira de julgar, pois mesmo os trinta governadores desenvolveram todos os esforços para procurar saber e inquirir cuidadosamente qual a atitude de Alcibíades, e como pretendia agir. Crítias, finalmente, fez observar a Lisandro que a cidade de Atenas, não estando mais sob a autoridade e governo do povo, podiam os lacedemônios considerar-se e declarar-se como firmes senhores de toda a Grécia. Mas embora o povo de Atenas, de si mesmo, se acomodasse a sofrer pacientemente o jugo de um pequeno número de governadores, jamais Alcibíades, enquanto existisse, deixá-los-ia viver em paz e procuraria constantemente, suscitar e acender na cidade alguma agitação. Lisandro porém não se deixou de todo levar pela sugestão, sem que primeiro lhe fosse enviada uma ordem especial pelos magistrados da Lacedemônia, onde lhe era expressamente determinado tirar Alcibíades deste mundo, a qualquer preço. Os magistrados agiam assim seja por medo real à subtileza de seu espírito e à grandeza de sua coragem em empreender todas as coisas as altas arriscadas, seja por desejarem, com isso. agradar ao rei Ágis. Tendo recebido essa ordem, Lisandro, para poder executá-la. transmitiu-a a Farnabazo, que a deferiu a seu irmão Mageu e a seu tio Susamitres.

Alcibíades é morto na Frigia.

LXXX. Encontrava-se então Alcibíades em certo burgo da Frigia, em companhia de uma sua concubina de nome Timandra. Viu-se uma noite, enquanto dormia, como se estivesse vestido com a roupa dessa sua concubina que o mantinha entre os braços e lhe adornava a cabeça, pinta ndo e enfeitando seu rosto como se ele fosse mulher. Dizem outros ter ele pressentido que Mageu lhe cortava a cabeça e fazia queimar seu corpo. Afirmava-se ter sido bem pouco tempo antes de sua morte que ele teve essa visão. Os encarregados de matá-lo não tendo tido a ousadia de penetrar na casa onde ele se encontrava, atearam-lhe fogo de todos os lados. Mal Alcibíades ouviu o barulho, juntou o que pôde de vestimentas, tapeçarias e outros panos, e os lançou sobre o fogo, tentando abafá-lo. Enrolando depois o manto em torno do braço esquerdo, tomou a espada nua na mão direita e atirou-se para fora de casa sem que o fogo lhe causasse outro dano a não ser o de queimar-lhe ligeiramente as vestes. Os bárbaros, mal o perceberam, recuaram dispersando-se, sem que houvesse nenhum capaz de esperá-lo para combatê-lo de perto. De longe porém, lançaram tal quantidade de dardos e flechas sobre ele, que o mataram no lugar. Quando depois se retiraram, Timandra foi recolher seu corpo a quem envolveu e amortalhou nos seus melhores tecidos dando-lhe sepultura na forma mais honrosa possível, com os bens que pôde recuperar. Conta-se que Laís, a tão afamada cortesã apelidada a Corintia, embora nascida em uma pequena cidade da Sicília chamada Hicaro{493} onde tinha sido recolhida, era filha dessa Timandra.

LXXXI. Quanto à morte de Alcibíades, há quem, concedendo como verdadeiro todo o resto do meu escrito, negam ter sido Farnabazo ou Lisandro ou os lacedemônios que o fizeram matar. Dizem que Alcibíades tendo consigo uma jovem de nobre estirpe, corrompida e seduzida por ele, seus irmãos, não podendo suportar a injúria, foram incendiar a casa onde ele se encontrava, matando-o na forma descrita, no momento em que pretendia lançar-se, de um salto, para fora do fogo.

Coriolano

Aproximadamente do ano 228 ao ano 266 de Roma; 468 anos antes de J. C.

CAIO MÁRCIO[494] CORIOLANO

Origem da família Márcia.

A casa dos Marcianos em Roma, pertencia ao número das patrícias, e dela saíram muitas grandes personagens, entre as quais Anco Márcio, filho da filha do rei Numa e que reinou em Roma depois de Tulo Hostílio. Pertenceram também a ela, Públio e Quinto os quais fizeram vir até o interior de Roma a maior e melhor água aí existente; Censório, assim denominado por tê-lo o povo romano eleito censor por duas vezes, baixando depois, por sua persuasão, a ordenança e a lei que daí em diante ninguém mais poderia pleitear nem exercer essa magistratura por duas vezes. Caio Márcio porém, sobre o qual presentemente pretendemos escrever, tendo ficado órfão de pai, foi criado por sua mãe viúva. Ele fez ver, por experiência, que a orfandade trazendo à criança muitos outros prejuízos não a impede contudo de tornar-se homem de bem e de excelente virtude, acima do comum. É assim, sem razão que alguns homens de natureza baixa, censuram e acusam como sendo causa de sua corrupção, a falta de cuidado dispensado a eles e a seus costumes, durante a juventude.

Infância de Caio Márcio. Sua firmeza e seu temperamento altivo.

II. Essa mesma personagem dá testemunho à convicção de alguns, isto é, que uma natureza forte e vigorosa, quando destituída de bom alimento, produz muitos males e bens simultaneamente, da mesma forma que uma boa terra fértil, produz, em quantidade, ervas boas e más se não for bem cultivada. A força natural, a constância e perseverança de sua vontade, em tudo quanto decidia empreender, levavam-no a tentar e executar belas e grandes coisas; de outro lado porém, sua cólera impaciente e sua obstinação inflexível em não querer jamais ceder a ninguém, tornavam-no pouco acessível e inadaptado a conviver entre os homens, os quais, admirando sua firmeza impassível em jamais deixar-se vencer, nem pelo trabalho, nem pelo prazer, nem pela avareza, reconheciam nele, espontaneamente, força, temperança e justiça. Quanto ao resto todavia, não podiam aproximar-se dele, nem frequentá-lo familiarmen te, como acontece entre cidadãos de uma mesma república, de tal forma suas maneiras eram desagradáveis e odiosas, em função de uma certa gravidade que lhes parecia excessivamente senhorial. Em verdade também, o melhor fruto que os homens recolhem da doçura e benignidade das Musas, isto é, do conhecimento das boas letras, é o de domarem e suavizarem a própria natureza, antes selvagem e feroz, levando-os, ao compasso da razão, a encontrar a média e a rejeitar o excessivo.

Seu gosto pelas armas.

III. Ora, a esse tempo era a ação valorosa universalmente honrada e estimada em Roma, acima de todas as outras virtudes. Di sso faz fé chamarem-na então «virtus», nome da própria virtude, atribuindo-se a designação do gênero comum, a uma sua espécie particular. Virtude, dessa forma, em latim, equivalia a dizer-se coragem. Márcio sendo ainda mais inclinado às armas do que qualquer outro seu contemporâneo começou logo, desde a infância, a tomá-las consigo e manejá-las. Considerando, além disso, que os armamentos exteriores e artificiais não servem quase de nada a quem não é bem munido e provido dos naturais e inatos, exercitou de tal forma seu corpo em toda sorte de trabalho e combate, que se tornou rápido na corrida, duro na luta e tão firme ao segurar, que não se encontrava homem capaz de sobrepujá-lo. Os que disputavam com ele em proezas e qualidade de coragem ao se verem superados, alegavam que ele devia sua superioridade apenas à sua for ça corporal e à sua resistência física, jamais vencida por nenhum exercício ou trabalho.

Suas primeiras façanhas.

IV. A primeira guerra na qual tomou parte, quando ainda muito jovem, foi contra Tarquinio, cognominado o Soberbo, o qual, tendo sido rei de Roma, fora depois expulso em razão de sua arrogância. Depois de tentar seu retorno através de muitas batalhas nas quais fora sempre batido, Tarquinio desenvolveu finalmente, seu último e total es força, apoiado pelos latinos e muitos outros povos da Itália. Com um grande e poderoso exército empreenderam esses povos restaurar o rei em seu estado, não tanto para lhe ser agradável, como para diminuir e rebaixar as forças dos romanos, a quem temiam e invejavam por seu crescimento. Nessa batalha onde se verificaram muitas mudanças pró e contra um e outro lado, combatendo Márcio ante os olhos do próprio ditador, viu um romano atirado ao chão bem perto dele. Márcio não o abandonou, mas lançando-se à sua frente para cobri-lo, matou com as próprias mãos o inimigo que se atirava sobre ele. Depois da batalha ganha, o ditador não deixou no esquecimento um tão belo ato e coroou a Márcio em primeiro lugar, com um chapéu de ramos de carvalho, porque é costume dos romanos, honrarem com essa coroa a quem salva a vida de um concidadão. O costume decorre ou de ter a lei pretendido honrar o carvalho em consideração ao povo arcadiano, chamado outrora, comedor de glandes pelo oráculo de Apolo, ou porque é fácil à gente de guerra encontrar por toda a parte ramos de carvalho, ou porque se tenha julgado conveniente, como homenagem a quem salvava a vida de um cidadão, a dádiva de uma coroa da árvore especialmente dedicada e consagrada a Júpiter, salvador e protetor das cidades. Cabe notar, além disso, que o carvalho, entre as árvores selvagens, é a que ostenta o mais belo fruto, sendo a mais forte entre as cultivadas e domésticas. Considere-se também que os homens, a princípio, colhiam a glande como seu pão e o mel como sua bebida, e mais ainda, o carvalho lhes dava também como alimento, boa parte dos animais e pássaros, produzindo o visgo necessário para apanhá-los. Conta-se que nessa batalha apareceram Castor e Pólux, os quais, depois do combate foram vistos repentinamente na praça, com os cabelos empapados de suor, dando de primeira mão a notícia da vitória, no local onde há atualmente um templo edificado em sua honra, junto a uma fonte. É por isso, ainda hoje consagrado a Castor e Pólux o dia dessa vitória que se. verificou a quinze de julho.

V. Acontece frequentemente que quando a honra e a reputação vêm, antes do tempo, favorecer os jovens de natureza não muito elevada, se estanca e sacia a sede e ambição de glória, fácil demais para acalmar. As primeiras honras, ao contrário, não fazem mais que aguçar o apetite de quem tem o coração firme e verdadeiramente grande. São elas como os ventos que os impulsionam a empreender e a querer realizar todas as coisas altas e louváveis. Estes não desejam a paga dos seus atos passados, mas antes parece que dão penhor e arras de suas ações futuras, com vergonha de abandonar sua glória e de não a ir sempre aumentando mais e mais, por atos semelhantes de virtude. Existindo em Márcio essa paixão, ele se esforçava por vencer-se a si mesmo agindo sempre bem e querendo dar todos os dias, alguma nova prova de seu valor, ia realizando proezas e mais proezas e acumulando despojos sobre despojos. Os novos capitães em consequência, disputavam com os precedentes, sobre quem melhor o homenagearia, dando mais honroso testemunho de sua virtude. Tendo-se os

romanos, por esse tempo, envolvido em muitas guerras e batalhas, Márcio participou de todas elas e não houve uma, de onde não voltasse sem algum prêmio de honra. E assim como para os outros, era a glória a finalidade do seu amor pela virtude, para ele, a finalidade do seu amor pela glória, era a satisfação que com ela produzia à sua mãe. Porque nada havia que Márcio apreciasse mais, nem que o tornasse tão feliz levando-o a sentir-se mais lisonjeado, do que fazer sua mãe ouvi-lo engrandecido e louvado por todo o mundo, quando voltava sempre coroado, ao abraçá-lo de retorno, com lágrimas de alegria nos olhos. Conta-se que Epaminondas confessou sentir uma paixão semelhante, reputando como sua principal e maior honra, aquela na qual seus pais ainda vivos, tinham contemplado a vitória por ele obtida na planície de Leuctres, Epaminondas teve essa felicidade de ter pai e mãe vivos na ocasião, participando de sua alegria e prosperidade. Márcio porém, considerando dever cumulativamente à sua mãe o que devia também a seu pai se ainda existisse, não se contentou apenas em satisfazê-la e honrá-la, mas a seu empenho e súplica, casou-se e teve filhos, sem contudo jamais separar-se dela.

Luta da nobreza e do povo em Roma.

VI. Quando Márcio já atingira grande autoridade e reputação em Roma por motivo de sua virtude, aconteceu que o senado, sustentando o partido dos ricos, entrou em grande dissensão com a plebe. Sentia-se esta tratada de forma excessivamente dura, oprimida pelos usurários que lhe tinham emprestado dinheiro. Quem possuía alguns poucos haveres era privado deles pelos credores, que os faziam arrecadar por falta de pagamento da usura, levando-os a leilão. Os que nada tinham eram pessoalmente detidos, sendo suas pessoas tratad as como escravas, embora mostrassem cicatrizes e feridas recebidas em muitas batalhas das quais haviam participado, a serviço e em defesa da república. Entre essas guerras fora a última travada contra os sabinos, a quem haviam combatido mediante promessa feita pelos ricos de tratá-los mais humanamente no futuro, tendo-se responsabilizado por isso o príncipe do senado Marcos Valério, com autorização do conselho. Depois, porém, de terem cumprido bem o seu dever desbaratando os inimigos, vendo os plebeus que não os tratavam em nada, melhor nem mais humanamente e que o senado ensurdecia, demonstrando não lembrar-se das promessas feitas e os deixava serem levados como escravos por seus credores, permitindo que fossem despojados de todos os seus bens, começaram então, a amotinar-se abertamente, gerando más e perigosas sedições no interior da cidade.

VII. Advertidos os inimigos do que acontecia, entraram em armas pelo território romano, queimando e pilhando tudo por onde passavam. Para remediar ao perigo, fizeram os magistrados convocar ao som de trombeta, todos quantos estivessem em idade de pegar em armas para virem alistar-se para a guerra. Ninguém, entretanto, obedeceu ao comando. As opiniões dos principais homens detentores da autoridade na direção dos negócios, se dividiram então. Foram uns de parecer que era razoável afrouxar e ceder um pouco à exigência da plebe, relaxando-se parcialmente a severidade excessiva das leis. Outros, entre os quais Márcio, sustentavam o contrário, alegando não ser o pior de tudo isso, a perda de dinheiro que viriam a sofrer os emprestadores mas sim que se estava diante de um princípio de desobediência, e de uma tentativa insolente e audaciosa do populacho desejoso de abolir as leis e lançar tudo na confusão. O senado portanto, se fosse prudente, devia prover à extinção imediata dessa tentativa, sufocando-a no nascedouro.

VIII. O senado reuniu-se várias vezes em poucos dias para decidir sobre o assunto sem todavia tomar resolução nenhuma. Vendo isso, os pobres acompanhados da arraia miúda, juntaram-se em bando e atribuindo-se coragem uns aos outros, abandonaram a cidade, indo estabelecer-se sobre uma colina denominada hoje o Monte Sagrado, junto ao rio Teverone, Não praticavam violência nem nenhuma outra demonstração de revolta a não ser a de irem gritando que de longa data, os ricos já os tinham expulso da cidade, e que por toda a Itália

eles encontrariam ar e água e local para se fazerem enterrar, enquanto, mantendo-se em Roma. Eles nada tinham a ganhar a não ser ferimentos e morte nas contínuas guerras e batalhas que sustentavam em defesa da opulência d os abastados. O senado aturdido com a sua partida, enviou-lhes, como parlamentares os anciãos mais populares e amáveis de seu meio, entre os quais se encontrava Menênio Agripa. Depois de muitas razões debatidas com franqueza, e de muitas súplicas do senado cordialmente transmitidas ao povo, Menênio encerrou sua arenga com uma fábula bastante expressiva, dizendo-lhes: «Todos os membros do corpo humano se rebelaram certo dia, contra o ventre. Acusavam-no e se queixavam de que ele só se mantinha acomodado no meio do corpo sem fazer nada, nem contribuir com seu trabalho para a manutenção comum, enquanto todas as demais partes desenvolviam grandes esforços e prestavam laboriosos serviços para prover ao seu apetite. O ventre entretanto zombou da loucura dos demais, porque «embora seja verdade, dizia ele, que eu receba em primeiro lugar todas as iguarias e o alimento necessário ao corpo humano, devolvo depois e distribuo tudo entre todos». «Assim, concluiu Menênio, senhores cidadãos romanos, o senado alega junto a vós uma razão semelhante. Os negócios bem digeridos ali, com o exame minuci oso dos conselhos sobre o que é útil e conveniente à coisa pública, são causa dos proveitos e bens recebidos por cada um de vós».

IX. Essas observações aplacaram a plebe mediante a outorga, por parte do senado, da eleição anual de cinco magistrados hoje denominados tribunos do povo, com o encargo de apoiar e defender os pobres a quem se queria espezinhar e oprimir. Foram então eleitos como primeiros tribunos, aqueles que haviam sido autores e condutores dessa sedição, Júnio Bruto e Sicino Veluto. Mal a cidade foi reconduzida à união e à concórdia, o povo retomou armas incontinente, revelando seu anseio de mostrar-se melhor do que nunca, obedecendo atenciosamente aos magistrados, naquilo que lhes era ordernado para a guerra. E Márcio, muito embora insatisfeito de ver acrescida a força popular visto que isso acontecia em prejuízo e diminuição da nobreza, e não obstante perceber que os outros nobres e patrícios sentiam o mesmo, exortou-os todavia «a não mostrar-se menos devotados do que a plebe em tomar armas e combater pela república, Cabia-lhes dar a conhecer de fato, que eles não superavam tanto os plebeus em riqueza e poder, como em valor e coragem.»

Guerra dos Volscos. Assédio e conquista da cidade de Coriolos. Apelido de Coriolano atribuído a Márcio.

X. Ora, havia no país dos volscos contra quem, a esse tempo os romanos sustentavam guerra, uma cidade capital e de autoridade suprema denominada Coriolos, cujo sítio foi estabelecido pelo cônsul Comínio. Os outros volscos, temendo, que ela viesse a ser tomada de assalto, reuniram-se de todos os lados para socorrê-la. Tencionavam dar batalha aos romanos diante da própria cidade onde podiam atacá-los de dois lados. Percebendo sua intenção, o cônsul Comínio, dividiu também em dois seu exército e com uma parte dele foi, em pessoa, ao encontro dos que vinham do lado de fora, deixando no acampamento a outra parte, sob o comando de Tito Lártio{495}, um dos homens mais corajosos existentes entre os romanos, para fazer frente a quem pretendesse organizar uma sortida partindo da cidade. Os coriolanos, em consequência, dando pouca importância aos que tinham permanecido no cerco de sua cidade, saíram contra eles e levando a melhor logo de princípio, repeliram os romanos até o interior do seu campo fortificado, onde se encontrava Márcio. Lançou-se este para fora, com pouca gente, fez em pedaços o primeiro grupo de inimigos a quem se dirigiu, e deteve abruptamente o ímpeto dos demais, agrupando de novo e chamando em alta voz para o combate, os romanos em fuga. Ele era exatamente como Catão ideava o homem de guerra: não somente rude e duro nos golpes, mas também tremendo ao inimigo pelo som da voz e pelo seu aspecto terrível. Reuniu-se assim imediatamente boa tropa de romanos em torno dele, provocando tamanho terror nos adversários que estes recuaram. Márcio todavia, não contente com o resultado, perseguiu-os e os expulsou em fuga precipitada, até para dentro de suas portas. Ao ver aí que os romanos recuavam em virtude do grande número de dardos e flechas lançados sobre ele de cima das muralhas, sem que houvesse nenhum cm ousadia de pensar sequer, em

lançar-se de envolta com os fugitivos no interior da cidade, cheia de gente de guerra bem armada, Márcio os encorajou por ato e palavras, gritando-lhes que a sorte abrira as portas mais em favor dos perseguidores do que dos perseguidos. Não houve entretanto, assim mesmo, quase ninguém que ousasse segui-lo. O próprio Márcio, porém, lançou-se através da massa de inimigos e fazendo caminho até a porta entrou na cidade de mistura com os fugitivos, sem que a princípio ninguém tivesse a ousadia de fazer voltar face nem deter-se para resisti-lo. Márcio entretanto, olhando em torno de si, percebeu que entrara com ele pouca gente sua para socorrê-lo, e vendo-se envolvido de todos os lados pelos inimigos que se reagrupavam para cair sobre ele, praticou então, como está escrito, proezas incríveis tanto em golpes, como em agilidade, disposição pessoal e ousadia valorosa, rompendo e derrubando todos aqueles sobre os quais se atirava, conseguindo afugentar alguns até os mais retirados bairros da cidade e levar outros, de medo, a render-se e a lançar suas armas em terra diante dele. Lártio que estava do lado externo, teve por isso, o tempo suficiente para conduzir os romanos com segurança até o interior da praça.

XI. Tomada assim a cidade, a maior parte dos soldados se lançou imediat amente à pilhagem, transportando e recolhendo os despojos conquistados. Márcio, porém, irritou-se com o maior azedume contra sua atitude, bradando-lhes que não tinha propósito eles se preocuparem com o saque, correndo daqui para ali à procura de enriquecimento e procurando meios de escapar ao choque e ao perigo sob o pretexto de acumular a presa de guerra, enquanto o cônsul e os seus concidadãos estavam, talvez, empenhados em combate contra os inimigos. Não obstante todas as suas razões, houve bem poucos, que lhe prestaram ouvidos. Tomando então consigo aqueles que, voluntariamente, se ofereceram para segui-lo, Márcio saiu da cidade e tomou o caminho do setor onde supôs encontrar-se o resto do exército. Exortava e suplicava reiteradamente pelo caminho, aos companheiros para não deixarem fraquejar o coração e, levantando muitas vezes as mãos para os céus, rogava aos deuses para lhe concederem a graça de chegar a tempo de participar da batalha e arriscar a vida em defesa de seus concidadãos. Ora, era então costume dos romanos, quando se colocavam em formação de batalha, e estavam prestes a tomar nos braços os escudos e a cingir-se por cima das vestes, fazer ao mesmo tempo, seu testamento,’ não por escrito, mas indicando aquele a quem desejavam constituir herdeiro, em presença de três ou quatro testemunhas. Márcio chegou justamente no momento em que os soldados iam tomar essa providência com os inimigos à vista e já bem próximos. Quando o perceberam assim, todo sujo de sangue e empapado de suor, com pequeno acompanhamento, apoderou-se de alguns a confusão e o espanto. Logo porém que o viram correr de rosto alegre para o cônsul e tocar-lhe na mão, narrando-lhe como fora conquistada a cidade de Coriolos, vendo também como o cônsul Comínio o beijava e abraçava, não houve mais ninguém que não recobrasse coragem, uns por terem ouvido minuciosamente a narrativa do sucedido nessa feliz jornada, e os demais por imaginá-la, à distância, à vista dos seus gestos. Começaram todos então a gritar ao cônsul que fizesse romper a marcha sem mais detença, dando início à carga.

XII. Márcio perguntou a Comínio, qual era a organização da linha inimiga e onde se encontravam as suas melhores tropas. O cônsul respondeu-lhe supor que os contingentes colocados na frente da formação adversária, eram compostos de antiatas, considerados os mais belicosos, não cedendo em audácia a nenhuma outra tropa da hoste inimiga. «Rogo-te então, replicou Márcio, e requeiro, que me coloques exatamente frente a eles.» O cônsul aquiesceu, louvando-lhe muito a boa vontade. Márcio, mal os dois exércitos se viram prestes a entre chocar-se, lançou-se para a frente, distanciando-se bastante de sua tropa, e carregou com tal fúria os que vinham a seu encontro que eles não puderam resistir por muito tempo. A linha de batalha inimiga sobre a qual ele veio a dar, foi imediatamente rompida, entreabrindo-se. Os inimigos de ambos os lados entretanto voltaram-se uns sobre os outros, para envolvê-lo e fechá-lo no meio deles. Temendo esse resultado o cônsul enviou imediatamente ao local, os melhores combatentes mantidos a seu lado. Houve assim um duro choque em torno de Márcio e, em pouco tempo muitos homens tombaram mortos no lugar. Os romanos fizeram finalmente um esforço tão grande que conseguiram forçar e quebrar os inimigos. Depois de seu rompimento começaram a expulsá-los, rogando a Márcio que consentisse em retirar-se para o acampamento, pois ele já não podia mais, de tal forma se via vencido pelo trabalho e pelas feridas recebidas. Márcio porém, respondeu-lhes «que não cabia aos vitoriosos render-se nem

deixar fraquejar o coração», e avançou pessoalmente contra os fugitivos, até que o exército dos inimigos foi completamente destroçado, com grande número de mortos e prisioneiros.

XIII. No dia seguinte dirigiu-se ao cônsul, em companhia dos outros romanos. O cônsul então, sobre um tribunal, presente todo o exército, rendeu as graças cabíveis aos deuses por tão grande e glorioso êxito e dirigiu em seguida sua palavra a Márcio, cuja virtude louvou e exaltou com o maior relevo, tanto pelo que ele próprio vira, como pela narrativa de Márcio{496}. Disse-lhe enfim, que de todos os cavalos capturados bem como de todos os demais bens apresados e obtido s em grande quantidade, escolhesse ele dez de cada espécie, à sua vontade, antes da distribuição geral. E além disso, em testemunho de que nesse dia ele tinha conquistado o prêmio por atos de valor, sobre todos os demais, deu-lhe ainda um magnífico cavalo inteiramente armado e aparelhado. Todos os assistentes louvaram e aprovaram calorosamente a decisão. Márcio, porém, dando um passo à frente, declarou que recebia de bom grado o presente do cavalo, muito satisfeito de que seu capitão se revelasse assim tão contente com ele, elogiando-o dessa forma. Quanto ao resto, porém, mais semelhante a um pagamento mercenário do que recompensa honrosa, ele não o queria, contentando-se em receber apenas a sua parte igu al à dos demais. «Mas, disse ele, peço-te ainda uma graça, rogando-te seja-me ela concedida. Tenho entre os volscos um hóspede e antigo amigo, homem de bem e de honra, agora prisioneiro. Ele que foi antes rico e opulento em sua casa, é hoje pobre cativo entre mãos inimigas. D e todos os males e desgraças que o cercam no presente, basta-me podê-lo isentar, de uma coisa apenas: que ele não seja vendido como escravo.»

XIV. Ouvidas essas palavras de Márcio, levantou-se um grande alarido em toda assistência, sendo mais numerosos os que admiraram o seu ascetismo, vendo-o tão pouco influenciado pela cobiça, do que os demais que haviam proclamado sua coragem. Mesmo quem alimentava contra ele um pouco de inveja e ciúme, vendo-o assim tão prestigiado e louvado, considerou-o tanto mais digno da exaltação de seu valor, quanto menos ele o aceitava. Foi assim mais amada essa sua virtude de menosprezar tantos bens, do que a outra, em razão da qual lhe eram esses bens deferidos, como a pessoa digna deles. Porque é mais louvável o bom uso dos bens de fortuna, do que o das armas, e provoca ainda maior respeito não apetecê-los, do que usá-los bem. Depois, porém, que a agitação e o clamor da assembleia se acalmou um’ pouco, tomou a palavra o cônsul Comínio para dizer: «Não podemos, senhores, constranger Márcio a aceitar os presentes que lhe oferecemos se não é de seu agrado recebê-los. Vamos entretanto dar-lhe um, tão adequado a seu belo feito, que ele. não o poderá recusar: ordenamos assim, doravante, que ele seja denominado Coriolano, se é que seu ato de valor já não lhe atribuiu esse nome antes de nós.»

Observações sobre os apelidos.

XV. Depois desse dia ele adotou sempre esse terceiro nome de Coriolano, de onde se verifica que o primeiro nome. atribuído aos romanos, como Caio, era o próprio; o segundo como Márcio, era o nome de família e de estirpe; o terceiro era um apelido que se dava ou por um ato, ou por algum acidente notável, ou por qualquer marca da face ou forma do corpo, ou ainda por alguma virtude. Os gregos, da mesma forma, impunham também antigamente apelidos aos príncipes, derivados ou de algum ato memorável, como quando chamavam alguém Sóter e Calí-nicos, isto é, salvador e vitorioso; ou de alguma marca aparente no rosto ou no corpo, como Fiscon e Gripos, isto é, barrigudo ou obeso e nariz aquilino; ou de qualquer virtude, como Evergetes e Filadelfo, isto é, benfeitor e amigo dos irmãos; ou da sorte, como Eudemo, isto é, feliz, assim como se apelidou o segundo dos Batos{497}. Houve também reis a quem se atribuiu por cognome o sentido de alguma zombaria, como a um dos Antígonos, apelidado Doson, isto é, o que há de dar, porque ele prometia sempre sem jamais cumprir. Um dos Ptolomeus foi também chamado{498} Lamiro, isto é, engraçado e palrador. E desse

costume de impor nomes enfeixando uma alusão satírica, usaram os romanos mais do que ninguém, como fizeram com um Metelo, cognominado Diademato, isto é, o diademado, porque mantivera, por muito tempo, uma faixa em torno da cabeça, por causa de uma úlcera na testa. Houve outro, da mesma família, chamado Céler, isto é, rápido, porque, bem poucos dias após a morte do pai, fez exibir ao povo combates de gladiadores que causaram admiração pela celeridade dos preparativos. Receberam outros, apelidos tirados de algum acidente do seu nascimento, como ainda hoje chamam Próculo a quem nasce enquanto o pai está ausente em viagem distante, e Póstumo a quem nasce após a morte do pai. Quando de dois irmãos gêmeos, morre um e o outro sobrevive, o sobrevivente é chamado Vopisco. Os romanos muitas vezes também, impõem apelidos tomados de alguma marca ou acidente do corpo, como Sylla, isto é, cara vermelha;{499} Rufo, ruivo; Caeco, cego; Cláudio, coxo, levando, com muita razão, os homens a não considerarem como censuráveis ou vergonhosos a perda da vista ou outros acidentes fortuitos semelhantes, suscetíveis de acontecer a qualquer um. Os acidentados se acostumam assim, a responder francamente, como se fossem seus verdadeiros nomes, quando são chamados por esses apelidos. Discurso mais amplo sobre a matéria, entretanto, seria mais adequado a outro tratado.

Novas sementes de discórdia entre a nobreza e o povo.

XVI. Terminada essa guerra, os aduladores da plebe, suscitaram, em seguida, um novo levante, sem que houvesse motivo nem matéria justa de queixa. A segunda revolta contra os nobres e patrícios teve por fundamento os males e desgraças que se haviam seguido necessariamente às discórdias e sedições passadas, porque a maior parte do território de Roma permanecera sem cultivo e semeadura, e não se tivera tempo de fazer vir o trigo de outras regiões, por causa da guerra. Uma extrema carestia resultou de tudo isso. Percebendo então, os demagogos que conquistavam as boas graças da arraia miúda ao falar na falta de trigo existente e na carência de dinheiro sofrida pela plebe, a qual não poderia comprar o trigo ainda que o houvesse, começaram a disseminar rumores falsos e imputações caluniosas contra os nobres. Diziam que, para vingar-se do pobre povo, eles tinham deliberadamente procurado e influído no advento dessa grande carestia.

A cidade de Velitras entrega-se aos romanos.

XVII. Aconteceu além disso, entrementes, que vieram embaixadores da cidade de Velitras, os quais ofereceram a sua cidade ao povo romano, e rogaram lhe fossem enviados novos habitantes para repovoá-la, porque a peste fora ali tão cruel, fazendo morrer tanta gente, que não restara na cidade a décima parte do povo antes existente. Pensaram então os mais sensatos que essa necessidade de Velitras vinha bem a propósito, considerando ser necessário, numa tão grande escassez de víveres, descarregar, um pouco, a cidade de Roma de sua população muito numerosa. Pensavam também amortecer pelo mesmo meio, esse novo levante, limpando a cidade dos indivíduos mais sediciosos e rebeldes, exatamente como se tratasse de maus humores, causadores da doença. Os cônsules organizaram então uma lista dos que pretendiam enviar a Velitras, para aí se fixarem em forma de colônia, e fizeram, ao mesmo tempo, um levantamento dos demais que permaneciam em Roma, para marchar contra os volscos, esperando apaziguar por meio da guerra exterior, as lutas e dissensões intestinas. Supunham que ao se encontrarem todos em armas no mesmo acampamento, diante das mesmas expectativas, arriscando-se aos mesmos perigos, pobres e ricos, plebeus e nobres, se entenderiam uns com os outros de forma mais pacífica e amigável. Sicino e Bruto porém, dois oradores populares, se opuseram a um e outro plano, bradando que os nobres, ao executá-los, cobriam a mais desumana crueldade do mundo, sob o nome agradável e sonoro de colônia. Enviavam, na verdade, seus pobres concidadãos a uma cidade infectada de miasmas e pestilencial, cheia de corpos mortos não enterrados, para residir sob a guarda de um deus estranho que até mesmo aos seus perseguira tão cruelmente. Era como precipitá-los

em um abismo de maldição. E como se ainda não lhes bastasse deixar morrer de fome, alguns dos seus infelizes compatriotas e abandonar outros à peste, suscitavam, além disso, uma guerra voluntária para não poupar de nenhuma espécie de miséria de mal o pobre povo romano só porque se cansara de servir aos ricos.

Coriolano apoia o partido da nobreza.

XVIII. A plebe encharcada de tais propósitos, não queria comparecer quando a chamavam da parte dos cônsules para a conscrição de guerra. Revelava também grande repulsa pela nova colônia, de forma que o senado já não sabia como resolver a dificuldade. Márcio porém, com a sua alta reputação já adquirida e sua firmeza viril, estimado e honrado além disso pelos maiores da cidade, resolveu fazer frente e resistir abertamente aos aduladores da plebe. O repovoamento de Velitras, tinha sido finalmente conseguido, obrigando-se a partir aqueles a quem a sorte indicara para transferir-se para aquela cidade, mediante graves penas a quem desobedecesse. Quanto à guerra porém, não queria o povo obedecer de forma alguma. Márcio, em consequência, tomando consigo os seus dependentes e mais a quem conseguiu induzir com boas palavras, foi correr todo o território dos antiatas onde encontrou muito trigo, recolhendo grande presa, tanto em gado como em prisioneiros, que conduziu a Roma sem reter coisa alguma para si. Trouxe, outrossim, de volta à cidade, sãos e salvos a todos quantos levara consigo, ricos e carregados de despojos. Os demais que haviam permanecido em Roma, arrependeram-se, então, de não tê-lo seguido, e, concebendo inveja contra quem saíra tão bem do empreendimento, voltaram também sua malquerença contra Márcio, despeitados de ver avançar assim diariamente sua reputação e prestígio, considerando que isso acontecia em detrimento do poder popular.

Ele pleiteia o consulado.

XIX. Coriolano, pouco tempo depois, veio a pleitear o consulado. Já cedia a comuna a seu pedido, com vergonha de repelir e afastar a primeira personagem da cidade em nobreza de sangue e valor pessoal e que, além disso, lhe tinha prestado tantos e tão grandes serviços. Era então costume em Roma que os pretendentes a qualquer magistratura ou ofício público, se mantivessem na praça por alguns dias, vestidos somente com roupa simples, sem nada por baixo, para solicitar e requerer a seus concidadãos que os tivessem como recomendados quando chegasse o dia da eleição. Agiam assim, ou para comover ao máximo o povo, ao solicitar-lhe o apoio na humildade dessa indumentária, ou para poder mostrar as cicatrizes dos ferimentos recebidos nas guerras em favor da república, como marcas e testemunhas incontestáveis do seu valor. Não cabe supor fosse por medo e suspeita de que a arraia miúda se deixasse corromper por distribuição de dinheiro pelos candidatos, que se obrigava a estes a virem assim à praça, vestidos com essa simplicidade, sem cintura e sem roupa de baixo, para a disputa eleitoral. Só muito tarde e muito tempo depois, é que interveio nas eleições das magistraturas a compra e venda, adquirindo-se os votos e sufrágios dos eleitores a poder de dinheiro. Depois, porém, que essa corrupção começou nas eleições dos cargos públicos, foi-se disseminando de mão em mão, até alcançar a sentença dos juízes e o trabalho da gente de guerra. Essa mesma corrupção foi finalmente causa de transformar-se a república em monarquia, pondo a serviço e sujeitando ao dinheiro, as próprias armas. Não me parece destituído de razão quem afirma ter sido «aquele que primeiro ofereceu banquetes e distribuiu dinheiro à plebe, quem, ao mesmo tempo, lhe tirou a autoridade e arruinou a república.» Esse mal porém infiltrou-se em Roma, pouco a pouco e progrediu secretamente, sem ser percebido durante muito tempo. Não se sabe quem tenha sido o primeiro a comprar e corromper aí a votação popular e as sentenças dos juízes. Em Atenas todavia, quem antes de todos deu dinheiro a estes magistrados para suborná-los, foi Anito, filho de Antemião, mais ou menos no período final da guerra do Peloponeso, quando acusado de traição pela entrega do forte de Pila. A esse tempo, a idade áurea, impoluta e íntegra, reinava ainda entre os juízes de

Roma.

Sua solicitação é repelida pelo povo.

XX. Márcio, seguindo o costume, mostrava então pelo corpo muitas cicatrizes dos ferimentos recebidos em inúmeras batalhas, durante os dezessete anos em que tinha sido constantemente o primeiro na guerra. O fato era tão evidente que não havia entre o povo ninguém que em seu foro íntimo não tivesse vergonha de recusar um homem tão virtuoso, concordando uns e outros na necessidade de elegê-lo a qualquer preço. Quando porém chegou o dia da eleição e Márcio desceu à praça em grande pompa acompanhado de todo o senado, tendo em torno dele os mais nobres da cidade, empenhados em fazê-lo eleger com um calor jamais demonstrado em nenhum outro empreendimento, então, o amor e benevolência popular começaram a transformar-se em inveja e ódio. A plebe temia, além disso, colocar essa magistratura de supremo poder entre as mãos de uma personagem tão parcial da nobreza e com tanto prestígio e autoridade entre os patrícios, receando pudesse pretender retirar inteiramente ao povo, toda a liberdade. Márcio, nessa conjuntura, foi finalmente recusado, declarando-se cônsules dois outros candidatos. O senado sentiu-se extremamente magoado com isso, considerando o ultraje da recusa feito mais contra ele do que contra Márcio. Este porém o sentiu com o maior azedume e impaciência, deixando-se levar com muita frequência pela cólera e por uma obstinada teimosia, tomadas por corajosa altivez e magnanimidade. Márcio não tinha a gravidade, a frieza e a doçura, temperadas pelo discernimento de boa doutrina e razão, indispensáveis a um governador de estado político. Não compreendia que a obstinação é, de todas as coisas, a que mais deve ser evitada para o homem desejoso de envolver-se no governo de uma república, onde se mantém em contacto com os homens. A contumácia, como diz Platão,{500} é solitária, isto é, os que se agarram teimosamente à própria opinião, não querendo jamais acomodar-se à dos demais, ficam sós finalmente. É preciso que quem deseja viver no mundo, se torne amante da paciência, escarnecido por alguns insensatos.

Ira de Coriolano.

XXI. Márcio também, sendo por natureza homem franco e íntegro, não cedia nunca. Agindo como quem considerava que vencer sempre e flutuar acima de todas as coisas, constitui prova de grandeza e não de tolice e debilidade, as quais, como a matéria de um tumor, brotam da ira, a parte mais fraca e apaixonada da alma, Márcio retirou-se para sua casa, tomado de rancor, despeito e cólera amarga contra o povo, seguido dos jovens fidalgos, especialmente dos mais corajosos, de espírito e coração mais elevados em virtude da nobreza de suas casas, acostumados, de longa data, a acompanhá-lo e honrá-lo. Eles se conservaram, nessa ocasião, mais chegados a Márcio do que nunca e fazendo-lhe inoportuna companhia, irritaram e inflamaram ainda mais a sua cólera. Queixavam-se, sentindo-se magoados na sua pessoa, da injustiça sofrida, porque Márcio era seu capitão e mestre que os conduzia à guerra e lhes ensinava tudo quanto se refere à disciplina militar, despertando suavemente entre eles, um calor de honra e virtuosa emulação, sem inveja ao louvor atribuído a quem agia dignamente.

Ele discursa contra o povo e contra as liberalidades públicas.

XXII. Chegou, entrementes, grande quantidade de trigo a Roma, parte comprado na Itália, parte enviado de presente por Gelão, ditador de Siracusa. Houve então grande esperança de que, juntamente com a carestia de víveres, cessasse também a sedição civil. O senado foi

imediatamente reunido, espalhando-se também a plebe em torno do p alácio, onde se mantinha o conselho. Aguardavam a resolução senatorial, esperando que a parte do trigo adquirido por compra, seria vendida barato, enquanto a doada seria distribuída gratuitamente por cabeça. Esperavam esse resultado tendo em vista que alguns dos senadores presentes ao conselho, opinavam nesse sentido. Márcio porém, levantando-se, atacou acremente aos que desejavam agradar a comuna por esse meio. Chamou-os aduladores do povo e traidores da nobreza. Disse que eles nutriam e fomentavam contra si próprios, sementes daninhas de audácia e insolência já disseminadas entre o povo, as quais deviam ter abafado e sufocado logo ao nascer se tivessem agido com bom senso, sem permitir que a plebe se fortificasse em seu detrimento, concedendo-lhe, como o haviam feito, uma magistratura de tão grande poder e autoridade. Cabia ver que o povo já lhes era temível, conseguindo obter tudo quanto desejava, sem fazer coisa alguma contra seu agrado, vivendo já, sem obedecer aos cônsules, em absoluta licença, sem reconhecer nenhum superior com poder, de comandá-lo, a não ser os próprios chefes e criadores do seu partido, chamados por ele seus magistrados. «Aqueles, portanto, dizia ele, que aconselhavam e eram de parecer favorável às doações públicas e distribuições gratuitas de trigo pela comunidade, como era costume nas cidades gregas onde o povo desfrutava do poder mais absoluto, não faziam outra coisa senão fomentar a desobediência da plebe que, no fim de contas, resultaria na ruína total da república. Os plebeus já não pensarão que o benefício seja a recompensa dos seus serviços, visto saberem perfeitamente quantas vezes recusaram ir à guerra, embora recebendo ordem para isso; nem dos seus motins, na ocasião em que se separaram de nós, traindo e abandonando seu país; nem das calúnias disseminadas por seus aduladores, aprovadas e recebidas por eles, em oposição ao senado. Hão de pensar, certamente, que lhe damos e concedemos essa vantagem porque o tememos e adulamos. Sua desobediência, assim, irá sempre crescendo cada vez mais e eles não cessarão jamais de suscitar novas contendas e sublevações. Seria portanto grande loucura nossa, agir nesse sentido. Se formos prudentes, ao contrário, devemos arrebatar-lhes o tribulado, evidentemente destruidor da magistratura consular e fator de divisão da cidade, a qual por esse meio deixou de ser uma como antes, para se desmembrar em duas parcialidades que excitarão sempre, a discórdia e dissensão entre nós, jamais permitindo o restabelecimento de nossa união em um único corpo.»

Os tribunos o intimam a comparecer.

XXIII. Deduzindo essas razões e outras semelhantes, Márcio inflamou admiravelmente a juventude em favor de sua opinião bem como a quase todos os homens ricos, levando-os a proclamar que ele era o único em toda a cidade, que não se dobrava diante da plebe, nem a lisonjeava. Havia apenas entre os velhos, alguns que o contradiziam, temendo os inconvenientes porventura resultantes de sua atitude, os quais realmente se evidenciaram logo em seguida. Os tribunos do povo, presentes a essa consulta do senado, quando perceberam que a opinião de Márcio prevalecia pela maioria dos votos, lançaram-se para fora por entre a multidão clamando ao povo por auxílio e pedindo-lhe que se reunisse em assembleia para socorrê-los. Provocou-se, em consequência, a reunião imediata de uma tumultuosa assembleia popular, na qual foram denunciadas publicamente as teses de Márcio, defendidas perante o senado. Rebelou-se a comuna, tão fortemente com isso, que pouco lhe faltou para correr furiosa, no mesmo instante, contra todo o senado. Os tribunos, porém, lançaram toda a culpa exclusivamente sobre Márcio e, ao mesmo tempo, mandaram intimá-lo por seus lictores a que comparecesse prontamente e em pessoa diante do povo, para aí responder pelas palavras por ele pronunciadas.

Inútil resistência de Coriolano e dos nobres. Os cônsules tratam de acalmar os espíritos.

XXlV. Márcio repeliu altivamente os oficiais que lhe fizeram a intimação. Os próprios tribunos

então, foram pessoalmente, acompanhados dos edis, para trazê-lo à força e puseram, de fato, a mão sobre ele. Os nobres patrícios porém, juntando-se em torno de Márcio, rechaçaram para trás os tribunos e espancaram rudemente os edis. A noite que tombara a esse tempo, apaziguou o tumulto. No dia seguinte de manhã, entretanto, vendo os cônsules, acorrer de todos os lados o povo em revolta, tiveram medo de que toda a cidade entrasse em efervescência. Reunindo então o senado apressadamente, ponderaram ser conveniente acalmar o povo com palavras brandas e amenizá-lo por meio de decretos vantajosos em seu favor. Se houvesse prudência, disseram, devia-se pensar que não era tempo de obstinação nem de disputa e choque contra a comuna, por motivo de honra. Passavam todos por época extremamente perigosa, onde era necessário governar discretamente, tomando alguma providência serena e pronta. A maior parte de senadores presentes a esse conselho, considerou esse o parecer mais são e se pôs de acordo com ele. Os cônsules, em consequência, saindo do senado, foram falar ao povo da maneira mais calma e apaziguadora que puderam. Aplacaram assim o furor popular, justificando o senado das calúnias assacadas injustamente contra ele e demonstrando mediante censura de grande moderação, as faltas cometidas pelo próprio povo. Quanto à venda do trigo, de resto, prometeram não altercar com ele na fixação de preço.

Coriolano comparece. Um tribuno pronuncia contra ele a pena de morte.

XXV. Restabelecida a calma entre os plebeus, percebia-se pelo seu silêncio e audiência pacífica, que eles cediam e recebiam com agrado a oração dos cônsules. Levantaram-se então os tribunos e disseram que à vista de ter-se o senado rendido à razão, o povo, de seu lado, cedia também em tudo quanto era justo. Não obstante, porém, era indispensável que Márcio viesse pessoalmente responder aos seguintes quesitos: «Se ele não havia sugerido e solicitado ao senado a mudança da organização atual da república, retirando-se do povo a autoridade suprema. Se chamado em justiça pelos tribunos, ele não linha desobedecido por contumácia. Se finalmente, ele não espancara e ultrajara os edis, na praça, diante de todo o mundo. E se, agindo assim, não tinha feito o possível para suscitar uma guerra civil, induzindo os cidadãos a tomar armas uns contra os outros.» Esse inquérito destinava-se a uma destas duas finalidades: ou Márcio, contra seu natural, ver-se-ia constrangido a humilhar-se, rebaixando a altanaria e orgulho do seu coração, ou, se perseverasse em sua conduta, irritaria tão profundamente o rancor popular contra ele, que jamais seria possível reconciliá-los. Previam os tribunos como mais provável a verificação da segunda hipótese, e previam certo, tendo em vista o temperamento da personagem.

Disputas entre os patrícios e os tribunos do povo.

XXVI. Márcio apresentou-se como se fosse para responder às acusações assacadas contra ele e o povo se calou, dando-lhe tranquila audiência para ouvir suas razões. Mas em vez de escutar, como esperava, palavras humildes e súplicas, Márcio começou a usar não somente uma franqueza verbal de si mesmo odiosa, mais semelhante a uma acusação do que a uma defesa livre, como também revelou em seu tom de voz forte, e aspecto rebarbativo, uma segurança próxima de desprezo e da distância. O povo, cheio de azedume, irou-se profundamente contra ele e demonstrou seu despeito ao ouvi-lo falar nesse tom de desafio, não o podendo mais suportar. Sicino então, o mais violento e audacioso dos tribunos populares, depois de conferenciar em voz baixa, durante algum tempo, com os seus companheiros, proclamou alto e publicamente que Márcio fora condenado à morte pelos tribunos. Determinou, ao mesmo tempo, aos edis que o prendessem e levassem imediatamente ao castelo sobre a rocha Tarpéia, para, dali, o precipitarem.

XXVII. Quando os edis pretenderam pôr as mãos sobre Márcio em execução da ordem recebida, houve muitos entre o próprio povo, a quem o fato pareceu excessivamente violento e cruel. Os nobres entretanto não se podendo mais conter e transportados de cólera, acorreram com grandes gritos para socorrê-lo e repelindo a quem pretendia apanhá-lo, encerraram-no em seu meio, havendo alguns entre eles que estenderam as mãos juntas para a multidão implorando-lhe não insistisse em proceder tão rigorosamente. As palavras e os gritos entretanto, de nada serviam, tal era o tumulto e a desordem. Os pais e amigos dos tribunos, finalmente, tendo concluído que seria impossível levar Márcio para puni-lo, de acordo com a sua condenação, sem grande morticínio e destruição dos nobres, fizeram ver a eles e os persuadiram a não insistirem nessa execução tão extraordinária e violenta, levando à morte uma tal personagem, sem lhe mover previamente processo regular, nem guardar forma de justiça. Pediram-lhes que submetessem o julgamento ao voto e sufrágio do povo.

XXVIII. Sicimo então, caindo um pouco em si, perguntou aos patrícios por que razão tiravam Márcio das mãos do povo que lhe queria aplicar a punição. Retrucaram-lhe os patrícios, perguntando por que razão pretendiam eles próprios levar à morte, de forma tão cruel e má, um dos maiores homens de bem e dos mais virtuosos da cidade, sem respeitar forma de justiça e sem que ele fosse judicialmente ouvido e condenado. «Pois bem, disse Sicino, se essa é a única razão, não se dê por isso pretexto nem motivo de luta e sedição civil contra o povo, porque eles vos outorga o vosso pedido de que o processo de Márcio lhe seja movido judicialmente.» «Portanto, disse ele dirigindo a palavra a Márcio, nós te intimamos a comparecer diante do povo ao terceiro dia do próximo mercado, para tua justificação e prova de que não cometeste crime. Depois disso o povo votará a sentença.» Os nobres se contentaram com essa intimação, bastando-lhes, no momento, poder retirar Márcio, a salvo.

XXIX. No espaço de tempo entretanto, que havia até o terceiro dia do próximo mercado, denominado Nundina por se estabelecer, em Roma, de nove em nove dias, rebentou a guerra contra os anda-tas. Os nobres tiveram esperança de que resultasse em nada o processo, pensando que numa longa duração da luta, haveria tempo para diminuir ou amortecer-se de todo a ira popular, em virtude dos negócios e impedimentos resultantes da guerra. Ao contrário, porém, tendo sido feito im ediato acordo com os antiatas, o povo voltou a Roma. Os patrícios reuniram-se então várias vezes em assembleia, e mantiveram conselho para decidir como fariam para não abandonar a Márcio, sem, ao mesmo tempo, dar motivo aos tribunos para amotinar e sublevar o povo. Ápio Clódio, tido por um dos mais ásperos adversários do partido plebeu, lhes predisse e protestou que eles arrumariam a autoridade do senado e perderiam a república se concedessem ao povo lei e poder para julgar os nobres por maioria de votos. Os mais velhos e populares membros da nobreza ao contrário, diziam que o povo ao ver-se com autoridade suprema de vida e morte em sua mão, não seria severo nem cruel, mas antes compreensivo e humano. Não era, segundo eles, por desprezar os nobres nem o senado, mas por pensar ser ele próprio desprezado, que ele queria ter como um reconforto e prerrogativa honrosa o poder de julgar. Pensavam assim que mal lhe fosse cedido esse poder por meio de seus votos, os plebeus poriam de lado todo o rancor e desejo de condenar.

A causa de Coriolano é levada diante do povo.

XXX. Vendo Márcio o senado em dificuldade para resolver pela afeição que, de um lado, lhe dedicava a nobreza, e de outro pelo medo inspirado pelo povo, perguntou alto, aos tribunos, do que pretendiam inculpá-lo e acusá-lo. Os tribunos responderam que desejavam demonstrar como ele aspirava à tirania e como suas ações tendiam à usurpação dessa tirania em Roma. Márcio, levantando-se então, declarou «que ele ia nessa mesma hora apresentar-se voluntariamente ao povo, para justificar-se dessa imputação, e caso se verificasse ter ele apenas pensado nisso, não recusaria nenhuma espécie de punição, desde que, disse ele, não

me inculpeis senão disso e não queirais iludir o senado.» Os tribunos prometeram agir lealmente e sob essas condições foi o julgamento deferido ao povo em assembleia. Os tribunos quiseram porém, antes de mais nada, à força e a qualquer preço, que se procedesse à votação por tribos e não por centurias porque dessa maneira, a multidão dos pobres miseráveis e toda a canalha semelhante, que nada tem a perder e não se preocupa de forma alguma em nortear-se pela honestidade, vinham a ter mais força (porque assim os votos se contavam por cabeça) do que a gente de bem e de honra, que ia à guerra e cujos haveres sustentavam os encargos da coisa pública. Deixando depois de lado, o pretendido crime de tirania, impossível de provar, começaram de novo a denunciar as teses sustentadas por Márcio perante o senado, quando pretendeu impedir que se distribuisse trigo a preço vil, à plebe, tendo procurado persuadir, até mesmo que lhe tirassem o tribunado. Inculparam-no também, em terceiro lugar, na incursão feita pela terra dos antiatas de um novo crime, o de não ter trazido à comunidade a presa colhida, presa essa distribuída por sua própria autoridade entre, quem tinha participado com ele dessa expedição.

Ele é banido.

XXXI. Conta-se ter sido essa última acusação a mais desnorteante para Márcio, porque jamais poderia pensar que lha imputassem como crime. Não achou de pronto, por esse motivo, uma defesa a propósito para justificar-se, e se pôs a elogiar a quem o acompanhara nessa ocasião. Os que não tinham participado da empresa, porém, em muito maior número, gritaram tanto e fizeram tal barulho que ele não pôde ser ouvido. Quando se veio finalmente a recolher os votos e os sufrágios das tribos, contaram-se três a mais favoráveis à condenação, constituindo a pena em exílio perpétuo. Depois de pronunciada a sentença, o povo entrou em tão grande alegria como nunca se vira antes em nenhuma batalha ganha contra inimigos. Jamais se envaidecera tanto, tal era sua satisfação e o júbilo ao deixar a assembleia.

Tristeza do senado.

XXXII. O senado, ao contrário, sentiu-se magoado e muito triste. Arrependia-se infinita e apaixonadamente de não ter preferido sofrer todas as vicissitudes do que permitir à plebe abusar dessa forma soberba e ultrajante de sua autoridade. Não era necessária a diferença das vestes ou qualquer outra marca exterior, para se poder discernir um plebeu de um patrício, porque era fácil conhecê-los pelo rosto: quem apresentava a cara radiosa, era partidário do povo e quem a trazia triste e melancólica, pertencia à nobreza. Excetuava-se Márcio o qual nem na atitude, nem no andar, nem no rosto, se mostrou de forma alguma perturbado ou com a coragem abalada. Entre todos os outros fidalgos atormentados com o seu destino, ele só, mostrava exteriormente não sentir paixão alguma, nem qualquer piedade por si mesmo. Não era porém por discernimento racional ou por tranquilidade de costumes que ele suportava paciente e moderadamente o seu infortúnio, mas sim pela veemência de um despeito e um apetite de vingança de tal forma absorventes que ele parecia não sentir o próprio mal. Esse estado não se considera vulgarmente como de dor, embora o seja na realidade, porque quando a dor se inflama, como se diz, transforma-se em despeito, perdendo então seu aspeto de natural inferioridade, covarde e langorosa. Eis a razão pela qual aquele que é dominado pela cólera, parece inquieto e ativo, revelando-se acalorado como quem é presa de febre. Quando o homem está em tal disposição, parece que sua alma se enche, cresce e distende.

Firmeza de Coriolano. Ele se retira para Âncio entre os Volscos.

XXXIII. A verdade de ter sido Márcio, nessa ocasião, afetado com a máxima violência, demonstrou-se, logo depois, com toda clareza, pelos resultados. Voltando à casa, após ter-se despedido da mãe e da mulher, que ele encontrou chorando e se lamentando em altos brados, após também tê-las reconfortado e exortado a suportar pacientemente sua desdita, Márcio dirigiu-se imediatamente para a porta da cidade, acompanhado por grande número de patrícios que o seguiram até lá e sem levar coisa alguma consigo, nem solicitar nada a ninguém, retirou-se em companhia de três ou quatro dos seus aderentes apenas. Permaneceu alguns dias em suas casas de campo, agitado tumultuosamente pelos pensamentos que a cólera lhe podia fornecer. Não podendo enfim resolver-se a nada de honroso ou útil, mas apenas a vingar-se dos romanos, ele se propôs levá-los a uma guerra difícil e pesada com os seus mais próximos vizinhos. Pensou assim que o melhor seria tentar primeiramente dirigir-se aos Volscos, sabendo-os ainda poderosos em homens e bens. As perdas sofridas antes por eles, não lhes tinham diminuído tanto as forças como aumentado seu rancor e vontade de vingar-se dos romanos.

Coriolano lhes propõe a guerra contra os romanos.

XXXIV. Ora, havia na cidade de Âncio uma personagem de nome Tulo Aufídio a qual, tanto por seus bens como por seu valor e pela nobreza de sua casa, era honrada como um rei entre os volscos. Márcio sabia muito bem que Tulo Aufídio queria mais mal a ele do que a qualquer outro dos romanos. Em combates nos quais, antes, ambos haviam tomado parte, tinham-se reciprocamente ameaçado e desafiado e como dois jovens corajosos, possuídos de ciúmes e emulação de honra, haviam praticado várias bravatas, um contra o outro. Além da pública desavença eles tinham acumulado um ódio particular entre si. Considerando entretanto, ser esse Tulo homem de grande coração, desejoso mais do que nenhum outro dos volscos de encontrar meios de impor aos romanos males e prejuízos semelhantes aos sofridos por eles, Márcio praticou um ato que demonstra bem a verdade da afirmação de um poeta antigo:

É difícil resistir à ira,

Porque se ela deseja qualquer coisa

Ousará comprá-la audaciosamente

Ao preço de seu sangue e com perigo de sua vida.

Assim agiu Márcio, ao disfarçar-se com uma indumentária através da qual ele supôs, ninguém o reconheceria como sendo quem realmente era, vendo-o vestido dessa maneira, e como disse Homero de Ulisses:

Entrou assim na cidade dos inimigos.

A confusão aumenta em Roma.

XXXV. Era já quase noite quando ali chegou. Houve muita gente que o encontrou pelas ruas mas ninguém o reconheceu. Dirigiu-se então diretamente à casa de Tulo, onde penetrou, sem

deter-se, até a sala da lareira e ali sentou-se sem dirigir a palavra a ninguém, com o rosto e cabeça cobertos. Os da casa se espantaram sem contudo ousar fazê-lo levantar-se, porque embora embuçado, reconhecia-se não se sabe o que de digno em sua atitude e em seu silêncio. Foram então comunicar a Tulo que ceava, essa estranha ocorrência. Tulo levantou-se imediatamente e, dirigindo-se a ele, perguntou-lhe quem era e o que solicitava. Descobriu-se então Márcio e depois de manter-se algum tempo sem responder, disse: «Se ainda não me reconheces, Tulo, e não crês ao ver-me, ser eu quem realmente sou, é forçoso que eu me denuncie e me descubra a mim mesmo. Sou Caio Márcio, que te causei a ti em particular e a todos os volscos em geral, os maiores males como não posso negar em virtude do apelido de Coriolano a mim atribuido, porque eu não colhi outro fruto, nem outra recompensa de tantos trabalhos suportados, nem de tantos perigos aos quais me expus, senão esse apelido, testemunha da malquerença que deveis alimentar contra mim. Só isso me ficou; todo o resto me foi arrebatado pela inveja ultrajante do povo romano, e pela covardia da nobreza e dos magistrados os quais me abandonaram, permitindo meu exílio. Vejo-me assim constrangido a recorrer como humilde suplicante a teu lar, não para salvar e garantir minha vida, porque eu não me teria arriscado a vir aqui se tivesse medo de morrer, mas pelo desejo de vingar-me daqueles por quem fui expulso. Começo já a minha vingança colocando-me entre tuas mãos. Se tens coração bastante para o ressentimento perpétuo dos danos causados pelos teus inimigos, serve-te agora, eu te suplico, das minhas desgraças e faze de sorte que minha adversidade se transforme na comum prosperidade de todos os volscos. Tem certeza de que eu farei ainda melhor a guerra por ti, do que a tenho feito até agora contra ti, pois pode fazê-lo melhor quem conhece a situação do inimigo, do que quem não a conhece. Se por acaso porém, tu te rendes, cansado de tentar a sorte por mais tempo, também estou eu, quanto a mim, cansado de viver e não será prudente de tua parte salvar a vida a alguém que outrora era teu mortal inimigo, e que, no momento, de nada mais aproveitaria a teu serviço.»

XXXVI. Ouvindo isso, Tulo alegrou-se sobremaneira, e tocando-lhe na mão disse-lhe: «Levanta-te Márcio, e conserva a coragem, porque tu nos trazes um grande bem, entregando-te a nós: podes, por isso, esperar as maiores vantagens da comunidade dos volscos.» Festejou-o assim, no momento, oferecendo-lhe boa mesa, sem mais falar-lhe em negócios. Dias depois, entretanto, começaram a consultar entre si sobre os meios de fazer a guerra.

XXXVII. A cidade de Roma, por outro lado, mantinha-se em grande ebulição pela inimizade reinante entre nobres e plebeus, mesmo depois da condenação de Márcio. Sacerdotes, adivinhos e até pessoas privadas, além disso, vinham diariamente denunciar ao conselho sinais e prodígios celestes que bem mereciam preocupação e cuidadosas providências. Entre esses sinais e prodígios houve o seguinte: havia um cidadão romano chamado Tito Latino, personagem de categoria humilde, homem de bem, de resto vivendo decorosamente, destituído de qualquer superstição e menos ainda de vaidade e mentira. Teve este uma visão enquanto dormia, na qual apareceu-lhe Júpiter dando-lhe ordem de ir significar junto ao senado, que se tinha feito caminhar diante de sua procissão um péssimo e desagradável dançarino. Dizia o informante que da primeira vez na qual a visão se apresentara à sua fantasia, não lhe dera ele importância, e mesmo quando se apresentara de novo pouco se preocupara com ela, até o momento em que assistira à morte de um de seus filhos bem constituído, vendo-se ele próprio tomado subitamente por um relaxamento geral dos membros que o tornara estropiado e tolhido. E de fato, Latino recitou toda sua história, em pleno senado, sobre um pequeno leito no qual se fizera transportar, e mal acabou de narrá-la, sentiu seu corpo recuperar incontinente o antigo vigor, e levantando-se nessa mesma hora, voltou com os próprios pés para sua casa sem ninguém ajudá-lo.

XXXVIII. O senado aturdido com essa maravilha, inquiriu diligentemente o fato, e verificou tratar-se do seguinte: certo indivíduo entregara nas mãos de outros escravos, um servo seu por quem tinha sido ofendido. Determinara aos escravos que fizessem o culpado atravessar a praça debaixo de chicote, fazendo-o morrer em seguida. Enquanto os algozes agiam na forma prescrita, e dilaceravam o pobre homem a chicotadas, este se virava, agitava e contorcia, de

forma estranha, movido pela dor. A procissão surgiu, por acaso, nesse momento e houve muitos entre os assistentes que se escandalizaram e aborreceram, dizendo que o espetáculo não era agradável de ver, não sendo decente contemplar tais gestos. Apesar disso, entretanto, nada mais se fez além de censurar e maldizer a quem fazia punir assim tão cruelmente a escravo seu, porque a esse tempo, os romanos eram muito equitativos com os seus escravos porquanto eles mesmos trabalhavam com as próprias mãos, e viviam em promiscuidade com eles, sendo isso causa de os tratarem de forma mais humana e familiar. Uma das mais graves penas impostas por eles a um escravo quando praticava falta, era fazê-lo carregar sobre os ombros uma forquilha usada então, como apoio do varal dos carros obrigando-o a passar dessa maneira, diante de todos os vizinhos. Quem tinha uma vez, sofrido o vexame, sendo visto nesse estado, era desacreditado na vizinhança e em toda a região, e ninguém mais se fiando nele, chamavam-no Furcífer, porque os latinos denominam Furca, isto é, forquilha, esse apoio do varal dos carros.

XXXIX. Quando pois, Latino, fizera ao senado a narrativa da sua visão, houve dúvida sobre quem poderia ter sido esse mau e desagradável dançarino, que teria caminhado diante da procissão. Alguns dos assistentes, se lembraram então desse pobre escravo tangido a chicote através da praça para ser morto depois. A sua memória foi desperta pela lembrança da forma estranha e desacostumada da punição. Inquiridos sobre isso os sacerdotes, concordaram unanimemente em que se tratava dele, e sendo castigado o senhor do escravo, recomeçou-se de novo a procissão bem como todos os outros espetáculos em honra de Júpiter.

XL. Pode-se verificar por esse fato, que o rei Numa instituiu sabiamente tudo quanto se refere aos serviços dos deuses, e especialmente o costume, estabelecido para tornar os cidadãos atentos às cerimonias, de todas as vezes que os magistrados sacerdotes e ministros da religião fazem algo pertencente ao serviço divino e em honra aos deuses, haver sempre um arauto que marcha à frente deles, proclamando em alta voz, «Hoc age», que equivale a dizer «age assim». Ordena-se, por esse meio, aos homens que se ocupem atentamente com as coisas sagradas, sem entremeá-las com nenhuma outra atividade, sabendo-se perfeitamente que a maior parte de suas ações é resultante da força e do constrangimento. Mas os romanos tinham mesmo por costume recomeçar sempre de novo, os sacrifícios, as procissões, jogos, e outros espetáculos realizados em honra dos deuses, não somente por motivos semelhantes ao dessa ocasião, mas por outros bem mais ligeiros. Numa procissão, por exemplo, na qual se conduziam pela cidade imagens dos deuses e outras relíquias sagradas, sobre liteiras denominadas em latim Thensae,{501} porque um dos cavalos estava puxando mal,{502} tendo o cocheiro além disso, tomado as rédeas na mão esquerda, determinou-se o reinício de toda a procissão. Em tempos mais recentes, foi repetido trinta vezes o mesmo sacrifício, por parecer aos romanos que houvera sempre alguma falha, erro ou impedimento em sua execução, de tal forma eram eles religiosos e devotos para com os seus deuses.

XLI. Tulo e Márcio, de resto, falaram ambos secretamente com os principais homens da cidade de Àncio, demonstrando-lhes que era agora o momento de romper a guerra contra os romanos, enquanto eles se mantinham em dissensão, uns contra os outros. Foi-lhes respondido que eles tinham vergonha de iniciá-la, tendo em vista as tréguas juradas entre os dois povos, pelo espaço de dois anos. Nesse entretempo, todavia, os romanos praticaram um ato que lhes forneceu motivo bastante para o rompimento. Em dia de festa no qual se celebravam em Roma, jogos públicos, os romanos por qualquer suspeita ou caluniosa imputação, determinaram aos volscos, a toque de trombeta, que evacuassem a cidade antes do sol se pôr. Dizem alguns ter-se verificado o fato por astúcia e fraude de Márcio, o qual enviou aos magistrados de Roma um falso acusador encarregado de dar-lhes a entender que os volscos tinham-se conjurado para atacá-los enquanto assistissem aos jogos, incendiando outrossim a cidade. Essa proclamação exacerbou a indignação universal dos volscos contra os romanos. Tudo fazendo a coisa ainda mais grave, irritou-os de tal forma, que finalmente os levou a enviar embaixadores a Roma, para intimar os romanos a lhes devolverem todas as terras e cidades a eles tomadas no passado. Ouvida essa intimação, irritaram-se os romanos e

nada mais responderam a não ser que se os volscos tomassem armas em primeiro lugar, os romanos as deporiam por último.

Os volscos declaram a guerra. Coriolano marcha à sua frente.

XLII. Mal retornaram os embaixadores e relataram essa resposta, fez Tulo reunir uma assembleia geral de toda a comunidade dos volscos, na qual a guerra contra os romanos foi assentada e decidida. Feito isso, Tulo aconselhou os volscos a chamarem Márcio a seu serviço, sem desconfiar dele em razão do passado, mas ao contrário, entregando-se seguramente em suas mãos pois Márcio lhes traria mais proveito, combatendo pelos volscos do que lhes trouxera danos combatendo contra. Márcio foi então convocado, e exprimiu-se tão bem diante de toda assistência, que o consideraram não menos eloquente do que belicoso e valente, grande perito em assuntos de guerra, com ousadia fundida ao bom senso e discernimento. Foram assim ele e Tulo instituídos capitães generais da comunidade dos volscos, com poder e autoridade supremas na conduta da guerra. Temendo que a demora de tempo necessária para aprontar o exército inteiro e todo o equipamento dos volscos, lhe tirasse a possibilidade de executar seus planos, Márcio encarregou os demais magistrados e principais personagens da cidade de reunirem o resto das forças, e obterem também as provisões necessárias à campanha, enquanto ele, com os mais decididos que concordaram prontamente em acompanhá-lo entrou de súbito em terras romanas, à mão armada, antes que, em Roma se pudesse haver a menor suspeita. A surpresa foi tal que os volscos encontraram nos campos tamanha quantidade de despojos que mal podiam utilizá-lo, cansando-se de juntá-lo, transportá-lo e consumi-lo em excesso em seu campo, e assim mesmo o menor resultado da incursão, foi a conquista da pilhagem bem como o estrago e dano causado em terras dos romanos. O fim principal visado, era aumentar sempre, cada vez mais, a inimizade e dissensão existente entre os nobres e o povo, razão pela qual, ao fazer destruir, estragar e arruinar tudo o mais, Márcio fez proteger cuidadosamente as terras e propriedades dos nobres, não permitindo que se causasse aí nenhum dano nem que se tirasse delas coisa alguma. Isso deu causa a querelas e lutas, violentas como nunca, entre uma classe e outra. Os nobres censuravam o povo por ter expulso injustamente um homem tão poderoso, e os plebeus acusavam a nobreza de ter-lhe solicitado que viesse fazer a guerra para vingar-se deles, e ter o prazer de contemplar a pilhagem e queima de seus bens diante dos próprios olhos, enquanto eles se conservavam, em toda a segurança, ociosos espectadores de suas perdas e desgraças, uma vez que a guerra não era feita contra eles, pois tinham do lado de fora o próprio inimigo como guarda de seus bens.

As cidades se submetem ou são conquistadas.

XLIII. Tendo Márcio realizado esse primeiro, empreendimento, muito útil aos volscos por torná-los mais firmes, fazendo-os temer menos aos romanos, trouxe-os de volta a salvo para suas casas, sem perder coisa alguma. Quando depois todo seu poder, muito grande e cheio de ardor para a ação, foi reunido em um campo, os volscos decidiram deixar uma parte dele para a guarda do país, indo fazer a guerra aos romanos com o remanescente. Márcio ofereceu a Tulo escolher dos dois cargos o que mais lhe agradasse. Tulo em resposta declarou conhecer por experiência não lhe ser Márcio inferior em valentia, tendo tido, além disso, mais sorte do que ele em todas as batalhas e recontros. Era de aviso por isso, que Márcio assumisse o comando dos que iam fazer a guerra fora do país, enquanto ele permaneceria em casa para prover à segurança das suas cidades e também para fornecer à campanha tudo quanto fosse necessário.

O povo romano pede a volta de Coriolano. O senado se opõe.

XLIV. Márcio, mais forte do que antes, avançou então sobre a cidade de Circéios povoada pelos romanos, a qual se rendeu voluntariamente, não sofrendo em consequência, nenhum dano. Márcio avançou dali pela terra dos latinos, esperando que os romanos o viriam combater em defesa destes seus aliados, os quais, repetidamente, lhes tinham enviado pedidos de socorro. O povo, porém, estava mal disposto a ir até ali, enquanto os cônsules, já prestes a deixar o cargo, não queriam arriscar-se por tão pouco tempo. Os embaixadores latinos, em consequência, voltaram para trás sem nada conseguir. Márcio avançou então, contra suas cidades e tendo tomado pela força a dos tolerienses, vicanienses, pedanos e bolanos que pretenderam defender-se, pilhou seus bens e os fez prisioneiros. Em relação aos que, ao contrário se aliaram a ele voluntariamente, Márcio desenvolveu todo o esforço possível para impedir que fossem prejudicados em qualquer coisa, mesmo à sua revelia, afastando, para isso, o seu campo o mais que pôde de suas terras. Tendo em seguida tomado de assalto a cidade de Bola, situada a seis léguas apenas de Roma, obteve aí uma infinita quantidade de despojos e fez passar à espada todos os homens em idade de pegar em armas. Recebendo notícias sobre esses resultados, os volscos restantes, designados para permanecer na defesa do país, não puderam mais conter-se e correram em armas para o acampamento de Márcio, declarando não reconhecer outro chefe ou capitão a não ser ele. Sua fama se espalhava assim pela Itália, atribuindo-lhe por toda a parte o louvor e a glória de excelente general, visto que por sua virtude, a transposição de uma única pessoa de um povo a outro, tinha gerado uma tão estranha e súbita mudança nos negócios.

XLV. Enquanto isso, em Roma tudo se passava na maior confusão. Ninguém queria ouvir falar sequer, em sair a campo contra o inimigo, mas continuavam a agrupar-se todos os dias em desavença uns contra os outros. Não se ouviam senão palavras sediciosas dos nobres contra o povo e do povo contra os nobres, até que vieram notícias de ter o inimigo assediado a cidade de Lavínio, onde se encontravam os templos e imagens dos deuses tutelares dos romanos e de onde eles se tinham originado na antiguidade, sendo essa a primeira cidade que Enéias, à sua chegada, fundara na Itália. O povo se deixou então dominar por uma súbita e maravilhosa mutação de vontade, acontecendo o mesmo em relação aos nobres de forma ainda mais estranha e inesperada, porque, pretendendo o povo que se abolisse e caçasse a condenação de Márcio, chamando-se a ele de volta, o senado reunido, foi de opinião contrária, impedindo sua revogação. A atitude do senado resultava talvez de uma obstinação em formalizar-se contra tudo quanto o povo desejava, ou de não querer que essa personagem voltasse pela graça e benefício do povo, ou ainda porque já estivesse seriamente indignado e revoltado a esse tempo, contra ele, porque, não tendo sido por todos ofendido, avançava entretanto contra a comunidade total, mostrando-se por isso inimigo absoluto de seu país, embora a sua parte melhor e mais sã, se mantivesse contrariada e ferida pelo mal que lhe haviam causado, ressentindo-se do ultraje tanto quanto ele.

Coriolano irritado vem acampar perto de Roma.

XLVI. Publicada essa resolução do senado, o povo se viu impedido, porque ele não podia autorizar nem confirmar resolução alguma com os seus votos antes da proposta ser aceita pelo senado. Márcio porém, ouvindo a notícia foi tomada ainda de maior irritação e revolta e levantando imediatamente o sítio da cidade de Lavínio, marchou diretamente contra Roma, indo acampar a duas léguas e meia da cidade no lugar denominado «Fossas Cluilianas». Esses movimentos tão próximos puseram a cidade de Roma em grande confusão e terror, embora no momento as sedições e choques existentes entre os partidos também se apaziguassem. Não houve mais ninguém quer entre os magistrados, quer no senado que ousasse contradizer a opinião do povo no tocante ao chamamento de Márcio. Vendo as mulheres aterradas correr de um lado para outro, os templos dos deuses cheios de anciãos que choravam lágrimas quentes, fazendo preces e orações e resumindo, que não havia em toda a cidade quem conservasse a

cabeça no lugar, nem tivesse a ousadia de tomar uma providência útil, puseram-se então todos de acordo em que o povo tinha razão de sobra para chamar novamente a Márcio e reconciliar-se com ele, e que, ao contrário, o senado praticara grave erro ao entrar em rancor e cólera contra ele quando o momento era muito mais propício ao abandono desses sentimentos. Foram então todos, unanimemente, de parecer que se enviassem embaixadores a Márcio, para comunicar-lhe como seus concidadãos o chamavam de volta e o restauravam na posse de seus bens, suplicando-lhe que os livrasse dessa guerra.

O senado envia-lhe como deputado a seus amigos, para fazê-lo ceder. Ele pede a devolução de tudo quanto foi tomado aos volscos, e concede trinta dias para deliberarem.

XLVII. Os enviados da parte do senado, eram amigos familiares de Márcio, os quais esperavam ao menos à sua chegada, ter uma acolhida simpática e amável como a de um parente e amigo íntimo. Nada encontraram porém de semelhante, sendo, ao contrário, conduzidos através do campo até o lugar onde ele estava sentado em sua cadeira, com grandeza e gravidade insuportáveis, tendo em torno de si os principais homens dentre os volscos. Ordenou-lhes assim que dissessem alto a causa de sua vinda. Eles o fizeram com as palavras mais honestas e amenas que lhes foi possível, acompanhadas do gesto e atitude a elas adequadas. Quando terminaram de falar Márcio respondeu-lhes com azedume e cólera, referindo-se ao mal que lhe tinham causado e como capitão general dos volscos declarou caber-lhe entregar e restituir a eles todas as cidades e terras arrebatadas aos mesmos, em guerras precedentes, outorgando-lhes outrossim a honra e o direito de burguesia em Roma, exatamente como o tinham outorgado aos latinos. Não havia portanto outro meio seguro para escapar realmente da guerra, senão mediante essas condições equitativas e razoáveis e para deliberar sobre elas e resolver, fixava-lhes o prazo de trinta dias.

XLVIII. Os embaixadores voltaram com a resposta e ele retirou imediatamente seu exército para fora do território romano. Foi essa a primeira acusação feita contra ele por aqueles de entre os volscos, invejosos de sua glória e que não podiam suportar a sua autoridade. Tulo foi um desses, não que tivesse recebido particularmente nenhum agravo ou aborrecimento por parte de Márcio, mas apenas por sentir-se mordido por essa paixão humana que' o levava a magoar-se ao perceber sua reputação totalmente obscurecida pela de Márcio e ao ver-se tido em menor conta pelos volscos do que antes, pois era realmente tão grande a estima votada por eles a Márcio que pensavam ter tudo, tendo-o a ele somente, querendo que os outros governadores e capitães se contentassem com o prestígio e autoridade que Márcio houvesse por bem repartir com eles. Essa a origem de onde saíram os primeiros rumores e acusações secretas contra Márcio, porque os demais oficiais fazendo liga em oposição a ele, irritavam-se e iam dizendo que essa retirada era uma verdadeira traição não pela entrega de cidades, praças, nem exércitos, mas pela concessão de tempo e oportunidade, o que constituía para os volscos perda de grande consequência, pois é ordinariamente com esses elementos que se perdem ou conservam aquelas outras coisas e tudo mais.

Nova deputação de Roma, depois de expirado o prazo. Obstinação mais forte de Coriolano.

XLIX. Márcio concedera trinta dias de armistício ao inimigo, porque, a guerra não costuma sofrer grandes mudanças, em espaço de tempo menor do que esse. Apesar disso porém, ele não deixou transcorrer esses dias sem fazer nada, indo durante esse tempo, talar e destruir as terras dos aliados inimigos, onde conquistou sete cidades grandes e bem povoadas, sem que os romanos ousassem jamais por-se a campo para socorrê-los, de tal forma estavam tomados de dúvida e desprovidos de paixão guerreira.

Assemelhavam-se, assim a corpos de membros estropiados que por alguma paralisia tivessem perdido o movimento e a sensibilidade.

L. O tempo de trégua expirado, Márcio entrou outra vez em terras de Roma com todo seu poder. Enviaram-lhe de novo os romanos uma embaixada para suplicar-lhe quisesse amainar seu rancor, levando os volscos para fora de suas terras, para depois com calma, propor-lhes as soluções que ele julgasse úteis a uns e outros, porque os romanos jamais iriam ceder ou dobrar-se ao temor. Se entretanto lhe parecia que os volscos tinham razão de solicitar-lhes certos artigos e condições honestas, tudo quanto eles pedissem de razoável lhes seria outorgado pelos romanos os quais, de si mesmo se submeteriam ao direito desde que primeiro eles depusessem as armas. A isso respondeu-lhes Márcio que como capitão general dos volscos nada replicaria, mas como cidadão romano lhes aconselhava, se fossem prudentes, a rebaixar o orgulho e submeter-se à razão. Voltassem pois dentro de três dias, pondo-se de acordo com os artigos propostos da primeira vez, pois de outra forma não lhes daria mais salvo-conduto nem garantia de voltar novamente a seu campo com palavras inúteis e vãs.

LI. Quando os embaixadores voltaram a Roma, ouvindo o senado seu relatório, lançou a âncora sagrada, como se diz num provérbio comum, como se a coisa pública estivesse em grande perigo de tormenta. Ordenou-se então a tudo quanto havia de sacerdotes, religiosos, ministros dos deuses e guardas das coisas sagradas, e a todos os adivinhos que pela observação do voo dos pássaros predizem as coisas do porvir, forma essa de profecia e de adivinhação própria dos romanos desde a mais remota antiguidade, que fossem ao encontro de Márcio inteiramente vestidos como costumavam estar por ocasião dos sacrifícios, para implorar-lhe primeiro a cessação da guerra, discutindo depois com seus concidadãos sobre o tratado a estabelecer-se com os volscos. Márcio deixou-os entrar no acampamento mas nem por isso concedeu-lhes coisa alguma, nem lhes fez ou disse nada de mais amável do que aos primeiros, declarando-lhes apenas que a eles cabia decidir sobre uma de duas: ou aceitar a paz sob as condições antes propostas ou suportar a guerra. Quando essa gente religiosa retornou, foi decidido pelo conselho que ninguém sairia da cidade, tentando-se apenas defender as muralhas e repelir o inimigo se eles a viessem assaltar. Entregava-se pois toda esperança ao tempo e aos incidentes inesperados da fortuna, porque de si mesmos os romanos não sabiam por onde começar para uma ação a eles proveitosa. Toda a cidade foi tomada de confusão, de medo e pessimismo quanto ao futuro, até o acontecimento de um caso semelhante, aos que se refere Homero em várias passagens, aos quais, entretanto, pouca gente dá crédito.

Porque em coisas grandes, estranhas e fora da rotina comum, Homero diz e exclama muitas vezes:

Palas a deusa imortal dos belos olhos,

Levou-lhe ao coração tal pensamento.

E em outro trecho:

Mas algum deus os tirou dessa situação,

Inspirando a plebe com tal notícia.

E em outro lugar:

Ele o percebeu por si mesmo,

Ou algum deus o inspirou.

LII. Há muitos que desprezam essas passagens de Homero{503} como se fosse sua intenção atribuir o discernimento da razão humana e a escolha voluntária de cada um, à intervenção de coisas impossíveis e a fábulas destituídas de verosimilhança: o que ele não faz: vê, ao contrário, como dependente do nosso liberal arbítrio as coisas possíveis e que acontecem ordinariamente por decisão racional. Porque muitas vezes também Homero profere palavras como as seguintes:

Eu o pensei no meu peito magnânimo.

E em outra passagem:

Aquiles, ouvindo-o pronunciar-se desse modo,

Sentiu o coração queimado de áspera dor e de ira Dentro do peito peludo,

E ficou indeciso entre dois impulsos contrários.

E de novo em outro local:

Ela não conseguiu seduzir com sua linguagem

A Belerofon, tão honesto e prudente foi ele.

Mesmo nas coisas estranhas e extraordinárias, onde há necessidade de alguma inspiração e instigação divina, ele não admite que um deus absorva o livre arbítrio do homem mas apenas que o incite, não engendrando em nós a vontade, mas sim alguma imaginação que a puxa e impulsiona. Por essa fantasia oferecida à vontade, ele não torna a ação nem voluntária nem forçada, mas antes dá começo à vontade e lhe atribui firmeza e boa esperança. Porque, ou cabe dizer que os deuses não têm absolutamente parte nenhuma nas causas motoras e no princípio das ações humanas ou confessar que não há outro meio pelo qual eles possam ajudar os homens e cooperar com eles. É perfeitamente certo não manejarem eles os nossos corpos, nem agitarem nossas mãos e pés de acordo com o exigido pela necessidade no momento da ação, mas cabe a eles excitar a parte ativa de nossa alma e nosso livre arbítrio ou, ao contrário, retê-lo por certas imaginações e apreensões, inspiradas a nós.

As damas romanas se encarregam de ir suplicar-lhe.

LIII. Ora, a esse tempo, iam as damas romanas a todos os templos dos deuses para fazer preces e orações. A maior parte delas porém, e as mais notáveis estavam continuamente junto ao altar de Júpiter Capitolino. E entre elas via-se especialmente Valéria, irmã de Publicóla, o que prestara tantos serviços aos romanos, na paz como na guerra. Publicóla já tinha morrido, havia algum tempo, como o dissemos em sua vida, mas Valéria sua irmã, era extremamente honrada e estimada em Roma, dirigindo-se a si mesma com tal sabedoria, que não fazia vergonha à casa de onde saíra. Tomou-a subitamente uma emoção volitiva semelhante àquelas de que falamos há pouco, descobrindo não sem alguma inspiração divina, como eu creio, uma boa saída para a situação, porque levantando-se e levando as outras damas a fazer o mesmo, dirigiu-se diretamente com elas à casa de Volúmnia, mãe de Márcio, onde entrando, encontrou-a em companhia da mulher de seu filho com as suas crianças no colo. Colocando-se todas essas damas em torno delas, começou Valéria a falar: «Viemos a vós, ó Volúmnia e Virgília, de mulheres para mulheres, sem ordem do senado nem determinação de nenhum magistrado, mas, a meu aviso, por inspiração de algum deus que, comovido com as nossas preces, nos incitou a virmos a vós, solicitar uma coisa útil a nós mesmas e a todos os demais cidadãos desta cidade. A vós entretanto, se me quiserdes acreditar, trará uma glória maior e mais ilustre do que, outrora, a das filhas dos sabinos, quando em vez de guerra mortal conseguiram estabelecer a paz entre seus pais e maridos. Vinde então conosco ao encontro de Márcio para suplicar-lhe que tenha piedade de nós e também em testemunho da verdade, como vos cabe, em favor dos vossos concidadãos, os quais, embora tenham sofrido muitos males e danos trazidos por ele, jamais entretanto vos deram nem pensaram dar pior tratamento, entregando-vos sãs e salvas entre suas mãos, ainda que não venham a ter em recompensa, nenhum acordo mais brando de sua parte.»

LIV. Essas palavras de Valéria foram aprovadas e acompanhadas pelo clamor de todas as outras damas e Volúmnia lhes respondeu: «Senhoras, somos partes, como vós, nas misérias e calamidades públicas de nosso país, e além disso sofremos a sobrecarga da desgraça particular de termos perdido a glória e a virtude de Márcio, vendo agora sua pessoa cercada pelas armas de nossos inimigos, antes para garantir-se contra ele do que para guardá-lo. Mas o ônus maior de nossa desdita, é o de ver nosso país reduzido a termos de que toda a sua esperança descanse e consista apenas em nós, embora eu não saiba que importância ele nos dará depois de não ter dado nenhuma à sua república e a seu país, antes mais caros a ele do que sua mãe, sua mulher e seus filhos.

Não obstante, servi-vos de nós como quiserdes, e conduzi-nos a ele. Se nada mais pudermos fazer, ao menos poderemos morrer e entregar a alma, suplicando-lhe em favor de nosso país.» Dizendo isso tomou consigo sua nora e netos, e com todas as damas romanas dirigiu-se ao campo dos volscos, que, eles mesmos sentiram ao vê-la, uma compaixão mesclada de reverência, não havendo por isso, entre eles ninguém que ousasse dizer-lhes coisa alguma.

Discurso de sua mãe.

LV. Ora, Márcio, nesse momento estava sentado em seu tribunal, com as insígnias de comandante supremo e quando, de longe, percebeu vir as damas romanas ficou intrigado com o que poderia ser. Pouco tempo depois, porém reconhecendo sua mulher{504} que caminhava na frente, quis, a princípio, perseverar em seu obstinado e inflexível rigor, mas vencido, enfim, pela afeição natural, e extremamente comovido ao vê-las, não pôde manter o coração tão duro a ponto de esperá-las sentado. Descendo precipitadamente Márcio foi a seu encontro e beijou em primeiro lugar sua, mãe, mantendo-a muito tempo entre os braços, depois sua mulher e os filhinhos e sem poder impedir que lágrimas quentes lhe viessem aos olhos, nem

conter-se ao acarinhá-los, deixou-se arrastar pela afeição do sangue como por uma impetuosa torrente. Mas depois de ter-lhes feito essa carinhosa acolhida, percebendo que sua mãe Volúmnia queria falar-lhe, chamou os principais do conselho dos volscos para ouvir suas propostas, e ela tomou a palavra para dizer: «Podes saber por ti mesmo, meu filho, ainda que nada tenhamos dito, pelas nossas vestes e pelo estado dos nossos pobres corpos, qual tem sido nossa vida em casa, depois de tua partida. Considera, porém, agora como somos ainda, ao vir até aqui, mais infelizes e desditosas do que todas as mulheres do mundo. Aquele que é o mais caro à vista de todas as outras, o destino nos transformou no mais temível, trazendo-me a mim, ver meu filho e a esta seu marido, assediando as muralhas de seu país. O que para as outras é o supremo conforto em sua adversidade, orar e invocar os deuses em seu socorro, nos põe a nós na maior perplexidade porque não saberíamos pedir-lhes simultaneamente em nossas preces, vitória para o nosso país e preservação de tua vida. Todas as mais graves maldições imaginadas contra nós por um inimigo, estão necessariamente incluídas em as nossas orações, porque é forçoso a tua mulher e a teus filhos que eles sejam privados ou de ti ou de seu país. Quanto a mim, eu não estou certa de esperar que a sorte, durante minha existência, decida do resultado desta guerra. Se eu não te puder persuadir a escolher antes o bem de ambas as partes do que a ruína de uma delas, preferindo amizade e concórdia às misérias e calamidades da guerra, quero que saibas exatamente e tenhas por seguro, que não trás jamais assaltar e combater teu país sem primeiro passar pelo corpo de quem te pôs no mundo, e não me cabendo prolongar a vida até ver o dia em que meu filho prisioneiro seja levado em triunfo por seus concidadãos, ou que ele próprio triunfe sobre seu país, Se eu te pedisse a salvação do teu país, pela destruição dos volscos, ser-te-ia certamente um problema difícil de resolver, porque, assim como não é lícito arruinar a tua pátria, assim também não é justo trair aqueles que confiaram em ti. Mas o que eu te peço é uma liberação de males, igualmente salutar a um e outro povo, mais honrosa porém para os volscos, porque parecerá que, tendo eles a vitória nas mãos ter-nos-ão oferecido gratuitamente dois supremos bens, paz e amizade, muito embora não deixem também eles de receber esses mesmos bens. Desse benefício tu serás o principal autor caso se verifique, e se não se verificar, tu receberás apenas censura e vitupério de uma e outra parte. Sendo Incerta a decisão da guerra, é bem certo entretanto que se saires vencedor te restará o proveito de vires B ser considerado a peste e a ruína de teu país e se fores vencido, dir-se-á que pelo apetite de vingar tuas próprias injúrias, terás causado as graves calamidades a quem te havia recebido humana e carinhosamente.

LVI. Márcio ouviu as palavras de Volúmnia mãe sem interrompê-la e quando ela deixou de falar, permaneceu muito tempo sombrio sem responder-lhe coisa alguma. Volúmnia então retomou a palavra para dizer-lhe: «Por que não me respondes, filho meu? consideras lícito conceder tudo à tua ira e a teu apetite de vingança, não sendo honesto condescender e inclinar-se às súplicas de tua mãe em questões de tanta importância? e cuidas tu que seja conveniente a uma grande personagem lembrar-se dos agravos feitos contra ela bem como das injúrias passadas e que não constitua ato de homem honrado e de grande coração, reconhecer os benefícios recebidos dos pais pelos filhos e tratá-los por isso com honra e reverência? E não há homem no mundo que necessite mais observar a gratidão em toda sua amplitude, do que tu, visto que insistes com tanta aspereza numa ingratidão e além disso já fizeste o teu país pagar grande reparação pelo mal causado a ti, sem que ainda tenhas demonstrado, nenhum reconhecimento a tua mãe. Nada portanto seria mais honesto que sem mais constrangimento eu impetrasse de ti um favor tão justo e razoável. Mas visto que pela razão eu não te posso persuadir, qual a necessidade de poupar e prolongar a última esperança?» Dizendo essas palavras ela se lançou a seus pés juntamente com sua mulher e filhos. Márcio não o podendo suportar, levantou-a imediatamente exclamando: «Ó mãe, o que me fizeste?» e apertando-lhe fortemente a mão direita: «Ah, mãe, disse ele, conquistaste uma vitória feliz para teu país, mas bem desgraçada e mortal para teu filho, porque eu me retiro vencido exclusivamente por ti.»

Coriolano cede e volta a Ancio. Tulo forma um partido contra ele e o faz assassinar.

LVII. Ditas essas palavras em público, ele falou ainda durante algum tempo, à parte, com sua mãe e sua mulher, deixando-as depois voltar para a cidade de acordo com suas súplicas. Mal depois terminou a noite, reconduziu, no dia seguinte de manhã, os volscos para suas casas, sem que todos participassem da mesma opinião nem do mesmo sentimento. Uns o censuravam a ele e a sua conduta, outros, satisfeitos de se ter chegado a um acordo, diziam que nenhuma coisa merecia ser censurada ou refeita. Outros ainda, embora descontentes com a sua resolução não o consideravam todavia, condenável por isso, mas iam dizendo que ele merecia perdão por se ter dobrado a uma angústia tão violenta e de tal forma o compreenderam que ninguém se opôs à partida atendendo todos a seu comando mais em reverência pela sua virtude, do que por temor à sua autoridade.

LVIII. O povo de Roma porém, deu a conhecer imediatamente o medo e o perigo em que tinha estado durante essa guerra, no momento em que se livrou dela. Porque mal a guarda das muralhas percebeu os volscos levantar acampamento, não houve em toda Roma um único templo que não se abrisse repentinamente, enchendo-se de homens com chapéus de flores sobre a cabeça, que sacrificavam aos deuses exatamente como se faz à notícia de uma grande vitória. Demonstrou-se ainda mais claramente o regozijo público, pelas carícias e honras dispensadas às damas pelo senado e por todo o povo. Não havia ninguém que não dissesse alto e bom som, e que não acreditasse firmemente terem sido elas unicamente a causa da salvação e livramento da cidade. O senado em consequência, determinou aos magistrados que lhes fosse outorgado e concedido tudo quanto elas solicitassem, para assim agraciá-las e honrá-las. As damas entretanto, não pediram outra coisa a não ser a edificação de um templo à Fortuna feminina, oferecendo-se ainda a contribuir com a prata necessária às obras, desde que a coisa pública assumisse os encargos dos sacrifícios, cerimonias e outros serviços pertencentes ao serviço dos deuses. O senado porém, louvando sua boa vontade, ordenou que o templo e a imagem fossem executadas a expensas públicas. As damas romanas, não obstante contribuíram ainda com a prata de que foi feito uma segunda imagem à Fortuna. Dizem os romanos em relação a esta que ela falou ao ser oferecida ao tem pio quando a colocavam em seu lugar. Afirmam ter ela pronunciado as seguintes palavras: «Senhoras, vós me doastes devotamente», e mais; dizem ainda que ela as pronunciou duas vezes, pretendendo fazer-nos crer em coisas jamais acontecidas ou pelo menos bem difíceis de acreditar. Ver imagens suar ou chorar aparentemente, ou verter qualquer líquido tinto como o sangue, não é coisa impossível, porque a madeira e a pedra recebem comumente certa umidade, da qual se engendra o humor que ressuma em estado natural, ou toma do ar muitas tonalidades de tintura e cor. Não há inconveniente para os deuses advertirem algumas vezes, os homens do que está para acontecer, por meio desses sinais. É assim muito possível também, que essas imagens e estátuas lancem em certas ocasiões algum som semelhante a um suspiro ou gemido, quando no seu interior mais profundo, se verifica alguma ruptura ou separação violenta de partes contínuas. Mas uma voz assim articulada ou mesmo uma palavra expressa e cuidadosamente formada em um corpo sem alma, é totalmente impossível, visto que nem a alma nem mesmo deus poderiam falar distintamente ou conversar, sem um corpo com os utensílios e órgãos e partes necessárias à formação e expressão da palavra. Quando a história todavia, nos força a crer alguma coisa em função da narrativa de muitas testemunhas sérias e dignas de fé, cabe dizer que se trata de outra paixão diferente dos cinco sentidos da natureza, a qual, engendrada na parte imaginativa do pensamento, forma sua opinião exatamente como acontece durante o sono. Muitas vezes nos parece ouvir o que em realidade não ouvimos e ver o que em realidade não vemos.

LIX. Quem por veemência de amor e devoção aos deuses, entretanto, é excessivamente aferrado e crente nessas coisas, não podendo recusar nada, nem pôr de lado o que se conta a respeito, tem um grande argumento para manter-se nessa crença, é o do admirável poder de deus; em nada semelhante e sem nenhuma proporção com o nosso, e diferente dele em tudo, seja quanto à natureza, ao movimento, ao artifício ou à força. Se ele realiza portanto algo impossível para nós, ou produz e inventa coisa que transcende a compreensão humana, não deve ser considerado estranho. Se ele difere de nós no demais há de revelar-se ainda mais afastado e mais diverso em suas obras do que no resto. Mas a maior parte dos fatos relativos a deus, como diz Heráclito, mantém-se desconhecida por falta de fé.

LX. Quanto ao mais, quando Márcio voltou à cidade de Âncio, Tulo que o odiava, e já não o podia suportar por temer a sua autoridade, procurou meios de fazê-lo morrer, pensando que se perdesse essa oportunidade jamais conseguiria ocasião semelhante. Tendo para isso encarregado e suscitado muitos outros conjurados com ele, exigiu que Márcio depusesse seu cargo a fim de prestar contas à comunidade dos volscos do seu governo e administração. Márcio temendo ver-se reduzido a homem privado diante de Tulo, mantido como capitão general, quando ele, mesmo sem o comando, era a maior autoridade entre os seus, respondeu-lhe que se demitiria de boa vontade do cargo e o entregaria entre as mãos dos senhores volscos, se todos o determinassem, da mesma forma pela qual o aceitara de todos. Quanto ao mais, ele não recusava dar conta e razão do seu governo nessa mesma hora, a quem da cidade quisesse dar-lhe ouvidos.

LXI. O povo foi então reunido em conselho, e dessa assembleia participaram alguns oradores que irritaram e amotinaram a comuna contra Márcio. Quando terminaram de falar levantou-se este para responder, e embora a plebe amotinada fizesse muito barulho, acalmou-se entretanto ao vê-lo, pela reverência em que tinha sua virtude, dando-lhe audiência pacífica para deduzir com serenidade suas justificações. A maior parte da gente de bem entre os anciatas, que mais se regozijava com a paz, demonstrava em sua atitude, estarem dispostos a ouvi-lo de boa vontade, para o julgarem segundo sua consciência. Tulo porém ao percebê-lo, teve medo, caso o deixasse falar, que Márcio provasse ao povo sua inocência, porque entre outras coisas era homem muito eloquente, acrescendo que os primeiros bons serviços prestados à comunidade dos volscos, propiciavam-lhe mais favor do que o desfavor causado pelas últimas imputações. E mesmo aquilo que lhe era atribuído como crime, testemunhava o benefício por eles devido a Márcio, pois não poderiam considerá-lo como tendo a culpa de não ter sido tomada a cidade de Roma, se não tivessem estado muito próximos de sua conquista, sob a sua direção.

LXII. Tulo, por essas razões, calculou que não podia adiar a empresa, nem divertir-se em suscitar a plebe contra ele. Começaram então os mais rebeldes dos conjurados a gritar que não se devia ouvir nem permitir a um traidor que usurpasse assim o domínio tirânico sobre a liga dos volscos, não querendo demitir-se de seu cargo e autoridade. Ao bradar essas palavras, os conjurados precipitaram-se repentinamente sobre ele e o mataram no próprio local sem que ninguém dos assistentes se intrometesse para socorrê-lo. Vê-se, todavia, que esse assasínio não foi realizado com ciência e consentimento da maior parte dos volscos, por ter acorrido gente de todas as suas cidades para homenagear o corpo de Márcio, ao qual inumaram com grande pompa, ornando sua sepultura com muitos arneses e despojos, como a de um homem valente e grande capitão.

Majestade do povo romano. As damas romanas ficam de luto por Coriolano durante dez meses.

LXIII. Os romanos ao ouvir a notícia de sua morte, não fizeram nenhuma demonstração nem de honra nem de rancor, permitindo apenas às damas, de acordo com pedido seu, que vestissem luto pela sua morte pelo período de dez meses, prazo igual ao do luto habitualmente assumido por elas pela morte dos pais, irmãos e maridos, sendo esse o limite extremo de tempo que o rei Numa Pompíbo determinara para o nojo conforme o escrevemos em sua vida.

Mau estado dos negócios dos volscos. Eles são obrigados a submeter-se.

LXIV. Os negócios dos volscos, de resto, logo depois da morte de Márcio, fizeram-nos sentir a falta de sua presença, porque, em primeiro lugar, entraram em debate com os équos, seus aliados e confederados, no tocante à precedência. A pendência prosseguiu entre eles até se entrechocarem, matando-se uns aos outros. Foram depois disso, batidos pelos romanos em uma grande batalha, na qual Tulo tombou morto em campo, sendo também passada à espada a flor de todo o seu poder. Eles foram assim, constrangidos a aceitar condições de paz muito vergonhosas, tornando-se súditos dos vencedores e comprometendo-se a fazer tudo quanto lhes fosse ordenado.

COMPARAÇÃO ENTRE ALCIBÍADES E M. CORIOLANO

Ora, tendo exposto fatos relativos a ambos, ao menos aqueles que nos pareceram mais dignos de serem lembrados, podemos agora verificar em questão de armas, não ter nenhum levado grande vantagem sobre o outro. Ambos, nos respectivos cargos, provaram igualmente, não apenas ousadia e valor pessoal, mas também bom senso, astúcia e habilidade. Poder-se-á pretender talvez, que Alcibíades tenha sido maior e mais consumado capitão, considerando-se ter ele combatido maior número de vezes contra seus inimigos, tanto por mar como por terra, vencendo sempre. Quanto ao mais, eles têm isso de muito semelhante: onde quer que ambos tenham estado presentes, com permissão e autoridade para comandar, fizeram sempre, prosperar notoriamente, os negócios do seu lado, e mais evidentemente os fizeram piorar quando se voltaram para o partido contrário.

II. Quanto a assunto de governo, porém, a gente de bem e de honra odiava a maneira de proceder usada por Alcibíades no manejo dos negócios públicos, por ser cheia de afetação, dissoluta e dada à lisonja, tendo em vista que Alcibíades pretendia conquistar por quaisquer meios as boas graças e a simpatia da plebe. De outro lado também, o povo romano tinha aversão pela maneira de Coriolano, como sendo muito arrogante, soberba e tirânica, de forma que a atitude de ambos não merece louvor. É todavia menos repreensível quem procura favorecer e agradar ao povo, do que aquele que o despreza, ofende e injuria, temendo possa parecer que ele o queira adular, para aquisição de maior autoridade. Não é decente bajular a plebe para conseguir prestígio, mas adquirir autoridade e crédito para fazer-se temer, prejudicar e constranger a outrem, além de não ser honesto, é injusto. É bem certo que Márcio foi sempre considerado homem íntegro, de natureza simples, sem dissimulação nem artifício, enquanto Alcibíades, ao contrário, foi tido por esperto, afetado e falso. O que se censura mais nele quanto a isso porém, foi a malícia e o dolo com o qual iludiu os embaixadores lacedemônios, impedindo que se fizesse a paz, como narra Tucídides. Esse ato, entretanto, embora tenha em seguida, lançado na guerra a cidade de Atenas, tornou-a ao menos, mais poderosa e temível a seus inimigos, pela efetivação da aliança com Matinéia e Argos, que, por intermédio de Alcibíades, se aliaram e entraram em linha ao lado dos atenienses.

III. Quanto a Márcio, escreve o historiador Dionísio, que foi também por dolo e engano que ele lançou os romanos na guerra contra os volscos, tendo feito maliciosamente e sem razão, levantar suspeitas e espalhar calúnias em relação aos volscos que tinham ido a Roma para assistir ao divertimento dos jogos. A causa porém, pela qual ele agiu dessa forma torna o ato ainda pior, porque não foi por uma dissensão civil nem por ciúme e disputa em matéria de governo, como fez Alcibíades, mas somente para servir a uma paixão colérica, à qual, como diz Dion, nada é bastante, que Márcio ateou fogo e pôs em confusão muitas regiões da Itália, arruinando, pelo rancor desperto contra o próprio país muitas outras cidades que nada tinham com isso.

IV. É bem verdade ter Alcibíades também, por ira e despeito, causado muitos males, misérias e calamidades a seu país. Mal porém percebeu, que os atenienses se arrependiam da injustiça a ele feita, voltou também atrás. Tendo depois sido expulso novamente, não quis. entretanto, pactuar com os erros praticados pelos capitães atenienses, nem deixá-los perder-se por insistir na sua má orientação, nem abandoná-los no perigo onde se colocavam, mas agiu da mesma forma pela qual agira outrora Aristides em relação a Temístocles, sendo até agora louvado por isso. Alcibíades também se dirigiu aos capitães, encarregados então do exército dos atenienses, embora não fossem seus amigos, indicando-lhes as faltas e o que deviam fazer. Márcio, ao contrário, preferiu prejudicar toda Roma sem restrição, embora não tivesse sido ofendido universalmente por todos os da cidade e sua parte melhor e mais sã, se sen tisse

ultrajada ao mesmo tempo que ele e sofresse como ele o mesmo pesar e desgosto. Os romanos, além disso, procuraram desfazer o único desprazer e despeito que lhe tinham causado, por meio de várias embaixadas e muitas súplicas e rogos, aos quais ele não quis dobrar nem amolecer seu duro coração. Márcio demonstrou por esse motivo, que ele empreendera essa guerra tão rude, na qual não queria ouvir falar em acordo, com a intenção de destruir e arruinar inteiramente seu país, e não para recuperá-lo e voltar a ele, Há em verdade a diferença de ter sido Alcibíades constrangido a volver-se de novo para os atenienses, por estar sendo espionado e tocaiado pelos lacedemônios, que o odiavam, e temiam, enquanto Márcio, fora tão bem recebido e tão bem tratado pelos volscos, que não podia, honestamente abandoná-los, visto terem-no honrado, a ponto de o elegerem general, confiando tanto nele a ponto de lhe colocar na mão todas as suas forças e poder. O mesmo não aconteceu com Alcibíades de quem os Lacedemônios abusaram mais que usaram, deixando-o perambular pela sua cidade, e depois pelo seu campo, sem honraria nenhuma, de forma que ele se viu, enfim, constrangido a lançar-se nos braços de Tissafernes, caso não se prefira dizer, ter ele ido, voluntariamente, fazer-lhe a corte com a intenção de preservar a cidade de Atenas da ruína total, animado pelo desejo de voltar para lá.

V. Foi escrito, quanto ao mais, que Alcibíades recebia muitas vezes presentes de forma pouco honesta, deixando-se também corromper por dinheiro, gasto em seguida por ele de maneira ainda mais ardorosa em prazeres desordenados e em completa dissolução. Márcio ao contrário, não quis, nem sequer, aceitar os presentes feitos legitimamente pelos seus capitães, em homenagem à sua virtude. Essa era a razão pela qual o povo ainda mais mal lhe queria na disputa dos plebeus contra os nobres relativa à abolição das dívidas, porque os pobres e a gente miúda percebiam perfeitamente que não era pelo ganho e proveito de sua parte, que Márcio se revelava tão contrário a eles na pendência, parecendo-lhes ser apenas por tê-los em repulsa e para contrariá-los assim expressamente. Não é, pois, sem motivo que Antipáter, em uma epístola, falando da morte de Aristóteles, entre as boas qualidades que diz ter ele possuído, dá grande importância à de saber conquistar e atrair o coração dos homens. As boas obras e virtudes de Márcio por não terem sido acompanhadas dessa graça, tornavam-se odiosas mesmo aos que delas recebiam benefício, por não poderem suportar sua gravidade e obstinação, as quais, como diz Platão, mantêm-se solitárias, isto é, fazem com que os homens sejam pouco seguidos ou totalmente abandonados.

VI. E ao contrário, por saber Alcibíades entender-se de boa graça e comportar-se como devia com todo o mundo, não deve espantar ter sido sua glória altamente exaltada quando agia bem, sendo ele honrado, amado e bem-visto pelo povo. Até mesmo algumas de suas faltas eram muitas vezes tomadas à ligeira, falando-se delas como de gentilezas feitas por brincadeira e divertimento. Daí a razão pela qual embora tendo causado muitos danos à república, foi não obstante, eleito capitão muitas vezes, deferindo-se também a ele os principais cargos da cidade, enquanto Márcio pleiteando em situação análoga, uma magistratura que lhe era devida, em virtude de muitos grandes serviços prestados à causa pública, foi, entretanto, repelido. Vê-se por aí como aqueles mesmos a quem Alcibíades fizera mal, não o podiam odiar, enquanto Márcio não conseguiu praticar todo o bem necessário para ser amado, mesmo por quem o estimava. Ele, por isso, não realizou nenhum grande ato de valor como capitão dos seus, fazendo-o apenas como capitão dos inimigos contra seu próprio país. Alcibíades nesse mesmo terreno, como homem privado e como chefe militar, prestou bons serviços aos atenienses. Enquanto esteve presente, ele por essa razão, levou sempre a melhor sobre seus caluniadores como bem entendeu. As calúnias destes não tiveram nenhum efeito contra ele senão durante sua ausência. Márcio entretanto, foi condenado pelos romanos em sua presença, sendo depois maltratado e morto pelos volscos. Não digo com isso que eles tenham agido bem nem com justiça, mas que ele lhes deu pretexto, pelo menos, para simular tais fundamentos, quando recusou publicamente a paz aos embaixadores romanos, concedendo-a, logo depois, em caráter particular, a instância e rogo das mulheres. Ele não eliminava assim a inimizade existente entre os dois povos e deixando permanecer o estado de guerra fazia perder àqueles pelos quais fora encarregado, a ocasião de explorá-la com vantagem. Cabia-lhe retirar o exército com o consentimento e por conselho dos que se tinham confiado tanto nele a ponto de fazê-lo seu capitão general, caso considerasse, como devia, a obrigação assumida junto a eles. Se porém não desse importância aos volscos ao empreender

a guerra, tendo-a suscitado exclusivamente com a intenção de vingar-se, abandonando-a depois ao aplacar sua cólera, não lhe cabia, por amor de sua mãe, perdoar a seu país, mas ao contrário, perdoando seu país, cabia-lhe poupar também sua mãe, porque sua mãe e sua mulher faziam parte do corpo de seu país e da cidade sitiada por ele. Porque sua repulsa inumana, a todas as súplicas e rogos públicos dos embaixadores e às orações dos sacerdotes e gente religiosa, e a concessão de sua retirada diante da prece de sua mãe, não correspondia tanto a honrá-la como a desonrar seu país, o qual foi preservado por piedade e por intercessão de uma mulher, e não pelo amor a ele próprio devido, como se não fosse digno de preservação. Essa retirada foi assim uma graça concedida de forma muito odiosa, não despertando a gratidão de nenhum dos partidos a quem a concedeu, pois Márcio se retirou não a pedido daqueles a quem fazia a guerra, nem com o consentimento daqueles à custa de quem a fazia. A causa de tudo foi unicamente a austeridade de sua natureza, e de sua obstinação excessivamente presunçosa, distante e altiva. Sendo ela de si mesma odiosa a todo o mundo tornou-se ainda mais selvagem, feroz e intolerável, quando se juntou à ambição. Os homens que têm esse vício na sua natureza, não querem fazer a corte ao povo como se pretendessem demonstrar n ão terem interesse pelas honras populares. Quando porém lhes são estas negadas, eles se irritam e mortificam.

VII. Porque um Metelo, um Aristides e um Epaminondas, agiam também dessa maneira de não querer bajular a comuna, nem procurar as boas graças da plebe com carícias e palavras lisonjeiras, mas isso se dava porque verdadeiramente desprezavam o que o povo lhes podia dar ou tirar. Não se irritavam assim contra seus concidadãos quando estes os condenavam a qualquer multa, ou baniam, ou os faziam suportar qualquer impaciência, voltando a amá-los, mal demonstravam arrepender-se da injustiça cometida contra eles, reconciliando-se imediatamente com o povo quando eram novamente chamados. Quem desdenha lisonjear o povo para obter seu favor deve também, menos do que qualquer um, vingar-se dele quando é maltratado, pois ressentir-se tanto com uma desconsideração ou recusa de qualquer honra, não procede de outra coisa senão do desejo excessivo de obtê-la.

VIII. Alcibíades realmente, não dissimulava o seu prazer em ver-se honrado e sua mortificação ao sentir-se desprezado e privado de. qualquer honra, mas procurava também os meios de tornar-se agradável e bem-visto daqueles entre os quais vivia. Márcio, em situação semelhante, era impedido por sua altivez e orgulho de agradar aqueles que o podiam honrar e fazê-lo progredir, enquanto sua ambição o levava todavia, ao despeito, ao rancor e à mágoa ao sentir-se desprezado. É tudo quanto motivadamente se poderia repreender em Márcio porque, quanto ao mais, todas as outras qualidades boas e louváveis existiam nele muito aparentes, pois em temperança e limpeza de mãos que não se deixavam corromper por dinheiro, ele se pode comparar aos mais virtuosos, mais limpos e íntegros dentre os gregos e não a Alcibíades que certamente, quanto a isso foi sempre muito licencioso e dissoluto, dando pouca atenção ao dever da honestidade.

OBSERVAÇÕES

As vidas que compõem este segundo volume não exigiram observações particulares. As notas colocadas em baixo das páginas são suficientes para esclarecer as dificuldades que poderiam deter a leitura. Aproveitarei esta ocasião para fazer algumas observações gerais. A primeira dará a conhecer o talento admirável de Amyot como tradutor. Falarei na segunda, de alguns volumes de Plutarco, impressos e manuscritos, consultados por mim. A terceira-justificará Amyot e Vascosan.

Primeira observara

Para esta observação eu escolhi a morte de Camilo. Plutarco a narra com simplicidade, mas com nobreza. Com uma palavra apenas ele dá a mais alta ideia desse grande homem. Para deixar aos leitores o prazer de julgar, transcreverei o texto de Plutarco, a tradução de Amyot, a Dacier e finalmente a tradução latina.

TEXTO DE PLUTARCO

(O texto é transcrito em grego)

Tradução de Amyot

No ano seguinte Roma foi invadida pela peste, que além de um número enorme de pessoa levou também muitos magistrados e oficiais da cidade, entre os quais Camilo. Embora tivesse vivido assaz longamente e encerrado um razoável curso de vida, estando tão maduro quanto nenhum homem poderia estar, ele sozinho foi, não obstante, mais chorado e sentido pelos romanos, do que, conjuntamente, todos os demais levados pela peste.

Tradução de Dacier

No ano seguinte eclodiu uma peste tão violenta em Roma, que levou um número infinito de pessoas e a maior parte dos magistrados. Ela porém se assinalou particularmente pela morte de Camilo, porque embora repleto de dias, tendo sido sua vida tão longa e plena como a de nenhum outro homem os romanos se afligiram mais com a sua perda do que com a do grande número de cidadãos, mortos ao mesmo tempo que ele da mesma moléstia.

Tradução das edições latinas (Texto em latim)

Dessas traduções a mais fraca e mais infiel, é, sem dúvida a de Dacier. A latina é deficiente em estilo e em exatidão. A de Amyot não tem esses defeitos, com a vantagem de reproduzir a palavra essencial que os outros tradutores nem sequer perceberam. Eles não sentiram o valor da palavra, maduro, "oraios". O homem, como o fruto, em sua maturidade. O fruto se desprende então da árvore; cai. O homem morre. É a lei da natureza. Mas morrer depois de oitenta anos. e ser universalmente lamentado, em Roma, cheia de mortos e agonizantes; fazer calar a dor comum e empolgar todos os sentimentos, eis a glória de Camilo, eis o belo quadro que em um único traço apresemtam Plutarco e Amyot.

Não me deterei em fazer outros paralelos, embora fossem ainda mais vantajosos para a glória de Amyot. Posso porém assegurar que em mais de mil passagens encontrei nele a mais decidida superioridade sobre seus rivais.

Segunda observação.

Esta segunda observação fará conhecer os exemplares de Plutarco. impressos e manuscritos, consultados por mim. É o filósofo da antiguidade que teve o maior número de leitores desde há dois séculos. Ele os terá ainda mais no futuro, porque é quem mais se aproxima de nossos costumes, de nossos usos, de nossa política, e em geral, de todos os nossos conhecimentos. Encontram-se em quase-todas as bibliotecas anotações que sábios fizeram em seus exemplares. Concebe-se que não sejam todas da mesma importância, que haja muitas medíocres e inúteis. Para não perder tempo, limitei-me a alguns exemplares de escolha.’

Vi o exemplar célebre, denominado Plutarco de Amyot. Ele foi traduzido de Melun a Paris em 1609. por Pierre Regnault. procurador do rei, que atesta ter esse exemplar pertèn-cido a Messire Jacques Amyot. Bispo de Auxerre enquanto viveu. Grande Esmoler de Franca. Esse exemplar entrou, de-pois. para a biblioteca dos padres do Oratório, na rua,Saint- Honoré.{505} Não contém senão As vidas dos homens ilustres". É a edição grega dessa parte das Obras de Plutarco, impressa em Veneza por Alde em 1519. Essa edição continha muitos erros. Um erudito corrigira vários dèles antes de Amyot tornar-se seu possuidor. Duas datas ai existentes, uma, 4 de Dezembro de 1555 e outra, 1." de Agosto de 1583, permitem conjecturas -sobro quem era seu proprietário durante esse período. Amyot acrescentou ao livro, muitas notas gregas e latinas. São conjecturas de eruditos que ele recolheu, algumas discordantes, tiradas, em pequeno número dos manuscritos; algumas comparações feiras com outros autores antigos que mencionaram os mesmos fatos narrados por Plutarco, onde havia alguma diferença; a explicação de alguns usos, e finalmente, algumas observações sobre sua própria tradução. Esse exemplar me foi indicado por R. P. Jannart, bibliotecário da casa de Saint- Honoré.

M. o abade Desaunays, guarda da biblioteca do rei e zeloso da glória literária, indicou-me dois exemplares impressos de Plutarco. Um é a edição grega e latina de Francfort do ano de 1620; o outro a grande edição de Rouauld, publicada em Paris em 1624. O primeiro desses exemplares que habitualmente se chama, não sei porque, o Plutarco de Bigot, tem à margem, notas manuscritas de Richard Brazius, sábio de Sédan. Este leu realmente a Plutarco. Faz algumas correções ao texto, umas por conjecturas próprias, outras em virtude da autoridade de alguns manuscritos. Há também ali o cotejo com alguns autores antigos. Este exemplar que o pai vendeu a seu filho Etienne Brazius em 1664, ficou muito tempo em Sédan exposto ao apodrecimento e aos vermes. A parte das Morais e das Obras mistas está muito

prejudicada. Joseph de la Grive retirou-o da poeira em 1711. Entrou depois para a biblioteca do rei.

O segundo desses exemplares procede -da biblioteca de M. Huet, bispo d'Avranches, legado por ele aos jesuítas da casa professa de Paris. Ele escrevia suas observações à margem da maior parte desses livros. Fez algumas sobre Plutarco. Não são numerosas. Há algumas correções, e um maior número de indicações para o confronto de diferentes passagens de Plutarco. M. Huet, em geral, anotava mais os autores latinos que os gregos, exceto Sexto Empírico o qual ele parece ter meditado melhor, explicado, corrigido, embora fosse o menos digno de sua ocupação. Eu devo a M. Bejot, guarda dos manuscritos da biblioteca do rei, a comunicação do belo manuscrito grego de Plutarco que está sob o número 1671. É um dos mais completos que eu conheço. A rainha Maria de Médicis o trouxe de Florença com muitos outros que enriqueceram a biblioteca do rei. Já retirei dele vários esclarecimentos, e tirarei ainda outros para explicar as Obras morais e as Obras mistas, que foram sempre as tratadas com mais negligência.

Procurei as observações que o sábio Bachet de Meziriac fizera sobre a tradução de Amyot. M, o abade Sallier, M. Burette e muitos outro:; as tiveram em mãos, e as citaram. Malgrado todas as minhas pesquisas não as pude descobrir. Se as encontrar, eu as examinarei e darei couta desse exame. Meziriac era bastante capaz. Fizera um estudo especializado de mitologia e matemáticas. Seus conhecimentos eram extensos: nunca é muito para explicar Plutarco. Meziriac se gabava de ter encontrado dois mil erros na tradução de Amyot. E não me surpreenderia. Espero mesmo corrigir ainda maior número nesta edição, sem que isso diminua em nada minha estima por Amyot. Ele não deixará de ser por Isso, um dos mais excelentes e felizes tradutores jamais existentes. Meziriac ousara tentar uma nova tradução. Encontraram-se entre seus papeis, as vidas de Rómulo, Teseu, Numa, Fábio Máximo, Alexandre e Júlio César. Não as publicaram. Foi um serviço prestado à sua memória. Ele não tinha facilidade, nem elegância no estilo, e pouca sensibilidade na alma, qualidades, entretanto, essenciais para se traduzir bem, e sem as quais uma tradução não terá jamais vida e colorido. Temo mesmo que uma cega rivalidade tenha transviado algumas vezes esse crítico erudito. Algumas das suas observações podem levar a essa conclusão. É conhecida a injusta censura que ele faz a Amyot de se ter enganado em relação à cortesã Neméia.[{506}] Foi o próprio Meziriac quem cometeu a falta. Ele metamorfoseia nos jogos Neméios, uma cortesã famosa preconizada por Ateneu. Não pretendo considerar Amyot e Vascosan irrepreensível; mas cabe estar muito seguro de si quando se quer censurá-los. Esse será o assunto de uma terceira observação.

Terceira observação

Um novel editor se obstina em pedir a Amyot e Vascosan uma ortografia uniforme. Eu já o disse (Prefácio da edição de 1783), eles não a tinham, não a queriam; o público esclarecido não a exige. Quer ter o que eles deram e como o deram. Deixá-los portanto imprimir, "meurs" e moeurs" (costumes), "mieuls" e "mieux" (melhor), "veult" e "veut" (quer), "demourant" e "demeurant" (em resumo, de resto). Eles dizem igualmente, "exercite" e "armée". Substituireis todos os -exercites" ou todos os "armées"? a edição seria desnaturada. Não traria mais o caráter do século. Essas variações são o tartamudeio agradável da criança que hesita diante da palavra, destaca-a penosamente e a pronuncia, enfim, com graça. Eis como a língua se formou. É em Amyot que se encontram esses restos preciosos de sua formação. Cabe-se conservá-los com cuidado.

Com a sua ortografia fictícia entretanto, fazeis Amyot escrever austres", "auscuns" e mil outras palavras heteróclitas. Vós o fazeis assinar na dedicatória das Obras morais a Carlos IX, Vostre "grand aulmosnicr". Se Amyot voltasse para junto de nós, não se reconheceria em sua obra. Espantar-se-ia muito com essa multidão de palavras estranhas que iriam ferir a delicadeza de sua língua e a finura de seu ouvido. Vede onde vos conduziu vossa facilidade em mudar tudo a vossa vontade. Amyot datou sua Epístola dedicatória a Henrique II, no mês de Fevereiro MDLVIII: As quatro unidades em fila vos incomodam. Suprimis uma e credes ter realizado um prodígio. Mas as quatro unidades são a antiga maneira de escrever dos romanos e franceses. Vosso MDLVIII é uma data falsa.

Essa epístola dedicatória é dirigida ao Rei de sua Real Casa de Fontainebleau. Isso também vos desagrada e corrigis para Fontaine-bell'au. Pretendeis ensinar a ortografia de Fontainebleau a Amyot, nascido em Melun, que vivia e escrevia na corte, e era preceptor do filho do rei? Não obstante vossa ortografia não é menos certo que Fontainebleau não é "Fontaine de belle eau", mas a "Fontaine de Bleau". seja homem, seja cão, pouco importa. Nos títulos, nos autores antigos -Fons Eblaudi" ou — Fons Blaucíi". Essa é a origem de Fontainebleau, morada célebre de Luís Vil. residência favorita de S. Luís. berço rias artes na Franca de Francisco I e dos Valois, delícias do imortal Henrique IV, que pretendeu fazer aquele lugar o mais soberbo do universo.

Vossas alterações na tradução de Amyot são bem mais consideráveis. Mudais as expressões, mutilais as frases. Essa desordem é sensível desde o começo da vida de Teseu:

Texto de Amyot

(Segue-se um trecho que não cabe traduzir unta vez que se trata de uma comparação ortográfica com o texto que segue)

Texto de uma edição nova

(Segue-se o texto em francês que deve ser comparado ao antecedente).

Eis os textos. Compare-se e julgue-se. Tão poucas linhas e mais de doze alterações na ortografia, duas supressões de palavras, duas mudanças, entre as quais uma, torna incompreensível a palavra "marche" colocada em lugar de "marge": uma frase, finalmente, cortada em. duas que ali ficam sem ligação e sem construção. Que pensar do resto da obra? Abstenho-me de comentar. Noto somente que a edição não foi feita segundo um exemplar de Amyot mas segundo um exemplar de du Haillan. como se pode ver por um prefácio existente à pág. XLI. Essa edição não é portanto o ouro puro de Amyot; mas uma mistura, parte de Amyot, parte de du Haillan. parte de um novel editor.

Quanto às notas suprimidas, perguntais se constitui supri mi-las. colocá-las à margem. Respondo que notas colocadas à margem não são suprimidas. Mas pergunto onde, em que margem estão as notas de Amyot do Prefácio, cap. II; da vida de Licurgo. cap. XXXV; da vida de Camilo, cap. XXII? Essas nota não aparecem em parte alguma; são portanto suprimidas.

Suprimistes mesmo, a peça inteira dos versos de Agatias em honra a Flutarco, traduzida por Amyot da Antologia e colocada por ele em seguida ao seu Prefácio.

Tenho pouca coisa agora a acrescentar, como justificação de Vascosan; repito que sua edição de 1567 e 1574 é uma obra-prima embora afirmeis -que não se encontra aí o menor traço de bom gosto". Se ela tivesse esse defeito, como teria obtido os elogios pomposos de Carlos IX ? Como ter-se-ia sustentado sua reputação durante dois séculos? Como constitui ela ainda hoje, o ornamento dos gabinetes mais seletos? Como subiu e se manteve em tão alto valor? Como os maiores mestres da arte lhe deram sempre uma importância particular pela sua correção e beleza? Confesso, quanto a mim, que eu reconheço' nessa edição toda a habilidade de Vascosan e de seu genro Frederico Morel, que era, não somente um impressor capaz, mas ainda um dos mais eruditos professores da língua grega do College Royai. Se fosse tão fácil fazer melhor que Vascosan. por que razão nas Obras morais, suprimistes inteiramente o grego que as pessoas cultas gostam de encontrar ali e tem direito de exigir? Nesta edição não será suprimido; e espero que pelos cuidados dispensados, ela será superior mesmo à de Vascosan. na nitidez, correção e sobretudo pela clareza fixada nos sumários e pelo destaque dos capítulos, parte que os antigos não conheciam embora muito importante, amiga dos olhes e do espírito.

O primeiro volume das Obras morais vai, sem demora, aparecer. Haverá dificuldades tipográficas a dominar. É essa vitória que distingue as belas edições c dá seu valor aos olhos dos conhecedores (edição de 1783).

SOBRE A VIDA DE CAMILO

Cap. XV. -As galeras dos liparianos correram sobre eles como se tossem corsários". É preciso, em toda essa passagem, ou que o texto de Plutarco se tenha corrompido, ou que ele tenha entendido mal os historiadores latinos onde colheu essa história. Vemos com efeito, em Tito Lívio, liv. 5, cap. 28; em Valério Máximo, liv. I, cap. I, externa, ex. 4, e Diodoro de Sicilia, liv. 14, cap. 93, que os liparianos faziam profissão de piratagem, enquanto Plutarco dá a entender que eles perseguiam os piratas. Como essa passagem parece não estar alterada, creio que Plutarco terá narrado esse fato de memória, o que lhe aconteceu muitas vezes, confundindo assim tudo. Pode-se restaurá-lo na verdade à vista dos autores citados, e principalmente de Tito Lívio. C.

SOBRE A VIDA DE PÉRICLES

Cap. VIII. para entender essa passagem que Amyot não compreendeu, é necessário saber que os autores trágicos não exibiam jamais uma peça única, mas três ou quatro peças ao mesmo tempo, dentre as quais uma era sempre um drama satírico, tirado de um assunto heroico, mas onde o cômico dominava, tal, por exemplo, Ciclope de Eurípides. Como todas essas peças se representavam juntas, elas constituíam um todo. É o que Plutarco chaina urna didaseália trágica, "tragueen didaskalian".

SOBRE A VIDA DE ALCÍBIADES

Cap. XVII. Essa passagem de Eurípides está, certamente alterada. O poeta fala com efeito em três vitórias e se refere apenas a duas coroas. Deve-se pois necessariamente ler "tris sephthenta", coroados três vezes, em vez de "dlS sephthenta". Mas isso não é ainda bastante e é difícil-encontrar um sentido para as palavras: "benai d'aponti". Acha portanto muito engenhosa a correção de Reiske, que propõe ler "miãs t'apo nisses tris sephthenta". Nesse caso, eis como se deveriam traduzir esses versos:

"Eu te cantarei, ó filho de Clinias, a vitória é uma bela coisa; mas o que há de mais belo, e que jamais acontecera a nenhum grego, é vencer o primeiro, o segundo e o terceiro prêmios nas corridas de carros, e partindo do mesmo marco, ter sido três vezes coroado de oliveira, sendo três vezes proclamado vencedor pelo arauto dos jogos.—' C.

Cap. XIX. "Encontra-se ainda uma arenga escrita contra Alcibíades e deste Féaco". Eu corrigi '"por este Féaco' seguindo a autoridade de Taylor, Lectiones Lysiacoe, cap. 6. que procura demonstrar que o discurso de Alcibíades, lido sob o nome de Andócides, é de Féaco, sendo esse o mencionado nesta passagem. Parece-me isso bastante provável, malgrado todas as razões aduzidas por Ruhnkenius em sua História critica dos oradores gregos", pg. 52 e seguintes. De resto, examinarei esse assunto mais pormenorizadamente em uma nota sobre a vida de Nicias.

Volume III

Emílio Paulo

SUMÁRIO DA VIDA DE PAULO EMÍLIO

I. Considerações de Plutarco. III. Antiguidade e nobreza da família Emiliana. IV. Nascimento de Paulo Emílio. V. Primeiros cargos. VI. Seus talentos militares. VII. Casa-mentos. IX. Seu primeiro consulado. Guerra na Ligúria. X. Sua inclinação pelas artes e ciências. XI. Guerra contra Per-seu rei da Macedónia. Origem das guerras entre os macedônios e os romanos. XIV. Segundo consulado de Paulo Emílio. É encarregado de dirigir a guerra contra Perseu. XIX. Avareza de Perseu. XX. Habilidade de Paulo Emílio. XXI. Fontes de água no monte Olimpo. XXII. Opiniões sobre a origem das nascentes de água. XXIV. Paulo Emílio faz penetrar seu exército na Macedónia através do monte Olimpo. Audácia de Cipião Nasica. XXV. Altura do Olimpo. XXVII. O medo de Perseu. XXVIII. Paulo Emílio examina o exército inimigo. XXIX. Disposições para a batalha. XXX. Cipião Nasica inicia o combate. XXXI. Intrepidez de Paulo Emílio. XXXII. Perseu abandona o campo de batalha. XXXIII. Emílio constata a ordem do exército macedônico. XXXIV. Ordenada a infiltração no campo adversário. XXXV. Intrepidez de Catão, filho de Catão, o Censor. Vitória de Paulo Emílio. XXXVII. Fuga de Perseu. XXXVIII. Preocupação de Perseu: salvar seus tesouros. Refúgio na ilha de Samotrácia. XXXIX. Toda a Macedónia submetida a Paulo Emílio, em dois dias. Rapidez com que a notícia é levada a Roma. XL. Exemplos antigos e recentes a respeito da rapidez das notícias. XLII. Prisão de Perseu. XLIII. Homenagens que lhe rende Paulo Emílio. Sua dor diante da desgraça do rei. XLIV. Conduta desprezível desse rei. XLV. Exortações de Paulo Emílio a seus comandados sobre a instabilidade das coisas humanas. XLVI. Paulo Emílio percorre a Grécia, alivia o povo e reorganiza o governo. XLVII. Novos regulamentos para a Macedónia. Sua liberdade. XLVIII. Liberalidade e grandeza de alma de Emílio. XLIX. Emílio penetra no Spiro com ordem do Senado para consentir no saque das cidades. Finanças do Épiro. L. Regresso à Itália. LI. Sérvio Galba intenta receber as honras do triunfo. LIII. Servílio vinga essa afronta. LV. Outorgam-se as honras a Emílio. Magnificência de seu triunfo. Riquezas de ouro e prata. LVII. Luto em casa de Paulo Emílio. LVIII. Sua constância e sua moderação. LLX. Morte de Perseu. Sorte de seus filhos. LX. Abolição de impostos em Roma. Diferença de conduta entre Paulo Emílio e seu filho Cipião. LXI. Paulo Emílio é nomeado censor. LXII. Sua morte. Honras que lhe são tributadas. Sua pequena fortuna.

Do ano 526 ao ano 588 da fundação de Roma; 166 A. C.

PAULO EMÍLIO[507]

Quando comecei a escrever a história destas vidas, eu o fiz, a princípio, para proveito daqueles que viessem a conhecê-las. Em seguida, porém, perseverando, procurei também beneficiar-me a mim mesmo, olhando-as como num espelho e esforçando-me no sentido de reconstruir minha vida, tomando como modelo as qualidades de caráter desses ilustres varões. O fato é que, buscando conhecer seus costumes a fim de estar em condições de levar a bom termo a tarefa que me propus, fui como que obrigado a conviver intimamente com eles, como se os hospedasse em minha casa, um após outro, quando então pude vivamente apreciar os marcantes acontecimentos de suas vidas, considerar as virtudes que possuíam e o que havia de grande e admirável na história de cada um deles. Dessa forma fui selecionando o que era digno de nota, em suas palavras e em suas ações.

Ó deuses! Que maior prazer poderia haver no

mundo (1ª) do que este, proporcionado ao homem para reformar seus costumes?

O filósofo Demócrito, escrevendo que devemos orar para que a sorte nos apresente sempre visões benéficas e agradáveis e para que ao nosso encontro venha somente aquilo que seja conveniente à nossa natureza e não as imagens sinistras e más que erram no espaço, introduziu na filosofia uma doutrina falsa e perigosa, que pode levar a humanidade à adoção de princípios supersticiosos, quando admite a existência dessas influências boas e más, com o poder de transmitir aos homens a impressão do bem e do mal e assim incliná-los ao vício ou à virtude.

II. Quanto a mim, com a oportunidade que me foi dada, de ler essas antigas narrações e extrair delas o que estou registrando por escrito, ao mesmo tempo que retenho na memória o que há de notório nos feitos desses grandes vultos do passado, vou me instruindo a mim mesmo e aprendendo a repudiar toda a maldade, toda a desonestidade, toda a ação vil e desprezível, diante de tão sublimes e edificantes exemplos.

Continuando, apresento agora as histórias de Timoleon, coríntio e Paulo Emílio, romano, os quais não somente souberam viver com a intenção e a vontade bem dirigidas, como também foram favorecidos pela Fortuna, prosperando e sendo bem sucedidos em seus empreendimentos. Ficamos, entretanto, em dúvida, quando procuramos conhecer a causa de seus sucessos, se eles foram beneficiados pela prudência com que se conduziram ou pela sorte, que os protegeu.

(1a) Verso da tragédia perdida de Sófocles: «Os tocadores de tamboril».

III. Não resta a menor dúvida de que a casa dos Emílios tenha pertencido à mais antiga nobreza romana, com o que concorda a maioria dos historiadores. Que o primeiro dessa

família, porém, tenha sido um Marcos{508} filho do sábio Pitágoras, o qual teria sido cognominado Emílio devido à suavidade e graça de sua linguagem, conforme alguns têm escrito, isto somente é referido por aqueles que atribuem a Pitágoras a educação do rei Numa. De qualquer maneira, quase todos os que pertenceram a essa casa alcançaram honra e boa reputação. E que souberam eles escolher o caminho da virtude, encontrando com esta a prosperidade. Houve, é verdade, uma exceção, que foi Lúcio Paulo{509}, que morreu na batalha de Canas. A sua infelicidade, porém, mais realçou seu valor e sua prudência, pois quando verificou ser impossível dissuadir seu colega de consulado, que teimava em travar aquela batalha, ele participou da peleja, mesmo contra sua própria vontade, lutando firme e valentemente até o último suspiro, enquanto fugia covardemente o outro que havia provocado o combate.

IV. Lúcio Paulo deixou uma filha chamada Emília, que se casou com o grande Cipião. Seu filho, Paulo Emílio, cuja vida estamos escrevendo, ten do nascido e tendo sido educado numa época florescente, rica de exemplos edificantes deixados por homens ilustres, fez também sobressair seu nome, seguindo pela mesma senda gloriosa. Não procurou, porém, imitar o procedimento dos jovens de seu tempo, que se compraziam em exercitar a eloquência cm causas particulares e se deixavam enlevar pelas saudações afetadas, afagos e bajulações daqueles que mendigavam seus favores, embora por esse meio muitos deles viessem a ganhar fama e popularidade, fazendo-se serviçais e obsequiosos. A Emílio também não faltava essa habilidade, mas ele preferiu como coisa mais apreciável a glória que acompanha a reputação do homem de bem. O valor próprio, a honestidade e a lealdade, eis as virtudes que o colocam logo na vanguarda, entre os seus contemporâneos.

V. O primeiro cargo que ocupou foi o de edil, sendo escolhido entre doze outros concorrentes, os quais possuíam igualmente aptidão e qualidades, pois cada um deles alcançou mais tarde o consulado. Paulo Emílio foi também eleito para o sacerdócio, o que entre os romanos tinha o nome de augure, sob os cuidados de quem se achavam as adivinhações e presságios feitos por meio do canto e do voo das aves, como também pelos sinais do ar e do céu. Nesse mister ele se aprofundou tanto no estudo dos costumes religiosos e usanças dos romanos, procurou tão diligentemente observar suas cerimonias e ritos, que o sacerdócio, parecendo a muitos ter valor apenas como título honorífico, ambicionado pelo prestígio que conferia ao seu portador, tornou-se para ele uma das principais e uma das mais elevadas ciências dentre as que pudessem merecer sua atenção, como um motivo de honra a seu povo e a sua cidade. Fazendo igualmente proclamar e confirmar a verdade já anteriormente sustentada por alguns filósofos, que "a religião é a ciência de servir a Deus", quando desempenhava algum ato relativo ao sacerdócio, isto era feito com o maior critério, com a mais ativa diligência e com as mais vivas provas de experiência. Não deixava, de forma alguma, que sua mente fosse tomada por pensamentos estranhos nos momentos em que oficiava, nada omitia das antigas cerimonias e nem permitia qualquer inovação. Muitas vezes conferia com seus colegas detalhes mínimos, mau grado a suposição corrente, segundo a qual os deuses eram fáceis de se contentar e perdoavam prontamente as faltas cometidas por negligência. Da mesma forma, quando tinha que tratar dos negócios públicos, não deixava passar qualquer omissão ou transgressão da lei, por pequena que fosse, considerando muito justamente o fato de que a observância e a guarda dos principais fundamentos de uma organização estatal dependem do cuidado com que são acatadas as bases que a sustentam.

VI. Assim, igualmente, mostrou-se observador severo e rude executor da disciplina militar, não buscando conquistar a simpatia dos soldados somente para os comprazer, como era costume de muitos naquela época, nem tão pouco manobrando para conquistar um segundo lugar vantajoso por se ter mostrado benevolente e agradável no primeiro. Àqueles que desobedeciam os regulamentos militares, ele mesmo tratava de lhes fazer ver, ponto por ponto, o que a disciplina ordenava, agindo criteriosamente, como um sacerdote ao dirigir as cerimonias sagradas, onde estava acostumado a não desprezar um só detalhe. Declarando-se austero e rigoroso para com os transgressores e desobedientes, cuidava manter a salvo a

coisa pública, considerando que vencer o inimigo pelas armas não era mais do que um acessório, por assim dizer, da tarefa de bem dirigir e tornar aguerridos e bem disciplinados os cidadãos.

Como estivessem então os romanos empenhados em guerra contra Antíoco, o Grande, no Oriente, para onde tinham sido enviados todos os grandes capitães de Roma, foi Paulo Emílio mandado à Espanha como pretor, aliás, investido também da autoridade consular, pois em vez de seis machados conduzia doze, com o objetivo de sufocar as rebeliões que ali se estavam verificando. Naquela distante província, teve ocasião de provar suas grandes qualidades como estrategista militar, pois venceu os Bárbaros duas vezes. Este feito, que culminou com a exterminação de trinta mil insurretos, foi uma consequência de sua habilidade, ao escolher tempo e lugar apropriados, atacando o inimigo na travessia de um ribeiro, o que muito facilitou a vitória aos seus. Conquistou nessa campanha duzentas e cinquenta cidades, que espontaneamente se lhe submeteram. E, deixando completamente pacificada a província após receber o juramento de f idelidade que lhe foi reafirmado, regressou a Roma sem ter ajuntado ao que possuía, uma só dracma. Ele era, aliás, um tanto negligente quando se tratava de tirar proveito para si mesmo em qualquer situação semelhante e até gastava muito liberalmente o que era seu, sendo isto confirmado após sua morte, quando se verificou quão pequena foi a herança recebida por sua mulher.

VII. Em primeiras núpcias, Paulo Emílio desposou Papíria, filha de Papírio Masso, alta autoridade consular. Após o convívio de muitos anos, o casal divorciou-se, não obstante ter Papíria dado a Emílio três belas crianças. Um desses filhos foi o célebre Cipião, o segundo desse nome e o outro foi Fábio Máximo. Quanto à causa da ruptura do laço matrimonial, não chegou até nossos dias qualquer documento escrito a respeito. Aliás, parece-me que há grande verdade naquela história do cidadão romano, que após ter se separado de sua esposa, foi abordado por alguns amigos, que lhe perguntaram: — O que achaste em tua mulher que fosse digno de censura? Não era fisicamente bem conformada? Não era bela? E não te deu lindos filhos?" O marido divorciado encarou seus companheiros e, estendendo o pé, disse-lhe: — Não é bem feito este sapato? Não é bonito? Não é novo? No entanto nenhum de vós será capaz de me dizer onde ele me aperta".

O fato é que nessa questão de incompatibilidade conjugal, as grandes falhas geralmente são descobertas, mas ninguém fica sabendo, muitas vezes, das pequeninas impertinências, dos sorrisos repetidos com ironia ou quaisquer outras insignificâncias motivadas pela diferença de temperamento que os de fora não conhecem, e que na sucessão dos tempos vão engendrando tão grande alienação da vontade entre as pessoas, que lhes torna impossível a vida em comum.

VIII. Tendo repudiado sua primeira esposa, Emílio casou-se com outra, que foi mãe de duas crianças do sexo masculino, as quais conservou a seu lado. Os dois primeiros, entretanto, do primeiro casamento, deu-os em adoção a duas das mais nobres, ricas e poderosas famílias daquele tempo: o mais velho foi para a casa de Fábio Máximo, aquele que por cinco vezes foi cônsul e o segundo, colocou-o na família dos Cornélios, tendo sido adotado pelo filho do grande Cipião, o Africano, que era seu primo, e foi também chamado Cipião. Quanto às mulheres, o filho de Catão desposou uma, casando-se a outra com Élio Tuberon, varão honrado que se mantinha mais honestamente em sua pobreza, que qualquer outro romano. Possuía ele dezesseis parentes próximos, todos da família dos Élios, que não tinham senão uma casa na cidade e uma herdade no campo, onde viviam todos juntos com suas mulheres e filhos. Entre aquelas jovens casadas achava-se a filha de Paulo Emílio, que apesar de ter um pai que por duas vezes tinha sido cônsul e duplamente havia recebido as honras do triunfo, não se envergonhava da situação do marido. Pelo contrário, tinha até grande admiração por suas virtudes, razão talvez de sua pobreza. Ali, onde vivem irmãos e parentes de hoje, se não

estivessem eles afastados uns dos outros pela distância, se não houvesse rios que os separassem uns dos outros e muralhas limitando e dividindo suas porções, bem como espaços vagos entre seus terrenos, é possível que estivessem altercando e se guerreando entre si. Estes são os belos exemplos que a História põe diante dos olhos daqueles que os queiram considerar, para tirar deles ensinamentos úteis para bem viver e bem se dirigir.

IX. Emílio, sendo eleito cônsul{510}, foi guerrear os ligurianos, que habitam ao longo dos Alpes, também chamados ligustinos. São homens audaciosos, aguerridos e se achavam bem preparados para combater os romanos, dos quais eram vizinhos, pois viviam na extremidade norte da Itália, na parte confinante com os grandes Alpes, ocupando também aquela região desses montes cuja base atinge o mar da Toscana{511}, em frente à costa norte da África. Ali o inimigo se achava mesclado com os gauleses e os espanhóis, seus aliados, sulcando todo o Mediterrâneo até as colunas de Hércules com as suas pequenas embarcações corsárias, estorvando o tráfico e solapando o comércio. Preparando-se Emílio para encontrá-los, foi enfrentado com um exército de quarenta mil combatentes, ao passo que os romanos não dispunham senão de oito mil ao todo, ficando assim o encontro assinalado pelas proporções de cinco contra, um. No entanto, não obstante sua superioridade numérica, os ligurianos foram levados de vencida até que se viram encerrados dentro de suas próprias cidades. Em tal situação, quando naturalmente deviam esperar o castigo imposto aos vencidos, ao contrário de semelhante desfecho, fizeram os romanos acolhedoras propostas de paz. É que não lhes interessava a exterminação daquele inimigo, pois era ele uma espécie de baluarte oposto aos movimentos dos gauleses, que continuamente ameaçavam cair sobre a Itália. Renderam-se, pois, os ligurianos e ainda puseram suas cidades e seus navios à disposição de Paulo Emílio. O hábil romano mandou apenas demolir as muralhas das cidades, mas, quanto às naves, apoderou-se de todas, deixando em poder do adversário somente os batéis de três remos{512}. Libertou todos os prisioneiros, entre os quais encontrou muitos estrangeiros e até romanos.

X. São estes os principais acontecimentos de seu primeiro consulado. Mais tarde ele desejou reeleger-se e chegou mesmo a apresentar sua candidatura, sendo porém preterido. Diante disto, resolveu dedicar-se inteiramente aos deveres religiosos e zelar pela educação dos filhos, cuidando de proporcionar-lhes uma educação completa, mandando ensinar-lhes tudo quanto se referia a sua pátria, bem como à civilização grega. Providenciou professores, não só de gramática, retórica e dialética, mas também de pintura e escultura, domadores de cavalo e mestres de caça. Ele mesmo, quando não se achava ocupado, procurava sempre estar presente a essas instruções, provando ser assim, entre seus concidadãos, um pai exemplar, que bem conhecia os deveres assumidos para com os filhos.

XI. Estavam os romanos, nessa época, empenhados na guerra contra o rei Perseu, da Macedónia{513}. Os generais que dirigiam a campanha começaram a ser acusados de que, por lhes faltar a coragem e o valor necessários, sua atuação era de tal modo vergonhosa, que o inimigo é que estaria se beneficiando com a situação, pois a conduta dos militares de Roma, tal como se verificava, conferia maiores oportunidades ao rei macedônio do que aquelas que os romanos poderiam auferir nessa luta. Tal estado de coisas não poderia perdurar. Pouco antes, os exércitos romanos tinham rechaçado para além do monte Taurus o rei Antíoco, chamado o Grande, fazendo-o abandonar tudo quanto havia conquistado na Ásia e contendo-o nos limites da Síria. Este rei deu-se ainda por muito feliz em poder negociar a paz com o pagamento de quinze mil talentos. Não fazia muito tempo tinham também derrotado na Tessália o rei Filipe, cuja consequência foi a libertação dos gregos da servidão imposta pelos macedônios. E a grande vitória de Roma contra Aníbal, com o qual nenhum outro rei ou príncipe daquela época podia ser comparado, nem com relação ao poderio militar nem quanto ao ardor combativo?

Não era possível, pois, aos romanos, aceitar resignadamente uma luta sem proveito como a que se feria contra Perseu e nem tão pouco concordar que se prolongasse indefinidamente tal empresa, como se o seu opositor fosse digno e estivesse à altura de competir com a poderosa Roma. Entendiam ainda ser injustificada tal demora, em vista de estar Perseu lutando com os remanescentes das tropas derrotadas de seu pai. Entretanto, não sabiam que Filipe, em virtude mesmo das derrotas sofridas, tinha deixado um exército aguerrido e forte, mais preparado do que anteriormente. Mas, não deixemos de nos lembrar que estamos escrevendo resumidamente, olhando do alto os acontecimentos.

XII. Antígono{514}, que entre os generais de Alexandre, o Grande, foi o que alcançou maior poder, conquistando para si e seus descendentes o título de rei, deixou um filho de nome Demétrio{515} que por sua vez foi o pai de um segundo Antígono{516} de sobrenome Gonata. Seguindo a mesma linha sucessória, veio a reinar um filho do precedente, também chamado Demétrio{517}, o qual, após dirigir os destinos de seu povo por um pouco de tempo, morreu, ficando seu filho Filipe ainda muito pequeno. Nessa ocasião os príncipes e maiorais da nação macedónica, considerando que o país não devia permanecer sem a suprema autoridade de um chefe, decidiram chamar Antígono, primo do rei morto, dando-lhe em casamento a viúva, mãe do pequeno Filipe, e os títulos de regente e capitão geral. Habilmente, porém, Antígono imprimiu uma segura direção aos negócios do reino, até que conseguiu enfeixar nas mãos a realeza. Foi ele cognominado Doson{518}, isto é, aquele que promete muito para dar pouco.

XIII. Em seguida vem o reinado de Filipe, que na sua mocidade deu maiores esperanças que qualquer outro rei. Assim, aguardavam os macedônios que ele reconduzisse o país a sua antiga glória e fosse capaz de reprimir o poder dos romanos, que se levantava ameaçadoramente sobre o mundo. Tendo sido, porém, derrotado por Tito Quíncio Flamínio nas proximidades da cidade de Escctusa, curvou sua cabeça sob o jugo, após negociar a paz com o pagamento de uma pequena multa. Daí por diante, porém, caiu em profundo abatimento moral, considerando uma indignidade continuar reinando na dependência e pela piedade dos romanos, pois isto era próprio de escravos e não de um homem valente e íntegro. Resolveu reagir e buscou estudar, com todo o empenho, as artes militares, fazendo seus preparativos para a desforra, em segredo e o mais depressa possível. Usou de uma tática inteligente para não provocar a desconfiança de Roma. Deixou desamparadas as cidades do litoral e aquelas cortadas pelas grandes vias de comunicação, que ficaram isoladas, sem qualquer fortificação e-mais ou menos despovoadas. Nesse ínterim, foi concentrando forças em locais distanciados das estradas mais movimentadas, acumulando dinheiro e fazendo provisões de armas e recrutando bons guerreiros. Conseguiu assim ajuntar armamento suficiente para trinta mil combatentes e oito milhões de minas{519} de trigo, guardados em praças fortes bem afastadas, assim como vultosa reserva econômica, bastante para sustentar e manter dez mil legionários estrangeiros pelo espaço de dez anos, para defender o país.

O destino, porém, não lhe permitiu realizar os planos, pois antes de poder pô-los em execução, veio a morrer de desgosto, ao ter conhecimento de que havia feito condenar injustamente o mais querido de seus filhos, chamado Demétrio, pelo fato de ter levado em conta uma acusação de Perseu. Este, sucedendo ao pai no trono, herdou também o ódio aos romanos. Mas faltava-lhe a indispensável ombridade para sustentar tão grande empreendi mento, sendo ele um indivíduo sórdido, covarde e mesquinho e cuja avareza era sem limites, para não falar em outros vícios e defeitos que caracterizavam sua pessoa. Dizia-se também que não era herdeiro legítimo do trono, pois fora recolhido ainda pequenino pela mulher de Filipe, que o fizera passar por filho, sendo sua verdadeira mãe uma costureira de nome Gnatinia, natural da cidade de Argos. Crê-se que foi esta a verdadeira causa pela qual ele procurou, por todos os meios, provocar a morte de Demétrio, julgando que este não deixaria de investigar mais tarde sua origem.

Todavia, covarde como era e d otado de sentimentos baixos e vis, encontrando preparadas as forças militares de seu reino, não trepidou em ir ao encontro dos romanos numa guerra que sustentou por muito tempo, derrotando diversos generais, que além de guerreiros, eram também autoridades consulares em seu país. Rechaçou poderosas forças, tanto em terra como no mar, alcançando, entre as vitórias conseguidas, aquela em que foi derrotado Paulo Licínio, o primeiro a entrar na Macedônia e que foi vencido com sua poderosa cavalaria, perdendo duzentos e cinquenta mil soldados escolhidos, além de seiscentos prisioneiros. Ainda mais, achando-se a esquadra romana fundeada em frente à cidade de Oréia, Perseu atacou-a de surpresa, aprisionando vinte navios carregados, cinquenta e quatro galeras de cinquenta remos e fazendo afundar o resto com as provisões que continha. O segundo dos generais consulares que combateu, foi Hostílio, o qual expulsou, quando este tentava forçar a entrada de suas tropas na Macedónia, seguindo o caminho da cidade de Elímia e, outra vez, quando o mesmo general procurava penetrar pela Tessália, ocasião em que recusou o combate oferecido pelo rei macedónio.

E como se esta guerra não lhe fosse ainda tarefa bastante ou como se estivesse disposto a zombar do puder dos romanos, resolveu marchar contra os dardanos{520}, destroçando dez mil dentre esses bárbaros, dos quais recolheu despojos de grande valia. Em seguida, considerando estar no tempo de buscar algum aliado, solicitou o auxílio dos gauleses que viviam ao longo do Danoue{521} , conhecidos pela denominação de bastemos, homens belicosos e temíveis cavaleiros. Semelhantemente, convidou os esclavôn ios{522}, na pessoa do seu rei Gentio{523}, conseguindo que todos entrassem com ele na guerra contra os romanos. Espalhou-se logo a notícia da aliança com esses bárbaros, os quais deviam cair sobre a Itália, passando pelas alturas da Gália e atacando pela costa do Adriático.

XIV. Assim que os romanos se tornaram cientes dessa informação, concluíram que não era mais tempo de se iludirem a si mesmos com alguns combates graciosos e sim, que deviam, pelo contrário, convocar um homem de honra que fosse ao mesmo tempo hábil e prudente guerreiro para poder conduzir-se bem nessa árdua tarefa, um homem, enfim, como Paulo Emílio{524} que, embora estivesse já com sessenta anos de idade, era ainda forte e robusto e possuía grande influência social não só pelo número de filhos, genros e outros parentes, como também pelas incontáveis amizades que desfrutava entre pessoas de prestígio. Todos estes, amigos e parentes, foram unânimes em aconselhá-lo a atender os apelos para voltar ao consulado. A princípio recusou-se terminantemente a acatar a solicitação e chegou mesmo a desdenhar da ânsia e desejo do povo ao lhe ser proposta semelhante honra, afirmando que não queria mais aceitar tais encargos. Vendo, porém, que a comunidade insistia de maneira tão veemente que uma grande multidão vinha aglomerar-se diariamente à porta de sua casa, terminou por se deixar persuadir. Quando assomou, então, à frente daqueles que o conclamavam e pediam sua investidura no cargo, pareceu ao povo que não era propriamente o consulado que estava aceitando, mas sim, que já se achava a caminho da vitória certa para sua pátria, na guerra em que esta se empenhava. E foi dessa forma que, pela vontade livre de seus patrícios, inspirando um novo sentimento de segurança a todos, se viu eleito cônsul pela segunda vez{525}.

Logo que assumiu a responsabilidade do cargo, não permitiram, conforme era costume, que se tirasse a sorte entre dois daqueles magistrados para saber qual deles iria arcar com a responsabilidade de solucionar o caso da Macedónia, mas atiraram inteiramente sobre Emílio, em votação unânime, os encargos da guerra, decidindo que ele tinha sido eleito cônsul para, objetivamente, dirigir a campanha contra o rei Perseu. Após a cerimonia de sua segunda investidura, foi conduzido, com todas as honras, pela multidão, até a porta de sua casa. Quando se aproximavam, saiu-lhe ao encontro a filhinha, de nome Tercia, que vinha chorando. Recebendo-a nos braços, Emílio perguntou-lhe o que havia acontecido. Ela, beijando-o, exclamou: — Mas v ocê não sabe, papai, que está morto o nosso Perseu?" Referia-se a um cãozinho que ela criava. Emílio, consolando-a, respondeu: — Em boa hora, minha filha. Vou aceitar o presságio." Este fato é citado por Cícero em suas dissertações sobre a adivinhação.

XV. Havia um costume, seguido por aqueles que ascendiam ao consulado, pelo qual deviam se dirigir ao povo num discurso, logo após a proclamação, a fim de agradecer a honra a eles tributada. Seguindo a praxe e estando a multidão reunida para ouvi-lo, Paulo Emílio tomou a palavra e disse que havia pedido, da primeira vez, aquela posição, levado pelo seu amor próprio e porque desejava consideração à sua pessoa, tendo mesmo sentido necessidade de tal honra. Daquela vez, porém, consentira em ser apresentado, por amor de seu povo, o qual estava provando e sentindo a falta de um comandante. Assim, nenhuma gratidão ficava devendo àqueles que o escolheram e, aliás, se julgassem que algum outro, melhor que ele, poderia conduzir a guerra, estava pronto a desistir, cedendo o lugar. Entretanto, se de fato depositavam confiança em sua atuação, estaria disposto a corresponder. Pedia, porém, que não se imiscuíssem nas suas atribuições, não comentassem os acontecimentos e não procurassem se encarregar de coisa alguma referente aos seus deveres como comandante, mas que se ocupassem em executar, silenciosamente, o que de sua parte fosse ordenado, considerando as necessidades de sua tarefa, pois se cada um se julgasse com direito de se intrometer no comando, como a princípio se fazia, isto os tornaria ainda mais ridicularizados do que estavam sendo naquela guerra.

XVI. Estas palavras valeram como um incentivo aos romanos, fazendo com que tributassem a Emílio uma grande admiração e se dispusessem a obedecê-lo, ao mesmo tempo que acalentavam viva esperança no futuro. Outrossim, sentiram-se alegres por terem tido a prudência de excluir aqueles elementos que, por ambição, aspiravam o cargo, escolhendo um varão de forte personalidade que, com a devida coragem, lhes dizia franca e livremente todas as verdades. Eis porque o povo romano, sabendo sempre pender para o lado da razão e da virtude, tornou-se apto para dirigir os outros e se fez o maior e o mais poderoso do mundo{526}.

XVII. Paulo Emílio, partindo para a guerra, começou sob bons auspícios, pois fez uma viagem sem incidentes, atribuindo ao favor da fortuna tal evento. Chegou, pronta e seguramente, ao campo da luta, considerando que os seus sucessos poderiam ser atribuídos, parte à rapidez com que tomava suas decisões e parte à prudência com que agia, não olvidando também a diligência e cooperação de seus amigos, que souberam cumprir seus deveres e o serviram lealmente. Julgava também dever seus triunfos à firme resolução e ao sentido de segurança que mantinha diante do perigo, como ainda ao fato de ter sabido adotar a atitude conveniente diante dos acontecimentos. Não se deve, assim, acreditar tanto na propalada proteção da sorte, cem referência aos seus sucessos, o mesmo acontecendo quando se analisa a infelicidade dos outros generais, a não ser que se considere como "boa sorte" uma fatalidade tal como a avareza de Perseu, pois este, levado pelo medo de perder seu dinheiro, foi o causador da ruína total dos negócios de sua pátria, os quais se encontravam com perspectivas tão animadoras e seu povo tão cheio de esperanças no futuro.

XVIII. Acudindo ao chamado da Macedónia, dez mil cavaleiros pertencentes às milícias dos basternos e dez mil infantes, todos acostuma dos às artes da guerra e afeitos à luta, ignorantes entretanto de tudo quanto se relacionasse com a lavoura e a navegação, nada entendendo do pastoreio de animais, bem como de comércio ou qualquer outra atividade, sabendo apenas guerrear e vencer aqueles que diante deles se apresentassem no campo de batalha, eis ali se achavam eles, os denodados companheiros de armas do rei Perseu. Incorporando-se às tropas aliadas, assentaram seu acampamento na região de Médica{527}. Quando os soldados e o povo macedônicos contemplaram aqueles homens de elevada estatura, bem exercitados no manejo das armas, espalhafatosos na maneira de falar, cheios de bravata, sentiram-se possuídos de vivo entusiasmo, acreditando que os romanos nem ao menos se animariam a entrar em combate e desistiriam logo, somente com a presença de tão perigoso adversário. De fato eram terríveis aqueles combatentes de fero semblante, que gesticulavam de modo espetacular e assustador.

Perseu, certificando-se da coragem e do entusiasmo agora demonstrados por sua gente, logo que os bárbaros solicitaram o pagamento antecipado de mil peças de ouro para cada capitão, desorientado com a soma total que teria de pagar, dispensou o socorro pedido e recusou seus serviços, como se sentisse a obrigação de poupar dinheiro em favor dos próprios romanos que combatia, ou como se tivesse de lhes prestar conta dos gastos. Entretanto, era justamente o inimigo que lhe estava indicando o caminho a seguir, atendendo ao fato de que dispunha, além do aparelhamento bélico, de nada menos que cem mil combatentes, reunidos e prontos a entrar em ação quando fosse necessário. E ele, empreendendo resistir a um tão formidável poderio e sustentar uma guerra, para cuja vitória final os romanos não estavam medindo despesas, mantendo forças mais do que as necessárias, deu de medir e economizar seu ouro, guardando-o avaramente, como se tivesse medo de tocá-lo ou como se fosse alheio. Agindo por essa forma estava em completo desacordo com a conduta dos reis da Lídia e da Fenícia, que se gloriavam de seus grandes tesouros, embora afirmassem possuir, por hereditariedade, alguma coisa das virtudes de Alexandre e de Filipe, os quais blasonavam que as vitórias devem ser conseguidas com o dinheiro e não o dinheiro com as vitórias, sendo esta a razão de seus sucessos em todo o mundo. Eis porque se dizia que não era Filipe e sim o seu dinheiro que tomava as cidades da Grécia. Ainda com relação a este assunto, lembraremos que Alexandre, ao encetar a conquista das índias, verificando que os macedônios vinham conduzindo as riquezas da Pérsia, o que tornava difícil e pesado o percurso, a primeira coisa que fez foi mandar atear fogo à carruagem real onde transportava sua bagagem, persuadindo também aos outros que fizessem o mesmo, a fim de ficarem desembaraçados para a viagem.

XIX. Perseu, entretanto, agindo de forma contrária, mesmo para salvar sua pessoa, seus filhos e seu reino, não quis despender nada do que possuía, preferindo ser levado como prisioneiro rico, para mostrar aos romanos o quanto havia economizado. Porque, não somente despediu os gauleses{528} sem cumprir o que lhe prometera, como tendo induzido Gentio, rei da Esclavônia a entrar com ele na guerra, assumindo o compromisso de pagar-lhe trezentos talentos{529}, chegou a contar o dinheiro para entregar aos portadores enviados para recebê-lo. Enquanto isto se dava, Gentio praticou um ato desastrado e infeliz, mandando prender os embaixadores que Roma lhe enviara. Ciente do que acontecia, Perseu concluiu que não precisaria mais pagar para conservar aquele aliado, o qual tinha de ser, dali por diante, forçosamente, um inimigo dos romanos, como consequência do ato inamistoso. Não devia, portanto, efetuar o pagamento combinado, pois o procedimento de Gentio para com os embaixadores obrigava-o a continuar hostil, não podendo mais voltar atrás na atitude assumida. Ainda mais, friamente, não fez um gesto sequer de defesa em favor de seu antigo aliado, ao saber que o mesmo havia sido preso, com sua mulher e filhos e arrancado de seu reino, como de um ninho, pelo pretor Lúcio Anício, enviado contra ele.

XX. Era este o inimigo que Emílio tinha de enfrentar, aportando nas terras da Macedónia. É verdade que não levava em conta a pessoa desse rei mas não podia deixar de considerar bem o aparelhamento e as forças com que contava, pois estavam no campo adversário quatro mil cavalarianos e mais de quarenta mil soldados de infantaria. E, com todo este poderio, Perseu se encontrava guardando a costa marítima ao pé do monte Olimpo, em local difícil de ser transposto e defendido com trincheiras e fortificações de madeira. O macedónio julgava-se bem seguro e pensava poder eliminar Emílio com o prolongamento, por muito tempo, da campanha e com o consequente dispêndio que isto lhe acarretaria. Paulo Emílio, por sua vez, não estava inativo e procurava um meio de resolver a situação, estudando a maneira mais prática de enfrentar o inimigo. Vendo, porém, que os soldados começavam a dar mostras de impaciência com aquela inação, chegando mesmo a fugir de suas atribuições para sugerir planos de ataque, intervindo assim na esfera do comando, ele os repreendeu severamente, dizendo-lhes que não deviam se intrometer nas coisas que não lhes diziam respeito e que não cuidassem de mais nada senão de estar sempre a postos, com as armas aparelhadas para valentemente se servirem delas e usarem a espada à maneira dos romanos, quando seu capitão lhes indicasse o tempo e o local. E, para fazê-los ainda mais atentos, ordenou que as sentinelas não deviam se utilizar de suas lanças a fim de poderem estar mais cuidadosas e pudessem melhor resistir ao sono e aniquilar o adversário, ante a iminência de um ataque.

XXI. Ora, o que mais estava atribulando o exército romano era a carência de água, pois a que Foi encontrada era salobra, distando pouco do mar. Emílio observou, entretanto, que se achavam nas faldas do Olimpo, elevado e coberto de florestas e concluiu, ao contemplar as árvores verdes e frescas lá no alto, que deviam existir ali correntes subterrâneas. Mandou abrir poços no sopé da montanha e estes ficaram imediatamente cheios de água límpida e pura, em tal abundância, que as correntes pareciam estar retidas e apertadas de tal forma, que a água pôde ser levada por meio de canais que formou naturalmente, a outros locais onde a concavidade do terreno facilitou o seu represamento.

XXII. Há, entretanto, aqueles que negam a existência, no interior da terra, de águas que dão origem às nascentes e dizem que essas fontes formadas na superfície não são ocasionadas pela ruptura do solo com a pressão da mesma água acumulada ali no local, mas sim que ela se forma e se condensa no momento mesmo em que flui, sendo pois matéria transformada em água, e que essa matéria é um vapor úmido que se resfria debaixo da camada de terra, tanto que se torna fluída e corre para baixo, assim como, dizem eles, os seios das mulheres não estão cheios de leite já formado como se estivesse em reserva, mas sim que a alimentação é a matéria que se converte em leite, derivando depois para os bicos dos seios. Assim, os lugares frescos da terra onde há nascentes, dão origem às fontes, não pela água ali acumulada, nem por meio de concavidades ou receptáculos capazes de fornecê-la de momento, como se a tivesse em reserva, produzindo arroios e rios caudalosos, mas pela frialdade natural e pela umidade, que se condensa e se comprime até converter-se em água.

Eis porque os lugares onde se cava e onde se abre a terra, formam e arremessam mais água pelo contacto, como acontece com os seios das mulheres, que produzem mais leite quando são comprimidos e sugados e por isso se enchem, por assim dizer, pelo vapor que está dentro, o qual se converte em humor líquido e corrente. Ao contrário, na terra, nos lugares onde não se faz escavação, pelo fato de não haver abertura, torna-se difícil formar água, pois não houve aquele movimento e aquela compressão que é a causa da formação do líquido.

XXIII. Todavia, os que têm essa opinião dão azo aos que apreciam discussões, de opor uma opinião contrária, segundo a qual também os animais não têm o sangue no corpo, mas que este é formado quando há um ferimento, pela transmutação de qualquer elemento ou transformação da carne em líquido corrente. Estes são refutados, entretanto, ordinariamente, pelo fato de que, nas escavações das minas, nas quais, quando são bem aprofundadas, são encontrados, nas entranhas da terra, correntes estas que são verdadeiros rios, cuja água não pode ser forma da aos poucos, como devia acontecer se devesse sua origem a qualquer movimento ou compressão do terre no. Observa-se também muitas vezes, que, golpeando-se uma montanha, ou fendendo-se uma rocha, dali irrompe, instantaneamente, uma grande caudal.

XXIV. Basta, porém, de falar neste assunto. Vamos retornar à nossa história. Emílio permaneceu alguns dias inativo e diz-se que nunca se viram dois exércitos tão poderosos, tão próximos um do outro, em repouso tão prolongado. Entretanto, o romano meditava na situação procurando solucioná-la de modo hábil. Assim se passava o tempo, quando foi advertido de que havia uma entrada para a Macedônia, na região de Perrebia, no local onde se achava o templo chamado Pition, não estando fortificada a rocha onde o mesmo se erguia, havendo pois esperança de que ali se pudesse passar e que não parecia guardado pelo inimigo, justamente porque era julgado inacessível, dadas as dificuldades que se anteporiam ao caminho daqueles que o tentassem escalar. O caso foi levado à consideração do conselho, onde Cipião Nasica, genro de Cipião, o Africano, que se tornou mais tarde um personagem

influente e foi a primeira e principal autoridade no Senado, logo se apresentou disposto a comandar a tropa e assaltar o inimigo por aquela via de acesso. Também Fábio Máximo, primogênito de Emílio, ofereceu-se. Era ele ainda muito moço e contudo se apresentou com tal entusiasmo que o pai ficou satisfeito e pôs à sua disposição não tanta força como refere Políbio, mas aquela mesma que o próprio Nasica menciona em uma carta escrita a certo rei, na qual relata a história dessa expedição. Cerca de três mil italianos alistados dentre os da Itália que não faziam parte das legiões romanas, estavam formados à direita e, do lado esquerdo, cerca de cinco mil combatentes, entre os quais Nasica colocou duzentos homens entre candiotos e trácios misturados, sob o comando de Harpalo. C om essa tropa marchou beirando a costa marítima e acampando nas proximidades do templo de Hércules como se tivesse deliberado fazer a volta por mar para depois ir cercar o campo do inimigo. Mas, logo que os soldados se alimentaram e desceu a noite, ele chamou os seus capitães e revelou-lhes o seu verdadeiro propósito, levando os soldados, a seguir, em direção oposta ao mar, chegando assim à parte inferior do templo de Pition onde alojou sua gente e a deixou descansar da caminhada.

XXV. Neste local o monte Olimpo tem a altura de dez estádios{530}, o que forma meia légua e meio quarto{531}, conforme se deduz de uma inscrição feita por quem a mediu e que diz:

O monte Olimpo, onde foi levantado De Pítio Apolo, o templo, foi tomado De seu cume, no alto, o quanto distava Até a base que se encravava Embaixo no plano. Assim o gravou Xenágoras, filho d’Eumelo e achou Mil e duzentos e setenta passos. A ti, Apolo, levantando os braços E pedindo licença, a ti, Senhor De implorar e rezar em seu favor.

Entretanto, segundo a opinião dos geómetras, nem a maior altura das montanhas, nem a profundidade do mar ultrapassa dez estádios. A nosso ver, porém, Xenágoras tomou essas medidas, não apenas calculando aproximadamente, mas de acordo com as regras da arte e empregando instrumentos usados em geometria.

XXVI. Nasica passou a noite no local e enquanto o rei Perseu observava Emílio à sua frente, vendo que ele não se arredava do lugar onde se achava, não suspeitou da aproximação dos romanos. Mas, um traidor candioto, que se desgarrara ocultamente da tropa durante a caminhada, revelou-lhe o plano, que assustou muito o rei macedónio. Mesmo assim, não resolveu desalojar sua gente do campo em que se encontrava, apenas enviou um de seus capitães de nome Milon com dez mil estrangeiros e dois mil ma cedônios, recomendando-lhe energicamente que usasse de todos os meios possíveis para defender o alto da montanha. Políbio diz que os romanos atacaram o inimigo, mas Nasica afirma que houve um encontro renhido no alto da montanha e que ele mesmo deu cabo de um soldado trácio que contra ele se arremetia, com um golpe de lança no estômago, o qual tombou morto por terra e que, finalmente, o inimigo cedeu, fugindo vergonhosamente o próprio capitão Milon, que abandonou no local as armas, e desceu, precipitadamente, conduzindo sua tropa, até achar lugar seguro na planície.

XXVII. Diante do acontecido, Perseu tratou de levantar seu acampamento, a toda pressa e se retirou horrorizado, confuso e sem esperança, sem mesmo saber onde se encontrava. Era entretanto, necessário aguardar nova arremetida em frente à cidade de Pidna, onde tentaria novamente enfrentar o inimigo, ou teria que dividir suas tropas e distribuí-las pelas cidades e praças fortes, aceitando a guerra dentro de seu país. É que, uma vez invadido este, não podia mais livrar-se, sem que se dispusesse a aceitar o sacrifício de uma grande efusão de sangue. Seus próprios amigos o aconselharam a aceitar os riscos da batalha, fa zendo-lhe ver a

superioridade numérica com que contava e, bem assim, que os macedônios não deixariam de pelejar com denodo e de fazer to do o esforço que lhes fosse possível, sabendo que iriam combater para salvar suas mulheres e seus filhos e também pelo fato de contarem com a presença do rei, vendo que ele, em pessoa, estava combatendo. Dia nte dessas considerações, Perseu preparou-se para provar a sorte no combate. Estabeleceu o arraial de suas tropas, estudou as vizinhanças do local e distribuiu os diversos encargos aos seus capitães, com a deliberação de enfrentar valorosamente o inimigo, assim que este se aproximasse. O local era apropriado para uma batalha com tropas de infantaria, que demandava um campo raso e plano, mas tinha também elevações seguidas, como se fossem sulcos abertos, o que não deixava de ser vantagem para um combate com armas ligeiras, que permitisse uma retirada rápida quando necessária e assim envolver o inimigo. Corriam ali dois riachos, o Eson e o Leuco, que embora nã o muito profundos, porque era então o fim do verão, não deixariam de se opor, como obstáculo, aos romanos.

XXVIII. Quanto a Emílio, logo que se reuniu a Nasica, tratou de marchar direito contra os macedônios mas de longe percebeu a boa ordem com que o inimigo se havia organizado, verificando também sua superioridade em número. Ficou até maravilhado com o que via e suspendeu a marcha de seus soldados para pensar no que devia fazer. Mas os jovens que compunham suas falanges, desejando, com o ardor próprio da mocidade, combater logo, chegaram-se a ele e pediram-lhe que não se detivesse, chefiados por Nasica, que se achava confiante devido ao sucesso alcançado no primeiro encontro. Sorrindo, Emílio respondeu a este: — "Se eu tivesse a tua idade, naturalmente procederia assim como desejam todos. Mas, as vitórias que ganhei no passado ensinaram-me quais as faltas cometidas pelos vencidos e isto é o que me impede de ir afoitamente enfrentar um inimigo descansado e bem organizado, sem primeiro fazer repousar minha gente." E, tendo dado esta resposta, ordenou que as primeiras tropas, que já se achavam à vista dos adversários, se pusessem em forma, de maneira a dar a impressão de que ia ser iniciado o combate. Quanto aos da retaguarda, mandou que ocupassem seus lugares em ordem e fortificassem o acampamento. Assim, foram voltando atrás, um a um, silenciosos, os que se achavam próximos às fileiras da frente, não dando a impressão de que estava desfeita a formação anterior. Essa gente foi localizada dentro do c ampo fortificado, tudo isto sem barulho e sem qualquer tumulto, de modo que o inimigo não se apercebeu. Logo que caiu a noite, após a ração, quando os soldados se entregavam ao repouso e ao sono, a lua, que era cheia nessa noite e já estava alta, começou a escurecer e a cambiar em todas as cores, perdendo a claridade até que se eclipsou e desapareceu completamente{532}. Nesse ponto os romanos começaram a fazer barulho com as bacias e outros recipientes de metal, conforme acreditavam e era costume quando se dava tal fato, cuidando que, com o som produzido, fariam voltar a luz, ao mesmo tempo que erguiam ao céu tochas de fogo e tições ardentes. Os macedônios, ao contrário, nada fizeram em seu acampamento mas foram tomados de indescritível horror e logo correu, com rapidez, surda murmuração entre o povo, que o sinal do céu significava também o eclipse do rei.

Quanto a Emílio, não ignorava o que era aquele fenômeno, sabendo perfeitamente que a causa era devida ao fato de que a lua, fazendo seu movimento em torno da terra, viria, em certo ponto, achar-se em tal posição que a sombra do nosso planeta se projetava sobre ela, obscurecendo assim a claridade recebida do sol. Sendo ele, entretanto, homem religioso e devotado aos deuses, tão logo a lua surgiu novamente, mandou sacrificar onze bezerros e, quando repontou o dia, ordenou novo sacrifício de bois a Hércules, continuando até completar vinte o número de animais sacrificados, sem que tivesse qualquer sinal de alguma coisa de bom. Mas ao vigésimo-primeiro sacrifício, certificou-se de que obteria a vitória.

XXIX. Por isso, resolveu ofertar ainda mais cem bois a Hércules, sacrifícios estes acompanhados de jogos públicos e ordenou aos capitães de seu exército que tivessem sua gente em ordem, pronta para o combate. Enquanto isso, aguardava o declinar do sol após o meio-dia, a fim de que os romanos, que teriam de combater voltados para o Leste, não o recebessem de frente. Assim, aguardando o momento propício, sentou-se dentro de sua tenda,

cuja abertura dava para a planície onde estava acampado o inimigo. Quando caiu a tarde, conforme dizem alguns, para incitar o inimigo, usou o seguinte ardil: mandou que soltassem na direção do acampamento dos macedônios um cavalo sem freio e atrás seguiram correndo alguns romanos, como que para o segurar, e isto foi o princípio da peleja. Outros dizem, que estando os soldados da Trácia sob o comando do capitão Alexandre, estes atacaram alguns criados dos romanos, que transportavam forragem para o acampamento, saindo logo em defesa deste, cerca de setecentos ligurianos e que assim, chegando auxílio de uma e outra parte, foi finalmente travada a batalha. Saiu então de sua tenda e percorreu o campo, alentando e exortando os soldados.

XXX. Nesse ínterim, Nasica dirigindo-se ao local da luta, percebeu o exército inimigo já em ordem de batalha, marchando a toda pressa. Os que vinham à frente eram os trácios, que lhe pareceram, conforme ele mesmo escreveu, medonhos: eram homens fortes, de elevada estatura, que conduziam reluzentes escudos de ferro, calçados de botas de armadura, vestindo túnicas negras e, pendentes do ombro direito, pesadas, longas e maciças espadas. Em seguida vinham os legionários estrangeiros, a soldo do rei, com indumentária e armamento diversos, porque era gente aliciada de vários lugares e com eles vinham misturados os peonianos. O terceiro esquadrão era de naturais da Macedónia: homens escolhidos, na flor da idade, cheios de audácia, deslumbrantes em suas roupagens de ouro e púrpura. Vinham depois, mostrando-se fora do campo, as velhas tropas conduzindo escudos de cobre, os quais encheram a planície com o clarão do aço e o brilho dos metais. Repercutia nas montanhas em torno o vozerio dos combatentes que, gritando, infundiam coragem uns aos outros. E nessa disposição marcharam com tal arrojo e tal ardor, que os primeiros cadáveres tombaram no solo a meio quarto{ 533} de légua apenas do acampamento dos romanos.

XXXI. Estava já o combate começado, quando Emílio, que correra à frente da luta, encontrou os capitães macedônios alcançando com suas lanças os escudos dos romanos, e de tal maneira que estes não podiam feri-los com suas espadas. Percebeu também que os outros macedônios, tendo arrancado de si seus boucliers, os quais traziam sobre os ombros, dirigiam suas lanças, todos de uma vez contra os romanos. Considerando o poder daquela força tão bem organizada e aquela massa de combatentes tão compacta que se tocavam uns nos outros, foi tamanho o horror que sentiu ao ver tal quantidade de armas em choque, que se sentiu assustado, pois não tinha visto ainda um espetáculo como aquele. Mais tarde contou o fato por diversas vezes e em vários lugares, confessando o pavor que tinha sentido. Entretanto, naquela hora, ele soube dissimular perfeitamente e saiu a cavalo, passando por entre as filas de combatentes, sem qualquer couraça, corpo e cabeça descobertos, mostrando a fisionomia sorridente para animar os que combatiam.

XXXII. O rei da Macedónia, agindo de maneira contrária, conforme escreveu Políbio, logo que a batalha começou, retirou-se para dentro da cidade de Pidna{534} sob a alegarão de que ia oferecer um sacrifício a Hércules. Mas este não recebe como agradáveis, sacrifícios oferecidos por covardes nem ouve as suas rogativas pelo fato de não serem razoáveis, pois não é de fato um critério muito justo permitir que alcance o prêmio aquele que tira um número branco, nem tão pouco alcançar a vitória o comandante que não permanece na frente de batalha, assim como tenha êxito em suas empresas quem nada faz e receba benefícios e seja próspero aquele que pratica o mal. Por isso, as rogativas de Emílio é que deviam ser atendidas pelos deuses porque ao pedir a vitória, ele tinha as armas empunhadas e ao pedir o auxílio da divindade, ele o fazia no próprio campo de batalha. Contudo, Possidônio, que se diz ter vivido naquele tempo e conhecia os fatos, escreveu uma história em diversos livros sobre a vida do rei Perseu, afirmando que este não se retirou da batalha por covardia, nem com a intenção de oferecer sacrifício a Hércules, mas porque no dia anterior ele tinha recebido o coice de um cavalo e que mesmo assim, embora não estivesse em condições, e mesmo com a reprovação de seus amigos, fez questão de entrar no campo de batalha montando um cavalo que lhe haviam trazido, achando-se em pleno combate, inteiramente desarmado, sem

qualquer proteção de couraça ou armadura. Dessa maneira se viu alvo de um número infinito de golpes das armas, que lhe passavam rentes, à direita e à esquerda, até que foi alcançado pelo golpe de um dardo de ferro, que não o feriu em cheio, mas resvalou pelo lado esquerdo.

Dada, porém, a violência com que foi atirado, abriu-lhe a túnica e magoou-lhe a carne de tal modo que muito depois ainda se via o sinal da contusão. Eis como faz esse Possidônio a defesa e a ressalva do procedimento de Perseu.

XXXIII. Estando os romanos empenhados, com todo o poder de que dispunham, na batalha macedónica, sem que entretanto pudessem forçar os resultados, um capitão dos pelígnios de nome Sálio, atirou a insígnia de seu pelotão de encontro ao inimigo. Diante disso, seus comandados, tomados de grande impetuosidade e ardor combativo, lançaram-se a uma só voz contra as hostes macedónicas, pois todos os italianos consideram um crime e uma vergonha abandonar a insígnia em poder dos inimigos. O resultado dessa façanha foi assombroso, pois de lado a lado o ímpeto foi terrível. Os pelígnios se esforçavam por alcançar com suas espadas as lanças dos macedônios e procurando segurá-las com as mãos. Mas os macedónicos, ao contrário, tendo suas lanças firmes nas mãos e vendo um a um os que se aproximavam, sem que os escudos e as armaduras pudessem resistir à violência do golpe, atiravam por terra os pelígnios e terracíneos{535} que, alucinadamente, como bestas enfurecidas, investiam de cabeça baixa ao encontro da morte certa. Assim, o primeiro embate foi desastroso para os romanos. Vendo os soldados que vinham logo atrás o que estava acontecendo, recuaram u m pouco até alcançar o monte Olocro, sem que isto fosse, entretanto, uma fuga. Vendo Emílio o que acontecia, segundo afirma Possidônio, rasgou suas vestes, pois devido a esse recuo, os outros também, como que contagiados não ousavam enfrentar o inimigo, o qual estava bem protegido por todos os lados e fortalecido por uma verdadeira muralha de lanças que se apresentavam em todos os nítidos, impossibilitando a entrada naquele círculo de ferro e nem ao menos dele se aproximar. Também o fato de ser naquele local o terreno um tanto desigual, isto impossibilitava os soldados de manterem os escudos bem juntos para melhor proteção. Era forçoso, então, que a frente inimiga se abrisse em diversos claros e em várias direções, como deve acontecer em todas as grandes batalhas, segundo os esforços dos combatentes, que numa parte avançam e noutra recuam, conforme a necessidade do momento, o que Emílio repentinamente compreendeu ser preciso fazer na ocasião. Repartiu sua gente em pequenos esquadrões, ordenando que se infiltrassem habilmente por entre os claros e vazios da frente contrária e atacassem, não desferindo uma carga única e contínua, mas diversas, em diferentes lugares.

XXXIV. Emílio fez saber o plano aos capitães e chefes das falanges e estes, revelaram aos soldados a nova estratégia. Assim, os combates se dividiram imediatamente e trataram de ir entrando pelas brechas abertas e, isto feito, caíram com ímpeto sobre os macedônios, uns pelos flancos, nos locais em que estes se achavam desarmados e sem defesa, outros pela retaguarda, de tal maneira que a força do batalhão macedónico, cuja resistência se firmava na frente unida para atacar em conjunto, quando foi assim retalhada, caiu e se perdeu completamente. E quando o combate passou a ser de homem contra homem e de grupo contra grupo, os macedônios, com suas espadas curtas, vendo-se tolhidos em sua ação pelos escudos fortes dos romanos que os cobriam quase totalmente, até os pés, enquanto eles se protegiam com seus boucliers pequenos e frágeis, vendo-se frente a frente com as maciças e largas espadas romanas, que caíam pesadamente, manejadas por mãos firmes, destruindo as armaduras e penetrando na carne, não puderam resistir e se puseram em fuga desabalada.

XXXV. Mas quando combatia o esquadrão dos matreiros macedônios, no mais aceso da luta corpo-a-corpo, diz-se que ‘Marcos Catão, filho do grande Catão e genro de Emílio, perdeu a espada e, moço de valor que era e educado na boa disciplina do pai, sentindo-se no dever de não desmentir a coragem e as virtudes paternas, julgou coisa mais apreciável morrer do que

consentir que o inimigo levasse o que lhe pertencia como parte de seus despojos. Decididamente, correu através das linhas romanas ao encontro de alguns amigos, aos quais contou o que havia acontecido e lhes pediu para o ajudarem a recobrar sua espada, no que eles concordaram. Foi formado um grupo de homens audazes e valentes, os quais romperam por entre o inimigo, sempre guiados por Marcos, com tal impetuosidade e valentia que forçaram a pressão, fazendo tal mortandade e derramando tanto sangue que abriram um grande claro nas fileiras inimigas. Isto feito, puseram-se a procurar a espada, que foram encontrar, depois de muito esforço, no meio de um montão de cadáveres e de armas, o que lhes proporcionou grande alegria. E, cantando um hino de vitória, caíram ainda mais furiosamente sobre alguns inimigos que ainda teimavam em resistir. Finalmente, os três mil macedônios de elite, combatendo valentemente, até o derradeiro suspiro, sem jamais abandonar seus esquadrões, foram todos despedaçados. Mesmo aqueles que fugiam foram alcançados, o que deu lugar a uma grande carnificina, ficando a planície coalhada de corpos, que se estendiam até o sopé das montanhas vizinhas. Na manhã seguinte quando os romanos atravessaram o rio Leuco, encontraram ainda as águas tintas de sangue. Afirma-se que morreram nesta batalha mais de vinte e cinco mil homens, sendo que do lado dos romanos pereceram apenas cento e vinte{536} segundo Possidônio e, pelo que escreveu Nasica, somente oitenta. Para isso concorreu a rapidez com que foram executados os planos, pois tendo começado o combate cerca das três horas da tarde, antes das quatro já a vitória estava assegurada, sendo que o resto do dia foi empregado na perseguição dos fugitivos, até a distância de sete léguas e meia{537}, bem distante já do local do encontro, de maneira que já ia bem adiantada a noite, quando os perseguidores regressaram.

XXXVI. Os que voltaram fo ram recebidos com grandes demonstrações de alegria pelos seus servidores, que permaneceram no campo e foram depois ao encontro dos combatentes, conduzindo grandes archotes, e guiando-os até as suas tendas, que se achavam festivamente iluminadas e ado rnadas com grinaldas e coroas de louro. Uma nota de tristeza, entretanto, em breve apagou o entusiasmo dessa alegria, porque um dos filhos de Emílio, que ele tinha trazido consigo, o mais moço deles, a quem ele mais amava, porque era, mais que os outros irmãos, corajoso e portador de excelentes qualidades, havia desaparecido. Emílio já o considerava perdido, pois, naturalmente, sem experiência da guerra e levado pelo ardor da mocidade, talvez tivesse sido arremessado no meio do inimigo. Quando circulou a notícia, os romanos estavam à mesa, celebrando a vitória. Levantaram-se todos, e correndo, ao clarão das tochas, dirigiram-se uns à tenda de Emílio, outros se espalharam pelo campo de batalha, procurando entre os mortos a ver se o reconheciam. Assim o acampamento se fez, de um momento para o outro, triste e soturno, com a perspectiva de uma confirmação desagradável, naquela busca desesperada ao clarão dos archotes enquanto repercutiam nos arredores as vozes daqueles que chamavam Cipião. É que o jovem possuía as qualidades naturais requeridas em todo capitão e hábil dirigente dos negócios públicos, como nenhum outro jovem de seu tempo, o que mais aumentava o desejo de que todos se achavam possuídos, de que fosse encontrado.

Afinal, quando não restava mais nenhuma esperança de seu aparecimento, ele regressou em companhia de dois ou três dos seus amigos, todo ensanguentado e roto, pois como um cão de caça, havia ido atrás do inimigo, até muito longe, entusiasmado como estava com a vitória. Este é aquele Cipião que mais tarde destruiu as cidades de Cartago e Numancia e que foi o maior cabo de guerra e o mais valente capitão dos romanos em seu tempo, e o que teve mais autoridade e reputação.

XXXVII. Assim a sorte dilatou, para outra época, o aparecimento da inveja que despertou um tão nobre feito, permitindo nesse caso a Emílio saborear inteiramente o prazer da vitória. Quanto a Per-seu, fugiu precipitadamente da cidade de Pidna para a de Pela com a sua cavalaria, que ficou intacta. Percebendo a retirada, os soldados de infantaria, que também estavam fugindo desordenadamente, derrotados, saíram no encalço dos cavalarianos, chamando-os de traidores, covardes, e maltratando-os deliberadamente. Perseu, vendo isto, e

temeroso de ser também atacado por aqueles amotinados, desviou o cavalo da estrada, despojou-se da cota de armas e das vestes de púrpura e tirou da cabeça o diadema real para que não fosse reconhecido por essas insígnias. Depois, para que pudesse mais facilmente falar a seus amigos pelo caminho, apeou e seguiu conduzindo o cavalo pela rédea. A alguns daqueles que se achavam a seu lado, ele procurou fazer crer que precisava consertar a correia do sapato, que se teria desligado, a outros que precisava lavar ou dar água ao seu cavalo, tanto que eles foram se retirando, um após outro e se foram, não temendo tanto pelo furor do inimigo como pela crueldade do seu rei, o qual com a perturbação de sua desgraça, procurava tirar de si a culpa e atirá-la sobre os outros. Ao anoitecer, estava ele entrando na cidade de Pela, ali encontrando dois dos seus tesoureiros e superintendentes das finanças: Eucto e Éudeo, que tinham chegado antes, os quais começaram a falar-lhe francamente, dizendo-lhe que ele tinha cometido muitos erros e aconselhando-o como proceder. O rei ficou tão irritado com a atitude de seus auxiliares, que os matou ali mesmo, com sua adaga. Isto foi causa de o abandonarem outros de seus servidores e amigos, não permanecendo a seu lado senão Evandro Can-dioto, Arquedamo Elotiano e Neon da Beócia. E quanto aos soldados somente o seguiram os candio tos, não por amizade, mas pela cobiça, pelo interesse no ouro e dinheiro do rei, como fazem as abelhas em derredor de suas colmeias por causa da cera e do mel que ali existem. Porque ele levava consigo uma grande fortuna em baixelas de valor e moedas de ouro e prata, estimada em trinta mil escudos{538}, que era o que estava excitando a cobiça daqueles homens, e que o rei deixou propositadamente que eles roubassem.

XXXVIII. Mas, chegado que foi à cidade de Anfípolis primeiramente e a Alepse depois, ao sentir diminuir um pouco o medo, ele caiu novamente nas garras daquela doença, que de longa data tinha criado raízes em sua alma: a avareza. Então começou a queixar-se aos que estavam ao seu lado, que havia abandonado, sem pensar, nas mãos dos soldados candiotos, alguns vasos de ouro que tinham pertencido a Alexandre, o Grande, e a rogar insistentemente, com lágrimas nos olhos, a que eles concordassem em trocar essas relíquias por dinheiro. Os que conheciam bem sua natureza, perceberam imediatamente que isto não passava de uma astúcia e mentira candiota com que ele queria atrair os candiotos. Mas aqueles que acreditavam em suas palavras, acabaram devolvendo-lhe o que possuíam da baixela e perderam tudo, pois ele não lhes pagou em dinheiro conforme havia prometido. E assim ganhou cerca de dezoito mil escudos, que seus inimigos pouco depois lhe haviam de tomar. E daí passou à ilha de Samotrácia, onde se refugiou no templo de Castor e Pólux.

XXXIX. Tem sido afirmado que, em toda a antiguidade, foram os macedônios o povo que mais naturalmente estimou seus reis. Mas agora, vendo faltar-lhes o apoio de que precisavam, assim de momento, resolveram eles se entregar sem luta a Emílio, que se viu senhor de toda a Macedónia em dois dias apenas, o que parece confirmar o dizer daqueles que atribuem os sucessos de Emílio ao favor da fortuna. Também parece confirmar essa opinião um incidente que se deu na cidade de Anfípolis, quando ele oferecia um sacrifício aos deuses, pois caiu um raio do céu sobre o altar, consumindo a lenha e completando e como que santificando o ato. Um outro acontecimento, sobretudo, que parecia ter como objetivo o prestígio do seu nome, como um milagre, deu-se em Roma, quatro dias depois da derrota de Perseu e da tomada da cidade de Pela. Estava o povo assistindo uma corrida de cavalos, quando começou a lavrar surdamente entre a assistência a notícia que Emílio tinha vencido Perseu numa tremenda batalha e tinha conquistado e subjugado toda a Macedónia. Esse rumor foi crescendo e se avolumando e em breve tomou conta da cidade, transformando-se os jogos do dia numa festa de regozijo público. Mas, ao ser procurada a confirmação da notícia, não se encontrou apoio para afirmar sua veracidade, pois todo o mundo dizia ter apenas ouvido falar a respeito e, assim, o entusiasmo se arrefeceu. Mas, poucos dias depois, chegaram cartas confirmando o fato anteriormente propalado, o que intrigou a população de tal maneira que era comum a indagação feita naqueles dias sobre quem seria o portador que havia antecipado a notícia, pouco depois inteiramente confirmada.

XL. Semelhantemente, na batalha travada na Itália, nas proximidades do rio Sagra{539},

afirma-se que no mesmo dia o resultado tinha chegado ao Peloponeso e que um outro caso semelhante se deu na Ásia, na luta contra os Medos, diante da cidade de Micale, quando a notícia chegou no mesmo dia ao campo dos gregos, que se achavam em frente à cidade de Platéia. Também naquela grande jornada, quando os Tarquínios e o exército latino foram derrotados pelos romanos, logo após a vitória, foram vistos dois moços de bela aparência, porte elevado, que deixando o acampamento, levaram a nova da vitória a Roma, acreditando-se que os portadores eram Castor e Pólux. O primeiro que falou com eles, quando se encontravam diante da fonte, dando água aos cava los, os quais se achavam cobertos de suor, disse-lhes na conversa que estava admirado de como eles tinham podido trazer tão depressa a notícia. Os mensageiros, rindo, tocaram-lhe a barba com ambas as mãos e, naquele ponto, a barba, de negra que era, tornou-se loura. Este milagre deu ao seu principal personagem, conforme sua própria exposição do caso, o apelido de "Enobarbo", isto é — barba loura.

XLI. Um outro caso se deu j á em nossos dias, o qual contribui para tornar dignos de crédito esses fatos. Quando Antônio se rebelou {540} contra o imperador Domiciano, a cidade de Roma se achou em grande alvoroço porque estava sendo esperada uma guerra de grandes proporções do lado da Alemanha. No meio dessa agitação, surgiu de repente, começando a princípio entre o povo, um rumor de vitória, correndo a informação, por toda Roma, que Antônio tinha sido morto e seu exército totalmente destruído, nada restando dele. O rumor tomou tais proporções que diversos entre os principais da cidade se reuniram e foram dar graças aos deuses e oferecer-lhes sacrifícios em agradecimento pela vitória. Mas quando se procurou saber quem tinha sido o primeiro a proclamar aquela nova, não pôde este ser encontrado, pois cada um apontava outro, em confusão, de maneira que o autor se perdeu naquela imensa multidão, nada podendo ser constatado. Entretanto, a notícia tinha circulado com rapidez através de toda a cidade de Roma, porém ninguém ficou sabendo como havia ali chegado. Domiciano, que se tinha posto a caminho, ao encontro dos insurretos, deu de frente com os mensageiros que lhe traziam a certeza da vitória, ficando positivado que esta tinha sido ganha justamente no dia em que a capital tivera conhecimento dela, apesar da distância de mil duzentas e cinquenta léguas{541}. Não há ninguém, em nosso tempo, que ignore este fato.

XLII. Mas, vamos retornar à nossa história. Cneu Otávio, lugar-tenente de Emílio e comandante da esquadra, ancorou-a na ilha de Samotrácia e ali usou de certa benevolência com o rei Perseu, isto, porém, em consideração e como respeito aos deuses Castor e Pólux. Assegurou-se, entretanto, tomando as devidas precauções, de que ele não poderia escapar da ilha pelo mar. Contudo, o rei, que conseguira jeitosamente ganhar as boas graças de um candioto chamado Oroando, dono de uma pequena embarcação, combinou com ele a fuga para uma noite daquelas, quando conduziriam também os valores que o rei trazia consigo. Mas o candioto pregou-lhe uma peça bem digna de um cretense. Recebeu no barco, durante a noite marcada para o embarque, toda a prataria e demais riquezas em ouro, avisando-o de que ele, sua família e criados, deviam estar a postos para embarcar, no porto que ficava junto ao templo de Ceres, pois logo que o dia clareasse, começariam a velejar. Foi lamentável para o rei o que aconteceu. Passou a noite inteira, em vigília, olhando por uma abertura da muralha, não somente ele mas igualmente a mulher e as crianças, que não haviam passado jamais por experiência semelhante. Mais desagradável se tornou a situação quando lhe vieram trazer a notícia de que Oroando, o candioto, tinha sido avistado longe do porto, singrando em alto mar. Aliás, começava já o dia a raiar, quando Perseu, desesperado, como louco deu de escavar a muralha, tentando transpo-la, em companhia dos seus, quando foi percebido pelos romanos, ficando frustrada a sua fuga.

XLIII. Quanto aos seus filhos, ele mesmo os havia entregue à guarda de um indivíduo chamado Ion, o qual em outros tempos lhe havia sido fiel, mas que agora praticara uma grande traição, pois entregara as crianças aos romanos. Isto foi a causa por que aquele infeliz, como que se transformando numa fera em procura dos filhotes, acabou por se entregar às mãos daqueles que se haviam apoderado dos meninos. Ora, Perseu, que parecia

depositar mais confiança em Nasica, ao voltar prisioneiro, pediu que o procurassem, pois desejava falar-lhe. Responderam-lhe, porém, que Nasica não estava, dado o que, o desgraçado se pôs a lamentar a sua desgraça. Afinal, resignou-se em permanecer sob o poder de Cneu Otávio, dando a perceber assim, claramente, que havia nele um mal ainda mais baixo e vil do que a avareza, que era a covardia diante da morte, pela qual se privou a si mesmo da compaixão e comiseração dos outros, que é o único bem que a fortuna não pode arrebatar. Depois de muito rogar, foi levado à presença de Paulo Emílio. Este, ao recebê-lo, levantou de sua cadeira, quando o prisioneiro se aproximava e foi ao encontro dele e de seus amigos, com lágrimas nos olhos, ao ver diante de si um homem de tão elevada posição, que de um momento para o outro se encontrava, pela sorte da guerra ou pela vontade dos deuses, numa situação tão deplorável e calamitosa.

XLIV. Perseu, entretanto, portou-se de maneira vergonhosa e desprezível. Prostrou-se aos pés de Emílio, a cabeça inclinada para o chão e, abraçando-lhe os joelhos, deixou escapar palavras tão baixas e tão indignas que Emílio não as quis ouvir e contrariado e arrependido da homenagem que lhe havia prestado, exclamou: — "Infeliz, teu procedimento está provando que não podes acusar a sorte pela tua desgraça, pois o que estás fazendo mostra que bem mereces o que te aconteceu e que és indigno da honra e do respeito que antes te eram tributados. E porque vens assim rebaixando a minha vitória, diminuindo a glória dos meus feitos, mostrando-te um homem tão covarde, não será mais grande honra o te haver vencido, atendendo que não eras digno de ser adversário dos romanos. A magnanimidade com qualquer inimigo, seja ele qual for, sempre foi um apanágio dos romanos, mas a covardia, seja ela determinada pela prosperidade ou pela desgraça, é sempre desprezada por todos." Não obstante estas palavras ele ainda teve consideração para com aquele inimigo e, tomando-o pela mão, o entregou a Tuberon, retirando-se depois para fora de sua tenda, ficando a ele reunidos seus filhos, genros e outras pessoas de valor, entre os quais grande número de jov ens.

XLV. E, assentando-se, ficou por muito tempo profundamente pensativo, sem nada dizer, de maneira que todos os assistentes se preocuparam. Afinal começou a falar, discorrendo sobre a sorte e a incerteza das coisas humanas, dizendo: — "Haverá algum homem no momento, meus amigos, que tendo a sorte o ajudado, deva ficar orgulhoso, sentindo-se glorificado com a prosperidade de seus feitos por ter conquistado e subjugado uma província, uma cidade ou um reino e não mais recear a instabilidade das coisas?

Pois o que estamos vendo diante de nossos olhos é um impressionante exemplo da imbecilidade dos homens e nos faz pensar que não há nada firme nem perdurável neste mundo. Em todos os tempos deviam os homens agir com firmeza, pois quando eles se atiram uns contra os outros, deviam ter um certo receio das incertezas da sorte e assim poderem colocar, de permeio às alegrias do triunfo, a dúvida e a desconfiança, se quisessem sabiamente considerar o curso ordinário e fatal do destino, que continuamente volta favorecendo tanto a um como a outro. Vós acabais de ver como em um momento nós abatemos e pusemos sob os nossos pés a casa de Alexandre, o Grande, que foi o mais poderoso e o mais temido príncipe do mundo. Vós vistes há pouco tempo um rei que era acompanhado por milhares de combatentes a pé e a cavalo, agora reduzido a tal condição de miséria que precisará receber das mãos de seus inimigos, dia após dia, o pão que deve comer e a água que deve beber. Devemos então, nós outros, ter mais confiança na sorte para acreditar que ela nos será sempre favorável? Certamente, não. Portanto, considerai bem, vós que sois jovens: não será melhor vos humilhar, arrefecer esta alegria, este louco orgulho e esta soberba insolência que vós tendes mostrado pela conquista desta vitória? Não será melhor pensar sempre no futuro e considerar qual será o fim e qual será o resultado a que a sorte conduzirá o orgulho da prosperidade presente?"

XLVI. Assim falou Emílio refreando com estas exortações e outras semelhantes, a bravura insolente da mocidade, nem mais nem menos do que com o freio e as rédeas da razão.

Depois ele fez alojar seu exército em seus acampamentos para o descansar e refazer. Enquanto isso, saiu a visitar a Grécia, proporcionando a si mesmo uma recreação honrosa, ao mesmo tempo humana e liberal, pois passando pelas cidades, consolava o povo, reformava a direção dos negócios públicos, fazia sempre algum presente, dando a uns o trigo que o rei Perseu havia acumulado para a guerra, a outros distribuía azeite, pois ele tinha tão grande provisão que logo faltou gente a quem dar e que quisesse receber, tal era a quantidade de provisões. Passando pela cidade de Delfos, ele viu ali um grande pilar de pedras brancas que havia sido construído para receber a estátua do rei Perseu, feita de ouro maciço. Mandou que em lugar da estátua do rei pusessem a sua, dizendo, "que era razoável os vencidos cederem e abandonarem o lugar aos vencedores". Na vila de Olímpia, visitando o Templo de Júpiter Olímpico, ali proferiu em voz alta estas palavras que se transformaram numa frase célebre: — "Verdadeiramente Fídias esculpiu Júpiter tal como Homero havia descrito".

XLVII. Depois quando chegaram os dez comissários enviados para tratar com ele dos negócios da Macedônia, ele os enviou aos próprios macedônios e instituiu-lhes seu país e suas cidades, tornando-os livres, podendo viver com suas próprias leis, pagando somente cem talentos de tributo anual aos romanos, metade do que eles estavam acostumados a pagar aos reis. Fez celebrar jogos de todas as espécies e sunt uosos sacrifícios aos deuses onde todos tinham acesso, realizou magníficas festas cuja despesa fazia tirando do que Perseu havia ajuntado sem que nada fosse economizado. Deu ordem também para que fossem recebidos cortesmente todos os que chegavam, fazendo-os sentar à mesa de acordo com a dignidade de seu cargo-, dando-lhes honra e atenção segundo sua qualidade, o que foi tão cuidadosamente observado que os gregos se- admiraram de como ele empregava a sua solicitude nos pequenos detalhes naquelas horas de alegria, da mesma forma que ordenava as grandes coisas. E ainda queria ter cuidado, ele mesmo, observando como tudo era feito. Ele, porém, que devia estar satisfeito ao observar a precisão com que foi executado tudo o que ordenava, para o prazer dos convidados, parecia estar mais contente consigo mesmo, recreando-se na alegria íntima de que se achava possuído. Àqueles que se mostravam maravilhados com sua diligência e solicitude em tais coisas, ele dizia, "que era necessária a mesma prudência ao ordenar um festim e ao comandar uma batalha, a fim de se tornar, no combate mais temível aos inimigos e na festa mais agradável aos amigos."

XLVIII. Uma das qualidades mais estimadas e mais louvadas na sua pessoa eram a liberalidade e a magnanimidade, pois ele não quis ver somente o ouro e a prata, achados em abundância nos tesouros do rei, mas ainda os fez escriturar pelos contadores e os consignar nas mãos de questores e tesoureiros para os levar aos cofres de Roma. Permitiu aos seus filhos, somente aqueles que amavam as letras, tomar os livros da livraria do rei e, distribuindo presentes e prêmios aos que se haviam portado bem na batalha, deu a seu genro Élio Tuberon uma taça com o peso de cinco marcos de prata. Este é aquele do qual dissemos antes que vivia com dezesseis outros parentes próximos em uma só casa, e da renda de uma pequena propriedade que possuíam nos campos. Afirma-se que foi este o primeiro utensílio de prata que entrou na casa dos Élios, mas entrou pelo caminho da honra e da virtude. Antes, porém, nem eles, nem suas mulheres tinham desejado possuir ouro ou prata.

XLIX. Depois de ter assim tão bem ordenado e disposto todas as coisas, finalmente despediu-se dos gregos e admoestou os macedônios a que não se esquecessem da liberdade que os romanos lhes tinham dado, a fim de se conservarem em boa união, paz e concórdia uns com os outros. Depois partiu para o país do Épiro, onde recebeu uma ordem de Roma, na qual ordenavam que ele abandonasse ao saque as cidades daquela região, aos soldados que haviam ajudado a destruir Perseu. Intentando surpreender os habitantes sem que desconfiassem,

mandou ordem a cada uma daquelas cidades para que lhe enviasse, num dia marcado, dez de seus principais cidadãos aos quais, quando chegaram a sua presença, ordenou-lhes com energia que procurassem levar, em dia determinado, todo o ouro e prata que tivessem em suas casas, nos templos e igrejas. Mandou pôr às ordens de cada uma daquelas comissões um capitão e soldados como se fossem com a ordem de procurar e receber o ouro e a prata que ele havia requerido. Quando chegou o dia assinalado, os soldados, todos nos diversos locais e ao mesmo tempo se puseram a saquear e a perseguir os inimigos, de maneira que, por esse meio, num mesmo dia e na mesma hora, cento e cinquenta mil pessoas foram presas e escravizadas e setenta cidades foram saqueadas. Entretanto, ao serem distribuídos no final os despojos desta destruição geral, não tocou a cada soldado mais que onze dracmas de prata, o que estarreceu e surpreendeu a todos, pois esperavam recompensa muito maior, em vista do esforço despendido com uma guerra cujo resultado foi a submissão de uma província inteira.

L. Emílio tendo executado esta ordem, contra sua vontade, pois que vinha de encontro à sua natureza, que era humana e sensível, desceu o Orico, onde embarcou com seu exército para passar à Itália onde, logo que chegou, subiu pelo rio Tibre numa galera de comando que pertencera a Perseu, de dezesseis remos por banco, a qual se achava magnificamente adornada com as armas do inimigo e com ricas peças de púrpura e outros despojos. Os romanos concorreram em massa até o local onde se encontrava a galera e marcharam lado a lado com ela , enquanto vogava triunfalmente tornando-se aquilo um motivo de regozijo público, ou melhor, uma honra triunfal antecipada ao vencedor. Mas os soldados, que esperavam, de acordo com as promessas feitas, melhor distribuição dos tesouros do rei vencido, quando verificaram que não lhes tocava mais nada além do recebido, começaram a manifestar descontentamento contra Emílio, não ousando, todavia, dizer abertamente o motivo. Deram de afirmar que ele tinha sido muito rude e austero naquela guerra e, por este motivo, não se sentiam na obrigação de mostrar entusiasmo e afeição por ele, assim como não faziam nenhum empenho em que fosse decretado o triunfo a seu favor.

LI. Sérvio Galba, que de longa data se havia inimizado com Emílio, ainda que tivesse tido mil homens sob seu comando naquela campanha, achou azado o momento para dizer em público, alto e bom som, que ele não era merecedor das honras do triunfo e deu de semear entre as classes armadas, calúnias e mais calúnias, procurando inflamar ainda mais a cólera e aumentar a malquerença dos soldados contra Emílio. Na sua arenga, requereu outro dia para poder concluir suas acusações, pois aquele não dava porque dispunha apenas de quatro horas diante de si{542}. Os tribunos lhe responderam que falasse naquela hora se ainda tinha alguma coisa a alegar, porque não poderiam dar outra audiência. Assim, deu de produzir um aranzel difamatório cheio de toda a sorte de injúrias tão longo, que consumiu o resto do dia e, quando a noite caiu, os tribunos desfizeram a reunião. Na manhã seguinte os soldados, tornando-se mais audaciosos depois de ouvir o falatório de Galba, tendo combinado entre si, não faltaram no Capitólio, onde os tribunos tinham marcado sua assembleia.

LII. Quando raiou o dia seguinte, o assunto que preocupava a todos e que devia ser resolvido, era a questão dos festejos relacionados com o triunfo de Paulo Emílio. Submetido a votação, foi recusado totalmente pela primeira linha{543}. A nova circulou rapidamente, chegando ao conhecimento do povo e do Senado. Foi grande o desgosto da plebe ao verificar que se preparava tal injúria a Emílio. Quanto à assembleia, ali não se fazia outra coisa senão comentar o descontentamento de todos, mas não se tomava qualquer outra providência. Os principais senadores, porém, considerando aquilo uma vergonha, incitavam-se uns aos outros, reprovando a audácia e a insolência dos militares, os quais acabariam por praticar toda a sorte de desatinos se fossem deixados à vontade, com o objetivo de privar seu comandante das honras da vitória. Reuniram-se e tomaram o rumo do Capitólio, onde intimaram os tribunos a suspender a votação até que se fizessem alguns esclarecimentos que eles desejavam prestar. Foram atendidos e prosseguiu a audiência, com calma e em silêncio.

LIII. Levantou-se então Marcos Servílio, varão consular, que já havia morto em duelo vinte e três inimigos e falou desta maneira: — Eu conheço, melhor que ninguém, quão grande e digno capitão é Paulo Emílio. Agora, que conseguiu tão belos e gloriosos feitos com um exército desobediente e cheio de maldade, eu me admiro como é que o povo, que se maravilhou com as vitórias e triunfos alcançados contra os esclavônios{544} e sobre os países da África, agora que ele vem coberto de glória, trazendo vivo um rei da Macedónia, quando se mostram publicamente as glórias dos reis Filipe e Alexandre, o Grande, transmutadas em prisioneiros das armas romanas, num momento como este, recusam-se a um tal homem as honras que merece. Por que razão, quando chegou há dias aquela notícia incerta segundo a qual nós tínhamos ganho a batalha contra Perseu, vós demonstrastes imediatamente tão grande alegria e gratidão aos deuses e agora, quando o vencedor aqui se encontra, em pessoa, prestando contas da missão de que vós mesmos o encarregastes, quando vos traz a vitória certa e segura, vós quereis impedir que ele receba o prêmio que lhe é devido e que o povo manifesta seu regozijo? Parece até que estais temerosos de ver, frente a frente a grandeza da vossa prosperidade ou, então que desejais perdoar ao rei que é agora nosso escravo e prisioneiro. Ainda seria lógico se o triunfo estivesse sendo negado por piedade ao prisioneiro, mas não por inveja de vosso general. Mas a maldade é tão audaciosa e insolente, que há homens que não receberam nunca um ferimento na guerra e que aqui estão como donzelas{545}, criados na sombra, e no entanto se mostram tão audaciosos, que se atrevem a vir discursar diante de vós sobre questões militares e sobre o mérito do triunfo, quando vós mesmos tendes já, conscientemente, sabido discernir tão bem, em ocasiões semelhantes, qual a diferença entre um bom e valente general e um covarde e mau.

LIV. Ao pronunciar estas palavras, ele abriu sua túnica na frente e mostrou à assistência as cicatrizes que lhe assinalavam o peito. Em seguida descobriu e expôs também aquelas outras partes do corpo que não se costuma exibir diante de outros e, voltando-se para Galba, exclamou: — "Tu estás rindo e mofando do que eu mostro, mas por isso eu me glorifico diante dos meus concidadãos, pois isto é o resultado de meus serviços à coisa pública, montando a cavalo continuamente, dia e noite, assim recebendo tantos golpes{546}. Portanto, vamos recolher agora o voto de cada um e eu vou marcando quais são os ingratos e maus que desejam ser adulados e não comandados, como é próprio dos bons soldados."

LV. Estas palavras quebrantaram e surpreenderam tanto os soldados, que todos os outros{547} se puseram de acordo e outorgaram a Emílio o triunfo, cujo programa foi logo executado. Primeiramente, o povo todo o mundo ostentando roupagens ricas — fez construir tablados, tanto nas liças onde se realizavam as corridas, a que os latinos chamam circo, como ao redor da praça e outros logradouros da cidade por onde devia passar o cortejo triunfal. Os templos foram abertos e magnificamente enfeitados c perfumados. Havia, em todos os quarteirões da cidade sargentos e outros oficiais, armados de bastões para fazer retirar logo os imprudentes que tentassem se pôr à frente das carruagens, os quais iam e vinham por toda a cidade, zelando para que as ruas ficassem vazias e limpas. As cerimonias foram divididas de modo a durar três dias. O primeiro apenas deu para mostrar ao povo, por meio da marcha, as imagens, quadros, pinturas e enormes estátuas, ocupando, com tudo o que foi tomado ao inimigo, nessa demonstração, cerca de duzentos e cinquenta carros. No segundo dia foram transportadas sobre grande número de carruagens as mais belas e mais ricas armas dos macedônios, tanto de cobre como de ferro e aço, todas reluzentes por terem sido recentemente lustradas pelos artífices, de tal maneira que parecia terem sido elas atiradas confusamente, aos montões, sem que houvesse cuidado de as colocar em ordem e ali estivessem para dar a impressão que não era proposital o arranjo: os elmos sobre os escudos, as couraças sobre as botas, os grandes escudos dos candiotos, as targas tracianas, estojos, de flechas e calções entre freios e rédeas de cavalos, espadas nuas com as pontas para cima entre compridas lanças, todas estas armas acumuladas umas sobre as outras, de propósito, nem muito unidas, nem muito espalhadas. Assim, com o movimento dos carros, produziam um som impressionante, que inspirava terror aos espectadores. Após os carros seguia um contingente de três mil homens, conduzindo a prata recolhida, em setecentos e cinquenta vasos que pesavam cerca de três talentos cada um e eram carregados por quatro homens, havendo outros ainda que transportavam copos de prata, taças, vasos feitos em forma de

trombeta{548} em grande quantidade, outros conduziam potes, tudo isto formando um belo espetáculo, tanto pelo seu valor como pela singularidade e acabamento, além de outros admiráveis trabalhos em alto relevo.

LVI. No terceiro dia, pela manhã, começaram a marchar os trombeteiros, que tocavam, não como se estivessem numa parada festiva, mas no próprio campo da luta{549}, incitando os soldados ao combate. Em seguida vinham cento e vinte bois, gordos e refeitos, com os cornos dourados e trazendo coroas de flores na cabeça, os quais eram guiados por moços vestidos de faixas vistosas e assim conduzidos ao sacrifício. Outros rapazes, adolescentes, vinham trazendo belas jarras de prata e de ouro para as libações. Após estes vinham aqueles que conduziam setenta e sete vasos cheios de moedas de ouro, pesando cada um três talentos, como aqueles que continham a prata. Atrás destes era conduzida a grande ânfora sagrada que Emílio tinha mandado fazer, de ouro maciço, adornada de pedras preciosas e que pesava dez talentos, para a oferenda aos deuses. Marchavam depois outros que conduziam valiosas peças antigas que haviam pertencido ao rei da Macedónia, chamadas "antigônidas", outras denominadas "selêucidas", afinal toda a baixela de ouro usada pelo rei Perseu em seus ricos banquetes. Em seguida vinha o carro desse rei, conduzindo suas armas e por cima destas o seu diadema real. Surgiram depois, com pequeno intervalo, os filhos do rei, seguidos de seus camareiros, professores e oficiais, todos chorando e estendendo as mãos ao povo, que olhava, e ensinando os meninos a fazerem os mesmos gestos a fim de conquistarem a graça e a simpatia da multidão. Eram eles dois meninos e uma menina, os quais, na idade em que se achavam, nada sabiam a respeito de guerras e não podiam compreender a sua desgraça. Na sua inocência, nada compreendendo da mudança de sua sorte, isto os fazia ainda mais dignos de piedade. Tão atento se achava o povo, contemplando as três crianças, que o próprio Perseu passou despercebido. Para muitos, aquele espetáculo não foi senão uma epopeia mesclada de dor e de piedade e assistida com lágrimas, até se perder de vista. Perseu seguia logo após os filhos e estava vestido de preto, tendo nos pés sandálias à moda de seu país, demonstrando, apesar do domínio de sua vontade, que se achava desesperado, transtornado dos sentidos e da inteligência, pelo peso da desgraça que o atormentava. Seguiam-no seus familiares, oficiais e servidores domésticos, todos com a fisionomia pálida e desfeita, chorando e com os olhos fixos na pessoa de seu chefe. Cada um lamentava e deplorava sua própria sorte. Conta-se que Perseu tinha enviado alguns emissários a Emílio para pedir-lhe que se abstivesse de o levar à cidade, daquela maneira humilhante, como parte da demonstração de seu triunfo. O romano, porém, zombando, respondeu: — "Isto, antes estava e ainda está nas mãos dele" dando a entender que seria melhor para o rei ter escolhido a morte do que sofrer em vida tal ignomínia. É que Perseu não tinha ânimo para tomar tal decisão, devido a sua covardia. Parecia mesmo estar ainda alentado por alguma esperança indefinida, preferindo ser, ele mesmo, parte de seus despojos.

LVII. Depois de tudo isto passaram no cortejo quatrocentas coroas de ouro que as vilas e cidades da Grécia tinham enviado, por seus embaixadores, como sua parte nas honras da vitória. Logo em seguida vinha Paulo Emílio, imponente em seu carro triunfal, que se achava magnificamente adornado, Eira qualquer coisa de deslumbrante para se ver, pois mesmo que ali se encontrasse somente ele, separado daquela pompa e daquela majestosa manifestação, ainda assim constituiria um espetáculo digno da admiração do povo. Estava trajado com uma vistosa roupagem de púrpura riscada de ouro e conduzia na mão direita um ramo de louro, o que fazia igualmente o seu exército, dividido em turmas e companhias e seguindo a Carriola do chefe, onde alguns soldados iam entoando canções de vitória, como era costume em tais ocasiões, misturadas com insinuações e ditos espirituosos sobre o seu comandante {550}. Outros cantos exaltavam e louvavam os fatos vitoriosos da vida de Emílio, o qual, assim honrado, abençoado e louvado publicamente por seu povo, não era invejado e nem odiado por homens de bem, a menos que haja algum deus cuja missão precípua seja tirar ou diminuir a prosperidade, misturando na vida do homem os sentimentos do bem e do mal a fim de que nenhum passe pelo mundo inteiramente livre de qualquer desgraça, confirmando o que diz Homero{551} quando afirma reputar estes ainda bem felizes, ao ter a sorte dosado em partes iguais, em suas vidas, o bem e o mal. Refiro-me a isto lembrando Emílio, que tinha quatro filhos: dois, ele havia dado para serem adotados por outras famílias e casas, que foram Cipião e Fábio, como antes falamos e mais dois do segundo casamento, os quais retinha junto a ele,

em sua casa e estavam ainda crianças. Pois bem, um deles faleceu com a idade de catorze anos, cinco dias antes do triunfo de seu pai, e o outro morreu também três dias depois das pompas da vitória, com a idade de doze anos. Não houve coração por mais duro que fosse, em toda a cidade de Roma, que este acidente não causasse pena, e a quem esta crueldade da sorte não deixasse com medo e horror, tendo sido tão importuna, levando a uma casa em triunfo, cheia de honra e de glória, de sacrifícios religiosos e de alegria, um tão deplorável luto, e misturando o pesar e as lamentações da morte com os cânticos do triunfo e da vitória.

LVIII. Entretanto, Emílio, que recebia todas as. coisas dentro dos limites da razão, julgou que não devia usar de paciência e generosidade somente contra as espadas e lanças dos inimigos, mas também contra toda adversidade e hostilidade da sorte. Contrabalançou tão sabiamente a mistura de suas adversidades presentes com a prosperidade passada, que encontrou o mal apagado pelo bem e, para não privar o público, não diminuiu a grandeza nem maculou a dignidade de seu triunfo e de sua vitória. Sepultou o primeiro de seus filhos, e foi fazer sua entrada triunfante, como descrevemos. O segundo, falecendo logo após as festividades, ele fez reunir toda a população romana em plena assembleia e discursou, não como homem que tivesse necessidade de ser consolado e animado mas, antes, que confortava seus concidadãos apaixonados e tristes pela desgraça que lhe sucedeu. São estas as suas palavras: — "Das coisas puramente humanas nunca tive medo de nenhuma; mas das divinas, sempre tive medo da sorte, na qual tive pouca confiança, por causa da sua inconstância e de sua mutável variedade. Me smo nesta última guerra, quando fui continuamente favorecido, como o navio com o vento nela popa, esperei sempre algum refluxo, por assim dizer, e alguma mudança em sua proteção, pois atravessei, quando ia, o golfo{552} do mar Adriático{553} depois Brindes até Corfu{554} em um só dia, e daí a cinco dias encontrava-me na cidade dos Delfos, onde sacrifiquei a Apolo, e dentro de mais cinco cheguei ao meu acampamento, onde encontrei meu exército na Macedónia. Depois dos sacrifícios e cerimonias ordinárias de purificação, comecei incontinente a pôr mãos à obra, tão bem que na quinzena seguinte terminei muito honradamente esta guerra. Mas, desconfiando sempre da sorte, vendo uma tão grande prosperidade em todo o curso de meus negócios, e considerando que não havia mais inimigos nem outros perigos que pudesse temer, receei seriamente que ela mudasse na minha volta, quando estivesse no mar, trazendo um tão belo exército vitorioso, com tantos despojos e com príncipes e reis prisioneiros: entretanto, chegando às portas da salvação, e vendo toda esta cidade a meu lado cheia de alegria, de festas e de sacrifícios, estava ainda sempre suspeitando da sorte, sabendo muito bem que ela não tem por norma gratificar com tanta liberalidade os homens, nem lhes ceder coisas tão claramente grandes, sem que não haja alguma inveja misturada. Jamais meu espírito conseguiu, estando sempre como em transe, procurando auscultar o futuro para o bem estar do público, atirar este temor atrás de si, até que me vi caído nesta desgraça e nesta calamidade doméstica, até que me foi necessário, nos dias sagrados do meu triunfo, sepultar em golpe sobre golpe, com minhas próprias mãos meus dois filhos jovens, os quais havia retido comigo para sucessão de meu nome e de minha casa. Portanto, parece-me agora que estou fora de qualquer perigo, pelo menos quanto ao que diz respeito ao principal, e começo a assegurar-me e confirmar-me nesta esperança de que a boa sorte ficará firme doravante, sem receio de qualquer sinistro acidente, porque ela contrapesou bastante os favores da vitória que vos deu, pela inveja da desgraça que se abateu sobre mim e os meus atingindo o vencedor e triunfador, não menos notável exemplo da miséria e da imbecilidade humana, do que o vencido que foi levado em triunfo. Perseu, mesmo derrotado como está, tem ao menos o conforto de ver ainda os seus filhos e o vencedor Emílio perdeu os seus."

LIX. Tal foi o sumário do discurso generoso e procedente de uma verdadeira e não fingida magnanimidade, que pronunciou então Emílio diante do povo romano, E quanta compaixão teve ele em seu coração ao ver a estranha mudança na sorte do rei Perseu, e desejou seriamente poder ajudá-lo. Não pôde, entretanto, fazer qualquer coisa por ele, a não ser transportá-lo da prisão pública, que os romanos denominavam Carcer, para uma casa mais limpa, e mais confortável. Lá, onde se encontrava escrupulosamente guardado, procura ele mesmo a morte, abstendo-se de comer, assim como a maior parte dos historiadores escreve. Todavia, há alguns que descrevem uma estranha espécie de morte: pois dizem que os soldados que o guardavam, tendo concebido algum despeito e algum ódio contra ele, e vendo

que não lhe podiam fazer outro mal nem desprazer, o impediam de dormir, fazendo guarda cuidadosamente quando o sono vinha, vigiando-o para não fechar os olhos, constrangendo-o por todos os meios e maneiras à vigília, até que não podendo mais ficar nesse estado, veio a morrer. Também morreram seus dois filhos, mas o terceiro, chamado Alexandre, tornou-se bom operário em trabalho de torno e de marcenaria, aprendeu a língua romana, e tão bem soube escrever, que depois passou a servir como escrevente e notário dos magistrados de Roma, portando-se sabiamente nesse mister.

LX. Pensando bem, deve-se considerar bela esta conquista do reino da Macedónia pelas mãos de Emílio, que a tornou muito agradável ao povo, pois ele trouxe tanto ouro e prata (48) para o tesouro da economia de Roma, que não foi mais necessário o povo contribuir até o tempo e o ano de Hírtio e Pansa, que foram cônsules{555} mais ou menos no começo da primeira guerra de Augusto e de Antônio. E ainda há alguma coisa de próprio e singular em Emílio, pois enquanto ele foi grandemente amado, reverenciado e honrado pelo povo comum, ficou sempre, entretanto, do partido do Senado e da nobreza, e não disse, nem fez qualquer coisa para obter o favor popular. Assim, pois, colocou-se sempre do lado das pessoas de bem e dos nobres em tudo que dizia respeito ao governo da coisa pública, o que depois Ápio censurou ao seu filho Cipião, o Africano, pois sendo eles os dois primeiros homens de seu tempo, e seguindo os dois juntos o ofício de censor, Ápio tinha à sua volta para favorecer a sua pretensão, todo o Senado e toda a nobreza, notando-se que desde a antiguidade a família dos Ápios havia tomado sempre esse partido. E Cipião, o Africano, ainda que fosse grande por si mesmo, havia sido, entretanto, em todos os tempos, estimado, levado e favorecido pela plebe, razão por que quando Ápio o viu entrar na praça, seguido e acompanhado de pessoas de classe inferior e baixa condição, como os que outrora haviam sido servos, mas que naquela época entendiam muito bem como deviam conduzir as intrigas políticas, como provocar ajuntamento da comuna, e obter o que desejavam em assembleias na cidade, pôs-se a gritar bem alto: — "Ó Paulo Emílio, tens atualmente bastante razão para suspirar e gemer sob a terra, vendo o sargento Emílio, e o sedicioso gritador Licínio{556}, elevando teu filho à dignidade de censor."

LXI. Quanto a Cipião foi sempre assim querido do povo, porque ele o favoreceu sempre em todas as coisas: mas Emílio, ainda que tomando sempre o partido da nobreza, não foi menos amado da massa popular, do que aqueles que o adulavam e que diziam e faziam tudo para o agradar e com ele condescender. O que o povo provou, tanto por outras honras e ofícios que ele lhe conferiu, tanto pela dignidade de censor{557} que lhe deu, porque era então o mais íntegro magistrado, o que tinha mais poder e autoridade que qualquer outro, mesmo quanto à inquirição e reforma dos costumes de cada um, porque era fácil aos censores diminuir e tirar do senado um senador que se portava mal, e que não convinha à dignidade do estado, e de nomear e declarar príncipe do Senado aquele que eles julgavam homem de bem. Ainda mais, tinham o poder de privar os moços que viviam dissolutamente, do cavalo que era mantido às expensas da coisa pública. São eles ainda que fazem a tomada dos bens de cada cidadão, o recenseamento do povo, mantendo registros do número de pessoas que se encontram em cada descrição. Foram chamados pela descrição e arrolamento feitos por Emílio trezentos e trinta e sete mil quatrocentos e cinquenta e dois homens, e nomeou príncipe do Senado a Marco Emílio Lépido, que por quatro vezes já havia tido essa honra, e tirou do Senado três personagens que não tinham grandes qualidades. Ele e seu companheiro Márcio Filipe souberam se conduzir com prudência e moderação, ao reverem os registros da ordem equestre.

LXII. Depois de haver ordenado e disposto os maiores e principais cargos de seu estado, Paulo Emílio ficou enfermo, parecendo, a princípio, moléstia bem perigosa, mas afinal não teve outra consequência a não ser que foi longa e difícil de curar, tendo os médicos aconselhado que se retirasse para uma cidade da Itália, denominada Vélia. Viajou por mar e para lá foi, onde ficou muito tempo, fazendo sua residência nas casas de descanso existentes ao longo da costa, onde permaneceu por muito tempo, em repouso. Mas, durante a sua ausência, os

romanos sentiram muito a sua falta e, muitas vezes, estando reunidos nos teatros durante os jogos, gritavam e chamavam por ele, demonstrando o grande desejo que tinham, de vê-lo novamente. Chegado o tempo, quando necessariamente devia fazer um certo sacrifício anual, e parecendo-lhe também já se achar são, voltou a Roma, onde sacrificou em companhia de outros sacerdotes, tendo nessa ocasião o povo demonstrado grande e evidente alegria pelo seu regresso. No dia seguinte ofereceu ele outro sacrifício particular para agradecer aos deuses o seu restabelecimento, depois do qual voltou para casa, pôs-se à mesa{558}, e sem que antes ninguém se apercebesse de qualquer mudança ou alteração em sua pessoa, teve de repente um desmaio e um desequilíbrio de inteligência, do qual morreu três dias depois, não havendo necessidade nem falta de qualquer coisa dentre as que se consideram necessárias para tornar os homens deste mundo felizes, pois não houve nada, nem mesmo o carro de seu enterro, que não fosse dos mais honrosos e onde a sua virtude foi decorada em belos e grandiosos ornamentos em ouro, prata e marfim. Não faltaram suntuosidade e magnificência de aparato, bem como o amor, o reconhecimento e a benevolência de seus benefícios, que mostravam ter, não somente seus concidadãos, como também os inimigos, todos aqueles que na ocasião se encontravam em Roma, vindos ou da Espanha, do país dos genoveses{559}, ou da Macedónia. Jovens e fortes puseram-se voluntariamente, sob o corpo, para carregá-lo e os velhos foram em seguida, acompanhando o carro, chamando Emílio de benfeitor, salvador e pai, porque não somente ele os havia tratado doce e graciosamente quando os subjugou e conquistou, como também em todo o resto de sua vida havia continuado a lhes fazer algum bem, a esposar seus negócios, como se fossem seus aliados ou seus parentes próximos. Todos os seus bens, depois de sua morte, chegaram apenas à soma de{560} trezentas e setenta mil dracmas de prata das quais, foram herdeiros seus dois filhos{561}, mas o mais jovem que era Cipião deixou tudo para o seu irmão mais velho Fábio, porque ele fora adotado em uma casa muito mais rica, do que aquela do grande Cipião, o Africano. Tais foram a vida e os costumes de Paulo Emílio.

Timoleon

SUMÁRIO DA VIDA DE TIMOLEON

I. Situação da Sicília. II. Invasão dos cartagineses. A Sicília pede socorro a Corinto. III. Corinto atende e Timoleon é enviado. IV. Nascimento e nobreza de Timoleon. Seu valor. V. Seus conselhos a Timófanes, seu irmão. VI. Timoleon sacrifica o amor fraternal ao amor da pátria. Morte de Timófanes. VII. Retiro de Timoleon. IX. Timoleon aceita a direção da guerra na Sicília. X. Sua partida. XII. Aborda em Régio. XIV. Timoleon engana os cartagineses e apodera-se de Tauromênio. XVII. A cidade de Adrane abre-lhe as portas e ele recebe as homenagens de outras cidades. XVIII. Dionísio, o Tirano, entrega-se a Timoleon. XX. Dionísio é enviado a Corinto. Sua vida particular. XXIV. Cerco do castelo de Siracusa por Icetes e pelos cartagineses. XXVIII. Timoleon apodera-se de Messina. XXX. Fuga de Magon, general dos cartagineses. XXXI. Timoleon apodera-se da cidade de Siracusa. XXXII. Destruição do castelo e de tudo o que pertenceu aos, tiranos. XXXIII. Restabelecida a liberdade na Sicília. XXXIV. Os cartagineses tentam nova investida. XXXV. Nova vitória de Timoleon. XXXIX. Despojos de guerra enviados a Corinto. XLIII. Icetes é aprisionado e condenado. XLIV. Submetem-se os remanescentes da tirania na Sicília. XLVI. Reconhecimento da ilha a Timoleon. XLVII. Timoleon passa a residir na Sicília. XLIX. Timoleon perde a vista. L. Honras que Siracusa lhe presta. Sua morte e seus funerais. LII. O monumento denominado «Timoleontium».

Antes da 103ª Olimpíada até o 4." ano da 110.", 337 A. C. Comparação de Timoleon e Paulo Emílio.

A situação dos siracusanos, antes de Timoleon ser enviado à Sicília, era deplorável. Tinha sido assassinado a traição o patriota Dion, que havia conseguido derrubar e expulsar o tirano Dionísio{562}, seguindo-se um período de desorientação e desatinos, pois mesmo aqueles que haviam auxiliado na conquista da liberdade, agora se dividiam e se hostilizavam mutuamente. A cidade, mudando de governo continuamente, sem qualquer segurança administrativa, assistindo' a ascensão e derrocada de novas tiranias, como que se tornou o alvo de toda a sorte de calamidades. Pouco faltou para que não ficasse inteiramente despovoada. Toda a Sicília, aliás, se encontrava em condições semelhantes, com as suas cidades destruídas pela guerra e o que restava de pé encontrava-se em poder dos bárbaros e outros estrangeiros, na maioria gente que, em virtude mesmo das diferenças de nacionalidade, não poderia formar uma coletividade unida. Isto criou justamente o clima propício a usurpações e arremetidas contra o poder constituído, que assim vacilava, sem qualquer firmeza ou estabilidade.

Desse ambiente favorável, aproveitou-se habilmente Dionísio, conseguindo galgar novamente o poder, dez anos depois de sua expulsão por Dion, após vencer e derrubar, o tirano Niseo, que dominava Siracusa. De maneira estranha, ele o cr iador da mais poderosa tirania como jamais houve no mundo, que havia sido expulso por uma força e poder relativamente pequenos, agora recuperava o antigo prestígio, de forma ainda mais estranha, após um período de inatividade, na pobreza e no exílio, tornando-se repentinamente o senhor absoluto daqueles mesmos que o haviam expulsado. Eis assim os habitantes de Siracusa defrontando uma situação ainda pior que a anterior, obrigados a servir ao tirano, que além de possuir uma natureza desumana, mais cruel se mostrava agora, devido aos males e desgraças que havia suportado. Alguns, porém, resolveram enfrentar o ditador e se puseram às ordens de ícetes, o qual dominava na cidade dos leontinos, elegendo-o seu capitão, não porque ele possuísse melhores qualidades do que os demais tiranos daquele tempo, mas porque não tinham a quem recorrer. Também confiavam nele pelo fato de ter nascido e m Siracusa e possuir a seu lado forças militares que o capacitavam a fazer frente a Dionísio.

II. Entretanto, enquanto assim se decidiam os inimigos do tirano, os cartagineses, animados pela sorte de suas campanhas militares, desceram impetuosamente sobre a Sicília. Diante de mais esta calamidade, os siracusanos resolveram pedir o auxílio dos coríntios, para o que enviaram embaixadores credenciados à Grécia. O socorro foi solicitado a Corinto, não somente porque os siracusanos eram seus descendentes{563}, tendo antes recebido vários benefícios daquela cidade, como também porque era notório o amor dos coríntios pela liberdade dos povos, bem como o ódio que alimentavam contra toda a casta de tiranos. Por isso mesmo quase todas as suas guerras foram empreendidas, não pela cobiça e pelo desejo de conquistar e dominar, mas para manter e defender a liberdade.

Contrastando com a forma de agir dos coríntios, ícetes, a quem haviam dado o comando das forças contrárias a Dionísio, já estava tramando secretamente com os cartagineses em detrimento dos siracusanos, pois o que visava era justamente a opressão de Siracusa. Assim, quando o Conselho representante do povo oprimido deliberou enviar embaixadores ao Peloponeso, ele também, por sua vez, mandou pedir socorro aos coríntios, não porque quisesse ou esperasse auxílio, mas porque tinha certeza da recusa, como parecia verossímil, pois também a Grécia se achava conturbada por inquietações e tumultos de guerra{564}. Seu plano era bandear para os cartagineses, os quais se tornariam assim seus amigos e aliados, tanto contra os siracusanos, como contra Dionísio. Isto se tornou evidente depois.

III. Entretanto, os embaixadores dos Siracusa-nos chegaram a Corinto e se desincumbiram de sua missão. Ora, em todos os tempos, os coríntios tiveram o cuidado de tomar sob sua

proteção as cidades oriundas de sua gente, como era Siracusa e, assim, foi deferido o angustioso apelo que lhe foi dirigido. Tanto mais que não havia nenhuma anormalidade em sua vida naquela época, estando a cidade em repouso e desfrutando de completa tranquilidade. A questão era somente encontrar um comandante à altura da missão que lhe seria confiada, de ir em socorro dos siracusanos. Quando se tratava desse assunto, os magistrados e oficiais da cidade propuseram nomes de alguns cidadãos que desejavam se projetar e se pôr em evidência. Um home m do povo, porém, levantou-se e clamou pelo nome de Timoleon, filho de Timodemo, o qual não tinha nenhuma ambição e não se intrometia nos negócios públicos. A lembrança daquele homem simples, de condição humilde, propondo o nome de Timoleon, foi interpretada como inspiração de algum deus, cujo resultado foi a sua eleição para o elevado cargo de condutor dos exércitos que deveriam livrar Siracusa. E a sua sorte, favorável na eleição, continuou a seu lado, coroando seus atos e seus feitos com a prosperidade e a felicidade, a que aliás fazia jus pelas suas virtudes.

IV. Timoleon era filho de nobres, sendo seu pai chamado Timodemo e sua mãe Demareta{565}. Era homem devotado ao bem público e portava-se de maneira cordial e humana para com todos, embora odiasse extremamente os tiranos e os maus. Bem analisada sua personalidade, via-se que era portador de todas aqu elas qualidades indispensáveis a um bom militar, pois tendo mostrado em sua mocidade grande dose de bom senso, não menos coragem e valor demonstrou em sua velhice. Seu irmão Timófanes, entretanto, era uma perfeita antítese, pois além de sua desmedida ambição, que o levava a querer conquistar o poder a todo o transe, perdido mesmo pelo desejo de reinar, era um indivíduo que vivia às voltas com pessoas de b aixa condição, entre as quais muitos soldados, que viviam a lhe inculcar na cabeça essas ideias de conquista. Como era de natureza impetuosa e ativa, sempre lhe deram cargos de responsabilidade, no que Timoleon o ajudava, ora encobrindo as faltas que cometia, ora fazendo-as parecer menores e mais leves do que eram na realidade, quando não procurava aumentar e embelezar o pouco de bom que sua natureza produzia. Numa batalha que os coríntios estavam travando contra os argienos e cleonianos, Timoleon lutava como soldado de infantaria e seu irmão Timófanes entre os cavalarianos. Num dado momento, este último se viu em grande perigo, necessitando ser socorrido com urgência, pois tendo sido ferido o cavalo que montava, foi ele cair por terra mesmo no meio dos inimigos. Aqueles que se achavam a seu lado, vendo o que acontecera, debandaram imediatamente, separando-se dele. Ficaram, porém, alguns dos seus companheiros, que mesmo em pequeno número, deram de lutar denodadamente, procurando defendê-lo e sustando o esforço do adversário. Timoleon, percebendo de longe o que estava acontecendo, precipitou-se em socorro do irmão e, cobrindo-o com seu escudo, recebeu no corpo diversos golpes, mas conseguiu com grande perigo de sua vida, salvar Timófanes e fazer retirar os inimigos.

V. Ora, os coríntios, que de certa feita tinham visto sua cidade perdida, pela falta de um aliado que os ajudasse na defesa, deliberaram, em conselho, manter quatrocentos estrangeiros pagos para esse fim e deram o comando dos mesmos a Timófanes. Este, entretanto, esquecendo seus deveres e calcando aos pés os sentimentos de justiça que deveriam pautar suas ações, cego pela desmedida ambição, resolveu apoderar-se da cidade como senhor absoluto. Não trepidou em fazer morrer diversas pessoas de influência, pondo a descoberto, sem mais nem menos, sua vocação de ditador e de tirano. Timoleon, descontente, reputava ser a maldade do irmão uma grande desgraça e um infortúnio para ele. A princípio tentou demovê-lo de seus propósitos, pedindo e admoestando, tentando por todas as formas fazê-lo abandonar aquele furioso apetite de domínio e aquela desgraçada paixão de reinar. Procurou mesmo reabilitá-l o e corrigir as faltas que o irmão havia cometido contra os seus concidadãos.

VI. Timófanes não fez caso algum das observações feitas por Timoleon porque este se achava acompanhado então de um de seus aliados de nome Ésquilo, cunhado do próprio Timófanes, pois que era irmão de sua mulher e também de um adivinho que o historiador Teopompo chamou Sátiro e que Éforo{566} nomeia Ortágoras. Estes três voltaram novamente à presença

de Timófanes e suplicaram-lhe insistentemente a que desistisse da ideia de submeter o povo de Corinto à sua tirania. Mas a resposta que obtiveram, de começo, foi uma gargalhada de Timófanes. Esta, porém, logo se transformou em tremenda fúria contra aqueles três intermediários que se opunham às suas ambições. Timoleon, diante da recusa do irmão em atender suas súplicas, retirou-se a um canto e pôs-se a chorar. Os outros dois, no entanto, revoltados diante de tão grande teimosia e de tão intenso desejo de glória, desembainharam suas espadas e mataram o ambicioso Timófanes, naquele mesmo local. A notícia correu célere pela cidade e logo foi louvada a magnanimidade e patriotismo de Timoleon, que colocou o bem da pátria acima da voz do próprio sangue, que elevou bem alto o senso do dever e da justiça acima da afinidade carnal, embora fosse ele homem benigno por natureza e que sabia amar entranhadamente os seus. Entretanto, diante de tal alternativa, ele que havia salvo a vida de seu irmão quando este combatia em favor de seu país, agora não trepidava em fazê-lo morrer quando este mesmo irmão tentava escravizar e fazer-se senhor absoluto de sua pátria.

VII. Mas aqueles que não estavam acostumados a desfrutar o clima da liberdade e se achavam habituados a fazer curvaturas diante dos senhores absolutos, começaram a reprovar continuamente Timoleon, acusando-o de ter cometido um fratricídio execrável e abominável aos deuses e aos homens. Tanto falaram que Timoleon foi aos poucos se deixando vencer por um remorso terrível, o que era agravado pela atitude de sua própria mãe que não quis vê-lo mais nunca, fechando-lhe a porta de sua casa. Cheio de dor, perturbado, ele ficou como que obcecado pela ideia do suicídio, deixando de alimentar-se até que morresse de inanição. Nesse ponto seus amigos fiéis intervieram e fizeram-no abandonar esse propósito. Tomou então a resolução de viver afastado, na solidão dos campos para onde se retirou, deixando inteiramente os negócios públicos. Vivia vagando por lugares ermos, sem nenhum convívio, consumindo-se na sua melancolia e no seu desespero.

VIII. Eis como o sentido do homem e seu entendimento, quando não está bem fortalecido pela razão e pelo estudo da filosofia, pode vacilar. facilmente, colocando-o fera da diretriz anteriormente traçada, levado muitas vezes pelas censuras e outras vezes pelo próprio louvor, mesmo leves que sejam. Não é necessário, pois, que o ate seja honesto em si mesmo, somente, mas também é preciso que a resolução de onde ele parte seja firme e não sujeita à mudança, a fim de que não façamos nada sem que primeiramente tenhamos pensado e aprovado, para que não nos suceda come aos gulosos, que desejam intensamente um pedaço de carne, com grande apetite e quando conseguem satisfazer-se, tornam-se fartos e nada mais querem. Assim, quando atingirmos um objetivo, devemos proceder de maneira a não nos arrependermos, levados pela debilidade de nossa imaginação e pelo grau de honestidade que nos levou a executá-la. O arrependimento torna mau o ato que por si mesmo era bom, mas a determinação, que se baseia na ciência e no raciocínio, não muda nunca, ainda que não chegue a bom final a ação empreendida.

Eis porque Focion, o Ateniense, tendo se oposto formalmente, o quanto pôde, aos projetos do capitão Leóstenes e que, entretanto, contra sua opinião, vinham a ter bom resultado, e vendo que os atenienses sacrificavam aos deuses publicamente para lhes dar graças, glorificando-se da vitória que haviam tido, exclamou: — "Serei muito feliz por haver feito isto, mas eu não queria haver aconselhado aquilo." Nesse mesmo propósito, porém mais violentamente, respondeu Aristides, o Locridense {567}, que era um dos familiares e amigo de Platão, a Dionísio, o Velho, tirano de Siracusa, ao lhe pedir este uma de suas filhas em casamento: — "Verei com mais prazer minha filha morta do que casada com um tirano". Algum tempo depois, Dionísio, fazendo com que morressem suas filhas, perguntou em tom de censura para lhe causar ainda maior desgosto, se ele conservava a mesma opinião que havia tido antes com respeito ao casamento de suas filhas. "Estou, respondeu-lhe, muito descontente com o que fizeste, mas não me arrependo do que falei". Atitudes como esta, procedem do advento da perfeita virtude.

IX. Mas, voltando a Timoleon, seja pela dor que sentiu com a morte do irmão ou pela vergonha que o dominou diante de sua mãe, o que quer que seja, isto rompeu e abateu de tal forma o seu coração, que durante vinte anos ele não tomou parte em nenhuma atividade pública.

Naquela hora entretanto, nomeado para chefiar o socorro que queriam enviar à Sicília, aceito e eleito voluntariamente pelo povo, Teleclides, que na ocasião era quem tinha mais autoridade e crédito nos negócios de Corinto, erguendo-se nos pés diante da multidão, fez uma prédica a Timoleon pela qual o exortou a se portar como homem de bem e valente comandante naquela missão. "Pois se te portas bem, disse ele, julgar-te-emos como aquele que matou um tirano, e se te portas mal julgar-te-emos como o. assassino de teu irmão". Enquanto Timoleon estava recrutando gente e preparando seu equipamento, trouxeram aos coríntios cartas de ícetes, pelas quais aparecia claramente que este era um traidor, pois apenas despachou seus embaixadores, colocou-se do lado dos cartagineses, fazendo tudo abertamente por eles, com intenção de expulsar Dionísio e se fazer ele mesmo tirano de Siracusa. Mas, temendo que viesse socorro de Corinto antes de poder executar seus planos, escreveu cartas aos coríntios, pelas quais dizia-lhes não ser necessário que eles se expusessem a despesas e perigo para vir à Sicília, mesmo porque os cartagineses estavam descontentes, e vigiavam suas armas com uma grande frota de navios, e que ele, vendo que demorava muito a vir o socorro pedido, havia feito aliança com os cartagineses para ir ao encontro do tirano Dionísio. Estas cartas, lidas ao povo, fizeram com que os coríntios pouco entusiasmados com a empreitada, se é que os havia, fossem aguilhoados pelo ódio que sentiram contra ícetes, de tal forma que providenciaram voluntariamente para Tímoleon tudo quanto ele necessitava e o ajudaram a preparar seu equipamento para levantar vela.

X. Quando os navios ficaram prontos e os soldados tinham tudo que era necessário para partir, as sacerdotisas da deusa Prosérpina disseram ter tido uma visão à noite, quando dormiam, pela qual as deusas Ceres e Prosérpina lhes apareceram vestidas como pa ra viajar e lhes disseram que queriam ir com Timoleon para a Sisil. Por isso, os coríntios equiparam uma galera, a qual denominaram a galera de Ceres e Prosérpina, e Timoleon, ele mesmo, antes de sair no mar, foi à c idade de Delfos, onde fez um sacrifício a Apolo, e assim que entrou no santuário onde são recebidas as respostas do oráculo, deu-se um sinal milagroso, pois dentre os votos e oferendas que estão suspensas do teto e paredes do santuário, correu uma faixa sobre a qual havia coroas e vitórias impressas e pintadas em bordado, a qual caiu direito sobre a cabeça de Timoleon de maneira que parecia ser Apolo que o estava enviando a esta expedição desde já corcada, antes mesmo de começada. Embarcou e fez-se à vela com sete galeras de Corinto, duas de Corfu e uma décima que os leucadianos forneceram.

XI. Quando estavam ao largo, em pleno mar, tendo o vento pela popa, à noite, sucedeu que o céu fendeu-se de repente e pela abertura expandiu-se no ar, sobre o navio, uma grande quantidade de chamas muito claras e visíveis, como se fosse uma tocha ardente, semelhante àquelas que se usam nas cerimonias de mistérios. Essa tocha os acompanhou e guiou em todo o percurso da viagem e no fim foi se fundir e desaparecer no próprio lugar da costa da Itália, onde os pilotos haviam deliberado chegar. Os adivinhos, inquiridos sobre o significado deste presságio, responderam que esta aparição milagrosa confirmava o que as religiosas de Ceres haviam sonhado e que as deusas favoráveis à empresa haviam mostrado o caminho por meio da luz enviada do céu, tanto mais que a ilha da Sicília é sagrada e dedicada à deusa Prosérpina, pois segundo se conta, o seu rapto ali se verificou e que a terra lhe foi entregue como dote no dia de suas núpcias.

XII. Assim, pois, os sinais dos deuses vindos do céu, deram segurança àqueles que tomaram parte na viagem, os quais se apressaram com a melhor diligência que lhes foi possível, até que atravessaram o mar e chegaram ao longo da costa da Itália. Ali, entretanto, as novas que ouviram da Sicília puseram Timoleon em grande perplexidade e desencorajaram bastante os

guerreiros que havia levado. Segundo as notícias, ícetes havia vencido numa batalha o tirano Dionísio e tinha ocupado a maior parte da cidade de Siracusa, enquanto mantinha o tirano sitiado dentro do castelo, no bairro da cidade que se chama "Ilha", encerrado com muralhas. Nesse ínterim, tinha pedido aos cartagineses que impedissem Timoleon de descer e desembarcar na Sicília. Atendido o pedido, os cartagineses enviaram a Rege{568} vinte de suas galeras conduzindo os embaixadores que ícetes enviava a Timoleon credenciados pelos seus feitos, portadores de belas palavras para encobrir a má intenção com que iam agir. Assim, disseram a Timoleon que devia seguir sozinho, se bem lhe parecesse, ao encontro de ícetes, para o aconselhar e acompanhar em todos os negócios, os quais já estavam bem encaminhados e que poderia reenviar seus navios e seus soldados a Corinto, atendendo que faltava muito pouco para que a guerra estivesse por completo terminada, adiantando mais que os cartagineses não desejavam, de forma alguma que sua gente passasse pela Sicília e que estavam mesmo deliberados a combatê-los se persistissem no seu propósito.

XIII. Os coríntios, aportando à cidade de Rege, tendo ali encontrado os embaixadores e vendo também a frota de navios cartagineses que estava fundeada não muito longe, ficaram por um lado despeitados por se verem desta forma ridicularizados por ícetes. Não houve ninguém em toda a tropa que não ficasse deveras indignado contra ele e penalizados com a sorte dos pobres sicilianos, vendo evidentemente que ficariam como presa de ícetes, como recompensa de sua traição e também como presa dos cartagineses, como recompensa da tirania que eles permitiriam ali se estabelecesse. Por outra parte, também, parecia-lhes impossível pudessem forçar os navios dos cartagineses, que os espreitavam numa passagem bem próxima, atendendo que tinham forcas duas vezes superiores às deles, bem como enfrentar o exército que estava nas mãos de ícetes na Sicília, que não tinha vindo senão para ajudá-los a conduzir a guerra. Não obstante, Timoleon falou atenciosamente aos embaixadores e aos capitães dos navios cartagineses, dando-lhes a entender que faria tudo o que quisessem, pois mesmo que desejasse proceder de maneira contrária, não ganharia nada. Entretanto, desejava, por desencargo de consciência, que na presença do povo de Rege, que era cidade grega, amiga comum das duas partes, fizessem eles em público a mesma proposta que lhe haviam feito em segredo. De sua parte, lhes daria a mesma resposta anterior, alegando que assim agia, sobretudo pela seriedade de sua incumbência e também porque eles guardavam mui inviolavelmente o que lhes prometera com relação aos siracusanos. Todo o povo de Rege, assim, ficaria como testemunha.

XIV. Ora, isto não passava de um ardil do qual se utilizava para cobrir sua passagem, no que era secundado e favorecido por todos os capitães e governadores de Rege, ainda mais desejando que os negócios da Sicília caíssem entre as mãos dos coríntios, pois temiam ter os bárbaros por vizinhos. Por isso convocaram uma assembleia geral, durante a qual fizeram fechar as portas da cidade, dando a entender que era para que os burgueses não se ocupassem durante a mesma com outros negócios Mas, quando todo o povo se reuniu, deram de proferir propositalmente longos discursos, sem nada concluir, deixando sempre um orador para o outro o mesmo tema, com o objetivo de ganhar tempo até que as galera s dos coríntios pudessem partir. Divertiram assim os cartagineses na assembleia, sem que de nada desconfiassem, ainda mais vendo Timoleon presente, o qual a custo se continha, com desejo de falar também. Entretanto, alguém foi secretamente adverti-lo de que as demais galeras já se haviam feito à vela e que não tinha ficado senão a sua que o esperava no porto. Ele saiu então, secretamente, em meio aos apertões da multidão, com a ajuda dos régios que estavam à volta da tribuna de onde eram proferidas as arengas. Descendo ao porto, embarcou incontinente, pôs-se também à vela e, tendo alcançado sua frota, juntou-se aos outros, desembarcando na cidade de Tauromênio, na Sicília. Ali foram bem acolhidos por Andrômaco, que os havia convidado, onde governava a cidade como senhor. Era este o pai de Timeu, o Historiador, e o homem mais honrado entre todos aqueles que até então tinham dominado na Sicília, pois governava seus concidadãos com justiça e equidade, mostrando-se sempre, abertamente, inimigo dos tiranos. Por isso mesmo não trepidou em pôr sua cidade à disposição de Timoleon para aí assentar seu quartel, ao mesmo tempo que persuadia seus concidadãos a cerrar fileiras ao lado dos coríntios para ajudá-los a libertar a Sicília.

XV. Mas os capitães cartagineses que estavam em Rege, quando souberam que Timoleon havia se feito à vela, depois de terminada a assembleia do conselho, ficaram furiosos por se verem assim ridicularizados. Os habitantes da cidade se divertiram, a valer, vendo que os fenícios não ficaram satisfeitos com o embuste que lhes haviam pregado. Entretanto, apesar de tudo, resolveram enviar em uma de suas galeras, um embaixador a Tauromênio. Esse embaixador falou audaciosamente, colérico mesmo a Andrômaco, terminando por mostrar-lhe a palma e depois as costas da sua mão, querendo significar, com esse gesto, que a sua cidade seria assim revolvida debaixo para cima, se prontamente não pusesse fora dali os coríntios. Andrômaco, que não fazia outra coisa senão rir, estendeu-lhe as costas da mão e depois, de repente, mostrando-lhe a palma, disse-lhe que saísse imediatamente da cidade se não quisesse que sua galera fosse assim virada.

XVI. Entrementes, ícetes, advertido da passagem de Timoleon e ficando receoso, mandou buscar um bom número de galeras cartaginesas. Perderam, então, os siracusanos, toda a esperança de salvação, vendo que seu porto estava tomado pelos navios dos invasores, a melhor parte de sua cidade ocupada por ícetes, e o castelo pelo tirano Dionísio.

Quanto a Timoleon, só dispunham de uma pequena extremidade da Sicília com a cidadezinha de Tau romênio, quase desamparada. Maior pessimismo apoderava-se dos espíritos, ao verificarem que ele não tinha outro meio de levar adiante a guerra, senão dispondo de mil homens a pé e uma provisão de víveres e dinheiro, estritamente o necessário, para cuidar deles e aliment á-los. Além disso, as outras cidades da Sicília não confiavam mais nele, devido as violências e extorsões que haviam experimentado não fazia muito tempo e por isso desejavam mal a todos os chefes e condutores de tropas, lembrando a deslealdade de Calipo e de Farax, dos quais, um ateniense e o outro lacedemônio, ambos alardeando terem vindo para libertar a Sicília e expulsar os tiranos, entretanto, ali causaram tanto mal aos pobres sicilianos que as misérias e calamidades por que eles haviam passado sob o poder dos tiranos parecia-lhes como ouro ao lado daquelas que os capitães os tinham feito sofrer. Dessa forma, reputavam mais felizes aqueles que voluntariamente haviam se colocado sob o jugo da servidão do que aqueles que eram remidos e restituídos à liberdade. Portanto, não podiam acreditar que esse coríntio pudesse ser melhor que os outros, pois pensavam que fossem os mesmos ardis, as mesmas amarras de boa esperança e as mesmas belas palavras que lhes haviam apresentado antes para os atrair ao despotismo de novos tiranos. Suspeitando dos coríntios, recusaram todas as suas admoestações e solicitações, exceto os adranitanos, os quais, tendo sua cidadezinha dedicada e consagrada ao deus Adrano{569}, muito honrado e reverenciado por toda a Sicília, estavam então em dissensão uns com os outros. Uma das partes aclamava ícetes e os cartagineses e a outra havia enviado mensageiros a Timoleon, sabendo que o s dois exércitos tinham pressa, procurando cada qual chegar primeiro. O que aconteceu é que os dois se aproximaram quase ao mesmo tempo. ícetes dispunha de cinco mil comba tentes e Timoleon não tinha ao todo senão uns mil e duzentos, com os quais partiu para ir à cidade de Adrano, distante de Tauromênio mais ou menos vinte léguas e meia{570}. No primeiro dia não fizeram grande caminhada, pois acamparam cedo, mas no dia seguinte andaram mais ativamen te, embora em caminho áspero. Quando chegou a tarde e o dia começou a escurecer, tiveram notícias de que ícetes não fazia questão de chegar na hora diante de Adrano e que havia acampado. Isto ouvindo, os capitães e chefes de guarnição fizeram parar aqueles que marchavam na vanguarda, a se refazerem e descansarem um pouco, para que ficassem mais dispostos para o combate. Timoleon, entretanto, avançou ao encontro deles e pediu-lhes que não procedessem daquela forma e procurassem levar vantagem, com a maior diligencia que lhes fosse possível, a fim de poderem surpreender seus inimigos em confusão, como era provável que eles se encontrassem, tendo chegado de pouco e estando preocupados em preparar seu alojamento e a refeição. Enquanto ia lhes expondo essas razões, tomou seu escudo sob o braço e se pôs a marchar na frente, em primeiro lugar, alegremente, como se houvesse assegurado a si mesmo, de ir a uma vitória certa. Os outros, vendo seu exemplo, seguiram-no com igual certeza. Ora, restava-lhes ainda para fazer, mais cu menos, duas pequenas léguas{571}, as quais, vencidas, carregaram incontinente sobre o inimigo, que encontraram em desordem. Estes se puseram em fuga logo que sentiram a

aproximação dos coríntios, de maneira que não foram mortos senão uns trezentos, mas foram feitos prisioneiros mais do dobro, e seu campo tomado.

XVII. Então os adranitanos, abrindo suas portas, renderam-se a Timoleon, contando-lhe com grande terror e, ao mesmo tempo maravilhados, como no mesmo instante e sobre a pontaria de sua carga, as portas do templo de seu deus se tinham aberto, por si mesmas, e o dardo, que sua imagem tinha na mão, havia tremido, mesmo na ponta onde estava o ferro, e toda sua face tinha ficado molhada de suor, o que significava, num aviso, que não era somente aquela a vitória que ele ganharia, mas também, cometeria belos feitos mais tarde, dos quais este primeiro encontro era um feliz começo. De fato, logo diversas cidades procuraram Timoleon p ara se unir com ele. Mamerco, o tirano de Catana, homem afeito às lides da guerra e poderoso em dinheiro, procurou sua aliança. O próprio Dionísio, o tirano de Siracusa, que estava cansado e desiludido, achando que era chegado o momento, devido à duração do cerco, não fez mais caso de ícetes, quando soube como este havia sido derrotado tão vergonhosamente e, ao contrário, estimando muito o valor de Timoleon, dispôs-se a entregar sua pessoa e seu castelo nas mãos dos coríntios.

XVIII. Timoleon, muito contente com estes sucessos não esperados, enviou, para se apossar do castelo, Euclides e Telêmaco, dois capitães coríntios, com quatrocentos homens, não todos de uma vez, nem a descoberto, pois era impossível, estando os inimigos à espreita dentro do porto, mas por pequenas tropas e às escondidas, de tal maneira que todos penetraram no reduto de Dionísio. Assim, os soldados apoderaram-se da praça e do palácio do tirano, com todo o mobiliário e todas as provisões necessárias para a guerra, que lá havia, como bom número de cavalos de serviço, grande, quantidade de bastões{572}, armas ofensivas de toda espécie, baterias de tiro à distância e outras armas de defesa, que ali haviam sido reunidas de longa data, o bastante para armar setenta mil homens. Ali se achavam ainda mais de dois mil guerreiros, os quais, juntamente com Dionísio, entregaram-se nas mãos de Timoleon. Dionísio, levando seu dinheiro e alguns de seus amigos, saiu por mar sem que ícetes se apercebesse, dirigindo-se ao acampamento de Timoleon.

XIX. Foi ali naquele campo que o tirano foi visto pela primeira vez como homem comum, de onde alguns dias depois foi enviado em um navio a Corinto, ele que havia nascido e havia sido criado no ambiente formado pela maior e mais famosa tirania conquistada pela força que jamais houve no mundo. Ele mesmo, que havia mantido, pelo espaço de dez anos depois da morte de seu pai, aquela conquista, da qual depois Dion o expulsou, ele, que foi forçado a preparar uma guerra pelo espaço de doze anos, durante os quais praticou muitos males, tendo sofrido outros tantos, pois viu a morte de seus filhos que já estavam crescidos e na idade de trazer armas, viu violar suas filhas que estavam para casar, viu sua própria irmã, que era também sua mulher, primeiramente desonrada e ultrajada pelas mais infames práticas dissolutas, de que seus inimigos se poderiam lembrar, depois trucidada cruelmente com suas crianças e seus corpos atirados por fim no mar, como descrevemos ao discorrer sobre a vida de Dion, eis a situação de Dionísio ao se entrega r prisioneiro.

XX. Chegado que foi a Corinto, não houve um homem em toda a Grécia que não tivesse desejo de ir vê-lo e falar-lhe pessoalmente. Uns pareciam estar à vontade com sua desgraça, como se desejassem calcar aos pés aquele que a sorte havia abatido, tanto o odiavam amargamente. Outros, doendo-se em seus corações ao verem tão grande mudança, olhavam-no com um não sei quê de compaixão, considerando o grande poder das coisas ocultas e divinas sobre a falibilidade dos homens.

Aquele século, que não produziu nenhuma obra-prima nem pela natureza, nem pela mão do homem, mostrou ao mundo como foi mudada a sorte de um homem que pouco depois de ter sido senhor de quase toda a Sicília, ali dentro da cidade de Corinto, agora, detinha-se ordinariamente a entreter as vivandeiras, ou ficava o dia todo sentado na loja de um perfumista, quando, na maioria das vezes, não passava horas e horas bebendo em lugares mal frequentados. Costumava também repreender e discutir no meio da rua, diante de toda gente, com aquelas mulheres que faziam publicamente mercadoria de seus corpos, ou passava a ensinar às cantoras ambulantes, discutindo com elas, sobre a harmonia de algumas das canções que cantavam nos teatros. Alguns afirmam que ele assim fazia porque não sabia como passar o tempo, porque por sua natureza era um homem covarde de coração, amando todas as volúpias pouco honestas. Outros são acordes em dizer que ele assim agia para ser desprezado, temeroso de que os coríntios alimentassem dúvida e desconfiança sobre a sua pessoa, tendo muitos a opinião de que ele sentia de tal modo a mudança de sua vida, que lhe restava alguma intenção de recuperar seu estado e que por isso fazia e fingia de propósito muita coisa contra sua natureza, para dar a impressão de ser um grande idiota.

XXI. Recordam-se ainda, entretanto, de algumas respostas suas, que parecem testemunhar não ser por covardia nem por estupidez, que ele praticava essas coisas, mas para se acomodar à sorte, pois tendo chegado a Lêucade, uma antiga cidade fundada pelos coríntios, como a de Siracusa, disse aos seus habitantes, "que se achava assim como os meninos, que quando erram, fogem da presença de seus pais, envergonhados por se encontrarem em sua frente, ficando mais à vontade com seus irmãos". "Assim, disse ele, estou mais contente pelo fato de morar aqui convosco e não ir representar em Corinto, que é vossa cidade metropolitana". Uma outra vez que estava em Corinto, houve um estrangeiro que zombou com bastante impertinência dele, pois estando em seu distrito, onde tinha prazer de ver à sua volta literatos e filósofos, acabou por lhe perguntar, no final, de que lhe servia a sabedoria de Platão. Respondeu-lhe: — "Parece-te que não me serviu de nada, ao ver c omo suporto a mudança de minha sorte?" E ao musicista Aristoxeno e alguns outros que lhe perguntaram que debate houve entre Platão e ele e de onde procedeu, respondeu: — "Que a condição dos tiranos era verdadeiramente desgraçada, seu estado cheio de males, mas que entre estes não havia nenhum tão grande como o que era praticado por aqueles{573} que chamam queridos a quem os governam e não ousam francamente falar deles, nem lhes dizer abertamente a verdade, e que era justamente por culpa destes que se achava agora privado da companhia de Platão".

XXII. Uma outra vez houve alguém que, pensando fazer-se de engraçado a sua custa, com muito espírito, entrando em seu quarto, sacudiu a roupa como fazem quando entram na casa dos tiranos para mostrar que não havia mais armas escondidas por debaixo, mas Dionísio deu-lhe o troco prazenteiramente, pois lhe disse: — "Faze isso outra vez quando saíres daqui para ver se não roubaste nada". Certa ocasião, Filipe, rei da Macedónia, à mesa, comentando as canções, poesias e tragédias que Dionísio, o pai, havia composto, fingindo maravilhar-se e perguntando como tivera ele tempo disponível para semelhantes composições, respondeu-lhe bem a propósito: — "Era nas horas em que tu e eu e todos os outros senhores que se reputam grandes e felizes, empregamos em brincadeiras e em bebedeiras". Ora, quanto a Platão, não viu nunca Dionísio em Corinto{574}, mas Diógenes, o Sinópio, a primeira vez que o encontrou em seu caminho, disse-lhe: — "Estás bem agora, num estado indigno de ti". Dionísio parou de repente e lhe disse: — "Verdadeiramente, Diógenes, sou agradecido pela tua compaixão para com a minha miserável sorte". "Como? replicou Diógenes, o que tenho é despeito ao ver um escravo como tu, digno de envelhecer e morrer no desgraçado estado de tirano, como fez teu pai, agora brincando com segurança e passando calmamente teu tempo entre nós". Quando venho a comparar estas palavras de Diógenes com o que escreveu o historiador Filisto, lastimando a sorte das filhas de Léptino, dizendo que das alturas de seus bens e de todas as honras mundanas, c que não falta nunca no estado de domínio tirânico, estavam reduzidas agora a uma vida baixa e humilhante, parece-me propriamente que a falta que uma mulherzinha delicada sente diante da perda dos guardados onde estavam seus objetos de "toillete" ou de seus belos vestidos de púrpura ou de seus anéis e alfinetezinhos de ouro, pode ser comparada e se aplica ao tirano Dionísio e, assim, não seria muito impertinente nem fora de propósito intercalar esta semelhança em sua vida, o que não seria nada mau nem inútil aos leitores, a menos que tenham muita pressa ou que estejam impedidos pelos afazeres.

XXIII. Todavia, se o infortúnio do tirano Dionísio parecia estranho, a prosperidade de Timoleon não foi menos maravilhosa, pois dentro de cinquenta dias após haver tomado pé na Sicília, teve entre suas mãos o castelo de Siracusa e enviou Dionísio desterrado a Corinto, o que deu tanta coragem aos coríntios, que mandaram um reforço de dois mil homens a pé e duzentos a cavalo, os quais desembarcaram na Itália no país dos turinos. Vendo, porém, que lhe era imp ossível passar dali para a Sicília porque os cartagineses tinham no mar grande frota de navios, por esta razão, estando constrangidos a esperar melhor ocasião, empregaram esse descanso em um outro digno feito, porque os turinos, que na ocasião estavam em guerra contra os brutinos, depositaram sua cidade entre suas mãos, a qual guardaram tão leal e tão fielmente como se fosse seu próprio país.

XXIV. Entrementes, ícetes tinha sempre o castelo de Siracusa cercado, impedindo, o mais que lhe era possível, que pelo mar chegasse trigo para os coríntios que ali se encontravam. Depois encarregou dois soldados estrangeiros, que enviou para a cidade de Adrano, de matar por traição Timoleon, o qual não costumava manter nenhuma guarda à sua volta e estava sempre no meio dos adranitas, de nada temendo, pela confiança que depositava na guarda do deus daquela cidade. Esses soldados, enviados para cometer tal assassinato, foram avisados de que Timoleon devia um certo dia, sacrificar àquela divindade. Entraram dentro do templo levando suas adagas sob as vestes e, pouco a pouco, aproximaram-se, passando por entre a multidão até bem perto do altar, mas no instante mesmo em que se tomaram de coragem, para executar sua incumbência, surgiu um terceiro que deu um tão grande golpe de espada na cabeça de um dos dois, que ele caiu por terra. Aquele que deu o golpe fugiu incontinente, mantendo sempre sua espada nua em punho e foi escalar uma alta rocha. O outro soldado, que tinha vindo com o que estava ferido, encostou-se a um canto do altar e pediu perdão a Timoleon com a promessa de descobrir-lhe toda a trama que estava urdida contra ele. Timoleon acedeu e então declarou-lhe como ele e seu companheiro haviam sido enviados para o matar. Nessa ocasião trouxeram também aquele que havia fugido sobre a rocha, o qual bradava em alta voz que não havia feito nada mais do que o seu dever, pois havia morto o que havia matado seu pai na cidade dos leontinos. Alguns dos assistentes testemunharam que ele dizia a verdade e se maravilharam grandemente dos artifícios da sorte, de como conduz uma meada pelo meio de outra e por fim reúne todas as coisas, por mais longe que estejam, e as encrava e acorrenta de tal modo que elas, embora diferentes e sem que haja nada de comum que as identifique, acaba fazendo que o fim de uma venha a ser o começo da outra. Os coríntios, tendo compreendido tal fato, fizeram presente àquele que deu o golpe de espada, de uma coroa no valor aproximado de cem escudos de ouro, pois a sua paixão pela justiça se ajuntava à proteção do bom{575} espírito que havia guardado Timoleon{576}. Afinal, este encontro não serviu para o presente, mas foi útil no futuro, porque aqueles que o presenciaram, encheram-se de esperança e tiveram em grande consideração e maior cuidado a pessoa de Timoleon, como sendo homem santo* amado dos deuses e enviado expressamente para livrar a Sicília do cativeiro.

XXV. Mas ícetes, tendo falhado este primeiro ensaio e vendo que diversos se colocavam do lado de Timoleon, lamentou-se a si próprio, pois tendo um forte exército de cartagineses, todos a postos, sob seu comando, deles não se servia senão por pequenas parcelas, como se tivesse vergonha, usando de sua aliança às escondidas. Mandou chamar o general Mago cem toda a sua frota, o qual, a seu pedido, trouxe uma armada considerável, de cento e cinquenta velas{577}, ocupando e cobrindo todo o porto, depois pôs em terra sessenta mil combatentes, que alojou dentro mesmo da cidade de Siracusa, de maneira que toda a gente achava que havia chegado o tempo, do qual antigamente se falava que ameaçava a Sicília há muito tempo, de que ela seria um dia toda habitada e possuída pelos bárbaros, pois apesar das guerras que os cartagin eses vinham sustentando na Sicília, jamais lhes sucedeu tomar a cidade de Siracusa e agora, pela traição de ícetes, que os havia recebido, ali estavam acampados.

XXVI. Do outro lado, os coríntios, que estavam dentro do castelo, encontravam-se em grande desolação e em grande perigo porque os víveres os apeteciam bastante e começavam a fazer falta por causa dos portos que estavam estreitamente guardados, sendo necessário que ficassem sempre em guarda, armados, defendendo suas muralhas, que estavam sendo assaltadas em diversos lugares, com toda a sorte de engenhos de bateria e de invenções de ataque, razão pela qual também eram obrigados a se repartir em diversos grupos. Todavia, do lado de fora, Timoleon socorria da melhor forma possível, enviando de Catana trigo sobre pequenos barcos de pesca, os quais entravam no castelo, a maioria das vezes em tormenta, passando por entre as galeras dos bárbaros, que se separavam umas das outras por causa do vento e da agitação das ondas do mar. Mago e ícetes, percebendo isso, resolveram tomar a cidade de Catana, da qual vinham os víveres aos sitiados, levando com eles os melhores combatentes de seu exército e, partindo de Siracusa, singraram para Catana. Mas, nessa ocasião, Leão Corintio, capitão daqueles que estavam de guarda no castelo, vendo de dentro que os inimigos faziam má emboscada e não se tinham em guarda, irrompeu de repente sobre eles, surpreendendo-os e matando, no primeiro assalto, uma parte e expulsado a outra, de tal forma que se apoderou de um quarteirão chamado Acradino, que era a melhor parte da cidade e que havia sido menos estragado, pois a cidade de Siracusa parecia estar composta de diversas cidades unidas, em conjunto. Ali encontrou grande quantidade de trigo, de ouro e de prata e não querendo mais abandonar esse quarteirão e nem voltar para dentro do castelo, fortificou com diligência aquele recinto e juntando-o ao castelo com algumas fortificações feitas às pressas, deliberou ficar e guardar um e o outro.

XXVII. Mago e ícetes já estavam muito perto de Catana, quando chegou à frente deles um cavaleiro vindo de Siracusa, que lhes trouxe a notícia de que o bairro de Acradino havia sido tomado, o que os surpreendeu e resolveram voltar rapidamente, com grande presteza, tendo falhado porém em querer tomar o que pretendiam e guardar o que possuíam. Quanto a isso, é ainda duvidoso se se deve atribuir à prudência e ao valor, ou bem ao favor da sorte. É que os dois mil soldados coríntios haviam ficado na cidade dos turinos, parte com receio das galeras cartaginesas que os espreitava de passagem sob o comando de Hanon e parte por causa do mar que por muitos dias esteve bastante alto e sempre furioso. Afinal, resolveram correr o risco de passar pelo país dos brutinos e, esforçando-se, tanto fizeram que alcançaram a cidade de Rege, embora o mar estivesse ainda muito irritado. Entrementes, o almirante dos cartagineses, Hanon, julgando que não poderiam passar, e persuadido de que ficariam sempre por lá, sem fazer nada e perdendo tempo, imaginou que havia consumado uma boa força, de sutil finura, para abusar dos inimigos: ordenou a toda a sua gente que pusesse à cabeça, chapéus de triunfo, fez ornamentar suas galeras com "boucliers", armaduras e arreios gregos e com este equipamento figurado, voltou singrando para Siracusa, indo passar, a poder de remadas, ao largo do castelo, os soldados dando grandes risadas e batendo as mãos e gritando para os de dentro que havia sido desfeito o socorro que lhes vinha de Corinto, que eles cuidavam vir das costas da Itália, na Sicília, convencidos de que assim desencorajariam grandemente aqueles que estavam cercados.

XXVIII. Mas, enquanto ele se divertia com esta infantilidade, que cuidava ser hábil engano, os coríntios haviam chegado, através do país dos brutinos, à cidade de Rege, pois ninguém mais guardava a passagem do mar e a tormenta, como por milagre, estava inteiramente apaziguada e o mar calmo e tranquilo. Embarcaram assim repentinamente, sobre barcas de passageiros e barcos de pescadores com os quais passaram à Sicília com tanta segurança e em tão grande bonança, que puderam puxar os cavalos pelas rédeas, que os seguiram nadando. Quando todos haviam passado, Timoleon recolheu-os, indo imediatamente apossar-se de Messina e de lá, marchando em formação, tomaram o caminho direito a Siracusa, confiando mais na boa sorte que o conduzia do que na força que levava, pois não tinha consigo mais do que quatrocentos combatentes. Mago, percebendo sua vinda, assustou-se e quedou atordoado, sentindo-se apossar da maior dúvida justamente numa ocasião tão difícil.

XXIX. À volta de Siracusa há charcos que recebem grande quantidade de água doce, tanto das

fontes e riachos como dos lagos e rios que ali vão desaguar no mar, e por isso na região se encontra grande quantidade de enguias, dando ensejo, em qualquer tempo, a atraentes pescarias. Os gregos que viviam a soldo de uns e de outros, quando tinham descanso, no intervalo das batalhas, distraíam-se pescando e, como falavam a mesma língua e não tinham inimizades pessoais uns contra os outros, assim quando estavam na época de combater, cumpriam seu dever, mas durante as tréguas, entretinham-se e se davam familiarmente uns com os outros, entregando-se aos prazeres da pesca, maravilhando-se com a beleza do local ao longo da costa. Houve entre eles alguns que recebiam soldo dos coríntios e deram de murmurar: — "Será possível, que vós outros, que sois de nação grega, que possuís{578} tão bela e tão grande cidade, dotada de tanta comodidade e conforto, quereis torná-la bárbara, alojando perto de{579} vós esses maus cartagineses que são os mais cruéis matadores que podem existir no mundo? Devíeis desejar, antes, que houvesse mais Sicílias entre eles e a Grécia. Sereis vós tão pouco avisados para acreditar que tenham reunido um exército de toda a África até as colunas de Hércules e até o Oceano Atlântico, a fim de vir aqui combater para estabelecer a tirania de ícetes? Este, se tivesse senso e juízo de bom capitão, não teria rejeitado aqueles que são seus antepassados e seus fundadores, para introduzir em seu país os antigos inimigos de sua pátria, mas teria tido honra e autoridade que seria razoável ele desejar, de acordo com a vontade e consentimento dos coríntios e de Timoleon".

XXX. Os soldados, que haviam ouvido a respeito, espalharam a notícia, em seus acampamentos, dando ocasião a Mago de suspeitar de alguma traição. E, com isso, ele não esperava senão alguma oportunidade para se ir, e mesmo que ícetes lhe pedisse para ficar, mostrando-lhe o quanto estavam mais fortes do que o inimigo, todavia, estimando que era a sorte mais a favor de Timoleon, que não o superava em número de combatentes, embarcou e voltou vergonhosamente à África, deixando escapar de suas mãos, sem nenhuma justificativa, a conquista de toda a Sicília. No dia seguinte ao de sua partida, Timoleon se apresentou à batalha diante da cidade e, quando os gregos e ele souberam como os cartagineses tinham fugido, o que verificaram, vendo o porto sem navios, começaram a rir e a zombar da covardia de Mago, mandando proclamar pela cidade que dariam uma boa recompensa àquele que lhes desse notícias do local para onde havia fugido o exército dos cartagineses.

XXXI. Não obstante isso, ícetes insistia ainda em querer combater, não querendo mais largar a presa que segurava, mas defender até o fim os bairros da cidade que havia ocupado. Talvez confiasse por estarem eles estabelecidos em local de acesso difícil e por verificarem que Timoleon havia dividido seu exército, ordenando que urna das tropas se dirigisse a um lugar que era considerado inacessível, onde passa o rio Anapo, enquanto outra coluna de guerreiros se preparava para assaltar ao mesmo tempo, pelo lado de Acradino sob o comando de Ísias Corintio. Afinal, uma terceira tropa do último reforço que havia vindo de Corinto, conduzida por Dinarco e Demarato, preparou-se para assaltar o bairro denominado Epípoles. Assim, o ataque sendo feito por todos os lados e ao mesmo tempo, os homens de ícetes ficaram em pouco tempo aniquilados e fugiram. É bem razoável atribuir à proeza dos combatentes e à prudência e sabedoria do capitão, ser a cidade tomada tão repentinamente e se ver entre as mãos de Timoleon, com a fuga dos inimigos, não havendo na luta nenhum coríntio morto nem ferido. É de se conjecturar que fosse propriamente obra e efeito da sorte que havia passado a favorecer Timoleon como querendo estribar e pôr à porfia a sua virtude, a fim de que aqueles que ouvissem falar de seus feitos, tivessem mais ocasião de o admirar mais como um homem feliz, do que louvá-lo como virtuoso, pois a fama dessa grande proeza não correu tão somente em poucos dias por toda a Itália, mas também pela Grécia, de maneira que os coríntios, que não podiam ainda crer que sua gente se tornasse a salvação da Sicília, compreenderam de uma vez que haviam chegado ao porto do livramento, com a vitória sobre aqueles inimigos, tanto sucederam felizmente os acontecimentos e tanto a sorte ajudou, com presteza e rapidez na beleza de seus feitos.

XXXII. Tendo então Timoleon o castelo e a fortaleza de Siracusa entre suas mãos, não fez como Dion, pois não a perdoou levando em conta a beleza e esplendor de sua construção, mas

evitando aquela mesma suspeita que havia sido a causa da calúnia contra Dion e que no fim foi causa de sua morte, fez gritar, ao som da trombeta, que os siracusanos que quisessem, que viessem com alguma ferramenta para ajudar a demolir e arruinar a fortaleza dos tiranos. Não houve homem em toda a cidade de Siracusa que não subisse incontinente e que não reputasse ser esse grito e esse dia, o início certo da recuperação de sua liberdade. Arrasaram não somente a fortaleza do castelo mas também os palácios, as sepulturas e tudo o mais que pudesse servir de lembrança dos tiranos. Tendo a praça, em poucos dias, ficado limpa e aplainada, Timoleon fez edificar salas e auditórios para manter a justiça, a pedido dos habitantes da cidade e assim restabeleceu a liberdade, suprimindo o domínio tirânico. Mas, vendo que havia recuperado uma cidade onde não havia mais habitantes, porque uns estavam mortos pelas guerras e dissensões civis, e outros haviam fugido com o medo de ter que viver sob o domínio dos tiranos, de tal forma se despovoara a cidade, que na grande praça de Siracusa o capim havia crescido tão alto que os cavalos ali pastavam e os palafreneiros dormiam.

As outras cidades, exceto algumas poucas, estavam cheias de veados e javalis, de tal forma, que muitas vezes, aqueles que se achavam de repouso, caçavam dentro dos arrabaldes e das fossas próximas das muralhas. Não havia ali ninguém dos que habitavam os castelos e praças fortes dos campos, que quisesse sair para voltar a morar nessas cidades, tanto estavam assustados e tamanho era o ódio e horror às assembleias do conselho, às arengas e à intervenção do governo, do qual havia saído tantos tiranos. Verificando Timoleon esta desolação e também o pequeno número de siracusanos que havia escapado, que estes mesmos foram de aviso que se escrevesse aos coríntios, pedindo-lhes enviassem habitantes da Grécia para povoar a cidade de Siracusa, porque, do contrário, as terras ficariam inúteis sem ser cultivadas. Além de tudo, esperavam já uma grande guerra da África, estando avisados como estavam, de que os cartagineses haviam pendurado numa cruz o corpo de seu capitão general Mago, que se matara por causa de seu mau comportamento naquela incumbência, e preparavam um outro poderoso exército para voltar no ano seguinte e recomeçar a guerra na Sicília.

XXXIII. As cartas de Timoleon estavam sendo levadas a Corinto quando ali chegaram também os embaixadores de Siracusa, que suplicaram ao povo para tomar a seus cuidados e proteger sua pobre cidade. Os coríntios não se mostraram nada avarentos, nem mesmo tentados pela cobiça em ser senhores de tão bela e tão grande cidade, mas enviaram primeiramente, a todas as assembleias, festas solenes e jogos públicos da Grécia, ao som da trombeta, a notícia de que tinham desfeito a tirania de Siracusa e expulso os despotas e, assim, chamavam os siracusa nos fugitivos de seu país, bem como os sicilianos que ali quisessem voltar a habitar, num ambiente de liberdade, com promessa de serem divididas as terras, justa e equitativamente, tanto a uns como a outros. Depois enviaram também mensageiros à Ásia e por todas as ilhas onde julgavam existir banidos de Siracusa, admoestando-os e aconselhando-os a virem a Corinto, onde lhes seriam dados navios, capitães e meios para, com segurança, se conduzirem até dentro de Siracusa.

A cidade de Corinto se tornou digna, assim, de gl orioso louvor e da bênção de cada um, livrando a Sicília da servidão dos tiranos, preservando-a para que não caísse nas mãos dos bárbaros e repondo os seus cidadãos em seu país e em suas casas.

Todavia, os da Sicília que, atendendo aquela proclamação, se reuniram em Corinto, não se julgando em número suficiente, solicitaram aos coríntios em receber com eles também outros habitantes, tanto de sua própria cidade, como de todos os lugares da Grécia. Isto foi feito e reuniram-se então cerca de dez mil, os quais embarcaram para Siracusa, onde já havia outro grande número que se havia reunido diante de Timoleon, tanto da Sicília como de toda a Itália, de maneira que todos reunidos formavam até o número de sessenta mil, conforme

Atanis escreve e entre os quais ele dividiu todo o território, vendeu as casas, até o valor de seiscentos mil escudos, facultando aos cidadãos naturais da cidade recuperar as suas posses por esse meio, para que o povo, que era extremamente pobre, tivesse dinheiro em comum para fazer frente, tanto aos negócios e necessidades públicas como às despesas da guerra. Até as estátuas foram vendidas, dando o povo sua sentença por maioria, sobre cada uma delas, pois foram levadas à justiça e acusadas, como se fossem homens vivos. Dizem que os siracusanos reservaram então a estátua de Gelon, antigo tirano de sua cidade, honrando sua memória, por causa de uma grande vitória que havia ganho perto da cidade de Himere sobre os cartagineses, mas condenaram todas as outras a serem retiradas dos lugares públicos e vendidas.

XXXIV. Assim começou a cidade de Siracusa a ser povoada, pouco a pouco, para ali acorrendo gente de todos os lados. Por esse meio Timoleon pensou livrar também as outras cidades, para destruir e tirar as raízes, em todos os pontos, da tirania da Sicília, para o que chegou mesmo a guerrear dentro de suas casas. O primeiro a quem se dirigiu foi ícetes, que obrigou a abandonar a aliança com os cartagineses, o qual prometeu que demoliria as fortalezas que possuía e viveria como um cidadão qualquer, dentro da cidade dos leontinos. Também Léptino, que foi tirano da cidade de Apolônia e de diversos outros vilarejos dos arredores, vendo-se em perigo de ser preso, rendeu-se, o que fez com que Timoleon lhe salvasse a vida, enviando-o a Corinto, apreciando que seria coisa honrosa para o seu país que os outros gregos vissem na cidade metropolitana os tiranos da Sicília vivendo pobre e abertamente como banidos. Isto feito, voltou Timoleon a Siracusa para ali tomar parte no estabelecimento da administração, ajudando Céfalo e Dionísio, dois grandes personagens que haviam mandado de Corinto para reformar as leis e organizar os negócios públicos.

Entrementes, como os soldados queriam tirar qualquer proveito dos inimigos e não ficarem inativos, enviou-os sob a direção de Dinarco e Demarato às regiões que se achavam debaixo da obediência dos cartagineses e lá fizeram rebelar contra os bárbaros diversos vilarejos, e não somente vasculharam e pilharam com abundância todos os seus bens, mas ainda juntaram dinheiro para manutenção da guerra.

Enquanto isto, os cartagineses desceram em Lilibéia com um exército de setenta mil combatentes, duzentas" galeras e mil outros navios que traziam engenhos de bateria, carriolas, víveres e outras provisões e munições necessárias para um acampamento, com intenção, não de guerrear assim a miúdo, mas de expulsar de uma só vez os gregos de toda a Sicília, inteiramente, pois era também uma força suficiente para subjugar os sicilianos, ainda que não estivessem avisados, embora unidos uns com os outros. Avisados de que percorriam suas terras e país, eles correram incontinente, encolerizados{580}, e se colocaram sob o comando de Asdrúbal e de Amílcar, os dois chefes de seu exército.

XXXV. Logo que a no tícia da incursão chegou a Siracusa, os habitantes da cidade ficaram sobremaneira amedrontados, ao terem conhecimento de uma força tão grande, que teria de ser enfrentada apenas com três mil homens, que tiveram coragem de pegar armas ao lado de Timoleon. Havia, é verdade, quatro mil aliciados estrangeiros, dos quais mil debandaram na metade do caminho e voltaram correndo, covardemente{581}, dizendo que Timoleon se achava fora do seu bom senso e temerário em excesso para sua idade, ao pretender enfrentar, com cinco mil combatentes a pé e mil cavalarianos, cerca de setenta mil guerreiros, afastados de Siracusa na distância de oito dias de viagem. Assim, no caso de se dar uma fuga, não teriam onde se esconder nem se salvar, bem como não teriam quem tomasse o cuidado de os amortalhar e enterrar, se fossem mortos. Todavia, Timoleon achou de maior benefício para ele, que aqueles desertores se tivessem mostrado tais como eram, em boa hora, antes da batalha. Esperando o inimigo, falou e encorajou os seus soldados e os fez marchar apressadamente em direção ao rio Crimisa onde, segundo fora avisado, estavam acampados

os cartagineses. Escalada uma pequena encosta, viu do alto, efetivamente, o acampamento inimigo do outro lado.

Chegando nessa ocasião, por acaso, ao seu acampamento, alguns burros carregados com a verdura denominada aipo, os soldados se encolerizaram, dizendo que aquilo significava um mau presságio, devido ao costume de se coroar com aquela verdura as sepulturas dos mortos, do que derivou o provérbio citado quando alguém se achava muito doente, de que não era preciso mais senão o aipo, isto é, a sepultura.

Timoleon, desejando destruir em seus espíritos esta superstição, bem como reanimá-los com uma nova coragem, fez parar as tropas e, depois de fazer aos seus comandados algumas observações sobre o tempo, o descanso e aquela ocasião, disse que a coroa se apresentava por si mesma diante deles, nas suas mãos, antes da vitória, pois os coríntios costumavam premiar em sua terra, coroando-os com chapéus de aipo, aqueles que vencem nos jogos ístmicos. Seria então aquela, a oportunidade de receberem também eles, o prêmio da vitória dos jogos solenes, a coroa de aipo de Nemeu, pois não fazia muito tempo que estavam usando, para tal fim, dos ramos da árvore do pinho.

XXXVI, Tendo assim se dirigido a sua gente, Timoleon fez, ele mesmo, um chapéu de aipo e cobriu a cabeça, no que foi seguidamente imitado pelos soldados. No mesmo instante em que isto se dava, os adivinhos perceberam duas águias que voavam para sua direção, uma das quais tinha, em suas garras, uma serpente que apertava de quando em vez, enquanto a outra, voando, crocitava agudamente e com firmeza, como que inspirando segurança. Mostradas aos soldados, começaram todos, a uma voz, a invocar os deuses em sua ajuda. Ora, como estavam no começo do verão, quase no fim do mês de maio{582}, e o sol já se aproximava do solstício, levantou-se no rio uma grossa cerração, de sorte que todo o campo ficou coberto pelo nevoeiro e o acampamento inimigo desapareceu completamente. Ouviam-se, porém, as vozes confusas dos soldados cartagineses, em grande alarido, que subiam até a encosta onde se encontravam os coríntios. Quando estes colocaram em terra seus broqueis e escudos para respirar um pouco, o sol foi aos poucos levantando o nevoeiro até acima dos outeiros, onde o ar começou a ficar espesso e grosso, de maneira que os cumes das montanhas ficaram cobertos de nuvens enquanto que em baixo, a planície se tornava limpa, o ar purificado. Assim, podia-se ver claramente o rio Crimisa e suas adjacências, onde os inimigos passavam em ordem. À frente, colocaram eles as carretas de guerra, armadas e equipadas assustadoramente. Atrás, vinham dez mil homens a pé, conduzindo boucliers brancos, o que demonstrava, mesmo de longe, pelo equipamento, a boa ordem e maneira grave como estavam marchando, que eram cartagineses, depois dos quais vinham os guerreiros de outras nações, misturados, em grande desordem.

XXXVII. Timoleon, observando o que acontecia, concluiu que o rio lhe daria oportunidade de alcançar a metade do exército, com grandes possibilidades de vitória. Apontando aos seus soldados o inimigo assim dividido em dois pelo rio, porquanto uns já o haviam atravessado e outros não, ordenou a Demarato que dirigisse a cavalaria e começasse a carregar sobre os primeiros para impedi-los de formar linha para a batalha, enquanto que a infantaria, descendo à planície e cedendo aos outros sicilianos duas pontas de seu batalhão e misturando entre eles certo número d e soldados estrangeiros, no meio dos quais se encontrava o próprio Timoleon, que retinha em torno de si os naturais de Siracusa com a elite dos legionários de outros países, não cessaram os infantes sua arremetida contra os cartagineses, pois também verificaram que a cavalaria pouco estava fazendo. É que as carriolas armadas, que corriam e volteavam constantemente diante dos cavalarianos, os obrigavam também a reviravoltas contínuas, se não quisessem se expor ao perigo de uma completa exterminação. Timoleon, então, tomando um escudo sobre o braço, bradou em alta voz aos infantes que o seguissem valentemente e nada temessem. Os que o ouviram, acharam sua voz como que fora do

natural, mais forte e poderosa do que de costume, talvez porque o ardor e vontade de combater lhe forçassem assim a voz, ou então devia ser algum deus que justamente naquela hora o ajudava a gritar. O fato é que seus soldados, impressionados com o que acontecia responderam da mesma forma e pediram que os conduzisse. Ordenou então Timoleon aos cavaleiros que se retirassem da frente das carretas, pois que a infantaria se preparava para atacar os cartagineses pelos flancos. Juntando escudo com escudo, broquel a broquel, os que se achavam na vanguarda do batalhão, ao som das trombetas, investiram contra os inimigos, os quais apararam valentemente esse primeiro ataque, pois estavam bem armados e traziam o corpo defendido por uma espécie de colete de ferro e capacetes de cobre, e, com os seus grandes escudos, repeliam os golpes dos dardos e das lanças.

XXXVIII, Mas, ao ser iniciado o combate a espada, quando mais vale a destreza e a arte do que a força, sobreveio repentinamente uma forte tempestade acompanhada de relâmpagos e trovões, pois as nuvens escuras e espessas que antes cobriam os cumes das colinas, vieram descarregar na planície um temporal impetuoso, com ventania violenta e granizo.

A tempestade vinha do lado dos gregos e alcançava pela frente os bárbaros, dando-lhes a chuva nos rostos e ofuscando-lhes os olhos. Assim, continuamente fustigados por aquela torrente e pelo vento cortado de relâmpagos, desapareceu de momento a cooperação, pois ninguém esperava pelo outro. Isto trazia sérios contratempos àqueles que não estavam habituados às armas.

O barulho que fazia o vento impetuoso e o granizo batendo sobre seus arreios, atrapalhavam de tal forma os guerreiros, que não podiam ouvir as ordens de seus capitães. Também a lama prejudicava bastante os cartagineses, que não se tinham livrado de seus arreios, mas pesadamente armados como já dissemos, quando as dobras de suas alabardas foram embebidas de água, encheram-se ainda mais, impedindo-os de combater à vontade, o que auxiliou os gregos a pô-los facilmente por terra e, uma vez caídos na lama com suas armas pesadas, não podiam mais se levantar.

O rio Crimisa, muito cheio, não só devido a esta grande devastação das chuvas como pela multidão de soldados que o atravessava, transbordou na planície, a qual, situada abaixo de um grande número de fossas, vales e cavernas, foi incontinente inundada e cortada de riachos e torrentes, que corriam pelo campo sem nenhum leito ou canal certo. No meio dessas águas, os cartagineses encontravam-se como que embrulhados, sem poderem se desprender e, finalmente, por força da tormenta que caía sempre e cada vez mais forte, foram mortos desde a chegada dos gregos quatrocentos dos melhores homens que possuíam e que formavam a primeira linha na frente da batalha. O resto das tropas começou então a se pôr em fuga por todos os lados e, muitos deles, seguidos de perto, foram espetados pela espada inimiga na planície mesmo. Outros, embaraçando-se no meio daqueles que ainda atravessavam o rio, foram levados e afogados pela impetuosidade da corrente. O maior número, procurando ganhar os outeiros dos arredores, foi atingido e passado ao fio da espada. Dizem que dos dez mil homens que ficaram mortos nessa batalha, três mil eram burgueses naturais de Cartago, o que causou um grande luto e uma grande perda para aquela cidade, pois não se encontravam ali mais nobres, mais ricos nem mais amáveis companheiros e nem mais valentes homens do que aqueles. Não havia mesmo, na lembrança do seu povo, nenhum desastre igual nas guerras precedentes em que tivessem morrido, em um só dia, tantos cartagineses como daquela vez, porque estavam acostumados a se servir, em suas guerras, de líbios, espanhóis e nômades, e por esse meio recebiam as derrotas e perdas das batalhas a expensas e prejuízo de outrem.

Identificaram-se bem o estado e a qualidade dos mortos pelos seus despojos, pois aqueles que os pilharam, não se divertiram muito em recolher e guardar o cobre e o ferro, porque acharam bastante ouro e prata, pois ganha a batalha, os gregos passaram o rio e tomaram o acampamento dos bárbaros com seus animais e sua bagagem. Quanto aos prisioneiros, os soldados os roubaram e consumiram muitos deles, mas assim mesmo se apresentaram cerca de cinco mil, tendo também sido tomadas duzentas carriolas de guerra.

XXXIX. Um espetáculo magnífico, porém, foi a tenda do capitão-general Timoleon, em volta da qual se viam despojos de toda sorte, entre os quais se achavam mil coletes de manufatura sem igual e dez mil boucliers. Sendo os vencedores em pequeno número para despojar os mortos e vencidos, que eram em grande quantidade, acharam bem como se enriquecer, no que gastaram três dias. No fim do terceiro dia depois da batalha, levantaram, o troféu da sua vitória.

Timoleon enviou a Corinto, com a notícia da vitória, os mais belos e melhores arr eios e equipamentos que foram encontrados na pilhagem, a fim de os entregar a seu país e à cidade de seu nascimento, naquela hora a mais digna de ser abençoada por todo o mundo e toda a Grécia, atendendo ao fato do que ela era a única, entre todas as cidades gregas, onde se viam os principais templos ornados e decorados, não de despojos do povo grego nem de oferendas conquistadas por homicídios e efusão de sangue daqueles que eram da sua mesma língua e mesma nação, o que na verdade implica numa das piores lembranças, mas de armas tiradas aos bárbaros com inscrições que testemunhavam a valentia e a justiça daqueles que os haviam vitoriosamente conquistado, isto é, os coríntios e seu capitão Timoleon que, tendo livrado os gregos habitantes da Sicília da escravidão dos cartagineses, haviam feito essas oferendas aos deuses para lhes render graças pela vitória.

XL. Isto feito, Timoleon, deixando os estrangeiros que tinha a seu soldo nas províncias dos cartagineses para que ali tratassem de pilhar, estragar e arruinar tudo, voltou com o restante de sua armada a Siracusa, onde de início expulsou os mil soldados que o haviam abandonado, com uma ordem expressa de saírem da cidade antes do pôr do sol. Assim passaram esses mil desleais sediciosos à Itália, para onde foram sob promessa de paz{583}, porém todos foram despedaçados pelos brutinos, tal foi o castigo que os deuses os fizeram pagar pela sua traição.

XLI. Mamerco, tirano de Catana e ícetes, por inveja que tivessem pela glória dos belos feitos de Timoleon ou por medo dele, vendo que os tiranos não podiam encontrar ambiente no país nem acordo com ele, fizeram aliança com os cartagineses e lhes escreveram que enviassem um outro exército e um capitão, rapidamente, se não quisessem ser expulsos de toda a Sicília, inteiramente. Os cartagineses então enviaram Giscão, com setenta barcos, o qual, à chegada, pôs a seu soldo um bom número de soldados gregos, que foram os primeiros dentre aqueles que os cartagineses tiveram até então a seu serviço e que eram considerados homens invencíveis e os melhores combatentes de todo o mundo. Ainda mais, os habitantes do território de Messina, tendo feito uma conspiração secreta entre eles, mataram quatrocentos homens que Timoleon lhes havia enviado e nas terras de jurisdição dos cartagineses, junto de um lugar chamado Híera, houve uma outra emboscada dirigida a Eutímio Leocádio, na qual ele e todos os seus soldados foram cortados em pedaços. A derrota daqueles, porém, tornou ainda mais famosa a prosperidade e a boa sorte de Timoleon, porque pertenciam eles ao grupo que, pela força, havia ocupado o templo de Apolo na cidade de Delfos, com Filodemo{584} e com Onomarco, e haviam participado de um sacrilégio, sendo por isso odiados de todo o mundo e foragidos como gente excomungada e maldita, errantes daqui e dali pelo país da Moreia{585}.

Timoleon, na sua partida, os havia recolhido na falta de outros. Na Sicília, eles haviam sempre vencido em todas as batalhas e encontros onde Timoleon se achava, mas no fim, depois que o objetivo principal da guerra foi atingido, foram enviados por ele com a incumbência de socorrer outras províncias, onde morreram todos, não juntos, mas em diversas vezes, de tal forma, que parece propriamente que a justiça divina agiu em favor de Timoleon, escolhendo-os, para os fazer pagar o castigo devido a sua maldade e separando-os para que os bons não sofressem algum dano com o castigo dos maus. Assim, a benevolência dos deuses para com Timoleon, era admirável, sendo em menor número as coisas que se davam contra ele do que aquelas que sucediam para o seu bem.

Todavia, a comuna de Siracusa suportava com pouca paciência alguns toques de crítica que lhes faziam e diziam os tiranos, pois Mamerco, entre outros, com muito apreço a si próprio, porque sabia fazer versos e compunha algumas tragédias, tendo tido em alguns encontros vantagem sobre os estrangeiros que os siracusanos mantinham a seu soldo, fazia disso grande alarde, dedicando os boucliers que havia ganho aos templos dos deuses e anexando estes versos picantes de desprezo e de crítica aos vencidos:

Esses belos escudos de púrpura coloridos,

De marfim e de ouro ricamente lavrados,

Havíamos ganho por força, e tomados

Com boucliers de bem pequeno preço.

XLII. Isto feito, Timoleon levou seu exército para diante da cidade de Calábria enquanto ícetes, entrando à mão armada nas terras dos siracusanos, correu toda a parte baixa onde fez grande quantidade de presa. Depois de ter devastado aquela zona, voltou, passando ao longo da Calábria para agastar Timoleon, sabendo, como sabia, que ele tinha pouca gente consigo. Este deixou-o passar e depois foi atrás com sua cavalaria e sua infantaria. ícetes, avisado, atravessou o rio Damirias e parou do outro lado como para combater, confiando na firmeza do curso do rio e na altura de ambas as suas margens. Deu-se então uma contenda interessante entre os chefes de grupos de Timoleon, pois não houve um que quisesse ficar atrás de seu companheiro, pois queriam todos ser os primeiros a ter a honra de começar a carga, de maneira que não havia necessidade de ordem para o combate, tanto eles se empurravam e desejavam passar cada um à frente de seu companheiro. Diante disso, Timoleon resolveu tirar a sorte para ver quem passaria primeiro. Tomou de cada um deles um anel, jogou-os todos juntos dentro da dobra de sua túnica, misturou-os e tirou por acaso um, no qual havia a figura de um troféu gravada. Vendo isto, os jovens capitães gritaram de alegria e, sem esperar mais, começaram a atravessar o rio o mais depressa que cada um podia e deram logo de carregar sobre os inimigos, os quais não podendo sustentar o ímpeto do ataque, começaram a fugir e foram despojados inteiramente de suas armas, deixando cerca de mil cadáveres sobre o campo.

XLIII. Poucos dias depois Timoleon, conduzindo seu exército à frente da cidade dos leontinos, aprisionou ícetes vivo com seu filho Eupolemo e{586} o general de sua cavalaria, os quais foram entregues em suas mãos pelos seus próprios soldados. Foram ícetes e seu filho condenados a morte como traidores e tiranos e Eutidemo, embora fosse homem valente e corajoso na guerra, não encontrou misericórdia devido uma palavra injuriosa que o incumbiram de dizer contra os coríntios. Pois, segundo dizem, quando estes vieram a p rimeira vez à Sicília para ali

combater os tiranos, em uma arenga que fez diante dos leontinos, disse entre outras coisas que não deviam mais ter medo nem se assustar, pois lá fora estavam as mulheres co ríntias{587}.

É que a maioria dos homens de bem muitas vezes se ofende mais com as palavras maldosas e suportam com paciência uma ofensa que não é acompanhada de injúria e perdoam aos inimigos quando estes se vingam com atos, mas as palavras injuriosas parecem proceder de um ódio e de uma maldade excessivas.

XLIV. Na espera, retornando Timoleon a Siracusa, os habitantes da cidade conduziram perante a justiça as mulheres de ícetes, seu filho e suas filhas, os quais, feito o processo, foram todos por sentença do povo condenados a morte. É de todos os atos de Timoleon aquele que parece o mais desagradável, pois se quisesse, poderia muito bem impedir que essas pobres mulheres fossem mortas, mas pouco se incomodou, abandonando-as ao furor de seus concidadãos, que queriam vingar sobre elas os danos que haviam feito a Dion, depois de ter sido expulso pelo tirano Dionísio, pois foi ícetes que afogou no mar Areta, a mulher de Dion, sua irmã Aristomaca e seu filho que era ainda criança, como escrevemos alhures na vida de Dion. Isso feito, Timoleon marchou contra Mamerco, em Catana, que o esperou junto do rio Abolo{588}, onde foi derrotado, aí morrendo mais de dois mil homens, que na maior parte eram cartagineses que Giscão havia enviado em seu socorro. Depois garantiu a paz aos cartagineses, que a tinham pedido e concedeu, sob condição, que ficassem com o que se achava além do rio Lico{589}. Contudo, poderiam os habitantes que quisessem sair para ir morar no território dos siracusanos, podendo igualmente transportar, quando quisessem, seus bens, suas mulheres e suas crianças. Além disso, daí em diante os cartagineses renunciaram a toda confederação e toda aliança com os tiranos. Diante disso Mamerco resolveu ir para a Itália, procurou convencer os lucanianos contra Timoleon e contra os siracusanos, mas aqueles que estavam em sua companhia voltaram com suas galeras do meio do caminho e, lego de volta à Sicília, entregaram a cidade de Catana nas mãos de Timoleon, de tal forma que Mamerco foi obrigado a se salvar e refugiar-se em Messina, onde Hipon era tirano, mas Timoleon ali o perseguiu e assediou a cidade por mar e por terra. Hipon, temeroso, cuidou de fugir em um navio, mas foi preso na saída e os messinianos, tendo-o entre suas mãos levaram as crianças da escola para o teatro, para que pudessem ver um dos mais belos espetáculos jamais vistos, a saber, o castigo do tirano, o qual foi chicoteado publicamente e depois condenado a morte.

XLV. Quanto a Mamerco, rendeu-se a Timoleon para ser julgado pelos siracusanos, contanto que Timoleon não fosse seu acusador. Foi levado a Siracusa onde experimentou proferir diante do público uma arenga que de há muito havia pensado e composto, mas vendo que o povo gritava e fazia barulho para não ouvir, verificou que não havia a menor esperança de ser perdoado. Pôs-se então a correr através do teatro e foi dar com a cabeça, o quanto pôde, contra um dos degraus de assento, tentando quebrá-la para morrer logo, mas não conseguiu o seu intento, pois foi preso ainda vivo e punido com a mesma pena com que se castigam os malfeitores e ladrões.

XLVI. Assim Timoleon ia cortando e arrancando pela raiz as tiranias da Sicília e abolindo as guerras, pois no lugar onde havia encontrado a ilha assustada, selvagem e odiada mesmo pelos, nativos, pelos males e misérias que haviam suportado, tornou-a tão doce e tão desejada aos estrangeiros, que vinham de longe para ali morar, nos mesmos lugares de onde os habitantes naturais fugiam antes.

Agrigento{590} e Gela, duas grandes cidades que desde a guerra dos atenienses estavam inteiramente desoladas e destruídas pelos cartagineses, foram repovoadas, uma por Megelo e Feristo, dois capitães que vieram de Eléia{591} e o outra por Gorgo que veio da ilha de Céo{592}, os quais reuniram o mais que puderam dos primeiros cidadãos e velhos burgueses das referidas cidades. A eles Timoleon deu não somente segurança, paz e tranquilidade para poderem morar e se estabelecer à sua vontade como também ajudou-os afetuosamente em todas as outras coisas, segundo o poder e os meios que tinha a seu alcance, pelo que foi amado e honrado por todos, como seu pai e seu fundador. Esta afeição era comum em todos os outros povos sicilianos, de maneira que não havia em toda a Sicília conhecimento de guerras, nem leis estabelecidas, nem departamento de terras ou instituição de polícia e de governo que fosse julgado bom, se Timoleon não lhe houvesse posto a mão, come mestre principal da obra, à qual anexava uma graça especial que a fazia como que amada dos deuses e do agrado universal de todos os homens.

XLVII. Por esse tempo passaram por ali outros grandes personagens da Grécia que realizaram grandes feitos, entre os quais, Timóteo, Agesilau, Pelópidas e Epaminondas{593}. A este último Timoleon parecia mais se confundir e parecer-se do que com qualquer outro, mas em todos os cometimentos desses outros grandes capitães, onde se encontra sempre um esplendor misturado de violência, luta e trabalho, de tal forma que alguns de seus atos foram seguidos de admoestações, outros de arrependimento. Ao contrário, os feitos de Timoleon, exceto somente o que foi constrangido a fazer na pessoa de seu irmão, não há nada onde não se possa em verdade confirmar, como disse Timeu, a sentença desses versos de Sófocles:

Qual Vénus, qual Cupido humano

(Ó deus do céu) tem aqui posto a mão?

E assim, tanto a poesia de Antímaco como a pintura de Dionísio, todos os dois colofonianos, são plenos de vida e de vigor, mas vê-se logo que foram obras trabalhadas e feitas com penas e trabalho. Em oposição, os trabalhos de Nicômaco e os versos de Homero, embora a graça e perfeição que neles se encontram, nota-se logo à primeira vista que foram produzidos à vontade e sem grandes lutas. Também quem quiser comparar as guerras e as batalhas laboriosas e sangrentas de Epaminondas e de Agesilau com as de Timoleon, as quais, além da justiça e da equidade, foram ganhas com grande comodidade e facilidade, encontrará, pesando as coisas na balança do direito e da razão, que não foram produzidas pela sorte simplesmente, mas pelas suas virtudes, o que ele atribuiu à sorte, pois nas cartas familiares que escreveu a seus amigos de Corinto e em alguns discursos que fez diante do povo de Siracusa, disse por diversas vezes que rendia graças aos deuses, porque tendo procurado salvar e libertar da escravidão a Sicília, teve prazer em se servir de si mesmo e ligar o seu nome a tal evento. Tendo mandado construir dentro de sua residência um templo, dedicou-o{594} à sorte e sacrificou-lhe. Mas ainda, consagrou e dedicou também toda a sua casa à{595} sagrada sorte, casa esta que os siracusanos reservaram e lhe deram como recompensa pelos bons e grandes serviços que lhes havia prestado, da qual fazia parte um grande terreno, onde ficavam ele e os seus quando em descanso, a maior parte do tempo, pois não voltou jamais a Corinto, mas fez vir sua mulher e seus filhos para junto de si.’ Não se intrometeu mais nas disputas que depois surgiram entre os gregos, nem se expôs mais à inveja de seus concidadãos, à qual, a maior parte dos governadores e capitães, ordinariamente entregavam a cabeça, levados pela grande e insaciável cobiça de honrarias e de autoridade, e assim se manteve, no resto de seus dias na Sicília, aproveitando dos bens que ele mesmo havia produzido, dos quais o principal e o maior era ver tantas cidades e tantos milhares de criaturas felizes com o auxílio que lhes tinha prestado.

XLVIII. Mas, assim como, segundo se diz, não pode faltar às andorinhas as penas sobre a cabeça, como diz Simonides, assim também, em todas as cidades dirigidas por um governo popular, não fazem falta os caluniadores. Encontraram-se dois destes em Siracusa, que estavam acostumados a produzir discursos diante do povo. Um chamava-se Lafistio e o outro

Demeneto, dos quais o primeiro pretendia discutir diante da multidão alguns casos, porém, seus concidadãos amotinaram-se e não quiseram mais que a reunião tivesse lugar. Timoleon acalmou-os e, lembrou-lhes o que havia sofrido e os perigos a que estivera exposto, justamente para que os siracusanos pudessem livremente usar da franqueza e da liberdade das leis.

Uma outra vez Demeneto, em plena assembleia do povo, reprovou diversas coisas por ele praticadas quando era capitão. Timoleon a isso não respondeu nada, mas somente disse ao povo que rendia graças aos deuses de lhes haver concedido o que muitas vezes suplicou e pediu em suas orações, isto é, que pudesse ver os siracusanos em plena franqueza e liberdade poder dizer tudo o que lhes aprouvesse.

XLIX. Timoleon, portanto, na opinião de todo o mundo, praticou as mais belas e as maiores ações, como nenhum outro capitão grego de seu tempo, e levantou, sozinho, os prêmios dessas gloriosas empresas, as quais os retóricos estavam acostumados a instigar aos gregos nos seus discursos pronunciados em assembleias, festas e jogos públicos da Grécia. Assim, foi ele transportado puro e limpo pela sorte, antes das perturbações das guerras civis entre os gregos, que se sucederam logo após, fez as provas de conhecimento nas artes da guerra, de sua coragem contra os bárbaros e contra os tiranos e, para com seus amigos e geralmente para com todos os gregos, mostrou-se homem reto e clemente. Ainda mais, tendo ganho a maior parte de suas vitórias e de seus troféus, sem que os seus derramassem lágrimas, nem vestissem luto e tendo tornado a Sicília, no espaço de menos de oito anos, livre das misérias e calamidades que aí reinaram tão longo tempo, estando já bem avançado em anos, sua vista começou primeiro a diminuir e pouco depois perdeu-a completamente. Não que houvesse feito qualquer coisa que tivesse dado ocasião a esta doença, nem que a sorte o tenha assim casualmente ultrajado, mas foi, em minha opinião, um acidente derivado de um mal hereditário de sua família, pois segundo se diz, muitos de seus parentes haviam semelhantemente perdido a vista, que pouco a pouco, com a idade, lhes ia diminuindo. Todavia, o historiador Atanis escreve que, ainda durante a guerra que teve contra Mamerco e Hipon, quando se achava em seu acampamento em Miles{596}, sobreveio-l he como que uma teia sobre os olhos, que lhe escureceu a vista de tal sorte, que cada um percebeu que bem cedo a perderia completamente. Mas, nem por isso levantou seu cerco, mas continuou sua empreitada até que finalmente aprisionou os dois tiranos.

Logo que chegou a Siracusa, demitiu-se ele mesmo do cargo de capitão-general, suplicando os cidadãos de se contentarem com o que havia feito até então, atendendo mesmo que os negócios estavam conduzidos ao fim, tal como eles podiam desejar.

L. Ora, que tenha suportado tão pacienteme nte este seu sofrimento, ao perder inteiramente a vista, não é coisa pela qual se possa maravilhar tanto. Mas, o que merece ser admirado é a demonstração de honra e de reconhecimento pelos benefícios que lhe fizeram os siracusanos depois de ter ficado cego, indo eles mesmos com frequência visitá-lo, levando os visitantes estrangeiros até sua casa na cidade e até a propriedade que tinha nos campos, para que vissem seu benfeitor, alegrando-se e tendo em grande honra o ter ele escolhido terminar o resto de seus dias com eles e ter desdenhado a gloriosa volta que estava preparada na Grécia pelas grandes e felizes batalhas que havia ganho na Sicília. Mas, entre muitas outras coisas que os siracusanos fizeram e ordenaram em sua honra, aquela que a meu ver é uma das principais, foi o decreto, por edital perpétuo, segundo o qual, todas as vezes que tivessem guerra contra povos que não fossem da mesma nação, servir-se-iam de um capitão coríntio.

LI. Era também digno de se ver o que faziam para honrá-lo em suas assembleias de conselho. Quando a questão tratada se referia a algum negócio de pequenas consequências, julgavam e despachavam eles mesmos sozinhos, mas se o assunto requeria maior deliberação, mandavam chamá-lo e lá se ia ele dentro de sua liteira, através da praça, até o teatro onde se achava a assembleia do povo, ali penetrando assim mesmo como estava, sentado. O povo, a uma só voz, saudava-o e ele lhes retribuía também seu cumprimento e depois de consentir, durante algum tempo, em ouvir os louvores e bênçãos que toda a assembleia lhe rendia, propunham-lhe o negócio em discussão. Dada a sua palavra a respeito, a qual era passada depois ao povo, que a sufragava, seus servidores o colocavam novamente em sua liteira e lá se ia ele, atravessando de volta o teatro. Os cidadãos acompanhavam-no algum tempo com exclamações de alegria e batendo as mãos e depois voltavam e punham-se a despachar como antes o resto dos negócios públicos.

LII. Estando sua velhice assim mantida em tal honra, com o amor e a boa vontade de todos, como se fosse um pai comum, por fim sobreveio-lhe um leve acidente de enfermidade do qual morreu{597}.

Foram dados aos siracusanos alguns dias para fazerem os aprestos de seus funerais e aos vizinhos dos arredores para poderem vir assisti-los. Dessa forma, o cortejo fúnebre foi de rara magnificência em todos os detalhes e também porque, por ordem do povo, foram escolhidos os mais honestos jovens nobres da cidade para carregarem sobre seus ombros o caixão bem ornado e ricamente enfeitad o, dentro do qual estava o corpo, com o qual atravessaram assim a praça onde havia antes o palácio e o castelo do tirano Dionísio, agora demolido. Diversos milhares de pessoas o acompanharam, todas coroadas com chapéus de flores e trajadas de belas vestes, de maneira que parecia mais ser a procissão de alguma festa solene. Todos os comentários, louvores e palavras de bênção sobre o defunto, eram proferidas com lágrimas quentes nos olhos, as quais testemunhavam que aquela demonstração de pesar não era uma espécie de quitação que lhe davam, nem porque ele houvesse assim ordenado, mas pela justa falta que sentiam de sua pessoa e por uma liberal afeição de verdadeiro amor e reconhecimento que lhe devotavam.

LIII. Finalmente, o leito mortuário, tendo sido depositado sobre a fogueira onde devia ser queimado, Demétrio, um dos arautos que tinha a voz mais alta e mais altiva, pronunciou o decreto, que tinha sido ordenado pelo povo, cuja substância era esta: — O povo de Siracusa ordenou que aqui presente, o corpo de Timoleon coríntio, filho de Timo-demo, seria exumado às custas do Estado, até a soma de dois mil escudos e que seria honrada sua memória com jogos e tomada de música, corridas de cavalo e exercícios físicos, os quais celebrarão anualmente no dia de sua morte para todo o sempre; e isto por haver expulso os tiranos da Sicília, derrotado os bárbaros, repovoado diversas grandes cidades que tinham ficado desertas e devastadas pelas guerras e finalmente por haver restituído aos sicilianos a franqueza e liberdade de viver segundo suas leis". Depois sua sepultura foi edificada sobre a praça, à volta da qual edificaram, algum tempo depois, clausuras e pórticos para exercitar a juventude.

O parque e o recinto foram denominados Timoleontium e, enquanto observaram as leis e o governo que havia estabelecido, viveram por muito tempo em grande e contínua prosperidade.

COMPARAÇÃO ENTRE AS VIDAS DE PAULO EMÍLIO E TIMOLEON

Tais foram estes personagens, segundo o que se encontra nas suas histórias. É evidente que, conferindo um com o outro, não encontraremos muita diferença nem dissimilitude entre eles, pois as campanhas que conduziram foram contra grandes e famosos adversários, um contra os macedônios, o outro contra os cartagineses e suas vitórias foram notáveis, pois enquanto um conquistou o reino da Macedónia, que tirou ao sétimo{598} rei que mantinha por sucessão de pai a filho desde o grande Antígono, o outro expulsou todos os tiranos da Sicília, repondo em liberdade todas as cidades, bem como a ilha, inteiramente. É possível que alguém queira dizer que houve entre eles esta diferença: que Emílio foi ao encontro de Perseu quando tinha intactas as suas forças e que havia antes batido os romanos em diversos encontros, ao passo que Timoleon marchou contra Dionisio no momento em que estava em todos os sentidos desesperado, aniquilado e arruinado. Em oposição também, poder-se-ia dizer, a favor de Timoleón, que derrotou diversos tiranos e urna poderosa força de cartagineses com um pequeno número de soldados e não como Emílio, que comandava poderoso exército de combatentes bem armados, adestrados e experimentados na disciplina militar, mas sim com gente recolhida de todas as espécies, combatentes assalariados, dissolutos habituados a não fazer nada na guerra senão o que lhes aprazia; pois onde as proezas e os belos feitos são de valor igual e os meios contrários, deve-se confessar que o louvor é devido ao capitão coríntio.

II Um e outro guardaram suas mãos puras e limpas nos cargos que ocuparam, mas parece que Emílio veio assim preparado, pelas leis e pela administração e disciplina de seu país e que Timoleon entregou-se e formou-se por si mesmo, o que se pode provar, pois todos os romanos de seu tempo eram assim bem disciplinados e incorruptíveis, observando todas as ordens de seu país e acreditando em suas leis e em seus cidadãos, quando, ao contrário, dos capitães gregos que foram enviados à Sicília, não houve um só que não se tornasse logo corrompido, tão logo alcançavam o poder, exceto Dion e mesmo assim, ainda suspeitavam que ele aspirava e pretendia a não sei que domínio e principado e que projetava, em seu entendimento, estabelecer em Siracusa um reino qualquer, semelhante ao da Lacedemônia. Escreve o historiador Timeu que os siracusanos enviaram Gilipo{599} vergonhosa e injuriosamente à sua casa pela sua insaciável avareza e pelos grandes roubos que praticou em seu cargo.

Diversos outros escreveram igualmente sobre a grande deslealdade e más ações que cometeram Farax espartano e Calipo ateniense, todos os dois pretendendo e procurando fazer-se senhores de Siracusa. Todavia, que personagens eram eles e que meios tinham pelos quais pudessem, na sua fantasia conceber tais esperanças e tais empreendimentos, atendendo que um seguiu e serviu Dionísio depois que foi expulso e banido de Siracusa e o outro era capitão de uma companhia de infantaria formada somente daqueles que vieram com Dion? Ao contrário, Timoleon foi enviado para ser capitão geral dos siracusanos depois de grandes instâncias; não tendo necessidade de procurar, mas somente conservar o poder que voluntariamente lhe colocaram entre as mãos, abandonou de boa vontade, francamente, seu cargo e sua autoridade, tão cedo derrotou e arrasou aqueles que queriam injustamente dominar.

Há, entretanto, um característico que faz grandemente enobrecer o caráter de Paulo Emílio. É que, tendo conquistado tão grande e opulento reino, jamais aumentou seus bens no valor de uma única dracma de prata, nem viu ou tocou dinheiro algum, embora tenha repartido largamente com os outros. Não quero com isto dizer que Timoleon mereça ser menosprezado por ter aceito a bela casa que os siracusanos lhe deram em sua cidade e a bela propriedade nos campos, pois em tais casos não há nenhuma desonestidade em receber, apesar de que o mais honesto seria não aceitar, o que seria uma excelência de virtude o mostrar não querer nada receber, tomar ou aceitar, mesmo justamente.

E, assim como o corpo, que é mais forte e suporta melhor as mutações do ardor do calor e do rigor do frio, também a alma é mais firme e mais forte, quando não se eleva nem se orgulha em vista da prosperidade mas também não se abate diante de qualquer adversidade. Parece que Emílio, nisto, foi perfeito. Não se mostrou de coração menos grandioso, nem menos grave e constante na paciência que teve, ao suportar virtuosamente o duro revés que lhe sucedeu quando perdeu, golpe sobre golpe, seus dois filhos, que tivera em sua companhia nos dias mais felizes. Timoleon, ao contrário, tendo praticado um ato contra seu próprio irmão, não pôde, com a força da razão vencer a paixão que sentiu, mas abatido de dor e de arrependimento ficou depois, durante vinte anos, sem ousar ficar na praça nem se intrometer de forma alguma nos negócios públicos.

Ora, se é preciso cuidadosamente guardar-se e ter vergonha das coisas reprováveis, desonestas e mal feitas, mas temer toda a sorte de censura que venha da opinião do mundo, é bom sinal de uma natureza simples, amável e indulgente, mas há falta de nobreza em tal atitude.

Pelópidas

SUMÁRIO DA VIDA DE PELÓPIDAS

I. Reflexões sobre a temeridade e sobre o desprezo da morte. VI. Nascimento e nobreza de Pelópidas. Sua liberalidade. VII Seu casamento. VIII. Caracteres de Pelópidas e de Epaminondas. IX. Suas ligações e sua amizade. X. A autoridade é usurpada em Tebas pelos nobres, apoiados pelos lacedemônios que se apoderam da cidadela. Pelópidas é banido. XII. Sua ação em Atenas, para libertar a pátria. XIII. Conspiração. XIV. Sua execução. XXIV. Seu sucesso. Pelópidas e os principais conjurados são nomeados capitães da tropa sagrada e governadores da Beócia. XXV. Coragem desta proeza comparada com a de Trasíbulo, que libertou Atenas. XXVI. Os lacedemônios levam a guerra à Beócia. Os atenienses abandonam a parte dos tebanos. XXVII. Política de Pelópidas. XXIX. Os tebanos alcançam vantagens sobre os lacedemônios. Batalha de Tegire. Derrota dos lacedemônios. XXXIII. Origem da tropa sagrada. XXXVI. Cleômbroto, rei da Lacedemônia, marcha contra os tebanos. XXXVII. Batalha de Leuctres. XL. Vitória de Epaminondas e de Pelópidas. XLI. Entram no Peloponeso, fazem revoltar a maioria dos povos contra os lacedemônios e vão atacar Esparta. XLIII. Tentativa de acusação con tra Epaminondas e Pelópidas por não se terem demitido do cargo de governador a tempo. XLIV. Injustiça do orador Meneclides. Pelópidas o faz condenar. XLVII. A Tessália pede socorro contra Alexandre, tirano de Feres. Tebas envia-lhe Pelópidas. XLVIII. Passa na Macedónia para pacificar diferenças entre Ptolomeu e Alexandre, rei da Macedónia. XLIX. É enviado na qualidade de embaixador na Tessália, para enfrentar novas dificuldades que se haviam levantado. L. Alexandre, tirano de Feres, o faz prisioneiro. Lili. Tebas torna a pedir Pelópidas. Mau resultado e castigo dos deputados. Epaminondas marcha para libertar Pelópidas e o reconduz. LIV. É enviado como embaixador a Artaxerxes, rei da Pérsia. LV. Seu sucesso. LVII. A Tessália o solicita de novo para o opor aos vexames de Alexandre, tirano de Feres. LVIII. Chega a Farsale. LIX. Batalha onde Pelópidas é morto. LXI. Luto do exército. LXII. Pompa dos funerais. LXIV. Os tebanos fazem marchar um exército contra o tirano de Feres, que é obrigado a receber a lei. LXV. Alexandre é morto em uma conspiração formada por sua mulher.

Do terceiro ano da nonagésima-nona Olimpíada até o primeiro da centésima-quarta, 364 anos antes de Jesus Cristo.

O antigo Catão, respondendo um dia a alguns que engrandeciam um personagem, arrojado além da medida e valente sem discrição nos perigos da guerra, disse que havia grande diferença entre estimar muito a virtude e p ouco a vida. Isto foi sabiamente dito. A esse propósito, contam que o rei Antígono tinha a seu serviço um soldado, entre outros, muito temerário, mas, bem observado, via-se que era uma pessoa de aparência desagradável e com o físico bem gasto. O rei, perguntou-lhe, um d ia, de onde procedia estar ele assim pálido e com aquela cor tão má. O soldado confessou-lhe que era devido a uma doença secreta que não ousava de boa vontade declarar. Ouvindo isso, o rei ordenou expressamente a seus médicos e cirurgiões que lhe avisassem do que se tratava e se havia algum meio de o curar e que empregassem toda rapidez e diligência que lhes fosse possível. Agiram eles, de tal maneira, que o soldado recuperou sua saúde, mas ficando curado não se mostrou mais tão amável companheiro nem tão ousado nos perigos da guerra como fazia antes, de maneira que Antígono mesmo, tendo percebido a mudança, chamou-o um dia, dizendo-lhe que se espantava bastante em ver uma tão grande transformação nele, a que o soldado, não tendo senão aquela ocasião, respondeu-lhe: — "Vós me tendes, senhor, vós mesmo me tornastes menos corajoso o que eu não era, fazendo curar-me e tratar-me dos males pelos quais eu não tinha em conta minha vida".

II. A isto se relaciona também o dito de um sibaritano{600}, referindo-se à maneira de viver dos lacedemônios: — "Que não era nada de mais se eles tinham grande desejo de morrer na guerra para se redimir de tanto trabalho e livrar-se de uma tão árdua e austera maneira de vida, como era a sua". Mas não é preciso admirar os sibaritanos, homens efeminados e fundidos em delícias e volúpias, se eles consideravam que aqueles que não temiam a morte pelo desejo que tinham de fazer o bem e pela afeição com que cumpriam o seu dever, mas que tivessem ódio da vida, era falso com relação aos lacedemônios, pois eles tornariam a viver e a morrer voluntariamente se isto fosse possível, no exercício da virtude, conforme o testemunho deste brasão funerário:

Estes mortos aqui não tiveram ainda desta vez

Que o seu morrer nem o seu viver

Foi belo e bom, mas souberam fazer bem

E um e o outro têm o direito em boa causa.

III. Também em verdade, fugir à morte não é em si reprovável, conquanto seja sem covardia de coração, nem a espera é louvável se é feita com moleza e desprezo da vida.

Eis porque Homero descreve sempre como os mais valentes e corajosos guerreiros, os que estão mais bem armados quando é tempo de combater. E os que fizeram e estabeleceram as leis dos gregos, castigam aqueles que abandonam o seu bouclier e não sua espada ou sua lança, porque o soldado deve primeiramente pensar em se defender a si do que ofender seu inimigo, proceder que deve ser também daqueles que têm nas mãos o governo de um estado ou de um exército.

Assim, a comparação que fazia o capitão ateniense Ifícrates é verdadeira, quando dizia que em um exército, as tropas ligeiras se assemelhavam às mãos; a soldadesca{601} aos pés, os

batalhões de infantaria, ou o grosso das tropas, ao estômago e ao peito, e o capitão era a cabeça do corpo humano. Parece que o capitão, que se arrisca muito e se atira ao perigo sem propósito, não é indolente somente em sua vida mas também em tudo o que a salvação dependa de si e, semelhantemente, tendo o cuidado da segurança de sua pessoa, tem também cuidado de todos os que estão sob suas ordens.

IV. Calicrátidas, capitão lacedemônio, pensando bem, foi um grande personagem, mas não respondeu sabiamente ao adivinho que lhe anunciou e predisse que ele se guardasse porque os sinais e presságios dos sacrifícios o ameaçavam de morte: — "Esparta, disse ele, não depende de um homem só". A verdade é que para combater por mar e por terra, Calicrátidas não era nada mais que um só homem verdadeiramente, mas como capitão, tinha toda a força e poder de seu exército unida e reunida em si, e, assim, não era um homem sozinho, pois que tantos outros pereceriam com ele.

Mas ao contrário, o velho Antígono, estando no momento de travar uma batalha naval perto da ilha de Andros, respondeu bem melhor a um que lhe dizia que os inimigos tinham muito mais navios do que ele. "E eu, disse-lhe, por quantos navios me contas tu?" Pois fazia muito bem ter em grande conta a dignidade do capitão, pois esta, em ação, com a proeza e a experiência, daria como primeiro resultado salvar aquele que deve salvar todos os outros. Portanto, Timóteo, assim como Cares, mostrou um dia publicamente aos atenienses as cicatrizes de diversos ferimentos que recebera em seu corpo, bem como seu escudo todo dobrado e perfurado por diversos golpes de lança: — "Estou, disse ele, envergonhado, pois quando mantinha a cidade de Samos sitiada, uma seta lançada das muralhas da cidade veio cair bem perto de mim, porque havia avançado demais, como um jovem afoito, temerariamente, o que não convinha ao chefe de um tão grande exército". Mas quando a causa é de grande importância, vá que o chefe do exército se exponha ao perigo mas, deve ir de cabeça baixa, empregar bem sua mão e resguardar sua pessoa, sem se esquivar e não fazer caso das palavras daqueles que dizem que um bom e sábio capitão deve morrer de velhice, ou pelo menos velho.

Onde, porém, não espera se não pouca vantagem e perda, pondo em jogo a vida de todos, não deve se expor e jamais homem sábio algum reclamará que ele devia ter praticado ato de soldado raso, que fazendo isto traz o perigo de fazer perder um capitão em chefe.

V. Pareceu-me necessário fazer este prefácio diante das vidas de Pelópidas e de Marcelo, que foram dois grandes personagens e ambos mortos de forma que não deviam, pois tendo sido homens valentes, de arma em punho e tendo honrado seu país com vitórias gloriosas e, mais, contra inimigos temíveis, porque um foi o primeiro, ao que se diz, que aniquilou Aníbal, o qual até esse dia havia se mantido invencível e, o outro derrotou em batalha alinha-da os lacedemônios, que na ocasião dominavam toda a Grécia, tanto por mar como por terra e ambos perderam suas vidas sem razão, por serem mui temerariamente afoitos, justamente quando seus países tinham a maior necessidade de homens e de capitães como eles. É a causa pela qual, seguindo as semelhanças que houve entre os dois, reunimos e comparamos suas vidas uma com a outra.

VI. Pelópidas, filho de Hipoclo, de uma das mais nobres casas da cidade de Tebas, como Epaminondas, foi educado em grande opulência, vindo a ser herdeiro de sua casa, que era rica e poderosa desde a sua juventude. Mostrou incontinente ter vontade de socorrer aqueles que tinham necessidade e eram dignos, dando assim a conhecer que era verdadeiramente dono e senhor e não servo de seus bens.

Da maioria dos homens ricos, uns não aproveitam nada de suas riquezas, porque são avarentos, como diz Aristóteles e, os outros abusam, porque se entregam aos prazeres, e assim são eles servos toda a vida, uns das volúpias e os outros dos negócios e do lucro. Os que conheciam essas qualidades de Pelópidas, agradeciam-lhe e usavam francamente de sua bondade e liberalidade para com ele, exceto Epaminondas, a quem não pôde nunca dar nada de seus bens, mas ao contrário, Pelópidas mesmo recebeu dele a vontade de imitar sua pobreza, no que tomou gosto e teve orgulho em se vestir de maneira tão simples, comer sobriamente, trabalhar voluntariamente e fazer a guerra sem rebuços, sendo tal como o poeta Eurípides descreve Capaneo, quando disse dele{602}:

Era rico e em bens opulento

Mas por isso não menos extraordinário.

Pois tinha vergonha se o homem mais pobre da cidade de Tebas gastasse menos com sua pessoa, do que ele.

VII. Ora, quanto a Epaminondas, a pobreza lhe era familiar e hereditária. É bem verdade que ele a tornou mais leve e mais fácil de suportar, pelo estudo da filosofia à qual se dedicou e porque desde sua juventude escolheu uma vida simples, dispensando o supérfluo.

Quando Pelópidas casou com uma dama da grande nobreza, da qual teve filhos, não foi, no entanto, por isso, menos ativo em conservar e aumentar seus bens, mas deu-se a servir em tudo à causa pública enquanto viveu, de maneira que suas posses diminuíram, o que dava motivo a seus amigos mais chegados a repreendê-lo, mostrando-lhe que estava errado, tendo em pouca monta uma coisa que era tão necessária, como o possuir bens. Ele, então, lhes respondeu: — "Necessária é, verdadeiramente, mas é a um como este Nicodemo". E mostrou-lhes um{603} pobre homem aleijado e cego que passava.

VIII. Haviam nascido assim os dois, igualmente, com todas as disposições para as virtudes, com a diferença que Pelópidas tinha mais prazer em exercitar o corpo e Epaminondas em exercitar o espírito e aprender, de forma que seus passatempos, quando estavam de folga, de um, era lutar, caçar e fazer exercícios corporais e, do outro, ouvir, estudar e aprender sempre qualquer coisa das letras e da filosofia. Mas, entre os diversos e bons passatempos que lhes trouxe tanta honra e tanta glória, os homens de bom julgamento não acham nada de tão grande nem tão louvável como o haver mantido em toda sua vida sua amizade e benevolência, inalteradas desde o começo até o fim, entre tantos combates, tantas guerras, tantos comandos de exércitos e tantos negócios do governo que tiveram de desempenhar juntos.

Olhando os maus comportamentos de Aristides e de Temístocles, de Cimon e de Péricles, de Nícias e de Alcibíades na administração da coisa pública, de como foram eles cheios de desinteligência, de ambições e de inveja uns contra os outros, e considerando depois o amor e a honra que mantiveram sempre, continuamente, um ao outro Pelópidas e Epaminondas, encontraremos sem dúvida razão para achá-los mais dignos de ser chamados irmãos de armas e colegas de cargos públicos, do que quaisquer daqueles outros, os quais sempre estudavam e

trabalhavam mais para vencer um ao outro do que para vencer seus inimigos.

A causa verdadeira, o objetivo visado em seu modo de proceder, era a virtude, porque por seus feitos não procuravam nem glória, nem riqueza para eles, na cobiça das quais está sempre ligada a malquerença e a sediciosa inveja. Ambos estavam como que enamorados, desde c começo, de um amor, de afeição e caridade divinas, que era de ver seu país mais poderoso e mais próspero per seu intermédio e no seu tempo.

IX. Todavia, a maioria dos historiadores estima que esta grande e veemente amizade que tinham um para com o outro, começou e procedeu de uma viagem que fizeram juntos a Mantinéia em socorro dos lacedemônios, que então estavam ainda aliados e confederados aos tebanos. Eles estiveram juntes na linha de batalha, nas tropas de infantaria, lutando contra os arcadinos que tinham pela frente. Aconteceu que uma ponta da linha dos lacedemônios, na qual estavam, recuou e houve muitos que fugiram por lodos os caminhos, mas eles, preferind o morrer do que fugir, apertaram-se juntos e fizeram frente àqueles que os perseguiam até que Pelópidas, ficando ferido em sete lugares, todos pela frente, caiu sobre um m onte de cadáveres. Epaminondas então, embora tendo-o por morto, atirou-se à frente para defender seu corpo e suas armas e sustentou sozinho o combate contra diversos, preferindo antes morrer do que abandonar Pelópidas deitado entre os mortos. Lutou valentemente e ficando ferido de um golpe de lança no estômago e de um golpe de espada no braço, quase não podendo mais, Agesípolis, rei dos lacedemônios, chegou na outra ponta da linha de combate bem a tempo e salvou os dois que já estavam fora de toda a esperança.

X. Ora, desde esta batalha, que os lacedemônios deram de tratar bem os tebanos como seus aliados, amigos e confederados, mas na verdade começaram a ter suspeitas do poder e da grandeza de coragem de sua cidade, mesmo devido a um partido que obedecia a Ismênias e Andróclidas, no qual estava também Pelópidas, porque lhes parecia ser o mesmo bastante popular e liberal.

Houve três personagens da cidade de Tebas, Arquias, Leôntidas e Filipe, homens ricos e poderosos, que não se contentando em ser iguais aos outros cidadãos, persuadiram a Febidas, capitão lacedemônio, que ia e vinha pelo país da Beócia com seu exército, o qual apoderou-se um dia do castelo de Tebas que se chamava Cadméia, expulsando da cidade os que o queriam contrariar, pôs a direção dos negócios nas mãos de um pequeno número dos mais nobres, os quais fariam todas as coisas com carinho e ao gosto dos lacedemônios. Febidas fez e executou esta empreitada sem que os tebanos suspeitassem de nada.

No dia da festa denominada Tesmofória, tendo-se apoderado da fortaleza, mandou também aprisionar Ismenias, levá-lo à Lacedemônia, onde poucos dias depois mandou matá-lo. Pelópidas, Ferênico e Andróclidas com diversos outros, tendo-se salvo a tempo, foram expulsos de Tebas ao som de trombetas. Quanto a Epaminondas, ficou na cidade, sem que lhe perguntassem nada, porque o desprezavam como pessoa inofensiva, pois era dedicado ao estudo e mesmo que tivesse vontade de querer qualquer coisa, não podia executá-la, devido sua pobreza.

XI. Os lacedemônios, à vista desta surpresa, depuseram Febidas de seu cargo e o condenaram a multa de dez mil escudos mas guardaram sempre com boa guarnição a fortaleza de Cadméia em suas mãos, o que todas as outras cidades e povos gregos acharam muito estranho, o aprovarem o ato e no entanto castigarem aquele que o havia praticado.

Assim os tebanos, tendo perdido sua antiga liberdade e estando escravizados por esses dois, Arquias e Leôntidas, chegaram a perder a esperança de poder jamais se livrar daquela tirania nem a destruir, vendo que ela estava sendo mantida e defendida pelos lacedemônios, se não havia quem pudesse tirar a estes, a posse e domínio que tinham em toda a Grécia, tanto no mar como em terra.

Todavia, Leôntidas e seus partidários, percebendo como os banidos de Tebas eram em Atenas bem-vindos e bem vistos pela comuna e honrados por toda gente de bem, experimentaram mandar secretamente matá-los por emboscada e, para fazer isso, enviaram a Atenas alguns homens incógnitos, os quais mataram à traição Andróclidas, mas quase que mataram também os outros. Por isso, os lacedemônios escreveram a Atenas dizendo que não deviam receber os banidos de Tebas nem os solicitar, mas sim desviá-los e expulsá-los, como esses, que devido aos seus aliados, eram juridicamente inimigos comuns de toda a federação.

XII. Não obstante, os atenienses, além da humanidade e bondade de todos os tempos, que lhes era natural, própria e inata, querendo corresponder aos tebanos que haviam sido os autores do estabelecimento do governo popular em Atenas, atendendo que haviam ordenado por edital público que se algum ateniense fosse e viesse pelo país da Beócia, trazendo armas contra os trinta governadores tiranos que sufocavam a liberdade de Atenas oprimida, não houve ninguém que fizesse menção de ver e ouvir para não causar dano nem desprazer aos tebanos. E entretanto, Pelópidas, ainda que fosse dos mais jovens, ia sempre solicitando a cada banido em particular e em comum e fazia discursos mostrando que não seria somente covardia, mas perversidade e crime de lesa-majestade divina, se consentissem que seu país continuasse em tal escravidão e que estrangeiros aí mantivessem guarnições par« os fazer dobrar sob o jugo, enquanto que eles se contentavam em salvar suas pessoas e pôr suas vidas em segurança, permanecendo ociosos em Atenas, esperando o que agradaria aos atenienses lhes ordenar, fazendo a corte aos oradores e a esses que, pela eloquência, sabiam persuadir sobre o que desejavam da comuna. Portanto, seria preciso tudo arriscar por coisa de tão grande consequência, a exemplo da proeza e coragem de Trasíbulo, a fim de que como ele, que partindo de Tebas havia expulso os tiranos que oprimiam Atenas, também eles partindo de Atenas, libertassem Tebas da escravidão.

Depois de haver tirado essas observações de sua própria opinião, enviaram secretamente instruções aos seus amigos que estavam morando em Tebas, para lhes dar a entender sua deliberação, a qual aprovaram, tanto que Caron, que era o mais evidente de todos, prometeu fechar sua porta para realizar a assembleia, e Filidas arranjou jeito de ser escrivão e secretário de Filipe e de Arquias, que eram então governadores e capitães da cidade.

XIII. Por outro lado, Epaminondas, sem deixar transparecer, vinha de longa data procurando levantar a coragem dos jovens tebanos, pois quando estes passavam seu tempo entregues aos exercícios corporais, achava sempre um meio de os emparelhar em luta com os lacedemônios e quando os via orgulhosos, por havê-los jogado por terra e por serem os mais fortes, vinha apertar-lhes os músculos, dizendo que deviam ter vergonha, por estarem sujeitos a outros, que não eram tão fortes, tão rígidos e nem tão robustos como eles. Assim, num dia determinado entre aqueles que dirigiam, para executar a empresa, foi avisado que Ferenico com outros banidos estavam morando no povoado de Triasio e que alguns dos mais jovens e mais dispostos correriam o risco de ir na frente para entrar na cidade, com a condição de que, se porventura, fossem surpreendidos pelos inimigos, todos os outros conjurados juntos teriam que cuidar para que seus pais, mães e filhos não sofressem falta de coisa alguma que lhes fosse necessária.

XIV. Pelópidas foi o primeiro que se apresentou para esta obrigação e d epois dele Melon, Demóclidas e Teopompo, todos pertencentes às primeiras famílias de Tebas, que se estimavam muito uns aos outros e que por nada cometeriam uma fuga ou praticariam qualquer deslealdade, um ao outro, embora, em todos os tempos, houvesse entre eles inveja, desejo de glória e contenda sobre quem levantaria o prêmio. Foram doze ao todo, os quais despedindo-se uns dos outros, enviaram na frente um mensageiro a Caron para o avisar, e puseram-se a caminho levando casacos curtos sobre as costas, conduzindo cães de caça e trazendo nas mãos estacas para esticar as redes, a fim de que aqueles que os encontrassem pelo caminho não desconfiassem de sua empreitada e pensassem que iam assim passeando pelos campos e caçando para o seu prazer. Quando o mensageiro que haviam enviado na frente chegou à cidade e disse a Caron como se encontravam pelo caminho, não recuou, se bem que visse aproximar-se o perigo mas, como homem de bem, persistiu no oferecimento que havia feito e disse que seriam bem-vindos em sua casa. Um outro, porém, chamado Hipostênidas, que não era de forma alguma mau homem, pois desejava o bem e a honra de seu país e era amigo dos banidos, mas não tinha muita coragem, pelo menos assim como se mostrou na ocasião e no negócio que naquela hora se apresentava, reclamou tanto que a cabeça virou, conforme a maneira de dizer, e o nariz sangrou, quando se pôs a examinar e considerar de perto a enormidade do perigo, no qual teria de entrar, não podendo compreender como é que poderiam abalar desse jeito o império dos lacedemônios e construir o alicerce da ruína de seu poder sobre a confiança de um pequeno número de exilados que não tinham meios. Pelo que, retornado à sua casa, enviou subitamente um de seus familiares a Melon e Pelópidas, a dizer-lhes que transferissem sua empreitada para uma outra ocasião melhor e que por ora voltassem a Atenas. Aquele que mandou, chamava-se Clidon, o qual foi apressadamente para sua casa e, tirando seu cavalo fora do estábulo, disse a sua mulher que lhe trouxesse depressa o freio, mas a mulher, não o encontrando prontamente, disse-lhe que havia emprestado a um de seus vizinhos. Começaram primeiro a se empurrar um ao outro, depois a se injuriar mutuamente até que a mulher, amaldiçoando-o, pediu aos deuses que fizesse infeliz a viagem que ele devia fazer, bem como aqueles que o enviaram, de tal forma que esse Clidon, tendo perdido boa parte do dia a discutir e brigar com sua mulher, e também porque tinha em mau presságio as maldições e pragas que ela havia rogado centra ele, resolveu por si mesmo não prosseguir e pôs-se a fazer qualqu er outra coisa. Assim muito pouco foi necessário para que a empresa de uma tão digna e gloriosa proeza não fosse cortada antes do começo.

XV. Mas aqueles que se achavam na companhia de Pelópidas vestidos como camponeses, a fim de não serem reconhecidos, dividiram-se para não entrar todos juntos, mas por diversas portas da cidade, enquanto era dia. Ora, havia por sorte, bastante vento e nevava, de maneira que começando a ficar escuro, a maior parte das pessoas retirou-se para suas casas, o que serviu muito para que eles não fossem descobertos ao entr ar; aqueles que estavam de acordo os recebiam à medida que chegavam e os levavam para a casa de Caron, onde se encontraram com os exilados, quarenta e oito homens somente.

XVI. Quanto aos tiranos, eis o que acontecia. Filidas o secretário, fazia parte da conjuração como dissemos e conhecia toda a meada por meio da qual muito tempo antes havia expressamente convocado Arquias e seus companheiros a virem jantar em sua casa, prometendo que traria também mulheres a fim de que, quando estivessem bem embriagados e bem mergulhados em suas volúpias, os conjurados fizessem mais à vontade tudo o que desejassem. Assim, tendo o banquete começado, antes que tivessem ainda bebido muito, vieram lhes contar a verdade sobre a conjuração, não porém ponto por ponto como tudo era nem como coisa certa, mas somente que havia rumor de que os banidos estavam dentro da cidade, escondidos na casa de Caron. Filidas procurou desviar esse propósito, mas Arquias enviou um de seus arqueiros a Caron, ordenando que viesse imediatamente à sua presença.

XVII. Ora, já era tarde, Pelópidas e seus companheiros preparavam-se para irem executar sua empreitada, estando todos armados, tendo já em mãos suas espadas, quando de súbito ouviu-se bater com força na porta. Acorreu alguém da casa, que veio dizer muito amedrontado que era um dos satélites de Arquias, que vinha ordenar a Caron para ir imediatamente à frente dos governadores. Pensaram incontinente que todo seu trabalho fosse descoberto e, consequentemente, estavam perdidos, antes de poderem fazer alguma prova de sua virtude. Todavia, foram todos de aviso que Caron obedecesse essa ordem e que se apresentasse diante dos governadores para desfazer qualquer suspeita. Se Caron era homem corajoso, constante e seguro do perigo quanto a olhá-lo, no entanto, na hora ficou espantado e zangado, temendo que fosse suspeito de haver praticado traição, se acontecesse que tanta gente de bem e tão grandes cidadãos, aos quais havia cedido sua casa, fossem presos. Pelo que antes de sair, foi pegar no quart o de sua mulher, seu filho que era ainda criança, mas belo e forte, mais que qualquer outro de sua idade e o pôs entre as mãos de Pelópidas, pedindo-lhe que se soubesse que havia cometido qualquer traição, ou qualquer farsa de mau gosto, fizessem com seu filho como a um inimigo, sem nenhuma piedade.

XVIII. As lágrimas vieram aos olhos de muitos dos conjurados, quando viram esse zelo e essa magnanimidade de Caron. Discutiram todos pelo fato de considerar ele alguns deles tão fracos de coração e tão assustados por qualquer perigo que se apresentasse. Não suspeitavam nem o acusavam de nada e lhe disseram para não deixar a criança entre eles, mas a escondesse em algum lugar fora do perigo dos tiranos, onde pudesse ser criado para um dia vingar o erro que teriam feito a eles e a seu país. Caron respondeu-lhes que não o tiraria, pois não via nenhuma vida nem salvação mais feliz para ele, do que morrer sem infâmia como seu pai e entre tanta gente de bem, seus amigos. Assim, depois de haver orado aos deuses para virem em sua ajuda e ter abraçado e confortado todos os conjurados, um após outro, foi-se e pelo caminho procurou compor de tal modo seu rosto, seu domínio e sua palavra, que parecia pensar antes em toda outra coisa que naquela que queria em pensamento fazer.

XIX. Quando chegou à porta da casa onde se realizava o festim, Arquias e Filidas vieram ao seu encontro, dizendo-lhe: — "Caron, quem são aqueles que dizem haver entrado secretamente nesta cidade e que estão escondidos em alguma casa, tendo burgueses que se entendem e conversam com eles?" Caron perturbou-se um pouco no começo e lhes perguntou: — "E que espécie de gente é? Quem são aqueles que os recebem nesta cidade?" Mas[604] quando viu que Arquias não lhe podia declarar nada de certo, pensou bem que a descoberta lhe havia sido feita por alguém que não sabia nada de toda a trama da empreitada. Disse-lhe: — "Guardai que não seja qualquer falso alarme que querem dar para vos assustar, todavia indagarei, pois em toda aventura é sempre mais seguro não fazer nada em tais coisas com incerteza". Filidas respondeu que ele dizia a verdade e com isso levou Arquias para a sala, onde o fez beber ainda mais do que antes, entretendo sempre os outros com a esperança das mulheres que deviam vir e, Caron voltando à sua casa, encontrou os conjurados todos prontos e aparelhados para pôr mãos à obra, não como gente que esperasse salvar suas vidas, nem ficar sob o poder de seus inimigos, mas disposta e bem resoluta em morrer corajosamente e vender sua morte bem cara. Assim disse a verdade toda, como era, só a Pelópidas, dando a entender aos outros que Arquias o havia chamado para lhe dizer qualquer outra coisa.

XX. Apenas havia passado o perigo da primeira tormenta, a sorte lhes enviou um outro, pois chegou logo depois um mensageiro vindo de Atenas, que trouxe ao mesmo Arquias uma carta que lhe escrevia o grande pontífice de Atenas, chamado Arquias, como ele, e era seu hóspede e seu velho amigo, na qual escrevia não uma conjectura simples nem uma suspeita imaginária, mas a conspiração de ponta a ponta, toda, tal como a viram depois. Foi o mensageiro conduzido a Arquias que já estava embriagado e dando-lhe a carta, disse: —- "Aquele que te envia esta missiva, ordenou-me expressamente de te dizer que leias incontinente o que contém, porque é coisa de grande importância". Arquias rindo, respondeu-lhe: — "Amanhã cedo os negócios", e tomando a carta, colocou-a debaixo de sua almofada, e retomou a conversa que havia começado com Filidas; estas palavras ficaram em uso entre os

gregos, como um provérbio comum: — "Amanhã cedo os negócios".

XXL Quando, portanto, acharam chegado o tempo de começar a executar sua empresa, dividiram-se em duas partes, indo uns com Pelópidas e Damó-clidas para assaltar Leôntidas e Hipato, porque ficavam um junto do outro e, os demais com Caron e Melon foram contra Arquias e Filipe, disfarçados com vestidos de mulheres que haviam posto sobre suas armas e traziam à cabeça chapéus com ramos de pinheiro que lhes cobriam o rosto. Por esse meio, quando se apresentaram à porta da sala onde se realizava o banquete, os de dentro, julgando à primeira vista que fossem as mulheres esperadas, gritaram e fizeram grande algazarra, mas depois de terem passado seus olhos pela sala, para reconhecerem todos aqueles que estavam no banquete, desembainharam as espadas, e colocando-se por entre as mesas sobre Arquias e Filipe, deram-se a conhecer quem eram. Então Filidas disse àqueles que havia convidado que não se mexessem, que não haveria nenhum mal, no que foi obedecido por alguns, mas os outros, em maior número, acharam que era seu dever defender os governadores e levantaram-se mas, como estavam tão ébrios que não sabiam o que faziam, foram todos facilmente mortos.

XXII. Entretanto, a execução não foi tão fácil para o bando que conduzia Pelópidas, pois iam contra Leôntidas que era pessoa cuidadosa e sóbria. Quando o encontraram já estava deitado e a porta de sua casa fechada. Bateram por muito tempo sem que alguém abrisse; enfim, um criado, com grande pena, ouviu bater daquela forma e veio à porta para lhes abrir e logo que tirou o ferrolho e que a porta começou a se entreabrir, eles a puxaram tão rudemente, atirando o povo todo junto dentro, que puseram por terra o servidor e subiram direito ao quarto. Leôntidas, ouvindo o barulho daqueles que subiam tão depressa, desconfiou logo e, jogando-se fora do leito, tomou uma espada na mão, mas esqueceu-se de apagar as lâmpadas que ardiam à noite em seu quarto, pois se assim não fora, os assaltantes teriam que se empurrar uns aos outros nas trevas, mas ao contrário, sendo fácil se ver em tão profusa claridade de lâmpadas, foram até diante da porta do quarto. Cefisodoro, que se havia atirado primeira dentro, recebeu um tão grande golpe de espada que se abateu todo rígido e morto aos pés de Leôntidas, que assim o matou. Caído esse primeiro, agarrou-se ao que vinha logo depois, que era Pelópidas. Foi um combate contrafeito, não só porque a porta do quarto era estreita, como também porque o corpo de Cefisodoro, estendido no lugar, impedia-os. Todavia, por fim, Pelópidas chegou ao final, matando Leôntidas e se dirigiu incontinente com seus companheiros para a casa de Hipato, onde entraram nem mais nem menos como em casa de Leôntidas, mas aquele, percebendo logo o que era, cuidou de se salvar nas casas de seus vizinhos, mas os conjurados o perseguiram de perto, sendo morto antes que pudesse alcançar refúgio.

XXIII. Isto feito, reuniram-se com a outra parte de Melon e enviaram imediatamente, com rapidez a Atenas, diversos outros exilados e começaram a gritar pela cidade: "Liberdade, liberdade", e armando os camponeses que vinham se entregar e aliar-se a eles, com armas e despojos dos inimigos, que estavam suspensas e penduradas nos pórticos dos edifícios públicos e nas lojas dos armadores e fornecedores ao redor da casa de Caron, as quais arrombavam ou faziam abrir à força. De outro lado vieram também em seu socorro Epaminondas e Górgidas, bem armados com uma milícia de jovens e também de velhos dos melhores que haviam reunido. Logo, toda a cidade ficou virada debaixo para cima pelo pavor, cheia de tumulto e de barulho. Já havia luzes por todas as casas, correndo os habitantes para casa uns dos outros, procurando saber o que acontecia. Todavia, o povo não se havia ainda reunido, mas estava admirado por não saber em verdade o que havia e esperando o clarear do dia para se reunir em conselho. Por esse meio, parece-me que os capitães da guarnição dos lacedemônios cometeram um grande erro, não agindo na hora e não atacando logo os revoltosos, atendendo que possuíam mil e quinhentos guerreiros, sem contar, naturalmente o grande número dos moradores da cidade que iriam juntar-se a eles, mas é que tiveram medo do grande barulho que ouviam, do fogo que viam por todas as casas e do povo que ia e vinha de todos os lados formando grandes multidões. Assim, decidiram não se mexer mas

guardaram somente a fortaleza de Cadméia.

XXIV. Ao clarear do dia seguinte chegaram da Ática os outros exilados bem armados e reunindo todo o povo de Tebas em conselho, Epaminondas e Górgidas, se apresentaram, bem como Pelópidas e seus comparsas rodeados pelos sacerdotes e religiosos da cidade, que apresentavam coroas para colocarem sobre suas cabeças e proclamaram à assembleia de cidadãos que desejavam socorrer seus deuses e seu país. Toda a assistência do povo levantou-se nos pés, logo que os viu, com grande clamor e batendo as mãos e recebeu-os como seus benfeitores, os que os haviam libertado da escravidão e conquistado sua liberdade. Na hora, foram eleitos capitães e governadores da Beócia pelas vozes do povo, Pelópidas, Melon e Caron. Pelópidas, então, fez cercar com trincheiras e tapume de madeira{605} o castelo de Cadméia, ordenando o assalto de todos os lados e empregando todo seu esforço para tomá-lo e expulsar os lacedemônios, antes que viesse de Esparta um exército para socorrê-los. Os da guarnição, que capitularam, haviam saído do castelo para voltarem à Lacedemônia, e encontraram nas terras de Mégara, Cleômbroto, rei de Esparta que vinha auxiliá-los com grandes e poderosas forças. Mas dos três capitães que serviram naquela guarnição de Tebas, os espartanos condenaram a morte dois deles, Hermipidas e Arcisso, que foram executados, e o terceiro Disaóridas foi condenado a pagar uma grande soma de dinheiro como multa e foi-se para fora do Peloponeso.

XXV. Esta proeza tendo sido organizada e executada com a mesma valentia, os mesmos riscos e o mesmo trabalho que a de Trasíbulo quando libertou a cidade de Atenas dos trinta governadores tiranos e tendo atingido o mesmo fim pela sorte, foi denominada pelos gregos, irmã daquela, pois não poderiam citar outros senão esses dois, que com tão pouca gente caíram sobre seus adversários, em número maior do que eles e que com tão apoucados meios houvessem vencido aqueles que se achavam mais fortes, chegando ao fim de sua empresa, somente pela sua coragem e pela sábia conduta, trazendo maiores benefícios para seus países. O que tornou a empreitada ainda mais honrosa e mais gloriosa para eles, foi a mudança dos negócios que vieram depois, pois a guerra, que diminuiu a dignidade de Esparta e tirou aos lacedemônios o principado da terra e do mar, começou naquela noite em que Pelópidas, sem ter procurado surpreender nem cidade, nem castelo, nem praça forte, entrando o décimo-segundo em uma casa particular, cortou e partiu pela maneira de dizer, e, para melhor exprimir a verdade com esta figura de retórica, as cadeias que mantinham firme o domínio e principado dos lacedemônios em toda a Grécia, os quais, até esse tempo, eram considerados tão fortes que seria impossível quebrá-los, romper ou desligar.

XXVI. Tendo, entretanto, algum tempo depois, os lacedemônios entrado com uma força poderosa no país da Beócia, os atenienses, amedrontados com a sua grande força, recusaram continuar a aliança e linha defensiva que tinham com eles{606} e até, fizeram justiça e processaram aqueles que foram acusados de tomar o partido dos beócios, dos quais uns foram executados à sorte, outros expulsos da Ática e outros condenados a pagar grandes multas. De fato, a opinião comum era de que os negócios dos tebanos deveriam andar muito mal, atendendo que eles não eram socorridos nem favorecidos por pessoa alguma do mundo. Ora, naquele ano eram capitães-gerais da Beócia, Pelópidas e Górgidas, os quais procuravam os meios de pôr em rígido os atenienses, em lança e inimizade contra os lacedemônios e tramaram um ardil. Havia um capitão lacedemônio chamado Esfódria, homem valente, mas sempre estouvado e leviano, que punha facilmente em sua cabeça vãs esperanças e era animado por uma louca ambição de ter ainda em sua vida algum belo feito. Ora, ele havia ficado com um bom número de guerreiros na cidade de Téspia, para recolher e favorecer os da Beócia que desejavam rebelar-se contra os tebanos.

XXVII. Pelópidas, com sua autoridade particular, enviou-lhe um mercador, seu familiar e amigo, levando dinheiro e palavras que valiam mais ainda que o dinheiro que lhe punha na

frente, ajuntando que devia esperar maiores coisas ainda para que fosse surpreender e tomar o porto de Pireu, o que poderia facilmente fazer, se o assaltasse desprevenido, pois os atenienses não duvidavam de nada, nem tinham guarda segura. Ainda mais, com toda a certeza, para os senhores lacedemônios não haveria nada tão caro nem tão agradável como o de tomarem a cidade de Atenas em seu poder, e os tebanos, que lhe queriam mal de morte porque os haviam traído e abandonado quando Os tebanos. precisavam, não os socorreriam de maneira alguma. Esfódria, movido por essas insinuações, tomou consigo os guerreiros que pôde arranjar e, partindo uma noite, entrou no país da Ática, onde penetrou até a cidade de Eleusina, mas quando ali chegou, sua gente ficou com medo e não quis mais passar adiante. Assim,' sendo descobertos, foram constrangidos a voltar a Téspía, tendo provocado aos lacedemônios uma guerra que não lhes foi de pequena consequência nem fácil de desenrolar, pois depois disto os atenienses procuraram de rijo a aliança dos tebanos, socorrendo-os mui afetuosamente e mais ainda, restabelecendo a marinha foram daqui e dali concitando e conseguindo como aliados aqueles que desejavam rebelar-se contra os lacedemônios. Enquanto isso, os tebanos uniam-se constantemente nos pequenos encontros dentro do país da Beócia aos lacedemônios. É verdade, que não eram grandes batalhas, mas não deixava de ser bom aprendizado da guerra e um exercício que lhes elevava o coração cada vez mais e tornava suas pessoas mais fortes, de maneira que com as tais emboscadas tornaram-se mais valentes, mais aguerridos e melhor dados às armas do que não eram antes.

XXVIII. Encontraram escrito, certa vez, que Antãlcidas, Espartano, dissera um dia ao rei Agesilau, que voltava da Beócia todo ferido: — "Certamente recebeste dos tebanos o salário que merecias, por lhes haver ensinado, apesar deles, a fazer a guerra e a combater". Todavia, a verdade é que Agesilau não foi o chefe que lhes ensinou a fazer a guerra, mas foram os bons e sábios capitães que souberam em tempo e lugar, colocar na frente seus inimigos, como bons galgos largados de propósito, para os reter com segurança depois de os haver anulado, fazendo-os saborear um pouco à vontade o fruto da vitória, entre os quais estava Pelópidas, quem mais mereceu honra e glória, porque depois da primeira vez que lhe deram o encargo dos guerreiros, não deixou nunca de ser eleito continuamente, cada ano, como capitão da tropa sagrada ou governador da Beócia, enquanto viveu, de sorte que foi ele quem fez a maior parte de tudo o que se deu nesta guerra.

XXIX. Ora, houve diversas derrotas e rupturas dos lacedemônios junto das cidades de Platéia e de Téspia, onde Febidas mesmo, aquele que havia assaltado o castelo de Cadméia, foi morto entre outros. Também foi derrotada{607} uma outra grande tropa perto da c idade de Tanagra, onde aquele que era governador, Pantoidas, foi morto, mas todos esses encontros assim como serviram bem para assegurar e garantir os vencedores e levar-lhes o coração, também não destruíram completamente os vencidos, pois não houve batalha em linha com força inteira, mas foram apenas guerrilhas emboscadas, onde ora fugiam, ora expulsavam e eram atacados ou derrotados. Mas a batalha de Tegire, que foi como um ensaio da jornada de Leuctres, trouxe a Pelópidas grande reputação, porque não houve nenhum companheiro que quisesse disputá-la nem que com ele partilhasse a glória da vitória, nem deixou aos inimigos nenhuma desculpa pela qual pudessem cobrir sua derrota, pois espreitava sempre a ocasião como poderia assaltar a cidade de Orcomene, a qual havia tomado o partido dos lacedemônios, e havia recebido duas insígnias{608} da infantaria para guardá-la. E um dia, sendo avisados de que aquela guarnição havia feito uma incursão ao país da Lo-crida, esperando encontrar a cidade de Orcomene vazia, foi Pelópidas atacá-la com a tropa sagrada e alguns cavaleiros, mas assim que chegou perto da cidade, soube que vinha de Esparta uma guarnição em lugar daquela que havia partido e por isso voltou atrás pela cidade de Tegire, porque não quis retornar pelo outro caminho que volteava ao pé da montanha, por causa da planície, que situada no meio, estava inundada com as águas do rio Melas, o qual desde o local onde nasce, espalha-se formando alagadiços, de sorte que é impossível atravessá-lo{609}.

XXX. Um pouco abaixo dessas baixadas alagadas há um templo de Apolo denominado

Tegirião, onde haviam embebedado antigamente um oráculo, que hoje está abandonado e não floresceu longamente, mas somente até o tempo da guerra dos medos, tendo então como superintendente Equecrates. E querem alguns dizer que é o lugar mesmo onde Apolo nasceu, porque denominam a montanha vizinha De los, ao pé da qual terminam as enchentes do rio Melas e atrás do templo, ensurdecedoras, há duas fontes que jorram a água em grande quantidade, boa e fresca que é uma maravilha, das quais, uma denomina-se ainda em nossos dias, Palma e a outra, Oliva. E dizem mais que não foi entre duas árvores, mas entre dois riachos que a deusa Latona deu à luz, pois{610} mesmo a montanha de Ptoum está ali perto, da qual saiu subitamente o javali que a amedrontou e, coisa semelhante contam da serpente Piton e do gigante Titio, o que confirma e prova que é propriamente lá o lugar do nascimento de Apolo. Deixou diversos outros indícios que se referem a isto, porque não consideramos em nosso país que Apolo seja do número daqueles que per transmutação foram feitos homens mortais, como Hércules e Baco que, pela excelência de sua virtude, despojaram-se do que havia de mortal e de passivo neles, mas acreditamos ser daqueles que eternamente foram sem princípio de geração, se devemos ter fé no que os mais sábios e os mais antigos deixaram por escrito no tocante a coisas tão grandes e tão santas.

XXXI. Os tebanos, então, tendo voltado de Orcomene e os lacedemônios do outro lado, voltando igualmente da Locrida ao mesmo tempo, encontraram-se uns diante dos outros perto da cidade de Tegire. E, tão logo descobriram os lacedemônios passando o estreito, houve alguém da tropa dos tebanos que depressa acercou-se de Pelópidas e lhe disse: — "Caímos entre as mãos dos lacedemônios". "Quem sabe, respondeu-lhe subitamente, se não foram eles entre as nessas?" E dizendo isto, ordenou aos cavaleiros que se encontravam na retaguarda de toda a tropa que passassem à frente, como para começar a carregar, enquanto ele formava um pequeno batalhão bem unido com a infantaria de que dispunha e que não eram senão trezentos soldados, certo que vencesse com este esquadrão, forçaria e fenderia os inimigos que estavam em maior número, pois havia duas companhias de lacedemônios e cada companhia, como escreve Eforo, era de quinhentos homens, e segundo Calístenes, de setecentos, havendo ainda outros que referem novecentos, entre os quais Políbio. Marcharam os capitães lacedemônios Teopompo e Gorgoleão, de grande bravura, contra os tebanos e o primeiro encontro começou por acaso, nos lugares onde estavam os chefes tanto de uma parte como de outra, com um furor e uma impetuosidade tão grande, que os primeiros que morreram foram os dois capitães lacedemônios, que juntos se arremessaram sobre Pelópidas. Depois deles, aqueles que estavam à volta de suas pessoas e ficaram também bastante feridos ou mortos sobre o campo. O resto do exército ficou tão assustado que se partiu em dois e rompendo-se daqui e dali, pelos flancos, deu passagem aos tebanos para poder atirar além se quisessem, mas quando viram que Pelópidas não se divertia em passar pela abertura feita e, conduzia sua gente contra os que estavam ainda em batalha e matando os que lhe faziam frente, então puseram-se a fugir por todos os caminhos. Todavia, os tebanos não os expulsaram para muito longe, porque temiam os orcomênios, que não estavam longe dali, como também a nova guarnição que antes havia chegado da Lacedemônia. Isso foi a causa de se contentarem apenas em haver rompido aquela força e, com indignação deles, haver passado entre seu exército, mal conduzido e derrotado.

XXXII. Depois de haver levantado troféus e despojado os mortos, voltaram para suas casas bem alegres, tendo os corações elevados, porque em tantas guerras que os lacedemônios sustentaram no passado, tanto contra os gregos como contra os bárbaros, não há memória que tivessem sido derrotados por um número tão diminuto de inimigos nem por um número igual em batalha de linha. Eles, que eram tão corajosos{611} e tão terríveis, que pessoa alguma ousava alcançar, pois só sua reputação espantava de tal forma os adversários que deviam combater contra eles, que não pensavam poder, com igual força poder fazer tanto quanto eles. Mas esta batalha deu o primeiro conhecimento a eles e aos outros gregos, que não era só o rio Eurotas e nem o lugar situado entre os riachos de Cnacion e de Babice{612} que possui homens belicosos e valentes e também ensinando aos jovens a ter vergonha das coisas desonestas, temendo mais a censura e a desonra do que o perigo. São estes, sempre, os mais temíveis e os mais terríveis inimigos.

XXXIII. Ora, quanto à tropa sagrada da qual já fizemos menção pouco antes, dizem que foi um chamado Górgidas, o primeiro a comandá-la e compunha-se de trezentos homens escolhidos, assalariados e mantidos às expensas do erário público e que habitavam no castelo de Cadméia, chamado ordinanamente a "tropa da cidade", porque então denominavam do mesmo jeito esses bairros da Grécia, come também os castelos e fortalezas dos grandes lugares eram chamados de cidades. Os outros querem dizer que era uma companhia de infantaria composta de homens enamorados uns dos outros e, a esse propósito, contam um dito notável de Pamenes, o qual, brincando, disse que Nestor nada entendia do comando, contando que na Ilíada de Homero ele aconselha aos gregos que se alinhem em batalha por nação e por linhagem,

"A[{613}] fim que mais tenham afeição

Em socorrer cada um sua nação".

Era necessário, dizia ele, colocar mais cedo um amante junto daquele que ama, porque os homens ordinariamente, ocupam-se bem pouco daqueles que são de sua nação nem de sua linhagem em um perigo, mas um batalhão que seria composto de homens amorosos uns dos outros, não poderia jamais romper-se nem forçar, porque os amantes, pela afeição veemente que têm aos seus amados, não os abandonariam nunca e os amados, tendo vergonha de fazer alguma coisa covarde ou desonesta diante de seus amantes, manter-se-iam uns por amor dos outros, até o fim.

XXXIV. O que não está fora de propósito, se é verdade que os amarosos respeitam seus amores, mesmo quando estão ausentes, assim podem conhecer pelo exemplo, como daquele que, estando caído por terra, assim que seu inimigo levantou a espada para matá-lo, pediu-lhe que lhe desse o golpe de morte pela frente, com medo que seu amado vendo seu corpo morto, ferido nas costas, viesse a se envergonhar. Assim, dizem que Iolao sendo amado por Hércules, socorreu-o e acompanhou-o em todos os seus combates e trabalhos, na ocasião em que Aristóteles escreve que até seu tempo os amantes davam fé e juravam lealdade um ao outro sobre a sepultura de Iolao. Pelo que parece-me verossímil dizer, que esta tropa tenha sido primeiramente denominada a tropa sagrada, pela mesma razão que Platão chama um amante de amigo divino ou inspirado dos deuses. E, pelo que está escrito, jamais foi rompida nem desfeita até a batalha de Queronéia, depois da qual Filipe vendo a decomposição dos mortos, parou no lugar onde estavam os quatrocentos[{614}] homens desta companhia deitados por terra, apertados uns contra os outros, todos perfurados por grandes golpes de lança no estômago, do que assombrou-se enormemente vendo que era a tropa dos amantes e começou a chorar de piedade, dizendo: — "Que mal pode acontecer àqueles que julgam que tal gente faça alguma coisa de desonesto". Em suma[{615}], o inconveniente de Laio, que foi morto por seu próprio filho Édipo, não foi a causa primitiva deste costume que os tebanos tinham de serem amorosos uns com os outros, mas foram esses que primeiramente estabeleceram suas leis, os quais vendo que era uma nação corajosa e violenta por natureza, quiseram amortecer e adocicar um pouco a sua natureza, desde a infância e com esta intenção misturaram entre seus atos, o prazer e os deveres e, o tocar flauta, ordinariamente, colocava-os em honra e em reputação. Igualmente também entre as diversões da juventude nos exercícios corporais, introduziram o uso do namoro, para temperar e adocicar os costumes e o natural de seus jovens. E por isto, foi atribuído aos tebanos, com bom julgamento e seguindo este propósito, como tutora e patrona de sua cidade, a deusa Harmonia, a qual dizem ter sido gerada de Marte e de Vénus; pois isto dá a entender que, onde a força e a valentia militar estão unidas e conjuntas com a graça da aparência e da persuasão, todas as coisas são reduzidas por esta união, a um belo, esplêndido e perfeito governo.

XXXV. Voltando ao caso da tropa sagrada dos tebanos, Górgidas, separando as primeiras filas, estendeu-as ao longo de toda a frente da batalha, não quis tomar conhecimento do quanto elas valiam separadamente e por isso não as colocou num só corpo, de sorte que se pode ver o efeito que procedia de toda a companhia reunida, levando em conta que fora dividida e misturada entre muitas outras que valiam menos. Mas Pelópidas, que havia visto claramente, como valiam juntos esses soldados, porque haviam combatido à sua volta em Tegire, não quis, daí em diante, dividi-los nem separá-los uns dos outros, mas serviu-se deles como de um corpo inteiro com todos seus membros, com o qual começou a fazer carga em suas batalhas de maior sucesso, pois assim como vemos nos jogos das corridas de carros, onde os cavalos, atrelados diversos juntos, numa só frente, correm mais firme e mais fortemente do que quando estão desligados e aguilhoados sozinhos, não porque se atiram diversos juntos e aspiram melhor o ar, mas porque aquele esforço e desejo que têm uns contra os outros sobre qual correrá mais depressa e qual passará seu companheiro, esquenta-lhes a coragem; assim apreciava que os homens valentes, distribuindo uns aos outros um zelo e uma inveja de bem fazer, teriam mais coragem e fariam maior esforço quando tivessem que combater juntos à vista uns dos outros.

XXXVI. Mas desde que os lacedemônios celebraram a paz e acordo com todos os outros gregos, declararam guerra só aos tebanos, indo em seu encalço o rei Cleômbroto com um exército de dez mil soldados da infantaria e mil da cavalaria. Os tebanos não estavam em igual perigo como tinham estado, antes de perder somente a sua liberdade, mas os lacedemônios os ameaçavam publicamente, declarando que os destruiriam e exterminariam por completo, de maneira que todo o país da Beócia estava com muito medo, como nunca tinha estado. Um dia, como Pelópidas saía de sua casa para ir para a guerra, sua mulher, que o acompanhava até fora da porta, disse-lhe chorando que lhe pedia para ter cuidado em salvar sua pessoa, respondeu-lhe: —- "É aos soldados rasos, minha amiga, a quem se deve lembrar isto, mas aos capitães, deve-se trazer-lhes à memória que tenham olhos para salvar a vida dos outros". Chegando ao campo e encontrando os capitães gerais e chefes do exército em divergência de opiniões foi o primeiro que concordou com a de Epaminondas, que era de aviso que deviam dar batalha aos inimigos.

XXXVII. Pelópidas não era na ocasião nem governador da Beócia, nem capitão-geral, mas somente comandante da tropa sagrada. Todavia, confiavam nele, dando-lhe crédito e autoridade no conselho dos negócios, pois era um personagem que havia dado muitas provas do amor que devotava a seu país. Assim, tendo resolvido no conselho que dariam a batalha aos inimigos, encontraram-se uns na frente dos outros na planície de Leutres[616], onde, à noite, dormindo, Pelópidas teve uma visão que o perturbou bastante. Há, naquele campo, as sepulturas das filhas de um Cedaso, que denominam, por causa do lugar, as Leutridas, porque aí foram enterradas depois de terem sido violentadas e forcadas pelas hostes espartanas que passavam. Este ato sendo infeliz e malvado, no entanto, não pôde ter reparação nem vingança na Lacedemônia e o pai, depois de haver amaldiçoado os lacedemônios com as mais horríveis e execráveis maldições e pragas que podia conhecer, matou-se a si mesmo sobre os túmulos de suas filhas. Tinham os lacedemônios em diversos oráculos e diversas profecias e presságios dos deuses que os admoestavam, para que ficassem em guarda contra o furor Leutriquio, mas o povo comum não compreendia o que queria significar esse aviso e assim abusavam no equívoco do nome, porque havia no país da Lacônia, sobre a borda do mar, uma cidadezinha chamada Leutrum e igualmente também na Arcádia, perto da cidade de Megalípolis havia uma outra com o mesmo nome. Ora, este acidente surgiu muito tempo antes da batalha de Leutres mas, Pelópidas, dormindo na sua tenda, teve uma visão em que julgou ver as filhas de Cedaso, lacrimejantes à volta de suas sepulturas, amaldiçoando os lacedemônios e viu também seu pai, que lhe ordenava em sacrificar a suas filhas, uma virgem ruiva, se quisessem obter a vitória. Essa ordem à primeira vista, pareceu-lhe cruel e inócua, porque logo que se levantou foi comunicar aos adivinhos e aos chefes do exército, o que uns disseram que não era coisa que deviam omitir ou desleixar, citando exemplos de casos semelhantes, como o de Meneceo, filho de Creon, antigamente, e o de Maçaria, filha de Hércules: e, de mais recente memória, a do sábio Ferecides que os lacedemônios mataram e do qual seus reis guardam ainda a pele, por ordem de um oráculo e Leônidas que seguindo uma divina profecia, imolou-se, como maneira de dizer, a si mesmo para a salvação da Grécia e ainda mais, os rapazes que

Temístocles, antes da jornada de Salamina sacrificou à Baco, denominado Omestes, isto é, comendo carne crua. Todos aqueles sacrifícios foram aprovados e aceitos pelos deuses, como testemunham as vitórias que se seguiram.

XXXVIII. Ao contrário, o rei Agesilau, partindo dos mesmos lugares, de onde antigamente partira o rei Agamenon, no tempo da guerra de Tróia e marchando contra os mesmos inimigos, viu igualmente, uma noite, dormindo, a deusa Diana na cidade de Aulide, que pediu o sacrifício e oblação de sua filha. Ele não quis obedecer por ter o coração muito terno e assim foi constrangido a desistir da viagem, antes de haver executado seu empreendimento, sem nenhuma glória. Agora, os outros em oposição, diziam que não precisava fazer coisa alguma, porque um tão cruel, tão abominável e tão bárbaro sacrifício não podia ser agradável a nenhum dos deuses nem a nenhuma entidade melhor e mais poderosa que a nossa, considerando que não são nem Tifões nem gigantes os que têm o domínio do mundo, mas o todo poderoso, que é o pai dos deuses e dos homens. E a crer que haja deuses e semideuses que se deleitam com o assassínio e efusão de sangue humano, é uma loucura, e mesmo que assim fosse, não deveria ser levado em conta, pois não teriam poder algum, porque somente uma alma covarde e má, poderia alimentar tão infelizes e estranhos apetites.

XXXIX. Estavam assim, os principais do exército dos tebanos neste debate de opiniões, encontrando-se Pelópidas, devido a sua irresolução, em maior dúvida do que nunca, quando uma potranca, que havia fugido e corrido através do campo, veio postar-se direito na frente deles. Uns não observaram que tinha o pelo e as crinas vermelhas muito reluzentes e que era viva e alegre ao soltar seu claro e arrogante relinchar, mas o adivinho Teócrito que era da companhia, tendo incontinente compreendido o que se dava, exclamou subitamente muito alto: — "Ó gentil Pelópidas, eis a hóstia que pediste, não procures mais outra virgem para imolar, mas recebe e emprega esta que deus mesmo te envia". Ditas essas palavras, pegaram logo a potranca, levando-a sobre a sepultura das filhas de Cedaso, coroaram-na com festões e chapéus de flores, como fazem nos sacrifícios e, depois de haverem feito suas orações e invocar aos deuses, sacrificaram-na com grande alegria e foram espalhar por todo o acampamento a notícia da visão que Pelópidas havia tido à noite, dormindo, e o sacrifício que haviam feito seguindo o seu aviso.

XL. Na espera, quando chegou o dia da batalha, Epaminondas, que era o capitão geral, estendeu de revés todas suas tropas sobre o lado esquerdo, a fim de que a ponta direita dos inimigos, onde estavam os nativos espartanos, se agastasse ainda mais dos outros gregos seus aliados, que ficaram na outra extremidade, podendo assim atacar com todas as suas forças juntas, a Cleômbroto, seu rei, que estava num canto onde podia ser aniquilado. Os inimigos compreendendo porque ele assim procedia, começaram, a mudar suas ordens, querendo alargar e estender sua ponta direita para envolver Epaminondas com o grande número de gente que aí se achava. Mas Pelópidas avisou-os às pressas e correndo com firmeza com o esquadrão de seus trezentos homens, foi fazer carga a Cleômbroto antes que pudesse abrir e alargar a ponta direita de sua tropa, isto, num instante, de sorte que encontrou os lacedemônios ainda não colocados em suas linhas, e chocou-se com eles nessa deserdem, quando estavam ainda misturados uns aos outros. Os lacedemônios, que sempre foram os soberanos e senhores de tudo o que pertence à arte e disciplina militar, agora não se habituavam e não se exercitavam em nada mais do que se atrapalhar e confundir-se, quando mudava a ordem de suas filas, pois queriam que sua gente fosse cabeça e flanco em todos os sentidos, ao mesmo tempo, segundo o negócio e a necessidade que se apresentassem e que se colocassem e combatessem em todos os lugares igualmente. Assim Epaminondas assaltou-os com toda a força de sua gente unida, sem se deter com os outros. Igualmente Pelópidas, com uma rapidez e coragem incríveis, apresentando-se de súbito com as armas à sua frente, assustaram de tal forma o inimigo que os fizeram esquecer toda sua arte de esgrimir e perder sua costumeira coragem, pois fugiram por vales e caminhos, sendo feita a seguir uma fogueira dos nativos espartanos, muito maior do que jamais havia sido feita até aquela jornada, em qualquer batalha.

XLI. Pelópidas, que não era então nem governador da Beócia, nem capitão-geral do exército, mas somente chefe da tropa sagrada, conquistou, no entanto, tanta honra e glória nesta vitória, como Epaminondas, que era governador da Beócia e capitão-geral. É verdade que desde que foram os dois juntos governadores da Beócia, quando entraram no Peloponeso, onde dirigiram a rebelião contra os lacedemônios, trazendo para seu lado a maior parte das cidades e dos povos, como os helenos, os argenos, toda a Arcádia e a maior parte da Lacônia mesmo, quando chegou quase no coração do inverno, nos dias mais curtos e no fim do último mês do ano, do qual não restava mais senão poucos dias e seria necessário logo na entrada do mês seguinte deixassem seus cargos para que outros entrassem, sob pena de perder a vida se recusassem passar seu cargo e autoridade aos novos oficiais. Nessa ocasião, seus outros companheiros na situação de governadores da Beócia, tanto pelo receio de incorrer na pena da lei, como também para fugir ao trabalho de ficar acampado no mais áspero rigor do inverno, instavam e solicitavam para reconduzir o exército para casa, mas Pelópidas foi o primeiro que concordou com a opinião de Epaminondas, chamando a si também os outros tebanos para, sob suas ordens, assaltar a própria cidade de Esparta. Passaram despercebidos o rio Eurotas e tomaram diversas cidadezinhas aos lacedemônios, pilharam e estragaram todo o país até o mar, conduzindo sob suas bandeiras um exército de setenta mil combatentes, todos gregos, do qual os tebanos não faziam nem a décima-segunda parte, mas a glória e grande reputação desses dois personagens fazia que sem outra resolução do conselho ou ordem pública, os outros aliados e confederados seguissem, sem contradizer uma palavra e marchassem voluntariamente sob suas ordens.

XLII. A primeira e soberana lei da natureza, a meu ver, é que aquele que por si mesmo não se possa guardar e defender, submeta-se ao que pode e tem meios para o fazer, nem mais nem menos do que sobre o mar, aqueles que estão dentro de um navio, mesmo com bom tempo, e o mar calmo, ou enquanto estão ancorados em alguma boa enseada, conduzem-se altivos e audaciosos para com os pilotos, todavia, assim que a tormenta se levanta, vendo-se em perigo, lançam os olhos sobre eles e não depositam esperança de salvação senão neles. Também em caso idêntico os helenos e argenos, ainda que nas assembleias do conselho brigassem e discutissem contra os tebanos pela superioridade e a honra na direção da tropa, todavia quando tinham que entrar na batalha, conhecendo o perigo que havia, colocavam-se e submetiam-se voluntariamente às ordens de seus capitães.

XLIII. Nessa viagem, juntaram-se numa só aliança todas as cidades da província da Arcádia e tiraram dos lacedemônios toda a região de Messênia, da qual se aproveitavam sossegadamente, chamaram os antigos habitantes nativos, aos quais a devolveram e repovoaram a cidade de Itome. Depois, voltando a seu país pela cidade de Cencréia, derrotaram os atenienses que foram inquietá-los dentro do estreito, na entrada do Peloponeso, para vigiá-los e evitar a passagem. Se era a virtude desses dois personagens amada e honrada de todo o mundo por tantos belos e bons feitos, a sua prosperidade era também grandemente admirada, mas a medida que sua glória crescia, a inveja dos de seu país e de seus concidadãos aumentava também, tramando à sua volta, um aranzel que não era bonito nem honesto, nem conveniente aos serviços que acabavam de praticar, pois todos os dois, a sua chegada, foram chamados perante a justiça e acusados de crime capital, porque havia em Tebas uma lei que ordenava expressamente que aqueles que eram governadores da Beócia, transmitissem sem demora as atribuições aos que fossem, novamente eleitos na entrada do primeiro mês do ano que denominam na Beócia, boucation, e eles haviam retido seus cargos por mais tempo do que lhes estava fixado, quatro meses todos inteiros, durante os quais haviam executado tudo o que dissemos, tanto na província de Messênia e de Arcádia, como na Lacônia.

XLIV. O primeiro a quem processaram foi Pelópidas, que por isso esteve em perigo muito maior. Todavia, no final, foram todos os dois absolvidos. Quanto a Epaminondas, suportou

resignadamente a calúnia e o ensaio das maledicências de seus patrícios que procuraram arruiná-los, considerando que a paciência daqueles que se intrometem nos negócios de um governo, tem uma grande parte da força e da magnitude. Pelópidas, sendo de natureza mais colérica, sendo mais impulsivo e estando irritado por alguns de seus amigos, aproveitou tal ocasião para se vingar. Menéclides, o orador, era um daqueles que haviam ficado na casa de Caron com Pelópidas e Melon, mas não o honraram tanto como aos outros, pelo que, estando despeitado e sendo homem muito eloquente, viciado e de natureza maligna e má, abusou de sua eloquência para caluniar e, falsamente, depôs e acusou esses que valiam mais do que ele; não se contentando com a primeira acusação, tanto fez em seus meneios, que num ano conseguiu depor Epaminondas do ofício de governador da Beócia, perseguindo-o e contrariando-o longamente em tudo que experimentava fazer na direção da coisa pública.

XLV. Mas a Pelópidas, não conseguiu colocá-lo no desagrado do povo, por isso procurou lançá-lo em questão com Caron, pois o conforto comum dos invejosos, quando não podem ser admirados, como pessoas de bem como aqueles a quem invejam, procuram demonstrar que não são em nada melhores do que quaisquer outros que se lhe ponham na frente. Não fazia outra coisa senão elogiar bem alto, ordinariamente, em todas as suas arengas perante o povo, os feitos e gestos de Caron e enaltecer suas vitórias, mesmo aquela que os tebanos ganharam na jornada de Leutres num encontro da cavalaria, junto da cidade de Platéia, sob seu comando, da qual[617] se procurou deixar uma lembrança. Andrócides, pintor ciziceno, combinou com os da cidade pintar qualquer outra batalha, fazendo este serviço na cidade mesmo de Te bas, mas assim que havia começado, surgiu a rebelião dos tebanos contra os lacedemônios e, consequentemente, a guerra tendo o pintor se retirado de Tebas deixando sua obra quase acabada e perfeita. Os tebanos esconderam o quadro e esse Meneclides colocou-o na frente do povo que o dependurou em algum templo ou lugar público, com uma inscrição que diz que era a vitória de Caron, procurando assim ofuscar e apagar a glória de Pelópidas e de Epaminondas. Era uma vã e louca ambição querer confrontar tantos combates e tantas vitórias a um só encontro de Caron, no qual morreu Gerandas, um dos menos famosos fidalgos de Esparta e outros quarenta com ele, e mais nada.

XLVI. Pelópidas acusou esse decreto que Meneclides propunha, que estava diretamente contra as leis de Tebas, as quais defendiam expressamente que não honrassem nenhum particular pelo título de uma vitória pública, porque deviam ser atribuídas e glorificadas a comunidade e o povo. É verdade que por todas as arengas que proferiram neste processo, Pelópidas louvou e exaltou sempre Caron grandemente mas provou que Meneclides era um invejoso maligno e um homem mau e malvado, perguntando constantemente aos tebanos se não haviam feito nada de belo, nem de bom e, finalmente, fazendo condenar Meneclides a multa de uma boa soma de dinheiro, a qual não podendo pagar porque era muito grande, tentou depois remover e mudar inteiramente o estado e o governo da coisa pública. Procurei explicar bem isso de maneira um tanto longa, porque parece-me que de outra forma daria a conhecer quais eram os costumes e a natureza de Pelópidas.

XLVII. De resto, por volta desse tempo, Alexandre, o tirano de Feres, fazia abertamente a guerra a diversos povos da Tessália e procurava os meios pelos quais pudesse escravizá-los todos universalmente, a si. Por esta razão as cidades francas enviaram seus embaixadores a Tebas, a requerer que lhes enviasse um capitão com um exército para socorrê-los. Pelópidas, vendo que Epaminondas estava ocupado em governar os negócios do Peloponeso, apresentou-se a si mesmo, entregando-se aos da Tessália, não querendo que sua força e conhecimento nos misteres da guerra, ficassem ociosos ou inúteis e sabendo que o lugar onde estava Epaminondas não precisava de outro capitão. Tendo então chegado com um exército na Tessália, a cidade de Larisse entregou-se incontinente entre suas mãos, onde o tirano Alexandre veio encontrá-lo e pedir acordo entre ele e os tessalianos, o que experimentou fazer, procurando torná-lo em vez de tirano, amável, justo e legítimo governador da Tessália; mas vendo que quando lhe faziam algumas observações era intratável e feroz, não querendo de forma alguma ficar em casa, e, ainda mais, se lamentavam das grandes crueldades que

praticava, e acusavam-no por ser homem dissoluto e desordenado em todos os seus apetites e extremamente avarento, começava então a falar rudemente e a enfurecer-se, desistiu de sua intenção,

XLVIII. Nessa ocasião o tirano ocultou-se e fugiu com seus satélites e soldados de sua guarda. Pelópidas, deixando os tessalianos fora de todo temor e perigo do tirano, estando em boa paz, união e concórdia uns com os outros, foi à Macedónia, onde Ptolomeu{618} guerreava Alexandre, que retinha o reino da Macedónia, tendo todos os dois mandado chamá-lo para conhecer, compor e pacificar suas diferenças e também para ajudar aquele que estaria com a razão e contra aquele que estaria errado. Ao chegar, terminou amigavelmente todas as suas contendas, repôs os exilados por uma parte, e pela outra em suas casas e em seus bens e para segurança daquela decisão, tomou como refém o irmão do rei chamado Filipe e outras trinta crianças das mais nobres casas da Macedónia, os quais levou todos a Tebas, fazendo ver aos gregos quão longe se estendia a reputação das forças dos tebanos e a fama de sua igualdade e justiça. Foi esse Filipe que depois guerreou os gregos para lhes tirar a liberdade, mas agora sendo menino, era criado em Tebas na casa dos Pamenes. Eis porque alguns estimaram que o dito Filipe tenha sido o imitador de Epaminondas e poderia bem ser que, por acaso, tivesse aprendido com ele a ser assim pronto e de execução súbita na guerra, como foi, o que não é senão uma bem pequena parte das virtudes de Epaminondas, mas de sua abstinência, justiça, magnanimidade e clemência que eram as qualidades que o tornavam verdadeiramente grande, Filipe nem por natureza, nem por criação ou estudo tinha conservado.

XLIX. Depois, tendo os tessalianos enviado outra vez a Tebas suas queixas contra Alexandre, o tirano de Feres, que perturbava e agitava as cidades livres da Tessália, Pelópidas foi mandado como embaixador com Ismênias, sem levar forças de Tebas, não pensando nunca que houvesse guerra, razão pela qual foi obrigado a se servir do povo do país, num caso urgente que se apresentava. Ao mesmo tempo, também foram perturbados os negócios da Macedónia porque Ptolomeu matou o rei e usurpou o reinado. Os servidores e amigos do rei morto chamaram em seu socorro Pelópidas, o qual desejando chegar logo, não levou consigo guerreiros de seu país, mas, reuniu subitamente alguns no lugar mesmo onde estava, com os quais se pôs imediatamente a caminho para ir em busca de Ptolomeu. Quando se aproximaram um do outro, este achou meios de comprar e corromper por dinheiro os soldados que Pelópidas havia trazido, fazendo-os passar para o seu lado, mas não obstante isso, temendo ainda o nome e grande reputação de Pelópidas, foi à sua frente como a uma pessoa muito maior do que ele e usando de todo o carinho, prometeu e jurou que guardaria o reino para os irmãos do rei defunto e que tomaria, por seus amigos e por seus inimigos, aqueles mesmos que os tebanos tivessem. Para garantia daquela prome ssa, deu como refém seu filho Filóxeno e cinquenta de seus amigos, os quais Pelópidas enviou todos a Tebas. Mas nessa ocasião sentindo-se gravemente ultrajado peles soldados que lhe haviam feito tal traição e compreendendo que a maior parte de seus bens, suas mulheres e seus filhos estavam na cidade de Farsale, pensou que se pudesse tomá-la, o que seria um bom meio em praticar tal vingança, que queria pelo logro que lhe haviam pregado: reuniu um certo número de tessalianos e partiu, mas apenas havia chegado, o tirano Alexandre apareceu também com seu exército.

L. Pelópidas, julgando que ele vinha para se justificar e confiar-lhe as queixas que os tessalianos apresentavam contra ele, foi ao seu encontro, embora soubesse muito bem que era um mau homem e que facilmente manchava suas mãos com homicídio e sangue, mas confiava que , para a autoridade do domínio de Tebas, pela qual era enviado lícito, também pela dignidade de sua pessoa e pela sua reputação, não ousaria causar-lhe algum contratempo. Todavia o tirano, vendo-o mal acompanhado e sem armas, deteve-o prisioneiro e no mesmo instante apoderou-se da cidade de Farsale. Isto causou grande medo e terror a todos os seus subordinados, os quais pensaram bem como ele havia tido a coragem de praticar tal injustiça e com certeza não perdoaria a mais ninguém e faria o mesmo de todas as coisas e de todas as pessoas que caíssem em suas mãos, como um homem desesperado que

está dando tudo por perdido. Quando os moradores de Tebas receberam essa notícia, ficaram sobremaneira ofendidos e prontamente enviaram um exército sob o comando de outros capitães e não de Epaminondas, devido a um descontentamento que estavam tendo com ele.

LI. Ora, nessa ocasião o tirano, tendo levado Pelópidas para Feres, permitiu de início, a quem quisesse, ir vê-lo e falar-lhe, pensando que lhe havia diminuído o ânimo, mas quando compreendeu o contrário, que o prisioneiro mesmo confortava os habitantes de Feres e exortava-os a terem coragem, dizendo-lhes que havia chegado a hora em que o tirano seria castigado por um só golpe de todas as suas maldades e que mandara lhe dizer, a ele mesmo, em pleno rosto, que não havia justificativas para, todos os dias, martirizar e fazer morrer de tormentos seus pobres concidadãos, que não o haviam em nada ofendido e que não fazia nada a ele, Pelópidas, porque sabia bem que jamais escaparia de suas mãos, vingando-se dele; o tirano, admirado com esta grandeza de coragem e esta constância em não temer nada, perguntou por que tinha tanta pressa e tanto desejo em morrer. Tendo ouvido isso Pelópidas respondeu-lhe: — "Isto é para que morras mais cedo, odiado dos deuses e dos homens ainda mais do que és agora".

LII. Depois destas palavras, o tirano não quis mais que pessoa de fora lhe falasse. Mas Teba, que era filha do defunto tirano Jasão e mulher de Alexandre, compreendendo a constância, firmeza de coragem e magnanimidade de Pelópidas, pelo que contavam os que o guardavam, teve vontade de vê-lo e de falar-lhe. Foi um dia visitá-lo, mas como mulher, não compreendeu, à primeira vista, a grandeza de sua coragem e a excelência oculta de seu valor, vendo-o em tal cativeiro, mas conjecturando pelo que via por fora, assim simplesmente vestido, os cabelos e a barba longos, pobremente servido e mal tratado, julgou que havia piedade em seu caso e que não estava em situação de acordo com a glória de seu nome e pôs-se a chorar de compaixão. Pelópidas, que não sabia de quem se tratava, espantou-se a princípio, mas pouco depois, quando lhe disseram quem era, então cumprimentou-a{619} pela honra de Jasão seu pai, do qual quando vivo havia sido outrora familiar e amigo. E ela lhe disse: — "Tenho grande pena de tua pobre mulher, senhor Pelópidas". "Também tenho eu de ti, respondeu-lhe, visto que não sendo prisioneira possas suportar um homem tão mau como Alexandre". Estas palavras tocaram fundo em Teba, a qual suportava muito impacientemente a crueldade, o ultraje e a vilania do tirano seu marido, que além de outras infâmias de sua vida desordenada, abusava carnalmente da mais jovem das irmãs dela, pelo que, voltando constantemente a ver Pelópidas, contava-lhe livremente suas tristezas e as faltas e ultrajes que lhe praticava seu marido. Com essa convivência, ia pouco a pouco se enchendo de cor agem, como também aumentavam seu ódio, seu rancor e o desejo de vingar-se.

LIII. Os capitães tebanos enviados para libertar Pelópidas, tendo entrado com seu exército na Tessália, seja por ignorância ou por infelicidade, vergonhosamente voltaram sem nada fazer. Em razão disso, os de Tebas, na sua volta condenaram cada um a pagar a multa de dez mil escudos{620} e enviaram então Epaminondas com um outro exército, a vista do qual toda a Tessália se revolucionou, dada a reputação de um tão grande capitão. Assim, era preciso bem pouco, para empurrar a roda e fazer estrebuchar o tirano em ruína total. Até os seus amigos e capitães ficaram amedrontados e seus súditos prontos a se rebelar, alegres pela esperança que tinham, de ver bem cedo o ditador pagar a pena toda que merecia, pelo golpe de tanta desgraça e perversidade que havia cometido no passado. Todavia, Epaminondas, colocando a libertação e salvação de Pelópidas em primeiro plano, diante da consideração de sua honra e de sua glória e receando que Alexandre quando visse seus negócios em perigo de ruína não voltasse, no seu desespero, como um animal selvagem assustado, de encontro a ele, ia prolongando a guerra, volteando ao redor, sem dar entrada conscientemente, sob pretexto de fazer seus preparativos e transferindo sempre, a fim de preparar e moderar o coração do tirano por um tal contrapeso, nem tão pouco não largou muito a rédea à sua arrogância e desenfreada crendice. Procurou também não irritá-lo contra Pelópidas, que correria o risco da dureza e desumanidade de seu ódio, sabendo muito bem como era home m cruel e que não se preocupava com razão nem com justiça, de maneira alguma, pois costumava mandar enterrar

homens vivos e cobrir outros com peles de ursos e de javalis e depois soltava os cães de caça sobre eles, que os rasgavam em pedaços ou então, ele mesmo, como passatempo, matava-os a golpes de dardo ou seta. E nas cidades de Meliboe e Escotuso, estando as duas em paz e amizade com ele, espreitou quando os habitantes estivessem um dia reunidos em conselho da cidade, atacou-os de repente com seus apaniguados e mandou passar todos ao fio da espada, até as crianças, tendo consagrado e coroado com festões e flores *a lança com a qual havia morto Polifrão, seu próprio tio, sacrificando-o como se fosse um deus e chamando-o Ticon, como quem dissesse, feliz em bem assentar. E, uma vez, estando em um teatro onde desempenhavam a tragédia das Troadas de Eurípides, saiu e mandou dizer aos que representavam que não deixassem de trabalhar tão diligentemente como se ele tivesse ficado e que não tinha saído, porque se zangara ou não achara sua representação satisfatória, mas porque tinha vergonha que seus concidadãos o vissem chorar ao ouvir representar as desgraças de Hecuba e de Andrômaco, visto que não havia tido jamais piedade de nenhum de todos aqueles que havia mandado matar. Pois este tirano, apesar de tudo, assustou-se somente com o nome e a reputação de Epaminondas; e, como dizem num provérbio comum:

Abaixou a asa assim como o galo

Que sai fugindo da briga.

Enviou incontinente mensageiros à sua presença para se desculpar e justificar, mas Epaminondas não quis que por seu intermédio os tebanos, tratassem paz nem aliança com um homem tão mau, mas concedeu uma trégua por trinta dias, retirando de suas mãos Pelópidas e Ism ênias, com os quais voltou a Tebas.

LIV, Os tebanos, sendo avisados de que os lacedemônios e os atenienses enviavam embaixadores à presença do grande rei da Pérsia para obter sua aliança, enviaram da sua parte também Pelópidas, no que foram sabiamente aconselhados pela grande glória de seu nome. Passando primeiramente pelos países e províncias que deviam obediência ao rei, onde era tão famoso que não falavam senão dele, dada a fama das batalhas que havia ganho contra os lacedemônios e que havia penetrado adiante e atravessado as regiões da Ásia; e depois que a primeira notícia da jornada de Leutres foi trazida, juntando proezas sobre proezas, sua glória cresceu de tal modo que se expandiu por tudo, até as mais altas e mais distantes províncias do Oriente. Assim, quando chegou à Corte da Pérsia, os senhores, príncipes e capitães que o viram, tomaram-no com grande admiração dizendo: — "Eis aquele que tirou aos lacedemônios o domínio da terra e do mar e que alinhou até do outro lado do rio Eurotas e da montanha Taigeto{621} os espartanos, os quais há pouco tempo guerreavam o grande rei da Pérsia, sob o comando de seu rei Agesilau, até o meio da Ásia, para os reinados de Susa e de Ecbátana".

LV. Estava o rei Artaxerxes muito contente mesmo com a sua vinda, elogiando-o mais altamente e colocando-o ainda em maior estima e muito maior reputação do que nunca, pelas honras que lhe tributava desejando mesmo que esta glória o acompanhasse sempre e que os personagens mais virtuosos e mais excelentes do mundo deviam fazer-lhe a corte, porque consideravam sua grandeza e sua altivez soberanamente feliz. Além disso, quando o viu à sua frente e ouviu os seus conceitos, achou-os mais graves do que os dos atenienses e mais sinceros do que os dos lacedemônios, amando-o ainda e tomando uma afeição verdadeiramente real para com ele, de tal forma, que sem nada dissimular, honrou-o e favoreceu-o acima de todos os outros embaixadores, os quais bem se aperceberam que se fazia mais caso dele do que de nenhum outro. Como parecesse ao rei dever maior apreço a Antalcidas Lacedemônio, do que a qualquer outro dos gregos, um dia estando à mesa, tirou de sua cabeça o chapéu de flores que trazia e molhando-o ele mesmo em um licor de perfume, enviou-lho. É bem verdade que não fez a Pelópidas demonstrações de tão grande intimidade,

mas enviou-lhe presentes os mais belos e mais ricos que soube enviar e concedeu-lhe inteiramente todos os seus pedidos que foram: "Que todos os povos gregos ficassem livres e libertados, que a cidade e região de Messênia fossem repovoadas, que os tebanos fossem nomeados os velhos amigos hereditários dos reis da Pérsia".

LVI. Obtendo esta resposta, Pelópidas voltou sem aceitar receber coisa alguma senão os presentes que lhe haviam sido ofertados da parte do rei{622}, o que foi causa a que os outros embaixadores gregos ficassem malvistos em suas cidades. Entre os outros, os atenienses processaram o seu, que se chamava Timágoras, que foi condenado a morte e executado. E assim recebeu muitos presentes do rei, justamente, pois não aceitou somente de ouro e de prata tanto quanto queriam dar, mas também um leito muito rico e criados de quarto persas, para o servirem como se os gregos não o soubessem fazer; ainda mais, recebeu também oitenta vacas leiteiras e vaqueiros para as guiar, o que lhe foi útil, pois teve necessidade do leite de vaca na cura de uma enfermidade que lhe sobreveio. Por esta razão foi conduzido desde a corte persa até a costa do mar Mediterrâneo numa liteira a braços, sendo dado, da parte do rei, àqueles que o levaram, dois mil e quatrocentos escudos como seu salário. Todavia, parece que não foram as dádivas que recebeu, que mais irritaram os atenienses, levando em conta que Epícrates o carregador, não somente confessou em público haver aceito presentes do rei da Pérsia, mas disse ainda mais que queria propor e levar avante um decreto que em vez de elegerem todos os anos, nove oficiais{623} que mantinham o governo da cidade, elegessem nove embaixadores dos mais pobres e dos mais adoentados que houvesse entre a plebe, para os enviar como embaixadores à presença do rei, a fim que voltassem ricos com presentes que lhes daria. O povo não fez senão rir, mas ficaram invejosos porque os tebanos haviam obtido tudo o que haviam pedido, não l evando em consideração quanto a estima e reputação de Pelópidas havia sido de mais eficácia e força do que todos os falatórios que os outros fizeram, mesmo em face de um príncipe que procurava sempre considerar esses gregos que eram os mais poderosos nas armas. Esta embaixada, portanto, aumentou grandemente o amor e benevolência que todo o mundo tinha a Pelópidas, por causa da restauração e repovoamento de Messênia e a libertação de todos os outros gregos.

LVII. Mas Alexandre, o tirano de Feres, tendo voltado ao seu natural ríspido, destruiu diversas cidades da Tessália, pôs guarnições por todo o país dos Ftiotes, aqueanos e magnesianos. Tão logo as cidades souberam da volta de Pelópidas, despacharam incontinente seus embaixadores a Tebas para solicitar que lhes enviasse um exército, e Pelópidas especialmente como seu capitão para as libertar da escravidão do tirano. Os tebanos acederam bem voluntariamente e todas as coisas ficaram prontas em pouco tempo. Mas no momento em que Pelópidas quis partir, repentinamente, o sol eclipsou-se{624} e em pleno dia ficou toda a cidade de Tebas obscurecida nas trevas, pelo que Pelópidas vendo todo o mundo assustado por este sinal e presságio celeste, não quis obrigar seus concidadãos a partir com este temor, nem com tanta esperança colocar ao acaso sete mil burgueses tebanos que estavam arrolados para irem nesta viagem, mas deu-se a si mesmo aos tessalianos com trezentos cavaleiros estrangeiros que o seguiram de boa vontade, na companhia dos quais se pôs a caminho contra a proibição dos adivinhos e contra a vontade de seus concidadãos mesmos, aos quais parecia que este sinal do céu ameaçava algum grande personagem, como ele. Ele, porém, estava mais ardentemente desejoso de ir ao encontro de Alexandre, pela vontade que tinha de se vingar da injúria que lhe havia feito. Ainda esperava ele muito mais, que encontraria sua casa em condições favoráveis à derrota do inimigo, pela conversa que havia tido com a mulher Teba. Todavia, a beleza do ato em si era o que mais o incitava e aguilhoava e por isso esforçava-se para fazer ver aos gregos ao mesmo tempo que aos lacedemônios, que enviavam a Dionísio, tirano da Sicília, governadores e capitães para o servir e que os atenienses, como mercenários recebiam dinheiro e soldo de Alexandre, o tirano de Feres, em honra do qual haviam levantado dentro de sua cidade uma estátua de cobre como a um benfeitor, que só os tebanos, ao contrário, tomavam as armas para libertar os que estavam oprimidos pelos tiranos e combatiam para exterminar e retirar os usurpadores do domínio violento e iníquo dentre os gregos.

LVIII. Tendo chegado à cidade de Farsale, logo que reuniu seu exército, pôs-se logo em campo para ir à procura do tirano, o qual vendo que Pelópidas tinha poucos soldados à sua volta e que ele se encontrava com um número duplicado de gente, foi até o templo de Tétis, onde alguém disse a Pelópidas que Alexandre vinha ao seu encontro com numerosos combatentes e Pelópidas respondeu-lhe rápido: — "Tanto melhor, pois assim venceremos mais gente." Ora, há no centro desta planície outeiros redondos e bastante altos, que chamam comumente as cabeças de cão e trataram uns e outros de alcançá-los mais depressa. Pelópidas, que contava com cavalaria e bons guerreiros, enviou-os na frente para aniquilar os inimigos que pensassem alcançar esses outeiros e, tendo-os aniquilado, puseram-se a persegui-los através da planície. Entretanto, Alexandre com infantaria ali perto, marchou na frente e ocupou os ditos outeiros porque os tessalianos que estavam mais longe chegaram muito tarde. Todavia, chegados, aí ficaram e trataram de escalar pelo lado contrário os declives desses outeiros, que eram altos e retos, mas Alexandre, fazendo carga do alto, com vantagem, matou esses que avançavam primeiro e os outros, que vinham atrás, retiraram-se feridos, sem nada fazer.

LIX. Vendo isso, Pelópidas chamou com urgência seus cavaleiros que estavam expulsando aqueles que haviam aniquilado e ordenou-lhes que fossem ao encontro da infantaria inimiga, enquanto ele mesmo foi, correndo, ajudar os que combatiam para alcançar os penhascos. Tomando um escudo sobre o braço e passando entre os que vinham atrás, fez tanto que chegou até os primeiros, aos quais sua presença aumentou de tal forma a força e a coragem, que os inimigos pensaram que fossem combatentes novos que vinham fazer carga; no entanto, sustentaram ainda dois ou três ataques, mas no fim, vendo que aqueles atiravam sempre vigorosamente para a frente e a cavalaria lhes vinha por cima, entregaram-lhes a praça e se retiraram recuando passo a passo.

LX. Assim, Pelópidas, tendo ganho os outeiros, ficou sobre o cume olhando o exército dos inimigos, o qual não estava ainda fugindo rapidamente, mas já se achava em movimento e em grande desorganização. Olhou daqui e dali, à volta toda para ver se não percebia Alexandre e, finalmente, escolheu-o entre os outros na ponta direita de sua tropa, tentando garantir sua gente. Tendo-o percebido, não pôde, com razão, dominar sua cólera, mas sentindo inflamar-se de ódio por tê-lo visto, abandonou a direção de sua empreitada e jogou-se longe, à frente de toda sua gente, gritando e chamando em alta voz o tirano para o combate. Este não ouviu, nem se apresentou para combatê-lo, mas fugiu escondendo-se entre seus guardas. Quanto aos soldados, os primeiros que pensaram em fazer frente a Pelópidas, foram por ele feitos em pedaços e ficaram muitos mortos sobre o campo, mas os outros aliando-se em tropa cerrada, dando-lhe de longe grandes golpes de lança, torceram seu corpo de couraça, ferindo-o no estômago, até que os tessalianos penalizados de vê-lo assim maltratado, correram de cima dos outeiros para socorrê-lo, mas ele já estava caído por terra quando chegaram e então todos, juntos com a cavalaria, fizeram um tão grande esforço que viraram a batalha dos inimigos em fuga e os perseguindo até bem longe de lá cobriram toda a planície de mortos, pois mataram mais de três mil{625}.

LXI. Ora, não é de admirar que os tebanos presentes à morte de Pelópidas tenham ficado muito descontentes e tenham posto grande luto chamando-o seu pai, seu salvador e seu chefe, como aquele que lhes havia ensinado as mais belas e as mais honrosas coisas que souberam aprender. Mas os tessalianos e outros aliados e confederados de Tebas, além do que fizeram por seus editais e decretos públicos, prestaram em louvor de sua memória, toda a honra que poderia ser devida à mais excelente das virtudes humanas, demonstraram ainda mais seu amor e sua afeição para com ele pelo desgosto que sentiam e o grande luto que puseram; pois diz-se que esses que se encontravam nesta batalha, não se despojaram de suas armas, não desenfrearam seus cavalos nem fizeram pensar suas feridas, quando ouviram a notícia da morte de seu chefe antes de irem primeiramente junto do corpo, ainda todo quente que estava do combate, juntando à volta grande quantidade de despojos dos inimigos, como sinal de sentimento e de luto. Cortaram seus cabelos e as crinas de seus cavalos e houve ainda muitos que depois de terem se retirado para suas tendas e pavilhões, não quiseram acender o fogo,

nem beber nem comer e por todo o campo um triste e morno silêncio como se não tivessem ganho uma bela e gloriosa vitória, mas houvessem sido derrotados e escravizados pelo tirano. Depois, quando a notícia foi espalhada por todo o país, os oficiais de cada cidade por onde o corpo devia passar com os rapazes, as crianças e os sacerdotes iam à frente para recebê-lo honrosamente, com exibição de troféus, de coroas e de armas de ouro puro.

LXII. E quando chegou o momento dos funerais, quando era preciso retirar o corpo, os mais antigos e mais notáveis personagens dentre os tessalianos dirigiram-se aos tebanos pedindo que lhes permitissem poderem eles mesmos, exumar, tendo um falado desta maneira: — "Senhores tebanos nossos bons amigos e aliados, solicitamos uma graça que se nos reverterá em honra e também nos confortará numa calamidade tão grande, pois não podemos nunca mais acompanhar Pelópidas vivo, nem lhe pagar as honras que de nós mereceu, mas se vós nos fizerdes esse bem em permitir que possamos tocar seu corpo com nossas próprias mãos, amortalhar e enfeitar nós mesmos as suas exéquias, pelo menos nos seria um sinal que acreditais no que firmemente cremos, que a perda é mais grave e maior para os tessalianos do que para os tebanos, pois perdestes um bom capitão mas nós não perdemos somente um bom capitão, mas também a esperança da recuperação de nossa liberdade, pois como ousaremos ainda pedir para enviar outro comandante, quando não podemos vos devolver Pelópidas?"

LXIII. Estas súplicas ouviram os tebanos, dando-lhes o que pediam. Parece-me que não poderiam ser dos mais honrosos nem mais magníficos os funerais como foram aqueles, pelo menos para aqueles que medem a dignidade, o esplendor e magnificência, não pelos ornamentos de marfim nem de púrpura como faz Filisto, que tanto exaltou e engrandeceu o enterro de Dionísio, o tirano de Siracusa, que saiu de sua tirania, como a conclusão pomposa de uma tragédia. E Alexandre, o Grande, na morte de Efestion mandou cortar não somente as crinas dos cavalos e das mulas, mas também mandou demolir as seteiras das muralhas das cidades a fim de que parecesse que mesmo as muralhas trouxessem luto tomando, em lugar de sua forma primitiva, uma demolição que trazia indício de dor e sentimento. Mas todas as coisas assim são ordens de senhores, dadas pela força e pelo constrangimento, os quais não alimentam senão inveja contra a memória daqueles para quem elas são feitas e ódio desses que são constrangidos apesar de a cumprirem, não trazendo porém testemunho de honra, nem de benevolência, mas antes são mostras de uma pompa, arrogância e vaidade bárbara, que emprega sua autoridade e o supérfluo de seus bens em coisas frívolas que não são para desejar unicamente; quando um simples homem privado, morto em país estrangeiro, onde não tinha nem mulher, nem parentes, nem filhos convidados para seus funerais, é levado e coroado por tantos povos e as cidades fazendo inveja uma a outra, procurando honrar mais sua memória, sem que pessoa alguma lhes pedisse e ainda mais as constrangesse. Com justiça, parece haver atingido tal testemunho o cume da verdadeira felicidade humana, pois a morte dos homens felizes não é muito grave, como dizia Esopo, mas é muito feliz, levando em conta que ela põe em pé de segurança as prosperidades e os bons atos das pessoas de bem, deixando a sorte variar e mudar a seu prazer. E, portanto, falou melhor, a meu julgamento, um lacedemônio que agradando um bom velho Diágoras, o qual havia, ele mesmo levantado antigamente, o prêmio dos jogos olímpicos, tendo visto coroar como vitorioso nos ditos jogos seus filhos e os filhos de seus filhos, tanto de seus filhos como de suas filhas, disse-lhe: — "Morres tu agora, Diágoras{626}, pois não subirás mais ao céu".

Mas as vitórias dos jogos olímpicos e píticos, mesmo colocadas todas juntas, não têm no que comparar a uma só de tantas batalhas em que Pelópidas combateu e ganhou, tendo empregado a maior parte de seus dias na honra e na glória e finalmente tendo-as terminado como governador da Beócia pela décima-terceira vez, que era a honra suprema de seu país e tendo morrido entre aqueles tiranos que oprimiam a vida dos tebanos e sendo morto combatendo corajosamente pela recuperação da liberdade dos tessalianos.

LXIV. Mas se a morte foi desagradável aos aliados de Tebas, foi-lhes ainda de maior proveito, pois logo que os tebanos receberam a notícia, não pensaram senão em vingança e despacharam incontinente um exército de sete mil soldados de infantaria e setecentos cavaleiros sob o comando de Maleitas e de Diogiton, os quais encontrando Alexandre derrotado e tendo perdido a maior parte de suas forças, obrigaram-no a devolver aos tessalianos as suas cidades que estavam em seu poder e deixar os magnesianos, ftiotes e aqueanos em liberdade, retirando e suprimindo as guarnições que havia posto nas praças fortes, e também prometer e jurar que doravante marcharia sob as ordens dos tebanos contra tal ou qual inimigo ou contra quem eles ordenassem.

LXV. E quanto aos tebanos, contentaram-se com essas condições, mas eu q uero, ainda mais, contar o castigo com que os deuses, tanto antes como depois, fizeram os responsáveis pagar pela morte de Pelópidas, o qual como havíamos citado acima, havia primeiramente instruído Teba, sua mulher que não devia nunca temer a aparência exterior nem o poder da tirania, ainda que Ficasse entre os satélites armados e no meio dos banidos que o tirano mantinha na sua guarda. Por outro lado, temendo sua deslealdade e odiando sua crueldade, conspirou sua morte com seus irmãos que eram três, Tisífono, Pitolau e Licofrão e executou sua conspiração desta maneira: todos os moradores do palácio onde se achava o tirano estava cheio de guardas e de soldados que guardavam a noite toda junto de sua pessoa, mas o quarto onde costumavam dormir, ficava no pavimento mais alto, na porta do qual havia um cachorro amarrado que montava a guarda e era terrível para todo o mundo, não conhecendo ninguém, somente eles dois e um criado que lhe dava de comer. Quando então quis pôr mãos a obra para a execução de seu plano, manteve um dia todos os seus irmãos fechados num quarto bem próximo ao seu e depois vindo a noite foi sozinha, como estava acostumada, ao quarto de Alexandre que já dormia e logo depois saiu ordenando ao criado que levasse o cachorro para alguma parte longe dali, porque seu marido queria descansar à vontade e sem barulho. Ora, subia-se naquele quarto somente por uma escada, a qual desceu e com receio que seus irmãos subindo fizessem barulho, cobriu-a e forrou-a com lã antes de a descer, fazendo-os assim subir com suas espadas e pondo-os diante da porta, entrou no quarto e tirou ela mesma, a espada do tirano que estava suspensa sobre sua cabeceira, que lhes mostrou, sendo esse o sinal combinado com eles para lhes dar a entender que ele dormira.

LXVI. Os rapazes ficaram assustados e afastaram-se um pouco quando chegou o momento de chegar às vias de fato. Ela se zangou asperamente com eles, chamando-os de homens covardes, visto que o coração assim lhes falhava quando necessário e lhes jurou colérica que iria ela mesma acordar o tirano e contar-lhe toda a conspiração, de tal jeito que parte por vergonha e parte por medo, obrigou-os a entrar e aproximar-se do leito, segurando ela mesma a lâmpada para os clarear. Então um deles pegou-o pelos pés apertando-os bastante, o outro atirou a cabeça para trás, segurando-a pelos cabelos e o terceiro matou-o a golpes de espada. Assim morreu mais rapidamente, por sorte e mais prontamente do que não devia. No entanto, por esta maneira foi morto, assim como suas perversidades e infelicidades o fizeram merecer, pois foi o primeiro tirano assassinado por conspiração de sua própria mulher e também pelos ultrajes que fizeram a seu corpo depois da morte, pois os habitantes de Feres, depois de o haver arrastado por toda a cidade e pisado, por fim o jogaram e abandonaram como repasto aos cães.

Marco Cláudio Marcelo

SUMÁRIO DA VIDA DE MARCELO

I. Maneiras agradáveis e pendores guerreiros de Marcelo. II. Sua bravura. Seus primeiros empregos. Virtude de seu filho. III. Guerra dos gauleses. IV. Os cônsules Flamínio e Fúrio são chamados. V. Atenção dos romanos às cerimonias religiosas. VI. Marcelo, substituindo o cônsul Flamínio, vai atacar os gauleses. VIII. Combate e mata o rei gaulês. X. O senado concede-lhe as honras do triunfo. XI. Marcelo, o terceiro que apresenta a Júpiter excelentes despojos por haver morto o chefe dos inimigos. XII. Taça de ouro enviada a Delfos. XIII. Aníbal entra na Itália. Marcelo vai à Sicília. Depois da batalha de Canes, Fábio e Marcelo tornam-se o apoio de Roma. XV. Vantagens obtidas por Marcelo sobre Aníbal. XVIII. Terceiro consulado de Marcelo. Firmeza do senado com relação aos soldados que fugiram da batalha de Canes. XIX. Marcelo leva de assalto a cidade dos leontinos. XX. Cerco diante de Siracusa. XXI. Gênio de Arquimedes. XXIII. Efeito de suas máquinas. XXVIII. Diversas vantagens de Marcelo na Sicília. Escala uma das torres de Siracusa e apodera-se da cidade. XXIX. Morte de Arquimedes. Dor que Marcelo demonstra. XXX. Sua clemência, sua humanidade. XXXI. Perdoa à cidade de Êngio. XXXIII. Transporta à Roma os quadros, as pinturas, as estátuas de Siracusa. XXXIV. Efeitos desses monumentos de arte sobre o espírito dos romanos. XXXV. Marcelo recebe as honras da aclamação. XXXVI. Diferentes sentimentos de Esparta e de Roma sobre o mérito das vitórias. XXXVII. Quarto consulado de Marcelo. Acusação intentada contra ele pelos habitantes de Siracusa. Sua generosidade a respeito. XXXIX. Vai atacar Aníbal. XL. Vantagens. XLII. Enfrenta um revés perto de Canúsio. XLIII. Anima suas tropas. XLIV. Derrota Aníbal. XLV. Nova acusação contra Marcelo. Justifica-se. XLVI. Seu quinto consulado. XLVII. Põe-se de novo em marcha contra Aníbal. XLIX. Entra em uma emboscada onde é morto. L. Honras que lhe são rendidas. LI. Monumentos públicos construídos e dedicados por Marcelo. Sua posteridade até Marcelo, filho de Otávia, irmã de Augusto. A memória do jovem Marcelo honrada por Otávia.

Desde o ano de Roma 496 até o ano 546, 208 anos A.C. Comparação de Marcelo com Pelópidas.

Marcos Cláudio, aquele que foi cinco vezes cônsul em Roma, era filho de um outro Marcos, pelo que dizem, mas foi o primeiro de sua casa denominado Marcelo, o que vale dizer marcial e guerreiro, conforme escreve Possidônio, porque era destro nas armas, experimentado da guerra, forte e disposto pessoalmente, a mão sempre pronta, e amando por natureza o combate, mas não mostrava essa aspereza e esse ardor em combater senão na guerra, somente contra o inimigo pois, pensando bem, seus modos eram muito agradáveis e bastante temperados. Amava a disciplina e letras gregas a ponto de honrar e admirar somente aqueles que as conheciam, pois de resto os seus deveres o impediam de poder vagar e de se exercitar como desejava, porque pertencia àquele grupo de homens aos quais os deuses, como diz Homero{627}, fizeram:

Usar na guerra e em sangrentos rodeios Sua juventude até a sua velhice; e que foram os nobres e os principais romanos daquele século, que na sua juventude, tiveram que combater contra os cartagineses na Sicília, na flor da idade, contra os gauleses para impedir que ocupassem toda a Itália e, na sua velhice, contra Aníbal e contra os cartagineses ainda uma vez, pois não aproveitaram nada do privilégio da idade, que os dispensava de ir à guerra como os outros cidadãos comuns, pela sua velhice, mas foram constrangidos tanto por sua nobreza como por sua experiência e valor, em aceitar os cargos e comandos dos exércitos que o senado e o povo lhes puseram aos ombros.

II. Ora, quanto a Marcelo, não havia forma de combate ao qual se recusasse, ou fosse pouco exercitado. Além de tudo, era mais senhor de si no combate de homem para homem em campo fechado, do que em outro qualquer, pelo que não recusou jamais inimigo que o desafiasse, mas matava sobre o campo todos os que o provocavam. Na Sicília salvou a vida ao seu irmão Otacílio, que num encontro havia caído por terra, pois cobriu-o com seu escudo e prostrou aqueles que corriam para acabar de matá-lo. Em razão dessas proezas, sendo ainda jovem, recebeu dos capitães, sob os quais servia, diversas coroas e outros prêmios de honra dos que são conferidos aos homens corajosos. E como continuasse a mostrar seu valor cada vez mais, o povo o elegeu magistrado, um dos cargos de maior dignidade e honra{628} e os sacerdotes lhe criaram um augúrio, que é em Roma uma espécie de presbitério, pelo qual a lei dá autoridade de observar e considerar o voo dos pássaros para adivinhar e prognosticar o futuro. Mas, no ano desta sua magistratura, foi obrigado a chamar perante a justiça e acusar, embora pesarosamente, um colega seu chamado Capitolino, o qual sendo homem temerário, dissoluto e desordenado em sua vida, enamorou-se do filho de Marcelo, que tinha o mesmo nome de seu pai e convidou-o a ponto de desonrá-lo, não olhando sequer que estava em plena adolescência, prezado e estimado por todo o mundo por ser honesto e bom discípulo, como por ser um bom filho. Ora, da primeira vez, fora de si, o rapaz recusou os convites e perseguições desse Capitolino sem contar a ninguém, mas quando viu que persistia em seu intento, contou e declarou a seu pai, o qual ficou seriamente indignado, como o caso merecia, e acusou-o perante o senado. Capitolino, de início, para não comparecer, alegou diversas desculpas e subterfúgios e por fim apelou para os tribunos do povo, os quais declararam que não recebiam nenhum apelo seu e não queriam tomar conhecimento do fato. Assim, afinal, foi obrigado a responder perante o senado, negou em cheio o fato, porque não havia testemunhas que houvessem ouvido suas palavras. Nessa ocasião o senado foi de aviso que viesse o rapaz pessoalmente, o qual apresentando-se, pôs-se a enrubescer e a chorar. Os senadores, vendo-o cheio de pudor e com lágrimas nos olhos, não podendo se dominar mais, decidiram, sem mais prova, que o caso estava averiguado, condenando na hora Capitolino a multa de uma boa soma de dinheiro. Daquelas moedas Marcelo mandou fazer vasos de prata para servir nos sacrifícios, os quais dedicou e consagrou ao serviço dos deuses.

III. Ora, estando terminada a primeira guerra que os romanos tiveram contra os cartagineses, no fim de vinte e dois anos que havia durado, logo depois recomeçaram outra guerra entre os gauleses, pois os subrianos, vindos da Gália e que habitavam ao pé dos Alpes do lado da Itália, conquanto fossem eles mesmos fortes e poderosos, c hamaram ainda em seu auxílio outros gauleses que habitavam além desmontes e fizeram vir fortes exércitos desses mesmos que

estão acostumados a se colocar a soldo de quem desse mais e que se chamam gessates{629}. Parece-me que foi sorte para os romanos, esta guerra gaulesa não ser deflagrada enquanto durava ainda a dos cartagineses e como os gauleses, pela maneira de dizer, tinham jurado combater por sua vez contra aqueles que saíssem vencedores, esperaram lealmente que a mesma tivesse terminado. No entanto, a posição de seu país causava grande temor aos romanos por serem vizinhos próximos e estavam, assim, com a guerra às portas. Também a antiga reputação dos gauleses fazia com que os romanos os considerassem mais perigosos do que qualquer outra nação, porque foram eles que outrora haviam tomado a cidade de Roma{630}. Depois da queda da mesma, foi baixada uma ordem, segundo a qual os sacerdotes e religiosos seriam dispensados e ficariam isentos de irem para a guerra, a não ser quando os gauleses se revoltassem. Os preparativos que fizeram então para esta guerra, testemunharam bastante o temor que sentiam, pois nem antes nem depois, foram tantos milhares de romanos armados repentinamente, como daquela vez. Além do mais, a nova crueldade que usaram em seus sacrifícios fez fé também, pois outrora não estavam habituados a fazer nada que fosse estranho nem viesse dos costumes dos bárbaros, mas tinham opiniões bastante humanas quanto às cerimonias da religião e de acordo com as dos gregos, no tocante ao serviço dos deuses. Então foram constrangidos a obedecer a alguns oráculos e profecias antigas, que encontraram escritas nos livros da Sibila e enterraram todos vivos, num mercado de bois, dois gregos, um homem e uma mulher, e da mesma maneira também dois gauleses, aos quais até hoje, festejam ainda no mês de novembro por meio de algumas cerimonias secretas, que não é permitido a todo mundo ver.

IV. Ora, nos primeiros encontros dessa guerra, houve grandes vitórias e grandes perdas também para os romanos, mas nem por isso diminuiu de intensidade nem foi reduzida para caminhar a um final seguro. No ano em que Flamínio e Fúrio foram cônsules{631} e enviavam fortes e poderosos exércitos para guerrear os insubrianos, que são os milaneses, chegou a Roma notícia de que foi visto um rio da Romagne{632} todo vermelho de sangue e que haviam também visto de repente, na cidade de Rímini{633}, três luas, ajuntando que os sacerdotes e adivinhos que haviam observado e considerado os presságios dos pássaros no dia em que aqueles dois haviam sido eleitos cônsules, afirmavam que houve um engano{634} e que eles haviam sido eleitos indevidamente contra os sinais e prognósticos dos pássaros. Por isso o senado escreveu-lhes mesmo na hora, chamando-os a fim de que viessem eles mesmos demitir-se do consulado, antes que pensassem fazer alguma coisa, como cônsules, ao encontro dos inimigos. O cônsul Flamínio recebeu as cartas bem a tempo, mas como estava no momento de se travar uma batalha, não as quis abrir antes de haver primeiro derrotado os inimigos e persegui-los como fez, mas também quando voltou a Roma, ainda que fosse com grande quantidade de presas, o povo não quis recebê-lo, porque não havia obedecido prontamente às cartas que lhe haviam escrito nem havia voltado, assim como lhe haviam ordenado, mas audaciosamente havia agido por sua alta recreação, sem se preocupar, de maneira que bem pouco faltou para que não lhe recusassem, totalmente, as honras do triunfo. Também, tão logo terminou seu triunfo, obrigaram-no a renunciar a seu consulado e tornando-o um cidadão comum com seu companheiro, tanto os romanos nisso eram escrupulosos, que queriam que todas as coisas tivessem a aprovação, a graça e bom prazer dos deuses, não permitindo nunca que menosprezassem as observações e previsões dos adivinhos, nem os usos e costumes antigos. Acreditavam assim que qualquer felicidade e prosperidade{635} poderia advir, porque procuravam ser mais expeditos para o bem público os seus oficiais e magistrados devido ao respeito às cerimonias religiosas e assim vencerem seus inimigos.

V. Portanto, Tibério Semprônio, personagem que tanto foi honrado e estimado pelos romanos, tanto por sua bondade como por seus feitos, como nenhum outro de seu tempo, sendo durante um ano cônsul{636}, nomeou e declarou outros dois para o ano seguinte: Cipião Nasica e Caio Márcio, os quais, tendo tomado posse e já tendo ido às províncias que lhes caíram por sorte, Semprônio{637}, por acaso, tomou em suas mãos alguns livrinhos, onde sumariamente estavam escritas as regras pertencentes às cerimonias dos sacrifícios públicos e lendo-as achou uma observância, da qual nunca tinha ouvido falar, a qual era que, quando um magistrado, encontrando-se fora da cidade assentado em alguma tenda ou c asa alugada para aí contemplar e observar os presságios dos pássaros e que acontecesse em alguma ocasião ser obrigado a se retirar da cidade antes que os pássaros houvessem dado alguns sinais certos,

precisaria, quando voltasse a segunda vez para terminar suas observações, deixar primeiro a tenda ou casa alugada e tomar uma outra para de novo começar suas contemplações. Tibério, não sabendo disto, havia por duas vezes se servido de uma mesma casa e havia sobre isto nomeado e declarado esses dois cônsules sucessores, mas depois, tendo conhecido sua falta, a fez ouvir no senado, o qual não quis negligenciar uma omissão tão leve, mas escreveu aos novos cônsules, os quais deixaram incontinente suas províncias e voltaram a Roma prontamente, onde se demitiram de seus cargos. Isto aconteceu algum tempo depois, mas foi mais ou menos na mesma ocasião dos acontecimentos que narramos. Houve dois sacerdotes das nobres casas e personagens{638} mui notáveis, um, chamado Cornélio e o outro Cetego{639}, que foram privados de suas ordens sacras, por haverem deixado de entregar as entranhas da hóstia imolada, como deviam. E Quinto Sulpício, ao sacrificar, o chapéu sacerdotal, que chamam Flimines, caiu-lhe da cabeça, por isso foi deposto de sua prelatura. Como ditador, Minúcio nomeou Caio Flamínio para chefe da cavalaria, mas este foi destituído e posto outro em seu lugar{640} porque no instante em que o ditador o nomeou, ouviu-se o barulho de um rato. E como fossem tão estritamente cuidadosos em velar com um tão grande cuidado, mesmo nas coisas insignificantes, não era porque ali houvesse superstição, mas porque não transigiam em nenhum ponto quando se tratava das instituições e cerimonias antigas de seu país.

VI. Mas, voltando à nossa história, quando Flamínio, por si mesmo se demitiu de seu consulado, Marcelo foi em seu lugar substituí-lo por esses que chamam "entre-reis"{641}, e tendo tomado posse, escolheu{642} como seu companheiro. Cneu Cornélio. Quando disseram então que os gauleses estavam inclinados a um armistício e até o senado romano estava contente ao ouvir falar de paz, Marcelo instigou o povo, dispondo-o a querer a guerra mais cedo. Não obstante isso, a paz foi celebrada, mas depois os gauleses gessates incontinente recomeçaram a luta, pois atravessaram os Alpes em número de trinta mil combatentes e vieram unir-se aos insubrianos, que eram em muito maior número e foram fazer cerco à cidade de Acerres{643}, que estava situada sobre o rio Pó{644}. Seu rei, Briomato, durante aquele cerco, tomando dez mil gessates, foi perseguir e pilhar em cheio o país nos arredores do Pó.

VII. Vendo isso, Marcelo deixou seu companheiro com toda a infantaria e o terço da cavalaria no campo junto de Acerres e, com o resto da cavalaria e seiscentos homens a pé, aparentemente armados, pôs-se a caminho em busca do inimigo, sem descansar nem de dia nem de noite, até haver atingido os dez mil gessates junto de um arrabalde da Gália, aquém dos montes, que se chama Clastidion e que antes estava subordinado aos romanos. Não teve descanso para repousar nem refazer um pouco sua gente, porque os bárbaros, logo que souberam de sua vinda e considerando-o já vencido por causa do reduzido número de soldados que tinha, arremeteram-se contra ele. Quanto à cavalaria, os gauleses não a levaram em conta, pois além de se considerarem fortes guerreiros, julgando que isto vale mais que nenhuma outra sorte de combate, ainda passavam, então, em muito maior número os de Marcelo e por isso marcharam rapidamente e, com grande fúria e com ameaças terríveis, como se de chegada tivessem que arruinar tudo. O rei marchava na frente de todas as suas tropas.

VIII. Marcelo, temendo que eles o cobrissem e o cercassem por trás, porque estava em número tão pequeno, estendeu o mais que pôde as alas de sua soldadesca para abraçar maior espaço, de maneira que as duas extremidades vinham a ficar muito fracas, até chegar bem perto dos inimigos. E como já estava pronto para, em galope, ir de encontro, aconteceu que seu cavalo, assustado com o barulho e a bravura dos inimigos, virou-se e levou Marcelo para trás, mas ele temendo que os romanos tomassem isso supersticiosamente como mau presságio e se deixassem tomar de algum terror que perturbasse seu entendimento, com a mão esquerda puxou a rédea, fazendo o cavalo voltar repentinamente a cabeça para o lado

inimigo e, no mesmo instante, adorou o sol como se fosse por acidente que tivesse rodopiado. Mas na verdade, deu esse efeito por causa dos romanos que estavam acostumados a fazer assim uma volta quando saudavam e adoravam os deuses e, imediatamente, começou a confusão. Fez voto a Júpiter Feretriano de lhe oferecer as mais belas armas que os inimigos tivessem, se saísse vencedor. Na mesma hora, o rei dos gauleses tendo-o percebido, concluiu, ao ver os sinais e insígnias que trazia, que devia ser ele o chefe dos inimigos e, então, atirou seu animal diante de sua tropa direito a ele, lançando um grito de desafio e dizendo que era a ele mesmo que queria, brandindo um comprido dardo de armadura que trazia na mão. O chefe era o homem de mais belo porte entre os gauleses e seu arreio era todo de ouro e prata e tão enriquecido pelos lavores que ostentava, que ao correr, reluzia como um relâmpago, pelo que Marcelo, dando uma vista de olhos sobre toda a batalha dos inimigos e não tendo notado armas mais belas do que as desse rei, incontinente julgou que era esse aquele contra quem havia feito sua oração e seu voto a Júpiter. Lançou-se direito à ele, dando um golpe tal de dardo, ajudado pela força e tensão da corrida do cavalo, que forçou sua couraça pondo-o por terra, não ainda morto, mas redobrou dois ou três golpes com os quais acabou de matá-lo; depois, pulando imediatamente de seu cavalo e pegando as armas do morto, levantou os olhos ao céu dizendo: — "Ó Júpiter Feretriano, que olhas do céu e diriges os altos feitos de armas e as proezas dos capitães, chamo-te como testemunha de como sou o terceiro capitão romano que, sendo chefe de exército, haja derrotado e morto com minhas próprias mãos o rei e chefe do exército dos inimigos; prometo-te oferecer e dedicar os mais belos e mais ricos despojos se for do teu agrado dar-nos igual sorte durante esta guerra".

IX. Isso feito e dito, os guerreiros romanos começaram a se misturar por entre os gauleses da cavalaria e da infantaria, confundindo-se, pois não estavam ainda separados uns dos outros e o fizeram de tal jeito, que ganharam uma vitória singular, de maneira estranha e extraordinária, porque não foi nunca visto nem antes e nem depois, que tão pouca gente a pé derrotasse tão grande número de guerreiros. Depois de haver morto a maior parte, ganho seus despojos e conseguido sua inteira derrota, Marcelo voltou à frente de seu companheiro, que encontrou guerreando, com muito pouca sorte os gauleses, diante da maior e mais povoada cidade que tinham, chamada Milão e que os gauleses de aquém-montes têm por sua cidade metropolitana, ou capital, de onde todas as outras foram derivadas e fundadas. Na ocasião, por dever, eles faziam o possível para defendê-la e mantinham o cônsul Cornélio cercado como este a eles. Mas, logo que Marcelo voltou, os gessates, que viram como seu rei Briomato havia sido morto na batalha, voltaram para seu país, e a cidade de Milão foi tomada, depois da qual todas as outras se renderam sem combate e os gauleses se submeteram inteiramente, puseram seus bens à disposição dos romanos, que lhes cederam a paz sob condições justas e razoáveis.

X. Para aquelas vitórias, o senado concedeu as honras do triunfo só a Marcelo e isto foi feito em riqueza, em grande quantidade de despojos, também pelo número de belos e grandes homens prisioneiros e com toda a suntuosidade e magnificência, digna de se ver. Mas o que foi mais agradável, pela novidade, foi Marcelo, pessoalmente, levando sobre seus ombros a Júpiter, todo o despojo do rei bárbaro, que havia morto, pois havia mandado cortar um pequeno carvalho{645} alto e reto, da montanha, que enfeitou em forma de troféu, colocando e suspendendo à volta, na ordem, todas as peças do arreio que havia conquistado. Depois, quando toda a exibição do seu triunfo terminou, ele mesmo, carregando nos ombros o pequeno carvalho, subiu em sua Carriola triunfal e foi assim por toda a cidade levando esse troféu em triunfo, sendo a mais bela "representação e o espetáculo mais honroso que apareceu em toda aquela exibição. Seu exército seguia depois da carriola cantando hinos e cantos de vitória em louvor dos deuses e de seu capitão, pois quando atravessaram a cidade até o templo de Júpiter, denominado Feretriano, aí colocou e a ele dedicou seu troféu.

XI. Foi ele o terceiro e o último dos capitães romanos, até esta data, que recebeu esta honra, pois o primeiro que assim fez oferta a Júpiter das armas do chefe dos inimigos, foi o rei Rómulo, que ganhou as de Acron, o rei dos cenianos, o segundo foi Cornélio Cosso{646} que

derrotou Tolúmnio, capitão geral dos toscanos, e o terceiro Marcelo que, com sua própria mão matou Briomato, rei dos ga uleses e depois dele não ocorreu esta honra a nenhum outro. O deus ao qual se consagra e se dedica essa espécie de despojos é Júpiter Feretriano, assim chamado como escrevem alguns, porque lhe levam esse troféu{647}, seguindo a derivação da palavra grega ferin, que significa levar, porque nesses primeiros tempos havia muitas palavras gregas entremeadas na linguagem latina. Os outros querem dizer que era uma das denominações de Júpiter, que significa tanto como fulminante, porque ferire na língua latina, significa bater, e há os que dizem que é ferir propriamente *na guerra com golpes de mão; ainda hoje os romanos, quando em batalha, descarregam sobre os inimigos ou quando perseguem fugitivos, gritam um ao outro para ajudar a coragem: fere, fere, que vale tanto como dizer: mata, mata. E os despojos que tiram aos inimigos chamam-se geralmente spolia, mas, aqueles que os capitães retiram aos capitães dos inimigos depois de os haver morto, chamam-se particularmente spolia opima. Todavia, há os que dizem que o rei Numa Pompílio, em seus comentários, faz menção de despojos opimos, primeiros, segundos e terceiros, ordenando que os primeiros ganhos sejam consagrados a Júpiter Feretriano, os segundos a Marte e os terceiros a Quirino e que aquele que ganhou os primeiros tivesse por sua recompensa trezentos asses, o segundo, duzentos e o terceiro, cem; entretanto a opinião comum e a mais recente é de que os despojos opimos são os primeiros ganhos, onde há batalha alinhada e que é o chefe do exército quem os tira ao chefe inimigo, depois de o haver morto com sua própria mão. Mas, já falamos suficientemente sobre esse assunto.

XII. Em suma, os romanos ficaram tão contentes com a vitória e com o resultado da guerra, que mandaram forjar uma taça de ouro maciço, com o peso de cem marcos com o espólio que haviam ganho, que enviaram como oferenda ao templo de Apolo Pítio, na cidade de Delfos, para lhe render graças e, liberalmente, também deram parte dos despojos aos seus aliados, a ponto de enviar grande quantidade a Hieron, rei de Siracusa que era seu amigo e confederado.

XIII. Algum tempo depois tendo Aníbal entrado na Itália, Marcelo foi enviado com uma armada à Sicília, tendo ocorrido depois a derrota em Canes, na qual morreram tantos milhares de romanos, salvando-se bem poucos com a fuga rápida para a cidade de Canúsio, na esperança de que Aníbal, tendo desfeito a flor da força dos romanos, não quisesse ir direito a Roma. Marcelo enviou primeiramente mil e quinhentos marinheiros para ajudar a guardar a cidade e depois, tendo recebido uma ordem do senado, veio a Canúsio, onde pegou os que estavam salvos e reunidos depois da batalha perdida, tirando-os dali e levando-os para o campo para o defender. Ora, dos melhores capitães que romanos tiveram, na maioria mortos em diversas batalhas e dos que ficavam, Fábio Máximo era aquele que tinham pelo melhor homem de bem e o mais sábio, mas ainda se queixavam por não ser ele homem de rápida execução, falto de coragem, porque pesava muito todas as coisas para não perder nada e nada fazer por acaso; por isso diziam que era bom capitão para defender mas não para assaltar. Assim, recorreram a Marcelo, julgando que seria preciso juntar sua coragem e vivacidade com o temor prevenido e sabedoria de outro e por isso em alguns anos os elegiam ambos como cônsules ou os enviavam um como cônsul e o outro procônsul. Cada um de per si estava na parte dos negócios e, seguindo esse propósito, Possidônio escreve que os romanos denominaram então Fábio Máximo seu escudo e Marcelo sua espada. E Aníbal mesmo dizia que temia Fábio Máximo como seu governador e Marcelo como seu adversário, porque um o guardava de fazer o mal aos outros e o outro o fazia a ele mesmo.

XIV. Em primeiro lugar, portanto, depois desta grande vitória de Canes, os soldados de Aníbal tornaram-se tão audaciosos, tão debochados e tão dissolutos, que sem temer mais nada, ficavam nos campos, afastando-se para longe de seu acampamento. Marcelo, correndo ao encalço desses que se afastavam assim, os punha todos em pedaços, diminuindo cada vez mais as forças de seu inimigo. Depois socorreu as cidades de Nápoles e de Nole, onde garantiu os napolitanos que eram por si mesmos muito afeiçoados aos romanos, por quem nutriam grande estima. Entrando em Nole encontrou uma sedição entre o senado e o povo

porque o senado não chegava a bom termo cem a comuna que por força queria tomar o partido de Aníbal, porque havia na cidade um nobre chamado Bândio, de grande evidência entre os seus e, pessoalmente, homem muito valente, o qual, tendo cumprido muito bem seu dever na batalha de Canes, depois de haver morto diversos cartagineses foi por fim ele mesmo abatido e encontrado entre os mortos todo retalhado de golpes. Por essa razão Aníbal, considerando grandemente essa proeza, não somente o deixou ir sem pagar resgate mas ainda lhe deu lindos presentes e fê-lo seu hóspede e seu amigo. Bândio, estando de volta a sua casa, para corresponder a esse procedimento, não podia deixar de ser um daqueles que afetuosamente haviam de favorecer os negócios de Aníbal e, assim, exortava o povo de Nole para passar ao seu lado. Todavia, Marcelo, estimando que seria pecado contra os deuses, fazer morrer um personagem que havia dado tão admirável prova de valentia, concluiu que a sorte dos romanos estava perigando em seus maiores negócios, também devido a sua natureza agradável e humana, possuindo o dom de saber atrair e ganhar os corações das pessoas, pela cortesia. Por esse meio, tendo esse Bândio um dia ido vê-lo e saudá-lo, Marcelo perguntou quem ele era e há quanto tempo o conhecia. Respondeu-lhe que era Lúcio Bândio. Então Marcelo mostrou-se todo alegre e admirado: — "És tu então aquele Bândio do qual se fala tanto em Roma e que dizem que cumpriu tão bem seu dever na jornada de Canes e que não abandonou nunca o cônsul Paulo Emílio, mas recebeu sobre seu próprio corpo diversos golpes que estavam dirigidos a ele?" Bândio respondeu que era ele verdadeiramente e mostrou-lhe diversas cicatrizes dos golpes que havia recebido. Marcelo replicou: — "Déa, quer que tenhas tão evidentes e tão notáveis marcas da boa vontade e amizade que nos tens, como não vieste incontinente para nós? Pensas que somos tão covardes e tão ingratos que não queremos dignamente remunerar a virtude de nossos amigos, a qual é respeitada mesmo pelos inimigos?" Depois de haver pronunciado essas palavras graciosas e tê-lo abraçado e acariciado, fez-lhe presente de um bom cavalo de serviço para a guerra e deu-lhe quinhentas dracmas de prata e depois desse dia, Bândio nunca mais abandonou o lado de Marcelo, também foi sempre em tudo muito leal e fiel companheiro, mostrando-se sempre enérgico em procurar, descobrir e acusar aqueles que, em sua cidade, tomavam partido contrário, os quais eram em grande número e haviam conspirado entre eles que no primeiro dia que os romanos saíssem para ir aos campos a fim de fazer alguma corrida sobre os inimigos, às suas costas fechariam a porta e atirariam fora toda sua bagagem.

XV. Tendo Marcelo ouvido isto, alinhou seus soldados em batalha dentro da cidade junto das portas e à sua retaguarda colocou também as bestas de carga que traziam sua bagagem e avisou ao som da trombeta que proibia sobre pena de vida aos da cidade, que nenhum fosse tão ousado nem tão valente em se aproximar das muralhas. Quando Aníbal chegou perto e viu que não aparecia pessoa alguma com armas sobre as muralhas, aproximou-se em muito má ordem porque cuidou que se houvesse levantado algum motim entre o povo e a nobreza. Entretanto, Marcelo mandou abrir a porta junto à qual estava e saindo de súbito com os melhores guerreiros que tinha, atacou de frente e, em seguida, saíram também os da infantaria por outra porta, correndo direitos a ele com grandes gritos e grande barulho. Para os enfrentar, Aníbal foi obrigado a dividir sua tropa em duas, mas assim que as dividiu, foi subitamente aberta uma terceira porta de onde saíram os cidadãos romanos, os quais caíram de todos os lados sobre os cartagineses que já estavam espantados e amedrontados com este ataque súbito, do qual não imaginavam nada, de sorte que mal podendo sustentar os que tinham sobre os braços, quando viram esse novo esforço e esta última carga, foram constrangidos a se retirar.

XVI. Foi essa a primeira vez que os soldados de Aníbal começaram a ceder aos romanos, que os embaraçaram com grande número de mortos e de feridos até dentro de seu acampamento, pois segundo escrevem alguns, ficaram bem cinco mil mortos sobre o campo e que não morreram mais de quinhentos da parte dos romanos. Todavia, Tito Lívio não afirma que a derrota fosse tão grande{648}, mas diz que esse encontro trouxe grande glória a Marcelo e uma coragem maravilhosa aos romanos depois de tantas perdas que haviam tido umas sobre as outras, porque começaram então a crer que não tinham mais negócio com um inimigo totalmente invencível e impassível, mas que podia bem algumas vezes sofrer perda e ter prejuízo.

XVII. Por essa razão e mais ou menos nesse tempo, tendo falecido um dos cônsules, o povo mandou chamar Marcelo para, em seu lugar, substituir o morto, e, tendo os outros magistrados procurado prorrogação até que ele tivesse chegado do acampamento e nem bem havia chegado, foi eleito no lugar do defunto por todas as vozes e sufrágios do povo. Todavia, quando procediam assim à eleição, trovejou com fé, o que os sacerdotes e adivinhos julgaram ser um sinistro presságio, mas não ousaram impedir abertamente nem se opuseram a sua eleição, porque temiam o povo, mas ele mesmo demitiu-se voluntariamente e deixou o consulado. Não ficou, entretanto, isento da guerra, porque foi feito procônsul e enviado ao acampamento de Nole, onde se pôs a castigar e prejudicar aqueles que estavam do partido de Aníbal, o qual sendo avisado, acorreu prestamente para os socorrer, e, de chegada, apresentou a batalha que Marcelo não quis aceitar logo, mas espreitou uma ocasião, quando Aníbal enviou uma boa parte de seu exército para saquear, não esperando mais ter batalha. Foi então à procura deles, tendo distribuído aos da infantaria longos dardos, dos que se usam nos combates no mar, ensinando-lhes a bater de longe sem largá-los da mão, enquanto os cartagineses não sabiam nem jogar nem atirar o dardo nos seus, mas combatiam com dardos curtos a golpe de mão somente. Isso foi a causa pela qual todos aqueles que descarregaram foram constrangidos a mostrar as costas aos romanos e fugiram a bom fugir, de maneira que ficaram cinco mil mortos sobre o campo, quatro elefantes mortos também e dois pegados vivos e mesmo três dias depois desta batalha ainda aproximadamente trezentos{649} soldados da cavalaria, parte espanhóis e parte numídios, vieram entregar-se aos romanos. Isto não tinha ainda acontecido a Aníbal, que havia por longo tempo, continuamente, mantido em boa união e leal concórdia um exército bárbaro, composto de soldados de diversas e diferentes nações, mas esses trezentos ficaram depois sempre fiéis até o fim a Marcelo e aos outros capitães que depois dele se encarregaram dos exércitos romanos.

XVIII. Algum tempo depois, tendo Marcelo sido eleito cônsul pela terceira vez{650} foi-se para a Sicília, porque as vitórias e prosperidades de Aníbal haviam dado coragem aos cartagineses em querer reconquistar com dureza esta ilha, mesmo porque depois da morte do tirano Jerônimo, houve tumulto em Siracusa; ocasião em que os romanos, que de há muito haviam também enviado um exército e um pretor chamado Ápio, das mãos do qual recebeu Marcelo o exército, houve grande número de burgueses romanos que vieram suplicar-lhe ajudá-los nessa calamidade. Dos que escaparam da batalha de Canes, uns salvaram-se às pressas, os outros, em grande número, foram feitos prisioneiros, de maneira que parecia não haver ficado senão o bastante para guardar as muralhas de Roma e no entanto, esses poucos que ficaram tiveram o coração tão bom e tão grande que não quiseram resgatar os prisioneiros que Aníbal lhes abandonava com uma indenização bem pequena. Assim promulgaram um decreto pelo qual eles não seriam resgatados e sofreriam que uns fossem mortos, os outros vendidos como escravos fora da Itália e mais ainda enviaram esses que se haviam salvo fugindo à Sicília, com proibição de que não deviam pôr o pé na Itália, enquanto esta estivesse em guerra com Aníbal. Vieram eles todos juntos atirar-se aos pés de Marcelo, logo que chegou, prostraram-se na sua frente, suplicando-lhe dar-lhes um lugar honesto e direito de combater pela coisa pública, prometendo-lhe com gritos, lamúrias e lá grimas, que fariam ver pelo efeito, que o mau pedaço que haviam passado em Canes havia chegado mais cedo por desgraça e não por falta de coragem. Marcelo, tendo compaixão deles, escreveu ao senado em seu favor, rogando que lhes permitissem completar as tropas de seu exército com esses pobres homens à medida que elas viessem a se desguarnecer. Houve diversas razões pró e contra, alegadas nessa requisição, mas finalmente, foi concluído e resolvido pelo senado, que a coisa pública nada tinha a fazer com o serviço de homens covardes como mulheres. Todavia, se por acaso Marcelo quisesse se servir deles, não lhe era permitido dar a algum deles que porventura praticasse algum ato de bravura, coroas ou outros prêmios de honra que os capitães costumam dar às pessoas de bem e que fazem bem seu dever.

XIX. Este decreto do senado desagradou bastante a Marcelo, o qual na sua volta da Sicília fez suas queixas e reclamações em pleno senado, demonstrando que haviam cometido um erro não lhe concedendo este favor, pelos serviços tão bons e tão grandes prestados à coisa

pública, pelo qual podia restituir a honra a tantos de seus concidadãos. Mas, enquanto estava na Sicília, recebeu alguns agravos e injúrias de Hipócrates, capitão geral dos siracusanos, o qual para gratificar os cartagineses, e por seu meio fazer-se senhor absoluto de Siracusa, mandou matar diversos cidadãos romanos{651} na ocasião em que Marcelo foi fazer cerco à cidade dos leontinos, levando-a de assalto, mas não causou nenhum desprazer aos habitantes nativos e burgueses da cida de. Quanto aos traidores, porém, que aí encontrou e que haviam fugido de seu acampamento para se entregarem aos inimigos, mandou espancar a todos e enforcar depois. Hipócrates, no entanto, fez correr primeiramente em Siracusa um rumor de que Marcelo havia mandado passar à espada os leontinos indiferentemente, até as crianças, e sobre isso aproveitando o pavor e tumulto provocados por este falso alarme, apoderou-se facilmente de toda a cidade.

XX. Ouvindo isso, Marcelo, com todo seu exército deixou os leontinos, indo acampar perto de Siracusa, à qual enviou seus embaixadores para contar a verdade aos habitantes, sobre o que havia acontecido na cidade dos leontinos, ao contrário do que lhes haviam dado a entender, mas tudo aquilo não serviu de nada, porque não acreditaram, por causa de Hipócrates que, sendo o mais forte, os havia ganho. Começou então a se aproximar e assaltar a cidade de todos os lados, tanto por terra como por mar. Ápio conduzia os que assaltavam por terra e ele, com sessenta galeras de cinco remos{652} por banco, bem armadas e cheias de toda sorte de apetrechos e armas de arremesso assaltava do lado do mar e jogava contra a muralha, mandando levantar sobre uma ligação de oito galeras unidas juntas, uma poderosa máquina e engenho de bateria para romper a muralha, confiando na grande multidão de seus engenhos de bateria e de toda outra provisão necessária para a guerra e também em sua reputação.

XXI. Mas Arquimedes não se preocupava com tudo isto, que também nada era junto dos engenhos que havia inventado, não que fizesse de outra forma caso nem conta, como fazem também os mestres de obras para mostrar seu espírito, pois eram na maioria cálculos de geometria que havia feito distraindo-se como passatempo, às instâncias do rei Hierão, o qual lhe havia solicitado para deixar um pouco de lado a geometria de especulação e trato intelectivo à ação das corporais e sensíveis e fazer que a razão demonstrativa fosse um pouco mais evidente e de mais fácil compreensão à plebe, entrelaçando-a pela experiência material à utilidade do uso. Pois esta arte de inventar e levantar instrumento e engenhos, que se chama a mecânica, tão amada e acatada por toda sorte de gente, foi primeiramente levada à frente por Arquitas e por Eudóxio, em parte para alegrar e emb elezar um pouco a ciência da geometria e em parte também para estabelecer e fortificar por exemplos de instrumentos materiais e sensíveis alguns teoremas geométricos, dos quais não se podem encontrar as demonstrações intelectivas por razões indubitáveis e necessárias como é o teorema que ensina a encontrar duas linhas médias proporcionais, a qual não se pode encontrar pela razão demonstrativa e no entanto é um princípio e fundamento necessário a muitas das coisas que se põe em equação. Um e outro a reduziram à manufatura de alguns instrumentos que se chamam mesográficos, que servem para encontrar as linhas médias proporcionais, tirando algumas linhas curvas e secções transversais e oblíquas. Mas, depoi s, estando Platão enfurecido com eles, porque agora corrompiam-se e desgastavam em sua dignidade e o que havia de excelente na geometria, fazendo descer do terreno especulativo às demonstrações sensíveis e materiais e usando-as materialmente, onde é preciso empregar muito vilmente e muita baixeza na obra manual; depois desse tempo, a mecânica ou arte dos engenheiros, separou-se da geometria, ficando desprezada pelos filósofos, e tornou-se uma das artes militares.

XXII. Mas Arquimedes, tendo um dia proposto ao rei Hierão, do qual era parente e amigo familiar, que era possível lidar com tanta e tão pouco de força que quisessem, tal peso e tal fardo que lhes apresentasse, tendo se vangloriado, pelo que dizem, sobre a confiança na força das razões, das quais provava o conceito segundo o qual se houvesse outra terra, poderia remover esta aqui, passando-a para a outra, o rei Hierão maravilhou-se, pedindo-lhe para demonstrar este teorema e fazê-lo ver alguma experiência mostrando-lhe algum corpo sólido

ou fardo pesado removido por uma débil força. Escolheu então um barco de não pequenas dimensões, o qual para trazer à terra fora da água, precisava muitos homens e ainda era necessário fazerem bastante força, mandou pôr dentro muitas pessoas, além da carga habitual e sozinho de longe, estando sentado à vontade, sem esforço algum, puxando facilmente com a mão a ponta de uma máquina de rodas e polias, fê-lo aproximar-se de si, deslizando tão docemente e tão uniformemente como se flutuasse e corresse sobre o mar. O rei encantou-se e tomou conhecimento desta prova, da grande força de sua arte, pedindo-lhe para lhe fazer alguma quantidade de engenhos semelhantes, que serviss em tanto para assaltar como para defender, de todos os jeitos de cercos e de assaltos, o que Arquimedes atendeu. Entretanto, o rei Hierão não se serviu deles nunca, porqu e passou a maior parte de seu tempo em paz, sem guerra, mas aquela provisão e munição de máquinas de guerra encontrava-se bem a propósito para os siracusanos, não somente pela quantidade fabricada, todos prontos, mas também pelo engenheiro mesmo que os havia inventado.

XXIII. Assim, quando os de Siracusa viram os romanos assaltar dos dois lados, assustaram-se bastante e não houve um que pronunciasse uma só palavra, tanto estavam tomados de terror, não atinando em nada que fosse possível para resistir a tão poderosa força; mas quando Arquimedes começou a soltar seus engenhos, de repente uma infinidade de setas e de grandes pedras de chamar a atenção voaram pelos ares com um barulho e uma rapidez incríveis, contra os soldados da infantaria que vinham do lado da terra para o assalto, derrubando e quebrando os que se achavam na frente. No lugar onde elas caíam não havia corpo de homem que pudesse resistir a tão grande impetuosidade, nem sustentar tão grande fardo de maneira que todas as suas fileiras ficaram perturbadas. E quanto aos navios que assaltavam do lado do mar, uns foram postos a pique por longas peças de madeira, como são as vergas onde se amarram as velas dos navios que eram subitamente projetadas para a frente sobre a muralha com as máquinas e depois forçando-as com o peso, submergiam as galeras no fundo do mar; as outras eram postas em pé, pela proa com mãos de ferro e com ganchos feitos em forma de bicos de grou, mergulhavam as popas no mar. As outras, impressionadas com engenhos feitos um ao contrário do outro, que as faziam dar piruetas no ar, vinham se quebrar e amassar junto aos rochedos ao pé da muralha, não sem grande perda e morte das pessoas que estavam em cima e, muitas vezes, tendo levantado em todos os pontos fora da água, o que causavam horror vê-las assim suspensas e volteando no ar, até que os homens que estavam dentro eram jogados aqui e ali pelas reviravoltas, por fim, vinham todas vazias quebrar-se contra as muralhas ou então cair no mar quando a garra dos engenhos as largavam.

XXIV. Ora, quanto à máquina que Marcelo fazia aproximar sobre uma ligação de ga leras unidas, chamava-se "sambuca", pela semelhança na forma que tinha com o instrumento de música do mesmo nome que é uma harpa; e como ela estava ainda bastante longe, destacou-se sobre a muralha uma grossa pedra com o peso de dez quintais {653} que, um segundo após e depois de um terceiro golpe sobre golpe, os quais vinham até dentro da "sambuca" com um troar e uma tempestade medonhas, amassando toda a base, desmembrando e despedaçando a ligação das galeras que a sustinham, de tal jeito que Marcelo, não sabendo onde estava, foi constrangido a se retirar pessoalmente com rapidez para trás e mandar ordenar a retirada também daqueles que assaltavam do lado da terra.

XXV. Foi feito conselho para saber o que devia fazer e combinado que, no dia seguinte, antes do clarear do dia, se fosse possível, se aproximariam da muralha porque os engenhos de Arquimedes, que eram duros e fortemente estendidos, enviavam por esse meio os golpes de suas pedras e de suas setas sobre suas cabeças e de perto tornando-se de todo inúteis por não ter o espaço e a distância do alcance que precisavam; mas Arquimedes estava de longa data preparado para isto, tendo feito provisões de engenhos, cujo alcance era proporcionado a todas as distâncias, as setas curtas, os ganchos não muito longos, furadores e arqueiras perto uma da outra na muralha onde havia trabucos de caça rápida para descarregar de perto, colocados em lugares que os inimigos não podiam ver de fora. Pelo que, quando pensaram em se aproximar julg ando estarem cobertos, sem que ninguém os visse, todos ficaram espantados quando sentiram a acolhida súbita por infinitos golpes de seta e a tormentados

pelas pedras que lhes caíam a prumo sobre as cabeças, pois não havia lugar na muralha de onde não atirassem, razão porque foi forçado a se retirar desabridamente atrás da muralha. Quando estavam, porém, ainda distanciados, as flechas, pedras e setas que voavam de todos os lados, iam procurá-los e alcançar até onde estavam já distanciados ao longe, de maneira que houve muitos que enlouqueceram e muitos dos seus navios partidos e amassados sem que pudes sem de jeito algum, em represália, prejudicar seus inimigos por causa de Arquimedes que havia colocado a maioria de seus engenhos a coberto e por trás e não sobre a muralha, de tal jeito que parecia que os romanos eram combatidos por alguns deuses, tanto eles recebiam prejuízo e males e não sabiam de onde vinham e de quem.

XXVI. Todavia Marcelo escapou salvo, e criticando de seus operários e dos mestres engenheiros que tinha em seu campo, disse-lhes: — "Não queremos cessar de guerrear{654} a esse geométrico briaréu daqui que está brincando em mergulhar e afundar nossos navios no mar, repelindo vergonhosamente nossas "sambucas", superand o todos os gigantes de cem mãos, de que os poetas nas fábulas fazem menção, tanto nos atira setas, pedras e flechas, tudo de um golpe". Pois em verdade também todos os outros siracusanos estavam como o corpo e os membros de toda a equipagem de Arquimedes e ele, sozinho, era a alma que movia e removia tudo, estando todas as outras armas em repouso, somente as suas usadas, tanto para assaltar como para defender. Finalmente, Marcelo, vendo seus soldados tão amedrontados, que se percebessem somente o final de uma corda ou de alguma peça de madeira aparecendo sobre a muralha, fugiam correndo e gritando que era Arquimedes que queria soltar alguma máquina contra eles, desistiu de se aproximar mais nem de mandar dar assaltos à muralha, deliberando obtê-la pela demora do cerco.

XXVII. No entanto, Arquimedes teve o coração tão elevado e o entendimento tão profundo que, tendo um verdadeiro tesouro escondido, com tantas invenções geométricas, não se dignou jamais deixar por escrito nenhuma obra que ensinasse a maneira de construir essas máquinas de guerra, pelas quais adquiriu então glória e fama não da ciência humana, mas antes da divina sapiência; assim reputando toda aquela ciência de inventar e compor máquinas e geralmente toda arte que traz qualquer utilidade para colocá-la em uso vil, baixo e mercenário, empregou seu espírito em escrever somente coisas, das quais a beleza e a sutileza eram entrelaçadas com a necessidade. Pois o que escreveu foram teoremas geométricos, que não recebem nenhuma comparação de quaisquer outras que sejam, porque as matérias de que elas tratam, se provam pela demonstração, dando-lhes a beleza e o valor. E a demonstração, a prova extraordinária que dispensa o que dizer, com uma força e facilidade maravilhosas, não poderia encontrar em toda a geometria as mais difíceis nem mais profundas matérias escritas em termos mais simples e mais claros, e por princípios mais fáceis do que são aqueles que descobriu. O que uns atribuem à vivacidade e destreza de seu entendimento, que por natureza era assim à. vontade, os outros se referem a um trabalho extremo, com o qual facilitava tanto essas coisas que pareciam não lhe haver custado nada em fazer, pois não há homem algum que por si mesmo possa inventar a demonstração desses teoremas ou que empregasse algum trabalho em os procurar, e no entanto, logo que o veem e compreendem, cada um tem a opinião, por si mesmo de que foi bem achada, porque conduz facilmente e por uma via plana o que toma para demonstrar. Portanto, parece-me muito verossímil o que dizem dele de que correspondia tão afetuosamente à ternura e atrativos desta sereia, a qual, pela maneira de dizer, alojava-se em sua casa, que esquecia-se de beber e comer e mesmo do trato de sua pessoa, de sorte que muitas vezes seus servidores o levavam à força ao banho para lavá-lo, untá-lo e esquentar, e mesmo assim, nas cinzas da lareira ainda desenhava algumas figuras geométricas. E enquanto o untavam com óleos perfumados, com o dedo traçava linhas sobre seu corpo nu, tanto estava fora de si, transportado em êxtase pelo prazer que tinha no estudo da geometria e verdadeiramente encantado com o amor das Musas. Mas, entre o muito que inventou, parece-me que apreciava mais era a demonstração da proporção que há entre o cilindro, isto é, a coluna redonda e a esfera ou bola nela contida, pelo que pediu a seus pais e amigos que, quando morresse, mandassem colocar sobre sua sepultura um cilindro contendo uma esfera maciça com uma inscrição da proporção, pela qual o contido excede o conteúdo. Eis o que era Arquimedes, que guardou tão bem o que havia em sua inteligência e em sua cidade invencível.

XXVIII. Mas, voltando a Marcelo, durante o cerco de Siracusa, tomou a cidade de Megares{655} na Sicília, uma das mais antigas que há em toda a ilha, e mais o campo de Hipócrates, junto de Aciles{656} onde matou mais de oito mil homens, surpreendendo-os como estavam, após haverem alojado e fortificado seu acampamento. Depois percorreu uma boa parte da região plana da Sicília, fazendo rebelar as cidades que estavam do partido dos cartagineses e, em todos os encontros que teve, derrotou sempre aqueles que ousavam se apresentar em batalha à sua frente. Depois aconteceu que surpreendeu um capitão lacedemônio chamado Damipo, quando saía de Siracusa, por mar. Os siracusanos, desejando resgatá-lo, solicitaram-no como espólio, sendo que sobre isto houve conferências por diversas vezes, estendendo-se as mesmas por meio de abaixo-assinados. Nesse ínterim, deu de considerar uma certa torre que não estava cuidadosamente guardada e na qual poderia secretamente se reunir bom número de pessoas, sendo que a muralha da cidade, nesse lugar não era nada difícil de escalar. Depois de haver calculado bem a altura da dita torre, por ter muitas vezes se aproximado e haver por diversas vezes conferenciado a respeito, fez provisão de escadas e aproveitou a ocasião de uma festa que os siracusanos celebravam em honra de Diana, pelo que não pensavam nesse dia senão em beber, jogar e comer bem, de sorte que não somente apoderou-se da torre, mas encheu todo o recinto das muralhas com seus soldados armados, antes que clareasse o dia e mandou pôr abaixo o portal da cidade que chamam Hexápilo. E assim que os siracusanos tiveram a surpresa e começaram a desmaiar, mandou tocar as trombetas de todos os lados, o que os amedrontou tão fortemente, que se puseram todos a fugir, pensando que a cidade toda já estivesse tomada. Onde se achava o mais belo, o maior e o mais forte quarteirão da cidade, chamado Acradino, esta parte não estava ainda tomada porque era toda murada e fechava-se contra o resto da cidade, que está dividida em duas outras partes, das quais uma se chama a Cidade Nova e a outra se chama A Fortuna. Aquelas duas partes, estando ganhas, Marcelo ao raiar do dia entrou pelo portal de Hexápilo e como seus capitães disseram que se sentiam bem felizes em tomar assim com tanta facilidade tão bela cidade, dizem, que considerando sua grandeza e sua beleza, pôs-se a chorar de compaixão pelo que previa que iria acontecer, pensando consigo mesmo como ela mudaria de forma bem cedo, quando fosse toda pilhada e saqueada pelo seu exército, pois não havia capitão que ousasse dizer não aos soldados que pediam o saque, havendo ainda muitos que queriam a toda força que a queimassem e arrasassem inteiramente. Marcelo, porém, não quis nem ouvir falar, mas ainda lhes concedeu, embora contra a vontade, que pudessem tirar proveito dos bens e dos escravos, defendendo os moradores e impedindo-os de tocar de maneira alguma nas pessoas livres, e de não matar, ultrajar, violentar nem tomar escravo algum dos siracusanos. Enquanto eles se portavam tão moderadamente e tão delicadamente, o que lhe fazia maior mal era ver tão bela cidade reduzida a um final tão infeliz. Não podia se conter em mostrar entre a alegria que sentia pela vitória, a piedade e a compaixão do que esperava ver dentro de um instante, tantos bens e uma opulência tão abundante, dissipadas e reduzidas a nada. Pois, segundo se diz, a riqueza que foi então retirada de Siracusa, não era menor do que a de Cartago, que depois, não muito tempo depois, foi saqueada do que ainda restava na cidade e foi tomada por traição e logo depois pilhada pelos soldados embora a contragosto, com exceção dos bens e das finanças dos reis, que foram postos à parte para serem levados para o tesouro público de Roma.

XXIX. Mas não houve nada nesta tomada de Siracusa que tanto desgostasse a Marcelo, como a inconveniente atitude de Arquimedes, o qual estando por acaso em seu estúdio, onde procurava a demonstração de algum teorema geométrico, do qual havia feito um esboço e no qual estavam fixos não só seu pensamento como também seus ouvidos e seus olhos, ‘não ouvira o barulho dos inimigos que corriam pela cidade. E muito admirado ficou, quando viu perto de si um soldado que lhe disse para vir falar com Marcelo. Arquimedes respondeu-lhe que esperasse até ter terminado seu teorema e reduzido sua demonstração, pelo que o soldado, enfurecendo-se, desembainhou a espada e matou-o; outros dizem que o soldado romano, ao chegar, apresentou-lhe a ponta da espada para o matar e que Arquimedes tendo percebido de repente, pediu-lhe que esperasse um pouco a fim de que o que estava procurando não ficasse incompleto e sem demonstração: o soldado não se preocupou com o seu pedido e matou-o. Ainda há os que contam de uma terceira forma, dizendo que alguns soldados que o encontraram pelas ruas, quando ia levar a Marcelo alguns instrumentos de

matemática dentro de uma caixa, como relógios do sol, esferas, ângulos, com os quais se media a olho a grandeza do sol, pensando que fosse ouro ou prata, ou algum objeto precioso que levava nesta caixa, mataram-no. Mas é bem certo que Marcelo ficou seriamente descontente e mesmo horrorizado e não quis jamais ver o homicida que o matou como um homem maldito e excomungado e tendo encontrado parentes de Arquimedes, agradou-os e honrou-os com sua amizade.

XXX. Ora, na ocasião, os romanos eram estimados por todas as outras nações como homens que compreendiam como era necessário conduzir uma guerra, tidos por bons combatentes e perigosos no combate, mas com equidade» clemência e humanidade e para não falar de todas as outras virtudes civis e pacíficas, não haviam ainda mostrado às nações estrangeiras exemplos nesse sentido, até o tempo de Marcelo, que então mostrava, com efeito, aos gregos, que os romanos eram mais justos do que eles, pois tratavam tão humanamente aos que tinham o que fazer com ele, fazia tantos favores aos particulares e a cidades inteiras que se por acaso houvesse qualquer coisa feita menos humanamente na cidade de Ena{657} ou a Megares ou contra os siracusanos, isto foi antes por culpa dos seus próprios habitantes, que sofreram o prejuízo causado por si mesmos e, para confirmar, citarei um exemplo entre muitos.

XXXI. Há uma cidade na Sicília chamada Êngio que não é grande, mas muito antiga e famosa pela praça que ali existe, por causa da aparição de certas deusas quando são reclamadas e que se chamam as Mães{658}. Dizem que foram os candiotos que primeiramente fundaram e construíram o seu templo, onde se acham lanças e armamentos de cobre, sobre os quais há o nome Meriones e, sobre outras, está escrito Ulisses, armas estas que são consagradas às deusas. Esta cidade favorecia com bastante teimosia os cartagineses, e Nícias, o seu mais influente cidadão, fazia tudo o que podia, ao contrário, para diverti-los e fazê-los virar para o lado dos romanos, falando francamente e a descoberto em todas as assembleias do conselho, demonstrando por vivas razões que seus adversários, que ‘aconselhavam o contrário, falhavam pesadamente em prejuízo da coisa pública. Por isso estes adversários, temendo sua autoridade e seu poder, conspiraram entre eles em prendê-lo e o entregar às mãos dos cartagineses, quando Nícias, tendo desconfiado e percebendo que o espreitavam para o prender, praticou uma esperteza para se salvar. Espalhou em público alguns comentários desagradáveis e fez diversas coisas contra a honra e contra a aparição na qual acreditavam como coisa muito certa, dessas deusas, dizendo que tudo era um abuso e que não precisavam mais ter fé. Seus inimigos ficaram contentes com essas expressões, achando que a comuna o julgaria incontinente e assim ele mesmo encontraria o castigo que pretendiam fazê-lo sofrer. Um dia, portanto, que haviam entre eles marcado para prendê-lo, aconteceu que havia assembleia na cidade, na qual Nícias discursou diante do povo, aconselhando alguma coisa, mas assim que se achava no meio de sua proposição, deixou-se cair a todo o comprimento sobre a terra, pelo que a assistência se espantou bastante. Todavia, ninguém se mexeu e algum tempo depois, levantou um pouco a cabeça e, virando-a daqui e dali, falou com uma voz fraca e tremula, que foi pouco a pouco aumentando e se elevando até que se viu toda a multidão tomada de pavor, sem que ninguém ousasse dizer palavra. Então, jogando suas vestes e rasgando seu saye{659}, levantou-se sobre os pés, semi-nu e correu para a porta do teatro gritando que as deusas Mães o atormentavam. Ninguém ousou tocar-lhe, nem se pôr à sua frente pelo terror supersticioso que sentiam, pensando que fosse um castigo divino e por esse meio lhe foi fácil ganhar a porta da cidade e fugir e nunca mais fez gesto nem disse palavra de homem que não parecesse fora de si cu possuído do espírito maligno. Sua mulher, que se entendia com ele e o ajudava, foi primeiramente prostrar-se aos pés das deuses Mães em seu templo, suplicando e depois fingindo ir procurar seu marido, que como homem fora de seu bom senso percorria os campos, saiu da cidade com seus filhinhos sem que ninguém impedisse e assim se retiraram todos juntos, sem perigo, da presença de Marcelo em Siracusa.

XXXII. Depois os engianos praticaram insolências e tantas loucuras, que Marcelo os foi

mandando prender a todos e amarrá-los como para castigá-los, mas Nícias veio a sua presença e, abraçando seus joelhos e beijando-lhe as mãos com lágrimas nos olhos, suplicou-lhe que tivesse piedade de seus pobres concidadãos, começando por aqueles que eram seus maiores inimigos. Esta bondade de Nícias enterneceu o coração de Marcelo, de tal sorte que perdoou a todos sem causar nenhum prejuízo à cidade e deu a Nícias várias terras, além de diversos outros presentes, belos e ricos que lhe fez Possidônio, o filósofo, assim escreve em sua história.

XXXIII. Marcelo, sendo chamado pelos romanos para a guerra que sustentavam dentro de se país e de suas portas, voltou levando consigo a maio parte dos mais belos quadros, pinturas, estátuas outros ornamentos encontrados em Siracusa, com intenção de embelezar seu triunfo e depois ornar enfeitar com eles a cidade de Roma, que ainda não tinha conhecimento de nada tão maravilhoso nem de singular em tais trabalhos, pelo seu acabamento, e graça e delicadeza. Obras de pintura e de escultura também não haviam ainda entrado e Roma estava cheia somente de armas bárbaras, de arreios e despojos manchados de sangue e coroas de troféus, e monumentos de vitórias e triunfos ganhos sobre diversos inimigos, que não eram em nada espetáculos agradáveis nem próprios para espectadores educados, mas parecia, como Epaminondas chamava a planície da Beócia, "o cadafalso onde Marte jogava seus jogos". Também Xenofonte chamava a cidade de Éfeso, "a loja da guerra". Assim, parece-me, que podiam chamar a cidade de Roma, "o templo de Marte guerreando", como diz Píndaro{660}.

XXXIV. Dessa maneira conseguiu Marcelo ainda muito mais da boa graça e do favor da plebe, por haver embelezado e alegrado a cidade de Roma com as engenhosas delícias e elegantes volúpias dos gregos. Mas, em oposto, Fábio Máximo foi mais agradável aos velhos por não haver trazido nada de semelhante para fora da cidade de Tarento, quando a tomou; pois é bem verdade que levou ouro e prata sonante e toda a riqueza útil, mas quanto às imagens e quadros, deixou-os em seus lugares dizendo uma palavra que depois foi bem recolhida e bem anotada: — "Deixemos aos tarentinos seus deuses, que os estão encolerizando". E, ao contrário, as pessoas honradas repreendiam Marcelo, primeiramente porque fazendo isso havia suscitado um grande ódio e inveja contra a cidade de Roma, na qual não somente os homens mas também os deuses eram detidos como prisioneiros e levados em triunfo. Depois, porque havia enchido a plebe de curiosidade ociosa e de conversa, levando em conta que ele não fazia outra coisa a maior parte do dia, senão distrair-se em palestrar e discorrer sobre a excelência dos operários, de suas artes e seu trabalho, os quais, antes, não estavam acostumados senão a trabalhar e a guerrear, sem saber o que havia de agradável na ociosidade supérflua, como diz Eurípides falando de Hércules:

Simples, grosseiramente adornado

Mas das virtudes principais ornado.

XXXV. Todavia, Marcelo glorificou-se entre os gregos, dizendo que havia ensinado aos romanos a prezar e estimar os belos e admiráveis trabalhos da Grécia, o que eles não conhe ciam antes, mas na sua volta da Sicília, os invejosos e mal intencionados opuseram-se a que a honra do triunfo lhe fosse concedida e ele, sabendo que ainda havia deixado alguma coisa por fazer na Sicília e que a guerra não estava por completo terminada, com o que temia que um terceiro triunfo lhe trouxesse mais inveja, contentou-se com sua boa vontade em ter a honra do grande triunfo somente na montanha Alba e a do pequeno na cidade de Roma. Esta história de menor triunfo chama-se no grego evan e os romanos o denominam ovatio, com a diferença de que na ovatio, aquele a quem ela é tributada não entra na cidade sobre o carro triunfal, puxado por quatro cavalos, nem traz sobre sua cabeça louro no chapéu de triunfo, nem tem as trombetas e os clarins tocando à sua volta, porém marcha a pé, com sandálias, ao

som de flautas e oboés, trazendo sobre a cabeça um chapéu de murta{661}, de forma que esta maneira de entrar não demonstra propriamente uma vitória guerreira, sendo aos olhos antes agradável do que terrível. É para mim um grande argumento acreditar que essas duas espécies de entradas que concedem aos capitães que voltam vitoriosos, foram antigamente distinguidas, antes, pela maneira do que pela grandeza de seus feitos, pois aqueles que tinham praticado grande mortandade e efusão de sangue humano, vindo sobre seus inimigos, entravam na magnificência de seu triunfo, que era todo marcial e terrível, seguidos de seus soldados todos armados e coroados com chapéus de louro, nem mais nem menos do que quando faziam a revista e a purificação de seu acampamento de guerra. Mas esses que, sem explorar as armas, pela amável via de reclamações ou pela eloquência vinham ao fim de suas empreitadas, a lei lhes concedia a honra com outra forma de entrada pacífica, cheia de festa e de alegria, porque a flauta é um passatempo que pertence à paz e a murta é uma árvore consagrada a Vénus, a qual mais que outro deus ou deusa, odeia a força, a violência e a guerra. E esta segunda espécie de entrada chamada ovatio, não é como pensaram diversos gregos, derivada do termo evan, que é uma voz e canto de alegria usado pelos que estavam habituados a comboiar e acompanhar o capitão, gritando e cantando evan, mas, sim, que alguns gregos quiseram tirar sua derivação de um costume que lhes era comum, estimando que uma parte desta honra pertencia ao deus Baco, o qual denominamos Evio e algumas vezes Triambo, mas não é essa a verdadeira derivação do nome, porque quando da entrada triunfal do capitão vitorioso, segundo os antigos costumes de Roma, imolava-se um ou diversos bois, e na ovatio, imolava-se somente uma ovelha que os romanos chamam ovem, daí a entrada ser denominada ovatio.

XXXVI. Nisto se encontra a diferença que há entre aquele que estabeleceu as leis e costumes dos romanos e o que legislou para os lacedemonios, pois eles organizaram os sacrifícios para a vitória em oposição um do outro, porque em Esparta o capitão, que por astúcia ou por via amável, faz o que quer, sacrifica aos deuses um boi e aquele que vence uma batalha, lutando com as armas, sacrifica um galo, pois embora fossem muito belicosos, ainda assim consideravam maior proeza e maior conveniência para o homem, resolver seus conflitos por admoestações, pelo bom senso e pela razão do que a execução pela coragem e pela luta das armas. Assim se pode considerar qual dos dois melhor organizou.

XXXVII. Em suma, sendo Marcelo eleito cônsul pela quarta vez{662}, seus inimigos, mal intencionados, levantaram os siracusanos e os persuadiram a virem se queixar ao senado e gritar contra ele, acusando-o de que os havia cruelmente e desumanamente tratado, em desacordo com as alianças e confederações que tinham há muito tempo com os romanos. Estando um dia Marcelo no Capitólio, onde oferecia sacrifício, assim que se abriu o senado, os deputados de Siracusa entraram, jogaram-se de joelhos e requereram que lhes dessem audiência e que lhes fizessem justiça. O outro cônsul, que estava presente, tratou-os com aspereza, ofendido por haverem tão maliciosamente espreitado a ocasião que Marcelo foi avisado e, indo imediatamente, sentou-se na cadeira consular, onde deu audiência e despachou alguns negócios como cônsul. Depois, quando terminou, desceu da cadeira e foi, como pessoa comum, ao lugar onde têm o hábito de responder aqueles a quem acusam de algum crime, dando licença aos siracusanos para dizer e alegar o que quisessem contra ele. Ficaram os siracusanos muito admirados quando viram a gravidade desse personagem e seu modo seguro em todas as coisas e se antes haviam provado não poder competir com ele nas armas, agora então acharam-no mais temível, com sua veste consular, de maneira que não ousavam nem olhá-lo de frente. No entanto, à instigação dos adversários de Marcelo, asseguraram-se por fim e começaram sua acusação entremeada de queixa e lamentações, de onde, em suma, a substância era que, sendo amigos e aliados dos romanos, haviam sofrido dele muita coisa que os outros capitães muitas vezes não faziam aos seus inimigos. Marcelo prontamente respondeu o contrário, que pelos diversos males e diversas faltas que os romanos haviam recebido deles, não haviam sofrido nada, senão aquilo que era inevitável sofressem aqueles que resistem até serem tomados pelas armas, do que eles mesmos haviam sido a causa, porque não quiseram obedecer nem consentir nas condições razoáveis de paz que haviam por diversas vezes proposto. E não podiam dizer também, em sua defesa, que foram os tiranos que os forçaram a sustentar essa guerra, pois ao contrário para poderem nel a entrar, ficaram até contentes em se submeter a uma tirania.

XXXVIII, Após uns e outros terem deduzido suas razões, os siracusanos, como é costume, saíram fora da sala do senado e Marcelo também, deixando a presidir seu companheiro de consulado e esperou na porta o julgamento do senado sem nada mudar em sua fisionomia, nem na sua costumeira compostura, nem por receio da sentença, nem pela cólera contra os siracusanos, mas esperando pacientemente o resultado do julgamento. Depois que os votos dos senadores foram recolhidos e que pela pluralidade deles Marcelo foi absolvido, os siracusanos, chorando, atiraram-se aos seus pés e suplicaram-lhe não guardasse no coração, nem exercesse sua ira contra eles, que estavam ali presentes e também que tivesse piedade do resto da cidade, a qual tinha boa lembrança das graças que havia recebido dele e se considerava sua devedora. Marcelo, enternecido e tendo piedade devido as suas súplicas, perdoou-os e depois fez todo o gosto aos outros siracusanos, pois a suas instâncias e requisição, o senado autorizou e confirmou o que ele havia concedido, que pudessem viver em plena liberdade sob suas leis e aproveitar sossegadamente dos bens que lhes tinham ficado, em recompensa do que os siracusanos fizeram-lhe diversas grandes honras, entre outras, um decreto segundo o qual, dali em diante, quantas vezes Marcelo ou algum de seus descendentes pusessem os pés na Sicília, os Siracusa-nos celebrariam festa pública, trazendo sobre suas cabeças chapéus com flores e fazendo sacrifícios aos deuses.

XXXIX. Isto feito, Marcelo começou a virar-se contra Aníbal e no lugar onde quase todos os outros cônsules e todos os outros capitães, depois da derrota de Canes haviam usado desta farsa contra ele, em fugir da liça e nunca se apegar em combate sério, tomou um caminho todo oposto, estimando que, com a demora, com a qual pensava poder minar e consumir as forças de Aníbal, teria este mais cedo terminado a obra de arruinar e destruir toda a Itália. E Fábio Máximo, que confiava mais na segurança, não se achava em condições de remediar a atual doença da coisa pública romana, esperando que esta guerra terminasse pela fraqueza das forças de Roma e cometendo a falta que cometem os médicos medrosos, quando não ousam conscientemente remediar a enfermidade enquanto é tempo, estimando que a consumação das forças faça dirimir a enfermidade. Foi primeiramente contra as cidades dos samnitas, grandes e poderosas que estavam, sob tratado, em obediência aos romanos, tomou-as com boa provisão de trigo e dinheiro que encontrou, além de três mil guerreiros que Aníbal aí havia deixado para guardá-la e que aprisionou.

XL. Tendo Aníbal depois, em Apúlia, morto o vice-cônsul Cneu Fúlvio com{663} onze comandantes de mil homens da infantaria cada, e tendo também feito em pedaços a maior parte de seu exército, Marcelo escreveu cartas a Roma, pelas quais procurava reconfortar o senado e o povo, dizendo que iria para aquele lugar e que ficassem seguros de que expulsaria Aníbal. Lidas essas cartas, que não reconfortaram em nada os romanos, assim escreve Lívio{664}, mas aumentaram seu temor e seus cuidados, porque aquilatavam o perigo a vir, muito maior que a perda passada, ainda mais possuindo Marcelo maior e melhor capitão do que Fúlvio. Todavia, Marcelo, seguindo o que havia escrito a Roma, expulsou Aníbal fora de Apúlia, fazendo-o retirar-se para a Lucânia, região que, ficando junto de uma cidade chamada Numistron, aí se alojou sobre as encostas em lugares fortes e vantajosos. Marcelo acampou perto, na planície, e no dia seguinte, foi o primeiro que iniciou a batalha, a qual não foi decidida, ainda que fosse bastante dura e tomasse muito tempo, pois tendo começado o combate às nove horas da manhã, lutaram até a noite escura e ao raiar do dia seguinte, enfileirou seus homens novamente, em combate, entre a decomposição dos mortos, e desafiou Aníbal outra vez a ver quem ficaria com a vitória, o que ele não quis aceitar e partiu dali. Por esse meio, Marcelo teve sossego para despojar à vontade os corpos mortos de seus inimigos e dar sepultura aos seus. Isso feito, incontinente se pôs a perseguir pelo rasto seu inimigo, o qual lhe preparou diversas emboscadas e ciladas, mas ele não caiu sequer numa só e, em todos os encontros e escaramuças onde se atracavam, levou sempre vantagem, adquirindo grande estima e reputação.

XLI. Por essa ocasião, estando próximo o tempo em que seria preciso eleger novos cônsules, o senado foi de aviso que se mandasse chamar mais cedo o outro cônsul que se achava na Sicília, do que remover Marcelo, que estava no encalço de Aníbal. Pelo que, chegado que foi o outro, o senado ordenou-lhe nomear ditador a Quinto Fúlvio — o ditador não é eleito, nem pelo povo, nem pelo senado, mas um dos cônsules ou um dos pretores o nomeia, tal como lhe apraz, em plena assembleia do povo — daí parece que o nome deriva de dicere, que em língua latina significa nomear. Todavia, há outros que dizem ser a origem devida ao fato de que o ditador não submete seus atos à apreciação de ninguém, nem à deliberação do senado, ou à pluralidade dos votos do povo e seus sufrágios, mas ordena, com sua própria autoridade, o que bem lhe parece, sem falar nem perguntar nada a quem quer que seja. De fato, parece ser isto, pois as ordens deles emanadas têm o nome de edictas, que nós gregos chamamos diatagmata. Tendo, portanto, vindo da Sicília o companheiro de Marcelo no consulado, quis nomear como ditador um outro que não era aquele que o senado havia apresentado, e para não ser constrangido a fazer o que não tinha vontade, partiu de novo e voltou para a Sicília. O povo então designou e nomeou ditador a Quinto Fúlvio e os do senado escreveram a Marcelo para que este confirmasse, no que atendeu a vontade do povo, sendo de repelão eleito procônsul para o ano seguinte, em cuja posição, tendo conferido com Fábio Máximo os negócios da guerra, resolveram ambos que Fábio iria experimentar retomar a cidade de Tarento, enquanto Marcelo iria guerrear Aníbal, para evitar que pudesse ir em socorro daquela.

XLII. Decidido isto, entre eles, Marcelo saiu à procura do cartaginês, perto da cidade de Canúsio, pois Aníbal estava sempre mudando de pouso para não ser constrangido a lutar contra a sua vontade, visto que sempre encontrava Marcelo à sua frente. Mas, de uma feita, enquanto estava parado num certo local, Marcelo molestou-o tanto por meio de contínuas escaramuças e alarmas, que o atraiu à batalha, a qual foi ferida durante um dia inteiro e se prolongou até alta noite, quando ambas as facções foram obrigadas a se retirar. Mas, no dia seguinte, cedo, logo ao clarear, Marcelo ainda compareceu no campo com seu exército, pronto para o combate. Com isso Aníbal ficou aborrecido, reuniu suas tropas e lhes fez um discurso no qual pedia-lhes para combater ainda uma vez e, se jamais haviam combatido, no passado, por amor dele, que agora o fizessem: — "Pois vedes, disse ele, como depois de havermos vencido e ganho tantas batalhas, não temos mais descanso para tomar fôlego à vontade e não podemos ter repouso, por mais vitoriosos que sejamos, se não expulsarmos este homem daqui". Depois de ter assim falado, conduziu seus soldados à batalha, na qual Marcelo, um tanto fera de propósito, resolveu usar de um ardil que trouxe aos romanos desastrosas consequências. Vendo a ponta direita de suas tropas muito apertada, mandou marchar para a frente uma das legiões que estavam atrás, para sustentar aqueles que precisavam de auxílio, mas essa mudança desorientou os que combatiam, dando a vitória aos inimigos, que assim mataram uns dois mil e setecentos romanos.

XLIII. Mas, voltando Marcelo ao seu acampamento, mandou, com presteza, reunir seus homens, aos quais começou a dizer que estava vendo muito bem homens e corpos de armas, mas não via um romano sequer. Ouvindo tal, os soldados pediram perdão pela falta que haviam cometido, ao que ele lhes respondeu que não os perdoaria enquanto fossem soldados vencidos e sim quando estivessem vitoriosos. Assim, no dia seguinte, ia levá-los de novo à luta, para que Roma soubesse mais depressa de sua vitória do que da sua fuga. Tendo assim falado, ordenou que distribuíssem alimentação àquelas tropas que haviam sido as primeiras a fugir no dia anterior, de maneira que entre elas se achavam muitos soldados em perigo pelos golpes recebidos durante a refrega, mas não houve um só em quem as palavras de Marcelo não doessem mais do que os seus próprios ferimentos.

XLIV. No dia seguinte, muito cedo, foi colocada fora da tenda do capitão, a cota de armas, pintada de escarlate, que era o sinal usado para designar que ia haver luta. As companhias, que na véspera haviam sido desonradas, foram colocadas, a seu próprio pedido, na frente, enquanto os capitães fizeram retirar do campo as tropas que não tinham sido rompidas na

batalha passada, colocando-as na retaguarda. Vendo isto, Aníbal exclamou: — "Ó deuses! Que homem é este, que não sabe se conter, nem na boa, nem na má sorte? Pois é o único que não dá descanso ao inimigo quando o vence e nem faz caso de repouso quando é vencido e abatido! Não teremos nunca um belo feito a assinalar, contra ele, pois ganhando ou perdendo, sempre acha ocasião de espetar um ferrão no inimigo, com a maior ousadia e o maior empreendimento. Isto é que é a vergonha![665]" Depois destas admoestações, de uma e outra parte começaram os dois exércitos a marchar e a entrechocar-se, onde os homens eram tão fortes tanto de um como de outro lado. Aníbal ordenou que fizessem marchar na frente os seus elefantes, que deviam entrar até dentro das linhas dos inimigos. Isto não deixou de perturbar um pouco e fazer estremecer as primeiras filas, até que Flávio[666], que comandava um esquadrão de mil infantes, tomou uma bandeira na mão e marchou ao encontro dos animais, dando no primeiro um golpe tão rude e v iolento com o mastro da bandeira, que o fez virar para trás. O primeiro, tendo assim volteado, foi de encontro ao segundo, que também se virou e foi contra os demais, causando uma tremenda confusão. Vendo isto, Marcelo ordenou à cavalaria que empregasse todo o seu esforço naquele local, onde os inimigos se achavam assim atrapalhados e confundidos com os elefantes, os quais se voltavam contra eles, fazendo-os se embaraçarem ainda mais, e descarregaram tão asperamente contra os cartagineses que eles viraram as costas e voltaram, abatidos, até dentro de seu acampamento, onde houve maior carnificina, mesmo devido aos elefantes, que foram mortos ali dentro do campo. Diz-se que foram dizimados nessa batalha mais de oito mil homens e do lado dos romanos uns três mil, ficando quase todos os outros feridos. Isto obrigou Aníbal a partir de onde estava a seu gosto, à noite, e afastar-se para bem longe para que Marcelo não pudesse segui-lo prontamente por causa do grande número de feridos que tinha em seu acampamento e de onde retirou-se com vagar para Campânia[667], local em que passou o verão, em descanso, na cidade de Sesse[668] para fazer tratar e curar seus doentes. Assim, Aníbal, tendo por fim se desprendido de Marcelo e tendo seu exército livre para se servir dele quando bem entendesse, foi queimando, destruindo e danificando a Itália, por todos os lados, sem temer mais nada.

XLV. Isto causou má impressão contra Marcelo em Roma e seus inimigos não deixaram passar a ocasião, pois logo provocaram um dos tribunos do povo, Públio Bíbulo, homem violento e temerário, mas eloquente e que dizia bem o que queria, para o acusar. Este fez reunir o povo por diversas vezes onde, de início, disse que precisava chamar Marcelo e dar o comando do exército a qualquer outro: — "... porque ele havia guerreado Aníbal somente por um pouco, e como se diz, havia se esquentado na luta, retirando-se aos banhos quentes para se tratar a seu gosto". Ciente disso, Marcelo deixou seus tenentes no acampamento e se dirigiu pessoalmente a Roma para responder às calúnias que lhe atiravam e em razão das quais já estavam começando a preparar um processo contra ele. Marcado o dia para serem ouvidas as partes, o povo reuniu-se dentro do grande parque de lutas a que chamam Circo Flamínio, para dar sua sentença. E ali o tribuno Públio, subindo na cadeira, formulou uma longa acusação contra Marcelo. Este respondeu sobriamente, em poucas palavras, somente o bastante para se justificar, mas os principais cidadãos tomaram a palavra em seu lugar para demonstrarem franca e lealmente ao povo que não devia julgar tão mal o procedimento de Marcelo, condenando-o por covardia e que deviam lembrar-se que o próprio inimigo dava testemunho favorável a ele, pois era o único capitão, entre os demais, de quem Aníbal fugia e fazia tudo o que podia para não ter que enfrentá-lo, ao passo que procurava sempre combater os outros.

XLVI. Com estas advertências, o final da questão foi contrário ao que o acusador esperava, pois Marcelo não somente foi absolvido por unanimidade, como ainda foi eleito cônsul pela quinta vez[669]. E, tendo tomado posse, foi primeiramente à Toscana onde, visitando todas as boas cidades, uma após outra, teve oportunidade de apaziguá-las e abafar um grande movimento de rebelião que se estava processando naquela região. Após seu regresso quis dedicar o templo que havia mandado levantar à Honra e à Virtude, em cuja edificação tinha usado as presas de guerra ganhas na Sicília. Os sacerdotes, entretanto, fizeram oposição, dizendo que dois deuses não deviam estar contidos em um só templo e por isso começou-se a edificar outro, unido ao primeiro. Ficou ele, todavia, muito descontente com o procedimento dos religiosos, tomando isto como um mau presságio, bem como outros sinais celestes que o mantinham impre ssionado, pois aconteceu de repente que diversos templos foram atingidos

por raios e os ratos haviam roído o ouro que se achava na capela de Júpiter Capitolino. Diziam também que um boi havia falado e que havia saído uma criança da cabeça de um elefante. Mais ainda, os sacerdotes e adivinhos, sacrificando aos deuses para desviar a desgraça desses presságios sinistros, jamais puderam ter sinais favoráveis nos sacrifícios. Por isso tratavam de reter Marcelo em Roma, quando ele ardia e queimava no desejo de ir depressa para a guerra, porque jamais homem algum almejou tão ardentemente uma coisa, como ele desejava se encontrar com Aníbal, pois não tinha outros sonhos quando dormia, e não falava de outro assunto com seus amigos. Nos seus pedidos e orações aos deuses também pedia o mesmo, isto é, que pudesse encontrar Aníbal num campo de batalha, e creio que teria ainda mais voluntariamente combatido dentro de um recinto fechado por uma muralha do que na rasura de um campo. E, não só porque estivesse coberto de glória, mas também porque muitas outras provas e assinalavam como o mais prudente e mais sábio capitão de seu tempo, dizia-se que era impulsionado por uma ardente afeição e paixão de sua juventude, que fazia nascer em seu espírito tal ambição de guerrear. Não importava o tempo em que isto se havia dado, o fato é que o influenciava, mesmo nessa idade de mais de sessenta anos. quando foi eleito cônsul pela quinta vez.

XLVII. No entanto, após haver feito os sacrifícios propiciatórios e as purificações como os adivinhes ordenavam, partiu de Rema cera seu companheiro para ir à guerra. Em caminho encontrou Aníbal descansando entre as cidades de Baucíá e Vencuse e tratou, por todos os meios, de atraí-lo à batalha, o que ele não queria aceitar. mas sendo avisado per seus espiões de que os cônsules romanos enviavam um exercito para cercar a cidade dos locria-nos, que denominavam também epizofrianos{670} (isto é, Ocidentais, com a diferença dos da Grécia, que em comparação com os da Itália são chamades Orientais), preparou uma emboscada sobre o outeiro de Petelia, que se achava em seu caminho, onde foram mortes cerca de dois mil e quinhentos romanos. Isto inflamou ainda mais o zelo de Marcelo, de norte que se desalojou do local onde se achava, para aproximar-se ainda mais do inimigo. Ora, havia entre os deis campos uma pequena colina, em boa posição, coberta por arvoredos em toda a sua volta e onde havia elevações, das quais se podia descortinar ao longe, para um e outro campo e, embaixo, borbulhavam fontes e corriam riachos. Os romanos ficaram admirados de como Aníbal, que primeiro havia chegado àquele sítio, não se apossara do mesmo e o deixara assim abandonado aos inimigos, pois o local era apropriado para se instalar um acampamento ali e formar emboscadas. Assim, julgou Marcelo que se abrigasse nos bosques, fossas e vales em redor, um bom número de soldados de dardo e outras armas compridas, que o lugar agradaria bastante aos soldados romanos, no que não foi decepcionado, pois logo que correu a notícia no acampamento de que era preciso ocupar o local, não houve um só que não se prontificasse a tomar parte no feito, pondo-se cada um a discorrer como melhor entendia, das coisas da guerra e sobre a vantagem que teriam sobre os inimigos, principalmente se ali se alojassem e levantassem um forte.

XLVIII. Por isso Marcelo achou interessante ir pessoalmente com alguns soldados de cavalaria fazer um reconhecimento e visitar o local, mas antes de partir chamou seu adivinho para sacrificar aos deuses. À primeira hóstia imolada, o augure mostrou-lhe o fígado que não tinha cabeça, mas na segunda, foi encontrada uma bela e grande cabeça de fígado e todas as outras partes inteiras e frescas, de sorte que parecia apagarem elas os maus sinais e presságios da primeira hóstia. Mas os adivinhos diziam, ao contrário, que era sinal pior o que acontecia, e estavam mais assustados e perturbados porque esses tão belos sacrifícios, surgindo assim logo após o primeiro, que fora tão feio e tão triste, pareciam-lhes suspeitos por causa da estranha e súbita mudança, mas como diz o poeta Píndaro:

Não há fogo queimando sempre

Muro de aço nem coisa nata,

Que possa estacionar o curso

Do destino fatal.

XLIX. Marcelo montou a cavalo com seu companheiro de consulado, Quinto Crispim e seu filho, que era também capitão de infantaria e com apenas duzentos e vinte homens a cavalo, dos quais não havia um só romano mas eram todos toscanos com exceção de quarenta fregelâneos, que estavam desde o começo dessa guerra muito afeiçoados a Marcelo. Estando, conforme dissemos, o outeiro todo coberto de mato e tendo os inimigos colocado um homem de sentinela num local elevado nas imediações, os romanos, que não podiam percebê-lo, seguiram confiadamente. A sentinela, entretanto, que do lugar onde se achava podia ver até o que se passava dentro do próprio acampamento dos romanos, avisou da chegada de Marcelo. Deixaram-no os cartagineses aproximar-se bastante, chegando quase até junto deles. Quando isto se deu, eles se levantaram de uma vez e, cercando Marcelo, começaram a atirar-lhe golpes de dardo e golpes de mão. Alguns fugiam perseguidos e outros, os quarenta fregelâneos, embora os outros toscanos tivessem debandado ao primeiro grito, ajuntaram-se ao redor dos dois cônsules para defendê-los. Crispim, tendo recebido dois golpes de dardo, virou seu cavalo para fugir e Marcelo recebeu um golpe de lança, tendo o ferro liso lhe atravessado os flancos, lado a lado. Vendo isto, os fregelâneos que ainda estavam vivos deixaram-no cair por terra e pegaram seu filho, que estava também ferido, com o qual se salvaram em corrida a cavalo, para o seu acampamento. Não houve neste encontro mais do que quarenta mortos, além de cinco prisioneiros, que foram os sargentos que conduziam os machados adiante dos cônsules, bem como vinte outros homens a cavalo . Mas as duas autoridades consulares aí perderam a vida, sendo que Crispim morreu alguns dias depois, em consequência dos ferimentos recebidos. Foi uma grande desgraça para os romanos, nunca antes ocorrida, que dois cônsules morressem numa batalha ao mesmo tempo.

L. Ora, quanto a Aníbal, não fez nenhuma conta dos outros que haviam ficado prisioneiros, feridos ou mortos neste encontro, mas quando soube que Marcelo havia ficado morto no campo, ali acorreu pessoalmente e ficou a contemplar o corpo, considerando o quanto era forte. Depois de ter examinado bem os traços de sua fisionomia, não deixou escapar uma só palavra de insulto mas transpareceu no seu semblante um ar de satisfação e alívio, aliás o que aconteceria a qualquer outro, ao ter conhecimento de que tinha chegado ao fim um inimigo tão perigoso quanto aquele. Espantou-se, entretanto, de como viera ele morrer ali tão estranhamente. Tirou-lhe do dedo um anel que trazia suas iniciais, mandou amortalhar o corpo com tudo o que lhe pertencia, o qual fez incinerar honradamente, depositando em seguida as cinzas num cântaro de prata{671} sobre o qual colocou, ele mesmo, uma coroa de curo e mandou entregá-lo ao seu filho, mas aconteceu que os soldados numídios, da cavalaria ligeira que no caminho encontraram os que conduziam o cântaro, quiseram tomá-lo, enquanto que os outros, sentindo-se na obrigação de retê-lo, foram obrigados a se defender, o que resultou num combate durante o qual as cinzas e os ossos foram espalhados e dispersos aqui e acolá. Tomando conhecimento do que acontecera, Aníbal exclamou, dirigindo-se aos que o cercavam: — "Vede como não é possível fazer-se alguma coisa, quando não agrada aos deuses". Mandou castigar os numídios, mas não se preocupou mais em mandar procurar os restos de Marcelo, sendo de opinião que era vontade de algum deus que ele morresse daquela maneira e que seu corpo ficasse sem sepultura. Assim escrevem Cornélio Nepos e Valério Máximo, mas Lívio e Augusto César dizem que o cântaro foi levado a seu filho e magnificamente sepultado.

LI. Há, em diversos lugares, trabalhos e edifícios públicos que foram edificados por Marcelo, além dos que se acham em Roma, como em Catana, na Sicília, um parque para exercitar a juventude{672} e, na ilha de Samotrácia, no templo dos deuses, que chamam Cabires, diversas imagens e diversos quadro s que havia levado de Siracusa e, na ilha de Lindos{673} no templo de Minerva, encontra-se, entre outras, uma estátua sua, onde se acha gravado este epigrama, de autoria do filósofo{674} Possidônio:

Amigo passante, vê aqui a imagem

De Cláudio Marcelo, a linhagem

Do qual sendo em Roma muito ilustre,

Está aclarada ainda pelo brilho,

Porque foi como estrela clara

Em seu país, onde o lugar consular

Manteve sete vezes, e a cada um fez

Dos inimigos grande violência, que desfez.

Aquele que compôs este epigrama conta as duas vezes que foi vice-cônsul, por dois consulados inteiros mas sua posteridade continuou sempre com grande honra até Marcelo{675} filho da irmã de Augusto César, Otávia, e de Caio Marcelo. Morreu jovem, como magistrado em Roma e tendo desposado Júlia, filha de Augusto, com a qual não viveu muito tempo, mas para honrar sua memória, Otávia, sua mãe, dedicou a biblioteca e Augusto César dedicou o teatro, que são ainda chamados, até o dia de hoje, o teatro e a biblioteca de Marcelo.

COMPARAÇÃO DE MARCELO COM PELÓPIDAS

Estes são os fatos que me pareceram mais dignos de memória, nas vidas de Pelópidas e de Marcelo, sendo seus costumes e suas naturezas, pensando bem, iguais e semelhantes, porque ambos foram valentes, laboriosos, magnânimos e corajosos. Poderia haver esta única diferença: Marcelo, em diversas cidades que tomou de assalto, fez grandes carnificinas e espalhou muito sangue humano, enquanto Epaminondas e Pelópidas jamais mataram homem que houvessem vencido, nem escravizaram cidade alguma que tivessem tomado e a opinião geral é que os tebanos não tratariam tão cruelmente os orcomenos, como fizeram, se um deles ou os dois estivessem presentes.

II. Mas, quanto aos feitos, cabe a Marcelo uma grande e admirável proeza de ter desfeito as poderosas tropas de gauleses, de infanta ria e de cavalaria, com tão poucos soldados de cavalaria que levava com ele, da mesma forma que, com sua própria mão, matou sobre o campo o chefe dos inimigos ao que Pelópidas não pôde concorrer, pois procurando matar o tirano de Feres, foi ele mesmo morto primeiro e sofreu o que havia desejado fazer. Todavia, podem opor a este ato as batalhas de Leutres e de Tegira, que foram dois combates memoráveis e gloriosos, mas em compensação não se poderia alegar proeza alguma de Marcelo que seja igual, que mereça ser comparada ao que fez Pelópidas na sua volta do exílio, quando matou os tiranos que retinham Tebas na escravidão, pois foi isto um ato de astúcia, de surpresa, e sem igual, o maior e o mais digno de memória que jamais houve. É bem verdade que Marcelo tinha o que fazer com Aníbal, que era seu inimigo bastante perigoso e muito temível, mas também os tebanos tinham o que fazer aos lacedemônics, os quais por certo cederam a Pelópidas na batalha de Tegira e na de Leutres, quando Marcelo não venceu Aníbal uma só vez, assim como escreve Políbio, mas ficou sempre invencível até o dia em que Cipião o desfez em batalha.

III. Todavia, juntamos mais fé no que escrevem César, Lívio, Cornélio Nepos e entre os gregos o rei Juba{676}, que Marcelo tenha desfeito algumas vezes as tropas de Aníbal, mas não foram nunca rupturas de grande consequência e parece terem sido devidas a algum engano do Africano, do que outra coisa, o que no entanto foi meritoriamente e com razão, grandemente louvado e considerado por haver de tal maneira disposto o coração dos romanos que quisessem esperar e fazer frente ao cartaginês, depois de tantas derrotas dos exércitos romanos, tantos comandantes de exército mortos em batalha e um tão perigoso estremecimento de todo o império. Pois aquele que em lugar do receio e do terror, faz renascer a coragem dos soldados e o desejo e o ardor de se encontrarem com o inimigo, o que os assegura e encoraja até não ceder mais facilmente a vitória mas a combater e discutir virtuosamente, isso só fez Marcelo; porque em vez de já estarem todos habituados, pela longa demora de suas perdas e desgraças, a considerar-se felizes quando podiam salvar com rapidez e escapar das mãos de Aníbal, ensinou-lhes a terem vergonha de se salvar no caminho, de não querer confessar por terem sido impulsionados a recuar e por se sentirem ofendidos quando se retiravam sem haver vencido e desfeito seus inimigos. Nesse sentido Pelópidas não foi nunca assim rompido em batalha, quando capitão-comandante. Assim, Marcelo ganhou mais que nenhum outro capitão de seu tempo e poderia parecer que o grande número de vitó rias de um viria a igualar-se e compensar com o não ter sido jamais vencido do outro.

IV. É verdade que Marcelo tomou a cidade de Siracusa e Pelópidas quase tomou a de Esparta, mas eu considero maior proeza o ter chegado tão perto de Esparta, como fez, e haver passado o primeiro o rio Eurotas com as armas, o que jamais inimigo algum havia feito, que dependia da vontade do outro tomar toda a Sicília; a não ser que alguém queira se opor e dizer que este feito pertence a Epaminondas e não a Pelópidas, como também ainda obteve a vitória de

Leutres, quando não há pessoa alguma que possa pretender ter parte na glória dos feitos de Marcelo; pois tomou Siracusa estando sozinho como capitão em chefe, derrotou os gauleses sem seu companheiro e fez frente a Aníbal, sem que pessoa alguma o ajudasse ou o socorresse nisto, pois ao contrário, todos os outros o desviavam, e foi ele o primeiro que mudou o estilo de guerrear, que os capitães romanos usavam nesse tempo e foi ele o primeiro a ensinar aos seus a ousar mostrar o rosto ao inimigo.

V. Quanto à sua morte, não louvo a de um nem do outro e estou no meu coração desgostoso e picado pela maneira estranha como morreram todos os dois; em oposto, encanto-me como foi possível que Aníbal em tantas batalhas onde se encontrava, que seria até desagradável somente o enumerá-las, não tenha nunca ficado ferido, e louvo singularmente um feito de Crisanto, que Xenofonte narra no livro da instituição de Ciro, dizendo que já tendo levantado a espada para ferir um dos inimigos, quando ouviu a trombeta tocando a retirada, retirou-se delicadamente e modestamente sem lhe fazer mal. Todavia, parece que Pelópidas seja mais desculpado, pois além de ser quente no ardor da batalha, tinha um ódio justo que o induzia a querer vingar-se, pois como diz o poeta Eurípides:

O melhor é que um chefe de hoste, para sua glória Tendo vencido, sobreviva sua vitória, Ou bem se está morto na terra abatido, Que morra ao menos como homem virtuoso.

Assim, a morte daquele que morre desta maneira não pode ser chamada acidente nem inconveniência, mas ato de virtude, pois além do justo ardor que tinha Pelópidas, havia ainda uma outra coisa que o atraía, não sem grande razão a fazer o que fez; é que via a consumação de sua vitória na morte do tirano, pois ficaria bem descontente em procurar alhures outra ocasião tão digna e tão gloriosa para empregar e mostrar sua coragem como ali. Ao contrário, Marcelo, sem nenhuma necessidade urgente, sem aquele furor e ardor que surpreende muitas vezes os homens valentes no meio do combate e os transporta para fora de seu entendimento, ‘foi pessoalmente precipitar-se no meio do perigo, onde morreu, não como capitão mas como cavaleiro e precursor, abandonando seus três triunfos, seus cinco consulados, seus despojos e troféus, que havia de sua própria mão conquistado e ganho dos reis, para aventureiros espanhóis e numídios, os quais pelo soldo vendiam seu sangue e sua vida aos cartagineses, de sorte que creio que eles ficaram com inveja de si mesmos, por uma proeza tão grande e tão feliz, fazendo morrer entre os precursores e descobridores fregelâneos, o maior personagem, o homem mais valente e mais considerado dos romanos.

VI. Todavia, não desejo que pensem que digo isto para censurar ou acusar a memória desses dois grandes personagens, mas isto deve ser tomado como um lamento e uma demonstração franca feita a eles mesmos e à sua própria coragem, a qual para ser demonstrada, fizeram perecer todas as outras virtudes, abandonando sem que fosse necessário, muito indiscretamente suas pessoas e suas vidas, como se tivessem desejado e quisessem morrer por eles, mais cedo que pelo seu país, por seus amigos e aliados. Mas ainda depois de suas mortes, Pelópidas foi exumado pelos aliados e confederados de Tebas, pelos quais havia sido morto e Marcelo o foi pelos próprios inimigos. Se um agiu bem e praticou o que era desejável em tal caso, no outro é bem maior e admirável que o inimigo mesmo reverencie e honre a virtude que destruiu e não que o amigo mostre prova de amizade. Porque o inimigo nada tem que o obrigue a honrar seu inimigo morto, senão a admiração de sua virtude, e o amigo, muitas vezes o faz, mais pelo proveito e utilidade que recebeu, do que pela afeição que devota à sua virtude.

Aristides, o justo

(estratego grego)

SUMÁRIO DA VIDA DE ARISTIDES

I. Origem de Aristides. Diferença de opiniões sobre sua fortuna. IV. Sua amizade por Clistênio e sua consideração para com Licurgo. Início e causas de sua inimizade com Temístocles. V. Princípios opostos de sua conduta. VII. Equidade de Aristides. X. Sua integridade no manejo das finanças. XI. Sua deferência para com Milcíades. XII. Seu valor e sua moderação na batalha de Maratona. XIV. Tempo de seu arcontado. XV. Sua justiça. Excelência do epíteto de Justo. XVI. É expulso devido aos enredos de Temístocles. XVII. Permanência deste uso em Atenas. XIX. Sua maneira de proceder diante deste caso. XXI. Aristides é chamado. Sua generosidade para com Temístocles. Sua entrevista. XXIII. Batalha de Salamina. XXVIII. Batalha de Platéia. XLIX. Divisão do espólio. LI. Aristides faz estabelecer as festas e jogos em Atenas. LII. Solenidade pública instituída para honrar a memória dos que morreram pela liberdade. LIII. Forma de governo em Atenas depois da batalha de Platéia. LIV. Projeto de Temístocles para aumentar o poder de Atenas, o qual, submetido a Aristides, é recusado por injusto. LV. A justiça de Aristides e a delicadeza de Cimon fazem perder à Lacedemônia seu principado sobre a Grécia. Altivez e orgulho de Pausânias, general dos lacedemònios. LVI. Os aliados da Grécia deixam o partido da Lacedemônia para tomar o de Atenas. LVII. Sentimentos nobres dos lacedemònios. LVIII. Taxa imposta por Aristides a todas as cidades da Grécia, por um consentimento unânime. Tempos felizes da Grécia. Aumento da taxa sob Péricles e depois de sua morte. LIX. Novas altercações entre Temístocles e Aristides. LX. Juramento de aliança dos povos da Grécia. Aristides o pronuncia em nome dos atenienses. LXI. Suas considerações políticas. Sua pobreza. LXIV. Sua moderação na desgraça de Temístocles. LXV. Morte de Aristides. LXVI. Seus funerais e o casamento de suas filhas a expensas do público. LXVII. Atos de humanidade da cidade de Atenas.

Da 63." Olimpiada ate o 2. ano da 78/’ ou 467 A. C.

Aristides, filho de Lisímaco, era de linhagem antióquida{677}, do bairro de Alopece, mas quanto a seus bens e suas possibilidades, foram escritas, a respeito, várias histórias. Enquanto uns dizem que ele viveu toda a sua vida numa angustiante pobreza e deixou duas filhas, as quais, depois de sua morte ficaram muito tempo sem casar por não serem ricas, com o que a maioria dos historiados antigos está de acordo, Demétrio Falereu{678}, no entanto, num livro que intitulou Sócrates, escreve o contrário e diz que teve conhecimento da existência de uma possessão, no bairro de Falaréia, que ainda chamam a posse e terra de Aristides, na qual o seu corpo está enterrado. E, além disso, para provar que sua casa era opulenta e rica, alegou tais indícios: primeiramente, que ele foi, durante um ano, preboste da cidade de Atenas, cargo q ue era denominado arconte epônimo{679}, isto é, o que dá o seu nome ao ano em que funciona{680} e diz também que foi eleito por meio das favas, segundo o antigo uso dos atenienses, em cuja eleição não eram admitidos senão aqueles que eram tidos em mais alta conta pelo valor de seus bens, os qua is chamavam em Atenas pentacosiomcdimnos{681}, a saber, os que tinham de renda o valor de quinhentos minots{682} de trigo, ou daí para cima. Em segundo lugar alega que ele foi relegado ou banido do partido que se chama Ostracismo, do qual não se costumava expulsar os pobres, mas somente os nobres e os ricos, os quais a plebe invejava. Como terceiro e último argumento, afirma que deixou ao templo de Baco os vasos de três pés que comumente os empreendedores estavam acostumados a oferecer, sendo que estes empreendedores levantavam os prêmios nos jogos de comédias, tragédias e outros divertimentos, fazendo eles as despesas, e que os ditos vasos teriam sido doados por Aristides{683}, sendo que se podia ler neles a seguinte inscrição: "A linhagem antióquida levantou o prêmio, Aristides pagou as despesas e o poeta Arquestrato fez representar suas comédias."

II. Este último argumento, contanto seja o que parece ter mais visos de verdade é, no entanto, o mais frágil, pois Epaminondas, que como se sabe, nasceu, foi criado e morreu pobre, e Platão, o filósofo, também, aceitaram o encargo de arcar com as despesas dos jogos, que não eram nada pequenas, tendo um pago em Tebas os tocadores de flauta e o outro, em Atenas^ a dança das crianças que bailavam em roda, o que fez com que Dion, o Siracusano, fornecesse dinheiro a Platão, e Pelópidas a Epaminondas. Pois não se afirma que os homens virtuosos devem fazer uma guerra mortal, por força de expressão, aos presentes que lhes poderiam fazer seus amigos e que não deviam, de qualquer forma, jamais aceitar nem receber nada deles e que deviam considerar sujo e imundo receber por avareza para enriquecer, guardar ou deixar em reserva. Mas, quando a questão era de alguma empresa honrosa ou de magnificência pública, da qual nada tocava particularmente em proveito deles, não deviam recusar os oferecimentos feitos pelos amigos. E quanto aos vasos que dizem ter sido oferecidos ao templo de Baco, Panécio mostra evidentemente que Demétrio abusou com a semelhança do nome, porque desde o tempo das guerras medas até o começo da guerra do Peloponeso, não se encontram nos registos dos custeadores de jogos públicos senão dois vencedores com o nome de Aristides, dos quais nem um nem outro é o filho de Lisímaco de quem presentemente falamos, pois um foi inscrito como sendo filho de Xenófilo e o outro existiu muito tempo depois deste sobre quem estamos escrevendo, o que se pode conhecer pela escrita{684} e pela ortografia usadas, o que está de acordo com as regras de gramática usadas na Grécia desde Euclides, também identificado pelo nome do poeta Arques-trato, que se acha anexo, pois não há pessoa alguma que faça menção de um poeta com esse nome em todo o tempo das guerras dos medas, mas sim na época das guerras do Peloponeso, quando diversos o colocavam como autor e compositor de hinos e cânticos daqueles que eram entoados nas danças públicas.

III. Todavia, quanto à oposição que faz Panécio, é preciso pensar nisso com mais elevação e mais cuidado. Quanto, porém, ao partido do ostracismo, é certo que todos esses que eram de maior projeção sobre os outros, fosse em glória e boa fama, bem como em nobreza e eloquência, eram sujeitos aos demais, tanto assim que Damon, preceptor de Péricles, foi expulso somente porque pareceu à plebe que era muito sábio. Além do mais, Idomeneu escreve que Aristides foi preboste anual, não pela sorte das favas, mas pelos votos dos

atenienses, que o quiseram eleger, e foi isto desde a noite de Platéia[{685}] como Demétrio escreve. E é razoável que lhe façam esta honra pela sua excelente virtude e seus grandes méritos e serviços, os quais os outros tinham o hábito de receber pelas suas riquezas. Mas esse Demétrio não se esforça somente para excluir Aristides da pobreza, como se isto fosse alguma coisa desprezível e digna de censura, pois escreve que ele não possuía somente uma casa, mas outros bens, entre os quais setenta minas de prata[{686}] que Críton lhe fazia auferir lucros, pagando-lhes juros.

IV. Voltando, porém, à história de Aristides, lembraremos que foi amigo íntimo de Clistênio, o mesmo que restabeleceu a ordem, administrativa em Atenas, após a expulsão dos trinta tiranos[{687}]. Também Licurgo, o Lacedemônio, mais que todos os outros participantes da administração pública, mereceu de sua parte uma consideração especial, o que lhe trouxe o favor da aristocracia, isto é, a nobreza, com o reduzido número daqueles, que por serem pessoas de bem, acabam enfeixando em suas mãos maior autoridade. Temístocles, filho de Neocles, foi como que o seu contrapeso, pois procurou sempre o favor das classes populares. Segundo referem alguns, desde os tempos de sua infância, criados e instruídos juntos, foram os dois sempre contrários um ao outro, tanto em suas ações como em seus propósitos, mesmo quando brincavam, ocasião em que seus temperamentos começaram a mostrar, pelos seus atos e atitudes, a diferença que os caracterizava. Um era rápido em suas decisões, corajoso, bastante esperto e empreendia todas as coisas com grande presteza. O outro, porém, era frio e descansado, constante e parado e por nada neste mundo mudava o sentido reto da justiça e não admitia, sob nenhum pretexto, a mentira, o engano e a afetação, nem mesmo no jogo. Todavia, Ariston, natural de Quio, escreve que sua inimizade começou devido à inclinação amorosa de ambos por um rapaz de bela e atraente conformação física, de nome Estesileu, da ilha de Ceos, afeição esta que aumentou muito com o passar dos tempos. Isto criou entre eles uma rivalidade que, não somente não desapareceu, mesmo com o decorrer dos anos em que feneceu a beleza do moço, como adquiriu maior intensidade e os acompanhou pela vida em fora. Foi como que uma experiência que os dois tiveram, para mais tarde os indispor assim, sempre irritados e cheios de inveja, ao se lançarem juntos na vida pública.

V. Ora, T emístocles, logo que alcançou alguma posição, deu de subornar amigos e, por esse meio conseguiu, em pouco tempo, bastante autoridade, da qual se valeu para acautelar-se, provendo segurança e proteção para sua pessoa. Assim, um dia, respondendo a alguém que lhe dizia ser ele digno de governar a cidade de Atenas, o que poderia fazer muito bem desde que se mostrasse acessível a todos, exclamou: "Que aos deuses não apraza jamais esteja eu sentado na cadeira de governador, se al i meus amigos não encontrarem maior favor do que os estrangeiros, que para mim nada significam".

VI. Aristides, entretanto, resolveu agir de maneira contrária. Não quis, nunca, alinhar-se ao lado daqueles que se achavam ligados à administração pública, porque não desejava, em primeiro lugar, causar dano a ninguém em proveito de outros a quem teria forçosamente que se aliar, nem também contrariá-los, negando-lhes o que viessem a pedir. Admirava-se mesmo de como alguns tinham a coragem de praticar atos contra o direito e a razão, valendo-se da amizade daqueles que governam. Mantinha, dessa forma, a opinião de que o homem de bem não deve assegurar para si mesmo nenhuma outra proteção que não seja o fazer, aconselhar e dizer apenas o que é honesto.

VII. No entanto, vendo que Temístocles resistia temerariamente e de propósito a todos os seus empreendimentos, buscando entravar seus projetos, também ele era constrangido, às vezes, a resistir ao seu rival, debatendo suas pretensões para devolver-lhe o troco de igual para igual, ao mesmo tempo que rebatia seu prestígio e autoridade, que estavam sempre crescendo, com o favor da plebe. Contradizia-o, de quando em vez, para impedir que uma ou ou tra coisa fosse feita em favor da coletividade e assim impedir que o rival ficasse em evidência [{688}]. Aconteceu

mesmo, em certa ocasião, que tendo Temístocles apresentado um projeto reputado útil e proveitoso ao povo, Aristides lhe fez uma barreira tão grande, que acabou ganhando do adversário. Ao sair, porém, da assembleia na qual o empreendimento de Temístocles havia sido rejeitado, disse que não era possível andarem bem os negócios de Atenas, a menos que um deles dois fosse atirado ao báratro{689}, (que era um abismo, onde costumavam precipitar os malfeitores e condenados a morte).

VIII. De outra feita foi o próprio Aristides quem, após ter apresentado um projeto que levantou grande celeuma e oposição, antes que o presidente da assembleia o submetesse à aprovação, reconhecendo estar de fato cheio de contradições e reconhecendo igualmente as razões apresentadas contra, desistiu e fez retirar sua proposição, verificando que realmente era prejudicial aos interesses do povo. Às vezes, receoso da oposição de Temístocles, fazia apresentar por outros os seus projetos, evitando assim que uma desavença pessoal viesse de encontro ao bem da coletividade.

Mas a sua maneira grave e, especialmente, sua constância, ao tratar as questões que Jhe estavam afetas, eram admiráveis. Jamais se deixou abalar pela lisonja e tão pouco pela repulsa que viessem a sofrer suas opiniões. Não se humilhava, nem se perturbava, mantendo sempre a opinião de que o homem público deve estar sempre disposto a oferecer o corpo e o espírito para bem servir à causa de seu povo, sem esperar qualquer recompensa em dinheiro, honras ou glória. E o povo reconhecia estas qualidades, pois um dia, quando citavam no teatro os versos de urna das tragédias de Ésquilo{690}, escritos em louvor do antigo adivinho Anfiarao e que eram os seguintes:

Não quer nunca parecer justo, mas o ser Amante virtuoso, com pensamento profundo, Do qual vemos comumente nascer Sábios conselhos, com toda a honra do mundo, todos, incontinente, voltaram os olhos em direção a Aristides, como se a ele verdadeiramente, mais do que a nenhum outro, pertencesse o louvor de uma tão grande virtude, pois era firme ao resistir, não somente ao favor e à graça, mas também semelhantemente à ira e ao ódio, porque onde havia questão de justiça, na amizade, não fazia nada por seus amigos e nem na inimizade contra seus inimigos.

IX. A propósito contam que uma vez, ao levar perante a justiça um inimigo seu, acompanhou-o no julgamento e, depois de feita a sua acusação, os juízes ficaram tão irritados contra o criminoso, que sem ouvi-lo, queriam condená-lo. Aristides, porém, levantou-se de sua cadeira para se atirar aos pés dos juízes com o criminoso, pedindo-lhes que dessem audiência também ao réu para que este pudesse justificar-se e defender-se como as leis ordenam. De outra vez, funcionando como juiz entre dois particulares que demandavam em sua frente, um dos dois se pôs a dizer: "Minha parte contrária causou-te muitos danos e irritações a ti mesmo, Aristides". Respondeu-lhe prontamente: — "Meu amigo, dize somente o que ele fez a ti, pois estou aqui para te fazer justiça e não a mim".

X. Ao ser eleito tesoureiro-geral de toda a renda senhorial de Atenas, demonstrou que todos aqueles que haviam manejado as finanças públicas, não somente em seu tempo, mas também anteriormente, haviam pilhado e roubado, entre os quais Temístocles, que era homem bem avisado e de grande senso, mas não tinha as mãos seguras e nem limpas. Assim, quando Aristides quis prestar suas contas, Temístocles e vários outros, por ele induzidos, voltaram-se contra Aristides, acusando-o de haver andado mal e roubado em seu cargo, e, com tal veemência sustentaram suas acusações e fizeram tal perseguição, que por meio desse ardil foi ele condenado, conforme relata Idomeneu. Todavia, os mais influentes e as pessoas mais

conceituadas da cidade, verificando o erro que cometiam, tomaram em mãos a sua causa e não somente fizeram com que a multa a qual havia sido condenado fosse restituída, como também que ele fosse reintegrado no mesmo cargo, para o ano seguinte. Então começou a agir de modo diferente e fingiu estar arrependido de ter governado como havia feito no ano precedente, mostrando-se mais tratável com os que tinham negócios com ele, não tomando as coisas tão a sério, nem examinando-as tão rigorosamente, como havia feito antes. Por esse meio, aqueles que roubavam dos cofres públicos louvaram-no maravilhosamente e brigaram entre si para o fazer continuar no mesmo cargo. Mas, chegado o dia da eleição, quando os atenienses demonstraram desejo de elegê-lo novamente, ele mesmo os repreendeu e lhes disse: "Quando adminis trei bem e fielmente no cargo que me havíeis confiado, recebi de vós, ultraje, vergonha e vilania e agora que finjo não ver mais os furtos e as pilhagens, vós me tomais por homem de bem e bom cidadão, mas eu vos digo e vos declaro que tenho mais vergonha da honra que me concedeis agora, do que da multa a qual me condenastes o ano passado e estou ofendido e é preciso que vos diga: — para vós é mais louvável gratificar os maus do que guardar o bem público". E, aduzindo com suas advertências, a descoberta dos furtos comuns que praticavam os funcionários da cidade, fechou a boca dos ladrões que tão abertamente o louvavam e testemunhavam perante o povo o quanto ele era homem honesto. Dessa forma rendeu ele um preito de justo e verdadeiro louvor às pessoas de bem e de honra.

XI. Entrementes, tendo Dates, tenente do Rei Dario vindo abordar com toda a sua frota e desembarcar na região de Maratona{691} dentro da região da Ática aparentemente, como dizia, somente para vingar-se dos atenienses que haviam queimado a cidade de Sardis, mas em verdade com a intenção de subjugar e conquistar toda a Grécia, correndo e pilhando a região plana, os atenienses elegeram então dez capitães para conduzirem a defesa, entre os quais Milcíades, que era o que possuía mais dignidade e autoridade. Mas Aristides seguia-o bem de perto em reputação e crédito, tendo mesmo contribuído para a vitória quando concordou com a opinião de Milcíades no Conselho, no qual concluíram que teriam de dar batalha aos bárbaros, e também quando cedeu, voluntariamente, a autoridade de comando da armada a Milcíades porque cada capitão, a seu turno tinha um dia no qual comandava a frota. Assim, quando chegou a sua vez, colocou o comando nas mãos de Milcíades, ensinando aos companheiros a submissão e obediência aos mais sábios, que não somente não é coisa reprovável, mas salutar e honrosa. Com este exemplo, acalmando a luta que poderia se levantar entre eles e admoestando-os a concordar com o conselho e aviso daquele que entendia melhor dos feitos da guerra, animou grandemente a Malcíades, o qual se sentiu mais seguro e mais firme em autoridade, não cometendo mais qualquer falha, pois desde que Aristides, uma vez, havia cedido sua autoridade, todos os outros fizeram o mesmo e se submeteram inteiramente a ele.

XII. No dia da batalha, o lugar onde os atenienses tiveram mais dificuldade foi no meio, onde se achavam enfileiradas as tribos leôntida e antióquida, pois foi o ponto onde os bárbaros mais se esforçaram e onde combateram mais duramente e ali mesmo Temístocles e Aristides, combatendo lado a lado, porque um era da linha leôntida e outro da antióquida, fizeram grandes proezas em competição um com o outro. Finalmente, os bárbaros, sendo rompidos, viraram em fuga desordenada, sendo perseguidos até dentro de seus navios. Uma vez embarcados, porém, os capitães atenienses, vendo que não tomavam o caminho das ilhas pelo qual deviam voltar para a Ásia, mas eram atirados pela impetuosidade do vento e pelas correntes marítimas dentro da Ática, para os lados da cidade de Atenas, tiveram receio de que a encontrassem desguarnecida e, por isso, para lá se encaminharam a toda a pressa, conduzindo nove linhagens, que foram tão rapidamente, que chegaram no mesmo dia, deixando no campo de Maratona Aristides e seus combatentes, guardando os prisioneiros e as presas tomadas dos bárbaros.

XIII. Nisto não ficaram decepcionados aqueles que acreditaram na probidade e grande experiência de Aristides, pois como havia grande quantidade de ouro e prata, vestimentas, móveis e outros bens em todas as tendas e pavilhões dos bárbaros e também dentro dos

navios que foram tomados por eles, não teve a ambição de tocar em nada, nem consentiu que outros fizessem e foi a sua revelia que alguns agiram em desacordo com suas ordens, entre os quais Cálias, um dos sacerdotes de Ceres, denominado Dadouco, que quer dizer "porta-tocha" (porque nos sacrifícios secretos de Ceres seu ofício consistia em segurar a tocha)[{692}], pois houve um dos bárbaros que, ao vê-lo com a cabeça cingida por uma faixa e os cabelos compridos, pensou que fosse algum rei e, atirando-se a seus pés, beijou-lhe a mão, mostrando-lhe uma grande quantidade de ouro que se achava escondida e enterrada dentro de uma fossa. Cálias, mostrando-se o mais cruel, o mais covarde e malvado ente que pudesse haver sobre a terra, matou o pobre bárbaro, receoso de que dissesse aos outros o mesmo que lhe havia revelado. É por esta razão que os poetas cômicos chamam por pilhéria, aos seus descendentes, lacóplutos, isto é, "enriquecidos pela fossa".

XIV. Logo depois desta batalha, Aristides foi eleito preboste anual de Atenas, se bem que Demétrio Falereu escreva que foi pouco tempo antes de sua morte que isto se deu, depois da jornada de Plateia. Nos registros onde são escriturados em ordem, as pretorias de cada um, não se encontra o nome de Aristides senão vários anos depois de um Xantípidas, no ano em que Mardônio, tenente do rei da Pérsia, foi derrotado diante de Platéia[{693}] e, assim, é depois de Fanipo no ano em que se deu a jornada de Maratona, que se encontra Aristides a rrolado com outros prebostes.

XV. Mas, de todas as qualidades e virtudes louváveis que Aristides possuía, a mais conhecida e da qual o povo tinha mais experiência, era o senso de justiça. Esta virtude, cujo uso e exercício são como contínuos, é justamente aquela que a maioria das pessoas sente. Sendo ele homem pobre, humilde[{694}] e simples, obteve a mais real e a mais divina consagração que jamais homem algum saberia conseguir, sendo cognominado pela voz do povo — o Justo. Tal denominação nunca foi requisitada ou preferida, nem mesmo desejada pelos reis, pelos príncipes e pelos tiranos. Entretanto, muitos tiveram gosto em ser cognominados, uns de poliorcetas, isto é, "violentadores ou arrombadores de cidades". Outros cerâuni, que significa "fulminantes". Alguns mais foram chamados nicanores, cujo sentido quer dizer "vitoriosos" ou "conquistadores". Outros, ainda, tiveram prazer na denominação de aeti e de hieraces, isto é, "águias" ou "falcões", bem como outros pássaros de garras, preferindo se fazerem notar e adquirir reputação com as características da força e da violência, em lugar daquelas qualidades que dimanam da bondade e da virtude. E, no entanto, a divina essência, à qual todos eles tanto desejavam se igualar, precede todas as demais essências e naturezas, principalmente em três coisas distintas: na imortalidade, no poder e na bondade, das quais esta última [{695}] é a virtude mais digna de acatamento e onde há mais divindade. Porque ser imortal, os quatro elementos e o nada o são também (assim pensam os filósofos natos)[{696}]. Quanto à força e ao poder, os tremores de terra, os raios e os impetuosos turbilhões de vento, as torrentes e as inundações de água são muito grandes, mas a justiça, a retidão e a equidade, delas participa a própria divindade, por meio da razão e do entendimento. E, assim, os homens cultivam três sentimentos diferentes para com os deuses: um, que os considera bem-aventurados; outro, que os faz temidos; o terceiro, que os julga dignos de honra. Consideram a divindade feliz, pela imortalidade e eternidade de sua essência. Temem-na, devido seu domínio e poder. Amam-na, adoram e reverenciam por sua justiça. No entanto, as qualidades, dentre estas três, que os homens mais ambicionam são: a imortalidade, que a natureza humana não alcança, e o poder, que em grande parte depende da sorte. Em último lugar vem a virtude, o único bem dos deuses do qual podemos ser capazes. No entanto, é justamente aí que falha e abusa a humanidade, porque a justiça torna a vida daqueles "que alcançam a fortuna, o poder e a autoridade, divina e celeste; e a injustiça a torna bestial e selvagem.

XVI. Ora, voltando a Aristides, lembremo-nos de que o cognome de Justo desde o início lhe trouxe o amor e a benevolência do povo, mas provocou e engendrou a inveja, devido aos meneios de Temístocles, o qual começou a dizer e a semear por toda a parte que Ar istides havia abolido os julgamentos porque, pela escolha das partes, era sempre apontado como árbitro por saber julgar diferentemente dos outros e porque, por esse meio, ia adquirindo’

secretamente uma soberania e poder próprios de um monarca, sem precisar de guardas nem de satélites. Ora, o povo, que desde a vitória de Maratona, governava e desejava que todas as coisas dependessem inteiramente dele e de sua autoridade, caía em desagrado quando verificava que um dos particulares superava a outro em reputação e boa fama. Dessa forma, resolveu-se após reunião a que compareceram representantes de toda a região da Ática, a expulsão de Aristides do partido chamado Ostracismo, disfarçando a inveja que tinham de sua gloria, por um infundado temor de tirania.

XVII. Esta maneira de banir, a que chamavam Ostracismo ou Exostracismo, não era um castigo imposto por qualquer crime ou malfeitoria. Segundo diziam, o que visavam era apenas dar uma capa honesta aos atingidos para abater uma autoridade e um poder excessivos, incompatíveis num estado popular. Na verdade, porém, não passava de um meio pelo qual se procurava contentar graciosamente o povo, quando este concebia inveja contra alguém que se encontrava em autoridade e evidência, constrangendo-o a abster-se de toda e qualquer atividade pública, pelo prazo de dez anos. Entretanto, quando começaram a aplicar tal pena a pessoas sem representação social e também a indivíduos maus, como se deu com um de nome Hipérbolo, que foi o último a ser expulso, seu uso foi inteiramente abandonado em Atenas.

XVIII. Não estará fora de propósito o declarar neste lugar, como e por que razão foi este Hipérbolo relegado: Alcibíades e Nícias eram, em seu tempo, os primeiros homens de Atenas, tendo desavenças um com o outro, como acontece comumente entre iguais. Vendo que o povo desejava, em assembleia, proceder à execução de uma sentença pelo Ostracismo, desconfiaram que fosse para afastar e banir um deles; falaram um com o outro combinando juntamente com seus servos e aderentes e os reuniram tão bem numa liga que quando vieram recolher os votos do povo para ver a pluralidade de sufrágios e aquele que seria expulso, acharam que era Hipérbolo, pelo que o povo ficou tão descontente vendo a coisa assim aviltada, criticada e desonrada, que não quis. utilizar mais e foi abolido completamente o seu uso.

XIX. Mas, para dar sumariamente a compreender o que era e como se praticava em tal processo, é preciso anotar que em certo dia, antecipadamente marcado e prefixado, cada cidadão trazia uma concha, sobre a qual escrevia o nome daquele que desejava que fosse banido e a colocava dentro de um recinto fechado a volta toda por um tabique de madeira que construíam sobre a praça, pois cada um aí trazia a sua. Os magistrados e oficiais da cidade punham-se a contar todas essas conchas juntas, pois se havia menos de seis mil cidadãos que houvessem trazido essas conchas assim escritas, o Ostracismo era imperfeito. Isso feito, colocavam à parte cada nome escrito e aquele que estava escrito pelo maior número de cidadãos, era, ao som de trombeta proclamado banido e relegado por dez anos, durante os quais, no entanto, gozava de todos os seus bens.

XX. Como, portanto, na ocasião, cada um escrevia sobre sua concha o nome daquele que queria que fosse expulso, dizem que houve um camponês tão grosseiro e tão ignorante que não sabia nem ler nem escrever, o qual dirigiu-se a Aristides, porque o encontrou primeiro e lhe entregou sua concha, pedindo-lhe para escrever em cima o nome de Aristides. Este, admirando-se, perguntou-lhe se Aristides lhe havia causado algum desgosto: — "Não, respondeu o camponês, e o melhor é que eu não o conheço, mas ele me irrita porque ouço, em todo o lugar, chamarem-no o Justo". Aristides, tendo ouvido essas palavras não lhe respondeu nada, mas escreveu ele mesmo seu nome sobre a concha e a devolveu. Mas, ao partir, saindo da cidade, levantou suas duas mãos para o céu e fez uma oração em tudo contrária à de Aquiles em Homero, pedindo aos deuses que jamais acontecesse mais nada aos atenienses, que os obrigasse a ter recordação de Aristides.

XXI. Todavia três anos depois, quando o rei da Pérsia, Xerxes, cem sua armada, passou pelas regiões da Tessália e da Beócia, entrando até o fundo da Ática{697}, os atenienses, anulando o seu ostracismo, chamaram todos os que haviam afastado, isso principalmente pelo medo que tiveram que Aristides se passasse para o lado dos bárbaros e seu exemplo induzisse muitos outros a fazer o mesmo, no que demonstraram não conhecer muito bem a sua natureza, pois antes de ser convidado, não cessou de andar de um lado para o outro, exortando e encorajando os gregos a manter e defender sua liberdade. E depois que o decreto de seu chamado foi publicado, e que Temístocles foi eleito único capitão geral de Atenas, ele o ajudou fielmente, em tudo, tanto com seus serviços como com seus conselhos e, assim fazendo, fez seu maior inimigo coberto de glória, tanto era o apreço da salvação dos negócios públicos. Como Euribíades, que era chefe da armada grega, deliberasse abandonar a ilha de Salamina, sem que ninguém soubesse nada a respeito, Aristides, com uma coragem estranha, partindo da ilha de Egina, passou entre os navios dos bárbaros e tanto fez que chegou de noite à tenda de Temístocles, o qual chamou do lado de fora e falou-lhe desta maneira: -— "Temístocles, se nós dois somos sábios, é chegado o tempo de abandonarmos esta tola desavença e esta inveja que até aqui tivemos um contra o outro. Devemos ter ao contrário, uma outra espécie de inveja que será honrosa e salutar a um e ao outro, isto: quem cumprirá o dever melhor para salvar a Grécia: tu, como comandante e desempenhando os deveres de bom capitão e eu aconselhando-te e executando tuas ordens, atendendo mesmo que és agora o único que se acha apto a desincumbir-se desta missão. $ou de opinião e aconselho que arrisquem a batalha por mar, aqui dentro mesmo desse estreito de Salamina e o mais cedo que for possível; mas, se nossos aliados e confederados te impedirem de pôr em execução esse teu conselho, sou de aviso que os inimigos aí estão te ajudando, porque o mar na frente, por trás e à nossa volta toda, já está coberto com seus navios, de tal jeito que é forçoso que esses que antes não queriam, agora quer queiram ou não, combatam e cumpram o dever de gente de bem, porque estão cercados de todos os lados e não há passagem por onde possam escapar ou fugir".

XXII. A isto, respondeu Temístocles: — "Desgosta-me, Aristides, que neste caso tenhas te mostrado mais digno do que eu; que assim continue e honra te seja dada por haveres começado e por me haveres provado a uma tão honesta e tão louvável disputa. Após vencer aqui, trabalharei para bem continuar". Tendo dado esta resposta, contou-lhe o ardil que havia imaginado para iludir o rei bárbaro, pedindo-lhe para fazer o mesmo contra Euribíades que queria condescender à sua opinião, advertindo-o que não tinha ordem de salvar a Grécia, senão combatendo por mar. Euribíades tinha mais confiança nas palavras e advertências de Aristides, do que nas de Temístocles. E, assim, no conselho em que todos os capitães se reuniram para deliberar se dariam a batalha ou não, como Cleócrito Coríntio dissesse a Temístocles, que seu aviso não agradava nem mesmo a Aristides, assim parecia, porque estando este presente não dizia uma palavra, Aristides respondeu-lhe: — "É o contrário, pois não me calaria se não achasse seu conselho bom: mas agora não digo palavra, nunca mais, não pelo bem que lhe desejo, mas porque acho seu conselho verdadeiramente bom e sábio".

XXIII. Enquanto os capitães gregos discutiam, Aristides, vendo Psitaléia, que é uma ilhota na frente de Salamina, dentro do estreito que estava cheio de soldados inimigos, embarcou nos esquifes de suas galeras os melhores combatentes e mais deliberados de seus concidadãos, com os quais desceu nessa ilha, onde desfez em batalha o que encontrou de bárbaros, os quais foram todos passados à espada, exceto os de mais projeção que foram feitos prisioneir os, entre os quais havia três filhos da irmã do rei, que tinha o nome de Sandauce, os quais enviou a Temístocles. Esses três senhores por ordem do adivinho Eufrântidas, foram todos imolados a Baco, cognominado Omestes, isto é, cruel ou comedor de carne crua, segundo um oráculo que lhes teria respondido. Isto feito, Aristides pôs de emboscada, à volta da ilhota, soldados armados para espreitar esses que por sorte da guerra ou do mar seriam ali jogados, a fim de que não se salvasse nenhum dos inimigos, nem se perdesse também nenhum dos amigos, porque o mais formidável encontro de navios e a luta mais áspera de toda a batalha foi em torno daquela ilhota e por isso aí levantaram o troféu.

XXIV. Depois da batalha ganha, Temístocles, querendo sondar qual era a opinião de Aristides, disse-lhe: — "Fizemos uma bela obra, mas resta ainda a fazer uma outra muito mais bela, é que devemos tomar inteiramente toda a Ásia dentro da Europa, o que faremos facilmente, contanto que com toda rapidez, singremos na direção do estreito de Helesponto. para romper a ponte que o rei mandou fazer". Aristides então exclamou em voz alta: "Oh! não fales nunca desse propósito, mas antes, trabalhemos em procurar um meio, seja qual for, para expulsar esse rei bárbaro fora da Grécia de modo que o encerremos com uma força tão poderosa que quando vier, não tenha mais meios para fugir, e, assim, em desespero de causa, terá que recorrer às armas e combater valentemente".

XXV. Ouvidas essas palavras, Temístocles, ríspido, enviou secretamente o eunuco Arnaces, que era prisioneiro, à frente do rei Xerxes, para avisá-lo que havia retido e desviado os gregos, os quais haviam deliberado ir derrubar a ponte que ele mandara construir sobre o estreito de Helesponto para passar sua armada e que havia desejado avisá-lo para o ajudar a pôr sua pessoa em segurança. Xerxes, amedrontado com esta notícia, pôs-se incontinente a caminho, em grandes jornadas para chegar ao estreito de Helesponto e deixou na Grécia, Mardônio, seu tenente geral, com trezentos mil dos melhores combatentes que tinha em seu exército. Esse Mardônio era temível aos gregos pela poderosa força de terra que tinha e os ameaçava escrevendo-lhes cartas como esta: — "Vós vencestes com pedaços de pau a marinheiros que estão habituados a combater em pé sobre terra firme e que não aprenderam nunca a manejar o remo. Mas, agora, as planícies da Tessália ou o campo da Beócia são belos e largos para cavalaria e infantaria aí provar suas proezas, se quereis vos encontrar em campo de batalha". Escreveu também sobre outros assuntos dos atenienses por ordem do rei seu chefe, oferecendo-lhes, da parte deste, mandar reedificar sua cidade, dar-lhes grande auxílio em dinheiro, além de os fazer senhores de toda a Grécia se quisessem desistir da guerra. Os lacedemônios avisados do que se dava e receando que os gregos não se contiv essem, enviaram rapidamente embaixadores a Atenas, para lhes pedir que mandassem suas mulheres e seus filhos para Esparta e oferecer-lhes víveres para manter e alimentar as pessoas idosas, porque o povo ateniense atravessava uma época de extrema pobreza por causa da cidade que havia sido queimada e destruída, e toda sua região plana pilhada e estragada pelos bárbaros. Mas, depois de terem ouvido os oferecimentos dos embaixadores, os atenienses deram uma resposta maravilhosa aos lacedemônios, da qual Aristides foi o autor : — "Que perdoavam aos bárbaros considerarem venais todas as coisas, ao preço do ouro e da prata, porque não conheciam nada melhor nem tinha m nada mais caro neste mundo do que a riqueza e possuí-la, mas ao contrário, ficavam bastante descontentes com os lacedemônios que não olhavam senão a indigência e pobreza presente dos atenienses e esqueciam sua virtude e a grandeza de sua coragem, julgando poder induzi-los a combater mais virtuosamente pela salvação da Grécia, f azendo-lhes oferta de víveres",

XXVI. Tendo sido esta resposta aprovada e autorizada pelo po vo, Aristides fez vir os embaixadores de Esparta à assembleia e ordenou-lhes dizerem de-viva voz aos lacedemônios que não havia em baixo e nem sobre a terra, ouro que chegasse para os atenienses aceitar ou receber como pagamento para abandonar a defesa da liberdade da Grécia". Quanto ao arauto que viera da parte de Mardônio, mostrou-lhe o sol e disse-lhe: — "Enquanto este astro girar à volta do mundo, os atenienses serão inimigos mortais dos Persas, porque destruíram e arruinaram seu país e profanaram e queimaram os templos de seus deuses". Ordenou mais ainda que os sacerdotes, por ordem do povo, excomungassem, amaldiçoassem e anatematizassem aquele que, porventura, fosse enviado diante dos persas para despachar com eles, mesmo que abandonassem a aliança dos outros povos gregos. Por essa razão, quando Mardônio veio pela segunda vez correr a região da Ática, os atenienses retiraram-se também outra vez para a ilha de Salamina e então foi Aristides enviado como embaixador à Lacedemônia, que os recriminou e lastimou conscientemente por sua negligência e atraso havendo assim desabridamente abandonado a cidade de Atenas aos bárbaros e pediu-lhes que cumprissem pelo menos o dever de socorrer e salvar os moradores da Grécia. Os éforos, que eram certos oficiais que tinham toda a superintendência dos negócios da cidade de Esparta, tendo ouvido essas advertências deram-lhes atenção, embora na aparência exterior e pública,

parecesse que durante aquele dia não pensassem outra coisa senão jogar e comer bem, porque celebravam nesse dia uma de suas festas solenes, que chamavam Hiacintia. Mas na noite seguinte puseram-se em campo e fizeram partir cinco burgueses, nativos de Esparta, todos bons combatentes e homens escolhidos, cada um dos quais estava acompanhado por sete hilotas, que são camponeses e viviam como escravos no país da Lacedemônia, sem nada dar a entender aos embaixadores de Atenas.

XXVII. Por essa ocasião Aristides voltou outra vez ao conselho, pondo-se a lamentar com aspereza por sua indolência. Puseram-se a rir, dizendo que ele sonhava ou caçoava, porque o exército que haviam enviado contra os estrangeiros (pois assim chamavam os persas) já se encontrava na cidade de Oréstion, que está na Arcádia. Ouvida esta resposta, Aristides replicou-lhes que estavam errados pilheriando com eles, fazendo partir seus soldados secretamente e que eles, em consciência, de nada sabiam e que não era tempo para se divertirem enganando seus amigos, mas antes seus inimigos. Idomeneu narra o fato deste modo. Todavia, quanto ao decr eto que Aristides propôs para enviarem embaixadores a Esparta, não foi ele nomeado como embaixador, mas foram designados Cimon, Xantipo e Mirônidas.

XXVIII. Logo que foi eleito pela vontade do povo, capitão geral do exército de Atenas na guerra contra os persas, seguiu para o acampamento dos gregos perto da cidade de Platéia, com oito mil soldados da infantaria, todos bem armados. Ali se encontrava também Pausânias, capitão-chefe de toda a força da Grécia, que levou com ele as forças de Esparta, chegando todos os dias em fila, uma grande multidão de outros gregos. Ora, quanto aos bárbaros, seu acampamento achava-se ao longo do rio de Asopo, mas pela sua grande extensão, não era fechado nem fortificado de jeito algum, a não ser somente um certo recinto quadrado que haviam cercado com uma muralha, o qual de cada lado tinha mil e duzentos e cinquenta passos de comprimento para guardar sua bagagem e seus bens mais preciosos. Quanto aos gregos, o adivinho Tisameno, nativo da cidade de Elida, predisse a Pausânias e a todos os gregos juntos, que teriam a vitória, contanto que não assaltassem nunca e que não fizessem nada a não ser para defender-se some nte. Aristides que consultara ao oráculo de Apelo na cidade de Delfos, teve resposta de que venceriam seus inimigos, contanto que sacrificassem e fizessem orações especiais a Júpiter e Juno do monte de Cíteron, a Pan e às ninfas Esfragitienas e que fizessem também sacrifícios aos semi-deuses Andrócrates, Leucão, Pisander, Damócrates, Hipsião, Acteão e Poliido, e também que aventurassem a batalha dentro de seu território, na planície de Ceres Eleusiana e de Prosérpina.

XXIX. Este oráculo pôs Aristides em grande tristeza e grande perplexidade, porquanto os semi-deuses, aos quais ordenavam que sacrificassem, eram os ancestrais dos platéanos e a caverna das ninfas Esfragitienas é uma das grutas do monte de Cíteron, virada para o lugar onde o sol se deita no verão, e dizem que aí, antigamente havia um oráculo, de cujo espírito vários habitantes dos arredores estavam possuídos e tornavam-se insensatos, pelo que os chamavam "nympholepti", como quem dissesse: "espírito das ninfas"; também o fato de dizer que os atenienses teriam a vitória contanto que aventurassem a batalha na planície de Ceres Eleusiana, e dentro de seu território, o que seria o mesmo que mandá-los para o país da Ática. Estando nessa dúvida, Arimnesto, capitão dos platéanos, teve uma visão, dormindo, segundo a qual Júpiter salvador lhe aparecera e lhe perguntara o que os gregos tinham resolvido fazer, ao que lhe respondeu: — "Devemos, senhor, mudar nosso acampamento amanhã, para o território de Eleusina e lá daremos batalha aos bárbaros, seguindo o que o oráculo de Apolo nos ordenou". Júpiter replicou-lhe que se iludiam grandemente, porque tudo que Apolo havia especificado pelo seu oráculo estava dentro do território dos platéanos e que o encontrariam assim que procurassem bem. Arimnesto, tendo esta visão tão expressiva e tão manifesta, de manhã muito cedo, assim que acordou, mandou chamar os mais velhos e os mais experimentados de seus cidadãos, com os quais, conferindo e procurando onde estaria esse lugar, descobriu que ao pé do monte de Cíteron junto da cidade de Hísia havia um antigo templo que chamavam o "templo de Ceres Eleusiana e de sua filha Prosérpina". Tratou logo

de avisar Aristides e juntos foram examinar o local, achando e concordando ambos que de fato o local era maravilhosamente dotado e a propósito para ali se formar um exército em batalha, não tanto por meio da cavalaria porque o sopé do monte impedia a aproximação dos animais do local onde se achava o templo, que era onde a planície terminava, onde se achava também a capela de Andrócrates, rodeada e escondida por árvores espessas e copadas. Nada parecia faltar do que havia sido especificado pelo oráculo para esperança da vitória. Aconselhados por Arimnesto, os plateanos decretaram que as divisas do seu território fossem afastadas do lado de Atenas e doadas aos atenienses as terras ali situadas, a fim de que nelas pudessem os gregos combater os bárbaros, dentro de seu próprio território, para salvação e defesa da Grécia.

XXX. Ora, esta liberalidade e magnanimidade dos plateanos foi tão aclamada, que muitos anos depois o rei Alexandre, o Grande, tendo conquistado o império da Ásia mandou reedificar as muralhas da cidade de Platéia, e, fazendo isso, mandou proclamar por um arauto na assembleia dos jogos olímpicos que Alexandre fazia esse bem e prestava essa honra aos plateanos, em memória e recompensa de sua magnanimidade, porque na guerra contra os persas haviam dado liberalmente sua terra aos atenienses para salvação da Grécia e haviam se mostrado pessoas de bom coração e amigos da defesa da Grécia.

XXXI. Quando formaram o exército grego em batalha, houve uma dissensão entre os atenienses e os tegeatos[698], porque aqueles queriam, como sempre estavam acostumados a fazer, se os lacedemônios ficavam na ponta direita da linha de batalha, eles ficavam na esquerda e os tegeatos, indo de encontro, alegavam as proezas e grandes feitos de armas de seus ancestrais, o que deu origem a uma amotinação dos atenienses, mas Aristides, saindo à frente, admoestou-os dizendo-lhes que não era tempo de discutir com os tegeatos sua nobreza nem suas proezas. "E quanto a vós, senhores espartanos, disse ele, e vós outros gregos, avisamos-lhes que o lugar não dá nem tira jamais a virtude e asseguramos que qualquer que seja o lugar que nos entregardes, nós o defenderemos e guardaremos tão bem, que não diminuirão nem a honra nem a reputação que conseguimos nas batalhas precedentes; pois viemos aqui, não para discutir nem brigar contra nossos aliados mas para combater nosso inimigo comum; nem para enaltecer nossos antecessores, mas para com efeito nos mostrarmos pessoas de bem na defesa da Grécia, porque este dia testemunhará a todos os gregos como cada cidade, cada capitão e cada homem particular no seu de direito se fará estimar".

XXXII. Ouvidas essas palavras de Aristides, os capitães e todos os do conselho concluíra m em favor dos atenienses que ficariam numa das pontas da linha. Assim estava toda a Grécia em grande movimento e da mesma forma o estado ateniense em extremo perigo, porque aconteceu que um certo número de cidadãos das mais nobres casas da cidade e que possuíam bens antes da guerra, os quais vendo-se então reduzidos a pobreza e que além de seus bens que haviam perdido, ainda tinham sido privados da proeminência e da autoridade que estavam habituados no governo da coisa pública, estando agora outros, antes desacreditados, sendo promovidos a situações e cargos da cidade, reuniram-se em uma casa da cidade de Platéia e juntos conspiraram para destruir e abolir a autoridade do povo em Atenas ou, se não pudessem triunfar, perder tudo e trair a coisa pública em favor dos bárbaros. Como se tratava dessas coisas no próprio acampamento, no qual diversos estavam ligados à conspiração, Aristides sentiu soprar o vento e teve grande receio por causa do tempo que urgia e pensou não agir com indolência num caso de tão grande responsabilidade não procurando rebuscar tão ao vivo e nem descobrir tudo inteiramente, não sabendo o número de culpados ligados à tal conspiração mesmo que os procurasse até o fim, olhando antes o que era justo que teria de aproveitar, de acordo com o tempo. Mandou prender somente oito do grande número que havia e, desses oito, dois que queriam começar logo a processar porque eram os mais culpados, Esquines, do bairro da Lampra e Egesias d o bairro de Acarne, encontraram meios de fugir do acampamento e se salvar. Quanto aos outros, Aristides os soltou, dando meios a esses que pensavam não ser descobertos para assegurar-se e arrepender-se, dizendo que

teriam a batalha por julgamento, na qual poderiam se justificar das culpas que lhes punham em cima e mostrar que nunca tiveram outra intenção senão boa e justa, para com seu país.

XXXIII. Mardônio, ficando, quis sondar a coragem que teriam os gregos, e enviou toda a sua cavalaria, a qual era muito mais poderosa que a dos gregos, para os escaramuçar. Ora, estavam eles alojados ao pé do monte de Cíteron em lugares fortes e pedregosos, exceto os megarianos, que eram três mil combatentes acampados na planície, o que foi causa de serem trabalhados e prejudicados pelos soldados de cavalaria dos bárbaros, que os assaltaram de todos os lados porque podiam se aproximar de todas as partes, tanto que no fim, vendo que não pediam sós, suster tão grande multidão de bárbaros, enviaram rapidamente pedido a Pausânias, para solicitar que lhes enviasse prontamente socorro. Pausânias, ouvindo esta notícia e olhando o campo dos megarianos quase todo coberto de setas e de dardos que lhes atiravam os bárbaros e eles, obrigados a se colocarem e se apertarem em um pequeno canto, não soube o que devia fazer: pois ir pessoalmente com os lacedemônios que eram soldados da infantaria bem armados, achou que não teria sucesso; experimentou picá-los então com o aguilhão de ambição e de honra e mesmo com alguma inveja entre os capitães e chefes de tropas dos outros gregos que se encontravam à sua volta, para ver se poderia entusiasmá-los a irem voluntariamente socorrer os megarianos, mas todos os outros fizeram ouvidos surdos menos Aristides, o qual prometeu em nome dos atenienses ir, e despachou imediatamente Olimpiódoro, um dos mais valentes capitães que estavam sob suas ordens, com sua companhia que era de trezentos homens, todos de elite. Esses soldados ficaram prontos num instante e incontinente marcharam apressadamente para a batalha contra os bárbaros.

XXXIV. Vendo isso, Masístio, que era general de cavalaria dos persas, homem grande, forte, e belo, virou seu cavalo e galopou direito a eles. Os atenienses o esperaram em pé e houve um encontro bastante áspero, porque uns e outros queriam neste princípio influir no final da batalha, e combateram tanto que o cavalo de Masístio recebeu um grande golpe de dardo através do corpo e a dor que sentiu fê-lo atirar por terra seu chefe todo armado dos pés a cabeça, como estava. Uma vez caído não pôde se levantar, devido ao peso de seu arreio e mais ainda porque os atenienses, que logo correram sobre ele, ajuntaram-se ao seu redor, diversos a sapatear, não achando jeito de matá-lo porque estava muito armado e carregado de ouro, cobre e ferro, não somente no corpo e na cabeça, mas também nas pernas e braços; num momento, porém, alguém enterrou o ferro de seu dardo por dentro da viseira de seu capacete, matando-o. Vendo isso, os outros persas incontinente voltaram-se fugindo e abandonaram o corpo de seu general. Logo, verificaram os gregos que haviam feito muito nesta escaramuça, não pelo número de inimigos que tivessem morto, pois não eram muitos, mas pela grande perda que infligiram aos bárbaros, pois tosaram-se è a seus cavalos e burros como luto pela morte de Masístio e encheram o campo todo’ nos arredores, de lágrimas, de gritos e de urros como se houvessem perdido o primeiro homem de todo o seu acampamento, em valor e em autoridade, depois do tenente do rei Mardônio.

XXXV. Depois desta primeira escaramuça, ficaram uns e outros em seu acampamento sem sair durante vários dias, porque os adivinhos prometiam a vitória tanto aos persas como aos gregos, contanto que não fizessem senão se defender somente e, ao contrário, os ameaçava de serem derrotados e começassem a assaltar. Mas Mardônio, vendo que não havia mais víveres senão para bem poucos dias e ainda mais que todos os dias vinha um novo reforço de gentes para os gregos, resolveu afinal não esperar e passar o rio Asopo logo ao clarear do dia seguinte e cair sobre os gregos desprevenidos. Ordenou, na noite anterior, aos seus capitães, o que deviam a fim de que cada um ficasse pronto, mas, à meia-noite, mais ou menos, um homem a cavalo, sem fazer barulho nenhum, aproximou-se tão perto do campo dos gregos que falou com os que montavam guarda, avisando-os que tinha alguma coisa a comunicar a Aristides, capitão dos atenienses. Aristides foi chamado imediatamente e assim que apareceu, o cavaleiro lhe disse: — "Sou Alexandre, rei da Macedónia, que pelo amor e amizade que vos tenho, lancei-me no maior perigo, para vir aqui a tais horas, para vos avisar que amanhã cedo Mardônio vos dará a batalha; a fim de que esta surpresa de vossos inimigos não vos assuste por serdes assaltados desprevenidos e não vos deixar combater valentemente, pois não é por nenhuma esperança ou confiança que lhe tenha surgido de novo, mas pela necessidade e escassez de víveres em que se encontra que o obriga a fazer isso, visto que os adivinhos, tanto

peles sinistros presságios dos sacrifícios como pelas respostas dos oráculos, tanto preveniram que podem vos dar a batalha, de maneira que todo seu exército está em grande pavor e sem esperanças, mas ele é forçado a tentar a sorte e confiar no acaso, ou bem se resolve a não sair do lugar e morrer de fome".

XXXVI. Depois que o rei Alexandre o advertiu, pediu-lhe para deixar se servir por ele e lembrar-se quando chegasse a hora, mas que não dissesse a ninguém; então Aristides respondeu-lhe que não era razoável calar uma coisa de tal responsabilidade a Pausânias, visto ser ele o encarregado principal e superintendente de todo o exército, mas prometeu-lhe que não diria a nenhum outro antes da batalha e que onde os deuses proporcionassem a vitória aos gregos, ele assegurava que não haveria pessoa alguma que não tivesse lembrança e recordação da boa vontade e da afeição demonstradas. Ditas estas, de uma parte e da outra, o rei Alexandre voltou de onde tinha vindo e Aristides ao sair dali foi direito à tenda de Pausânias, contando-lhe tudo. Imediatamente mandaram chamar os outros capitães e tiveram conselho de guerra, no qual foi ordenado que cada um manteria sua gente pronta para combater, porque no dia seguinte haveria batalha.

XXXVII. Pausânias, entretanto, como narra Heródoto{699}, dirigiu-se a Aristides dizendo-lhe que queria transpor os atenienses da ponta esquerda para a ponta direita, a fim de terem pela frente os nativos persas, que combateriam com mais dureza, tanto porque todos estavam habituados a combater contra eles como também porque já os havia vencido no primeiro encontro e desejava para si e seus soldados a ponta esquerda da batalha, onde deviam ficar os gregos que combatiam do lado dos persas. Ouvindo isto, todos os outros capitães se enfureceram, dizendo que Pausânias estava errado e não estava direito deixar os demais povos gregos nos seus lugares, onde sempre eram comandados, mudando somente os atenienses. Sem mais nem menos como se fossem escravos, para os colocar a seu bel-prazer ora de um lado e ora do outro, jogando-os na frente dos inimigos mais belicosos; mas Aristides, lhes respondeu que não sabiam o que estavam dizendo e se mostravam assim agastados porque recentemente haviam contestado contra os tegeatos querendo somente a ponta esquerda da batalha, sentindo-se honrados com a preferência dos capitães que os haviam comandado e, no entanto, agora que os próprios lacedemônios, de boa vontade, lhes cediam a ponta direita, segundo se diz, largando entre suas mãos e entregando-lhes o principado de todo o exército, não aceitavam mais afetuosamente esta honra e não consideravam o ganho e vantagem que isto significava para eles, que não teriam nunca de combater contra aqueles que eram do mesmo sangue e da mesma origem que eles, mas contra os bárbaros que eram seus inimigos naturais. Depois que Aristides lhes fez essas admoestações, ficaram contentes em mudar de lugar com os lacedemônios e não se ouvia outra coisa entre eles a não ser exortações que faziam uns aos outros para terem bastante coragem, dizendo ainda que os persas, ali presentes, não tinham outras armas nem corações melhores do que aqueles que haviam vencido e derrotado na planície de Maratona: — "Pois são, diziam eles, os mesmos arcos, as mesmas vestes enriquecidas de bordados, as me smas correntes e berloques de ouro sobre os corpos efeminados, que cobriam almas fracas, covardes e pusilânimes; e nós temos as mesmas armas e os mesmos corpos também, mas nossos corações tornaram-se maiores por tantas vitórias que ganhamos depois sobre eles e se há vantagem, não combatemos como nossos outros aliados gregos{700} somente por nossa cidade e nosso país, mas, ainda mais, para não perdermos o renome das proezas que conseguimos nos dias de Maratona e de Salamina, a fim de que não c onsiderem que a glória desses troféus e dessas vitórias sejam devidas só a Milcíades, ou à sorte, mas à virtude dos atenienses".

XXXVIII. Assim, enquanto estavam os gregos ocupados em trocar rapidamente a ordem de sua batalha, incontinente os tebanos foram avisados por alguns traidores que passaram de um campo ao outro e deram a entender a Mardônio, o que estava sendo feito. Este, subitamente, trocou também a ordem da sua, pondo os nativos persas na ponta direita em face da esquerda dos inimigos; fez isto porque teve receio dos atenienses ou porque, para maior glória, desejou

combater contra os lacedemônios e ordenou aos gregos que tomaram seu partido, que deviam sustar os atenienses. Esta transposição foi tão clara que cada um podia vê-la, pelo que Pausânias mudou com rispidez os lacedemônios, colocando-os na ponta direita e Mardônio igualmente repôs os persas na esquerda, como estavam no começo, oposto aos lacedemônios, de tal forma que o dia se passou sem nada ser feito senão idas e vindas nessas mudanças; depois à noite os capitães gregos reuniram-se em conselho, no qual foi decretado que er a preciso mudar seu acampamento e irem se alojar em lugar onde tivessem água mais à vontade, por causa dos inimigos que a gastavam e ordinariamente turvavam com seus cavalos os riachos e fontes que havia nos arredores.

XXXIX. Por isso, vindo a noite, os capitães quiseram fazer partir seus soldados para irem se alojar aonde havia sido ordenado, mas eles iam de má vontade e tinham muito trabalho em os manter juntos, pois nem bem se encontraram fora das trincheiras e fortificações do campo, a maior parte correu para a cidade de Platéia, havendo uma grande desordem porque se espalharam daqui e dali, armando seus pavilhões onde bem lhes parecia sem que houvessem separado os quarteirés, menos os lacedemônios, que ficaram sós para trás, mas apesar deles, porque um de seus capitães chamado Amonfareto, homem corajoso que não conhecia nenhum perigo e não pedia durante muito tempo outra coisa senão a batalha, estava impaciente com tantas mudanças e dizia em voz alta e clara que essa troca de acampamentos não era outra coisa senão uma bela fuga e jurou que não sairia dali com a sua companhia e esperaria Mardônio. Pausânias foi à sua frente, admoestando-o que devia fazer o que os gregos em sua maioria haviam concluído e decretado no conselho. Amonfareto, pegando com as duas mãos uma pedra muito grande, atirou-a nos pés de Pausânias, dizendo: — "Veja o fardo que eu me dou para concluir a batalha, não me preocupando mais com vossas outras conclusões covardes e pusilânimes". A teimosia desse homem assustou Pausânias que não sabia mais onde estava. Enviou à frente dos atenienses que já se achavam em caminho, solicitar que o esperassem, a fim que fossem juntos, quando fez marchar o restante de seus soldados no caminho de Platéia, pensando que assim, afinal constrangeria Amonfareto a se levantar e sair dali, caso não quisesse ficar sozinho.

XL. Entrementes, chegou o dia. Mardônio, sendo avisado que os gregos abandonavam seu primeiro alojamento, imediatamente fez marchar sua gente para batalha a fim de ir cair sobre os lacedemônios. Atiraram-se os bárbaros com grandes gritos e grandes hurras, pensando não irem combater, mas somente saquear e despojar os gregos fugitivos, como de fato não precisaria muito. Pausânias, verificando a capacidade dos inimigos mandou parar as bandeiras e ordenou que cada um se preparasse para combater, mas esqueceu, seja pela cólera que sentia centra Amonfareto ou pelo espanto desta repentina carga dos inimigos, de dar o sinal de batalha, acontecendo que não vieram prontamente todos juntos ao combate, mas per pequenas tropas, umas daqui, as outras dali, quando a luta já havia começado.

XLI. Enquanto isto, Pausânias vagava fazendo sacrifícios aos deuses e vendo que seus primeiros sacrifícios lhe eram muito agradáveis, pelas observações que faziam os adivinhos, ordenou aos espartanos que pousassem sobre a terra, diante de seus pés, seus escudos e que não saíssem de seus lugares mas que tivessem somente olhos para o que lhes ordenassem sem se preocupar com a defesa contra os inimigos. Isto feito, pôs-se desabrido a imolar outros sacrifícios, quando já se aproximavam rápidos os soldados de cavalaria dos inimigos, chegando até eles seus golpes de flechas, de tal forma que houve alguns espartanos feridos, entre os quais o pobre Calícrates, o homem mais belo e maior que existiu entre os gregos, o qual foi ferido de morte por um golpe de dardo e entregando o espírito, na hora, disse que não lastimava sua morte, porque saíra de sua casa com a deliberação de morrer pela defesa da Grécia, mas arrependia-se de morrer assim tão covardemente, sem haver dado um só golpe com sua mão. Esta morte foi tristíssima{701} e a constância dos espartanos foi admirável, pois não saíram jamais de seus lugares, nem aparentaram querer se defender do inimigo que vinha sobre eles e sofriam ao serem furados pelos golpes de dardo e mortos imediatamente,

esperando a hora que os deuses lhes mostrariam e que seu capitão lhes ordenasse para combater. Ainda dizem alguns que, como Pausânias estava perto, fazendo sacrifícios, pedidos e orações aos deuses, um pouco atrás da batalha, correu sobre ele uma tropa de lidianos que arrebatou e revirou de cima para baixo todo seu sacrifício; Pausânias e os que estavam à sua volta, não encontrando à mão outras armas, os expulsaram a golpes de bastão e de chicote; em lembrança desse fato, dizem que no aniversário, fazem uma procissão solene em Esparta, que chamam a procissão dos lidianos, na qual os rapazes são surrados e chicoteados à volta do altar. Pausânias estava angustiado por ver o sacerdote imolar vítimas sobre vítimas, sem encontrar uma agradável aos deuses; afinal virou os olhos chorando para diante do templo de Juno e, estendendo as mãos, suplicou a Juno Citeronina e a todos os outros deuses patronos e protetores da região de Platéia que não fosse para cumprimento de destinos fatais, que os gregos vencessem nesta batalha ou ao menos que não morressem sem vender muito caro sua morte aos vencedores e sem lhes fazer conhecer e sentir, pelo efeito, que haviam empreendido esta guerra contra homens valentes e que sabiam muito bem combater.

XLII. Pausânias não havia ainda terminado esta oração, quando os sacrifícios repentinamente se tornavam propícios, vindo os sacerdotes e adivinhos anunciar e prometer a vitória e a ordem, tendo ido, assim de mão em mão a ordem, por todas as fileiras, que marchassem contra os inimigos. Precisava-se ver o batalhão dos lacedemônios que não era senão um corpo, como algum animal corajoso que se eriçava, preparando-se para combater. Incontinenti, avisaram os bárbaros que teriam um encontro muito forte e encontrariam soldados que combateriam até o último suspiro, por isso se cobriram com suas grandes targas persianas, atirando muitas flechas e dardos contra os lacedemônios, os quais, como estavam muito uni’ dos e apertados juntos, cobertos com seus escudos, iam sempre para a frente até que vieram tão viva-, mente ao seu encontro, fazendo voar suas targas fora do punho com grandes golpes de lanças e de dardos, dando-lhes através das faces e dos bustos com tal violência que diversos caíram por terra; os quais não morriam covardemente, pois pegavam com suas mãos completamente nuas as lanças e dardos dos lacedemônios, quebrando várias com a força dos braços, depois tiravam habilmente seus alfanjes e seus machados, com os quais combatiam conscientemente, até arrancar à força os boucliers dos lacedemônios e se agarrar corpo a corpo com eles, de maneira que resistiram durante muito tempo.

XLIII. Ora, enquanto os lacedemônios estavam assim agarrados ao combate contra os bárbaros, os atenienses esperavam em pé se bem que bastante longe dali, mas quando viram que demoravam tanto a chegar e ouvindo um grande barulho como de soldados combatendo e ainda mais quando chegou um mensageiro enviado às pressas por Pausânias, avisá-los, então puseram-se a caminho com a maior rapidez possível, para ir socorrer, mas enquanto caminhavam a largos passos através da planície para o lugar de onde julgavam ouvir o barulho, os gregos, que tomaram o partido dos bárbaros, chegaram à sua frente. Vendo isso, Aristides atirou-se à frente de suas tropas e primeiramente gritou em voz alta, o mais alto que pôde gritar, conjurando os gregos, em nome dos deuses protetores da Grécia, que se abstivessem desta guerra, e não causassem mais impedimento aos atenienses, os quais iam socorrer aqueles que punham suas vidas em perigo para defender o bem público e a salvação comum de toda a Grécia. Mas, quando viu que pelas súplicas e conjurações que lhes fazia, eles não queriam se afastar mas marchavam sempre de cabeça baixa para virem ao encontro, então desistiu de socorrer os lacedemônios e foi constrangido a fazer frente a esses que vinham sobre eles, havendo aproximadamente cinquenta mil combatentes, dos quais no entanto, a maior parte logo debandou, retirando-se, quando souberam que os bárbaros haviam sido também rompidos e debandados. O mais forte da batalha e a luta mais áspera, ao que dizem, foi no lugar onde estavam os tebanos, porque os nobres e os principais do país combatiam diligentemente em favor dos bárbaros e o povo não, mas era levado por um pequeno número desta nobreza que os comandava.

XLIV. Assim, nesse dia, combateram em dois lugares, onde os lacedemônios foram os primeiros que romperam e mudaram em fuga os bárbaros, aí morrendo Mardônio, o tenente

do rei, de uma pedrada que um espartano chamado Arimnesto lhe atirou na cabeça, cumprindo-se o que o oráculo de Anfiarao lhe havia predito e profetizado, pois Mardônio, antes da batalha enviara um lidiano e um cariano ao de Trofônio, do qual o profeta disse a resposta ao cariano em linguagem cárica: "e o lidiano dormiu dentro do santuário de Anfiarao e ali teve um aviso dormindo, que um dos ministros do templo ordenava que saísse do lugar onde estava, o que não quis fazer; então o ministro pegou uma grande pedra atirando-a na sua cabeça, de cujo golpe, pelo aviso, morreu"; assim contam.

XLV. Mas ao ficarem, os lacedemônios, expulsaram os persas fugitivos até dentro do recinto que haviam protegido e fortificado com o tabique de madeira. E algum tempo depois os atenienses também rompiam os tebanos, matando na hora, trezentos dos mais nobres e de maior aparência somente, porque no instante que os tebanos começaram a virar as costas, chegaram notícias aos atenienses que os bárbaros estavam fechados dentro do forte de madeira, onde os lacedemônios os mantinham cercados. Assim, deram oportunidade aos gregos fugitivos para se salvarem rapidamente e irem ajudar os lacedemônios a tomar o forte dos bárbaros, pois mantinham-se bastante frios, porque não estavam experimentados para assaltar e forçar uma muralha; imediatamente os atenienses chegaram, tomaram de assalto com uma grande carnificina de bárbaros, pois dos trezentos mil combatentes que havia no acampamento de Mardônio, salvaram-se apenas quarenta mil sob o comando de Artabazo e do lado dos gregos morreram aproximadamente uns mil e trezentos e sessenta ao todo, entre os quais havia cinquenta e dois atenienses, todos da linhagem Aiântida, a qual nesse dia portou-se mais valentemente que qualquer outra, conforme escreve Clídemo. É a razão pela qual os Aiântidas faziam um sacrifício solene às ninfas Esfragitienas a expensas do erário público, seguindo o que lhes era ordenado pelo oráculo de Apolo, para lhes render graças daquela vitória. Dos lacedemônios morreram noventa e um e dos tegeatos apenas dezesseis.

XLVI. Mas, admiro-me que Heródoto{702} diga não ter havido senão esses povos que combateram naquele dia contra os bárbaros e nenhum dos outros gregos, pois o número de mortos e também as sepulturas mostram e testemunham que foi um feito comum a todos os gregos juntos, e, ainda mais, se apenas esses três povos tivessem combatido e todos os outros ficassem sem nada fazer, não teriam gravado sobre o altar que foi edificado no lugar da batalha um epigrama, cuja substância é a seguinte:

Os gregos vencedores, por grandes feitos de guerra

Expulsando os persas de sua terra,

Este cordial altar, comum a toda a Grécia

Erigiram à digna grandeza

De Júpiter, que de sua liberdade

Contra Medas foi o protetor.

XLVII. Deu-se esta batalha no quarto dia do mês que os atenienses denominam boedromion, que-é mais ou menos o mês de Julho ou como contam os beócios, o vigésimo-sexto mês que denominam panemus, em cujo dia se faz ainda uma assembleia pública dos estados da Grécia, na cidade de Platéia, quando os platéanos erigem um solene sacrifício a Júpiter protetor da liberdade para o agradecer sempre por aquela vitória.

Não se deve estranhar essa desigualdade e discordância dos meses nem dos dias, visto que hoje em dia a arte da astrologia{703} está muito mais perfeitamente compreendida do que o era então.

XLVIII. Depois desta derrota dos bárbaros, levantou-se um tumulto entre os atenienses e os lacedemônios, no tocante ao prêmio e honra da vitória, porque os atenienses não queriam ceder seu direito aos lacedemônios nem lhes permitir que levantassem um troféu à parte, de tal medo que pouco faltou para que os gregos, nesta ocasião, ligados e amotinados uns contra os outros, não se destruíssem a si próprios, se Aristides, por admoestações e razões, não houvesse acalmado e retido os outros capitães seus companheiros, entre os quais, um Leccrates e um Mirônidas, para os quais, por meio de vivas persuasões e sábias palavras, conseguiu que concordassem em colocar a decisão final sob o arbítrio e o juigamento dos outros povos da Grécia. Reuniram-se os gregos todos no mesmo lugar para desfazer essa diferença e nesse conselho Teogitão, capitão dos megarianos, deu a sua opinião, de que era necessário, a fim de evitar a guerra civil, que estava por surgir entre os gregos, deferir o prêmio e a honra daquela vitória a qualquer outra cidade menos àquelas duas que o disputavam; em seguida levantou-se Cleócrito Corintio que todos julgavam querer a honra para a cidade de Corinto, porque era aquela que tinha mais dignidade em toda a Grécia, em seguida a Esparta e Atenas, mas ele falou em louvor dos plateanos, cujo discurso, todos acharam maravilhosamente honesto e foi recebido bem, pois foi de aviso que era ocasião de afastar toda a diferença cedendo o prémio e o lugar de honra à cidade de Platéia, porque nem uma nem outra parte não discordariam, que esses fossem honrados. Ainda não havia acabado de falar, quando Aristides, em primeiro lugar, concordou com seu aviso e acedeu em nome dos atenienses e depois Pausânias em nome dos lacedemônios.

XLIX. Estando todos assim concordes, devendo dividir o espólio entre eles, puseram de parte{704} oitenta talentos, que foram dados aos platéanos com os quais edificaram estes um templo a Minerva, dedicaram-lhe uma imagem e embelezaram todo seu templo com pinturas, as quais até hoje existem ainda completas. Os lacedemônios levantaram à parte seu troféu e os atenienses, o seu também; enviaram ao oráculo de Apolo na cidade de Delfos, para saber a que deuses e como deviam sacrificar; Apolo respondeu-lhes que edificassem um altar a Júpiter protetor da liberdade, mas não fizessem em cima, nenhum sacrifício, sem primeiramente apagarem todo o fogo que existia na região, porque havia sido poluído e contaminado pelos bárbaros, depois fossem buscar algum puro e limpo para o altar comum, sobre o qual sacrificariam a Apolo Pitiano, na cidade de Delfos.

L. Ouvida esta resposta, os magistrados e oficiais dos gregos foram daqui e dali, por todo o país mandando apagar os fogos. Houve então um homem da cidade mesmo de Platéia, chamado Euquidas, o qual veio pessoalmente oferecer e prometer que traria o fogo do templo de Apolo Pitiano com a mais extrema diligência que lhe seria possível; chegado à cidade de Delfos, depois de haver aspergido e purificado seu corpo com água limpa, colocou sobre a cabeça uma coroa de louro e desse modo foi pegar o fogo sobre o altar de Apolo, retomando imediatamente seu caminho, correndo quanto pôde para a cidade de Platéia, onde chegou antes do sol posto. Assim, em um dia, caminhou mil estádios{705} que valem aproximadamente sessenta e duas léguas e meia, mas depois de haver saudado seus concidadãos e lhes livrar o fogo que trazia, caiu subitamente por terra, entregando o espírito. Os plateanos o levantaram morto, todo duro, enterrando-o dentro do templo de Diana, que cognominavam Euclia, que quer dizer, a boa fama, depois mandaram gravar sobre sua sepultura um epitáfio de tal substância:

Aqui faz sua última moradia Euquidas, que daqui correu Até Delfos, e voltou De lá aqui em um só dia.

Vários consideram que essa deusa Euclia, seja Diana e a chamam assim, mas há os que acham que era a filha de Hércules e{706} da ninfa Mirto, filha de Menócio e irmã de Pátroclo, que morreu virgem, sendo depois honrada e venerada pelos beócios e locrianos como uma deusa; pois em todas suas cidades encontram sempre nas praças públicas, um altar e uma imagem a ela dedicados, ofertando-lhe sacrifícios todos os que se casam, tanto homens como mulheres.

LI. Desde então foi mantida uma assembleia geral de todos os gregos, na qual Aristides propôs que em cada ano todas as cidades da Grécia enviassem, em certo dia, seus deputados à cidade de Platéia para aí oferecerem orações e sacrifícios aos deuses, e também que de cinco em cinco anos aí celebrassem jogos públicos, que seriam chamados os jogos da liberdade; igualmente se decidiu que para guerrear os bárbaros levantariam em toda a Grécia dez mil infantes, mil cavalarianos, além de uma frota de cem velas. Idem, que os platéanos, daí em diante fossem considerados como santos e sagrados sem que fosse permitido prejudicá-los de forma alguma e que não tivessem outro trabalho senão sacrificar aos deuses pela salvação e prosperidade da Grécia. Todos esses artigos foram passados e autorizados, ponto por ponto, sendo que os plateanos ficaram obrigados a fazerem todos os anos sacrifícios solenes aos gregos que foram mortos pela defesa da liberdade dentro de seu território. Isto fazem ainda até nossos dias.

LII. O décimo-sexto dia do mês de memectetion, que os beócios chamam alalcomenos e é aproximadamente o mês de janeiro{707} realizam uma procissão na frente da qual marcha um trombetista que vai tocando{708} alarme, em seguida alguns carros carregados de ramos de murta{709} e com festões e chanéus de triunfo, depois um touro preto e certo número de crianças nobres, que levam grandes vasos repletos de vinho e de leite que se costuma espargir como oblações propiciatórias sobre as sepulturas dos mortos; outros rapazes, de condição livre, levam óleos de perfumes e de odores dentro de frascos, pois não era permitido que alguma pessoa de condição servil se intrometesse nem se empregasse em nenhum ofício desse mister, pois aqueles de quem se honrava a memória, morreram combatendo para defender a liberdade da Grécia. Depois dessa apresentação toda, segue o último, aquele que na ocasião é{710} o preboste dos platéanos, ao qual, durante todo o resto do ano não é permitido tocar apenas em ferro, nem vestir roupagem de outra cor, a não ser branca, mas que na hora veste um saio tinto em púrpura e traz em uma das mãos um cântaro{711} que recebe na casa da cidade, e, na outra, uma espada toda nua, e marcha neste porte após toda a pompa precedente através da cidade até o cemitério onde estão as sepulturas dos que morreram no dia do mês em que se comemora o aniversário. Aí chegando retira a água de uma fonte que ali existe, com a qual, ele mesmo lava as colunas quadradas e as imagens que estão sobre as ditas sepulturas, untando-as com óleos de odores, em seguida imola um touro sobre um montão de madeira que já está pronto, nem mais nem menos como quando queimam os corpos de alguns mortos, fazendo súplicas e orações a Júpiter e a Mercúrio terrestres. Em seguida convida e admoesta para o festim do sacrifício fúnebre, as almas daqueles homens valentes, que morreram combatendo pela liberdade da Grécia; toma uma taça que enche de vinho e derramando sobre suas sepulturas, diz essas palavras em voz alta: — "Bebo aos bravos e valentes homens que outrora morreram defendendo a franquia da Grécia". Os platéanos até hoje guardam ainda solenemente esta cerimonia de aniversário.

LIII. Em suma, quando os atenienses voltaram à sua cidade, vendo Aristides, que queriam a viva força, o governo do estado popular, cuja autoridade soberana estava entre as mãos do povo e estimando que o povo era digno e merecia que tivessem desvelo pela proeza e grandeza de coragem demonstradas nesta guerra e também vendo que seria bem desagradável forçá-lo a aceitar outro governo, levando em conta que tinham as armas nas mãos e o coração dilatado por tantas vitórias belas e gloriosas que havia ganho, lançou logo um edital: que a autoridade do governo ficasse entre as mãos de todos os cidadãos igualmente, que daí em diante todos os burgueses, tanto pobres como ricos, pudessem ser

eleitos pelas vozes do povo, com o direito de promover aos ofícios e magistrados da cidade.

LIV. Afinal, como Temístocles, um dia, afirmasse em assembleia pública da cidade que havia propiciado uma coisa que era maravilhosamente útil, aproveitável e salutar à causa do povo, mas que haveria perigo dizê-la publicamente, o povo ordenou que a comunicasse então só a Aristides e con sultasse com ele, para resolver se era conveniente ou não fazê-la. Então Temístocles disse-lhe em segredo que achava útil pôr fogo dentro do arsenal onde estavam todos os navios dos gregos, alegando que por esse meio os atenienses tornar-se-iam mais poderosos que quaisquer outros povos da Grécia. Tendo ouvido, a proposta, sem mais aquela, Aristides voltou-se para o povo e disse em plena assembleia que não podia haver coisa mais aproveitável para a causa pública em Atenas, nem também mais injusta e mais maldosa, "do que aquilo que Temístocles havia pensado fazer. Ouvida esta resposta, o povo ordenou a Temístocles que retirasse aquela sua proposição, tanto era o povo de Atenas amante da justiça e tanta confiança tinha na retidão e probidade de Aristides.

LV. Este foi enviado depois como capitão do exército ateniense, com Cimon, para perseguir e guerrear os bárbaros. Vendo que Pausânias e os outros capitães lacedemônios que enfeixavam nas mãos a superintendência de todas as forças militares eram rudes e rigorosos com os povos confederados, quando ele, ao contrário, falava delicadamente com eles, demonstrando-se o mais íntimo e o mais atencioso que podia, tornando seu companheiro semelhantemente acessível a todo mundo e igual para com todos, não humilhando uns para elevar outros nos cargos militares; fazendo isto, não repararam que ele tirava pouco a pouco aos lacedemônios a primazia da Grécia, não pelas armas, pelos navios, nem pelos cavalos, mas pelo bom senso somente e pela sábia conduta, pois se a justiça e a bondade de Aristides e a delicadeza e complacência de Cimon, tornavam o governo dos atenienses agradável e desejável aos outros povos gregos, a avareza, a arrogância e a altivez de Pausânias, o faziam ainda mais desejável, porque não falava nunca aos outros capitães dos povos aliados e confederados sem que estivesse enraivecido, repreendendo-os rigorosamente e, quanto aos soldados, pelas menores faltas mandava-os chicotear ultrajantemente ou então fazia ficar um dia inteiro o culpado de pé com uma âncora pesada de ferro sobre os ombros. Não havia quem ousasse buscar forragem ou pegar a palha ou o junco para fazer enxergas, nem quem ousasse levar a beber seus cavalos diante dos espartanos, pois havia colocado guardas que expulsavam a chicotadas os que apareciam à sua frente. E um dia em que Aristides pensou dizer e adverti-lo de alguma coisa, franziu sua fisionomia e respondeu-lhe que não tinha tempo para falar com ele nem o queria ouvir.

LVI Nessa ocasião, os capitães dos outros gregos, mesmo os de Quio, de Samos e de Lesbos, colocaram-se depois juntos de Aristides para o persuadir a ficar com o cargo e autoridade de comandar os outros povos gregos e tomar sob sua guarda os aliados e confederados, que de há muito não procuravam outra coisa senão se livrar da obediência aos lacedemônics e submeterem-se aos atenienses. Aristides lhes respondeu que não somente tinham razão em fazer o que diziam, mas que se achavam totalmente constrangidos; todavia, para dar aos atenienses ocasião de assegurar sua fé e lealdade, era preciso que houvesse algum caso notável contra os lacedemônios, pelo qual seus povos não ousassem mais doravante dividir-se com os atenienses. Ouvindo tal, Ulíades Samiano e Antágoras de Quio, capitães de galeras, conjurados juntos, foram um dia investir um de um lado e o outro do outro lado da galera capitania de Pausânias, muito perto de Constantinopla{712} quando navegava na frente da frota. Vendo isso, Pausânias incontinente levantou-se colérico, ameaçando-os que dentro de poucos dias lhes faria saber que valia mais para eles assaltarem seu próprio país do que persegui-lo, mas lhe responderam que se retirasse habilmente se era sábio e que agradecesse corajosamente a sorte, a qual havia querido que sob a sua conduta os gregos tivessem levantado a vitória no dia de Platéia e que não tinha outra coisa senão aquela recomendação que havia até então retido os gregos e preservado de fazê-lo pagar todo o mal que seu orgulho e sua arrogância mereciam. Afinal aconteceu que se separaram dos lacedemônios e se colocaram ao lado dos atenienses.

LVII. Nisto se pode claramente ver e conhecer uma grandeza de coração e magnanimidade admirável dos lacedemônios, pois quando perceberam que seus capitães se prejudicavam e se corrompiam devido à grande autoridade e licença que possuíam, deixaram voluntariamente a superioridade que, tinham sobre os outros gregos e cessaram de enviar seus capitães para obter a superintendência de todo o exército grego, preferindo antes que seus cidadãos fossem obedientes e observassem ponto por ponto a disciplina e as ordenanças de seu país, do que tivessem eles a presidência e superioridade sobre toda a Grécia.

LVIII. Ora as cidades e povos da Grécia contribuíam com regular soma de dinheiro para ajudar nas despesas da guerra contra os bárbaros, mesmo desde os tempos em que os lacedemônios tinham superioridade, mas depois que esta foi retirada, os gregos quiseram que se fizesse um corte, pelo qual cada cidadão foi razoavelmente cotizado segundo suas posses, a fim de que cada um soubesse quanto devia pagar e para esse fim solicitaram Aristides aos atenienses, ao qual conferiram poderes e ordem de cotizar e taxar igualmente cada cidade, considerando o tamanho de seu território e a sua renda, de acordo com o que poderia e deveria razoavelmente ter. Mas se Aristides era pobre, quando tomou posse deste cargo e de tão grande autoridade, segundo se diz, em que a Grécia se submetia toda à sua discrição, saiu ainda mais pobre; criou a taxa e situação de acordo, não só justa e honestamente, mas com vantagem, tão equitativamente segundo a posse de cada um, não havendo pessoa alguma que ficasse descontente. E em tudo, assim como os antigos celebraram e cantaram a felicidade daqueles que viveram sob o reinado de Saturno, que chamaram a idade áurea, também fizeram depois os povos aliados e confederados dos atenienses com relação à taxa que então foi distribuída por Aristides, denominando-lo "o bom e feliz tempo da Grécia"{713} mesmo quando algum tempo depois foi dobrada e depois de repente, triplicada, pois a taxa de Aristides subiu aproximadamente quatrocentos e sessenta talentos{714}; e Péricles a aumentou quase de uma terça parte, por isso, Tucídides escreve, no começo da guerra Peloponésica que os atenienses pagavam seiscentos talentos{715} para cada ano sobre seus aliados. Depois da morte de Péricles os oradores e intermediários nos negócios públicos, a levantaram pouco a pouco até atingir a soma de mil e trezentos talentos{716} não tanto porque aquela guerra fosse assim de grande despesa, mas por causa da sua duração e das perdas que os atenienses tiveram, ficando o povo acostumado a fazer distribuição diária de dinheiro, a exercitar-se nos jogos, a fazer belas imagens e edificar templos magníficos.

LIX. Assim Aristides, com razão era honrado, louvado e considerado de todo o mundo por esta justa imposição de sua estatura moral, exceto da parte de Temístocles, o qual ironizava e dizia que aquilo não era um louvor, propriamente, a um homem de bem, mas antes a um cofre bem fechado, onde se pode pôr com segurança o dinheiro; dizia isso para se vingar, mas não o melindrar tão acremente como Aristides o havia ofendido abertamente e ao vivo, quando um dia, conversando amigavelmente, Temístocles lhe disse considerar que a mais excelente virtude que poderia possuir um capitão, era o saber descobrir e prever os planos e empresas dos inimigos. "Isto, respondeu Aristides, é bem necessário, mas também é coisa honesta e verdadeiramente digna de um bom governador e chefe militar, ter as mãos limpas e não se deixar corromper pelo dinheiro".

LX. Aristides, então, fez os outros povos gregos jurar que observariam ponto por ponto os artigos da aliança e ele mesmo como capitão geral jurava em nome dos atenienses; e pronunciando as execrações e maldições contra os que traíssem seu juramento, mandou jogar massas de ferro ardentes dentro do mar e como pedindo aos deuses assim fossem extintos e exterminados aqueles que violassem sua fé; todavia, depois, quando os negócios obrigaram segundo penso, os de Atenas a reter um pouco violentamente seu domínio, disse aos atenienses que atirassem todas as execrações e maldições sobre ele e que pensando bem, não deixassem mais por temor delas fazer as coisas que achassem ser convenientes.

LXL Resumidamente Teofrasto escreve que era ele um personagem perfeitamente reto e justo nas coisas particulares, de homem para homem, mas no governo fazia muita coisa segundo a exigência dos tempos e segundo as ocorrências de sua cidade, a qual constantemente necessitava de grande violência e mesmo de grande injustiça, como quando pôs sob deliberação do conselho, se deviam retirar o ouro e a prata que estavam depositados e economizados na ilha de Deles, no templo de Apol o, para suprir os negócios de guerra contra os bárbaros e transportar dali para Atenas, segundo o que os sâmios haviam disposto, se bem que fosse diretamente contra os artigos do tratado da aliança disposta e jurada entre todos os gregos. Quando perguntaram a Aristides sua opinião, respondeu que não era justa mas que era aproveitável; isto, no entanto, depois de haver posto seu país e dado a sua cidade a superioridade de comandar tantos milhares de homens, continuando sempre em sua pobreza habitual e amando sempre, até a sua morte, tanto o louvor e a glória que lhe vinham de sua pobreza, como das vitórias e troféus que havia ganho, o que se pode julgar e conhecer pelo fato que a seguir narramos.

LXII. Cálias, o porta-tocha de Ceres, que era seu parente próximo, foi entregue à Justiça acusado de crimes capitais. Quando chegou o dia em que a causa devia ser julgada, analisaram friamente e muito superficialmente os outros crimes dos quais o acusavam, mas extravasando fora da matéria principal, falaram desta maneira aos juízes: — "Senhores, vós todos conheceis Aristides, o filho de Lisímaco e sabeis como, por sua virtude, é estimado entre todos os gregos, como saberia ser um ser vivente. Como sabeis, vive em sua casa, e vós o vedes aparecer em público e ir à cidade com uma pobre veste toda rasgada e usada! Nós o vemos em público tremer de frio por estar mal vestido, suportar fome em sua vida de homem! E, no entanto, este Cálias que é seu primo-irmão e o mais rico e opulento de todos os burgueses de Atenas, é tão infeliz, que deixa Aristides bem como sua mulher e seus filhos em necessidade, enquanto vive cheio de prazeres, devido à reputação que lhe concedeis".

LXIII. Cálias, vendo que seus juízes se enterneciam e se irritavam contra ele, mandou chamar Aristides ao tribunal, intimando-o a trazer como testemunho da verdade, se não havia por diversas vezes recebido de presente boa soma de dinheiro, o que não quis nunca aceitar, respondendo sempre que podia mais e com melhor direito vangloriar-se da sua pobreza do que ele de sua riqueza. Encontrava-se muita gente que usava, alguns, bem, outros, mal, sua riqueza, mas não era nada fácil encontrar um que suportasse virtuosamente e magnanimamente a pobreza a não ser aqueles que são pobres mas que tinham vergonha de o ser. Aristides testemunhou que a verdade era tal como ele dizia. Não houve um dos assistentes que contestasse e que não saísse com esta opinião e esta vontade que era preferível ser pobre como Aristides do que rico como Cálias. Assim escreveu Ésquines o filósofo Sócrates: Platão difere pouco, que todos os que eram considerados e renomados em Atenas não faziam caso senão dele: — "Pois os outros, diz ele, como Temístocles, Cimon e Péricles supriram e embelezaram bem a cidade de pórticos, de edifícios, de ouro e prata e outras coisas supérfluas e curiosas, mas Aristides, é o único que dirigiu todos os seus feitos com a virtude de um bom governo da coisa pública".

LXIV. Pode-se assim evidentemente conhecer a grande bondade e equidade que havia no caráter de Aristides, mesmo pelo seu comportamento para com Temístocles, do qual foi sempre inimigo e adversário em todas as coisas e devido à sua perseguição e às suas tramas, banido de Atenas; no entanto, não quis aproveitar a ocasião e o meio, quando Temístocles foi acusado, por crime contra o povo e asperamente perseguido por Cimon, Alcmeon e vários outros contra ele mal intencionados; Aristides pois, na ocasião, não fez nem disse coisa alguma em seu prejuízo, nem para sua desvantagem e não se alegrou por ver seu inimigo na adversidade, como também nunca havia invejado sua prosperidade.

LXV. Quanto à sua morte, uns dizem que morreu no reino de Ponto, onde fora enviado para tratar de negócio público; outros afirmam que morreu de velhice na cidade de Atenas, grandemente amado, honrado e considerado por todos seus concidadãos. Mas Crátero, o Macedónio, descreve sua morte desta forma: — "Depois que Temístocles se foi, diz ele, o povo de Atenas tornou-se orgulhoso e insolente, e isto foi causa de fazer surgir um grande número de caluniadores que se puseram a depor e acusar falsamente os primeiros homens e principais personagens da cidade, ajudados pela inveja e maledicência da plebe que não se orgulhava com a prosperidade de seus negócios e nem com o aumento de seu poder, entre os quais Aristides, que foi acusado de fraude e malversação de dinheiro público, por um tal Diofanto, natural do bairro de Anfítropo, que o acusou de receber dinheiro dos jonianos, ao levar o tributo que pagavam anualmente e que por não poder pagar a multa quando ao ser condenado, que era de quinhentos escudos{717}, foi obrigado a abandonar a cidade de Atenas, indo para Jônia, onde morreu. Todavia, esse Crátero não alegou um testemunho, nem um argumento para comprovar o que disse, nem a discussão a respeito, nem a sentença de condenação, nem decreto algum referente ao caso, quando estava acostumado a recolher diligentemente tudo e citar sempre os autores. Além de tudo, todos os outros que escreveram e organizaram uma coleção das faltas que o povo ateniense cometeu outrora contra seus capitães e governadores, alegando o exílio de Temístocles, o cativeiro de Milcíades, que morreu na prisão, a multa a qual foi condenado Péricles, a morte de Paques que se suicidou dentro da tribuna, quando se viu condenado, e, muitas histórias mais a que anexaram a expulsão de Aristides, mas não fazem menção alguma da condenação a que se refere Crátero.

LXVI. Ainda hoje existe a sepultura de Aristides sobre o porto de Falero, que foi feita às expensas do erário público, porque morreu tão pobre, que não encontraram em sua casa nada com que se pudesse exumá-lo; diz-se ainda mais, que por decreto do povo, suas filhas casaram às custas do tesouro público e cada uma recebeu no casamento três mil dracmas" de prata{718}. Quanto a seu filho Lisímaco deram-lhe cem minas de prata{719} e cem arpentes de terra{720} e deram ordem para quatro dracmas de prata{721} por dia de provisão comum por solicitação de Alcibíades, que levou o decreto avante. Além de tudo isso, Lisímaco deixou só uma filha chamada Polícrita, para a qual o povo ordenou, como afirma Calisteno, provisão para viver igual à daqueles que levantavam o prêmio dos jogos olímpicos. Pois Demétrio, o Faleriano, Jerônimo, o Rodiano, Aristoxeno, o músico e Aristóteles, o filósofo, se é que o tratado intitulado Da Nobreza, seja verdadeiramente obra de Aristóteles, todos juntos afirmam que uma Mirto, filha da filha de Aristides, casou-se com o sábio Sócrates, que a desposou (se bem que tivesse outra esposa) porque era viúva e não encontrava com quem se casar por causa de sua pobreza e tinha dificuldade para viver. Todavia, Panecio responde e contesta bastante tudo isto, nos livros que escreveu sobre a vida de Sócrates. Mas Demétrio Faleriano diz em seu livro que intitulou Sócrates, que estava bem lembrado de haver visto um Lisímaco, filho do filho ou da filha de Aristides, que era muito pobre e vivia com o que podia ganhar interpretando sonhos por meio de certas tábuas, onde estava escrita a arte de expor os significados dos s onhos mantendo-se ordinariamente junto do templo de Baco, que chamam Jaquion, o qual juntamente com sua mãe e sua irmã, diz ter por ordem do povo, para os ajudar a viver, dado a cada um, um tribolo{722} por dia.

LXVII. É bem certo que esse mesmo Demétrio Faleriano, reformando o estado de Atenas, ordenou que seria dado à mãe e à filha, pelo público, por dia, uma dracma de prata{723} e não se deve considerar novidade nenhuma que o povo de Atenas tivesse um tão grande cuidado em exercer a caridade para com essas mulheres que inspiravam compaixão na cidade, atendendo que outrora, sendo avisados que uma neta de Aristogitão encontrava-se na ilha de Lemnos, pobre e mesmo em estado de penúria e que devido a isto não podia achar marido, fizeram-na vir a Atenas, casando-a em uma das mais nobres casas da cidade e deram-lhe como dote uma posse no bairro de Pótamos. Esta cidade sempre praticou no passado e ainda pratica no presente, até nossos dias, grandes atos de bondade e de humanidade pelos quais é de direito grandemente louvada, prezada e honrada de cada um.

Catão, o Censor

SUMÁRIO DA VIDA DE MARCOS CATÃO, O CENSOR

I. Sua pátria e seus antepassados. II. Origem do nome de Catão. Sua eloquência, seu valor. IV. Vantagens que tirou dos exemplos de Curio e das lições do filósofo Nearco. VI. Seus trabalhos no campo. Vinda a Roma. VII. Sua estima por Fábio Máximo. Recusa ir à África com Cipião. IX. Roma admira os costumes antigos e a eloquência de Catão. Seus princípios econômicos. XIII. Sua integridade e sua exatidão na administração da Sardenha. XIV. Seu estilo. XV. Suas palavras memoráveis. XIX. Seu consulado, sua administração e sua expedição à Espanha. Seu triunfo. XXIII. Seus feitos de armas na Trácia. XXIV. Na Grécia. XXX. Seu ardor pela justiça, sua intrepidez em perseguir os maus. XXXII. É nomeado censor. Sua firmeza e seu vigor. XXXVIII. Estátua que erigem a Catão por haver apoiado a disciplina e corrigido os costumes. XXXIX. Sua reputação e sua autoridade. XL. Suas virtudes domésticas. XLI. Educação que dá a seu filho. XLII. Sucesso dessa educação. XLIII. Sua conduta para com seus escravos. XLV. Abandona a cultura das terras e entrega-se às especulações do comércio. XLVI. Chegada de Carneades e de Diógenes a Roma. XLVII. Sentimentos de Catão sobre a filosofia e sobre a literatura grega. XLIX. Sobre a medicina. L. Seu segundo casamento. LI. Morte de seu filho. Sua constância. Seus trabalhos literários. LII. Sua maneira de viver no campo. LIII. Seu parecer decide a terceira guerra Púnica e a ruína de Cartago. LIV; Sua morte. Sua posteridade.

Desde o ano 522 até o ano 605 de Roma, 149 A. C.

Marcos Catão e seus antepassados eram, como se diz, da cidade de Tusculo, mas antes de ir para a guerra e de se meter nos negócios do Estado, encontrava-se vivendo em algumas terras e posses que seu pai lhe havia deixado na região dos Sabinos. E conquanto parecesse a vários, que seus predecessores tivessem sido totalmente desconhecidos, todavia ele mesmo eleva grandemente seu pai que se chamava Marcos, como ele, dizendo que havia sido um homem corajoso e guerreiro e faz menção também de um outro Catão, seu bisavô, que por sua coragem recebia constantemente de seus capitães as dádivas de honra com que os romanos tinham o costume de premiar aqueles que praticavam algum ato ou façanha notável nas batalhas. Tendo perdido cinco cavalos de serviço na guerra, o valor foi-lhe devolvido em dinheiro dos cofres do Estado, porque havia se portado como homem de bem. E, como era costume em Roma, chamavam homens novos a esses que, embora não pertencessem à nobreza, começavam a se enobrecer por si próprios, fazendo-se conhecer por suas virtudes; por essa razão chamavam a Catão, homem segundo corpo proveitoso, não só honesto mas também necessário a todo homem que quer viver honradamente e deseja lidar com grandes negócios, exercitava-se em falar bem nas pequenas cidades e bairros próximos à sua casa, onde ia constantemente advogar as causas e defender em juízo aqueles que o chamavam, de maneira que em pouco tempo tornou-se bom litigante, dominando a palavra e, com o tempo, fez-se orador eloquente. Depois de adquirida aquela suficiência, aqueles que o visitavam ordinariamente, começaram a perceber nele uma gravidade de costumes e de maneiras e uma magnanimidade digna de ser empregada no manejo de grandes negócios e adestrar-se no saber de um Estado soberano, pois não só absteve-se sempre de receber qualquer salário ou pagamento mercenário dos litígios que defendia e das causas que sustentava, è ainda mais não levava em conta a honra que lhe vinha de tal profissão; como se fosse o fim principal que tivesse pretendido, mas, desejava muito mais tornar-se conhecido e considerado pelo exercício das armas e por combater corajosamente contra os inimigos, de sorte que sendo ainda rapaz, tinha já o estômago todo cicatrizado de golpes que havia recebido em diversas batalhas e encontros contra o inimigo, pois segundo escreve ele mesmo, tinha apenas dezessete anos quando foi a primeira vez para a guerra, mais ou menos no tempo dos grandes sucessos de Aníbal, novo. Quanto a ele, confessava ser verdadeiramente digno dessa designação, levando em conta os serviços relacionados com a coisa publica, mas quanto aos belos feitos e bons serviços de seus predecessores, podia garantir que era bem antigo.

II. A princípio, assinava-se também com seu terceiro nome, Prisco{724}, mas depois, provando seu grande senso e sua suficiência, foi denominado Catão, porque os romanos chamam ao homem sábio, de grande clarividência, Catão{725}. Ele era um tanto ruivo e tinha os olhos azuis, dando assim a entender aquele que compôs os seguintes versos, com ódio dele, após sua morte:

Esse falso ruivo Pórcio de olhos persas,

Que fatigava e mordia todo o mundo,

Plutão não quer que entre em seus infernos

Ainda que seja morto, de medo que o repreenda.

Pensando bem, quanto à disposição física, era maravilhosamente forte e robusto por ter sido, desde a juventude habituado a trabalhar com o corpo e viver sobriamente como aquele que é criado nas armas e na guerra desde o começo, de maneira que era bem proporcionado pela força e pela saúde. Quanto à palavra, estimando que era como que um quando este percorria, queimava e pilhava toda a Itália.

III. Or a, quando devia combater, seu costume era bater rudemente sem sair do lugar nem se afastar para trás, mostrando uma fisionomia terrível ao inimigo, ameaçando, falando com uma voz áspera e assustadora, o que fazia muito bem e sabiamente ensinava aos outros a fazer também assim, porque tais viagens como dizia, constantemente amedrontavam mais o inimigo do que a espada que se lhe apresenta. Andando pela região, caminhava sempre a pé, carregando suas armas, seguido por algum servidor que levava o que era necessário para sua alimentação, com o qual, ao que dizem, não se zangava nunca quando lhe preparava alguma refeição ou ceia, mas, muitas vezes, até o ajudava, quando tinha descanso, depois de haver feito o que o ajudante devia fazer na fortificação do campo ou outro trabalho. Não bebia nunca, a' não ser água, quando em guerra, se alguma vez se sentia excessivamente alterado; então tomava um pouco de vinagre, ou quando se sentia fraco, então bebia algum vinho leve.

IV. Ora, estava por acaso a herdade de Mânio Curio{726}, aquele que por três vezes ganhou as honras do triunfo, e a casa onde desde muito se mantinha, próxima das terras de Catão, o qual a frequentava constantemente para debates; observando a pequena quantidade de terra que Manío possuía e era pequenina e pobremente construída a casa, pensou consigo mesmo que personagem devia ser aquele que no seu tempo foi o primeiro homem entre os romanos, que venceu e domou as mais orgulhosas e mais belicosas nações da Itália, que expulsou o rei Pirro, e no entanto lavrava e cultivava com suas próprias mãos aquele pedaço de terra e habitava uma granja tão pobre e tão pequena, na qual, depois de seus três triunfos, os embaixadores enviados da parte dos Samnitas, foram algumas vezes visitá-lo e, encontrando-o em sua casa mandando cozinhar rábanos, presentearam-no, da parte de sua comunidade, com uma boa quantidade de ouro, mas ele os despediu com seu ouro dizendo, que aqueles que se contentavam com uma tal refeição não tinham o que fazer com o ouro nem com a prata, e quanto a ele considerava mais honroso dar ordens aos que possuíam ouro do que aos que não possuíam. Catão, rememorando essas coisas consigo mesmo, voltou para sua casa e pôs-se desabridamente a rever toda a situação de sua casa, suas terras, sua família, seus servos, sua despesa e a diminuir toda superfluidade e a trabalhar pessoalmente, com seus braços mais que nunca.

V. Quando Fábio Máximo retomou a cidade de Tarento{727}, Catão, muito jovem ainda, encontrava-se sob seu comando, tendo conhecimento familiar com Nearco, filósofo pitagoriano, ao qual apreciava imensamente, ouvindo-o discutir, e discorrer sobre filosofia. Fêz-lhe Nearco os mesmos discursos que faz Platão quando chama a volúpia a principal amarra e a maior isca dos maus feitos dos homens, e quando diz que o corpo é a primeira praga da alma e para sua cura, libertação e purgação, são os discursos, as admoestações e contemplações que a retém o mais distante das paixões e afeições corporais. Catão então amou ainda mais a sobriedade, a moderação e o hábito de passar a contentar-se com o pouco, pois pensando bem, dizem que se pôs bem tarde e na ultima estação de sua vida, a aprender as letras gregas e a ler nos livros gregos, entre os quais auxiliou-se um pouco de Tucídides, e, mais ainda, de Demóstenes a formar seu estilo e adestrar sua eloquência; pelo menos seus escritos e seus livros o testemunham, sendo ornados e enriquecidos cem opiniões, exemplos e histórias tomadas dos livros gregos, encontrando diversas de suas sentenças e ditos morais, encontros e res postas agudas que são transcritas palavra por palavra.

VI. Ora, havia então em Roma um personagem dos mais nobres da cidade, homem de autoridade, de bom julgamento e apto a conhecer bem as sementes da virtude nos jovens e, portador de sentimentos de bondade e honestidade que poderiam melhor impulsionar os moços: era Valério Flaco, o qual, tendo terras unidas às de Catão e ouvindo os comentários que seus empregados faziam de seus costumes e de sua maneira de viver, contando-lhe como lavrava pessoalmente sua terra, tendo o hábito de ir muito cedo às cidadezinhas vizinhas advogar e litigar em favor daqueles que se dirigiam a ele, voltando depois à sua casa; se era inverno, jogava apenas uma jaqueta{728} sobre os ombros, se era verão, ia completamente nu{729} trabalhar com seus servidores e seus operários, sentando-se depois à mesa com eles,

além de outras maneiras que mostravam uma grande equidade, moderação e bondade; acrescentamos também belos ditos morais e algumas proveitosas sentenças que haviam ouvido dele; sabedor dessas coisas, Valério ordenou um dia que fossem convidá-lo para que viesse jantar com ele. Assim, depois de conviverem um pouco, compreendendo que tinha uma natureza amável, honesta e educada, sendo como uma boa planta que não precisava senão de um pouco de cultivo e ser transplantada para melhor e mais nobre terreno, exortou-o e persuadiu-o para que fosse a Roma. que se pusesse a falar em publico diante do povo romano, a envolver-se nos negócios: Catão assim fez e se não se evidenciou mais cedo, foi logo grandemente considerado, adquirindo muitos amigos pelas causas que defendia, além de Valério que o traía e o impelia para diante tão bem que foi primeiramente eleito pelo sufrágio do povo, tribuno militar, isto é, capitão comandante de mil homens de infantaria e depois questor{730}. Tendo já adquirido grande fama, autoridade e reputação tornou-se companheiro e cooperador de Valério Flaco, dos principais e mais dignos cargos públicos, pois feito cônsul{731} com ele, e depois censor.

VII Para seu início escolheu entre os antigos senadores romanos, Quinto Fábio Máximo, ao qual se votou e se dedicou em tudo, fazendo isso não tanto pelo seu crédito, ainda que em autoridade e reputação suplantasse todos de seu tempo, mas pela gravidade de seus costumes e de sua vida, à qual ele se propunha como um espelho muito digno e um exemplo a imitar; por essa ocasião dissimulou para não entrar em desavença e discussão com o grande Cipião que embora fosse jovem, competia em autoridade, poder e dignidade com Fábio Máximo, o qual parecia espalhar inveja por todos os lados, com a sua ascensão. Sendo Catão enviado como questor e superintendente das finanças, com ele empreendeu viagem à África{732} onde, vendo que por sua natural liberalidade e magnificência costumeira, dava largamente, sem nada economizar, aos guerreiros, um dia observou-lhe francamente que não era pelo desperdício louco dos dinheiros comuns que mais lesava e prejudicava o Estado, e sim, porque alterava e corrompia a antiga simplicidade de seus predecessores, que desejavam que seus soldados se contentassem com pouco, e ele os acostumava a empregar nas volupias, delícias e coisas supérfluas o dinheiro que lhe restava depois de satisfeitas suas vontades. Cipião respondeu-lhe que não queria tesoureiro que o controlasse assim nem que olhasse de tão perto sua despesa, porque a sua intenção era ir para a guerra com as velas cheias, por assim dizer, querendo e pretendendo dar contas ao Estado das coisas que teria feito e não do dinheiro que teria gasto.

VIII. Ouvida esta resposta, Catão voltou na mesma hora, da Sicília para Roma, gritando com Fábio Máximo, em pleno senado, que Cipião fazia um a despesa infinita, distraindo-se em fazer representar farsas e comédias e vendo os combates dos lutadores, como se o tivessem enviado não para guer rear mas para se recrear nos jogos. Tanto fizeram pelos seus alaridos que o senado incumbiu e delegou alguns dos tribunos do povo para irem ver nos lugares e informarem se as culpas por eles alegadas eram verdadeiras e, se assim eram, para o trazerem e fazerem-no voltar a Roma.

IX. Em suma, voltando a Catão, adquiria ele todos os dias, cada vez mais autoridade e crédito por força de sua eloquência, de tal forma que vários o apelidaram Demóstenes romano, mas a sua maneira de viver era. mais famosa e mais considerada, se bem que a eloquência e o louvor de bem dizer já lhe fossem comuns e a isto aspiravam e procuravam aproximar-se todos os jovens romanos, invejoso s uns dos outros. Mas, encontravam-se bem poucos que quisessem lavrar a terra com suas próprias mãos, como faziam seus antepassados, com refeições parcas, salas sem aquecimento nem aparelhos de cozinha nem que se contentassem com um traje simples e uma casa mais ou menos, nem que estimassem mais o não apetecer das delícias e s uperfluidades, não as possuir nem usar. Os negócios públicos, entretanto, já se haviam dilatado tanto que não podiam mais se manter na sua antiga disciplina, aquela pureza de sua austeridade, devido a longa extensão de seu império e pelo grande numero de povos

que tinha sob si, era forçoso que fosse envolvida por várias maneiras diferentes de viver e por diversas formas de costumes.

X. Dessa forma, não era sem razões que tinham a virtude de Catão em grande admiração, quando viam os outros recrutados e aniquilados pelo trabalho e outros amolecidos e enervados pelas delícias, ele, ao contrário, invencível de um e de outro, não só no tempo da mocidade, ambicioso de honra, mas mesmo depois quase tornou velho e encandecido, após seu consulado e seu triunfo, como um bom e gentil campeão de luta, que tendo ganho o prêmio não se cansava nunca em continuar sempre seu exercício até o fim de seus dias. Escreve ele mesmo que não vestiu nunca traje que houvesse custado mais de cem dracmas de prata{733} e que havia sempre bebido, tanto em seu consulado como durante o tempo que havia sido oficial do exército, do mesmo vinho que bebiam os operários de sua casa; para sua refeição nunca havia comprado no mercado, carne por mais de trinta asses{734} em moeda romana. Refere ainda, que foi no final de sua vida, que sentiu o corpo mais forte e mais disposto para melhor poder servir o Estado nos negócios da guerra. Disse ainda mais, que, certa vez, sucedendo a um dos seus amigos, que o fazia seu herdeiro, havendo uma peça de tapeçaria de alto preço, que havia trazido da Babilônia, incontinente, mandara vendê-la; em todas as casas que tinha nos campos, não havia uma cujas muralhas fossem rebocadas e revestidas e além do mais, nunca comprou escravo mais caro que mil e quinhentas dracmas{735}, que valiam aproximadamente cento e cinquenta escudos, pois não procurava escravos delicados, desses que se compram por sua beleza, mas sim fortes e robustos para poder levar ao trabalho, como carreiros, palafreneiros e vaqueiros, os quais vendia quando se tornavam velhos, a fim de não alimentá-los como inúteis. Breve, dizia, que nunca se fazia bom negócio por uma coisa da qual não se podia passar, mas uma coisa da qual não se sabia o que fazer, ainda que custasse um liard{736} sendo sempre muito para a compra. Desejava que adquirissem bens e casas onde pudesse melhor semear e pastorear e não bailar e regar; quanto a. isto, uns diziam que ‘fazia por mesquinhez e avareza, os outros o tomavam em outro sentido e diziam que se retirava e se apertava assim estreitamente para incitar os outros pelo seu exemplo a diminuir as suas despesas supérfluas. Dez escudos.

XI. Todavia, vender assim os escravos ou os expulsar de casa depois de envelhecerem no serviço, como se fossem animais, quando prestaram serviço toda a sua vida, isto parece proceder de uma rude e austera natureza, que julga de homem para homem não haver nenhuma sociedade mais elevada que se obrigue tanto quanto possível tirar proveito e utilidade um do outro; todavia, vemos que a bondade se estende mais longe do que a justiça, porque a natureza nos ensina a manter a equidade e a justiça com os homens e o agrado e a afabilidade algumas vezes até para com os animais selvagens, o que procede da fonte da delicadeza e da humanidade, a qual não deve jamais secar no homem. Pois, em verdade, alimentar os cavalos, usados e aniquilados pelo trabalho em nosso serviço, não somente criar os cães quando são pequenos{737}, mas também alimentá-los e ainda ter cuidado deles quando envelhecerem conosco, são atos convenientes a uma natureza caridosa e bondosa. O povo de Atenas mesmo quis e ordenou, no tempo em que construíam o templo chamado Hecatompedon{738} que deixassem libertos e livres as mulas e os burros que haviam durante muito tempo trabalhado no acabamento daquela construção, que as deixassem pastar sem impedir onde quisessem ficar; dizem que houve um daqueles animais que tinham sido assim libertados, que por si mesmo voltou a apresentar-se ao trabalho, pondo-se à frente dos outros animais de carro que puxavam ‘as carroças carregadas para o castelo, marchando juntamente como se os quisesse instigar e encorajar, o que o povo tomou tão a gosto que ordenou fosse alimentada às expensas do Estado enquanto vivesse; veem-se ainda as sepulturas dos jumentos de Cimon, com os quais ganhou por três vezes o prêmio dos jogos Olímpicos e se acham localizadas perto da sepultura do dono. Também encontram-se vários que exumaram cães que haviam sido criados com eles ou que lhes haviam sempre feito companhia, entre os outros, o velho Xantipo, que enterrou seu cão sobre uma elevação{739} na encosta do mar, que é chamada ainda hoje "a elevação da sepultura do cão", porque quando o povo de Atenas, à vinda dos persas, abandonou a cidade, esse cão seguiu sempre seu senhor, nadando no mar ao lado de sua galera, desde a costa de terra firme até a ilha de Salamina. Não é razoável, pois utilizar-se das coisas que têm vida e sentimento da mesma forma que faríamos com um sapato ou qualquer outro utensílio, jogando-os fora quando estão completamente usados por nos

terem servido, mesmo quando não sendo por outra causa senão para nos induzir e exercitar sempre nos sentimentos de humanidade, pelo que devemos nos acostumar a ser delicados e caridosos até nos mínimos detalhes relacionados com a bondade. Quanto a mim, não terei jamais coração para vender o boi que durante muito tempo lavrou minha terra, quando não pudesse mais trabalhar por velhice e, assim, muito menos um escravo, expulsando-o, como de seu país, do lugar onde durante tanto tempo fora alimentado e da maneira de viver que de há muito estava habituado, isto por amor de umas moedinhas que teria, vendendo-o na ocasião em que seria tão inútil aos que o comprassem como àquele que o vendesse.

XII. Catão, pelo contrário, vangloriando-se, dizia que havia deixado na Espanha o cavalo com o qual serviu na guerra, durante seu consulado, para economizar ao Estado o dinheiro que custaria para trazê-lo por mar à Itália. Ora, se isso deve-se à magnanimidade ou à mesquinharia{740}, é algo que se pode atribuir a razões aparentes de uma parte e de outra, mas, pensando bem, era verdadeiramente um personagem dotado de uma capacidade de abstenção admirável, pois sendo oficial do exército, não recebeu jamais do publico mais de três minots{741} de fermento por mês para sua alimentação e de sua família, nem mais de um minot e meio{742} de cevada por dia para a alimentação de seus cavalos e outros animais de tração.

XIII. O governo da ilha da Sardenha coube-lhe uma vez por sorte quando pretor e, em lugar dos outros pretores que antes dele sobrecarregavam o país com grandes despesas com o fornecimento de pavilhões, leitos, vestimentas e móveis e responsabilizavam os habitantes com um grande acompanhamento de servidores, grande numero de amigos que tinham sempre a sua volta, e vultosos gastos, ordinariamente com banquetes e festejos, ele, ao contrário fez uma transformação, mudando a superfluidade excessiva em simplicidade incrível, pois não fez gastar com ele nem uma só moeda porque visitava as cidades a pé, sem qualquer cavalgadura, seguindo-o apenas um oficial do Estado que lhe levava uma veste e um vaso para oferecer vinho aos deuses nos sacrifícios. Mas como se mostrava assim tão simples e fácil em tais coisas, também lhes fazia por outro lado, sentir sua gravidade e sua austeridade nas coisas referentes aos feitos da justiça, não perdoando à pessoa alguma, a desobediência a ordens e comandos feitos em nome do Estado, sendo tão severo e tão rude, que não queria que faltassem num só ponto, de tal forma que o império romano não foi nunca nem mais amável nem mais temível aos habitantes da Sardenha, do que sob seu governo.

XIV. Seu próprio estilo e maneira de escrever e de falar, evidentemente demonstram isto, pois ele se mostra prazenteiro e, ao mesmo tempo, grave, delicado e terrível, alegre e austero, sentencioso e todavia familiar, qu ando precisava disputar, nem mais nem menos como Platão disse de Sócrates que, ao ser encontrado, parecia, à primeira vista, um homem ignorante e grosseiro aos que o não conheciam senão exteriormente, ou então crítico e mordaz nas palavras, mas qua ndo sondavam até o fundo e penetravam o íntimo, encontravam-no cheio de sentenças graves, de razões, admoestações e discursos, que atingiam tão bem os corações ao vivo, fazendo vir lágrimas aos olhos dos ouvintes, com o poder de levar os homens no sentido que desejava. Portanto, não se pode compreender que razão move aqueles que consideram o estilo de Catão semelhante ao de Lísias; todavia, deixemos o julgamento aos que têm por profissão discernir os diferentes gêneros de oradores e as diferentes formas de estilo, pois quanto a mim, contentar-me-ei, no presente, em citar por escrito alguns de seus belos ditos e sentenças notáveis, porque sou de opinião que os costumes dos homens se demonstram muito melhor pelas palavras e não pelos traços do rosto, como outros pensam.

XV. um dia, procurando convencer o povo romano, o qual queria a viva força, que fizessem, fora de estação, uma distribuição gratuita de trigo a cada cidadão de Roma, começou seu discurso com o seguinte exórdio: — "É bem difícil, senhores romanos, trazer à razão, por meio

de admoestações, um ventre que não tem ouvidos". Outra vez, lastimando o péssimo policiamento que havia então em Roma, disse:

— "É desagradável preservar da ruína uma cidade, na qual um peixe{743} se vende mais do que um boi". Dizia também: — "Os romanos assemelham-se a um rebanho de carneiros, pois em tudo, assim como cada carneiro à parte não obedece o pastor, mas só quando estão juntos e então seguem todos, um pelo amor do outro, aos que vão na frente; assim, também, quando estais todos juntos, vós vos deixais conduzir pelo nariz, pois cada um de vós, em particular, não há de querer receber conselho em seus negócios particulares". uma vez observando o poder que as damas romanas tinham sobre seus maridos: — "Os outros homens, disse, governam suas mulheres, mas a nós todos, homens, pensando bem, nossas mulheres nos governam". Entretanto*, este ultimo é um plágio e foi transladado dos ditos agudos de Temístocles, o qual, quando seu filho precisou solicitar alguma coisa por meio de sua mãe, disse um dia a sua mulher:

— "Os atenienses governam os habitantes gregos, eu aos atenienses, tu a mim e teu filho a tu, portanto, repreende-o, para que use um pouco mais moderadamente e mais reservadamente da licença que lhe concedem, por meio da qual, tão irrefletido e louco como é, tem mais poder e autoridade do que nenhum outro dos gregos". Dizia também: — "O povo romano não punha somente preço e valor às diversas ‘espécies de purpura, mas também aos estudos e aos exercícios da juventude, pois assim em tudo, como os tintureiros tingem, na maioria das vezes, a cor que consideram ser a mais requisitada e a mais agradável aos olhos dos homens, também a mocidade romana tem trabalho em aprender e se adaptar aos estados, férias e exercícios que mais louvam e mais honram".

XVI. Comumente admoestava os romanos que se por virtude e por moderação haviam se tornado tão grandes e poderosos, não se entretessem nunca com o pior, ou se se tornaram grandes pelo vício e pela falta de moderação, que mudassem para o melhor, porque por esses meios já seriam bastante grandes. Dizia também que aqueles que disputavam ambiciosamente e muitas vezes os cargos públicos, pareciam ter medo de errar seu caminho e por esse motivo queriam sempre ter à sua frente porteiros e bedéis para os conduzir, com receio de se perderem na cidade. Repreendia também aos que elegiam muitas vezes as mesmas pessoas aos mesmos cargos: — "Pois me parece, disse ele, que vós não considerais muito vossos postos de administração ou que não tendes muitos homens que julgais dignos{744} de os administrar". um de seus inimigos que levava uma vida maldosa, desgraçada e vergonhosa, do qual não deixava de dizer que quando sua mãe orava aos deuses para que o deixassem sobre a terra, ela não pensava em orar e sim em amaldiçoar, como querendo dizer, que era uma peste no mundo. De um outro, que havia vendido as terras e bens que seu pai lhe havia deixado, estando na praia, mostrando-o com o dedo, fingia admirar-se como ele era um homem tão forte, tendo mais força do que o mar, pois o que o mar vai minando e consumindo pouco a pouco, durante muito tempo e a custo, ele o tal, engolia tudo de uma vez. De outra feita, quando o rei Eumene viera a Roma, o senado ofereceu-lhe uma lembrança maravilhosa e os personagens mais influentes da cidade desfaziam-se em agradá-lo e honrá-lo, com inveja um do outro, mas Catão ao contrário, mostrou evidentemente que tomava por suspeitos todos esses agrados, esquivando-se de o elevar e como algum de seus familiares lhe dissesse: — "Espanto-me de como vós fugis assim à convivência do rei Eumene, visto ser um príncipe tão bom e que tanto bem deseja aos romanos". "Quero, respondeu-lhe, que assim seja; irias da maneira como está, um rei é sempre, por sua natureza, um animal encantador, vivendo’ de presa, se não houvesse nunca rei que fosse tão louvado e considerado, que merecesse ser comparado a um Epaminondas, a um Péricles, a um Temístocles nem a um Mânio Curio ou a um Amílcar, denominado Barca".

XVII. Dizia também que seus inimigos o invejavam porque usualmente levantava-se à noite

antes do dia e esquecendo seus negócios particulares, para estar disponível ao publico. Afirmava que preferia ser privado da recompensa de uma benfeitoria, muito mais do que não ser castigado por uma falta, e que perdoava a todos os outros que erravam por engano, exceto as suas próprias. um dia como o povo havia eleito e comissionado três embaixadores para enviar ao reino da Bitínia, dos quais, um tinha os pés maltratados pela gota, o outro a cabeça cheia de sinais pelos golpes que havia recebido e o terceiro era tido como louco, Catão rindo-se começou a dizer: — "Que enviavam uma embaixada que não tinha nem pés, nem cabeça, nem coração"{745}. Cipião pediu-lhe uma vez, em atenção a Políbio, pelos banidos da região da Acaia; a matéria foi levada à deliberação do senado, havendo grande discussão e grande diferença de opiniões entre os senadores, porque uns queriam que fossem restituídos em suas casas e em seus bens, os outros o impediam. Catão pôs-se em pé e lhes disse: — "Parece que não temos outra coisa a pensar nem a fazer, visto nos divertirmos um dia todo em discutir e contestar para saber apenas se esses velhos gregos aqui serão enterrados pelos coveiros e carregadores de Roma ou pelos da Acaia". Por fim, foi concluído e determinado que seriam colocados e restituídos a seu país, mas alguns dias depois, Políbio quis em desagravo, apresentar uma petição ao senado para que os banidos restituídos por decreto tivessem os mesmos cargos e honras na Acaia como tinham quando foram expulsos, mas antes de o fazer, procurou primeiramente sondar o parecer de Catão, o qual respondeu-lhe rindo: — "Parece-me, Políbio, que fazes como ulisses{746} que tendo uma vez fugido da caverna do gigante Ciclope, quis voltar para ir buscar seu chapéu e sua cinta que havia esquecido". Dizia também que os sábios aprendiam e aproveitavam mais dos loucos, o que não faziam os loucos dos sábios, porque os sábios viam as faltas dos loucos, procuravam se preservar para não cair, enquanto os loucos não se aperfeiçoam nunca em imitar os belos e bons atos que fazem os sábios. Dizia ainda, que preferia muito mais os rapazes que enrubesciam do que os que empalideciam. Não queria nunca soldados que balançassem as mãos, andando pelos campos, nem os pés combatendo, nem que roncassem alto demais dormindo, como também os que não lutassem quando lutando.

XVIII. um dia, censurando alguém que era extremamente gordo e obeso: — "Em que, disse-lhe, poderia ser útil ao Estado um corpo que desde 0 queixo até a consciência não é senão ventre?" A um certo indivíduo sensual que procurava travar relações e entrar em familiaridades com ele, disse: — "Não saberia viver nem conversar com homem que tem o paladar e a língua mais sensíveis que o coração". Dizia também: — "que a alma de um amoroso vivia no corpo de outrem. Em toda sua vida estaria arrependido de três coisas: a primeira, se tivesse dito{747} alguma coisa secreta a uma mulher; a segunda, se tivesse ido por água aonde pudesse ir por terra; a terceira, se tivesse passado um dia inteiro sem nada fazer". A um velho de má vida, repreendendo-o: "Velho, disse-lhe, a velhice tem de si mesma muita coisa feia; não as aumente com a que procede do vício". A um tribuno do< povo, sedicioso, que suspeitavam ser um envenenador, que procurava fazer passar a viva forç a e autorizar pelo povo um edital que era iníquo: — "Não sei, disse-lhe, qual das duas coisas é a pior: beber as beberagens que fazes ou receber os editais em que transpiras". uma outra vez sendo injuriado por um que vivia sempre desordenada e maldosament e: — "Não sou, disse-lhe, em nada igual a ti nesta forma de combater por injurias, pois estás tão habituado a dizê-las facilmente e suportar comodamente que te digam ultrajes e vilanias, enquanto eu não estou habituado em ouvir nem tenho nenhum prazer em dizê-las". Eis a sua maneira de falar e suas sentenças notáveis, pelo menos aquelas que nos deixaram por escrito, pelas quais podemos conjeturar acerca de seus costumes e sua natureza.

XIX. Ora, após ter sido eleito cônsul, juntamente com seu amigo Valério Flaco, coube-lhe por sorte o governo da Espanha, que se acha aquém do rio Betis{748} e ali, guerreando e conquistando os povos pela força das armas, enquanto ganhava outros por via amigável, encontrou-se de repente surpreendido e envolto por um grande e poderoso exército de bárbaros, de tal modo que corria o perigo de ser vergonhosamente feito prisioneiro ou morto. Por isso, rapidamente, enviou um pedido de socorro aos celtíberos, que eram vizinhos do lugar onde se encontrava. Estes pediram-lhe duzentos talentos{749} como salário para irem socorrê-lo, com o que os demais romanos não estavam concordando, em comprar assim o socorro desses bárbaros. Catão, porém, respondeu-lhes que estavam abusando porque não havia nisto perigo nem desonra: — "Pois se ganharmos a batalha, pagar-lhes-emos do que

recebermos dos despojos de nossos inimigos e se per dermos, eles e nós ficaremos, de tal sorte não haverá assim pagamento algum nem tampouco quem o solicite". Afinal, ganha a batalha, depois de grande luta, tudo o mais foi feito com muita sorte, pois segundo Políbio escreve, à sua ordem todas as muralhas das cidades que se encontravam aquém do rio Betis foram destruídas e ar rasadas em um dia, embora defendidas com grande numero de bons guerreiros. Escreve ainda mais o mesmo Políbio, que Catão se apoderou de mais cidades da Espanha do que os dias que ali ficou, o que não é vã gabolice mas sim fato verídico, pois foram umas quatrocentas. Conquanto os soldados sob suas ordens nessa jornada cumprissem bem seus deveres, tendo ganho muito, todavia mandou dividir para cada um deles uma libra pesada de prata{750} dizendo preferir que voltassem para suas casas em maior numero conduzindo prata, do que poucos deles levando ouro. Quanto a si, declarou que de todo o espólio ganho sobre o inimigo, nada mais desejava, bastando-lhe o que havia comido e bebido: — "Em absoluto, disse, censuro aqueles que procuram se en riquecer com tais despojes, mas prefiro mais estabelecer a virtude com os mais virtuosos do que a riqueza com os mais ricos e a ambição de juntar com os mais avarentos".

XX. Não somente ele se mantinha puro e limpo de todas as corrupções e concussões, como também todos os seus criados e outros que dependiam dele. Nessa viagem à Espanha foram cinco de seus servidores em sua companhia, dos quais um, chamado Paço, comprou três rapazinhos aprisionados na guerra quando era vendido o saque aos que mais ofereciam. Catão soube do fato e o servo teve tão grande pavor, que se dependurou, enforcando-se, com medo de ir à presença de seu senhor. Catão mandou revender os rapazes e depositar o dinheiro da venda nos cofres públicos.

XXL Afinal, estando ainda na Espanha, Cipião o Grande, que era seu inimigo, quis impedir o curso de sua prosperidade e também ter a honra de concluir a conquista de todas as Espanhas. Tanto teceu em Roma as suas tramas, que o povo o elegeu em lugar de Catão. Tomou posse do cargo o mais cedo possível e logo se apressou, com toda a diligência, em fazer expirar a autoridade e poder de Catão o qual, vendo o que acontecia, fazendo-se acompanhar apenas de cinco bandeiras da infantaria e de quinhentos cavalos para a volta, com os quais, todavia, em caminho, subjugou um povo da Espanha chamado lacetânio{751}, aprisionando seiscentos traidores que haviam desertado do acampamento dos romanos para se entregar aos inimigos e que mandou matar a todos. Esse fato desagradou bastante a Cipião{752}, (o qual dizia que Catão lhe fazia mal), mas este o ironizava (com palavras cobertas) e dizia: — "Este é o verdadeiro meio pelo qual a cidade de Roma se tornará grande e florescente: quando os cidadãos descendentes da antiga nobreza, não querendo suportar que os homens novos, vindos das camadas humildes levantem o prêmio da virtude à sua frente; e também quando estes, que nasceram em lugarejos e saíram do povo, lutarem para serem mais virtuosos do que aqueles que os suplantavam pela nobreza do sangue ou pela glória dos antepassados".

XXII. Todavia, chegando de volta a Roma, o senado ordenou que nada seria mudado nem modificado de tudo o que Catão tinha instituído’ durante o seu tempo como magistrado, de tal forma que o governo que Cipião havia tão ardentemente desejado, diminuiu sua glória e não pode ser equiparado ao de Catão, porque todo o seu tempo decorreu em paz, sem que houvesse oportunidade para qualquer proeza digna de memória.

XXIII. Além do mais, Catão, após ser cônsul e obter a honra do triunfo, não fez como muitos outros que não propõem a verdadeira virtude como fim, mas somente a honra e a glória do mundo, e por esse meio, depois de alcançarem os supremos degraus da honra, alcançando o consulado ou obtendo algum triunfo, retiram-se da administração dos negócios do Estado, para daí em diante viver à sua vontade, sem mais querer se intrometer em nada. Catão, ao contrário, não abandonou nunca o exercício da virtude; não agindo como aqueles que nada

mais almejavam senão os postos públicos e com eles a honra e a fama, recomeçou tudo de novo, e se apresentando ordinariamente sobre a praça, para causar prazer tanto a seus amigos como a todos os outros cidadãos que tinham necessidade de seu conselho ou de sua pessoa, defendendo suas causas em julgamento e os acompanhando em seus encargos de guerra, como acompanhou Tibério Semprônio quando cônsul{753} e foi um dos seus tenentes na conquista do país da Trácia, e das províncias vizinhas do rio Danubio.

XXIV. E ainda foi à Grécia, depois, como tribuno militar{754} ou coronel de milícia, sob as ordens de Mânio Aquílio{755} contra o rei Antíoco, chamado o Grande, o qual inspirava tanto medo aos romanos, como nenhum outro depois de Aníbal, pois tendo conquistado todos os reinos e províncias da Ásia, na mesma extensão em que o tinha dominado Seleuco Nicanor, e tendo dominado e reduzido à obediência diversas nações bárbaras e belicosas, teve a coragem e a ousadia de iniciar a guerra contra os romanos como se fossem estes os unicos considerados dignos de serem seus inimigos. Procurou para isto um motivo plausí vel, dizendo que o fazia para libertar os gregos, os quais, aliás, nenhuma necessidade tinham de tal coisa, atendendo-se ao fato de que viviam sob suas próprias leis, estando novamente libertes da servidão do rei Filipe e dos macedônios, o que se deu por meio dos romanos{756}. Não obstante, ele passou da Ásia para a Grécia com um grosso e poderoso exército, pondo todo o país em polvorosa e excitação, devido às belas promessas que punham diante dos olhos do povo grego, os demagogos que o rei havia corrompido pelo dinheiro.

XXV. Por essa ocasião Mânio enviou embaixadores pelas cidades, entre os quais estava Tito Quíncio Flamínio, que desempenhou bem sua missão, aquietando e sossegando a maior parte dos povos que começavam a dar atenção a essas novidades, conforme declaramos mais adiante em sua vida; mas Catão que para ali fora enviado, trouxe à razão os coríntios, os de Patras e os egienos, detendo-se mais tempo na cidade de Atenas. Dizem que há ainda uma oração sua em língua grega, que pronunciou diante do povo de Atenas em louvor dos antigos atenienses, onde diz que tinha uma grande satisfação em ver Atenas, pela beleza e grandeza da cidade, mas isso é falso, pois falou aos atenienses por meio de um intérprete, pois pouco podia discursar em grego. Mas apreciava tanto as leis e costumes de seu país e a língua romana, que ironizava os que louvavam e tinham admiração pelo grego, como uma vez criticou Pestumio Albino, o qual escreveu uma história em língua grega, solicitando, em seu prólogo, aos leitores, que o desculpassem por alguma imperfeição na linguagem: — "Pois merecia bem, dizia Catão, que o perdoassem da dívida, se foi constrangido a escrever sua história em idioma grego por ordem dos estados da Grécia, que se chama o conselho dos Anfictiões". Mas dizem que os atenienses se admiraram de sua linguagem espontânea e concisa, pois o que dizia claramente, em poucas palavras, o intérprete traduzia com um longo rodeio e colorido de linguagem, de tal forma que deixou e imprimiu a opinião, de que o falar, para os gregos, não sai senão dos lábios e para os romanos, do coração.

XXVI. Ora, havia o rei Antíoco ocupado os caminhos e desfiladeiros das montanhas que se chamam as Termópilas, por onde se entra na Grécia, guarnecendo-as tanto com seu exército que estava acampado ao sopé da montanha, como também de muralhas e trincheiras que mandara fazer, além das fortificações naturais de certas partes da montanha, repousando sobre as ditas fortificações. Pensando estar tudo em ordem ali, desviou para outro lugar o grosso das tropas, não cuidando que os romanos pudessem forçá-los pela frente; mas, Catão lembrando-se do circuito que outrora haviam feito os persas para igualmente penetrarem dentro da Grécia, partiu uma noite do acampamento com parte do exército para experimentar se poderiam encontrar o mesmo caminho da volta que fizeram os bárbaros, mas enquanto caminhavam em sentido contrário, na montanha, seu guia, que era um dos prisioneiros feitos no país, errou o caminho, levando-os para lugares ásperos e desagradáveis, pelo que os soldados sentiram grande terror. Então Catão vendo o perigo em que ele os colocara, ordenou a toda a tropa que não saísse dali e que esperassem quietos em pé. Enquanto isso, só com um outro chamado Lucio Mfinlio, homem disposto e hábil em escalar rochedos, pôs-se a caminho com dificuldades incríveis e não menos perigo de vida, caminhando dentro da noite negra

porque a lua não aparecia, através de olivedos selvagens, entre rochedos elevados que os defendiam de olharem para diante; de tal forma que não sabiam para onde iam, até que deram numa pequena vereda, a qual imaginaram que ia dar ao pé da montanha no lugar onde estava o acampamento dos inimigos. Colocaram alguns ramos e sinais sobre os mais altos cumes dos rochedos que pudessem ser vistos a olho, bem distantes por cima do monte denominado Ca lídromo. Isto feito, voltaram atrás para buscar seus soldados que conduziram aonde estavam os sinais. Quando entraram na vereda dispuseram seus soldados em ordem para marchar, mas apenas entraram por esse caminho que encontraram, erraram logo, porque deram com um grande charco que os pôs desorientados num grande desespero, atrapalhando mais que o terror que sentiram anteriormente, não sabendo que estavam tão perto de seus inimigos, como em verdade acontecia.

XXVII. O dia começava a despontar, quando por acaso um dos que marchavam à frente ouviu barulho e entreviu, em baixo ao pé dos rochedos o acampamento dos gregos e alguns que estavam à espreita, pelo que Catão fez parar toda a tropa ordenou que soldados firmanianos{757} sem os outros, viessem à sua frente, porque sempre os achou muito fiéis e muito prontos em executar suas ordens. Não deixaram de atender logo, colocando-se todos à sua volta. Então lhes falou desta maneira: — "Companheiros, é necessário que eu tenha entre minhas mãos vivo, algum dos nossos inimigos, para inquirir e saber quem são esses que guardam esse desfiladeiro da montanha, quantos são, que ordem têm, como estão acampados e armados, e que atitude deliberaram tomar à nossa espera. Esse é o meio de fazer isto com rapidez e coragem: indo subitamente arrebatar e surpreender como fazem os leões que sem nenhuma arma, não fingem nunca, ao caírem em cima de um rebanho de animais tímidos". Nem bem pronunciara essas palavras já os soldados firmanianos correram pelos vales da montanha, assim como estavam, direitos a esses que estavam de espreita, descarregando em desordem{758} e à vontade no caminho, agarraram um com suas armas, que levaram imediatamente a Catão, o qual pelo que disse o prisioneiro, soube que o grosso do exército dos inimigos esta va com o rei em pessoa, alojado dentro do estreito mesmo e dentro do vale, mas esses que eles viam, eram seiscentos etolianos, todos homen s de elite, que haviam escolhido e encarregado de guardar alguns cumes dos rochedos sobre o acampamento de Antíoco.

XXVIII. Ouvindo isto, Catão, sem fazer conta de mais nada, tanto pelo pequeno numero como pela deserdem que o inimigo mantinha, imediatamente mandou tocar as trembetas e seus soldados marcharam para a batalha com grandes gritos, caminhando ele mesmo à frente da tropa, e espada na mão, mas assim que os etolianos os viram descer dos rochedos, direito a eles, puseram-se a fugir para seu grande acampamento, cheios de terror, perturbados e em confusão. Do outro lado Mânlio, no mesmo instante, deu o sinal de assalto às muralhas e fortificações, que o rei mandara fazer através os vales e desfiladeiros das montanhas, em cujo assalto, o próprio Antíoco recebeu uma pedrada em pleno rosto, atirando os dentes fora da boca, de tal modo que pela dor que sentiu, desviou seu cavalo e atirou-se para trás, de carreira, não havendo então nada em seu exército que fizesse frente nem que pudesse suster a impetuosidade dos romanos, mas como os sítios fossem incômodos para fugir, porque era impossível s e afastar em vista de um lado haver rochedos elevados e do outro charcos e pântanos profundos, nos quais caíam quando acontecia que seus pés escorregavam ou que os derrubassem; no entanto, atiravam-se uns sobre os outros através os desfiladeiros, empurrando de tal modo que se perdiam a si próprios, com medo dos golpes de espada que lhes atiravam os romanos. Ali, Marcos Catão, que não foi nunca modesto em cantar e pregar seus louvores, não tendo jamais pejo de se enaltecer a si próprio abertamente, considerou aquela comitiva como a que devia sempre acompanhar as grandes proezas e os elevados feitos de arma, aumentando a este glorioso evento uma feliz magnificência por elevação de palavras, pois, pessoalmente, escreve que esses que o viram nesse dia expulsando e fulminando os inimigos, foram obrigados a confessar que Catão não devia mais tanto ao povo romano, como o povo romano devia a Catão e que mesmo o cônsul Mânlio, queimando ainda com o ardor do combate, abraçou-o longamente, feliz também por haver expulso os inimigos, exclamando em voz alta, cheio de alegria, que nem ele nem o povo romano saberiam pagar a Catão salário equivalente aos seus méritos.

XXIX. Após esta batalha o cônsul romano foi enviado a Roma para levar pessoalmente as notícias da vitória; embarcou logo, estando o tempo tão favorável que fez a travessia sem aborrecimentos até Brindes, dali foi até Tarento em um dia, de Tarento em outros quatro dias a Roma, de tal modo que chegou em cinco dias depois do desembarque na Itália; andou tão rapidamente que foi o primeiro a levar as notícias da vitória. À sua chegada, toda a cidade encheu-se de festejos e de sacrifícios e o povo romano formou grande e elevada opinião de si mesmo, convencendo-se de ser doravante poderoso para conquistar o império do mundo tanto por mar como por terra. São esses quase todos os mais belos e mais notáveis feitos de armas de Catão.

XXX. Quanto aos atos civis em matéria de governo, parece que tinha a opinião de que perseguir os maus com a justiça, era uma das principais coisas com que devia se ocupar e se aplicar um homem de bem e bom administrador da coisa publica, pois só ele acusou vários e subscreveu em companhia de outros que acusavam também. Incitava sempre algum acusador, como fez com um certo Petílio contra Cipião; mas quanto àquele, vendo a nobreza de sua casa e a verdadeira magnanimidade e grandeza que havia nele, pôs sob os pés todas as calunias{759} e imputações que propunham contra o acusado, não esperando jamais poder condená-lo a morte, e assim desistiu da perseguição, mas formalizou-se com outros acusadores contra Lucio Cipião seu irmão{760}, perseguiu-o de tal modo que o fez condenar a multa de uma respeitável quantia de dinheiro a favor do Estado, o qual, não podendo pagar, correu grande perigo de ser preso e feito prisioneiro e teve muito trabalho para se salvar, o que fez, apelando da sentença diante dos tribunos do povo.

XXXI. A respeite de Catão ainda se conta que um dia, passando através da praça, encontrou um moço que acabava de obter uma sentença favorável,. com a qual cobriu de vergonha um dos maiores inimigos de seu pai recentemente falecido. Catão, com uma fisionomia alegre, abraçou-o, dizendo-lhe: — "É isto, meu filho, é isto que os meninos gentis devem sacrificar e oferecer à alma de seus pais, não somente carneiros e cabritos, mas as lágrimas e condenações de seus inimigos e adversários". Mas assim como agira com os outros, também ele próprio corria perigo na administração, pois à menor falta, caíam sobre ele e era logo posto perante a justiça por seus adversários, de maneira que dizem que foi acusado perto de cinquenta vezes na ultima das quais tinha a idade de oitenta anos{761}. Foi nessa ocasião que disse esta frase que foi recolhida e bem anotada: — "Que era penoso, dar conta e razão de sua vida diante de homens de um outro século que não aquele em que vivera". Não foi ainda esse processo o ultimo de suas lutas, pois quatro anos depois, com a idade de noventa anos{762} acusou Sérvio Galba; assim viveu como Nestor, quase três idades do homem, semp re em contínua ação. Pois tendo grandes desavenças e grandes diferenças no tocante aos negócios do Estado contra o primeiro Cipião, denominado o Africano, viveu até o tempo do segundo Cipião, o qual foi adotado pelo filho do dito primeiro Cipião, sendo filho natural e legítimo de Paulo Emílio, aquele que derrotou Perseu, o rei da Macedônia.

XXXII. Em suma, Marcos Catão, após dez anos de consulado, solicitou o cargo de censor{763} que em Roma assinalava o cume da dignidade e da honra que podia atingir um cidadão romano, e que era, por assim dizer, o coroamento de todos os cargos e autoridades que podiam ter no governo do Estado, pois entre outros poderes, um censor tem o direito de inquirir sobre a vida e reformar os costumes de cada um, porque os romanos consideravam que não devia ser lícito ao cidadão casar-se por si , gerar filhos, viver em sua casa em particular nem dar banquetes e festins à sua vontade, sem receio de ser repreendido ou procurado, não sendo bom largar a rédea a todo o mundo, a fim de cada um agir a seu gosto, como seu apetite incitasse ou seu julgamento guiasse; mas consideravam que a natureza e os costumes dos homens descobrem-se mais em tais coisas, e não naquelas que fazem publicamente, em pleno dia e diante de todo o mundo. Assim, elegiam dois reformadores, guardas e corregedores para ficarem de olho e proibir que as pessoas se desviassem do

caminho da vi rtude para o da volúpia, não transgredindo as ordens, estatutos e costumes do seu Estado. Os ditos oficiais chamavam-se em linguagem romana — censores, havendo sempre um das antigas casas nobres, que chamavam aristocratas e outro das populares. Tinham a autoridade e poder de retirar o cavalo publico do cavaleiro e de negar e privar um senador do senado se achava que havia vivido desordenada e maldosamente. A eles pertencia fazer a avaliação dos bens de cada cidadão, discernir as linhagens, as idades, registrar, além de várias outras proeminências e prerrogativas.

XXXIII. Por essa razão, quando Catão se apresentou entre os solicitantes que pediam e disputavam o dito cargo, quase todos os principais e nobres do senado esforçaram-se para impedir que aí chegasse, uns por inveja, considerando que era uma vergonha e uma mancha para a nobreza ter que suportar homens saídos de meios baixos e obscuros, sendo eles os primeiros de suas famílias a alcançarem a dignidade do Estado, para o que fizeram tudo a fim de subir e avançar até os supremos degraus da honra e aos cargos de autoridade soberana. Os outros que estavam viciados e sabiam muito bem que haviam transgredido as leis e ordens de seu país, temiam a autoridade e severidade deste homem, pensando que ele não pouparia nem perdoaria à pess oa alguma, quando tivesse autoridade. Pelo que, depois de se aconselharem juntos, opuseram-se e foram contra sete competidores, acariciando e adulando a plebe com graciosas palavras e belas promessas, como se o povo tivesse necessidade de magistrados que o tratassem delicadamente e fizessem as coisas à sua vontade, Mas Ca tão, ao contrário, sem demonstrar de forma alguma que queria ser delicado e gracioso na administração do cargo, mas ao contrário, ameaçando publicamente da tribuna em seus discursos aqueles que viviam maldosa e desgraçadamente, bradando em alta voz que a cidade precisava de uma purgação, admoestando o povo a eleger, não os mais atenciosos, mas sim os mais rudes e os mais rigorosos médicos, como era ele um dos tais que precisavam, e entre os aristocratas Valério Flaco, em cuja companhia tinha esperança, caso fossem eleitos censores juntos, fazerem grande bem a todo o Estado, cortando e queimando como cabeças de uma hidra, as delícias, a volúpia e superfluidade que se infiltravam na administração, vendo bem que todos os outros solicitantes procuravam alcançar por tramas e vias oblíquas, porque temiam aqueles que queriam proceder com retidão e cumprir o dever como gente de bem.

XXXIV. O povo de Roma demonstrou que era verdadeiramente magnânimo e digno de grandes e mag nânimos governadores, pois não recusou a rudeza e retidão inflexível desse personagem mas, rejeitando todos os outros graciosos que davam a impressão de querer fazer todas as coisas ao bel-prazer do povo, elegeu Marcos Catão censor com Valério Flaco, obedecendo-lhe em tudo como se já estivesse empossado e não fosse apenas solicitante de um cargo{764} o qual Catão poderia ceder a quem bem lhe aprouvesse. A primeira coisa que fez, portanto, depois de empossado, foi nomear príncipe do senado, seu amigo e companheiro de magistratura, Lucio Valério Flaco, privando da dignidade de senador, entre vários outros, a Lucio Quíncio{765} o qual fora cônsul sete anos atrás, sendo irmão legítimo de Tito Quíncio, que venceu Filipe, rei da Macedônia, o que lhe era mais honroso do que ser cônsul, mas a razão pela qual o jogou para fora do senado, foi esta: este Lucio Quíncio tinha sempre em sua companhia, mesmo quando ia para a guerra, um moço, novo ainda, do qual havia abusado carnalmente desde a sua infância, dando-lhe tanto crédito e autoridade como ao maior dos familiares e amigos que tivesse à sua volta. Aconteceu um dia, quando governador de uma província consular, dar um banquete, no qual o rapaz, como sempre, estava à mesa ao seu lado, o qual começou a elogiá-lo, sabendo muito bem, que se deixava ir facilmente quando havia bebido. Entre outros elogios, disse-lhe que estava tão possuído de seu amor e que embora no seu departamento em Roma houvessem pr eparado tudo para dar ao povo o divertimento de ver esgrimir e combater gladiadores em duelo de morte, no entanto, partira às pressas para vir encontrá-lo, justo na hora do combate, ainda que nunca tivesse visto e desejasse muitíssimo ver matar um homem. Então Lucio Quíncio, para pagar-lhe com a mesma moeda e por seu lado, agradá-lo também, disse: — "Não te melindres, tenho este prazer que deixaste de ver e não faço má figura por isto, pois satisfarei prontamente teu desejo". E tão logo disse estas palavras, ordenou que ti rassem da prisão imediatamente um dos criminosos condenados a morte, que o trouxessem à sala e o carrasco também com seu machado. Isto foi logo executado. Perguntou ao rapaz se queria ver matar naquele momento o homem, o qual respondeu que sim; ordenou então ao executor que lhe cortasse a cabeça. A

maioria dos autores antigos narra assim. Mesmo Cícero, no livro que escreveu na velhice, diz que assim está escrito em um discurso que Catão defendeu diante do povo romano{766}. Portanto, Lucio Quíncio, sendo assim ignominiosamente expulso do senado por Catão, seu irmão Tito ficou muito descontente não sabendo a quem recorrer senão ao povo, suplicou que ordenassem a Catão dizer qual a razão em dar aquela nota de infâmia à sua família. Pelo que, Catão na presença do povo, narrou tudo o que se deu no festim; como Lucio negasse, afirmando que não era assim, Catão se referiu ao seu juramento publico, acusando-o de não ser verdadeiro, mas Lucio quis se escusar de o fazer. Nessa ocasião, o povo julgou na mesma hora que com justo direito havia recebido essa nota de infâmia. Todavia, algum tempo depois, quando representavam as peças no teatro, Lucio aí chegou, passando além do lugar que estava determinado para os que foram cônsules, foi se sentar à parte, bem distante. O povo teve pena e falou tanto que o obrigou a voltar a sentar-se entre os outros senadores com a dignidade consular, suavizando o melhor que lhe era possível aquele acidente infamante sucedido a uma nobre família.

XXXV. Privou também e expulsou do senado um outro chamado Manílio, que tinha grandes garantias de ser cônsul no ano seguinte, pelo fato de, em pleno dia e na presença de sua filha, ter muito amorosamente beijado sua mulher. Disse que a sua não o beijava nunca, a não ser quando trovejava muito forte, em vista do que estava habituado a dizer que se sentia mais feliz quando Jupiter trovejava. Retirou também o cavalo publico de Lucio Cipião que triunfará pelas vitórias ganhas contra o grande rei Antíoco, o que lhe causou uma grande má vontade, porque parecia a todo o mundo que fazia expressamente para envergonhar Cipião o Africano{767} (já falecido).

XXXVI. Mas o que mais acharam duro e ofendia mais as pessoas, foi procurar diminuir os prazeres e o supérfluo, pois retirar tudo e tão abertamente, era impossível, havendo já tantos homens inculpados, corrompidos e aniquilados; mas rodopiando obliquamente à volta, fazendo a avaliação dos bens e posses de cada cidadão, mandou que taxassem e avaliou as vestes, os coches, as liteiras, os anéis e joias das mulheres, os outros móveis e utensílios domésticos que custavam mais de mil e quinhentas dracmas{768} por peça, dez vezes mais do que custaram e que não valiam, a fim de que esses que gastaram e puseram seu dinheiro em tais coisas curiosas e supérfluas pagassem tanto mais imposto nas contribuições que conviria fazer para os negócios do Estado, sendo seus bens sobretaxados com maior avaliação. Deu ordens também que para cada mil uncias (uma das frações duodecimais do asse), isto é, para cada mil asses {769} que tais coisas foram estimadas e avaliadas, os donos davam três de tributo ao Estado, sentindo-se afinal sobrecarregadas com tal imposto, vendo que esses que eram tão corajosos quanto eles, contentavam-se com pouco, não exibindo tão vaidosa situação, pagavam muito menos de imposto ao Estado, estando menos carregados do que eles, castigando-se a si próprios com a desistência de serem supérfluos, suntuosos e delicados.

XXXVII. Todavia, expôs-se ao ódio e malevolência, por um lado, daqueles que preferiam pagar o tributo do que deixar seus prazeres e por outro lado dos que, preferindo mais abandonar os prazeres a pagar o tributo, pois há muitos que consideram que lhes impedir os meios de fazer exibição é como se lhes tirasse a riqueza, tendo esta louca persuasão que se exibem melhor com as coisas supérfluas do que com as necessárias, por isso dizem que o filósofo Ariston admirava-se tanto e mais do que qualquer outra coisa, de como os homens consideravam felizes e ricos os que possuíam coisas curiosas, supérfluas e voluntárias em lugar daqueles que possuíam as úteis e necessárias. Escopas Tessaliano, como um dos seus familiares pediu-lhe qualquer coisa que não lhe servia para muito, disse-lhe para mais facilmente o induzir a lhe conceder: — "É uma coisa que não vos é necessária nem útil". "E é, disse ele, com o que sou mais opulento e mais rico, com coisas supérfluas e que não servem para nada". Assim, o ardor e a ambição de possuir não procede de nenhuma afeição ou necessidade natural, nem é inata à nossa carne, mas se engendra em nós e nos vem de uma falsa opinião do vulgar.

XXXVIII. Catão pouco se preocupava com o alarido que levantavam contra ele, tornava-se insensível e apertava ainda mais sua autoridade, mandando cortar e destruir os canos, pelos quais alguns particulares furtavam a água das fontes publicas, quando passavam ao longo de suas residências, puxando-a para suas casas e seus jardins particulares, mandando também demolir e arrasar todas as saliências dos edifícios particulares que avançavam sobre as ruas e praças publicas, diminuindo o preço dos trabalhos que eram feitos a expensas do Estado, ao contrário elevando as herdades (quintas) e gabelas (imposto sobre o sal) o mais que podiam subir. Todas aquelas coisas originaram um grande ódio e malevolência de muita gente, pelo que Tito Flamínio e alguns outros, virados contra ele, fizeram em pleno senado rescindir, quebrar e a nular todos os negócios e os contratos que havia feito cem os mestres-pedreiros para a reparação e conservação dos edifícios públicos e sagrados, como sendo feitos em prejuízo do Estado e instigaram os mais audaciosos e temerários tribunos do povo contra ele, e solicitando que fosse condenado a multa de{770} dois talentos, também lhe causaram muito embaraço e impedimento na edificação do palácio que mandara construir à custa do Estado, com vistas sobre a praça, em cima daquela onde estava o senado, cujo palácio foi, no entanto, terminado e conhecido por seu nome Basílica Pórcia, isto é, o palácio que mandou edificar o censor Porcio; todavia, parece que o povo romano ficou muito agradecido e louvou grandemente o que havia feito na administração com a sua censura, pois mandou levantar uma estátua no templo da deusa Saúde, sob a qual não mandou escrever seus feitos de armas nem seu triunfo, mas mandou gravar uma inscrição cuja sentença era tal, a traduzi-la palavra por palavra: — "Em honra de Marcos Catão censor{771}, pelo tanto que, por bons costumes, santas ordens ou sábios ensinamentos, levantou a disciplina do Estado romano, a qual já declinava e terminava mal". Entretanto, algum tempo antes desta imagem lhe ter sido erguida, fartou-se de ironizar esses que apreciavam ou apeteciam tais coisas, dizendo: — "Que não percebem que se glorificam, não de suas virtudes, mas dos trabalhos dos construtores, pintores e estatuários e quanto a ele que seus concidadãos levantassem sempre as mais belas imagens e quadros seus em seus corações", levando em conta a lembrança de sua vida e de seus feitos. Por essa razão, uma vez respondeu a alguns que se maravilhavam como erguiam imagens assim a vários pequenos e desconhecidos personagens e a ele não: — "Prefiro mais, disse-lhes, que perguntem por que não ergueram uma estátua a Catão do que por que a ergueram".

XXXIX. Em resumo, não admitia que um homem de bem suportasse o louvor se isto não fosse em proveito do Estado e no entanto foi um dos homens que mais se louvou a si próprio, de tal forma, que se acontecesse a alguns, por esquecimento, em alguma coisa, esquecer seu dever, quando os repre endia, dizia: — "Devia desculpá-los porque não eram Catões, para não falhar". E àqueles que procuravam imitar alguns de seus atos, e não se saíam bem, chamava-os sinistros{772} Catões. Dizia ainda mais: — "Nos tempos mais perigosos o senado punha as vistas sobre ele, nem mais nem menos como os passageiros quando em um navio olham o piloto quando se levanta uma tormenta no mar, tendo o senado muitas vezes diferido e deixado para outra ocasião negócios de bem grandes consequências quando não se achava presente"; outros testemunharam que isso era verdade, pois teve uma grande autoridade na administração tanto por sua grande probidade como pela eloquência e também por sua extrema velhice.

XL. Mas, além disso, é enaltecido por haver sido bom pai para com seus filhos, bom marido para sua mulher e bom administrador sabendo governar e fazer aproveitar seus bens, pois não considerava coisa sem importância aquilo que não se devia fazer muito caso e ser encarado como passatempo some nte; portanto não estará fora de propósito, a meu ver, contar aqui algumas palavras que possam servir para a matéria presente. Primeiramente desposou uma mulher mais nobre do que rica, sabendo muito bem que uma e outra seriam orgulhosas e altivas, mas considerou ele também, que essas que são originárias de sangue nobre, têm mais vergonha das coisas desonestas do que as outras, sendo por isso mais obedientes aos seus maridos nas coisas razoáveis e honestas. Em suma, dizia: — "Aquele que bate em sua mulher ou em seu filho, comete um grande sacrilégio, como quem violaria ou pilharia as coisas mais santas que existem no mundo"; considerava ser maior elogio a um

homem ser bom marido do que bom senador; por essa razão não encontrou nada mais louvável na vida do antigo Sócrates do que sua paciência sendo sempre humano e delicado com sua mulher que tinha tão má cabeça, e seus filhos tão desmiolados.

XLL Depois que sua mulher lhe deu um filho, não havia negócio urgente, nem mesmo para o Estado, que não deixasse, para ir à casa na hora em que sua mulher lavava e trocava seu filho, pois ela o alimentava com seu próprio leite e muitas vezes amamentava os filhinhos de suas escravas, a fim de lhes incutir uma caridade e amor natural para com seu filho, por serem alimentados juntos e com o mesmo leite. Quando seu filho atingiu a idade da razão, e de ser capaz de aprender, ele mesmo ensinou-lhe as letras, enquanto que um escravo chamado Quilon, homem honesto e bom gramático ensinava-lhe outras matérias, mas como ele mesmo diz, não queria que um escravo discutisse cem seu filho nem que lhe puxasse a orelha, quando acontecia não aprender prontamente o que lhe ensinava, não querendo que seu filho se tornasse devedor a um escravo por uma tão bela e tão grande coisa como a ele por lhe ter ensinado as letras. Em vista disso, ensinou-lhe a gramática, as leis, a esgrima, não somente atirar o dardo, brincar com a espada, girar, esporear os cavalos e manejar todas as armas, mas também combater a golpes de punho, suportar o frio e o calor, passar a nado a correnteza de um rio impetuoso e inflexível. Diz-se ainda mais que compunha e escrevia de próprio punho belas histórias em letras grandes para que seu filho, desde a casa de seu pai, conhecesse as pessoas de bem dos tempos antigos, seus feitos virtuosos, formando, a exemplo deles, sua vida para melhor servir. Diz-se que tinha grande cuidado em não pronunciar palavras feias e grosseiras na presença de seu filho, como se fosse diante das religiosas vestais. Nunca se banhava com ele, embora fosse uso comum entre os romanos, pois mesmo os genros não se banhavam com seus sogros e tinham vergonha de se despir uns na frente dos outros. Desde que aprenderam com os gregos a se banharem nus com os homens, estes os ensinaram também a se despir e banhar-se nus mesmo com as mulheres.

XLII. Ora, não faltavam bons propósitos ao filho de Catão, que desejava fazer o que fosse digno de nota, formando-os pelos moldes da virtude perfeita, pois tinha o coração tão bom, que procurava fazer tudo que seu pai lhe mostrava, mas tinha o corpo por natureza tão débil e tão fraco, que não podia suportar grande trabalho; por essa razão seu pai afrouxava um pouco a rija e apertada austeridade e regra de v ida que pessoalmente observava. No entanto, mesmo sendo de natureza débil e de compleição pequena e fraca, não deixava de ser homem corajoso e cumprir muito bem seu dever na guerra, pois combateu corajosamente na batalha em que Perseu rei da Macedônia foi derrotado por Paulo Emílio, ocasião em que a espada, voando dos punhos por um grande golpe que recebera sobre a mão que estava suada, ficando muito descontente, solicitou a alguns de seus amigos que o ajudassem a encontrá-la e todos juntos atiraram-se sobre os inimigos no lugar onde a espada havia caído; lutaram tanto que fenderam o aperto e clarearam o lugar, onde por fim a encontraram com grande custo, porque já estava coberta por um monte de outras armas e de mortos, tanto dos romanos como dos macedônios, empilhados uns sobre os outros. O general Paulo Emílio, tomando conhecimento deste ato, elogiou e deu grande valor ao jovem, encontrando-se ainda, hoje em dia, uma carta de Catão a seu filho na qual o elogia e enaltece com muito apreço por este ato de bravura e aquela diligência em recuperar sua espada. Depois disso, o jovem Catão desposou uma das filhas de Paulo Emílio, irmã do segundo Cipião, que se chamava Tércia, e foi re cebido como parente nesta nobre casa, não menos pela sua própria virtude como pela dignidade e austeridade de seu pai e assim o estudo, o sacrifício e o cuidado que teve Catão em instruir seu filho, terminaram como mereciam.

XLIII. Catão tinha sempre grande numero de escravos que comprava, pequenos e novos, quando vendiam os prisioneiros de guerra em leilão, escolhendo-os bem jovens, porque estavam ainda na idade de se acostumarem com a alimentação que se lhes quisesse dar, sendo mais fáceis de domar, como os potros e os cachorrinhos. Mas nenhum de todos os que possuía, entrou nunca na casa de alguém, a não ser que Catão ou sua mulher o enviassem. Se lhes perguntavam o que Catão fazia, respondiam apenas: não sei. Sendo preciso, quando

estavam em casa, faziam alguma coisa necessária ou então dormiam, pois gostava muito dos que dormiam à vontade, considerando que os escravos que gostam de dormir são sempre os mais maleáveis e que faziam melhor o que desejavam do que aqueles que estavam sempre despertos, sendo de opinião de que o que incitava os escravos a empreenderem e praticarem as maiores maldades era satisfazerem sua volúpia com as mulheres; ordenou que os seus poderiam ter a companhia das escravas de sua casa mediante um preço que lhes taxou, com a proibição expressa de não ter negócio com qualquer outra mulher fora de sua casa.

XLIV. No início, quando se pôs a seguir as armas, não sendo ainda rico, não se enfurecia nunca pela falta que cometiam seus servidores com o serviço em sua presença, dizendo que achava isto feio, não adequado a uma pessoa de honra bater e discutir com seus servidores por causa de seu estômago, mas desde que seus bens aumentaram e sua situação melhorou, se porventura festejava seus amigo s ou seus companheiros, incontinente após a refeição, castigava e chicoteava até esfolar, os que faltavam em servir a mesa ou oferecer alguma coisa que fosse. Procurava sempre por maneiras sutis que houvesse desavenças e altercações entre eles, pois tinha sua amizade e concórdia por suspeitas, receando-as. Se porventura algum cometia algum ato digno de morte, fazia seu processo na presença de todos os outros, depois era condenado, fazendo-o morrer também diante de todos eles.

XLV. Mas no fim, tornou-se um tanto rude e muito ardente em adquirir bens, abandonando o trabalho da terra e dizendo que a agricultura era mais para maior prazer do que para grande proveito. Em vista disso, para que seu dinheiro ficasse mais seguro e com renda maior e mais certa, pôs-se a comprar os lagos e reservatórios de água, bacias naturais de água quente, praças apropriadas para o trabalho dos pisoeiros, terras onde houvesse pastagens, matas de corte e de madeiras de lucro eventual, de onde recolhia grandes somas todos os anos, dizendo por isso, que Júpiter mesmo não poderia diminuir a sua renda. Ainda mais, emprestava seu dinheiro a juros e ainda a juros marítimos, que é a taxa mais reprovável e a mais censurada, porque é a mais excessiva; fazia-o desta forma, porque queria que aqueles que emprestavam seu dinheiro para traficar no mar, associassem outros mercadores com eles, até o numero de cinquenta, tendo outro tanto de navios, entrando então na sociedade só em uma parte, a qual era manejada por um de seus escravos libertos chamado Quintião, que era assim seu corretor, navegando e traficando com os outros parceiros da sociedade aos quais emprestara seu dinheiro a juros. Desse modo, não confiava todo seu dinheiro à sorte, mas sim uma pequena parte somente, retirando um lucro bem grande da sua usura. Ainda mais, emprestava dinheiro também a seus próprios escravos que desejavam comprar outros escravos jovens, aos quais ensinavam e preparavam para qualquer serviço a expensas mesmo de Catão, revendendo-os no fim de um ano. Catão retinha vários para si próprio, dando e deduzindo tanto como se fosse o que melhor oferecia. Para incitar seu filho a fazer assim render seu dinheiro, ele lhe dizia: — que não era ação para um homem de coragem diminuir seu patrimônio, mas antes ação de uma mulher viúva; mas, ainda, era sinal de natureza violenta e pior do que a avareza, ter a coragem de dizer que era homem divino e digno de louvor imortal, aquele que, por sua industria, aumentasse de tal jeito suas posses que o acessório que fosse anexado, subisse mais do que o principal que recebera e herdara de seus pais.

XLVL Ainda há mais. Estava já bem avançado, no declínio dos anos, quando Carneades, filósofo da seita acadêmica e D iógenes, o Estoico, vieram de Atenas como embaixadores à Roma, para obter o perdão e indulto de uma multa{773} de quinhentos talentos, a qual o povo de Atenas havia sido condenado à revelia, à falta de comparecimento, por sentença dos sicionianos, a instância e solicitação dos oropianos. Logo que chegaram esses dois filósofos à cidade, os moços romanos, que estimavam o estudo das letras, foram saudá-los e visitá-los, tendo-os em grande consideração depois de os ter ouvido, mesmo Carneades, cuja graça no falar e força em persuadir o que desejava, não era menor do que a importância que lhe davam, mesmo quando discorria diante do grande auditório, em presença de assistentes que não cometiam a maldade de calar seu elogio, encheu toda a cidade como se fosse um vento

que fizesse esse barulho aos ouvidos de cada um, que chegara um homem grego sabendo maravilhas, o qual, por sua eloquência, atraía e levava todo mundo para onde queria; não falavam de outra coisa pela cidade porque havia impresso no coração dos jovens romanos um tão grande e tão veemente desejo de saber, pondo abaixo todos os outros prazeres e exercícios, que não queriam mais fazer outra coisa senão estarem disponíveis para a filosofia como se fosse alguma inspiração divina que a isso os instigasse, de tal modo que os outros senhores romanos estavam bem sossegados e tinham prazer em ver a juventude aplicar-se ao estudo das letras e disciplinas gregas e conviver com esses dois grandes e excelentes personagens.

XLVII. Marcos Catão, porém, desde o início, quando as letras gregas começaram a ter entrada e serem estimadas em Roma, ficou descontente, receando que a juventude mudasse inteiramente sua afeição e seu estudo, abandonasse a glória das armas e do bem-fazer, pela honra de saber e bem-dizer; ainda mais quando viu a consideração e fama desses dois personagens crescendo sempre, cada vez mais, de tal jeito, que Caio Aquílio, um dos primeiros homens do senado havia reclamado e solicitado para ser seu intérprete, para traduzir seus primeiros discursos, deliberou reenviá-los para fora da cidade debaixo de alguma capa de aparência honesta; um dia em pleno senado reprimiu os magistrados que retinham tanto tempo esses embaixadores sem os despachar, mesmo levando em conta que eram homens que podiam persuadir facilmente e fazer crer o que queriam e quando não teria outro motivo, só por isto deviam desconfiar alguma coisa sobre o fato de sua embaixada e recambiá-los em suas escolas para disputar com os meninos da Grécia e deixar os dos romanos aprenderem a obedecer as leis e aos magistrados de seu país, como anteriormente.

XLVIII. Ora, fazia isso, não porque tivesse alguma inimizade particular contra Carneades, como alguns pensaram, mas porque geralmente odiava toda filosofia e pela ambição desprezava as musas e as letras gregas, visto que dizia: — "O antigo Sócrates não era senão um’ conversa dor e um sedicioso, procurando pelos meios que lhe eram possíveis, usurpar a tirania e dominar no seu país, pervertendo os costumes e os hábitos, atirando seus concidadãos a opiniões contrárias às leis e costumes antigos". Criticando a escola de Isócrates, que ensinava a arte da eloquência, dizia: — "Seus discípulos envelheciam em sua casa, para irem depois exercer sua eloquência e litigar suas causas no outro mundo diante de Minos, quando estivessem mortos". Para divertir e causar aversão de seu filho ao estudo das letras e disciplinas gregas, dizia-lhe dando mais força e engrossando sua voz o quanto podia sua velhice, como se por inspiração divina houvesse pronunciado alguma profecia: — "Todas e quantas vezes os romanos se aplicarem às letras gregas, perderão e estragarão tudo". Todavia o tempo mostrou que esta difamação e maledicência era vã e falsa, pois nunca a cidade de Roma floresceu tanto, nem o domínio de Roma foi tão grande, como quando as letras e a ciência gregas ali estiveram em honra e apreço.

XLIX. Mas em Catão não era somente o ódio que sentia pelos filósofos gregos, mas tinha também por suspeitos aqueles que professavam a medicina em Roma, pois havia ouvido ou lido a resposta que deu Hipócrates quando o rei da Pérsia mandou chamá-lo, mandando oferecer-lhe grande soma de ouro e de prata se quisesse servi-lo, quando jurou que jamais serviria aos bárbaros, levando em conta que eram inimigos naturais dos gregos. Catão afirmou que isto era um juramento que todos os outros médicos juravam igualmente; por essa razão ordenou muito particularmente a seu filho que fugisse de todos igualmente, dizendo* que havia feito um pequeno tratado de medicina, pelo qual curava os de sua casa quando adoeciam e os conservava quando estavam com saúde. Não os proibia nunca de comer, mas os alimentava com verdura e com algumas carnes leves, como patos, pombos e lebres; pois tais carnes, dizia ele, são boas para os doentes e fáceis de digerir, exceto aquelas que fazem sonhar e variar aos que as comem, jactando-se de que com esse regime e esta maneira de medicar, sempre se conservou são, tendo também preservado seus empregados com saúde.

L. Todavia, parece-me que não fazia tudo aquilo pelo qual se vangloriava, pois perdeu sua mulher e seu filho e quanto a ele, se bem que de compleição robusta, tanto pela resistência como pela saúde, viveu muito tempo perfeito, de maneira que em sua extrema velhice, ainda aproveitava a companhia das mulheres, casando-se de novo, fora de idade, com uma jovem, o que fez por uma razão. Depois da morte de sua primeira mulher, casou seu filho com a filha de Paulo Emílio, irmã do segundo Cipião, o Africano, e ele viúvo servia-se de uma jovem rapariga{774} criada, que ia procurá-lo às escondidas em seu quarto, todavia não podia fazer isso tão secretamente numa casa pequena, onde morava uma jovem senhora casada, que não percebessem. Como um dia essa rapariga passou com muita audácia na frente do quarto do jovem Catão, para entrar no do pai, o moço não disse uma palavra mas aquele percebeu que ele ficou envergonhado e havia olhado a moça de maneira repreensiva, pelo que compreendeu que isso desagradava a essas duas pessoas jovens, seu filho e sua mulher. Sem se queixar a eles nem fazer car a feia, foi-se uma manhã, como de costume, à praça com o grupo dos que o acompanhavam por honra, entre os quais estava Salônio, que outrora fora seu escrivão. Catão chamando-o em voz alta, perguntou-lhe se não havia ainda casado sua filha. Salônio respondeu-lhe que não e que não cuidava em fazê-lo sem primeiramente lhe comunicar. Catão então replicou: — "Encontrei, para ela um marido e para ti um genro, que não será fora de propósito para ela, se porventura a idade não a contrarie, porque é muito velho, mas pensando bem, não há o que censurar nele". Salônio respondeu, que quanto a isto confiava nele, recomendando-lhe sua filha e pedindo-lhe que lhe desse o partido que bem lhe parecia, porque era sua humilde serva, dependendo inteiramente dele e de sua previdência. Então Catão, sem mais delongas, disse-lhe que era ele mesmo que a pedia em casamento. Salônio, a princípio, ficou admirado com essas palavras porque lhe parecia que Catão estava fora de idade para novas núpcias e que de seu lado não era ele homem para fazer aliança com uma casa de dignidade consular e triunfal, mas afinal, quando viu que Catão falava conscientemente, aceitou de boa vontade e nesses termos foram juntos para a praça, aí passaram na hora o contrato de casamento. Como preparavam as núpcias, Catão filho, convidando alguns de seus parentes è amigos, foi com eles diante de seu pai, perguntar-lhe se havia cometido alguma falta contra ele ou se lhe havia causado algum desgosto, para por despeito, levar para casa uma madrasta. Então o pai exclamou: — "Oh! não digas nunca isso, meu filho, acho bem tudo que fazes e não posso me queixar de nada, mas assim faço porque desejo ter muitos filhos e deixar vários cidadãos como tu és para o Estado". Dizem que Pisístrato o tirano de Atenas deu uma resposta tal e qual aos filhos de sua primeira mulher, estando todos grandes, quando desposou sua segunda, Timonassa, nativa de Argos, da qual teve, como dizem, Iofon e Téssalo.

LI. Mas para voltarmos a Catão, ele teve desta segunda mulher um filho, o qual se chamou pelo nome de sua mãe{775} Catão, o Saloniano, falecendo seu filho mais velho quando pretor, o qual muitas vezes menciona em várias passagens dos seus livros, elogiando-o como um grande homem de bem. Dizem que essa perda, sentiu-a sempre como homem grave e sábio, sem que por isso fosse em nada menos atencioso nos negócios do Estado do que anteriormente. Pois não fez, como depois fizeram Lucio Luculo e Metelo, denominado Pio, que em sua velhice se retiraram totalmente do governo e dos negócios públicos, mas considerou-os um fardo e um dever, ao qual todo homem de bem, enquanto viver, é obrigado; nem como Cipião, o Africano, havia feito outrora, ao ver que a glória de seus elevados feitos instigara a inveja dos outros cidadãos e mudou a maneira de vida, repousando e abandonando os negócios e a cidade, indo para os campos. Mas, como se escreveu, que alguém aconselhou a Dionísio -o tirano de Siracusa que não podia ser melhor nem mais honradamente exumado e sepultado do que na tirania, Catão também considerou que não podia melhor nem mais honestamente envelhecer do que se preocupando sempre, até o fim, com negócios do Estado. No entanto, quando desejava distrair-se e descansar um pouco, passava seu tempo escrevendo livros e se ocupando nos trabalhos do campo. Eis de onde vem haver escrito tanto e toda sorte de livros e histórias.

LII. Quanto ao trabalho da terra e serviços do campo, ocupou sua juventude para o útil e o proveitoso. Pois, diz ele que não tinha senão duas fontes de renda, o trabalho da terra e a economia; mas na sua velhice, o que fazia nos campos era mais por prazer, para contemplar e

aprender sempre alguma coisa da natureza, pois ele mesmo escreveu um tratado sobre a vida campestre e o serviço dos campos, no qual descreve até a maneira como se devem fazer tortas e bolos, como preservar os frutos nas árvores, tanto que desejava mostrar-se singular e bom conhecedor de todas as coisas. Quando se encontr ava em suas casas de campo, vivia com mais opulência do que em outro lugar, convidando muitas vezes seus vizinhos e aqueles cujas terras uniam-se às suas, a virem cear, alegrando-se com eles, de maneira que sua companhia e sua familiaridade não eram somente alegres e agradáveis a esses qu e tinham sua idade, mas também deleitável aos jovens, pois havia visto e experimentado muitas coisas, conseguido muitos bons negócios, sabia muitas anedotas boas, alegres e proveitosas e era útil ouvi-lo narrá-las de novo. Considerava a mesa um dos principais meios para fazer amizade entre os homens e na sua punha sempre à frente assuntos agradáveis em louvor das pessoas de bem e dos cidadãos virtuosos, não querendo que falassem nunca dos inúteis e maus, tendo o cuidado de iniciar sempre o assunto em algum banquete onde estivesse, para que não se falasse nem bem nem mal.

LIII. De resto, consideram que sua ultima obra-prima na administração do Estado foi a destruição final de Cartago, pois aquele que a destruiu e arrasou de fato, foi o segundo Cipião, mas per conselho e aviso principalmente de Catão, quando empreendida a ultima guerra contra os cartagineses; ele foi numa ocasião enviado à África, para conhecer as causas das diferenças que havia entre os ditos cartagineses e Massinissa, rei da Numídia, os quais estavam em guerra feroz. Para aí foi enviado tanto pelo rei Massinissa, que de todos os tempos sempre se mostrara amigo dos romanos e pelos cartagineses que se tornaram seus aliados desde a ultima guerra, na qual foram derrotados pelo primeiro Cipião, que lhes tirou e arruinou com uma multa, uma boa parte de seu império, impondo-lhes um tributo enorme. Quando, portanto, chegou, não encontrou a cidade de Cartago aflita, sem coração, nem empobrecida, como julgavam os romanos, mas cheia de juventude, opulenta em bens e abundando com toda a sor te de armas e munições de guerra, de maneira que por esta opulência tinha a cabeça reta e o coração elevado e não projetando nada de pequeno. Julgou que era tempo para os romanos trabalhar e conhecer as diferenças entre os cartagineses e Massinissa, mas que se não se prevenissem em boa hora a fim de exterminar tudo nesta cidade, que sempre fora sua inimiga capital, ressentindo-se do passado, ficariam assim sob seu jugo e crescida em pouco tempo, mais do que não poderiam acreditar e considerar, cairiam também em maiores perigos do que nunca.

LIV. Portanto, logo que chegou de volta à Roma, não deixou de ob servar vivamente no senado que as perdas e danos que os cartagineses tiveram no passado nas guerras havidas contra eles não haviam por completo abolido seu poder, tanto como a loucura e a imprudência, correndo perigo que as ditas adversidades, os transformasse antes em mais experientes do que enfraquecidos para guerrear e já ensaiavam e se exercitavam na guerra contra os numidas, para depois, conscientemente, guerrearem os romanos e que a paz existente entre eles não era senão uma prorrogação de armas e um prazo de guerra, a qual para renovar, não esperavam senão alguma ocasião oportuna. Dizem que, além dessas admoestações, havia levado propositalmente dentro da dobra de seu longo traje uns figos da África, os quais jogou no meio do senado sacudindo seu traje e como os senadores se encantassem em ver figos tão belos, tão grandes e tão frescos: — "A terra em que crescem, disse-lhes, não está distante de Roma senão três dias de navegação".

LV. Mas é ainda mais violento o que se narra além disso, que dali em diante, no senado, jamais deu seu aviso a qualquer assunto que fosse deliberado, que não juntasse sempre esse refrão com vantagem: — "Também me parece que é necessário que Cartago seja destruída completamente". Contrário a isso, Publio Cipião, denominado Nasica, também dizia sempre: — "Parece-me conveniente que Cartago sobreviva". Pois esse personagem via, segundo penso, que o povo romano por seu orgulho insolente cometia muitas faltas grandes e graves, e tornava-se altivo por causa de suas prosperidades, elevando-lhes o coração, que o senado não podia, a-não ser com grande trabalho, conter e por meio da autoridade muito grande que

possuía, atraía à força toda a cidade, onde a fantasia crescia. Por essa razão quis que esse receio da cidade de Cartago ficasse como um freio para reter a insolência do povo romano, considerando que os cartagineses não eram bastante poderosos para combater nem para vencer os romanos, mas que eles eram também demais para os conter e não os recear mais. Catão replicou contra, que era nisso que havia mais perigo, que uma cidade de todos os tempos forte e poderosa, ficando então sábia por ter sido castigada por várias perdas e diversas adversidades, ficasse sempre de emboscada, à espreita do povo romano, que fazia como o cavalo fugido que por uma liberdade desenfreada que se dava a si próprio, cometia os maiores erros, cujo motivo lhe parecia que não era o mais sabiamente aconselhado o não retirar todo o perigo de fora e o receio de perder seu império, quando deixavam dentro os meios de caírem sempre em seus erros.

LVI. Eis como narram que Catão foi a causa da terceira e ultima guerra dos romanos contra os cartagineses. Mas, de resto, quando esta se iniciou, ele morreu, mas profetizou, por assim dizer, quem seria aquele que a. terminaria, Era o segundo Cipião que na ocasião sendo muito jovem, comandava somente mil homens de infantaria, mas em todos os encontros e em toda a parte onde havia trabalho, praticava sempre atos de bom senso e de grande coragem, cujas notícias vinham comumente a Roma e Catão, ouvindo-as contar, pronunciou, como dizem, esses dois versos de Homero{776}:

Só aquele pertence ao numero dos sábios,

Todos os outros não são senão sombras voláteis.

Esta profecia, Cipião logo depois confirmou com efeito e demonstrou ser verdadeira. Em suma, a posteridade que Catão deixou foi um filho de sua segunda mulher, o qual como dissemos, foi denominado, por causa de sua mãe, Catão{777} o Saloniano e um neto de seu filho primogênito, morto antes dele. Este Catão Saloniano, falece quando pretor, mas deixou um filho, o qual alcançou a dignidade consular e foi avô de Catão{778} que cognominaram o Filósofo', um dos personagens mais virtuosos e mais famosos do seu tempo.

COMPARAÇÃO DE ARISTIDES COM MARCOS CATÃO

Bem, agora que registramos por escrito os feitos mais notáveis e mais dignos de nota desses dois grandes personagens, queremos conferir toda a vida de um com toda a vida do outro. Não será, naturalmente, fácil discernir a diferença que existe entre eles, que se acha obscurecida e escondida debaixo das várias e grandes semelhanças. Mas, se os compararmos um com o outro, minuciosamente, como costumamos comparar poesias ou quadros de arte, logo de início iremos percebendo o que há em comum nos dois: sem ter outra coisa que os elevasse ou que os recomendasse, somente pela virtude e suficiência próprias, ambos ocuparam elevados postos na administração publica, onde adquiriram renome e grandes honrarias.

II. Mas, segundo me parece, quando Aristides começou o trato com os negócios públicos, a situação e o domínio de Atenas ainda não estavam em evidência, sendo-lhe fácil progredir, porque os governadores e capitães de seu tempo, seus competidores, não eram muito ricos e nem tinham grande influência sobre os outros. O imposto que pagavam os mais ricos, entre aqueles que viviam em Atenas naquele tempo, era dos que tinham renda no valor de quinhentos minots de trigo ou menos, chamados por esse motivo, penta-cosiomedimni{779}. A segunda taxa era daqueles que tinham trezentos e eram chamados cavaleiros. A terceira e ultima era de duzentos e os chamavam de zeugitas. Quanto a Marcos Catão, saindo de uma cidadezinha do interior e deixando a vida campestre e rustica, foi em cheio atirar-se, por assim dizer, no pélago infinito do governo romano, o qual não era dirigido por magistrados e capitães como existiram antigamente um Curio, um Fabrício, um Hostílio. O povo romano não entregava mais a magistratura e cargos elevados a homens simples, acostumados a trabalhar com seus braços, que vinham ainda viçosos por haverem puxado a charrua ou manejado o enxadão, mas já estava habituado a considerar a nobreza das casas e as riquezas, bem como aqueles que despendiam dinheiro ou que solicitavam com insistência. Assim, fazia-se cortejar pelos que aspiravam as honrarias e as funções publicas, pois não era o mesmo ter como rival e adversário um Temístocles, o qual não era de casa nobre e nem rico, pois segundo se diz, os bens que seu pai lhe deixou não iam além de quatro ou cinco talets{780} quando começou a se imiscuir nos negócios do Estado, com cujo preço devia competir no primeiro lugar, em honra e autoridade, contra um Cipião Africano, um Servílio Galba, um Quíncio Flamínio, sem outro suporte ou apoio senão uma língua livremente falada, dirigida pela razão e pela justiça.

III. Com vantagem, Aristides, na batalha de Maratona e na de Platéia, não era senão um dos dez capitães dos atenienses, ao passo que Catão foi eleito um dos dois ao consulado, entre diversos competidores poderosos, sendo que o seu próprio companheiro já se achava investido das funções de censor, além de outros sete solicitantes, dentre os mais notáveis de toda a cidade, os quais suplantou. Ainda mais, Aristides, em nenhuma das vitórias ganhas, pode se dizer que foi o primeiro, pois na de Maratona, Milcíades se destacou em primeiro lugar; na de Salamina, Temístocles e, na de Platéia, o principal papel coube a Pausânias, que conforme diz Heródoto, ganhou uma bela vitória. Há a citar também os que lutaram em segundo lugar contra Aristides, como um Sófanes, um Amínias, um Calímaco e um Cinegiro, todos eles praticando atos de bravura nessas batalhas. Em oposição a isto, Catão foi, não somente o primeiro e o principal chefe em seu exército, tanto pelos seus feitos como pela sua orientação durante a guerra na Espanha, no tempo de seu consulado, mas também mais tarde, quando o rei Antíoco foi derrotado no passo das Termópilas, onde atuava como capitão comandando mil soldados de infantaria, sob o comando de um outro cônsul, e ali levantou ele as honras da vitória, abrindo as portas aos romanos para que fossem no encalço de Antíoco, o qual foram surpreender pela retaguarda, quando o mesmo cuidava não ter que se ocupar senão da frente. Esta vitória foi uma das obras mestras de Catão, que expulsou a Ásia para fora da Grécia e abriu caminho para que Lucio Cipião passasse depois à Ásia.

IV. Assim, portanto, com referência aos feitos de armas nem um nem o outro jamais se viram vencidos nem derrotados em qualquer batalha. Mas quanto a sua atuação nos tempos de paz e em matéria de governo, Aristides foi vencido e suplantado por Temístocles, que por meio de suas tramas, tanto fez que o atirou para fora de Atenas, levando-o ao exílio durante algum tempo, ao passo que Catão, tendo como inimigos conjurados quase todos os maiores homens, os mais nobres e os mais poderosos que ex istiam em Roma no seu tempo, continuamente combateu contra eles, até a sua velhice, preservando-se, como um firme e rígido campeão de luta, de ser derrubado por terra. Acusou muitos e jamais foi condenado, nem uma só vez, tendo sempre como defesa de sua vida, para provar sua inocência, a sua língua, que era útil, pois sabia ajudar-se a si mesmo ao praticar grandes e belos feitos, ao que, segundo meu modo de pensar, deve-se atribuir a não ter nunca sofrido indignamente, nem nunca ter sido condenado injustamente, e não que se deva levar isto à conta de sorte favorável ou à guarda de algum deus{781}. De fato. a eloquência é uma grande coisa, como bem testemunha Antípater ao escrever sobre o filósofo Aristóteles depois de sua morte, dizendo que entre os dons singulares e perfeições que nele existiam, havia um que era soberano, o dom de bem falar, que persuadia o ouvinte ao que ele desejava.

V. Ora, segundo consenso quase universal, o homem não pode obter nem adquirir virtude nem ciência maior do que a política, isto é, a arte de saber governar e dirigir uma grande multidão de homens, como numa grande cidade; segundo a opinião de muitos, a econômica, ou arte de dirigir um lar, é uma das principais partes daquela outra, levando em conta que uma cidade não é outra coisa senão uma assembleia de vários lares e casas reunidas, sendo então a cidade, forte e poderosa publicamente, quando seus cidadãos são ricos e opulentos particularmente.

Licurgo, que excluiu o uso do ouro e da prata entre os lacedemônios, estabelecendo a moeda de ferro; ainda assim estragada com o fogo e o vinagre, não proibiu aos seus concidadãos essa atenção à economia do lar, mas apenas diminuiu as coisas supérfluas, os prazeres, a avareza e o ardor em juntar, que ordinariamente acompanham as riquezas. Mas, também pôde ver bem as coisas, tanto que reformou as leis do passado para que seus patrícios fizessem provisão de tudo o que era necessário à vida do homem, com receio de que viessem habitar sua cidade e gozar de seus benefícios, um desertor{782} necessitado e indigente, sem bens ou propriedades, ainda mais do que um presunçoso, insolente e soberbo pela sua grande riqueza.

VI. Penso que Catão não foi menos bom pai de família do que bom e sábio dirigente, pois aumentou honestamente seus bens, ensinando aos outros a maneira de os multiplicar por meio de uma boa direção e pela inteligência no trabalho, ensinos estes que se encontram nos livros que escreveu, nos quais reuniu diversos preceitos nesse sentido. Ao contrário, Aristides, por sua pobreza, desacreditou e mesmo tornou odiosa a justiça, como sendo causadora da ruína da casa do pobre, sendo mais proveitosa para os outros, aqueles que têm posses e até aos que a exercem. Todavia, o poeta Hesíodo nos recomenda tanto e tão bem a justiça, admoestando-nos a dirigir sempre com diligência o nosso lar e censurando aos que nada querem fazer, como o princípio e a fonte de todas as injustiças. Portanto, parece-me que Homero fala mui sabiamente naquela estrofe onde diz:

Eu jamais amei trabalhar,

Nem da direção da casa cuidar

Para meus filhos alimentar

E bem adquirir.

Mas amei as armas e a guerra,

Sobre barcos e galeras correr o mar

E arcos e dardos manejar{783}.

Como queremos dar a entender, são duas coisas relativas, necessariamente acorrentadas uma à outra: aquele que não cuidou de si e de sua casa, vive injustamente, apropriando-se do alheio, pois a virtude não é como o óleo que os médicos dizem ser muito bom para o corpo humano quando utilizado exteriormente e, ao contrário, muito ruim, quando usado internamente. Assim, o homem justo não deve procurar ser proveitoso aos estranhos e, no entanto, não ter cuidados para consigo mesmo e para com os seus.

VII. Portanto, segundo a minha opinião, as virtudes políticas e civis de Aristides eram defeituosas nesse sentido; é verdade que a maioria dos autores escreve não ter ele tido a previdência de deixar às suas filhas nem o necessário para poderem se casar e nem mesmo para o seu próprio enterro, enquanto que a casa de Catão, até a quarta geração, deu magistrados e cônsules a Roma, pois os filhos de seus filhos e, ainda mais os filhos dos filhos de seus filhos conseguiram em Roma cargos e situações as mais honrosas. Aristides foi, em seu tempo, o maior homem da Grécia mas deixou sua posteridade numa pobreza tão grande e tão extrema, que entre os seus descendentes, uns foram obrigados a ser adivinhos, da queles que interpretam os sonhos e dizem a boa sorte para ganhar a vida, outros viveram esmolando publicamente por necessidade, pois não deixou ele meios a nenhum para que pudessem fazer alguma coisa grande ou digna de si.

VIII., Entretanto, este aspecto que estou discutindo, que poderia ocasionar ou deixar alguma duvida, precisa ser esclarecido. A pobreza não é, em parte nenhuma, nem má, nem afrontosa em si, a não ser quando é causada pela preguiça, por uma vida desonesta, gastos supérfluos e loucura, porque quando ela encontra um personagem saudável, trabalhador, diligente, justo, corajoso, sábio e bom dirigente da coisa publica, então isto se torna uma grande prova de magnanimidade e de valor, pois não é possível que alguém realize grandes feitos, tendo o pensamento ocupado sempre com ninharias e nem que possa socorrer os indigentes, quando ele mesmo é um indigente{784}. Não é a previsão a mais necessária àqueles que desejam, como homens de bem, se embaraçar e intrometer-se na administração publica, mas sim a eficiência, a qual satisfaz por si, pois não desejando pessoalmente qualquer coisa supérflua e não desviando nunca a sua atenção, pode pensar e ocupar-se dos negócios públicos. Pois os deuses são os únicos que não têm, simplesmente e absolutamente, trabalho por nada, porque a mais elevada virtude do homem e a mais próxima da divindade deve ser considerada aquela que faz o homem se ocupar menos destas coisas. Assim, em tudo, como num corpo bem formado, de boa compleição, não precisa tanto de bom alimento ou de trajos curiosos. uma casa saudável e limpa precisa de pouco, sendo que os utensílios devem ser proporcionais ao uso e à necessidade, porque aquele que junta muito e passa com o pouco, não tem suficiente aptidão. Pois que não faça grandes despesas aquele que trabalha loucamente e junta mais do que precisa. Se lhe apetece, mas por sovinice, não gasta e aproveita o fruto de seu trabalho, é um miserável.

IX. De acordo com este motivo, perguntarei de boa vontade a Catão: — Se os bens não são feitos para serem usados, por que te glorificas de haver ajuntado muito, quando o pouco era

bastante? Se é coisa elogiável, como verdadeiramente o é. contentar-se do pão o primeiro achado, beber do mesmo vinho que os criados de quarto e os operários, não se preocupar em ter trajos tintos de purpura, nem casas cujas paredes sejam rebocadas ou caiadas, seguindo-se que nem Aristides, nem Epaminondas, nem Mânio Curio, nem Caio Fabrício emitiram ou esqueceram seus deveres quando nunca se preocuparam em adquirir aquilo que não quisessem jamais usar. Pois não equivale a nenhuma necessidade, o homem considerar os rábanos e os nabos as melhores comidas do mundo, aquecê-los em seu fogão enquanto sua mulher amassa os pães, manter luxo e falar de um asse, que valia aproximadamente quatro moedas e meia, nem se preocupar escrevendo alguma obra de arte ou mesmo sobre qualquer industria, se pudesse logo enriquecer. É verdade que contentar-se com o pouco é coisa bela e elogiável, porque isto nos separa do desejo das coisas desnecessárias que nos preocupam. Portanto, conforme Aristides disse ao advogar a causa do rico Cálias, aqueles que eram pobres contra a sua vontade, deviam ter vergonha de sua pobreza, mas os que o eram voluntariamente, podiam e deviam ser elogiados, pois seria tolice pensar que a pobreza de Aristides procedesse da covardia e da preguiça, atendendo que podia, sem cometer qualquer ato mau ou desonesto, enriquecer-se rapidamente, apropriando-se somente dos despojos de algum dos bárbaros que havia derrotado ou aproveitado alguma de suas tendas. Mas é bastante. Não vou discorrer mais sobre este assunto.

X. Em resumo, referindo-me às vitórias e batalhas que Catão ganhou, em nada as mesmas ampliaram o império romano, que já era tão grande que não podia mais aumentar. As de Aristides, entretanto, se enquadram nos feitos mais notáveis dentre os praticados pelos gregos, como a de Platéia, por exemplo, não sendo entretanto razoável comparar o rei Antíoco com o rei Xerxes, nem as muralhas das cidades espanholas que Catão mandou demolir, com os milhares de bárbaros que foram derrotados e passados ao fio da espada, tanto em terra como no mar, pelos gregos, em cujas ações Aristides não ficou relegado a segundo plano, pois corajosamente pôs mãos à obra e, no entanto, cedeu as honras desses feitos àqueles que desejavam mais que ele, com a mesma facilidade com que deixou o ouro e a prata aos que tinham mais urgência, no que demonstrou sobejamente ser pessoa mais digna do que todos os outros.

XI. Afinal, quanto a mim, não quero em absoluto reprovar o hábito de Catão se elogiar a si próprio, de maneira tão expressiva, preferindo-se a todos os outros, conforme ele mesmo refere em alguns de seus discursos, de que elogiar-se a si mesmo não é coisa tão inoportuna como o fato de menosprezar-se e desprezar-se, mas parece-me que aquele a quem não apetece ser elogiado é mais perfeito em suas qualidades do que aquele que comumente se louva a si próprio, pois não ser ambicioso é uma grande parte no trato requerido ao que deseja viver entre os homens, na administração publica. Ao contrário, a ambição é um vício odioso, que inspira grande inveja ao que a ela se agarra, do qual Aristides estava totalmente liberto e Catão muito viciado. Aristides auxiliou a Temístocles, seu principal inimigo, servindo-lhe mesmo de soldado e satélite em seu cargo de capitão-general, tornando-se ministro de sua glória, o que deu em resultado a salvação da cidade de Atenas. Catão, pelo contrário, opondo-se e resistindo às empresas de Cipião, procurou impedir sua viagem e sua expedição a Cartago, na qual derrotou Aníbal que até ali era invencível e continuou sempre, até o final, a levantar suspeitas e algumas calunias contra o seu desafeto, procurando sempre expulsá-lo da cidade e mandou condenar seu irmão Lucio Cipião por fraude e desvio em seu cargo.

XII. Quanto à temperança e abstinência que Catão sempre exaltou e ornou com os mais belos elogios, Aristides sempre se conservou limpo. Mas as segundas núpcias de Catão, tomando uma moça que não era de família conveniente à sua idade e à sua dignidade, dão margem a um juízo, não sem razão aparente, que ficasse suspeito por luxuria, não havendo jeito para se desculpá-lo ou dar uma aparência honesta ao caso, pois encontrando-se já em idade imprópria para se casar, não trepidou em levar para seu filho casado e sua nora, dentro de casa, uma madrasta que além de tudo era filha de um escrevente e escriba publico, que fazia de notário e recebia dinheiro daqueles que se utilizavam de seus serviços. Seja porque tenha feito isto

por volúpia ou por despeito, para se vingar do fato de ter seu filho olhado de maneira repreensiva a rapariga que ia encontrá-lo antes, de qualquer forma um e outro se viram às voltas com a sua vergonha, tanto o efeito como a causa. A desculpa que alegou a seu filho, que se casava novamente porque desejava verdadeiramente ter outros filhos que fossem pessoas de bem como o seu primogênito, não procede porque se assim fosse, teria procurado, logo após o falecimento de sua mulher, diligentemente, uma outra esposa de família honesta, não se contentando em se deitar com uma rapariga comum até que seu filho percebesse. Depois, quando se viu descoberto, aliou-se àquele cuja aliança não era honrosa, porém mais cômoda e mais fácil de obter.

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE PAULO EMÍLIO

CAP. L — Sob o reinado de Sesóstris, o pentacentor foi inventado no Egito; tal foi o navio com o qual Danaus passou à Grécia; tal foi o famoso navio que levou os heróis gregos a Colquida, chamado Argos, nome de seu construtor: tinha vinte e cinco remadores de cada lado.

As primeiras trieras ou galeras com três ordens de remos foram inventadas em Corinto, mais ou menos 700 anos antes de Cristo. Não eram ainda cobertas, senão na proa e na popa, no tempo da invasão de Xerxes na Grécia. Pouco depois os atenienses tiveram os navios pontiagudos, cuja ideia se deve aos tassianos.

A trirreme tinha três ordens de remadores de cada lado, colocados em alturas graduadas. Os que estavam colocados na parte mais baixa do navio chamavam-se talamitas, os de cima, tranitas, e os do meio zigites. Ao tempo da guerra do Peloponeso, as trirremes gregas levavam até duzentos homens. Não puxavam quatro pés de água. Eram tão leves que as faziam passar sobre os istmos, fazendo até cinquenta léguas por dia.

Dionísio, o Antigo, tirano de Siracusa, foi o primeiro a mandar construir as icteras ou navios com cinco ordens de remadores, aproximadamente 400 anos antes de nossa era. Alexandre, o Grande, elevou até doze as ordens. Pouco tempo depois, Ptolomeu Filadelfo aumentou o número até quarenta. Enfim, sob Ptolomeu Filopator, viram uma de cinquenta ordens, segundo refere Plínio.

Essas novas dimensões necessitaram, sem dúvida, de novas atribuições. É fácil conceber que se se colocassem quarenta ou cinquenta remadores em forma de anfiteatro, não haveria força humana que pudesse mover o quinquagésimo remo superior. Eis a maneira pela qual Leroy contorna esta dificuldade, segundo uma passagem das Táticas de Leão, que nos parece decisiva. Que se imagine um só remador sobre o remo inferior, dois sobre o de cima, em seguida três, etc. e assim se saberá que a triera ou trirreme teria três carreiras ou ordens de remadores no comprimento do navio e duas na altura; a exera, seis ordens no comprimento e três na altura. Se tomarmos dois pela diferença da progressão: 1 — 3 — 5 — 7, acharemos que a decaexera ou galera com dezesseis ordens de remos, de que Plutarco trata nessa passagem, com dezesseis filas de remadores em seu comprimento, não tinha, entretanto, se não quatro ordens em altura. Enfim, se se começa a progressão pelo número 6, acha-se que na galera de cinquenta ordens de Filopator, as cinquenta filas de remadores teriam sido distribuídas sobre cinco pequenos degraus ou cinco ordens em altura, do qual o último teria catorze remadores sobre um remo.

SOBRE A VIDA DE TIMOLEON

CAP. VIII — «Eis como, etc.» — Esta passagem não está clara e não é fácil traduzi-la. Eis mais ou menos o sentido: «É assim que as opiniões que levam os homens a empreenderem alguma ação, são sujeitas a mudar, após o menor elogio ou a menor censura se eles não estão fortalecidos pela filosofia e baseados na força do raciocínio».

CAP. XXXV — O leitor com certeza não vai se zangar por encontrar aqui uma descrição sumária que o ajude a ter uma ideia desse campo de batalha e seguir mais facilmente as campanhas de Timoleon.

A Sicília é atravessada em toda a sua extensão por várias cadeias de montanhas. As duas mais altas estão ao nordeste; o Etna, que se estende até o promontório de Pelório; ao sudoeste o Erix, sobre o qual se achava o templo de Vénus. Outra desce do lado sul, até o promontório Lilibéia. No espaço entre os dois estão os montes Hereenos, que vão ao sudoeste juntar-se ao promontório de Paquine. Ao ocidente dos montes Hereenos, de onde desce um dos rios Himeres, está o monte Cratas, de onde corre para o norte o outro Himere, banhando depois de sua embocadura a cidade do mesmo nome. Entre os dois estão os montes Nebródios, abaixo das Colinas Gêmeas e à direita, do lado do monte Hereen, o monte Maron. Na parte setentrional do monte Cratas, desce para o sudoeste o rio Hipsa, que se joga no mar depois de Selinunte. A Crimesa ou Crimisa, que corre mais a oeste, vem se unir a ele perto de Enteia, cidade cuja latitude é de algumas léguas mais meridional que Siracusa, mas quase na extremidade da Sicília. Foi sobre as margens desse rio que Timoleon derrotou os cartagineses que entraram na Sicília pelo promontório de Lilibéia.

SOBRE A VIDA DE PELÓPIDAS

CAP. XXXIV — «Depois da qual, Filipe, olhando a decomposição dos mortos, parou no lugar onde estavam os quatrocentos homens desta companhia caídos na terra, apertados uns junto dos outros, todos perfurados com grandes golpes de lança, atravessando o estômago». Parece que Amyot não seguiu a lição comum, lendo «através do peito» em lugar de «caídos na terra em espaços estreitos». Cremos necessário traduzir toda a passagem assim: «Todos perfurados com grandes golpes de lança através do estômago e colocados, ainda cobertos com suas armas, uns junto dos outros».

CAP. XXXIV — «Em suma, a inconveniência de Laio, que foi morto pelo seu próprio filho Édipo, não foi a causa primitiva deste hábito que os tebanos tinham, enamorando-se uns dos outros». É preciso traduzir: — «Em suma, a paixão de Laio não foi, como dizem os poetas, a causa primitiva que os tebanos tinham, de se enamorarem uns dos outros». Essa paixão de Laio era seu amor por Crisipo, filho de Pelópidas, que raptou, como se pode ver, mesmo em Plutarco.

SOBRE A VIDA DE MARCELO

CAP. I — A maneira pela qual aqui está expressa, não é própria para fixar ideias precisas sobre a idade militar dos romanos.

Todo o romano está obrigado ao serviço militar desde a puberdade (17 anos segundo as ordenanças do rei Sérvio Túlio) até 46 anos. Após este tempo, não podiam mais ser obrigados, exceto nas guerras dos gaideses, quando toda a exceção desaparecia.

Quanto aos senadores, uma vez no senado, não tinham mais trabalho como particulares, mas

empregavam o tempo em comandar os exércitos, na qualidade de cônsules, procônsules, etc. Note-se bem que é quando se trata de obedecer e não de ordenar, que se solicitavam exceções. No entanto, a velhice não podia deixar de ser uma legítima desculpa. E se Paulo Emílio, de qualquer maneira, se viu obrigado a aceitar, na idade de sessenta anos, o consulado, para guerrear Perseu, reconhece-se bem facilmente que era uma imposição feita pela estima e favor públicos e não um constrangimento declarado pela lei, pois não foi nomeado senão após se ter apresentado^ entre os candidatos.

Na Lacedemônia a idade militar começava na puberdade para terminar aos sessenta anos. Com os atenienses, os jovens pegavam em armas aos dezoito anos. Ficavam para servir até os vinte, na guarda da cidade e nos fortes da Ática, em seguida serviam nos exércitos até os quarenta anos. Só a necessidade obrigava ultrapassar essas idades.

CAP. XXI — O oráculo de Delfos pedira, segundo Eratóstenes, um altar público, em torno daquele que já existia no templo. Para resolver este problema, era preciso encontrar duas médias proporcionais, entre. 1 e 2, pois se se estabelecer essa progressão contínua, 1 é para x como x é para y, como y é para 2, o que se escreve assim: 1 : x : y : 2; x representará a linha de cujo cubo será o dobro de 1. A isso não se pode chegar só com o auxílio da linha reta e da circular. É preciso empregar curvas de uma classe superior ou máquinas cujo movimento composto não conduz certamente a um resultado geometricamente rigoroso, mas, suficiente, no entanto, para a. prática. Tal era o mesolábio ou mesográfico do qual se trata aqui. Um e outro meios foram empregados por Platão e por outros filósofos contemporâneos e posteriores. Ver a História dos descobrimentos sobre o quadrante do círculo por de Montucla.

CAP. XXIV — Eis a descrição que cita Políbio: Marcelo mandou avançar oito galeras com cinco ordens de remadores amarradas duas a duas pelos lados nos quais haviam suprimido os remos. Sobre as bordagens dos navios assim reunidos, estava deitada uma escada de quatro pés de largura, bastante comprida para atingir a altura dos muros, quando fosse erguida. Os lados estavam cobertos, de maneira a porem os soldados a salvo dos dardos enquanto subiam. Na extremidade anterior da escada estavam amarradas as cordas que, passando em polias fixas nos mastros, tornavam a descer nas popas. Quando os navios haviam se aproximado o suficiente das muralhas, então os soldados colocados na popa, erguiam a escada, puxando sobre ele as cordagens que passavam por cima dos mastros, enquanto outros, colocados na proa, os ajudavam, puxando sobre a escada e a sustinham com estacas ou lanças. Depois do que ajustavam os pés da escada sobre as bordagens dos dois navios, com caibros. É este conjunto de escadas, de cordagens, passando por cima de mastros, que Políbio diz ter alguma semelhança com a sambica, instrumento de música que Suidas chama sua guitarra triangular, cujo formato não está distante da nossa harpa. A escada terminava na parte superior por uma prancha, orlada de grades, sobre os três lados exteriores. Quatro soldados podiam aí ficar e quando havia um morto ou derrubado, os que defendiam o acesso da muralha a sua frente, retiravam as grades e passavam sobre a fortificação, onde tão logo uniam-se aos soldados que subiam em seguida.

CAP. XXVII — Foi pela aparência superior desse monumento que Cícero reconheceu o túmulo do geómetra, quando foi a Siracusa para dar suas informações contra Verres. Arquimedes foi o primeiro a achar que a solidez de uma esfera contida em um cilindro, tendo por conseguinte a mesma altura e o mesmo diâmetro, tem dois terços da solidez do cilindro.

CAP. XXIX — Vários moderados comentadores querem que a palavra que Amyot traduziu aqui como ângulos signifique quadrantes. Mas a tradução de Amyot é preferível. Duas réguas que

formariam entre elas um ângulo de meio grau compreenderiam e mediriam com efeito a grandeza aparente do diâmetro do sol. Esta passagem é ainda mais rara, constatada por uma descoberta dos antigos, que os modernos não sabem nem ascender a uma origem tão afastada.

COMPARAÇÃO DE PELÓPIDAS COM MARCELO

CAP. III — Não entendo nada de tudo quanto Plutarco quer dizer aqui. Acreditar que Aníbal tenha consentido em perder, em diversos encontros vários milhares de homens para enganar Marcelo, isso não parece nada provável e não concorda nem com as narrações do mesmo Plutarco e de outros historiadores, nem com as palavras que lhe escaparam em ocasiões diferentes e que Plutarco transporta para a Vida de. Marcelo. Mas estamos persuadidos, com Reiske que há um erro no texto e que a palavra empregada significa, ao pé da letra, falsa queda, explicação que é dada pelo escolástico Aristófanes. É, diz ele, uma espécie de manejo praticado pelos lutadores. Se acontece que um deles, caído sobre o ombro seja bastante feliz para se levantar prontamente, limpa o pó, cuja marca deporia sobre sua queda, a qual nega; e, recomeçando o combate, atira por terra algumas vezes seu adversário, levantando o prêmio da vitória contra a qual seu acidente não pode prejudicar, porque não há nada que o prove. Ora, esta ideia convém perfeitamente às desvantagens passageiras e pouco decisivas de Aníbal diante de Marcelo, as quais terminaram afinal pela vantagem mais decisiva a favor dos cartagineses, com a morte do general romano.

SOBRE A VIDA DE ARISTIDES

CAP. I — O nome Chorege tem dois significados muito diferentes, segundo as épocas. Na significação posterior, designa os empreendedores que mediante uma quantia, encarregavam-se dos coros nas festas que os atenienses- celebravam em honra de Baco. Era um emprego lucrativo e por conseguinte mercenário. Outrora davam esse nome ao cidadão que sua tribo escolhia para presidir a ordenança e fornecer os gastos desses coros. Era, portanto, um ofício honroso mas despendioso, como se pode concluir pelas diversas passagens de Demóstenes e de outros escritores áticos.

CAP. XXXIX — Vê-se no sétimo livro da Ilíada, de Homero, traduzindo de acordo com os termos expressos no Ajax, de Sófocles, que quando a questão é de tirar a sorte para saber qual o guerreiro que deve combater contra Heitor em campo fechado, os heróis amassam cada um uma bola de terra que jogam em um casquete, depois de a haver marcado com um sinal próprio para reconhecê-la. É a este antigo uso que Amonfareto faz alusão. O tamanho e o peso da pedra caracterizam a firmeza imutável de sua resolução.

CAP. XLVII — Antigamente o ano ático compunha-se de doze meses lunares, de 29 a 30 dias, alternativamente, para comodidade de uso, porque o mês lunar é de vinte e nove dias e meio. Denominavam cheios os meses de trinta dias; vazios, os meses de vinte e nove, sem contar nem citar o dia vinte e nove, que se chamava por esta razão dia isento ou suprimido. Assim, o ano ático era reputado com trezentos e sessenta dias, os meses com trinta dias cada um. Mas havia efetivamente seis meses de vinte e nove dias somente e o ano na realidade com trezentos e cinquenta e quatro dias. Isso durou até o primeiro ano da octogésima-sétima Olimpíada, com-a qual começou a reforma introduzida por Méton, no calendário. Depois desta época o dia dispensado foi tomado de sessenta e três em sessenta e três, durante todo o tempo do período de dezenove anos que havia imaginado para fazer enquadrar o ano lunar com o ano solar, por meio de meses intercalados.

Dezenove anos solares, supostos de trezentos e sessenta e cinco dias, fazem seis mil novecentos e trinta e cinco dias e dezenove anos lunares supostos de trezentos e cinquenta e quatro, não fazem senão seis mil setecentos e vinte e seis. A diferença é duzentos e nove. Sete meses intercalados nos 3.º, 5.º, 8.º. 11.º13º.', 16.ºe 19.° anos, compensavam esta diferença. Tal é a ideia sumária do calendário de Méton, pois não é possível entrar aqui em detalhes. A correção que Calípio aí fez duzentos arios depois, não mudou em nada a sua forma. Não teve por objeto senão suprimir um dia que, no cálculo de Méton, achava-se sobrando todos os setenta e seis anos.

Independentemente dos dias regularmente isentos com esta forma de ano, o dia dois do mês boedromion estava sempre de sobra, porque era esse dia segundo a fábula, que Netuno e Minerva haviam disputado a Ática. É por isso que se vê em Plutarco a data da batalha de Platéia transportada ora para o dia 3 ora para o dia 4 desse mês, de acordo com a atenção ou não pelo dia isento.

Pensamos, para comodidade dos leitores, dever juntar aqui os nomes dos meses áticos, em relação com os nossos, com a nota dos meses intercalados e dos dias isentos, de maneira a apresentar um quadro perceptível:

Hecatombeon — começando na lua nova, a mais próxima do solstício do verão, correspondendo na maior parte a Julho

Metageitnion,..... Agosto

Boedromion, o 3 isento..... Setembro

Memacterion..... Outubro

Pianepsion. o 6 jsento..... Novembro

Poseidon..... Dezembro

Gamelion, o 9 isento..... Janeiro

Anthesterion..... Fevereiro

Elafebolion, o 12 isento..... Março

Muniquion..... Abril

Thargelion. o 15 isento..... Maio

Scirroforion..... Junho

O período de Méton começava no primeiro ano da octogésima-sétima Olimpíada, 432 anos antes de Cristo. Assim, no terceiro ano dessa Olimpíada intercalavam um décimo-terceiro mês. Chamava-se o segundo Poseidon, intercalado depois do primeiro, em seguida no primeiro ano da octogésima-oitava Olimpíada, depois na quarta e assim por diante na ordem que demonstramos acima.

CAP. LXVI — Além dos escritores que Plutarco citou nesta passagem, vários outros ainda, concordam com este casamento e com os filhos que nasceram. É verdade que havia em Atenas uma antiga lei. devida a Cécrops, para interditar a poligamia. Mas Jerónimo, o Ródio. citado por Plutarco, transportou um decreto do povo de Atenas, levado no tempo de Sócrates, pelo qual era permitido, atendendo a despovoação atual, de tomar uma concubina. cujos filhos seriam cidadãos. É lamentável termas perdido o fragmento de Panécio ao qual Plutarco aqui se refere. Pois a autoridade de Aristóteles, baseando-se pelos escritores posteriores, é muito fraca, pois o trabalho sobre a nobreza, já era visto como apócrifo no tempo de Plutarco.

Diógenes Laércio, que fez esta Mirto, filha de Aristides, cometeu um erro que Ateneu procurou corrigir. Pois Aristides morreu velho, no segundo ano da septuagésima-oitava Olimpíada e Sócrates nasceu no terceiro ano da septuagésima-sétima Olimpíada. Como então unia filha de Aristides, já em idade de casar quando seu pai morreu, poderia dar filhos a Sócrates, na idade viril? Ateneu quer que seja filha de um outro Aristides, posterior àquele que foi denominado o Justo, mas a dificuldade não é a mesma com relação a Plutarco que a dá por sua neta. Quanto ao que Amyot traduz de Plutarco: — Lisimaco, filho da filha ou do filho de Aristides, sente-se bem que era impossível que Demétrio propondo ou o povo aplicando um decreto a respeito, tivesse ignorado qual era seu pai ou sua mãe. Também Plutarco não deixou aqui nenhuma alternativa, disse: filho da filha de Aristides. Plutarco não cita também Lisimaco com relação à pensão alimentar do trióbolo. É questão aqui, somente de sua mãe e de sua tia.

CAP. LXVII — Harmódio e Aristogiton deram o primeiro golpe na tirania dos Pisistrátidas, matando Hiparco, filho de Pisístrato. no terceiro ano da sexagésima-sexta Olimpíada. Hípias seu irmão mais velho, manteve-se ainda quatro anos e foi expulso por Clistènio. da raça dos Almeõnidas. ajudado por toda sua família e pe los lacedemônios. Erigiram então, estátuas a Harmódio e a Aristogiton, que haviam sido as vítimas da liberdade de sua pátria, nos três quartos da sexagésima-sétima Olimpíada, época da expulsão dos reis de Roma.

SOBRE A VIDA DE CATÃO O CENSOR

CAP. XVII — A autoridade de Dacier era muito grave e a do abade Brotier dava-lhe muito valor a nosso pesar, para não deixar subsistir esta tal qual foi escrita por uma mão habituada há tanto tempo e com tanto sucesso a levar a flama da erudição e da crítica às trevas da antiguidade, cujos trabalhos; suspensos devido aos cuidados necessários à sua saúde, não podem deixar de excitar os desejos e o pesar do povo. Mas, depois de haver rendido esta homenagem de nosso respeito e estima a nosso ilustre predecessor, cremos ser nosso dever expor aqui a nossa opinião.

Não cremos que falte aqui uma negação: 1." porque os autores de comédias ou de dramas satíricos estavam habituados a fantasiar os caracteres dos deuses e dos heróis da fábula, para fazer nascer o ridículo pelos contrastes como veem especialmente nos Sapos e nos Pássaros de Aristófanes com relação a Baco e a Hércules, é muito provável que algum escritor desse gênero, haja emprestado a Ulisses esse pesar ridículo pelo seu chapéu e seu cinto, em uma peça conhecida no tempo de Catão e para nós perdida também como tantas outras. 2.° Muito mais ainda, porque sem recorrer a esta suposição, a frase não parece ser muito grega e ter esse significado muito natural. Políbio quer, diz Catão, evadido como Ulisses do antro do

ciclope, aí voltar para procurar seu chapéu e seu cinto que havia esquecido. A comparação com Ulisses não gira senão sobre a primeira parte da frase, não pode aplicar senão sobre este objeto que não precisa negação. Para a fazer recair na segunda parte e justifi car a negação, precisaria que Ulisses com efeito esquecesse seu chapéu e seu cinto na caverna de Polifêmio E é do que não se faz menção em nenhuma obra desta fábula.

CAP. XXXV —. O Pe. Pétau coloca a morte de Cipião, o Africano, um ano mais tarde, de acordo com a autoridade de Tito Lívio, diz ele, e de Políbio. Isso é verdade quanto a Políbio, segundo Tito Lívio, mas quanto a este aqui, diz formalmente o contrário e prova-o, observando o que Plutarco diz mais acima, que Catão nomeou príncipe do senado a Valério Placo, pelo que se supõe que Cipião já estava morto, pois era ele quem gozava esta honra havia dez anos.

CAP. LIII — Jamais os cartagineses foram aliados dos romanos, nem da maneira completa que os gregos chamavam aliança ofensiva e defensiva, nem da maneira incompleta que chamavam aliança defensiva somente. Eram, diz Plutarco, os povos conciliados por um tratado que fixa seus direitos e suas pretensões respectivas.

(Anotações dos comentadores franceses).

VOLUME IV

Filopêmene

SUMÁRIO DA VIDA DE FILOPÊMENE

I. Nascimento de Filopêmene e sua educação por Cassandro. II. Instrução de sua juventude pelos filósofos Ecdemo e Demófanes. III. Qualidades exteriores de sua personalidade. IV. Seu caráter e suas inclinações. V. Suas primeiras campanhas e outras ocupações. VI. Escolha de suas leituras, o que procurava e como o aplicava. VII. Vai em socorro de Megalópolis; conselho que da aos megalopolitanos. VIII. Primeira façanha de Filopêmene. IX. É ferido por um dardo, que lhe atravessa as coxas. Admirável coragem que demonstra nessa ocasião. X. Seu elogio por Antígono, que lhe propõe ficar ao seu lado. XI. Após uma viagem a Cândia, Filopêmene volta à Acadia, onde é nomeado comandante da cavalaria. Sua conduta nesse posto. XII. Mata, num combate, Demofanto. Ideia da liga dos aqueus. XIII. Modificações introduzidas por Filopêmene nas armaduras e nos exercícios militares., XIV. Desvia para a magnificência dos equipamentos militares o gosto que os aqueus tinham pelo luxo. XV. Acostuma-os aos exercícios militares. XVI. Alcança uma grande vitória sobre Macânidas, tirano dos lacedemônios. XVII. Mata-o por suas próprias mãos em combate singular. XVIII. Honra que lhe é prestada nos jogos nemeus. XIX. O conceito em que os aqueus e os estrangeiros tinham Filopêmene. XX. Liberta a cidade de Messena, ocupada pelo tirano Nábis, sucessor de Macânidas. XXI. Segue para Cândia, a pedido dos gortínios. XXII. Os habitantes de Megalópolis, descontentes com a sua partida querem bani-lo, sendo disso dissuadidos? por Aristêneto. XXIII. É vencido por Nábis num combate naval.’ XXIV. Desforra-se por duas vezes, com poucos dias de intervalo. XXV. Incorporará a Lacedemônia na liga dos aqueus. XXVI. Recusa o presente de grande valor que os lacedemônios lhe enviam. XXVII. Defende a cidade de Esparta contra Flamínino e contra Diófanes. XXVIII. Trata com grande severidade a cidade de Lacedemônia. XXIX. Lamenta-se por não ser pretor dos aqueus. XXX. Opõe-se a ascendência dos romanos sobre os aqueus. XXXI. Ataca Dinócrates. XXXII. !É aprisionado. XXXIII. E encerrado num cárcere. XXXIV. Dor dos aqueus e planos que fizeram diante dessa notícia. XXXV. Dinócrates manda envenená-lo. XXXVI. Como os aqueus vingam a sua morte. Seus funerais. XXXVII. Honras prestadas à sua memória.

Do ano 501 ao ano 571 de Roma, ou 183 A. C.

I. Na cidade de Mantinéia vivia outrora um cidadão chamado Cassandro{785}, pertencente a uma das mais nobres e antigas famílias locais, e cuja reputação e autoridade no trato dos negócios públicos eram, em seu tempo, maiores do que os de qualquer outra pessoa. Todavia, a fortuna tornou-se-lhe depois adversa, de modo que foi expulso de seu país, retirando-se para a cid ade de Megalópolis{786}, para onde o levou principalmente a amizade que o ligava a Crausis{787}, pai de Filopêmene, homem excelente, liberal e magnânimo afeiçoado à sua terra. Enquanto Crausis viveu, Cassandro foi por ele tão bem tratado que nada lhe faltou. Após sua morte, querendo retribuir-lhe a boa acolhida e o amistoso tratamento que recebera, criou e educou o seu filho, que ficara órfão, da mesma maneira como Aquiles foi criado e educado pelo velho Fênice{788}, segundo conta Homero. O caráter do menino tomou logo uma feição verdadeiramente generosa, fazendo a sua educação, que era digna de um príncipe, grandes progressos.

II. Ao sair da infância, Eudemo e Demófanes{789}, ambos megalopolitanos, tomaram-no sob os seus cuidados. Eram dois filósofos, que tinham assistido às aulas de Arcesilau, na escola da Academia, e que depois, tanto ou mais do que qualquer outra pessoa de seu tempo, aplicaram os seus conhecimentos de filosofia na política e no trato das grandes questões. Com efeito, libertaram a sua cidade da tirania de um Aristódemo, que a mantinha sob o jugo da servidão, instigando contra ele aqueles que o vieram a matar; auxiliaram Arato a expulsar de Sicião o tirano Nicocles; e, a pedido dos cireneus, afligidos por comoções e divergências intestinas, foram a Ci rena, onde estabeleceram boas leis e uma excelente forma de governo. No entanto, consideravam como uma de suas mais belas ações a criação e a educação de Filopêmene; e, instruindo uma personalidade de tal natureza nos preceitos da filosofia, acreditaram ter prestado a toda a Grécia um grande serviço. E também, na verdade, a Grécia o amou singularmente como o último homem de virtude que produziu em sua velhice, depois de tantos grandes e renomados capitães, e aumentou-lhe a autoridade e poderio, à medida que sua glória crescia. Houve mesmo um romano que, para elogiá-lo devidamente, chamou-o o último dos gregos, como se quisesse dizer que, depois dele, a Grécia jamais possuíra um grande homem digno dela.

III. No que se refere a sua pessoa, Filopêmene não era feio de rosto, como dizem alguns; e isto se pode verificar ainda hoje pelo seu retrato de corpo inteiro{790} existente na cidade de Delfos. E quanto ao que dizem de uma sua hospedeira, na cidade de Mégara, a qual o tomou por um criado, isso aconteceu per não ter ele muito cuidado consigo, por vestir-se sempre muito simplesmente. Esta sua hospedeira, tendo sido avisada de que o comandante-geral dos aqueus ia hospedar-se em seu albergue, muito se preocupou, atormentando-se mesmo, em preparar-lhe a ceia, pois aconteceu que seu marido, na ocasião, não se encontrava em casa. E quando Filopômene chegou, trazendo um velho capote, ela, vendo-o nesse traje, pensou que fosse um de seus servidores enviado com antecedência para preparar as acomodações. Pediu-lhe, então, que a ajud asse nos serviços da cozinha; e ele, tirando incontinente o Capote, pôs-se a rachar lenha. Mas nesse ínterim, o marido chegou, e, vendo-o tão ocupado, perguntou-lhe: "Oh! que significa isto, senhor Filopêmene?" "Significa apenas, responde em sua língua dórica, que estou pagando por não ser um belo rapaz, nem homem de bela aparência", É verdade que Tito Quíncio lhe disse um dia, querendo, segundo parece, caçoar do jeito do seu corpo: "Filopêmene, tens belas mãos e belas pernas, mas não tens ventre". Isto foi dito porque ele era muito delgado na parte baixa do corpo. Todavia, parece-me que esta caçoada se dirigia antes à qualidade de seu exército, e não ao seu corpo, e isto porque, embora tivesse bons soldados a pé e a cavalo, faltava-lhe quase sempre dinheiro para mantê-los e alimentá-los. Trata-se de coisas que se contam nas escolas a propósito de Filopêmene.

IV. Quanto à sua índole e ao seu caráter, parece que a sua ambição e o desejo que tinha de alcançar honras através de suas ações, não estavam isentos de certa teimosia e de certo rancor. Querendo, seguir em tudo o exemplo de Epaminondas, seu modelo, ele imitou bem o

seu espírito empreendedor, a’ sua prudência e a sua extrema preocupação em não se deixar corromper c nem ser dominado pelo dinheiro. No entanto, nas disputas e nas pendências que ocorrem na vida civil, ele não conseguiu, às vezes, conter-se nos limites da ponderação, da paciência e da benevolência; e assim se desmandava frequentemente, por cólera e por obstinação. Nestas ocasiões, parecia que era possuidor, mais de qualidades de bom capitão, para a guerra, do que de sábio governante, para a paz. Desde a infância, ele sempre procurou a companhia dos guerreiros e das armas, e demonstrava o maior entusiasmo pelos exercícios do corpo mais indicados para iniciá-lo na arte militar, como esgrimir, voltear e picar cavalos. E à medida que se tornava mais aparente a sua inclinação natural para a luta, os seus amigos, e todos os que dele cuidavam, aconselhavam-no a se entregar às pelejas. Filopêmene perguntava-lhes, então, se a vida seguida por aqueles que se dedicavam aos exercícios de ginásio não viria constituir um empecilho aos exercícios da guerra. Responderam-lhe que o comportamento pessoal e a maneira de viver dos atletas, e de todos os que se dedicavam a atividades semelhantes, eram em tudo e por tudo diferentes’ da vida seguida por um bom homem de guerra, mesmo quanto aos seus exercícios habituais; pois os atletas se preocupavam em manter e aumentar o seu peso, dormindo, bebendo e comendo continuamente, trabalhando e repousando a horas certas, sem delas se afastar um só minuto; e corriam sempre o risco de perder a força e a rijeza do corpo, caso fizessem o menor excesso ou saíssem de seus hábitos, por pouco que fosse. Ao contrário, o;; homens de guerra deviam ser habituados e estar preparados para as diversidades e desigualdades de vida, bem como deviam aprender desde a mocidade a suportar facilmente a falta de todas as coisas necessárias à existência, e acostumar-se a passar noites sem dormir. Filopêmene, após ouvir o que lhe diziam, desistiu de todos os exercícios de ginásio e deles passou a zombar; e, quando se tornou chefe do exército, aplicou-se, cobrindo-os de opróbrios e injúrias, em extinguir inteiramente a sua prática, pois tornava inúteis para o trabalho e os combates necessários à defesa de seu país os corpos dos homens, os quais, de outro modo, seriam todos aptos e úteis.

V. Entrementes, logo que ficou livre do domínio dos mestres e mentores, e que começou a fazer uso das armas, participando das incursões realizadas pelos guerreiros de Mantinéia na terra dos lacedemônios, com o fito de apanhá-los de surpresa ou pilhar algo, acostumou-se a ser sempre o primeiro a partir e o último a voltar. E quando estava inativo, em tempo de paz ou de trégua, enrijava o corpo e o tornava disposto, ágil e robusto, entregando-se à caça ou cultivando a terra, pois possuía uma bela propriedade, distante apenas vinte estádios da cidade, para onde se dirigia geralmente após o jantar ou a ceia. Chegada a noite, atirava-se sobre uma pobre enxerga, e ali repousava, como o faziam os seus mais humildes empregados. E, ao alvorecer, ia com os vinhateiros trabalhar nas vinhas, ou com os lavradores dirigir a charrua. Retornava depois à cidade, onde tratava dos negócios públicos com seus amigos, ou com os funcionários e magistrados. Tudo o que conseguia poupar ou ganhar na guerra, ele o despendia na compra de belos cavalos ou na confecção de ricos arneses, ou ainda com o resgate de seus concidadãos que haviam sido aprisionados na guerra. Quanto aos seus bens, procurava conservá-los e aumentá-los unicamente através da renda da terra cultivada, pois era o meio que julgava mais reto e justo. E não se dedicava a esse trabalho apenas para passar o tempo, à maneira de divertimento; mas nele se aplicava com grande solicitude, persuadido de que todos os homens de honra devem trabalhar para a boa administração’ e ampliação de seus bens, não tendo assim ocasião de apetecer ou usurpar o alheio.

VI. Ele gostava de instruir-se, e lia os livros dos filósofos. Não todos, é verdade, mas somente aqueles que o pudessem ajudar a tornar-se cada vez mais virtuoso; e, de Homero, não lia senão as passagens que lhe pareciam capazes de tocar o coração dos homens, levando-os ao amor dos grandes feitos. Entre todas as leituras, porém tinha particular inclinação pelos livros de Evangelho{791}, que ensinava a arte e a maneira de conduzir as batalhas, e também pelas narrativas dos feitos e gestos de Alexandre, o Grande. Dizia que as palavras deviam ter sempre a ação como objetivo; a não ser que se quisesse falar por puro prazer, atirar palavras ao ar sem nenhum proveito. Não se contentava em ver nos livros sobre a arte de preparar e conduzir as batalhas os exemplos e os planos reproduzidos em figuras, mas queria adquirir experiência e ter as provas do exposto no próprio campo de ação. Deste modo, quando o seu exército marchava em ordem de batalha, ele estudava e observava, cuidadosamente, as elevações e as depressões do terreno, bem como as formas diversas que toma um combate

quando travado num vale ou numa região cortada per rios, fossos ou desfiladeiros; e verificava quando era necessário que as forças se distendessem ou se concentrassem. E depois de estudar todas estas coisas, discutia-as com os que estivessem perto dele. Sem dúvida nenhuma, Filopêmene foi no mundo um dos homens que mais prezaram a arte militar, e chegou mesmo a levar muito longe a sua paixão pelas armas. Considerava a guerra como o mais amplo campo e o objeto mais favorável que a virtude poderia encontrar para exercitar-se, a ponto de desprezar, como gente completamente inútil, aqueles que não seguiam a carteira militar.

VII. Já estava Filopêmene com trinta anos de idade{792}, quando, uma noite, Cleômenes, rei dos lacedemônios, atacou subitamente a cidade de Megalópolis: e tal foi o seu ímpeto, que dominando a guarda, penetrou até à praça pública. Filopêmene acorreu em socorro de seus concidadãos; mas, não obstante os esforços prodigiosos que desenvolveu, e todos os perigos a que se expôs, não conseguiu rechaçar o inimigo. Conseguiu, no entantr dar aos megalopolitanos o tempo necessário para se porem a salvo e saírem da cidade, contendo aqueles que o perseguiam e atraindo Cleômenes, Foi o último a sair e só o fez depois de enfrentar grandes dificuldades e de ver, já ferido ele próprio, o seu cavalo cair morto. Alguns dias depois, quando Cleômenes soube que os megalopolitanos tinham se retirado para Messena, mandou-lhes dizer que estava disposto a restituir-lhes a cidade, com todas as suas riquezas e bens. Filopêmene, vendo que seus concidadãos estavam muito alegres cem a notícia, e se mostravam dispostos a regressar imediatamente, dissuadiu-os de seu propósito, tornando claro que Cleômenes não desejava devolver-lhes Megalópolis, mas sim ‘assenhorear-se também deles, para dominar com maior segurança a cidade, na previsão de que ali não poderia permanecer sempre para guardar muralhas e casas vazias, e de que acabaria sendo constrangido a partir. Estes argumentos contiveram os megalopolitanos, mas também serviram de pretexto a Cleômenes para queimar e destruir uma grande parte da cidade, da qual levou uma rica presa.

VIII. Algum tempo depois, o rei Antígono veio em socorro dos aqueus, marchando contra Cleômenes, que havia ocupado os pontos mais altos das montanhas da Selásia e todos os desfiladeiros. O soberano dispôs seu exército em linha de batalha, disposto a atacar e dominar o adversário, se possível. Filopêmene achava-se, com os megalopolitanos, na cavalaria do rei, ao lado dos ilírios, bons combatentes a pé, e que, sendo muito numerosos, formavam a retaguarda de todo o exército. Tinham estes recebido ordens no sentido de não fazer qualquer movimento, até que, da ala onde se encontrava o rei, tivesse sido erguida, atada na ponta de uma lança, uma cot a d’armas vermelhas. Entretanto, não obstante tal ordem, os ilírios não tiveram a paciênci a de esperar, e decidiram tentar dominar os lacedemônios, que ocupavam as alturas das montanhas. Os aqueus, ao contrário, permaneceram firmes em seu lugar, obedecendo à ordem recebida. Euclidas, irmão de Cleômenes, vendo a infantaria separada da cavalaria, ordenou incontinente aos elementos mais dispostos e possuidores de armas leves que avançassem, a fim de carregar, pela retaguarda, contra os ilírios, e obrigá-los a retroceder, pois que não contavam com o apoio de cavalaria. Essa ordem foi executada e a infantaria ligeira de Euclidas forçou os ilírios a recuarem em desordem. Filopêmene, vendo que não seria difícil carregar sobre a infantaria ligeira e forçá-la a retirar, e que havia chegado o momento de agir, procurou os oficiais do rei para fazer-lhe essa sugestão. Entretanto, os oficiais, não querendo sequer ouvi-lo, fizeram pouco caso de seus argumentos e trataram-no como a um insensato, e isto porque ele não tinha ainda adquirido estima e reputação bastantes para que o considerassem homem capaz de conceber e executar manobra tão ousada. Filopêmene, então, pondo-se, sozinho, à frente de seus concidadãos, atacou a infantaria ligeira de Euclidas, que, no meio da maior desordem, acabou pondo-se em fuga, sendo grande a carnificina.

IX. Para encorajar ainda mais os soldados do rei Antígono e castigar com maior rigor o inimigo, enquanto a desordem reinava em suas fileiras, Filopêmene deixou seu cavalo, e, caminhando a pé, avançou através de caminhos tortuosos, cortados por torrentes e cheios de

depressões, protegido por uma couraça de cavaleiro e conduzindo suas armas, todas muito pesadas. Pôs-se assim a combater com grande pena e dificuldade e, não demorou muito, teve as duas coxas transpassadas por um dardo. O ferimento apesar de não ser mortal, era muito grande, pois o ferro atravessou-lhe as pernas de lado a lado, tal a violência do golpe. Ele ficou imobilizado no chão, como se lhe tivessem atado cadeias nos pés, e não sabia o que fazer. A correia do dardo, utilizada para o seu arremesso, causava-lhe grandes dores quando se tentava tirá-lo pelo lado que lhe penetrara nas coxas. E, entre os presentes, ninguém ousava mais tocar no ferro. Entretanto, o combate estava no auge e, como poderia terminar a qualquer momento, Filopêmene, tomado de impaciência, e ansioso por lutar, tantos movimentos fez com as pernas, avançando uma e recuando a outra, alternativamente, que conseguiu partir a haste do dardo em duas partes, as quais mandou retirar, cada uma por sua vez. Apenas de novo com os movimentos livres, avançou, com a espada na mão, entre os combatentes, e atingiu logo as primeiras filas, a fim de enfrentar o inimigo; e. com o seu exemplo, inspirou aos megalopolitanos tanta coragem, que todos quiseram imitar a sua proeza.

X. Antígono, após a vitória, quando soube da verdade, perguntou aos seus oficiais macedônios quem havia feito avançar a cavalaria, antes de tal coisa ter sido ordenada. Os macedônios responderam que haviam ordenado a carga contra sua vontade, e isto porque um jovem cavaleiro megalopolitano dera início ao ataque antes do tempo, à frente de sua companhia. Antígono disse-lhes, então, rindo: "O jovem cavaleiro a quem vos referis conduziu-se como um grande e valoroso capitão". Este feito de armas, juntamente com a observação do rei, como é fácil de imaginar, fez com que Filopêmene adquirisse logo grande celebridade. Antígono, que desejava colocá-lo a seu serviço, ofereceu-lhe com insistência um comando em seu exército, bem como grandes riquezas. Mas Filopêmene recusou tal convite, pois, conhecendo bem a sua própria natureza, sabia que lhe seria muito difícil obedecer e ficar sob o comando de um estranho.

XI. Todavia, como não quisesse permanecer ocioso, sem nada ter que fazer, tomou um navio e rumou para a ilha de Cândia, onde sabia haver guerra, o que lhe permitiria exercitar-se e tornar-se cada vez mais conhecedor da carreira das armas. E depois de permanecer durante muito tempo entre os candiotas, bons combatentes e senhores de todos os segredos da guerra, e, além disso, muito sóbrios e acostumados a uma vida austera, voltou à Acaia. A sua reputação tornara-se tão grande e o seu nome tão estimado que foi logo nomeado, pelos aqueus, comandante da cavalaria. Ao assumir o seu cargo, verificou que os cavaleiros estavam muito mal montados. Com efeito, possuíam cavalos pequenos e sem valor, que arranjavam ao acaso, quando tinham de partir para uma expedição. Além disso, eximiam-se quase sempre de seguir eles próprios para o combate, mandando outras pessoas em seu lugar. E a quase todos faltavam coragem e experiência no que respeita às coisas da guerra. Os seus generais não cuidavam de acabar com estes abusos, porque, entre os aqueus, os cavaleiros eram muito poderosos, tendo o poder de distribuir punições e reco mpensas, motivo por que ninguém queria ofendê-los. Filopêmene, porém, evitou seguir tal exemplo, e resolveu fazer aquilo que julgava ser o seu dever. Começou a percorrer todas as cidades, onde encorajava e concitava os jovens a se tornarem senhores da arte de bem montar, punindo-os quando necessário. Fazia-os participar de demonstrações, torneios e combates simulados, nos próprios lugares onde sabia que se reuniria o maior número de espectadores. Assim agindo, tornou-os em pouco tempo admiravelmente robustos e corajosos, e, o que é mais importante, ágeis e ligeiros em seus cavalos, uma das condições principais para os combatentes se manterem em boa ordem e se conservarem em seus postos, no desenrolar da batalha. E em todas as evoluções e movimentos, quer os de esquadrão em conjunto, quer os de cavaleiros isolados, o hábito dos exercícios lhes dera tão grande eficiência que toda a tropa parecia constituir apenas um corpo, seguindo um movimento livre e voluntário, não importa o lado para onde se dirigissem.

XII. Numa grande batalha que os aqueus travaram com os etólios e os eleenses, ao longo do

rio Larisso. Demófanto, comandante da cavalaria etólia, separando-se dos seus soldados, lançou-se sobre Filopê mene. Este, aceitando a luta, foi ao seu encontro, e contra ele desferiu um golpe com tal violência que o prostrou morto. Os combatentes inimigos, vendo que Demófanto não se movia, puseram-se em fuga. Este feito tornou ainda maior a fama de Filopêmene, reconhecendo todos que ele não cedia em coragem e firmeza aos mais jovens, e nem em prudência e sabedoria aos mais velhos, na arte de bem conduzir uma batalha. É verdade que o primeiro a elevar a comunidade dos aqueus a um alto grau de poderio e dignidade foi Arato. Antes dele, pouco fora feito, e isto porque cada cidade cuidava apenas de seus interesses. Arato promoveu a sua união, estabelecendo para todas um governo baseado nos princípios da honestidade e digno de uma nação grega. Quando, no leito dos rios e riachos, qualquer coisa, por pequena que seja, imobiliza-se num ponto qualquer, tudo o que as águas arrastam a ela vai se juntando; e assim vai se formando, aos poucos, um corpo que incessantemente ganha volume e consistência. Do mesmo modo, a Grécia, cujas cidades estavam separadas umas das outras, achava-se num estado de fraqueza que a expunha a uma ruína total. Os aqueus foram os primeiros a se reunir, atraindo depois as outras cidades da vizinhança: ajudavam umas a se livrarem da opressão dos tiranos, e conquistavam outras com o seu exemplo de união e concórdia, com a excelência de seu governo. Tinham desta maneira a intenção de reunir todos os povos do Peloponeso num único corpo e numa só potência. Mas enquanto Arato viveu, eles ficaram, de certo modo, na dependência das armas dos macedônios, permanecendo ligados primeiramente a Ptolomeu, e depois a Antígono e a Filipe, que intervinham e participavam de todos os negócios da Grécia. Entretanto, quando Filopêmene se colocou à frente do governo, ocupando o primeiro lugar entre os aqueus, estes passaram a sentir-se capazes de resistir às nações mais poderosas, e deixaram de marchar sob bandeiras de outros povos, bem como de servir-se de governantes e capitães estrangeiros. Arato, que não tinha, segundo parece, as qualidades necessárias para ser um grande general, deveu, como mostramos, com pormenores, em sua vida, à sua afabilidade, ao seu espírito cortês, às relações de amizade que mantinha com os reis, o êxito da maior parte de seus empreendimentos.

XIII. Entretanto, sob o governo de Filopêmene, homem valoroso e ousado, que granjeou fama logo nos seus primeiros combates, saindo-se bem de suas empresas, os aqueus redobraram de coragem ao ver que, sob sua direção, derrotavam sempre os inimigos e que o seu poderio era cada vez maior. Logo após assumir suas funções, Filopêmene modificou o modo de dispor as tropas para a batalha usado pelos aqueus, bem como suas armaduras. Até então usavam pequenos escudos muito leves; e tão estreitos e delgados eram que não lhes cobriam o corpo todo. Suas lanças eram muito mais curtas que os piques dos macedônios; e, se a sua leveza as tornava próprias para as escaramuças e combates a distância, o mesmo não acontecia na luta corpo a corpo, na qual o inimigo tinha nítida vantagem sobre eles, E quanto a ordenação das tropas para a batalha, eles não estavam acostumados ao chamado sistema de caracol ou espiral{793}. Serviam-se somente da falange quadrada, que não tinha uma frente propriamente dita, na qual pudessem cerrar seus escudos e juntar as lanças das diversas fileiras, como faziam os macedônios, para que os soldados desferissem seus golpes ao mesmo tempo. E como não o fizessem, eram facilmente separados uns dos outros e repelidos. Filopêmene tratou de corrigir logo estas deficiências, persuadindo-os a substituírem os seus escudos e lanças curtas ou chuços per tarjas e piques, e a protegerem as cabeças com morriões, os corpos com couraças e as coxas com boas escarcelas. E, a fim de que não corressem de um lado para outro e se movimentassem como tropas ligeiras, ele os ensinou a combater com firmeza, sem recuar ou ceder.

XIV. Filopêmene armou também todos os jovens que se achavam em idade de prestar serviço militar; e. convencendo-os de que poderiam tornar-se invencíveis, infundiu-lhes grande coragem e confiança. Em seguida, fez com que moderassem o seu luxo excessivo e suas despesas com coisas supérfluas; pois não teria sido possível tirar-lhes inteiramente a inclinação por determinados prazeres, nem a sua vaidade. Gostavam, com efeito, de trajes ricos, de guarnecer suas casas com leitos e tapeçarias suntuosas, bem cano de mesas servidas com opulência e refinamento. Para desviar esta inclinação pelas coisas supérfluas e o seu amor ao luxo para as coisas úteis e honestas, ele procurou persuadi-los a diminuírem um pouco as despesas com suas próprias pessoas, tanto no que se refere às roupas cemo à mesa,

a fim de, com o que poupassem, mostrarem-se magnificentes no que respeita às suas armas e a todos os equipamentos de guerra. Viram-se logo as oficinas dos alfagemes encherem-se de taças e de vasos preciosos, os quais eram reduzidos a pedaços, a fim de serem fundidos e transformados em couraças, escudos e freios dourados ou prateados. Nas liças e outros lugares adequados se viam cavalos novos que eram domados e amestrados, e jovens que se exercitavam na arte da guerra. E nas mãos das mulheres não se viam senão capacetes, nos quais colocavam penachos das mais variegadas cores, cotas d'armas e capas militares que bordavam para os cavaleiros. A visão destas coisas tornava maior a audácia dos jovens, aumentava o seu desejo de praticar grandes feitos e arrostar os perigos da guerra; pois a verdade é que a superfluidade e a suntuosidade de certos outros espetáculos atraem secretamente as vontades dos homens, levando-os ao amor do luxo, e tornando o espírito daqueles que os procuram frouxo e efeminado. É uma irritação e como um prurido dos sentidos, por assim dizer, que quebram e adormentam toda a força da alma; mas, ao contrário, quando esta magnificência tem por objeto os equipamentos bélicos, ela a fortalece e engrandece. Assim Homero{794} nos descreveu Aquiles que, vendo as armas para ele forjadas por Vulcano, a pedido de sua mãe, não se continha, ardia no desejo de usá-las.

XV. Depois que Filopêmene levou a juventude da Acaia a apreciar a tal ponto as coisas da guerra, começou a exercitá-la continuamente no manejo das armas; e inspirou-lhe tanta emulação e ardor que ela obedecia com prazer a todas as ordens, executando de bom grado todos os movimentos por ele ensinados. Acharam os jovens aqueus magnífica a nova disposição das forças para a batalha; verificaram que, combatendo com as fileiras cerradas, muito mais dificilmente estas seriam rompidas. E, como traziam constantemente suas armas, começaram a achá-las mais leves e de mais fácil manejo, e grande era o seu prazer em vê-las e em as exibirem, belas e ricas como eram. Por tudo isto, ansiavam pelo dia em que pudessem experimentá-las e usá-las contra seus inimigos.

XVI. Os aqueus estavam então em guerra com Macânidas, tirano da Lacedemônia, que, com tão grande e poderoso exército, procurava por todos os meios tornar-se senhor absoluto de todo o Peloponeso. Logo que se soube ter ele penetrado em território de Mantinéia, Filopêmene, sem perda de tempo, pôs-se à frente de suas tropas, indo ao seu encontro. Os dois exércitos tomaram posição, em ordem de batalha, perto da cidade{795}. Ambos possuíam, além dos combatentes do país, numerosos soldados estrangeires. Mal se iniciara o combate, Lacânidas, com seus combatentes estrangeiros, atacou-o com tal violência os arqueiros da vanguarda do Sército dos aqueus, que os pôs em fuga. Mas em vez de cair imediatamente sobre o grosso das forças do adversário, a fim de tentar romper as suas fileiras, ele começou a perseguir os fugitivos, por divertimento. Passou, assim, ao longo da formação dos aqueus, que permaneciam firmes em seus postos. Um tão grande revés, no começo da batalha, fez a princípio acreditar que tudo estivesse perdido para os aqueus. Mas Filopêmene, dissimulando o seu pensamento, deu a entender que o, ocorrido não tinha grande importância. Quando percebeu, logo depois, o grande erro cometido pelo adversário, deixando sua falange desprotegida para entregar-se à perseguição dos fugitivos, não pensou sequer em contê-los. E, no momento em que viu estarem eles a uma grande distância, caiu inopinadamente sobre os flancos da infantaria lacedemônia. Esta, vendo Macânidas perseguir a todo galope os arqueiros em fuga, supôs que não tinham mais de combater e que a vitória já fora alcançada. Não contando com o seu comandante e desprovida de cavalaria, foi desbaratada, sendo grande a carnificina. Afirma-se que mais de quatro mil homens tombaram no campo de batalha.

XVII. Após derrotar a infantaria lacedemônia, Filopêmene foi ao encontro de Macânidas, que regressava da perseguição aos arqueiros, com seus soldados estrangeiros. Mas aconteceu que entre ele e o tirano havia um fosso largo e profundo, cujas bordas se puseram a percorrer durante certo tempo, um para atravessá-lo e fugir, outro para impedir a fuga de seu inimigo. Vendo-os, dir-se-ia que eram, não dois capitães, que se enfrentavam, mas animais ferozes reduzidos à necessidade de se defenderem. Ou melhor: Filopêmene assemelhava-se a um

caçador hábil que não abandonava nem por um momento a sua presa. Entretanto, em dado momento, o cavalo do tirano, que era vigoroso e cheio de arder, sentindo-se picado pelas esporas em ambas as virilhas, a ponto de sangrar, aventurou-se a atravessar o fosso; e, aproximando-se de uma das bordas, ergueu-se sobre as patas traseiras para lançar-se ao outro lado. Neste momento, Símias e Polieno, que em todos os combates costumavam permanecer ao lado de Filopêmene, a fim de protegê-lo com os escudos, correram com suas lanças para impedir que o cavalo saltasse. Mas Filopêmene tomou-lhes a dianteira, avançando contra Macânidas; e, vendo que o cavalo do tirano, mantendo a cabeça erguida, protegia-lhe o corpo, desviou um pouco o seu, para logo em seguida arremessar com tal violência a sua lança que o adversário caiu morto no fosso. Os aqueus, para comemorar esta grande proeza e a conduta de Filopêmene em toda a batalha, o que os encheu de admiração, mandaram-lhe erguer uma estátua de bronze, no templo de Apolo, em Delfos.

XVIII. Conta-se que Filopêmene, eleito, pela segunda vez comandante dos aqueus, pouco tempo depois da batalha de Mantinéia, assistia aos jogos públicos nemeus (que se celebram em honra de Hércules, perto da cidade de Argos)[796], quando, bem humorado pelo prazer que lhe era proporcionado, resolveu mostrar aos gregos, que se tinham dirigido a Neméia para presenciar a festa, o seu exército disposto em ordem de batalha, fazendo-o executar todos os movimentos que se podem tornar necessários aos combatentes, o que foi feito com grande vigor e rapidez. Depois disso, dirigiu-se ao teatro, onde os músicos, fazendo soar seus instrumentos, disputavam o prêmio de canto. Acompanhavam-no jovens trajando capas de púrpura e trazendo suas cotas d’armas, todos na flor da idade e cheios de vigor; demonstravam eles maior respeito e estima pelo seu comandante, ostentando ao mesmo tempo uma certa audácia guerreira, fruto de tantos combates gloriosos, nos quais sempre revelaram grande superioridade sobre o inimigo. E, por acaso, no momento em que entraram, o músico Pilades, que cantava os "Persas", poema de Timóteo, entoou estes primeiros versos:

A augusta liberdade, companheira da glória

É hoje, para nós, o preço da vitória.

A gravidade dos versos, realçada pela voz clara e alta do músico, fez com que os olhares dos presentes se voltassem para Filopêmene; e, logo em seguida, o teatro vibrou com os aplausos e os gritos de alegria. Os gregos, que também tinham ido ouvir os músicos, relembraram de sua antiga dignidade e reputação, e, confiantes, tal a sua animação, conceberam a esperança de reconquistá-las.

XIX. Os cavalos novos não gostam senão dos cavaleiros com os quais estão acostumados; e quando são montados por outras pessoas, eles se assustam e se perturbam. Assim, nos combates e nos perigos, quando o exército dos aqueus era comandado por outro general que não Filopêmene, mostrava-se desencorajado, e ficava sempre ansiando pela sua presença. E, quando ele aparecia no meio dos combatentes, estes recobravam a coragem e não pensavam em outra coisa senão em passar à ofensiva, tanta era a confiança que depositavam em seu comandante. Viam que de todos os capitães, Filopêmene era o único que os inimigos não ousavam olhar de frente, o único cuja glória e renome lhes inspiravam terror. Isto era fácil de verificar, em qualquer ocasião. Filipe, rei da Macedônia, persuadido de que, caso conseguisse eliminar deste mundo, por quaisquer meios, Filopêmene, faria com que os aqueus voltassem a obedecer-lhe, enviou secretamente à cidade de Argos homens com a incumbência de matá-lo à traição. Mas o seu plano foi descoberto e Filipe tornou-se objeto do ódio e do desprezo de toda a Grécia. Os beócios, um dia, assediaram a cidade de Mégara, e esperavam poder tomá-la de assalto. Subitamente circulou entre eles a notícia de que Filopêmene se dirigia à praça sitiada a fim de socorrê-la, da qual se aproximava rapidamente. A notícia era falsa, mas os beócios ficaram tão amedrontados que deixaram suas escadas encostadas às muralhas e não

pensaram em outra coisa senão em fugir.

XX. De outra feita, Nábis, tirano dos lacedemônios, que sucedeu a Macânidas, apoderou-se, à primeira investida, da cidade de Messena. Filopêmene era então um simples particular, e não tinha qualquer tropa à sua disposição. Dirigiu-se por isso a Lísipo, que era na ocasião comandante dos aqueus, para persuadi-lo a ir em socorro de Messena. Mas ele a isso se recusou, alegando que já era tarde, que a cidade estava irremediavelmente perdida, pois o inimigo nela penetrara. Diante disso, Filopêmene decidiu correr em auxílio de Messena somente com as forças da cidade. Os megaiopolitanos que não esperaram sequer pela realização de uma assembleia ou eleição, a fim de ser-lhe atribuído o comando, acompanharam-no em virtude do decreto da natureza que faz cem que seja obedecido aquele que é mais digno de comandar. Quando ele chegou às imediações de Messena, Nábis; informado do que ocorria, não ousou esperar, não obstante estar com o seu exército dentro da cidade. Saiu sem perda de tempo pela porta do lado oposto, levando as tropas consigo, e o mais rapidamente possível. Considerou-se muito feliz por poder escapar a Filopêmene; e, deste modo, a cidade de Messena livrou-se do cativeiro.

XXL Tudo o que contamos até aqui depõe, sem dúvida nenhuma, em favor da honra e da glória de Filopêmene; mas a segunda viagem que fez a Cândia, a pedido dos gortínios, os quais, estando empenhados numa guerra, queriam tê-lo à frente de suas tropas, tornou-o objeto de grandes censuras. Com efeito, tendo se ausentado no momento em que sua pátria era mais fortemente atacada por Nábis, afirmou-se que ele se retirara, ou para fugir ao combate, ou porque, numa ocasião inoportuna, estava desejoso de mostrar a sua coragem num país estrangeiro. Os megalopolitanos, seus concidadãos, vivamente acossados pelo inimigo, que, depois de devastar todo o seu território, «tinham acampado junto às suas portas, foram forçados a encerrar-se no interior das muralhas da cidade, e a semear nas praças e ruas para terem o que comer. Enquanto isso, Filopêmene, escolhido para comandar estrangeiros, combatia os Candiotas, fornecendo assim pretexto aos seus inimigos para o acusarem e dizerem que fugira da guerra que seu pais tivera de sustentar. Todavia, outras pessoas aleijavam, para justificá-lo, que, tendo os aqueus escolhido outros generais, ele tornara-se um simples particular, e quisera aproveitar-se de seu ócio para ir comandar os gortínios, que o haviam chamado com grande insistência. Acrescentavam que Filopêmene, incapaz de ficar sem nada fazer, desejava, acima de tudo, manter constantemente em exercício e. atividade as suas virtudes militares e a sua aptidão para o comando. As palavras que proferiu de uma feita sobre o rei Ptolomeu são disso uma prova. Em sua presença louvavam esse príncipe pelo seu hábito de exercitar diariamente suas tropas, e também porque procurava tornar-se ele próprio mais rijo e capaz através do manejo constante das armas. "Não é merecedor de elogios um rei que, na idade de Ptolomeu, ainda se exercita no manejo das armas; o que ele deveria fazer agora é aplicar os seus conhecimentos".

XXII. Os megalopolitanos, descontentes com a sua ausência, que passaram a considerar como uma espécie de traição, quiseram promover contra ele usar o decreto de baniment o, privando-o de seus direitos de cidadania. Mas os aqueus, para impedi-lo, enviaram a Megalópolis o seu comandante, Aristênet o, o qual, embora em divergência com Filopêmene quanto a questões de governo, não concordava de nenhum modo com o seu desterro. Filopêmene, vendo depois que seus concidadãos não mais faziam caso dele, irritou-se, e fez com que várias pequenas cidades e aldeias das vizinhanças de Megalópolis, se sublevassem, insinuando-lhes que outrora não estavam sob a dependência dos megalopolitanos, e não lhes pagavam impostos. E defendeu ele próprio as pretensões dessas localidades, justificando-as abertamente, e contrariando os interesses de Megalópolis perante o Conselho da liga dos aqueus. Mas estas coisas só se verificaram algum tempo depois. Enquanto comandava na ilha de Cândia os gortínios, ele, em vez de conduzir-se na guerra como homem do Peloponeso ou da Arcádia, ou seja, de uma maneira franca e generosa, adotou o modo de agir dos candiotas. E, empregando contra eles próprios os seus estratagemas e ciladas, as suas manhas e ardis, fez-lhes logo ver que todas as suas astúcias não passavam de jogos de crianças em

comparação com as que resultam de uma verdadeira experiência e dos conhecimentos de um bom capitão, exercitado na arte da guerra.

XXIII. Após ter adquirido com seus feitos em Cândia admiração universal e a mais brilhante reputação, Filopêmene voltou ao Peloponeso, onde Filipe havia derrotado Tito Quíncio, e os aqueus apoiados pelas tropas romanas, estavam em guerra contra Nábis. Logo depois de sua volta foi eleito comandante dos que lutavam centra este tirano, travando de início contra ele uma batalha naval, na qual teve a mesma sorte de Epaminondas. E, com o revés sofrido. a sua reputação ficou comprometida, pois muito se esperava de seu renome e de suas virtudes militares. Todavia, quanto a Epaminondas, dizem que ele regressou voluntariamente da Ásia e das ilhas gregas sem nada ter ali empreendido porque não queria que seus concidadãos se inclinassem para as coisas da marinha e reconhecessem suas vantagens, receando que, de bons combatentes de terra firme, se tornassem, pouco a pouco, como disse Platão, em marinheiros poltrões e corrompidos. Filopêmene, ao contrário, persuadido de que a experiência adquirida nos combates em terra firme lhe bastaria para ser bem sucedido igualmente no mar, aprendeu à sua própria custa o quanto a prática serve à virtude, e como ela aumenta em todas as artes o poder de todos os que as exercem. No entanto, ele não foi derrotado nesse combate naval somente por sua inexperiência das coisas da marinha, mas também per ter cometido um erro muito grave: utilizou-se de um navio outrora famoso, mas que, tendo permanecido fora do mar durante quarenta anos, fez água por todos os lados ao ser lançado ao mar, por pouco não perecendo todos os que nele embarcaram.

XXIV. Este revés trouxe-lhe o desprezo dos inimigos, os quais, certos de que ele renunciara para sempre à marinha, decidiram insolentemente assediar a cidade de Gítio. Filopêmene, sendo disso avisado, embarcou imediatamente com suas tropas, indo ao seu encontro, no momento em que eles menos o esperavam. Além disso, como estavam confiantes na vitória, deixaram s uas forças dispersas, sem tomar qualquer precaução. Filopêmene desembarcou seus homens durante a noite, aproximou-se de seu acampamento e ateou-lhe fogo, aproveitando-se da confusão para matar um número bem grande de adversários. Poucos dias após este feito, quando passava por caminhos estreitos e sinuosos, o tirano Nábis surgiu inesperadamente à sua frente. Os aqueus foram tomados de pavor, pois não esperavam poder sair daqueles desfiladeiros perigosos que o inimigo dominava. Filopêmene deteve-se alguns instantes, e, depois de examinar a configuração do terreno, demonstrou que a tática é o ponto mais important e de toda a arte militar; pois, modificando ligeiramente a disposição de sua falange, para acomodá-la à natureza do lugar onde se encontrava fechado, ele conseguiu facilmente dissipar o temor de sua gente, sem que se verificasse qualquer tumulto. Caiu em seguida, inopinadamente, sobre os inimigos, pondo-os em fuga logo depois. Mas vendo que, em vez de se re fugiarem na cidade, eles começaram a se dispersar pelo campo, de um lado e de outro, e verificando que o terreno das imediações, inteiramente cortado por rios e todo coberto de matas, era muito pouco favorável à ação da cavalaria, ordenou que cessasse a perseguição e, em pleno dia ainda, acampou no local. Conjeturando depois que, ao cair da noite, os inimigos, saindo de seus esconderijos, se dirigiriam, um a um ou dois a dois, para a cidade, ele pôs de emboscada, ao longo dos riachos e das colinas existentes nas vizinhanças, aqueus armados com simples espadas, os quais mataram um grande número de soldados de Nábis, isto porque, não voltando juntos, mas separados, cada um de seu lado, pois que a fuga os havia dispersado, caíam nas mãos de seus adversários como pássaros na rede do caçador.

XXV. Estes feitos tornaram Filopêmene objeto de uma afeição particular por parte dos gregos; e por isso, nos teatros e nas assembleias públicas era alvo de grandes homenagens. Tito Quíncio, ambicioso por natureza e amante de honradas, ficou enciumado, pois achava que um cônsul romano devia merecer dos aqueus maiores honras e maior respeito do que um simples homem da Arcádia. Aliás, os benefícios que os gregos dele haviam recebido quando, por uma simples proclamação, livrara da escravidão do rei Filipe e dos macedônios toda a Grécia, pareciam-lhe bem superiores aos serviços prestados por Filopêmene. Tito fez logo depois as pazes com Nábis, o qual, passado pouco tempo, foi morto à traição pelos etólios. A morte do

tirano provocou grande confusão em Esparta, e disto se aproveitou Filopê mene que, sem perda de tempo, para ali se dirigiu com o seu exército. E agiu com tanta habilidade que, conquistando uns com demonstrações de amizade, outros através da força, conseguiu o ingresso da cidade na liga dos aqueus. Esta proeza valeu-lhe a estima e o louvor de todos os aqueus. dada a importância da aquisição, para a sua liga, de uma cidade tão poderosa e de tão grande autoridade. Ganhou ainda a afeição e o apreço de todas as pessoas de bem da nação lacedemônia, que esperavam ter nele um protetor e um defensor de sua liberdade.

XXVI. Quando a casa e os bens do tirano Nábis foram vendidos, após terem sido confiscados pelas autoridades, os lacedemônios decidiram fazer-lhe presente do dinheiro obtido, que ascendia à soma de 120 talentos, e enviar-lhe uma embaixada especial a fim de pedir-lhe que o aceitasse. Foi nessa ocasião que a virtude de Filopêmene brilhou em toda a sua pureza, pois verificou-se que não se contentava em parecer homem de bem, mas o era realmente. Aliás, não se encontrou nenhum espartano que quisesse levar-lhe o dinheiro. Receavam todos dirigir-lhe a palavra, e acabaram decidindo confiar a incumbência a, Timolau, que dele era hóspede e amigo. Chegado a Megalópolis, o emissário dos espartanos hospedou-se na casa de Filopêmene, e, depois de haver considerado devidamente a gravidade de suas opiniões e de sua conversação, a simplicidade de sua vida e a severidade de seus costumes, chegou sem dificuldade à conclusão que tal homem seria insensível ao fascínio do ouro, e não ousou abrir a boca para falar-lhe do presente de que era portador. Inventou um pretexto para explicar a viagem, e regressou sem ter cumprido a sua missão. Enviado de novo Megalópolis, a mesma coisa aconteceu. Todavia, uma terceira viagem, conseguiu, a muito custo, tocar o assunto, após falar na afeição que lhe dedicava cidade de Esparta. Filopêmene tudo ouviu, e mostrou-se sensibilizado; mas decidiu seguir incontinente ara a Lacedemônia, e ali aconselhou os espartanos não empregarem o seu dinheiro na corrupção das pessoas de bem e de seus amigos honestos, cuja virtude estava sempre à sua disposição, sem terem necessidade de pagá-la; deviam, antes, comprar o apoio dos maus cidadãos, daqueles que, no conselho, com suas arengas sediciosas, expunham a cidade a motins e perturbações; assim, fechando-lhes a boca com o dinheiro, eles se tornariam menos temíveis para os governantes. "É aos inimigos, e não aos amigos, acrescentou, que se deve tirar a liberdade de palavra". Tal era, como se vê, a grandeza d’alma de Filopêmene no que toca a qualquer ambição de dinheiro.

XXVII. Algum tempo depois, Diófanes, então comandante dos aqueus, foi advertido de que os lacedemônios projetavam novos acometimentos, e decidiu puni-los. Porém, eles começaram a preparar-se para a guerra, agitando todo o Peloponeso. Diante disso, Filopêmene tratou de aplacar a cólera de Diófanes, e procurou demonstrar-lhe que, estando o rei Antíoco e os romanos empenhados numa guerra, na qual se confrontavam dois exércitos tão poderosos, bem no centro da Grécia, todo o cuidado de um bom capitão devia estar em não provocar qualquer agitação em seu país, e que era preciso dissimular e fechar os olhos a faltas porventura cometidas. Mas Diófanes, não dando ouvidos a tais ponderações, entrou, à frente de suas forças, juntamente com Tito Quíncio, em terras dos lacedemônios, aproximando-se da cidade de Esparta. Tal foi a indignação de Filopêmene diante dessa conduta, que ousou uma ação sem dúvida não muito legítima, nem inteiramente justa, mas que revelava uma grande coragem e um atrevimento singular. Entrou na cidade de Esparta e, embora fosse um simples particular, fechou as portas ao general dos aqueus e ao cônsul dos romanos, impedindo que nela penetrassem. Pôs termo em seguida às sedições e agitações de que Esparta era teatro, e incorporou de novo essa cidade à Liga dos aqueus.

XXVIII. Entretanto, exercendo ele próprio as funções de general dos aqueus, algum tempo depois, forçou os lacedemônios, em virtude de algumas faltas por estes cometidas, a receberem de novo as pessoas que haviam banido da cidade; condenou a morte oitenta cidadãos naturais de Esparta, segundo escreveu Políbio, ou trezentos e cinquenta, segundo outro historiador, Aristócrates; mandou derrubar as muralhas da cidade e apoderou-se de grande parte de suas terras, que entregou aos megalopolitanos; obrigou a sair da Lacedemônia todos aqueles a quem os tiranos haviam concedido o direito de cidadania, em

Esparta, mandando-os para a Acaia, a fim de ali morarem, com exceção de três mil, que se recusaram a obedecer às suas ordens. Como estes se recusassem a sair da cidade, foram vendidos como escravos, e, com o dinheiro resultante, para ultrajá-los ainda mais, Filopêmene mandou construir um soberbo pórtico em Megalópolis. Finalmente, entregando-se Bem freios ao seu rancor contra os espartanos, e para, por assim dizer, espezinhar este povo que não merecia desgraça tão grande, num ato de vingança tão injusto quanto cruel, destruiu, anulou todas as instituições de Licurgo. Forçou os jovens e as crianças a abandonarem a educação que recebiam em Esparta para adotarem a ministrada na Acaia, persuadido de que, enquanto observassem as leis de Licurgo, não perderiam os seus sentimentos generosos. Curvados sob o peso de tal infortúnio, e forçados a deixar Filopêmene cortar, por assim dizer, os nervos do governo da cidade, viveram uma vida de dependência e submissão. Entretanto, passado algum tempo, solicitaram aos romanos que lhes permitissem retomar o seu antigo modo de vida; sendo atendidos, abandonaram tudo o que os aqueus lhes haviam imposto, e restabeleceram, o menos mal que lhes foi possível, após tão grande corrupção e tantas desgraças, as antigas leis e os costumes do país.

XXIX. Quando a Grécia{797} se tornou teatro da guerra entre os romanos e o rei Antíoco, Filopêmene, então simples particular, sem qualquer autoridade sobre as coisas do governo, vendo que Antíoco, ocioso em Cálcide, nada mais fazia senão celebrar suas núpcias cora uma jovem de uma idade muito desproporcionada à sua, e verificando também que seus guerreiros sírios, longe de seu chefe andavam dispersos pelas cidades, onde se envolviam nas maiores desordens e praticavam mil insolências, lamentou o fato de não ser o general dos aqueus e dizia que invejava aos romanos o terem de enfrentar inimigos tão débeis. "Se a fortuna tivesse querido que eu fosse neste momento o comandante dos aqueus, disse ele, eu já teria retalhado todos os inimigos nas cavernas que frequentam".

XXX. Os romanos, depois de derrotarem Antíoco, começaram a dar maior atenção à Grécia e, com o seu exército, cercaram os aqueus por todos os lados. Os governadores{798} das cidades dobravam-se à sua vontade, pois desejavam as suas boas graças. O poderio de Roma, com o favor dos deuses, tornava-se cada vez maior, e estava para atingir o ponto mais elevado que a fortuna pode proporcionar. Filopêmene, enquanto isso se verificava, comportava-se como o bom piloto em luta contra as ondas: forçado pelas circunstâncias, cedia, às vezes, mas, com maior frequência, enfrentava o perigo e resistia Com todas as suas forças. Fazia o possível para convencer aqueles que gozavam de maior autoridade ou eram dotados de maior eloquência a defender a liberdade de Megalópolis. Aristeneto. homem de grande de prestígio na comunidade, e que sempre se mostrara muito afeiçoado aos romanos, disse um dia, em pleno Conselho, que os aqueus não deviam opor-lhe resistência e nem pagar com a ingratidão os benefícios recebidos. Filopêmene, embora ficasse Indignado ante tais palavras , ouviu-o a princípio em silêncio. Todavia, depois de alguns instantes, não podendo mais conter a sua impaciência e a sua cólera, disse-lhe: "Aristeneto, por que estás tão apressado em ver chegar para a Grécia a sua desgraça final?" De outra feita, Mânio{799}, cônsul dos romanos, após vencer o rei Antíoco{800}, pediu aos aqueus permissão para os banidos de Esparta poderem regressar à sua pátria, pedido que foi apoiado por Tito Quíncio. Filopêmene, no entanto, opôs-se, não por ódio aos desterrados, mas porque queria que essa graça fosse concedida pelos aqueus, e por ele, e não por Tito e pelos romanos. Eleito general da comunidade para o ano seguinte, ele próprio restituiu aos banidos todos os seus direitos e permitiu-lhes que voltassem à pátria. Assim era Filopêmene: a elevação de seu grande espírito tornava-o atrevido e teimoso contra aqueles que pretendiam tudo obter autoritariamente.

XXXI. Filopêmene já estava com setenta anos quando foi eleito, pela oitava vez, comandante dos aqueus; ele esperava não somente que o ano de seu comando transcorresse sem guerra, mas também que a situação na Grécia lhe permitisse passar no repouso e em paz o resto de sua vida. Do mesmo modo como a força das doenças parece declinar à medida que diminui o vigor dos corpos enfermos, nas cidades gregas o amor da disputa e dos combates diminuía na mesma proporção em que declinava o seu poderio. Mas a vingança divina, que não deixa

impunes nem os atos nem as palavras insolentes dos homens, atingiu-o já no fim da vida, e ele caiu como um bom corredor que, por infelicidade, fraquejasse ao se aproximar do fim da carreira. Conta-se que, achando-se numa reunião onde se faziam altos elogios a uma certa personagem da época, a qual era apontada como um bom general, ele disse: "Como podeis estimar um homem que se deixou aprisionar vivo pelos Seus inimigos?" Poucos dias depois chegaram notícias dizendo que Dinócrates, o Messênio, inimigo particular de Filopêmene, com quem tivera várias divergências, e homem geralmente malquisto pelas pessoas de bem, tal a sua maldade e vida desordenada, afastara Messena da liga dos aqueus, e que estava em vésperas de ocupar a mão armada o burgo de Colônís. Filopêmene achava-se então na cidade de Argos, atacado de febre; não obstante, ao saber de (ais notícias, seguiu para Megalópolis, e com tal pressa que, num dia, percorreu mais de 400 estádios. Ali chegando, reuniu sem demora a cavalaria megalopolitana, formada unicamente pelos cidadãos mais ricos e mais nobres da cidade, todos jovens e tomados de grande afeição pelo seu comandante, e que, ansiosos por se cobrirem de glória, acompanharam-no de bom grado. Puseram-se todos incontinente a caminho de Messena. Aproximaram-se rapidamente dessa cidade e estavam para atingir a colina de Evandro, quando defrontaram Dinócrates, que saíra ao seu encontro, à frente de suas tropas, as quais foram tão rudemente atacadas que logo se puseram em fuga. Entrementes, subitamente, surgiram quinhentos cavaleiros, aos quais havia sido confiada por Dinócrates a guarda do território de Messena. A eles se reuniram, nas elevações, aqueles que haviam debandado.

XXXII. Filopêmene, que receava ser envolvido, e não queria comprometer a. segurança dos jovens cavaleiros megalopolitanes, iniciou uma retirada por terrenos difíceis e acidentados, mantendo-se sempre na retaguarda e voltando-se com frequência na direção dos inimigos, a fim de atraí-los unicamente sobre sua pessoa. Mas nenhum deles ousou aproximar-se de Filopêmene, contentando-se todos em darem voltas, em torno dele, e em soltarem altos gritos, de longe. Ele avançou por várias vezes contra os cavaleiros inimigos, a fim de favorecer a retirada dos seus jovens comandados, que se iam pondo a caminho, um após outro. E assim agindo, não percebeu que ficara sozinho no meio de grande número de adversários, cercado por todos os lados. Nenhum, entretanto, ousou travar luta com Filopêmene frente a frente; mas, fazendo cair sobre ele uma chuva de dardos, arremessados de longe, forçaram-no a entrar em terreno escarpado e cheio de rochedos, onde seu cavalo não podia avançar, embora lhe cravasse nos flancos as esporas, com tal força que o animal sangrava. O exercício contínuo a que submetera o corpo durante toda a vida lhe proporcionara uma velhice ágil e robusta, e teria conseguido salvar-se facilmente se a enfermidade e a fadiga da caminhada não o tivessem enfraquecido a ponto de só a muito custo poder manter-se na sela. Neste estado, o seu cavalo, falseando um passo, atirou-o por terra. A queda foi rude e sua cabeça ficou bastante machucada; permaneceu por isso muito tempo estendido no chão, sem fazer qualquer movimento e nem pronunciar sequer uma palavra. Os inimigos supuseram-no morto e aproximaram-se do corpo para despojá-lo. Mas quando o viram erguer a cabeça e abrir os olhos, atiraram-se sobre ele com furor e amarraram-lhe as mãos pelas cestas; e conduziram-no para Messena, cobrindo-o dos maiores ultrajes e vilanias, coisa que uma personagem come ele jamais poderia ler esperado sofrer, nem mesmo em sonho, por parte de Dinócrates.

XXXIII. As pessoas que haviam permanecido no interior de Messena foram tomadas de indescritível alegria quando souberam do ocorrido, correndo todos para as portas da cidade a fim de vê-lo chegar. Mas quando viram Filopêmene arrastado pelos soldados e todo amarrado, sem qualquer consideração pela sua dignidade e pela sua glória, adquiridas através de tantas proezas e vitórias, e que lhe valeram tantos troféus, a maior parte dos messênios teve piedade, e, partilhando de seu infortúnio, não pôde conter as lágrimas, deplorando a miséria, e precariedade da grandeza humana. E, não tardou muito, por um sentimento de humanidade que se propagou no seio deste povo, começou-se a falar que não era possível esquecer os benefícios recebidos anteriormente de Filopêmene e a liberdade que havia restituído Messena ao expulsar o tirano Nábis. Outras pessoas, em pequeno número, para agradar a Dinócrates, diziam que ele devia ser torturado e depois eliminado como um inimigo perigoso e irreconciliável, que jamais perdoaria as ofensas recebidas. Acrescentaram que, caso se livrasse do cativeiro, irritado pelos maus tratos que recebera, tornar-se-ia ainda mais temível para Dinócrates. Afinal, levaram-no para um lugar denominado "Tesouro", cava subterrânea

onde não penetrava nem luz nem ar, e que não tinha sequer uma porta, sendo fechado por uma grande pedra, empurrada do lado de fora. Foi nesse lugar que o encerraram e, após fechar a entrada com a pedra, colocaram junto a esta vários guardas.

XXXIV. Entrementes, os jovens cavaleiros aqueus, caindo em si, no meio da fuga, e não vendo Filopêmene, recearam que ele tivesse sido morto. Ficaram parados durante muito tempo, chamando-o em altas vozes, e, vendo que não respondia, puseram-se a se recriminar mutuamente, dizendo que tinham sido uns covardes ao abandonar o seu comandante para se salvarem, atitude vergonhosa, pois que ele se sacrificara a fim de poupar os seus comandados. Puseram-se de novo em movimento, e, indo de um lado para outro, foram finalmente informados de que Filopêmene havia sido aprisionado. Decidiram então levar a notícia a todas as cidades da Acaia. Os aqueus, tomados de grande pesar, considerando ser muito grande a perda sofrida, deliberaram enviar uma embaixada aos messênios, a fim de solicitar deles que Filopêmene lhes fosse entregue. Ao mesmo tempo, prepararam-se para marchar com suas armas contra eles, para recuperá-lo de qualquer modo.

XXXV. Enquanto se faziam tais preparativos, Dinócrates, que temia antes de tudo o tempo, pois sabia ser a única coisa capaz de salvar a vida de Filopêmene, procurou frustrar todas as providências que os aqueus pudessem tomar. Quando chegou a noite e depois que todos os moradores da cidade se tinham recolhido, mandou abrir o calabouço e ordenou ao executor que descesse a fim de levar Uma beberagem com veneno a Filopêmene, dizendo-lhe que não o deixasse enquanto não tivesse bebido. Quando o executor entrou, o prisioneiro estava deitado sobre a sua capa, mas a dor que lhe Oprimia o coração e perturbava o espírito não lhe permitia dormir. Ao ver a luz e o homem que, de pé, diante dele, tinha na mão a taça com o veneno, ergueu o corpo com dificuldade, devido à sua fraqueza, e sentou-se. Após segurar a taça, perguntou ao executor se sabia alguma coisa dos cavaleiros que tinham vindo com ele, e, em particular, de Lícortas. O homem respondeu-lhe que a maior parte deles se conseguira salvar. Filopêmene agradeceu-lhe a informação com uma inclinação da cabeça, e, olhando-o com doçura, disse: "É para mim uma grande satisfação saber que a desgraça não foi completa". E, sem dizer qualquer outra palavra, bebeu todo o veneno, deitando-se novamente sobre a capa. O seu organismo estava tão débil, que não pôde resistir por muito tempo ao veneno, extinguindo-se assim a sua vida.

XXXVI. A notícia da morte de Filopêmene espalhou-se com rapidez por todas as cidades da Àcaia, as quais se mergulharam numa grande consternação, cobrindo-se de luto. Entretanto, sem perda de tempo, os magistrados e todos os que se encontravam em idade de fazer uso das armas reuniram-se na cidade de Megalópolis, onde decidiram que a vingança não podia ser retardada nem por um instante. Escolheram então Licortas para o posto de general, e sob seu comando entraram com suas armas no país dos messênios, matando e incendiando. Os messênios, apavorados ante tal furor, renderam-se e dispuseram-se a abrir as portas da cidade aos aqueus. Dinocrates, porém, não quis ser por eles justiçado: para evitar o suplício que o esperava, matou-se a si mesmo. E o mesmo fizeram todos os que haviam contribuído para a morte de Filopêmene. Quanto àqueles que tinham aconselhado a tortura, Licortas mandou colocá-los numa prisão separada, a fim de fazê-los morrer no meio dos maiores tormentos. Depois disso, queimaram o corpo de Filopêmene e as cinzas foram colocadas numa urna. Deixaram, então, Messena, e não em desordem e confusão, mas com tal aprumo e disciplina que o cortejo fúnebre parecia um desfile de vitória. Os aqueus marchavam com coroas de flores em suas cabeças, sinal de triunfo; mas nos seus olhos viam-se lágrimas, que testemunhavam a sua tristeza. Levaram com eles os prisioneiros messênios, que arrastavam suas cadeias. Políbio{801}, filho do então general dos aqueus, cercado das personalidades de maior respeito e consideração, conduzia a urna, a qual estava de tal modo coberta de coroas de flores, faixas e festões, que mal podia ser vista. Fechavam o cortejo outros guerreiros, com todas as suas armas e seus cavalos bem ajaezados. Em suas fisionomias, os aqueus não davam os sinais de tristeza que deveriam corresponder a tão grande luto, nem os sinais de alegria que deveriam resultar de tão bela vitória.

XXXVII. Os moradores das cidades e das aldeias situadas ao longo do caminho saíam de suas casas para tocar na urna onde estavam as cinzas de Filopêmene, com o mesmo fervor com que tocavam as mãos deste grande homem quando ele regressava de suas expedições; e, após tocar a urna, acompanharam o cortejo até Megalópolis. Os velhos, mulheres e crianças que, em grande número, tinham se misturado aos guerreiros, soltavam gritos penetrantes, os quais repercutiam na cidade, cujos moradores lhes respondiam com gemidos e lamentações, sentindo que, com a morte de Filopêmene, tinham perdido a sua preeminência na comunidade dos aqueus. A inumação dos seus restos revestiu-se da magnificência devida a tão grande homem, e, em volta de sua sepultura, os prisioneiros messênios foram lapidados. Todas as cidades da Acaia, através de decretos públicos, erigiram-lhe estátuas, prestando-lhe ainda outras grandes homenagens. Mas depois, quando chegaram para a Grécia aqueles dias de infortúnio nos quais Corinto foi incendiada e destruída{802}, um romano caluniador tomou a decisão de fazer derrubar todas as suas estátuas, acusando-o, como se ainda fosse vivo, de ser inimigo de Rema e de se opor à prosperidade de seus negócios. Entretanto, Políbio respondeu ao acusador; e, embora fosse verdade que Filopêmene se tivesse oposto fortemente a Tito Quíncio e a Mânlio, nem o cônsul Múmio, nem seus assessores e lugar-tenentes, não quiseram consentir na destruição dos monumentos erguidos à memória de um guerreiro tão famoso. Estes homens retos sabiam distinguir entre a virtude e o interesse, a honestidade e a conveniência, como exigem o direito e a razão. Estavam persuadidos de que, do mesmo modo como os homens justos conservam o seu reconhecimento pelos seus benfeitores, retribuindo assim os benefícios recebidos, as pessoas virtuosas devem sempre cultuar a memória dos grandes vultos. Eis o que tinha a dizer sobre a vida de Filopêmene.

Flamínino

SUMÁRIO DA VIDA DE TITO QUÍNCIO FLAMÍNINO

I. Caráter de Flamínino. II. Suas primeiras campanhas. III. É nomeado cônsul, antes dos trinta anos, e é enviado contra Filipe, rei da Macedônia. IV. Apressa-se em dar início à campanha. Sua chegada ao Êpiro. V. Escaramuças entre os romanos e os macedônios. VI. Pastores indicam a Flamínino um caminho entre as montanhas. VII. Derrota Filipe. VIII. Vários povos da Grécia, cativados pela moderação de Flamínino, unem-se aos romanos na luta contra Filipe. IX. Acaba de conquistar a amizade dos gregos ao propor a Filipe que lhes restítua a liberdade, proposta esta recusada. X. Convence os tebanos a se colocarem ao lado dos romanos. O comando é-lhe prorrogado. XI. Oferece batalha a Filipe. XII. O combate inicia-se no dia seguinte. XIII. Flamínino alcança a vitória. XIV. Epigrama do poeta Alceu. XV. Resposta de Filipe a este epigrama. XVI. Flamínino concede a paz a Filipe. XVII. Sua prudência em conceder a paz num momento em que nova guerra ia ser deflagrada por Antíoco, instigado por Aníbal. XVIII. Consegue, dos emissários enviados pelo Senado, completa liberdade para os gregos. XIX. Esta liberdade é proclamada na assembleia dos jogos ístmicos. XX. Aclamações dos gregos. XXI. Sua alegria. Reflexões sobre as guerras e a sorte da Grécia. XXII. Empenho de Flamínino em tomar uma realidade a liberdade da Grécia. X XIII. Preside aos jogos nemeus, fazendo de novo proclamar a liberdade da Grécia. XXIV. A conduta de Flamínino proporciona aos romanos estima e confiança universais. XXV. Presentes de Tito ao templo de Delfos, e as inscrições que neles mandou gravar. XXVI. A proclamação de Flamínino comparada com a posteriormente feita por Nero, também nos jogos ístmicos. XXVII. Tito ataca Nábis, tirano de Esparta, sucedendo-se a paz. Motivos supostos desta conduta. XXVIII. Os aqueus fazem-lhe presente de todos os romanos que viviam como escravos na Grécia. XXIX. Descrição do triunfo de Tito. XXX. Tito Flamínino é enviado à Grécia para se opor às revoltas provocadas por Antíoco. XXXI. Serviços por ele prestados aos gregos. XXXII. Honras que lhe são tributadas na Grécia. XXXIII. Diversas respostas de Flamínino. XXXIV. É nomeado censor. Origem de sua inimizade com Catão. XXXV. Embaixada de Flamínino junto de Prúsias, rei da Bitínia, para conseguir que Aníbal lhe seja entregue. Aníbal mata-se. Diversos julgamentos sobre a conduta de Flamínino, neste episódio.

Viveu do ano 527 até depois do ano 571 de Roma, 182 A. O.

I. É fácil ficar conhecendo a fisionomia e o porte de Tito Quíncio Flamínino, que escolhemos para estabelecer um paralelo com Filopêmene; para isso basta contemplar a estátua de bronze que ainda hoje se ergue em Roma, perto do grande Apoio, e que foi trazida de Cartago; ela está colocada defronte da ent rada do circo, e, em sua parte inferior, lê-se uma inscrição em grego. Quanto ao feitio moral e ao caráter de Flamínino, dizem que ele sé irritava com a mesma facilidade cem que prestava obséquios, mas com esta diferença: a sua cólera não era duradoura e suas punições eram sempre ligeiras, enquanto que os benefícios por ele prestados eram grandes e permanente a afeição que passava a dedicar às pessoas a quem servira, como se estas fossem as benfeitoras. Sua maior riqueza, costumava dizer, consistia em cultivar a devoção daqueles a quem havia feito beneficies. E como, acima de tudo, ambicionava glórias e honradas, sempre que se apresentava uma oportunidade para belos e grandes empreendimentos, ele insistia em agir sozinho, não aceitando a colaboração de ninguém. Preferia a convivência dos que necessitavam de seu auxílio à dos que podiam ajudá-lo, vendo nos primeiros uma ocasião para exercer a sua virtude, e, nos outros, competidores na luta pela glória e honradas.

II. Sua infância decorreu numa época em que Rema enfrentava grandes problemas e sustentava importantes guerras, motivo pelo qual os jovens romanos, apenas atingiam a idade do serviço militar, eram enviados ao exército a fim de aprenderem a arte militar e se tornarem bons capitães. Flamínino foi assim educado na disciplina militar, e o primeiro comando que recebeu foi na guerra contra Aníbal, na qual teve mil infantes sob suas ordens, no consulado de Marcelo{803}. Tendo sido este morto numa emboscada, foi nomeado governador da província e da cidade de Tarento, que acabava de ser ocupada pelos romanos, pela segunda vez. No desempenho do cargo, adquiriu a reputação de homem íntegro e justo, bem como de conhecedor da carreira das armas.

III. Quando se decidiu enviar gente para repovoar as cidades de Narnia e Cossa, ele foi escolhido para chefiar os colonos. Esta escolha inspirou-lhe tal confiança em si mesmo, que teve a audácia de aspirar ao consulado, embora não tivesse passado pelos outros encargos que os jovens costumavam exercer, como a edilidade, o tribunado, e a pretura, e que constituíam como os degraus de sua carreira.

Assim quando chegou a época da eleição dos cônsules, ele se apresentou entre os pretendentes ao cargo, fazendo-se acompanhar de grande número daqueles que havia conduzido às duas cidades repovoadas, os quais se empenhavam com dedicação em seu favor. Todavia, dois tribunos do povo, Fúlvio e Mânlio, opuseram-se à. sua eleição, dizendo que constituiria um exemplo perigoso elevar-se à suprema magistratura um jovem ainda não iniciado nos segredos do governo, contra os costumes de Roma, e quase pela força. Mas o Senado decidiu entregar a questão aos sufrágios do povo, o qual o elegeu cônsul juntamente com Sexto Élio{804}, embora não tivesse completado ainda trinta anos. Em seguida, dividindo, pela sorte, os encargos, com seu companheiro, coube-lhe fazer a guerra contra Filipe, rei da Macedônia. Isto, ao que me parece, foi para os romanos um favor da fortuna, pois tinham de enfrentar homens para os quais não convinha um general que os subjugasse pela força e pela violência das armas, mas que os conquistasse pela brandura e persuasão. Filipe possuía no seu reino da Macedônia tropas bastantes para enfrentar os romanos nos primeiros combates; mas para sustentar uma guerra de longa duração, a Grécia era-lhe necessária, pois era ela que lhe fornecia dinheiro, víveres e todas as coisas que um exército não pode dispensar; era ela, enfim, que lhe proporcionava um abrigo seguro. Deste modo, enquanto os gregos não fossem separados de Filipe, essa guerra não poderia ser decidida numa única batalha. A Grécia não mantinha ainda, nesta época, grandes relações com os romanos; começava apenas a ter com eles intercâmbio no terreno dos negócios; e se seu general não fosse um homem de natureza afável e cortês, mais inclinado a fazer uso da razão do que da força, capaz de ouvir amistosamente e persuadir pela confiança aqueles com quem tratava, mantendo-se ao mesmo

tempo fiel cumpridor dos preceitos do direito e da justiça, os gregos não teriam querido sacudir um jugo que suportavam fazia já muito tempo, para submeter-se à dominação de novos estrangeiros. É isto o que se verá através da narrativa dos fatos.

IV. Flamínino sabia que os generais encarregados antes dele da campanha da Macedônia, Sulpício e Públio, tinham para ali seguido muito tarde, e que, prolongando demais a guerra, haviam cansado as suas forças em pequenas sortidas e escaramuças, para forçar uma passagem ou cercar um comboio, ora aqui, ora ali; não quis por isso, como eles, passar o ano de seu consulado em Roma, cuidando dos negócios do governo e desfrutando as honras de seu cargo, para juntar-se ao exército no fim do outono, a fim de ganhar outro ano, além do de sua magistratura, no qual se dedicaria à guerra. Não tendo outra ambição senão consagrar à expedição da Macedônia o ano inteiro de seu consulado, renunciou voluntariamente a todas as prerrogativas e honrarias que seu cargo lhe proporcionaria em Roma. Solicitou ao Senado que lhe permitisse designar seu irmão, Lúcio Quíncio, para o comando da esquadra, e, entre os experimentados soldados que, sob o comando de Cipião, tinham derrotado Asdrubal, na Espanha, e depois Aníbal, na África, escolheu três mil, os quais, ainda em condições de combater e dispostos a acompanhá-lo na expedição, constituiriam a parte principal de seu exército. Embarcou com suas tropas e chegou ao Épiro, após uma viagem sem incidentes. Lã encontrou Públio Júlio, acampado com suas forças diante de Filipe que, havia já muito tempo, tomara posição junto à foz do rio Apso{805}, a fim de guardar a entrada dos desfiladeiros que ali se iniciam. Diante das dificuldades e dos obstáculos naturais, os romanos permaneciam inativos. Flamínino assumiu o comando do exército, e, após mandar Públio para Roma, tratou de tomar conhecimento direto da região. É esta constituída por um longo vale, formado por altas montanhas, não menos ásperas que as do vale Tempe, na Tessália; mas não possui, como este, bosques acolhedores, florestas verdejantes, recantos aprazíveis e prados alegres. Consiste apenas numa grande e funda depressão, pela qual corre o rio Apso que, pela largura e rapidez de suas águas, assemelha-se ao rio Peneu. O rio ocupa todo o espaço existente entre as bases das montanhas, com exceção de um caminho estreito aberto na rocha, e é tão escarpado que um exército dificilmente poderia passar por ele, mesmo que não estivesse defendido; defendido, então, mesmo que por poucos soldados, tornar-se-ia impraticável.

V. Flamínino foi aconselhado a dar uma longa volta, passando por Dessaretides, perto da cidade de Linco, onde encontraria, numa região plana, um caminho amplo e de fácil acesso. Mas ele receava que, afastando-se do mar para ir ter às terras áridas e pouco cultivadas, os víveres viriam a faltar-lhe. Além disso, se Filipe se recusasse a combater, ele, após passar muito tempo sem nada fazer, como seu predecessor, ver-se-ia forçado a. voltar para o mar. Resolveu por isso abrir caminho através das montanhas e atacar o inimigo, forçando a passagem a qualquer preço. Mas a parte mais alta das montanhas estava ocupada pelas tropas de Filipe; e, quando os romanos começaram a subir as encostas, caiu sobre eles uma chuva de dardos e flechas, arremessadas dos dois lados. Os combates foram violentos, havendo mortos e feridos de ambas as partes, mas não levaram a qualquer decisão, quanto ao desfecho da guerra.

VI. Entrementes, pastores da região que costumavam levar seus rebanhos às montanhas, foram ao encontro de Flamínino e disseram-lhe saber de um caminho que o inimigo havia esquecido de guardar, e pelo qual prometeram fazer passarem suas tropas para atingir, o mais tardar três dias depois, o cimo da montanha. E a fim de que não se pusessem em dúvida as suas palavras, afirmaram ter sido enviados por Cárope, filho de Macatas. Cárope. o mais notável dos epirctas, era muito ligado aos romanos, mas só os favorecia secretamente, pois temia Filipe. Diante daquela afirmação, Flamínino confiou nos pastores, e enviou acompanhados por eles, um de seus capitães, com quatro mil homens de infantaria e trezentos cavaleiros. Os pastores, bem amarrados, caminhavam na frente. À noite, caminhavam sob o luar, pois, afortunadamente, a lua era cheia; e, quando raiava o dia, toda a tropa descansava em qualquer depressão coberta de mato.

VII. Entretanto, Tito, depois de despachar essa tropa, manteve em repouso o restante do exército, limitando-se a provocar algumas escaramuças, com o fito de distrair o inimigo. Mas no dia em que a tropa por ele enviada com os pastores devia atingir o cume da montanha, onde ficaria a cavaleiro do acampamento inimigo, ele, logo ao amanhecer movimentou todo o seu exército, o qual dividiu em três corpos; com um destes, lançou-se ao longo do rio, pelo lugar onde o caminho era mais estreito, fazendo seus comandados marcharem junto às encostas da montanha. Os macedônios, saindo-lhes ao encontro, crivaram-nos de dardos, e, em alguns lugares, entre os rochedos, travou-se luta corpo a corpo. Ao mesmo tempo, as outras duas unidades, avançando cada uma de um lado, esforçavam-se, à porfia, para subir as escarpas íngremes e inóspitas. Quando o sol se ergueu, avistou-se ao longe uma fumaça, não muito aparente a princípio, e semelhante ao nevoeiro que se forma quase sempre em volta dos picos das montanhas. Os adversários nada podiam ver, pois que, provocada pela tropa que já atingira o cimo, a fumaça se elevava atrás deles. Os romanos, no meio do combate em que se empenhavam, estavam incertos quanto à causa da fumaça, mas esperavam que fosse aquilo que desejavam. Mas quando viram que ela aumentava cada vez mais, a ponto de obscurecer o ar, adquiriram a certeza de que se tratava de sinal feito pelos companheiros. Soltando altos gritos, puseram-se a subir as encostas com tal destemor que os inimigos foram levados, à força, para os lugares mais difíceis e intransitáveis da montanha. Os guerreiros que haviam atingido o cimo responderam aos gritos com grande ruído, e os macedônios ficaram de tal modo amedrontados que se puseram em fuga. Todavia, o número de mortos não excedeu a dois mil, pois que a aspereza do terreno impediu a perseguição do inimigo.

VIII. Todavia, os romanos pilharam o seu acampamento, apoderando-se de tudo o que encontraram no interior das tendas, e também dos seus escravos; e, depois de se assenhorearem dos desfiladeiros, penetraram no Épiro. Ao atravessar este país, deram provas de tão grande moderação e comedimento que, embora estivessem longe de seus navios e do mar, e não tivessem recebido o trigo que lhes era destinado todos os meses, sofrendo por isso séria escassez de víveres, eles de nada se apoderaram na região, não obstante tudo ali houvesse em abundância. Tito, tendo sido informado de que Filipe, de passagem pela Tessália, como que acossado pelo medo, forçava os habitantes da região a saírem das cidades e a seguirem para as montanhas, e mandava depois atear fogo às casas, abandonando à pilhagem dos soldados tudo o que era deixado pelos moradores, pois estes não podiam carregar todos os seus bens, devido à sua quantidade e peso, teve o cuidado de advertir seus comandados a não causarem ali nenhum dano, como se tratasse de um país já submetido e que lhes tivesse sendo cedido pelo próprio inimigo. Não foi preciso passar muito tempo para que verificassem todo o valor desta moderação. Com efeito, apenas entraram na Tessália, as cidades começaram a render-se espontaneamente: até os gregos que residiam além do desfiladeiro das Termópilas, desejaram ardentemente ver Tito, a fim de a ele se entregarem. Os aqueus, por sua vez, renunciaram à aliança que tinham com Filipe e, mais ainda, decidiram, numa reunião de seu conselho, unir-se aos romanos para fazer guerra ao rei macedônio. Os etólios eram então amigos e aliados dos romanos, mostrando-se seus ardorosos partidários; os opúncios{806}, no entanto, recusaram-se a entregar-lhes a sua cidade a fim de que a defendessem contra Filipe; eles de nada quiseram saber, e preferiram mandar chamar Tito, sob. cuja proteção colocaram suas pessoas e bens.

IX. Conta-se que, quando o rei Pirro viu pela primeira vez, de um alto morro, o exército dos romanos em ordem de batalha, disse que a disposição das tropas destes bárbaros não lhe parecia de nenhum modo bárbara. Mas também aqueles que jamais haviam visto Tito, e que lhe falavam pela primeira vez, eram obrigados a dizer a mesma coisa; é. que tinham ouvido os macedônios falarem na chegada de um exército de bárbaros com um comandante que tudo devastava com suas armas, nos lugares por onde passava, a todos subjugando. E viam, ao contrário, um homem na flor da idade, com uma fisionomia doce e humana, que falava corretamente a língua grega e amava a verdadeira glória. Maravilhados diante de tantas qualidades, eles se espalhavam pelas cidades da Grécia, onde transmitiam aos demais a afeição que neles despertara Tito, dizendo que tinham encontrado, em sua pessoa, o capitão que lhes restitui-ria a antiga liberdade. Quando, em seguida, Filipe demonstrou o desejo de

chegar a um entendimento, e que Tito lhe ofereceu a paz e a amizade dos romanos, com a condição de deixar os gregos viverem em liberdade, e retirar as suas guarnições das cidades deles, a recusa do rei macedônio convenceu todos, mesmo os que lhe eram favoráveis, de que os romanos não tinham ido fazer guerra aos gregos, mas sim aos macedônios, em defesa dos gregos. Diante disso, todas as outras cidades da Grécia se entregaram espontaneamente a Tito.

X. E como ele atravessasse o território da Beócia sem praticar qualquer ato de guerra, os principais moradores da cidade de Tebas, saíram ao seu encontro, não obstante tivessem tomado partido pelo rei da Macedônia, por causa de um particular chamado Braquilelis{807}. Todavia, procuraram homenageá-lo e festejá-lo, como se estivessem desejosos de permanecer em boa amizade com ambas as partes. Tito abraçou-os e dirigiu-lhes a palavra atenciosamente, prosseguindo devagar em seu caminho, e fazendo-lhe perguntas sobre certas coisas e contando-lhes outras. E procurava de propósito prolongar a conversação, pois queria que os soldados, cansados com a longa caminhada, tomassem fôlego. Assim caminhando, sempre vagarosamente, chegou às portas da cidade, nesta entrando, juntamente com os tebanos, os quais com isto não ficaram muito satisfeitos. Não ousaram, porém, opor-se, mesmo porque Tito tinha uma escolta numerosa. Quando já se encontrava no interior de Tebas, pediu que o conselho se reunisse, e, dirigindo-se ao povo, concitou-o a tomar o partido dos romanos, de preferência ao de Filipe, falando-lhe com cuidado, como se não tivesse a cidade em seu poder. O rei Átalo, que por acaso participava da assembleia, secundou-o, exortando os tebanos a fazerem o que Tito lhes pedia. Mas como, talvez para exibir a sua eloquência diante do recém-chegado, falasse com uma veemência maior do que lhe permitia a idade, ele ficou de tal modo agitado que, subitamente, no meio do discurso, foi vítima de um desfalecimento e de uma fluxão de humores, caindo de costas, após perder os sentidos. Alguns dias depois, foi levado, num de seus navios, para a Ásia, onde não demorou muito a morrer. Entrementes, os beócios passaram para o lado dos romanos; e, como Filipe tivesse enviado embaixadores a Roma, Tito fez o mesmo, a fim de que seus delegados representassem perante o Senado o seguinte: em primeiro lugar, se se quisesse continuar a guerra contra Filipe era necessário que seu comando fosse prorrogado; em segundo lugar, se se quisesse a paz, que lhe dessem então a honra de concluí-la. Sendo excessivamente ambicioso, Tito receava que fosse designado outro comandante para continuar a guerra, o qual poderia arrebatar-lhe toda a glória. Mas seus amigos agiram tão bem, que nem o rei Filipe conseguiu o que havia pedido, nem outro capitão foi enviado para a ele suceder, continuando assim no comando.

XI. Logo após lhe ter sido comunicada a decisão do Senado, partiu para a Tessália, com a grande esperança de atacar e derrotar Filipe, pois tinha em seu exército mais de vinte e seis mil combatentes, entre os quais seis mil infantes e trezentos cavaleiros fornecidos pelos etólios. O exército de Filipe, no entanto, não era inferior ao seu; e ambos começaram a marchar, um ao encontro do outro, até que chegaram perto da cidade de Escotusa, onde decidiram dar início à batalha. Os comandantes dos dois exércitos não ficaram muito surpreendidos ao se verem tão perto um do outro, e nem as suas tropas. Ao contrário, os romanos, de um lado, sentiram-se tomados de uma coragem ainda maior e de um mais forte desejo de combater, pensando na glória que os cobriria após a vitória sobre os macedônios, a quem os feitos de Alexandre, o Grande, haviam emprestado uma tão alta reputação de valor e de força; os macedônios, de outro lado, alimentavam a esperança de, caso derrotassem os romanos, combatentes superiores aos persas, tornar o nome de Filipe mais famoso do que o de Alexandre. Tito mandou reunir seus soldados, e exortou-os a cumprirem o seu dever e a demonstrarem todo o seu valor, numa batalha contra os seus mais nobres e bravos adversários, a ser travada no meio da Grécia, ou seja, no mais belo teatro que se poderia oferecer à sua coragem. E Filipe, seja por acaso, seja por precipitação, pois grande era a premência do tempo, subiu numa elevação situada perto das trincheiras de seu acampamento, sem perceber que se tratava de uma carneira, onde haviam sido enterrados vários mortos. Dali começou a falar aos soldados, para animá-los, como costumam fazer os grandes capitães, antes da batalha; mas vendo-os desencorajados pelo sinistro presságio, oferecido pelo lugar aonde subira para falar-lhes, ele também se perturbou, e desistiu de combater naquele dia.

XII, No dia seguinte, desde a madrugada, após uma noite úmida, durante a qual sopraram ventos do sul, as nuvens começaram a se desfazer em nevoeiro,. cobrindo-se toda a planície com uma névoa escura; e o nevoeiro, descendo das montanhas, ao raiar do dia, estendeu-se por todo o espaço existente entre os dois campos, obscurecendo-o inteiramente. Batedores enviados pelos dois exércitos para localizarem e verem o que fazia o adversário, logo se encontraram e empenharam-se em luta, perto de Cinocéfalos, nome dado a pequenas elevações terminadas em ponta, umas diante das outras, e que se assemelhavam muito a cabeças de cão. Nesta escaramuça, as posições dos contendores variaram várias vezes, como acontece habitualmente quando se combate em lugares acidentados; assim é que, às vezes, uns fugiam e outros perseguiam, para logo depois passarem a perseguidores os que fugiam e a fugitivos os que perseguiam. E os dois campos enviavam incessantemente reforços aos destacamentos que eram obrigados a recuar. O nevoeiro começou a se dissipar algum tempo depois, e o ar a tornar-se mais claro, de modo que os dois comandantes puderam ver claramente o que se passava entre os acampamentos, e decidiram lançar todas as suas forças à batalha.

XIII. Filipe obteve de início vantagem na ala direita de seu exército, a qual, após ter tomado posição no alto de uma encosta, caiu. subitamente sobre os romanos, e com tal impetuosidade que nem mesmo os mais fortes e valentes puderam sustentar a luta neste setor da batalha, com seus renques cerrados de lanças em fúria. Mas, na ala esquerda, o mesmo não aconteceu, pois que o batalhão macedônio não pôde cerrar suas fileiras, nem juntar escudo contra escudo, em virtude das elevações e rochedos existentes no lugar onde se colocara. Ti to, percebendo o que ocorria, abandonou a ala esquerda de seu exército, a qual já cedera ante a ala direita do inimigo, passando repentinamente para o outro flanco, e ali atacou os macedônios, os quais, por motivo dos altos baixos do terreno, não puderam conservar a disposição habitual de sua falange, e nem dar às suas fileiras aquela profundidade que as tornava tão fortes, Por outro lado, embaraçados pelo peso de suas armas, eles se movimentavam com grande dificuldade, chocando-se uns contra os outros, e não pediam por isso combater homem a homem. Pois a falange macedônia apresenta este particular: enquanto conserva suas fileiras cerradas e seus escudos unidos, assemelha-se, por assim dizer, ao corpo de um animal de força indomável: mas uma vez rompida e desorganizada, desaparecem não somente a sua força como conjunto, mas também o vigor individual de cada combatente, seja devido ao peso de sua armadura, seja porque tirava ele da ligação e disposição das fileiras, que formavam o todo, mais força que de si próprio.

XIV. Assim, quando a ala esquerda do inimigo se pôs em fuga, uma parte dos romanos saiu no seu encalço; os outros se apressaram em atacar pelos flancos a ala direita, que ainda combatia, seguindo-se uma grande carnificina. Logo depois, as unidades inimigas que já pareciam vitoriosas foram destroçadas e puseram-se, finalmente, em fuga, como as outras, abandonando as suas armas. Pelo menos oito mil macedônios tombaram mortos no campo de batalha e cerca de cinco mil foram aprisionados. Sobre os etólios recaiu a culpa pela fuga de Filipe, pois se detiveram em pilhar o seu acampam ento, enquanto os romanos perseguiam os fugitivos; de modo que, quando voltaram, nada mais encontraram. Isto deu motivo a uma troca de palavras injuriosas que degenerou em franca altercação, Mas os etólios ofenderam Tito ainda mais grave-mente, pois atribuíram-se as honras da vitória, fazendo circular por toda a Grécia que a eles era devida a derrota do rei Filipe. Por este motivo, nas canções que os poetas compuseram e o povo cantava pelas cidades, em louvor do grande feito de armas, os etólios apareciam sempre em primeiro lugar. Isto se verificou principalmente na canção seguinte, composta em forma de epitáfio, e que era cantada por toda gente:

Passante, aqui vês, sem direito à sepultura.

Sem pranto de amigos, jazendo em terra hostil,

Trinta mil homens, que no solo da Tessália,

O ponto final de suas vidas encontraram.

Derrotaram-nos as armas dos etólios,

E os latinos, por Tito comandados,

E que por eles da Itália foram trazidos,

À Macedônia, para a nossa desventura.

E Filipe, com a sua decantada audácia,

Fugiu, como fogem os cervos nas campinas,

Quando os perseguem velozes cães de caça,

Ao ver, pela frente, as forças do inimigo.

XV. Os versos desta canção foram compostos pelo poeta Alceu, o qual, para insultar Filipe, e cobri-lo de vergonha, exagerou grandemente o número de soldados mortos na batalha. Mas como a canção era cantada em toda parte, causou maior despeito a Tito do que a Filipe. Este, ao contrário, achou graça, e, para responder à zombaria, compôs uma canção imitando a do poeta, cuja substância é a seguinte:

Passante, este tronco de folhas despido,

Que a os olhos oferece sinistro presságio,

É uma força, neste ermo morro erguida,

Para que Alceu nela se estrangule.

XVI. Entretanto, Tito, que desejava a todo custo conquistar a estima dos gregos, mostrou-se muito sensível à afronta. A partir de então passou a tratar sozinho de todas as questões, sem tomar conhecimento dos etólios. Estes ficaram muito irritados, e, pouco tempo depois, quando Tito recebeu uma embaixada de Filipe, portadora de propostas de paz, às quais pareceu dar ouvidos, mostraram-se tão descontentes que se puseram a percorrer todas as cidades gregas, dizendo em altas vozes que Tito negociava a paz com Filipe, precisamente num momento em que se podia extirpar a guerra pelas raízes e aniquilar inteiramente a nação que, a primeira, colocara a Grécia sob o seu jugo. Estas calúnias, que os etólios propagavam por toda parte, causaram certa inquietação entre os amigos e aliados dos romanos; mas o próprio Filipe fez cessar todas estas suspeitas ao vir pessoalmente tratar da paz, e ao submeter-se, sem restrições, a Tito e aos romanos. Assim Tito pôs termo à guerra, deixando a Filipe o reino da Macedônia e obrigando-o a renunciar a todas as suas pretensões sobre a Grécia e a pagar a soma de mil talentos; além disso, privou-o de toda a sua esquadra, com exceção de dez navios, e, a fim de assegurar o cumprimento do tratado, tomou como refém Demétrio, um de seus filhos, que foi enviado a Roma.

XVII. Tito, concluindo a paz, agiu acertadamente, de acordo com as circunstâncias, e soube

prever o futuro; pois Aníbal, de Cartago, este implacável inimigo do Império romano, banido dê seu país, incitava sem cessar o rei Antíoco, junto a quem se refugiara a tentar a sua sorte e a aumentar o território de seu país, que em tão bom caminho já se encontrava. Antíoco, aliás, a isso estava inclinado, impelido pela confiança que decorria de sua prosperidade. Os seus grandes feitos de armas lhe haviam valido o cognome de Grande; e ele, que aspirava a uma monarquia universal, não esperava senão uma oportunidade para atacar os romanos Se Tito, numa sábia previsão do futuro, não se tivesse inclinado à paz, a guerra de Antíoco teria ocorrido juntamente com a que já se trava na Grécia contra Filipe, e Roma, hostilizada pelos dois maiores e mais poderosos príncipes então existentes no mundo, tinidos pelos seus interesses comuns, teria de sustentar combates tão difíceis e perigosos quanto os da guerra contra os cartagineses. Mas Tito, colocando esta paz entre as duas guerras, terminando uma antes que a outra tivesse começado, destruiu, com um só golpe, a última esperança de Filipe e a primeira de Antíoco.

XVIII. Entrementes, os dez comissários que o Senado romano enviara a Tito para ajudá-lo a pôr ordem nos negócios da Grécia, aconselharam-no a declarar livres todos os gregos, excetuando apenas as cidades de Cálcide, Corinto e Demeirade, nas quais deveria colocar boas guarnições, a fim de evitar que concluíssem qualquer aliança com Antíoco. Os etólios, então, hábeis na arte de caluniar, tudo fizeram para levar as cidades à sedição. Intimavam Tito a romper os grilhões da Grécia, expressão com que costumavam designar as três mencionadas cidades. Perguntavam aos gregos, à guisa de zombaria, se, pelo fato de terem nos pés novas cadeias, mais polidas e brilhantes sem dúvida, porém bem mais pesadas, eles se sentiam mais felizes; e se admiravam Tito, e o consideravam como seu benfeitor pelo fato de lhes ter atado no pescoço as correntes que antes traziam nos pés. Tito, a quem estas imputações irritavam e impacientavam, insistiu tanto junto ao Conselho que este acabou concordando em que fossem retiradas as guarnições daquelas três cidades, a fim de que os gregos não mais pudessem se queixar de não terem obtido dele a sua completa libertação.

XIX. Pouco tempo depois foram realizados os Jogos ístmicos, os quais atraíram uma grande multidão, desejosa de assistir ao desenrolar dos combates dos atletas{808}, pois a Grécia, após um longo período de guerras, e na esperança de recuperar logo a sua inteira liberdade, não desejava outra coisa senão celebrar com festas a paz que lhe fora assegurada. No meio da reunião, ouviu-se subitamente o som de uma trombeta ordenando silêncio e, logo depois, um arauto avançou, na arena, para proclamar diante de toda a assistência que o Senado de Roma e Tito Quíncio, após a derrota, no campo de batalha, do rei Filipe e dos macedônios, declaravam livres de todas as guarnições e de todos subsídios, talhas e impostos, os coríntios, os lócrios, os fócios, os eubóicos, os aqueus, os ftiotas, os magnésios, os tessálios e os perrébios, os quais poderiam, desde então, viver de acordo com suas antigas leis e em plena liberdade. A maior parte dos espectadores não ouviu, pelo menos distintamente, a proclamação. O estádio estava cheio de confusão e algazarra; os poucos que tinham ouvido exprimiam a sua admiração, e os demais pediam informações, solicitando todos, afinal, que o arauto repetisse a proclamação.

XX. Fez-se então profundo silêncio, e o arauto, alteando a voz, foi ouvido por toda a assembleia. Ergueu-se então do povo um clamor de alegria tão forte, que seus ecos chegaram até o mar; e, incontinente todos os presentes, que já haviam tomado lugar para ver os atletas, ergueram-se, e foram, tomados de grande júbilo, saudar e abraçar Tito, a quem chamavam o seu protetor e o libertador da Grécia. Viu-se, então, concretizarem-se as afirmações que geralmente se fazem quando se deseja significar uma força excessiva ou um ruído um clamor muito grandes: vários corvos, que por acaso voavam sobre a multidão, caíram sobre o estádio. A ruptura e a divisão causada no ar pela violência das vozes muito fortes provocam tais

quedas, pois as aves, não encontrando apoio suficiente, tornam-se incapazes de sustentar o voo. Por este motivo, precipitam-se ao solo, como se atravessassem um espaço vazio. A não ser que queiramos dar outra explicação: as aves, ao voarem, são atingidas pelas vozes, como se fossem flechas certeiras, caindo mortas. É possível também que se trate do efeito de um turbilhão que se forma no ar, à semelhança do que vemos no mar, quando as ondas, violentamente agitadas pela tormenta, põem-se a girar com grande rapidez.

XXI. Se, ao terminar a reunião, Tito, prevendo que uma imensa multidão acorreria para vê-lo, não tivesse deixado imediatamente o local, teria corrido o risco de ser sufocado, tal o número de pessoas que se aglomeraram em volta dele. Mas, cansados de tanto gritar e cantar diante da tenda de Tito. elas se retiraram ao chegar a noite. Pelo caminho, abraçavam e beijavam todos os parentes, amigos e concidadãos que encontravam, tal a sua alegria, indo depois, todos juntos, cear. Como é fácil de se supor, à mesa, o seu júbilo tornava-se ainda mais vivo, e não se falava em outra coisa a não ser na Grécia, relembrando-se os grandes combates que havia sustentado no passado, para defender ou recuperar a sua liberdade. "Depois de tantas guerras de que foi teatro, diziam, a Grécia jamais recebera recompensa mais justa e mais sólida pelos seus esforços do que a por ela agora devida aos estrangeiros que vieram combater em sua defesa. Sem que lhe tenha custado sequer uma gota de sangue, ou a perda de um só homem, pela morte do qual tivesse de se cobrir de luto, ela alcançou o prêmio mais glorioso, o mais digno de ser disputado. Se o valor e a prudência são raros entre os homens, uma virtude existe mais rara ainda: a justiça. Os Agesilaus, os Lisandros, os Nícias, os Alcibíades, e todos os outros grandes capitães do passado, sabiam sem dúvida conduzir habilmente uma batalha e alcançar vitória em terra e no mar; mas jamais souberam utilizar-se de seus êxitos para atos de uma significação verdadeiramente honesta e generosa. Com efeito, se excetuarmos o feito d’armas contra os bárbaros, na planície de Maratona, as batalhas de Salamina, de Platéia e das Termópilas, as proezas de Címon perto de Chipre e no rio Eurimedonte, todos os outros combates de que a Grécia participou foram sempre travados contra ela mesma e a fizeram cair na servidão; todos os monumentos que ela ergueu relembraram o seu infortúnio e a sua vergonha; e a maldade e a teimosia de seus governadores e capitães, invejosos uns dos outros, acabaram por arruiná-la inteiramente. E foram estrangeiros, que não têm com a Grécia senão fracos traços de um antigo parentesco quase desfeito, e de cujos conselhos deveria parecer estranho que ela tirasse qualquer proveito, que vieram expor-se aos maiores perigos e enfrentar dificuldades infinitas, para libertar o país da opressão e do jugo de tiranos violentos".

XXII. Estas reflexões e outras semelhantes faziam os gregos sobre a sua situação presente. E, o que é mais, os atos se seguiram às palavras da proclamação: pois Tito enviou Lêntulo à Ásia a fim de libertar os bargílios{809}, e Titílio à Trácia para fazer saírem das cidades e das ilhas daquela região as guarnições que Filipe ali mantinha; Públio Júlio, por sua vez, foi ao encontro de Antíoco a fim de tratar com ele da libertação dos gregos que estavam sob sua dependência. Quanto a Tito, dirigiu-se à cidade de Cálcide, onde tomou um navio que o conduziu à província de Magnésia; ali chegando, fez com que as guarnições saíssem das cidades, cujo governo entregou aos cidadãos.

XXIII. Algum tempo depois foram celebrados em Argos os Jogos Nemeus{810}, em honra de Hércules, e Tito foi escolhido para presidi-los, como juiz. Ele tomou todas as providências necessárias para que a festa se revestisse da maior solenidade e mandou proclamar de novo por um arauto, publicamente, a libertação de toda a Grécia, do mesmo modo como fora feito nos Jogos ístmicos. Percorreu depois as diversas cidades, onde estabeleceu leis sábias, reformou a justiça, fez com que a concórdia e a amizade voltassem a reinar entre os cidadãos, pondo termo às velhas dissensões e pendências que os separavam, e promoveu o regresso dos banidos. E a alegria que lhe proporcionou o fato de poder, por meio d e conselhos e persuasão, reconciliar os gregos, não foi menor do que a por ele experimentada ao vencer os macedônios pela força das armas. E tal foi a conduta de Tito, que os gregos foram levados a considerar a liberdade que lhes havia sido restituída como o menor dos benefícios dele

recebido. Conta-se que, um dia, vendo os exatores levarem para a prisão o filósofo Xenócrates, por haver deixado de pagar certo imposto devido pelos estrangeiros que residiam em Atenas, o orador Licurgo livrou-o das mãos dos que o conduziam. Além disso, mandou processá-los, perante a justiça, punindo-os pela injúria feita a tal personagem. Alguns dias depois, encontrando na idade os filhos de Licurgo, o filósofo lhes disse: "Proporciono ao vosso pai uma bela recompensa pelo serviço que me prestou; pois, por minha causa, ele é elogiado por toda gente".

XXIV. Mas os benefícios dos romanos e de Tito, com referência à Grécia, não lhes trouxeram apenas estes frutos como recompensa, pois lhes valeram honras e louvores de todos os povos; e, além disso, tornaram-se merecedores de uma confiança geral, o que lhes permitiu aumentar o seu poderio e influência sobre as outras nações. De maneira que os povos e as cidades, não somente acolhiam os capitães e governadores que lhes eram enviados, como iam ao seu encontro, e os chamavam mesmo a fim de se colocar entre suas mãos. E não apenas as cidades e as comunidades, mas também os príncipes e os reis, oprimidos por outros mais poderosos, e que não tinham assim outro recurso, para a sua segurança, senão recorrer à proteção dos romanos. Deste modo, em pouco tempo, com o favor e o auxílio de Deus, como creio, toda a terra a eles se submeteu,

XXV. Para Tito, a libertação da Grécia constituíra maior motivo de glória do que todos os seus outros feitos; assim é que, quando ofereceu ao templo de Apolo, na cidade de Delfos, escudos de prata, juntamente com o seu próprio escudo, mandou neles gravar a seguinte inscrição:

Ó! nobres gêmeos, de Júpiter nascidos,

Tindáridas, reis de Esparta aguerrida,

Que para o combate cavalos amestrastes,

E que na arte da guerra prazer encontrastes,

Tito Quíncio, da raça de Enéias, oriundo,

Depois de os gregos livrar do cativeiro,

E, depois de assegurar o seu glorioso destino,

Oferece-vos, agora, estes presentes.

Ele ofereceu também uma coroa de ouro maciço a Apoio, com esta inscrição:

Protetor de Delos, filho divino de Latona,

Cujos altares um povo numeroso incensa,

Dignai-vos aceitar esta coroa de ouro reluzente,

Como oferenda de um bravo capitão romano,

Tito Quíncio, de Enéias descendente ilustre,

E, como justo prêmio aos seus feitos gloriosos,

Mantende de sua carreira o curso triunfal,

E que seu nome em todo o mundo seja cantado.

XXVI. A cidade de Corinto teve assim por duas vezes a honra de ouvir proclamar a liberdade da Grécia: a primeira vez por Tito Quíncio{811}, e a segunda por Nero, em nossa época{812}, quando esteve nessa cidade, por ocasião da celebração dos Jogos Ístmicos. Da primeira vez, todavia, a proclamação foi feita pela voz de um arauto, conforme descrevemos acima, enquanto que, na segunda, foi o próprio Nero quem, no fim de um discurso proferido em plena assembleia, perante o povo, anunciou a libertação dos gregos. Mas isto se verificou muito tempo depois da primeira proclamação.

XXVII. Tito deu início depois a uma guerra justa e honrosa contra Nábis, o cruel e funesto tirano dos lacedemônios; mas acabou frustrando as esperanças da Grécia, pois, em vez de aprisioná-lo, concluiu a paz com ele, e deixou Esparta sob o jugo de uma indigna servidão. Assim agiu, seja por recear que, caso a guerra se prolongasse por muito tempo, enviassem de Roma um novo comandante, o qual lhe tiraria a glória de rematá-la, seja porque sua ambição lhe fizera invejar as honras prestadas a Filopêmene, o qual, tendo se revelado um dos maiores capitães jamais possuídos pela Grécia, tinha dado, nesta mesma guerra, provas surpreendentes de coragem e capacidade, o que levou os aqueus a lhe prestarem, nos teatros e assembleias públicas, as mesmas homenagens prestadas a ele, Tito. Isto o desagradou porque lhe parecia pouco razoável que um homem da Arcádia, o qual jamais comandara o exército, a não ser em pequenas guerras travadas contra vizinhos, recebesse as mesmas honradas que um cônsul de Roma, escolhido para combater pela libertação da Grécia. Aliás, para se justificar e explicar a sua atitude, Tito dizia que havia posto termo à guerra contra Nábis porque a ruína deste tirano teria sido uma grande calamidade para todos os espartanos.

XXVIII. De todas as honras que os aqueus lhe prestaram, que foram grandes e numerosas, apenas uma, ao que me parece, esteve à altura dos benefícios a ele devidos: trata-se de um presente que, entre todas as oferendas e homenagens, teve a sua preferência. Consistiu este presente no seguinte: durante a segunda guerra púnica, que os romanos travaram com Aníbal, muitos legionários foram aprisionados no decorrer das batalhas perdidas por Roma; foram depois vendidos, aqui e ali, passando a viver na servidão em várias províncias. Na Grécia, havia aproximadamente mil e duzentos desses antigos combatentes, os quais inspiravam piedade e compaixão àqueles que os viam num tão grande infortúnio; e a sua situação tornava-se ainda mais lamentável pelo fato de alguns encontrarem entre os soldados romanos, seus filhos, outros seus irmãos, e outros, ainda, antigos companheiros e amigos, livres e vitoriosos, enquanto que eles tinham de suportar a vergonha de sua derrota e o peso da escravidão. Tito, embora tocado em sua sensibilidade, ao vê-los no cativeiro, não quis tirá-los pela força das mãos dos seus senhores; mas os aqueus decidiram pagar, pelo seu resgate, cinco minas{813} por cabeça, e, após reunirem todos num mesmo lugar, deles fizeram presente a Tito, no momento em que ia embarcar, de regresso à Itália. Grande foi a sua alegria, pois recebera pelos seus grandes feitos uma bela recompensa, digna de um ilustre personagem, amante de seus concidadãos e de seu pais.

XXIX. Este presente foi, na minha opinião, o mais belo ornamento de seu triunfo. Os pobres homens fizeram o que costumam fazer os escravos no dia de sua libertação, ou seja, mandaram rapar as suas cabeças, e nelas colocaram pequenos chapéus, cem os quais acompanharam o carro de triunfo de Tito no dia em que este fez a sua entrada em Roma. Os

despojos que foram conduzidos nesse desfile triunfal constituíram um belo espetáculo: eram capacetes gregos, em grande número, escudos e lanças macedônias, bem como grande quantidade de ouro e prata. O historiador Itano{814} conta, com efeito, que uma grande soma, consistente em ouro fundido pesando três mil, setecentas e treze libras, e prata pesando quarenta e três mil duzentas e setenta libras, e em catorze mil, quinhentas e catorze moedas de ouro, denominadas filipes, sem contar os mil talentos que Filipe devia pagar como indenização, foi também transportada. Esta importância, a pedido de Tito, foi mais tarde devolvida ao rei dos macedônios, pelos romanos, após o declararem amigo e aliado de Roma, e lhe restituírem seu filho, Demétrio, que tinham em seu poder como refém.

XXX. Algum tempo depois, o rei Antíoco{815}, deixando a Ásia, dirigiu-se à Grécia com uma grande esquadra e um poderoso exército, a fim de concitar as cidades a aband onarem a aliança com os romanos e promover movimentos sediciosos. Ele era secundado pelos etólios que, inimigos dos romanos fazia já muito tempo, estavam à espera de uma oportunidade para declarar-lhes guerra. Persuadiram o rei Antíoco a dizer que a guerra por ele desejada tinha como objetivo a libertação dos gregos, coisa de que estes não mais necessitavam, pois já viviam como homens livres. Entretanto, como não tinham melhor pretexto para dar início à guerra, eles o convenceram a dar aparência de honestidade à sua causa injusta. Os romanos, receando as consequências de tais atividades, e dando crédito aos rumores referentes ao poderio daquele grande rei, enviaram à Grécia, como comandante-chefe, o cônsul Mânlio Acílio, e designaram Tito como um de seus lugar-tenentes, por motivo do crédito de que gorava junto aos gregos. Com efeito, bastou a sua presença para que se tornasse ainda mais firme a atitude daqueles que haviam permanecido fiéis aos romanos; quanto àqueles que já começavam a ceder e a se deixar corromper, ele, a fim de que não deixassem de cumprir o seu dever e não se consumasse a mia defecção, relembrou-lhes a sua antiga amizade, (indo como os médicos prudentes que, no momento oportuno, ministram ao paciente o remédio acertado para preservá-lo da agravação de sua enfermidade.

XXXI. É verdade que alguns não se deixaram convencer, mas em pequeno número, pois haviam sido inteiramente conquistados e corrompidos pelos etólios. Embora tenha ficado indignado e irritado contra eles, Tito os protegeu após a batalha; pois Antroco, tendo sido derrotado no desfiladeiro de Termópilas, fugiu, fazendo-se ao mar a toda pressa, a fim de regressar à Ásia. O cônsul Mânlio, prosseguindo em sua marcha vitoriosa, entrou no país dos etólios, onde ocupou com suas forças algumas cidades, deixando as outras à mercê do rei Filipe. De um lado, os dólopes, os magnésios, os atamanes e os aperantes foram pilhados pelo rei da Macedônia e, de outro, Mânlio, após destruir a cidade de Heracléia, assediou a de Naupacto, que era defen-ida pelos etólios. Entrementes, Tito, movido pela piedade, ao ver o aniquilamento destes pobres povos gregos, deixou o Peloponeso, por mar, a fim de falar com o cônsul Mânlio em seu acampamento. Censurou-o, em primeiro lugar, pelo fato de, após o triunfo, abandonar a Filipe o prêmio da vitória, permitindo-lhe que conquistasse e submetesse vários países, povos e reis, enquanto que ele, cegado pela cólera, limitava-se a pôr cerco a uma cidade. Logo que os assediados o viram do alto de suas muralhas, chamaram-no e estenderam-lhe as mãos, pedindo-lhe que intercedesse em seu favor. Tito nada lhes respondeu, no momento, e retirou-se com os olhos cheios de lágrimas. Voltou em seguida a falar com Mânlio, e, após aplacar a sua cólera, conseguiu que ele concedesse alguns dias de trégua aos etólios, durante a qual enviariam embaixadores a Roma, para tentarem obter uma graça do Senado. Porém, teve de enfrentar as maiores dificuldades e desenvolver grandes esforços quando intercedeu, junto a Mân lio, em favor dos calcidenses, os quais tinham provocado de modo particular a ira do cônsul, por motivo do casamento que Antíoco havia contraído em sua cidade, depois do início da guerra, casamento tão pouco conveniente à sua idade quanto às circunstâncias. Com efeito, o rei, não obstante, a sua idade avançada, e em plena guerra, apaixonara-se por uma jovem, filha de Cleoptólemo, a mais bela mulher de toda a Grécia, a quem desposou. Diante desta aliança, os calcidenses foram tomados de afeição por ele, e colocaram a cidade à sua disposição, permitindo-lhe que dela se servisse como de uma praça forte, no decorrer das hostilidades. Antíoco, após sua derrota, fugiu apressadamente para Cálcide, e levando sua jovem esposa, suas riquezas e seus amigos, embarcou sem perda de tempo, seguindo para a Ásia.

XXXII. O cônsul Mânlio, furioso diante do que ocorrera, marchou sobre Cálcide, à frente de suas forças, logo após a vitória que alcançara. Mas Tito, que o acompanhara, usando de habilidade, conseguiu abrandar-lhe a ira, e insistiu tanto junto dele e dos outros romanos de autoridade no Conselho, que acabou por persuadi-los a perdoar os calcidenses. Estes, salvos de um grande perigo graças à sua proteção, consagraram-lhe, como galardão, os mais belos edifícios e as mais suntuosas obras públicas da cidade, como se pode ainda hoje ver pelas inscrições ali existentes. No ginásio, por exemplo, lê-se: "O povo calcidense dedicou este ginásio a Tito e a Hércules". E no templo denominado Delfino: "O povo dedicou este templo a Tito e a Apoio". Ainda hoje o povo de Cálcide elege um sacerdote de Tito{816}; e nos sacrifícios instituídos em sua honra, após as imolações, e a efusão do vinho, os presentes entoam um cântico em seu louvor. Porém, como seria muito longo transcrevê-lo inteiro, aqui damos apenas a sua parte final:

Cantemos dos romanos triunfantes

A fé que se mantém inalterada,

E prometamos-lhes conservar intacta,

A mais duradoura lealdade.

Musas, filhas do céu, cantai a glória

De Júpiter, deus todo poderoso,

E celebrai também o triunfo

Do bravo Tito de Roma eterna.

Enaltecei o valoroso capitão

Por quem, de infortúnio inevitável,

Fostes salvas, ó filhas dos deuses,

Através de proezas memoráveis.

XXXIII. Mas não eram apenas os calcidenses que o homenageavam: todos os gregos lhe rendiam as maiores honras, pois a sua bonomia e a brandura de seu caráter o tornavam universalmente estimado. E não se tratava de honrarias fingidas ou impostas, mas de manifestações de afeição sincera e espontânea. Embora tivesse tido algumas divergências, por motivo de questões de interesse público ou de rivalidade, com Filopêmene, em primeiro lugar, e com Diófanes, depois, ambos capitães da comunidade dos aqueus, jamais se mostrou sedento de vingança e nem a sua cólera jamais lhe ditou quaisquer maldades contra eles. Desabafava-se sempre nos discursos cheios de franqueza que proferia nas reuniões do Conselho. Ninguém jamais o apresentou como homem rancoroso ou vingativo, lendo parecido, ao contrário, a várias pessoas, ser algo leviano e precipitado. Era, aliás: um homem de trato doce e agradável e sua conversação era cheia de interesse e vivacidade. Certa vez, como os aqueus desejassem assenhorear-se da ilha de Zacinto, ele lhes disse, a fim de dissuadi-los

dessa empresa: "Senhores aqueus, se sairdes do Peloponeso, corre-reis o mesmo perigo que as tartarugas quando põem a cabeça fora de sua carapaça". E na primeira vez que se avistou com Filipe para com ele tratar da paz, este lhe disse: "Trouxestes muita gente convosco, ao passo que eu vim só". A essas palavras ele respondeu incontinente: "Vós mesmo vos reduzistes a essa solidão, pois fizestes morrer todos os vossos parentes e amigos". De outra feita, em Roma, Dinócrates, o Messênio, após embriagar-se num festim, pôs-se a dançar vestido de mulher. No dia seguinte, procurou Tito a fim de pedir-lhe que o apoiasse no seu desígnio de retirar a cidade de Messena da Liga dos Aqueus. Tito deu-lhe esta resposta: "Pensarei nisso; mas é de surpreender que, estando preocupado com tão grandes coisas, possais cantar e dançar vestido de mulher num festim".

XXXIV. Falando perante os aqueus, os embaixadores de Antíoco, que tinham vindo solicitar-lhe que abandonassem a sua aliança com os romanos e se unissem com seu rei, fizeram uma longa enumeração dos combatentes alistados no seu exército, citando os nomes de vários deles. Tito deu-lhes esta resposta: "Um dia, um meu amigo e hospedeiro, ofereceu-me uma ceia. E tal foi o número de pratos servidos à mesa, que manifestei a minha surpresa e perguntei-lhe como tinha conseguido encontrar iguarias tão variadas e em tão grande quantidade. E o, meu amigo redarguiu: "Todos estes pratos são feitos com carne de porco, e se uns diferem dos outros é devido ao modo diverso de prepará-los e temperá-los. Do mesmo modo, senhores aqueus, não vos deixeis impressionar por este grande exército de Antíoco que vos é descrito: estes lanceiros, estes piqueiros, estes infantes, de quem tanto se falou aqui, não são todos eles senão sírios, que diferem apenas pelas suas armaduras".

XXXV. Após os seus belos feitos na Grécia, e o fim da guerra contra Antíoco, Tito foi escolhido para as funções de censor, juntamente com o filho de Marcelo, que havia sido cônsul cinco vezes. Esse cargo reveste-se, entre os romanos, de uma grande dignidade, e é, de algum modo, a mais alta de todas as honras que um cidadão pode alcançar na República de Roma. Os dois censores expulsaram do Senado quatro personagens que não pertenciam, aliás, a famílias de grande notabilidade, e admitiram no número dos cidadãos romanos todos aqueles que se apresentavam para inscrever seus nomes nos registros públicos, desde que nascidos de pais livres. Foram a isso forçados por Terêncio Culeo, tribuno do povo, o qual, por ódio da nobreza, qu e queria mortificar, persuadiu o povo a exigi-lo. As duas personalidades mais ilustres e mais estimadas nessa época, em Roma, eram Públio Cipião, o Africano, e Marco Pórcio Catão, os quais se haviam tornado inimigos. Tito nomeou Cipião príncipe do Senado, por ser o homem mais virtuoso e eminente de toda a cidade, e tornou-se abertamente inimigo de Catão, pela seguinte lamentável ocorrência: Tito tinha um irmão chamado Lúcio Quíncio Flamínino, que em nada se parecia com ele, pois levava uma vida dissoluta, abandonando-se de tal modo à voluptuosidade que se esquecia de seus deveres. Ele amava perdidamente um jovem de quem não se separava nem mesmo quando partia para a guerra ou seguia para uma província a fim de governá-la ou desincumbir-se de alguma missão. Um dia, este jovem, querendo lisonjear Lúcio, disse-lhe ser tal a sua afeição por ele que, para acompanhá-lo, deixara de assistir a um combate de gladiadores, embora jamais tivesse visto matar um homem, pois preferira sacrificar o seu próprio prazer ao desejo de satisfazê-lo, Lúcio, cheio de júbilo diante destas palavras, respondeu-lhe incontinente: "Não há nenhum motivo para lamentares tal coisa. Satisfarei imediatamente o teu desejo". E mandou que se retirasse da prisão um criminoso condenado a morte e se chamasse um carrasco, ao qual, durante a ceia, ordenou que lhe cortasse a cabeça.

XXXVI. O historiador Valério Àntias diz que não foi por um jovem, mas sim por uma mulher que amava, que ele agiu daquele modo. Mas Tito Lívio conta que Catão, num discurso por ele proferido a respeito, disse tratar-se de um trânsfuga gaulês, o qual foi ter à porta de Lúcio

Flamínino com sua mulher e filhos. O dono da casa mandou-o entrar na sala do festim, e ali matou-o com suas próprias mãos, a fim de proporcionar um prazer ao jovem por quem se apaixonara. Mas é possível que Catão tenha feito tal narrativa a fim de agravar o crime e torná-lo mais atroz; pois a maioria dos autores afirma que não se tratava de um trânsfuga e sim de um criminoso condenado a morte. Cícero, o orador {817}, diz tal coisa, em seu "Tratado sobre a Velhice", onde faz o próprio Catão narrar a história.

XXXVII. Seja como for, Marco Catão, após sua nomeação para o cargo de censor, procedeu à depuração do Senado, de onde afastou as pessoas indignas, entre as quais Lúcio Quíncio Flamínino, não obstante a sua dignidade consular, e a possibilidade desta decisão infamante atingir também o seu irmão Tito. Diante disso, os dois irmãos, apresentaram-se perante o povo, em plena assembleia, com a maior humildade, e ali fizeram um pedido que pareceu inteiramente justo: o de que Catão fosse coagido a dizer publicamente quais os motivos que o tinham levado a lançar aquele labéu sobre tão ilustre família, como era a deles. Catão, sem se fazer de rogado, dirigiu-se com seu colega à praça, e perguntou, em vez alta, a Tito, se ele não tivera conhecimento do festim onde se passara o fato acima narrado. Tito respondeu que de nada sabia. O censor contou, então, tudo o que ocorrera, de principio a fim. E, terminada sua narrativa, intimou Lúcio Quíncio a fazer um juramento público, caso pretendesse negar a autenticidade do que narrara. Lúcio não pronunciou sequer uma palavra, e o povo julgou que ele havia merecido o labéu que lhe fora lançado, e, para homenagear Catão, acompanhou-o da tribuna da praça até sua residência. Entretanto, Tito, vivamente tocado pelo infortúnio de seu irmão, uniu-se aos inimigos de Catão, e tanto fez que conseguiu do Senado a anulação de todos os arrendamentos, contratos e transações {818}, por ele feitos durante o exercício de seu cargo; além disso, suscitou e preparou contra Catão vários processos graves.

Duvido, contudo, que Tito tenha agido com habilidade e sabedoria ao tornar-se inimigo irreconciliável de um homem de bem, de um excelente cidadão, de um magistrado que cumpria o seu dever; e tudo por causa de um seu parente próximo, é verdade, mas que era indigno de tal parentesco e merecedor da vergonha por que passara.

XXXVIII. Todavia, algum tempo depois estando o povo reunido no teatro para assistir a certos jogos, Lúcio apareceu e foi sentar-se humildemente num dos pontos mais afastados do teatro, longe dos senadores que, como de costume, ocupavam os melhores lugares. O povo, vendo-o, dele se apiedou, e não pôde suportar o espetáculo de sua desonra; pôs-se então a dizer-lhe, aos gritos, que deixasse o lugar onde estava, e não cessou de gritar enquanto ele não foi tomar assento entre os senadores, que não hesitaram em recebê-lo.

XXXIX. Mas voltemos a tratar de Tito: enquanto a sua ambição natural e o seu amor às honrarias encontraram um campo apropriado para se exercer nas guerras de que falamos mais acima, foram geralmente aprovados. Aceitou-se mesmo o fato de, após o seu consulado, ter servido como tribuno militar sem que para isso tivesse sido solicitado. No entanto, quando a sua idade começou a declinar, colocando-o na obrigação de recusar qual quer encargo público ou comando, verificou-se que a sua ambição era desmesurada: com efeito, num resto de vida que não era mais adequado à ação, ele revelou conservar um desejo de reputação e uma paixão pela glória que, quando muito, poderiam ser tolerados num jovem. Esta ambição foi, ao que me parece, a única causa que o levou a desejar a morte de Aníbal, tornando-se por isso geralmente mal-quisto. Aníbal, depois de deixar secretamente Cartago, refugiara-se primeiro junto ao rei Antíoco; mas quando este, derrotado na Frígia, aceitou com satisfação a paz que os romanos lhe ofereceram, impondo as suas condições, Aníbal foi obrigado a fugir; e, após errar durante muito tempo, fixou-se finalmente no reino da Bitínia, junto do rei Prúsias. Os romanos sabiam perfeitamente que ali se encontrava; mas ninguém com ele se incomodava, pois que estava velho e alquebrado, sem qualquer força ou poderio, não passando de um pobre homem abatido pela fortuna.

XL. Entretanto, Tito, que o Senado enviara numa embaixada junto ao rei Prúsias, para tratar de outras questões, viu Aníbal, que já fixara residência na Bitínia, e ficou indignado por encontrá-lo ainda vivo; e, não obstante as súplicas insistentes de Prúsias em favor do pobre velho que fora atirar-se aos seus braços à procura de um refúgio, e tornara-se seu hóspede, mostrou-se inexorável. Aníbal recebera, muito tempo antes, um oráculo referente à sua morte, dizendo o seguinte:

Aníbal, pagando tributo a mãe natura,

Em terra líbica terá sua sepultura.

Supôs ele que o oráculo se referisse à Líbia, isto é, à África, e assim se persuadira de que terminaria seus dias em Cartago, onde seria inumado. Mas existe na Bitínia uma certa região arenosa, perto do mar, na qual fica uma pequena povoação chamada Libissa, onde Aníbal residia habitualmente. Como desconfiasse da fraqueza de Prúsias e temesse o ódio dos romanos, ele mandara cavar sete passagens subterrâneas, as quais, de sua casa, iam ter a lugares diferentes, bem distantes da localidade, e disfarçadas de modo a não poderem ser vistas de fora.

XLI. Logo que foi informado da ordem dada por Tito a Prúsias, e que devia ser entregue aos romanos, ele tentou fugir pelas passagens subterrâneas; mas, tendo verificado que em todas as saídas havia guardas, ali colocados pelo rei, resolveu matar-se. Afirmam alguns que enrolou uma peça de roupa em volta do pescoço, e ordenou em seguida a um servidor que, colocando os joelhos sobre seu dorso, torcesse o pano e o puxasse ao mesmo tempo com força, até o seu completo estrangulamento; outros dizem que, seguindo o exemplo de Midas e Temístocles, ele bebeu sangue de touro. Mas Tito Lívio conta que ele tinha em seu poder certo veneno, reservado para uma ocasião como essa, o qual dissolveu em água, numa taça. Conservando esta na mão, disse antes de beber: "Livremos os romanos de sua grande preocupação, pois que lhes parece muito perigoso esperar pela morte natural deste pobre ancião, que lhes é tão odioso. Tito não obterá aqui uma vitória honrosa e nem digna dos antigos romanos, os quais advertiram o seu inimigo Pirro, que lhes movera guerra e os havia derrotado, que se precavesse contra o veneno para ele preparado pelos seus inimigos".

XLII. Este foi o fim de Aníbal{819}, segundo se conta. Quando a notícia de sua morte chegou a Roma, a maior parte dos senadores censuraram abertamente Tito, pois todos achavam que era um excesso de crueldade fazer morrer Aníbal, a quem o povo romano decidira deixar viver como um pássaro ao qual a velhice tivesse despojado de toda a plumagem e de todas as penas; e, além disso, porque o fizera morrer sem que ninguém o solicitasse, mas apenas movido pelo desejo de glória, pela preocupação de ser citado nas cronicas como o causador da morte de Aníbal.

XLIII. O espírito indulgente e a magnanimidade de Cípião foram, nessa ocasião, objeto dos maiores louvores; pois este grande homem, após derrotar Aníbal em solo africano, quando ele era ainda temível e só conhecia vitórias, não o expulsara de seu país, nem pedira aos cartagineses que lho entregassem. Ao contrário, antes da batalha, ao parlamentar com ele, tratou-o de modo honroso, e tocou-lhe mesmo a mão; e depois da batalha, ao estabelecer as condições de paz, nada propôs que prejudicasse sua pessoa e nem o perseguiu em seu infortúnio. E conta-se que ambos se encontraram novamente na cidade de Éfeso, onde, passeando juntos, Aníbal tomou o lugar de maior proeminência; Cipião suportou-o pacientemente, e, sem dar qualquer indicação de descontentamento, continuou no passeio.

Depois de abordarem vários assuntos, a conversação recaiu sobre os grandes capitães, e Aníbal exprimiu a opinião de que Alexandre, o Grande fora o maior e o mais competente de todos, seguindo-se Pirro, em segundo lugar, e ele, em terceiro. Cipião, sorrindo docemente, perguntou-lhe então: "E que diríeis se eu não vos tivesse vencido?" "Eu me colocaria, não no terceiro lugar, Cipião, mas no primeiro, acima de todos os generais que até hoje existiram" {820}.

XLIV. A recordação destes episódios da vida de Cipião e as suas belas palavras fazia com que, por parte de alguns, ainda maiores se tornassem as censuras a Tito, pelo fato de haver colocado, por assim dizer, as mãos sobre um cadáver, que não pertencia aos romanos. Outros, ao contrário, o elogiavam, dizendo que, enquanto Aníbal vivesse, seria, para o império romano, como uma brasa oculta, à espera de ser soprada para transformar-se em labareda. Acrescentavam que não tinha sido nem seu corpo, nem seu braço que, na força da idade, tantas dificuldades haviam criado para os romanos, mas o seu bom senso e a sua capacidade, na arte da guerra, juntamente com o ódio e a animosidade contra Roma, os quais criaram raízes no seu coração; e estes sentimentos, a velhice não atenua de nenhum modo, pois a natureza e a qualidade do caráter permanecem sempre as mesmas, enquanto que a fortuna não se conserva sempre a mesma, mas vai se modificando, e, ao se modificar, incita a novos empreendimentos, por meio de novas esperanças, aqueles que têm no cotação o ódio contra os seus antigos inimigos.

XLV. As coisas que depois aconteceram vieram justificar grandemente as razões apresentadas em defesa de Tito. Pois, de um lado, viu-se Aristônico, filho de um tocador de citara, provocar em toda a Ásia, guerras e rebeliões, tendo em vista os interesses de Eumenes, de quem era bastardo; e, de outro lado, Mitrídates, o qual, após as derrotas que lhe infligiram Sila e Fímbria, após tantos exércitos desbaratados e tantos capitães mortos em combate, conseguiu refazer-se, investindo contra Lúculo, com grandes forças de terra e mar. E, sem dúvida nenhuma, o infortúnio de Aníbal não foi tão grande quanto o de Caio Mário; pois tinha por amigo um rei poderoso que lhe fornecia meios para se manter, e, além disso, mantinha ligações com a esquadra, a cavalaria e a infantaria desse rei. Enquanto Mário errava e mendigava para viver. na África, os seus inimigos, em Roma, insultavam a sua miséria, tombando dele; e logo depois, açoitados, espezinhados, e mesmo mortos, por ordem dele, dentro da própria cidade, prosternavam-se diante do vencedor. Assim, nesta vida, nunca podemos dizer se o presente é grande ou pequeno em relação ao futuro, pois, no homem, as vicissitudes só chegam ao fim com o seu próprio fim.

XLVI. Há autores, aliás, que dizem não haver Tito agido naquela questão por sua própria iniciativa, afirmando-se que ele foi enviado à Bitínia, como embaixador, juntamente com Lúcio Cipiao, precisa-, mente para obter, de qualquer modo, a morte de Aníbal. A história não nos oferece, depois desta embaixada, qualquer outra ação memorável de Tito, nem na guerra nem na paz, e sabemos que ele morreu de morte natural, tranquilamente, em sua casa.

PARALELO ENTRE TITO QUÍNCIO FLAMÍNINO E FILOPÊMENE

I. Chegou agora o momento de compararmos Tito Quíncio Flamínino com Filopêmene. Se tivermos em vista a magnitude dos benefícios prestados à nação grega, nem Filopêmene, nem quaisquer das outras grandes personalidades ou capitães possuidores de maiores qualidades do que ele poderão ser comparados com Tito. Todas estas grandes personagens eram gregas e fizeram guerra aos próprios gregos, enquanto que Tito", não sendo grego, fez a guerra pela Grécia; além disso, enquanto Filopêmene, não. dispondo de recursos para socorrer seus pobres concidadãos, atormentados por uma guerra perigosa, seguiu para a ilha de Cândia, Tito, após derrotar Filipe, rei da Macedônia, libertou todos os povos e todas as cidades da Grécia. E se se examinar as batalhas pelejadas por um e outro, ver-se-á que Filopêmene, comandando os aqueus, fez morrer mais gregos do que Tito macedônios, ao combater contra estes pela liberdade da Grécia.

II. E, quanto aos defeitos, um era ambicioso, o outro obstinado; um irritava-se facilmente, o outro era difícil de apaziguar. Tito deixou ao rei Filipe o seu reino e dignidade real, após tê-lo vencido, e deu provas de grande benignidade em relação aos étólios; Filopêmene, num momento de- cólera, privou a sua própria pátria de vários burgos e aldeias, que sempre tinham sido seus contribuintes. Tito mantinha-se o amigo constante daquele a quem um dia prestara serviço; Filopêmene, quando se encolerizava, era capaz de tirar aquilo que havia dado, de desfazer o prazer que havia causado. Depois de ter sido o protetor dos lacedemônios, arrasou as muralhas de sua cidade, devastou o território de seu país e acabou subvertendo toda a forma de seu governo.

E parece mesmo que a sua própria morte foi uma consequência de sua cólera e teimosia, pois atacou Messena com precipitação e fora de tempo, em vez de imitar Tito, que em todas as suas ações sempre agia cem grande prudência e bom-senso, tendo sempre em vista a segurança.

III. Se considerarmos o número de batalhas e vitórias de ambos, encontraremos em Filopêmene mais experiência do que em Tito, A guerra deste contra Filipe terminou com apenas dois combates. Filopêmene, vencedor de um grande número de batalhas, deixou bem claro que sua capacidade o ajudou muito mais a alcançar vitórias do que a sua sorte. Além disso, Tito encontrou no poderio de Roma, que estava então em seu apogeu, grandes facilidades para se tornar ilustre, enquanto que Filopêmene se tornou famoso no declínio da Grécia; deste modo, os êxitos de um são comuns a todos os romanos, e os do outro são sua própria obra. O capitão romano comandava bons e valorosos combatentes, e que já o eram antes dele; e Filopêmene, após ter sido nomeado capitão, tornou os seus comandados em bons e aguerridos soldados, o que não eram antes,

IV. Todos os combates de Filopêmene foram travados contra os gregos; e, se esta circunstância não pode ser considerada feliz, constitui pelo menos uma grande prova de seu valor; pois onde todas as coisas são iguais, vencem os que têm maior virtude. Ora, Filopêmene combateu contra os povos mais belicosos da Grécia, os candiotas e os lacedemônios, lendo vencido os mais ardilosos com astúcia e saga cidade e os mais valentes com sua audácia.

V. Por outro lado, Tito, para vencer, empregou apenas os meios que já encontrou preparados e ordenados, ou seja, a disciplina militar e uma tática já estabelecida, a que os combatentes estavam, havia já muito tempo, acostumados; Filopêmene, ao contrário, teve de introduzir esses meios em seu país, modificando todas as normas seguidas anteriormente pelas tropas. Assim, aquilo que mais influi para o desfecho favorável de uma batalha foi criado por um e apenas empregado pelo outro, pois que tudo encontrou já preparado.

VI. Quanto à bravura pessoal, podem-se citar vários e belos atos de Filopêmene, mas nem um sequer de Tito. Ao contrário, conta-se que um etólio chamado Arquedemo, zombando dele, certa ocasião, censurou-o porque, do decorrer de uma batalha, quando, com a espada, na mão, avançava sobre os macedônios, vendo que estes estavam dispostos a resistir e a combater, ergueu as mãos para o céu, e dirigiu suas preces aos deuses, permanecendo imóvel, precisamente num momento em que devia agir. Aliás, todas as belas ações da vida de Tito foram pratica das quando no exercício das funções de cônsul ou comandante substituto, ou, de qualquer modo, de magistrado; mas Filopêmene sempre se mostrou ativo entre os aqueus, tanto quando era um simples particular como quando os comandava. Ele estava à sua frente quando expulsou Nábis{821} da Messena, e livrou os messênios da servidão; e, como simples particular, fechou as portas de Esparta diante de Diófanes, capitão dos aqueus, e de Tito, impedindo que entrassem na cidade e a saqueassem.

VIL A natureza fizera-o de tal modo para o comando que ele não comandava apenas de acordo com as leis, mas comandava, por assim dizer, as próprias leis, quando necessário e o interesse público o exigia. Nestas ocasiões, não esperava que os por ele governados lhe conferissem poderes para comandar, mas assumia esses poderes, deles se utilizando no momento oportuno. Na sua opinião o mais legítimo capitão era aquele que sabia o que convinha aos cidadãos fazerem, e não aquele por estes eleito. Não se pode senão aplaudir os atos de clemência e de bondade praticados por Tito em relação aos gregos; mas os atos de bravura e de magnanimidade praticados por Filopêmene em relação aos romanos ainda são mais merecedores de elogios. Com efeito, é muito mais fácil recompensar e fazer o bem aos pobres do que se expor a desagradar os poderosos, a eles resistindo.

VIII. Pois que, após haver comparado estes dois grandes homens, verifica-se ser difícil discernir perfeitamente aquilo que os diferencia, não deixaria talvez de ser um julgamento equitativo conferir ao capitão grego a coroa da experiência militar e da arte de comandar, e, ao romano, a da clemência, da justiça e da bondade.

Pirro

SUMÁRIO DA VIDA DE PIRRO

I. Origem do reino do Épiro. II. Genealogia de Pirro. III. Eácides, seu pai, é destronado pelos filhos de Neoptólemo. IV. Pirro, ainda criança, é subtraído às suas perseguições por Andróclidas e Ângelo. V. Gláucias, rei da Ilíria, toma-o sob sua proteção. VI. Coloca-o no trono. VII. Nova revolta no Épiro. Pirro dirige-se para junto de Demétrio. VIII. Regressa ao Épiro e partilha o trono com Neoptólemo. IX. Os dois reis tornam-se inimigos. X. Pirro faz malograr a conspiração de Neoptólemo e se desfaz dele. XI. Vai em socorro de Alexandre, contra Antípatro, mediante a cessão de uma parte da Macedônia. XII. O adivinho Teodoto dissuade-o de assinar o tratado que negociara com Lisímaco e Demétrio. XIII. Começo das divergências entre Pirro e Demétrio. XIV. Declara-se a guerra. Batalha na qual Pirro se distingue. XV. Comparação de Pirro com Alexandre, o Grande. XVI. Elogio de seu talento militar. XVII. Doçura e bondade de seu caráter. XVIII. Suas mulheres e filhos. XIX. Ele se apodera de uma parte da Macedônia, que perde logo depois. Faz as pazes com Demétrio. XX. Novo motivo de guerra. XXI. Investe de novo contra Demétrio. XXII. Motim no acampamento de Demétrio. Pirro é pr oclamado rei da Macedônia. XXIII. Partilha o trono com Lisímaco. XXIV. Vai a Atenas. XXV. Abandona completamente a Macedônia. XXVI. Retira-se para o Êpiro. XXVII. Pensa em auxiliar os tarentinos contra os romanos. XXVIII. Descrição do que então se passou em Tarento. XXIX. Retrato em Tarento. XXIX. Retrato de Cíneas. XXX. Conversação de Pirro com Cíneas sobre esta guerra. XXXI. Pirro parte, não obstante suas advertências. Enfrenta uma tempestade que destrói sua esquadra. XXXII. Aporta na Calábria. XXXIII. Estabelece em Tarento uma disciplina severa. XXXIV. Acampa perto dos romanos, e observa a formação de suas tropas, que provoca a sua admiração. XXXV. Empenha-se na batalha. Sua co nduta reúne, a prudência de um general e toda a coragem de um infante. XXXVI. Alternativas do combate. XXXVII. Pino, finalmente, põe os romanos em fuga, e apodera-se de seu acampamento. XXXVIII. Envia Cíneas a Roma a fim de negociar a paz. XXXIX. Após Cláudio, o Cego, faz-se conduzir ao Senado, para a isso se opor. XL. Resposta do Senado às propostas de Pirro. X LI. Fabrício é enviado, com vários outros embaixadores, ao encontro de Pirro. Tentativas inúteis de Pirro para que ele aceitasse presentes, e para inspirar-lhe medo. XLII. Julgamento de Fabrício sobre Epicuro e sua doutrina. XLIII. Generosa resposta de Fabrício a Pirro. O rei confia-lhe os prisioneiros de guerra, sob palavra. XLIV. Os cônsules romanos advertem Pirro da perfídia de seu médico. XLV. Pirro envia aos romanos todos os prisioneiros de guerra, sem resgate. Empenha-se numa segunda batalha. XLVI. Sai vitorioso. XLVII. Diferença na maneira como Hierônimo narra este combate. XLVIII. Frase de Pirro por ocasião de suas vitórias. XLIX. Embaixadores da Sicília junto a Pirro. Notícias que lhe chegam da Grécia sobre a situação na Macedõnia. Segue para a Sicília. L. Ocupa a cidade de Erix. LI. Recusa-se a conceder a paz aos cartagineses. Modifica-se a sua atitude em relação aos sicilianos. LII. Toda a Sicília se une contra ele. LIII. Volta à Itália. É atacado durante a viagem, e perde parte de sua esquadra. Aporta na Itália, onde os mamertinos o atacam de novo. LIV. Combate singular de Pirro com um bárbaro; ele o fende ao meio com um golpe de espada. LV. Ataca os romanos. LVI. É derrotado. LVII. Deixa a Itália e segue para a Macedõnia a fim de atacar Antígono, que o derrota. LVIII. Consagra os despojos dos gauleses no templo de Minerva Itonéia, com uma inscrição. LIX. Coloca na cidade de Egas uma guarnição de gauleses, que pilham os túmulos dos antigos reis da Macedõnia. LX. Segue com um forte exército para Esparta, a pedido de Cleônimo. LXI. Entra na Lacônia, e acampa perto de Esparta. LXII. Os espartanos abrem durante a noite uma trincheira diante de sua cidade. As mulheres ajudam os homens. LXIII. Começo do ataque. LXIV. Proeza de Acrotato. LXV. Feito e morte de Filio. LXVI. Pirro recomeça o ataque na manhã do dia seguinte. LXVII. Acidente que obriga Pirro a bater em retirada. LXVIII. Chegam em retirada. LXVIII. Chegam socorros a Esparta. LXIX. Pirro deixa a Lacônia e segue para Argos. Um contingente escolhido de lacedemônios ataca-o no caminho. LXX. Ele os dizima, mas seu filho é morto. LXXI. Continua em sua marcha para Argos. LXXII. Diversos presságios. Pirro entra com suas tropas em Argos. LXXIII. Combate em Argos. LXXIII. Combate noturno. Pirro é tomado de espanto ao ver figuras de cobre representando o combate de um lobo e de um touro. LXXIV. Origem desta representação. LXXV. Obstáculos que Pirro encontra em sua retirada. LXXVI. Uma mulher fere-o com uma telha e um soldado corta-

lhe a cabeça. LXXXVII. Honras fúnebres que lhe são prestadas por Antígono. Envia este Heleno, filho de Pirro, ao Épiro.

Do ano 430, de Roma, ao ano 482; 272 A. C.

I. Conta-se que, após o dilúvio, Faetonte, um dos que se dirigiram para o Épiro{822} com Pelasgo, foi o primeiro rei dos tesprotos e dos molossos; porém, outros historiadores dizem que Deucalião{823} e sua mulher, Pirra, depois de construírem o templo de Dodona, no país dos molossos, ali se estabeleceram.

II. Seja como for, muito tempo depois, Neoptólemo, à frente de um exército numeroso, conquistou o país, deixando depois dele uma sucessão de reis, que foram chamados os pírridas, devido ao nome de Pirro, que recebera ainda em sua infância, e dado igualmente ao mais velho dos filhos legítimos que teve de Lanassa, filha de Cleódeo, filho de Hilo. Este o motivo por que Aquiles é honrado e reverenciado no Épiro como um deus, sendo ali chamado Aspetos, na língua do país. Mas como os que sucederam a estes primeiros reis caíram na barbárie, nenhuma memória deles nem de suas ações e poderio existe. O primeiro a que a história faz menção é Tárritas{824}, cujo nome passou à posteridade por ter dado às cidades de seu país os costumes dos gregos, polindo-as através do cultivo das letras e estabelecendo leis e normas civis. Este Tárritas deixou um filho, chamado Alcetas, e de Al cetas nasceu Arimbas{825}, e de Arimbas e Tr óiade, sua mulher, nasceu Eácides; este desposou Ftia, filha de Menão, o Tessálio, que, tendo adquirido grande renome durante a chamada guerra Lamíaca{826}, gozou de maior autoridade, junto de Leóstenes, do que qualquer outro confederado.

III. Eácides teve de sua mulher Ftia duas filhas, Deidâmia e Tróiade, e um filho, a quem deu o nome de Pirro. Entretanto, os molossos se rebelaram, expulsaram-no de seu reino e colocaram no trono, o filho de Neoptólemo. Todos os amigos de Eácides que não conseguiram fugir foram mortos. Pirro, que era ainda criança de peito, foi procurado por toda parte peles inimigos de seu pai, os quais queriam matá-lo, Andróclidas e Ângelo, porém conseguiram subtraí-lo às suas buscas, e fugiram. Levaram consigo alguns poucos servidores, bem como várias mulheres, para tratar e amamentar a criança. Como o grupo era numeroso, não podia caminhar rapidamente, e a fuga se tornou difícil. Andróclidas e Ângelo, vendo que os inimigos estavam prestes a alcançá-los, entregaram o menino a Androclião, Hípias e Neandro, três jovens robustos e dispostos, em quem confiavam, e ordenaram-lhe que se dirigissem o mais depressa possível para uma cidade do reino da Macedônia chamada Mégara. E, em seguida, em parte orando, em parte, combatendo., conseguiram conter os perseguidores até à tarde. Livrando-se destes, afinal, com muita dificuldade, foram correndo ao encontro dos jovens a quem haviam confiado Pirro. Ao pôr do sol, eles supuseram ter atingido o objeto de suas esperanças, mas logo verificaram que dele estavam mais distante do que nunca. O rio existente ao longo das muralhas da cidade corria com tal rapidez que amedrontava. Procuraram um lugar onde pudessem atravessá-lo a vau, mas verificaram que isto era impraticável: com o volume aumentado em consequência de chuvas abundantes, suas águas lamacentas rolavam com grande violência, e a escuridão da noite tornava as coisas ainda mais medonhas.

IV. Desesperavam já de poder atravessar sozinhos o rio com a criança e as mulheres que a ornamentavam, quando viram, na outra margem, moradores da região, aos quais suplicaram, em nome dos deuses, que os ajudassem a conduzir Pirro através da torrente, mostrando-lhe ao mesmo tempo, de longe, o menino. Porém, o ruído forte das águas impedia que fossem ouvidos, e assim, ficaram todos muito tempo parados junto às margens do rio, uns gritando e outros prestando atenção, sem que nada pudessem entender. Finalmente, um dos membros do grupo teve a ideia de arrancar, uma casca de carvalho, na qual escreveu com o fuzilhão de uma fivela várias palavras, expondo a situação da criança e a necessidade que tinha de ser socorrida. Em seguida, enrolou a casca numa pedra, a fim de dar-lhe peso e poder atirá-la ao outro lado do rio, o que fez. Há quem diga que ele espetou a casca na ponta de um dardo, e o arremessou. Os que estavam na outra margem leram os dizer os escritos na casca, ficando assim ao par do perigo que corria o menino, imediatamente, cortaram o mais depressa que puderam várias árvores, as quais amarraram juntas, e sobre elas atravessaram o rio. O primeiro a chegar se chamava, por acaso, Aquiles; ele pegou a criança e a levou para o lado

oposto, enquanto seus companheiros fizeram o mesmo com as outras pessoas.

V. Salvos assim do perigo, e fora do alcance daqueles que os perseguiam, puseram-se todos a caminho, dirigindo-se para a Ilíria, junto ao rei Gláucias, o qual encontraram em sua casa, sentado ao lado da esposa. Colocaram a criança no chão, no meio da sala, diante do soberano. Este permaneceu pensativo durante muito tempo, sem nada falar, meditando sobre o que devia fazer, pois que temia Cassandro, inimigo mortal de Eácides. E, enquanto isso, o menino Pirro, engatinhando, alcançou com suas mãos a roupa do rei, e tanto fez que ficou de pé, junto aos joelhos de Gláucias. Este pôs-se a rir, mas logo depois se apiedou, pois pareceu-lhe achar-se diante de um suplicante que tivesse vindo atirar-se-lhe aos braços, para salvar-se. Outros autores dizem que não foi a Gláucias que ele se dirigiu, mas ao altar dos deuses domésticos, diante do qual se ergueu, abraçando-o com os dois braços. O rei, achando que isto fora feito através de uma determinação divina, colocou o menino entre os braços de sua mulher, e ordenou-lhe que o criasse com seus filhos.

VI. Pouco tempo depois seus inimigos mandaram procurá-lo, tendo Cassandro chegado a oferecer duzentos talentos pela entrega do menino. Gláucias recusou-se a entregar Pirro, e, quando este atingiu a idade de doze anos, levou-o para o Épiro à frente de um exército, e o colocou no trono. Pirro tinha em seus traços um ar de majestade que inspirava mais terror do que respeito; e seus dentes superiores, em vez de serem separados, um do outro, formavam um osso contínuo, sobre o qual ligeiras incisões marcavam os lugares onde devia haver as separações. Atribuíam-lhe a virtude de curar as doenças do baço, para o que ele sacrificava um galo branco, e, com o pé direito deste tocava docemente a víscera do enfermo, que fazia deitar sobre o dorso. Por mais pobres que fossem as pessoas que o procurassem, ou per mais baixa que fosse a sua condição, ele não deixava de aplicar esse remédio, quando solicitado. Recebia como salário o galo sacrificado, presente que lhe era muito agradável. Afirmava-se que o dedo grande de seu pé direito tinha certa virtude divina; e, quando, após sua morte, seu corpo foi queimado e reduzido a cinzas, foi encontrado inteiro, sem nenhum sinal da ação do fogo. Mas disto trataremos mais adiante{827}.

VII. Ao completar dezessete anos, Pirro acreditando estar assegurada a posse de seu reino, decidiu realizar uma viagem à Ilíria, a fim de assistir às núpcias de um dos filhos de Gláucias, com o qual havia sido criado. Mal se ausentara, e os molossos rebelaram-se de novo, expulsaram os seus servidores e amigos, pilharam todos os seus bens, e entregaram-se depois ao seu adversário Neoptólemo. Pirro, despojado de seus territórios, e vendo-se abandonado por todos, retirou-se para junto de Demétrio, filho de Antígono, que tinha desposado Deidâmia. sua irmã. Esta princesa, quando ainda muito jovem, fora dada como noiva a Alexandre, filho de. Alexandre, o Grande, e de Roxana, e a tratavam mesmo como sua mulher. Porém, como toda aquela família, por infelicidade, extinguiu-se inteiramente, Demétrio casou-se com ela, ao chegar à nubilidade. E na grande batalha travada perto da cidade de Hipse{828}, da qual todos os reis participaram, Pirro, apesar de muito jovem, esteve sempre ao lado de Demétrio, distinguindo-se como um dos melhores combatentes, pois obrigou todos os que se encontravam à sua frente a fugirem. Demétrio foi derrotado, mas ele não o abandonou, conservando-lhe, fielmente, as cidades gregas que lhe haviam sido confiadas.

VIII. Depois do tratado concluído entre Demétrio e Ptolomeu, ele foi, como refém, seguindo para o reino do Egito. Durante a sua estada nesse país, deu tanto na caça como em vários exercícios, as maiores provas de sua força, paciência e resistência às canseiras. Verificando que, de todas as mulheres de Ptolomeu, Berenice era a que gozava de maior crédito junto do marido, e era também a mais prudente e a mais sensata, começou a fazer-lhe assiduamente a corte. Ele sabia humilhar-se perante os grandes, dos quais podia tirar proveito, e insinuar-se para conquistar-lhes as boas graças; ao mesmo tempo, mostrava-se cheio de desprezo pelos que pertenciam a categoria inferior à sua. E, como fosse honesto e moderado em sua conduta,

foi o preferido, entre vários outros jovens príncipes, para marido de Antígona, filha de Filipe e da rainha Berenice, e nascida antes do casamento desta com Ptolomeu. Esta aliança tornou maiores os favores e a consideração de que gozava; e, com o apoio de Antígona, a qual se mostrava boa e afetuosa para com ele, conseguiu gente e dinheiro para voltar ao reino do Épiro e reconquistá-lo. Foi ali bem recebido pelo povo, pois este odiava Neoptólemo, que costumava tratar os seus súditos cem violência e crueldade. Entretanto, receando Pirro que ele fosse à procura de outros reis para convencê-los a assumirem a sua defesa, achou melhor concluir um acordo, ficando combinado que ambos reinariam juntos.

IX. Com o passar do tempo, alguns cortesãos se puseram secretamente a irritar um contra o outro, através da desconfiança que semearam entre eles. Mas nada irritou tanto Pirro quanto, segundo se conta, este fato: os reis do Épiro tinham o costume, já muito antigo, de fazer um sacrifício solene a Júpiter Marcial, num lugar da Molóssia denominado Passarão, onde proferiam um juramento e recebiam outro dos epirotas: os reis juravam que governariam de acordo com as leis, e os estatutos do país, e os súditos que defenderiam o reino e nele viveriam de acordo, igualmente, com as leis. Os dois reis, acompanhados de seus amigos, dirigiram-se ao lugar da cerimonia, e ali trocaram presentes de grande valor. Gelão, que era um dos mais fiéis e dedicados servidores de Neoptólemo, após dar a Pirro os maiores testemunhos de amizade e afeição, presenteou-o com dois pares de bois, próprios para trabalhos agrícolas. Mirtilo, copeiro de Pirro, que por acaso, se encontrava na cidade, pediu os bois ao rei. Este negou-lhos, e deu-os a outra pessoa. A recusa magoou Mirtilo, e Gelão, percebendo-o, convidou-o para cear. Alguns autores dizem que, após embriagá-lo, Gelão abusou de Mirtilo, que era jovem e belo. Após a ceia, pôs-se a falar a princípio de coisas vagas, e em seguida concitou-o a colocar-se ao lado de Neoptólemo e a envenenar Pirro. Mirtilo simulou estar de acordo com essa sugestão, demonstrando contentamento. Mas logo depois procurou Pirro a quem tudo contou; o rei ordenou-lhe então que levasse Alexicrates, o chefe dos copeiros, à casa de Gelão, apresentando-o como se estivesse disposto a participar da trama. O que Pirro queria era dispor de várias testemunhas, a fim de provar a conspiração contra ele tramada.

X. Tendo sido Gelão assim enganado, Neoptólemo, que também de nada desconfiara, julgou que a conjura estivesse bem encaminhada, e tal era a sua satisfação que não conseguiu guardar o segredo, revelando-o a alguns de seus amigos. Um dia, achando-se em casa de sua irmã Cádmia, não conseguiu conter-se, certo de que não era ouvido por mais ninguém, e falou-lhe a respeito. Perto deles só estava Fenareta, esposa de Samão, intendente dos rebanhos do rei Neoptólemo. Deitada numa pequena cama, e voltada para o lado da parede, ela fingia dormir. Mas tudo ouviu, sem que os dois irmãos o percebessem; e, no dia seguinte, dirigiu-se a Antígona, esposa de Pirro, e contou-lhe com pormenores aquilo que Neoptólemo dissera à irmã. Pirro, informado de tudo, nada disse na ocasião; mas, tendo feito um sacrifício aos deuses, convidou Neoptólemo para vir cear em sua casa, e matou-o. Ele não ignorava que podia contar com a boa vontade das principais personalidades do reino; fazia já muito tempo que elas o exortavam a se desfazer de Neoptólemo, e a não se contentar apenas com uma pequena parte do Épiro, que lhe pertencia inteiro, concitando-o ainda a seguir a inclinação de sua natureza, a qual o destinara a grandes feitos. Diante de tudo isso, e sobrevindo a conspiração, decidiu desfazer-se de Neoptólemo, fazendo-o morrer em primeiro lugar.

XI. Gomo não tivesse esquecido os serviços que lhe haviam prestado Ptolomeu e Berenice, deu o nome deste príncipe ao. primeiro filho que teve de sua mulher, Antígona, e denominou Berenícide a cidade que mandou construir na península do Épiro. Logo depois, tendo em vista dar início aos grandes projetos que concebera, e sendo ilimitadas as suas esperanças, propôs-se conquistar primeiramente aquilo que estava mais perto dele, e encontrou meios de intervir nos negócios da Macedônia. O filho mais velho de Cassandro, chamado Antípatro, provocara a morte de sua própria mãe, Tessalônice, e expulsara do país seu irmão Alexandre, tendo este mandado pedir a Demétrio que o auxiliasse, o mesmo fazendo em relação a Pirro. Como Demétrio se achasse ocupado com outras questões, e não pudesse ir prontamente em seu

socorro, Pirro seguiu ao encontro de Alexandre, de quem exigiu, como preço de sua aliança, a cidade de Ninféia, e toda a costa da Macedônia, e, além disso, territórios que não faziam parte do patrimônio dos reis da Macedônia, mas que a ele haviam sido incorpados pelas armas: a Ambrácia. a Acarnânía, e a Anfilóquia. Como o jovem príncipe tudo lhe cedesse, Pirro tomou posse dos territórios, colocando guarnições nas cidades. Conquistou depois o resto da Macedônia em nome de Alexandre, e exerceu grande pressão sobre seu irmão Antípatro.

XII. Entrementes, o rei Lisímaco estava desejoso de socorrer Antípatro com suas forças. Mas, tendo de resolver outros assuntos, não podia fazê-lo. Sabendo, contudo, que Pirro não se esquecera dos benefícios recebidos de Ptolomeu, a quem nada recusaria, decidiu escrever-lhe, assinadas com o nome deste príncipe, cartas falsas, nas quais lhe pedia pusesse termo à guerra contra Antípatro, e aceitasse deste, como indenização às despesas porventura feitas, a Soma de trezentos talentos. Pirro, abrindo as cartas, verificou lego que se tratava de um ardil e de uma impostura de Lisímaco. Com efeito, em vez da saudação empregada habitualmente por Ptolomeu, no começo de suas cartas, que era: "A meu filho Pirro, salve", havia esta; "O rei Ptolomeu ao rei Pirro, salve". Ele, no momento, invetivou Lisímaco; todavia, fez depois as pazes com Antípatro, e os três reis acabaram reunindo-se, para jurar, durante um sacrifício, as condições de seu acordo. Três vítimas foram trazidas para ser imoladas: um bode, um touro e um carneiro. Mas este último morreu subitamente, antes que nele tocassem, o que provocou o riso dos presentes. Entretanto o adivinho Teodoto fez com que Pirro desistisse de jurar, dizendo-lhe que o ocorrido pressagiava a morte súbita de um dos três reis. E a paz não foi, assim, por ele concluída.

XIII, Não obstante os negócios de Alexandre já estarem em ordem, Demétrio dirigiu-se para junto dele, e verificou logo que o príncipe não necessitava mais de seu auxílio e que sua presença lhe inspirava medo. Poucos dias depois de estarem juntos, começaram as suspeitas recíprocas, procurando um surpreender o outro desprevenido. Demétrio, porém, aproveitando-se da primeira ocasião que se apresentou, matou Alexandre, que era ainda muito moço, e fez-se proclamar rei da Macedônia, Ora, ele já tivera antes algumas questões com Pirro, a quem censurava pelas suas incursões na Tessália, Além disso, a ambição de cada vez possuir mais, este vício próprio dos príncipes e dos grandes senhores, fazia com que sua vizinhança desse motivo a receios e suspeitas recíprocas, principalmente após a morte de Deidâmia. Mas quando, depois de ocupar, cada um deles, uma parte da Macedônia, puseram-se ambos a disputar a posse de todo o reino, muito maiores se tornaram os motivos de suas divergências.

XIV. Diante disso, Demétrio decidiu entrar com seu exército na Etólia, e, após conquistar o país, nele deixou seu lugar-tenente Pantauco com forças poderosas, marchando ele próprio contra Pirro, o qual, informado a respeito, também se pusera a caminho, para enfrentar o adversário. Porém, errando ambos o caminho, não se encontraram. Demétrio lançou-se através do Épiro, de onde se retirou com uma grande presa; Pirro, de seu lado, avançando até o lugar onde estava Pantauco, deu início à batalha. O combate foi renhido entre os dois exércitos, mas ainda mais vivo entre os dois chefes. Pantauco, que na opinião de toda gente era o primeiro dos capitães de Demétrio, pela sua coragem, força e habilidade, cheio de confiança em si mesmo, provocou Pirro, com quem queria se empenhar num combate singular. Pirro que, quanto ao valor e ao desejo de se assinalar, ocupava o primeiro’ lugar entre todos os reis de sua época, e que desejava apropriar-se da glória de Aquiles, mais por imitação de sua virtude, do que por ter saído de seu sangue, abriu caminho até à primeira fileira, a fim de atacar Pantauco. Depois de lançarem ambos os dardos, aproximaram-se um do outro, e, utilizando-se das espadas, trocaram golpes nos quais revelaram não somente agilidade como grande força. Pirro recebeu dois ferimentos, e atingiu, por sua vez, o adversário, duas vezes, uma na coxa e outra perto da garganta, obrigando-o assim a voltar as costas; e, aproveitando-se da oportunidade, derrubou-o por terra. Mas não pôde matá-lo, pois seus amigos acorreram e levaram-no. Entrementes, os epirotas, encorajados com a vitória de

seu rei, e cheios de admiração pela sua coragem, redobraram, de esforços, e romperam finalmente a falange dos macedônios. Lançando-se em seguida na perseguição dos fugitivos, mataram grande número de inimigos, e fizeram cinco mil prisioneiros.

XV. Esta derrota não encheu tanto de cólera os corações dos macedônios pelas perdas sofridas, nem de ódio por Pirro, quanto de admiração e de estima pela sua bravura; ela constituiu, para todos os que no combate haviam sido testemunhas de seus altos feitos e tinham experimentado a força de suas armas, um assunto inesgotável. Acreditaram ver nele o olhar, a rapidez e os movimentos de Alexandre, o Grande, e como uma sombra, uma reprodução da impetuosidade, da violência que tornavam este tão temível no combate. Enquanto os outros reis imitavam Alexandre somente através do uso de roupas de púrpura, do número de guardas que os cercavam, na maneira de inclinar a cabeça e no modo altivo de falar, Pirro repetia-lhe os feitos e os atos de coragem.

XVI. Os livros que escreveu sobre a arte militar provam suficientemente a sua capacidade de dispor as tropas para a batalha e de comandá-las.

Conta-se que. um dia, o rei Antígono, interrogado sobre quem lhe parecia o maior capitão, respondeu: "Pirro, mas cem a condição de que envelheça". Referia-se ele apenas aos capitães de seu tempo; mas Aníbal preferiu-o entre todos, colocando-o em primeiro lugar no que se refere à experiência e capacidade militar, Cipião em segundo, e ele próprio em terceiro. Já o dissemos na Vida de Cipião{829}. Aliás, parece que Pirro jamais fez outra coisa em sua vida, senão estudar a ciência da guerra; era a única que julgava digna de um rei, e considerava todas as outras ciências como objeto de puro divertimento, que não mereciam nenhuma estima. Conta-se, a propósito, que, um dia, num festim, perguntaram-lhe quem, na sua opinião, era melhor tocador de flauta, Pitão ou Cefésias, e ele respondeu: "Poliperchão, no meu modo de entender, é o melhor capitão que conheço". Ele quis dizer assim que a única arte digna de ser conhecida e sabida por um príncipe era a da guerra.

XVII. Pirro era acessível e dócil com os parentes e amigos, perdoava com facilidade os que o encolerizavam e mostrava-se sempre pronto a retribuir, com generosidade, os serviços que lhe eram prestados. Assim foi que a morte de Eropo o afligiu vivamente, não que deixasse de reconhecer no acontecido um fato natural, inerente à condição humana, mas porque, censurando a si mesmo, lamentava ter perdido, devido a adiamentos e dilações, uma ocasião de recompensar os serviços dele recebidos. Com efeito, é verdade, sem dúvida, que um dinheiro emprestado se pode devolver aos herdeiros dos que o emprestaram; mas, para um homem de bons sentimentos, o não poder testemunhar o seu reconhecimento àquele de quem recebeu benefícios constitui motivo de constante pesar. Certa ocasião, estando ele em Ambrácia, alguns amigos o aconselharam a expulsar da cidade um maldizente, que não o poupava. "É preferível, disse ele, que esse homem fale mal de nós, aqui, entre um número reduzido de pessoas, do que, após ter sido expulso, se ponha a espalhar a sua maledicência por toda parte". De outra feita, levaram à sua presença alguns jovens que, bebendo juntos, haviam proferido a seu respeito palavras das mais ofensivas. Ele perguntou-lhes se, realmente, tais palavras haviam sido pronunciadas. "Sim, príncipe, respondeu um deles, e teríamos dito muito mais, se o vinho não tivesse faltado". Pirro pôs-se a rir e perdoou-os.

XVIII. Depois da morte de Antígona, ele desposou várias mulheres, a fim de aumentar, com suas alianças, o seu poderio. Assim é que se casou com a filha de Auteleão, rei da Peônia, Bircena, filha de Bardilis, rei da Ilíria, e Lanassa, filha de Agátocles, tirano de Siracusa, que lhe trouxe como dote a ilha de Corfu{830}, da qual seu pai havia se apoderado. De sua primeira

mulher, Antígona, ele teve um filho, chamado Ptolomeu; de Lanassa, outro, que recebeu o nome de Alexandre; e de Bircena, Heleno, o mais jovem de seus filhos. Por sua própria natureza e inclinação, eram todos bravos; não obstante, Pirro cultivou a tendência guerreira deles, educando-os na carreira das armas e estimulando sua coragem, desde a infância. Conta-se que um deles, quando ainda muito criança, perguntou-lhe a qual dos filhos deixaria seu reino. "Àquele que tiver a espada mais afiada", respondeu. Esta resposta pouco difere da imprecação trágica com que Édipo amaldiçoou seus filhos{831}:

Que a partilha laçam, com a espada afiada,

De toda a herança que lhes foi deixada.

Assim é insociável, cruel e bestial a natureza da ambição, a ânsia de dominar!

XIX. Depois de sua vitória sobre Pantauco, Pirro regressou ao Épiro, cheio de alegria, de glória c de confiança. E, como os epirotas lhe dessem o cognome de Águia, ele lhes disse; "Se sou águia, isso o devo a vós, pois vossas armas são as asas que te permitiram voar tão alto". Passado algum tempo, tendo sido informado de que Demétrio estava gravemente doente, correndo sua vida perigo, entrou subitamente na Macedônia, com a intenção apenas de realizar uma incursão e pilhar o país. Mas por pouco, sem desferir qualquer golpe, ele não se tornou senhor do território macedônio, pois avançou até à cidade de Edessa sem encontrar resistência; ao contrário, muitos filhos do país se juntavam voluntariamente às suas forças, tornando-as mais fortes. O perigo forçou Demétrio a superar a fraqueza e a ignorar o estado de sua saúde. Por outro lado, seus amigos, servidores e capitães conseguiram, em pouco tempo, organizar um bom número de combatentes, e marcharam ao encontro de Pirro, dispostos a vencer. Este, que não penetrara no território macedônio senão para pilhar, não os esperou, pondo-se em fuga. Na retirada, perdeu uma parte de seus soldados, pois os macedônios os atacaram de perto, em vários pontos do caminho. Todavia, a facilidade e a rapidez com que Demétrio expulsara Pirro de seu país, não constituíram para ele uma razão para desprezar este príncipe; e como ele se propusesse reconquistar o reino de seu pai, com todas as suas terras, com um exército de cem mil homens e uma esquadra dê quinhen tas velas, não quis perder tempo com uma guerra centra Pirro, e nem deixar os macedônios às voltas com tão perigoso vizinho. Deste modo, não lhe convindo empenhar-se numa guerra, fez as pazes com ele. a fim de poder mais à vontade marchar contra outros reis.

XX. O acordo que concluíra por este único motivo, e os imensos preparativos que fizera, desvendaram os seus verdadeiros desígnios, e os outros reis, amedrontados, enviaram a Pirro cartas e embaixadores, manifestando a sua surpresa pelo fato de deixar ele escapar uma ocasião tão favorável, esperando que Demétrio lhe fizesse guerra quando lhe conviesse, e com maior facilidade; acrescentaram que lhe seria fácil expulsá-lo da Macedônia enquanto estivesse empenhado em tão vastos empreendimentos, e que, no entanto, queria dar-lhe tempo para aumentar suas forças, para se ver depois atacado na própria Molóssia, onde teria de combater para a defesa de seus templos e dos túmulos de seus antepassados; e isto tudo não obstante haver Demétrio se apoderado, pouco antes, de uma de suas mulheres, juntamente com a ilha de Corfu. Pois Lanassa, queixosa pelo fato de Pirro tratar melhor as suas outras mulheres, preferindo-as, embora fossem de origem bárbara, tinha se retirado para aquela ilha. E como quisesse casar-se de novo com um rei, dirigiu-se a Demétrio, que sabia ser, de todos os príncipes da época o mais fácil de convencer a contrair matrimonio. Demétrio, depois de se dirigir a Corfu, colocou uma guarnição na ilha.

XXI. Os outros reis, ao mesmo tempo que escreviam a Pirro, advertindo-o, procuravam inquietar Demétrio, o qual, não tendo ainda completado seus preparativos, adiava continuamente a partida, Ptolomeu, após organizar uma esquadra considerável, seguiu para a Grécia, sublevando várias cidades, que prestavam obediência àquele rei; Lisímaco, por sua ve z, penetrou na Alta Macedônia, pela Trácia, devastando-a e saqueando-a. Diante disso, Pirro armou-se também, e movimentou-se para atacar a cidade de Beréia, pois previu que Demétrio, para ir ao encontro de Lisímaco, deixaria a Baixa Macedônia sem defesa. Na noite que precedeu sua partida, ele julgou ver em sonho o rei Alexandre, o Grande, que o chamava; aproximou-se, então, do lugar onde ele estava, e o encontrou em seu leito, enfermo; foi no entanto, bem acolhido pelo rei, que lhe dirigiu palavras de amizade, fazendo-lhe ao mesmo tempo a promessa de auxiliá-lo. Pirro ousou então dizer-lhe: "Mas como podereis auxiliar-me, príncipe, se estais enfermo, no leito?" Alexandre respondeu-lhe: "Apenas com o meu nome". E, incontinente, montou um cavalo de Niséia, e colocou-se à frente de Pirro, para mostrar-lhe o caminho. Esta visão encorajou-o, animando-o a prosseguir em seu empreendimento. Marchando rapidamente, em poucos dias percorreu todo o caminho que o separava de Beréia, da qual se apoderou; depois de guarnecer a cidade com a maior parte de seu exército, enviou seus capitães com as forças restantes para submeter as outras cidades da região. Demétrio recebeu estas notícias ao mesmo tempo que outras, segundo as quais se esboçavam movimentos sediciosos entre os macedônios de seu exército; não ousou por isso continuar a conduzi-los, receando que, ao se verem perto de Lisímaco, também macedônio, e que gozava da fama de ser um bom cabo de guerra, aderissem a ele.

XXII Por este motivo, decidiu mudar de direção e marchar ao encontro de Pirro, que era um príncipe estrangeiro, odiado pelos macedônios. Entretanto, após estabelecer-se perto de Beréia, várias pessoas, procedentes dessa cidade, ingressaram no acampamento, onde fizeram os maiores elogios a Pirro, dizendo que se tratava de um príncipe magnânimo, invencível na guerra, e que acolhia com doçura e humanidade aqueles a quem submetia. Outras pessoas, enviadas ocultamente por Pirro, e apresentando-se como macedônios apesar de não o serem, diziam que havia chegado o momento de sacudir o jugo tirânico de Demétrio, e de apoiar Pirro, príncipe de índole dócil e bondosa, amigo dos soldados. Estas palavras excitaram e impressionaram a maior parte do exército de Demétrio, e os macedônios começaram a procurar Pirro com os olhos a fim de a ele se entregarem. Pirro, por acaso, tinha tirado o seu capacete; mas refletindo que os soldados desse modo poderiam deixar de reconhecê-lo, recolocou-o na cabeça. E foi logo reconhecido, devido ao penacho grande e brilhante e aos chifres de bode que lhe encimavam o morrião. Os macedônics, imediatamente, correram em grande número em sua direção, solicitando-lhe a palavra de ordem, tal como se dirigissem ao seu rei e general. Outros, vendo os soldados de Pirro coroados com ramos e folhas de carvalho, fizeram coroas idênticas, colocando-as em suas cabeças. Alguns ousaram dizer ao próprio Demétrio que ele nada podia fazer de mais acertado senão retirar-se e abandonar tudo a Pirro. Demétrio, vendo que estas palavras eram apoiadas por movim entos de sedição em seu exército, ficou de tal modo amedrontado que não viu outra saía senão fugir às escondidas, envolvendo-se numa capa velha e metendo na cabeça um chapéu macedônico, a fim de não ser reconhecido. Pirro, que logo depois chegou ao acampamento, deste se apoderou sem resistência, sendo proclamado rei da Macedônia.

XXIII. Entretanto, chega também Lisímaco, que, alegando ter contribuído para a fuga de Demétrio, reclamou a sua parte no trono da Macedônia. Pirro, como não confiasse ainda plenamente nos macedônios. suspeitando mesmo de sua lealdade, atendeu ao pedido de Lisímaco: e assim as províncias e as cidades do reino da Macedônia foram divididas entre ambos. Esta partilha teve a sua utilidade no momento, pois evitou a guerra que estava para ser iniciada entre eles; mas verificaram logo depois que o acordo concluído, longe de atenuar a sua inimizade, não se tornou senão numa fonte de divergências e de queixas recíprocas. Com efeito, príncipes cuja ambição nem os mares, as montanhas e os desertos poderiam conter, e cuja cupidez nem as fronteiras que separam a Europa da Ásia poderiam limitar, como haveriam de permanecer tranquilos em suas possessões, se seus confins se tocam? E poderiam recear a prática de injustiças para usurparem os territórios alheios? Não, de nenhum modo isso seria possível; pois, na verdade, o desejo de usurpar e a preocupação de se surpreenderem mutuamente, mantinha-os Sempre prontos para o ataque. A guerra e a paz

para eles não eram senão palavras de que se utilizavam Como se fosse uma moeda, de acordo com os seus Interesses, tendo em vista, não o dever, a razão e a justiça, mas unicamente a sua conveniência. E eram mais dignos de estima quando confessavam abertamente que estavam guerreando, do que quando disfarçavam, sob os nomes de justiça ou de amizade, a trégua momentânea que faziam com a injustiça.

XXIV. Disto deu Pirro então uma prova impressionante: para impedir que Demétrio se reerguesse para conter o seu poderio que se restabelecia como um organismo após longa e perigosa enfermidade, correu em socorro dos gregos, e dirigiu-se a Atenas. Subiu à cidadela e, depois de fazer um sacrifício à deusa Minerva, desceu no mesmo dia à cidade, onde disse aos atenienses quão satisfeito estava ante a amizade e a confiança que nele depositavam. Disse-lhes ainda que, se quisessem agir sabiamente, não abririam mais a nenhum príncipe ou rei as portas de sua cidade. Concluiu em seguida um novo tratado de paz com Demétrio, o qual poucos dias depois, seguiu para a Ásia a fim de se empenhar numa guerra. Pirro, então, instigado por Lisímaco, suscitou uma rebelião na Tessália contra Demétrio, e atacou as guarnições que este tinha deixado nas cidades gregas; pois Pirro sentia-se mais senhor dos macedônios quando os mantinha em guerra do que em repouso; aliás, ele próprio não' havia nascido para o repouso.

XXV. Finalmente, tendo sido Demétrio completamente derrotado na Síria, Lisímaco, que nada mais tinha a recear dele, e se achava desocupado, não tendo nenhuma questão a resolver, marchou incontinente contra Pirro, então em Edessa, onde passava uma temporada. Em seu caminho, encontrou um comboio com víveres destinados a esse príncipe, e atacou e destroçou os que o conduziam. Com esta ação reduziu Pirro a uma grande escassez de mantimentos. Em seguida, por meio de cartas e mensagens, corrompeu as principais personalidades da Macedônia, às quais disse que era grande vergonha para elas o terem escolhido para seu príncipe e senhor, um estrangeiro cujos antepassados tinham sido súditos e vassalos dos macedônios, censurando-os ainda por terem querido expulsar do país os familiares e os amigos de Alexandre, o Grande. Pirro, vendo que grande número de macedônios se deixava convencer, ficou de tal maneira impressionado que se retirou com suas forças, constituídas de epirotas e combatentes aliados, perdendo a Macedônia, do mesmo modo como a havia conquistado. Vê-se assim que os príncipes e reis não podem censurar os particulares quando estes mudam de partido para atender aos seus interesses; pois, assim agindo, não fazem estes senão imitá-los e seguir a lição de infidelidade e traição que deles recebem quando os veem persuadidos de que o êxito pertence àquele que menos observa os ditames do direito e da justiça.

XXVI. Pirro retirou-se, assim, para o reino do Épiro, não se preocupando mais com a Macedônia; e a fortuna oferecia-lhe então todos os meios para viver em paz e sem aborrecimentos, desde que se contentasse em reinar sobre os seus súditos e vassalos. Mas este príncipe achava que se não tivesse alguém para fazer-lhe mal, ou alguém que lhe fizesse mal, não teria com que passar o tempo, tornando-se a vida insuportavelmente enfadonha. Ele não podia permanecer inativo, sentindo-se como Aquiles que, segundo Homero,

Cansado já de tanto vagar,

Não pensava senão em pelejar{832}.

E, como tinha necessidade de agir, aproveitou-se da primeira ocasião que lhe ofereceu a fortuna.

XXVII, Os romanos estavam então, em guerra com os tarentines, os quais, incapazes de sustentar a luta, e não podendo pôr-lhe termo, dominados que estavam pela insânia e maldade de seus governantes, decidiram chamar Pirro, para colocá-lo à sua frente, pois que nessa época era o menos ocupado dos reis, sendo, além disso, considerado um grande guerreiro. No entanto, entre os mais idosos e sensatos cidadãos, houve alguns que se opuseram abertamente a essa resolução. Mas as suas ponderações foram abafadas pelos gritos e pelo furor da populaça, que desejava a guerra; os demais cidadãos, afugentados pela desordem, desertaram as assembleias. Mas ao chegar o dia em que esta questão deveria ser resolvida pelo Conselho da cidade, e o decreto aprovado e ratificado, um particular, chamado Metão, homem de bem e muito honrado, colocou sobre a cabeça uma coroa de flores já murchas, empunhou um archote, como fazem os que saem embriagados de um jantar, e, precedido de um menestrel, dirigiu-se, em tal estado e dançando, até a assembleia. Não reinava ordem no meio da multidão, como acontece em geral nas reuniões populares, quando a turba se torna dona de si mesma; e uns começaram a bater as mãos, ruidosamente, e outros a soltar gargalhadas. E ninguém impediu que ele se aproximasse e fizesse o que entendesse; ao contrário, pediam todos ao menestrel, que tocasse e a e le que cantasse. Como se demonstrasse disposto a fazê-lo, seguiu-se um grande silêncio. Em voz alta e clara, Metão disse: "Fazei bem, tarentinos, em não impedir, àqueles que o desejem, tocarem seus instrumentos e dançarem, na cidade, enquanto isso ainda pode ser feito. E, quanto a vós próprios, se fordes sábios, devereis aproveitar, o mais que puderdes, a vossa liberdade, enquanto ela subsistir; pois, quando o rei Pirro chegar a esta cidade, ele vos fará levar um gênero de vida bem diferente".

XXVIII. Estas palavras de Metão impressionaram a maior parte dos tarentinos, e um rumor de aprovação percorreu toda a assembleia, asseverando-se de um modo geral, que ele dizia a verdade. Mas aqueles que receavam ser entregues aos romatios, por os terem ofendido, caso se fizesse a paz, insurgiram-se contra o povo, censurando-o por tolerar que o ludibriassem e dele zombassem com tamanha audácia. Diante destas palavras voltaram-se os presentes contra Metão, que foi expulso do teatro. O decreto foi assim aprovado, através dos votos dos membros da assembleia popular, e foram enviados embaixadores ao Épiro, os quais levaram presentes a Pirro, oferecidos não somente pelos tarentinos, mas também pelos outros povos gregos estabelecidos na Itália, os quais lhe mandaram dizer que necessitavam de um general hábil e experimentado, frisando que dispunham de um grande número de bons combatentes no país e que os lucanos, os messápios, os sanitas e os tarentinos poderiam pôr em pé de guerra vinte mil cavaleiros e trezentos mil{833} soldados de infantaria.

XXIX. Estas palavras dos embaixadores entusiasmaram não somente Pirro como todos os epirotas, inspirando-lhes um grande e vivo desejo de levar a efeito essa expedição. Havia, porém, na corte de Pirro, um tessálio, chamado Cíneas, homem de grande prudência. Fora discípulo de Demóstenes; e, de todos os oradores de seu tempo, ninguém conseguia melhor do que ele, reproduzir, para seus auditores, a veemência e o vigor da oratória do mais eloquente dos atenienses. Pirro, que o mantinha constantemente ao seu lado, costumava enviá-lo como embaixador às cidades cujo apoio desejava obter. E Cíneas, com seu talento, confirmava o que dissera Eurípides{834}:

Tudo aquilo que. a força consegue fazer

Pela eloquência também se pode obter.

Puro, por esse motivo, costumava dizer que Cíneas tinha conquistado mais cidades com sua eloquência do que ele com suas armas. Dedicava-lhe, por isso, grande estima, e o utilizava nas questões mais importantes que tinha de resolver.

XXX. Cíneas, vendo que Pirro se mostrava muito inclinado a guerrear na Itália, disse-lhe um dia, ao apresentar-se a oportunidade: "Senhor, os romanos passam por ser um povo muito belicoso e já colocaram sob seu domínio várias e aguerridas nações: e, se os deuses nos favorecerem, para que nos servirá esta vitória?" Pirro respondeu-lhe: "Perguntas-me uma coisa, Cíneas, que me parece evidente: pois, vencidos os romanos, não haverá mais nenhuma cidade grega ou bárbara capaz de resistir às nossas forças; e poderemos então conquistar, sem maiores dificuldades, todo o resto da Itália, cuja grandeza, riqueza e poderio ninguém melhor do que tu próprio conheces". Cíneas, após breve pausa, replicou: "Mas, senhor, que faremos depois de conquistada a Itália?" Pirro, que ainda não percebera aonde ele pretendia chegar, disse: "A Sicília, como sabes, está situada bem perto, e, por assim dizer, estende-nos seus braços; é uma ilha rica e populosa, e fácil de ser conquistada, pois,' após a morte de Agátocles, todas as cidades, dominadas por oradores inquietos, são presas da desordem e da anarquia". "Tudo o que dizes parece verossímil, respondeu Cíneas; mas a ocupação da Sicília assinalará o fim da nossa guerra?" "Que Deus nos seja propício, que nos conceda a vitória e nos permita levar a bom termo tal empresa. E este êxito não será senão um encorajamento para feitos ainda maiores. Nada nos impedirá de passar em seguida para a África e Cartago, que ficariam, por assim dizer, ao alcance de nossas mãos. O próprio Agátocles, que deixou secretamente Siracusa, e atravessou o mar com poucos navios, por pouco delas não se apoderou. E,.depois de conquistarmos todas estas terras, nenhum sequer de todos os inimigos que agora nos insultam e perseguem, ousará levantar a cabeça contra nós". "Não, certamente, respondeu Cíneas; cem um tão grande poderio, ser-vos-á fácil recuperar a Macedônia e reinar sem qualquer oposição sobre toda a Grécia. Mas depois de todas estas conquistas, que faremos?" Pirro pôs-se a rir, e disse: "Repousar-nos-emos, então; não faremos outra coisa senão organizar festas e banquetes, todos os dias, e entregarmo-nos às delícias da conversação, tratando dos assuntos mais alegres e agradáveis". Cíneas, interrompendo-o, pois que o levara até o ponto que desejara, disse-lhe: "E o que nos impede, senhor, de repousar e nos banquetear, todos juntes, desde agora, pois que temos, presentemente, sem que tenhamos de nos cansar, tudo aquilo que pretendemos pro curar, à custa de tanto derramamento de sangue humano e de tantos perigos? E ainda que não sabemos se atingiremos nossos objetivos, não obstante tudo o que teríamos de sofrer e fazer outras pessoas sofrerem".

XXXI. Estas palavras de Cíneas afligiram Pirro, sem, todavia, convencê-lo ou fazê-lo mudar de propósito. Ele sabia bem que ia abandonar uma felicidade certa, mas não tinha a coragem de sacrificar seus desejos e suas esperanças. Cíneas foi enviado a Tarento com três mil soldados de infantaria. Em seguida, tendo os tarentinos lhe fornecido numerosos navios, chatos ou com cobertas, e de vários outros tipos, embarcou neles vinte elefantes, três mil cavaleiros e vinte e dois mil infantes, juntamente cem quinhentos arqueiros e besteiros{835}. Após terem sido feitos todos os preparativos, Pirro partiu. Mas apenas havia alcançado o mar alto, um extemporâneo vento do norte começou a soprar com violência, arrastando seu navio. Todavia, os esforços dos pilotos e marinheiros dominaram a impetuosidade do vendaval; e, depois de passar por grandes sofrimentos e perigos, atingiu as costas da Itália. O resto da esquadra foi impelido pelas vagas, dispersando-se os barcos: uns foram atirados aos mares da Líbia e da Sicília, após terem sido desviados da rota da Itália; outros, não tendo conseguido dobrar o promont ório Iápige, foram surpreendidos pela noite, e o mar, em fúria, lançou-os violentamente contra as costas, em pontos eriçados de rochedos. Com exceção do navio-capitânea, todos foram destruídos ou danificados. Enquanto o navio-capitânea teve de suportar apenas o embate das vagas que vinham do alto mar, resistiu bem, pois era grande e poderoso; mas logo depois começou a soprar um vento vindo do continente, e a galera, já batida, na proa, pelas ondas, correu o risco de partir-se. Expo-la de novo a um mar agitado, a um vento que variava incessantemente de direção, era, de todos os males que se poderiam temer, o pior. Pirro, diante disso tudo, não hesitou em atirar-se ao mar.

XXXII. Incontinente, seus guardas, servidores e amigos lançaram-se também ao mar, fazendo todos os esforços para socorrê-lo; mas a escuridão da noite e a violência das vagas que iam quebrar-se na costa com grande ruído, tornavam todo auxílio difícil. Finalmente, ao amanhecer, o vento amainou, e o rei foi ter à terra. Seu corpo, de tão cansado, parecia exaurido, mas seu espírito se mostrava sempre forte, sempre superior a todos os obstáculos. Os messápios, em cujo território fora ele atirado pela tormenta, acorreram em seu socorro, e

fizeram diligentemente tudo o que estava ao seu alcance para salvá-lo; recolheram igualmente alguns dos navios que haviam escapado à tempestade, nos quais não havia senão poucos cavaleiros e cerca de dois mil soldados de infantaria, além de dois elefantes. Como estas forças, Pirro pôs-se a caminho, dirigindo-se por terra a Tarento; e Cíneas, tendo sido avisado de sua chegada, foi ao seu encontro, com as tropas que comandava.

XXXIII. Após a sua chegada a Tarento, Pirro nada quis fazer, de início, de modo autoritário nem contra a vontade dos moradores, ficando à espera de que seus navios porventura salvos da fúria do mar aportassem; e esperou também que se reunisse junto dele a maior parte de seu exército. Depois disso, verificou que os tarentinos não poderiam salvar-se a si mesmos e nem serem salvos por outrem sem a mais severa coerção, pois supunham que, enquanto ele, Pirro, estivesse combatendo em sua defesa, poderiam continuar a banhar-se e a banquetear-se tranquilamente, em suas casas. Ordenou, por isso, em primeiro lugar, o fechamento de todos os ginásios, de todos os lugares públicos onde tinham o hábito de discutir, enquanto passeavam, os problemas da guerra, limitando-se assim a agir por meio de palavras, sem porem mão à obra; proibiu os festins, os bailes e todos os outros divertimentos deste gênero, que considerava extemporâneos. Fez com que todos se exercitassem no manejo das armas e mostrou-se de uma severidade inexorável quanto ao alistamento; de sorte que, muitos dentre eles, pouco acostumados à obediência, e considerando como uma servidão a privação da vida voluptuosa que até então levavam, abandonaram a cidade.

XXXIV. Entrementes, tendo sido Pirro informado de que o cônsul Levino{836} marchava contra ele com forças muito numerosas, e que já atingira a Lucânia, onde se entregava a pilhagens, julgou que, sem desdobro, não podia deixar que o inimigo se aproximasse ainda mais; e, embora seus aliados ainda não -tivessem chegado com os reforços, pôs-se em marcha cem as tropas de que dispunha. Mandara na frente um arauto encarregado de propor aos romanos que se tentasse, antes de se dar início à guerra, resolver pelas vias da justiça, as pendências que tinham com todos os gregos residentes na Itália, escolhendo-o como árbitro. O cônsul Levino respondeu-lhe que os romanos não o queriam como árbitro, e que não o temiam como inimigo. Pirro decidiu, por este motivo, continuar a sua marcha e foi acampar na planície existente entre as cidades de Pandósia e Heracléia. Cientificado de que os romanos estavam acampados bem perto, do outro lado do Siris{837}, montou a cavalo e foi até às margens do rio, para ver o acampamento. Após examinar a disposição das tropas, os seus postos avançados e as posições ocupadas pelos romanos, dirigindo-se a um amigo, que estava ao seu lado, externou-lhe a sua admiração pelo que acabava de ver: "Mégacles, esta formação de bárbaros, nada tem de bárbara. Vamos ver, na prática, o que sabem fazer". Depois desta verificação, mostrou-se mais preocupado com o futuro, e decidiu aguardar a chegada de seus aliados. Deixou, no entanto, um contingente de tropas às margens do Siris, a fim de impedir que os romanos o atravessassem, no caso de uma tentativa nesse sentido. E foi o que eles fizeram: a fim de impedir a chegada dos reforços que Pirro esperava, apressaram-se a cruzar o rio. A infantaria atravessou-o a vau e a cavalaria em vários pontos onde a passagem era mais fácil. Os gregos, receando um envolvimento pela retaguarda, retiraram-se.

XXXV. Pirro, informado do que ocorria, mostrou-se surpreendido, e ordenou aos seus capitães que colocassem imediatamente a infantaria em ordem de batalha, e que aguardasse, prontos para o combate, as suas determinações. Ele, por sua vez, com a cavalaria, formada por cerca de três mil homens, pôs-se em marcha, supondo que ainda iria surpreender os romanos às margens do rio, disperses e em desordem; mas quando viu, aquém da torrente, rebrilhar grande quantidade de escudos e a cavalaria avançando em sua direção, ordenou que se cerrassem fileiras, e deu início ao ataque. Pirro destacou-se logo pela beleza e magnificência de sua armadura, ricamente estofada. Demonstrou, ao mesmo tempo, pelos seus feitos de armas, que o seu valor não era de nenhum modo inferior à sua fama.

Entregava-se inteiramente ao combate, e, embora expusesse o próprio corpo e s e empenhasse em derrubar todos os que se colocavam à sua frente, não deixava de mostrar-se prudente e nem perdia o seu sangue frio, como convinha a um comandante de exército. E, como se não estivesse empenhado na ação, dava ordens e previa tudo, animando os combatentes com sua presença, correndo de um lado para outro, acudindo sempre aos lugares onde era maior a pressão do inimigo. No auge do combate, Leonato, o Macedônio, percebeu que um cavaleiro italiano estava empenhado em atingir Pirro, esporeando sempre seu cavalo para alcançá-lo, e mudando de direção sempre que ele mudava de lugar, seguindo todos os seus movimentos. "Senhor, disse então Leonato ao rei, estais vendo aquele bárbaro montado num cavalo preto de pés brancos? Ele está planejando alguma grande proeza: seus olhos estão sempre fixados nos vossos e não tem outro objetivo senão a vossa pessoa; cheio de ardor e coragem, ele ignora todos os demais; portanto, tomai cuidado". "Leonato, respondeu o rei, é impossível ao homem fugir ao seu destino; mas nem ele, nem qualquer outro ita liano, não sentirá muito prazer em medir-se comigo".

XXXVI. Pirro não havia ainda terminado de pronunciar estas palavras, quando o italiano, segurando sua lança pelo meio e esporeando o animal que montava, avançou sobre ele, desferindo-lhe no cavalo um golpe com sua arma. No mesmo instante. Leonato mergulhou sua lança no cavalo do italiano. Os dois animais tombaram por terra, e os amigos de Pirro aproximaram-se e o puseram a salvo imediatamente. O cavaleiro italiano foi morto, embora se defendesse com grande coragem. Era ele natural de Ferente, comandava uma companhia e chamava-se Oplaco. O perigo a que se expôs Pirro ensinou-o a melhor se precaver, no futuro. Vendo que sua cavalaria recuava, ele fez avançar a infantaria, lançando-a à batalha. Em seguida, após entregar sua capa e as armas a um de seus amigos, Mégacles, cuja armadura vestiu, para se disfarçar, voltou a enfrentar os romanos, que o receberam valentemente. O combate esteve durante muito tempo indeciso: os dois exércitos recuaram sete vezes, e sete vezes voltaram ao ataque, segundo se conta. A troca de armadura e de armas feita pelo rei foi das mais oportunas, no que se refere à sua segurança, pois que assim salvou a vida; porém, por pouco não pôs tudo a perder e não o privou da vitória. Um grupo de inimigos lançou-se sobre Mégacles, que trazia a armadura do rei; e o primeiro que o atingiu com sua arma, prostrando-o morto, um romano chamado Dexous, retirou-lhe rapidamente o capacete e a capa, e correu para junto de Lavino, gritando que havia morto Pirro, e mostrando-lhe, ao mesmo tempo, os despojos. Estes, que passaram de mão em mão, provocaram, entre os romanos indescritível alegria., fazendo-os soltar brados de vitória, enquanto que os gregos, ao contrário, caíram em grande abatimento e tristeza. Pirro, tendo sido advertido do que se passava, percorreu todas as fileiras com a cabeça descoberta, estendendo as mãos aos soldados e falando-lhes, a fim de que todos, ao ouvirem a sua voz, verificassem que era realmente ele.

XXXVII. Foram os elefantes, finalmente, que decidiram do desfecho da batalha, rompendo as unidades dos romanos. Os cavalos destes com efeito, não pediam suportar o cheiro daqueles animais, e afastaram-se, assustados, para a retaguarda, com os cavaleiros, antes mesmo de sua aproximação. Pirro, aproveitando-se da desordem reinante no campo adversário, ordenou aos cavaleiros da Tessália que avançassem. Estes atacaram vigorosamente, pondo os romanos em fuga. A carnificina foi grande, pois Dicnísio conta que morreram pelo menos quinze mil romanos nesta batalha; Jerônimo, no entanto, fala em somente sete mil. Segundo Dionísio, Pirro perdeu treze mil homens, e um pouco menos de quatro mil, segundo Jerônimo; mas eram estes os melhores elementos de seu exército, seus amigos e capitães mais bravos, aqueles que gozavam de toda a sua confiança e eram por ele utilizados nos momentos difíceis. Pirro apoderou-se, todavia, do acampamento dos romanos, que o haviam abandonado. e fez com que várias cidades deixassem de apoiá-los. Percorreu em seguida todo o país, pilhando-o chegando até um ponto situado a trezentos estádios de Roma. Os lucanos e os sanitas, que chegaram em grande número após o combate, foram por ele censurados, pela sua lentidão: mas via-se pela sua fisionomia, que estava satisfeito, que considerava um motivo de glória, o ter somente com suas tropas e os tarentinos, derrotado um exército romano tão forte e numeroso.

XXXVIII. Por outro lado, os romanos não quiseram destituir Lavino de seu cargo, não obstante as perdas sofridas e o fato de Caio Fabrício ter declarado publicamente que os romanos não haviam sido derrotados pelos epirotas, mas sim Lavino por Pirro, querendo dizer com estas palavras que esta vitória havia sido alcançada mais em virtude da habilidade do chefe inimigo do que do valor e da coragem de suas tropas. Os romanos procederam a novos recrutamentos para completar as legiões desfalcadas e criaram outras, referindo-se com orgulho e confiança a essa guerra, não se mostrando de nenhum modo abatidos. Diante disso, Pirro, surpreendido, resolveu enviar uma embaixada, para sondá-los c ver se estavam dispostos a receber propostas de paz. Ele sabia que ocupar Roma e subjugá-la não era empresa fácil, e que não podia ser levada a efeito com as forças de que então dispunha. Por outro lado, a conclusão de um tratado de paz e de aliança, após a vitória por ele alcançada, aumentaria sua fama e sua glória. Cíneas foi assim enviado a Roma, onde visitou as principais personagens da cidade e ofereceu-lhes, bem como às suas esposas, presentes, em nome do rei. Mas recusaram-se a aceitá-los, dizendo todos, inclusive as mulheres, que, caso a. paz fosse feita publicamente, não deixariam então de manifestar o seu reconhecimento ao embaixador de Pirro, cuja amizade aceitariam. Cíneas, tendo sido recebido em audiência pública pelo Senado, pronunciou um discurso, no decorrer do qual apresentou argumentos honestos e fez sedutoras propostas de paz; mas os senadores não se mostraram dispostos a aceitá-las, não obstante Pirro ter mandado dizer que entregaria, sem o pagamento de qualquer indenização, todos os soldados aprisionados na batalha, e ter prometido auxiliar os romanos a conquistar a Itália, pelo que não desejava outra recompensa senão a amizade deles e a garantia, para os tarentinos, de que nada lhes seria exigido em virtude do passado. Entretanto, vários senadores mostraram-se impressionados e inclinados a aceitar a paz, alegando que já haviam perdido uma grande batalha e que teriam de empenhar-se em outra maior, quando as forças dos povos confederados da Itália se juntassem às de Pirro.

XXXIX. Mas Ápio Cláudio, uma das mais ilustres personagens de Roma, que, em parte devido à velhice, em parte por ter perdido a vista, não mais frequentava o Senado, e nem cuidava das questões públicas, quando ouviu falar das propostas feitas pelo rei Pirro, e soube dos rumores que corriam pela cidade, segundo os quais os senadores estavam dispostos a aceitá-las, ele não se pôde conter; chamou seus servidores e fez-se conduzir, numa liteira, até o Senado, passando pela grande praça da cidade. Quando chegou à porta do edifício, seus filhos e genros, saindo ao seu encontro, tomaram-no pelo braço, e levaram-no para a sala das reuniões. O Senado, em sinal de respeito e em honra de uma tão notável personagem, manteve-se em profundo silêncio. Ápio Cláudio, logo após chegar ao seu lugar, começou a falar: "Romanos, até o presente momento vinha suportando com dificuldade a perda de minha vista; agora, porém, lamento não ter perdido também a audição, a fim de não tomar conhecimento das vossas indignas e desonestas resoluções, tomadas em vossos conselhos, bem como destes decretos vergonhosos que macularão toda a glória e a reputação de Roma. Onde estão aquelas palavras altivas que proferíeis antigamente, e que repercutiam em todo o mundo? Dizíeis então que, se Alexandre, o Grande, tivesse vindo à Itália quando nossos pais estavam na força da idade e nós no vigor de nossa juventude, não seria ele hoje decantado como invencível, mas teria aqui permanecido, morto em combate, ou teria sido forçado a fugir, e, com sua morte ou sua fuga, teria aumentado o renome e a glória de Roma. Tornais agora evidente que não se tratava senão de palavras vãs e de arrogante presunção, pois que receais os molossos e os caônios, que sempre foram a presa dos macedônios, e temeis um Pino, um cortesão, um bajulador assíduo de um dos satélites deste mesmo Alexandre. Ele veio agora guerrear destes lados, menos para socorrer os gregos residentes na Itália, do que para fugir dos inimigos que tem em seu reino; ele vos propõe conquistar a Itália com um exército que lhe não bastou para conservar uma pequena parte da Macedônia. Assim, não podeis acreditar que, concluindo a paz, ficareis livres dele; ao contrário, atraireis, contra vós, os seus aliados, que vos desprezarão e vos considerarão uma presa fácil ao verem Pirro se retirar da Itália sem ter sido punido de sua audácia, e levando consigo, como recompensa, esta superioridade: a de fornecer aos tarentinos e aos sanitas um motivo, para zombar, de agora em diante, dos romanos".

XL. Após estas palavras de Ápio não houve mais ninguém no Senado que não preferisse a guerra à paz, e Cíneas partiu de Roma com esta resposta: "Caso Pirro deseje a amizade e a aliança dos romanos, deverá, antes de tudo, deixar a Itália; em seguida, poderá propor de novo a paz. Mas enquanto permanecer com suas forças em nosso território, os romanos o combaterão com todo o seu poderio, mesmo que ele conseguisse derrotar dez mil generais como Lavino". Conta-se que, enquanto Cíneas permaneceu em Roma, a fim de negociar a paz, estudou com grande diligência os costumes e a maneira de viver dos romanos, bem como a forma de seu governo, conversando frequentemente com as principais personalidades da cidade; e, depois, fazendo um relato a Pirro acerca de tudo o que havia visto e aprendido, disse-lhe que o Senado romano lhe parecera um consistório de reis. Acrescentou que, diante do número de habitantes, receava terem de combater contra um inimigo semelhante à hidra que vivia outrora nos lages de Lerna, à qual, quando se lhe cortava uma cabeça, nasciam-lhe sete: assim é que o cônsul Lavino já havia conseguido organizar um novo exército, duas vezes maior do que o primeiro, havendo ainda em Roma pessoas capazes de fazer uso das armas em número tal que vários outros exércitos poderiam ser formados.

XLL Foram depois enviados ao encontro de Pirro embaixadores romanos, entre os quais Caio Fabrício, com o objetivo de tratar do resgate a ser pago para a libertação dos prisioneiros. Cíneas disse ao rei que Fabrício era um dos homens mais estimados em Roma pelas suas virtudes e pelo seu talento militar, não obstante a sua extrema pobreza. Pirro tratou-o com uma distinção particular, e. chamando-o à parte, ofereceu-lhe, entre outras coisas, ouro e prata, pedindo-lhe que as aceitasse, não em troca de qualquer serviço desonesto, mas como um testemunho de amizade e da boa hospitalidade que lhe queria proporcionar. Fabrício, no entanto, recusou-se terminantemente a aceitar tais presentes, e Pirro não insistiu no momento. Mas, no dia seguinte, a fim de surpreendê-lo e assustá-lo, pois sabia que ele jamais havia visto um elefante, ordenou aos seus servidores que trouxessem o maior desses animais ao lugar onde ambos estivessem conversando, em determinado momento, recomendando que o ocultassem atrás de uma tapeçaria. A ordem foi executada, e, a um animal combinado, a tapeçaria foi retirada; e o animal, erguendo sua tromba sobre a cabeça de Fabrício, soltou um grito medonho. O embaixador romano, sem dar qualquer sinal de emoção, voltou-se para Pirro, e disse-lhe, sorrindo: "Do mesmo modo como, ontem, o vosso ouro, o vosso elefante, hoje, não me impressionou".

XLII. À noite, durante a ceia, vários assuntos foram tratados, falando-se em particular da Grécia e seus filósofos. Cíneas referiu-se a Epicuro, e expôs as ideias dos que seguiam este filósofo com relação aos deuses e ao governo. Disse que os epicuristas colocavam o bem supremo do homem na volúpia; frisou que eles fugiam a quaisquer encargos e à administração pública, pois que a consideravam como a inimiga da verdadeira felicidade; e afirmou que consideravam os deuses impassíveis, não se deixando mover nem pela piedade nem pelo ódio; e, não se incomodando com a sorte dos homens, levavam uma vida ociosa, entregando-se a todas as espécies de prazeres. Ele ainda falava quando Fabrício, interrompendo-o, disse: "Permitam os deuses{838} que Pirro e os sanitas tenham tais ideias na cabeça enquanto estiverem em guerra contra nós.

XLIII. Pirro, tomado de admiração pelo caráter e pela grandeza de alma deste romano, desejou mais do que nunca concluir um tratado de paz com Roma. Dirigiu-lhe, então, a palavra em particular, e insistiu com ele no sentido de negociar, primeiramente, um arranjo com os romanos, a fim de que, depois, pudesse vir viver em s ua corte, onde seria o primeiro de seus amigos e capitães. A essa proposta Fabrício deu a seguinte resposta em voz baixa: "Senhor, o que acabais de propor-me não resultaria em vantagem para vós, pois aqueles que hoje vos homenageiam e admiram, logo que me ficassem conhecendo na ação, desejariam ter-me como seu rei, de preferência a vós". Assim era Fabrício, e Pirro não se mostrou ofendido com essa resposta: e, longe de recebê-la com a irritação de um tirano, elogiou diante de seus amigos e familiares a grande coragem e o espírito magnânimo de Fabrício; e somente a este quis confiar os prisioneiros, a fim de que, caso o Senado recusasse a paz, eles lhe fossem

devolvidos, depois de terem visitado e abraçado seus parentes e amigos e participado da festa de Saturno{839}. O Senado, com efeito, mandou-os de volta, após a festa, e propôs a pena de morte para todos os que deixassem de regressar ao acampamento de Pirro.

XLIV. No ano seguinte Fabrício foi eleito cônsul{840}; e um dia em que estava em seu acampamento, um homem foi entregar-lhe uma carta escrita pelo médico de Pirro, o qual lhe propunha envenenar este rei, desde que os romanos lhe garantissem uma recompensa à altura de tal serviço, pois a guerra terminaria assim sem perigo para eles. Fabrício, indignado com a maldade do médico, e fazendo com que seu companheiro de consulado partilhasse de seu sentimento, escreveu imediatamente a Pirro, para dizer-lhe que se acautelasse, pois estavam tramando a sua morte. Este era o teor da carta:- "Caio Fabrício e Quinto Emílio, cônsules dos romanos, saúdam o rei Pirro. Ao que parece. não acertais nem na escolha de vossos amigos, e nem na dos vossos inimigos: a leitura da carta que junto a esta vos enviamos, escrita por um dos vossos, convencer-vos-á de que fazeis a guerra a homens justos e bons e de que confiais em homens maus e em traidores. Não é para obter o vosso reconhecimento que vos denunciamos esta perfídia; mas para que vossa morte não dê lugar a calúnias contra nós e para que não se diga que, perdendo a esperança de vos vencer com o nosso valor, recorremos à traição para pôr termo a esta guerra".

XLV. Pirro, depois de ler a carta e de certificar-se da verdade do que nela se dizia, mandou castigar o médico; e, para testemunhar o seu recon hecimento a Fabrício e aos romanos, enviou-lhes todos os prisioneiros, sem resgate, e mandou de novo Cíneas a Roma como embaixador, para ver se era possível concluir a paz. No entanto, os romanos não quiseram qualquer recompensa da parte de um inimigo, pelo fato de não terem consentido numa injustiça, recusando-se por isso a receber gratuitamente os prisioneiros, e enviaram, assim, a Pirro, um número igual de tarentinos e de sanitas. Quanto à paz, eles não consentiram nem mesmo que Cíneas tratasse do assunto, e nem o consentiriam enquanto Pirro e suas tropas permanecessem na Itália e não tivessem tomado o caminho do Épiro, nos mesmos navios que os haviam transportado. Entrementes, como a situação de seus negócios exigisse uma segunda bat alha, ele se pôs a caminho com. todo o seu exército e atacou os romanos perto da cidade de Asculo{841}. Comprimido num lugar onde a sua cavalaria não podia agir, e contido por um rio cujas margens pantanosas não permitiam a passagem dos elefantes, a fim de que pudessem juntar-se à infantaria, o seu exército teve grande número de mortos e feridos. A noite veio separar os contendores, após um combate que durara todo o dia. Na manhã seguinte, para obter a vantagem de combater num terreno mais plano, no qual os elefantes pudessem atacar o inimigo, Pirro mandou alguns contingentes ocuparem, logo às primeiras horas do dia, os lugares difíceis onde tinha combatido na véspera.

XLVI. Atraindo deste modo o inimigo para um terreno plano, colocou entre os elefantes um grande número de arqueiros e lanceiros, e, com as fileiras bem cerradas, marchou impetuosamente contra os romanos. Estes, que não tinham, como no dia anterior, meios de envolver e tolher os movimentos do adversário, foram forçados a combater num terreno plano e igual. Como quisessem romper a infantaria de Pirro antes da chegada dos elefantes, desenvolveram prodigiosos esforços para inutilizar com suas espadas as compridas lanças dos inimigos; e, sem se pouparem e sem se incomodarem com os ferimentos que recebiam, não cuidavam senão de derrubar os combatentes que tinham pela frente. Finalmente, após um longo combate, os romanos, já derrotados, começaram a recuar, do lado onde se encontrava Pirro, pois não puderam resistir ao ímpeto de sua falange e à força e à impetuosidade dos elefantes, que completaram a sua derrota; o valor e os esforços dos romanos tornaram-se inúteis diante destes animais, cuja massa os arrastava, do mesmo modo como a violência de uma onda ou de um tremor de terra, ante a qual acharam melhor ceder, pois de nada adiantaria esperar, sem poderem combater nem socorrer uns aos outros, uma morte inútil e cruel, que os transformaria nos maiores mártires do mundo.

XLVII. A perseguição não foi, entretanto, longa, pois que eles tiveram apenas de reganhar o seu acampamento. O historiador Jerônimo diz que os romanos perderam seis mil homens, e que, do lado de Pirro, segundo os próprios registros deste rei, as perdas elevaram-se a três mil, quinhentos e cinco. Todavia, Dionísio pretende que não houve duas batalhas perto de Asculo, e diz que não se pode ter como certa a derrota dos romanos. Segundo ele, foi travada apenas uma batalha, que durou até o pôr-do-sol; e os combatentes se separaram, contra a sua vontade, depois de Pirro ter sido ferido no braço por um golpe de chuço e sua bagagem ter sido pilhada pelos sanitas. Diz ainda o historiador que mais de quinze mil homens morreram nesta batalha, tanto do lado dos romanos como do de Pirro, retirando-se ambos, para os seus acampamentos, com perdas iguais.

XLVIII. Conta-se que a uma pessoa que o felicitava pelo seu triunfo, Pirro respondeu: "Se alcançarmos outra vitória semelhante a esta, estaremos irremediavelmente perdidos". Com efeito, esta batalha custara-lhe a parte melhor das tropas que havia trazido do seu reino do Épiro, bem como quase todos os seus amigos e capitães, os quais não estava em condições de substituir; além disso, o que é mais importante, verificara que os seus aliados, na Itália, estavam desanimados. Os romanos, ao contrário, preenchiam com grande facilidade os claros que se abriam em suas legiões, recrutando em seu próprio país, como de uma fonte inesgotável, os novos combatentes; e, longe de se mostrarem abatidos com as derrotas, extraíam de sua própria cólera novas forças e novo ardor para continuar a guerra.

XLIX. No meio de suas dificuldades e inquietações, Pirro viu-se diante de novas empresas e novas esperanças, que se lhe ofereciam, levando a hesitação ao seu espírito. De um lado, chegaram da Sicília embaixadores que lhe propuseram colocar em suas mãos as cidades de Agrigento, Siracusa e Leontinos, pedindo ao mesmo tempo que ajudasse a expulsar os cartagineses da ilha e a libertá-la de seus tiranos; de outro lado, mensageiros vindos da Grécia trouxeram-lhe a notícia de que Ptolomeu, cognominado o Raio{842}, tinha sido morto numa batalha contra os gauleses, e de que seu exército fora desbaratado, surgindo assim uma ocasião das mais favoráveis para se apresentar aos macedônios, que necessitavam, de um rei. Pirro maldisse então a fortuna, que lhe apresentava ao mesmo tempo duas oportunidades para fazer grandes coisas; e vendo com pesar que não podia optar por uma sem perder a outra, hesitou durante muito tempo antes de fazer a escolha. Finalmente, as dificuldades da Sicília pareceram-lhe muito mais importantes, por motivo da proximidade da África, decidindo-se então per este empreendimento. Assim, após tomar tal resolução, enviou Cíneas, conforme costumava fazer, às cidades da ilha, a fim de entabular negociações. Entrementes, a guarnição que colocara na cidade de Tarento, a fim de mantê-la submissa, provocara grande descontentamento entre os seus moradores. Estes mandaram-lhe dizer que, ou ele permanecia no país a fim de sustentar a guerra contra os romanos, de acordo com o compromisso assumido ao dirigir-se à cidade, ou caso decidisse abandonar a Itália, que deixasse Tarento na situação em que a havia encontrado. Pirro, porém, respondeu-lhes secamente, dizendo-lhes que não lhe falassem mais em tal assunto, que esperassem por uma oportunidade. E, dada esta resposta, seguiu para a Sicília, onde viu, logo após a chegada, todas as suas esperanças se realizarem. Com efeito, as cidades apressaram-se em se entregar, e, em todos os lugares onde teve de empregar a força, não encontrou nenhuma resistência séria. Com um exército de trinta mil homens de infantaria e dois mil e quinhentos cavaleiros, e uma esquadra de duzentos navios, ele ia expulsando por toda parte os cartagineses e conquistando as regiões que estavam sob o seu domínio.

L. A cidade de Erix{843}, entre as que os cartagineses conservavam em seu poder, era a dotada de melhores fortificações, e a que contava o maior número de defensores; Pirro decidiu ocupá-la pela força. Quando tudo estava pronto para o assalto, tomou todas as suas armas, e, ao aproximar-se da cidade, prometeu a Hércules um sacrifício solene, bem como jogos públicos, em sua homenagem, caso lhe concedesse a graça de mostrar-se, aos olhos dos gregos que moravam na Sicília, digno de seu nascimento e dos grandes recursos de que dispunha. Feito este voto, ordenou que as trombetas soassem, dando o sinal de ataque. Quase

todos os bárbaros que se encontravam sobre as muralhas retiraram-se logo às primeiras flechadas. Foram em seguida colocadas as escadas, sendo ele o primeiro a subir. No alto da muralha um grupo de inimigos ousou enfrentá-lo; atacando-os, forçou uns a se atirarem de ambos os lados da muralha, e abateu outros a golpes de espada, sem que recebesse qualquer ferimento. Com efeito, ele parecia tão terrível aos bárbaros, que estes não ousavam olhá-lo de frente e sustentar o seu olhar; e ele provou que Homero julgou a bravura como homem sábio e experimentado ao dizer que, de todas as virtudes, era a única cujos transportes são de inspiração divina e que, por vezes se aproximam do furor. Após a ocupação da cidade, ele fez a Hércules um sacrifício magnífico e promoveu festas com jogos e combates de todas as espécies.

LI. Havia nas imediações de Messina uma nação de bárbaros chamados mamertinos, que causavam grandes tribulações aos povos gregos, obrigando mesmo alguns deles a lhes pagarem impostos e tributos. Estes bárbaros, numerosos e aguerridos, deviam ao seu valor a denominação de mamertinos, que, em língua latina significa marciais. Pirro chefiou suas forças contra eles e os derrotou num renhido combate, arrasando várias de suas fortalezas; além disso, mandou matar todos os que entre eles se encarregavam da coleta dos impostos. Os cartagineses, que desejavam fazer as pazes com Pirro, ofereceram-lhe, como prova de amizade, prata e navios; mas, como visava a coisas ainda maiores deu-lhes uma breve resposta, dizendo que havia um único meio de ser estabelecida a paz: a evacuação de toda a Sicília, de modo que o mar da África passasse a constituir a zona de separação entre os gregos e eles. Os êxitos alcançados e a confiança que depositava em suas forças encorajavam-no e o incitavam a tornar uma realidade as esperanças que o tinham levado à Sicília; e aspirou, assim, em primeiro lugar, a conquista da África. Para levar a efeito esta vasta empresa ele possuía um número suficiente de navios; mas faltavam-lhe marinheiros e remadores. Entretanto, para obtê-los das cidades, em vez de agir com habilidade e brandura, passou a tratá-las com excessivo rigor, constrangendo seus moradores e castigando com severidade os que não obedeciam às suas ordens. Ele não agira desse modo ao chegar; soubera então, melhor do que ninguém, conquistar a boa vontade de toda gente, dirigindo palavras cativantes a todos, mostrando-se confiante e não molestando ninguém. Porém, transformando-se, subitamente, de príncipe popular em tirano violento, ele adquiriu, em consequência de sua severidade, a reputação de homem ingrato e pérfido. Entretanto, por mais descontentes que estivessem, eles cediam à necessidade e lhe forneciam tudo aquilo que deles era exigido.

LII. Mas a sua conduta em relação a Tenão e Sóstrato fez com que todos se voltassem contra ele. Eram os dois principais capitães de Siracusa, os quais tinham sido os primeiros a chamá-lo à Sicília. À sua chegada, entregaram-lhe a cidade e, em seguida, secundaram-no com todo o seu prestígio em todos os seus empreendimentos. Pirro, nutrindo suspeitas contra ambos, não queria nem levá-los em sua companhia, nem deixá-los em Siracusa durante a sua ausência. Sóstrato, que receava ser vítima de alguma cilada, saiu da cidade; quanto a Tenão, Pirro mandou matá-lo, pois temia que ele fizesse a mesma coisa que Sóstrato. Tudo então se modificou, generalizando-se a oposição contra ele; e isto não se verificou aos poucos, cada coisa por sua vez. Ao contrário, subitamente, todas as cidades, tomadas de um violento ódio, aliaram-se, umas aos cartagineses, outras aos mamertinos, para lutar contra o inimigo comum. Toda a Sicília era teatro de rebeliões, defecções e conspirações, quando Pirro recebeu cartas dos sanitas e dos tarentinos, nas quais diziam estes que, tendo sido expulsos dos campos, e não podendo mais defender-se nas cidades e praças fortes, necessitavam com urgência de seu auxílio.

LIII Estas cartas, chegando num momento oportuno, forneceram-lhe um pretexto para justificar a sua retirada, pois pôde dizer que não era a impossibilidade de realizar os seus projetos que o levava a deixar a Sicília. Mas, na verdade, ele não conseguia manter esta ilha sob seu domínio, a qual parecia um navio batido pela tempestade; e, desejando abandoná-la, estava à procura de uma desculpa, e este foi o motivo verdadeiro por que voltou à Itália.

Conta-se que, ao partir da Sicília, voltou os olhos para a ilha e disse àqueles que o rodeavam: "Meus amigos, que belo campo de batalha deixamos aos romanos e aos cartagineses, para nele lutarem uns centra os outros!". Isto aconteceu pouco tempo depois, realizando-se assim a sua previsão. Os bárbaros, no entanto, coligaram-se contra ele, e os cartagineses, que ficaram à sua espera, ofereceram-lhe batalha no mar, no estreito de Messina. Pirro perdeu vários navios e com os que lhe restavam fugiu para as costas da Itália. Os mamertínos, em número de dez mil combatentes, que já ali se encontravam, não ousaram enfrentá-lo em campo raso, aguardando-o em certas passagens da montanha e em lugares difíceis, de onde o atacaram de improviso, levando a desordem às suas fileiras. Perdeu nesse combate dois elefantes e a maior parte dos combatentes da retaguarda. Pirro teve então de deixar a vanguarda e correr em socor ro dos que ainda combatiam e, arrostando todos os perigos, lançou-se no meio dos bárbaros, homens destemidos e cheios de valor; recebeu, no entanto, um golpe de espada na cabeça, e foi obrigado a afastar-se um pouco do local do combate. Com sua ausência tornou-se ainda maior a ousadia dos adversários, um dos quais, homem de grande estatura, que se distinguia entre os demais, saiu das fileiras, todo armado, e, com uma voz cheia de audácia, chamou o rei e o desafiou para um combate, homem contra homem, caso ainda estivesse vivo.

LIV. Pirro, irritado ante tal atrevimento, não obstante os rogos de seus oficiais, voltou ao local do combate, acompanhado de sua guarda. Com o rosto coberto de sangue, seu aspecto era terrível; e, inflamado de cólera, avançou através de suas fileiras e aproximou-se do bárbaro que o havia desafiado, e desferiu-lhe na cabeça um golpe tão violento que, em consequência tanto da força do braço como da excelência da tempera do aço da arma, fendeu-lhe o corpo de alto a baixo, caindo as duas metades, uma de cada lado. Um tão terrível feito conteve os bárbaros, impedindo que avançassem. Paralisados pelo terror e pela admiração, eles olharam Pirro como* a um deus, e não o molestaram mais em sua marcha.

LV. Prosseguindo em seu caminho, sem perda de tempo, ele chegou à cidade de Tarento, com vinte mil homens de infantaria e três mil cavaleiros; com essa força, e com a parte melhor dos combatentes tarentinos, ele marchou incontinente contra os romanos, que estavam acampados em terras dos sanitas. Encontravam-se estes em situação das mais desfavoráveis: derrotados em várias batalhas pelos romanos, mostravam-se desencorajados. Estavam, por outro lado, descontentes com Pirro, a quem não perdoavam a viagem a Sicília. Por este motivo, não foram muitos os que se dirigiram ao seu acampamento. Pirro, após dividir as suas tropas em dois corpos, "enviou o primeiro à Lucânia para conter um dos cônsules de Roma{844}, que ali se encontrava, e impedir que socorresse seu colega; chefiando o outro corpo, marchou contra Mânio Cúrio, que, ocupando uma posição das mais vantajosas perto da cidade de Benevento, estava à espera de reforços enviados de Lucânia. Havia ainda os prognósticos dos adivinhos, através de pássaros e sacrifícios, os quais o aconselhavam a não afastar-se dali. Pirro, ao contrário, ansiava por combater esse exército, antes da chegada dos reforços esperados; pondo-se à frente de suas melhores tropas, com seus elefantes mais aguerridos, iniciou a marcha ao cair da noite, a fim de atacar o acampamento de Mânio. No entanto, como era muito longo o trecho a ser percorrido, numa região toda coberta de florestas, as tochas, utilizadas para alumiar o caminho vieram a faltar, e a maior parte dos soldados se extraviou. O tempo necessário para reuni-los consumiu o resto da noite; e, ao amanhecer, o inimigo avistou-os quando desciam as montanhas, mostrando-se, de início, perturbado. Mânio, entretanto, diante dos presságios favoráveis e, forçado pelas circunstâncias, saiu de seu acampamento, e atacou os primeiros adversários que teve pela frente, pondo-os em fuga; os outros foram tomados de tal pavor que deixaram grande número de mortos no local, tendo sido, ainda, capturados alguns elefantes.

LVI. Esta vitória fez com que Mânio saísse de suas posições e fosse combater com todo o seu exército em pleno campo; ele deu início ao combate, conseguindo romper uma das alas do inimigo; mas foi repelido na outra, devido a uma violenta investida dos elefantes, sendo forçado a recuar até o seu acampamento, onde tinha deixado numerosos soldados encarregados de guardá-lo. Enviou então estas tropas, que se achavam bem armadas, ao

campo de batalha, onde atacaram os elefantes com uma chuva de dardos, forçando-os a fugir; os animais, atirando-se sobre as próprias unidades a que pertenciam provocaram grande desordem e confu são, resultando a completa vitória dos romanos e, com esta vitória, a consolidação da grandeza de seu império. Com efeito, com os êxitos alcançados, a confiança em seu próprio valor aumentou ao mesmo tempo que suas forças, e, adquirindo a reputação de combatentes invencíveis, eles conquistaram logo depois o resto da Itália, e, em seguida, a Sicília.

LVIL Foi assim que Pirro viu desvanecerem-se todas as suas esperanças de conquista da Itália e da Sicília. Consumiu nestas guerras seis anos inteiros e seu poderio enfraqueceu-se consideravelmente; entretanto, no meio das derrotas a sua coragem permaneceu invencível, e adquiriu a fama de ultrapassar em experiência, valor e audácia, todos os reis de seu tempo. Mas o que ele ganhava com seus feitos, perdia com sua ambição; e o desejo daquilo que não possuía impedia-o de assegurar a posse do que tinha. Antígono, por este motivo, comparou-o a um jogador de dados muito favorecido pelos lances, mas que não sabia aproveitar-se de sua boa fortuna. Tendo regressado ao Êpiro com oito mil homens de infantaria e quinhentos cavaleiros, os quais não podia pagar, ele pôs-se à procura de uma nova guerra, a fim de conseguir recursos. Após receber o reforço de certo número de gauleses, entrou com suas tropas no reino da Macedônia, onde reinava Antígono, filho de Demétrio, sem outra intenção senão pilhar e levar uma grande presa de guerra do país. No entanto, a conquista de algumas cidades e a defecção de dois mil macedônios, que se juntaram às suas forças, fizeram-lhe conceber mais altas esperanças, e decidiu marchar contra Antígono. Atacando-o num desfiladeiro, provocou grande confusão em suas fileiras, pois os gauleses que o rei da Macedônia colocara na retaguarda de suas tropas, e que eram muito numerosos, ‘após sustentarem valentemente o primeiro ataque, foram quase todos dizimados, após rude combate. Em seguida, os soldados que dirigiam os elefantes, tendo sido cercados por todos os lados, renderam-se com seus animais. Pirro, vendo suas forças assim reforçadas, confiando mais nos favores da fortuna, do que na voz da razão, decidiu atacar a falange macedônia, a qual, após ‘a derrota de sua retaguarda, ficara desorganizada e amedrontada. Os macedônios, porém, não quiseram combater contra Pirro, que, por sua vez, estendendo-lhes as mãos, e chamando pelos seus nomes os capitães e chefes de grupos, fez com que a ele aderisse toda a infantaria de Antígono. Este, que se pôs rapidamente em fuga, com alguns cavaleiros, ficou apenas cem algumas cidades marítimas do reino.

LVIII Pirro, nesta fase de prosperidade, considerava a vitória, sobre os gauleses como o mais glorioso de seus feitos, e, por este motivo, ofereceu os mais belos e os mais ricos de seus, despojes ao templo de Minerva Itonéia, com esta inscrição:

Vencedor dos gauleses, Pirro, agradecido,

A Minerva oferece estes ricos escudos

Depois de abater, de Antígono, o poderio,

Os seus mais valentes soldados derrotando.

E que esta bela vitória, após tantos feitos,

Não seja motivo de espanto ou maravilha,

Pois rio coração dos nossos soberanos

Vive ainda o valor dos filhos de Éaco.

LIX. Após esta batalha, Pirro recuperou as cidades da Macedônia, e, entre outras, a de Egas, cujos moradores tratou com muita severidade, nela colocando uma guarnição constituída pelos gauleses que tinha a seu soldo. Os gauleses, gente ávida e sedenta de dinheiro, deram disto uma prova ao violar os túmulos dos r eis da Macedônia, sepultados naquela cidade; depois de se apoderarem de todas as riquezas que encontraram, agindo de modo insolente e sacrílego, dispersaram os despejos. Pirro foi disso cientificado, mas não deu muita atenção ao ocorrido, nem mesmo se manifestando a respeito, seja porque as questões do momento o levassem a adiar a punição, seja porque não ousasse castigar aqueles bárbaros. Mas esta indiferença desagradou muito aos macedônios, que o censuraram vivamente. Embora o seu domínio no país não estivesse ainda bem assegurado, o seu cérebro começou a elaborar novos planos; e, caçoando de Antígono, dizia que ele era um desavergonhado, pelo fato de vestir-se de púrpura como um rei, quando deveria trazer a simples capa dos particulares.

LX. Nessa época, Cleônimo, rei de Esparta, convidou-o a seguir com seu exército para a Lacedemônia, convite este que aceitou sem hesitar. Cleônimo era de família real; mas sendo um homem violento e despótico, não gozava nem da afeição, nem da confiança dos espartanos; e por isso Areus reinava tranquilamente, em seu lugar. Era este o seu velho motivo de queixa contra seus concidadãos; mas, nesta oportunidade, apresentava ele outro motivo; tinha casado, em sua velhice, com uma bela e jovem mulher, chamada Celidônides, também de sangue real, filha de Leotiquides. Apaixonou-se ela perdidamente por Acrótato, filho do rei Areus, príncipe de grande beleza e na flor da. idade, paixão esta que o encheu de desespero, pois muito a amava, e, ao mesmo tempo, de vergonha, pois ninguém ignorava em Esparta o desprezo que a mulher lhe votava. Suas desventuras domésticas juntaram-se assim, às desventuras políticas, e, não dando ouvidos senão à sua cólera e ressentimento, foi, com a intenção de vingar-se, pedir a Pirro que se dirigisse a. Esparta, a fim de colocá-lo em seu trono; e, com efeito, Pirro para ali o levou com seus vinte e cinco mil homens de infantaria, dois mil cavaleiros e vinte e quatro elefantes. Com uma força tão formidável não era difícil chegar à conclusão de que Pirro tinha em vista menos proporcionar a Cleônimo a posse do trono de Esparta do que tornar-se ele próprio senhor do Peloponeso. É verdade que negava que essa fosse a sua intenção, em todas as respostas dadas aos lacedemônios, os quais lhe enviaram uma embaixada quando se encontrava em Megalópolis. Afirmava, ao contrário, que se dirigia ao Peloponeso para libertar as cidades que Antígono mantinha na servidão; declarou mesmo que desejava, caso isso lhe fosse permitido, enviar a Esparta os mais jovens de seus filhos, a fim de que fossem educados de acordo com as instituições dos lacedemônios, proporcionando-lhes, assim, sobre todos os outros príncipes, a vantagem inestimável de uma excelente educação.

LXI Recorrendo à dissimulação e enganando todos os que iam ao seu encontro, na estrada, ele penetrou no território de Esparta, pondo-se, logo de início, a pilhar o país. E como os embaixadores dos espartanos o censurassem e lamentassem o fato dele começar a guerra sem a haver previamente declarado, respondeu: "Sabemos perfeitamente que vós, espartanos, não tendes também o costume de anunciar com antecipação o que pretendeis fazer". Um deles, Mandricidas, replicou-lhe, em sua linguagem lacônica: "Se és um deus, nada temos a recear de ti, pois que não te ofendemos; se és um homem, encontrarás outros mais valentes". Pirro continuou seu caminho e chegou diante de Esparta; Cleônimo aconselhou-o a atacar imediatamente, mas Pirro, receando, ao que se diz, que seus soldados pilhassem a cidade, caso nela entrassem à noite, resolveu adiar o assalto, alegando que haveria tempo de sobra no dia seguinte. Sabia que a cidade dispunha de pequeno número de defensores, os quais, além de p oucos, não estavam bem preparados para o combate. O próprio rei Areus estava ausente, pois tinha seguido para Cândia, para auxiliar os gortínios, que estavam guerreando. Mas foi o desprezo de Pirro pela fraqueza de Esparta e pelo número reduzido de seus defensores que salvou a cidade; persuadido de que não haveria ninguém ali em condições de combater, estabeleceu seu acampamento diante da cidade, no interior da qual os amigos e servidores de Cleônimo já haviam preparado e ornamentado a sua casa, certos de que Pirro naquela mesma noite ali iria cear.

LXII. Quando chegou a noite, os lacedemônios reuniram-se e decidiram enviar secretamente suas mulheres, acompanhadas de seus filhos menores, para Cândia; mas elas recusaram-se a partir. Arquidâmia, uma delas, dirigiu-se ao Senado, com uma espada na mão, e, fazendo uso da palavra, em nome de todas as outras mulheres, lamentou o fato de terem os homens acreditad o serem elas tão covardes a ponto de desejarem sobreviver à ruína de Esparta. Resolveu-se em seguida cavar um fosso paralelo ao acampamento do inimigo, e enterrar, nas extremidades desse fosso, até a metade das rodas, um certo número de carros, a fim de conter e impedir a passagem dos elefantes. Mal a escavação havia sido começada, e surgiram, as mulheres, umas com suas saias erguidas, outras trazendo apenas suas túnicas, para partilharem do trabalho dos homens mais idosos. Ao mesmo tempo, obrigaram os mais jovens, que deviam combater, a repousarem durante a noite; e, medindo o comprimento que deveria ter o fosso-, elas se encarregaram de escavar a terça parte. O fosso tinha seis côvados de largura, quatro de profundidade e oitocentos pés de comprimento, segundo Filarco, ou um pouco menos, segundo Jerônimo. Quando, ao amanhecer, o inimigo começou a se movimentar para dar início ao ataque, as mulheres foram buscar as armas e as entregaram aos jovens, confiando-lhes a defesa da trincheira, exortando-os ao mesmo tempo a defendê-la valentemente, e dizendo-lhes que era doce morrer aos olhos de todos os concidadãos em defesa da pátria, e que era uma grande glória ter nos braços de suas mães e esposas uma morte digna de Esparta. Celidônides, entretanto, retirou-se para um canto, e amarrou um cordão no pescoço, a fim de estrangular-se, caso a cidade fosse tomada, pois não queria cair nas mãos de seu marido.

LXIII. Pirro, pondo-se à frente de sua infantaria, avançou contra os espartanos, os quais, com seus escudos cerrados, o esperavam do outro lado da trincheira. Além de ser esta difícil de atravessar, a terra, revolvida durante a noite, cedia sob os pés dos soldados, impedindo que se mantivessem firmes nas bordas do fosso. Ptolomeu, filho de Pirro, levando consigo os seus dois mil gauleses e os melhores combatentes caônios, decidiu, então, marchar ao longo da trincheira, e tentou atravessá-la por uma de suas extremidades, aquela onde se encontravam os carros. Mas estes estavam tão bem enterrados e tão presos uns nos outros, que não somente continham o inimigo como impediam os próprios lacedemônios de se aproximarem dos atacantes para se defender. Afinal os gauleses já começavam a desprender as rodas dos carros e a lançá-los ao rio, quando o jovem Acrótato, vendo o perigo, atravessou rapidamente a cidade com trezentos guerreiros, jovens como ele. e envolveu, pela retaguarda, Ptolomeu, sem que o pressentissem, pois se utilizara de caminhes escavados e baixos. Atacando as últimas fileiras dos gauleses, obrigou-os a se voltarem a fim de se defender, chocando uns contra os outros e caindo dentro do fosso e sob os carros. Seguiu-se uma grande confusão e a carnificina foi grande, sendo os soldados de Ptolomeu finalmente repelidos.

LXIV. Os anciãos e as mulheres, do outro lado da trincheira, testemunharam os grandes feitos de Acrótato. Viram-no depois atravessar de novo a cidade, a fim de reganhar o seu posto, todo coberto de sangue, e transbordante de alegria e orgulho pela vitória. As mulheres de Esparta acharam-no então maior e mais belo do que nunca, e todas julgaram Celidônides bem feliz por ter um amante tão corajoso. E alguns velhos que o acompanhavam diziam-lhe em altas vozes: "Vai, bravo Acrótato, e te delicies com o amor de Celidônides, dando a Esparta filhos generosos".

LXV. No lugar onde se encontrava Pirro o combate foi também dos mais rudes, e numerosos espartanos deram provas de grande valor; mas ninguém se distinguiu tanto quanto Filio, que, depois de haver morto um grande número de adversários, sentindo que suas forças se esvaíam em consequência dos numerosos ferimentos recebidos, chamou um soldado que estava na fileira de trás, e, cedendo-lhe seu lugar, foi tombar morto entre as armas dos companheiros, a fim de não deixar seu corpo em poder dos inimigos.

LXVI. O combate que durara todo o dia, Cessou ao anoitecer; e Pirro, depois de conciliar o sono, teve uma visão, durante a qual se viu lançando raios sobre a Lacedemônia, que se tornou inteiramente presa das chamas; e tal foi sua alegria que acordou. Ordenou

imediatamente aos seus capitães que mantivessem as tropas prontas para recomeçar o ataque e contou aos seus familiares o sonho, considerando-o um presságio, certo de que tomaria a cidade de assalto. Todos concordaram entusiasmados com essa interpretação, exceto um certo Lisímaco, o qual dizia que a visão não lhes parecia favorável, e isto porque os lugares atingidos pelos raios eram sagrados, e neles ninguém podia entrar; receava que os deuses, com esse sonho, tivessem querido cientificar Pirro de que ele não entraria na cidade de Esparta. Pirro respondeu-lhe: "Trata-se de um assunto apropriado para se discutir nas assembleias populares, pois estas espécies de visão são sempre cheias de obscuridades. Mas, agora, o que cada um deve fazer é tomar as armas e dizer a si mesmo:

Melhor presságio não há que combater

A fim de que seu general possa vencer{845}.

Após proferir essas palavras, nas quais fez uma alusão aos versos de Homero, ele ergueu-se, e, ao clarear o dia, levou suas tropas ao combate.

LXVIL Os lacedemônios fizeram maravilhas para se defender, revelando uma coragem e um ardor superiores às suas forças; as mulheres mantiveram-se ao seu lado, fornecendo-lhes os dardos com que combatiam, davam de comer e beber aos que o pediam e retiravam da linha de combate os feridos a fim de tratar deles. Os macedônios, por sua vez, faziam tudo o que estava ao seu alcance para encher a trincheira com pedaços de madeira e outras coisas, que lançavam sobre os corpos e as armas dos mortos. Os lacedemônios, de seu lado, tudo faziam para impedi-lo, quando em determinado momento, viram Pirro a cavalo procurando entrar na cidade após ter transposto a trincheira, do lado onde se achavam os carros. Os combatentes encarregados da defesa daquele ponto começaram a soltar gritos, aos quais as mulheres responderam com o seu clamor, pondo-se a correr como se tudo estivesse perdido. Pirro continuava a avançar, derrubando com seus golpes todos os que tentavam contê-lo, até que seu cavalo, atingido num dos flancos per um dardo candiota, saiu do lugar de combate, tal a dor que sentira, e ao expirar, lançou-o num terreno em declive, expondo-o a uma perigosa queda. Seus servidores e amigos que se encontravam nas proximidades acorreram para socorrê-lo, enquanto os espartanos, incontinente, atacaram-nos a. flechadas, repelindo-os para além da trincheira.

LXVIII. Pirro, persuadido de que os lacedemônios, que se encontravam quase todos feridos e cujo número de mortos fora muito grande nos dois dias de combate, acabariam se rendendo, ordenou a cessação do combate em todos os pontos. Mas a boa fortuna da cidade, seja que ela tivesse querido por à prova a virtude dos espartanos, seja que tivesse resolvido esperar até o momento em que todas as suas esperanças estivessem desfeitas, a fim de mostrar o que é capaz de fazer nas situações mais difíceis, neste mundo, fez vir de Corinto, em seu socorro, Amínias, o Fócio, um dos generais de Antígono, com tropas estrangeiras. Mal haviam estas forças entrado na cidade, chegou também o rei Areus, procedente de Cândia, com dois mil combatentes. As mulheres, vendo que não havia mais necessidade de participarem, dos combates, retiraram-se para suas casas. Os anciãos, por sua vez, após terem sido forçados a tomar as armas pela necessidade, foram dispensados a fim de que pudessem repousar, ocupando os seus postes os recém-chegados.

LXIX. A chegada deste duplo reforço não fez senão inflamar ainda mais a ambição de Pirro e inspirar-lhe um mais ardente desejo de se apoderar da cidade. Todavia, quando viu que não sofreria senão reveses, deixou a posição que ocupava diante de Esparta, e pôs-se a pilhar e

devastar o país, decidido a nele passar o inverno. Mas não pôde fugir ao seu destino. Na cidade de Argos, verificou-se uma divergência entre Aristéias e Arístipo; e como acreditasse o primeiro que o segundo era apoiado por Antígono, apressou-se em chamar Pirro a Argos a fim de anular o efeito desse apoio. A natureza de Pirro levava-o a conceber sempre novas esperanças, e os êxitos que alcançava faziam-no aspirar a êxitos ainda maiores; e procurava, invariavelmente, reparar as perdas com novos empreendimentos. E assim, nem as suas derrotas, nem as suas vitórias assinalavam o termo dos males que causava ou daqueles de que era vítima. Não hesitou por isso em seguir logo para Argos. Areus, entretanto, armou-lhe diversas emboscadas, e ocupou as passagens mais difíceis, atacando os gauleses e molossos, que formavam à retaguarda de seu exército, dizimando-os.

LXX. Nesse dia, o adivinho de Pirro, que encontrara no decorrer de um sacrifício um defeito no fígado da vítima imolada, predissera-lhe a perda de uma pessoa que lhe era muito cara. Mas no meio do tumulto e da desordem provocados pelo ataque, ele não deu atenção ao augúrio, e encarregou seu filho, Ptolomeu, de ir, com um contingente, em auxílio da retaguarda, enquanto ele próprio se esforçava para tirar o seu exército daquele difícil desfiladeiro. O combate foi dos mais vivos em volta de Ptolomeu, que teve de enfrentar os melhores combatentes lacedemônios, comandados por um bravo capitão chamado Evalco. No entanto, quando a luta ia mais acesa, um soldado candiota, da cidade de Aptera, chamado Oreso, homem ligeiro e ágil, deslisando-se até junto do jovem príncipe, que combatia com o maior ardor, desferiu-lhe um golpe num dos flancos, prostrando-o morto. Com a morte de Ptolomeu seus soldados puseram-se em fuga, e os lacedemônios lançaram-se à sua perseguição com grande ímpeto; e só perceberam que estavam a grande distância de sua infantaria, quando já se encontravam na planície. Pirro acabava de ser informado da morte do filho; cheio de ira e de dor, ele avançou contra os lacedemônios com seus cavaleiros molossos, e, tomando a iniciativa do combate, fez correr muito sangue. Embora sempre temível, sempre invencível quando com as armas nas mãos, ele se excedeu a si mesmo nesta ocasião, dando as maiores provas de valor, força e audácia. Logo que viu Evalco, lançou seu cavalo contra ele; mas o inimigo, desviando, desferiu-lhe um golpe de espada, por pouco não lhe decepando a mão que segurava as rédeas, as quais foram cortadas. Pirro aproveitou-se da oportunidade para nele cravar a sua lança, transpassando-lhe o corpo; e, descendo do cavalo, dizimou, num combate medonho, todos os lacedemônios, soldados selecionados, que procuravam defender o corpo de Evalco.

LXXL Assim, foi a ambição dos chefes que, estando já a guerra terminada, causou à Lacedemônia, gratuitamente, esta perda. Pirro fizera deste combate, por assim dizer, um sacrifício aos manes de seu filho, e como uma espécie de embate fúnebre com que quis honrar seus funerais. Após aliviar sua dor, transformando-a em ira e rancor contra seus inimigos, continuou em sua marcha na direção de Argos. Ao chegar, foi informado de que Antígono já se apoderara das alturas que dominavam a planície; e, tendo acampado perto da cidade de Nauplia, enviou na manhã seguinte um emissário ao encontro de Antígono, com a incumbência de censurar-lhe a perfídia e de desafiá-lo a descer à planície para disputar, com as armas nas mãos, o título de rei. Antígono respondeu-lhe que contava menos com as armas do que com o tempo, e que, se Pirro estivesse cansado de viver, tinha diante de si muitos caminhos abertos para ir de encontro à morte. Entrem entes, de Argos foram enviados embaixadores a ambos, a fim de pedir-lhes que se retirassem, que consentissem em que a cidade não pertencesse a nenhum deles e permanecesse amiga dos dois. Antígono concordou, e deu seu filho como refém aos argivos. Pirro também prometeu retirar-se; todavia, como não tivesse dado qualquer garantia de sua promessa, suspeitou-se de sua boa fé.

LXXIL. Aconteceram, então, tanto a Pirro como aos argivos, prodígios singulares. No decorrer de um sacrifício que o rei fizera, pusera-se de lado as cabeças dos bois imolados, quando, subitamente, viram-se as línguas saírem para fora da boca e começarem a lamber o sangue derramado em redor. No interior de Argos, a profetisa do templo de Apoio, chamada Apolônida, pôs-se a correr pelas ruas dizendo aos gritos que via a cidade cheia de cadáveres e

de sangue, e que uma águia, por ela vista no meio do combate, desaparecera subitamente, não sabendo para onde tinha ido. Quando escureceu completamente, Pirro aproximou-se das muralhas de Argos; e verificando que a porta chamada Diamperes lhe tinha sido aberta por Aristéias, teve tempo de introduzir os gauleses na cidade, os quais ocuparam a praça pública, sem que os moradores de nada percebessem. Mas como a porta era muito baixa para dar passagem aos elefantes, foi preciso tirar-lhe as torres, e recolocá-las depois. Esta dupla operação, feita tumultuosamente e no meio das trevas, levou bastante tempo, e os argivos, vendo finalmente o que se passava, correram à fortaleza denominada Áspis e ocuparam outros pontos fortificados da cidade, enviando ao mesmo tempo emissários a Antígono, a fim de que viesse socorrê-los. Este príncipe, atendendo ao apelo, aproximou-se das muralhas, permanecendo do lado de fora em observação; enviou logo depois seu filho ao interior da cidade, acompanhado de seus principais capitães e de um' numeroso contingente de soldados.

LXXIIL Areus, rei de Esparta, chegou ao mesmo tempo, com mil candiotas, e um grupo de valentes espartanos; estas tropas atacaram juntas os gauleses que se achavam na praça pública, provocando grande confusão entre eles. Pirro, avançando pelo bairro denominado Cilabáris, soltava brados de vitória; mas vendo que os gauleses não lhe respondiam com um tom de confiança e audácia, conjecturou que eles estivessem sendo atacados e enfrentassem dificuldades. Apressou-se assim em socorrê-los, levando consigo sua cavalaria, a qual caminhava em terreno difícil e perigoso, devido aos buracos dos esgotos subterrâneos e dos encanamentos de água., de que a cidade estava cheia. Era grande a confusão, como é fácil imaginar, tratando-se de um combate travado à noite, e no decorrer do qual os combatentes não viam as pessoas com quem se tinham de haver e não se ouviam as ordens dos chefes. Os soldados, separando-se uns dos outros, perdiam-se nas ruas estreitas; no meio das trevas e dos gritos perplexos dos combatentes, os oficiais não podiam ordenar qualquer manobra; e ambas as partes aguardavam o despontar do dia sem nada fazer. Ao amanhecer, Pirro viu a fortal eza de Ápis cheia de armas do inimigo, e perturbou-se; e sua perturbação aumentou ainda mais quando, ao atingir a praça pública, viu, entre as obras de arte que a ornavam, um lobo e um touro de bronze, na atitude de animais em luta. Esta visão lembrou-lhe uma antiga profecia segundo a qual o seu destino era morrer quando visse um lobo lutar com um touro.

LXXIV Os argivos contam que estas duas figuras foram colocadas no lugar onde se encontravam para perpetuar a lembrança de um acontecimento de que fora outrora teatro o seu país. Quando Danão entrou pela primeira vez na Argólida, passando pelo caminho da Tireatides, que vai de Pirâmia a Argos, viu um lobo que enfrentava um touro. Supôs que o lobo estava de seu lado, porque, sendo um estrangeiro, vinha fazer guerra aos naturais do país, do mesmo modo como aquele animal. Ele parou para assistir ao combate, e, tendo o lobo saído vencedor, dirigiu uma prece a Apoio Lido; e, prosseguindo em sua empresa, provocou um levante contra Galanor, que reinava em Argos, e o expulsou do país. Eis porque, segundo se diz, as figuras do lobo e do touro foram colocadas na praça de Argos.

LXXV. Pirro, desencorajado por esta visão, e vendo suas esperanças se desvanecerem, pensou em retirar-se. Todavia, receando ser contido junto às portas da cidade, por serem muito estreitas, mandou dizer a seu filho Heleno, o qual havia permanecido do lado de fora com a maior parte do exército, que destruísse um lanço da muralha a fim de seus soldados poderem sair, e que os recolhesse caso fossem perseguidos pelo inimigo. Entretanto, devido à pr ecipitação e ao barulho que se fazia, o oficial encarregado da missão não ouviu bem a ordem que lhe fora dada, relatando a Heleno o contrário do que Pirro dissera. O jovem príncipe, diante do que ouvira, tomou consigo os melhores combatentes de suas forças, e o resto dos elefantes, e entrou na cidade a fim de socorrer seu pai, o qual já começara a retirar-se.

Na medida em que a largura da praça o permitia, defendia-se bem, repelindo o inimigo

enquanto se retirava, e contra ele investia de quando em quando. Mas ao passar da praça para a rua estreita que conduzia à porta da cidade, ele deu de encontro com as tropas que vinham do outro lado em seu socorro, às quais gritou inutilmente que deixassem o caminho livre a fim de poder passar. Os soldados não o ouviam devido ao barulho; e mesmo se os primeiros o ouvissem, não poderiam obedecer-lhe as ordens devido aos que, atrás deles, entravam em grande número na cidade. Além disso, o maior dos elefantes caíra junto à porta, e, soltando gritos medonhos, fechava a saída aos que queriam deixar o local. Com efeito, um dos paquidermes que haviam entrado, chamado Nicão, querendo salvar seu condutor, o qual caíra no chão em virtude de ferimentos recebidos, voltou-se contra aqueles que recuavam e nele pisavam, derrubando tanto amigos como inimigos, até que, encontrando o corpo do cornaca morto, ergueu-o com a sua tromba, e, colocando-o sobre suas defesas, tomou, furioso, o caminho da porta, esmagando com os pés tudo o que encontrava à sua passagem.

LXXVI. Os soldados de Pirro, comprimidos uns contra os outros, não se podiam movimentar, e nem a si mesmos podiam auxiliar. Todos eles formavam, por assim dizer, uma única massa, e tão unida que somente podia avançar ou recuar como se fosse apenas um corpo. Eles quase não lutavam com os inimigos que os molestavam pela retaguarda, faziam uns aos outros mais mal do que os argivos. Com efeito, se algum deles, conseguia tirar a espada ou erguer a lança, não podia mais recolocar na bainha a primeira arma e nem abaixar a segunda, e com elas atingia o primeiro que tivesse pela frente, ferindo-se e matando-se, assim, uns aos outros. Pirro, vendo esta tormenta que desabara com violência sobre suas tropas, ti rou a coroa que distinguia seu capacete dos demais, e a deu a um de seus amigos; e, confiando na bravura de seu cavalo, lançou-se sobre os inimigos que o perseguiam de perto, recebendo então através de sua couraça um golpe de lança, não sendo, no entanto, nem profundo nem perigoso o ferimento resultante. Voltou-se incontinente contra o adversário que o golpeara: era um argivo de família obscura, filho de uma pobre e velha mulher, a qual naquele momento, estava sobre o teto de uma casa, como todas as outras mulheres da cidade, para assistir ao combate. Ao ver que era contra seu filho que Pirro investia, ela apanhou uma telha com as duas mãos e a lançou sobre o rei, tal o pavor de que foi tomada. A telha caiu sobre a cabeça de Pirro, que no momento não se encontrava protegida pelo capacete, e deslisando até o pescoço, partiu-lhe as vértebras. Sua vista perturbou-se imediatamente, as rédeas lhe escaparam das mãos e ele caiu do cavalo perto da sepultura de Licínio, sem ser reconhecido pela multidão. Todavia, um soldado chamado Zopiro, que estava a soldo de Antígono, e dois ou três outros, tendo corrido ao local reconheceram-no e o arrastaram até a uma porta, no momento em que ele começava a recuperar os sentidos. Zopiro já desembainhara a espada ilíria que trazia, para cortar-lhe a cabeça, quando Pirro lhe lançou um olhar terrível; Zopiro, amedrontado e com a mão tremente, tentou degolá-lo; mas, na perturbação e no pavor em que se encontrava, não desferiu o golpe com precisão, atingindo-o sob a boca e partindo-lhe o queixo; e, após matá-lo, levou muito tempo para separar-lhe a cabeça do corpo.

LXXVIL A notícia do ocorrido espalhou-se rapidamente, e Alciônio, filho de Antígono, dirigiu-se ao local, e pediu a cabeça de Pirro, como se fosse para reconhecê-la; mas, logo que a teve em suas mãos, foi a galope ao encontro do pai, o qual, nesse momento, palestrava com alguns amigos, e a atirou ao chão, diante dele. Antígono, reconhecendo-a, expulsou seu filho do local a bastonadas, chamando-o de assassino cruel e bárbaro desumano; e, cobrindo os olhos com a capa, chorou uma morte que lhe lembrava a de seu antepassado Antígono e a de seu pai Demétrio, os quais eram para ele dois exemplos domésticos dos caprichos da fortuna. Depois de haver preparado convenientemente a cabeça e o corpo de Pirro, ele os mandou queimar e inumar, de modo honroso. Algum tempo depois, tendo Alciônio encontrado Heleno, num estado miserável e coberto com uma pobre capa, ele o acolheu com muita humanidade e o levou à presença de seu pai. Ao vê-lo, Antígono disse: "Meu filho, esta ação vale mais e agrada-me mais do que a primeira; mas não fizeste tudo o que devias, pois não tiraste de seus ombros esta capa que a ele causa menos vergonha do que aos vencedores". Pronunciadas estas palavras, abraçou Heleno, e, depois de dar-lhe uma equipagem honrosa, mandou-o para o reino do Épiro. Quando, logo depois, apoderou-se do acampamento de Pirro, e de todo o seu exército, ele tratou com grande humanidade os amigos e servidores desse rei.

Caio Mário

SUMÁRIO DA VIDA DE CAIO MÁRIO

I. Diversidade de costumes entre os romanos no que se refere aos nomes próprios. II. Austeridade do caráter de Mário. III. Suas primeiras campanhas: Cipião pressagia sua futura grandeza. IV. É nomeado tribuno do povo e faz aprovar uma lei sobre a maneira de votar. V. Malogra na sua pretensão à edilidade. Obtém a pretura, e é suspeitado de haver comprado sufrágios. VI. Altivez de sua resposta a Herênio, que se recusou a testemunhar contra ele, por ser seu patrão. VII. É absolvido, e vai comandar tropas na Espanha. VIII. Casa-se com Júlia, da família dos Césares. IX. Sua paciência na dor. X. Metelo escolhe-o como seu lugar -tenente na África. Conduta de Mário neste cargo. XI. Paz condenar Turpílio a morte. XII. Dirige-se a Roma, e pleiteia o consulado. XIII. Sua eleição. Elogios que faz de si mesmo. Injurioso desprezo que manifesta pela nobreza. XIV. Boco entrega Jugurta às mãos de Sila, questor de Mário. XV. Esta foi a origem do ódio entre Mário e Sila. XVI. Segundo consulado de Mário. XVII. Origem dos cimbros. XVI II. Sua coragem, suas vitórias. XIX. Tomam a decisão de atacar Roma. XX. Inútil oposição à eleição de Mário. XXI. Seu triunfo, Morte de Jugurta. XXII. Partida de Mário para a guerra. Como acostumou seu exército à fadiga. XXIII. Aventura de Trebônio. Admirável conduta de Mário em relação a ele. XXIV. Mário é nomeado cônsul pela terceira o pela quarta vez. XXV. Manda abrir um novo canal para servir de embocadura ao Ródano. XXVI. o inimigo oferece lhe batalha, o que ele não aceita. XXVII. Como familiariza seus soldados com o aspecto medonho dos bárbaros. XXVIII. Queixas dos soldados de Mário, ansiosos por serem levados ao combate. XXIX. Acerca de uma mulher síria que Ale trazia consigo, como profetisa. XXX. Diversos presságios e predições da vitória de Mário. XXXI. O inimigo levanta acampamento para seguir para a Itália e Mário o acompanha. XXXII Trava-se a batalha. XXXIII. Mário alcança a vitória. XXXIV. Os romanos mantêm-se em estado de alerta toda a noite seguinte. XXXV. Preparativos, de ambos os lados, para o segundo combate. XXXVI. Completa vitória obtida pelos romanos. XXXVII. Mário oferece um sacrifício, no decorrer do qual lhe trazem a notícia de que havia sido nomeado cônsul pela quinta vez. XXXVIII. Notícias enviadas sobre o exército de Catulo. XXXIX. Mário vai ao seu encontro. XL. Modificação introduzida por Mário no dardo. XLI. Formação por ele adotada para a batalha. XLII. Marcha do inimigo. XLIII. Trava-se a batalha. XLIV. Vitória completa dos romanos. XLV. Triunfo dos dois cônsules. XLVI. Reflexões sobre o caráter de Mário. XLVII. Liga-se com Gláucias e Saturnino. XLVIII. Seu sexto consulado. XLIX. Velhaca-ria de Mário. L. Presta juramento, de acordo com a lei de Saturnino. LI. Metelo recusa-se a prestar juramento. Ele é exilado. LIII. Infame complacência de Mário em relação a Saturnino. LIV. É obrigado a tomar as armas contra ele. LV. Saturnino é morto com seus cúmplices. LVI. Metelo é chamado. LVII-Mári o segue para a Ásia. LVIII. Manda construir uma casa perto da praça pública. LIX. Começo da guerra dos aliados. LX. Conduta de Mário nesta guerra. LXI. Disputa o comando na guerra contra Mitrídates. LXII. Violências de Sulpício em favor de Mário. LXIII. Mário é obrigado a sair de Roma. LXIV. O filho de Mário escape perseguição de seus inimigos. LXV. Fuga de Mário; sua desdita. LXVI. Velho presságio que anunciava a Mário sete consulados. LXVII. Mário escapa a um novo perigo. LXVIII. Ele se oculta num pântano. LXIX. É proso. LXX. Ninguém ousa matá-lo. LXXI. É posto cm liberdade. LXXII Aporta na África. LXXIII. Sextílio ordena-lhe que se retire. LXXIV. Mário encontra-se com o filho. LXXV. Volta à Itália. LXXVI. Liga-se a Cina. LXXVII. Apodera-se do Janículo. LXXVIII. Morte de Otávio. LXXIX. Crueldades de Mário, após sua entrada em Roma. LXXX. Comuto é salvo pelos seus escravos. LXXXI. Morte de Marco Antônio, o orador. LXXXII. Morte de Catulo Lutácio. Horrores em Roma, LXXXIII. Mário é nomeado cônsul pela sétima vez. LXXXIV. Suas extremas inquietações. LXXXV. Mário adoece e morre. LXXXVI. Reflexões sobre a ambição de Mário e seu apego à vida. LXXXVII. Exemplos contrários de Platão e de Antípatro. LXXXVIIL Reflexões sobre a maneira como os homens encaram sua fortuna. LXXXIX. Morte do filho de Mário.

Do ano 591 até o ano 668, de Roma; ano 86, A. C. Paralelo entre Pirro e Mário, por du Haillan.

I. Não se sabe qual foi o terceiro nome de Caio Mário, do mesmo modo como não se conhece o de Quinto Sertório, que foi durante muito tempo senhor da Espanha, e nem o de Lúcio Múmio, o destruidor da cidade de Corinto; pois o cognome de Acaico que foi dado a Múmio, o de Africano, a Cipião, e o de Numídico a Metelo, focam-lhes atribuídos por motivo das vitórias por eles alcançadas. É este um argumento utilizado por Possidônio para procurar convencer aqueles que dizem ser o terceiro nome dos romanos o seu nome próprio, como Camilo, Marcelo, Catão. Se assim fosse, diz ele, os que não possuem senão dois nomes não teriam nome próprio. Mas ele não viu que, de acordo com o seu argumento, as mulheres não teriam nomes próprios; pois não existe unia única mulher romana que tenha o primeiro nome que Possidônio estima ser próprio dos romanos, apresentando o primeiro dos dois outros como o nome comum de toda a família, tais como os Pompeus, os Mânlios, os Cornélios, do mesmo modo como se diz, entre os gregos, os Heráclidas, os Pelópidas; e o segundo como um cognome advindo do caráter, das ações, das formas do corpo e de outras particularidades, tais como os apelidos de Macrino, Torquato, Sila. Entre os gregos podem-se. citar os de Mnemão, que significa possuidor de boa memória; Gripo, o que possui nariz aquilino; Calinico, o vitorioso. Todavia, quanto a este ponto, a diversidade dos empregos dos nomes{846} daria lugar a grandes discussões.

II. Quanto à fisionomia de Mário, vimos em Ravena, cidade da Gália, a sua estátua de mármore, a qual reproduz com simplicidade o rigor e a austeridade de caráter e de costumes que lhe foram atribuídos. Dotado de compleição robusta, corajoso, e inclinado às armas, e tendo recebido uma educação mais militar do que civil, ele revelou no exercício do autoridade uma violência que não soube moderar. Conta-se que jamais aprendeu as letras gregas e não quis mesmo se servir da língua grega em nenhuma questão de importância; achava ridículo aprender a língua de um povo escravo. Após seu segundo triunfo, no dia da consagração de um templo, ele promoveu jogos gregos, para a diversão do povo romano; e, dirigindo-se ao teatro onde os mesmos estavam sendo realizados, sentou-se por um instante, saindo logo depois. Platão costumava dizer com frequência ao filósofo Xenócrates, cujo caráter era muito rude e áspero: "Xenócrates, meu amigo, sacrificai às Graças". Se, do mesmo modo, alguém tivesse conseguido persuadir Mário a sacrificar às Graças e às Musas gregas, ele não teria dado às belas ações que o ilustraram na paz e na guerra um fim vergonhoso; e sua cólera, sua ambição inoportuna, a sua avareza insaciável, não o teriam atirado a uma velhice feroz, cruel e desumana. O relato de suas ações permitirá que tudo isso seja prontamente conhecido.

III. Mário nasceu de pais obscuros e pobres, que eram forçados a ganhar a vida com o trabalho de suas mãos. Seu pai chamava-se, como ele, Mário, e sua mãe, Fulcínia. Por esse motivo, demorou a frequentar Roma, e só muito tarde ficou conhecendo os costumes da cidade. Passou os primeiros anos de sua existência numa pequena aldeia denominada Cerretino, no território da cidade de Arpino, onde levava uma vida rústica e agreste, em comparação com a civilidade e a cortesia dos que vivem nas cidades, mas sóbria e morigerada, semelhante à vida dos antigos romanos. A sua primeira campanha foi contra os celtiberos, na Espanha, realizada enquanto Cipião, o Africano, assediava a cidade de Numância. Os capitães de Cipião perceberam logo que Mário possuía maiores qualidades de homem de guerra do que qualquer de seus companheiros. Com efeito, ele assimilou com grande rapidez e facilidade a nova disciplina que Cipião introduzira nos exércitos corrompidos pela luxúria e pela indolência. Conta-se que ele mediu suas forças, um dia, com um adversário, na presença de seu general, matando-o. Cipião, para ganhar a sua afeição, cumulou-o de favores e honrarias. Uma noite, quando Mário se encontrava à sua mesa, após a ceia, tendo a conversação recaído sobre os generais daquele tempo, um dos convivas, seja porque estivesse realmente em dúvida, seja pelo desejo de lisonjear Cipião, perguntou a este qual o capitão com que os romanos podiam contar, para substituí-lo, após sua morte; e o general batendo docemente com a mão no ombro de Mário, que estava perto dele, disse: "Será, talvez, este". Estes dois homens, afortunadamente, nasceram, com a capacidade, um para anunciar, desde a sua juventude, a sua futura grandeza, e, o outro para conjecturar qual o fim que teria a carreira deste jovem.

IV. Estas palavras de Cipião foram para Mário, ao que se diz, como uma voz divina, fazendo o conceber as mais altas esperanças e animando-o a dedicar-se à administração pública: e, gozando do favor de Cecílio Metelo, cuja casa sempre protegera a família de Mário, ele foi nomeado tribuno do povo{847}. Durante seu tribunado, apresentou uma lei sobre a maneira de votar na eleição dos magistrados, a qual parecia privar os nobres da influência de que gozavam nos julgamentos. O cônsul Cota combateu esta lei e persuadiu o Senado a opor-se a ela e a impedir a sua adoção; além disso, solicitou que Mário fosse intimado a comparecer perante os senadores a fim de explicar as razões de sua conduta. Esta proposta foi aprovada e Mário entrou no Senado, não com o embaraço de um jovem que, sem ser conhecido por qualquer ação de relevo, mal começava sua vida pública, não tendo outros atributos senão a sua própria virtude; mas, ao contrário, tomando com antecipação o ar de segurança que lhe deram mais tarde os seus grandes feitos, ameaçou publicamente o cônsul de prisão, caso não fizesse revogar a decisão. Cota, voltando-se para o lado onde se encontrava Cecílio Metelo{848}, pediu-lhe que manifestasse a sua opinião. Este senador levantou-se e falou em defesa do cônsul. Mário, então, mandou vir de fora um lictor, e ordenou-lhe que conduzisse Metelo à prisão. Este apelou para os outros tribunos, mas nenhum deles tomou a sua defesa; e, assim, o Senado julgou que devia ceder e anulou o seu decreto. Mário, cheio de orgulho com a sua vitória, saiu do Senado e dirigiu-se à assembleia do povo, onde fez aprovar a sua lei. Este começo fez com que o julgassem um homem que jamais recuaria movido pelo temor ou cederia por timidez, e que, para servir os interesses do povo, oporia ao Senado a mais forte resistência.

V. Ent retanto, logo depois ele desfez esta opinião, agindo de maneira oposta. Tendo sido feita e proposta uma distribuição gratuita de trigo aos cidadãos, Mário opôs-se tenazmente a essa medida; e, tendo feito rejeitar a lei, passou a dispor do apoio dos dois partidos, os quais o julgaram incapaz de favorecer interesses particulares em detrimento do interesse da República. Após o tribunado, pretendeu ingressar na grande edilidade. Existem, com efeito, duas categorias de edis: a primeira é a cedilitas curulis, assim denominada por motivo das cadeiras de pés recurvados, nas quais se sentavam os edis quando davam audiência; a segunda, bem inferior em dignidade, é a aedilitas popularis, ou seja a dos edis plebeus. E, em Roma, imediatamente após a eleição dos grandes edis, procede-se à eleição dos outros. Mário, vendo desde o início que o seu nome ia ser recusado para a primeira edilidade, apresentou-se sem perda de tempo à segunda. Viu-se, nesta sua atitude, a afirmação de um caráter obstinado e audacioso, e, por este motivo, num mesmo dia, foi objeto de duas recusas, coisa jamais ocorrida. Este revés não abateu, contudo, a sua coragem, e tempo depois ele pleiteou também a pretura, e por pouco o seu nome não foi igualmente recusado. Eleito, finalmente, em último lugar, foi acusado de haver comprado votos. As suspeitas foram sobremodo motivadas pelo fato de ter sido visto um escravo de Cássio Sabacão no interior do recinto onde se procedia à eleição, indo e vindo entre os que votavam. Cássio era amigo íntimo de Mário; chamado perante, os juízes, e interrogado sobre tal fato, declarou que, em virtude do excessivo calor, sentira muita sede, e que pedira por isso água ao seu escravo; este, no entanto, logo após ter-lhe levado a água numa taça, deixara o local. Entretanto, Sabacão foi mais tarde expulso do Senado pelos censores escolhidos naquele comício; e julgou-se que ele havia merecido este castigo infamante, ou por ter prestado depoimento falso, ou por haver cedido à sua intemperança.

VI. Caio Herênio foi também chamado a testemunhar contra Mário; mas alegou, para se desculpar, que a lei e o costume dispensam o patrão de prestar testemunho centra os seus clientes ou aderentes. Patrão é a palavra pela qual os romanos designam os que assumem a proteção de pessoas de condição inferior à sua; ora, a família de Mário, e o próprio Mário, sempre foram dependentes da casa dos Herênios. Os juízes receberam e concordaram com esta desculpa; todavia, Mário opôs-se à sua aceitação, alegando que, desde o momento no qual fora nomeado para uma função pública, sua condição de dependência cessara, deixando de ser cliente ou aderente de qualquer pessoa. Isto não era, contudo, inteiramente verdadeiro, pois o exercício de uma magistratura não dispensa os clientes, nem seus

descendentes, de seus deveres para com os patrões, de permanecerem sob a patronagem de outrem; este privilégio só beneficia os magistrados a quem a lei permite sentar-se na cadeira curul, ou seja, a cadeira que é transportada num carro pela cidade.

VIL Nos primeiros dias, a causa de Mário não se apresentou sob auspícios favoráveis, mostrando-se os juízes contrários a ele. Entretanto, no último dia, contra a expectativa do público, ‘ele foi absolvido, pois os votos dos juízes dividiram-se. Mário portou-se com grande honestidade no exercício do cargo de pretor, e, ao deixá-lo, decorrido um ano, seguiu para a Espanha Ulterior, situada além do rio Betis{849}, e que lhe coube ao serem divididas, por sorte, as províncias. A Espanha possuía ainda costumes rudes e selvagens, e os espanhóis não conheciam então nada de" mais belo do que uma vida de roubos e banditismo. Ao que se conta, ele livrou toda a província dos seus ladrões e assaltantes.

VIII. Após o seu regresso a Roma, decidiu participar do trato das questões públicas; mas verificou logo que não possuía nem eloquência, nem riqueza, dois dos mais poderosos meios a que se podia recorrer na época para obter o apoio e a consideração do povo. Todavia, seus concidadãos tiveram em conta a firmeza de seu caráter, a sua perseverança no trabalho e a simplicidade de sua vida, permitindo-lhe assim conquistar as primeiras honras; e adquiriu logo tal poderio que, através de uma aliança das mais honrosas, ingressou na ilustre casa dos Césares: desposou Júlia, tia de Júlio César, que se tornou depois o maior dos romanos, e que, em virtude deste parentesco e da afinidade existente entre ambos, imitou, ao que parece, Mário, assim como relatamos em sua vida.

IX. Além de ser homem de grande continência, Mário era também dotado de notável paciência, e disto deu uma prova no decorrer de uma operação a que se submeteu. Suas pernas estavam cheias de veias dilatadas{850} e, como suportasse mal a deformidade por elas causada, chamou um cirurgião para cortá-las. Apresentou-lhe uma das pernas, para que dela cuidasse, não consentindo que a amarrassem: e sofreu as dores cruéis causadas pelas incisões, sem gemer, sem fazer qualquer movimento, com uma fisionomia inalterada e num profundo silêncio. Mas quando o cirurgião quis passar para a outra perna, ele recusou-se a atendê-lo, dizendo: "Vejo que a cura não vale a dor que provoca".

X. O cônsul Cecílio Metelo{851}, tendo sido nessa época designado para ir à África a fim de combater o rei Jugurta, escolheu Mário como um de seus lugar-tenentes. Mário, que viu nesta expedição uma oportunidade para belas ações e grandes proezas, não se propôs como objetivo, em tal viagem, a conquista de novas honrarias e novas glórias para Metelo, como os outros lugar-tenentes, E estava certo de que não fora Metelo que o escolhera para esse posto, mas a própria fortuna, a qual lhe apresentava uma ocasião das mais favoráveis para tornar-se mais conhecido, conduzindo-o, por assim dizer, a um magnífico teatro, a fim de mostrar o que sabia fazer; e assim empenhou-se em dar as maiores demonstrações possíveis de coragem e talento militar, No decorrer desta guerra, que oferecia inúmeras dificuldades, jamais receou as tarefas mais rudes ou desdenhou as ocupações de menor importância. Superando todos os seus companheiros em bom senso e prudência, em tudo o que podia contribuir para o bem comum, ele rivalizava em paciência e frugalidade, com os simples soldados, e foi assim conquistando a simpatia e a benevolência de todo o exército. Na realidade, constitui um grande conforto, para os que se encontram em situações difíceis, possuir um companheiro que partilhe espontaneamente de todos os trabalhos e penas, e isto porque lhes parece ficarem assim aliviados, no que se refere ao constrangimento e à necessidade. E, para o soldado romano, nada existe de mais confortador do que ver seu-comandante comer, à vista de toda gente o mesmo pão que ele, ou deitar-se numa pobre enxerga, ou trabalhar ao seu lado na escavação de uma trincheira ou na fortificação de um campo. Ele não estima tanto os generais que lhe dão dinheiro e o promovem quanto aqueles que se associam aos seus trabalhos e se expõem aos perigos da guerra; e, acima de tudo, estima mais aqueles que

partilham de suas fadigas do que aqueles que lhe permitem viver na ociosidade.

XI. Mário, agindo desse modo, conquistou a afeição de todos os soldados, e encheu, rapidamente,- toda a África e a cidade de Roma inteira com o seu renome e a sua glória. Todos os que, do exército, escreviam para suas famílias, em Roma, não cessavam de repetir que não se veria o fim da guerra contra aquele rei bárbaro se a sua direção não fosse confiada a Mário, com a sua eleição para as funções de cônsul. Uma preferência tão acentuada desagradava fortemente a Metelo; todavia, nada lhe desagradou tanto quanto a aventura de Turpílio. Era este amigo de Metelo, e as suas famílias estavam ligadas fazia muito tempo pelos laços da hospitalidade. Turpílio acompanhara Metelo nesta guerra, e exercia no exército o cargo de intendente dos operários. Foi-lhe confiada, por seu comandante, a guarda de Vaga{852}, grande e importante cidade; e, confiando na lealdade dos habitantes do lugar, aos quais tratava com doçura e humanidade, não percebeu que, tendo sido por eles traído, ficara nas mãos de seus inimigos. Eles, com efeito, introduziram Jugurta no interior da cidade, não fazendo, contudo, nenhum mal a Turpílio, tendo mesmo conseguido do rei, para ele, a salvação de sua vida e a liberdade. Foi por isso acusado de traição. Mário, um dos membros do conselho de julgamento, além de muito prevenido contra ele, acirrou de tal modo o ânimo dos outros juízes, que Metelo foi forçado, contra sua vontade, devido à pluralidade dos votos, a condená-lo a morte. Algum tempo depois se verificou que a acusação era falsa, o que causou grande desgosto a Metelo, desgosto este partilhado pelos juízes, com exceção de Mário que, ao contrário, externou publicamente a sua alegria. Ele se vangloriava dizendo que a condenação fora sua obra, e não teve pejo de alardear por toda parte que juntara à alma de Metelo uma fúria vingadora que o punia por ter mandado matar seu hóspede, A partir de então eles se tornaram inimigos declarados, e conta-se que, um dia, Metelo, zombando, disse-lhe: "Queres, então, deixar-nos, homem de bem, e voltar a Roma para disputar o consulado, pois que não podes esperar para ser cônsul juntamente com meu filho". Este filho de Metélo estava ainda em sua primeira juventude.

XII, Entrementes, Mário pôs-se a solicitar vivamente o seu licenciamento, sendo grande a sua insistência. Metelo, após vários adiamentos, decidiu, finalmente, concedê-lo, mas isto quando faltavam somente doze dias para a eleição dos cônsules. Por este motivo, Mário, apressando-se, alcançou Útica, localidade situada a beira-mar, em dois dias e uma noite, apesar de ser considerável a distância que a separava do acampamento. Antes de embarcar, ofereceu um sacrifício aos deuses, e estes, segundo lhe asseguraram os adivinhos, prometeram-lhe êxitos extraordinários, de muito superiores às suas esperanças. Ainda mais encorajado, diante de tais promessas, ele fez-se ao mar: e como o vento lhe fosse constantemente favorável, a travessia foi feita em quatro dias. Dirigindo-se, logo após o desembarque, a Roma, apareceu diante do povo, que estava ansioso por vê-lo. Levado a um comício, por um dos tribunos, ali formulou várias acusações contra Metelo, e em seguida pediu aos romanos que o elegessem cônsul, prometendo matar ou aprisionar, em poucos dias, o rei Jugurta.

XIII Foi escolhido cônsul sem oposição{853}, e, apenas investido em suas funções, desprezando os costumes e as leis de Roma, arrolou, nos novos recrutamentos, pobres homens que nada possuíam, e vários escravos. Até então, nenhum general recrutara para seus exércitos gente dessa condição, confiando as armas, assim como outros encargos honrosos da República, somente a homens que delas fossem dignos e cujos bens conhecidos oferecessem uma garantia de cumprimento de seu dever na guerra e de sua fidelidade. Contudo, não foi esta inovação que atraiu para Mário os maiores ódios; as palavras cheias de altivez e insolência que proferiu, em seus discursos, ofenderam ainda mais as principais personalidades da cidade. Ele declarava em altas vozes, por toda parte, que seu consulado era um despojo tirado à moleza dos patrícios e dos ricos, graças à sua virtude; e glorificava-se junto do povo, não com monumentos erguidos à memória de mortos ou com estátuas, mas com os ferimentos que recebera em seu próprio corpo. E, muitas vezes, referindo-se a generais que haviam sido mal sucedidos na África. tais como Béstia{854} e Albino, ambos pertencentes a famílias grandes e nobres, mas sem capacidade para a guerra e cuja inexperiência motivara as derrotas sofridas,

chamou-os, citando os seus próprios nomes, de covardes, perguntando aos que estavam em suas proximidades; "Não acreditais que os antepassados destes dois capitães teriam preferido deixar descendentes que se assemelhassem comigo? E eles próprios se tornaram ilustres pelos seus altos feitos e pelas suas virtudes, e não pela nobreza e pelo sangue". Estes discursos não eram inspirados a Mário somente pela sua presunção e vaidade, pelo desejo de atrair gratuitamente o ódio dos patrícios; mas eram também sugeridos pelo povo que, deliciado com o opróbrio e o desprezo a que era lançado o Senado, e medindo sempre a extensão da coragem pela altivez das palavras, elevava Mário até às nuvens, e o concitava a não poupar os nobres e a ter em conta apenas a multidão.

XIV, Quando Mário voltou à África, Metelo deixou-se dominar pela inveja e pelo despeito, pois que, quando a guerra já havia sido por ele quase inteiramente terminada, restando-lhe somente apoderar-se da pessoa de Jugurta, o novo cônsul, que devia o seu posto tão somente à sua ingratidão, ia Arrebatar-lhe a glória e o triunfo. Não quis por isso encontrar-se com ele, e retirou-se do exército. O comando deste foi transmitido a Mário por um de seus lugar-tenentes, Rutílio. Entretanto, antes do fim da guerra, a vingança celeste puniu Mário por sua perfídia. Sila foi arrebatar-lhe a glória de concluí-la, do mesmo modo como a havia arrebatado de Meteloi Como já contei com pormenores este fato na Vida de Sila, eu aqui o repetirei em poucas palavras: Boco, rei da Alta Numídia, era sogro de Jugurta{855}, a quem não prestou grande auxílio enquanto este se manteve em guerra com os romanos, pretextando a sua má fé; na realidade, ele receava o aumento de seu poderio, Quando Jugurta, fugitivo e errante, não tendo outra pessoa a quem recorrer senão seu sogro, refugiou-se junto dele, na sua extrema necessidade, Boco recebeu-o como a um pedinte, mais por vergonha do que por benevolência. Tendo-o em suas mãos, ele simulava, em público, estar pleiteando seu perdão junto a Mário. Escrevia mesmo, a este general, com uma franqueza aparente, dizendo que não lhe entregaria Jugurta. Entretanto, tendo planejado trair este príncipe, mandou secretamente chamar Sila, então questor de Mário, ou seja, seu tesoureiro geral, e de quem havia recebido alguns serviços no decorrer da guerra. Sila, confiando no bárbaro, atendeu ao seu convite e dirigiu-se à sua corte. Todavia, quando ali chegou, Boco mudou de parecer, e, ao que parece, arrependeu-se de seu propósito. Durante vários dias permaneceu hesitante, não sabendo se entregaria seu genro ou se deteria Sila. Finalmente, decidindo-se pela traição que havia primeiramente projetado, entregou Jugurta vivo às mãos de Sila{856}.

XV. Este foi o primeiro germe do ódio implacável e cruel que se manifestou logo depois entre Mário e Sila, e que por pouco não causou a ruína da cidade e do império de Roma. Aqueles que invejavam a glória de Mário diziam que a captura de Jugurta era devida a Sila; e o próprio Sila mandara gravar um anel que, em seguida, sempre trouxe consigo, e lhe servia de sinete, no qual ele aparecia representado no momento em que recebia Jugurta das mãos de Boco{857} e nada irritou tanto Mário, o mais ambicioso dos homens e o menos disposto a dividir com outrem a glória resultante de suas ações. Sila, aliás, era instigado pelos inimigos de Mário, os quais faziam questão de atribuir os primeiros e maiores êxitos da guerra a Metelo, e os últimos a Sila, concedendo ainda a este a glória do remate final. Eles tinham como objetivo impedir que o povo continuasse a dedicar a Mário uma tão grande admiração e a considerá-lo como o primeiro dos capitães romanos.

XVI. Mas todas estas invejas, todos estes ódios e estas invectivas contra Mário foram logo atenuados e dissipados pelo grande perigo que veio ameaçar toda a Itália do lado do poente. E daquilo não se falou mais, desde o dia em que se verificou que a República necessitava de um bom capitão e em que se começou a procurar com os olhos quem seria o sábio piloto que a poderia salvar numa guerra tão perigosa e tão tormentosa; e como os cidadãos das casas mais nobres e mais ricas recusassem apresentar-se como pretendentes ao consulado, Mário embora ausente, foi eleito cônsul pela segunda vez{858}.

XVII Mal se divulgara em Roma a notícia da captura de Jugurta, e ali chegava também a nova da invasão dos teutões e dos cimbros. Todas as afirmações relativas ao número e à força dos invasores pareceram a princípio inverossímeis; mas o que se afirmava revelou-se logo depois abaixo da verdade. Somavam eles trezentos mil combatentes, todos muito bem armados, e arrastavam atrás deles uma multidão ainda mais numerosa de mulheres e crianças, para quem procuravam terras capazes de proporcionar alimentos e cidades onde pudessem se estabelecer; pois sabiam que, antes deles, os celtas tinham conquistado aos toscanos a região mais fértil da Itália. Como estes bárbaros tinham escasso comércio com os outros povos, e como habitavam países remotos, ignorava-se a que nações pertenciam, e de que regiões haviam partido para vir, como uma nuvem tempestuosa, cair sobre a Gália e a Itália. O seu grande porte, os seus olhos negros e a denominação de cimbros{859}, que os germanos davam aos bandidos, faziam apenas conjecturar serem um destes povos da Germânia que habitam às margens do Oceano Setentrional.

XVIII. Outros dizem que a Céltica, país vasto e profundo, estende-se desde o grande mar Oceano e das regiões setentrionais, até os pântanos Meótides e a Cítia ou Tartária Pôntica; dizem ainda que aqueles dois povos, tendo-se unido, saíram de seus países, não ao mesmo tempo e numa única emigração: cada ano, na primavera, eles avançavam e atacavam as populações que encontravam à sua passagem., de modo que, através de conquistas sucessivas, estenderam-se por todo o continente; e é por este motivo, que embora cada povo tivesse um nome diferente, dada a diversidade de suas nações, dava-se a todo o seu exército a denominação de celtócitas. Outros dizem ainda que uma parte da nação dos cimérios, que os antigos gregos conheceram outrora, parte aliás pouco considerável em relação à nação inteira, fugiu, ou foi expulsa de seu país pelos citas, em consequência de alguma sedição, e atravessou os pântanos Meótides, na Ásia, sob a chefia de um capitão chamado Ligdamis. Os restantes, que formavam a parte mais numerosa da nação, habitavam as extremidades da terra, perto do oceano Hiperbóreo, numa região coberta de florestas intermináveis e umbrosas, e tão densas que os raios do sol não podiam nelas penetrar, e aprofundavam-se tanto no interior da terra que iam se unir à floresta Hercínia. Elas estavam colocadas sob a parte do céu onde a inclinação dos círculos paralelos dá ao polo uma tal elevação que ele fica no zênite destes povos, e que, sendo os dias, tanto na sua maior duração como na menor, sempre iguais às noites, dividem ali o ano em duas partes iguais, Foi isto que deu a Homero a ideia da fábula, na qual diz que quando Ulisses quis evocar os mortos dirigiu-se ao país dos cimérios, como sendo a região dos infernos.

XIX. Eis de onde partiram, segundo se diz, para chegar à Itália, estes bárbaros chamados a princípio cimérios, designação da qual decorreu, possivelmente, o nome de cimbros. No entanto, estes informes baseiam-se mais em conjeturas do que em provas históricas: mas a maior parte dos autores concorda em que o seu número longe de ser inferior ao que mencionamos, era ainda mais considerável. Sua coragem e sua impetuosidade, sua força e sua rapidez nos combates podiam ser comparadas à violência e à velocidade do raio; nada podia lhes resistir e nem se opor ao seu avanço: todos os povos, à sua passagem, eram arrastados como uma presa fácil. Vários generais romanos, enviados para a Gália Cisalpina, a fim de governar e defender as possessões de Roma, com poderosos exércitos, foram vergonhosamente levados de vencida por eles{860}. E foi a covardia demonstrada por estes comandantes, ante os primeiros ataques dos bárbaros, que os levou a marcharem sobre Roma, encorajados pela facilidade de suas vitórias sobre todos os generais por eles enfrentados, e pelas riquezas imensas de que se tinham apoderado. Decidiram não se estabelecer em nenhum lugar antes de destruir Roma e saquear a Itália,

XX, Os romanos, a quem a notícia de tal resolução chegava de todos os lados, chamaram Mário para conduzir esta guerra, e o nomearam cônsul pela segunda vez, embora as leis proibissem a eleição de pessoas ausentes e estabelecesse um certo prazo entre dois consulados exercidos por um mesmo magistrado. Alguns cidadãos, para se oporem à sua

eleição, alegaram estas leis; mas o povo os repeliu. Não era a primeira vez, dizia-se, que as leis cediam diante da utilidade pública; e o motivo para a derrogação de tais leis, nesta circunstância, não era menos urgente do que aquele que havia levado os seus antepassados a nomearem, contra as leis{861}, Cipião, para as funções de cônsul; e quando o elegeram, não recearam de nenhum modo a ruína de sua cidade: eles não tinham em vista senão destruir Cartago. O povo, diante destes argumentos, confirmou a nomeação de Mário.

XXL Mário transferiu o seu exército da África para a Itália, e, a 19 de janeiro{862}, dia em que começa o ano romano, tomou posse do consulado. Entrou como triunfador em Roma e proporcionou aos moradores da cidade um espetáculo que jamais esperavam ter: o rei Jugurta cativo. Ninguém teria ousado prever o fim da guerra enquanto vivesse este príncipe, tal a sua habilidade em se amoldar às variações da fortuna, tais a sua coragem e astúcia! Conta-se que, durante a marcha triunfal, ele perdeu os sentidos, e, terminados os festejos, foi levado para uma prisão, onde os lictores, ansiosos por obterem despojos, arrancaram-lhe as pontas das duas orelhas a fim de ficar com os anéis de ouro que trazia. Após ter sido atirado a um canto do calabouço, disse, sorrindo, apesar de estar com os sentidos ainda perturbados: "Por Hércules, como são frias as vossas estufas!" Depois de lutar seis dias inteiros com a fome, durante os quais conservou sempre a esperança e o desejo de continuar a viver, encontrou, finalmente, numa morte miserável, a justa punição para as maldades que cometera em vida. No cortejo triunfal, foram transportados, ao que se conta, três mil e sete libras de ouro e cinco mil e setecentas de prata, e, além disso, moedas de ambos esses metais no valor de dezessete mil e vinte e oito dracmas.

XXII, Após este triunfo, Mário reuniu o Senado, e, seja por distração, seja por abuso insolente, entrou na sala com suas vestes de triunfador. Percebendo, contudo, a indignação de todo o Senado, retirou-se; e, depois de vestir a toga consular, voltou ao seu lugar. Ao partir em seguida para a guerra, a sua maior preocupação foi exercitar as suas tropas, o que fazia mesmo durante a marcha; acostumou-as a todas as espécies de corridas e a percorrerem longos trechos de caminho; obrigou-as a carregarem a sua bagagem e a prepararem a sua alimentação. Assim é que, muito tempo depois, os soldados que gostavam do trabalho e executavam pacientemente e em silêncio tudo o que lhes era ordenado, eram chamado os mulos de Mário". Há pessoas, todavia, que apresentam uma origem diferente para este dito: dizem que, no cerco de Numância, tendo Cipião querido inspecionar, não somente as armas e os cavalos de seus soldados, mas também os seus carros e os seus mulos, a fim de verificar se estavam em boas condições para continuar a prestar serviços, Mário levou-lhe seu cavalo, do qual ele próprio cuidava, apresentando-se por isso muito bem nutrido, assim como seu macho, o qual, pela sua nediez, força e mansidão, deixava longe todos os outros mulos do exército. O general, encantado com o aspecto apresentado pelos animais de Mário, referiu-se depois várias vezes ao fato, e assim se tornou uma espécie de rifão dizer-se, com referência a um homem laborioso, assíduo e paciente no trabalho, e de quem se queria zombar, ser ele um mulo de Mário.

XXIII. Ao que me parece, foi para Mário um grande favor da fortuna o fato de os bárbaros, numa espécie de refluxo, terem decidido em primeiro lugar espraiar-se pela Espanha: este retardamento deu-lhe o tempo necessário para exercitar ainda mais os seus soldados e incutir-lhes ânimo e coragem; e, o que era mais importante, de ensinar-lhes a conhecer seu general. A sua severidade no comando, o seu rigor inflexível nas punições, logo que eles aprenderam a obedecer e a não mais faltar ao seu dever, pareceram-lhes justas e salutares. Depois de conviverem algum tempo com ele, viram que a sua cólera e os seus arrebatamentcs, a aspereza de sua voz, o ar feroz de seu rosto, não deviam ser temidos por eles e sim pelo inimigo. Mas nada lhes agradava tanto como a sua retidão nos julgamentos, e cita-se, a propósito, um exemplo notável Havia, entre os oficiais, um seu sobrinho, chamado Caio Lúcio, o qual não era tido como um homem mau, mas que tinha um vício: o de se apaixonar pelos jovens bonitos. Ele se enamorou de um rapaz chamado Trebônio, que pertencia à sua companhia, e, após solicitar em vão, por várias vezes, os seus favores, decidiu,

finalmente, uma noite, mandar buscá-lo por um de seu servidores. O jovem, que não podia desobedecer ao oficial, dirigiu-se à sua tenda. Ali, como Caio Lúcio tentasse violentá-lo, desembainhou sua espada e matou-o. Mário não se encontrava no acampamento, e, após seu regresso, intimou Trebônio a comparecer perante seu tribunal. Apresentaram-se várias pessoas para acusá-lo e nenhuma para defendê-lo. Tomou, então, o jovem, a palavra, com confiança, e, depois de expor perante Mário o que se tinha passado, enumerou diversas testemunhas de suas firmes e reiteradas recusas às frequentes solicitações de Lúcio e das ofertas consideráveis que lhe tinham sido feitas, mas que, no entanto, não o haviam tentado a abandonar a sua honra. Mário, cheio de admiração pela sua atitude, após louvá-lo, mandou buscar uma daquelas coroas com que os romanos costumavam recompensar os grandes atos de coragem no decorrer dos combates, e colocou-a ele próprio sobre a cabeça de Trebônio, pela sua ação virtuosa numa época em que eram necessários grandes exemplos.

XXIV. Este julgamento, que logo depois se tornou conhecido de todos, em Roma, serviu-lhe de muito para obter o seu terceiro consulado. Aliás, a volta dos bárbaros estava sendo esperada para a primavera, e os soldados não estavam dispostos a combater sob o comando de outro general que não Mário. Entretanto, os bárbaros não apareceram tão cedo quanto se supusera, e o terceiro consulado de Mário{863} chegou ao seu termo sem que tivessem aparecido. Ao aproximar-se a época da eleição, a morte do outro cônsul{864} obrigou Mário a deixar o comando do exército a Mânio Acílio e seguir para Roma. Vários romanos, dos mais conceituados disputavam o consulado; mas Lúcio Saturnino, o tribuno que gozava então de maior prestígio popular, tendo sido corrompido por Mário, pôs-se a falar em todas as assembleias, a fim de convencer os cidadãos de que deviam elegê-lo cônsul pela quarta vez, E como Mário simulasse não desejar a sua reeleição, e chegasse mesmo a dizer que recusaria o cargo se o povo a ele o reconduzisse, Saturnino acusava-o de trair a pátria, por não querer, diante de um perigo tão grande, aceitar o comando do exército. Via-se perfeitamente que se tratava de uma simulação, na qual Saturnino desempenhava muito grosseiramente o seu papel; mas o povo. sentindo que naquela conjuntura necessitava a nação da capacidade e da boa estrela de Mário na guerra, elegeu-o cônsul pela quarta vez{865}, dando-lhe por companheiro Catulo Lutácio, homem estimado pelos nobres e que era também considerado pelo povo.

XXV. Mário, informado de que bárbaros se aproximavam, atravessou de novo, rapidamente, os Alpes; e após estabelecer o seu acampamento perto do rio Ródano, fortificou-o e supriu-o com tal abundância de víveres que jamais uma escassez de provisões poderia forçá-lo a combater quando isso não lhe oferecesse vantagem ou ainda não tivesse chegado o momento propício, Mas como era preciso fazer seguir por mar todas as provisões, com desperdício de tempo e de dinheiro, tratou de encontrar um meio de transporte fácil e rápido. As marés haviam enchido com grande quantidade de limo e de areia a embocadura do Ródano; as suas margens estavam igualmente cobertas por uma vasa espessa, nelas depositada pelas ondas, o que tornava a entrada do rio tão difícil quanto perigosa aos grandes navios de carga. Mário, considerando tal coisa, decidiu utilizar c seu exército no período em que estava inativo, na abertura de um amplo canal, pelo qual desviou uma boa parte da água da torrente, e que levou até um ponto da costa seguro e cômodo. O canal era bastante profundo para permitir a passagem de grandes navios e a embocadura, junto ao mar, estava ao abrigo dos ventos e do choque das vagas, Este canal ou fosso tem ainda hoje. o nome de Canal de Mário{866}.

XXVI. Os bárbaros dividiram-se em dois exércitos para dirigir-se- à Itália: o constituído pelos cimbros ganhou a Alta Germânia, a fim de, através da Nórica, forçar as passagens defendidas por Catulo; e o outro, formado pelos teutões e ambrões, passou pela Ligúria, ao longo da costa, e marchou contra Mário. Os cimbros, que tinham um longo caminho a percorrer, retardaram a sua partida, por muito tempo; mas ou teutões e os ambrões partiram logo, e após transpor o espaço que os separava dos romanos, surgiram diante de Mário. Era um número infinito de bárbaros, de aspecto medonho, e cujas vozes e gritos não se assemelhavam aos dos outros homens. Ocuparam, para estabelecer o seu acampamento, uma imensa

extensão de terreno; e logo em seguida, puseram-se a provocar Mário e a desafiá-lo para a batalha. O general romano, que não se deixou impressionar por esses desafios, reteve os soldados em seu acampamento, e dirigiu severas reprimendas àqueles que ostentavam uma audácia inoportuna e, não dando atenção’ senão à sua impaciência e à sua cólera, queriam a todo custo sair a campo para combater. Ele qualificou-os como traidores da pátria, dizendo: "Não se trata aqui de combater pela nossa glória particular, nem de alcançar vitórias para nós, mas de dissipar esta nuvem de tempestade, carregada de raios, a fim de que ela não vá espalhasse por toda a Itália".

XXVII. Esta linguagem era por ele usada particularmente com os seus oficiais; quanto aos soldados, colocava-os, uns após outros, sobre as fortificações do acampamento, a fim de contemplarem os inimigos e se acostumarem com suas fisionomias, seus gestos, sua maneira de andar e suas vozes, que eram estranhas e selvagens, e também para ficarem conhecendo as suas armas e o seu modo de manejá-las. E tornou-os, assim, familiarizados, pelo hábito, com o que à primeira vista lhe parecera tão terrível, pois ele sabia que a novidade leva os homens, por um erro de julgamento, a imaginarem mais horríveis e mais espantosas que na realidade são as coisas que se receiam; e, ao contrário, o hábito anula, mesmo em relação àquelas verdadeiramente temíveis, grande parte do terror que inspiram. E isto foi confirmado pela experiência: o fato de verem todos os dias os bárbaros, não somente diminuiu pouco a pouco o medo que inspiravam aos soldados romanos, como, aguçando a sua cólera, as altivas ameaças e as insuportáveis bravatas do inimigo, inflamaram a sua coragem e despertaram neles um ardente desejo de combater. Pois os bárbaros, não contentes de pilhar e devastar os arredores, iam insultá-los, até o seu acampamento, com uma audácia e uma insolência tão revoltant es, que, indignados, ante a sua inação, eles puseram-se a formular queixas as quais, afinal, foram ter aos ouvidos de Mário.

XXVIII. "Que covardia, diziam eles, Mário descobriu em nós, para nos impedir de combater, para nos manter sob a guarda e a chave de porteiros como se fôssemos mulheres? Ousemos demonstrar-lhe que somos homens livres, e vamos perguntar-lhe se ele está esperando outros soldados, que não nós, para combater em defesa da Itália, e se decidiu apenas utilizar-nos como simples trabalhadores, para abrir fossos, drenar atoleiros ou desviar o curso de rios. Pois foi somente nisso- que ele nos manteve em grande atividade até agora, e essas são as belas obras que executou em seus dois consulados, e delas pretende se jactar certamente em Roma. Receará ele a sorte de Carbão e Cipião, que foram derrotados pelo inimigo? Ele não deve recear tal coisa; pois é um comandante muito mais valoroso do que aqueles dois generais, e seu exército é muito mais poderoso. Entretanto, seja como for, mais vale perder tentando-se fazer alguma coisa, do que permanecer na ociosidade, enquanto nossos amigos e aliados são destruídos e saqueados",

XXIX, Mário, que ouvia com satisfação estas queixas e recriminações, procurava tranquilizá-los e reconfortá-los, assegurando-lhes que de nenhum modo menosprezava suas qualidades; e explicou-lhe que, advertido por certas profecias e oráculos dos deuses, decidira aguardar o tempo e o lugar propícios à vitória. Mário conduzia sempre consigo, fazendo-a transportar numa grande liteira, uma mulher da Síria, chamada Marta, que possuía, segundo se afirmava, o dom da profecia. Ele tratava-a com o maior respeito, e jamais oferecia sacrifícios sem a sua ordem. Marta dirigira-se primeiramente ao Senado, a fim de predizer-lhe as coisas futuras; mas os senadores não quiseram ouvi-la e mandaram mesmo expulsá-la do edifício. Dirigiu-se ela, então, às mulheres, a quem forneceu algumas provas de seus conhecimentos acerca das coisas do futuro; persuadiu, em particular, a esposa de Mário, do acerto de suas predições, num dia em que se sentou aos seus pés, durante um combate de gladiadores, anunciando-lhe quem seria o vencedor. A mulher de Mário encaminhou-a depois ao marido, que passou logo a admirá-la e resolveu trazê-la sempre consigo. Quando se dirigia aos sacrifícios, ela vestia um longo manto de púrpura dupla[867], preso com fivelas, tendo numa das mãos uma lança efeitada com bandeirolas, festões e grinaldas de flores. Esta farsa fez com que muita gente duvidasse da sinceridade de Mário quando afirmava acreditar na ciência profética dessa

mulher, e admitiam que ele fingisse acreditar nela, a fim de tirar partido de sua velhacaria.

XXX. Todavia, Alexandre, o Mindense, conta uma história de abutres verdadeiramente admirável. Diz ele que duas destas aves apareciam regularmente no acampamento de Mário nas vésperas de suas vitórias e que elas seguiam constantemente o seu exército. Eram reconhecidas por colares de bronze que soldados nelas haviam colocado, um dia em que as pegaram e depois as soltaram. Desde então os abutres ficaram conhecendo os soldados, e pareciam saudá-los com seus gritos; os militares, por sua vez, não ocultavam a sua satisfação quando os viam, pois estavam certos de que eles vinham anunciar-lhes êxito no próximo encontro. Registraram-se então vários sinais e presságios, a maioria dos quais nada anunciava de extraordinário. Comunicaram, contudo, de Ameria e Todi, cidades italianas, que, durante a noite, haviam surgido no céu lanças e escudos ardentes{868}, os quais, a princípio separados uns dos outros, começaram a se chocar em seguida, tomando as disposições e efetuando os mesmos movimentos executados por exércitos em combate; finalmente, uns cederam e os outros se puseram a persegui-los, tomando todos a direção do poente. Nessa mesma época, chegou, da cidade de Pessinunte{869}, Batabaces, grande sacerdote da mãe dos deuses, o qual declarou ter-lhe a deusa anunciado, do fundo de seu santuário, que a vitória nesta guerra caberia aos romanos. O Senado, dando crédito a essa predição, ordenou que se edificasse um templo à divindade, por ter ela anunciado a vitória. Batabaces quis apresentar-se também perante o povo, numa assembleia, para repetir-lhe a mesma promessa; mas o tribuno Aulo Pompeu impediu-o de fazer uso da palavra, tratando-o de impostor, chegando mesmo a pô-lo para fora da tribuna. Foi sobretudo esta violência que fez muita gente acreditar na predição do grande sacerdote; pois, apenas de volta à sua casa, após a assembleia, ele foi acometido de febre alta, morrendo no sétimo dia, acontecimento este que se tornou conhecido de toda a cidade.

XXXI. Entrementes, os teutões; vendo que Mário permanecia tranquilo em seu acampamento, tentaram um assalto; mas, recebidos por uma chuva de dardos, arremessados dos pontos fortificados, pelos romanos, e que mataram muitos soldados, resolveram prosseguir em seu caminho, certos de que atravessariam os Alpes sem maiores obstáculos. Após preparar a bagagem, marcharam ao longo do acampamento dos romanos. O tempo que levaram para passar demonstrou como era prodigioso o seu número. Ao que se conta, desfilaram durante seis dias consecutivos diante das fortificações de Mário; e, ao passar perto dos romanos, perguntavam-lhes, zombando, se não tinham algum recado para suas mulheres, pois que estariam em breve junto delas. Depois de passarem todos, e de se encontrarem a uma certa distância, Mário também suspendeu acampamento, e pôs-se nas suas pegadas, Detinha-se sempre perto deles, escolhendo para acampar posições favoráveis, as quais fortificava, a fim de passar a noite tranquilamente e em segurança. E continuando assim a sua marcha, os dois exércitos chegaram à cidade de Aix{870}, de onde pouco caminho lhes restava a fazer para atingir os sopés dos Alpes. Mário decidiu dar combate aos bárbaros nesse lugar.

XXXII. Escolheu uma posição muito vantajosa, mas na qual a água não era abundante; fê-lo, ao que se afirma, de propósito, a fim de estimular ainda mais a coragem de seus soldados. Como a maior parte destes se queixou, dizendo que ia sofrer sede cruel. Mário, apentando-lhes com a mão um rio que banhava o acampamento dos bárbaros, disse-lhes: "É ali que tereis de obter água à custa de vosso sangue". "Por que, então, não nos levais já, para ali, enquanto o sangue molha ainda as nossas veias?", responderam os soldados. E Mário, com brandura; "É preciso, antes fortificar o nosso acampamento". Os soldados, embora descontentes, obedeceram; mas os serventes do exército, não tendo água nem para ele nem para seus animais, desceram em grande número para o rio, com as bilhas, armados, uns com machados ou machadinhas, outros com espadas ou lanças, pois que esperavam ter de combater para obter o líquido. Foram, com efeito, atacados pelos bárbaros, os quais não apareceram a princípio senão em pequeno número, pois que a maioria estava se banhando ou tomando sua refeição após o banho, O lugar era cheio de fontes de água quente; e uma parte dos bárbaros, atraídos pela beleza do sítio e pela doçura do banho, não pensavam em outra coisa senão em

divertir-se e comer bem, quando foram surpreendidos pelo ruído causado pelos que já combatiam, e puseram-se então a correr para o local da luta.

XXXIII. Diante do que ocorria, não teria sido possível a Mário conter os seus soldados, que receavam pela sorte de seus criados. Por outro lado, os mais belicosos dentre os bárbaros, aqueles que tinham dizimado os exércitos de Mânlio e de Cipião (eram os ambrões, os quais perfaziam sozinhos o total de trinta mil homens) apressaram-se em tomar as suas armas. Estavam com os corpos pesados, de tanto comer; no entanto, o vinho que tinham bebido, tornando-os mais alegres, aumentara a sua audácia. Assim, avançaram, e não em desordem e com o arrebatamento dos combatentes era fúria, ou no meio de gritos mal articulados; ao contrário, marchavam todos com passo cadenciado, pelo ruído que faziam com suas armas; e, seja. para intimidar o inimigo, seja para se animarem mutuamente, eles marchavam repetindo seguidamente o seu próprio nome; "Ambrões, ambrões, ambrões".

XXXIV. Os primeiros, dentre os italianos, que avançaram contra eles foram os ligúrios, que são os habitantes da região de Gênova, os quais ouviram e reconheceram os seus gritos; e, como diziam que aquele era o nome verdadeiro de toda a sua nação, eles responderam aos bárbaros com o mesmos grito, que foi assim repetido inúmeras vezes nos dois exércitos, antes de se chocarem. Como os oficiais juntassem os seus gritos aos dos soldados, de ambos os lados, e como todos procurassem exceder uns aos outros com a altura de suas vozes, tais clamores, assim multiplicados, aguçaram e inflamaram ainda mais a coragem dos combatentes. Mas os ambrões, ao atravessar o rio, romperam a ordenação de suas fileiras, e não tiveram tempo de restabelecê-la quando os ligúrios atacaram vigorosamente a sua vanguarda, dando início ao combate. Os romanos, acorreram rapidamente para apoiar os ligúrios, caindo, de posições elevadas, sobre os bárbaros; e investiram com tal violência que estes foram obrigados a fugir. Os ambrões, em sua maioria, precipitando-se uns sobre os outros, foram mortos às margens do rio, cujo leito se encheu de sangue e de cadáveres. Aqueles que conseguiram atravessar o rio não tiveram a audácia de se organizar para enfrentarem de novo os romanos, e estes os perseguiram e mataram até o seu acampame nto em seus carros. As mulheres dos bárbaros saíram ao seu encontro, empunhando espadas e machados, e, rangendo os dentes de raiva e de dor, desferiram golpes tanto nos fugitivos quanto nos perseguidores: nos primeiros por serem traidores, e nos segundos por serem inimigos. Elas se lançaram depois no meio dos combatentes, e procuraram arrancar aos romanos os seus escudos e espadas, com as mãos; e os seus corpos foram sendo aos poucos despedaçados, sem que, até à morte, perdessem a indomável coragem. Foi assim que, segundo se conta, se desenrolou a primeira batalha ao longo do rio, a qual foi travada mais devido ao acaso de que a uma decisão dos comandantes.

XXXV. Os romanos, após dizimarem a maior parte dos ambrões, voltaram às suas posições quando a noite já caía; mas o exército não soltou, como era de se esperar após tal êxito, gritos de alegria e de vitória. Longe de pensarem em beber em suas tendas, de comer t odos juntos em sinal de regozijo, os soldados não se permitiram nem mesmo o refrigério ansiado por todos os que participam de uma luta bem sucedida: a doçura de um sono reparador. Ao contrário, passaram toda a noite no meio de grande medo e perturbação, e isto porque o seu acampamento não estava ainda nem fechado e nem fortificado. Havia milhares de bárbaros que não tinham entrado em combate; e os ambrões que haviam conseguido escapar se juntaram a eles, E, todos juntos, puseram-se a soltar, durante toda a noite, gritos terríveis, que não se assemelhavam a queixas ou gemidos de homens, mas a uivos e rugidos de animais ferozes, entremeados de ameaças e de impropérios. E estes gritos ecoavam pelas montanhas vizinhas e no vale percorrido pelo rio, prolongando-se o ruído medonho por toda a planície. Os romanos estavam apavorados, e até mesmo. Mário mostrava-se impressionado, esperando todos para aquela noite uma batalha, a qual teria se desenrolado no meio de grande desordem; mas os bárbaros não saíram de seu acampamento, nem. nessa noite, nem no dia seguinte, não tendo feito outra coisa, nesse espaço de tempo, senão se prepararem para o combate.

XXXVI. Entrementes, sabendo Mário que acima do acampamento dos bárbaros havia depressões muito profundas e vales cobertos de florestas, para ali enviou Marcelo com três mil homens, recomendando-lhe que mantivesse estes silenciosos e emboscados, até o momento em que os bárbaros se empenhassem em combate com ele, Mário, momento esse em que deveriam atacá-los pela retaguarda. Ordenou ao resto de suas tropas que tomassem logo a sua refeição e que repousassem em seguida. No dia seguinte, ao alvorecer, ele as dispôs em ordem de batalha diante das fortificações e enviou a cavalaria à planície, a fim de atrair o inimigo, para escaramuças, Os teutões, vendo os cavaleiros romanos, não esperaram que eles atingissem o sopé da colina, onde poderiam combater sem desvantagem, num terreno plano. Frementes de cólera, armaram-se com precipitação, e foram atacar o inimigo na encosta. Mário ordenou então a todos os cavaleiros, por intermédio dos oficiais, que detivessem a sua marcha, e que esperassem até que os teutões estivessem ao alcance de seus dardos, quando então deveriam arremessá-los; em seguida, após desembainhar suas espadas, deveriam ir ao seu encontro, e atacá-los vigorosamente, enfrentando-os com os seus escudos. Como o terreno era em declive, ele previra que os golpes a serem desferidos pelos bárbaros não teriam vigor, e a ordenação cerrada de suas fileiras não se poderia manter; e, não podendo firmar-se no terreno, seriam facilmente repelidos.

XXXVII. Mário, tão destro no manejo das armas quanto qualquer outro homem de seu exército, e superior a todos em audácia, era o primeiro a executar as ordens que dava. Os bárbaros, contidos pelos romanos, após se esforçarem em vão para atingir as alturas, e atacados depois vivamente, recuaram, descendo a encosta. As primeiras fileiras, de ambos os lados, começavam a se empenhar em batalha, na planície, quando, subitamente, ouviram-se grandes gritos, vindos da retaguarda dos bárbaros, na qual passaram a reinar a confusão e a desordem. Era Marcelo que tinha escolhido o momento favorável: mal ouvira o ruído do primeiro ataque do lugar onde se encontrava, e, pondo a sua tropa em movimento, caiu impetuosamente sobre o inimigo, soltando, ele e seus soldados, gritos estridentes; e, atacando as fileiras da retaguarda, dizimou-as. Este ataque imprevisto, obrigando os que estavam mais perto a se voltarem para sustentar os outros, desorganizou inteiramente o exército dos bárbaros. Atacados vigorosamente pela frente e pela retaguarda, eles não puderam resistir a esta dupla ofensiva; e, derrotados, puseram-se abertamente em fuga. Os romanos, que deram imediatamente início à perseguição, mataram ou aprisionaram mais de cem mil adversários. Apoderaram-se, além disso, dos carros, das tendas e de toda a bagagem dos bárbaros, decidindo fazer presente dessa presa a Mário, através de um comum consentimento, sem qualquer exceção, a não. ser o que tivesse sido porventura roubado ou pilhado pelo inimigo. E, não obstante tratar-se de um presente magnífico e de vulto, pareceu não estar à altura do serviço que o general acabava de prestar à pátria, livrando-a, através da habilidade e capacidade reveladas no decorrer de sta batalha e de toda a guerra, de um tão grande perigo, pelo que todos se sentiam satisfeitos. Todavia, certos historiadores não convém em que os despojos dos bárbaros tenham sido dados a Mário, e nem em que tenha havido um grande número de mortos, como dissemos; dizem no entanto, que, depois desta batalha, os marselheses cercaram as suas vinhas com muros feitos com os ossos dos mortos, e que os corpos, desfeitos pelas chuvas que caíram durante o inverno, tornaram a terra tão fértil, e a penetraram tão profundamente, que no verão seguinte produziu uma quantidade prodigiosa de frutos de todas as espécies{871}. Este fato veio demonstrar a procedência das palavras de Arquíloco, segundo as quais nada fertiliza tanto a terra como os corpos que nela apodrecem. Diz-se também, com muita verosimilhança, que as grandes batalhas são quase sempre seguidas de chuvas abundantes, seja porque um deus benevolente envia dos céus água pura para lavar a terra manchada e poluída pelo sangue humano, seja porque o ar, que se altera facilmente e experimenta as maiores modificações em consequência das mais ligeiras causas, se condense devido aos vapores úmidos e pesados que se exalam da decomposição de um grande número de cadáveres e do sangue derramado.

XXXVIII. Após a batalha, Mário mandou escolher, entre as armas e os despojos dos bárbaros, os mais belos, os melhor conservados e os mais adequados a realçar o brilho das comemorações de seu triunfo; em seguida, ordenou que todo o resto fosse colocado sobre

uma fogueira, oferecendo assim um magnífico sacrifício aos deuses. Todo o exército cercou a fogueira, ostentando os soldados coroas de louro. Ele próprio, trajando um manto de púrpura, segundo o costume dos romanos, em cerimonias semelhantes, tendo numa das mãos uma tocha ardente, ia atear fogo à fogueira, quando se avistaram ao longe alguns amigos seus, que vinham a cavalo, em veloz disparada, Fez-se subitamente um grande silêncio entre os presentes, pois todos queriam saber quais as n ovas que traziam os cavaleiros. Logo que estes chegaram perto de Mário, desceram dos cavalos, e apressaram-se em abraçá-lo e cumprimentá-lo, anunciando-lhe ao mesmo tempo que ele tinha sido eleito cônsul pela quinta vez. Entregaram-lhe em seguida as cartas contendo a notícia de sua nomeação, enviadas de Roma. O alvoroço causado por essa notícia levou ao cúmulo a alegria que decorria de sua grande vitória. Todo o exército se pôs a externar o seu contentamento através de gritos de triunfo, os quais os soldados faziam, acompanhar com o estrépito guerreiro de suas armas; e os oficiais colocaram na cabeça de Mário novas coroas de louro, após o que, ele ateou fogo à fogueira, e completou o sacrifício,

XXXIX, Mas a potência que jamais permite aos homens gozarem tranquilamente e simplesmente a alegria do êxito conquistado, que lança tanta variedade na vida humana, através de vicissitudes contínuas de bem e de mal, chame-se ela fortuna, vingança do destino, ou então a necessidade natural das coisas terrestres, fez chegar a Mário poucos das depois tristes notícias, de Catulo, seu colega, cujo infortúnio constituiu para Roma novo motivo de terror, e que foi como o aparecimento de uma nuvem carregada num céu claro e sereno, anunciando nova tormenta. Catulo, que tinha sido enviado para defender, contra os Cimbros, a passagem dos Alpes, julgando não lhe ser possível defender os desfiladeiros, pois para isso seria preciso dividir seu exército em várias partes, o que o enfraqueceria demasiado, voltou à Itália, e, após atingir o Átese{872}, construiu dos dois lados deste rio boas fortificações, a fim de impedir o seu cruzamento, bem como uma ponte, a qual lhe permitiria correr em socorro das praças situadas além do rio, se porventura os bárbaros, após transporem montanhas, as ameaçassem. Estes bárbaros desprezavam a tal ponto os seus inimigos, e os insultavam tão abertamente que, sem nenhuma necessidade, e somente para alardear a sua audácia e ostentar a sua força, expunham-se inteiramente nus à neve, escalavam as montanhas através do gelo acumulado; e, chegados ao cume, sentaram-se em seus escudos, e desusavam ao longo dos rochedos escarpados, no meio de abismes aterradores.

XL. Finalmente, eles transferiram o seu acampamento para perto dos romanos, e, depois de examinarem qual a melhor maneira de atravessar o rio, resolveram obstruí-lo em determinado ponto.

Arrasando, como outrora os gigantes, os cômoros das imediações, desarraigando as árvores, removendo enormes rochedos e grandes massas de terra, eles tudo levavam até o rio, para estreitar e estrangular a torrente. Atiraram também, num ponto situado acima da ponte construída pelos romanos, grandes tr oncos de madeira. Estes, arrastados pelas águas, iam de encontro à ponte e abalavam os seus fundamentos. A maior parte dos soldados romanos, amedrontada, pôs-se a abandonar o grande acampamento, retirando-se. Catulo conduziu-se como um perfeito general, que prefere à sua própria glória a de seus concidadãos. Quando viu que não lhe era possível persuadir seus soldados a ficarem, e que, cedendo ao medo, se retiravam, ele próprio ordenou ao portador da insígnia da águia que marchasse; e correndo até as primeiras fileiras, que já se achavam em movimento, colocou-se à sua frente, preferindo que a vergonha desta retirada recaísse sobre ele e não sobre a pátria, e que os soldados tivessem o ar, não de quem se põe em fuga, mas de quem acompanha o seu general. Os bárbaros apoderaram-se da fortificação que Catulo tinha construído além do rio, aprisionando toda a sua guarnição. Tomados de admiração pelos soldados romanos, que a tinham defendido com a maior bravura, e que haviam exposto corajosamente suas vidas pela pátria, eles os deixaram partir, mediante condições honrosas, depois de jurarem observar lealmente o seu compromisso sobre o touro de bronze dos bárbaros. Este touro foi capturado após a derrota que os bárbaros vieram a sofrer, e foi levado, ao que se conta, à casa de

Catulo, como primícias da vitória.

XLL Os bárbaros, vendo o país sem qualquer defesa, espalharam-se por várias regiões e pilharam tudo que encontraram, causando enormes danos. Diante do que ocorria, Mário foi chamado a Roma, a fim de enfrentar os invasores. Ao chegar, toda gente supôs que ia receber as honras do triunfo, honras, aliás, que o Senado se apressou em prestar. Mas ele as recusou, seja porque não queria privar desta glória os oficiais e soldados que haviam partilhado dos perigos, e se encontravam ausentes, seja porque tinha em vista tranquilizar o povo e desfazer os seus temores, depondo, entre as mãos da Fortuna de Roma, a glória de seus primeiros êxitos, e prometendo retomá-la, ainda mais brilhante, após novos feitos. Proferiu no Senado os discursos exigidos pelas circunstâncias, e, em seguida, apressou-se em ir ao encontro de Catulo, cuja coragem reanimou com sua presença. Depois da chegada do seu exército, que mandara vir da Gália, atravessou o Pó, a fim de impedir que os bárbaros penetrassem na Itália Cispadana. Mas estes adiaram o combate, porque estavam à espera, segundo diziam, dos teutões, cujo atraso parecia surpreendê-los muito, seja porque ignorassem realmente a sua derrota, seja porque quisessem simular tal ignorância; pois cobriam de invectivas aqueles que lhes iam dar a notícia, Enviaram, enfim, a Mário, embaixadores com a incumbência de solicitar-lhe, para eles e p ara seus irmãos, terras e cidades onde pudessem estabelecer-se, e que fossem suficientes para garantir-lhes a subsistência, Mário perguntou aos embaixadores de que irmãos se tratava, e eles responderam que dos teutoes. Todos os que estavam presentes se puseram a rir, e Mário disse-lhes, então zombando: "Não vos preocupeis com vossos irmãos; eles já têm a terra que lhes demos, a qual conservarão para sempre".

XLII. Os embaixadores percebendo a ironia, proferiram injúrias e ameaças, e declararam-lhe que ia ser punido pela sua zombaria, em primeiro lugar pelos cimbros, e depois pelos teutoes, logo que chegassem. "Eles já chegaram, replicou Mário, e não seria honesto irdes embora sem saudar os vossos irmãos". Após estas palavras, ordenou que trouxessem, com suas cadeias, os reis dos teutões, que os sequanos haviam aprisionado quando tentavam fugir através das montanhas dos Alpes. Os cimbros, mal ouviram o relato feito pelos seus embaixadores, decidiram marchar contra Mário, o qual permanecia tranquilo em seu acampamento, contentando-se em guardá-lo e fortificá-lo. Ao que se diz, foi para esta batalha que Mário in troduziu uma modificação útil no dardo, arma que os romanos costumavam lançar contra o inimigo no primeiro ataque. Até então a ponteira de ferro e a haste do dardo eram mantidas presas uma à outra por duas cavilhas de ferro; Mário deixou apenas uma de ferro, e substituiu a outra por uma de madeira, muito mais fácil de se partir. Com esta inovação, bem imaginada o dardo, ao penetrar no escudo do inimigo, ali não permanecia direito; a cavilha de madeira, partindo-se, fazia com que a haste se inclinasse do lado da ponteira de ferro; e, presa ainda ao escudo, arrastava-se pelo chão, embaraçando o inimigo.

XLIIL Boiórige, rei dos cimbros, aproximou-se, à frente de um destacamento pouco numeroso de soldados de cavalaria, e mandou desafiar Mário a marcar o dia e o lugar da batalha, para decidir quem deveria tornar-se senhor do país. Mário respondeu-lhe que os romanos não tinham o costume de aconselhar-se com seus inimigos para combater, acrescentando, no entanto, que desejava satisfazer os cimbros no que lhe pediam. Combinaram, assim, que a batalha seria travada três dias depois, na planície de Verceli, lugar favorável, aos romanos, para se utilizarem de sua cavalaria, e aos bárbaros para desdobrarem as suas forças numerosas. Os dois exércitos compareceram no dia e lugar marcados, dispondo-se em ordem de batalha um diante do outro. Catulo tinha sob suas ordens vinte mil e trezentos homens, e Mário trinta e dois mil, os quais, colocados nas duas alas, rodeavam as tropas de seu colega, que ocupavam o centro, segundo narra Sila, que assistiu a essa batalha. Dizem que Mário deu tal disposição ao exército, porque esperava cair, com suas duas alas sobre as falanges inimigas, a fim de que a vitória fosse devida apenas às tropas por ele comandadas, sem qualquer contribuição de Catulo e seus soldados, os quais poderiam mesmo se misturar com o adversário. Com efeito, quando a linha de uma batalha é muito extensa, geralmente as alas tomam a dianteira sobre o centro, que se atrasa. Dizem ainda que Catulo, na exposição que

foi obrigado a fazer, referiu-se a esse fato, lamentando-se da perfídia de Mário.

XLIV. A infantaria dos cimbros saiu em boa ordem de seu acampamento fortificado, e, dispondo as suas fileiras para a batalha, formou uma falange quadrada, cobrindo cada lado trinta estádios de terreno. Seus cavaleiros, em número de quinze mil, marcharam na frente e estavam magnificamente ajaezados; seus capacetes tinham a forma de fauces hiantes ou de focinhos de animais selvagens, sobre os quais se viam também compridos penachos, que se assemelhavam a asas, e os faziam parecer ainda mais altos do que eram. Estavam protegidos por couraças de ferro e grandes escudos que rebrilhavam, tal a sua brancura; cada um deles tinha dois dardos para serem lançados de longe e traziam espadas longas e pesadas de que se utilizavam para combater de perto. Nesta batalha os cavaleiros não atacaram os romanos de frente; mas, desviaram um pouco à direita, a fim de fechá-los entre eles e a infantaria, que estava à esquerda. Os generais romanos per ceberam a manobra imediatamente, mas não puderam conter os seus soldados, um dos quais começou a dizer aos gritos, que o inimigo estava fugindo, levando todos os outros a se lançarem em sua perseguição.

XLV. Enquanto isso, a infantaria dos bárbaros avançava, assemelhando-se às vagas de um mar infinito. Mário, depois de lavar as mãos, ergueu-as aos céus, e prometeu aos deuses um sacrifício solene de cem bois. Catulo, por sua vez, após elevar igualmente as mãos para o alto, prometeu que edificaria um templo à Fortuna, do dia {873}. Conta-se que Mário mandou fazer um sacrifício no mesmo dia, e, quando lhe mostraram as entranhas da vítima, exclamou: "A vitória será minha". Entretanto, apenas os dos exércitos começaram a combater, ocorreu um acidente que, segundo Sila, teria resultado de expressa vingança divina contra Mário. A movimentação de uma tão grande multidão fez elevar tal nuvem de poeira que os dois exércitos não se puderam mais ver. Mário, que fora o primeiro a avançar com suas tropas, para cair sobre o inimigo, não defrontou com este, pois que deixou de ser visível; e tendo ultrapassado de muito a sua falange, errou durante muito tempo na planície, enquanto que a fortuna levou os bárbaros diante de Catulo, o qual teve de resistir a todas as suas investidas com seus soldados, entre os quais estava Sila. Segundo este, o ardor do dia e os raios abrasadores do sol, que incidiam nos rostos dos címbros, auxiliaram os romanos. Os bárbaros, criados em regiões frias e umbrosas, eram capazes de suportar as mais baixas temperaturas, mas não ofereciam nenhuma resistência ao calor; inundados de suor e arfantes, eles cobriam as cabeças com seus escudos, para se defenderem do ardor do sol. Pois esta batalha f oi travada após o solstício do verão, três dias antes da lua nova do mês de agosto{874}. A nuvem de poeira serviu, por outro lado, para sustentar a coragem dos romanos, ocultando-lhes o número infinito dos inimigos; e, também, como cada combatente se apressasse a atacar os bárbaros que tinha pela frente, empenhava-se em combate antes de que a visão da multidão de inimigos pudesse amedrontá-lo. Aliás, o hábito do trabalho e da fadiga tinha de tal modo enrijado os seus corpos que, não obstante o calor e a impetuosidade com que foram ao encontro do adversário, nem um só romano foi visto suando ou arfando. Este é o testemunho prestado pelo próprio Catulo, ao fazer o elogio de suas tropas.

XLVL A maior parte dos bárbaros, e sobretudo os mais bravos dentre eles, foi dizimada no campo de batalha; e isto aconteceu porque, para impedir que rompessem a sua formação, os soldados nas primeiras filas apresentavam-se amarrados uns aos outros, pelos cinturões, com longas cadeias de f erro. Os vencedores perseguiram os fugitivos até às suas fortificações, e foi ali que se presenciou um espetáculo dos mais horrendos e trágicos. As mulheres, postadas nos carros e vestidas de negro, matavam os que fugiam, não importando fosses eles seus maridos, irmãos ou pais; e, após estrangular os seus filhos mais novos com as próprias mãos, atiravam seus corpos sob as rodas dos carros, ou sob as patas dos cavalos, matando-se em seguida a si mesmas. Uma dentre elas, ao que se conta, depois de amarrar dois filhos pequenos aos seus tornozelos, enforcou-se na lança de um carro. Os homens, na falta de árvores para se enforcarem, punham no pescoço cordas com nós corrediços, e as amarravam aos chifres ou às pernas dos bois; aguilhoavam em seguida estes animais, para fazê-los correr, e morriam estrangulados ou esmagados sob as suas patas. Apesar de ter sido grande o

número dos que assim se mataram, mais de sessenta mil bárbaros foram aprisionados, e o total dos mortos foi duas vezes maior. Os soldados de Mário pilharam o acampamento do inimigo; mas os despojos dos mortos na batalha, as insígnias e as trombetas foram todas levadas para o acampamento de- Catulo, o que, segundo teria alegado, constituía uma prova certa de que a vitória fora alcançada por ele e seus comandados. Surgiu então uma viva disputa entre seus soldados e os de Mário, e, para solucioná-la amistosamente, foram escolhidos como árbitros os embaixadores de Parma, que se encontravam no momento no local. Os soldados de Catulo levaram-nos até o lugar onde se verificara a carnificina, e fizeram-lhes ver que todos os corpos tinham sido transpassados pelos seus dardos; e isto era fácil de verificar porque Catulo tinha mandado gravar o seu nome na haste dos dardos de todos os soldados.

XLVII Não obstante, toda a glória deste grande feito de armas foi atribuída a Mário, seja por motivo de sua primeira vitória contra os bárbaros, seja em atenção à sua dignidade de magistrado. O povo de Roma deu-lhe mesmo o título de terceiro fundador da cidade de Roma, pelo fato de ter livrado a sua pátria de um perigo tão grande quanto o representado outrora pelos gauleses{875}. Quando os ‘ romanos, ao lado de suas mulheres e filhos, se entregavam no meio de suas refeições. domésticas, aos transportes da mais doce alegria, eles ofereciam a Mário, ao mesmo tempo que a seus deuses, as primícias das iguarias; e somente a ele queriam atribuir os dois triunfos. Mário, entretanto, não concordou com isso e quis que Catulo entrasse ao seu lado, em triunfo, na cidade. Achou que devia mostrar-se modesto numa tão grande ventura; é possível também que receasse os soldados de Catulo, os quais se mostravam bem determinados, caso o seu general fosse privado daquela honra, a se opor ao desfile triunfal.

XLVIII Aproximando-se o fim d e seu quinto consulado, Mário pôs-se a pleitear o sexto com um ardor e uma energia jamais vistos entre os que até então haviam disputado aquelas funções. Para conquistar as boas graças da plebe, recorreu a todos os meios para agradá-lo, chegando mesmo a rebaixar-se, esquecido da dignidade de seu cargo; além disso, contrariando a sua altivez natural, começou a afetar, em toda a sua conduta, uma amabilidade, umas maneiras populares que não condiziam com o seu caráter. A ambição tornava-o no entanto tímido e receoso no que se refere às questões de governo do país, e às intrigas da cidade, e a intrepidez e a segurança que demonstrava no campo de batalha o abandonavam no decorrer das assembleias do povo; bastava uma palavra de censura ou elogio para pô-lo fora de si. Conta-se, entretanto, que, tendo concedido direitos de cidadania romana a dois mil camerinos{876}, os quais tinham servido sob suas ordens com bravura numa guerra, foi acusado de ignorar as leis; respondendo aos seus censores, disse que o estrépito das armas lhe impedira de ouvir as leis. De qualquer modo, pa rece que realmente temia a gritaria e o tumulto das assembleias públicas. Em tempo de guerra, ele conseguia manter facilmente a sua dignidade e autoridade, pois que todos necessitavam de seu talento militar; mas, não tendo podido, nas questões políticas, e em tempo de paz, elevar-se ao primeiro lugar, no que se refere às honrarias e ao crédito, lançou-se aos braços do povo, procurando obter por todos os meios os seus favores e a sua benevolência, não cuid ando mais de ser antes de tudo, um homem de bem, mas apenas o maior entre os romanos.

XLIX, Mário expôs-se, com a sua conduta, ao ódio dos nobres; mas, entre seus inimigos, ele temia e desconfiava em particular de Metelo, a quem pagara com a mais negra ingratidão os benefícios recebidos. Sendo homem virtuoso e amigo da verdade, opunha-se com energia àqueles que procuravam alcançar por vias tortuosas as boas graças do povo, tudo fazendo para agradá-lo e lisonjeá-lo. Mário decidiu então expulsá-lo de Roma; para consegui-lo, ligou-se intimamente a Gláucias e Saturnino, os dois homens mais audaciosos e temerários existentes em toda a cidade, e que tinham às suas ordens uma turba de indigentes e sediciosos. Serviu-se deles para a apresentação de novas leis de caráter popular, fazendo ao mesmo tempo vir dos acampamentos certo número de soldados a fim de se misturarem aos participantes das assembleias e pedirem o banimento de Metelo.

L. O historiador Rutílio, homem de bem e, além disso, verídico, diz que Mário, de quem era inimigo particular, somente conseguiu eleger-se cônsul pela sexta vez{877} através da distribuição de dinheiro entre as diversas categorias da população; comprando-as com belas moedas soantes, obteve o afastamento de Metelo e a nomeação de Valério Flaco, menos para as funções de cônsul do que para as de ministro de suas vontades. Jamais o povo romano havia escolhido tantas vezes para o cargo de cônsul a mesma pessoa, com exceção de Valério Corvino, mas com esta diferença: entre o primeiro consulado de Corvino e o último houve o intervalo de quarenta e cinco anos, enquanto que Mário, bafejado pelos favores da fortuna, depois de seu primeiro consulado, exerceu todos os outros sem solução de continuidade. Mas no último consulado, ele se tornou objeto do ódio público, por motivo de graves faltas, tendo mesmo se tornado cúmplice dos crimes de Saturnino, e em particular do assassínio de Nônio, que aquele celerado matou com suas próprias mãos, por ser seu concorrente na eleição para o tribunado. Tornando-se depois tribuno do povo', Saturnino propôs uma lei sobre a partilha das terras, contendo uma cláusula de conformidade com a qual o Senado deveria jurar, perante a assembleia do povo, que ratificaria todas as decisões deste, e que não se oporia a nenhuma de suas leis.

LI. Mário simulou, no Senado, desaprovar esse artigo, declarando que nem ele nem qualquer outro senador dotado de bom-senso prestaria aquele juramento: "Pois, acrescentou, se a lei proposta fosse má, equivaleria a uma injúria para o Senado forçá-lo a fazer através de um juramento aquilo que só poderia fazer pôr sua espontânea vontade". As suas palavras não traduziam, no entanto, o seu pensamento, e o que ele tinha em vista era armar uma cilada a Metelo, à qual este não poderia escapar. Persuadido de que o saber mentir fazia parte da virtude e da sagacidade, ele não se considerava preso às palavras proferidas no Senado; mas sabendo que Metelo era possuidor de um caráter firme, e que ele pensava, como Píndaro, ser a verdade o fundamento da perfeita virtude, queria comprometê-lo fazendo-o afirmar perante os senadores que não prestaria o juramento. E sabia que o povo passaria a odiá-lo mortalmente, quando, depois, se recusasse a jurar a lei perante a assembleia. E foi o que aconteceu. Metelo assegurou que não prestaria o juramento, e a reunião do Senado foi suspensa.

LII. Poucos dias depois, Saturnino convocou os senadores à tribuna, a fim de exigir deles o juramento, e o que ele tinha em vista era armar uma cilada sua chegada, fez-se um grande silêncio, e todos os olhares se fixaram nele. Não se mostrando de nenhum modo embaraçado pela promessa que tão bravamente havia feito perante o Senado, ele disse então que não tinha o pescoço bastante grosso{878} para, numa questão de tão grande importância, ficar preso a declarações anteriores, e que estava disposto, assim, a jurar e a obedecer à lei, desde que fosse uma lei. Esta ressalva ele a acrescentou astutamente como uma justificativa, como um véu para ocultar sua vergonha. Ditas estas palavras, prestou o juramento. O povo, diante de sua atitude, foi tomado de grande alegria, e o aplaudiu com palmas ruidosas e demoradas aclamações. As pessoas de bem e de honra, entretanto, baixaram a cabeça, mostrando-se tão indignadas quanto afligidas, e em seus corações não lhe perdoaram o fato de ter faltado à sua palavra de maneira tão vil. Os outros senadores, que temiam a cólera do povo, — foram jurando, cada um por sua vez, até que chegou a de Metelo. Não obstante os rogos e as advertências de seus parentes e amigos, nos seus insistentes esforços para convencê-lo a prestar o juramento, a fim de não se expor às penas rigorosas com que Saturnino ameaçava os opositores, ele recusou-se a ceder, mantendo-se firme, e não jurou. Com o seu caráter inabalável, preferia arrostar o sofrimento a ter de praticar quaisquer atos indignos. Resolveu depois, abandonar a assembleia, dizendo então aos que o acompanhavam: "Fazer o mal, mesmo ligeiro, é coisa fácil e, ao mesmo tempo, uma covardia; fazer o bem quando não há perigo é coisa comum; mas fazê-lo enfrentando grandes ameaças é próprio do homem realmente honrado e virtuoso".

LIII. Saturnino baixou logo depois um decreto determinando aos cônsules anunciarem publicamente que era proibido fornecer a Metelo fogo ou água e vedado a qualquer cidadão

recebê-lo em sua casa, A parte mais vil da populaça oferecia-se mesmo para matá-lo; mas todos os bons cidadão s, tocados pela injustiça de que era vítima, correram em grande número à sua casa, a fim de defendê-lo, Metelo não desejava ser a causa de uma sedição e por isso resolveu, acertadamente, ausentar-se de Roma. "Ou os negócios, dizia ele, temam um rumo melhor, e o povo se arrependerá daquilo que hoje está fazendo, e, neste caso, serei chamado; ou permanecerão na mesma situação, e, neste caso, o melhor é permanecer distante da cidade". O relato dos testemunhes de amizade e estima que Metelo recebeu em Rodes, no decorrer do seu exílio, e do emprego que deu ao seu tempo, dedicado principalmente ao estudo da filosofia, será feito em sua Vida, que me proponho escrever.

LIV. O importante serviço que Saturnino acabava de prestar a Mário impunha a este a aceitação de todas as suas violências e de todas as suas prepotências. Mário não via que, com isto, causava à República uma ferida incurável, e que as suas inomináveis complacências para com este tribuno audacioso autorizavam-no a abrir, através das armas e dos assassínios um caminho para a tirania e preparar a ruína completa do poder público. Deste modo, reverenciando de um lado a nobreza, e, de outro, querendo conservar os favores da plebe, ele agiu como homem cobarde e falso, Uma noite, os principais cidadãos de Roma foram à sua casa a fim de fazer-lhe ver que devia refrear a audácia e a insolência de Saturnino; aconteceu que este também para ali se dirigira, e Mário o fez entrar por uma outra porta sem que os nobres o percebessem. Em seguida, simulando um desarranjo intestinal, ia e vinha de um lugar para outro, com o que exacerbou e irritou ainda mais os ânimos.

LV. Finalmente, tendo o Senado resolvido enfrentar a questão, e como os cavaleiros se tivessem unido aos senadores, Mário foi constrangido a enviar soldados armados à praça pública, a fim de reprimir os sediciosos, os quais foram expulsos e perseguidos até o interior do Capitólio, onde a sede os forçou a se renderem, pois que os encanamentos de água foram cortados. Não alimentando mais nenhuma esperança, mandaram chamar Mário e a ele se entregaram, sob a salvaguarda da fé pública. No entanto, de nada adiantaram todos os esforços que fez para salvá-los, pois, apenas chegados à praça, foram mortos pela multidão. A conduta de Mário alienou-lhe de tal modo as boas graças da nobreza e do povo que, quando chegou a época da eleição dos novos censores, ao contrário do que t odos esperavam, ele não se candidatou, pois receava a recusa de seu nome; e deixou assim que fossem escolhidos censores a ele inferiores em dignidade. Quis, no entanto, atribuir-se um mérito, dizendo que não se apresentara à eleição por recear atrair a malquerença de muita gente com as medidas severas que seria obrigado a tomar a fim de investigar os seus costumes e a sua conduta.

LVI. Tendo sido proposto um decreto chamando Metelo do exílio, Mário, pela palavra e por todos os outros meios ao seu alcance, fez o que pôde para impedir a sua aprovação. Finalmente, vendo que os seus esforços eram inúteis, desistiu de agir. E como o povo se apressasse em ratificar o decreto, autorizando a volta de Metelo, ele, que não podia suportar a ideia de vê-lo de novo em Roma, seguiu para a Capadócia e a Galácia, sob o pretexto de oferecer o sacrifício que havia prometido à mãe dos deuses; mas esta viagem tinha outro motivo, desconhecido do povo. Como a natureza não o havia feito nem para a paz nem para a atividade política, ele devia unicamente às armas o seu prestígio e. a sua fortuna; e vendo que a sua glória e a sua autoridade se desvaneciam e se anulavam na paz e na inação, pôs-se a procurar motivos para novas guerras. Esperava que, irritando os reis da Ásia, e sobretudo Mitrídates, o qual parecia muito inclinado a se lançar contra os romanos, seria imediatamente «indicado para comandar as forças de Roma; esperava ainda que com a guerra, proporcionaria ao país novos triunfos e encheria sua casa com os despojos do Ponto e com as riquezas do rei. Entretanto, Mitrídates julgou-se na obrigação de prestar-lhe todas as honras, e o tratamento mais amistoso que lhe foi possível; mas estes testemunhos de estima de nada valeram, pois Mário, inflexível em suas resoluções, não se dignou a dirigir-lhe qualquer palavra mais amável, limitando-se a dizer-lhe rudemente, ao separar-se dele: "Rei Mitrídates, é preciso que escolhas entre estas duas coisas: tornar-te mais forte do que os romanos, ou, caso isto não seja possível, fazeres, sem qualquer objeção, tudo o que eles te ordenarem".

Estas palavras muito surpreenderam Mitrídates, que sempre ouvira falar da rude franqueza da linguagem romana, mas que ainda não a havia experimentado.

LVII. De volta a Roma, Mário mandou construir uma casa perto da praça pública, seja porque, como dizia, desejava poupar àqueles que quisessem cumprimentá-lo uma longa caminhada, seja porque considerava o afastamento de sua residência como um obstáculo a que um grande número de pessoas se apresentasse à sua porta. Mas não era este o motivo da pequena afluência de romanos à sua casa; a verdadeira causa era que, devido à sua falta de inclinação para as coisas civis, e à ausência nele desta afabilidade que caracterizava os outros cidadãos de sua categoria, não era tratado com grande consideração em tempo de paz, como se fosse um instrumento útil apenas para a guerra,

LVIII Mário não se mostrava muito afetado por ver sua reputação eclipsada pela de muitos outros: mas não conseguia suportar o fato de ter sido o ódio dos nobres contra ele à causa da elevação de Sila, e de não dever o seu rival a sua força no governo senão às divergências que com ele tivera. Mas quando Boco, rei da Numídia, que fora declarado e reconhecido pelo Senado como amigo e aliado dos romanos, ofereceu ao templo do Capitólio estátuas da Vitória, as quais eram acompanhadas de troféus, e que junto dela foram colocadas imagens de ouro reproduzindo a cena da entrega de Jugurta à Sila, por aquele soberano, Mário foi tomado de tal cólera, ao ver que seu rival se atribuía a glória de seus feitos, que se mostrou disposto a empregar a violência para retirar e destruir aquelas imagens. Sila, de seu lado, obstinava-se em conservá-las no lugar onde haviam sido colocadas, e, assim, a guerra civil só não irrompeu em Roma, sendo adiada por algum tempo, devido ao súbito início da guerra dos Aliados{879}. As nações mais belicosas da Itália, aquelas cuja população era mais numerosa, tinham se rebelado contra os romanos, e, unindo à força das armas e ao número de homens, a audácia e a capacidade de seus capitães, que não eram em nada inferiores aos mais renomados generais de Roma, por pouco não subverteram o império. Esta guerra, fecunda em acontecimentos e surpreendente pela diversidade dos acidentes a que deu lugar, na mesma medida em que aumentou a glória e a reputação de Sila, diminuiu as de que gozava Mário. Este se mostrava lento e irresoluto em tudo o que empreendia, tendendo sempre para o adiamento e o recuo; e isto acontecia, seja porque, tendo ultrapassado os sessenta e cinco anos, a velhice extinguira nele o calor e a capacidade de ação, seja porque, como ele próprio dizia, tornara-se gotoso e vítima de uma moléstia de nervos; de modo que somente se decidiu a suportar as fadigas desta guerra, que estavam acima de suas forças, para evitar a vergonha da ociosidade.

LIX. Entretanto, apesar de seu estado, ele conseguiu, alcançar uma grande vitória, num combate em que seis mil soldados inimigos foram mortos, E durante toda a guerra jamais se deixou dominar pelo adversário, sup ortando pacientemente a escavação de trincheiras em volta de suas forças, as zombarias e as provocações para o combate, permanecendo sempre senhor de si mesmo e não se deixando dominar pela cólera. Conta-se, a propósito, que Pompédio Silo, o mais considerado e prestigioso dos capitães inimigos, disse-lhe um dia: "Mário, se és na realidade um grande capitão, deixa o teu acampamento e vem combater contra nós". Mário respondeu-lhe com estas palavras: "E, quanto a ti, se fores mesmo um grande general, faze-me sair de meu acampamento, e empenhar-me em combate contigo, contra a minha vontade". De outra feita, tendo os romanos deixado de aproveitar uma oportunidade que se lhes ofereceu para atacar o inimigo com vantagem, Mário, depois que os dois exércitos voltaram aos seus respectivos acampamentos, mandou reunir os seus soldados e disse-lhes: "Não sei a quem deva considerar mais covardes, se a vós ou a nossos inimigos; pois eles não ousaram olhar-vos quando lhes virastes as costas, e vós receastes encará-los pela retaguarda". Finalmente, ele foi forçado a deixar o seu posto de comandante, pois a sua debilidade impedia-lhe agir.

LX. Depois de quase inteiramente submetidos todos os povos da Itália, vários generais se

puseram a utilizar do prestígio dos oradores populares pa ra conseguir a sua indicação para dirigir as operações contra Mitrídates, quando, subitamente, com grande surpresa para toda gente, o tribuno Sulpicio, homem de singular audácia, aventou o nome de Mário, e o indicou para conduzir a guerra contra aquele príncipe, com o título e a autoridade procônsul. O povo dividiu-se em duas partes: uns queriam escolher Mário, outros eram partidários de Sila, dizendo que Mário não podia pensar em outra coisa senão nos banhos quentes de Baias, a fim de tratar de seu corpo enfraquecido, como ele próprio afirmava, pelas doenças e pela velhice. Mário possuía, perto do monte Miseno uma soberba casa de campo, onde levava uma vida de prazeres mais efeminada do que convinha a um homem que em tão grande número de expedições e combates se tinha assinalado pelos seus feitos. Cornélia, segundo se conta, adquiriu-a depois pela soma de setenta e cinco mil dracmas, e, mais tarde, foi vendida a Lúculo por quinhentas mil e duzentas dracmas. Vê-se, assim, como, em consequência dos rápidos progressos feitos por uma vida de prazeres, luxo e suntuosidade, subiram em Roma os preços dos imóveis. Entretanto, Mário, cuja ambição o levava a lutar com a debilidade e a velhice, descia todos os dias ao campo de Marte, a fim de ali fazer exercícios com os jovens romanos, exibindo o seu corpo ainda ágil e ligeiro no manejo das armas e na equitação, não obstante mais pesado e volumoso com a idade.

LXI. Agradou assim a certo número de pessoas que iam ao campo expressamente para assistir aos exercícios e serem testemunhas de seus esforços no sentido de fazer melhor do que os outros. Mas as pessoas sensatas consideravam com pena esta ambição, este desejo insaciável de glória, num homem que, tendo de uma situação obscura chegado aos mais altos postos, à maior opulência, não sabia estabelecer limites à sua prosperidade; e que, podendo gozar tranquilamente da consideração e da estima públicas, e os bens imensos que possuía, queria, como se tudo lhe faltasse, ir, após tantos triunfos e tanta glória, arrastar na Capadócia e no Ponto Euxino os restos lânguidos de sua velhice, para ali combater Arquelau e Neoptólemo, sátrapas de Mitrídates. É verdade que, para se justificar, apresentava certas razões, as quais eram, no entanto, inteiramente vãs: alegava que desejava ele próprio instruir seu filho no exercício das armas e ensinar-lhe a arte da guerra.

LXII. Foi isso que revelou a existência de uma enfermidade secreta no seio de Roma, onde se encontrava oculta fazia já muito tempo. E Mário ofereceu a ocasião para que essa enfermidade, se tornasse conhecida, pois encontrou na audácia de Sulpício o instrumento mais apropriado para provocar a ruína da República. Este tribuno, que admirava e seguia Saturnino em tudo o mais, censurava-lhe duas coisas na administração: sua timidez e sua lentidão. Quanto a ele, que não gostava de perder tempo, tinha sempre à sua disposição seiscentos cavaleiros romanos, os quais lhe serviam de guarda e eram por ele chamados o anti-Senado. Um dia em que os cônsules presidiam na praça a uma assembleia do povo, Sulpício para ali se dirigiu com soldados armados, obrigando os magistrados a fugirem; e, um dos soldados, apoderando~se do filho de Pompeu, matou-o com suas próprias mãos. Sila, o outro cônsul{880}, vivamente perseguido pelos facciosos, ao atingir a casa de Mário nela entrou, contra a expectativa de todos, sem ser visto pelos que o perseguiam, os quais, em sua precipitação, ultrapassaram-na, correndo. Diz-se que o próprio Mário fê-lo sair pela porta dos fundos, em segurança, seguindo dali para o seu acampamento. Sila, no entanto, em seus Comentários, não diz que se dirigiu à casa de Mário para refugiar-se; narra que para ali foi levado para deliberar sobre aquilo que Sulpício queria forçá-lo a fazer contra a sua vontade, cercado de espadas desembainhadas; e acrescenta que, tendo sido desse modo conduzido à casa de Mário, dali não saiu senão para ir à praça pública para de acordo com a exigência do tribuno, revogou o edito que ele e seu colega tinham promulgado e através do qual ordenavam a suspensão dos negócios e da administração da justiça.

LXIII. Sulpício, tornando-se senhor da situação, fez atribuir a Mário através dos votos do povo, a conduta da guerra contra Mitrídates. Mário, enquanto se preparava para partir, enviou dois de seus oficiais ao encontro de Sila, a fim de ordenar-lhe que lhes entregasse seu exército, constituído de trinta mil infantes e cinco mil cavaleiros, Sila, após exacerbar os ânimos de seus soldados contra Sila no consulado.

Mário, sublevou-os, e os fez marchar sobre Roma. Eles começaram por trucidar os dois oficiais que Mário tinha mandado; este, por sua vez, em sinal de represália, mandou matar, no interior de Roma, vários amigos e partidários de Sila, e prometeu, a som de trombeta, a liberdade a todos os escravos que quisessem pegar, em armas, em seu favor. No entanto, somente três se apresentaram; e Mário, após uma ligeira resistência contra Sila, quando este entrava em Roma, fugiu precipitadamente. Mal saíra da cidade, e viu-se abandonado por todos os que o acompanhavam, e que se dispersaram em várias direções. E como fosse noite, retirou-se para uma pequena casa de campo chamada Salônio, e que ficava perto da propriedade de Múcio, sogro de seu filho, para onde enviou este, a fim de arranjar algumas provisões. Seguiu, todavia, logo depois, para Ostia, onde Numério, um de seus amigos, preparara-lhe uma embarcação, e nela partiu sem esperar pelo jovem Mário, levando consigo apenas um filho de sua mulher, chamado Grânio.

LXIV. O jovem Mário, após chegar à propriedade de seu sogro Múcio, cuidou de reunir algumas provisões e empacotá-las a fim de levá-las consigo. Surpreendido pelo dia, por pouco não foi descoberto pelos seus inimigos. Alguns cavaleiros, desconfiando que Mário estivesse na casa, foram ali procurá-lo. Mas o intendente de Múcio, tendo-os visto de longe, ocultou o jovem numa carroça carregada de favas, à qual jungiu seus bois, e tomou com o veículo a direção de Roma, antes que os cavaleiros chegassem. O jovem Mário foi assim conduzido até à casa de sua mulher, onde pegou tudo o que lhe era necessário; e, após dirigir-se, à noite para a beira-mar, embarcou num navio que seguia para a África. ‘

LXV. Entrementes, o velho Mário, fazendo-se ao mar, seguia ao longo das costas italianas, impelido por ventos favoráveis; receando, contudo, cair nas mãos de um dos principais moradores de Terracina, chamado Gemínio, seu rancoroso inimigo, disse aos marinheiros que evitassem aportar naquele lugar. Eles estavam mais do que desejosos de obedecer às suas ordens; mas o vento mudou de direção, e, começando a soprar do alto mar, provocou tão violenta tempestade que recearam não suportar o navio o ímpeto das vagas. Além disso, Mário estava sofrendo muito com o enjoo. Rumaram, então, com dificuldade, para a costa, atingindo a praia de Circéia{881}. A tempestade, que se tornava cada vez mais violenta, e a escassez de víveres, forçaram-nos a descer em terra; e puseram-se depois a andar de um lado para outro, sem um objetivo certo. E, como sempre acontece nas situações perigosas, procuraram evitar, como mais ameaçador, o lugar onde se encontravam no momento, e punham suas esperanças naqueles que não conheciam. À terra não era para eles menos perigosa que o mar; e, se receavam encontrar homens, eles também temiam não encontrá-los, na extrema penúria de víveres em que se achavam. Finalmente, ao anoitecer, viram alguns boeiros, que nada tinham para dar-lhes, mas que, tendo reconhecido Mário, aconselharam-no a afastar-se dali o mais depressa possível, pois tinham visto passar vários cavaleiros que o procuravam por toda parte. Não obstante estar privado de quaisquer recursos, e preocupado sobretudo com a situação dos que o acompanhavam, ameaçados todos de morrer de fome, deixou a estrada principal e penetrou numa mata espessa, onde passou a noite. No dia seguinte, forçado pela necessidade, e desejando utilizar suas forças antes que elas o abandonassem inteiramente, Mário pôs-se a caminho de novo, ao longo da costa. Enquanto caminhava, ia encorajando os que os acompanhavam, pedindo-lhes que não se desesperassem, e que alimentassem uma longa esperança, manifestando a sua confiança em algumas predições feitas muito tempo antes pelos adivinhos.

LXVI. Contou-lhes, então, que, um dia, na sua infância, e quando ainda morava no campo, recolhera numa dobra de sua roupa o ninho de uma águia, dentro do qual havia sete filhotes; seus pais, surpresos ante tal singularidade, consultaram os adivinhos, os quais predisseram que aquele menino se tornaria um dos homens mais famosos do mundo, e que, sem dúvida nenhuma, obteria a suprema magistratura do país e gozaria da maior autoridade. Afirmam alguns que esta coisa prodigiosa aconteceu realmente a Mário; porém, segundo outros, os homens que o acompanharam, nessa e em outras fugas, tendo ouvido dele o relato, acreditaram em suas palavras, e depois passaram-nas para o papel como coisa verdadeira; no

entanto, não se trataria senão de uma fábula de sua invenção, pois a águia não tem de cada vez mais de dois aguiotos. O poeta Museo também foi chamado de mentiroso por ter dito a respeito desta ave:

Três ovos põe a águia, mas dois ela exclui,

A fim de, em seu ninho, apenas de um cuidar.

Seja como for, todos estão de acordo em que Mário, por várias vezes, durante a sua fuga, assegurou que seria cônsul pela sétima vez,

LXVII. Quando se encontravam a cerca de vinte estádios da cidade de Minturnas{882}, na Itália, avistaram, eles, ao longe, um grupo de. cavaleiros que vinha em sua direção, e viram ao mesmo tempo duas barcas velejando perto da costa. Correram o mais rapidamente possível na direção do mar. Atirando-se a água, ganharam a nado um dos dois navios precisamente aquele a bordo do qual se achava Grânio, e rumaram para a ilha de Enária, situada em frente da costa. Quanto a Mário, devido ao seu peso e ao fato de não se achar bem disposto, só com muita dificuldade foi mantido por dois escravos sobre a água, sendo levado para o outro barco, aonde chegou precisamente no momento em que. os cavaleiros, após atingir a praia, puseram-se a dizer, aos gritos, aos marinheiros, que voltassem com a embarcação para terra, ou, então, atirassem Mário ao mar, acrescentando que depois poderiam prosseguir em seu caminho. Mário suplicou então, humildemente, e com lágrimas nos olhos, aos marinheiros, que não o entregassem aos seus inimigos; os donos do barco, após tomarem várias resoluções, umas contrariando as outras, tal a sua hesitação, declararam, finalmente, aos cavaleiros, que não entregariam Mário. Logo depois de haverem os cavaleiros partido, furiosos, os marinheiros mudaram de opinião, e, dirigindo-se para terra, aportaram perto da embocadura do Líris, cujas águas, saindo de seu leito, formam um paul. Aconselharam Mário a descer, a fim de tomar a sua refeição em terra, descansar um pouco, e restabelecer suas forças esgotadas pela viagem, até que o vento passasse a soprar favoravelmente; o que, acrescentaram, ocorreria, sem dúvida, a uma certa hora em que o vento do mar perdia a força e do pântano se erguia um vento fresco, que bastava para levar o navio até o mar alto.

LXVIII. Mário supôs que os marinheiros diziam a verdade e seguiu o seu conselho; foi então levado para a praia, onde se deitou sobre a relva, não prevendo nem de longe o que ia acontecer-lhe. Os marinheiros, voltando incontinente para seu navio, levantaram as âncoras, e fizeram-se ao mar, para fugir. Eles acharam que não era honesto entregar Mário aos seus inimigos, mas, ao mesmo tempo, não quiseram salvá-lo, receando pela sua própria segurança. Abandonado, assim, por todos, ele permaneceu durante muito tempo deitado na praia, sem proferir uma palavra. Enfim, re cuperando, não sem esforço, a sua coragem, levantou-se e começou a percorrer lugares onde não havia estradas e nem trilhas. Depois de atravessar brejos extensos e fossas cheias de água e de lama, foi ter à cabana de um pobre velho, que trabalhava na região. Mário atirou-se aos seus pés, suplicando-lhe que socorresse e salvasse uma pessoa aflita que, caso conseguisse escapar às suas dificuldades presentes, recompensá-lo-ia um dia de maneira que excederia de muito as suas esperanças. O velho, seja que conhecesse já havia muito tempo Mário, seja que seu aspecto majestoso lhe indicasse tratar-se de uma grande personagem, disse-lhe, que, caso ele desejasse apenas repousar, sua pequena cabana bastaria: mas se porventura estivesse vagueando daquela maneira para escapar a inimigos, então o ocultaria em lugar mais seguro e mais tranquilo. Mário pediu-lhe que o escondesse, e o bom homem levou-o através dos pântanos até um ponto baixo situado ao longo do rio, onde o fez deitar, cobrindo-o em seguida com grande quantidade de caniços e outras plantas leves, para. que o peso não o incomodasse. Não havia ainda passado muito tempo, e ele, de seu esconderijo, ouviu um grande ruído do lado da cabana do pobre velho. Gemínio de Terracina tinha mandado numerosos cavaleiros à sua procura, em várias direções,

alguns dos quais foram ali ter; e, para amedrontar o ancião, disseram-lhe, aos gritos, que ele recebera e estava ocultando um inimigo do povo romano.

LXIX. Mário, que ouviu essas palavras, deixou o lugar onde o velho o havia colocado, e, depois de despir-se, entrou no pântano num ponto onde a água era mais espessa e lodosa, e aí foi encontrado pelos que o procuravam. Os cavaleiros retiraram-no inteiramente nu do pântano, todo coberto de lodo, e o levaram, no estado em que se encontrava, para Minturnas, onde o entregaram às autoridades; pois o decreto do Senado ordenando a todos os romanos que o perseguissem e o matassem, caso fosse encontrado, já tinha sido publicado em todas as cidades da Itália. Todavia, os magistrados de Minturnas, antes de dar execução ao decreto, decidiram deliberar, e enquanto isso mandaram levar Mário para a casa de uma mulher chamada Fânia, a qual era considerada como sua grande inimiga, por motivo de uma pendência já antiga, Fânia tivera como marido um homem chamado Tínio, do qual quis se separar, exigindo dele a devolução do seu dote, que era grande, O marido, a fim de evitar tal devolução, acusou-a de adultério, e a questão foi levada ao conhecimento de Mário, quando no exercício de seu sexto consulado. De acordo com o processo, verificou-se que Fânia, antes de seu casamento, levara uma vida irregular; isto não impediu, contudo, que Tínio, conhecedor de seu passado, a desposasse e com ela vivesse durante muito tempo. Mário, julgando-os, considerou ambos culpados, condenando o marido a restituir o dote e a mulher, após cobri-la de infâmia, a pagar a multa de uma moeda de cobre. Entretanto, Fânia, nessa ocasião, não se portou como mulher ofendida: logo que teve Mário entre suas mãos, longe de testemunhar-lhe qualquer ressentimento, procurou auxiliá-lo e fazer com que recuper asse a sua coragem. Mário agradeceu-lhe a generosidade, e disse-lhe que estava cheio de confiança, pois tivera um presságio favorável, o qual lhe narrou. Quando o conduziam para a casa de Fânia, e dela já se aproximava, mal a porta tinha sido aberta ele viu sair um asno, o qual foi correndo beber numa fonte situada nas proximidades. O animal parará diante de Mário, olhara-o com um ar satisfeito, e, em sua alegria, pusera-se a zurrar com todas as suas forças, e a dar saltos em volta dele. Mário conjeturou, diante disso, que os deuses quiseram desse modo significar que a sua salvação viria antes do mar que da terra; e isto porque o asno, ao sair de perto dele, não cuidara de pastar, indo diretamente beber na fonte.

LXX. Depois de expor tal interpretação a Fânia, ele quis repousar, e pediu-lhe que ó deixasse só, e que fechasse a porta de seu aposento. Entre-mentes, os magistrados e os decuriões da cidade, após longas deliberações, resolveram executar sem demora o decreto, ou seja, mandar matar Mário. Todavia, tomada esta resolução, nenhum cidadão aceitou a incumbência de executá-la. Finalmente, apresentou-se um cavaleiro gaulês ou cimbro (afirma-se uma coisa e outra), o qual, com a espada desembainhada na mão, penetrou no quarto onde Mário repousava. O aposento recebia pouca luz, estando por. isso escuro; e o cavaleiro, ao que se afirma, viu saírem chamas brilhantes dos olhos de Mário, e, ao mesmo tempo, ouviu erguer-se, daquele lugar tenebroso, uma voz terrível, que lhe disse; "Ousas tu, miserável, matar Caio Mário?" O bárbaro, ouvindo estas palavras, saiu precipitadamente do quarto, e, atirando longe sua espada, gritou: "Não posso matar Caio Mário!" A surpresa em primeiro lugar, e em seguida a compaixão e o arrependimento, dominaram logo toda a cidade. Os magistrados censuraram-se a si mesmos pela resolução tomada, considerando-a como um ato de injustiça e de ingratidão em relação a um homem que havia salvo a Itália e a quem não se podia sem crime recusar auxílio. "Deixemo-lo ir para onde queira, disseram eles, para enfrentar em outros lugares aquilo que o destino lhe trouxer; e pecamos aos deuses que não nos punam pelo fato de afastarmos Mário, nu e desprovido de recursos, de nossa cidade".

LXXI. Depois de fazerem considerações como estas, os minturnenses dirigiram-se em grande número ao quarto de Mário, e, fazendo-o sair, cercaram-no para o acompanhar até à praia. E como todos quisessem auxiliá-lo, dando-lhe uns e outros certas coisas que lhe poderiam ser úteis, passou-se um tempo considerável; e isto também se verificou porque existia no caminho que ia da cidade ao mar um bosque sagrado, da ninfa Maricá, venerado de modo singular por todos os minturnenses, os quais evitavam dele retirar tudo o que porventura para o seu

interior fosse levado, Não podendo, assim, atravessá-lo, para atingir o mar teria sido necessário dar uma longa volta, o que levaria muito tempo. Finalmente, um dos cidadãos mais idoso da comitiva, começou a dizer, aos brados, que não havia caminho pelo qual fosse proibido passar para salvar Mário. E ele próprio, tomando a iniciativa, e levando consigo algumas das provisões destinadas à viagem, seguiu pelo caminho, através do bosque. Com o mesmo zelo e rapidez foi proporcionado a Mário tudo o de que necessitava; e um certo Beleu lhe forneceu um navio para a viagem. Mais tarde, ele mandou reproduzir toda esta história num grande quadro, o qual dedicou ao tempo de Maricá, do qual saíra para tomar o navio.

LXXII. Levado por vento favorável, ele chegou à ilha de Enária, onde se encontrou com Grânio e alguns outros amigos, com os quais prosseguiu viagem, rumando para a África. Entretanto, tendo-lhes faltado água, foram obrigados a aportar na Sicília, perto da cidade de Erix{883}. Ali se encontrava um questor romano encarregado de guardar a costa, o qual por pouco não se apoderou de Mário, quando este, e vários membros de sua comitiva, desceram à terra para obter água; dezesseis dos que o acompanhavam foram, no entanto, mortos. Mário partiu precipitadamente, atravessou o mar, e fundeou na ilha de Meninge{884}, onde soube que seu filho, e que conseguido escapar de Roma com Cetego, e que ambos tinham se dirigido à corte de Hiempsal, rei da Numídia, a fim de implorar o seu auxilio. Encorajado por esta notícia favorável, ousou sair de Meninge, seguindo para as costas de Cartago, A África tinha então um governador romano chamado Sextílio. Mário, que não lhe fizera jamais nem bem nem mal, supunha que somente a compaixão poderia proporcionar-lhe algum auxílio.

Todavia, mal pusera o pé em terra, com algumas das pessoas que o acompanhavam, e veio ao seu encontro um litor de Sextílio, o qual parando à sua frente, disse-lhe: "Sextílio, governador e pretor da África, proíbe-vos de pordes, o pé nesta província; caso contrário, adverte-vos de que fará executar os decretos do Senado contra vós, tratando-vos como inimigo de Roma".

LXXIII. Mário foi tomado de uma dor e de uma tristeza tão profundas, após ouvir esta proibição, que não teve ânimo para responder, permanecendo em silêncio durante algum tempo, lançando no oficial olhares terríveis, Tendo o litor lhe perguntado, finalmente, qual a resposta que deveria levar ao governador, ele lhe disse, após soltar um profundo suspiro: "Dirás a Sextílio que viste Mário, banido de seu país, sentado entre as ruínas da cidade de Cartago". Com esta resposta, ressaltou sabiamente, aos olhos de Sextílio, a sorte desta grande cidade e a sua, como dois exemplos das vicissitudes humanas, advertindo-o assim do que lhe poderia acontecer no futuro.

LXXIV. Entrementes, Hiempsal, rei dos númidas, não sabendo que decisão tomar, tratava de maneira honrosa o jovem Mário, e os que o acompanhavam; mas quando anunciavam a sua intenção de partir, o rei achava sempre algum pretexto para os reter; e via-se claramente que a sua insistência não prenunciava intenções favoráveis.

Salvou-os, no entanto, uma circunstância banal. A beleza de Mário fez com que uma das concubinas de Hiempsal se interessasse pelas suas desventuras; e este interesse foi o começo e o pretexto do amor que ele lhe inspirou, O jovem repeliu, a princípio, as suas primeiras tentativas de aproximação; mas, em seguida, vendo que era o único caminho para a fuga, e que o amor desta mulher tinha por motivo um desejo honesto de servi-lo, não sendo assim uma paixão abjeta, aceitou os testemunhos de sua ternura. Ela proporcionou-lhe, finalmente, os meios para fugir com seus amigos, e ele foi ao encontro de seu pai. Depois de se cumprimentarem e abraçarem, puseram-se ambos a caminhar ao longo da costa; em determinado momento, viram dois escorpiões lutando, o que pareceu a Mário um mau

presságio. Apressaram-se a subir para um barco de pescador, seguindo para a ilha de Cercina{885}, que não fica muito distante do continente. Logo depois de sua partida, viram cavaleiros chegarem ao mesmo lugar que haviam deixado. Eram soldados enviados pelo rei Hiempsal, e Mário confessou que esse fora um dos maiores perigos por que havia passado.

LXXV. Entretanto, em Roma, ao ser divulgada a notícia de que Sila se empenhara em guerra na Beócia contra os generais de Mitrídates, os cônsules{886} entraram em dissensão travando luta armada. Otávio, que se revelou o mais forte, ganhando a batalha, expulsou Cina, que tentara exercer um poder tirânico, e nomeou para as funções de cônsul, em seu lugar, Cornélio Mérula. Cina, não se conformando com a derrota, recrutou soldados no seio dos outros povos da Itália, e deu início a uma guerra contra os dois cônsules. Mário, logo que teve conhecimento do que ocorria, decidiu partir o mais depressa possível; e reunindo alguns cavaleiros da Mauritânia, e alguns italianos, que tinham conseguido deixar o seu país, perfazendo um total de mil homens, ele se fez ao mar e foi ter ao porto de Telamão, na Etrúria; imediatamente após o seu desembarque, fez anunciar, ao som de trombeta, que daria a liberdade aos escravos que se juntassem a ele. Os lavradores e os pastores da região, todos de condição livre, acorreram à costa, atraídos pela fama de Mário; este escolheu dentre eles os mais dispostos e robustos, e, depois de dirigir-lhes belas palavras, conquistou-os para a sua causa, conseguindo, assim, em poucos dias, formar um exército, o qual embarcou em quarenta navios.

LXXVI. Mário sabia que Otávio era um homem de bem, o qual não queira out ra autoridade senão aquela que lhe era dada pelas leis e pela justiça; sabia também que ao contrário, Cina era suspeito a Sila, e que queria derrubar o governo e introduzir inovações na administração. Resolveu por isso juntar-se a este com todas as suas forças, e, primeiramente, mandou-lhe dizer que estava disposto a obedecer-lhe, como a um cônsul, e a executar tudo que fosse por ele ordenado. Cina recebeu-o com alegria, deu-lhe o titulo de procônsul e enviou-lhe os lictores e os feixes de varas, bem como todas as outras insígnias da autoridade pública. Mário, no entanto, não quis aceitá-los, dizendo que estes ornamentos não convinham à miséria de sua situação: continuou a vestir roupas muito pobres e a deixar crescer os cabelos, o que vinha fazendo desde o dia em que foi banido, na idade de mais de setenta anos. Ele caminhava lenta e pesadamente, a fim de provocar compaixão àqueles que o viam; mas, sob esta aparência lamentável, transparecia sempre o ar de altivez que lhe era natural, e que parecia destinado a inspirar mais terror do que piedade; sua própria tristeza demonstrava que os reveses tinham antes aguçado do que abatido a sua coragem.

LXXVII. Depois de cumprimentar Cina e falar aos soldados, ele começou a agir sem perda de tempo, e em poucos dias toda a situação se modificou. Em primeiro lugar, tomando posiçã o no mar com seus navios, ele apresava os comboios, pilhava os negociantes que levavam trigo e outros víveres para Roma, tornando-se assim senhor das provisões necessárias à subsistência de todos. Apoderou-se em seguida das cidades marítimas, subindo a costa, e, finalmente, pilhou e mandou matar a maior parte dos habitantes da cidade de Óstia, a qual ocupou graças a uma traição. Lançou depois uma ponte sobre o rio Tibre, e desfez completamente a esperança de seus inimigos de receberem provisões pelo mar. Marchou logo depois com seu exército sobre Roma, apoderando-se do monte Janículo,. devido a um erro de Otávio, o qual comprometia a sua situação, menos por incapacidade do que por um apego escrupuloso às normas da justiça, a uma obediência servil às leis, agindo assim contra a utilidade pública. Àqueles que o aconselhavam a oferecer a liberdade aos escravos a fim de estes tomarem as armas em defesa da República, ele respondia que não daria aos escravos qualquer direito de cidadania, da qual mantinha Mário afastado para manter a autoridade das leis.

LXXVIII. Chegou, entrementes, a Roma, Cecílio Metelo, filho de Metelo, o Numídico, que

havia começado a guerra da África, contra Jugurta, e que fora exilado por Mário; e como todos os soldados o considerassem um general muito superior a Otávio, abandonaram este cônsul, e se dirigiram a ele, pedindo-lhe que assumisse o comando e salvasse a cidade, prometendo-lhe que, quando tivesse à sua frente um capitão ativo e experimentado, combateriam com coragem, e triunfariam sobre o inimigo, Cecílio Metelo, vivamente ofendido ante tal proposta, disse aos soldados que voltassem a obedecer ao cônsul; mas eles, despeitados, bandearam-se para o inimigo. Vendo que a situação na cidade não era boa, e que seria difícil enfrentar o adversário, Cecílio deixou Roma; mas Otávio, persuadido por alguns caldeus, adivinhos e sibilistas{887}, os quais lhe disseram que tudo correria bem para ele, resolveu permanecer na cidade. Este cônsul, dotado de tanto bom-senso quanto qualquer outro romano de seu tempo, e que sempre manteve íntegra a dignidade consular, insensível ao veneno da lisonja, seguindo os costumes e as leis do país como fórmulas invariáveis, tinha lamentavelmente, um fraco pela adivinhação, e passava, ao que me parece, mais tempo em companhia de adivinhos e charlatães, do que com os militares e os estadistas. Mário, antes de entrar em Roma, enviou assalariados à cidade, os quais, depois de arrancar à força Otávio da tribuna, mataram-no na praça pública. Foi encontrado, junto ao seu peito, ao que se conta, um horóscopo de seu nascimento feito por um caldeu; e, diante do que se passou, pareceu singular{888} o fato de que, destes dois generais, um, Mário, foi amparado, e o outro, Otávio, arruinado pela mesma confiança na adivinhação.

LXXIX. Nesta conjuntura crítica, o Senado reuniu-se e decidiu enviar embaixadores a Mário e a Cina, a fim de pedir-lhes que entrassem na cidade pacificamente, sem derramar o sangue dos cidadãos. Cina recebeu-os em audiência, em sua cadeira, como cônsul, e respondeu às suas palavras com muita humanidade; Mário, de pé, mantinha-se silencioso. A sua fisionomia severa e seus olhares ferozes mostravam, no entanto, que ele iria em breve cobrir a cidade de sangue. Após a audiência, Cina entrou em Roma, cercado pelos seus guardas; Mário, parando junto à porta da cidade, disse com uma ironia inspirada pela cólera que fora banido de sua pátria de acordo com as leis e mediante processo judicial; assim, se julgassem que sua presença era necessária, era preciso anular, com um novo decreto, aquele que o havia banido, como se fosse um escrupuloso observador das leis e como se a liberdade reinasse então em Roma. O povo foi em seguida reunido na praça pública, a fim de que seu pedido fosse atendido. Mas três ou quatro grupos da população ainda não haviam dado o seu voto, quando Mário, tirando a máscara, e deixando de simular que desejava realmente ser chamado do exílio através das formalidades legais, penetrou na cidade cercado por um grupo de assalariados, recrutados entre os escravos mais dissolutos e audaciosos que haviam tomado o seu partido, e aos quais chamava bardeus. A uma só palavra, a um piscar de olho, a um sinal que Mário lhes fizesse com a cabeça, eles trucidavam indistintamente todos aqueles que lhes indicasse. Um senador, chamado Ancário, que tinha sido pretor, foi morto a golpes de espada aos pés de Mário, por não ter este respondido ao cumprimento que lhe havia sido dirigido. Este foi um sinal para que fossem massacrados nas ruas todos aqueles a cujos cumprimentos Mário não respondesse ou a quem não dirigisse a palavra. Assim, mesmo seus amigos dele se aproximav am com verdadeiro pavor, pois que receavam que não respondesse ao seu cumprimento.

LXXX. Como já fosse grande o número de mortos, Cina, saciado de tanto sangue e com o seu ódio já apaziguado, quis pôr termo à matança; Mário, porém, cuja cólera se tornava cada dia maior e maior a sua sede de vingança, continuava a mandar assassinar todos aqueles que lhe eram suspeitos; e não havia nenhuma cidade ou estrada onde não se vissem assalariados de Mário à procura, como se fossem cães de caça, de pessoas escondidas ou em fuga. Demonstrou, então, a experiência, que a fidelidade aos liames da amizade e hospitalidade raramente resiste à má fortuna; pois poucas foram as pessoas que não denunciaram aqueles que lhes haviam solicitado asilo. Este fato torna ainda mais digno de nossa admiração e de nossa estima os escravos de Comuto, os quais, tendo escondido o seu senhor em sua casa, para ali levaram um dos que tinham sido mortos na rua, dependuraram-no pelo pescoço, puseram-lhe no dedo um anel de ouro, e mostraram-no aos satélites de Mário; promoveram depois os funerais, como se fossem os de seu próprio senhor, e enterram-no sem que ninguém de nada desconfiasse. Comuto, salvo deste modo pelos servidores, refugiou-se na Gália.

LXXXI. O orador Marco Antônio[{889}], que também tinha encontrado um amigo fiel, não teve a mesma sorte que Comuto. Este amigo era um homem do povo, muito pobre, o qual, tendo em sua casa uma das principais personagens de Roma, quis tratá-la do melhor modo que lhe era possível, e mandou seu escravo comprar vinho numa taverna das vizinhanças. O escravo provou e apreciou o vinho em maior quantidade do que habitualmente fazia, e como pedisse uma qualidade melhor e mais cara, o taberneiro perguntou-lhe porque ele não levava, como de costume, vinho novo e comum, mas ao contr ário, fazia questão de bebida melhor e mais cara. O escravo respondeu-lhe com simplicidade, tratando-se de um homem a quem conhecia havia muito tempo e tinha como amigo, que seu senhor desejava tratar bem Marco Antônio, o qual se encontrava oculto em sua casa. Mal o escravo voltara-lhe as costas, o taberneiro, homem mau e desleal, foi correndo à casa de Mário, que estava à mesa, ceando; levado à sua presença, anunciou-lhe que ia entregar-lhe Marco Antônio. Ao ouvir estas palavras, Mário soltou um grito e bateu palmas, tal sua alegria, por pouco não abandonando' a mesa para ir pessoalmente ao local; mas seus amigos o retiveram, e ele contentou-se em enviar um de seus oficiais, Ânio, à frente de alguns soldados, com ordem de trazer-lhe, sem demora, a cabeça de Marco Antônio, Após chegar à casa onde se encontrava escondido o orador, guiado pelo taverneiro, Ânio ficou junto à porta e ordenou aos soldados que subissem ao quarto; encontraram ali Marco Antônio, mas nenhum deles teve a coragem de desferir o primeiro golpe, e puseram-se a se encorajar uns aos outros; e isto porque a eloquência do famoso

orador, como uma mágica sereia, tinha tanta doçura e encanto, que, logo ao abrir ele a boca para pedir a vida a estes soldados, não houve um sequer com ânimo bastante para olhá-lo de frente, conservando todos os olhos baixos e cheios de lágrimas. Ânio, impacientado pela demora, subiu ao quarto, onde viu os soldados encantados e comovidos ante a eloquência de Marco Antônio; e, após exprobrar-lhes a covardia, dirigiu-se furioso ao lugar onde se encontrava o orador, e cortou-lhe a cabeça com as próprias mãos.

LXXXII. Catulo Lutácio, que fora colega de Mário no consulado, e com ele partilhara as honras do triunfo sobre os cimbros, recorreu aos amigos a fim de que intercedessem em seu favor; Mário, no entanto, não lhes deu outra resposta senão esta: "É preciso que ele morra". Catulo fechou-se então num pequeno quarto, e ateou fogo a uma certa quantidade de carvão, e o fumo produzido sufocou-o. Os corpos daqueles a quem se cortavam as cabeças eram atirados à rua, e pisados; e este espetáculo, não provocava somente a compaixão dos que o viam, mas gelava igualmente todos os corações de medo. Mas nada desagradava e afligia tanto o povo quanto a brutalidade, a insolência e a devassidão dos bar deus os quais, depois de penetrarem à força nas casas e degolarem os seus donos, violavam-lhes os filhos e desonravam-lhes as mulheres, sem que ninguém aparecesse para reprimir a sua crueldade e luxúria insaciáveis. Finalmente, Cina e Sertório resolveram agir, e, numa noite em que dormiam em seu acampamento, massacraram-nos.

LXXXIII. Nesta situação deplorável, como que anunciando uma reviravolta nos acontecimentos, chegou, de vários pontos, a notícia de que Sila, depois de terminar a guerra contra Mitrídates , e recuperar as províncias de que este se havia apoderado, estava de regresso à Itália com um poderoso exército. Esta notícia fez cessar por algum tempo os males e os tormentos indescritíveis de que era teatro a infeliz Roma, e isto porque aqueles que eram por eles responsáveis viram que estariam em breve às voltas com uma guerra. Mário foi assim eleito cônsul pela sétima vez; e ao sair de sua residência, no dia primeiro de janeiro, que assinalava o começo do ano, para tomar posse do cargo, fez com que Sexto Lucino se precipitasse do alto da rocha Tarpéia, Esta violência foi como um presságio, um sinal dos horrores e das misérias que ainda iam ocorrer e de que seriam vítimas também os partidários de Mário. Ele próprio, esgotado pelos esforços e fadigas do passado, e com o espírito acabrunhado pelos sofrimentos e atormentado pela ideia da nova guerra e dos combates que teria de sustentar, dos perigos, das amarguras e das canseiras que teria de enfrentar, e cuja intensidade a sua experiência lhe permitia prever, ele não pôde suportar a cruel inquietação que o assaltava. Considerava que não teria de combater contra um Otávio ou um Mérula, capitães que tinham às suas ordens apenas uma turba sediciosa reunida ao acaso, mas contra Sila, que outrora o havia expulso da pátria e que acabava de repelir Mitrídates até à última extremidade do Ponto Euxino.

LXXXIV. Oprimido sob o peso destas reflexões, e fazendo desfilar diante dos olhos o seu longo exílio, suas fugas, os perigos por que passara em terra e no mar, ele mergulhou na mais cruel das angústias, e tais foram o acabrunhamento e a inquietação de seu espírito que terrores noturnos e sonhos pavorosos lhe impediam o repouso; e supunha ouvir sempre uma voz ameaçadora gritar-lhe ao ouvido:

Do altivo leão a morada terrível

Mesmo quando ausente parece-nos temível.

Mas como a insônia o apavorasse, começou a promover banquetes extemporâneos, comendo e

bebendo além do que convinha à sua idade. Procurava deste modo atrair o sono, no qual encontrava um remédio para os seus males. Chegaram-lhe, finalmente, notícias, vindas do mar, as quais o encheram de novos terrores.

LXXXV. Temendo pelo futuro e abatido pelo peso do infortúnio presente, não foi preciso senão a mais ligeira agravação de seus males para fazê-lo cair gravemente enfermo. Foi atacado de pleurisia, em consequência da qual morreu, segundo conta o filósofo Posidônio, que foi vê-lo. em seu leito, a fim de tratar com ele das questões que o tinham levado, numa embaixada, a Roma. Todavia, o historiador Caio Pisão escreve que, um dia, após a ceia, Mário, passeando com alguns amigos, pôs-se a contar as suas aventuras, desde o começo de sua vida; relatou as vicissitudes de bem e de mal que a fortuna o fizera experimentar, concluindo que um homem bem avisado não devia nela confiar, tal a sua inconstância. Após dizer estas palavras, despedira-se dos amigos, e deitou-se, permanecendo no leito sete dias, findos os quais morreu.

LXXXVI. Conta-se que, delirando durante a enfermidade, sua ambição se manifestou de uma maneira estranha. Ele dizia estar comandando o exército romano contra Mitrídates e executava em seu leito os mesmos movimentos, tomava as mesmas atitudes, soltava os mesmos gritos, enfim, fazia tudo o que costumava fazer quando estava no auge de uma batalha: tal a intensidade do desejo de receber o comando naquela guerra, desejo aceso em sua alma pela sua inveja natural e pela sede de mando. E tal era a sua ambição que, na idade de setenta anos, tendo sido o primeiro romano a ser eleito sete vezes para as funções de cônsul, possuindo riquezas que teriam bastado para vários reis, ele se queixou da fortuna, como se ela o tivesse feito morrer pobre e antes de haver obtido o que desejava.

LXXXVII. Muito diversa foi a atitude do sábio Platão quando se aproximou o momento da morte. Ele louvou e agradeceu aos deuses e à sua boa fortuna o fato de haver nascido homem e não animal, grego e não bárbaro; e, sobretudo, por ter nascido na mesma época em que vivia Sócrates. De modo semelhante, conta-se que Antípatro de Tarso, recordando, poucos instantes antes da morte, os acontecimentos felizes de sua vida, não se esqueceu de mencionar, entre outras coisas, a feliz viagem por mar que fizera de sua pátria a Atenas; isto demonstrava que ele tinha em grande conta mesmo os menores favores da fortuna, conservando-os até o fim em sua memória, o depositário mais fiel a que o homem possa confiar os seus bens.

LXXXVIII. No entanto, os insensatos e os ingratos para com os deuses e a natureza, deixam passar com o tempo a lembrança de tudo aquilo que lhes acontece; e como nada colocam de reserva em sua memória, vivem sempre destituídos de bens presentes, sempre cheios de esperanças, com os seus olhares invariavelmente voltados para o futuro, e, deixam ao mesmo tempo, fugir o presente. A razão, porém, desejaria que eles fizessem o contrário, porque a fortuna, que lhes pode tirar o futuro, não pode privá-los do passado. Entretanto, eles repelem, expulsando-os de sua memória, os bens que dela já receberam, como se lhes fossem estranhos; e sonham sem cessar com um futuro incerto: justo castigo para a sua ingratidão. Demasiado apressados em acumular o mais que podem destes bens exteriores, antes de lhe dar por fundamento e apoio a razão e a boa doutrina, eles não podem depois satisfazer a sede insaciável de sua alma.

LXXXIX. Mário morreu no décimo-sétimo dia de seu sétimo consulado, e sua morte causou, a princípio, em Roma, uma grande alegria, pois a cidade, retomando coragem, cuidava ter-se livrado de uma sangrenta e cruel tirania. Mas pouco tempo depois, os romanos verificaram, à

sua custa, que não tinham senão trocado um senhor velho e alquebrado, prestes a deixar este mundo, por um senhor jovem e cheio de vigor, que não acabava senão de chegar: tantas foram as crueldades e selvagerias praticadas pelo filho de Mário, que fez morrer as pessoas mais ilustres pelo seu nascimento e pelas suas virtudes. A audácia e a intrepidez diante dos perigos fizeram com que fosse chamado o filho de Marte; mas, em seguida, as suas ações revelaram nele qualidades inteiramente opostas, e foi por isso chamado o filho de Vênus. Finalmente, foi cercado por Sila na cidade de Perusa, e como foram vãos todos os seus esforços para salvar a vida e a queda da cidade não lhe deixasse nenhuma esperança de fuga, ele matou-se com suas próprias mãos.

PARALELO ENTRE PIRRO E MÁRIO

I. Para rematar devidamente as Vidas de Pirro e de Mário, resta estabelecer um paralelo entre elas, o que, por acaso, poderá parecer fora de propósito, per não haver nenhuma relação, nem no começo nem no meio, nem no fim, entre a vida de um e outro. Mas, pensando bem, veremos que, se existem grandes diferenças entre estas duas personagens, existem também semelhanças, em várias coisas.

II. Mário e Pirro têm de comum o seguinte: ambos atingiram altas posições, nelas se mantendo por longo tempo, não obstante os ventos desfavoráveis e o fato de haverem iniciado as suas carreiras sem grandes esperanças de êxito; além disso, não obstante os reveses por eles sofridos, de quando em quando, tiveram a ocasião de restabelecer o seu poderio, e até mesmo de castigar rudemente os seus inimigos. Mostraram-se ambos possuidores, nas numerosas empresas em que se envolveram, de um grande vigor de espírito, tudo prevendo de um só golpe, diante das maiores dificuldades, mostrando-se sempre dispostos a novos combates. Deve-se ainda notar que seus governos decorreram de maneira vantajosa. Ambos foram valentes, trabalhadores, pacientes, excelentes generais, e assim foram julgados, um por Aníbal, outro através de uma sentença notável do grande Cipião. Ambos saíram vitoriosos de batalhas de grande importância, sendo cabos de guerra sempre prontos a planejar e a levar a efeito novas empresas.

III. E, se forem comparados tendo-se em vista os seus defeitos, verifica- se que um foi arrogante e o outro ambicioso até o fim; ambos sempre se robusteceram com novas esperanças, e, muitas vezes, quando já empenhados numa empresa, mostraram-se prontos a deixá-la, para tentar uma outra, jamais sentindo-se satisfeitos, pois que queriam tornar-se cada vez maiores. Um era perigoso, outro cruel, causando ambos ruínas e desgraças, coisa que também conheceram.

IV. Quanto às particularidades, verifica-se que Mário se apresenta como o próprio artífice de sua fortuna, pois que, fazendo esquecer, com a sua grande bravura e a estudada obediência aos comandantes, a sua origem obscura, ele se enobreceu, tanto pelos seus valorosos feitos, quanto pelo fato de haver ocupado por sete vezes um dos mais elevados postos de honra do mundo; enquanto que Pirro, saído da nobre estirpe de Hércules, não se contentando com o seu reino do Épiro, do qual se apoderou apenas por ter sido favorecido por um casamento, e onde não permaneceu senão por haver eliminado seu companheiro, desejando atacar uns e outros e combater incessantemente pelas vantagens deste mundo, sem se assegurar de nenhuma delas, não soube jamais dizer o que pretendia entre os homens, tal a esperança que o enfeitiçara em relação a não sei que grandezas, as quais não viu senão através de representações que ele mesmo criava, desprezando as advertências de seu sábio conselheiro Cíneas. Mário, ao contrario, levando uma vida verdadeiramente ativa, lançou-se às suas empresas com conhecimento de causa, sem se agitar, ao contrário de Pirro, cuja cabeça não dava repouso aos pés.

V. E, como o fim coroa a obra, Mário, tendo verificado como a inconstância caracteriza as atividades dos homens, agiu com sabedoria, e, no momento exato, após despedir-se de seus amigos, recolheu-se ao seu leito, para ali morrer logo depois; enquanto que Pirro, ansiando sempre por novas empresas, foi precipitar-se no interior de Argos, onde não devia ter penetrado, para ali perder a honra, o reino e a vida, num só golpe; e, se não fosse a bondade de Antígono, sua estirpe desapareceria com ele. Deste modo apesar de parecer muito grande,

sua força foi sempre diminuindo, até ser completamente aniquilada. Mário, ao contrário, após sair de uma pequena oficina e de ganhar a vida trabalhando com suas próprias mãos, foi-se elevando de degrau em degrau, atingindo, cem prodigiosa rapidez, os grandes postos da República, e, como já se disse, obteve por sete vezes o consulado, coisa acontecida a muito poucos homens no decorrer do grande período de tempo em que subsistiu a grandeza romana.

VI, E não devemos esquecer o belo gesto de Mário, contra o seu próprio sobrinho, Caio Lúcio, morto por Trebônio, quando todos esperavam que ele tomasse posição contra o assassino e o mandasse exterminar através de um suplício qualquer; ao contrário, ele próprio colocou-lhe na cabeça uma coroa de louros, em sinal de reconhecimento pela sua virtude. Este ato, na verdade, compensa muitas das imperfeições de Mário, e se seus inimigos não o tivessem irritado tanto, antes e depois de seu banimento, talvez não tivesse havido estas tragédias sangrentas, que ele e os seus promoveram depois. Em Pirro, entretanto, não encontramos nenhum ato particular de justiça ou de virtude que se possa aproximar do acima citado, mas um caráter estranhamente altivo e que não podia permanecer em paz, bem como um coração marcial. Prova disto é o que ele disse a um de seus filhos, ou seja, de que deixaria o reino àquele dentre eles que possuísse a espada mais aguçada. E foi agitado até à morte por esta febre de glórias vãs, que jamais lhes permitiu repouso. Mário, ao contrário, teve em sua vida vários períodos de inatividade, e, também, triunfos notáveis. Eis o que tinha a dizer em favor de Mário.

VII Quanto a Pirro, pode-se alegar, em seu favor, que, tendo saído de uma família das mais ilustres, mostrou-se um digno sucessor de seus antepassados, tendo sido reconhecido como tal pelos seus coetâneos, apresentando provas de sua bravura em maior número de vezes do que Mário. E, no entanto, considero que a bravura não figura entre as maiores qualidades deste príncipe; não obstante, se se considerarem os seus êxitos, seus conhecimentos da arte militar, traduzidos em livros, sua habilidade em planejar e executar os seus planos, os inimigos de todas as espécies que derrotou, as batalhas de que participou, e, sobretudo os seus belos feitos contra os romanos, povo muito diferente dos cimbros, ver-se-á que foi um cabo de guerra muito superior a Mário.

VIII. Entretanto, sem insistir muito nessas formas de atividade, que, aliás, segundo parece foram as que mais os atraíram, e cujo exame mais particular é preciso deixar aos que lidam com as armas, digo que os vícios foram menores em Pirro do que em Mário, e ouso mesmo acrescentar que os vícios de Pirro são virtudes comparados aos de Mário. Por exemplo, a ambição de Pirro é veemente, obstinada, e, se se quiser, furiosa; mas que é isso diante das tragédias provocadas por Mário, que tudo subverteu para chegar, ao sexto e ao sétimo consulados? Pirro causou grandes males, levou a guerra à Macedônia, à Itália, à Sicília e à Grécia, onde muito sangue foi derramado; mas, em todo caso, na maior parte de suas ações, descobre-se algo ditado pela necessidade e pela equidade. Ao contrário, Mário jamais deveria ter pegado em armas contra a sua pátria, e mesmo se em toda a sua vida não houvesse outras ações más, bastaria o que fez para obter o sexto consulado e o fato de permitir que o assassino Sulpício agisse livremente, para torná-lo infame.

IX. Entretanto, jamais se poderia detestar demais maldades que cometeu após o regresso da África, quando ensanguentou Roma, e que, em vez de se saciar de sangue e atenuar a sua cólera, como Cina, demonstrou uma sede de vingança cada vez maior, e poupando menos os grandes do que os peque nos. Poder-se-ia ler esta dolor osa história sem lágrimas? Poder-se-ia deixar de maldizer uma tão cruel ambição, sobretudo quando se considera os atos destes cruéis bardeus e seus revoltantes crimes? Ao contrário, lede as conversações de Pirro e de Cíneas, e vereis que este último procurou desviar de tantas guerras e conquistas o primeiro, e tereis piedade da imbecilidade humana. Pobre príncipe, direis, como ele teria sido feliz se tivesse ouvido o seu sábio conselheiro!

X. E quando consideramos Pirro em suas atividades, encontramos um coração generoso, que procede com alguma sinceridade, que honra a virtude em seus inimigos, que faz a guerra honestamente, e podemos dizer, em resume, que a sua ambição é antes ridícula do que detestável. Se ela por vezes se desencadeia, ele como que se contém, condenando-se a si mesmo, por assim dizer. Como exemplo, temos a insistência com que concitou os romanos a se pacificarem e todo o seu procedimento diante deles.

Se perturbou a paz em países estrangeiros, ele a manteve no seu. Mário, ao contrário, parece não ter tido outro pensamento senão o de deixar os homens sossegados, menos aqueles a quem devia sua vida e sua grandeza.

XI. Quanto à cupidez, dela não havia nenhum traço em Pirro, mas era extrema em Mário: com efeito, este subverteu Roma e se empenhou desgraçadamente para obter a direção da guerra contra Mitrídates somente para ter um meio de encher a sua casa com, os despojes do reino do Ponto e as grandes riquezas daquele rei. Quase o mesmo se pode dizer no que se refere à cólera e à crueldade. Pirro jamais se mostrou inimigo muito rancoroso, nem se entregou à prática de atos sangrentos fora da guerra, e nesta dava provas de uma força sobre-humana, quando o perigo ou a dor o excitavam; Mário, ao contrário, tinha um coração irreconciliável, e praticou atos que não podem ser superados, tal a sua desumanidade e ferocidade. A inveja de Pirro é, de certo modo, nobre; a de Mário, vil e indigna em todos os seus aspectos. Pirro não foi ingrato, ou o foi pouco, para com seus amigos ou seguidores, e se abandonou ou tratou mal os tarentinos e os sicilianos que o chamaram e homenagearam, isto aconteceu mais por culpa deles, e os serviços que ele lhes prestou compensam a maior parte de suas faltas. Há ainda a considerar que, voltando a socorrer Tarento, ele fez o possível para auxiliar os seus moradores; entretanto, tendo sido vencido pela boa fortuna dos romanos, não lhe restou outra coisa senão retirar para seu reino.

XII. Mas este vício foi dominante em Mário; pois que, tendo sido promovido, em Roma, por Metelo, o qual o levou depois para a África como seu lugar-tenente, voltou-se contra ele, privando-o das honras da campanha, fazendo condenar a morte seu hóspede e amigo Turpílio e vangloriando-se de haver lhe atado uma fúria ao pescoço. Além disso, mandou-o banir, revelando uma maldade singular.

E, quanto a Catulo, que fora seu companheiro no consulado, e derrotara os cimbros, fê-lo morrer de maneira indigna, juntamente com uma infinidade de outras pessoas, em Roma, Pirro, ao contrário, era de um natural suave e perdoava facilmente, mostrando-se bom em relação a seus súditos, amável com os amigos e modesto com os inimigos.

XIII. E Mário? Sua própria fisionomia mostrava este rigor e esta severidade, de caráter e de costumes, que o caracterizavam, mesmo depois de haver passado por mil perigos, durante o seu exílio. E, mesmo após ter completado setenta anos, seu olhar era mais terrível e amedrontador do que o de qualquer outro homem; jamais perdoou, como tanta gente verificou, os que haviam, favorecido Silá, por pouco que fosse, e de nada adiantavam os rogos e as lágrimas, como o demonstrou eloquentemente a morte de Catulo. Jamais dem onstrou amar os romanos ou prezar muito seus amigos; ao contrário, foi tomado de tal fúria, no decorrer dos morticínios de Roma, que os seus próprios amigos se sentiam invadidos pelo medo quando dele se aproximavam para cumprimentá-lo. E, em seu período de maior

prosperidade, foi odiado pelo povo e pela nobreza, por motivo dos prejuízos que lhes causava com seus atos, e muitas vezes atentou contra a vida e a honra daqueles que lhe tinham prestado serviços. Era, finalmente, um homem de duas caras, de uma natureza vil e desregrada, E se, através de certos atos particulares, tornou seu nome merecedor de estima por algum tempo, pode-se observar que não agiu simplesmente por amor da virtude, mas para aumentar o seu crédito e poder alcançar os seus objetivos.

XIV. Quem examinar de perto o fim de Mário e de Pirro, verá o primeiro mortificado de uma maneira estranha, em seu espírito, morrendo mil vezes em cada hora de seu último consulado. A ambição o atormenta sem cessar, e de tal modo que, com a morte a dois passos, ainda se preocupa com a guerra contra Mitrídates; e, sem se lembrar das honradas de que foi objeto, sem se mostrar saciado de tantas riquezas, as quais bastariam para muitos reis juntos, e dos inúmeros anos que viveu, ele morreu enraivecido, lamentando-se da fortuna, como se tivesse morrido antes de tempo, antes de realizar aquilo que ambicionava.

XV. Não quero me referir a estes terríveis temores, piores do que a própria morte, de que foi vítima tantas vezes durante a sua fuga, tanto no mar como em terra. Imaginai um homem extremamente avaro, ambicioso e cruel, perseguido por toda gente, suplicando auxílio a marinheiros, pescadores e a toda gente que encontra, prosternando-se aos pés de um pobre camponês, escondendo-se entre caniços, nu dentro da lama, à espera de que o venham matar; e, depois arrastado ignominiosamente, como prisioneiro, e pronto a receber o golpe mortal das mãos de seu inimigo. Não é difícil de imaginar as palavras que proferiu e a dor que sentiu em sua alma, quando ouviu a notícia do regresso de Sila. Haverá quem possa compreender o infortúnio de uma tal consciência, manchada por tanto sangue, trabalhada por tantos horríveis pensamentos, quanto ao futuro? E diante do perigo que corria, pode-se dizer que o seu leito, durante a última enfermidade, foi uma espécie de cadafalso, no qual, no decorrer de sete dias, esperou a vinda de uma morte impiedosa. E como os criminosos desesperados se embriagam a fim de não sentir com demasiada, intensidade o rigor do suplício, ele também quis mergulhar no vinho o seu corpo e as suas preocupações, para poder dormir mais facilmente e para não ver a lâmina que lhe pendia sobre a cabeça.

XVI. Pirro, ao contrário, sem grandes apreensões, combateu até o fim, não perdendo’ jamais a esperança. E mesmo quando a espada desembainhada brilhou sobre ele, rebateu o golpe com um único olhar, e, (se é que posso dizê-lo) causou medo à própria morte; e lutou corajosamente contra ela, sem que a coragem lhe faltasse por um só momento. Ainda que estas duas personagens tenham apresentado várias semelhanças, em diversas particularidades de suas vidas trágicas, parece-me que Pirro foi menos vicioso, mais virtuoso, menos infeliz, na vida e na morte, do que Mário. Este, por sua vez, foi bem sucedido ao lutar contra todas as espécies de inimigos, teve maiores intervalos de repouso; e, (se considerarmos os últimos momentos de sua vida) um desfecho menos sangrento e mais honesto que o de Pirro. Em compensação pode-se dizer que Pirro deixou um sucessor para seu reino, enquanto que o filho de Mário, não agindo melhor do que o pai, pereceu miseravelmente, e nisto a vingança divina parece ter executado na pessoa de um aquilo que ambos haviam merecido.

Lisandro

SUMÁRIO DA VIDA DE LISANDRO

I. Estátua de Lisandro no templo de Delfos. II. Família, educação e caráter de Lisandro. III. As riquezas que faz entrar em Esparta. corrompem os costumes da cidade. IV. É nomeado comandante da esquadra dos lacedemônios. V. Faz aumentar, após interceder junto de Ciro, o soldo de seus marinheiros. VIL Lisandro ganha uma batalha naval. VIII. Forma nas cidade! gregas associações visando nelas estabelecer oligarquias. IX. Sim conduta para com Calicrátidas, nomeado para substituí-lo no comando. X. Viagens inúteis de Calicrátidas, que não consegue avistar-se com Ciro. Sua morte. XI. Lisandro é colocado do novo no comando da esquadra. XII. Infame conduta de Lisandro em Mileto. XIII. Facilidade com que Lisandro fazia falsos juramentos. XIV. Dinheiro a ele fornecido por Ciro. XV. Diversas expedições de Lisandro. Toma Lâmpsaco. XVI. A esquadra dos atenienses segue para a embocadura do rio Egos-Pótamos. XVII. Conduta de Lisandro. XVIII. Conselhos de Alcibíades aos capitães atenienses, que não os aceitam. XIX. Astúcia de Lisando. XXL Alcança a vitória. XXII. Prodígios que precederam este acontecimento. XXIV. Prisioneiros de Atenas condena dos a morte. XXV. Conduta de Lisandro em relação às cidades gregas. XXVIII. Tomada de Atenas. XXX. Demolição das muralhas da cidade. Estabelecimento do Conselho dos Trinta. XXXI. Gilipo rouba parte do dinheiro que Lisandro lhe entregara para levar a Esparta. XXXII. Discute-se em Esparta sobre se se deve receber dinheiro enviado por Lisandro. XXXIII. Lisandro manda fazer a sua estátua. XXXIV. Honras que lhe são prestadas. XXXV. Insolência e crueldade de Lisandro. XXXVI. É chamado a Esparta. Descrição da citai. XXXVII. Como Farnabazo o engana. XXXVIII. Pede uma licença para dirigir-se ao templo de Júpiter Amon. XXXIX. Apaziguamento da cidade de Atenas. XL. Diversos ditos de Lisandro. XLI. Auxilia Agesilau a tornar-se rei da Lacedemônia. XLII. Concita-o a guerrear os persas. XLIII. Rivalidade entre Agesilau e Lisandro. XLV. Intrigas de Lisandro para chegar ao trono. LI. Concita os lacedemônios a moverem guerra aos tebanos. LII. Toma a cidade de Orcomene. LIV. É morto diante das muralhas de Haliarto. LV. Sua sepultura. Oráculos que anunciaram sua morte. LVII. Descoberta de uma conspiração que havia ordido para tornar-se rei.

Do ano 278, aproximadamente, até o ano 360, de Roma, 394 A. C.

I. Existe no tesouro{890} dos habitantes de Acanto, que se acha no templo de Apoio, na cidade de Delfos, a seguinte inscrição: "Brásidas e os Acântios — Despojos dos atenienses". Estes dizeres levaram vários escritores a acreditar que a estátua de pedra existente junto à porta da capela era a imagem de Brásidas; no entanto, trata-se da estátua de Lisandro, do tamanho natural, na qual ele é apresentado com uma abundante cabeleira e uma barba muito espessa e comprida, à maneira dos antigos. Não é verdade, como afirmam alguns, que os argivos, após terem sido derrotados numa grande batalha, mandaram rapar as cabeças, numa pública demonstração de luto, e que os lacedemônios, ao contrário, para testemunhar a sua alegria diante da vitória alcançada, deixaram crescer os cabelos. Também não é verdade que, quando os baquíadas fugiram de Corinto para a Lacedemônia, os espartanos, vendo-os com as cabeças rapadas, acharam-nos tão feios e disformes que decidiram deixar crescer a barba e os cabelos. O certo é que este costume lhes veio de Licurgo, na opinião de quem uma longa cabeleira realça a beleza dos que são naturalmente belos e torna ainda mais feios os que já nasceram feios.

II. Segundo se diz, Aristóclites{891}, pai de Lisandro, não era da casa dos reis de Esparta, embora fosse da raça dos heráclidas; mas seu filho Lisandro foi criado num ambiente de pobreza e mostrou-se mais fiel observador das leis e dos costumes do país do que qualquer outro espartano. Sua coragem viril, à prova de todas as voluptuosidades, não conheceu outro prazer senão aquele que decorre da estima pública, a qual é o prêmio das belas ações; pois em Esparta não se considera coisa má ou desonesta o fato de os jovens se deixarem dominar por este prazer; os espartanos querem que seus filhos se mostrem, desde a mais tenra idade, sensíveis à glória, e que encontrem prazer no elogio, e, ao contrário, motivo de pesar na censura. eles votam desprezo àqueles que permanecem indiferentes a esse duplo estímulo, considerando-os como homens de coração vil e covarde, incapazes de praticar o bem. Deste modo, a ambição e a paixão pela glória de que era possuído Lisandro devem ser atribuídas à disciplina e à educação lacônias, não se podendo por isso responsabilizar muito a natureza; desta ele recebeu a sua inclinação para agradar aos grandes e poderosos, de uma maneira que não era comum entre os espartanos. Além disso, era dotado de paciência bastante para suportar, sem esforço, a arrogância daqueles que possuíam maior poderio e autoridade, quando disso podia tirar algum proveito; o que, aliás, é considerado per alguns como parte importante da arte de bem dirigir os negócios do Estado.

III Aristóteles{892}, na passagem em que diz serem os grandes espíritos sujeitos frequentemente à melancolia, citando os exemplos de Sócrates e Hércules, conta que Lisandro também, não em sua mocidade, mas ao aproximar-se da velhice, foi vítima do mal da melancolia. Havia no seu caráter uma qualidade que, entre todas as outras, lhe era própria e peculiar: a de que, embora se tivesse conduzido sempre honestamente em sua pobreza, sem se deixar jamais vencer ou corromper pelo dinheiro, ele encheu sua pátria de riquezas e do desejo de possuí-las, fazendo-a perder a reputação de que gozava de não as ter em grande estima; todavia apesar de nela ter introduzido grande quantidade de ouro e de prata, depois de haver vencido os atenienses, não reservou para si uma única dracma. E tal era o seu desinteresse que, tendo um dia Dionísio, tirano de Siracusa, enviado às suas filhas vestidos da Sicília, ricos e belos, ele não os quis aceitar, dizendo recear que tais vestidos fizessem parecer-lhe mais feias as filhas. Entretanto, pouco tempo depois, quando os espartanos o enviaram como embaixador junto ao mesmo tirano, este apresentou-lhe dois vestidos, pedindo-lhe que escolhesse um para levar a uma de suas filhas; e ele respondeu que a interessada poderia escolher melhor, e levou os dois.

IV. Entrementes, a guerra do Peloponeso prolongava-se demasiado, e a derrota do exército que os atenienses tinham enviado à Sicília fazia super que tivessem perdido completamente todo o domínio do mar; e que, em consequência, estariam em breve sem quaisquer recursos, Mas Alcibíades, chamado do exílio, e recolocado à frente dos negócios públicos, fez com que

toda a situação se modificasse, tornando os atenienses tão fortes no mar quanto os lacedemônios. Estes, receando pela sua sorte, puseram na direção desta guerra um ardor novo, e verificaram logo que necessitavam, mais do que em qualquer outro momento, de um maior poderio e de um comandante mais capaz. Entregaram, então, a Lisandro, o comando da esquadra{893}. Chegando a Éfeso, ele encontrou na cidade um ambiente amistoso, no que lhe dizia respeito, e verificou que a população se mostrava devotada aos interesses de Esparta. Achava-se, no entanto, numa situação lamentável, devido à sua pobreza, e em vias de adotar inteiramente os costumes bárbaros dos persas, cem quem mantinha relações constantes; com efeito, a cidade estava como que cercada pela Lídia e os capitães do rei da Pérsia nela permaneciam, em longas temporadas. Lisandro ali estabeleceu o seu acampamento, reunindo o maior número de navios de carga que pôde encontrar; mandou erguer um estaleiro para a construção de galeras, fomentou o comércio nos portos da região, os quais começaram a ser procurados pelos negociantes, e fez com que as casas particulares e as oficinas se enchessem de bens; e desde então Éfeso começou a conceber a esperança de chegar à opulência e à grandeza na qual nós a vemos hoje.

V. Informado de que Ciro, um dos filhos do grande rei da Pérsia, havia chegado à cidade de Sardes, Lisandro para ali se dirigiu, ao seu encontro, a fim de falar-lhe sobre questões relacionadas com a Grécia e queixar-se de Tissafernes, que, tendo recebido ordem para socorrer os lacedemônios e auxiliá-los a expulsar os atenienses do mar, conduziu-se com frouxid ão, e isto devido à amizade que tinha por Alcibíades; e, como fornecesse muito pouco dinheiro à esquadra, causou-lhe a ruína. Ciro, de seu lado, ouvia com prazer queixas contra Tissafernes, gostando mesmo que se falasse contra ele, e isto porque se tratava de um homem mau a quem considerava como inimigo. Assim, Lisandro agradou-lhe muito, e não somente pelas denúncias referentes a Tissafernes, como também pelo prazer que lhe proporcionava a sua conversação. Lisandro, que sabia agradar e cortejar os poderosos, cativou o jovem príncipe, e assim encorajou-o no seu desígnio de prosseguir na guerra. Nas vésperas de sua partida, Ciro ofereceu-lhe uma ceia, depois da qual lhe pediu que não recusasse os testemunhos de sua liberalidade e que lhe pedisse com franqueza tudo o que desejasse, assegurando-lhe que nada lhe seria negado. Lisandro, diante de tais palavras, deu-lhe a seguinte resposta: "Pois que vos mostrais tão generoso para comigo, peço-vos e aconselho-vos a que aumenteis de um óbolo o soldo dos marinheiros, a fim de que, no lugar de três óbolos por dia, eles recebam quatro".

VI. Ciro, encantado com este desprendimento de Lisandro, mandou-lhe entregar dez mil dáricos, os quais foram por ele utilizados para pagar aos marinheiros um óbolo a mais por dia. Esta liberalidade fez com que as galeras dos inimigos ficassem vazias em pouco- tempo, pois a maior parte dos marinheiros dava preferência às esquadras onde eram melhor pagos; e aqueles que permaneciam nos seus antigos navios, desincumbiam-se mal de suas obrigações e mostravam-se sempre dispostos a se rebelarem, mantendo assim em constante apreensão os seus comandantes. Entretanto, embora tendo privado o inimigo de grande número de homens, e enfraquecido desse modo as suas forças, não ousou empenhar-se numa batalha naval. Receava, com efeito, Alcibíades, conhecido como homem de ação, e que possuía uma esquadra mais numerosa; era, além disso, um capitão que não conhecera até então* sequer uma derreta, nem em terra e nem em mar.

VII. Entretanto, tendo Alcibíades partido de Samos para Focéia{894}, cidade que fica no continente, defronte da ilha, e tendo passado o comando da esquadra, durante a sua ausência, ao seu piloto Antíoco, este, querendo dar prova de audácia, e ao mesmo tempo insultar e zombar de Lisandro, penetrou no porto de Éfeso com apenas duas galeras; e, no meio de grande ruído e gargalhadas, passou insolentemente diante dos estaleiros onde se achavam os navios dos lacedemônios. Lisandro, indignado ante tal audácia, mandou lançar ao mar, em primeiro lugar, algumas galeras, a fim de perseguir o inimigo; mas vendo que outros capitães atenienses vinham em socorro de Antíoco, ele empenhou no combate outros navios. Aos poucos, ambos os lados foram se reforçando, até um ponto em que as duas esquadras

passaram a dispor de todas as suas forças. Lisandro saiu vitorioso da batalha, e, tendo capturado quinze galeras do adversário, transformou-as num troféu.

VIII. O povo de Atenas, irritando-se ao ter conhecimento dessa derrota, afastou Alcibíades do comando da esquadra; e, como os combatentes que se encontravam no acampamento de Samos também se pusessem a desconsiderá-lo, decidiu abandonar a ilha, seguindo para Quersoneso{895}, na Trácia. Esta batalha por si mesm o não apresentava grande importância; mas, em virtude da reputação de que gozava Alcibíades, teve a maior repercussão. Entrementes, Lisandro, depois de mandar vir das cidades da Ásia, para Éfeso, os homens que considerava como os mais corajosos e mais empreendedores, foi incutindo neles os primeiros germes das grandes transformações e inovações que introduziu depois nos governos das cidades; concitou e encorajou estes homens a formarem associações entre eles, a atraírem seus amigos e a se esforçarem para ficar com todos os negócios dessas cidades em suas mãos; prometeu-lhes que, quando ele tivesse destruído o poderio de Atenas, anularia por toda parte o domínio do povo, e cada um deles passaria a gozar em seu país de autoridade soberana. Deu-lhes, através de medidas práticas, garantias seguras de suas promessas; colocou à frente da administração aqueles que se tinham tornado seus amigos e seus hóspedes; conferiu-lhes honradas e dignidades, tornando-se mesmo, para satisfazer-lhes as ambições cúmplice de" suas injustiças e de suas faltas. Deste modo, esses homens, inteiramente devotados à sua pessoa, não pensavam em outra coisa senão em agradar-lhe na esperança de que tudo, mesmo as maiores coisas, poderiam dele obter quando tivesse o governo em suas mãos.

IX. Assim afeiçoados a Lisandro, eles não viram com bons olhos Calicrátidas, à sua chegada, quando este veio substituí-lo no comando- da esquadra; e quando verificaram, através da experiência, que era um dos homens mais justos, mais direitos e melhores do mundo, ficaram ainda mais descontentes com a sua maneira de governar, simples, correta e dórica{896}, destituída de qualquer artifício. Admiravam, sem dúvida, sua virtude, mas com esta admiração que inspira a beleza de uma estátua antiga de algum herói. Quanto a Lisandro, admiravam a afeição que ele demonstrava por seus amigos e estimavam as vantagens que tiravam de seus favores. Assim quando o viram embarcar, foram tomados de grande pesar, e não puderam conter as lágrimas. E Lisandro, de seu lado, tratou de aumentar a sua má vontade contra Calicrátidas; pois, entre outras coisas, enviou para Sardes{897} o resto do dinheiro que Ciro lhe havia dado para pagar os marinheiros. E disse a Calicrátidas que fosse ele próprio pedir o dinheiro ao rei, e, enquanto isso não fosse feito, que encontrasse um meio de pagar seus homens. Finalmente, no momento em que ia fazer-se ao mar, declarou publicamente que entregava ao seu sucessor uma esquadra que era senhora do mar. Calicrátidas, para rebater o seu vão orgulho, que não passava de uma pretensão, disse: "Se assim é, por que não tomas à esquerda, passando por Samos, para chegar a Mileto e ali me entregares tua esquadra? Pois que somos senhores do mar, não devemos recear o inimigo que está em Samos". Lisandro respondeu-lhe dizendo que o comando não mais lhe pertencia e sim ao seu sucessor; e, sem esperar pela resposta de Calicrátidas, seguiu para o Peloponeso, deixando esse almirante na maior perplexidade. Com efeito, ele não havia trazido dinheiro da Lacedemônia, e não podia forçar as cidades a pagar contribuições, pois sabia que já se achavam muito oneradas.

X. Não lhe restava outro recurso, assim, senão ir, como tinha feito Lisandro, procurar os lugar tenentes do rei da Pérsia, a fim de pedir-lhes dinheiro. Mas ninguém menos indicado do que ele para tal missão, pois possuía um espírito elevado e um grande amor à liberdade. Na sua opinião, era menos vergonhoso e menos condenável para os gregos serem derrotados e dominados por outros gregos do que irem cortejar e lisonjear bárbaros, os quais nada tinham de bom e de honesto, mas somente o mérito de possuírem muito ouro e prata. Cedendo, enfim, à necessidade, seguiu para a Lídia, dirigindo-se, logo após a sua chegada, ao palácio de Ciro. A um guarda, que viu junto à porta, pediu fosse dizer ao príncipe que Calicrátidas, almirante dos lacedemônios, desejava falar-lhe. E o guarda respondeu-lhe: "Estrangeiro, Ciro não tem tempo agora para receber-vos, pois se acha à mesa!" Calicrátidas disse-lhe, então,

simplesmente: "Está bem, esperarei aqui até que tenha terminado". Diante destas palavras, os bárbaros, tomando-o por um rústico, zombaram dele. Calicrátidas então retirou-se. Procurou Ciro uma segunda vez, e, como ainda não conseguisse falar-lhe, irritou-se e regressou, do mesmo modo como tinha vindo, à cidade de Éfeso, maldizendo e abominando aqueles que, antes dele, se tinham aviltado a ponto de se deixarem insultar por bárbaros, levando-os , assim, a se orgulharem de suas riquezas. Perante os que o acompanhavam, fez o juramento de que, ao chegar a Esparta, o seu primeiro cuidado seria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para pôr termo às divergências existentes entre os gregos, a fim de que, tornando-se temíveis para os bárbaros, não tivessem mais de ir mendigar o seu auxílio, para se destruírem uns aos outros. Mas Calicrátidas, que, pela nobreza dos sentimentos, pela coragem e retidão, tão dignas de Esparta, poderia ser comparado com justiça aos maiores homens da Grécia, foi logo depois vencido e morto num combate naval, perto das ilhas Arginusas{898}.

XI. Os aliados dos lacedemônios, enfraquecidos por esta derreta, enviaram uma embaixada a Esparta, com a missão de pedir ao Conselho que recolocasse Lisandro no comando da esquadra, prometendo combater com maior ardor sob sua direção do que sob a de qualquer outro almirante. Ciro também enviou embaixadores, fazendo idêntico pedido. A lei não permitia, no entanto, que o mesmo homem servisse duas vezes como almirante. Mas os lacedemônios, desejando satisfazer o desejo de seus aliados, conferiram a dignidade de almirante a um certo Araco, e fizeram seguir com ele Lisandro, o qual, com o simples título de tenente da Marinha, gozava de toda a autoridade. Aqueles que cuidavam do governo das cidades, pelas quais eram responsáveis, desejavam a sua vinda fazia muito tempo, e por isso viram-no chegar com alegria, na’ esperança de que aumentaria o seu poder, destruindo os governos populares. Mas aqueles que preferiam comandantes de costumes simples e atitudes generosas não viam em Lisandro, comparado com Calicrátidas, senão um homem astuto e ardiloso, que, na maior parte das ações de guerra, recorria ao ludibrio e à surpresa, somente fazendo caso da justiça quando esta favorecia os seus interesses; mas em todos os outros casos ele apenas considerava como belo e honesto aquilo que se lhe afigurava útil. Não acreditava que a verdade fosse em si mesma preferível à mentira, ou que fosse mais poderosa, medindo o valor de uma e de outra de acordo com as vantagens que delas tirava. Quando lhe diziam que os descendentes de Hércules não deviam empregar na guerra burlas ou ardis, ele replicava com um tom zombeteiro: "Todas as vezes que a pele do leão não se mostra adequada é preciso coser nela a da raposa".

XII Este aspecto do caráter de Lisandro foi evidenciado pela sua conduta em Mileto. Seus hóspedes e amigos, a quem havia prometido apoio para destruir a autoridade do povo e expulsar da cidade os seus adversários, mudaram de opinião, e, como se reconciliassem com o partido contrário, Lisandro fingiu, em público, estar muito contente, mas, em particular, cobria seus amigos de injúrias, chamava-os de covardes e concitava-os a se erguerem contra o povo. Quando viu que a sedição estava para irromper, acudiu subitamente como se desejasse apaziguar os ânimos; e, logo após entrar na cidade, dirigiu as maiores invectivas aos primeiros que encontrou daqueles que desejavam introduzir inovações no governo, tratando-os com a maior rudeza e ordenando-lhes que o acompanhassem, como se quisesse puni-los severamente; e aos do partido oposto, disse, ao contrário, que nada receassem, assegurando-lhes que nada de mal lhes aconteceria enquanto estivesse entre eles. O objetivo desta simulação’ era reter na cidade os membros mais prestigiosos do partido popular, a fim de fazer com que todos morressem depois. Foi, com efeito, o que lhes aconteceu: todos aqueles que ficaram na cidade, confiantes em sua palavra, foram degolados.

XIII. Andróclidas narrou, por escrito, frases que Lisandro costumava proferir e as quais demonstram a facilidade com que perjurava. "É preciso, dizia ele, enganar as crianças com o jogo dos ganizes, e os homens com juramentos". Queria desse modo imitar Polícrates, o tirano de Samos, mas não tinha razão, pois era um legítimo general e o outro um usurpador violento e despótico. Além disso, não era próprio de um verdadeiro lacônio comportar-se com os deuses do mesmo modo como com os inimigos, ou ainda pior e de maneira mais injuriosa; pois

aquele que engana outrem por meio de perjúrio declara que receia seu inimigo e despreza Deus.

XI V. Tendo resolvido enviar a Lisandro a Sardes, Ciro deu-lhe bastante dinheiro e prometeu-lhe ainda mais; e para demonstrar-lhe com liberalidade ainda maior o desejo que tinha de o. remunerar, disse-lhe que, se um dia o seu pai nada lhe quisesse fornecer, tiraria de seus próprios rendimentos aquilo que lhe fosse necessário; e acrescentou que se tudo lhe viesse faltar, mandaria fundir o trono no qual distribuía a justiça, e que era de ouro e de prata maciços. Finalmente, quando chegou o momento de partir para a Média, a fim de encontrar-se com seu pai, ele lhe delegou poderes para recolher os impostos e tributos das cidades e confiou-lhe o governo de suas províncias; e, abraçando-o rogou-lhe que não atacasse por mar os atenienses antes de seu regresso, assegurando-lhe que voltaria com um grande número de navios da Fenícia e da Cilícia.

XV. Lisandro, depois da partida do príncipe, vendo que não podia combater seus inimigos com a esquadra que possuía, e nem permanecer ocioso com navios tão numerosos, fez-se ao mar, ocupando algumas ilhas e pilhando duas delas, Egina e Saía-mina; desembarcou em seguida na Ática, onde foi cumprimentar o rei Ágis, dos lacedemônios. Este deixara o forte de Decélia a fim de que suas tropas pudessem ver as forças navais, as quais o tornavam senhor do mar numa medida maior do que teria ousado desejar. Lisandro, todavia, tendo sido informado de que a esquadra dos atenienses estava em sua perseguição, tomou outra direção, a fim de fugir para a Ásia através das ilhas. Encontrou toda a região do Helesponto completamente sem defesa, e cercou Lãmpsaco{899} por mar, enquanto que Tórax, ali chegado ao mesmo tempo que ele, assaltou a cidade pelo lado da terra, com suas forças. Lãmpsaco foi assim ocupada pela força e abandonada à pilhagem.

XVI. Entrementes, a esquadra dos atenienses, constituída de cento e oitenta navios, ancorara diante de eleonte{900}, no Quersoneso; mas, diante das notícias de que Lâmpsaco tinha sido ocupada, ela se dirigiu imediatamente para Sestos{901}, e, após ali reabastecer-se, subiu até Egos-Pótamos, indo postar-se diante das naus inimigas, as quais ainda se achavam ancoradas junto à cidade de Lâmpsaco. A esquadra dos atenienses tinha vários comandantes, entre os quais Fílocles, aquele que persuadira o povo de Atenas a mandar cortar o polegar direito a todos os prisioneiros de guerra, a fim de que não pudessem mais utilizar-se da lança, mas apenas puxar o remo. As duas esquadras repousaram naquele dia, na esperança de combater no dia seguinte. Mas Lisandro, que havia concebido outro plane, ordenou aos pilotos e marinheiros que se mantivessem em suas galeras como se tivessem de lutar desde as primeiras horas do dia; disse-lhes ainda que evitassem fazer qualquer ruído e que aguardassem suas ordens no mais profundo silêncio. Mandou igualmente dizer às forças de terra que se conservassem em ordem de batalha, junto à costa.

XVII. Ao nascer do sol, no dia seguinte, os atenienses fizeram avançar as suas galeras numa só linha, em ordem de batalha, provocando o inimigo. Os navios dos espartanos tinham as proas voltadas para o inimigo, e estavam, desde a véspera, com todos os tripulantes a bordo; mas Lisandro não fez qualquer movimento; ao contrário, enviou pequenos barcos em direção das galeras que se encontravam mais à frente, com a ordem a elas dirigidas de se manterem em posição de batalha, mas sem fazer qualquer ruído e nem avançar ao encontro do inimigo. À tarde, os atenienses retiram-se; mas, mesmo assim, ele somente permitiu que seus soldados desembarcassem depois que duas ou três galeras, por ele enviadas para observar a esquadra de Atenas, trouxeram-lhe a notícia de que os marinheiros inimigos haviam descido à terra. Nos três dias que se seguiram, ele fez a mesma coisa. Esta conduta, inspirou aos atenienses uma grande confiança em si mesmos, e, ao mesmo tempo, um grande desprezo pelo inimigo, pois estavam certos de que era o medo a causa de sua inação.

XVIII. Entrementes, Alcibíades, que então se encontrava no Quersoneso, nas praças fortes por ele ocupadas, dirigiu-se a cavalo ao acampamento dos atenienses, a fim de censurar os capitães do exército pelos grandes erros que haviam cometido; em primeiro lugar, porque tinham ancorado e mantido os navios diante de uma costa desprotegida, onde não havia abrigo para a esquadra no caso de alguma tormenta; a em segundo lugar, porque não deviam ter abandonado Sestos, de onde recebiam as suas provisões. Aconselhou-os a voltarem sem perda de tempo para esse porto, tendo-se em vista que a distância não era grande. Deste modo, ficariam mais longe do inimigo que, comandado agora por um único chefe, observava uma estrita disciplina, executando, a um simples sinal, todas as ordens que lhe eram dadas. Mas os capitães atenienses recusaram-se a concordar com estas observações, e um deles, Tideu, chegou mesmo a responder a Alcibíades de maneira insultuosa, dizendo-lhe que não era ele o comandante, e que havia outras pessoas encarregadas deste encargo, Alcibíades, suspeitando de alguma traição, retirou-se sem replicar.

XIX. No quinto dia, os atenienses, uma vez mais, apresentaram-se diante do inimigo; e, à tarde, depois de se terem retirado como de costume, com uma aparência de pouco caso e de desordem, Lisandro enviou na direção do adversário alguns galeotes, para observá-los. Seus comandantes seguiram com ordem de regressar rapidamente, logo que vissem os atenienses desembarcarem. Ao atingirem a metade do estreito, deviam parar para içar, na proa, na ponta de uma lança, um escudo de cobre, sinal ante o qual toda a esquadra avançaria. Ele próprio, em sua galera, pôs-se a percorrer toda a linha de navios, animando os pilotos e os capitães; e exortou-os a manterem seus barcos, bem como os soldados e marinheiros, prontos para atenderem ao primeiro sinal, a fim de avançar sobre o inimigo, com toda a sua força.

XX. Mal o escudo de cobre se elevara no ar, e da nau-capitânia ergueu-se o som de uma trombeta, dando o sinal de partida, imediatamente a esquadra começou a movimentar-se em boa ordem; e as forças de terra apressaram-se igualmente em alcançar o promontório que dominava o mar, para assistir ao desenrolar do combate. O estreito que separava as duas costas, naquele lugar, não tem mais de quinze estádios de largura, distância que foi transposta em pouco tempo, graças aos esforços dos remadores. O primeiro dos generais atenienses a avistar, de terra, a esquadra avançando a toda vela, foi Conão; e, incontinente, ordenou aos soldados que se dirigissem para os barcos. Acabrunhado ante a ameaça que pesava sobre os navios, ele pôs-se a chamar uns, e advertir outros, forçando todos os que encontravam a subir para as embarcações. Mas seus esforços e seu zelo foram vãos: os soldados em sua maioria estavam dispersos, pois, como nada esperavam de novo, logo após o desembarque, tinham se dirigido para pontos diversos, a fim de comprar víveres ou passear no campo. Entre os que haviam ficado, uns dormiam em suas tendas, outros preparavam a refeição. E todos, devido à inexperiência de seus chefes, estavam bem longe de imaginar aquilo que os ameaçava.

XXI O inimigo já se aproximava, avançando com grande ímpeto, no meio de altos gritos e grande ruído de remos, quando Conão, fugindo com oito galeras, retirou-se para a ilha de Chipre, junto de Evágoras. Entretanto, os peloponésios, investindo contra as outras galeras, apoderaram-se das que se achavam vazias, e abalroaram as que começavam a se encher de soldados. Os combatentes que acorriam para defender os navios, em grupos, e sem armas, foram mortos, e os que se puseram em fuga foram massacrados pelos adversários que, descendo do promontório, lançaram-se em sua perseguição. Lisandro fez três mil prisioneiros, entre os quais os capitães atenienses. Apoderou-se ainda de toda a esquadra inimiga, com exceção do navio— sagrado denominado Páralo e das oito galeras que se puseram a salvo, por ordem de Conão, no começo da refrega. Lisandro, depois de amarrar as galeras apresadas nas popas das suas e de pilhar o acampamento dos atenienses, voltou para Lâmpsaco, no meio de cantos de triunfo e ao som de flautas. Ele acabava de participar, sem grande esforço, de um grande feito de guerra, tendo resumido, por assim dizer, no espaço de uma hora, todo o

período de duração de uma guerra{902}, cheia dos mais diversos e estranhos acontecimentos, e que teve, sucessivamente, as formas mais variadas e apresentou as mais incríveis vicissitudes, com um número infinito de batalhas em terra e mar, e que custou a vida de maior número de generais do que todas as outras guerras de que a Grécia havia sido até então teatro, guerra essa que finalmente chegou ao seu termo graças à astúcia e à habilidade de um só homem.

XXII. Este feito foi mesmo considerado como obra dos deuses; e assegurou-se que, quando a esquadra lacedemônia saiu do porto de Lâmpsaco para investir contra o inimigo, as duas chamadas estrelas de Castor e Pólux{903} foram vistas brilhar sobre a galera de Lisandro, uma de cada lado. Outros pretendem que a queda de uma pedra prognosticou aquela derrota; pois, segundo muitos afirmam, caiu do céu, naquela época, sobre a costa de Egos-Pótamos uma grande pedra, que ainda hoje ali se vê, e da qual os moradores do Quersoneso fizeram um objeto de veneração. Diz-se ainda que o filósofo Anaxágoras tinha predito{904} que um dos corpos presos à abóbada celeste seria um dia arrancado por forte tremor e abalo, e que cairia sobre a terra. Os astros, segundo este filósofo, não ocupam hoje os espaços nos quais haviam sido colocados a princípio; como são de uma substância pesada, e da natureza da pedra, não brilham senão através da reflexão e da refração do éter; são retidos nas regiões superiores do universo pela revolução rápida do mesmo, que para ali os impeliu desde a formação do mundo, quando a violência do turbilhão que provocou a separação dos corpos frios e pesados das outras substâncias existentes, impediu-os de se destacarem dessas regiões elevadas, onde os retém ainda. Mas uma hipótese mais aceitável é a de que as chamadas estrelas cadentes não são, — e essa é a opinião- de alguns filósofos, — nem fusões, nem separações do fogo etéreo; elas se extinguem nos ares no mesmo momento em que se inflamam; não são, menos ainda, um abrasamento ou combustão do ar, que, condensado numa massa muito grande, escapasse para as regiões superiores, inflamando-se: são verdadeiros corpos celestes que, destacados do céu pelos abalos a que são submetidos, pelo enfraquecimento da revolução rápida do universo, ou por qualquer outro movimento extraordinário, caem sobre a terra, não em lugares habitados, mas com maior frequência no grande mar Oceano, motivo por que não são vistos.

XXIII. Todavia, a opinião de Anaxágoras é confirmada por Damaco, que, no seu "Tratado de Religião", conta que, antes da queda da pedra, viu-se, sem interrupção, no céu, durante setenta e cinco dias, um globo de fogo, semelhante a uma nuvem inflamada, que não se mantinha parado no mesmo lugar; mas que, flutuando de um lado para outro através de movimentos contrários e irregulares, era impelido com tanta violência, que dele se desprendiam partes inflamadas, as quais, caindo em vários lugares, lançavam clarões semelhantes aos das estrelas cadentes. Quando este grande corpo de fogo caiu nas costas do Helesponto, e depois que os moradores da região, recuperando-se de se Trata-se de fenômenos de eletricidade, observados em todos os séculos, mas que somente muito tempo depois se tornaram melhor conhecidos. Com o espanto, acorreram para examiná-lo, não encontraram nele nenhum indício, nenhum traço de fogo; não viram senão uma pedra imóvel, que, embora muito grande, parecia apenas uma pequena porção do globo de fogo visto antes. Ora, todos veem aqui que Damaco necessita de leitores indulgentes; mas se seu relato for verdadeiro, constitui uma refutação vitoriosa da opinião daqueles que pretendem ser a referida pedra uma massa de rochedo, a qual, arrancada pela violência de um vento de tempestade do cimo de uma montanha, elevada pelos ares enquanto perdurara a força do turbilhão, caíra logo que tal força diminuíra. Poder-se-a também dizer que este globo luminoso, que apareceu no céu durante vários dias, estava verdadeiramente inflamado, e, em seguida, extinguindo-se e dissipando-se na atmosfera, nela provocou uma mudança extraordinária, causando ventos impetuosos e abalos violentos, que destacaram essa pedra e a lançaram sobre a terra. Mas trata-se de um assunto próprio para ser discutido, mais amplamente, em outra espécie de tratado.

XXIV, Entrementes, tendo sido condenados pelo conselho de guerra{905} os três mil atenienses aprisionados, Lisandro mandou chamar Fílocles, um dos generais, e perguntou-lhe de que

pena ele se considerava merecedor por haver aconselhado aos seus concidadãos, em Atenas, a adoção de um decreto cruel contra os prisioneiro{906}. Fílocles, que não se deixava abater nem mesmo diante das maiores calamidades, respondeu-lhe: "Não acuseis aqueles que não contam com juízes; e, pois que os deuses vos fizeram vencedor, fazei de nós aquilo que teríamos feito de vós, se vos tivéssemos vencido". Logo após pronunciar estas palavras foi banhar-se e vestiu em seguida rico manto, como se tivesse de ir a alguma festa, e dirigiu-se ao local da matança, mostrando o caminho aos seus concidadãos, segundo a narrativa de Teofrasto.

XXV, Após a execução, Lisandro percorreu com sua esquadra as cidades marítimas, e obrigou todos os atenienses que nelas encontrou a se retirarem para Atenas, dizendo-lhes que não perdoaria a nenhum daqueles a quem surpreendesse fora da cidade, os quais seriam degolados. O seu objetivo, ao encerrá-los todos em Atenas, era esfomear a população mais depressa; assim, não contando com provisões para suportar um longo sítio, os atenienses se renderiam. Em todas as cidades por onde passava, destruía a democracia ou qualquer outra forma de governo do povo, e nelas deixava um capitão' ou governador lacedemônio, com um conselho de dez oficiais, escolhidos entre aqueles que anteriormente haviam mantido ligação ou amizade com ele. Submetia a este tratamento tanto as cidades que sempre haviam sido aliadas dos lacedemônios quanto as que eram suas inimigas. E navegando ao longo das costas, lentamente, sem nunca se apressar, foi estabelecendo como que um principado, um domínio sobre toda a Grécia; pois não era nem a nobreza nem a fortuna que o orientavam na escolha dos magistrados; ele reservava todos os cargos e honra-rias aos que pertenciam àquelas associações por ele estabelecidas, dando-lhes inteira liberdade para punir ou recompensar. Assistia com frequência ao suplício dos proscritos, expulsava os inimigos daqueles que lhe eram devotados, e proporcionava aos gregos um antegosto pouco agradável do que seria um governo lacedemônio.

XXVI. Este o motivo por que o poeta cômico Teopompo{907} parece gracejar quando, comparando os lacedemônios aos taverneiros, diz que, após terem feito os gregos saborear o doce licor da liberdade nele misturaram vinagre. Ao contrário, desde o começo, a sensação que proporcionaram aos gregos com o seu modo de governar foi a de amargor e azedume; pois Lisandro não deixou em nenhuma cidade o povo no governo, confiando sempre a autoridade nas mãos de um pequeno número, escolhidos entre os mais violentos e audaciosos, e sediciosos, que houvessem em cada cidade. Depois de terminar, em pouco tempo, estas modificações, enviou mensageiros à Lacedemônia para anunciar que para ali se dirigiria com duzentos navios. Nas costas da Ática, onde desembarcou, encontrou-se com os reis de Esparta, Ágis e Pausânias, na esperança de se tornar logo senhor de Atenas. Mas a resistência dos atenienses obrigou-o a dirigir-se, uma vez mais, para a Ásia, onde acabou de modificar a forma de governo de todas as cidades, estabelecendo conselhos de dez arcontes e condenando a morte ou ao exílio grande número de cidadãos. Expulsou os sâmios{908} de sua pátria, entregando Samos àqueles que haviam sido banidos. Apoderou-se de Sestos, que ainda se achava em poder dos atenienses, e, depois de obrigar todos os moradores a sair, deu a cidade e seu território aos pilotos e galeotes{909}, que haviam estado na guerra sob seu comando. Este foi o primeiro dos atos de Lisandro que os lacedemônios desaprovaram: eles restituíram aos sestíacos sua cidade e suas terras.

XXVII. Estes atos de Lisandro desagradaram muito aos gregos, mas houve outros que lhes causaram grande prazer, entre os quais a restituição aos eginenses de suas casas e de suas terras, das quais haviam sido expulsos fazia muito tempo. A mesma coisa fez em relação aos habitantes de Sicião e Meios, os quais recuperaram suas propriedades após a expulsão dos atenienses daquelas cidades.

XXVIII. Entrementes, Lisandro, informado de que os atenienses estavam lutando com uma

seria escassez de víveres, rumou para o porto de Pireu, e forçou Atenas a render-se, impondo-lhe suas condições. A dar crédito aos lacedemônios, ele escreveu aos éforos de Esparta apenas estas palavras: "Atenas foi ocupada". E os éforos lhe responderam: "Basta que ela seja ocupada". Mas trata-se de uma invenção para tornar a narrativa mais bela. Na realidade, o ato de capitulação enviado pelos éforos estava redigido nestes termos: "Eis o que ordenam os magistrados da Lacedemônia: demolireis as fortificações de Pireu e as longas muralhas que unem o porto a cidade; evacuareis todas as cidades que conquistastes, e permanecereis dentro dos limites do vosso território. Mediante estas condições, tereis a paz; pagareis igualmente aquilo que for julgado conveniente; e chamareis os banidos. Quanto ao número de navios, devereis conformar-vos com o que for resolvido". Os atenienses, seguindo o conselho de Terâmenes, filho de Agnão, aceitaram os artigos deste fatal decreto; e como um jovem orador ateniense, chamado Cleômenes, lhe perguntasse publicamente se ele ousaria dizer e fazer o contrário do que havia feito Temístocles, entregando aos lacedemônios as muralhas que o mesmo Temístocles havia construído, não obstante a oposição do adversário, ele respondeu incontinente: "Jovem, nada faço que seja contrário ao que foi feito por Temístocles. Pois foi tendo em vista a salvação dos atenienses que ele construiu outrora estas muralhas; assim, é igualmente tendo em vista a salvação dos cidadãos que agora vamos demoli-las. Se forem as muralhas que tornam as cidades felizes, Esparta, que não as possui, deve ser a mais infeliz de todas as cidades",

XXIX. Lisandro recebeu todos os navios dos atenienses, com exceção de doze, e tomou posse da cidade no dia dezesseis de março{910}, dia no qual os atenienses tinham alcançado sobre os bárbaros a vitória de Salamina, contra o rei da Pérsia. Logo após a sua entrada na cidade ele propôs que se mudasse a forma de governo; como os atenienses a isso se opusessem vivamente, Lisandro mandou dizer-lhes que não tinham obedecido aos artigos do tratado assinado, pois que haviam decorrido os dez dias do prazo dado, e as muralhas da cidade ainda estavam de pé; diante disso resolvera reunir o conselho a fim de ditar-lhes outras condições, pois que as do primeiro tratado tinham sido violadas. Afirma-se que foi proposta no conselho dos aliados a escravização de todos os atenienses, e que um tebano, chamado Erianto, aconselhou que se arrasasse a cidade e que se transformasse todo o país em pastagens para os rebanhos. Esta reunião foi seguida de um festim, com a presença de todos os generais tendo um musicista fócio cantado estes versos do primeiro coro da tragédia electra, do poeta Eurípides, que assim começa{911}:

Filha de Agamenon, princesa infeliz,

Ao vosso palácio, outrora celebrado,

Chego, para em ruínas encontrá-lo,

Estas palavras comoveram os convivas, e todos exclamaram que seria horrível destruir uma cidade tão famosa, e que havia produzido tão grandes homens e tão nobres espíritos.

XXX. Tendo os atenienses se submetido inteiramente, Lisandro mandou reunir na cidade um grande número de tocadoras de flauta, as quais se juntaram às que já se encontravam em seu acampamento, e, ao som da música, mandou arrasar as muralhas e incendiar os navios, na presença dos aliados e confederados da Lacedemônia, os quais, coroados de flores e considerando esse dia como a aurora da verdadeira liberdade, entregaram-se às maiores demonstrações de alegria. Logo depois ele modificou a forma de governo de Atenas, estabelecendo um conselho de trinta arcontes na cidade e de dez no Pireu, conselhos estes que gozavam de toda a autoridade; colocou uma guarnição na cidadela, sob o comando de um nobre espartano chamado Calíbio{912}. Este comandante ergueu um dia o seu bastão sobre Autólico, homem robusto e disposto à luta, sobre o qual Xenofonte compôs o seu Convívio{913},

Este ergueu então Calíbio pelas duas coxas, rapidamente, e, atirou-o no chão, de costas. Lisandro não somente não o puniu como censurou Calíbio, dizendo-lhe que ele devia lembrar-se de que tinham de comandar homens livres e não escravos. Todavia, alguns dias depois, os Trinta, para agradar a Calíbio, mandaram matar Autólico.

XXXI. Depois de haver assim agido em Atenas, Lisandro partiu para a Trácia{914}; e o que lhe restou do ouro e da prata de que se apoderara na cidade, dos presentes que recebera, das coroas que lhe haviam mandado, as quais deviam ser numerosas pois que eram enviadas ao homem mais poderoso e, de certo Pausànias chama-o de Eteônico, e conta esta história de maneira um pouco diferente do, ao senhor da Grécia, ele remeteu para Esparta, por intermédio de Gilipo, que havia comandado os siracusanos na Sicilia, Gilipo, ao que se conta, descosturou todos os sacos, pela parte debaixo, tirou de cada um uma boa soma, e em seguida os recoseu; ele não sabia que havia em cada saco uma lista com a relação de todas as peças de ouro e de prata que continha. Após chegar a Esparta, ocultou sob o teto de sua casa o dinheiro, que tinha roubado, e entregou os sacos aos éforos, mostrando-lhes que os selos colocados na parte superior dos mesmos por Lisandro estavam intactos. Os éforos, após abrir os sacos e contar o dinheiro, verificaram que as somas não coincidiam com as listas. Não sabiam o que pensar, até que um escravo de Gilipo lhes revelou, com palavras dissimuladas, o roubo; disse-lhes, com efeito, que havia sob o telhado da casa de seu senhor um grande número de corujas, e isto porque a maior parte das moedas de ouro e prata cunhadas na Grécia tinha nelas, gravada, uma coruja, ave venerada pelos atenienses.

XXXII. Gilipo foi banido da Lacedemônia, após ter deslustrado, com uma ação tão vil e indigna, todos os seus belos e grandes feitos de armas anteriores. Entretanto, os mais sensatos cidadãos de Esparta, impressionados com esse exemplo, e temendo o poder do dinheiro, tão forte que corrompera um de seus cidadãos mais conceituados, censuraram abertamente Lisandro, e declararam aos éforos que deviam fazer sair de Lacedemônia todo o dinheiro que para ali tinha sido enviado, como se tratasse de uma peste, perigo que se tornava maior pelo fato de revestir-se de formas sedutoras. A questão foi submetida à deliberação do conselho; e, segundo o historiador Teopompo, foi um cidadão chamado Cirafidas quem propôs o decreto. Segundo Éforo, a iniciativa foi de Flogidas, que foi o primeiro a opinar no conselho, dizendo que não se devia receber na cidade de Esparta nenhuma moeda de ouro ou de prata, e que apenas a do país devia "ser usada. Tratava-se de uma moeda de ferro, que se fazia primeiramente avermelhar no fogo, e que era em seguida temperada no vinagre, a fim de que, tornando-se áspera e quebradiça, não pudesse ser forjada nem utilizada para outros fins. Era, aliás, tão pesada que não podia ser transportada facilmente;’ e, por isso, quando o seu volume era muito grande, o valor diminuía. E, antigamente, ao que me parece, as moedas de uso corrente eram somente dessa espécie, ou seja, pequenos bastões de ferro e em alguns lugares de cobre; daí o fato de existirem até hoje pequenas peças que têm o nome de óbolo, seis das quais fazem uma dracma, assim chamada porque era tudo o que a mão podia conter. Os amigos de Lisandro opuseram-se ao decreto, e tanto insistiram que, de acordo com uma decisão do conselho, o dinheiro ficou em Esparta, com a condição de ser apenas utilizado nos negócios públicos. Todos os particulares que fossem encontrados com tal dinheiro em seu poder seriam punidos com a morte, co mo se Licurgo, quando elaborou suas leis, tivesse receado o ouro e a prata e não a avareza que deles resulta. Para prevenir esta paixão não adiantava muito proibir aos particulares a posse destas moedas de ouro e prata, pois que, autorizando-se a cidade a usá-las, contribuía-se para torná-las mais cobiçadas. Seria possível, com efeito, que os particulares as desprezassem como inúteis, quando eram publicamente estimadas? E cada espartano poderia, em seus próprios negócios, deixar de atribuir valer àquilo que aos seus olhos era tão procurado para os negócios públicos? Assim, devemos admitir que são os bons ou maus costumes na conduta dos negócios públicos que influenciam os costumes dos particulares; e que os erros e os vícios destes não contribuem tanto, assim, para a depravação das cidades e a má conduta da coisa pública. É natural que um todo viciado leve facilmente suas partes à corrupção; enquanto que, ao contrário, as afecções de uma única parte podem receber auxílio e remédio das outras partes sãs e inteiras. Os éforos, e verdade, para evitar que o dinheiro amoedado’ fosse ter às mãos dos cidadãos, colocaram como sentinelas, junto às residências deles, o temor e a lei; mas não puderam fechar o espírito dos espartanos aos desejos e paixões provocadas pelo

dinheiro; ao contrário, fizeram nascer em todos eles o desejo de enriquecer, coisa que consideravam digna e respeitável. Aliás, já censuramos, em outro lugar, os lacedemônios pela sua conduta{915}.

XXXIII Lisandro, com o produto da presa de guerra, mandou fazer a sua estátua em bronze, bem como as de todos os comandantes das galeras; estas estátuas foram colocadas no templo de Delfos, juntamente com duas estrelas de ouro, que representavam Castor e Pólux, e que desapareceram pouco tempo antes da batalha de Leuctres, não se sabendo qual o seu destino. No tesouro de Brásidas e dos acântios havia também uma galera feita de ouro e de marfim, com dois côvados de comprimento, que Ciro havia enviado a Lisandro depois de sua vitória sobre os atenienses. Anaxandridas{916}, historiador natural da cidade de Delfos, conta que Lisandro tinha depositado, no templo, um talento de prata, cinquenta e duas minas e onze peças de ouro, denominadas estáteres. Mas essa afirmação não está de acordo com o que dizem os outros historiadores sobre a sua pobreza.

XXXIV. Lisandro tinha então maior autoridade e poderio do que qualquer outro grego antes dele; deixou-se, contudo, dominar por uma vaidade e orgulho que ultr apassavam os seus méritos. Como escreve o historiador Duris{917}, foi o primeiro dos gregos a quem as cidades ergueram altares e ofereceram sacrifícios como a um deus; foi ainda o primeiro a ter a honra de ser objeto de hinos em seu louvor, um dos quais, de que há ainda hoje memória, começava assim:

Da Grécia, país dos deuses amado,

Celebremos, o incomparável herói,

Que à vitória os gregos conduziu,

Cantemos, exaltemos seus feitos!

Os sâmios ordenaram, através de um decreto público, que as festas de Juno passassem a ser denominadas festas de Lisandro, ou Lisândria. Ele próprio se fazia acompanhar do poeta Quérilo, a fim de que ele, com o encanto de sua poesia, tornasse mais bela a narrativa de suas ações. Tendo outro poeta, Antíloco, composto alguns versos em seu louvor, ele ficou tão enlevado, que lhe deu o seu chapéu cheio de dinheiro. Dois outros, Antímaco, de Colofão, e Nicerato, de Heracléia, fizeram, cada um, um poema, em sua honra, disputando diante dele o prêmio. Lisandro conferiu a coroa da vitória a Nicerato, e Antímaco ficou tão despeitado que destruiu seu poema. Platão, então muito jovem, admirava o talento poético de Antímaco; e vendo como o afetara o malogro, disse-lhe, para consolá-lo, que a ignorância é para o espírito aquilo que a cegueira é para os olhos. Finalmente, o excelente tocador de lira Aristonous, que saíra vencedor seis vezes nos jogos pítios, querendo obter as boas graças de Lisandro, prometeu-lhe que, caso saísse vencedor uma vez mais, far-se-ia proclamar seu escravo.

XXXV. A ambição de Lisandro a princípio era temível e odiosa apenas para os principais cidadãos e as personagens de sua categoria; mas quando a essa paixão ele acrescentou a arrogância e a crueldade, fruto das lisonjas daqueles que o cercavam, a maneira como passou a recompensar os amigos ou a punir os inimigos não teve mais medida ou limites. O governo despótico nas cidades, um poder absoluto de vida e de morte, foram para seus amigos e hóspedes o prêmio da ligação que haviam contraído com ele. E não conheceu mais senão uma maneira de saciar sua sede de vingança, a morte daqueles a que visava, e não havia nenhum

meio de a ela escapar. Em Mileto, receando que os chefes do partido popular fugissem, e querendo obrigar aqueles que se tinham escondido a sair de seus esconderijos, jurou que não lhes faria qualquer mal; mas apenas apareceram, confiando em sua palavra, ele os entregou aos nobres, seus adversários, os quais os mandaram matar, não obstante não serem menos de oitocentos. Nas outras cidades, a mesma coisa aconteceu, e não se poderia contar o número de pessoas do povo que mandou assassinar; pois não contente de sacrificá-los ao seu ressentimento pessoal, satisfazia também o ódio, as aversões e a cobiça dos amigos que tinha em cada localidade. Etéocles, o lacedemônio, teve assim razão em dizer que a Grécia não teria podido suportar dois Lisandros. Segundo Teofrasto, a mesma coisa já tinha sido dita a respeito de Alcibíades por Arquestrato. Mas o que chocava mais em Alcibíades era uma grande insolência, muito luxo e vaidade, que desagradavam aos homens; mas em Lisandro a excessiva dureza de seu caráter e a severidade de seus costumes tornavam o seu poderio cruel e insuportável.

XXXVI. Os lacedemônios, todavia, não deram grande importância às queixas que se faziam contra ele; mas quando Farnabazo enviou embaixadores a Esparta para acusar Lisandro pelas injustiças e injúrias de que era vítima, pois que as províncias de seu governo eram pilhadas e devastadas, os éforos, indignados, prenderam Tórax, um de seus amigos e companheiro no comando; e, verificando que ele tinha ouro e prata em sua residência particular, não obstante o decreto proibindo tal coisa, condenaram-no a morte, e enviaram a Lisandro aquilo que chamavam a citai, o que equivalia a dizer-lhe que devia voltar logo após tê-la recebido. Devo dizer o que é uma citai: quando um general parte para uma expedição, terrestre ou marítima, os éforos tomam dois bastões redondos, de um comprimento e tamanho tão perfeitamente iguais que, quando justapostos, não deixam entre eles nenhum vão. Ficam com um destes bastões e dão o outro ao general. Estes bastões são por eles chamados citais. Quando têm algum segredo importante a comunicar ao general, tomam uma folha de pergaminho, longa e estreita como uma correia, e a enrolam em torno da citai que conservaram em seu poder, sem nela deixar o menor intervalo, de modo que a superfície do bastão fica inteiramente coberta. Escrevem então o que desejam nesta folha assim enrolada, e, isto feito, desenrolam-na e a enviam sem o bastão, ao general. Este, ao recebê-la, nada consegue ler, porque as palavras, todas elas separadas e esparsas, não formam qualquer sentido. Toma então a cita i em seu poder, e enrola em torno dela a folha de pergaminho, cujas voltas, coincidindo, recolocam as palavras na ordem que haviam sido escritas, apresentando assim todo o texto. Este pequeno rolo de pergaminho chama-se também citai, do mesmo modo como o bastão de madeira, como aquilo que é medido toma é nome da coisa que lhe serve de medida.

XXXVII. Lisandro, que se achava então no Helesponto, ficou surpreso e perturbado ao receber a mensagem; receava sobretudo as acusações de Farnabazo, e, na esperança de apaziguá-lo, apressou-se em ir ao seu encontro. Quando com ele se avistou, pediu-lhe que. escrevesse aos éforos outra carta, dizendo o contrário do que fora dito na primeira, isto é, que não havia sido vítima de nenhuma injustiça e que nenhuma queixa tinha a fazer. Mas não sabia que, ele próprio cretense, tinha que se haver com outro cretense, como diz o provérbio. Farnabazo tudo prometeu, escrevendo na presença de Lisandro a carta, tal como este desejava; mas, secretamente, preparara outra, que dizia o inverso; e como as duas cartas eram perfeitamente semelhantes, ele substituiu a que escrevera por último pela que preparara antes, e, após fechá-la, confiou-lha. Lisandro, ao chegar a Esparta, dirigiu-se, de acordo com o costume, ao edifício onde tinha sua sede o Senado, e entregou a carta de Farnabazo, certo de que esta o livrava das principais e mais perigosas acusações que se lhe poderiam fazer. Farnabazo era muito estimado pelos senhores lacedemônios, porque de todos os generais do rei da Pérsia, fora ele que, durante a guerra os socorrera com maior solicitude.

XXXVIII. Os éforos, depois de lerem a carta, mostraram-lha, e ele verificou então a verdade do provérbio que diz:

Ulisses, entre os gregos, não era o único astuto.

Ele retirou-se confuso e perturbado. Todavia, alguns dias depois, voltou à sede do conselho à procura dos éforos, e disse-lhes que não podia deixar de ir ao templo de Júpiter Amon, a fim de ali fazer os sacrifícios que tinha prometido ao deus antes das batalhas de que saíra vitorioso. Com efeito, afirma-se que, quando assediou a cidade de Afites, na Trácia, o deus Amon apareceu-lhe em sonho; e ele, interpretando esta aparição como uma ordem de Júpiter, levantou o cerco da cidade, e disse aos afítios que fizessem sacrifícios àquele deus. Por sua vez, ele desejaria dirigir-se à Líbia, a fim de cumprir as promessas que havia feito. Mas acredita-se, geralmente, que o deus não era senão um pretexto, e que o verdadeiro motivo dessa viagem era o temor que tinha dos éforos, a necessidade que sentia em ausentar-se. Além disso, não podia suportar o jugo a que era submetido quando se encontrava em Esparta e nem tolerava ficar sob as ordens de outrem; e daí o seu desejo de viajar, de errar de um lado para outro. Podia ser comparado a um corcel que, acostumado a pular em liberdade em amplas pastagens, não mais conseguia habituar-se à sua estrebaria, nem aos seus antigos trabalhos. Éforo, entretanto, apresenta para esta viagem uma outra causa, que narrarei daqui a pouco.

XXXIX. Conseguindo, finalmente, uma licença, e não sem pena, ele fez-se ao mar. No entanto, durante a sua ausência, os reis da Lacedemônia, após se darem conta de que Lisandro se tornara como um senhor absoluto de toda a Grécia, pois que todas as cidades a ele prestavam obediência através da autoridade dos amigos que tinha em cada uma delas, decidiram entregar o govern o dessas cidades ao povo, afastando os que nelas desfrutavam de um poder soberano. As repercussões que esta decisão provocou proporcionaram aos banidos de Atenas uma oportunidade para atacar os Trinta tiranos, após se apoderarem do castelo de Fila, e derrotá-los. Lisandro, cientificado do que acontecia, voltou apressadamente a Esparta, onde persuadiu os lacedemônios a sustentarem o governo dos nobres e punirem a rebelião do povo. Decidiram, então, enviar, primeiramente, cem talentos aos Trinta tiranos, para continuarem a guerra, e nomearam Lisandro para o posto de comandante. Mas os reis, que o invejavam, receando que ocupasse Atenas pela segunda vez, resolveram que um deles se encarregaria dessa missão. Pausânias partiu, então, aparentemente para sustentar os tiranos contra o povo, mas, na realidade, para terminar a guerra e impedir que Lisandro, apoiado pelos seus seguidores, se tornasse mais uma vez senhor de Atenas. Pausânias não encontrou dificuldades em. sua missão. Após reconciliar os atenienses, pôs termo à sedição e às divergências, e reprimiu a ambição de Lisandro. Mas pouco tempo depois, os atenienses se sublevaram de novo contra os lacedemônios; e Pausânias foi acusado de haver deixado as rédeas soltas, como se dizia, à licenciosidade e à audácia do povo, que antes era contido pela autoridade do governo da minoria. De Lisandro, ao contrário, diziam que, no exercício da autoridade, não satisfazia apetites nem recorria a ostentação, e que tinha em vista apenas os interesses da pátria.

XL. É verdade que ele revelava orgulho em suas palavras e mostrava-se terrível diante dos que lhe opunham resistência. Certa ocasião, como os argivos estivessem disputando com os espartanos por motivo de suas fronteiras, ele lhes disse, apontando a espada: "Aquele que é mais forte com esta, raciocina melhor do que qualquer outra pessoa sobre, questão de limites". De outra feita, um habitante de Mégara, durante uma reunião do conselho, pôs-se a falar-lhe com muita liberdade e audácia. "Meu amigo, disse-lhe ele, tuas palavras necessitariam de uma cidade", Com estas palavras quis dizer que ele era filho de uma cidade muito fraca. E aos beócios, que hesitavam em declarar-se amigos ou inimigos da Lacedemônia, mandou perguntar como queriam que ele passasse pelo seu país: se com as lanças erguidas ou abaixadas. Quando os coríntios abandonaram a sua aliança com Esparta, fez suas tropas chegarem até às muralhas deles; e como os soldados hesitassem em dar início ao assalto, discutindo os prós e contras, ele lhes disse, no momento em que viu uma lebre sair dos fossos da cidade: "Não vos envergonhais de temer inimigos medrosos e preguiçosos a ponto de as lebres dormirem junto às suas muralhas?"

XLI. Entrementes, o rei Ágis morreu, deixando Agesilau, seu irmão, e Leotíquides, que era considerado seu filho. Lisandro, que estimava muito Agesilau, desde a sua juventude, aconselhou-o a reivindicar o trono, como único representante legítimo da raça dos heráclidas. Com efeito, suspeitavam-se de que Leotíquides era filho de Alcibíades, o qual, quando de sua estada em Esparta, após ter sido banido de Atenas, mantivera relações com Timéia, mulher de Ágis. O próprio rei, tendo em vista o tempo que estivera ausente, concluíra que não fora o causador da gravidez de sua esposa, e não demonstrara muito interesse por Leotíquides, e não ocultara, até o fim da vida, que não o reconhecia como filho. No entanto, ao contrair a enfermidade de que morreu, ele se fez transportar para Heréia; e como estivesse à morte, instado de um lado pelo jovem, e, do outro, pelas súplicas dos amigos, declarou, na presença de várias testemunhas, q ue reconhecia Leotíquides como filho, morrendo após ter pedido aos presentes que comunicassem a sua declaração aos lacedemônios. Assim, depuseram todos em favor de Leotíquides, Mas Agesiíau, que tinha a seu favor altas qualidades, e, o que era ainda mais importante, o apoio de Lisandro, já levava vantagem sobre ele, quando Diópites, homem tido como muito versado no conhecimento das antigas profecias, veio prejudicar grandemente a sua pretensão, ao anunciar um oráculo por ele aplicado ao irmão do rei, que era manco:

Toma cautela, nação espartana,

Para que, agora, que estás no apogeu,

Uma realeza manca não venha

As tuas vitórias comprometer.

Tu, que és valente e audaciosa,

Deves evitar a má fortuna,

E os males de uma guerra demorada,

Que a vida de todos extermina.

XLII A maior parte dos espartanos, diante desse oráculo, inclinou-se para o lado de Leotíquides. Mas Lisandro demonstrou-lhes que Diópites não apreendera o verdadeiro sentido do oráculo, afirmando que o deus não se opunha a que um coxo ocupasse o trono da Lacedemônia; e que dera somente a entender que a realeza ficaria como manca, se bastardos, se pessoas indignas da raça de Hércules viessem a reinar sobre os heráclidas. Esta interpretação, apoiada pela autoridade, e pelo crédito de que gozava Lisandro, fez com que todos mudassem de opinião, e Agesilau foi declarado rei da Lacedemônia. Lisandro procurou logo convencê-lo de que deveria levar a guerra à Ásia, fazendo-o conceber a esperança de que destruiria o império dos persas e de que ofuscaria a glória de todos os guerreiros que haviam existido antes dele. Ao mesmo tempo, escreveu aos seus amigos da Ásia, dizendo-lhes que pedissem, em Esparta, a nomeação de Agesilau para comandar a guerra contra os bárbaros. E eles o fizeram, sem perda de tempo, enviando embaixadores a Esparta. A honra que Lisandro proporcionava desse modo a Agesilau igualava quase a decorrente da realeza. Mas os homens por natureza ambiciosos, embora perfeitamente aptos para o comando, encontram no ciúme que lhes inspira, contra seus semelhantes, o amor da glória, um grande obstáculo às belas ações que poderiam praticar; eles não veem senão rivais naqueles que os auxiliariam a percorrer com honra a carreira da virtude.

XLIII Agesilau, tendo sido escolhido para dirigir tal. empresa, levou Lisandro consigo; e dos trinta espartanos que formavam seu conselho, era ele a quem pretendia consultar com mais

frequência em todas as questões, pois o considerava como o primeiro de seus amigos. Quando chegaram à Ásia, os moradores do país, que não tinham ainda familiaridade com Agesilau, viam-no raramente e falavam pouco com ele. Mas conhecendo Lisandro havia muito tempo, todos o procuravam e o acompanhavam, por toda parte, uns como amigos, outros por o temerem e não confiarem nele. Não é raro ver-se, nos teatros, quando se representam tragédias, que o ator que faz o papel de mensageiro ou de escravo é aplaudido e considerado como a principal personagem, enquanto aquele que ostenta o diadema e segura o cetro é apenas ouvido. O mesmo acontecia em relação a Agesilau e Lisandro: a este, que não era senão um simples conselheiro, era atribuída toda a dignidade do comando, não se deixando ao rei senão um título sem nenhum poder. Era preciso, sem dúvida, reprimir esta ambição excessiva e deixar a Lisandro o segundo papel, com o qual devia contentar-se; mas rejeitar e mesmo maltratar, por ciúme e sede de glória, um benfeitor e amigo, é o que Agesilau jamais deveria ter feito. Em primeiro lugar, ele não lhe proporcionou nenhuma ocasião para assinalar-se e nem o encarregou de nenhum comando; em segundo lugar, todos aqueles por quem Lisandro demonstrava interesse eram por ele mandados para suas casas sem nada obter do que desejavam, depois de serem tratados como se fossem pessoas da mais ínfima condição. Assim agindo, foi destruindo pouco a pouco toda a autoridade de seu rival.

XLIV. Quando Lisandro viu que seus pedidos eram sempre recusados e que seu interesse pelos amigos se tornava para eles prejudicial, cessou completamente de interceder em seu favor junto a Agesilau. e pediu-lhes que não mais o procurassem, que não mais permanecessem ligados à sua pessoa, dizendo-lhes que se dirigissem diretamente ao rei e que procurassem a proteção daqueles que pudessem ser-lhes mais úteis. Aceitando seu conselho, deixaram todos de procurá-lo para tratar de negócios, mas não de homenageá-lo; assim é que insistiam em acompanhá-lo em seus passeios e aos lugares onde se faziam exercícios. Esta conduta fez com que Agesilau se irritasse ainda mais, tal a inveja que tinha pela sua glória; e sua animosidade chegou a tal ponto que, depois de confiar a simples soldados comandos de grande importância e o governo de cidades, ele nomeou Lisandro para o cargo de comissário dos víveres e distribuidor de carnes. E um dia, para zombar dos jônios, disse: "Que eles prestem homenagem ao meu distribuidor de víveres". Lisandro, finalmente, julgou que devia falar com ele, e sua conversa foi breve, à moda dos lacônios. "Agesilau, disse-lhe, sabes muito bem rebaixar’ teus amigos". "Sim, respondeu-lhe o rei, quando eles desejam tornar-se maiores do que eu; mas, ao contrário, àqueles que se esforçam para aumentar o meu poderio, eu sei, como é de justiça, dar-lhes a sua parte". Talvez, replicou Lisandro, disseram-te mais do que na realidade fiz. Entretanto, não fosse por motivo dos estrangeiros que têm seus olhos voltados para nós, peço-te que me dês, no teu exército, um posto onde eu possa ser-te menos odioso e mais útil".

XLV, Depois desta conversação, Agesilau enviou Lisandro para o Helesponto, a fim de ali exercer o comando; ele ali conservou o seu ressentimento, mas executou com exatidão todos os seus deveres. Espitridates, lugar-tenente do rei da Pérsia, naquela província, era um oficial cheio de coragem, que tinha sob suas ordens um corpo de tropas considerável. Lisandro, informado de que ele era inimigo de Farnabazo, levou-o a rebelar-se contra seu rei, e levou-o com seu exército a Agesilau. Foi tudo o que Lisandro fez nesta guerra; pouco tempo depois regressou a Esparta, sem grandes honradas, sempre irritado e indignado contra Agesilau, odiando mais do que nunca o governo, e resolvido, enfim, a executar sem demora o plano que havia concebido fazia já muito tempo e que visava a uma reforma do Estado. A maior parte dos heráclidas, que depois de se mesclarem com os dórios entraram no Peloponeso, estabeleceu-se em Esparta, onde seus descendentes prosperaram. Mas eles não gozavam de todos os direitos de sucessão à coroa, pois apenas duas casas ali reinavam: a dos Euritiônides e a dos Ágides. As outras casas, ainda que saídas do mesmo tronco, não tinham, no governo, nenhuma vantagem sobre os simples particulares; pois as honras que se adquirem pela virtude eram igualmente oferecidas a todos aqueles que se mostrassem dignos de as alcançar.

XLVI. Lisandro, que também era da raça dos heráclidas, logo que adquiriu pelos seus feitos

uma reputação! brilhante, bem como um número considerável de amigos e um inegável poderio, não pôde ver sem amargor o fato de uma cidade, cuja glória tanto contribuíra para aumentar, fosse governada por reis que não valiam mais do que ele. Pensou, então, em tirar a coroa das duas casas reinantes para torná-la acessível a todos os descendentes da raça de Hércules. Outros dizem, no entanto, que ele não queria estender o direito à coroa somente aos heráclidas, mas a todos os espartanos, a fim de que ela pudesse passar, não apenas aos descendentes de Hércules, mas a qualquer pessoa que a este se assemelhasse pela virtude, a qual o elevara, tão somente pelo seu mérito, à categoria dos deuses. Esperava que, quando a coroa ficasse subordinada à virtude, entre todos os espartanos seria ele o escolhido. Quis, primeiramente, fazer com que os espartanos aceitassem seu projeto, e com esse fim decorou um discurso escrito por Cleão de Halicarnasso.

XLVII. Mas, depois, considerando que uma reforma tão ousada exigia meios extraordinários, ele imitou os poetas trágicos, os quais, a fim de comover os cidadãos, recorrem a máquinas para fazer descer algum deus dos céus. Inventou, para convencer seus concidadãos, oráculos e profecias, persuadido de que é eloquência de Cleão de nada lhe serviria, se, em primeiro lugar, não impressionasse os espíritos por meio de superstições e do temor aos deuses; em seguida, poderia convencer toda gente cem o discurso que deveria pronunciar.

XLVIII. Éforo conta que Li sandro tentou primeiramente corromper com dinheiro a sacerdotisa que anunciava os oráculos no templo de Apoio na cidade de Delfos, e depois a do templo de Dodona, a quem mandou sondar por intermédio de um c erto Féreclo. Rejeitadas suas propostas por uma e outra, dirigiu-se pessoalmente ao templo de Júpiter Amon, e ofereceu grande quantidade de dinheiro aos sacerdotes, os quais, indignados ante sua audácia, enviaram embaixadores a Esparta, para acusá-lo de tentativa de corrupção. Lisandro foi absolvido pelo Conselho, e seus acusadores, que eram líbios, ao partir, disseram aos espartanos: "Julgaremos com mais justiça do que vós, quando vierdes, um dia, estabelecer-vos na Líbia". É que havia um antigo oráculo segundo o qual, os lacedemônios iriam habitar aquele país.

XLIX. Mas é preferível fazer agora uma exposição completa sobre toda esta intriga e narrar a habilidade com que Lisandro se houve numa ficção, na qual, longe de empregar os meios comuns e os recursos vulgares, procedeu como numa demonstração geométrica, em que se começa estabelecendo várias proposições importantes para chegar, através de raciocínios difíceis e muitas vezes obscuros, ao último termo da conclusão, Eis a trama tal como a descreve Éforo, tão hábil historiador quanto filósofo. Havia no Ponto uma mulher que pretendia estar grávida de Apoio. Muita gente se recusou, e com razão, a dar crédito a tal afirmativa; mas outras pessoas, e em grande número, acreditaram no que ela dizia. Quando deu à luz a criança, personalidades das mais importantes disputaram a honra de criá-la e educá-la, Esta criança, não sei por que razão, recebeu o nome de Sileno. Lisandro, aproveitou-se desse acontecimento para montar o primeiro ato de sua peça, e urdiu ele próprio todo o resto da intriga. Contou para o prólogo desta farsa com o concurso de várias personagens, as quais se referiam ao nascimento da criança com um ar tão natural que ninguém podia suspeitar da intenção com que espalhavam a notícia, Essas pessoas espalharam igualmente certas informações procedentes, segundo se dizia, de Delfos, de acordo com as quais os sacerdotes do templo conservavam com cuidado livros secretos, nos quais havia oráculos muito antigos. A ninguém, e nem a eles próprios, era permitido ler ou tocar nesses livros; no entanto, um filho de Apoio, o qual deveria aparecer após uma longa sequência de séculos, daria a esses sacerdotes, depositários dos livros sagrados, sinais certos de seu nascimento. Reconhecido como filho de Apoio, poderia levar os livros e ler as antigas revelações e profecias neles contidas.

L. As coisas assim preparadas, Sileno deveria ir a Delfos, onde, como filho de Apoio, pediria os

livros aos sacerdotes, os quais, instruídos por Lisandro, simulariam ter tudo examinado cuidadosamente, e ter se informado de maneira escrupulosa acerca do nascimento de Sileno. Finalmente, certos de que se tratava realmente do filho de Apoio, eles lhe mostrariam os livros, leriam publicamente as predições que continham, sobretudo aquela que era o objetivo desta farsa, e relativa à realeza na Lacedemônia: era muito mais vantajoso para os espartanos escolherem eles próprios os seus reis, dentre os cidadãos mais virtuosos. Sileno, adolescente, já havia chegado à Grécia para desempenhar o seu papel, quando Lisandro assistiu ao malogro de sua peça devido à timidez de um dos atores, que, cedendo ao seu grande medo, abandonou-o no momento da execução. Toda esta intriga permaneceu em segredo durante toda a vida de Lisandro, e somente foi revelada após sua morte, Ele morreu antes do regresso de Agesilau da Ásia, e quando se empenhava na guerra da Beócia, ou melhor, depois de nela haver lançado a Grécia. Com efeito, as coisas são contadas de duas maneiras: uns acusam Lisandro, outros os tebancs. Há ainda quem acuse as duas partes. Aqueles que responsabilizam os tebanos censuram-lhes o fato de haverem derrubado, em Áulida, os altares nos quais Agesilau oferecia sacrifícios públicos: acrescentam que Andróclides e Anfiteu, corrompidos pelo dinheiro do rei da Pérsia, tomaram as armas contra os fóctos e devastaram o seu país, com o fito de envolver os lacedemônios em guerras no interior da Grécia.

LI. Os que responsabilizam Lisandro dizem que ele estava muito irritado contra os tebanos, os quais, os únicos entre todos os aliados, haviam pedido a décima parte da presa de guerra tomada aos atenienses: além disso, estavam descontentes pelo fato de Lisandro ter mandado dinheiro a Esparta. Mas Lisandro se irritara contra eles principalmente porque foram os primeiros a fornecer aos atenienses os meios para recuperarem a sua liberdade e quebrarem o jugo dos Trinta Tiranos, que Lisandro havia colocada como governadores em Atenas, e que os próprios lacedemônios tinham tornado ainda mais poderosos e temíveis ao decretarem que os banidos que haviam fugido de Atenas poderiam ser presos onde fossem encontrados, e levados para a sua cidade; e todos os que a isso criassem obstáculos seriam considerados inimigos de Esparta. Os tebanos responderam a esse decreto com outro, mais de acordo com a conduta de Hércules e de Baco, seus antepassados. Dizia o decreto que todas as cidades e todas as casas da Beócia seriam abertas aos atenienses que a elas se dirigissem a fim de solicitar asilo; que todo tebano que não auxiliasse um banido de Atenas contra aquele que pretendesse detê-lo pela força, pagaria um talento de multa. Dizia ainda o decreto que, se qualquer pessoa passasse pela Beócia para levar armas a Atenas, destinadas à luta contra os tiranos, todos os tebanos deveriam fingir nada ver ou ouvir. Não contentes em elaborar decretos cheios de tanta humanidade e tão dignos da Grécia, ele os reforçavam através de sua ação; pois foi de Tebas que partiram Trasíbulo e os outros banidos, para irem apoderar-se de Fila; e foram os tebanos que lhes forneceram armas e dinheiro, bem como todos os meios para darem início à sua ação sem que fossem descobertos.

LII. Estes os motivos que levaram Lisandro a voltar-se contra os tebanos, Como era de caráter muito violento, e, além disso, como a sua melancolia aumentasse cada dia em consequência da velhice, tornando-o mais irritadiço, ele tudo fez para que os é foros partilhassem de seu ressentimento, e persuadiu-os a mandarem uma guarnição à Fócida; ele próprio foi encarregado dessa expedição, e partiu à frente das tropas. Poucos dias depois, foi também para ali enviado, de Esparta, o rei Pausânias, com o resto do exército. Mas este príncipe era obrigado a dar uma grande volta pelo Monte Citerão, para entrar na Beócia, enquanto que Lisandro, com o seu numeroso corpo de tropas, deveria ir ao seu encontro através da Fócida. Em "sua marcha, ocupou Orçomene, que se rendeu voluntariamente; apoderou-se igualmente de Lebadia, cidade que pilhou. Dali escreveu ao rei Pausânias, dizendo-lhe que, ao partir de Platéia, tomasse o caminho que conduzia a Haliarto, assegurando-lhe que ele próprio estaria no dia seguinte, ao alvorecer, junto às muralhas da cidade.

LIII. O correio portador desta carta foi aprisionado por batedores inimigos, que o levaram a Tebas. Os tebanos, cientificados do que se passava, confiaram aos atenienses que tinham ido socorrê-los a guarda da cidade; e, iniciando a sua marcha à meia-noite, caminharam

rapidamente chegando de manhã a Haliarto, um pouco antes de Lisandro, Uma parte de suas tropas entrou na cidade, Lisandro decidira inicialmente acampar numa elevação existente nas proximidades, e ali esperar a chegada de Pausânias; mas ve ndo que ele não chegava e que as horas passavam, não conseguiu mais permanecer inativo. E, depois de ordenar aos espartanos que tomassem suas armas e de animar os aliados, pôs-se em marcha, com suas tropas em ordem de batalha, ao longo do caminho que ia ter à cidade. Entrementes, os tebanos que tinham ficado fora da cidade, deixando-a à esquerda, caíram sobre a retaguarda do exército de Lisandro, perto da fonte denominada Cissusa {918}, na qual, segundo as fábulas dos poetas, as nutrizes de Baco o levaram logo após o seu nascimento. A água desta fonte, embora muito clara e agradável de se beber, tem uma cor de vinho. Não longe desse lugar, crescem as canas de Creta, com as quais se fazem dardos. Os moradores de Haliarto julgam por isso ter Radamanto habitado outrora essa região: chegam mesmo a mostrar a sua sepultura, a que deram o nome de Halea. Vê-se também, perto, o túmulo de Alcmena, que, depois da morte de Anfitrião, casou-se com Radamanto, sendo ali inumada.

LIV. Os tebanos que se achavam na cidade juntamente com os haliárcios permaneceram imóveis, prontos para a batalha, até o momento em que viram Lisandro, com suas primeiras tropas; aproximar-se das muralhas. Abriram então, subitamente, as portas, e atiraram-se sobre ele, matando-o juntamente com o seu adivinho e alguns outros inimigos, não muitos, pois o grosso das forças se retirou logo no início da batalha. Entretanto, os tebanos não lhes deram trégua, perseguindo-as com tanto ardor e de tão perto que as obrigaram a fugir através das montanhas, após terem matado três mil adversários. Do lado dos tebanos houve trezentos mortos, pois perseguiram os fugitivos com ardor demasiado em lugares escarpados e difíceis. Eram, em sua quase totalidade, aqueles que em Tebas eram suspeitos de serem ocultamente favoráveis ao partido dos lacedemônios, e que, para afastar tal suspeito e recuperar a confiança de seus concidadãos, não se pouparam na perseguição ao inimigo perdendo assim a vida.

LV. Pausânias achava-se no caminho que vai de Platéia a Téspias quando soube da derrota. Cem suas forças em ordem de batalha, ele se pôs a caminho de fialiarto, aonde chegou ao mesmo tempo que Trasíbulo, que para ali se dirigira com seus atenienses, após deixar Tebas. E como Pausânias manifestasse o desejo de pedir uma trégua ao inimigo a fira de retirar os mortos e inumá-los, os mais idosos dos espartanos que se encontravam no seu exército ficaram indignados ante tal sugestão, e foram, murmurando, procurar o rei para dizer-lhe que seria uma desonra para Esparta pretender retirar o corpo de Lisandro mediante uma autorização do inimigo; acrescentaram que era preciso combater, com as armas nas mãos, em torno de seus despojos, para enterrá-los após a vitória; e, caso fossem vencidos, ser-lhes-ia mais honroso permanecer estendidos no campo de batalha, perto do seu general, do que obter uma trégua para retirar seu corpo. Entretanto-, apesar de todas as alegações dos anciãos, Pausânias, vendo que era tarefa muito difícil derrotar os tebanos em batalha, após uma vitória tão recente, e considerando que, tendo Lisandro tombado perto de Haliarto, não poderia ser seu corpo retirado sem grandes dificuldades, mesmo que o inimigo fosse derrotado, resolveu enviar um mensageiro aos tebanos, os quais lhe concederam uma trégua de alguns dias. Retirou-se, então, com suas forças, levando o corpo de Lisandro, que foi inumado pelos espartanos, depois de haverem transposto as montanhas da Beócia, na região dos panopeus, amigos e aliados de Esparta. Ali se vê ainda hoje a sua sepultura, junto ao caminho que vai a cidade de Delfos à de Queronéia. Conta-se que, no acampamento de Pausânias, um fócio, descrevendo a batalha para um compatriota que nela não participara, disse que o inimigo atacara logo depois de Lisandro ter atravessado o Oplite. Como este homem parecesse surpreendido, um espartano, amigo de Lisa ndro, perguntou-lhe o que era esse Oplite a que se referiam, coisa de que nunca ouvira falar. "É, respondeu o fócio, o lugar onde o inimigo derrotou os nossos batalhões mais avançados; o Oplite é o riacho que banha as muralhas de Haliarto". Ao ouvir estas palavras, o espartano pôs-se a chorar sentidamente, e disse: "Oh! não é possível aos homens fugirem ao seu destino!" E isto porque Lisandro tivera outrora um oráculo concebido nestes termos:

Aconselho-te, Lisandro, evitar

Do rio Oplite as águas traiçoeiras,

E também o dragão, da terra filho,

Que, pelas costas, pretende ataear-te.

LVI. Entretanto, há quem afirme que este riacho de Oplite não é o que passa ao longo das muralhas de Haliarto, mas a torrente que corre perto de Coronéia, e vai desaguar no rio Fliaro, perto da cidade. Segundo se diz, chamava-se antigamente Hoplia," mas agora é denominado ísomanto. Lisandro foi morto por um soldado de Haliarto chamado Neocoro, que trazia pintado no seu escudo a figura de um dragão; era a esse dragão, ao que se conjectura, que se referia o oráculo. Conta-se também que os tebanos, pouco tempo depois da guerra do Peloponeso, receberam, no Templo de Apoio Ismênio, uma resposta do oráculo, que lhes predisse ao mesmo tempo a batalha de Délio e o combate de Haliarto, que se travou trinta anos depois. É o seguinte o teor deste oráculo:

Tu, que aqui vens perseguir lobos cruéis,

Evita, com cuidado, as fronteiras extremas,

E a cor na Orcálida, onde a raposa

Permanece sempre, para surpreender sua presa.

Com as palavras fronteiras extremas o oráculo se refere ao território existente em volta de Délio, e é nele que a Beócia se limita com a Ática; e a colina Orcálida é a que hoje se chama Alopeca, e se acha situada no lado em que a cidade de Haliarto dá para O monte Helicão. A morte de Lisandro afligiu de tal modo os espartanos que intentaram contra Pausa-laias um processo por crime capital; mas ele não quis aguardar o julgamento e fugiu para a cidade de Tégea, onde se colocou, como suplicante, sob a proteção de Minerva, ali passando o rest o de seus dias. A pobreza de Lisandro, reconhecida após sua morte, deu um maior lustre à sua virtude. Depois de haver passado pelas suas mãos somas tão importantes; depois de ter desfrutado de um tão grande poderio- e de tantas cidades lhe terem prestado homenagem e a ele se submetido; depois de haver, enfim, exercido sobre a Grécia: uma espécie de soberania, ele não aumentara um óbolo sequer a fortuna de sua casa. Esse é o testemunho de Teopompo, que merece maior crédito quando elogia do que quando censura, pois encontra maior prazer em maldizer do que em louvar.

LVII. Algum tempo depois da morte de Lisandro, segundo conta Éforo, uma disputa entre os espartanos e seus aliados levou-os a consultarem os papéis que ele havia deixado, em sua casa; Agesilau para ali se dirigiu, e encontrou, entre outros documentos, o discurso que Cleão havia escrito para persuadir os espartanos a modificarem a forma de seu governo e mostrar-lhes as vantagens de se tirar dos Euritiônldes e dos Ágides, as duas casas reinante… o direito exclusivo ao trono, e a estendê-lo a todos; assim, os reis deveriam ser escolhidos entre os cidadãos mais virtuosos de Esparta. Agesilau quis mostrar imediatamente este discurso ao povo, para que os espartanos o ficassem conhecendo melhor; mas Lacrátídas, homem sábio e prudente, que era então presidente dos éforos, conteve-o, dizendo-lhe que, em vez de tirar Lisandro do túmulo, o melhor era enterrar com ele tamb ém o seu discurso, o qual, escrito com muita arte e finura, era capaz de convencer. Entretanto, grandes honras lhe foram prestadas após sua morte. Dois cidadãos, de quem suas duas filhas se tinham tornado noivas, e que não haviam querido desposá-las após a morte do pai, quando se tornou conhecida a sua pobreza, foram condenados a pagar uma forte multa; pois que, tendo procurado ligar-se à

família de Lisandro enquanto ele vivia, certos de que era rico', não mais o quiseram quando a sua pobreza, comprovação de suas virtudes, foi revelada. Havia em Esparta penalidades tanto contra aqueles que não queriam casar-se, ou que se casavam muito tarde, como contra os que se casavam mal. E esta última pena recaía principalmente sobre os cidadãos que, em vez de se casarem no interior de suas famílias ou com pessoas virtuosas, procuravam unir-se às casas ricas. Eis o que tínhamos a dizer da vida de Lisandro.

Sila

SUMÁRIO DA VIDA DE SILA

I. Família e fortuna de Sila. II. Sua inclinação pelos ditos espirituosos e pelos bons pratos. III. Boco entrega-lhe Jugurta. IV. Diversas ações de Sila, quando sob as ordens de Mário. V. Origem do ódio entre Mário e Sila. VI. Sila é nomeado pretor. VII. É enviado à Capadócia na qualidade de legado. VIII. Predição de sua futura grandeza. IX. Novos motivos de inimizade entre Mário e Sila. X. Êxito deste na Guerra dos Aliados. XI. Sila atribui todos os seus êxitos à sorte. XII. Acontecimento que lhe augura a autoridade soberana. XIII. Irregularidade de seu caráter e de sua conduta. XIV. É nomeado cônsul. Seus casamentos. XV. Começo da guerra civil. XVI. Presságios. XVII. Retrato de Sulpício. XVIII. Ele faz com que se dê a Mário o comando, na guerra contra Mitrídates. XIX. Pretores ultrajados pelos soldados de Sila. XX. Presságios que levam à Sila a seguir para Roma. XXI. Embaixadores enviados a Sila pelo Senado. XXII. Ele entra na cidade. Mário foge. XXIII. Sila põe sua cabeça a prêmio. XXIV. Parte para a guerra contra Mitrídates. XXV. Situação dos negócios de Mitrídates. XXVI. Cerco de Atenas. XXVII. Sila manda retirar as riquezas do templo de Delfos. XXVIII. Comparação entre os antigos generais de Roma com os do tempo de Sila. XXX. Retrato do tirano Aristião. XXXI. Ocupação e saque de Atenas. XXXII. Sila faz cessar a carnificina, ante os rogos de Mídias e de Calífonte. XXXIII. O tirano Aristião entrega-se. XXXIV. Sila passa pela Beócia. XXXV. Desprezo demonstrado pelo inimigo ante o número reduzido de suas tropas. XXXVI. Sila apodera-se de uma posição v antajosa. Salva a cidade de Queronéia. XXXVII. Presságios que lhe anunciam êxitos. XXXVIII. Desaloja o inimigo da montanha de Túrio e alcança completa vitória. XLIII. Exibe os troféus e manda celebrar jogos. XLIV. Dorilau, general de Mitrídates, ataca-o na Tessália. XLV. Descrição do rio Mélane. XLVI. Nova vitória alcançada por Sila. XLVII. Entrevista de Sila com Arquelau. XLVIII. Sila faz as pazes com Arquelau. XLIX. Os embaixadores de Mitrídates recusam as condições ditadas por Sila. L. Encontro de Sila e Mitrídates. LI. A paz é ratificada entre eles. LII. Sila arruina a Ásia Menor. LIII. Apropria-se em Atenas das obras de Aristóteles e de Teofrasto. LIV. É atacado de gota. LV. Sátiro encontrado junto de Apolônio. LVI. Presságios favoráveis a Sila. Derrota o cônsul Norbano. LVII. Um escravo prediz-lhe êxito na guerra. LVIII. Lúculo, capitão de Sila, derrota um exército muito superior ao seu, em número. LIX. Sila trava batalha com o jovem Mário. LX. Alcança a vitória. LXI. Telesino ameaça ocupar Roma. LXII. Sila ataca-o. LXIII. Reúne o Senado e manda degolar seis mi l homens. LXIV. Reflexões sobre a modificação verificada nos costumes de Sila quando se tornou senhor da situação. LXV. Horríveis proscrições ordenadas por Sila. LXVII. Manda matar doze mil homens em Preneste. LXVIII. Proclama-se ditador. LXIX. Renuncia à ditadura. LXX. Prediz a Pompeu a guerra que teve logo depois contra Lépido. LXXI. Dedica o dízimo de seus bens a Hércules. LXXII. Casa-se com Valéria. LXXIII. É atacado pela doença pedicular. LXXIV. Exemplos de enfermidades semelhantes. LXXV. Sua morte. LXXVI. Seus funerais.

Do ano 616 até o ano 676 de Roma; 78 A. C.

I. Lúcio Cornélio Sila pertencia a uma família de patrícios, que em Roma constituem a nobreza. Um de seus antepassados, chamado Rufino, chegou ao consulado{919}, mas tornou-se mais conhecido pela infâmia que o marcou do que pelo posto a que foi elevado. Com efeito, foram encontradas em sua casa mais de dez libras de baixela de prata, o que era naquele tempo proibido terminantemente pela lei: e devido a esta contravenção, foi destituído do cargo de senador e proibido de entrar no Senado. Depois desta ignomínia, seus descendentes viveram sempre na obscuridade; e o próprio Sila recebeu de seu pai haveres bem modestos. Durante a sua juventude morou em casa alheia, pagando aluguel módico; e isto deu motivo a que fosse censurado mais tarde, quando chegou a uma opulência que, segundo se dizia, não merecera. Um dia, de volta d a guerra da África, ele começou a vangloriar-se desmedidamente, o que levou uma personagem de grande reputação a dizer-lhe: "E como poderíeis ser um homem de bem se, nada tendo recebido de vosso pai, hoje possuis um fortuna imensa?" Embora não houvesse mais, entre os romanos, aquela antiga severidade de conduta e a pureza de costumes de seus antepassados, e o fato de terem eles, em seu declínio, aberto o coração ao amor do luxo e da suntuosidade, consideravam merecedores de igual censura tanto os que não conservavam a pobreza de seus pais quanto aqu eles que dissipavam a riqueza que haviam recebido. Quando, tendo concentrado em suas mãos grandes poderes, fazia perecer tanta gente, um filho de liberto, que, suspeito de haver dado asilo a um prescrito, ia ser, somente por isso, atirado da rocha Tarpéia, relembrou-lhe que ambos tinham morado durante muito tempo na mesma casa, da qual ele alugara a parte mais alta por dois mil sestércios, e Sila a de baixo por três mil, mostrando-lhe assim que a diferença de sua fortuna não era senão de mil sestércios, ou seja, duzentas e cinquenta dracmas.

II. O que ficou dito acima é o que existe de escrito em relação à primeira condição de Sila, com referência a bens. Quanto ao seu corpo e à sua fisionomia, pode-se fazer um julgamento pelas estátuas que restam dele: seus olhos eram brilhantes e ardentes; e a cor de seu rosto tornava seu olhar ainda mais terrível, Era vermelho escuro, com manchas brancas, e dizem que seu nome veio de sua cor.

Um pândego de Atenas compôs, sobre o seu rosto, este verso satírico:

Uma amor a salpicada de farinha, eis Sila.

Não constitui uma impertinência recorrer a tais traços{920} para retratar um homem como Sila. Ele era, ao que se diz, de um caráter tão libertino que, quando ainda muito jovem, e pouco conhecido, passava os dias em companhia de bufões e farsantes, bebendo e comendo, numa vida dissoluta. Mais tarde, depois de haver usurpado a autoridade, ele mandava vir do teatro, à sua casa, cômicos e histriões escolhidos entre os mais impudentes, e passava noites inteiras a beber, na sua companhia, por fiando todos para ver quem dizia as melhores pilhérias; desse modo, desonrava a sua idade e a dignidade de seu cargo e, ao mesmo tempo, sacrificava assuntos mais merecedores de seu cuidado. Uma vez à mesa, não se podia mais falar-lhe de questões sérias; e, embora em outros lugares se mostrasse sempre ativo, grave e severo, tornava-se um homem completamente diferente quando se punha em tal companhia, para beber e comer. Passava então a viver na mais íntima familiaridade com estes comediantes, farsistas e dançarinos, que dele conseguiam tudo o que queriam.

III. Foi sem dúvida destas companhias corruptas que lhe adveio a sua inclinação para a libertinagem, bem como sua propensão para os vícios e os amores criminosos, que não abandonaram nem mesmo na velhice. Amou, desde a juventude, o comediante Metróbio, e conservou durante toda a vida essa paixão infame. Apaixonou-se também por uma cortesã muito rica chamada Nicópolis, a quem o hábito de vê-lo e a atração que sobre ela exerciam a sua juventude e beleza, inspiraram um grande amor, de modo que, ao morrer, deixou-o como herdeiro. Recebeu também uma herança de sua madrasta, que o estimava como se fosse seu próprio filho. Estas duas sucessões proporcionaram-lhe uma grande riqueza. Foi mais tarde nomeado questor de Mário, em seu primeiro consulado, acompanhando-o à África, a fim de participar da guerra contra Jugurta. Logo após chegar ao acampamento, demonstrou ser homem de grande coragem; e, tendo sabido aproveitar-se de uma circunstância favorável, conquistou a amizade de Boco, rei dos númidas. Acolhera e tratara com bondade embaixadores daquele príncipe que haviam conseguido escapar das mãos de bandidos númidas, e, depois de oferecer-lhes presentes, deu-lhes uma boa escolta, para protegê-los, no regresso a suas casas. O rei Boco odiava e temia seu genro Jugurta, o qual, após ter sido vencido pelos romanos, refugiou-se junto dele. Decidido a traí-lo, mandou chamar Sila, secretamente, pois preferia que seu genro fosse preso e entregue aos romanos pelo questor, e não por suas próprias mãos Sila, depois de comunicar o que ocorria a Mário{921}, e de reunir um pequeno número de soldados, para acompanhá-lo, foi expor-se a um grande perigo, confiando sua. pessoa a um bárbaro, que não era leal nem para com seus mais próximos aliados, a fim de apoderar-se de outro bárbaro.

Quando Boco viu um e outro ao alcance de suas mãos, e quando se viu forçado a trair um dos dois, hesitou durante muito tempo entre as duas resoluções opostas; finalmente, decidiu-se pela traição que havia planejado, primeiramente, e entregou Jugurta às mãos de Sila.

IV. Na realidade, foi Mário quem conduziu este príncipe em triunfo, mas a inveja de que era objeto o cônsul fez com que se atribuísse a Sila toda a glória do aprisionamento de Jugurta. Mário ficou profundamente irritado, e para isso concorreu a conduta de Sila. Natu ralmente orgulhoso, e começando a adquirir consideração após ter vivido obscuramente entre seus concidadãos, Sila foi seduzido per este primeiro lampejo de glória. Tornou-se ambicioso, e, num excesso de vaidade, mandou gravar aquela cena num anel que trazia sempre consigo e que lhe servia de sinete. Na gravação via-se o rei Boco ao entregar Jugurta e Sila recebendo-o. Estas coisas desgostaram muito Mário, mas acreditando que Sila não era ainda uma personagem suficientemente importante para justificar os seus ciúmes, continuou a servisse dele na guerra. No segundo consulado, escolheu-o para seu lugar-tenente; e, no terceiro, colocou sob suas ordens mil infantes. Em todos os seus cargos, Sila alcançou grandes êxitos . Quando lugar-tenente de Mário, aprisionou um general dos gauleses tectósagos, e quando comandava os infantes agiu de tal maneira junto à grande e poderosa nação dos marsos, que os persuadiu a se tornarem amigos e aliados dos romanos. Entretanto, tendo percebido que Mário continuava secretamente seu inimigo, e que não lhe confiava missões de importância e nem lhe proporcionava ocasiões para se assinalar, prejudicando, ao contrário, sua carreira, ele se colocou do lado de Catulo, que era companheiro de Mário no consulado.

V. Catulo era um homem de bem, mas não muito inclinado às ati vidades bélicas, motivo por que confiava a Sila todas as principais obrigações de seu cargo, permitindo-lhe, assim, aumentar não somente seu poderio como sua reputação. Submeteu a maior parte dos bárbaros que habitavam os Alpes; e como o exército romano estivesse necessitando de víveres, Sila, encarregado por Catulo de obtê-los, fez com que chegassem em tal abundância que os soldados de Catulo, dispondo de quantidade maior do que a necessidade, forneceram-nos ao exército de Mário. Este, segundo escreveu o próprio Sila, aborreceu-se muito. Começou assim, tendo em sua origem causas frívolas e pueris, o ódio entre ambos; mas, alimentado em seguida pelas sedições e cimentado pelo sangue das guerras civis, resultou finalmente na tirania e na derrocada total da República. Este exemplo demonstra a sabedoria e o profundo conhecimento que tinha dos males políticos o poeta Eurípides, ao recomendar{922} aos governantes que evitassem sobretudo a ambição, por ele considerada como uma peste funesta e fatal àqueles que se dedicam aos negócios públicos.

VI. Sila, acreditando que a reputação por ele adquirida através dos feitos de armas era suficiente para abrir-lhe o caminho às honras civis na cidade de Roma, logo que regressou da guerra procurou sondar as tendências do povo, e inscreveu-se entre os candidatos à pretura. O seu nome, contudo, foi recusado, na votação popular, e ele atribuiu a causa do malogro à populaça, dizendo que esta última classe dos cidadãos conhecia suas ligações de amizade com o rei Boco, motivo pelo qual esperava que, sendo nomeado edil antes de chegar à pretura, ele promoveria espetáculos atraentes, com grandes e magníficas caçadas e combates de feras da África, e assim escolheu outros pretores, na esperança de que ele pleitearia a edilidade. Mas parece que Sila ocultou a verdadeira causa desta recusa, e os próprios fatos o provam; pois no ano seguinte, tendo conquistado os favores do povo, em parte por cortejá-lo, em parte por dinheiro, foi nomeado pretor. Quando já no exercício da pretura, um dia, ele disse, encolerizado, a César: "Usarei contra vós os direitos de meu cargo". "Tendes razão, respondeu-lhe César, rindo, em dizer vosso cargo; ele vos pertence realmente, pois que o comprastes".

VIL Expirado o período de sua pretura, Sila foi enviado para a Capadócia. O pretexto aparente. desta expedição era recolocar Ariobarzane no governo de seus Estados, mas o seu verdadeiro objetivo era reprimir as audaciosas empresas de Mitrídates que se intrometia em tudo, e que estava empenhado em dobrar a superfície de seu império. Sila não levou tropas muito numerosas da Itália, mas foi auxiliado com muito zelo e dedicação pelos aliados dos romanos naquela região, e pôde assim desbaratar grande número de capadócios, e um corpo ainda mais numeroso de armênios que tinham acorrido em seu socorro. Expulsou em seguida Górdio do trono da Capadócia e nele recolocou Ariobarzane. Depois deste feito, quando se achava às margens do Eufrates, recebeu em seu acampamento um parta chamado Orobazo, embaixador do rei Ârsaces, da Pártia.

VIII. Ora, as duas nações até então não tinham mantido qualquer espécie de relações, e considerou-se como uma indicação da grande sorte de Sila o fato de os partas terem enviado embaixadores a ele, pela primeira vez, com o propósito de obter a aliança e a amizade dos romanos. Conta-se que para a recepção do embaixador, mandou preparar três cadeiras, uma para. Ariobarzane, outra para Orobazo, e a terceira, no centro, para ele, e nela sentou-se para a audiência. O rei dos partas mandou depois matar Orobazo, por ter consentido que se aviltasse desse modo a sua dignidade. Sila foi louvado por algumas pessoas por ter tratado os bárbaros com tal altivez; outras o censuraram, dizendo que sua atitude não passara de uma arrogância insultante e de uma ambição despropositada. Conta-se que um adivinho calcídico, que participara da recepção como membro da comitiva de Orobazo, após observar atentamente Sila, e examinar demoradamente todos os movimentos de seu corpo, todas as expressões de sua fisionomia e de seu pensamento, aplicou as regras de sua arte ao que pudera apreender de seu caráter, e disse que esse homem chegaria necessariamente ao mais alto grau de poderio e grandeza. Manifestou ainda sua surpresa pelo fato de Sila conformar-se em não ser desde então o primeiro do mundo.

IX. Após regressar a Roma, Censorino acusou-o de peculato, por ter se apoderado e trazido de um reino amigo e aliado dos romanos uma grande soma em dinheiro, infringindo, assim, as leis; mas desistiu de sua acusação e a questão não foi levada à justiça. Entrementes a inimizade entre Mário e Sila foi reavivada por uma nova manifestação da ambição do rei Beco, o qual, para se insinuar cada vez mais nas boas graças do povo romano e para agradar a Sila, ofereceu e dedicou ao templo de Júpiter Capitolino vitórias de ouro acompanhadas de troféus e de uma estátua, também de ouro, de Jugurta, que Beco entregara às mãos de Sila. Mário ficou tão irritado que quis mandar retirar pela força essas imagens do templo. Mas os amigos de Sila tomaram partido em seu favor; e esta pendência teria provocado a mais violenta sedição que Roma jamais conhecera, se a guerra dos aliados da Itália, havia muito tempo em estado latente, deflagrando repentinamente, não tivesse vindo, por algum tempo, apaziguar

os ânimos,

X. Nesta nova guerra, uma das mais importantes que os romanos tiveram de sustentar, seja pela diversidade dos acontecimentos, seja pela série de males que suportaram e pelos perigos a que se expuseram, Mário nada pôde fazer de notável, e demonstrou, com o seu exemplo, que a virtude militar, para se assinalar, necessita da força e do vigor do corpo. Sila, ao contrário realizou memoráveis proezas, adquirindo a reputação de grande general entre seu:; concidadãos; na opinião dos amigos, era o maior cabo de guerra de seu tempo, e os inimigos o consideravam como o mais afortunado dos generais. Mas não procedeu como Timóteo, o ateniense, filho de Conão, que, tendo os inimigos atribuído todos os seus êxitos à fortuna, e representado esta deusa num quadro, colhendo as cidades para ele com uma rede, enquanto dormia, irritou-se contra os autores desse quadro, que, dizia, o privava de toda a glória alcançada com seus feitos. Um dia, de regresso de uma expedição, na qual havia sido bem sucedido-, depois de haver prestado contas ao povo e exposto tudo o que fizera em sua ausência, disse: "Atenienses, a fortuna não teve nenhuma participação em tudo o que vos narrei". Os deuses ficaram tão indignados com esta estulta ambição de Timóteo, que, para puni-lo, não permitiram que nada mais fizesse de notável; e, como não conseguisse sair-se bem de nenhum empreendimento, passou a ser odiado pelo povo, sendo banido de Atenas.

XI. Sila, ao contrário, não- somente ouvia com paciência aqueles que elogiavam sua felicidade e os favores recebidos da fortuna, como atribuía ele próprio todas as suas belas ações a essa deusa, pretendendo assim divinizá-las de certo modo, não se sabendo se o fazia por vaidade ou se porque acreditasse realmente que os deuses o guiavam em todas as suas empresas. Escreveu mesmo, em seus Comentários, que de suas ações, todas muito bem preparadas e meditadas, as executadas ao acaso, de acordo com as circunstâncias e contrariando os planos traçados, eram sempre as que apresentavam melhores resultados. Ao acrescentar que nascera mais para a fortuna do que para a guerra, parece que reconhecia dever seus êxitos mais à fortuna do que ao seu valor; ele desejava, enfim, depender em tudo da fortuna, e considerava mesmo como um dos favores particulares da divindade a união constante em que viveu com Metelo, que exerceu as mesmas funções do que ele, e que foi depois seu sogro, Era um homem tão digno quanto ele, e, assim, no lugar das dificuldades que receava ter de enfrentar, ao seu lado teve um colaborador atencioso e moderado{923}.

XII. Além disso, nos seus Comentários, dedicados a Lúcuío, aconselha a este a considerar como absolutamente certo tudo aquilo que os deuses lhe revelassem ou recomendassem em sonho, durante a noite. Conta que, quando foi enviado, juntamente com o exército romano, à guerra dos Aliados, a terra abriu-se subitamente perto de Laverne{924}, e da grande fenda que se formou saiu um fogo enorme, elevando-se no ar uma chama brilhante; os adivinhos, explicando este prodígio, declararam que um bravo homem, de uma admirável beleza, após chegar à mais alta autoridade, livraria Roma das desordens e perturbações de que era teatro. Acrescentou que esse homem era ele próprio. Sila, pois que possuía traços de notável beleza e seus cabelos eram loiros como o ouro; além disso-, podia considerar-se homem valoroso após os grandes e belos feitos que lhe haviam dado renome. Mas já falamos bastante sobre a confiança que ele tinha na divindade.

XIII. Sila era, aliás, muito desigual em toda a sua conduta, e cheio de contradições. Às vezes, num lugar, tirava muito para si, e, em outro dava ainda mais; cumulava certas pessoas de honrarias despropositadas e insultava outras sem motivo; cortejava servilmente aqueles de quem necessitava, e tratava duramente os que dele precisavam. Assim era o seu caráter, de modo que não se sabia se era naturalmente arrogante e altivo, ou, então, um vil bajulador. A sua conduta era igualmente desigual nas vinganças e punições daqueles que o haviam ofendido. Condenava aos mais cruéis suplícios os responsáveis por faltas as mais ligeiras, e suportava com calma as maiores injustiças; perdoava facilmente ofensas que pareciam

irremediáveis e punia os menores erros com a morte a confiscação dos bens. Estas contradições poderiam ser explicadas dizendo-se que, cruel e vingativo por natureza, ele ocultava, com a razão, o seu ressentimento, quando o interesse o exigia. Na guerra dos Aliados, soldados por ele comandados mataram a pedradas e a bastonadas, um de seus lugar-tenentes, chamado Albino, homem de reputação, que tinha sido pretor{925}. Deixou que um crime tão grave passasse em silêncio e não puniu os culpados; ao contrário, procurou dele tirar vantagem, dizendo que seus soldados se "mostrariam ainda mais obedientes e ardososos no decorrer da guerra, a fim de que seu crime fosse reparado por atos de coragem. Não se incomodou mesmo com as censuras que lhe foram dirigidas; como já havia concebido o plano de causar a ruína de Mário e de fazer nomear comandante das tropas que iam marchar contra Mitrídates, pois que a guerra dos Aliados estava quase terminada, ele agradava e lisonjeava, para poder alcançar seus objetivos, o exército que comandava.

XIV. De volta a Roma, foi nomeado cônsul, juntamente com Quinto Pompeu, já aos cinquenta anos de idade. Casou, então, com uma mulher de casa ilustre, Cecília, filha de Metelo, que era nessa época grande pontífice. Este casamento provocou da parte do povo canções satíricas contra ele, e suscitou a indignação das principais personalidades, as quais, segundo a observação de Tito Lívio, não acharam digno de tal mulher aquele que lhes parecera digno para o consulado, Mas Cecília, não era a sua primeira mulher: em sua juventude tinha tido outra, que lhe deixara uma filha; desposou depois Élia; e em seguida Célia, que repudiou como estéril, após tê-la elogiado e cumulado de belos e ricos presentes. Entretanto, como se casou com Metela poucos dias depois, acreditou-se que, para poder contrair este novo casamento, acusara falsamente Célia de esterilidade. Seja como for, ele amou Metela com constância, e teve para com ela as maiores atenções; e a tal ponto que, tendo o povo romano pleiteado, um dia, a volta dos partidários de Mário que haviam sido banidos, e vendo que Sila a isso se opunha, pôs-se a exigir em altas vozes a presença de Metela, e implorou-lhe que servisse de mediadora. E, ao que parece, a crueldade com que tratou os atenienses foi motivada apenas pelo seu desejo de puni-los pelo fato de terem dirigido*, do alto de suas muralhas, zombarias e facécias à sua mulher.

XV. Mas isso ocorreu depois. Sila, no entanto, para quem o consulado pouco representava em comparação com aquilo que esperava do futuro, desejava ardentemente ser encarregado da direção da guerra contra Mitrídates. Tinha como concorrente Mário, a quem a ambição a o desejo de glória, paixões que jamais envelhecem, faziam esquecer a fraqueza e o. cansaço resultantes das lides guerreiras e da idade avançada. Obrigado, por esta razão, a renunciar às últimas expedições na Itália, ele estava à procura, então, de guerras estrangeiras, além dos mares; e, aproveitando-se da ausência de Sila, que tinha voltado ao seu acampamento, para acabar de resolver certas questões, urdiu em Roma esta sedição funesta, que causou maiores males aos romanos do que todas as guerras por eles sustentadas até então.

XVI. Os deuses tudo haviam anunciado por diversos sinais e presságios. O fogo manifestou-se espontaneamente nas hastes de madeira das lanças que sustentavam as insígnias, e somente foi extinto depois de muito trabalho. Três corvos trouxeram para a cidade seus filhotes; e, depois de os terem devorado na presença de toda a gente, levaram de volta os restos para seus ninhos. Como alguns ratos tivessem roído joias de ouro que se achavam no interior de um templo, os guardas, com uma ratoeira apanharam um dos animais; era uma rata, que estava prenhe, e que tivera cinco filhotes na própria ratoeira, dos quais devorou três. Mas o sinal mais impressionante foi o seguinte: num céu sereno e sem nuvens, ouviu-se o som de uma trombeta, tão agudo e lúgubre que todos foram tomados de um grande medo. Os sábios adivinhos da Toscana, interrogados, disseram que tão estranho prodígio anunciava uma nova era que mudaria a face da terra. Com efeito, explicaram, oito raças de homens deviam suceder-se, diferenciando-se umas das outras pelos seus costumes e medo de vida, e a cada uma delas Deus prefixara determinada duração. Todas elas, no entanto, tinham a sua existência limitada pelo período de um ano grande; e quando uma raça completasse o seu curso, e outra estivesse prestes a iniciar o seu, o céu ou a terra o anunciariam, através de

qualquer sinal ou movimento extraordinário. Aqueles que se ocupam com esta espécie de estudos, acrescentaram eles, e que os aprofundaram, sabem quando nascem na terra homens inteiramente diferentes dos que os precederam, com outros costumes e maneiras diversas de viver, e pelos quais os deuses de certo modo se interessam. Dizem eles que, nesta renovação das raças, ocorrem grandes mudanças; destas, uma das mais sensíveis é o aumento de prestígio, numa raça, da arte de adivinhar. Todas as predições se cumprem. Os deuses, com efeito, fazem com que os adivinhos dessa raça saibam, por meio de sinais os mais evidentes e mais seguros, tudo o que está para acontecer. Nas outras raças, tal ciência é geralmente desprezada, pelo fato de a maioria das predições serem feitas precipitadamente, através de simples conjeturas, não possuindo a adivinhação, para conhecer o futuro, senão de meios obscuros e sinais quase sempre pouco perceptíveis. É o que narravam os sábios adivinhos da Toscana, que eram lidos como os mais hábeis e mais instruídos. Entrementes, um dia em que o Senado estava reunido no templo de Belona para discutir com os adivinhos estes prodígios, um pássaro{926} entrou voando no recinto, tendo no bico uma cigarra, que dividiu em duas partes, uma das quais deixou cair no interior do templo, levando a outra para fora. Diante do que ocorrera, os adivinhos disseram que este prodígio os levava a recearem uma sedição entre os lavradores da terra e o povo das cidades; pois este, seguindo o exemplo da cigarra, não faz senão cantar enquanto que os agricultores vivem tranquilamente em suas propriedades.

XVII. Mário associou-se, assim, ao tribuno do povo Sulpício, que não era ultrapassado por ninguém no que se refere à maldade e à perversidade; com efeito não era possível encontrar alguém que fosse pior do que ele, mas apenas perguntar em gênero de maldade ele se excedia a si mesmo. Levava a tais extremos a crueldade, a audácia e a cupidez, que não hesitava em cometer, aos olhos de toda a gente, as ações mais infames e criminosas, desde que lhe trouxessem alguma vantagem. Vendia publicamente o direito de cidadania romana aos libertos e aos estrangeiros, e recebia o dinheiro numa mesa armada na praça pública. Mantinha junto de si três mil satélites, sempre armados, e um grande número de jovens cavaleiros romanos, prontos a executar tudo o que lhes fosse ordenado, e que eram por eles chamados o anti-Senado. Não obstante ter feito o povo aprovar uma lei de acordo com a qual nenhum senador pedia tomar emprestado ou dever mais de duas mil dracmas, ele próprio, ao morrer, deixou três milhões de dracmas de dívidas.

XVIIL Este homem, lançado por Mário sobre o povo como se fosse uma fera furiosa, provocou em todos os setores da administração a maior confusão e desordem, e recorreu às armas e à violência para conseguir a aprovação de numerosas leis perniciosas, entre as quais a que atribuía a Mário a direção da guerra contra Mitrídates. Os cônsules, para reprimir tais atos de violência, suspenderam o funcionamento de todos os tribunais e sustaram todos os negócios públicos. Um dia em que estes magistrados realizavam uma assembleia pública, diante do templo de Castor e Pólux, Sulpício para ali enviou tropas formadas pelos seus satélites e matou várias pessoas na própria praça, entre as quais o jovem Pompeu, filho do cônsul do mesmo nome; e este, apesar de suas funções, só conseguiu escapar da morte por ter fugido. Sila, perseguido até à casa de Mário, onde se refugiara, foi obrigado a prometer que, ao deixar seu refúgio, iria revogar publicamente, a ordem por ele dada no sentido de ser suspenso o funcionamento da justiça e dos negócios públicos. Esta submissão permitiu a Sila conservar o seu consulado, o que não aconteceu a Pompeu, a quem Sulpício afastou de suas funções. Limitou-se este a privar Sila da direção da guerra contra Mitrídates, transferindo-a para Mário. Enviou logo em seguida oficiais a Nola, para tomarem conta do exército de Sila que ali se achava, e trazê-lo para Mário. Mas Sila havia sido prevenido a tempo, e tinha seguido para seu acampamento, onde os soldados, cientificados do que se passava, lapidaram os oficiais e Mário. Este, por sua vez, mandou matar em Roma os amigos de Sila, cujas casas foram saqueadas. Não se via então senão gente mudando de lugar de residência; com efeito, numerosas pessoas fugiam da cidade para o campo e outras do campo para a cidade.

XIX. O Senado, não gozando mais de nenhuma liberdade de ação, executava sem oposição as

ordens de Mário e de Sulpício. Quando se soube que Sila marchava na direção de Roma, os senadores enviaram ao seu encontro dois pretores, Bruto e Servílio, a fim de proibi-lo de prosseguir em seu caminho.

Como eles dirigiram a palavra a Sila com muita altivez e audácia, os soldados, amotinando-se, quiseram matá-lo; mas contiveram-se e limitaram-se a quebrar-lhes os machados e os feixes de varas que eram conduzidos à sua frente, a rasgar os seus trajes de púrpura e a mandá-los de volta após cumulá-los de ultrajes e vitupérios. Quando foram vistos regressar tristes e taciturnos, despojados de todos os sinais e insígnias de sua dignidade de pretores, e que se verificou serem as piores possíveis as notícias que traziam, chegou-se à conclusão de que a sedição ia deflagrar com violência, e que era irremediável.

XX. Mário e seus seguidores começaram logo reunir provisões, recorrendo à força é a se preparar para a defesa. Sila partiu de Nola com seu colega Pompeu, à frente de seis legiões completas, que não aspiravam a outra coisa senão marchar rapidamente sobre Roma, Mas deteve-se e permaneceu algum tempo hesitante; não sabia que decisão tomar e pôs-se a considerar o grande perigo a que se expunha. Mandou, finalmente, que se fizesse um sacrifício; e o adivinho Postúmio, após examinar os sinais e presságios, estendeu suas duas mãos a Sila, e pediu-lhe que as amarrasse e o conservasse prisioneiro até depois da batalha, oferecendo sua vida para o último sacrifício, no caso de o empreendimento não ser seguido de um rápido êxito. Na noite seguinte, ao que se conta, apareceu, em sonho, a Sila, uma deusa, muito venerada pelos romanos{927}, cujo culto lhes foi ensinado pelos capadócios, não sei se a Lua, Minerva ou talvez Belona, a qual, dele se aproximando, pôs-lhe na mão um raio e ordenou-lhe que fulminasse seus inimigos, que foram per ela enumerados, uns após outros. Todos os que fossem atingidos pelo raio cairiam diante dele e morreriam incontinente, desaparecendo. Encorajado por essa visão, ele a narrou a seu colega, no dia seguinte, e, sem perda de tempo, marchou com seu exército na direção de Roma.

XXI. Quando chegou às imediações de Picines{928}, encontrou-se com uma nova embaixada do Senado, a qual lhe pediu que não se lançasse bruscamente sobre a cidade, acrescentando que o Senado estava disposto a conceder-lhe tudo o que pedisse de justo e razoável. Sila concordou; e, após prometer que acamparia naquele mesmo lugar, ordenou aos seus capitães que marcassem, como de costume os limites do acampamento. Os embaixadores, confiando nas palavras de Sila, regressaram a Roma. Todavia, apenas haviam voltado as costas, Sila ordenou a Lúcio Básilo e Caio Múmio que se apoderassem de uma das portas da cidade e das muralhas existentes perto do monte Esquilino; ele próprio, logo depois, seguiu o mesmo caminho. Básilo apoderou-se da porta à força e entrou na cidade; mas os moradores, que estavam desarmados, subiram aos telhados e atiraram sobre ele uma chuva de telhas e pedras, impedindo que avançasse, chegando mesmo a fazê-lo retroceder até junto das muralhas.

XXII. Entrementes, Sila chega e, vendo o que se passava, ordenou aos seus soldados que ateassem fogo no interior das casas; e ele próprio, pegando uma tocha acesa, mostrou-lhes como deviam agir. Ordenou ao mesmo tempo aos arqueiros que lançassem sobre os tetos dardos inflamados. Assim é que, surdo à razão, não obedecendo senão à sua paixão e deixando-se dominar pela cólera e pela sede de vingança, e sem qualquer consideração pelos seus amigos, parentes e aliados, sem se deixar tocar pela piedade e sem distinguir entre os culpados e os inocentes, abriu caminho através de Roma a ferro e fogo. Entretanto, Mário, que havia sido repelido até o templo da Terra, fez uma proclamação, a som de trombeta, na qual dizia que daria liberdade a todos os escravos que aderissem a ele; mas seus adversários, avançando, atacaram-no com tanto vigor que ele foi obrigado a fugir e a abandonar a cidade.

XXIII. Sila reuniu então o Senado e fez com que aprovasse um decreto condenando Mário e algumas outras pessoas a morte, como inimigas da República. Entre os condenados estava Sulpício, que foi traído por um de seus escravos, e logo depois degolado. Sila libertou esse escravo, de acordo com a promessa que fizera publicamente; mas logo depois de restituir-lhe a liberdade, fê-lo saltar do alto da rocha Tarpéia. Pôs a prêmio a cabeça de Mário, oferecendo uma grande soma de dinheiro a quem o matasse, praticando assim um ato de ingratidão e desumanidade, pois que, poucos dias antes, forçado a entregar-se às suas mãos, ao procurar asilo em sua casa, ele o deixara a salvo. Se, em vez de deixá-lo partir em liberdade, o tivesse entregue a Sulpício, que queria matá-lo, Mário ter-se-ia tornado senhor de Roma; no entanto, perdoara-o; e Sila, poucos dias depois, encontrando-se por sua vez numa posição de superioridade, não demonstrou para com o adversário a mesma generosidade. Esta atitude desagradou vivamente ao Senado, que dissimulou, contudo, seu sentimento; o povo, porém, deu mostras sensíveis de descontentamento e indignação. Recusou, com manifestações de desprezo, os seus votos a Nônio, sobrinho de Sila, e a Servílio, um de seus amigos, que, contando com sua proteção, tinham se candidatado a certos cargos; e, além disso, escolheu aqueles cuja designação lhe pareceu mortificar mais a Sila. Este, no entanto, dissimulando seus sentimentos, fingiu aprovar a escolha, e declarou mesmo que, graças a ele, o povo romano estava gozando de inteira liberdade, podendo fazer tudo o que fosse de seu agrado.

XXIV. Para abrandar a ira popular, ele decidiu fazer com que fosse designado um cônsul da facção contrária, Lúcio Cina, cujo apoio já havia conseguido com antecedência, e a quem tinha feito jurar, no meio das maiores imprecações, que favoreceria seus negócios e seu partido. Cina, após subir ao Capitólio, tendo na mão uma pedra, fez, na presença de toda gente, um juramento, dizendo que, caso não mantivesse por Sila a amizade que lhe prometera, rogaria aos deuses que o lançassem fora da cidade, do mesmo modo como ele atirava longe a pedra que tinha na mão. E, após dizer estas palavras, jogou a pedra ao chão. Entretanto, apesar de todas estas imprecações, apenas tomou posse do consulado, começou a modificar tudo o que fora feito. Quis mesmo mover um processo a Sila, designando para acusá-lo Virgínio, um dos tribunos do povo. Sila, porém, deixando na cidade os juízes e o acusador, partiu para a guerra contra o rei Mitrídates,

XXV. Conta-se que, na época da partida de Sila da Itália, para aquela expedição, Mitrídates, que se achava então em Pérgamo, recebeu, dos deuses, várias advertências, e, entre outras, a seguinte: os moradores de Pergamo tinham erigido uma estátua da Vitória, que tinha na mão uma coroa, a qual por meio de uma máquina, devia descer até à cabeça do rei. No momento em que ia ser coroado no teatro, a coroa caiu sobre a cena e partiu-se em mil pedaços. Este acidente provocou terrível medo entre os presentes, e o próprio Mitrídates pôs-se a. duvidar de sua boa fortuna, embora os seus negócios estivessem decorrendo melhor do que teria ousado esperar. Ele tinha conquistado a Ásia aos romanos, expulso de seus Estados os reis da Bitínia e da Capadócia, e vivia pacificamente em Pérgamo, onde distribuía a seus amigos, riquezas, governos e reinos, E quanto aos seus filhos, o mais velho reinava sobre vastas regiões que se estendiam desde o Ponto e o Bósforo até os desertos dos pântanos Meótides, terras estas que havia recebido de seus predecessores, numa sucessão de pai a filho, O segundo filho, chamado Ariarates, que tinha sob suas ordens um numeroso exército, estava submetendo a Trácia e a Macedônia. Seus generais, à frente de tropas consideráveis, proporcionavam-lhe novas e belas conquistas, em várias regiões. Arquelau, o de maior renome entre eles, comandava uma esquadra poderosa que o tornava senhor do mar, e que lhe valera o domínio das Cícladas, de todas as ilhas situadas ao longo do promontório de Maléia e da própria Eubéia. Ele apoderou-se de Atenas, e de lá promovia a rebelião, contra os romanos, de todos os povos da Grécia, até à Tessália. Sofreu, todavia, alguns reveses perto de Queronéia. Um dos lugar-tenentes de Sêncio, que comandava na Macedônia, chamado Brúcio Sura, homem dotado de bom-senso e de uma grande audácia, tomou posição diante de Arquelau, que, como uma torrente impetuosa, invadira a Beócia, e derrotou-o em três encontros, expulsando-o da Grécia e obrigando-o a permanecer no mar com sua esquadra. Entretanto, tendo Lúculo o intimado a ceder o lugar a Sila, e deixar-lhe o comando desta guerra, da qual fora encarregado por um decreto do povo, Brúcio deixou incontinente a Beócia, e retirou-se

para junto de Sêncio, não obstante ter alcançado nesta expedição um êxito que ultrapassara todas as esperanças, e o fato de a Grécia, devido à estima em que tinha o seu valor, estar muito disposta a colocar-se do lado dos romanos. Os feitos que aqui narramos são, aliás, os maiores que se conhecem de Brúcio.

XXVI. À chegada de Sila à Grécia, todas as cidades enviaram embaixadores ao seu encontro, solicitando a sua presença, com exceção de Atenas que, forçada pelo tirano Aristião a servir os interesses do rei Mitrídates, quis resistir, Sila marchou incontinente contra ela, com todas as suas forças, assediou o Pireu, e, utilizando a totalidade das máquinas de guerra de que dispunha, atacou-a com ímpeto. Se ele tivesse tido paciência para esperar mais algum tempo, ter-se-ia tornado senhor sem perigo da cidade alta, a qual, devido à falta de víveres, fora reduzida à última extremidade; todavia, ansioso por regressar a Roma, onde receava novidades, mais dia menos dia, foi levado a enfrentar grandes perigos, numerosos combates e a arcar com despesas de vulto, para terminar rapidamente a guerra. Sem contar o seu equipamento ordinário, ele tinha, para o serviço das baterias, dez mil parelhas de mulos, que trabalhavam todos os dias, sem interrupção; e como começou a faltar madeira, porque suas máquinas a consumiam grandemente, seja por se quebrarem devido ao peso excessivo, seja por serem destruídas pelo fogo lançado continuamente pelo inimigo, ele desrespeitou os bosques sagrados e mandou cortar as árvores dos parques do Liceu e da Academia, que, pela beleza de suas alamedas, eram o ornamento dos arrabaldes de Atenas. Finalmente, para fazer frente a todas as despesas da guerra, não poupou nem mesmo os tesouros dos templos, e mandou retirar de Epidauro e Olímpia as joias mais ricas e preciosas que ali se achavam.

XXVII. Sila escreveu ao conselho dos anfictiões, que se reunia na cidade de Delfos, aconselhando-o a lhe enviar os tesouros existentes no templo de Apoio, os quais estariam mais seguros em suas mãos; e, no caso de ser obrigado a deles se servir, afirmou, devolver-lhe-ia o seu valor depois da guerra. Enviou àquela cidade um de seus amigos, Cafis, o Fócio, com a ordem de pesar tudo aquilo de que se apoderasse. Cafis, chegado a Delfcs, não ousou tocar nas coisas sagradas; e, instado pelos anfíctiões a respeitá-las, deplorou, vertendo lágrimas abundantes, a sua situação, pois era obrigado a praticar um ato contra sua vontade. E alguns dos presentes disseram que ouviam no interior do templo o som da lira de Apoio, Cafis, seja que acreditasse realmente no que lhe diziam, seja porque quisesse incutir no espírito de Sila um temor religioso, escreveu-lhe uma carta, advertindo-o. Sila zombou dele em sua resposta, e manifestou-lhe a sua surpresa por não ter compreendido que o canto e o som da lira eram sinais de alegria e não de cólera. É uma prova, acrescentou, que o deus vê com prazer a remoção dessas riquezas, e de que deseja mesmo oferecê-las como presente; deste modo, tudo poderá ser retirado sem qualquer receio. Teve-se o cuidado de ocultar do povo a retirada destas riquezas; no entanto, o mesmo não pôde ser feito em relação ao tonel de prata maciça; que restava das oferendas dos reis, pois que não pôde ser transportado em nenhum carro, em virtude de seu tamanho e de seu peso; assim, os anfíctiões foram obrigados a reduzi-lo a pedaços, o que não pôde ser mantido em segredo. Este sacrilégio fez os gregos se lembrarem dos antigos capitães romanos, como Tito Flamínino, Mânio Acílio e Paulo Emílio, dos quais o primeiro, depois de expulsar Antíoco da Grécia, e os dois outros, depois de derrotarem os reis da Macedônia, não se contentando em respeitar os templos, enriqueceram-nos com donativos, e demonstraram para com esses lugares sagrados a maior veneração.

XXVIII. Mas estes grandes homens tinham sido legitimamente escolhidos para os seus postos, e comandavam tropas disciplinadas que obedeciam em silêncio às ordens recebidas; eram simples particulares pela modéstia de seu modo de vida e verdadeiros reis pela elevação de seus sentimentos. Assim é que não faziam consigo senão as despesas necessárias, evitando todo o supérfluo, persuadidos de que é mais vergonhoso para um general adular seus soldados do que temer o inimigo. Ao contrário, os generais da época de Sila, desejos os de ocupar o primeiro lugar nos negócios públicos, não pela virtude, mas pela força, e mais preocupados em guerrear uns aos outros do que combater os inimigos do exterior, eram obrigados a agradar aos soldados e a garantir os seus serviços através de liberalidades e

despesas excessivas. Assim agindo, não viam que tornavam servo o seu próprio país, e que se transformavam em escravos dos piores homens do mundo, ao procurarem por todos os meios dominar aqueles que valiam mais do que eles.

XXIX. Foi assim que Mário foi expulso de Roma, para voltar-se depois contra Sila; foi assim que Cina foi levado a matar Otávio e Fímbria a eliminar Placo, Sila contribuiu mais do que qualquer outra pessoa para estes males e desordens: a fim de corromper e atrair os soldados do lado contrário, ele cumulava os seus de liberalidades e dádivas sem limites. Assim, para provocar a traição de uns e satisfazer a intemperança de outros, necessitava de somas imensas, necessidades que se fez sentir principalmente para completar o cerco de Atenas. Ele nutria o mais violento dos desejos de apoderar-se dessa cidade, e obstinava-se no seu propósito, seja pela vaidade de combater contra a antiga reputação do que ela não conservava senão a sombra, seja para vingar-se das injúrias e das zombarias mordazes, das palavras picantes e obscenas que o tirano Aristião lançava todos os dias do alto das muralhas contra ele ou contra sua mulher Metela, o que o ofendia seriamente.

XXX. A alma deste tirano era constituída de depravação e crueldade, tendo reunido em sua pessoa as imperfeições e os vícios mais detestáveis do rei Mitrídates. E a cidade de Atenas, depois de haver escapado de tantas guerras, de tantas tiranias e sedições, viu-se reduzida por Aristião, como por um flagelo devastador, à mais lamentável situação. Enquanto que o medimno{929} de trigo era ali vendido por mil dracmas, que os habitantes não tinham outro alimento senão as ervas que cresciam em volta da cidade, o couro das sandálias e dos vasos destinados a guardar o óleo, que punham n'água para cozer, Aristião, entregue à devassidão e aos festins, passava os dias e as noites a dançar, a rir, a zombar dos inimigos. Viu com indiferença a lâmpada sagrada de Minerva extinguir-se por falta de óleo; e quando a grande sacerdotisa lhe pediu um quarto de alqueire de trigo, ele lhe enviou um de pimenta. No dia em que os senadores e os sacerdotes foram suplicar-lhe que tivesse piedade da cidade, e que propusesse a Sila uma capitulação, ele mandou afastá-los a dardadas. Não foi senão no último extremo que se resolveu, com muita pena, a mandar fazer propostas de paz a Sila, por intermédio de dois ou três companheiros de libertinagem, os quais, em vez de falar na salvação da cidade, não fizeram em seus discursos senão elogiar Teseu e Eumolo, e enaltecer os feitos dos atenienses contra os medos. "Grandes oradores, disse-lhes Sila, voltai à vossa cidade com os vossos belos discursos. Os romanos não me mandaram a Atenas para receber lições de eloquência, mas para castigar rebeldes".

XXXI. Entrementes, espiões de Sila, tendo ouvido queixas de velhos que palestravam no bairro denominado Cerâmico, os quais diziam que o tirano não cuidava de guardar a parte da muralha que dava para o quarteirão de Heptacalco, o único ponto que o inimigo podia escalar com facilidade, foram incontinente avisar o general. Este, aproveitando-se da informação, dirigiu-se àquele ponto na noite desse mesmo dia, e verificando que podia ser conquistado facilmente, passou logo à ação, preparando o ataque. Ele próprio escreveu, em seus Comentários, que o primeiro a subir na muralha foi Marco Teío{930}, o qual desferiu no capacete de um soldado que pretendeu enfrentá-lo um golpe tão violento que sua espada partiu em pedaços; e ele, não obstante ficar desarmado, não recuou, mantendo-se firme no lugar a que subira. A cidade foi tomada por esse ponto, tal como os velhos o tinham previsto. Sila mandou derrubar a muralha que se erguia entre a Porta Sagrada e a do Pireu, e, depois de todo esse espaço ter sido aplainado, entrou em Atenas à meia-noite, no meio de um grupo amedrontador, ao som de clarins e trombetas, e entre os gritos furiosos de todo o exército, ao qual dera inteira liberdade para pilhar e degolar. Os soldados, tendo se espalhado, com as espadas na mão, por todas as ruas da cidade, entregaram-se à mais horrível carnificina. Até hoje não se conhece o número dos que foram massacrados. Para dar uma ideia do que foram as proporções da matança, costuma-se mostrar o lugar até onde escorreu sangue: sem falar naqueles que foram mortos em outros pontos da cidade, somente o sangue dos que foram trucidados na praça principal banhou todo o bairro do Cerâmico, até o lugar denominado Dípilo{931}. Vários historiadores afirmam mesmo que ele transbordou, espraiando-se pelos

subúrbios, após atravessar as portas. Mas além do grande número de atenienses que foram trucidados pelo inimigo, houve outros tantos, ou talvez ainda mais numerosos, que se mataram a si mesmos, tal a dor e o pesar que lhes causava a certeza de que havia chegado para a sua pátria a hora da destruição final. Essa convicção levou ao desespero as pessoas mais honestas da cidade, e fez com que preferissem a morte ao risco de cair nas mãos de Sila, de quem não esperavam nenhuma manifestação de clemência ou de humanidade.

XXXII. Entretanto, c edendo aos rogos de Mídias e Califonte, dois banidos de Atenas, que se lançaram aos seus pés, e diante das instâncias de vários senadores romanos que serviam em seu exército, os quais intercederam em favor da cidade, e sem dúvida também por já se achar saciado, em sua sede de vingança, ele fez o elogio dos antigos atenienses, declarou que perdoava a maioria em atenção à minoria e que concedia aos mortos a graça dos vivos. Segundo ele próprio conta em seus Comentários, ocupou Atenas no dia das calendas de março{932}, que coincide precisamente com o primeiro dia do mês que denominanos antestérion. Nesta data, por acaso, realizavam-se em Atenas várias cerimonias sagradas em memória do dilúvio, que, no mesmo mês do ano, havia submergido a terra, num cataclismo universal.

XXXIII. Quando o tirano Aristião viu Atenas em poder do inimigo, refugiou-se na cidadela, onde foi cercado por Curião, por ordem de Sila, Resistiu durante muito tempo, mas, tendo sido privado de água, rendeu-se, vencido pela sede. A mão divina fez-se sentir nessa ocasião de uma maneira evidente; pois, precisamente no momento em que Curião tirava o tirano da cidadela, o céu, antes sereno, cobriu-se repentinamente de nuvens, seguindo-se uma chuva tão abundante que o local ficou inundado. Poucos dias depois, Sila ocupou também o porto de Pireu. Mandou incendiar a maior parte das fortificações, entre as quais o arsenal, que fora construído pelo arquiteto Filo, e era uma obra admirável.

XXXIV. Entrementes, Táxiles, um dos generais de Mitrídates, chegando da Trácia e da Macedônia com um exército de cem mil infantes, dez mil cavalos e noventa carros de guerra providos de lâminas, mandou dizer a Arquelau que se aproximasse dele. Este continuava no porto de Muníquia, não ousando afastar-se do mar; e como não se atrevesse a medir forças com os romanos, procurava prolongar a guerra e privar o inimigo de todos os meios de obter víveres. Sila, que conhecia melhor do que ele o perigo representado pela sua posição, deixou as terras pobres da Ática, que não poderiam sustentá-lo nem mesmo em tempos de paz, e seguiu para a Beócia. A maior parte de seus oficiais manifestou a opinião de que ele cometia um grande erro ao deixar uma região montanhosa, de difícil acesso aos cavaleiros, para ir lançar-se nas planícies descobertas da Beócia, quando sabia perfeitamente que a força dos bárbaros consistia sobretudo na cavalaria e nos carros armados, Mas, como já dissemos, o medo da escassez de víveres e da fome, levava-o a correr o risco de uma batalha. Ele receava, por outro lado, pela sorte de Hortênsio, oficial corajoso e atilado, que lhe trazia da Tessália um considerável reforço, e que era esperado pelos bárbaros junto ao desfiladeiro das Termópilas. Estes foram os motivos que obrigaram Sila a seguir para a Beócia. Mas Cafis, que era filho do país, ludibriou os bárbaros; e, fazendo com que Hortênsio tomasse outro caminho, conduziu-o através do monte Parnaso, e elevou-o até um ponto situado abaixo de Titora, que não era então a importante cidade de hoje, mas um simples forte, erguido sobre uma rocha escarpada, e isolado de todos os lados. Foi nesse forte que os fócios, perseguidos por Xerxes, refugiaram-se outrora, permanecendo em segurança. Hortênsio, após acampar perto dessa fortaleza, repeliu o inimigo durante o dia; e, quando chegou a noite, desceu por caminhos difíceis até Patronides, onde se encontrou com Síla, que avançara com todas as suas forças.

XXXV. Após reunirem suas tropas, eles acamparam no meio da planície de Elatéia, sobre uma colina fértil, coberta de árvores e banhada por um regato. Esta colina chamava-se Fílobecto, e sua situação, bem como a natureza de seu terreno, foram objeto de grandes elogios por

parte de Sila. Depois de acampados, foi fácil ao inimigo verificar quão reduzido era o seu número, pois não dispunham senão de mil e quinhentos cavaleiros e de menos de quinze mil infantes. Diante disso, os oficiais do exército inimigo, contrariando Arquelau, colocaram suas tropas em ordem de batalha, e encheram a planície com seus cavalos, carros e escudos. O ar parecia não bastar para o barulho e os gritos confusos de tantas nações diversas, cada uma das quais ocupava o seu lugar. A magnificência e o luxo de seus equipamentos contribuíam para aumentar o espanto dos romanos, não sendo assim inúteis ou supérfluos. O brilho cintilante de suas armas ornadas com ouro e prata, as cores refulgentes de suas cotas de armas medas e cíticas, tudo isto misturado com o esplendor do aço e do bronze, fazia, em todos os seus movimentos e em todos os seus passos, rebrilhar um fogo semelhante ao dos relâmpagos, constituindo um espetáculo aterrador. Os romanos, amedrontados, não ousavam sair das trincheiras de seu acampamento. Sila, cujas palavras não conseguiam dissipar este medo, e que não podia forçar os soldados a combater nesse estado de desencorajamento, era constrangido a permanecer inativo, e a suportar, não sem uma viva impaciência, as bravatas e os risos insultantes dos bárbaros. No entanto, foi isto que lhe valeu: com efeito, o inimigo, cheio de desprezo pelos romanos, não observou mais qualquer ordem ou disciplina. A multidão de seus chefes tornou-se para eles uma causa de insubordinação; nas trincheiras não permanecia senão um pequeno número de soldados; os outros, atraídos pelas promessas da pilhagem e da presa de guerra, afastavam-se do acampamento, caminhando dias seguidos. Diz-se que nessas incursões, eles destruíram Panope; e que, sem terem recebido ordem de qualquer dos seus generais, saquearam Lebadia, pilhando seu templo e profanando o oráculo.

XXXVI. Sila, que fremia de indignação ao ver tantas cidades serem destruídas e saqueadas, não quis que suas tropas permanecessem inativas. E, para dar-lhes ocupação, obrigou-as a desviar o curso do Cefiso, e a abrir extensas trincheiras. Não isentava ninguém do trabalho, encarregando-se ele próprio da fiscalização, e castigava com extrema severidade aqueles que esmoreciam, a fim de que os soldados, vencidos pela fadiga, preferissem a estes trabalhes penosos os perigos do combate, Este expediente deu bons resultados. Os soldados estavam no terceiro dia do estafante trabalho, quando, aproveitando-se da presença de S ila, que fora inspecionar as obras, pediram-lhe todos, em altos brados, que os conduzisse até o inimigo. Ele respondeu-lhes que esse pedido era motivado menos pelo desejo de combater do que pelo seu desamor ao trabalho. "Todavia, se é verdade que estais com tanta vontade de combater, dirigi-vos com todas as vossas armas àquele lugar", E mostrou-lhes o sítio onde outrora se erguia a cidadela dos parapotamianos{933}, que, depois de haver sido arruinada a cidade, não era senão uma colina escarpada, cheia de rochedos, separada do monte Edilião pelo rio Asso, Este rio, logo ao sopé da montanha, lança-se no Cefiso, cujas águas, tornando-se mais rápidas, tornavam o local muito seguro e apropriado para um acampamento. Sila, que viu os soldados inimigos portadores de escudos de cobre se porem em movimento para ocupar aquele lugar, quis evitar tal coisa e procurou dele apoderar-se antes, o que conseguiu graças ao ardor e à dedicação de suas tropas. Arquelau, após o seu malogro, marchou contra Queronéia. Alguns moradores dessa cidade, que serviam no exército de Sila, tinham-lhe pedido que não a abandonasse, e ele para ali enviou um de seus oficiais, Gabínio, com uma legião. Em companhia deste fez seguir os moradores de Queronéia, os quais, embora fosse grande o seu desejo de chegar antes de Gabínio, não conseguiram passar-lhe à frente. Com efeito, o oficial demonstrou, para salvar a cidade, maior ardor e zelo do que aqueles que tanto ansiavam por serem salvos. Juba chama esse oficial de Hírcio, e não Gabínio, Seja como for, foi deste modo que a nossa cidade foi preservada de tão grande perigo.

XXXVII. Entrementes, os romanos recebiam diariamente de Lebadia e da caverna de Trofônio notícias favoráveis, bem como oráculos e profecias anunciando-lhes a vitória. Os moradores do lugar narram ainda hoje muitas dessas predições. Todavia, Sila, no Livro X de seus Comentários, diz somente que, após ter ganho a batalha de Queronéia, Quinto Tito, um dos comerciantes mais importantes da Grécia, procurou-o e anunciou-lhe que Trofônio lhe predissera dentro de poucos dias, e no mesmo lugar, uma segunda batalha e uma segunda vitória. Acrescenta que um soldado legionário, chamado Salvênio, procurou-o igualmente para anunciar-lhe, da parte dos deuses, o êxito que teriam as suas ações na Itália. Ambos asseguravam que não repetiam senão aquilo que tinham ouvido de fonte divina, acrescentando que haviam visto uma figura, que pela sua majestade, tamanho e beleza, parecia-se com Júpiter Olímpico.

XXXVIII. Sila, deste modo, depois de atra vessar o rio Asso, avançou até o monte Edílio, e acampou perto de Arquelau, que tinha estabelecido e fortificado seu acampamento entre essa montanha e a de Acôncio, perto da cidade dos assianos. O lugar onde acampou tem hoje o nome de Arquelau. Sila ali permaneceu um dia inteiro; em seguida, deixando no acampamento Murena, com uma legião e duas cortes, para perseguir o inimigo, em cujas fileiras remava a desordem, foi oferecer um sacrifício às margens do Cefiso, de onde seguiu depois para Queronéia, para pôr-se à frente das tropas que ali havia deixado, e, ao mesmo tempo para proceder a um reconhecimento num lugar denominado Túrio, que tinha sido ocupado anteriormente pelo inimigo. Tratava-se do alto de uma montanha muito escarpada, e que terminava em ponta, como uma pinha. Damos-lhe o nome de Ortópago. Ao sopé da montanha corria um riacho denominado Mório{934}, à margem do qual fica o templo de Apoio Turiano, cognome que este deus recebeu de Turo, mãe de Queronte, o fundador de Queronéia. Dizem que a novilha dada por Apoio Pítico a Cadmo apresentou-se a ele nesse lugar, o qual recebeu o nome de Túrio, pois os fenícios dão à novilha o nome de Thor.

XXXIX. Sila aproximava-se de Queronéia quando o oficial que enviara para defender essa cidade veio ao seu encontro, à frente das tropas, tendo na mão uma coroa de louro. Sila recebeu-a, e dirigiu depois uma saudação aos soldados, exortando-os a se mostrarem corajosos no perigo a que se iam expor. Enquanto falava, dois moradores de Queronéia, chamados Homolcico e Anaxidamo, dirigiram-se a ele e ofereceram-se para expulsar o inimigo de Túrio, para o que necessitavam de apenas um pequeno número de soldados; disseram que havia um caminho não conhecido dos bárbaros, o qual, de um lugar denominado Petroco, levava, ao longo do templo das Musas, ao cume do Túrio, num ponte situado acima da posição ocupada pelo adversário; acrescentaram que dali seria fácil atacá-lo com pedras, ou então forçá-lo a descer para a planície. Tendo Gabínio testemunhado a fidelidade e a coragem destes dois homens, Sila disse-lhes que executassem o seu plano; e, ao mesmo tempo, dispôs sua infantaria em ordem de batalha, colocou a cavalaria nas duas alas, conservando a direita para si e confiando a esquerda a Murena, Galba e Hortênsio, seus lugar-tenentes, colados na última fileira, com seu corpo de reserva, ocuparam as alturas, a fim de impedir que o inimigo tentasse, pela retaguarda, envolver os romanos. Com efeito, ele já começava a desdobrar a sua cavalaria e suas forças ligeiras, nas alas, para recuar em seguida, e poder, dando uma grande volta, cercar os oponentes.

XL. Enquanto esse movimento era executado, os deis moradores de Queronéia, a quem Sila tinha dado como comandante Hírcio{935}, atingiram o cimo do Túrio sem serem vistos pelo inimigo. Surgindo subitamente nas alturas, provocaram tal pânico entre os bárbaros, que estes não pensaram em outra coisa senão em fugir, matando-se em grande número uns aos outros. Não ousando parar para enfrent ar o adversário, e precipitando-se pela montanha abaixo, caíam sobre as próprias lanças. Chocando-se uns contra os outros, e com o inimigo em seus calcanhares, eram facilmente atingidos pelos golpes contra eles desferidos pela retaguarda. Três mil bárbaros morreram no cimo do Túrio. Dos que escaparam a essa primeira matança, uns foram ter ao lugar onde se achavam as tropas de Murena, dispostas em ordem de batalha, sendo dizimados; outros correram para seu acampamento, e, atirando-se, no meio de grande confusão, contra sua própria infantaria, provocaram espanto e medo em suas fileiras, fazendo com que seus generais perdessem um tempo considerável, o que constituiu um dos principais motivos de seu revés; pois Sila, marchando logo contra eles, no meio da desordem em que estavam, e transpondo com rapidez o intervalo que separava os dois exércitos, anulou toda a eficiência dos carros armados de lâminas. Estes necessitam, com efeito, para desenvolver toda a sua força, de um espaço para correr e adquirir assim todo o seu ímpeto e violência; quando não dispõem senão de um curto trecho para a arremetida, perdem a capacidade de ação, à semelhança das flechas fracamente lançadas. Foi o que aconteceu nessa ocasião com os bárbaros; os seus primeiros carros partiram com tal frouxidão e sua ação foi tão fraca, que os romanos não encontraram nenhuma dificuldade em repeli-los; e, no meio de grandes gargalhadas, pediram, como em Roma nos jogos do circo, que mandassem outros.

XLI. Os dois corpos de infantaria passaram depois ao ataque. Os bárbaros, baixando as longas lanças, cerraram as fileiras e os escudos, em ordem dê batalha; mas os romanos, pondo de lado os seus dardos e tomando as espadas, afastaram as lanças do inimigo, a fim de enfrentá-lo corpo a corpo. Esta audácia foi-lhes inspirada pela cólera que os dominou quando viram nas primeiras fileiras do adversário quinze mil escravos que os generais de Mitrídates tinham libertado, por decreto público, nas cidades da Grécia, e haviam distribuído pela infantaria pesadamente armada. Isto levou um centurião romano a dizer que somente nas Saturnais tinha visto escravos gozarem do direito de agir e falar como as pessoas livres. Entretanto, os seus batalhões eram tão profundos e suas fileiras tão cerradas, que suportaram com galhardia o choque da infantaria romana, resistindo durante muito mais tempo do que se podia esperar de gente dessa categoria. Foi necessário fazer avançar a segunda linha, que fez cair sobre eles uma chuva tão forte de pedras e flechas, que se puseram em fuga.

XLII. E tendo Arquelau começado a desdobrar a sua ala direita para envolver os romanos, Hortênsio ordenou às suas coortes que arremetessem sobre ele, atacando-o pelo flanco. Arquelau, percebendo este movimento, ordenou a dois mil de seus cavaleiros que mudassem de direção. Hortênsio, vendo-se na iminência de ser alcançado por essa cavalaria numerosa, recuou lentamente na direção da montanha. No entanto, tendo se distanciado demais de seu corpo de batalha, estava para ser envolvido pelo inimigo, quando Sila, informado do perigo que ele corria, deixou a ala direita, que não tinha ainda combatido, e correu em seu socorro. Pela poeira que ergueu em sua corrida, Arquelau conjeturou aquilo que se passava, e, deixando Hortênsio no lugar onde se achava, dirigiu-se ao ponto do campo de batalha que Sila acabava de deixar, esperando poder surpreender a ala direita sem o seu chefe. Nesse mesmo momento, Táxiles ordenou aos seus soldados portadores de escudos de cobre que marchassem contra Murena; os soldados de ambos os lados soltaram gritos prolongados que ecoaram pelas montanhas das proximidades. Sila hesita, e não sabe para que lado dirigir-se. Resolve, finalmente, retornar ao seu posto, e enviou Hortênsio com quatro de suas cortes em socorro de Murena; põe-se à frente da quinta e corre para a ala direita, que já combatia contra Arquelau, sem levar desvantagem. Logo que ali apareceu, os soldados redobraram seus esforços; e, forçando as fileiras inimigas, obrigaram-nas a bater em retirada. Perseguiram-nas em seguida até o rio e à montanha de Acôncio.

XLIII. Sila, entretanto, não se esqueceu do perigo por que passava Murena, e correu em seu socorro; mas, verificando que ele também havia derrotado o inimigo, pôs-se com ele a perseguir os fugitivos. Verificou-se, então, na planície, uma grande matança de bárbaros, e um grande número destes, ao tentar alcançar o seu acampamento, foi dizimado. E de tantos milhares de inimigos não escaparam senão dez mil, que fugiram celeremente para a cidade de Cálcide. Sila conta que em seu exército apenas se deu pela falta de quatorze homens, dois dos quais, aliás, regressaram à noite ao acampamento. Nos troféus que expôs por motivo dessa vitória, ele mandou gravar: A Marte, à Vitória e a Vênus, como querendo significar que seus êxitos não eram apenas obra da fortuna, mas também de sua coragem e de sua capacidade na arte militar. O primeiro troféu que exibiu, por motivo do combate de que saiu vitorioso na planície, foi colocado no próprio lugar de onde Arquelau começara a fugir, indo ter até o regato denominado Molo. O segundo foi exposto sobre o cimo do Túrio, onde os bárbaros haviam sido surpreendidos pela retaguarda; e a inscrição, gravada em letras gregas, atribuía o êxito ao valor de Homoloico e de Anaxidamo. Para celebrar estas vitórias, Sila promoveu competições musicais na cidade de Tebas, perto da fonte de Édipo, onde foi construído um palanque para os músicos. Mandou vir de outras cidades gregas juízes para a distribuição de prêmios, e isto porque passou a odiar mortalmente os tebanos. Este ódio levou-o a privá-los da metade de suas terras, as quais dedicou a Apoio Pítio e a Júpiter Olímpico; ordenou que, com a renda destas terras, fosse restituído aos templos daqueles deuses o dinheiro que deles havia retirado.

XLIV. Logo após a celebração dos jogos, chegou-lhe a notícia de que Flaco, pertencente à facção contrária à sua, fora eleito cônsul, e que ele atravessava o mar Jônio, aparentemente para ir combater Mitrídates, mas na realidade para atacá-lo. Tomou, então, sem perda de tempo, o caminho da Tessália, indo ao seu encontro; mas quando chegou à cidade de Melitéia, recebeu de todos os lados a notícia de que um outro exército de Mitrídates, tão poderoso quanto o primeiro, estava saqueando e devastando toda a região que deixara à sua retaguarda. Com efeito, Dorilau, um dos lugar-tenentes de Mitrídates, chegara a Cálcide com uma grande esquadra, que transportara oitenta mil homens, todos muito bem equipados, escolhidos entre os mais aguerridos e disciplinados do exército do rei. De lá passara para a Beócia, da qual se apoderara, e demonstrava vivo desejo de atrair Sila a uma batalha. Arquelau procurou em vão fazer com que desistisse de tal propósito; Dorilau não quis ouvir seus argumentos, e fez mesmo circular rumores segundo' os quais tantos milhares de combatentes não podiam ter sido derrotados na primeira batalha sem traição. Sila voltou imediatamente e convenceu Dorilau, sem que para isso fosse necessário muito tempo, de que Arquelau. era um homem prudente e que conhecia através de. sua experiência o valor dos romanos. O general após ter tentado algumas ligeiras escaramuças, verificadas num lugar situado perto do monte Tiífósio, foi o primeiro a dizer que não convinha arriscar uma batalha, e que era prefer ível fazer a guerra durar e minar o poderio dos romanos através das grandes despesas que seriam estes obrigados a fazer.

XLV. Entretanto, a planície de Orcomene, onde estavam acampados, e que era tão favorável a um exército com superioridade no que se refere à cavalaria, fez com que Arquelau retomasse coragem. Com efeito, de todas as planícies da Beócia, a maior e a mais bela é a que está junto à cidade de Orcomene. É aber ta, sem árvores, e estende-se até os pântanos onde vai ter o rio Meias, o qual, nascendo perto das muralhas de Orcomene, é, de todos os rios da Grécia, o único que é navegável no início de seu curso. Como o Nilo, adquire maior volume durante o solstício do verão, e produz plantas semelhantes às que crescem às margens do rio egípcio, mas com uma diferença: as do Meias não se elevam a uma grande altura e não dão frutos. Seu curso não é longo; a maior parte de suas águas se lança logo em pântanos cobertos de sarças espessas, e o restante se mistura com o Cefiso, no ponto onde crescem, junto àqueles pântanos, os caniços apropriados para se fazerem flautas.

XLVI. Quando os dois exércitos acamparam bem perto um do outro, Arquelau permaneceu tranquilo, em sua posição, sem tomar qualquer iniciativa; e Sila mandou cavar trincheiras em vários pontos da planície, a fim de privar o inimigo da vantagem que lhe proporcionava a extensão do terreno, cuja firmeza era muito favorável aos movimentos da cavalaria, e poder, assim, repeli-lo para o lado do pântano. Os bárbaros, indignados ante tais atividades, atacaram com grande furor, logo que seus capitães lhes deram permissão para avançar, e afugentaram não somente os trabalhadores ocupados em cavar as trincheiras de Sila, mas também a maior parte das tropas que os protegiam, as quais se puseram igualmente em fuga. Sila, vendo o que ocorria, desceu imediatamente de seu cavalo, tomou uma insígnia, e lançou-se através dos fugitivos, até estabelecer contacto com o inimigo, gritando-lhes: "Romanos, minha honra ordena-me que morra aqui; quanto a vós, quando vos perguntarem onde abandonastes o vosso general, não vos esqueceis de dizer que foi em Orcomene", Estas palavras puseram os soldados em brios, contendo-os em sua fuga; e, com duas coortes da ala direita enviadas em seu socorro, Sila, as sumindo o comando, obrigou o inimigo a fugir, Depois de fazer seus soldados recuarem um pouco, a fim de tomarem alimento, ele empregou-os de novo na abertura de trincheiras, para cercar o acampamento do adversário, que voltou uma vez mais, e desta vez em melhor ordem. Foi neste ataque que Diógenes, filho da mulher de Arquelau, combatendo na ala direita com grande bravura, encontrou a morte. Os arqueiros inimigos, vivamente atacados pelos romanos, não dispondo de espaço bastante para fazer uso de seus arcos, empunhavam as flechas como se fossem espadas, e com elas golpeavam os atacantes. Foram repelidos, finalmente, até suas fortificações, onde passaram uma noite cruel, não somente devido ao grande número de mortos, em suas fileiras, como ao grande número de feridos. No dia seguinte, Sila, levando de novo seus comandados para as proximidades do acampamento do inimigo, continuou a abrir trincheiras. Os bárbaros apareceram ainda mais numerosos para atacar os trabalhadores; mas Sila investiu contra eles com tão grande violência que os pôs em fuga. O seu pavor comunicou-se aos combatentes que

se achavam no acampamento, e ninguém ousou nele permanecer a fim de defendê-lo. Sila apoderou-se, então, do acampamento, sem maiores dificuldades. Houve ali uma matança tão grande que o pântano ficou tinto de sangue, e o lago cheio de mortos. Ainda hoje, mais de duzentos anos depois desta batalha, encontram-se com frequência arcos dos bárbaros, capacetes, peças de couraça, espadas e outras armas enterradas na lama. Essa a descrição que os historiadores fazem dos acontecimentos que se desenrolaram perto das cidades de Queronéia e de Orcomene.

XLVII. Entrementes, em Roma, Carbão e Cina tratavam com tanta injustiça e crueldade as pessoas de maior consideração, que grande número delas, para escapar à sua tirania, procurou asilo no acampamento de Sila, como num porto seguro; e disso resultou que, em pouco tempo, ele teve em sua volta uma espécie de Senado, Metela, sua mulher, tendo conseguido escapar ao furor de Carbão e Cina juntamente com seus filhos, contou-lhe que sua casa na cidade e seus bens, no campo, tinham sido incendiados pelos inimigos, e conjurou-o a ir socorrer aqueles que tinham ficado em Roma. Estas notícias lançaram Sila numa grande perplexidade. Ele não podia conformar-se com a ideia de permitir que sua pátria fosse flagelada por tantos males. Entretanto, como partir sem ter concluído uma empresa de tão grande importância como a guerra contra Mitrídates? Ele ainda era presa desta indecisão, quando um negociante de Délio{936}, chamado Arquelau, foi secretamente procurá-lo, em nome do general de Mitrídates, Arquelau, sendo portador de algumas esperanças de paz. Tal foi a sua satisfação que se apressou em ir pessoalmente ao encontro do general. A entrevista realizou-se à beira-mar, perto de Délio, no lugar onde se ergue um templo de Apoio. Arquelau foi o primeiro a falar, e propôs ao general romano que abandonasse a Ásia e o Reino do Ponto e que fosse para Roma, a fim de pôr termo à guerra civil. Para isso ofereceu-lhe, da parte do príncipe, todo o dinheiro, navios e tropas de que necessitasse. Sila, tomando a palavra, aconselhou-o a deixar Mitrídades e arrebatar-lhe o trono, para tornar-se depois aliado dos romanos, concitando-o ainda a entregar-lhe toda a sua esquadra. Arquelau repeliu com horror tal traição. Sila replicou-lhe deste modo: "Pois então, Arquelau, tu que és capadócio, e o servidor., ou, se o preferes, amigo de um rei bárbaro, não podes suportar que eu te faça uma proposta vergonhosa, mas acompanhada de todos os bens que te ofereço! No entanto, a mim, que sou general dos romanos, a mim, Sila, ousas propor uma traição! Como se não fosse aquele Arquelau que fugiu de Queronéia com um punhado de soldados, remanescente de cento e vinte mil combatentes, que para ali havias levado; aquele Arquelau que esteve escondido durante dois dias nos pântanos de Orcomene, deixando a Beócia juncada de tão grande número de mortos, que por ela quase não se podia passar"!

XLVIII. Diante de tal réplica, Arquelau mudou de linguagem; e, humilhando-se perante Sila, suplicou-lhe que pusesse termo à guerra, e celebrasse a paz com Mitrídates. Sila, contente com sua submissão, declarou-lhe que consentiria em celebrar a paz, mediante as seguintes condições: Mitrídates deveria renunciar à Ásia Menor e à Paflagônia; restituir a Bitínia a Nicomedes e a Capadócia a Ariobarzane; pagar aos romanos dois mil talentos, e entregar-lhes setenta galeras inteiramente equipadas. De seu lado, Sila garantiria a Mitrídates a posse de seus outros Estados, e assegurar-lhe-ia o título de aliado do povo romano. Especificadas as condições, Sila retirou-se e seguiu para o Helesponto, pela Tessália e a Macedônia; levou em sua companhia Arquelau, a quem tratou com muita distinção. Tendo este general adoecido em Larissa, Sila ali permaneceu, e teve para com ele os mesmos cuidados que teria para com um de seus lugarrtenentes ou colegas. Estas atenções fizeram com que se alimentassem suspeitas em relação à batalha de Queronéia, dizendo-se que ela não havia sido ganha lisamente; esta suspeita foi fortalecida pelo fato de, após ter entregue todos os prisioneiros amigos e servidores de Mitrídates, mandar envenenar o tirano Aristão, por ser inimigo de Arquelau, Mas nada a confirmou tanto como o donativo que Sila fez a este capadócio, de dez mil pletros{937} de terra na Eubéi a, e o título que lhe conferiu de amigo e aliado do povo romano. Sila, no entanto, justifica-se, em seus Comentários, destas imputações.

XLIX. Entrementes, dirigiram-se a Larissa embaixadores de Mitrídates, os quais declararam

que seu senhor aceitava todas as condições do tratado, exceto a referente à Paflagônia, a qual desejava continuasse em seu poder, dizendo ainda que não podia consentir na entrega das galeras exigidas por Sila. "Que dizeis? respondeu-lhes Sila em tom colérico; Mitrídates quer conservar a Paflagônia e recusa-se a entregar os navios; ele, que deveria estar a meus pés para agradecer-me o ter-lhe conservado a mão direita com que fez perecerem tantos romanos! A sua linguagem, sem dúvida, mudará quando eu passar para a Ásia. Por enquanto, no seu repouso de Pérgamo, ele pode falar à vontade sobre o desenrolar de uma guerra que nem mesmo chegou a ver". Os embaixadores, amedrontados, não ousaram replicar; e Arguelau, tomando a mão de Sila e molhando-a com suas lágrimas, procurou serenar-lhe a cólera. E persuadiu-o, finalmente, a enviá-lo junto a Mitrídates, assegurando-lhe que o faria ratificar a paz, mediante as condições propostas; caso não o conseguisse, acrescentou, matar-se-ia pelas próprias mãos.

L. Diante dessa promessa, Sila consentiu em que ele partisse. Enquanto esperava pelo seu regresso, penetrou com suas forças na Média{938}, e, após pilhar o país, voltou à Macedônia, onde Arquelau, indo ao seu encontro, com ele se avistou na cidade de Fílipos, anunciando-lhe que tudo ia bem. Acrescentou, contudo, que Mitrídates insistia em ter uma entrevista com ele. O que o fazia desejar com tal urgência essa entrevista era a aproximação de Fímbria que, depois de haver morto o cônsul Flaco, um dos chefes da facção contrária a Sila, e derrotado alguns dos generais do Ponto, avançava contra o próprio rei, que, temendo este novo ataque, preferiu ligar-se ao general romano. Eles se encontraram em Dardânia, na região de Troada. Mitrídates levou consigo duzentos navios, vinte mil infantes, seis mil cavaleiros e um grande número de carros armados de lâminas. Sila levou apenas quatro coortes e duzentos cavaleiros.

LI. Mitrídates encaminhou-se na direção de Sila, e estendeu-lhe a mão; mas Sila, antes de tudo, perguntou-lhe se ele concordava em terminar a guerra mediante as condições negociadas por Arquelau. O rei permaneceu em silêncio. "Mitrídates, acrescentou Sila, ignora que aqueles que têm pedidos a enunciar devem falar em primeiro lugar, e que os vencedores não têm outra coisa a fazer senão ouvir em silêncio?" Mitrídates, então iniciou uma longa justificação de seus atos, e procurou atribuir as causas da guerra em parte aos deuses, em parte aos romanos. Todavia, Sila, interrompendo-o, disse: "Já tinha ouvido falar que Mitrídates era um príncipe muito eloquente, e o verifico agora, pessoalmente, ao ver com que facilidade ele disfarça, com palavras especiosas, os atos mais cruéis e injustos". Em seguida, censurou com acrimônia todas as suas perfídias, e, forçando-o a concordar com tais censuras, perguntou-lhe de novo se aceitava as condições negociadas por Arquelau. Mitrídates respondeu que as ratificava e, Sila, então, respondeu ao seu cumprimento, abraçando-o e beijando-o. Logo depois, mandou chamar os reis Nicomedes e Ariobarzane, reconciliando-se com ele{939}. Mitrídates, após entregar as setenta galeras, com os quinhentos homens de tração, velejou para o Ponto. Sila percebeu que seus soldados não haviam ficado satisfeitos com esta paz e que não viam, sem indignação, um rei, o mais mortal inimigo de Roma, o qual, num só dia, tinha feito degolar cento e cinquenta mil romanos{940}, em diversos pontos da Ásia, retornar tranquilamente a seus Estados, com todas as riquezas e despojos da região que havia pilhado e sobrecarregado com tributos durante quatro longos anos. Mas ele se justificava junto a seus soldados, dizendo-lhes que, se Fímbria e Mitrídates se tivessem unido contra ele, não teria podido opor-lhes resistência.

LII. Do local da entrevista Sila marchou contra Fímbria, que estava acampado junto às muralhas de Tiatira{941}. Estabeleceu seu acampamento nas imediações, e mandou que se cavassem trincheiras. Os soldados de Fímbria, vendo os de Sila, saem de seu campo, vestidos apenas de túnica, e vão abraçá-los e ajudá-los com ardor em seu trabalho. Fímbria, vendo a mutação que se operara no ânimo de seus comandados, e não esperando nenhuma transigência ou mercê da parte de Sila, matou-se em seu acampamento. Sila impôs sobre toda a Ásia uma contribuição comum de vinte mil talentos; e, além disso, mortificou os particulares, entregando suas casas à insolência dos soldados, que nelas viviam à vontade.

Ordenou que cada particular pagasse, por dia, aos seus hóspedes, quatro tetradracmas, e fornecessem ainda uma ceia para os soldados e os amigos que o acompanhassem. Determinou igualmente o pagamento, a cada oficial, de cinquenta dracmas, por dia, alé m do fornecimento de um traje de usar em casa e outro de sair.

LIII. Tomadas essas medidas, Síla partiu da cidade de Éfeso com toda a sua esquadra, chegando três dias. depois ao porto de Pireu, onde, após iniciar-se nos Mistérios, apossou-se da biblioteca de Apelicão de Téios, na qual figuravam a maior parte das obras de Aristóteles e de Teofrasto, que não eram ainda muito divulgadas. Afirma-se que, tendo sido levada para Roma essa biblioteca, o gramático Tiranião arranjou meios de subtrair grande parte das obras, e que Andrônico de Rodes, a quem ele cientificou da existência dos manuscritos, publicou-os, acre scentando-lhes os sumários que neles vemos agora. Os antigos discípulos do Liceu, gente de espírito e de saber, conheciam muito pouco os tratados de Aristóteles e de Teofrasto; e as cópias então existentes não eram corretas, e isto porque a herança de Neleu de Cépsio, a quem Teofrasto deixara por testamento todas as suas obras, foi ter às mãos de ignorantes, que delas não fizeram nenhum caso.

LIV. Sila, durante a sua estada em Atenas, foi acometido de uma dor nos pés, acompanhada de uma sensação de peso e entorpecimento, o que Estrabão disse ser o balbuciar da gota, ou seja, a sua primeira manifestação. Ele se fez transportar por mar para Edepsa, a fim de tomar banhos quentes. Passou ali dias inteiros na companhia de atores e músicos. Um dia em que passeava à beira-mar, pescadores ofereceram-lhe belos peixes. Satisfeito com o presente, perguntou-lhes de onde eram. "Da cidade de Ales", responderam. "Que me dizeis, exclamou Sila, ainda resta gente de Ales?" É que, após a vitória de Orcomene, ao perseguir o inimigo, ele havia destruído três cidades da Beócia: Ante-dão, Larimna e Ales. Os pescadores, atemorizados, permaneceram calados. Sila, todavia, disse-lhes, sorrindo, que nada receassem, e que se fossem sem qualquer preocupação. "Trouxestes, acrescentou, intercessores poderosos, que não merecem ser desprezados".

LV. Após ouvirem estas palavras, os moradores de Ales recuperaram a coragem e voltaram para a sua cidade. E Sila, depois de atravessar a Macedônia e a Tessália, desceu para o mar a fim de embarcar em Dirráquio{942}, e seguir de lá para Brundúsio, com uma esquadra de mil e duzentas velas. Perto de Dirráquio fica a cidade de Apolônia, em cujas redondezas existe um lugar sagrado chamado Ninféia{943}, onde, do meio de um vale coberto por belas campinas, brotam fontes de fogo, que jorram continuamente. Foi ali, conta-se, que um sátiro adormecido foi surpreendido, tal como os pintores e os escultores o representam. Foi conduzido à presença de Sila e interrogado’ por diversos intérpretes, que lhe perguntaram o nome; mas ele nada respondeu de articulado ou inteligível; sua voz não era senão um grito rude e selvagem, um misto do relinchar do cavalo e do berrar do bode. Sila, tomado de pavor, ordenou que o afastassem de sua presença, como se tratasse de uma coisa monstruosa.

LVI. Quando Sila estava para embarcar suas tropas, a fim de atravessar o mar, pareceu recear que os soldados, uma vez chegados à Itália, desejassem debandar e retirar-se cada um para a sua cidade; mas todos os combatentes lhe juraram, espontaneamente, que permaneceriam nas fileiras, e que não praticariam qualquer violência em seu país. Em seguida, sabendo que Sila necessitava de muito dinheiro, eles contribuíram", cada qual de acordo com suas possibilidades, e levaram-lhe a soma assim reunida. Sila não quis receber tal contribuição; e, depois de louvar a boa vontade dos soldados, e de encorajá-los, atravessou o mar, para marchar contra quinze chefes de facções, todos seus inimigos, e que tinham sob suas ordens quatrocentos e cinquenta coortes, como contou em seus Comentários. Mas os deuses lhe proporcionaram os presságios mais seguros do êxito que lhe destinavam. Após chegar a Tarento, ele fez um sacrifício, no qual o fígado da vítima pareceu ter a forma de uma coroa de louros, da qual pendiam duas bandeirolas. Pouco antes de seu embarque, foram vistos, em

pleno dia, perto do monte Efeão, na Campânia, dois bodes enormes, em luta, fazendo os mesmos movimentos que fazem dois homens que combatem; mas não era coisa real, e sim uma visão que, erguendo-se, aos poucos, da terra, ganhou altura, e, como os espectros tenebrosos, que, às vezes, aparecem, desfez-se no ar, desaparecendo. Pouco tempo depois, o jovem Mário e o cônsul Norbano conduziram até esse mesmo local dois poderosos exércitos; e Sila, sem dispor de tempo para colocar suas tropas em ordem de batalha e designar-lhes as posições, e valendo-se apenas do ardor e da audácia de seus soldados, derrotou aqueles dois generais, pondo-os em fuga; e depois de matar seis mil homens de Norbano, obrigou-o a refugiar-se na cidade de Cápua.

LVII. Esta vitória, segundo ele próprio disse, impediu que seus soldados se dispersassem e se retirassem para suas cidades, inspirando-lhes, ao mesmo tempo, o maior desprezo pelas forças inimigas, que lhes eram, no entanto, muito superiores em número. Sila conta ainda que na cidade de Sílvio, o escravo de um cidadão chamado Pôncio, tomado de um furor profético e divino, dirigiu-se a ele e assegurou-lhe que vinha da parte da deusa Belona anunciar-lhe a vitória; acrescentou, entretanto, que se ele não se apressasse o Capitólio séria incendiado.

E isto aconteceu, com efeito, no mesmo dia em que o homem o predissera, isto é, no dia seis do mês denominado então Quintilis, e que passou a ser chamado depois julho.

LVIII. Marco Lúculo, um dos lugar-tenentes de Sila, acampado perto de Fidência{944} com dezesseis divisões, tinha de enfrentar cinquenta, do inimigo. Ele confiava na boa vontade de seus soldados; mas como a maior parte destes não' possuía armadura completa, hesitava em travar a batalha. E enquanto pesava os prós e os contras, sem ousar tomar uma resolução, soprou subitamente um vento suave que, arrastando de uma campina vizinha uma grande quantidade de flores, levou-as até o lugar onde se achavam suas tropas; parecia que elas iam sozinhas colocar-se sobre os escudos e os capacetes dos soldados, de maneira que estes pareciam, aos olhos do exército inimigo, estar coroados de flores. Encorajados por esta espécie de prodígio, caíram sobre o adversário com tal energia que alcançaram completa vitória, matando-lhe mais de dezoito mil homens e apoderando-se de seu acampamento. Este Lúculo era irmão do outro Lúculo que, algum tempo depois, venceu Mitrídates e Tigranes. Sila, que se via cercado por vários acampamentos e exércitos numerosos, sentindo-se em situação de inferioridade, recorreu à astúcia, e mandou fazer a Cipião, um dos cônsules, propostas de entendimento. Cipião não recusou o convite, e teve com ele várias conferências; mas Sila encontrava sempre um pretexto para alongar as conversações; e, enquanto isso, procurava corromper as tropas do cônsul por intermédio de seus próprios soldados, que, como seu general, estavam acostumados a todas as espécies de ardis e estratagemas. Eles penetraram no acampamento do inimigo, misturaram-se com os combatentes, conquistando uns por meio de dinheiro, outros por meio de promessas e outros ainda por meio de lisonjas. Finalmente, Sila, tendo se aproximado do acampamento do adversário, com vinte coortes, os seus soldados saudaram os de Cipião, que lhes responderam à saudação, e se juntaram a eles. Cipião, que permaneceu sozinho em sua tenda, foi detido; porém, pouco depois, deixaram-no partir. Sila, que se servira destas vinte coortes para atrair quarenta em suas redes, como os passarinheiros fazem cair os pássaros em suas armadilhas, por meio de aves domesticadas, levou-as todas para seu acampamento. Este acontecimento levou Carbão a dizer que, tendo de combater ao mesmo tempo o leão e a raposa que moravam na alma de Sila, fora a raposa que lhe dera mais trabalho.

LIX. Pouco tempo depois, o jovem Mário, acampado perto de Sígnio{945}, com vinte e cinco coortes, ofereceu batalha a Sila, que estava desejoso de combater nesse dia, e isto porque havia tido um sonho na noite anterior. Vira, sonhando, o velho Mário, morto já havia alguns anos, dirigir-se ao filho, para adverti-lo, dizendo-lhe que tivesse cuidado com o dia seguinte, que lhe deveria ser fatal. Ardendo de impaciência, tal o desejo de travar o combate, mandou chamar Dolabela, que estava acampado muito longe dele. Mas o inimigo apoderou-se das estradas, que guarneceu com cuidado, com o objetivo de impedir a junção das duas forças. As tropas de Sila procuraram desalojá-lo, a fim de abrir caminho para seus camaradas. Os

soldados já estavam fatigados, tal o esforço que tiveram de desenvolver, quando caiu uma forte chuva que lhes retirou o que restava de disposição para a luta. Os oficiais, vendo-os nesse estado, foram procurar Sila, e, mostrando-lhe os homens vencidos pelo cansaço e deitados no chão sobre seus escudos, pediram-lhe que adiasse a batalha. Sila assentiu, embora com pesar.

LX. Após ter Sila dado ordem para acampar, e quando os soldados já se achavam entregues ao trabalho de erguer paliçadas e abrir trincheiras, Mário surge a cavalo, marchando com arrogância diante de toda a tropa, na esperança de surpreender o inimigo em desordem e de assim poder derrotá-lo facilmente. Mas neste momento a fortuna veio confirmar o sonho de Sila, Seus soldados, irritados com a bravata de Mário, e interrompendo o seu trabalho, fincaram as lanças junto às trincheiras e, tomando as espadas, avançaram no meio de grandes gritos contra o adversário, o qual, após ligeira resistência, bateu em retirada, seguindo-se uma grande carnificina. Mário fugiu para a cidade de Preneste, cujas portas encontrou fechadas; mas atiraram-lhe uma corda do alto da muralha, a qual atou na cintura, sendo assim içado. Alguns historiadores, entre os quais Fenestela, dizem que Mário não chegou a participar da batalha; dominado pelo cansaço e esgotado pelas noites sem dormir, deitara-se sob uma árvore, após ter ordenado o início do combate; e adormecera tão profundamente que só acordara com o fragor da derrota e da fuga dos seus soldados. Sila escreveu em seus Comentários que não perdeu nesse encontro senão vinte e três homens, e que matou vinte mil e aprisionou oito mil. Igualmente felizes foram seus lugar-tenentes Pompeu, Crasso, Metelo e Servílio, os quais, quase que sem perdas, dizimaram exércitos consideráveis do inimigo. Carbão, o principal chefe da facção adversária, fugiu à noite de seu acampamento, e velejou para a África.

LXI. O último chefe inimigo que Síla teve de enfrentar foi Telesino, o Sanita, que, corno um atleta repousado, que tivesse de lutar com um adversário cansado de muitos combates, acreditou poder subjugá-lo e derrotá-lo às portas de Roma, Este Telesino tinha se juntado a um lucano chamado Lampônio, e tinha reunido um exército bastante numeroso. Marchou sem perda de tempo na direção de Preneste a fim de libertar Mário, que ali estava cercado. Entretanto, informado de que Sila e Pompeu avançavam rapidamente, o primeiro para atacá-lo pela frente, e o segundo pela retaguarda; e vendo-se na iminência de ser cercado pelos dois exércitos inimigos, agiu como um grande capitão, a quem as situações difíceis tivessem proporcionado uma grande experiência: levantou acampamento durante a noite com todo o seu exército, e marchou diretamente sobre Roma, que estava sem defesa, e que teria podido conquistar no primeiro assalto. Todavia, a dez estádios da Porta Colina, ele se deteve, e passou a noite diante das muralhas da cidade, vangloriando-se de sua ousadia, e arquitetando grandes pianos, cheio de esperanças após ter ludibriado tantos e tão ilustres capitães.

LXII. No dia seguinte, ao amanhecer, saíram de Roma, a cavalo, numerosos jovens das melhores casas da cidade, para dar-lhe combate. Vários deles foram mortos, entre os quais Ápio Cláudio, moço tão notável pela coragem como pelo nascimento. Estes acontecimentos fizeram com que o pavor e a inquietação reinassem em Roma; as mulheres corriam nas ruas soltando altos gritos e já se viam assediadas pelo inimigo. Finalmente, viram chegar Balbo, enviado por Sila, a toda velocidade, com setecentos cavaleiros. Ele não parará no caminho senão o tempo necessário para que os animais tomassem fôlego, retomando lego o galope, a fim de conter o adversário. Logo depois apareceu também Sila, que, depois de ordenar aos soldados chegados em primeiro lugar que tomassem uma refeição ligeira, lançou-os logo à batalha. Torquato e Dolabela exortaram-no a não se expor a um desastre, pois as tropas estavam extenuadas pelo cansaço; frisaram que ele não- tinha de enfrentar mais um Carbão ou um Mário, mas os sanitas e os lucanos, os dois povos mais belicosos e os mais encarniçados inimigos dos romanos, Sila não deu ouvidos a seus argumentos e ordenou que as trombetas dessem o sinal para o combate, apesar de já ser quase quatro horas da tarde. Neste combate, um dos mais rudes que foram travados nesta guerra, a ala direita, comandada por Crasso, alcançou a mais completa vitória. Sila, vendo a ala esquerda em situação difícil e

prestes a recuar, correu em seu socorro, montado num cavalo branco cheio de ardor e extremamente veloz. Dois dos adversários o reconheceram e estenderam os braços para lançar contra ele os seus dardos. Sila nada percebeu, mas seu escudeiro, que os vira, deu no cavalo uma forte chicotada, que apressou tão a propósito o galope do animal que os dardos passaram rente à sua cauda indo cravar-s e na terra. Conta-se que Sila tinha uma pequena imagem de ouro de Apoio, a qual havia trazido de Delfos, e que conservava sempre junto ao peito, quando combatia. Nessa ocasião, ele a beijou afetuosamente, dirigindo-lhe estas palavras: "Ó Apoio Pítico, depois de haverdes cumulado de honras e de glória o feliz Cornélio Sila, em tantos combates, dos quais o fizestes sair vitorioso, desejaríeis agora derrubá-lo, vergonhosamente, às portas de sua pátria, fazendo-o perecer com seus concidadãos?" Após invocar com estas palavras o auxílio de Apoio, Sila lançou-se no meio de seus soldados, dirigindo solicitações a uns e ameaçando outros, chegando mesmo a agarrar alguns, para arrastá-los ao combate. Mas não conseguiu evitar a completa derrota da ala esquerda; e ele próprio foi forçado a voltar ao acampamento pela multidão de fugitivos, depois de haver perdido vários de seus oficiais e amigos. Um grande número de romanos, que haviam saído da cidade para assistir ao combate, morreram esmagados sob os pés dos homens e cavalos. Já se supunha que Roma estivesse perdida, e por pouco aqueles que mantinham Mário assediado em Preneste não suspenderam o cerco. Com efeito, soldados que até ali foram ter, em sua fuga, insistiram junto a Lucrécio Ofela, que dirigia o assédio, para que se retirasse sem perda de tempo, e isto porque Sila, diziam eles, fora morto e Roma caíra em poder do inimigo.

LXIII. Entretanto, altas horas da noite, chegaram ao acampamento de Sila correios enviados por Crasso, pedindo-lhe uma ceia, para ele e seus soldados. Mandava-lhe dizer, ao mesmo tempo, que, depois de haver vencido o inimigo, perseguira-o até à cidade de Antena, perto da qual acampara. Sila, tendo sido igualmente informado de que a maior parte dos soldados inimigos perecera, partiu no dia seguinte, ao amanhecer, para Antena. No meio do caminho, recebeu emissários da parte de três mil adversários, os quais mandaram dizer-lhe que se rendi am, pedindo-lhe graça ao mesmo tempo. Sila prometeu que lhes pouparia a vida, mas com uma condição: a de causarem danos consideráveis aos seus companheiros, antes de virem ao seu encontro. Estes três mil homens, confiando na sua palavra, lançaram-se contra seus camaradas, matando-se, em grande número, uns aos outros. Sila, no entanto, após reunir o que restou destes três mil homens, e dos outros, até o total de seis mil, mandou encerrá-los no Hipódromo, e convocou o Senado no templo de Belona. Quando começou a falar aos senadores, soldados que haviam recebido anteriormente ordens suas, investiram contra os seis mil prisioneiros, massacrando-os. Os gritos de tantos infelizes não podiam deixar de ser ouvidos de longe, e os senadores não ocultaram o seu espanto, procurando saber de que se tratava, Sila, continuando a falar com o mesmo sangue frio e sem alterar a fisionomia, disse-lhes que prestassem atenção apenas no seu discurso e que não se preocupassem com o que se passava fora do recinto. E acrescentou que não se tratava senão de indivíduos maus que mandara punir.

LXIV. Estas palavras fizeram compreender aos mais estúpidos dos romanos que eles não se tinham libertado da tirania, e que não tinham senão trocado de tirano. Mário, no entanto, desde o começo se mostrara duro e cruel, e, com o tempo, a sua severidade natural apenas aumentara; o poder não alterara o fundo de seu caráter. Sila, ao contrário, fazendo uso de sua fortuna como cidadão moderado, deu lugar à opinião de que, caso viesse a exercer a autoridade soberana, favoreceria a nobreza, mas sem deixar de proteger o povo. E como tivesse sido, desde a sua juventude, amante dos divertimentos e dos gracejos, e se mostrasse sensível à piedade a ponto de derramar lágrimas com facilidade, levou os cidadãos, com suas crueldades, a dizer, censurando-as, que as grandes fortunas modificam os costumes e o caráter dos homens, tornando-os orgulhosos, insolentes e cruéis. Mas será uma mudança real a que a fortuna produz no caráter, ou não se tratará, antes, de um desenvolvimento que uma grande autoridade dá à maldade oculta no fundo do coração? É esta uma questão a ser examinada numa outra espécie de tratado.

LXV. Desde o momento em que Sila começou a fazer correr sangue, não pôs mais limites à sua crueldade, e encheu a cidade de crimes que pareciam não ter mais fim. Um grande número de pessoas foi vítima de ódios particular es; Sila, que, pessoalmente, nenhuma queixa tinha contra essas pessoas, sacrificava-as para satisfazer os ressentimentos dos amigos e daqueles que o rodeavam. Até que um dia, um jovem romano, chamado Caio Metelo, ousou perguntar-lhe, em pleno Senado, quando seria posto termo a tantos males, e até que ponto pretendia levar suas crueldades, a fim de que se soubesse, pelo menos, que não se teria de recear novas. "Não vos pedimos, acrescentou, que salveis aqueles que já decidistes levar à noite, mas que tireis da incerteza aqueles que resolvestes poupar". E como Sila lhe respondesse que ainda não sabia quais as pessoas que seriam poupadas, Metelo replicou: "Pois bem: dizei, então, os nomes daqueles que decidistes sacrificar". E Sila: "É o que vou fazer". Alguns historiadores dizem que a última réplica não foi feita por Metelo, mas por um certo Aufídio, um dos aduladores de Sila. Este, incontinente, publicou os nomes de oitenta cidadãos que resolvera condenar a morte sem entender-se com qualquer magistrado. Como viu que a indignação era geral, deixou passar um dia, publicando depois uma segunda lista com os nomes deduzentas e vinte pessoas; no dia seguinte publicou outra lista com igual número de nomes. Falando ao povo, disse que havia condenado todos aqueles cujos nomes se haviam apresentado à sua memória, acrescentando que os demais iriam sendo enumerados à medida que deles se recordasse.

LXVI. Todos aqueles que recebiam em suas casas um condenado, para tentar salvá-lo, eram incluídos nas listas fatais, sendo assim punido com a morte o seu ato de humanidade; e não se excetuavam aqueles que tivessem dado abrigo aos pais, filhos ou irmãos. Chegou mesmo a pagar dois talentos pelo assassínio de um condenado, fosse um escravo que matasse seu senhor, fosse um filho que eliminasse seu pai. Mas o que foi considerado o cúmulo da injustiça foi o ter ele infamado os filhos e os netos dos condenados, confiscando seus bens. As condenações não se limitaram a Roma, estendendo a todas as cidades da Itália. Tanto os templos dos deuses como os altares domésticos, os recintos de hospitalidade como as casas paternais foram manchadas pelo sangue e conspurcados pelos crimes. Os maridos eram degolados nos braços de suas esposas, as crianças junto ao seio de suas mães; e o número de vítimas sacrificadas à cólera não se aproximava sequer do daqueles que pereciam por motivo de suas riquezas. Assim, os assassinos podiam dizer: "Este, foi a sua bela casa que lhe causou a morte; aquele, os seus magníficos jardins; aquele outro, seus banhos soberbos". Um romano chamado Quinto Aurélio, homem que sempre se mantivera afastado dos acontecimentos da cidade, e que não esperava ter outra participação nos males públicos senão a consistente no dó que sentia pelas vítimas, tendo ido à praça pública, pôs-se a ler os nomes dos condenados, e viu o seu nas listas. "Ó, exclamou, como sou desventurado! É a minha casa de Alba{946} que me persegue!" E, mal dera alguns passos, foi assassinado por um homem que o seguia.

LXVII. Entrementes, o jovem Mário, vendo que não podia escapar, matou-se. E Sila, tendo seguido para Preneste, fez primeiramente julgar e executar, um por um, os moradores da cidade, observando de algum modo as normas da justiça; em seguida, vendo que estas formalidades lhe tomavam muito tempo, mandou reunir todos os restantes num mesmo lugar, num total de doze mil, e mandou degolá-los na sua presença. Excetuou apenas seu hospedeiro, dizendo-lhe que decidira poupar-lhe a vida. Mas esse homem disse-lhe, com uma admirável grandeza de alma, que jamais deveria a vida ao carrasco de sua pátria; e, atirando-se no meio de seus compatriotas, fez-se matar com eles. Lúcio Catilina deu, nestes acontecimentos, um exemplo inaudito de crueldade. Antes de terminar a guerra civil, matou seu irmão com as próprias mãos; e quando Sila começou as execuções, pediu-lhe que colocasse seu irmão entre os degolados como se estivesse vivo. Sila satisfez-lhe de bom grado a vontade. Catilina, em sinal de reconhecimento por esse serviço, foi matar um homem da facção contrária, chamado Marco Mário, e levou sua cabeça a Sila, que estava na ocasião sentado na praça pública; depois disso, foi lavar as mãos manchadas de sangue no vaso de água lustrai, que estava nas proximidades, perto da porta do templo de Apolo.

LXVIII. Depois de tantos assassínios, nenhum acontecimento provocou maior revolta do que a decisão de Sila de nomear-se a si próprio ditador{947}, restabelecendo para ele uma dignidade que havia sido abolida em Roma havia cento e Vinte anos. Proporcionou-se a si mesmo uma abolição geral de todo o passado, e, quanto ao futuro, arrogou-se o direito de vida e de morte, o poder de confiscar bens, de dividir as terras, de construir e destruir cidades, de apoderar-se de reinos e dá-los a quem lhe aprouvesse. Vendia em leilão os bens que confiscava; do alto de seu tribunal, presidia em pessoa a estas vendas, e com tal insolência e despotismo, que as adjudicações que fazia pareciam ainda mais odiosas do que a própria confiscação. Cortesãs, músicos farsantes e libertos, os mais celerados dos homens, recebiam países inteiros, ou todas as rendas de uma cidade. Chegou mesmo a mandar raptar esposas aos maridos, a fim de fazê-las casarem com outros homens, contra a sua vontade. Como ambicionava a aliança do grande Pompeu, obrigou-o a repudiar sua mulher para casar-se com Emília (filha de Escauro e de Metela, mulher de Sila), e que arrebatara de Mânio Glábrio, apesar de achar-se grávida; mas ela morreu ao dar à luz na casa de Pompeu. Lucrécio Ofela, aquele que havia cercado Mário em Preneste, apresentou-se como candidato às funções de cônsul. Sila mandou-lhe dizer, primeiramente, que desistisse de sua pretensão; Lucrécio, que se via apoiado pelo povo, dirigiu-se um dia, apesar da advertência, à praça pública, acompanhado de numerosas pessoas que sustentavam sua candidatura. Sila para ali mandou um dos centuriões que sempre o acompanhavam, a fim de matá-lo. E, do alto de seu tribunal, no templo de Castor e Pólux, assistiu ao assassínio. O povo, em tumulto, agarrou o centurião, e levou-o até o tribunal; Sila ordenou que se fizesse silêncio, e declarou que fora em obediência a ordens suas que o assassínio havia sido cometido. E determinou, em seguida, que deixassem o centurião tranquilo.

LXIX. A sua entrada triunfal, que se realizou nessa época, foi uma das mais imponentes até então conhecidas, e isto devido à magnificência e à novidade dos despojos dos reis da Ásia; mas o que constituiu o mais belo ornamento do desfile, tornando-o um espetáculo dos mais comovedores, foi o grande número de banidos que dele participaram. As primeiras e mais ilustres personagens de Roma acompanhavam o carro de Sila, coroadas de flores, chamando-o de seu salvador e de seu pai, a quem deviam a sua volta à pátria e a satisfação de rever os filhos e as esposas. Terminado o triunfo, ele fez, na assembleia do povo, a apologia de sua conduta, e relembrou com maior cuidado os favores da fortuna do que suas proezas; acabou ordenando que, no futuro, lhe dessem o cognome de Félix, ou seja, o feliz, o bem-aventurado. Depois desse dia, ele próprio, quando escrevia aos gregos, ou quando com eles tratava de negócios, usava o cognome de Epafrodite, ou seja, o amado, o favorito de Vênus. Os troféus que ainda hoje se veem na Beócia apresentam esta inscrição: Lucius Cornelius Sylla Epaphtoditus. Metela, sua mulher, deu à luz a dois gêmeos, um menino e uma menina; e ele deu ao menino o nome de Fausto e à menina de Fausta, nomes que, entre os romanos, designam tudo o que é feliz e de bom augúrio. Mas nada prova melhor que ele tinha mais confiança em sua boa fortuna do que em suas ações, do que o fato de, após haver mandado degolar tantos milhares de cidadãos, após haver feito tantas modificações e introduzido tantas inovações na República, renunciar voluntariamente à ditadura{948} e restituir ao povo o direito de eleger os cônsules. Ele não compareceu ao comício eleitoral, permanecendo tranquilamente na praça pública, no meio da multidão expondo-se à investida de qualquer pessoa que quisesse pedir-lhe contas pelos atos do passado.

LXX. Um seu inimigo, homem audacioso e temerário, chamado Marco Lépido, foi escolhido cônsul nessa eleição, contra sua vontade. E foi eleito, não porque o povo lhe tivesse afeição, mas somente porque queria agradar a Pompeu, que favorecia o candidato. Sila, encontrando-se com Pompeu, que regressava à sua casa todo orgulhoso, por motivo da vitória, chamou-o e disse-lhe: "Jovem amigo, realizastes uma obra-prima política ao elegerdes, não Catulo, o mais sábio de todos os nossos cidadãos, mas um homem irrefletido como Lépido. Mas tomai cuidado, não vos descuideis, pois destes força em vosso próprio prejuízo, ao vosso adversário mais perigoso". Estas palavras de Sila constituíram uma verdadeira profecia, pois Lépido não demorou a demonstrar a sua audácia e insolência, tomando partido contra Pompeu.

LXXI. Sila consagrou a Hércules o dízimo de seus bens; e, por esse motivo, ofereceu ao povo festas magníficas. Houve uma tão grande profusão de iguarias, que, diariamente, era atirada nas águas do Tibre uma incalculável quantidade de carne. E foi servido vinho de quarenta anos, e ainda mais velho. No meio destes festejos, que duraram vários dias, Metela morreu. Durante sua enfermidade, os sacerdotes e adivinhos proibiram a Sila que a visse, e advertiram-no de que sua casa não devia ser poluída por funerais. Ele decidiu, então, separar-se dela, e mandou levá-la, quando ainda viva, para outra casa. Observou, assim, cuidadosamente, a ordem dos adivinhos; mas transgrediu a lei que ele próprio promulgara sobre a limitação das despesas com os funerais, nada poupando com os de Metela. Não observou, também, os regulamentos sobre a simplicidade das refeições, de que era igualmente autor; e, para consolar-se de seu luto, passava os dias em festins e na orgia.

LXXII. Alguns meses depois, promoveu um combate de gladiadores; e como então os lugares não eram ainda marcados, nos espetáculos, confundindo-se os homens e as mulheres, Sila viu-se, por acaso, perto de uma mulher muito bela e de família ilustre. Era filha de Messala, irmã do orador Hortênsio, chamava-se Valéria e acabara de divorciar-se. Esta mulher, após aproximar-se de Sila por detrás, colocou-lhe a mão no ombro e tirou-lhe um pelo de seu manto, voltando em seguida ao seu lugar. E como Sila a olhasse surpreendido, ela disse-lhe; "Senhor, não vos surpreendais; quero também partilhar de vossa felicidade". Estas palavras agradaram a Sila; parece mesmo que o lisonjearam extremamente, pois mandou saber logo o seu nome, qual a sua família e situação. Desde esse momento, não houve senão olhares recíprocos, sorrisos de mútua simpatia, que terminaram num contrato de casamento. Valéria, quanto a isso, não merece talvez censuras; mas Sila não pode ser desculpado. Mesmo que ela fosse a mais virtuosa das mulheres, seu casamento não teria tido por isso um motivo mais honesto: ele tinha se deixado prender, como se fosse um jovem sem experiência, por meio de olhares e lísonjas que, em geral, acendem as paixões mais vergonhosas. A companhia de tal mulher não impediu que ele continuasse a conviver, em sua casa, com atrizes e tocadoras de instru mentos, e de manter sempre ao seu lado farsantes, músicos, com quem bebia, desde: a manhã, deitado sobre simples colchões. As pessoas que então gozavam de maior prestígio junto a ele eram o comediante Róscio, o chefe de pantomimas Sorex e um certo Metróbio, farsante, que fazia papéis femininos; e embora este último já estivesse velho, Sila continuava a amá-lo e não se envergonhava em confessá-lo.

LXXIII. Esta vida de devassidão agravou nele uma doença que a princípio parecia sem maiores consequências. Levou muito tempo para perceber que se havia formado em suas entranhas um abcesso, o qual, tendo insensivelmente apodrecido suas carnes, ali formava tal quantidade de pus, que várias pessoas empenhadas, noite e dia, em retirá-lo, não conseguiam estancar-lhe a fonte; e o que se retirava pouco representava em comparação com a nova quantidade que se formava incessantemente; e por este motivo, suas roupas, seus banhos, os panos com que o enxugavam, a sua própria mesa, tudo ficava como que inundado pelo fluxo inesgotável desta podridão, tal a abundância com que vertia! Ele entrava, várias vezes por dia, no banho para lavar-se, para limpar o corpo; mas todos estes cuidados eram inúteis; suas carnes se transformavam tão rapidamente em podridão, que todos os recursos utilizados para contê-lo se revelavam ineficazes.

LXXIV. Conta-se que, entre os antigos, Acasto, filho de Pélias, e, em época mais próxima, o poeta Alcmane, Ferecides, o filósofo, Calístenes de Olinto e Múcio, o jurisconsulto, morreram da mesma enfermidade; e se for preciso citar outros nomes, de pessoas que, embora nada tenham feito de notável, não deixam de ser conhecidas, acrescentarei o de Euno, o escravo fugitivo que provocou a primeira guerra{949} de escravos na Sicília, e que, levado preso para Roma, ali morreu da mesma moléstia.

LXXV. Sila previu sua morte, e anunciou-a mesmo, de algum modo, em seus Comentários;

pois, dois dias antes de morrer, acabou de escrever o vigésimo-segundo Livro, onde conta que os caldeus lhe tinham predito que, depois de viver uma vida gloriosa, morreria no ponto mais alto de sua prosperidade. Acrescenta que seu filho, morto poucos dias antes de Metela, apareceu-lhe em sonho, com um manto muito feio, e que, aproximando-se dele, pediu-lhe que não trabalhasse mais e que fosse em sua companhia para perto de sua mãe Metela, a fim de viver com ela num ambiente de tranquilidade e livre de preocupações. Este sonho não impediu contudo, que ele tratasse dos negócios públicos. Com efeito, dez dias antes de sua morte, apaziguou uma sedição, que se manifestara entre os moradores de Diceárquia, e proporcionou-lhes leis, prescrevendo-lhes a maneira como deviam governar-se. Nas vésperas de sua morte, tendo sabido que o questor Grânio, que devia ao tesouro público uma soma considerável, adiava o pagamento, e esperava sua morte para lesar a República, mandou-o chamar, e ordenou aos criados que o prendessem e estrangulassem. Nos esforços que fez, gritando e agitando-se com violência, seu abcesso rebentou, e ele perdeu uma grande quantidade de sangue. Suas forças esgotaram-se, e, após ter passado muito mal a noite, morreu{950} na manhã do dia seguinte, deixando, de Metela, dois filhos de poucos anos de idade. Após sua morte, Valéria deu à luz uma menina, que recebeu o nome de Póstuma, pois os romanos chamam póstumos os filhos que nascem depois da morte do pai.

LXXVI. Mal expirara, e vários cidadãos se aliaram ao cônsul Lépido a fim de impedir que fossem realizados os funerais que convinham a um homem de sua categoria. Mas Pompeu, embora tivesse queixas a fazer, pois Sila não o incluirá em seu testamento, ao contrário do que fizera com todos os seus amigos, tanto fez, pedindo e ameaçando, a uns e outros, que conseguiu fosse abandonado o plano. Mandou trasladar o corpo para Roma, assegurando ao cortejo inteira liberdade, e fez com que se prestassem a Sila todas as honras adequadas. As mulheres romanas, conta-se, levaram tão grande quantidade de aromáticos que, além daqueles contidos em duzentos e dez açafates, houve cinamomo e incenso bastantes para fazer uma estátua representando Sila, de tamanho natural, e outra representando um litor conduzindo os feixes de varas, diante dele. No dia dos funerais, o céu mostrou-se desde cedo, muito nebuloso, e receava-se uma chuva forte; esperou-se até à nona hora, para o transporte do corpo. Logo depois de ter sido este colocado sobre a fogueira, soprou um vento continuado, que atiçou rapidamente as chamas, sendo os despojos consumidos antes de cair sequer uma gota de água. Mas lego que a pira começou a desfazer-se e o fogo a amortecer, caiu uma chuva pesada, que durou até à noite. Deste modo, a fortuna parece ter-lhe que-rido ficar fiel até o fim de seus funerais. Seu túmulo acha-se no Campo de Marte; e afirma-se ser ele próprio o autor do epitáfio que ali se vê, e cujo sentido, em resumo, é que ninguém jamais fez tanto, bem aos amigos e nem causou maiores danos. do que ele, aos inimigos.

PARALELO ENTRE SILA E LISANDRO

I. Agora que já descrevemos a vida de Sila, passemos a estabelecer um paralelo entre ela e a de Lisandro, Têm ambos de comum o fato de não deverem a eles próprios o começo de sua ascensão; mas quanto a Lisandro, há isto de particular e próprio: todas as funções que exerceu lhe foram conferidas pela vontade livre de seus concidadãos, não tendo ele as arrancado através da força e nem aumentando seus poderes pela violação das leis; pois, como diz o provérbio comum,

Onde o ódio reina e a discórdia,

Aos piores cabe a autoridade.

Foi o que se viu em Roma no tempo de Sila: estando o povo corrompido e o governo enfermo, surgiram de todos os lados tiranos que oprimiram a cidade. Não é, pois, de surpreender que Sila tenha usurpado a autoridade soberana numa época em que se viam um Gláucias, um Saturnino expulsarem os Metelo da cidade e os filhos dos cônsules serem degolados nas próprias assembleias do povo, numa época em que os soldados eram comprados, a força obtida a troça de ouro e de prata, as leis estabelecidas à ferro e fogo;. sendo reduzidos ao silêncio; pela violência os que a isso se opunham.

II. Não é que eu queira censurar o homem que, no meio de tal desordem, conseguiu apoderar-se do poder supremo; mas não acredito que aquele que soube tornar-se o primeiro numa cidade tão depravada fosse o cidadão mais honesto. Lisandro, a quem a cidade de Esparta, tão sábia então e tão bem policiada, confiava os negócios mais importantes e as mais altas dignidades, era certamente o melhor e o primeiro dos cidadãos. Assim, vemos os espartanos lhe conferirem por várias vezes a autoridade que ele sempre lhes restituía, e isto porque conservava sempre a virtude, causa da verdadeira superioridade. Sila, ao contrário, nomeado uma primeira vez general do exército, reteve durante dez anos a autoridade militar, nomeando-se a si mesmo ora cônsul, ora ditador, não passando de um tirano.

III. É verdade que Lisandro, como já dissemos, procurou modificar em Esparta a forma de governo. Mas ele se utilizava de meios mais suaves, mais de acordo com a lei do que os de Sila: era a voz da persuasão e não a das armas. Ele não se propunha, como Sila, tudo derrubar ao mesmo tempo; queria apenas dar uma melhor forma à instituição dos reis. Com efeito, parecia mais natural e mais justo que, numa cidade, cuja virtude, e não sobre o resto da Grécia, coubesse ao mais virtuoso dos cidadãos honestos a autoridade suprema. O bom caçador não procura o filho de um bom cão, mas um bom cão; do mesmo modo, um guerreiro avisado não procura o descendente de um cavalo, mas o próprio cavalo. Do mesmo modo, um estadista cometeria um grande erro se procurasse saber de quem era filho o rei que pretendesse colocar no trono, e não o que era, em si mesmo, esse rei. Os próprios espartanos não privaram da coroa tantos de seus reis porque, em vez de possuírem as virtudes reais, eram homens viciosos e de nenhum mérito? O vício não é menos vergonhoso pelo fato de estar unido à nobreza; e a virtude tira o seu brilho, não do nascimento, mas dela própria.

IV. Cometeram ambos injustiças, um em benefício de amigos, outro em detrimento dos próprios amigos. Convém-se em que Lisandro tornou-se culpado das maiores faltas, ao

favorecer aqueles que estimava, e em que foi para torná-los reis ou tiranos que se maculou com tantos crimes. Mas Sila quis, por inveja, tirar de Pompeu o exército que tinha sob suas ordens; e a Dolabela o comando da esquadra que ele próprio lhe havia confiado. Mandou degolar, aos seus olhos, Lucrécio Ofela, que pleiteava o consulado pelos grandes serviços que havia prestado; e, sacrificando, assim, seus melhores amigos, ele levava o terror a todos os espíritos.

V. Na inclinação de ambos pela voluptuosidade e pelas riquezas vemos num, o bom governante, e no outro o tirano. Lisandro, apesar de gozar de um tão grande poderio e de uma autoridade tão absoluta, não se deixou arrastar a excessos de intemperança e de devassidão comuns entre os jovens; ao contrário, parece ter evitado, tanto quanto qualquer outra pessoa a aplicação deste provérbio:

Em casa, leão; fora, raposa.

A sua vida, com efeito, foi sempre comedida, bem ordenada e digna, realmente, de um espartano. Sila abandonou-se sempre aos prazeres, sem que fosse contido, na juventude, pela pobreza, e na velhice pelas fraquezas da idade. Proporcionava aos seus concidadãos belas prescrições sobre o casamento e a continência; mas, ao mesmo tempo, como conta Salústio, levava uma vida de adultérios e de amores os mais infames. Esgotou de tal modo o tesouro público, e tornou Roma tão pobre, que foi obrigado a vender às cidades amigas e aliadas dos romanos a sua independência e o direito de governar a si mesmos, mediante suas próprias leis. Entrementes, confiscava e vendia em leilão, diariamente, os bens das famílias mais ricas e poderosas. E as suas prodigalidades sem limites beneficiavam sobretudo os seus aduladores. E que medida, que norma de economia, poder-se-ia supor que observasse nestas liberalidades privadas, quando, em público, e cercado pelo povo, era visto adjudicar por preços vis, a um amigo, os bens de uma família opulenta que pusera em leilão? Tendo um dos presentes feito um lanço, logo anunciado em voz alta pelo pregoeiro, ele indignou-se e disse: "Cidadãos, constitui para mim um insulto pretender impedir que eu venda segundo a minha própria vontade despojos que me pertencem", Lisandro, ao contrário, ao enviar para Esparta os valores da presa capturada ao inimigo, a ela juntou os donativos que havia recebido particularmente. Não é que louve esta remessa de dinheiro, pois ela talvez causou mais mal a Esparta, com a introdução de ouro e prata, do que a Roma o desperdício de suas riquezas, promovido por Sila; quero somente mostrar a pouca estima de Lisandro pelas riquezas.

VI. Tiveram ambos, em relação à sua cidade, uma conduta singular. Sila, não obstante a sua devassidão e a sua incontinência nas despesas, levou seus concidadãos a uma vida regrada; Lisandro, ao contrário, encheu sua cidade de vícios que não possuía. Assim, mostraram-se ambos inconsequentes. Um foi menos bom que suas próprias leis; o outro tornou seus concidadãos menos bons do que ele próprio, fazendo-os contrair necessidades quê havia sabido evitar. Eis o que havia a dizer quanto às questões civis e políticas.

VII. Se considerarmos agora as suas expedições militares, os seus combates e feitos, a quantidade de seus troféus e o vulto dos perigos que correram, veremos que Lísandro não poderá ser comparado a Sila. Ele saiu vencedor de apenas duas batalhas navais, às quais se pode acrescentar a tomada de Atenas, feito pouco difícil em si mesmo, mas que lhe valeu grande reputação. Houve talvez infelicidade no que lhe aconteceu na Beócia e perto de Haliarto; mas constituiu uma grande imprudência o não ter esperado as tropas do rei que vinham de Plateia, e o ter investido, num momento inoportuno, em virtude de um movimento de cólera e ambição, contra as muralhas de uma cidade, para ser vergonhosamente derrotado

por tropas da pior categoria, no primeiro ataque que desfecharam. Ele morreu na jornada de Leuctres, não como Cleômbroto, que, vivamente perseguido pelo inimigo, sucumbiu após obstinada resistência; e não como Ciro, e nem como Epaminondas, que recebeu o golpe mortal ao reconduzir para junto do inimigo suas tropas que haviam recuado e assegurar-lhes a vitória. Todos estes grandes homens morreram como convinha a reis e capitães; mas Lisandro morreu sem glória, como um simples soldado, como um aventureiro; e sua morte atesta a sabedoria dos antigos espartanos, que não quiseram bater-se contra muralhas, das quais o homem mais valente pode ser morto pelo último dos soldados, e mesmo por uma criança, uma mulher, do mesmo modo como Aquiles foi morto por Paris, às portas de Troia.

VIII. Ao contrário, quem poderia narrar todas as batalhas lidadas por Sila, todas as vitórias que alcançou, todos os milhares de inimigos que fez tombar? Ocupou por duas vezes a própria cidade de Roma; tornou-se senhor do Pireu, não pela fome, como Lisandro, mas após vários combates, em consequência dos quais Arquelau foi expulso da terra firme, reduzindo-o à posse de suas forças marítimas. Osgenerais que ambos tiveram de combater apre" sentam ainda, entre eles, uma grande, diferença. Seria algo mais que uma brincadeira o combate naval no qual Lisandro venceu Antíoco, que não era senão o piloto de Alcibíades. E que mérito existe em ludibriar Fílocles, este arengador do povo ateniense? Pois ele era

Homem obscuro, cuja língua ferina

Era pior que o gume de uma espada.

Eram homens que Mitrídates não compararia sequer com seus moços de estrebaria, nem Mário com seus lictores. Entretanto, para não citar aqui todos os príncipes, todos os cônsules, todos os generais, todos os tribunos que Sila teve de combater, quem, dentre os romanos, foi mais temível do que Mário? Que rei mais poderoso do que Mítrídates? E, entre os capitães italianos, teria havido algum mais belicoso que Lampônio ou Telesino? Sila expulsou o primeiro de Roma, subjugou o segundo e matou os dois outros.

IX. Mas o que me parece estar acima de tudo o que disse até aqui é que Lisandro, em suas ações, foi poderosamente secundado pela sua pátria. Sila, ao contrário, foi banido da sua, oprimida por uma facção inimiga; e enquanto expulsavam sua mulher de Roma, sua casa era incendiada e seus amigos eram degolados, combatia na Beócia contra uma multidão de inimigos e expunha-se pela sua pátria aos maiores perigos, saindo vitorioso dos combates para a honra de seu povo. Mitrídates em vão lhe ofereceu sua aliança e o auxílio de um poderoso exército contra seus inimigos. Sila não se mostrou para com ele nem mais tratável nem mais condescendente; não se dignou sequer a corresponder-lhe à saudação ou dirigir-lhe a palavra antes de ouvi-lo declarar, alto e bom som, que renunciava à Ásia, que entregaria seus navios e que restituiria a Bitínia e a Capadócia aos seus reis legítimos. Essa é, no meu parecer, a mais bela das ações de Sila. Graças a uma extraordinária grandeza de alma, ele, afastando conveniências pessoais, deu preferência ao interesse público. Como estes cães corajosos que jamais abandonam sua presa, nenhuma concessão fazia ao inimigo antes de ele confessasse vencido; somente depois cuidava de vingar os seus próprios agravos.

X. Temos, finalmente, a conduta de Sila e Lisandro em relação a Atenas, que é de. grande importância para julgar a diferença do, caráter de ambos. O primeiro, após ocupar essa cidade, durante a guerra que lhe movia para sustentar o poderio e à autoridade de Mitrídates, manteve-lhe a liberdade e as leis. O segundo, sem qualquer sentimento de piedade pela cidade que acabava de perder a sua preeminência gloriosa sobre a Grécia, privada de seu

governo popular, substituindo-o pela tirania mais injusta e cruel. Parece-me, que depois deste paralelo, não nos afastaremos muito da verdade dizendo que Sila praticou ações maiores e Lisandro erros menores; que este merece o prêmio da temperança e da sabedoria, enquanto que aquele o do valor e o da capacidade para a guerra.

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE FILOPÊMENE

CAP. XI II, pág. 22. O respeito e a confiança que me inspiram os vastos conhecimentos do abade Brotier levaram-me a conservar esta nota, a qual será considerada exata, segundo acredito, depois da explanação que vou tentar fazer.

Espira é a palavra grega que corresponde a palavra latina coorte. Suidas explica a palavra coorte pela de espira, e é neste sentido que é encontrada frequentemente em Apiano e Plutarco. Ora, se compararmos certas passagens de Políbio, suas expressões é as evoluções que descreve, ver-se-á que a formação em espira consistia em coortes dispostas em batalhão quadrado, e separadas umas das outras por intervalos iguais, de modo que todo o exército representava perfeitamente um quincunce; assim, quando as primeiras coortes estavam cansadas do. combate, as coortes subsequentes, passando à direita ou à esquerda, pelos interstícios laterais, iam substituí-las sucessivamente, até que, repousadas e refeitas, voltassem, se necessário, à primeira fileira, através da mesma manobra. Ora, os diversos movimentos, nos batalhões quadrados, as idas e vindas, necessárias para as substituições, apresentavam aos olhos a aparência de uma curva; e foi isto que o abade Brotier quis significar com, a expressão «linha semi-circular», empregada em sua nota. (V.)

SOBRE A VIDA DE T. Q. FLAMÍNINO

CAP. VIII, pág. 65. Amyot, em sua tradução, parece ter cometido um contra-senso, ao escrever: «Os gregos que moravam além do desfiladeiro das Termópilas». Mas Amyot escolheu um termo exatamente figurativo em relação a posição da Tessália, como se verá pela descrição sumária, que vou apresentar aqui aos leitores.

A Grécia propriamente dita limitava-se a leste, sul e ocidente pelo mar Jônico; ao norte, pelas montanhas Eta, que se estendem de oeste para leste, do golfo de Ambrácia até o golfo Malíaco, o qual é às vezes denominado Lamíaco, por motivo da proximidade da cidade de Lâmia. Todos os países situados ao n orte daquelas montanhas eram considerados bárbaros, e ainda não faziam parte da Grécia propriamente dita, no tempo de Demóstenes. Ora, perto do golfo Malíaco, a cadeia montanhosa é interrompida por uma garganta decrescente, que vai de sessenta passos até vinte e cinco pés de largura, num ponto chamado Boca-de-Lõbo. É este desfiladeiro que se denominava antigamente pylas, isto é, portas (ou Termópilas, por motivo de seus banhos quentes), e isto porque era a única porta por onde se podia passar da Tessália para a Grécia. A Grécia propriamente dita, assim, estava realmente além das Termópilas, em relação a Plamínino, que se achava então na Tessália. (V.)

CAP. XXX, pág. 88. O termo lugar-tenente não pode de nenhum modo significar as funções ou os direitos dos oficiais que os romanos denominavam legati, os quais somente podem ser designados pela palavra legado.

Era geralmente o Senado que os nomeava; o dita dor, todavia, tinha o direito de escolher os seus. Dava-se, por vezes, a mesma liberdade aos cônsules. O seu número não era fixo. Geralmente, cada cônsul nomeava um; os ditadores, dois. César, no entanto, nomeou dez e Pompeu vinte e cinco, na guerra contra os piratas.

Esta comissão era dada somente a senadores. Era das mais honrosas. Os maiores homens da República foram legados depois de terem sido várias vezes cônsules. Atuavam nos acampamentos como embaixadores do povo romano; anunciavam as ordens do Senado; interpretavam seus decretos; tratavam com as nações inimigas; manifestavam os seus pontos de vista nos Conselhos e prestavam contas ao Senado da conduta dos cônsules. Além disso, comandavam os exércitos durante a ausência dos cônsules.

Os procônsules e os pretores também tinham os seus legados. (V)

CAP. XXXVIII, pág. 98. Plutarco fala na existência de lugares distintos nas casas de espetáculos como se fosse um costume estabelecido. Isso era verdadeiro, sem dúvida, na época em que viveu, mas não no tempo de que trata aqui. Sabe-se que o rei Tarquínio designou lugares para os senadores e os cavaleiros quando fez realizar pela primeira vez os jogos que foram depois denominados os Grandes Jogos ou os Jogos Romanos (Tito Lívio, L. I). Mas, ao que parece, os senadores e cavaleiros não se valeram dessa distinção, ou, então, caiu a mesma em desuso. Pois vemos no Livro XXXIV de Tito Lívio que foi sob o consulado de Públio Cornélio Cipião, o Africano, e de T. Semprônio Longo ou seja no ano 560 de Roma que os senadores se sentaram pela primeira vez em lugares separados dos destinados ao povo nos Jogos Romanos.

Quanto aos cavaleiros, foi somente no ano 687 de Roma que L. Róscio Otão, tribuno do povo, designou-lhe lugares distintos. (V.)

CAP. XLII, pág. 101. Plamínino não tinha então senão quarenta e quatro ou quarenta e cinco anos, pois que, tendo sido nomeado cônsul no ano 556 de Roma, época em que ainda não tinha, segundo Plutarco, trinta anos, não se pode situar seu nascimento, além do ano 527 de Roma. Faço esta observação porque as reflexões de Plutarco (Cap. XXXIX) sobre a ambição revelada por Flamínino em sua velhice, ambição à qual atribui suas manobras contra Aníbal, teriam podido introduzir em erro, no que se refere à idade do romano. Aliás, Tito Lívio nos conta, em seu 44.» Livro, que no mesmo ano em que Paulo Emílio derrotou Perseu, ou seja, no ano 587 de Roma, Flamínino foi nomeado embaixador junto a Cótis, rei da Trácia. Todavia, a narrativa de Plutarco sobre sua vida termina, aproximadamente, no ano 571, de Roma. (V.)

SOBRE A VIDA DE PIRRO

CAP. LIX. pág. 175. O lugar de residência dos reis da Macedônia, que Filipe transferiu depois para Pela, era originariamente, na cidade de Egas, na Macedônia, denominada anteriormente Edessa.

Cárano, fundador do reino da Macedónia, cujo começo Eusébio situa no ano 814 A. O, foi quem. deu o nome de Egas à cidade.

SOBRE A VIDA DE C. MÁRIO

CAP. I, pág. 199. O sobrenome de Nepote; que ;alguns autores dão a Mário, deve ser considerado co mo injustificado, pois não era conhecido de Plutarco e nem dos autores por ele consultados.

CAP. L, pág. 253. Valério Corvo ou Corvino foi nomeado cônsul pela primeira vez na idade de vinte e três anos, no ano 406 de Roma. Foi nomeado para o cargo pela sexta vez no ano 465, com a idade de oitenta e três anos. Entre os dois consulados, existe, um intervalo de sessenta anos e não de quarenta e cinco, como diz Plutarco.

SOBRE A VIDA DE LISANDRO

CAP. I, pág. 307. Acredito que o leitor receberá com prazer um relato sumário da história do reino de Corinto, tal como no-la transmitiu Pausânias. Hélio, ou o Sol, dera a um de seus filhos, Aloeu, a Asopia, denominada depois Siciônia a outro, Etes, a Éfira, que passou a chamar-se depois Corinto, com todo o seu território. Etes, tendo de ir a Cólquida, confiou seu reino a Buno. Com a morte deste, Epopeu, filho de Aloeu, apoderou-se do trono. E como seu filho Corinto não deixasse descendentes, os coríntios chamaram Medeia, de Iolcos, que fez seu marido Jasão partilhar do trono com ela. Jasão, tendo tido um atrito com Medeia, deixou-a. Medeia, em seguida, também deixou Corinto, após colocar Sísifo no trono. Sísifo teve um filho Ornitião, que se tornou seu sucessor. Ocupou depois o trono Toante. Damofão sucedeu a seu pai, Toante. Veio depois Propodas, cujos filhos Doridas e Hiântidas foram destronados por Aletes, à frente dos heráclidas, 1103 anos antes de Cristo. A dinastia dos sisífidas compreende assim seis gerações. A dos heráclidas conservou seu nome durante cinco gerações. Mas o quinto descendente, Baquis, deu seu nome aos filhos, reinando seus descendentes durante quatro gerações, sob o nome de Baquíadas. Teleste, filho de Aristódemo, foi morto por Arieu e Perante, e o reino de Corinto acabou com eles, 779 anos antes de Cristo. Depois disso, os baquíadas continuaram a governar Corinto, mas através de eleições anuais. (V.)

CAP. XXIII, pág. 328. Damaco ou Daimaco de Plateia, a mesma pessoa, sem dúvida, de que fala Diógenes Laércio na Vida de Tales, onde se lê, em virtude de um erro do copista, Daidaco.

Este Daimaco, segundo Estrabão, é, de todos os que escreveram sobre a Índia, o mais merecedor de confiança.

SOBRE A VIDA DE SILA

CAP. XXI, pág. 393. «Quando chegou a Picines». Acho que se deve ler: «Quando chegou a Pictes». Pictes era uma localidade situada a 25 milhas de Roma, da qual fala Estrabão, em seu Livro V. (Dacier).

CAP. LIII, pág. 429. Tiranião, o jovem, discípulo de Tiranião, o — antigo, que lhe deu este nome, em substituição do de Diocles. Ele foi aprisionado nas guerras de Augusto e António. Foi escravo de Terência, mulher de Cícero, que lhe restituiu a liberdade. Escreveu várias obras. Estrabão foi seu discípulo. Acredito que a acusação de roubo está mal fundamentada. De acordo com o que diz o próprio Estrabão, em seu Livro XIII, Tiranião pôs em ordem e esclareceu passagens dos livros de Aristóteles, os quais estavam cheios de falhas.

Volume V

Cimon

(General Ateniense)

(em grego: Κίμων, transl. Kímon, Atenas, c. 510 a.C. — Cítio, 449 a.C.) estadista e general ateniense, Grécia Antiga)

Desde o ano 500 até o ano 449 antes de Jesus Cristo.

O profeta Peripoltas estabelece-se em Queronéia.

O profeta Peripoltas, que conduziu de Tessália à Beócia o rei Ofeltas com os povos que lhe estavam subordinados, deixou uma celebridade que perdurou no país, principalmente na cidade de Queronéia, por ter sido a primeira que conquistaram aos bárbaros, que eles expulsaram. Sendo os indivíduos desta raça muito corajosos e naturalmente propensos às armas, tanto se arriscaram nas lutas invasoras dos medos pela Grécia e nas guerras contra os gauleses, que sucumbiram quase todos, escapando apenas um orfãozinho de pai e mãe, chamado Damão, e sobre-nomeado Peripoltas, que sobrepujou todos os outros jovens de seu tempo em estatura e coragem, ainda que tão fortes, tão violentos e tão severos como ele.

Damão conspira contra o capitão de uma guarnição romana em Queronéia, e mata-o.

II. Aconteceu que, ao sair da infância, um romano, capitão de umas tropas que se achavam na cidade de Queronéia, para ali passarem o inverno, agradou-se dele; e, não conseguindo atraí-lo por meio de súplicas e de donativos, resolveu conquistá-lo pela força, certo de que a cidade de Queronéia, fraca e pobre como era, não se revoltaria. Receoso de que tal acontecesse, o que seria desonroso para ele, Damão resolveu preparar-lhe uma emboscada; e, agindo com a maior cautela, conseguiu que alguns companheiros, em número reduzido, conspirassem com ele contra o capitão. Foram dezesseis ao todo. Certa noite borraram o rosto com fuligem, e na manhã seguinte, ao romper do dia, lançaram-se sobre o romano, que executava um sacrifício na praça, matando-o com bom número de pessoas. Isto feito fugiram da cidade, que ficou bastante alvoroçada com o acontecido. Reunido o conselho pelo prefeito de Macedónia, Damão e seus cúmplices foram condenados à morte, como testemunho de desagravo e de satisfação aos romanos. Na mesma noite, porém, quando todos os magistrados e oficiais da cidade ceavam juntos no palácio, como de costume, Damão e seus partidários entraram de improviso no lugar em que eles estavam, mataram todos, e de novo fugiram da cidade.

Ele mesmo é morto a traição.

III. Mais ou menos nessa ocasião, aconteceu passar pela cidade de Queronéia, à frente de seu exército, Lúcio Lúculo, para uma diligência qualquer: e, como o acontecimento era de data recente, ele deteve-se alguns dias, para se inteirar do fato e conhecer a verdade. Chegou à conclusão que a população da cidade nenhuma culpa tinha no caso, e que, pelo contrário, também ela havia sido ultrajada. Razão por que prendeu todos os soldados que se achavam fora da guarnição, levando-os consigo. Enquanto isso, Damão vagueava tranquilamente pelos arredores da cidade. Por fim, os habitantes resolveram mandar pessoas ao seu encontro; e, com boas maneiras e sentenças favoráveis, conseguiram fazê-lo voltar. Nomearam-no

ginasiarca, isto é, professor de exercícios da mocidade. Pouco depois, num dia em que, completamente nu, ele se fazia untar de óleo em um banheiro, mataram-no a traição. Como durante muito tempo aparecessem espíritos naquele lugar, ouvindo-se gemidos e suspiros, conforme relatam nossos pais, foi ele interditado, sendo murada a porta do banheiro. Todavia, os que moram nas imediações dizem ver visões e ouvir palavras e gritos assustadores. Os descendentes deste Damão (pois ainda os há de sua raça na Fócida, perto da cidade de Estíris, que conservam o modo de agir e a língua dos eólios) são chamados abolomênios, isto é, os lambuzados de fuligem, por terem Damão e seus companheiros lambuzado o rosto de fuligem, quando se lançaram sobre o capitão romano.

Os orcomênios acusam os de Queronéia ao prefeito da Macedónia do assassinato cometido por Damão; o testemunho de Lúculo absolve-os, e eles levantam-lhe uma estátua.

IV. Sendo os orcomênios vizinhos dos querônios, mas vizinhos inimigos, elogiaram um advogado romano, caluniador, que acusou a população toda da cidade do assassínio de romanos, praticado por Damão e seus cúmplices. Como os romanos ainda não tivessem governadores na Grécia, instaurado o processo a causa foi contestada perante o governador da Macedónia, e os advogados, que defendiam os habitantes de Queronéia apelaram para o testemunho de Lúcio Lúculo, alegando ser ele perfeito conhecedor do ocorrido. O governador escreveu-lhe, obtendo dele o relato da verdade. Foi como nossa cidade venceu a causa, que de outro modo levá-la-ia à ruína. Tendo escapado de tão grande perigo, graças ao testemunho de Lúculo, os habitantes de Queronéia quiseram demonstrar-lhe o seu reconhecimento, e ergueram-lhe uma estátua próxima à de Baco.

Plutarco escreve a vida de Lúculo, em sinal de gratidão dos seus concidadãos ao grande benefício que lhes prestara.

V. Embora estejamos muitos anos e séculos afastados daqueles tempos, presumimos que o seu benefício se estenda até nós, que somos da época atual; e, embora sejamos de opinião que a imagem e o retrato que perpetuam o caráter e as virtudes das pessoas falam mais do que na realidade merecem, enfeixaremos nesta obra das Vidas dos Homens Ilustres, comparando-os, seus atos e seus feitos; escrevendo unicamente a verdade. Acreditamos que eles mesmos reprovariam qualquer narração falsa e controvertida que se fizesse, ainda que fosse em seu favor. Entretanto, como acontece com os retratos, que às vezes enfeiam as pessoas mais belas e outras embelezam as feias, se o acaso lhes fizer deparar feiuras e imperfeições nos nossos estudos, não as desprezem de todo, lembrando-se de que não há no mundo personagem de vida totalmente inocente e irrepreensível. Eles têm por fim pôr em relevo as virtudes realmente praticadas, para que nos sirvam de exemplo. As faltas e os erros que apareçam de permeio às suas boas ações, às suas paixões ou aos seus constrangimentos em bem da coisa pública devem ser considerados como defeitos e imperfeições de virtude mal apurada, ao invés de produtos de perversidade e de malícia. A natureza não produziu, até hoje, um homem tão perfeito e tão virtuoso do qual nada se tenha a reprovar.

Ele comparou-o a Damão, por não encontrar melhor comparação. Diversos traços de semelhança entre o grego e o romano.

VI. Pensando, pois, a quem eu poderia comparar Lúculo, pareceu-me dever fazê-lo a Cimon, porque ambos foram valentes e belicosos contra os inimigos, tendo praticado belos e grandes feitos de armas sobre os bárbaros; ambos foram clementes e afáveis para com seus concidadãos, sendo os principais fatores da pacificação das guerras e lutas civis em seus países, e vencedores de três gloriosas lutas contra os bárbaros. Nenhum comandante grego, antes de Cimon, nem romano antes de Lúculo, foi guerrear tão longe. Pelo menos, exceção feita dos monumentos comemorativos das façanhas de Baco e de Hércules, dos sucessos de Perseu contra os etíopes, medos e armênios, e dos de Jasão, nenhum outro existe, oriundo daqueles tempos, que prove o contrário. Eles têm ainda de comum, o fato de haverem conduzido a termo suas empresas, vencendo e enfraquecendo os adversários, sem arruiná-los nem destruí-los completamente. Nota-se entre ambos grande semelhança de sentimentos quanto à honestidade, cortesia e deveres de humanidade com que agiam, ao receberem e tratarem os estrangeiros em suas casas, e na magnificência, suntuosidade e opulência de sua vida e conduta usual. Outros traços de semelhança serão dados no decurso de sua história.

Nascimento, mocidade e caráter de Cimon.

VII. Cimon era filho de Milcíades e de Hegesípila, de origem traciana e filha do rei Oloro, conforme referem algumas composições poéticas, escritas por Melâncio e Arquelau sobre Cimon. O pai do historiador Tucídides, parente de Cimon, também chamava-se Oloro, o que demonstra ser o rei um dos seus ancestrais. Possuía minas de ouro na Trácia, no lugar denominado floresta coveira, onde foi assassinado. Suas cinzas e seus ossos foram transportados para a Ática, vendo-se ainda seu túmulo entre as sepulturas da família de Cimon, junto da de Elpinice, irmã deste. Todavia, Tucídides era do burgo de Alimo e Milcíades do de Lácia. Tendo sido condenado ao pagamento da multa de cinquenta talentos, na falta de pagamento Milcíades foi encarcerado e morreu na prisão, deixando Cimon na orfandade, criança ainda, com sua irmã, pouco mais idosa que ele. Nos seus primeiros anos de mocidade, Cimon conquistou má fama na cidade, sendo considerado dissoluto, beberrão, tal qual seu avô, também chamado Cimon, que, por suas asneiras, era apelidado Coalemos, isto é, o Maluco. Estesimbroto, do mesmo modo que Tasiano, que existiu na época de Cimon, escreveu que Cimon nunca aprendeu nem a música, nem qualquer das outras artes que costumavam ensinar às crianças de boa família na Grécia, e que ele não possuía nem a vivacidade de espírito, nem a graça de falar, características das crianças nascidas na Ática: não obstante, ele era de índole generosa, magnânima, em que não havia nenhuma simulação nem fingimento, e a sua maneira de agir tinha mais de peloponésio do que de ateniense. Era o que o poeta Eurípides disse de Hércules:

Um tanto monstruoso e sem nenhum adorno,

Homem de bem, no mais, inteiramente.

Má conduta de Cimon e de sua irmã; casamento desta.

VIII. Isto pode ser acrescentado ao que, muito acertadamente, Estesimbroto escreveu dele. Todavia, em sua primeira mocidade desconfiou-se que ele tivesse relações carnais com sua irmã, que não tinha boa reputação, pois pecava em sua honra com o pintor Pol ignoto, que resolveu pintar as senhoras troianas escravas nas paredes do Pórtico, então denominado Plesianação e atualmente Peciíe, isto é, enriquecido de diversas pinturas. E, ao que dizem, ele reproduzia o rosto de Laodice inspirado em Elpinice. Não sendo mercenário, prestou gratuitamente este benefício à coisa pública, conforme testemunharam todos os historiadores

da época e o próprio poeta Melâncio declarou nestes versos:

À sua custa, sem qualquer auxílio,

Ele enfeitou nossa praça pública,

E adornou os santos templos dos deuses,

Ali pintando os feitos dos semi-deuses.

Todavia há os que dizem que Elpinice não morava clandestinamente e sim às escâncaras com seu irmão Cimon, como sua mulher, legitimamente desposada, visto não ter ela encontrado marido de posição tão nobre como a sua, devido à sua pobreza: mas que depois, um tal Cálias, que era dos mais ricos e opulentos da cidade, pediu-a em casamento, prontificando-se a pagar a multa a que fora condenado seu pai Milcíades, se lhe cedesse a mulher. Cimon aceitou a proposta e entregou-a em casamento. Contudo, é inegável que Cimon tenha estado um tanto preso ao amor e às mulheres. O poeta Melâncio, gracejando, em algumas elegias refere-se a uma Astéria, natural de Salamina, e à outra denominada Mnestra, pelas quais Cimon se enamorou. E fora de dúvida, porém, ser ele muito afeiçoado a sua legítima esposa Isodice, filha de Euriptolemo e neta de Mégacles, que teve uma morte muito penosa, conforme se depreende das elegias que lhe foram dedicadas após o falecimento.

O filósofo Panécio afirma que tais elegias, muito de acordo com a época, foram escritas pelo físico Arquelau.

Belas qualidades de Cimon.

IX. Quanto ao mais, os costumes e o temperamento de Cimon eram dignos dos maiores louvores, pois ele, não sendo inferior a Milcíades em audácia, nem a Temístocles em bom senso e sabedoria, foi mais justo e mais honesto que ambos; não sendo inferior a eles, como guerreiro e valoroso comandante, excedeu-os extraordinariamente como bom governador e administrador dos negócios da cidade, embora muito moço e não experimentado na guerra. Quando, à chegada dos medos, Temístocles, aconselhou o povo de Atenas a sair da cidade, a abandonar suas terras e o seu país, para embarcar em gôndolas e ir combater os bárbaros através do estreito de Salamina, como todos se mostrassem pasmos de tão ousado quão arriscado conselho, Cimon foi o primeiro a seguir, pela rua do Cerâmico, para o castelo, de cara alegre, com outros jovens e amigos, empunhando um pedaço de rédea, a fim de consagrá-lo e oferecê-lo à deusa Minerva. Quis, assim, significar, que a cidade por enquanto não precisava de cavaleiros, e sim de marinheiros. Depois de fazer sua oferenda, tomou um dos escudos que se achavam dependurados nas paredes do templo, dirigiu sua prece a Minerva, foi ao porto, e animou e decidiu a maior parte dos cidadãos a deixar a terra e seguir para o mar. Além disso, ele era bonito, conforme declara o poeta Ion, de belo porte, de cabelos ondulados e espessos. Portou-se tão bem e tão valentemente no dia do combate, que logo adquiriu grande fama, consideração e estima de todos; tanto assim que não poucos seguiam-lhe os passos, a incutir-lhe coragem e a induzi-lo a praticar atos condizentes com a glória conquistada por seu pai na jornada de Maratona.

Entrada de Cimon na administração.

X. Logo que ele começou a intervir na direção dos negócios públicos, o povo recebeu-o com grande alegria, pois já estava enfastiado de Temístocles. Cimon foi sendo progressivamente elevado aos postos de maior destaque e responsabilidade da cidade, tornando-se muito querido do povo, graças à sua bondade e à sua modéstia. Seja por ter visto nele um caráter reto e inabalável, ou porque quisesse contrapô-lo ao astuto e audaz Temístocles, Aristides foi-lhe de grande valia nos rápidos acessos. Quando os medos fugiram da Grécia, deixando a cidade de Atenas desgovernada, e visivelmente submetida às ordens de Pausânias e dos lacedemônios, Cimon, escolhido pelos atenienses para comandante da marinha, em todas as viagens realizadas manteve os seus subordinados em admirável boa ordem, bem equipados e sempre prontos a agir. Pausânias desde logo procurou entendimentos com os bárbaros, para trair a Grécia, e escreveu nesse sentido ao rei da Pérsia, tratando, nesse ínterim, grosseira e atrevidamente os aliados e confederados de sua terra, praticando muitas arbitrariedades, atendendo à grande autoridade de que estava revestido. Cimon, pelo contrário, recebia bondosamente os que Pausânias maltratava, ouvindo-os humanamente e falando-lhes com delicadeza, sem se preocupar com o fato de ter sido ele quem arrancou a soberania da Grécia das mãos dos lacedemônios, entregando-a aos atenienses, não pela força das armas, mas pela meiguice, pela maneira sensata de agir, e por sua bondade. Não podendo mais suportar o orgulho e os maus tratos de Pausânias, a maior parte dos aliados submeteu-se voluntariamente às ordens de Cimon e de Aristides, que não só os receberam como escreveram aos membros do conselho dos lacedemônios que chamassem Pausânias, porque ele desonrava Esparta e punha toda a Grécia em confusão e desordem.

História de Pausânias e de Cleonice.

XI. Contam, a tal respeito, que Pausânias, certo dia, na cidade de Bizâncio, mandou buscar uma jovem chamada Cleonice, de boa família e de nobre descendência, para satisfazer aos seus desejos. Os pais não ousaram opor-se, temendo a sua perversidade, e deixaram-na levar. A jovem pediu aos seus criados de quarto que levassem todas as luzes; mas, procurando aproximar-se do leito de Pausânias, que já havia pegado no sono, achando-se no escuro, e sem fazer o menor ruído, ela encontrou casualmente uma lucerna, que jogou ao chão. Ele acordou sobressaltado; e, supondo logo tratar-se de algum dos seus desafetos, que o quisesse atacar a traição, apanhou o punhal que tinha debaixo do travesseiro, e apunhalou-a de tal modo que a infeliz caiu morta a seus pés. Pausânias nunca mais dormiu sossegado, porque a alma da jovem aparecia-lhe todas as noites, nem bem ele ia pegar no sono, recitando-lhe furiosa uns versos heroicos, que podem ser resumidos no que segue:

Procede direito e honra a justiça:

Sofrimento e miséria a quem pratica injustiça.

Esta afronta irritou de tal modo os aliados, que cheios de ódio, e sob as ordens de Cimon, cercaram-no na cidade de Bizâncio, da qual ele conseguiu salvar-se, fugindo sorrateiramente. Como o espírito da jovem não o deixasse em paz, perseguindo-o sem cessar, ele fugiu para a cidade de Heracléia, onde havia um templo destinado a exorcizar os espíritos, e esconjurou o de Cleonice, pedindo-lhe que abrandasse a sua cólera. Ela apareceu-lhe sem demora, e disse-lhe que antes de chegar a Esparta ele ficaria livre dos seus tormentos: o que, a meu ver, veladamente ela quis referir-se à morte que o esperava. E o que dizem diversos historiadores.

Ele expulsa os persas de Iônia, e apodera-se de todo o cantão.

XII. Cimon, então, apoiado pelos aliados e confederados gregos, que se haviam afastado de Pausânias, foi avisado de que alguns altos personagens persas, parentes do próprio rei, residentes na cidade de Iônia, situada na Trácia, na margem do no Estrimão, perseguiam e causavam graves danos aos gregos que habitavam os arredores. Fêz-se ao mar com a sua esquadra, atacou, venceu e aniquilou os bárbaros, e expulsou todos os habitantes da cidade; depois correu contra os tracianos situados além do no Estnmão, que forneciam víveres aos habitantes de Iônia, e, fazendo-os abandonar a região, apoderou-se totalmente dela. Antes, porém, vendo-se perdido, em ato de desespero o tenente persa Butes incendiou a cidade, perecendo queimado com seus amigos e bens. Deste modo, os despojos da cidade conquistada não foram de grande valia, porque os bárbaros queimaram o que de mais belo e valoroso ali havia. Em compensação, a conquista forneceu aos atenienses uma região muito amena e fértil. Para memorar o feito, o povo fez erigir três Hermes ou pedestais de pedra com a estátua de Mercúrio, nos quais foram gravados dizeres enaltecendo o valor da sua gente.

Ele torna-se senhor da ilha de Ciros.

XIII. Se o nome de Cimon não aparece em tais inscrições é porque esta honra extraordinária nunca foi concedida nem mesmo a Milcíades e a Temístocles. Que o povo era inimigo de individualizar, demonstra-o este simples fato: tendo Milcíades pedido um dia ao povo que lhe fosse permitido usar na cabeça uma coroa de oliveira, um tal Sófanes, natural da aldeia Decélia, levantou-se no meio da assembleia, e se opôs, proferindo palavras que muito agradaram ao povo, embora fossem ingratas e mal agradecidas aos bons serviços que ele havia prestado à coisa pública. "Quando tiveres, Milcíades, vencido sozinho os bárbaros em combate, disse ele, poderás pedir que te honrem somente a ti". Qual a razão por que a atuação de Cimon tornou-se mais querida aos atenienses do que a dos outros capitães? Foi, a meu ver, porque os outros capitães agiram em defesa do seu território, dentro do próprio país, e Cimon e sua gente atacaram e destroçaram os inimigos em sua terra, conquistando as cidades de Iôma e de Anfípolis, que povoaram, e mais a ilha de Ciros. Os dolopianos, que a possuíam, inimigos do trabalho e do cultivo da terra, desde remota antiguidade não passavam de corsários, que viviam do que pilhavam no mar, não poupando nem mesmo os passageiros e mercadores que demandavam seus portos. Alguns tessalianos que ali apareceram para comerciar foram roubados, castigados e aprisionados. Conseguindo fugir, eles recorreram ao parlamento dos anfitriões, que é um conselho geral de deputados das cidades gregas. Julgado o feito, os anfitriões condenaram todos os arianos ao pagamento de elevada multa, que eles se negaram a satisfazer, sob a alegação de que não eram responsáveis pelos atos praticados pelos corsários; que se dirigissem a estes, e eles que pagassem, se quisessem. Para castigar este ato de rebeldia, e obrigá-los a pagar, Cimon foi encarregado de atacá-los e de apoderar-se da cidade, o que foi feito.

Conquistada a ilha, Cimon expulsou os dolopianos, e livrou o mar Egeu dos corsários.

Ele leva os ossos de Teseu para Atenas.

XIV. Sabia-se que o velho Teseu, filho de Egeu, fugindo de Atenas fora ter à ilha de Ciros, onde o rei Licomedes, suspeitando dele, mandou matá-lo a traição. Como, por um oráculo e

profecia, as suas cinzas e os seus ossos deviam ser levados para Atenas, por ser considerado um semi-deus, negando-se os habitantes da ilha a dizer-lhes onde fora ele inumado, os conquistadores procuraram teimosa e inutilmente a sepultura. Por fim, depois de obstinada busca, Cimon conseguiu encontrar o túmulo; colocou os ossos na nau capitânia, magnificamente paramentada, e levou-os para a sua pátria. Isto quatrocentos anos depois da saída de Teseu de sua terra natal.

Os atenienses mostraram-se sumamente gratos a Cimon; e, para perpetuarem o grande acontecimento, os poetas escreveram poemas trágicos que se tornaram célebres. Tendo o jovem poeta Sófocles apresentado sua primeira tragédia, Afepsião, que significa primeiro magistrado, o preboste, notou grande divergência e cabala entre os espectadores, e não quis sortear os que deviam escolher os julgadores dos trabalhos apresentados, para dar o prêmio ao poeta vencedor.

Achando-se Cimon e os outros capitães no teatro, fez a oferta devida ao deus em cuja honra se realizam tais torneios, sorteou-os e fê-los jurar que escolheriam com ânimo desprevenido os julgadores do poeta merecedor do prêmio. Feita a escolha, todos se esforçaram em serem justos no julgamento, sendo Sófocles declarado vencedor. Ésquilo, segundo dizem, ficou tão aborrecido e triste com o acontecido que abandonou Atenas, retirando-se para a Sicília, onde faleceu, sendo sepultado perto da cidade de Gele.

Como Cimon distribuiu os despojos, depois da tomada de Sestos e de Bizâncio

XV. Escreve Ion, que, sendo ainda muito jovem, recém-chegado a Atenas, proveniente de Quio, ceou certa noite com Cimon, ria hospedaria de Laomedão, e que ao fim da ceia, depois das efusões costumeiras aos deuses, Cimon foi convidado pelos presentes a cantar. Ele não se fez de rogado, sendo muito aplaudido. Todos foram unânimes em declará-lo mais civil e atencioso que Temístocles, que, em caso semelhante, sendo convidado a tocar cítara, respondeu que nunca aprendera a cantar nem a tocar cítara, mas que sabia fazer de uma pequena e pobre aldeia uma rica e poderosa cidade. Depois disto, como é natural, o assunto e as conversas dos presentes giraram sobre feitos e gestos de Cimon, enumerando os principais. Ele mesmo relatou um. que considerava superior a quantos havia realizado. Como os atenienses e seus aliados tivessem aprisionado numerosos bárbaros nas aldeias de Sestos e de Bizâncio, como homenagem conferiram-lhe o direito de repartir entre eles a presa. Aceitando o encargo, ele pôs num quinhão todos os bárbaros completamente nus, e no outro todas as suas roupas e despojos. Os aliados acharam a partilha muito desigual, mas Cimon deu-lhes o direito de escolha, deixando o resto para os atenienses. Um capitão samiano, apelidado Herófito, aconselhou os aliados a ficar com as roupas e despojos dos persas, o que foi feito. Cimon foi logo taxado por todos de péssimo distribuidor, por dar aos aliados, aljavas e pulseiras de ouro, bem como lindas e riquíssimas vestes de púrpura, sistema persa, e aos atenienses corpos nus, de homens indolentes, não afeitos ao trabalho e ao sofrimento. Tempos depois, parentes e amigos dos prisioneiros, provenientes da Frigia e da Lídia, deram-lhe tanto dinheiro, que Cimon manteve, durante quatro meses as galeras à sua custa, e entregou o resto ao governo de Atenas, reservando uma parte para si.

Liberalidade de Cimon.

XVI. Tendo Cimon enriquecido, gastou os bens honestamente recebidos dos bárbaros do modo mais honesto, atendendo às necessidades dos seus cidadãos: fez retirar todas as cercas de suas terras e patrimônios, para que os estrangeiros em viagem, e os seus cidadãos, que tivessem necessidade, pudessem servir-se dos produtos ali existentes, como e quanto quisessem, sem risco de qualquer espécie. Em sua casa, além disso, havia sempre uma posta para numerosas pessoas; não de petiscos, porém, farta, sendo os pobres burgueses que a ela acorriam muito bem recebidos e muito bem tratados. Deste modo, eles não tinham necessidade de trabalhar para viver e melhor podiam preocupar-se com os afazeres públicos. Entretanto, o filósofo Aristóteles escreveu não ser para todos os atenienses, indistintamente, que ele mantinha assim sua casa, mas unicamente para os d o burgo de Lácia, onde nascera. Além disso, ele tinha sempre a seu lado alguns moços, seus criados, muito bem vestidos. Se, ao ir pela cidade, acontecesse encontrar algum velho pobremente trajado, ele fazia um dos moços despir-se e trocar a roupa com o necessitado. Isto, longe de ser levado a mal, era considerado por todos coisa venerável. Mas há mais: estes mesmos moços levavam sempre consigo boa importância em dinheiro; e, ao encontrarem, na praça ou na rua algum necessitado de fato, colocavam-lhe à mão, às escondidas, e sem nada dizer, alguma moeda de prata. Parece ser a isto que o poeta Cratino se refere, em sua comédia os Arquiloques. Górgias Leontino dizia que Cimon conquistou bens para usá-los, e que usava-os com honestidade. Crítias, um dos trinta tiranos de Atenas, em suas elegias deseja e pede aos deuses:

A opulência dos herdeiros de Escopas,

O nobre coração e a liberalidade

Do valoroso Cimon, e os gloriosos Troféus conquistados por Agesilau.

Ela era absolutamente desinteressada.

XVII. O nome de Liças Espartiata foi muito exaltado e celebrado, entre os gregos, pelo simples fato de, em dia de festa solene, em que os jovens faziam exercícios e dançavam nus na cidade de Esparta, ele receber festivamente os estrangeiros que iam assistir a tais folguedos. A grandeza d’alma de Cimon excedia, porém, a liberalidade, humanidade e hospitalidade dos antigos atenienses, que foram os primeiros a ensinar aos homens em toda a Grécia, como deviam semear e usar o trigo para se alimentarem, qual o uso que deviam fazer das águas das fontes, e como deviam acender e manter o fogo. Cimon, entretanto, fazendo de sua própria casa um hcspital, onde todos os pobres eram fartamente alimentados e socorridos, e onde os viajantes estrangeiros podiam livremente colher os frutos de cada estação, brotados em suas terras, reconduzia ao mundo, por assim dizer, a comunidade de bens que os poetas dizem haver estado outrora sob o domínio de Saturno. Quanto às objeções dos que caluniavam esta honesta liberalidade, dizendo ter por fim adular a comuna e ganhar as boas graças da plebe, elas eram desfeitas e vencidas pelo seu modo de vida onde residia, pois pertencia à nobreza e vivia como os lacedemônios. Demonstra-o o fato de ter sido sempre contrário a Temístocles, que aumentava excessivamente a autoridade e o poder do povo, e de ter-se ligado, com Aristides, a Efialtes, que, em favor do povo, procurou deter e abolir o parlamento do Areópago. E, onde todos os governadores do seu tempo, exceto Aristides e Efialtes, se mostraram violentos e corrompidos, ele se manteve a vida inteira incorruptível quanto à coisa pública, tendo sempre as mãos limpas, fazendo, dizendo e aconselhando com sinceridade, justeza e honestidade, em matéria de administração, sem nunca ter-se aproveitado do dinheiro de quem quer que seja. Acha-se escrito, a este respeito, que um senhor persa, chamado Resaces, traindo seu soberano, o rei da Pérsia, fugiu um dia para Atenas. Ali, diariamente aborrecido pelos apupos e gritarias dos maldizentes, que o apontavam publicamente, recorreu a Cimon, levando-lhe duas dornas cheias, uma de dáricos de ouro e outra de dáricos de prata, moedas assim chamadas por conterem o nome de Dario. À vista das dornas Cimon desandou a rir, e perguntou-lhe o que preferia que ele fosse, seu amigo ou seu assalariado. O bárbaro respondeu prefe ri-lo por amigo. "Leva então o teu ouro e a tua prata,

e retira-te, disse-lhe Cimon. Se sou teu amigo, sei que eles estarão sempre ao meu dispor, para usá-los quando se tornem necessários".

Política de Cimon com relação aos confederados dos atenienses.

XVIII. Por esse tempo, os aliados e confederados dos atenienses começaram a enfastiar-se da guerra contra os bárbaros, desejando dali em diante descansar da luta e entregar-se ao trabalho, ao seu tráfego e ao lar, visto haverem já expulso os inimigos de sua terra e não serem por eles aborrecidos. Assim sendo, eles preferiram cotizar-se e pagar a grande indenização que lhes foi exigida, a fornecer homens e navios para a guerra, como dantes. A vista disso, os outros comandantes atenienses constrangiam-nos de toda a forma, submetendo a processo os que deixassem de pagar as elevadas multas a que eram condenados. O rigor com que agiam e o exagero da penalidade tornaram a soberania e o domínio dos atenienses odiosos aos aliados. Cimon, porém, seguia rumo diametralmente oposto: não obrigava nem constrangia ninguém; satisfazia-se em receber dinheiro e embarcações dos que não queriam ou não podiam servir pessoalmente, e em deixá-los embrutecer e tornarem-se indolentes em suas casas, sob os atrativos do descanso, certo de que, fartos da sua estupidez, eles acabariam sendo bons guerreiros, trabalhadores, mercadores e mensageiros dedicados. Fazendo seguir em suas galeras grande número de atenienses, uns após outros, e enrijando-os no trabalho por meio de contínuas viagens, em pouco tempo tornou-os senhores e instrutores dos que os assalariaram e mantiveram, porque pouco a pouco se habituaram a enganar e a evitar os próprios atenienses, que viam constantemente em guerra, com os arneses às costas e armas na mão, a guerrear à sua custa, valendo-se da soda e do dinheiro que eles lhes forneciam. De modo que, no fim, eles se viram sujeitos e tributários, ao invés de companheiros e aliados, como de início.

Ele prossegue na guerra contra os persas.

XIX. Também nunca houve capitão grego que abatesse e refreasse a altivez e o poder do grande rei da Pérsia como Cimon. Depois de havê-lo expulso de toda a Grécia, não lhe deu descanso, perseguindo-o a pontapés, como se costuma dizer; antes que os bárbaros pudessem recobrar fôlego, ou dar maior atenção aos seus propósitos, ele procedeu de tal modo, que apoderou-se de algumas de suas cidades pela força e de outras por meio de ardis, fazendo-as rebelar-se contra o rei e pôr-se ao lado dos gregos. Assim, em toda a Ásia, desde a Iônia até Panfília, não havia um guerreiro favorável ao rei da Pérsia. Avisado de que os capitães do rei achavam-se na costa da Panfília com uma grande esquadra e poderoso exército naval, a fim de assustá-los e impedir que ousassem aparecer aquém das ilhas Caledônias, Cimon partiu da ilha de Gnidos e da cidade de Triópio com duzentas galeras, que desde o início haviam sido muito bem construídas e distribuídas por Temístocles, tanto para singrar com facilidade, como para girar com rapidez. Cimon, porém, mandou alargá-las e tirar-lhes o soalho de um costado a outro, para que pudessem transportar maior número de combatentes, para atacar os inimigos. Primeiro foi ao encontro dos fasélitos, que, não obstante serem gregos de nascimento, negavam-se a auxiliá-los e opunham-se à entrada de suas esquadras em seus portos. Chegou inesperadamente e apoderou-se de toda a planície da região e a seguir achegou suas forças às muralhas. Havendo, na armada de Cimon, antigos amigos dos fasélitos, naturais de Quio, eles procuraram aplacar a cólera de seu chefe, e deram notícias suas, aos que se achavam na cidade, por meio de cartas que amarravam a flechas e jogavam por cima das muralhas. Por fim eles entraram em acordo, obrigando-se os fasélitos a pagar uma multa de dez talentos, correspondentes a seis mil escudos, aproximadamente, e a segui-los, combatendo com eles e para eles, contra os bárbaros.

Ele alcança sobre eles uma vitória naval junto do rio Eurimedão.

XX. Diz Éforo, que o capitão persa que comandava a armada chamava-se Titraustes, e o que dirigia o exército Ferendates. O filósofo Calístenes, porém, primo e discípulo de Aristóteles, escreve que Ariomandes, filho de Góbrias e tenente do rei, tendo a maior autoridade sobre toda a esquadra ancorada junto ao rio Eunmedão, não se decidia a entrar em ação por estar à espera de um reforço de oitenta navios fenícios, que lhe deviam chegar de Chipre. Procedendo de modo contrário, Cimon tratou de atacá-los, antes que as naus fenícias pudessem lá chegar, para obrigá-los à defesa, caso não se decidissem a ir-lhe ao encontro voluntariamente. Percebendo isto, os bárbaros recolheram-se à embocadura do rio Eunmedão, para não serem envolvidos pela retaguarda, nem obrigados a entrar em combate contra vontade. Mas, ao verem os atenienses irem-lhes ao encontro, rumaram para eles com uma frota de seiscentas naus, segundo relata Fenodemo, ou de trezentas e cinquenta somente, no dizer de Éforo. Nada fizeram, porém, em combate marítimo, que correspondesse ao avultado número de navios postos em ação; pelo contrário, voltaram sem demora as proas para o no, e os que conseguiram alcançá-lo a tempo passaram-se para as forças de terra, que não estavam longe, em posição de combate; os outros, que foram apanhados no trajeto foram mortos, e as suas galeras, de fato numerosas, postas a pique ou aprisionadas. Os atenienses também fizeram duzentos prisioneiros.

Uma segunda contra o exército.

XXI. Isto não impediu que o exército se aproximasse da costa, porque Cimon mostrou-se indeciso se devia ou não ordenar o desembarque de sua gente. Parecia-lhe difícil e perigoso desembarcar contra a vontade dos inimigos, e expor os gregos, fatigados e fartos do primeiro combate, aos bárbaros que se achavam íntegros, em boa forma, descansados e em muito maior número. Todavia, vendo que sua gente confiava nas próprias forças, e que, entusiasmada com a primeira vitória, desejava ir ao encontro dos inimigos, ordenou o desembarque. Os atenienses correram então cheios de incontido ardor e em altos brados, contra os bárbaros, que os esperaram a pés firmes, e sustentaram valentemente o primeiro embate. Neste encontro, áspero e cruel, pereceram os melhores e maiores elementos do exército atacante; os outros, porém, combateram com tal denodo, que se tornaram senhores do campo e puseram os bárbaros em fuga, matando muitos e aprisiondo numerosos outros, com suas tendas e pavilhões repletos de toda espécie de bens e de riquezas.

Uma terceira contra a frota fenícia que vinha em auxílio dos persas.

XXII. Cimon já havia adquirido renome como campeão das lutas sagradas, na qualidade de atleta, e, como guerreiro, nas brilhantes vitórias alcançadas pelos gregos no canal de Salamina e na cidade de Platéia, tanto no mar como em terra, quando foi avisado de que as vinte e quatro naus fenícias, vindas muito tarde para enfrentar o primeiro combate, haviam chegado ao cabo de Hidra. Sem perda de tempo, singrou para lá. Os comandantes fenícios nada sabiam de positivo sobre o desastre de sua armada principal, e duvidavam que ela houvesse sido destroçada. De modo que ficaram surpreendidos, ao verem aparecer ao longe a esquadra vitoriosa de Cimon. Travada a luta, os fenícios perderam todas as naus e a maior parte de sua gente, entre afogados e mortos em combate.

Tratado de paz entre o rei da Pérsia e os atenienses.

XXIII. Este feito de armas abateu e venceu de tal modo o orgulho do rei da Pérsia, que ele fez o tratado de paz mencionado pelas histórias antigas, pelo qual prometeu e jurou que, dali em diante, suas armadas não se aproximariam mais do mar da Grécia com velocidade superior à de um cavalo, e que suas galeras e outros vasos de guerra não iriam além das ilhas Caledônias e Cianéias. O historiador Calístenes declara que semelhante coisa não foi lançada no tratado, mas que o rei determinou, pelo pavor que a grande derrota lhe causou; que, a seguir, manteve-se distante do mar da Grécia, que Péricles, com cinquenta galeras, e Efialtes com trinta, navegaram além das ilhas Caledônias, sem nunca encontrar qualquer frota dos bárbaros. E a razão por que, entre os atos públicos de Atenas, referidos por Crátero, se encontram as cláusulas desta paz, tão longamente ocultada, como coisa realmente existente. Sabe-se que, nessa ocasião, os atenienses ergueram o altar da Paz, e homenagearam extraordinariamente Cálias, que serviu de embaixador junto do rei da Pérsia, para fazê-lo jurar tal tratado.

A cidade de Atenas enriquecida dos despojos dos persas.

XXIV. Ao serem postos em leilão os despojos dos inimigos, encontrou-se tanto ouro e prata nos cofres de economias, que cobriu todas as despesas e para a construção do lanço de muralha do castelo, que dá para o sul. Dizem que a ereção das grandes muralhas que ligam a cidade ao porto de Jambes foi construída e concluída depois, mas que os primeiros alicerces foram feitos com o dinheiro que Cimon forneceu dos seus próprios haveres. Como o trabalho foi executado em lugares pantanosos e sujeitos às marés, foi preciso contê-las com pedras de todo tamanho, jogadas a esmo à beira-mar. Logo, foi ele quem primeiro ornou e embelezou a cidade de Atenas, dotando-a de lugares de fácil acesso e deleitoso passatempo, que se tornaram logo muito recomendados; quem mandou plantar plátanos na grande praça; quem dotou a academia, situada em terreno baldio, de um jardim encantador, semeado de fontes e de ruas para passeios e corridas.

Ele apodera-se do Quersoneso de Trácia, e da ilha de Tasos.

XXV. Tempos depois, ele soube que alguns persas que ocupavam o Quersoneso, ou seja, meia ilha da região de Trácia, não queriam abandoná-la e pediam aos habitantes da alta Trácia que os ajudassem na defesa contra ele, embora não o temessem, pois sabiam haver partido de Atenas com poucos navios. Cimon, de fato, avançou sobre eles com quatro galeras apenas, e tomou-lhes treze. Expulsos os persas, e subjugados os tracianos, ele conquistou para o seu país todo o Quersoneso de Trácia. A seguir, dirigiu-se contra os habitantes da ilha de Tasos, que se haviam insurgido; e, derrotando-os no combate naval, em que se apoderou de trinta e três navios, bloqueou e apoderou-se da cidade, conquistando-lhes as minas de ouro existentes nos arredores e todas as terras.

Acusação, defesa e absolvição de Cimon.

XXVI. Esta conquista facilitou-lhe imenso a passagem para a Macedónia e a possível ocupação

de grande parte da mesma. Não querendo fazê-lo, inimigos invejosos de sua glória coligaram-se contra ele, acusando-o de haver recebido dinheiro para tal e de haver se deixado subornar por presentes do rei Alexandre. Chamado à justiça, defendeu-se perante os juízes, justificando-se nestes termos: "Não contraí amizade, nem qualquer relação afetuosa com os jônios ou com os tessalianos, povos abastados e opulentos, nem me encarreguei de defender-lhes as causas, como fizeram outros, para serem por eles venerados e bem remunerados. Aceitei-lhes a hospitalidade, porque admiro e quero imitar-lhes a temperança, a sobriedade e simplicidade do seu modo de viver, que eu prefiro a todos os bens e a toda riqueza, embora me sinta feliz, quando atraio a opinião pública com os despojos dos nossos inimigos".

Referindo-se a esta acusação, narra Estesimbroto que Elpinice, irmã de Cimon, foi ao gabinete de Péricles, o mais severo e o mai s veemente de todos os acusadores, para pedir-lhe que não perseguisse tão tenazmente seu irmão, e que ele lhe disse sorridente: "Estás muito velha, Elpinice, muito velha, atualmente, para conseguires demandas como esta". Entretanto, quando a causa entrou em julgamento, ele foi o mais moderado dos acusadores, levantando-se uma única vez para falar contra o acusado, como que distraidamente, o que fez com que Cimon fosse absolvido e declarada caluniosa e improcedente a acusação.

O povo revolta-se contra os nobres na ausência de Cimon. Ele é difamado, ao voltar

XXVII. Depois disto, durante a sua permanência na cidade, Cimon freou a insolência do povo, que não cessava de zombar da autoridade das pessoas honestas, e chamou a si todo o poder e mando. Mas, nem bem ele partiu para a guerra, não tendo mais quem a combatesse, a comuna revolveu de alto a baixo o governo da cidade, instigada e guiada por Efialtes, e desordenou todas as leis e costumes antigos, que sempre estiveram em uso. A corte de Areópago foi impedida de julgar quase todas as causas, porquanto tal direito foi atribuído ao povo, o que transformou o estado em pura democracia, isto é, em governo em que o povo manda e domina. Péricles pôs-se logo em destaque, por apoiar o partido da comuna.

Ao regressar, vendo a autoridade do senado e do conselho tão vergonhosamente diminuída, Cimon tratou de atribuir-lhes o mesmo direito antigo, e de reconduzir ao poder as pessoas de bem, como fora estabelecido desde o tempo de Clístenes. Com isto voltaram os inimigos a gritar contra ele, renovando as difamações antigas de manter relações ilícitas com sua própria irmã, e caluniando-o de favorecer as causas dos lacedemônios. E ao que se referem os versos do poeta Eupólis, muito divulgados, contra Cimon:

Ele não é mau, mas é negligente,

Mais amante do vinho do que do dinheiro;

E algumas Vezes desaparece,

Para ir dormir às noites em Esparta,

Deixando sua irmã em casa, a pobrezinha

Elpinice, dormir sozinha.

Afeto que os lacedemônios dedicam a Cimon

XXVIII. Se, preguiçoso e amante do vinho, ele tomou tantas cidades e venceu tantas batalhas, sendo sóbrio e vigilante não existiria, nem antes, nem depois dele, capitão grego que o excedesse na glória dos feitos guerreiros. É exato que ele sempre apreciou os costumes dos lacedemônios, pois, a dois filhos gêmeos que teve com uma mulher clitoriana, deu a um o nome de Lacedemônio e a outro o de Eleo, segundo relata Estesimbroto, adiantando que foi a razão por que Péricles sempre exprobrou-lhes a linhagem materna. Todavia, o geógrafo Diodoro escreve que, tanto estes como um terceiro filho chamado Tessálio, ele os tivera com Isodice, filha de Euriptólemo, natural de Mégacles. Seja como for, o certo é que a sua reputação, confiança e estima cresceram extraordinariamente entre os lacedemônios, que passaram a considerá-lo, embora moço ainda, mais prestigioso e poderoso que Temístocles, em Atenas. Disto, e do ódio que votavam a este último, bem depressa se aperceberam os atenienses, mas não ligaram grande importância, porque a afeição dos lacedemônios a Cimon forneceu-lhes grandes proveitos e levou-os a induzir, secretamente, os aliados gregos a abandonar os lacedemônios, para se unirem a eles. Sabendo que só em consideração a eles é que Cimon dirigia quase todos os combates dos gregos, e portava-se humana e benevolamente para com os aliados, os lacedemônios não se agastaram com o perverso procedimento dos atenienses, continuando a proferir louvores ao seu grande amigo, em altas vozes. Vendo que a sua deslealdade pôs Cimon a pique de unir-se aos lacedemônios; que ele, quando desejava repreendê-los por qualquer falta cometida ou quando queria induzi-los a fazer alguma coisa, limitava-se a dizer-lhes: "Os lacedemônios não devem proceder assim"; notando as relações que ele mantinha com os seus protegidos, os atenienses, diz Estesimbroto, enciumados, passaram a ter-lhe inveja e ódio.

Tremor de terra em Esparta. Guerra dos hilotas. Os espartanos pedem socorro aos atenienses.

XXIX. A principal carga que lhe fizeram, porém, e que mais o aborreceu, teve lugar em determinada ocasião. No quarto ano do reinado de Arquidamo filho de Zeuxidamo, rei de Esparta, a cidade de Lacedemônia e seus arredores foram vítimas do maior e mais espantoso terremoto de que se tem lembrança até hoje, pois a terra abriu-se em muitos lugares, e afundou à maneira de abismos. A montanha Taigete foi tão fortemente abalada que enormes rochedos desmoronaram. A cidade toda foi abatida e reduzida a um montão de ruínas, exceto cinco casas, que se mantiveram de pé. Dizem que, pouco antes do fenômeno manifestar-se, os moços e moças da cidade faziam exercícios físicos, completamente nus, sob um pórtico e galeria cobertos, quando apareceu-lhes uma lebre. Vendo-a, os moços correram-lhe no encalço, a persegui-la, nus e untados como se achavam, e às gargalhadas. Nem bem haviam partido, o telhado da galena caiu sobre as moças, matando-as todas. Como lembrança do triste acontecimento, o túmulo em que foram sepultadas chama-se até hoje Sismatias, isto é, túmulo das que o terremoto matou. Avisado prontamente do perigo iminente, e vendo que os seus súditos só cuidavam de salvar seus preciosos móveis, pondo-o fora de suas casas, o rei Arquidamo mandou corneteiros tocar caloroso alerta, como se os inimigos estivessem atacando de surpresa, para que os moradores da cidade abandonassem tudo e corressem armados contra eles. Isto salvou, sem dúvida, a cidade de Esparta, porque os hilotas, seus camponeses, e os habitantes das aldeias dos arredores acorreram, armados, de toda parte, para apanhar o inimigo de surpresa e saquear os que houvessem escapado do terremoto. Mas, encont rando todos bem armados, e em posição de combate, voltaram do mesmo modo como haviam chegado, começando depois a fazer-lhes guerra declarada, aliados a alguns vizinhos, e mesmo aos messênios, que, com eles, atacaram deliberadamente os espartanos. É a razão por que os lacedemônios mandaram Periclidas pedir auxílio a Atenas, coisa que, visando Lisístrato, o poeta Aristófanes ridiculariza assim:

Fale, sempre erguido aos altares,

Pede socorro, de opa vermelha.

Efialtes opôs-se resolutamente, declarando que não se devia auxiliar nem engrandecer uma cidade inimiga de Atenas, e sim deixá-la rastejar e ver calcar-se aos pés o orgulho e a arrogância de Esparta.

Cimon vai em seu auxílio.

XXX. Cimon, porém, segundo relata Crítias, preferindo o bem de Esparta ao desenvolvimento de sua pátria, tanto fez, que, a seu pedido, o povo atendeu ao auxílio solicitado, mandando-o com bom número de guerreiros. Ion reproduz-lhe fielmente as palavras proferidas, para induzir o povo a acompanhá-lo , pois pediu-lhe que não permitisse que a Grécia manquejasse, como se a Lacedemônia fosse um de seus pés e Atenas outro, nem admitisse que sua cidade fosse privada de sua companheira, em caso de defesa da Grécia. Obtido os socorros para levar aos lacedemônios, ele seguiu com suas forças pelas terras dos coríntios, dando motivo a que Lacarto, capitão de Corinto, se enfurecesse e lhe declarasse que não devia ter penetrado em suas terras sem o consentimento prévio das autoridades da cidade; porque, quando se bate à porta de uma residência particular, não se entra sem que o dono da casa convide a fazê-lo. Ao que Cimon objetou: "Mas os coríntios não bateram às portas dos cleônios, nem às dos megarianos, para lá entrar; arrombaram-nas, e entraram à força de armas, alegando que tudo devia ser aberto aos mais fortes". Com esta audaciosa resposta ao capitão corintio, que estava precisando dela, Cimon passou com seu exército por Corinto.

Ele vai para o exílio

XXXI. Tempos depois, os lacedemônios pediram novamente socorro aos atenienses, contra os messênios e os hilotas, seus lavradores e escravos, que haviam se apoderado da cidade de Itome. Receosos, porém, da força enviada, por ser muito numerosa, forte e arrojada, preferiram não se utilizar dela, e despediram-na, antes que entrasse em ação. Os atenienses regressaram bastante descontentes e furiosos, decididos a nunca mais satisfazer às necessidades dos lacedemônios; e, procurando vingar-se de Cimon, pela afronta sofrida, exilaram-no de sua terra, condenando-o ao ostracismo. Nestes dez anos de exílio, a que Cimon foi condenado, os lacedemônios decidiram-se a livrar a cidade de Delfos do cativeiro dos focianos, e a tirar-lhes a guarda e superintendência do templo de Apolo, existente na referida cidade. Para tal conseguir, foram acampar junto à cidade de Tanagre, na Fócida, onde os atenienses os foram encontrar, para combatê-los.

Ele se prepara para guerrear na ilha de Chipre e no Egito

XXXII. Sabendo disto, Cimon, ainda no exílio, dirigiu-se armado ao acampamento de Atenas, a

fim de cumprir o seu dever, combatendo ao lado dos seus, contra os lacedemônios, arregimentando-se nas forças da linha de Oeneida, onde se achava. Seus inimigos começaram a gritar contra ele, dizendo que o seu desejo era perturbar a luta, para depois levar os lacedemônios até à cidade de Atenas. À vista disso, o grande conselho dos quinhentos homens, receoso, proibiu os capitães de recebê-lo como combatente, e ele foi obrigado a retirar-se. Mas, antes de partir, ele pediu a Eutipo Anaflisteano, e a outros amigos em evidência, que participavam de suas ideias e também eram acusados de favorecer os lacedemônios, que cumprissem o seu dever e combatessem denodadamente os inimigos, para que aquela jornada lhes servisse de alívio e de justificação de sua inocênc ia perante seus compatriotas. O que foi realizado, porque, de posse de suas armas, eles organizaram uma pequena companhia de cem homens, que combateu tão corajosa e obstinadamente, que não restou um único com vida. Este fato causou grande mágoa e arrependimento entre os atenienses, que, falsa e injustamente, chegaram a duvidar da sua lealdade à pátria. À vista disso, eles não guardaram por muito tempo o seu resentimento contra Cimon, em parte, suponho, lembrando-se dos bons serviços que ele lhes prestara no passado, e em parte, creio, porque as circunstâncias do momento a isso obrigavam. Derrotados em grande combate diante de Tanagre, eles esperavam que os peloponésios os atacassem com numerosas forças. À vista disso, revogaram o banimento de Cimon, por um decreto baixado pelo próprio Périeles, pois a inimizade dos homens, que eram civis e moderados naqueles tempos, suas fúrias, sempre prontas a serenar em se tratando do bem público, e a ambição, que é a mais forte e a mais veemente de todas as paixões que perturbam o espírito humano, cediam e se adaptavam às conveniências e às necessidades da coisa pública.

XXXIII. Logo que Cimon regressou, ele abafou a guerra e conciliou as duas cidades. Vendo, porém, que os atenienses não podiam viver em paz, preferindo estar continuamente em ação e enriquecer e engrandecer pelas guerras, receoso que eles se ligassem a algum povo grego, ou que, girando ao redor do Peloponeso e das ilhas da Grécia, com a grande esquadra que possuíam, chegassem a provocar a guerra civil entre os gregos, ou queixas dos seus aliados contra eles, Cimon armou e equipou duzentas galeras, para ir novamente guerrear em Chipre e no Egito, a fim de habituar os atenienses à guerra contra os bárbaros, e de quando em quando enriquecê-los dos despojos dos que realmente eram seus inimigos. Mas, achando-se tudo pronto para a partida, e as tropas preparadas para o embarque, à noite Cimon teve, dormindo, uma visão, que prevendo-o que uma cadela de caça, muito furiosa, latia contra ele, e no meio do seu latido proferia palavras humanas, dizendo:

Vem ousadamente, pois meus filhos e eu,

Se vieres, teremos nisso o maior prazer.

Sendo esta visão difícil de ser resolvida e interpretada, Astífilo, natural da cidade de Possidônia, pessoa bem exercitada em tais conjecturas, e íntimo amigo de Cimon, declarou-lhe que tal visão predizia-lhe a morte, usando destas palavras: "O cão é geralmente inimigo daquele contra quem late, e quer-lhe mal. Tua morte, para o inimigo, seria motivo de grande satisfação. Além disso, a mistura da voz humana com o latido de uma cadela denota um inimigo medo, cujas forças são constituídas de uma mescla de bárbaros e gregos". Depois de esclarecê-lo sobre a visão e sobre a maneira por que ele cedia ao deus Baco, o adivinho abriu a vítima que acabava de imolar, e, em torno do sangue que caiu ao chão, reuniu-se logo grande quantidade de formigas, que aos poucos levaram o sangue coagulado e cobriram com ele toda a volta do grande artelho do pé de Cimon, sem que ninguém percebesse. Seja como for, Cimon ficou ciente da aventura e de como devia proceder. Por fim, o ministro do sacrifício mostrou-lhe o fígado do animal imolado, tendo a extremidade mais volumosa já em decomposição, o que fazia antever um funesto presságio.

Ele vence a frota dos persas.

XXXIV. Todavia, como os acontecimentos avançassem mais rapidamente do que se esperava, ele não pôde furtar-se a esta viagem, e fez-se ao mar, enviando sessenta de suas galeras ao Egito, e foi, com as restantes, bloquear a costa de Panfíha, onde destroçou a esquadra do rei da Pérsia, constituída de galeras fenícias e cilícias, e conquistou as cidades limítrofes, na esperança de, assim, conseguir penetrar no Egito. Cimon não cogitava de pequenos empreendimentos; o que queria era destruir por completo o império persa, por saber ser Temístocles muito louvado e querido entre os bárbaros, pelo fato de haver prometido a seu rei comandar-lhe as forças e prestar-lhe os maiores auxílios, sempre que ele se decidisse guerrear os gregos. Foi por isso, dizem, que Temístocles, não conseguindo conduzir os negócios da Grécia ao ponto prometido, por ser-lhe difícil vencer a virtude e a sorte de Cimon, que conservava sua armada ao longo da ilha de Chipre, para grandes aventuras, entregou-se voluntariamente à morte. Neste cómenos ele mandou alguns dos seus homens ao oráculo de Júpiter Amon, para consultá-lo sobre coisas de caráter reservado, nunca se sabendo, nem antes, nem depois, para que os mandara. Eles não obtiveram qualquer resposta à consulta, pois, nem bem chegaram, o oráculo ordenou-lhes que voltassem, declarando-lhes que Cimon ali estivera antes deles. A esta resposta, os enviados fizeram-se logo ao mar.

De volta ao campo dos gregos, que se achavam no Egito a fim de auxiliá-los, souberam da morte de Cimon; e, só então perceberam que, veladamente, o oráculo de Júpiter lhes havia comunicado a sua morte, e de achar-se ele entre os deuses.

Sua morte.

XXXV. Ele pereceu no assédio à cidade de Cicio, em Chipre, na opinião de alguns, ou, segundo outros, de um golpe que recebeu em um recontro; ao morrer recomendou aos seus comandados que se afastassem sem comunicar a sua morte. Todos cumpriram as suas ordens, regressando sãos e salvos, sem que os aliados e mesmo os inimigos se apercebessem. De modo que, durante trinta dias, as forças gregas foram dirigidas e governadas por Cimon, embota morto, conforme relata Fanodemo, não havendo, depois dele, capitão grego que fizesse coisa memorável contra os bárbaros, porque os arengueiros e os governadores das principais cidades da Grécia lançaram seus súditos uns contra os outros, não havendo pessoa capaz de os apaziguar. As guerras civis, que muito aproveitaram aos persas, arruinaram o poderio dos gregos, tão grande que não há palavras que possam descrevê-lo.

Suas cinzas levadas para a Atiça. Os habitantes de Cicio honram seu sarcófago.

XXXVI. Muito depois, Agesilau levou as forças gregas à Ásia. Antes, porém, que ele conseguisse realizar algum feito memorável, foi obrigado a regressar à sua terra, para abafar as novas perturbaçôes e guerras civis, novamente desencadeadas entre os gregos. Ao fazê-lo, deixou os tesoureiros e financistas do rei da Pérsia encarregados de arrecadar tributos e benefícios das cidades gregas da Ásia, embora fossem aliadas e confederadas da Lacedemônia. Durante o governo de Cimon, nenhum comissário, beleguim ou guerreiro, mesmo com ordem ou mandato do rei, ousava aproximar-se da costa mais de vinte e quatro ou vinte e cinco léguas. As sepulturas, até hoje chamadas Címônia, atestam que suas cinzas e seus ossos foram transportados para a Ática. Todavia, os da cidade de Cicio ainda honram

uma sepultura, que dizem ser o túmulo de Cimon, erguido, segundo escreveu o orador Nausicrates, porque, por ocasião da grande penúria e esterilidade da terra, um oráculo ordenou ao povo que não desprezasse Cimon, mas que o venerasse e honrasse como um deus. Tal foi a vida do capitão grego.

Lúculo

Desde o ano 630, aproximadamente, até o ano 700 de Roma, antes de Jesus Cristo, 54.

Família de Lúculo. Ele acusa o augure Servílio.

O avô de Lúculo era personagem de dignidade consular, e seu tio materno Metelo, cognominado Numídico, obteve esta alcunha por haver subjugado e conquistado a província de Numídia; seu pai, porém, foi categoricamente acusado de furto na administração das finanças públicas, e sua mãe, Cecília, adquiriu a fama de desonesta. Antes que Lúculo obtivesse qualquer cargo que o obrigasse a cuidar da administração pública, tratou, ao chegar, de acusar e submeter à ação da justiça Servílio Augúrio, acusador de seu pai, alegando haver procedido do mesmo modo em sua terra, isto é, haver ele atentado contra o erário público. Os romanos consideraram lindo este seu procedimento, não se falando de outra coisa em Roma, durante muito tempo, como se fosse coisa de grande valia. Passaram então a considerar coisa valiosa e nobre a acusação sincera e destemida a elementos perniciosos, sentindo grande prazer em ver os moços, à maneira de galgos enfurecidos atrás das lebres, perseguirem judicialmente os fraudadores. As rixas e perseguições foram tão grandes em tal processo, que houve feridos e mortos em praça pública, só terminando com a absolvição de Seivílio.

Eloquência e habilidade de Lúculo nas línguas grega e latina.

II. Lúculo exprimia-se com tanta eloquência, facilidade e correção nas línguas grega e romana, que Sila viu nele o único homem capaz de escrever-lhe a história completa dos seus feitos, com fidelidade e elegância, e recorreu a ele, fornecendo-lhe os dados indispensáveis. A sua facilidade no falar não se resumia em ter resposta pronta para destruir ataques e produzir defesas unicamente, como se observa em outros, que em questões processuais, ou em audiências públicas,

Assemelham-se aos atuns, que por grande teimosia,

Vão às profundas do Oceano;

mas, que, afastados dos limites da prática e das arengas públicas,

Tornam-se áridos, enfadonhos,

E reduzem a nada a sua eloquência.

Desde a mocidade Lúculo se dedicara com afinco ao estudo das belas-letras ou de humanidades, como dizem, e às ciências liberais. Chegado à velhice, dedicou-se, a custo, ao estudo da filosofia, avivando a parte contemplativa de sua alma, e amortecendo, ou pelo menos refreando a tempo, a parte ambiciosa e ativa, depois da pendência que teve com Pompeu. Dizem que, muito moço ainda, desejando dar maior prova do seu talento, ele fez uma aposta com o orador Hortênsio e o historiador Sisena de ser capaz de escrever um resumo da guerra Máralém, em prosa ou verso, em latim ou grego, de acordo com o que ficasse estabelecido por sorte. Isto, que a princípio foi tomado como pilhéria, tornou-se realidade, tendo-lhe caído, a meu ver, a prosa grega, porque de sua autoria é a pequena história que ainda hoje existe, em língua grega, da guerra que os romanos fizeram contra os marsos.

Seu afeto por seu irmão.

III. Ele era muito afeiçoado a seu irmão Marcos Lúculo, conforme demonstrou em muitas oportunidades, sobressaindo a que segue, mencionada pelos romanos: Lúcio era-lhe mais velho, mas nunca solicitou nem aceitou encargos públicos antes dele, pois preferia o bem-estar de seu irmão ao seu. Tanta bondade conquistou-lhe as mercês do povo, que, durante a sua ausência, elegeu-o edil, juntamente com seu irmão, em atenção a ele.

Sila agarra-se a ele, ocupando-o em diversas circunstâncias.

IV. O esplendor de sua mocidade manifesta-se durante a guerra Máralém, na qual ele praticou muitos atos sensatos e de grande audácia. Sila porém, chamou-o a si, não pelos cometimentos realizados, e sim devido à sua constância, à sua bondade e afabilidade. Feita a escolha, Sila ocupou-o sempre, de começo ao fim, nos afazeres mais importantes e de maior responsabilidade, sendo um deles o da cunhagem de moedas no Peloponeso, cuja maior parte foi despendida na guerra contra Mitrídates. Foi a razão por que as moedas tornaram-se conhecidas por Luculianas, tendo, durante muito tempo, livre circulação entre os guerreiros, que com elas adquiriam o que lhes era necessário, e ninguém se recusava em aceitá-las. Depois, sendo Sila, em Atenas, o mais forte em terra, mas o mais fraco no mar, o que fazia com que seus inimigos lhe interceptassem todos os víveres, mandou Lúculo ao Egito e à Líbia, para trazer-lhe os navios que encontrasse naquelas regiões. Embora se achassem no mais rigoroso inverno, quando foi incumbido de tal missão, ele fez-se ao mar com três bergantins gregos e três galés rodianas, expondo-se não só aos perigos marítimos, em tão longa viagem, como aos ataques inimigos, muito mais fortes, que singravam por toda parte, sempre com excelente frota. Vencendo todas as dificuldades, ele primeiro desembarcou na ilha de Cândia, que submeteu às suas ordens, seguindo depois para a cidade de Cirene, onde encontrou os habitantes fatigados de lutas civis e das contínuas opressões a que os submetiam os tiranos. Ele abateu a tirania, estabelecendo ali uma forma de governo adequada às circunstâncias, garantindo-lhes, como fizera Platão, outrora, a seus antepassados, absoluta tranquilidade. Como lhe solicitassem leis relativas ao melhor modo de gerir e governar os negócios públicos, ele respondeu não sentir-se à vontade, para ditar leis a pessoas tão ricas, felizes e opulentas como elas, por não haver coisa mais difícil de se frear do que o homem que tem dinheiro à sua disposição; dando-se o contrário com o que a sorte ajudou a enriquecer, que está sempre pronto a receber conselhos e ordens. Esta advertência tornou os cirênios, dali por diante, mais dóceis e mais obedientes às ordens estabelecidas por Lúculo.

Ele vai ao Egito. Honras que recebe de Ptolomeu.

V. Partindo dali para o Egito, durante a travessia ele foi inesperadamente atacado por corsários, perdendo boa parte dos navios que havia reunido. Conseguindo salvar-se, foi pomposamente recebido na cidade de Alexandria, pois toda a esquadra real foi-lhe ao encontro, em boa ordem e bem equipada, do mesmo modo que procedia com o rei, quando regressava de alguma viagem marítima. O próprio rei Ptolomeu, então ainda muito jovem, fez-lhe o melhor acolhimento possível, pois, entre outras demonstrações de amizade, alojou-o e alimentou-o em seu castelo real, onde, até então, nunca fora hospedado nenhum capitão estrangeiro; nem poupou despesas, para homenageá-lo, coisa que nunca fez com outros. Lúculo, porém, resumiu-se ao indispensável à sua manutenção, e resolveu não aceitar presente algum do rei, por mais desdenhoso que fosse; negou-se a visitar a cidade de Mênfis e qualquer das raridades e maravilhas de renome, existentes no Egito, sob o fundamento de ser isso próprio de homem que corre o mundo só para ver e distrair-se, não já para ele, que deixara seu capitão em campo, na sede do comando, diante das muralhas dos inimigos. Finalmente, o jovem rei Ptolomeu não quis entrar em aliança com Sila, receoso de meter-se na guerra, pois bem que lhe pediu Lúculo gente e navios para levar a Chipre. Logo que ele quis embarcar, o rei disse-lhe adeus, abraçou-o, e ofereceu-lhe uma linda e preciosa esmeralda engastada em ouro, que Lúculo logo recusou; mas, como o rei lhe mostrasse a sua efígie ali gravada, acabou aceitando, receoso de que, julgando-o partir descontente com a sua pessoa, o rei lhe preparasse alguma emboscada no mar.

Por meio de que astúcia ele foge aos inimigos que o esperavam de emboscada.

VI. Tendo conseguido certo número de navios nas cidades marítimas dos arredores, que não homiziavam piratas e corsários, participando dos seus furtos e assaltos, ele foi ter a Chipre, onde recebeu a notícia que seus inimigos, ocultos em alguns cabos, aguardavam a sua passagem, para atacá-lo de surpresa. À vista disso, ele fez aportar os navios, e preveniu as cidades próximas que resolvera invernar ali, razão por que o aprovisionassem de víveres e de quanto fosse necessário a passar o inverno e esperar a nova estação. Nem bem o tempo permitiu, ele fez-se de novo ao mar, com toda a esquadra, singrando durante o dia de velas arriadas, e à noite de velas alteadas, sendo tão bem sucedido, com este ardil, que chegou a Rodes sem perder um único navio. Os rodianos forneceram-lhe outros, e, os gnídeos e os da ilha de Co, instigados por ele, abandonaram o partido do rei Mitrídates e foram, em sua companhia, guerrear os de Samos. Ele, porém, só com sua gente expulsou de Quio as forças do rei, e libertou os colofônios, aprisionando o tirano Epígono, que os submetia à escravidão.

Fímbria propõe-lhe atacar Mitrídates por mar.

VII. Mais ou menos nessa época, Mitrídates foi obrigado a deixar a cidade de Pérgamo e a retirar-se para a de Pitana, na qual Fímbria retinha-o fortemente sitiado por terra. À vista disso, ele mandou prevenir suas forças navais e marítimas de toda a costa, sem ousar atacar nem arriscar-se a um embate terrestre com Fímbria, que sabia ser homem valente e arrojado por natureza, e que levaria vantagem sobre os seus. Fímbria bem se apercebeu disso; mas, não possuindo forças navais, mandou pedir a Lúculo que se dirigisse para ali com sua frota, a fim de ajudá-lo a derrotar o maior e mais cruel inimigo do povo romano, e impedir que tão bela e rica presa, perseguida com tanto trabalho e risco, lhes escapasse, já que por si mesma se fora lançar entre as suas reses; pediu-lhe que não deixasse de atender, porque, se Mitrídates fosse apanhado, a ninguém, senão a ele, caberia a grande honra e glória de haver-lhe impedido a fuga, proporcionando o meio de vencê-lo, e de repartirem igualmente os louvores do grande empreendimento. Além disso, a derrota de Sila fana com que os romanos se esquecessem de todas as proezas e grandes feitos de armas por ele realizados na Grécia, nas cidades de Queronéia e de Orcomene.

Duas vitórias alcançadas por Lúculo sobre as frotas de Mitrídates.

VIII. Tais foram as propostas que Fímbria lhe fizera, nas quais nada havia de extraordinário, ou pelo menos não demonstrava. Ninguém duvida que, se Lúculo tivesse atendido ao pedido, e tivesse ido, com seus navios, fechar a entrada do porto da cidade em que Mitrídates estava sitiado, a pequena distância dele, a guerra acabaria ali, e livraria o mundo da incalculável série de males que sobrevieram. Mas, ou porque Lúculo desse mais valor ao que devia a Sila, do qual era tenente, do que a qualquer outra consideração e proveito, de caráter privado ou público; ou porque odiasse e abominasse Fímbria, como verdugo, que pouco antes, por deplorável ambição, havia manchado as mãos no sangue de seu amigo e chefe; ou por qualquer providência e concessão divina, ele poupou, então, Mitrídates, para torná-lo depois um adversário digno, capaz de fazê-lo por à prova todo o seu valor. Tanto isto é verdade, que ele, ao invés de atender ao pedido de Fímbria, deu a Mitrídates tempo e espaço suficientes para fugir e zombar de todo o esforço de Fímbria. Depois, sozinho, derrotou a esquadra do rei, perto do cabo Lecto, na costa de Troada, e junto à ilha Tenedos, onde Neoptolemo, tenente da marinha de Mitrídates, que o esperava com maior número de navios, embargou-lhe inesperadamente o avanço, lançando-se sobre a nau capitânia, galera rodiana de cinco remos em cada banco, governada pelo piloto Demágoras, muito afeiçoado aos romanos e experimentado nos combates navais. Como Neoptolemo corresse ruidosamente ao seu encontro, ordenando a seu piloto um choque de proa, que seria fatal, visto ser a galera real forte e maciça, e bem armada de pontas e esporões de cobre, Demágoras fez habilmente girar a sua, e recebeu o choque na popa, sem graves danos, dada a posição baixa da mesma. Neste ínterim seus homens se aproximaram, e Lúculo ordenou ao piloto que retomasse a posição primitiva, praticando atos de grande valor; afugentou seu inimigos e expulsou Neoptolemo.

Ele ataca de surpresa os habitantes de Mitilene, e derrota-os completamente.

IX. Partindo dali, ele foi ao encontro de Sila, no momento em que este ia atravessar o mar, a caminho do Quersoneso, ajudando-o a passar sua esquadra, e assegurando-lhe a passagem. Ao ser concluída a paz, e ao retirar-se o rei Mitrídates aos seus domínios e reinos, situados ao longo do mar Maior, Sila condenou a província da Ásia, por se haver rebelado, a multa de vinte mil talentos, que correspondem a doze milhões de libras. Para haver tão elevada quantia foi comissionado Lúculo, com poderes de mandar cunhar as moedas, que foram de grande utilidade às cidades da Ásia, dado o rigor com que Sila se utilizara delas; pois, em situação tão ruinosa e odiosa para todos, ele portou-se como homem reto, honestíssimo, comedido e humano. Quanto aos mitilenos, que se rebelaram abertamente contra ele, apenas desejava que reconhecessem seu erro, e que, como castigo de haverem aderido a Mário, sofressem uma leve punição. Vendo-os, porém, excessivamente teimosos em sua infelicidade, dirigiu-se contra eles, e, derrotando-os em combate, obrigou-os a meterem-se em suas muralhas, sitiou-lhes a cidade, lançando mão deste ardil: durante o dia fez-se ao mar, à vista de todos os moradores da cidade, singrando para a cidade de Eléia; à noite, porém, voltou secretamente, e, sem fazer o menor ruído, colocando-se de emboscada no lugar mais próximo da cidade. Os mitilenos, que nada suspeitavam, saíram na manhã seguinte, temerária e desordenadamente, para pilhar e saquear o acampamento dos romanos, certos de não encontrar ninguém ali. Lúculo saltou de improviso sobre eles, aprisionou muitos, e matou uns quinhentos dos que procuraram defender-se; ganhou seis mil escravos, além de enorme quantidade de outros despojos.

Sila nomeia-o, por testamento, tutor de seu filho.

X. Ocupado, como se achava, com os negócios da Ásia, os deuses impediram-no de participar da longa série de males e misérias de toda espécie, a que Sila e Mário submeteram a pobre Itália naquela época; o que não obstou que Sila lhe dedicasse a mesma estima e consideração concedida aos outros amigos, pois, como já dissemos, dedicou-lhe seus Comentários, e, em testamento, nomeou-o tutor de seu filho, deixando Pompeu esquecido. Foi esta, ao que parece, a origem da discórdia e do ciúme surgidos mais tarde entre os dois, jovens e ávidos de honrarias.

Ele é nomeado cônsul.

XI. Pouco depois da morte de Sila, ou seja, um ano antes do início da guerra de Espártaco e da morte de Sertório, Lúculo foi eleito cônsul. Começaram então a propalar ser indispensável recomeçar a guerra contra Mitrídates, o mesmo fazendo Marcos Cota, que dizia, em toda parte, não achar-se ela extinta nem amortecida, mas unicamente adormecida. Foi por isso que, ao serem sorteadas as províncias que os cônsules iriam governar, Lúculo ficou muito triste, ao ver que a Gália entre os Alpes e a Itália, lhe caíra por sorte. Pareceu-lhe não ser província em que pudesse fazer coisa digna de nota; e, nesta conjuntura, Pompeu, que diariamente adquiria maior fama, pelas façanhas que realizava na Espanha, seria fatalmente eleito comandante das forças contra Mitrídates, logo que concluísse a guerra ali. A esse tempo Pompeu mandou pedir que lhe remetessem com urgência, dinheiro para pagamento do soldo às tropas, escrevendo ao Senado que, caso não o atendessem sem demora, ele abandonaria Sertório e a Espanha, e reconduziria todo o seu exército à Itália. Lúculo empregou todo o seu prestígio, para que o dinheiro lhe fosse logo remetido, receoso que ele chegasse à Itália no ano do seu consulado, e, possuidor de poderoso exército, fizesse e obtivesse em Roma o que melhor entendesse, pois Cetego, muito reputado e querido ali como administrador, por fazer e dizer tudo quanto fosse do agrado do povo, estava desavindo com ele Lúculo, que reprovava seus costumes e modo de vida, próprios de pessoa viciada e dissoluta, e movia-lhe guerra aberta. Havia, além disso, outro arengueiro popular, chamado Lúcio Quíncuo, que pretendia desfazer e anular todas as ordens e atos de Sila, isto é, revolver por completo a administração pública, e pôr em polvorosa e combustão a cidade de Roma, que até então estivera em completa paz e repouso. Lúculo admoestou-o delicadamente, em caráter reservado, e, Usando da mesma cortesia em público, fê-lo desistir do mau propósito, reconduziu-o ao uso da razão, e desfez, com habilidade e sabedoria, para o bem da coisa pública, o início de um mal que poderia dar origem a inúmeras desgraças.

Ele é encarregado da guerra contra Mitrídates.

XII. Neste momento chegaram notícias do falecimento de Otávio, governador da Cilicia. Surgiram logo muitos pretendentes, que se puseram a brigar e a demandar por causa deste governo, e a cortejar Cetego, por ser o que melhor podia fazê-los conseguir o seu desejo. Lúculo não ligava importância ao governo da Cilicia, pelo fato de ser ela província; mas, considerando que a Capadócia estava-lhe anexa, e, certo de que, se conseguisse obter o seu governo, a ninguém, mais do que a ele, caberia a tarefa de guerrear Mitrídates, resolveu pôr em prática todos os meios para consegui-lo. Depois de haver se utilizado de todo expediente, foi, por fim, contra a sua índole, obrigado a recorrer a um meio pouco louvável e honesto, mas o mais expedito para conseguir o que almejava. Havia em Roma, naquele tempo, uma mulher, chamada Précia, célebre por sua beleza, graça e encanto no falar, tão honesta como as que publicamente mercadejam seus corpos. Mas, em razão de empregar a sua valia em benefício dos que com ela mantinham relações, para o bem da coisa pública e dos que amava, adquiriu fama de bondosa e dominadora, capaz de levar a bom termo uma boa empresa. Além disso,

ela conquistara Cetego, muito reputado em Roma, que manejava a bel-prazer todos os negócios públicos, e que se achava tão enamorado dela, que não podia perdê-la de vista. Assim sendo, ela enfeixava em suas mãos todo o poder e autoridade da cidade de Roma, porque nada se fazia, em favor do povo, que não emanasse de Cetego, e este a nada atendia, que não fosse solicitado por Précia. Por isso, Lúculo tratou de achegar-se e de conseguir-lhe o auxílio, por meio de presentes e de outros agrados que pôde imaginar, embora já fosse uma grande honra, para uma mulher ambiciosa e altiva como ela, ser procurada e solicitada por uma personagem como Lúculo, que, assim, conseguiu ter Cetego à sua disposição. Além disso, ele não fez outra coisa senão louvar Cetego em todos comícios populares, e em pedir-lhe o governo da Cilicia. Alcançado este, ele não precisou mais do auxílio de Précia e de Cetego, pois o povo todo conferiu-lhe, por unanimidade, o direito de guerrear Mitrídates, considerando-o o único capaz de enfrentá-lo vantajosamente, visto ainda achar-se Pompeu às voltas com Sertório, na Espanha, e ser Metelo muito avançado em idade para um feito desta natureza. Pompeu e Metelo eram os únicos que podiam contender e lutar pela posse do cargo. Não obstante Marcos Cota, seu concorrente ao consulado, tanto pediu ao Senado, que também foi mandado, com uma armada, guardar as costas da Propôntida, e defender a Bitínia.

Ele restabelece a disciplina no seio de suas tropas.

XIII. De posse desta missão, Lúculo passou para a Ásia, com uma legião novamente recrutada em Roma. Lá chegando, arrebanhou o resto das forças que encontrou, constituída de gente corrompida e gasta pelos prazeres e pela avareza, sobressaindo os libertinos, conhecidos por libertinos fimbrianos, homens debochados e difíceis de serem submetidos à disciplina militar, por se haverem de há muito habituado a viver a vontade, sem obedecer a quem quer que fosse. Foram eles que, com Fímbria, assassinaram seu capitão Flaco, cônsul do povo romano, e depois traíram o próprio Fímbria, entregando-o a Sila. Embora turbulentos, intratáveis e perversos, não deixavam de ser bons combatentes, valentes e perfeitos conhecedores dos trabalhos da guerra. Lúculo em pouco tempo diminuiu-lhes o atrevimento, e disciplinou igualmente os outros, que nunca tiveram a comandá-los um homem de valor, sendo indivíduos que os adulavam e só faziam o que eles queriam.

Mitrídates faz novos preparativos de guerra.

XIV. Quanto aos inimigos, eles se achavam nesta situação: Mitrídates, que a princípio fora audacioso e valente, como o são geralmente os sofistas, a ponto de ousar guerrear os romanos com um exército aparatoso, mas inútil e nulo, depois de ser uma vez castigado e derrotado vergonhosamente, sofrendo inúmeras perdas, ao fazer segunda guerra restringiu-se ao indispensável, e fez de suas forças um verdadeiro e útil instrumento de guerra, próprio a satisfazer o fim que tinha em vista: proibiu o acumulo desordenado de gente de toda nacionalidade entre suas forças; deteve as arrogantes ameaças dos bárbaros, proferidas em tantas línguas diferentes; acabou com as armas ornadas de borda-dos, ouropéis e pedras preciosas, que só serviam para enriquecer os vendedores e nenhum estímulo davam aos que as usavam. Mandou forjar espadas longas e fortes, à romana, escudos pesados e maciços, e reuniu os cavalos melhores e mais adestrados, sem se preocupar com o seu aparato; reuniu cento e vinte mil combatentes a pé, dispostos e aparelhados como um exército de romanos, com dezesseis mil cavalos de assalto, sem contar os que arrastavam a: carretas de artilharia, munidas de foices em toda a volta, em número de cem. Além disso, reuniu numerosas galeras e navios, desprovidos dos belos pavilhões dourados que ostentaram na primeira vez, sem banheiras e estufas, sem dormitórios e gabinetes deliciosos, destinados às senhoritas, mas repletos de armas, de flechas e de dardos, e com o dinheiro indispensável ao pagamento do soldo às tropas. Com este séquito, primeiro ele foi invadir a Bitínia, no ocidente da Ásia, em cujas cidades foi novamente bem recebido, o mesmo acontecendo em todas as do resto do

continente, que haviam recaído na miséria, devido à crueldade dos rendeiros e usurários romanos, que as sobrecarregavam de multas e impostos, submetendo-as a toda espécie de castigos e vexames, negando até alimentos às populações. Lúculo livrou-as de tais tormentos, e, por meio de conselhos conseguiu evitar que as populações se rebelassem.

Ele vence o cônsul Cota em terra e no mar.

XV. Enquanto Lúculo assim procedia, Marcos Cota, percebendo que a ausência do companheiro dava-lhe ensejo de satisfazer seus desejos, preparou-se para combater Mitrídates. E, como, de muitos lugares, lhe chegassem notícias de achai Lúculo na Frigia, à frente do seu exército, pronto para ir ter com ele, convencido de ter em mãos, como coisa certa, a honra do triunfo, receoso de que Lúculo viesse dela participar, adiantou-se no combate, sendo derrotado tanto em terra como no mar; perdeu sessenta navios, com toda a tripulação, e quatro mil soldados, sendo acossado e sitiado na cidade de Calcedônia ou Bitínia, no Bósforo, sem esperança de poder salvar-se, a não ser que Lúculo o socorresse. Não faltaram, no acampamento de Lúculo, os que lhe pedissem e aconselhassem a deixar Cota entregue à sua sorte, e a dirigir-se para determinado lugar, no reino de Mitrídates, completamente desguarnecido e sem qualquer meio de defesa; não era justo ir em socorro de quem, por sua tola temeridade e falta de tino, não só enganara e perdera os que se achavam sob suas ordens, como os impedira de vencer e terminar a guerra sem disparar um tiro. Lúculo, porém, respondeu-lhes: "Que preferia salvar um romano que fosse, a ganhar tudo o que estivesse em poder dos inimigos". Como Arquelau, que na primeira guerra fora tenente de Mitrídates e nesta segunda se pusera ao lado dos romanos, lhe garantisse que, se ele fosse ao reino de Ponto, todos ali se rebelariam contra Mitrídates e colocar-se-iam a seu lado, Lúculo disse-lhe que, se tal fizesse, "ele não se mostraria mais cobarde que os bons monteiros, que nunca largam a besta, mesmo para entrar em sua casa". Assim dizendo, fez seu exército marchar ao encontro de Mitrídates, que linha, ao todo, trinta mil soldados de infantaria e dois mil e quinhentos de cavalaria. Aproximando-se dos inimigos o mais possível, para tê-los sempre sob suas vistas, admirou-se Lúculo do elevado número de combatentes que vira em campo, e teve vontade de não travar combate, ponderando ser melhor deixar o tempo correr e delongar o embate. Um tal Mário, porém, capitão romano, que Sertório mandara da Espanha a Mitrídates, com alguns combatentes, foi-lhe ao encontro, provocando-o à luta.

Ele dispõe seu exército, em ordem de combate, diante do de Mitrídates. Um milagre impede o ataque.

XVI. Lúculo, a seu turno, pôs sua gente em posição de combate. Mas, no momento em que os dois exércitos iam entrechocar-se, o ar fendeu-se de repente, sem que ninguém notasse qualquer mudança sensível de tempo, e um grande corpo em chama, semelhante a um tonel, cor de prata fundida, desceu entre eles. Este sinal e presságio celeste assustou de tal modo os dois exércitos que eles se retiraram sem combater. Origina-se deste maravilhoso sinal, dizem, o nome Otries, dado àquele lugar da Frigia.

Ele procura ganhar tempo, sem arriscar-se a agir.

XVII. Refletindo, a seguir, não possuir Mitrídates dinheiro e abastecimento suficientes para ocorrer, durante muito tempo, às necessidades de tantos milhares de homens, que via

acampados diante dele, Lúculo inquiriu a tal respeito um dos prisioneiros, e, para obter a confirmação, outros dois. Comparando a quantidade de trigo e de outros víveres armazenados com o número de homens a serem alimentados, concluiu que em três ou quatro dias tudo estaria esgotado, e decidiu manter-se no seu primeiro propósito de deixar o tempo correr, sem tentar a luta. Fez buscar trigo em toda parte e recolhê-lo ao acampamento, bem como outros gêneros alimentícios, para que, com o seu exército ao abrigo de necessidades, melhor pudesse aguardar a ocasião propícia ao ataque aos inimigos.

Mitrídates vai sitiar Cízico.

XVIII. Mitrídates, por sua vez, estudava os meios de apoderar-se, de surpresa, da cidade de Cízica, na Propôntida, cujos cízicos, com Cota, haviam sido derrotados e afastados de diante da Calcedônia, perdendo três mil homens e dez navios. Para que Lúculo nada soubesse do seu propósito, ele partiu certa noite, logo depois do jantar, aproveitando a noite escura e chuvosa, e foi tão feliz que, pela manhã, ao romper do dia, achou-se diante da cidade, e acampou no lugar em que se ergue o templo da deusa Adrastia, isto é, de Nemésis, que é de destino fatal. Sabedor disso, Lúculo foi-lhe ao encalço; e, satisfeito de não ser apanhado desprevenido pelos inimigos, foi entrincheirar-se, com seu exército, na vila denominada Trácia, em lugar excelente, para onde convergiam todas as estradas e caminhos das regiões vizinhas, proporcionando-lhe os meios de obstar a passagem de víveres para o acampamento de Mitrídates. Notando o feliz acaso, ele não o quis ocultar à sua gente; e, ao ver o acampamento repleto de trincheiras e bem aparelhado, reuniu todas as forças, e, em rápido discurso, declarou-lhes ter absoluta certeza de proporcionar-lhes a vitória dentro de alguns dias, sem que ela lhes custasse uma gota de sangue.

Receios dos cizicenos.

XIX. Nesse decurso de tempo, Mitrídates assediou os cízicos, dispondo o seu exército em dez acampamentos, e bloqueou a costa, de ambos os lados, fechando, com seus navios, a entrada do canal que separa a cidade da terra firme. Apesar disso, os cízicos mostraram-se corajosos e decididos a suportar e vencer todas as dificuldades, em favor dos romanos. Afligia-os, porém, o fato de desconhecerem o paradeiro de Lúculo e não terem notícias dele, embora estivesse acampado em lugar facilmente visível da cidade. Os soldados de Mitrídates por sua vez, enganavam-nos por esta forma, mostrando-lhes os romanos, vantajosamente acampados atrás deles, tão perto dali: "Veem aquele acampamento? São os medos e os armênios, que o rei Tigrano mandou em auxílio de Mitrídates". Estas palavras punham os cízicos inquietos, porque, vendo tantos inimigos espalhados pelos arredores contra eles, e em número tão avultado, achavam que Lúculo não teria por onde passar, quando lhes fosse em auxílio. Por fim, um indivíduo chamado Demônax, que Arquelau lhes enviou, notificou-os da chegada de Lúculo, não sendo acreditado. Suas palavras foram consideradas um simples meio de encorajamento, para fazê-los suportar por mais tempo os sofrimentos e misérias do cerco a que estavam submetidos. Pouco depois, porém, chegou à cidade um rapazinho, que fora aprisionado pelos inimigos e que depois conseguira fugir. Como lhe perguntassem onde se achava Lúculo, o rapaz levou tudo em troça, pensando que quisessem zombar dele, fingindo desconhecer. Mas depois, notando que falavam a verdade, mostrou-lhe com o dedo o acampamento dos romanos, arrancando de todos os peitos um suspiro de alívio e de satisfação.

Prodígios que os garantem.

XX. Bem perto da cidade de Cízica há um lago denominado Dacilítido, navegável por grandes navios. Lúculo abasteceu-se no local do que julgou mais necessário e levou tudo para bordo; embarcou o maior número possível de soldados, e fê-los entrar à noite na cidade, sem serem percebidos pelos vigias inimigos. Este pequeno auxílio reconfortou extraordinariamente os sitiados. E, parece que os deuses, satisfeitos de vê-los tão corajosos, procuraram cientificá-los da vitória por meio de sinais muito evidentes que lhes enviaram, sobressaindo o seguinte: aproximava-se o dia da festa de Prosérpina, e os moradores da cidade não tinham vaca preta, para imolar no ato solene daquele dia, conforme o exigiam suas antigas cerimonias. Chegado o dia, eles levaram para junto do altar uma vaca qualquer, pois, a que criaram especialmente para ser submetida ao sacrifício pastoreava com o resto do gado da cidade na outra margem do canal. Naquele dia, porém, separando-se do resto da manada, a vaca atravessou a nado o canal, e foi apresentar-se ao sacrifício. A própria deusa Proserpina apareceu à noite, em sonho, a Aristágoras, secretário de Estado dos negócios públicos dos cízicos, e lhe disse: "Vim trazer-te a flauta da Líbia em oposição à trombeta pôntica. Dize, por mim, aos teus cidadãos, que eu lhe peço que tenham muita coragem". No dia seguinte, tendo o secretário divulgado sua visão, os cízicos ficaram pasmos, não chegando a compreender a significação das palavras da deusa. Mas, ao romper da aurora, desencadeou-se um furacão, que provocou tremenda tempestade marítima; as máquinas e engenhos de guerra do rei, verdadeiras maravilhas inventadas e armadas pelo engenheiro tessaliano Nicônidas, que já se haviam aproximado das muralhas da cidade para atacá-los, começaram a ranger e estalar com tal ruído, agitados pelo vento, que facilmente podia-se prever o que iria acontecer. De repente o vento sul adquiriu tal violência que despedaçou e afundou num instante todos os engenhos, inclusive uma torre de madeira de cem côvados de altura, que abalou e derrubou. Dizem ainda, que, na cidade de Ilion, a deusa Minerva apareceu em sonho a diversas pessoas, lavada em suor, e mostrando o seu véu rasgado, em consequência do auxílio que acabava de prestar aos cízicos, naquele instante. Em atenção a isto, os habitantes de Ilion conservam, ainda hoje, uma coluna, como perene recordação do fato.

Consideráveis vantagens obtidas por Lúculo sobre as tropas de Mitrídates.

XXI. Este acontecimento inesperado, que livrou os cízicos do ataque a que iam ser submetidos e das amarguras do sítio, acrescido dos tormentos da fome, que obrigava seus homens a fazer uso da carne humana, chamou Mitrídates à dura realidade e fê-lo desistir da sua obstinada ambição e tola teimosia de permanecer ali por mais tempo. Tanto mais que a guerra que Lúculo lhe movia, consistia em obstar a entrada de víveres em seu acampamento. Assim, num dia em que Lúculo saíra para forçar uma cidadela qualquer que o aborrecia, próxima do seu acampamento, Mitrídates aproveitou a oportunidade e mandou quase todos os seus cavaleiros em busca de víveres na Bitínia, com carretas, bestas e as sobras dos seus soldados de infantaria. Sabedor disso, Lúculo voltou na mesma noite para o seu acampamento, e na manhã seguinte, de pleno inverno, seguiu-lhe as pegadas, unicamente com dez corpos de infantaria e toda a cavalaria. A neve era tão abundante, o frio tão rigoroso, e a temperatura tão baixa, que muitos soldados pereceram pelo caminho. Lúculo, porém, não se deteve, indo alcançar seus inimigos perto do rio Rindaco, na Frigia, destroçando-os de tal modo, que até as mulheres da cidade de Apolônia foram saquear-lhes os víveres e despojar os mortos, em número elevado, como é fácil calcular. Nesta jornada Lúculo apreendeu seis mil cavalos, numerosas bestas, e fez quinze mil prisioneiros, que levou para o seu acampamento, passando com tudo diante do acampamento inimigo. Admira-me, neste ponto, que o historiador Salústio afirme ter sido ah que os romanos viram, pela pri meira vez, camelos, coisa que nunca haviam visto antes, pois não lhes faltou oportunidade, quando venceram o grande Antíoco, comandados por Cipião, e, mais recentemente, no ataque a Arquelau, perto das cidades de Orcomene e de Queronéia.

Nova vitória de Lúculo.

XXII. Apavorado com esta derrota, Mitrídates resolveu fugir sem demora; e, para alongar e conservar Lúculo em sua perseguição durante certo tempo, ele resolveu mandar seu almirante, com a esquadra, ao mar da Grécia. Quando ele ia fazer-se de vela, seus homens o traíram, entregando-o a Lúculo, com dez mil escudos que estavam em seu poder, para subornar, corromper e conseguir o apoio de parte do exército dos romanos. Ciente do ocorrido, Mitrídates fugiu por mar, deixando o resto do seu exército ao cuidado dos seus comandantes. Em seguida Lúculo foi até o rio Grânico, na Mísia, onde fez numerosos prisioneiros e matou vinte mil homens. Neste encontro, dizem, morreram quase trezentas mil pessoas, entre soldados, cavaleiros e adidos ao acampamento. Satisfeito com o resultado, Lúculo regressou à cidade de Cízica, onde lhe foram prestadas as maiores homenagens, e seguiu em visita à costa do Helesponto, para reunir navios e aparelhar uma esquadra. Passando pela Troada, alojaram-no no templo de Vênus, onde, à noite, apareceu-lhe em sonho a deusa, recitando estes versos:

Como podes dormir, ó leão corajoso,

Tendo a teu lado fantasmas transformados em veados?

Ele levantou-se sem demora, reuniu seus amigos, e contou-lhes o que ouvira. Era ainda noite cerrada. Nisto, pessoas chegadas da cidade de Ihon declararam-lhe haver visto, no porto dos aqueanos, quinze galeras de cinco remos em cada assento, iguais às do rei Mitrídates, dirigirem-se para a ilha de Lemnos.

Ele apodera-se de quinze galeras de Mitrídates, em Lemnos.

XXIII. Lúculo deu logo de vela, e foi buscá-las. Ao chegar, matou o capitão Isidoro, e foi no encalço dos outros marinheiros, ancorados ao longo da costa. Vendo-o ir-lhes ao encontro, eles rumaram para a terra; e, combatendo do convés, mataram muitos soldados de Lúculo, que viu-se impossibilitado de envolvê-los pela retaguarda, devido ao lugar em que se achavam, e de forçá-los de frente, por terem as galeras flutuantes garantidas e firmemente defendidas pelas que se achavam ancoradas junto à costa. Vencendo a custo todas as dificuldades, Lúculo conseguiu desembarcar num ponto da ilha os melhores soldados que então possuía, os quais atacaram os inimigos pela retaguarda, matando alguns, e obrigando os outros a cortar os cabos que prendiam as galeras à beira-mar. Estes procuraram fugir; mas as galeras se entrechocaram e amolgaram, indo dar nas pontas e esporões das de Lúculo. Muitos dos que nelas se achavam morreram, e os outros, entre os quais o capitão romano, Mário, que Sertório enviara da Espanha a Mitrídates, foram feitos prisioneiros. Achando-se Mário embriagado, foi entregue a Lúculo, de acordo com suas ordens de não matarem inimigos embriagados, para que não tivessem a honra de morrer em combate e passassem pela vergonha e ignomínia de morrer sob a ação da justiça.

Ele persegue Mitrídates, cuja frota é destruída por uma tempestade.

XXIV. Feito isto, Lúculo apressou-se em ir pessoalmente perseguir Mitrídates, que ainda esperava encontrar na costa da Bitínia, onde Vocônio devia tê-lo detido, pois fora mandado à frente, com alguns navios, à cidade de Nicomédia, na Bitínia, para impedir-lhe a fuga. Vocônio, porém, acolheu-se à ilha de Samotrácia, em sacrifício aos seus deuses, e para ser recebido na confraria de sua religião, não conseguindo chegar a tempo de impedir a partida de Mitrídates, que já se havia feito de vela com toda a frota, esforçando-se por alcançar o reino de Ponto, antes que Lúculo voltasse do lugar em que se achava. Durante a viagem, porém, ele foi apanhado por violenta tempestade, que lhe arrebatou parte dos navios, despedaçou e afundou os mais, enchendo costas e praias, durante muitos dias, de cadáveres que as ondas lhes levavam. Mitrídates achava-se em um grande navio de carga, que, devido ao tamanho, não podia alcançar a costa nem singrar ao longo dela, e, devido à tempestade, tornara-se tão cheio de água e tão pesado que os esforços, conhecimentos e habilidade dos pilotos tornaram-se improfícuos. Assim, ante a impossibilidade de fazer-se ao mar alto, ele foi obrigado a transferir-se para um pequeno bergantim de corsários, e a pôr sua pessoa e vida nas mãos de ladrões e salteadores do mar, com a ajuda dos quais, sujeito a todos os perigos e sem qualquer esperança de salvação, ele alcançou a terra e chegou à cidade de Heracléia, no reino de Ponto. A jactância de Lúculo perante o senado romano, nessa ocasião, não o pôs, pela fúria dos deuses, de acordo com o seu pensamento. Tendo o senado deliberado mandar preparar e equipar uma grande esquadra, para pôr fim à luta, na qual seriam gastos um milhão e oitocentos mil escudos, Lúculo impediu, por meio de cartas, que tal se fizesse; escreveu, desassombradamente, que, sem tamanha despesa, e tão grande aparato, ele sentia-se bastante forte para expulsar Mitrídates do mar, servindo-se dos navios emprestados por seus aliados e confederados. E o fez, de fato, com a boa graça e ajuda dos deuses, porque, dizem, a horrível tempestade que destruiu a esquadra de Mitrídates, foi provocada por Diana, irritada com o fato de haverem os pônticos saqueado seu templo, na cidade de Príapos, e retirado e levado sua imagem.

Queixas dos soldados de Lúculo.

XXV. Muitos aconselharam Lúculo a transferir a continuação desta guerra para outra estação. Não obstante as razões apresentadas, ele embrenhou-se pelas regiões da Galácia e da Bitínia, e invadiu o reino de Mitrídates. A princípio ele lutou com a falta de víveres, pois só tinha trinta mil homens da Galácia, a acompanhar-lhe o exército, tendo, cada um, meia fanga de trigo às costas. Mas, à medida que foi avançando e conquistando tudo, conseguiu tal abundância de todas as coisas, que um boi era vendido, em seu acampamento, por uma dracma de prata, ou sejam, três soldos e seis décimos, aproximadamente, e um prisioneiro por catorze, mais ou menos. Tão avultada era a quantidade de outros despojos que, não encontrando compradores ou quem os quisesse, punham-nos fora. Percorreram assim a região toda, até à cidade de Temiscira e planícies do rio Termodon, sem se deter em qualquer lugar mais que o tempo necessário a saqueá-lo e pilhá-lo. Isto desagradou os soldados, que começaram a queixar-se do comandante, alegando que ele recebia as cidades todas sem luta e não lhes proporcionava meios de se enriquecerem pela pilhagem. "Neste andar, diziam, ele nos levará além de Amiso, cidade rica e forte, que tomaríamos facilmente à força e apressaria o sítio, para nos fazer acampar nos desertos dos tibarênios e dos caldeus, a fim de combater Mitrídates!”

Razões que Lúculo dá de sua conduta.

XXVI. Lúculo não ligou importância às lamurias e queixas dos seus soldados, porque nunca OS supôs capazes de enfurecer-se e mudar de opinião, como aconteceu depois. Ao contrário, confiou mais neles do que nos que permaneciam e distraíam longamente nas cidades e aldeias, que pouco valiam, dando tempo a que Mitrídates se refizesse e preparasse nova esquadra. "A razão, dizia-lhes, que me faz distrair e descansar em toda parte, é a que ele

consiga tornar-se bastante forte e preparar um novo exército, capaz de nos enfrentar, ao invés de fugir. Não vedes que, atrás dele, há uma infinidade de regiões desertas, que não permitem seguir-lhe o rasto, e perto dele o monte Cáucaso, e outros inacessíveis, capazes de abrigar e refugiar não só a ele como inúmeros príncipes e reis que prefiram fugir a combater? Além disso, há poucos dias de caminho, da província dos cabirênios ao reino da Armênia, onde reside Tigrano, o rei dos reis, tão poderoso que desdenha os partas da Ásia e domina todas as cidades gregas até o reino da Média; que ocupa toda a Síria e a Palestina; que matou e exterminou os reis sucessores do grande Seleuco, e submeteu suas mulheres e filhas ao cativeiro. Este grande e poderoso rei é aliado de Mitrídates, tendo desposado sua filha, e não deixará de socorrê-lo, em caso de extrema necessidade. Ora, apressando-nos em atacar Mitrídates, correremos o risco de atrair novo inimigo em Tigrano, que de há muito busca uma aparente oportunidade para nos guerrear, e não poderia encontrá-la melhor do que esta, em defesa de um rei arruinado, seu vizinho e aliado, constrangido a jogar-se a seus braços. Que necessidade temos nós de procurar isto, e de ensinar a Mitrídates o que ele desconhece, isto é, que recorra a Tigrano, para nos guerrear? Isto ele nunca fará se não for constrangido, por julgar desonroso à sua pessoa. Não é melhor que lhe permitamos reunir de novo as forças do seu reino, e que se refaça, para que combatamos de preferência contra os colquianos, tibarênios, capadócios e outros povos semelhantes, que já vencemos tantas vezes, do que contra os medos e os armênios?

Lúculo vai acampar diante de Mitrídates.

XXVII Lúculo manteve-se durante muito tempo neste propósito, diante da cidade de Amiso, prolongando o cerco, sem o forçar. Passado o inverno, ele encarregou Murena de continuá-lo, e foi com o resto do exército em busca de Mitrídates, que assentara acampamento perto da cidade de Cabira, com um exército de quarenta mil soldados de infantaria e quatro mil de cavalaria, decidido a esperar ali a chegada dos romanos. Confiando demasiado em suas forças, ele atravessou o rio Lico, e foi oferecer combate aos romanos numa campina. Houve algumas escaramuças de cavalaria, em que os romanos levaram a pior, sendo aprisionado um, chamado Pampônio, de grande reputação, e levado a Mitrídates, por achar-se gravemente ferido. Como Mitrídales lhe perguntasse se estava disposto a tornar-se seu aliado e amigo, no caso de salvar-lhe a vida, submetendo-o a tratamento, ele respondeu-lhe prontamente: "Sim, se fizeres as pazes com os romanos; no caso contrário, serei sempre teu inimigo". O rei louvou-lhe a virtude, e não lhe fez o menor mal.

Escaramuça em que, por fim, Lúculo tem vantagem.

XXVIII. Lúculo receou descer à campina, por ser o contingente de cavalaria inimigo mais forte que o seu, e ficou indeciso se devia ou não enveredar pela montanha, coberta de matas e de florestas, e caminho bastante longo e acidentado. Achava-se nesta dúvida, quando, casualmente, seus homens prenderam alguns gregos escondidos numa caverna próxima, entre os quais se achava um velho chamado Artemidoro, que prometeu a Lúculo levá-lo a lugar forte e seguro, caso nele confiasse e quisesse segui-lo, dotado de fortaleza, perto da cidade de Cabira, onde poderia assentar seu acampamento. Lúculo confiou no velho, e à noite partiu com suas forças; transpôs algumas montanhas e desfiladeiros perigosos, e pela manhã achou-se no lugar prometido. Os inimigos admiraram-se da sua chegada e de tê-lo tão perto, em posição vantajosa para atacá-los ou deixá-los entocados, sem se poderem mover. Ficara ao arbítrio de ambas as partes, entrar ou não em luta. Estavam nesta situação, quando alguém, no acampamento de Mitrídates, soltou um veado. Alguns romanos foram-lhe ao encontro, para impedir-lhe a passagem, sendo atacados pelos soldados do rei, que os puseram em debandada. Envergonhados com a fuga dos companheiros, os romanos pediram instantemente a Lúculo que os lançasse à luta, dando-lhes o sinal de combate. Desejando mostrar-lhe quanto vale a presença de um comandante prudente e bom, Lúculo ordenou-lhes que não se

afastassem de seus postos; foi pessoalmente à planície, e determinou aos primeiros fugitivos encontrados que parassem e voltassem a luta, no que foi prontamente atendido. Os outros os acompanharam, e, sem grande esforço, envolveram os inimigos, expulsando-os a seguir, e arrasando-lhes as fortalezas. Ao voltar ao acampamento, Lúculo submeteu os fugitivos a um duro vexame, que os romanos passaram a usar em casos semelhantes: pô-los em fraldas de camisa, diante de todos os companheiros, obrigando cada um a abrir uma cova de doze pés de comprimento.

Um dandariano tenta assassinar Lúculo, sem o conseguir.

XXIX. Havia, na hoste do rei Mitrídates, o príncipe dos dandarianos, povos bárbaros habitantes das cercanias dos lagos Meóticos. Chamava-se Oltaco. Era nobre, valente, afeito às armas; sensato, de bons costumes e companhia agradável; empreendedor, e o mais apto, em toda a hoste, para os grandes ataques. Achando-se sempre em rixa com os outros nobres de sua terra, pela posse do lugar de favorito do rei, resolveu dirigir-se a Mitrídates, comprometendo-se a prestar-lhe um serviço de grande valia, matando Lúculo. O rei exultou, a tal proposta, e, particularmente, elogiou-o sem reserva. Publicamente, porém, censurou-o e ofendeu-o, muito de indústria, para que ele, aparentando indignação, se apresentasse a Lúculo como aliado, e fosse bem recebido. E assim aconteceu. Lúculo recebeu-o com satisfação, por sabe-lo muito querido e respeitado em seu acampamento; e, para submetê-lo à prova, encarregou-o de uma missão, da qual ele se saiu admiravelmente, sendo muito elogiado. Com isto, a sua reputação cresceu de tal modo que, a partir de então, Lúculo passou a pedir-lhe alguns conselhos e a tê-lo como comensal. No dia em que este dandanano achou asada a oportunidade de executar o seu sinistro plano, ordenou a seus lacaios que tivessem seu cavalo preparado além das trincheiras; e, achando-se os soldados a descansar e a dormir no meio do acampamento, em pleno dia, ele foi à tenda de Lúculo, certo de não encontrar quem lhe impedisse a entrada, atendendo à intimidade e familiaridade com que o tratava, e porque tinha coisa muito importante a comunicar-lhe, segundo disse. Ele teria entrado, não resta dúvida, se o sono, que prejudica tantos outros comandantes, não tivesse preservado e salvo Lúculo, que dormia. Embora o camareiro Menedemo, que por felicidade guardava a porta, lhe dissesse ter chegado em má hora, porquanto Lúculo, fatigado de trabalhos e vigílias, se havia recolhido ao leito, Oltaco não quis retirar-se; e, a uma observação qualquer do camareiro, disse-lhe que entraria, com ou sem permissão, porque tinha coisas muito importantes a comunicar-lhe. Menedemo respondeu-lhe não haver coisa mais necessária e importante do que a conservação da vida e saúde de seu amo, que necessitava de descanso, e pô-lo fora da tenda aos empurrões. Oltaco amedrontou-se, foi, às escondidas, ao ponto marcado aos seus lacaios, montou a cavalo, e dirigiu-se ao acampamento de Mitrídates, sem ter executado o que lhe prometera. Aprendeu, assim, que a ocasião e as circunstâncias de momento produzem, nas grandes empresas, o mesmo efeito que os medicamentos ministrados aos doentes, isto é, ou salvam, ou matam os homens.

Diversas vantagens obtidas pelos oficiais de Lúculo sobre os de Mitrídates.

XXX. Decorrido algum tempo, Lúculo mandou seu capitão Sornácio, com dez batalhões, em busca de víveres. Ciente disso, Mitrídates enviou-lhe ao encalço o capitão Menander, que foi atacado e derrotado por Sornácio, com grande perda de soldados. Logo depois Lúculo destacou o tenente Adriano, com boa tropa, a fim de que levasse para o acampamento trigo em abundância. Mitrídates não os deixou à vontade; pelo contrário, mandou-lhes ao encontro os capitães Menemaco e Miron, com maior número de soldados de infantaria do que de cavalaria, sendo todos mortos, exceção feita de dois, que levaram a notícia ao acampamento. Mitrídates tratou de disfarçar o abalo que essa comunicação lhe causara, declarando ser a perda muito menor do que a que se podia prever, dada a ignorância e temeridade dos seus tenentes. Ao regressar ao acampamento, Adriano fê-lo com tanto aparato e orgulho, dado o

elevado número de carroças de trigo e de espólios que levava, que Mitrídates, desesperado, vendo sua gente apavorada, resolveu não permanecer ali por mais tempo. Assim, os fidalgos mais achegados a ele começaram a abandonar secretamente o acampamento, levando suas bagagens, e procurando impedir que os outros fizessem o mesmo.

Mitrídates foge.

XXXI. Ante este procedimento dos favoritos do rei, os outros combatentes se amotinaram, atacaram-nos, mataram-nos, e se apoderaram de suas bagagens. Dorialo, um dos principais capitães de todo o acampamento, foi morto, e despojado da roupa do corpo, única coisa que possuía. Hermes, o chefe dos sacrifícios, foi pisado e morto pela turba dos fugitivos, à saída do acampamento. O próprio Mitrídates, apavorado com a atitude dos fugitivos, saiu do acampamento sem um soldado, um escudeiro ou alguém que lhe fosse buscar um cavalo. Quando o camareiro Ptolomeu descobriu-o no meio da multidão fugitiva, e apeou do seu cavalo, oferecendo-lho, já era tarde: os romanos já lhe estavam no encalço, bem próximos, e na iminência de agarrá-lo. A cobiça e concupiscência dos soldados, porém, fez-lhes perder a presa de há muito perseguida com tanto sacrifício e riscos de combates, privando Lúculo da maior e mais completa de todas as vitórias. Com mais um pequeno avanço Mitrídates seria fatalmente detido. Mas, casual ou propositalmente, um dos muares que levavam o ouro e a prata do rei foi largado a meio do caminho, entre o fugitivo e os romanos. À vista do animal, estes se detiveram a despojá-lo do ouro e da prata, lutando entre si pela posse da pilhagem. Deste modo Mitrídates ganhou tal dianteira que conseguiu salvar-se. Além deste grande dano, a ganância dos soldados ocasionou outro a Lúculo, também relevante, como se verá pelo que segue: preso um dos principais secretários do rei Calistrato, Lúculo ordenou que o levassem ao acampamento. Chegando ao conhecimento dos que o conduziam, que ele usava um cinturão do valor de quinhentos escudos, mataram-no, para apoderar-se do objeto, e completaram a obra saqueando e pilhando o acampamento dos inimigos.

Ele faz morrer suas mulheres e suas irmãs.

XXXII. Depois desta fuga de Mitrídates, Lúculo tomou a cidade de Cabira e muitas fortalezas e praças fortes, nas quais encontrou grandes tesouros e as prisões repleta s de infelizes prisioneiros gregos, e de príncipes parentes do próprio rei, de há muito considerados mortos, que libertados por Lúculo daquele mísero cativeiro, consideraram-se ressuscitados e retornados a uma nova vida. Lá, também foi encontrada Nissa, uma das irmãs de Mitrídates, para a qual a tomada da cidade foi benéfica, pois as outras mulheres e irmãs, julgadas livres de perigo e em lugar seguro, perto da cidade de Fernácia, morreram mísera e deploravelmente, assassinadas pelo camareiro Baquilidas, a mandado de Mitrídates. Entre outras senhoras, havia até duas irmãs do rei, Roxana e Estatua, quarentonas e solteiras, e duas de suas esposas, naturais da Iônia, Berenice e Monimé, a primeira nascida na ilha de Quio e a segunda na cidade de Mileto. Esta era muito reputada entre os gregos, porque, por mais apaixonado que o rei se mostrasse por ela, e por mais dinheiro que lhe oferecesse para conquistá-la, sendo a última oferta de quinze mil escudos, ela sempre o repeliu, dizendo que só cederia aos seus desejos quando ele a desposasse, lhe desse o diadema real e a chamasse rainha. Casou; mas, em toda a sua vida de casada com este rei bárbaro, passou por grandes desgostos, e nada mais fez do que deplorar a desditosa beleza de seu corpo, que, em lugar de um mando, lhe dera um senhor, e em lugar de damas de honra, uma guarnição de homens bárbaros, que a retinham como prisioneira, longe da sua querida Grécia. Quando Baquilidas foi ter com elas, e pediu-lhes, a mandado do rei, que lhe declarassem a maneira mais rápida e menos dolorosa por que desejavam morrer, Monimé arrancou da cabeça o diadema, e amarrou-o ao pescoço, para enforcar-se. O diadema, porém, rasgou-se, e ela falou: "Maldito e mesquinho tecido! Nem ao menos me és útil neste triste benefício?" Jogou ao chão, pisou-o, e apresentou a garganta a Baquilidas, para cortá-la. Berenice tomou de uma taça cheia de

veneno, e, quando ia levá-la à boca, sua mãe, ali presente, pediu-lhe que repartisse com ela, sendo atendida. Sendo o veneno muito violento e de ação bastante rápida, a mãe, enfraquecida pela velhice, tombou logo sem vida; Berenice, porém, que não ingerira a quantidade devida, conservou-se em agonia, até ser estrangulada por Baquilidas. Quanto às irmãs solteiras, consta que Roxana envenenou-se, amaldiçoando e odiando a crueldade de seu irmão. Estatira, ao contrário, não proferiu uma palavra de reprovação ou de ressentimento contra ele; louvou-lhe o cuidado que teve, ao ver-se em perigo, de fazê-las morrer, antes que caíssem escravas às mãos dos inimigos e fossem por eles ultrajadas em sua honra.

Lúculo toma a cidade de Amiso.

XXXIII. Estas lamentáveis desgraças feriram profundamente o coração de Lúculo, que era, por natureza, compassivo e bom. Contudo, ele procurou esquecer-se do acontecido, e seguiu o rasto de Mitrídates à cidade de Talaura, onde soube que, quatro dias antes, ele havia fugido para Tigrano, na Armênia. Lúculo subjugou os caldeus e os libaremos, apoderou-se da Armênia menor, submetendo as cidades, fortalezas e praças fortes às suas ordens, e regressou. A seguir, mandou Ápio intimar o rei Tigrano a entregar-lhe Mitrídates e dirigiu-se à cidade de Amiso, que ainda se achava sitiada, graças à capacidade e experiência do comandante que defendia ali o rei Calímaco, incomodando enormemente os romanos. Mas, não obstante ser profundo conhecedor de todos os segredos de guerra, Lúculo conseguiu enganá-lo, de um modo muito simples: na hora em que fazia tocar a recolher, para o descanso, ordenou, inesperadamente, o assalto à muralha, ocupando pequena parte dela, antes que a pudessem, defender. Com isto, Calímaco, reconheceu não poder mais conservar a cidade em seu poder, e abandonou-a. Mas, antes de partir, ateou fogo à cidade, não se sabendo se para impedir que os romanos se enriquecessem com o saque à mesma, ou para ter maior facilidade de se salvar e de fugir. Ninguém ligava importância aos que fugiam por mar, por ser de enorme proporção o incêndio, que se espalhava por toda parte, até às muralhas, e por saberem que a única preocupação dos soldados romanos era a pilhagem.

Ele se entristece de vê-la destruída pelo fogo, e repara-a como pode.

XXXIV. Lúculo contristou-se, ao ver aquela enorme fogueira, e quis remediar o mal, pedindo aos soldados que a extinguissem. Ninguém o atendeu, pois todos quiseram a pilhagem, disparando suas armas com horrível gritaria. Constrangido a deixar-lhes a cidade entregue ao saque, ele esperava que ao menos os prédios fossem salvos do fogo. O que não aconteceu, porque, desejando certificar-se se nada havia oculto, os próprios soldados, procurando por toda parte, com archotes e velas acesas, queimaram tantas casas que Lúculo, ali entrando no dia seguinte, e vendo os danos ocasionados pelo fogo, desandou a chorar, dizendo aos amigos mais achegados que o rodeavam, que muitas vezes considerara Sila um homem felicíssimo; mas nunca lhe invejara a felicidade como no dia em que, desejando salvar a cidade de Atenas, os deuses concederam-lhe a graça de poder fazê-lo. "E eu, disse ele, que desejava seguir-lhe o exemplo, e salvar esta, a sorte, contra a minha vontade, igualou-me a Múmio, que fez queimar Corinto". Não obstante, ele fez o que pôde, então, para reerguer esta pobre cidade. Quanto ao fogo, por graça divina uma chuva o extinguiu quase no instante em que ela foi tomada. Antes de partir, ele fez reconstruir boa parte dos edifícios que o fogo havia consumido, nos quais alojou humanitariamente os habitantes que haviam fugido, além de alguns gregos que fizeram questão de residir ah, e aumentou a cidade, dando-lhe sete léguas e meia de território. A cidade era colônia dos atenienses, que a haviam fundado e construído no tempo em que o seu império estava em pleno desenvolvimento e dominava o mar, o que fez com que muitos fugitivos da tirania de Aristião ali se acolhessem, gozando de iguais direitos dos filhos da região. Tiveram assim a felicidade de, em paga dos bens perdidos, adquirir e gozar os bens alheios. Aos da cidade, que conseguiram escapar de tal desolação, Lúculo forneceu boa roupa, deu a cada um duzentas dracmas, e fê-los voltar para a sua terra. O gramático Tirânio foi

então preso, a mandado de Murena, porém Lúculo libertou-o, censurando o uso incivil e despótico que o seu subalterno fazia dos poderes que lhe concedera.

Prendendo um homem muito querido e acatado por seu saber, e praticando outros atos censuráveis, Murena deu mostras de não possuir os requisitos indispensáveis a um homem de bem e a um bom chefe.

Ele visita as cidades da Asia, e freia a liberdade dos oficiais romanos.

XXXV. Partindo dali, Lúculo foi visitar as cidades da Ásia, para dar-lhes algum lenitivo nas leis e na justiça, durante o tempo em que não estivesse ocupado nos afazeres da guerra. Não sendo de há muito administradas, e achando-se totalmente entregues à cobiça dos rendeiros, cobradores e usurários romanos, que as devoravam e mantinham cativas, achavam-se em tal estado de aflição e de miséria, que não há palavras capazes de descrever. Os quadros dedicados aos templos, as estátuas dos deuses, e outras preciosidades das igrejas, passavam para as mãos dos credores; os pais eram constrangidos a vender seus filhinhos e suas filhas casadoiras, para poderem pagar capital e juros do dinheiro tomado de empréstimo, e acabavam sendo também escravizados. Antes de serem adjudicados como escravos, eles eram encarcerados, metidos na geena, estendidos na polé, colocados em cepos, expostos nus sob o sol ardente, no verão, e no inverno atolados na lama ou sob o gelo. De modo que a escravidão, para eles, era uma quitação de misérias e o descanso de sofrimentos.

Ele regulamenta os lucros monetários.

XXXVI. Lúculo encontrou as cidades da Ásia repletas de tais opressões, mas em pouco tempo libertou as injustamente castigadas. Primeiramente ele ordenou que se calculasse, como juro, a ser pago mensalmente, a centésima parte da dívida real, e não mais; a seguir anulou todos os juros e exigências que excedessem do verdadeiro haver. Por fim, e foi este o ponto principal, estabeleceu que o credor e usurário só gozaria da quarta parte dos lucros e das rendas de seu devedor, ficando sujeito à perda total quem quisesse cobrar juros dos juros. Com estas disposições todos os débitos foram pagos em menos de quatro anos, e as terras e propriedades restituídas a seus proprietários, livres e desembaraçados de todas as dívidas. Esta sobrecarga de juros provinha dos vinte mil talentos a que Sila condenara a região da Ásia, importância que já havia sido paga duas vezes aos rendeiros e cobradores romanos, que a fizeram aumentar, acumulando juros dos juros, até à quantia de cento e vinte mil talentos, equivalentes a setenta e dois milhões de moedas ouro. Isto fez com que os rendeiros e cobradores fossem esbravejar em Roma contra Lúculo, taxando-o de perseguidor e injusto, e, à força de dinheiro, movimentassem alguns arengueiros habituais contra ele. Lúculo, porém, não se tornara muito querido nas regiões que beneficiara, como bastante cobiçado nas que não tinham a felicidade de possuí-lo como governador.

Apio Clódio arranca Zerbieno da obediência de Tigrano.

XXXVII. Por fim, Ápio Clódio, cunhado de Lúculo, que este havia mandado ter com Tigrano, confiando demasiado na maldade de alguns agentes deste rei, deixou-se conduzir pela região montanhosa do país, vencendo grande percurso, com um inútil desperdício de dias de sacrifícios. Como um dos seus escravos libertos, natural da Síria, lhe ensinasse o verdadeiro caminho, ele dispensou seus guias bárbaros, e, desviando-se da rota que eles lhe traçaram,

em poucos dias transpôs o rio Eufrates, e chegou à cidade de Antioquia, cognominada Epidafne, onde devia esperar a volta de Tigrano da Fenícia; subjugou algumas cidades que ainda lhe restava conquistar, e conseguiu o apoio secreto de muitos príncipes e fidalgos, que só pela força contra a vontade prestavam obediência ao rei da Armênia. Entre eles achava-se Zarbieno, rei da província Gordiana. Ápio Clódio garantiu a todos o auxílio de Lúculo, pedindo-lhes que nada divulgassem no momento. Os gregos não só detestavam o domínio dos armênios, como não toleravam o orgulho e a petulância do rei, que, devido à sua grande prosperidade, tornara-se tão soberbo e presunçoso, que tudo quanto o homem possui de mais precioso e mais preza, ele considerava de nenhum valor, e se julgava superior a tudo e a todos no mundo, esquecido de que chegara ao que era bafejado unicamente pela sorte.

Exaltação e insolência de Tigrano.

XXXVIII. De início Tigrano pouco possuía; e, com este pouco a que ninguém ligava, ele subjugou diversas grandes nações, e abateu o poder dos partas, coisa que homem algum conseguira fazer antes dele. Encheu a Macedónia de habitantes gregos, levados à força da Cilicia e da Capadócia, obrigando-os a fixar residência ali, mudou o modo de vida dos árabes, apelidados cenitas ou tendeiros, por ser um povo errante, cujas casas não passavam de tendas, que levavam consigo, a fim de vendê-las. Tinha sempre, em sua corte, muitos reis para servi-lo. Quatro deles estavam-lhe sempre ao lado, como guardas ou lacaios, acompanhando-o a pé e de túnica, quando ele saía a cavalo pelos campos; quando dava audiência, sentado em sua cadeira, eles conservavam-se de pé, ao redor, de mãos entrelaçadas, numa postura que bem denunciava o seu servilismo, como a dizer-lhe que lhe davam inteira liberdade de ação, e que podia dispor dos seus corpos como melhor entendesse.

Ápio pede a Tigrano que lhe entregue Mitrídates.

XXXIX. Ápio Clódio não se admirou do aparato trágico que observara, ao ser-lhe concedida audiência; e, não o temendo, disse-lhe, de cara, que ali se achava para exigir-lhe a entrega de Mitrídates, cujo aprisionamento ele devia-o à vitória de Lúculo, caso contrário declarar-lhe-ia guerra. Os que assistiram a esta intimação, perceberam muito bem que Tigrano, embora se esforçasse por aparentar cara alegre, com um sorriso fingido e alvar, sentiu apertar-se-lhe o coração, ante a coragem e franqueza do moço; pois, nos seus vinte e cinco anos de reinado, ou melhor, de tirania ultrajante, nunca ouvira palavras tão sinceras e espontâneas como aquelas. Não obstante, ele respondeu a Ápio que não entregaria Mitrídates, e que, se os romanos o guerreassem, ele se defenderia. E, despeitado com o fato de havê-lo Lúculo, nas cartas que lhe escrevera, tratado simplesmente de rei, e não de rei dos reis, nas respostas que lhe dera tratou-o de capitão. Ao despedir-se Ápio, o rei mandou-lhe belos e ricos presentes, que ele recusou; apesar disso, enviou-lhe outros melhores, dos quais Ápio ficou apenas com uma taça, receoso de que o rei tomasse a sua obstinada recusa como uma prevenção pessoal contra ele, e devolveu-lhe o resto. A seguir voltou para junto do seu comandante, depois de longas e penosas jornadas.

Entrevista de Mitrídates e de Tigrano.

XL. Tigrano, que até então nunca quisera ver Mitrídates, seu aliado tão achegado, que devido à guerra perdera seu grande e poderoso império, e conservava-o orgulhosamente como

prisioneiro, em lugar pantanoso e malsão, mandou buscá-lo com todas as honras, e recebeu-o com as maiores demonstrações de carinho. No palácio real, eles se isolaram dos mais, para poderem conversar em particular, justificando-se e desculpando-se das suspeitas que um tivera do outro, em prejuízo dos seus assistentes e amigos, que eles desprezaram, entre os quais Metrodoro, o Cepciano, homem de grande saber, que dizia jocosamente o que pensa, e a quem Mitrídates dedicara tão grande amizade que o chamava o pai do rei. No início das suas lutas Mitrídates mandara-o pedir auxílio a Tigrano, contra os romanos, e Tigrano perguntou-lhe: "Que me aconselhas tu, Metrodoro?" Ou porque preferisse o proveito de Tigrano, ou porque não quisesse que Mitrídates fugisse, ele respondeu-lhe: "Como embaixador, senhor, aconselho-te que o atendas, mas, como conselheiro, que não o faças". Tigrano relatou o caso a Mitrídates, supondo não o desgostar, e no entanto fez com que Metrodoro fosse logo submetido a pena de morte, Isto não só fez com que Tigrano se arrependesse de haver sido o causador de tal morte, como o tornou conhecedor da malquerença que de há muito Mitridates nutria contra a sua vítima, com a descoberta de documentos secretos, em um dos quais era determinada a morte de Metrodoro. Em compensação, Tigrano não poupou suntuosidade no sepultamento do corpo de quem traíra em vida. Também foi morto, na corte de Tigrano, o orador Anfícrates, natural de Atenas. Dizem que, tendo sido expulso de sua terra, ele fugiu para a cidade de Selêucia, à margem do Tigre; e, como os habitantes da cidade lhe pedissem que ensinasse ali a arte da eloquência, ele recusou-se, respondendo pretensiosamente ser o prato muito pequeno para conter um golfinho, como a dizer que a cidade era muito insignificante para detê-lo ali. Retirando-se de Selêucia, ele tratou de acercar-se de Cleópatra, filha de Mitrídates e esposa de Tigrano. Tornando-se logo suspeito, foi denunciado, sendo-lhe proibido visitar e conversar com os gregos. Isto ocasionou-lhe tamanho desgosto que ele deixou-se morrer por inanição, sendo honrosamente sepultado pela rainha Cleópatra, num lugar denominado Safa, como dizem naquela região.

Lúculo apodera-se da cidade de Sínope.

XLI. Lúculo, depois de ter reposto toda a Ásia em boa paz e tranquilidade, e estabelecido boas normas em matéria de justiça, não se esqueceu dos passatempos e diversões. Pelo contrário, enquanto esteve em descanso na cidade de Éfeso, promoveu inúmeras festas, lutas romanas e assaltos de esgrima, em regozijo à vitória obtida, causando grande satisfação em todas as cidades da província. Tanto assim, que, em sinal de reconhecimento, instituíram uma festa solene em sua homenagem, a que denominaram Lucúlia, celebrando-a com grande alegria, sincera e não fingida amizade e benquerença, e que deixou-o mais satisfeito do que as maiores homenagens que lhe houvessem prestado. Com o regresso de Ápio, considerando e concluindo ser indispensável guerrear Tigrano, ele voltou ao reino de Ponto, onde movimentou o exército que ali havia deixado de guarnição, levando-o para a cidade de Sínope, a fim de sitiá-la, ou antes, para cercar alguns cilícios, que nela se haviam internado em favor de Mitrídates. Ao verem Lúculo dirigir-se contra eles, os cilícios, certa noite, mataram grande parte dos habitantes, incendiaram a cidade, e fugiram. Avisado do ocorrido, Lúculo entrou na cidade, fez passar ao fio da espada oito mil cilícios que ainda ali se achavam, e devolveu aos habitantes quanto lhes pertencia. O que o induziu a apoderar-se desta cidade foi uma visão que tivera durante a noite, que aproximou-se do seu leito e lhe disse: "Segue um pouco além, Lúculo, pois Autólico deseja falar-te, Este sonho despertou-o, mas ele não conseguiu atinar com o sentido do que a visão lhe dissera Foi nesse dia da tomada da cidade de Sínope que, perseguindo os cilícios fugitivos, ele achou uma está tua estendida ao chão, à beira-mar, que eles, precipitação da fuga, não conseguiram transportar para bordo. Dizem que era um dos mais belos e grandiosos trabalhos do estatuário Estênis, e há quem afirme ser a imagem de Autólico, o fundador de Sínope. Autólico foi um dos príncipes que par tiram da Tessália, com Hércules, contra as Ama zonas, e era filho de Demaco. Fala-se que, ao voltar desta viagem, o navio em que ele embarcara com Demoleão e Flógio deu de encontro a um escolho na costa do Quersoneso, submergindo. Tendo-se salvo com suas armas e seus homens, Autólico tanto fez que chegou à cidade de Sínope, que arrebatou a alguns sírios, assim chamados por descenderem do Siro, filho de Apolo, e da ninfa Sínope, filha de Asopo. Com esta informação, Lúculo lembrou-se de uma advertência de Sila, que, em seus comentários escritos, declarou não haver nada mais certo, e em que a gente devia piamente acreditar, do que o que nos é transmitido pelo sonho.

Ele recebe aviso da aproximação de Tigrano e de Mitrídates.

XLII. Nesta ocasião, ele foi prevenido que Tigrano e Mitrídates estavam prestes a chegar na Liaônia e na Cilicia, para serem os primeiros a apoderar-se da província da Ásia. Admirou-se muito da solução de Tigrano, pois sabia ser sua intenção marchar contra os romanos, mesmo que não fosse auxiliado por Mitrídates, visto achar-se perfeita-mente aparelhado para a luta. Entretanto, não podendo admitir que se atacasse povos indefesos, e ciente de que tudo não passasse de um ardil de ambas as partes, preparou-se para enfrentá-los.

Ele se põe em marcha, para ir-lhes ao encontro.

XLIII. A esse tempo, Machares, filho de Mitrídates, senhor do reino do Bósforo, mandou-lhe uma coroa de ouro do valor de mil escudos, pedindo lhe que o considerasse amigo e aliado dos romanos. Lúculo considerou isso como o fim de sua primeira guerra, e, deixando Sornácio na defesa do reino de Ponto, com seis mil combatentes, partiu-lhes ao encontro, com doze mil soldados de infantaria e pouco menos de três mil de cavalaria. A grita foi geral, pois acharam ser grande temeridade de sua parte lançar-se, mal aconselhado, com tão pouca gente, contra exércitos belicosos, dotados de milhares e cavalarias, em lugar tão vasto e afastado, sulcado de inúmeros e profundos rios, repleto de montanhas o ano todo cobertas de neve, o que fez com que os seus soldados, pouco disciplinados e obedientes, o seguissem receosos e desatendessem as suas ordens. Os arengueiros, em Roma, não cessavam de gritar contra ele, declarando ao povo que ele semeava uma guerra após outra, sem o menor proveito à coisa pública, provocando-as com o único fito de ter sempre exércitos sob suas ordens e par satisfazer às suas necessidades particulares, à custa e prejuízo do erário público. Com o decorrer do tempo eles viram satisfeitos os seus desejos, que eram os de afastar Lúculo do comando das forças, fazendo-o substituir por Pompeu.

Ele passa o Eufrates.

XLIV. Apesar de toda a grita, Lúculo não deixou de comandar e fazer seguir o seu exército o mais que pode, e em poucos dias chegou ao rio Eufrates, que encontrou transbordante, agitado impetuoso, como acontece no inverno. Lúculo ficou muito aborrecido, certo de ser obrigado a permanecer ali durante muito tempo, e de ter o aborrecimento de procurar navios e de mandar fazer jangadas para a construção de uma ponte, a fim de poderem atravessar. A noite, porém, a água começou a baixar, e desceu tanto que, pela manhã, o rio achou-se reduzido ao seu curso normal. Os filhos do lugar, ao verem ilhotas aparecer ao longo do curso das águas, e o rio calmo, como um pântano, em torno delas, adoraram Lúculo como um deus, porque nunca viram acontecer tal coisa até então, pois o rio submeteu-se logo a ele, tornando-se manso e obediente, para dar-lhe passagem fácil e segura. Não querendo perder a oportunidade, ele fez seu exército passar sem demora, e, na outra margem, deu com este achado de feliz presságio: algumas vacas consagradas à deusa Diana, cognominada Persiana, que os habitantes bárbaros de além do rio Eufrates veneram e glorificam acima de todos os outros deuses, pastavam por ali. Estas vacas, exclusivamente destinadas a imolação em louvor à deusa, erram à vontade por toda a região, sem qualquer espécie de amarra ou de prisão, tendo a distingui-las uma lâmpada gravada no corpo, que é a marca de Diana, e só são apanhadas em caso de necessidade, com muito trabalho. Uma delas, depois da passagem de todo o exército, foi voluntariamente colocar-se numa rocha também consagrada à deusa,

abaixando a cabeça e estendendo pescoço, como fazem as que são amarradas e submetidas ao sacrifício, dando a entender a Lúculo que ali fora para ser imolada: o que foi feito. Em seguida, ele também imolou um touro em louvor ao Eufrates, por haver-lhe dado tão fácil passagem.

Ele entra na Armênia.

XLV. Nesse primeiro dia Lúculo só se ocupou em acampar além do rio. Nos dias seguintes internou-se no país por Sofena, sem produzir o menor mal ou descontentamento às pessoas que iam entregar-se a ele, ou que recebiam com satisfação seu exército. Tendo seus soldados mostrado desejo de atacar e tomar uma fortaleza, na qual diziam haver muito ouro e prata, ele mostrou-lhes ao longe a montanha de Taurus, dizendo-lhes: "É aquilo que vos cabe ir tomar, pois, o que está dentro desta fortaleza, pertence aos vencedores". E, prosseguindo em suas longas jornadas, transpôs o no Tigre, e entrou com seu exército na Armênia.

Como Tigrano recebe a notícia de sua aproximação.

XLVI. Quanto a Tigrano, o primeiro que ousou levar-lhe a notícia da chegada de Lúculo, não teve sorte, pois ele o fez decapitar. À vista disso, ninguém mais se atreveu a falar-lhe a tal respeito. Assim, ignorando achar-se completamente cercado pelos inimigos, ele deleitava-se com os elogios que lhe faziam seus favoritos, declarando que Lúculo seria de fato um grande comandante, se tivesse a coragem de esperá-lo unicamente na cidade de Éfeso, e não se tivesse espalhado por toda a Ásia, como fez, nem bem percebeu a sua aproximação com um exército triunfante, de tantos milhares de homens. Vê-se, por aí, que, não possuindo todos os corpos e todos os cérebros igual resistência para suportar excesso de vinho, também não possuem compreensão bastante, nem bom senso, para julgar os outros como merecem. Mitrobarzane, um dos favoritos, que ousou dizer a verdade, foi por Tigrano mandado ao encontro de Lúculo, com três mil cavaleiros e bom número de soldados de infantaria, e ordem de levar lhe o comandante vivo, embora tivesse de passar por cima do ventre de todos os seus soldados.

Sextílio vence as tropas de Tigrano, comandadas por Mitrobarzane, que é morto.

XLVII. Achava-se Lúculo com parte do seu exército já acampada e a outra parte prestes a chegar, quando os seus batedores deram-lhe a notícia da chegada do capitão bárbaro. Ele calculou logo que, se o inimigo o atacasse na situação em que se achava, com as forças dispersas, e em condição de não poder combater, ser-lhe-ia impossível enfrentá-lo e derrotá-lo. Assim sendo, ele permaneceu no acampamento, tratando de fortificá-lo e restaurá-lo, e mandou Sextílio, um dos seus tenentes, com mil e seiscentas cavalarias e um número pouco maior de soldados de infantaria, com munição escassa, recomendando-lhe que se aproximasse o mais possível do inimigo, sem combater, unicamente para entre-tê-lo e contê-lo, até ser avisado achar-se todo o exército reunido no acampamento. Sextílio procurou executar as ordens recebidas, mas foi constrangido, contra a vontade, a entrar em combate, visto ter sido vigorosa e audaciosamente atacado por Mitrobarzane. Este, porém, morreu valorosamente na luta, e seus homens foram acossados e mortos, salvando-se apenas uns poucos, que conseguiram fugir.

Lúculo assedia Tigranoeerta.

XLVIII. Com esta derrota, Tigrano abandonou sua grande cidade real de Tigranocerta, assim batizada por ele mesmo, e retirou-se para o monte Taurus, onde concentrou gente de toda parte. Lúculo, porém, não lhe deu oportunidade de preparar-se, mandando Murena obstar-lhe a saída e Sextílio impedir a entrada de grande reforço de árabes mandado em seu auxílio, e que foi quase totalmente morto. Seguindo o rasto de Tigrano, Murena esperou a sua passagem por um vale longo e estreito, em cujo fundo havia um péssimo caminho, impróprio para um grande exército. Valeu do-se da oportunidade, atacou-o pela retaguarda Tigrano pôs-se logo em fuga, fazendo jogar toda a bagagem no meio do caminho, para retardá-lo, perdendo, nesta derrota, numerosos armênios, entre mortos e prisioneiros. Conseguindo isto, Lúculo dirigiu-se à cidade de Tigranocerta, na Armênia, sitiando-a completamente. Havia ali numerosos gregos, transportados à força da Cilicia, o mesmo acontecendo com numerosos bárbaros, adiabênios, assírios, gordiênios e capadócios, cujas cidade Tigrano arruinou, para obrigá-los a ir morar ah. Por este meio, ele conseguiu que a cidade ficasse repleta de ouro e prata, de medalhas, estátuas, quadros e pinturas de subido valor, pois todo o mundo, desde os particulares aos príncipes e fidalgos, estudavam a maneira de agradá-lo, enriquecendo e embelezando-lhe a cidade com o que possuíam de mais belo e mais precioso. Isto fez com que Lúculo apressasse o mais possível o sítio, certo de que Tigrano, enfurecido, não se conformasse com a tomada da cidade e lhe desse combate. Tal aconteceria fatalmente, se Mitrídates, por meio de cartas e de mensageiros, não o desaconselhasse calorosamente de se aventurar à luta, instigando-o a impedir a entrada de toda espécie de víveres aos romanos, com sua gendarmería, Reforçando tais. conselhos, Taxiles, capitão que Mitrídates lhe enviara, pediu-lhe instantemente que evitasse enfrentar as forças dos romanos, que eram invencíveis.

Tigrano avança, decidido a combater.

XLIX. Tigrano ouviu pacientemente todas as razoes apresentadas, até à chegada, em seu auxílio, de numerosas forças de armênios, de gordiênios, de árabes do mar de Babilônia, de albanos do mar Cáspio, de iberos seus vizinhos, de povos habitantes do no Araxes, que acorreram em seu socorro, espontaneamente uns, para agradá-lo, outros devido às pensões e soldo que ele lhes dava; além dos reis dos medos e dos adiabênios, com todo o seu poder. à vista de tanta força, ele desprezou conselhos, para seguir a resolução tomada pelos seus conselheiros, de dar combate. Taxiles, que tacitamente se opôs a tal resolução, esteve em perigo de vida. Houve quem dissesse que invejando a glória do rei, Mitrídates procurava dissuadi-lo da luta. À vista disso, Tigrano não só o desatendeu, receoso da sinceridade de suas palavras, como, para evitar que ele chegasse a participar de sua vitória, se pôs em campo com seu grande exército, dizendo, aos seus amigos mais achegados, que a única coisa que o desgostava era ter de combater unicamente contra Lúculo, quando o seu desejo era fazê-lo contra todos os comandantes romanos. Esta tola bravata, isenta de todo bom senso, não teria lugar, se ele não se visse cercado de tantos povos diferentes, de tantos reis que o seguiam, de tantos batalhões de artilharia e de tantos milhares de cavalarias, pois contava em seu exército: vinte mil lanceiros e atiradores, cinquenta e cinco mil cavalarias, das quais dezessete mil de todas as armas, conforme o próprio Lúculo comunicou ao Senado; cento e cinquenta mil soldados de infantaria, de todas as armas, distribuídos por bandeiras e esquadrões; pioneiros, carpinteiros, pedreiros e outros trabalhadores, para aplainar os caminhos, construir pontes, limpar os rios, cortar matas e executar outros trabalhos semelhantes, num total de trinta e cinco mil, que seguiam à retaguarda, em ordem de guerra, dando um aspecto poderoso e descomunal.

Gracejos de Tigrano e de seus cortesãos sobre o reduzido número dos romanos.

L. Quando ele chegou ao cume do monte Taurus, e foi visto nitidamente, pelos da cidade, com tão grande exército, e ele mesmo pôde ver o de Lúculo, que sitiava a sua Tigranocerta, os bárbaros exultaram, ameaçando do alto das muralhas os romanos, mostrando-lhes o exército dos armênios. Lúculo reuniu seus conselheiros, para saber como agir, sendo uns de parecer que ele levantasse o sítio e despejasse todo o seu exército contra Ti grano, e outros que ele não devia arcar com o peso de tão avultado número de inimigos, e muito menos levantar o sítio. Lúculo declarou-lhes que todos lhe deram bons conselhos, mas que decidira não ouvi-los. Dividiu seu exército, deixou Murena sitiando a cidade com seis mil combatentes, e, com vinte e quatro coortes, num total de uns dez mil soldados de infantaria, e toda a sua cavalaria, que não ia além de mil homens, entre lanceiros e caçadores, foi enfrentar Tigrano, detendo-se numa grande e espaçosa planície ao longo do no. O acampamento dos romanos pareceu insignificante a Tigrano, e durante algum tempo serviu de zombaria e de passatempo aos seus bajuladores. Uns pilheriavam, outros tiravam a sorte, e jogavam a parte dos seus despojos, como se já houvessem ganho o combate, e cada um dos reis e comandantes apresentou-se ao rei, pedindo-lhe instantemente que lhe concedesse a graça de fazê-lo dirigir a luta, e que ele se abstivesse de o fazer e fosse sentar-se em um lugar qualquer, para assistir o embate. Desejando mostrar que não era menos espirituoso que os outros, e que também sabia usar palavras adequadas às situações, Tigrano proferiu algo bastante vulgar: "Se eles vêm como embaixadores, são muitos; mas, se vêm como inimigos, são pouquíssimos". Era assim que eles zombavam e se divertiam.

Resposta de Taxiles a Tigrano, que exigia a retirada dos romanos.

LI. No dia seguinte, ao romper do dia, Lúculo dispôs sua gente, perfeitamente armada, em posição de combate. O acampamento dos bárbaros achava-se na outra margem do rio, voltado para o sol nascente, e, casualmente, o curso do rio desviava-se de repente para o poente, onde podia ser transposto com maior facilidade. Lúculo fez seu exército descer em ordem de combate, seguindo o curso do rio, para encontrar passagem, e a pressa com que o fez deu a Tigrano a impressão de uma retirada. Esta doce ilusão fez com que ele chamasse Taxiles e lhe dissesse rindo: "Vês como fogem, os belos legionários romanos, que tanto gabavas de invencíveis?" Taxiles respondeu-lhe: "Faço votos, senhor, que a tua boa sorte te conceda hoje algum milagre, pois seria de admirar que os romanos fugissem. Eles não costumam enfeitar-se com arneses, quando saem a passeio pelo campo, nem deixam à mostra seus broquéis e escudos, seus capacetes, como agora se observa, e sim cobertos de couro. O apresto com que os vemos brilhar é sinal seguro de que querem combater, e que marcham ao nosso encontro".

Lúculo dá sinal de atravessar o rio.

LII. Taxiles não havia ainda concluído a sua fala, quando Lúculo, à vista de seus inimigos, fez o sinaleiro que levava o primeiro estandarte virar imediatamente, e as forças prepararam-se para atravessar em ordem de combate. Tigrano, como que retornando a custo de uma embriaguez, gritou então alto, duas ou três vezes: Eles vêm a nós! Houve grande confusão e tumulto, quando se tratou de dispor tanta gente para o combate. O rei Tigrano encarregou-se de comandar as forças do centro, entregando as da esquerda às ordens do rei dos adiabênios

e as da direita ao comando do rei dos medos, havendo nestas, que deviam enfrentar o primeiro embate, homens de todas as armas.

Ele marcha para os inimigos.

LIII. Quando Lúculo ia atravessar o rio, alguns dos seus capitães preveniram-no que devia evitar qualquer combate naquele dia, por ser um dos que os romanos consideravam aziagos, e que denominavam Atri ou lutuosos, correspondendo exata-mente àquele em que Cipião fora derrotado pelos cimbros, com todo o seu exército. Lúculo deu-lhes esta resposta, que depois tornou-se célebre: "Eu o tornarei feliz, hoje, para os romanos". Era o décimo-sexto dia do mês de outubro. Assim dizendo, e exortando-os a ter coragem, ele transpôs o rio e foi o primeiro a marchar ao encontro dos inimigos, armado de uma couraça de aço, trabalhada em escamas reluzentes, coberta por uma cota de armas franjada em toda a volta, e empunhando a espada desembainhada, dando a entender aos seus soldados que deviam ir alcançar os inimigos e atacá-los de surpresa, visto já se haverem habituado aos combates frente a frente; que ele venceria tão rápida e rigorosamente a distância a ser percorrida, que não lhes daria tempo de atirar. Notando que o grosso das forças inimigas estava disposto em posição de combate na base de uma colina, de cume pouco aguçado e plano, e que as encostas, de um quarto de légua, aproximadamente, não eram íngremes, nem de difícil acesso, mandou cavalarias tracianas e gaulesas, que tinha a soldo, atacá-los pelos flancos, a fim de desnorteá-los e fazê-los terçar suas lanças com suas espadas, pois todo o poder daqueles guerreiros resumia-se na lança; mais não podiam fazer a seu favor, e contra o inimigo, dado o peso e incomodidade da armadura que os envolvia, deixando-os como que metidos numa prisão de ferro. Ele, a seu turno, conduzindo, vez por vez, duas companhias de infantaria, esforçava-se por alcançar o alto da colma, sendo corajosamente seguido pelos soldados, orgulhosos de vê-lo caminhar a pé e de ser o primeira galgar a encosta.

Completa vitória de Lúculo.

LIV. Ao chegar ao alto, ele se deteve, e bradou: "A vitória é nossa, companheiros, a vitória é nossa!" Dito isto, levou-os direito contra os inimigos, ordenando-lhes que não se detivessem a lançar dardos, mas que tomassem das espadas e lhes golpeassem as pernas e as coxas, únicas partes do corpo que se apresentavam descobertas. Entretanto, não houve necessidade de assim proceder, porque eles não esperaram os romanos; fugiram sem demora, gritando apavorados, e foram covardemente lançar-se, com seus cavalos, entre as tropas de infantaria, sem haverem desferido um único golpe. Deste modo, numerosos milhares de homens foram derrotados sem luta, não havendo um único ferido, e sem o derrame de uma gota de sangue. A fuga, porém, ocasionou-lhes inúmeras mortes, dada a afobação com que foi realizada, o vultoso número de seus batalhões, e a enorme extensão por eles ocupada. Tigrano, igualmente, tratou de fugir com sua companhia; e, vendo seu filho também em fuga, arrancou da cabeça a banda real, entregou-lha chorando, e ordenou-lhe que procurasse salvar-se a todo custo, seguindo outro rumo. O jovem príncipe não ousou pô-la à cabeça, entregando-a ao cuidado do mais fiel dos seus lacaios, que teve a infelicidade de ser preso e levado, com outros prisioneiros, à presença de Lúculo, a quem precisou entregar o emblema real. Consta que, nesta derrota, morreram mais de cem mil soldados de infantaria, e que bem poucas cavalarias conseguiram salvar-se. Do lado dos romanos houve uns cem feridos e cinco mortos.

Considerações sobre a conduta de Lúculo

LV. Referindo-se a este combate, em um tratado que escreveu sobre os deuses, Antíoco declarou que nunca o sol vira coisa semelhante; Estrabo, também filósofo, em alguns rápidos relatos que traçou, disse que os romanos se envergonharam da vitória e zombaram de si mesmos, por haverem usado suas armas contra escravos tão cobardes; Tito Lívio relata que nunca os romanos se acharam em luta com tão pouca gente e contra tão avultado número de inimigos, pois os vencedores constituíam a vigésima parte dos vencidos. Os chefes romanos mais velhos e experimentados louvaram extraordinariamente Lúculo, por haver derrotado os dois maiores e mais poderosos príncipes do mundo, um numa ação bastante prolongada e outro fulminantemente; destruiu e consumiu Mitrídates lentamente, devido à distância, e Tigrano num ímpeto. Fez o que comandante algum conseguira realizar antes dele.

Mitrídates recolhe Tigrano, em sua fuga.

LVI. O que fez com que Mitrídates não se achasse no acampamento de Ti grano no dia do encontro, foi supor que Lúculo, como de hábito, dilataria o prazo de seu ataque. Como só aparecia de vez em quando, no dia da fuga encontrou alguns armênios assustados e horrorizados, que o puseram ao par do ocorrido. Duvidou da derrota; mas encontrando logo depois outros, mais numerosos, nus e cobertos de chagas, convenceu-se da realidade, e partiu à procura de Tigrano, encontrando-o sozinho, em estado lastimável, completamente abandonado por todos os seus. Ao contrário do que lhe fizera Tigrano na adversidade, que o tratara com arrogância e desprezo, Mitrídates apeou do cavalo, para confortá-lo e deplorar-lhe a infelicidade, e ofereceu-lhe todos os lacaios para servi-lo e os trens e comestíveis que conduzia; reconfortou-o, exortando-o a ter muita coragem dali em diante, e a confiar no futuro. A seguir, os dois puseram-se a aliciar e reunir guerreiros de toda parte.

Lúculo toma a cidade de Tigranoeerta.

LVII. Entrementes houve uma sedição na cidade de Tigranocerta, de gregos e bárbaros, por se oporem estes que aqueles entregassem a cidade a Lúculo, como desejavam. À vista disso, Lúculo apoderou-se dela, e assenhoreou-se dos bens do rei ali existentes, entregando depois a cidade à pilhagem dos soldados velhos, na qual, além de outras riquezas, foram encontradas moedas, num total de oito mil talentos. Dos despojos ganhos ao inimigo, ele deu oitocentas dracmas a cada guerreiro. Sabendo haver ali músicos, comediantes, cantores e outros indivíduos semelhantes, contratados para festas públicas, que Tigrano mandara buscarem toda parte, para ocupar o teatro que mandara construir, Lúculo serviu-se deles para festejar a sua vitória. Isto feito, reenviou os gregos ao seu país, dando-lhes dinheiro para as despesas de viagem, fazendo o mesmo com os bárbaros levados para ali à força. Assim, da desolação e destruição de uma cidade abandonada, muitas foram reedificadas e repovoadas. Tendo recobrado seus habitantes naturais, amaram e veneraram Lúculo como seu benfeitor e fundador. Tudo o que praticava, neste sentido, estava de acordo com a sua índole, pois ele amava e preferia os louvores procedentes da bondade, da justiça e da clemência, aos provindos dos grandes feitos guerreiros; sim, porque estes dependiam do eu exército e de felicidade, e aqueles eram exclusivamente obra sua.

Várias nações submetem-se a Lúculo.

LVIII. Ele demonstrava, nisto, ser possuidor de uma boa alma, bem formada e muito afeita à virtude, pelo que recebia a recompensa merecida. Por estas qualidades, ele conquistou os corações dos bárbaros com tal veemência que os reis dos árabes foram colocar-lhe às mãos

suas pessoas e bens. Os sofênios também submeteram-se a ele; e os gordiênios habituaram-se de tal modo com o seu sítio que, na ocasião, abandonariam cidade, casas, tudo, para acompanhá-lo, voluntariamente, com suas mulheres e filhos. Zarbieno, rei dos gordiênios, havia, como dissemos, feito aliança com Lúculo, por intermédio de Ápio Clódio, por não mais poder suportar a tirania de Tigrano. Isto foi levado ao conhecimento de Tigrano, que mandou matá-lo, com sua mulher e filhos, antes que os romanos se apoderassem da Armênia. Lúculo não o esqueceu, pois, ao passar por seu reino, fez-lhe funerais reais: mandou preparar uma bela fogueira, magnificamente enfeitada com tapetes dourados e prateados, e outros ricos despojos de Tigrano, e quis pessoalmente atear-lhe fogo; fez-lhe os funerais com as honras devidas, presentes os parentes e amigos, concedendo-lhe o título de amigo e aliado do povo romano; e forneceu elevada soma de dinheiro, para ser-lhe erguida sepultura condigna, pois foi encontrada em seu castelo grande quantidade de ouro e prata, bem como farta provisão de trezentas mil minas de trigo. Isto enriqueceu os soldados, e fez com que Lúculo sustentasse vantajosamente a luta, sem receber uma única dracma de Roma.

Propósito sedicioso das tropas de Lúculo.

LIX. A esse tempo, também o rei dos partas expressou-lhe, por embaixadores, sua amizade e aliança, que Lúculo recebeu de bom grado, mandando-lhe embaixadores que, ao voltar, comunicaram-lhe achar-se o rei dos partas indeciso quanto ao lado por que devia propender, mas que secretamente pedia a Tigrano o reino da Mesopotâmia, para decidir-se a socorrê-lo contra os romanos. Obtida confirmação, Lúculo decidiu abandonar Tigrano e Mitrídates, como adversários fatigados e inócuos, e sondar e experimentar um pouco as forças e o valor dos partas, indo atacá-los, conquistando, assim, a glória de haver, num só arranco, abatido e desbaratado três reis tão poderosos, campeões de lutas, e transposto os países dos três maiores príncipes que o sol aclara, vitoriosos sempre, e nunca vencidos. Escreveu sem demora a Estornácio, e aos outros seus capitães que deixara de guarda ao reino de Ponto, que lhe levassem às pressas as forças que lhes estavam subordinadas, calculando partir contra os partas, saindo da província gordiana. Mas aconteceu o contrário. Seus tenentes, que diversas vezes, antes, acharam seus soldados amotinados e rebeldes às suas ordens, tiveram então certeza da sua má vontade e incorrigível desobediência, não lhes sendo possível arrancá-los dali, nem exortando-os ao cumprimento do dever, nem à força. A tudo isto, os soldados respondiam, gritando e protestando, que não ficariam nem mesmo onde se achavam, e que voltariam para suas casas, deixando o reino de Ponto sem guarnição e sem defesa. O pior é que, ao serem levadas tais notícias ao acampamento de Lúculo, elas induziram os outros a seguir-lhes o exemplo e a audácia de também se amotinar, graças à boa vida que gozavam; pois, cheios de dinheiro, e habituados aos prazeres, achavam-se cansados de lutas e queriam descansar. Assim, ao terem conhecimento da resolução dos outros, qualificaram-nos de homens e gente de bom coração, declarando seguir-lhes o exemplo, pois muito já haviam trabalhado e mereciam ser dispensados com vida e em condição de poder descansar.

Ele vence os armênios em muitos encontros.

LX. Sabedor deste propósito, e de outros piores e mais alarmantes, Lúculo suspendeu a saída dos partas e partiu ao reencontro de Tigrano, em pleno verão. Ao chegar ao cume do monte Taurus, ficou muito aborrecido ao ver os campos e o trigo ainda verdes, pois as estações são prolongadas, naquelas paragens, devido à umidade do ar. Desceu à planície, e, em dois ou três encontros, derrotou os armênios que se atreveram a esperá-lo. Depois percorreu e assenhoreou-se de toda a planície sem qualquer oposição, apoderando-se do trigo armazenado para Tigrano, pondo os inimigos desprovidos de víveres e provocando-os por todos os meios a entrar em luta; cercou-lhes o campo todo de trincheiras, para deixá-los esfaimados, desbastou e destruiu toda a planície, sob suas vistas. Eles, porém, que já haviam sido derrotados tantas vezes, não se moveram.

Ele vai sitiar a cidade de Artaxata.

LXI. Ante isto, Lúculo levantou acampamento, e foi assentá-lo diante da cidade de Arta-xata, capital do reino da Armênia, onde se achavam as esposas legítimas e filhinhos de Tigrano, à espera que este se aventurasse a um combate, a fim de não perder a cidade. Dizem que Aníbal de Cartago, depois da derrota do rei Antíoco pelos romanos foi ter com Artaxes, ao qual induziu e ensinou a fazer muitas coisas úteis e proveitosas ao seu reino, sobressaindo, como das mais belas, mais agradáveis e mais úteis da província, que jazia abandonada, o plano de uma cidade, que ele traçou e decidiu o rei a mandá-la edificar e povoar. O rei não hesitou, e encarregou-o de dirigir o grande empreendimento. Foi como surgiu a bela, grande e triunfante cidade, que foi chamada do nome do rei, Artaxata, e foi transformada em capital do reino da Armênia. Advertido que Lúculo ia assediá-la, Tigrano não se conteve e pôs-se a seguir os romanos, com todo o seu exército, e no quarto dia acampou perto deles, tendo a separá-los o no Arsânias, que os romanos eram obrigados a transpor, para chegar a Artaxata.

Vitória alcançada por Lúculo.

LXII. Depois de haver imolado aos deuses, para garantir a vitória e considerando-a já em seu poder, Lúculo fez o seu exército atravessar em posição de combate, pondo doze coortes à frente e as outras atrás, de receio que os inimigos, tendo à frente grande e séria gendarmería, os envolvesse. Havia ainda diante deles arqueiros a cavalo, mardianos e hibenanos armados de lanças, nos quais Tigrano depositava absoluta confiança, por serem os melhores e mais ardorosos dos combatentes que tinha a seu soldo. Não houve grandes combates, porque, tendo escaramuçado um pouco contra os romanos, eles não ousaram esperar os legionários que vinham atrás, e fugiram acossados pela cavalaria romana. Vendo-a dispersa os guerreiros que rodeavam Tigrano marcharam contra a infantaria. Vendo o avultado número dos que lhe iam ao encontro, bem armados e equipados, Lúculo teve medo, e mandou avisar as cavalarias que perseguiam os fugitivos. Sem perda de tempo, marchou ao encontro dos fidalgos e sátrapas que se achavam diante dele, com os melhores elementos de sua hoste, causando-lhes tal pavor que, antes que os pudesse ter ao alcance da mão, eles se puseram em fuga. Havia três reis em combate, um a seguir a outro; mas o que fugiu mais vergonhosa e covardemente foi Mitrídates, o rei de Ponto, que não teve a coragem de atender aos gritos e clamores dos romanos. A caçada, que foi longa, durou toda a noite, até que os romanos se estafaram de matar, de aprisionar, e de armazenar despojos de toda espécie. Diz Tito Lívio, que no primeiro combate morreram numerosos combatentes, mas neste segundo foram mortos os personagens mais eminentes, sendo aprisionados os principais inimigos.

Sedição nas hostes de Lúculo.

LXIII. Depois deste combate, cheio de coragem, e nada mais temendo, Lúculo decidiu avançar pelo país, para acabar de arruinar e destruir o bárbaro rei. Achando-se, porém, no equinócio do outono, o tempo tornou-se tão rígido (coisa que nunca lhe passou pelo pensamento) e fez tanto frio que nevou quase todos os dias; se o céu se aclarava, geava e endurecia tão depressa que os cavalos não podiam tomar água nos rios, por ser excessivamente gelada e fria, e ninguém se atrevia a atravessar por cima do gelo, porque este fendia-se e as lascas cortavam-lhe os pés. Além disso, achando-se a região coberta de árvores, de matas e de florestas, e sendo os caminhos estreitos, eles não podiam ir pelos campos, sem serem maltratados pela

neve que caía; no alojamento a situação era pior ainda, porque eram obrigados a deitar em lugares fofos e úmidos. Razão por que, os soldados, só muitos dias depois do combate, puderam ir além. Primeiro mandaram seus coronéis e capitães pedir-lhe que se abstivesse de tal empresa; reuniram-se depois em tropas mais audaciosas, e começaram a murmurar e a gritar à noite em suas tendas, o que era sinal de exército amotinado e pronto a rebelar-se contra seu chefe, embora Lúculo tudo fizesse, pedindo encarecidamente que tivessem um pouco de paciência, pelo menos até à tomada da cidade de Cartago, na Armênia, isto é, da cidade de Artaxata, para poderem arruinar a obra e a memória do maior inimigo que os romanos tiveram até então no mundo, referindo-se a Aníbal.

Ele entra na Migdônia, e apodera-se de Nísibis.

LXIV. Vendo que, apesar disso, eles nada queriam fazer, fê-los recuar, e repassou o monte Taurus, por outros caminhos; desceu depois na província de Migdônia, terra quente e fértil, onde há uma grande cidade, muito povoada, que os habitantes do país chamaram Nísibis, e os gregos Antioquia de Migdônia. A cidade tinha como autoridade suprema Gouras, irmão verdadeiro de Tigrano, mas como comandante, perfeito conhecedor dos engenhos de guerra, o Calímaco que tanto trabalho dera a Lúculo no cerco à cidade de Amiso. Lúculo foi assentar acampamento em frente, e fê-la assaltar por todos os meios empregados para vencer uma cidade; e agiu com tal ímpeto, que em pouco tempo ela foi tomada de assalto. Gouras, que se pôs à mercê de Lúculo, foi muito bem tratado; Calímaco, porém, que não o quis ouvir, embora prometesse revelar os esconderijos de grandes tesouros, somente dele conhecidos, contanto que não o matassem, foi algemado, por haver incendiado a cidade de Amiso, e impedido que Lúculo demonstrasse a sua amizade aos gregos, o seu afeto e liberalidade para com eles.

Considerações sobre a mudança de sorte que Lúculo sofreu "a partir de então, e as faltas que cometeu.

LXV. Até aqui, pode-se dizer que a boa sorte seguiu e favoreceu Lúculo em todos os seus empreendimentos e em todas as suas ações. Mas, a seguir, parece que o bafejo da felicidade começou a diminuir, pois tudo quanto realizou foi feito a muito custo, e tudo lhe saiu contrário aos seus desejos. É verdade que ele sempre demonstrou a virtude, a resignação e a coragem próprias de um bom e valente comandante de exército; mas as suas ações e cometimentos não tiveram a mercê da facilidade, nem o esplendor de glória que seriam de esperar, ficando em risco de perder tudo quanto conquistara no passado, devido às adversidades que o acometeram e às rixas que injustamente manteve com seus homens. O pior é que tudo quanto acontecia era-lhe atribuído, visto não saber ou não querer manter-se nas boas graças dos soldados, preferindo dar valor a qualquer capitão ou graduado, para conquistar-lhes as simpatias, originando, assim, antipatias e desrespeito à sua autoridade. O que mais o fez cair em desagrado foi o fato de não respeitar as pessoas qualificadas, tratando os nobres com desprezo e como inferiores à sua pessoa. Dizem que, apesar das virtudes que o adornavam, ele possuía este vício e imperfeição. Tinha bela aparência e belo porte; era bem falante, sensato e reto nos negócios governamentais, bem como nos afazeres da guerra, tanto na direção dos simples cidadãos, como na dos soldados em campo de batalha.

Discursos espalhados em Roma contra Lúculo.

LXVI. Escreve Salústio que desde o início desta guerra, os soldados. começaram a descontentar-se dele, porque os fizera passar dois invernos rigorosos no acampamento, um diante da cidade de Cízico, e outro diante da de Amiso. Outros invernos, a seguir, agastaram-nos e irritaram-nos, pois os passaram em terras inimigas ou de aliados e amigos, sobre tendas armadas o no acampamento, sem nunca penetrar em cidade grega ou confederada. Se os soldados estavam tão desavindos com Lúculo, os arengúenos, em Roma, seus inimigos

declarados, invejosos dos seus triunfos e de sua glória, viam na desavença a melhor oportunidade para agir contra ele, perante a massa popular, alegando que ele prolongava e perdurava a guerra com o único fim de dominar e de acumular haveres, tendo em mãos quase toda a Cilicia, a Ásia, Bitíma, Paflagônia, Galácia, o reino de Ponto, a Armênia, e todas as províncias existentes até o rio Fasis; afirmando que, não havia muito, saqueara as casas reais de Tigrano, como se só para saquear e despojar houvesse sido mandado, e não para abater e subjugar aqueles reis. Dizem que um dos arengueiros que fez uso de tal linguagem foi Lúcio Quíncio, bem como o que mais induziu o povo a exigir que Lúculo fosse destituído do seu cargo e que o substituíssem no governo das províncias sob o seu poder. Pelo mesmo meio, foram dispensados de suas ocupações muitos dos que se achavam sob suas ordens, com permissão de voltar da guerra quando bem lhes parecesse.

Clódio aumenta o exército contra Lúculo.

LXVII. Além de todas estas enormes dificuldades, havia peste mais perigosa, que, mais do que todos os males reunidos, estragava os trabalhos de Lúculo: era Públio Clódio, homem insolente, difamador e temível, irmão da mulher de Lúculo, tida como tão desavergonhada e devassa, que mantinha relações carnais com seu próprio irmão. Indo Clódio ao acampamento de Lúculo, não recebeu as homenagens a que se julgava com direito, por haver ali, antes dele, outros considerados superiores, por não serem devassos e gozarem de boa reputação. À vista disso, por vingança, ele começou a subornar e a manejar as tropas fimbrianas, excitando-as contra Lúculo, com agradáveis promessas. Estes soldados, que se haviam habituado a elogios, e faziam questão de ser adulados, eram os mesmos que Fímbria induzira a matar o cônsul Flaco e a elegê-lo seu comandante. Razão por que prestaram-se de boa vontade aos propósitos de Clódio e passaram a chamá-lo de capitão gentil, amante dos seus soldados, ao ouvir-lhe esta fingida arenga: "Nunca vos achais ao fim de tantas fadigas e lutas, e gastais miseravelmente os dias, a guerrear ora uma nação, ora outra, errando por todos os climas, sem a menor recompensa, servindo unicamente de guardas às carroças e camelos de Lúculo, carregados de ouro, de prata e de pedras preciosas. Entretanto, os guerreiros às ordens de Pompeu já se acham descansando em suas casas, ao lado de suas esposas e filhos, sendo possuidores de boas terras, residindo em belas cidades, como grandes e ricos burgueses, sem precisar expulsar Mitrídates e Tigrano de seus reinos para desertos inabitáveis, sem precisar destruir e arrasar as casas dos reis da Ásia, mas com uma simples e pequena guerra na Espanha, contra degredados, e na Itália, contra escravos fugitivos. Devemos nós, perguntava ele, permanecer a vida inteira com os arneses às costas? Não é preferível, já que até agora escapamos da morte, que reservemos nossos corpos e nossas vidas àquele excelente comandante, que, à sua maior glória, prefere enriquecer a quantos se submetem ao seu comando?"

Triário é batido por Mitrídates.

LXVIII. Com estas sedições e calúnias, o exército de Lúculo ficou tão corrompido que os soldados não o quiseram mais acompanhar nem contra Tigrano, nem contra Mitrídates, que partiu sem demora para o seu reino de Ponto, e começou a reconquistá-lo, enquanto os soldados romanos, amotinados contra seu chefe, resolveram não agir na província gordiana, alegando o inverno, certos de que Pompeu ou qualquer outro comandante não demoraria a levantar o sítio, em substituição a Lúculo. Ao saberem, porém, que Mitrídates já havia derrotado Fábio, um dos tenentes de Lúculo, e que se dirigia contra Sornácio e contra Triário, envergonharam-se e fizeram-se conduzir por Lúculo. Triário, porém, muito presumido, ao saber que Lúculo se aproximava, quis arrebatar-lhe a vitória, considerando-a como certa; e, antes que ele chegasse, entrou em luta, sendo derrotado. Neste grande encontro morreram mais de sete mil soldados romanos, entre os quais cento e cinquenta centuriões, e vinte e quatro capitães de mil homens. Além disso, Mitrídates tomou-lhes o acampamento.

Os soldados de Lúculo recusam-se a segui-lo.

LXIX. Dias depois da derrota chegou Lúculo, que precisou esconder Triário, pois os soldados, furiosos, queriam matá-lo. Lúculo experimentou atrair Mitrídates à luta, coisa que este evitou, por achar-se à espera de Tigrano, que descia com poderosa força. À vista disso, Lúculo resolveu ir de novo ao encontro de Tigrano, para atacá-lo antes que ele se unisse às forças de Mitrídates. Mas, nem bem se pôs a caminho, as hostes fimbrianas rebelaram-se de novo, negando-se a segui-lo, alegando que, por decreto do povo, estavam licenciadas e quites com o seu juramento; que, à vista disso, não lhe cabia mais comandá-las, mesmo porque o governo das províncias que ele conquistara já havia sido entregue a outros. Lúculo procurou demovê-las, humilhando-se o mais possível, a ponto de implorá-las, com lágrimas nos olhos, que cumprissem o seu dever. Surdos, porém, a todas as súplicas, os fimbrianos jogaram-lhe aos pés as bolsas vazias, dizendo-lhe atrevidamente que fosse sozinho combater os inimigos, já que o seu cuidado sempre fora enriquecer à custa dos seus despojos. Todavia, graças à intervenção e pedido de outros soldados, os fimbrianos prometeram permanecer a postos durante o verão, sob condição de, não sendo atacados até então, terem liberdade de dirigir-se para onde quisessem.

Insultos que lhe dirigem.

LXX. Colocado no duro dilema de aceitar a condição imposta ou ficar sozinho e entregar o país aos bárbaros, Lúculo reteve-os sem constrangimento e sem levá-los à luta, contentando-se com a sua permanência, embora se visse obrigado a permitir que Tigrano corresse e saqueasse a Capadócia, e que Mitrídates novamente o desafiasse, quando, sobre este, já havia escrito ao Senado que o exterminara por completo e pedido a presença de deputados e comissários de Roma, para cuidarem dos negócios do reino de Ponto, que considerava uma província seguramente conquistada para o império romano. Ao chegarem ao local, os deputados e comissários acharam não estar Lúculo em seu juízo perfeito, pois os próprios soldados zombavam dele por todos os modos, dirigindo-lhe insolências e insultos bastante pesados. Tão atrevidos se mostraram com seu comandante, e tamanho desprezo lhe demonstraram, que, ao chegar o fim do verão tomaram de suas armas, desembainharam escarnecedoramente as espadas e desafiaram os inimigos ao combate, sabendo que eles já haviam levantado acampamento. Depois, emitindo os gritos usados para entrar em luta, agitaram as espadas ao ar, fingindo combater, e retiraram-se do acampamento, alegando que o tempo prometido a Lúculo, de sua permanência ali, havia expirado.

Entrevista de Lúculo e Pompeu.

LXXI. Pompeu, por sua vez, escreveu aos veteranos que ainda se conservavam no acampamento que fossem ter com ele, pois já havia sido nomeado comandante em lugar de Lúculo, para guerrear Mitrídates e Tigrano, por mercê do povo, e pela indicação e louvores dos arengueiros de Roma. Isto desagradou imenso ao Senado e a todas as pessoas de bem e honestas, por acharem que faziam grande injustiça a Lúculo, mandando-lhe um sucessor, não das fadigas e riscos da guerra, mas sim da honra e da glória do triunfo, e obrigando-o a ceder a outrem, não o posto de comando, e sim o prêmio e as honras que lhe pertenciam, pelos trabalhos realizados. O fato, porém, pareceu ainda mais iníquo e mais indigno aos habitantes das regiões conquistadas, porque, nem bem chegou à Ásia, Pompeu cassou-lhe o direito de

castigar ou recompensar quem quer que fosse, por bons ou maus serviços prestados nesta guerra à coisa pública, e proibiu, por meio de avisos fixados em lugares públicos, que se dirigissem a Lúculo e que obedecessem ao que ele e os dez comissários enviados para administrar as províncias conquistadas determinassem ou ordenassem. Pompeu foi por ele temido, por achar-se com um exército maior e mais poderoso que o seu. Todavia, os amigos de ambos resolveram intervir; reuniram-se em um burgo da Galácia, onde acolheram os dois, que se cumprimentaram amavelmente e rememoraram os belos feitos e as gloriosas vitórias por eles alcançadas.

Eles separam-se muito mal entendidos.

LXXII. Lúculo era mais velho, porém, Pompeu separava-o em importância, por haver sido comandante-geral do povo romano em várias guerras, nas quais triunfara duas vezes. Os feixes de varas que os sargentos carregavam diante deles, achavam-se rodeados de ramos de louro, pelas vitórias que haviam obtido; os dos sargentos de Pompeu achavam-se secos, porém, devido ao longo trajeto realizado por regiões áridas e quentes; os dos de Lúculo apresentavam-se verdes e foram colhidos de fresco, coisa que os amigos de Pompeu consideraram de bom aviso e feliz presságio. E não se enganaram, porque os feitos de Lúculo deram lugar às vantagens conquistadas por Pompeu a seguir. Não obstante tudo isso, o fato de haverem confabulado juntos não os tornou melhores amigos; pelo contrário, separaram-se mais indiferentes que dantes. Pompeu, por um édito, cassou e anulou todas as ordens de Lúculo; e, retirando-lhe todos os guerreiros, deixou-lhe apenas mil e seiscentos homens para acompanhar seu triunfo, coisa que, assim mesmo, fizeram de má vontade. Seja por natureza ou por capricho da sorte, Lúculo era falho no que concerne a um grande comandante, para tornar-se querido dos seus subordinados. Se possuísse esta perfeição, de par com tantas outras excelentes virtudes de que era dotado, como a magnanimidade, a prudência, o bom senso, a diligência e a justiça, o no Eufrates não teria sido o limite derradeiro do império romano do lado da Ásia, e ter-se-ia estendido até ao fim do mundo, embora Tigrano já tivesse vencido as outras nações situadas além, exceto a dos partas, que não era tão poderosa nem tão unida como se mostrara ao tempo de Crasso, e sim fraca e desunida, devido aos dissídios reinantes entre os seus habitantes, às guerras que os seus vizinhos lhe faziam, e à impossibilidade de enfrentar as provocações dos armênios.

Digressões sobre a posterior expedição de Crasso contra os partas.

LXXIII. Considerando as coisas como elas se apresentam, parece-me que Lúculo, com as suas conquistas, causou mais prejuízos que lucros ao seu país; porque, os troféus e vitórias que ele alcançara na Armênia, tão perto dos partas, a cidade de Tigranocerta, a de Nísibis, que ele saqueara, fazendo transportar as riquezas para Roma, o diadema de Tigrano, que foi levado em triunfo como prisioneiro, instigaram Crasso a transferir-se para a Ásia, convencido de que os bárbaros não passavam de simples despojos e de presas postas à disposição de quem as quisesse apanhar. Mas, vendo-se, ao chegar, desbaratado pelas flechas dos partas, ele serviu de testemunha e prova que Lúculo não os venceu por falta de senso ou cobardia dos mesmos, e sim por ser corajoso e sensato. É o que se verá depois.

Lúculo obtém a custo a honra do triunfo.

LXXIV. De regresso a Roma, Lúculo deu com seu irmão Marcos acusado, por um tal Gaio Mênio, de faltas cometidas como questor, ao tempo de Sila e por ordem deste, e das quais fora plenamente absolvido, por sentença unânime dos juízes. Irritado com isto, Mênio despejou sua cólera contra Lúculo, sublevando o povo, sob a alegação que o grande cabo de guerra havia retido e roubado grandes riquezas que deviam ser entregues ao erário público, e que só para satisfazer às suas necessidades prolongara a guerra. E incitou o povo a recusar-lhe, unanimemente, as honras do triunfo. Lúculo esteve em risco de ser desdenhado. Mas as pessoas honestas da cidade, e de maior autoridade, misturaram-se com a plebe, quando esta teve de opinar, e tanto suplicaram e instaram que, por fim, a custo, o povo permitiu-lhe entrar na cidade triunfalmente.

Descrição do seu triunfo.

LXXV. A entrada triunfal de Lúculo na cidade não teve o aparato enfadonho, nem a quantidade de pessoas e coisas notadas, até ali, em solenidades tributadas a outros comandantes. O parque das pelejas, que em Roma denominam de Circo Flamínio, ele fizera enfeitar com numerosas armas tomadas aos inimigos, e com máquinas e instrumentos de bateria do rei, muito agradáveis à vista, sob o cuidado de certo número de seus guerreiros, devidamente armados, vendo-se dez carros de guerra, dotados de foices usadas, e sessenta dos principais amigos e comandantes dos dois reis, que foram levados prisioneiros para ali. Notavam-se ainda: cento e dez galeras, tendo na proa grandes esporões de cobre; uma estátua de Mitrídates, toda de ouro, de seis pés de altura, com um rico escudo crivado de pedras preciosas; vinte casinholas cheias de baixelas de prata; trinta e duas casinholas cheias de arneses e vasos de ouro, bem como de moedas de ouro, que alguns homens carregavam seguidos de oito mus conduzindo leitos de ouro; cinquenta e seis outros mus, que carregavam prata fundida em quantidade; além de outros cento e sete destes animais, que levavam moedas de prata num total de dois milhões e setecentas mil dracmas. Havia, além disso, registros discriminados das quantias que ele fornecera a Pompeu para a guerra aos corsários, e aos questores e tesoureiros gerais, para serem depositadas nos cofres do erário público; e, a seguir, em documento separado, a entrega, que ele fizera, de novecentas e cinquenta dracmas a cada gerreiro.

Ele despreza Clódia para casar com Servília, que despreza a seguir.

LXXVI. Depois da demonstração deste triunfo, ele realizou uma festa geral, com o concurso de toda a cidade e das aldeias dos arredores, que os romanos denominam Viços. Em seguida ele divorciou-se de sua mulher Clódia por sua desonestidade e mau comportamento, e casou com Servíha, irmã de Catão, com a qual não foi mais feliz; porque, exceção feita de não ser acusada de haver sido poluída e incestada por seus próprios irmãos, ela era tão desonesta, voluptuosa e dissoluta como a primeira. Todavia ele conformou-se em aturá-la durante algum tempo, pela estima que consagrava a seu irmão. Mas, por fim, ele abandonou-a e divorciou-se.

Ele abandona os afazeres, para descansar.

LXXVII. Tendo, por fim, inspirado admirável confiança ao Senado, que pensou valer-se dele para enfrentar a tirania de Pompeu e obrigar o povo a respeitar a autoridade e nobreza do Senado, graças à autoridade e grande reputação que conquistara por seus elevados feitos guerreiros, não foi sem profunda admiração que o viram alhear-se por completo dos negócios públicos e recolher-se à vida privada. Houve quem lhe aprovasse a resolução, atendendo ao estado de decadência em que se achava a administração pública, bem como quem a atribuísse ao excesso de honrarias que lhe foram prestadas, e à injustiça da sua substituição, depois de tanto trabalho e sofrimento. Embora não procedesse como Mário, nem lhe seguisse o exemplo, o seu procedimento não deixou de ser considerado justo por muitos. Mário, depois das belas vitórias alcançadas contra os cimbros, e de outros elevados e felizes feitos de armas, não quis recolher-se à vida privada e gozar das honras da glória; ao contrário, sedento de mando, ligou sua velhice à cobiça desenfreada de jovens que o compeliram a praticar violências estranhas e mesmo desumanas. Cícero também teria envelhecido mais feliz, se, depois de haver extinto a conspiração de Catilina, se tivesse recolhido ao descanso; o mesmo aconteceria a Cipião, se o houvesse feito depois de haver acrescentado a tomada da cidade de Numância à de Cartago. Dizem, com razão, que, atingida uma determinada idade, o homem sensato não deve mais imiscuir-se nos negócios públicos, porque passada a flor da idade e o vigor do corpo, ele não está mais apto para as disputas, para a luta e outros afazeres semelhantes.

Considerações sobre a magnificência e as delícias em que passou o resto de sua vida.

LXXVIII. Crasso e Pompeu zombaram de Lúculo, por entregar-se aos prazeres e à volúpia, como se a vida voluptuosa e prazenteira não fosse mais estafante aos de sua idade que o comando de um exército ou a direção dos negócios públicos. Lendo-se a vida de Lúculo, tem-se a impressão de se estar lendo uma comédia antiga, de começo muito laborioso e fim alegre. Sim, porque, de início são encontrados belos feitos de armas, em guerra, e de governo, em tempo de paz; mas no fim só há festas e banquetes, pouco faltando que não apareçam também macaquices, danças com archotes, e outros folguedos próprios de rapazes. Coloquem-se ainda, na relação das coisas aprazíveis, seus soberbos edifícios, seus belos passadiços para passeios, suas estufas, além de seus quadros e pinturas, suas estátuas, e a grande admiração que ele tinha por tais artes e trabalhos, provindos de toda parte, em profusão e a preços elevados, valendo-se, desmedidamente, da riqueza que conquistara a mancheias em cargos que exercera e guerras que conseguira vencer. Agora, que a abastança cresceu de maneira assombrosa, notam-se também os jardins que Lúculo mandou executar, tão lindos e encantadores como os possuídos pelos imperadores. Ao ver os admiráveis trabalhos que ele mandou executar ao longo da praia, perto de Nápoles, escavando vales e perfurando montanhas, para fazer o mar contornar-lhe as casas e poder criar peixes, e os edifícios que ele mandou alicerçar dentro do próprio mar, o filósofo estoico Túbero denominou-o Xerxem Togatum, como a chamá-lo Xerxes Romano, porque Xerxes fez perfurar o monte de Ato e abrir um canal, para a passagem dos seus navios.

LXXIX. Havia outros lugares aprazíveis em Roma, perto de Túsculo, onde Lúculo possuía grandes aposentos e galerias, de onde se descortinavam todos os panoramas dos arredores da cidade. Tendo ah estado algumas vezes, Pompeu reprovou-lhe o gosto, alegando que tudo aquilo condizia muito bem para o verão, nunca, porém, para o inverno. Lúculo desandou a rir, e respondeu-lhe: 'Achas, então, que eu tenha menos juízo e inteligência que as cegonhas e os grous, e não saiba, de acordo com as estações, mudar de residência?" Outra ocasião, promovendo ali diversões para entreter o povo, certo pretor romano pediu-lhe que lhe emprestasse mantos de púrpura, para enfeitar os folgazões, e Lúculo respondeu-lhe que ia mandar ver se os possuía. No dia seguinte perguntou-lhe de quantos precisava, recebendo, em resposta, necessitar de algumas centenas. Lúculo, então declarou-lhe que lhe forneceria até cinco mil, se os possuísse. Fazendo o cálculo, o poeta Horácio emite uma bela exclamação contra a superfluidade, declarando que se dá valor à casa pequena e modesta, unicamente dotada dos móveis indispensáveis, onde o dono só sabe o que possui do que lhe está sob os olhos e não do que está escondido.

Boas palavras de Lúculo sobre os gastos e a fartura de sua mesa.

LXXX. Lúculo também eia pródigo nas suas refeições vulgares. A mesa era forrada de ricas Icalhas purpurinas, e ele era servido em baixelas de ouro e de prata, enriquecidas de pedras preciosas, sendo as refeições geralmente alegradas por danças, músicas, comédias e outros passatempos semelhantes. Diariamente serviam-lhe toda espécie de carnes muito bem preparadas, manjares de forno, doces deliciosos e sobremesas, o que o tornavam admirado pelas pessoas de pouca cultura e de baixa condição social. Eis porque Pompeu foi muito louvado pelo que disse ao médico, quando doente, ao ser-lhe ordenado que comesse um tordo ou peixe labróide. Como os criados lhe dissessem que tal peixe só poderia ser obtido com Lúculo, que os criava o ano todo, visto, acharem-se no verão, Pompeu proibiu-os que lho fossem pedir, e falou ao médico: "Como!... Se Lúculo não o tivesse, Pompeu deixaria de viver?" E ordenou que lhe preparassem outra qualquer coisa, das facilmente encontradas.

Ele dá ceia a Cícero e a Pompeu na sala de Apolo.

LXXXI. Catão era seu amigo e aliado, mas detestava tanto a sua maneira de viver e os seus gastos comuns, que um dia, tendo um moço proferido uma longa e fastidiosa arenga no Senado, fora de tempo e descabida, a respeito da simplicidade, sobriedade e temperança no modo de vida dos indivíduos, não podendo mais suportá-lo, pôs-se de pé e disse-lhe: "Não acabarás, hoje, de nos censurar tu que és rico como um Crasso, que vives como um Lúculo, e falas como um Catão?" Há os que dizem que isto foi proferido, não, porém, por Catão. O que não deixa dúvidas, porém, atendendo às alegações de Lúculo, é que ele sentia imenso prazer em viver na opulência, e vangloriava-se disso. Contam a tal respeito, que, tendo ele festejado durante vários dias, em sua residência, alguns personagens gregos que foram da Grécia a Roma, eles, habituados à vida simples e sóbria de sua terra, negaram-se a voltar para ah, quando os foram convidar, convencidos de que era em sua homenagem que Lúculo despendia tanto dinheiro nos banquetes. Avisado disso, Lúculo disse: "Não deixeis, senhores, de vir ver-me, por isso, embora se faça alguma coisa mais que o do costume, em vossa honra. Quero, entretanto, que saibam, que a maior parte dos gastos é feita em atenção a Lúculo". Certa vez, que ele jantou sozinho, os criados não se esmeraram no arranjo da mesa. Ele zangou-se, mandou chamar o criado que assim procedeu, e que lhe disse: "Como o senhor não mandou convidar ninguém, julguei desnecessário grande aparato no jantar". A isto Lúculo observou-lhe: "Então não sabias que Lúculo jantaria hoje com Lúculo?"

Biblioteca de Lúculo.

LXXXII. A rapidez era coisa tão difícil na cidade de Roma, que causava admiração vê-la existir na casa de Lúculo, em meio a tanta pompa e magnificência, e era assunto forçado em todas as rodas. Querendo tirar a prova do que se dizia, Cícero e Pompeu, vendo-o um dia na praça, a espairecer, foram-lhe ao encontro. Cícero era um dos seus maiores e íntimos amigos, e Pompeu, apesar das divergências que tiveram em assuntos de guerra, não deixava de visitá-lo e de confabular com ele muito amavelmente. Depois dos cumprimentos de praxe, Cícero perguntou-lhe se era do seu agrado que eles o fossem visitar. "Do maior agrado do mundo, respondeu-lhe ele, peço-lhes encarecidamente que o façam". "Nós desejamos então, disse Cícero, Pompeu e eu, jantar hoje contigo, sob condição de nada mandares preparar de extraordinário. Queremos a comida usual". Lúculo respondeu-lhe que iriam passar muito mal, e que melhor seria deixarem a visita para o dia seguinte. Eles não concordaram, e não consentiram que ele falasse com seus criados, para impedir que ordenasse o preparo de mais alguma coisa, embora para seu uso. Todavia, a seu pedido, eles só permitiram que, em sua presença, e em voz alta, ele dissesse a um dos seus criados que jantaria, aquela tarde, na Apolo. Era como se chamava uma das mais suntuosas e magníficas salas do seu domicílio. Com estas poucas palavras, e sem que eles percebessem, ele enganou-os muito delicadamente, porque cada sala tinha uma dotação determinada e certa da despesa que devia ser realizada, sempre que ah se jantava, seus móveis próprios e toda a ordem do serviço. De modo que, declarada a sala em que ele desejava jantar, os criados sabiam quanto deviam gastar no mesmo, e a ordem que deviam observar. E, como ele costumava despender a quantia de cinquenta mil dracmas, quando dava banquete naquela sala, e o jantar, naquele dia, custou tal importância, Pompeu ficou pasmo de ver como um jantar, de custo tão elevado, tivesse sido tão rapidamente preparado.

Apego de Lúculo à antiga seita dos acadêmicos.

LXXXIII. Se, nisto, Lúculo desperdiçava desordenada e reprovavelmente a sua riqueza, tornando-se um verdadeiro escravo da ostentação, muito honesta e louvável era a despesa que fazia com a aquisição e encadernação de livros, que conseguiu reunir em grande quantidade, e dos melhores escritos, para fim muito elevado e digno dos maiores elogios. Suas bibliotecas estavam sempre abertas a todos os visitantes, sendo permitida a entrada aos gregos, sem exceção, nas galerias, pórticos e outros lugares disputados, onde os homens doutos e estudiosos geralmente se encontravam e passavam o dia a discorrer, como na casa das musas, felizes de poderem se desvencilhar dos seus afazeres para ir para ali. Ele mesmo frequentemente misturava-se com os visitantes nas galerias, sentindo prazer em comunicar-se com eles, e em ajudar aos que tinham ocupações, em tudo quanto lhe pedissem. Sua casa tornou-se logo o retiro e amparo de quantos iam da Grécia a Roma.

Pompeu reúne-se a Crasso e César, para expulsar da praça pública Catão e Lúculo

LXXXIV. Ele apreciava todas as espécies de filosofia e não desprezava nenhuma seita. Desde o início, porém, apreciou e dispensou mais consideração à seita acadêmica, não à nova, embora estivesse muito em voga, devido às obras de Carneades, que Filo valorizava, e sim à antiga, que tinha por defensor Antíoco, filósofo natural da cidade de Ascalão, eloquente e de palavra fácil, que Lúculo procurou conquistar e mantê-lo em sua casa, como amigo íntimo. Isto para contrapo-lo aos ouvintes e aderentes de Filo, entre os quais se achava Cícero, que escreveu

um belíssimo livro contra a seita dos velhos acadêmicos, no qual figura Lúculo sustentando-lhes a opinião de que todo homem sabe e compreende alguma coisa, que denomina Catalepsin.

Cícero sustenta o contrário. O livro intitula-se Lúculo, pois, como já dissemos alhures, eles eram bons e grandes amigos, e tendiam ao mesmo fim, na direção dos negócios públicos. Cedendo lugar a Crasso e a Catão, e retirando-se à vida privada, Lúculo não o fez no firme propósito de nunca mais se envolver em postos de mando e nem querer ouvir falar neles; apenas ambicionou dedicar-se a afazeres de sua exclusiva alçada, isentos de perigos e de grandes indignidades.

Subornam um patife, para declarar que Lúculo havia-o induzido a assassinar Pompeu.

LXXXV. Tendo Lúculo recusado este primeiro posto de confiança e de autoridade, o Senado valeu-se de Crasso e de Catão, para deter e moderar o enorme poder de Pompeu, que era tido como suspeito. Lúculo, porém, sempre que solicitado, comparecia às reuniões e julgamentos populares, para satisfazer a seus amigos. Também ia ao Senado, quando se tratava de pulverizar qualquer intriga ou de reprovar qualquer atuação ambiciosa de Pompeu, pois este anulara todos os atos e decretos que ele emitira depois da derrota dos reis Mitrídates e Tigrano, e, auxiliado por Catão, proibiu a divisão e distribuição de dinheiro, que ele havia determinado fosse feita aos seus guerreiros. À vista disso, Pompeu precisou valer-se da amizade, ou melhor, da trama de Crasso e de César, com o auxílio dos quais encheu Roma de armas e de soldados, expulsou dali Lúculo e Catão, por meios violentos, e obrigou o povo a aprovar e validar tudo quanto quis.

Morte de Lúculo.

LXXXVI. Ante a indignação causada às pessoas dignas e honestas, pela expulsão afrontosa daqueles dois personagens, os partidários de Pompeu subornaram um tal Bruciano, declarando havê-lo surpreendido de tocaia, à espera de Pompeu, para matá-lo. Interrogado a respeito no Senado, Bruciano acusou algumas pessoas, e perante o povo apontou Lúculo como mandante do assassínio de Pompeu. Ninguém lhe deu crédito, pois todos perceberam haver sido ele subornado pelos partidários de Pompeu para acusar falsamente Lúculo e outros adversários daquele cabo de guerra. Isto tornou-se mais patente ainda, quando, dias depois, jogaram o cadáver de Bruciano a rua, fora da prisão, alegando que sua morte fora natural, originada por moléstia; mas, os sinais visíveis do seu estrangulamento, e das pancadas que lhe desferiram, não deixaram dúvida de que foram os próprios subornadores que o mataram.

LXXXVII. Isto induziu Lúculo a afastar-se ainda mais dos negócios públicos; e, ao ver exilarem indignamente Cícero, e afastarem Catão do governo, sob o fundamento de ser indispensável numa missão especial na ilha de Chipre, abandonou-os definitivamente. Escrevem alguns que ele assim procedeu porque, pouco antes de sua morte, devido à idade, ele foi perdendo aos poucos o juízo. Diz Cornélio Nepos que não foi por velhice nem por doença que ele se transtornou, mas sim por peçonha que lhe ministrou um dos seus escravos libertos, chamado Calístenes, que o fez não mal intencionado e sim convencido de que tal veneno tivesse o poder de torná-lo mais querido a seu amo. O caso é que Lúculo ficou com o juízo tão perturbado, que

seu irmão Marcos, enquanto ele viveu, tornou-se seu curador e administrou-lhe os bens. A sua morte foi muito sentida pelo povo, que acorreu em massa aos funerais, a fim de prestar-lhe as últimas homenagens. O corpo foi levado ao túmulo pelos jovens mais nobres da cidade, exigindo o povo que fosse inumado no campo de Marte, do mesmo modo por que o foi Sila. Como ninguém tivesse pensado nisso, e os preparativos indispensáveis não fossem fáceis, Marcos pediu ao povo que os funerais fossem realizados em terras que possuía perto da cidade de Túscuío, onde sua sepultura havia sido preparada, e que ele mesmo escolhera. Sepultado Lúculo com todas as honras merecidas, seu irmão, que sempre o amara muito, não lhe sobreviveu durante longo tempo.

Comparação entre Cimon e Lúculo

Lúculo, a meu ver, deve ser considerado muito feliz de, embora destituído do comando, mas no gozo de sua liberdade, ter falecido em sua terra a tempo de não presenciar a transformação por que passaram os negócios públicos, por meio de sedições e de guerras civis entre os romanos, que o destino fatal já havia traçado. Esta é uma das semelhanças que ele apresenta com Cimon, que faleceu quando os gregos se achavam na maior harmonia e não desavindos e em luta uns contra os outros. É verdade que foi em seu acampamento, e como comandante-chefe de seu país, e não recolhido em sua casa, por fastio e mandrice, nem com o fim preestabelecido de levar uma vida voluptuosa, em festas e banquetes, à custa de seus triunfos e vitórias, como, zombando, Platão censura em Orfeu, que promete aos que viveram impecavelmente nesta vida, como recompensa à sua virtude, uma embriaguez eterna no outro mundo. Isto não deixa de ser um honestíssimo consolo e satisfação espiritual a um indivíduo atacado de velhice, que a idade obriga a afastar-se da direção dos negócios, tanto da paz como da guerra, e a gastar seu tempo em agradável e tranquilo repouso, no estudo das letras, nas quais encontra deleite e profunda meditação. O que não me parece digno, nem decente a um adepto da doutrina de Xenocrates, e sim a um indivíduo propenso e arrastado à disciplina de Epicuro, é vê-lo concluir suas ações virtuosas em volúpias e prazeres de toda espécie, e enterrar a sua velhice e a sua vida em festas a Vénus, após haver provocado guerras e comandado exércitos.

II. É admirável, em ambos, que a juventude de um haja sido reprovável e viciosa, e do outro, pelo contrário, honesta e virtuosa; mas melhor é o que se vai aperfeiçoando e tudo faz por honrar a natureza, na qual o vício envelhece e a virtude robustece, do que o que pratica o contrário. Além disso, ambos enriqueceram pelos mesmos meios, mas não fizeram igual uso de suas riquezas. Sim, porque seria descabido querer comparar a construção da muralha, ao sul do castelo de Atenas, levada a efeito à custa do dinheiro que Cimon levou para ali, com os aposentos aprazíveis e os soberbos edifícios rodeados de canais repletos de água, que Lúculo mandou construir junto de Nápoles, com os despojos dos bárbaros. Do mesmo modo, não se deve comparar a mesa de Cimon, que era sóbria e simples, mas à disposição de todo o mundo, com a de Lúculo, suntuosa e condizente com a sua condição de sátrapa, porque aquela, embora muito modesta, alimentava diariamente numerosas pessoas, e esta despendia exageradamente, para nutrir poucos indivíduos com superfluidades deliciosas. Isto não quer dizer que o tempo não haja contribuído nesta diferença, pois não se pode garantir que Cimon, afastado das guerras e de toda ingerência nos negócios públicos, não gastasse a sua velhice numa vida faustosa e dissoluta, sendo por natureza amante do vinho, das festas, dos divertimentos e das mulheres. A prosperidade e a felicidade dos negócios satisfazem aos homens por natureza ambiciosos, nascidos para os grandes cometimentos, que os fazem esquecer de todos os prazeres. Se Lúculo tivesse falecido ao tempo em que manejava as armas e comandava exércitos, ninguém, por mais cuidadoso e severo que fosse na busca e censura das faltas alheias, encontraria coisa alguma a condenar-lhe, quanto ao seu modo de vida.

III. Quanto aos assuntos guerreiros, é inegável que ambos foram excelentes comandantes, tanto em terra como no mar. Ora, sendo uso, na Grécia, denominar de vitoriosos e não vencedores aos que vencem, no mesmo dia, no mar e em terra, para dar-lhes maior glória, parece-me que Cimon, tendo dado à Grécia as duas vitórias no mesmo dia, deve ser colocado em plano superior a qualquer outro comandante. Além disso, Lúculo recebeu do governo o comando das forças quando seu país já dirigia os povos aliados e confederados, com o auxílio dos quais derrotou seus inimigos. Cimon, ao contrário, assumiu-o por si, quando seu país marchava sob a bandeira de outrem, e conduziu-se de tal modo que, graças à sua virtude, presidiu seus aliados e triunfou sobre seus inimigos, obrigando os persas a entregar-lhe o domínio dos mares, pela força, e convencendo os lacedemônios a se desterrarem voluntariamente.

IV. Se a maior qualidade que um excelente comandante deve possuir é a de fazer-se amar por seus soldados, a ponto que eles sintam satisfação em obedecê-lo, Lúculo foi desprezado por sua própria gente e Cimon foi estimado e admirado até pelos aliados. Aquele regressou ao seu país abandonado pelos que com ele haviam partido; este voltou comandando os que com ele foram mandados para obedecer a outrem, tendo realizado, num repente, três coisas importantes e difíceis, em favor de sua terra: paz com os inimigos, soberania sobre os aliados, e proteção aos lacedemônios. Ambos empreenderam arruinar os grandes impérios e conquistar toda a Ásia, não conseguindo levar a termo o seu propósito: um, porque a morte surpreendeu-o, no posto de comandante-chefe, com todos os seus empreendimentos em bom andamento; o outro, por algumas faltas indesculpáveis que cometera, e por não querer satisfazer às queixas e súplicas da sua gente, o que lhe acarretou grande e lastimável malquerença.

V. Este defeito também poder-se-ia atribuir a Cimon, que foi frequentemente submetido a julgamento pelos seus concidadãos, sendo por fim banido de sua terra por espaço de dez anos, a fim de não lhe ouvirem a voz durante esse tempo, conforme declara Platão. Em verdade, raramente acontece que a severidade das pessoas de bem agrade à multidão ou a uma comuna, embora se trate de endireitar o que está errado. O desagrado é sempre certo. É, nem mais, nem menos, o que acontece com as vendas e ataduras dos médicos e cirurgiões, que, embora se destinem a repor no lugar devido as juntas dos membros deslocados, causam grande dor ao paciente. Eis porque, sobre o acontecido, não se deve condenar a nenhum dos dois.

VI. Além disso, Lúculo levou suas armas mais distante que Cimon, pois foi o primeiro comandante romano que transpôs, com seu exército o monte Taurus e o no Tigre. Ele tomou e incendiou, quase sob as vistas dos próprios reis, as cidades régias da Ásia, Tigranocerta, Cabira, Sínope e Nísibis; foi ter ao norte, até o no Fasis, a leste até à Média, e ao sul até o mar Vermelho e reinos da Arábia, submetendo tudo ao império romano; e, tendo desbaratado as forças dos dois poderosos reis, apenas deixou de apoderar-se de suas pessoas, que fugiram e se esconderam em desertos longínquos e florestas virgens, como animais selvagens. A diferença existente entre as realizações de um e de outro é evidente, porquanto os persas, não tendo sofrido perda alguma, nem tendo sido dominados por Cimon, entraram logo depois em guerra contra os gregos e destruíram a maior parte do seu exército no Egito, onde Mitrídates e Tigrano nada fizeram digno de nota, depois das vitórias de Lúculo; sim, porque aquele, sentindo-se enfraquecido e derrotado nas primeiras lutas, não ousou mais ir ao encontro de Pompeu com seu exército, e fugiu para o reino do Bósforo, onde faleceu; Tigrano foi pessoalmente prosternar-se aos pés de Pompeu, desarmado e nu, e, arrancando da cabeça o emblema real, entregou-lho, elogiando-o não pelas vitórias por ele alcançadas, mas pelas em que Lúculo havia triunfado. Deste modo ele considerou-se muito bem vingado, e sentiu-se sumamente feliz, quando Pompeu deu-lhe somente a insígnia e o título de rei, que lhe havia arrancado antes. Logo, maior comandante, e melhor lutador, é o que enfraquece seu adversário, em proveito de quem deve combater depois dele.

VII. Além disso, Cimon encontrou o poder do rei da Pérsia bastante abatido, e a bravura dos persas aniquilada pelas diversas grandes derrotas que Temístocles, Pausânias e Leotiquides lhes infligiram; pelo que, atacando-os, foi-lhe fácil vencer os que já se achavam com o moral extremamente abatido. Lúculo atacou Tigrano quando este não havia sido ainda vencido e se achava com o moral elevado por numerosas e grandes vitórias realizadas, além de grandes conquistas. Quanto à quantidade de inimigos, não há comparação entre os que atacaram Cimon e os que se puseram em luta contra Lúculo, pelo que, bem pesado e compreendido, seria desavisado decidir qual dos dois foi maior homem, mesmo porque parece que os deuses favoreceram a ambos, avisando a um do que devia fazer e a outro do que devia se abster. Fica assim demonstrado, por este testemunho dos próprios deuses, que ambos foram pessoas de

bem, e que tiveram uma existência divina.

Crasso

Desde o ano 637 de Roma, aproximadamente, até o ano 701, antes de Jesus Cristo 53.

Nascimento, educação, temperança e avareza de Crasso.

Marcos Crasso era filho de um antigo censor, que conquistara grande renome, e foi criado numa casinha ocupada por dois irmãos casados, que viviam em comum e na melhor harmonia, valendo-se da mesma mesa. Isto, ao que parece, constituiu a causa principal da sua vida regrada e comedida, quando homem. Falecendo um dos dois irmãos, ele desposou a viúva, com a qual teve dois filhos. No que respeita às mulheres, ele foi a vida toda tão aferrado como nenhum outro romano de seu tempo, sendo mesmo em idade avançada, acusado pelo delator Plotino de haver mantido relações com Licínia, uma das religiosas da deusa Vesta. O que levou o delator a fazer mau juízo de Licínia foi o fato de possuir ela um lindo jardim com casa de recreio, perto da cidade, que Crasso cobiçava e visitava amiudadamente, a fim de ver se conseguia adquiri-lo a baixo preço. Convencidos de que só a avareza o arrastava àquele lugar, os juízes absolveram-no por completo do incesto de que era acusado, e ele só deixou a religiosa em paz quando conseguiu comprar-lhe a propriedade. Dizem os romanos ser a avareza o único vício que ele possuía, e que ofuscava todas as belas virtudes que o adornavam. Para mim, porém, ela constituía o seu maior vício, que deixava a perder de vista todos os outros.

Enorme riqueza de Crasso; como a adquiriu.

II. Para demonstrar a grande cobiça que o dominava, apresentam dois argumentos principais: a maneira e o meio que ele punha em prática para lucrar, e o vulto dos seus haveres, pois, de início, ele não podia ter cabedal superior a trezentos talentos. Ao tempo em que ele se ocupou dos negócios públicos, ofereceu a Hércules o dízimo de todos os seus bens, proporcionou um festim a todo o povo romano, e deu a cada cidadão romano provisão de trigo para três meses. Entretanto, ao partir para guerrear os partas, dando um balanço em todo o seu haver, achou que ele somava sete mil e cem talentos. Embora a verdade ofenda algumas vezes, cumpre-me dizer que a maior parte daquela grande riqueza ele conseguiu-a à custa de fogo e sangue, fazendo das calamidades públicas sua maior fonte de renda. Tendo tomado a cidade de Roma, Sila vendeu publicamente, em leilões, os bens dos que ele submeteu à morte, considerando-os e chamando-os seu lucro; e, para que alguns dos maiores e mais poderosos da cidade pactuassem da mesma culpa, Crasso nunca deixou de participar de tais leilões, para receber de presente os referidos bens ou para comprá-los.

Predileção de Crasso pela opulência.

III. Além disso, notando que os estragos mais comuns dos edifícios de Roma eram produzidos pelo fogo e desmonoramentos, devido ao raio e à quantidade de andares que possuíam, ele comprou uns quinhentos cativos, entre pedreiros, carpinteiros e construtores. Assim, quando o fogo da desgraça lavrava em alguma casa, ele ia logo comprá-la, bem como as que lhe eram vizinhas, cujos donos, vendo o perigo que corriam, vendiam-nas por uma insignificância. Eis porque, com o correr do tempo, grande parte das casas da cidade de Roma passaram a pertencer-lhe. Embora ele tivesse tantos cativos dedicados ao ramo de construções, a única casa que edificou foi aquela em que residia, sob o fundamento de que os que gostavam de construir destruíam-se por si mesmos, sem que ninguém os atacasse. As diversas minas de prata que possuía, as grandes e excelentes terras para a lavoura, cuidadosamente trabalhadas

por avultado número de pessoas, nada significavam quanto ao valor e dedicação de seus numerosos escravos e cativos, entre os quais havia lentes, escritores, ourives, moedeiros, cobradores, mordomos, estribeiros e copeiros, que instruía pessoalmente sobre os afazeres domésticos, com clareza e concisão, a fim de ter neles elementos úteis, fiéis e dedicados. Se agia como dizia, isto é, que o manejo e administração da casa deviam estar a cargo dos serviçais, e estes diretamente subordinados à sua pessoa, não pensava mal, pois tudo o que foge daí, para apegar-se simplesmente ao ganho, é baixo e vil. Quanto à direção dos negócios públicos, porém, a sua opinião era má, pois só considerava e denominava rico ao homem que pudesse ter e sustentar um exército à sua custa. A guerra, segundo o rei Arquidamo, não se faz com quantia determinada, razão por que, para sustentá-la, há necessidade de dinheiro em quantidade ilimitada. Ele se achava, a tal respeito, muito afastado da opinião de Mário, que, tendo distribuído catorze jeiras de terra a cada indivíduo, notou que alguns descontentes queriam mais, e disse-lhes: "Admira que haja romano que considere pequena a porção de terra que lhe dará o bastante para viver".

A casa de Crasso aberta a todo o mundo.

IV. Ainda assim, Crasso era afável com os estranhos, e sua casa estava sempre aberta a todos. Emprestava dinheiro a seus amigos, sem cobrar-lhes juros; mas, vencido o prazo estabelecido, exigia-o total e rigorosamente, de modo que a sua gratuitidade muitas vezes era mais molesta do que se ele exigisse juros elevados. Quando convidava alguém para comer em sua casa, sua mesa era muito simples, trivial, sem qualquer superfluidade; mas a delicadeza com que era servida e o bom acolhimento dispensado às pessoas agradavam mais do que se o fizesse com opulência e abundância.

Aplicação de Crasso ao estudo e à eloquência.

V. Quanto ao estudo das letras, ele dedicou-se principalmente à eloquência, e de modo particular à oratória, tornando-se um dos melhores oradores da Roma de seu tempo, superando, pela aplicação, esforço e zelo, os que por natureza possuíam mais capacidade que ele. Dizem que nunca deixou de preparar e estudar as causas que lhe caíam às mãos, para defender, por menores e insignificantes que fossem, e que não raro Pompeu, César e o próprio Cícero vacilaram levantar-se, para contrapor-se à sua defesa. Por isso, ele era geralmente estimado como pessoa prestimosa, desvelada e caritativa.

Sua afabilidade.

VI. Sua cortesia também era muito apreciada, porque ele cumprimentava, acariciava e abraçava gentilmente todo o mundo. Indo à cidade, não havia homem que o cumprimentasse, por pobre que fosse, e de baixa condição, que ele não respondesse ao cumprimento nomeando-o. Referem também ser ele muito versado em histórias, e que dedicou-se um pouco à filosofia, mesmo à de Aristóteles, que lhe lia um Alexandre, e que provou ser de natureza suave e paciente, pela convivência que teve com Crasso. Difícil seria dizer se ele tornou-se mais infeliz quando começou a visitá-lo ou depois de havê-lo feito longamente. Alexandre era seu amigo predileto, sem o qual nunca ia para o campo. Quando o fazia, emprestava-lhe uma liteira, para cobrir-se durante o trajeto, tomando-a sem demora, ao regressar. Homem de paciência admirável! Creio mesmo que, na filosofia, que lhe servia de profissão, o pobre sofredor não colocava a pobreza no rol das coisas indiferentes. Sobre isto falaremos a seguir.

Mario e Cina fazem perecer o pai e o irmão de Crasso, que foge para a Espanha.

VII. Sendo Cina e Mário mais fortes, e repondo-se a caminho da cidade de Roma, todos perceberam logo que eles não se dirigiam para ah em benefício da coisa pública, mas sim para a desgraça e morte das pessoas mais honestas do lugar, que foram de fato sacrificadas, achando-se entre elas o pai e o irmão de Crasso. Este, ainda muito moço, salvou-se da morte no momento de sua chegada. Percebendo que eles mantinham vigias em toda parte, para apanhá-lo, e que os algozes faziam-no procurar com insistência, ele, seguido por três de seus amigos e dez criados, ocultou-se o mais possível na Espanha, onde já havia estado com seu pai, quando este a administrara como pretor, conquistando inúmeras amizades. Encontrando todo o mundo assustado ah, e temendo o ódio de Mário, como se este já lhe estivesse batendo à porta, ele não ousou dar-se a conhecer; meteu-se pelos campos, e foi esconder-se numa grande caverna, ao longo da costa, de propriedade de Víbio Paciaco, a quem mandou um dos criados perguntar por quanto lhe forneceria alimentação, pois os seus víveres começavam a escassear. Sabendo-o salvo, Víbio ficou satisfeito; e, informando-se do número de pessoas que estavam com ele, e do lugar em que se achava, ele não foi pessoalmente ao seu encontro, mas chamou o escravo e cobrador que lhe administrava tal terra, e, levando-o até bem perto do esconderijo, ordenou-lhe que diariamente preparasse e levasse a comida junto ao rochedo em que se achava a caverna, sem nada dizer, sem indagar para quem e por que, sob pena de morte; mas, que se ele cumprisse fielmente suas ordens, dar-lhe-ia a liberdade. Esta caverna fica não muito longe da costa, entre dois rochedos, tendo altura e largura excelentes, e suficiente quantidade de água e luz. Uma fonte de excelente água corre ao longo dos rochedos, e as brechas naturais, existentes no ponto em que eles se unem, transmitem a claridade externa ao interior, bem como ar puro e seco, pois toda a umidade é absorvida pela espessura das rochas e pela água.

Maneira por que ele é recebido e tratado por Víbio.

VIII. Mantendo-se Crasso em tal lugar, o cobrador de Víbio levava-lhe diariamente o que lhe era indispensável à vida, não vendo as pessoas que atendia, nem as conhecendo, sendo, entretanto, bem visto por elas, que sabiam a hora que ele costumava levar-lhes as provisões, e ficavam à espreita. Ele, porém, não se resumia ao simples fornecimento da comida indispensável à vida, e em abundância, visto haver Víbio deliberado dar a Crasso o melhor tratamento possível, sem se descuidar dos deleites próprios da sua juventude. Sim, porque provê-lo tão só do alimento necessário afigurava-se-lhe ocupação e tratamento de homem que o socorria mais por humanidade do que por admiração e afeto.

Assim, arranjou duas raparigas, e levou-as consigo para a costa; e, ao chegar perto da caverna, mostrou-lhes por onde deviam seguir, ordenando-lhes que entrassem sem receio. Ao dar com as raparigas ali, Crasso temeu haver sido descoberto, e perguntou-lhes quem eram e o que desejavam. Instruídas por Víbio, elas responderam que procuravam seu amo, ali escondido. Percebendo, então, que aquilo não passava de uma galantaria de Víbio, Crasso fê-las entrar, tratou-as o melhor possível, valendo-se delas, para fazer saber a Víbio o que desejava. Isto, escreve Fenestela, foi-lhe várias vezes narrado por uma velha, com grande carinho.

Ele toma o partido de Sila.

IX. Tendo permanecido durante oito meses escondido naquela caverna, Crasso retirou-se dali,

logo que soube da morte de Cina. Dando-se a conhecer, grande número de guerreiros acercou-se dele, dos quais escolheu dois mil e quinhentos, com os quais passou por muitas cidades e saqueou a de Malaca, segundo escrevem muitos autores, que ele contesta e nega com veemência e firmeza. Depois, provendo-se de navios, ele dirigiu-se à África, a chamado de Metelo Pio, homem de grande reputação e que havia reunido ah uma grande esquadra. Tendo tido alguma divergência com ele, não se deteve ali durante muito tempo, e retirou-se para junto de Sila, que recebeu-o e homenageou-o de modo como nunca fizera a ninguém. Passando-se à Itália, e desejando servir-se de todos os moços de Famílias distintas que se achavam em sua companhia, Sila deu diversos encargos a uns e a outros, e mandou Crasso à região dos marsos, para ali recrutar guerreiros. Como Crasso lhe pedisse gente para garanti-lo, visto ter de passar por lugares próximos aos ocupados pelos inimigos, Sila respondeu-lhe zangado e brutalmente: "Dou-te por guardas teu pai, teu irmão, teus parentes e amigos, brutal e indignamente matados, que eu procuro vingar, perseguindo, a mão armada, os facínoras que lhes tiraram a vida".

Trabalhos que ele realiza.

X. Duramente ofendido e ferido com estas palavras, Crasso partiu sem demora; e, passando audaciosamente através os inimigos, reuniu boa quantidade de gente, e, a seguir, mostrou-se sempre pronto e bem disposto a Sila, em tudo quanto lhe foi atribuído. Dizem que foi daí que se originaram a rixa e a inveja de honrarias entre ele e Pompeu, que, sendo mais moço descendia de um pai mal reputado em Roma, e fora desprezado pelo povo até tornar-se adulto e saber impor-se pela virtude e pela prática de grandes ações. Eis porque Sila prestava-lhe grandes homenagens, que raramente concedia aos mais velhos e aos que lhe eram iguais, a ponto de levantar-se quando ele aparecia, de descobrir-se e de chamá-lo imperador, isto é, comandante-chefe. Isto irritava fortemente Crasso, embora Sila não fizesse a injustiça de preferir Pompeu a ele, por não ter ainda a devida experiência de guerra, e não ligasse à sua avareza, que estragava o que de bom e belo havia em seus feitos. No saque à cidade de Tuder, na Úmbria, que ele tomou, desviou em seu favor a maior parte da pilhagem sendo o fato levado ao conhecimento de Sila. Todavia, no último ataque de toda esta guerra civil, que foi o maior e o mais perigoso de quantos se realizaram, e diante da própria Roma, as forças de Sila foram derrotadas e expulsas. Crasso, porém, que comandava a ponta direita, venceu e expulsou os inimigos até alta hora da noite, e mandou dar notícias a Sila da vitória alcançada e pedir-lhe víveres para os seus soldados. Em contraposição, ele atraiu sobre si a nota infamante, na confiscação e leilão dos bens dos desterrados, comprando enormes riquezas por uma ninharia, ou exigindo-as de presente. Dizem ainda que na região dos brucianos, antigos povos calabreses, ele desterrou um, que Sila não havia ordenado, para apoderar-se de seus bens. Sabedor disso, Sila não quis mais valer-se dele em qualquer serviço público.

Reputação de Crasso; como ele a obtém.

XI. E estranho que, sendo ele grande bajulador, quando desejava cair nas boas graças de alguém, facilmente se deixasse vencer pela adulação, em qualquer empresa, e fosse dotado de pouca sorte, ao agir pessoalmente. Dizem que, sendo o homem mais avarento do mundo, ele possuía a particularidade de odiar e censurar asperamente os que lhe eram iguais. A glória que Pompeu diariamente conquistava no decorrer da guerra, e o fato de haver obtido a honra do triunfo antes de ser senador e de ser geralmente chamado pelos romanos Pompeu Magno, isto é, o Grande, desgostavam-no imenso. Tanto assim, que, um dia, ouvindo alguém dizer em sua presença, ao ver chegar Pompeu, eis o grande Pompeu, ele perguntou-lhe em ar de mofa: Que altura tem ele?" Todavia, não esperando poder igualá-lo em feitos guerreiros, Crasso entregou-se com afinco aos negócios públicos e à rabulice, defendendo os acusados, emprestando dinheiro aos que demandavam ou pediam concessões em favor do povo, adquirindo assim reputação e autoridade iguais às conquistadas por Pompeu no campo da

luta. Deste modo, a fama e o poder de Pompeu eram maiores em Roma quando ele se achava ausente, porque, quando presente, mantinha certa gravidade e grandeza no seu modo de vida, evitava ser visto pelo povo, não frequentava lugares públicos, interessava-se por reduzido número de pessoas, e ainda assim de má vontade, para só se utilizar do seu prestígio e autoridade em seu favor, quando tivesse necessidade. A presença de Crasso, pelo contrário, era vivamente louvada e desejada, por ser útil a muitos, por estar sempre a posto, por atender a todos os que desejavam valer-se dos seus préstimos, esforçando-se por tornar-se agradável e querido. Assim, devido à sua simplicidade e grande familiaridade, ele excedia, em valia e consideração, a gravidade e majestade de Pompeu.

Ele se torna fiador de César de avultada quantia.

XII. Quanto à dignidade pessoal, à facilidade e beleza do falar e à simpatia do rosto, dizem não haver disparidade entre os dois. Este ciúme, entretanto, nunca induziu Crasso a uma malquerença e inimizade declaradas. Sofria muito em ver Pompeu e César mais homenageados que ele, mas este ambicioso desgosto nunca foi acompanhado de ódio, nem de malvadez inata, embora César, surpreendido certa vez por corsários na Ásia, e detido por eles prisioneiro, gritasse: "Como ficarás satisfeito, Crasso, quando souberes que estou prisioneiro!" Apesar disso, eles foram depois bons amigos, como ficou provado quando César, achando-se de partida para a Espanha, foi inesperadamente assaltado por seus credores, que lhe apreenderam toda a bagagem, visto ele não poder pagá-los. Crasso, porém, livrou-o de tal situação, respondendo por ele pela quantia de oitocentos e trinta talentos.

Como Crasso mantém sua reputação entre César e Pompeu.

XIII. A cidade de Roma dividiu-se logo em três partidos: o de Pompeu, o de César e o de Crasso. Quanto a Catão, sua reputação e o apreço que devotavam à sua probidade eram superiores ao seu prestígio e poder, sendo a sua virtude mais admirada do que seguida. Os mais circunspectos e ajuizados alistaram-se no partido de Pompeu; mas os mais volúveis e prontos a empreender tudo temerariamente seguiram os propósitos de César. Crasso, nadando no meio, valia-se de ambos; e, mudando constantemente de partido na administração pública, não era nem amigo ferrenho, nem inimigo de morte de quem quer que fosse. Distribuía comodamente amizade e inimizade em tudo quanto pudesse tirar proveito, razão por que frequentemente viam-no, a curto espaço de tempo, louvar e censurar, defender e condenar as mesmas leis e os mesmos homens. Sua reputação tanto provinha do temor que lhe tinham como do afeto que lhe dedicavam, conforme no-lo demonstra este simples fato: um Sicínio, que atormentava todos os governadores e árbitros dos negócios públicos de seu tempo, sendo um dia interpelado por que não se ligava a Crasso e o deixava em paz, já que conseguia moer todos os outros, respondeu: "Porque ele tem feno no chifre". Era costume em Roma, quando se desejava marcar os chifres de um boi, rodeá-los de feno, para que ele não percebesse.

Início da guerra de Espártaco.

XIV. A revolta dos gladiadores, que alguns denominam guerra de Espártaco, e as correrias e pilhagens que eles fizeram pela Itália, originou-se do seguinte: havia, na cidade de Cápua, um tal Lêntulo Batiato, cuja ocupação consistia em alimentar fartamente e manter grande número de combatentes, que os romanos denominam gladiadores, em sua maior parte gauleses e

tracianos aprisionados por simples perversidade de seu chefe, que os comprara e os obrigava a combater ao extremo, uns contra os outros. À vista disso, duzentos deles deliberaram fugir. Descoberto o seu intento, setenta e oito não aguardaram qualquer ordem do chefe; dirigiram-se a uma casa de venda de carne assada, arrebatando-lhe espetos, machadinhas e facas de cozinha, e puseram-se às pressas fora da cidade. Pelo caminho encontraram casualmente carretas carregadas de armas usadas pelos gladiadores, que levavam de Cápua para qualquer outra cidade. Apoderando-se delas à força, armaram-se, ocuparam um lugar de excelente situação, e escolheram entre eles três comandantes. O primeiro escolhido foi Espártaco, natural da Trácia, terra dos que erram pelo país com suas bestas, sem nunca se deter definitivamente num lugar. Ele não só era robusto e de bom coração, como prudente, calmo e humanitário, qualidades pouco comuns aos indivíduos de sua terra. Dizem que a primeira vez que o levaram a Roma, para ser vendido como escravo, logo que adormeceu, uma cobra apareceu enrolada em seu rosto. Vendo tal, sua mulher, também natural da Trácia, adivinha e inspirada pelo espírito profético de Baco, prognosticou que ele conseguiria um dia grande e incontestável prestígio, que terminaria com feliz êxito. Esta mulher ainda permaneceu com ele, e acompanhou-o na fuga. Logo de início repeliram alguns homens que saíram de Cápua no seu encalço, para tornar a prendê-los; e, tendo-lhes arrebatado as armas de soldados, ficaram satisfeitos em poder substituir por elas as suas de gladiadores, que jogaram fora, como sendo bárbaras e desprezíveis.

Clódio é derrotado.

XV. Depois foi mandado contra eles um pretor romano chamado Clódio, com três mil homens, que sitiou-os em seu forte, um outeiro de subida penosa e estreita, guardada por Clódio, rodeado de altos rochedos talhados a pique, tendo no cimo grande quantidade de videiras selvagens. Os sitiados cortaram os rebentos mais longos e fortes de tais videiras, fizeram com eles compridas escadas que roçavam a planície, e, amarrando-as no alto, por elas desceram todos sossegadamente. Um deles apenas ficou em cima, para jogar-lhes as armas, findo o que, também se pôs a salvo. Os romanos não suspeitaram tal; pelo que, rodeando o outeiro, os sitiados atacaram-nos pela retaguarda, afugentando-os apavorados, e tomaram-lhes o acampamento. Muitos boiadeiros e pastores que guardavam seus rebanhos juntaram-se aos fugitivos, sendo uns armados por eles e outros mandados a espionar.

Diversas vantagens obtidas por Espártaco.

XVI. Nessa ocasião foi mandado a Roma outro comandante, Públio Varino, para desbaratá-los, do qual primeiramente derrotaram em combate um tenente denominado Fúrio, com dois mil homens, e a seguir um outro, denominado Cossínio, que lhe haviam impingido como conselheiro e companheiro, e com grande poder. Vendo Espártaco que ele se banhava num lugar chamado Salinas, procurou aprisioná-lo, mas o comandante conseguiu salvar-se, embora a custo. Não obstante, Espártaco apoderou-se de toda a sua bagagem, e perseguindo-o tenazmente apoderou-se do seu acampamento, com a morte de muitos dos seus homens, entre os quais Cossínio. Tendo também vencido em muitos encontros o próprio pretor-chefe, e aprisionado os sargentos que conduziam os machados à sua frente, bem como seu próprio cavalo, Espártaco adquiriu tal valor que todos o temiam. Todavia, calculando cuidadosamente suas forças, e vendo que elas não podiam superar as dos romanos, levou seu exército para os Alpes, sendo de parecer que, uma vez transpostos os montes, cada qual voltasse para sua terra, isto é, para a Gália e para a Trácia. Seus homens, porém, fiados em seu número, e prometendo grandes realizações, não o quiseram atender, e recomeçaram a percorrer e a saquear toda a Itália.

Crasso é encarregado desta guerra.

XVII. Achando-se o senado inquieto, não só pela vergonha e afronta de serem seus homens vencidos por escravos sublevados, como pela apreensão e pelo perigo em que se achava toda a Itália, mandou para ali os dois cônsules, como se se tratasse de uma das mais árduas e perigosas guerras que deveriam enfrentar. Gélio, um dos cônsules, atacando de surpresa uma tropa de alemães, que por altivez e desprezo, se havia separado e afastado do acampamento de Espártaco, submeteu-a toda ao fio de espada; Lêntulo, seu companheiro, com numerosas forças sitiou Espártaco e todos os que o seguiam, atacou-os, venceu-os, e apoderou-se de toda a sua bagagem. Razão por que, avançando para os Alpes, Cássio, pretor e governador da Gália do subúrbio do Pó, enfrentou-o com um exército de dez mil homens. Travou-se um grande com-bate, no qual ele foi derrotado, tendo perdido muitos soldados, e conseguido salvar-se a muito custo e às pressas. Ciente disto, o senado declarou-se bastante descontente de seus cônsules; e, ordenando-lhes que não mais se envolvessem nesta luta, atribuiu todo o encargo a Crasso, que foi seguido por numerosos moços nobres, graças à sua elevada reputação e à grande estima que lhe votavam.

Seu tenente Múmio é derrotado por Espártaco.

XVIII. Crasso foi assentar seu acampamento na Romanha, para esperar a pé firme Espártaco, que se dirigia para ali, e mandou Múmio, um dos seus tenentes, com duas legiões, envolver o inimigo pela retaguarda, ordenando segui-lo sempre no encalço, e proibindo-lhe expressamente atacá-lo e escaramuçá-lo de qualquer modo. Não obstante todas estas determinações, logo que Múmio se viu na possibilidade de fazer alguma coisa, atacou-o, sendo derrotado, com perda de muitos dos seus homens. Os que conseguiram salvar-se na fuga, apenas perderam suas armas. Crasso irritou-se bastante com ele; e, recolhendo os fugitivos, deu-lhes outras armas, exigindo-lhes fiadores que garantissem seu melhor serviço dali por diante, coisa que nunca fora feito antes. E, os quinhentos que estiveram nas primeiras filas, e que foram os primeiros a iniciar a fuga, ele dividiu-os em cinquenta dezenas, em cada uma das quais sorteou um, sujeito à pena de morte. Reviveu assim o antigo modo dos romanos castigarem os soldados cobardes, coisa que de há muito havia sido abandonada, por ser ignominiosa, e produzir horror e espanto à assistência, quando realizada publicamente.

Crasso cerca Espártaco na península de Régio.

XIX. Castigando assim seus soldados, Crasso lançou-os diretamente contra Espártaco, que recuou sempre e tanto que, pela região dos lucanianos, chegou à costa, encontrando alguns navios de corsários cilícios no estreito do Farol de Messina. Isto animou-o a ir à Sicília; e, tendo ali lançado dois mil homens, reacendeu a guerra dos escravos, que viviam aparentemente calmos e que de pouco precisavam para se reanimar. Tendo estes corsários prometido auxiliá-lo em sua passagem, recebendo por isso presentes dele, enganaram-no e afastaram-se para longe. Razão por que, lançando-se inesperadamente longe da praia, ele foi assentar seu acampamento na península dos régios, onde Crasso foi encontrá-lo; e, vendo que a natureza do lugar mostrava-lhe como devia agir, decidiu cercar de muralhas o istmo da península, dando assim ocupação aos seus homens e impedindo que os inimigos recebessem víveres. Trabalho demorado e difícil, que ele executou em bem pouco tempo, contra a opinião de todo o mundo, e fez abrir uma trincheira através da península, de quinze léguas de comprimento, quinze pés de largura e quinze pés de profundidade.

Sobre a trincheira fez construir uma muralha muito alta e forte, da qual Espártaco a princípio zombou. Quando, porém, sua pilhagem começou a falhar, e se viu na impossibilidade de obter víveres em toda a península, devido àquela muralha, numa noite bastante áspera, de neve espessa e vento impetuoso, ele mandou encher de terra, pedras e galhos de árvores um trecho não muito extenso da trincheira, por onde fez passar um terço do seu exército. A princípio Crasso receou que Espártaco tomasse a resolução de seguir para Roma; logo, porém, tranquilizou-se, pois soube haver sério desentendimento entre eles, e que uma grande tropa, amotinada contra Espártaco, separara-se dele e fora acampar junto a um lago da Lucânia, cuja água de tempos a tempos torna-se doce, e a seguir tão salgada que não pode ser bebida. Tendo-os atacado, Crasso expulsou-os dali, mas não conseguiu matar grande número, nem afastá-los para muito longe, porque Espártaco apareceu de repente com seu exército, e fez cessar a perseguição.

Ele obtém uma vitória sanguinolenta.

XX. Crasso, que havia escrito ao Senado ser necessário chamar Lúculo da Trácia e Pompeu da Espanha, arrependido de havê-lo feito, esforçava-se o mais possível de dar fim a esta guerra antes que eles chegassem, por saber que atribuiriam toda a glória da sua conclusão ao recém-chegado que lhe fosse em auxílio, e não a ele. Por isso ele resolveu primeiramente atacar os que se haviam revoltado e entrincheirado à parte, às ordens dos capitães Caio Canício e Casto. Para tal, fez seguir seis mil soldados de infantaria, para assenhorear-se de uma eminência, ordenando-lhes que tudo fizessem para não serem vistos nem descobertos pelos inimigos. O que eles procuraram realizar o melhor possível, cobrindo seus mornões e elmos. Não obstante, eles foram percebidos por duas mulheres que às escondidas faziam sacrifícios em favor dos inimigos, e estiveram em risco de ficar todos perdidos. Crasso, porém, socorreu-os a tempo, dando aos inimigos o combate mais áspero de quantos se realizaram naquela guerra. Na luta pereceram doze mil e trezentos homens, lutando valorosamente frente a frente, sendo encontrados unicamente dois mortos pelas costas.

Espártaco vence um destacamento do exército de Crasso.

XXI. Depois desta derrota Espártaco retirou-se para as montanhas de Petélia, perseguido e escaramuçado sem trégua, pela retaguarda, por Quinto, um dos tenentes de Crasso, e seu tesoureiro Escrofa. No fim do dia, porém, tudo mudou de repente, e Espártaco derrotou os romanos, sendo o tesoureiro gravemente fendo e salvo a custo. Esta vantagem obtida sobre os romanos deu origem à ruína final de Espártaco, porque seus guerreiros, quase todos escravos fugitivos, encheram-se de tamanho orgulho e audácia que não quiseram deixar de combater, nem obedeceram mais seu comandante. Pelo contrário, como se achavam a caminho, cercaram-nos e disseram-lhes que, quisessem ou não, era preciso que voltassem depressa e os conduzissem pela Lucânia contra os romanos, que era o que Crasso pedia, pois sabia que Pompeu se aproximava, e que muitos em Roma discutiam e brigavam por sua causa, dizendo que a vitória final desta guerra lhe era devida, e que logo que ele ah chegasse tudo seria decidido com um único combate.

O último combate. Espártaco é morto.

XXII. Por isso, procurando combater, e aproximando-se o mais possível dos inimigos, Crasso mandou um dia abrir uma trincheira, que os fugitivos procuraram impedir, carregando furiosamente sobre os que se ocupavam de tal tarefa. A luta tornou-se violenta. E, como, a todo momento, chegassem reforços de parte a parte, Espártaco viu-se obrigado a lançar mão de todos os recursos. Sendo-lhe levado o cavalo em que devia combater, ele desembainhou a espada, e, matando-o à vista de todos, disse: "Se eu for vencido neste combate, ele de nada me servirá. E, se eu for vitorioso, muitos deles, belíssimos e excelentes, terei dos inimigos à minha disposição". Isto feito, lançou-se através da pressão dos romanos, procurando aproximar-se de Crasso, sem o conseguir, e matou dois centuriões romanos que o enfrentaram. Por fim todos os que o rodeavam fugiram, e ele permaneceu firme em seu posto, completamente cercado, lutando valentemente, sendo retalhado. Embora Crasso fosse muito feliz e satisfizesse todos os seus deveres de bom comandante e de homem valente, expondo-se a todos os perigos, não pôde impedir que a honra do termo daquela guerra fosse atribuída a Pompeu, porque os que escaparam deste último combate caíram-lhe às mãos e ele aniquilou-os, escrevendo ao Senado que Crasso vencera os fugitivos em combate regular, mas ele destruíra todas as raízes desta guerra. Pompeu teve assim entrada triunfal em Roma, por haver vencido Sertório e reconquistado a Espanha. Crasso não só exigiu o grande triunfo como também o pequeno, que os latinos denominam Ovatio, por fazerem-no vencer, indigna e desumanamente, escravos fugitivos. Tratando da vida de Marcelo, já escrevemos suficientemente sobre este pequeno triunfo, por que foi denominado Ovatio, e no que difere do grande triunfo.

Crasso é nomeado cônsul com Pompeu.

XXIII. Depois disso, tendo sido Pompeu elevado ao consulado, Crasso não hesitou em pedir-lhe a ajuda, esperançado, como estava, de também ser eleito cônsul. Pompeu aquiesceu de boa vontade, porque desejava, de qualquer modo, que Crasso lhe fosse devedor de algum favor. Tanto assim que favoreceu-o com tal carinho, que declarou publicamente, perante a assembleia da cidade, ser tão grato ao povo, se lhe desse Crasso por companheiro no consulado, quanto o era por havê-lo eleito cônsul. Eles, entretanto, não prosseguiram nesta benevolência, quando na posse de seus cargos, mantendo frequentes discussões, e divergindo em quase todas as coisas. O que fez com que todo o seu consulado transcorresse sem qualquer fato digno de nota, a não ser o grande sacrifício que Crasso fez a Hércules, dando um banquete de mil mesas ao povo romano e distribuindo a cada cidadão trigo para três meses. Ao findar seu consulado, ao realizar-se a assembleia da cidade, um indivíduo chamado Onácio ou Caio Aurélio, cavaleiro romano, pouco conhecido por manter-se quase sempre nos campos, alheio aos negócios públicos, assomou à tribuna durante os debates, e contou ao povo uma visão que lhe aparecera em sonho: "Tendo me aparecido Júpiter esta noite (declarou), ordenou-me que vos dissesse publicamente que não deveis admitir que Crasso e Pompeu abandonem seu consulado, sem que primeiro se hajam reconciliado". Nem bem ele terminou de proferir esta palavra, o povo ordenou-lhes que se reconciliassem. Pompeu manteve-se firme como uma estátua, sem proferir palavra. Crasso, porém, estendeu-lhe a mão, e, dirigindo-se ao povo, falou em voz alta: "Não pratico nenhuma cobardia ou indignidade, senhores romanos, sendo o primeiro a rebuscar a amizade e carinho de Pompeu, visto que vós mesmos o cognominastes grande, antes que lhe despontasse qualquer fio de barba, e lhe concedestes a honra do triunfo, antes que ele pertencesse ao Senado".

Ele nada faz durante a sua permanência na censura.

XXIV. Foi tudo quanto se realizou de notável durante o consulado de Crasso, cuja censura decorreu completamente apagada e de todo inútil, embora tivesse por companheiro o mais civil e tratável dos homens existentes então em Roma. Dizem que, logo de início, desejando Crasso praticar um ato violento e iníquo, o de tornar o Egito província tributária dos romanos,

Catulo se opôs terminantemente, o que os tornou inimigos e fez com que renunciassem voluntariamente a seus postos.

Desconfiança de haver Crasso participado da conspiração de Catilina.

XXV. Quanto à conspiração de Catilina, que foi de grande consequência e quase arruinou e destruiu a cidade de Roma, Crasso foi tido como suspeito, e houve um dos cúmplices que o apontou, mas ninguém lhe deu crédito. O próprio Cícero, em um dos seus discursos, dá o maior relevo à suspeita sobre Crasso e César, mas tal discurso só foi publicado depois da morte de ambos. No que ele proferiu para dar conta dos atos do seu consulado, ele declara que certa noite Crasso procurou-o, levando-lhe uma missiva na qual mencionava Catilina, como a confirmar-lhe que a conspiração que pesquisavam era certa. Tanto assim, que, depois, Crasso sempre quis mal a Cícero; mas seu filho Púbio Crasso, estudioso e amante das letras, que não se afastava de Cícero, impediu-o de buscar abertamente os meios capazes de prejudicá-lo, para se vingar. De modo que, quando quiseram instaurar processo contra ele, Públio tanto pediu a seu pai, secundado por muitos moços de boa família, que ele reconciliou-se com Cícero.

União de César, Pompeu e Crasso funesta à república.

XXVI. Por fim, achando-se César ao termo do seu governo, preparou-se para pedir o consulado; e, percebendo que Pompeu e Crasso se haviam novamente inimizado, não quis, pedindo a um que o auxiliasse em sua pretensão, incorrer na inimizade de outro, e também não esperava alcançar o seu desejo sem o auxílio de um deles. Por isso, ele procurou estabelecer um acordo entre os dois, demonstrando-lhes que a sua inimizade só conseguia aumentar o prestígio e a autoridade de um Cícero, de um Catulo e de um Catão, que nada valeriam se eles se unissem, pois, com os elementos que possuíam, podiam, unidos, manejar à vontade tudo quanto se relacionasse com os negócios públicos. Tendo-os convencido e reconciliado, César fez dos três partidos uma força invencível, que arruinou o Senado e o povo romano. Esta fusão de partidos deu grande força e poder a Pompeu e Crasso, e foi de enorme valia a César; porque, nem bem eles começaram a protegê-lo, ele foi eleito cônsul sem a menor dificuldade. Tendo-se portado bem no consulado, findo o mesmo entregaram-lhe o comando de grandes exércitos e submeteram a Gália ao seu domínio, na esperança de poder repartir entre ambos o produto do saque a que desejavam sujeitar a cidade.

Plano dos três associados para escravizar a república.

XXVII. O que induziu Pompeu a cometei esta falta foi a sua desmedida ambição. Crasso, porém, além da sua velha e inseparável avareza, deixou-se levar pela inveja que lhe causavam os grandes feitos guerreiros de César, e que o acompanhou até à morte, pois não podia suportar que, sendo-lhe superior em tudo, não o superasse também nas armas. Tendo César descido da província de Gália à cidade de Luca, muitos romanos foram-lhe ao encontro, inclusive Pompeu e Crasso, que, conluiados com ele, deliberaram submeter ao seu domínio todo o império romano, ficando César com as forças que já possuía, encarregando-se Crasso e Pompeu de organizar outros exércitos e de apoderar-se de outras províncias. Para tal conseguir, era indispensável que Pompeu e Crasso obtivessem um novo consulado, no que César devia ajudá-los, escrevendo aos seus amigos de Roma, e mandando para ali bom

número de soldados, a fim de garantirem a eleição.

Pompeu e Crasso ambicionavam novamente o consulado.

XXVIII. Devido a isso Pompeu e Crasso regressaram a Roma, onde logo desconfiaram do acontecido, correndo por toda a cidade que o encontro de Luca não fora bem intencionado, pelo que, em pleno Senado, Marcelino e Domício perguntaram a Pompeu se ele desejava o consulado, e ele respondeu-lhes que em parte sim e em parte não. Refeita a pergunta, ele respondeu que o aceitaria em favor dos bons e não dos perversos. Estas respostas não foram consideradas satisfatórias, mas sim pretensiosas e arrogantes. Crasso, porém, respondeu modestamente que, se fosse para o bem público, ele o aceitaria, caso contrário não. A estas palavras, ninguém teve a ousadia de, como Domício, manifestar-se contra. Mas depois, quando eles se declararam abertamente pretendentes, todos se manifestaram favoráveis à sua pretensão, exceto Domício, que Catão, seu parente e amigo, não conseguiu demover da sua oposição, porquanto viu nela um combate em defesa da liberdade, pois o que Crasso e Pompeu aspiravam não era propriamente o consulado, mas sim o elemento capaz de levá-los à tirania, de organizar exércitos e de arrebatar e dominar províncias.

Eles fazem-se eleger pela violência.

XXIX. Bradando sobre tais propósitos, e acreditando firmemente neles, Catão sondou à força, por assim dizer, Domício na praça, conseguindo o apoio de muita gente de bem, pois ninguém atinava a razão por que Pompeu e Crasso ambicionavam um segundo consulado, e fizessem questão de estar juntos e não com outros, quando havia ali tantos que não eram indignos de figurar em tal posto ao lado de qualquer dos dois. Devido a isso, crente de não conseguir o que almejava, Pompeu não duvidou em praticar as coisas mais desonestas e violentas do mundo. Entre elas, no dia da eleição, quando Domício e seus amigos se dirigiam, de madrugada, para o local em que devia ser realizada, o lacaio que conduzia o archote à sua frente foi morto por pessoas propositalmente colocadas de emboscada, e muitos da comitiva, entre os quais Catão, foram feridos. Os que não conseguiram fugir foram cercados e presos, e encerrados em uma casa até serem os dois eleitos cônsules. A seguir, apoderando-se da tribuna pelas armas, expulsaram Catão da praça, mataram alguns oposicionistas que não quiseram fugir, prorrogaram por mais cinco anos o domínio de César na Gália, e fizeram o povo nomeá-los governadores das províncias da Síria e da Espanha. Depois, tirada a sorte, o da Síria coube a Crasso e o da Espanha a Pompeu.

Futilidade dos projetos e dos discursos de Crasso.

XXX. Este acaso da sorte satisfez a todos, porque o povo não desejava que Pompeu fosse para longe de Roma, e ele, que amava muito sua esposa, sentiu-se feliz em poder manter-se o mais perto possível dela e de sua casa. A satisfação de Crasso foi tão grande, que, embora ele não proferisse palavra, não passou despercebida, pois ele desejava mesmo estar entre estranhos, rodeado de honrarias. Mas, na intimidade, e entre amigos, ele gabou-se tanto e disse tantas tolices, como dificilmente teria feito e proferido o jovem mais gabola; o que estava em desacordo com a sua idade e temperamento, pois fora a vida toda reservado, e comedido no falar. Engrandecendo-se desmedidamente, e afastando-se do seu hábito, ele não limitou suas esperanças à conquista da Síria, nem à dos partas, declarando que tudo quanto fizeram

Lúculo contra Tigrano e Pompeu contra Mitrídates não passava de um brinquedo de crianças, pois ele estenderia as suas conquistas até Bactnana, índias e Grande Oceano, pelo lado oriental, embora o decreto sancionado pelo povo não se referisse à guerra contra os partas. Todos sabiam, porém, que Crasso nutria ardentemente tal desejo, pois o próprio César escrevera-lhe da Gália, louvando-lhe a deliberação e exortando-o a levá-la a efeito.

Inúteis esforços do tribuno Ateio, para impedir a partida de Crasso, na guerra contra os partas.

XXXI. Isso deu motivo a que Ateio, um dos tribunos do povo, se opusesse à sua partida, no que foi apoiado por muitos outros, por achar injusto que se fosse, sem motivo, guerrear povos que nunca molestaram nem ofenderam os romanos, sendo-lhes, pelo contrário, amigos e aliados. Vendo em tal uma trama contra sua pessoa, Crasso pediu a Pompeu que o auxiliasse e acompanhasse até fora da cidade, dada a sua autoridade e o respeito que devotavam à sua pessoa na comuna. Embora fosse numerosa a massa popular reunida para impedir a partida de Crasso, e vaiá-lo, ao verem Pompeu marchar sorridente à sua frente, serenaram e deixaram-nos passar, sem dizer palavra. O tribuno Ateio, porém, colocou-se diante deles, e, em alta voz, proibiu Crasso de sair da cidade, protestando veementemente, se ele não o atendesse. E, vendo que, não obstante sua proibição, ele não deixou de seguir o seu caminho, ordenou a um dos seus sai gentos que lhe lançasse mão ao pescoço, para prendê-lo, o que não foi permitido pelos outros tribunos. Ateio correu então para a porta da cidade, colocou um braseiro de fogo ardente no meio da rua, e, ao chegar Crasso, jogou dentro alguns perfumes e fez sobre ele algumas aspersões, proferindo blasfêmias e maldições apavorantes, e evocando deuses de nomes desconhecidos e assustadores. Dizem os romanos que tais pragas são ah muito antigas, porém, mantidas em segredo, porque são tão eficientes que as pessoas visadas não escapam delas e os que as rogam nunca mais têm paz na vida. Razão por que raros são os que as proferem, e assim mesmo nas grandes oportunidades.

Crasso põe-se a caminho.

XXXII. Ateio foi muito censurado, por haver rogado tais pragas e feito uso de tão espantosa cerimonia, que, visando Crasso, feriam os interesses públicos. Tendo seguido seu caminho, Crasso chegou a Brundúsio, onde as tempestades do inverno não haviam diminuído; mas nem por isso deixou de fazer-se de vela. Perdeu diversos navios, e, com o resto do seu exército, pôs-se a caminho, por terra, através do reino da Galácia, onde encontrou o rei Dejotaro, já muito velho, a edificar uma nova cidade. Crasso disse-lhe gracejando: "Parece-me, senhor rei, que começas muito tarde a edificar, fazendo-o na última hora do dia".

Ao que o rei dos gálatas respondeu sem demora: "Tu também não partiste cedo, pelo que vejo, senhor comandante, para ir guerrear os partas". Crasso já havia passado os sessenta anos, e aparentemente demonstrava ser muito mais velho.

Primeiros sucessos de Crasso; ele inverna na Síria

XXXIII. Tendo chegado aos lugares, a princípio os negócios correram-lhe segundo seus

desejos, pois ele lançou facilmente uma ponte sobre o rio Eufrates, pela qual passou sem o menor obstáculo todo o seu exército. Depois, entrando na Mesopotâmia, recebeu diversas cidades, que voluntariamente renderam-se a ele. Uma houve, entretanto, sob a tirania de um Apolônio, onde cem dos seus soldados foram mortos, o que levou-o a lançar para ali todo o seu exército; e, tendo-a tomado à força, saqueou-a, e vendeu os habitantes em leilão. Os gregos chamavam esta cidade Zenodócia, e a sua tomada fez com que os guerreiros denominassem Crasso de imperador, isto é, comandante supremo. O que só serviu para rebaixá-lo aos olhos de todos, que passaram a considerá-lo baixo e sem valor, incapaz de grandes feitos, visto dar tanta importância a um acontecimento insignificante como aquele. Tendo disposto sete mil soldados de infantaria e cerca de mil cavalarias em guarnições pelas cidades que se lhe renderam, Crasso foi passar o inverno na Síria, onde seu filho foi encontrá-lo, vindo das Gálias, onde estivera com Júlio César, que lhe concedera prêmios honrosos, que os comandantes romanos costumavam dar às pessoas de bem e cumpridoras do seu dever na guerra, e levou a seu pai mil dos melhores guerreiros.

Censuras à avareza que ele ali demonstra.

XXXIV. Parece-me ter sido esta a primeira falta cometida por Crasso, depois de iniciar esta guerra, considerada a maior de todas, porque ele devia ter avançado sem parar, e ter carregado contra Babilônia e Selêucia, sempre apontadas como inimigas dos partas. A sua demo ra permitiu que os inimigos fizessem provisões e se preparassem à vontade. Além disso, as censuráveis ocupações a que ele se entregou, durante todo o tempo em que esteve descansando na Síria, foram mais de mercador do que de comandante, pois não gastou tal tempo em ver as falhas do seu exército, em submetê-lo a exercícios, mas sim em calcular as rendas das cidades, e em somar e pesar o tesouro de ouro e prata existente no templo da deusa de Hierápolis. O pior é que ele exigiu dos soberanos, cidades e populações, determinado número de soldados, dispensando-os depois, mediante o pagamento de uma determinada quantia. Com isto, ele conquistou uma triste fama e o desprezo de todo o mundo.

Embaixada dos partas a Crasso.

XXXV. O primeiro presságio da sua infelicidade proveio-lhe desta deusa de Hierápolis, que alguns acreditam ser Vénus, outros Juno, e outros ainda acreditam ser causa e origem de todos os acontecimentos, que mostram aos homens a fonte de lodos os bens. Nem bem saíram do seu templo, o jovem Crasso foi o primeiro a cair defronte ao mesmo, e seu pai, a seguir, tropeçou-lhe no corpo, e caiu também. Nem bem Crasso começou a reunir as guarnições dos lugares em que havia invernado, para marchar para o campo, chegaram-se a ele embaixadores do rei dos partas, denominado Arsaces, que em poucas palavras puseram-no ao par da sua missão, declarando que, se tal exército fora mandado pelos romanos para guerrear seu soberano, este não manteria qualquer relação de amizade com eles, e lhes fana guerra de morte, custasse o que custasse. Mas, se, como ouvira dizer, Crasso, por simples ambição, e contra a vontade de seus concidadãos, foi de caso pensado, guerrear os partas, para apoderar-se do país, Arsaces, procederia mais moderadamente, de dó da sua velhice, contentando-se em fazer partir vivos e livres de perigo os guerreiros romanos, que considerava prisioneiros em suas cidades e não de guarda às mesmas. Crasso respondeu-lhes bravateiro que lhes daria resposta na cidade de Selêucia, pelo que o mais velho dos embaixadores, chamado Vagises, desandou a rir, e, mostrando-lhe a palma da mão, disse: "É mais fácil nascerem pelos na palma de minha mão, Crasso, do que ires à cidade de Selêucia". Os embaixadores partiram, e foram comunicar ao rei Hirodes ser indispensável pensar na guerra.

Notícias assustadoras levadas a Crasso por seus soldados fugidos aos inimigos na Mesopotâmia.

XXXVI. Neste ínterim, tendo-se salvo, com grande risco de vida, alguns guerreiros das guarnições das cidades da Mesopotâmia, levaram a Crasso notícias que bem mereciam cuidadoso estudo, dado o grande número de combatentes que viram no acampamento inimigo e o seu modo de combater, que patentearam em alguns ataques realizados em tais cidades. Como geralmente acontece com os escapos de qualquer perigo, que tornam as coisas mais espantosas e perigosas do que o são na realidade, eles contavam ser impossível salvar-se deles, quando perseguiam, bem como agarrá-los quando fugiam; que usavam flechas invisíveis, que trespassavam tudo quanto encontravam pelo caminho, antes de ser visto quem as desferia; que as armas ofensivas usadas pela sua cavalaria varavam todas as armaduras, por mais fortes que fossem, e que as defensivas resistiam aos maiores embates.

Ele persiste em seu propósito, apesar das representações.

XXXVII. Ouvindo tais notícias, os soldados romanos abrandaram a sua audácia, por que antes lhes haviam dito que os partas não diferiam dos armênios e dos capadócios, que Lúculo tanto derrotou e saqueou que chegou a aborrecer-se, e que as maiores dificuldades a serem vencidas em toda esta guerra eram a extensão do caminho a percorrer e o trabalho de perseguir e ir no encalço de gente que não os enfrentaria. No entanto, com as últimas notícias, compreenderam que deviam agir e combater decididamente. Por isso, mesmo alguns que tinham postos e autoridade no exército, entre os quais Cássio, questor e superintendente das finanças, foram de parecer que Crasso devia deter-se onde se achavam e confiar de novo o empreendimento à deliberação do conselho, isto é, se deviam ou não avançar. Em meio a quanto acontecia, os próprios adivinhos, ocultamente, davam a entender que os deuses, em todos os sacrifícios, prenunciaram maus acontecimentos, difíceis de aplacar. Crasso, porém, não lhes deu ouvidos, o mesmo fazendo com todos os outros, exceto os que o aconselharam a avançar. Quem mais o garantiu e encorajou foi Artabazo, rei da Armênia, que foi ter com ele no acampamento, levando-lhe seis mil cavalos, que era tudo quanto possuía, ao que diziam. Não obstante, ofereceu-lhe mais dez mil devidamente equipados, e trinta mil soldados de infantaria, aconselhando-o a entrar no país dos partas pela Armênia, devido à facilidade de provisões, que ele lhe forneceria, e porque marcharia com segurança, por ser região montanhosa, imprópria para cavalaria, que era a única força dos partas. Crasso agradeceu-lhe friamente a boa vontade manifestada e a oferta de tão belo e magnífico auxílio, e disse-lhe que retomaria a marcha pela Mesopotâmia, onde deixara muitos e excelentes guerreiros romanos, com o que o rei armênio despediu-se e retirou-se.

Maus presságios.

XXXVIII. Nem bem Crasso iniciou a passagem do seu exército pela ponte que fizera lançar sobre o rio Eufrates, rebentaram ali fortes e assustadoras trovoadas, seguidas de relâmpagos, que ofuscavam a vista de seus homens. Súbito, de um pesada nuvem negra partiu formidável rajada seguida de raio, que caiu sobre a ponte, abatendo-em grande parte, e mais dois raios foram cair no lugar em que ele devia assentar acampamento Além disso, um dos seus melhores cavalos, rica mente ajaezado, foi lançar-se ao no, com quem o cavalgava, morrendo afogado, e nunca mais foi encontrado. Dizem que a primeira águia que levaram, para assinalar o acampamento, voltou sem demora para o lugar de onde a haviam levado. Aconteceu ainda, que, ao distribuírem víveres aos soldados, depois de atravessarem a ponte, o que lhes deram em primeiro lugar foi sal e lentilhas, que os romanos consideram símbolos de luto e prenúncios de morte, porque fazem uso deles nos funerais. Logo depois, arengando e

exortando os soldados, Crasso proferiu uma sentença que abalou extraordinamente o exército todo, pois declarou que ia mandar destruir toda a ponte que lançara sobre o rio, para que nenhum deles pudesse voltar. Embora percebesse que as suas palavras, proferidas irrefletidamente, foram mal interpretadas, e devesse repeti-las e esclarecer o seu pensamento, para tranquilizar sua gente, teimoso como era não ligou importância ao caso. Fez, por fim, o sacrifício do costume pela felicidade do seu exército, e, ao serem-lhe apresentadas pelo adivinho as entranhas do inimigo imolado, elas caíram-lhe das mãos. Percebendo o pasmo e perturbação da assistência, ele desandou a rir, e disse: "Isto é mal da velhice; mas haveis de ver que as armas não me cairão das mãos.

Crasso segue para a frente.

XXXIX. Tudo preparado, ele iniciou a marcha pela região, ao longo do rio, com sete legiões de soldados de infantaria, pouco menos de quatro mil cavalos e uns quatro mil lanceiros. Nisso, alguns de seus precursores, que acabavam de explorar a região, comunicaram-lhe não haver homem algum em toda a campina, mas que notaram sinais de inúmeras patas de cavalos, que pareciam ter retrocedido. Isto fez com que Crasso e sua gente nutrissem boa esperança e começassem a fazer pouco caso dos partas, certos de que eles não entrariam em combate. Cássio, entretanto, fez-lhe ver que melhor seria reforçar um pouco as guarnições de algumas cidades que se achavam em seu poder, até receber notícias exatas dos inimigos, ou que se dirigisse à cidade de Selêucia, margeando o no, o que facilitaria o transporte de víveres ao acampamento, por meio de barcos, tendo o cuidado de evitar que os inimigos os atacassem pela retaguarda, pois, fazendo-o frente a frente, não obteriam vantagem.

Conselhos insidiosos dados a Crasso por Ariamnes.

XL. Nem bem Crasso começou a refletir e deliberar sobre tal, apareceu-lhe um comandante de árabes, chamado Anamnes, homem esperto e cauteloso, que foi a principal e a maior das desgraças que a sorte proporcionou ao mesmo tempo, para arruinar Crasso. Alguns dos que já haviam estado em luta naquelas paragens, sob o comando de Pompeu, que bem conheciam, e a quem deviam alguns favores, calcularam que, por isso, ele se houvesse afeiçoado bastante aos romanos. Ele, porém, fora subornado e encarregado de ir até eles pelos comandantes dos partas, com os quais mantinha relações, para enganar Crasso e procurar afastá-lo o mais possível do no e da região montanhosa, para lançá-lo à enorme planície, onde pudesse envolvê-lo completamente com a cavalaria, pois eles só desejavam atacar os romanos de frente, imprevistamente. Dirigindo-se a Crasso, este bárbaro começou a elogiar Pompeu como seu benfeitor (pois era muito eloquente), e, enaltecendo o exército de Crasso, reprovava-lhe a demora da ação, prolongando e consumindo o tempo com preparativos, como se necessitasse de armamentos, ao invés de agir prontamente e com a reconhecida habilidade, contra inimigos que de há muito só pensavam em apoderar-se dos bens das pessoas mais evidentes e ir ocultá-los nos desertos da Cítia ou da Hircânia. "Se tencionais atacá-los, disse ele, a boa razão manda que os procureis, antes que seu rei reúna todas as suas forças. No momento só encontrareis pela frente dois dos seus tenentes, Surena e Silaces, que ele mandou para vos entreter, certo de que não o perseguireis. Ele, porém, não comparecerá".

Elogio de Surena.

XLI. Tudo isto era falso. Dividindo desde o início suas forças em duas porções, Hirodes destruiu com uma delas o reino da Armênia, para se vingar do rei Artabazo, e mandou Surena ao encontro dos romanos, não em sinal de pouco caso, como referem alguns, porque desdenhasse lutar contra Crasso, que era um dos principais vultos da cidade de Roma, e achasse mais honroso guerrear Artabazo na Armênia. Fê-lo a meu ver, para evitar maior perigo, em lugar onde pudesse aguardar os acontecimentos com segurança, enquanto Surena tentava a sorte, e para desnortear os romanos. Surena não era homem de baixa ou pequena condição social, e sim o segundo dos partas, depois do rei, tanto em nobreza como em riqueza e reputação. Quanto ao valor, capacidade e experiência em feitos guerreiros, ocupava o primeiro lugar entre os partas do seu tempo. Ninguém o excedia em tamanho e beleza corporal. Quando seguia para o campo com a sua comitiva, cerca de mil camelos transportavam-lhe a bagagem, duzentas carruagens iam repletas de concubinas, seguidas de mil guerreiros de todas as armas, além de outros, perfazendo o total de mais de dez mil, entre subordinados e meios de transporte. Herdou dos seus antepassados o privilégio de ser o primeiro a colocar a faixa real ou diadema na cabeça do rei, por ocasião da sua ascensão ao trono; além disso, repôs o rei Hirodes no trono, do qual havia sido expulso, e conquistara-lhe a grande cidade de Selêucia, cujas muralhas fora o primeiro a galgar, derrotando seus defensores. Embora ainda não tivesse trinta anos de idade, foi considerado homem bastante ajuizado, sensato e bom conselheiro, meios que pôs em prática para derrotar Crasso, que, por sua audácia e. descuido, de início, e depois pelo receio e falta de tino a que o levaram seus infortúnios, tornou-se fácil presa, sujeito a todas as emboscadas.

Mensagem de Artabazo a Crasso; bom conselho que ele lhe dá. Resposta de Crasso.

XLII. Como o bárbaro induziu-o a crer em tudo quanto quis, afastando-o do no levou-o para a planície, onde a princípio encontraram um caminho excelente, que se tornou depois horrível, porque entraram em areiais, onde seus pés afundavam extraordinariamente, e em campos abertos, sem árvores nem água, de cujos limites a vista não alcançava começo nem fim. De modo que não só a sede e a incomodidade do caminho fatigavam os romanos, como a desolação da vista os desencorajava, por não ter onde pousar. Árvores, rio, regato, montes, ervas ou plantas verdejantes, nada disto viam nem perto, nem longe, e sim um mar infinito de desertos de areia em toda a extensão do seu acampamento. Isto começou a fazê-los pensar em traição, quando chegaram-lhes notícias de Artabazo, que mandou dizer-lhes que fora obrigado a permanecer em sua terra, devido à grande guerra que Hirodes lhe fazia, razão por que não podia mandar-lhes o auxílio prometido; que aconselhava-os a seguir com Crasso, para a Armênia, a fim de que, unindo ambas as forças, conseguissem vencer o rei Hirodes. Caso contrário, prevenia-o que prosseguisse sempre, custasse o que custasse, e fosse acampar em região montanhosa, evitando as planícies e lugares dos quais a cavalaria pudesse se valer, e que se aproximasse sempre das montanhas. Crasso, por sua estultice, nada respondeu por escrito; fê-lo verbalmente, furioso, declarando que no momento não tinha tempo para preocupar-se com o que se passava com os armênios; que depois ma à Armênia, para vingar-se da traição que Artabazo lhe fizera. Cássio ficou muito chocado com esta resposta; e, vendo que Crasso não tomava em consideração o que ele lhe dizia, em nada mais quis adverti-lo. Mas, chamando à parte o comandante árabe Ariamnes, censurou-o duramente, dizendo-lhe: "Homem miserável e perverso! Que mau espírito conduziu-te a nós, e por meio de que bruxarias e atrativos conseguiste fascinar Crasso, a ponto de convencê-lo a jogar seu exército neste abismo infernal, e a seguir este caminho que mais condiz com um árabe comandante de ladrões do que com um comandante geral do povo romano?" Sendo homem cauteloso e esperto, o bárbaro tratou de acalmá-lo delicadamente, pedindo-lhe que tivesse ainda um pouco de paciência, e, percorrendo todas as tendas, fingindo ajudar os soldados, dizia-lhes em ar de brincadeira: "Creio, companheiros, que pensáveis caminhar pela campina de Nápoles, e bem desejaríeis encontrar os belos nachos e frescas fontes, os pequenos bosques, os banhos naturais e as boas estalagens existentes nos arredores, para vos refrescar, e não vos lembrais que atravessais os desertos dos confins da Arábia e da Assíria".

Ele dispõe seu exército em ordem de combate.

XLIII. Foi assim que este bárbaro conseguiu distrair durante certo tempo os romanos. Mas, antes que fosse incontestavelmente descoberta a sua traição, ele desapareceu de repente, embora com conhecimento e permissão de Crasso, alegando ir conspirar e provocar desavenças no acampamento dos inimigos. Dizem que naquele dia Crasso saiu de sua tenda vestido de preto e não de vermelho, como costumam os comandantes romanos, e que, sendo prevenido, mudou logo de roupa. Dizem também que os porta-estandartes custaram muito a arrancar as hastes do solo, quando partiram, de tão enterradas e firmes que estavam. Não obstante todos estes acontecimentos, Crasso, zombando, estimulava-os a agir, obrigando o avanço dos soldados de infantaria e de cavalaria, até à volta de alguns dos volantes que mandara sondar o terreno, que lhe deram a notícia que todos os seus companheiros foram vencidos pelos inimigos, e que eles a muito custo conseguiram salvar-se, dado o seu número avultado e a sua disposição para o ataque. Esta notícia causou pasmo em todo o acampamento, pondo Crasso mais assombrado do que todos os outros; tanto assim que, apavorada e precipitadamente, começou a dispor seus homens em posição de combate, descontrolado como se achava. Primeiro dispôs as forças em quadrados distantes um do outro, para evitar que os inimigos os envolvessem, seguindo a opinião e conselho de Cássio, e distribuiu a cavalaria que possuía em duas alas. Depois mudou de opinião, e dispôs a infantaria em retângulos, com frente para todos os lados, enfileirando doze coortes em cada lado, e colocando ao longo de cada coorte uma companhia de cavalaria, pronta a agir, em caso de necessidade. Isto feito, entregou uma ponta ao comando de Cássio, outra a seu filho Públio Crasso, e ficou no meio. Ordenada a marcha, caminharam tanto que chegaram ao rio Balisso, o qual embora pequeno e de pouca água, serviu para mitigar a sede e o calor abrasador que os soldados haviam sofrido em todo o penoso trajeto.

É preciso combater.

XLIV. Quase todos os capitães opinaram acampar e passar a noite ah, para poderem reconhecer o mais possível os inimigos, conhecer-lhes o número e a equipagem, e ir-lhes ao encontro na manhã seguinte. Crasso, porém, instado por seu filho e pelos guerreiros que o acompanhavam, resolveu fazer o exército avançar e atacar sem perda de tempo, razão por que ordenou aos que quisessem alimentar-se que o fizessem sem demora, sem afastar-ao de suas fileiras. Depois, subitamente, antes que a ordem pudesse ser totalmente cumprida, ordenou que marchassem sem perda de tempo, como acontece quando se vai efetuar um combate, pois perceberam os inimigos, que à primeira vista não pareceram muito numerosos aos romanos, nem tão bem armados como supunham. Quanto ao número, Surena ocultara-o com algumas tropas que lançara à frente fazendo-as cobrir seus arneses com roupas e peles de animais. Ao se aproximarem uns dos outros, e ao ser dado o sinal de acometer, uma grita ensurdecedora encheu toda a campina, porque os partas não são incitados ao combate pelos sons das cornetas, trombetas e clarins, mas por tambores de couro, ao redor dos quais prendem guisos, sinetas e outras quinquilharias de latão, e soam conjuntamente e em todos os sentidos, produzindo um ruído surdo, semelhante a uma mistura do rugido de animal selvagem com o som assustador do trovão, sendo o ouvido, de todos os sentidos, o que mais depressa e fortemente emociona a alma e os sentimentos de quem o ouve, e mais depressa põe o homem fora de si.

Trava-se o combate

XLV. Achando-se os romanos com o ânimo já sobressaltado, os partas de repente puseram os arneses a descoberto, mostrando-se reluzentes, com seus elmos e couraças de ferro margiano bem forjado, que brilha e reluz como fogo, com seus cavalos igualmente dotados de

armaduras de ferro e de sobre, e com Surena, comandante em chefe de todo o exército, o mais belo e o maior homem de toda a sua hoste, tido como o mais arrojado e valente de rodos, embora o seu ar um tanto efeminado não demonstrasse. Sim, porque ele pintava o rosto e usava os cabelos à moda dos medos, embora os outros par-tas ainda seguissem os tártaros, deixando-os crescer sem os lavar nem pentear, para se tornarem mais pavorosos aos olhos dos inimigos. Logo de início haviam decidido atacar os romanos com suas lanças, para tentar fender e abrir suas primeiras fileiras. Mas quando viram de perto o campo de ação tomado em toda a sua extensão por homens decididos à luta, recuaram, como se quisessem afastar-se, debandar e pôr-se a salvo. Tal faziam, entretanto, para cercar seus inimigos por todos os lados. À vista disso, Crasso ordenou aos seus flecheiros que os atacassem, o que foi feito. Mas não puderam avançar muito, porque foram subitamente contidos e submetidos a tantas flechadas, que foram obrigados a repor-se sem demora sob a proteção de suas hostes. A violência do ataque e os enormes estragos produzidos pelas flechadas inimigas, que inutilizavam-lhes as armas e varavam tudo quanto encontravam, mole ou duro, apavorou os romanos, pondo-os em desordem.

Modo por que os partas combatiam.

XLVI. Mantendo-se então um pouco afastados, os partas começaram a assetar de longe, ao mesmo tempo e por todos os lados, sem visar ponto algum preestabelecido, porque a situação dos romanos e as suas fileiras, exageradamente espessas, eram de molde a impedir que eles deixassem de matar a um que fosse. As flechas, desferidas com arcos grandes e fortes, partiam com força e impetuosidade admiráveis, produzindo enormes estragos. À vista disso, os romanos se viram em má situação, por serem obrigados a manter-se em suas fileiras, o que muito os afligia; para partir ao encontro dos inimigos, e atacá-los, achavam que, além de não poder dominá-los receberiam sério castigo, porque à medida que se aproximassem, os partas fugiriam, e na fuga não deixariam de atirar contra eles, porquanto, depois dos citas, eram os que tinham o bom senso de, procurando salvar-se sem demora, combater sem interrupção.

Crasso destaca seu filho para expulsar os inimigos.

XLVII. Foi o que supuseram os romanos, e suportaram, certos de que os partas, depois de desferirem todas as suas flechas, cessassem de combater e chegassem aos golpes manuais. Quando souberam da existência de numerosos camelos carregados de flechas, nos quais os flecheiros renovavam suas provisões, vendo que isto não teria fim Crasso começou a desencorajar-se, e mandou avisar seu filho que se esforçasse por alcançar e atacar os inimigos, antes que fosse por eles completamente envolvido, pois era principalmente do seu lado que uma das pontas inimigas mais se aproximava e procurava envolvê-lo pela retaguarda. Levando consigo mil e trezentos cavalos, entre os quais mil dos que foram mandados por César, e quinhentos flecheiros, com oito alferes de infantaria carregando escudos o mais próximo possível do lugar em que ele se achava, o jovem Crasso afastou-se um pouco, contornando, para ir atacar os que o importunavam. Vendo-o chegar, ou porque se achassem em um charco, como dizem alguns, ou porque usassem maldosamente do ardil para afastar o jovem o mais possível de seu pai, os inimigos montaram a cavalo e fugiram. Isto fez com que o jovem Crasso gritasse: ‘Eles não nos esperarão", e partisse atrás deles, o mesmo fazendo Censorino e Megabaco, aquele senador romano e grande orador, e este homem arrojado, forte e resoluto, ambos íntimos amigos de Crasso e mais ou menos da sua idade. Tendo a cavalaria partido em perseguição aos inimigos, os soldados de infantaria não quiseram ficar-lhes atrás, nem mostrar-se menos corajosos e menos esperançosos de bom sucesso, pois consideravam-nos já vencidos e nada mais terem a fazer do que aprisioná-los. Puro engano, porém; porque, quando bem distantes, os que fingiam fugir voltaram de repente, e outros, em maior número, lançaram-se sobre eles. Os romanos fizeram alto, certos de que, vendo-os em número reduzido, os inimigos os atacassem subitamente. Eles, porém, os enfrentaram com uma primeira linha de guerreiros protegidos e armados de todas as peças, e espalharam-lhes ao redor, desordenadamente, os cavalos, que, correndo pela planície,

revolveram profundamente os montes de areia, erguendo no ar tão densa nuvem de pó que os romanos mal podiam ver-se uns aos outros, e confabular. Concentrados em pequeno espaço, eram feridos a flechadas, morrendo lenta e tristemente, gritando de dor; e, revolvendo-se na areia, quebravam as flechas nas fendas, fazendo inúteis esforços por arrancá-las, pois elas mais se enterravam e aumentavam os ferimentos. Os que não morreram deste martírio tornaram-se incapazes da própria defesa.

Insucesso deste ataque

XLVIII. Tendo-lhes Públio Crasso pedido e exortado a combater disfarçados com outros soldados, eles mostraram-lhe as mãos crivadas de golpes de flechas, apesar de protegidos por escudos, e os pés igualmente feridos em parte, e em parte presos ao solo, o que os impedia de agir, fugir e mesmo defender-se. À vista disso, encorajando os seus cavaleiros, Públio Crasso foi chocar-se com os inimigos, carregando-os vigorosamente, mas com grande desvantagem tanto ofensiva como defensiva, porque ele e os seus homens combatiam com azagaias fracas e leves contra couraças de excelente aço ou de couro grosso. Os partas, ao contrário, faziam-no com grossos e pesados bordões, desferindo-os nos corpos nus ou levemente protegidos dos gauleses, que era nos que o jovem Crasso mais confiava, pois fizera com eles proezas admiráveis. Eles agarravam de mãos desarmadas os bordões dos partas, e, lutando corpo a corpo, jogavam-nos dos seus cavalos ao chão, deixando-os estendidos, sem se poderem mover, devido ao peso das suas peças defensivas. Gauleses havia que abandonavam seus cavalos e iam abrir o ventre daqueles dos inimigos a golpes de espada. Com a dor, os animais saltavam e corriam desesperadamente, pisando seus cavaleiros, até caírem mortos no lugar, de mistura com eles. Aconteceu, porém, que o calor e a sede começaram a castigar fortemente os gauleses, que não se achavam habituados a suportá-los, e que a maior parte dos seus cavalos, avançando desenfreadamente contra os partas, transpassaram-se por si mesmos em seus bordões, o que os obrigou a juntar-se à sua infantaria, com Públio Crasso, que já se achava muito mal, devido aos ferimentos recebidos. Seguindo para um monte de areia existente nas proximidades, amarraram no meio todos os cavalos, e cercaram o local com escudos, pensando, assim, ficar melhor amparados dos ataques dos bárbaros, mas aconteceu-lhes o contrário, porque, em região totalmente plana, os das primeiras fileiras de modo algum cobrem os que lhes ficam atrás. Ora, achando-se estes sempre em posição mais elevada, devido ao monte que aqueles contornavam, não podiam de modo algum escapar ao alvo dos inimigos, mas deviam estar sempre atentos, maldizendo a perseguição da sorte, que os fazia morrer sem demonstrar o seu valor aos inimigos.

Morte de Públio Crasso. Toda a sua tropa é feita em postas.

XLIX. Estavam, então, com Públio Crasso, dois gregos habitantes daquela zona, da cidade de Carres, chamados Jerônimo e Nicômaco, que aconselharam Públio Crasso a fugir com eles e acolher-se na cidade de Isqnes, pouco distante e partidária dos romanos. Ele, porém, não quis anuir, declarando-lhes que a sua pior morte seria abandonar, por medo, os que davam a vida por sua causa. Dito isto, aconselhou-os que procurassem salvar-se, e, abraçando-os despediu-os. A seguir, não podendo utilizar-se da mão que lhe fora varada por uma flecha, ordenou ao seu escudeiro que lhe atravessasse o corpo com a espada. Dizem que Censorino fez o mesmo e que Megabaco suicidou-se por sua própria mão, sendo imitado por todas as pessoas de destaque da tropa. Quanto aos mais, transpondo o monte em sentido contrário, os partas mataram-nos com suas lanças e bordões, fazendo cerca de quinhentos prisioneiros. Isto feito, cortaram a cabeça de Públio Crasso, e dirigiram-se sem perda de tempo contra o pai, que já se achava naquele lugar, pois alguém levara-lhe a notícia que seu filho havia vencido e expulso os inimigos para bem longe, e que, os restantes destes, não poderiam opor-lhe grande resistência. Encorajado com tal notícia, e vendo suas forças unidas, ele afastou-as o mais possível numa encosta, na esperança de que seu filho não tardaria a voltar da caça. Públio, entretanto, vendo-se em perigo, havia destacado mensageiros para avisarem leu pai, a maior

parte dos quais morreu às mãos dos bárbaros. Os últimos, escapando a custo, declararam-lhe que seu filho estaria irremediavelmente perdido, se ele não o socorresse sem demora, e com forças poderosas.

Exortação de Marcos Crasso a seu exército.

L. Com tais notícias, Crasso foi acometido de duas grandes mágoas: a da apreensão, vendo-se em risco de perder tudo, e a do desejo, que o impelia a socorrer seu filho. Tendo perdido por completo o uso da razão, ele resolveu, por fim, ir com todas as suas forças em socorro de seu filho. Neste momento chegaram os inimigos, de volta da derrota infligida, com um ruído e gritos de vitória mais espantosos que nunca, ouvindo-se logo, nos arredores, soar e retumbar numerosos tamboris e tambores. A seguir os romanos perceberam perfeitamente grande vozearia, e os que carregavam a cabeça de Públio fincada na ponta de uma lança, chegando perto deles, mostraram-na, perguntando-lhes em ar de ultrajosa zombaria se eles sabiam de que casa era, e quem eram seus pais, porque não acreditavam que um moço tão valente e garboso fosse filho de um pai tão desprezível e cobarde como era Crasso. Isto produziu nos romanos maior abatimento e perda de coragem do que o faria o maior perigo que tivessem de vencer em todo o combate; e, ao invés de acender-lhes ódio que os induzisse à vingança, como seria de esperar, ocasionou-lhes tremor e medo, que os abateram completamente, embora Crasso se mostrasse mais esforçado neste acontecimento como nunca o fora em toda aquela guerra, porquanto, percorrendo as tendas a cavalo, gritava: "Só a mim, meus amigos, cabe prantear e suportar a dor desta triste perda. O renome e a glória de Roma, estão em vossas mãos, e continuarão invencíveis, se estiverdes a postos. Se tendes dó de mim, pela perda do meu esforçado e valente filho, demonstrai-o, convertendo-o em ódio contra vossos inimigos; fazei com que lhes custe caro a alegria que sentiram. Vingai-vos da sua crueldade, e não vos preocupeis com a minha infelicidade, pois os que aspiram a grandes feitos devem também sofrer alguma perda. Lúculo não derrotou Tigrano, nem Cipião a Antíoco, sem perda de sangue. Nossos antepassados perderam outrora mil navios, para consolidar a conquista da Sicília, e muitos exércitos e comandantes gerais na Itália, não deixando, por isso, de agir contra os que os haviam derrotado. O império romano não chegou à possança em que atualmente se acha por obra do acaso, e sim pelo trabalho e perseverança na adversidade, sem nunca esmorecer nem ceder aos perigos".

A noite separa os combatentes.

LI. Fazendo estas exortações aos soldados, para encorajá-los a agir, Crasso não percebeu que, ao contrário do que esperava, eles se rebelassem. De modo que, tendo ordenado que emitissem o grito de guerra, ele percebeu claramente que os seus homens estavam amedrontados, porque o clamor por eles proferido foi baixo, fraco e muito desigual, e que nem todos se manifestaram. O dos bárbaros, pelo contrário, foi prolongado, forte e entusiasta. Ao pôr-se mãos à obra, os arqueiros dos partas, a cavalo, envolvendo os romanos pelas alas, arremessaram-lhes ao flanco uma infinidade de flechas; mas os guerreiros, surrando-os frente a frente com seus grossos bordões, obrigaram-nos a reunir-se o mais possível, exceto alguns, que antes de serem mortos a flechadas, lançaram-se desesperadamente contra eles, sem causar-lhes grandes danos, sendo mortos a golpes de lança, tão violentos que às vezes atravessavam dois corpos de uma vez. Tendo combatido assim durante certo tempo, a chegada da noite fê-los retirar-se, alegando que assim procediam em atenção a Crasso, para que ele pudesse lamentar e chorar a morte de seu filho, e para que, avaliando melhor os acontecimentos, se entregasse voluntariamente, para sua salvação ao rei Arsaces, em lugar de ser levado a força.

Consternação de Crasso.

LII. Detendo-se perto dos romanos, os partas esperavam derrotá-los no dia seguinte. Os romanos, pelo contrário, tiveram uma péssima noite, não se preocupando em sepultar os cadáveres, nem cuidar dos ferimentos, sofrendo dores horríveis, e lastimando cada um a sua sorte adversa, porque foram prevenidos de que não se salvaria um sequer, se teimassem em permanecer ali até o dia seguinte. Por outro lado, se quisessem pôr-se a caminho durante a noite, por aquela imensa planície, os feridos dar-lhes-iam bastante trabalho, porque, levando o consigo, isto lhes retardaria muito a fuga; e, se os abandonassem, os seus gritos e clamores chamariam a atenção dos inimigos. Embora todos considerassem Crasso o principal causador de sua desgraça, procuraram-no, para ouvir-lhe a opinião a tal respeito. Ele, porém, isolara-se em lugar escuro, cobrindo a cabeça para não ver ninguém, dando ao povo exemplos de inconstância e de sorte adversa, mas aos homens sensatos e esclarecidos meios para conhecer os resultados a que o conduziram os maus conselhos e a sua desmedida ambição de dirigir tantos milhões de homens, dos quais se considerava o mais ínfimo, embora só o fizessem inferior a dois.

Os romanos retiram-se para a cidade de Carres.

LIII. Por isso, acordaram Otávio, um dos seus tenentes, fazendo-o levantar-se, bem como Cássio, e foram reconfortá-lo. Vendo-o, porém, extraordinariamente aflito, os comandantes das legiões e os centuriões reuniram-se em conselho resolvendo não permanecer mais ali, e ordenaram a partida do exército sem o menor ruído e sem toques de cornetas. Nem bem os doentes e feridos, que não podiam acompanhá-los, perceberam que iam ser abandonados, começaram a gritar de tal maneira que puseram todo o acampamento em reboliço, enchendo-o de prantos e lamurias, o que fez com que os que haviam partido voltassem assustados, na suposição de serem os inimigos que os tornavam a atacar. Assim, apreensivos a todo instante, e dispondo-se para o combate, acomodando os feridos em carruagens ou retirando-os das mesmas, detiveram-se no lugar, exceto trezentos soldados de cavalaria ligeira, que chegaram à cidade de Carres à meia-noite. Inácio, que os conduzia, falou em latim aos guardas que vigiavam a muralha; e, obtendo a resposta devida, encarregou-os de dizer ao governador Copônio que Crasso tivera grande combate com os partas. Nada mais adiantou, nem disse quem era, e cavalgou tanto que chegou à ponte que Crasso mandara construir. Deste modo conseguiu salvar-se com toda a sua tropa, mas ficou envergonhadíssimo de haver abandonado seu comandante. Todavia, com o que pediu aos vigias que dissessem a Copônio, ainda foi útil a Crasso; porque, percebendo que nada de bom denotavam as poucas e confusas palavras que lhe mandara dizer, o governador ordenou aos seus soldados que tomassem as armas, e, nem bem soube que Crasso se dispusera a voltar, foi-lhe ao encontro, e levou-o com seu exército para a cidade.

Varguntino, tenente de Crasso, é derrotado no caminho com sua tropa, pelos partas.

LIV. Os partas bem perceberam a retirada dos romanos, mas não quiseram molestá-los durante a noite. Na manhã seguinte, entrando no acampamento, mataram todos os que ali ainda se achavam, cerca de quatro mil, além de muitos outros, dispersos e desgarrados, que encontraram nas imediações, entre os quais Barguntino, um dos tenentes de Crasso. Barguntino, que se desviara do exército durante a noite, com quatro bandeiras mais ou menos numerosas, errando o caminho foi ter a um monte, onde os partas o sitiaram e derrotaram, apesar da heróica resistência que lhes foi oposta. Vinte dos seus homens, porém, empunhando suas espadas, lançaram-se cabisbaixos entre os partas, que pasmos da sua ousadia, deixaram-

nos passar e ir para Carres, sem lhes fazer o menor mal.

Astúcia de Surena, para saber se Crasso estava em Carres.

LV. Entrementes chega a Surena a falsa notícia que Crasso e os principais elementos de sua hoste haviam fugido, e que a multidão afluída à cidade de Carres era constituída de elementos em que não havia um homem de destaque. Duvidando que tal houvesse acontecido, e desejando certificar-se da verdade, para saber se devia sitiar a cidade de Carres ou ir para junto de Crasso, Surena mandou um dos seus intérpretes às muralhas da cidade, ordenando-lhe que dissesse a Crasso e a Cássio que Surena desejava parlamentar com eles. O intérprete cumpriu a ordem, e o convite foi aceito. Pouco depois chegaram do acampamento dos bárbaros alguns soldados árabes, que conheciam Crasso e Cássio de vista. Vendo Cássio na muralha, estes árabes disseram-lhe que Surena ficara bastante satisfeito em poder ter um encontro com eles e fazê-los retirar-se livres de perigo, como bons amigos de seu senhor, desde que eles deixassem ao rei dos partas a Mesopotâmia, o que consideravam vantajoso para ambas as partes, ao invés de lançarem-se à luta. Cássio achou bom o início do encontro, e combinou marca-tem dia e local do encontro de Crasso com Surena. Os árabes comprometeram-se a fazê-lo, e partiram.

Crasso toma Andrômaco como guia de sua retirada, sendo por ele atraiçoado.

LVI. Ouvindo isto, Surena ficou satisfeitíssimo de tê-los em lugar onde os podia cercar. No dia seguinte levou o seu exército diante da cidade, de onde os partas dirigiram mil insultos aos romanos, dizendo-lhes que precisavam entregar-lhes Crasso e Cássio amarrados de pés e mãos, se desejavam gozar de alguma benevolência ou de algum ajuste. Os romanos ficaram muito aborrecidos com este embuste, e fizeram ver a Crasso que não deviam mais contar com a prolongada e inútil esperança do auxílio dos armênios, opinando todos pela fuga, sem que pessoa alguma dos carrenianos o soubesse antes da hora da partida. Entretanto o próprio Crasso contou-o a Andrômaco, o mais desleal de quantos havia na cidade, e que, além disso, escolhera por seu guia. Este pérfido Andrômaco pôs os inimigos ao par da resolução dos romanos, com todos os pormenores. Não costumando os partas combater à noite, sendo por isso difícil induzi-los ao ataque, Andrômaco, receoso que os romanos avançassem demasiado, pondo-se fora do alcance dos inimigos, levou-os maldosamente ora para um lado, ora para outro, e, metendo-se por um caminho repleto de enormes buracos, que obrigavam a dar muitas e arriscadas voltas para transpo-los, lançou-os finalmente em um profundo charco. Isto fez com que alguns desconfiassem da lealdade de Andrômaco e desistissem de prosseguir. Cássio, entre outros, resolveu voltar para Caries; e, como os seus guias, que eram árabes, o aconselhassem a permanecer ali até a lua transpor o signo do Escorpião, ele respondeu-lhes: "Receio muito mais o do Sagitário". E seguiu apressadamente para a Assíria, com quinhentos soldados de cavalaria. Outros, possuidores de guias fiéis, alcançaram uma região montanhosa, denominada Sinaca, acolhendo-se em lugar de segurança antes de despontar o dia. Seriam cinco mil ao todo, guiados por Otávio, um homem de bem.

Surena faz uma proposta a Crasso.

LVII. O dia surpreendeu Crasso nos penosos caminhos, nos charcos a que o havia propositalmente levado o traidor Andrômaco, com quatro expedições de infantaria, dotadas de

escudos, algumas cavalarias, e cinco sargentos que lhes iam à frente, armados de machados e vergas. Tendo já os inimigos à vista, a custo e com muito trabalho ele retomou o caminho certo, faltando-lhe apenas três quartos de légua para alcançar Otávio. Este, vendo-o em perigo num outeiro dos montes Sinacos, correu em seu auxílio, com uns poucos soldados que o acompanharam espontaneamente, no que foram a seguir imitados pelos mais, que consideraram cobardia de sua parte esquivar-se à luta. Atacando os partas, fizeram-nos recuar para atrás do outeiro; e, envolvendo completamente Crasso, defenderam-no com seus escudos, declarando, magnânimos, que flecha alguma dos partas atingiria a pessoa de seu comandante antes de os matar a todos, e que luta-riam em sua defesa até o último suspiro. Notando que os partas começavam a esmorecer, e que, se a noite os surpreendesse e os romanos conseguissem transpor as altas montanhas, impossível seria depois lê-los às mãos, Surena resolveu enganar Crasso, valendo-se de um ardil: mandou secretamente libertar alguns prisioneiros, ante os quais declarou que o rei dos partas não desejava manter guerra eterna contra os romanos, e sim, pelo contrário, conquistar-lhes a amizade, fazendo-lhes a concessão especial de tratar Crasso humanamente. Para isso, ele mandou chamar todos os seus guerreiros, e, aproximando-se pacificamente dos romanos, com os principais chefes do seu exército, estendeu a mão direita e convidou Crasso a parlamentar com ele, declarando que, se os romanos experimentaram as forças e a bravura de seu rei, fora a seu pesar, porquanto nada mais fizera do que defender-se; mas que, desejando espontaneamente demonstrar-lhes a sua bondade, clemência e humanidade, estava disposto a fazer com eles as pazes e deixá-los seguir para onde quisessem.

Ele aceita, contra a vontade, obrigado por seu exército.

LVIII. Todos os romanos ouviram satisfeitos a declaração de Surena. Crasso, porém, que diversas vezes deixara-se levar por suas lamurias e falsidades, não vendo motivo para fazê-los mudar tão de repente de atitude, não quis agir sem ouvir seus amigos. Os soldados, porém, puseram-se a gritai que ele devia aceitar as pazes, dirigindo-lhe insultos grosseiros e declarando que ele queria expo-los à matança, mas não tinha coragem ao menos para ir falar com os inimigos desarmados. Crasso procurou acalmá-los por meio de súplicas, fazendo-lhes ver que, se eles tivessem paciência durante o resto do dia, ao chegar a noite poderiam ir satisfeitos e livres de perigo para montanhas e lugares de difícil acesso, onde os inimigos não chegariam. E, indicando-lhes o caminho com o dedo, incitou-os a não desanimar nem perder a esperança de salvação, visto já se acharem bem perto. Vendo, afinal, que eles se rebelavam e o ameaçavam se não fosse, brandindo furiosos suas armas, e certo de ser por eles ultrajado, Crasso resolveu ir ter com os inimigos, tendo antes proferido estas palavras: "Otávio Petrônio e senhores romanos que tendes postos neste exército. Sois testemunhas de que me obrigam a ir, contra a vontade, vergonhosa e violentamente, onde vou. Não obstante, se escapardes deste perigo, suplico-vos que, onde quer que vos acheis, digais sempre que Crasso morreu enganado e assaltado por seus inimigos, e nunca por haver sido levado e entregue aos bárbaros por seus cidadãos, como sou".

Ele é morto.

LIX. Otávio desceu logo do monte, mas Crasso despediu os sargentos que o acompanhavam. Da parte dos bárbaros, os primeiros que lhe foram ao encontro foram dois semi-gregos que, apeando cavalos, prestaram-lhe continência, e, saudando o em grego, pediram-lhe que mandasse alguns dos seus homens adiante, para certificar-se de que Surena e os que o acompanhavam estavam desarmados. Crasso respondeu-lhes que, se tivesse algum apego ou amor à vida, nunca teria ido colocar-se em suas mãos. Todavia mandou à frente dois irmãos chamados Rocios, para saber com quantas pessoas ele iria encontrar-se e com que fim. Nem bem estes dois irmãos se aproximaram de Surena, ele os fez prender, e prosseguiu caminho a cavalo, com todos os principais personagens do seu exército. Ao chegar junto de Crasso, disse-lhe: "Que é isso!? Um comandante geral do povo romano a pé, e todos nós a cavalo!?" E

ordenou aos seus homens que lhe fornecessem um animal. Crasso respondeu-lhe que, tratando-se de um encontro para parlamentar, em lugar determinado, cada um seguia o costume de sua terra. Surena declarou-lhe então que o ajuste já havia sido realizado entre o rei Hirodes e os romanos, mas que ele Crasso precisava acompanhá-lo até o rio, para redigirem os artigos, visto os romanos nunca se lembrarem das condições estabelecidas. E estendeu-lhe a mão direita. Desejando Crasso mandar comprar um cavalo, Surena disse-lhe: "Não é preciso, pois o rei te faz presente deste". E deu-lhe um com arnês dourado, no qual os escudeiros o montaram às pressas e puseram-se a acossá-lo, para fazê-lo correr desabaladamente. Vendo tal, Otávio freou o animal, ajudado por Petrônio, comandante de mil soldados de infanta ria, tendo os mais estabelecido verdadeira luta com os acossadores. Otávio desembainhou então a espada e matou o palafreneiro de um dos senhores bárbaros, mas foi morto por outro, pelas costas. Petrônio estava sem escudo; e, tendo recebido um golpe na couraça, saltou do cavalo sem ser ferido. Um parla chamado Pomaxetres matou Crasso. Dizem haver sido um outro o assassino, e que, vendo o cadáver estendido, Pomaxetres cortou-lhe a cabeça e a mão.

O resto do exército perece quase todo.

LX. Tudo isto, entretanto, não passa de suposição, pois, quanto aos que ah se achavam, uns foram mortos no local, lutando em torno de Crasso, e outros salvaram-se às pressas no outeiro. Os partas acompanharam-nos, dizendo-lhes que Crasso sofrera o castigo merecido. Por fim, Surena ordenou aos romanos que descessem sem receio, porque nada de mal lhes aconteceria. Alguns atenderam, entregando-se às mãos dos inimigos; outros, porém, fugiram à noite, sendo poucos os que conseguiram salvar-se, porque, perseguidos e caçados pelos árabes, foram passados a fio de espada. Houve nesta luta cerca de vinte mil mortos e uns dez mil prisioneiros. A seguir Surena mandou a cabeça e a mão de Crasso ao rei Hirodes, na Armênia, e fez constar na cidade de Selêucia que levava Crasso vivo, com enorme comitiva, que ele denominava, com ar de mofa, o seu triunfo, por haver, entre os prisioneiros, um, chamado Caio Paciano, muito parecido com Crasso, que eles vestiram de mulher, à moda bárbara, habituando-o a responder quando o chamavam Crasso ou senhor comandante. Montaram-no a cavalo assim vestido, tendo à sua frente trombeteiros, e sargentos montados em camelos, carregando feixes de vergas repletas de escrotos e de machados, tendo presas cabeças de romanos decepadas de fresco. Atrás dele seguiam meretrizes e charameleiras seleucianas, proferindo ditos picantes e gracejos ofensivos, como menosprezo à cobardia e fraqueza efeminadas de Crasso.

Muitos reis partas nascidos de cortesãs milesianas.

LXI. Além desta manifestação pública, Surena reuniu em assembleia o Senado de Selêucia, apresentando-lhes os livros imorais de Aristides, intitulados os Milesíacos, que não eram falsos, pois foram encontrados e apreendidos na bagagem do romano chamado Rústio, dando a Surena oportunidade para zombar ultrajosa e grosseiramente dos costumes dos romanos, dizendo-os tão desordenados que mesmo na guerra não deixavam de ler e de praticar tais indignidades. O Senado de Selêucia achou então que Esopo tivera carradas de razão, quando disse que todo homem carrega um alforge ao pescoço, colocando no compartimento da frente as faltas dos outros e no detrás as suas, porquanto exatamente isto fizera Surena: colocara no da frente o livro das devassidões milesíacas, e no detrás longa série de prazeres e voluptuosidades partanas, levando após si numerosas carretas repletas de concubinas, de modo a tornar o seu exército semelhante a um bando de víboras e de musaranhos. Sim, porque, o que se via à frente, lanças, azagaias, arcos e cavalos, era demasiado e assustador; mas o que se seguia era um bloco de meretrizes, de instrumentos musicais, danças, cantigas e banquetes dissolutos com prostitutas, a noite inteira. Não digo que Rústio não merecesse censura; mas os partas foram injustos em reprovar os livros imorais milesianos, visto terem

tido vários reis do sangue real dos arsácidas oriundos de cortesãs jónicas e milesianas.

A cabeça de Crasso levada ao rei Hirodes.

LXII. Enquanto isto se passava, Hirodes firmava aliança com Artabazo, rei da Armênia, casando sua irmã com Pacoro, filho deste, e realizando ambos grandes banquetes e jantares, nos quais eram recitadas poesias gregas, idioma conhecido de Hirodes e no qual Artabazo era tão versado que escreveu algumas tragédias, orações e histórias, ainda em voga em nossos dias. Na noite em que a cabeça de Crasso foi para ali levada, as mesas já haviam sido tiradas, e ainda ali se achava o trágico Jasão, natural de Trales, que recitou a passagem da tragédia das Bacantes, de Eurípides, em que fala da infelicidade de Ágave, que decapitou seu filho. No momento em que todos se compraziam em ouvi-lo, Silace entrou na sala, fez a mesura devida ao rei, e apresentou a cabeça de Crasso à assistência, que foi recebida com palmas e gritos de alegria. Os copeiros do rei, por sua ordem, puseram então Silace à mesa, e Jasão, fazendo as vezes de um dos bailarinos de Penteo, se pôs a dançar com a cabeça de Crasso às mãos; e, contrariando as Bacantes muito enciumadas, começou a dizer estes versos, com uma expressão, uma entoação e voz de pessoa possessa de alegria e posta fora de si:

Nós trazemos ao paço

Um touro, por golpe mortal

Nosso há pouco atingido

Na montanha, e morto.

Foi feliz empresa A caça de tal presa.

Isto agradou imenso a assistência toda, sendo depois cantados os versos que seguem, em que o coro pergunta e responde alternadamente:

Coro

Quem o matou, na caçada?

Ágave

A honra é devida a mim.

Como a morte de Crasso foi vingada a seguir.

LXIII. Ouvindo estas palavras Pomaxetres ergueu-se logo da mesa em que se achava e foi buscar a cabeça, dando a entender que a ele e não ao artista cabia o direito de proferir tais palavras de verdade. O rei gostou desta rusga, e deu a Pomaxetres o presente que é hábito do

país conceder em tais casos; Jasão recebeu a quantia de seiscentos escudos. Foi este o desfecho do empreendimento e da viagem de Crasso, que mais parece o fim de uma tragédia. A vingança, porém, da crueldade de Hirodes, e da falsa deslealdade de Surena, recaiu afinal sobre as cabeças de ambos, e de maneira muito merecida. Hirodes mandou matar Surena, de inveja de sua glória, e, depois de haver perdido seu filho Pacoro, numa luta em que os romanos o derrotaram, foi acometido de uma moléstia que se transformou em hidropisia. Frates, seu segundo filho, desejando prolongar-lhe a vida, ministrou-lhe sumo de acônito, que produziu ótimo efeito. Vendo que seu pai melhorava mais cedo do que era de esperar, Frates estrangulou-o.

Comparação entre Nícias e Marcos Crasso

Para se estabelecer o confronto entre os dois, deve-se, em primeiro lugar, dizer que a riqueza de Nícias foi mais honestamente adquirida ou menos censurável que a de Crasso, embora custe, não há dúvida, louvar o ganho dos que exploram as minas de metais, valendo-se geralmente de homens perversos nas escavações, ou de escravos bárbaros, que mantêm à força, algemados uns e outros doentes e moribundos, devido às impurezas do ar destas cavernas. Mas, mesmo que se compare este meio de ganhar dinheiro com o de que se serviu Crasso, comprando as confiscações que Sila vendia e casas que se incendiavam ou que se achavam em risco de ser atingidas pelo fogo, achar-se-á o de Nícias mais razoável. Além disso, Crasso também explorava, como era público e notório, a agricultura e o empréstimo de dinheiro a juros elevados.

II. Quanto a outras faltas que algumas vezes lhe imputaram, e que ele negou forte e firmemente, como que exigia dinheiro das partes para opinar no Senado a seu favor; que ele sempre procurava desfavorecer em alguma coisa os aliados do povo romano, para tirar proveito; que adulava e acariciava mulheres para explorá-las; que protegia e ajudava a esconder malfeitores, desde que tivesse lucro, Nícias nunca foi capaz de as praticar. Pelo contrário, foi publicamente ridicularizado pelo que despendera com os caluniadores, para deixá-lo em paz. Isto, que seria vergonhoso se praticado por um Péricles ou por um Aristides, era-lhe indispensável, devido à sua timidez. Coisa que o orador Licurgo depois louvou em público, declarando que, à acusação que o povo lhe fazia quanto aos caluniadores, ele podia responder altivamente: "Tendo tão longamente manejado vossos negócios, sinto-me muito feliz em saber que censurem o fato de eu só havei dado, ao invés de me apropriar". Quanto à prodigalidade, a de Nícias não ia além da de qualquer indivíduo da classe média, acrescida de uma ou outra doação de imagem aos deuses, ou de jogos e diversões públicas para distrair o povo. Mas todo o dinheiro por ele gasto nisto, e com a manutenção de sua casa, não passou de uma pequena parte do que Crasso despendeu no banquete que ofereceu ao público, no qual agradou milhares de indivíduos de uma vez, e ainda lhes forneceu alimentos durante algum tempo. Gastaram honestamente o que adquiriram de modo indigno.

III. Isto com relação às suas fortunas. Quanto à sua conduta na administração pública, Nícias nada praticou de ardiloso, violento ou injusto; não deu a menor mostra de animosidade ou de arrogância, e sim de excessiva simplicidade. Tanto assim que, iludido na boa-fé por Alcibíades, ele sempre se dirigiu ao público de modo muito discreto. Crasso, pelo contrário, é taxado de cobarde e desleal, por trocar facilmente de amigos e de inimigos. Ele mesmo confessava haver alcançado o seu segundo consulado pela violência, ter contratado facínoras para matar Catão e Domício, e, na assembleia havida para a escolha de governadores das províncias, muitos dos seus assalariados foram feridos e quatro mortos. E, coisa que omitimos, descrevendo a sua vida, contrariado em suas pretensões por Lúcio Análio, assentou-lhe forte murro no rosto, fazendo-o retirar-se bastante ensanguentado. Quanto Crasso foi violento e tirânico em tais coisas, Nícias mostrou-se pusilânime nas suas intervenções governamentais, a ponto de submeter-se à vontade das pessoas mais baixas e desclassificadas da cidade, o que é passível de grande censura. Nisto Crasso mostrou-se indulgente e de excelente coração, não perseguindo pessoas como Cleon e Hipérbolo, mas não cedendo à glória e esplendor de César, nem aos triunfos de Pompeu, mas procurando igualá-los em poder e autoridade, chegando mesmo a sobrepujar Pompeu na dignidade de censor.

IV. Os grandes homens tornam-se notáveis e não invejados, por suas grandes realizações na administração pública, quando destroem a inveja por meio de uma linha de conduta irrepreensível. Nícias, entretanto, preferia o descanso e a segurança da sua pessoa a tudo; e, temendo as arengas de Alcibíades na tribuna, os lacedemônios no forte de Pile, Pérdicas, na

Trácia, encontrava espaço de sobra, para descansar, na cidade de Atenas, afastando-se por completo da direção dos negócios públicos, a fim de poder tecer um lindo chapeuzinho de tranquilidade, para pô-lo à cabeça, no dizer de alguns retóricos. O desejo de intervir em favor da paz era nele uma tendência divina e um ato digno de tão ilustre personagem, que não poupou esforços para dar fim à guerra. Nisto Crasso não se compara a ele, embora haja acrescentado ao império romano todas as províncias existentes até ao mar Cáspio e até ao Oceano Índico.

V. Quando se lida com um povo que sabe dar valor e autoridade aos que agem bem e trilham o reto caminho da virtude, não se deve dar acesso aos maus, entregar cargos públicos aos indignos, nem confiar em falsos amigos, como fez Nícias, que deu oportunidade a Cleon, atrevido arengueiro e grande esbravejador, de ser eleito comandante. Também não louvo o fato de, na guerra contra Espártaco, haver-lhe Crasso dado combate com temerária precipitação, ao invés de fazê-lo com segurança, movido pela ambição, e de receio que a aproximação de Pompeu lhe destruísse a glória de quanto realizara durante toda esta guerra, como sucedeu a Metelo, que foi impedido por Múmio de tomar Corinto. O pior é que o procedimento de Nícias, no caso, apresenta-se, sob todos os aspectos, afrontoso e imperdoável, porque ele não cedeu a seu adversário as honras e o posto de comandante quando teve probabilidade de feliz êxito, ou de não correr grande risco de vida, e sim quando notou a gravidade da situação e a falta de segurança pessoal, pouco se preocupando com os mais, desde que se pusesse a salvo. Isto não fez Temístocles, durante a guerra contra os persas; pois, para impedir que um homem de pouco valor, insensato e amalucado, eleito comandante-geral de Atenas, fosse causa da desgraça pública, deu-lhe secretamente dinheiro para fazê-lo desistir da sua pretensão. Catão, por sua vez, sobrecarregado de serviços, vendo o perigo iminente, solicitou o auxílio de um representante do povo, para o bem geral. Nícias, pelo contrário, mantendo-se a postos para atacar a cidade de Minoa, a ilha de Cítara e os infelizes melianos, ao ter de combater contra os lacedemônios despojou-se do manto de comandante e entregou à temeridade e incapacidade de Cleon os navios, as armas e os homens, no momento em que era exigido o mais atilado e experimentado dos comandantes. Tratando-se da defesa de sua terra e não de meio para a conquista de renome, o seu ato fez com que depois ele fosse constrangido a aceitar o posto de comandante, para ir guerrear os siracusanos na Sicília, pois o motivo pelo qual ele desaconselhava com veemência tal cometimento foi considerado pelo povo uma afronta à coisa pública, e vontade de, por mandria e cobardia, fazer perder à sua terra uma ótima oportunidade de conquistar a Sicília.

VI. Todavia, isto é um testemunho de que o juízo que faziam da sua probidade e da sua bondade era tal, que, embora ele detestasse a guerra e se apegasse aos cargos e honrarias dos negócios públicos, seus concidadãos não deixavam de elegê-lo como o mais idôneo, o mais perito e o mais honesto da cidade. Crasso, que não desejava outra coisa, só conseguiu ser eleito comandante-geral na guerra contra os escravos, e ainda assim por falta de outro, porque Pompeu e Metelo, e os dois Lúculos, se achavam ausentes, ocupados em outras guerras. Embora ele estivesse então em voga, fosse muito reputado e tivesse grande prestígio, mesmo os que o apoiavam consideravam-no, a meu ver, como diz o poeta cômico,

Homem honesto para tudo, menos para a guerra.

No entanto, o que os romanos fizeram compelidos pela ambição e pelo desejo ardente de dominar, de nada lhes valeu, porque, do mesmo modo que Nícias seguiu para a guerra contra a vontade, obrigado pelos atenienses, o fizeram os romanos, arrastados por Crasso, o que deu origem à ruína do povo por causa de um, e de outro por causa do povo. Posto que haja nisto motivo para louvar Nícias, não se pode censurar Crasso; porque, se aquele, como comandante experimentado e prudente, anteviu a impossibilidade de conquistar a Sicília, e desaconselhou sempre o tentame, sem deixar enlevar pela ilusão dos seus concidadãos, Crasso, empreendendo a guerra contra os partas, por julgar coisa fácil derrotá-los, foi, não há dúvida, iludido em sua boa-fé, mas aspirou a grandes cometimentos.

VII. Depois que Júlio César conquistou para o império romano as províncias do Ocidente, isto é, as Gálias, as Alemanhas e a Inglaterra, também desejava seguir para o Oriente e chegar ao Oceano Indico, subjugando todas as províncias da Ásia, como aspiravam Pompeu e Lúculo, ambos pessoas conceituadas, que sempre foram benevolentes para com todos, e no entanto tiveram a mesma intenção e manifestaram o mesmo desejo de Crasso. Quando a direção da guerra no Oriente foi entregue a Pompeu, por decreto do povo, o Senado não o aprovou e se opôs o mais possível. E, tendo chegado notícias que César derrotara em combate trezentos mil alemães, Catão, referindo-se a tal acontecimento no Senado, foi de opinião que se devia deixá-lo às mãos dos alemães que ele vencera, como castigo, para que a vingança da cólera dos deuses caísse inteira sobre a cabeça de quem violou a paz estabelecida. O povo, entretanto, não ligando importância às demonstrações de Catão, durante quinze dias promoveu festas e procissões na cidade toda, regozijando-se, e fez sacrifícios públicos aos deuses, em ação de graça por tão grande vitória. Calcule-se, por aí, quão feliz se sentiria o povo, e quantos dias festejaria e faria sacrifícios, se Crasso houvesse escrito de Babilônia que fora vitorioso e conquistara todos os reinos da Média, da Pérsia, dos hircanianos, de Susa, de Bactres, tornando-os províncias e novas regências do império romano!

Pois, se é justo violar o direito,

como diz Eurípides aos que não podem viver sossegados e contentar-se com o que é seu, não convém perder tempo com pequeninas coisas, como arrasar uma fortaleza de Escândia ou uma cidade dr Mende, nem em perseguir e dar caça aos eginos, que saíram de sua terra e foram, como pássaros desaninhados, meter-se em outro buraco. O que se deve é dar grande valor à violação do direito, e nem de leve e por pouco caso desprezar a justiça, como se fosse coisa sem importância. Os que louvam o propósito de Alexandre, o Grande, na sua viagem de conquistas ao Oriente, e censuram a de Crasso, não têm razão de julgar os fatos pelos acontecimentos finais.

VIII. Finalmente, quanto ao desempenho de seus cargos, Nícias praticou valiosos feitos, pois derrotou os inimigos em diversos encontros, e por pouco não tomou a cidade de Siracusa. Não se lhe pode atribuir a culpa de todos os contratempos que lhe advieram na Sicília, e sim à peste e à inveja que dele tinham os que estavam em Atenas; onde Crasso cometeu tantos erros e faltas graves, que não permitiu que a sorte o ajudasse. E a razão por que muito me admiro de haverem os partas conseguido dominar sua loucura, e esta obter as boas graças dos romanos. E, como ambos pereceram do mesmo mal, um nada omitindo do que respeita à arte de adivinhar o futuro, e o outro tendo-a desprezado por completo, dificílimo se torna julgar qual dos dois procedeu mais acertadamente. Todavia, segundo opiniões antigas e modernas, a falta mais desculpável é a que se comete por timidez, e não a praticada por temeridade ou desleixo, transgredindo as leis e costumes estabelecidos em todos os tempos.

IX. Quanto à sua morte, a de Crasso é a menos censurável, porque não se rendeu voluntariamente, nem foi a tal obrigado; cedeu às súplicas de seus amigos, e foi desleal e traiçoeiramente enganado pelos inimigos. Esperançado de poder salvar vergonhosa e torpemente sua vida, Nícias submeteu-se à vontade dos inimigos e tornou sua morte ignominiosa.

Sertório

Do ano 620 aproximadamente, ao ano 681 de Roma, 73 antes de Jesus Cristo.

Homens do mesmo nome sujeitos a acontecimentos semelhantes.

Não é de admirar que, em tempo ilimitado, com a mudança da sorte, frequente e acidentalmente sobrevenham danos muito semelhantes, seja porque, não havendo número preestabelecido de acontecimentos, a sorte tem material abundante para produzir casos semelhantes, ou porque, em número determinado, nos casos humanos, eles devam surgir frequentemente, para que produzam os devidos efeitos, quando provocados pelos mesmos motivos e pelos mesmos meios. Há, infelizmente, quem se satisfaz em coligir tais casos de infortúnio, fortuitos, que viram ou ouviram ser muito semelhantes às coisas deliberadamente feitas e favoráveis, como os que seguem: dois homens chamados Átis, um originário da Síria e outro da Arcádia, foram mortos por um javali; dos dois Acteões, um foi estraçalhado por seus cães e outro por seus afeiçoados; dos dois Cipiões, os cartagineses foram primeiro vencidos por um e depois completamente arruinados e destruídos por outro; a cidade de Troia foi tomada a primeira vez por Hércules, devido ao cavalo que Laomedão lhe prometera, a segunda vez por Agamenon, por causa do grande cavalo de madeira, e a terceira por

Caridemo, devido a um cavalo que tombou à porta, impedindo que os troianos a pudessem fechar a tempo; duas cidades com nomes de plantas odoríferas, los e Esmirna, significando uma a violeta e a outra a mirra, dão a entender que o poeta Homero nasceu numa e morreu na outra. Pode-se acrescentar aqui, que, dos comandantes antigos, os mais belicosos, e que maiores proezas realizaram com sagacidade e engenho, eram zarolhos, como Filipe, Antígono, Aníbal e Sertório, de quem nos ocupamos no momento. Em verdade, Sertório absteve-se mais de mulheres que Filipe, foi mais fiel a seus amigos que Antígono, mais humano com seus inimigos que Aníbal; não era inferior a nenhum deles em capacidade, mas era-o a todos em favores da sorte sempre adversa. Embora fossem eles grandes personagens, ele revelou-se tão experiente como Metelo, tão valente como Pompeu e tão sem sorte como Sila. Expulso de sua terra, ádvena em província estrangeira, e governando uma nação bárbara, ele sustentou durante algum tempo a guerra contra o poderio do povo romano. Creio que o único que o pode razoavelmente igualar, de todos os comandantes gregos, é Eumene, o Cardiano, porque ambos souberam dirigir, ambos foram valentes e arrojados na guerra, ambos foram expulsos de sua terra, ambos foram comandantes de estrangeiros e violenta e atrozmente mortos a traição por quem eles fizeram derrotar seus inimigos.

Primeiras campanhas de Sertório nas guerras contra os cimbros e os teutões.

II. A casa de Quinto Sertório era muito distinta na cidade de Núrsia, terra dos sabinos. Era muito criança ainda, quando seu pai faleceu, sendo condignamente criado por sua mãe Réa, que ele sempre amou e venerou ao extremo. De início ele dedicou-se a patrocinar litígios de pouca importância, e, ainda jovem foi a Roma, fiado na sua eloquência. A homenagem de que foi alvo, e a reputação que depois adquiriu por tudo o que realizou, fizeram-no voltar ao estudo, e a sua ambição induziu-o às armas e à guerra. Nesta, sua primeira prova foi realizada quando os cimbros e os teutões invadiram a Gália com grandes forças, vencendo os romanos em combate, que se achavam sob o comando de um Cipião. Vendo seu cavalo morto, e

sentindo-se ferido, Sertório lançou-se ao rio Rosno, que conseguiu atravessar a nado, com sua couraça e sua tarja às costas, rompendo a impetuosidade das águas com ânimo bem disposto e resoluto. A segunda vez que os bárbaros voltaram com inúmeros combatentes, ferozes e ameaçadores, os romanos ficaram tão apavorados que se admiraram de vê-lo continuar a seu lado e obedecer seu comandante, e louvaram-lhe a coragem. Mário era então o chefe do exército romano, e Sertório prontificou-se a ir sondar o acampamento inimigo. Vestiu-se de gaulês, aprendeu o palavreado mais usado pelos bárbaros na sua linguagem comum, e foi meter-se entre eles, conseguindo ver e ouvir muito mais do que desejava. Ao voltar relatou tudo a Mário, que louvou-o como merecia. Durante toda aquela guerra ele praticou tantos atos de valia e de arrojo, que seu comandante, em sinal de estima, consideração e confiança, deu-lhe as ocupações de maior responsabilidade.

Façanhas de Sertório na Espanha, sob o comando de Dídio.

III. Por isso, depois desta guerra dos cimbros e dos teutões ele foi mandado à Espanha, às ordens do pretor Dídio, comandando mil soldados de infantaria, que ele fez invernar na cidade de Castulo, nos confins dos celtibenanos, onde os soldados, encontrando víveres em abundância, não faziam outra coisa senão embriagar-se, maltratar e praticar mil insolências, quando neste estado, a ponto dos bárbaros da cidade, enojadíssimos, mandarem certa noite pedir auxílio aos girisenianos, seus vizinhos mais próximos, e percorrerem os alojamentos dos romanos, matando boa porção deles. Sabedor do acontecido, Sertório saiu logo da cidade com alguns dos seus homens, e, reunindo os que saíam apressados da fila, deu a volta à cidade; e, achando ainda aberta a porta por onde os girisenianos haviam entrado, entrou. Mas não procedeu como eles; colocou bons guardas às portas e em todos os lugares da cidade, e fez passar a fio da espada todos os que ah havia, em idade de manejar armas. Executada a vingança, ele ordenou-lhes que despissem suas roupas costumeiras e descansassem as armas, substituindo umas e outras pelas dos bárbaros que haviam matado, e o acompanhassem à cidade dos girisenianos, de onde aqueles saíram e os atacaram à noite, de surpresa. Ao ver de longe os trajes e as armas dos seus soldados, certos que fossem eles, os bárbaros abriram suas portas, saindo grande quantidade de povo ao seu encontro, a fim de abraçar parentes e amigos, por haverem cumprido satisfatoriamente o seu dever. Deste modo os romanos mataram grande número de pessoas próximo às portas da cidade, e as mais, que se entregaram a Sertório, foram por ele vendidas.

Coragem de Sertório na guerra máralém. Ele perde um olho no combate.

IV. Com isto Sertório conquistou renome em toda a Espanha, e, ao regressar a Roma, foi logo eleito questor ou tesoureiro-geral da Gália, situada além dos montes que rodeiam o Pó. O que foi de grande valia para Roma, em luta com os povos confederados da Itália, na chamada guerra Máralém, na qual ele foi encarregado de arregimentar gente para a luta e de mandar fabricar armas. No que ele portou-se tão bem, e satisfez de tal maneira e a tempo, comparado com a indolência de outros jovens, que foi reputado homem de ação, capaz de praticar um dia grandes e extraordinárias ações. Tendo alcançado o posto de comandante, ele não deixou, por isso, de arriscar-se a tudo como simples soldado; fez, de próprio punho, armas admiráveis e muito perigosas, e acabou perdendo um olho em combate. Longe de envergonhar-se disso, ele vangloriava-se e muito, pois os outros, dizia, quase sempre deixavam em casa as provas das suas façanhas, isto é, correntes, aljavas, azagaias e coroas recebidas de seus comandantes, como testemunho do seu valor. Ele, entretanto, para onde quer que fosse, ostentava sempre a sua insígnia, sendo alvo dos maiores e merecidos elogios por parte dos que lhe examinavam o defeito. O povo não deixou de prestar-lhe as homenagens devidas, quando ele entrou no teatro, recebendo-o com grande salva de palmas e ovações, coisa que os romanos só faziam aos comandantes mais velhos e que se tornassem dignos por seus grandes feitos.

Ele declara-se favorável a Mário e Cina contra Sila.

V. Tendo ele pleiteado o cargo de tribuno do povo, foi recusado e apoucado, devido às maquinações de Sila, do que parece haver se originado o ódio e a malquerença que ele depois consagrou a Sila. Depois que Mário se retraiu, vencido por Sila, e que este deixou a Itália, para ir guerrear Mitrídates, Otávio, um dos dois cônsules, passou a apoiar o partido e os aliados de Sila, e o outro, Cina, que só procurava novidades, uniu-se ao de Mário, que se estava aniquilando, a fim de reavivá-lo, o mesmo fazendo Sertório, por considerar Otávio um homem muito indolente, e saber que ele não confiava nos amigos de Mário. Houve um cruel encontro entre eles, na grande praça da cidade, sendo Otávio vencedor. Cina e Sertório conseguiram salvar-se, fugindo, tendo perdido na luta uns dez mil homens, mas conseguiram reunir e adestrar todos os guerreiros que havia espalhados pela Itália, e em pouco tempo preencher as perdas sofridas, dispondo-se a atacar novamente Otávio.

Mário junta-se a Cina e Sertório.

VI. Prevenido disto, Mário fez-se logo ao mar; e, regressando da África à Itália, pôs-se às ordens de Cina, como soldado particular de seu comandante e cônsul. Todos foram concordes em recebê-lo, exceto Sertório, que se opôs tenazmente, possivelmente receoso que a sua autoridade ficasse diminuída, se Cina achegasse a si outro comandante de maior dignidade, ou por temer a severidade e violência de Mário, que nunca perdoava. Expondo as suas razoes, declarou que, não sabendo frear o seu ódio, e ultrapassando os limites da razão, ele estragaria tudo, vingando-se dos inimigos, no caso de serem vitoriosas as suas forças. Disse mais, que deviam colocar as suas obrigações acima de tudo; e que, recebendo Mário, ele lhes arrebataria toda a glória de haverem dado fim à guerra, tornando-se um companheiro incomodo e desleal. Cina não contestou as declarações de Sertório; pelo contrário, confirmou-as, e disse sentir-se envergonhado, pois não sabia como recusar nem despedir Mário, depois de havê-lo mandado vir propositalmente, para confiar-lhe parte da direção da guerra. Sertório replicou então: "Eu pensei que Mário tivesse vindo espontaneamente, razão por que achei mais acertado aconselhar a sua rejeição. Já que o mandaste vir fizeste mal em consultar se devias ou não recebê-lo.

Tendo atendido ao teu chamado, estás na obrigação de dar-lhe toda a atenção, sem hesitar nem discutir".

Sertório manda matar quatro mil escravos em seu acampamento, dos quais Mário se valia para praticar toda sorte de crueldades.

VII. Mário foi convocado. À sua chegada dividiram o exército em três porções e atacaram seus inimigos por todos os lados, tornando-se vitoriosos. As crueldades e desumanidades praticadas por Cina e Mário, nesta luta, foram de tal espécie, que os romanos taxaram de brincadeiras os males que haviam sofrido durante toda a guerra, comparados às calamidades e misérias do momento. Sertório, que nunca mandara matar ninguém por vingança ou ódio, nem praticou qualquer afronta quando vencedor, sofria muito com as crueldades cometidas

por Mário. E, quando conseguia entender-se com Cina em caráter reservado, procurava acalmá-lo o mais possível, e torná-lo, com suas súplicas, mais humano. Mário, que, nesta guerra, se valera de numerosos escravos, na falta de outros elementos, para mantê-los ainda como satélites e instrumentos de sua crueldade tirânica, e tê-los como guardas fiéis e seguros, fazia-os tornarem-se ricos e opulentos com o que lhes fornecia ou lhes mandava dar, e com o que violentamente e sem qualquer autorização arrancavam aos seus senhores, matando-os, e às mulheres e filhos. Farto de tais atrocidades, Sertório mandou matá-los no acampamento em que se acolheram, num total aproximado de quatro mil.

VIII. Falecendo o velho Mário, Cina logo depois foi morto, e o jovem Mário usurpou o consulado, sob protesto de Sertório e contra as leis de Roma. Carbo, Cipião e Norbano, vendidos e traídos por sua gente, e graças à cobardia dos comandantes, foram derrotados por Sila, no seu regresso da Grécia. Considerando que a sua presença não melhoraria a situação, que ia de mal a pior, por serem mais fortes os possuidores de menor capacidade e juízo; vendo Sila assentar acampamento próximo ao de Cipião, e agradá-lo, dando-lhe esperança de uma boa paz, enquanto às ocultas lhe subornava os adeptos, coisa em que Cipião nunca quis acreditar, embora ele lhe fizesse ver tudo claramente; certo de que os seus afazeres em Roma não poderiam mais correr bem, Sertório partiu para a Espanha, esperançado de conseguir o governo daquela província e fazer dela o refúgio dos seus partidários, quando expulsos e banidos de sua terra. Durante a viagem ele foi atormentado por um tempo muito molesto e mau.

Ele torna-se chefe; conduta que o faz querido.

IX. Passando por uma região montanhosa, os bárbaros, habitantes do lugar, exigiram-lhe tributo e salário, para deixá-lo passar por suas terras. Isto irritou os que o acompanhavam, por acharem vergonhoso e indigno um procônsul do povo romano pagar tributo aos péssimos bárbaros. Sertório, porém, não se associou ao seu modo de ver, e respondeu-lhes que o que ele comprava era o tempo, coisa preciosíssima a quem deseja realizar grandes feitos. E deu dinheiro aos bárbaros. Chegando à Espanha, que encontrou bem povoada, e com numerosos moços em idade para o manejo das armas, notou ali acentuada aversão a toda espécie de governo, devido à avareza, insolência e arrogância com que sempre foram tratados pelos governadores, geralmente procedentes de Roma. Assim, antes do mais ele esforçou-se em conquistar a estima de todos os habitantes do país, visitando os nobres e tratando-os familiarmente, e distribuindo pelo povo parte dos seus subsídios e dos produtos de sua lavoura. O que o tornou mais querido de todos foi havê-lo desobrigado de alojar guerreiros e de receber guarnições nas cidades, forçando sua gente a armar tendas e barracas para seu abrigo nos subúrbios das boas cidades, para ali passar o inverno, sendo o primeiro a erguer ah o seu pavilhão, e dormir. Contudo, ele não satisfez em toda linha à vontade dos bárbaros, para conquistar-lhes as boas graças, porquanto pôs em armas todos os burgueses romanos residentes na Espanha, em idade do serviço militar, e mandou executar em diversos lugares toda espécie de engenhos e máquinas de guerra, e grande número de galeras. Manteve as cidades sob seu domínio, mostrando-se clemente e humano nos períodos de paz, mas temível contra os inimigos durante a guerra.

Ele é obrigado a deixar a Espanha; ele retorna.

X. Cientificado que Sila se apoderara da cidade de Roma, e que os partidos e a aliança de Mário e Carbo foram completamente aniquilados, temendo que não tardassem a mandar algum comandante com grande e poderoso exército contra ele, fez Júlio Salinátor ocupar os

desfiladeiros dos montes Pireneus, com seis mil soldados de infantaria bem armados. Pouco depois ali chegou. Caio Ânio, mandado por Sila, que, vendo não ser possível vencer Salinátor, colocado em lugar tão vantajoso, deteve-se ao pé da montanha, sem saber como agir. Infelizmente, um calfúrnio chamado Lanário matou Salinátor a traição. Os soldados abandonaram os cimos das montanhas, e Ânio pôde assim expulsá-los que procuraram opor-se à sua passagem. Não se julgando em condição de combatê-lo, Sertório retirou-se com três mil homens para a nova cidade de Cartago, de onde fez-se ao mar, chegou à África e foi aportar na costa dos maurusianos, onde seus homens logo desembarcaram, para se ver livres da água, espalhando-se sem a menor cautela por toda parte. Os bárbaros lançaram-se sobre eles, matando grande quantidade, de modo que Sertório foi obrigado a reembarcar e a retomar o rumo da Espanha, onde não pôde abordar, porque o repeliram. Por isso ele se pôs a singrar com algumas fustas de corsários cilicianos para a ilha Pitiosa, onde desembarcou, apesar da guarnição ah destacada por Ânio, que ele subjugou. Dias depois Ânio foi pessoalmente para ali, com bom número de navios e cinco mil combatentes. Sertório resolveu esperá-lo e atacá-lo por mar, embora seus navios fossem pequenos e leves, próprios para pequenos percursos e não para combate. Mas o vento do Ocidente soprou impetuoso, revoltando de tal modo o mar que grande parte dos navios foi lançada de encontro às praias rochosas, e destruída, e ele, com reduzido número de navios, repelido da terra pelos inimigos e do mar pela tormenta, foi obrigado a ancorar em alto mar durante dez dias, lutando perigosa e tenazmente contra as ondas e os ventos, que foram durante tal tempo muito impetuosos. Renascida a calma, ele levantou âncora e foi aportar em algumas ilhotas desertas e sem água, dispersas naquela região. Ao partir dali, atravessou o estreito de Gibraltar, e, desviando para a direita, desembarcou na cesta da Espanha que dá para o Grande Oceano, pouco acima do rio Bétis, que, desaguando no Oceano Atlântico, antigamente dava nome àquela região da Espanha, então conhecida por Espanha Bética.

Descrição das Ilhas Felizes.

XI. Lá o encontraram marinheiros recém-vindos das ilhas do Oceano Atlântico, que os antigos denominavam Ilhas Felizes. São duas ilhas próximas, separadas por um pequeno braço de mar, distantes da costa da África cerca de cento e vinte e cinco léguas. Pouco chove ali, mas geralmente sopra um vento fresco e agradável, carregado de orvalho, que fertiliza a terra, fazendo-a produzir quanto o homem plante e semeie, além do que brota espontaneamente, fornecendo-lhe quanto necessite para o seu sustento, sem sofrer privação de espécie alguma. O ar é agradável e sereno, completamente inofensivo, sendo as estações do ano muito temperadas. Suas variações nunca são excessivas, porque os ventos que sopram da costa para o interior, ventos do Norte e do Oriente, perdem a força durante o trajeto, antes de chegar ah. Os ventos marítimos provenientes do Sul e do Poente, algumas vezes levam para ali chuvas fracas e passageiras, que geralmente enchem o ar de uma umidade tão útil a tudo quanto a terra produz, que os bárbaros adquiriram a crença de se acharem ali os campos Elísios e a morada das almas bem-aventuradas, tão celebradas pelo poeta Homero.

Sertório passa para a África, e faz guerra a Ascálio.

XII. Sabedor disso, Sertório manifestou grande desejo de fixar residência naquelas ilhas, para viver sossegado, longe de tiranias e de guerras. Os corsários cilicianos, que não desejavam a paz e sim pilhagens e saques, logo que ouviram o vento abandonaram-no e foram para a África, a fim de repor Ascálio, filho de Ifta, no reino dos maurusianos. Longe, porém, de desanimar Sertório, a sua partida induziu-o a correr em auxílio dos que guerreavam Ascálio, para que os poucos guerreiros que ainda lhe restavam, esperançados e tendo em que se ocupar, não se desmandassem e o abandonassem, constrangidos pela necessidade. Os maurusianos ficaram muito satisfeitos com a sua chegada, e ele entrou logo em ação; derrotou Ascálio em combate, e foi sitiar a cidade em que se havia acolhido depois da derrota do seu exército. Ciente do acontecido, Sila mandou Paciano socorrer Ascálio com seu exército.

Sertório deu-lhe combate, matando-o na luta; venceu o resto do exército, que se lhe rendeu, e a seguir tomou a cidade de Tingis, para onde Ascálio fugira com seus irmãos.

Ele manda abrir o suposto túmulo de Anteu.

XIII. Os líbios creem e escrevem que Anteu está ali enterrado. Não acreditando no que diziam os bárbaros da região, devido ao tamanho da sepultura que lhe mostravam, Sertório mandou escavá-la em toda a volta, e abri-la, encontrando um corpo de homem de sessenta côvados de comprimento, segundo dizem. Ficou estupefato; imolou sobre ele uma hóstia, e mandou recobrir e fechar novamente o túmulo. Assim procedendo, ele aumentou extraordinariamente o respeito que a cidade dedicava à memória de Anteu, e confirmou o que se dizia na região. Contam os da cidade de Tingis que, morto Anteu, sua mulher Tinga acolheu Hércules, com o qual teve um lindo filho, chamado Sófax, que foi rei daquela região, onde fundou a cidade a que deu o nome de sua mãe. Sófax, por sua vez, teve um filho chamado Diodoro, que conquistou e submeteu ao seu domínio a maior parte da África, com um exército de gregos olbianianos e micenianos, para lá levado por Hércules, e que se dera bem na região.

Aproveitando a ocasião que se nos apresenta, para dizer isto de passagem, fazemo-lo como homenagem a Juba, o mais gentil dos historiadores de sangue real até então aparecidos, cujos antepassados acreditam descender de Sófax e de Diodoro.

Caráter de Sertório.

XIV. Vitorioso, e tendo quase toda a região sob seu domínio, Sertório não maltratou nem desagradou aos que se submeteram às suas ordens e confiaram nele. Devolveu-lhes todos os bens, cidades e governadores, contentando-se com o que livre e espontaneamente lhe ofereceram. Isto feito, ficou em dúvida sobre o que deveria realizar e para onde dirigir-se. Estava nesta indecisão, quando foi procurado por diversos embaixadores que os lusitanos lhe enviaram, a fim de pedir-lhe instantemente que fosse seu comandante-chefe, visto necessitarem de pessoa de renome e grande experiência em assuntos bélicos, receosos como estavam dos romanos, e por desconhecerem outro de igual capacidade a quem pudessem recorrer. Além do que, os que haviam convivido com ele faziam as melhores referências a seu respeito, louvando-lhe extraordinariamente os costumes e o caráter, perfeitamente de acordo com o que escreveram sobre ele. Nunca foi visto acabrunhado nem alegre, e era tão destemido no perigo quão moderado na prosperidade. Ele não era inferior a nenhum comandante de seu tempo em arrojo e coragem, demonstrando bom senso em todas as ocasiões. Ninguém melhor que ele para uma surpresa inteligente, para a escolha proveitosa de um lugar seguro para acampar ou combater, para atravessar um rio, para fugir ao perigo, coisas que exigiam grande agilidade, e muita habilidade para iludir o inimigo a tempo e a hora, e no que ele sempre se revelara excelente obreiro. Além disso, ele era bastante generoso em recompensar os belos feitos guerreiros, e clemente em punir as faltas. Contudo, a mortandade por ele praticada nos seus últimos dias, de jovens que retinha como garantia, e que foi, sem dúvida, um ato de grande crueldade e de ferocidade imperdoável, parece demonstrar e provar não ser ele por natureza clemente nem humano, e sim fingir astuciosamente sê-lo algumas vezes, por exigência do momento e natureza dos afazeres, penso que ele não se sujeitaria a tamanha infelicidade, se tivesse o poder de transformar a virtude, baseado em sentimentos de razão. As boas vontades e naturezas bondosas, sentindo-se indignamente aflitas e ultrajadas, podem mudar, com a sorte, suas naturais inclinações. Foi o que, a meu ver, aconteceu a Sertório, quando a sorte foi-lhe contrária ou lhe veio a faltar, pondo-o feroz e selvagem, a ponto de fazê-lo vingar-se cruelmente dos que o haviam traído

indignamente.

A cerva de Sertório.

XV. Retornando ao ponto que deixamos, Sertório seguiu para a África a convite dos lusitanos, que o escolheram para comandante-chefe, com plenos poderes e autoridade suprema. Lá chegado, recrutou guerreiros sem perda de tempo, com os quais reduziu à obediência os habitantes da Espanha, que são os mais próximos daquela fronteira, tendo a maior parte se submetido voluntariamente às suas ordens, atendendo à sua fama de homem bondoso, humano, arrojado e de ação, e às habilidades e engenhosos artifícios que usara para atraí-los e vencê-los, como, por exemplo, o relativo a uma cerva, que se lê a seguir. Um campônio chamado Espano, que vivia nos campos, encontrou um dia, por acaso, uma cerva que havia há pouco dado cria e fora desencovada por caçadores. Apoderando-se da mãe, ele tratou também de assenhorear-se da cria, uma pequena cerva de pelo totalmente branco. Uma raridade! Sabendo achar-se Sertório no lugar, e que ele recebia com satisfação os presentinhos que lhe faziam de frutas, macacos e caças, mostrando-se muito reconhecido aos seus doadores, e remunerando-os devidamente, o campônio foi oferecer-lhe a pequenina cerva, que muito o agradou. Com o decorrer do tempo ele tornou-a tão mansa e domesticada que ela atendia-o ao chamado, seguia-o por toda parte e não se assustava com a presença dos inúmeros soldados armados, nem com o barulho e tumulto do acampamento. Aos poucos Sertório transformou aquilo em milagre, fazendo crer aos bárbaros que aquilo fora uma dádiva que Diana lhe fizera, para prognosticar-lhe as coisas futuras, pois sabia serem os bárbaros crentes e supersticiosos por natureza e não relutarem em receber semelhante crença. Quando ele recebia notícias secretas de que os inimigos iriam atacar alguns lugares dos países e províncias que lhe estavam subordinados, ou que, de surpresa ou por valor, lhe haviam tomado algum de tais lugares, ele declarava-lhes que, à noite, durante o sono, a cerva o prevenira, aconselhando-o a conservar sua gente a postos e em armas. Ao receber aviso de que algum dos seus tenentes havia ganho um combate ou levava vantagem sobre os inimigos, ele escondia o mensageiro, e levava sua cerva a público, coroada e coberta de ramalhetes de flores, declarando que alguma boa notícia devia estar a chegar-lhe. Exortava a todos a ter esperança e a se alegrar, e pedia-lhes que fizessem sacrifícios aos deuses, rendendo-lhes graças pela boa nova que não tardaria a receber.

Vários êxitos de Sertório contra os generais de Roma.

XVI. Fixando-lhes no pensamento esta superstição, ele tornou-os mais dóceis e obedientes à sua vontade, afastando-lhes do pensamento qualquer ideia de estarem sendo governados por um estrangeiro mais sensato e inteligente que eles, e se firmassem na crença de que fora um enviado por qualquer deus, pois os fatos correspondiam à sua crença, e, contra toda a expectativa, viam o seu poder crescer extraordinariamente. Com dois mil e seiscentos homens que ele chamava romanos, setecentos africanos de diversas regiões, que o acompanharam quando ele partiu da África para a Espanha, e quatro mil lusitanos, dos quais uns setecentos cavaleiros, ele manteve a guerra contra grandes comandantes romanos, que tinham às suas ordens cerca de cento e vinte mil soldados de infantaria, seis mil cavaleiros, uns dois mil flecheiros, e um número infinito de cidades e de países, quando ele, a princípio, não tinha mais de vinte. Apesar do reduzido elemento que dispunha no início desta guerra, ele não só conquistou grandes territórios e muitas e excelentes cidades, como aprisionou alguns dos comandantes mandados contra ele; derrotou Cota em combate marítimo, perto da cidade de Melaria, e desbaratou Fídio, governador da Espanha Bética, em renhido combate, junto ao rio Bétis, matando dois mil soldados romanos; por meio do seu questor derrotou Lúcio Domício, procônsul da outra província da Espanha; venceu também Torânio, um outro comandante, e um dos tenentes de Metelo, que ele matou na luta com todo o seu exército. O próprio Metelo, tido como um dos mais profundos conhecedores de assuntos de guerra e dos melhores

comandantes mantidos pelos romanos, foi por ele tão perseguido e reduzido a tal estado que Lúcio Lólio precisou partir de Languedoc em seu auxílio. De Roma mandaram logo o grande Pompeu com um novo exército, pois Metelo não sabia mais o que fazer, nem para onde se dirigir, lutando com um homem valente e ousado, que ele não conseguia induzir a combate formal, nem apanhar em campo aberto, e que se movimentava e desviava com rapidez incrível, graças à agilidade de seus soldados espanhóis, escassamente armados. Além disso, ele estava habituado a combater em dias determinado a pé firme, sem titubeios, e comandava um exército pesado, carregado de arneses, que sabia perfeitamente defender suas fileiras, e, em ataques repentinos, vencer o inimigo em toda a linha. Ao que não estavam habituados, porém, ele e a sua gente, era a escalar montanhas e ser atacados pela retaguarda por aqueles homens rápidos como o vento, a dar-lhes caça e acossá-los, visto a rapidez com que fugiam, nem à fome e à sede, e a deitar-se no chão limpo, ao relento, sem tendas nem pavilhões, como faziam os soldados de Sertório.

Como Sertório importuna Metelo.

XVII. Acresce ainda que, achando-se em idade bem avançada, depois das grandes labutas suportadas na mocidade, Metelo deixara-se dominar pelos prazeres e volúpias, e tinha de enfrentar Sertório, então na flor da idade, cheio de ardor, robusto, ágil e tão sóbrio que nunca bebia e comia além do necessário ao seu sustento, à hora certa, mesmo nos seus períodos de folga. Desde rapaz ele se habituara a suportar grandes trabalhos, a caminhar bastante, a passar dias e noites sem dormir, a comer pouco, a contentar-se com as carnes que fossem encontradas. Quando em descanso, montava a cavalo e metia-se pelos campos a caçar. Devido a isso, adquiriu grande experiência e agilidade para safar-se habilmente das más situações, quando perseguido pelo inimigo; para cercá-lo, ao levar vantagem sobre ele; e para saber por onde ele podia fugir ou não. Metelo, que desejava combater, sofria, assim, todos os aborrecimentos e danos que acometem os vencidos. Recusando combate, e fugindo à sua frente, Sertório levava sobre ele todas as vantagens dos que caçam os inimigos depois de os haver vencido, privando-os de víveres, de água e de forragem. Quando Metelo supunha marchar em paz, era por ele detido; e, uma vez parado e aquartelado, aborrecia-o tanto que o obrigava a desalojar-se. Quando sitiava qualquer lugar, ele não tardava em ficar também sitiado, devido à falta de víveres a que Sertório o submetia, pondo-lhes os soldados verdadeiramente desesperados. À vista disso, tendo Sertório desafiado Metelo para uma luta corporal, de homem para homem, os soldados aplaudiram a ideia, gritando que a luta devia ser mesmo de comandante para comandante, e de romano contra romano. Metelo, porém, andou muito bem em não aceitar o desafio, sendo escarnecido pelos soldados. Ele resumiu-se a rir, no que andou acertado, porque, segundo Teofrasto, um comandante deve morrer como tal e não como simples soldado.

Ele impede-lhe a empresa contra a cidade de Langobrija.

XVIII. Afinal, avisado um dia que os langobritas, naturais da cidade portuguesa de Langobrija, que prestavam muito auxílio e serviço a Sertório, podiam ser facilmente vencidos e aprisionados por falta de água, por possuírem um único poço na cidade e não poderem contar com os riachos e fontes dos arredores e dos subúrbios, uma vez sitiados, o que os obrigaria a render-se em dois dias, Metelo ordenou à sua gente que se abastecesse de víveres para cinco dias. Prevenido disto, Sertório ordenou aos seus que enchessem de água duas mil peles de cabras, e prometeu pagar bem todas as peles que lhe levassem, no que foi logo atendido por muitos espanhóis e mouros. Escolhendo as maiores e melhores, Sertório mandou-as aos langobritas por um atalho, ordenando-lhes que, distribuindo-as aos habitantes da cidade, afastassem dali a turba inútil, para que a água bastasse o mais possível aos que permanecessem em defesa da mesma. Conhecedor do fato, Metelo ficou muito aborrecido, pois já se achavam quase consumidos os víveres que, a seu comandado, suas forças haviam

armazenado. E, como mandasse seu tenente Aquino, à testa de seis mil homens, aprovisionar-se de novos víveres, Sertório, prevenido disso, na volta preparou-lhe uma emboscada num vale coberto de mata, onde colocou três mil homens, para atacá-lo de surpresa pela retaguarda, enquanto ele o faria de frente. Deste modo ele o pôs em fuga, matou parte de sua gente e aprisionou os mais. Tendo Aquino perdido suas armas seu cavalo, salvou-se às pressas no acampamento e Metelo, que ante a derrota do seu tenente, levantou vergonhosamente o sítio, sendo bastante ridicularizado pelos espanhóis.

Liberalidades que tornam Sertório querido de todos.

XIX. Sertório era muito querido, estimado e louvado pelos bárbaros por tais atos, e por havê-los aguerrido e educado na disciplina romana, impedindo-os de combater furiosa, selvagem e estupidamente, como faziam antes, ensinando-os a fazer uso de armas romanas, a manter seus lugares durante o combate, a seguir a senha e a saber compreendê-la como voz de combate, transformando a grande horda de salteadores e ladrões, a que se assemelhavam dantes, num belo exército, muito aguerrido e disciplinado. Para melhor conquistar os corações dos bárbaros, ele distribuía-lhes bastante ouro e prata, para mandarem dourar seus capacetes e enfeitar seus escudos, para usarem ricas mantas sobre belas fardas, e fornecia-lhes dinheiro para manterem-se honestamente.

Educação que ele faz ministrar aos filhos dos espanhóis.

XX. Esperto como era, para melhor garantir-se da sua lealdade, ele reuniu na grande e excelente cidade de Osca todos os rapazes das famílias mais conceituadas e mais nobres das regiões sob seu domínio, fornecendo-lhes professores de ciências e letras, de grego e de latim, convencendo assim os pais que, ao chegarem à idade adulta, os filhos estariam aptos a exercer cargos públicos. Os pais não escondiam a sua satisfação, vendo seus filhos, trajados à romana, com roupas bordadas de púrpura, ir decentemente às escolas, com todas as despesas pagas por Sertório, que, dando-se ao trabalho de examiná-los amiúde, para certificar-se do seu aproveitamento, presenteava os mais estudiosos com o que os romanos denominam Bulas, isto é, anéis e bolas metálicas que se colocam ao pescoço das crianças. Sendo então hábito na Espanha morrerem com o príncipe ou o comandante os indivíduos mais achegados, quando qualquer deles falecesse, poucos, entretanto, eram os que se submetiam voluntariamente a tal sacrifício, que os bárbaros classificavam de ato de Devoção. Muitos milhares de homens, no entanto, geralmente acompanhavam Sertório, tendo feito voto de abandonar a vida quando ele perdesse a sua. Para prová-lo, dizem que, tendo sido seu exército derrotado perto de não sei que cidade da Espanha, e duramente perseguido pelos inimigos, os espanhóis expondo-se a todos os perigos, para salvar-lhe a vida, ergueram-no aos ombros, passando-o, assim, de um para outro, até fazê-lo chegar à cidade. Só depois de vê-lo fora de perigo é que eles procuraram salvar-se como puderam.

As forças de Perpena obrigam-no a unir-se a Sertório.

XXI. Ele tanto era bem-visto pelos espanhóis como por todos os outros guerreiros procedentes da Itália. Por isso, quando Perpena Vento, da mesma facção, chegou à Espanha com ‘ muito dinheiro e bom número de guerreiros, decidido a guerrear Metelo sozinho, os soldados revoltaram-se contra ele, não falando senão em Sertório no acampamento. Soberbo e

arrogante como era, devido à sua riqueza e nobreza de sua linhagem, o fato causou-lhe despeito e raiva. Ao chegarem as notícias que Pompeu já havia transposto os montes Pireneus, os soldados tomaram suas armas, arrancaram os bastões sinaleiros que haviam fincado ao solo, gritando a Perpena que os levasse a Sertório, sob pena de o abandonarem e irem procurar um comandante que os soubesse e se soubesse salvar. À vista do que, Perpena viu-se obrigado a satisfazer-lhes a vontade e a juntar aos de Sertório os cinquenta e três estandartes que possuía.

Como Sertório consegue moderar a fúria dos bárbaros que se juntaram a ele.

XXII. Com isto, o exército de Sertório tornou-se enorme e poderoso, porque todas as cidades de aquém do rio Ebro, antigo Ibero, se lhe renderam, acorrendo guerreiros de toda parte: verdadeira turba de bárbaros, confusa e temerária, colhida em todos os lugares, impaciente e a gritar tumultuariamente que se fosse carregar com o maior vigor os inimigos. Isto aborreceu imenso a Sertório, que procurou chamá-los ao uso da razão por meio de exemplos. Vendo, porém, que eles se amotinavam e queriam a todo o custo atacá-los fora de tempo e de estação, deu-lhes inteira liberdade de ação e deixou-os partir, certo de que seriam vencidos, mas ordenou-lhes que não se transviassem, convencido de que, dali em diante, eles se tornariam mais obedientes às suas ordens. As suas previsões não falharam, mas ele correu em seu auxílio, levando-os a salvo ao seu acampamento. Para afastar-lhes do coração o temor que lhes pudesse ter ocasionado tal insucesso, poucos dias depois, para os admoestar ele reuniu o exército todo em assembleia, mandando levar para ali dois cavalos, um muito fraco e velho, e outro esbelto e forte, de cauda espessa e muito bonita. Atrás do fraco e velho mandou colocar um belo homenzarrão, muito forçudo, e atrás do esbelto e forte um homem fraco e franzino, que à simples vista denotava ter pouca força. Ao sinal convencionado, o homenzarrão agarrou a cauda do cavalo magro com ambas as mãos, puxando-a violentamente, como se quisesse arrancá-la. O outro, que era fraco, pôs-se a arrancar pelo por pelo do cavalo forte. Em menos tempo que o homenzarrão gastou e suou inutilmente para conseguir partir ou arrancar a cauda do cavalo fraco só conseguindo provocar gargalhadas na assistência, o homem fraco, sem o menor esforço, deixou a cauda do seu grande cavalo sem um único pelo. Sertório levantou-se então, e disse: "Como veem, meus companheiros e amigos, a perseverança consegue mais que a força, e muitas coisas que se apresentam inexpugnáveis, quando forçadas de repente, deixam-se vencer com o tempo, se se agir paulatinamente. A persistência é invencível; e, dada a sua extensão, não há força tão poderosa que, com o decorrer do tempo, ela não abata e não destrua. É o amparo mais certo e seguro dos que sabem esperar e escolher a oportunidade, como é o maior inimigo dos que agem com precipitação". Com exemplos desta natureza, que geralmente apresentava aos bárbaros, Sertório ensinava-os a aguardar as oportunidades.

Estratagema pelo qual ele subjuga os caracitanianos.

XXIII. De todas as suas astúcias de guerra, a mais apreciada foi a que ele usou contra o povo caracitaniano, situado além do no Tagus, que não reside em cidades nem em aldeias, e sim em cavernas e inúmeras tocas cavadas nos rochedos de costa alta e extensa, voltada para o Norte. Ao longo da base desta costa há um pântano de argila tão mole e apodrecida que não suporta o peso de uma pessoa. Por pouco que se a force ela se desfaz e se reduz a pó, como acontece com a cal virgem e a cinza, quando pisadas. Devido a isso, quando eles desconfiavam de alguns inimigos, ou guardavam em suas cavernas o que roubavam e saqueavam aos seus vizinhos, nada mais faziam do que conservar-se nelas, como meio de defesa, por ser impossível ir atacá-los ali. Diversas vezes, afastando-se de Metelo, Sertório foi acampar próximo à costa em que residiam tais bárbaros, sendo por eles escarnecido, na suposição de haver sido derrotado por Metelo. Irritado com isso, ou por querer mostrar-lhes que não era um fugitivo, na manhã seguinte montou a cavalo, e aproximou-se o mais possível

da costa, para conhecê-la e ver de perto a natureza do lugar. Não encontrando lugar algum que lhe permitisse a entrada, nada mais fez do que passear daqui para ali, e usar ameaças vãs e contraproducentes. Nestas idas e vindas, porém, notou que o vento erguia ao ar nuvens de pó daquela terra movediça de que falei jogando-as nas covas de tais caracitanianos, cujas entradas, como disse há pouco, estão voltadas para o Norte. O vento que sopra do Norte, que alguns denominam Cécias, é o que geralmente age naquela região, fustigando as planícies pantanosas dos arre dores e as montanhas sempre cobertas de neve, mesmo no verão mais rigoroso, durante o qual é alimentado e revigorado pela liquefação das neves e gelos setentrionais, e sopra suavemente o dia todo, dando alívio aos bárbaros e ao seu gado.

XXIV. Refletindo sobre o caso, e ouvindo dos habitantes dos arredores ser o fato comum ali, Sertório ordenou à sua gente que amontoasse grande quantidade daquela terra leve e cheia de cinza em frente à costa. Os bárbaros a princípio soltaram grossas gargalhadas e zombaram a valer, crentes que fosse uma leva de recrutas que ele houvesse levado para atacá-los. Ele não ligou importância fez prosseguir o trabalho o dia todo, e à noite reconduziu sua gente ao acampamento. No dia seguinte, ao romper da aurora, primeiro soprou um vento levei que apenas carregou ligeira parte daquela terra pulverulenta; mas, à medida que o sol foi se elevando, o vento Norte foi adquirindo maior violência e enchendo a costa toda de poeira. Os homens de Sertório voltaram então, e revolveram de alto a baixo o monte que haviam erguido no dia anterior, para esterroar a argila seca. Os que estavam a cavalo valeram-se dos animais, para produzir maior quantidade de pó, que o vento carregava, jogando nas tocas e cavernas dos bárbaros, infiltrando-se diretamente nas aberturas das mesmas. Não tendo outros respiradouros, nem outras saídas, senão aquelas por onde o vento os castigava, seus olhos ficaram muito embaçados e o interior das cavernas tão carregado de ar quente e sufocante que eles mal podiam respirar. Tendo suportado a custo, durante dois dias, esta dolorosa situação, no terceiro dia entregaram-se ao arbítrio de Sertório. Por ter sabido vencer por astúcia o que era inconquistável pela força, o seu poder e reputação cresceram extraordinariamente.

A reputação de Sertório aumenta depois da chegada de Pompeu.

XXV. Durante todo o tempo em que só ele guerreou contra Metelo, teve sobre este as maiores vantagens, porque, já velho, vagaroso e indolente, Metelo não podia resistir a um jovem arrojado, que comandava um exército à ligeira, que mais parecia um bando de ladrões e salteadores do que um verdadeiro exército. Depois que Pompeu passou os montes Pireneus e acampou diante de Sertório, um e outro evidenciaram todas as suas astúcias guerreiras e habilidades de bons comandantes. Todavia, Sertório ainda levava-lhe vantagem em preparar-lhe emboscadas e saber livrar-se das suas. O renome de Sertório tornou-se tão grande que na própria Roma ele foi considerado o maior comandante do seu tempo e a maior autoridade em assuntos de guerra.

Ele toma e incendeia a cidade de Laurão em sua presença.

XXVI. A reputação de Pompeu era tão grande que já resplandecia sua glória, muito aumentada pelas grandes proezas por ele realizadas sob as ordens de Sila, que cognominou-o Pompeu Magno, isto é, o Grande, merecendo assim as honras do triunfo antes que a barba lhe houvesse despontado. De modo que, à sua chegada à Espanha, algumas das cidades e vilas

que obedeciam a Sertório ficaram indecisas se deviam ou não voltar para ele. Mas depois, pelo que aconteceu à cidade de Laurão, hoje Lina, no reino de Valência, contra a expectativa de todo o mundo, mudaram de ideia. Tendo Sertório sitiado a mesma, Pompeu correu célere, com todo o seu exército, para expulsá-lo dali. Bem perto da cidade havia um pequeno outeiro muito cômodo para se estabelecer ali acampamento e importunar os da cidade, razão por que um se apressava em apoderar-se dele, e outro em impedir que tal acontecesse. Sertório foi o primeiro a chegar e a senhorear-se dele, o que satisfez a Pompeu, que chegou a seguir, por julgar ao alcance de seus golpes Sertório e sua gente, completamente cercados por seu exército. Nessa ocasião ele declarou aos da cidade que nada receassem, e que vissem satisfeitos, do alto das muralhas, Sertório seriamente sitiado com todos os seus, quando o que ele queria era sitiar os outros. Sabedor disto, Sertório pôs-se a rir, e disse que ia ensinar ao jovem aluno de Sila (pois era assim que ele qualificava Pompeu, em ar de troça) que um comandante atilado deve olhar mais para atrás do que para a frente. Dito isto, mostrou aos lauronitanos seis mil soldados de infantaria, bem armados, que deixara no acampamento de que partira para ir ocupar o outeiro em que se achava, a fim de que atacassem Pompeu pela retaguarda, caso ele se atrevesse a ir importuná-lo. Percebendo-o embora tarde, Pompeu não ousou atacar Sertório, certo de que seria envolvido pela retaguarda, mas envergonhava-se de abandonar os lauronitanos à própria sorte, e de assistir à sua destruição. Vendo-se abandonados, os bárbaros submeteram-se ao arbítrio de Sertório, que perdoou a todos, deixando-os ir para onde quiseram, mas queimou-lhes a cidade toda. Não o fez por ódio ou maldade (pois foi o comandante que menos uso fez da malvadez, movido de ódio), e sim para envergonhar e tapar a boca aos que davam grande valor a Pompeu e o tinham em exagerada consideração e estima, e para que se divulgasse entre os bárbaros que, achando-se Pompeu presente, e podendo quase aquecer-se ao fogo que devorava uma boa cidade de seus aliados sob suas vistas, ele não ousou dar-lhes o menor auxílio.

Ele vence um grande combate contra Pompeu.

XXVII. É verdade que no decurso desta guerra Sertório também sofreu várias perdas e danos, devido, quase sempre, aos seus tenentes, pois ele e os seus comandados sempre se mantiveram invictos. Maiores honras ainda conquistou ele com os combates que seus capitães perderam e ele desforrou, coisa que não fizeram os adversários que os haviam batido, como nas jornadas que ele venceu contra Pompeu, perto da cidade de Sucrão, e contra Me-telo e Pompeu juntos, perto da cidade de Tutia. Calcula-se que a sua derrota de Sucrão se haja dado por não querer Pompeu que Metelo participasse da honra de sua vitória, e o atacasse de afogadilho, o mesmo fazendo Sertório, que atacou-o à noite, na esperança que a escuridão causasse grandes distúrbios aos inimigos, garantisse-lhe a fuga, se fosse vencido, e a caça aos inimigos, se vencedor, por serem eles estrangeiros e não conhecerem a região. No início da luta Sertório não se achava frente a Pompeu, e sim contra Afrânio, que dirigia a ponta esquerda do ataque, situada à direita da sua. Sendo então prevenido que a ponta esquerda do seu exército, atacada por Pompeu, estava sendo tão forçada que recuava desabaladamente, e pouco resistiria, se não fosse prontamente socorrida, ele entregou a direção da ponta direita, em que se achava, a outros seus comandantes, e correu sem demora para a esquerda, onde encontrou todos muito agitados e prontos para fugir em carreira desabalada. Reunindo os que já se haviam apartado, e submetendo à disciplina os que ainda teimavam, encorajou-os com sua palavra e sua presença, e foi atacar mais fortemente que nunca Pompeu, que já se considerava vitorioso. O grande esforço por ele produzido pôs todo o exército dos romanos em fuga, pouco faltando que o próprio Pompeu fosse morto na ação, pois foi gravemente ferido. Salvou-se por um capricho da sorte; porquanto, tendo os africanos de Sertório tomado seu cavalo, ricamente enfeitado com arneses de ouro e outros adornos preciosos, procurando reparti-los entraram em luta, porque cada qual queria o maior quinhão, e ele conseguiu fugir, sem ser perseguido. Afrânio, no entanto, nem bem Sertório partiu em socorro da outra ponta de ataque, afugentou os que encontrou pela frente, levando-os de vencida até quase as trincheiras de seu acampamento, no qual entrou de cambulhada com os inimigos, e atacou-os já noite fechada, nada sabendo da marcha e derrota de Pompeu, nem conseguindo afastar seus homens da pilhagem. Razão por que, lá chegando, e encontrando-os em desordem, Sertório matou boa porção deles. Na manha seguinte armou seus homens, e jogou-os de novo contra Pompeu. Sabendo depois que Metelo estava perto dali, ordenou a retirada, e afastou-se

do lugar em que estava acampado, dizendo: "Se este velho não tivesse vindo, eu mandaria este rapaz de volta a Roma, a varadas".

Como ele reencontrou sua cerva.

XXVIII. O fato de não descobrir o paradeiro de sua cerva branca, nem encontrá-la em parte alguma, aborrecia-o bastante, por se ver privado de um ótimo artifício e de um meio muito delicado para manter os bárbaros a postos, quando mais necessitavam de ser reconfortados. Felizmente, porém, tendo-se desgarrado alguns dos seus homens durante a noite, encontraram-na no caminho, e, reconhecendo-a pela cor branca, levaram-na a Sertório. Este prometeu-lhes bom dinheiro, se não declarassem a ninguém que lha haviam levado, e sem demora a fez esconder. Dias depois apresentou-se ao público sorridente e alegre, declarando aos principais fidalgos e comandantes dos bárbaros que os deuses lhe haviam dito durante o sono que bem cedo ele teria uma grande felicidade. Dito isto, subiu à sua sege, para dar audiência e fazer justiça a todos. Neste instante, os que retinham a cerva não longe dali deixaram-na ir às escondidas. Logo que ela percebeu Sertório correu-lhe ao encontro, fazendo-lhe grandes festas, colocando-lhe a cabeça entre os joelhos e lambendo-lhe a mão direita, como fazia antes. Sertório, por sua vez, agradou-a tanto, e com tal carinho que as lágrimas soltaram-lhe dos olhos. Os assistentes bárbaros ficaram a princípio muito comovidos e admirados; pouco depois, porém, tornados a si, começaram a bater palmas de alegria, e levaram Sertório à sua residência, vivando-o calorosamente, convencidos de ser ele homem divino e bem-visto dos deuses, e imprimindo em seus corações a convicção de que os seus negócios seguiriam sempre de bem a melhor.

Combate de Sertório contra Pompeu e Metelo.

XXIX. Outra vez, no território dos seguntinos, tendo reduzido seus inimigos à extrema necessidade de víveres, ele foi obrigado a atacá-los, porque mandaram grandes forças assolar a região e munir-se de víveres a todo custo. O combate foi renhido, tanto de um lado como de outro, sendo morto Mêmio, o comandante mais valente de Pompeu, no mais aceso da luta e batendo-se valorosamente. Sentindo-se o mais forte, Sertório acompanhou sua primeira ponta, fazendo sempre mortandade entre os que o esperavam, e chegou até Metelo, que defendeu-se mais vigorosamente do que a idade lhe permitia, e embora houvesse sido ferido por um seu partidário. Isto não só envergonhou os romanos que testemunharam o fato, como os que abandonaram seu comandante e tiveram notícia do acontecido. Transformando sua vergonha em ódio aos inimigos, eles rodearam Metelo, defendendo-o com suas tarjas e escudos; e, afastando-o da pressão, produziram tal esforço que obrigaram os espanhóis a recuar.

Ele obriga Pompeu e Metelo a se separarem.

XXX. Destruída por este modo sua vitória, Sertório envidou todos os esforços para que sua gente se retirasse a salvo da luta e aguardasse o reforço que mandara buscar, retirando-se para uma cidade muito montanhosa, cujas muralhas mandou reforçar, bem como as portas, nada esquecendo no sentido de que poderia ser ali sitiado. Foi uma esperteza que ele usou para com os inimigos, que foram postar-se e perder tempo diante da cidade, na esperança de tomá-la facilmente, deixando de perseguir os bárbaros, que tiveram tempo de se retirar tranquilamente para lugar seguro e aguardar o reforço mandado a Sertório pelos capitães por

ele enviados às cidades próximas e regiões circunvizinhas, a fim de recrutar gente. Conseguindo isto, ele rompeu com felicidade seus inimigos, passou sem dificuldade através deles, e foi ao encontro de sua gente. Com o reforço recebido, ele voltou, sem demora, a atormentar os inimigos, a cortar-lhes os víveres, em terra por meio de emboscadas e ardis de toda a espécie, e por mar valendo-se de algumas fustas de corsários, com as quais ele percorria toda a costa e regiões vizinhas. Deste modo, os dois comandantes, seus adversários, foram obrigados a distanciar-se um do outro, indo Metelo invernar na Gália e Pompeu em terras vacianas, fora da Espanha, por falta de dinheiro, o que o fez escrever ao Senado de Roma que reenviaria seu exército à Itália, se não lhe mandassem logo dinheiro, porquanto já havia gasto todo o seu, combatendo diariamente. Isto convenceu a inteira Roma que Sertório chegaria à Itália antes que Pompeu, pois havia aniquilado os principais e melhores comandantes da época, devido ao seu bom senso e conduta irrepreensível.

Metelo põe a cabeça de Sertório a preço.

XXXI. Com isto Metelo bem demonstrou quanto o temia e como o respeitava na qualidade de grande e pavoroso inimigo. Tanto assim, que ele fez divulgar, a toque de trombeta, que se algum romano conseguisse matá-lo, dar-lhe-ia cem talentos em dinheiro e vinte mil jeiras de terras; no caso de ser um exilado, prometia-lhe reabilitação e restituição de todos os seus bens, comprando traiçoeiramente a morte de quem nunca esperava poder vencer pelas armas. Tendo certa vez vencido um combate contra Sertório, ficou tão orgulhoso e cheio de si que se fez nomear imperador, isto é, comandante supremo, e permitiu que nas cidades por onde passou lhe erguessem altares e lhe fizessem sacrifícios. Dizem ainda que ele consentiu que lhe colocassem ramalhetes à cabeça e o homenageassem com banquetes dissolutos, nos quais sentou-se à mesa em traje triunfal, sendo-lhe apresentados, por meio de astúcias e truques, imagens de vitória, que chegaram à sala e lhe entregaram troféus de ouro e coroas e ramalhetes de vitória, enquanto lindas meninas e moças dançavam e cantavam hinos triunfais em sua língua. Mostrando-se tão jubiloso, e vangloriando-se como fazia, por haver uma única vez feito retroceder quem ele não se fartava de qualificar o fugitivo de Sila, e o sobejo dos expulsos de Carbo, ele tornava-se antes digno de desprezo do que de ser louvado.

Elogio à conduta de Sertório.

XXXII. No entanto, o valor e magnanimidade de Sertório são demonstrados, em primeiro lugar porque ele nomeava os banidos salvos de Roma, que se achegavam a ele, senadores, conduzindo-os consigo como Senado, fazendo uns questores, outros pretores, tudo de acordo com os hábitos de sua terra. Embora guerreasse com os espanhóis, e sustentasse a luta à custa dos mesmos, nunca lhes concedeu qualquer vantagem ou autoridade, nem mesmo de palavra, e sim governadores, oficiais e comandantes romanos, como aquele que não cessava de proclamar que combatia pela liberdade do povo romano e não para aumentar o poder dos espanhóis, contra sua terra.

Seu amor à pátria e à sua mãe.

XXXIII. Inegavelmente ele consagrava grande amor à sua terra e desejava ardentemente voltar para lá. Na adversidade, nunca deu ao inimigo a menor demonstração de desânimo ou cobardia. Na prosperidade, quando conseguiu vantagens sobre eles, mandava dizer a Metelo

e a Pompeu sentir-se muito satisfeito em depor as armas e poder recolher-se à vida privada, desde que fosse por édito público chamado e reconduzido à pátria, pois preferia ser o cidadão mais ínfimo de Roma a viver banido de sua terra e ser considerado imperador do resto do mundo. Dizia-se que um dos principais motivos por que ele tanto desejava ser chamado era o imenso amor que devotava a sua mãe, que o criara, pois ficara órfão de pai em tenra idade. Pouco depois que os seus amigos da Espanha o convidaram para ir assumir o governo da nação e ser seu comandante, ao que ele acedeu, chegou-lhe a notícia do falecimento de sua genitora. A sua dor foi tão grande que quase faleceu, pois ficou sete dias estendido ao chão, a chorar, sem dar qualquer ordem à sua gente e sem mostrar-se aos amigos. Isto fez que os outros comandantes, de graduação igual à sua, fossem à sua tenda e o obrigassem a sair, por meio de súplicas e conselhos, e a apresentar-se e a falar aos soldados, bem como a atender aos seus afazeres, que se achavam muito bem encaminhados. Devido a isto, muitos consideraram-no de natureza delicada e bondosa, amante do repouso e da tranquilidade de espírito, sendo obrigado a dedicar-se à guerra para garantir-se, pois, acossado e perseguido pelos inimigos em toda parte, outro recurso não lhe restava.

Grandeza de alma de Sertório em seu tratado com Mitrídates.

XXXIV. O tratado que ele fez com o rei Mitrídates bem demonstrou ser ele de coração generoso e nobre, porquanto, depois de vencido por Sila, Mitrídates se repôs e invadiu novamente a Ásia, quando o renome de Sertório já se estendia por todas as partes do mundo. Tanto assim, que os mercadores que chegavam do Ocidente enchiam as províncias do Oriente e o reino de Ponto de notícias de Sertório, na mesma proporção das mercadorias que iam comprar em terra estranha. Devido a isso, Mitrídates resolveu dirigir-se a ele, no que foi também instigado pelas tolas fanfarronices dos favoritos da corte, que comparavam Sertório a Aníbal e ele ao rei Pirro, declarando que, assaltados pelos dois lados, os romanos nunca poderiam resistir à união das forças do maior comandante do mundo com as do maior e mais poderoso rei então existente. Mitrídates mandou seus embaixadores à Espanha, junto a Sertório, com declarações e poderes para lhe fornecer dinheiro e navios necessários à guerra, pedindo-lhe em paga que S ertório lhe entregasse e garantisse a posse da Ásia, que ele havia entregue aos romanos pelo ajuste estabelecido com Sila.

XXXV. Para deliberar sobre o caso, Sertório reuniu seu conselho, ou Senado, como o chamava. Todos foram de opinião que as propostas apresentadas por Mitrídates fossem aceitas, e com grande satisfação, porquanto ele pedia a concessão e posse de coisas problemáticas, dando, em paga, coisas de que eles tinham a maior necessidade. Sertório, porém, não concordou com eles: permitia que Mitrídates ficasse com a Capadócia e a Bitínia, que eram províncias habituadas a viver sob o domínio dos reis, e sobre as quais o povo romano não tinha nenhum direito; mas não admitia que ele se assenhoreasse de uma província que de direito, por dádiva testamentaria do seu legítimo possuidor, pertencia ao povo romano, que Fímbria levara à guerra e ele reconduzira à paz, mediante acordo com Sila. "Porque, (disse ele), o que desejo é aumentar o império romano por meio de vitórias e não vencer em seu prejuízo. Um homem honesto deve procurar vencer com honra e não buscar salvar a vida vergonhosa e desonestamente". Mitrídates ficou pasmo, quando lhe comunicaram isto, e disse aos seus amigos mais achegados: "Se agora que se acha exilado no fim do mundo do Oceano Atlântico ele nos estabelece limites para o nosso reinado e esfera de ação, e nos ameaça de guerra, se tentarmos agir na Ásia, que nos dirá Sertório, quando for elevado ao Senado de Roma?"

XXXVI. Não obstante, concordaram e juraram ambos que Mitrídates ficaria com a Capadócia e a Bitínia, e que Sertório lhe mandaria um dos seus comandantes com guerreiros, mediante a quantia de três mil talentos e quarenta navios de guerra. O comandante mandado por Sertório foi Marcos Mário, senador de Roma, que fugira para junto dele, com o qual Mitrídates forçou algumas cidades da Ásia e delas se apoderou. Quando Mário nelas entrou, tendo à frente os

sargentos conduzindo os feixes de varas e os machados, como se fosse um procônsul do povo romano, Mitrídates colocou-se voluntariamente atrás dele, respeitando-o como superior. Mário libertou de fato algumas cidades, e escreveu a outras, anunciando que Sertório lhes devolvia os impostos e armazenagens que haviam pago, dispensando-os dos mesmos; o que fez que a pobre Ásia, atormentada pela avareza dos tesoureiros e rendeiros do povo romano, e pela insolência e arrogância dos guerreiros que a guarneciam, se enchesse de esperança e desejasse ardentemente o governo que lhe propunham.

Perpena revolta seus amigos contra Sertório.

XXXVII. Na Espanha, pelo contrário, os senadores banidos de Roma, que tinham no exército de Sertório a mesma posição e dignidade que ele, nem bem se julgaram tão fortes como os adversários, e não viram mais possibilidade de perigo, encheram-se de inveja e tolo ciúme do prestígio e autoridade de Sertório, inclusive Perpena, que, vaidoso e cheio de ambição, por ser de família nobre, desejava ser comandante supremo do exército, e ia, para tal fim, semeando entre os seus amigos mais achegados estas sediciosas e perversas palavras: "Um mau destino, meus amigos, nos leva sempre de mal a pior, desde que não quisemos obedecer a Sila, que hoje domina inteiramente a terra e o mar, e preferimos abandonar nossos haveres e nossas casas. Vindo para aqui, na esperança de poder viver tranquila mente, nos submetemos agora à escravidão, como satélites de Sertório, para defendê-lo e garanti-lo em seu exílio, recebendo dele belas palavras e a qualificação de Senado, coisa que provoca risos dos que o ouvem chamar-nos assim. No entanto, nos conformamos em suportar indignidades, tormentos e fadigas, como os espanhóis e os lusitanos, e em obedecer-lhe as ordens".

Como eles procuram arruinar os negócios de Sertório

XXXVIII. Enlevados com estas palavras, a maior parte deles não ousou rebelar-se abertamente contra Sertório, temendo a sua autoridade; mas, à socapa perturbavam-lhe e estragavam-lhe todos os afazeres, executando cruelmente bárbaros, sob a capa da justiça, fazendo-os pagar impostos elevados, alegando que assim procediam por ordem de Sertório, do que resultou que diversas cidades se revoltaram contra ele, rendendo-se aos inimigos, surgindo diariamente novas amotinações. Os que ele mandava para acalmá-los, portavam-se de tal modo que, longe de abrandar os descontentamentos e desobediências das populações, aumentavam-no extraordinariamente, excitando novos tumultos. Tudo isto modificou a bondade habitual de Sertório, tornando-o tão cruel que fez perecer à fome algumas crianças nobres que fazia nutrir na cidade de Osca e vendeu outras como escravos.

Conspiração de Perpena contra Sertório.

XXXIX. Tendo já vários cúmplices em sua péssima conspiração contra Sertório, Perpena acrescentou mais um, chamado Mânlio, encarregado das maiores atribuições no exército. Este indivíduo era grande admirador de um lindo rapaz; e, para demonstrar-lhe o bem que lhe queria, contou-lhe um dia a trama toda da conspiração, pedindo-lhe que desprezasse outros admiradores e se dedicasse inteiramente a ele, porque dentro de poucos dias havia de vê-lo tornar-se muito poderoso. Sendo mais afeiçoado a um tal Aufídio, este rapaz foi contar-lhe tudo quanto Mânlio lhe dissera, deixando-o pasmo, porque também era conjurado. Como não soubesse quem era Mânlio, Aufídio ficou mais assombrado ainda, quando o rapaz nomeou

Perpena, Grecino e outros, que ele bem sabia pertencerem à liga. Todavia nada deu a perceber ao rapaz, e disse-lhe que tudo era falso, pedindo-lhe que não acreditasse nas palavras do tal Mânlio, que não passava de um gabola muito pretensioso, que nunca realizara coisa alguma e que tudo fazia para o atrair. Mas, ao partir dali, foi sem demora procurar Perpena, contando-lhe tudo, e mostrando-lhe o perigo que corriam, se não entrassem logo em ação. Os outros conjurados secundaram-no, e, nessa ocasião urdiram esta traição: subornaram um mensageiro, que levou cartas falsas a Sertório, nas quais declaravam que um dos seus tenentes fora vitorioso em um grande combate, matando numerosos inimigos. Satisfeito com a notícia, como é fácil imaginar, Sertório fez sacrifícios aos deuses, para agradecer-lhes a boa nova. Achando a ocasião oportuna, Perpena convidou-o para uma ceia em sua casa, com outros amigos, conspiradores como ele, e tanto insistiu que Sertório acedeu.

Sertório é assassinado

XL. Em toda a sua vida Sertório manteve a máxima compostura à mesa, não admitindo que fizessem coisas ou proferissem palavra obscenas, e havia mesmo habituado os que comiam com ele a manter-se com o maior respeito e de cara sempre alegre. Chegados ao meio da ceia, eles, que procuravam um motivo qualquer para discussão, começaram a proferir palavrões e obscenidades, fingindo-se embriagados, e a praticar cenas dissolutas, baixas e vergonhosas, a fim de irritá-lo. Sertório, porém, ou porque não pudesse mais suportar tais baixezas, ou porque percebesse o fim almejado, pelo modo de falar entre dentes, e devido ao desrespeito não habitual que eles lhe demonstravam, voltou-lhes as costas no lugar em que se achava, como para não ver nem ouvir o que faziam e diziam. Perpena encheu então uma taça de vinho, e, fingindo beber, deixou-a cair propositalmente, pois era o sinal combinado entre eles para agir. Nesse instante, um tal Antônio, que estava sentado ao lado de Sertório, deu-lhe um golpe de adaga. Sertório procurou levantar-se, mas o traidor jogou-o ao chão, ajoelhou-se sobre seu estômago, e segurou-lhe ambas as mãos, fazendo com que ele fosse morto sem poder defender-se, tendo todos os conjurados a martirizá-lo.

Pompeu manda matar Perpena.

XLI. Conhecida a sua morte, a maior parte dos espanhóis rendeu-se a Pompeu e Metelo. Valendo-se dos que permaneceram a postos, e das forças e equipagem de Sertório, Perpena procurou agir. Tudo, porém, concorreu para a sua desgraça e confusão, dando a conhecer ao mundo que não passava de um perverso, que não sabia ordenar nem obedecer, pois foi atacar Pompeu, que o derrotou e fez prisioneiro. Neste último infortúnio ele ainda não procedeu como homem virtuoso e digno de comandar; pois, para salvar sua vida, tendo se apoderado da correspondência de Sertório, propôs a Pompeu entregar-lhe as cartas confidenciais de alguns dos principais senadores de Roma, escritas de próprio punho, pedindo a Sertório que levasse seu exército à Itália, onde havia muita gente a seu favor, que desejava a sua volta e reclamava a mudança de governo. Nisto Pompeu portou-se como homem de caráter impoluto, de cérebro bem assentado e de grande juízo, pois livrou a cidade de Roma de grande temor e do risco de grandes acontecimentos, queimando toda a correspondência de Sertório, sem ler uma carta sequer, e não consentindo que outros lessem. A seguir mandou matar Perpena, para evitar que ele denunciasse alguém, o que daria lugar a novos acontecimentos e novas sedições. Quanto aos outros conjurados, alguns foram depois conduzidos a Pompeu, que os mandou matar, e outros fugiram para a África, onde foram atacados e mortos pelos africanos, exceto Aufídio, o rival de Mânlio em amor, que ou porque não lhe ligaram importância, ou por não haver sido por eles reconhecido, envelheceu pobre, miserável e desprezado de todos numa péssima povoação de bárbaros.

Eumenes

Do ano 395 até o ano 439 de Roma, antes de Jesus Cristo 315.

Nascimento de Eumene. Filipe prende-o a seu serviço.

O historiador Duris escreve que Eumene, natural da cidade de Cárdia, na Trácia, era filho de um carreiro, que, devido à sua pobreza, levava-o de carroça à península da Trácia, o que não impediu que ele se tornasse bastante conhecedor das letras e dos deveres pessoais. Era ainda criança, quando o rei Filipe da Macedónia, passando casualmente pela cidade de Cárdia, desprovido de qualquer preocupação, resolveu assistir à luta entre os rapazes e crianças da cidade. Eumene portou-se tão bem e tão cavalheiro, tão ágil e tão generoso que cativou-se dele e levou-o consigo. Dizem, no entanto, que Filipe assim procedeu em sinal de amizade e reconhecimento a seu pai, em cuja casa se hospedara.

Ele passa ao serviço de Alexandre.

II. Depois da morte de Filipe, ele conservou-se sempre às ordens do rei Alexandre, seu filho, por quem sempre foi considerado homem ajuizado e mais fiel a seu soberano do que qualquer outro. E, se o chamavam chanceler ou primeiro secretário, era porque o rei dispensava-lhe tantas e tão grandes homenagens como aos seus maiores e melhores amigos. Na viagem às índias o rei fê-lo seu tenente numa conquista, em que mandou-o como comandante-chefe de um exército, e obteve o governo da província administrada por Pérdicas, que substituiu Efestião, depois do seu falecimento. Como Neoptolemo, primeiro escudeiro, depois da morte de Alexandre alegasse ao conselho dos nobres macedônios que havia acompanhado e servido o rei com escudo e lança, ao passo que Eumene fizera-o com papel e pena, os nobres zombaram dele, pois sabiam que, entre outras grandes homenagens recebidas por Eumene, o rei concedera-lhe a de torná-lo seu parente pelo matrimonio. A primeira senhora de quem Alexandre se aproximou na Ásia, com a qual teve um filho que denominou Hércules, foi Barsina, filha de Artabazo. Das duas irmãs desta, a chamada Apama ele casou com Ptolomeu, e a outra, também denominada Barsina, com Eumene, quando ele distribuiu em casamento, a seus amigos e fidalgos da corte, as mulheres persas.

Desgostos que ele sofre.

III. Apesar disso, ele caiu diversas vezes no desagrado do rei Alexandre, e correu grande risco, devido a Efestião, que seguindo o exemplo do rei, alojou um dia Évio, flautista, que os criados de Eumene haviam retido e tomado como seu professor. Eumene, indignado, seguido de um outro indivíduo, chamado Mentor, foi ter com Alexandre e vociferou que melhor seria jogar fora as armas e aprender a tocar flauta e a representar tragédias, já que davam mais valor a- tais indivíduos do que aos que carregavam arneses às costas. No momento Alexandre indignou-se e condenou Efestião. Logo depois, porém, mudando de atitude, ele censurou severamente Eumene, por ter-se utilizado do nome de Efestião para pôr em relevo a sua, bravura e audácia. De outra vez, desejando Alexandre que Nearco fosse com sua esquadra descobrir as costas do Oceano, e não se achando no momento provido de dinheiro, pediu-o emprestado a todos os seus amigos, inclusive a Eumene, a quem solicitou trezentos talentos.

Eumene só lhe ofereceu cem, alegando que os conseguira a custo dos seus cobradores. Alexandre nada disse; não permitiu que se recebesse tal quantia, e ordenou a alguns dos seus oficiais que ateassem fogo à tenda de Eumene, para poder chamá-lo de mentiroso, quando o visse carregar todo o seu ouro e prata. Disto se arrependeu Alexandre, porque a tenda ficou completamente queimada antes que pudessem transportar qualquer coisa, sendo destruídos todos os documentos e cartas. Extinto o fogo, encontraram-se ali mais de mil talentos de ouro e prata fundidos, dos quais Alexandre não se aproveitou. Quanto aos documentos destruídos, ordenou a todos os seus tenentes, comandantes e governadores de todas as regiões que lhe remetessem cópias de todas as cartas enviadas a Eumene até então, porque os originais haviam sido queimados, e mandou que Eumene as guardasse. De outra vez Eumene discutiu acerbamente com Efestião, devido a certa concessão que lhe fora feita, dirigindo-se ambos muitos desaforos e palavras ofensivas. O rei, no momento nada disse, nem lhe demonstrou pior caia do que já lhe apresentava. Pouco depois, porém, repassado de dor pela morte de Efestião, a quem tanto bem ele queria, carregou o sobrecenho e falou asperamente a todos os que ele sabia terem inveja de Efestião em vida, por julgá-los muito satisfeitos com a sua morte, e de modo especial a Eumene, de quem ele muito suspeitava, e a quem diversas vezes reprovou os insultos que lhe dirigira. Mas ele, que estava atento, e sabia receber a carranca e a linguagem como o exigiam as circunstâncias e o momento, procurou garantir-se de modo bem diferente de quem procurou arruiná-lo. Estudando o meio de satisfazer a vontade a Alexandre, que só procurava honrar a memória de Efestião o mais suntuosamente possível, apresentava-lhe novos planos de homenagens para enaltecer a memória do defunto, fornecendo-lhe liberalmente dinheiro para os funerais e para fazer-lhe erguer suntuosa sepultura.

Quinhão de Eumene depois da morte de Alexandre.

IV. Depois da morte do rei Alexandre houve discórdias entre os soldados de infantaria macedônios e os fidalgos mais achegados ao rei, nas quais Eumene aderiu de fato e voluntariamente ao partido dos fidalgos da corte, declarando, porém, preferir conservar-se neutro e amigo de ambas as partes, porquanto, na sua qualidade de estrangeiro, não devia intrometer-se nas questões dos macedônios.

Como os outros fidalgos se tivessem ausentado de Babilônia, ele, conservando-se a postos, acalmou extraordinariamente grande parte dos soldados, tornando-os mais dóceis e obedientes a seus senhores, o que permitiu que estes e os comandantes, depois de discutirem e eliminarem as suas primitivas discórdias, repartissem o governo das províncias que denominavam Satrápias, recebendo Eumene a Capadócia, a Paflagônia e toda a costa abaixo do mar Pôntico, até à cidade de Trapezúncia, que então não pertencia ao império macedónico, pois Ariarates mantinha-a sob seu domínio. Falava-se, entretanto, que Leonato e Antígono iriam apoderar-se delas, para si, com um grande exército.

Ele uni-se a Pérdicas.

V. Todavia, Antígono depois não ligou importância ao que Pérdicas lhe escrevera, pois havia arquitetado coisas fantásticas, capazes de desfazer tudo quanto lhe apresentassem. Leonato foi à Frigia, empreendendo esta conquista em atenção a Eumene. Mas, nem bem se pôs a caminho, Hecateu, tirano dos cardianos, foi-lhe ao encontro, pedindo-lhe que fosse antes socorrer Antipater e outros macedônios, sitiados na cidade de Lâmia. Por mais que ele invejasse Leonato, vendo-o pronto para se ir embora, procurou torná-lo bem-visto de Eumene e reconciliá-lo com Hecateu, pois eles não se davam, devido a uma desavença havida entre os pais destes por causa do governo da cidade. Muitas vezes Eumene acusara-o publicamente, diante do rei Alexandre, qualificando-o de tirano e pedindo" ao rei que restituísse a liberdade aos cardianos. E, recusando-se Eumene a guerrear os gregos, por considerar Antipater de há

muito seu inimigo e recear que, devido ao seu velho rancor, e para galardoar Hecateu, o que ele buscava era a sua morte, Leonato abriu-se com ele, manifestando-lhe toda a sua intenção, que era a de fingir transpor o mar para socorrer Antipater, mas na realidade para apoderar-se do reino da Macedónia. E mostrou-lhe algumas cartas de Cleópatra, pedindo-lhe que fosse à cidade de Pela, onde ela o desposaria. À vista disso, ou porque de fato receasse Antipater, ou porque duvidasse da sinceridade de Lenonato, que sabia ser impetuoso e imprudente, certa noite Eumene reuniu os trezentos soldados de cavalaria e duzentos de infantaria que lhe restavam, e, levando os seus haveres em ouro, num total de cinco mil talentos, fugiu para junto de Pérdicas, a quem contou os desejos de Leonato, merecendo por isso a maior consideração, sendo chamado ao conselho.

Pérdicas estabelece-o na Capadócia.

VI. Pouco depois, à frente de um grande exército sob seu comando, Pérdicas levou-o à Capadócia. Ariarates foi feito prisioneiro; e Eumene, tornado governador do país, entregou as boas cidades ao cuidado de seus amigos, fornecendo-lhes guarnições e comandantes, e nomeando juízes, recebedores, administradores e mais agentes indispensáveis e que julgou necessários, sem qualquer interferência de Pérdicas. Contudo Eumene partiu com ele, não só para cortejá-lo como para não separai-os reis. Pérdicas, porém, certo de que sozinho alcançaria bom resultado no empreendimento que tinha em vista, e calculando que o que ele deixava necessitava de um homem de ação e de juízo, em cuja palavra pudesse confiar, ao chegarem à Cilicia fez Eumene voltar, alegando ser indispensável ao governo da região, mas, na verdade, para proteger o reino da Armênia, confinante com a Capadócia, onde Neoptolemo, às ocultas, fazia enredos e tramava alguma traição. Embora Neoptolemo fosse por natureza pretensioso e altivo, estudou o meio de contê-lo e de impedir que agisse de qualquer modo, por meio de agrados e conselhos.

Eumene organiza enorme corpo de cavalaria.

VII. Por fim, vendo que o ataque da infantaria macedónia tornara-se extraordinariamente audacioso e atrevido, ele enfrentou-a com poderosa força de cavalaria. Para tal conseguir, isentou de todas as contribuições os habitantes da região capazes de servir na cavalaria, comprou numerosos cavalos, que distribuiu aos mais achegados e de sua inteira confiança, incutindo-lhes coragem, por meio de dádivas e honrarias que concedia aos que bem cumpriam o seu dever; para adestrá-los, e torná-los insensíveis à dor, removia-os continuamente de um lugar para outro. Alguns fidalgos macedônios ficaram pasmos, ao passo que outros julgaram-se mais garantidos, ao verem que, por este meio, ele conseguiu, em pouco tempo, reunir seis mil e trezentos cavaleiros.

Ele obtém a vitória, num combate contra Neoptolemo.

VIII. Mais ou menos nesse tempo, depois de subjugarem os gregos, Crátero e Antipater passaram com seu exército à Ásia, para arrumar o estado e o poder de Pérdicas, correndo a notícia de que não tardariam a invadir a Capadócia. Achando-se Pérdicas empenhado em guerra contra Ptolomeu, nomeou Eumene comandante-geral, com plenos poderes sobre todos os guerreiros, seus partidários, tanto na Capadócia como na Armênia, e escreveu a Neoptolemo e a Alceias que obedecessem a Eumene e o deixassem agir livremente. Alcetas

respondeu-lhe francamente que não seria visto nesta guerra, portanto os macedônios que se achavam sob suas ordens envergonhavam-se de pegar em armas contra Antipater, e não só se negavam a fazê-lo contra Crátero como haviam deliberado tomá-lo como comandante, devido ao grande afeto que lhe consagravam. Quanto a Neoptolemo, bem vontade tinha ele de praticar alguma traição e de por Eumene em má situação, pois, quando sob suas ordens, em lugar de obedecer, dispôs sua gente em posição de combate, para atacá-lo. Foi quando Eumene colheu o primeiro fruto de sua previdência e da cavalaria que preparara para enfrentar a infantaria macedónia, pois venceu e pôs Neoptolemo em fuga, apoderando-se de toda a sua bagagem. Isto feito, atacou os macedônios, dispersos por toda a parte; e, apanhando-os em desordem, obrigou-os a depor as armas e a render-se além de prestar-lhe juramento de fidelidade e de acompanhá-lo na guerra, onde quer que ele os levasse.

Ele recusa a proposta que Antipater lhe faz de abandonar Pérdicas para se unir a Crátero e a ele.

IX. Neoptolemo reuniu certo número de fugitivos, indo ter com Crátero e Antipater, que mandaram pedir a Eumene que se colocasse a seu lado, sob condição de não só desfrutar os países e províncias que lhe foram outorgados, como outras que lhe cederiam, e forças, tornando-se assim bom amigo de Antipater, ao invés de inimigo como até então. Eumene respondeu que, tendo sido sempre inimigo de Antipater, não podia de repente tornar-se-lhe amigo, vendo-o tratar seus amigos do mesmo modo que aos inimigos; mas que estava disposto a restabelecer a amizade entre Crátero e Pérdicas, sob condições iguais, justas e razoáveis, prestando-lhes todo o auxílio, enquanto tivesse um sopro de vida.

Crátero marcha contra Eumene.

X. Levada esta resposta a Antipater, todos se reuniram em demorado conselho, para deliberar, quando chegou Neoptolemo, que lhes fora ao encontro, após a sua derrota. Contou-lhes como se dera o combate, e pediu-lhes instantemente que o socorressem, todos, se possível ou por meio de Crátero, muito amado e desejado principalmente pela infantaria macedónia, pois tinha certeza que, nem bem lhe vissem o chapéu e lhe ouvissem a voz, todo correriam alegremente a render-se a ele. Crate era muito reputado entre os macedônios, principal mente entre as forças armadas, que, depois da morte de Alexandre, desejavam-no como comandante Isto porque, defendendo sem cessar os usos e costumes macedônios, incorrera no desagrado do rei Alexandre, propenso aos hábitos e afetações dos reis da Pérsia. Devido a isso, Crátero mandou Antipater à Cilicia, e ele, com Neoptolemo e a maior parte do exército, seguiu contra Eumene, certo de apanhá-lo desprevenido e em desordem, a festejar desenfreadamente a sua recente vitória.

Sonho de Eumene.

XI. Mas Eumene, comandante ajuizado e atento, dispusera tão bem seus afazeres que foi prevenido a tempo da chegada de seu inimigo e manteve o exército a postos e pronto para defender-se. A sua habilidade no caso foi tão grande que os inimigos não só nada souberam do que pretendiam como mataram Crátero no campo da luta, antes de saberem contra quem iriam lutar. O seu trabalho foi perfeito, não há dúvida, próprio de um grande e excelente comandante; e, para produzir o resultado desejado, usou do seguinte artifício: fez constar em

todo o exército que Neoptolemo e Pigres voltavam contra ele, com cavaleiros capadócios e paflagonianos, juntados em toda parte. Tendo decidido partir à noite, foi acometido de sono; e, dormindo, teve uma visão muito esquisita, pois pareceu-lhe ver dois Alexandres prepararem-se para um mútuo ataque, com soldados de infantaria dispostos à Macedónia. Quando eles se entrechocaram, a deusa Minerva foi em socorro de um, e Ceres em auxílio de outro. Depois de lutarem bastante, o favorito de Minerva foi derrotado. Ceres, então, colheu espigas de trigo, com as quais fez uma coroa que entregou ao vencedor. Eumene achou que o sonho dizia-lhe respeito e prometia-lhe a vitória, por lutar em favor de uma província especializada na cultura do trigo, onde os trigueirais abundavam em toda parte, dando à vista um aspecto muito agradável. Esta suposição tornou-se mais acentuada, quando ele soube que os inimigos haviam dado à sua gente, como palavras de combate, Minerva e Alexandre. Dando, então, aos seus, as de Ceres e Alexandre, ordenou-lhes que cada um fizesse uma coroa de espigas de trigo e a pusesse à cabeça, e enrolasse festões em seu bastão. Várias vezes ele esteve a ponto de declarar aos seus comandantes mais fiéis contra quem iriam combater, por não confiar unicamente em si, guardando disto o maior segredo. Todavia evitou fazê-lo, conservando-lhe firme em sua primeira resolução, deixando que os perigos atuassem só no pensamento. Ao travar-se o combate, ele não colocou um único macedónio contra Crátero, e sim duas companhias de guerreiros estrangeiros, comandados por Farnabazo, filho de Artabazo, e Fênix, o Tenediano, aos quais ordenou terminantemente que, logo que defrontassem os inimigos, os atacassem, sem lhes dai tempo de falar ou de se retirar, e sem dar ouvidos aos arautos e trombetas, por ter certeza que os macedônios, reconhecidos a Crátero, nunca se volta riam contra ele. A seguir, colocou-se na extremidade direita dos combatentes, com trezentos guerreiros, que constituíam a elite de todo o seu exército, no ponto em que devia enfrentar Neoptolemo.

Trava-se o combate; Crátero é morto.

XII. Depois de transporem uma pequena barreira existente entre os dois contendores, segundo o que lhes fora ordenado, os de Eumene puseram s< logo a galope ao encontro de seus inimigos. À vista disso, Crátero ficou pasmo, amaldiçoando e injuriando Neoptolemo, que o iludira, declarando-lhe que os macedônios passariam para seu lado, nem bem dessem com ele ali. Todavia, pediu aos que o rodeavam que, naquele dia, se portassem honestamente, e, sem demora, deu de esporas contra seus inimigos. Este primeiro choque foi bastante vigoroso e árduo de parte a parte, sendo logo inutiliza das todas as lanças e azagaias. Ordenando a seus homens que desembainhassem as espadas, a lula prosseguiu, e Crátero não desonrou a memória de Alexandre naquele dia, pois matou muitos inimigos que o rodeavam e repeliu valentemente os que se achavam à sua frente. Por fim um guerreiro traciano aproximou-se dele, desferindo-lhe um golpe que o jogou ao chão. Um dos comandantes de Eumene, chamado Górgia, reconheceu-o e colocou guerreiros junto dele, para protegê-lo. Crátero, porém, fora gravemente ferido e caminhava a passos largos para a morte.

Duelo entre Eumene e Neoptolemo. Este é morto.

XIII. Do outro lado, Eumene e Neoptolemo, que de há muito se votavam ódio de morte, buscavam-se um ao outro. Nas duas primeiras passagens, eles não se puderam encontrar; na terceira, porém, nem bem se reconheceram, esporearam os cavalos um contra o outro, empunhando as espadas e emitindo grandes gritos. Os animais toparam, como se fossem duas galeras armadas que se entrechocassem; e os dois comandantes, largando as rédeas, agarram-se, procurando arrancar os capacetes, um do outro, e inutilizar as correias que lhes prendiam as couraças aos ombros. Durante a luta os cavalos jogaram-nos ao chão e fugiram, continuando os dois a lutar corpo a corpo. Neoptolemo foi o primeiro a levantar-se; mas, nem bem o fez, Eumene cortou-lhe o jarrete, e pôs-se logo de pé. Apoiando-se no outro joelho, por não poder manter-se na perna ferida, Neoptolemo defendeu-se o melhor que pôde contra

Eumene, que se mantinha de pé, sem poder desferir-lhe o golpe mortal, por que ansiava. Eumene, entretanto, despejou-lhe um na garganta, que estendeu-o ao chão; e, ardendo em raiva pelo antigo ódio que lhe votava, começou a despi-lo e a insultá-lo, não reparando que Neoptolemo ainda conservava a espada, com a qual feriu-lhe o órgão genital. O golpe, porém, causou-lhe mais medo do que mal, porque Neoptolemo já se achava sem forças quando o feriu, e faleceu a seguir.

Eumene é condenado à morte pelos macedônios.

XIV. Vendo que Neoptolemo apresentava os braços e as coxas crivados de golpes, Eumene arrependeu-se de havê-lo despido. Montou a cavalo, e dirigiu-se para o outro extremo da lula, esperando ainda ali encontrar seus inimigos. Prevenido que Crátero fora mortalmente ferido, partiu às pressas para o lugar em que ele se achava, encontrando-o ainda com vida, não tendo ainda perdido completamente a razão. Derramando sentidas lágrimas, tomou-lhe a mão direita, maldizendo Neoptolemo, que o obrigava a combater um dos seus mais caros amigos, para fazê-lo sofrer um golpe tão cruel. Eumene venceu este segundo combate dez dias depois do primeiro, adquirindo grande fama, por haver derrotado um dos seus adversários por bom senso e o outro por bravura. Isto mesmo provocou grande inveja e malquerença entre os seus inimigos e os próprios partidários, quando consideraram que ele, estrangeiro, com as armas e as mãos dos macedônios, derrotara o maior e mais querido dos seus comandantes. Se a sorte tivesse permitido que Pérdicas fosse prevenido mais cedo da morte de Crátero, ter-se-ia tornado, sem dúvida, o maior personagem de todos os macedônios. Infelizmente, porém, dois dias depois de haver sido Pérdicas morto por um levante de seus guerreiros no Egito, chegou a notícia da vitória de Eumene e da morte de Crátero, pondo os macedônios tão indignados contra Eumene, que o condenaram à morte e encarregaram Antígono e Antipater de executar esta vingança.

Como ele paga o soldo às suas tropas.

XV. Tendo Eumene percorrido o monte Ida, onde havia uma das coudelarias do rei, apoderou-se de quantos cavalos quis, levando-os consigo, dando como garantia, aos coudéis, uma declaração escrita. Antipater, dizem, desandou a rir ao saber disto, declarando, em ar de gracejo, que se admirava que Eumene houvesse fornecido tal documento e esperasse que lhe dessem ou pedissem contas dos bens do rei. Sendo o mais forte em cavalaria, e desejando mostrar a Cleópatra o valor do seu exército, Eumene decidiu combater nas grandes planícies da Lídia, próximo à capital de Sardis. Todavia, a pedido dela mesma, que temia ser obrigada a agir por Antipater, ele decidiu dirigir-se à Frigia, onde invernou na cidade de Celena. Ah, Polemão, Alcetas e Docimo declararam-se ambiciosamente contra ele, quanto à superintendência do exército, considerando-se com igual direito ao comando supremo. Eumene respondeu-lhes: "E bem verdade o que geralmente se diz: ou se arrisca a perder tudo, ou não se liga às ameaças". Tendo prometido aos soldados pagá-los dentro de três dias, para cumprir a sua palavra vendeu-lhes as quintas, as correções e os castelos provinciais, com o gado e as pessoas ali existentes. Feita a aquisição, o comandante ou chefe de tropa apoderava-se à força do que fora adquirido, com armas que Eumene lhes fornecia. Conquistada a propriedade repartiam entre os soldados os bens que nela encontravam, de acordo com o que lhes fosse devido.

Cuidados que elas dispensam à sua pessoa.

XVI. Esta esperteza de Eumene reconduziu-o logo às boas graças de sua gente, e de tal modo que um dia, sendo encontrados em seu acampamento alguns bilhetes que seus inimigos mandaram espalhar, prometendo grandes vantagens e cem talentos a quem matasse Eumene, os macedônios que se achavam sob suas ordens ficaram muito indignados e deliberaram que, dali em diante, ele teria sempre ao seu dispor mil dos seus guerreiros mais valentes, que não se afastariam dele, para escoltá-lo e vigiá-lo durante a noite, revezando-se uns aos outros, prestando-lhe as mesmas honras que os reis da Macedónia costumavam tributar aos seus amigos, sendo-lhe permitido dar, a quem bem lhe parecesse, chapéus e mantos de púrpura, os donativos mais preciosos que o rei podia fazer na Macedónia.

Ele manda enforcar um traidor que o fizera perder um combate

XVII. Indivíduos há que, bafejados pela sorte ou por ela conduzidos a elevado grau de prosperidade, se tornam algumas vezes magnânimos, embora não o sejam por natureza. Os que o são na realidade, como Eumene, melhor o demonstram na adversidade, não se curvando nem sucumbindo às aflições. Tendo perdido um combate contra os orcinianos, na Capadócia, devido à traição de um dos seus homens, e sendo perseguido, Eumene tanto perseguiu o traidor que o apanhou, mandando-o enforcar no acampamento. Depois de haver fugido durante algum tempo, voltou de repente; e, retomando seu caminho um pouco de flanco, ao contrário dos que o perseguiam, passou sorrateiramente por eles, sem ser percebido, e tanto andou que voltou ao mesmo ponto em que se ferira o combate. Assentou ali seu acampamento, fez recolher os corpos dos seus guerreiros mortos, colocando os dos comandantes de um lado e os dos soldados de outro, queimando-os com os batentes, portas e janelas que mandou arrancar cm todas as aldeias e vilas dos arredores, cobrindo-os depois com grande quantidade de terra. Voltando também para lá pouco depois, Antígono admirou-se extraordinariamente da sua audácia e confiança.

Como ele impede que seus soldados furtem a bagagem do exército de Antígono.

XVIII. Ao partir dali, ele encontrou a bagagem de Antígono em lugar onde pode, sem risco e sem dificuldade, aprisionar numerosos criados e libertos, e apoderar-se de todas as riquezas que haviam acumulado em todas as lutas, nas regiões e cidades por eles saqueadas. Receou, porém, que seus homens se sobrecarregassem de despojos, tornando-se tão pesados que não pudessem fugir, e incapazes de suportar durante muito tempo o sacrifício de andar errantes de um lado para outro, e no qual ele esperava chegar ao fim da guerra, certo de que Antígono se enfadaria de persegui-lo tão longamente e se dirigiria para outro lado. Ele bem via, porém, ser impossível impedir que os macedônios se apoderassem o mais possível dos bens que tão bela presa lhes oferecia. Por isso, recomendou-lhes que primeiro alimentassem seus cavalos e depois se apoderassem da bagagem de seus inimigos. Ao mesmo tempo mandou um mensageiro secreto prevenir Menander, encarregado de vigiar e conduzir tal bagagem, que se afastasse sem demora da planície para a montanha próxima, inacessível à cavalaria, onde não o poderiam cercar, e que se fortificasse, cientificando-o que assim agia atendendo à amizade e familiaridade que outrora unira. Vendo o risco que corria, Menander movimentou-se sem demora, com toda a bagagem e seus condutores. Eumene mandou então, publicamente, que os batedores fossem sondar o terreno e o vulto da bagagem, para poder agir, e ordenou à sua gente que se armasse e bridasse os cavalos, mantendo-se pronta para ir ao encontro dos inimigos. De volta de sua missão, os batedores declararam ser impossível apanhar ou atacar Menander, porque fugira para um lugar tão acidentado que qualquer tentativa para agarrá-lo seria inútil. Eumene fingiu-se muito aborrecido, e afastou dali seu exército. Tendo Menander comunicado o fato a Antígono, os macedônios do seu exército louvaram extraordinariamente

Eumene, devotando-lhe maior afeição, porque, estando em suas mãos levar-lhes os filhos como escravos e submeter-lhes as mulheres à sanha dos soldados, poupara-os. Antígono, no entanto, para afugentar-lhes tal ideia, dizia-lhes; "Vós vos iludis, meus amigos. Não foi em atenção a vós que Eumene não se apoderou de vossas mulheres, de vossos filhos e de vossos bens, e sim por temer que lhe entravassem a fuga apressada".

Ele retira-se para a cidade de Nora.

XIX. Ao partir dali, sempre adiante de Antígono, e vagando pelos campos, Eumene aconselhou a muitos dos seus soldados que se retirassem para suas casas, seja porque realmente lhes quisesse garantir os bens que possuíam, ou por considerá-los poucos para sustentar um combate e muitos para acompanhá-lo na fuga. Por fim acolheu-se à praça forte de Nora, nos confins da Licaônia e da Capadócia, com quinhentos cavaleiros e duzentos soldados de infantaria, muito bem armados; dispensou do serviço os que lhe pediram, para que não fossem obrigados a suportar a natureza incomoda do local e a falta de víveres e de outras provisões, se o sítio se prolongasse demasiadamente, o que fez com boas palavras e vivas demonstrações de carinho.

Entrevista de Eumene com Antígono.

XX. Dias depois Antígono chegou à praça, e antes de sitiá-la, mandou pedir a Eumene que fosse falar-lhe em confiança. Eumene respondeu-lhe que Antígono tinha em seu exército muitos amigos que podiam representá-lo, ao passo que ele não tinha a quem pudesse confiar tal tarefa, isto é, confiar o comando das forças, durante a sua ausência. Assim, se Antígono desejava que ele fosse falar-lhe, precisava mandar-lhe, como garantia, alguns dos seus melhores amigos. Como Antígono insistisse, alegando ser justo que o atendesse, dada a sua condição de superior e mais forte, Eumene respondeu: "Eu nunca considerei qualquer homem superior a mim, enquanto de posse de minha espada". Tendo Antígono satisfeito à exigência, mandando como garantia seu próprio sobrinho Ptolomeu, Eumene atendeu ao convite. À sua chegada, ambos se cumprimentaram e abraçaram afetuosamente, como faziam outrora, quando se estimavam como verdadeiros amigos. Ao tratarem dos seus afazeres, muita sujeira veio à baila, não temendo Eumene que a sua franqueza lhe pudesse custar a vida. E acabou pedindo que aprovassem as suas administrações e lhe restituíssem o que lhe haviam dado e lhe fora arrebatado. Os que testemunharam este encontro ficaram pasmos, e melhor lhe admiraram a generosidade e o destemor. Durante a entrevista, os macedônios acorreram de todas as partes do acampamento, para ver que espécie de homens era este Eumene, porquanto, depois da morte de Crátero, não houve comandante de quem mais se falasse entre os soldados macedônios. Antígono, porém, temendo que lhe fizessem algum mal, ordenou-lhes em voz alta que se retirassem, e fê-los apedrejar, para impedir que se aproximassem. Por fim, foi obrigado a afastá-los à força, valendo-se dos seus guardas, e a tomar Eumene nos braços, custando bastante a reconduzi-lo são e salvo ao acampamento.

Assédio de Nora por Antígono.

XXI. Depois deste encontro Antígono fez rodear de muralhas toda a fortaleza de Nora, deixando ali gente suficiente para continuar o sítio, e partiu com o resto do exército. Eumene permaneceu sitiado naquela praça, onde havia abundância de água, sal e trigo, mas não de alimentos que despertassem o apetite ou que pudessem ser utilizados como pão. No entanto,

com o que ele possuía, mantinha satisfeitos os sitiados, pois fazia-os comer alternadamente em sua mesa, tratando-os com sincera e alegre familiaridade, repartindo com eles o que de bom possuía em comida e bebidas. O que ele mais procurava era mostrar-se sempre alegre, no que era ajudado pela meiguice e beleza do rosto, próprias de um moço de vida despreocupada e alegre, e não de um guerreiro inteiramente entregue às armas e aos trabalhos de guerra. Era tão proporcionado que o melhor artista seria incapaz de produzir trabalho de membros mais perfeitos que os dele. O seu falar, longe de ser áspero e autoritário, era afável e atraente, como no-lo demonstram as suas ordens escritas.

Como Eumene exercita em acanhado espaço seus homens e cavalos.

XXII. O que mais prejudicava os sitiados era a pequenez da praça, que não tinha mais de um oitavo de légua de circunferência, e na qual estavam alojados em cubículos tão acanhados que mal podiam mover-se, e eram obrigados a alimentar-se sem fazer o menor exercício. O mesmo acontecia com os cavalos. Desejando Eumene livrá-los da tortura que a inércia produz aos indivíduos habituados ao trabalho, e tê-los alertos e prontos para fugir ao primeiro sinal, se a sorte lhes apresentasse uma oportunidade, cedeu aos homens a maior sala ah existente, de quatorze côvados de comprimento, para passearem nela, aconselhando-os a marchar apressadamente no início e a seguir diminuir pouco a pouco os passos. Quanto aos cavalos, fazia-os cilhar a um por vez, e depois, amarradas às vigotas as rédeas e as polés, fazia-os erguer um pouco, de modo a se firmarem nas patas traseiras e apenas roçarem as pontas das dianteiras ao chão. Uma vez assim suspensos, os estribeiros incitavam-nos por detrás com gritos e chicotadas. Os cava los, enfurecidos, espinoteavam, procurando firmar as patas dianteiras ao Isolo, que apenas conseguiam raspar, e muito de leve. Deste modo não havia nervo que não se distendesse e não trabalhasse, pois eles ofegavam e espumavam extraordinariamente. Depois deste ótimo exercício, que os revigorava e tornava mais ágeis na corrida, davam-lhe cevada descascada, para que melhor a ruminassem e digerissem.

Acordo entre Antígono e Eumene.

XXIII. Este sítio já havia demorado muito, quando Antígono soube da morte de Antipater na Macedónia e que o reino se achava convulsionado, devido às intrigas secretas e sedições de Cassander e de Polipercon. À vista disso Antígono, que cobiçava a posse de todo o império macedónio, quis ter Eumene como amigo, para ajudá-lo a realizar o seu desejo, e mandou Jerônimo ao seu encontro, para estabelecer com ele as condições de paz, e para entregar-lhe a fórmula do juramento que queria que se fizesse. Eumene não quis jurá-la como se achava; corrigiu-a, e disse que se cingia à vontade dos macedônios que o sitiavam, para que escolhessem Antígono ou quem ele havia corrigido na fórmula, porque, a que Antígono lhe enviara, no começo apenas fazia leve referência ao sangue real, como por descuido; quanto ao mais, submetia-o de modo particular ao seu juízo. Eumene, porém, colocou em primeiro lugar Olímpia, mãe do rei Alexandre, depois os reis seus filhos, e a seguir jurou que seria amigo dos amigos e inimigo dos inimigos, não só de Antígono como dos reis e de Olímpia, coisa que os macedônios que sitiavam Nora acharam muito razoável. E assim, depois de haverem feito Eumene prestar juramento, levantaram o sítio e mandaram a fórmula a Antígono, para que também a jurasse. Isto feito, Eumene devolveu aos capadócios as contribuições que lhes exigira quando entrara em Nora, e os que foram buscá-las deram-lhe, em paga, cavalos de guerra, colchões de crina, tendas e pavilhões.

Eumene recebe cartas que o obrigam a seguir para a Macedónia.

XXIV. Deste modo ele começou a reunir sua gente dispersa depois da derrota, e em poucos dias juntou mais de mil soldados de cavalaria, com os quais fugiu, por temer ainda Antígono. E procedeu sensatamente, porque Antígono não só havia ordenado que continuassem a sitiá-lo e o mantivessem mais cercado que nunca, como censurou duramente os macedônios que aceitaram a emenda da fórmula. Durante a sua fuga, ele recebeu cartas dos que se acha vam na Macedónia, pedindo-lhe que fosse para lá, apreensivos do aumento do poder de Antígono; de Olímpia, suplicando-lhe que fosse assumir a tutela e defesa do filhinho de Alexandre, que haviam condenado a morte; e de Polipercon e do rei Filipe ordenando-lhe que guerreasse Antígono com o exército e forças existentes na Capadócia, e que, como indenização do que lhe haviam arrebatado, retirasse quinhentos talentos do dinheiro do rei, existente na cidade de Cinda, bem como o que fosse necessário ao custeio da guerra. Também escreveram a Antígena e a Teutamo, os dois comandantes dos argiráspides, isto é, dos escudeiros de prata ou prateado velhos guias do exército de Alexandre.

Como Eumene acalma o ciúme de Antígena e de Teutamo.

XXV. Recebidas as cartas, estes comandantes elogiaram muito Eumene, mostrando-lhe feição alegre. Ele, porém, percebeu facilmente a inveja que lhes ia n’alma, por se julgarem mais dignos de comandá-lo do que de lhe estarem subordinados, e portou-se ajuizadamente, deixando de levantar o dinheiro que lhe fora oferecido, como se dele não necessitasse. Isto para afastar-lhes a inveja. Quanto à ambição e vaidade de não quererem ser por ele comandados, embora não soubessem comandar nem obedecer, venceu-os incutindo-lhes esta superstição: fê-los crer que Alexandre apresentou-se-lhe em sonho, mostrou-lhe uma bandeira magnificamente enfeitada, própria de um rei, contendo um trono, e declarou-lhe que, sempre que os três quisessem obter seus conselhos, ele ali estaria e os ajudaria em todas as circunstâncias, desde que acatassem as suas determinações. Crentes disto, Antígena e Teutamo achegaram-se de Eumene, e, de comum acordo, os três fizeram erguer um pavilhão no local em que se reuniam para deliberar sobre os casos de maior gravidade, denominando-o pavilhão de Alexandre.

Manejos no exército de Eumene para suplantá-lo.

XXVI. Feito isto, seguiram para províncias elevadas, indo juntar-se a eles, pelo caminho, Peucestas, grande amigo de Eumene, e outros sátrapas, com os guerreiros que possuíam. Isto aumentou extraordinariamente o exército dos nobres macedônios quanto ao número de homens, quanto ao brilho das armas e dos aprestos, não já quanto à qualidade dos guerreiros, que, depois da morte de Alexandre, não tendo quem os comandasse, tornaram-se voluntariosos, devassos, efeminados e arrogantes, animados pelas vaidades e frivolidades dos bárbaros. Achando-se então numerosamente reunidos, não se puderam tolerar uns aos outros, e começaram a agradar e adular desonestamente os velhos soldados macedônios, dando-lhes dinheiro e promovendo-lhes banquetes e festas de sacrifícios. Assim, em pouco tempo eles transformaram o acampamento numa taverna de intemperança e de toda sorte de devassidão, onde os fidalgos compravam a estima dos guerreiros, para serem por eles eleitos chefes de todo o exército, tal como se faz com os votos dos eleitores nas cidades livres, onde o povo elege soberanamente os pretendentes aos cargos e honrarias dos negócios públicos.

Como ele se livra da má vontade de seus invejosos.

XXVII. Eumene percebeu logo que tais fidalgos sátrapas não se toleravam, que o temiam e desconfiavam dele, e que só aguardavam o momento oportuno para matá-lo. Para precaver-se, fingiu necessitar dinheiro, e pediu grande quantia emprestada ao que sabia que mais o detestavam, para que dali em diante confiassem nele e deixassem de vigiá-lo, receosos de perder o dinheiro emprestado. Deste modo, o dinheiro alheio serviu-lhe de guarda e garantia à vida. O que não se dá geralmente com os outros, que põem a vida em segurança fornecendo dinheiro.

Grande confiança dos soldados macedônios na habilidade de Eumene. Ele vence um combate contra Antígono.

XXVIII. Enquanto os soldados macedônios não tiveram pela frente inimigos temerosos, a sua única preocupação era correr para junto dos que os gratificavam, tendo em vista fazerem-se eleger comandantes supremos. E, apresentando-se-lhes pela manhã, ao levantar, cortejavam-nos e seguiam-nos em toda parte. Mas, quando Antígono achegou-se o mais possível deles, e fortificou-se, à frente de grande e poderoso exército, e os fatos mostraram claramente a necessidade de um bom cabo de guerra, não só os soldados, como todos os sátrapas, que em tempo de paz ostentavam grandeza, correram para Eumene, submetendo-se voluntária e passivamente às suas ordens. Como Antígono experimentasse todos os meios de atravessar o rio Pasitigris, os sátrapas colocados em diversos pontos para impedi-lo sentiram logo o efeito de sua ação, e só Eumene conseguiu enfrentá-lo e atacá-lo, enchendo o rio de cadáveres, e fazendo quatro mil prisioneiros.

"Outro" encontro em que a presença de sua liteira faz Antígono retirar-se.

XXIX. Estes soldados das velhas legiões melhor evidenciaram o conceito que faziam dele e dos outros, durante a moléstia que o atacou, declarando que os outros forneciam-lhes hospedagens e agradavam-nos extraordinariamente, mas só Eumene era digno de ser seu comandante, e de ordenar. Por lhes haver dado um grande banquete no reino da Pérsia, e um carneiro a cada soldado, para sacrificar, Peucestas esperava ter adquirido grande conceito e reconhecimento entre eles. Dias depois, nem bem o exército se pôs em marcha ao encontro do inimigo, Eumene foi subitamente acometido de grave moléstia, fazendo-se transportar numa liteira, bem longe do acampamento, porque o barulho não o deixava descansar. Não haviam percorrido grande distância, quando deram de frente com os inimigos, que transpondo as colinas que os separavam, desciam à planície. Ao verem no alto da colina o reluzir das armas inimigas sob os raios do sol, a boa ordem com que marchavam, os elefantes com suas torres, e os guerreiros com os saios de púrpura, que usavam sobre os arneses, quando saíam em busca dos inimigos, para combater, os que iam à frente pararam imediatamente, e gritaram que chamassem Eumene para conduzi-los, pois não avançariam se o não tivessem como chefe. Isto dizendo, pararam no bosque, jogaram os escudos ao chão, declarando aos seus comandantes que de modo algum se moveriam dali, nem combateriam, se Eumene não se achasse presente para dirigi-los. Sabedor disto, Eumene foi ter com eles apressando os escravos que carregavam sua liteira; e, fazendo-a abrir e descobrir completamente, estendeu a mão direita aos soldados, dando-lhes a entender que sentia-se muito feliz do bom conceito que faziam dele. Nem bem o viram, eles saudaram-no na língua macedónia, e retomaram seus escudos, batendo neles com suas lanças, aos gritos, dizendo que os inimigos podiam aparecer quando entendessem, que eles os enfrentariam, pois seu comandante achava-se ali, a dirigi-los. Antígono, que soubera, pelos prisioneiros, haverem seus companheiros sustado a marcha e as escaramuças, por achar-se Eumene gravemente enfermo e precisar ser carregado numa liteira, achou que, à vista disso, pouco teria a fazer para vencer os restantes, e abstinha-se o

mais possível de atacá-los. Quando, porém, aproximou-se de modo a poder ver nitidamente a ordem e capacidade dos inimigos, muito bem dispostos para o combate, ficou admiradíssimo e bastante irritado. Percebendo ao longe a liteira de Eumene, que carregavam de um lado para outro, pôs-se a rir com estardalhaço, como de costume, e, dirigindo-se aos amigos, disse-lhes: "Creio ser aquela liteira que nos move guerra e nos desafia à luta". Mandou tocar a recolher, e reconduziu sua gente ao acampamento.

Estratagema com que Eumene detém a marcha de Antígono.

XXX. Repostos um pouco do seu medo, os macedônios voltaram de repente ao habitual modo de agir, os sátrapas a cabalar e a adular os soldados, e estes a agir com bravura e audácia, contra a vontade dos comandantes. Quando conseguiram alojamentos para invernar, espalharam-se por quase toda a província dos gabenianos, havendo, dos primeiros aos últimos alojamentos, uma distância aproximada de sessenta e duas léguas. Sabedor disto, Antígono decidiu correr sobre eles, o que fez pelo caminho mais curto, porém, acidentado e sem água, certo de que, nada suspeitando, e achando-se tão dispersos, os comandantes não os pudessem reunir com a devida rapidez. Nem bem se pôs em marcha por aquela região áspera e deserta, foi surpreendido por ventos tão violentos e frio tão rigoroso que seus homens foram obrigados a deter-se, para prover-se de elementos indispensáveis à luta contra a injúria do tempo. Estes elementos não passaram de grandes fogueiras, que preveniram os inimigos da sua chegada, porquanto os bárbaros residentes nas montanhas que dão para os desertos, pasmos de ver tantas fogueiras na planície, serviram-se de camelos de corrida e mandaram mensageiros prevenir Peucestas, que se achava mais perto, e que ficou atônito, sem saber o que fazer. Vendo seus companheiros tão apavorados como ele, começou a fugir, levando consigo todos os que encontrava pelo caminho. Eumene, porém, acalmou a todos, prometendo-lhes deter e retardar a inesperada surpresa dos inimigos, fazendo-os chegar três dias depois do que eles desejavam, no que foi acreditado. Eumene determinou então aos seus comandantes, por meio de mensageiros, que reunissem e levassem sem demora seus soldados a um lugar por ele referido. Depois, foi com outros comandantes escolher um local apropriado para acampar, que pudesse ser visto do alto das montanhas que deviam ser galgadas por quem percorresse o deserto. Crivou-o de trincheiras, dividiu-o em quarteirões, e mandou acender fogueiras distanciadas, como é uso nos acampamentos. Nem bem fora isto feito, Antígono apareceu no cimo das montanhas, e ficou bastante aborrecido, porque calculou que seus inimigos de há muito haviam sido prevenidos da sua chegada e tomado a dianteira. E, receando entrar em luta, com forças surradas de cansaço pela travessia do deserto, contra inimigos bem dispostos e descansados, resolveu voltar com seu exército pela zona povoada, repleta de grandes cidades e boas vilas, para descanso das forças, que se achavam bastante fatigadas.

Ele é nomeado único general.

XXXI. Notando, porém, que não o importunavam e não lhe preparavam emboscadas, como sempre acontece quando dois exércitos acham-se achegados e, sabendo, pelos habitantes da planície, não haver passado por ali outro exército além do seu, Antígono calculou que Eumene lhe pregara um logro e seguiu indignado para o lugar onde supunha encontrá-lo, sem fazer uso de despistamentos, decidido a atacá-lo de frente e a submeter-se à sorte de um combate decisivo. Entrementes, devido à grande estima que lhe tributavam, e a confiança que tinham em seu bom senso e capacidade, a maior parte do exército de Eumene colocou-se a seu lado, exigindo que só ele fosse considerado comandante supremo e só ele emitisse ordens.

Antígena e Teutamo conspiram assassiná-lo.

XXXII. Isto desagradou imenso os dois comandantes dos argiráspides, Antígena e Teutamo, que invejosos ao extremo, tramaram a sua morte, e se reuniram em conselho com muitos sátrapas e comandantes dos argiráspides, Antígena e Teutamo, como deviam matá-lo. A maioria dos que participaram do conselho foi de opinião que ainda deviam servir-se dele para dirigir o combate, e que só depois disto é que devia ser morto. Assentado isto, Eudamo, capitão dos elefantes, e outro chamado Fedimo, foram ocultamente ter com Eumene, e contaram-lhe o que se tramara contra ele naquela assembleia; o que fizeram não por afeição ou pelo desejo de conquistar-lhe a amizade, e sim pelo receio de perder o dinheiro que lhe haviam emprestado. Eumene ficou-lhes muito grato e louvou-lhes a lealdade, indo depois contar o caso aos seus amigos de maior confiança, terminando-o com estas palavras: "Como veem, estou rodeado de um bando de selvagens e de animais ferozes". A seguir escreveu seu testamento, e rasgou e queimou todas as cartas de caráter reservado e documentos que tinha em seu poder, para que, depois de sua morte, os que lhe haviam relatado alguns segredos não viessem a sofrer.

Eumene desbarata o exército de Antígono

XXXIII. Tendo ordenado todos os seus negócios particulares, ele se pôs a refletir se devia fazer perder a luta e tornar os inimigos vitoriosos, ou fugir para a Média e a Armênia, na Capadócia. Durante a sua reflexão ele não ofereceu o menor estorvo à atuação dos seus amigos; pelo contrário, embora o mal que o acometera o desaconselhasse, ele resolveu combater; e, dispondo o exército em pé de guerra, pediu e exortou os estrangeiros, tanto gregos como bárbaros, a cumprirem fielmente o seu dever, deixando de fazer o mesmo aos macedônios, por serem todos velhos é experimentados soldados das conquistas do rei Filipe e de seu filho Alexandre, nunca vencidos, e cuja idade ia dos sessenta aos setenta anos. Eis porque, chegado o momento de atacar com maior energia, eles gritaram aos soldados macedônios comandados por Antígono: O péssimos rapazes, como atacais assim a vossos pais?" E, lançando-se sobre eles com uma coragem incrível, derrotaram toda a companhia, sendo a maior parte morta no campo da luta, em ataque fulminante.

Covardia de Peucestas que dá a Antígono vantagem de outro lado.

XXXIV. O exército de Antígono foi completamente derrotado neste lugar. Mas, onde se achava a gendarmeria, ele obteve vantagem, devido à cobardia de Peucestas, que naquele dia portou-se muito mal, de modo que Antígono apoderou-se de toda a sua bagagem, agindo acertadamente no maior do perigo, auxiliado pela natureza do terreno, uma planície muito larga e extensa, mais ou menos acidentada, coberta de areia tão fina que, revolvida pelos milhares de homens e cavalos durante a luta, erguia ao ar grande nuvem de poeira, que turvava o ar e ofuscava a vista. Isto permitiu que Antígono se apoderasse facilmente da bagagem dos inimigos, sem que eles percebessem.

Eumene é entregue a Antígono.

XXXV. Tendo o combate produzido tal resultado, Teutamo mandou sem demora pedir a

Antígono que lhe devolvesse a bagagem que retirara do seu acampamento, obtendo a resposta de que não só devolveria os bens aos argiráspides, como os trataria o melhor possível em todas as outras coisas, se lhes entregassem Eumene. Os argiráspides tomaram então a infeliz resolução de entregá-lo vivo às mãos dos seus mortais inimigos. Por isso, aproximaram-se dele, sem dar-lhe a menor demonstração de que iriam tocá-lo. Para fazê-lo crer que ah se achavam unicamente para vigiá-lo e defendê-lo, como de costume, uns lamentavam a perda de seus bens; outros aconselhavam-no a não amofinar-se, porquanto havia vencido o combate; e outros, ainda, atribuíam à cobardia dos sátrapas de sua confiança não terem obtido completa vitória. Por fim, um deles arrebatou-lhe a espada, e os outros agarraram-no e algemaram-no. Ciente disto, Antígono mandou Nicanor buscá-lo e levá-lo à sua presença. E então, tendo ele pedido permissão para falar às hostes dos velhos soldados macedônios, durante todo o seu trajeto por elas, garantindo que nada lhes pediria nem aconselharia capaz de afastá-los do seu desígnio e chamá-los a si, ela lhe foi concedida.

Discurso de Eumene a seu exército

XXXVI. Feito silêncio, Eumene subiu a um barranquinho, e começou a dizer, estendendo os pulsos algemados: "Homens perversos e desleais, os piores que nasceram até hoje na Macedónia. Que triunfo, que grande vitória obteve Antígono sobre vós, para conseguir que lhe entregueis vosso comandante preso e algemado? Não vos sentis envergonhados de ceder as honras da vitória a vosso inimigo, em paga de alguns rebanhos que ele vos havia tomado? Agora praticais a maior das indignidades, dando-lhe vosso comandante, em troca da devolução de vossa bagagem. Quanto a mim, embora me conduzam algemado, continuo a ser vencedor invencível de meus inimigos, vendido pelos que deveriam ser os meus maiores amigos. Peço-vos encarecidamente, suplico-vos em nome de Júpiter, protetor dos exércitos, e como homenagem aos deuses encarregados da guarda dos juramentos de fidelidade, que me mateis neste momento, neste lugar, ao invés de consentirdes que eu seja morto por mão inimiga, no acampamento de Antígono. Ele não se agastará convosco, porquanto pede Eumene morto e não vivo. Se não desejais empregar vossas mãos em tal serviço, soltai-me uma só, que eu mesmo me encarregarei de fazê-lo. Se receais dar-me uma espada, jogai-me, então, de mãos e pés amarrados às feras, e eu não só vos perdoarei, como vos declararei plena e religiosamente quites da fidelidade que jurastes a vosso comandante".

Como é tratado por Antígono.

XXXVII. Quando Eumene terminou de falar, todo o resto do exército teve grande dó dele e derramou sentidas lágrimas. À vista disso, os argiráspides gritaram que o levassem e não mais se parasse para ouvir-lhe as lamúrias, porquanto era justo que tão péssimo queroneso fosse castigado como merecia, pelos desserviços que lhes havia prestado e pelos tormentos a que submetera os macedônios com uma guerra sem-fim; que não era justo que os homens mais valentes que os reis Filipe e Alexandre tiveram ao seu serviço, tendo gasto a vida toda em lutas e sofrimentos, perdessem, na velhice, os lucros e recompensas a que fizeram jus, por havê-lo agarrado, e fossem obrigados a mendigar e a esquecer-se que suas mulheres foram obrigadas a dormir três noites com os inimigos. Dizendo isto, levaram-no sem demora ao acampamento de Antígono, que, para evitar que a multidão que corria para vê-lo o sufocasse, pois não ficara ninguém no acampamento, mandou dez elefantes dos mais possantes, e boa força de medos e partanos, para abrir espaço e evitar a pressão. Ao chegar ao acampamento, ele não se sentiu com ânimo de vê-lo em estado tão lastimável, porque no passado foram muito amigos. Entretanto, os que foram encarregados de vigiá-lo, indagaram-lhe como desejava que o fizessem: "Como se fora um leão ou um elefante", respondeu-lhes Antígono. Mas depois, compadecido, fê-lo aliviar das correntes mais pesadas e mandou um dos seus criados cuidar dele, e permitiu que seus amigos o visitassem e lhe levassem vitualhas. Antígono consumiu muitos dias para resolver como agir, ouvindo quanto lhe diziam e

prometiam, encarregando Nearco, o Candioto, e seu filho Demétrio de responderem por ele, e de salvarem-lhe a vida, em oposição aos outros fidalgos e comandantes que opinavam pela sua morte.

Ele mata-o à fome.

XXXVIII. Durante esta indecisão, Eumene perguntou um dia a Onomarco, encarregado de vigiá-lo: "Que espera Antígono, tendo às mãos seu inimigo, que o não mata de uma vez ou não o livra magnanimamente?" Onomarco respondeu-lhe grosseiramente não ser aquele o momento oportuno para mostrar-se valente e não temer a morte, coisas que só deviam ser demonstradas em combate. Eumene respondeu-lhe: "Pergunte aos que estiveram ligados a mim se algum dia tive medo ou se encontrei alguém mais forte e mais valente que eu". Onomarco retrucou: "Tendo agora encontrado um mais forte, porque não esperas a hora que mais lhe agrade?" Resolvendo, afinal, tirar-lhe a vida, Antígono ordenou que não lhe dessem mais de comer e de beber. Chegando, porém, avisos para abandonarem depressa o acampamento, antes de partir mandaram um homem matá-lo. Antígono permitiu que os amigos de Eumene se apossassem do corpo, que o queimassem, e que remetessem as cinzas e os ossos à sua mulher e filhos. Findando assim, Eumene, seus dias, os deuses incumbiram o próprio Antígono de castigar a deslealdade dos argiráspides e de seus comandantes para com seu chefe, fazendo-o desprezá-los como cruéis assassinos, desleais e perjuros aos homens e aos deuses, e entregá-los a Ibírcio, governador da província de Aracósia, com ordem expressa de dar-lhes o pior dos fins, sem escolha de meios, para que nenhum deles pudesse, em época alguma, voltar à Macedónia ou rever o mar da Grécia.

Comparação entre EUMENE E SERTÓRIO

Para comparar Sertório e Eumene, cumpre lembrar serem ambos estrangeiros em terra estranha, banidos de sua pátria, e que, até à hora da morte, foram administradores de diversas nações e comandantes supremos de grandes e belicosos exércitos. Sertório, porém, tem a seu favor o fato de todos os de sua liga e de seu partido lhe cederem o cargo de maior autoridade, por considerarem-no, dentre eles, o mais digno e o mais capaz para dirigir e chefiar. Eumene, entretanto, tornou-se a maior autoridade em sua hoste, depois de renhida luta com seus adversários. De modo que um foi obedecido pelos que desejavam ser governados por um homem honesto e bom comandante, e ao outro cederam os que não se sentiam aptos para governar e desejavam o bem público.

II. Sertório, que era romano, comandou e governou os espanhóis e os lusitanos, e Eumene, que era queroneso, os macedônios; aqueles de há muito se achavam sob o império romano, e estes, naquela época, já haviam conquistado e dominado o mundo inteiro. Além disso, Sertório gozava grande reputação, por ser senador romano e por ter tido antes posto de destaque no exército, o que não acontecia com Eumene, que foi desdenhado por não passar de um simples secretário e ter pretensões muito elevadas. Não poucos lutaram contra ele, e secretamente tramaram sua morte; o que não se deu com Sertório, que de início não sofreu a menor oposição, mas depois arcou com a trama oculta de alguns companheiros. Por fim, a maior preocupação de Sertório consistia em vencer seus inimigos, e a de Eumene a de precaver-se da perversidade dos invejosos de sua glória, que tramavam sua morte.

III. Os seus feitos guerreiros mais ou menos se assemelham, embora Eumene fosse propenso à guerra, aos debates e às querelas, e Sertório fosse amigo da paz, da bondade e da tranquilidade. Podendo Eumene viver em paz e respeitado, afastando-se das armas, buscou a morte, na perseguição e guerra aos maiorais da Macedónia. Sertório, que não queria envolver-se nos negócios públicos, foi obrigado a tomar armas contra os que o atormentavam, para viver em paz, e garantir sua vida. Se Eumene, por ambição e teimosia, não tivesse arrebatado o lugar de maior autoridade a Antígono, e se contentasse com o segundo, Antígono ficaria muito satisfeito e ele não teria morrido. Foi a razão por que Pompeu não deu descanso a Sertório. Por onde se vê que um se pôs a governar para dominar, e outro foi obrigado, embora contra a vontade, a dominar, por lhe moverem guerra. Do que se conclui que aquele amava de fato a luta, e cobiçava os postos mais elevados para segurança de sua vida e que este, sendo guerreiro de fato, procurava garanti-la pelas armas.

IV. Além disso, um foi morto sem perceber a traição que lhe faziam, e o outro esperando de um dia para outro a morte que lhe preparavam. Sofrendo de seus companheiros o que os próprios inimigos mortais o não fariam sofrer, a morte de Sertório só elevou-o aos olhos do mundo; o que não se dá com a de Eumene, por ter tido a fraqueza de suplicar ao inimigo que lhe poupasse a vida.

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE CÍMON

CAP. VIII, pág. 16. Cornélio Nepos, em seu prefácio e na Vida de Cimon, diz categoricamente que Cimon esposara sua irmã, sem que tal casamento produzisse o menor dano à sua reputação, por ser permitido pelas leis atenienses. A lei, com efeito, permitia que um indivíduo casasse com sua irmã pelo lado paterno, e não pelo lado materno. Tendo sido Cimon aprisionado, por não se achar em condição de pagar a multa a que seu pai Milcíades fora condenado, um rico cidadão de Atenas, chamado Cálias, prontificou-se a pagar, sob condição de ser-lhe dada Elpinice por esposa. Cimon não se decidiu, diz Cornélio Nepos; mas Elpinice declarou não poder admitir que o filho de Milcíades perecesse nos cárceres públicos, quando só dela dependia restituir-lhe a liberdade. E desposou Cálias, pois o divórcio também era permitido por lei. Vide a Coleção das Leis Antigas, por Samuel Petit, liv. VI, títs. i e 3, e o Comentário, págs. 440 e 441.

CAP. XXII, pág. 33. Não faltará quem não estranhe que, devendo estabelecer paralelo entre duas vitórias de Cimon com duas anteriores conquistadas pelos gregos, Plutarco compare a obtida em terra com uma ganha no mar, e a que ele conseguiu no mar com a que os gregos venceram em terra. Confesso não atinar com a razão disto. Creio haver sido um descuido do compositor, e que se deva ler no mar, na primeira parte da oração, e em terra na segunda.

CAP. XXVII, pág. 37. Clístenes era filho de Mégacles, e pelo lado materno neto de Clístenes, tirano de Sicião, referido nas Observações sobre o quarto volume das Morais, cap. XV. Foi um dos principais autores da reaquisição da liberdade de Atenas, expulsou pisistrátidas ao fim da segunda, e foi arconte epônimo do terceiro ao quarto ano da sexagésima-sétima olimpíada.

Cumpre lembrar que o ano ático começava então em janeiro e que o olímpico tinha início em julho. Assim sendo, o ano de um arconte correspondia a dois olímpicos, durando aquele até à reforma introduzida por Metão, que tinha início no primeiro ano da octogésima-sétima olimpíada. Clístenes restabeleceu a ordem na república, reformou a legislação, elevou a dez o número das tribos, que não passavam então de quatro. Cai também neste ano a expulsão dos reis de Roma.

CAP. XXVIII, pág. 38. Eles não se agastaram, devido à consideração e estima que devotavam a Cimon. Não concordo com Dacier, que acha não dever atribuir-se tal eles aos lacedemônios, porquanto, se o for aos atenienses, esta passagem não tem o menor sentido. Não admira, com efeito, que os atenienses não se agastassem de ver o seu poder aumentar e os aliados unirem-se a eles. Isto não se dava com os lacedemônios, razão por que Plutarco acrescenta que, se eles não se agastaram foi em consideração a Cimon. C.

CAP. XXIX, pág. 40. Os escravos dos lacedemônios chamavam-se Hilotas, derivado de Hilos, pequena cidade na extremidade da Lacônia, à beira-mar, que Agis, rei da Lacedemônia, arruinou antes da época de Licurgo, reduzindo os habitantes à escravidão, como relata Estrabão, no seu oitavo livro. Muito depois, tendo sido os messênios vencidos e escravizados, os nomes de Hilotas e Messênios tornaram-se comuns aos escravos das duas cidades.

CAP. XXXI, pág. 42. Em cujos dez anos os lacedemônios decidiram libertar a cidade de Delfos da escravidão dos fócios, etc. Traduza-se: "Em cujo tempo, ao voltarem da expedição realizada para libertar a cidade de Delfos da escravidão dos fócios, os lacedemônios acamparam junto de Tanagre, onde os atenienses os foram encontrar, para atacá-los". Vede Tucídides, 1. I, § 108, e Diodoro de Sicília, 1. II, § 80. Tanagre achava-se na Beócia e não na Fócida. C.

SOBRE A VIDA DE LÚCULO

CAP. V, pág. 57. Qual é este Ptolomeu? Palmério diz ser Auletes. Ele, porém, só começou a reinar no Egito, em 689, ano romano, 65 antes de J. C, muito depois da morte de Sila, ocorrida no ano 676 de Roma. Não pode ser Ptolomeu Latire, que reinou pela primeira vez desde o ano 637 de Roma, porque Plutarco declara que, o de que se trata, era muito moço. Deve ser então Alexandre II ou Alexandre III. Nas notas sobre Plutarco, edição de Reiske, Moses Dusoul julga ser Alexandre II. Além de ser pouco crível que este tratado de Lúculo haja sido realizado justamente nos 18 ou 19 dias de seu reinado, é inacreditável ainda que ele se haja recusado a se aliar a Sila, que o colocara no trono. Isto só pode ser atribuído a Alexandre III, que o sucedeu ao fim de dezenove dias. O que não desfaz ainda todas as dificuldades, porque segundo Apiano, Alexandre II só foi elevado ao trono do Egito no ano 673 de Roma, Sila esteve em Atenas no ano 668 de Roma, e Fímbria, de quem se vai tratar, suicidou-se no ano 670 de Roma, e 84 antes de J. C. Há, pois, nisto, um erro de três ou quatro anos nas épocas desta sucessão, de retificação talvez impossível.

SOBRE O CONFRONTO DE LÚCULO COM CIMON

CAP. I, pág. 144. Segundo o que Platão, zombando, censura e condena acertadamente em Orfeu. Creio não se dever tomar a expressão da parte de Orfeu em sentido particular, como acontece geralmente, e sim em sentido geral, e que se deva traduzir nos que saíram da escola de Orfeu. É como diz Plutarco, no tratado contra Colotes, t. X, página 407, edição de Reiske: os Acadêmicos da escola de Arcesilas. Eram efetivamente as opiniões de Orfeu, que Museo e Eumolpe, seus filhos, haviam introduzido nos mistérios de Eleusina, que Platão visava na passagem citada por Plutarco. C.

CAP. III, pág. 146. Neste artigo Dacier confundiu o Pan-crácio, que compreendia o ataque, a luta e o pugilato, com o Pentatlo ou Quinquércio, constituído de cinco exercícios sucessivos, de assalto, de corrida, de disco, de dardo e de luta. Quanto a Amyot, não sei porque traduziu não vencedores, mas vitórias, para mais homenageá-los. O grego diz unicamente vitórias, que constitui erro de há muito reconhecido. Plutarco nunca pôde dizer que deixou de empregar o termo vencedores, que Amyot traduziu por vitórias. Era uso denominar os pancraciastas vencedores extraordinários. O pancrácio era uma espécie de exercício, constituído de luta e pugilato, e os que se dedicavam a ele eram menos fortes dos que se entregavam ou só à luta ou só ao pugilato. Razão por que consideravam coisa extraordinária um pancraciasta vencer no mesmo dia a luta e o pugilato, e levantar o prêmio do pancrácio. Vede nas Pausânias, 1. VI, cap. 6, o que aconteceu a Teágeno, que quis disputar a Eutimo o prêmio do pugilato, antes de bater-se pelo pancrácio. C.

SOBRE A VIDA DE NÍCIAS

CAP. VII, pág. 162. Todas estas passagens de poetas cômicos são de explicação muito difícil, por serem eles muito corrompidos. Creio que a de Teléclida pode ser explicada assim:

"Chariclés não lhe deu uma mina (moeda grega), porque ele não disse ter sido o primeiro filho que sua mãe teve à sua custa? Nícias, filho de Nicerato, deu-lhe quatro. E por que? É o que não direi, embora o saiba, porque Nícias é meu amigo e considero-um homem de bem".

A primeira parte deste trecho parece-me ter relação com o fato das mulheres gregas se considerarem crianças, quando não conseguiam ter filhos. Trata-se frequentemente deste uso, em Aristófanes. Geralmente elas compravam os filhos de algumas mulheres pobres.

O segundo trecho é um diálogo entre um caluniador e um homem do povo. Amyot, apanhou bem o sentido; mas, não sendo muito clara a sua tradução em verso, eis uma outra em prosa:

— "O Caluniador: Há quanto tempo não vês Nícias? O Homem do povo: Vi-o anteontem, na praça pública, O Caluniador: Este homem declara que viu Nícias. Não o terá, visto para nos trair? Bem vedes, meus amigos, que apanhamos Nícias agindo. O Poeta: É deste modo, perversos, que procurais tornar culpados os homens mais virtuosos e justos".

Citando a passagem de Aristófanes, Plutarco enganou-se, pois coloca-a na boca de Cleon, quando está na boca de Agorácrito. Vede os Cavaleiros, v. 358. C.

CAP. XXI, pág. 178. Este Hiparco não era o filho do tirano Pisístrato, mas sim um dos seus pais, como diz. de acordo com Plutarco. Harpocracião, e segundo o testemunho de Androcião, autoridade incontestavelmente preferida a todos os escritores posteriores, que fazem o Ostracismo remontar aos tempos de Teseu, ao passo que Androcião, discípulo de Isócrates, que participou da administração de Atenas, e escreveu a História da Atiça, afirma categoricamente que Hiparco foi a primeira vítima do Ostracismo que acabava de ser estabelecido. Quanto ao mais. Diodoro de Sicília e Eliano estão de acordo com Androcião e Plutarco quanto à data desta instituição, que não era peculiar a Atenas, mas de uso generalizado nas cidades da Grécia em que o governo popular se havia estabelecido. Eis como procediam: Em dia marcado, o povo reunia-se, presidido pelos nove arcontes e o Senado. Cada cidadão levava uma concha, na qual escrevia o nome que desejava, e jogava-a num cercado dotado de grade, onde se chegava por dez avenidas, de acordo com o número de tribos. Contadas as conchas a seguir, o indivíduo cujo nome aparecesse no maior número delas, se alcançasse pelo menos seis mil era obrigado a deixar a cidade dentro de dez dias. Esta espécie de exílio diferia do banimento proferido por sentença, em que determinava o lugar da residência do cidadão condenado ao ostracismo (prazo: dez anos) e não lhe confiscava os bens. Os outros banidos perdiam os bens; e, sendo expatriados para sempre, não lhes designavam o lugar em que deviam residir, por não serem mais considerados cidadãos.

A vila de Calorga, pátria de Hiparco, de quem se trata aqui, é um cantão da Atiça, perto de Cefisa, que se estende, ao oeste do Pireu, até o golfo Sarônico, fronteiro à Salamina.

CAP. XXI, pág. 177. Conciliar-se-ia Teofrasto com os outros historiadores, supondo-se que o Ostracismo ameaçava ao mesmo tempo Nícias, Alcibíades e Féaco. É o que me faz supor, com Tâilor, por mim já citado numa nota sobre a vida de Alcibíades, pág. 480, que o quarto, dos que nos restam sob o nome de Andócides, não é dele e sim de Féaco. Em tal discurso trata-se, • com efeito,- de saber quem será condenado ao Ostracismo, se Nícias, Alcibíades ou o Orador. Como nenhum escritor declara ser Andócides rival de Alcibíades, parecendo, ao contrário, serem os dois. muito- unidos, pois Andócides foi incluído na acusação feita — contra Alcibíades, de profanador dos mistérios, não se pode supor que eles hajam disputado o banimento pelo Ostracismo. Se tal houvesse acontecido, os historiadores não silenciariam; sendo Andócides, como era, um personagem notável pelo talento, pela descendência e pelo papel que desempenhara na República. Deixarei de lado todas as razões apresentadas por Tailor em favor de sua opinião, e às quais Ruhnkênios (História Crítica Orat. Gr. p. 50 e seguintes) respondeu muito fracamente. Deter-me-ei unicamente no que ele negligenciou, e que se me afigurou imperdoável; isto é, que, se o discurso era de Andócides, dever-se-ia supor que Teofrasto, citado pelo comentador de Luciano (Timão, § 30), e Plutarco na passagem que se discute, enganaram-se, declarando haver sido Hipérbolo o último contra quem se íêz uso do Ostracismo. Com efeito, se aquele a quem se refere o discurso atribuído a Andócides não é o que deu origem ao exílio de Hipérbolo, foi-lhe forçosamente posterior. Este discurso só pode ter sido proferido pouco antes da expedição da Sicília, pois o Orador (t. IV, pág. 123, Orat. Gr. de Reiske) nele censura Alcibíades pelo fato de, após haver opinado que se escravizasse os habitantes de Meios, comprar uma mulher desta cidade, com a qual teve um filho. A tomada de Meios, segundo Tucídides (L. V, § 116), deu-se no inverno que precedeu à expedição contra a Sicília. É indispensável que Meios haja sido tomada no início do inverno, para que Alcibíades tenha tido um filho antes do meado do verão, época em que ele partiu para a Sicília, segundo Tucídides (1. VI, § 30). Supondo que Alcibíades e Nícias hajam sido ameaçados duas vezes, juntos, de Ostracismo, o de que aqui se trata é o último, pois deve ter ocorrido pouco antes da expedição da Sicília, na qual Nícias perdeu a vida, e nesse caso Teofrasto e Plutarco se enganaram, escrevendo que o Ostracismo cessou depois da condenação de Hipérbolo, o que não é provável. Deve-se então acreditar que o discurso que tem o nome de Andócides, refere-se ao Ostracismo mencionado por Plutarco, e nesse caso não pode ser Andócides, de quem nenhum historiador fala em tal ocasião, e sim Féaco. C.

CAP. XXXIX, pág. 197. Siracusa, fundada por Arquias de Corinto no terceiro ano da quinta Olimpíada, segundo se lê nos mármores de Oxford, tinha 180 estádios de circunferência, isto é, cerca de oito léguas, segundo Estrabão, correspondendo à extensão do circuito de Atenas, no parecer de Tucídides. Compunha-se de cinco cidades ou grandes quarteirões, cercados por uma única muralha, ficando a chamada Ilha ou Ortígia entre os dois portos, sendo ligada ao resto da cidade por uma ponte; a segunda chama-se Acradina; a terceira Tiché ou Felicidade, devido ao velho templo da Felicidade que ali havia; a quarta, Cidade Nova ou Neápolis; a quinta, enfim, da qual nos fala Cícero em seu discurso contra Verres, de Signis, era Epípoles, da qual aqui se trata, lugar muito escarpado, situado ao norte em relação ao resto da cidade, segundo Diodoro de Sicília. O que denominam Hexapila, era, segundo Celário, ou uma porção de Neápolis ou parte de suas muralhas, contendo seis aberturas que podiam ser consideradas como entradas desta nova cidadç, aparentemente defendida por um castelo.

Sobre a Vida de Marcos Crasso

CAP. I, pág. 215. Segundo as leis romanas, os casamentos só foram vedados, devido à afinidade, e considerados incestuosos, entre as pessoas de descendência direta ou que apresentavam laço achegado de parentesco, como: sogro, em relação à sua nora, e sogra, em relação ao genro; padrasto e madrasta, em relação à enteada e ao enteado. Quanto aos parentes de linha transversal, como a mulher do irmão e a irmã do marido, enquanto os romanos viveram no paganismo consideravam esta espécie de afinidade desfeita e destruída com a morte de um dos cônjuges, principalmente quando não deixavam filhos. Foi o que levou Cícero a dizer que em hipótese alguma a afinidade podia ser destruída, se houvesse filhos que a perpetuassem. Do que se conclui que, com a falta de filhos, ela deixava de existir. Só muito tarde, devido à nova lei, é que o fundamento da afinidade se estendeu aos aparentados de linha transversal, como, por exemplo, entre um irmão e sua cunhada viúva. A lei romana

proibitiva a tal respeito é a lei 4, do Código, de incestis et inutilibus nuptiis, dos imperadores Valentiniano, Teodósio e Árcade. Roma era então cristã. A mesma proibição encontra-se renovada na lei 8, ibid., de Zenão, e na lei 9, de Anastácio. Pode-se mesmo concluir que, pela lei de Zenão, embora os egípcios vivessem, em tal época, sob a lei do cristianismo, desposavam as cunhadas viúvas, desde que fossem ainda virgens.

CAP. XLX, pág. 232. Amyot seguiu uma lição defeituosa, contra a qual a autoridade de Cícero, no discurso contra Verres, de Suppliciis, bastaria para evitar qualquer erro. Diz o orador, em duas passagens, que a guerra dos escravos não só não se comunicou de qualquer modo à Sicília, como não houve o menor sinal de sublevação na ilha. T. II, p. 188 e 194. Razão teve, portanto, Dacier, de seguir a outra lição dos manuscritos, da qual resulta que: Tendo encontrado corsários cilícios, Espártaco concebeu a ideia de tentar um ataque à Sicília com dois mil homens, para reavivar a guerra dos escravos, que não se havia renovado, diz categoricamente Cícero à pág. 188, depois da que Mânio Aquílio, cônsul no ano de Roma 653, havia findo, matando seu chefe Atenião, segundo declara Diodoro de Sicília. Floro, no 1. III, cap. 19, narra esta última passagem de outro modo. O plano de Espártaco não foi levado a efeito, ou pela razão aqui apresentada por Plutarco, ou devido às precauções tomadas por Crasso, conforme declara Cícero na passagem já citada.

SOBRE A VIDA DE SERTÓRIO

CAP. XXVII, pág. 326. Nada existe no texto de Plutarco que signifique vitória de Sertório e derrota de Pompeu. Houve, de ambos os lados, parte do exército vitoriosa e parte vencida, O acampamento de Sertório foi tomado e saqueado, do que Pompeu se gaba em sua carta enviada ao Senado, existente entre os fragmentos de Salústio. É verdade que a desordem dos saqueadores deu oportunidade a Sertório de recair sobre eles vantajosamente. Mas isto não constitui nem vitória, nem derrota decisivas, como consta na Vida de Pompeu.

Este combate deu-se junto do rio Sucrão, segundo diz Plutarco na Vida de Pompeu, e não na cidade do mesmo nome, na foz do rio, à qual se referem Tito Lívio, Estrabão e Plínio, e que não é mencionada no texto de Plutarco. Este rio banha Castela e Aragão, outrora ocupados pelos celtiberianos, sendo hoje o Xucar. Este artigo não oferece qualquer dúvida, o que não se dá com o artigo seguinte, no qual Amyot cita a cidade de Túcia, declarando apenas Túcia. Os comentadores que não se conformam com esta falha opinam pela sua retificação, desejando uns que se leia o rio Dúrio, e outros o rio Túrias. Túcia foi, de fato, uma cidade desta província, como se vê claramente em Floro, liv. III, cap. XXII, 9, que no entanto se engana, quando dá a tomada de Valência após a morte de Sertório, quando ela se deu muito antes segundo a carta de Pompeu, já citada. Também é exato que o combate a que Plutarco se refere aqui, é posterior ao levado a efeito junto ao rio Sucrão, conforme ele mesmo declara. Logo, este não pode ser o mesmo que o rio Dúrio ou Túrias, seguido da tomada de Valência, porque este caso de Valência precedeu ao de Sucrão, e Pompeu combateu sem Metelo. conforme Plutarco declara na Vida de Pompeu. A substituição do Dúrio ou do Túrias não tem razão de ser. O nome da cidade de Túcia deve ser conservado.

Quanto ao combate anterior junto do Dúrio ou do Túrias, deve-se primeiro observar que Valência, situada a leste da Espanha, exclui toda ideia do Dúrio, hoje Douro, que se lança no Oceano ocidental, depois de atravessar Portugal. Além disso, Valência acha-se na foz de um rio que Plínio denomina Túrio, o mesmo que os nossos sábios chamam Túrias. Isto é incontestável; mas na carta de Pompeu, e nos discursos de Cícero por Balbo, este rio tem o nome de Dúrio. Esta simples diferença ortográfica, que não influi no caso, não merece, penso, discussão aprofundada.

CAP. XXX, pág. 329. Dada a semelhança dos fatos relatados no epítome do nonagésimo-

terceiro livro de Tito Lívio, parece que esta cidade é Calaguris ou Calagúrio, onde Estrabão diz que Sertório foi sitiado por Pompeu no fim desta guerra, pág. 244. Esta cidade é que foi tomada após sua morte, produzindo tão grande revolta e ódio entre os habitantes, que degolaram mulheres e filhos, para servir-lhes de alimento, a fim de não buscarem na luta a gloriosa alternativa da vitória ou da morte. Existiam duas cidades com este nome: uma à direita do Ibero, na terra dos vasconços, e outra à esquerda, a algumas léguas do rio, na província de Ilergetes. É da primeira que se trata nesta passagem.

Volume VI

Agesilau

Nascimento e educação de Agesilau.

Arquidano, filho de Zeuxidamo, tendo reinado gloriosamente na Lacedemônia, deixou dois filhos, um dos quais foi Ágis, filho de uma notável dama chamada Lampido e o outro foi Agesilau, muito mais moço, de quem era mãe a filha de Melissípidas, que tinha por nome Eupolia. Como a sucessão ao reinado pertencesse ao filho mais velho, Agesilau devia permanecer como cidadão comum e foi criado e educado, assim, na disciplina lacônica, a qual era muito dura e penosa, mas com a vantagem de ensinar aos meninos uma rígida obediência. Considera-se que seja esta a causa pela qual o poeta Simônides chama Esparta damasimbrotos, isto é, domadora dos homens, porque ela torna, pelo longo hábito, seus cidadãos maleáveis e obedientes às suas leis, tanto ou mais do que qualquer outra cidade que tenha existido no mundo, domando-os desde a sua infância, como se faz com os potros. A lei isentava e dispensava desta sujeição os meninos que deviam suceder na realeza; mas Agesilau recebeu-a mais naturalmente do que os outros em idênticas circunstâncias, pois chegando a comandar, tendo aprendido desde a infância a obedecer, foi esta causa de saber melhor que qualquer outro rei acomodar-se e comportar-se com seus súditos, amoldando, juntamente com a grandeza real e as maneiras de príncipe, a cortesia e o hábito de contentar-se com o pouco, que havia adquirido pela educação.

Seu retrato físico e moral.

II. No tempo em que ele se achava fazendo parte daqueles grupos de crianças que são educadas juntas, Lisandro, afeiçoou-se a ele, principalmente devido à sua gentileza, pois sendo mais corajoso e mais firme em suas opiniões do que qualquer outro, como aquele que deseja, em todas as coisas, ser o primeiro, com uma veemência e uma impetuosidade tão grandes em tudo quanto queria, que era impossível vencê-lo ou forçá-lo, era, por outro lado, tão dócil e tão flexível, que fazia tudo quanto lhe ordenavam com delicadeza, nada fazendo, entretanto, por medo, pois sentia mais ser censurado do que ser sobrecarregado de trabalho. E quanto à imperfeição da sua perna, que era mais curta do que a outra, a beleza de sua pessoa que estava então desabrochando, aliada à sua gentileza, tornavam-no tão paciente e tão alegre que ele mesmo era o primeiro a caçoar e a se regozijar, o que cobria grandemente o seu defeito e fazia com vantagem aparecer a grandeza de sua coragem, pois por ser manco, não recusava por isso trabalho algum, Quanto ao seu rosto, não poderemos retratá-lo nunca, porque ele não queria e proibiu expressamente em seu testamento, que fizessem pintura ou modelassem a imagem de seu corpo, o que se presume, por ser de pequena estatura e por esperar muito pouco de si mesmo para ver. Mas como estava sempre alegre e disposto e nunca triste ou irritado, nem por palavras, nem pela fisionomia, isto o tornava mais agradável e mais amável, mesmo em sua velhice; todavia os éforos{951}, conforme Teofrasto escreve, condenaram a pagar a multa seu rei Arquidamo, porque este havia desposado uma mulher de pequena estatura, e que assim engendraria reizinhos e não reis.

Relações de Alcibíades com Timéia, mulher do rei Agis, que não reconheceu seu filho Leotíquides, senão na hora da morte.

III. Mas, na época em que Ágis, filho mais velho de Arquidamo, reinou, Alcibíades, expulso de Atenas, fugiu da Sicília para a Lacedemônia, e não fazia muito tempo que estava em Esparta quando foi suspeito de entreter relações com a mulher do rei Ágis, que se chamava Timéia, de forma que, por esta razão, Ágis jamais considerou seu filho a criança que ela teve, dizendo que a havia concebido de Alcibíades. Timéia nunca se preocupou absolutamente com isto, pois, conforme Duris escreve, algumas vezes, estando ela em sua alcova, entre as mulheres que a serviam, chamava a criança, baixinho, Alcibíades e não Leotíquides; também, segundo consta, Alcibíades mesmo dizia que não era para fazer mal nem desgostar a pessoa alguma que se havia aproximado da rainha Timéia, mas somente porque desejava que houvesse reis da Lacedemônia engendrados de sua semente. Todavia, foi constrangido, nessa ocasião, a sair fora da Lacedemônia, devido a desconfiança que tinha do rei Agis, o qual sempre teve a criança por suspeita, não a considerando nunca por legítima, até que, caindo doente, no leito da morte, Leotíquides foi se jogar de joelhos, as lágrimas nos olhos, à sua frente e soube tão bem agir, que Ágis, na presença de testemunhas, declarou que o reconhecia por seu filho.

Agesilau lhe toma a coroa, com a influência de Lisandro

IV. No entanto, depois da morte de Ágis, Lisandro, que havia derrotado os atenienses por mar e tinha mais influência e autoridade na cidade de Esparta do que qualquer outro, empreendeu fazer cair a realeza sobre Agesilau, dizendo que ela não pertencia a Leotíquides, levando em conta que era bastardo; o mesmo diziam também vários outros dos cidadãos que estimavam a virtude de Agesilau e o favoreciam muito afetuosamente, porque havia sido criado e educado com eles. Mas também, ao contrário, havia em Esparta um adivinho chamado Diópites, que sabia de cor uma infinidade de profecias antigas e era tido como grande sábio e homem de autoridade em tudo o que se referia às coisas divinas, o qual afirmava que não era permitido a um manco ser rei de Esparta e, para provar, alegou em juízo este antigo oráculo:

Olhai bem, ó nação espartana,

Se bem que sejas em coragem altiva,

Que realeza manca não germine

Em ti, que tens o porte reto e firme;

Pois de outra forma desgraças te virão

Não esperadas, que muito tempo te manterão

Envolvida em tormentas de guerra,

Que de homens torna despovoada a terra.

Lisandro, refutando, replicou que se os espartanos temiam este oráculo, era antes de Leotíquides que se deviam guardar, porque não interessava em nada aos deuses que alguém, tendo um pé esfolado, Viesse a ser rei, mas sim que fosse legítimo e verdadeiramente oriundo da raça de Hércules; pois seria então, dessa forma, dizia ele, que a realeza viria a coxear. Agesilau alegava ainda mais que o mesmo o deus Netuno havia testemunhado que Leotíquides era bastardo: pois havia constrangido Agis, por um tremor de terra, a sair do quarto de sua mulher e que assim, mais de dez meses depois, havia nascido Leotíquides. Foi assim que Agesilau, por essas razoes e por esses meios, não somente foi declarado rei de Esparta, como também lhe foi adjudicada a sucessão de bens de seu irmão Ágis e negada uma demanda a Leotíquides; todavia, vendo que os parentes do lado de sua mãe eram extremamente pobres, mas pessoas de bem, deixou-lhes a metade de seus haveres, com o que conquistou honra e

benevolência de todo o mundo, em vez de inveja e malevolência que, ao contrário, teria levantado por causa desta sucessão.

Adquire grande autoridade.

V. E, com relação ao que Xenofonte escreve, de que, obedecendo ao seu país, adquiriu tão grande poder, que fazia completamente tudo quanto queria, eis o que havia: os éforos e os senadores possuíam então soberana autoridade no governo do Estado, mas aqueles não ficavam em seus cargos senão um ano e os senadores conservavam esta honra durante toda a vida, sendo ordenados e estabelecidos para refrear a autoridade dos reis, a fim de que não tivessem todo o poder, pois como escrevemos mais amplamente na vida de Licurgo, na ocasião em que os reis vinham a suceder-se no reinado, tinham sempre uma desavença e uma inimizade hereditária, por assim dizer, entre eles. Mas Agesilau seguiu um caminho inteiramente contrário ao de seus predecessores, pois em vez de altercar com eles expressou-lhes toda a honra e toda a reverência, não empreendendo nada sem que não lhes comunicasse primeiramente e, quando era chamado por eles, caminhava mais depressa do que o próprio passo. Todas as vezes que eslava em seu trono a dar audiência e os éforos apareciam, levantava-se à frente deles, e quando um novo senador vinha a ser eleito, enviava-lhe um traje e um boi como prêmio. Por estes meios ele aumentava e honrava a dignidade de seus cargos, e sorrateiramente ia ampliando seu próprio poder e anexando à realeza a grandeza procedente da benevolência que lhe testemunhavam.

Equidade de Agesilau em face de seus inimigos; sua fraqueza para com os amigos.

VI. Quanto ao seu mau comportamento para com alguns cidadãos, era menos repreensível inimigo do que amigo, pois como não prejudicava jamais injustamente aos seus desafetos, mas ajudava, muitas vozes, erradamente e em coisas injustas, aos seus amigos, com vergonha de não recompensar e honrar suficientemente seus inimigos quando estes haviam procedido bem, não podia também condenar nem censurar seus amigos ainda que tivessem agido mal, considerando que nada podia ser reprovável do que faziam. Ao contrário, se acontecia que algum de seus adversários ficava aflito, era o primeiro a mostrar compaixão e o socorria voluntariamente, se o outro reclamava: por estes meios ganhou a boa graça e a amizade de todo o mundo. Os éforos, vendo tal e temendo seu poder sempre crescendo, condenaram-no ao pagamento de uma multa, ajuntando, que isto era porque ele possuía sozinho os corações dos cidadãos, os quais deviam ser comuns. Na verdade, assim como há filósofos naturais que mantêm a opinião de que quem fizesse desaparecer do mundo a discórdia e a disputa, o curso dos corpos celestes pararia e a geração e todo o movimento cessariam, porque dizem ser a razão a mantenedora da harmonia deste mundo, também parece que quem estabeleceu as leis dos lacedemônios misturou no governo, a ambição e a inveja entre os cidadãos, como um aguilhão da virtude, querendo que as pessoas de bem tivessem sempre alguma coisa a debater com os outros, estimando que aquela covarde e preguiçosa graça pela qual os homens se concedem e se perdoam a si mesmos, sem se controlar, era com falsas insígnias, denominada concórdia. Pensam alguns que certamente Homero{952} teve esta mesma opinião porque, do contrário, não faria Agamenon se alegrar ao ver Ulisses e Aquiles altercar com pesadas palavras, se não considerasse que o debate e a inveja entre homens influentes (o que os faz terem olho aberto um sobre o outro) se tornaria um grande bem em favor da coisa pública; todavia, sem dúvida isto não é assim nem se deve ocasionalmente concordar, porque as discussões e as divergências excessivas entre os cidadãos são muito perigosas e prejudiciais ao bem público.

É nomeado para guerrear o rei da Pérsia.

VII. Pouco depois de Agesilau ter alcançado o trono da Lacedemônia, chegaram alguns viajantes da Ásia trazendo notícias de que o rei da Pérsia estava preparando uma poderosa armada com o objetivo de destituir os lacedemônios da prioridade nos mares. Além disso, Lisandro, desejando ser outra vez enviado à Ásia para socorrer seus amigos, os quais havia deixado como senhores e donos das cidades e fortes do país, de onde estavam sendo expulsos por seus cidadãos, outros castigados de morte porque abusavam violenta e tiranicamente de sua autoridade, sugestionou Agesilau a que empreendesse viagem e passasse à Ásia, para ir guerrear esse rei bárbaro longe da Grécia, antes que sua armada e seu equipamento ficassem prontos. Para conseguir isto mais facilmente, escreveu aos seus amigos da Ásia pedindo enviassem a Esparta solicitação para que seu capitão fosse Agesilau, o que eles fizeram; e Agesilau, em plena assembleia do conselho da cidade, aceitou o cargo, com a condição de lhe entregarem trinta capitães espartanos para o assistir e aconselhá-lo em seus empreendimentos, dois mil escravos libertos e seis mil dos aliados da Lacedemônia. Isto lhe foi facilmente concedido mediante a interferência de Lisandro e enviaram-no logo com os trinta capitães, dos quais Lisandro foi o primeiro, não somente pela autoridade e reputação que havia adquirido, como também pela amizade que tinha por Agesilau, o qual se sentia mais preso a ele por lhe haver conseguido aquela posição do que por tê-lo feito chegar à realeza.

Sacrifício de uma corça a Diana.

VIII. Enquanto o exército se reunia no porto de Geresto, Agesilau, com alguns de seus amigos, foi à cidade de Áulida, onde lhe aconteceu que à noite, dormindo, alguém lhe disse: — "Ó rei dos lacedemônios, sabes que nunca houve capitão-general eleito em toda a Grécia, a não ser antigamente Agamenon e tu agora, depois dele, e para que comandes os mesmos povos que ele, quando vais guerrear os mesmos inimigos, partindo do mesmo local, é razoável que faças um mesmo sacrifício à deusa, como ele fez, à sua partida". Agesilau, tão logo teve esta visão, lembrou-se de que Agamenon, persuadido pelos adivinhos, sacrificava naquele mesmo lugar sua própria filha; todavia ele não se assustou, e de manhã deu conta a seus amigos do acontecido e disse-lhes que sacrificaria à deusa, achando ser verossímil que ela se agradasse, mas não queria imitar a cruel devoção do antigo capitão Agamenon. E, dizendo isto, mandou trazer uma corça coroada com flores, ordenou a seu adivinho que a imolasse, não concordando que tivesse a honra desse feito, como era costume no lugar, aquele que fora escolhido pelos da Beócia; ouvindo isto, os magistrados e governadores da Beócia ficaram descontentes e enviaram seus beleguins a Agesilau, intimando-o a que desistisse de sacrifícios ali naquele local, contra as leis, privilégios e costumes do país. Os que foram enviados fizeram-lhe saber sua missão, mas vendo que o animal já havia sido imolado e seus quartos jaziam sobre o altar, eles se apoderaram daqueles restos e os atiraram fora. Isto irritou Agesilau, que estava na hora de seu embarque e dali saiu furioso contra os tebanos, com desagradável impressão de sua viagem por causa desse sinistro presságio, o qual lhe parecia prognosticar que tal saída não dana o resultado que desejava.

Inveja de Lisandro.

IX. Chegando à cidade de Éfeso, ficou logo descontente com as honras prestadas a Lisandro, vendo o seu grande séquito, pois todos iam continuamente à sua casa para homenageá-lo e, quando saía seguiam-no e acompanhavam-no por toda a parte, como se Agesilau não tivesse

senão o nome e a aparência de capitão-general pelas leis da Lacedemônia, e como se Lisandro fosse aquele que, em verdade, tivesse o poder e a autoridade sobre tudo, pois nunca havia sido enviado capitão grego nessas condições, isto é, que tivesse adquirido tanta reputação, nem se tivesse feito tão temível quanto ele, nem jamais houve homem que fizesse mais benefícios aos seus amigos, nem maiores danos a seus inimigos; estas coisas, estando ainda vivas na lembrança de todos, os do país ainda se lembravam e viam em Agesilau um homem simples, popular, que pouco se mostrava em sua maneira de agir; ao contrário, reparavam em Lisandro a mesma veemência, a mesma aspereza e sobriedade no falar que haviam outrora conhecido; por isso, todo o mundo se dobrava completamente diante dele, acontecendo que só ele comandava. Isto foi a causa pela qual os outros espartanos de início se zangaram, porque parecia terem vindo para servir a Lisandro e não para aconselhar o rei. Mas, depois, Agesilau mesmo se aborreceu e ficou descontente também, se bem que por natureza não fosse invejoso nem se ressentisse quando honravam outros que não ele; sendo, porém, por natureza, muito ambicioso de glória e homem corajoso, tinha receio de que se praticasse algum belo feito nessa guerra, o atribuíram a Lisandro, pela grande reputação que desfrutava; assim, começou a portar-se desta maneira para com ele: primeiramente, contradizia todos os seus conselhos e todas as empreitadas que lhe punha à frente; mesmo aquelas a que ele se mostrava mais aficionado, não executava nenhuma, mas tomava outras em seu lugar. Ainda mais se alguém tivesse contas a acertar com ele ou reclamasse alguma coisa, se se apoiavam sobre o favor de Lisandro, enviava-os de volta sem nada fazer.

Trata Lisandro de tal maneira que o obriga a separar-se.

X. Semelhantemente, também os julgamentos, se havia alguns que Lisandro considerava mal, podiam estes interessados estar seguros de ganhar seus processos; ao contrário, se Lisandro se afeiçoava a algum e o desejava recompensar, era difícil salvar-se da condenação a multa. Todas estas demonstrações se faziam ordinariamente, não por acaso, uma ou duas vezes, mas igualmente, como de propósito deliberado. Lisandro, desconfiando da coisa, não a escondeu aos seus amigos, mas lhes disse francamente que era por sua causa que lhe faziam isto. Portanto, aconselhou-os a que fossem fazer a corte ao rei e aos que tinham mais força do que ele.

Agesilau considerou que ele dizia e fazia tudo isto para suscitar o ódio do mundo contra ele; por isto, desejando causar-lhe ainda maior despeito, estabeleceu-o como comissário dos víveres e distribuidor das carnes. E, depois de haver assim feito, segundo escrevem, ele disse em voz alta na presença de diversos que o puderam ouvir: — "Que vão agora fazer a corte ao meu distribuidor de carne". Lisandro, lamentando-se, disse-lhe: — "Francamente, rei Agesilau, sabes muito bem como deves engolir teus amigos". "Faz-se isto, respondeu Agesilau, aos que desejam passar sobre minha autoridade e ser maiores do que eu". "Vê, replicou Lisandro, não o fiz como estás dizendo; todavia, se tens tal opinião, dá-me algum cargo e algum lugar no qual, sem te zangar, eu possa ser útil".

Ressentimento de Lisandro.

XI. Depois desses propósitos, Agesilau enviou-o para o Helesponto, onde Lisandro subornou um persa chamado Espitrídates, da província de Farnabazo, e o enviou a Agesilau com forte soma de ouro e de prata, e aproximadamente duzentos homens a cavalo; nem por isso a má vontade que havia concebido contra o rei diminuiu, mas ao contrário, guardou sempre o rancor em seu coração; de tal forma, procurava sempre os meios de fazer retirar das duas casas reais o privilégio que usufruíam da realeza, para a por em comum com todas as famílias dos espartanos; assim agindo, levantaria grande tumulto na cidade de Esparta, se não fosse morto tão cedo, como aconteceu numa viagem que empreendeu ao país da Beócia. Eis como

as grandes naturezas ambiciosas, não podendo manter o meio termo e excedendo-se na direção da coisa pública, são muitas vezes causa de maior mal do que bem; ainda que Lisandro houvesse ficado ofendido e importuno, como estava verdadeiramente mostrando assim sua ambição fora do tempo e da estação, Agesilau não ignorava que havia muitos outros meios menos repreensíveis de castigar um personagem grande e ilustre, que pecava pela ambiciosa cobiça de mostrar somente a sua pessoa. É do meu aviso que todos os dois, cegos por uma mesma paixão, faliram; um, por não reconhecer o poder de seu superior, e o outro por não poder suportar a ignorância e a imperfeição de seu amigo.

Agesilau entra na Frigia, onde se apodera de diversas cidades.

XII. Ora, de início, Tissafernes, temendo Agesilau, teve alguma trégua com ele, entendendo que o rei se contentaria em deixar as cidades gregas da Ásia em plena liberdade; mas, desde que julgou haver reunido forças suficientes para o combater, declarou-lhe a guerra, a qual Agesilau aceitou, mesmo porque tinha grandes esperanças na Grécia, do que fana alguma coisa grandiosa nessa viagem e, pessoalmente, considerava uma grande vergonha, que os dez mil gregos, voltando do fundo da Ásia até o mar maior{953}, sob o comando de Xenofonte, tivessem vencido e derrotado o exército do rei, tantas vezes quantas quiseram, e ele que era capitão-general dos lacedemônios, os quais ditavam a lei no mar e na terra, não praticara nenhum ato digno de memória entre os gregos. Assim, para vingar sem demora a deslealdade perjura de Tissafernes, fingiu primeiramente querer entrar no país da Caria; por esse meio, o bárbaro aí amontoou toda a sua força, mas de súbito voltou a rédea, rápido, e se atirou dentro da Frigia, onde se apoderou de diversas cidades, ganhando muitos bens, fazendo ver à sua gente que violar o acordo de paz ou trégua que juraram, significava menosprezar os deuses; mas decepcionar e abusar de seus inimigos não é somente justo, mas também honroso e traz proveito, unido ao prazer.

Forma-se um esquadrão de cavalaria.

XIII. Desse modo, porque era o mais fraco da cavalaria e as entranhas dos animais sacrificados aos deuses se achavam defeituosas, Agesilau voltou para a cidade de Éfeso, onde reuniu cavalarianos, dando a entender aos homens ricos que não desejavam pessoalmente guerrear, que os dispensava, sob a condição de fornecerem um homem e um cavalo de serviço em seu lugar, e muitos assim fizeram, de maneira que, em poucos dias, Agesilau encontrou bom número de valorosos guerreiros, ao invés de infantes que não valiam nada; esses que não iam com vontade à guerra assalariavam os que iriam de boa vontade em seu lugar e igualmente também os que não desejavam servir a cavalo, no que seguiu sabiamente o exemplo do rei Agamenon{954}, o qual dispensou um rico pusilânime de ir pessoalmente guerrear, tomando-lhe um bom jumento.

Agesilau faz vender os prisioneiros nus para mostrar a fraqueza dos persas.

XIV. Ora, havia ele ordenado aos comissários que vendiam publicamente em leilão, a quem mais oferecesse, os prisioneiros de guerra, que os despojassem, deixando-os nus, o que fizeram; e havia muita gente que comprava de bom grado seus despojos e suas vestes; mas, quanto aos corpos, ironizavam vendo-os assim brancos, delicados e tenros, por terem sido criados nas delícias da sombra, cobertos, de tal modo que se encontrava poucas pessoas animadas a fazerem oferta, porque os consideravam pessoas inúteis, nada valendo. Então

Agesilau, encontrando-se presente ao leilão, expressamente para esse fim, disse a sua gente: — "Vede, meus amigos, ali estão as pessoas a quem tereis de combater e aqui os despojos pelos quais combatereis".

Derrota Tissafernes e toma seu acampamento.

XV. Depois, tendo chegado a ocasião de se organizar em campanha e entrar no país dos inimigos, Agesilau disse publicamente que entraria dentro da Lídia, não mais com a intenção de enganar Tissafernes; mas este mesmo se enganou, pois por ter sido decepcionado a primeira vez, não depositou mais fé nessa segunda proclamação, mas persuadiu-se de que seria por esse golpe que Agesilau entraria na Caria, levando em conta que era um país de solo desigual e desagradável para a cavalaria, no que se sentia mais fraco; não obstante, Agesilau entrou, como havia predito, dentro da região plana, na qual está situada a cidade real da Lídia, Sárdis. Tissafernes foi constrangido a acorrer em socorro, apressadamente, e chegando com extrema diligência, com sua cavalaria, surpreendeu pelos campos, vários dos inimigos afastados em desordem, daqui e dali, pilhando a planície e passando a maioria à espada. Ouvindo isto, Agesilau, falando consigo mesmo que os soldados de infantaria de seu inimigo não podiam ter ainda chegado e que ele, ao contrário, tinha o seu exército completo, por esse meio pensou ser melhor acudir prontamente à batalha do que a prolongar por mais tempo; misturou por entre a cavalaria seus soldados de infantaria superficialmente armados, ordenando-lhes que fossem rapidamente atacar o inimigo, enquanto ele faria seguir na retaguarda os outros, pesadamente armados, o que fizeram. Mas os bárbaros se puseram logo a caminho e os gregos, perseguindo-os Vivamente, e de perto, tomaram-lhes o acampamento e mataram um grande número de fugitivos.

Os lacedemônios lhe dão o comando geral em terra e mar, o que era sem precedentes.

XVI. Depois desta batalha tiveram meios, não somente de percorrer e pilhar o país do rei à vontade, como também de verificar o castigo de Tissafernes, que era homem mau e rude inimigo da nação grega: pois o rei da Pérsia enviou imediatamente em seu lugar um outro tenente seu chamado Titrausto, que lhe mandou cortar a cabeça, e enviou uma proposta a Agesilau, solicitando-lhe atender ao despacho e oferecendo-lhe uma certa quantidade de ouro e prata para voltar a seu país. Agesilau respondeu que, quanto à paz, não competia a ele firmá-la e sim aos lacedemônios e que se achava mais à vontade para enriquecer seus soldados do que a si próprio; mas, além disso, os gregos não consideravam honroso aceitar presentes do inimigo, e sim os despojos; todavia, querendo gratificar Titrausto, porque havia vingado um inimigo comum de todos os gregos, conduziu seu exército para fora da Lídia, na Frigia, mediante a soma de trinta talentos{955} que lhe entregou pelos seus gastos. Assim, quando estava pelo caminho, recebeu{956} um bilhetinho dos oficiais e magistrados de Esparta, que lhe diziam ter-lhe entregue o comando da armada é o exército de terra, o que jamais outro capitão lacedemônio, antes dele, havia tido. Aliás era ele, sem contradição, o maior e o mais digno personagem vivo de seu tempo, conforme Teopompo escreve, como aquele que se fazia estimar mais pela sua virtude e não pela grandeza de sua autoridade; todavia, parece que neste lugar ele cometeu uma falta, ao fazer seu tenente, na armada, um tal Pisandro, irmão de sua mulher, quando devia haver outros capitães mais sábios e experimentados, tomando assim mais cuidado em gratificar sua mulher e honrar um aliado seu, do que fazer o que era mais útil para o país.

Vai atacar o sátrapa Farnabazo, na Frigia.

XVII. Isto feito, conduziu seu exército pelas províncias de Farnabazo, onde encontrou, não somente abundância de víveres, mas também grande soma de dinheiro; dali passou ao reino da Paflagônia, onde fez aliança com o rei Cotis, que procurou afetuosamente sua amizade, pela virtude e constante fé que se achavam nele; como fez também Espitrídates, o qual abandonou Farnabazo para entregar-se a Agesilau, e depois que se entregou, nunca mais se separou dele, mas o seguiu e acompanhou sempre por toda a parte. Tinha ele um filho que era um menino muito bonito, chamado Megabates, do qual Agesilau estava enamorado e uma filha muito formosa prestes a casar, que Agesilau fez desposar o rei Cotis: tomando dele mil homens da cavalaria, com dois mil homens da infantaria superficialmente armados, voltou à Frigia onde destruiu as províncias sob o governo de Farnabazo, o qual não ousava enfrentá-lo no campo, nem mesmo fiar-se em suas fortalezas, e ia sempre fugindo à sua frente, levando consigo a maioria de tudo o que mais apreciava e que lhe era mais caro, retirando-se sempre para trás, de um sítio para o outro, até que Espitrídates acompanhado por um espartano chamado Erípidas, apertou-o um dia de tal forma, que lhe tomou o acampamento, apoderando-se de todo o mobiliário precioso que levava consigo. Mas ali Erípidas mostrou-se um tanto brusco em rebuscar o que havia sido subtraído do saque, obrigando os bárbaros a se entregarem, chegando ao ponto mesmo de querer visitar e remexer tudo. Isto irritou tão fortemente Espitrídates, que se retirou imediatamente com os paflagonianos para a cidade de Sárdis, pelo que Agesilau irritou-se também com o que lhe estava acontecendo em toda essa viagem, desolado por haver perdido um homem de bem como Espitrídates e a tropa de guerreiros que levava consigo, e que não era nada pequena; tinha ainda receio que percebessem essa mesquinharia da qual havia sempre procurado manter-se puro e limpo, não somente a si, mas também a todos os de seu país.

Amor de Agesilau por Megabates.

XVIII. Mas, além dessas causas aparentes, ainda o apunhalava fortemente o amor do menino, que estava profundamente impresso em seu coração, tanto que, quando o tinha junto a si, seguindo sua natural tendência de não querer jamais ser vencido, esforçava-se por combater seu desejo, de maneira que um dia Megabates aproximando-se dele para acariciá-lo e beijá-lo, ele virou a cabeça, e o menino, envergonhado absteve-se, daí em diante, não ousando mais saudá-lo, senão de longe. Isto desagradou por outro lado a Agesilau, arrependido de haver desviado o beijo de Megabates e fingia admirar-se, porque ele não o saudava mais com um beijo como o havia acostumado, ao que alguns de seus familiares lhe responderam então: — "Tu mesmo és a causa, majestade, que não ousaste esperar, mas tiveste medo do beijo de um tão belo menino; pois voltará ele tão logo se lhe diga, contanto que te ihslenhas de fugir outra vez, como já fizeste". Ouvidas estas palavras, Agesilau ficou um espaço de tempo muito pensativo, sem dizer nada e por fim respondeu-lhes: — "Não há necessidade que vós lhe faleis disso, pois eu vos asseguro que ficaria mais a vontade em poder ainda resistir a tal beijo, do que se tudo o que vejo diante de mim se transformasse em ouro’. Assim se comportou Agesilau para com Megabates enquanto estava a seu lado, mas ao contrário, quando foi afastado, ele se encontrou tão ardentemente apaixonado, que seria difícil afirmar, se o menino voltasse outra vez e fosse apresentado à sua frente, se ele se defenderia ou se deixaria beijar.

Entrevista de Agesilau e Farnabazo.

XIX. Depois Farnabazo, procurando falar com ele, reuniu-os juntos um ciziceniano chamado Apolofânio, que era amigo comum de ambos; chegou primeiro Agesilau com seus amigos ao lugar marcado para a entrevista e, esperando Farnabazo, atirou-se sob uma árvore na sombra sobre a relva que estava alta e abundante, até que Farnabazo aí chegou também, ao qual estenderam peles macias de longo pelo e tapetes lavorados em diversas cores, para se sentar

em cima; entretanto, tendo vergonha de ver Agesilau assim deitado por terra sobre a relva nua, deitou-se também junto dele, se bem que trajasse uma veste de tecido maravilhosamente fino e de cores muito ricas. Depois de se terem saudado, Farnabazo começou a falar, não faltando as boas admoestações e justas lamentações, como aquele que havia causado tanto prazer aos lacedemônios na guerra contra os atenienses e como recompensa encontrava-se então pilhado e saqueado por eles. Agesilau, vendo os outros espartanos que assistiam a esta entrevista abaixarem os olhos de vergonha, não sabendo o que responder, porque não ignoravam que causavam dano a Farnabazo, tomou a palavra e respondeu desta maneira: — "Quando viemos para aqui, Farnabazo, sendo amigos do rei, agimos como amigos e agora que nos tornamos inimigos, agimos também como inimigos; vendo que queres ser um dos seus escravos, não é nada extraordinário se procuramos prejudicá-lo, fazendo-te mal: mas do momento que tu prefiras mais ser amigo e aliado dos gregos do que escravo do rei da Pérsia, considera que estes guerreiros, estas armas e estes navios, nós todos aqui estamos para guardar e defender teus bens e tua liberdade contra ele, sem a qual não há nada de belo, de bom nem de desejável neste mundo". A isto lhe respondeu Farnabazo abertamente, dando-lhe a entender qual era sua intenção: — "Pois se o rei, disse ele, enviar aqui um outro capitão para ser seu comandante, assegurai-vos que eu me tornarei imediatamente um dos vossos; mas lambem, se ele me dá o cargo e superintendência nesta guerra, não esquecerei, com diligência e afeição de fazer inteiramente tudo o que puder pelo seu serviço contra vós". Esta resposta agradou a Agesilau, o qual lhe tomando a mão ao se levantar com ele lhe disse: — "Oxalá, Farnabazo, que tendo um coração, como tens, fosses nosso amigo, e não nosso inimigo".

Estreita amizade de Agesilau com o filho de Farnabazo.

XX. Mas, assim que Farnabazo voltava com seus soldados, seu filho, que lhe havia ficado atrás, correu para Agesilau e, rindo, lhe disse: — "Majestade, quero entreter amizade e hospitalidade contigo", e dizendo isto lhe apresentou um dardo que mantinha em sua mão. Agesilau aceitou, ficando bem à vontade para ver que o menino era belo e quão gentil era o agrado que lhe fazia; olhou ao seu redor para verificar se havia alguém em sua companhia que tivesse alguma coisa de belo que pudesse ser próprio para lhe render igual prova, e percebendo o cavalo de um secretário seu, chamado Adeus, que estava arreado com um belo e rico arreio, mandou imediatamente retirá-lo e deu-o ao belo e gentil rapazinho, o qual depois, jamais esqueceu; mas algum tempo mais tarde, sendo expulso da casa de seu pai e privado de seus bens por seus irmãos, constrangido a fugir para o Peloponeso, teve-o sempre em singular recomendação, chegando mesmo a ajudá-lo em seus amores, pois o moço queria muito afetuosamente a um rapazinho ateniense, que se desenvolvia nos exercícios físicos para um dia competir nos jogos; mas, quando se tornou grande e rijo e se apresentou para ser arrolado no número daqueles que deviam tomar parte nos jogos Olímpicos, correu o perigo de ser rejeitado, pelo que o persa, que o amava, recorreu a Agesilau, solicitando-lhe auxiliar ao jovem campeão, de sorte que não sofresse mais a vergonha de ser recusado. Agesilau, desejando ajudá-lo até o fim, dedicou-se e obteve o que pedia, não sem grande trabalho e dificuldade.

Agesilau ama seus amigos além das leis da equidade.

XXI. Assim Agesilau, em todas as outras coisas era bem rígido e observava pontualmente tudo o que as leis ordenavam, mas nos negócios de seus amigos, ele dizia que guardar estreitamente a rigidez da justiça era uma cobertura com a qual se cobriam os que não queriam fazer nada pelos seus amigos. Nesse sentido, existe ainda uma cartinha que escreveu{957} a Idriano, príncipe da Caria, pedindo a libertação de um amigo seu: — "Se Nícias não errou, liberte-o; e se errou, liberte-o por amor de mim; mas seja como for, liberte-o". Tal era Agesilau ao tratar dos interesses de seus amigos; todavia, em muitas ocasiões, olhava primeiro a utilidade pública, como demonstrou certa vez, em que foi constrangido, um pouco perturbado e às pressas, a abandonar um que estimava, e que achava doente; e como o outro

o chamava pelo nome quando partia, suplicando para não o abandonar, Agesilau voltou-se e disse: — "Ó como é desagradável{958} amar e ser sábio ao mesmo tempo! assim escreveu o filósofo Jerônimo".

Simplicidade, moderação e outras virtudes de Agesilau

XXII. Ora, já fazia dois anos completos que estava em guerra e não se falava mais, nas altas províncias da Ásia, senão em Agesilau, correndo por toda parte o glorioso renome de sua honestidade, sua abstinência, cortesia e simplicidade, pois, quando ia sozinho com sua comitiva pelos campos, alojava-se sempre dentro dos templos mais santos, querendo que os deuses mesmos fossem testemunhas do qu e fazia em sua vida particular, onde muitas vezes não desejamos que os homens vejam o que praticamos. Mais ainda, entre tantos milhares de soldados que estavam em seu acampamento, não se encontraria uma enxerga pior do que aquela sobre a qual dormia, e quanto ao frio e ao calor, suportava um e outro tão à vontade, que parecia ter nascido para suportar somente as variações do ar e das estações. Era bem agradável aos gregos moradores na Ásia, presenciar os sátrapas, tenentes do rei da Pérsia, governadores das províncias e outros potentados que anteriormente eram tão soberbos e intolerantes e viviam fartos na riqueza, na volúpia e nos prazeres, fazendo agora a corte, tomados de receio, a um homem que se apresentava simplesmente vestido com uma pobre e maltrapilha capa, e como eles se constrangiam e mudavam de opinião com uma simples palavra curta que lhes dizia ele, à moda lacomana, de maneira que vinha então à lembrança de muitos, estes versos do poeta Timóteo:

Marte é um tirano, mas a Grécia

Não se intimida com o ouro, a prata ou qualquer riqueza.

É chamado a Esparta.

XXIII. Assim, toda a Ásia se achava em reboliço e, em diversos lugares, tomavam seu partido, voluntariamente. Depois de haver reformado as cidades e os fortes e de lhes haver entregue a administração pública com toda a liberdade e franqueza, sem efusão de sangue e sem banimento de um só homem, deliberou ele passar além e levar a guerra para além das costas do mar grego, indo combater pessoalmente o rei da Pérsia e fazendo-o arriscar suas riquezas e a vida de prazeres em que se comprazia, muito a seu gosto, lá nos distantes países de Ecbátana e de Susa, como se não tivesse tempo de mover a guerra entre os gregos, pois dispunha, à sua vontade, sem se mexer de sua cadeira, pela força do dinheiro, daqueles que governavam, em cada uma das cidades. Mas, entrementes, quando estava com este pensamento, chegou-lhe Epicídidas Espartano que lhe trouxe notícias de que a cidade de Esparta estava sendo acossada pela guerra feita pelos outros povos gregos; por essa razão, os éforos o chamavam e lhe ordenavam que voltasse para defender seu país.

Ó{959} gregos, que maiores males procurais,

Que jamais fizeram os bárbaros conjurados!

Como se poderia chamar por outro nome aquela cobiça ou aquela conjuração, que atirou os gregos uns contra os outros e os fez estacionar com suas próprias mãos a fortuna que os conduzia à felicidade, voltando contra suas próprias entranhas as armas que já estavam encaminhadas contra os bárbaros, chamando ao seu país a guerra que havia sido banida? Pois não sou da opinião de Demarato de Corinto, quando diz que os gregos estavam privados de um singular prazer, por não terem visto Alexandre, o Grande, sentado no trono real de Dario; mas pelo contrário, creio que, antes, eles deveriam chorar, ao se lembrarem de que haviam deixado esta glória para Alexandre e para os macedônios, ao perderem loucamente famosos capitães da Grécia nas batalhas de Leutres, de Coronéia, de Corinto e da Arcádia.

Deixa tudo para obedecer à voz da pátria.

XXIV. Todavia, Agesilau não praticou jamais ato mais meritório nem maior do que aquela retirada para o seu país, nem deu jamais um mais belo exemplo de obediência e de justiça devida à sua pátria, do que aquele. Aníbal, entretanto, quando começou a sentir sua decadência, quando estava sendo quase arrojado fora da Itália, não obedeceu senão com dificuldade aos seus concidadãos, que o chamavam para ir defendê-los da guerra que sustentavam dentro de seu próprio país. Alexandre, o Grande, sendo chamado pela mesma razão ao seu reino da Macedónia, logo que ali voltou, exclamou com ironia ao saber da grande batalha que seu tenente havia travado contra o rei Ágis: — "Parece-me, quando ouço contar essas notícias, que enquanto derrotávamos por aqui o rei Dano, ele sustentou lá na Arcádia uma batalha de ratos". Se é assim, se esses dois grandes capitães haviam tido em tão pouca conta seu país, não se deve portanto considerar a cidade de Esparta feliz, por haver tido um rei que lhe trouxe tanta honra e veneração e tanta obediência às suas leis, e que tão logo recebeu a ordem para voltar, abandonou e deixou os bens e o poder que tinha pacificamente conseguido com suas mãos, com uma esperança muito bem fundada e muito bem encaminhada, com muito mais vantagem, não embarcou para voltar subitamente, deixando, além disto, uma grande mágoa em todos os aliados e confederados de seu país, pelo fato de não terminar tão bela obra que havia tão bem começado? Certamente que sim. Dessa forma se refutou um dito de Demóstrato Feaciano, o qual dizia que os lacedemônios eram mais pessoas de bem, quando em público e os atenienses, em particular; pois Agesilau mostrou-se bom rei e excelente capitão publicamente e ainda se fazia sentir amigo mais dedicado em particular e mais agradável no trato familiar. Como o dinheiro persa tinha de um lado impressa a figura de um arqueiro, ele disse, afastando-se, que dez mil arqueiros o expulsavam da Ásia; pois era esta quantia que haviam levado a Tebas e a Atenas e distribuído entre os oradores e líderes do povo, que suscitaram com seus discursos essas duas cidades poderosas e as fizeram pegar em armas contra os espartanos.

Passa pela Trácia, Macedónia, Tessália e Farsália.

XXV. Tendo, portanto, em sua volta, passado pelo estreito do Helesponto, seguiu caminho através da Trácia, onde jamais implorou nem ao povo, nem a qualquer príncipe bárbaro, caminho, para sua passagem, mas enviava-lhes somente uma mensagem: se queriam que passasse por suas terras como amigo ou como inimigo! Todos os outros o receberam amigavelmente e o honraram cada um segundo suas forças, mas os que se chamam[{960}] trocábanos, aos quais o próprio rei Xerxes distribuiu presentes para poder ter passagem amigável por suas terras, mandaram-lhe pedir, para o deixar passar, cem talentos[{961}] em prata e cem mulheres, ao que Agesilau, criticando-os, respondeu aos mensageiros: — "E por que não vieram eles em vosso lugar para os receber?" E dizendo isto, fez logo marchar seus soldados contra os bárbaros, que esperavam em formação de batalha para que ele supusesse que guardavam a passagem, e tendo-os rompido, dizimou um grande número na hora. O mesmo mandou dizer ao rei da Macedónia, se passaria por seu país como amigo ou como

inimigo. Esse rei mandou responder que ia pensar. "Pois bem, replicou Agesilau, que pense portanto, mas enquanto isso, não deixaremos de caminhar sempre para a frente". O rei macedónio admirou-se de seu grande arrojo e, temendo lhe causasse algum desgosto ao passar, mandou pedir que passasse como amigo. Ora, estavam então os tessalianos em aliança com os inimigos dos lacede-mônios, pelo que passando pelo seu país, ele o saqueou e pilhou como terras de inimigos, e enviou à cidade de Larissa, Xenocles e Cita para convencer os seus habitantes, induzindo-os a tomar o partido dos lacedemôni os. Esses dois embaixadores foram detidos prisioneiros, pelo que todos os outros espartanos ficaram indignados, e foram de aviso que Agesilau devia ir fazer cerco à cidade; ele, porém, lhes respondeu que não queria ganhar a Tessália inteira, arriscando-se a perder um desses dois homens, e por esta razão, tanto fez que os livrou, entrando em entendimento com a cidade. Isto não é para se admirar muito na pessoa de Agesilau, visto que de outra feita, ouvindo dizer que havia sido travada uma grande batalha perto da cidade de Corinto, ficando sobre o campo vários grandes e valorosos personagens do lado dos inimigos e bem poucos espartanos, ele não ficou satisfeito nem ninguém o viu alegrar-se; pelo contrário, suspirou fortemente e, do íntimo do coração, exclamou: — "Ó pobre Grécia, como és desgraçada matando com tuas próprias mãos tantos bons homens teus, que teriam sido suficientes para derrotar em um dia de batalha todos os bárbaros juntos! Mas como os farsalianos, quando passavam em seu caminho, o perseguissem e prejudicassem a retaguarda de seu exército, Agesilau tomou quinhentos cavalos com os quais foi carregar sobre eles, tão vivamente, que os rompeu à força, e desta vitória mandou levantar um troféu na base do monte que se denomina Nartácio; sendo-lhe esta vitória tanto ou mais agradável do que nenhuma outra, porque com tão pequena tropa de cavalananos, que ele mesmo havia amestrado, derrotou numa só batalha aqueles que, em todos os tempos, se vangloriavam de sua cavalaria.

Entra na Beócia.

XXVI. Ali foi encontrá-los Dífndas, um dos éforos, enviado expressamente de Esparta para lhe ordenar que entrasse imediatamente armado na Beócia, e embora ele tivesse deliberado ali entrar outra vez com muito mais forças, todavia, não querendo em coisa alguma desobedecer aos senhores do conselho de seu país, disse logo aos seus soldados que o dia pelo qual eles haviam voltado da Ásia, se aproximava e mandou requisitar duas companhias dos batalhões que estavam no acampamento perto de Corinto. Em recompensa disso, os espartanos, desejando honrá-lo porque havia prontamente obedecido ao seu comando, mandaram apregoar na cidade que os jovens que quisessem ir socorrer o rei pessoalmente, viessem dar seus nomes, e, então não houve um que não fosse se apresentar muito afetuosamente para ser arrolado; mas os governadores escolheram cinquenta somente dos mais vigorosos e de melhor disposição, os quais lhe enviaram. Enquanto isso, Agesilau atravessou o passo das Termópilas, e, cruzando a Fócida, cujo povo era amigo da Lacedemônia, penetrou na Beócia, indo assentar seu acampamento junto da cidade de Queronéia, onde de repente, assim que ali chegou, viu o sol eclipsar-se, perdendo a luz e tomando a forma da lua quando está no crescente: ao mesmo tempo ouviu a notícia da morte de Lisandro, o qual havia sido morto em uma batalha naval, que havia perdido contra Farnabazo e Conon, junto da ilha de Gnidos. Esta notícia lhe foi muito desagradável, como se pode aquilatar, tanto pelo sentimento da perda de um personagem que era seu aliado, como também pelo prejuí zo do povo; todavia, com receio de que isso desencorajasse seus soldados e pusesse algum pavor em seus corações, justamente na hora em que estavam prontos para travar batalha, ordenou aos que tinham vindo da praia, que espalhassem uma notícia bem ao contrário do que lhe haviam dito, e ele mesmo, para secundar suas palavras, saiu a público tendo sobre a cabeça um chapéu de flores e sacrificou aos deuses como para lhes agradecer por uma boa notícia, enviando a cada um de seus amigos uma porção de carne dos animais imolados, como se habituara a fazer quando em regozijo público; depois, marchando no país, assim que percebeu de longe os inimigos e que eles também o divisaram, colocou seus soldados em ordem de batalha, dando a ponta esquerda aos orcomenianos e conduzindo ele mesmo à direita.

Batalha onde Agesilau é gravemente ferido.

XXVII. Os tebanos, por seu lado, colocaram-se à direita da sua, dando a esquerda aos argianos. Xenofonte, que se encontrava nesta batalha ao lado de Agesilau, com o qual voltara da Ásia, escreve que não houve jamais uma luta igual. É bem verdade que o primeiro encontro não foi muito obstinadamente debatido nem durou muito tempo, porque os tebanos derrotaram logo os orcomenianos e Agesilau os argianos; mas, quando uns e outros compreenderam que as pontas esquerdas de suas batalhas travavam grandes combates e recuavam para trás, eles voltaram rapidamente e ali Agesilau poderia ter a vitória completa sem nenhum perigo, se quisesse somente deixar passar o batalhão dos tebanos, descarregando depois sobre a retaguarda uma vez que houvessem passado; por uma questão de teimosia, para mostrar suas proezas e por força de coragem, preferiu mais dar na cabeça, e foi chocá-los de frente, não querendo vencer senão à viva força. Os tebanos, do outro lado, o receberam não menos corajosamente e houve um combate obstinado e rude em todos os lugares da batalha, mas principalmente onde Agesilau estava entre os cinquenta rapazes que lhe haviam sido enviados para guardar sua pessoa, o valor dos quais lhe veio então muito a propósito e lhe foi muito salutar; pois ainda que cumprissem todo o dever como lhes era possível, combatendo bem e se pusessem à frente para o guardar, eles não puderam, no entanto, salvá-lo de ser gravemente fendo, mas o carregaram, magoado por diversos golpes de dardo e de espada que recebeu através de sua armadura, a qual foi torcida e dobrada em muitos lugares, e colocando-se em tropa cerrada à sua frente para o cobrir, mataram grande número de inimigos e vários deles também ficaram mortos no lugar, até que finalmente, vendo que era muito difícil forçar os tebanos de frente, foram obrigados a fazer o que não queriam de início; abriram-se para os deixar passar e quando passaram, tomando cuidado para que marchassem em desordem, como se estivessem fora de todo perigo, eles os seguiram, e correndo nos seus passos, descarregaram de novo pelos flancos; isto, entretanto, não permitiu que eles fugissem em debandada, mas retiraram-se os tebanos em passo vagaroso para a montanha Helicon, sentindo-se em extremo orgulhosos com o êxito desta batalha, na qual se haviam, segundo julgavam, se mantido invencíveis.

Agesilau vai celebrar os jogos Píticos em Delfos.

XXVIII. Mas Agesilau, ainda que se sentisse muito mal devido aos vários ferimentos que recebera, jamais quis se retirar para lugar seguro a fim de ser pensado, sem primeiro estar no local da batalha e ver carregar os cadáveres de seus soldados dentro de suas armaduras. Quanto aos inimigos, ordenou que deixassem ir para onde quisessem aqueles que se haviam escondido no templo de Minerva Itoniana, que não estava muito longe dali, diante do qual há um troféu que os tebanos antigamente ali levantaram, depois de haverem derrotado em batalha, sob o comando de Espartão, o exército dos atenienses e terem morto sobre o campo o capitão Tolmides. No dia seguinte, ao amanhecer, Agesilau, querendo experimentar se os tebanos teriam coragem de descer. outra vez para a batalha, ordenou aos seus soldados que colocassem chapéus de flores sobre as cabeças e aos menestréis que tocassem suas flautas, enquanto ele mandava levantar e enfeitar um troféu como vitorioso; tendo os inimigos pedido licença para retirar seus mortos, ele lhes concedeu trégua para isto, com o que confirmou sua vitória, fazendo-se carregar depois para a cidade de Delfos, onde se divertiam com os jogos Píticos; aí organizou uma procissão e celebrou o sacrifício ordinário a Apolo, oferecendo-lhe o dízimo de toda a presa trazida da Ásia, que atingiu bem a soma de cem talentos.

Conserva a antiga simplicidade de seus costumes.

XXIX. Isto feito, voltou para sua casa, onde seus concidadãos o amaram e estimaram mais do que nunca pela simplicidade de sua vida e de sua conversação, pois não se mostrava em suas maneiras mais do que fora anteriormente, nem mudou o seu natural pelos costumes estrangeiros, como fazem ordinariamente os outros capitães quando voltam de uma expedição longa e distante, desprezando os costumes de seu país ou desdenhando obedecer as ordens daquele; assim, em tudo, sem mais nem menos, como aqueles que não haviam nunca passado o rio Eurotas, continuou sempre a observar, entreter e guardar os costumes sem nenhuma inovação em seu beber ou comer, lavar e secar, na "toilette" de sua mulher, nos ornamentos de suas armas, nem nos móveis de sua casa, pois deixou as mesmas portas onde estavam em todos os tempos, tão velhas e tão antigas que estimavam que fossem aquelas mesmas que Aristodemo aí havia colocado; e diz Xenofonte que o canastro de sua filha não era nada mais magnífico do que o das outras moças. Denominavam canastro, na Lacedemônia, as imagens de grifos, de veados ou de bodes, que as moças conduziam nas procissões solenes da cidade. Xenofonte não escreveu como se chamava esta filha de Agesilau e Dicearco se lamenta e se enfurece por não saberem o nome dela, como também o da mãe de Epaminondas; todavia, encontramos nos registros da Lacedemônia que a mulher de Agesilau chamava-se Cleora, uma das filhas Apólia e a outra Prolita; veem-se ainda até hoje, na cidade de Esparta, sua lança que não é em nada diferente das outras.

Alista sua irmã Cinisca com um carro para disputar o prêmio de corrida dos jogos olímpicos.

XXX. Mas, observando que alguns dos cidadãos de Esparta se vangloriavam e julgavam ser alguma coisa mais do que os outros, porque possuíam cavalos no estábulo, ele persuadiu a sua irmã, que se chamava Cinisca, a enviar seu carro com os cavalos aos jogos Olímpicos, para experimentar ganhar o prêmio da corrida, a fim de dar a conhecer e fazer ver aos gregos que isto não era ato de virtude alguma, mas de riquezas e de despesa somente. Tendo a seu lado o sábio Xenofonte, que estimava e do qual fazia grande caso, este convenceu-o a mandar buscar seus filhos para os criar na Lacedemônia, onde aprenderiam a mais bela ciência que os homens poderiam aprender, isto é, a saber obedecer e mandar.

Como ganha seus inimigos.

XXXI. Depois da morte de Lisandro, formou-se em Esparta uma liga de cidadãos conjurados contra ele, que Lisandro havia suscitado após sua volta da Ásia, e a fim de que conhecessem que espécie de cidadão havia sido Lisandro quando vivo, mandou entrar dois para mostrar e recitar em público um discurso encontrado entre seus papéis, que o orador Cleon Halicarnassiano havia escrito e que Lisandro devia pronunciar em assembleia pública diante de todo o povo, pela qual desejava levar avante muitas inovações e mudar quase toda a administração da Lacedemônia; mas, houve um dos conselheiros, homem sábio, que tendo lido o discurso e temendo a vivacidade das razões apresentadas, disse-lhe que o aconselhava a não desenterrar Lisandro, mas antes enterrar o discurso junto com ele. Agesilau concordou e não fez mais nada, e quanto aos que haviam sido ou eram seus adversários, não os quis prejudicar abertamente, mas arranjava sempre um meio de os nomear capitão da armada ou então de lhes arranjar outro cargo; e, depois, fazendo conhecer evidentemente que esses não haviam se portado como pessoas de bem nos cargos que lhes haviam sido dados, mas haviam sido avarentos e maus, no entanto, se eles vinham a ser chamados perante a justiça, ainda os socorria e os ajudava, tornando-os por esse meio amigos em lugar de inimigos e os ganhava de novo assim procedendo; de sorte que, afinal, não houve nenhum que fosse seu adversário.

Como se apega a Agesípolis.

XXXII. Pois o outro rei Agesípolis, seu concorrente{962}, sendo filho de um pai{963} que haviam banido, além de muito moço e possuir uma natureza branda e indulgente, não se intrometia em absoluto no governo; todavia, ainda se portou de tal maneira com ele, que o tornou seu; pois os dois reis quando estavam na cidade, comiam juntos na mesma sala. E Agesilau, compreendendo que por sua natureza era inclinado para o amor, como também era ele mesmo, colocava-o sempre em forma de poder conversar com os belos meninos da cidade e incitava esse rapaz a amar algum que ele mesmo amava, secundando-o nisso; porque nos amores lacônicos não há nada de desonesto e sim toda continência e toda honestidade, todo zelo e cuidado de tornar o menino que amavam o mais virtuoso, como mais amplamente deduzimos na Vida de Licurgo.

Expulsa os argianos de Corinto,

XXXIII. Por esses meios, portanto, Agesilau, chegando a enfeixar um grande poder, como nenhum outro em sua cidade, colocou na marinha seu irmão por parte de mãe, que se chamava Teleucias e ele foi com seu exército por terra até a cidade de Corinto, onde se apoderou das grandes muralhas e Teleuc ias o ajudou a fazer isso pelo lado do mar. Os argianos a retinham ainda e celebravam a festa dos jogos ístmicos, mas como Agesilau ah chegasse, expulsou-os no momento em que acabavam de sacrificar ao deus Netuno e foram obrigados a abandonar todos os seus aprestos. Então os banidos de Corinto que estavam com ele, pediram-lhe para pessoalmente presidir à festa e ordenar os jogos; mas Agesilau não o quis, para que eles mesmos o fizessem e presidissem; somente ah permaneceu enquanto duraram os jogos para lhes garantir segurança. Depois, quando partiu, os argianos voltaram e celebraram outra vez os jogos ístmicos, estando presentes alguns dos que haviam ganho o premio a primeira vez e levantaram ainda a segunda, e outros que tendo vencido nos primeiros, foram vencidos nos segundos. Eis porque Agesilau dizia que os argianos haviam se declarado homens de pouca ousadia, pois estimavam coisa tão grande e tão honrosa como o presidir esses jogos e não tinham ousado vir combater contra ele pelo direito que pretendiam.

Como Agesilau faz pouco caso de certos talentos.

XXXIV. Quanto a ele, estimava que devia guardar um meio termo em tais coisas, sem ser muito curioso; pois honrava com sua presença tais assembleias solenes de danças e de festas públicas, que faziam em Esparta antigamente e não deixava nunca de se encontrar com grande prazer e grande afeição em tais divertimentos, que deliciavam os jovens e as moças de Esparta, mas, pensando bem, em matéria de jogo, ele nem ao menos aparentava conhecer aquilo que os outros tinham em singular admiração. A este propósito conta Calípides, excelente em representar tragédias e que era grandemente famoso, honrado e estimado entre os gregos pela excelência de sua arte, que, encontrando-o um dia e saudando-o primeiro, atirou-se presunçosamente ao encontro dos que passeavam com ele e apresentando-se à sua frente, estimando que ele devia ser o primeiro a lhe dar atenção, disse: — "Como, rei Agesilau, não me conheces?" Agesilau, olhando-o no rosto, respondeu-lhe: — "Não és tu Calípides, o Farsante?" e não fez mais caso. De outra vez, como o convidassem para ouvir um que imitava ingenuamente o cântico do rouxinol, ele não quis ouvir, dizendo: — "Muitas vezes ouvi o rouxinol mesmo". E como o médico Menecrates, por ter sido feliz na cura de algumas doenças desesperadoras houvesse sido cognominado Júpiter e usurpasse um tanto arrogantemente esse apelido, teve o atrevimento de colocar no sobrescrito de uma missiva que lhe escrevera: "Menecrates, o Júpiter, ao rei Agesilau, saudação"; Agesilau lhe respondeu: — "Agesilau a Menecrates{964}, saúde".

Recepção que faz aos deputados de Tebas.

XXXV. Mas, enquanto estava dentro do território de Corinto, onde havia tomado o templo de Juno, ao aguardar seus soldados, que pilhavam e saqueavam toda a região plana, vieram à sua presença embaixadores de Tebas, para lhe falar de paz e amizade com os tebanos; ele, porém, que de todos os tempos odiava os tebanos e que além disso estimava que era de bom expediente para o bem de seus negócios, aparenta não fazer caso, resolveu conter-se como se não quisesse ver nem ouvir os que falavam com ele. Mas, na mesma hora surgiu um caso, como por expressa vingança divina, que lhe deu boa lição; pois antes que os embaixadores se separassem dele, teve notícias de que uma de suas tropas, que chamavam Me res, havia sido rechaçada e feita em pedaços por Ifícrates, sendo a maior perda que tinha sofrido desde muito tempo, pois perderam grande número de bons e valentes homens, todos lacedemônios, que foram mortos por aventureiros mercenários, ligeiramente armados. Esse fato Fez Agesilau se por imediatamente em campo, pensando poder socorrer ou vingar os seus, mas no raminho foi informado com segurança que não havia mais remédio, razão pela qual voltou de onde havia partido, ao templo de Juno, e então mandou chamar os embaixadores beócios para lhes dar audiência e eles, querendo devolver igual por igual a peça do desprezo que lhes pregara anteriormente, não fizeram nenhuma menção de paz mas requereram somente que os deixasse entrar em Corinto. Agesilau, despeitado, respondeu-lhes: — "Se é para verdes vossos amigos se vangloriarem de sua prosperidade, vós o podereis fazer certamente amanhã". E, no dia seguinte, levando-os consigo, foi destruir o país dos coríntios até junto às muralhas de sua cidade e assim depois de haver feito ver aos embaixadores beócios como os coríntios não ousavam sair a campo para defender seu país, despediu-os, e recolhendo alguns que haviam escapado da tropa desfeita, trouxe-os à Lacedemônia, partindo sempre de casa antes de amanhecer e não chegando senão quando era noite escura, de medo que os arcadianos, que os odiavam e os invejavam, se alegrassem com sua perda.

Destrói a Acarnânia.

XXXVI. Depois dessa viagem, para recompensar os acaianos, foi ele ao país da Acarnânia, de onde trouxe grande quantidade de presa, depois de haver derrotado os acarnânios em batalha; mas como os acaianos o solicitassem para aí ficar todo o inverno e fazer retirar aos seus inimigos todos os meios de semear em suas terras, ele lhes respondeu que não faria nada: — "Porque, disse-lhes, eles temerão mais a guerra na próxima estação, quando terão suas terras semeadas", o que aconteceu; pois aí tendo o exército voltado pela segunda vez, eles se reconciliaram com os acaianos.

Tratado dos lacedemônios com o rei da Pérsia.

XXXVII. Aproximadamente, nessa época, Farnabazo e Conon, com o exército do rei da Pérsia, sendo, sem contradição, senhores absolutos de toda a armada, pilhavam a costa da Lacônia, e ainda mais, as muralhas da cidade de Atenas se reconstruiam com o dinheiro que Farnabazo lhes fornecia, razão por que os senhores da Lacedemônia foram de aviso que valia mais fazer a paz com o rei da Pérsia, e para esse fim enviaram Antãlcidas à presença de Tinbazo, abandonando covarde e maldosamente ao rei bárbaro os gregos habitantes da Ásia, pela liberdade dos quais Agesilau havia guerreado. Assim não teve Agesilau parte nessa vergonha e nessa infâmia, porque Antãlcidas que era seu inimigo, procurou todos os meios para fazer a paz, vendo que a guerra aumentava sempre o poder, a honra e a reputação de Agesilau, o qual, todavia, respondeu então a um que o censurava, que os lacedemônios "se medizavam", isto é, favoreciam aos medas, mas sena melhor que os medas "se lac onizassem". E, no entanto, ameaçando e declarando a guerra aos gregos que não queriam aceitar as condições

de paz, Antãlcidas os obrigou a consentir no que o rei da Pérsia quisesse, o que fez principalmente pelo ódio aos tebanos a fim de que, sentindo-se constrangidos pelas capitulações de paz e colocando todo o país da Beócia em liberdade, eles ficassem mais fracos.

Agesilau sustenta a empreitada injusta de Fébidas sobre a cidadela de Tebas

XXXVIII. Ele o declarou manifestamente, pelo que se seguiu logo após: pois como Fébidas houvesse praticado um ato mau e infeliz, por ter surpreendido em pleno período de paz e ocupado o castelo da cidade de Tebas, que chamavam Cadméia, pelo qual todos os demais povos gregos se achavam indignados e mesmo os espartanos não estavam contentes, especialmente aqueles que eram contrários a Agesilau, na ocasião em que se deu o fato, dirigiram-se furiosos a Fébidas a saber por ordem e consentimento de quem havia feito o assalto. Para fazer derivar toda a suspeita do feito sobre ele, Agesilau não disfarçou em dizer em voz alta e clara, para o desencargo de Fébidas, que era preciso olhar e considerar o fato em si, se era útil para ;i coletividade e que nesse caso era bem trabalhoso fazer com iniciativa própria sem esperar outra ordem, o que se sabia ser útil para o bem público.

Palavras de Agesilau sobre a justiça, diferentes de suas ações.

XXXIX. E, todavia, estava sempre habituado a dizer em suas palestras familiares que o senso de justiça era a primeira de todas as virtudes; para tanto, dizia ele, o feito não vale tanto se não é praticado com justiça e se todos os homens fossem justos, então não haveria nada que fazer com relação aos atos heroicos. E a esses que diziam, "o grande rei o quer assim", dizia ele: em que é maior do que eu, se não é justo?" Mantinha assim a boa e reta opinião de pensar que era preciso notar a diferença entre o grande e o pequeno rei, tomando a justiça como a medida real. E, acontecendo, depois da paz feita, que o rei da Pérsia lhe enviasse particularmente uma carta, na qual lhe escrevia que desejava desfrutar de sua amizade e hospitalidade, não as quis aceitar, dizendo lhe ser bastante a amizade pública e enquanto aquela durasse, outra não seria necessária. Mas, pouco depois chegaram os fatos positivos, e ele não se lembrou mais desta bela opinião, mas deixou-se muitas vezes levar pela ambição e pela obstinação, da mesma forma de encontro aos tebanos, como fez quando não somente salvou Fébidas, mas ainda fez que Esparta tomasse a responsabilidade, concordando com a violação que havia cometido, ao reter a fortaleza de Cadméia e colocando o governo da cidade de Tebas nas mãos de Arquidas{965} e de Leôntidas, com a orientação dos quais Fébidas se havia apoderado de Cadméia; portanto, devido a isso, formaram logo a opinião de que era Fébidas, de fato, que havia executado mas que Agesilau lhe havia dado o conselho; e, o que se seguiu depois, provou que esta suspeita tinha sua razão de ser.

Excita a guerra contra os tebanos.

XL. Depois que os tebanos expulsaram da Cadméia a guarnição lacedemônia e restituíram à cidade sua liberdade, acusando-os de que eles perversamente tinham assassinado Arquidas e Leôntidas, os quais de nome eram governadores, mas de fato verdadeiros tiranos, ele começou a fazer-lhes a guerra; e Cleômbroto, que já reinava após a morte de Agesípohs, foi enviado à Beócia com um exército, porque Agesilau tendo passado quarenta anos após a idade da adolescência e por esta razão estando dispensado pelas leis de ir à guerra, não quis tomar a responsabilidade dessa expedição, envergonhado de que o vissem combater na briga de dois tiranos, onde um deles, pouco antes, havia pegado em armas a favor dos banidos contra os

fliasianos.

Empreitada de Esfódrias no Pireu.

XLl. Ora, havia então um lacônio chamado Esfódrias, da facção contrária à de Agesilau e que na ocasião era governador da cidade de Téspia, homem corajoso e valente, mas sempre animado de novas esperanças, em vez de bom senso e bom julgamento dos fatos, o qual, desejando adquirir fama, e considerando que Fébidas ganhara em honra e reputação pela corajosa empreitada que havia executado em Tebas, persuadiu-se a si mesmo que lhe seria coisa ainda mais honrosa se surpreendesse o porto de Pireu, retirando por esse meio aos atenienses o recurso da marinha. Julga-se que isto foi um trama urdido por Pelópidas e por Gelon, governadores da Beócia, os quais nomearam alguns homens que fingiram ser muito afeiçoados ao partido dos lacedemônios e altissonantemente elogiavam Esfódrias e lhe deram a entender que não havia senão ele digno de executar tão gloriosa obra, de maneira que por sua persuasão, eles o induziram a empreender o assalto, que não era para menos dano, nem menos perverso, do que o de Cadméia, em Tebas; mas foi menos ousado e menos diligentemente atentado, pois o dia, surpreendendo-o quando estava ainda na planície de Tnásio, começou a despontar no lugar onde julgava chegar de noite ainda nas muralhas do Pireu; dizem que as pessoas que ele levava, tendo percebido alguns fogos nos templos da cidade de eleusina, tiveram medo, e mais ainda, ele mesmo, vendo que não podia mais esconder-se, perdeu a coragem, de maneira que voltou vergonhosa e ignominiosamente à cidade de Téspia, sem fazer outra coisa do que levar um pequeno saque.

Conduta de Agesilau com relação ao processo de Esfódrias. Faz com que seja absolvido.

XLII. Para resolver sobre esse caso, foram logo enviados acusadores, de Atenas para Esparta, os quais acharam não ser necessário acusá-lo porque os governadores e magistrados já o haviam citado para comparecer pessoalmente a fim de iniciarem seu processo criminal, mas ele não ousou apresentar-se, temendo o furor de seus concidadãos e desconfiando que queriam mostrar que a falta havia sido cometida contra eles mesmos. Ora, tinha este Esfódrias um filho chamado Cleônimo, do qual, sendo ainda menino de bela aparência, Arquidamo, filho de Agesilau, estava enamorado, pelo que se encontrava então muito pesaroso, como se pode imaginar, vendo aquele que amava no desespero pelo perigo de perder seu pai e não ousava ajudá-lo abertamente, porque Esfódrias era dos adversários de Agesilau; todavia, Cleônimo, tendo se dirigido a ele, solicitando e implorando com lágrimas nos olhos que ganhasse o apoio do seu pai, porque entre todos era de quem tinham grande medo, Arquidamo ficou durante três ou quatro dias junto de Agesilau, seguindo-o por toda a parte passo a passo, sem ousar abordar o assunto, ma: por fim, estando próximo o dia do julgamento, encorajou-se e lhe declarou como Cleônimo lhe havia pedido para interceder junto a ele a favor de seu pai. Agesilau, sabendo bem que seu filho amava Cleônimo, não o quis desviar dessa feição, porque o menino desde os primeiros anos de sua infância havia sempre dado esperança de que seria um dia também um homem de bem, como nenhum outro, mas na hora não demonstrou, de maneira nenhuma a seu filho, que tencionava fazer alguma coisa para atender seu pedido e não lhe respondeu outra coisa senão que faria o que fosse honesto e conveniente no caso; pelo que, Arquidamo, envergonhado deixou de visitar Cleônimo, como anteriormente fazia, indo várias vezes, durante o dia, para vê-lo. Isto fez com que os amigos de Esfódrias se desesperassem com o seu fe ito, mais do que nunca, até que um dos familiares de Agesilau, chamado Etímocles, conversando com eles, contou-lhes o que pensava Agesilau, e que era o seguinte: quanto ao fato em si, o julgava mau e o lamentava ao máximo, mas, pensando bem, considerava Esfódrias um homem valoroso e reconhecia que a coisa pública precisava de homens como ele; Agesilau, de fato, tinha comumente essa opinião, quando lhe vinham falar do processo de Esfódrias, e assim agradar seu filho, de tal forma que

Cleônimo percebeu logo que Arquidamo havia feito tudo o que pôde por ele e os amigos de Esfódrias tiveram então mais coragem para socorrê-lo e falar a seu favor, conscientemente. Agesilau tinha essa qualidade entre outras: amava muito ternamente seus filhos; conta-se que ele brincava com eles em casa, quando eram pequenos, montando sobre um bastão ou sobre uma bengala como sobre um cavalo, em cuja posição um dos seus amigos um dia o encontrou em seu gabinete pessoal e ele lhe pediu nada dizer até que ele mesmo tivesse filhos pequenos. Finalmente, Esfódrias, por sentença de seus juízes, foi absolvido puro e completo; tomando conhecimento disso, os atenienses resolveram declarar guerra aos lacedemônios, com o que Agesilau foi muito censurado sob a alegação de que, para gratificar um louco e leviano apetite de seu filho, havia impedido um justo julgamento e tornado a cidade culpada em face dos gregos por essas tão graves violações.

Agesilau guerreia na Beócia.

XLIII. Afinal, vendo que o outro rei seu companheiro Cleômbroto não ia mais voluntariamente guerrear contra os tebanos, foi ele mesmo, transgredindo a proibição referente ao cargo de comandar o exército, que anteriormente havia observado, entrando à mão armada dentro do país da Beócia, causando danos e recebendo também, a tal ponto que Antãlcidas, um dia, vendo-o aflito, disse-lhe: — "Certamente recebes dos tebanos o salário que mereces, por lhes haver ensinado a combater, o que não sabiam, nem queriam fazer". Pois, em verdade, dizem que os tebanos se tornaram então mais belicosos do que jamais haviam sido outrora, sendo adestrados e exercitados às armas pelas contínuas invasões dos lacedemônios. Também era esta a razão pela qual o antigo Licurgo, em suas leis, que chamavam Retras, proibia guerrear sempre contra um mesmo povo, com receio de que o inimigo assim aprendesse também a guerrear.

Mostra a seus aliados que os lacedemônios fornecem mais soldados do que eles, se bem que dessem menos homens.

XLIV. Agesilau estava sendo odiado mesmo pelos aliados da Lacedemônia, os quais diziam que não era por nenhuma ofensa ao público, mas por um particular rancor e teimosia, que procurava perder e arruinar os tebanos e para satisfazer seu apetite, era necessário que eles se consumissem, indo todos os anos carregar as armas, ora aqui, ora ah, sem que fosse necessário, seguindo uma pequena tropa de lacedemônios, para o lugar onde eles se encontravam em maior número. Foi então que Agesilau, querendo fazê-los ver a quanto subia o número de guerreiros, usou de um artifício: ordenou um dia que os aliados, misturados, se assentassem uns entre os outros de um lado, à parte, e os lacedemônios à parte também de outro lado; depois mandou gritar por um dos arautos que todos os que soubessem fazer potes de terra se levantassem. Quando ficaram em pé mandou gritar que os fundidores se levantassem também e depois os carpinteiros, em seguida os pedreiros, e consequentemente, assim, todos os outros ofícios, de maneira que quase todos os aliados, obedecendo a essas proclamações se encontraram pouco a pouco em pé, e não se levantou nenhum dos lacedemônios, porque lhes era proibido aprender ou exercer alguma arte ou ofício mecânico e então Agesilau, a rir, lhes disse: — "Vedes agora, meus amigos, que quantidade de guerreiros nós colocamos nos campos, o que vós não fazeis".

Enfermidade de Agesilau.

XLV. A sua volta dessa viagem de Tebas, passando pela cidade de Mégara, enquanto subia ao palácio do governo, que se achava dentro da fortaleza, deu-lhe subitamente uma grande convulsão de nervos, com uma dor veemente na perna sã, que inchou e ficou grossa, com uma grave inflamação, pelo que pensaram estivesse cheia de sangue; por isso um médico de Siracusa, na Sicília, abriu-lhe uma veia sob o tornozelo, o que diminuiu muito as dores; mas, saiu sangue em tão grande quantidade, que não o podiam estancar, de sorte que sofreu grandes desmaios, ficando repentinamente em grande perigo de morte; todavia, encontraram, afinal, jeito de estancar o sangue e o levaram para a Lacedemônia, onde ficou doente durante muito tempo, impedido de guerrear, em cujo período sobrevieram perdas e derrotas aos lacedemônios, tanto por mar como por terra, entre as quais a de Leutres foi a principal, onde foram a primeira vez vencidos e desfeitos em batalha alinhada pelos tebanos.

Assembleia dos deputados da Grécia na Lacedemônia.

XLVI. Foram de aviso então, todos os gregos, que era preciso assinar uma paz universal e reuniram embaixadores e deputados de todas as cidades da Grécia na Lacedemônia para esse fim. Um desses deputados foi Epaminondas, homem de grande fama pelas suas notáveis epístolas e por seu saber em filosofia, mas que não havia ainda dado prova de ser grande capitão. E este, vendo como todos os outros embaixadores e deputados se ajoelhavam e se dobravam diante de Agesilau, teve a coragem de falar francamente e fez um discurso não somente por causa dos tebanos, mas por toda a Grécia junta, com o qual demonstrou à comunidade como a guerra ia aumentando só as cidades de Esparta e, ao contrário, diminuindo as outras cidades e fortalezas da Grécia. Por esta razão aconselhava todos a que procurassem compreender e tratar de compor uma boa paz com equidade e igualdade a fim de que durasse mais longamente, tendo todos os contratantes direitos iguais. Agesilau, vendo então que todos os demais gregos, membros dessa assembleia, prestavam atenção muito atentamente a Epaminondas, demonstrando prazer imenso em ouvi-lo discorrer assim francamente sobre a paz, perguntou-lhe bem alto se achava ser justo e razoável que toda a Beócia fosse reposta em sua plena liberdade. Epaminondas, do outro lado, perguntou-lhe pronta e corajosamente, se ele também não estimava que fosse justo e razoável repor toda a Lacônia em completa liberdade. Então Agesilau, em fúria, levantando-se sobre os pés, ordenou-lhe responder abertamente se eles não devolveriam a toda a província da Beócia a sua liberdade, e Epaminondas replicou-lhe do mesmo jeito, se eles não devolveriam também à Lacônia a sua liberdade. Isto irritou de tal forma Agesilau, que ficou amarrado com a atitude que assumiu, devido ao antigo rancor que tinha aos de Tebas, que na hora apagou o nome dos tebanos da lista daqueles que deviam estar compreendidos na paz, declarando-lhes guerra imediatamente e despedindo-se igualmente dos deputados dos outros povos gregos, com tal decisão, que eles resolveram amigavelmente as diferenças que tinham em comum; desde que não podiam ceder por via pacífica aos outros que não queriam lavrar em despacho por via de composição amigável, decidiriam pelas armas, porque era bem difícil limpar, resolver e esvaziar todas as dissensões que tinham em comum.

Batalha de Leutres.

XLVII. Ora, estando então por acaso o rei Cleômbroto com um exército no país da Fócida, escreveram-lhe os éforos que devia marchar sem demora contra os tebanos e de quando em quando enviavam forças por toda a parte para reunir o socorro de seus aliados, que não eram nada afeiçoados e não iam voluntariamente à guerra, embora não ousassem abertamente recusar, nem desobedecer aos lacedemônios. E, se bem que houvesse vários sinais de mau presságio, conforme escrevemos na Vida de Epaminondas, e que Protous Laconiano tivesse resistido, com todo o seu poder, à empreitada desta guerra, Agesilau por isso não deixou de ir além, esperando ter encontrado a ocasião de se vingar dos tebanos, desde que todo o resto da Grécia estava em paz e em liberdade e só eles excluídos do tratado. Mas, quando não

houvesse outra coisa senão a brevidade do tempo, ela sozinha mostra bem que esta guerra foi conduzida pelo ímpeto da cólera antes que pelo norteio da razão; porque o tratado de paz universal entre os outros gregos foi concluído em Esparta no décimo-quarto dia de maio e os lacedemônios foram vencidos na batalha de Leutres{966} no quinto de junho, de maneira que não houve senão vinte dias de um para o outro. Aí morreram mil lacedemônios, com seu rei Cleômbroto e os mais valentes espartanos à sua volta, entre os quais estava Cleônimo, filho de Esfódrias, esse belo rapaz, do qual já falamos anteriormente, que tendo sido abatido por três vezes aos pés mesmo do rei, por três vezes se levantou e finalmente foi morto combatendo virtuosamente contra os tebanos.

Sentimento dos lacedemônios com a notícia da derrota de seu exército.

XLVIII. Esta derrota, tendo ocorrido aos lacedemônios contra a opinião de todo o mundo, e esta prosperidade aos tebanos, foi tão grande e tão gloriosa, que jamais gregos combatentes contra outros gregos ganharam uma igual; a cidade, no entanto, que foi vencida, não foi por isso menos elogiada e considerada por sua virtude como aquela que a venceu. Como Xenofonte diz, as palestras, os jogos e os passatempos das pessoas de bem mesmo à mesa sempre foram alguma coisa digna de ser conservada na memória e nisso diz a verdade; também menos e com vantagem, nota e considera o que as pessoas de honra diziam e a continência que mostravam tanto em sua adversidade como em sua prosperidade. realizando-se por acaso uma festa pública em Esparta, estando a cidade cheia de estrangeiros vindos para ver as danças e jogos que se praticam com os corpos nus dentr o do teatro, chegaram aqueles que traziam as notícias da derrota de Leutres, mas os éforos, enquanto corria rapidamente por toda a cidade o rumor de que tudo estava arruinado para eles e que haviam perdido todo o seu principado na Grécia, não quiseram no entanto, por isto, que as danças saíssem para fora do teatro, nem que a cidade mudasse a forma da festa, mas enviaram pelas casas, aos parentes, os nomes dos que tinham sido mortos na batalha e eles continuaram no teatro mandando prosseguir e terminar os jogos e divertimentos das danças, a ver quem se esforçaria à porfia e quem ganharia o prêmio. No dia seguinte cedo, quando todo o mundo soube com certeza dos que estavam mortos e dos que haviam escapado, os pais, parentes, amigos e aliados daqueles que morreram, encontravam-se sobre a praça com boa fisionomia e atitude de homens alegres, tendo coragem, abraçando-se uns aos outros; ao contrário, os parentes dos que se haviam salvo, ficaram em suas casas com suas mulheres, como pessoas que estão de luto; e se por acaso algum deles era obrigado a sair para fora para algum negócio necessário, viam nele uma atitude tão triste e tão aflita, que não ousava falar firme, levantar a cabeça, nem levantar os olhos; viam ainda mais esta diferença entre as mulheres; pois elas, que esperavam seus filhos voltando desta batalha, estavam mornas e tristes, sem dizer palavra, e ao contrário, as mães daqueles que diziam estar mortos, iam aos templos render graças aos deuses, visitando-se umas às outras alegre e afetuosamente; todavia, quando a comuna viu que seus aliados começavam a deixá-los e separar-se deles, e que esperavam de um dia para o outro que Epaminondas, encorajado por sua vitória, se atirasse dentro do Peloponeso, então a maioria teve um remorso, de consciência no tocante aos oráculos dos deuses, que castigavam por eleger um rei manco como era Agesilau e deles se apoderou uma grande falta de coragem e um pavor enorme, pois acreditavam que sua cidade havia caído na desgraça, porque haviam negado à realeza um homem de físico perfeito, para colocar um defeituoso, o que os deuses lhes haviam avisado que se precavessem em todas as coisas.

Agesilau ordena que as leis dormirão por um dia.

XLIX. Todavia, sua autoridade era tão grande devido a sua virtude, e sua reputação tão boa, que não somente se serviam dele na guerra, como seu rei e soberano capitão, mas também seguiam seu conselho e seu aviso quando era necessário encontrar expediente em algumas

dificuldades civis; assim fizeram quando ficaram em dúvida, se deviam impor a esses que haviam fugido da batalha, que chamam em Esparta, tresantas, isto é, "que tiveram medo", as marcas da infâmia, às quais as leis condenam, porque eram em grande número e todos das mais nobres e mais poderosas casas da cidade, de medo que não lhes suscitassem alguma novidade; pois além de serem declarados incompetentes e jamais poderem exercer qualquer cargo público, é desonra dar-lhes mulher em casamento ou tomar deles, e quem os encontra em seu caminho pode espancá-los se desejar e é preciso que suportem abaixando a cabeça sem dizer palavra, obrigados a irem vestidos suja e pobremente com roupas remendadas de pano de cor, devendo fazer a barba só numa parte e na outra não; parecia-lhes perigoso serem vistos na cidade muitos deles marcados com esta infâmia, mesmo na ocasião em que tinham necessidade de grande número de guerreiros; razão por que expuseram tudo a Agesilau para resolver. E ele, sem retirar nem ajuntar ou mudar nada às leis, em assembleia pública com todo o povo lacedemônio, disse que naquele dia era preciso fazer dormir as leis, contanto que doravante elas retomassem sua autoridade.

Epaminondas entra na Lacônia.

L. Por esse meio manteve as leis sem nada corrigir e salvou a honra desses pobres soldados; mas para inspirar coragem à juventude e lhe retirar o espanto que dela se havia apoderado, entrou em armas dentro da Arcádia, onde se guardou de dar batalha e somente tomou uma cidadezinha{967} sobre as Mantinianas, percorrendo a parte plana; isto alegrou um pouco a cidade de Esparta e lhe devolveu alguma esperança, tirando-lhe ocasião de se desesperar em todos os pontos; mas logo depois chegou Epaminondas ao país da Lacônia, com quarenta mil soldados de infantaria, armados, com aquela outra multidão infinita de povo nu ou armado ligeiramente, que seguia seu acampamento somente para roubar, de maneira que aí havia atingido o número de setenta mil combatentes, que entraram dentro da Lacônia, em armas com ele. Havia aproximadamente seiscentos anos que os donos tinham entrado nessa província da Lacônia e aí já estavam acostumados e, em todo este tempo jamais tinham visto os inimigos dentro do país até esse dia; pois outrora nenhum inimigo havia ousado entrar em armas; mas, dessa vez saquearam e queimaram completamente, até o rio Eurotas e até contra a cidade de Esparta, sem que pessoa alguma saísse para impedi-los, porque Agesilau, como escreve Teopompo, não queria permitir que os lacedemônios se apresentassem contra uma tão impetuosa força e tão violenta tormenta de guerra; mas, tendo guarnecido o centro da cidade e suas principais avenidas com soldados de defesa, suportava pacientemente as arrogantes bravatas e ameaças dos tebanos, que o chamavam pelo nome ao combate e lhe diziam que saísse fora em campo, para defender seu país, ele, que era o único causador de todos esses males, que havia acendido e inflamado esta guerra. Se isto varava o coração de Agesilau, não menos pesar lhe causavam os tumultos que se davam dentro da cidade, os gritos, ida s e vindas das pessoas idosas, que perdiam a paciência vendo o que se apresentava aos seus olhos, mulheres que não podiam ficar no mesmo lugar, mas corram daqui e da li como pessoas fora de si e furiosas por ouvir o barulho que faziam os inimigos e ver o fogo que punham por toda a parte no campo; pois isso lhe trazia uma grande angústia de dor quando pensava consigo mesmo, que tendo alcançado a realeza quando sua cidade era mais poderosa e mais florescente, como jamais havia sido, viu em seu reino sua dignidade engolida e sua glória partida, viu que ele mesmo muitas vezes se vangloriava que jamais mulher laconiana havia visto fumaça do acampamento de nenhum inimigo. Como dizem também que Antãlcidas respondeu um dia a um ateniense que contestava com ele sobre o valor de um e de outro povo, alegando, por suas razões, que os atenienses haviam muitas vezes expulso os lacedemônios do rio Cefiso: "É verdade, disse o laconiano, mas nós não vos expulsamos nunca do Eurotas". Igualmente também respondeu um outro espartano, dos menos famosos, a um argiano que o censurava: — "Há vários de vossos soldados enterrados dentro do país da Argólida; e, não há dos vossos enterrados na Lacônia". Dizem que Antãlcidas, sendo na ocasião éforo, enviou secretamente seus filhos para a ilha de Citera, desconfiando que a cidade de Esparta fosse tomada.

É obrigado a retirar-se de Esparta.

LI. Mas Agesilau, vendo que os inimigos se esforçavam por passar o rio e penetrar dentro da cidade, resolveu defender somente o centro, que era o mais alto, diante do qual mantinha seus soldados em batalha. Ora, estava então, casualmente, o rio Eurotas muito cheio, como não era costume ficar, porque havia caído muita neve e causava maior mal aos tebanos pela sua friagem, do que pelo seu volume. Houve então alguns que mostraram a Agesilau, Epaminondas marchando à frente, diante de toda a sua tropa; olhou-o muito tempo, seguindo-o sempre com os olhos sem dizer outra coisa senão essa palavra somente: — "Oh! o homem da grande empreitada, ei-lo!" Epaminondas, entretanto, tendo feito tudo o que lhe era possível fazer para dar batalha aos lacedemônios dentro da própria cidade de Esparta e aí levantar um troféu, não pôde nunca atrair Agesilau nem fazê-lo sair de seu forte, pelo que afinal foi obrigado a partir sem terminar a pilhagem e estragar toda a região plana.

Sedição na cidade, apaziguada pela sabedoria de Agesilau.

LII. Mas, dentro da cidade, houve aproximadamente duzentos motins promovidos por homens que de há muito tempo tinham má vontade, os quais se apoderaram de um bairro da cidade, onde estava o templo de Diana, lugar de base forte e difícil de ser forçado, que se chamava Issorium. Os lacedemônios quiseram correr furiosos contra eles, mas Agesilau, achando que isso não era causa para qualquer novidade maior, ordenou aos outros que não se mexessem e ele sozinho, com um traje simples, sem armas, a eles se dirigiu, gritando para os que o seguravam: — "Tendes ouvido diferente do que eu ordenei, pois não foi aqui que mandei que vos reunísseis, nem todos em um lugar; mas eu havia ordenado que uns fossem dali e outros de cá", mostrando-lhes diversos quarteirões da cidade. Os sediciosos, ouvindo estas palavras, ficaram descansados, porque julgaram que sua má intenção não tivesse sido descoberta, e saindo dali, partiram para os lugares que ele lhes havia mostrado; então Agesilau, fazendo vir outros, apoderou-se do forte de Issorium, mandou prender aproximadamente quinze desses sediciosos conjurados, os quais mandou matar na noite seguinte.

Conjuração abafada e castigada por Agesilau sem forma de processo.

LIII. Entretanto, foi descoberta uma outra conjuração, muito maior, de espartanos mesmo, que se haviam reunido secretamente em uma casa para suscitar algum novo movimento, contra os quais era embaraçoso formular o processo, em um tão grande tumulto e bem perigoso negligenciar, levando em conta a conspiração. Agesilau, tendo se comunicado em conselho com os éforos, mandou matar todos também, sem outra- forma de processo, ali, onde jamais anteriormente espartano algum havia sido executado, sem que primeiro houvesse sido condenado judicialmente. E como todos os dias, diversos de seus vizinhos e mesmo os hilotas, que havia arrolado em suas tropas como guerreiros, fugissem e fossem se tornar seus inimigos, o que desanimou bastante os moradores, Agesilau avisou seus servidores, que todos os dias, cedo, fossem examinar as enxergas, nas quais haviam dormido e que se apoderassem das armas dos que tinham fugido e as escondessem, a fim de que não se conhecesse o número daqueles que se haviam ocultado.

Os tebanos se retiram da Lacônia.

LIV. E, quanto à partida dos tebanos, uns dizem que partiram da Lacônia por causa do inverno que chegou, razão pela qual os arcadianos começavam a debandar e separar-se em desordem; outros dizem que eles ali ficaram três meses inteiros, durante os quais destruíram a maior parte do país; mas Teopompo escreve que tendo os capitães dos tebanos, resolvido retirar-se, chegou à sua presença um espartano chamado Frixus enviado da parte de Agesilau, que lhes trouxe dez talentos para que se fossem; de tal modo que, para fazer o que de há muito tempo haviam estabelecido fazer eles mesmos, ainda tiveram o dinheiro dos inimigos para fazer suas despesas pelo caminho. Mas eu não posso compreender como é possível que todos os outros historiadores não soubessem nada disto e que só Teopompo tivesse tido o conhecimento de tal fato.

Fraqueza de Esparta.

LV. É verdade e declarado por todos, que só Agesilau foi a causa de se salvar a cidade de Esparta, porque deixando de lado sua ambição e sua teimosia, que eram paixões natas nele, entendeu somente de prover aos negócios seguramente; todavia, jamais pôde se levantar dessa pesada queda, nem reafirmar sua reputação, nem poder, como tivera outrora. Pois em tudo é assim como um corpo são, que em todos os tempos, tendo observado dieta e regime de viver especial, no qual a menor falta ou menor desordem, estraga tudo, também estando a administração pública bem estabelecida e bem composta em virtude, pode fazer viver seus cidadãos em paz e em concórdia uns com os outros, e aptos, quando quisessem, a se defender das dominações de senhores violentos, dos quais Licurgo considerava que uma cidade para viver feliz e virtuosamente, não tem necessidade, e por isso eles foram descendo para a decadência.

Vitória sem lágrimas levantada por Arquidamo sobre os arcadianos.

LVl. Ora, estava Agesilau tão velho, que por causa de sua velhice não ia mais à guerra, mas seu filho Arquidamo, tendo o socorro que Dionísio, o tirano de Siracusa, lhes enviou, ganhou uma batalha contra os arcadianos, que chamam a batalha sem lágrimas; pois não morreu nem um só de seus soldados e foi morto grande número de inimigos. Esta vitória mostrou bem claramente a fraqueza da cidade, pois outrora lhe era coisa comum e costumeira vencer os inimigos, sacrificando aos deuses, em seguida, dentro da cidade, para lhes render graças pela vitória, apenas um galo; e, aqueles que haviam combatido, não se vangloriavam, nem aqueles que ouviam as notícias se alegravam demasiadamente; pois quando ganharam a grande batalha de Mantinéia que Tucídides{968} descreveu, os éforos enviaram àquele que havia trazido a notícia, como presente, um pedaço de carne{969} de seu salgado e mais nada. Quando, porém, trouxeram as novas desta vitória o compreenderam que Arquidamo voltava vitorioso, não houve ninguém que pudesse se conter na cidade e mesmo seu pai foi o primeiro ao seu encontro, chorando de alegria, depois dele os outros oficiais e toda uma multidão de velhos e de mulheres que desceram até a margem do rio, levantando as mãos aos céus e agradecendo aos deuses, como se sua cidade houvesse então vingado sua vergonha e recuperado sua honra e que recomeçasse a ver bruscamente o dia claro e sereno como antes. Pois até ali, segundo se diz, os maridos não ousavam nem olhar francamente o rosto de suas mulheres, tanto sentiam vergonha das perdas que haviam recebido.

Epaminondas surpreende a cidade de Esparta na ausência de Agesilau.

LVII. Mas, estando a cidade de Messena repovoada e sendo construída por Epaminondas, que para lá estava chamando os antigos moradores de todos os lados, não ousaram apresentar-se para combatê-lo, se bem que em seus corações estivessem muitíssimo indignados e desejassem grande mal a Agesilau, porque em seu reinado haviam perdido aquele território, que não era de menor extensão que toda a Lacônia e competia com os melhores lugares de toda a Grécia e do qual haviam gozado pacifica-mente por tantos anos. Eis a razão por que Agesilau não quis aceitar a paz qu e os tebanos lhe mandaram oferecer, não querendo violar sua palavra, quando os inimigos a mantinham de fato; mas, teimando em querer ainda combater e discutir, não somente não recuperou mais seu prestígio, como pouco faltou para que não perdesse com vantagem a própria cidade de Esparta num ardil de guerra, com o qual Foi surpreendido; porque estando de novo os mantinianos separados da aliança dos tebanos e tendo mandado buscar os lacedemônios, Epaminondas, avisado de que Agesilau havia partido com toda a sua força para ir em socorro dos mantinianos, saiu uma noite de Tegéia, sem que os de Mantméia soubessem, foi direto a Esparta, de sorte que pouco faltou para qu e, indo por outro caminho que não aquele que Agesilau trilhava, não surpreendesse desprevenida a cidade de Esparta, completamente vazia de soldados para a defesa; mas um téspio, chamado Eulino, assim diz Calístenes, ou como escreve Xenofonte, um candioto, levou a notícia a Agesilau, que rapidamente mandou à frente um homem a cavalo para avisar os habitantes da cidade, pondo-se ele mesmo a caminho para voltar, não demorando muito a chegar, e logo após, chegaram também os tebanos que passando o no Eurotas, empreenderam o assalto à cidade.

Agesilau volta e rechaça o inimigo.

LVlll. Agesilau, vendo que não era mais tempo de se manter em guarda e não querendo se aventurar, defendeu a cidade vigorosamente, mais do que sua idade permitia, concluindo que havia chegado a hora em que precisava expor-se, de cabeça baixa, a todo e qualquer perigo, e combater desesperadamente. Assim, impelido pelo desespero e pela coragem, em que outrora jamais havia confiado e jamais se havia utilizado, rechaçou para trás o perigo, salvando Esparta das mãos de Epaminondas, levantando um glorioso troféu por haver assim derrotado o inimigo, fazendo sentir às mulheres e às crianças que os homens lacedemônios pagavam ao seu país um belo e honroso salário pelo seu nascimento e criação; da mesma forma agiu Arquidamo, que praticou feitos admiráveis no combate, tanto pela sua coragem como pela sua disposição pessoal, correndo daqui e dali pelas ruas e ruelas da cidade, com alguns companheiros apenas, nos lugares onde havia mais combates, de onde expulsava os inimigos.

Extraordinária coragem de um jovem chamado Isadas.

LIX. Consta que houve um Isadas, filho de Fébidas, que praticou proezas admiráveis dignas de serem presenciadas não somente pelos seus concidadãos, como também pelos inimigos; pois era de bela fisionomia e bem conformado, encontrando-se então, justamente, na mais agradável e na mais bela estação de seus anos, quando o homem passa da infância para a juventude; estando despido não somente de armas defensivas mas também de todas as vestes, todo o corpo untado de óleo, como para lutar e tendo em uma de suas mãos uma parthisane e na outra uma espada, saiu fora de sua casa nesse estado, indo se atirar afoitamente com os que combatiam, abatendo todos os inimigos que se encontravam à sua frente, não ficando fendo, seja porque os deuses o quisessem preservar por causa da excelência de sua virtude ou porque os inimigos mesmo fossem de opinião que havia nesse fato alguma coisa mais do que de homem. Os éforos, depois, deram-lhe uma coroa para honrar sua façanha, mas ao mesmo tempo o condenaram a uma multa{970} de mil dracmas de prata, porque havia sido tão temerário em se aventurar no perigo da batalha sem armas defensivas.

LX. Batalha de Mantinéia.

LX. Poucos dias depois tiveram outra batalha em frente à cidade de Mantinéia, onde Epaminondas, tendo já partido as primeiras filas dos lacedemônios e apertando vivamente os outros, infundindo coragem aos seus, houve um laconiano chamado Antícrates, que o esperou parado e lhe vibrou um golpe de dardo, como descreve Dioscórides; todavia, os lacedemônios, até hoje, chamam os descendentes desse Antícrates, machecionas, que é o mesmo que dizer, espadachins, como se houvesse ferido com um golpe de espada; pois os lacedemônios o amaram e consideraram tanto, por causa desse golpe, pelo grande temor que tiveram de Epaminondas vivo, que ordenaram grandes honras e grandes presentes àquele que o havia morto e, aos seus descendentes, franquia a todos os cargos e atribuições públicas, cujos privilégios goza ainda em nosso tempo um Calícrates que é descendente desse Antícrates.

Agesilau perde a estima dos gregos e dos lacedemônios

LXI. Depois desta batalha e da morte de Epaminondas, tendo os gregos conseguido a paz universal entre eles, Agesilau quis ainda negar e excluir os messenianos do tratado, dizendo que não tinham direito a jurar por um tal chefe, levando em conta que não tinham cidade; mas, como todos os demais gregos, não obstante isso, o receberam no número dos contratantes e tomaram seu juramento, os lacedemônios se retiraram e desfizeram o tratado de paz geral, ficando somente eles a guerrear, na esperança de recuperar o país e território de Messena, tudo por instigação de Agesilau, que foi então considerado pelos gregos como homem violento, cruel e insaciável de guerras, por ir assim minando por baixo, procurando fazer cair, de todo o jeito, o tratado de paz universal. E, por outro lado, foi constrangido a desagradar seus concidadãos, dentro de sua cidade, devido à falta de dinheiro público, emprestando deles e obrigando-os a contribuir, e, assim, colocou-se em tão má situação diante de todo o mundo ali, que se julgava ser melhor pôr um fim a todas essas desgraças, pois levava todo o tempo, depois de haver perdido tão grande império, de tantas fortalezas e cidades e ter desistido do principado de toda a Grécia, tanto em mar como em terra, a atormentar-se para recuperar a renda das possessões do território messeniano.

Viagem ao Egito.

LXII. Ainda perdeu mais de sua reputação, quando se entregou a um capitão egípcio, chamado Tachos, o que foi considerado coisa indigna dele, que um tal personagem, reputado o maior de toda a Grécia e que havia enchido toda a terra com a fama de seu nome, fosse alugar sua pessoa e a glória de seu nome por dinheiro, a um bárbaro traidor e rebelde, para exercer a seu serviço o ofício de capitão mercenário, pois já era idoso, com mais de oitenta anos, com o corpo todo retalhado de ferimentos, quando aceitou o belo e honroso cargo para conduzir a recuperação da liberdade dos gregos, quando sua ambição ainda era irrepreensível, porque as coisas que são por si belas, têm seu tempo e sua estação própria, ou para melhor dizer, as boas e belas não diferem das feias e más, senão na dosagem com que elas se formam, pela moderação e pela mediocridade. Todavia, Agesilau não se preocupou muito com tudo isto e não julgou que houvesse alguma indignidade no serviço que se faz para o bem da coisa pública, mas antes se persuadiu que era coisa indigna dele, viver ocioso, sem nada fazer em uma cidade, esperando que a morte o viesse buscar. Portanto, reuniu na Grécia os guerreiros assalariados que Tachos lhe enviou, com os quais embarcou, tendo como seus conselheiros e seus colaboradores trinta espartanos, como havia acontecido em sua primeira viagem.

Má opinião que os egípcios formam a seu respeito

LXIII. Uma vez chegado ao Egito, imediatamente os principais governadores e capitães do rei Tachos desceram à praia para o receber e lhe prestar honra, e não somente esses, mas também diversos outros egípcios de outros estados que o esperavam com grande devoção pela grande fama do s eu nome, acorreram de todos os lados para verem que espécie de homem era ele, mas quando não viram nenhuma magnificência de séquito e de equipagem, mas somente um velho deitado sobre a relva, ao longo da praia, de estatura pequena, simples em sua atitude e sem nenhuma aparência, grosseiramente vestido com um velho traje usado, tiveram vontade de rir e caçoar, dizendo entre eles que aquilo verdadeiramente confirmava o que existia na fábula, — que uma montanha gemeu com as dores do parto, dando à luz um ratinho. Ainda o acharam mais estranho quando lhes trouxeram presentes de boas vindas, pois recebeu bem as farinhas, os vitelos e os filhotes de ganso, mas os doces, massas, odores e perfumes, recusou-os, e como aqueles que lhe haviam oferecido insistissem para que aceitasse, disse-lhes que os levasse aos hilotas, seus escravos. Teofrasto escreve que ele tomou gosto pela grama de papel, achando belos os terços{971} ali feitos, salientando-se pela sua beleza e acabamento, tendo levado deles quando partiu.

Abandona Tachos para passar no partido de Nectanebo

LXIV. Mas, tendo falado com Tachos, que estava pondo em ordem seu exército e preparando sua viagem, não foi feito capitão-general, como esperava, mas somente coronel dos estrangeiros; Chabrias, era o comandante da armada e comandante em chefe, acima do qual estava Tachos em pessoa; isso desagradou muito a Agesilau, pois estava constrangido, quisesse ou não, a suportar a glória vã e a louca arrogância deste egípcio, o que o afligia muito porque era preciso ir com ele por mar contra os fenícios, dobrando-se sob seu jugo e obrigado a agir, de encontro à sua dignidade e contra sua natureza, até que chegou a ocasião de se ressentir. Um sobrinho de Tachos, chamado Nectanebo, tendo a seu cargo uma parte do exército, rebelou-se contra o tio e sendo eleito rei pelos egípcios, enviou um pedido a Agesilau solicitando que o viesse socorrer; também mandou pedir a Chabrias para tomar seu partido, prometendo a um e ao outro grandes presentes. Tachos, porém, tendo percebido, pôs-se a suplicar aos dois que não o abandonassem, o que fez Chabrias, que reconfortando Agesilau e lhe fazendo diversas admoestações, procurou conservá-lo na amizade de Tachos. Ao que Agesilau lhe respondeu:

— "Quanto a ti, Chabrias, que aqui vieste por teu próprio impulso, podes bem fazer o que bom te parece, mas quanto a mim é outra coisa; pois meu país enviou-me aqui como capitão ao serviço dos egípcios; portanto, não seria nada honesto que eu guerreasse contra esses a quem me enviaram para servir e socorrer, a menos que esses mesmos para os quais fui enviado, me mandassem agora o contrário". Dada esta resposta, despachou alguns de seus soldados a Esparta para aí acusar Tachos e louvar Nectanebo; eles também, cada um por seu lado, mandaram pedir o conselho da Lacedemônia, um como sendo seu amigo e aliado de todos os tempos e o outro prometendo ser no futuro mais leal e amigo mais dedicado. Os lacedemônios, tendo ouvido essas súplicas, responderam publicamente que Agesilau teria cuidado em resolver a respeito, e em segredo lhe escreveram que fizesse aquilo julgado mais útil para Esparta. Assim Agesilau, tomando consigo os aventureiros que trouxera da Grécia, retirou-se para junto de Nectanebo, cobrindo-se com a capa de que "era para o bem de seu país", para disfarçar seu maldoso intento; pois se lhe retirassem essa máscara de utilidade pública, achariam que o nome mais justo que lhe poderiam dar, seria traição, mas os lacedemônios, colocando como primeiro ponto de honra o que era útil para seu país, não

conheciam outra justiça senão aquela que contribuísse para crescimento e progresso de Esparta.

Faz sair este de uma fortaleza onde estava sitiado

LXV. Assim Tachos, vendo-se abandonado por esses estrangeiros mercenários, fugiu; mas por outro lado levantou-se também na cidade de Mendes um outro rei contrário a Nectanebo, o qual tendo reunido cem mil combatentes, vinha procurá-lo e combatê-lo. E Nectanebo, julgando encorajar Agesilau, ia lhe dizendo que os inimigos estavam em grande número, mas que eram homens recolhidos de todos os cantos, pessoas do trabalho a maioria, dos quais não precisava fazer caso, porque eles não sabiam o que era a guerra; Agesilau respondeu-lhe: — "Ao contrário, eu não temo o seu número, mas sua ignorância e falta de experiência, o que é mais difícil de iludir; pois os ardis de guerra valem e servem contra aqueles que, ao se defenderem, mantendo-se em guarda, duvidam e desconfiam, e por este meio, esperam uma coisa em vez de outra; mas com aquele que não duvida de nada e que não espera uma coisa mais cedo do que outra, que não dá nenhuma oportunidade àquele que procura provocá-lo, mais do que o que não se mexe na luta, não demonstra nenhuma inclinação nem meio de enfraquecer o adversário que luta contra ele". Depois o mendisiano mesmo mandou mensageiros à presença de Agesilau, procurando trabalhá-lo, pelo que Nectanebo teve receio e desconfiança; razão por que Agesilau aconselhou-o a descer para a batalha o mais cedo que pudesse e não demorar esta guerra contra soldados que não sabiam o que era combater, mas que devido ao seu elevado contingente, poderiam muito bem envolver e fechá-los em trincheiras, e prevenindo-o sobre diversas coisas, Nectanebo ficou então com suspeitas maiores e maior desconfiança dele, de tal forma que afinal retirou-se para uma grande cidade bem fechada por boas muralhas e que era um grande recinto; isto fez Agesilau ficar descontente, desagradando-o bastante o fato de ver como desconfiavam assim; no entanto, tendo vergonha de se virar bruscamente para o outro lado ou de voltar sem nada fazer, seguiu-o e entrou com ele dentro daquela fortaleza onde os seus inimigos o perseguiram; uma vez chegados diante do lugar, começaram a entrincheirar-se à volta para o fechar; motivo por que o egípcio Nectanebo temendo por outro lado ser durante muito tempo sitiado, quis iniciar batalha, com os aventureiros gregos às suas ordens, os quais não pediam outra coisa, mesmo porque havia muito pouco trigo no lugar, e ao contrário Agesilau impedindo-o e não desejando ceder, ficou ainda em pior situação do que antes com relação aos egípcios, a ponto de lhe dizer que era um traidor ao seu rei; mas ele começou a suportar mais pacientemente as injuriosas calúnias com que o acusavam, esperando o tempo favorável para executar um ardil que tinha em seu pensamento, o qual era: os inimigos construíam uma trincheira grande e profunda à volta da cidade para, por todos os pontos, fechá-la; quando as duas pontas da trincheira ficassem bem perto uma da outra e faltasse bem pouco para se encontrarem, esperando que a noite desse dia chegasse, ordenou aos gregos que se armassem e se mantivessem prontos, depois dirigindo-se ao egípcio disse-lhe: — "Eis o ponto culminante da ocasião própria para te salvares, cuja ocasião não te quis dizer, até que houvesse chegado, com medo de perdê-la. Pelo que, agora que mesmo os inimigos com suas próprias mãos nos arranjaram o meio de nos retirar a salvo, fazendo esta trincheira, da qual o que já está feito os impede de poderem se servir de sua multidão de soldados e o que está para ser feito, nos dá comodidade de os poder combater com número igual e medida semelhante, delibera mostrar-te por este golpe, homem de coragem e nós seguiremos teus passos; salva-te rapidamente, tu e tua gente, pois esses inimigos que encontramos de frente, não nos susterão nunca e os outros por causa da trincheira que nos cobrirá pelos lados, não nos poderão prejudicar". Ouvidas estas palavras, Nectanebo maravilhou-se de seu bom senso, e colocando-se no meio dos gregos, deu contra os inimigos, os quais em poucas horas, foram facilmente derrotados, pelo menos aqueles que esperaram e que lhe ousaram fazer frente.

Ganha uma grande vitória que assegura o trono a Nectanebo.

LXVI. Depois que Agesilau ganhou nesse ponto e que Nectanebo nele acreditou, surpreendeu os inimigos ainda com o mesmo ardil, com o qual já os havia surpreendido, nem mais, nem menos do que de uma reviravolta na luta, da qual eles não souberam se defender; pois era simulando fugir e atraindo-os para perto dele, ora rodopiando daqui e dali, tanto fez que afinal atraiu toda esta grande multidão para um aterro estreito, apertado dos dois lados por grandes fossas, largas e profundas, cheias de água corrente; depois, quando ficaram no meio, barrou-lhes subitamente o passo com a frente da batalha, que igualou à largura do aterro, e assim fazendo, igualou também o número de seus combatentes com a multidão dos inimigos, porque não puderam mais rodeá-lo, nem pelos lados, nem por trás; por esse meio, depois de pequena resistência, foram todos postos em fuga e ficando grande número de mortos sobre o sítio e os outros, depois de haverem sido uma vez rompidos, debandaram e se afastaram fugindo daqui e dali, de tal forma que depois os negócios do rei egípcio se realizaram bem e encontrou-se seguro em seu estado. Daí em diante, estimou singularmente a Agesilau, fazendo-lhe, a toda a hora, todo o agrado que lhe era possível, pedindo-lhe que ficasse e passasse o inverno com ele; mas Agesilau teve pressa de voltar ao seu país porque a guerra lá estava, sabendo que sua cidade tinha falta de dinheiro e atendendo que ela estava obrigada a manter a seu soldo soldados estrangeiros.

Morte de Agesilau.

LXVII. Após isto, Nectanebo despediu-se dele muito honradamente e com bastante magnificência presenteando-o, além de todas as outras honras e dádivas, com duzentos e trinta talentos{972} em prata sonante, para suprir as despesas de guerra que seu país sustentava; mas, estando o mar em tormenta, por ser a estação do inverno, Agesilau morreu pelo caminho, tendo todavia ganho a terra com seus navios num lugar deserto nas costas da Líbia, que se denomina o Porto Menelau{973}, depois de haver vivido oitenta e quatro anos, dos quais durante quarenta e um foi rei de Esparta e desses, durante mais de trinta, havia sempre continuamente sido estimado como o maior e o mais poderoso homem e quase como capitão-general de toda a Grécia até a jornada de Leutres. Sendo costume dos lacedemônios exumar os corpos de seus cidadãos que faleciam fora do país, no lugar mesmo onde morriam e lá deixá-los, exceto os reis, que transportavam ao país, os espartanos que então estavam à volta de Agesilau, por falta de mel, derreteram cera sobre seu corpo e o transportaram desse modo para Esparta. Seu filho Arquidamo sucedeu-o no trono, o qual ficou por sucessão contínua aos seus descendentes, até Ágis, que Leônidas mandou matar, porque procurava fazer voltar a antiga disciplina e modo de viver da Lacedemônia, sendo o quinto rei de pai para filho depois de Agesilau.

Pompeu

SUMÁRIO DA VIDA DE POMPEU

I. O ódio dos romanos contra Estrabão e amor a seu filho Pompeu. II. Causas dessa estima. III. Extremo apego da cortesã Flora a Pompeu. IV. Apesar de sua reserva, é acusado de ser inclinado às mulheres. V. Sua sobriedade. VI. Como salva a vida de seu pai e apazigua a sedição de seu exército. VII. É citado em justiça. VIII. Origem do brado Talássio nos casamentos romanos. IX. Cina é morto. X. Pompeu reúne as tropas para se unir a Sila. XI. Vantagens alcançadas por Pompeu sobre os diversos chefes do partido oposto. XII. Honras que lhe rende Sila. XIII. Pompeu passa à Gália para ajudar Metelo. XIV. Pompeu repudia sua mulher Antistia para se casar com Emília. XV. Marcha contra os chefes do partido oposto na Sicília. XVI. Sua conduta em relação a Carbo e Quinto Valério. XVII. Perdoa a cidade dos himérios em favor de Atenas. XVIII. Passa à África. XIX. Conquista a vitória e vence Domício. XX. Submete toda a África em quarenta dias. XXI. E chamado por Sila. XXII. Dá-se-lhe o cognome de Grande. XXIII. Obtém as honras do triunfo apesar da oposição de Sila. XXIV. Pompeu expulsa Lépido da Itália. XXV. Vai à Espanha para guerrear Sertório. XXVI. Mudança que a chegada de Pompeu traz aos negócios de Sertório. XXVII. Batalha do Sucron. XXVIII. Pompeu escreve ao Senado solicitando o dinheiro necessário para o soldo de suas tropas. XXIX.: Morte de Sertório. A guerra termina pela prisão e morte de Perpena. XXX. Pompeu retalha em pedaços o remanescente dos escravos revoltados. XXXI. É nomeado cônsul com Crasso. XXXII. Restabelece a autoridade dos tribunos. XXXIII. Pompeu e Crasso reconciliam-se. XXXIV. Conduta de Pompeu e de Crasso após o seu consulado. XXXV. Origem da guerra dos piratas. XXXVI. Seus sucessos. XXXVII. Sua insolência. XXXVIII. Pompeu é nomeado para guerrear os piratas. XXXIX. Oposição de todas as pessoas de bem ao excesso de poder dado pelo povo a Pompeu. XL. Pompeu arrebata. XLI. Rapidez de seus sucessos. XLII. Volta a Roma e vai a Atenas. XLIII. Como ele termina to da aquela guerra. XLIV. Sua conduta em relação aos corsários em Crato. XLV. E nomeado para guerrear Mitrídate s. XLVI. Falsidade de Pompeu tomando conhecimento desta notícia. XLVII. Conduta reprovável de Pompeu com respeito a Lúculo. XLVIII. Mitrídates, fechado em seu acampamento por Pompeu, foge. XLIX. Batalha onde Mitrídates é vencido. L. Tigranes põe sua cabeça a prêmio. LI. Pompeu reconcilia-se com Tigranes. LII. Derrota os albanos e os iberos. LIII. Nova vitória de Pompeu sobre os albanos. LIV. Estratônica entrega a Pompeu o castelo onde estavam os tesouros de Mitrídates. LV. Apodera-se de outro castelo onde encontra as cartas de Mitrídates. LVI. Pompeu conquista a Síria e a Judéia. LVII. Insolência de um liberto de Pompeu chamado Demétrio. LVIII. Pompeu toma conhecimento da morte de Mitrídates. LIX. Presentes que Farnace lhe envia. LX. Vai a Mitileno, a Rodes e a Atenas. LXI. Como destrói os rumores que se haviam espalhado em Roma contra ele. LXII. Catão recusa o pedido de casamento que Pompeu lhe faz de suas duas sobrinhas para ele mesmo e para seu filho. LXIII. Triunfo de Pompeu. LXIV. Reflexões sobre a conduta pela qual Pompeu preparou, ele mesmo, sua desgraça. LXV. Suas ligações com César. LXVI. Discurso sedicioso de Pompeu. LXVII. Violências praticadas por Pompeu. LXVIII. Insolência de Clódio. LXIX. Pompeu faz chamar Cícero. LXX. E encarregado de suprir Roma de trigo. LXXI. Pompeu traz grande quantidade — e restabelece a abundância. LXXII. César vem a Luca. LXXIII. Conspiração entre César, Pompeu e Crasso. LXXIV. Pompeu e Crasso fazem-se nomear cônsules à força. LXXV. Fazem prolongar por cinco anos o governo de César na Gália. LXXVI. Morte de Júlia. LXXVII. César e Pompeu separam-se. LXXVIII. Pompeu é nomeado cônsul. LXXIX. Casa-se com Comélia. LXXX. Faz continuar seu governo por quatro anos. LXXXI. Solicita o consulado para César, que se achava ausente. LXXXII. Louca presunção de Pompeu. LXXXIII. César avança sobre a Itália. LXXXIV. Preparativos de Pompeu contra César. LXXXV. César passa o Rubicon. LXXXVI. Pompeu com plenos poderes. LXXXVII. Pavor universal. LXXXVIII. César chega a Roma. LXXXIX. Torna-se senhor de toda a Itália. XC. Forças de terra e mar reunidas por Pompeu. XCI. Personagens distintos que se reúnem a Pompeu. XCII. Pompeu recusa um acordo proposto por César. XCIII. Vantagem de Pompeu sobre César, de que não se aproveita. XCIV. Presunção louca que esse sucesso inspira a Pompeu e ao seu partido. XCV. Pompeu persegue César. XCVI. Rumores espalhados contra Pompeu. XCVII. Pompeu delibera se deve ou não dar a batalha. XCVIII. Ordem de batalha de César. XCIX. Ordem dada por Pompeu. C. Reflexões sobre a obstinação ambiciosa de César e

de Pompeu. CI. Empenha-se a batalha. CII. César conquista a vitória. CIII. Fuga de Pompeu. CIV. Petício recebe-o em seu. navio. CV. Vai encontrar Cornélia em Lesbos. CVI. Aconselha aos mitilênios que se submetam a César. CVII. Retira-se para o Egito. CVIII. Ptolooneu determina fazê-lo assassinar. CIX. Envia Aquiles. CX. Seu assassinato. CXI. Seu liberto Filipe queima seu corpo. CXII. César vinga sua morte.

Desde 648 até o ano 706 de Roma, 48 A. C.

O povo romano parece ter igual afeição para com Pompeu, desde seu início, como Prometeu, em uma tragédia de Esquilo, mostra ter para com Hércules, depois de ter sido libertado por ele, quando diz:

Do filho tanto me é a pessoa cara, Como tive a contragosto o pai.

O fato é que os romanos jamais deram demonstração de ódio mais agudo, nem mais áspero contra qualquer capitão, como fizeram contra Estrabão, pai de Pompeu; é verdade que enquanto viveu, eles duplicaram seu poder nas armas, pois que ele era sem dúvida, um grande guerreiro; mas quando morreu, fulminado por um raio, arrancaram o corpo de sobre a cama, arrastando-o sobre a terra, e lhe fizeram infinitos ultrajes e vilanias; e, ao contrário, jamais romano algum teve o amor do povo tão veemente , tão prematuro, mais florescente em sua prosperidade, nem., que mais constantemente perseverasse em sua adversidade, do que Pompeu.

II. Não havia senão uma coisa que fez assim odioso seu pai: era uma avareza extrema e uma cobiça insaciável; mas, ao contrário, o filho era amado devido a temperança de sua vida, por ser destro nas armas, eloquente no falar, cumpridor da palavra; irradiava simpatia pessoal nas reuniões e agradável acolhimento a quem precisasse dele, de sorte que não havia quem desfrutasse mais acolhimento nem que demonstrasse maior prazer quando o procuravam, pois dava sem arrogância e recebia com dignidade. Sua vantagem, nos primeiros anos, era seu rosto, que o ajudava muito no primeiro encontro a ganhar as boas graças de cada um, falando, por assim dizer, antes de sua voz; pois tinha um não sei quê de doçura agradável aliada a uma serena gravidade, e desde a flor e vigor de sua juventude, mostrou logo em seus costumes e pelas suas maneiras, uma venerável altivez de majestade. Tinha também os cabelos um pouco ondulados, o olhar terno e doce movimento dos olhos, que causavam aquela semelhança que tinha, conforme se dizia, mas que não aparentava, com as efígies do rei Alexandre, o Grande; assim, muitos lhe davam esse nome e ele mesmo já não o refutava, de sorte que acontecia às vezes que, brincando, chamavam-no de Alexandre, razão por que Filipe, varão consular, não trepidou em dizer publicamente, em um de seus discursos, o que faria em seu favor e que não era nenhuma maravilha, porque sendo ele Filipe, amava Alexandre.

III. Dizem que a cortesã Flora, já bem idosa, tinha grande prazer em falar sobre o convívio que tivera em sua mocidade com Pompeu, dizendo ser impossível, quando se deitava com ele, sair sem mordê-lo. Contava também que um de seus familiares, que se chamava Gemínio, tornou-se uma vez enamorado dela, batendo a cabeça, à força de implorar e solicitar seus favores continuamente; ela respondia-lhe que não faria nada, devido a afeição que devotava a Pompeu. Por isso Gemínio falou pessoalmente com Pompeu a respeito, o qual, querendo ser-lhe agradável, permitiu, mas depois nunca mais tocou-a nem falou com ela, se bem que parecesse ainda apaixonado; e ela não recebeu isto como mulher de sua categoria, mas ficou durante muito tempo doente pela dor e pelo arrependimento; e, no entanto dizem que Flora era tão famosa por sua graça e sua beleza, que Cecílio Metelo, fazendo ornar e embelezar o templo de Castor e Polux, com belos quadros e belas pinturas, aí mandou colocar entre outros o retrato dela ao natural) dada a excelência de sua beleza.

IV. Pompeu tratou duramente e sem liberalidade, contra seu natural, a mulher de um de seus

escravos libertos chamado Demétrio, que quando vivo havia tido grande prestígio a seu lado e morrera rico, com quatro mil talentos{974}, temendo sua beleza, que era singular e bastante famosa, com receio que o considerassem apaixonado. Mas se bem que fosse nisto comedido e tão previdente, no entanto ainda não pode evitar que o censurassem; pois o caluniaram, dizendo que para gratificar e ser agradável às mulheres, deixava de lado e não fazia menção de ver muito as coisas que diziam respeito ao bem público.

V. Quanto à facilidade e simplicidade de seu viver comum, contam a propósito, um fato notável pelo que disse uma vez, quando se achava enfermo, estando sem paladar e não podendo comer; pois, para lhe fazer voltar o apetite, o médico ordenou-lhe que comesse um tordo. Procuraram por toda a parte e não encontraram tordo à venda, porque estava fora de sua estação; mas houve alguém que informou poder encontrar aquela ave em casa de Lúculo, que a criava o ano todo: — "Como, disse ele, se Lúculo não fosse guloso, Pompeu não viveria?" E deixou a prescrição do médico, mandou que o vestissem e que o cobrissem mais facilmente; mas, quanto a isto, falaremos depois.

VI. Sendo ainda muito jovem, no campo com seu pai, que guerreava Cina, tinha por familiar e companheiro, alojado na mesma tenda, um Lúcio Terêncio, o qual tendo sido adquirido por prêmio em dinheiro, havia prometido a Cina matá-lo e outros conjurados haviam também prometido atear fogo dentro da tenda de seu capitão. Esta conspiração foi descoberta a Pompeu quando estava à mesa, com a qual não se espantou, mas ao contrário, mostrou ainda melhor cara a Terêncio, como não estava habituado a fazer; mas, quando chegou a hora de se retirar para dormir, esquivou-se secretamente de sua tenda e foi dar ordens, visando a segurança de seu pai, para se manter em casa. Terêncio, quando julgou que a hora de executar sua empreitada tinha chegado, levantou-se e foi com a espada nua na mão, ao leito onde dormia Pompeu e deu vários golpes de ponta dentro do colchão. Isto feito, levantou-se um grande tumulto por todo o acampamento, pelo ódio que tinham ao capitão e querendo os soldados a toda força se entregar ao inimigo, começavam já a desarmar suas tendas, a amarrar a bagagem e tomar suas armas; quanto ao capitão, temendo esse tumulto, não ousou sair de sua casa, mas seu filho atirou-se no meio dos soldados amotinados, suplicando-lhes humildemente, com lágrimas nos olhos, que não pregassem mais esta má peça ao seu capitão, e finalmente, atirou-se de rosto contra a terra a todo o comprimento, através da porta do acampamento, dizendo-lhes que passassem sobre seu corpo se tinham tão grande vontade de ir; diante disso ficaram tão envergonhados, que voltaram a sua casa, e mudando de pensamento, reconciliaram-se com seu capitão, exceto oitocentos que se foram.

VII. Mas, logo depois, após o falecimento de seu pai, que se chamava Estrabão, ficou como seu herdeiro e foi chamado perante a justiça em lugar dele, a quem acusavam de desvio e fraude dos dinheiros públicos; ele, porém, descobriu e evidenciou que era um de seus escravos libertos, chamado Alexandre, que havia subtraído a maior parte e o apresentou aos juízes; todavia, ainda o sobrecarregaram em seu nome próprio e particular, por haver subtraído as telas e redes de pesca, e livros de que se haviam apoderado na cidade de Asculo. Isto era verdade, pois seu pai lhos havia dado na tomada dessa cidade; mas ele os havia perdido depois, quando os satélites de Cina, à sua volta dentro de Roma, entraram à força dentro de sua casa e a pilharam. Houve nesse processo diversos defensores antes da sentença definitiva, nos quais Pompeu se demonstrou esperto diante dos juízes, de bom entendimento e firme, como se tivesse mais idade e adquiria tão boa reputação e tão grande graça, que Antistes, que então era pretor e presidia essa causa, pela boa opinião que formou a seu respeito, estimou-o e mandou-lhe oferecer a mão de sua filha em casamento, levando-lhe sua palavra por meio de seus amigos; Pompeu o aceitou e foram feitas secretamente as promessas entre eles.

VIII. Todavia, o povo percebeu bem, pelo trabalho e o cuidado que Antistes tinha em favorecê-

lo, de tal mo do, que quando foi pronunciada a decisão dos juízes, que era absolvição, a assistência, sem mais nem menos, como se fosse impelida por uma só ordem, pôs-se a gritar a uma voz: Talassio, Talassio, que é o brado usado, de toda a antiguidade, nas núpcias em Roma, tendo tal costume procedido, segundo se diz, do seguinte: na ocasião em que os principais e mais nobres romanos roubaram as filhas dos sabinos, que vieram a Roma para presenciar os divertimentos dos jogos públicos que ali se realizavam, houve pessoas de baixa condição, como vaqueiros e pastores, que roubaram uma das moças, muito bela, alta e elegante, e com medo que outros de melhor situação a tomassem, foram gritando pelas ruas Talassio, Talassio, como se quisessem dizer, é por Talassio, por causa de Talassio, que era um jovem nobre do campo, conhecido e querido por todo o mundo. De tal forma fizeram, que aqueles que ouviram citar este nome, puseram-se a bater as mãos em sinal de alegria e a gritar também, Talassio com eles, louvando a escolha que haviam feito. Daí, dizem, veio o costume, de sempre depois gritarem essa palavra aos que se casam, uma forma de augúrio para que o casamento da noiva fizesse feliz a Talassio. É o que me parece mais verossímil de tudo que contam a respeito desse grito nupcial.

IX. Poucos dias, portanto, depois desse julgamento, Pompeu esposou Antístia, indo depois ao acampamento de Gina, onde. lhe fizeram mal e o caluniaram por alguma coisa de que teve medo e por esta razão se esquivou secretamente; e, porque não comparecia mais, correu logo um rumor no acampamento de que Cina o havia mandado matar; isto deu margem para que aqueles que de há muito andavam irritados contra Cina e o odiavam, corressem contra a sua pessoa. Procurou pôr-se a salvo rapidamente, mas foi logo alcançado por um dos capitães que o seguia com a espada traidora na mão; vendo isto, Cina atirou-se aos seus pés e lhe entregou seu anel, no. qual estavam gravadas suas iniciais e que valia muito; mas o capitão lhe disse, fortemente ultrajado: — "Não vim aqui para selar nenhum contrato, mas para castigar um tirano cruel e mau"; e, dizendo isto, matou-o ali mesmo{975}. Cina, tendo sido morto assim, Carbo sucedeu-o, tomando os negócios em suas mãos, sendo ainda tirano mais cruel do que o primeiro e logo depois sobreveio Sila, desejado pela maioria dos romanos, pois as garras que os oprimiam eram tão fortes, que não consideravam consolo mudar de senhor, tanto as misérias passadas tinham reduzido a cidade de Roma, a qual não esperava mais poder recuperar sua liberdade e não procurava mais senão uma servidão mais equitativa e agradável.

X. Ora, estava Pompeu então naquela parte da Itália que se chama o Passo de Ancona{976}, onde possuía terras, mais por aquele amor e aquela benevolência, hereditários, de pai para filho, que se devotava às cidades do país, do que por outra coisa; e, vendo que os mais nobres e as pessoas mais reputadas entre os romanos abandonavam suas casas e seus bens para fugir de todos os lados, como um porto de salvação para o acampamento de Sila, não quis ir à sua presença como fugitivo, sem nada contribuir para o aumento de suas forças, como pessoa destituída de todos os meios que não procurasse senão se salvar, mas quis ir honrosamente levando forças, como aquele que quisesse ser o primeiro a causar prazer; começou então a sondar as vontades e a solicitar aos cidadãos do país, que o ouviram voluntariamente e não quiseram fazer nada em favor daqueles que vinham da parte de Carbo, entre os quais estava um chamado Vindio, o qual se adiantou para dizer que Pompeu, ao sair da escola, tornou-se rapidamente capitão, pelo que ficaram tão furiosos que se atiraram sobre ele e o mataram na hora. Depois disso, Pompeu, que não tinha senão vinte e três anos, sem esperar que pessoa alguma lhe desse autorização para comandar, tomou-a por si mesmo e mandou levantar no meio da praça de Auximo, grande e poderosa cidade, um tribunal, onde ordenou aos seus dois irmãos, que se chamavam{977} os Ventidianos, que os dois primeiros homens daquela cidade, que em favor de Carbo resistissem ao que ele fazia, que incontinente e sem perda de tempo saíssem da cidade, e começou a arrolar gente, estabelecendo capitães, sargentos de tropas, centuriões e outros postos, segundo as ordens da disciplina militar.

XI. Em seguida, foi por todas as outras cidades, fazendo o mesmo, onde todos os que faziam alguma coisa por Carbo, nesse sentido, lhe cediam os direitos e se retiravam à sua frente e os

outros se uniam a ele voluntariamente, de maneira que em pouco tempo aprontou três legiões juntas, todas completas, reuniu munição para as alimentar e descobriu bestas de carga, carretas e outros carros para levar a bagagem; e, depois disto feito, pôs-se a caminho para levar todo este equipamento a Sila, não com grandes caminhadas como homem que tivesse receio de ser encontrado e ficasse bem sossegado de não ser visto pelo caminho, mas demorando nos lugares onde podia prejudicar o inimigo em alguma coisa, solicitando às cidades por onde passava para se rebelarem contra Carbo, até que três capitães da parte contrária, Carina, Célio e Bruto, todos três juntos, foram assaltá-lo, não de frente, nem do mesmo lado, mas por diversos lugares, volteando à volta com três exércitos, julgando alcançar vitória no primeiro assalto; todavia, Pompeu não se espantou, mas reuniu todas as suas forças em um lugar e marchou primeiro contra o exército de Bruto, tendo posto à frente da batalha após os soldados da infantaria, os da cavalaria, entre os quais estava ele mesmo. E como os guerreiros do inimigo, que eram gauleses, marchassem também ao seu encontro, deu primeiro no mais poderoso e de melhor aparência dentre eles um tão violento golpe de dardo que o fez cair por terra; os outros, vendo isso, viraram-se logo em fuga e romperam eles mesmos seus infantes, de sorte que todos se puseram a fugir, ocasião em que os capitães entraram em discussão uns com os outros, retirando-se uns de um lado, outros de outro, da melhor forma que puderam. E então as cidades dos arredores, onde pensaram que se afastavam assim de medo, renderam-se todas a Pompeu. Depois o cônsul Cipião, tendo-se aproximado dele, também para o combater, quando as duas facções ficaram uma em frente à outra, antes que estivessem prontos para lançar seus dardos, os soldados de Cipião, saudando os de Pompeu viraram-se para seu lado, não podendo Cipião fazer outra coisa senão fugir. Finalmente, Carbo mesmo, tendo lhe enviado no final diversas companhias de cavalarianos junto do rio Arsis, virou o rosto contra eles e os carregou tão rudemente que os levou lutando até a lugares onde era impossível aos cavalarianos combater; por esse meio, vendo que não tinham jeito de se salvar, entregaram-se com suas armas e seus cavalos.

XII. Sila ainda não tinha ouvido nada a respeito dessas derrotas porque ao primeiro rumor que ouviu, temendo se perdesse, envolto como estava por tantos capitães inimigos, apressou-se a ir socorrê-lo, e Pompeu, quando foi avisado de que ele se aproximava, ordenou aos seus capitães que armassem seus soldados e se colocassem em batalha a fim de que seu general os encontrasse mais bravos e em melhor forma quando ele os apresentasse, pois esperava que Sila lhe fizesse grandes honras, mas este fez ainda mais do que esperava, porque quando o divisou de muito longe, vindo ao seu encontro, e vendo seu exército em tão boa ordem, onde existia tão belos homens e que mostravam tão boas fisionomias e traziam todos a cabeça erguida orgulhosamente pelas vantagens que acabavam de ter sobre seus inimigos, desceu do cavalo a pé, e como Pompeu o saudasse chamando-o imperador, que quer dizer capitão em chefe, Sila saudou-o de novo da mesma forma, contra a expectativa e opinião de todos os assistentes, que não julgavam fosse possível comunicar a honra desse nome a um homem tão jovem, que não tinha nem sido recebido ainda no corpo do Senado, levando em conta que combatia contra Marianos e Cipiões na conquista desse título. De resto, o tratamento que Sila lhe deu correspondia ao que desejava; pois, quando Pompeu chegou ao lugar onde se encontrava, levantava-se à sua frente e se descobria erguendo o véu sobre a cabeça, o que não fazia facilmente diante de outros, ainda que houvesse muita gente de bem, e grandes personagens ao seu redor; todavia, essas honras não deixavam Pompeu orgulhoso, mas como Sila quisesse imediatamente enviá-lo à Gália, onde estava Metelo, que não parecia praticar feitos dignos das forças que possuía, Pompeu respondeu-lhe que não era razoável retirar um velho capitão que havia feito e visto mais do que ele; mas se Metelo quisesse e lhe pedisse, de bom grado iria ajudá-lo a conduzir aquela guerra.

XIII. Metelo ficou muito contente e lhe escreveu que fosse, e entrando, aí praticou maravilhosos feitos de armas e esquentou ainda mais a bravura e virtude militar de Metelo, que já começava a envelhecer, confirmando o que se diz, que o cobre já fundido, vindo a correr à volta daquele que ainda está frio e duro, o amolece e dissolve mais facilmente, o que não faz o próprio fogo. Ainda mais, assim como em um valente campeão de luta ou de esgrima, que sempre honradamente venceu tudo onde combateu, não leva em consideração as vitórias pueris que ganhou contra seus companheiros quando ainda rapazinho, não se dignando gravá-las por escrito, também tenho receio de tocar nos feitos de armas que

Pompeu praticou, ainda que sejam em si mesmos admiráveis porque são escondidos, obscurecidos e apagados sob a grandeza e o número infinito de guerras e batalhas e combates que teve depois, com receio de que, se eu brincasse muito em descrever minuciosamente esses inícios, passasse depois ligeiramente sobre os principais atos e mais notáveis feitos desse personagem, que mais claramente colocam e põem em evidência seu natural.

XIV. Depois, portanto, que Sila ascendeu em seus negócios na Itália e foi declarado ditador, recompensou seus outros tenentes e capitães que mantiveram seu partido, elevando-os às honras e dignidades da república e lhes cedendo liberalmente tudo o que solicitavam; mas, quanto a Pompeu, tendo-o em admiração por sua virtude e considerando que seria ele um grande apoio para a segurança de seus negócios, procurou ligar-se ao jovem capitão por meio de uma aliança, no que Metela, sua mulher, era favorável; fizeram tanto que persuadiram Pompeu a repudiar sua mulher Antístia, para se casar com Emília, filha de Metela e de seu primeiro mando Emílio Escauro. Essas núpcias foram como que violentas e tirânicas, pouco convenientes no tempo de Sila, mais não que pela natureza e pelos costumes de Pompeu, sendo tomada sua nova esposa Emília a seu marido legítimo, para lhe ser entregue grávida, e expulsar Antístia vergonhosa e miseravelmente, atendendo que pouco antes havia perdido seu pai e agora seu marido a repudiava; pois Antístio foi morto dentro do próprio Senado, porque foi considerado querer tomar o partido de Sila por amor de seu genro Pompeu; e sua mãe, vendo o grande erro que cometiam contra sua filha, suicidou-se; de tal forma, esse inconveniente foi como que um acessório à tragédia dessas desgraçadas núpcias e também o falecimento de Emília, a qual pouco depois morreu de parto em casa de Pompeu.

XV. Mas, nesse entrementes, vieram notícias a Roma de que Perpena havia se apoderado da Sicília e se preparava para fazer dessa ilha um forte e um retiro para aqueles que eram da facção contrária a Sila; ainda que Carbo estivesse à volta com algum número de navios e Domício houvesse passado à África, e diversos outros personagens banidos que puderam se salvar das proscriçoes houvessem se colocado desse lado, Pompeu foi enviado para combater todos esses com uma força poderosa, mas nem bem havia posto o pé na Sicília, Perpena a deixou; ali, tratou humanamente e levantou todas as outras cidades, que antes haviam trabalhado muito e muito se afligiram, exceto os marmetinos, únicos habitantes na cidade de Messina, os quais quiseram alegar a seu favor, seu tribunal e sua jurisprudência, dizendo que tinham privilégio expresso e antiga ordem do povo romano, ao que ele lhes respondeu colérico:

— "Alegais nossas leis, a nós que temos as espadas de lado?"

XVI. Também parece que se portou um tanto ultrajantemente na calamidade de Carbo; pois se era preciso fazê-lo morrer, devia fazê-lo logo, quando o tinha entre suas mãos, pois agindo assim, teriam atribuído todo o ódio do fato àquele que o teria ordenado; mas o fez levar diante de si e interrogou-o publicamente à vista de todo o mundo, do que diversos dos assistentes ficaram muito descontentes e depois ordenou que o fizessem matar. Foi levado, e dizem, quando viu a espada nua com a qual queriam corta-lhe a cabeça, pediu aos executores que lhe dessem um pouco de tempo e um espaço para descarregar seu ventre, que o oprimia. Caio Ópio, um dos familiares de Júlio César, escreve também que era homem letrado e tão sábio, que havia poucos semelhantes; quando o levaram à presença de Pompeu, este chamou-o à parte, dando algumas voltas com ele, e depois de haver perguntado e sabido o que queria, ordenou aos seus satélites que o levassem e fizessem morrer logo; mas não é preciso crer superficialmente em tudo o que escreve Ópio, quando fala dos amigos ou inimigos de Júlio César; pois Pompeu era obrigado a mandar castigar os personagens mais notáveis entre os inimigos de Sila que caíam entre suas mãos, quando eram notoriamente prisioneiros, mas a todos os que podiam se esconder, fingia não saber de nada; e, mais ainda, proporcionava ainda meios a alguns para se salv ar.

XVII. Havia ele deliberado castigar rudemente a cidade dos himeríos, porque esta, obstinadamente, tinha tomado o partido dos inimigos, mas Estênio, um dos governadores da cidade, tendo-lhe solicitado audiência, disse-lhe que não era justo assim proceder, perdoando aquele que era o autor de toda a falta e destruindo os que nada haviam feito. Pompeu então perguntou-lhe quem era esse que ele dizia ser o autor de todo o mal e Estênio respondeu-lhe que era ele mesmo que havia persuadido aos seus amigos e constrangido por força aos seus inimigos a fazerem tudo o que haviam feito. Pompeu, tendo prazer em ouvir falar assim tão franca e magnanimamente este homem, perdoou-lhe, primeiro a ele e em seguida a todos os outros himérios; mas, sendo avisado de que seus soldados praticavam algumas violências pelos caminhos, lacrou suas espadas e castigou aqueles que não conservaram o lacre completo.

XVIII. Assim, depois de executar e ordenar essas coisas na Sicília, recebeu uma ordem do Senado e cartas de Sila, pelas quais lhe era ordenado passar imediatamente à África, para aí guerrear com todas as forças a Domício, que já havia reunido muito mais guerreiros do que Mário havia feito, ao ter passado antes, da África para a Itália e revirado os negócios dos romanos, tendo se tornado de banido fugitivo em rude tirano. Por isto Pompeu, em pouco tempo, tendo preparado seu equipamento para embarcar, deixou em seu lugar como governador da Sicília, o marido de sua irmã, Mêmio, e saiu ao mar com vinte navios a remo e oitocentos outros navios de carga para transportar os víveres, as armas, o dinheiro e os engenhos de bateria e todo o resto da bagagem. Uma vez tendo descido com sua frota, partiu para Útica{978}, e para Cartago, onde reuniu sem demora uns sete mil guerreiros dos inimigos, que vieram entregar-se a ele; e dizem que à sua chegada deu-se um caso interessante, pois houve alguns soldados que encontraram um tesouro, onde havia grande soma de dinheiro. Tendo isto chegado ao conhecimento dos outros, foram de opinião que esse campo onde foi achado o tesouro devia estar cheio de ouro e prata que os cartagineses haviam antigamente escondido no tempo de suas calamidades. Não foi então possível a Pompeu servir-se de seus soldados para qualquer outra coisa durante vários dias, e não pôde fazer nada mais senão rir, vendo tantos milhares de homens remexendo a terra e revirando o campo, até que eles mesmos se cansaram afinal e lhe disseram que os levasse para onde bem quisesse, porque já haviam suficientemente pago o trabalho de sua loucura.

XIX. Domício foi ao seu encontro com o exército pronto para a batalha, mas havia na frente um charco, com uma torrente áspera e difícil para se passar, além de um grande vento e grossas chuvas que se haviam levantado desde o amanhecer do dia, de sorte que Domício pensou não poder nesse dia combater e ordenou aos seus soldados que levantassem as bagagens para sair dali. Pompeu, tomando a ocasião própria para ele, fez, rapidamente marchar seus soldados e passou o vale. Vendo isso, os inimigos que estavam em desordem perturbaram-se e na agitação quiseram fazer frente; mas não estavam juntos nem igualmente alinhados em batalha e ainda por cima o vento jogava chuva contra seus rostos; todavia, esta tempestade aborrecia também aos romanos, porque eles não se viam uns aos outros, de maneira que Pompeu mesmo ficou em perigo de ser morto por um de seus soldados, que não o conheciam ainda, o qual perguntou-lhe a senha de batalha, tendo ele ficado algum tempo sem responder. Finalmente, de pois de ter derrotado os inimigos com grande efusão de sangue (pois dizem que dos vinte mil que eram, não se salvaram senão três) os soldados saudaram Pompeu com o nome de Imperador; mas ele lhes respondeu que não aceitava a honra desse nome enquanto visse o acampamento do inimigo em pé e que se o julgavam digno de tal denominação, precisavam destruir primeiramente o muro que cercava o campo do inimigo. Ouvindo isso, os soldados foram todos ao assalto, onde Pompeu combatia com a cabeça nua e com receio de cair num inconveniente como havia acontecido uma vez; foi então o acampamento tomado à força e Domício mesmo morto ali dentro.

XX. Depois daquela derrota, as cidades da região se entregaram, algumas voluntariamente,

outras foram tomadas de assalto e à força, como foi também aprisionado o rei Jarbas que havia combatido por Domício e seu reinado dado a Hiampsal. Mas Pompeu, querendo ainda mais empregar suas forças e a boa sorte de seu exército, entrou na Numídia{979} e andando muitos dias pela região a dentro, ganhando e conquistando tudo por onde passava e ampliando por esse meio o poder dos romanos, tornou-se espantoso e temível aos bárbaros desse país, do qual começava já a não fazer mais caso. Diz-se com vantagem que não faltava senão aos animais selvagens da África experimentar a força è a sorte dos romanos, em razão do que empregou alguns dias, mas poucos, a caçar leões e elefantes, pois dentro do espaço de quarenta dias ao todo, derrotou os inimigos, reconquistou o país da África e ordenou os negócios dos reis e províncias de todo o país, não tendo ainda senão vinte e quatro anos de idade.

XXI Quando voltou à cidade de Útica trouxeram-lhe cartas de Sila, que lhe ordenava arranjar todo o resto de seu exército para ficar ali somente com uma legião, esperando um outro capitão que seria enviado para o suceder no governo do país. Essa ordem irritou-o, e mbora nada demonstrasse e ficou picado em seu coração; mas seus soldados mostraram evidentemente que estavam descontentes e como lhes pedisse ir à frente, começaram a dizer palavras ultrajantes e injuriosas a Sila, ajuntando que não estavam deliberados, houvesse o que houvesse, a abandoná-lo e não queriam que ele confiasse em um tirano. Mas, vendo que não os podia demover, fez algumas admoestações, desceu de sua cadeira e retirou-se para sua tenda chorando, onde os soldados foram buscá-lo e o trouxeram para seu trono e consumiram uma boa parte do dia insistindo com ele para que resolvesse ficar e comandá-los e ele a lhes pedir que obedecessem a Sila e não se amotinassem, até que, vendo que não cessavam de gritar e insistir, jurou que preferia matar-se caso continuassem a forçá-lo, ainda que não pensasse jamais nisso.

XXII. Foi primeiramente exposto a Sila que Pompeu se havia rebelado contra ele; ouvindo isso, disse a seus amigos: — "Estava, portanto, pelo que eu previa, predestinado que teria de combater com crianças nos dias da minha velhice." Disse isso por causa do jovem Mário que lhe havia dado muito trabalho e o havia colocado em perigo extremo. Mas, quando ficou bem informado da verdade, sentindo que todo o mundo em Roma deliberava ir à sua frente e receber com toda a honra e demonstrações de benevolência que podiam prestar-lhe, quis pessoalmente fazer ainda mais do que os outros, e saindo de casa foi ao seu encontro e abraçando-o mais afetuosamente que pôde, chamando-o Magno, que significa grande, ordenou aos assistentes que o nomeassem do mesmo jeito; todavia, há os que dizem que foi na África onde esse nome lhe foi dado, primeiramente em um clamor público de todo o seu exército, mas que foi depois confirmado e ratificado por Sila. É bem verdade que foi o" último, muito tempo depois, quando o enviaram como procônsul à Espanha contra Sertório, que escreveu em suas cartas particulares e em suas ordens e cartas patentes: Pompeu Magno; porque este nome, com o qual já estava acostumado, não lhe causava mais desejo. É de direito louvar e admirar a sabedoria dos antigos romanos, os quais não recompensavam com tais títulos e nomes pelos altos feitos de armas e proezas de guerra somente, mas também pelas virtudes civis e elogiosas atuações pacíficas; pois houve dois que o povo denominou Máximos, quer dizer, muito grandes, dos quais um foi Valério porque repôs em união e concórdia a plebe com o Senado, com o qual estava em discórdia e o outro era Fábio Rulo, que retirou de entre o número dos senadores, alguns personagens nascidos escravos libertos e que pela sua riqueza, por favor, aí haviam sido colocados.

XXIII. Depois disto, Pompeu pediu as honras do triunfo{980} e Sila opôs-se, alegando por suas razões, que não pretendia entrar em triunfo dentro da cidade de Roma senão aos cônsules e outros pretores; o primeiro Cipião mesmo, tendo derrotado os cartagineses em grandes e fortes batalhas dentro da Espanha, nunca havia pedido esta honra, porque não era cônsul nem pretor, e se Pompeu se obstinasse em querer entrar triunfalmente em Roma, o qual pela falta de idade, não fazia parte ainda do Senado, isso seria causa de fazer dar a ele esta honra e a si seu poder. Eis as razões que Sila lhe alegou e lhe-deu a entender que não estava mesmo

resolvido a permitir-lhe, mas que lhe resistiria e o guardaria se se obstinasse em contrário; todavia, isso. não causou medo a Pompeu, o qual lhe disse francamente que devia pensar que maior número de gente adorava o sol levante do que o sol morrendo; como se quisesse dizer, que seu crédito e sua autoridade estavam crescendo e a de Sila diminuindo. Sila não ouviu claramente o que ele disse, mas percebendo rias fisionomias e pela reserva dos presentes, que se admiravam, perguntou-lhes o que ele lhe havia respondido e quando compreendeu, encantou-se com a audácia de um rapaz tão jovem, exclamando por duas vezes, golpe sobre golpe: — "Que triunfo, que triunfo, por deus!" Por este motivo, diversos ficaram irritados e descontentes; Pompeu, segundo dizem, para lhes causar ainda maior" despeito, quis ser levado em um carro triunfal, puxado por quatro elefantes; pois trouxe diversos cativos daqueles que tinham os príncipes e reis que havia subjugado; mas, sendo a porta da cidade muito estreita, foi constrangido a se separar desses animais e contentou-se em fazer-se conduzir pelos cavalos. E como seus soldados não haviam obtido tudo o que esperavam conforme lhes haviam prometido, e intentassem causar, algum tumulto e procurai- algum impedimento, ele disse que pouco se incomodava e que preferia toda a aparelhagem de seu triunfo do que se por a adulá-los; por esta razão houve um notável personagem chamado Servílio, um desses que mais rudemente se haviam oposto a lhe ceder o triunfo, que disse publicamente, reconhecer que Pompeu era verdadeiramente Magno, isto é, grande e digno do triunfo. E ficando então em evidência, se quisesse, teria sido facilmente recebido no número dos senadores, mas não o desejou, assim como dizem, procurando honra no que era mais estranho e mais afastado do comum; pois seria coisa grandemente maravilhosa, se tivesse sido recebido no Senado antes da idade legítima; mas para ele era uma glória ilustre, antes triunfar do que ser senador; o que ainda lhe serviu muito para ganhar sempre mais e mais as boas graças da plebe; pois era bem agradável vê-lo depois de seu triunfo manter-se na fila dos cavaleiros romanos, e ao contrário, Sila estava muito irritado ao vê-lo subir em tal glória e alcançar tão grande prestígio; todavia, tendo vergonha de o impedir, conteve-se até que, apesar dele e por sua força, Lépido foi elevado ao consulado{981}, mediante a oportunidade que lhe fez deparar em sua discussão, porque o povo foi favorável ao seu pedido e por amor dele somente, ocasião em que Sila, vendo-o voltar da eleição através da praça, seguido por muita gente que o acompanhava por honra, não pôde se conter em lhe dizer: — "Vejo, rapazinho meu amigo, que estás muito contente por haveres vencido nesta discussão e também há razão para isto verdadeiramente; pois por teu favor o pior homem do mundo, Lépido, levantou o consulado diante de Catulo, um dos homens mais honrados de toda esta cidade; mas eu quero bem te avisar que precisas guardar-te de dormir agora e ter bem aberto o olho nos negócios, porque armaste e tornaste forte um perigoso adversário contra ti mesmo". Mas no que Sila mostrou principalmente que não desejava bem a Pompeu, foi em seu testamento, pois deixou um legado testamenteiro a todos seus outros amigos, instituindo alguns tutores e curadores de seu filho, sem fazer qualquer menção de Pompeu, o que, todavia, ele suportou muito delicadamente e muito civilmente, de maneira que Lépido e alguns outros, querendo impedir que o corpo fosse exumado dentro do campo de Marte e que seus funerais fossem feitos publicamente, fez-lhe frente, ao contrário, para que o enterro se fizesse honrada e seguramente.

XXIV. Mas, logo após o falecimento de Sila, viu-se claramente o que ele havia predito: pois Lépido, querendo se atribuir autoridade e poder que conseguiu sem nada disfarçar, fortificava-se logo com armas, removendo rápido os remanescentes da parte contrária de Mário, que Sila não havia completamente extirpado nem apagado e que há muito tempo estavam às escutas, não pedindo senão alguma ocasião para se renovarem. Verdade é que seu companheiro no consulado, Catulo, que a parte melhor do Senado e do povo seguia, era considerado um homem muito de bem, moderado, sábio e reto; mas era mais apto a governar em tempos de paz do que para comandar um exército e conduzir uma guerra; dessa forma, a situação parecia reclamar Pompeu, o qual não perdia tempo em consultar de que lado se inclinaria, mas colocava-se logo junto das pessoas de bem, e tão logo foi eleito chefe das forças que levantaram para resistir a Lépido, o qual submeteu à sua obediência uma boa parte de toda a Itália e mantinha a Gália de aquém dos montes com um exército que havia posto nas mãos de Bruto. Ora, quanto ao que estava acontecendo, Pompeu chegou facilmente ao termo; mas ficou muito tempo diante de Módena{982} frente a frente com Bruto. E, no entanto, Lépido, tendo ido até Roma e mantendo-se aí, mandou pedir um segundo consulado, assustando aos que estavam dentro da cidade com uma poderosa tropa de gente arrebanhada de todos os lados, mas este pavor foi logo amortecido por uma carta que escreveu Pompeu, contando como havia posto fim a toda esta guerra, sem desferir um só golpe, porque Bruto,

seja porque traiu seu exército, ou porque seu exército o tivesse traído, ele mesmo se rendeu e se entregou a Pompeu o qual o passou às mãos de alguns soldados da cavalaria que o levaram até uma cidadezinha assentada sobre o Pó; e, um dia depois, enviou-o a Gemínio, que o fez morrer, pelo que Pompeu depois foi muito censurado, porque tendo escrito ao Senado, desde o começo, que Bruto se havia rendido voluntariamente, escreveu depois outras cartas que o incriminavam, depois de o haver feito morrer. Esse Bruto era pai daquele que depois matou Júlio César com a ajuda de Gássio; mas este não se portou como seu pai, nem guerreando, nem morrendo, mas sim como escrevemos por extenso era sua Vida. Lépido, portanto, sendo obrigado a abandonar a Itália, fugiu para a ilha de Sardenha, onde morreu de doença que lhe veio depois, não tanto de arrependimento pela ruína de seus negócios, como dizem, mas pela dor que sentiu ao ler uma carta que lhe caiu nas mãos, pela qual soube que sua mulher mercadejara sua honra.

XXV. Ora, restava ainda S ertório, o qual era guerreiro e capitão bem diferente de Lépido e havia ocupado a Espanha, tendo os romanos suspensos em grande temor, — porque todas as forças restantes das guerras civis se haviam a juntado a seu lado e tinha já vencido vários outros- capitães; mas, naquela ocasião,; estava às, voltas com Metelo Pio, que no seu tempo havia sido um guerreiro valente, mas naquela ocasião, por causa de sua velhice, parecia enfrentar um pouco covardemente o trabalho e não abraçar com entusiasmo as lutas, do que se valia Sertório, com sua ligeireza, retirando-lhe das mãos todo o seu poder e encontrando-se em todos os golpes à sua frente, quando menos ele pensava, agindo mais como corsário do que como militar e o perturbava com emboscadas a todo momento, com obstáculos que lhe preparava e corridas que fazia sem cessar ao seu redor; ora, o bom Metelo havia, aprendido a combater a pé firme e em batalha formada, a conduzir soldados pesadamente armados. Por esta razão, Pompeu, tendo sempre seu exército reunido, ia trabalhando em Roma para que o enviassem à Espanha para socorrer Metelo, ao passo que Catulo lhe ordenava conservar seu exército, e assim, nada foi feito, mas por meio de algumas novas desculpas, acabou ficando sempre armado nos arredores de Roma, até que lhe deram o cargo que pedia, do qual foi autor Lúcio Filipe, que o pôs à frente no Senado onde, segundo dizem, tendo um dos senadores achado estranho ouvi-lo propor aquilo, perguntou-lhe: — "Como, Filipe) Consideras que é conveniente enviar Pompeu à Espanha como pro-cônsul?" — "Não, por certo, respondeu Filipe, não como procônsul somente, mas pro consulibus"; isto é, pelos dois cônsules. Queria dizer com isto que os dois cônsules daquele ano eram pessoas de valor nulo.

XXVI. Tendo chegado Pompeu à Espanha, os homens, conforme acontece à chegada de todos os novos governadores, tiveram nova esperança, o que não tinham anteriormente, de tal forma, que as cidades e os povos que não estavam muito firmes com Sertório, rebelaram-se logo e se viraram contra ele, ocasião em que Sertório semeou algumas palavras orgulhosas e altivas contra ele, dizendo em tom de caçoada, que não queria varas para castigar a criança e que também não temia a velha, querendo se referir a Metelo; mas alguma coisa que disse mais, era que se sentia melhor em sua guarda e que iria mais seguro à guerra, do que anteriormente fazia pela dúvida que tinha a respeito de Pompeu. Pois Metelo era muito dissoluto em sua vida (o que não teriam imaginado) tendo-se por completo deixado ir para o lado das delícias e para a volúpia{983}; mas viram subitamente uma grande mudança nele, tanto na diminuição da gravidade e da pompa e magnificência de outrora, como no corte das superfluidades de sua despesa. Isto, além de significar grande honra a Pompeu, aumentava-lhe ainda mais e mais o amor e a benevolência do povo, quando viram que Sertório diminuía ainda mais a simplicidade de seu viver comum. Não teve muito trabalho para se habituar, porque era por natureza homem controlado e ordenado em seus apetites.

XXVII. Ora, deram-se nesta guerra diversas aventuras e vários acidentes, naturais quando duas facções se chocam, mas não houve nada que irritasse tanto a Pompeu como a tomada da cidade de Laurao{984}, que Sertório lhe arrebatou, quando julgava tê-lo vencido e já lhe haviam escapado da boca algumas palavras de jactância; ficou, então, surpreso por se encontrar ele mesmo envolto por trás, de maneira que não ousou mover-se de onde estava

acampado e foi obrigado a ver queimar-se a cidade diante de seus olhos; mas depois venceu-o numa batalha junto de Valência{985}. Herênio e Perpena, ambos guerreiros e tenentes de Sertório, foram por ele enfrentados e nessa arremetida matou-lhes mais de dez mil homens. Esta vitória, levantando-lhe a coragem, fê-lo apressar-se ao encontro de Sertório em pessoa e a combatê-lo só, a fim de que Metelo não tivesse parte nas honras da vitória. O combate se deu junto do rio Sucron{986}, aproximadamente ao cair do sol, cada qual temendo que Metelo aparecesse, um porque desejava combater sozinho e o outro porque desejava combater a um só. O resultado desta batalha foi duvidoso, pois que houve tanto de um lado como do outro, algumas vantagens em uma das pontas; quanto ao comando, porém, Sertório levou a palma, pois desmantelou tudo que se apresentava à sua frente; e, quanto a Pompeu, enfrentando um guerreiro inimigo que, a pé, se dirigira ao seu encontro, começaram a lutar; as espadas cruzando-se, escorregaram até suas mãos, mas não do mesmo modo, pois Pompeu ficou apenas um pouco ferido e o soldado teve a mão cortada na hora; então atiraram-se diversos sobre ele, porque ali os soldados já se haviam virado em fuga; mas ele se salvou de uma maneira estranha cont ra sua esperança, abandonando aos inimigos o seu cavalo, o qual estava ricamente arreado com uma sela de ouro e coberto com uma capa valiosa, e enquanto os inimigos repartiam entre si o cavalo e a arreata, ele fugiu. No dia seguinte, ao amanhecer, Pompeu e Sertório colocaram suas tropas em linha de batalha, para confirmar a vitória que cada um deles pretendia fosse sua; Metelo, porém, apareceu no momento, o que foi causa de Sertório se retirar em debandada; pois seu campo se rompia facilmente e depois se reunia também rapidamente, de maneira que Sertório, algumas vezes errante, ia sozinho pelos campos e depois, de repente, encontrava-se com cento e cinquenta mil combatentes, dando a impressão de uma torrente, que algumas vezes seca e depois se enche num instante.

XXVIII. Mas Pompeu, depois desta batalha, indo saudar Metelo, quando chegaram bem perto um do outro, ordenou aos seus sargentos que abaixassem os ramos das varas e os machados que traziam, para honrar a Metelo como personagem de maior dignidade do que ele, o que este não quis permitir; e nisto, como em todas as outras coisas, mostrou-se bom e equitativo para com Pompeu, sem atribuir nada de mais à sua pessoa por ter sido cônsul ou por ser mais velho; assim, quando acampavam juntos, era ele quem dava a senha a todo o campo; todavia, a maior parte do tempo, acampavam separados, porque seu inimigo, que se removia continuamente, não parava nunca num lugar e em pouco tempo se fazia ver em diversos lugares, constrangendo-os a se separar e dividir para prover a tudo, tirando-os rapidamente de um combate para outro, de tal forma que, afinal, cortando-lhes os víveres de todos os lados, pilhando todo o país e tomando a praia, ele expulsou os dois e os fez sair para fora das províncias que tinham na Espanha, obrigando-os a se retirarem por falta de víveres. Entretanto, Pompeu, que havia empregado e despendido a melhor parte de seus bens nessa guerra, pediu dinheiro ao Senado para pagar os soldados, ameaçando que se não lho enviassem, voltaria à Itália com seu exército; pelo que Lúculo que então era cônsul{987} ainda que adversário de Pompeu, todavia, como procurava manter-se no cargo para poder guerrear o rei Mitrídates, solicitou lhe remetessem o que pedia, temendo dar oportunidade a Pompeu, o qual não pedia outra coisa senão deixar Sertório e virar suas forças contra Mitrídates, cuja derrota lhe seria mais gloriosa, e não tão difícil nem tão perigosa.

XXIX. Entrementes, morreu{988} Sertório, assassinado à traição por aqueles que considerava seus amigos, entre os quais Perpena era o principal, que quis, depois de sua morte, experimentar fazer como ele, dispondo dos mesmos meios, o mesmo equipamento e as mesmas forças, mas não com o mesmo entendimento. Pompeu, marchando então direito contra ele e vendo que não sabia qual a direção a dar aos seus combates, investiu com dez coortes, que enviou a pilhar o campo, tendo-lhes ordenado que se mantivessem separados uns dos outros e se espalhassem o mais que pudessem. Perpena não trepidou em cair-lhes no encalço e persegui-los, mas Pompeu, que o esperava na passagem, surgiu de repente à sua frente com todo o seu exército em boa ordem e lhe deu batalha, na qual obteve a vitória final de toda aquela guerra, porque a maioria dos capitães foram mortos na hora e Perpena, o chefe, foi feito prisioneiro, e logo condenado à morte por Pompeu; não merece ser censurado por isso nem condenado por ingratidão, como se estivesse reconhecendo mal o que Perpena lhe havia proporcionado na Sicília, como alguns o acusam; antes, merece louvor, como tendo praticado um ato de grande magnitude e usado de conselho salutar para o bem público, porque Perpena, que se apoderara dos papéis de Sertório, mostrava as cartas particulares dos maiores e mais poderosos homens de Roma, os quais, desejando mudar o governo, chamavam Sertório à Itália; pelo que Pompeu, temendo isso tornar-se causa para excitar ainda maiores

sedições e guerras civis, do que aquelas que estavam adormecidas, fez morrer Perpena o mais cedo que pôde e queimou todas suas cartas e todos seus papéis, sem ler coisa alguma.

XXX. Isto feito, ficou ainda algum tempo na Espanha, até que houvesse extinto as mais violentas emoções e que os negócios, os mais embrulhados e mais tormentosos, se normalizassem e se acalmassem, levando depois seu exército para a Itália onde, chegando, encontrou a guerra civil que ardia ainda com o seu maior vigor. Crasso, a quem tinham entregue o cargo, apressou-se a travar batalha{989}, onde ganhou e matou uns doze mil e trezentos homens dentre os escravos fugitivos; mas a sorte, querendo que Pompeu ainda tivesse parte na decisão dessa guerra, fez com que cinco mil dos fugitivos, que se haviam salvo da batalha, lhe caíssem nas mãos e escreveu ao Senado que Crasso havia derrotado em batalha alinhada os gladiadores, mas que ele havia cortado até o fundo todas as raízes da guerra, no que os romanos se sentiam à vontade para dizer e ouvir, tanto lhe devotavam amor e benevolência.

XXXI. Quanto à recuperação da Espanha e à derrota de Sertóno, não houve ninguém que dissesse, nem por brincadeira, que Pompeu nada havia feito; todavia, apesar da honra que lhe tributavam e da afeição que lhe tinham, havia sempre alguma suspeita e receio d e que não queria deixar o exército e tomar às claras, o caminho que havia seguido Sila, que era, pela força das armas, usurpar poder e autoridade soberanas; por isso mesmo não faltavam aqueles que corriam à sua frente procurando agradá-lo antes dos outros que se aproximavam pela afeição; mas depois que desfez toda a desconfiança, declarando que deixaria o comando do exército tão logo tivesse feito sua entrada triunfal, nada mais houve que esses invejosos pudessem atirar sobre ele, a não ser que se manifestava mais inclinado para o lado do povo do que para o Senado, demonstrando vontade de fazer voltar a autoridade e dignidade do tribunal popular, que Sila havia desfeito. Isto ele tentava, para adquirir as boas graças da comunidade em tudo o que pudesse, o que era verdade, pois jamais o povo romano procurou nem desejou tão ardentemente uma coisa, como esta de ver restabelecido o prestígio da magistratura. Desta forma, Pompeu reputava como grande honra para si próprio encontrar a oportunidade de poder executar tal coisa, porque ele mesmo não soube imaginar nem encontrar outra graça, com a qual pudesse tão agradável-mente recompensar a estima de seus concidadãos. Tendo sido alvo, portanto, por decreto do Senado, de um segundo triunfo e nomeação de seu primeiro consulado, não considerou isto maravilhoso nem bem supremo, julgou, porém, ser indício seguro de sua grandeza, pelo fato de Crasso, que sendo mais rico, mais eloquente e o maior entre todos aqueles que então tomavam parte no governo e se considerava maior que Pompeu e do que todos os demais, não ousou solicitar o consulado sem se valer da intervenção de Pompeu; este ficou muito contente por isto, pois havia muito procurava um motivo para lhe proporcionar prazer, e por isso discutiu com empenho a seu favor, para que lhe dessem Crasso como companheiro. No entanto, tendo sido eleitos juntos{990}, foram sempre contrários um do outro em todas as coisas e jamais concordavam.

XXXII. Crasso tinha mais autoridade no Senado, mas Pompeu tinha mais prestígio com o povo por lhe ter devolvido o tribunal e permitido que o poder de julgar e conhecer as coisas, tanto civis como criminais, por editais expressos, fosse entregue e transferido à ordem dos cavaleiros romanos; deu-se, aliás, um fato divertido e agradável para o povo romano, quando Pompeu mesmo foi-se apresentar aos censores buscando isenção do serviço de guerra, porque segundo antigo costume em Roma, os cavaleiros romanos, quando já haviam servido às armas e às guerras certo tempo fixado nas ordenanças, levavam seu cavalo ao meio da praça, diante de dois magistrados, os censores, onde citavam viagens, os lugares e os capitães sob os quais haviam servido, e depois de terem dado conta de seus feitos, então eram tidos como pessoas de bem e declarados isentos da guerra se assim o quisessem, e então, cada um era honrado ou castigado segundo o modo como havia servido. Estavam os dois censores Gélio e Lêntulo sentados majestosamente em seu tribunal e passavam revista aos cavaleiros romanos que desfilavam à sua frente para serem examinados, quando todos espantados viram do outro lado da praça Pompeu, acompanhado de seu séquito, com as insígnias do consulado, mas ele

mesmo trazendo seu cavalo pela rédea. Quando chegou bem perto, ao ponto de se certificarem de que era ele mesmo, ordenou aos sargentos que levavam os machados à sua frente, que se afastassem para poder passar, aproximando seu cavalo do estrado da tribuna dos censores. A multidão, espalhada ao redor, ficou encantada e admirada e fez-se um grande silêncio. Os censores mesmos ficaram muito satisfeitos pelo fato de o verem submeter-se assim às leis e lhe demonstraram uma grande consideração. Por fim, o mais idoso deles interrogou-o: — "Pergunto-te, Pompeu Magno, se estiveste tanto tempo na guerra como está ordenado nas leis". Então respondeu Pompeu em voz alta: — "Sim, estive verdadeiramente todo o tempo necessário e não sob as ordens de outro capitão senão eu mesmo". O povo, ouvindo esta resposta, vibrou de alegria e não se pôde conter de exclamar em voz alta, tanto se sentiu à vontade; e os censores mesmos desceram de seu tribunal e o reconduziram à sua casa para comprazer e agradar à grande multidão que os seguia com grandes salvas de palmas e todas as demonstrações de contentamento.

XXXIII. Ao fim de seu consulado, como a dissensão entre ele e Crasso fosse sempre aumentando, cada vez mais, um tal Caio Aurélio que era cavaleiro romano{991}, embora não houvesse nunca se intrometido nos negócios públicos, um dia, em assembleia da cidade, subiu à tribuna dos discursos e disse publicamente diante de todo o mundo, que Júpiter lhe aparecera à noite e lhe ordenara fazer saber aos dois cônsules, que não deixassem seus cargos sem primeiramente se terem reconciliado. Ouvindo estas palavras, Pompeu não se mexeu mas Crasso tomou-lhe a mão, e saudando-o primeiro disse alto e claramente diante de todo o mundo: — "Senhores romanos, não penso fazer coisa que não esteja bem ou que me humilhe, sendo o primeiro a reconhecer Pompeu, levando em conta que vós mesmos o considerais digno de ser denominado o Grande, pois antes que a barba lhe tivesse nascido, lhe concedestes a honra de dois triunfos, mesmo antes de pertencer ao Senado".

XXXIV. Isto feito, despacharam juntos e em seguida se demitiram os dois de seus cargos; quanto a Crasso, continuou sempre com a maneira de viver a que estava acostumado, mas Pompeu fugia o mais que podia de advogar em favor de outrem e começou pouco a pouco a deixar de frequentar a praça, os julgamentos e a mexer em processos, saindo raras vezes em público, e quando saía, era sempre acompanhado de grande tropa, o que tornava desagradável vê-lo fora de sua casa e falar com ele, pois tinha sempre grande multidão a seu lado; ao mesmo tempo era agradável ver-se um grande séquito atrás dele, pois isto lhe imprimia uma grandeza e uma majestade veneráveis, sempre assim pomposamente seguido e acompanhado, considerando que era necessário, para manter sua dignidade, que não se deixasse visitar nem frequentar familiarmente com pouca gente, porque esses que se tornam grandes pelas armas ficam facilmente odiados e menosprezados, quando se põem depois a viver como gente comum, pois não se podem alinhar à igualdade popular, que deve ser guardada entre burgueses de uma mesma cidade e querem ser sempre mais do que os outros, tanto na cidade como no campo. E, ao contrário, aqueles que se sentem e confessam ser inferiores na guerra, consideram que lhes seria coisa intolerável, o não serem superiores pelo menos na paz; por esse meio procuram estar no palácio e nos negócios da cidade, e assim, o guerreiro que se tenha tornado ilustre por seus triunfos e vitórias, é superado onde não invejam a glória militar, como aconteceu evidentemente, poucos dias depois, com a pessoa de Pompeu.

XXXV. O poder dos corsários do mar, que começou nas costas da Sicília, do qual no começo não fizeram caso porque não se aperceberam, veio a tomar corpo e aumentar no tempo da guerra contra o rei Mitrídates, quando se alugaram aos serviços desse rei. E os romanos, impedidos com suas guerras civis e combatendo entre si às portas da cidade de Roma, deixando o mar sem guarda, isto levou os corsários adiante em seus propósitos e deu-lhes coragem para ir além do que já haviam feito, de sorte que não somente destruíam os navegantes, indo e vindo pelo mar como forçavam também as ilhas e cidades marítimas, pelo que já havia até homens opulentos e de antiga nobreza, e que eram tidos como pessoas conceituadas, que embarcavam em navios dos corsários e se uniam a eles, como se a pirataria se tivesse tornado louvável e honesta,

XXXVI. Levantaram os piratas, em vários lugares, arsenais, portos e torres de vigia para fazer sinais com fogo ao longe, das praias fortificadas, e além disso, formaram-se frotas de navios, compostas não somente de bons e fortes galeões para o remo, com pilotos astutos e marinheiros espertos, com navios ligeiros para servir na ocasião precisa, mas também enfeitados profusamente, o que os tornava odiados mais ainda pela sua superfluidade, não temendo o perigo de suas forças; pois tinham as popas de suas galeras todas douradas, os tapetes e cobertores de púrpura, os remos prateados,' como se tivessem prazer em fazer demonstração de sua pilhagem. Não se viam nem se ouviam por todos os lados das costas senão sons de instrumentos de música, canções, banquetes e festins, prisões de capitães e de pessoas de qualidades, resgates{992} de mil prisioneiros, todas aquelas coisas se faziam, para a desonra e vergonha do povo romano. Possuíam já uns mil navios e já haviam tomado umas quatrocentas cidades, onde destruíram e roubaram vários templos, que até então jamais haviam sido poluídos nem pilhados, como o dos Gêmeos na ilha de Claros, o de Samotrácia{993} , o de Ceres na cidade de Hermíona{994}, de Esculápio em Epidauro, os de Netuno em Istmo{995}, em Tanara{996}, e na Calábria {997}, os de Apoio em Actium{998}, na ilha de Leucádia{999}, os de Juno em Samos{1000}, em Argos e na Leucânia. Faziam também entre eles alguns estranhos sacrifícios no monte Olimpo, e algumas secretas cerimonias de religião, entre as quais a de Mitra, que é o sol, a qual dura ainda até hoje, tendo sido demonstrada primeiramente por eles.

XXXVII. Além das insolências e injúrias que esses piratas faziam aos romanos sobre o mar, ainda desembarcavam em terra e iam espreitar os caminhos, arruinando e destruindo suas casas de campo, que se encontravam ao longo das praias e capturaram uma vez dois pretores romanos, Sextílio e Belino, vestidos com se us longos trajes de púrpura e acompanhados de seus sargentos e oficiais. Também foi assaltada por eles a filha de Antônio, personagem que havia recebido as honras do triunfo, quando ela ia para os campos, tendo sido resgatada por uma grande quantia de dinheiro; mas onde demonstravam mais desdém e sarcasmo, era quando aprisionavam alguém que se punha a reclamar, dizendo ser cidadão romano e dava seu nome; então eles fingiam estar admirados e ter grande medo; batiam as mãos sobre as coxas dos prisioneiros e se punham de joelhos diante dele, suplicando que os perdoasse. O pobre prisioneiro, pensando que essa comédia era sincera, vendo-os humildes e disfarçando tão bem assim, vinham alguns que lhe punham sapatos nos pés e outros que o vestiam com um traje longo à moda romana, para que, diziam eles, não fosse outra vez estranhado; depois, quando haviam zombado bastante dele, no que sentiam grande prazer, finalmente, em alto mar, atiravam fora do navio uma escada e mandavam que o prisioneiro descesse e fosse em boa hora; e se não quisesse descer por si mesmo, eles o atiravam à forca no mar e o faziam assim afogar.

XXXVIII. Com o seu poder, os ladrões ocupavam e tomavam inteiramente o mar Mediterrâneo em sua sujeição, de tal forma que não havia mercador que pudesse por ali navegar. Isto foi a principal causa de agitação dos romanos, temendo a necessidade de víveres e augurando carestia e fome, fazendo-os enviar Pompeu para tomar o domínio do mar a esses corsários; e quem primeiro levou avante o propósito, foi Gemínio, um de seus familiares» que não lhe queria dar por edital somente a autoridade de um almirante ou comandante da marinha, mas o poder de uma monarquia soberana sobre todas as espécies de pessoas, sem estar sujeito a prestar contas, nem depois sindicado pelo que teria feito no cargo; pois o teor do edital lhe dava plenos poderes para comandar soberanamente em todos os mares, desde as colunas de Hércules e em toda a terra firme nos arredores, até vinte e cinco léguas atrás do mar (Havia então poucos países sob o domínio romano, que ficavam mais afastados, mas estavam compreendidos ali grandes nações e príncipes poderosos). Com vantagem deu-lhe também o direito de escolher de entre os do Senado, quinze tenentes para dar a cada um os cargos que bem quisesse e receber dinheiro do tesouro ou das mãos dos coletores, para manter a frota de duzentas velas, e com todo o poder de levar quantos guerreiros e quantos galeões e remadores lhe aprouvesse.

XXXIX. Esta proposição, tendo sido lida publicamente, o povo aprovou e autorizou-a com prazer; mas aos principais do Senado, pareceu que aquilo lhe dava um poder que não suplantava somente todo o desejo mas lhe infundia grande temor, em dar assim a um particular uma autoridade tão absoluta e tão pouco limitada; por esta razão todos se opuseram, exceto César, o qual favoreceu o projeto, não que se preocupasse em dar prazer a Pompeu, mas porque então já procurava insinuar-se nas boas graças do povo; mas houve outros que apertaram e repreenderam gravemente Pompeu, chegando um dos cônsules a censurá-lo por querer seguir os passos de Rômulo, e advertindo-o a que não procurasse o mesmo fim que ele. O povo desejou até espancar esse cônsul por isto. Catulo apresentou-se em seguida para falar contra; o povo, de início, deu-lhe pacífica audiência, porque era uma pessoa venerável; começou ele por deduzir, sem nenhuma demonstração de inveja, muitas e belas coisas em louvor de Pompeu, e por fim, aconselhou o povo a poupá-lo e não expo-lo ao perigo de tantas guerras, umas sobre as outras, a um personagem como ele, que lhes devia ser tão querido: — "Pois se vós vindes a perdê-lo, disse ele, a quem podeis em seu lugar?" O povo então exclamou bem alto: —"Tu mesmo". Vendo então que perdia seu trabalho procurando desviar o povo desse propósito, saiu. Róscio apresentou-se depois procurando falar também, mas não pôde nem conseguir audiência; e vendo que não queriam ouvi-lo de outra forma, mostrou por sinais com os dedos que não deviam entregar esta responsabilidade a Pompeu só, mas também a um outro com ele. O povo, não gostando, pôs-se a gritar tão forte, que um corvo, voando na ocasião por cima, caiu entre a multidão; por onde se pode compreender que os pássaros caem do ar na terra, não{1001} porque o ar, agitado por alguma veemente concussão se rompa e venha a fender-se; mas porque o golpe da voz, quando é tão forte e tão violento, produz como que uma tormenta no ar, os atinge e abate.

XL. Nesse dia a assembleia foi dissolvida sem ficar nada concluído e na data prefixada para passar o decreto pelas vozes e sufrágios do povo, Pompeu foi para os campos, onde recebeu a comunicação de que havia sido autorizado, voltou e entrou de noite na cidade para evitar manifestações de inveja contra ele, devido a multidão que acorreu de todas as partes da cidade à sua frente e que o acompanhou até sua casa. No dia seguinte, cedo, saindo em público, sacrificou aos deuses, e sendo-lhe dada audiência em plena assembleia, fez que ajuntassem ainda muitas coisas ao seu poder, o dobro quase do que lhe havia sido concedido no primeiro decreto; pois obteve que o público lhe armasse quinhentos navios e levasse seiscentos e vinte mil combatentes a pé e cinco mil a cavalo; escolheu mais, dentro do Senado, vinte e quatro personagens, os quais haviam sido todos governadores e com encargos de armas e também dois tesoureiros gerais. Nesse ínterim, os vivedores de aventuras se encolheram, pelo que o povo ficou à vontade, tendo ocasião de dizer que só o nome de Pompeu havia amortecido aquela guerra.

XLI. Assim, dividiu o mar entre terras, em treze regiões em cada uma das quais ordenou um certo número de navios com um de seus tenentes; e, tendo espalhado suas forças, envolveu dentro de suas redes todos os navios dos corsários que se achavam juntos, aprisionou-os e os fez vir para terra; mas aqueles que em boa hora debandaram ou que puderam escapar dessa caçada geral, foram todos se esconder na Cilícia, nem mais, nem menos como as abelhas na colmeia, contra os quais quis ir ele mesmo pessoalmente com sessenta dos melhores navios; todavia, não se preparou para ir sem que primeiramente tivesse limpo todo o mar da Toscana, as costas da Líbia, da Sardenha, da Sicília e da Córsega, de todos esses ladrões, que anteriormente aí costumavam pilhar, o que foi feito no espaço de quarenta dias, mediante o trabalho que teve e a boa diligência que tiveram também seus tenentes.

XLII. Mas, tendo um dos cônsules chamado Piso, por despeito e inveja que tinha de sua glória, leito os distúrbios que pôde em sua aparelhagem, e entre outras coisas, diminuído seus remadores, mandou à frente seus navios para fazer a volta da Itália e aportar na cidade de Brundúsio; ele, no entanto, foi-se pela Toscana a Roma e lá, onde nem bem havia chegado, sabendo que vinha, todo o povo se espalhou fora da cidade para ir ao seu encontro, como se

há muito tempo houvesse partido, o que aumentava ainda mais o prazer que o povo tinha em vê-lo; era uma transformação pronta e rápida como nunca podiam esperar, de víveres que chegavam todos os dias em abundância de todos os lados, de tal forma que pouco faltou para que Piso fosse privado e deposto de seu consulado; pois Gabínio já tinha o decreto escrito e prestes a apresentar ao povo, mas Pompeu proibiu-o e, depois de haver remediado e feito tudo com calma, foi-se à cidade de Brundúsio, onde subiu ao mar e se fez à vela. E se bem que tivesse pressa para aproveitar o tempo e a ocasião nessa viagem, passou de longe em dez boas cidades sem aportar, tão apressado estava; no entanto, não quis passar assim na cidade de Atenas, mas desceu à terra, e depois de haver sacrificado aos deuses e saudado o povo, voltou para embarcar, e, saindo da cidade, leu dois cartazes que haviam sido feitos em seu louvor, um por dentro da porta da cidade que dizia:

Tanto de deus tu tens,

Quanto de homem te sentis.

E outro fora da mesma porta que dizia:

Nós te esperávamos, nós te vemos

Nós te adoramos e cobiçamos.

XLIII. Tendo aprisionado alguns corsários daqueles que se achavam ainda juntos, pilhando o mar aqui e acolá, tratou-os humanamente quando pediram perdão, e tendo seus navios e suas pessoas em seu poder, não lhe fez mal algum, pelo que seus companheiros, com esperança, fugiram aos outros capitães, assim como seus tenentes e foram entregar-se a ele com suas mulheres e filhos. Pompeu perdoou a todos os que se entregaram voluntariamente, e assim veio a descobrir e a seguir o rasto dos outros, que aprisionou afinal, os quais se sentindo culpados de casos irredimíveis, esconderam-se; todavia, o maior número desses, os mais ricos e mais poderosos, haviam retirado suas mulheres, seus filhos, seus bens e todo o seu povo inútil para a guerra, para dentro dos castelos e pequenas fortalezas do monte Tauro, e aqueles que eram aptos para defesa, emba rcaram em seus navios diante da cidade de Coracésio{1002} onde esperaram Pompeu e lhe deram combate, no qual foram derrotados primeiramente no mar, depois sitiados em terra; mas pouco depois pediram que os tomasse a seu favor e se entregaram com suas cidades, suas ilhas fortificadas, de sorte que estas eram bem difíceis não somente de serem não só forçadas, como também abordadas. Assim, esta guerra foi terminada e todos os corsários, em qualquer parte ou lugar em que estivessem, foram expulsos fora do mar no espaço de três meses, não mais. Aí ganhou ele grande número de navios, além de noventa galeras armadas com esporas de bronze; e, quanto às pessoas, que eram mais de vinte mil, não pôs somente em deliberação se as devia fazer morrer, mas deixou-as ir e afastar-se à vontade, ou então se reunirem, visto serem em tão grande número, acossados pela pobreza e todos guerreiros, que não lhe pareceu que condená-las fosse sabiamente feito. Ainda mais, discorrendo consigo mesmo, que o homem por sua natureza não é indomável nem feroz, mas ao contrário, que sai fora de seu eu e de seu natural, quando se dá ao vício e que se habitua pouco a pouco, com a mudança de lugar e maneiras de viver; atendendo que os animais mesmo que por sua natureza são selvagens e ferozes, se suavizam bem e se despojam de sua altivez natural, quando habituados, pouco a pouco a uma vida mais suave, resolveu transportar esses corsários do mar para a terra e fazê-los ter a vida justa e inocente dos moradores das cidades e lavradores da terra. Alojou alguns dentro de algumas pequenas cidades dos cilicianos, que eram meio desertas, e que por esta causa os receberam voluntariamente, dando-lhes terras para os alimentar. Também a cidade dos solianos{1003} havia antes sido destruída e despovoada por Tigranes, rei dos armênios; querendo levantá-la, aí deixou um grande número desses homens e logrou igualmente colocar diversos na cidade

de Dima no país de Acaia, que então tinha falta de habitantes e possuía grande quantidade de belas e boas terras.

XLIV. Ora, quanto a isto, os invejosos e malevolentes o censuraram. Mas, quanto ao que fez em Cândia, mesmo aqueles que eram seus maiores e melhores amigos, não ficaram satisfeitos. Metelo, que era parente daquele que havia guerreado com ele na Espanha contra Sertório, havia sido enviado como pretor e governador de Cândia, antes de Pompeu ter sido eleito capitão contra os corsários, porque a Cândia era como que uma segunda tenda e retiro desses ladrões, depois de Cilícia; e Metelo aí havia encontrado um grande número deles, os quais ia exterminando e fazendo morrer, onde os encontrava; mas os que se haviam salvo até ali, estando sitiados, pediram a Pompeu para perdoá-los e tomá-los a seu lado, demonstrando-lhe que a ilha estava dentro dos limites de sua jurisdição, de acordo com as medidas que haviam prefixado. Pompeu recebeu-os e escreveu a Metelo que parasse com a guerra e na mesma ocasião fez saber às cidades que não deviam obedecer mais as suas ordens; depois enviou um de seus tenentes, Lúcio Otávio, o qual entrou na cidades que Metelo havia sitiado e combateu pelos corsários. Isto tornou Pompeu não somente invejado e odiado, mas também sujeito aos sarcasmos, por prestar assim a salvaguarda de seu nome a maus ladrões que não tinham deus, nem lei, e dando-lhes sua autoridade, como um preservativo, a fim de os livrar da morte, com a obstinação que assumiu contra Metelo. Assim procedeu o próprio Aquiles, e dizem que não agiu como homem sábio, mas como um rapaz louco, estouvado e transportado pela cobiça de honra, quando fazia sinal aos outros gregos no forte da batalha e os proibia de atirar em Heitor, conforme diz Homero:

Que[1004] esta honra outro não a levasse,

E que muito tarde pois aí não chegasse.

Mas Pompeu fez pior; combateu a favor de inimigos comuns a todo o mundo, a fim de privar da honra do triunfo um pretor romano, que havia trabalhado muito para os destruir e exterminar; todavia, Metelo não desistiu pela sua defesa, mas tendo tomado de assalto os corsários, os fez executar e depois de haver feito e dito diversos ultrajes e injúrias a Otávio no meio de seu acampamento, deixou-o ir afinal.

XLV. Assim que chegou a notícia a Roma de que esta guerra de corsários estava completamente terminada e que Pompeu, não tendo mais nada a fazer, ia visitando as cidades, houve um tribuno chamado Manílio, que propôs um outro decreto, ao povo, que Pompeu, tomando todas as forças e todas as províncias que estavam então sob o comando de Lúculo, e toda a Bitínia, que tomasse também Glábrio, fosse guerrear aos reis Tigranes e Mitrídates, conservando além disso sempre sua armada e seu poder sobre a marinha na mesma qualidade e condição em que se achava antes. Isto era, em resumo, submeter a um só homem todo o poder do império romano; pois as províncias às quais sua primeira jurisdição não se estendia, como a Frígia, a Licaônia, a Galácia, a Capadócia, a Cilícia, a alta Cólquida e a Armênia, todas lhe estavam anexadas por esta segunda, com os exércitos e as forças com as quais Lúculo já havia batido esses dois reis poderosos. Assim se detinham[1005] os senadores no erro que cometiam contra Lúculo, privando-o da glória de seus próprios feitos, para dá-la a um outro, que ia ter as honras do triunfo sem ter passado pelas lutas e perigos da guerra. Sabiam evidentemente que praticavam uma grande injustiça e muita ingratidão; todavia, isto não os emocionava tanto como lhes era desagradável ver o poder de Pompeu basear-se numa manifesta tirania; portanto, advertindo uns aos outros, encorajavam-se para resistir com firmeza a este edital, e não perder assim sua liberdade. Todavia, no dia marcado no qual devia ser aprovado o decreto, os senadores recearam irritar o povo, a coragem faltou a todos e não houve ninguém que ousasse dizer uma palavra contra, senão Catulo que o acusou e censurou durante muito tempo. Afinal, vendo que não podia ganhar um só homem do povo, pôs-se a

gritar com os senadores que procurassem encontrar uma montanha ou rocha bem elevada, sobre a qual pudessem se retirar para salvar e defender a sua lib erdade, como outrora fizeram seus antepassados. Mas, não obstante tudo isso, o decreto passou, autorizado pelas vozes de todas as classes, segundo dizem; e assim, embora ausente, Pompeu tornou-se senhor de quase tudo o que Sila, por força das armas e efusão de sangue humano, tivera em seu poder, tendo-se feito senhor de Roma.

XLVI. Quando recebeu as cartas pelas quais lhe contavam o que havia sido ordenado pelo povo em seu favor, dizem que na presença de seus amigos mais chegados, que então estavam a seu lado e se alegravam com ele, franziu as sobrancelhas e bateu na coxa, como se se sentisse aborrecido e contrariado com tantos cargos uns sobre os outros, dizendo: — "Ó Deus! não chegarei nunca mais ao fim de tanto trabalho? Não teria valido mais para mim, se eu fosse pessoa humilde e desconhecida, do que estar assim continuamente na guerra com o arreio às costas? Não verei jamais o tempo em que me livrarei desta inveja e possa viver sossegadamente com minha mulher e meus filhos, nos campos de minha casa?" Tais palavras disse Pompeu; mas mesmo os seus amigos, os mais íntimos, suportaram esta evidente dissimulação, conhecendo muito bem que além de sua ambição natural e cobiça de dominar, estava muito contente por haver obtido este cargo, pela diferença e discórdia que tinha com Lúculo; os fatos o descobriram logo, aliás.

XLVII. Assim, enviou rápido suas ordens por toda a parte, pelas quais ordenava expressamente a todas as classes de guerreiros, que viessem à sua presença, fazendo vir também todos os príncipes e reis compreendidos dentro do distrito de seu cargo e mudou tudo o que Lúculo havia feito e ordenado, até mesmo aplicando os castigos e retirando as graças que havia dado e se obstinou, em suma, fazendo todas as coisas para dar a conhecer aos que seguiam e honravam Lúculo, que ele não tinha nenhuma autoridade nem poder; pelo que, tendo Lúculo feito suas queixas, seus amigos foram de parecer que se encontrassem para falar um com o outro, o que fizeram no país da Ga lácia, esses dois grandes chefes de armas romanas que haviam praticado belos e triunfantes feitos, os sargentos levando à sua frente os feixes de varas enrolados com ramos de louro. Mas, quando se encontraram, Lúculo vinha de lugares cobertos e sombreados de árvores e de rica vegetação, e Pompeu, ao contrário, tinha passado por uma grande região árida e seca, onde não havia árvore alguma; pelo que os sargentos de Lúculo, vendo os ramos de louro que traziam os de Pompeu, secos e murchos, lhes entregaram os seus, que estavam frescos e verdes, com os quais ornaram e enrolaram suas varas e seus machados. Isto pareceu propriamente ser um sinal de que Pompeu vinha para retirar e levantar o prêmio de honra a Lúculo. Verdade é que este havia sido cônsul antes de Pompeu e também era mais idoso do que ele; mas a dignidade de Pompeu era muito grande, pois que já havia triunfado duas vezes. Foram seus propósitos no primeiro encontro os mais graciosos e os mais honestos, o quanto possível, pois elevaram honradamente os altos feitos um do outro e disseram que se alegravam cada um da prosperidade de seu companheiro; mas, no final, a conclusão não foi bela nem boa, pois chegaram até a pesadas palavras, Pompeu censurando a Lúculo sua avareza e Lúculo a Pompeu sua ambição, de sorte que seus amigos fizeram bem separando-os. Saindo dali, Lúculo distribuiu terras na Galácia{1006}, como conquistadas por ele e deu outras graças e presentes a quem bem lhe pareceu; e Pompeu, acampado muito perto dele, defendia-se, por meio de ordem que enviava por toda parte, que não obedecessem a coisa alguma que ele ordenasse e retirou-lhe todos os seus guerreiros, exceto uns mil e seiscentos, que ainda eram desses que ele considerava inúteis por sua arrogância e desejavam mal a Lúculo. Ainda mais, para diminuir a glória de seus feitos, dizia publicamente que Lúculo havia combatido somente a pompa e ostentação de dois reis e lhe havia deixado para combater o poder verdadeiro, porque Mitrídates havia então posto seu refúgio nas armas, nos escudos, espadas e cavalos; e Lúculo, como desforra, dizia que Pompeu ia combater um fantasma e uma sombra somente, nem mais, nem menos como um pássaro covarde, sempre acostumado a se atirar sobre cadáveres, por outros derrubados em terra e vir dissipar as relíquias das guerras dirigidas por outrem, como havia feito, atribuindo-se a honra da derrota de Sertório, de Lépido, de Espártaco, ali onde Metelo, Crasso e Catulo os haviam derrotado; e portanto, que não era preciso se maravilhar pelo fato de ter ele procurado os meios de acreditarem na glória e nos triunfos dos reinos de Ponto e da Armênia, visto que, tanto havia feito por seus enredos, que se havia intrometido, como

aconteceu, até no triunfo dos escravos fugitivos.

XLVIII. Depois, tendo Lúculo partido, Pompeu dispôs boas guarnições por todas as costas e mares que existem desde a província da Fenícia{1007} até o reino de Bósforo, e isto feito, encaminhou-se por terra para ir pessoalmente procurar Mitrídates, o qual tinha no acampamento trinta mil soldados da infantaria e dois mil cavalos, e no entanto, não ousava, com tudo isto, apresentar-se em batalha, mas estava acampado primeiramente sobre uma montanha de base forte e difícil de assaltar; todavia, abandonou-a depois, por não encontrar água, mas, nem bem havia partido, Pompeu se apoderava dela; e, conjecturando, pela natureza das plantas e das árvores que aí verdejavam e igualmente pelos valões e cavernas constatados, que ali devia haver também nascentes e fontes, ordenou que furassem poços por toda parte, de maneira que em poucas horas seu campo teve grande abundância de água e se admirou enormemente de como Mitrídates havia ignorado isto durante tanto tempo; afinal, foi acampar à volta dele e fechou-o com muralhas dentro de seu próprio campo, onde depois de haver suportado o cerco durante quarenta e cinco dias, Mitrídates, com a elite de todo seu exército, fugiu, sem que Pompeu percebesse, tendo primeiramente feito morrer todas as pessoas inúteis e doentes de seu acampamento.

XLIX. Depois Pompeu encontrou-o outra vez perto do rio Eufrates, indo alojar-se junto a ele; mas, temendo que não passasse o rio antes que aí estivesse para o impedir, fez desalojar seu exército e marchar em batalha desde a meia-noite; aproximadamente naquela hora, dizem que Mitrídates teve em sonho uma visão que lhe prognosticava o que lhe aconteceria: pois foi avisado de que tendo o vento à popa, singrou a velas pandas bem no meio do mar de Ponto e que já via o estreito de Bósforo, pelo que se alegrou muito e fazendo grande festa aos que viajavam com ele, como aquele que pensava já haver certamente chegado ao porto da salvação, mas que de repente se encontrava destituído de todas as coisas, errando ao sabor dos ventos entre as ondas do mar sobre um pequeno pedaço de seu navio partido. E, no desespero dessa ilusão, chegaram alguns de seus mais familiares, que lhe disseram já estar Pompeu tão perto deles, que não havia mais outra alternativa senão combater para defender seu acampamento. Começaram logo os capitães a alinhar as tropas em batalha para combater e Pompeu, avisado de que eles se preparavam para o receber, teve dúvidas em expor seus soldados ao azar do combate nas trevas e achou mais prudente cercá-los para lhes retirar os meios de fuga, e depois, quando o dia viesse, os faria assaltar bem à vontade por seus soldados que eram melhores combatentes; mas os mais velhos capitães e chefes de tropas fizeram-lhe tantos pedidos e tantas admoestações, que finalmente o convenceram a fazer tudo prontamente para assaltar porque não estava tão escuro que não vissem nada, por causa da lua que estava baixa e próxima a se esconder e dava ainda bastante claridade para ver os corpos dos homens, mas porque baixava muito, as sombras se estendiam bem mais longe do que os corpos, atingindo de bem longe os inimigos; por isso não podiam calcular acertadamente a verdadeira distância que havia até eles, e como se estivessem bem perto, atiravam seus dardos e azagaias, os quais não acertavam em ninguém, porque estavam muito longe. Vendo isto, os romanos correram sobre eles com grandes gritos, mas os bárbaros não ousaram esperar, amedrontaram-se e, virando as costas, fugiram em desordem, quando foi feita uma grande carnificina, pois foram mortos ali mais de dez mil e seu próprio acampamento tomado.

L. Quanto a Mitrídates, fendeu o cerco dos romanos desde o início da confusão, com oitocentos cavalos aproximadamente, e passou além; mas, imediatamente seus soldados afastaram-se era várias direções, de maneira que ele se encontrou só com mais três, dos quais um era Hipsicrácia, uma de suas concubinas, a qual havia sido sempre arrojada, exibindo uma coragem de homem, de tal forma que Mitrídates por amor disto, a chamava Hipsícrates; mas estando vestida como guerreiro persa e tendo o cavalo igual, nunca estava cansada nem indisposta nas longas caminhadas do rei, nem se cansava de servi-lo e cuidar de seu cavalo até que chegaram a uma fortaleza chamada Inora, que estava cheia de ouro e de prata e muitos móveis preciosos do rei. Aí, Mitrídates pegou grande quantidade de ricos vestuários,

que distribuiu aos que se reuniram a seu lado e deu a cada um de seus amigos um veneno mortal para trazer com ele, a fim de que nenhum deles caísse vivo se não quisesse, entre as mãos dos inimigos. Dali quis seguir seu caminho para a Armênia para perto do rei Tigranes. Porém Tigranes adiantou-se, proibindo-o, e fez mais ainda, mandou gritar ao som da trombeta que dana cem talentos{1008} a quem o matasse; por isso, passando a nascente do rio Eufrates, fugiu através o país da Cólquida.

LI. Enquanto isso, Pompeu entrava no país da Armênia a instâncias do jovem Tigranes, que se rebelara contra seu pai e fora encontrar Pompeu sobre as margens do rio Araxes, o qual nasce quase nos mesmos lugares que o Eufrates, mas toma seu curso diante do sol levante e vai cair no mar Cáspio. Marcharam os dois juntos no país, recebendo as cidades que se lhes rendiam. Mas o rei Tigranes, que pouco antes havia sido quase destruído e arruinado por Lúculo, julgou que Pompeu fosse delicado e benigno por natureza, recebeu guarnição em suas praças fortes e em suas casas reais e tomando consigo seus parentes e amigos, pôs-se a caminho para ir pessoalmente entregar-se a Pompeu. Quando chegou, em seu cavalo, até bem junto do muro do acampamento, saíram dois sargentos de Pompeu, que lhe deram ordem para descer do cavalo e entrar a pé, porque jamais entrara homem a cavalo dentro do acampamento dos romanos; Tigranes, não somente obedeceu, mas ainda tirou da cinta sua espada e a entregou. Finalmente, quando estava bem perto de Pompeu, tirou seu chapéu real da cabeça, quis pô-lo diante dos pés de Pompeu e prostrando~se por terra, da maneira mais vergonhosa do mundo, chegou até a lhe abraçar os joelhos; mas Pompeu, pessoalmente, impediu-o e pegando-o pela mão, o conduziu para sentar-se junto a ele, de um de seus lados e seu filho de outro e depois disse aos dois: — "Quanto às outras perdas que tivestes, vós a deveis a Lúculo, o qual vos tirou a Síria, a Fenícia, a Cilícia, a Galácia e a Sofena{1009} ; mas o que vos ficou até meu tempo, eu vos deixo ainda, pagando aos romanos como multa dos danos que lhes causastes seis mil talentos{1010} e quero que o rapaz tenha como sua parte a Sofena". Ti granes aceitou essas condições de paz e então os romanos saudaram-no como rei, pelo que ficou tão contente, que prometeu dar a cada soldado raso a quantia de cinco escudos{1011} e a cada centurião cem{1012}, e a cada coronel de mil soldados, seiscentos{1013} ; mas seu filho, ao contrário, ficou muito descontente; de tal modo que Pompeu, tendo mandado convidá-lo para vir jantar em sua companhia, mandou-lhe a’ resposta que não eram tais favores, nem tais honras que esperava de Pompeu, porque encontraria muitos outros romanos que lhe fariam o mesmo. Por essas palavras, Pompeu o fez prisioneiro e guardou-o para ser levado em triunfo a Roma. Pouco depois Fraates, rei dos partos, mandou indagar de Pompeu a respeito desse jovem príncipe, que era seu genro e também admoestá-lo que devia se contentar em terminar suas conquistas no rio Eufrates. Pompeu mandou-lhe a resposta, que o jovem Ti granes dizia respeito mais a seu pai do que a seu sogro e quanto aos limites de suas conquistas, que os delimitaria onde o direito e a justiça o requeressem.

LII. Deixando Afrânio na Armênia para guardar o país, passou através das nações que ficavam ao longo da montanha do Cáucaso, perseguindo Mitrídates, cujas nações, as duas maiores e mais poderosas são as Albânias e as Hiberianas, sendo que as Hiberianas se estendem até as montanhas Mosquicas e ao reino de Ponto e as Albânias diante do sol levante e o mar Cáspio. Estas de início negaram passagem por suas terras a Pompeu, que lha mandou pedir. Mas o inverno surpreendeu os romanos em seu país e com isto a festa das Satumais se deu também quando eles aí estavam. Então os bárbaros reuniram mais de quarenta mil combatentes em um campo e passando o rio Cirno, o qual desce das montanhas Hiberianas e recebendo o rio Araxes, que atravessa a Armênia, vai desaguar por doze b ocas no mar Cáspio; todavia, alguns dizem que esse Cirno não recebe o Araxes mas vai por si cair no mesmo mar junto das bocas do outro; passando, digo, o rio Araxes, foram perseguir os romanos. Pompeu podia guardar a passagem do rio se quisesse, no entanto, deixou-os à vontade e depois quando todos passaram, foi ao seu encontro e derrotou-os e matou sobre o campo um grande número; todavia, depois perdoou a ofensa ao seu rei e lhe mandou embaixadores e assinou paz com ele. Partindo dali, foi contra os hibenanos que não eram em menor número do que os primeiros, mas bem melhores combatentes e que desejavam singularmente fazer algum bom serviço em favor de Mitrídates e rechaçar para trás Pompeu. Esses hibenanos não foram nunca sujeitos ao império nem dos persas, nem dos medos e escaparam mesmo da sujeição dos macedônios, pelo que Alexandre não parou no país da Hircânia; todavia Pompeu então os

derrotou em uma grande e sangrenta batalha, pois ficaram nove mil mortos sobre a praça; depois, ao sair dali, entrou no país da Cólquida, onde Servílio foi encontrá-lo aproximando o rio Fasis com a frota de navios com a qual guardava o mar de Ponto.

LIII. Ora, para perseguir Mitrídates, que se havia escondido entre as nações vizinhas do estreito de Bósforo{1014} e dos Pântanos Meótidos, havia muitas dificuldades; e mais ainda, teve notícias que os albanos tinham se rebelado outra vez, contra os quais seu furor e obstinado desejo de exercer vingança o atraía; nessa ocasião passou rapidamente o rio Cirno com grande sacrifício e grande perigo, porque os bárbaros haviam protegido grande espaço da outra margem com enorme quantidade de árvores grossas atravessadas em cruz; após haver, com muita dificuldade, atravessado, encontrou-se numa região deplorável, onde tinha que caminhar muito sem encontrar água alguma; por essa razão mandou encher umas dez mil peles de cabra e marchou para a frente à procura de seus inimigos, os quais encontrou junto do rio Abas. Tinham sessenta mil combatentes de infantaria e doze mil de cavalaria, mas todos mal armados, com peles de animais selvagens a maioria. Seu chefe era o próprio irmão do rei, chamado Cosis, o qual, quando os viu à distância de golpes de mão, dirigiu-se a Pompeu e atirou-lhe um golpe de azagaia que assentou justamente no lugar falso da couraça; mas Pompeu lhe atirou um outro de dardo, com o qual o varou de lado a lado, caindo rijo e morto por terra. Alguns dizem que nesta batalha houve amazonas que combateram ao lado dos bárbaros, tendo descido das montanhas que se acham ao longo do rio Termodonte, porque depois da derrota, os romanos, despojando os mortos encontraram boucliers e calçados, tais como usavam as amazonas; mas nunca se encontrou um só corpo de mulher. Habitam elas do lado da montanha do Cáucaso, olhando para o mar da Hircânia e não confinam com as Albânias, mas há entre as duas, as Geles e as Leleges, com as quais convivem soment e durante dois meses cada ano, reunindo-se ao longo do rio Termodonte, e todo o resto do ano vivem e ficam à parte.

LIV. Depois desta última batalha, tendo Pompeu se posto a caminho para penetrar até a Hircânia, no mar Cáspio, foi obrigado a voltar atrás por causa da grande quantidade de serpentes venenosas e mortais que encontrou, quando já havia caminhado três dias. Voltou à Armênia menor, onde recebeu os presentes que lhe enviaram os reis dos elimianos e dos medos e agradeceu-lhes amavelmente. Enviou Afrânio com parte de seu exército contra o rei dos partos, o qual havia entrado com armas na província Gordiana, onde exercitava os súditos do rei Tigranes, mas foi expulso e perseguido até a Arbelítida. Em suma, todas as amigas e concubinas do rei Mitrídates foram trazidas a Pompeu que não teve relações com nenhuma, mas as enviou aos seus parentes e amigos, porque eram na maioria filhas de príncipes, senhores ou capitães. Todavia Estratônica, aquela que tinha mais prestígio com ele e a quem havia dado em guarda o castelo onde estava a maior quantidade de seu ouro e de sua prata, era filha de um músico cantor, homem sem fortuna e que já estava bem idoso. Mas, tendo uma noite, em um festim, cantado diante de Mitrídates, roubou tão fortemente seu amor, que ele quis na mesma noite tê-la para se deitar com ele, razão por que o velho pai da moça foi para casa zangado, não tendo o rei se dignado dizer-lhe uma só palavra. Mas no dia seguinte cedo ao despeitar, ficou o ancião espantado por encontrar em sua casa as mesas cheias de baixelas de ouro e de prata, um grande séquito de servidores, de empregados de quarto e de pagens, que lhe trouxeram vestuários belos e ricos, e diante da porta, bom equipamento, igual aos dos favoritos do rei, quando queriam ir à cidade. Julgou fosse farsa que lhe queriam pregar, e por isso quis fugir, mas não o fez, porque seus servidores o retiveram e lhe disseram que aqueles eram os bens de um grande senhor muito rico que morrera, que o rei lhe havia dado e que tudo o que via ali não era senão uma amostra, como se diz, comparando com os outros móveis e bens que viriam depois; assim, começando pouco a pouco a acreditar, vestiu o traje de púrpura que lhe haviam trazido, e montando no cavalo, saiu a passear pela cidade, gritando: — "Tudo isto é meu, tudo isto é meu". Como alguns zombassem, disse-lhes que não deviam se admirar por ouvi-lo gritar assim, em vez de atirar pedras nesses que encontrava pelas ruas, tanto estava fora de si transportado de alegria. Estratônica, portanto, nascida de tal raça e de tal sangue, entregou o lugar nas mãos de Pompeu e ofereceu-lhe ainda diversos presentes belos e ricos, dos quais aceitou apenas aqueles que podiam servir para ornar os templos dos deuses ou embelezar seu triunfo e desejando que Estratônica ficasse com tudo para ela.

LV. Igualmente, tendo o rei dos hiberianos lhe enviado uma cama, uma mesa e uma cadeira de ouro maciço, pedindo-lhe que os aceitasse como uma dádiva, consignou tudo nas mãos dos tesoureiros para dar contas ao público. E num outro castelo chamado Quenon, encontrou papéis e algumas cartas particulares e secretas de Mitrídates, que leu com grande prazer, porque por elas descobriu evidentemente qual era a natureza desse rei; pois encontrou um diário pelo qual parecia que ele havia envenenado, além de vários, seu próprio filho Ariarates e Alceu, o Sardenho, porque ganharam na sua frente o prêmio da corrida de cavalos. Havia também interpretações de sonhos que ele ou as suas mulheres haviam sonhado e cartas lascivas de amor, de Mônima para ele e dele para ela. Teófanes diz que encontraram um discurso de Rutílio, pelo qual o persuadia e incitava a fazer morrer todos os romanos que se achavam na Ásia, o que todavia consideram, com toda razão, ser uma mentira maligna encontrada por esse Teófanes, o qual odiava Rutílio, que não se lhe assemelhava em coisa alguma; ou pode ser também para agradar Pompeu, cujo pai Rutílio descreve em suas histórias como o homem mais maldoso do mundo. Ao partir dali, Pompeu foi para a cidade de Amiso, onde sua ambição o induziu a praticar atos pelos quais se condenava a si mesmo e pelos quais anteriormente havia repreendido e censurado muito a Lúculo, quando vivia ainda o inimigo que havia dado ordens, distribuído presentes e conferido honras, que os capitães vitoriosos estavam acostumados a fazer depois que a guerra terminava e que a haviam conduzido até o final; ele mesmo, estando ainda Mitrídates no reino de Bósforo, mais forte, e tendo reunido um grosso e poderoso exército, fez tudo o que reprovou e censurou no outro, governando províncias e distribuindo dádivas e presentes a cada um, segundo seus méritos; tendo se apresentado a ele doze reis bárbaros com diversos outros príncipes, senhores e capitães, aos quais quis agradar, escrevendo ao rei dos partos, não se dignou pôr o título que os outros estavam acostumados a lhe dar quanto sobresntava suas cartas, chamando-o "rei dos reis".

LVI. Mas, apoderou-se dele grande desejo e grande vontade de recuperar a Síria e penetrar através da Arábia até o mar Vermelho, a fim de estender suas vitórias e conquistas por todos os lados, até o grande mar Oceano, que rodeia a terra. O fato é que na Líbia foi o primeiro dos romanos que seguiu vitorioso até o grande mar; e do outro lado na Espanha alargou o império romano, terminando-o no Oceano Atlântico; e pelo terceiro lado, ao perseguir os albanos, pouco faltou para que não atingisse até o mar da Hircânia. Pôs-se a caminho com a intenção de estender o circuito de sua viagem até o mar Vermelho, verificando que Mitrídates estava muito descontente para pegar em armas e mais difícil de vencer quando fugia do que quando combatia, motivo por que disse que deixava na retaguarda inimigo mais forte do que ele mesmo, que era a fome; distribuiu guardas com número suficiente de navios para espreitar os mercadores que navegavam na região do Bósforo para aí levar víveres e outras mercadorias, tendo estabelecido pena de morte aos que o fizessem; depois, com a melhor parte de sua armada, pôs-se a caminho, sobre o qual encontrou os corpos dos romanos derrotados por Mitrídates sob o comando de Triário e não tinham sido ainda exumados; fez recolher todos e enterrar honrada e magnificamente. O que fora esquecido por Lúculo, foi a meu ver, uma das principais causas de o fazer odiado de seus soldados. Tendo subjugado, por Afrânio, os árabes habitantes dos arredores do monte Amano, desceu ele mesmo dentro da Síria, da qual fez um governo e uma província conquistadas para o império romano, porque não tinha nenhum rei legítimo; conquistou também a Judéia, onde aprisionou o rei Aristóbulo e fundou algumas cidades, libertando e livrando da servidão outras, que eram usurpadas e detidas à força por tiranos que fez castigar; mas, o maior tempo que aí consumiu, foi em julgar e pacificar por arbitragem as discussões e diferenças que havia entre as cidades livres, os príncipes e os reis, enviando seus amigos aos lugares onde não podia ir pessoalmente. Como foi eleito árbitro entre os partos e os armênios para decidir sobre um certo país que uns e outros pretendiam, enviou três deputados para decidir e julgar definitivamente; pois se a fama de seu poder era grande, a de sua virtude, de sua justiça e bondade, não era menor, de tal modo que cobria muitas faltas, que cometiam seus familiares e os que estavam a seu lado; pois era de natureza tão boa, que não os podia preservar de fazer o mal nem castigar e punir quando agiam perversamente; mas ficava de tal modo com eles quando vinham se queixar ou quando tinham que se haver com ele, sendo obrigado a suportar pacientemente suas cobiças, avarezas e impertinências.

LVII. Aquele de seus domésticos que tinha mais prestígio junto de si era um escravo liberto chamado Demétrio, o qual era inteligente, mas abusava um pouco de sua sorte, a cujo propósito contam o seguinte: Catão, o Filósofo, quando ainda jovem, mas desfrutando já de grande reputação de sabedoria e mantendo bem sua classe, foi a Antioquia para ver a cidade quando Pompeu aí não se encontrava, e quanto a ele, segundo seu costume, caminhava a pé e seus amigos que o acompanhavam a cavalo. Na entrada da cidade percebeu um grupo de pessoas vestidas com trajes brancos ao longo da rua, de um lado as crianças e do outro lado os rapazes alinhados em forma de cerca, pelo que se enfureceu, pensando que fosse por amor dele e para honrá-lo, que fizessem esta procissão, o que absolutamente não desejava. Ordenou aos seus amigos que descessem do cavalo e caminhassem a pé com ele; mas, quando chegaram perto da porta da cidade, o mestre de cerimonias que conduzia toda aquela procissão, tendo um chapéu de flores sobre a cabeça e uma vara na mão, veio à sua frente e perguntou-lhe onde haviam deixado Demétrio e quando voltaria. Os amigos de Catão puseram-se a rir por causa desta pergunta, porém, Catão apenas disse: "Ó pobre e infeliz cidade!" e passou além. Todavia, Pompeu mesmo era causa de lhe terem menos inveja, porque viam a audácia que Demétrio tinha para com ele, o qual não levava nada a mal, nem se enfurecia. Segundo dizem, muitas vezes quando Pompeu havia convidado algumas pessoas para virem jantar em sua casa, recebia ele mesmo os convidados e esperava que todos tivessem chegado, e no entanto esse Demétrio já se encontrava à mesa e tinha presunçosamente sua túnica, sobre a cabeça baixa, levantada até as orelhas. Antes que estivesse de volta dessa viagem a Itália, já havia adquirido as mais belas casas de campo e os mais belos parques e pomares que existiam nos arredores de Roma e possuía também suntuosos jardins, que comumente chamavam os jardins de Demétrio, enquanto que seu patrão Pompeu até seu terceiro consulado, morava simples e mesquinhamente. Mas, depois, tendo mandado construir o magnífico e tão famoso teatro, que se chama o Teatro de Pompeu, mandou também edificar depois, como um apêndice de seu teatro, uma outra casa, a qual foi bem mais honrada do que a primeira, mas onde não havia nada de mais. De sorte que aquele que se tornou o dono depois dele, quando entrou, espantou-se e perguntou: — "E onde é que comia o grande Pompeu?" Assim contam. LVIII. Enquanto isto, o rei dos árabes, habitando ao redor da fortaleza que chamam Pétrea, não tendo até ali feito conta do poder dos romanos, teve então grande receio e escreveu a Pompeu que estava pronto e aparelhado a fazer tudo o que lhe agradasse, aguardando ordens; Pompeu, querendo experimentá-lo sobre suas intenções, levou seu exército à frente da praça de Pétrea; mas essa viagem não foi aprovada, porque a interpretavam como sendo uma ocasião procurada para evitar ir atrás de Mitrídates, contra o qual queriam que ele se virasse quanto antes com todas as suas forças, como contra um inimigo antigo, que começava a se armar e preparava-se para conduzir, pelo que ouviam, poderoso exército através da{1015} Tartária e da Hungria, na Itália. Mas Pompeu estimava que queria minar seu poder deixando-o guerrear, e que não o agarraria fugindo, nem quis fazer nada para persegui-lo, e por esta razão, ia procurando com habilidade ocupar-se em outras guerras e passando o tempo, até que finalmente a sorte desatou a dificuldade desse nó; estando perto da praça de Pétrea e já tendo alojado seu acampamento, um dia, como se exercitava à lança e conduzindo um cavalo à volta de seu campo, chegaram mensageiros do rei de Ponto, que lhe traziam boas notícias, o que se podia saber e julgar pelo comprimento dos ferros de seus dardos, porque estavam enrolados com ramos de louro. Os soldados, tendo isto percebido, correram logo à sua frente, pois queriam que antes de terminar seu exercício, lesse as cartas; mas, como gritassem, desceu do cavalo e, tomando as cartas, voltou ao seu acampamento, onde não havia terraço elevado de onde pudesse discursar e não tinham os soldados paciência para fazer um estrado à moda do campo, como os guerreiros fazem, com ramagens e grandes torrões de terra que amassam uns sobre os outros; mas pela pressa e grande afeição de que estavam tomados para ouvir o que continham essas cartas, empilharam em um monte as cordagens e selas dos cavalos, sobre o qual Pompeu subindo, declarou-lhes que como Mitrídates estava morto, suicidando-se, seu filho Farnace se havia sublevado e pegara em armas contra ele, e, tendo se apoderado do que possuía o pai, escrevia-lhe que conservava e guardava tudo para ele, Pompeu, e para os romanos.

LIX. Ouvidas essas notícias, todo o campo, como se pode julgar, entrou em grande reboliço, pondo-se todo o mundo a fazer sacrifícios aos deuses para render graças e com boa fisionomia como se só na pessoa de Mitrídates morresse um número infinito de inimigos. Pompeu, por

esse meio, tendo posto fim a esta guerra mais facilmente do que havia esperado, partiu incontinente da Arábia; tendo atravessado em pouco tempo as províncias que estão entre as duas, tanto fez em suas jornadas, que chegou à cidade de Amiso, onde encontrou grande quantidade de presentes que lhe trouxeram da parte de Farnace e vários cadáveres de sangue real, entre os quais estava o de Mitrídates, que não podiam reconhecer bem no rosto, porque seus servidores haviam esquecido de fazer escorrer ou dissecar o cérebro; todavia ainda o reconheciam por algumas cicatrizes que tinha na face; quanto a Pompeu, não querendo olhá-lo, com medo de irritar contra si a ira vingadora dos deuses, enviou-o à cidade de Sínope; mas encantou-se por ver a grandeza, a suntuosidade e magnificência das vestimentas e das armas que trazia; todavia, houve um chamado Públio, que tendo escamoteado a bainha da espada de Mitrídates, a qual havia custado trezentos talentos{1016} para ser feita, vendeu-a a Anarates; um outro chamado Caio, que na juventude havia sido criado com Mitrídates, tendo igualmente subtraído o chapéu do morto, que era feito de um maravilhoso tecido, deu-o a Fausto, filho de Sila, que lho pedira; Pompeu não soube na hora, mas Farnace, tendo descoberto, fez castigar esses que haviam roubado.

LX. Depois, portanto, de haver dado ordens para os negócios dali e tendo estabelecido todas as coisas, pôs-se então a caminho para voltar, com muita alegria e muita festa; passando por Mitilene, libertou a cidade de todos os tributos por amor de Teófanes e assistiu a um jogo de prêmio que estão habituad os a realizar todos os anos, onde os poetas recitam suas obras com inveja uns dos outros, não tendo suas composições desta vez outro assunto a não ser os feitos e gestos de Pompeu. Pompeu achou o teatro, onde se realizavam esses jogos, de bela forma, e fez tomar os planos e a planta para construir um igual em Roma, mas bem maior e mais suntuoso. Passando também pela cidade de Rodes, quis ouvir discursar todos os mestres da retórica e lhes fez presente, a cada um, de um talento{1017}. Possidônio redigiu o discurso e a disputa que houve em sua presença contra Hermágoras, o Retórico, sobre o assunto que Pompeu mesmo lhe deu, referente à questão geral e universal; e em Atenas fez outro tanto com os filósofos, mas deu com vantagem à cidade cinquenta talentos{1018} para a restaurar.

LXI. Pensando em sua volta à Itália, achava que devia aí chegar como o homem mais honrado do mundo e desejava encontrar-se em sua casa com sua mulher e seus filhos como também julgava aí ser esperado por eles com grande devoção; mas o deus que cuida de misturar sempre entre os grandes favores da sorte, alguma coisa de sinistro, esperava-o em caminho e armava uma emboscada em sua própria casa para lhe tornar sua volta dolorosa; pois sua mulher Múcia em sua ausência havia se portado mal. Ora, enquanto estava longe, não levou em conta as informações que lhe davam; mas quando se aproximou da Itália e que teve o entendimento mais livre para pensar nas denúncias que lhe haviam feito, então informou que renunciava e repudiava sua mulher, sem lhe haver nada escrito nem depois jamais disse porque a repudiava; mas a causa está escrita nas epístolas de Cícero. No entanto, antes de sua chegada, correram diversos ruídos a respeito dele em Roma, que estava triste e o espírito em tumulto, porque diziam que levaria suas forças direito à cidade e certamente se faria senhor de todo o império romano; de tal modo correram esses rumores, que Crasso saiu às escondidas, levando consigo seus filhos e seu dinheiro, seja porque verdadeiramente tivesse receio ou, como parecia, para tornar a calúnia verossímil e tornar a inveja mais áspera contra ele. Por isto, assim que pôs o pé na Itália, fez reunir todos os seus guerreiros e depois de os haver aconselhado e agradecido, segundo o tempo e a ocasião permitiam, ordenou-lhes que debandassem e se retirassem cada um para sua casa para pôr em ordem seus negócios, contanto que tivessem lembrança que deviam se encontrar reunidos em Roma no dia de seu triunfo. Assim, estando seu exército dissolvido e a notícia tendo corrido logo por toda parte, aconteceu uma coisa maravilhosa: todas as cidades, vendo Pompeu, o Grande, sem a companhia dos guerreiros, com um pequeno séquito de seus domésticos e amigos familiares somente, sem mais nem menos, como se houvesse voltado, não de suas grandes conquistas, mas de alguma viagem onde houvesse ido por prazer, todos os moradores saíram para ir à sua frente, tanto os povos lhe tinham amor e respeito, e o acompanharam, quisesse ou não, até dentro de Roma, com mais poder do que quando voltou à Itália, de maneira que se tivesse vontade de mudar alguma coisa na situação da coisa pública, não precisaria de seu exército.

E porque a lei e costume proibiam entrar na cidade antes do triunfo, mandou pedir ao Senado para alterar por alguns dias a eleição dos cônsules e conceder-lhe esta graça a fim que pudesse estar presente para assistir e favorecer a Pison, que pedia naquele ano o consulado. Mas foi-lhe negada a solicitação, pela resistência que lhe fez Catão, impedindo-o, pelo que Pompeu se admirou e se maravilhou da franqueza no falar e a calma com a qual sustentava sozinho e defendia as coi sas justas e razoáveis, razão pela qual teve desejo de ganhá-lo em aliança, como aconteceu. Tendo Catão duas sobrinhas, pediu-as em casamento, uma para si e a outra para seu filho; porém, Catão desconfiando que fazia este pedido para o ganhar e corrompe-lo, sob pretexto desta pretensa aliança, rejeitou-os. Sua irmã e sua mulher ficaram muito descontentes, por haver recusado a aliança com o grande Pompeu. Mas, aproximadamente nesse mesmo tempo, aconteceu que ele, desejando por todas as vias, promover Afrânio ao consulado, ma ndou distribuir algum dinheiro pelas classes do povo e o dinheiro foi entregue nos jardins mesmo de Pompeu, de sorte que a coisa foi' divulgada pela cidade e o censuraram muito pelo fato de se tornar venal e comprar com dinheiro a esses que não podia adquirir nem conseguir pela virtude, a soberana magistratura da coisa pública, que ele mesmo havia obtido como recompensa de seus altos feitos: então Catão observou à sua mulher e à sua irmã: — "Vedes, precisaríamos participar agora dessa censura, se tivéssemos aceito a aliança de Pompeu". Tendo ouvido isto, confessaram que seu parecer foi o melhor, visando o dever e a honra.

LXIII. Afinal, quanto à magnificência de seu triunfo, ainda que fosse dividido em dois dias, não houve tempo bastante, pois tinha muita coisa que haviam preparado para ser levada em exibição, que ficou de lado, de maneira que ainda sobrava largamente para honrar, embelezar e ornamentar um outro triunfo. Entre outras, levaram à frente cartazes que continham os nomes das nações onde triunfou, que eram as que se seguem: o reino de Ponto, a Armênia, a Capadócia, a Paflagônia, a Média, a Cólquida, as Hiberianas, as Albânias, a Síria, a Cilícia, a Mesopotâmia, a Fenícia, a Palestina, a Judéia, a Arábia, os corsários derrotados por todos os cantos do mundo, tanto por mar como por terra, sendo que em todos esses lugares apoderou-se até o número de mil castelos e fortalezas e não menos de novecentas cidades e fortes; navios de corsários, aproximadamente oitocentos; cidades anteriormente desertas, por ele repovoadas, trinta e nove. Como vantagem os cartazes mencionavam também a renda comum da república antes de suas conquistas, que não subia por ano{1019} senão a cinco milhões de escudos e agora, pelo que havia anexado e adquirido ao império romano, recebia{1020} oito milhões e quinhentos mil escudos, o que trazia presentemente ao tesouro da economia pública, tanto em ouro e dinheiro, como anéis e joias, o valor {1021} de dois milhões em ouro, sem contar o que havia dado e distribuído aos guerreiros, dos quais o que menos recebeu segundo sua classe, levara{1022} cento e cinquenta escudos. Os prisioneiros conduzidos na demonstração desse triunfo, além dos capitães dos corsários, foram o filho de Tigranes, rei da Armênia, com sua mulher e sua filha e a mulher do rei Tigranes, a qual se chamava Zózima, o rei dos judeus Aristóbulo, a irmã de Mitrídates com cinco de seus filhos, algumas damas de Cítia, os reféns das Hiberianas e das Albânias e do rei dos comagenos, e além disso, grande número de troféus, tantos quanto ele e seus tenentes haviam ganho nas batalhas em diversos lugares.

LXIV. Mas o que lhe dava maior glória e que jamais acontecera, nem antes, nem depois a nenhum capitão a não ser a ele, foi que esse terceiro triunfo, foi ganho na terceira parte do mundo; houve outros romanos que venceram por três vezes; mas Pompeu triunfou a primeira vez na África, a segunda na Europa e a terceira na Ásia, de tal modo, que nessas três vitórias parecia ter, como se diz, triunfado em toda a terra habitável e estava então, assim como dizem os que o comparam e o querem fazer em todas as coisas assemelhar-se a Alexandre, o Grande, com menos de trinta e quatro anos; todavia, apesar do que dizem, ele se aproximava dos quarenta{1023} e, muito feliz teria sido, se a vida não se prolongasse além do ponto que lhe durou a sorte de Alexandre, porque todo o tempo que viveu depois só recebeu prospendades odiosas ou adversidades irremediáveis; pois, empregando o prestígio e a autoridade que havia adquirido por bons meios para favorecer a outros injustamente, enquanto lhes aumentava o poder, tanto diminuía de glória e só tomou sentido quando se viu arruinado em sua própria

grandeza, nem mais, nem menos, como as cidades que deixam entrar os inimigos até dentro dos lugares mais fortes e dos melhores bairros que possuem, aumentando-lhes suas próprias forças por si mesmas; também César, tendo-se elevado mediante o favor e o poder de Pompeu, derrotou-o e arruinou-o pouco depois, com os próprios meios com os quais o fez forte contra todos, o que aconteceu deste modo: Lúculo, em sua volta da Ásia, onde Pompeu o havia tratado injuriosamente, foi desde então bem visto e bem recebido no Senado e ainda mais depois que Pompeu chegou também; pois mesmo o Senado o animou a se fazer valer e a tomar as matérias a peito, conscientemente, mas ele já estava desistindo, e sua atividade nos negócios da república esfriava, por se ter dedicado despreocupadamente a si pró prio e pelo prazer de gozar sua riqueza e seus bens em repouso. Todavia, Pompeu nem chegara de volta, desandou Lúculo vivamente contra ele no tocante às coisas que havia estabelecido e ordenado na Ásia e que Pompeu havia estragado e anulado; no Senado levava vantagem mediante o apoio que Catão lhe dava, ocasião em que Pompeu, encontrando-se ali assim fechado e atormentado, foi constrangido a recorrer aos tribunos do povo e ao convívio de rapazes aduladores, dos quais o pior, o mais audacioso e mais temerário era um chamado Clódio, que o pegou imediatamente, entregando-o como presa ao povo, tendo-o sempre ao seu lado e por qualquer coisa levando-o consigo à praça, contra sua dignidade, para o fazer confirmar todas as novidades que propunha para adular a plebe e ensinar-se na graça da ralé, mas ainda mais lhe pedia como salário, como se não fosse uma vergonha e sim uma graça que lhe estivesse pedindo, que abandonasse Cícero, seu amigo, e que muito havia feito por ele na administração pública, o que obteve, de tal modo que quando Cícero, vendo-se chamado perante a justiça, em perigo, mandou procurá-lo para o ajudar, fez fechar a porta de sua casa aos que vinham de sua parte e saía pela porta de trás; nessa ocasião, Cícero, temendo o resultado do julgamento, saiu para{1024} fora de Roma.

LXV. Aproximadamente naquele tempo César, voltando{1025} de sua pretoria na Espanha, começou a usar um método que prontamente lhe alcançou uma singular benevolência depois transformada em grande poder, com grande prejuízo para Pompeu e para a república; pois pretendia conseguir seu primeiro consulado, e vendo que Pompeu seria inimigo de Crasso, ligando-se a um, teria o outro por inimigo; procurou meios, então, de pô-los de acordo, coisa que à primeira vista parecia a melhor e a mais honesta do mundo mas o intuito era fino e malicioso, de má intenção. Pois a força que, anteriormente dividida em duas partes, mantinha a coisa pública em igualdade de peso, era nem mais, nem menos como um barco carregado tanto de um lado como do outro, de tal modo que não podendo pender nem daqui, nem dali, vinha a se conjugar em um só corpo, e não seria mais do que uma, e assim fez a inclinação tão forte, que não se encontrou ninguém que pudesse contrabalançar, de modo que afinal a embarcação virou toda de baixo para cima.

LXVI. Portanto, como dizia o sábio Catão aos que lhe iam falar a respeito da discussão e inimizade de Pompeu e de César, que eles haviam arruinado a república, que eles se iludiam demasiadamente, levando a sério o que estava terminado; sua discórdia não foi motivada nem por sua inimizade, que havia sido a primeira e principal causa desta ruína mas antes sua amizade e concórdia, pois por aquela, César foi eleito cônsul, o qual se pôs logo a agradar e adular a plebe e a multidão de sofredores e indigentes, levando avante o repovoamento das cidades, a distribuição de terras aos que não tinham, descendo nisto a dignidade do soberano magistrado e tornando, por assim dizer, o consulado, um tribunal do povo. Seu companheiro Bídulo resistia o mais que podia e Catão deliberou secundar e ajudar Bíbulo com todo o seu poder, até que César, levando à tribuna Pompeu, diante de toda a assistência do povo e chamando-o por seu nome, perguntou-lhe se aprovava todos os decretos que havia encaminhado. Pompeu respondeu que sim. — ”Se, portanto, existe alguém, disse César, que pela força queira impedir não sejam autorizados pelas vozes do povo, tu não virás para sustentar e defender o bem público?" — "Sim, respondeu Pompeu, aqui virei verdadeiramente e contra esses que ameaçam com a espada, trarei a espada e o bouclier".

LXVII. Jamais Pompeu, em toda sua vida, havia feito nem dito coisa tão inoportuna como aquela, de sorte que mesmo seus amigos, procurando desculpá-lo, diziam que essa palavra lhe escapou sem pensar; todavia, pelo que se seguiu depois, pareceu bem evidentemente que se havia dado todo a César, para que fizesse tudo o que bem lhe parecesse; pois poucos dias depois desposou Júlia, sua filha, sem que ninguém esperasse, uma vez que era noiva de Servílio Cépio, que a devia desposar proximamente; e para abrandar a pouca aptidão de Cépio, Pompeu deu-lhe em casamento sua filha, que estava também anteriormente prometida a Fausto, filho de Sila, e César desposou Calpúrnia, filha de Pison. Isto feito, Pompeu encheu toda a cidade de guerreiros, fez à força tudo o que quis; mesmo o cônsul Bíbulo, quando ia para a praça acompanhado de Lúculo e de Catão, de certa feita arremessaram-se contra ele inesperadamente e quebraram os feixes de varas que levavam à sua frente e houve alguém que, por zombaria, lhe atirou um cesto cheio de excrementos sobre a cabeça, e dois dos tribunos do povo que o seguiam foram feridos. E por esse meio, tendo esvaziado a praça dos que lhe eram contrários, fizeram à sua vontade passar o decreto da distribuição de terras à cuja isca a plebe foi atraída, deixando-se levar por eles a tudo que desejaram e não foi mais contrária em coisa alguma e deu seu voto para autorizar tudo o que lhes aprazia propor. Foram assim ratificadas as ordens pelas quais Pompeu havia debatido com Lúculo e decretaram a César o governo da Gália, tanto de aquém como de além os mentes Alpes e a Esclavônia{1026}, pelo espaço de cinco anos, com quarenta legiões completas. E para o ano seguinte foram designados cônsules Pison, sogro de César e Gabínio, o maior adulador que Pompeu teve a seu lado.

LXVIII. Ora, enquanto essas coisas se passavam Bíbulo, mantendo-se fechado em sua casa sem ousar sair durante oito meses, se bem que fosse cônsul, somente enviava para fora avisos para serem afixados nos lugares públicos, nos quais acusava Pompeu e César; por outra parte, Catão, nem mais, nem menos, como se houvesse sido inspirado por algum espírito profético, ia pregando e predizendo publicamente em pleno Senado o que estava para acontecer à república e mesmo a Pompeu; mas Lúculo, não querendo trabalhar mantinha-se quieto e gozava seu descanso como não estando mais para fazer sacrifícios, nem em idade para se manter nos negócios; foi quando Pompeu disse que ele estava mais fora de estação, como homem velho para vagar a seu bel-prazer, do que para ficar disponível aos negócios públicos; e, no entanto, Pompeu mesmo foi logo depois abrandado pelo amor de sua nova esposa e não fazia outra coisa a maior parte do tempo, do que agradá-la, mantendo-se constantemente com ela nas casas de repouso que tinha nos campos ou então em seus jardins, sem mais se preocupar com o que faziam na administração, de maneira que Clódio, que então era tribuno do povo, começou a recriminá-lo e a empreender sedições; pois tendo expulso Cícero e enviado Catão fora de Roma para Chipre, sob a aparência de comissão e administração pública e por outro lado César, tendo ido à Gáha, e vendo que a plebe o obedecia porque havia feito e dito tudo o que podia imaginar para adulá-la e ser-lhe agradável, atentou logo contra as ordens de Pompeu, procurando romper e anular algumas; entre outras, tirou à força da prisão o jovem Tigranes, o qual levava sempre pela cidade com ele, indo suscitar diariam ente

discussões e processos aos amigos de Pompeu, para experimentar, no que fazia, que prestígio e poder teria. Finalment e, um dia em que Pompeu havia saído de sua casa para assistir ao julgamento de um de seus processos, Clódio, tendo ao seu lado uma cater va de vagabundos, com quem não se entusiasmava pelo que fizessem, colocou-se em lugar elevado, de onde era visto de todos os cantos da praça e começou a fazer bem alto tais interrogatórios: — "Quem é o capitão desta cidade, o mais luxurioso? Quem é o homem que procura o homem? Quem é aquele que coca a cabeç a com um dedo?" E seus satélites lhe respondiam, gritando em altas vozes a cada pergunta que fazia, como se fosse um coro{1027} e esti vessem alternativamente respondendo ao padre a cada vez que sacudia um pano de sua veste: — "É Pompeu".

LXIX. Isto afligia muito Pompeu, que não estava acostumado a ouvir publicamente ser destratado assim e não havia aprendido a combater deste modo; mas ficou ainda mais ofendido por perceber que o Senado estava à vontade, presenciando esta vergonha e este ultraje, como vingança por haver covardemente traído e abandonado Cícero. Pelo que, tendo ainda mais promovido umas brigas na praça, quando houve gente ferida e sendo surpreendido um dos escravos de Clódio com uma espada, o qual havia com dificuldade atravessado a multidão até se aproximar de Pompeu, este, tomando como desculpa esta ocasião, mas na verdade temendo a insolência e as palavras injuriosas de Clódio, não quis nunca mais aparecer na praça, enquanto durou seu cargo como tribuno, mantendo-se sempre em casa, consultando seus amigos como poderia fazer para abrandar a ira do Senado contra ele, e houve um chamado Culeo que o aconselhou a repudiar sua mulher Júlia, a fim de renunciar por completo à amizade de César e voltar-se inteiramente para o Senado, o que Pompeu não quis fazer. Mas prestou ouvidos aos que o aconselharam a chamar Cícero, o qual era inimigo mortal de Clódio e muito querido do Senado. Conduziu o irmão de Cícero que devia fazer o pedido ao povo na praça com um bom número de soldados para defesa, onde houve golpes dados e homens mortos de um lado e do outro; todavia, afinal, Pompeu ficou mais forte do que Clódio.

LXX, E Cícero, sendo chamado{1028} por decreto expresso do povo, logo que chegou, colocou Pompeu em boas graças perante o Senado e apoiou a proposição que já haviam encaminhado, de dar a Pompeu a incumbência de fazer vir trigo para Roma, pela qual lhe deu autoridade sobre tudo no mar e na terra, por assim dizer, que havia sob o império romano; pois pelo decreto que foi passado, encontravam-se em suas mãos todos os portos, todas as estradas e caminhos, toda a venda de grãos e de frutos da terra, e para dizer em uma palavra, toda a aquisição e tráfico dos mercadores navegantes no mar e dos lavradores cultivando a terra, o que Clódio, caluniando, ia dizendo que a procura e falta de trigo não havia feito inventar nem propor o decreto dessa comissão; mas ao contrário que para ter esta comissão, haviam feito nascer a falta de trigo, a fim de fazer voltar como de uma pasmaceira e repor um pouco acima, por este novo cargo, a autoridade e seu poder, que iam enfraquecendo. Outros diziam que foi um ardil do cônsul Espinter o qual, querendo colocar Pompeu neste cargo mais elevado a fim de que ele fosse enviado para socorrer e repor em seu reino o rei Ptolomeu{1029} ; todavia Canídio, tribuno do povo, propôs que enviassem Pompeu sem exército, com dois sargentos levando os machados somente, para tentar um acordo entre o rei Ptolomeu com os de Alexandre, incumbência que não teria sido desagradável a Pompeu, mas o Senado rejeitou esta proposição sob aparência honesta, alegando que, fazendo isto, Pompeu punha sua pessoa em perigo. No entanto, encontravam-se muitas vezes pela praça e mesmo no Senado bilhetinhos, nos quais estava escrito como Ptolomeu solicitava que lhe dessem Pompeu em vez de Espinter para o trazer; todavia Timagenes escreve que Ptolomeu foi a Roma e deixou o Egito sem que fosse de outro jeito preciso, pela conveniência e provocação de um Teófanes, que lhe incutiu na cabeça para fazer isso, a fim de dar novos meios a Pompeu para realizar seus trabalhos e ter ensejo para novas guerras; mas a malvadez desse Teófanes não tornou isso crível como também o natural de Pompeu o tornou inacreditável, porque em sua ambição não havia nada de tão malévolo nem de tão mau como aquilo.

LXXI. Tendo-lhe sido dada, portanto, a comissão de fazer vir o trigo, enviou por todos os

lugares seus tenentes e amigos e ele pessoalmente foi à Sicíha e como tivesse pressa em voltar, deu com um grande vento no mar, de tal forma que os marinheiros duvidavam de poder levantar âncoras; mas ele mesmo foi o primeiro a subir dentro do navio e ordenou que levantassem imediatamente, gritando bem alto: — "É necessário que eu vá, não é necessário que eu viva ; e assim por sua boa diligência e coragem, junto à boa sorte que o favoreceu, encheu todas as estradas e caminhos de trigo e todos os mares de navios, de maneira que a abundância que fez vir forneceu não somente à cidade de Roma, mas também aos arredores, e brotou como uma fonte viva e um largo rio que se espalhou por toda a Itália.

LXXII. Ora, aproximadamente nesse mesmo tempo, as grandes conquistas que César fazia na Gália, o elevavam a grandes alturas, mas ali onde parecia bem longe de Roma ocupado em guerrear os belgas{1030} os suevos {1031} e os ingleses{1032} não se tinha em guarda que ele fizesse, por tramas secretas no meio do povo romano e nos principais negócios, alguma coisa contra Pompeu; porque havia ao seu redor as forças de um exército como um corpo militar que ele amestrava e endurecia no trabalho, não com intenção de se valer contra os bárbaros somente, pois nos combates que tinha com ele não eram senão como uma forma de caça, pelas quais o procurava tornar invencível e temível de todo o mundo; mas, por enquanto, o ouro e a prata, os despojos e outras riquezas que ganhava em tão grande abundância sobre os inimigos que derrotava, lhe eram como a alma desse corpo, por meio do que ganhava e corrompia muitos homens, enviando grandes presentes a Roma aos que eram nomeados edis, pretores ou cônsules e mesmo às suas mulheres; de tal maneira que, tendo atravessado os Alpes e tendo que passar o inverno na cidade de Luca, uma grande multidão de homens e mulheres acorreu invejosa; mas do Senado mesmo houve duzentos que foram à sua frente, entre os quais, nomeadamente, Crasso e Pompeu, e viram de um só golpe seiscentos sargentos levando os machados diante dos pretores ou procônsules, na porta de sua casa.

LXXIII. César mandou de volta todos òs outros cheios de dinheiro e de promessas; mas com Pompeu e Crasso fez um pacto acedendo a que os dois. juntos haviam pedido o consulado, e que os devia ajudar enviando a Roma, no dia da eleição, bom número de guerreiros para dar suas vozes em seu favor e que tão logo fossem eleitos, eles trabalharam para que lhe dessem, por decreto do povo, os governos de algumas novas províncias e novos exércitos também e fariam confirmar e prolongar em seu nome, aquelas que tinha, por outros cinco anos. Quando a notícia desse entendimento foi divulgada entre o povo de Roma, as pessoas de bem e os principais da cidade ficaram muito descontentes, tanto que Marcelino, em plena assembleia do povo, perguntou a eles dois se pretendiam o consulado na próxima eleição, o que o povo mesmo lhe ordenou responder; Pompeu respondeu primeiro, dizendo que talvez pedisse verdadeiramente e talvez não; mas Crasso respondeu mais civilmente, que faria aquilo que achasse ser conveniente para o bem e a utilidade da república.

LXXIV. Marcelino então atacou Pompeu e falou veementemente contra ele e tanto fez, que afinal Pompeu o censurou furioso, que era o mais injusto e o mais ingrato homem do mundo, visto que não reconhecia mais seu lugar e que por essa razão havia se transformado de mudo em eloquente e de pobre esfomeado a bêbado. No entanto, todos aqueles que anteriormente haviam proposto e pedido o consulado, desistiram então, exceto Lúcio Domício, ao qual Catão aconselhou e encorajou para não desistir, "porque, (dizia ele), tu não combates para obter um cargo, mas para defender a liberdade pública contra dois tiranos". Pompeu e seus aderentes, temendo a veemência de Catão, receosos de que, tendo todo o Senado à sua disposição, não atraísse para seu lado a parte mais sã do povo, julgaram que não deviam deixar vir Domício até a praça e com este fim enviaram soldados armados contra ele, que ao chegar mataram aquele que trazia a tocha à sua frente, obrigando os outros a fugir, entre os quais Catão foi o último a se retirar, ferido no cotovelo do braço direito, defendendo Domício.

LXXV. Tendo, portanto, Pompeu e Crasso chegado ao consulado por esta via{1033}, não se

portaram modesta nem mais honestamente. Primeiramente, como o povo quisesse eleger Catão, pretor, Pompeu, que presidia a assembleia da eleição, vendo que aquele ia ser eleito, a dissolveu, alegando falsamente que havia observado alguns maus presságios para assim ter ocasião de desfazê-la, e depois, corrompeu por dinheiro as classes do povo para fazer eleger pretor Antias e Vatínio e consequentemente fizeram por meio de editais, que o cargo de César lhe fosse prolongado por outros cinco anos, confirmando o que haviam combinado juntos; e o governo da Síria com o cargo de guerrear os partos, estava concedido a Crasso; e a Pompeu toda a África e todas as Espa-nhas com quatro legiões, das quais emprestou então duas a César, que lhas pediu para a guerra que sustentava na Gália. Isto feito, Crasso partiu para assumir seu governo ao sair de seu consulado e Pompeu, ficando em Roma, dedicou-se a desenvolver o teatro e fez realizar belos jogos de prêmio, tanto de exercícios físicos, como das letras e da música e promoveu também caçadas e combates de animais selvagens, nas quais houve até o número de quinhentos leões mortos, mas depois de tudo, não houve nada tão extraordinário nem tão espantoso como os combates de elefantes.

LXXVI. Essas liberalidades e despesas feitas para dar passatempos ao povo, fizeram-no de ríspido, muito querido e lhe trouxeram uma grande benevolência da plebe; mas, por outro lado, não levantou menos inveja quando comissionou o cargo de seus governos e de suas legiões a{1034} seus tenentes, enquanto ele ia daqui para ali, aproveitando o bom tempo com sua mulher por todos os belos lugares de descanso da Itália, ou seja porque estivesse dela enamorado, sentindo que ela estava enamorada dele, e não tinha coragem para deixá-la. Dizia-se por toda a parte e era coisa assaz notória, que esta jovem dama Júlia amava seu marido tão ardentemente, de tal forma que ele não parecia ter a idade que tinha; isto na minha opinião, era devido à honesta abstinência dele, que não conhecia outra mulher senão aquela que havia desposado, posto que sua gravidade natural não era desagradável, mas sua companhia e sua conversa eram muito alegres e agradáveis às mulheres, se nisto queremos acertar com o testemunho da cortesã Flora; mas é bem certo que durante uma eleição de edis, tendo alguns chegado a pôr a mão nas armas, houve diversos homens mortos, tudo isto contra Pompeu, de maneira que estando todo sujo de sangue, foi preciso que mudasse de vestes; razão por que seus servidores correram apressados a sua casa levando seus vestuários ensanguentados para lhe trazer outros. A jovem dama, encontrando-se então grávida, percebeu por acaso sua veste nesse estado, pelo que entrou de súbito em tão grande pavor, que caiu desmaiada e tiveram muito trabalho para a fazerem voltar desse desmaio, e ela abortou na hora; por isso, os que eram mais rudes em reprovar a amizade que ele tinha a César, não podiam censurar o amor por sua mulher. Ficou ainda uma vez grávida, morrendo de parto e a criança não sobreviveu senão dias depois à sua mãe. Como Pompeu se dispunha a ir inumá-la em uma terra que possuía perto da cidade de Alba, o povo à forç a levou o corpo ao campo de Marte, mais por piedade e compaixão que teve da jovem dama, do que por desejo de agradar a César ou a Pompeu; e mesmo considerando ainda que o povo fazia isto por atenção a eles, parecia que era mais pelo amor de César ausente, do que por Pompeu presente.

LXXVII. Mas, antes que esta aliança, a qual cobria, em vez de refrear e impedir, sua ambiciosa cobiça de dominar, fosse extinta levantou-se dentro de Roma um tumulto e começaram todas as coisas a balançar e foram semeadas entre o povo palavras e propósitos de sedição e divisão; pouco depois, sobreveio também para reforçar, a notícia da morte e denota de Crasso, que foi como uma grande barreira retirada, que impedia essas duas partes de se chocarem, e impedindo a guerra civil, pois um e outro dos dois chefes o temiam, cedendo-se ainda, de alguma forma à razão para com seu companheiro. Mas assim que a sorte lhes retirou esse terço, que podia ainda contestar contra aquele dos dois que ficasse vencedor, então podiam verdadeiramente dizer que esses dois que ficaram, o que o poeta cômico diz:

Um contra o outro então se põe de ponta,

Suas mãos sem pó e de óleo seu corpo untado.

Tanto é a sorte insignificante ao lado da natureza, da qual não pode nunca saciar a cupidez, visto que tão grande comprimento e largura de império e tão vasta extensão do país, não pôde refrear nem limitar a cobiça desses dois homens: mas se bem que muitas vezes ouvissem dizer e muitas vezes houvessem lido eles mesmos, que

Os deuses tendo o mundo em três partes,

Cada um se mantém contente com sua parte;

e não julgavam, no entanto, que o império romano fosse suficiente para eles que não eram senão dois; todavia, Pompeu disse então num discurso que fez diante do povo, que todas as situações e todos os cargos que havia tido na administração da república, haviam sido sempre aquilo que não havia esperado e os havia também sempre deixado antes que esperassem, o que em verdade testemunhavam todas as forças que tivera em mãos, as quais havia sempre deixado em boa hora; mas então vendo que César não quebraria o seu prestígio, procurou fortificar-se nos cargos da cidade contra ele, sem demonstrar que desconfiava, mas antes fingindo desprezá-lo; mas quando viu que os magistrados da cidade não se distribuíam a seu gosto nem à sua vontade, pois que os cidadãos que os elegiam, estavam corrompidos pelo dinheiro, deixou então tudo ir ao abandono, de maneira que não houve mais magistrado que ordenasse nem ao qual obedecessem na cidade.

LXXVIII. No meio daquela confusão correu pela cidade um grande rumor de que era necessário eleger um ditador; e o primeiro que ousou levantar a questão foi um tribuno do povo chamado Lucílio, o qual convenceu a todos de que deviam eleger Pompeu, em que Catão foi contra tão vivamente, que o tribuno correu o perigo de ser deposto imediatamente de seu cargo; mas diversos dos amigos de Pompeu o desculparam, demonstrando que não havia procurado nem desejado de modo algum a ditadura, pelo que Catão o louvou grandemente e o exortou a dar-lhe a mão para que as coisas se pudessem repor em bom estado. Pompeu teve vergonha de recuar por uma coisa tão razoável e teve olhos, tão bem, que elegeram dois cônsules, Domício e Messala{1035} ; mas, depois, as coisas caíram ainda em maior confusão que nunca, de sorte que não podiam eleger de novo magistrados, ocasião em que vários levaram adia nte o propósito de eleger um ditador mais audaciosamente do que antes; Catão, temendo ser forçado desta vez, deliberou dar a Pompeu algum cargo de poder e autoridade limitados, para o desviar daquele que tinha autoridade excessiva e tirânica; Bíbulo mesmo, que era inimigo de Pompeu, foi o primeiro a se pôr a frente no Senado, propondo que o elegessem cônsul sozinho: — "Porque, disse ele, por esse meio ou a república sairá do tumulto em que se acha agora, ou se deve cair em servidão, pelo menos seja sob aquele que é mais homem de bem". Esta opinião foi achada muito estranha, mesmo com relação àquele que a propôs e Catão, tendo se levantado nos pés, cada um dos assistentes imaginou que fosse para contradizer; mas, fazendo-se silêncio, disse alto e claro, que quanto a ele, jamais seria o primeiro a propor aquilo, mas um vez que era proposta por outro, era de opinião que a seguissem: — "Vale mais, disse ele, ter um magistrado que comande, seja quem for, do que não ter nenhum" e que não encontrava outro que soubesse comandar bem no meio de tão grandes tumultos, como faria Pompeu. O Senado aprovou esta opinião e concordou que Pompeu seria eleito cônsul sozinho e que se houvesse necessidade de companheiro, que poderia nomear quem bem lhe parecesse, mas não antes de dois meses. Assim, foi Pompeu declarado cônsul só{1036} por Sulpício, que esse dia estava no seu turno. Pompeu então agradou muito amavelmente a Catão, agradecendo-lhe pela honra que lhe havia feito e solicitando-o a ajudá-lo com seu conselho nos negócios de seu consulado. Catão respondeu-lhe que não havia necessidade de agradecer, porque nada disse em tudo que havia opinado, por amor dele mas sim por amor da república e somente quando reclamassem, aconselharia particularmente; mas quando não o reclamassem, não deixaria de dizer em público o que bem lhe aprouvesse. Tal era Catão.

LXXIX. Mas Pompeu, voltando à cidade, desposou Cornélia, filha de Metelo Cipião, não filha, mas viúva de Públio Crasso, o filho, que foi morto pelos partos, com o qual havia sido casada a primeira vez. Esta dama possuía muita graça para atrair um homem, além de sua beleza, pois era honestamente exercitada nas letras, aprendera a tocar a lira, sabia geometria e tinha prazer em ouvir questões filosóficas, não em vão nem sem proveito, e mais ainda, não era por isso nem desagradável, nem vaidosa, como acontece ordinariamente às jovens senhoras que têm essas qualidades e essa instrução. Com vantagem, era filha de um pai, ao qual não se soube reprovar nem a nobreza da raça, nem a honra de sua vida; todavia uns reprovavam nesse casamento a diferença de idade; porque Cornélia era jovem o bastante para ser antes casada com o filho de seu marido; e os mais honestos consideravam que, fazendo isto, se descuidara da coisa pública no tempo em que tinha tão grandes responsabilidades, as quais, para remediar, haviam mesmo escolhido como um médico e no entanto o viam atirado entre os braços de uma mulher apenas,{1037} e se distraía em fazer núpcias e festas, quando antes devia pensar que seu consulado era uma calamidade pública, porque não teria sido entregue assim extraordinariamente a ele só, contra os costumes e as leis, se os negócios públicos andassem bem.

LXXX. Em suma, pôs-se a agir contra esses que, por vias indevidas, de bolsas abertas e dinheiro distribuído, haviam alcançado as honras e haviam obtido magistraturas; e, tendo feito leis e ordens, segundo as quais os processos e julgamentos se deveriam fazer, administrou bem digna e sinceramente todas as coisas, de resto, dando segurança, ordem, silêncio e gravidade nos julgamentos, assistindo ele mesmo pessoalmente, com muitos soldados armados, exceto quando seu sogro fora também, entre outros, chamado perante a justiça; aí então, mandou chamar à sua casa os trezentos e sessenta juízes e lhes pediu para ajudá-lo, de tal forma que o acusador desistiu quando viu Cipião acompanhado e comboiado por seus próprios juízes, voltando da praça. Isto ocasionou mau humor com relação a Pompeu e foi censurado, porque tendo por ordem expressa proibido que não louvassem mais publicamente aqueles que eram levados perante a justiça por algum crime, enquanto durava seu processo, ele mesmo um dia entrou no recinto ocupado pelos juízes, onde se processavam os julgamentos, para elogiar publicamente Planco; nessa ocasião Catão, que er a um dos juízes, tapou os ouvidos com as duas mãos, dizendo que não lhe era permitido ouvir elogiar um criminoso, visto que estava expressamente proibido pelas leis, o que foi causa de fazer recusar Catão como juiz, antes que desse a sentença; não obstante isto, Planco foi condenado per todos os outros juízes com grande vergonha e vitupério de Pompeu; poucos dias depois Hipesso, varão consular, estando também igualmente acusado, esperou um dia em que ele saía do banho para ir se sentar a mesa e abraçando-lhe os joelhos, suplicou-lhe para ajudá-lo; mas ele passou além, soberbamente, sem lhe responder outra coisa, senão que estragava sua refeição. Por sua inconstância e desigualdade em fazer favor a uns e ser rigoroso com outros, foi com justiça repreendido e censurado; mas, afinal, levou todas as outras coisas a bom termo e escolheu para companheiro de consulado seu sogro Cipião, para os cinco últimos meses; depois fez continuar seus governos por outros quatro anos, com a condição de retirar da economia pública{1038} mil talentos para cada ano para manter e assalariar seus guerreiros.

LXXXI. Vendo isso, os amigos de César reclamaram desejando também alguma atenção para César, que conduzia tão grandes e tão pesadas guerras para o império romano, dizendo que era bem razoável, considerando seus grandes serviços, que lhe dessem um outro consulado, ou lhe prolongassem ainda o tempo de seu governo durante o qual pudesse ao menos gozar em paz a honra de pôr em ordem o que ele mesmo havia adquirido, sem que um outro sucessor lhe viesse ret irar o fruto de seu trabalho. Sobre isto levantou-se grande discussão e grande contenção em Roma; Pompeu, querendo reparar a inveja que pudesse conceber contra César, pela amizade que lhe tinha, disse ter cartas dele, pelas quais pedia que lhe enviassem um sucessor e o desencarregassem da guerra; e por cima, o que lhe parecia bem razoável, lhe concedessem o privilégio de solicitar um segundo consulado, embora ausente, ao que Catão se opôs formalmente, dizendo que era preciso voltar a ser cidadão comum e que, deixando as armas, viesse ele mesmo procurar obter algum bem e alguma recompensa de seus

concidadãos. Mas como Pompeu não replicou nem contestou a isto, mas se manteve como se não tivesse nada a dizer contra, desconfiaram e interpretaram mais que ele não tinha boa opinião sobre a vontade de César, juntando que havia reclamado de volta as duas legiões emprestadas, sob a capa da guerra dos partos; todavia, César, ainda que compreendesse bem para qual ocasião as pedia de volta, enviou-as grandemente honradas com belos e bons presentes.

LXXXII. Aproximadamente nessa época, Pompeu caiu doente em Nápoles com uma grande e perigosa enfermidade, da qual todavia, se curou; e os napolitanos cederam à persuasão de um dos principais de sua cidade chamado Praxágoras, sacrificando publicamente aos deuses para lhes render graças pela sua convalescença; seus vizinhos próximos fizeram depois outro tanto, de sorte que isto, de mão em mão, se estendeu por toda a Itália e não houve nem pequena, nem grande cidade que não festejasse e se alegrasse publicamente por vários dias; e não encontravam lugar bastante para conter os que vinham de todos os lados, varando os caminhos; todas as cidadezinhas, os vilarejos, os portos de mar estavam cheios de gente que sacrificavam aos deuses e faziam festas pela recuperação de sua saúde. Havia mesmo diversos que iam visitá-lo e o acolhiam com tochas iluminadas, trazendo chapéus de flores sobre as cabeças e depois o comboiavam atirando ramos e flores sobre ele, fazendo com que o acompanhamento prosseguisse nesse ritmo em todo o percurso do caminho; foi um dos mais belos, mais honrosos e magníficos espetáculos como nunca havia visto em sua vida; mas também notam que isto foi causa, mais do que nenhuma outra, capaz de suscitar a guerra civil; pois a opinião presunçosa de si mesmo que lhe entrou na cabeça, e a extrema alegria de se ver assim honrado e amado, suplantou os ditames da razão, que devia basear sobre as coisas verdadeiras e não sobre a aparência, fazendo-o esquecer a diligência de se manter sob sua guarda, que lhe havia anteriormente assegurado sempre sua prosperidade e seus feitos, mudou-a em audaciosa bravata, fazendo-o desprezar mesmo o poder de César e até a dizer que não teria o que fazer com as armas nem com outra laboriosa solicitude contra ele e que o desfaria quando quisesse muito mais facilmente do que não tinha de início. Ápio, voltando naquela ocasião da Gália, trouxe-lhe os guerreiros que havia emprestado a César, diminuindo muito por palavras as coisas que havia feito por lá e mantendo diversos propósitos ultrajantes e injuriosos contra César, pois dizia que Pompeu não conhecia bem suas próprias forças nem sua reputação, em querer arregimentar outras armas contra ele, porque o derrotaria com as suas próprias, logo que o vissem, tanto os soldados, dizia ele, tinham ódio de César, aliado a um grande desejo de ver Pompeu. Esses propósitos envaideceram tanto Pompeu e o encheram de tão grande negligência por se fiar e imaginar muito de si, que criticou aqueles que temiam a guerra; e a esses que lhe diziam se César viesse direito a Roma, não viam por quais forças pudessem resisti-lo, respondeu-lhes com uma fisionomia sorridente e com um rosto aberto, que não se preocupassem quanto a isto: — "Pois todas e quantas vezes, disse ele, eu venha a bater com o pé, somente na terra da Itália, farei surgir de todas as partes guerreiros a pé e a cavalo".

LXXXIII. Enquanto isto, César observava conscientemente seus negócios, aproximando-se da Itália e enviando sempre seus soldados a Roma para estar presente na eleição dos magistrados, ganhando na surdina e corrompendo diversos daqueles que estavam em função, a poder de dinheiro, entre os quais estava Paulo um dos cônsules{1039}, ao qual fez virar a casaca, mediante a soma de mil e quinhentos talentos{1040} e Cúrio, tribuno do povo, de quem liquidou uma ínfima soma de dívidas e Marco Antônio que pela sua amizade a Cúrio, tinha também parte em suas dívidas, coobrigado como ele. Aconteceu, com vantagem, que um dos capitães vindos da parte de César, estando próximo ao Senado {1041} e sabendo que o Conselho não lhe queria ceder a prorrogação de seu governo, que pedia, batendo a mão sobre o punho da espada, esbravejou: — "Esta aqui, disse ele, lha dará". Breve, tudo o que urdia e o que fazia, tendia para este fim; todavia, os pedidos e solicitações que fazia Cúno em nome de César, pareciam um pouco mais razoáveis e mais populares; pois pedia um dos dois, ou que fizessem depor as armas a Pompeu ou que não constrangessem César a depor como a ele: — "Pois estando (isto dizia ele) todos os dois comuns, eles se colocariam por si mesmos na razão, ou tornariam seus exércitos tão fortes um como o outro e se contentariam com o que tinham, sem nada mudar um com receio do outro; mas quem retirasse as forças de um e as deixasse ao outro, duplicaria o poder que ele temia." A isto replicou Marcelo, o Cônsul,

ultrajantemente, chamando a César um salteador, e dizendo que deviam declará-lo inimigo público do povo romano, se não depusesse as armas; todavia, Cúno, Antônio e Pison tanto fizeram que a coisa foi posta em prova pela pluralidade das vozes no Senado; pois disse Cúrio que aqueles que fossem de opinião que só César depusesse as armas e que Pompeu retivesse as suas, passassem todos para um lado. A maior parte passou e não restaram senão vinte e dois apenas que ficaram com Pompeu e todos os outros juntos se colocaram ao lado de Cúno, o qual por este motivo saiu à praça com a cabeça alta, como vitorioso e foi recolhido pelos de seu partido com altos gritos e grandes salvas de palmas em sinal de contentamento e com muitos ramalhetes e chapéus de flores que atiravam sobre ele. Pompeu não estava presente nesta prova que se fez pela vontade do Senado, porque aqueles que tinham autorid ade sobre o exército não podiam, pelas leis romanas, entrar dentro da cidade; Marcelo, porém, levantando-se disse que não queria ficar sentado distraindo-se a ouvir discursos e discussões, enquanto sabia com certeza que dez legiões atravessavam já os Alpes para vir em armas direito contra eles e que ele enviaria à frente um homem para lhes fazer frente e defender a república.

LXXXIV. Depois disto, trocaram de roupa em Roma, como costumavam fazer em luto público; e Marcelo, passand o através da praça, seguido dos senadores, dirigiu-se a Pompeu, diante do qual, tendo chegado, disse bem alto: — "Eu te ordeno, Pompeu, que vás socorrer a república com as forças que tens sempre prontas e que leves ainda outras". O mesmo também disse Lêntulo, um dos que estavam designados como cônsules para o ano seguinte; mas, como Pompeu pensasse levantar e arrolar guerreiros dentro de Roma, uns não queriam obedecer à sua ordem, os outros vinham contra a vontade em pequeno número, friamente, e com pouca afeição; e a maioria gritando: — "Despacho, despacho", porque Antônio havia lido diante de todo o povo, apesar do Senado, uma carta particular de César, contendo certos pedidos e oferecimentos muito a propósito para atrair a plebe; pois solicitava que Pompeu e ele saíssem fora de seus governos e deixassem seus exércitos para estarem direitos e se entregassem inteiramente ao julgamento do povo, dando-lhe contas e razão de tudo o que haviam feito. Lêntulo, que já havia entrado na posse de seu consulado, não fazia reunir o Senado; mas Cícero, que havia pouco voltara da Cilícia, ia procurando conseguir acordo, levando de dianteira que César deixara a Gália e todo o resto de seu exército, exceto duas legiões apenas, que retinha com o governo da Esclavônia, esperando um segundo consulado. Pompeu achou este expediente mau; e os amigos de César deixaram-se conduzir até conceder que este deixaria ainda uma de suas legiões, mas Lêntulo opôs-se e Catão também, gritando que Pompeu abusava e descontentava, de maneira que todas essas vias de despacho não tiveram lugar.

LXXXV. E no entanto, chegaram notícias a Roma de que César já se havia apoderado de Ariminum{1042} boa e grande cidade da Itália e que vinha com todo seu poder direito a Roma, o que era falso; pois não tinha com ele mais do que trezentos cavalos e cinco mil homens de infantaria, não tendo esperado o resto de seu exército, que estava ainda além dos montes na Gália, mas apressava-se para surpreender seus adversários desprevenidos enquanto estivessem em tumulto e em pavor e não imaginassem que sua vinda fosse tão rápida, antes de lhe dar tempo de se prover e ter de combatê-los então quando estivessem preparados, pois quando chegou sobre a margem do rio Rubicon{1043} que faz a separação do território que lhe havia sido entregue com a Itália, parou quieto um espaço de tempo, sem dizer palavra, e diferiu um pouco, pensando consigo mesmo na grande e ousada empreitada onde ia se atirar; subitamente, nem mais, nem menos como esses que se atiram do alto de um rochedo no abismo de profundidade infinita, fechando a boca e a razão e pregando os olhos na imaginação do perigo, gritou aos que estavam à sua volta em língua grega: — "Está lançada a sorte",{1044} como se quisesse dizer "tomemos o acaso; a perder tudo não há senão um golpe perigoso" e fez passar suas tropas.

LXXXVI. Logo que esta notícia foi divulgada em Roma, houve um grande pavor como não se. havia visto ainda; todo o S enado correu incontinente à presença de Pompeu quando foram

também todos os magistrados da cidade, onde Túlio{1045} indagou quais as forças e que exército tinha para os defender; Pompeu respondeu-lhe com alguma demora e com palavras mal seguras, que dispunha das duas legiões que César lhe havia enviado de volta, todas prontas e que contando bom aqueles que antes havia convocado às pressas, chegaria bem até o número de trinta mil combatentes. Túlio então exclamou bem alto: — "Tu abusaste de nós, Pompeu"; e aconselhou que enviassem embaixadores à presença de César. Havia naquela reunião um chamado Faônio, o qual pensando bem, não era mau homem, senão que por obstinação e audácia, procurava desfazer a franca liberdade no falar de que usava Catão; o qual lhe disse então que batesse o pé contra a terra, para fazer brotar os guerreiros que lhes havia prometido. Pompeu suportou delicadamente o importuno ultraje deste homem e como Catão o relembrasse do que havia predito a respeito de César desde o início, respondeu-lhe: — "O que tu me havias predito, certamente profetizaste verdadeiramente; mas no que eu fiz, fi-lo de boa-fé, amigavelmente". Catão resolveu então que elegessem Pompeu capitão-general da república, com plenos poderes e força soberana em todas as coisas, dizendo: — "Os grandes homens que praticam os grandes males, são esses que melhor sabem remediar", e logo partiu para ir à Sicília, cujo governo lhe havia caído por sorte e cada um dos outros senadores igualmente partiram para as províncias que lhe tinham sucedido.

LXXXVII. Assim, estando quase toda a Itália estremecida, não havia ordem nem razão alguma em tudo o que se fazia; pois aqueles que se achavam fora de Roma, aí acorreram, fugindo por todos os lados; e ao contrário, aqueles que habitavam dentro, saíam apressadamente, e abandonavam a cidade em tal tumulto e tal confusão, que o que podia servir, tendo boa vontade de obedecer, quase sempre era débil, e o que prejudicava pela desobediência, era poderoso e sem vontade para reagir e obedecer aos magistrados que tinham a lei para executar. Não havia meio algum de abrandar o pavor e não deixavam Pompeu dispor as coisas a seu critério, mas segundo cada um se encontrava com sentimento de dor, de temor ou de dúvida; de tal forma que em um só dia, muitas vezes, recebiam todas" pelo contrário, as resoluções do Conselho. Ele não podia compreender nada certo dos inimigos, porque uns comentavam um modo e outros de maneira diversa e se não queria acreditar, eles se enfureciam contra ele. Finalmente, verificando o tumulto e a confusão tão grandes em Roma, que não havia meio de chegarão fim, ele ordenou a todos os do Senado que fossem com ele, declarando aos que ficassem, que os consideraria como aderentes de César e ao cair da tarde abandonou a cidade. Os dois cônsules, sem sacrificar aos deuses, assim como estavam acostumados a fazer, antes de partir para irem à guerra, fugiram também, de modo que Pompeu no momento mais grave de seus negócios e no meio do perigo, podia se dar por feliz, por ver a grande afeição e benevolência que todo o mundo lhe tinha; pois ainda que diversos repreendessem sua conduta, não havia no entanto um que o odiasse, mas encontraram muito mais desses que não podiam abandonar Pompeu pelo amor que lhe devotavam do que desses que o seguiam para manter sua liberdade.

LXXXVIII. Poucos dias depois de haver partido, César chegou a Roma e, apoderando-se da cidade, falou humanamente a todos os que aí encontrou, abrandando seu pavor, exceto que ameaçou de fazer morrer Metelo, um dos tribunos do povo, que o quis impedir de retirar o dinheiro do tesouro; e ajuntou a esta cruel ameaça uma palavra mais rude, pois disse-lhe que o falar lhe era mais difícil do que o fazer. Assim, tendo reposto Metelo e tomado o que quis, pôs-se a seguir Pompeu pelas suas pegadas, procurando expulsá-lo fora da Itália, antes. que o exército de que dispunha na Espanha chegasse. Enquanto isto, Pompeu, apoderando-se da cidade de Brundúsio e tendo recuperado alguns navios, fez incontinente embarcar os dois cônsules com trinta insígnias de soldados de infantaria que enviou adiante além-mar, a Dirráquio; e despachou na mesma ocasião Cipião, seu sogro, e Gneo Pompeu, seu filho, para irem a Síria fazerem provisão de navios e ele, tendo fortificado as portas da cidade, dispôs sobre as muralhas os mais rápidos e mais ligeiros de seus soldados com ordem expressa aos habitantes que não se movessem de suas casas; fez ainda abrir fossas e entrincheirar por dentro da cidade as ruas em vários lugares e encheu as ditas fossas e trincheiras de paus pontudos disfarçados nas pontas, exceto duas pelas quais havia passagem para o porto. Após o terceiro dia, tendo já embarcado com calma toda a outra multidão de sua gente, fez subitamente levantar um sinal no ar para esses que havia deixado como guarda das muralhas, os quais acorreram logo a ele e recolhendo-os habilmente em seus navios, levantou as âncoras

e atravessou o mar.

LXXXIX. Logo que César percebeu as muralhas desnudas de soldados, desconfiou de que Pompeu havia fugido, e querendo correr atrás, pouco faltou para que não se atrapalhasse com aqueles paus cravados e que não caísse dentro das fossas, se os da cidade o não tivessem avisado; assim, desistiu de passar através da cidade e contornou à volta para ir ao porto, onde achou que toda a frota já havia feito vela, exceto dois navios apenas, sobre os quais havia poucos soldados. Ora, há os que colocam esta partida de Pompeu entre os melhores ardis de guerra jamais usados; todavia, mesmo César espantou-se de como, tendo uma cidade forte em seu poder, e esperando seu exército que lhe vinha da Espanha e estando senhor do mar, jamais abandonasse a Itália. Cícero{1046} também o reprova por ele seguir antes a conduta de Temístocles do que de Péncies, visto que os negócios se assemelhavam mais ao tempo deste do que daquele; e César mesmo demonstra com efeito que temia muito o tempo; pois tendo surpreendido ‘Numéno, um dos amigos de Pompeu, o enviou a Emndúsio perante Pompeu, para fazer-lhe o oferecimento de despachar com condições iguais, mas esse Numéno fez-se à vela na mesma ocasião que Pompeu. Por esse meio, portanto, César tendo-se apoderado e se feito senhor de toda a Itália em sessenta dias, sem desferir um golpe, nem espalhar sangue, quis prontamente ir após Pompeu; mas como para tanto não dispunha de navios prontos, desistiu e virou-se com diligência para a Espanha, para encontrar meio de conseguir as forças que aí estavam.

XC. Enquanto isto, Pompeu reuniu uma poderosa força por mar e por terra; a do mar era em todos os pontos invencível, pois tinha navios para combater até o número de quinhentos’, além de galeotas e fragatas em número infinito; e quanto às forças de terra, tinha toda a flor da cavalaria romana e da Itália também, até o número de sete mil cavalos, todos homens ricos, de grandes casas e de acentuada coragem; mas seus soldados de infantaria eram homens recolhidos de todas as peças, que precisavam ser exercitados com vagar nos feitos das armas, como também Pompeu os fazia praticar continuamente, estando em descanso junto da cidade de Berroe{1047}, onde ele mesmo não ficava ocioso, mas trabalhava tanto pessoalmente, como se estivesse na flor da idade; o que era de grande eficácia para assegurar e encorajar os outros, ao ver o grande Pompeu com a idade de sessenta anos, fazendo como dois, combater a pé todo armado e depois a cavalo desembainhar sua espada sem dificuldade, enquanto seu cavalo corria à rédea solta e depois a embainhar também facilmente, lançar a azagaia, não somente, com a destreza de dar a ponta chamada, mas também com força de a enviar tão longe, que poucos dos jovens soldados o podiam ultrapassar.

XCI. A ele vinham se entregar os reis, príncipes e senhores do país; e capitães romanos que haviam tido cargos, encontravam-se à sua volta, um número completo do Senado, entre os quais o próprio Labieno, que era antes um dos amigos de César e que sempre havia estado com ele nas guerras da Gáha; e Bruto, filho daquele que foi morto na Gália, homem de grande coragem e que jamais anteriormente havia falado a Pompeu nem o havia saudado, porque o considerava ter sido o assassino de seu pai; e no entanto, fora agora se submeter a ele, como aquele que combatia pela liberdade de Roma. Cícero mesmo, se bem que houvesse escrito e aconselhado de outro modo, teve vergonha de não estar no número dos que queriam aventurar sua vida pela defesa do país. Também aí foi Tídio Sexto até a Macedônia, ainda que extremamente velho e manco de uma perna; de tal modo que os outros regozijavam-se e zombavam; mas Pompeu, quando o percebeu, levantou-se e correu à sua frente, considerando que era um evidente testemunho da boa opinião que tinham dele, pois que pessoas tão velhas, fazendo mais que sua idade e suas forças permitiam, amavam mais estar em perigo com ele, do que com toda a segurança em suas casas. Com vantagem foi realizada uma assembleia do Conselho, na qual, seguindo a opinião de Catão, concluíram que não fariam morrer nem um cidadão romano, senão em batalha e não pilhariam cidade alguma que fosse sujeita ao império romano. Isto fez com que o partido de Pompeu fosse mais amado ainda, pois esses que não se misturavam absolutamente nesta guerra, ou porque habitassem muito longe, ou porque tinham pouca força e meios que não faziam conta de jeito algum, ainda favoreciam

pela vontade e pela palavra a mais justa parte, estimando aquele ser inimigo dos deuses e dos homens quem não desejasse que Pompeu vencesse.

XCII. Todavia César, de sua parte também, mostrava-se delicado e amável, quando era o mais forte, pois tendo tomado e ganho todo o exército de Pompeu, que estava na Espanha, deixou que os capitães fossem para onde bem lhes parecesse e ser-viu-se dos soldados; pois passando de repente os montes, atravessou em grandes jornadas a Itália, tanto fez que chegou à cidade de Brundúsio{1048} quando já se achava no coração do inverno, onde atravessando o mar, foi desembarcar na cidade de Orico{1049}, levando com ele Vibio, um dos amigos de Pompeu que havia feito prisioneiro, o qual levou à sua frente para o oferecer quando se encontrassem, e assim, se dentro de três dias houvessem de partir e deixar seus exércitos, reconciliados infundindo confiança um ao outro, voltariam juntos como bons amigos à Itália. Pompeu considerou impróprio um ardil e uma emboscada feitos para surpreendê-lo, descendo rapidamente para a praia, apoderou-se de todos os lugares apropriados e bases naturais para alojar um acampamento com segurança, e igualmente de todos os portos, praias e enseadas que oferecessem bom abrigo para os navios e onde pudessem com segurança abordar, de maneira que todo o vento soprasse favoravelmente para ele, trazendo-lhe soldados, víveres e dinheiro.

XCIII. Ao contrário, César estava tão apressado e vinha por um caminho tão desfavorável, tanto por terra como por mar, que se via constrangido a provocar a batalha e assaltar Pompeu até mesmo dentro de suas fortalezas para experimentar atraí-lo ao combate, onde levou a melhor a maior parte do tempo, obtendo vantagens em quase todas as escaramuças, exceto uma vez em que quase perdeu suas tropas e quase ficou totalmente arruinado, porque Pompeu repeliu tão valorosamente seus soldados, que obrigou todos a virar as costas, depois de haver morto dois mil sobre o campo, ali na hora, César, porém, não pôde ou, melhor dizendo, na minha opinião, não ousou entrar em seu acampamento, entre a confusão dos fugitivos, de tal modo que, à noite, em sua tenda, disse a seus amigos, que naquele dia os inimigos teriam conseguido a vitória final, se tivessem um chefe que soubesse vencer.

XCIV. Esta vitória levou a coragem aos do partido de Pompeu, de maneira que quiseram, a toda força, aventurar a batalha. Pompeu mesmo escreveu aos reis estrangeiros, príncipes, senhores e cidades de seus aliados, como se já houvesse ganho tudo, se bem que temesse muito o resultado de uma batalha e quisesse antes minar seus inimigos pela protelação com a falta de víveres, verificando que, de outro modo, segundo se diz, eles eram invencíveis pelas armas; atendendo mais que de há muito estavam habituados a vitória, quando combatiam juntos e que dali em diante , devido à idade se zangavam, fazendo essa espécie de guerra, vagando errantes aqui e acolá por diversas regiões, mudando sempre, abrindo trincheiras, construindo tapumes e fortificando acampamentos, de tal modo por esta causa, eles não pediam outra coisa senão lutar quanto antes. No entanto, persuadia Pompeu a seus soldados, pelas admoestações que lhes fazia, que não se mexessem; mas quando viram, depois deste último encontro que César estava sendo forçado pela necessidade de víveres, levantou-se dali onde estava acampado, para ir à Tessália, através do país dos atamanianos{1050} e então não houve mais jeito de conter a altivez e a glória de seus soldados, os quais gritavam que César fugia e desejavam ir atrás dele e persegui-lo, enquanto outros queriam passar logo à Itália. Alguns houve que enviaram a Roma, seus servidores e amigos para reter suas moradias e casas mais próximas da praça, porque tinham a intenção de, tão logo estivessem de volta à cidade, solicitar cargos e boas situações na administração pública, e houve outros, que com alegria de coração, navegaram à ilha de Lesbos{1051}, procurando Cornélia e dizendo-lhe que Pompeu havia se retirado para lá, e para lhe dar a boa notícia de que a guerra estava terminada.

XCV. Mas, estando o Conselho reunido, no momento, para resolver o que deviam fazer, Afrânio

foi de opinião que deviam pensar em voltar o mais cedo possível para a Itália, porque isto era o principal prêmio que pretendiam nesta guerra e aqueles que seriam senhores, teriam imediatamente após si a gratidão da Sicília, da Sardenha, da Córsega, da Espanha e da Gália; e ainda mais, que não era honesto (o que mais devia comover Pompeu do que qualquer outra coisa), deixar que tirânica e ínjuriosamente tratassem sua pátria, que lhes estendia as mãos tão de perto, escarnecida na servidão por escravos e aduladores de tiranos. Mas Pompeu não julgou que fosse honroso para ele fugir outra vez à frente de César e se fazer seguir quando a sorte lhe dava meios de o expulsar e perseguir; tampouco não seria digno para com os deuses, abandonar Cipião seu sogro e diversos outros varões consulares, que estavam na Grécia e na Tessália correndo o risco de cair logo nas mãos de César, bem como as tropas que possuíam, impetuosas, não pequenas e aptas a prover o melhor para a cidade de Roma, que, combatendo longe da cidade, esta, sem sofrer, sem ver nem ouvir nada dos males que a guerra traz consigo, poderia esperar em paz aquele que finalmente fosse vitorioso, fato concluído, puseram-se a seguir César, resolvidos a não lhe dar batalha mas tê-lo bem sitiado e miná-lo com a falta de víveres, perseguindo-o e apertando-o sempre de perto, julgando que lhe era conveniente assim proceder ainda por uma outra r azão, pois lhe haviam contado sobre o propósito dos cavaleiros romanos, os quais diziam ser preciso derrotar César o mais rapidamente possível, a fim de derrotá-lo também imediatamente e, segundo dizem, foi esta a causa pela qual Pompeu não colocou Catão em posição de responsabilidade durante toda esta guerra; assim, quando se pôs a marchar atrás de César, deixou-o sobre a costa marítima como guarda de bagagem, temendo que de repente, quando tivessem arruinado César, ele não fosse também obrigá-lo a deixar logo sua autoridade.

XCVI. Pondo-se assim a marchar brilhantemente na retaguarda de César, foi caluniado e começaram a gritar contra ele que não guerreava César, mas ao seu próprio país e ao Senado, a fim de ficar sempre com a autoridade do comando e que jamais deixaria de ter a seu lado, como seus satélites e seus ministros, aqueles que pretendiam ser, eles mesmos, senhores de todo o mundo. Ainda mais, Domício Enobarbo chamava-o a todo instante Agamenon e "rei dos reis", o que lhes suscitou inveja; e Faônio não estava menos contrariado, criticando inoportunamente, aos que falavam com essa liberdade, pois ia gritando: — "Senhores, eu vos aviso, que não comereis ainda este ano os figos de Túsculo". E Lúcio Af rânio, o qual havia perdido o exército que estava na Espanha e era suspeito de traição, vendo que Pompeu então recuava à batalha, disse: — "Eu me surpreendo de como esses que me acusam não vão francamente procurar aquele que chamam mercador e comprador de províncias, para o combater imediatamente". Com essa linguagem e muitas outras frases semelhantes, obrigaram afinal Pompeu, o qual, não podendo suportar que desconfiassem dele e não podendo negar nada aos seus amigos, antes correspondendo às suas esperanças e seus apetites, apartou-se de sua prudente decisão, o que nem um piloto de navio devia fazer, quanto mais um capitão-general, que possuía tanto poder e autoridade sobre tantas nações e sobre tão poderosas forças; e quando ele mesmo elogiava os médicos, que não satisfaziam jamais as vontades e apetites desordenados de seus pacientes, agora se deixava submeter pela parte malsã de seu exército temendo seu desprazer, quando isto era uma questão de vida ou de morte, para sua pátria. Pois quem poderia julgar sábios esses que, passeando pelo acampamento, já discutiam sobre os consulados e as pretorias? Até Espinter, Domício e Cipião já debatiam entre si e brigavam e tramavam pela dignidade de soberano pontífice, que possuía César, como se tivessem acampado diante deles o rei da Armênia, Tigranes, ou o rei dos nabateanos e não César e seu exército, o qual se havia apoderado à força de assaltos, de mil cidades; havia subjugado mais de trezentas nações; havia ganho infinitas batalhas contra os alemães e gauleses, sem jamais ter sido vencido; havia aprisionado um milhão de homens e. havia morto um outro milhão em diversas batalhas.

XCVII. Não obstante tudo isto, os do partido de Pompeu, sempre a gritar junto dele e que-brando-lhe a cabeça com sua insistência, quando desceram à planície de Farsália[{1052}], forçaram-no a submeter o caso à deliberação do Conselho, quando Labieno, comandante da cavalaria, levantou-se e jurou diante de todo o mundo, que não voltaria da batalha sem ter derrotado e posto em fuga os inimigos ; o mesmo juraram também todos os outros depois dele. E, na noite seguinte, Pompeu sonhou que entrava no teatro, onde o povo o recebia com grandes salvas de palmas para honrá-lo e que ele ornamentava o templo de Vênus, vitorioso, com os vários despojos. Esta visão em sonho, se por um lado lhe deu coragem, por outro também a diminuiu, pois na verdade tinha medo, porquanto, sendo a raça de César descendente da deusa Vênus, seu sonho não poderia significar que seria ela enobrecida pela

vitória e pelos despojos que ganharia sobre ele. Ainda mais houve em seu acampamento barulhos e tumultos terríveis, sem nenhuma causa aparente, chamados vulgarmente terror pânico, que o acordaram em sobressalto; e, aproximadamente na hora de substituir a patrulha pela manhã, perceberam sobre o acampamento de César, onde não ouviam barulho algum, uma grande claridade como uma tocha ardente que veio dissolver-se sobre o de Pompeu; o que aliás César devia ter visto quando passou revista às suas patrulhas{1053}. E, ao clarear do dia, propondo desfazer o acampamento e ir para a cidade de Escotusa{1054}, quando os soldados já começavam a desarmar suas tendas e seus alojamentos, enviando a bagagem em suas bestas de carga com os criados, para a frente, chegaram correios que contaram ter percebido dentro do campo do inimigo grande quantidade de armas que conduziam daqui e dali e que ouviam um rebuliço e um barulho como de pessoas que se preparavam para a luta; depois desses primeiros, chegaram ainda outros que disseram estar as primeiras linhas já em ordem de batalha.

XCVIII. Foi então que César se pôs a dizer que o dia há tanto desejado, havia chegado, no qual teriam que combater contra homens e não contra a fome, nem contra a carestia de víveres e logo ordenou que estendessem diante de sua tenda uma camisa de malhas vermelhas, pois este era o sinal, que usam os romanos para significar que deve haver batalha; vendo isto, os soldados deixaram suas bagagens e. suas tendas e, com grandes gritos de alegria, correm a pegar suas armas e os chefes de tropa, conduzindo seus soldados cada um aos lugares onde devem ficar, coloca-os em suas filas sem perturbação nem tumulto algum, tudo pacificamente e à vontade, como se estivessem conduzindo uma dança. Pompeu havia se habituado a comandar a ponta direita de seu exército, tendo à frente, diante dele, Antônio; seu sogro Cipião comandava o centro da batalha, que vinha a encontrar de frente Domício Calvino; e a ponta esquerda era comandada por Lúcio Domício Enobarbo, com um forte contingente de soldados, porque os cavalananos se achavam quase todos atirados desse lado para forçar César, o qual estava do lado oposto e assim romper a décima legião, a qual respeitavam como a mais belicosa que existia em toda a hoste inimiga, e onde César sempre combatia pessoalmente, no meio dela; mas, vendo César a ponta esquerda de seus inimigos assim fortificada de cavalaria e temendo sua forte equipagem e a deles com seus arreios brunidos em branco, fez vir seis coortes de reforço que colocou atrás da décima legião, recomendando-lhes que não se mexessem de forma alguma, com medo que o inimigo as descobrisse, mas logo que a soldadesca adversária viesse. a carregar, então, correndo rijos, se atirariam do lado das primeiras filas, sem todavia lançar suas azagaias de longe, como estavam acostumados a fazer os mais valentes guerreiros, a fim de chegarem mais cedo à esgrima das espadas, mas sim, levantar a arma e dar nos olhos e no rosto dos inimigos: — "Porque, disse ele, esses belos dançarinos favoritos não esperarão nunca, que vós lhes venhais estragar os belos rostos e as belas cores, nem poderão mesmo suportar o clarão de vossas ferramentas, quando vós a aproximardes junto dos seus olhos". Eis o que fazia César.

XCIX. Pompeu, estando a cavalo, observava a ordem e a calma de seus inimi gos, os quais esperavam todos de pé, quietos, sem se mexer de suas filas, o tempo e o sinal de avançar; ao contrário, a maioria de seus soldados não tinha a paciência de esperar firmes em um lugar, mas estavam alvoroçados devido a falta de experiência e pouco conhecimento dos misteres da guerra; nessa ocasião teve medo que debandassem antes mesmo de começar a batalha; recomendou expressamente aos das primeiras filas, que ficassem firmes em sua posição de defesa e, bem juntos, esperassem, sem se mover, o choque do inimigo. César depois censurou essa estratégia pelo fato, disse ele, de que isto enfraquecia a violência que a marcha dá aos primeiros golpes e quando se desfaz o entrelaçamento dos combatentes, uns com os outros, o qual os encheu de impetuosidade e de fúria mais do que nenhuma outra coisa, quando chegam a se chocar rijos, com a coragem aumentada pelo grito e a corrida, o calor dos soldados, como se diz, esfria-se e se condensa. Devia haver, no exército de César, aproximadamente vinte e dois mil combatentes e o de Pompeu um pouco mais que o dobro.

C. Como, portanto, a ordem de combate já tivesse sido dada de um e outro lado e as

trombetas tinham começado a tocar, cada qual não pensou mais do que na sua tarefa; mas alguns dos romanos honrados e alguns gregos que se encontravam fora do setor da batalha, vendo as coisas tão perto do perigo, começaram a considerar consigo mesmo, a que termos a cobiça e a obstinação de dois homens haviam conduzido as forças do império romano; pois eram as mesmas armas, as ordens de batalha todas semelhantes, bandeiras comuns e iguais, o valor de tantos homens da mesma cidade em jogo e um tão grande poder que ia se destruir por si mesmo, servindo de notável exemplo para demonstrar quanto a natureza do homem é cega, furiosa e louca, desde que se deixa uma vez levar por alguma paixão; pois se tivessem querido reger e governar em paz o que haviam conquistado e se contentassem em gozar de tudo o que haviam adquirido, a maior e a melhor parte do mundo, do mar e da terra estariam sob suas ordens. Ou, melhor ainda, se quisessem satisfazer a sua cupidez de triunfos e saciar sua sede de vitórias, teriam bastante motivo para guerrear contra os partos e contra os alemães, e se não lhes restasse mais alguma coisa, poderiam conquistar e subjugar toda a Cítia ou as índias: e teriam nisto aparência de honestidade para cobrir sua avareza; pois podiam dizer que era para ensinar a vida civilizada a essas nações bárbaras. E que cavalaria da Cítia, e que flechas dos partos, ou riqueza das índias teria podido suster o esforço de setenta mil combatentes romanos, sob o comando de dois capitães como Pompeu e César? Nações estrangeiras e distantes, ouviram antes mesmo dos romanos, os seus nomes, tanto haviam se celebrizado antes por suas vitórias, subjugando povos ferozes, selvagens e bárbaros. E agora estavam diante um do outro, em armas, para se desfazerem, sem ter pelo menos piedade de macular sua própria glória, da qual estavam tão ambiciosos, que por ela não poupavam nem seu próprio país, desde que até esse dia tinham sido de fato e pela fama, ambos invencíveis. Pois a afinidade que haviam revelado juntos, o amor de Júlia e suas núpcias, desde o início, foram suspeitados de não serem senão enganos e antes penhor e cilada de uma conspiração feita entre eles, em atenção a alguma comodidade particular, e não garantia de uma verdadeira amizade.

CI. Quando, portanto, a planície de Farsalia{1055} ficou coberta de homens, de cavalos e de armas e o sinal de combate foi dado de uma parte e de outra, o primeiro do exército de César que se pôs a correr para carregar, foi Caio Crassiano, capitão de cento e vinte e cinco homens; este desejando satisfazer a uma grande promessa que fizera a César, o qual ao vê-lo pela manha sair primeiro do campo, lhe havia perguntado, ao saudá-lo por seu nome, o que lhe parecia a decisão desta batalha, o capitão, estendendo-lhe a mão, exclamara bem alto: — "Tu a ganharás valentemente, César, não há dúvida, e me elogiar ás hoje, ou vivo, ou morto". Lembrando-se portanto, desta palavra, foi o primeiro que se atirou fora das fileiras e, atraindo diversos outros atrás dele, foi dar de cabeça baixa bem no meio dos inimigos; comba teu-se imediatamente a golpes de espadas, havendo grande mortandade de homens; pois esse capitão avançava sempre e ia furando as fileiras e fazendo em pedaços tudo o que encontrava à sua frente até que houve um que o deteve, dando-lhe uma estocada dentro da boca, atravessando-o de lado a lado, de tal modo que a ponta da espada lhe saiu pela nuca. Assim esse Crassiano caiu morto na terra e o combate se desferiu com igualdade.

CII. Mas Pompeu não fez marchar rapidamente a ponta esquerda de suas forças, na qual se achava, mas considerava sempre, olhando aqui e ali, para ver o que fariam seus soldados de cavalaria, os quais já estendiam suas tropas com a intenção de envolver César e derrubar os cavaleiros que ele tinha em pequeno número à sua frente, antes do batalhão de infantaria. Ao contrário, logo que César levantou no ar o sinal de combate, seus soldados da cavalaria recuaram um pouco e as seis coortes que estavam de emboscada, onde ele tinha três mil combatentes, puseram-se a correr de súbito para carregar o inimigo pelo flanco; e quando chegaram junto dos cavalos, levantaram os ferros de suas vouges e azagaias de modo contrário assim como César lhes havia ensinado a fazer e deram direito nós rostos desses gentis-homens, que nunca se haviam encontrado em luta alguma e não esperavam esse combate, nem o tinham aprendido; também não tiveram coragem de aparar nem de sustentar os golpes, que lhes eram assim desferidos nos olhos e nas faces, mas viravam as cabeças e punham as mãos diante de seus rostos pondo~sé vergonhosamente em fuga. Estes, rompidos, os soldados de César não procuraram correr atrás dos fugitivos, mas foram se lançar sobre o batalhão de infantaria, no lugar mesmo onde estavam, desprovidos de soldados de cavalaria e, consequentemente, mas à vontade para serem cercados e envolvidos. Assim, sendo

carregados no flanco por aqueles e de frente pela décima legião, não puderam resistir nem fazer frente muito tempo, vendo, ao contrário do que haviam esperado, que era envolver seus inimigos, encontravam-se eles mesmos envolvidos. Aqueles, tendo portanto também se posto em fuga, e vendo Pompeu a poeira no ar, desconfiou logo que era a derrota de sua cavalaria. É impossível dizer qual o pensamento que lhe veio então à mente; mas bem se pode assegurar que, pela sua atitude, parecia propriamente a de uma pessoa admirada ou abobalhada e que perdera o senso e o entendimento, não se lembrando mais que era o grande Pompeu; pois, sem dizer palavra a ninguém, retirou-se passo a passo para o seu acampamento, representando ao vivo o que está descrito nesses versos de Homero:

O alto e trovejante Júpiter enviou

Ao valente Ájax o medo que o assustou.

Quieto, parou desvairado

Tendo às costas atirado

Seu largo escudo onde estavam tecidos

Sete couros de boi que o reforçavam.

Depois fugiu Veloz, os olhos virando

Por todos os lados, em todos os sentidos.{1056}

CIII. No mesmo estado, entrou Pompeu para dentro de sua tenda, onde ficou sentado algum tempo sem falar, até que diversos dos inimigos entraram misturados com seus soldados, que fugiam do campo de luta; e então, não proferiu ele outra palavra senão: — "Como? até em nosso acampamento!" e não disse outra coisa, mas levantando-se, tomou uma veste conveniente à sua sorte e saiu. As outras legiões fugiram também e foi feita uma grande carnificina entre criados e guardas que haviam ficado dentro do acampamento. O soldado Asínio Polio, que combateu nesta batalha, ao lado de César, escreve que não morreram ao todo senão seis mil. Mas, na tomada de seu acampamento, os soldados de César conheceram bem evidentemente a loucura, a vaid ade e leviandade de Pompeu; pois não havia tenda nem pavilhão que não estivessem repletos de festões e de chapéus de murta, as camas estavam todas cobertas de flores, as mesas cobertas de potes e taças cheias de vinho, e aparelhagem e preparativos de pessoas que tencionavam sacrificar e fazer festa, antes do que se armar para um combate, tão confiados estavam de vã esperança e cheios de louca presunção nesta batalha. Quando Pompeu se achava um pouco distante de seu acampamento, deixou o cavalo, com poucos soldados a seu lado; e vendo que pessoa alguma o perseguia, marchou a pé, lentamente, com aqueles pensamentos, como se pode julgar que deve ter um personagem, acostumado, pelo espaço de trinta e quatro anos, a vencer continuamente e ser sempre o mais forte e agora começava a experimentar, em sua velhice, o que é encontrar-se vencido e fugir, e discorria consigo mesmo, de como havia perdido numa só hora, a glória, o poder e a autoridade adquiridos em tantas guerras e tantas batalhas; e pela qual era antes seguido e obedecido por tantos milhares de guerreiros, por tantos da cavalaria e de uma tão poderosa frota de navios; e agora ia assim tão pequeno e reduzido a pouco acompanhamento, que mesmo seus inimigos, que o procuravam, não o reconheciam. Passando pela cidade de Larissa, entrou no vale de Têmpia e, tendo sede, deitou-se sobre o ventre e bebeu no rio; depois, levantando-se, caminhou tanto que chegou à praia do mar, a uma pobre cabana de pescadores; depois quando começou a clarear o dia, entrou num pequeno barco de no com aqueles que o haviam seguido e eram de condição livre; pois, quanto aos escravos, mandou-os de volta, aconselhando-os a que se apresentassem corajosamente à presença de César, e que não tivessem nenhum medo.

CIV. Assim, quando ia beirando a costa com seu pequeno barco, percebeu um grande navio cargueiro ao lado do mar, ancorado, que estava pronto a levantar âncora e fazer vela; o mestre do navio era um romano, o qual se bem que não fosse familiar a Pompeu, conhecia-o de vista. Chamava-se Petício e à noite precedente havia sonhado que via Pompeu, não tal como estava habituado a ver, mas bem deprimido e aflito, falando com ele. Havia contado seu sonho aos que navegavam com ele, assim como se faz constantemente, como quando se sonham coisas de grandes consequências e não se tem pressa; e, no mesmo instante, um dos marinheiros lhe disse que via um barco de rio, que vinha direito, vogando para eles, trazendo dentro pessoas que sacudiam suas vestes e lhes estendiam as mãos. Petício, levantando-se nos pés, reconheceu imediatamente Pompeu, tal como havia à noite sonhado e, batendo a cabeça, pesaroso, ordenou aos marinheiros que fizessem descer o esc aler, e estendendo a mão, chamou Pompeu pelo nome, desconfiando muito ao vê-lo em tal estado, sobre o que lhe teria acontecido e que a má sorte lhe teria soprado em cima; por esse meio, sem esperar que ele pedisse nem que falasse de sua desdita, recolheu-o em seu navio e todos aqueles que vinham com ele, e depois se fez à vela. Com ele estavam os dois Lêntulo e Faônio; e logo depois perceberam ainda sobre a praia o rei Dejotaro, que se debatia e lhes fazia sinais para que o recebessem também, como o fizeram; e quando chegou a hora do jantar, o dono do navio lhe preparou a refeição com o que havia; e Faônio, vendo que Pompeu, por falta de criados, começava a lavar-se a si mesmo, correu a ele, lavou-o, untou-o e depois continuou sempre a servi-lo e a ministrar-lhe tudo o que fazem os escravos aos seus senhores, até a limpar-lhe os pés e preparar-lhe a refeição; razão porque houve alguém que vendo como ele fazia esse serviço liberalmente com uma simplicidade inocente, sem afetação nem fingimento algum, disse-lhe este verso:

Que tudo assenta bem numa grande coragem.

CV. Assim Pompeu, passando diante da cidade de Anfípolis{1057} atravessou dali para a ilha de Lesbos onde devia encontrar sua mulher Cornélia e seu filho, que estavam na cidade de Mitilene{1058} ; porque, tendo ancorado na enseada, enviou um mensageiro à cidade à presença dela, não tal como sua esposa aguardava; pois, segundo as notícias que lhe mandavam para agradá-la, e que lhe traziam todos os dias, ela esperava qu e a guerra tivesse sido inteiramente decidida perto da cidade de Dirráquio{1059} e que não restava mais nada a Pompeu senão perseguir César, que teria fugido. O mensageiro, portanto, encontrando-a com tal esperança, não teve o coração bastante firme para saudá-la somente, mas deu-lhe a entender mais pelas suas lágrimas, do que por suas palavras, o principal da desgraça e que se apressasse rapidamente se quisesse ver Pompeu em um navio só e que não era seu, mas emprestado. A jovem dama, ouvindo esta notícia caiu estendida contra a terra, onde ficou muito tempo desmaiada sem falar nem se mover e depois que voltou do desmaio, considerando que não era tempo para lamentar-se nem chorar, desceu com diligência através da cidade sobre a praia do mar, onde Pompeu foi ao seu encontro e tomando-a em seus braços, porque ela não podia se suster, mas deixava-se cair de dor, dizendo: — "Ai de mim! É bem uma obra de minha sorte, não da tua, querido esposo, que te vejo agora reduzido a um único pobre naviozinho, quando, antes de desposares a infeliz Cornélia, te fartavas de singrar este mar com quinhentas velas. Ai de mim! Por que vieste portanto me ver ? E por que não me deixaste com o meu sinistro e malfadado destino, pois que sou eu quem te trouxe tanta desgraça? Ai de mim! Tanto teria sido mulher feliz, se estivesse morta antes de conhecer a morte de Públio Crasso, meu primeiro marido, que os partos mataram! E tanto teria sido sábia, se como fui em propósito, tivesse abandonado minha pobre vida logo após ele, quando fiquei para trazer ainda desgraça ao grande Pompeu!" Dizem que Cornélia pronunciou então estas palavras e que Pompeu lhe disse: — "Não conheces por acaso senão a boa sorte, Cornélia, a qual não te faltou, tanto ficaste comigo que não estás acostumada a parar em um só lugar; mas, desde que nascemos homens, é forçoso que suportemos pacientemente essas adversidades e que tentemos ainda a sorte; pois não está fora da esperança, que não possamos voltar da calamidade presente para a prosperidade passada, assim como da prosperidade passada caímos na calamidade presente".

CVI. Ouvidas essas palavras, Cornélia mandou à cidade buscar sua bagagem e sua família e os mitilênios vieram publicamente visitar e saudar Pompeu, pedindo-lhe para descer à terra e vir descansar em sua cidade, o que ele não quis fazer; mas ele mesmo os aconselhou a obedecer ao vencedor, sem medo de nada, porque César era homem equitativo e de natureza benigna e, virando-se para o filósofo Crátipo, que havia também descido da cidade, entre os outros cidadãos, para vê-lo, lamentou-se e discutiu um pouco com ele no tocante à providência divina; no que Crátipo lhe cedeu tudo delicadamente, dando-lhe sempre melhor esperança, com receio que não lhe fosse muito aborrecido e importuno, se quisesse conscientemente contestar as suas razões; porque Pompeu lhe havia perguntado que providência dos deuses havia em seu feito e Crátipo lhe teria respondido, que para o mau governo dos negócios em Roma, era necessário que a república caísse nas mãos de um príncipe soberano; e depois, por acaso, perguntou-lhe: — "Como e quais bandeiras queres tu, Pompeu, pois nós acreditamos que terias melhor sorte, se tivesses ficado vencedor, mas o que não faz ou fará César? Mas é preciso deixar isto como apraz aos deuses ordenar".

CVII. Tendo Pompeu, portanto, tomado sua mulher e seus amigos, pôs-se à vela sem abordar e m nenhuma parte, senão onde era obrigado a fazer para receber víveres ou água. A primeira cidade onde entrou foi Atália{1060}, no país da Panfília, onde algumas galeras da Cilícia foram encontrá-lo e reuniram-se à sua volta alguns guerreiros, encontrando-se sessenta senadores romanos em sua companhia, mas compreendendo que sua armada estava ainda para ser completada e que Catão havia recolhido bom número de soldados da derrota, que havia transportado com ele à África, pôs-se a lamentar, queixando-se aos seus amigos, de o terem constrangido a combater por terra e não haviam esperado que se socorresse da outra força a qual era, sem dúvida alguma, a mais forte e que se ele se mantivesse sempre junto de sua armada, se a sorte corresse mal sobre a terra, teria logo suas forças de mar prontas para resistir a seu inimigo, também, em verdade, Pompeu não cometeu naquela guerra uma falta maior, nem César divisou um melhor ardil, do que forçar seu inimigo à luta assim longe do socorro de sua armada. Mas, sendo Pompeu obrigado a mover-se e fazer alguma coisa segundo os poucos meios que possuía, foi seguindo aqui e ali pelas cidades próximas e em algumas ia pessoalmente pedir dinheiro, com o qual equipava e armava seus navios; e no entanto, temendo a rapidez e celeridade de seu inimigo, para que não o apanhasse antes que pudesse por de cima algum aparelhamento suficiente para lhe fazer frente, pôs-se a considerar qual o retiro e que recurso podia ter então, ou onde pudesse ficar em segurança; e depois de haver consultado tudo, pareceu-lhe que não havia nem uma província do império romano que o pudesse manter; e quanto aos reinos estrangeiros, foi de opinião que, no momento, não havia nenhum que melhor os pudesse recolher nem cobrir seguramente, assim fracos como estavam, para depois levantá-los e acompanhá-los com mais forças, como o dos partos. Os outros do Conselho viravam sua opinião para a África e o rei Juba; mas Teófanes Lesbiano, dizia que parecia-lhe uma grande loucura, deixar o reino do Egito, que não estava senão a três dias de navegação dali e o rei Ptolomeu{1061} que não acabava ainda de sair de sua infância, sendo devedor hereditário da amizade e da graça que seu pai havia recebido de Pompeu, para ir se jogar entre as mãos dos partos, a mais infiel e mais desleal nação do mundo, que não admitira ajudar um único romano, que teria sido seu sogro; e quanto a ele que era o primeiro de todos os homens, que não precisava provar sua equidade, e antes ir submeter-se ao poder de Arsaces{1062}, que não tinha somente podido ter em suas mãos a vida de Crasso vivo e levar uma jovem mulher da casa dos Cipiões entre os bárbaros, que não mediam seu poder nem sua grandeza, senão com a licença de cometer todas as vilanias e todas as infâmias que desejassem; pois, supondo ainda que não fosse violada por eles, que é, no entanto, coisa indigna que se possa pensar a seu respeito, por ter estado sob o poder desses que têm o meio de o fazer, não houve senão esta razão, pelo que dizem, que desviou Pompeu de tomar o caminho do Eufrates, a menos que queiramos consentir que este tenha sido o discurso da razão e não a má sorte que o guiou a tomar o caminho que seguiu. Tendo portanto, sido resolvido no Conselho, que o melhor era fugir para o Egito, partiu de Chipre com sua mulher em uma galera selêuca e os outros de sua companhia embarcaram igualmente, uns sobre galeras também e os outros dentro de grandes naves de mercadores, e atravessaram o mar sem perigo; tendo notícias de que o rei estava na cida de de Pelúsio{1063} com suas tropas onde guerreava sua irmã, tomou aquele caminho e mandou avisar o rei que havia chegado e solicitando recebê-lo.

CVIII. Esse rei Ptolomeu era ainda muito jovem, mas aquele que conduzia todos seus negócios, chamado Potino, reuniu um Conselho dos homens principais e mais avisados da corte, os quais tinham autoridade e prestígio segundo o que lhes agradava consentir; e, reunidos que foram, ordenou-lhes da parte do rei de darem cada um sua opinião, referente a esta recepção de Pompeu, a saber se o rei devia recebê-lo ou não. Já causava uma grande compaixão ver um Potino, criado de quarto do rei do Egito e um Teodócio{1064} mestre-escola, nativo de Quios, que haviam sido contratados para ensinar a retórica a esse jovem rei e um Aquiles Egípcio, consultar entre eles o que deviam fazer do grande Pompeu, pois estes eram os primeiros conselheiros e intermediários dos negócios do rei, entre os outros criados de quarto e os que o haviam criado. Pompeu esperava, ancorado na baía, bem longe da costa, a resolução desse Conselho, no qual as opiniões foram diferentes; uns queriam que o mandassem embora, os outros que o chamassem e que o recebessem. Mas o retórico Teodócio, querendo mostrar sua eloquência, discorria que nem uma, nem a outra eram certas: — "Porque, disse ele, se o recebessem, teriam César por inimigo e Pompeu por senhor e, se o reconduzissem, Pompeu os incriminaria por terem-no expulsado e César por eles não o terem retido; razão por que o melhor era chamá-lo para o fazer morrer, porque assim, adquiririam a boa graça de um e não temeriam mais a má vontade do outro"; ainda dizem que ajuntou{1065} a seu dizer esse traço de ironia: — "Um homem morto não morde mais".

CIX. Tendo portanto, concluído isto entre eles, deram a comissão para executá-la a Aquiles; este tomando consigo um Septímio, que outrora havia sido soldado de Pompeu e Sálvio, um outro centurião, com três ou quatro outros satélites, fez-se conduzir à galera onde estava Pompeu, dentro da qual encontravam-se também todos os principais personagens de seu séquito, para ver o que aconteceria; mas quando viram esta maneira de receber, que não era real nem magnífica, nem em coisa alguma correspondendo a esperança que lhes havia dado Teófanes, considerando que não viam senão que pouca gente vinha a eles dentro de um barco de pescadores, começaram a ter suspeitas do pouco caso que faziam deles e aconselharam Pompeu a voltar atrás e fazer-se a alto mar, enquanto estavam ainda fora da saraivada das flechas. Enquanto isso, a barca aproximava-se e Septímio levantou-se nos pés e saudou Pompeu em língua romana com o nome de imperador, que quer dizer, soberano capitão, e Aquiles o saudou também em língua grega e disse-lhe que passasse à sua barca, porque ao longo da margem havia muito lodo e bancos de areia de tal forma que não havia água bastante para sua galera; mas ao mesmo tempo, viam de longe diversas galeras do rei, que se armavam com diligência, e toda a costa coberta de guerreiros, de tal modo que se Pompeu e os de sua companhia tivessem querido mudar de rumo, não poderiam mais se salvar e havia ainda mais que fazia desconfiar, que dariam ao homicídio alguma aparência para desculpar sua malvadez. Pelo que, despedindo-se de sua mulher Cornélia, a qual antes do golpe já fazia as lamentações de seu fim, ordenou a dois centuriões que entrassem na barca do egípcio à sua frente como também a um de seus escravos libertos, que se chamava Filipe e a um outro escravo que se chamava Scines. E como Aquiles já lhe estendia a mão de dentro de sua barca, voltando-se para sua mulher e seu filho, disse-lhes esses versos de Sófocles:

Quem entra em casa de tiranos,

Torna-se seu escravo

Mesmo quando parte livre.

CX. Essas foram as últimas palavras que disse aos seus, quando passou de sua galera para a barca; e porque era longe da galera até a terra firme, vendo que pelo caminho nenhuma pessoa mantinha propósitos de palestra amável, olhou Septímio no rosto e lhe disse: — "Parece-me que te conheço, companheiro, por haveres outrora estado na guerra comigo. O outro fez-lhe sinal somente com a cabeça, que era verdade, sem lhe dar outra resposta nem agrado algum; pelo que, não tendo mais nenhuma pessoa que dissesse palavra, pegou em sua

mão um livreto, dentro do qual havia escrito um discurso em língua grega, que queria dizer a Ptolomeu e pôs-se a lê-lo. Quando chegaram a pequena distância da terra, Cornélia com seus domésticos e amigos familiares levantaram-se nos pés, olhando com grande aflição o que aconteceria. Pareceu-lhe que ainda tinha de esperar, quando percebeu soldados do rei, que se apresentavam no desembarque, como para receber e honrar Pompeu; mas sobre esse ponto, quando segurava a mão de seu liberto Filipe para se levantar mais à vontade, Septímio veio por trás, passando-lhe sua espada através do corpo, depois do que Sálvio e Aquiles desembainharam também suas espadas; então Pompeu puxou seu traje com as duas mãos diante de sua face, sem dizer nem fazer nenhuma coisa indigna dele e suportou virtuosamente os golpes que lhe davam, somente suspirando um pouco; estava com a idade de cinquenta{1066} e nove anos, e terminava sua vida no dia seguinte àquele de seu nascimento. Os que estavam dentro dos barcos quando presenciaram o homicídio, fizeram um tão grande clamor, que se ouvia até à costa e levantando com diligência as âncoras, puseram-se à vela para fugir, ao que lhes serviu o vento que se levantou logo que ganharam o alto mar, de maneira que os egípcios, que se aparelhavam para vogar após eles, quando viram isto, desistiram, e tendo cortado a cabeça de Pompeu jogaram o corpo fora da barca, para quem tivesse vontade de ver um tão miserável espetáculo.

CXI. Filipe, seu liberto, ficou sempre ao lado dele até que os egípcios se fartaram de olhá-lo e, depois, tendo-o lavado com água do mar e embrulhado em sua pobre camisa, porque não tinha outra coisa, procurou ao longo da praia se encontrava algum morador de um velho barco de pescadores, cujas peças estivessem velhas, mas suficientes para queimar um pobre corpo nu. Assim, quando ele juntava e reunia-os, surgiu um romano, homem idoso, que em sua juventude havia estado na guerra sob Pompeu e perguntou-lhe: — "Quem és tu, meu amigo, que fazes este preparativo para os funerais do grande Pompeu?" Filipe respondeu-lhe que era um seu liberto. "Ah! disse o romano, não terás sozinho esta honra, e peço-te me receberes como companheiro em um tão santo e tão devoto encontro; a fim de que eu não tenha ocasião de me queixar de tudo e por tudo por me haver habituado em país estrangeiro, tendo como compensação de vários males que aqui suportei, encontrado ao menos este bom acaso, de poder tocar com minhas mãos e ajudar a sepultar o maior capitão dos romanos". Eis como Pompeu foi sepultado. No dia seguinte Lúcio Lêntulo, não sabendo nada do que se havia passado, mas vindo de Chipre, ia singrando ao longo da margem e percebeu um fogo de funeral e Filipe junto, o qual ele não reconheceu ao primeiro olhar; perguntou-lhe: — Quem é este, que tendo aqui terminado o curso de seu destino, repousa neste lugar?" Mas de repente, suspirando profundo, ajuntou: — "Ai de mim! por acaso és tu, grande Pompeu?" Depois desceu à terra, onde logo após foi aprisionado e morto. Tal foi o fim do grande Pompeu.

CXII. Não se passou muito tempo quando César chegou ao Egito assim agitado e atordoado, e ao lhe ser apresentada a cabeça de Pompeu, virou a face para trás para não ver e mostrando horror àquele que a apresentava, como um matador excomungado, pôs-se a chorar; tomou o anel no qual estavam gravadas suas iniciais, que lhe foi também apresentado e onde estava incrustado na pedra um leão tendo uma espada; mas fez morrer Aquiles e Potino; e mesmo seu rei Ptolomeu, tendo sido derrotado em uma batalha ao longo da margem do rio Nilo, desapareceu, de maneira que não souberam nunca mais o que lhe aconteceu. Quanto ao retórico Teodócio, escapou do castigo de César; pois fugiu em boa hora e foi errante daqui e dali pelo país do Egito, mise rável e odiado por todo o mundo. Mas depois, Marco Bruto, após haver morto César, tornando-se o mais forte na Ásia, achou-o por acaso e depois de o fazer suportar todas as torturas que pudesse imaginar, o fez finalmente morrer. As cinzas do corpo de Pompeu foram depois trazidas a sua mulher Cornélia, a qual as depositou em uma terra que possuía perto da cidade de Alba.

COMPARAÇÃO DE POMPEU COM AGESILAU

Tendo assim exposto as vidas de Agesilau e de Pompeu, vamos agora conferi-las juntas, tocando ligeiramente nas diferenças que há entre os dois, que são as seguintes: a primeira é que Pompeu alcançou a sua glória e poder por uma via muito justa, tendo ele mesmo a iniciativa e, em vários e grandes empreendimentos, ajudou Sila a libertar a Itália do domínio dos tiranos; quando parece, ao contrário, que Agesilau usurpou a realeza da Lacedemônia contra todo o direito dos deuses e dos homens, fazendo declarar Leotíquidas bastardo, que seu pai havia confessado ser seu filho legítimo, transformando em sarcasmo a profecia dos deuses, que se referia a uma realeza manca. A segunda é que sempre demonstrou honra e respeito a Sila, enquanto viveu e, ainda depois de morto, sepultou o corpo honradamente, apesar de Lépido, e deu sua filha em casamento a Fausto Sila, seu filho; Agesilau expulsou e desonrou Lisandro por motivo fútil e, no entanto, Pompeu não havia feito menos por Sila como este por ele. Ao contrário, Lisandro havia feito Agesilau rei da Lacedemônia e capitão-geral de toda a Grécia. A terceira é que as injustiças que cometeu Pompeu no governo, foram em favor de seus aliados; pois a maioria dos erros que praticou, foi para comprazer a César e a Cipião, seus dois sogros, quando Agesilau, para gratificar o amor de seu filho, salvou a vida a Esfódrias, que havia merecido a morte pelos danos causados aos atenienses e sustentou afetuosamente Fébidas, a não ser por outro motivo senão pelo crime que cometeu, ultrajando os tebanos em plena paz. Em resumo, os mesmos males que Pompeu suscitou aos romanos por ignorância ou por não ter recusado nada a seus amigos, Agesilau os fez por cólera e por obstinação contra os seus, tendo inflamado a guerra contra os beócios.

II. É preciso considerar a sorte de um e de outro entre os erros que cometeram; os romanos não podiam esperar nem temer a de Pompeu, ao passo que a de Agesilau não permitiu aos lacedemônios evitar os inconvenientes que conheciam e previam, por ser um rei manco. Pois se bem que Leotíquidas tivesse dez mil vezes sido provado e se evidenciado como bastardo, nem por isso a raça dos Eurotionidas ficou curta, por não poder fornecer um outro rei legítimo, que caminhasse direito, se não houvesse Lisandro, em favor de, Agesilau, procurando encobrir aos lacedemônios a verdadeira interpretação do oráculo. Mas também, por outro lado, nunca se encontrou tão sábia inovação em matéria de lidar com os homens, como aquela de Agesilau quando, procurando remediar a desconfiança e dificuldade em que se achavam os lacedemônios, se referiu àqueles que haviam fugido da batalha de Leutres ao aconselhar que deixassem dormir as leis durante aquele dia; não se poderia opor em contrário igual gesto de Pompeu, o qual não quis observar as leis que ele mesmo havia feito, para demonstrar aos seus amigos que tinha poder. Quanto a Agesilau, encontrando-se em tal situação, viu-se constrangido a abolir as leis para salvar a vida a seus concidadãos e inventou um tal expediente, pelo qual as leis não prejudicaram o público nem foram abolidas pelo medo.

III. Dou também o título de virtude civil e ato de sábio governo, ao incomparável feito de Agesilau quando abandonou todas as conquistas que havia feito na Ásia, logo que recebeu o apelo que lhe enviavam de seu país, chamando-o de volta; pois não fez como Pompeu, o qual se tornou grande, aproveitando-se da ocasião; assim, em oposto, em atenção ao bem público, abandonou uma glória e grande poder, como nenhum capitão, nem antes, nem depois houve igual nesses setores, exceto Alexandre, o Grande. E para retomar um outro caminho, referir-me-ia aos feitos de guerra e proezas de armas; quanto ao número dos triunfos pel as vitórias ganhas e o poder dos exércitos que Pompeu conduziu, penso que Xenofonte mesmo, se vivesse, não saberia comparar as vitórias de Agesilau, ainda que pelas outras belas e boas qualidades que possuiu, lhe tenham concedido isto como um privilégio especial, poder dizer e escrever tudo o que desejou desse príncipe; parece-me que há ainda diferença entre esses dois personagens, quanto à equidade e bondade que tiveram para com seus inimigos; pois um, querendo escravizar a cidade de Tebas e por completo exterminar e destruir a de Messena, uma sendo em tudo e por tudo cidade antiga de seu país e a outra cidade-mãe e capital de

toda a nação beócia, bem pouco faltou para que não perdesse ele mesmo a cidade de Esparta; aliás, perdeu ela a primazia que tinha sobre toda a Grécia. E o outro, em oposição, deu as cidades para os corsários habitarem, aos que quiseram mudar seu modo de viver; e estando em seu poder levar Tigranes a Roma em triunfo preferiu mais fazê-lo aliado e confederado dos romanos, dizendo que lhe era mais cara a glória de todo um século, do que a de um dia.

IV. Mas, se é razoável atribuir o primeiro lugar e o primeiro prêmio de honra da virtude militar de um capitão, às maiores proezas e feitos de armas de maior repercussão, o lacedemônio deixa o romano muito atrás, pois primeiramente não abandonou nunca sua cidade, nem saiu, ainda que fosse assaltada por setenta mil combatentes e que tivesse dentro poucos soldados de defesa, os quais haviam sido pouco antes derrotados na batalha de Leutres; e Pompeu, por ter ouvido dizer que César, com cinco mil homens da infataria somente, se havia apoderado de uma cidade da Itália, fugiu de Roma, tão grande era seu pavor. Assim, teria que optar por uma ou outra coisa: fugir covardamente devido aos poucos soldados de que dispunha ou encarar com otimismo a situação; pois que levou sua mulher e seus filhos, mas abandonou os outros, fugindo, quando precisava ou vencer, combatendo pelo seu país, ou receber as condições de paz que lhe oferecia aquele que era o mais forte; pois além de tudo, era um seu concidadão e um aliado seu. E ele, que havia estimado ser coisa insuportável prolongar o termo de seu governo, ou lhe ceder um segundo consulado, dá-lhe meios e ocasião, deixando-o apoderar-se da cidade de Roma e dizer a Metelo e aos outros que os considerava seus prisioneiros de guerra.

V. O que portanto é o principal num bom comandante, obrigar seus inimigos a virem ao combate quando se sente o mais forte, e, quando é o mais fraco, evitar ser constrangido, Agesilau, observando bem, manteve-se sempre invencível; e César soube bem evitar não ser nunca prejudicado quando era o menos poderoso e, ao contrário, soube agir tão bem que obrigou Pompeu a aventurar-se em sua ruína total na batalha em terra, onde se sentia mais fraco e tornando-se por esse meio, sem demora, senhor do dinheiro, dos víveres e do mar, quando seus inimigos tinham tudo nas mãos, sem combater. E o que se alega procurando escusá-lo, é o que mais gravemente o acusa e condena, mesmo para um tão grande e tão experimentado capitão. Pois como é concebível que um jovem comandante possa ser desviado de um conselho sábio e seguro pela gritaria e tolices de aniquiladores de cabeças, que lhe puseram ante os olhos, aquilo que lhe seria uma grande vergonha e uma covardia de coração? Mas, se fizesse de outro modo, também seria aquele erro perdoável. Mas o grande Pompeu, a cujo acampamento os romanos denominavam seu país, e sua tenda o Senado, e chamavam aos que estavam em Roma, manejando os negócios da república, pretores e cônsules, de rebeldes e traidores do império romano; aquele que não havia visto jamais ser comandado por outrem, mas que havia sido sempre capitão em tantas guerras em que se achara e onde sempre agira bem; quem poderia desculpá-lo de se deixar ir, como se diz, forçar as mordacidades de Faônio e Domício, até a aventurar uma batalha onde estava em jogo toda a situação do império e da liberdade de Roma, e pelo medo chamassem o rei Agamenon?

VI. Pois se não considerava somente a desonra e a infâmia presentes, devia fazer frente e combater desde o início mesmo pelas muralhas da cidade de Roma, não dando a entender que sua fuga fosse uma imitação de ardil, como outrora havia usado Temístocles e depois, após considerar que lhe era vergonhoso descansar na Tessália algum tempo sem vir ao combate; pois a planície da Farsália não era uma liça nem um campo fechado que os deuses lhe tivessem preparado, para aí decidir a quem ficaria o império, e não havia também arautos que o chamassem ao combate, como nos jogos de prêmio, quando é preciso responder ao seu nome e vir combater, ou então abandonar a honra da coroa a um outro; mas havia muitos outros campos e inúmeras cidades, ou para melhor dizer, toda a terra habitável, e ainda a comodidade que tinha na marinha, davam-lhe a escolha e opção, se tivesse antes querido seguir Fábio Máximo ou Mário, ou Lúculo, ou mesmo Agesilau, o qual não sust entou menores tumultos dentro da própria cidade de Esparta, quando os tebanos aí foram admoestá-lo a sair para defender a região plana e, igualmente no Egito, on de suportou suavemente várias

imputações falsas e caluniosas, cujo rei mesmo o acusava, pedindo-lhe e admoestando-o sempre a que tivesse um pouco de paciência; e afinal, tendo seguido o melhor conselho, segundo o que havia resolvido desde o início, em seu pensamento, salvou os egípcios apesar deles e, agora sozinho, na cidade dos espartanos, sobre seus pés em um tã o violento desmoronamento, levantou um troféu dentro da própria cidade de Esparta contra os tebanos, tendo proporcionado meios aos seus concidadãos de vencerem depois e não se tendo deixado constranger para os conduzir então a sua perda e ruína certas, o que ocorreu, sendo depois altamente elogiado pelos que havia assim salvo, apesar deles. E em oposição, Pompeu foi censurado por aqueles mesmos, cuja ambição e persuasão o haviam feito cometer a falta; todavia, há os que dizem ter sido ele enganado pelo seu sogro Cipião, o qual, querendo desviar a maior parte do dinheiro que havia trazido da Ásia e o guardar para si, apressou-o e pediu para iniciar a batalha, dando-lhe a entender que não havia mais dinheiro. Mas ainda que isso fosse verdade, não devia um bom capitão cair neste erro, nem se deixar assim facilmente descontentar, e expor-se ao perigo de perder tudo. Colocando-os portanto, assim, um diante do outro, podemos melhor considerá-los.

VII. Em suma, quanto à sua ida ao Egito, um para aí fugiu por necessidade, ao passo que o outro foi voluntariamente, dando pouco apreço à honra, para ganhar dinheiro servindo aos bárbaros, com a intenção de guerrear depois os gregos. E o que censuramos nos egípcios pelo fato de agirem cruelmente contra Pompeu, isso mesmo censuram os egípcios em Agesilau pela farsa que lhes pregou; pois um foi deslealmente ultrajado na morte, por aqueles a quem havia confiado sua vida; e o outro abandonou os que haviam confiado nele e virou-se contra aqueles mesmos em socorro dos quais havia primeiramente vindo.

Fócion

Desde o terceiro ano da nonagésima-quarta Olimpíada, até o terceiro ano da centésima-décima-quinta; A. C. 318.

As circunstâncias retiraram da virtude de Fócion uma parte da glória que merecia.

O orador Demades desfrutou em certa época, de grande prestígio em Atenas porque dizia e fazia, quando se intrometia no governo, tudo o que julgava agradar e servir aos macedônios e a Antipas; para isto era constrangido, muitas vezes, a aconselhar e persuadir coisas deprimentes para a dignidade de sua terra e contrárias à vida normal da cidade, e depois, para se desculpar, não se cansava de dizer que deviam perdoá-lo se assim procedia, porque o que ele tinha a governar era, nada menos que os restos do naufrágio de seu país. Isto, ainda que seja dito um pouco crua e temerariamente, poderia parecer verdadeiro, se se referisse à administração de Fócion; pois, para dizer a verdade, Demades era, ele mesmo, o náufrago de sua cidade, vivendo tão dissolutamente e conduzindo-se tão vergonhosamente em seu governo, que o próprio Antipas dizia dele, depois que ficou velho, que não era mais do que uma hóstia imolada à língua e ao ventre; mas a virtude de Fócion teve que combater{1067} um poderoso e violento inimigo, como o tempo, que trouxe calamidades à Grécia e foram causa de não ter sido famosa nem celebrada como merecia; pois não se pode depositar fé nas palavras de Sófocles, que faz a virtude fraca, quando diz:

Nada{1068} fica aos aflitos, Senhor, Mesmo o senso em boa hora.

Mas é preciso conceder que a sorte, quando lhe apraz opor-se aos homens virtuosos e às pessoas de bem, tem tanto poder, que em vez de receberem estas a honra e a graça que merecem, coloca sobre alguns deles falsas imputações e malignas calúnias que são motivos de não se crer mais em suas virtudes, tais como são.

As repúblicas são perigosas para se manejar na adversidade.

II. Todavia, pare ce a muitos que os povos livres são mais violentos e ultrajam mais seus bons cidadãos no tempo da prosperidade porque o feliz sucesso de seus negócios e o crescimento de seu poder lhes endurece o coração; mas não é isto. Ordinariamente, as adversidades tornam os homens despeitados, tristes e prontos a se encolerizar, e seu ouvido pouco disposto, áspero e ofendido a todo propósito e toda palavra dita claramente. Aquele que reprova aos que falham, parece propriamente lhes censurar suas desgraças e aquele que fala francamente parece caluniá-los. Pois tudo é assim como o mel, que é doce por natureza e, no entanto, produz dor, quando o aplicam nas úlceras ou nos ferimentos e partes inflamadas; também as admoestações sábias e verdadeiras mordem e irritam aqueles que se acham na desgraça, se não estão bem adocicadas. Eis porque o poeta Homero chama ao delicado, menoices, o que equivale a dizer: cedendo e obedecendo à parte da alma que está inchada de despeito e de raiva, não a resistindo nem a combatendo; nem mais, nem menos como o olho doente que, mais voluntariamente, olha as coisas sombrias, escuras e não reluzentes e foge daquelas que são vivas, alegres e brilhantes; também numa cidade, na qual os negócios não

andam ao gosto dos cidadã os, o povo tem ouvidos delicados e medrosos, por causa de sua imbecilidade, para suportar pacientemente uma língua que diga a verdade livremente; então preferem, principalmente, ouvir aquilo que não lhes traz seu erro diante dos próprios olhos; portanto, é perigoso para os que governam, em todos os sentidos, pois perde com a coisa pública, aquele que adula; e também aquele que não adula.

Temperamento delicado, mas também difíci l de encontrar quando necessariamente, em iguais circunstâncias.

III. Assim, portanto, como dizem os matemáticos, o sol não segue totalmente o curso do firmamento, nem também tem seu movimento oposto ou contrário, mas enviezando um pouco e caminhando por uma via oblíqua, traça uma linha torta, que não é muito violentamente estendida, mas vai girando delicadamente e, por sua obliquidade, é causa da conservação de tudo, mantendo o mundo em boa temperatura. Também em matéria de governo, a severidade muito inflexível em todos os propósitos e em todas as coisas diante da vontade do povo, é muito dura e muito rude; também a facilidade de deixar cair no erro os que falham, porque veem o povo afeiçoado e inclinado àquela parte, isto é um precipício muito escorregadio e muito perigoso. Mas a via do centro, em ceder algumas vezes para fazer obedecer em outra e ceder uma coisa agradável para pedir uma útil, é um meio salutar para bem reger e governar os homens, os quais se deixam por fim conduzir mansa e utilmente para executar o que é bom, quando não sujeitos, em tudo e por tudo, em elevada luta nem por uma violenta e senhorial autoridade. É bem verdade que esse meio é muito desagradável e difícil, porque nele há majestade misturada com graciosidade; mas também quando estão misturadas juntas, não há harmonia tão musical, nem consonância tão bem afinada nem tão perfeita; também dizem ser este o estilo do deus da natureza no governo deste mundo, sem nada forçar, abrandando por admoestação e persuadindo pela razão, para constranger à obediência.

Austeridade excessiva de Catão.

IV. Esse defeito de austeridade tinha Catão, o Jovem, pois não possuía a natureza nem os costumes agradáveis a um povo, nem próprios para se fazer amar pela plebe; também não chegou a ter prestígio por ter adulado o povo. Eis porque Cícero diz que, governando, nem mais, nem menos como se estivesse na cidade e na coisa pública é que se forma Platão, e não na escória e no bagaço como foi Rómulo, o qual foi desviado e falhou ao obter o consulado. É minha opinião que ele se parece propriamente com os frutos que vêm fora da estação, que são elogiados por todos mas não são aproveitados. Também a antiga inocência, há muito tempo havia caído do uso e vinha depois de tão longo intervalo mostrar-se entre as vidas corrompidas e os costumes estragados desse tempo; adquiriu-lhe uma grande glória e grande fama; no entanto não encontrou saída para a pôr em ação, nem era própria para empregar nos negócios, porque a gravidade e perfeição de sua virtude eram muito desproporcionadas à corrupção desse século.

Porque Plutarco compara Fócion com Catão.

V. Pois ele não veio intrometer-se no governo dos negócios já estando a república arruinada, como fez Fócion, que aí chegou quando estava muito enfraquecida e agitada por grande tormenta; e não teve nunca o timão nem a autoridade de piloto na mão, mas tratou apenas de

manejar as velas e cordagens, assistindo e secundando aos que tinham mais prestígio e poder do que ele; e no entanto ainda deu muito trabalho à sorte, a qual, tendo procurado arruinar e abolir a república, conseguiu afinal por meio de outros, mas foi com grande sacrifício, lenta e demoradamente, e ainda por pouco quase ficou por baixo, por causa de Catão e de sua virtude, à qual comparo aquela de Fócion, não que seja minha opinião de que tenham sido parecidos por semelhança geral e universal, mas quero dizer apenas que todos os dois foram pessoas de bem, todos os dois entendidos em matéria de situação e de governo; pois ainda há diferença de energia a energia, como entre aquela de Alcibíades e a de Epaminondas; e de prudência a prudência, como aquela de Temístocles para a de Aristides; e de justiça a justiça, como aquela de Numa à de Agesilau; mas as virtudes desses dois personagens mostram em tudo um mesmo traço, um mesmo molde, uma mesma tez e mesma cor impressas em seus costumes, até nas mínimas particularidades, tendo ambos possuído a austeridade quase em igual medida, juntamente com a brandura, a energia com a prudência, a vigilância temerosa pelos outros, com a segurança resoluta para eles mesmos, a fuga das coisas vergonhosas e zelo pela justiça, igualmente comuns aos dois, tanto que é preciso um bem sutil e hábil juízo como por um instrumento, para encontrar e saber discernir as diferenças.

Nascimento e caráter de Fócion.

VI. Ora, quanto a Catão, é coisa confessada por todos, que era de casa grande e nobre, como diremos mais adiante em sua vida; quanto a Fócion, conjeturo que não tenha saído de lugar baixo nem vil; pois teria sido filho de um fabricante de colheres, como diz Idomeneu{1069}, Glaucipo, o filho de Hipérides{1070} que ajuntou na invectiva que escreveu contra ele, todos os males que pôde, e não se esqueceu de censurar-lhe a baixeza plebeia de sua linhagem; pois em sua juventude foi discípulo de Platão e depois de Xenocrates na escola da Academia, onde se dedicou desde seu início a todas as práticas de bons costumes; pois como Duris escreveu, jamais ateniense o viu rir ou chorar, nem lavar-se nos banhos públicos, nem pôr as mãos fora da capa de sua veste nas raras vezes que a usava, pois quando ia pelos campos, durante as guerras, caminhava sempre de pés nus e sem veste, se não fazia um frio extremo e insuportável, de sorte que os soldados, na sua linguagem comum, diziam entre eles que era sinal de grande inverno, quando viam Fócion vestido.

Diversas piadas de Fócion.

VII. E se bem que fosse muito delicado e muito humano por natureza, no rosto demonstrava ser austero e intratável, de sorte que um homem que não tivesse familiaridade com ele, não o teria facilmente abordado sozinho; assim um dia quando o orador Cares caçoava da severidade de suas sobrancelhas, como o povo de Atenas fosse tomado pelo riso, ele respondeu publicamente: — "Estas minhas sobrancelhas, senhores atenienses, não vos fizeram nenhum mal, mas as risadas destes favoritos aqui, muitas vezes vos fizeram chorar". Seu linguajar, igualmente, pelas boas concepções e belas sentenças que continha, era cheio de instrução, muito útil e salutar, mas de um laconismo imperativo, austero e de forma alguma adocicado; pois, como dizia o filósofo Zenon: — "Que o homem sábio deve molhar sua palavra no senso e na razão antes de pronunciá-la", também o falar de Fócion, de poucas palavras, continha muita substância e parece ser esta a razão pela qual Polieucto, o Esfetiano, diz: — "Que Demóstenes era muito bom orador, mas que Fócion era muito eloquente". Pois, assim como as peças de ouro ou de prata são as melhores, as quais, com menos massa, têm mais preço e mais valor, também a força no falar repousa em significar muito com poucas palavras. A este propósito contam, que um dia, estando todo o teatro repleto, Fócion passeava à parte, sozinho, meditando, no tablado da cena, quando um de seus amigos, vendo-o assim pensativo, perguntou-lhe: — "Pensas em alguma coisa, Fócion? — Com efeito, respondeu ele, penso se poderia cortar ainda alguma coisa do que tenho a dizer ao povo ateniense". E Demóstenes mesmo, que fazia bem pouco caso de todos os outros oradores de seu tempo,

quando Fócion se levantou uma vez para falar, fartou-se em dizer baixo no ouvido de seus amigos: — "Eis o machado que se levanta para cortar minhas palavras". Todavia, isto poderia por acaso também referir-se aos seus costumes; porque não somente uma palavra, mas também uma olhadela ou um sinal de cabeça de um homem de bem, têm o poder de persuadir contrapesando com vantagem, mais que infinitos argumentos e cláusulas artificiais de retórica.

Inícios de Fócion sob a orientação de Cábrias.

VIII. Em suma, na sua juventude convivia com o capitão Cábnas e seguia-o, aprendendo com ele muita coisa referente aos feitos da guerra e reciprocamente também o corrigia de algumas imperfeições que tinha por natureza. Pois sendo Cábrias, pensando bem, homem frio e difícil de se comover, quando vinha ao combate, queimava-se do ardor da coragem, de tal modo se atirava, de olhos fechados ao perigo, entre os mais temerários; também isto lhe custou a vida dentro da ilha de Quios{1071}, onde quis ser o primeiro a abordar com sua galera e descer à terra apesar dos inimigos; mas Fócion, sendo prudente em se preservar e esperto no executar, esquentava de um lado a lentidão de Cábrias e de outro amornava sua ardente impetuosidade; por esta razão Cábnas, sendo homem brando e bondoso, estimava-o e cientificava-o dos negócios, dando-o a conhecer aos gregos e servindo-se dele nas coisas de maior responsabilidade, como o fez adquirir grande honra e grande reputação na batalha naval que ganhou junto da ilha de Naxos{1072}, onde lhe deu a conduzir a ponta esquerda de sua armada e foi neste lugar o combate mais áspero do que em nenhuma outra parte; também aí foram os inimigos mais depressa rompidos. Esta batalha, sendo a primeira que a cidade de Atenas ganhou só com suas forças depois de sua tomada, foi causa do povo amar muito Cábnas e começar a fazer caso de Fócion, como de um personagem serviçal e digno de ter um cargo. Esta batalha foi ganha no próprio dia da festa dos grandes mistérios, em memória da qual Cábnas, todos os anos, no décimo-sexto dia de agosto, dava a beber a quem quisesse, do povo ateniense. Depois Cábrias, tendo-o escolhido para enviá-lo a receber o dinheiro e os navios com que os aliados consulares deviam contribuir, entregou-lhe vinte galeras; dizem que Fócion respondeu-lhe que se o enviava para combater inimigos, precisava de maior número de navios, e se o enviava como embaixador diante de aliados e amigos, só uma galera lhe era suficiente. Assim, indo só com uma galera, depois de haver fala do nas cidades e se comunicado com os oficiais e governadores, branda e simplesmente, voltou com uma boa frota de navios que forneceram os aliados e com dinheiro também para os atenienses.

Apego de Fócion por Cábrias.

IX. Se Fócion continuou a honrar tanto Cábrias, enquanto viveu, mas também depois de sua morte, e abraçou a proteção dos que lhe pertenciam e se esforçou para tornar seu filho Ctesipo, homem de bem, apesar de vê-lo muito depravado e bastante incorrigível, não deixou nunca de experimentar sempre diminuir e encobrir sua infâmia; todavia, dizem que como esse rapaz estava sob sua guarda numa guerra em que era o capitão, deu-lhe dores de cabeça e importunou-o, fazendo-lhe em cheio perguntas desagradáveis, intrometendo-se a querer aconselhá-lo, repreendê-lo e ensinar-lhe o ofício e dever de capitão, ao que não pôde se conter e disse: — O Cábrias, Cábrias! Pago bem cara, a amizade que me dedicaste quando vivo, suportando a importunação de teu filho".

Fócion estuda igualmente a política e a guerra.

X. E vendo que aqueles que manejavam os negócios do governo em Atenas, estavam repartindo entre si, como por meio de sortes, os cargos militares e civis, de tal modo, que uns como Éubulo, Aristofon, Demóstenes, Licurgo e Hipérides, não faziam mais nada senão discursar diante do povo e submeter projeto a sua frente, e, os outros como Diopitas, Menesteu, Leóstenes e Cares faziam-se grandes e ricos, guerreando e tendo cargos militares, preferiu mais propor-se a imitar e seguir a maneira de governo que haviam tido Péricles, Aristides e Sólon, como sendo mais completa e composta de uma e de outra parte igualmente, pois cada um deles, a meu ver, como diz o poeta Arquílocos:

Unido era bom servidor de Marte

E conhecia das Musas a delicada arte.

Também não ignorava que a deusa tutora de Atenas, Palas, era guerreira e política ao mesmo tempo, isto é, possuía as qualidades necessárias para governar na guerra e na paz.

Não adula nunca o povo.

XI. Estando, portanto, assim preparado o alvo, ao qual dirigia sempre toda sua intervenção do governo da república, ele que desejava sempre o repouso e a paz, no entanto foi muitas vezes eleito capitão e teve mais de uma vez o comando de forças, não somente de todos os homens de guerra de seu tempo, mas também de todos aqueles que haviam sido antes dele, não pedindo nem solicitando tais cargos, nem também recusando ou rejeitando quando a necessidade o chamava; pois é coisa certa que por quarenta e cinco vezes foi eleito capitão, sem que jamais tenha se encontrado uma só vez nas assembleias das eleições, sendo sempre escolhido ausente; deste modo, os homens insensatos se espantavam desta maneira de agir do povo, visto que jamais Fócion fazia nem diz ia coisa alguma para os agradar, mas a maioria das vezes contradizia a sua vontade, em vez dos outros, que eram mais engraçados, mais alegres e mais agradáveis em suas arengas, pelos apartes e passatempos, nem mais, nem menos como dizem dos reis, que ouviam seus aduladores e engraçados, depois de terem lavado as mãos para se porem à mesa; mas quando era questão de escolher os cargos militares, então pensavam demorada e conscientemente, chamando sempre o homem mais austero e mais sábio da cidade, aquele que só ou mais do que nenhum outro, se opunha a todos os seus apetites e a todas as suas vontades. Um dia, tendo s ido lido publicamente um oráculo de Delfos, o qual dizia: "Que todos os outros atenienses estando de acordo, havia um único que estava contrário a todo o resto da cidade", Fócion adiantando-se disse publicamente: "que não se dessem de modo algum ao trabalho de procurar quem era aquele, pois era ele, porque de fato achava nada bom de tudo o que faziam".

Bons ditos e sábias respostas de Fócion.

XII. Uma outra vez aconteceu-lhe dar uma opinião diante da assembleia do povo, a qual foi universalmente aprovada e recebida por todo o mundo e, vendo que toda a assistência se punha logo ao seu lado, voltou-se para seus amigos,’ perguntando-lhes: — "Ai de mim! meus amigos, não me escapou alguma palavra sem pensar?" Uma outra vez, como os atenienses solicitassem uma contribuição liberal e voluntária em dinheiro, para fazer um sacrifício, tendo os outros de sua posição, já entregue sua parte, foi também nominalmente chamado várias

vezes para o mesmo fim, mas ele lhes disse: — "Pedi a esses que são ricos, pois quanto a mim, terei vergonha de contribuir, não tendo ainda pago a este aqui", mostrando o agiota, Cálicles, que lhe havia emprestado dinheiro; mas como eles não cessavam nem por isto de gritar e bradar contra ele, pôs-se a contar-lhes esta história: — "Houve um dia um homem covarde que se preparava para ir à guerra, e na hora em que ia partir, ouviu gritar os corvos e pensando que fosse um mau presságio para ele, pousou suas armas e parou na hora, ficando em casa. Depois tomou-as uma outra vez e se pôs a caminho para ir ao campo; os corvos recomeçaram a gritar atrás ainda mais, e então ele ficou de uma vez e disse finalmente: — "Gritais bastante e alto como desejais, mas não comereis meu corpo".

XIII. Uma outra vez os atenienses, estando na guerra sob seu comando, queriam, a toda força, que ele os conduzisse para ir contra seus inimigos. Ele não o queria e nessa ocasião chamaram-no de covarde e poltrão; ele respondeu-lhes: — "Nem vós me saberíeis fazer destemido, nem eu a vós covardes; todavia nós nos conhecemos bem uns aos outros". Uma outra vez, em tempo bastante perigoso, o povo o maltratava e queria que imediatamente prestasse contas de sua administração e de seu cargo; ele lhes respondeu: — "Ó meus amigos, salvai-vos, salvai-vos primeiramente". E como durante a guerra fossem humildes e flexíveis pelo pavor que tinham, mas de repente, tendo sido feita a paz o afrontassem com palavras e gritassem contra Fócion, que lhes havia conseguido a vitória toda, assegurada entre as mãos, ele nada fez senão dizer: — "Sois bem felizes em ter um capitão que vos conhece, pois do contrário seríeis pedaços perdidos". Tiveram aliás alguma diferença contra ele devido sua conduta contra os beócios, com os quais o povo não queria contender em justiça, mas combater em campo de batalha; mas Fócion disse-lhes que eles não entendiam nada, aconselhando-os a combater antes por palavras, no que eram mais fortes, e não com as armas, no que eram mais fracos. Sua opinião numa assembleia do Conselho desagradou algumas vezes tanto aos atenienses, que eles não queriam nem ter paciência de ouvi-lo; e ele lhes disse então: — "Não podeis forçar-me, senhores atenienses, a fazer o que não se deve; mas fazer-me dizer contra minha opinião coisa que se não deve dizer, a isto vós não saberíeis me constranger". Repelia também vivamente os oradores que eram contrários, quando o atacavam, como respondeu uma vez a Demóstenes, o qual lhe dizia: — "O povo te matará algum dia, Fócion, se entra em furor"; — "A ti também, disse ele, se entra em seu bom senso". E a Polieucto, o Esfetiano, o qual num dia que fazia muito calor, persuadia o povo a empreender a guerra contra o rei Filipe e estava quase sem fôlego, respirava e suava em grossas gotas, pois que era muito gordo, de sorte que precisava beber água diversas vezes para terminar seu discurso: — "Verdadeiramente, disse ele, há razão para que ordeneis a guerra seguindo persuasão deste aqui; o que pensais vós fará ele quando tiver a mochila sobre os ombros e os inimigos pela frente, se agora, pronunciando somente um discurso que estudou há muito, está em perigo de arrebentar-se e sufocar diante de vós?" E como, durante uma assembleia de Conselho, Licurgo lhe dirigisse vários insultos na presença de todo o povo, e depois de tudo ainda disse que Alexandre, tendo pedido dez dos cidadãos de Atenas para fazer com eles o que bem lhe parecesse, havia Fócion aconselhado a entregá-los, ele respondeu: — "Muitas vezes aconselhei diversas coisas boas e belas a estes aqui, mas não quiseram atender".

XIV. Havia então em Atenas um homem chamado Arquibíades que imitava o lacedemônio com uma barba longa e forte, uma mísera capa e uma fisionomia e atitude sempre tristes. Fócion, encontrando-se um dia na assembleia da cidade, tratado com aspereza pelo povo, chamou-o como testemunha para provar e confirmar suas palavras, mas o outro, levantando-se, fez justamente o contrário, aconselhando o que lhe parecia ser agradável ao povo; ouvindo isso Fócion, pegou-o pela barba e lhe disse{1073}: — "Por que não fazes, portanto, badalar esta barba, desde que queres te pôr a adular?" Havia{1074} um grande advogado chamado Anstogiton, que em todas as assembleias da cidade não fazia outra coisa senão proclamar ordinariamente a guerra e pregar que se devia dar as armas ao povo.

Depois, quando foi preciso levantar soldados e arrolai os nomes daqueles que deveriam ir à

guerra, ele veio à praça, apoiado em uma bengala, as duas pernas enfaixadas para fazer crer que estava doente; e Fócion percebendo-o de longe, de cima da tribuna, gritou bem alto ao secretário que escrevia os arrolados: — "Escreve também: Anstogiton, covarde e mau, que imita o manco".

XV. Deste modo, algumas vezes eu me admiro de como um homem tão áspero e tão severo, como é evidente por seus exem plos, nunca teve o cognome de bom. Todavia, acho que é coisa bem difícil, mas não impossível encontrar um homem como o vinho, que seja maneiroso e engraçado como os outros, ao contrário, que à primeira vista parecem suaves no convívio e depois tornar-se tão desagradáveis e prejudiciais a todos os que conversam com eles. No entanto se lê que o orador Hipérides disse um dia ao povo de Atenas: — "Senhores atenienses, não olheis somente se eu sou azedo, mas considerai e o sou sem tirar proveito"; como se os homens não fossem desagradáveis e enfadonhos pela avareza apenas e o povo não temesse e não odiasse a esses todos que por arrogância, inveja, insolência, cólera e obstinação, abusam de seu prestígio e autoridade. Fócion, portanto, não praticou mal nem desagradou a cidadão algum por inimizade particular que tivesse contra ele, nem nunca odiou nenhum, mas era somente áspero e rude contra aqueles que resistiam a alguma coisa que empreendia fazer pelo bem público; pois, pensando bem, mostrava-se em tudo delicado, cortês e humano para com todo o mundo, até mesmo em convivendo particularmente com os que lhe eram adversários e socorrê-los em seus negócios, se vinham a cair em algum perigo e alguma adversidade. Seguindo tal propósito, seus amigos o recriminavam um dia porque defendia em julgamento um indivíduo mau, a quem submetiam a processo e ele lhes respondeu: — "Que as pessoas de bem não precisavam de defesa". De outra vez Aristogiton, o Caluniador, estando na prisão, depois de ter sido condenado, mandou suplicar-lhe para ir vê-lo; atendeu-o e foi até dentro da prisão, pelo que seus amigos queriam zombar, mas ele lhes disse: — "Deixem-me, pois em que lugar poderei ver Aristogiton mais à vontade do que na prisão?

Estima dos aliados dos atenienses por Fócion.

XVI. Quando partia de Atenas alguma armada, se havia outro capitão que não fosse Fócion, as cidades marítimas aliadas dos atenienses e as insulares, armavam suas muralhas, enchiam seus portos e traziam dos campos para dentro da cidade as mulheres, as crianças, os escravos, o gado e todos os demais valores como se se tratasse de inimigos declarados em guerra aberta; mas ao contrário, se Fócion era o chefe, iam até bem longe ao seu encontro com seus navios coroados de festoes e chapéus de flores em sinal de regozijo público, e conduziam-no eles mesmos às suas casas. E como o rei Filipe, procurando apoderar-se secretamente da ilha de Eubea, por ali fizesse passar uma armada da Macedónia e foi subornando as cidades por meio de alguns tiranos particulares, Plutarco Eretriano chamou os atenienses, suplicando-lhes que retirassem das mãos desse rei a ilha que, dia a dia, estava ocupando cada vez mais, se logo não procurassem remediar. Fócion foi enviado como capitão com poucos soldados, porque julgavam que os do país se uniriam a ele logo, afetuosamente, mas ao contrário, encontrando à sua chegada, cheia de traidores, tudo corrompido, gasto e minado pelo poder do dinheiro que Filipe despendia, encontrou-se em grande perigo; por esta razão retirou-se para um outeiro separado da planície de Tamina por um grande e profundo vale, onde se fortificou e aí parou com toda a elite de guerreiros que tinha consigo, admoestando a seus capitães que não se preocupassem com os outros amotinados e sediciosos, que não faziam senão gaguejar e não valiam nada quando preciso, mas que os deixassem ir e se afastassem para fora do acampamento para onde quisessem: — "Porque, dizia ele, tais soldados também nos seriam inúteis por aqui por sua desobediência e prejudicariam aos que têm boa vontade em cumprir o dever; mas sentindo-se culpados por ter abandonado o campo e terem ido sem consentimento, não ousarão gritar contra nós, e se preservarão de nos caluniar".

Conquista uma vitória completa sobre a armada de Filipe em Eubéia.

XVII. Depois, quando os inimigos vieram em batalha para enfrentá-lo, ordenou a seus soldados que estivessem prontos e armados, sem se mover, até que ele houvesse acabado de sacrificar aos deuses, no que ficou muito tempo, seja porque não pudesse receber os sinais felizes dos sacrifícios, ou porque não procurasse atrair mais para perto os inimigos. Mas Plutarco Eretnano, pensando que prolongava assim a marcha por falta de coragem, jogou-se nos campos em primeiro lugar com alguns aventureiros que tinha a seu soldo; vendo isso, os soldados da cavalaria não puderam mais se conter, e marcharam também após ele contra os inimigos, em desordem, separados, uns aqui, outros acolá, como haviam saído do campo; os primeiros, tendo sido rompidos pelo inimigo, todos os demais debandaram também por si mesmos e Plutarco mesmo se pôs em fuga, de modo que algumas tropas adversárias, pensando já haver ganho tudo, foram até dentro do acampamento e trataram de abater o tapume; entretanto, os sacrifícios de Fócion estando terminados, os atenienses saíram sobre eles, que viraram imediatamente em fuga, depois de deixarem morto um grande número junto das trincheiras de seu acampamento. Isto feito, Fócion ordenou que permanecessem firmes sem se mover, para esperar e recolher aqueles de seus soldados que estavam ainda espalhados aqui e ali pelos campos onde se deu a primeira ruptura, enquanto ele, com uma tropa de combatentes escolhidos, em todo seu exército, foi dar através dos inimigos. O combate foi duro, pois os atenienses combateram corajosamente, sem poupar sua gente; mas, sobre todos os demais, dois rapazes, combatendo ao lado do capitão, Glauco, filho de Polimedes e Tálio, filho de Cíneas, levantaram o prêmio de coragem. Todavia Cleófanes, nesse dia, demonstrou também seu valor; pois gritou tanto por seus soldados da cavalaria que haviam sido rompidos e intimou-os tanto a irem socorrer seu capitão que dizia estar em perigo que, ridicularizando-os, trouxe-os ao combate; fazendo isso, conseguiu a vitória assegurada e inteira aos soldados da infantaria.

Os aliados de Atenas recusam receber em seus portos a frota comandada por Cares.

XVIII. Depois desta batalha, expulsou Plutarco mesmo para fora de Eretria; e, tendo se apoderado do castelo de Zaretra, assentado em lugar estratégico para esta guerra, no lugar onde a ilha se vai estreitando em um longo aterro, apertado de um lado e do outro do mar, proibiu{1075} que se apoderassem dos gregos prisioneiros, com receio de que os discursadores de Atena s constrangessem o povo ateniense como algumas vezes faziam, a uma súbita cólera, exercendo alguma crueldade contra eles. Essas coisas assim feitas, Fócion voltou à casa, mas nem bem havia virado as costas, os aliados e confederados de Atenas sentiram imediatamente falta de sua justiça e sua bondade; e os atenienses conheceram também seu valor e sua suficiência; pois Molosso, aquele que o sucedeu no cargo de capitão nos demais combates, portou-se de tal modo, que ele mesmo foi feito prisioneiro. Por esta razão, Filipe, abraçando grandes coisas em sua esperança, foi com toda sua armada até o Helesponto, opinando que aí tomaria logo toda a Quersoneso, as cidades de Pennto e de Bizâncio{1076}; entretanto, estando os atenienses resolvidos a enviar socorro, para o impedir de realizar seu intento, elegeram Cares para capitão, a instância e grande empenho dos oradores que puseram à frente; mas tendo este ido com bom número de navios, não praticou feito algum digno das forças que havia conduzido, porque as cidades não quiseram nem receber sua frota em seus portos, razão por que se viu constrangido a ir rodando aqui e acolá ao longo das costas, suspeito a todo o mundo, renegado dos amigos e desprezado dos inimigos. Ouvindo isto, o povo, a quem também os discursadores irritaram com suas prédicas ordinárias, ficou muito enfurecido, arrependendo-se de haver enviado socorro aos bizantinos; Fócion então, atirando-se à frente, demonstrou-lhes que não era de seus aliados e confederados que deviam duvidar, mas de seus capitães, que se portavam de modo que tinham motivos para desconfiar deles: — "São àqueles, dizia ele, a quem vós deveis agarrar, pois eles vos tornam odiosos e temíveis àqueles mesmos que não saberiam se salvar sem vosso socorro".

Fócion é nomeado em seu lugar; seus sucessos.

XIX. Essas palavras agitaram o povo de tal forma que na mesma hora fizeram-no mudar de opinião, tanto que entregaram a Fócion um outro reforço, enviando aquela parte para socorrer seus aliados, o que foi de muito resultado para preservar a cidade de Bizâncio; pois além de que sua reputação já era grande, Cleon, o primeiro homem de Bizâncio em virtude e em autoridade, tendo sido companheiro e amigo de Fócion na escola da Academia, pleiteou-o para sua cidade; e então os bizantinos não quiseram que acampasse fora, mas abrindo suas portas, o receberam dentro de sua cidade e se misturaram entre os atenienses; estes, vendo que os da cidade confiavam neles, portaram-se tão honestamente em sua conversação comum, que não houve queixa nenhuma deles, e tão valentemente se mostraram em todos os combates e assaltos, que Filipe, o qual consideravam antes tão terrível nas armas, que nada parava à sua frente e não encontravam pessoa alguma que ousasse apresentar-se em batalha contra ele, voltou do Helesponto sem nada fazer, senão perdendo muito de sua reputação, quando Fócion ganhou alguns de seus navios e recuperou as praças fortes onde havia colocado guarnições; e desembarcando em vários lugares de suas terras, percorreu e pilhou toda a planície, até que tendo reunido bom número de soldados para o defender, aí foi fendo e nesta ocasião obrigado a voltar.

Torna os atenienses senhores da cidade de Megare.

XX. Algum tempo depois os megarianos mandaram secretamente propor-lhe entregar a cidade em suas mãos; mas Fócion, temendo que os beócios, avisados, não o prevenissem a tempo, fez logo tocar a trombeta e, ao partir da assembleia sem lhes dar outro descanso senão pegar as armas somente, levou-os logo diretamente a Megara{1077}, onde, sendo recebido, fechou a muralha do porto de Nisa{1078} e levantou duas muralhas enormes da cidade até ali, por meio do que uniu a cidade à praia e o fez de modo que do lado da terra não teria que temer em nada seus inimig os do lado do mar{1079}, ficando inteiramente à disposição dos atenienses.

Aconselha os atenienses a assinar a paz com Filipe.

XXI. E como os atenienses já se haviam declarado abertamente inimigos de Filipe e houvessem eleito em sua ausência outros capitães para irem guerreá-lo, ele, assim que voltou a Atenas, vindo das ilhas, persuadiu o povo, considerando que Filipe tinha boa vontade de viver em paz com eles, temendo o perigo que as forças de Atenas podiam trazer aos seus negócios, e que deviam receber os artigos e condições de paz que apresentava. Opondo-se um pleiteador comum, que não se movia jamais nos litígios senão para caluniar e chicanear sempre contra alguém, disse-lhe: — "Fócion, como ousas dissuadir os atenienses da guerra, quando eles têm as armas nas mãos?" — "Sim, verdadeiramente, respondeu-lhe Fócion, pois eu sei muito bem, que se há guerra, eu te comandarei; e se há paz, tu me comandarás". No entanto, não o podendo obter, Demóstenes ganhou contra ele desta vez, aconselhando os atenienses a irem dar a batalha a Filipe, no local mais distante que pudessem no país do Ático; e Fócion disse-lhe então: — "Meu amigo, não nos divirtamos em discutir em que local nós lhe daremos a batalha, mas olhemos somente como nós a ganharemos; porque fazendo isto, recuamos a guerra para bem longe de nós; pois esses que são vencidos, em qualquer parte em que estejam, têm sempre todo o mal e perigo junto deles".

É colocado à frente da república.

XXII. Após a batalha{1080} perdida contra Filipe os sediciosos, que não pediam senão novidades na cidade, arrastaram Caridemo{1081} para frente, para o fazer eleger capitão-general de Atenas, pelo que as pessoas de bem e de honra ficaram com grande medo e tomando seu lado, toda a Corte e o Senado do Areópago, solicitaram afetuosamente ao povo, com lágrimas nos olhos, o que afinal se conseguiu, mas foi com grande sacrifício, que os negócios da cidade fossem entregues nas mãos de Fócion; este foi de opinião que deviam receber no momento a forma de viver e as humanas condições de paz que lhe ofereciam ; como o orador Demades houvesse proposto que a cidade de Atenas entrasse no tratado comum de paz e na reunião habitual dos estados da Grécia, que devia se instalar a instâncias de Filipe, Fócion não concordou, mas dissuadiu-os, até que soubessem o que Filipe desejava dos gregos naquela assembleia. Todavia, a sua opinião não teve lugar por causa do mau tempo; e, logo depois, vendo que os atenienses se arrependiam por não terem acreditado em seu conselho, quando viram que precisavam fornecer navios e soldados de cavalaria a Filipe, ele lhes disse então: — "O temor do que vos lastimais agora, está em oposição ao que vós vos consentistes; mas desde que haveis cedido, é preciso suportar pacientemente e não perder a coragem por isto, não esquecendo que vossos antepassados algumas vezes deram leis aos outros e algumas vezes receberam também de outrem; e portando-se bem e sabiamente em uma e outra sorte, preservaram não somente esta cidade, mas também todos os moradores da Grécia.

Prudentes respostas de Fócion.

XXIII. Depois, tendo chegado a notícia da morte de Filipe{1082}, todo o povo quis acender os fogos de alegria e fazer sacrifícios aos deuses como por uma boa notícia, mas Fócion não quis permitir: — "Isto, disse ele, seria um sinal de muita baixeza e coração mesquinho alegrar-se com a morte de outrem, se bem que a armada que vos derrotou em Queronéia{1083} não esteja diminuída apenas de uma cabeça". E como Demóstenes em seus discursos habituais dissesse palavras injuriosas contra Alexandre que já se aproximava com seu exército da cidade de Tebas, disse-lhe estes versos de Homero:

"Ó desgraçado, por que andar irritando

Um tão feroz e áspero combatente,

que não cobiça outra coisa senão grandeza de glória?

Queres, sendo tu um tão grande fogo aceso,

jogar esta cidade dentro?

Quanto a mim, se bem que os atenienses q ueiram se perder,

eu não lhes permitiria, pois para este fim aceitei o cargo de capitão".

Conselho de Fócio n relativamente aos dez cidadãos que Alexandre solicitou lhe entregassem.

XXIV. E depois a cidade de Tebas, tendo sido inteiramente destruída e arrasada, como Alexandre pedisse aos de Atenas que lhe entregassem em suas mãos Demóstenes, Licurgo,

Hipérides e Candemo, a assembleia do povo, não sabendo o que responder a esta intimação, p ôs seus olhos sobre Fócion e chamou-o diversas vezes por seu nome, para dar sua opinião; pelo que ele se levantou e, aproximando-se de um dos seus amigos chamado Nicocles, aquele que estimava com mais apreço e em quem tinha mais confiança, disse alto e claro: — "Esses que Alexandre vos pede, conduziram a cidade a tal extremo de necessidade, que se ele pedisse Nicocles, seria da opinião que lho entregassem; pois eu mesmo reputaria que me seria uma grande honra, se pudesse morrer, de sorte que minha morte salvasse a vida a todos meus outros concidadãos; e ainda que sinta em meu coração grande piedade e compaixão por esses pobres desolados que fugiram das ruínas de Tebas para esta cidade, se é que eu deva opinar, vale mais que os gregos lamentem a perda de uma só cidade, do que de duas, e por esta razão, é meu parecer que é melhor tratar de impetrar graça por meio de súplicas e admoestações àquele que é o mais forte, do que se obstinar em querer combater diante da ruína certa.

Aconselha Alexandre a virar suas armas contra os persas.

XXV. Dizem que Alexandre rejeitou o primeiro decreto que foi concluído pelo povo sobre seu pedido e desviou-se para não ver os embaixadores que lhe haviam trazido; mas recebeu o segundo que lhe foi levado por Fócion mesmo, ouvindo dizer pelos servidores mais velhos de seu pai, que este sempre tivera muito apreço por ele, razão pela qual Alexandre, não somente lhe concedeu audiência e atendeu sua solicitação, como também seguiu seu conselho. De fato ele o exortou, dizendo-lhe que, se apreciava o repouso, descansasse todas as suas armas e cessasse de guerrear; mas, se cobiçava a glória, que voltasse suas armas contra os bárbaros e não contra os gregos. E deduzindo-lhe diversas razões e admoestações acomodadas com o temperamento e gosto de Alexandre, desviou-o e abrandou-o de tal modo, que o rei, ao separar-se dele, disse-lhe que os atenienses deviam ter olhos bem abertos nos negócios, porque se ele viesse a morrer, não conhecia outro povo a quem o império pudesse ser entregue, senão a eles; e desejando a amizade particular e a hospitalidade de Fócion, tratou-o com tanta honra, como não o fazia aos seus íntimos. Com referência a isto, o historiador Duris escreve que depois de se tornar grande e ter derrotado o rei Dario, retirou da saudação de todas as suas cartas particulares, a palavra que estava habituado a colocar, caro, a não ser naquelas que escrevia a Fócion, e que não dava mais esta honra de saudar assim àqueles a quem escrevia, senão a Fócion e Antípatro, o que Cares também confirma.

Recusa um presente considerável de Alexandre.

XXVI. É coisa bem confessada por todos que Alexandre enviou a Fócion boa soma de dinheiro como presente, pois mandou-lhe cem talentos{1084}. Tendo sido esse dinheiro trazido a Atenas, Fócion perguntou aos que o trouxeram, por que Alexandre enviava tal presente só a ele, quando havia tantos burgueses em Atenas. — "Porque (responderam eles), o considerava o único homem de bem e de honra". E Fócion lhes replicou: — "Ora, que me deixem, portanto, continuar a ser toda a minha vida". Nem por isto os mensageiros deixaram de ir atrás dele até sua casa, onde viram grande simplicidade, pois encontraram sua mulher que amassava o pão ela mesma e ele, em sua presença, tirou a água de seu poço para lavar os pés; razão porque instaram mais ainda do que antes para receber o presente do rei, insistindo com ele, e dizendo que era uma grande vergonha viver assim pobre, levando em conta que era amigo de Alexandre. Pelo que Fócion, vendo passar pela rua um pobre ancião, ridiculamente vestido com um velho traje sujo e gorduroso, perguntou-lhes se o reputavam menos do que aquele pobre homem — "que aos deuses já não agrada" — responderam imediatamente: — "E, todavia, replicou-lhes, vive ainda com muito menos do que eu e está, apesar disso, muito contente. Afinal, — disse-lhes mais — se eu receber tão grande soma de ouro e não usá-lo, de nada me adiantará e se me servir dele, gastando-o, o resultado será que toda esta cidade começará a falar mal de mim e do rei.”

Novas recusas de Fócion.

XXVII. Assim, foi recambiado o presente para fora de Atenas, servindo de notável exemplo a todos os gregos, para lhes dar a conhecer que mais rico era aquele que não tinha o que fazer com tanto ouro e prata, do que aquele que lhe dava. Alexandre, tendo sabido que seu presente havia sido recusado, ficou descontente e escreveu a Fócion, que não podia considerar seus amigos, os que recusavam receber presentes dele; todavia, mesmo assim não tomou o dinheiro, mas somente solicitou-lhe o favor de libertar Equecrátidas, retórico, Atenodoro, natural da cidade de Imbro e dois coríntios, Demarato e Esparton, que haviam sido retidos prisioneiros na cidade de Sardis, por algumas faltas de que os acusavam. Alexandre imediatamente os fez libertar, enviando Crátero à Macedónia e ordenando-lhe dar a Fócion uma dessas quatro cidades da Ásia, que preferisse mais, Quios{1085}, Gergueto{1086}, Milas-ses{1087}, ou Eléia{1088}, dizendo-lhe que se enfureceria mais amargamente do que na pri meira vez, se as recusasse; todavia, Fócion não quis aceitar nenhuma. E Alexandre pouco depois morreu. Vê-se ainda hoje, no bairro de Melita{1089} a casa de Fócion, decorada com lâminas de cobre, mas quando morava nela era simples e sem nenhuma superfluidade.

Mulheres de Fócion.

XXVIII. Quanto às mulheres que desposou, não encontram nada por escrito da primeira, senão que Cefisódoto, modelador de imagens, era seu irmão; mas a segunda não foi menos famosa em Atenas por sua honestidade e simplicidade em todas as suas ações, assim como Fócion, por sua justiça e bondade. Segundo tal propósito, dizem que um dia, como os atenienses estivessem reunidos no teatro para ver desempenhar as Tragédias novas, um dos atores, na hora mesmo que devia entrar no palco para desempenhar seu papel, pediu ao empresário uma máscara de rainha e um acompanhamento de moças enfeitadas magnificamente, porque desempenhava o papel de uma princesa; o outro não concordou e o comediante enfureceu-se, fez cessar os jogos, e não quis sair do palco. Melâncio, que era o empresário, puxou-o à força, gritando bem alto: — "Não vês a mulher de Fócion, que vai sempre só com uma camareira à cidade e, tu queres te fazer glorioso e corromper os costumes das damas de Atenas?" Essas palavras foram ouvidas pela assistência, a qual, pelo grande barulho que fez batendo palmas, mostrou achá-las muito a propósito. Esta dama, tendo uma de suas amigas da região da Jônia, vindo a A tenas, exibiu-lhe suas joias e anéis de ouro enriquecidos com pedras preciosas, deu-lhe esta resposta: — "Todo meu ornamento é meu marido Fócion que há vinte anos tem sido continuamente eleito capitão dos atenienses".

Conduz seu filho a Esparta para aí ser formado na disciplina dos lacedemônios.

XXIX.{1090} Seu filho deu-lhe a entender um dia que desejava competir com os outros rapazes, a ver quem levantaria o prêmio de descida e subida sobre os carros, correndo à rédea solta nos jogos dos festejos denominados em Atenas, Panathenea; o qu e o pai lhe permitiu, não porque lhe viesse alguma honra de tal vitória, mas a fim de que, adestrando-se nesse honesto exercício, se tornasse mais útil, porque era rapaz bastante dissoluto e que amava o vinho; todavia, tendo conquistado o prêmio, houve vários amigos de seu pai que lhe pediram para homenageá-lo, festejando em suas casas aquela vitória. Fócion recusou a todos os outros, exceto a um só, ao qual permitiu fazer esta exibição de boa vontade para com sua casa e foi ele mesmo ao jantar onde, entre outras delícias e superfluidades, constatou que haviam preparado banhos de vinho e especiarias odorantes para lavar os pés dos convidados logo que entrassem no festim. Chamou seu filho e lhe disse: — "Como suportas, Fócio{1091}, que este nosso amigo prejudique e desonre assim tua vitória com estas superfluidades?" E desejando retirar imediatamente esse rapaz daquela dissoluta maneira de viver, levou-o a Esparta,

colocando-o com os meninos que são criados na disciplina denominada lacônia. Isto desagr adou aos atenienses, ao verem que Fócion desprezava assim os costumes, hábitos e maneiras de seu país, e como Demades, o orador lhe dissesse: — "Por que não persuadimos nós ao povo ateniense para adotar a forma de governo e a disciplina da Lacedemônia ? Quanto a mim, se quiseres concordar, eu me ofereço para propo-lo". — "Verdadeiramente, respondeu então Fócion, seria bem decente que persuadisses os atenienses a viver como os lacedemônios e elogiar as ordens de Licurgo, que são austeras, tu que és comumente tão perfumado e andas tão delicadamente vestido".

Conduta de Fócion com relação a Harpalo.

XXX. Uma outra vez, tendo Alexandre pedido que lhe enviassem algumas galeras, os discursadores contrários pregavam que não deviam atender; o povo chamou nominalmente Fócion para ouvir sua opinião, o qual lhes respondeu francamente: —

"Sim, sou de opinião que deveis ser os mais fortes nas armas ou que procureis a amizade daqueles que o são." A Pítias, que estava começando a fazer seus discursos diante do povo e vivia constantemente falando, audacioso e cheio de presunção, Fócion disse: — "Esse novo arengueiro não se calará nunca?" E como Harpalo{1092}, tenente de Alexandre na província da Babilônia, tendo fugido da Ásia com uma grande quantidade de ouro e de prata, descesse ao país do Ático, logo os que estavam acostumados a mercadejar sua língua falando ao povo, acorreram com inveja uns dos outros perante ele, o qual não deixou de jogar a cada um alguma quantia em prata para os atrair e apetecer; pois isto lhe era pouca coisa, dada a grande quantidade que havia trazido; mas a Fócion, enviou deliberadamente setecentos talentos{1093}, querendo pôr ainda o resto de seus haveres e sua própria pessoa sob a proteção e salvaguarda dele. Fócion lhe deu uma bem dura resposta: — "Que o faria arrepender-se, caso não parasse de prejudicar e corromper a cidade de Atenas". Nessa ocasião Harpalo retirou-se muito admirado da presença daqueles que haviam aceito seu dinheiro; mas, pouco depois, os atenienses, pondo seus negócios em deliberação, viu que aqueles que haviam aceito o dinheiro haviam virado a casaca, de tal modo que em lugar de defendê-lo, o acusaram para que não suspeitassem de terem aceito dinheiro dele, Fócion ao contrário, que o havia tão rudemente despedido sem querer receber nada, dando em seus conselhos principal atenção à utilidade pública, teve ainda alguma consideração por Harpalo. Este tentou então, pela segunda vez e por todos os meios ganhar sua amizade mas acabou verificando que era uma fortaleza inexpugnável por meio do dinheiro; mas fez-se amigo de Caneles, genro de Fócion, o que foi causa de maus rumores, pois todos viam que Harpalo confiava em todas as coisas nele, empregando-o em todos os seus negócios, chegando até a encarregá-lo de fazer construir uma magnífica sepultura para a cortesã Pitônica{1094}, da qual fora amante e de quem havia tido uma filha. Mas, se aceitar um tal encargo era ignominioso para Caricies, a obra o difamou ainda mais, quando ficou terminada; pois até hoje se vê a sepultura no lugar que é denominado Hérmio, quando se vai de Atenas a Eleusina, não havendo nada digno de nota ao se considerar despesa{1095}, de trinta talentos, que dizem ter-lhe pago pela construção daquela sepultura. Ainda mais, após o falecimento de Harpalo, Caneles e Fócion mesmo tomaram a filha e a fizeram cuidadosamente criar; todavia sendo Caneles depois chamado perant e à justiça para responder pelo dinheiro que o acusavam de haver recebido de Harpalo, aquele pediu a seu sogro Fócion para ajudá-lo e assisti-lo no julgamento, e favorecer sua defesa; mas Fócion recusou, dizendo-lhe: — "Eu o aceitei, Caricies, como meu genro somente, para as coisas justas e honestas".

Prudente conduta de Fócion diante da morte de Alexandre.

XXXI. O primeiro que trouxe a Atenas a notícia da morte de Alexandre foi um Asclepíades, filho de Hiparco, ao qual Demades dizia que não poderiam dar fé: — "Porque, disse ele, se fosse verdadeiro, toda a terra sentina o odor de uma tal morte". Mas Fócion, vendo que o povo já levantava a cabeça, farejando novidades, procurou moderá-lo e contê-lo; e como muitos dos discursadores subissem incontinente à tribuna e gritassem que a notícia de Asclepíades era certa e que Alexandre estava verdadeiramente morto, Fócion respondeu-lhes: — "Se ela é verdadeira hoje, será portanto verdadeira amanhã e depois de amanhã; portanto, senhores atenienses, não vos apresseis, mas deliberai sossegadamente e estabelecei seguramente o que tendes a fazer". E como Leóstenes, que tanto fez por suas tramas que atirou a cidade de Atenas na guerra que chamam "a guerra dos gregos"{1096}, perguntasse zombando a Fócion, que estava irritado, que bem havia feito em favor da coisa pública em tantos anos de poder como capitão-general de Atenas, Fócion respondeu-lhe: — "O bem que fiz não é pequeno; pois enquanto fui capitão, os cidadãos de Atenas foram enterrados nas sepulturas de seus antepassados". Esse Leóstenes falava alto e avantajadamente diante do povo, razão por que Fócion lhe disse um dia: "Teus propósitos, rapaz amigo, assemelham-se propriamente aos ciprestes; pois são grandes e altos, mas não dão frutos". Então Hipérides, levantando-se nos pés, perguntou-lhe: — "Então, Fócion, quando aconselharás os atenienses a guerrear?" — "Quando vir, disse ele, os rapazes bem disciplinados em suas fileiras, os ricos contribuindo voluntariamente com dinheiro e os oradores se abstendo de furtar a república".

O que pensava da guerra denominada Lamaica.

XXXII. No entanto, diversos se encantaram de ver a bela e poderosa armada que Leóstenes havia organizado e perguntaram a Fócion o que lhe parecia tal preparativo. — "É belo, disse ele, para uma corrida no estádio{1097} mas receio a volta e a continuação da guerra, porque não vejo onde esta cidade tenha meios de conseguir dinheiro, nem outros navios, nem outros soldados além desses". Isto foi depois testemunhado pelos acontecimentos, porque de início Leóstenes praticou grandes feitos de armas, pois derrotou os beócios e colocou Antípater dentro da cidade de Lâmia; o que levantou os atenienses em grande esperança, de sorte que não faziam em Atenas outra coisa senão festas e sacrifícios contínuos, para render graças aos deuses por estas boas notícias; havia alguns que procuravam convencer Fócion, de maneira que não soubesse o que responder, e perguntavam-lhe se desejava tomar parte em tão belas festas: — "Sim, verdadeiramente, respondeu-lhes, eu desejaria de fato, mas continuo aconselhando o que aconselhei". E como escrevessem e trouxessem todos os dias boas notícias umas sobre as outras, disse: — *Ó deuses! Quando cessaremos de vencer e de ganhar?" Todavia Leóstenes, no final, tendo morrido nessa viagem, aqueles que receavam ser Fócion nomeado capitão em lugar dele, e fizesse a paz, nomearam um personagem pouco conhecido e de baixa classe que em plena assembleia do conselho veio dizer que, sendo amigo de Fócion e seu companheiro de escola, suplicava ao povo para poupá-lo e salvaguardá-lo porque não tinham outro semelhante a ele e que enviassem antes ao campo a Antífilo. Manifestando-se o povo de acordo, Fócion foi à frente e disse que não havia estado nunca na escola com aquele homem, e mais ainda, que não o conhecia de modo algum, nem nunca havia sido seu amigo: — "Entretanto, quem quer que tu sejas, disse ele, tenho-te doravante por meu amigo e por meu benfeitor, pois aconselhaste ao povo o que me é mais excelente".

Dá ordem para arrolar homens até sessenta anos.

XXXIII. No entanto o povo, a toda força, querendo ir contra os beócios, Fócion resistiu o mais que pôde, com palavras primeiramente; e como seus amigos lhe observassem que se faria matar, contrariando assim a vontade popular, respondeu-lhe: —

Sem razão me farão morrer, se faço e procuro o que lhes é útil; e com razão também, se o que faço os contraria". Mas vendo que nem assim eles não concordavam, mas gritavam mais e mais contra ele, então ordenou aos arautos que proclamassem ao som da trombeta, que todos os burgueses, camponeses e habitantes de Atenas, desde a idade de quatorze anos, até sessenta, estivessem prontos, ao partir da assembleia, a segui-lo nas armas, trazendo víveres para cinco dias. Ouvido tal brado, houve grande tumulto em toda a cidade e acorreram incontinente os velhos à sua presença para se queixarem da dureza da ordem; respondeu-lhes: — "Isto não é nenhum erro, pois eu mesmo, que estou com a idade de oitenta anos, estarei convosco".

Derrota Micion.

XXXIV. Assim os reteve e lhes fez perder seu louco desejo de guerrear, mas sendo a costa da praia percorrida e pilhada pelo capitão Micion, o qual, com bom número de macedônios e outros estrangeiros havia descido no território do bairro de Ramnus e danificava toda a região plana nos arredores, Fócion para ali conduziu os atenienses; entretanto, como vários acorressem a ele, intrometendo-se em seu cargo de capitão e pondo-se a aconselhar, uns para alojar seu acampamento sobre tal outeiro, outros, a enviar a tal local os soldados da cavalaria, outros ainda a acampar aqui: — "Ó Hercules, disse-lhes, que quantidade vejo de capitães e tão poucos soldados!" Depois, quando alinhou seus soldados em formação de batalha, houve um que se atirou bem longe adiante dos outros, fora de sua linha; mas, tendo lambem avançado um dos inimigos para enfrentá-lo, o ateniense teve medo, e voltou ao seu lugar; então Fócion lhe disse: — "Não tens vergonha, jovem estouvado, de haver assim, por duas vezes, abandonado tua fileira, uma na qual foste colocado por teu capitão e a outra na qual te colocaste por ti mesmo?" E imediatamente carregou contra o inimigo, rompeu-o à força e matou sobre o campo o capitão Micion, com um bom número de seus soldados.

Vitória, e em seguida, derrota dos gregos confederados.

XXXV. Ora, achava-se então a armada dos gregos na Tessália, onde ganhou uma batalha{1098} contra Antípater e contra Leonato, que se havia unido a ele com os macedônios que havia pouco trouxera da Ásia e ali foi morto Leonato, sendo Antífilo comandante dos soldados da infantaria e Menon Tessaliano, da cavalaria. Mas pouco tempo depois, tendo Crátero passado da Ásia para a Europa com uma poderosa força, houve outra batalha próxima à cidade de Cranon{1099} na qual os gregos foram derrotados; todavia, a derrota não foi tão grande e não morreram muitos soldados; isto mesmo aconteceu devido à desobediência dos soldados aos capitães, que eram muito brandos, enquanto que eram eles muito jovens; também, tão logo Antípater forçou suas cidades, eles debandaram todos e abandonaram vergonhosamente a defesa da liberdade comum. Assim, Antípater logo se encaminhou diretamente com sua armada para diante da cidade de Atenas. Pressentindo tal, Demóstenes e Hipérides abandonaram a cidade; mas Demades, não podendo pagar o dinheiro que devia ao erário público, tendo sido condenado em sete multas, por haver tantas vezes proposto e levado avante coisas contrárias às leis, tornou-se impopular e não lhe era fácil falar e discursar em público; todavia, sendo dispensado na hora, propôs que enviassem embaixadores com plenos poderes a Antípater, para conseguir tratar alguma paz com ele.

Fócion é enviado na qualidade de embaixador diante de Antípatro e Crátero.

XXXVI. O povo, temendo conceder este poder absoluto para tratar com quem quer que fosse, chamou nominalmente Fócion, dizendo que não havia senão ele em quem se pudesse confiar. E então respondeu-lhes Fócion: — "Se eu fosse acreditado quando vos dei conselhos, não estaríeis agora em dificuldade". Assim, sendo o decreto autorizado pelo povo, foi enviado pessoalmente à presença de Antípater, o qual estava então acampado na Cadméia, preparando-se para entrar logo no país do Ático. Fócion solicitou-lhe que, antes de se desalojar dali, fizesse a paz com eles, ao que Crátero respondeu prontamente: — "Fócion, tu não nos pedes coisa razoável, pois ficando aqui, estamos solapando o país de nossos aliados e amigos, ao passo que acolá, onde podemos viver e nos enriquecer, é justamente o território de nossos inimigos"; todavia Antípater, tomando Crátero pela mão: — "É preciso, disse ele, que concordemos em dar esse prazer a Fócion". Mas, quanto às condições de paz, estipulou que os atenienses as aceitassem aquelas que lhes impusesse, tal como acontecera quando ele, sitiado dentro da cidade de Lâmia, deixara todas as condições de sua rendição ao comandante Leóstenes. Ouvida esta resposta, Fócion voltou a Atenas, onde o povo, vendo-se constrangido, foi obrigado às condições do tratado que lhe oferecia o inimigo.

Nova embaixada de Fócion.

XXXVII. Assim, Fócion voltou imediatamente à Tessália, à presença de Antípater com outros embaixadores, entre os quais os atenienses estima e a reputação da virtude desse personagem elegeram o filósofo Xenocrates, porque a fama, a eram tão grandes em todo o mundo, que pensavam não haver arrogância, nem crueldade, nem cólera tão grande em coração de homem, fosse quem fosse, que só o olhar de Xenocrates não abrandasse até obrigá-lo a dar-lhe alguma honra e reverência. Não obstante, isso, aconteceu tudo ao contrário, devido à maldade da natureza de Antípater, inimiga de toda virtude; pois, primeiramente, não se dignou nem saudá-lo, quando abraçava todos os outros. Sobre isto, Xenocrates teria dito então: — "Antípater fez bem tendo vergonha de me ver como testemunha do seu mau papel e do tratamento iníquo que quer dar aos atenienses". Depois, quando começou a falar, não teve paciência de ouvi-lo, mas interrompendo-o a todo momento, e tratando-o com aspereza, ordenou afinal calar-se por completo; mas depois que Fócion falou, deu-lhe resposta, segundo a qual os atenienses teriam paz, aliança e amizade com ele, contanto que lhe entregassem Demóstenes e Hipérides em suas mãos; que governassem seu Estado segundo a forma de governo instituída pelos seus antepassados, onde não houvesse privilégios nos cargos da administração; que recebessem guarnição dentro do porto de Muníquia{1100} ; que reembolsassem o dinheiro despendido na guerra e, além disso, pagassem uma certa quantia como multa. Todos os outros embaixadores se contentaram e aceitaram essas condições de paz como suaves e humanas, exceto Xenocrates, o qual disse que para escravos, ele os tratava muito delicadamente; mas para um povo franco e livre, muito duramente. Então Fócion suplicou-lhe que transigisse ao menos quanto à guarnição; ao que, segundo dizem Antípater respondeu: — "Fócion, nós desejamos recompensar-te em todas as coisas, menos naquelas que sejam causa de tua ruína e da nossa". Outros escrevem que não respondeu assim, mas perguntou-lhe se garantia que os atenienses manteriam integralmente os artigos e condições da paz, sem qualquer novidade sem distúrbios, se ele os isentasse de receber a guarnição. Como Fócion se calasse e demorasse a responder, um tal Calimedon, denominado Carabos, homem violento e que odiava a liberdade popular, atirando-se entre eles, disse: — "E se este fosse tão louco em garantir isto, Antípater, acreditarias nele portanto, e deixarias por isto de fazer o que deliberaste?”

Os atenienses são obrigados a receber guarnição.

XXXVIII. Assim, foram os atenienses obrigados a receber a guarnição dos macedônios, da qual Menilo foi capitão, homem honesto e amigo de Fócion. Essa ordem de receber guarnição dentro do porto de Muníquia foi considerada como orgulho e exigida por Antípater mas por uma vã glória para demonstrar ultrajantemente seu poder, do que pelo bem que pudesse advir

aos seus negócios. Ainda mais, no dia em que isto aconteceu, aumentou ainda mais o pesar; pois foi justamente no vigésimo dia de agosto{1101} que sua guarnição entrou ali, quando se celebra a festa dos Mistérios{1102}, na qual se habituaram a fazer a procissão chamada Jacos, desde a cidade de Atenas até à de Eleusina, de sorte que, estando a solenidade desta santa cerimônia um tanto confusa, acudiu ao pensamento de vários, a consideração de como, antigamente, nos tempos felizes da república, haviam sido ouvidas e vistas vozes e visões divinas em tal dia, do que os inimigos haviam ficado assustados e amedrontados, e agora, ao contrário, na mesma solenidade, os deuses viam a mais triste calamidade que podia ter vindo à Grécia e justamente no dia mais santo e mais agradável, o qual começaria a ser contaminado com o mais desgraçado acontecimento, que jamais viera aos gregos, que era a perda de sua liberdade.

Mais de doze mil atenienses são privados do direito de cidadania.

XXXIX. Ora, poucos anos antes, haviam trazido um oráculo de Dodone{1103} a Atenas: "Que guardassem bem os rochedos de Diana, de mod o que os estrangeiros deles não se apoderassem"; e aproximadamente, nesse mesmo tempo, as cortinas{1104} que se achavam colocadas à volta dos santos leitos místicos, estando banhadas em água, trinaram uma cor amarelada e pálida como a de um morto, em lugar da cor viva de púrpura que tinham antes; e, ainda mais, os outros panos dos particulares não sagrados, que eram molhados juntos, dentro da mesma água, mantinham sua inocente vivacidade de cor. E como um dos sacerdotes do templo lavasse um porquinho dentro do mar num lugar da praia, puro e limpo, saiu de repente um grande peixe do mar que o retirou dentre as mãos e engoliu todo o traseiro; daí conjecturaram que os deuses lhes davam a entender que perderiam a parte baixa de sua cidade e a mais próxima do mar, mas que salvariam as partes altas; todavia, essa guarnição, dada a honestidade do capitão Menilo, não aborreceu os atenienses. Mas houve mais de doze mil cidadãos que foram privados do direito de burguesia, em razão de sua pobreza, dos quais uma parte ficou em Atenas a quem parece que causavam um grande dano e uma grande injúria; e uma outra parte foi-se para a Trácia, onde Antípater assinou-lhes cidades e terras para morar. Esses pareciam propriamente pessoas cuja cidade tivessem tomado de assalto, ou por assédio e que fossem assim obrigados a abandonar seu país.

Dureza e tirania de Antípatro.

XL. Em suma, a morte de Demóstenes na ilha de Caláuria{1105} e de Hipérides próximo à cidade de Cléones{1106} o que narramos em outro local, quase que foram causa de se recordar com saudade o tempo dos reinados de Filipe e de Alexandre; tanto, que daí em diante diziam que Antígono, tendo sido derrotado, esses que o haviam vencido e morto oprimiram e trataram tão rudemente seus súditos, que no país da Frigia, um lavrador, revolvendo a terra e sendo interrogado sobre o que procurava, respondeu suspirando: — "Procuro Antígono". Também vinha a outros o mesmo pensamento, quando rememoravam a magnanimidade e generosidade desses dois grandes príncipes, que, mau grado a sua cólera, perdoavam facilmente e voltavam atrás em suas decisões, não assim como Antípater, que sob a máscara de se portar como homem comum, andar simplesmente vestido, viver sobriamente e com pouca despesa, dissimulava o poder tirânico que usurpava e no entanto mostrava-se senhor mais violento e tirano mais cruel para com aqueles de quem a sorte havia fugido. Todavia, Fócion conseguiu dele o retorno de diversos que havia banido e dos que não pode chamar, ao menos conseguiu que seus limites de banimento não ficassem tão longe como dos outros que estavam relegados para além dos montes Acroceraunianos{1107}, e do Tenaro, fora da Grécia, mas que lhe fosse pelo menos possível ficar dentro do Peloponeso, entre os quais estava Agônides, falso acusador.

Sábia conduta de Fócion.

XLl. Afinal, governando os que haviam ficado dentro da cidade com grande justiça e com grande humanidade, quando conhecia alguns de natureza suave e pacífica, mantinha-os sempre em algum cargo; mas aqueles que sabia serem avoados, sediciosos e amantes das novidades, preservava-os de chegar a alguma posição e retirava-lhes todo meio de excitar tumultos, de sorte que feneciam por si mesmos e aprendiam com o tempo a amar o campo e dedicar-se ao cultivo da terra. E vendo que Xenocrates pagava o mesmo tributo à república, que os estrangeiros moradores de Atenas pagavam em cada ano, quis lhe dar o direito de cidadão, para poder ter parte na administração, mas Xenocrates não aceitou, dizendo que não desejava ter parte{1108} num governo, o qual, para impedir, havia sido enviado como embaixador.

Seu nobre desinteresse

XLIl. E como Menilo enviasse dinheiro de presente a Fócion, deu esta resposta, dizendo que Menilo não era maior senhor do que havia sido Alexandre, nem tinha no momento maior ocasião para aceitar seu presente, do que quando havia recusado o do rei; e como Menilo replicasse que se não precisava para si, pelo menos que o aceitasse para seu filho Fócio, respondeu-lhe: — "Se meu filho Fócio, mudando a maneira de viver, quer ser homem de bem, terá bastante para viver com o que lhe deixarei, mas se deseja dirigir-se como atualmente, não há riqueza que lhe possa ser suficiente". Uma outra vez respondeu bem rudemente a Antípater, que desejava obrigá-lo fazer alguma coisa, a qual não era honesta: — "Antípater, não saberei ser amigo e adulador ao mesmo tempo". Antípater mesmo dizia que contava com dois amigos em Atenas, Fócion e Demades, a um dos quais nunca conseguira fazer aceitar nada e não pudera nunca saciar o outro. Também era a pobreza de Fócion um grande argumento de sua probidade, atendendo que havia envelhecido após ter sido em sua vida tantas vezes capitão-general dos atenienses e havia tido a amizade de tantos príncipes e reis, quando Demades sentia prazer em fazer demonstração de sua riqueza até nas mesmas coisas que eram vedadas pelas leis da cidade; pois havia então uma ordem em Atenas, pela qual era proibido a qualquer estrangeiro tomar parte nas danças dos jogos públicos sobre pena da multa{1109} de mil dracmas, que seria paga à república; Demades, fazendo alguns jogos à sua custa, fez vir cem bailarinos estrangeiros para um lance e no mesmo momento trouxe o dinheiro para pagar a multa publicamente no teatro diante de todo o mundo, a mil dracmas para cada cabeça. Uma outra vez, quando casou seu filho, que se chamava Demas, disse-lhe: — "Meu filho, quando desposei tua mãe, houve tão pouca festa, que nosso vizinho próximo não ouviu nada; e, no entanto, agora, os príncipes e os reis contribuem para as despesas de tuas núpcias".

Morte de Demades e de seu filho.

XLIII. Entretanto, os atenienses insistiam com Fócion para requerer de Antípater que retirasse sua guarnição da cidade, mas este encontrava sempre algum meio para rejeitar esse pedido, fosse porque não esperava poder obter esta graça, ou antes porque via que o povo estava mais humilde e muito fácil para se deixar conduzir pela razão do temor daquela guarnição; mas conseguiu de Antípater que não reclamasse prontamente seu dinheiro, protelando ainda o pagamento; dado isto, vendo que Fócion não queria compreender de outro modo, viraram-se para Demades, o qual aceitou a incumbência e foi com seu filho à Macedónia, quando, sem nenhuma dúvida, seu destino o conduziu em má hora, pois Antípater já havia caído doente da enfermidade da qual morreu e passavam os negócios para as mãos de seu filho Cassandra, o qual havia surpreendido uma carta particular de Demades, em que

notificava Antígono, na Ásia, que viesse com toda diligência para se apoderar da Grécia e da Macedónia, que não pendia senão de uma rede velha, ainda assim toda podre, criticando Antípater. Cassandra, avisado que foi de sua chegada, o fez aprisionar imediatamente{1110} e, aproximando primeiramente seu filho bem junto dele, matou o rapaz diante de seus olhos, tão perto, que o sangue esguichou sobre ele, ficando o pai todo ensanguentado; depois, após haver censurado sua ingratidão e sua desleal traição e ter-lhe feito e dito todas as vilanias e ultrajes que podia lembrar, matou-o também.

Fócion aconselha Nicanor a tratar os atenienses com brandura.

XLIV. Antípater, entretanto, em sua morte, havia estabelecido Polipercon capitão-general do exército dos macedônios e Cassandra, coronel de apenas mil homens da infantaria. Cassandra, assim que ele morreu, tomando os negócios em sua mão, enviou subitamente Nicanor para suceder a Menilo no cargo de capitão da guarnição de Atenas, antes que a morte de seu pai fosse divulgada, ordenando-lhe de se apoderar, de qualquer modo, da fortaleza de Muníquia, o que foi feito. E, poucos dias depois os atenienses souberam da notícia da morte de Antípater, pelo que Fócion foi muito censurado e acusado de ter conhecimento muito tempo antes dessa morte e de se haver calado para auxiliar Nicanor; todavia, não fez caso dessas imputações, mas travou relações com Nicanor e o entreteve tão bem, que não somente o tornou delicado e atencioso para com os atenienses, mas, ainda mais, persuadiu-o a fazer alguma despesa para dar ao povo o passatempo de alguns jogos que fez realizar a suas expensas.

Polispe rco engana os atenienses por meio de cartas que lhes trazem sua liberdade.

XLV. Nesse ínterim, Polipercon, que estava encarregado da pessoa do rei, querendo oferecer um estojo de instrumentos cirúrgicos a Cassandra, enviou ao povo de Atenas uma patente, pela qual estava expresso, como o jovem rei devolvia aos atenienses a plena e inteira liberdade do estado popular, querendo e entendendo que todos os atenienses, indiferentemente, governassem seu Estado, segundo as leis, usos e costumes de todos os tempos preservadas em seu país, assim como haviam feito seus predecessores. Isto era uma armadilha para Fócion; pois Polipercon, urdindo esta trama para se apoderar da cidade de Atenas, como evidenciou bem logo com efeito, não esperava poder realizar este seu intento, se não encontrasse primeiramente meios de expulsar Fócion; e julgou que seria expulso, logo que aqueles que haviam sido privados de seu direito de cidadania e tinham visto suas reivindicações negadas, voltassem a intrometer-se na administração, quando os discursadores e caluniadores teriam então o direito de dizer tudo o que quisessem. Os atenienses, cientes do que se passava, começaram a ficar alvoroçados. Então Nicanor, desejando falar-lhe no Senado, que se havia reunido no Pireu, para ali se dirigiu, colocando-se sob a proteção de Fócion. Dercílio, capitão das forças do rei, que se achavam acampadas fora da cidade, avisado secretamente, resolveu aprisioná-lo. Nicanor, entretanto, sentiu soprar o vento em boa hora e conseguiu salvar-se.

Nicanor empreende apoderar-se do Pireu.

XLVI. Era evidente que ele queria incontinente vingar-se deste ultraje, sobre a cidade, e acusavam Fócion de não ter retido Nicanor, deixando-o escapar; a isto respondeu que confiava nas promessas de Nicanor e que sabia que não havia nenhum perigo e temor desse lado;

todavia, se acontecesse de outra forma, que considerava melhor ser. ofendido e enganado, do que ofender e causar dano. Esta resposta, se se referisse a um assunto que não concernesse senão a ele só, poderia parecer, a quem a considerasse de perto, haver partido de uma grande bondade e grande magnanimidade, mas atendendo que colocava na sorte a salvação de seu país, sendo mesmo capitão-general e mantendo cargo de autoridade pública, eu não sei se transgredia um outro direito e não violava uma outra fé prévia e de maior obrigação, isto é, a atenção que devia para com todas as coisas, para o bem e segurança de seus concidadãos. Não se poderia também alegar em sua defesa, que ele não desejou por a mão sobre Nicanor, pelo receio de atirar sua cidade na guerra, mas como uma capa que colocava adiante, devido ter-lhe prometido e jurado e a justiça que quis observar no caso, a fim de que por consideração a ele, Nicanor, depois se mantivesse em paz e não causasse prejuízo nenhum aos atenienses; mas na verdade parece que de outra coisa aquele não abusou, a não ser da grande confiança que lhe depositara, como é evidente, porquanto vários vieram a concluir que espreitava os meios de poder surpreender o porto de Pireu, que fazia todos os dias passar guerreiros para a ilha de Salamina e procurava corromper por dinheiro alguns dos moradores dentro do recinto do porto; ele, entretanto, não quis nunca dar ouvidos nem acreditar. E, ainda mais, tendo Filomedas Lampnano{1111} proposto um decreto, segundo o qual os atenienses deviam se manter prontos em armas, para fazer o que o capitão Fócion lhes ordenasse, não fez caso, até que Nicanor, saindo com as armas do forte de Muníquia, começou a fechar as trincheiras do porto do Pireu, mas então quando Fócion pensou em levar o povo para impedi-lo, encontro u-o amotinado contra ele, de maneira que nenhuma pessoa parecia querer obedecer às suas ordens.

Fócion acusado de traição.

XLVII. Nesse entrementes, Alexandre, filho de Polipercon, chegou com uma armada, sob a aparência de vir em socorro dos habitantes da cidade contra Nicanor, mas em verdade com a intenção de se apoderar, ele mesmo, do resto da cidade se pudesse, mesmo porque estava em revolução uma parte contra a outra porque os bandidos aí entraram em co nfusão e acorreram também muitos estrangeiros e outras pessoas com a nota de infâmia, de modo que se manteve uma assembleia da cidade confusa com pessoas recolhidas de todas as camadas sociais, sem ordem nenhuma, na qual Fócion foi deposto de seu cargo, sendo eleitos outros capitães em seu lugar; e se não tivessem percebido Alexandre que falava a sós com Nicanor, voltando por várias vezes bem próximo às muralhas da cidade, (o que pôs os atenienses em desconfiança e suspeita) julgando que ele não quisera livrar a cidade daquele perigo. Foi Fócion incontinente acusado asperamente de traição pelo orador Agnônides; receando isso, Calimedon e Péricles{1112} ausentaram-se em boa hora da cidade, e Fócion com seus outros amigos que não haviam fugido, foram à presença de Polipercon; acompanharam-no também Sólon Plateiano e Dinarco Coríntio, que julgavam ter alguma amizade e alguma intimidade com Polipercon; mas em caminho, tendo Dinarco caído doente na cidade de Elácia, aí ficaram vários dias, esperando que ficasse curado, durante os quais, pela persuasão do orador Agnônides e a instâncias de Arquestrato, que propôs o decreto, o povo enviou à presença de Polipercon embaixadores para acusarem Fócion, de tal modo que os dois partidos chegaram ao mesmo tempo e encontraram-no pelos campos com o rei, próximo de um vilarejo da Fócia denominado Fariges, assentado ao pé do monte Acrorion, que chamam atualmente Gaulês.

Polisperco envia-o atado sobre uma carriola a Atenas.

XLVlll. Ali fez Polipercon estender um doceil de ouro em forma de céu, sob o qual fez sentar o rei e os principais de seus servidores e amigos ao redor dele; mas, de entrada antes de qualquer outro trabalho, fez prender Dinarco e ordenou que o levassem para morrer, após o torturarem e depois disto feito, ordenou aos atenienses que declarassem o que tinham a dizer. E, então começaram a gritar e fazer um grande barulho, acusando-se uns aos outros na presença do rei e de seu Conselho, até que Agnônides indo à frente, disse: — "Senhores

macedônios, fazei-nos por a todos em uma jaula e enviar-nos pés e mãos atados a Atenas, ao povo, para nos fazer dar contas de nosso feito". O rei se pôs a rir com estas palavras; mas os senhores macedônios iam a esta audiência e alguns estrangeiros que haviam vindo para presenciar a acusação, faziam sinais com a cabeça para que deduzissem no momento, em presença do rei, os artigos de suas acusações, antes do que mandá-los de volta ao povo de Atenas. Mas as partes não eram igualmente ouvidas, porque Polipercon muitas vezes tratava mal a Fócion, cortando a todo instante sua palavra, quando este tentava fazer suas justificações até que, colérico, bateu com a bengala que tinha nas mãos em terra, ordenando afinal que se calasse e que se retirasse.

E como Hegemon lhe disse que podia mesmo ser muito boa testemunha de como Fócion havia sempre amado e servido o povo, respondeu-lhe furioso: — "Não venhas aqui mentir falsamente em presença do rei". O rei então levantou-se de seu trono e tomando uma lança, procurou bater em Hegemon se Polipercon não o tivesse abraçado subitamente pelas costas, retendo-o, e assim, dissolveu-se esta audiência e assembleia de Conselho; mas logo houve guardas que agarraram Fócion e os que estavam junto dele. Vendo isso, alguns outros de seus amigos, que estavam um pouco distantes, cobriram ridiculamente o rosto e fugiram rapidamente dali; os outros foram levados prisioneiros a Atenas por Clito, não tanto para fazer e completar seu processo, como dizem, mas para os executar, como já sendo condenados à morte. Ainda foi o modo como os conduziram, ignominioso; pois os arrastaram sobre carnolas em toda a extensão da grande rua de Cerâmica, até ao teatro, onde Clito os deteve até que os magistrados houvessem reunido o povo, sem excluir desta assembleia nem escravo, nem estrangeiro, nem homem com marca de infâmia; mas deixaram o teatro aberto a todos e a todas, de qualquer condição que fossem e a tribuna dos discursos livre a quem quisesse falar contra eles.

O povo condena-o à morte.

XLIX. Foram primeiramente lidas publicamente as cartas do rei, pelas quais dizia ao povo que havia julgado esses criminosos atingidos e evidenciados de traição, mas que os havia enviado de volta para julgamento e seu conhecimento, para os condenar, como homens que eram, francos e livres. Então Clito apresentou seus prisioneiros diante do povo, quando as pessoas de bem e de honra, assim que viram Fócion, abaixaram os olhos contra a terra, cobrindo o rosto com medo de olhá-lo, e puseram-se a chorar; todavia, houve um que se levantou e disse alto e claro: — "Senhores, desde que o rei submete ao povo o julgamento de tão grandes personagens, seria pelo menos razoável que fizesse sair desta assembleia os escravos e os estrangeiros que não são cidadãos de Atenas". Mas a plebe não quis consentir, e pôs-se a gritar que deviam castigar esses traidores inimigos do povo, que desejavam retirar a autoridade soberana para dá-la a um pequeno número de tiranos, de tal modo que não houve pessoa alguma que ousasse falar por Fócion. Tendo dificilmente e com grande luta obtido a palavra, Fócion perguntou: — "Senhores atenienses, como quereis nos fazer morrer, com justiça ou injustamente?" Alguns lhes responderam: — "Com justiça". — "Como, replicou ele, podeis fazê-lo, se não ouvis primeiramente nossas justificações?" Nem assim puderam conseguir. Então Fócion, aproximando-se mais para perto, disse-lhes: — "Bem, senhores, confesso vos haver causado dano que as faltas que cometi na administração de vossa república, mereçam a morte; mas esses que estão comigo, por que quereis fazê-los morrer, levando em conta que não cometeram nenhum crime?" A plebe respondeu-lhe: — "Porque são teus amigos! Ouvida esta resposta, Fócion retirou-se sem dizer mais uma só palavra. E o orador Agnônides, tendo um decreto já escrito, leu-o, pelo qual o povo julgasse, pela pluralidade das vozes, se esses prisioneiros tinham cometido crimes contra a república, ou não; e quando fossem da opinião que tinham crimes, seriam todos condenados à morte. Quando esse decreto foi lido, houve os que gritaram bem alto que ajuntassem ainda mais a esse decreto, que Fócion antes de ser executado, fosse primeiramente martirizado; e de fato ordenaram que trouxessem a roda de tortura e fizessem vir os carrascos; mas Agnônides vendo que mesmo Clito estava descontente com isto, julgando ser uma crueldade bárbara e

detestável, disse bem alto: — "Quando tiverdes entre vossas mãos um velhaco como Calimedon, senhores atenienses, então o fareis martirizar; mas contra Fócion, eu não saberia ser o autor". Então houve um homem de honra na assembleia que ajuntou: — "Fazes bem, Agnônides, em dizer isto; pois se martirizássemos Fócion, que deveríamos fazer contigo?" Esse decreto, sendo autorizado e segundo seu teor, o julgamento posto à pluralidade dos votos do povo, não houve um na assembleia que ficasse sentado, mas levantaram-se todos e a maioria ainda pôs chapéus de flores sobre suas cabeças pelo prazer que sentiam em condenar esses prisioneiros à morte.

Constância de Fócion.

L. Estavam com Fócion, Nicocles, Tudipo, Hegemon e Pitocles, mas Demétrio, o Faleriano, Calimedon e Caricies achando-se ausentes, foram também condenados a morrer. Assim, terminada a assembleia, os condenados foram conduzidos à prisão para serem executados, quando todos os outros, abraçando pela última vez seus parentes e amigos que encontravam pelo caminho, iam chorando e lamentando sua miserável sorte, Fócion ia com a mesma fisionomia que demonstrava antes como capitão, quando o acompanhavam por honra, da assembleia até sua casa, e assim emocionava, com grande compaixão, os corações de diversos, quando iam considerando com admiração a constância e força de coragem que existiam nele; e ao contrário, aí estavam também outros maldosos e inimigos seus, que corriam o mais perto que podiam atrás dele para lhe dizerem vilanias, entre os quais houve um. que, abordando-o pela frente, cuspiu-lhe no rosto; então Fócion virando-se para os magistrados, disse-lhes: — "Não fareis cessar a insolência deste homem? Quando chegaram à prisão, Tudipo, vendo a cicuta que socavam para os fazer beber, pôs-se a lamentar e a atormentar-se desesperadamente, dizendo que cometiam um grande erro fazendo-o morrer com Fócion: — "Como, respondeu-lhe Fócion, não recebes como grande conforto, fazerem-te morrer comigo?" E como algum dos assistentes lhes perguntasse se desejava mandar dizer alguma coisa a seu filho Fócion{1113}: — "Certamente, disse ele, que não procure nunca vingar o erro que me fazem os atenienses". Então Nicocles, que era o mais fiel de seus amigos, pediu-lhe que lhe permitisse beber o veneno primeiro do que ele. Fócion respondeu-lhe: — "Tu me fazes um pedido que me é bem doloroso e bem difícil, Nicocles; mas como em minha vida nunca te recusei nada, ainda concedo-te agora na minha morte o que me pedes". Quando todos os outros haviam bebido, aconteceu que não havia mais cicuta e o carrasco disse que não moeria mais nenhuma, se não lhe entregassem doze dracmas de prata, porque tanto lhe custava, de modo que ficaram muito tempo neste estado, até que Fócion mesmo, chamando um de seus amigos, pediu-lhe para entregar ao carrasco esse pouco dinheiro que pedia, pois não se podia morrer em Atenas, sem que custasse dinheiro.

Um pobre homem chamado Conópio cumpre com os deveres fúnebres

LI. Foi no décimo-nono dia do mês de março{1114} no qual os cavaleiros estão acostumados a fazer uma procissão em honra de Júpiter; mas uns retiraram os chapéus de flores que deviam trazer sobre suas cabeças, e outros, olhando a porta da prisão passando pela frente, puseram-se a c horar. Pareceu a esses que não estavam despojados de toda humanidade e que não tinham o juízo totalmente depravado por rancor e inveja, que era um sacrilégio muito grave contra os deuse s, de não haver pelo menos esperado passar esse dia, a fim de que uma festa tão solene como aquela, não fosse poluída nem contaminada com a morte violenta de homens; todavia, seus inimigos, não tendo ainda sua ira saciada, fizeram ordenar pelo povo que seu corpo seria transportado para fora dos limites do país do Ático e proibido aos atenienses acender fogo algum em seus funerais; razão porque não houve nenhum de seus companheiros que ousasse por-lhe a mão. Mas um pobre homem chamado Conopião, que estava acostumado a ganhar sua vida nisto, por algumas moedas de prata que lhe deram, tomou o corpo e levou-o para além da cidade de Eleusina e fazendo fogo sobre a terra dos megarianos, queimou-o; e, houve uma dama megána, a qual encontrando-se por acaso nesses funerais com suas criadas,

levantou um pouco a terra no lugar onde o corpo havia sido embalsamado e queimado, fazendo como um túmulo vazio, sobre o qual espargiu as fusões que se costumam espargir nos falecidos, mas recolhendo os ossos, levou-os dentro de seu regaço à noite, para sua casa e enterrou-os junto da sua lareira, dizendo: — "Ó querido lar, deposito em tua guarda estas relíquias de um homem de bem e peço-te que as conserves fielmente para as devolver um dia à sepultura de seus antepassados, quando os atenienses vierem a reconhecer o erro que cometeram nesta ocasião".

Arrependimento dos atenienses, honras restituídas a Fócion. Castigo de seus acusadores

LII. Não se passou muito tempo sem que os negócios públicos fizessem sentir aos atenienses que haviam feito morrer aquele que mantinha a justiça e a honestidade em Atenas. Por esta razão fizeram erigir uma estátua de cobre e sepultaram honradamente seus ossos a expensas da república; quanto aos seus acusadores, eles mesmos fizeram morrer Agnônides; os dois outros, Epicuro e Demófilo tendo fugido, foram encontrados depois por seu filho Fócion que vingou o pai. Esse Fócion, na ocasião, não tinha valor algum; mas tornou-se enamorado de uma jovem rapariga sustentada por um alcoviteiro e, encontrando-se, por acaso, um dia, dentro da escola do Liceu, ouviu um discurso e um argumento de Teodoro, aquele que foi denominado o Ateísta, isto é, descrente, que negava que existissem deuses: — "Se não há vergonha alguma em libertar da escravidão um seu amigo, também não é vergonhoso libertar uma sua amiga, e se não o é para tirar do cativeiro um companheiro seu, também não o é tirar uma companheira sua". Esse jovem, acomodando este argumento com a sua paixão e fazendo suas contas, o que podia fazer com razão, tirou das mãos desse tratador de animais a jovem rapariga pela qual estava apaixonado. Em suma, esta morte de Fócion reavivou nos gregos a lembrança de Sócrates e consideraram que foi uma falta e uma calamidade igual para a cidade de Atenas.

Catão de Útica

SUMÁRIO DA VIDA DE CATÃO DE ÚTICA

Nascimento e primeiros traços do caráter de Catão. II. Gênero de seu espírito, sua docilidade. III. Sua intrepidez e constância. IV. Defende o pudor de uma criança de sua idade. V. Estima que as crianças tinham por ele. VI. Lastima não lhe terem dado uma espada para matar Sila. VII. Sua amizade por seu irmão. VIII. Entrega-se ao estudo da filosofia moral e política. IX. Sobe pela primeira vez à tribuna. X. Enrijece seu corpo para defendê-lo de toda sorte-, de fadigas. XI. Passa uma grande parte da noite conferenciando^com filósofos. XII. Afeta uma maneira de viver toda oposta aos costumes e usos de seu tempo. XIII. Desposa Atília. XIV. Campanhas de Catão sob a direção do pretor Gélio. XV. Como disciplina a legião que comanda. XVI. Procura o filósofo Atenodoro. XVII. Honras fúnebres que rende ao seu irmão Cipião. XVIII. Visita a Asia; sua maneira de viajar. XIX. É testemunha das honras que rendem a Demétrio, liberto de Pompeu. XX. Acolhida que Pompeu faz a Catão. XXI. Recusa os presentes do rei Dejotaro. XXII. É nomeado questor. XXIII. Severidade de sua administração nesse cargo. XXV. Paz condenar aqueles que haviam morto os cidadãos proscritos por Sila. XXVI. Assiduidade de Catão em suás funções. XXVII. Anula uma doação registrada por Marcelo. XXVIII. Fiscaliza os livros onde estavam as contas da renda pública desde Sila. XXDX. Declara que não trataria de nenhum negócio nos dias de funcionamento do Senado. XXX. Sua grande reputação; o nome de Catão passa aos provérbios. XXXI. Vai a Lucânia. XXXII. Volta a Roma para solicitar o tribunato. XXXIII. Acusa Murena. XXXIV. Serviços que presta a Cicero no caso de Catilina. XXXV. Determina o Senado a pronunciar a morte contra os jurados. XXXVI. Irmãs e mulheres de Catão. XXXVII. Catão declara no Senado que não suportaria nunca a entrada de Pompeu com seu exército em Roma. XXXVIII. Intrepidez com a qual se apresenta perante a assembleia do povo. XXXIX. Murena leva-o ao templo de Castor e de Pólux. XL. Metelo, não tendo conseguido fazer passar seu decreto, vai encontrar Pompeu na Ásia. XLI. Catão faz conceder o triunfo a Lúculo. XLII. Recusa casar suas duas sobrinhas com Pompeu e com seu filho. XLIII. Aliança e intrigas de César e de Pompeu. XLIV. Catão jura, à solicitação de Cicero, a execução de uma lei agrária. XLV. César faz prender Catão para levá-lo à prisão e o faz pôr em liberdade por um tribuno. XLVI. Catão é enviado a Chipre. XLVII. Bons conselhos que dá a Ptolomeu, rei do Egito. XLVIII. Paz vender os móveis de Ptolomeu, rei de Chipre. XLIX. Indispõe-se com Municio. L. Reconcilia-se com este. LI. Como Catão traz a Roma o dinheiro proveniente da venda em Chipre. LII. Honras que lhe fazem à sua chegada. LIII. Contradiz Cícero, que pretende anular o tribunato de Cláudio. LIV. Catão anima Domício a pedir o consulado em concorrência com Pompeu e Crasso. LV. Pede-o ele mesmo, mas não obtém a pretoria. LVI. Opõe-se à divisão das províncias que Trebônio queria outorgar a Pompeu e a Crasso. LVII. Inúteis representações de Catão a Pompeu. LVIII. Decreto que faz passar pelo Senado para verificar os meios empregados para se fazerem eleger. LIX. Condição que faz estabelecer aos candidatos para os impedir de comprar os sufrágios. LX. Inveja que excita a virtude de Catão. LXI. Catão acusa abertamente Pompeu de aspirar o poder soberano. LXII. Faz nomear Faônio edil e o faz observar maior simplicidade nos jogos que proporciona ao povo. LXIII. É favorável à nomeação de Pompeu como cônsul, sozinho. LXIV. Severidade de Catão nos julgamentos. LXV. Põe-se na fila para solicitar o consulado; mas tem mau êxito. LXVI. Revela ao Senado todos os projetos de César. LXVII. Aconselha a repor todos os negócios nas mãos de Pompeu. LXVIII. Pompeu e Catão saem de Roma. LXIX. Bons conselhos que Catão dá a Pompeu. LXX. Porque Pompeu não lhe dá o comando de sua frota. LXXI. Vitória de Pompeu devida às exortações de Catão. LXXII. Pompeu deixa Catão em Dirráquio para guardar suas bagagens. LXXIII. Depois da batalha de Parsália, Catão passa à Africa, LXXIV. Vai se reunir a Cipião e Varus. LXXV. Encarrega-se de guardar a cidade de Útica. LXXVI. Recebe a notícia da derrota de Cipião. LXXVII. Reanima a coragem dos romanos que estavam em sua companhia. LXXIX. A maioria muda logo de opinião. LXXX. Recusa a proposição de matar ou expulsar todos os habitantes de Útica. LXXXI. Cuidados e passos de Catão para salvar os senadores que estão com ele. LXXXII. Recusa a diligência que trezentos comerciantes romanos estabelecidos em Titica queriam tentar em seu favor junto de César. LXXXIII. Faz partir os senadores e provê a segurança de sua fuga. LXXXIV. Recusa o oferecimento que Lúcio César lhe faz, em solicitar graças a César por ele. LXXXV.

Entretenimento filosófico de Catão durante seu jantar. LXXXVI. Reclama sua espada. LXXXVII. Indigna-se contra os esforços que fazem para o animar a conservar sua vida. LXXXVIII. Mata-se. LXXXIX. Belas palavras de César tomando conhecimento da morte de Catão. XC. Morte de Catão, seu filho.

Desde o ano 660 até o ano 708 de Roma; A. C. 46.

A casa de Catão recebeu o início de sua glória e de sua fama, de seu bisavô Catão, o Censor, que por su as virtudes foi um dos mais poderosos e dos mais estimados personagens de Roma em seu tempo conforme escrevemos mais amplamente era sua vida. Este, sobre o qual escrevemos presentemente, ficou órfão de pai e mãe, com um seu irmão chamado Cipião, e Pórcia, sua irmã. Servília era também irmã de Catão, mas por parte de mãe somente; mas todos juntos eram criados na casa de Lívio Druso, seu tio do lado materno, que possuía então grande autoridade no governo, porque era muito eloquente e homem de bem, e quanto à grandeza de coragem, não cedia lugar a nenhum dos romanos. Dizem que Catão, desde a sua infância, tanto em seu modo de falar, como em todos seus jogos e passatempos, demonstrou sempre uma natureza constante, firme e inflexível, pois queria chegar ao fim de tudo o que empreendia fazer e obstinava-se mais do que sua idade permitia; e mostrava-se intratável com aqueles que procuravam adulá-lo, e ainda se tornava mais frio contra os que julgavam fazê-lo ceder com ameaças. Era difícil vê-lo nr, embora o vissem muitas vezes com o rosto alegre; também não era colérico nem fácil de se irritar; mas se chegava a este ponto, dava muito trabalho para se acalmar.

II. Quando começou a aprender as letras, tinha a cabeça muito dura e era tardio para compreender; mas uma vez que havia compreendido, retinha muito bem, com a memória firme, como acontece ordinariamente a todos os outros; pois aqueles que têm o espírito pronto e vivo, têm comumente falta de memória e os que aprendem dificilmente e com dificuldade, retêm melhor o que aprenderam, porque aprender é como aquecer e iluminar a alma. Mas, além disso, não julgava superficialmente e parece que isso o tornava também tardio para compreender; porque é evidente que aprender é receber alguma impressão, como acontece com aqueles que resistem menos e que são os que mais cedo julgam; portanto os jovens são mais fáceis de se persuadir do que os velhos, os doentes do que os sãos e, geralmente, quanto mais fraco é o que discute e duvida, tanto mais fácil para se conseguir o que quer. Todavia Catão, ao que dizem, obedecia ao seu professor e fazia tudo o que ele lhe ordenava mas perguntava-lhe a causa de tudo e sempre queria saber o porquê de todas as coisas; também este era um homem honesto e tinha a razão mais pronta para demonstrar ao seu aluno, do que o braço levantado para bater, e chamava-se Sarpedão.

III. Em suma, sendo Catão ainda pequenino, os povos da Itália aliados dos romanos, pretendendo obter o direito de cidadania dentro de Roma pelos quais pugnava Pompádio{1115} Silo, guerreiro, pessoa valente e de grande autoridade entre os aliados, sendo amigo particular de Druso, foi alojado alguns dias em sua casa, durante os quais, tendo tomado grande familiaridade com seus filhinhos, um dia lhes disse: — "Ora, meus belos meninos, intercedereis por nós junto a vosso tio, para ajudar a obter o direito de cidadãos que solicitamos?" Cipião, sorrindo fez-lhe sinal com a cabeça que sim; Catão não respondeu nada, apenas olhou esses estrangeiros no rosto com u m olhar fixo, sem pestanejar. Então Pompádio, dirigindo-se a ele, à parte: — "E tu, disse ele, o belo filho, que dizes? Não queres implorar a te u tio para favorecer aos seus hóspedes, como vai fazer teu irmão?" Catão nada respondeu, mas pelo seu silêncio e pelo seu olhar, demonstrou que rejeitava o pedido. Nessa ocasião Pompádio, agarrando-o, colocou-o fora da janela, como se quisesse jogá-lo, dizendo-lhe em voz ma is áspera e mais rude do que de costume e, sacudindo-o diversas vezes no ar, fora da janela: — "Promete-nos, portanto, ou te atirarei lá em baixo". Catão suportou isto muito tempo sem demonstrar pavor nem se espantar{1116}. Pelo que Pompádio, repondo-o no chão, disse então, virando-se para os que estavam com ele: — "Que honra será um dia este menino para a Itália, se viver! Ainda é menino; pois se fosse homem, creio que não teríamos uma só voz a nosso favor".

IV. De certa feita, um de seus parentes, que festejava o seu aniversário, convidou diversos meninos, entre os quais Catão. Esses meninos, não sabendo o que fazer enquanto esperavam o jantar ficar pronto, puseram-se a brincar, pequenos e grandes, num local afastado da casa;

seu jogo consistia em imitar os pleitos, acusando-se uns aos outros e conduzindo à prisão os que eram condenados; houve um desses, belo menino, que condenado, foi conduzido a um quartinho, por um dos maiores. Vendo-se fechado, pôs-se a gritar chamando Catão, o qual, desconfiando do que acontecia, correu logo e afastando à força os que se punham à sua frente para impedi-lo de entrar no quarto, tirou o rapazinho e levou-o furioso a sua casa, enquanto os outros o acompanhavam.

V. Era Catão tão famoso entre os meninos, que Sila, querendo realizar o jogo da exibição e corrida dos meninos a cavalo, que os romanos chamam troia{1117}, adestrando-os antes, a fim de que ficassem mais hábeis no dia da demonstração e tendo reunido todas as crianças de casas nobres, deu-lhes dois capitães, dos quais os meninos aceitaram um por causa de sua mãe, que era Metela, esposa de Sila, mas não quiseram o outro, se bem que fosse sobrinho do grande Pompeu, e chamava-se Sexto, nem quiseram se exercitar sob seu comand o, nem o seguir. Pelo que Sila perguntou-lhes qual queriam, portanto; gritaram todos: Catão! O próprio Sexto, de bom grado, cedeu-lhe esta honra como ao mais digno.

VI. Ora, Sila, que havia sido amigo de seu pai, por essa ocasião, algumas vezes mandava buscá-los e falava com eles; esse agrado fazia a bem poucas pessoas devido a magnificência e elevação do cargo que ocupava e do poder que possuía. E Sarpedão, considerando que isto era de grande consequência, pelo progresso e também pela segurança de seus discípulos, levava comumente Catão à casa de Sila, a qual nesse tempo assemelhava-se propriamente a um inferno ou uma jaula, pelo grande número de prisioneiros que aí levavam e que ordinariamente incomodavam. Catão já estava com catorze anos e vendo ali as cabeças que diziam pertencer a personagens notáveis, de sorte que os assistentes suspiravam e gemiam vendo-as, perguntou ao seu mestre como era possível não encontrassem algum homem que matasse esse tirano: — "Porque, respondeu-lhe Sarpedão, todos o temem ainda mais do que o odeiam". — "Por que, então, replicou-lhe, não mo entregaste a fim de que eu o matasse, para livrar nosso país de tão cruel servidão?" Sarpedão, ouvindo esta palavra e vendo sua fisionomia e seus olhos cheios de furor, ficou admirado e depois ficou cuidadosamente de olho sobre ele, conservando-o perto, com receio de que temerariamente atentasse alguma coisa contra Sila.

VII. Mas, sendo ainda criança, alguns lhe perguntaram quem era aquele a quem mais amava. Respondeu que a seu irmão; e como o outro continuasse a lhe perguntar a quem depois, respondeu igualmente que era seu irmão; e pela terceira vez, seu irmão ainda; até que aquele que o interrogava ficou cansado de lhe perguntar tantas vezes. E quando alcançou a idade, então confirmou com efeito esta amizade para com seu irmão, pois tinha vinte anos e nunca tinha jantado sem seu irmão Cipião; jamais saíra de casa para ir à praça nem aos campos, sem ele; mas se por acaso seu irmão se fazia untar com óleos de perfumes, jamais fez o mesmo; e era, em tudo o mais em seu viver, assim austero e severo, de tal modo que seu irmão Cipião, que era elogiado pela temperança, honestidade e sobriedade de sua vida, confessava que era verdadeiramente -sóbrio e moderado em comparação com outros: —- "Mas quando, dizia ele, venho a comparar minha maneira de viver com a de Catão, verifico que não sou diferente de um Sípio". Esse Sípio era nesse tempo, um que por sua delicadeza e maneira de viver mole e efeminada, era apontado por todos.

VIII. Depois, tendo sido Catão eleito sacerdote de Apolo, separou-se de seu irmão e recebeu a parte dos bens de seu pai, que subiu à soma de{1118} cento e vinte talentos; e então apertou mais do que nunca sua maneira de viver e frequentou as aulas de Antípatro Tiriano, filósofo estoico, dedicando-se principalmente ao estudo da filosofia moral e política e abraçando o exercício da virtude, com um tão grande amor, que parecia propriamente ser levado por alguma divina inspiração; mas acima de qualquer virtude, amava a severidade da justiça, que não se dobra, nem por graça, nem por favor algum. Estudava também e exercitava-se na

eloquência, para poder falar em público, querendo que no trato civil, nem mais, nem menos, como numa fortaleza, houvesse forças sustentadas para a guerra; todavia não se exercitava na presença dos outros, nem houve nunca pessoa alguma a ouvi-lo discursar quando estudava; mas como um de seus amigos o admoestasse um dia, que achavam ruim por falar tão pouco em sua companhia: — "São todos iguais, respondeu, contanto que não queiram falar contra minha conduta; só começarei a falar quando souber dizer coisas dignas de não serem silenciadas".

IX. Ora, havia bem próximo à praça, um palácio público, que vulgarmente chamavam a Basílica Pórcia, que Pórcio Catão{1119} havia feito construir durante o tempo em que foi censor, onde os tribunos do povo davam audiência e como havia ah uma coluna que atrapalhava as cadeiras de seu estrado, quiseram retirá-la ou mudá-la para outro local. Isto foi a primeira coisa que fez Catão ir, contra a vontade, à praça, e subir à tribuna para os contradizer, quando, tendo mostrado esse primeiro ensaio de sua eloquência e de sua magnanimidade, foi grandemente estimado porque sua linguagem não tinha nenhum arrebique nem afetação da juventude, mas era seca, cheia de senso e de veemência; e no entanto, entre a concisão de suas sentenças, havia uma graça que dava prazer aos ouvintes e seu natural, mostrando-se através da palavra, grave e venerável que lhe trazia um não sei quê de agradável afeto que convidava a rir. Sua voz era cheia, forte e suficiente para se fazer ouvir por uma grande multidão e possuía um vigor e firmeza tais, que não se quebrava nem se alterava nunca, pois muitas vezes passava o dia todo sem cessar de falar e não se cansava.

X. Tendo, entretanto, ganho seu processo contra os tribunos, pôs-se ríspido a conservar um estreitíssimo silêncio e enrijecer sua pessoa nos laboriosos exercícios físicos, habituando-se a suportar o Calor, o frio e a neve, sem cobrir a cabeça e andar em qualquer tempo a pé pelos campos, enquanto seus amigos, que o acompanhavam, iam a cavalo e ele ia, aproximando-se, ora de um, ora de outro, para conversar, andando com eles. Possuía também uma paciência e abstinência maravilhosas em suas enfermidades, pois quando tinha febre, ficava sozinho lodo o dia e não suportava que pessoa alguma fosse visitá-lo até que sentisse mudança na doença e visse assegurada a volta à convalescença. Quando jantava com seus parentes e amigos chegados, tiravam a sorte para saber quem escolheria as partes, e se a sorte de escolher não lhe caía, seus amigos, no entanto, defendiam-lhe a honra, mas ele não aceitava, dizendo que isto não era razoável, pois que ele não era agradável à deusa{1120} Vénus.

XI. A princípio, não gostava de ficar muito tempo à mesa, mas depois de haver bebido uma vez, levantava-se; depois, porém, aprendeu a ficar demoradamente, de modo que muitas vezes aí ficava com seus amigos toda a noite até o amanhecer, pelo que seus familiares e amigos diziam que os negócios e ocupações da república eram a causa, porque aí vagava durante o dia todo, razão porque não tinha descanso para estudar, e quando a noite chegava, tinha prazer em conferenciar e discutir à mesa com os literatos e os filósofos; pelo que, como em algumas reuniões Mêmio dissesse que Catão não fazia senão embebedar-se todas as noites, Cícero, tomando a palavra respondeu-lhe: — "Por que não ajuntas também que durante todo o dia nada faz senão jogar dados?"

XII. Em suma, Catão, considerando que os costumes e maneira de viver de seu tempo estavam corrompidos e tinham grande necessidade de mudança, que para andar direito precisava ele tomar um caminho todo contrário em todas as coisas, porque via que a púrpura, a mais vermelha e de cor mais forte, custava preço muito maior e era mais requisitada, ele preferia usar tirantes sobre o preto; e muitas vezes, após o jantar saía em público sem sapatos, os pés nus e sem saio{1121}, não que procurasse a glória por meio de tais novidades, mas para se acostumar e repelir as coisas vergonhosas e desonestas e desprezar aquelas que não eram reprovadas senão pela opinião dos homens. Tendo herdado cem talentos pela morte de um de seus primos que se chamava Catão como ele, reduziu a herança a dinheiro de contado para

emprestar a quem precisasse dentre seus amigos, sem receber juros, e havia os que empenhavam para seus próprios negócios, em público, suas terras e posses, ou seus escravos, que ele mesmo lhes dava para empenhar ou bem confirmava o penhor depois.

XIII. Afinal, quando julgou haver chegado a idade que devia se casar, ficou noivo de Lépida, não tendo nunca antes conhecido mulher. Esta Lépida fora primeiramente prometida e tinha sido noiva de Metelo Cipião; mas deixou-o depois e foi desfeito o noivado, de tal modo que estava completamente livre quando Catão a pediu; todavia, antes de esposá-la, Cipião, arrependido de a ter recusado, fez tudo o que pôde para reavê-la e o conseguiu de fato; pelo que Catão ficou tão indignado e furioso, que resolveu solicitá-la judicialmente, mas seus amigos o desviaram desse propósito. Por essa razão, para conter um pouco sua cólera e ardor de sua juventude, pôs-se a escrever versos ambíguos contra Cipião, nos quais lhe dizia todas as injúrias que podia, usando da aspereza e amargor que encontrava nos versos de Arquíloco, mas nunca impudicos, sujos, nem também as pueris reclamações que aí se encontram. Depois desposou Atília, filha de Sor ano, e foi ela a primeira mulher que conheceu, mas não a única, como havia feito Lélio, o amigo de Cipião que foi mais feliz nesse sentido, mesmo porque viveu mais tempo, pois nunca conheceu outra mulher a não ser aquela que desposou primeiramente.

XIV. Em suma, a guerra servil, por outro modo chamada a guerra dos espartanos, estando em eclosão, houve um Gélio que foi eleito pretor para a conduzir, sob as ordens do qual Catão participou de boa vontade, apenas por amor de seu irmão Cipião, o qual estava naquele exército encarregado de mil homens da infantaria; se Catão aí não pôde demonstrar aptidão ou empregar sua virtude, como queria, pela falta e insuficiência do chefe que conduzia mal os combates, no entanto, mostrando no meio das delícias efeminadas e da dissolução mole desses que estavam no campo, ser homem regrado em todos os seus feitos, corajoso quando era preciso, seguro em tudo e cheio de bom senso, foi considerado por todos não ser em nada inferior ao antigo Catão, razão por que o pretor Gélio concedeu-lhe diversas honras e prêmios de valor, que se costumam conferir às pessoas de bem, os quais todavia, não quis receber, dizendo que não fizera nada digno de tais honras. Essas coisas faziam-no parecer um homem estranho, e ainda mais tendo dado uma ordem pela qual ficava proibido aos que disputavam algum cargo da república, que não observassem nas assembleias nenhum protocolo para anunciar os nomes dos cidadãos particulares; ele sozinho, pleiteando o cargo de capitão de mil infantes, obedeceu à ordem, procurando reter em sua memória os nomes dos referidos cidadãos, para os nomear e saudar a todos por seus nomes, de sorte que se tornava impertinente a esses mesmos que o elogiavam; pois mesmo porque sabiam o quanto eram louváveis as coisas que ele fazia, ainda mais se aborreciam por não poderem imitá-lo.

XV. Assim, sendo eleito capitão sobre mil homens, foi enviado à Macedónia perante o pretor Rúbio, e dizem que à sua partida, sua mulher, estando triste por vê-lo partir, houve um de seus amigos, Munácio que lhe disse: — "Não te preocupes Atília, não chores mais, pois prometo-te que guardarei bem leu mando". — "É bem dito", respondeu Catão. Depois, quando estavam a um dia de viagem de Roma, depois do jantar disse ele a esse Munácio: — "É preciso que cuides d e manter a promessa que fizeste a Atília, que me guardes bem, e para isso não me abandones nem de dia, nem de noite"; e ordenou aos seus soldados que de ali por diante preparassem sempre dois leitos em seu quarto para aí dormir Munácio, que era, brincando, mais guardado por Catão, do que Catão por ele. Levava com ele quinze servidores, dois libertos e quatro de seus amigos, os quais iam a cavalo e ele caminhava a pé, aproximando-se ora de um e ora de outro, para conversar com eles pelo caminho. Tendo chegado ao campo, onde havia várias legiões romanas, o pretor deu-lhe incontinente o comando de uma. Julgou então que fosse coisa leve mostrar-se apenas virtuoso, atendendo que não era senão uma única pessoa; mas estudava para tornar todos esses que estavam sob suas ordens, semelhantes a ele. Para chegar a isso, não lhes inspirou temor pela sua autoridade, mas aí juntou a razão, admoestando-os e instruindo-os sobre cada ponto, acompanhando sempre, no entanto, suas admoestações, de compensações aos que agiam bem, e de castigo aos que

agiam mal; de maneira que não souberam dizer se ele os havia tornado mais pacíficos ou mais aguerridos, mais valentes, ou mais justos, tanto se mostravam na prova rudes e ásperos aos inimigos e delicados e graciosos aos amigos; temerosos em proceder mal e prontos em adquirir honra; pelo que aconteceu que por isso ele se preocupava menos se bem que ganhasse mais, isto é, glória com amor e boa vontade, pois os soldados que o honravam soberanamente e o estimavam singularmente, pelo fato de que ele mesmo punha em primeiro lugar a mão para fazer o que ordenava e igualava-se em seu vestuário, em seu viver comum, em seu caminhar pelos campos, antes aos simples soldados, do que aos capitães e, do contrário, em gentileza, grandeza de coragem, veemência e eficácia da palavra, superava todos os que se faziam chamar coronéis e capitães. Pois o verdadeiro zelo da virtude, isto é, o desejo de imitar, não se imprime nos corações dos homens a não ser com uma singular benevolência e reverência pelo personagem que causa a impressão; mas esses que elogiam os homens virtuosos sem os amar, esses reverenciam apenas sua fama, mas não sentem afeto pela sua virtude, nem se preocupam em imitá-lo.

XVI. Aproximadamente nesse tempo, Catão, sendo avisado que Atenodoro, denominado Cordilião, personagem que era há muito tempo versado na filosofia estoica, encontrava-se então na cidade de Pérgamo, sendo já velho e tendo sempre obstinadamente recusado ir para a corte dos senhores, dos príncipes e dos reis que procuravam tê-lo ao seu lado, pensou em escrever-lhe para que viesse à sua presença, porque tendo pelas ordens romanas, descanso de dois meses, durante os quais podia ficar ausente do acampamento para seus p róprios negócios, subiu ao mar para ir a Ásia encontrá-lo, confiante de que viria, ao fim daquela caçada, dadas as grandes e virtuosas qualidades que o ornavam. Falou com ele, discutiu e apresentou tais razões, que finalmente o tirou de sua resolução, trazendo-o consigo para o acampamento, alegrando-se por esta vitória e estimando-a mais do que todas as conquistas de Lúculo ou de Pompeu, que iam então subjugando pelas armas todas as províncias e reinos do Oriente.

XVII. Mas, como estava ainda exercendo o comando, como capitão de mil homens, seu irmão, preparando-se para fazer uma viagem à Ásia, caiu doente na cidade de Eno{1122} no país da Trácia, do que foi incontinente avisado por cartas e, de repente, se bem que fizesse mau tempo sobre o mar e não podendo prontamente encontrar navio bastante grande para fazer essa viagem com segurança, embarcou sobre um naviozinho mercante da Tessalônica{1123} com dois de seus amigos e três servidores somente e pouco faltou para que não se afogassem com a tormenta, tendo afinal escapado por estranha sorte e chegou pouco depois que seu irmão havia falecido. Sentiu essa morte um pouco mais impacientemente do que parecia ser conveniente a um filósofo; o que demonstrou não somente pelo grande luto que trouxe e as lamentações que proferiu abraçando o cadáver e a dor grave que sentiu em seu coração, mas também pela despesa supérflua que fez em seus funerais com perfumes, plantas odoríferas e suntuosos panos que foram queimados com o corpo e também na estrutura e construção de seu monumento, que mandou fazer em mármore tassiano{1124} sobre a gran de praça dos enianos, e que custou a soma de oito talentos{1125}. Houve quem censurasse essa despesa, dadas suas sobriedade e simplicidade em todas as outras coisas, não considerando até o fundo a bondade e caridade inocentes para com os seus, que nele estavam embaralhadas entre sua frieza firme, e inflexível dureza contra as volúpias, os temores e os pedidos ilícitos e desonestos. Diversas cidades, príncipes e senhores enviaram-lhe então grande quantidade de presentes para honrar os funerais de seu irmão, mas ele não aceitou dinheiro de nenhum, apenas especiarias, drogas odorantes e paramentos com que se honram as exéquias dos falecidos e ainda pagou o valor a esses que haviam trazido, sem que quisesse, no entanto, pôr em categoria de conta, nem uma moeda de Iodos os gastos que teve no enterro, na partilha da sucessão de seu irmão, que o havia instituído seu herdeiro com igual porção, com uma filhinha sua; não obstante isso, o que quer que tenha feito, (e fez todas essas coisas), ainda houve alguém{1126} que escreveu que ele passou e escorreu por uma peneira as cinzas do fogo onde seu irmão havia sido consumido, para retirar o ouro e a prata fundidos; assim pensava ele que não iam controlar e nem sindicar o que escrevera com a pena, como o que fizera com a espada.

XVIII. Mas, depois que o tempo de seu cargo expirou, Catão, ao partir do campo foi seguido não somente com elogios, votos e orações aos deuses pela sua salvação, o que é comum, mas também com abraços, lágrimas e choros infindos dos soldados que estendiam suas vestes sobre a terra na qual devia passar e beijavam-lhe as mãos, o que era então uma honra que os romanos prestavam a bem poucos capitães-generais. E querendo, antes de voltar a Roma, para se pôr de novo nos negócios, ir visitar a Ásia, em parte para ver de visu os costumes, os hábitos e as forças de cada província e em parte também para favorecer com isto o rei Dejotaro, que tendo sido hóspede e am igo de seu pai, o convidara e o solicitara a ir a seu país, pôs-se a caminho e fez a viagem desta maneira: enviava na frente, logo cedo, ao clarear do dia, seu padeiro e seu cozinheiro para o local onde devia pernoitar, os quais, entrando na cidade ou vilarejo, simples e modestamente, procuravam encontrar algum hóspede, amigo ou conhecido de Catão e se não encontravam nenhum, então preparavam sua hospedagem em alguma hospedaria, sem atrapalhar ninguém; e se não houvesse hospedaria, então dirigiam-se aos magistrados e oficiais do lugar, aos quais solicitavam casa e se contentavam com a primeira que lhes indicavam; mas, muitas vezes, não acreditavam que os tais fossem servidores de Catão e não faziam caso porque não faziam barulho e não ameaçavam os oficiais, de tal modo que acontecia Catão chegar sem que tivessem ainda nada pronto; e quando ele mesmo chegava, faziam ainda menos caso, porque o viam sentado sobre a bagagem, sem dizer uma palavra, e pensavam que devia ser algum homem de classe baixa e humilde, temeroso e sem coragem; todavia, chamava-os algumas vezes e admoestava-os dizendo: — "Ó pobre gente, aprendei a ser mais corteses ao receber os romanos caminhantes ; não serão sempre Catões que passarão por vossas terras portanto, avisai-vos em fazer-lhe cortesia e gracioso tratamento, sem o que limit areis o termo da licença que terão sobre vós; pois haverá muitos que não esperarão mais do que alguma desculpa para vos retirar à força o que desejarão possuir, se vós não o tiverdes, de bom grado, oferecido e entregue".

XIX. A este propósito narram que na Síria deu-se um fato hilariante. Foi que, chegando a Antioquia, encontrou diante da porta da cidade grande multidão dividida em duas filas de um lado e outro da rua; os rapazes à parte, vestidos com belos mantos e as crianças à parte também em bela ordem e outros, vestidos com belas roupagens novas, trazendo chapéus de flores sobre suas cabeças que eram os sacerdotes ou oficiais da cidade. Catão pensou incontinente que fora a cidade que fizera esta procissão para o honrar, já demonstrando má vontade para com os servidores que enviara à frente não terem impedido que esta demonstração se fizesse. Fez seus amigos, que o acompanhavam, descer dos cavalos e caminhar a pé com ele; mas quando chegaram bem junto à porta da cidade, o mestre de cerimonias que conduzia toda esta recepção e que tinha toda a multidão em ordem, homem já idoso, trazendo em sua mão uma vara e uma coroa, dirigiu-se a Catão na frente dos outros e, sem o saudar, apenas lhe perguntou onde haviam deixado Demétrio e quando ele chegaria. Esse Demétrio havia sido escravo de Pompeu, e portanto, como todo o mundo lançava os olhos sobre o senhor, o servidor era também honrado e agradado mais do que merecia, por causa do crédito que tinha à volta de seu senhor. Os amigos de Catão, ouvindo isto, puseram-se a rir tão alto, que não puderam mais se conter passando através da multidão, mas Catão sentindo grande vergonha, não fez senão dizer na hora: — "Ó cidade desgraçada!" e nenhuma outra coisa. Mas depois quando contava o fato a outros ou pensava sozinho, punha-se a rir.

XX. Todavia, Pompeu marcou aqueles, que por ignorância, deixaram assim de honrar Catão. Pois, tendo chegado à cidade de Éfeso, Catão foi à sua presença para saudá-lo como sendo o mais idoso, de maior dignidade e maior reputação e que então comandava um poderoso exército; porém, Pompeu, percebendo-o de longe, não esperou que viesse até ele, nem ficou sentado em sua cadeira, mas levantou-se, indo ao seu encontro como a um dos principais personagens de Roma e, tomando-o pela mão, depois de o haver saudado e abraçado, proferiu na hora grandes louvores à sua virtude, em sua presença e ainda mais em sua ausência, depois que se retirou, de sorte que depois todo o mundo deu muita importância e o tiveram em extraordinária consideração pelas mesmas coisas que antes faziam desprezá-lo, quando vieram a considerar de perto sua clemência e sua magnanimidade ; os assistentes reconheceram evidentemente que a boa acolhida de Pompeu era própria de um homem que o

reverenciava e observava isto por obrigação mais do que pela estima, e perceberam facilmente que sentia grande honra enquanto estava ao seu lado; no entanto, ficou satisfeito quando partiu; pois sempre se esforçava em reter junto dele todos os gentis-homens romanos que iam vê-lo, mas não insistiu absolutamente com Catão, pois com ele presente lhe parecia ter alguém que lhe controlasse sua autoridade, ficou bem à vontade deixando-o ir, recomendando-lhe sua mulher e seus filhos, o que não havia feito a nenhum dos que voltavam à Roma; se bem que tivessem algum parentesco. Depois, todas as cidades por onde passou, estudavam-se com inveja uma das outras, a ver quem lhe daria mais honra, preparando-lhe banquetes e festins, dos quais solicitava aos seus amigos que ficassem atentos e procurassem dispensá-lo, confirmando assim o que lhe dissera outrora Curião, o qual zangando-se por ver Catão, que era seu amigo íntimo, assim austero, perguntou-lhe um dia se não tinha vontade de ir ver a Ásia, depois que o tempo de seu cargo houvesse expirado. Catão respondeu-lhe que estava bem resolvido. — "Farás muito bem, replicou-lhe Curião; pois voltarás um pouco mais alegre e mais domesticado do que és". Pois usou uma expressão romana que significa propriamente isto.

XXI. Dejotaro, rei da Galácia, estando já muito velho, mandou convidá-lo para ir vê-lo em seu país, a fim de lhe recomendar seus filhos e sua casa; na qual logo que ele chegou, esse rei deu-lhe belos e ricos presentes de todas as espécies, pedindo e solicitando por todos os meios que os recebesse. Isto desagradou a Catão, irritando-o tanto que, tendo chegado à noite, depois de haver ficado um dia apenas, partiu às três horas da manhã seguinte; mas não havia caminhado um dia, quando encontrou na cidade de Pessinunta {1127}, outros presentes ainda maiores que o esperavam com cartas de Dejotaro, pelas quais pedia-lhe insistentemente aceitá-los e se não quisesse, pelo menos permitisse aos seus amigos recebê-los, atendendo que o valiam e mereciam por todas as razões, mas especialmente por amor dele, ainda mais que seus bens não eram grandes que pudessem chegar para todos seus amigos. Todavia Catão jamais quis per mitir, como antes, que nada aceitassem, embora percebesse que havia alguns dentre eles amolecidos pelo desejo e queixando-se por não deixá-los receber as dádivas; pois os admoestou a jamais receber o fruto da corrupção com a desculpa de honestidade; e ainda, pensando bem, seus amigos teriam sempre parte nos bens que ele possuiria honestamente. Assim, mandou de volta a Dejotaro todos os seus presentes. E como estivesse pronto para embarcar e passar de volta a Brundúsio, houve alguns de seus amigos que o admoestaram que era melhor pôr as cinzas e os ossos de seu irmão Cipião dentro de um outro navio; mas ele lhes respondeu que preferia perder sua vida, do que aquelas relíquias; e incontinente pôs-se à vela, quando dizem que passou grande perigo, ao passo que os outros navios tiveram travessia bastante cômoda.

XXII. Tendo voltado a Roma, estava sempre ou em sua casa a conferenciar sobre filosofia com o filósofo Atenodoro, ou na praça para dar prazer aos seus amigos. Pois insistiam, para quando seu tempo terminasse, solicitar o lugar de questor{1128} mas não o quis, sem que primeiramente houvesse lido diligentemente os editais e ordens concernentes àquele cargo e não houvesse particularmente inquirido, sobre todos os pontos, àqueles que tinham mais longa experiência, para saber qual era o poder e a autoridade do dito cargo. Logo que tomou posse, introduziu uma grande mudança quanto aos oficiais do tesouro e escreventes, os quais, tendo sempre entre suas mãos os papéis e registros das contas e os editais sobre finanças e mais, tendo que trabalhar com rapazes, que elegiam como questores, os quais tinham por sua ignorância e falta de experiência, antes necessidade de mestres que os ensinassem, do que de suficiência para dirigir, acontecendo que os escreventes, não lhes reconhecendo autoridade, eram eles mesmos os magistrados, até que Catão, tomando conscientemente as matérias a peito e não se contentando em ter apenas o título e a honra de magistrado, mas tendo também o senso, o coração e a palavra, quis que os oficiais e notários se portassem como tais, isto é a saber, somente auxiliares dos magistrados, verificando, demonstrando-lhes as malvadezas que cometiam em seus cargos e mostrando-lhes os erros que cometiam por ignorância. Mas, vendo alguns audaciosos e soberbos, que iam adulando e ganhando os outros questores, procurando resistir à sua autoridade, cometida na divisão de uma sucessão entre co-herdeiros e consequentemente privou-o de poder jamais exercer algum cargo nas finanças.

XXIII. Levou também perante a justiça um outro, acusando-o de falsificação de testamento e Catulo Lutácio, sendo então censor, encontrava-se no julgamento para defendê-lo; este era uma personagem de grande dignidade, não somente pela autoridade de magistrado que ele possuía, como também mais ainda por sua própria virtude, porque ele era tido por um dos mais justos e maiores homens de bem que houvessem no seu tempo em Roma. Era ele um dos que mais elogiavam Catão, convivendo com ele, pela honestidade de sua vida; e vendo que não podia defender seu constituinte pela razão, requereu abertamente que o perdoassem por ele. Catão não quis permitir; mas ainda insistiu calorosamente e disse-lhe então com franqueza: — "É uma vergonha, Catulo, levando em conta que és censor, e deveria examinar rigorosamente nossas vidas, deixar-te assim atirar fora do dever{1129} de teu cargo, para favorecer aos nossos ministros". Tendo Catão pronunciado estas palavras, Catulo olhou-o bem, como para lhe responder, mas não lhe disse nada, e ficou furioso ou envergonhado, retirando-se todo confuso, sem dizer palavra. Todavia, o acusado não foi condenado, pois aconteceu que os votos dos juízes que o condenavam eram mais do que os que o absolviam; porém, Marcos Lólio, um dos companheiros de Catão como questor, não tendo podido assistir ao processo, porque se encontrava enfermo, Catão mandou pedir-lhe para vir, a fim de ajudar esse pobre homem; e ele, fazendo-se conduzir dentro de uma l iteira, após o julgamento, deu o último voto que o absolveu judicialmente; todavia Catão não quis nunca mais que ele servisse de notário nem consentiu que pagasse sua caução e, ainda mais, não quis contar o voto de Lólio entre os demais.

XXIV. Assim, tendo diminuído a audácia dos notários, escreventes e peritos das finanças, pois que os colocou na razão, teve em suas mãos todos os registros e papéis à sua vontade dentro de pouco tempo, para agir à vontade e tornou{1130} o tribunal das contas mais venerável e mais reverenciado do que o próprio Senado, de maneira que todo o mundo opinava e dizia que Catão havia anexado ao cargo de questor a dignidade do consulado. Descobrindo ele que vários cidadãos eram, desde tempos passados, devedores do Estado e, como também a república o era a alguns particulares, deu ordem para que não se causasse mais dano a ninguém e que pessoa alguma também lesasse os cofres públicos, constrangendo severamente aos que deviam pagando também pronta e voluntariamente àqueles a quem era devido; de tal modo que o povo mesmo tinha vergonha de ver alguns pagarem quando esperavam não pagar nada e, em oposição, também reembolsar outros que julgavam nunca mais receber nada de suas dívidas. Entretanto, alguns apresentavam no gabinete dos questores, cartas e quitações não legais, que muitas vezes seus predecessores forneceram deferindo solicitações e requerimentos falsos; mas, durante sua gestão, jamais se deu isto, pois estando um dia em dúvida sobre uma ordem que lhe foi apresentada para saber se era verdadeira, ainda que diversos testemunhassem que sim, não a quis acreditar nem admitir, até que os cônsules, pessoalmente, viessem testemunhar e jurar que havia sido ordenado.

XXV. Ora, havia diversos a quem Lúcio Sila, na segunda proscrição, havia dado{1131} doze mil dracmas de prata por cabeça de cada cidadão proscrito que tinham morto por suas próprias mãos, os quais eram odiados e malditos de todo o mundo, como assassinos e excomungados, mas ninguém ousava agir contra eles para fazer vingança; Catão levou-os todos perante a justiça, por estarem detendo indevidamente o dinheiro público, obrigando-os a entregá-lo e censurando-os furioso, não sem razão, pelo ato malvado que haviam cometido. Nem bem haviam entregue esse dinheiro, foram por outros acusados de homicídio; e como já estavam condenados por dano, ao saírem do julgamento, foram conduzidos diretamente para outro, onde pagaram a pena que haviam merecido, com grande contentamento e sossego de todos os romanos, os quais consideraram então que toda a tirania desse tempo estava apagada, e o próprio Sila castigado.

XXVI. Além disso, ainda era muito agradável ao povo a diligência e assiduidade contínuas de Catão, porque era sempre o primeiro a chegar ao gabinete dos questores e o último a sair;

jamais faltou a uma a ssembleia do povo, nem a uma reunião do Senado, receando e tendo cuidadosamente os olhos abertos para que aparentemente e por favor não recebessem algum dinheiro devido ao Estado ou que concedessem desconto aos arrendatários ou que fizessem entr ega de dinheiro, senão aos que o tinham justamente merecido. Assim, limpo dos caluniadores e tendo enchido de moedas a arca do tesouro, demonstrou que a república podia ser rica, sem prejudicar nem causar dano a ninguém. É verdade que no início dessa administração, foi ele desagradável a alguns de seus companheiros, porque pareceu-lhes muito rude, mas afinal foi querido por todos porque se submetia sozinho a sustentar a gritaria e malevolência que levantavam contra ele; porque não deixava por favor rodar as moedas do dinheiro público e assim os demais que ocupavam postos na administração tinham facilidade de se desculpar diante daqueles que reclamavam e importunavam com pedidos, dizendo que era impossível fazer qualquer coisa contra a vontade de Catão.

XXVII. E no último dia de exercício de seu cargo, tendo sido reconduzido por quase todo o povo até sua casa, foi avisado de que Marcelo estava dentro da câmara do tesouro assediado e envolto por vários de seus amigos, pessoas de autoridade, que o apertavam para fazer registrar alguns pagamentos, como sendo devidos pelo público. Marcelo era seu amigo desde a infância e desempenhava muito bem o seu cargo quando estava com ele; mas, quando estava só, deixava-se levar pelos pedidos dos que reclamavam, e sendo de natureza delicada, tinha vergonha de despedir alguém e era muito pronto a conceder tudo o que reclamavam. Catão voltou rapidamente e vendo que havia um importuno feito registrar um pagamento, mandou trazer o registro e o apagou em sua presença, sem que o outro dissesse uma só palavra contra; depois disto feito, o próprio prejudicado reconduziu-o e aco mpanhou-o até sua casa, e não se queixou jamais, nem na ocasião, nem depois deste ato, mas perseverou sempre em sua amizade e familiaridade, como antes.

XXVIII. Mas, mesmo fora do cargo de questor, não deixou a câmara do tesouro sem vigia nem guarda; pois fazia-a assistir todos os dias por seus servidores, os quais redigiam por escrito tudo o que se passava. E ele mesmo, tendo recuperado pelo preço a soma de cinco talentos{1132} os livros nos quais estava compreendida toda a situação da renda pública e da administração desde o tempo de Sila até o ano de sua gestão, tinha-os sempre entre as mãos, entrando sempre em primeiro lugar no Senado e saindo por último. E ah, muitas vezes, enquanto os outros senadores se reuniam para descansar, ia sentar-se em algum canto e ficava lendo baixinho, pondo sua túnica à frente e jamais ia para os campos nos dias que sabia haver assembleia no Senado.

XXIX. Pompeu e seus partidários, vendo que era impossível forçá-lo e ainda mais ganhá-lo para que os favorecesse naquilo que solicitavam injustamente, iam procurando meios de distraí-lo par a que não assistisse no Senado, impedindo-o de defender as causas de alguns de seus amigos e julgar algumas arbitragens ou outros negócios; mas ele, tendo imediatamente percebido sua cilada e armadilha, denunciou, uma vez por todas, a esses que desejavam se servir dele, declarando que não faltaria nunca mais em outros casos, quaisquer que fossem, nos dias em que se reunia o Senado; pois não viera se intrometer nos negócios da república para se enriquecer, como faziam alguns outros, nem para fortuitamente adquirir reputação; mas tendo, por madura deliberação, escolhido a intervenção no governo, como exercício próprio de um homem de bem, considerava dever ficar cuidadosamente de olho aberto mais do que faz a abelha quando constrói seus casulos de cera ou faz o mel; tomava interesse, com sacrifício, em todos os casos que vinham às suas mãos, por meio de seus hóspedes e amigos, residentes em cada província do império romano, isto é, editais, decretos, sentenças ou julgamentos de maior importância.

XXX. Fez oposição uma vez a Públio Cláudio, orador sedicioso, que estava suscitando princípios de grandes novidades, para agradar ao povo acusando perante os sacerdotes e as

religiosas vestais, entre as quais Fábia Terência, irmã da mulher de Cícero, que foi chamada à justiça; Catão, tendo tomado sua proteção e defesa, causou tão grande vergonha ao acusador Cláudio, que o obrigou a sair fora da cidade, pelo que Cícero, agradecendo-lhe, Catão respondeu-lhe que era à causa pública que devia agradecer, porque era por amor dela que dizia, fazia e aconselhava todas as coisas; nessa ocasião chegou a alcançar tal reputação, que algumas vezes, num litígio em que pediam a deposição de uma única testemunha, o advogado que pleiteava em favor da parte adversa disse aos juízes que não deviam de modo algum dar crédito ao dizer de uma só testemunha, mesmo que fosse Catão, e já era um provérbio comum, quando falavam de coisas estranhas e inverossímeis de acreditar, o dizer: — "Isto não é crível, embora seja Catão mesmo que o diga". E como um dia no Senado um personagem de má reputação, supérfluo e dissoluto nas despesas, fizesse um longo discurso em louvor e recomendação da sobriedade, temperança e economia, houve um senador chamado Anaus, que não se pôde conter e lhe disse: — "Deusa, meu amigo, quem julgas tu que pode ter paciência de te ouvir, se tens uma mesa como Crasso, constróis como Lúculo e nos pregas como Catão{1133} ?" Também chamavam comumente, em tom de zombaria, Catões, àqueles que eram graves e severos nas palavras e desordenados e viciados nos atos que praticavam.

XXXI. Vários de seus amigos o incitavam e admoestavam para solicitar o cargo de tribuno do povo, mas ele não foi de acordo, dizend o que não precisava empregar nem exercer o poder de tal magistratura e de tão grande autoridade, senão no tempo e nas coisas necessárias; e obtendo descanso dos negócios públicos, foi para a Lucânia, onde possuía casas de descanso agradáveis, levando com ele muitos livros e filósofos para fazer-lhe companhia ; mas pelo caminho encontrou muitos centuriões, grande quantidade de bagagens e um comboio de pessoas; perguntou quem era e disseram-lhe que era Metelo Nepos que voltava a Roma para solicitar o cargo de tribuno. Parou de súbito e, depois de pensar um pouco consigo mesmo, ordenou à sua gente que voltasse atrás. Pelo que seus amigos, ficando admirados, respondeu-lhes: — "Não sabeis que Metelo por si mesmo é de temer por sua loucura? E agora, que vem com instruções de Pompeu, atirar-se-á através dos negócios, como um raio que estraga tudo; por esta causa agora não é tempo para descansar, nem de férias, mas é preciso vencer ou morrer honradamente pela defesa da liberdade".

XXXII. Todavia, à persuasão de seus amigos, foi primeiramente um instante até a sua casa de campo, onde nada fez, mas voltou incontinente a Roma. E aí, tendo chegado uma noite, no dia seguinte cedo desceu à praça, solicitando o cargo de tribuno do povo, expressamente para resistir à empreitada de Metelo, porque essa atribuição confere muito mais força para impedir do que para fazer; pois se todos os outros tivessem decretado uma coisa juntos de acordo, e que ele sozinho se opusesse, essa oposição seria maior que todos os outros{1134}. Ora, Catão não teve de início grande número de seus amigos a seu lado; mas, quando souberam da intenção pela qual fazia esta solicitação, todas as pessoas de bem se colocaram a seu favor e o confirmaram em sua deliberação, encorajando-o para pretender o cargo, não tanto por si, mas pela república, pois o pedia em ocasião oportuna, atendendo que, tendo podido obtê-lo por várias vezes sem dificuldade, quando não tinha negócio algum, não quisera solicitá-lo; mas reservou-se para pretendê-lo quando era preciso, não sem perigo, e combater pelo bem da república e pela proteção da liberdade. Dizem que houve grande multidão que veio para assistir sua disputa e com tão calorosa afeição que pensou sufocar e não acreditou jamais poder chegar até à praça, pelo aperto da multidão que o acompanhava.

XXXIII. Assim, tendo sido declarado tribuno{1135} com Metelo e outros, percebeu que iam mercadejando e comprando votos do povo, quando chegasse a eleição dos cônsules e fez um discurso, no qual repreendeu e censurou asperamente por este mercado nojento e sujo, ao fim do qual protestou com juramento, que acusaria e levaria à justiça aquele que tivesse dado dinheiro para se fazer eleger, excetuando apenas Silano, porque era seu aliado, tendo desposado Servília, sua irmã, e por isso o excluiu; mas acusou e deu parte formal contra Lúcio Murena, o qual, por dinheiro, tanto fizera, que havia obtido o consulado juntamente com Silano. Ora, havia uma ordem que permitia ao acusado ter um guarda junto com o acusador para ver o que este ia propor e do que se serviria em sua acusação, a fim de que o acusado não fosse achado desprevenido; dessa forma, aquele que Murena havia mandado a Catão para observá-lo, seguindo-o por toda a parte, e considerando de perto tudo o que fazia, quando viu

que ele não estava agindo maliciosamente, mas abertamente seguia o caminho reto do acusador justo, sentiu tão grande confiança na magnanimidade e bondade simples, naturais de Catão que, sem de modo algum espioná-lo, não fazia mais do que perguntar, em praça pública ou em sua casa, se naquele dia havia deliberado fazer alguma coisa concernente à acusação e se dizia que não, ia embora, confiando plenamente. Quando chegou o dia do julgamento, Cícero, que era cônsul{1136} nesse ano, defendendo Murena, criticou tão prazerosamente os filósofos estoicos e suas estranhas e extravagantes opiniões, que fez rir os juízes, de sorte que Catão, mesmo sorrindo, disse aos que estavam a seu lado: — "Vede como temos um cônsul agradável, que faz rir as pessoas". Murena, tendo sido absolvido nesse julgamento, não se mostrou mais daí em diante homem mau nem estouvado para com Catão, mas enquanto durou seu consulado{1137} governou-se sempre por seu conselho nos principais negócios e continuou a honrá-lo e seguir seu conselho com relação aos seus deveres como magistrado; de sorte que Catão não era terrível nem temível, senão no Conselho e em seus discursos diante do povo, pela defesa do direito e da justiça somente; pois, pensando bem, mostrava-se humano, delicado e benigno para com todo o mundo.

XXXIV. Mas, antes de entrar no exercício como tribuno, sendo Cícero ainda cônsul, ajudou-o a cumprir os deveres de seu cargo em várias coisas e mesmo a pôr fim à conjuração de Catilina, que foi um belo e grandioso feito; pois esse Catilina maquinava uma mudança universal para arruinar e revirar de cima para baixo toda a república, excitando as sedições civis internas e guerras abertas no exterior, do que, sendo acusado por Cícero, foi obrigado a salvar-se para fora de Roma, mas Lêntulo, Cetego e diversos outros cúmplices dessa conjuração, censurando Catilina por se haver vergonhosa e friamente nessa obra de destruição, haviam por seu lado empreendido queimar a cidade de Roma completamente e pôr em combustão todo o império romano por meio de guerras e rebeliões de nações e províncias estrangeiras; mas, tendo sido descoberta sua conspiração, assim como declaramos mais amplamente na Vida de Cícero, a coisa foi levada ao julgamento do Senado para saber o que se devia fazer; e Silano, a quem primeiro foi perguntada a opinião, disse ser sua opinião que deviam fazê-los sofrer pena extrema e, consequentemente, todos esses que deram parecer depois dele, disseram o mesmo, até César, o qual sendo bom orador e que desejava antes alimentar e entreter as agitações, sedições e mudanças na coisa pública, como matéria própria ao que de longa data havia projetado em seu entendimento, fez um discurso cheio de palavras doces atraentes, no qual demonstrava que fazer morrer assim esses personagens, sem que fossem judicialmente condenados, parecia-lhe razoável, mas que antes deviam mantê-los presos. Isto mudou de tal modo a opinião do resto dos senadores, pelo receio que tiveram do povo, que Silano mesmo deu novamente sua opinião e disse que não havia aconselhado fazê-los morrer, mas retê-los em prisão fechada, porque para um cidadão romano, a prisão era um dos maiores infortúnios.

XXXV. Assim, tendo conseguido mudar as opiniões e inclinado os demais senadores para uma sentença mais humana e mais suave, quando chegou a vez de Catão dar o seu parecer, este começou furioso, com grande força de eloquência, a censurar Silano, arremetendo-se depo is, grandemente irritado e de maneira áspera, a César, o qual, debaixo de uma aparência popular e sob a capa de seu falatório suave e maneiroso, ia arruinando a república e intimidando o Senado, quando devia estar temeroso e considerar-se feliz em não ser atacado nas ocasiões que dava para suspeitar; pois, querendo assim, claramente arrancar das mãos da justiça, traidores inimigos da república, demonstrava não ter nenhuma piedade nem compaixão pela cidade de seu nascimento, tão grande e tão nobre, que havia estado tão perto do extermínio final, para sentir e lamentar a sorte desses homens desgraçados, que não deviam jamais ter nascido e cuja morte preservaria Roma de assassínios, males e perigos infinitos. De todos os discursos que Catão pronunciou, só este ficou preservado para a posteridade porque Cícero, naquele dia, dirigiu os escriturários do Senado, que tinham a mão mais leve, aos quais havia com vantagem ensinado a fazer certas anotações e abreviações, que em poucos traços valiam e representavam muitas letras, colocando-os esparsos em vários lugares na sala; pois então ainda não usavam e não sabiam o que eram os notários{1138}, isto é, escrivães que por meio de anotações de letras abreviadas significam toda uma sentença ou uma palavra, como se fez depois; e segundo se diz, foram os primeiros, começando daí o sistema. Catão ganhou e fez de tal modo mudar as opiniões, que os homens foram condenados à morte. E para não omitir nada do que pudesse servir para representar ao vivo a imagem de seu natural até nos

mínimos detalhes, dizem que nesse dia, havendo grande debate e litígio muito veemente contra César, de tal modo que t odo o Senado estava atento aos oradores, trouxeram de fora um papelzinho que foi entregue a César. Isto despertou imediatamente a suspeita de Catão, o qual denunciou o fato, dando ensejo a que os diversos senadores se amotinassem e ordenassem fosse lido bem alto e claramente o escrito. César estendeu a carta a Catão, que não estava sentado longe dele. Este, tendo lido, viu que era uma carta de amor de sua irmã Servília a César, de quem estava enamorada, tendo sido por ele seduzida; atirou o papel a César, dizendo-lhe: — "Toma, bêbado"; feito isto, continuou a proposição que havia começado antes.

XXXVI. Em suma, parece que Catão foi pouco feliz ao lado das mulheres; pois esta Servília, como dissemos, estava sendo alvo de comentários pelo amor a César, mas a outra Servília, que era também sua irmã, foi ainda mais difamada; porque sendo casada com Lúculo, um dos primeiros homens de Roma, de quem teve um filho, foi afinal por ele expulsa e repudiada por sua impudicicia; e, o que é ainda mais vergonhoso, sua própria mulher Atília não foi ela mesma imune de tal vício; pois se bem que tivesse tido dois filhos, foi obrigado a repudiá-la, tanto se portou mal; e depois desposou a filha de Filipe, chamada Márcia, a qual parece ter sido dama muito honesta. Pois esta parte da vida de Catão, tal como numa fábula ou comédia, é bem embaraçada para se compreender, mas a coisa se deu como escreve Traseas, que baseia suas afirmações sobre Munácio, amigo íntimo de Catão. Entre diversos que apreciavam e admiravam as virtudes de Catão, alguns havia que as demonstravam e descobriam mais do que os outros, como Quinto Hortêncio, personagem de grande autoridade e homem de bem, o qual desejando ser não somente amigo particular e familiar de Catão, mas também seu aliado de qualquer forma, como também unir sua casa à de Catão, procurou persuadi-lo a que lhe desse em casamento sua filha Pórcia, casada com Bíbulo{1139} e com o qual já possuía dois filhos, para semear também como em terra fértil, a sua semente e ter uma ascendência enobrecida, pois embora isso parecesse estranho à primeira vista, quanto à opinião dos homens, quanto à natureza era honesto e útil à república que uma jovem mulher, bela e honesta, na flor da idade, não permanecesse em fertilidade ociosa, deixando apagar-se a sua natural aptidão de conceber, com o que também não prejudicaria seu marido, dando-lhe mais filhos do que deveria manter. Também ajuntou que, comunicando assim uns com os outros as mulheres idôneas para a geração, a pessoas de bem e homens que fossem dignos, a virtude viria a multiplicar-se ainda mais e espalhar-se em diversas famílias, e a cidade, consequentemente a misturar, unir e incorporar-se em si mesma pela aliança; mas, se por acaso Bíbulo amava tanto sua mulher que não quisesse deixá-la completamente, ele a entregaria incontinente, depois que lhe tivesse dado um filho e que haveria um estreito laço de amizade, mediante esta comunicação de filhos, entre Bíbulo e ele. Catão fez responder que estimava muito Hortênsio e acharia bem agradável sua aliança, mas estranhava que falasse de lhe entregar sua filha para procriar crianças, visto que sabia muito bem que ela estava casada com outro. Então Hortênsio, descobrindo seu propósito, não simulou descobrir-lhe sua afeição e pedir-lhe sua própria mulher, a qual era ainda muito jovem para ter filhos e Catão já os tinha suficientemente; não se sabe se Hortênsio fez esta solicitação porque percebeu que Catão não fazia caso de Márcia, pois estava grávida dele na ocasião; mas tanto fez, que vendo o grande desejo e a grande afeição de Hortênsio, ele não a recusou, mas respondeu-lhe que precisava que também Filipe, pai de Márcia, consentisse, o qual, compreendendo que Catão concordava, não quis no entanto conceder-lhe sua filha, sem que Catão pessoalmente estivesse presente no contrato e estipulando pessoalmente as condições com ele{1140}. Essas coisas foram feitas muito tempo depois; todavia porque caí sobre o assunto das mulheres de Catão, pareceu-me bem apressar esta história e colocá-la antes do tempo neste lugar.

XXXVII. Tendo, portanto, Lêntulo e seus comparsas na conjuração de Catilina, sido condenados à morte e executados, César, para se cobrir das acusações e imputações que Catão lhe fez no Senado, recorreu à salvaguarda do povo e colocou a seu lado todos aqueles que sabia terem má vontade e que não podiam senão revolver e estragar tudo, amotinando e incitando o povo. Catão receando que tal maneira de agir suscitasse algum tumulto, persuadiu o Senado a ganhar a plebe, que nada possuía, fazendo distribuir-lhe algum trigo para viver; o que foi feito e subiu esta despesa por ano a dois mil duzentos e cinquenta talentos{1141}. Esta largueza abrandou manifestamente as ameaças de levantes. Mas, de outro lado, Metelo,

tomando posse de seu cargo de tribuno, realizava assembleias e discursos sediciosos nos quais propunha ao povo um decreto, pelo qual Pompeu devia ser, no primeiro dia, chamado com seu exército de volta, a fim de que a república não caísse em risco com o perigo de Catilina. Isto não era senão uma desculpa com belas palavras, mas o alvo e intenção verdadeiras de que pendia esse edital, era pôr todos os negócios da república e as forças do império romano entre as mãos de Pompeu. O Senado reuniu-se para tratar disso e Catão, de início, não falou acerbamente nem com muita veemência contra Metelo, como estava habituado a fazer contra os que se conduziam mal como ele; mas o admoestou delicada e moderadamente, até suplicar-lhe, chegando afinal a elogiar enormemente a casa dos Metelos, que havia sempre seguido o partido do Senado e das pessoas de bem; mas isto elevou ainda mais em audácia e em glória Metelo, e fez com que começasse a ter Catão em desprezo, porque considerou que ele lhe cedia assim, pelo medo, de tal modo que se esqueceu, chegando até a dizer palavras presunçosas e usar de altivas ameaças, que faria o que havia empreendido com a boa ou má vontade do Senado. Então Catão mudou de fisionomia, de voz e de palavras e depois de lhe falar muito asperamente, afinal protestou duramente que enquanto tivesse vida no corpo, não suportaria que Pompeu entrasse com armas na cidade de Roma. Ouvindo isto, o Senado foi de opinião que nem um, nem outro, tinha bom senso, nem o juízo bem são, pois que o mau comportamento de Metelo se transformava em fúria, o qual procedendo com extrema malícia e malvadez, queria pôr todas as coisas de baixo para cima e, ao contrário, o que se dava com Catão era como que um êxtase e arroubo de virtude transportada, fora de si, querendo defender as coisas justas e razoáveis.

XXXVIII. Quando chegou o dia no qual deviam fazer passar este decreto pelos sufrágios do povo, Metelo não faltou com sua gente em ordem na praça, parte de estrangeiros, parte de escravos e parte de{1142} esgrimistas a mais não poder, todos em armas e assim uma boa parte da comuna desejava a volta de Pompeu, com a esperança de alguma mudança, aspiração essa grandemente favorecida e fortificada da parte de César, que então era pretor. E em oposição, do outro lado, as mentores pessoas da cidade enfureciam-se juntamente com Catão e diziam como ele que aquilo era uma grande perversidade, mas isto não o ajudava; nessa ocasião seus parentes e domésticos estavam com grande cuidado e grande abatimento, de sorte que aconteceu passarem a noite juntos, sem descansar e sem beber nem comer, devido ao perigo em que viam sua vida, e mesmo sua mulher e suas irmãs não faziam outra coisa senão chorar e preocupar-se, quando ele, ao contrário, falava com segurança e confortava todo o mundo; e depois de haver ceiado como de costume, foi-se deitar e dormiu um sono profundo até de manha, quando Munácio Termo, um de seus companheiros como tribuno, veio acordá-lo; foram juntos à praça para onde se dirigiram acompanhados por pouca gente mas encontraram diversos pelo caminho que vinham à frente para avisá-los a que se mantivessem com cuidado.

XXXIX. Quando chegaram à entrada da praça, Catão percebeu imediatamente o templo de Castor e Pólux tendo à sua volta homens armados, e os degraus totalmente ocupados pelos esgrimistas, e Metelo, que se achava no ponto mais alto, sentado junto de César. Virou-se então para seus amigos e disse: — "Vede aquele covarde ali, que contra um só homem desnudo reuniu tanta gente armada". E dizendo isto, marchou direito daquele lado com Termo, separando-se os que estavam sobre os degraus para os deixarem passar, mas não consentiram que subisse mais nenhum outro, ocasião em que Catão muito trabalho teve para tirar Munácio de suas mãos. Tendo subido, foi direito sentar-se entre Metelo e César, para evitar que falassem ao ouvido um do outro. Aliás, não souberam o que dizer; mas as pessoas de bem que viram e observaram com admiração o rosto, a segurança e a coragem de Catão, aproximaram-se mais e, gritando, o exortaram a que não temesse nada, encorajando-se uns aos outros para se manterem firmes e unirem-se para a defesa da liberdade comum, opondo-se àquele que combatia contra ela; houve um sargento que, tomando na mão o edital por escrito, como para lê-lo ao povo, Catão proibiu-o de fazer isso, pelo que Metelo o tomou ele mesmo e começou a ler. Catão retirou-o à força de suas mãos; no entanto Metelo, sabendo o conteúdo de cor, tentou falar assim mesmo, porém, Termo pôs-lhe a mão diante da boca para evitar que falasse; Metelo, vendo esses dois homens obstinados e dispostos a impedir, por todos os meios, que não fizesse passar seu edital e que o povo, descobrindo o véu, se colocava ao lado da razão, fez sinal a sua gente, e alguns soldados armados que mantinha expressamente para esse fim em sua casa, acorreram com grandes gritos; desse modo o povo,

de pavor, afastou-se, fugindo por todos os lados e luto ficou na praça senão Catão sozinho, no qual atiravam quantidade de pedras e paus; Murena, porém, aquele mesmo que ele havia acusado de haver comprado o consulado, não o abandonou neste perigo, e cobrindo-o com sua longa veste, gritava aos que jogavam as pedras, que deviam cessar; e mostrando-lhe o perigo ao qual se expunha, tanto fez, que tendo-o sempre ao seu lado, levou-o para dentro do templo de Castor e Pólux.

XL. Então, Metelo, vendo a tribuna vazia e seus adversários fugindo de todos os lados para fora da praça, julgou haver ganho tudo e ordenou nos seus soldados armados que se retirassem e ele, saindo habilmente, experimentou fazer passar e autorizar seu edital; mas seus adversários, tendo cessado o pavor e voltado à praça, recomeçaram a gritar contra Metelo, mais forte e mais corajosamente do que antes, de sorte que se encontrou ele mesmo em grande perturbação e com grande medo e seus ade rentes também, julgando que seus adversários houvessem recuperado as armas em alguma parte, sendo isso que os fazia voltar assim tão valentes contra ele; de tal modo, não houve um que parasse, mas Voltaram-se todos para trás da tribuna. Assim, tendo os aliados de Metelo se afastado, Catão apresentou-se sobre a tribuna elogiando grandemente o povo pela boa vontade que havia demonstrado, exortando-o a perseverar sempre para melhor, de ta forma que a plebe mesmo bandeou então, ficando contra Metelo; e o Senado, reunido, ordenou que socorressem Catão mais do que nunca e que resistissem por todos os meios ao edital de Metelo, como sendo pernicioso por estar introduzindo sedição e guerra civil na cidade de Roma. Quanto a Metelo, obstinava-se ainda em continuar sua empreitada e não queria entregar-se; todavia, vendo afinal que seus aderentes admiravam-se espantosamente e temiam a constância de Catão, como coisa invencível e inexpugnável, correu um dia, subitamente, à praça, e reunindo o povo, alegou diversas razões julgando pôr a comuna em desavença com Catão e leu, entre outras coisas, que desejava sair da dominação tirânica de Catão e de sua conspiração contra Pompeu, e logo veriam a cidade se arrepender por ter assim recusado um tão grande personagem. Isto dito, partiu logo depois para ir à Ásia fazer suas queixas a Pompeu. Foi Catão grandemente estimado por este feito, por haver descarregado a república do pesado fardo do cargo de tribuno de um tal louco e por ter, como se diz, desfeito em Metelo, o poder de Pompeu; mas ainda foi elogiado e considerado com vantagem, quando impediu o Senado, que o queria a viva força, de marcar Metelo com a nota de infâmia, privando-o de seu cargo; pois opôs-se e solicitou que nada se fizesse nesse sentido. A comuna tomou como grande argumento de natureza branda, benigna e humana, o fato de não querer, como se diz, calcar sob os pés o inimigo, depois de o haver abatido, nem de o ultrajar depois de havê-lo vencido à força; mas os homens sábios julgaram com vantagem, que havia prudente e utilmente agido, não irritando Pompeu.

XLI. Aproximadamente nesse tempo, voltou Lúculo da guerra, da qual parecia que Pompeu lhe havia usurpado a glória de tê-la completamente terminado e esteve até bem perto de ser desviado das honras do triunfo, pela contradição que lhe fez Caio Mêmio, acusando-o de vários casos diante do povo, mais em favor de Pompeu, do que por inimizade que lhe tivesse. Catão, porém, tanto porque era seu aliado, atendendo que havia desposado sua irmã Servília, como também porque o caso em si lhe parecia iníquo, fez frente a esse Mêmio e impugnou as várias calúnias e imputações, até que, finalmente, sendo atirado fora de seu cargo, como de uma dominação tirânica, ainda obrigou Mêmio por si mesmo a desistir das acusações e fugir da liça. Porque Lúculo, tendo obtido as honras da entrada triunfal, conviveu mais do que nunca com Catão, considerando ter nele uma grande praça forte e muralha segura contra o poder de Pompeu, o qual, voltando algum tempo depois, glorioso por suas conquistas e confiante que à sua chegada nada lhe seria recusado do que pedisse aos seus concidadãos, no seu regresso, requereu ao Senado a que, por amor dele, protelasse a eleição dos cônsules até estar em Roma, a fim de que, estando presente, pudesse favorecer a pretensão de Piso, que solicitava o consulado; ao que, como a maior parte do Senado se deixasse anuir, Catão, opondo-se, contradisse, não porque considerasse esse adiamento ser coisa de tão grande consequência, mas porque desejava cortar a Pompeu toda a esperança de esperar algo novo e extraordinário, e fez de tal modo mudar de opinião o Senado, que na mesma hora foi negada tal solicitação.

XLII. Isto irritou bastante Pompeu, o qual, percebendo que teria Catão contrário em muitas coisas, se não encontrasse meios de ganhá-lo, mandou Munácio, que lhe era muito familiar, por intermédio do qual fez solicitar a Catão duas sobrinhas que estavam prestes a casar, a mais idosa para ele e a mais jovem para seu filho primogênito. Outros dizem que não foram suas sobrinhas, mas suas próprias filhas. Munácio levou a mensagem a Catão, à sua mulher e às suas irmãs, as quais desejavam singularmente esta aliança pela grandeza e dignidade do personagem que a solicitava; porém, Catão, sem dilatar mais, nem consultar com calma, mas como que zangado, respondeu na hora: — "Volte Munácio, volte à presença de Pompeu e diga-lhe que Catão não é conquistável por meio das mulheres", acrescentando que embora tivesse por outro modo em consideração sua estima, pois quando quisesse fazer ou pretender coisas justas, encontraria nele amizade mais segura e mais certa do que nenhuma outra aliança de casamento; mas por enquanto não entregava jamais penhores para o apetite de Pompeu contra a república. As mulheres ficaram na hora bem descontentes com essa recusa e mesmo seus amigos censuraram a resposta, como soberba e incivil; mas depois Pompeu, pretendendo fazer eleger cônsul um de seus amigos, enviou dinheiro às linhagens para comprar e corromper os votos do povo, sendo esta corrupção bastante notória, porque o dinheiro foi distribuído dentro mesmo dos jardins de Pompeu; Catão então demonstrou às mulheres de sua casa, que se fosse obrigado à aliança do casamento com Pompeu, teria sido constrangido a tomar parte todos os dias na infâmia de tais atos, o que tendo ouvido elas mesmas, confessaram então que havia mais sabiamente feito recusar tal amizade do que elas em desejar. Todavia, se se deve julgar pelo resultado dos acontecimentos, parece-me que Catão cometeu uma grande falta em recusar esta aliança, dando em resultado conjugar e unificar o poder de César e o de Pompeu, o que quase arruinou até as raízes todo o império romano, ou, pelo menos, mudou inteiramente toda a situação do governo da república; e nada disto aconteceria, se Catão, temendo as faltas leves de Pompeu, não tivesse sido causa de deixá-lo fazer com que se tornassem muito pesadas, aumentando o poder dos dois rivais; mas isto estava então para acontecer.

XLIII. Na ocasião Pompeu, estando em discussão contra Lúculo, com referência a certas ordens que haviam dado no reino de Ponto, porque um e outro queriam que as suas vontades prevalecessem, Catão favoreceu Lúculo, ao qual notoriamente causavam dano; por esta razão Pompeu, vendo que tinha o pior partido no Senado, recorreu ao povo e propôs um edital para fazer repartir as terras entre os guerreiros; porém, Catão, opondo-se ainda a isto, fez rejeitar seu edital, que foi a causa pela qual Pompeu, por despeito, passasse então a conviver com Públio Cláudio, o mais sedicioso e o mais audacioso de todos os que se intrometiam falando ao povo; aliou-se também, ao mesmo tempo, a César, dando-lhe oportunidades, porque este, voltando de sua pretoria na Espanha solicitou as honras do triunfo e queria também, ao mesmo tempo, disputar e pretender o consulado, mas havia uma disposição em contrário, pois era preciso que os que aspiravam algum cargo, fossem pessoalmente à cidade e os que desejavam fazer entrada triunfal esperassem fora; pelo que requereu ao Senado que lhe fosse consentido solicitar o consulado por meio de intermediários, no que a maioria concordou; porém, Catão contradisse, e vendo que os outros senadores se inclinavam a favorecer a sua sentença, consumiu o dia todo em discursos e impediu por esse meio a que o Senado chegasse a uma conclusão. César, deixando a pretensão do triunfo, pôs-se a pleitear o consulado e a amizade de Pompeu. Foi eleito cônsul e logo depois deu sua filha Júlia em casamento a Pompeu, tendo feito entre eles como que uma conspiração contra a república; um encaminhava projetos pelos quais pretendia fazer distribuir terras aos pobres e o outro defendia-os; por outro lado, Lúculo e Cícero, aliando-se ao outro cônsul, que era Bíbulo{1143} faziam tudo o que podiam contra; mas, principalmente Catão, o qual firmemente suspeitando desta aliança de César e Pompeu, que não teria sido feita com nenhuma boa intenção, dizia não recear tanto esta distribuição de terras, mas temia a recompensa que solicitariam aqueles que por tais meios iam atraindo e lisonjeando a plebe. Todo o Senado acompanhou sua opinião e várias outras pessoas de bem que não eram senadores, colocaram-se também de seu lado, espantando-se e enfurecendo-se grandemente por esta impertinência de César, o qual, como a autoridade consular, ia propondo as mesmas coisas de que se fartavam em propor os mais sediciosos e os mais insolentes tribunos do povo, para ganhar a graça da plebe e ia assim vil é covardemente conquistando o favor do povo.

XLIV. César e seus aderentes, receando tão grandes adversários, começaram a usar a força; primeiramente foi jogado sobre a cabeça de Bíbulo, quando ia para a praça, um cesto cheio de excrementos e lixo e partiram à força as varas que os sargentos levavam à sua frente, até que finalmente golpes de dardo, voando de todos os lados contra eles, diversos ficando feridos, todos os outros abandonaram a praça, fugindo em grande confusão, porém, Catão retirou-se por último, caminhando com seu passinho comum e ainda virando muitas vezes a cabeça e amaldiçoando tais cidadãos. Os outros fizeram não somente passar seu projeto pelos sufrágios, referente à distribuição de terras aos pobres, mas ainda mais, fizeram ajuntar que todo o Senado seria obrigado a jurar que ratificaria o conteúdo do edital e aguentariam a mão se houvesse alguém que atentasse contra, sob grandes penas a quem recusasse prestar esse juramento. Todos os outros senadores juraram à força, lembrando-se do que outrora havia acontecido em caso igual ao velho Metelo, o qual foi banido da Itália por não ter querido jurar e apoiar um edital semelhante; nessa ocasião as mulheres, em lágrimas, suplicaram em particular a Catão que se dobrasse um pouco e jurasse; também o mesmo fizeram seus familiares e amigos; mas aquele que mais o persuadia e levava a jurar, era o orador Cícero, que lhe demonstrou não ser razoável desobedecer sozinho ao que parecia bem e justo aos outros, e que seria totalmente insensato precipitar-se a si mesmo em e vidente perigo, procurando impedir uma coisa que já estava feita; ainda mais, que o maior mal, no caso, seria abandonar e deixar a república presa (para o bem da qual fazia todas as coisas), a esses que esperavam e empregavam todos os meios para arruiná-la, como se fosse muito fácil defendê-la no futuro: — "Pois bem, dizia ele, se Catão não precisa de Roma, e certamente Roma precisa de Catão e também dele necessitam todos os seus amigos"; dos quais ele mesmo dizia ser o primeiro, o que levava abertamente Públio Cláudio, por meio de seu cargo como tribuno a levantar emboscadas para expulsá-lo para fora do país. Dizem que esses pedidos e admoestações feitos a Catão em particular dentro de sua casa e, em público na praça, amoleceram-no um pouco e fizeram-no afinal vir jurar o último de todos, excetuando Faômo, que era um de seus íntimos amigos.

XLV. César, encorajado por haver conduzido ao fim esta sua primeira empreitada, levou à frente ainda um outro edital, pelo qual dividia quase todos os campos{1144}, e todo o país a que chamam a Terra do Labor, aos cidadãos pobres e necessitados de Roma. A este edital ninguém se opôs, a não ser Catão; e César o fez prender pelos seus sargentos dentro mesmo da tribuna para levá-lo à prisão, mas nem por isto ele se dobrou, nem abandonou a franqueza de seu linguajar e, caminhando, continuou sempre a discorrer contra o edital, concitando o povo a rejeitar aqueles que levavam tais coisas à frente. Todo o Senado foi a seu favor, e a maior parte sã do povo também, mostrando bastante por seu silêncio triste, que estavam em si mesmos desgostosos e enraivecidos da injúria que faziam a um tal personagem; de tal modo que, mesmo César, percebeu muito bem que o povo estava descontente; todavia, obstinou-se, esperando sempre que Catão por si mesmo chamasse e apelasse ao povo; mas quando compreendeu evidentemente que ele não o faria, afinal vencido pela vergonha e desonra que isso lhe causava, admitiu e encarregou ele mesmo um dos tribunos do povo a que fosse libertar Catão. Finalmente, o resultado de todo esse procedimento de César foi que depois de haver ganho o povo por meio de tais editais e tais generosidades, deram-lhe o governo de todas as Gálias, tanto daquém como dalém montes e de toda a Esclavônia{1145}, com um exército de quatro legiões e, pelo espaço de cinco anos, conquanto Catão predissesse e denunciasse bast ante ao povo, que ele mesmo, com suas próprias vozes, alojava o tirano dentro da fortaleza, o qual lhe calcaria um dia o pé sobre a garganta. Fizeram também eleger um tribuno do povo, Públio Cláudio, se bem que fosse de casa nobre, o que era expressamente proibido pelas leis; mas esse Cláudio lhes havia prometido dizer e fazer ludo o que quisessem, contanto que em recompensa 0 ajudassem a expulsar Cícero para fora da cidade de Roma; e fizeram também designar cônsules para o ano seguinte{1146}, Calpúrnio Piso, pai da mulher de César e Gabínio Paulo, homem nada afeito à devoção e segundo o coração de Pompeu, como escrevem aqueles que conhecem sua vida e seus costumes.

XLVI. Mas se bem que mantivessem a república tão embaraçada e tivessem reduzido a seu

poder uma parte da cidade por amor e a outra por receio, no entanto temiam sempre a Catão, considerando que se o haviam superado, isto tinha sido com grande dificuldade e muito trabalho, para sua vergonha, tendo sido constrangidos a empregar a força, e sem esperar jamais poder chegar ao fim. Ainda mais, Cláudio não esperava poder expulsar nem arruinar Cícero, enquanto Catão estivesse presente, e urdindo os meios para poder fazê-lo logo que fosse instalado em seu cargo, mandou chamar Catão e começou a dizer-lhe que o considerava o maior homem de bem e o mais completo que vivia dentro de Roma o que estava pronto a provar isto com efeito, pois quando diversos outros insistiam, desejando fazer parte da comissão para ir a Chipre contra o rei Ptolomeu, ele opinava que não havia outro que merecesse esta honra senão o próprio Catão e pela afeição que lhe dedicava, lhe daria voluntariamente esse prazer. Catão pôs-se incontinente a gritar que isto era uma emboscada e uma injúria, nunca um prazer; Cláudio então lhe replicou altivo e soberbamente: — "Pois bem, já que não queres ir por bem, eu te farei ir à força". E o fez, pois na primeira assembleia da cidade, conseguiu que lhe dessem a comissão; mas não lhe concedeu navios, nem guerreiros, nem servos, senão dois secretários apenas, dos quais um era ladrão e homem muito mau e o outro uma criatura de Cláudio; e ainda, como se fosse pouco o que teria de fazer em Chipre contra Ptolomeu, ordenou-lhe também ir depois recolocar os banidos da cidade de Bizâncio em seu país e na posse de seus bens, a fim de mantê-lo mais tempo fora de Roma, enquanto estivesse em seu cargo; vendo-se assim afastado, necessariamente, aconselhou a Cícero, o qual já estava sendo perseguido por Cláudio, a que não entrasse em desentendimento com ele e não atirasse a cidade de Roma na guerra civil e na carnificina por sua causa, mas que antes se ausentasse por um certo tempo a fim de que pudesse outra vez preservar seu país.

XLVII. Isto feito, enviou um amigo seu, Canídio, a Chipre, à presença de Ptolomeu, para persuadi-lo a que desistisse de tomar armas e que, assim fazendo, não sofreria dano nem de honra, nem de bens, porque o povo romano lhe delegaria a prelatura de Vênus na cidade de Pafos. Enquanto isso, ficou na ilha de Rodes a fazer seus preparativos, esperando a resposta. Mas, nesse ínterim, Ptolomeu{1147}, rei do Egito, devido algum ressentimento ou diferença que tivesse com seus súditos, tendo partido de Alexandria para ir a Roma na esperança de que César e Pompeu o recolocariam logo, com uma poderosa armada em seu reino, quis, passando, falar com Catão; mandou a sua presença, esperando que tão logo tomasse conhecimento de sua chegada, viesse visitá-lo. Catão estava então às voltas com seus negócios e respondeu ao mensageiro que Ptolomeu viesse à sua presença, se quisesse. Ele o fez, porém Catão não foi ao seu encontro, nem se levantou a sua frente, mas saudando-o apenas, do mesmo modo que teria feito com o primeiro a chegar, disse-lhe que se sentasse. Isto primeiramente espantou o rei por ver sob uma equipagem tão simples e tão pequena, uma tal gravidade e tão grande altivez na maneira de agir. Quando, porém, tendo entrado um pouco no assunto de seus negócios e ouvido sua palavra cheia de bom senso e de são julgamento, pela qual se estendeu francamente, demonstrando-lhe o erro que cometia, ao abandonar tão grande opulência e felicidade real para ir se submeter a tanta indignidade, a tanto trabalho e a tanta corrupção, e presenteando para satisfazer a avareza daqueles que tinham crédito e autoridade dentro de Roma, a qual era tão insaciável, que o reino do Egito, se bem que int eiramente coberto de dinheiro, não bastaria; assim, aconselhou-o a voltar imediatamente e procurar os meios de se reconciliar e despachar com seus súditos, dizendo-lhe ainda mais, que estava contente de ir com ele para o ajudar a fazer as pazes com os seus. Ptolomeu então, voltando como de uma alienação mental ao seu bom senso, considerando a verdade em si e a profunda sabedoria desse homem, ficou entre dois fogos, sem saber de quem seguir conselho; e teria feito conforme o parecer de Catão, se sua gente o não tivesse desviado; mas quando chegou a Roma e precisou se humilhar às portas desses que tinham autoridade e que ocupavam a magistratura, suspirou e lastimou bastante a loucura que havia cometido, como se não tivesse desprezado o conselho de um homem sábio, mas antes o oráculo de um deus.

XLVIII. Enquanto isso, o outro Ptolomeu, que estava em Chipre, de boa sorte para Catão, suicidou-se com veneno; e por terem dito que havia deixado grande soma em moedas, Catão deliberou ir pessoalmente a Bizâncio e enviou a Chipre seu sobrinho Bruto, porque não confiava muito em Canídio. E após haver reposto os banidos de Bizâncio em boas relações com os outros cidadãos e pacificado todas as diferenças que haviam em comum, então voltou

a Chipre, onde encontrou uma grande e real riqueza de móveis preciosos, como baixelas de ouro e de prata, mesas, pedrarias, tapeçarias e panos de púrpura, que ele precisou vender totalmente, para fazer dinheiro; quis usar de cuidado extremo e diligência, esforçando-se por alcançar até o mais alto preço, e assistir a tudo, para anotar até a última moeda; para fazer isso, não confiava nos usos e costumes do leilão; pois tinha todos os ministros que se davam por suspeitos, como os pregoeiros, como os lançadores de leilão, até aos seus próprios amigos; portanto, ele mesmo falava à parte com os compra dores que faziam oferta, elevando os preços, de sorte que a maioria das coisas que estavam à venda, foram assim aumentadas.

XLIX. Isto contrariou seus amigos, quando perceberam que desconfiava deles, mesmo Munácio que era o seu mais íntimo, o qual sentiu tão grande despeito, que nunca mais o procurou abrandar, de maneira que no livro que César escreveu depois contra ele, foi nesta parte de sua acusação que insistiu mais demorada e mais amargamente. Todavia, Munácio mesmo escreve, que esse ódio não lhe veio por causa de qualquer desconfiança de Catão, mas pelo pouco caso com que o tratava e por um pouco de inveja que teve de Canídio; pois escreveu um livro sobre os feitos e ditos de Catão, que Traseas aproveitou em sua história mais do que nenhum outro, e nesse livro escreve que chegou em último lugar a Chipre, onde lhe entregaram uma casa tão ruim, que os outros não a quiseram; e o que é mais, quando procurou entrar na casa de Catão, recusaram-lhe a entrada porque estava impedido, ocupado a entregar qualquer coisa a Canídio; pelo que, tendo se queixado moderadamente, ainda lhe deram uma resposta não muito moderada, a saber: — "Que o muito amar muitas vezes é causa de fazer odiar, assim como escreve Teofrasto: como agora, porque me amas estremecidamente e te parece que não faço conta de ti como mereces, te encolerizas; e eu declaro-te que emprego Canídio mais voluntariamente do que os outros, porque o conheço como homem de bom espírito, fiel e experimentado, tendo vindo desde o início, ao que pude ver, sempre com as mãos limpas".

L. Catão havia primeiramente dito essas palavras a Munácio a sós, mas depois soub e que as havia também referido a Canídio, ocasião em que não foi mais cear, como estava habituado, em casa de Catão; e sendo chamado a conselho, não quis aparecer, tanto que Catão ameaçou-o de que faria apreender seus móveis e sua bagagem, como se faz aos que são desobedientes à justiça; mas Munácio por isto não se preocupou e se fez ao mar, voltando a Roma, onde conservou durante muito tempo sua cólera, até que Márcia, a qual estava ainda com Catão, falasse com ele, e tendo sido ambos convidados para jantar em casa de um amigo comum chamado Barca, Catão chegou quando todos os outros já estavam à mesa e perguntou onde se sentaria. Barca respondeu-lhe que se pusesse onde lhe agradasse; ele depois de haver olhado para todos, disse: — "Quero me pôr aqui pinto de Munácio", e fez uma volta para ir sentar-se ali, sem todavia dar-lhe qualquer atenção durante lodo o jantar. Depois, a instâncias de Márcia, que lhe pediu, Catão escreveu-lhe que desejava falar com ele e Munácio foi procurá-lo cedo, quando Márcia o reteve até que todos os outros, que haviam vindo lambem saudar Catão, tivessem partido; e então Catão abraçou-o, fazendo-lhe todas as gentilezas possíveis. Quisemos narrar isto um pouco por extenso, estimando que essas coisinhas feitas em particular dão bem mais a conhecer os costumes e o natural dos homens, do que as grandes e feitas publicamente diante de todo o mundo.

LI. De resto Catão, naquela sua incumbência, juntou aproximadamente a soma de sete mil talentos{1148} e, receando a longa viagem que devia fazer por mar, mandou fabricar diversos cofres, podendo conter cada um, aproximadamente doze mil e cinquenta escudos{1149} e, amarrando a cada um deles uma corda comprida, na ponta da qual havia um grande pedaço de cortiça, a fim de que se por acaso o navio viesse a naufragar, essas cortiças mostrassem o lugar onde estaria o dinheiro no fundo do mar; assim, foi todo este dinheiro, exceto pequena parte, conduzido a salvo até dentro de Roma. Mas, tendo redigido por escrito em dois livros tudo o que havia feito nesse cargo, não pôde salvar nem um, nem outro: pois um de seus escravos libertos chamado Filárgiro trazia um, o qual tendo embarcado no porto de Cencres{1150} afogou-se, e o livro que levava perdeu-se com ele, e o outro, ele mesmo o havia

guardado até Corfu{1151}, onde se alojou na praça da cidade, aí tendo feito estender suas tendas; mas os marinheiros, sentindo frio à noite, fizeram um fogo tão grande que pegou nas tendas e queimou esse livro entre outras coisas. Catão levara consigo os servidores do falecido rei Ptolomeu, os quais eram encarregados da conservação de seus móveis e da administração de suas finanças, os quais trouxe para fechar a boca aos invejosos e maldosos que quisessem caluniá-lo por qualquer coisa; todavia, não deixou de lhe fazer mal, o fato de não ter feito cuidadosamente esse relato verbal de toda a sua administração para provar sua honestidade e dar a conhecer sua lealdade, mas para servir aos outros de exemplo de esplêndida diligência ; no entanto a sorte invejou-lhe esta honra.

LII. Chegou até dentro da cidade de Roma por água, e tão logo souberam que se aproximava, todos os magistrados, os sacerdotes, todo o Senado e uma boa parte do povo, saíram à sua frente ao longo do rio, de sorte que as duas margens do Tibre estavam cobertas de gente e propriamente parecia, ao vê-lo assim subir o rio, que era uma entrada triunfal; entretanto, houve quem achasse isto presunçoso e de mau gosto, tendo os cônsules e os pretores saído à sua frente, pois não fez parar seu navio, mas continuou a vogar sempre contra a corrente, dentro de uma galera real de seis remos por banco e não parou antes que toda a sua frota tivesse chegado ao porto; todavia, quando levaram através a praça o ouro e a prata até dentro do tesouro, o povo admirou-se por ver tão grande quantidade, e o Senado, reunido, conferiu-lhe com as mais honrosas palavras uma pretona extraordinária e o privilégio de assistir aos jogos com traje de púrpura. Catão recusou essas honras, mas pediu ao Senado para dar liberdade a Nícias, mordomo do falecido rei Ptolomeu, dando testemunho do cuidado, lealdade e boa diligência do mesmo. Filipe, pai de Márcia, era nesse ano cônsul{1152}, de sorte que toda a dignidade e a autoridade do consulado advinham de Catão, não sendo menor o respeito que o outro cônsul lhe tributava por sua virtude, do que Filipe por sua aliança.

LIII. Afinal, Cícero, tendo voltado do exílio, ao qual o havia levado Públio Cláudio e tendo recobrado grande poder, um dia foi ao capitólio, na ausência de Cláudio, arrancar e tirar à força as mesas que este aí havia consagrado, nas quais estava contido tudo o que se tinha feito durante o tempo de seu tribunato; estando o Senado reunido, Cláudio acusou-o por esta violência. Cícero respondeu-lhe que sua eleição ao tribunato, tendo sido feita diretamente contra a expressa proibição das leis, era nula e por conseguinte, também nulo tudo o que havia feito ou dito naquele cargo; mas nesse momento Catão tomou a palavra e, levantando-se, disse ser de opinião que em toda a administração de Cláudio, ele não havia nada feito de são, nem de bom; todavia, se assim anulavam em geral tudo o que tinha sido feito sob sua autoridade, seria forçoso anular também tudo o que ele havia feito em Chipre, porque a comissão em virtude da qual teria trabalhado não seria mais legítima, pois que o magistrado, que a teria executado, havia sido eleito indevidamente. Mas, por ser Cláudio de casa nobre, sua eleição ao tribunato não vinha a ser feita contra as leis; pois havia sido adotado por uma família popular, o que a lei lhe permitia, e se havia agido mal em sua gestão, como muitos outros, era preciso responsabilizá-lo para fazê-lo reparar seu erro e agir como homem que havia abusado do poder, e não destruir sua autoridade do magistrado, o que não era lícito fazer.

LIV. Cícero ficou descontente com Catão por esta contradição e desistiu, durante muito tempo, de demonstrar-lhe sinal algum de amizade, como fazia antes, mas depois se reconciliaram nas seguintes condições: Pompeu e Crasso, tendo ido conferenciar com César, o qual com esta intenção havia passado os Alpes, haviam combinado entre eles que solicitariam um segundo consulado e quando estivessem instalados no cargo, fariam prolongar a César seu governo, pelo mesmo tempo que já havia tido, e ficariam eles mesmos com as melhores e maiores províncias, com poderosos exércitos e dinheiro para entretelas e assalariá-las, o que era uma manifesta conspiração para dividir entre eles todo o império romano e arruinar completamente a república. Havia então diversas pessoas de honra que se preparavam para solicitar o consulado; mas, quando viram que Pompeu e Crasso se apresentavam, todos os demais se retiraram, exceto Lúcio Domício, que havia desposado Pórcia, irmã de Catão, a cuja

persuasão não quis desistir nem ceder considerando que não era questão de cargo, mas da liberdade do Senado e do povo romano. Correu incontinente um rumor entre a parte mais sã do povo, segundo o qual não se devia permitir que o poder de Pompeu se juntasse ao de Crasso por meio dessa aliança porque então seria esse poder muito maior e mais forte e que era preciso pelo menos retirar um deles; nessa ocasião os bem intencionados colocaram-se ao lado de Domício, admoestando-o e exortando-o a pugnar conscientemente contra os dois, e que encontraria diversos que não ousariam falar abertamente, com receio d os dois personagens, e que os favoreceriam às escondidas com seus votos, no dia da eleição. Receando isso, Pompeu e Crasso fizeram uma emboscada contra Domício, antes do dia amanhecer, quando ia ele com as tochas ao campo de Marte onde se realizava a eleição e quando o primeiro, que trazia a tocha à frente de Domício passou, foi magoado tão gravemente, que caiu morto aos seus pés e depois caíram sobre os outros que, feridos, fugiram desordenadamente, exceto Domício e Catão; pois este reteve o outro, se bem que estivesse ele mesmo fendo no braço e pediu-lhe para ficar e não abandonar a defesa da liberdade contra tiranos, que davam bem a conhecer como se portariam em seus cargos, pois que a ele aspiravam e pretendiam, usando de vias tão desgraçadas e tão más; entretanto, Domício não quis mais enfrentar esse perigo e fugiu para sua casa.

LV. Assim, foram Crasso e Pompeu de clarados cônsules sem contradição; Catão nem por isto não se rendeu mas apresentou-se pessoalmente a solicitar o cargo de pretor, a fim de que servisse pelo menos como um forte, para fazer frente ao consulado e não sendo um qualquer, teria mais autoridade para resistir aos que eram as primeiras e principais autoridades. Mas esses, receando que a pretoria pela reputação de Catão não viesse a ser em autoridade I poder, igual ao consulado, fizeram primeiramente reunir às pressas o Senado, sem que a maioria do senadores soubesse de nada, em cuja assembleia fizeram decretar que aqueles que fossem eleitos pretores tomariam posse imediatamente e entrariam no exercício de suas funções, sem esperar o tempo prefixado e ordenado pelas leis, durante o qual não pode riam levar perante a justiça aqueles que tivessem comprado com moedas de contado os sufrágios do povo; pois, tendo por meio desse decreto, forjado uma certa impunidade e licença de agir mal aos que pretendiam subir por tais meios, puseram à frente desse ardil alguns de seus ministros, dando eles mesmos o dinheiro para corromper o povo e presidindo pessoalmente a eleição; não obstante todas as suas tramas, a virtude e reputação de Catão os suplantava linda, porque o povo lhe devotava tão grande veneração, que estimava seria uma indignidade covarde vender Catão por seus sufrágios, que merecia ser comprado para fazê-lo pretor, de tal modo que a primeira linhagem, sendo chamada para dar seus votos, declarou-o pretor; vendo isso, Pompeu dissolveu logo a assembleia da eleição, aparentando, desonestamente, que tinha ouvido trovejar, porque os romanos estavam acostumados a detestar tal manifestação da natureza e jamais ratificavam coisa alguma quando se dava este sinal e prodígio celestes; mas depois entregaram ainda mais dinheiro do que entes e, com isto, expulsaram as melhores pessoas de bem do campo de Marte e fizeram tanto afinal por seus métodos, que um Vatínio foi eleito e declarado pretor em lugar de Catão; e dizem que esses que haviam tão iníqua e tão maldosamente empregado seus sufrágios, como por um remorso de consciência, fugiram imediatamente do campo e a pessoas de bem ficaram muito descontentes pelo ma causado a Catão. Encontrava-se ali um dos tribuno que presidia a assembleia da cidade, quando Catão, saindo à frente, predisse alto e claro diante de toda a assistência, como se estivesse inspirado por algum espírito divino profético, tudo o que estava para acontecer à república e agitou os ouvintes contra Pompeu e Crasso, advertindo-os que eles deviam se sentir culpados de tais atentados e pretendiam fazer tais coisas na administração pública, que haviam receado ser Catão eleito pretor, com medo de que ele impedisse seus projetos. Finalmente quando voltou à sua casa sozinho, foi acompanhado de mais gente do que os outros juntos, que haviam sido eleitos pretores.

LVI. E como Caio Trebônio, tribuno do povo, houvesse apresentado um projeto referente à distribuição de províncias aos novos cônsules, segundo o qual um teria todas as Espanhas e toda a África, e o outro todo o Egito e toda a Síria, com poder de guerrear a quem bem lhes parecesse, tanto por mar como por terra todos os outros, não podendo impedir e fazer nada em contrário, saíram também sem contradizer; Catão, porém, subiu à tribuna antes que o povo começasse a dar seus sufrágios, mas apenas quiseram conceder-lhe duas horas para

falar; ainda assim, vendo que se estendia demais para consumir o tempo, procurando demonstrar-lhes o que aconteceria, não quiseram mais deixá-lo falar e enviaram um sargento para o pôr abaixo à força; e como, mesmo depois de ter descido, não cessasse de gritar, dando motivo a que diversos prestassem atenção a suas palavras e se emocionassem, o sargento foi ainda prendê-lo, levando o para fora da praça; mas não o havia deixado mula, quando voltou para a tribuna, onde recomeçou a gritar mais do que nunca, exortando o povo a ter os olhos abertos para socorrer a liberdade e a república, que se iam perdendo; fez isto por tantas vezes, que Trebônio, não podendo mais suportar, ordenou ao sargento que o levasse à prisão; mas o povo foi atrás ouvindo sempre e prestando atenção ao que dizia, de maneira que Trebônio mesmo, receando algum escândalo, foi obrigado a ordenar ao sargento que o deixasse ir. Assim, Catão consumiu todo aquele dia, sem nada concluir; mas no dia seguinte os aderentes da linha contrária, tendo intimidado parte dos romanos e ganho a outra por meio de belas palavras e com a corrupção do dinheiro, impediram pela força das armas um dos tribunos do povo, Aquílio, de sair para fora do Senado, depois de terem levado violentamente Catão para fora da praça, porque gritava que havia trovejado e, tendo ferido diversos homens na praça mesmo, de que uns morreram na hora, fizeram afinal passar seu edital à viva força pelo sufrágio do povo.

LVII. Devido tal, diversos, estando aborrecidos, foram-se em grupos quebrar e destruir as estátuas de Pompeu, porém, Catão aparecendo, preservou-as; e como também pouco depois houvessem apresentado o projeto das províncias e forças que César solicitava, Catão não se dirigiu ao povo para tentar impedir, mas sim a Pompeu, denunciando e protestando que ele mesmo colocava sobre o pescoço o jugo de César, do que não se apercebia ainda, mas que logo começaria a pesar-lhe, encontrando-se preso e amarrado; então, quando não pudesse mais suportar, nem encontrar meios para se desvencilhar, atirar-se-ia com ele entre os braços da república e lembrar-se-ia das admoestações de Catão, as quais não eram menos aproveitáveis a Pompeu particularmente, como justas e razoáveis em si. Catão fez-lhe por diversas vezes tais observações, mas Pompeu não tomou conhecimento, porque não podia acreditar que César pudesse jamais mudar e confiava muito em sua prosperidade e na grandeza de seu poder.

LVIII. Afinal, Catão sendo eleito pretor para o ano seguinte, pareceu não dar muito apreço e dignidade ao cargo administrando retamente, mas parecia rebaixá-lo, indo muitas vezes descalço e sem saio ao tribunal e à cadeira pretorial, presidindo desse modo a julgamentos criminais, onde estava em jogo a vida de pessoas importantes; dizem alguns que mantinha a audiência mesmo depois do jantar, tendo tomado vinho; mas isto não é verdadeiro. Afinal, vendo que o povo romano estava perdido e estragado pelas corrupções dos que aspiravam à magistratura e que muitos lá consideravam isto coisa natural, procurando arrancar as raízes completamente desse vício da república, persuadiu ao Senado a fazer um estatuto e ordem: — "Que doravante aqueles que fossem eleitos para qualquer cargo, se não tivessem ninguém que os acusasse, seriam obrigados por si mesmos a apresentar-se em julgamento; e depois de haver depositado entre as mãos dos juízes o juramento de dizer a verdade, dar contas e razão, judicialmente, dos meios pelos quais tinham atingido seus postos".

LIX. Esta ordem tornou-o bastante odioso aos que disputavam aos cargos, de sorte que uma manhã foram em grande número à parte do tribunal onde os juízes dão sua audiência e puseram-se a gritar contra ele, injuriando-o e atirando-lhe pedras, de tal modo que os assistentes foram obrigados a fugir do recinto e ele mesmo atirado para fora pela massa popular e puxado por todos os lados, teve muito, trabalho para chegar à tribuna, onde, levantando-se nos pés, incontinente acalmou o barulho e amotinação do povo, impressionado pela segurança e severa constância de sua fisionomia; depois, fazendo-lhes tais observações que o tempo e o caso tratado reclamavam uma audiência pacífica, abrandou em pouco tempo todo o tumulto que se havia levantado. Como os do Senado o elogiassem, disse a todos alto e claro: — "Pois eu não vejo motivo para vos elogiar, atendendo que vós abandonastes um pretor em perigo de vida, sem vos sentir de modo algum no dever de socorrê-lo". Mas aqueles

que disputavam os cargos, encontraram-se em grande perplexidade, porque de um lado temiam despender dinheiro para comprar os votos do povo e do outro lado também tinham medo de que outros, assim fazendo, não decaíssem de sua pre tensão. Fizeram todos juntos um acordo pelo qual depositaria cada um a soma de doze mil e quinhentos escudos{1153} e depois, justa e corretamente fizessem sua solicitação ao cargo no qual aquele que se encontrasse em erro e que fosse ajudado pela corrupção, perderia o dinheiro que tinha depositado. Feito este acordo, elegeram para depositário, testemunha e árbitro, a Catão, entre as mãos do qual estava dito que depositariam seu dinheiro. O contrato foi lavrado em sua casa, onde lhe entregaram o julgamento de todos os pleitos, mas recalcitrou quanto ao dinheiro, que não quis receber; e quando chegou o dia da eleição, Catão, assistindo a um tribuno do povo que a dirigia e observando cuidadosamente como procediam ao votar, percebendo que um dos solicitantes o fazia em desacordo com o contrato, condenou-o a pagar a soma concedida aos outros, os quais, estimando e elogiando grandemente sua justiça e completa honestidade, não quiseram mais a multa, julgando que aquele que havia agido maliciosamente estava bem castigado em ser apenas condenado por sentença de Catão.

LX. Este ato desagradou aos outros senadores e suscitou grande inveja contra Catão, como se quisesse atribuir a ele só a autoridade e poder de todo o Senado, dos juízes e dos magistrados. Pois não há virtude cuja glória e confiança não engendrem mais inveja do que as daquele que exerce a justiça, pois ordinariamente o povo confia mais e concede maior autoridade a tais pessoas; não somente lhe prest a honra, como se faz aos corajosos; nem são admirados, como acontece com os sábios e prudentes, porém, são amados e estimados, porque neles o povo confia. Quando se teme a uns e se desconfia de outros; e, ainda mais, quando se considera que a coragem e a prudência procedem antes de uma força da natureza do que da boa vontade, supondo-se que a alma seja apenas uma vivacidade ou sutileza do espírito e a outra uma força do coração que vem da natureza, cada um pode ser justo, bastando apenas que o queira e isto é a razão, enquanto que a injustiça é o vício de que se deve ter mais vergonha porque é uma malícia e perversidade de que não se tem desculpa. Eis porque todos os grandes eram inimigos de Catão, como sendo por ele repreendidos, mesmo Pompeu, que considerava a reputação de Catão como a ruína de sua autoridade; e por esta causa suscitava sempre alguém para perseguir e injuriá-lo, entre os quais se achava Públio Cláudio, acintosamente em convívio com Pompeu e gritava contra Catão, dizendo que havia desviado muito dinheiro do público em sua comissão a Chipre e que guerreava Pompeu porque havia recusado desposar sua filha.

LXI. Ao que Catão respondeu que havia trazido de Chipre mais ouro e prata para a república, sem um só cavalo nem um só soldado, do que Pompeu com todos os seus triunfos e todas suas guerras, com o que havia feito trabalhar todo o mundo. No entanto não tinha nunca procurado a aliança de Pompeu, não que a considerasse indigna, mas porque via que não caminhava com o mesmo passo que ele na administração da coisa pública: — "Ofereceram-me o governo de uma província logo ao deixar minha pretoria, que recusei, enquanto ele retém uma coisa e outra para dá-las aos seus partidários. Agora emprestou uma força de seis mil homens a César para servir na guerra das Gáhas, sem que a tenha solicitado nem a tenha cedido com o nosso consentimento; e tantas armas, tantos homens e cavalos são dádivas particulares de nossos cidadãos; e ele, Pompeu, tendo o título de imperador e de capitão general, cede suas províncias e suas forças para outros, que as governam, enquanto fica aqui alimentando sedições na cidade, a suscitar e entreter tumultos nas eleições dos magistrados, construindo com tais artifícios os meios de pôr a república em tal confusão que sejamos obrigados depois a lhe dar e deferir poder soberano. Eis como se vingou Pompeu.

LXII. Ora, havia entre seus amigos, um chamado Marcos Faônio, o qual dizem ter sido antigamente Apolodoro, o Faleriano, de Sócrates, que o copiava e imitava em tudo o que podia. Esse homem, com o discurso, não se agitou lenta nem friamente pela razão, mas apaixonou-se até ficar fora de si e enfureceu-se como um ébrio. Solicitou um ano o cargo de edil, em cuja eleição ia sendo vencido. Catão, porém, que assistia à disputa, descobriu que

onde escrituravam os votos eram estes escritos pela mesma pessoa, e por esse meio, convencido da falsificação, chamou à frente os tribunos do povo e tanto fez que a eleição foi declarada nula. E depois Faônio, tendo sido declarado edil, Catão ajudou-o em todos os misteres de seu cargo, mesmo ordenando no teatro os jogos que estavam habituados a exibir por ocasião desse ato, para dar passatempo ao povo, quando não só deu aos jogadores, músicos e outros participantes, coroas de ouro como fazem os outros edis, mas rosários feitos de tenros ramos de oliveira selvagem, como se usam na Grécia, nos jogos olímpicos; e enquanto os outros distribuíam suas dádivas aos pobres, ricos presentes, ele distribuiu aos gregos de nascimento, alho, lentilhas e peras; e aos romanos, potes de barro cheios de vinho, carne de porco, ligos, pepinos e fei xes de madeira de pouco valor; do que uns zombavam, outros devolviam, e vendo Catão, que era tão severo e tão austero por natureza envolver-se nisso, pouco a pouco convertiam esta reverência em prazer. E finalmente Faônio, pessoalmente atirando-se no meio do povo, foi sentar-se entre os espectadores para ver os jogos e foi o primeiro a aplaudir Catão que conduzia tudo, gritando-lhe bem alto que aos jogadores que desempenhavam bem, que os honrasse, concitando aqueles junto dele a fazer o mesmo, dizendo-lhes que havia dado toda a autoridade a Catão em seu espetáculo. Ao mesmo tempo Cunão, companheiro e concorrente de Faônio no cargo de edil, promovia em outro teatro jogos magníficos, mas todo o povo o abandonava para ir ver Faônio, o qual conscientemente ficava inativo, enquanto Catão empreendia e dirigia os jogos. Catão fazia isto para zombar da despesa louca e supérflua que se habituavam a fazer em tais coisas e mostrar que quem quer promover jogos, precisa fazê-los brincando, acompanhando-os com uma graça simples, não com aparato de grande custo, nem com uma superfluidade suntuosa, empregando tanto de solicitude e de despesa em coisas sem importância.

LXIII. Algum tempo{1154} depois, como Cipião, Hipseo e Milton aspirassem todos três juntos o consulado, usando não somente a corrupção e distribuição de dinheiro, que já eram crimes comu ns e ordinários nas disputas dos cargos da república, mas abertamente pelas armas, espancamento e assassínios, com o risco de guerra civil, tanto eram os três audaciosos e temerários, alguns propuseram que deviam entregar a direção das eleições a Pompeu, a fim de que se procedesse corretamente. Catão opôs-se de início, dizendo que não era preciso que as leis firmas sem sua segurança em Pompeu, mas ao contrário, Pompeu nelas. Todavia, vendo que essa desordem durava muito longamente, sem que houvesse magistrados independentes dentro de Roma, e que havia todos os dias, como se fossem três campos de batalha na praça, de tal modo que era difícil fazer cessar daí em diante o mal, para que não se estendesse mais, então foi de opinião que antes de esperar a extrema necessidade, por concessão voluntária do Senado, se pusessem os negócios da república nas mãos só de Pompeu realizando-se o menor mal para esquecer e remediar os maiores, e introduzindo uma espécie de monarquia, voluntariamente, antes de esperar até que a saída desta sedição produzisse loucura e tirania. Pelo que, como Bíbulo, que era aliado de Catão, houvesse apresentado o alvitre perante o Senado, de que era preciso eleger Pompeu cônsul sozinho, porque dizia ele: — "Ou a república ficará em bom estado pela ordem que ele estabelecerá ou pelo menos Roma servirá a senhor menos mau", Catão, levantando-se, contra a opinião e a espectativa de toda a assistência, aprovou tal proposta, dizendo que valia mais haver um magistrado na cidade, qualquer que fosse, do que não haver nenhum, e esperava que Pompeu soubesse pôr ordem na confusão reinante e que tomasse enfim gosto em conservar a república, quando visse que a tinham assim liberalmente confiado a ele.

LXIV. Desta forma, tendo sido Pompeu eleito cônsul sozinho{1155}, mandou pedir a Catão para vir um instante à sua presença nos jardins que possuía nos arrabaldes da cidade. Catão foi, sendo recebido com todas as demonstrações de amizade possíveis e finalmente Pompeu, depois de o haver agradecido bastante pela honra que lhe havia dado, pediu-lhe para ser assessor e conselheiro em seu cargo. Catão respondeu-lhe que não havia dito o que dissera antes, por qualquer malevolência que lhe tivesse, nem dera a última opinião pelo bem que lhe desejasse, mas pelo bem e pela utilidade da república; no{1156} entanto, quanto aos seus negócios privados e particulares, que o aconselharia todas e quantas vezes solicitasse sua opinião; mas, quanto aos negócios públicos, diria sempre o que lhe parecesse melhor, ainda que não lhe solicitasse nada; e de fato fez tudo como havia dito. Logo de início, como Pompeu estabelecesse graves penas e multas novas contra os que por dinheiro tinham corrompido os

votos do povo, aconselhou-o a não revolver o passado, mas somente prover o futuro, pois que lhe seria difícil estacionar uma época do tempo, até a qual deveria rebuscar os erros anteriores; e que, ainda mais, se estabelecesse penas mais recentes do que os crimes, estas causariam dano aos que fossem chamados perante a justiça, castigando-os por uma lei que não tinham transgredido; e depois, tendo sido acusados alguns personagens de qualidade, amigos e familiares de Pompeu, Catão percebendo quê ele se deixava manobrar e dobrava-se em muitas coisas, levantou-se e repreendeu-o asperamente. Tendo Pompeu, por edital, abolido o costume de elogiar em julgamento os criminosos acusados, no entanto ele m esmo tendo escrito um discurso em louvor de Munácio Planco, enviou-o aos juízes enquanto sua causa se decidia. Catão, que por acaso era um dos juízes nesse processo, tapou os ouvidos com as duas mãos, proibindo que lessem tal testemunho; por esta razão Planco recusou Catão como juiz, depois que os advogados tinham sido ouvidos de uma parte e da outra; não obstante, foi condenado. Em geral, Catão tinha pena desses que eram acusados, que não sabiam perfeitamente como deviam fazer com ele, pois não ousavam deixá-lo entre seus juízes, nem recusá-lo também; houve diversos condenados que, ao recusarem Catão, pareciam não confiar em sua inocência e alguns eram censurados por sua grande infâmia, por não terem querido aceitar Catão como juiz, quando lhe fora apresentado.

LXV. Enquanto essas coisas se passavam em Roma, César estava na Gália guerreando e não se separava das armas; no entanto, por dons e dinheiro, ia sempre ganhando amigos dentro de Roma, para aí ser também poderoso, de sorte que desde logo as admoestações e predições de Catão começaram a despertar Pompeu do sono, que vinha de há muito dormindo, e fazê-lo pensar um pouco no perigo em que antes não queria acreditar; todavia, vendo-o ainda cheio de preguiça e de dúvida, não ousou pôr conscientemente mãos à obra, para impedir os projetos de César, e deu-lhe vontade de solicitar o consulado, com a intenção de fazê-lo retirar-se incontinente das armas, ou descobrir sua emboscada e ver afinal o que ele pretendia. Seus competidores eram duas outras pessoas de bem e homens honestos também, dos quais um, Sulpício{1157}, havia recebido muita honra por meio do prestígio e da autoridade de Catão, razão por que diversos estimavam que não agia antes honestamente, mas mostrava-se ingrato, por se formar com ele nessa pretensão; todavia Catão jamais se queixou mas, ao contrário, disse que não precisavam se admirar se não queria ceder a outrem, o que considerava ser o maior bem que lhe pudesse suceder; mas persuadiu o Senado a fazer um estatuto segundo o qual, daquela data em diante, todos aqueles que disputassem um cargo público, teriam eles mesmos de requerer pessoalmente ao povo e não poderiam solicitar isto por intermédio de outros. Tal decisão contrariou ainda mais a plebe, devido não somente lhe retirar das mãos o dinheiro que se fartava de receber na época das eleições, como privava os candidatos dos meios de proporcionar prazer a muita gente. E, ainda mais, não sendo próprio de seu caráter essa maneira de agradar e ganhar o favor público, mesmo solicitando pessoalmente, preferiu mais manter a dignidade de seus costumes e de sua vida, do que adquirir o consulado. Dessa forma, nada fez pessoalmente e nem deixou que os amigos o fizessem. Por isso não foi eleito. Conforme o costume daquele tempo, quando um candidato não conseguia se eleger, não somente ele como também seus parentes, amigos e partidários, cobram-se de luto, que durava por muitos dias. Catão, porém, fez tão pouco caso de sua derrota, que na manhã seguinte foi jogar a pela com os amigos no campo de Marte, e depois do jantar dirigiu-se à praça, descalço e sem saio, passeando, como de costume. Cícero então censurou-o, alegando que a república tinha necessidade de um magistrado como ele e, no entanto, não dera bastante apreço, nem se havia preocupado em ganhar a simpatia da plebe, cortejando-a, agradando-a e falando maneirosamente; ele não quis tentar novamente, mas desistiu de uma vez, embora solicitasse depois, mais uma vez, o cargo de pretor. Catão respondeu que, quanto à pretona, não havia sido recusado pela vontade do povo, mas porque este havia sido corrompido e ganho por dinheiro, porém, na eleição para cônsul, não houvera nenhuma corrupção e por isso compreendera perfeitamente que ele mesmo era desagradável ao povo devido seus costumes, os quais não haveria de mudar, segundo os caprichos de outrem, mas continuaria sendo o mesmo em todos os sentidos porque isto não era próprio e conveniente a um homem de bom senso e entendimento.

LXVI. Afinal, tendo César se atirado contra as nações belicosas, subjugando-as, não sem grandes dificuldades e perigos, perseguiu também os germanos, com os quais os romanos estavam em paz, derrotando trezentos mil; por esse motivo, seus amigos solicitaram ao povo que fizesse sacrifícios para agradecer aos deuses. Catão, entretanto, em pleno Senado, disse que deviam entregar César nas mãos daqueles a quem ele havia ultrajado, para que lhe dessem o castigo que bem lhes aprouvesse, a fim de recair somente sobre ele todo o pecado da paz violada, e não sobre a república, que não podia mais; disse-lhes, todavia, mais o seguinte: — "Se devemos fazer sacrifícios aos deuses, que seja para não se terem vingado da fúria e temeridade do capitão, sobre os nossos pobres soldados, que não têm culpa, ou para que tenham compaixão da cidade". César, informado do que se passava, escreveu uma carta ao Senado, contendo a mesma várias injúrias e diversas acusações a Catão. Este, levantando-se, não como se estivesse ofendido e tomado por urna cólera súbita e nem somente pelo desejo de contestar as acusações, mas fria e calculadamente, como se de longa data tivesse premeditado o que tem de dizer, demonstrou que as imputações de César não passavam de motejos de zombaria, reservados para lazer rir a assembleia; ele pelo contrário, começando por descobrir todos os propósitos do adversário desde o início, e delineando claramente suas intenções, como se fosse, não um rival político, mas um cúmplice ou companheiro de conjuração, demonstrou à assistência que não era aos germanos ou aos gauleses que deviam temer, mas sim, ao próprio César, se é que possuíam sabedoria para discernir os acontecimentos. Esse discurso irritou de tal modo os ouvintes, que os amigos de César se arrependeram de ter apresentado as cartas e tê-las feito ler porque, assim procedendo, tinham dado oportunidade a Catão para deduzir dos propósitos de César, as várias acusações, aliás verdadeiras, contra ele. Entretanto, naquele momento, nada foi concluído contra César, no Senado, senão que era razoável providenciar um sucessor para ele; diante de tal consideração, os amigos de César solicitaram que então Pompeu também devia depor as armas e abando nar as suas províncias, ou então, que não obrigassem César a lazer isso.

LXVII. Catão começou então a gritar que isto era justamente o que havia predito e que César vinha para oprimir a república, usando abertamente contra ela, das armas que havia obtido pela fraude e pela mentira; entretanto, pelo que sabia, ele, Catão, nada esperava fora do Senado, porque via que o povo estava favorecendo César e desejava que se tornasse grande; o Senado concordou com o que disse, mas temia o povo. No entanto, chegavam notícias de que César tomara a cidade de Ariminum{1158} e vinha direto com suas armas a Roma. Então, todo o mundo pôs os olhos em Catão, e o povo e Pompeu confessaram que só ele havia previsto, desde o início, o alvo pretendido por César, e que havia predito francamente. Então Catão lhes disse: — "Se vós me tivésseis acreditado, senhores, e seguido meu conselho, não recearíeis agora apenas um homem, nem teríeis também vossa esperança em outro somente". Pompeu a isto respondeu que Catão por certo havia predito mais verdadeiramente, mas que ele, mais lealmente, havia descoberto; e Catão aconselhou o Senado a entregar os negócios nas mãos de Pompeu, porque disse ele: — "Esses que praticam os grandes males, são sempre os que sabem melhor os meios de curá-los".

LXVIII. Entretanto, Pompeu, não tendo a seu lado e xército suficiente para esperar César e vendo ainda o pouco de soldados de que dispunha, assaz friamente encorajados, abandonou Roma. E Catão, tendo resolvido ir com ele, enviou seu filho mais moço para ficar com Munácio, que estava no país dos brutianos, levando seu primogênito consigo; e ainda mais, tendo sua casa e suas filhas necessidade de alguém que as governasse, retomou ainda Márcia, que então estava viúva e possuía muitos bens, porque Hortênsio, tendo falecido, a instituíra sua herdeira; o que César, em seu libelo difam atório contra Catão anota muito injuriosamente, exprobrando-lhe a avareza e ambição mercenária em ganhar por meio de núpcias: — "Pois se tinha, disse ele, necessidade de mulher, por que a cedia primeiramente a outro? E se não tinha o que fazer, por que a retomava pouco depois? Quando a entregou de início a Hortênsio, não foi como uma isca, emprestando-a jovem com intenção de retomá-la rica?" Todavia contra isto é suficiente, parece-me, replicar com esses versos de Eurípides:

Em[{1159}] primeiro lugar, venho contestar

O que não é lícito nem mesmo dizer;

Pois acusar de modo algum se deve

A Hércules, que teve o coração covarde.

Pois parece-me que é o mesmo, acusar Hércules de covardia e Catão de avareza e ambição de ganho, pois se por algum outro motivo falhou nesse casamento, é coisa ocasional que poderia acontecer; pois logo depois que desposou Márcia e lhe entregou sua casa, seus móveis e utensílios e suas filhas, pôs-se a seguir Pompeu e, nunca depois desse dia, como dizem, cortou seus cabelos, nem sua barba, nem pôs chapéu de flores sobre a cabeça, mas manteve-se sempre até a morte nesse estado de luto, com um silêncio morno e uma grande tristeza no coração pela calamidade que atingia a república, mesmo quando os de seu partido assinalavam alguma vantagem, ou quando perdiam. E tendo-lhe caído por sorte o governo da Sicília, passou a Siracusa, quando, sendo avisado de que Asínio Pólio, da parte dos inimigos, havia chegado a Messena[{1160}] com grande quantidade de guerreiros, mandou perguntar-lhe quem o fazia vir até ali, e Pólio perguntou-lhe, por sua vez, qual era a causa daquele movimento guerreiro.

LXIX. E tendo notícias de que Pompeu havia completamente abandonado a Itália e já estava além-mar acampado próximo à cidade de Dirráquio, disse então que via no governo dos deuses uma grande incerteza e grandes variações, levando em conta que Pompeu havia sido antes sempre feliz, enquanto não fazia nada de bom, segundo o direito e a equidade e agora, que queria preservar seu país e combater pela liberdade, via-o destituído de sua felicidade. Disse então que era bastante forte para expulsar Asínio para fora da Sicília, se quisesse; mas porque lhe vinha um outro reforço, não quis afligir, nem agitar esta ilha com as calamidades que traz a guerra. Então, depois de haver aconselhado os siracusanos a que se colocassem ao lado dos mais fortes para se preservarem, saiu ao mar e foi encontrar Pompeu, sempre com a mesma opinião de protelar a guerra, esperando sempre alguma saída, evitando batalhas, senão quando fosse forçado por uma das partes; e persuadiu a Pompeu e ao Conselho que estava a seu lado, a discernir os fatos relativos a tudo isto, que não saqueassem nessa guerra nenhuma cidade que pertencesse ao império romano e que não fizessem morrer nenhum cidadão romano, a não ser que se encontrasse em batalha, de armas em punho; nisto adquiriu grande honra, atraindo muitos homens para o partido de Pompeu pela consideração de sua bondade, clemência e humanidade.

LXX. E, sendo enviado à Ásia para ajudar aos que estavam comissionados para reunir navios e alistar guerreiros, levou consigo sua irmã Servília e o filho de que Lúculo era pai porque, depois de sua viuvez, esta sempre o seguiu, e assim procedendo, haviam diminuído bastante os rumores que corriam quando viram que ela havia voluntariamente se submetido à guarda e estrita maneira de viver de Catão, acompanhando-o em sua fuga. Todavia, mesmo assim, César não deixou ainda de acusar esta sua irmã. Os capitães de Pompeu não tiveram contacto com Catão senão em Rodes, onde, por meio de admoestações, conquistou os habitantes e ali deixando Servília com seu filhinho, voltou ao acampamento de Pompeu, o qual já havia reunido uma poderosa força, tanto terrestre como marítima, ocasião em que a intenção de Pompeu parecia mostrar-se mais evidentemente do que em qualquer outro lugar, pois havia proposto consigo mesmo dar o comando da armada a Catão, a qual não era menos do que quinhentos navios de guerra sem contar as fragatas, fustes e barcos, dos quais tinham um número infinito; mas, tendo subitamente uma intuição ou talvez avisado por algum de seus amigos, que o objetivo de Catão em todas as suas ações era libertar Roma da tirania, e que, uma vez senhor de um tão belo e grande poder, desejaria que no mesmo dia da derrota de César, Pompeu também depusesse as armas e se submetesse imediatamente às leis, mudou de opinião, se bem que já houvesse falado com o próprio Catão e, em seu lugar, deu o comando a Bíbulo.

LXXI. Mas, nem por isto lhe pareceu que Catão ficasse menos afeiçoado a ele, mas dizem que numa das escaramuças e encontros que se deram diante da cidade de Dirráquio, como Pompeu exortasse aos soldados e ordenasse aos capitães para fazerem o mesmo, cada um em seu lugar aos que estavam sob seu comando, os soldados ouviram-no muito friamente, sem dar demonstração alguma, embora tivessem anteriormente os corações mais inflamados; mas, quando Catão, depois de todos os outros, veio discorrer conforme a comodidade do tempo permitia, sobre as razoes da filosofia, referentes à liberdade, à virtude, à morte e à glória, com veemência e grande afeição e, afinal, vindo a concluir seu discurso por uma invocação aos deuses, tornando seu linguajar para com eles, nem mais, nem menos, como se estivessem presentes e olhando os que combatiam virtuosa e corajosamente pela defesa de seu país, os soldados irromperam numa gritaria tão grande e sentiram em si próprios um tal ardor, que todos os capitães tiveram esperança e foram de cabeça baixa dar contra os inimigos com tão grande fúria, que os derrotaram e puseram em fuga nesse dia; mas, a boa sorte de César retirou-lhes a completa vitória final, devido a dúvida e desconfiança de Pompeu, que não soube conhecer e aproveitar sua boa hora, como escrevemos mais detalhadamente em sua vida.

LXXII. Entretanto, quando todos os outros se alegravam por este feito e louvavam grandemente a vantagem que haviam tido sobre seus inimigos, Catão, ao contrário, deplorou a calamidade da república e lamentou a desgraçada ambição, que era causa pela qual tantos bons e valorosos cidadãos de uma mesma cidade se matassem entre si, assim, uns aos outros. Depois desta derrota, César, tendo tomado o caminho da Tessália, Pompeu desalojou-se dali onde estava acampado para ir-lhe no encalço e deixando em Dirráquio boa quantidade de armamento e grande número de pessoas, que lhe pertenciam por parentesco ou por aliança, comissionando Catão como capitão e guarda de tudo, com quinze coortes de guerreiros, o que fez pelo temor e desconfiança que tinha dele, pois se por má sorte viesse a perder a batalha sabia bem que não podia acusar disto o homem mais leal nem mais fiel, senão a si próprio; mas também que se a ganhasse, duvidava que onde estivesse Catão, pudesse dispor todas as coisas a seu gosto. Houve também diversas outras pessoas de honra e personagens de grande categoria, que ficaram como se diz, atirados e deixados dentro de Dirráquio com Catão.

LXXIII. Finalmente, quando se deu a derrota de Farsália, Catão resolveu consigo mesmo que, se Pompeu morresse, levaria de novo à Itália todos os que estavam com ele e depois iria sozinho a um exílio o mais longe possível da tirania; e se estivesse ainda vivo, preservaria até o fim as forças que se achavam em suas mãos. Assim deliberado, atravessou a ilha de Corfu, onde estava a armada e, encontrando Cícero, quis ceder-lhe o cargo de capitão, como a um personagem de maior dignidade, porque havia sido cônsul e ele apenas pretor; mas Cícero não quis aceitar e voltou à Itália. E Catão, vendo que Pompeu filho, com uma arrogância e altivez importunas, queria castigar aqueles que se retiravam do exército e notadamente que estava com vontade de atingir primeiro a Cícero, repreendeu-o à parte, em particular, abrandando-o, de maneira que salvou certamente a vida de Cícero e desfez o temor nos outros. De resto, conjecturando que Pompeu pai estaria salvo no Egito e{1161} na África, resolveu fazer-se à vela incontinente para ir encontrá-lo com toda a diligência. Embarcou com sua tropa, mas antes, deu licença para seguir ou ficar, a todos os que não tinham muita vontade de segui-lo nesta guerra.

LXXIV. Tendo chegado à África, quando ia margeando a costa, encontrou Sexto, o mais moço dos filhos de Pompeu, que lhe contou como seu pai havia sido assassinado no Egito, pelo que todos os da tropa ficaram muito descontentes; mas não houve um que depois da morte de Pompeu, quisesse ouvir falar em receber ordens de outro senão de Catão; nessa ocasião, tendo vergonha e compaixão de falhar nas necessidades de tanta gente boa e que havia dado tão segura prova de sua fidelidade, abandonando-os sozinhos sem condutor, sem saber o que devia fazer, nem onde devia ir, e estando em país estrangeiro, levou em conta sua solicitação e

abordou primeiramente na cida de de Cirena, onde foi recebido pelos habitantes, que poucos dias antes haviam fechado as portas a Labieno. Ali, teve notícias de que Cipião, sogro de Pompeu, retirara-se para junto do rei Juba, que o recebera, e sabendo que Ácio Varo, ao qual Pompeu havia comissionado o governo da província da África, estava em sua companhia com tropas, deliberou ir unir-se a eles; pôs-se a caminho por terra, porque estavam na estação do inverno, fazendo reunir bom número de burros para levar água e boa provisão de víveres e animais que fazia vir depois com carros e homens que chamam na África os psilitos, os quais curam as mordidas das serpentes e sugam o veneno com a boca, fascinando e encantando as próprias serpentes, de maneira que as deixa como desmaiadas e não podendo fazer mal algum. Foram sete dias inteiros de marcha contínua, servindo-lhes de guia e marchando a pé, sem jamais montar a cavalo, nem sobre outro animal de carro. Desde o dia que soube da perda da batalha de Farsáha, nunca mais jantou senão sentado{1162}, ajuntando isto ao resto de seu luto e jamais se deitava a não ser para dormir. Tendo passado o inverno na Líbia, pôs-se a campo com seus soldados, que não eram em número menor de dez mil, e achou que os negócios de seu lado estavam em péssimo estado devido a luta e diferença que havia entre Cipião e Varo quando os dois bajulavam o rei Juba e procuravam ganhar suas boas graças; e ele, sendo homem insuportável pela gravidade que mantinha e pela fatuidade e glória de que estava possuído por causa de suas riquezas e de seu poder, como demonstrou a primeira vez que conferenciou com Catão, pois mandou pôr sua cadeira entre a deste e a de Cipião para ter a honra de se sentar no meio. Catão, vendo isso, pegou sua cadeira e foi se pôr ao lado de Cipião para colocar este no meio, se bem que fosse seu inimigo e que tivesse escrito um livro cheio de injúrias e palavras difamatórias contra ele. Há os que não fazem caso deste fato e no entanto repreendem Catão pelo fato de, passeando um dia na Sicília, ter dado a honra do centro a Filostrato, para honrar nele a filosofia. Assim reprimiu Catão a arrogância desse rei por aquela vez, pois antes fazia de Cipião e de Varo como que seus vassalos e sátrapas; Catão, porém, reconciliou-os.

LXXXV. Em suma, como toda a companhia o solicitasse para ficar com o comando do exército e mesmo Cipião e Varo fossem os primeiros a lho ceder, deixando-lhe voluntariamente a honra de comandar todo o campo, respondeu que não transgrediria as leis, atendendo que não guerreava a não ser pela autoridade e a conservação delas, nem fazia questão da prerrogativa de comandar, ele que era vice-pretor, quando havia um vice-cônsul; pois Cipião havia sido acostumado a tal, com o que o povo confiava que os combates sairiam bem se um Cipião comandasse dentro da África, e ele, portanto, tendo aceito o cargo de capitão-geral, quis incontinente em favor de Juba passar todos os habitantes da cidade de Útica{1163} ao fio da espada, até as criancinhas e arrasar completamente os edifícios, conseguindo o partido de César. Catão, entretanto, não quis suportar isto e gritou protestando e chamando os deuses como testemunhas no conselho e teve muito trabalho em preservar as pessoas pobres, desta cruel execução; depois, em parte pelas súplicas dos cidadãos, em parte também a instância de Cipião que lhe pediu, empreendeu guardá-la, com medo que viesse por vontade ou pela força a submeter-se a César, porque era uma praça forte e muito a propósito para todas as coisas, a quem a tomasse, Catão, provendo e fortificando-a ainda mais, pois depositou dentro uma quantidade infinita de trigo, fez reparar as muralhas, levantar as torres, cavar profundas trincheiras à volta da cidade, com tapumes de estacas entre as trincheiras e fez alojar os rapazes de Útica, obrigando-os a entregar suas armas e retendo outros dentro da cidade, dando ordens com grande cuidado para que nenhum deles fosse ultrajado, nem ofendido pelos romanos e ainda enviou bastante trigo, armas e dinheiro ao campo; de maneira que a cidade de Útica era como um depósito de guerra.

LXXVI. E como anteriormente havia aconselhado Pompeu a não dar batalha, o mesmo aconselhou a Cipião, em não se aventurar contra um homem aguerrido e entendido nos feitos de armas, mas sim aproveitar o tempo, que pouco a pouco abateria a força e vigor de sua tirania; mas Cipião foi tão presunçoso, que não fez caso de seu conselho e escreveu algumas vezes a Catão censurando sua covardia em palavras como estas: — "Que lhe deveria ser bastante o estar em segurança em uma boa cidade, fechado dentro de fortes muralhas, sem querer impedir os outros de executar corajosamente, com razão, o que sua ocasião lhes apresentasse". Ao que Catão escreveu que estava pronto a voltar à Itália com seus soldados de infantaria e da cavalaria que havia trazido à África, para desviar César e fazê-lo virar-se

contra ele; mas Cipião não fez senão zombar. Diante disso, Catão demonstrou claramente que se arrependia por lhe haver cedido a autoridade de comandante geral do exército, porque bem via que não conduziria sabiamente os combates e, se acontecesse sair vencedor, não usaria moderadamente de sua vitória para com seus concidadãos; razão por que começou desde então a ter pouca esperança no futuro dessa guerra e disse a seus familiares, que isto era devido à insuficiência e presunção dos capitães; e no entanto, se por acaso, o que de outro modo não esperava, acontecesse algum bem e César fosse derrotado, ele não ficaria nunca em Roma, mas fugiria à crueldade e desumanidade de Cipião, o qual desde logo se utilizava de ameaças graves e arrogantes contra alguns; afinal a desgraça chegou ainda mais cedo que se esperava, pois uma noite, bem tarde, chegou um mensageiro, depois de três dias de viagem, que trouxe a notícia de que tudo estava perdido, porque se havia dado uma grande batalha junto da cidade de Tapses{1164}, que César havia ganho e se havia apoderado dos dois campos, que Cipião e Juba haviam fugido com um pequeno número de soldados e todo o resto de seus exércitos passado ao fio da espada.

LXXVII. Essas coisas tendo ocorrido, aqueles que estavam em Útica, apavorados com a notícia, como acontece na guerra e ainda mais à noite, apenas puderam conter-se dentro das muralhas da cidade, tanto tiveram o senso e o entendimento perturbado de pavor. Catão, porém, apresentou-se a eles, aprisionou os que se encontravam pelas ruas gritando e fugindo, confortando-os o melhor que pôde; e se não lhes retirou todo o pavor, pelo menos lhes retirou o espanto e perturbação de espírito em que se achavam, dizendo-lhes que a perda não era por acaso tão grande como a faziam e que sempre foi costume aumentar as palavras das más notícias. Acalmou assim um pouco o tumulto e, de manhã, ao clarear do dia, mandou gritar que os trezentos homens que havia escolhido para seu Conselho deviam se apresentar ao templo de Júpiter, como também todos os cidadãos romanos que, pelo tráfico de mercadorias e comércio se encontravam na África e também todos os senadores romanos com seus filhos. Assim, ainda estavam se reunindo, quando ele mesmo foi descansadamente e aparentando uma constância firme, como se não tivesse acontecido nada de novo, tendo um livrinho na mão, o qual ia lendo. Esse livreto continha a situação das provisões que havia feito para a guerra, como trigo, armamento, arcos, dardos e soldados de infantaria; depois, quando todos se reuniram, começou a elogiar a afeição, a fé e a lealdade desses trezentos romanos, que com suas vidas, seu dinheiro e seu Conselho, haviam sempre utilmente servido a república e aconselhou-os a não se afastarem da reunião, perdendo a esperança ou procurando cada um os meios de se salvar à parte, porque, ficando juntos, César os desprezaria menos se quisessem guerrear, e perdoaria mais cedo se pedissem graças. Aconselhou-os, avisando o que lhes aconteceria e, quanto a ele, não reprovaria o que resolvessem, pois se sua vontade virava com a sorte, estimaria que esta mudança não procedesse senão da necessidade do tempo; mas se estavam deliberados a perseverar, combatendo a desgraça até o fim, submetendo-se a todo perigo para defender a liberdade, não somente elogiaria, mas também admiraria sua virtude e seria seu chefe e companheiro para tentar e experimentar até o último ponto a sorte de seu país, que não era Útica nem Adrumeto{1165}, mas a cidade de Roma, a qual, pela grandeza de seu poder, muitas vezes se levantara de quedas mais pesadas e mais graves; além disso, tinham ainda diversos meios de salvação e de segurança de suas pessoas, dos quais o maior era o que poderiam fazer com um inimigo, que na ocasião de seus combates teria que atender em diversos pontos, porque por um lado a Espanha rebelara-se contra ele em favor do jovem Pompeu e, a cidade de Roma que ainda não se acostumara com o freio e não podia sofrer, mas se sublevava diante de toda mudança, e que não era preciso fugir ao trabalho nem ao perigo, mas antes tomar o exemplo do próprio inimigo, que não poupava de modo algum sua pessoa, apesar do propósito de grandes perversidades, que havia empreendido; quando, ao contrário, para eles, a incerteza dessa guerra, se acabasse bem, terminaria numa vida feliz e, se sucedesse mal, em uma morte gloriosa. Todavia, era preciso que deliberassem, suplicando aos deuses que para recompensa da virtude e da boa vontade que haviam demonstrado até ali, fizessem a graça de resolver o que lhes parecesse melhor.

LXXVIII. Depois que Catão lhes revelou esses propósitos, houve alguns dos assistentes que se agitaram pela vivacidade de suas admoestações, mas a maioria ficou ainda mais encorajada pelo exemplo de sua generosa magnitude, vendo como se mostrava calmo e também pela sua humanidade e bondade; de tal modo que esqueceram, como se diz, todo o perigo em que

estavam e pediram-lhe para se utilizar de suas pessoas, de seus bens e de suas armas, de tudo conforme lhe parecesse bem, reputando-o como o único capitão invencível, sobre quem a sorte não tinha poder, e estimando ser melhor morrer obedecendo seu conselho, do que salvar-se abandonando um personagem de virtude tão excelente e tão perfeita. E como alguém da assembleia sugerisse que precisavam propor a liberdade aos escravos desde que a maioria dos assistentes fosse da mesma opinião, Catão disse que não o faria porque não era nem justo, nem razoável; mas se os senhores quisessem libertá-los, ficaria satisfeito em receber como soldados aqueles que estivessem em idade de trazer armas. Houve vários que prometeram fazê-lo, e ele ordenou que arrolassem os nomes dos que queriam e foi-se.

LXXIX. Logo após, chegaram cartas do rei Juba e de Cipião, nas quais se referia que Juba estava escondido em uma montanha com poucos soldados e mandava perguntar-lhe o que havia resolvido fazer, porque, se havia deliberado abandonar Útica, ele o esperaria, e se deliberava mantê-la, viria socorrê-lo com um exército; Cipião estava acampado em um local não longe de Útica, do mesmo modo esperava qual a resolução que tomaria. Catão achou melhor reter os mensageiros que trouxeram as cartas, até que ficasse resolvido o que desejavam fazer os trezentos, porque os que faziam parte do Senado romano mostraram-se bem deliberados: libertaram incontinente seus escravos e entregaram-lhes armas. Mas os outros trezentos, mercadores traficantes do mar e exercendo o empréstimo e a usura, que tinham a maior parte de suas posses em escravos, não retiveram por muito tempo as belas admoestações de Catão, mas as deixaram escoar imediatamente, como corpos que recebem facilmente o calor e perdem-no também depressa, resfriando-se logo que se afastam do fogo. Assim, aqueles mercadores enquanto tinham Catão diante de seus olhos, agitavam-se e esquentavam-se um pouco; mas quando à parte, contando consigo somente, o medo que tinham de César os fazia esquecer todo o respeito que devotavam a Catão e ao seu dever. "Pois quem somos (diziam eles) e quem é aquele que desdenhamos obedecer? Não é César em cuja mão está hoje reduzido todo o poder do império romano? E com relação a nós, não há um que seja um Cipião, nem um Pompeu, nem um Catão; e todavia neste tempo em que todo o mundo se sobre com o véu do receio, mantendo-se ainda mais abaixo do que deveria, queremos empreender um combate dentro de Útica pela liberdade dos romanos, de encontro àquele do qual Catão mesmo fugiu com Pompeu, abandonando a Itália e libertando nossos escravos para guerrear César, não tendo nós mesmos mais liberdade, do que lhe apraza em nos deixar. Reconheçamos portanto, enquanto é tempo ainda, e peçamos graça àquele que é o mais forte, mandando à sua presença solicitar que nos perdoe". Os mais honestos desses trezentos mercadores romanos mantinham esse ponto de vista; mas a maioria dentre eles aguardava os meios de se apoderar das pessoas daqueles que estavam no Senado, julgando melhor fazer acordo com César, entregando-os em suas mãos.

LXXX. Catão desconfiou imediatamente dessa mudança, mas não quis esmiuçar, nem verificar mais detalhadamente os fatos e enviou mensageiros a Juba e a Cipião, pelos quais ordenou-lhes que se afastassem de Útica, por causa desses trezentos. Ora, havia escapado da batalha bom número de soldados da cavalaria, que se apresentaram diante de Útica, e enviaram três dentre eles a Catão, os quais levaram resoluções diferentes da tropa, porque uns queriam ir para o lugar onde se achava o rei Juba, outros desejavam unir-se a Catão e outros ainda receavam apenas entrar dentro de Útica. Ouvindo isso, Catão encarregou Marcos Rúbrio de pôr os olhos sobre esses trezentos e receber os nomes dos escravos que libertariam voluntariamente sem serem forçados por ninguém; enquanto isso, saiu de Útica com os senadores e foi à presença desses soldados da cavalaria, onde falou com os capitães, pedindo-lhes para não abandonarem tantas pessoas de bem como os senadores romanos que ali se achavam e que não escolhessem como seu capitão o re i Juba, porém, Catão. Deviam entrar em Útica, onde poderiam salvar os demais, e também a si próprios, atendendo que a cidade não podia ser tomada à força e que tinha provisão de trigo e de mais suprimentos para vários anos. A mesma coisa solicitaram os outros senadores com lágrimas nos olhos; nessa ocasião, os capitães foram falar com os seus soldados e, enquanto conferenciavam, Catão assentou-se com os senadores em terreno elevado esperando a resposta; mas, nesse ínterim, chegou diante dele Rúbrio, todo agitado, queixando-se de um tumulto e desordem que os trezentos mercadores estavam promovendo, amotinando e fazendo rebelar a cidade; por essa razão os outros, perdendo toda a coragem e esperança, puseram-se a chorar e lamentar sua sorte;

porém, Catão tentou reconfortá-los, e mandou pedir aos trezentos que tivessem ainda um pouco de paciência; enquanto isso, os portadores dos soldados da cavalaria vieram trazer sua resposta, os quais queriam demais, pois disseram que não tinham o que fazer com o soldo de Juba e que não receavam César, contanto que tivessem Catão como chefe; mas que lhes parecia não ter propósito o fecharem-se dentro de uma cidade com os habitantes, que por sua origem eram fenícios, a nação mais mutável e mais desleal que há no mundo. "Pois ainda, diziam eles, que nesta hora não apresentem mudança em seus propósitos, quando César chegar, eles serão os primeiros que perseguiremos por nos terem traído; portanto, se Catão quisesse que eles se unissem a ele para guerrear, era preciso expulsar todos os habitantes naturais de Útica para fora da cidade ou que os fizesse morrer a todos e então entrariam quando ela estivesse vazia dos inimigos e dos bárbaros". Catão considerou isto muito cruel; todavia, replicou que se comunicaria com os trezentos e, voltando à cidade, falou com eles, os quais não se utilizaram mais de disfarces, nem quiseram mais protelar a situação por causa de Catão, mas declararam abertamente que se revoltariam contra os que estivessem apressados a guerrear César, atendendo que não queriam nem podiam fazê-lo; e houve mesmo alguns que murmuraram entre dentes que era preciso reter na cidade os senadores até que César tivesse chegado.

LXXXI. Catão não demonstrou ter ouvido, pois também era um pouco surdo. Nesse ponto, alguém lhe veio dizer que os soldados da cavalaria estavam partindo; temendo então que os trezentos pusessem as mãos sobre os senadores e vendo-os já distanciados, montou a cavalo e galopou atrás deles, os quais ficaram bem à vontade quando o viram, e receberam-no em seu meio, aconselhando-o a que se salvasse com eles. Catão, entretanto, pediu-lhes para salvar os senadores, tão afetuosamente, que as lágrimas, ao que dizem, vinham-lhe aos olhos ao estender-lhes as mãos e, segurando seus cavalos pelas rédeas e pegando em suas armas, tanto fez, que afinal conseguiu que ficassem pelo menos ainda um dia para dar oportunidade aos do Senado de se porem a salvo. Voltando, portanto, com eles, à cidade, ordenou a uns guardarem as portas e colocou outros em guarnição dentro da fortaleza; os trezentos, na hora, ficaram com medo, pensando que fosse para castigá-los porque haviam debandado. Mandaram suplicar a Catão para voltar à presença deles; mas os senadores, envolvendo-o, não o deixaram ir, dizendo que não abandonavam seu protetor e salvador nas mãos de traidores desleais. Na verdade, todos os que se encontravam dentro de Útica, de qualquer partido, igualmente conheciam e admiravam a verdadeira virtude que existia em C atão e tinham provas de que não havia nada de fingido em tudo o que fazia, mas tendo de longa data resolvido matar-se a si mesmo, preocupava-se e trabalhava com grande solicitude pelos outros, a fim de que depois de haver posto em segurança suas vidas, apressasse ele mesmo a sua morte; pois era fácil ver que havia resolvido morrer, ainda que exteriormente não demonstrasse nenhum sinal de coração dorido e aflito.

LXXXII. Resolvendo submeter-se à solicitação dos trezentos, depois de ter reconfortado os senadores, foi sozinho à presença deles, os quais lhe agradeceram por ter se dignado vir e suplicaram-lhe que se servisse deles e confiasse corajosamente em todas as coisas, e também os perdoasse, pois não podiam ser todos Catões, e que tivesse compaixão de sua fraqueza de coração, se não eram tão firmes nem tão generosos como ele, porque haviam deliberado mandar a César suplicar-lhe primeira e principalmente por ele, e quando não pudessem obter essa graça, estavam resolvidos a não a receber para si mesmos, mas sim combater por sua salvação até o último suspiro. Catão respondeu que lhes ficava agradecido pela boa afeição que demonstravam ter para com ele e que era preciso mandar rapidamente suplicar pela salvação deles, mas que pela sua não era preciso pedir, porque — o que têm a fazer os que são vencidos senão solicitar, e os que erraram pedir perdão? Quanto a ele, tinha sido em toda a sua vida não somente invencível, mas havia vencido tanto como quisera e tinha sido sempre mais poderoso do que César no direito e na justiça, e no entanto era ele mesmo que agora estava vencido e preso, porque o que sempre havia negado tramar contra a república, estava então verificado e provado contra ele. Tendo dado tal resposta a esses trezentos, separou-se deles.

LXXXIII. Ouvindo que César já estava a caminho com todo seu exército para ir a Útica: "Ó{1166} deuses, disse ele, vem então contra nós, como contra homens!" E então, voltando-se para os senadores, aconselhou-os a não esperar mais, porém, que cada um se salvasse, enquanto os soldados da cavalaria estavam ainda na cidade. Fez fechar todas as outras portas, exceto aquela que dava para o porto, depois distribuiu barcos e navios aos que estavam sob seu comando, provendo para que tudo andasse em ordem e que não houvesse tumulto, nem confusão, que não se causasse dano a ninguém e que cada um tivesse dinheiro e meios para poder salvar-se. Mas, como Marcos Otávio, que comandava duas legiões, tendo vindo acampar muito perto de Útica, tivesse mandado a ele para saber a quem e até onde cada um deles teria autoridade de comandar, Catão nada respondeu a isto; mas, virando-se para os seus amigos, disse-lhes: — "É para admirar se, depois de tudo perdido e acabado ainda vemos, no meio da morte, a ambição e cobiça de dominar reinando entre nós?" Nesse ínterim, vieram dizer-lhe que os soldados da cavalaria, querendo partir, já pilhavam e saqueavam os bens dos habitantes de Útica, como presa de guerra. Catão saiu correndo na mesma hora e aos primeiros que encontrou, retirou-lhes das mãos o que haviam tirado; os outros, antes que viesse até eles, jogaram o que levavam e, de cabeça baixa olhando para o chão, envergonhados, foram-se sem dizer palavra. Então Catão fez reunir os habitantes naturais de Útica, e pediu-lhes para não irritar César contra os trezentos, mas antes tentar obter o perdão dele para todos juntos; depois, indo depressa à praia, viu partir aqueles que embarcavam abraçando e dizendo adeus a todos os seus hóspedes e amigos aos quais havia aconselhado a se salvarem, e acompanhando-os até dentro de seus navios. Quanto ao seu filho, não o persuadiu a ir, nem considerou que devesse constrangê-lo a abandonar seu pai.

LXXXIV. Havia em sua companhia um homem chamado Estatílio, muito moço ainda, mas de coragem firme, que se propusera imitar a constância inflexível de Catão, ao qual aconselhou a embarcar com os outros, porque sabia muito bem que odiava de morte a César. O rapaz não quis atender; pelo que Catão, virando-se para Apolônides, filósofo da seita estoica, e para Demétrio, da seita dos peripatéticos, disse: — "Cabe a vós outros amolecer e abrandar esse jovem, que vedes assim inchado e, fazê-lo, por vossas admoestações, agir em seu proveito". Continuou depois a dirigir todos os outros, dava razão aos que lhe solicitavam justiça e ordenava seus negócios, de sorte que passou nisto toda aquela noite e o dia seguinte. Isto feito, Lúcio César, parente do vitorioso, sendo comissionado pelos trezentos para ir perante César interceder por todos, pediu a Catão para ajudá-lo a preparar o discurso do qual devia se utilizar por eles: — "Pois por ti, Catão, disse ele, não deixarei de b eijar-lhe as mãos e atirar-me de joelhos se for preciso, a fim de que te perdoe". Catão respondeu-lhe que não queria que o fizesse: — "Pois se quisesse salvar minha vida pela graça de César, não era preciso senão que eu fosse a ele; mas eu não quero ser agradecido a um tirano por uma injustiça; pois é de fato injustiça, usurpar o direito de salvar a vida, como senhor daqueles que não tem nenhum direito de comandar; mas combinemos juntos, se queres, o que tu dirás para impetrar graça para esses trezentos". Ficaram algum tempo juntos conversando, e afinal, quando ia partir, Catão recomendou-lhe seu filho e seus amigos; e, abraçando-o, despediu-se dele, voltando para sua casa, onde fez reunir seu filho, seus familiares e amigos, com os quais manteve diversas conversas e, entre outras, dissuadiu seu filho de se intrometer jamais no governo, porque por pertencer à dignidade de um filho de Catão, as circunstâncias do tempo e dos negócios não o permitiam, e fazê-lo de outro modo não seria honesto. À noite, entrou na estufa para se banhar e enquanto isto, lembrando-se de Estatílio, gritou bem alto: — "E então, Apolônides, fizestes afinal Estatílio partir e baixar sua altivez? E partiu sem despedir-se de mim?" "O que? Partiu? respondeu Apolônides, ele tem o coração maior e mais firme do que nunca e é impossível fazê-lo vergar, embora tenhamos conversado e discutido juntos durante muito tempo; afirmou resolutamente que fará tudo como se estivesse em teu lugar".

LXXXV. Depois do banho sentou-se à mesa como estava habituado, desde a jornada de Farsália, pois não se deitou nunca mais, senão para dormir; jantou em companhia de todos os seus amigos e das autoridades da cidade de Útica; após o jantar foram discutidos vários assuntos e feitos diversos, assim como belos discursos de filosofia, até que a discussão veio a cair finalmente nos pontos comuns das opiniões estranhas que adotam os filósofos estoicos, como: — "Que não há sábio e homem de bem que seja franco e livre, e que todos os maus são servos e escravos". A isto, o filósofo peripatético que ali se encontrava, não deixou logo de

contradizer; porém, Catão, tomando a palavra com uma grande veemência e com uma voz mais áspera e mais forte do que a de costume, continuou a discussão durante muito tempo e contestou maravilhosamente, de modo que não houve na reunião quem não compreendesse evidentemente que ele estava de fato resolvido a retirar-se das misérias deste imundo, pondo fim à sua vida; nessa ocasião, quando parou de falar, vendo que todos os assistentes se calavam e tinham a fisionomia triste, para reconfortá-los e distraí-los daquela desconfiança, começou logo a perguntar sobre negócios e demonstrar cuidado e solicitude, como se estivesse temeroso de que não tivessem sorte aqueles que haviam subido ao mar e também os que haviam tomado o caminho da terra e tinham que passar por regiões desertas, selvagens, onde não existia água.

LXXXVl. Assim, tendo os convivas do jantar se despedido, passeou ainda com seus amigos, como estava acostumado depois do jantar e, tendo ordenado aos capitães de vigia o que precisavam fazer, quando quis retirar-se para seu quarto, então abraçou seu filho e agradou-o com todos os seus amigos, uns depois dos outros, mais amavelmente do que estava habituado a fazer, o que os fez suspeitar do que estaria planejando. Tendo entrado em seu quarto e se deitado em seu leito, tomou numa das mãos os diálogos de Platão, na parte que se refere à alma, lendo-a; depois, olhando para a cabeceira, não viu a espada, porque seu filho a havia feito retirar quando ainda estavam à mesa. Chamou um seu criado de quarto e perguntou-lhe quem havia retirado sua espada; o criado não lhe respondeu e ele continuou a ler seu livro; mas, pouco depois, sem apressar de modo nenhum, nem demonstrar que tivesse muita pressa, mas apenas desejar saber o que acontecera, ordenou que lha trouxessem. Passou-se bastante tempo, de sorte que acabou de ler completamente todo o livro sem que pessoa alguma lhe trouxesse sua espada; chamou então todos os seus servidores, uns após outros e começou a dizer-lhes rudes palavras, pedindo-lhes novamente a espada, chegando até a dar no rosto dos criados um soco tão forte que ensanguentou a mão, enfurecendo-se e gritando que seu próprio filho e seus servidores queriam entregá-lo vivo ao inimigo; o filho, chorando, acorreu acompanhado dos amigos e todos se atiraram aos seus pés e puseram-se a lamentar e a suplicar.

LXXXVII. Catão, levantando-se do leito, olhou-os com um olhar terrível e disse: — "Deuses, quando e onde foi que me vistes com o juízo perturbado? Por que me advertem dessa forma, como se eu tivesse dado a alguém conselho que não seja bom, sem ter feito uso de minha razão e de meu bom senso? E, entretanto, me impedem agora de conformar minha conduta aos meus próprios sentimentos e me desarmam. Por que não atas teu pai, meu amigo, e não lhe amarras as mãos atrás das costas até que César, chegando, me encontre sem meios de poder me defender? Pois contra mim mesmo não tenho necessidade de espada para me desfazer, se quiser, levando em conta que me é apenas necessário reter um pouco minha respiração ou então dar uma única cabeçada contra a muralha para me matar". Assim que disse estas palavras, seu filho saiu do quarto chorando e também todos os outros seus amigos, ficando somente Demétrio e Apolônides com ele, aos quais, falando mais delicadamente, disse: — "Sois vós, também de opinião que se deve reter com vida, à força, um homem idoso como eu? Não ficastes aqui para vos manter sentados sem falar, nem fazer outra coisa senão para me guardar? Ou viestes trazer algumas razões e argumentos para me dar a compreender que não é indigno, nem desonesto para Catão, não tendo outro meio para salvar sua vida, esperar descansadamente e salvar-se pela graça de seu inimigo? Por que não alegais agora algumas razões para me mostrar isto, a fim de que, rejeitando as outras opiniões e razoes preservadas até aqui, tornadas subitamente mais sábias por meio de César, sejamos obrigados a lhe render graças? Todavia, eu não disse isto porque resolvi alguma coisa de minha vida, mas de modo algum consultarei e resolverei convosco, quando deliberarei com os livros e a razão, dos quais vós mesmos vos utilizais quando quereis filosofar; portanto, ide embora corajosamente e dizei a meu filho que não queira forçar seu pai ao que ele não saberia provar pela razão o que devia fazer".

LXXXVIII. Ouvidas essas palavras, Demétrio, sem lhe responde r, saiu chorando do quarto e

então enviou sua espada por um menino; quando a tomou e desembainhou, olhou se a ponta estava bem aguçada e o fio bem cortante. Isto verificado, então: — "Agora, disse ele, sou meu". Colocou-a junto de si e retom ou ainda o livro, que leu por duas vezes, do começo ao fim; depois dormiu um sono muito profundo, de tal modo que os que estavam fora do quarto ouviram-no ressonar. Aproximadamente à meia-noite, chamou dois de seus libertos, Cleantes seu médico, e Butas aquele do qual mais se servia nos negócios do estado, enviando-o ao porto para ver se todos os que haviam embarcado, se tinham feito à vela; entregou sua mão ao médico para enfaixá-la, por estar inflamada por causa do soco que havia dado em um dos escravos. Isto alegrou todos os de sua família, pensando que isto fosse sinal de que ainda tivesse desejo de viver. Pouco depois voltou B utas, que lhe disse terem todos embarcado, exceto Crasso, que ficara ainda devido a algum negócio e ia embarcar, mas que fazia um grande vento e havia forte tormenta no mar. Tendo ouvido esse comentário, pôs-se a suspirar de compaixão por aqueles que haviam ido por mar e tornou a enviar urgentemente Butas para ver se alguns tinham desistido, e se houvesse necessidade de alguma coisa para vir lhe falar. Os passarinhos já começavam a cantar e ele dormiu um leve sono; mas, logo voltou Butas para lhe dizer que não havia rumor algum sobre o porto. Catão disse-lhe que fosse embora portanto, e que fechasse a porta atrás de si, engolfando-se dentro de seu leito, como para dormir o que restava ainda da noite; mas, logo que Butas virou as costas, desembainhou sua espada e deu um golpe no estômago; todavia, devido ao ferimento da mão, não pôde dar tão grande golpe que morresse logo; mas, esticando, caiu do leito, o que fez barulho, porque virou uma mesa geométrica que estava junto da cama, de tal modo que seus servidores, ouvindo o ruído, gritaram imediatamente e tão logo seu filho e seus amigos entraram no quarto, acharam-no todo ensanguentado e a maior parte de seus intestinos saindo fora do corpo, se bem que estivesse ainda com vida e os olhasse. Ficaram de tal modo repassados de dor, que não souberam à primeira vista o que dizer, nem o que fazer; mas seu médico, aproximando-se, quis tentar repor os intestinos e costurar a ferida; mas, voltando um pouco a si do desmaio, afastou para trás o médico e, rasgando os intestinos com suas próprias mãos, abriu ainda mais a ferida, de tal modo que naquele momento mesmo rendeu o espírito.

LXXXIX. E em menos tempo do que se julgava poderem só os da casa saberem do acontecido, os trezentos romanos acorreram à porta de sua residência e imediatamente aí se reuniu também todo o povo da cidade; todos a uma voz chamaram-no seu benfeitor e seu salvador, denominando-o o único homem livre e invencível; o que faziam ainda quando tiveram notícias de que César se aproximava mais de Útica, e no entanto não houve, nem receio do perigo, nem desejo de adular o vencedor, nem diferença ou inimizade em comum, que os preservasse de prestar honra à memória de Catão; ornando, porém , seu corpo magnificamente, fazendo-lhe o funeral o mais honroso que puderam, inumaram-no sobre a praia, onde ainda hoje há uma estátua sua tendo uma espada na mão; depois de feito isto, procuraram salvar-se, e a sua cidade. César, tendo notícias pelos que iam a ele, que Catão não saía de Útica e não fugia, porém, ajudava todos, os outros a sair e, que ele, seu filho e seus amigos ficavam, sem demonstrar receio de nada, não podendo imaginar qual era sua deliberação e porque tinha empenho, apressou-se com todo o seu exército, com a maior diligência que podia; quando recebeu a notícia de que Catão se destruirá a si próprio, escrevem que pronunciou apenas estas palavras: — "Invejo a glória de tua morte, Catão, pois que me invejaste a glória de poder salvar tua vida". Pois em verdade, se Catão tivesse suportado que César lhe salvasse a vida, não teria diminuído tanto sua glória, mas aumentado a de César; todavia, quanto ao que teria feito, não se sabe dizer com certeza, apenas conjecturas. Catão morreu com a idade de quarenta e oito anos.

XC. E quanto ao seu filho, César não lhe causou nenhum desgosto; mas dizem que foi homem de pouco valor e desordenado com as mulheres; pois estando alojado na Capadócia, em casa de um senhor do país, de sangue real, chamado Mafradates, o qual possuía uma bela mulher, ficou ah muito mais tempo do que o devido, o que deu motivo para ser criticado, de sorte que escreveram dele por zombaria: — "Catão partirá amanhã dentro de trinta dias", ou "Mafradates e Pórcio são dois bons amigos, não têm senão uma alma"; porque esta mulher de Mafradates chamava-se Psique, que significa em linguagem grega, alma. E: — "Catão é generoso e magnânimo, tem alma real". Todavia extinguiu-se e amorteceu toda esta infâmia com sua morte, ao combater virtuosamente contra Augusto e contra Antônio, na jornada de

Filipos, pela liberdade; quando, sendo seu exército posto em fuga não quis fugir nem se esconder, mas jogando-se através dos inimigos, deu a conhecer muito bem quem era, dando coragem àqueles de seu batalhão, que ainda combatiam, tanto que foi morto no local, deixando em seus adversários, grande admiração por seu valor e virtude. E ainda mais, Pórcia, a filha de Catão, que não foi inferior a seu pai, nem em castidade, nem em grandeza de coragem, pois sendo casada com Bruto, que matou César, foi participante da conjuração e também eliminou a vida magnanimamente como competia à virtude e ao nobre sangue de que descendia, assim como escrevemos mais minuciosamente na Vida de Bruto. E Estatílio, o qual havia dito que faria tudo o que Catão fizesse, foi impedido de se matar pelos filósofos, dos quais falamos acima; porém, daí em diante, tendo se mostrado muito fiel e muito útil a Bruto em todos os seus combates, foi também morto no campo de batalha de Filipos.

COMPARAÇÃO DE FÓCION COM CATÃO DE ÚTICA

Adendo moderno às vidas Paralelas de Plutarco na edição de Amyot.

Se alguém se desse ao trabalho de comparar Fócion e Catão com todos os ilustres gregos e romanos, eu me capacitaria de que esses dois personagens levantariam sempre o prêmio, medindo as coisas com o compasso da virtude; e esta empreitada não seria das mais difíceis de executar. Mas compará-los um com o outro, para salientar as particularidades e nelas observar qual dos dois leva vantagem, fazem isto com exatidão é, não somente difícil, mas impossível, a meu ver; e o comentário que acrescento agora, não é senão para ampliar, fazendo-o com mais minúcias o que nosso autor diz lacônicamente no princípio da vida de Fócion. Se ele quisesse alongar esse comentário e fornecer a comparação completa, sem dúvida seria uma de suas obras-primas. Ele não quis aí entrar ou duvidando de si próprio, ou duvidando de todos os mais hábeis, e (a exemplo de Apeles), deixando um quadro imperfeito que ninguém jamais poderia terminar. Com isso, solicito que não considerem de modo algum que me atribua esse julgamento sutil e desprendido que Plutarco requer naquele que queira procurar e saiba discernir as diferenças das vidas desses dois ornamentos do mundo.

II. Ora, inclino-me ao seu parecer de que não somente foram parecidos por semelhança geral e universal, como também a dizer que foram ambos homens de bem, muito entendidos em matéria de política e de governo; mas também que suas virtudes demonstram em tudo um mesmo traço, um mesmo molde, uma mesma tonalidade e a mesma cor, impressos em seus costumes, até nas mínimas e últimas particularidades, tendo ambos a austeridade quase em medida igual juntamente com a brandura, a coragem com a prudência, a vigilância cautelosa pelos outros com a segurança resoluta por si mesmos, evasão das coisas vergonhosas e zelo pela justiça. Todavia, pois, como deixou essa palavra quase como uma entrada na comparação, vejamos se em algum ponto um tem mais vantagem sobre o outro, deixando ao leitor sábio o julgamento, que lhe será como um instrumento entre as mãos para abrir, cortar, abrandar e polir este trabalho cada vez mais. Pois há Vidas neste livro que eu desejava fossem mais vezes lidas por todas as pessoas, especialmente por aqueles que administram os negócios do Estado, não que julgue conter mais instruções do que estas duas; e, como uma fisionomia excelente em perfeição mostra-se belo em todos os sentidos, também encontrarão nestes dois quadros bem lavorados pela virtude que parecem ter consumido sobre estes seus traços, suas cores e sua última demão. Falo de uma virtude civil e de tudo o que o homem pode aprender, que encontrarão raramente em Fócion e em Catão, a cada um dos quais se podem propriamente aplicar estes versos ditos de um outro personagem muito digno:

Não quer parecer justo, mas o ser,

Amando a virtude com pensamento profundo

Do qual vemos comumente nascer

Sábios conselhos onde toda a honra existe.

III. Mas consideremos o ateniense um pouco à parte e pleiteemos em seu favor contra o romano. Primeiramente acho a escola de Fócion mais regrada que a de Catão; pois ainda que todos os dois tenham sido excelentemente modelados em todas as perfeições de bons costumes, todavia, a vida de Fócion foi menos austera, mas civil, mais aproveitável à sua pátria e sua morte menos cruel e mais nobre do que a de Catão. Digo o mesmo de suas

famílias. Fócion e sua mulher viveram irrepreensivelmente; porém, o que Catão fez com sua esposa Márcia, dando-a e pouco depois retomando-a para si, é um caso vergonhoso e sem desculpa. Jamais ateniense viu rir nem chorar Fócion; porém, sabiam ler suas respostas sem rir? Observam- sob o véu desse corpo um espírito alegre, gentil e contente. Vede um homem a todas as horas e se o encontro é agradável, é impossível evitar nem largar a presa. Ainda que bata de rijo e de ponta não querem e nem podem aparar o golpe, tanto assenta bem e com graça, sem poupar ninguém; Catão parece haver tido uma austeridade mais triste, razão por que sobre a resolução que tomou, de ir visitar a Ásia, Curião lhe disse: — "Farás muito bem. pois voltarás mais alegre e mais domesticado do que és". Não obstante isso, o veem depois misturar muito azedume em seus propósitos e ações. Sua atitude, a cor e o jeito de seus trajes e sua conversa em público, tanto na cidade como nos campos, sem respeito pelos cargos que lhe eram comissionados, demonstram que estava resolvido a tomar um caminho todo contrário aos outros, em todas as coisas. Porém, é na morte mesmo que se conhece a austeridade de Fócion a mais temperada possível para com seus amigos e inimigos. Catão, ao contrário, em poucas palavras, fez o processo de César e o seu próprio, não conseguiu falar senão rudemente a seu filho e a seus familiares, e chegou mesmo a esmurrar um de seus escravos, sendo sua austeridade como uma espada temperada e batida a frio pelos paradoxos dos estoicos, quando a de Fócion era composta pela grave brandura dos platônicos.

IV. Acho também que Fócion sem dispensar a verdade, soube melhor acomodar-se ao senso de humor de seu tempo. Se tivesse prevalecido o procedimento de Catão, a república de Atenas não teria obtido de Filipe, nem de Alexandre, nem de Antipas o que lhe reclamava, quando Catão, contrariando o Senado e o povo, sem querer abandonar o rigor do dever, não mais como se tivesse o que fazer com Numa Pompílio e com os romanos de então, não adiantou grande coisa, nem para si, nem para os outros. A eloquência de Fócion tem uma testemunha em Demóstenes assaz suficiente para fazer frente a tudo o que dez outros bem falantes tentavam levar avante para provar que Catão foi grande orador. Todos os dois apreciaram uma concisão sentenciosa em seus discursos; porém, Fócion saiu-se melhor e mais vezes do que Catão, o qual, deixando seguir seu natural, fazia longos e cansativos discursos algumas vezes. Os exemplos de sua brandura são mui belos. Fócion, porém, parece ter o primeiro lugar, vivendo e morrendo. Catão foi às vezes muito severo, quando podia se conter, pois sua impulsividade suplantava, como, quando em pleno Senado, quis ver a carta que entregaram a César e tendo recebido o prêmio de sua curiosidade, devolveu-a sem poder se conter de chamá-lo ébrio. Ajuntemos a isso a súbita recusa que fez a Pompeu, que lhe pedira em casamento uma de suas sobrinhas; pois ainda que tivesse razão em seu linguajar, não devia mostrar-se tão pronto, nem tão veemente em um caso que pela honra daquele que procurava sua aliança e por consideração à situação na qual se achavam então os negócios, merecia alguma delonga para digerir a resposta e opinar de mais perto o que fosse conveniente para o bem público.

V. Quanto aos feitos de armas, se bem que Catão haja dado diversas provas de seu valor, Fócion precede-o, tanto por ter sido, devido a sua reputação, eleito quarenta e cinco vezes capitão de Atenas, como por seus belos feitos militares, uma parte dos quais não é comparável a tudo o que fez Catão. E, o que é digno de nota, tendo tantas vezes sido nomeado chefe, o foi sempre em sua ausência e por aqueles que o contradiziam incessantemente; porém, eles compreendiam que sua virtude era sua salvaguarda, como as vitórias que ganhou sobre Filipe, a investida de Megara e a derrota dos lacedemônios fazem fé; ao passo que Catão teve trabalho para obter um regimento de mil soldados de infantaria e, quanto à sua viagem a Chipre, para lá foi à força e não combateu, tendo a sorte desejado para ele que Ptolomeu se desfizesse a si próprio.

VI. Por atenção à prudência guerreira, atribuo vantagens a Fócion, como o confirmam os conselhos que deu, os expedientes que seguiu nas guerras contra Filipe e seus avisos aos atenienses, pelo feito de suas armas; quanto a Catão, pretendendo expulsar Asínio Pólio para fora da Sicília, enfraqueceu muito Pompeu, pois em vez de se encontrar à frente do exército, a fim de manter conscientemente em mãos os combates que requeriam sua presença e impedir a desordem que sobreveio pela indiscrição dos outros senadores, deixou-se levar pela ambição de Pompeu, o qual o fechou dentro de Dirráquio, a fim de cortar e correr a seu gosto,

parecendo que Catão já pensava no que executou depois dentro de Útica e começava a perder toda esperança; como também abandonando a Sicília não pôde se conter de dizer que "via no governo dos deuses uma grande incerteza e variação", atendendo que Pompeu sempre havia sido feliz antes, quando não fazia nada de bom, nem segundo o direito e a equidade; e quando queria preservar seu país e combater pela liberdade, viu-se destituído de sua felicidade. A prudência militar pede outras considerações e não deve nunca desesperar assim dos combates, sobretudo quando se tem as armas precisas, ainda que as mãos que as carreguem tenham suas imperfeições; pois a própria filosofia de Catão mesmo diz muito bem:

O homem justo e constante fica firme no lugar,

Rindo-se do perigo próximo que o ameaça;

Persegue até o fim suas resoluções bem concebidas, a examinar quando o universo lhe cairá em cima.

Ora, abandonar o fardo assim no meio do caminho não tem propósito; menos ainda do que fez na África, confiando a direção do exército a Cipião, o qual sabia não possuir as qualidades requeridas para uma tal comissão. O amor pelo bem público e a vida de tantos romanos que ficavam em falso, deviam ser preferidas a certas leis positivas, que ordenavam que o vice-pretor cedesse a um vice-cônsul; também não tardou muito para logo após se arrepender, falta que um sábio chefe de guerra não deve jamais cometer, nem dizer ou pensar. E em verdade esta inadvertência de Catão apressou a ruína do exército da África e tomou-lhe a vida a ele mesmo, imediatamente depois.

VII. Há muito mais ainda a debater na prudência política; todavia, vejamos o que se pode dizer por Fócion. Chegou à administração dos negócios quando sua república não tinha mais vigor, e todavia, salvou-a das mãos de Filipe, de Alexandre e de Antipas por uma excelente sabedoria, manejou todos os grandes de seu tempo muito dextramente, tornando-se em tudo inexpugnável ao ouro e à prata, ainda que possuísse poucos bens; preferiu, porém, sobrepor-se aos que o possuíam e prosseguiu neste passo virtuoso do desprezo às riquezas caducas até o fim. Impressionando por sua constância aos que não eram experientes, tratou com aspereza os discursadores e jovens conselheiros, fechando-lhes a boca com suas réplicas vivas; conteve o povo de Atenas, inconstante ao máximo, num cumprimento de dever maravilhoso, pelo espaço de vinte anos; não se encontra ter dito em conselho alguma coisa de que se arrependesse pouco depois, mas achou-se sempre bem em suas resoluções, tanto que os atenienses não se encontraram nunca em apuros pelo fato de o terem acreditado e nunca prosperaram em nenhum ato que lhes desaconselhasse empreender. Era de resto o pior adulador do mundo a si mesmo e quando lhes gritava: — "Vós me podeis entregar comissões que não deveriam ser executadas, mas o fazer-me dizer coisas que não se deve dizer, vós não saberíeis obrigar-me"; com efeito, dizia-lhes ainda muito mais. Não receava, nem amigos, nem inimigos, tanto estava apoiado sobre a virtude, a qual lhe havia gravado este pensamento no fundo do coração: que procurando o bem da pátria não se deve recear a morte; mas sim quando se aconselham ou se cometem coisas indignas e perversas. Então, quando os oradores e o povo mostravam-se de começo arrogantes, fazia frente aos seus vãos discursos sem nada rebater de sua veemência; mas temperava sua aspereza com alguma palavra espirituosa, para lhes mostrar que os conhecia muito bem e que não se preocupava com eles. Se alguma calamidade os tornava levianos, depois de os haver graciosamente repreendido e avisado, descobria de um golpe de vista o remédio, e sem preferência por ninguém, aconselhava o que era mais necessário para a salvação de todos, no que perseverou até o último suspiro.

VIII. Catão, entretanto, tendo muito cedo cansado e desesperado de poder servir mais a Roma, pela liberdade da qual havia feito maravilhas, sombreou o lustro de sua prudência. E

quando poderia em sua vida ter feito dez vezes mais do que Fócion, não se pode desculpá-lo por se ter esquecido quando preciso. Além disso, se é preciso julgar os conselhos pelos acontecimentos, parece ter incorrido em grande erro por haver rejeitado a aliança que Pompeu procurava em sua família, pois isto foi a causa pela qual Pompeu tomou o partido de César, o qual lhe deu sua filha, do que se seguiu uma união que procurou arruinar em cheio todo o império romano. Ainda mais, perseverou em sua austeridade habitual, quando era preciso cortar pela raiz todas as tramas desses facciosos, por meio do consulado; em vez de o perseguir ao extremo, procedeu de forma tão desagradável que foi desviado de seu objetivo, razão pela qual Cícero repreendeu-o, e com razão, quando, tendo necessidade de um magistrado como ele, não se dera ao trabalho, nem se preocupara em ganhar o favor da comuna pela cortesia, agradando-a e falando-lhe com brandura, e não quis experimentar de novo, mas separou-se totalmente, o que significa largar a corda em vez de retê-la.

IX. Não posso desculpar a falta que cometeu Fócion depois da morte de Antípater, não se preocupando com as tramas de Polipercon e de Nicanor; pois isto fez esquecer seus serviços passados, e de tal modo, colocou-o fora de graça, que não podendo obter audiência, ficou abatido. Isto é requerido nesses que seguiram bem seu caminho em avisar cuidadosamente que não naufraguem no porto, se é possível; mas,

Os casos divinos existem de muitas formas.

Como diz o poeta Eurípedes, o caminho do homem não está em sua vontade. É a obra de um poder mais elevado fazer com que esta ou aquela atitude aplaine todas as dificuldades. Em suma, quanto à vigilância cautelosa pelos outros, aprecio mais aquela de Fócion, mais contida; no entanto, Catão cai logo numa espécie de êxtase do espírito e não pensa senão em perder a vida, quando vê os negócios um pouco fora dos limites da virtude exata. Pelo cuidado de zelo pela justiça, Fócion levanta entre os gregos o título de probidade e não procura em toda sua vida senão coisas honestas e convenientes, para manutenção das leis e da liberdade pública. Catão parece mais áspero neste ponto, mas, com menos duração. Com referência à evasão das coisas vergonhosas, acho que têm juntos uma grande conformidade, ainda que por diversos caminhos tenham corrido para o mesmo fim. Fócion com um espírito mais assentado, como um rio correndo suavemente, e Catão com um ardor de coragem, como uma torrente impetuosa que suplanta todos os obstáculos.

X. O último ponto que nos fica é a resoluta segurança desses dois personagens e é o que sobressai neles. Ora, direi numa palavra que, se Catão tivesse esperado os acontecimentos e não se tivesse desesperado, certamente avançaria de muitos passos o outro; mas Fócion, tendo-se mostrado corajoso em toda a sua vida, selou magnificamente suas ações com sua morte, a qual merece uma infinidade de elogios por ter sido acompanhada de uma constância, paciência, amizade, indulgência, justiça e sinceridade tais, que sua vida não tem nada de extraordinário a comparar com aquela. Marchar então como capitão, confortar seus amigos, perdoar seus inimigos, é ação de Fócion, isto é, de um segundo Sócrates, de um sábio generoso e virtuoso entre todos os outros. Em qualquer sentido que se o tome então, é preciso reconhecer nele uma magnanimidade mais que humana; quando em Catão, não vedes senão testemunhos da miséria do homem abandonado à suas opiniões, se bem que os estoicos digam o contrário. Ainda que nesse combate haja como que amarrado as mãos da morte e lutado contra ela por duas vezes, assim sendo não lhe dou o prêmio da vitória como a Fócion, o qual, não procurando, nem fugindo da sua hora, esperou que o capitão soberano o chamasse e saiu valorosamente desta guarnição terrestre pela porta que lhe estava aberta, sem rompê-la por si mesmo para sair de um perigo a fim de entrar em outro maior. Foi ele quem soprou a morte, que lhe saltou ao pescoço e engoliu-a pagando e bebendo a cicuta. Pensando bem, a morte de Fócion foi bem vingada, pois seus acusadores pereceram desgraçadamente e os atenienses sentiram em sua confusão a perda que haviam causado.

XI. Mas, ainda é tempo que repliquemos em favor do romano, o qual, além do testemunho que tem de todos os homens de bom julgamento, tanto antigos como de nossa época, mantém-se bastante por si mesmo, e em vários lugares parece ter proeminência acima de Fócion. O que diz nosso autor me servirá de prefácio ao que ajuntarei: — pois quem poderia pintar Catão completamente senão a própria virtude? — "É minha opinião, diz ele, que esse personagem se assemelha propriamente aos frutos que chegam fora da estação; pois assim como são vistos com gosto e são elogiados, mas não usados, também a antiga inocência estando há muito tempo fora de uso, vinha então, após um tão longo intervalo, mostrar-se entre as vidas corrompidas e os costumes danificados daquele tempo, e conquistou-lhe uma grande glória e fama; mas, pensando bem, não se achou viável para ser posta em prática, nem própria para ser empregada nos negócios, porque a gravidade e perfeição de sua virtude eram muito desproporcionais à corrupção daquele século. Não chegou a se intrometer nos negócios do governo, estando já a república arruinada como fez Fócion na sua, mas aí chegou quando já estava muito abalada e agitada por grandes tormentas, e se nunca teve o timão nem a autoridade de piloto em mãos, e cuidando apenas de manejar as velas e a cordagem, assistindo e secundando os que tinham mais crédito e poder do que ele, no entanto, deu ainda muito que faz er à sorte, a qual tendo empreendido arruinar e abolir a república, o conseguiu afinal por meio de outros mas foi com grandes sacrifícios e com um longo espaço de tempo, estando ainda arriscada a ficar por baixo, devendo Catão e sua virtude".

XII. É preciso, portanto, acusar o tempo, a Catão nunca; mas, desde que estamos nas comparações, terminemos este traço. Primeiramente é extraordinário em Catão, que desde sua infância tenha entrado no caminho da virtude, com tanta sorte que continuou de bem para melhor; e enquanto Fócion despendia os dias na escola de Platão e de Xe nocrates, o outro dava-se a conhecer filósofo com efeito. O seu mau comportamento com Pompédio Sila, a autoridade que possuía sobre os outros meninos e a espada que pediu ao seu mestre para castigar as tiranias de Sila, são atos generosos o quanto possível, ainda que tivesse poucos anos de idade. Nessa veemência, portanto, para não abandonar nada ao vício, mostrou-se conservador da verdade e protetor vigilante da virtude a qual, não sendo diminuída mas sempre acrescida nele, ultrapassou nisto a Fócion que não foi tão inflexível. Mas há ainda mais: Catão, estando em uma república bem diferente daquela de Atenas, onde tinha a combater inimigos muito mais perigosos e poderosos, dentre eles César, mais temível que todos os de Fócion, no entanto, derramou uma infinidade de conselhos e esforços. Se seu natural e seu prestígio o tivessem atirado à primeira fila, teria podido confundir todos os inimigos do Estado, aos quais nunca abandonou nada, senão uma vez devido à importunação de Cícero, tendo porém tão logo sua desforra, fazendo-lhes processos extraordinários, e pode-se dizer que o império romano nada viu de invencível como a coragem de Catão.

XIII. Ora, isto não são contos para alegrar, nem elogios de algum adulador de corte; pois se eu quisesse dizer de Catão todo o bem do mundo, não saberia especificar com vantagem o que os gregos, romanos e franceses deixaram por escrito. Mas só sua vida e suas ações demonstram, em elevado grau, que parece ter a natureza escolhido esse mestre para mostrar até onde a constância e firmeza humanas podem atingir. Não paremos, entretanto, como este golpe de vista, nos belos traços dos poetas, que os eleva acima dos romanos, acima de César, acima de seus céus e seus deuses; mas, confinemo-nos dentro do que Plutarco nos diz. É uma grande honra para Catão haver amado tanto seu irmão, elogiando-o tão altamente: Isto apaga uma parte do opróbrio do feito de sua mulher e contrapeso à honra de Fócion que não se acha em nada recomendável no filho, nem no genro. Ao contrário, Pórcia e Bruto fizeram honra à virtude de Catão.

XIV. Em suma, o exercício de toda a virtude com tão grande afeição que parece ser atraído por alguma inspiração divina, o amor à severidade da justiça, que não se verga por graça, nem por favor algum, o abraço à verdade e sinceridade, o ódio à avareza e o desprezo dos

afagos mundanos, são virtudes comuns entre ele e Fócion, mas em cuja prática Catão mostrou-se muito mais ardente. Seu linguajar inflexível, cheio de bom senso e de veemência, acompanhado de um laconismo gracioso e de um natural grave e venerável, levanta alguma coisa acima da severidade das sobrancelhas de Fócion, o qual, no entanto, deixava-se cair num extremo contrário, provocando o riso do povo por meio de muitos tr aços, um pouco espirituosos demais, como o que temos de seus discursos e cujo efeito também o provam bastante. Por exemplo, estes dois bastarão: quando, em plena assembleia da cidade pegou na barba de Arquibíades, gracejando dele e, uma outra vez, chamando bem alto a Aristógiton "covarde e mau, porque imitava o manco". Ao passo que Catão, chamando César ébrio, e fez num ímpeto de ódio, atirado à propósito, o qual, se o Senado tivesse querido se informar, a vergonha cairia sobre a impudicícia de César e não sobre Catão, pois este, no cargo que desempenhava, podia de forma legítima inquirir sobre os papéis que traziam a César enquanto estava em conselho.

XV. As enfermidades das nações são tais, que muitas vezes não solicitam médicos carrancudos ou que façam rir seus doentes, os quais têm necessidade de cautério e de fogo. Roma estava então em situação muito perigosa; e como Fócion dizia conhecer muito bem os atenienses, pode-se dizer que Catão lia no coração dos senadores romanos, o que é claro pelos fragmentos de seus discursos, quando descobre as tramas de Catilina, de Pompeu e de César como se pertencessem ao seu partido. Não era questão de atirar piadas em pleno Senado, nem quando tudo ia rolando em decadentes frivolidades aqui ou acolá. É suficiente que o homem virtuoso aproveite bem sua felicidade e ria da vaidade dos outros, sem se servir do ridículo, por suas palavras ou atitudes; se bem que Catão de resto não tenha sido tão severo que não amasse as boas companhias e não pudesse ficar tanto tempo como fazia, a ver, por vezes, toda a noite, se os sábios propósitos não tinham sido temperados por alguma palavra espirituosa; e Feônio, seu familiar, era homem nascido para dar passatempo aos outros. Sua brandura é singular para com seus amigos, aos quais emprestava seu dinheiro, suas próprias terras e escravos, sem tirar nenhum proveito, mas para acomodá-los apenas; e fazia isto muito mais do que Fócion, o qual nunca tomou refletidamente nada de ninguém, também não tinha os meios de socorrer seu próximo e teve muito trabalho em se desprender das garras do usurário Calicles. Com que afeição consola e aconselha a esses que estão dentro de Útica após a derrota de Cipião e de Juba? Por todas as honras que o público lhe faça, não muda de modo algum sua maneira simples de viver e conversar entre grandes e pequenos; e por qualquer dos cargos que tenha tido, mesmo na guerra, não quis grande comitiva, nem aparelhagem mais suntuosa.

XVI. A coragem parece ter sido maior em Fócion, mas não é somente pelas viagens, nem pelos golpes que se deve julgar a destreza dos homens. Há alguma coisa mais. Catão exercita de tal modo os soldados das legiões a ele entregue, que não se sabia dizer se as havia tornado mais pacíficas ou mais aguerridas, mais valorosas ou mais justas, e isto é uma honra própria só dele. Ver um homem virtuoso ou ser virtuoso não é coisa impossível; mas é passar a mestre na virtude, o saber muito bem alinhar os outros, sobretudo os soldados, o que Fócion não conseguiu atingir; ao contrário, observe-se como se queixa do filho de Cábrias, e como se vê bastante insolência nas guerras de seu tempo. Quanto aos golpes de mão, esse testemunho concedido a Catão como em natureza amável, grandeza de coragem, veemência e eficácia da palavra, suplanta a todos os que se faziam chamar coronéis e capitães; pois sendo o primeiro que punha a mão em fazer o que ordenava, demonstra que se seus concidadãos houvessem confiado na aptidão suficiente de suas armas, e se não teve outro alvo de servir sua pátria senão na guerra, poderia fazer outros serviços aos romanos, o que Fócion não fez aos atenienses: e não sei se tudo o que Fócion fez em vinte anos contra os inimigos, se deve comparar ao bem que Catão proporcionou ao exército romano pela disciplina que estabeleceu. Direi muito bem que o que o trouxe de Chipre a Roma sem haver dado um único golpe de espada, conquistou-lhe mais honra e aos romanos mais comodidade do que fizeram todas as proezas de Fócion a si próprio e àqueles de Atenas. Quando, em meio das armas não esquece seu estudo de filosofia, nem o amor fraterno; quando, por outro lado, deixa para trás seus amigos para pensar primeiramente no público, como o veem na administração dos dinheiros de Chipre, o que lhe é uma grande vantagem sobre Fócion, o qual era bem firme quanto a si mesmo, mas não sabe ou não quer impedir que muitas corrupções escorreguem

entre os que não estavam muito longe dele, como testemunha seu genro Caneles.

XVII. Chego agora à prudência; e com referência à militar, ajuntarei esta palavra ao que foi dito que, por vezes, os negócios reclamam um espírito frio, de preferência que pouco se perca, para salvar muito. Difere abertamente ao expulsar Pólio para fora da Sicília, porque não queria arruinar o país e considerando que César, sendo conduzido à razão, como aparentava então que nisso se poderia fazer, não era preciso remover o mundo em tantos lugares. Se amou o bem dos povos, se preferiu o repouso de infinitas pessoas inocentes a uma guerra civil, quem poderia taxá-lo de covardia ou de imprudência? E quando larga muito a rédea a Pompeu, não podia fazer de outro modo, pois que a direção dos combates estava nas mãos daquele, e não é coisa fácil, nem certa, nem de direito, querer controlar de muito perto um comandante de guerra. Se se queixa do governo dos deuses, é levantando os olhos sobre a situação exterior dos combates, e tanto é preciso que um tal pensamento o desencoraje, quando ao contrário, reúne e conduz as tropas depois da jornada de Farsália, reúne Juba, Cipião e Varo, dá tais conselhos que se os tivessem seguido, talvez César não tivesse procurado recomeçar. Em suma, Cipião, a quem abandonou o comando segundo o teor das leis, era homem apto para desempenhar alguma coisa boa; o exército respeitava-o e se não cumpriu seu dever, Catão, estando quites com o seu e cuidando bem de uma cidade de grande importância, não é passível de reprovação; pois infringir a disciplina militar, sobretudo em tais guerras, é abrir a porta a um milhão de desordens. Mas quem poderia desconfiar de uma coisa que não aparenta? Catão devia presumir que Cipião perderia tudo? Catão devia aceitar superficialmente um tão grande encargo ainda que lhe fosse oferecido? Não procurava a honra; era ao que se dava menos trabalho. Seu afeto consistia em servir sua pátria, mas observando as leis, e sem se expor com alegria de coração à inveja daqueles que estavam em mais alto grau do que ele. Não é simplesmente pelos fatos que se deve condenar os homens. Mas há mais: é que antes da derrota de Cipião, perceberam que Catão tinha sangue nas unhas, quando se ofereceu para conduzir suas tropas à Itália, para ali atrair César; o que não foi aprovado, mas desprezaram seu conselho salutar, do que se seguiu uma desolação extrema. Mas o erro que cometeu Fócion, não querendo apoderar-se de Nicanor, o que evitaria tantos males, é muito maior quando não o julgam a primeira vista, como também Plutarco o descreve exatamente.

XVIII. Ora, deixemos este ponto para considerar a prudência política de Catão, a qual acho excelente de encantar; pois sem falar de seu início, de que modo administrou ele as finanças de Roma? E que necessidade tinha a economia pública da prudência desse personagem, que não se aborrecia, nem se cansava de trabalho algum, mas em pouco tempo repunha as coisas no seu valor e dignidade iniciais? Como faz ele proceder direito a esses que tanto desejavam se recusar? Com que destreza levanta esses que se haviam desviado? Poderiam notar em Fócion um tão forte traço político como em Catão, o qual faz vomitar os assassinos e parricidas assalariados dos cofres públicos no tempo de Sila? E o que é haver conseguido com que a justiça fosse feita, senão tendo pelo bem público não faz escudo senão de sua vida, acusa Pompeu, César, Roma e mesmo o destino; breve, suplanta todo poder adversário, fica como um cubo, sempre firme em seu plano, não se desmente no que quer que seja, e em todo o sentido que se queira pegá-lo, no Senado, na assembleia do povo, na tribuna dos discursos, em seu escritório de questor, em sua cadeira de pretor ou de tribuno, com seus amigos, na presença de seus inimigos, seja quando querem levá-lo à prisão, ou trazê-lo à sua casa, tem sempre o mesmo modo; todo cargo, todo o porte, toda maneira lhe cai bem, e não faz coisa alguma em sua desvantagem, mas sempre por toda parte, acima de todos e em todas as coisas, paira no alto.

XXI. O que lhe objetam, de ter sido muito austero para com Pompeu na disputa do consulado, deve ser visto em um outro sentido. Via a situação de Roma toda embaralhada, e Pompeu, encontrando-se na embrulhada, e procurando atraí-lo por meio de uma aliança, era, a expensas de sua sobrinha, aventurar o repouso de seu espírito e sua reputação. Não fora preciso até ali se ligar, e se Pompeu ficou despeitado ou mal avisado de se unir a César contra

sua pátria, sua falta não deve ser descarregada sobre Catão, que não podia forçar seu natural nobre e não se tendo habituado a entrar nas situações senão pela porta da honra e da virtude, não fez nada de indigno de seu valor mantendo-se em sua posição; em vez disso, se fosse arriscar (como dizem) todo seu bem contra um nada, se se pusesse a disputar à maneira dos outros, por alguma razão o povo o teria repelido. Em tudo, assim como antes, havia sem respeito de ninguém aconselhado e procurado o bem público, continuou sempre e se foi da opinião de eleger Pompeu cônsul sozinho, não foi isto sinal de inconstância, mas um ato de conselheiro fiel do Estado, que se acomoda prudentemente nos negócios, como um piloto experiente sabe baixar as velas a propósito, singrar sob ventos contrários e por diversos caminhos chegar ao mesmo porto. Quando Pompeu quis agradecê-lo, veem qual a resposta que lhe deu, e como logo após bandeou-se de novo para manter a autoridade das leis contra todos os adversários. Mas o que levou César a queixar-se dele por cartas bem ásperas? Como foram pouco avisados seus amigos ao reproduzi-las em pleno Senado? Fez ele então ver a olho nu e apontar com o dedo a quem quisesse, todos os conselhos de César, como se fosse seu cúmplice? Precisou ele esperar as provas? As armas que César levantou contra sua pátria divulgaram diante dos senadores e cidadãos romanos que Catão era o mais sábio dentre todos os outros homens.

XXII. Quanto à sua vigilância cautelosa pelos outros, a resoluta segurança por si mesmo, a evasão das coisas vergonhosas e zelo pela justiça; já foi dito e em toda a sua vida demonstram essas virtudes serem nele sempre tão puras e brilhantes, que não é possível requerer tanto quanto as coisas humanas podem ter de perfeição. Ajunto que se acham essas virtudes e todas as outras acorrentadas juntas em Catão mais do que em nenhum outro grego ou romano; de tal modo que, quem considerar sua prudência, achá-la-á justa, valorosa, moderada, paciente, vigilante, assegurada e inexpugnável, sem que se possa facilmente discernir qual das virtudes avança sobre as outras; pois elas se mantêm em círculo, envolvendo-o com uma harmonia maravilhosamente justa.

XXIII. E, em verdade, se sua morte tivesse sido outra (pois os estoicos não me pagam com razão, aconselhando seus sábios a virar-se contra si mesmo, quando as correntes desta vida lhe pesam muito), pesaria mais sozinho do que tudo quanto existe de gregos e romanos ilustres dentro da história, ainda com esse defeito não deixe de suplantar a quase todos na balança. Aceito Fócion, sobretudo em sua morte; pois, na minha opinião, teve extraordinária vantagem sobre Catão, deste lado. Não quero entrar na refutação do paradoxo dos estoicos sobre esse ponto. Aprendemos (graças à bondade divina) em melhor escola do que a deles, que nossa morte ou saída desta vida, depende de uma outra vontade que não a nossa, e que se em nenhum tempo de nossa vida nossas paixões podem ser retidas, é então que a paciência nos aconselha a esperar alguma coisa contra nossas próprias pessoas. Se vivêssemos para nós mesmos somente, ser-nos-ia fácil tomar a chave dos tempos, e de uma infinidade de saídas que se apresentam, escolher alguma; em suma, poderíamos morrer onde, quando e como bem nos parecesse. E ainda que por vezes a providência divina pareça nos deixar em uma situação de vida pior do que a morte, no entanto se temos bons olhos, olhamos nossa vida aflita com outros olhos o que não fazem os estoicos e estimamos bastante quando chega ao seu fim, ainda que seja através de grandes calamidades. Mas o Soberano Legislador, proibindo o homicídio, compreende nesta proibição aquele que se mata a si mesmo; e a natureza, bem aconselhada e reconhecida, refuta e abomina esta absurda opinião. Também alguns outros que não parecem ser tão grandes filósofos e que todavia pensam melhor neste ponto, ensinam-nos a ficar em nossa vocação no mundo e esperar que Aquele que aí nos colocou como guarda venha nos levar para nos dar repouso. Não é constância, nem paciência dizer — Não posso ficar em tal lugar. E sabedoria partir sem se despedir? Nessa conta, não precisávamos de superior. Ainda a sabedoria dos estoicos acha-se um degrau abaixo de Júpiter. Que o homem espere, portanto, que seu senhor desamarre a corrente. Há mais magnanimidade em trazê-la suavemente do que em parti-la. A indiscrição, a impaciência e o desespero apressam o passo dos homens que procuram assim a morte.

XXIV. Mas não entremos mais na consideração desse estranho paradoxo; antes, deploremos a cegueira do homem simples, vendo personagens tais como Catão, Bruto e outros, tropeçarem tão pesadamente no fim de sua vida. Não se deve nunca abandonar, dizia Cleômenes, um obcecado desta ideia, enquanto resta um dedo de esperança. Quanto a vida de um homem generoso tem de constância e de toda espécie de brilho, em um minuto, às vezes, antes do fim? Catão podia prestar muitos serviços à sua pátria, demonstrar a César seu dever, desdobrar nesse trabalho tudo o que restava em seu espírito, depois esperar os acontecimentos, como havia feito em tantas outras vezes, tendo visto sua vida sobre o fio da navalha, como se diz. Imaginava, dirá alguém, que tudo estava perdido e não tinha mais desejo de viver. Não devemos nunca deixar por completo afundar nosso coração, nem arruinar o que nos foi dado como para o dispor à nossa fantasia. Mas o mau comportamento de Catão na cidade de Útica para abrandar uns e dar evasão a outros, tornou essa tragédia ainda mais lastimável; e de resto isto foi uma terrível luta o agarrar por duas vezes a morte pelo colarinho, e uma coragem extraordinariamente atroz arrancar assim as entranhas. São arrebatamentos de um pensamento que estudou e dirigiu a morte de longa data; e o que lia no discurso de Platão referente à imortalidade da alma não era porque precisava de nova esperança.

Havia muito mais do que Platão reproduziu em seus escritos; sua ciência e resolução estavam por esse cuidado, acima da filosofia. Não teve esta preocupação pela proximidade da morte, pois não interrompeu mesmo seu sono pela importância de uma tal deliberação. Era seu costume misturar seus estudos com outros atos; mas então achou um livro conforme seu desejo. Ora, se bem que por esse fato tenha culpa, como foi dito, todavia aí se observa ainda esta magnanimidade que reluz em toda sua vida, preferindo mais perdê-la do que tê-la daquele que julgava ser assassino das leis e da liberdade dos romanos. S e a morte de Fócion foi vingada e se os atenienses se arrependeram de lhe ter causado um tal erro, os de Útica, após César, lastimaram Catão. E quanto a César, Antônio e outros que oprimiram a pátria pelo julgamento justo Daquele que tem infinitos meios de castigar pequenos e grandes, tiveram sua vez, e pereceram desgraçadamente. Eis uma entrada para a comparação desses dois ornamentos raros do mundo. Acima, pelo discurso de Alexandre e de César, retive-me ao dar minha última opinião: tenho mais razoes de parar, quando falo destes dois; partindo, deixo a sentença e o prosseguimento ao leitor.

XXIV. Mas não entremos mais na consideração desse estranho paradoxo; antes, deploremos a cegueira do homem simples, vendo personagens tais como Catão, Bruto e outros, tropeçarem tão pesadamente no fim de sua vida. Não se deve nunca abandonar, dizia Cleômenes, um obcecado desta ideia, enquanto resta um dedo de esperança. Quanto a vida de um homem generoso tem de constância e de toda espécie de brilho, em um minuto, às vezes, antes do fim? Catão podia prestar muitos serviços à sua pátria, demonstrar a César seu dever, desdobrar nesse trabalho tudo o que restava em seu espírito, depois esperar os acontecimentos, como havia feito em tantas outras vezes, tendo visto sua vida sobre o fio da navalha, como se diz. Imaginava, dirá alguém, que tudo estava perdido e não tinha mais desejo de viver. Não devemos nunca deixar por completo afundar nosso coração, nem arruinar o que nos foi dado como para o dispor à nossa fantasia. Mas o mau comportamento de Catão na cidade de Útica para abrandar uns e dar evasão a outros, tornou essa tragédia ainda mais lastimável; e de resto isto foi uma terrível luta o agarrar por duas vezes a morte pelo colarinho, e uma coragem extraordinariamente atroz arrancar assim as entranhas. São arrebatamentos de um pensamento que estudou e dirigiu a morte de longa data; e o que há no discurso de Platão referente à imortalidade da alma não era porque precisava de nova esperança.

Havia muito mais do que Platão reproduziu em seus escritos; sua ciência e resolução estavam por esse cuidado, acima da filosofia. Não teve esta preocupação pela proximidade da morte, pois não interrompeu mesmo seu sono pela importância de uma tal deliberação. Era seu

costume misturar seus estudos com outros atos; mas então achou um livro conforme seu desejo. Ora, se bem que por esse fato tenha culpa, como foi dito, todavia aí se observa ainda esta magnanimidade que reluz em toda sua vida, preferindo mais perdê-la do que tê-la daquele que julgava ser assassino das leis e da liberdade dos romanos. Se a morte de Fócion foi vingada e se os atenienses se arrependeram de lhe ter causado um tal erro, os de Útica, após César, lastimaram Catão. E quanto a César, Antônio e outros que oprimiram a pátria pelo julgamento justo Daquele que tem infinitos meios de castigar pequenos e grandes, tiveram sua vez, e pereceram desgraçadamente. Eis uma entrada para a comparação desses dois ornamentos raros do mundo. Acima, pelo discurso de Alexandre e de César, retive-me ao dar minha última opinião: tenho mais razões de parar, quando falo destes dois; partindo, deixo a sentença e o prosseguimento ao leitor.

Observações

SOBRE A VIDA DE AGESILAU

CAP. XX. — «Pois amou muito afetuosamente um jovem rapaz ateniense, etc». Deve traduzir: «Pois amou muito afetuosamente um jovem ateniense, atleta entre os meninos; como já estava grande e forte, correu o risco de ser recusado nos jogos olímpicos; eis porque o persa recorreu a Agesilau, etc». Para compreender isto é preciso saber que havia duas classes de atletas; uns eram homens feitos, os outros eram crianças. Cada um podia combater em sua classe; mas como podiam passar entre as crianças meninos de mais idade, o que então era uma desvantagem para os outros concorrentes, os magistrados enca rregados do policiamento dos jogos examinavam todos os pretendentes, e rejeitavam aqueles que por força e sua conformação física, lhes pareciam de idade desproporcionada para serem admitidos na classe dos meninos. Como terei ocasião de examinar tudo isto muito mais detalhadamente em minhas notas sobre Pausânias, limitar-me-ei aqui ao que acabo de dizer. C.

CAP. XL. — Não se acha esse nome de Gelon em parte nenhuma. Na Vida de Pelópidas, Plutarco chama de beotárquios a Pelópidas, Caron e Melon, que Xenofonte escreve Mellon (com dois 1), o que parece indicar a correção feita neste trecho e proposta por Reiske, e antes dele, por Dodwell em seus Anais de Xenofonte, 33. É preciso observar que, falando deste assunto na própria Vida de Pelópidas, Plutarco atribui esta sugestão odiosa a Pelópidas e Gorgidas, beotárquios. Isto não dá contradição, porque havia sete beotárquios. Estes dois acontecimentos são do terceiro ano da centuagésima Olimpíada, segundo Dodwell, se bem que Diodoro coloque o caso de Esfódrias no quarto ano.

CAP. XLIII. — Há aqui no texto um erro incrível. Cleômbroto é designado como filho de Agesilau. Era com certeza de Pausânias o filho de Plistoanax; era o outro ramo dos reis de Esparta, chamado os Ágides. Procurar adivinhar o que é preciso colocar no lugar dessa palavra filho, como empreendeu o Sr. Dutsoul, é certamente perder tempo e trabalho. É preciso apagar esta palavra absurda. Quanto ao que Plutarco empresta aqui a Agesilau, Xenofonte diz expressamente que foram os éforos que convenceram Agesilau a se encarregar desta expedição, porque tinham uma ideia mais elevada a respeito de sua prudência do que da de Cleômbroto.

CAP. XLV. — Ver-se-á, algumas linhas e mais adiante, que Epaminondas, já célebre por sua sabedoria e seus conhecimentos, não era ainda conhecido pelos seus talentos militares, na ocasião desta embaixada. Não havia ainda conquistado a famosa batalha de Leutres, que abateu o poder de Esparta, fez passar a proeminência da Grécia para os tebanos e elevou Epaminondas ao mais alto grau da glória militar. Parece portanto, evidente, que aqui não se trata senão da batalha de Tegiro, ganha por Pelópidas no primeiro ano da centuagésima-primeira Olimpíada, A. C. 376 anos. Esta conjectura de vários sábios está confirmada diversos manuscritos que citam neste trecho Tegiro em vez Leutres.

CAP. XLVII. — Pode-se consultar Dodwell, em seus Anais de Xenofonte, caps. 39 e 40, para julgar sobre que motivos ele se apoia para suspeitar de engano este espaço de vinte dias, que Plutarco estabeleceu entre a paz concluída em Esparta e a batalha de Leutres, o que parece com efeito bem curto para conter os acontecimentos intermediários; daí se conclui que a paz da qual Plutarco fala aqui, se fez no décimo-quarto dia do mês ático scirroforion, que havia começado aquele ano no quarto da centuagésima-primeira Olimpíada, no dia catorze de

junho, razão pela qual o décimo-quarto dia do mês scirroforion estava a coincidir com o vigésimo-oitavo de junho; e que a batalha de Leutres se deu no segundo ano da centuagésima-segunda Olimpíada, no dia cinco do mês hecatombeon, que coincide nesse ano com o dia oito de julho, o mês ático tendo começado a três do mês de julho, no ano do período Juliano. Ainda mais, já se observou o engano de Amyot, com relação à comparação de nossos muses áticos. Ver as Observações, L. III, pág. 484.

CAP. LII. — Este trecho não é fácil para explicar. Poliano, L. 2, cap. I, § 14, narra o mesmo feito. Porém, parece mudar o local da cena. «Uma sedição, tendo-se levantado em Esparta, diz ele, um grande número de soldados armados apoderou-se de uma montanha consagrada a Diana Issória, perto de Pitane». Issórium é, segundo Etiene, uma montanha da Lacônia. Pitane é uma cidadezinha da Lacônia, cuja posição não é dada de maneira precisa por nenhum escritor antigo. Mas ela era, segundo Píndaro (olim. 6), e seguindo seu Escoliasto, sobre as margens do Eurota; e o Eurota que corria segundo Estrabão, junto de Esparta, era, segundo Políbio, Extr. L. XV, ao seu oriente, no verão. Tudo isto parece fixar o lugar que procuramos, fora da cidade, para o oriente. Mas Hesíquio nos diz que Issórium é um bairro de Esparta, com o que está de acordo Plutarco; e Pausânias coloca também o templo de Diana Issória na cidade, mas para o poente da praça pública, o que parece poder concordar com a posição junto de Pitane, dada por Poliano. O que concluir disto? Que é preciso distinguir dois objetos, o templo na cidade, e a montanha Issórium perto de Pitane, ao oriente de Esparta sobre o Eurota. Diana aí era honrada de maneira particular. Uma parte dos habitantes de Pitane, tendo se estabelecido em Esparta, para lá levou seu culto e construiu um templo para Diana Issória, perto do quarteirão chamado o Lesché, ou o conselho dos crotônios, que era uma tribo dos pitanios, segundo Pausânias; e a similitude de nome terá fornecido a um dos dois historiadores a ocasião de um descuido. Mas creio que é da mesma montanha que se trata aqui, porque os inimigos vindo atacar a cidade pelo lado do Eurota ao oriente, não teria sido possível fazer crer aos sediciosos que pudessem se desculpar de uma ordem mal ouvida, reunindo-se em tão grande número ao ocidente da cidade, que não tinha nenhuma necessidade de ser guardada, estando os inimigos além do Eurota ao seu oriente.

SOBRE A VIDA DE POMPEU

CAP. I. — Esquilo havia composto duas tragédias so b o título de Prometeu; uma de Prometeu acorrentado, é aquela que possuímos onde se desenrola um ódio amargo contra Júpiter; a outra, de Prometeu liberto por Hércules. O verso citado por Plutarco foi extraído desta que o tempo nos roubou.

CAP. XXII. — Houve, em Roma outros personagens que tiveram o sobrenome de Máximo. Plutarco aqui fala desses que o obtiveram por outras virtudes que não as virtudes militares, se bem que esses que constam neste trecho, fossem também muito ilustres desse lado, como se vê em Tito Lívio, L. II, cap. 31, com relação ao ditador Valério, que conquistou sobre os sabinos uma vitória tão brilhante, no ano de Roma 260, que além das honras do triunfo, o Senado designou-lhe um lugar distinguido para ele e para sua posteridade no circo, onde lhe colocaram uma cadeira curial; e com relação a Fábio Rulo, que outros chamam Ruliano, e o Padre Petau, Turiliano, no mesmo historiador, L. VIII, cap. 30, era então mestre da cavalaria, sob o ditador Papírio, no ano de Roma 429, e conquistou em sua ausência, apesar da proibição que lhe fora imposta de combater uma vitória completa sobre os samnitas. Pode-se ler em Tito Lívio, como o Senado e o povo tiveram trabalho para salvar em seguida sua vida da severidade do ditador obstinado em castigar de morte esta infração da disciplina militar. Foi depois cônsul várias vezes, censor no ano de Roma 450, ditador no ano de Roma 453. Foi, em sua censura, que fez no Senado e no povo a reforma da qual Plutarco fala aqui e a qual Tito Lívio refere no fim de seu nono livro, e que lhe mereceu o sobrenome de Máximo

Quanto a Valério, Cícero diz expressamente em seu Livro intitulado Brutus, L. I, pág. 211, a mesma coisa que Plutarco. Não foi ele, no entanto, que começou o trabalho de reconciliação do povo com o Senado, mas Menênio Agripa, como se lê em Tito Lívio, L. II, cap. 32. Este acontecimento da retirada do povo sobre o monte Sagrado é do ano de Roma 261.

CAP. XXXVI. A maneira pela qual o texto grego está concebido teria bastado para avisar Amyot que caía em um pesado engano. Não é questão aqui de Gêmeos, isto é, do Castor e de Pólux. O templo de Claros, diz Plutarco, o templo de Dídimo, o templo de Samotrácia. Creio que era fácil reconhecer] aqui três sítios e três templos diferentes. Dídimo é um cantão do território de Milet, cidade situada sobre a costa da Ásia chamada Jônia, onde se acha um templo famoso consagrado a Júpiter e a Apolo, e por causa disto, possivelmente chamado Didimeno, porque Dídimo no grego significa dois; Estrabão, Mela Plínio, Pausânias, Quinto Cúrsio, todos os escritores antigos, então de acordo. Estes não o apresentam senão sob o nome de Apolo Didimeno; mas Etiene e Bizâncio o dá, segundo Calímaco, como comum a Júpiter e a Apolo. O sacerdócio havia sido confiado durante muito tempo aos branquidas.

IDEM. — Aqui, o texto alterado por copistas ignorantes induziu Amyot em falta; porém, não era difícil substituir Lacínia por Lucânia. Nenhum antigo fala de um templo de Juno em Lucânia, e todos falam de um templo famoso de Juno denominado Laciniana, por causa do promontório Lacínio, que era grandemente venerado. Sobre este lado da Itália que olha o mar Jônio, havia três promontórios famosos; ao meio-dia está o Zefirano, ao norte o Iapugiano, no meio o Laciniano. Cícero conta em seu Tratado da Divindade, que Aníbal, apavorado por um sonho, não ousou retirar uma coluna de ouro que se achava nesse templo; e Fúlvio Flaco pereceu miseravelmente no ano de Roma 583, segundo Tito Lívio por tê-lo despojado no ano de Roma 581.

CAP. LX. Hermágoras, denominado Carião, segundo Suidas, era da cidade de Temnos na Eólia da Ásia; lecionou em Roma e morreu muito velho, sob Augusto. Havia escrito vários livros sobre retórica; e Suidas não cita outros trabalhos dele. Parece-me natural concluir que esta questão geral da qual Plutarco fala aqui, era um de seus primeiros princípios sobre a arte oratória. Ora, parece então muito provável que seja precisamente aquele do qual fala Cícero em seu primeiro livro da Invenção, pág. 55: «Hermágoras, diz ele, divide a matéria do orador em duas, a causa e a questão; a causa tem por objeto uma controvérsia na qual intervém pessoas; a questão uma controvérsia sem interposição de pessoas, tal como está aqui: há nisto alguma coisa boa, excetuando o que é honesto? Os sentidos são verdadeiros? Qual é a forma do mundo? Qual é a grandeza do sol? Todas as coisas, ajunta Cícero, que se reconhecem evidentemente não ter nenhuma relação com a função do orador». Daí se conclui que esta divisão de Hermágoras nada vale.

SOBRE A COMPARAÇÃO DE AGESILAU COM POMPEU

CÁP. III. —— «Pois um, querendo escravizar a cidade de Tebas, e sobre todos os pontos exterminar e destruir a de Messena, uma sendo era tudo e por tudo cidade antiga de-seu país e a outra- cidade mãe e capital de toda a nação beócia, etc» Eis como é preciso-traduzir esta passagem: «Pois um, querendo escravizar a cidade de Tebas e por todos os pontos exterminar e destruir a de Messena; esta aqui antigamente havia entrado em partilha com sua pátria, e a outra que era metrópole de sua raça, etc.» Tebas era a pátria de Hércules, de quem descendem os reis da Lacedemônia, e a Messena tinha caído por sorte a Cresfontes na partilha que os Heráclidas fizeram do Pelo poneso.

SOBRE A VIDA DE FÓCION

CAP. II. — «Também numa cidade, na qual os negócios não andam ao gosto dos cidadãos, o povo tem os ouvidos muito delicados e muito cautelosos, por causa de sua imbecilidade, para suportar pacientemente uma língua dizendo a verdade livremente, quando então deseja principalmente ouvir as coisas que não lhe tragam seu erro diante dos olhos». Essa passagem não foi bem transcrita por nenhum dos tradutores, e Dusoul é, a meu ver, o primeiro que pegou o sentido. É preciso traduzi-la assim: «O povo tem os ouvidos muito delicados e muito sensíveis por causa de sua fraqueza, para suportar pacientemente uma língua dizendo a verdade livremente, e isto precisamente na época em que era mais necessária, estando os negócios em tal situação que estariam sem recurso, para remediar os erros que cometeriam».

CAP. IV. — A passagem de Cícero que Plutarco cita aqui sobre a conduta de Catão, acha-se na primeira carta do Atiço, L. II. Mas o que termina esta frase, a saber, que por esta austeridade pouco conveniente à época, fez-se excluir do consulado, é uma adição de Plutarco, e não podia se encontrar nesta carta de Cícero. O aprisionamento do cônsul Metelo e a disputa de Cláudio para obter o cargo de tribuno, fixam a da ta da carta de Cícero no ano de Roma 694, e não foi senão oito anos depois que Catão solicitou e deixou escapar o consulado, isto é, no ano de Roma 702, como se vê em sua própria Vida, quando Plutarco nos refere que ele teve por competidor Sulpício, que foi com efeito cônsul com Metelo, no ano de Roma 703.

CAP. XXX.— O nome grego é Hermo e não Hérmio. Esse vilarejo do Atiço, era da tribo Acamântida. Estava situado um pouco acima do Pireu, um pouco mais próximo de Atenas do que de Eleusina. Talvez algum revisor indiscreto tenha inserido no texto mais uma letra, pelo que Amyot fez o nome Hérmio

CAP. XXXIII. — Dusoul engana-se traduzindo até sessenta anos a contar desde a puberdade, o que faria setenta e oito anos, segundo sua própria explicação. As leis de Atenas dispunham que os rapazes começariam a pegar em armas com dezoito anos; eram encarregados da defesa do Ático até vinte. Nesta época serviam até os quarenta em todas as guerras, dentro ou fora do Ático; depois do que estavam isentos do serviço militar; em ocasiões extraordinárias, iam até quarenta e cinco, como se vê na terceira Olintiana de Demóstenes. Assim a publicação de Fócion já era assaz extraordinária incluindo até a idade de sessenta anos, sem prolongar até setenta e oito.

CAP. XXXLX. — É verdade que no texto consta nesta passagem uma palavra que significa um porto limpo, e poderia por extensão significar um porto vazio de navios. Mas desde que Amyot reconheceu que esta expressão não apresentava sentido, o que o determinou a traduzir pela palavra margem, teria podido ir mais longe’ e supor algum erro ligeiro no texto. Não haveria dificuldade em ter reconhecido o nome próprio de um dos três portos do Pireu; pois o Pireu não é chamado porto senão impropriamente. 15 um bairro do Ático ou vilarejo tornado parte de Atenas pela junção dos muros que o reuniram desde Temístocles; e havia três portos, que fechavam com uma corrente comum, dos quais um se chamava Afrodidis, um outro Zée e o terceiro Cântaro. Vede Mérsio em seu livro intitulado, O Pireu.

SOBRE A VIDA DE CATÃO DE ÚTICA

CAP. I. — Seria difícil fazer-se uma ideia precisa da genealogia de Catão de Ütica, de acordo com o que Plutarco diz aqui, e de acordo com o que disse no fim da Vida de Catão, o Censor; Aullu-Gelle, em seu décimo-terceiro livro, cap. 19, felizmente nos esclareceu o que Plutarco

não explica ou apresenta mesmo de uma maneira própria para ocasionar a confusão. Vou dá-la tal qual Aullu-Gelle no-la apresenta:

Marcos Catão, o Antigo ou o Censor, havia tido de sua primeira mulher um filho, que morreu quando vivia seu pai, sendo designado pretor, depois de haver escrito livros muito apreciados sobre direito. Deixou um filho chamado Marcos Catão Nepos, que quer dizer neto, porque era neto de Catão, o Censor, chefe da família. Foi orador e teve reputação nesse gênero. Foi cônsul com Quinto Márcio no ano de Roma 636 e morreu em seu consulado na Africa, deixando um filho que foi edil, em seguida pretor e morreu na Gália Narbonesa.

Catão, o Censor, desposou em sua velhice a filha de Salônio e teve um filho denominado Saloniano, do nome de seu avô materno. Este teve dois filhos, Lúcio Catão e Marcos Catão, que foi tribuno do povo e pai de Catão de Útica.

CAP. XVII. — Não obstante isso, se bem que tivesse feito e que fizesse todas essas coisas, ainda houve alguém que escreveu, que passou e escorreu por uma peneira as cinzas do fogo». O texto está destruído neste trecho. Petau, em suas notas sobre Temístio, edição do Louvre, pág. 525, propõe ler: «E se bem que tivesse feito tudo isto, César não deixou de escrever, etc. o que oferece um sentido muito melhor.

CAP. XLI. — Alguns observaram antes de mim a alteração que não se pode impedir de supor aqui no texto de Plutarco; pois certamente Catão não foi deposto nem forçado a abdicar de seu tribunato. Propuseram diversas conjecturações. Talvez se aproximassem muito perto da ideia de Plutarco, no lhe fizessem dizer que Catão, sem usar dos dir eitos de seu cargo, com muitos tiranos (no que o capricho de um homem, por uma palavra apenas, prevalece sobre toda autoridade e toda razão) suplantou-o, no entanto, de tal modo pelo seu ascendente pessoal, que induziu Mêmio a deixar o combate, renunciando suas acusações. Mas isto não é senão uma conjectura, que não exclui melhores pois vê-se um pouco mais acima, que Metelo havia acusado Catão de tirania; outros sediciosos podiam renovar esta imputação, por extravagante que fosse; assim, com uma ligeira mudança poder se-ia ler: «Catão, arrostando as imputações dos sediciosos que o censuravam de abusar tiranicamente do poder de seu cargo, puxou seu partido com tanto vigor, que conseguiu enfim, reduzir Mêmio etc».

CAP. XLIX. — Traseas Poetus da cidade de Pádua, capital da Paduana, homem de raros méritos. Todos os escritores de Roma elogiam sua virtude. Tácito chama-o em alguma parte a própria virtude, Anais, L. XVI, cap. 21. Nero o fez morrer; mas não o estimava menos, como se pode concluir da resposta desse monstro a um infame delator que acusava Traseas de haver prevaricado em suas funções de juiz: — «Desejava muito bem, diz o tirano, estar tão seguro de sua amizade, como estou convencido de sua integridade». Vejam-se os Preceitos de Administração, cap. 44. Havia escrito a Vida de Catão de Útica, na qual havia seguido as informações que lhe fornecia o trabalho de Munácio Rufo, contemporâneo de Catão e que havia sido. seu companheiro de viagem a Chipre, como o diz Valério Máximo, L. D7, cap. 3.

CAP. LXXIV. — Os Psilos habitavam junto da grande Sirte, entre os nasamons e os gétules, segundo Estrabão, que diz mais ou menos a mesma coisa que Plutarco sobre esta virtude inata contra as serpentes. Atribuíam, segundo ele, aos tentiritos, habitando junto da pequena Dióspolis no Egito, a mesma faculdade nata contra os crocodilos. Muitas vezes ouvi que os

negros, escravos na América, pegam e matam assim as serpentes sem recear suas mordidas; isto não é de se considerar impossível. Mas observo que as pessoas que combatem obstinadamente as coisas mais razoáveis e melhor estabelecidas, acreditam sem exame em todas as fábulas dos viajantes, em todas as imposturas dos charlatães.

Volume VII

Alexandre o Grande

SUMÁRIO (RESUMO) DA VIDA DE ALEXANDRE, O GRANDE

I. Plutarco propõe-se escolher na vida de Alexandre e César os traços mais próprios para permitirem o julgamento do espírito e da coragem de ambos. II. Diversas tradições sobre o nascimento de Alexandre. V. Alexandre vem ao mundo no dia do incêndio do templo de Diana de Éfeso. VI. Constituição física de Alexandre. VII. Qualidades morais por ele reveladas na infância. VIII. Dos que se encarregaram de sua educação. IX. Alexandre domina o cavalo chamado Bucéfalo. X. Felipe contrata. Aristóteles para educar o filho. XI. As ciências que Alexandre aprendeu de Aristóteles. XII. Sua predileção pela Ilíada de Homero. XIII. Primeiras façanhas de Alexandre. XIV. Desinteligência com Felipe. XV. Demarato induz Felipe a reconciliar-se com o filho. XVI. Felipe impede que ele se case com a filha de Pexodoro, príncipe da Caria. XVII. Pausânias assassina Felipe. XVIII. Conduta de Alexandre ao subir ao trono. XIX. Saqueia a cidade de Tebas. XX. Generosidade de Timocles. XXI. Alexandre arrepende-se da maneira cruel como tratou os tebanos. XXII. Entrevista de Alexandre e Diógenes. XXIII. Presságios que precedem a expedição de Alexandre contra a Ásia. XXIV. Estado das forças de Alexandre por ocasião de sua partida. XXV. Vai a Ílion sacrificar a Diana e aos heróis gregos mortos no sítio de Troia. XXVI. Empreende a travessia do Granico diante do exército de Dário, que o esperava na margem oposta. XXVII. Clito salva-lhe a vida. XXVIII. Alexandre alcança a vitória. XXIX. Felizes resultados desse triunfo. XXX. Alexandre submete a Cilicia, a Fenícia, a Panfília. XXXI. Corta o nó Górdio. XXXII. Sonho de Dário. XXXIII. Alexandre cai doente. XXXIV. Confiança de Alexandre no seu médico Felipe. Cura-se. XXXV. Conversação de Dário com Amintas. XXXVI. Batalha de Isso. XXXVII. Bom humor de Alexandre à vista do luxo de Dário. XXXVIII. Conduta de Alexandre para com a mãe, a mulher e as filhas de Dário. XXXIX. Continência de Alexandre. XL. Sua sobriedade. XLI. Sua maneira cotidiana de viver. XLII. Gostava de gabar-se e de ser elogiado. XLIII. Gastos com a mesa. XLIV. Ambiciona a posse das riquezas que os persas tinham depositado em Damasco. XLV. Sitia a cidade de Tiro. XLVI. Durante o sítio, vai fazer a guerra aos árabes. XLVII. Toma Tiro. XLVIII. Toma a cidade de Gaza. XLIX. Coloca a Ilíada de Homero dentro de um magnífico relicário. L. Edifica Alexandria. LI. Vai consultar o oráculo de Júpiter Âmon. LII. Resposta do oráculo. LIII. O que o próprio Alexandre pensava de sua filiação divina. LIV. Festas e jogos que Alexandre faz celebrar. LV. Recusa as propostas de aliança de Dário. LVI. Relato que o eunuco Tireu faz a Dário sobre a maneira como Alexandre tratara as princesas prisioneiras. LVII. Combate entre dois valetes do exército de Alexandre, sob os nomes de Alexandre e Dário. LVIII. A última batalha foi travada perto de Gausamelos e não de Arbelos. LIX. Alexandre recusa o conselho que lhe dão para combater à noite. LX. Longo e tranquilo sono de Alexandre antes da batalha. LXI. Resposta ao pedido de Parmênion no sentido de lhe ser enviado reforço para defender a bagagem. LXII. Põe as tropas em ordem de batalha. LXIII. Vitória completa de Alexandre. LXIV. Manda reconstruir a cidade de Pláteas. LXV. Do desfiladeiro de Nafta, perto de Ecbátanos. LXVIII. Alexandre apodera-se de Susa. LXIX. Torna-se senhor da Pérsia. LXX. O palácio de Xerxes incendiado por instigação de Taís. LXXI. Liberalidades de Alexandre. LXXIII. Repreende os oficiais por seu luxo excessivo. LXXIV. Amizade afetuosa de Alexandre, cordialidade testemunhada aos amigos. LXXVI. Persegue Dário com grande celeridade. LXXVII. Morte de Dário. LXXVIII. Bucéfalo perdido e recuperado. LXXIX. Alexandre bate os citas. LXXX. Da lenda das Amazonas. LXXXI. Em arenga às tropas, concita-as a prosseguir na conquista da Ásia. LXXXII. Desposa Roxana. LXXXIII. Dirime uma divergência entre Heféstio e Crátero. LXXXIV. Pilotas torna-se suspeito a Alexandre. LXXXV. Ele oculta a conjuração formada por Limno (Dimno) contra Alexandre. LXXXVI. Morte de Pilotas e de Parmênion. LXXXVII. Assassínio de Clito. XC. Desgosto de Alexandre. XCI. Consola-o Anaxarco. XCII. Altercação entre Anaxarco e Calístenes. XCIII. Indiscrição de Calístenes, que se torna odioso aos macedônios e a Alexandre. XCIV. Os cortesãos de Alexandre o indispõem contra Calístenes. XCV. Morte de Calístenes e Bemarato. XCVI. Alexandre, prestes a partir para a índia, manda queimar os despojos e as bagagens inúteis. XCVII. Diversos presságios sobre o bom. êxito de sua expedição. XCVIII. Toma a rocha de Sisímetres. XCIX. Como recebe os embaixadores das cidades do país. C. Entrevista de Alexandre com Táxilo. CI. Pérfida crueldade de Alexandre para com uma tropa de bravos

indianos. CII. Atravessa o Hidaspes para atacar Poro. CIII. Triunfa. CIV. Como trata Poro. CV. Os macedónios recusam-se a penetrar mais na índia. CVI. Monumentos que Alexandre deixa de sua expedição. CVII. Tomada da cidade dos malianos. CVIII. Presenteia os sábios do país chamados gimnosofistas. CIX. Envia Onesícrito aos brâmanes, CX. Vai ver o Oceano. CXI. Pompa báquica de Alexandre. CXII. Sublevações e desordens no império de Alexandre. CXIII. Manda matar aquele que violara o túmulo de Ciro. CXIV. Morte do brâmane Calano. CXV. Alexandre desposa Estatira. CXVI. Licencia com grandes presentes os macedônios tornados inúteis para a guerra. CXVII. Morte e sepultura de Hefestio. CXVIII. Presságios que advertem Alexandre a não entrar na Babilónia. Entra. CXIX. Novos presságios de infortúnio. CXX. Alexandre torna-se triste e desconfiado. CXXI. Superstição de Alexandre. CXXII. Cai doente. CXXIII. Morre. CXXIV. Se é verdade que teria sido envenenado. CXXV. Roxana manda matar Estatira.

Desde o primeiro ano da 106.ª olimpíada até ao primeiro ano da 114.ª; antes de Jesus Cristo, 324.

Tendo-me proposto escrever neste livro as vidas do rei Alexandre, o Grande, e de Júlio César, que derrotou Pompeu, pelo número infinito de coisas que se apresentam diante de mim, não usarei de outro prólogo senão o de pedir aos leitores que não me repreendam por não expor tudo amplamente e por miúdo, mas sumariamente, abreviando muitas coisas, mesmo nos seus principais atos e feitos mais memoráveis ; pois é preciso que se lembrem de que não me pus a escrever histórias, mas vidas somente; e as mais altas e gloriosas proezas nem sempre são aquelas que mostram melhor o vício e a virtude do homem; ao contrário, muitas vezes uma ligeira coisa, uma palavra ou uma brincadeira põem com mais clareza em evidência o natural das pessoas do que derrotas onde tenham morrido dez mil homens, ou grandes batalhas, ou tomadas de cidades por sítio ou assalto. Portanto, exatamente como os pintores que retratam ao vivo procuram as semelhanças só ou principalmente na face e nos traços do rosto, nos quais se vê como que a imagem impressa dos costumes e do natural dos homens, sem preocupar-se com outras partes do corpo, assim também nos deve ser concedido que procuremos sobretudo os sinais da alma e formemos desse modo um retrato natural da vida e dos costumes de cada um, deixando que os historiadores descrevam as guerras, batalhas e outras grandezas tais.

É coisa tida como inteiramente certa que Alexandre, o Grande, pelo lado paterno, descendia da raça de Hércules através de Carano, e pelo lado materno provinha do sangue dos Eácidas, por Neoptólemo. E dizem que o rei Felipe, seu pai, quando adolescente, enamorara-se de sua mãe Olímpia, também ainda menina e órfã de pai e mãe, na ilha de Samotrácia, onde foram ambos recebidos na confraria da religião do lugar, e que depois ele a pediu em casamento a um irmão, Arimbas, que consentiu; mas, na noite anterior àquela em que se encerraram juntos dentro do quarto nupcial, a esposa sonhou que um raio lhe caíra no ventre e que do golpe surgira um grande fogo, o qual se desfez em várias chamas que se espalharam por toda parte; e Felipe, seu marido, sonhou também, mais tarde, que selava o ventre da mulher, sendo a gravura da sela a figura de um leão. Interpretaram os adivinhos que tal sonho o admoestava de que devia zelar cuidadosamente a mulher; mas Aristandro de Telmesso{1167} achou que isso significava que a mulher estava grávida: "Porque, disse ele, não se sela um vaso onde não há nada dentro, e assim ela estava grávida de um filho que teria coração leonino". Dizem também que uma vez, quando ela dormia, apareceu-lhe no leito uma grande serpente que se lhe estendeu toda ao lado e foi causa principal, pelo que se presume, de arrefecer o amor que lhe dedicava e as carícias que lhe fazia o marido, de maneira que ele, ao contrário do que antes se acostumara, já não ia com tanta frequência deitar-se com ela, ou porque receasse que a mulher o enfeitiçasse, ou porque se reputasse indigno de sua companhia, julgando-a amada e gozada por algum deus.

Isso é ainda contado de outra maneira: é que as mulheres dessa geração em toda a antiguidade são ordinariamente tomadas pelo espírito de Orfeu e pelo furor divino de Baco, sendo por isso chamadas Clódones e Mimálones, Como quem diz furiosas e belicosas, e fazem várias coisas semelhantes às mulheres Edômas e Trácias, que habitam ao longo da montanha de Emo; de modo que parece que essa palavra Trescevino{1168} que em língua grega significa curiosa e supersticiosamente dedicar-se às cerimonias do serviço dos deuses, derivou-se delas; e Olímpia, amando tais inspirações e furores divinos, exercendo-os mais barbaresca e excessivamente do que as outras, atraía para si em suas danças grandes serpentes, as quais, deslizando muitas vezes por entre as heras com que as mulheres se cobrem em tais cerimonias, e fora das cirandas sagradas que transportam, e enrodilhando-se à volta dos dardos que seguram nas mãos e dos chapéus que trazem à cabeça, espantavam os homens.

IV. Não obstante, depois que teve essa visão, Felipe enviou Queronte de Megalópolis ao oráculo de Apolo em Delfos, para indagar o que seria aquilo e o que devia fazer; e ali lhe foi respondido que sacrificasse a Júpiter Âmon e o reverenciasse acima de todos os outros deuses"; mas perdeu um dos olhos, aquele que pusera no buraco da fechadura do quarto,

quando viu esse deus em forma de serpente deitado junto com sua mulher. E Olímpia, segundo escreve Eratóstenes, dizendo adeus ao filho, quando este partiu para a conquista da Ásia, depois de lhe ter revelado, a ele somente em segredo, de quem e como o concebera, pediu-lhe e aconselhou-lhe que tivesse coragem digna daquele que o gerara. Dizem outros, ao contrário, que ela detestou essa história, falando: "Não cessará Alexandre de tornar-me suspeita à deusa Juno, fazendo-a ter ciúmes de mim?"

V. Como quer que seja, nasceu Alexandre no sexto dia de junho, que os Macedônios chamam de Lous: exatamente no dia em que se incendiou o templo de Diana na cidade de Éfeso, como o testemunha Hegésias de Magnésia, que faz disso uma ocorrência tão fria que teria sido suficiente para extinguir o incêndio do templo. "Não admira — diz ele — que Diana tenha deixado incendiar-se seu templo, porque ela estava impedida, como parteira, pelo nascimento de Alexandre"; mas a verdade é que todos os presbíteros, adivinhos e profetas que então se achavam em Éfeso, estimando que o incêndio do templo era presságio certo de algum outro inconveniente, correram como possessos para a cidade batendo nos próprios rostos, gritando que naquele dia tinha nascido alguma grande desgraça e alguma grande peste para a Ásia. E, pouco depois de haver Felipe tomado a cidade de Potideia, recebeu ele ao mesmo tempo três grandes notícias: uma, que Parmênion derrotara os Esclavônios numa grande batalha; outra, que ele ganhara o prémio de corrida singular de cavalos nos jogos Olímpicos; e a terceira, que sua mulher lhe dera um filho, que era Alexandre; e, tendo ficado muito contente com esta última notícia, os adivinhos aumentaram-lhe ainda mais a alegria, prometendo que esse filho assim nascido, com três vitórias anunciadas ao mesmo tempo, seria no futuro invencível.

VI. Ora, quanto à forma de toda a sua pessoa, as imagens feitas pela mão de Lisipo são as que a representam melhor ao natural. Por isso, não quis que outro estatuário o esculpisse senão ele{1169}, pois vários dos seus sucessores e amigos o imitaram muito mais tarde, mas esse artista foi, acima de todos os outros, aquele que lhe observou com perfeição e representou a maneira de inclinar o pescoço um pouco para o lado esquerdo, e também a doçura do olhar e dos olhos. Mas, quando Apeles o pintou segurando o raio na mão, não lhe representou a cor ingénua, mas o fez mais moreno e mais escuro do que era de rosto; pois ele era naturalmente branco, e a brancura da pele se misturava com uma vermelhidão que lhe aparecia principalmente na face e no estômago. E lembro-me de ter lido nos comentários de Aristóxeno que sua carne cheirava bem e que o seu hálito era muito doce, e lhe saía de toda a pessoa um odor muito suave, de tal modo que as roupas que lhe tocavam a carne eram como que todas perfumadas, do que a causa possível era a temperatura e compleição do seu corpo muito cálido e queimante como fogo, porque o doce odor resulta do calor que coze e digere a umidade, segundo estima Teofrasto: daí vem que as regiões mais secas e partes da terra mais queimadas pelo calor do sol são as que dão mais e melhores especiarias, porque o sol tira a umidade supérflua dos corpos, como matéria própria de putrefação: e parece que esse calor natural tornava Alexandre sujeito a beber e também corajoso.

VII Desde quando era ainda menino, tornou-se evidente que seria continente quanto às mulheres: pois que, sendo impetuoso e veemente em todas as outras coisas, era difícil de se comover com os prazeres do corpo, aos quais se entregava com muita sobriedade; mas, ao contrário, sua cobiça de honra era acompanhada de firmeza de coragem e magnanimidade mais constantes do que a idade aparentava; pois não lhe apetecia toda espécie de glória, procedente de todas as coisas indiferentemente, como fazia o pai, o qual gostava de mostrar eloquência, como teria feito um retórico, e gravava em moedas as vitórias obtidas nas corridas de cavalos e carros nos jogos Olímpicos: antes, como alguns, um dia, lhe perguntassem se desejaria aparecer na festa dos jogos Olímpicos, para tentar ganhar ali o prêmio da corrida, porque era muito disposto e maravilhosamente ágil: "Sim, respondeu, se os que correm fossem reis"; segundo universalmente se diz, ele detestava todos esses combatentes em jogos de prémios: pois que, tendo por várias vezes promovido festas onde conferia prémios aos atores de tragédias e de comédias, aos cantores, músicos, tocadores de flautas e de cítaras, e até aos poetas, e onde semelhantemente mandava fazer caças diversas

de todo género de animais, e combates de bastão, nunca teve prazer em ordenar a esgrima de punhos nem outra esgrima{1170} em que os combatentes se ajudam com tudo quanto podem. Recebeu uma vez embaixadores do rei{1171} da Pérsia, enquanto o pai tinha saído para qualquer viagem fora do reino, e, privando com eles, os conquistou pela cortesia de que usou e pela boa hospedagem que lhes proporcionou; e, como não lhes perguntasse nada de pueril nem de insignificante, mas os interrogasse sobre as distâncias existentes entre um lugar e outro, e sobre a maneira pela qual se ia mais depressa às altas províncias da Ásia, e sobre o próprio rei da Pérsia, como ele se portava com os inimigos, e que forças e poderio tinha, ficaram eles grandemente satisfeitos e mais ainda maravilhados; de maneira que não estimaram mais a eloquência e a vivacidade de espírito de Felipe, da qual se fazia tanta conta, em comparação com o instinto para todas as altas empresas e grandes feitos que prometia o natural de seu filho. Assim, todas as vezes que chegavam notícias de que o pai tomara alguma cidade importante ou ganhara alguma grande batalha, ele não gostava muito de ouvi-las, mas dizia a seus iguais em idade: "Meu pai tomará tudo, meninos, e não deixará para mim nada de belo nem de magnífico que fazer e conquistar convosco". Não amando a volúpia nem o dinheiro, antes a virtude e a glória, achava que quanto mais o pai lhe deixasse de grandes e gloriosas conquistas, tanto menos lhe ficaria de bom para fazer por si mesmo; e, portanto, vendo que o estado de seu pai e seu império ia crescendo todos os dias cada vez mais, cuidava que tudo o que havia de belo para fazer no mundo se deveria consumar inteiramente nele, e preferia receber dele uma senhoria onde houvesse ocasiões de grandes guerras, grandes batalhas e muita matéria que proporcionassem honra, era lugar de grandes tesouros, delícias ou meios de viver confortavelmente.

VIII. Ora, havia ao redor dele, como se pode imaginar, várias pessoas habilitadas a orientá-lo e educá-lo: governadores, camaristas, mestres e preceptores. Mas Leônidas era quem tinha a superintendência acima de todos os outros, como homem austero por natureza e parente da rainha Olímpia, embora odiasse o nome de mestre ou preceptor e conquanto seja esse belo e honroso cargo; de modo que os outros o chamavam de governador e condutor de Alexandre, por causa da dignidade de sua pessoa e porque ele era parente do príncipe. Aquele que tinha o lugar e o título de mestre era Lisímaco, natural de Acarnânia, o qual não tinha nada de bom nem de gentil em si mesmo; mas, porque a si mesmo desse o nome de{1172} Fénix, a Alexandre o de Aquiles e a Felipe o de Peleu, tinha o segundo posto depois do governador.

IX. Como Filonico de Tessália tivesse levado ao rei Felipe o cavalo Bucéfalo para lho vender, pedindo por ele treze talentos{1173}, desceram eles às carreiras para experimentá-lo e picá-lo. Foi achado tão rebelde e tão feroz que os escudeiros disseram que nunca se poderia obter dele nenhum serviço, porque não permitia que o montassem, nem mesmo que com ele endurecesse a voz e a palavra qualquer dos gentis-homens ao redor de Felipe, mas se levantava contra todos, de modo que Felipe se aborreceu e mandou que o levassem de volta como animal vicioso, selvagem e de todo inútil. E isso teria sido feito se Alexandre, que estava presente, não tivesse dito: "Ó deuses! Que cavalo rejeitam, não sabendo servir-se dele por falta de destreza e de ousadia". Felipe, tendo ouvido essas palavras, a princípio se mostrou indiferente; mas, como ele as fosse repetindo várias vezes entre os dentes ao redor dele, mostrando-se desgostoso porque iam mandar o cavalo de volta, disse-lhe afinal: "Repreendes os que têm mais idade e experiência do que tu, como se entendesses disso mais do que -eles e soubesses melhor do que eles conduzir um cavalo à razão". Alexandre respondeu-lhe: "Pelo menos este eu manejaria melhor do que eles. "Mas, replicou Felipe, se não puderes fazê-lo, como com eles aconteceu, que multa queres pagar por tua temeridade?" "Ficarei contente, respondeu Alexandre, de perder tanto quanto vale o cavalo". Todos puseram-se a rir dessa resposta, e foi entre ambos apostada certa soma em dinheiro. E então Alexandre correu para o cavalo, tomou-o pela rédea e virou-lhe a cabeça para o sol, tendo percebido, creio eu, que o cavalo se atormentava ao ver a própria sombra, a qual surgia e movia-se diante dele à medida que marchava; depois, acariciando-o um pouco com a voz e a mão, até o ver resfolegante de raiva, deixou enfim cair docemente o manto no chão e, levantando-se rapidamente de um salto, montou com segurança e, esticando a rédea sem a tocar nem fatigar, acalmou-o convenientemente; depois, quando viu que ele abandonara seu furor e que apenas desejava correr, deixou-o sair a toda a brida, apressando-o ainda com voz mais áspera que de ordinário e estimulando-o com os calcanhares. Felipe, no começo, olhou-o com grande receio de que ele

se machucasse, mas sem dizer palavra. Todavia, quando o viu guiar direito o cavalo até ao ponto de início da carreira, todo orgulhoso de se ter saído bem, enquanto os outros assistentes gritavam de admiração, mas o pai em lágrimas, segundo dizem, tamanha era a alegria de que se achava tomado, quando ele desceu do cavalo, lhe disse beijando-lhe a cabeça: "Ó meu filho, é preciso procurar-te um reino que seja digno de ti, pois a Macedônia não to poderia dar".

X. Considerando que sua natureza era difícil de manejar, porque se obstinava em não querer ser forçado a nada, mas como por advertência fosse facilmente conduzido à razão, ele próprio tratou sempre de assim persuadi-lo do que desejava que ele fizesse, em lugar de dar-lhe ordens. E, não se fiando demais na educação do filho pelos mestres de música e de literatura, que pusera junto dele para ensinar-lhe, irias estimando que era encargo de maior alcance que o deles, e que ele tinha necessidade, como diz Sófocles.

De vários freios e timões diversos, mandou buscar Aristóteles, o mais famoso e mais sábio filósofo da época, pagando-lhe condigno salário pela educação do filho. Após devastar e destruir a cidade de Estagira{1174}, da qual era natural, reconstruiu-a depois em favor dele e para ali enviou de novo os habitantes que haviam fugido ou que haviam sido reduzidos à servidão, ordenando-lhe para moradia e sede dos estudos a casa de recreio.

XI. Assim me parece que Alexandre não aprendeu com ele somente as ciências morais e políticas, mas também ouviu as outras mais secretas, mais difíceis e mais graves doutrinas, que os discípulos de Aristóteles chamavam propriamente de acroamáticas ou epópticas, como quem diz especulativas, que é preciso ter ouvido o mestre para entendê-las, ou reclusas atrás do conhecimento vulgar. Tais ciências eles não publicavam nem comunicavam a todos, de maneira que Alexandre, já tendo seguido para a Ásia, ao ouvir que Aristóteles produzira e publicara alguns livros, escreveu-lhe a esse respeito uma carta em honra da filosofia, do teor seguinte: — "Alexandre a Aristóteles, saúde. — "Não fizeste bem em publicar teus livros de ciências especulativas, porque não teremos nada acima dos outros se o que nos ensinaste em segredo é publicado e comunicado a todos. Desejo que saibas que eu preferiria superar os outros no conhecimento das coisas elevadas e sublimes, e não em poder. Adeus". Ao que Aristóteles, para atenuar esse ambicioso descontentamento, respondeu-lhe que os tais livros não tinham sido publicados{1175} nem o seriam; pois, na verdade, em todo o tratado que ele chama de metafísica, como se dissesse ciência segundo a natureza, não há nenhuma evidente instrução e expressão que possa ser útil, nem para ser aprendida por si, nem para ser ensinada a outrem, de maneira que foi escrito para aqueles que já são sábios e foram instruídos desde o começo. E me parece também que foi Aristóteles, mais que qualquer outro, quem o fez tomar gosto e afeição pela arte da medicina, pois desta ele não apreciava somente a inteligência e a teoria, mas exerceu-lhe também a prática socorrendo os amigos quando ficavam doentes, e compôs algumas receitas de medicamentos e alguns regulamentos de vida, como se pode verificar por suas cartas missivas. Por natureza, era ele homem estudioso e gostava de ler.

XII. Quis também ter a Ilíada de Homero na correção de Aristóteles, que se chama a correta{1176}, como tendo passado sob a verga, e a punha sempre com seu punhal debaixo da cabeceira da cama, estimando-a e chamando-lhe nutrição ou entretenimento da virtude militar, como escreveu Onesícrates{1177}. Quando esteve nas altas províncias da Ásia, não podendo obter prontamente outros livros, escreveu a Harpalo, para que lhos enviasse. Ele enviou-lhe as histórias de Filisto, com várias tragédias de Eurípides, Sófocles e Esquilo, e alguns hinos de Telesto e Filóxeno{1178}. Assim honrou e amou desde o começo a Aristóteles, não menos que ao próprio pai, como dizia, porque de um recebera o viver e do outro o bem-viver; mas depois o teve um pouco suspeito, não a ponto de causar-lhe desgosto, mas somente deixando de lhe fazer tão amigáveis e afetuosas carícias, como antes aprendera, o que se

presumiu ser sinal de alguma alienação da vontade. Todavia, nem por isso lhe saíram da alma o desejo e o amor da filosofia, que desde a infância lhe impregnara o coração e que com a idade lhe cresceram, como testemunharam mais tarde a homenagem que prestou ao filósofo Anaxarco e os cinquenta talentos{1179} que mandou a Xenócrates, do mesmo modo que a Dandamis e Calano{1180}, os quais teve em grande conta.

XIII. Tendo Felipe partido para a guerra contra os da cidade de Bizâncio, e ele na idade de dezesseis anos ficado na Macedónia como lugar-tenente e guarda do seu segredo, ali dominou e subjugou os medários{1181}, que se haviam rebelado; e, tendo-lhes tomado de assalto a cidade, dali expulsou os bárbaros habitantes, alojando em seu lugar outros de várias nações e dando à cidade o nome de Alexandrópolis, isto é, a cidade de Alexandre. Também esteve, com o pai, na batalha de Queronéia, contra os gregos, onde se diz ter sido o primeiro que combateu dentro da chamada praça sagrada dos tebanos; e até ao meu tempo ainda se via ali um velho carvalho que os do país chamavam comumente de carvalho de Alexandre, porque o seu pavilhão estava estendido debaixo dele; e não longe dali está o carneiro no qual foram enterrados os corpos dos macedônios mortos na batalha.

XIV. Por aquelas coisas, o pai, como se pode imaginar, amava-o unicamente, e era fácil ouvir os macedônios chamarem rei a Alexandre e capitão a Felipe. Mas as perturbações que desde então lhe ocorreram em casa por causa de suas novas núpcias e novos amores, deram motivo a grandes divergências e pesadas disputas entre eles, porque o mal da dissensão e ciúme das mulheres chegou ao ponto de partir os corações dos próprios reis, tendo sido disso causa principal a rude natureza de Olímpia. Mulher ciumenta, colérica e vingativa por natureza, irritava Alexandre e aumentava as queixas que ele tinha do pai. Todavia, a mais aparente ocasião foi a que lhe deu Átalo, nas núpcias de Cleópatra, que Felipe desposou solteira, tendo se tornado, fora de idade e de estação, amoroso dela. Átalo que era tio da recém-casada, embriagou-se no festim das núpcias e assim embriagado, admoestou os outros senhores macedônicos, que estavam também no festim, a pedirem aos deuses que de Felipe e de Cleópatra pudesse nascer um herdeiro legítimo para suceder ao reino da Macedónia. Sentindo-se magoado, Alexandre deu-lhe um golpe na cabeça, dizendo-lhe: "E eu, traidor, que és, parece-te então que eu seja bastardo?" Vendo isso, Felipe levantou-se subitamente da mesa, empunhando a espada, mas, por sorte de ambos, como estivesse perturbado pela cólera e pelo vinho, caiu por terra. E então Alexandre, zombando dele, disse: "Aí está aquele que se preparava para passar da Europa à Ásia, desejando somente passar de um leito a outro, e agora se deixa cair de comprido. Após esse grande escândalo, tomou sua mãe Olímpia e levou-a de volta para o Épiro, passando pela Esclavônia{1182}.

XV. Mas, nesse ínterim, Demarato de Corinto, sendo hóspede de Felipe e privando muito francamente com ele, foi vê-lo e, após as primeiras carícias da saudação, como Felipe lhe perguntasse como iam os gregos entre si, respondeu-lhe: "Na verdade, Sire, assenta-te bem preocupar-te e indagar da" concórdia dos gregos, visto como encheste tua própria casa com tão grandes disputas e tantas dissensões". Essas palavras pungiram tão vivamente a Felipe, e ele o fez reconhecer suas faltas, de maneira que mandou chamar Alexandre por intermédio desse Demarato, que ele enviou para persuadi-lo de que deveria regressar.

XVI. E como Pexodoro, príncipe da Caria,desejando por meio da aliança de casamento entrar em liga ofensiva e defensiva com Felipe, apresentasse sua filha mais velha em casamento a Arideu, filho de Felipe, e tivesse enviado à Macedónia seu embaixador Aristócrito, para tratar e manejar esse negócio, os familiares de Alexandre e sua mãe começaram outra vez a fazer-lhe novos relatórios e a meter-lhe na cabeça novas suspeitas de que Felipe queria em seu prejuízo, com esse grande casamento, dar acesso a Arideu e fazê-lo seu sucessor no reino. Desgostoso com isso, Alexandre mandou que Tessalo, ator de tragédias, procurasse Pexodoro na Caria e lhe dissesse que ele devia ali deixar Arideu, que era bastardo e não tinha juízo

completo nem seguro, para procurar antes a aliança de Alexandre. Pexodoro ficou muito mais satisfeito em ter Alexandre por genro e não Arideu; mas Felipe, uma vez avisado, foi em pessoa ao quarto de Alexandre, levando consigo um de seus familiares, Filotas, filho de Parmêmon, e repreendeu-o muito asperamente, mostrando-lhe que ele sentiria o coração covarde e indigno do estado que lhe deixaria após sua morte, se ele se casasse com a filha de um Cano, que era servo e vassalo de um rei bárbaro. E, enquanto isso, escreveu aos coríntios, para que lhe enviassem Tessalo de pés e punhos atados, e baniu da Macedónia a Harpalo, Nearco, Frígio e Ptolomeu, favoritos de seu filho, os quais Alexandre chamou mais tarde, para cobri-los de favores junto a si.

XVII. Algum tempo depois, Pausânias, tendo sido vilmente ultrajado em seu corpo, com ciência e por ordem de Átalo e de Cleópatra, e não tendo podido obter reparação nem justiça de Felipe, voltou sua ira contra ele e matou-o ele próprio por despeito. Desse homicídio a culpa foi em grande parte atribuída a Olímpia, a qual, segundo dizem, incitou e impeliu esse jovem fervente de raiva a assim proceder. Mas também houve alguma suspeita em relação a Alexandre, pois dizem que, como Pausânias lhe falasse de seu caso após a injúria recebida e a ele se queixasse, recitou os versos que se encontram na tragédia da Medeia, do poeta Eurípides, quando ela diz, furiosa, que se vingará:

Do homem casado e da mulher casada

Ou da que for com ele amancebada.

Todavia, mais tarde, mandou com diligência procurar e punir severamente todos os cúmplices da conjuração, e não gostou que{1183} sua mãe Olímpia tivesse tratado Cleópatra com crueldade.

XVIII. Assim veio a suceder à coroa da Macedónia na idade de vinte anos{1184} e achou o reino exposto a grandes invejas, espiado por perigosos inimigos e cercado de todos os lados por graves perigos, por isso que as nações bárbaras, vizinhas da Macedónia, não podiam suportar o jugo da servidão estrangeira, reclamando seus reis naturais. E Felipe, tendo conquistado a Grécia pela força das armas, não tivera tempo bastante para bem dominá-la e acostumá-la inteiramente ao jugo, mas, tendo apenas removido um pouco os governos, deixara as coisas em grande perturbação e em grande abalo, pois de longa data perdera o hábito de servir: porque os do conselho da Macedónia, temendo a perversidade do tempo, eram de opinião que Alexandre abandonasse totalmente os negócios da Grécia e não se obstinasse em querer obtê-las pela força; e, quanto ao mais, tratasse de reconquistar docemente os bárbaros que se haviam rebelado e de remediar prudentemente pela doçura a ocorrência dessas novidades. Mas ele, ao contrário, deliberou manter e assegurar seus negócios com ousadia e magnanimidade, tendo a opinião de que, se o sentissem fraquejar no começo, por pouco que fosse, toda a gente lhe cairia em cima e se sublevaria contra ele.

XIX. Assim, sufocou incontinente os movimentos dos bárbaros, acorrendo logo com seu exército até ao no Danúbio, onde derrotou numa grande batalha a Sirmo, rei dos tribalos. Por outro lado, tendo notícias de que os tebanos se haviam rebelado e de que os atenienses se entendiam com eles, para mostrar-lhes e fazer-lhes sentir que era homem, fez marchar incontinente seu exército para o estreito das Termópilas, dizendo que desejava fazer ver ao orador Demóstenes, que em suas arengas o chamava de menino, quando ele estava na{1185} Esclavônia e no país dos tribalos, que se tornara adolescente ao passar pela Tessália e que o encontraria homem feito diante das muralhas de Atenas. Chegado que foi diante de Tebas,

quis dar meios aos da cidade para se arrependerem e pediu-lhes somente Fénix e Protites, autores da rebelião. Por fim, fez pro-clamar com sua trompa que dava perdão e segurança a todos os que se voltassem para ele; mas os tebanos, ao contrário, lhe pediram Filotas e Antipater, dois de seus principais servidores, e mandaram anunciar publicamente que os que desejassem defender a liberdade da Grécia se juntassem a eles. Foi nessa ocasião que soltou a rédea aos macedônios, para fazer-lhes a guerra sem trégua. Assim, combateram os tebanos com coragem e afeição maior do que estava em seu poder, visto como os inimigos eram na proporção de vários contra um; mas, quando a guarnição dos macedônios, que estavam dentro do castelo da Cadméia, saindo contra eles, foi ainda atacá-los pela retaguarda, então envolvidos por todos os lados foram quase todos mortos sem demora, a cidade tomada, destruída e arrasada{1186}. Isso fez com a intenção de aterrorizar principalmente os entres povos gregos pelo exemplo dessa grande desolação dos tebanos, a fim de que não houvesse nenhum que ousasse levantar a cabeça contra ele. Todavia, quis dar ainda cor honesta a essa execução de vingança, dizendo que desejava satisfazer as queixas e sofrimentos de seus aliados e confederados, porque na verdade os fócios e os plateenses carregavam e acusavam diante dele os tebanos de grandes ultrajes. Por isso, excetuando os presbíteros e religiosos, e todos aqueles que eram amigos particulares ou hóspedes de senhores macedônios, todos os descendentes e parentes do poeta Píndaro, e todos aqueles que se opuseram aos que pregavam a rebelião, mandou vender como escravos os demais habitantes de Tebas, que chegaram até ao número de trinta mil, sem contar os que tinham sido mortos em combate e passavam de seis mil.

XX. Mas, entre as misérias e calamidades dessa pobre cidade de Tebas, houve alguns soldados trácios que, tendo arrasado a casa de Timocléia, dama de bem e de honra, oriunda de nobre raça, repartiram-lhe os bens entre si; e seu comandante, após tê-la forçado e violado, perguntou-lhe se ela ocultara ouro ou prata em alguma parte. A dama respondeu-lhe que sim e, levando-o só a um jardim, mostrou-lhe um poço dentro do qual, disse, vendo a cidade tomada, lançara todas as joias e tudo o que possuía de mais belo e mais rico. O bárbaro trácio abaixou-se para olhar dentro do poço, e ela, que estava por trás, empurrou-o para dentro, e depois jogou por cima uma porção de pedras, tantas quantas conseguiu reunir. Os soldados, quando souberam disso, prenderam-na incontinente e a levaram amarrada e garroteada à presença do rei Alexandre.

Este vendo-lhe o rosto, o porte e o andar, a princípio julgou que era uma dama de honra e de grande posição, enquanto ela caminhava com segurança e firmeza atrás dos que a conduziam, sem mostrar-se amedrontada com coisa nenhuma. Depois, quando Alexandre perguntou-lhe quem era, respondeu-lhe que era irmã de Teágenes, aquele que dera combate ao rei Felipe diante da cidade de Queronéia, onde morrera em defesa da liberdade dos gregos, no posto de capitão-general. Alexandre, maravilhado com a generosa resposta e também com a atitude dela, mandou que a deixassem ir em liberdade com os filhos para onde quisesse, e fez acordo com os atenienses, embora mostrassem evidentes sinais de desgosto pela sorte dos tebanos.

XXI. Tendo então ocorrido a festa dos mistérios, deixaram-na pelo sofrimento que lhe causavam, e aos que se refugiaram em sua cidade, deram, tanto quanto lhes foi possível, provas de humanidade. Mas, ou porque sua fúria tivesse acalmado, seguindo nisso a natureza dos leões, ou porque desejasse, após um exemplo de crudelíssima vingança, oferecer outro de singular clemência, não só absolveu os atenienses de todo crime, como ainda os aconselhou e admoestou a zelarem pelos negócios e a se entenderem, porque sua cidade devia dar um dia a lei a toda a Grécia, se porventura ele viesse a morrer. Dizem bem que por certo ele se arrependeu vaias vezes, mais tarde, de haver tão miseravelmente exterminado os tebanos, tendo sido esse arrependimento a causa de que depois se mostrasse mais humano para com os outros. Sem dúvida achou que o assassínio de Oito, que ele matou à mesa, e a recusa dos macedônios em passarem à conquista do resto das índias, que foi como uma imperfeição de sua empresa e diminuição de sua glória, lhe vieram da, fúria e rancor de Baco, para vingar-se dele. E nunca mais houve tebano, dentre os que puderam escapar ao furor de sua vitória, e

tivesse relações com ele ou lhe pedisse alguma coisa, que não obtivesse o que pedia. Eis como a cidade de Tebas foi tratada.

XXII. Tendo os gregos realizado uma assembleia geral dos estados da Grécia dentro do estreito do Peloponeso, onde resolveram que fariam a guerra aos persas com Alexandre, ali foi eleito capitão-general da Grécia. E, como lá fossem visitá-lo tantos filósofos como homens de negócios, para felicitá-lo por sua eleição, achou que Diógenes de Sinopla{1187}, que residia ordinariamente em Corinto, devia ir vê-lo também; mas, quando viu que ele não lhe dava importância, permanecendo indiferente no subúrbio de Crânio, foi procurá-lo e encontrou-o deitado de comprido ao sol. Todavia, quando ele viu tanta gente em volta, levantou-se um pouquinho em seu lugar de repouso e olhou para o rosto de Alexandre. Alexandre saudou-o e acariciou-o com palavras, e depois lhe perguntou se ele precisava de alguma coisa. "Sim, respondeu Diógenes, é que te retires um pouquinho da frente do meu sol". Alexandre gostou muito dessa resposta e teve tal admiração pela altivez e grandeza de coragem desse homem, ao ver o pouco caso que fazia dele, que ao partir de lá, como seus familiares se rissem juntos e zombassem dele, disse-lhes: "Digam o que quiserem, mas certamente, se eu não fosse Alexandre, desejaria ser Diógenes".

XXIII. E, querendo consultar o oráculo de Apolo sobre sua viagem à Ásia, seguiu para a cidade de Delfos. Aconteceu, porém, que ali chegou nos dias chamados de mau agouro, nos quais não se tinha o costume de pedir nada a Apolo. Não obstante, mandou chamar a profetisa que pronunciava : os oráculos, pedindo-lhe que viesse. Tendo-se ela recusado, alegando o costume que lhe proibia sair, para lá se dirigiu em pessoa e tirou-a à força do templo. Ela, então, vendo que não podia resistir-lhe à afeição, disse-lhe: "És invencível, pelo que vejo, meu filho". Tendo ouvido isso, disse Alexandre que não pedia outro oráculo e que obtivera aquele que desejava. Depois, quando estava para seguir viagem, teve vários sinais e presságios divinamente enviados e, entre outros, uma imagem do poeta Orfeu, feita de madeira de cipreste, na cidade de Lebetres{1188}. Mais ou menos nesses dias, transpirou grande quantidade de suor e, como esse prognóstico fosse temido por muitos, o adivinho Aristandro interpretou-o dizendo que era preciso esperar, porque "é sinal de que Alexandre fará conquistas e proezas de armas dignas de serem cantadas e celebradas por todo o mundo, as quais muitas vezes farão vir o suor à fronte dos poetas e dos músicos, pelo trabalho que terão em descrevê-las e cantá-las".

XXIV. Quanto ao número dos combatentes que levou consigo, os que dão menos calculam trinta mil homens a pé e cinco mil a cavalo, e os que dão mais escrevem trinta e quatro mil a pé e quatro mil a cavalo. E, para assoldadá-los e mantê-los, escreve Aristóbulo que ele não tinha mais de setenta talentos{1189} e Duris não dá senão trinta dias somente para a provisão de víveres, ao passo que Onesícrito acrescenta que ele devia mais de duzentos talentos{1190}. Todavia, ainda que ele entrasse nessa guerra com tão poucos meios para sustentá-la, não quis embarcar antes de informar-se a respeito da situação de todos os amigos, para saber com que recursos contavam para segui-lo, e assim a uns distribuiu terras, a outros uma aldeia e a outros a renda de algum burgo ou de algum porto, de modo que nesses presentes empregou e consumiu quase todo o domínio dos reis da Macedónia. Eis porque Pérdicas lhe perguntou: "E tu, Sire, com que ficas?" E ele prontamente respondeu: "Com a esperança". "Mas nisso, replicou Pérdicas, nós também queremos ter nossa parte, pois vamos contigo". E desse modo recusou a renda que o rei lhe atribuíra como pensão. Alguns outros também assim fizeram, mas aos que preferiram recebê-la ou a pediram ele a concedeu com bastante liberalidade, gastando nisso a maior parte do domínio ordinário do reino.

XXV. Em tal afeição e tal deliberação, passou pois o estreito de Helesponto e, chegando até à cidade de Ílio, ali sacrificou a Diana{1191} e expandiu efusões funerais aos semideuses, isto é, aos príncipes que morreram na guerra de Tróia, cujos corpos estavam ali sepultados, mas principalmente a Aquiles, cuja sepultura ungiu com óleo, percorrendo-a nu em toda a volta

com os seus favoritos, segundo o costume antigo dos funerais; depois cobriu-a toda com capacetes e festões de flores, dizendo que ele fora bastante feliz em ter tido em vida um amigo leal e após a morte um excelente arauto para dignamente cantar-lhes os louvores. E, quando percorria a cidade, visitando as coisas notáveis lá existentes, alguém lhe perguntou se desejava ver a lira de Paris. Ao que ele respondeu: "Não tenho muita vontade de vê-la, mas veria de bom grado a de Aquiles, que ele tocava para cantar os altos feitos e proezas dos homens virtuosos do passado".

XXVI. Enquanto isso, os capitães e lugares-tenentes do rei da Pérsia, Dário, tendo reunido uma grande força, esperavam-no na passagem do rio do Granico{1192}. Era pois necessário combater aí, como na fronteira da Ásia, para conseguir a entrada; mas a maior parte dos comandantes do seu conselho temia a profundidade daquele rio e a altura da outra margem, que era áspera e direita, de maneira que não se podia alcançá-la e galgá-la sem combater; e houve os que disseram ser preciso obedecer à antiga prescrição dos meses, porque os reis da Macedônia jamais costumavam pôr o exército em campo no mês de junho{1193}. Respondeu-lhes Alexandre que a isso daria remédio conveniente, mandando dar o nome de maio ao segundo{1194}. Ademais, Parmênion era de parecer que no primeiro dia nada se devia arriscar, porque era já tarde; ao que respondeu que o Helesponto enrubesceria de vergonha se ele temesse atravessar um rio, visto como acabava de passar um braço de mar. E, dizendo isso, entrou no nó com treze companhias de homens a cavalo e marchou de cabeça baixa contra uma infinidade de dardos que os inimigos lhe atiravam. Subiu assim na direção da montanha a outra margem, escarpada, íngreme e, o que é pior, toda coberta de armas, cavalos e inimigos que o esperavam para renhida batalha. Impeliu seus homens através do curso da água, que era profundo e corria tão asperamente que os levava quase na correnteza, de tal maneira que se julgava haver em sua conduta mais furor do que bom-senso e conselho. Não obstante, obstinou-se em querer passar a toda a força e tanto fez que por fim alcançou a outra margem com grande sacrifício e grande dificuldade, mesmo porque a terra estava escorregadia com a lama ali existente. Depois de passar, foi preciso logo combater desordenadamente corpo-a-corpo, porque os inimigos carregaram incontinente sobre os primeiros que passaram, antes que tivessem tempo de colocar-se em linha de batalha, e avançaram com grandes gritos, mantendo os cavalos bem juntos e encostados uns aos outros, e combateram primeiro a golpes de chuços e depois a golpes de espadas, quando os chuços se quebravam.

XXVII. Assim se precipitaram vários juntos repentinamente sobre ele, porque era fácil notá-lo e conhecê-lo entre todos os outros pelo escudo e pela cauda pendente do capacete, à volta do qual havia de ambos os lados um grande penacho maravilhosamente branco. Foi assim atingido por um golpe de chuço na falta da couraça, mas o golpe não o feriu; e, como Roesaces e Espitridates, dois dos principais comandantes persas, se dirigissem juntos para ele, desviou-se de um e, picando diretamente a Roesaces, que estava bem armado com uma boa couraça, deu-lhe tão forte golpe de chuço que este se quebrou, de modo que levou logo a mão à espada; mas, como eles estivessem emparelhados, Espitridates aproximou-se dele pelo flanco, levantou-se no cavalo e com toda a força lhe desferiu tão forte golpe de machadinha barbaresca que lhe cortou a crista do capacete e um dos lados do penacho, abrindo-lhe tamanha brecha que o gume da machadinha penetrou-lhe até aos cabelos; e, como quisesse dar-lhe ainda outro golpe, o grande{1195} Clito impediu-o, atravessando-lhe o corpo de lado a lado com uma flecha, ao mesmo tempo que Roesaces também caía ao chão, morto por um golpe de espada desferido por Alexandre.

XXVIII. Ora, enquanto a cavalaria combatia com tal esforço, o batalhão dos infantes macedônios atravessou o no e começaram então os dois exércitos a marchar um contra o outro; mas o dos persas não se manteve corajosa e longamente, pois se pôs incontinente em fuga, excetuados os gregos que estavam a soldo do rei da Pérsia, os quais se retiraram juntos para cima de um outeiro e pediram que os tomassem à mercê; mas Alexandre, tendo sido o primeiro a entrar, mais por cólera do que por são julgamento, ali perdeu o cavalo, que foi

morto debaixo dele com um golpe de espada através os flancos. Não era Bucéfalo, mas outro; e foi nesse lugar que morreram ou receberam ferimentos todos os que participaram da jornada, porque ele se obstinou em combater contra homens aguerridos e desesperados. Dizem que nessa primeira batalha morreram do lado dos bárbaros vinte mil homens a pé e dois mil e quinhentos a cavalo; do lado de Alexandre, escreveu Aristóbulo que houve trinta e quatro mortos ao todo, dos quais doze eram homens a pé, e a todos quis Alexandre que, para honrar-lhes a memória, fossem erguidas estátuas de bronze feitas pela mão de Lisipo; e, desejando comunicar essa vitória aos gregos, mandou particularmente aos atenienses trezentos broquéis dos que conquistara em batalha, e de modo geral sobre todos os outros despojos mandou colocar esta honrosa inscrição: "Alexandre, filho de Felipe, e os gregos, excetuados os lacedemônios, conquistaram estes despojos aos bárbaros habitantes da Ásia". Quanto à baixela de ouro ou de prata, tecidos de púrpura e outros deliciosos bens móveis da Pérsia, enviou-os quase todos a sua mãe, ou pelo menos muito poucos faltaram.

XXIX. Esse primeiro encontro acarretou subitamente tão grandes mudanças dos negócios em favor de Alexandre que a própria cidade de Sardes, sede capital do império dos bárbaros, ao menos em todas as baixas províncias vizinhas do mar, rendeu-se incontinente a ele, e também as outras, excetuadas a de Halicarnasso e a de Mileto, que lhe opuseram resistência, mas ele tomou-as pela força. E, tendo semelhantemente conquistado tudo o que estava ao redor, ficou depois em dúvida quanto ao que lhe restava fazer; pois muitas vezes tinha vontade de ir fogosamente ao encontro de Dário, onde quer que se encontrasse, para tudo arriscar numa batalha, e às vezes também lhe parecia mais conveniente exercitasse primeiro na conquista de seus países baixos e fortificar-se e abastecer-se com dinheiro e riquezas que ali encontrasse, para depois marchar melhor aparelhado contra ele.

XXX. Mas há no país da Lídia, perto da cidade dos Xântios, uma fonte que então transbordou espontaneamente e, transvazando por cima das margens, lançou do fundo para fora uma pequena lâmina de cobre sobre a qual havia caracteres gravados com letras antigas dizendo que o império dos persas devia ser arruinado pelos gregos. Isso lhe aumentou ainda mais a coragem, de modo que se apressou em limpar toda a costa do mar até à Cilicia e à Fenícia. Mas a facilidade coma qual avançou ao longo da costa de Panfília, deu ocasião e matéria a vários historiadores para amplificarem as coisas às maravilhas, ao ponto de dizerem que foi um verdadeiro milagre do favor divino que essa orla do mar se submetesse tão graciosamente a ele, visto como tem ele ao contrário o hábito de atormentar e devastar muito asperamente a referida costa, de tal maneira que muito poucas vezes{1196} oculta e cobre as pontas de rocha que se enfileiram todas muito volumosas ao longo da praia, embaixo dos altos rochedos íngremes e abruptos da montanha. E parece que o próprio Menandro, numa de suas comédias, dá testemunho dessa miraculosa felicidade, quando jocosamente diz:

Isso demonstra de Alexandre a sorte

Se alguém procuro com empenho forte,

incontinente a mim vem ter sozinho.

Se pelo mar, que pode ser daninho,

Não me convém nenhures navegar,

Posso como por terra ali passar.

Todavia, o próprio Alexandre, em suas epístolas, sem fazer do caso tão grande milagre, escreve simplesmente que atravessara por mar o passo que vulgarmente era chamado de

Escada e que, para atravessá-lo, embarcara na cidade de Fasélis, ali pousando vários dias, durante os quais, tendo visto na praça uma estátua de Teodectes{1197} (pois ele era Faselita), promoveu após o jantar uma dança no local e lançou em cima numerosos ramalhetes e capacetes com flores, para honrar de bom grado, à guisa de pilhéria, a memória do defunto, pela conversação que com ele mantivera em vida por causa de Aristóteles e do estudo da filosofia.

XXXI. Isso feito, subjugou também os pisidienses{1198}, que pretenderam resistir, e conquistou ainda toda a Frigia, onde na cidade de Górdio, que se diz ter sido outrora a residência ordinária do rei Mídas, viu a carruagem da qual tanto se fala, ligada por um laço de casca de sorveira; e a esse respeito contaram-lhe uma história segundo a qual os habitantes do país consideravam verdadeira profecia que aquele que pudesse desatar esse laço era predestinado a ser um dia rei de toda a terra. Assim diz o vulgo que Alexandre, não podendo desfazer esse laço, porque dele não se viam as extremidades em virtude de estarem estas envolvidas por várias voltas e entremeios que se interpenetravam, desembainhou a espada e cortou o nó pela metade, de sorte que se viram então as várias extremidades do laço. Mas Aristóbulo escreve que ele o desfez com grande facilidade, tendo primeiro tirado a cavilha que prende o jugo ao timão, para depois retirar o jugo.

XXXII. Ao partir dali, foi subjugar os paflagônios e os capadócios, e soube do falecimento de Mêmnon, que, dentre todos os comandantes de marinha que Dário teve a seu serviço, era aquele que se esperava devesse dar mais trabalho e causar mais obstáculos a Alexandre; de modo que, uma vez certo de sua morte, tanto mais se firmou na resolução de levar o exército às altas províncias da Ásia. Também pela frente lhe vinha o rei Dário, que fizera concentração de forças em Susa, confiante no grande número de seus combatentes, seiscentos mil dos quais dispusera em um acampamento, e também num sonho que os adivinhos lhe haviam contado mais para lhe serem agradáveis do que a bem da verdade. Uma noite, enquanto dormia, foi-lhe anunciado que ele via todo o exército dos macedônios em fogo e que Alexandre o servia vestido com a mesma túnica usada na ocasião em que ele era asgande do falecido rei; e, tendo entrado no templo de Belo, desapareceu de repente e se dissipou. Por tal sonho, parece evidente que os deuses lhe davam a entender que os feitos dos macedônios se tornariam muito famosos e gloriosos, e que Alexandre conquistara toda a Ásia, nem mais, nem menos do que fizera Dário, que de asgande se tornara rei, mas que logo acabaria também sua vida em grande gló ria.

XXXIII. Ainda se tornou mais confiante quando viu que Alexandre se demorou algum tempo na Cilicia, cuidando fosse por medo dele; mas foi por doença, a qual dizem alguns lhe ter vindo do trabalho, outros por se ter banhado no rio de Cidno, que era frio como gelo; mas, do que quer que fosse, não houve nenhum médico que ousasse socorrê-lo, pois julgavam o mal incurável e mais poderoso do que todos os remédios que pudessem ministrar-lhe, e temiam que os macedônios os culpassem e caluniassem, se não conseguissem curá-lo. Mas Felipe de Acarnânia, considerando que ele estava muito mal e confiando na amizade que lhe demonstrava, pensou que seria agir vilmente para cem ele, vendo-o em perigo de vida, não arriscar até haver experimentado todos os últimos e mais extremos remédios de sua arte, mesmo que isso pudesse constituir perigo para a sua própria pessoa; de modo que empreendeu dar-lhe medicina e persuadiu-o de tomá-la e bebê-la ousadamente, se desejava ficar logo curado e disposto para fazer a guerra. Nesse ínterim, Parmênion escreveu-lhe do acampamento uma carta pela qual o advertia de que precisava tomar cuidado com o tal Felipe, porque ele fera conquistado e industriado por Dário sob a promessa de grandes bens que lhe daria com a filha em casamento, como paga pela morte do senhor.

XXXIV. Alexandre leu a missiva e colocou-a sob a cabeceira, sem mostrá-la a nenhum dos seus familiares; e, quando chegou a hora de tomar o remédio, Felipe entrou no quarto com outros

favoritos do rei, levando na mão o copo com o medicamento. Deu-lhe então Alexandre a carta e tomou no mesmo instante o copo de remédio sem mostrar nenhuma hesitação ou suspeita. Foi admirável então ver como um lia a carta e o outro tomava a beberagem ao mesmo tempo, e considerar como se entreolhavam, embora não com a mesma cara, pois Alexandre tinha a fisionomia franca e risonha, testemunhando a confiança e a amizade que lhe merecia o médico Felipe, ao passo que o outro tinha uma atitude de homem magoado e atormentado pela calúnia de que fora alvo, estendendo as mãos para o céu, chamando e invocando os deuses como testemunhas de sua inocência, para em seguida aproximar-se do leito e pedir a Alexandre que tivesse coragem e fizesse exatamente o que lhe dissesse. O medicamento, começando a agir, expulsou e derreteu por assim dizer até ao fundo do corpo o vigor e a força natural, de maneira que ele perdeu a fala e lhe veio uma grande fraqueza e tal torpor que não tinha quase pulso nem aparência de sentido: todavia, passada essa fase, foi em poucos dias restabelecido por Felipe. E, depois de se fortifica um pouco, apareceu aos macedônios, que andavam impacientes e não acreditaram no que lhes diziam ou prometiam sobre a sua convalescença enquanto não o viram.

XXXV. Ora, havia no acampamento de Dário um banido da Macedónia chamado Amintas, que conhecia bem a natureza de Alexandre e, vendo Dário com vontade de ir enfrentá-lo nas gargantas e vales das montanhas, pediu-lhe que o esperasse de preferência em lugar plano e aberto, visto como lutaria com grande número de combatentes contra muito poucos inimigos e era vantajoso enfrentá-lo em campo largo. Dário respondeu-lhe que receava apenas que ele fugisse antes de poder atingi-lo ou defrontar-se com ele, que assim lhe escaparia das mãos. Replicou-lhe Amintas: "Quanto a isso, Sire, peço-te não tenhas receio, pois te asseguro, por minha vida, que ele te virá buscar e neste momento já estará marchando".

XXXVI. Todavia, as advertências de Amintas não puderam dissuadir Dário de mandar forças para a Cilicia. E, ao mesmo tempo, Alexandre tomou o caminho da Síria para encontrá-lo; mas durante uma noite se desviaram um do outro e no dia seguinte retrocederam ambos, de modo que Alexandre, satisfeito com a aventura, apressou-se em enfrentar o inimigo dentro dos desfiladeiros, e Dário tratou de voltar ao acampamento de onde partira e de tirar seu exército dos desfiladeiros, começando então a perceber o erro que cometera ao lançar-se em lugares fechados de um lado pela montanha e do outro pelo mar e pelo rio de Píndaro{1199} que corre pelo meio, forçando seu exército a dividir-se em vários grupos num terreno desigual e desfavorável para a cavalaria, do qual ao contrário a planície era a mais própria do mundo para os inimigos, que eram infantes e em pequeno número. Mas, se a fortuna deu a Alexandre o campo conveniente para combater com vantagem, melhor ainda ele soube organizar a batalha para obter a vitória, pois que, embora fosse em número de combatentes muito mais fraco e menor do que o inimigo, tratou de providenciar para não ser cercado, porque fez avançar a ponta direita do exército muito mais do que a esquerda e, combatendo nas primeiras fileiras daquela, desbaratou os bárbaros que se achavam à frente diante dele; mas foi ferido por um golpe de espada na coxa. Cares{1200} escreve ter sido o próprio Dano quem lhe deu esse golpe e que ambos se defrontaram ao ponto de lutarem às cabeçadas e aos socos. Todavia, o próprio Alexandre, escrevendo sobre essa batalha a Antípater, disse bem que ele foi ali ferido na coxa por um golpe de espada, sem ter sofrido nenhum outro inconveniente. Mas não acrescentou quem o feriu.

XXXVII. Tendo pois alcançado uma gloriosíssima vitória, em consequência da qual morreram mais de cento e dez mil inimigos, não pôde contudo aprisionar Dano, porque este se adiantou para fugir até cerca de um quarto de légua somente; mas tomou o carro de batalha, sobre o qual combatia, e seu arco também, depois voltou da perseguição e encontrou os macedônios pilhando e saqueando todo o resto do acampamento dos bárbaros, onde havia uma riqueza infinita (conquanto tivessem deixado a maior parte de seus equipamentos na cidade de Damas{1201}, para entrarem mais livremente em combate), mas para a sua pessoa tinham reservado o alojamento do rei Dano, que estava cheio de grande número de oficiais, de ricos móveis e de grande quantidade de ouro e prata. Eis porque, logo que chegou, após ter

deposto as armas, entrou n o banho, dizendo: "Vamos lavar-nos disso e limpar o suor da batalha dentro do banho do próprio Dano". E aí um dos seus favoritos lhe replicou: "Melhor ainda, Alexandre, pois os bens dos vencidos pertencem de direito aos vencedores e devem ser escolhidos por eles". E quando ele viu, ao entrar na estufa, as bacias, os banheiros, as lixívias, os frascos e caixinhas de perfumes, todas de ouro fino, esquisitamente lavrado e trabalhado, toda a câmara perfumada de um odor tão suave que parecia um paraíso, e depois, ao sair do banho em que entrara no interior de sua tenda, vendo-a tão alta, tão espaçosa, o leito, a mesa e o preparo do jantar, tudo tão bem e tão magnificamente em ordem que era uma coisa digna de admiração, voltou-se para os favoritos e disse-lhes: "Ser rei, em vossa opinião, era isto, não é verdade?"

XXXVIII. Mas, assim que se pôs a mesa para jantar, vieram dizer-lhe que lhe estavam sendo conduzidas prisioneiras a mãe e a mulher de Dário entre outras damas e duas de suas filhas solteiras, as quais, tendo visto seu carro e seu arco, puseram -se a gritar e a esgadanhar-se desesperadamente, pensando que ele estivesse morto. Alexandre ficou bastante tempo sem nada responder, sentindo mais piedade pela má fortuna delas do que alegria pela sua própria; depois, mandou que Leonato fosse ter imediatamente com elas, para informar-lhes que Dário não estava morto e que não deviam ter medo de Alexandre, porque ele não fazia a guerra senão para reinar e, quanto a elas, teriam dele tudo o que tinham de Dário, enquanto ele reinasse e tivesse todo o seu império. Se parece que essas palavras tranquilizaram as damas prisioneiras, os efeitos vieram em seguida, que elas acharam de não menor humanidade ; porque primeiro ele permitiu-lhes que inumassem todos aqueles que desejassem dos senhores persas mortos em combate e tirassem dos despojos todas as fazendas, joias e ornamentos que precisassem para honrar-lhes os funerais; e assim não lhes negou nenhuma honra, nem quanto ao número de oficiais e servidores, nem quanto ao conforto que tinham antes, mas ordenou que lhes pagassem pensões ainda maiores do que costumavam ter; todavia, o favor mais honroso, mais belo e mais real por ele prestado a essas princesas prisioneiras, que tinham vivido com grande honestidade e pudicícia, foi. que jamais ouviram nada que lhes pudesse causar temor ou mesmo a suspeita de que algo viesse a prejudicar-lhes a honra, pois tinham vida à parte, sem que ninguém as frequentasse ou as visse, não como num acampamento inimigo, mas como se estivessem em algum santo mosteiro de religiosas estritamente reformadas e guardadas. É que a mulher de Dano, segundo se escreve, foi uma belíssima princesa, como também Dano era um belíssimo e grande príncipe, sendo que as filhas se pareciam com o pai e a mãe.

XXXIX. Mas, como Alexandre, em minha opinião, estimava ser coisa mais real vencer-se a si mesmo do que derrotar os inimigos, não tocou em nenhuma, nem em outras moças ou mulheres, antes de desposá-las, com exceção de Barsena{1202}, que, tendo ficado viúva pela morte de Mêmnon, foi tomada junto de Damas. Ela era sábia em literatura grega, doce e graciosa, filha de Artabazo, que nascera de uma filha de rei. Alexandre conheceu-a por sugestão de Parmêmon, conforme escreve Aristóbulo, que lhe solicitou travasse relações com tão bela e nobre dama. Mas, quanto às outras damas persas que estavam prisioneiras, maravilhosamente belas e robustas, ele dizia brincando que as mulheres da Pérsia faziam mal aos olhos de quem as contemplava; mas, como ao contrário as belas faces mostrassem a beleza de sua conduta e castidade, ele passava diante delas sem afeiçoar-se, como se elas fossem estátuas de pedra e sem alma. A esse propósito, Filóxeno, que ele deixara como seu lugar-tenente nas províncias baixas e marítimas, escreveu-lhe uma vez que certo Teodoro, comerciante de Tarento, tinha para vender dois meninos de singular beleza e que ele mandasse dizer-lhe se gostaria de comprar os dois. Ele ficou tão desgostoso com isso que se pôs a gritar em altas vozes e por várias vezes: "Meus amigos, que vilania jamais percebeu Filóxeno em mim, para esforçar-se, enquanto não faz nada lá, em me prodigalizar tais insultos?" E mandou que lhe respondessem imediatamente, com uma porção de injúrias, que expulsasse o negociante Teodoro com a sua mercadoria. Também repreendeu acremente um jovem chamado Ágnon, que lhe escrevera perguntando se queria comprar um menino chamado Crobilo, que fizera barulho na cidade de Corinto por causa de sua beleza, com a intenção de enviá-lo para ele. E outra vez, avisado de que Dâmon e Timóteo da Macedónia, que estavam sob as ordens de Parmênion, tinham{1203} violado as mulheres de alguns soldados estrangeiros que se achavam a seu soldo, escreveu a Parmênion ordenando-lhe que abrisse

inquérito e, se de fato achasse que eles as tinham violado, mandasse matar a ambos como bestas selvagens nasci das para ruína dos homens. E escreveu do próprio punho estas palavras na referida carta: "Quanto a mim, tanto é falso que eu tenha visto ou pensado em ver a mulher de Dário como não quero sequer admitir que se converse sobre a beleza dela diante de mim". Ele costumava dizer que se reconhecia mortal principalmente em duas coisas: em dormir e em gerar. Parecia querer dizer com isso que o trabalho e o prazer da volúpia com as mulheres procedem da mesma imbecilidade e fraqueza de natureza.

XL. Também era muito sóbrio no comer, tendo dado disso várias provas, além do que disse à princesa Ada, que adotou{1204} como mãe e a fez rainha da Caria: como todos os dias, pensando ser-lhe agradável, ela lhe enviasse muitas carnes esquisitas , uma porção de bolos e de confeitos, e além disso cozinheiros e pasteleiros que considerava excelentes no ofício, ele mandou dizer-lhe "que não sabia o que fazer com tudo aquilo, porque seu governador Leônidas lhe ensinara melhor, isto é, para almoçar levantar-se de madrugada e marchar até à noite, e para jantar comer pouco no almoço; e esse governador, dizia ele, ia frequentemente abrir e revistar as malas onde guardavam o colchão de minha cama e minhas roupas, para ver se minha mãe havia ali escondido doces e superfluidades". E era menos predisposto ao vinho do que parecia pelo fato de ficar à mesa durante longo tempo; mas o fazia mais para conversar do que para beber, pois, cada vez que bebia, travava sempre antes uma comprida conversa, e ainda assim quando tinha grande lazer. Em tempo de negócios, não havia festim, nem banquete, nem jogo, nem núpcias, nem passatempos que o prendessem, como fizeram vários outros capitães. O que se pode facilmente conhecer pela brevidade de sua vida e pela grandeza e multidão dos altos feitos que praticou durante o tão pouco tempo em que viveu.

XLI. Quando estava de folga, de manhã, depois de se levantar, a primeira coisa que fazia era sacrificar aos deuses, e depois ia incontinente à mesa para almoçar; e passava todo o resto do dia ou caçando, ou compondo alguma coisa, ou pacificando alguma desinteligência entre os soldados, ou lendo. E, quando marchava pelos campos e não tinha muita pressa de voltar, exercitava-se percorrendo o lugar e atirando com o arco, ou subindo e descendo num carro, ou correndo. Muito frequentemente, para divertir-se, caçava raposas ou pegava pássaros, como se pode ver pelas memórias deixadas em seus diários{1205} ; depois, quando chegava em casa, entrava no banho e fazia-se friccionar e untar, isso feito, perguntava aos mordomos e cria-dos-graves se tudo estava pronto na cozinha e começava a jantar muito tarde, de maneira que era sempre noite quando se punha à mesa, onde tinha muito cuidado e tudo diligenciava para que não fosse nada distribuído desigualmente, nem mais a um do que a outro dos que comiam com ele; e ficava à mesa durante muito tempo, porque gostava de falar e conversar, como dissemos.

XLII. Em suma, sua companhia e sua palestra eram assim as mais interessantes e mais agradáveis que jamais proporcionou algum rei ou príncipe; pois não lhe faltava graça, exceto quando se tornava um pouco importuno por suas gabolices, e tinha nisso muito do soldado gabolas que gosta de contar valentias. Além de gostar ele próprio de se entregar facilmente a essa vaidade de bravata, tinha ainda por assim dizer o fraco de deixar que os aduladores o conduzissem pelo nariz. Isso dava muitas vezes causa à ruína de homens de bem que o cercavam, os quais nem queriam louvá-lo em sua presença por emulação com os aduladores, nem ousavam também dizer menos do que eles quanto aos louvores que lhe dirigiam, porque para uns havia nisso vergonha e para outros perigo.

XLIII. Depois de jantar e lavar-se de novo, dormia frequentemente até ao meio-dia e às vezes durante todo o dia seguinte. Não apreciava de modo algum as viandas esquisitas, de sorte que, quando lhe enviavam dos países vizinhos do mar algumas frutas singulares, ou os mais raros peixes, mandava-os aqui e acolá aos amigos, muitas vezes sem deixar nada para si. Todavia, sua mesa era sempre magnificamente servida, aumentando sempre a despesa ordinária à medida que suas prosperidades e conquistas progrediam, até elevar-se à soma de mil es cudos por dia{1206}. Também parou aí e foi prefixado esse limite de despesa para os que desejassem homenageá-lo e não pudessem gastar mais.

XLIV. Mas, depois da batalha de Isso{1207}, mandou buscar na cidade de Damas o ouro e a prata, a bagagem, as mulheres e as crianças que os persas tinham ali deixado. Lá os soldados da Tessália atenderam muito bem às suas necessidades, mesmo porque ele deliberadamente os enviara com essa intenção, porque os vira cumprir seu dever no dia da batalha. Todavia, também o resto do exército encheu-se de riquezas. E então pela primeira vez os macedônios tiveram o gosto do ouro e da prata, das delícias, das mulheres e da maneira de viver dos persas, nem mais, nem menos do que os cães de caça depois de encontrarem os vestígios do animal perseguido, não desejando outra coisa senão essa opulência persa.

XLV. Não obstante, foi Alexandre de opinião que primeiro era melhor consolidar a posse das províncias baixas e marítimas. Assim vieram incontinente ter com ele os reis, que lhe puseram entre as mãos o reino de Cipro e toda a Fenícia, excetuada a cidade de Tiro{1208}, diante da qual estabeleceu o sítio e ali ficou sete meses, assaltando-a com grandes sortidas que mandou lançar do mar com duzentas galeras e por terra com numerosos engenhos de bateria. Durante o sítio, foi avisado uma noite de que Hércules lhe estendia a mão por cima das muralhas da cidade e o chamava pelo nome, e também vários tírios sonharam, dormindo, que Apolo lhes dizia desejar colocar-se ao lado de Alexandre, porque não lhe agradava o que estava sendo feito dentro da cidade; em virtude disso, ligaram e prenderam sua estátua, que era de tamanho excessivo, com numerosas correntes, e prenderam-na bela base com grandes e grossos pregos, nem mais, nem menos do que se tratasse de algum traidor que pretendesse entregar-se, chamando-lhe Alexandrista, isto é, parcial que favorece Alexandre. Ainda ali teve Alexandre outra visão dormindo, pois lhe aconteceu ver um sátiro que de longe zombava dele, mas, quando ele se aproximava para prendê-lo, escapava-lhe sempre, até que finalmente, depois de muito o ter provocado e corrido ao redor dele, caiu-lhe nas mãos. Os adivinhos, consultados sobre tal sonho, responderam, com muito verossímil aparência, que bastava dividir em dois a palavra Satyros, dizendo sa Tyros, que significaria a cidade de Tiro será tua; e mostra-se ainda a fonte ao pé da qual lhe aconteceu ver a sátiro.

XLVI. Durante o sítio, foi fazer a guerra aos árabes, habitantes ao longo do monte chamado Antilíbano{1209}, onde sua pessoa correu grande perigo, por ter esperado seu preceptor Lisímaco que o havia seguido dizendo que não era pior nem mais velho do que Fénix: quando chegaram ao pé da montanha, deixaram os cavalos e começaram a subir o monte a pé; mas, tendo ele o coração tão gentil que não queria deixar atrás seu mestre de escola, já tão cansado que não podia mais, mesmo porque a noite descia e os inimigos não estavam longe deles, deteve-se na retaguarda para dar-lhe coragem de caminhar e levá-lo quase até à metade do caminho, de maneira que se viu distanciado do exército com muito poucas tropas, e surpreendido pela noite e pelo frio cortante, num lugar mau e rude, onde de longe via muitos fogos que os inimigos tinham acendido em vários pontos, e confiando na disposição de sua pessoa, além do seu costume de sempre remediar com trabalho próprio as dificuldades e necessidades em que se encontrassem os macedônios, pondo ele próprio mãos à obra, avançou para os que haviam acendido os fogos mais próximos e, matando com a espada dois dos bárbaros que estavam deitados ao longo do fogo, arrebatou um tição e com ele retornou aos seus homens que acenderam um grande fogo, com o que alguns bárbaros ficaram de tal maneira aterrorizados que se puseram em fuga, e os outros que pretenderam atacá-lo foram por ele derrotados. Assim, pode sem perigo alojar-se por essa noite com sua sente, conforme escreveu Cares.

XLVII. O sítio de Tiro teve afinal este desfecho: Alexandre fazia repousar a maior parte do exército, estando cansado e castigado por tantos combates que suportara, e enviava pouca gente ao assalto apenas para impedir que os tírios repousas sem; e um dia o adivinho Aristandro, tendo sacrificado aos deuses e considerado os sinais das entranhas, afirmou com muita segurança a os assistentes que a cidade seria tomada até ao fim do mês, de modo que

todos começaram a rir, zombando dele, porque era aquele o último dia. Então Alexandre vendo-o desapontado, como se não soubesse o que dizer, e esforçando-se sempre por dar relevo às predições dos adivinhos, mandou que não se contasse aquele dia como o trigésimo, mas como o vigésimo-sétimo, e imediatamente fez soar as trombetas e ordenou o assalto à mais forte muralha que havia encontrado desde o começo. O combate foi aspérrimo, pois aqueles mesmos que tinham ficado dentro do acampamento tiveram de sair em soco dos que haviam sido destacados para o assalto dessa forma, os tírios, vendo-se tão furiosamente atacados de todos os lados, perderam a coragem, assim foi a cidade tomada naquele mesmo dia.

XLVIII. Depois, como estivesse diante de Gaza{1210}, cidade principal e a maior da Síria caiu-lhe às costas um fragmento de terra, largada do alto por um pássaro em voo. O pássaro foi pousar sobre um dos engenhos de bateria com os quais era atacada a cidade, e ficou preso e enleado dentro das redes feitas de nervos que serviam para virar as cordas dos engenhos. Aristandro predisse que isso significava que ele seria ferido nas costas, mas tomaria a cidade, como de fato aconteceu. E, como enviasse a sua mãe Olímpia, a Cleópatra e aos amigos muitos presentes dos despojos ganhos no saque da cidade, enviou entre outras coisas quinhentos quintais de incenso ao governador Leônidas, e cem de mirra, lembrando-se da esperança que outrora ele lhe dera quando ainda criança; como um dia sacrificasse aos deuses, tomando incenso com ambas as mãos para pô-lo no fogo de fazer perfume, viu-o Leônidas e disse-lhe: "Quando tiveres conquistado a região onde crescem as drogas e especiarias, farás perfumes à vontade; por enquanto, porém, contenta-te com usar mais parcimoniosamente o que possuis". Alexandre, lembrando-se então de sua advertência, escreveu-lhe desta maneira: "Nós te enviamos incenso e mirra em abundância, a fim de que doravante não sejas avaro com os deuses.

XLIX. Levaram-lhe também um pequeno cofre, considerado como a mais rica e mais preciosa joia por ele ganha na derrota de Dário; e perguntou aos seus favoritos o que lhes parecia mais digno de ser posto dentro. Uns lhe disseram isto, outros aquilo. Mas ele disse que ali colocaria a Ilíada de Homero para guardá-la dignamente. Isso testemunham e escrevem todos os historiadores mais dignos de fé. E, se é verdade o que os de Alexandria contam baseados no testemunho e no relato de Heráclides, parece que Homero não lhe foi inútil nessa viagem; pois diziam que, quando ele conquistou o Egito, quis ali construir uma grande cidade, povoá-la com grande número de habitantes todos gregos e denominá-la com o seu próprio nome; e estava já pronto para marcar e murar determinado lugar que lhe fora indicado pelo conselho dos engenheiros e mestres operários, quando teve na noite anterior uma visão maravilhosa: aconteceu que foi apresentar-se diante dele um personagem com os cabelos todos brancos de velhice, a face e a presença veneráveis. o qual se aproximou pronunciando estes versos:

Uma ilha existe em meio ao mar profundo,

Diante do Egito, esse país fecundo,

E por seu nome Faros é chamada.

L. Mal se levantou pela manhã, foi ver essa ilha de Faros, então situada um pouco acima da embocadura do Nilo que tem o nome de Canóbica. mas agora se junta à terra firme por um dique feito a mão; e pareceu-lhe que era no mundo a base mais conveniente para o que tinha em mente fazer, pois é como uma língua ou uma coluna de terra razoavelmente larga que separa de um lado um grande lago e do outro o mar, o qual aí termina num grande porto. Disse ele então que Homero era admirável em todas as coisas, mas que entre outras era um sábio arquiteto, e mandou que, prontamente lhe construíssem e designassem a forma da cidade, segundo a topografia do lugar. Como não achassem imediatamente giz ou terra branca

para marcar, tomaram farinha e sobre a terra negra traçaram um grande recinto curvado em figura circular, cuja circunferência terminava internamente em duas bases retas de igual tamanho e que encerravam toda a área do recinto em forma de manto macedômco. Alexandre achou bonito o desenho e ficou muito satisfeito; mas, de repente, uma infinita multidão de grandes pássaros de todas as espécies levantou-se do lago e do rio, em número tão grande que o ar se obscureceu como por efeito de uma grande nuvem, e, vindo pousar naquele recinto, comeu toda a farinha sem nada deixar de sobra.

LI. Perturbou-se Alexandre com o presságio, mas lhe disseram, os adivinhos que não devia aborrecer-se, porque era sinal de que ele construiria ali uma cidade tão fértil em todos os bens que bastaria para alimentar todos os povos. Mandou então que se lançassem à obra aqueles aos quais dera esse encargo, tomando ele o caminho do templo de Júpiter Âmon. A estrada era longa e havia muitos trabalhos e dificuldades, mas dois perigos principais entre todos os outros: um era a falta de água, em virtude da qual há vários dias de país deserto e inabitável; e outro era que o vento do meio-dia se levantasse impetuoso enquanto estavam a caminho e revolvesse as areias de extensão e profundidade infinitas, como dizem que outrora uma tormenta de tal maneira abalou aquelas planícies, formando montões de areia, que cinquenta mil homens do exército de Cambises morreram soterrados. Não havia ninguém no séquito que não relatasse e previsse bem esses perigos; mas era difícil dissuadir Alexandre de qualquer coisa que tivesse vontade de fazer, porque a fortuna, sendo-lhe favorável em todas as empresas, tornava-o íntegro e firme em suas opiniões, e a grandeza de sua coragem fazia que se obstinasse invencivelmente em todas as coisas, desde que as tivesse empreendido, ao ponto de querer forçar não só os inimigos, mas também o tempo e os lugares. Em suma, os socorros e os remédios que Deus lhe deu contra as dificuldades e perigos dessa viagem foram considerados mais críveis do que as respostas que dizem haver-lhe dado mais tarde e, o que é mais, fizeram que de modo algum se prestasse fé aos oráculos que, segundo se escreve, lhe foram respondidos. Em primeiro lugar, as grandes águas caídas do céu e as contínuas chuvas os preservaram do perigo da sede, quebrando a secura da areia, que se tornou úmida e ligada, de maneira que o próprio ar ficou mais suave, mais fresco e mais límpido. Ademais, como fossem confusos os limites e fronteiras nos quais os guias reconheciam o caminho, de sorte que erravam aqui e acolá sem saberem mais aonde irem, apareceram-lhes corvos que os guiavam voando diante deles, apressando-se a voar quando viam que eram seguidos e esperando-os quando eles ficavam para trás. E, o que é ainda mais admirável, Calístenes escreve que à noite, com seus cantos, eles chamavam os que se haviam extraviado, gritando tão forte que os repunham no rumo certo.

LII. Por fim, tendo atravessado o deserto, chegou ao templo que procurava. Ao chegar, saudou-o o grande presbítero da parte do deus, como de seu pai; e Alexandre perguntou-lhe se tinha escapado algum dos que lhe mataram o pai. Respondeu-lhe o presbítero que se guardasse de blasfemar, porque seu pai não era mortal. Enquanto, retomando a conversa, perguntou-lhe se os assassinos que haviam conspirado a morte de Felipe tinham sido todos punidos; e depois o interrogou também sobre a sorte do seu império e se ele lhe concederia a graça de torná-lo monarca do mundo inteiro. Pela boca de seu profeta, o deus respondeu-lhe que sim, e que a morte de Felipe tinha sido inteiramente vingada. Fez ele então magníficas oferendas ao deus e distribuiu dinheiro com largueza aos presbíteros e ministros do templo. Eis aí o que escreve a maior parte dos autores sobre o que ele perguntou e sobre o que lhe foi respondido pelo Oráculo. É verdade que o próprio Alexandre, em missiva escrita à sua mãe, diz que obtivera algumas respostas secretas do oráculo, as quais lhe comunicaria a ela somente quando regressasse à Macedónia. Dizem outros que o presbítero, querendo saudá-lo com expressão mais amável em língua grega, disse-lhe: Ó Paidion, que quer dizer caro filho, mas a língua o traiu um pouco, porque não era sua língua natural, e que ele pôs um "s" e m lugar de um "n" no fim, dizendo ó pai Dios, que significa ó filho de Júpiter; e que Alexandre foi beneficiado por esse erro linguístico, pois entre os seus homens correu a notícia de que Júpiter lhe chamara seu filho.

LIII. Dizem também que ele quis ouvir o filósofo Psâmon no Egito e que achou muito boa uma sentença por ele proferida, ao dizer-lhe que Deus era rei dos homens: "Porque, dizia ele, aquele que rema e domina todas as coisas é sempre divino". Mas ele próprio discorreu com melhor razão e mais filosoficamente, quando disse que Deus era pai comum de todos os homens, mas que particularmente ele julgava por si mesmo e confessava seus os homens de bem". Em suma, com os bárbaros mostrou-se mais arrogante e fazia menção de acreditar firmemente que teria sido gerado por aquele Deus, mas com os gregos falava dessa genitura divina com mais sobriedade e mais modéstia.

Todavia, numa carta que escreveu aos atenienses sobre a cidade de Samos, diz: Não vos dei essa nobre e franca cidade, pois a tendes como dom daquele que então se chamava meu senhor e meu pai", com referência ao rei Felipe. Mas depois, tendo sido ferido por u ma flechada e sentindo-se em grande sofrimento, voltou-se para os amigos e disse-lhes: "Isto que corre de minha ferida é verdadeiro sangue, e não como diz Homero{1211}:

Um licor que afinal parece mais

O que flui entre os deuses imortais.

E um dia, por ocasião de uma tempestade tão violenta que toda a gente estava aterrorizada, Anaxarco, o Retórico, que se achava junto dele, disse-lhe: "E tu, filho de Júpiter, farias outro tanto: Alexandre, rindo, respondeu-lhe: "Não quero se: temível aos meus amigos, como queres que eu seja quando desprezas o serviço de minha mesa vende colocarem peixes em cima e dizendo que ali deveriam ser vistas cabeças de príncipes e de sátrapas" Pois na verdade dizem que um dia, como Alexandre enviasse alguns pequenos peixes a Hefe: tio, esse Anaxarco deixou escapar da boca aquelas palavras, para pilheriar e mostrar que tanto faz conquistar grandes estados e altos lugares de autoridade acima dos outros, com tantos trabalhos e perigos, como não ter nada absolutamente ou muito pouco mais do que os outros nos prazeres e delícias deste mundo. Quando pois não houvesse outra prova nem outras razões além das que enumeramos, ainda por estas se poderia julgar que Alexandre não abusava nem se orgulhava dessa presunçosa opinião de pensar que fora gerado por um deus, mas servia-se disso para manter os outros homens sob o jugo de obediência, pela sugestão que lhe fazia dessa divindade.

LIV. Ao partir do Egito, retornou à Fenícia, onde fez sacrifícios, festas e procissões em honra dos deuses, e também danças, representações de tragédias e outros passatempos que tais, muito belos de se verem não só pela magnificência do aparato, mas também pela afeição e diligência dos participantes, que se esforçavam quanto podiam rivalizando uns com os outros, pois eram os príncipes de Cipro os empresários e tudo forneciam aos atores, nem mais, nem menos do que em Atenas é sorteado um burguês de cada linhagem do povo para pagar as despesas com tais representações. E emulavam-se esses senhores com maravilhoso empenho para fazerem o melhor possível, mesmo Nicocreonte, rei de Salamina{1212}, em Cipro e Pasícrates, senhor da cidade de Soles. Coube a esses dois príncipes fornecer os aois mais excelentes atores, Pasícrates a Atenodoro e Nicocreonte a Tessalo, ao qual Alexandre muito favorecia, sem contudo declarar seu favor, senão depois que Atenodoro, por sentença dos juízes fosse nesse emprego declarado o vencedor. Então, retornando das representações, disse ele que aprovava e confirmava o julgamento dos juízes, mas que teria de bom grado abandonado uma parte do seu reino para não ver Tessalo vencido. E, como os de Atenas o tivessem condenado à multa, porque lá deixara de aparecer{1213} nos dias das bacanais, quando se representavam as comédias e tragédias, Atenodoro pedi u a Alexandre que intercedesse por ele, a fim de que a multa lhe fosse revelada. Alexandre não quis fazê-lo, mas enviou a multa, que pagou do seu próprio bolso. Outro bom ator chamado Lícon, natural da cidade de Escárfia{1214}, tendo um dia representado excelentemente, entremeou com

habilidade em seu papel alguns versos nos quais lhe pedia como presente{1215} dez talentos. Alexandre pôs-se a rir e atendeu ao pedido.

LV. Nesse ínterim, Dário escreveu-lhe e também a alguns de seus amigos para pedir-lhes consentisse em receber dele{1216} dez mil talentos como resgate das pessoas prisioneiras em seu poder, com todos os países, terras e senhorias aquém do rio Eufrates e uma de suas filhas em casamento para daí por diante ser aliado e amigo. Ele comunicou essa proposta aos amigos, entre os quais Parmênion lhe disse: "Se eu fosse Alexandre, aceitaria". "Também eu com certeza o faria, respondeu Alexandre, se eu fosse Parmênion". Mas, por fim, escreveu a Dano dizendo que, se ele quisesse vir ao seu encontro seria tratado com toda a humanidade; se não, por-se-ia a caminho para procurá-lo. Todavia, logo se arrependeu, porque a mulher de Dário morreu de parto, com o que se mostrou muito contrariado, porque perdeu um grande meio de fazer conhecer sua clemência e humanidade. Mas pelo menos inumou o corpo magnificamente, sem nada poupar.

LVI. Ora, havia entre os eunucos camareiros da rainha um chamado Tireu, aprisionado junto com as mulheres. Ele fugiu do acampamento de Alexandre e, montando a cavalo, foi ter com Dano para dar-lhe a notícia da morte de sua mulher. Pôs-se então Dano a lamentar-se com altos gritos, esmurrou a própria cabeça, com as lágrimas nos olhos, e disse suspirando amargamente: "Ó deuses! a que infortúnio se reduziram os negócios da Pérsia, pois a mulher e irmã do rei não só foi feita prisioneira em vida, mas ainda ao morrer não teve ao menos a honra de sepultura real!" Ao que logo respondeu o eunuco: "Quanto à sepultura, Sire, e a toda honra e dever que se pudessem desejar, não poderias lamentar a má fortuna da Pérsia. Pois à rainha Estatira, enquanto viveu cativa, nem a tua mãe, nem a tuas filhas, faltou nenhum dos bens nem das honras que costumavam ter antes, senão a de ver a luz de tua glória, a qual o senhor Orosmades restituirá ainda inteiramente, se lhe aprouver; nem foi sua morte destituída de nenhum ornamento de funeral que pudesse ter em outra parte, mas honrada com as lágrimas dos próprios inimigos. Alexandre é tão doce e humano na vitór ia quanto áspero e valente em combate". Ouvindo essas palavras do eunuco e estando com o senso perturbado pelo desgosto, Dário entrou incontinente em más suspeitas e, retirando o eunuco à parte, para o mais secreto lugar de sua tenda, disse-lhe: "Se tanto quanto a fortuna dos persas não te tornaste macedónio por afeição, mas ainda em teu coração reconheces Dário como teu senhor, peço-te e conjuro-te pela reverência que deves a esta grande luz do sol e a destra real, que me digas a verdade. Não são o cativeiro e a morte de Estatira os menores males que eu lamento? E sofremos nós ainda pior enquanto ela viveu, de sorte que teríamos sido menos indigna e vergonhosamente infelizes se tivéssemos caído nas mãos de um inimigo cruel e desumano? Pois que honesta comunicação pode ter tido um jovem príncipe vitorioso com a mulher prisioneira do inimigo, para que tenha querido prestar-lhe tantas honras? Enquanto assim Dário ainda falava, o eunuco Tireu lançou-se-lhe aos pés e pediu-lhe que não proferisse tais palavras e não fizesse essa injustiça à virtude de Alexandre, nem essa desonra à irmã e mulher falecida, privando-se ele próprio do maior conforto e da mais doce consolação que poderia desejar na adversidade, isto é, ter sido vencido por um inimigo que tem perfeições maiores do que comporta a natureza humana, mas que tivesse admiração pela excelente virtude de Alexandre, o qual se mostrara ainda mais casto para com as damas do que valente contra os homens da Pérsia. E, assim dizendo, o eunuco assegurou-lhe e confirmou-lhe o que dissera por juramentos e execrações horríveis, contando-lhe longa e pormenorizadamente o que eram a honestidade, continência e magnanimidade de Alexandre. Então Dano, retornando à sala onde estavam seus mais familiares amigos e estendendo as mãos para o céu, dirigiu esta prece aos deuses: "Ó deuses, autores da vida e protetores dos reis e dos reinos, eu vos suplico em primeiro lugar me concedais a graça de restabelecer a boa fortuna da Pérsia, de sorte que aos meus sucessores deixe este império tão grande e tão glorioso como o recebi dos meus predecessores, a fim de que, ficando vitorioso, eu possa rivalizar com Alexandre em humanidade e honestidade, das quais ele usou em minha adversidade para com o que neste mundo me é mais caro. Ou então, se vier o tempo em que necessariamente, ou por vingança divina, ou por natural mudança das coisas terrenas, o império persa deva ter fim, ao menos não seja outro senão Alexandre que depois de mim ocupe o trono de Ciro". A maioria dos historiadores admite que tudo isso se fez e se disse.

LVII. Tendo já reduzido à obediência tudo o que está aquém do rio Eufrates, pôs-se a caminho para enfrentar Dário, o qual descia co m um milhão de combatentes; e ali houve alguém que lhe contou, para passar o tempo, como os homens do seu exercite se haviam dividido em dois bandos e eleito para cada qual um comandante-chefe, dando a um o nome de Alexandre e a outro o de Dário; e que haviam eles começado a hostilizasse, primeiro atirando torrões de terra, depois utilizando os punhos, mas por fim, já esquentados, recorrendo a pauladas, de maneira que não se conseguia separá-los. Após ouvir, quis Alexandre que os dois comandantes combatessem frente a frente entre si, tendo ele próprio armado o que se chamava Alexandre, enquante Filotas armou o que recebera o nome de Dário. Reuniu-se à volta o exército todo, para assistir ao espetáculo desse combate que seria um presságio para o conhecimento e o julgamento futuro. A luta foi áspera entre os dois campeões, mas afinal venceu o chamado Alexandre. Como prêmio, deu-lhe Alexandre doze aldeias e o privilégio de usar o hábito persa. Assim o escreveu Eratóstenes.

LVIII A última grande batalha que teve contra Dário não foi em Arbelos, como admite a maior parte dos historiadores, mas em Gausamelos, que segundo dizem significa, em língua persa, a casa do camelo, porque um dos antigos reis da Pérsia, tendo escapado à perseguição dos inimigos montado num dromedário, ali mandou alojá-lo e reservou para a sua nutrição e manutenção a renda de algumas aldeias. Ora, houve eclipse da lua no mês de agosto, aproximadamente quando começa a festa dos mistérios, em Atenas, e na undécima noite seguinte, estando os exércitos à vista um do outro, dispôs Dano seus homens em ordem de batalha e foi em pessoa, com tochas, passar em revista os batalhões e companhias. E Alexandre, enquanto dormiam os soldados macedônios, estava diante de sua tenda com o adivinho Aristandro, ali praticando secretas cerimonias e sacrificando a Apolo{1217}.

LIX. E os mais antigos capitães macedônios, inclusive Parmênion, vendo toda a planície entre o rio Nifates e as montanhas Górdias reluzir aos fogos e às luzes dos bárbaros, enquanto um ruído confuso e um clamor terrível se ouviam, nem mais, nem menos do que um mar infinito a ressoar do seu acampamento, assustaram-se com tão grande multidão de homens e opinaram que seria difícil e quase impossível contê-los a todos num combate à luz do dia. Dirigiram-se então a Alexandre, depois que ele terminou suas cerimonias, e o aconselharam a travar a batalha durante a noite, porque, assim fazendo, as trevas ocultariam a seus homens o espantoso poderio inimigo. E deu-lhes ele esta resposta, mais tarde tão celebrada: "Não quero, disse, roubar a vitória". Essa resposta, para alguns, parece louca e presunçosa, pois não se deve pilheriar assim em presença de um extremo perigo. Mas outros opinam que foi verdadeira magnanimidade presente e bom julgamento para ele no futuro não permitir que Dario depois de vencido, retomasse coragem e tentasse outra vez a fortuna, acusando as trevas e a noite como causas de sua derrota, nem mais, nem menos do que, da vez precedente, costumava dizer que fora derrotado pelas montanhas, pelos desfiladeiros e pelo mar. Com efeito, jamais Dário cessaria de guerrear por falta de homens nem de armas, visto como possuía um grande império e enorme extensão de territórios; mas, a contrário, desistiria de recorrem às armas quando perdesse toda coragem e toda a esperança, após se ver derrotado à viva força, em pleno dia e em lisa batalha.

LX. Depois que esses capitães se recolheram aos respectivos alojamentos, lançou-se Alexandre sobre o leito em sua tenda, ali dormindo todo o resto da noite mais pesadamente do que de costume, de maneira que os senhores que o procuraram pela manhã se encheram de espanto ao vê-l o dormir ainda e deram eles próprios ordem aos soldados para comerem. Mais tarde, vendo que o tempo corria, Parmênion penetrou no quarto e, aproximando-se do leito, chamou-o pelo nome duas ou três vezes e, quando ele despertou, perguntou-lhe como dormia assim até altas horas, como homem já vencido e não pronto a travar a maior e mais arriscada batalha de sua vida. Respondeu-lhe Alexandre, sorrindo: "Como! E não te parece que de fato já vencemos, não valendo a pena perseguir Dano por um país imenso e destruído, como

teríamos de fazer se ele quisesse fugir à liça e devastar sempre o país diante de nós?"

LXI. Assim não se mostraram somente antes da batalha a grandeza de sua coragem e a magnânima segurança que fundava no raciocínio, mas também no mais forte do próprio combate, porque, a ponta esquerda de seu exército, conduzida por Parmênion, fraquejou e recuou um pouco quando a cavalaria Bactnana atacou os macedônios com grande rudeza e grande esforço nesse ponto, tendo o tenente Mazeu, de Dano, destacado certo número de cavacos para assaltar e atacar os que tinham sido deixado dentro do acampamento para a guarda das bagagens. Eis porque Parmênion, surpreendido de ambos os lados, mandou avisar a Alexandre que o seu acampamento e a bagagem estavam perdidos, pedindo-lhe enviasse um forte reforço da frente de batalha para os que estavam na retaguarda. Quando essas notícias lhe chegaram da parte de Parmênion ele já tinha dado a se us homens o sinal da batalha para o início do ataque; de modo que respondeu a quem as trouxe que Parmênion não estava com o juízo certo, mas com a mente perturbada, pois ganhando a batalha eles não só podiam salvar a bagagem, mas conquistar mais e ganhar a dos inimigos ao passo que perdendo já não precisariam pensar nem nos trastes, nem nos criados, mas tratar apenas de morrer com honra no cumprimento do dever de combaterem com bravura.

LXII. Após mandar essa resposta a Parmênion, colocou à cabeça o capacete, pois o resto da armadura já tinha sido colocada antes de partir da tenda: um saio feito na Sicília, cingido e por cima uma cota de malhas com várias dobras de tela costurada, despojo ganho na batalha de Isso. O capacete era de ferro reluzente como prata pura e firme tendo sido feito pelo armeiro Teófilo. Também a argola era do mesmo metal, mas toda coberta de pedras preciosas. A espada, de boa têmpera e de leveza admirável, fora presente do rei dos citienses acostumado a s ervir-se dela em combate. Mas a cota de armas era de manufatura muito mais suntuosa e mais rica do que todo o resto do equipamento: trabalho do velho Hélicon, fizera-lhe presente dela a cidade de Rodes, e Alexandre usava-a ordinariamente nas batalhas. Ora, enquanto punha as companhias em ordem de batalha e dava instruções aos soldados, fazendo-lhes alguma advertência ou passeando ao longo dos batalhões para tudo inspecionar, montava outro cavalo para poupar Bucéfalo que estava já um pouco velho. Mas, quando precisava conscienciosamente pôr mãos à obra, então levavam-lhe Bucéfalo e, logo que se punha em cima, começava o ataque. Após haver f alado longamente aos tessálios e aos gregos, tendo-lhe eles assegurado que não faltariam ao cumprimento do dever e pedido que os comandasse no ataque aos inimigos, tomou o dardo com a mão esquerda e, levantando a direita para o. céu, rogou aos deuses, conforme escreve Calístenes, que, se ele realmente fora gerado por Júpiter, o auxiliassem naquele dia e dessem coragem aos gregos. O adivinho Aristandro marchou a cavalo ao seu encontro, vestido com uma túnica branca e tendo à cabeça uma coroa de ouro, para mostrar-lhe no mesmo instante da prece uma águia que lhe voava sobre a cabeça justamente na direção dos inimigos.

LXIII. Isso animou grandemente e encheu de ad mirável ousadia os que o viram, de modo que, com tal regozijo, os homens de armas se encorajaram entre si e puseram-se a galope. O batalhão de infantar ia marchou em seguida, mas, antes que os primeiros elementos da cavalaria pudessem atingi-los, os bárbaros recuaram e houve grande perseguição. Alexandre acuou os fugitivos até ao meio do acampamento, onde estava Dano em pessoa, pois de longe o percebeu acima das primeiras fileiras, no fundo da companhia real, alto e belo no elevado carro de batalha, o qual estava limitado e cercad o de todos os lados por numerosas tropas de cavalaria, todas em forma e em boa ordem para esperarem e receberem o inimigo. Mas, quando de perto viram Alexandre assim terrível, caçando os fugitivos por entre os que ainda se conservavam nas fileiras, isso os aterrorizou de tal maneira que a maioria debandou. Mas os melhores e mais valentes fizeram-se matar diante do rei e, caindo uns sobre os outros, impediram que o alcançassem logo, porque, lançados por terra e nos estertores da morte, ainda abraçavam os pés dos soldados e dos cavalos. Então, vendo todos os males e desgraças do mundo diante dos olhos, e como os batalhões que enfileirara diante de si para sua guarda se acumulavam todos ao redor, de modo que não havia meio de avançar com seu carro nem de

fazê-lo recuar, pois as rodas estavam tolhidas i embaraçadas entre montões de cadáveres, e os cavalos também, como que sitiados e quase escondidos na confusão da derrota, resfolegavam e saltavam apavorados, sem que os freios pudessem guiá-los nem conduzi-los, Dano acabou abandonando o carro e, deixando as armas, montou numa égua que havia pouco dera cria e se pôs a salvo a toda a brida. Todavia, não estaria salvo ainda se Parmênion não tivesse de novo mandado pedir socorro a Alexandre, porque havia em seu setor uma grande força reunida que não mostrava sinais de recuar. Como quer que seja, acusa-se Parmênion de naquele dia ter procedido frouxa e covardamente, ou porque a velhice lhe tivesse diminuído algo de sua ousadia, ou porque estivesse despeitado e com inveja do poder de Alexandre, que se tornava grande demais para o seu capricho, como diz Calístenes. O fato é que Alexandre — muito descontente com aquele segundo pedido, embora sem disso dizer a verdadeira causa aos seus homens, mas fingindo que pretendia mandar cessar o ataque, mesmo porque a noite se aproximava — deu ordem para que tocassem a retirada e encaminhou-se para o ponto em que o seu exército lhe parecia ter ainda o que fazer. No caminho, porém, recebeu notícias de que mesmo ali os inimigos haviam sido derrotados e fugiam em desordem por toda parte.

LXIV. Vencida essa batalha, verificou-se que o império dos persas estava inteiramente arruinado e que Alexandre, consequentemente, se tornara rei de toda a Ásia. Fez por isso suntuosos e magníficos sacrifícios aos deuses, e deu aos seus familiares grandes riquezas, terras, casas e senhorias. E, querendo também mostrar sua liberalidade aos gregos, escreveu-lh es que desejava que todas as tiranias fossem abolidas na, Grécia e que todos os povos vivessem em liberdade sob suas leis; mas fez entender particularmente aos plateenses que pretendia mandar reconstruir sua cidade, porque outrora os seus predecessores tinham entregue aquelas terras aos gregos, para ali combaterem contra os bárbaros em defesa da liberdade comum de toda a Grécia. Aos de Crótona, na Itália, mandou parte dos despojos, para honrar a memória da virtude e boa afeição de seu concidadão Failo, que ao tempo das guerras médicas, como os gregos habitantes da Itália tivessem abandonado os da verdadeira Grécia, porque achavam que eles jamais poderiam salvar-se, partiu para Salamina com um barco armado e equipado à própria custa, a fim de travar batalha e participar do perigo comum dos gregos. Assim Alexandre se mostrava amigo afeiçoado de toda virtude, desejando conservar a memória dos feitos belos e louváveis.

LXV. Ocupando rapidamente toda a Babilônia, maravilhou-se muito quando viu, na província: de Ecbátanos o precipício de onde surgem continuamente borbotões de fogo, como de uma fonte, e também a torrente de nafta, tão abundante que forma como que um lago. Assemelha-se a nafta ao betume e é tão fácil de inflamar que, mesmo sem atingir o fogo, ao simples clarão deste se acende e também ao ar entre ambos. Os bárbaros do país, querendo que Alexandre lhe visse e conhecesse a natureza, regaram com gotas desse licor a estrada pela qual se ia ter ao seu palácio na Babilónia. Depois, nas duas extremidades do caminho, chegaram tochas ao líquido. Era já noite escura e, logo que as primeiras gotas se inflamaram, no mesmo instante tudo se acendeu de um extremo a outro, ficando o caminho iluminado por um fogo contínuo.

LXVI. Ora, certo Atenofanes, natural de Atenas, era quem friccionava e untava o corpo do rei quando este se banhava, ao mesmo tempo que lhe recreava o espírito com alegres conversas e honestas anedotas. Um dia, como estivesse no banheiro um jovem pajem chamado Estéfano, muito desajeitado e feio de cara, mas de voz agradável quando cantava, disse ele ao rei: "Queres tu, Sire, que experimentemos a virtude da nafta em Estéfano? Se o fogo pegar e não se extinguir, direi que sua força é grande e invencível". O pajem ofereceu-se para a experiência e, assim que a nafta lhe foi lançada, o fogo tomou-lhe o corpo inteiro, deixando Alexandre penalizado e perplexo. Felizmente, várias outras pessoas estavam no banheiro e intervieram com vasilhas cheias d’água, pois no contrário não teriam podido socorrer o pajem a tempo de evitar que as labaredas o sufocassem e queimassem. Ainda assim, tiveram muito trabalho para apagar o fogo e o pajem foi gravemente atingido. Não é pois sem aparência que alguns, querendo que a fábula de Medeia tenha sido coisa verdadeira, dizem que a droga com

que ela esfregou a coroa e o véu que deu à filha de Creonte, como é tão mencionado pelas tragédias, seria esse licor de nafta, porque nem a coroa, nem o véu podiam lançar o fogo de si mesmos, nem tampouco fora o fogo ali ateado por si mesmo, mas, tendo sido a aptidão de se inflamar provocada ali por essa fricção de nafta, a atração da flama foi tão pronta e tão subitânea que não se percebeu à primeira vista. Os raios e fluxos que saem do fogo, quando vêm de longe, lançam aos outros corpos a luz e o calor somente; mas aqueles que têm secura ventosa ou humor gorduroso e ao mesmo tempo grudento, não procurando por natureza senão alumiar-se e fazer fogo, alteram eles facilmente e inflamam a matéria que aí encontram preparada.

LXVII. Mas existem dúvidas quanto à maneira pela qual ele se engendra{1218} ou, antes, se essa matéria líquida e aquele humor que assim se inflama facilmente surge e corre da terra de natureza gordurosa e prestes a fazer fogo. Toda a região dos arredores de Babilónia é muito ardente, de maneira que muito frequentemente os grãos de cevada esmigalhada saltam no ar e estalam muitas vezes, como se a terra, pela veemência do calor, tivesse pulso para fazê-los saltar. Nos grandes calores de estio, os homens ali dormem sobre grandes sacos de couro cheios de água fresca. Harpalo, que Alexandre ali deixou como seu lugar-tenente e governador do país, desejando ornar e embelezar os jardins do palácio real, assim como as respectivas aléias, com todas as plantas da Grécia, conseguiu que vingassem, menos a hera, que a terra jamais quis receber, fazendo-a fenecer sempre, porque ela não podia suportar tão ardente temperatura, visto como por natureza prefere ar e país frio. Essas digressões estão um pouco fora de propósito, mas talvez não sejam desagradáveis aos leitores um pouco difíceis, por não serem demasiado longas.

LXVIll. Tendo-se apoderado da cidade de Susa, Alexandre encontrou dentro do castelo quarenta mil talentos{1219} em ouro e prata amoedada, além de inestimável quantidade de ricos e preciosos móveis, entre os quais dizem que havia trezentas mil libras de púrpura de Hermíona{1220}, ali amontoada e encerrada no espaço de duzentos anos, faltando para tanto apenas dez, e contudo ainda conservava a vivacidade de sua alegre cor, como se fosse inteiramente nova. E dizem que a causa de se ter assim conservado estava em haver sido a tinta feita com mel, nas lãs que outrora se tingiam de vermelho, e com óleo branco, nas lãs brancas. Veem-se las tingidas há tanto tempo que mantêm ainda o vigor do seu brilho nítido e reluzente. Dínon{1221} escreve, ademais, que esses reis da Pérsia mandavam buscar I água dos rios Nilo e Danúbio, que encerravam com I outros magníficos tesouros, como para confirmar desse modo a grandeza do seu império e mostrar que eram senhores do mundo.

LXIX. É a Pérsia um país de rudes entradas e ásperos caminhos, tanto por natureza como porque as passagens eram guardadas pelos melhores homens ali nascidos. Como o rei Dário, fugindo à batalha, se internasse na região, um homem que falava a língua grega e a persa, filho de pai natural da Lícia e de mãe persa, conduziu Alexandre ao interior por um desvio e circuito de caminho, não longo demais, segundo predissera outrora a profetisa Pítia, quando ele era ainda criança: um lício o guiaria e conduziria ao encon tro dos persas. Houve então grande matança de prisioneiros, e escreve o próprio Alexandre que, julgando tal coisa favorável a seus negócios, mandou passar todos os homens a fio de espada. Sustentasse que encontrou tanto ouro e prata amoedada, como também acontecera na cidade de Susa, que mandou transportá-lo, com o resto dos preciosos móveis e toda a fortuna real, por dez mil muares e cinco mil camelos. Mas, entrando no castelo da cidade capital da Pérsia, viu por acaso uma grande estátua de Xerxes, derrubada involuntariamente pela multidão dos soldados. De-teve-se muito simplesmente e, falando-lhe como se ela tivesse senso e vida, disse: "Não sei se devo ir além sem te repor no lugar, por causa da guerra que outrora fizeste aos gregos, ou se devo mandar que te levantem, em atenção à tua magnanimidade e outras virtudes". Finalmente, após haver demorado longo tempo a pensar, sem proferir-palavra, passou adiante e, como quisesse refazer um pouco seu exército, cansado e exausto, mesmo porque era tempo de inverno, ah permaneceu durante quatro meses inteiros. Dizem que a

primeira vez que ele sentou no trono real, sob um céu de ouro, Demarato de Corinto, que por herança de seu pai Felipe lhe dedicava amizade e benevolência, pôs-se a chorar de alegria, como bom velho que era, dizendo que os gregos falecidos estavam privados da fortuna de ver Alexandre sentado no trono real de Xerxes.

LXX. E depois, como se preparasse para marchar ainda contra Dano, ofereceu um dia um banquete e tão intimamente se divertiu com seus jovens amigos durante o festim que até as concubinas de seus familiares compareceram com os amigos, destacando-se entre elas a famosa Taís, natural da África e amante de Ptolomeu, que após a morte de Alexandre foi rei do Egito. Essa Taís, ora louvando Alexandre com habilidade, ora gracejando com ele à mesa, chegou a dirigir-lhe um discurso muito de acordo com o natural afetado de seu país. mas de muito maior consequência do que lhe cabia, dizendo que naquele dia se achava inteiramente recompensada dos sofrimentos a que estivera sujeitai quando acompanhou o exército por toda a Ásia pois tinha a fortuna de divertir-se à vontade dentro do palácio dos grandes reis da Pérsia. Muito maior prazer experimentaria ainda em incendiar, como passatempo, a casa de Xerxes, que ateou fogo a Atenas. Encarregar-se-ia ela própria da tarefa, ante os olhos de um príncipe como Alexandre para que no futuro dissessem que as mulheres que o acompanhavam tinham vingado melhor a Grécia dos males que no passado lhe foram causados pelos persas do que jamais o fizeram todos os capitães gregos por mar e por terra. Logo que terminou esse discurso, os favoritos de Alexandre e assistentes a aplaudiram com salvas de palmas e, com grande alando de alegria, disseram que a ideia era a melhor do mundo e incitaram o rei a pô-la em execução. Levado pelas instigações, Alexandre levantou-se e, colocando à cabeça a coroa de flores, empunhou uma tocha ardente e foi o primeiro a marchar, seguido dos favoritos que dançavam e gritavam em volta do castelo. Os outros macedônios, tendo ouvido a notícia, acorreram incontinente com tochas e lanternas acesas. Demonstravam grande regozijo, porque estavam certos de que isso era sinal de que Alexandre pretendia retornar à pátria. Se ele incendiava e destruía assim o castelo real, é porque não desejava permanecer entre os bárbaros. Eis como se afirma que teve início o incêndio, embora haja os que digam que não foi assim, por divertimento, mas por deliberação do conselho. Como quer que fosse, reconhecem todos que ele logo se arrependeu e mandou extinguir o fogo.

LXXI. Liberal por natureza e gostando de fazer presentes, acentuou-se nele esse pendor à medida que lhe prosperavam os negócios. Esses gestos de generosidade eram então acompanhados de uma delicadeza que os tornava ainda mais agradáveis.

Quero, a esse respeito, citar alguns exemplos. Ariston, coronel dos Peônios, após matar um inimigo, levou-lhe a cabeça a Alexandre, dizendo-lhe "Sire, este presente, em nosso país, é recompensado ! com uma copa de ouro". Alexandre riu-se e respondeu: "Sim, com uma copa vazia; mas eu, nesta que te dou, cheia de vinho, bebo à tua saúde". De outra feita, encontrou ele um pobre macedónio a conduzir um burro carregado de ouro do rei. Como o burro estivesse muito cansado e parecesse que não mais suportaria o peso, o macedónio tomou a carga | às costas e continuou caminho. Por fim, estava tão exausto que precisou largar o fardo no chão. Alexandre o viu, perguntou-lhe o que era aquilo e, depois de ouvi-lo, disse-lhe: "Não te canses tanto: leva a carga somente até à tua casa, pois ela é tua". Em suma, desgostava~se mais com aqueles que não queriam receber do que com os que lhe pediam. Escreveu a Fócion que deixaria de considerá-lo amigo se recusasse os presentes que lhe fazia. Ocasionalmente, nada havia dado a um jovem chamado Serapião, que lançava a péla aos que jogavam; e a causa é que ele nada lhe pedira. Como um dia o rei viesse para jogar, o rapaz atirou a péla a todos os outros, menos a ele. Afinal, Alexandre perguntou-lhe: "E a mim, não me dás? Respondeu: "Não, Sire, porque não me pedes". Logo percebeu Alexandre o que ele queria dizer e pondo-se a rir, fez-lhe depois muitos presentes

Havia em seu séquito certo Próteas, homem brincalhão, que sempre o divertia. Mas um dia

aconteceu que Alexandre se irritou contra ele. Os amigos intercederam, pediram perdão ao rei e ele próprio o fez, com lágrimas nos olhos. Alexandre disse que lhe perdoava, ao que Próteas replicou: "Então, Sire, dá-me o penhor do teu perdão". Mandou o rei imediatamente que lhe dessem cinco talentos{1222}.

LXXII. Quanto aos bens que distribuía e às riquezas que repartia entre os familiares e guarda-costas, pode-se evidentemente conhecer que eram muito grandes por uma carta missiva que sua mãe Olímpia lhe escreveu um dia, onde há estes próprios termos: "Sou de opinião que deves presentear de outro modo teus familiares amigo s e que os mantenhas com honra ao pé de ti; mas tu os fazes iguais aos grandes reis e lhes dás os meios de fazerem muitos amigos tirando-os de ti mesmo". E, como a mãe lhe escrevesse frequentemente cartas semelhantes sobre o mesmo assunto, ele guardava-as secretamente sem comunicá-las a ninguém. Um dia, contudo, ao abrir uma, Heféstio estava presente e se aproximou, como de hábito, e leu-a com ele. Alexandre não o impediu, mas, terminada a leitura, tirou do dedo o anel com o qual selava e carimbava as cartas e levou o sinete à boca de Heféstio. Deu ao filho de Mazeu, que era o maior personagem entre os favoritos de Dário, outro governo além do que ele possuía e ainda maior do que o primeiro. O jovem senhor recusou-o, dizendo: "Como, Sire, antes havia um só Dário, e agora tu fazes vários Alexandres". Ele deu também a Parmênion a casa de Bagoas, na qual havia móveis somente de Susa, por mil talentos{1223}. Mandou dizer a Antípater que tomasse cuidado com sua pessoa, porque havia inimigos e malfeitores que o espiavam. Também à sua mãe enviou vários belos e grandes presentes, mas lhe pediu que não se envolvesse em seus negócios e nem se atribuísse as funções de um capitão: como ficasse furiosa, ele suportou pacientemente a aspereza de sua fúria. Um dia, Antípater escreveu-lhe longa carta contra ela. Depois que a leu, ele disse: "Antípater não compreende que uma só lágrima de mãe anula dez mil cartas dessa espécie".

LXXIII. Tendo percebido que os cortesãos se tornavam muito dissolutos, imoderados nos prazeres e supérfluos nos gastos, repreendeu-os doce e prudentemente. Hágnon de Teio{1224} usava pregos de prata nos chinelos; Leonato mandava carregar por vários camelos, em sua bagagem, fardos de pó do Egito, para usá-lo somente quando lutava o se entregava a outros exercícios pessoais; Filotas para caçar, usava telas de doze mil e quinhentos passos de comprimento; e havia os que usavam preciosos perfumes e essências aromáticas quando se banhavam e vaporizavam, em lugar de usarem óleo simples para untar-se, e levavam delicados criados de quarto para friccion á-los no banho e para fazer-lhes as camas. Disse-lhes então Alexandre: "Muito me admira que, tendo combatido tantas vezes e em tão grandes batalhas, não vos lembreis de que aqueles que trabalham dormem mais suavemente e melhor do que os que não trabalham. Não sei como não percebeis, comparando com a dos persas a vossa maneira de viver, que a vida luxuosa é coisa servil, ao passo que o trabalho é coisa real. Como poderia tratar do próprio cavalo, lustrar a lança e o capacete, aquele que por efeminada preguiça desdenha ou se desacostuma de empregar as próprias mãos para esfregar o corpo? Não sabeis que a nossa maior vitória consiste em não fazer o que faziam aqueles que vencemos e derrotamos?" E, para incitá-los pelo exemplo a trabalhar, esforçava-se mais do que nunca na guerra e na caça, arrostando ainda mais aventurosamente toda sorte de perigos. Certa vez, um embaixador da Lacedemônia, vendo-o enfrentar e abater um grande leão, disse-lhe: "Certamente lutaste tão bem contra esse Leão, Sire, para disputar-lhe a realeza". Crátero, mais tarde, mandou colocar essa caça no templo de Apolo, em Delfos, o nde estão as estátuas do leão, dos cães, do rei combatendo o leão e dele próprio ao socorrê-lo. Todas essas estátuas são de cobre, umas feitas pela mão de Lisipo e as outras pela de Leócares.

LXXIV. Assim Alexandre, tanto para exercitar sua pessoa na virtude como para incitar os amigos a fazerem o mesmo, expunha-se a tais perigos. Mas os familiares, cumulados de bens e riquezas, queriam viver no luxo sem trabalhar, de medo que lhes pesava continuar errando pelo mundo, entre uma guerra e outr a. Começaram então, pouco a pouco, a murmurar e a dizer mal dele. A princípio, Alexandre tolerou-os pacientemente, por achar que era coisa

digna de um rei ser censurado e criticado por fazer o bem. Todavia, nas menores demonstrações aos amigos, testemunhava-lhes cordial amizade e grande deferência. Disso quero dar aqui alguns exemplos. Peucestes escreveu a seus amigos contando que fora mordido por um urso, — mas nada lhe mandou dizer a esse respeito. Alexandre ficou magoado e lhe escreveu: "Manda-me dizer ao menos como estás passando agora e se alguns daqueles que caçavam contigo te abandonaram no perigo, a fim de que sejam punidos". Tendo-se Heféstio ausentado da corte para negócios, escreveu-lhe dizendo que, enquanto eles se divertiam em dar combate a uma fera chamada ícnêumon, Crátero tivera a infelicidade de ser ferido em ambas as coxas pelo dardo de Pérdicas. Como Peucestes tivesse escapado de grave moléstia, escreveu Alexandre a Alexipo, médico que o curara, para agradecer-lhe. Certa noite, estando Crátero doente, teve ele certas visões que o levaram a fazer sacrifícios para que o amigo recuperasse a saúde, e recomendou-lhe que fizesse o mesmo; e, como o médico Pausânias lhe quisesse dar um remédio com heléboro, escreveu-lhe cartas mostrando-se preocupado e advertindo-o de que deveria tomar muito cuidado ao recorrer a esse medicamento. Mandou prender Efíaltes e Cisseu, quando denunciaram a fuga e a retirada de Harpalo, por achar que a acusação era caluniosa. Tendo mandado fazer uma lista de velhos e doentes, para aposentá-los, certo Euríloco de Ege fez-se arrolar entre os enfermos; mais tarde, verificou-se que estava são, tendo então confessado que assim procedera para acompanhar uma jovem chamada Telesipa, por quem se apaixonara e que voltava por mar para os Países-Baixos. Alexandre perguntou de que condição era essa mulher e lhe foi respondido que era uma cortesã de condição livre. "Então, disse ele a Euríloco, desejo favorecer teu amor, mas não posso fazê-lo à força{1225}: procura fazer com que ela, por meio de presentes ou boas palavras, resolva de bom grado ficar, pois é de condição livre".

LXXV. Coisa admirável é que ele se desse ao trabalho de escrever aos amigos até sobre os fatos mais insignificantes. Assim, escreveu para Cilicia, por causa de um criado de Selêuco, que fugira, pedindo que se empenhassem em procurá-lo. Em outra missiva, louvou Peucestes por ter recapturado Nícon, escravo de Crátero. A Megabizo, outro servo que se refugiara num templo, também enviou cartas ordenando que o fizessem sair dali para prendê-lo, mas sem tocá-lo antes disso. Dizem que a princípio, quando presidi a aos julgamentos criminais, enquanto o acusador fazia o libelo, tapava com a mão um dos ouvidos, para conservá-lo puro e preservá-lo de toda impressão caluniosa, pois queria ouvir também a defesa e as justificações do acusado. Mais tarde, porém, a enorme quantidade de acusações feitas em sua presença irritou-o e tornou-o áspero, a ponto de acreditar nas acusações falsas por causa do grande número das verdadeiras. Mas o que mais o deixava fora de si era ouvir dizer que tinham falado mal dele. Tomava-se então cruel, sem querer perdoar, pois amava mais a glória do que o império e a própria vida.

LXXVL. Saindo de novo em perseguição a Dário, pensou que este ainda quisesse combater; mas, informado de que Besso o prendera, permitiu que os tessálios regressassem, após ter-lhes feito presente de dois mil talentos{1226} além do soldo e do pagamento ordinário. Nessa perseguição a Dário, que foi longa, laboriosa e difícil, pois em onze dias fez bem a cavalo umas duzentas e seis léguas{1227}, de tal maneira que a maior parte de sua gente estava exausta, inclusive pela falta d'água, encontrou ele um dia alguns macedônios conduzindo muares com uma carga de odres de água que tinham ido buscar num rio. Como vissem que Alexandre morria de sede, sendo já cerca de meio-dia, para ele acorreram apressadamente e deram-lhe de beber dentro de um capacete. Ele perguntou-lhes para quem levavam aquela água, ao que responderam que para seus filhos: "Mas, enquanto viveres, Sire, poderemos ter outros, se perdermos estes". Tendo ouvido essas palavras, pegou o capacete e, olhando ao redor, quando todos os soldados que o seguiam estendiam o pescoço para espiar a água, devolveu-a sem beber e agradecendo aos que a tinham presenteado: "Se eu beber sozinho, disse, estes perderão a coragem". Admirando-lhes o gesto, os cavaleiros pediram-lhe em altas vozes que ele os conduzisse ousadamente e, pondo-se a instigar os cavalos, disseram que não estavam cansados e que já não tinham sede. Não se julgavam mortais em companhia de tal rei.

LXXVII. Era a boa vontade de segui-lo igual em todos, todavia, uns sessenta somente chegaram com ele até o acampamento do inimigo, onde por cima de muito ouro e prata que jazia por terra, esparramado pelo meio do campo e passando além de vários carros cheios de mulheres e crianças, que encontraram no meio do acampamento, fugindo a esmo, sem um condutor que os levasse, partiram a toda brida até alcançar os primeiros fugitivos, pensando que Dário devia estar entre eles, e tanto fizeram que por fim o encontraram, com dificuldade, estendido dentro de um carro, tendo o corpo ferido por vários golpes de dardos e de flechas estando prestes a exalar o último suspiro, no entretanto, pediu de beber e Polistrato lhe trouxe água fresca, que ele bebeu; disse-lhe, depois de ter bebido: "Esta é a última das minhas desgraças, meu amigo, porque depois de ter recebido de ti este favor, não tenho os meios para retribuí-lo: mas Alexandre dar-te-á a recompensa e os deuses, a Alexandre, pela bondade, mansidão e humanidade de que usou para com minha mãe, minha mulher e meus filhos, cuja mão eu te peço que apertes, por mim". Dizendo estas últimas palavras, tomou a mão de Polistrato e morreu em seguida. Alexandre chegou logo depois e mostrou que evidentemente muito sentia a sua desdita tirando seu manto, cobriu com ele o corpo e nele o envolveu. Depois, tendo encontrado Besso, prendeu-o, fê-lo esquartejar, por meio de duas árvores altas e flexíveis que fez dobrar uma para a outra; amarrou a cada uma delas uma parte do corpo, depois deixou-as. voltar à posição natural, com tal violência que el as levaram cada qual a sua parte.

LXXVIII. Em seguida fez embalsamar e amortalhar pomposamente o corpo de Dário, mandando-o à sua mãe e recebeu seu irmão Exateres no número de seus amigos{1228} : depois, com a fina flor do seu exército dirigiu-se ao país dos hircanianos, onde viu o sorvedouro do mar Cáspio, que lhe não pareceu menor do que o do mar do Ponto, mas é-lhe a água bem mais doce do que a dos outros mares. Nunca se pôde saber ao certo o que era, nem de onde vinha; o que lhe pareceu, porém, mais próximo da verdade, é que aquilo era uma regurgitação dos mares Meótidos. Todavia, os antigos filósofos naturais parecem ter sabido da verdade a esse respeito: pois vários anos antes da viagem e das conquistas de Alexandre, eles escreveram, que dos quatro principais sorvedouros do mar que vem do Oceano e entram no seio da terra, o mais setentrional é o do mar Cáspio, ao qual chamam também de mar Hircaniano: mas, passando por esse país alguns bárbaros, repentinamente atacaram aos que levavam Bucéfalo, o cavalo de batalha de Alexandre e dele se apoderaram; com isso ele ficou tão encolerizado que mandou public ar por meio de um arauto aos habitantes da região, que os passaria todos a fio de espada, até mesmo as mulheres e crianças, se não lhe restituíssem o cavalo: trouxeram-no então de volta e fizeram ainda mais: entregaram-lhe as cidades e suas praças e ele os tratou benignamente, pagou ainda o resgate de seu cavalo aos que o haviam trazido.

LXXIX. Saindo dali, entrou na província dos partos, onde, estando à vontade, passou a se trajar à mane ira dos bárbaros, quer porque queria acostumar-se aos usos e costumes do país, julgando não haver melhor meio para conquistar o coração daqueles homens, do que habituar-se à sua maneira de viver, quer porque queria sondar e experimentar; a vontade e o ânimo dos macedônios, a fim de saber como eles aceitariam a mudança que ele queria introduzir, da adoração, isto é, reverenciar inclinando-se diante do rei, acostumando-os assim, pouco a pouco, a tolerar a modificação e a mudança de sua maneira de viver, embora, logo no princípio ele não tivesse tomado as vestes dos medas, que eram excessivamente esquisitas e de todo bárbaras; pois ele não usava calções, nem vestes com cauda arrastando pelo chão, nem chapéu alto e pontudo. mas tomou um hábito misto, entre o dos medas e o dos persas, mais modesto do que aquele e mais pomposo do que este; e no princípio só o usava quando tinha que falar com algum bárbaro ou na intimidade de sua família, com amigos: mas ao depois, apresentou-se em público com esse vestuário, passando pelo acampamento, pelos campos e mesmo dando audiência pública, o que causou grande desagrado aos macedônios: eles, porém, tinham sua virtude em tão grande admiração, que julgavam razoável, se lhe concedesse poder também fazer outras coisas, para seu prazer e segundo sua vontade; num dos choques sustentados por ele anteriormente, recebera um golpe de flecha, que lhe fraturou o osso da perna e de outra feita, recebeu uma pedrada na nuca que lhe causou um enfraquecimento da vista, durante muito tempo e, no entretanto, ele não deixou de se expor ainda a todos os perigos, sem se poupar, absolutamente: passou ainda o no de Orexartes, que ele julgava ser o Tanais, derrotou os citas, expulsou-os, perseguindo-os por mais de cinco léguas, embora estivesse sofrendo de uma forte diarreia.

LXXX. Foi então que disseram que a rainha das Amazonas veio ter com ele; assim o escreveram a maior parte dos historiadores, como CHtar-co, Polícrito, Onesícrito, Antigenes e Hister: mas Caies, o Introdutor, Ptolomeu, Anticlides e Filon, o Tebano, Felipe, o Introdutor{1229}, e além destes ecateu, Eretriano, Felipe Calcidio e Duris, o Samio, dizem que tudo isso é falso e inventado, para passatempo apenas e parece que Alexandre mesmo, disso dá o seu testemunho: porque, escrevendo detalhadamente tudo a Antípater, segundo as coisas se passavam, ele lhe diz que o rei da Cítia lhe queria dar a filha em casamento, mas ele não faz menção alguma de Amazonas: e diz-se que muito tempo depois, Onesícrito leu a Lisímaco, que já era rei, o quarto livro da sua história, onde está narrado este conto das Amazonas e que Lisímaco, sorrindo, disse-lhe: "E eu, onde estava naquele tempo?" Por esse motivo, porém, não se terá maior estima de Alexandre, acreditando nesse fato, nem por não se acreditar sua estima ficará diminuída.

LXXXI. De resto, temendo que os macedônios, enervados por essa longa guerra, não quisessem ir adiante, deixou para trás o resto dos homens do seu exército e tomou consigo somente vinte mil soldados de infantaria e três mil de cavalaria, que constituíam a fina flor do seu exército, com os quais entrou no país da Hircânia e lá fez-lhes um discurso, no qual lhes disse que as nações bárbara da Ásia só os tinham visto em sonho, por assim dizer e se eles se retirassem para a Macedónia, de pois de ter apenas agitado e não dominado completamente e subjugado a Ásia, os povos irritados iriam contra eles à sua volta, como as mulheres; todavia, ele dava a permissão de se irem aos que desejavam se retirar, protestando, no entretanto, contra aqueles que o fizessem, preferindo abandoná-lo numa alternativa difícil, a ele, aos seus amigos e a todos os que eram animados de coragem, antes de segui-lo em tão gloriosa empresa, na qual se tratava de submeter toda a terra habitável no império dos macedônios. Isso também está relatado, quase nos mesmos termos na carta que Alexandre escreveu a Antípater, onde ele diz além do mais que, tendo-lhes falado desse modo, eles se puseram a gritar em voz alta, que os levasse para onde muito bem entendesse. Quando estes aderiram à sua iniciativa foi-lhe, ao depois, muito fácil conquistar o resto do povo, que seguiu sem dificuldade o exemplo dos maiores.

LXXXII. Por isso, ele conformou-se ainda mais com a maneira de viver dos do país e reciprocamente, também os costumes dos do país com os da Macedónia, estando persuadido

de que por meio dessa mistura e por essa adaptação de modos de viver e de agir, as coisas se encaminhariam melhor e em boa paz, união e concórdia, mais pela amizade que pela força, quando ele estivesse longe do território da Pérsia. Por esse motivo mandou escolher trinta mil crianças do país, às quais fez ensinar a língua grega, educar e exercitar nas armas segundo a disciplina da Macedónia, dando-lhes vários mestres para as instruir, numa e noutra. O casamento com Roxana, foi obra de namoricos, porque dela se apaixonou num banquete onde a viu, achou-a bela, segundo o seu gosto e de fácil conquista: mas julgou-se conveniente para o bem de seus negócios que fosse ele feito após prudente deliberação do conselho, porque os bárbaros teriam mais confiança nele, quando vissem que com eles contraía aliança de matrimonio e o teriam amado muito mais do que antes, que, tendo-se mostrado sempre muito continente em tais coisas, não quisera tocar naquela jovem senhora, por cujo amor somente ele se tinha declarado vencido, senão depois de legítimo casamento.

LXXXIII. Acontecia, porém, que, dos dois aos quais ele amava com mais afeto, Heféstio, achava bom o que ele fazia a esse respeito e que se vestisse como ele, mas Crátero, ao contrário, conservava sempre as maneiras de viver de seu país; Alexandre tratava de seus negócios e comerciava com os bárbaros, por meio daquele e com os gregos e os macedônios, por meio deste: em suma, ele amava mais a um e honrava mais ao outro, dizendo mesmo que Heféstio amava Alexandre e Crátero amava o rei. Por esse motivo, estes dois indivíduos não se davam um cem o outro e viviam constantemente em rixas, a ponto de, certa vez, na índia chegarem a lançar mas das espadas e a desembainhá-las, um contra o outro, obrigando seus amigos a acorrerem em auxílio, de ambos os lados; Alexandre, porém, em público, diante de todos, recriminou asperamente a Heféstio, chamando-o de louco e insensato, de não saber que se Alexandre o destituísse ele não seria mais nada: mas em particular, à parte, repreendeu também severamente a Crátero e reunindo a ambos, fê-los fazer as pazes, jurando por Júpiter Âmon e por todos os quatro deuses, que eles eram os dois homens aos quais ele estimava, mas, no entretanto, avisava-os de que se soubesse que ainda andavam de rusgas, mataria a ambos, ou pelo menos, àquele que começara a questão: e assim, desde aquele instante, narra-se, que nada mais fizeram nem disseram um ao outro, nem mesmo por gracejo.

LXXXIV. Filotas, filho de Parmênion, tinha grande prestígio entre os macedônios, porque era homem valente, paciente, liberal e amava os seus súditos, mais que qualquer outro senhor, depois de Alexandre. A este propósito conta-se, que certa vez um de seus amigos pediu-lhe dinheiro: ele ordenou logo ao seu tesoureiro que lho entregasse O tesoureiro respo ndeu-lhe que não havia mais: ele então replicou: "Que estás dizendo? Não há mais? Não há nem baixelas, nem vestes, que se possam vender ou trocar, para obtê-lo?" Mas, de resto, era Ião altivo e tão importuno em fazer ostentação de suas riquezas, vestindo-se com muito luxo e apresentando-se com muito mais opulência e fausto, do que convinha a um homem particular, que se tornava odioso, porque imitava com falsas insígnias o grande e o magnífico, com pouco senso e graça, pelo que, por sua estultície tornou-se suspeito e invejado, por todos, a tal ponto que seu próprio pai lhe disse um dia: "Meu filho, faze-te menor". Ele já havia sido, há algum tempo, acusado perante Alexandre: de fato, quando a bagagem do exército de Dano, que estava na cidade de Damas, foi tomada, depois da batalha da Cilicia, vários prisioneiros foram também levados ao campo de Alexandre e dentre estes, uma jovem da corte, natural da cidade de Pidna{1230}, de lindo rosto, chamada An tígona. Filotas conseguiu apoderar-se dela e dela também se apaixonou; banqueteando-se, em sua companhia, deixou escapar da boca muitas vezes palavras de louvor e de vanglória, atribuindo a si mesmo e a seu pai a maior parte dos feitos de armas, realizados naquela guerra, chamando a todo momento a Alexandre de, esse moço, e dizendo que por meio deles, é que ele possuía o título e o nome de rei. Tal mulher contou este fato a um de seus familiares e este, como acontece sempre, a um terceiro, até que chegou aos ouvidos de Crátero, o qual tomou a mulher e a levou à presença de Alexandre, que a ouviu, e ordenou-lhe que continuasse a frequentar a casa de Filotas, a fim de poder informá-lo de tudo que ele dizia. Filotas, nada sabendo da cilada, tinha Antígona sempre junto de si e continuava a dizer as mesmas palavras tolas e indiscretas, contra o rei, às vezes por raiva e às vezes por vanglória: mas Alexandre, embora tivesse essa prova convincente e a acusação contra Filotas, dissimulou no momento, não dando demonstração alguma, quer pela certeza que tinha do amor e da benevolência que o Parmênion lhe

consagrava, quer pelo temor que tinha de seu poder e grande autoridade.

LXXXV. Por esse mesmo tempo, um certo macedónio de nome Limno{1231}, nascido na cidade de Calestra{1232}, desejava com grande solicitude matar a Alexandre; ele nutria grande afeto por um jovem de nome Nicômaco, ao qual rogou, o ajudasse a levar adiante a sua empresa: o moço recusou-se e manifestou a tentativa de suborno ao próprio irmão, que se chamava Balino{1233} o qual foi ter com Filotas, para que o levasse à presença de Alexandre, porque tinha algo de grande importância e muito urgente a lhe relatar. Filotas não os deixou falar com o rei, não se sabe porque, dizendo que ele estava ocupado, com alguns assuntos de urgência; por essa razão eles dirigiram-se a um outro{1234}, que os levou ao rei, ao qual expuseram antes o fato da conspiração de Limno e depois, que se tinham também dirigido a Filotas, por duas vezes e que ele não se interessara em introduzi-los nos aposentos reais, para que lhe pudessem falar. Esse fato deixou Alexandre muito irritado, e ainda mais porque aquele que ele mandara prender Limno, matou-o, quando ele quis defender-se para não se deixar agarrar, pois teria perdido uma grande oportunidade de desvendar totalmente toda a conspiração.

LXXXVI. Por mais que ele mostrasse mau rosto a Filotas, este continuava a incitar a todos os que há muito tempo lhe queriam mal, os quais{1235}, começaram a dizer abertamente, que já tinham esperado demais por um rei, porque não se devia crer que esse Limno Calestriano, jamais tivera a ousadia de empreender tal conspiração, que ele apenas era o ministro, ou, melhor, o instrumento manejado por um poder muito maior do que o dele e que se devia indagar da conjuração, daqueles que tinham tão grande interesse em ocultá-la. Tendo Alexandre prestado ouvido a estas palavras e acreditando nestas acusações, surgiram também mil calúnias contra Filotas, de modo que ele foi preso e torturado na presença de outros familiares do rei, aos quais ele confiou a incumbência de instaurar o processo, estando, porém, ele, escondido por trás de uma cortina, para escutar tudo o que se dizia; contasse que então, ouvindo as palavras covardes que ele dirigiu a Heféstio, suplicando-lhe que tivesse pena dele e os rogos vis e baixos que lhe fez, disse consigo mesmo: "Cáspite! Tendo um ânimo tão frouxo e tão cobarde, Filotas, como ousaste empreender tão grandes coisas?" E assim foi Filotas condenado à morte: logo depois da execução, Alexandre mandou com urgência ao reino da Média, alguns homens para que matassem também a Parmênion, que era seu lugar-tenente, e havia auxiliado a Felipe, na maior parte dos seus principais afazeres, e que sozinho ou mais que qualquer outro dos antigos servidores de seu pai, tinha incitado Alexandre a empreender a viagem da conquista da Ásia e dos três filhos que havia levado consigo, tinha visto morrer dois na sua presença e depois foi morto com o terceiro. Esta execução, tornou Alexandre temível a vários dos seus amigos, mesmo a Antípater, ao qual mandou secretamente aos etólios tratar de uma aliança com eles, os quais também temiam a Alexandre, por terem destruído os oeniades{1236} : Alexandre, tendo sabido disto, disse que não seriam os filhos dos oeniades, mas ele mesmo, que se vingaria dos etólios.

LXXXVII. Não muito tempo depois, deu-se também o assassínio de Clito, o qual ouvindo-o narrar pura e simplesmente, parece-nos ainda mais cruel que o de Filotas; considerando-se ao mesmo tempo, a causa e o tempo em que sucedeu, veremos que não foi de propósito deliberado, mas p or acaso e por desgraça, tendo Alexandre sido levado pela ira e pelo vinho a causar a infelicidade de Clito: eis como o fato sucedeu: haviam chegado alguns homens do país do sul, da parte marítima, trazendo alguns frutos da Grécia, para Alexandre. Alegrando-se por vê-los tão belos e frescos, chamou a Clito para mostrá-los e presenteá-lo também com alguns. Por acaso, naquele instante, Clito fazia sacrifícios aos deuses; deixou o sacrifício para lá ir: havia três carneiros sobre os quais já haviam sido feitas as costumeiras efusões, para serem imolados; estes seguiram-no; Alexandre vendo isso, consultou os adivinhos, Aristandro e Cleomante Lacônio, os quais disseram que era um mau presságio. Por isso ele ordenou que se sacrificasse imediatamente para a salvação de Clito, mesmo porque, três dias antes ele tivera, à noite, durante o sono, uma estranha visão, na qual vira Clito vestido de preto, sentado entre os filhos de Parmênion que já haviam morrido: no entretanto, Clito não

terminou o sacrifício mas foi jantar no palácio do rei, que naquele dia tinha sacrificado a Castor e Pólux.

LXXXVIII. Beberam à saciedade nesse festim, durante o qual cantaram-se versos de um poeta de nome Pranico, ou como dizem outros, Pierion, compostos contra alguns generais macedônios, que há pouco tinham sido vencidos pelos bárbaros, para sua ignomínia e para manter a alegria entre os convivas; os velhos, porém, ficaram descontentes com isso e ofenderam o poeta que havia composto os versos e o músico que os cantara. Alexandre ao invés, e seus favoritos, muito se divertiram, ordenando ao cantor que prosseguisse: Clito, porém, que já estava um tanto tocado pelo vinho e era ainda por natureza um tanto irascível, arrogante e soberbo, irritou-se ainda mais, dizendo que não era justo nem decente injuriar-se assim, mesmo entre bárbaros e inimigos, aos infelizes generais macedônios, que valiam muito mais do que aqueles que se riam e zombavam deles, embora por infelicidade, lhes tivesse mesmo sucedido uma desgraça. Alexandre então, respondeu-lhe que, falando assim, advogava em seu favor, chamando covardia e pusilanimidade, infelicidade. Clito então, pondo-se de pé, replicou: "Mas esta minha covardia salvou-te a vida, a ti, que te dizes filho dos deuses, quando já havias voltado as costas à espada de Espitridates e o sangue que esses pobres macedônios derramaram por ti e as feridas que receberam combatendo por ti, fizeram-te tão grande, que não reconheces o rei Felipe por teu pai e queres a todo custo te fazeres filho de Júpiter Âmon". Alexandre ferido no íntimo por essas palavras, replicou incontinente: "Caramba! Infeliz, que és! Pensas ficar impune pelas palavras que proferes continuamente contra mim, amotinando os macedônios" Clito replicou: "Nós, Alexandre, já somos bastante castigados, pois recebemos tal recompensa por nossos trabalhos e sacrifícios, que temos por bem felizes aqueles que morreram antes de ver os maced ônios vergastados pelos azorragues dos medas e obrigados a rogar aos persas para ter acesso e entrada perante o rei.

LXXXIX. Clito continuava a proferir de cabeça alta, tais palavras e Alexandre, ao contrário, irritara-se e dizia-lhe injúrias; os mais idosos procuravam acalmar o tumulto; Alexandre voltando-se para Xenodoco Cardio e Artemio Colofonio perguntou-lhes: "Parece-vos que os gregos, entre os macedônios, são como semideuses, passeando entre animais selvagens" Mas Clito não cedia, nem diminuía a sua temeridade e continuava pedindo que Alexandre dissesse alto e publicamente o que tinha a dizer ou então não convidasse a ceiar com ele homens livres, que estavam acostumados a falar com franqueza, mas ficasse então com os bárbaros escravos, que adorariam o seu cinto persa e sua longa túnica branca. Alexandre, então, não podendo mais conter a cólera, tomou uma maçã que havia sido servida à mesa e arremessou-lha à cabeça e procurou a espada, que Aristófanes{1237}, da sua guarda pessoal, havia-lhe propositalmente tirado; todos os outros se lhe puseram em redor para detê-lo, rogando-lhe que se acalmasse; mas ele precipitou-se para fora da mesa, chamando seus guardas em língua macedônica, o que era sinal de grande perturbação e ordenou a um trombeteiro que tocasse alarme; como ele se recusasse e parecesse não querer obedecê-lo, deu-lhe um violento soco; por essa razão o soldado ficou depois muito estimado, porquanto havia impedido que todo o acampamento se amotinasse. Clito, porém, não cedia e seus amigos com dificuldade o arrastaram para fora da sala: mas ele lá entrou por outra porta, pronunciando irreverentemente e com muita ousadia este verso da tragédia de Andrômaco, do poeta Eurípides:

Deixa que os costumes da Grécia se corrompam!

Alexandre entã o, tirando à força o dardo de um dos guardas, quando Clito vinha-lhe ao encontro{1238}, tendo já levantado a cortina que estava diante da porta, atravessou-lhe o corpo com um golpe violento, ele caiu, ali mesmo, por terra, com um suspiro e um grito, que lhe brotou dos lábios.

XC. A cólera passou imediatamente e Alexandre ficou acabrunhado: vendo seus familiares em redor de si, sem dizer palavra, retirou o dardo do corpo, para ferir com ele a própria garganta; mas seus guardas imediatamente o agarraram, tirando-lho das mãos e o levaram contra a vontade para seu quarto, onde ele passou toda a noite e todo o dia seguinte chorando amargamente, até que, não podendo mais gritar nem chorar, ficou estendido no leito, soltando apenas profundos suspiros. Por esse motivo seus amigos, não lhe ouvindo mais a voz, tiveram medo e entraram à força no quarto para reconfortá-lo: mas ele não quis ouvir a ninguém, permitindo apenas que viesse Aristandro, o Adivinho, que lhe recordou a visão que tivera em sonho, referente a Clito, como presságio, do que tinha de acontecer; por isso devia-se pensar que aquilo era uma coisa fatal, predeterminada, antes mesmo que ele tivesse nascido. Parece que ele se reanimou ante essas palavras. Depois mandaram entrar t ambém a Calístenes, o Filósofo, discípulo de Aristóteles e Anaxarco, nativo da cidade de Abdera{1239} ; Calístenes entrou mansamente, acercou-se do leito, sem dizer palavras que pudessem magoá-lo, procurando, cuidadosamente amenizar-lhe a tristeza.

XCI. Mas Anaxarco, que desde o princípio tinha sempre seguido um caminho diferente, no estudo da filosofia e tinha granjeado fama de ser um homem estouvado, desprezador de seus companheiros, entrando no quarto se pôs a gritar da porta em voz alta: "Eis ali Alexandre, o Grande, aquele que todo o mundo louva e teme agora. Ei-lo, por terra chorando como um escravo, do medo que tem das leis e da censura dos homens; como se não fosse ele mesmo quem dá as leis e lhes marca os limites no que é justo ou injusto, visto que ele venceu, para ser senhor e amo e não para servir a uma vã opinião. Não sabes que os poetas dizem, que Júpiter tem Temis, isto é, o direito e a justiça assentados a seu lado. Que significa isto senão que tudo o que o príncipe faz é santo, reto e justo?" Estas palavras de Anaxarco aliviaram no momento a dor do rei Alexandre, mas ao depois, tornaram seus costumes bem mais dissolutos em muitas coisas e muito mais violentos; e como por esse meio ele se insinuara maravilhosamente, ao depois, nas boas graças do rei, do mesmo modo, tornou a convivência de Calístenes, que por si mesmo não era muito agradável por causa da sua austeridade, ainda mais odiosa do que até então.

XCII. A este propósito, conta-se que um dia, à ceia do rei, falou-se das estações do ano e da temperatura do ar e Calístenes, era da opinião dos que sustentavam que a região onde então se encontravam, era mais fria e que o inverno aí era mais rígido do que na Grécia. Anaxarco afirmava o contrário e contestava obstinadamente a opinião, tanto que Calístenes disse-lhe: "E bem que confesses, que faz mais frio aqui do que lá, pois tu passavas lá todo o inverno com apenas uma capa pobre e simples sobre as costas, e aqui, estás coberto com três mantos, um sobre o outro, quando estás à mesa". Esta tirada feriu ao vivo a Anaxarco e o deixou irritadíssimo: os outros homens de letras, retóricos e aduladores{1240}, também o odiavam, porque viam-no muito estimado, seguido e honrado pelos moços, por causa da sua eloquência e não menos amado pelos velhos, pela honestidade de sua vida, que era grave, venerável e resignada com o que possuía, sem jamais pedir coisa alguma. Sabia-se que a causa por ele alegada, pela qual seguia a Alexandre nessa viagem, era verdadeira: pois ele dizia que era para impetrar do rei, que os cidadãos exilados fossem recebidos novamente em sua pátria e sua cidade, repovoada e restaurada. Mas embora a boa reputação que ele tinha, fosse a causa principal da inveja que lhe votavam, ele mesmo também dava motivo aos que o invejavam e lhe queriam mal de caluniá-lo, porque ele recusava constantemente, o convite para jantar em casa do rei e se lá estava, não dizia uma palavra sequer, mostrando, por seu modo de proceder, por sua seriedade e taciturnidade, que tudo o que ali se fazia e se dizia não lhe agradava, de sorte que Alexandre mesmo certa vez lhe disse:

Eu odeio aquele que fez profissão de ser sábio.

E de fato não o foi, em seu proceder.

XCIII. A este respeito conta-se ainda, que jantando um dia com o rei, alguns dos que também tinham sido convidados, pediram-lhe que fizesse de improviso um discurso em louvor dos macedônios, durante o jantar, e que ele falou sobre esse assunto, com tal eloquência que os ouvintes levantaram-se da mesa e bateram palmas aplaudindo-o e atirando flores e ramalhetes, sobre ele. Mas Alexandre, citou então os versos de Eurípides{1241}:

Não é difícil falar bem e abundantemente,

Quando se tem um argumento belo e fértil.

"Mas, mostra-nos, outrossim, a tua eloquência, disse ele, censur ando os macedônios, a fim de que, conhecendo seus erros, emendem-se e cuidem de melhorar para o futuro". Então Calístenes, começou a dizer tudo ao contrário, expondo francamente várias coisas, em grande desdouro dos macedônios mostrando como a divisão e a dissensão dos gregos entre si, tinha sido causa do progresso de Felipe, citando estes versos:

Quando a discórdia reina numa cidade,

O mais mau ocupa o lugar da autoridade.

Por esse motivo ele suscitou contra si mesmo uma grande e sentida malevolência dos macedônios, de tal modo que Alexandre mesmo disse em seguida que jamais ele tinha dado tanta demonstração de sua eloquência como de sua malignidade e da má vontade que tinha para com os macedônios. Hermipo{1242}, historiador, escreve que um certo Estrebo, servidor de Calístenes, que lia diante dele, o referiu a Aristóteles e que Calístenes, vendo que Alexandre se tinha ofendido e lhe queria mal, repetiu duas ou três vezes estes versos de Homero, ao sair{1243}:

Patroclo, também morreu, o qual na virtude

Muito tinha te sobrepujado.

Pelo que se pode ver claramente, que Aristóteles julgou bem, quando disse que Calístenes, que era homem eloquente, mas que não tinha juízo. Na verdade, rejeitando forte e firmemente, como filósofo, a homenagem que se presta com a inclinação e a genuflexão na reverência ao rei e dizendo alta e claramente em público, o que os maiores homens de bem e os mais antigos macedônios não ousavam dizer senão ao ouvido, embora estivessem todos mui aflitos, ele livrou a Grécia de uma grande vergonha e a Alexandre, também, de outra maior, impedindo que ele insistisse em tal maneira de reverenciar, mas também perdeu-se a si mesmo, porque parecia que ele queria vencer o rei pela audácia e forçá-lo, em vez de convencê-lo pela razão.

XCIV. Continuando este assunto, Caies de Mitilene deixou escrito que um dia num festim, Alexandre, depois de ter bebido, apresentou sua taça a um de seus amigos, o qual tomou-a e levantando-se, de pé, bebeu também; voltando-se depois para o altar doméstico, fazendo primeiro uma grande reverência, foi beijar Alexandre e depois voltou à mesa: o mesmo fizeram então os demais convidados um após outro, até que Calístenes tomou a taça, por sua vez, sem que o rei o notasse, pois estava conversando com Heféstio e depois de ter bebido, aproximou-se para beijá-lo como os outros haviam feito; mas, um certo Demétrio, apelidado Fidon, disse ao rei: "Não o beijes, Sire, pois ele foi o único que não te fez reverência": Alexandre voltou então o rosto para o outro lado a fim de não beijá-lo e então Calístenes exclamou bem alto: "Ora, com efeito, eu me vou embora, tendo um beijo a menos que os outros". Assim começou a malevolência contra ele a penetrar no coração de Alexandre, primeiro, porque ele acreditou no que disse Heféstio, isto é, que Calístenes lhe tinha prometido adorar e fazer a reverência a Alexandre, mas que faltara com a palavra; depois, um certo Lisímaco e um tal Agnon, bem como outros, deram ainda mais força à roda, dizendo que aquele filósofo partira, glorificando-se e vangloriando-se, como se tivesse derrubado e vencido um governo e todos os moços o seguiam, reuniam-se em torno dele, para honrá-lo, como o único dentre milhares de soldados, que tinha a alma franca e nobre. Por isso quando se revelou a Alexandre a conjuração de Hermolau contra ele, achou-se que a calúnia era verossímil, isto é, a que alguns falsos acusadores haviam lançado sobre Calístenes, que ele havia respondido a Hermolau, o qual lhe perguntara como se poderia tornar o homem mais célebre do mundo: "Matando aquele que é o mais célebre", e para incitá-lo a executar a conspiração tinha~lhe dito que ele não devia ter medo de um leito de ouro, mas lembrar-se de que tinha que se haver com um homem, que também como os outros às vezes ficava doente e às vezes era fendo, como qualquer outro.

XCV. Todavia, jamais um só dos cúmplices de Hermolau, por mais tormentos que os fizessem sofrer, para que dissessem quem eram seus companheiros, acusou a Calístenes; o mesmo Alexandre, narrando esse fato, logo depois, a Crátero, a Átalo e a Alcetas, disse que os servos torturados tinham sempre se obstinado em dizer que somente eles haviam conspirado e que nenhum outro havia tomado parte na conjuração. Mas depois, em outra carta que escreveu a Antípater, acusou também a Calístenes, dizendo: "Seus servidores foram lapidados pelos macedônios, mas eu castigarei o chefe, em seguida e os que mo mandaram e receberam e deram abrigo aos assassinos em suas cidades, os quais vinham de propósito, para me matar". Nela ele manifesta a má vontade que tinha contra Aristóteles, porque Calístenes tinha sido educado em sua casa; por causa do parentesco que havia entre eles, sendo Calístenes filho de Hero, sobrinha de Aristóteles. Dizem alguns que Alexandre o mandou enforcar e outros, que ele morreu de doença na prisão; todavia Cares escreve que ele foi conservado prisioneiro por sete meses, a fim de ser julgado em pleno conselho, estando presente o mesmo Aristóteles: mas, tornando-se muito gordo, morreu, por fim, da doença dos piolhos, mais ou menos no mesmo tempo em que Alexandre fora ferido, combatendo contra os mahos oxídracos, na conquista das índias, o que se deu algum tempo depois. Demarato, Coríntio, estando já no declínio da sua vida, adiantado em anos, teve desejo de ir ver Alexandre e tendo-o visto, disse que os gregos que haviam morrido antes, haviam sido privados de um singular prazer, isto é, o de não terem visto Alexandre sentado no trono real de Dário. Todavia não gozou por muito tempo da benevolência do rei, porque morreu de enfermidade, logo que chegou ao acampamento e foram-lhe prestadas magníficas honras fúnebres; todo o exército, em armas, levantou-lhe um montículo de terra, em forma de túmulo, cujo perímetro era bem grande, da altura de oitenta côvados. Suas cinzas logo depois foram levadas até a costa marítima sobre um carro puxado por quatro cavalos, equipado e adornado suntuosamente.

XCVI. Por fim, Alexandre estando para partir para a conquista das índias, percebeu que seu exército estava vagaroso, para se locomover, por causa da enorme quantidade de bagagem e despojos que levava consigo: por isso, certa manhã, quando os carros já estavam carregados, ele queimou antes os seus e depois os de seus amigos; em seguida ordenou que lançassem ao fogo também os dos soldados macedônios, cujo conselho pareceu mais perigoso de se resolver, do que a execução, que não foi difícil, porque mui poucos havia que estavam

descontentes e a maior parte, como impelida e impulsionada por uma força invisível e divina, inspirados pelos deuses, com um clamor e um cântico de alegria, trocaram entre si, os objetos mais necessários, dos quais não se pode prescindir e depois queimaram e destruíram eles mesmos o resto. Isso animou e encorajou ainda mais a Alexandre, além de que ele já se havia tornado um tanto severo e castigava asperamente, sem perdoar, aos que cometiam alguma falta, tendo ordenado a Menandro, um de seus familiares, que reservasse para ele uma fortaleza, mandou matá-lo porque não quis ficar lá e matou também ele mesmo, a golpes de dardo, a Orsodate um oficial bárbaro, que se havia revoltado contra ele.

XCVII. Por aquele mesmo tempo, uma ovelha teve um cordeirinho, o qual nasceu com uma mancha parecida, na forma e na cor, com a coroa real, no alto da testa, coroa persa a que chamam Tiara, aos lados do qual havia dois testículos. Alexandre, recebeu este presságio com abominação e horror a ponto mesmo de se fazer purificar por alguns sacerdotes babilónios que ele costumava ter sempre junto de si para esse fim e disse aos seus amigos que tal presságio não o impressionava tanto por ele mesmo quanto pelos outros, temendo que os deuses, depois da sua morte, tivessem deliberado deixar cair o poder do seu império nas mãos de algum covarde e pusilânime. Todavia, um outro sinal e presságio, que sucedeu logo depois, tirou-lhe este temor e esta dúvida. Um macedónio chamado Proxeno, que cuidava dos bens reais, quando fazia umas escavações num lugar perto do rio de Oxo{1244}, para aí levantar a tenda e os aposentos do rei, descobriu uma fonte de um líquido grosso e oleoso; depois de a terem secado, surgiu ainda uma segunda, que em nada se diferenciava da primeira tanto no cheiro, no gosto e no sabor de óleo natural, com o brilho e a densidade tão semelhantes que não se podia encontrar diferença: o que mais ainda era de se admirar é que naquela região não havia oliveiras. Dizem ainda que a mesma água do rio de Oxo é muito leve, e deixa gordurosa a pele, daqueles que nele se banham ou nela se molham, todavia, pelo que Alexandre escreveu a Antípater vê -se que com isso muito ele se alegrou, considerando-o como um dos maiores sinais que os deuses lhe enviaram. Os adivinhos interpretaram-lhe esse presságio como sendo um sinal de que sua viagem seria gloriosa, mas difícil e árdua, porque os deuses, diziam eles, haviam dado óleo aos homens, para um revigoramento em suas atividades.

XCVIII. Também correu ele alguns graves perigos e foi ferido várias vezes seriamente, combatendo, durante essa viagem. Mas as maiores perdas que ele sofreu em seus homens foi pela falta de víveres e pelo ar mefítico; ele, porém, esforçando-se por superar a sorte, com a ousadia e seu poder, com a virtude, nada julgava impossível a uma alma varonil e ousada, nem demasiado forte para uma coragem firme e segura. A este respeito diz-se que quando ele foi cercar a rocha de Sisímetro{1245}, que parecia inteiramente inacessível, de sorte que os mesmos soldados se desesperavam, ele perguntou a Oxiartes, qual o ânimo desse Sisímetro. Respondeu-lhe Oxiartes que ele era o homem mais covarde do mundo. "Está bem — retorquiu Alexandre — pois então a praça é expugnável, se for verdade o que tu dizes, porquanto aquele que a defende, não é homem de coragem", e de fato tomou-a pelo medo que causou a Sisímetro: depois sitiou uma outra, tão íngreme e difícil como esta; fazendo atacá-la por seus soldados macedônios, ele chamou um deles que tinha o nome de Alexandre, como ele e disse-lhe: "Hoje é preciso que te mostres homem de bem, pelo menos pelo nome que trazes". O moço não falhou, pois combateu com tanta coragem, que lá foi morto, o que muito entristeceu a Alexandre.

XCIX. Outra vez, como seus homens tivessem receio de se aproximar da cidade de Nise{1246}, porque perto dela corre um rio mui profundo, ele apareceu na margem e disse: "Ó covarde que eu sou, que não aprendi a nadar?" E tentou atravessar o rio a nado, sobre seu escudo: depois de ter feito cessar o assalto, vieram a ele alguns embaixadores das cidades sitiadas, para lhe pedir perdão, os quais ficaram muito admira dos por ver o exército, de todas as armas, sem cerimonia, em redor de sua pessoa; mais, ainda, porém, quando, sendo-lhe trazido uma almofada, ele mandou ao mais velho dentre eles que se chamava Acufis, que a tomasse e se sentasse. Acufis, admirado por mais esta grande gentileza e cortesia, perguntou-lhe o que

queria que eles fizessem, para sempre, para serem bons amigos. "Eu quero — disse ele — que aqueles em nome dos quais tu vens, em embaixada para mim te escolham como príncipe e que eles me mandem como reféns cem dos melhores homens dentre eles". Acufis se pôs a rir por esta ordem, e replicou-lhe: "Na verdade, Sire, eu os governarei, bem melhor e mais facilmente mandando-te os piores, que não os melhores".

C. Havia também um rei de nome Táxilo, que governava um país nas índias de não menor extensão, ao que se diz, que todo o Egito, rico em pastagens e abundante em toda a espécie de frutos, dos quais não pode haver melhores no mundo e era um homem sensato, o qual depois de ter saudado Alexandre disse-lhe: "Que necessidade temos nós de nos combatermos e guerrearmo-nos mutuamente, Alexandre, se tu não vens para nos tirar a água nem o resto do que nos é necessário para nossa alimentação? Por estas coisas unicamente, os homens de bom senso deve m lutar: quanto aos outros bens e riquezas, se os tenho mais que tu, estou pronto para reparti-los contigo, e se eu tiver menos, não deixarei de te agradecer se me quiseres dar dos teus". Alexandre sentiu prazer ao ouvir falar deste modo, tão sensatamente, abraçou-o e disse-lhe: "Julgas que esta nossa entrevista vai te rminar sem combate, não obstante todas estas boas palavras e tão amáveis gentilezas? Não, não! Nada ganhaste: pois eu quero combater-te e combater-te com a cortesia e a honestidade, a fim de que não me superes em beneficência e bondade". Assim, recebendo dele vários e valiosos presentes e dando-lhes ainda maiores, finalmente, num banquete, bebendo à sua saúde, disse-lhe: "Eu bebo, por ti, mil talentos{1247} de ouro cunhados em moedas". Esse presente aborreceu muito aos seus familiares, mas em compensação granjeou-lhe os corações de vários príncipes e senhores bárbaros do país.

CI. Havia alguns homens, soldados da índia, os mais belicosos do país, que vivendo do soldo ordinário, punham-se a serviço de boas cidades livres e as defendiam valentemente, causando muitos prejuízos e obstáculos em vários lugares a Alexandre, o qual marcou uma entrevista com eles numa cidade, onde eles se haviam reunido; quando saíam, sob a garantia do acordo que haviam realizado, ele os encontrou pelo caminho, quando se retiravam e passou-os todos a fio de espada. Encontramos apenas esta mácula em todos os grandes feitos de armas, de Alexandre, que diminuem um tanto a sua honra: pois, afinal, ele sempre e em tudo procedeu de maneira justa e digna de um rei em todas as outras guerras. Finalmente, os filósofos e homens de letras dos indianos não lhe davam menos trabalho, porque censuravam e incitavam os príncipes e reis que se entregavam a ele e faziam as cidades livres tomar as armas contra ele e por essa razão mandou enforcar a vários deles.

CII. Com relação ao rei Poro, o mesmo Alexandre em suas cartas descreve detalhadamente o que fez contra ele: como o rio Hidaspes corria entre os dois exércitos, Poro conservava sempre seus elefantes na outra margem, em fila, com a cabeça voltada para os inimigos, para cortar-lhes a passagem, e ele{1248} fazia todos os dias grande barulho e grande tumulto no acampamento a fim de acostumar os bárbaros a não se admirarem com isso; tendo escolhido uma noite muito escura, quando a lua não brilhava, tomou uma parte de seus homens de infantaria e a fina flor da sua cavalaria e foi para bem longe dos inimigos, passou a uma ilha que não era muito grande; apenas lá havia chegado, levantou-se horrível tempestade, com chuva raios, trovões, que caíam sem cessar, em seu campo, de tal sorte que ele viu, diante de seus olhos, muitos dos seus soldados e fulminados pelo raio, naquela ilha; mas nem por isso desistiu de chegar de qualquer modo à outra margem. Ora, o rio tendo crescido por causa das chuvas da noite precedente, abriu uma enorme brecha por onde grande parte da água se escoou; assim ele encontrou-se, depois que passou para a outra margem do rio, entre duas águas mal seguras, não tendo pé firme, porque a terra encharcada, escorregava, e a impetuosidade das águas do rio minava-a e a rompia de um lado e outro. Foi aí que, segundo está escrito, ele disse: Ó atenienses, vós não podeis imaginar quantas tribulações e perigos eu passo, para ser louvado polvos?" Onesícrito, é que assim narra, ele mesmo, porém, escreve, que lá deixaram as jangadas, sobre as quais tinham passado o grande leito do no e o haviam atravessado com as armas às costas, passando os braços pela abertura, mergulhados dentro

d’água até o peito e tendo-o passado, por fim, ele percorreu com sua cavalaria mais ou menos cinco quartos de légua antes da batalha de sua infantaria, imaginando que, se os inimigos viessem a se chocar com seus soldados, ele seria muito mais forte e se eles mandassem adiante os soldados de infantaria, os seus poderiam chegar em tempo. Uma das duas hipóteses aconteceu como ele havia imaginado: mil cavalos e sessenta carros armados dos inimigos lançaram-se diante de sua tropa e ele os derrotou, tomou todos os carros e dos soldados, ficaram uns quatrocentos mortos no campo.

CIII. Por isso Poro, sabendo por esses indícios que Alexandre viera em pessoa, foi ao seu encontro, com todo o exército, excetuada a parte que ele deixou atrás, para fazer frente ao resto dos macedônios, se tentassem passar o rio. Alexandre temendo, porém, a grande multidão dos inimigos e a violência dos elefantes, não ofereceu combate no meio, mas comandando a ala esquerda de sua linha de batalha, atacou um lado da dos inimigos{1249}, ordenando aos que estavam à sua direita que fizessem o mesmo por seu lado ao mesmo tempo: assim foram derrotadas as duas extremidades do exército dos inimigos, e postas em fuga, mas os que tinham sido atacados, retiraram-se para junto dos elefantes e se reuniram em torno deles{1250}. Travada a batalha, foi longa a luta, de tal modo que os bárbaros só foram derrotados completamente, às três horas depois de meio-dia. Assim o descreve em suas cartas aquele mesmo que obteve a vitória. A maior parte dos historiadores está de acordo em escrever, que Poro tinha quatro côvados e um palmo de altura e quando sentava em cima de seu elefante, nada havia que o igualasse em altura, tamanho e estatura, proporcionados a sua montaria, pois era um elefante bem grande, o qual mostrou nesse combate uma extraordinária prudência natural e um grande cuidado em salvar o rei, seu amo: enquanto percebeu que se sentia forte, combateu sempre corajosamente, e repeliu os que vinham contra ele: mas quando percebeu que pelos golpes de dardos e outros ferimentos que ele tinha recebido, as forças lhe começaram a faltar, temendo que ele caísse por terra, abaixou-se devagar, dobrando os joelhos e foi tirando delicadamente com a tromba os dardos e as flechas que ele tinha em seu corpo, arrancando-os um a um.

CIV. Tendo Poro sido aprisionado, Alexandre perguntou-lhe como o haveria de tratar. Poro respondeu que o tratasse de maneira real. Alexandre então insistiu, se ele queria dizer mais alguma coisa e ele retorquiu que tudo estava compendiado naquela palavra, real. Por isso, Alexandre não somente deixou-lhe as províncias de que antes já ele era rei, para dali por diante governá-las como sátrapa, mas também acrescentou-lhe ainda muitos outros territórios. E tendo também submetido povos livres, dos quais contava quase quinze nações, cinco mil cidades, um sem-número infinito de aldeias e ainda três vezes tanto de outro país, lá colocou como governador e sátrapa um de seus familiares, que se chamava Felipe. Nessa batalha morreu seu bom cavalo Bucéfalo, não no combate, mas depois, quando o curavam dos ferimento s recebidos, ou como diz Onesícrito, de velhice, por ter trabalhado demais, pela sua idade, pois tinha trinta anos quando morreu: Alexandre ficou muito sentido, como se tivesse perdido um familiar e amigo, tanto que fez construir uma grande cidade no lugar onde ele fora enterrado, à margem do rio de Hidaspes, à qual chamou Bucefália. Diz-se também que tendo perdido um cão de nome Peritas, que ele havia criado e que estimava, mandou, do mesmo modo, construir uma cidade à qual deu-lhe o nome. Socion{1251} escreve que soubera a mesma coisa de Potamon, o Lesbiano.

CV. Esta última batalha contra o rei Poro satisfez os macedônios de modo que não tinham ânimo de continuar a conquista do resto das índias; considerando que haviam suportado tantas fadigas na árdua empresa, embora Alexandre ainda tivesse vinte mil soldados de infantaria e dois mil de cavalaria, eles se opuseram firme e fortemente ao rei, quando os quis forçar a atravessar o rio Ganges, porque ouviram habitantes da região dizer que o mesmo tinha duas léguas de largura e cem braças de profundidade e a margem do outro lado estava toda coberta de guerreiros, de cavalos e de elefantes, porque diziam que os reis dos gangandas{1252} e dos presianos os esperavam com oitenta mil combatentes a cavalo e duzentos mil de infantaria, oito mil canos de guerra bem armados, seis mil elefantes, muito

aguerridos. Tudo isso não era falso, nem exagerado e imaginado, porque um certo rei, de nome Androcoto, que reinou pouco tempo depois, deu a Selêuco quinhentos elefantes por uma taça e com um exército de seiscentos mil combatentes atravessou, conquistou e submeteu toda a Índia.

CVI. Alexandre, irado com a recusa de seus soldados, ficou alguns dias encerrado em sua tenda, deitado por terra, dizendo, que não lhes seria grato pelo que eles tinham feito até então, se não passassem o rio Ganges e que voltar atrás, outra coisa não era que confessar-se vencido. Mas quando viu e considerou que havia grande sinceridade nas manifestações que seus amigos lhe faziam, para reconfortá-lo e consolá-lo e que os soldados vinham à sua porta clamar e lamentar-se, pedindo que os levasse adiante, sentiu compaixão e convenceu-se em fazê-los voltar; todavia antes de partir, imaginou alguns expedientes falsos e curiosos para perpetuar e aumentar a glória de seu nome naquelas terras: mandou forjar armas maiores, manjedouras e coxos para os cavalos, mais altos que os ordinários, freios mais pesados que os comuns e os mandou espalhar cá e lá. Mandou também construir grandes altares em honra dos deuses, que os reis dos preses ainda hoje têm em tanta veneração que atravessando o rio, vêm ali fazer seus sacrifícios a maneira dos gregos. Androcoto era então um belo moço; depois de ter visto Alexandre, disse que bem pouco faltou para que ele tomasse e conquistasse todo o país, porque o rei que então governava era desprezado e odiado por seus súditos por causa da sua maldade e pela abjeção do lugar de onde ele era originário. Partindo dali, ele quis ir ver o grande Oceano; mandou construir vários barcos de remos e diversas jangadas nos quais navegou comodamente pelos rios: mas esta viagem, no entretanto, não foi ociosa nem sem guerra, pois frequentemente ele vinha à terra, atacava as cidades, conquistando tudo por onde passava.

CVII. Atacando a cidade dos malianos{1253}, os quais, dizem, são os mais belicosos de toda a índia, pouco faltou que fosse morto e feito em pedaços: tendo repelido a golpes de dardos os que defendiam as muralhas, ele na frente, subiu à primeira delas, por uma escada, que se partiu, quando ele lá chegou; os bárbaros então, reunindo-se junto da muralha, desferiram-lhe, de baixo, vários golpes; poucos dos seus estavam perto dele e então do alto para baixo ele lançou-se no meio dos inimigos, onde por sorte caiu de pé; os bárbaros, porém, assustaram-se, porque suas armas retiniram com a queda, imaginaram ver um fantasma que caminhava diante deles e então fugiram desordenadamente, esparramando-se cá e lá, mas depois, voltando a si do espanto, quando perceberam que apenas dois de seus escudeiros estavam perto dele, atiraram-se todos na sua direção, uns com dardos outros com espadas, chegando a feri-lo através de sua armadura: um deles, por trás desferiu-lhe um golpe de flecha, tão violento e tão rápido que furou a couraça e entrou-lhe na carne, na altura do peito. O golpe foi tão forte que ele, perdendo as forças, caiu de joelhos: aquele que havia desferido o golpe, correu depressa com a cimitarra desembainhada na mão, mas Peucestas e Limneu{1254} lançaram-se à sua frente e foram ambos feridos; Limneu morreu na hora e Peucestas enfrentou-os, enquanto o próprio Alexandre matava o bárbaro com suas próprias mãos, depois de ter recebido várias fendas pelo corpo todo. Finalmente desferiram-lhe um golpe de cacete na nuca, deixando-o atordoado: ele apoiou-se na muralha, olhando para os inimigos; no mesmo instante, porém, correram os macedônios, de todos os lados e o levaram para sua tenda, fora de si, tendo mesmo quase perdido o uso da razão: pelo que correu imediatamente a voz por todo acampamento que ele tinha morrido. Houve grande dificuldade e muito trabalho para se serrar a flecha que era de madeira; assim, com dificuldade, também tiraram-lhe a couraça e foi preciso ainda arrancar o ferro{1255} da flecha que havia se fixado dentro de um osso e tinha quatro dedos de comprimento e três de largura, ao que se diz: por isso, arrancando-a, ele ficou fora de si, e todos pensaram que ia morrer: todavia, por fim, escapou desse perigo: mas sentindo-se muito fraco ficou muito tempo convalescente, completando sua cura sem sair de seu aposento; um dia ouviu os macedônios que gritavam e faziam grande alando diante de sua tenda, pelo desejo que tinham de vê-lo. Tomou então uma longa veste e saiu para fora: depois de ter sacrificado aos deuses, pelo seu restabelecimento, retomou o caminho, durante o qual subjugou ainda vários países, aliás grandes, e tomou muitas cidades importantes.

CVIII. Aprisionou também dez sábios do país dos que andam nus e são chamados de gimnosofistas; estes haviam feito Sabas rebelar-se contra ele e causaram muito dano aos macedônios: e como eram tidos como os mais sagazes, mais sutis e mais breves em suas respostas, ele lhes propôs várias perguntas, que pareciam sem respostas, ordenando-lhes que as respondessem do contrário mandaria matar o primeiro que tivesse errado na resposta e todos os outros, depois: um, dos que parecia o mais velho de todos foi o juiz das respostas. A pergunta que fez ao primeiro foi: "Qual julgava ele seriam em maior número, os mortos ou os vivos? —- Ele respondeu que eram os vivos: porque, disse, os mortos não existem mais. Ao segundo, perguntou, quem alimenta maior número de animais, a terra ou o mar? Ele respondeu que era a terra, porque o mar é uma parte dela. Ao terceiro qual é o mais fino dos animais? Ele respondeu, que era aquele que o homem ainda não conheceu. Ao quarto: por que havia feito Sabas revelar-se. Para que, disse ele, vivesse honradamente ou morresse desventuradamente{1256}. Ao quinto: o que existira primeiro, o dia ou a noite. Ele respondeu: o dia antecedeu de um dia. E como o rei achasse que esta resposta era estranha, ele acrescentou: A perguntas estranhas é necessário que as respostas também sejam estranhas. Passando adiante, perguntou ao sexto: qual o meio pelo qual o homem mais se poderia fazer amar. Sendo muito bom e não se fazendo temer. Ao sétimo perguntou: como um homem poder-se-ia tornar deus. Fazendo algo impossível ao homem, ele respondeu. Ao oitavo: qual era mais forte, a vida ou a morte, ele respondeu que era a vida, porque suporta tantos males. E ao último: até que idade é bem que o homem viva. Até que, respondeu ele, não julgue o morrer melhor do que o viver". Ouvidas estas respostas, voltou-se para o juiz ordenando que pronunciasse as sentenças. Este disse: "Todos responderam cada qual, um pior do que o outro". Então Alexandre retorquiu: "Tu morrerás por primeiro, tendo dado tal sentença". "Não o farás, Sire, se não quiseres passar por mentiroso, porque tu mesmo disseste que farias morrer por primeiro aquele que tivesse respondido pior". Por fim ele os mandou a todos embora, dando-lhes ainda presentes.

CIX. Mandou também Onesícrito aos outros sábios indianos, que eram dos mais apreciados e tidos como os mais honrados, e viviam segregados, para pedir que viessem ter com ele. Onesícrito tinha sido discípulo de Diógenes, o Cínico, ao qual, diz-se que Calano, um destes sábios, disse altiva e arrogantemente que se despojasse de suas vestes para ouvir suas palavras, nu, do contrário, não lhe falaria, nem mesmo que ele viesse da parte de Júpiter; mas Dandâmio respondeu-lhe mais gentilmente: e tendo-o ouvido falar das qualidades de Sócrates, Pitágoras e Diógenes, ele disse que aqueles personagens lhe pareciam ter sido ilustres e inteligentes, mas que tinham demasiadamente reverenciado as leis, em sua vida: todavia, outros escrevem que Dandâmio somente lhe perguntou porque Alexandre tinha feito tão longa viagem, para vir até às índias. Calano, porém, instado pelo rei Táxíío, persuadiu-se a ir ter com Alexandre. Seu verdadeiro nome era Esfines: mas, porque ele saudava aos que encontrava, na sua língua indiana, dizendo Cale, que significa, deus vos guarde, os gregos o apelidaram de Calano: diz-se, que ele apresentou a Alexandre uma imagem do seu império: jogou no chão, diante dele, um couro seco e curtido, depois, colocou um pé sobre uma das pontas. O couro, pisado naquela parte, levantou-se, em todos os outros lados; andando em redor sobre as bordas do mesmo, fez-lhe ver que o couro pisado de um lado, se levantava de todos os outros; depois colocou o pé no meio do couro: então ele ficou, abaixado por igual. Queria dar a entender com essa semelhança a Alexandre, que ele devia de modo especial fixar-se no meio do seu império e lá ficar o mais tempo possível, sem se afastar demasiado do centro.

CX. O resto da viagem que Alexandre empreendeu pelos rios, para ir ver o grande Oceano, durou sete meses inteiros: entrando no navio navegou até uma pequena ilha, à qual chamou de Cilustin{1257} e que outros denominam Psituloin, onde desembarcou e ofereceu sacrifícios aos deuses; de aí contemplou o espetáculo do grande mar Oceano, a extensão de toda aquela costa marítima, tanto quanto ali pôde penetrar. Depois, tendo rogado aos deuses, que jamais conquistador algum depois dele passasse além dos limites da sua viagem, ele voltou atrás; mas, quis que os navios que estavam no mar, fizessem a volta, deixando as índias a direita; constituiu a Nearco, comandante da esquadra e Onesícrito, piloto principal. No entretanto,

ele mesmo, se pôs a caminho por terra, pelo país dos Ontas{1258} onde se encontrou em extrema necessidade de víveres e perdeu muitos homens; não conseguiu por isso levar das índias, a quarta parte dos soldados que havia trazido, os quais perfaziam um total de cento e vinte mil combatentes de infantaria e mais ou menos quinze mil de cavalaria: uns morreram de doenças, outros por terem comido coisas más, outros por causa do calor e das extremas secas: mas a maior parte morreu de fome, atravessando uma região não cultivada nem semeada, habitada por pobres homens que viviam em extrema penúria, não tendo meios nem recursos, com apenas algumas ovelhas, que eles nutriam de peixes do mar, cuja carne tem mau cheiro. Por fim, tendo atravessado este país com muitas dificuldades durante sessenta dias, entrou em Gedrosia, onde encontrou abundância de toda espécie de alimento, que os governadores lhe forneceram, bem como príncipes e reis vizinhos mais próximos daquela marca.

CXI. Depois de ter descansado e refocilado um tanto seus homens, retomou o caminho através da Carmânia{1259}, onde ficou durante sete dias, banqueteando-se continuamente, percorrendo o país; ele estava num estrado, mais longo que largo, alto, puxado por oito cavalos, em contínu o banquete com seus amigos íntimos, noite e dia: a este estrado-carro seguiam vários carros cobertos, uns com belíssimos tapetes e ricos panos de púrpura, outros com belos ramos verdes que eram renovados na entrada de cada acampamento, onde estavam os outros amigos e oficiais, coroados de flores, que bebiam e os recebiam festivamente. Não se viam capacetes nem lanças, dardos ou escudos em todo o exército, mas por todo o caminho os soldados empunhavam vasos com bebidas, taças, copas{1260}, copos de ouro e prata, tirando o vinho de grandes barris e tonéis sem tampa, dos quais todos bebiam, uns andando pelos campos, caminhando sempre, outros, porém, sentados a mesas; ouviam-se sons de flauta e oboé, gritos e canções, danças de mulheres que bailavam e sorriam por todo o caminho: nessa maneira dissoluta de caminhar pelo país em tanta devassidão, cada qual procurava ainda imitar a imoralidade das Bacanais, como se o deus Baco estivesse presente em pessoa guiando e dirigindo aquele espetáculo cómico. Por fim chegou ao palácio real da Gedrosia; lá ficou alguns dias para descansar seus soldados, com festas, banquetes e festins, onde, diz-se, que um dia depois de ter bebido muito, foi assistir ao concurso de danças, com prémios ; dentre todas, a de Bagoas, um moço, de quem Alexandre gostava, obteve a vitória e ele ainda vestido como estava, com os atavios do baile, passou pelo teatro e foi sentar-se perto de Alexandre; os macedônios aplaudiram, puseram-se a bater palmas e solt ar exclamações de alegria, dizendo em voz alta que o beijasse; era tal o barulho que, por fim ele o tomou nos braços e o beijou diante de todos. Depois Nearco foi ter com ele e referiu-lhe tudo o que havia feito e visto na sua viagem de navegação: ele ficou muito satisfeito e teve vontade de navegar também, de entrar, pela foz do Eufrates, no Oceano, com uma grande esquadra e costear toda a Arábia e a África, para depois tornar a entrar no mar Mediterrâneo, pelo estreito das colunas de Hércules: com esse fim mandou construir grande número d e navios, na cidade de Tapsaco{1261}, e começou a reunir os marinheiros para as equipagens, pilotos e homens de todas as classes.

CXII. Por fim, a dificuldade da viagem que ele empreendera para a conquista das índias, o perigo que passara combatendo contra os malianos, e o grande número de homens, que, se dizia, ter ele perdido nessa expedição, tudo isso juntamente fazia crer que ele jamais chegasse a salvamento e deu ânimo aos povos, que ele havia conquistado, para se sublevarem e, a seus lugar-tenentes e governadores das províncias, a ocasião de cometer mil ações más, roubos, saques, e a opressão dos povos. Numa palavra, isso pôs seus territórios em grande agitação e causou grandes mudanças, tanto que Olímpia e Cleópatra, divergindo contra Antípater, dividiram entre elas o seu governo, tomando Olímpia o reino do Épiro e Cleópatra, o da Macedônia. Alexandre, sabendo disso, disse que sua mãe tinha sido mui sensata, porque jamais os macedônios tinham consentido em serem governados por uma mulher. Por isso mandou de novo Nearco ao mar, determinando encher novamente de armas e de guerra, todas as costas e todas as províncias marítimas. Ele mesmo em pessoa, visitando os países afastados do mar, castigava os comandantes e os governadores que haviam procedido mal no seu cargo, dentre os quais, matou com um golpe de lança, que lhe atravessou o corpo, a Oxiartes, um dos filhos de Abulites. Abulites mesmo, não tinha feito provisão alguma de víveres para seu exército, mas tinha preparado e reunido três mil talentos{1262} somente, ele

mandou pôr o dinheiro diante de seus cavalos, os quais não o provaram absolutamente: então ele lhe disse: "De que me serve agora a tua provisão?" E mandou prendê-lo.

CXIII. Passando pela Pérsia, renovou o antigo costume, de quando os reis voltavam de uma longa viagem, davam a todas as mulheres um escudo{1263} a cada uma, e por isso, dizem, que alguns de seus reis não vinham frequentemente ao país e Oco, dentre eles, jamais lá esteve, nem mesmo uma única vez, exilando-se voluntariamente de sua pátria, por sua mesquinhez e avareza, a fim de não fazer semelhante gasto. Tendo encontrado a sepultura de Ciro, violada e despojada, mandou matar quem a profanara, embora fosse nativo de Pela, na Macedónia, homem de qualidade, chamado Polímaco: tendo lido a inscrição que estava gravada em caracteres e na língua persa, quis que também se escrevesse em letras gregas, por baixo, mais ou menos estas palavras: "Ó homem, quem quer que tu sejas e de que parte tu venhas, pois eu sei que virás: Eu sou Ciro, aquele que conquistou o império dos persas, e rogo-te que não tenhas inveja deste pouco de terra que cobre meu pobre corpo". Estas palavras despertaram a compaixão na alma de Alexandre, quando ele considerou a incerteza e a instabilidade das coisas humanas.

CXIV. Ali mesmo, Calano, tendo estado por certo tempo indisposto com diarreia, pediu que lhe preparassem uma fogueira, como a que se faz para cremar o corpo de um morto e foi para lá a cavalo: depois de ter feito aos deuses a sua oração, derramou sobre si mesmo as efusões que se costumam derramar sobre os ataúdes dos mortos; cortou uma mecha de seu cabelo, antes de subir à fogueira, despediu-se de todos os macedônios, que lá estavam, apertando-lhes a mão e rogando-lhes que se alegrassem e fossem banquetear-se com o rei, o qual ele havia visto pouco antes, na cidade de Babilónia. Ditas estas palavras deitou-se sobre a fogueira, cobriu o rosto e não se moveu mais, mesmo quando o fogo começou a envolvê-lo: mantendo-se sempre na mesma posição, em que se deitara, sacrificou-se a si mesmo, conforme o costume dos sábios do país. O mesmo fizera, muitos anos antes um outro indiano, que seguia a Júlio César, na cidade de Atenas e lá se vê, ainda hoje, uma sepultura a que chamam de sepultura do indiano. Alexandre, voltando, depois de ter visto este fogo, convidou vários de seus amigos para jantar com ele; então ofereceu o prémio de uma coroa para aquele que mais bebesse. Venceu, um certo Prômaco, tragando quatro cântaros de vinho e ganhou a coroa, que valia seiscentos escudos, mas viveu somente três dias; dos outros, que tomaram parte nesse jogo, de beber à porfia, morreram quarenta e um, como refere o mesmo Cares, porque sobreveio um grande frio durante a embriaguez, causada pelo vinho.

CXV. Quando chegaram à cidade de Susa, realizaram-se os casamentos de seus mais íntimos amigos e ele também desposou Estatira, uma das filhas de Dário, repartindo igualmente todas as demais damas persas, de sangue nobre e da mais alta linhagem, aos maiores de seus amigos. Fizeram festas públicas e solenes dos esponsais dos macedônios, mesmo daqueles que já se haviam casado antes; nesse banquete, escreve-se, que havia nove mil pessoas sentadas à mesa; a cada uma delas foi dada uma taça de ouro, para oferecer o vinho em honra dos deuses: além dessas magníficas demonstrações de luxo ele perdoou todas as dívidas dos macedônios, que montavam à soma de dez mil talentos{1264} menos cento e trinta. Antígenes, o Zarolho, meteu-se entre os endividados, por meio de falsos documentos, levando consigo um tal que afirmava ter ele emprestado dinheiro ao banco. Alexandre fez pagar-lhe a importância: mas depois verificando contra ele, que tudo era falso, ficou muito irritado e o expulsou de sua corte, privando-o do cargo de comandante, embora fosse valente e muito perito na guerra, pois quando ainda jovem, levara um golpe de dardo num dos olhos, perto da cidade de Perinto, que Felipe havia assediado; queriam arrancar-lhe o dardo logo em seguida, mas ele não esmoreceu por causa desse ferimento, nem permitiu que lho arrancassem, antes de ter repelido e levado os inimigos até dentro de suas muralhas. Recebeu porém, muito sentidamente esta punição, e a levou tanto a sério, que se via claramente que morreria de dor e de tristeza: Alexandre temendo isso, perdoou-o e quis ainda que ele conservasse o dinheiro que lhe havia entregue.

CXVI. Os trinta mil moços que ele tinha deixado ao cuidado dos mestres para que os educassem, formassem e exercitassem em tudo o que se refere ao mister da guerra, haviam crescido e se tornado fortes e valentes, belos de rosto e extraordinariamente dispostos e hábeis para as armas; vendo-os em seus exercícios, Alexandre ficou extremament e alegre; isso, porém, desalentou muito os macedônios, enchendo-os de grande temor, porque julgaram que de então em diante o rei fana menos conta deles: por isso, quando ele quis mandar para as regiões do sul, perto do mar, os doentes e os inválidos, que haviam perdido algum membro na guerra, eles responderam que isso era uma injustiça e uma injúria que ele lhes fazia, afastando de si aqueles pobres homens, depois de se ter aproveitado de sua atividade, reenviá-los assim às suas casas, em condições muito diferentes das em que eles então se encontravam quando foram tirados. Por isso, diziam eles se queria despedir a uns, o fizesse cem todos, e a todos julgasse inúteis, mesmo porque ele tinha junto de si, seus belos dançarinos, diziam, com os quais iria acabar de conquistar toda a terra habitável. Alexandre ficou muito indignado com estas palavras, de tal modo que lhes lançou toda espécie de injúrias e expulsando seus guardas ordinários, tomou outros persas, fazendo deles seus guardas pessoais e satélites, mordomos, porteiros, arautos e executores de suas ordens: os macedônios vendo-o acompanhado por outros e eles mesmos desprezados, afastados, rejeitados e vergonhosamente postos de lado, sentiram deprimir-se-lhes muito a coragem; depois de terem comentado o fato ficaram fora de si de inveja e de despeito. Finalmente, fizeram um acordo e foram, espontaneamente, sem armas, seminus, p ostar-se diante da tenda do rei, gritando e chorando, rogando-lhe que fizesse deles o que quisesse, como maus e ingratos, que eram; mas ele, embora sua raiva começasse a se abrandar não os recebeu, dessa primeira vez; e eles também não se foram embora; ali ficaram por dois dias e duas noites, diante de sua porta, naquele estado, lastimando-se e chamando-o de soberano e de rei, até que por fim, no terceiro dia, saindo de seu aposento e vendo-os aflitos e chorosos, em estado lastimável, começou também ele a chorar: depois, falou um pouco com eles, dirigindo-lhes palavras amáveis e dando-lhes permissão para se retirar, a todos os que se tinham tornado inábeis para a guerra, após lhes haver dado magníficos presentes; escreveu ao seu lugar-tenente Antípater, que em todas as assembleias de jogos e de divertimentos públicos, eles fossem preferidos e se sentassem nos melhores lugares, coroados de flores e quis ainda que as crianças órfãs dos que haviam falecido, ao seu serviço, recebessem o soldo de seus pais.

CXVIL, Por fim, tendo chegado à cidade de Ecbátana{1265}, no reino da Média, depois de ter despachado os negócios mais importantes, deu-se de novo aos divertimentos, às festas e passatempos públicos, tendo mandado vir da Grécia uns três mil mestres e operários para tais diversões. Mas, aconteceu, por aquele mesmo tempo, que Heféstio caiu doente de febre, e como jovem guerreiro que era, não teve o necessário cuidado com o alimento; aproveitando a ocasião, por ter seu médico Glauco se ausentado, porque fora ao teatro ver os jogos, posse a jantar, comeu frango assado, bebeu um copázio de vinho que mandara refrescar; a febre, com isso, aumentou e ele em pouco tempo morreu. Alexandre muito sofreu com esse fato; mandou ainda que as crinas dos cavalos e burros, em sinal de luto, fossem imediatamente cortadas e que todas as ameias das muralhas das cidades fossem igualmente abatidas; mandou enforcar o pobre médico, proibindo que tocassem flauta ou outro qualquer instrumento de música no seu acampamento até que lhe trouxessem um oráculo de Júpiter Amon, pelo qual se ordenava que se reverenciasse a Heféstio e se lhe sacrificasse como a um semideus. Por fim, para mitigar o luto, e passar um pouco o enfado, foi à guerra, como à caça de homens, onde submeteu a nação dos Cosseios{1266} que exterminou completamente, matando até as crianças; a isso ele chamou o sacrifício dos funerais de Heféstio. Tendo vontade de gastar em sua sepultura e no aparato das suas homenagens dez mil talentos{1267} e de sobrepujar ainda as despesas pela singularidade das manifestações e excelência da arte, ele quis, entre os outros mestres engenheiros, um certo Estasicrates, porque suas ideias tinham sempre algo de grandioso, de cucado, de magnífico: um dia, conversando com „ ele, disse-lhe, que de todas as montanhas que ele conhecia no mundo, nenhuma havia mais própria para dela se modelar a estátua de um homem, do que o monte Ato na Trácia e, se ele quisesse, fazer-lhe-ia Já a mais bela e a mais duradoura estátua, de que jamais se teve notícia em todo o mundo, a qual em sua mão esquerda sustentaria uma cidade habitável por dez mil pessoas e na direita despejaria um grande rio no mar: todavia Alexandre, não o quis escutar, mas preferia conversar com os construtores sobre inovações bem mais exóticas e de muito maior custo e

despesa.

CXVIII. Ao tomar o caminho para Babilónia, Nearco chegou de novo, do grande Oceano, pelo no Eufrates e disse-lhe, que se haviam dirigido a ele alguns adivinhos caldeus, que o aconselhavam a não entrar em Babilónia; Alexandre não deu importância alguma a isso e continuou o caminho; mas quando estava perto das muralhas, percebeu um grande número de corvos que crocitavam e se entrechocavam, uns contra os outros, de modo que alguns chegaram a cair perto dele: tendo-lhe sido referido que o comandante de Babilónia, Apolodoro, tinha sacrificado aos deuses para saber o que seria dele, mandou chamar o adivinho Pitágoras, para indagar se era verdade. O adivinho não negou o fato e Alexandre perguntou-lhe quais eram os sinais do sacrifício: ele respondeu que não haviam encontrado a frente do fígado. "Ó deuses, disse então Alexandre, eis um grande presságio!", todavia, por isso não demonstrou nenhum desprazer a Pitágoras, mas bem se arrependeu de não ter prestado fé às palavras de Nearco.

CXIX. Por isso, ele sempre acampava fora de Babilónia e distraía-se pelas margens do rio Eufrates: aconteceram vários sinais e presságios, uns após outros, que o aborreceram. Dentre os quais., um asno comum atacou o mais belo e o mais forte dos leões de Babilónia e o matou com um coice. Outro dia, quando ele estava despido para se friccionar com óleo, a fim de jogar a pela, quando foi retomar suas vestes, os moços que jogav am com ele, encontraram um homem sentado no seu trono, o qual não disse uma palavra, mas havia posto o diadema real na cabeça e a veste real, às costas; perguntaram quem ele era e ele ficou muito tempo sem responder, até que, quase voltando a si, disse que se chamava Dionísio, nativo de Messina e por algumas acusações que lhe haviam feito, tinha sido mandado do mar até ali onde o haviam conservado prisioneiro por muito tempo, mas, há pouco, o deus Serápis tinha-lhe aparecido, soltando-lhe os ferros e ordenando que tomasse aquelas vestes e o diadema do rei e se sentasse no trono, sem dizer uma palavra sequer

CXX. Ouvindo isso, Alexandre mandou matar o homem, fazendo o que os adivinhos lhe haviam aconselhado: mas ficou imensamente triste e apreensivo por ser destituído do auxílio dos deuses e também de cair em breve desconfiança, ante seus amigos, dentre os quais, ele mais temia a Antípater e seus filhos, do que os outros; um, de nome Iolas, era seu primeiro copeiro e outro, de nome Cassandro, que há pouco chegara ao país, a primeira vez que ele viu alguns bárbaros fazendo reverência a Alexandre, sendo educado na Grécia, jamais havia visto coisa semelhante; começou então a rir-se com tanta força e com ruído que irritou Alexandre; este agarrou-o pelos cabelos, com ambas as mãos e bateu-lhe a cabeça na parede. Outra vez, Cassandro se pôs a responder a alguns, que acusavam a Antípater, seu pai; Alexandre repreendeu-o acremente, dizendo-lhe: "Que queres alegar? Pensas que esta gente empreendeu tão longa viagem para caluniar injusta e falsamente teu pai, se ele não lhes tivesse feito alguma injustiça?" Cassandro, então replico u-lhe, que aquilo mesmo que ele dizia era indício evidente e presunção grande de calúnia, que eles tinham vindo de tão longe a fim de que não se pudesse com muita rapidez verificar e confirmar a falsa acusação: pelo que Alexandre se pôs a rir alto, dizendo: "E is as argucias e sutilezas de Aristóteles, para provar o pró e o contra; mas isso não impedirá que eu vos castigue bem, se conseguir provar que fizestes injustiça a esta gente". Em suma, dizem que desde então ele imprimiu bem na mente de Cassandro um tal medo, que durou por muito tempo; mais tarde, quando ele já era rei dos macedônios e tinha toda a Grécia em suas mãos, passeando pela cidade de Delfos e olhando as estátuas que lá existem, viu uma de Alexandre e ficou tão assustado, que seus cabelos se eriçaram na cabeça e ele tremeu tanto que muito tempo levou para de novo se acalmar.

CXXI. Alexandre, depois que se deixou dominar por essa desconfiança do auxílio dos deuses, ficou meio perturbado dos sentidos e tão abalado, em seu juízo, que nada por menor que fosse, lhe sucedia que ele não tomasse logo um sinal de presságio celeste; seu aposento

estava sempre cheio de sacerdotes e de adivinhos, que sacrificavam ou que o purificavam ou que se davam às adivinhações: tanto poder tem e eficácia de um lado a descrença e a impiedade, no desprezo dos deuses quando penetra no coração dos homens e por outro lado, também a superstição, serpeando como a água, por entre almas tímidas e abatidas pelo temor, a qual então encheu Alexandre de loucura, uma vez que o temor dela se apoderou.

CXXII. No entretanto, chegaram-lhe algumas respostas, relativamente a Heféstio, do oráculo de Júpiter Amon; ele então deixou o luto e se pôs novamente a dar banquetes e a fazer sacrifícios; homenageou magnificamente a Nearco; depois de se ter banhado como de costume, para dormir, veio um de seus oficiais, Médio, convidá-lo para um banquete, que ele dava em sua residência. Alexandre aceitou-o: lá bebeu toda a noite até o dia seguinte; a tal ponto que teve febre, não por ter bebido toda a taça de Hércules, como alguns escrevem, mas por ter sentido repentinamente uma forte dor entre as espáduas, como se lhe tivessem dado um golpe de lança: tudo isso, porém, parecem coisas escritas por pura invencionice por alguns que quiseram tornar o fim desta grande tragédia, por assim dizer, mais lamentável e digno de piedade: mas Aristóbulo diz, que tendo uma febre violenta e uma grande alteração, bebeu vinho, começou a variar e por fim morreu, no trigésimo dia do mês de junho{1268} : no diário de sua casa está escrito detalhadamente tudo o que ele fazia, e lê-se que, a dezoito de junho, ele adormeceu no banho porque tinha febre.

CXXIII. No dia seguinte depois de se ter lavado e banhado foi para seu quarto, passou todo o dia em casa de Médio, jogando dados, depois, já bem tarde, após se ter banhado e sacrificado aos deuses, comeu e teve febre durante a noite: a vinte, tendo-se banhado de novo e feito o sacrifício ordinário aos deuses, pôs-se à mesa, mesmo dentro da sala de banho, escutando, ao mesmo tempo a Ne arco que lhe falava das suas viagens, das coisas que havia visto e do grande Oceano: a vinte e um, depois de ter feito o mesmo, sentiu-se ainda mais abrasado do que nunca, ardendo em febre alta, durante a noite e todo o dia seguinte; fez-se levar então no seu leito para o grande salão, onde conferenciou com seus generais a respeito de algumas praças fortes e livres, onde colocar seus exércitos, ordenando-lhes que para lá só mandassem soldados bem experimentados. A vinte e três, tendo a febre aumentado ainda mais, ele se fez levar para os sacrifícios e ordenou que seus principais comandantes ficassem sozinhos com ele em seu apartamento e os outros menores, como centenários e comandantes de grupos, vigiassem e ficassem de sentinela, fora. A vinte e quatro, fez-se levar ao outro palácio real, além do lago, onde dormiu um pouco, mas a febre não o deixava e quando seus oficiais vieram para cumprimentá-lo e visitá-lo, ele não falava mais: assim passou o dia vinte e cinco, de modo que os macedônios pensaram que ele tinha morrido, e por isso vieram bater às portas do palácio, clamando, ameaçando seus amigos até que obrigaram a abrir: passaram depois, um por um, desfilando perto do seu leito. Naquele dia Piton e Selêuco por ordem dos principais amigos do rei, foram mandados ao templo do deus Serápis, para saber se para lá levariam Alexandre. O deus lhes respondeu que o deixassem onde estava: lá ele morreu na tarde do dia vinte e oito. Assim está escrito, quase ao pé da letra, com estas mesmas palavras, no diário de sua casa.

CXXIV. No momento ninguém suspeitou que ele tivesse sido envenenado: mas, diz-se, que seis anos depois, descobriram alguns indícios disso, pelo que, sua mãe Olímpia mandou matar muita gente, lançou ao vento as cinzas de Iolas, que antes morrera, porque se dizia, que fora ele que lhe dera o veneno para beber. Os que afirmam ter sido Aristóteles, que aconselhou Antípater a fazê-lo, por meio do qual lhe foi dado o veneno, dizem que um certo Agnotemis assim o narra, depois de o ter ouvido do rei Antígono: e foi o veneno, ao que dizem, uma água fria como gelo, que é destilada numa rocha no território da cidade de Nonacris e recolhida como um orvalho, no côncavo do casco de um asno, porque não há outra espécie de vasilha que a possa conter, tão fria ela é, e penetrante. Outros afirmam que tudo o que se diz desse envenenamento é falso e alegam para prová-lo, um argumento que não se deve desprezar, e é que os principais generais, logo que ele morreu, desentenderam-se completamente entre si, por isso o corpo ficou vários dias completamente nu e insepulto, num país quente e abafado:

e, no entretanto, jamais apareceu sinal algum no corpo que causasse suspeita, nem fizesse desconfiar-se de veneno, mas manteve-se sempre limpo, perfeito e inteiro.

CXXV. Ele deixou Roxana grávida, a qual nessa ocasião era honrada e venerada pelos macedônios, mas ela odiava muito a Estatira, por um ciúme que havia concebido contra ela; Roxana enganou-a por meio de uma carta falsa que lhe mandou, como se Alexandre a chamasse para junto dele: logo que ela chegou, Roxana matou-a, ela e sua irmã, e depois jogou-lhes o corpo dentro de um poço, que depois mandou encher, com o conhecimento e o auxílio de Perdicas, o qual depois da morte de Alexandre, teve grande autoridade e poder por causa de Arideu, que ele sempre levava consigo como salvaguarda de sua autoridade real Arideu tinha nascido de uma mulher de condição baixa e pública, chamada Filina, e não tinha, afinal, bom senso, por uma indisposição de sua pessoa, que não procedia da natureza, nem de outro acidente qualquer fortu ito: pois, ao contrário, diz-se, que na sua primeira infância teve uma boa e amável natureza, mas, depois o corpo, estragado por alguma beberagem que Olímpia lhe dera, e o juízo, vieram a se ressentir por essa causa e ele degenerou.

OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA DE ALEXANDRE. O GRANDE

CAP. V. No grego está a palavra hécatombeon. Nós já dissemos que esse mês ático corresponde, para a maior parte, não ao mês de junho, mas ao de julho; pois começava na lua nova mais próxima do solstício de verão, antes ou depois do solstício, segundo o padre Pétau, depois do solstício, somente, segundo Escalígero. Assim, se supusermos com Dodwell que no primeiro ano da eentésima-segunda olimpíada, o mês ático hécatombeon começou a 14 de julho, 6 do mês de hécatombeon, cairá a 19 de julho; é um duplo erro, que Amyot comete em todas estas circunstâncias, não somente porque ele desorganiza as verdadeiras relações dos meses, mas ainda porque, dando data por data, ele supõe um começo imóvel em meses que, sendo lunares, não podiam deixar de ser variáveis como a lua que os regulava. Quanto à comparação dos meses áticos com os meses macedônios esta matéria esgotou as indagações dos sábios, sem que eles se pudessem pôr de acordo. Nós os vamos apresentar ao leitor na ordem estabelecida pelo padre Corsini sem pretender preferi-lo à de Dodwell ou de Pétau.

Meses Áticos Hécatombeon Métageitnion Boédromion Mémactérion Pyanepsion Poseidon Gamélion Anthestérion Élaphébolion Munichion Thargélion Scirrophorion

Macedônios

Lous

Gorpiaeus Hyperberefcseus Dius

Apellaeus

Audynaeus

Peritius

Dystrus

Xanticus

Artémisius

Daésius

Panemos

Romanos

Julho

Agosto

Setembro

Outubro

Novembro

Dezembro

Janeiro

Fevereiro

Março

Abril

Maio

Junho

O ano dos macedónios começava com Dius, no equinócio de outono.

CAP. XII. Creio que Amyot é o único que conheceu esta edição da Ilíada chamada la correcte. A palavra grega significa uma espécie de cofrezinho onde se punham perfumes ou drogas medicinais. Entre os móveis preciosos de Dário, Alexandre havia tomado um cofre desse género, de ouro, adornado de diamantes, onde ele encerrou, com efeito, o exemplar da Ilíada de Homero, que sempre trazia consigo, segundo o que diz Plínio, 1. VII,

CAP. XIX. Fala-remos desse cofre na continuação desta Vida de Alexandre. Assim, seria preciso traduzir: o exemplar conhecido sob o nome de exemplar do cofre.

CAP. XVII. Não é Medeia quem diz esse verso, citado por Plutarco, e Plutarco não lho atribui absolutamente; ele diz somente que Alexandre citou a Pausânias, esse verso, da tragédia de Medeia. É o 288 da Medeia de Eurípides; está na boca de Créon que diz à Medeia: "Eu sei que na tua cólera tu ameaças cas-tigar este esposo e aquela à qual ele se vai unir e aquele que a entrega aos seus braços".

CAP. XXX. Eis o que diz Estrabão com relação a essa passagem: "Perto de Faselis, cidade da Lídia (que Amyot chama Faselina) há uma montanha chamada Clímax (palavra grega que significa escada). Avança para o mar da Panfília. de maneira que aperta bastante a costa, e deixa aos viajantes apenas uma passagem muito estreita. No tempo da calmaria ela está seca, mas quando o mar se enche, ela o cobre com suas águas. Alexandre aí chegou no inverno, com tempo péssimo; preferiu confiar na sorte do que esperar a bonança e a retirada das águas e mandou seus soldados marchar, os quais levaram um dia inteiro para atravessar esse passo, tendo água até o umbigo".

CAP. XXXII. Esta palavra Asgande é desconhecida dos sábios. Astande, que com ela muito se parece, é conhecida por Eustathe e Suidas. Ambos a tomam por uma palavra persa, que significa a mesma coisa que Angare, outra palavra persa que sig-nifica uma mensagem. Dário que era, segundo Diodoro de Sicília, de sangue real, não podia sem dúvida ser um simples mensageiro; mas ele bem podia ter sido o que nós chamaríamos superintendente do correio ou ter tido junto do rei Oco, seu predecessor, a jurisdição de seus negócios particulares e de suas ordens secretas.

CAP. LVIII. Deve-se escrever Gaugamele. segundo Estrabão e Arrieno. É uma aldeia situada entre o Tigre e o Laco, bastante perto de um outro rio de nome Bumade ou Bumale, a vinte e cinco léguas, mais ou menos, de Arbelas, outra aldeia ou cidadezinha, segundo alguns, situada ao oriente de Gaugamele, entre o Lico e o Caper. Os que lerem em Quinto Cúrcio a descrição das marchas de Alexandre e de Dário, para chegar ao lugar desse com-bate, julgarão, por essas posições certas, que o historiador latino de Alexandre, conheceu mal a situação dos lugares de que ele fala. ou que a ignorância dos copistas desfigurou-lhe o texto. Ibid. pág. 81. O mês de agosto é ainda um erro de Amyot. Há no grego boédromion, setembro, segundo o que dissemos nas Observações, no tomo III e na primeira destas

Observações sobre a Vida de Alexandre. Plutarco, ou melhor, seus copistas, esqueceram aqui a data do mês. Mas na Vida de Camilo ele diz que a batalha de Arbelas (ela era conhecida por esse nome, embora se tenha realmente travado perto de Gaugamele) deu-se a 26 do mês boédromion. Ele diz aqui que foi no ll.« dia depois do eclipse da lua, que se deu na época da (grande) festa dos Mistérios (de Ceres) em Atenas. Começava a 15 do mês de boédromion, segundo Meursio e o padre Pétau. Plutarco está pois de acordo com ele mesmo e sua autoridade, apoiada pelas tabelas astronómicas, citadas pelo padre Pétau, (Doutrina dos tempos. 1. X, cap. 36) colocando o eclipse a 20 de setembro e a batalha a l.« de outubro, parece incontestavel-mente preferível à de Arrieno, que põe este combate no mês pyanepsion, isto é, de novembro.

CAP. LIX. Nada há que trocar aqui, diga o que disser o sábio Dusoul, no texto de Plutarco, mas somente substituir-se na tradução de Amyot. um nome de rio que não está no grego, pelo de montanha. '-Eu não sei, diz Dusoul, porque se traz aqui os montes Nifates e Gordianos, da Arménia, para a Mesopotâmia". Ninguém, eu creio, encarregar-se-ia de tal incumbência. Devem-se deixá-los no lugar que Estrabão lhes destina, 1. XI, pág. 793. A passagem é clara. A primeira montanha de que ele fala é o monte Tauro. que avança da Capadócia e da Comagena para o oriente. Divide, acr escenta ele, a Arménia, da Mesopotâmia. Essa parte da cadeia é chamada por' alguns de montes Gordianos. Ele se eleva depois e toma o nome de Nifates. onde está a nascente do Tigre. Eu não tenho necessidade de discutir essa posição da nascente do Tigre, no que Estrabão e Ptolomeu não estão de acordo. Mas fica sempre de pé, segundo o texto, que os montes Gõrdiartos e Nifates prolongam-se e se estendem do ocidente para o oriente, entre a parte meridional da Arménia e a setentrional da Mesopotâmia. Gaugamele está na parte setentrional da Mesopotâmia. Não se deve pois admirar de que a luz dos inúmeros fogos acesos pela multidão prodigiosa dos barbares, iluminasse as montanhas, a várias léguas de distância e o clarão produzisse um espetáculo assusta dor.

CAP. LXII. Ele era da cidade de Salamina na ilha de Chipre, filho de Acesas. O pai e o filho eram muito famosos na arte do bordado, muito cultivada em Chipre. Atenas nos conservou uma inscrição do templo de Delfos, que mostra o grau de fama a que estes dois artistas tinham chegado. Isto, diz o epigrama, é obra de Helicon de Salamina, filho de Acesas. A imortal Palas depositou em suas mãos todas as graças de sua arte divina. Eustato os cita também como os homens mais célebres na arte do bordado. Mas nem um, nem outro nos falam da sua idade.

CAP. LXIV. Eu respeito muito as razões pelas quais o sábio Dusoul pretende que Pailo não £e encontre entre os vencedor es olímpicos. Se ele se tivesse lembrado da quinta cena do primeiro ato dos Acarnianos de Aristófanes, lá teria encontrado precisamente o Failo de que aqui se trata: nas glosas, há um epigrama que nos diz que ele saltava cinquenta e cinco pés e lançava o disco a noventa e cinco. O Escoliaste diz que ele havia conquistado a vitória nos jogos Olímpicos e Suidas está de acordo com ele. É verdade que Pausânias atribuindo-lhe três vitórias nos jogos Píticos, acrescenta que ele não as havia conquistado nos jogos Olímpicos. Mas ele o concluía, talvez segundo Heródoto, que lhe atribui, com efeito, três vitórias nos jogos Píticos. Ora, Heródoto leu sua história nos jogos Olímpicos, na octegésima-primeira olimpíada e a vitória de Failo pode bem ter sido posterior. O Escoliaste de Aristófanes cita ainda um outro Pailo, coroado nos jogos Olímpicos, na oitava olimpíada.

CAP. LXV. A terra nos fornece, bem como os vegetais, matérias inflamáveis. Tais são os diferentes carvões minerais, o azeviche, o âmbar, o asfalto ou betume da Judeia, o pissasíalto e todos os betumes sólidos e líquidos: também as naftas claras e coloridas que se encontram nas quatro partes do mundo, no seio da terra. na areia, muitas vezes escorrendo dos rochedos e principal-mente nas vizinhanças dos vulcões, flutuando na superfície de alguns lagos, de fontes e do mar. Todas estas ma lerias têm grande relação entre si. e assim podemos

considerar as primeiras como sendo a origem das segundas. Todos conhecem o carvão de pedra e o azeviche. O âmbar é uma resina vegetal pura. que as antigas revoluções da terra fizeram aprofundar-se nas entranhas dela mesma. Devemos notar que a analogia da árvore que produziu o âmbar, nos é desconhecida, pode ser mesmo que não exista mais; parece ter grande relação com a árvore que produz a goma copal; que esta árvore deve ser originária dos países meridionais e que viveu outrora num clima totalmente oposto àquele onde se encontra hoje o solo da Pomerânia e da Prússia ducal, sob os quais está sepultada. O betume, mais conhecido antigamente é o asfalto ou betume da Judeia; era tirado do lago Asfaltite ou de Sodoma. Havia dele fontes abundantes nas cercanias de Babilónia. Tinha-se tomado objeto de grande comércio, o Egito principalmente fazia dele o material mais importante para seus embalsamamentos. O petróleo que é um betume fluido e menos grosseiro, encontra-se por toda a parte; a nafta é mais rara; todavia pode ser encontrada em Módena e mais abundantemente ainda na superfície do mar nas vizinhanças do Vesúvio, durante as erupções desse vulcão. A nafta é um betume ou óleo muito fluido. Pode ser mais ou menos colorido, como alguns que têm a leveza, a brancura e a limpidez do espírito de vinho; assim era a nafta de Babilónia e de Ecbátana, tal é ainda a nafta de que fala Kempfer, como testemunha ocular.

Há na península do mar Cáspio, que se chama Okesva, diz-nas ele. uma pequena planície rodeada de montanhas, a que chamam em linguagem do país o Campo de fogo "CAMPUS ARDENS"; porque, com efeito, dele saem chamas pelas fendas da terra; esse fogo embora invisível de dia, não se manifesta menos, quando se lhe apresentam matérias leves, ténues e muito combustíveis, como o algodão. Encontramos no mesmo campo, betume negro, que corre em vários lugares, quer do seio da terra, quer dos rochedos; enfim, ele fala de um pequeno lago de água salgada, no qual há muito pouca água. À margem ocidental do lago, havia no seu tempo, dois poços, a pouca distância um do outro, nos quais se ajunta por distilação uma nafta muito branca e muito límpida. ”Este óleo, acrescenta Kempfer, exala um vapor tão sutil que é suficiente aproximar-se a chama de uma lâmpada para que se inflame". E fora de dúvida que um óleo dessa espécie, já bastante atenuado e volatilizado pelo calor que lhe comunica uma terra incandescente, reduz-se em parte a vapor, desde que venha a ter uma corrente de ar. Pode-se, a este respeito, compará-la ao espírito de vinho, melhor ainda, ao espírito de terebentina. um pouco aquecido. Como esses líquidos têm sempre uma atmosfera de vapor, esta inflama-se, e o fogo comunica-se imediatamente ao líquido; ele se queima então, sobre algum corpo, ao qual adere; assim quando se molha um corpo qualquer no espírito de vinho e dele se aproxima uma chama, o espírito de vinho acende-se e consuma-se no momento. É assim que as crianças fazem com os ratos e os camundongos, quando os apanham; molham-nos em espírito de terebentina e põem fogo. Quando Plutarco então nos refere que se iluminou em Babilónia a rua pela qual Alexandre devia passar para ir ao palácio, queimando de ambos os lados a nafta, e que num instante o fogo que lhe foi dado comunicou-se de uma ponta à outra, ele diz uma coisa muito simples e muito possível. Há ainda a brincadeira de mau gosto que Antenófanes fez a Estêvão, na presença de Alexandre: a nafta com a qual esfregou o pagem era certamente muito fluida e volátil; isso se passou num lugar quente, na banheira em que o príncipe se banhava: a simples aproximação de uma chama pôs-lhe fogo e o infeliz jovem ficou queimado e quase sufocado. Uma prova de que a nafta era muito seca e volátil é que puderam apagá-la, o que não se teria podido conseguir se ela tivesse mais consistência e resistência. Por mais volátil? leve que seja a nafta, não pode se inflamar senão pela aproximação de outra matéria já inflamada e jamais ao simples contacto do ar, nem pelos raios do sol, por mais quentes que sejam. Até agora só se conhecem o fósforo e os piróforos. que se inflamam ao contacto do ar, mas o tempo, o lugar, o caráter do líquido e as circunstancias, tudo mostra evidentemente que era a nafta de que Antenófanes se havia servido e não do fósforo, absolutamente, quando mesmo nós o supuséssemos conhecido dos antigos. Devemos observar que só se encontram petróleo e nafta nas vizinhanças dos terrenos, ou nos terrenos mesmos que se inflamam, ou que outrora foram queimados; em toda a parte onde encontra-mos a nafta pura. volátil e muito inflamável, pode-se ter certeza de que o fogo está debaixo da terra de onde ela promana; pois ele perde sua leveza e sua volatilidade com o tempo, pelo frio, envelhecendo. É produzido por incandescência subterrânea e pela combustão do betume e do carvão natural, aos quais a nafta deve sua origem. Esta observação é do meu ilustre confrade Mr. Darcet.

CAP. LXXVIII. Não seria muito de se admirar que antes de Alexandre tivesse havido escritores menos instruídos a este respeito. Houve depois vários, mesmo entre os mais sábios geógrafos, como Estrabão, Pompònio. Mela e outros. Mas antes de Alexandre, Heródoto tinha dito, 1. I,

pág. 96, que esse mar não tinha comunicação com o Oceano. No tempo mesmo de Alexandre, Aristóteles tinha escrito e provado no capítulo primeiro do segundo livro do seu tratado dos meteoros. Foram eles seguidos com razão por Arrieno e Diodoro da Sicília. As observações dos modernos viajantes confirmaram-no.

CAP. LXXXII. Há aqui no texto um erro grave. Amyot não lhe podendo dar remédio, preferiu pular as palavras que ele não entendia. Os sábios editores do Plutarco no lugar dessas palavras én tini króno, sem sentido, acharam num manuscrito én Kortánou, e persuadidos, com Mr. Dacier, de que nada se podia concluir, eles substituíram por én Kortakánois, sem se importar se era assim que se devia escrever o nome dessa cidade, ou ártákava ou ártíkene. Eles todos tinham esquecido de que falando dessa entrevista de Alexandre com Roxana, Quinto Cúrcio, disse, 1. VIII, que aquilo aconteceu no palácio de um rico sátrapa do país, chamado Cohortano; o que é evidentemente a palavra do manuscrito e a verdadeira palavra que aqui devemos colocar, como o erudito Wesselingue o nota em suas Observações sobre Diodoro da Sicília, 1. XVIII, cap. III, pág. 259

CAP. LXXXIX. Las que les maeurs de Grece se eorrompent. Não se pode compreender a malignidade dessa citação, sem conhecer-se o resto da passagem, que era então conhecida de toda a Grécia, pois as tragédias de Eurípides estavam em todas as bocas: eis aqui o trecho inteiro: "Havia-se estabelecido um muito mau costume na Grécia; quando um exército era vitorioso, por que o chefe recebe a glória, e se esquecem os instrumentos dos seus triunfos? Confundido entre os outros guerreiros, que tem ele mais que os outros, para que dele se fale mais? No entretanto os chefes orgulhosos dão ordens nos conselhos, desprezam seus concidadãos, embora eles mesmos sejam desprezíveis, rodeados por homens superiores em mérito, aos quais só falta querer e ousar". Théâtre des Grccs, Paris. CUSSAC, 1786. t. VI, pág. 472. Andromaque de Eurípides, v. 694, e seguintes, c.

CAP. CIII. Ayant ordonné ã ceulx qui estoyent à Ia droitte d'en faire autant de leur cos té. Eu corr igi a tradução dessa passagem, segundo a conjetura de Blancard, fundada em Diodoro da Sicília e sobre Ameno: De Exped. Alex. 1. V, pág. 215, edit. de J. Gronovius Sege ainda na passagem seguinte a correção de Moysés Dusoul, que propõe se leia: éoten dé ten makén anamemigménen eínai, a batalha tendo começado de manhã.

CAP. CIV. Et ayant aussi subjugue Ies peuples íranes, etc. Toda essa passagem está mutilada: é muito difícil restaurá-la; mas podemos suprir-lhe as deficiências, por meio de Ameno: leia-se então: "Mas também acrescentou-lhe muito do país, assim como os povos francos e livres dos quais havia até quinze nações, que habitavam em trinta e sete cidades, das quais a menor tinha cinco mil habitantes, e várias tinham mais de dez mil, sem um número infinito de aldeias. Ele tomou ainda um país três vezes tão grande, do qual fez sátrapa a um de seus familiares que se chamava Felipe". Veja-se ARRIENO, De Expedit. Alex. 1. V. pág. 221, edit. de Gronovius. C.

CAP. CXI. Há sem dúvida aqui algum erro no texto, e é suficiente estarmos avisado disso, sem ser necessário corrigi-lo. porque não temos subsídios. No fim do Cap. CIX, Plutarco fez Alexandre entrar na Gedrosia, de lá atravessar a Carmània durante sete dias e ao sair da Carmània, eis-nos na Gedrosia: esta marcha não é fácil de se conceber.

CAP. CXIII. Isso pode não ser absolutamente contraditório, entre Ameno*e Quinto Cúrcio. O nome que aí se lê. em Arrieno é Orxines e em Quinto Cúrcio Orsinés; era, diz Quinto Cúrcio um sátrapa poderosamente rico e do sangue de Ciro. Quanto à acusação, segundo Quinto Cúrcio. era pura calúnia do eunuco Bagoas, que subornou testemunhas, para se vingar do desprezo que o sátrapa tinha demonstrado por ele. Pode ser que então depois de sua morte se tenha reconhecido Polímaco, do qual se fala aqui, como verdadeiro culpado e que Alexandre o tenha condenado à morte, como diz Plutarco.

CAP. CXXII. Plutarco vai dizer um pouco mais adiante, 28; como é difícil se suspeitar de um erro na última data, é verossímil que aqui se deve ler 28 para se pôr o escritor de acordo com ele mesmo. De resto, há divergência entre os sábios sobre a verdadeira época, não do ano, mas do mês da morte de Alexandre. Padre Pétau que adotou o mês hécatombeon, para salvar-se desta passagem de Plutarco, supõe que o mês daésius variou de posição entre os macedônios. correspondendo, num tempo ao mês de thargélion e noutro, ao mês hécatombeon dos áticos. Padre Corsini fá-lo concorrer de uma maneira fixa, com o mês thargélion, e foi o seu sistema que seguimos na comparação que demos dos meses macedônios com esáticos e romanos.

Júlio César

RESUMO DA BIOGRAFIA DE JÚLIO CÉSAR

Inimizade entre Sila e César. II. César é aprisionado por corsários: altivez com que ele os trata durante seu cativeiro. Fá-los enforcar. III. César ocupa o segundo lugar entre os oradores do seu tempo. Teria podido ser o primeiro. IV. Favor de César perante o povo. V. Faz a oração fúnebre de sua mulher. VI. Casa-se com Pompeia. Despesas excessivas nas festas que dá ao povo. VII. Coloca os quadros de Mário e de suas vitórias no Capitólio. VIII. É nomeado grão pontífice. IX. Censura-se nessa ocasião a Cícero, por tê-lo poupado no momento da punição dos cúmplices de Catilina. X. O Senado manda fazer uma distribuição de trigo ao povo, para contrabalançar o favor de César. XI. Clódio se introduz em casa de Pompeia, mulher de César, durante os mistérios da boa deusa. XII. César repudia sua mulher e Clódio é absolvido pelo favor do povo. XIII. Palavras notáveis de César. XIV. Seu proceder no governo da Espanha. XV. Pompeu e Cras so reconciliam-se por seu intermédio. XVI. Pelo seu prestígio, é eleito cônsul. Seu proceder nesse cargo. XVII. Proceder odioso de César e de Pompeu., XVIII. César manda prender Catão e depois manda-o pôr em liberdade. XIX. Exposição sumária das suas guerras e das suas vitórias nas Gálias. XX. Extrema dedicação que ele inspira aos seus oficiais e soldados, provada com vários exemplos. XXI. Como lhes ganha o afeto. XXII. Sobriedade de César. XXIII. Primeira guerra de César nas Gálias. XXIV. Segunda guerra de César contra Ariovisto. XXV. Obtém sobre ele uma vitória completa. XXVI. Derrota os belgas. XXVII. Dizima os nérvios. XXVIII. Confiam-lhe ainda o governo das Gálias por cinco anos. XXIX. Faz a guerra aos usípios e aos tencteres. XXX. Devasta as terras além do Reno. XXXI. Ataca a Inglaterra. XXXII. A Gália subleva-se. César volta para lá e derrota Ambiorix. XXXIII. Outra rebelião nas Gálias sob o comando de Vercingetórix. XXXIV. César obriga-o a se encerrar na cidade do Alexia que ele sitia. XXXV. Vence um numeroso exército que viera em socorro deles: Vercingetórix entrega-se com seus soldados. XXXVI. Começo das dissensões entre César e Pompeu. Pompeu é nomeado cônsul, sozinho. XXXVII. César manda pedir o consulado e a continuação do seu governo. XXXVIII. Pompeu tem idei as falsas sobre as disposições dos soldados com relação a César. XXXIX. César oferece-se a deixar as armas, com a condição de que Pompeu também as deixe. XL. Resigna-se a pedir o governo da Gália Cisalpina com duas legiões. XLI. Parte para Rímini. XLII. Apodera-se dessa cidade. XLIII. Temor que essa notícia infunde em Roma. XLIV. Pompe u foge de Roma. XLV. Sentimentos diversos de temor e de confiança na cidade de Roma. XLVI. César vem a Roma. XLVII. Passa à Espanha. XLVIII. Enceta a perseguição a Pompeu. XLIX. Determina passar a Brindisi numa nau: como encoraja o piloto. L. Carestia no exército de César. Paciência de seus soldados. LI. Vitória de Pompeu da qual não sabe aproveitar. LII. César levanta o acampamento. LIII. Pompeu deixa-se induzir, contra a vontade, a persegui-lo. LIV. A tomada de Gonfes restitui a abundância no exército de César. LV. Posição dos dois exércitos, frente um ao outro, em Farsália. LVI. Os soldados de César incitam-no a travar combate. LVII. Diferentes presságios. Disposições de César. LVIII. Disposições de Pompeu. LIX. César obtém a vitória. LX. Palavras e proceder de César depois da vitória. LXI. Presságios e predições de Caio Cornélio. LXII. César chora vendo a cabeça de Pompeu. LXIII. Cleópatra se faz levar à casa de César num volume de roupas. LXIV. Ele a coloca no trono do Egito. LXV. Rapidez de suas vitórias na Ásia. LXVI. Insolência de António e de outros amigos de César. LXVII. Passa à Africa. LXVIII. Carestia e outros prejuízos de César. LXIX. Derrota no mesmo dia a Cipião, Afrânio e Juba e toma os três acampamentos. LXX. Porque César escreveu o Anti-Catão. LXXI. Recenseamento que prova o enorme despovoamento causado pela guerra civil. LXXII. César derrota na Espanha os filhos de Pompeu. LXXIII. É nomeado ditador perpétuo. LXXIV. Belo proceder de César depois do fim da guerra. LXXV. Projetos de César para novas conquistas. LXXVI. Trabalhos que empreende e projeta. LXXVII. Reforma o calendário. LXXVIII. Torna-se odioso querendo fazer-se nomear rei. LXXIX. António, na festa das. Lupercales apresenta o diadema a César, que o recusa. LXXX. Começo da conjuração de Bruto e de Cássio. LXXXI. Presságios que anunciam a César, sua morte. LXXXII. Vai ao Senado não obstante os avisos que lhe dão. LXXXIII. É ferido primeiro por Casca. LXXXIV. É depois morto por Bruto e por outros conjurados. LXXXV. Bruto e Cássio apresentam-se diante do povo. LXXXVI. Furor do povo contra os assassinos de César. LXXXVII. Morte de Cássio. LXXXVIII. Morte de Bruto.

Desde o ano 654 até o ano 710 de Roma, antes de J. C, ano 44.

Sila, estando à frente do governo, quis que César repudiasse sua mulher Cornélia, filha de Cina, que durante certo tempo havia gozado do supremo poder em Roma: mas não tendo podido induzi-lo a isso, nem com promessas, nem com ameaças, confiscou-lhe o dote: o motivo pelo qual César queria mal a Sila, era o parentesco que tinha com Mário, o qual fora mando de Júlia, irmã do pai de César, da qual ele tivera o jovem Mário, que assim vinha a ser primo irmão de César. Mas Sila, no princípio de suas vitórias, estava preocupado com assuntos mais importantes e outrossim, em fazer morrer muitos dos seus adversários e não se importou de mandar procurá-lo: ele não se limitou a estar escondido, em segurança, mas se apresentou espontaneamente ao povo, pleiteando um cargo vago no sacerdócio, quando apenas havia entrado na adolescência, o que porém, não obteve, porque Sila ocultamente lhe era adverso: e como ele havia deliberado matá-lo, alguns de seus familiares disseram-lhe que não havia absolutamente motivo para fazer morrer tão futuroso rapaz: mas ele replicou, que eles não eram sensatos, se não percebiam que nesse rapaz havia muitos outros como Mário, Estas palavras foram referidas a César e ele retirou-se de Roma e ficou por muito tempo escondido no país dos sabinos, passando sempre de um lugar a outro.

II. Mas um dia, quando ele se dirigia de uma casa a outra, por sentir-se doente, caiu nas mãos dos satélites de Sila, que o andavam buscando por toda a parte, e prendiam a todos os que encontravam; todavia, conseguiu subornar o capitão, que se chamava Cornélio, com dez talentos{1269} ; tendo escapado, dirigiu-se para as costas marítimas, onde embarcou, fugindo para a Bitínia, foi à corte do rei Nicomedes, onde ficou algum tempo, para de novo se pôr ao mar, quando foi aprisionado por corsários, perto da ilha de Farmacusa{1270}, aqueles piratas dominavam todo o mar com uma grande esquadra, composta de um sem-número de navios. Tais corsários pediram-lhe imediatamente vinte talentos para seu resgate{1271}, mas ele zombou dos mesmos, porque não sabiam a quem haviam aprisionado e por própria conta lhes prometeu cinquenta{1272} ; depois mandou seus homens uns para cá, outros para lá, para recolher o dinheiro, e ficou sozinho entre os ladroes cilícios, que são os maiores assassinos e os mais sanguinários do mundo, com um de seus amigos e dois escravos somente: e no entretanto ele fazia tão pouco caso que, quando queria dormir, mandava que se calassem. Ficou durante trinta dias com eles, não como prisioneiro, guardado, mas como um príncipe seguido e acompanhado por eles, quase como se fossem seus satélites. Durante esse tempo, ele divertia-se e exercitava-se com eles, sem receio, com toda a tranquilidade; às vezes escrevia versos ou preparava discurses e depois os chamava para ouvi-los recitar; e se por acaso eles davam mostras de não gostar chamava-os a todos de ignorantes e bárbaros, rindo-se, os ameaçava de mandá-los enforcar: com isso muito eles se divertiam, porque tomavam tudo por brincadeira, pensando que aquela sua franqueza de falar tão livremente a eles, procedia de simplicidade e de ingenuidade; mas quando chegou o seu resgate da cidade de Mileto e tendo-o pago, foi posto em liberdade, armou imediatamente alguns navios no perto de Mileto, para ir combater aqueles ladrões, que encontrou ainda ancorados na mesma ilha; prendeu a maior parte deles e apoderou-se de seus bens; quanto às pessoas, porém, levou-as à cidade de Pérgamo onde as pôs na prisão, enquanto ia falar com o governador da Ásia, naquele tempo, um tal Junio, pois a ele competia fazer justiça contra aqueles malfeitores, porque era pretor da Ásia; ele, porém, desejando, ao invés, apoderar-se do dinheiro deles, pois havia uma boa soma, respondeu que deliberaria a seu tempo sobre os prisioneiros: César deixou-o lá, voltou a Pérgamo, onde mandou enforcar publicamente e crucificar a todos aqueles ladrões, como havia várias vezes predito e prometido na ilha, quando eles pensavam que estava apenas gracejando.

III. Depois, como o poder de Sila começasse a declinar, seus amigos mandaram lhe dizer que voltasse à sua casa: foi então primeiramente a Rodes, para estudar algum tempo com Apolônio, filho de Molon, que Cícero também ouvia, pois era um homem de bem e um grande mestre de retórica e de eloquência. Diz-se que César tinha muito felizmente nascido para falar e discursar ao povo e além da aptidão natural que tinha, havia se exercitado diligentemente, de maneira que sem dúvida alguma, ocupava o segundo lugar dentre os oradores do seu tempo; deixou o primeiro, para ser o primeiro nas armas, no poder e na

autoridade, pois não havia atingido a perfeição na arte de falar, à qual sua natureza poderia levá-lo, para, de preferência exercitar-se na guerra e no desempenho dos cargos públicos, os quais, afinal de contas, tornaram-no senhor do império romano. Por esse motivo, no livro que ele escreveu depois, c ontra o que Cícero tinha escrito em louvor de Catão, ele roga aos leitores que não façam comparação entre o estilo de um homem de armas com a eloquência de um esplêndido orador, que naquele mister havia empregado a maior parte de sua vida. Voltando a Roma, citou Dolabela à justiça, acusando-o de ter procedido mal e violentamente no governo da sua província e várias cidades gregas mandaram-lhe testemunhas disso: no entretanto Dolabela foi absolvido e César querendo do mesmo modo retribuir aos gregos as provas de afeto que lhe haviam manifestado, em vista desta acusação, tomou nas suas mãos a causa, por eles, quando acusaram a Públio António de concussão, perante Marco Lúculo, pretor da Macedónia, quando o perseguiu tão insistentemente, que António foi obrigado a apelar para os tribunos do povo em Roma, alegando, para justificar o seu apelo, que ele não podia justificar-se, falando na Grécia, contra os gregos.

IV. César ao depois caiu nas boas graças de muita gente, em Roma, por meio de sua eloquência, porquanto, defendia sua casa nos julgamentos e era singularmente amado e querido do povo pela maneira graciosa que tinha, de saudar, tratar e conversar familiarmente com todos, sendo nisso mais cuidadoso e cortês do que sua idade o permitia e havia ainda algum favor, pela boa mesa e abundância em sua casa ordinariamente, como pela magnificência de que usava em todo o resto do seu modo de viver, o qual, pouco a pouco o fazia progredir e granjeava-lhe prestígio perante o povo. Os que lhe tinh am inveja, julgando que aquele favor duraria pouco e logo diminuiria, pois ele não podia mais prover às despesas, não se importaram em diminuí-lo no começo e o deixaram pouco a pouco crescer e fortificasse; mas, por fim, tendo-se tornado grande e difícil de ser dominado, embora tendesse manifestamente a se movimentar e a mudar um dia todo o aspecto do governo, muito tarde perceberam, que não há início tão pequeno, em coisa alguma, que a continuidade e a perseverança não tornem forte e grande, quando, por desprezá-lo, não se lhe põe um obstáculo. O primeiro que, por conseguinte, parece ter tido desconfiança e temor, de seu modo de proceder no desempenho dos negócios do governo, como o sábio piloto, que teme uma bonança radiosa em alto mar e que percebeu a refinada malícia que ele ocultava sob o manto daquela familiaridade, cortesia e jucundidade que mostrava exteriormente, foi Cícero. "Quando eu considero, dizia ele, essa cabeleira tão bem penteada e tão esquisitamente adereçada e o vejo coçar a cabeça, apenas com a p onta de um dedo, eu imagino o contrário, que tal homem jamais poderia ter imaginado um infeliz empreendimento como o de querer destruir todo o império romano". Todavia isso aconteceu muito tempo depois.

V. De resto, a primeira demonstração que lhe deu o povo da benevolência que lhe dedicava, foi quando ele pediu o cargo de tribuno, isto é, comandante de mil soldados de infantaria, contra Caio Pompílio e o obteve, sendo eleito antes dele. A segunda e mais evidente ainda que a primeira foi quando a mulher de Mário, Júlia, que era sua tia, morreu: ele proferiu na praça, como seu sobrinho, um discurso fúnebre em seu louvor e no fim de suas homenagens teve a coragem de expor em público estátuas de Mário que pela primeira vez foram vistas desde a vitória de Sila, porque Mário e todos os seus companheiros e asseclas tinham sido julgados e declarados inimigos do governo. Como alguns murmurassem e clamassem contra ele por esse fato, o povo aplaudiu-o, ao contrário, com vigorosas palmas e mostrou que muito satisfeito estava e agradecia, por ele fazer voltar do inferno, por assim dizer, as honras de Mário à cidade de Roma, depois de terem estado enterradas por um longo espaço de tempo. Era costume, desde toda a antiguidade, de os romanos fazerem discursos fúnebres em louvor das senhoras idosas, quando vinham a falecer, não, porém, das jovens: e César foi o primeiro que louvou publicamente sua mulher{1273} falecida, o que lhe aumentou a benevolência e fez com que o povo o amasse ainda mais, como homem bondoso e de natureza cordial.

VI. Depois das homenagens de sua mulher ele foi feito questor, isto é, tesoureiro, sob o pretor Antistio Veto, o qual o honrou sempre, ao depois, de modo que, quando ele por sua vez foi

feito pretor, fez eleger questor a seu filho, depois que deixou o cargo, desposou sua terceira mulher, Pompeia{1274}, tendo da primeira, Cornélia, uma filha que depois casou-se com Pompeu, o Grande. Mas fazendo estas grandes despesas parecia que ele adquiria uma nuvem de favor popular, curta e de pouca duração por um preço exorbitante, quando conquistava as coisas maiores do mundo por preços bem menores, diz-se que antes de ter algum cargo no governo ele estava devendo mil e trezentos talentos{1275}. E como havia sido encarregado de mandar restaurar o calçamento da estrada principal, que se chama a via Ápia, ele gastou nisso muito do seu próprio: e por outro lado, quando foi feito edil deu ao povo uma diversão, onde combateram trezentos e vinte pares de gladiadores, isto é, lutadores de morte: e em todas as outras solenidades de jogos e festas públicas, ele enterrou por assim dizer, a magnificência de todos os que as haviam imaginado e preparado antes: tornou o povo tão afeiçoado a ele, que todos iam imaginando novos cargos, novas honras e novas atividades para recompensá-lo.

VII. Havia em Roma duas ligas ou partidos, o de Sila que era forte e poderoso, e o de Mário, que não ousava erguer a cabeça, tanto estava depreciado e aviltado: mas César querendo levantá-lo, quando as festas, divertimentos e jogos públicos, de sua edilidade estavam em grande anualidade, mandou fazer secretamente estátuas de Mário de vitórias, com triunfos, as quais mandou colocar durante a noite, no Capitólio. No dia seguinte pela manhã, quando viram brilhar naqueles lugares as estátuas douradas, muito bem feitas e trabalhadas, testemunhando, pelas inscrições as vitórias que Mário havia conquistado contra os címbrios, todos se admiravam da ousadia daquele que lá as havia feito colocar, pois muito bem se sabia quem fora; espalhou-se imediatamente a notícia por toda a cidade e grande multidão acorreu para vê-las. Alguns clamaram contra César, que era uma ousadia, ressuscitarem-se, por assim dizer, honra s que tinham sido sepultadas por éditos e determinações públicas e que aquilo era uma prova e uma experiência, para sondar a vontade do povo que ele tinha logrado pela magnificência dos divertimentos públicos a fim de saber se ele estava bem adestrado e se toleraria que se jogasse semelhante partida ou se se perturbaria com semelhante novidade. Os do partido de Mário, ao invés, animando-se uns aos outros, manifestaram-se em grande número, fazendo ressoar todo o monte Capitólio com seus gritos e aplausos; vieram as lágrimas aos olhos de muitos, pela grande alegria que sentiram quando viram as estátuas de Mário e César foi altamente elogiado e estimado por todos eles, como o personagem mais digno dos parentes de Mário: estando o Senado reunido por causa desse fato, Catulo Lutácio, o homem de maior autoridade em Roma, no momento, levantou-se e falou acremente contra César, dizendo que "ele não agia secretamente, mas abria logo suas baterias, procurando arrumar o governo às claras ; no entanto, César, no momento respondeu-lhe tão bem, que o Senado se deu por satisfeito e os que o estimavam sentiram-se mais esperançosos ainda e rogaram-no que tivesse ânimo e não cedesse a ninguém e pela vontade do mesmo povo, ele sobrepujaria a todos os demais e seria o primeiro homem da cidade.

VIII. Nesse ínterim, faleceu o pontífice Metelo: dois dos principais personagens da cidade entraram em litígio para substituí-lo no cargo, tendo ambos grande prestígio no Senado, Isaunco e Catulo: César, no entretanto, não ficou atrás, mas apresentou-se ao povo e o pediu, como eles: sendo as partes querelantes iguais, Catulo, homem de mais dignidade, temendo a incerteza do resultado da eleição, mandou alguns homens a César, ocultamente, para entregar-lhe uma grande soma de dinheiro, se ele quisesse desistir da sua pretensão: mas ele lhe respondeu, que lhe cederia, se preciso, uma soma ainda maior, para continuar a questão contra ele. Quando chegou o dia da eleição, sua mãe acompanhou-o até a porta do aposento, com lágrimas nos olhos; ele disse-lhe, abraçando-a: "Minha mãe, verás hoje teu filho soberano pontífice ou exilado de Roma". Recolhidos por fim os votos do povo, debatida fortemente a questão, ele venceu e obteve o cargo; isto causou grande temor ao Senado e aos homens de bem, porque julgaram que, de ali por diante, ele obteria do povo tudo o que quisesse.

IX. Por esse motivo, Catulo e Piso repreendiam acerbamente a Cícero, por tê-lo poupado, quando da rebelião de Catil ina, quando o havia aprisionado. Pois Catilina tinha proposto não

somente desorganizar o governo, mas também todo o império romano, implantando a desordem, mas escapou das mãos da justiça, por falta de provas antes que o essencial de seus desígnios fosse plenamente descoberto; mas deixou na cidade Lêntulo e Cétego, companheiros da conspiração, aos quais não se sabe se César deu secretamente algum auxílio ou amparo: mas é certo que, publicamente, em pleno Senado foram reconhecidos como culpados; Cícero, que então era cônsul, perguntou a cada senador sua opinião, como deviam ser castigados, todos os outros, menos César, foram de parecer que deveriam ser mortos: este quando lhe tocou falar, pondo-se de pé, pronunciou um discurso que havia preparado, no qual discorreu sobre o fato de não ser coisa habitual nem justa, fazer morrer os homens, mesmo da nobreza e revestidos de dignidade, sem que precedentemente lhes fosse movido um processo e eles fossem judicialmente condenados, a não ser em caso de extrema necessidade: mas os pusessem em uma prisão, em alguma cidade da Itália, como Cícero julgava melhor, até que Catilina fosse derrotado, então o Senado poderia, em paz, deliberar segundo a sua vontade, com calma, aquilo que deveria ser feito. Esta opinião parece mais humana, além de que foi exposta com muita graça e entusiástica eloquência, de modo que não somente os que opinaram depois dele, seguiram-na, mas também vários outros que já tinham dado antes o próprio parecer, desistiram da primeira sentença e aderiram à sua, até que chegou a vez de Catão e de Catulo; estes contradisseram-no violentamente, de modo especial, Catão, que falou de maneira a tornar o mesmo César suspeito de conspiração e se formalizou energicamente contra ele; e assim os criminosos foram entregues ao executor da justiça para serem mortos: quando César saiu do Senado, um grupo de moços, que acompanhavam Cícero, para garantir-lhe a vida, correram para ele de espadas desembainhadas: diz-se que Curió o cobriu com sua veste e o livrou de suas mãos e Cícero mesmo, como os moços olhassem para ele, fez-lhes sinal com a cabeça que não o matassem, quer porque temia o furor do povo, quer porque julgava esse ato, mau e injusto. Todavia se isso é verdade, eu me admiro muito de como Cícero não o referiu no tratado que fez de seu consulado: mas como quer que seja, ele foi depois censurado por não ter aproveitado a ocasião que se apresentara contra César e por ter temido demais o povo que confiava mui afetuosamente na sua proteção.

X. Poucos dias depois, tendo ido ao Senado para se justificar das suspeitas e das dúvidas contra ele, foi asperamente maltratado; permanecendo no Senado por mais tempo do que de costume, o povo veio até a sala pedir em altas vozes que o deixassem sair; Catão temendo principalmente a revo lta dos pobres e mendigos, que eram os agitadores do povo e tinham posto em César suas esperanças, persuadiu ao Senado que lhes fizesse distribuir gratuitamente trigo, por um mês embora essa distribuição viesse a custar novas despesas ao Estado, num total de quinhentos e cinquenta mil escudos{1276}. Esse conselho afastou no momento um grande temor e dissipou a parte principal do poder de César, em tempo muito oportuno, quando ele ia ser pretor e quando ele se tornaria temido mais que nunca, pela autoridade que lhe daria seu cargo na magistratura, durante o qual, porém, nada aconteceu de perturbação, no governo, mas sucedeu~lhe, sim, a ele mesmo, um sinistro acidente em sua casa.

XI. Havia um m oço de família nobre e patrícia, chamado Clódio, rico e eloquente, mas também de uma ousadia, insolência e temeridade iguais às daqueles que foram célebres pela sua maldade. Ele enamorou-se de Pompeia, mulher de César, que lhe não ficou indiferente, nem tão pouco descontente: ela era mui vigiada, e a mãe de César, Aurélia, mulher de bem e honrada, tinha os olhos sobre ela, tão de perto, que os dois amantes não se podiam encontrar senão com muita dificuldade e não menor perigo. Os romanos adoram uma deusa a que chamam de boa deusa, como os gregos têm também a sua Ginécia, isto é, a deusa das mulheres e os frígios, cultuam-na particularmente e chamam-na de mãe do lei Midas: mas os romanos a consideram uma Ninfa dos bosques, casada com o deus Fauno e os gregos querem que seja aquela das mães de Baco, que não se ousa nomear; no dia de sua festa fazem-se enramadas e tecidos de galhos de videira e há um dragão sagrado, perto da estátua da deusa, segundo a fábula; ademais, não é permitido a homem algum, seja quem for, assistir aos sacrifícios, mas nem mesmo estar no interior da casa em que eles se realizam: e diz-se, que as mulheres nessa ocasião fazem várias cerimonias que muito se assemelham aos sacrifícios de Orfeu. Quando chega o tempo da festa, o marido, na casa onde se realiza o sacrifício, que deve ser a de um cônsul ou pretor, e com ele todos os homens saem da mesma e fica só a

esposa para governar a casa; a maior parte das cerimonias se fazem durante a noite e é toda entremeada de cantos e de música, que se prolongam por toda a madrugada. Pompeia, então, mulher de César, devia celebrar naquele ano a festa. Clódio, que ainda não tinha barba e por isso pensava não ser descoberto, disfarçou-se com as vestes de uma tocadora de instrumento, porque tinha o rosto parecido com o de uma moça: achando as portas abertas foi admitido por uma camareira que estava de combinação com ele e que foi logo avisar Pompeia da sua chegada. Ela demorou-se muito para voltar e Clódio não tendo paciência de esperá-la no lugar onde a havia deixado, foi andando a esmo pela casa, que era grande e espaçosa, sempre evitando a claridade; por acaso foi visto por uma das criadas de Aurélia, que julgando tratar-se de uma mulher, pediu-lhe que fosse divertir-se com ela, mas ele recusou-se e a outra, então, continuou perguntando quem ela era. Clódio responde u-lhe que esperava uma das servas de Pompeia de nome Abra{1277}, sendo então reconhecido pela voz, a criada de Aurélia correu Jogo para onde estavam as mulheres, dizendo que encontrara um homem disfarçado em mulher: por isso todas ficaram alarmadas, Aurélia mandou interromper imediatamente todos os atos do sacrifício e ocultar o que havia de secreto; mandou fechar as portas da casa e com tochas e archotes, procuravam o homem, o qual foi por fim encontrado no quarto da criada de Pompeia, com a qual ele havia fugido; sendo reconhecido pelas mulheres, foi expulso da casa.

XII. Não deixaram as mulheres de contar o fato a seus maridos naquela noite mesma, quando voltaram a suas casas e logo no dia seguinte correu a notícia por toda a cidade, que Clódio tinha tentado uma coisa inaudita e má e que deveria sofrer o merecido castigo, não somente da parte daqueles aos quais havia ultrajado mas também do governo e dos deuses, e até mesmo um dos tribunos do povo, citou-o à justiça e o acusou de delito de lesa-majestade divina: alguns dos mais poderosos e dos mais influentes do Senado, levantaram-se também contra ele, acusando-o de vários outros crimes dissolutos, até de ter cometido incesto com sua irmã, que era casada com Lúculo: todavia o povo opondo-se às suas veementes acusações defendeu Clódio e isso serviu-lhe de muito, perante os juízes, que ficaram admirados e tiveram medo de irritar o povo. No entretanto César, imediatamente, repudiou sua mulher; tendo sido chamado pelo acusador para dar testemunho contra Clódio, ele respondeu que nada sabia a esse respeito, contra ele. Esta resposta foi julgada estranha e o acusador perguntou-lhe, como e porque então tinha repudiado sua mulher, ele respondeu: "Porque eu não quero que minha mulher seja nem mesmo objeto de suspeita". Dizem outros que César na verdade pensava assim, como afirmava: outros dizem que ele o fazia, para agradar ao povo, que queria salvar a Clódio, o qual foi absolvido do crime, porque a maior parte dos juízes deu a sentença em frases confusas, temend o, de um lado o perigo da parte do povo, se o condenassem e por outro, a má opinião dos nobres, se o absolvessem.

XIII. Por fim, tendo tocado a César no fim do seu cargo de pretor o governo da Espanha, seus credores seguiram-no, exigindo que os pagasse antes de sua partida; não podendo satisfazê-los, foi obrigado a recorrer a Crasso, que era então o homem mais rico da cidade de Roma e tinha necessidade da sua ação e atividade, contra o poder de Pompeu, no governo do império. Crasso respondeu por ele aos seus credores, mais importunos e que mais o tinham em aperto, constituindo-se fiador da soma de oitocentos e trinta talentos{1278}, e assim eles o deixaram partir para o seu cargo e governo: naquela viagem, segundo se diz, atravessando os Alpes, passou por uma pequena cidade de bárbaros, habitada por alguns homens pobres e mal situados; os familiares que o acompanhavam, perguntaram-lhe, gracejando, se naquela terra também havia litígios e brigas por causa de cargos públicos e se havia rivalidade e inveja entre os principais por causa das honras. César respondeu-lhes: "Isso eu não sei, quanto a mim, porém, eu preferiria ser aqui o primeiro do que o segundo em Roma". Outra vez, semelhantemente, na Espanha, pôs-se a ler alguns fatos da vida de Alexandre; ficou depois muito apreensivo e depois, começou a chorar. Vendo-o, seus amigos -muito se admiraram e perguntaram-lhe o motivo. Ele respondeu: "Não vos parece bastante, para eu sentir, que o rei Alexandre, na idade em que eu estou agora, já tinha conquistado tantos povos e países e eu nada fiz até agora digno de memória?"

XIV. E assim, logo que chegou à Espanha, começou a trabalhar ativamente e em poucos dias organizou dez novas divisões de infantaria, além das vinte outras que já lá estavam e as levou contra os calacianos e os lusitanos, realizando grandes conquistas, chegando a penetrar até o Oceano, subjugando todas as nações, que antes não reconheciam os romanos como senhores: e se organizou muito bem os assuntos militares não menor prudência e diligência empregou nos assuntos de paz, deixando as cidades em união e concórdia e principalmente pacificando as divergências e os litígios entre devedores, e credores por causa da usura; ele determinou que os credores, cada ano, teriam duas partes das rendas dos devedores, até que tivessem sido inteiramente pagos e os devedores sustentar-se-iam, apenas, com a terceira, e com isso deu bom nome ao seu governo, porque ele mesmo chegou a enriquecer, tendo enriquecido, outrossim, aos seus soldados, os quais por esse motivo deram-lhe o nome e o título de imperador, que significa comandante supremo.

XV. Como as leis e decretos romanos exigiam que, aqueles que aspiravam às honras do triunfo habitassem fora da cidade e os que pediam o consulado, fossem, ao contrário, moradores da cidade, encontrando-se nessa dificuldade, porque tinha precisamente chegado o tempo em que se deviam eleger os cônsules, ele mandou pedir ao Senado que lhe concedesse a graça, de, mesmo ausente, por intermédio dos seus amigos, poder concorrer à eleição dos cônsules; a este pedido Catão se opôs citando a lei expressa, que era formalmente contra: mas depois, vendo que não obstante sua oposição, vários senadores conquistados por César, se inclinavam a conceder-lhe a graça, ele tentou pelo menos anulá-la, diminuindo-lhe o tempo, gastando o dia todo em discursar. César então resolveu desistir do triunfo e preferiu o consulado: voltando, realizou uma proeza extraordinária, que enganou a todos, menos a Catão: foi a reconciliação de Crasso e Pompeu, os dois maiores e mais poderosos personagens de Roma que estavam incompatibilizados, um com o outro; César os fez reatar as relações, reunindo desse modo o poder de ambos num só, nele mesmo, sem que os demais percebessem, que este ato da mais agradável aparência e de título, o mais honesto do mundo, ele desmantelou todo o governo de Roma, pois não foi a dissensão entre Pompeu e César que suscitou a guerra civil, como se pensa geralmente, mas foi ao invés, a sua união, porque eles se aliaram, primeiro, para arruinar a autoridade do Senado e da nobreza, e depois entraram em luta um contra o outro. Catão, que o predisse e profetizou por várias vezes, no momento teve a fama de homem importuno e molesto, mas depois, foi considerado mais sensato que feliz em seus conselhos.

XVI. Assim colocou-se César no meio dos dois personagens, que ele havia feito reconciliarem-se e foi logo eleito, sem contestação, e aclamado cônsul, com Calpurmo Ríbulo: logo que foi eleito, começou a promulgar éditos e leis mais próprias de um sedicioso tribuno do povo, que não de um cônsul: ele propunha divisões de terras e distribuição de trigo, sem despesas, a cada cidadão, para agradar ao povo: os homens de bem e honestos, do Senado, opuseram-se às suas pretensões; ele, que só esperava uma ocasião que lhe servisse de motivo, começou a protestar e a clamar, que a dureza e o rigor do Senado o afastavam, contra sua vontade e o obrigavam a recorrer às lisonjas para agradar o povo; e de fato assim fez; tendo aos seus lados, Crasso e Pompeu, ele perguntou-lhes em voz alta, em plena assembleia da cidade, se eles aprovavam os éditos que ele havia promulgado. Ambos responderam que sim. Rogou-lhes então César que o sustentassem com mão forte, contra os que ameaçavam impedi-lo, à ponta de espada; Crasso prometeu fazê-lo e Pompeu acrescentou ainda, que contra os que viessem de espada, ele iria de espada e de escudo. Estas palavras desagradaram muito aos membros do Senado, como não somente indignas da sua gravidade e inconvenientes à reverência que lhes era devida e ao respeit o para com o Senado, mas também injuriosas e próprias de um jovem inconsiderado: o povo, ao contrário, ficou muito satisfeito.

XVII. César, querendo ainda mais estreitamente absorver o poder de Pompeu, deu-lhe como esposa sua filha Júlia, que já fora casada com Servil 10 Cépio, prometendo-lhe em troca, dar-lhe a de Pompeu, que havia sido prometida a Fausto, filho de Sila; e pouco tempo depois, ele mesmo desposou Calpumia, filha de Piso, que ele fez nomear cônsul para sucede-lo no ano

seguinte. Pelo que, Catão clamava e chamava os deuses como testemunhas, de que era coisa que não se devia permitir nem suportar, que eles fossem saqueando os três, todo o império romano, pela canalhice de tais núpcias, distribuindo entre si, cargos de governadores de províncias, ofícios de importância no exército por meio de seus casamentos. Bíbulo, companheiro de César no consulado, vendo que se opondo a essas leis ele nada ganharia, mas, ao contrário, corria perigo de ser morto com Catão, encerrou-se em sua casa até o fim do consulado. Pompeu, depois que desposou Júlia, encheu a praça de homens armados, fez passar e au torizou as leis, que César propusera em favor do povo, e depois confiou-lhe, como província, toda a Gália, tanto a de cá como a de lá dos montes, juntamente com a Eslavônia, com quatro legiões, durante cinco anos.

XVIII. Como Catão se opusesse e protestasse, César mandou prendê-lo, por meio de seus homens e o pôs na prisão, pensando que ele apelaria para os tribunos do povo; mas ele não disse uma palavra; César, porém, vendo que não somente os homens do governo muito se admiravam disso, mas também o povo, pela reverência que tinham por Catão, e pela sua virtude, e mostravam rosto triste," e sofriam em silêncio, rogou ele mesmo, secretamente, a um dos tribunos que fosse libertá-lo. Depois disso, poucos senadores quiseram permanecer no Senado, sob sua presidência e não podendo tolerar o que ele fazia, iam para fora da cidade; dentre, estes, estava um ancião de nome Considio, que um dia lhe disse francamente: que era de medo de suas armas que os outros lá não ousavam comparecer: e César respondeu-lhe: "E por que não ficas tu também em tua casa pelo mesmo medo?" A isto Considio respondeu: "Porque minha velhice me tira o medo: tendo muito pouco tempo de vida eu não preciso mais precaver-me contra ele". A coisa mais vil porém, que se perpetrou durante todo o consulado de César, parece ter sido a eleição de Públio Clódio, tribuno do povo; este havia-lhe feito um grande ultraje, por causa de sua mulher, por ter poluído e violado as santas vigílias místicas das senhoras, que se realizavam em sua casa. Clódio só procurava fazer-se eleger tribuno do povo para arruinar a Cícero, e César mesmo não se afastou de Roma para se unir ao seu exército, sem antes ter ligado um ao outro, e expulsado Cícero para fora da Itália. Eis o que sabemos que ele fez antes das guerras da Gália.

XIX. O tempo das suas grandes manobras e conquistas, porém, e da guerra, com a qual dominou e submeteu toda a Gália, dando um outro rumo à sua vida e entrando numa fase totalmente diferente da anterior, no-lo apresentam como um grande cabo de guerra, um excelente general, mais ilustre, que qualquer dos outros, que antes eram tidos pelos mais sábios e valentes, como chefes de exércitos e que mais glória haviam conquistado com seus feitos guerreiros e atos de heroísmo. Quem quiser compará-lo com os Fábios, os Cipiões, os Metelos, e m esmo os do seu tempo ou um pouco mais antigos, como um Sila, um Mário, os dois Lúculos e o mesmo Pompeu

Cujo nome se eleva até os céus,

achará que os feitos de César, na virtude militar e guerreira os superam a todos, inteiramente. Quer nas asperezas da região onde ele realizou suas conquistas; quer, na extensão das terras que ele acrescentou ao império romano; quer na multidão e no poder dos inimigos que derrotou; quer na dureza e rigor dos homens com os quais teve de lidar, cujos costumes ele abrandou e depois civilizou; quer em mansidão, doçura e afabilidade, clemência e. humanidade para com os que aprisionava; quer em liberalidade e beneficência para com os que combatiam sob seu comando nessas guerras; a todos superou também no número de vitórias que conquistou e na multidão de inimigos que matou em combates, pois em menos de dez anos, quanto durou a guerra nas Gálias, ele tomou de assalto ou à força oitocentas cidades, subjugou trezentas nações: teve diante de si em combate três milhões de homens armados, e em várias vezes, matou um milhão e fez outros tantos prisioneiros.

XX. Fez-se amar, por seus soldados, de tal modo, que eles lhe eram ardentemente afeiçoados; procuravam servi-lo com devoção comum, nos deveres ordinários, se se tratava da sua honra ou da sua glória, então tornavam-se invencíveis, lançavam-se de cabeça baixa no meio dos perigos, com tanto ardor, que lhes era impossível resistir. Isso podemos avaliar, pelo exemplo de Acílio, que, em um dos combates navais, perto da cidade de Marselha, tendo saltado para dentro de um navio inimigo, teve a mão direita cortada com um golpe de espada e, no entretanto, nem por isso deixou o escudo que tinha na mão esquerda, e ferindo os inimigos no rosto, fê-los todos fugir, ficando senhor do navio; Cássio Sceva, num combate perto da cidade de Dirráquio, teve o olho vazado por um golpe de flecha, o ombro atravessado por um dardo e a coxa também ferida por outro; recebera ainda sobre seu escudo, trinta golpes de flechas; chamou então os inimigos, fingindo querer entregar-se; quando dois deles acorreram e ele então feriu o ombro de um, com um golpe de espada e o rosto do outro, fazendo-os fugir e por fim, ainda salvou-se, porque alguns de seus companheiros vieram em seu auxílio. Na Inglaterra, os chefes dos grupos, por primeiros lançaram-se num pântano, cheio de água e de lama; os inimigos os atacaram violentamente; um simples soldado, na presença de César, que observava o combate, lançou-se no meio dos inimigos e praticando atos admiráveis de bravura e coragem, pôs em fuga os bárbaros e salvou os oficiais dos grupos, que, do contrário, estariam em grande, perigo de vida; depois, atravessou o paul, por último, com grande dificuldade, pela água lodosa e suja, parte a nado, parte a pé e tanto fez que alcançou a outra margem, mas sem escudo; César, admirando-se de sua coragem, foi-lhe ao encontro, com grandes demonstrações de alegria, para recebê-lo e premiá-lo; mas o soldado, ao contrário, de cabeça baixa e com lágrimas nos olhos, lançou-se aos seus pés, pedindo-lhe perdão, por ter abandonado o escudo. Na Africa, Cipião surpreendeu um dos navios de César, no qual estava, entre outros, Gramo Petrônio, há pouco eleito questor; mandou matar a todos; mas, ao questor, disse que lhe dava a vida. Petrônio respondeu-lhe, que os soldados de César não estavam acostumados a receber a vida como presente, mas a dá-la pelos outros; dizendo isso, atravessou o próprio corpo com a espada e matou-se.

XXI. Quem animava e aumentava essa grandeza e coragem, essa afeição veemente de fazer bem aos outros, era o mesmo César; primeiramente, presenteando-os, honrando-os largamente e fazendo-lhes conhecer assim, que não ajuntava riquezas na guerra para depois viver folgadamente, nem para satisfazer aos seus prazeres, mas era um prémio e uma recompensa da virtude, que ele ajuntava para premiar os homens de valor e os soldados valentes de cujo salário ele não participava, a não ser para reparti-lo entre os soldados que o mereciam: e depois, expunha-se por primeiro e corajosamente ao perigo, jamais se cansava com um trabalho qualquer; sua coragem, levava-o a toda espécie de perigos; mas disso ninguém se admirava porque conheciam a ambição da glória que o inflamava e o incitava a feitos desse jaez; a firmeza que ele tinha em suportar todas as agruras, superiores às forças do corpo, é o que mais admiração lhes causava; pois ele era magro e de estatura medíocre, tinha tez clara e músculos relativamente fracos; era sujeito a dores de cabeça e às vezes, atacado de epilepsia, que contraíra, pela primeira vez, como se diz, em Córdova, cidade da Espanha: mas ele não se serviu da fraqueza do seu corpo, como de um pretexto para delicadeza e comodismo em sua vida, mas ao contrário, tomou as agruras da guerra como um remédio para fortificar sua pessoa, combatendo contra a doença, caminhando sempre, vivendo sobriamente, dormindo ordinariamente ao relento, pois a maior parte das noites, dormia num carro ou dentro de uma liteira, empregando sempre o descanso em fazer alguma coisa. De dia, caminhando visitava as cidades, as praças fortes, ou os campos fortificados, tendo sempre junto de si, dentro do carro, um secretário que costumava tomar notas, durante a viagem e um soldado atrás de si, que lhe trazia a espada, embora ele andasse sempre com tanta pressa, que na primeira vez, quando saiu de Roma, com um cargo público, ele chegou em oito dias ao rio Ródano. Andar a cavalo e com elegância, era para ele coisa muito fácil, porque desde criança ele havia aprendido a cavalgar, com perfeição, a correr a toda velocidade, tendo as mãos entrelaçadas às costas. Mas, na guerra da Gália, ele exercitou-se ainda em ditar cartas, cavalgando pelos campos e em ocupar dois secretários ao mesmo tempo, enquanto podiam escrever; Ópio diz que eram mais de dois e que ele foi o primeiro que inventou a maneira de falar com os amigos por meio das letras transpostas, quando não lhes podia falar oralmente, pela urgente necessidade de algum outro dever, pelo acumulo de ocupações ou. pela grande extensão da cidade de Roma.

XXII. E para mostrar a grande simplicidade de sua vida ordinária cita-se este exemplo: Valério Leo, seu hóspede, deu-lhe um dia um jantar na cidade de Milão e serviu aspargos, no qual haviam posto óleo, de um cheiro diferente de óleo: ele comeu sem dar demonstração alguma e advertiu os amigos que se mostravam ofendidos, dizendo-lhes que lhes bastava não comer, se lhes causasse nojo, sem ofender o dono da casa e aquele que se queixasse daquela incivilidade, seria incivil ele também. Uma outra vez, foi obrigado por uma forte tempestade que desabou repentinamente, a se abrigar na choupana de um pobre camponês, onde só havia uma sala, tão pequena que só podia abrigar uma pessoa e bem magra: ele disse aos amigos que o acompanhavam: "Deve-se ceder o melhor lugar ao mais digno e o mais necessário, aos doentes". Por isso, ele quis que Ópio, que estava indisposto, se abrigasse dentro da choupana e ele com os outros amigos, ficaram sob a beira do telhado, do lado de fora da casa.

XXIII. Por fim, a primeira guerra que travou, quando chegou à Gália, foi contra os helvécios{1279} e contra os tigurinianos{1280} que, tendo incendiado suas cidades, em número de doze, e mais ou menos quatrocentas aldeias, queriam atravessar àquela parte da Gália, que estava debaixo da dominação romana, como haviam feito antigamente os címbrios, aos quais não eram inferiores nem em coragem, nem em número, mais ou menos uns trezentos mil ao todo, dos quais cento e noventa mil soldados. Não foi ele em pessoa que derrotou os tigurinianos, mas Lahieno, um de seus lugar-tenentes, que ele mandou para lá e que os venceu, ao longo do rio de Arar{1281}: mas os helvécios vieram atacá-lo, repentinamente, a caminho, quando ele levava seu exército para uma cidade de seus aliados. Vendo isso, apressou-se em chegar a um lugar seguro, onde alinhou seus soldados: trouxeram-lhe seu cavalo de batalha e ele disse: "Quando eu tiver vencido os inimigos, eu montarei para persegui-los e expulsá-los; mas agora vamos atacá-los". Dizendo isso, marchou a pé c avançou para o campo da luta, onde ficou combatendo durante muito tempo, antes de conseguir derrotá-los; mas a maior dificuldade foi forçar-lhes o acampamento e as defesas que eles tinham feito com seus carros; ali, não somente os que haviam sido derrotados na batalha se haviam reunido e opunham resistência, mas também suas mulheres e filhos, combatendo até o último respiro, deixaram-se retalhar em pedaços, de modo que pela meia-noite é que terminou a luta. Se o feito desta vitória foi belo em si mesmo, a ele se deve. acrescentar outro mais belo ainda, e foi que ele reuniu os bárbaros, que haviam escapado da morte no combate, em número de mais ou menos cem mil e os obrigou a voltar ao país que haviam deixado, o às cidades que haviam queimado: o que ele fez de medo que os alemães, passando o Reno, viessem ocup ar a região que estava vazia e abandonada.

XXIV. A segunda guerra foi defendendo os gauleses contra os alemães, embora ele mesmo, não muito antes, tivesse recebido e declarado seu pai. Ariovisto, amigo e aliado do povo romano: mas eles eram insuportáveis aos seus vizinhos e apenas aguardavam que se apresentasse a ocasião para se expandirem, não se contentando com o que já tinham, mas querendo ocupar também todo o resto da Gália. Sabendo que alguns de seus comandantes se haviam recusado a prosseguir, vencidos pelo temor, jovens de nobres famílias romanas, que pensavam ter vindo à guerra com ele, por divertimento, para se enriquecerem e apenas passar agradável" mente o tempo, ele reuniu o conselho, e disse que aqueles que tinham medo, se retirassem e não mais se apresentassem à batalha, porque, tendo o ânimo fraco e covarde, recuariam no perigo, quanto a ele, tinha deliberado ir ao encontro dos bárbaros, embora tivesse apenas a segunda legião, "porque, disse, nem os inimigos, contra os quais devo combater, são mais valentes que os címbrios, nem Mário foi maior general que eu". Ouvindo isto, os soldados da segunda legião mandaram-lhe embaixadores, para agradecer-lhe o bom conceito que formara deles; as outras legiões censuraram os comandantes e todos juntos seguiram-n o por várias jornadas, com imenso afeto, obediência e submissão, cumprindo o dever, até que chegaram a doze léguas do inimigo.

XXV. A arrogância e a insolência de Ariovisto bem depressa esfriou, quando soube da chegada

de César, porque os romanos vinham enfrentar os alemães, quando eles não os esperavam e julgavam que eles os aguardariam somente, e por isso, não tendo jamais suspeitado que isso poderia acontecer, eles admiraram muito a coragem de César-, mais ainda porque eles viam que seu exército estava todo desorganizado. O que mais ainda diminuía-lhe a coragem, eram as mulheres adivinhas, que entre eles faziam predições e presságios, considerando as curvas dos nos, os turbilhões e o barulho das águas debatendo-se nas pedras; consideradas todas aquelas coisas, foi-lhes vedado combater até a lua nova: César, avisado disso, vendo que por esse motivo os bárbaros não se moviam, julgou que seria melhor atacá-los enquanto eles estavam, assim desanimados, por essa superstição, em vez de perder tempo, aguardando outra oportunidade: atacou-os com escaramuças até mesmo dentro de suas defesas, pelas encostas e colinas, onde eles se haviam fortificado, irritou-os, provocou-os tanto, que por fim, eles furiosos desceram à planície onde foram derrotados e perseguidos numa distância de dezoito léguas, até o no Reno, e o campo que estava entre ambos, ficou coberto de mortos e de despojos. Mas Ariovisto, fugindo rapidamente, passou o Reno e salvou-se com alguns dos seus; diz-se que morreram nessa luta uns oitenta mil homens.

XXVI. Após esse feito, César deixou seu exército passando o inverno nos quartéis no país dos sequanianos{1282} e ele, no entretanto, desejando informar-se dos negócios de Roma, passou a Gália{1283} pela qual corre o rio Pó, a qual fazia ainda parte do governo que lhe haviam confiado, porque o rio chamado Rubicao marca o limite da Gália que está aquém dos Alpes com o resto da Itália: detendo-se aí, ia conquistando amigos em Roma porque muitos iam visitá-lo, aos quais ele dava tudo o de que eles precisavam e os despedia cheios de presentes e ainda mais, de promessas e esperanças para o futuro. Durante todo o tempo da conquista das Gálias, Pompeu não percebeu que ele subjugava os gauleses com as armas dos romanos e vice-versa conquistava os romanos com o dinheiro dos gauleses: mas tendo sabido que os belgas, que são os mais belicosos e os melhores soldados dos gauleses ocupavam a terça parte da Gália{1284}, se haviam sublevado, reunindo um grande número de homens armados, dirigiu imediatamente e a toda pressa sua comitiva para lá, e os encontrou saqueando e pilhando a região de seus vizinhos gauleses, aliados dos romanos. Atacou-os e os denotou; pois a maior parte de suas tropas comportou-se covardemente na luta, por isso ele os matou em tão grande número que os romanos passavam a pé os rios mais profundos, os lagos e os pauis, que estavam cheios de soldados mortos.

XXVII. Depois dessa derrota, os que estão mais próximos do Oceano renderam-se sem luta; por isso ele levou seu exército contra os nérvios{1285}, os mais rudes e mais belicosos de todas aquelas marcas, que moravam em regiões cheias de bosques e tinham ocultado suas mulheres, seus filhos e seus bens, no fundo de uma floresta, o mais afastado que puderam dos próprios inimigos e eles, em número de mais de sessenta mil combatentes vieram atacar a César, quando ele, aquartelado, cuidava em fortificar o seu acampamento, não imaginando sequer ter de combater naquele dia. Romperam, no primeiro ímpeto, a cavalaria romana e cercando a décima-segunda e a sétima legiões, mataram todos os comandantes e chefes de grupos; e se César mesmo então não tivesse tomado um escudo no braço, rompendo a multidão que combatia diante dele, não se fosse arrojar no meio dos bárbaros com a décima legião, que o viu em perigo, e correu para aquele lado, do alto de uma colina onde se travara, a batalha, rompendo as linhas inimigas, naquele dia não teria sobrevivido um único homem dos romanos; seguindo o exemplo da coragem de César, eles combateram, como se diz em linguagem vulgar, acima de suas forças: e, no entretanto, não puderam desbaratar os nérvios, mas foi preciso que os dizimassem imediatamente; escreve-se que de sessenta mil combatentes, que tantos eram, só se salvaram uns quinhentos e três, de seus conselheiros, somente, de quatrocentos que eram. Sabendo disso o Senado romano ordenou que se sacrificasse aos deuses e se fizessem procissões e festas solenes durante quinze dias, o que jamais havia sido determinado em Roma, por vitória alguma obtida, porque o perigo tinha sido demasiado grande, havendo-se sublevado lautas nações ao mesmo tempo; mas ainda o amor e a benevolência que o povo dedicava a César, faziam a vitória mais gloriosa e mais ilustre; depois de ter organizado e posto em ordem os interesses da Gália Transalpina, ele veio passar o inverno perto do rio Pó, para dispor as coisas em Roma, segundo as suas aspirações.

XXVIII. Não somente os que ambicionavam os cargos eram eleitos por meio do dinheiro, que César lhes dava e com o qual subornavam e compravam os votos do povo, faziam depois, em seu Cargo tudo o que podiam para aumentar o seu prestígio e poder; mas também a maior parte dos grandes e dos mais nobres personagens foram até Luca, para estar com ele, como Pompeu, Crasso e Ápio, governador da Sardenha, e Nepos, vice-cônsul na Espanha, de modo que lá se encontraram, uma vez, cento e vinte beleguins dos que levam varas e machados diante dos magistrados e senadores, mais de duzentos, ali estavam reunidos, onde determinaram que Pompeu e Crasso seriam eleitos cônsules para o ano seguinte, pela segunda vez e que se daria ainda mais dinheiro a César para a manutenção do seu exército e se prolongaria o tempo do seu governo, por mais cinco anos. Isso pareceu muito estranho e assaz injusto, aos homens de bem e sensatos, pois aqueles mesmos aos quais César dava tanto dinheiro, insistiam e insinuavam ao Senado que este numerário lhe devia ser dado pelo povo, como se não o tivesse recebido, ou melhor, obrigavam o Senado a suspirar e a gemer, vendo as coisas que eles propunham. Catão não estava presente, pois o haviam mandado expressamente a Chipre, mas Faônio, que seguiu as pegadas de Catão, quando viu que nada conseguia em lhes resistir e contradizer saiu do Senado, raivoso, gritando no meio do povo, que aquilo era uma vergonha: mas ninguém lhe dava ouvidos, uns pela reverência que tinham por Pompeu e Crasso, outros, porque desejavam favorecer os interesses de César, porque nele tinham fundadas todas as suas esperanças: por isso não se incomodavam com nada.

XXIX. Po r fim, César voltando à Gália Transalpina, encontrou uma guerra tremenda no país, porque duas grandes e poderosas nações da Alemanha tinham há pouco passado o Reno, para conquistar novas terras; chamavam-se, esses povos, os ipes{1286} e os tenterridas: César mesmo escreve em seus comentários a respeito da batalha que com eles travou; foi assim: os bárbaros haviam mandado embaixadores a ele e feito tréguas por algum tempo: no entretanto, atacaram-no quando ele continuava o seu caminho de modo que uns oitocentos soldados deles derrotaram uns cinco mil dos seus porque eles não temiam nem receavam coisa alguma: mandara-lhe então outros embaixadores para enganá-lo segunda vez; a estes, porém, ele reteve, e mandou marchar todo o seu exército contra eles, julgando ser simplicidade manter a palavra ou lei com semelhantes bárbaros, tão desleais e infiéis; mas Canusio escreve que, como o Senado decretasse que se sacrificasse ainda e se fizessem novamente procissões e festas em honra dos deuses, para lhes dar graças por aquela vitória, Catão, ao contrário, foi de opinião que era preciso entregar César nas mãos dos bárbaros, para salvar o governo do crime de fé violada e fazer cair a maldição sobre aquele que lhe era o único autor. Superavam esses bárbaros o número de quatrocentos mil indivíduos, os quais foram quase, todos destruídos, exceto algumas pequenas tropas que se haviam salvado da derrota e passaram de novo o Reno.

XXX. Os sicambros{1287}, outra nação da Alemanha, os receberam; César tomando essa oportunidade, com o desejo que tinha de conquistar a glória de ser o primeiro homem de Roma, a passar o no Reno com o exército, construiu sobre ele uma ponte. E um rio muito amplo, mesmo no lugar onde está a ponte: ali se alarga tanto de um lado como do outro e seu curso é rápido e forte, de modo que os troncos de árvores e grandes pedaços de madeira, lançados à correnteza, batiam fortemente contra as colunas que sustentavam a ponte; para resistir ao choque e também por reter e diminuir um pouco a impetuosidade das águas, ele mandou colocar, acima da ponte, reparos de grandes pedaços de madeira, que foram fixos fortemente no fundo do rio, e no espaço de dez dias, terminou a ponte adornando-a com belo trabalho de carpintaria e ostentando o mais engenhoso plano que jamais se poderia imaginar: passando seu exército por sobre a ponte, não encontrou resistência; os suévios, que eram os mais belicosos de toda a Germânia, tinham-se retirado com seus bens para vales profundos e abismos cobertos de bosques e de florestas: e assim, depois de ter incendiado o país de seus inimigos e tranquilizado os que sempre haviam seguido o partido dos romanos, voltou novamente para as Gálias, depois de ter passado oito dias ao todo na Alemanha, além do Reno.

XXXI. A viagem que ele empreendeu, também à Inglaterra, foi de uma ousadia notável: ele foi o primeiro que navegou naquele Oceano Ocidental, com uma esquadra, e através do Atlântico, levando seu exército para ir fazer a guerra a essa ilha, tão grande, que vários dos antigos não quiseram acreditar que ela existia deveras e suscitou divergências entre vários historiadores, os quais afirmavam que isso era falso, inventado só para passatempo; ele foi o primeiro que começou a conquistá-la, e que estendeu o império romano além da circunferência da terra habitada: ele passou por aí duas vezes na costa fronteira, diante das terras da Gália e, em várias batalhas que travou, fez mais dano aos inimigos do que proveito aos seus mesmos homens, porque eles não sabiam tomar coisa alguma nem se apoderar de objetos de valor de homens pobres e necessitados; por isso sua guerra não teve o final que ele desejava, mas tomando somente reféns do rei e impondo-lhe certo tributo que ele pagaria todos os anos ao povo romano, voltou novamente à Gália, onde encontrou cartas recém-chegadas, pelas quais seus amigos lhe mandavam de Roma a notícia da morte de sua filha, por causa do parto, em casa de Pompeu; ele e Pompeu sentiram imensamente tal perda e seus amigos ficaram também muito apreensivos, pensando que a aliança que mantinha o governo, o qual não estava de todo firme, em certa paz e sossego, estava dissolvida e desfeita; mesmo porque a criança, depois de ter sobrevivido à mãe, alguns dias, morreu também. O povo tomou o corpo de Júlia, contra a vontade dos tribunos do povo, e o levou ao campo de Marte, onde foi sepultado.

XXXII. César foi então obrigado a dividir o seu exército em várias guarnições, para passar o inverno, porque eram muitos os soldados; durante o inverno, foi para as costas da Itália, como era seu costume; toda a Gália então de uma vez sublevou-se e tomou as armas, reunindo poderosos exércitos, que atacaram os soldados romanos e tentaram forçar as fortalezas onde eles estavam alojados com suas guarnições. O maior número e os mais belicosos dos gauleses que se haviam rebelado, eram comandados por um certo Ambiorix; dirigiram-se eles primeiramente às guarnições de Cota e Titurio, aos quais mataram, bem como a todos os soldados que estavam com eles: depois foram sitiar, com sessenta mil combatentes, a guarnição sob o comando de Quinto Cícero e pouco faltou que a não dominassem, porque os soldados todos estavam feridos: mas eles tiveram tanta coragem, que em se defendendo, fizeram mais, do que podiam. César recebendo essas notícias, estava muito longe, mas procurou regressar imediatamente; tendo reunido sete mil homens ao todo, apressou-se em socorrer Quinto Cícero, que estava em graves dificuldades. Os que o sitiavam foram avisados e levantaram imediatamente o cerco para ir contra César, imaginando que o derrotariam ao primeiro assalto, porque tinha mui poucos soldados. César para enganá-los, recuava sempre, fingia estar fugindo e procurando estabelecer-se em lugares favoráveis, para combater com poucos soldados contra um exército numeroso; proibiu a seus homens sair do acampamento para escaramuças obrigando-os a levantar as defesas de seu acampamento e fortificar-lhe as portas, como se tivessem medo, a fim de que os inimigos os tivessem em pouca conta e os desprezassem; esperou, enfim, a oportunidade; um dia eles vieram em desordem atacar as defesas do acampamento, tão cheios estavam de presunção e temeridade: fazendo então uma arremetida contra eles, César os pôs em fuga com grande número de mortos. Isso arrefeceu um tanto a rebelião dos gauleses naqueles lugares, ainda mais que ele mesmo em pessoa, ia, no coração do inverno, aos lugares onde sabia haver alguma agitação, porque lhe havia chegado da Itália um reforço de três legiões inteiras, no lugar das que ele tinha perdido: duas, que Pompeu lhe emprestara, das suas e uma, que havia recrutado na Gália das vizinhanças do Pó.

XXXIII. Nesse ínterim, quase de repente, começou a maior e a mais terrível das guerras que ele sustentou em toda a Gália, preparada de longa data e secretamente pelos principais chefes, homens dos mais belicosos do país; tinham eles enorme poder, quer pelo numeroso exército e pelas muitas armas, que haviam reunido de vários lugares como por causa das riquezas que haviam acumulado, reunindo as próprias economias, bem como ainda pelas fortificações de várias cidades que haviam preparado, pelas dificuldades naturais da região, em que se haviam sublevado porquanto ainda era inverno, quando os rios ficam gelados, os bosques e as florestas cobertas de neve, as campinas alagadas pelas torrentes e os campos

entulhados de neve alta, tornando-se impossível encontrar as estradas, os regatos, pântanos e nos transbordando ocultam ou impedem as vias públicas. Todas estas dificuldades eram, segundo eles pensavam, suficientes para impedir que César pudesse vir em auxílio dos seus, contra os revoltados. Várias nações tomavam parte nesta rebelião: mas as duas principais eram os árvermanos{1288} e os camutos{1289}, os quais haviam escolhido por comandante e chefe e ao qual haviam dado a superintendência de toda a campanha, a Vercingétorix, cujo pai, antes, os gauleses haviam feito morrer pela justiça, porque pensaram que ele queria fazer-se rei. Vercingétorix então, dividindo suas forças em várias partes, entregou-as cada uma a oficiais de sua confiança e conseguiu atrair- para a sua liga todos os povos dos arredores, mesmo os que estão perto do mar Adriático{1290}, deliberando fazer tomar as armas, a toda a Gália de uma vez, ainda mais que fora avisado, que em Roma já se tramava contra o mesmo César, de modo que, se ele tivesse esperado um pouco mais, até que César tivesse começado a guerra civil, ele teria incutido tanto terror na Itália e também tão grande perigo, como no tempo dos címbrios.

XXXIV. Mas César, que dirigia sabiamente todas as suas guerras e, principalmente, sabia aproveitar todas as ocasiões de tempo e de lugar, logo que soube dessa sublevação, partiu imediatamente, voltando pelo mesmo caminho, por onde havia passado há pouco, mostrando aos bárbaros que eles tinham que se haver com uma força invencível e à qual lhes seria impossível resistir, por causa da extrema rapidez com que ele havia manejado seu exército, mesmo num inverno tão rigoroso; de fato, no espaço de tempo que um simples mensageiro levaria a chegar até eles, César chegou, deixando-os pasmados, quando o viram, com todo o seu exército, devastando e incendiando a planície, atacando e destruindo suas cidades e fortalezas, e recebendo benignamente os que se entregavam, até que os beduinos{1291}, tomaram as armas contra ele, os quais antes se costumavam chamar de irmãos dos romanos e eram por eles grandemente honrados: por essa razão, os soldados de César, quando souberam que eles se haviam aliado aos povos revoltados, ficaram desgostosos e desanimados. Por esse motivo, César afastando-se daí, passou pelo país dos lingões{1292} para entrar no dos sequamanos, que eram amigos dos romanos e os mais próximos da Itália daquele lado, com relação ao resto da Gália. Lá, foram os inimigos atacá-lo e o rodearam de todos os lados, com um número infinito de combatentes: ele, porém, não se atemorizou e combateu com tanta coragem, que lhes incutiu temor e conseguiu submetê-los à sua vontade: mas, no começo, parece que ali sofreu alguns reveses, pois os arvernianos mostravam, em um dos seus templos, uma espada dependurada, que diziam ter sido tirada de César; ele mesmo, depois, passando por aí, viu-a e se pôs a rir; como seus amigos a quisessem tirar de lá, ele não consentiu, dizendo que não deviam tocá-la, pois era coisa sagrada; todavia nesse início, dos que se salvaram fugindo, a maior parte dirigiu-se com seu rei para a cidade de Alexia{1293} diante da qual César preparou o cerco, ainda que parecesse ser ela inexpugnável, quer pela altura das muralhas, quer pela multidão de homens que a defendiam.

XXXV. Mas durante o cerco sobreveio-lhe um perigo, do lado de fora, muito maior do que se poderia imaginar; um exército de trezentos mil combatentes, os melhores de todas as nações da Gália, veio atacá-lo quando eles estavam acampados diante de Alexia; os que estavam dentro da cidade não eram menos de setenta mil: de tal sorte que, estando entre duas forças tão poderosas, ele foi obrigado a se fortificar com duas muralhas, uma contra a cidade e a outra contra os atacantes externos, porque se essas duas forcas se tivessem unido, certamente ele teria sido derrotado: por isso o cerco de Alexia e a batalha que ele ganhou depois, com razão granjearam-lhe mais honra e mais glória do que nenhuma outra, porque foi naquele perigo, que ele praticou mais atos de bravura, de coragem, de sabedoria e de prudência do que em qualquer outra empresa anterior. Mas o que nos causa mais admiração ainda, é que os da cidade jamais souberam do auxílio que lhes vinha de fora, a não ser depois que ele os havia derrotado e ainda mais, os mesmos romanos, que tinham o encargo de guardar a muralha construída contra a cidade, também de nada souberam, mas somente depois do fato, isto é, quando ouviram o clamor dos homens e as lamentações das mulheres, que estavam dentro de Alexia, e quando viram do outro lado da cidade muitos escudos adornados de ouro e de prata, muitas couraças e armaduras manchadas de sangue, muitos objetos e baixelas, tendas e pavilhões, feitos à maneira dos gauleses, que os romanos levavam, depois da derrota do inimigo, para o seu acampamento; todo aquele grande poder

desapareceu quase de repente, como um fantasma num sonho, pois a maior parte foi sacrificada em um dia de batalha. Por fim, os habitantes de Alexia, depois de terem dado muito trabalho a César e a eles mesmos, entregaram-se; Vercingétorix, que havia suscitado e dirigido toda essa guerra, revestido de suas mais belas armas., adornando outrossim, do mesmo modo seu cavalo, saiu pela porta da cidade, dirigiu-se a César, deu uma volta a cavalo, em torno dele, que estava sentado em seu trono: depois, apeando, tirou todos os ornamentos do cavalo, despojou-se também de todas as suas armas, lançou-as por terra e foi sentar-se aos pés de César, sem proferir uma única palavra, até que este o entregou, como prisioneiro de guerra, para depois levá-lo ao seu triunfo, em Roma.

XXXVI. César há muito havia determinado arruinar Pompeu, bem como Pompeu, a ele; mas, tendo Crasso sido morto pelos partos, e sendo ele o único que podia desejar, que um dos dois caísse, só restava a César, para se tornar o maior, derrotar a Pompeu, e a Pompeu, para impedir que isso lhe sucedesse, tocava derrotar antes a César, o único a quem ele temia: e o temia há pouco tempo, porque até então, tinha feito pouco caso dele, julgando lhe seria muito fácil derrotar quando quisesse, àquele ao qual ele havia feito tal, como era. Mas César, ao contrário, tendo-se prefixado desde o princípio àquele objetivo, como um campeão de luta, que só estuda os meios de derrotar e aniquilar seus adversários, retirou-se ocultamente para longe de Roma; para se exercitar nas guerras da Gália, onde adestrou seu exército e aumentou a glória do seu nome, por grandes feitos de armas: de maneira que chegou a se igualar a Pompeu em seus triunfos e só lhe faltava para executar seu plano apenas um pretexto, o qual, em parte, o mesmo Pompeu lhe forneceu e em parte também o tempo, mas principalmente o mau governo da república e a má orientação das coisas públicas, em Roma, porque aqueles que tinham esse difícil encargo compravam os votos do povo a peso de ouro, que entregavam publicamente ao banco, sem temor nem vergonha alguma: o povo tendo vendido seus votos a bom preço vinha no dia da eleição combater por aquele que lhe havia pago, não com seus votos e sufrágios, mas com arcos, fundas e espadas, de tal modo que raramente a assembleia se dissolvia sem que a tribuna dos discursos não se manchasse de sangue e mortos e feridos não ficassem no meio da praça, enquanto a cidade ficava sem governante, como um navio, no meio da tempestade, sem a mão firme do piloto: os homens de bom senso e honestos, vendo tal confusão e furor, mostravam-se, porém, contentes, de medo não lhes sucedesse ainda pior, se viesse a monarquia, com o poder nas mãos de um só; alguns ousavam dizer publicamente que não havia mais meio de se remediar aos males do governo, a não ser por meio de um só chefe, ao qual se dessem plenos poderes, prestígio e autoridade soberana e que se devia receber esse remédio das mãos do mais manso e gracioso dos médicos, querendo dar a entender tratasse de Pompeu: e como ele com palavras belas e eloquentes, mostrasse fingidamente não querer, no entretanto, em segredo fazia todos os esforços e empregava todos os meios para isso, desejando, mais que qualquer outro, tornar-se ditador, Catão, percebendo-o muito bem e temendo que por fim ele obrigasse o povo a fazê-lo, persuadiu o Senado de que era melhor declará-lo cônsul, a ele sozinho, para que, contentando-se com essa justa e legítima autoridade, ele não ambicionasse outra; o Senado concedeu-lhe, não somente isso, mas ainda prolongou-lhe o tempo do governo em suas províncias, pois ele tinha duas, a Espanha e a África inteira, que ele governava e administrava por meio de seus lugar-tenentes, mantendo seu exército com os dez mil talentos{1294} que o governo lhe concedia todos os anos.

XXXVII. César, então mandou também amigos, para lhe pedir o consulado, e outrossim, a prorrogação do tempo de seu governo; no começo, Pompeu conservou-se calado: mas Marcelo e Lêntulo, que odiavam a César, opuseram-se-lhe firme e fortemente, objetando que era necessário dizer ou lazer outras coisas, que não haviam sido feitas e ditas, para causar-lhe raiva e aborrecimento; privaram do direito e privilégio da burguesia romana, os camponeses e os habitantes da cidade de Novocomo{1295} na Gália, da parte da Itália, onde César há pouco os havia estabelecido: Marcelo, sendo cônsul, mandou açoitar um senador, que havia vindo para esse fim a Roma, dizendo que lhe imprimia de propósito aqueles sinais, a fim de que ele reconhecesse que não era cidadão romano e fosse mostrar-se a César. Mas depois do consulado de Marcelo, César deixava que usassem do cofre dos gauleses, a todos os que eram encarregados das coisas públicas, em Roma, quanto quisessem; havia perdoado a Cúrio uma dívida e dado ao cônsul Paulo mil e quinhentos talentos{1296}, com o qual fez construir aquele

tão afamado palácio, que une a chamada Basílica de Paulo ao de Fúlvio: Pompeu começou a se atemorizar e dizia publicamente, ele mesmo ou por seus amigos, que se mandasse um substituto a César; depois, pediu-lhe a devolução dos soldados que lhe havia mandado por empréstimo, para a guerra e a conquista das Gálias.

XXXVIII. César os mandou, dando de presente a cada soldado duzentas e cinquenta dracmas de prata{1297} : aqueles que os reconduziram a Roma, porém, quando lá chegaram, semearam entre o povo palavras mentirosas, contra César; enganaram a Pompeu, com falsas esperanças dando-lhe a entender, que ele era muito desejado no exército e no acampamento de César, e que se em Roma ele fazia com dificuldade o que queria, quer pela inveja que lhe votavam, quer pela má vontade oculta, dos encarregados dos negócios públicos, ele podia ter certeza de que lá, todo o exército estava às suas ordens; se os soldados transpusessem novamente os montes e voltassem à Itália, iriam todos a ele, tanto odiavam a César, porque os fazia trabalhar excessivamente e a combater sem tréguas, e ainda mais porque lhes era suspeito e eles desconfiavam de que ele queria fazer-se monarca. Estas notícias encheram a Pompeu de vã presunção e de pouco caso, de sorte que ele não se incomodou em fazer os preparativos para a guerra, como se não tivesse motivo para temê-la; imaginando resistir a César com palavras, somente, e com opiniões contrárias às suas pretensões no Senado, apenas com as palavras: “Eu sou de parecer que é assim ou não é assim"; mas César pouco se incomodava. Diz-se que um de seus generais, que ele havia mandado de propósito a Roma, para esse assunto, estando às portas do Senado e sabendo que não lhe haviam querido conceder a prorrogação do tempo do governo, que ele havia pedido, pondo a mão sobre o punho da espada, disse: "Visto que não lho quereis conceder, esta lho concederá".

XXXIX. No entretanto, os pedidos que César fazia eram mui razoáveis e justos, dizia ele que consentiria em deixar as armas, contanto que Pompeu também as deixasse, e ambos, como pessoas particulares, procurassem obter a recompensa de seus cidadãos, provando que aqueles que lhes tiravam a força das armas e a concediam a Pompeu acusavam-no injustamente de se querer fazer monarca e, no entretanto, davam os meios de sê-lo a outro. Cúrio{1298}, fazendo essa oferta e essas declarações em nome de César, publicamente, diante do povo, foi ouvido com grande alegria e muitos aplausos, chegando mesmo alguns a atirarem-lhe flores, quando ele deixava o Senado, como se faz com os campeões, quando proclamados vencedores nas competições. António, um dos tribunos do povo, trouxe uma carta que César lhe escrevera e a mandou ler publicamente, contra a vontade dos cônsules. Mas no Senado, Cipião, sogro de Pompeu, propôs que, se dentro de um certo número de dias, César não depusesse as armas, seria declarado inimigo do povo romano. Então os cônsules perguntaram em voz alta aos senadores, se eles eram de opinião, que Pompeu também as deixasse: a esta pergunta poucos responderam ; logo depois perguntaram se eram de opinião que César as deixasse: e então quase todos disseram que sim. António então pediu que ambos as deixassem; todos, a uma voz, foram da mesma opinião; todavia pela importuna violência de Cipião e de Marcelo, que clamavam que era necessário usar da força das armas e não de opiniões contra um ladrão, o Senado dissolveu-se, sem nada decidir e todos mudaram suas vestes na cidade, como se costuma fazer em luto público, por causa desta dissensão.

XL. Depois vieram outras cartas de César, que pareciam ainda mais razoáveis; pois ele pedia que lhe entregassem a Gália, que está entre os Alpes e a Itália, com a Esclavônia e duas legiões, unicamente, deixando tudo o mais até que ele pudesse obter um segundo consulado. Cícero, o Orador, há pouco chegado da sua província, na Cilicia, procurava todos os meios de os reconciliar, acalmava a Pompeu, quanto possível; dizia ser de opinião que lhe concedessem o que pedia, contanto que depusesse as armas. Cícero solicitava ainda dos amigos de César, que eles se contentassem com aquelas duas províncias e seis mil homens, somente, para ter paz: Pompeu estava de acordo e lho concedia: mas o cônsul Lêntulo, não o quis e expulsou Cúrio e António ignominiosamente para fora do Senado e com isso deram a César o melhor pretexto e o motivo mais honesto que ele podia desejar; assim ele irritou mais ainda seus soldados, mostrando-lhes esses dois personagens, constituídos em dignidade e cargo público,

obrigados a fugir, disfarçados em escravos, em carros de mercadorias, para poderem sair de Roma.

XLI. Não tinha ele então um efetivo de mais de cinco mil soldados de infantaria e trezentos de cavalaria, porque o resto de seu exército tinha ficado além dos montes, o qual porém, ele já tinha mandado buscar; mas, para a execução do seu desígnio c de sua empresa, de início não tinha necessidade de grande número de soldados, mas, da coragem, de ousadia e de rapidez em aproveitar a oportunidade, porque aterrorizariam mais facilmente seus adversários surpreendendo-os inesperadamente, quando menos eles pensavam que ele poderia atacá-los, do que indo investi-los com todo o seu poder, depois de lhes ter dado a oportunidade para se prepararem; ele ordenou então a alguns de seus oficiais e comandantes de grupos, que fossem, disfarçadamente só com suas espadas, sem outras armas, a Rímini, grande cidade, que se encontra por primeira, ao sair da Gália{1299}, e que dela se apoderassem sem matar nem ferir a pessoa alguma, sem provocar tumulto, o menos possível, porém: depois confiou o comando de todas as suas forças a um de seus familiares, de nome Hortênsio; ficou durante todo o dia, à vista de todos, assistindo ao espetáculo dos lutadores que se exercitavam na sua presença, até quase ao escurecer, quando entrou em casa, onde, depois de ter tomado um banho, ficou na sala, algum tempo com seus convidados, que tinham vindo cear com ele; chegando a noite, quando as horas já iam altas e nada mais se via, ele levantou-se e pediu aos amigos que continuassem alegres, que ninguém se ausentasse, pois ele voltaria imediata mente; havia antes avisado a alguns de seus amigos fiéis, em pequeno número, que o seguissem, não todos juntos, mas uns por um caminho e outros, por outro; subiu a um carro de transporte, fingiu ir a um lugar, a princípio, mas depois dirigiu-se para Rímini.

XLII. Quando chegou ao pequeno rio Rubicão, que separa a Gália Cisalpina do resto da Itália, deteve-se; mais ele se aproximava do desfecho, mais lhe vinha à alma um remorso, ao pensar no que estava fazendo, e mais hesitava em seus desejos, considerando a grande ousadia do que intentava realizar. Fez vários planos, mentalmente, sem dizer uma palavra a ninguém, ora inclinando-se a uma parte, ora a outra; mudou seu projeto em várias partes, contrárias consigo mesmo: também conversou muito com os que o acompanhavam, amigos seus, entre os quais Asínio Pólio, sobre a multidão de males, para o mundo, de que seria causa a passagem daquele rio e de como seus sucessores e sobreviventes falariam um dia, no futuro, daquele acontecimento. Finalmente, como num ímpeto de coragem, afastou todo pensamento do futuro, dizendo as palavras, que costumamos dizer, comumente, quando nos aventuramos a empresas arriscadas e ao mesmo tempo perigosas: Para tudo perder basta um golpe perigoso{1300}. Adiante; ele passou o rio e depois começou a corr er, sem parar em lugar algum, de medo que antes do amanhecer ele estava em Rímmi e dela se apoderou. Mas, diz-se que na noite anterior à que ele atravessou o no, teve um sonho terrível, isto é, lhe fora avisado que ele teria de se haver com sua própria mãe

XLIII. Logo divulgou-se a notícia da tomada de Rímmi, como se a guerra tivesse sido declarada, por mar e por terra, as fronteiras tivessem sido violadas, bem como todas as leis romanas e os limites de seu governo, completamente arruinados; dir-se-ia que as cidades inteiras, erguendo-se de seus lugares, fugiam umas após outras, de terror por toda a Itália, não os homens e as mulheres, como outrora, de maneira que a cidade de Roma ficou imediatamente cheia, como inundada por uma torrente de povos vizinhos, que a ela se lançaram de todos os lados, sem que magistrado algum pudesse governá-la com sua autoridade, nem pela razão, conter uma tão violenta tempestade e tormenta, e bem pouco faltou que ela não fosse totalmente destruída, porque não havia um lugar sequer onde não surgissem dissensões, rebeliões violentas e perigosas, porque quantos se alegravam com essas perturbações, não se detinham num só lugar, mas iam cá e lá pela cidade; e quando encontravam outros que se mostravam assustados ou desgostosos com o tumulto, como é possível de algum modo, numa cidade tão grande, entravam em luta cem eles e os ameaçavam atrevidamente para o futuro.

XLIV. Pompeu, que além do mais, estava assustado, ficou ainda mais perturbado pelos maus comentários que uns faziam de um lado, e outros, de outro, censurando-o e dizendo que era bem merecido e que ele sofria justamente o castigo, por ter prestigiado a César contra si mesmo e contra o governo: outros censuravam-no por ter recusado as propostas honestas e as condições razoáveis que César lhe havia feito, deixando que injuriosamente Lêntulo o caluniasse. Por outro lado, Faônio dizia-lhe que ele batesse então contra a terra, porque um dia, em pleno Senado, Pompeu, falando com altivez, tinha dito que ninguém se preocupasse nem se incomodasse com seus preparativos para a guerra, porque, todas as vezes que ele quisesse, batendo com o pá na terra, ele encheria a Itália de exércitos. No entretanto, ele ainda era superior a César, em número de soldados: jamais, porém, o deixaram usar do seu parecer, mas deram-lhe tantas notícias falsas e causaram-lhe tanto temor, como se já tivessem os inimigos às portas, como vencedor que ele cedeu por fim e deixou-se levar pelos demais, deliberando, ao ver as coisas em tal perturbação" e tumulto, abandonar a cidade, ordenando aos senadores que o seguissem; não houve um só que ficasse, tanto eles preferiam a tirania à liberdade do governo. Os mesmos cônsules fugiram antes de fazer os sacrifícios ordinários que se costumam antes de sair da cidade; assim fez também a maior parte dos senadores, tomando às pressas em suas casas aquilo que lhes vinha às mãos, como se estivessem saqueando o alheio; alguns daqueles que sempre haviam aderido ao partido de César com entusiasmo, tiveram o juízo tão abalado por este temor, que fugiram também, e se deixaram levar pelo curso da agitação, sem que disso houvesse necessidade.

XLV. Mas era, sobretudo, digno de lástima, ver-se a cidade abandonada ao acaso, como um navio sem piloto, sem esperança de poder salvá-lo, em tão grande tormenta; todavia, embora a resolução fosse tão mesquinha, todos ainda julgavam que a fuga lhes era melhor, pelo amor que tinham a Pompeu; abandonavam Roma, como se fosse o próprio acampamento de César, porquanto Labieno, que era um dos maiores amigos de César, tendo sido sempre seu lugar-tenente na guerra da Gália e sempre se portara valentemente em todas as ocasiões, abandonou-o então, bandeando-se para o lado de Pompeu: César, porém, mandou-lhe seu dinheiro e toda a sua bagagem, e depois foi acampar diante da cidade de Corfínio{1301}, na qual se encontrava Domício, com tonta bandeiras: vendo-se sitiado, julgou-se perdido e, sem esperança de salvação, pediu a um escravo, que era médico, um pouco de veneno. O médico deu-lhe um bebida, que ele tragou imediatamente, pensando morrer; pouco depois, porém, ouviu contar de como César tratava com extraordinária clemência e humanidade, aos prisioneiros, arrependeu-se do seu gesto e começou a se lamentar, a mostrar-se arrependido de tão louca resolução. O médico tranquilizou-o, dizendo-lhe que ele apenas havia bebido um soporífero, com o que muito ele se alegrou e foi imediatamente entregar-se a César, que lhe concedeu a vida; no entretanto, o outro procurou evadir-se imediatamente, fugindo para Pompeu. Estas notícias foram levadas a Roma, reconfortaram e alegraram muito os que lá estavam: alguns mesmo que já haviam se retirado, tornaram a voltar.

XLVI. No entretanto, César tomou a seu serviço os soldados de Domício e fez o mesmo nas outras cidades, onde surpreendeu os comandantes que recrutavam soldados para Pompeu, de sorte que tendo já reunido um poderoso exército, dirigiu-se diretamente ao seu destino, onde pensava encontrá-lo; mas Pompeu não o esperou, fugindo para a cidade de Brinmdisi, de onde fez os dois cônsules passarem a Dirráquio (Durazzo) com todas as suas tropas e ele mesmo passou, depois, quando soube que César havia chegado, como diremos mais amplamente na sua vida. César bem quisera ir imediatamente atrás dele e persegui-lo, mas por falta de navios, voltou para Roma, tendo ficado sessenta dias soberano de toda a Itália, sem derramamento de sangue. Encontrou Roma mais pacífica, do que esperava; esteve com vários senadores, aos quais falou gentil e humanamente, rogando-lhes que mandassem embaixadores a Pompeu, para acertarem a divergência entre eles, com condições justas e razoáveis: o que eles, porém, não fizeram, quer porque temiam o furor de Pompeu, pois o tinham abandonado, quer porque julgavam que César, no fundo de seu coração, não queria o que afirmava com os lábios, usando de tal linguagem por uma honesta conveniência somente: e como um dos tribunos do povo, Metelo, quisesse impedir-lhe tirar dinheiro dos cofres do tesouro e da reserva pública, citando algumas leis que o proibiam, ele respondeu: "O tempo

das armas e o tempo das leis são dois: e, se o que eu faço, por acaso te desagrada, sai-te daqui, agora mesmo: pois a guerra não permite essa licença de contradizer tão francamente, com palavras; depois que tivermos deposto as armas e marcarmos uma reunião, então poderás vir discursar e falar quanto quiseres; eu ainda te digo isto por deferência, cedendo um pouco do meu direito, pois tu estás sob minha dependência, tu e todos os que, tendo-se rebelado contra mim, caístes nas minhas mãos". Dizendo estas palavras foi ao tesouro: como não tinha as chaves, mandou vir serralheiros e arrancar as fechaduras; Metelo opôs-se de novo, e alguns louvaram-no, dizendo que ele fazia bem; César, levantando a voz, ameaçou matá-lo se ele teimasse e ainda lhe disse: "Moço! Tu bem sabes que me é mais difícil dizer do que fazer". Estas palavras fizeram Metelo afastar-se com medo, não só: mas também m ais tarde ele lhe deu sempre, prontamente, tudo o de que ele precisava para a guerra.

XLVII. Queria César ir guerrear na Espanha, para de lá expulsar Petréio e Varro, lugar-tenentes de Pompeu e apoderar-se dos exércitos e das províncias que eles ocupavam a fim de, o mais depressa possível, ir contra o mesmo Pompeu, sem deixar atrás, inimigo algum. Durante a viagem, por várias vezes, esteve em perigo de vida, por causa das ciladas e emboscadas que lhe armavam em diversos lugares e de vários modos, e também em risco de perder todo o seu exército, por falta de víveres; no entretanto jamais deixou de provocar para o combate, de sitiar e ameaçar esses lugar-tenentes de Pompeu, até que, pela força, submeteu seus acampamentos e suas tropas; os chefes se salvaram, fugindo para Pompeu.

XLVIII. Depois que ele voltou a Roma, seu sogro Piso pediu-lhe que mandasse embaixadores a Pompeu, para tentar encontrar-se com ele: mas Isáurico, para agradar a César, o contradisse: e tendo sido criado ditador pelo Senado, mandou voltarem" imediatamente todos os exilados, restituiu todas as honras aos filhos dos proscritos, condenados e exilados do tempo de Sila, aliviou um pouco os devedores, diminuindo as usuras que pesavam sobre eles e ainda fez outras leis e determinações, mas poucas, porque conservou o soberano poder de ditador, por onze dias somente, e deixando-o, nomeou-se a si mesmo cônsul com Servílio Isáurico e depois continuou a guerra, deixando atrás de si, pelo caminho, o resto de seu exército, adiantando-se com seiscentos cavaleiros e cinco legiões de soldados de infantaria somente, no coração do inverno, mais ou menos pelo mês de janeiro, que corresponde ao que os atenienses chamam de Poseidon: depois de ter atravessado o mar Jónico e desembarcado seus soldados em terra, tomou as cidades de Onco e Apolónia: depois mandou os navios à cidade de Brindisi, para lhe trazerem o resto dos soldados, que não haviam podido marchar logo com ele, os quais, porém, durante a caminhada, sendo homens que já haviam passado a "flor da idade e perdido muito da força e do vigor, estavam cansados e esgotados, por terem travado tantas batalhas, queixavam-se de César, dizendo: "Quando isto terá fim? Quando deixará esse homem de nos arrastar pelo mundo atrás de si, servindo-se de nós como se fôssemos coisas insensíveis) Todo o ferro de nessas armas está gasto pelo grande número dos golpe? que desferimos: não deixaremos, depois de tanto tempo, de ter a couraça às costas e o escudo na braço? César não deveria pensar, pelo menos quando vê o nosso sangue, nossas fendas e nossas chagas, que nós somos homens mortais e sentimos também os males e as dores que sentem os outros homens? E agora no mais forte do inverno vai nos expor à mercê dos ventos e do mar, num tempo em que os mesmos deuses não nos saberiam obrigar, como se ele fugisse diante dos inimigos e não os perseguisse. Assim falando, os soldados iam caminhando em marchas pequenas, para a cidade de Brindisi. Mas, quando lá chegaram e souberam que César já havia partido, mudaram logo a linguagem e a vontade; censuraram-se a si mesmos e disseram injúrias aos seus comandantes também, porque não os haviam apressado um pouco na caminhada; sentando-se nos rochedos mais altos e nas pedras da costa, lançavam suas vistas para o alto mar, olhando para o reino do Epiro, para ver se os navios apareciam, a fim de transportá-los também.

XLIX. No entretanto César, que estava na cidade de Apolónia, não tendo exército suficiente para combater, encontrava-se em grande aflição, porque o restante tardava a vir e ele não sabia o que fazer; mas, por fim, tomou uma deliberação muito perigosa, isto é, partir

ocultamente numa fragata de doze remos, para regressar novamente a Brindisi: o que não se podia fazer sem grave perigo, visto que todo aquele mar era ocupado por grandes esquadras e poderosos exércitos inimigos. Embarcou certa noite, disfarçado em escravo; penetrou na fragata sem nada dizer, como se fosse um homem qualquer. A fragata estava no rio de Anio{1302}, cuja foz costumava ser ordinariamente calma e tranquila, por causa de um leve vento de terra que sopra todas as manhãs e leva para bem longe as ondas do alto mar; mas, naquela noite, por acaso, soprou um vento marítimo que amorteceu o vento da terra, de maneira que a rapidez do curso do no, combatendo contra o fluxo do mar e a violência das vagas, tornava a embocadura muito perigosa, porque as águas do no eram repelidas com enorme ruído e perigoso movimento das ondas; por isso, o piloto que dirigia a fragata, vendo que não podia sair daquela embocadura, ordenou aos marinheiros que remassem para trás para navegar contra a corrente do rio; ouvindo isso, César deu-se a conhecer ao piloto, que ficou a princípio quase fora de si, de surpresa, mas César tomando-lhe a mão, disse-lhe: "Meu amigo, coragem, vamos adiante sem temor, pois levas César e com ele, toda sua fortuna". Os marinheiros, então, esquecendo-se do perigo da tormenta, puseram-se a navegar para frente e fizeram todo esforço possível, para forçar o vento e sair da embocadura do rio: não foi possível, porém, porque a fragata começou a se encher de água e esteve prestes a ir a pique, de modo que César se viu obrigado, com grande pesar, a voltar atrás: regressando a seu acampamento, os soldados vieram-lhe ao encontro em massa, queixando-se e lamentando-se de que não confiava neles e julgava não poder vencer seus inimigos, somente com eles, mas se inquietava a ponto de expor sua pessoa a grave risco, para ir procurar outros e por não ter confiança neles.

L. Nesse ínterim, António chegou trazendo de Brindisi o resto do exército: César então sentiu-se bastante reanimado e apresentou-se para dar combate a Pompeu, que estava aquartelado num lugar propício para se abastecer tanto por mar, como por terra: César, que desde o começo não tivera víveres em abundância, encontrou-se também em dificuldades a esse respeito; seus homens colhiam raízes que misturavam com leite e as comiam; faziam assim também com o pão e às vezes, combatendo em escaramuças com o inimigo, atacando as sentinelas, impeliam-nas até às suas trincheiras, dizendo que, enquanto a terra produzisse tais raízes, jamais levantariam o cerco de Pompeu. Pompeu proibiu que se divulgassem essas palavras e se semeasse esse alimento no seu acampamento, de medo que isso fizesse os seus perderem a coragem e sentissem medo quando considerassem o rigor e a aspereza dos inimigos, com que tinham de lutar, visto que eles não se cansavam de nada como os animais selvagens.

LI. Faziam-se ordinariamente incursões e escaramuças perto das trincheiras e fortificações do campo de Pompeu, nas quais César quase sempre levava vantagem, exceto uma vez, quando seus soldados fugiram mui assustados, havendo mesmo naquele dia grande perigo de perder, não só o acampamento, mas também todo o exército: porque Pompeu saiu a combate contra eles e eles lhe não puderam resistir, mas foram rechaçados até o próprio campo, cujas trincheiras ficaram abarrotadas de mortos, os quais eram sacrificados mesmo diante de suas portas e junto das defesas, tão veemente foi a perseguição. César apareceu diante dos fugitivos para obrigá-los a voltar atrás, mas nada conseguiu; pois quando e le pensava tomar as insígnias, para detê-los, os que as levavam lançavam-nas por terra, e assim os inimigos chegaram a apoderar-se de mais de umas trinta e duas delas e pouco faltou que César mesmo não fosse morto; pois, quando ele tentava deter um soldado alto e forte, que fugia, ordenando-lhe que parasse e se voltasse para o inimigo, o soldado, cheio de medo, levantou a espada para feri-lo; mas o seu escudeiro impediu que ele tivesse o ombro rachado por um golpe; César naquele dia ficou tão aflito e desesperado pelo seu infortúnio, que, quando Pompeu, por temor ou receio da sorte, pôs fim a este assunto e retirou-se para seu acampamento, contentando-se em ter repelido e rechaçado os inimigos até seu acampamento, César voltando-se aos seus amigos, disse em voz alta e clara: "A vitória hoje teria sido dos nossos inimigos se eles tivessem tido um comandante que soubesse vencer".

LII. Voltando ao seu aposento, deitou-se e aquela noite foi a pior e a mais aborrecida de todas; não podia deixar de refletir, com tristeza, no grande erro que havia cometido por ter-se obstinado em ficar tanto tempo junto do mar, onde os seus inimigos eram os mais poderosos, quando ele tinha diante de si, um país extenso e abundante de todos os bens, cidades da Macedónia e da Tessália, e não tivera a ideia de levar a guerra para lá, enquanto perdia tanto tempo num lugar onde ele estava mais sitiado por seus inimigos, pela falta de víveres, do que ele mesmo os sitiava com a força de suas armas: assim, envergonhando-se e aborrecendo-se de se ver em tão grande penúria e seus negócios em tão mau estado, ele afastou-se dali e deliberou ir ter com Cipião, na Macedónia, imaginando que, ou ele atrairia Pompeu ao combate, contra a vontade, quando não tivesse mais o mar à sua disposição para lhe fornecer víveres em abundância, ou então, ele derrotaria facilmente a Cipião, quando estivesse sozinho e não fosse ajudado.

LIII. O afastamento de César animou o exército de Pompeu e seus comandantes, os quais queriam a todo transe persegui-lo, imaginando-o já derrotado, por ter fugido; mas, ele não queria absolutamente arriscar a batalha, que seria de graves consequências, pois sentia-se muito bem provido de tudo, para esperar a oportunidade, queria prolongar essa guerra, a fim de esgotar, pela dilação do tempo, o pouco de vigor que ainda restava ao exército de César, cujos homens, assaz aguerridos, tinham uma coragem a toda prova para um dia de batalha; mas, andar errante pelo país, mudai tão frequentemente de acampamento, de um lugar para outro, atacar uma muralha, ficar de sentinela, ou de prontidão, em armas, toda a noite, isso eles não podiam fazer mais, na maior parte, por causa da idade, pois já estavam demasiado velhos para semelhante trabalho, de modo que a fraqueza do corpo diminuía-lhes também o ardor e a coragem. Além disso, havia se disseminado entre eles uma doença contagiosa, como uma peste, proveniente das carnes deterioradas que eles eram obrigados a comer, o que ainda era pior, não havia dinheiro suficiente, nem ele Unha meios para obter víveres, de sorte que parecia que em pouco tempo ele, derrotar-se-ia a si mesmo. Por essas razões Pompeu não quis absolutamente combater: mas somente Catão era do seu parecer, porque queria poupar o sangue de seus concidadãos; vendo os mortos no campo dos inimigos, na última escaramuça, mais ou menos uns mil homens, ele cobriu o rosto e se foi, chorando. Todos os outros, ao contrário, aconselhavam-no e até o censuravam porque ele hesitava em dar batalha; outros provocavam-no, chamando-o de Agamenon, e rei dos reis, dizendo que ele fazia a guerra continuar, porque não queria abrir mão da soberana autoridade e estava muito contente por ver sempre tantos generais ao seu lado, que lhe vinham fazer a corte em sua casa. E Faônio, um estouvado, que imitava o falar de Catão, fingia preocupar-se, dizendo: "Não é grande pena que não possamos comer ainda este ano os figos de Túsculo{1303}, pelo ambicioso desejo de reinar que domina Pompeu)" E Afrânio, há pouco chegado da Espanha, porque tinha sido mal sucedido ou porque o acusavam de ter traído e cedido a César, seu exército, por dinheiro, perguntava por que não se combatia a tal mercador, que dizia ter comprado dele a província da Espanha; Pompeu, por fim, impelido por essas palavras, foi, contra a vontade, em pós de César, para lhe dar combate.

LIV. César achava-se em graves dificuldades, no começo, porque não encontrava quem lhe fornecesse víveres, pois era desprezado por todos, por causa da derrota sofrida recentemente; mas, depois que ele tomou a cidade de Gonfes{1304}, na Tessália, não somente teve víveres em abundância para alimentar seu exército, mas também o imunizou contra as doenças, porque os soldados encontraram grande quantidade de vinho, com que venceram a pestilência, à força de bebê-lo e de estar alegres; não faziam outra coisa que dançar, divertir-se, entregar-se a bacanais, por todo o caminho e assim curaram-se daquela enfermidade, por meio da embriaguez e fortaleceram-se bastante no corpo e no espírito.

LV. Depois que ambos chegaram a Farsália e os dois acampamentos se defrontaram, Pompeu voltou à sua primeira deliberação, ainda mais porque tivera sinistros presságios e más revelações, em sonho: pois, certa noite, ele sonhara que entrava no teatro, onde os romanos o receberiam com grandes aplausos{1305} ; mas os seus amigos eram tão presunçosos e

temerários e contavam tanto com a vitória, que já Domício Espmter e Cipião discutiam e disputavam o supremo pontificado que César tinha; vários outros mandaram homens a Roma para alugar as casas mais próximas da praça, como sendo as mais cómodas para pretores e cônsules, pois já faziam seus cálculos, que esses cargos não lhes poderiam escapar e deles seriam no fim daquela guerra. Mas, acima de todos os outros, inflamavam-se em desejo de combater contra os jovens e gentis-homens cavaleiros romanos, bem montados e revestidos de armaduras reluzentes, cavalos gordos e descansados; eram eles em número de sete mil, e os de César, apenas mil.

LVI. O número de soldados de infantaria também não era equivalente pois eles eram quarenta e cinco mil contra vinte e dois de César: por isso este mandou reunir os seus, aos quais disse que Cornifício estava perto dali e lhe daria duas legiões completas e ele tinha quinze coortes sob o comando de Caleno, que ele mandara estacionar em redor de Megara e de Atenas: depois perguntou-lhes se eles queriam esperar aquele reforço ou se se animavam a travar combate, sem ele; os soldados clamaram bem alto que não diferisse mais, ao contrário, que imaginasse algum estratagema para atrair os inimigos à luta, quanto antes.

LVII. Quando ele sacrificava aos deuses para a purificação do seu exército, a primeira vítima não tinha ainda de todo sido imolada, quando o adivinho lhe garantiu que, dentro de três dias se travaria a batalha. César perguntou-lhe se via nos sacrifícios algum presságio feliz, com relação ao êxito final: e o adivinho respondeu-lhe: "Darás tu mesmo melhor a resposta a isso, que não eu: pois os deuses nos prometem uma grande mudança no estado presente para o contrário; pelo que, se agora estás bem, espera então ter uma sorte pior: e se estás mal, tranquiliza-te, que hás de melhorar". Na noite precedente à batalha, quando pela meia-noite foi fiscalizar as sentinelas, viu um como grande archote, aceso no ar, que, passando por cima do campo de César foi dissipar-se no de Pompeu: na hora em que se faz a troca das sentinelas, de manha, ouviu-se um falso alarme, sem motivo aparente, o que costumamos chamar de terror pânico, que se manifestou no acampamento dos inimigos: não tencionava, porém, combater naquele dia, mas tinha determinado mover-se dali para ir à cidade de Escotusa; estavam já as tendas e os pavilhões desarmados, quando seus inimigos se preparavam para dar combate; com isso muito ele se alegrou e depois de ter feito aos deuses a sua oração, para que o ajudassem naquele dia, reuniu seus homens, dispo-los em ordem de batalha, dividid os em três grupos; deu o comando do centro a Domício Calvino, o da ala esquerda a António e ele se pôs à frente do da direita, escolhendo para combater na décima legião; vendo que os inimigos tinham dirigido contra ela toda a sua cavalaria, teve medo, quando os viu em tão grande número e com equipagem tão perfeita; por isso, mandou vir da retaguarda de suas alas seis coortes, que pôs de emboscada por trás da ala esquerda, tendo antes instruído bem os soldados, a respeito do que tinham de fazer, quando a cavalaria dos inimigos iniciasse o ataque.

LVIII. Por outro lado, Pompeu colocou-se também na ala direita de suas tropas, confiando a esquerda a Domício e Cipião, sogro de Pompeu, comandava a do meio. Toda a cavalaria romana se lançara contra a ala esquerda, como já dissemos, com intenção de envolver a direita de César, pela retaguarda e de empregar o máximo da força no lugar onde estava o chefe dos inimigos, imaginando que ele não tinha soldados suficientes para resistir ao ataque de uma cavalaria tão numerosa e que, ao primeiro ataque todos se dispersariam, e eles passar-lhe-iam por cima. Quando de ambos os lados as trombetas deram o toque de batalha, Pompeu ordenou aos seus soldados de infantaria que se conservassem fumes, bem cerrados, juntos, e que esperassem, sem se mover, o ataque dos inimigos, até o momento de lançarem seus dardos. César, depois, disse que tinha cometido uma falta grave, não se lembrando de que luta que se trava correndo, com rapidez, além de aumentar o ímpeto e a força dos primeiros golpes, ainda inflama a coragem dos soldados, porque o impulso comum de todos os combatentes que correm juntos, é como um sopro, que os incendeia.

LIX. Quando César já fazia marchar seus homens, para começar a carga, viu um dos seus generais, homem valente e experimentado na guerra e em quem ele muito confiava, o qual

discursava aos soldados que tinha sob seu comando, exortando-os a cumprir bem seu dever, combatendo valentemente. Chamou-o pelo nome e disse-lhe: "Bem! Caio Crassínio{1306} que esperança devemos ter? E com que disposição vamos combater hoje?" Então Crassínio, levantando a mão, respondeu-lhe bem alto: "Venceremos gloriosamente hoje, César, e prometo-te que me louvarás morto ou vivo, antes que o dia termine". Ditas estas palavras, ele foi o primeiro que avançou correndo para os inimigos, levando em pós de si os seus homens, mais ou menos uns cento e vinte, rompendo as primeiras filas, fazendo grande mortandade, até que, por fim, foi atingido por um golpe de espada que lhe entrou pela boca, com tal violência, que a ponta lhe saiu pela nuca. Estavam já os soldados de infantaria no meio da batalha, combatendo corpo a corpo; uma cavalaria da ala esquerda de Pompeu atacou furiosamente, alargando suas fileiras, para envolver a ala direita de César, pela retaguarda: mas antes que começa ssem o ataque, as seis coortes, que César havia colocado de emboscada atrás dele, dirigiram-se a toda velocidade contra eles, sem lançar de longe seus dardos, como costumavam fazer, nem ferindo-lhes a coxa ou as pernas, mas procurando atingi-los nos olhos e feri-los no rosto, segundo César lhes havia dito: porque ele esperava que esses moços, que jamais haviam manejado as armas, nem estavam acostumados a se verem ensanguentados e estavam na flor da idade e de sua beleza física, tinham horror aos ferimentos e não resistiriam mais, quer pelo temor do perigo de perder a vida, como pela dúvida de que seus rostos ficassem deformes para o futuro: o que de fato aconteceu; não quiseram continuar a lutar quando viram que os inimigos lhes visavam o rosto com a ponta dos dardos e, atónitos, vendo luzir diante dos olhos o ferro inimigo, voltaram-lhe as costas, cobrindo o rosto de susto e de medo que os ferissem: e assim dispersaram-se eles mesmos, puseram-se a fugir covardemente, pondo todos os demais na iminência da derrota: pois os que os haviam desbaratado foram imediatamente atacar os batalhões de infantaria, pela retaguarda e os dizimaram completamente.

LX. Pompeu, então, vendo da outra ala de seu exército sua cavalaria desbaratada, deixou de ser o que era, nem se lembrou de ser ele o grande Pompeu, mas como um homem vulgar, aos quais os deuses haviam privado do juízo, atónito por causa de uma desgraça sucedida, com a permissão dos deuses, retirou-se para sua tenda, sem dizer uma palavra, onde se sentou, esperando o que desse e viesse, até que todo seu exército foi completamente denotado e os inimigos vieram escalar as muralhas de defesa do seu acampamento e combater contra os que as defendiam; então, voltando a si, disse somente estas palavras: "Como! Até no nosso acampamento!" Trocando então de vestuário, cingiu uma túnica modesta e saiu ocultamente; de como ele procedeu depois desta infelicidade e de como tendo caído nas mãos dos egípcios foi por eles maldosamente morto, nós o diremos na sua vida. César, entretanto no acampamento de Pompeu e vendo os corpos dos mortos e de outros que ainda lutavam, pôs-se a dizer, suspirando: "Eles mesmos assim o quiseram e a isso me obrigaram!

Caio César, depois de tantas e tão grandes conquistas, depois de terminar vitoriosamente, tantas e tão grandes guerras, no entretanto teria sido condenado se tivesse renunciado ao seu exército. Asímo Pólio diz que ele pronunciou essas palavras em língua romana, que ele transcreveu para o grego, diz ainda que a maior parte daqueles que foram passados a fio de espada, dentro do acampamento, eram criados e servidores e que em toda a batalha não morreram mais de seis mil soldados. Quanto aos prisioneiros, César incluiu muitos deles no seu exército e perdoou também a muitos personagens da nobreza; diz-se que Bruto foi um deles, aquele mesmo que o deveria assassinar, mais tarde; diz-se ainda, que ele ficou muito penalizado quando, depois da batalha, não o encontraram logo; mas, depois soube que ele estava vivo e viera por si mesmo apresentar-se a ele e ficou muito contente.

LXI. Vários sinais prognosticaram o resultado dessa batalha; o mais notável, porém, foi o que aconteceu na cidade de Trales{1307}, onde havia um templo da vitória, e nele, uma estátua de César: a terra em redor era muito dura, pavimentada de pedra ainda mais dura, e no entretanto, diz-se, que aí nasceu uma palmeira, bem junto à base da estátua. Na cidade de Pádua{1308}, Caio Cornélio, homem perito na arte da adivinhação, cidadão e amigo íntimo de

Tito Lívio, o Historiador, estava por acaso, naquele dia, contemplando o voo dos pássaros, como o mesmo Lívio o narra; ele soube do momento exato em que a batalha se travara e assim falou aos que estavam junto dele: "A estas mesmas horas começa a luta; neste mesmo instante os exércitos se chocam". Depois, acalmando-se, para observar o voo dos pássaros, após ter examinado os presságios, levantou-se e gritou bem alto, como inspirado e impelido por uma força divina: "A vitória é tua, César!" Todos os presentes se admiraram, ele tirou a coroa que tinha na cabeça e fez um juramento, de que jamais a recolocaria, se o fato que ele tinha predito não lhe trouxesse o testemunho da veracidade de sua arte. Lívio afirma que assim se fez.

LXII. De resto, César depois de ter dado inteira liberdade à nação Tessália, em consideração à vitória que obtivera naquele país, pôs-se a perseguir Pompeu; passando à Ásia, libertou também os gnídeos, em atenção de Teopompo, que fez a coletânea das fábulas e perdoou aos habitantes da Ásia a terça parte dos tributos que eles pagavam: quando chegou a Alexandria, Pompeu já tinha sido morto; ficou horrorizado quando Teódoto lhe apresentou a cabeça e voltou o rosto para outro lado, para não vê-la; mas tomou o seu sinete e olhando-o, se pôs a chorar; a todos os seus familiares e amigos, que o rei do Egito tinha feito aprisionar e andavam errantes pelo país, fez muitos benefícios e os conquistou todos à sua amizade: depois de assim ter feito, ele escreveu aos amigos de Roma, que o fruto maior e mais doce que ele recebera de sua vitória fora, certamente, todos os dias salvar a vida de algum dos cidadãos que tinham usado das armas contra ele.

LXIII. Quanto à guerra, que ele travou em Alexandria, uns dizem que não era necessário e que ele a empreendeu de boa vontade, por amor a Cleópatra: e nisso pouca honra obteve e se pôs em grave perigo. Outros lançam-lhe a culpa sobre os ministros do rei do Egito e sobre o eunuco Potino, que tendo a autoridade principal entre os servidores do rei, depois de ter feito assassinar Pompeu e expulsado Cleópatra da corte, imaginava ainda, secretamente, fazer o mesmo a César; este, tendo suspeitado de algo começou a passar as noites inteiras em banquetes e festins, a fim de garantir sua vida e sua pessoa. Mas, além disso, Potino ia dizendo e fazendo, às claras, muitas coisas inconvenientes, para envergonhar a César e suscitar inveja contra ele; mandava distribuir aos seus soldados o trigo mais velho e de pior qualidade, e, se estes reclamavam, ele lhes respondia que deviam ter paciência e contentar-se com aquele, pois estavam comendo à custa alheia; na mesa fazia servir em vasilhas de madeira e de barro, dizendo que César havia levado as de ouro e de prata para pagar dívidas, porque o pai do rei, que então governava o Egito, devia a César um milhão, setecentos e cinquenta mil escudos{1309}, dos quais, antes César havia dado setecentos e cinquenta mil a seus filhos; mas depois ele pediu o milhão que restava para pagar seus soldados, ao qual Potino respondeu, que por então seria melhor que ele fosse tratar de outros assuntos que lhe seriam de maior vantagem e depois voltasse, com sua comodidade, e cobrasse a dívida, com as boas graças do rei. César replicou-lhe que não aceitava conselho dos egípcios, para seus negócios mas queria ser pago; secretamente mandou chamar a Cleópatra, que estava no campo: ela, tomando a Apolodoro Siciliano em sua companhia, dentre seus amigos, pôs-se em um pequeno barco, no qual veio até junto da fortaleza de Alexandria, quando já era noite, completamente escura: não tendo podido entrar lá sem ser reconhecida, ela deitou-se no meio de peças de roupa, que Apolodoro enrolou, atando com uma correia e depois, carregou-a à cabeça e a levou à presença de César, dentro da fortaleza.

LXIV. Foi esse o primeiro passo, segundo se diz, que levou César a amá-la, porque esse expediente fê-lo saber que ela era dotada de espírito gentil: mas, depois, quando conheceu também sua doçura e sua graça, ficou mais preso e a recolocou na boa amizade do rei, seu irmão, com a condição de que ela reinaria também com ele. Por motivo dessa reconciliação preparou-se um grande, banquete, no qual o barbeiro de César, que era um de seus escravos e a pessoa mais tímida do mundo, mas que tudo escutava e espionava, pela sua desconfiança natural, descobriu que o Potmo e Áquilas preparavam uma emboscada para matar seu amo. César de fato verificou tudo, pôs guardas de confiança perto de si, na sala onde se dava o

banquete, de modo que ele mesmo matou a Potino: mas Áquilas salvou-se, e fugindo refugiou-se no acampamento do rei, onde suscitou uma perigosa e difícil guerra centra César, porque com bem poucos homens, que então ele possuía, tinha de combater uma grande e poderosa cidade. O primeiro perigo, em que ele se encontrou, foi pela falta de água, porque seus inimigos fizeram entupir e fechar os canais, por onde a água vinha do rio para a fortaleza. O segundo foi este: vendo que seus inimigos vinham para tirar-lhe os navios, foi obrigado a afastá-los com o fogo, o qual incendiou o arsenal onde estavam os navios, bem como a grande e afamada biblioteca de Alexandria. O terceiro foi na batalha naval que se travou perto da torre do Far{1310}, onde ele, querendo socorrer os que combatiam no mar, saltou de cima do cais para dentro de um bote; vendo-o, os egípcios correram de todos os lados para aquele lugar, mas ele, lançando-se ao mar, salvou-se nadando com grande dificuldade. Diz-se que então, tendo vários papéis numa das mãos, não os deixou, mas conservou-os sempre fora da água, nadando com a outra mão, embora lhe atirassem uma infinidade de dardos, pelo que ele foi obrigado a mergulhar várias vezes: mas o barco foi imediatamente a pique. Finalmente o rei, tendo voltado para seus soldados, que faziam guerra a César, foi-lhe ao encontro e lhe deu a batalha que ganhara, com grande derramamento de sangue: o rei, porém, depois não foi mais visto: por esse motivo ele declarou rainha do Egito a Cleópatra, irmã dele, que estando grávida de César, pouco tempo depois teve um filho a que os alexandrinos chamaram Cesário.

LXV. Foi depois para a Síria e de lá, passando pela Ásia, teve notícias de que Domício fora derrotado, por Fárnaces, filho de Mitrídates, e havia fugido do reino do Ponto, com poucos homens; e o rei Fárnaces, prosseguindo em sua vitória, com ambição insaciável, não se contentava em ter ocupado a Biiínia e a Capadócia, mas desejava ainda a Arménia, a Menor, incitando lodos os reis, príncipes e potentados dessa marca, contra os romanos. César dirigiu-se imediatamente para aqueles lugares, com três legiões e apresentou-lhe grande batalha perto da cidade de Zela, na qual desbaratou todo seu exército e o expulsou do reino do Ponto; para dar a conhecer a rapidez dessa vitória, escrevendo a Roma, a Anício, um de seus amigos, disse-lhe estas três palavras somente: VENI, VIDI, VICI, isto é, cheguei, vi, venci{1311}. Estas palavras, porém, têm quase uma cadência semelhante, à da língua romana, uma graça de brevidade mais agradável ao ouvido do que em qualquer outra língua.

LXVI. Depois voltou à Itália, regressando a Roma; estava terminando o ano, para o qual tinha sido eleito ditador, pela segunda vez; esse cargo, antes dele, sempre fora anual, mas ele foi escolhido para cônsul, para o ano seguinte; censuraram-no muito, porém, porque seus soldados, num motim, haviam matado dois personagens de dignidade pretorial, Coscômo e Galba e ele não lhes dera castigo algum, mas ainda, em vez de chamá-los de soldados, chamou-os de cidadãos e deu a cada um a importância de cem escudos e grandes extensões de terra, na Itália. Censuraram-no também muito pelas insolências violentas e loucas, que Dolabela cometia, pela avareza de Anício e as bebedeiras de António e de Cornifício{1312}, que mandou demolir e reconstruir a casa de Pompeu, como não sendo suficiente para ele, o que muito aborreceu os romanos. César não ignorava tudo isso e bem teria desejado que não tivesse sido tal; mas, para chegar ao fim por ele visado, era obrigado a se servir de tais ministros, que o secundavam em seus desígnios.

LXVII. Depois da batalha de Farsália, Catão e Cipião fugiram para a África; o rei Juba uniu-se a eles e conseguiram reunir um grande exército, forte e poderoso; por isso César, decidiu-se ir fazer-lhes guerra. Passou o coração do inverno na Sicília, onde, para tirar aos seus soldados a esperança de um longo descanso, foi acampar mesmo nas costas do mar e ao primeiro vento propício, embarcou com três mil soldados de infantaria e um pequeno número de cavaleiros; desembarcou-os e antes que o tivessem percebido, tornou a embarcar, para ir buscar os outros, temendo que lhes sucedesse alguma desgraça na passagem e tendo-os encontrado pelo caminho, levou-os todos ao acampamento; avisado de que os inimigos acreditavam num antigo oráculo, que afirmava como coisa fatalmente reservada à família dos Cipiões, serem vitoriosos na África, não se sabe se ele o fez por zombaria, ou por desprezo pelo chefe dos seus inimigos, Cipião, ou então se foi de propósito, para atribuir-se o presságio do nome; mas,

como quer que fosse, em todas as lutas, escaramuças, e batalhas dessa guerra, ele sempre deu o comando de seu exército a um personagem de pequena projeção e do qual fazia pouca conta," porque, oriundo da família dos Cipiões africanos e de fato chamava-se Cipião, cognominado Salúcio, ao qual ele dava a preeminência, como supremo comandante, todas as vezes que se devia combater.

LXVIII. César era obrigado, frequentes vezes, a ir provocar o inimigo, porque, nem os homens em seu acampamento tinham fartura de trigo, nem os animais, de forragem, mas eram os soldados obrigados a apanhar musgo e algas que crescem no mar e depois de as lavarem e tirarem o sal com água doce, davam-nas a comer aos cavalos, misturadas com um pouco de erva, daquela a que chamam de dente de cão, apenas para lhe dar o gosto, porque os nômades, que são cavaleiros muito hábeis e ligeiros, homens decididos e em grande número, podiam aparecer de um momento para outro, pois ocupavam todos os campos dos arredores; ninguém pois ousava afastar-se do acampamento para ir forra gear. Um dia, quando alguns soldados se divertiam observando um africano, que dançava e tocava flauta, sentados, tranquilamente e haviam entregue seus cavalos aos ajudantes, os inimigos surpreenderam-nos repentinamente e os envolveram de todos os lados; mataram-nos no mesmo instante, uma parte, e, expulsando os outros, puseram-nos em fuga, perseguindo-os até que entrassem confusamente em seu campo; não tivesse sido César em pessoa e também Asínio Pólio, que vieram em seu auxílio, detendo os fugitivos a guerra, naquele dia, teria terminado. Houve ainda outro embate, em que os inimigos levaram a melhor, e no qual, diz-se, que César, agarrando pelo pescoço o porta-bandeira, que levava a insígnia, deteve-o à força e fazendo-o voltar o rosto, disse-lhe: "É lá que estão os inimigos".

LXIX. Estas vantagens animaram a Cipião e deram-lhe a coragem para arriscar a batalha: deixando de um lado Afrânio e do outro, o rei Juba, acampados perto um do outro, começou a fortificar um lugar perto da cidade de Tapsaco{1313}, acima do lago, para servir de forte e de retiro seguro em toda a batalha; mas, enquanto ele trabalhava, César, tendo atravessado, com incrível rapidez, uma grande região de bosques, por avenidas, das quais ninguém suspeitava, surpreendeu alguns pela retaguarda e atacou os outros pela frente, inesperadamente, pondo-os em fuga; depois, seguindo esta primeira oportunidade e o curso de sua boa sorte, foi diretamente atacar o campo de Afrânio, que conquistou também ao primeiro assalto e os dos nômades, do mesmo modo, pois o rei Juba havia fugido; assim numa pequena parte de um dia somente, ele tomou três acampamentos, matou uns cinquenta mil homens dos inimigos, sem perder mais que cinquenta soldados. Assim narram, em resumo, o desenrolar desta batalha alguns historiadores; mas, outros, escrevem que ele não assistiu em pessoa à sua execução, porque, quando ele preparava seus soldados, teve um ataque de epilepsia, de que sofria; percebendo que ia sentir-se mal, antes de ter o juízo perturbado totalmente, fez-se levar a uma fortaleza, perto do lugar onde se deu a batalha onde ficou em repouso, até que o acesso da doença passou completamente.

LXX. Os que escaparam desta batalha, pessoas de posição, pretores ou cônsules, muitos suicidaram-se, quando se viram prisioneiros e a vários, também, César mandou matar: mas, desejando poder apanhar principalmente a Catão, vivo, ele dirigiu-se imediatamente a toda pressa, à cidade de Útica, que Catão tinha o encargo de defender, pelo que, não se encontrara na batalha: todavia tendo-se certificado, a caminho, de que ele se havia suicidado, mostrou-se deveras bastante admirado; mas quando e porque, não se sabe. É verdade que ele então disse: "Ó Catão, eu invejo tua morte, pois que tu me invejaste a glória de te salvar a vida". No entretanto, o livro que ele escreveu contra Catão, depois de morto, não mostra um coração brando, nem compadecido, para com ele. Como lhe teria perdoado, se o tivesse vivo em suas mãos, se depois de morto, contra ele externou tão violenta cólera? Todavia julga-se que ele o perdoou pela humanidade, de que usou para com Cícero, com Bruto e muitos outros, que tinham usado das armas contra ele; diz-se que ele escreveu esse livro, não tanto por rancor contra o falecido, mas por um desejo simples, por este motivo: Cícero tinha escrito um livro em louvor a Catão e o havia intitulado Catão. Tal livro, como se pode pensar, foi muito bem recebido por ser escrito por um mui eloquente orador e pelo argumento, também muito belo. César ficou muito descontente, porque louvar aquele de cuja morte ele fora culpado, outra coisa não era que acusar a si mesmo e por isso escreveu um livro contra, no qual reúne várias acusações contra Catão: o livro é intitulado Anti-Catão. Um e outro têm ainda até hoje muitos partidários que os defendem, uns pela amizade, que conservam à memória de César, e outros, à de Catão.

LXXI. Mas, voltando da África para Roma, primeiramente fez um discurso perante o povo, no qual elogiou a sua última vitória, dizendo que ele havia conquistado para o império romano tantos países, que poderia fornecer para os cofres públicos duzentas mil medidas de trigo de renda por ano e dois milhões de libras de óleo: depois, fez três entradas triunfais, uma do Egito, outra do reino do Ponto e a terceira da África, não por lá ter derrotado Cipião, mas o rei Juba; o filho deste que também tinha o nome de Juba{1314} , e era criança, foi levado como escravo, no cortejo do triunfo. Esse cativeiro foi-lhe muito ú til, pois fez dele, não um bárbaro nomadiano, porque, por meio dos estudos que fez na prisão, tornou-se um dos mais sábios historiadores dos gregos. Depois desses três triunfos César deu grandes presentes aos seus soldados e para granjear a simpatia do povo, promoveu também festas públicas de regozijo; ele festejava todo o povo romano, ao mesmo tempo, em vinte e duas mil mesas; proporcionou-lhe ainda divertimento, exibindo-lhes lutadores de morte, e batalhas navais em memória de Júlia, sua filha, que havia morrido muito tempo antes; depois de todos estes divertimentos mandou fazer a revisão do recenseament o costumeiro entre o povo, quando se constatou, em vez de trezentos e vinte mil chefes de cidadãos, que tantos eram antes, somente cento e cinquenta mil, tão grande calamidade de perda de vidas trouxera a guerra civil ao Estado, a tantos havia arrebatado ao povo romano, do seio da sua população, sem se falar ainda dos males e misérias que causara ao resto da Itália e às outras províncias do império romano.

LXXII Terminado tudo isto, ele foi eleito cônsul pela quarta vez{1315} e partiu para a Espanha para fazer a guerra aos filhos de Pompeu, que ainda eram moços; no entretanto, tinham eles reunido um poderoso e mui aguerrido exército e mostravam coragem e ousadia dignas de comandar tal potência, pondo mesmo a César em extremo perigo de vida. A maior batalha que se travou entre eles durante a guerra, foi perto da cidade de Munda{1316}, na qual César, vendo seus homens mui apertados e em muitas dificuldades, para resistir ao inimigo, lançou-se na confusão dos combatentes, gritando aos seus, se não tinham vergonha de se deixaram vencer, que o tomassem e o agarrassem a ele com suas próprias mãos e o entregassem àqueles moços e assim, com o máximo do seu esforço, e grande dificuldade fez recuar o inimigo e matou no mesmo combate mais de trinta mil e perdeu mil dos seus melhores soldados. Depois desta batalha, retirando-se para seu aposento, disse aos seus familiares que muitas vezes ele tinha combatido pela vitória, mas que nessa última, ele tinha lutado para salvar sua própria vida. Conquistara tal vitória, no dia da festa das Bacanais, no qual, se diz, que Pompeu, o pai, tinha saído de Roma, para ir começar essa guerra civil, tendo decorrido quatro anos inteiros, de permeio. Quanto aos seus filhos, o mais moço salvou-se da morte: mas poucos dias depois, Didio trouxe a cabeça do mais velho.

LXXIII. Esta guerra foi a última de César; a entrada triunfal que ele fez em Roma, desagradou muito mais aos romanos do que qualquer outra coisa que antes ele tivesse feito, porque ele não tinha derrotado um chefe estrangeiro, nem reis bárbaros, mas tinha vencido os filhos do maior personagem de Roma, ao qual a fortuna tinha sido adversa; tendo-lhes extinguido a descendência, julgava-se que lhe não ficava bem tripudiar assim sobre as calamidades do seus país, regozijando-se com uma coisa, para cuja defesa ele só tinha uma desculpa, ante os deuses e os homens, isto é, o que ele fazia, fazia-o obrigado, tanto que antes ele não havia mandado nem cartas, nem mensagens ao público, por vitória alguma obtida em todas essas guerras civis, mas lhes tinha sempre, de vergonha, rejeitado a glória. Não obstante os romanos, dobrando-se à sua sorte, receberam o freio na boca, porque julgavam que o governo de um só, lhes daria o ensejo de respirar um pouco, depois de tantos males e misérias, suportados durante a guerra civil, eles o elegeram ditador{1317} perpétuo, por toda a vida. Isso era perfeita tirania, porque se acrescentava ao soberano poder, a plena força da ditadura e o temor de não ser jamais deposto. Cícero então, propôs ao Senado que lhe decretassem honras, de algum modo humanas, mas havia outras, excessivas, que lhe acrescentaram depois; e fazendo-o à porfia, exageraram e por isso, tornaram-no odioso e aborrecido àqueles mesmos que lhe eram os mais justos pela excelência excessiva, pela inoportunidade das honras, preeminências e prerrogativas que lhe decretaram; também se diz, que os que o odiavam, não favoreceram nem lhe estenderam menos a mão, do que os que o adulavam, a fim de que tivessem maiores motivos de conspirar contra ele e parecesse que com as mais justas querelas eles tinham atentado contra sua pessoa.

LXXIV. Afinal, depois de ter terminado as guerras civis, ele procedeu de modo que nada lhe puderam recriminar nem censurar e parece-me que merecidamente e com razão foi-lhe decretado, entre outras honras, que lhe fariam construir um templo da Clemência, para render-lhe graças pela humanidade de que tinha usado na vitória, porque perdoou a muitos dos que tinham tomado as armas contra ele, e o que é mais, c oncedeu honras e cargos do governo a alguns deles, como a Cássio e a Bruto, entre outros, pois ambos foram pretores. E tendo as estátuas de Pompeu sido derrubadas, ele as mandou reerguer e por isso Cícero disse, que César, reerguendo as estátuas de Pompeu, tinha garantido as suas. Como seus amigos o aconselhassem a se acautelar e a tomar guardas para a sua pessoa e alguns se apresentassem para defendê-lo, ele não os quis aceitar, dizendo que era preferível morrer uma vez do que estar esperando a morte constantemente: para conseguir o amor e a benevolência do povo, como a mais honrosa e a mais segura defesa deu novamente festas públicas, banquetes, distribuiu presentes e mandou repartir trigo: para recompensar os soldados, repovoou várias cidades, que no passado tinham sido destruídas, onde ele estabeleceu os que não tinham residência, dos quais os mais nobres eram de Cartago e de Corinto{1318} e aconteceu que, havendo sido tomadas e destruídas ao mesmo tempo, foram

repovoadas também ao mesmo tempo. Quanto aos homens de posição, ele os conquistou prometendo a uns preturas e consulados, a outros, honras e preeminências e a todos, em geral, muitas esperanças, procurando de todos os meios fazer que cada qual ficasse contente com o seu governo: tanto que, um dos cônsules, chamado Máximo, por acaso morreu um dia antes de terminar o tempo do seu consulado e ele declarou cônsul para o único dia que faltava, em seu lugar, a Canínio Rebílio: e como todos fossem à sua casa para cumprimentá-lo e regozijar-se com ele pela nomeação, segundo o costume para com os magistrados recém-eleitos, Cícero, gracejando, disse: "Apressemo-nos, antes que o seu c onsulado termine."

LXXV. De resto, César tendo nascido para realizar grandes coisas e tendo por natural, uma inclinação ambiciosa para as honras, a prosperidade de suas conquistas e feitos passados, não o excitavam a querer gozar em paz e na tranquilidade do fruto dos seus labores, mas ao contrário, animavam-no e o encorajavam a empreender novas guerras para o futuro; ele as andava imaginando e arquitetando e em sua mente formava as mais perigosas e audaciosas empresas, sempre com um desejo de novas glórias, como se a presente já lhe fosse inteiramente passada. Essa paixão, outra coisa não era que ciúme e emulação de si mesmo, como de outra pessoa e uma obstinação em querer vencer a si mesmo, combatendo sempre nele a esperança do futuro com a glória do passado e a ambição do que ele desejava fazer, com o que ele já tinha feito. Ele tinha determinado, e já fazia os preparativos para ir guerrear os partos, e, depois de os ter submetido, passar à Hircânia, rodeando o mar Cáspio e o monte Cáucaso, voltar ao reino do Ponto, para depois entrar na Cítia; e depois de ter percorrido todo o país e todas as nações e províncias vizinhas da grande Germânia e a mesma Germânia, voltar então, finalmente, pela Gália, à Itália, e estender o império romano todo em redor, de modo que de todos os lados fosse limitado pelo Oceano.

LXXVI. Enquanto preparava essa viagem, ele tentou cortar o istmo do Peloponeso, no lugar onde está a cidade de Corinto e fez cavar um canal dos rios do Teveron e Tibre começando na cidade de Roma, dirigindo-se diretamente à cidade de Circeu, por um fosso largo e profundo, que mandou fazer, o qual ia desaguar na costa de Terracina, para dar segurança e comodidade maior aos negociantes que vinham a Roma, para seu comércio. Além disso, determinou também extravasar a água que produz as lagoas, que estão entre as cidades de Nomento e de Sécio para secar a terra e torná-la aproveitável para a lavoura, dando trabalho a milhares de homens e na costa marítima mais próxima de Roma, mandar erguer bem na frente, grandes e fortes molhes; mandou ainda limpar toda a baía em redor de Óstia{1319}, dos rochedos e pedras ocultas sob a água ao longo da costa e retirar todos os outros obstáculos que tornavam mal segura a navegação para os navios e construir portos, armazéns e abrigos dignos dos tantos navios que visitavam ordinariamente o porto e ali vinham de longes terras.

LXXVII. Todas estas coisas estavam em preparação, sem se realizarem. A composição do calendário e a reforma do ano, para obviar a toda confusão no tempo, foi sabiamente ideada e realizada por ele, sendo então de uso cómodo, fácil e agradável; pois não somente nos tempos mais anitos, os romanos não tinham formulário certo, nem regra fixa para determinar a sequência dos meses com o curso do ano, e por isso, às vezes havia grande confusão, tanto que os sacrifícios e as festas anuais, vinham a cair pouco a pouco em estações totalmente contrárias para as quais haviam sido instituídas: mas então os povos não sabiam como se dava o curso e a revolução solar e só os sacerdotes é que disso entendiam e tinham conhecimento: por isso eles acrescentavam sem mais, quando lhes parecia bem, sem que ninguém, a não ser eles o quisesse, o mês supranumerário e intercalável, que antigamente se chamava de Mercedônio. Diz-se que o rei Numa Pompílio foi o primeiro a inventar essa maneira de interpor um mês; todavia foi um remédio insignificante e que pouco durou para corrigir os erros que se cometiam no cômputo do ano e acertá-los deveras. César propondo a matéria aos mais ilustres filósofos e matemáticos peritos do seu tempo, inventou e publicou por meio das ciências, que já existiam, uma reforma singular e mais cuidadosamente calculada do que nenhuma outra e da qual os romanos usam ainda hoje, parecem errar menos que as outras nações, na redução dessa desigualdade dos meses e dos anos: todavia não pôde ele fazer esta

inovação, que os invejosos e os revoltosos contra sua dominação, não lhe movessem guerra. Cícero, o Orador, encontrando-se na companhia de um deles que dissera: "Amanhã se vai tirar a estrela da Lira", ele retrucou: "Sim, por um edito", como se os homens recebessem aquilo também por ordem e em força de uma determinação.

LXXVIII. O que, porém, granjeou-lhe um ódio mais patente ainda e mais mortal, foi o desejo de se fazer nomear rei, o qual deu o primeiro motivo de lhe querer mal ao povo e àqueles que de longa data ocultavam contra ele a sua má vontade, e deu o pretexto mais honesto que podiam eles desejar. Todavia, os que lhe queriam proporcionar essa honra, semearam a notícia entre o povo, de que estava escrito nos livros proféticos da Sibila, que os romanos venceriam o poder dos partos, quando lhes fizessem a guerra sob o comando de um rei, do contrário, nunca o teriam conseguido; tiveram um dia a coragem de chamá-lo de rei e de saudá-lo como tal, quando ele voltava de Alba para Roma; com isso o povo se aborreceu e ele, admirado, então disse que não se chamava absolutamente rei, mas César, ao que ninguém ousou replicar, mas se fez grande silêncio em toda a multidão: ele então, agastado, aborrecido e enervado , continuou seu caminho. Tendo-lhe sido decretadas no Senado certas honras, que superavam a dignidade humana, os cônsules e os pretores, seguidos por toda a assembleia dos senadores, foram ter com ele na praça, onde ele estava na tribuna dos discursos, para cientificá-lo e comunicar-lhe o que na sua ausência havia sido decretado em sua honra: ele, porém, não se dignou nem mesmo levantar-se à sua chegada, mas falando-lhes, como se fossem homens vulgares, respondeu-lhes que suas honras precisavam ser diminuídas, que não acrescidas ainda mais. Esse ato não somente desgostou o Senado, mas foi também julgado de mau gosto, pelo povo, que pensava que a dignidade das coisas públicas eram desprezadas e depreciadas por ele, pelo pouco caso que ele fazia dos seus principais magistrados e do Senado, e todos os que ali estavam retiraram-se de cabeça baixa, taciturnos e tristes, a tal ponto que ele mesmo o percebeu e também dirigiu-se imediatamente para sua casa, onde, retirando a túnica de volta do pescoço, disse bem alto aos seus amigos, que ele estava pronto a apresentar sua garganta a quem lha quisesse cortar. Todavia, diz-se, que depois para se desculpar dessa falta, ele alegou enfermidade, porque o juízo não pertence todo, aos que, como ele, estão sujeitos à epilepsia, quando falam diante do povo, mas perturba-se facilmente e ataca-lhes em seguida uma alucinação: mas tudo isso não era verdade. Bem tinha ele desejado levantar-se então, diante do Senado, mas Cornélio Balbo, um de seus amigos, ou melhor, dos seus bajuladores, que estava ao pé dele, impediu-lho, dizendo-lhe: "Não te queres lembrar, de que és César e não queres que eles te prestem a reverência e a homenagem a que tens direito?"

LXXIX. Além desses motivos de malevolência e descontentamento do povo, sobreveio ainda a injúria que ele fez aos tribunos do povo, deste modo: Era a festa das Lupercais, que alguns dizem ter sido outrora própria dos pastores e parecer-se em alguma coisa, com a dos liceenses, na Arcádia. Como quer que seja, naquele dia vários homens e moços, mesmo dos que têm cargos na magistratura, correm nus, pela cidade, batendo por brincadeira, com correias de couro, em todos os que encontram pela rua; muitas senhoras e damas da sociedade, propositalmente se põem diante deles, apresentando-lhes suas mãos, para que as batam, como fazem as crianças na escola, ao mestre, julgando que aquilo é útil para as que estão grávidas, a fim de mais facilmente darem à luz e as que são estéreis, para conceber. César assistia a esse passatempo sentado na tribuna dos discursos, numa cadeira de ouro, revestido dos hábitos próprios do triunfo: António, sendo cônsul, era um dos corredores dessa festa sagrada. Quando ele apareceu na praça, o povo que lá estava abriu-lhe caminho para que pudesse correr; ele foi então apresentar a César um diadema real, em feitio de coroa, ornado com um ramo de loureiro; alguns aplaudiram esse ato de António, com palmeis não muito entusiásticas, da parte de alguns populares, expressamente contratados para esse fim: ao contrário, porém, quando César recusou, todo o povo unanimemente aplaudiu, com palmas prolongadas; e como António insistisse em apresentar-lho, muito poucos igualmente manifestaram o seu contentamento, com novos aplausos: mas quando César o recusou pela segunda vez, todo o povo num só gesto, aplaudiu com mais veemência ainda, batendo palmas. César então, sabendo com certeza que aquilo não agradava ao povo, levantou-se do seu assento, ordenando que levassem aquele diadema a Júpiter, no Capitólio: mas depois, encontraram algumas das suas estátuas, pela cidade que tinham a cabeça coroada de

diademas à maneira dos reis; dois dos tribunos do povo, porém, Flávio e Marulo, as foram arrancar e o que é mais, encontrando alguns dos que antes haviam saudado a César, como rei, os mandaram para a prisão e o povo em massa os seguiu aplaudindo, batendo palmas em sinal de alegria, chamando-os de Brutos, porque fora Bruto quem antigamente expulsara os reis de Roma e transferira a soberana autoridade das mãos de um único príncipe, ao povo e ao Senado. César ficou tão irritado e irado com isso, que depôs Marulo e seu companheiro de seus cargos e acusando-os, injuriava também ao povo, dizendo que eles eram verdadeiramente Brutos e Cumanos, isto é, animais e estúpidos.

LXXX. O povo então, por isso, voltou-se para Marco Bruto, o qual, pelo lado paterno era descendente da família daquele primeiro Bruto e do lado materno, era da família dos Servílios, uma das mais nobres e das mais antigas de Roma e era também sobrinho e genro de Marcos Catão. Mas as grandes honras, grandes graças e favores que César lhe fazia, o moderavam e o continham, e por ele mesmo, não tentaria a destruição e o fim da monarquia porque, não somente César salvou-lhe a vida depois da jornada de Farsália, e da derrota e fuga de Pompeu, concedendo-a também a seu pedido a vários outros dos seus familiares e amigos: mas ainda mostrou, que confiava muito nele: pois já lhe havia dado a mais honrosa pretona naquele ano e já tinha sido designado para cônsul, de ali a quatro anos, tendo-o preferido a Cássio, que o disputava contra ele, pelo favor de César, o qual disse nesse litígio, como ficou escrito: "É verdade que Cássio alega as mais justas razões e provas, mas não passará ele na frente de Bruto{1320} ". Um dia, como alguns o acusassem, quando já se urdia e tramava a conspiração, ele não lhes quis prestar fé, mas tocando o corpo com a mão, respondeu-lhes: "Bruto esperará esta pele", querendo dizer que Bruto pela sua virtude, era bem digno de governar, no entretanto pela ambição de dominar, jamais se mostraria ingrato, nem cometeria uma má ação. Todavia, os que desejavam a mudança e só olhavam para ele, ou pelo menos, olhavam-no mais que a qualquer outro, não ousavam se dirigir a ele para dizer-lhe de própria boca, o que desejavam, mas, à noite, enchiam sua tribuna e sede pretorial, onde dava audiência, de pequenos cartazes e letreiros, que mais ou menos, na maior parte diziam isto: "Tu dormes, Bruto, e não és verdadeiro Bruto". Por causa desses escritos, Cássio, sentindo que o desejo da honra cada vez mais se inflamava nele, solicitou mais insistentemente do que nunca, aos que{1321} escreviam aqueles dizeres tendo, ele mesmo, alguns motivos particulares de ódio, contra César, de que já falamos na Vida de Bruto. Também César o tinha como suspeito; e um dia, falando aos seus mais fiéis, perguntou-lhes: " Que vos parece que Cássio quer fazer. A mim não me agrada absolutamente vê-lo tão pálido". Outra vez , caluniaram a António e Dolabela de maquinar uma conjuração contra ele, aos quais ele respondeu: "Eu não desconfio muito desses gordos, tão bem penteados e adornados, mas, muito mais, daqueles magros e pálidos, entendendo falar de Bruto e de Cássio".

LXXXI. Mas, certamente o destino pode-se muito mais facilmente prever, que não evitar, mesmo porque apareceram sinais, e presságios extraordinários: os fogos celestes, figuras e fantasmas que se viam correr cá e lá, pelo ar; também os pássaros solitários, que, em pleno dia, vinham pousar na praça tais prognósticos não merecem ser notados e declarados num acidente como este. Mas Estrabão, o Filósofo, escreve que foram vistos homens todos de fogo e um soldado semeava fogo com suas mãos, de modo que quantos o viram pensaram que ele estava todo queimado, mas cessando o fogo, constataram que ele nada havia sofrido. César, sacrificando aos deuses, encontrou uma hóstia imolada, que não tinha coração, coisa estranha e monstruosa na natureza, porque um animal não pode viver sem coração; muitos, ainda, dizem que um adivinho lhe predissera há muito tempo, que ele estivesse bem em guarda, com relação ao dia dos Idos de Março, que é o décimo-quinto, porque ele se encontraria em grande perigo de vida. Chegando esse dia, ele saiu de sua casa para ir ao Senado; saudando o adivinho, disse-lhe, rindo-se: "Os Idos de Março chegaram", e o adivinho respondeu-lhe baixinho: "Deveras, chegaram, César, mas ainda não passaram". No dia anterior, em casa de Marco Lépido, que lhe dera um banquete, ele assinava por acaso algumas cartas, como fazia frequentemente e escutava uma conversa dos outros sobre que espécie de morte seria a melhor e a mais desejável, ele disse bem alto, antecipando-se aos demais: Aquela que menos se espera". Depois d a refeição, estando ao leito, com sua esposa, como era seu costume, todas as portas e janelas de seu quarto abriram-se sozinhas e ele despertou sobressaltado,

assustado pelo barulho e pela claridade da lua, que iluminava o quarto e ouviu sua mulher Calpúrnia, dormindo em sono profundo, que pronunciava palavras confusas e gemidos mal articulados, que não se podiam entender, porque ela sonhava, que o tinham matado e o chorava , tendo-o morto, em seus braços: todavia alguns dizem que não foi essa visão que ela teve, mas por ordem do Senado, ele havia sido exaltado ao auge de sua linhagem como ornamento ou majestade, um como pináculo, segundo o que o mesmo Tito Lívio diz: "Calpúrnia, dormindo, sonhou que o via atacar e ferir; parecia-lhe que ela o chorava, pelo que, de manhã, quando amanheceu, ela pediu a César, que naquele dia, não saísse de casa, se possível e adiasse a reunião do Senado para outro dia, ou então, se ele não queria acreditar nos sonhos, pelo menos indagasse de alguma outra maneira de adivinhação o que lhe deveria acontecer naquele dia, mesmo pelos sinais dos sacrifícios. Isso deixou-o apreensivo e algo desconfiado, porque jamais, antes ele não havia percebido em Calpúrnia superstição alguma e agora via que ela se atormentava, por causa do sonho: mais ainda quando viu que, depois de ter feito imolar várias vítimas, umas após outras, os adivinhos respondiam-lhe sempre que os sinais e os presságios nada lhe prometiam de bom, ele resolveu mandar António ao Senado para suspender a assembleia.

LXXXII. Nesse ínterim chegou Décimo Bruto, cognominado Albino, no qual César muito confiava, tanto que, por testamento o havia constituído seu segundo herdeiro e, no entretanto, era da conjuração de Cássio e de Bruto; temendo que se César adiasse a assembleia do Senado para outro dia a conspiração fosse descoberta, zombou dos adivinhos e incitou César a ir, afirmando que assim dana motivo ao Senado de ficar descontente com ele e de julgar mal de sua pessoa, porque tomariam o adiamento, como um desprezo, porque os senadores naquele dia se haviam reunido por sua ordem e eles estavam todos prontos a declarar-lhe, por seus votos, rei de todas as províncias do império romano, fora da Itália, permitindo-lhe usar o diadema real em toda parte, tanto por terra como por mar e se alguém lhes fosse dizer então, de sua parte, que naquele momento todos se retirassem para suas casas, que se reuniriam outra vez, quando Calpúrnia tivesse tido melhores sonhos, que diriam os seus inimigos, os invejosos e os que lhe queriam mal e como poderiam ter em conta as razoes de teus amigos, que lhes procurariam dar a entender, que aquilo não era servidão para eles e a ti, dominação tirânica? Todavia, disse ele, se de todo resolveste abominar e detestar este dia, seria melhor, pelo menos, que saindo de casa, fosses até lá, para saudá-los e comunicar-lhes que adias a assembleia para outra ocasião. Dizendo-lhe estas palavras, tomou-o pela mão e o levou para fora. Ele não estava longe de seu palácio, quando viu um servo estrangeiro, que tudo fez para falar-lhe e quando viu que não podia se aproximar, por causa do povo e da grande aglomeração em redor dele, foi à sua casa e procurou Calpúrnia, dizendo-lhe que o vigiasse até que ele estivesse de volta, porque tinha grandes coisas a lhe dizer: e um certo Artemidoro, nativo da ilha de Gnidos, mestre de retórica, em língua grega, que pela sua profissão tinha familiaridade com alguns satélites de Bruto, por meio dos quais ele sabia quase tudo do que se tramava contra César, veio -trazer-lhe em um pequeno memorial, escrito por sua própria mão, tudo o que lhe queria manifestar: vendo que ele recebia bem todos os pedidos que se lhe apresentavam, mas os entregava imediatamente aos auxiliares, que estavam junto dele, aproximou-se o mais possível e disse-lhe: César, lê este memorial, que te apresento, sozinho, agora mesmo, pois nele encontrarás grandes coisas, que te dizem respeito, mui de perto". César tomou-o, mas não o pôde ler, por causa da multidão de pessoas que falavam com ele, embora por várias vezes tivesse tentado fazê-lo: todavia tendo o papel sempre nas mãos e lendo, ele entrou no Senado. Alguns dizem que foi um outro que lhe apresentou o memorial e que Artemidoro, por mais esforços que fizesse, não pôde aproximar-se dele, pois era sempre afastado, durante todo o caminho.

LXXXIII. Todas estas coisas podem bem ter acontecido por acaso, mas, o lugar, onde então estava reunido o Senado, tinha uma estátua de Pompeu e era um dos edifícios, que ele tinha dado ao governo, com seu teatro, mostrava evidentemente que era por certo alguma divindade que guiava a empresa e que a levava à execução, principalmente naquele lugar. A esse respeito conta-se que Cássio, um pouco antes que pusessem mãos à obra, olhou para a estátua de Pompeu que lá estava e invocou baixinho o seu auxílio, não obstante outrora ele ter sido partidário das opiniões de Epicuro: mas a iminência do perigo presente o despertou e o pôs fora de si gerando nele uma paixão repentina em vez dos discursos que o moviam e aos

quais assentia quando estava com o espírito calmo. Sendo António fiel a César, forte e robusto de corpo, Bruto Albino{1322} o reteve fora do Senado, fazendo-lhe expressamente muitas recomendações. Quando César entrou, todo o Senado levantou-se para saudá-lo; então alguns dos conjurados puseram-se por trás de sua liteira e outros foram-lhe ao encontro; falaram-lhe como querendo interceder por Metelo Cimber, que pedia a volta de seu irmão, que estava no exílio e o seguiram assim, sempre rogando-o, até que ele se sentou em seu trono: como ele rejeitasse seus pedidos e se irritasse, uns após outros começaram a importuná-lo ainda mais, com violência até que Metelo, tomando sua túnica com ambas as mãos, arrancou-a de redor do pescoço; era o sinal combinado: os conjurados haviam-se acercado, prontos para executar o golpe: Casca, então, deu-lhe por trás um golpe com a espada na altura do pescoço; mas a ferida não foi grave, nem mesmo mortal, porque ele estava nervoso, como é de se imaginar, ante tão perigosa empresa e não teve força, nem firmeza, para feri-lo mortalmente. César voltando-se para ele, empunhou sua espada com firmeza e ambos se puseram a gritar: o ferido, em latim: "Ó Casca, vil traidor, que estás fazendo?" E o agressor, em grego: "Meu irmão, ajuda-me!"

LXXXIV. Ante este princípio de motim, os presentes que nada sabiam da conspiração, ficaram tão fora de si de espanto e de horror, ante o que presenciavam, que nada souberam fazer: nem fugir, nem socorrê-lo, nem mesmo abrir a boca para gritar: aqueles, porém, que tinham maquinado sua morte, rodearam-no com suas espadas, de sorte que, para onde quer que ele se voltasse, encontraria sempre quem o poderia ferir, pois as espadas reluzentes visavam-lhe o rosto e os olhos e ele debatia-se entre suas mãos, como o animal selvagem acuado pelos cães: eles haviam c ombinado que cada um lhe daria um golpe, participando assim do assassínio: Bruto deu-lhe o primeiro, no lugar das partes naturais; alguns dizem que ele se defendia sempre e resistia, saltando para cá e para lá, clamando a plenos pulmões, até que viu Bruto de espada em punho; então ele envolveu a cabeça com o manto, e sem resistir mais, foi empurrado, por acaso, ou por expressa intenção dos conjurados, até o pedestal, sobre o qual estava a estátua de Pompeu, que ficou toda ensanguentada: assim, parecia mesmo que ela estava presidindo à vingança e ao castigo do seu inimigo, atirado por terra, aos seus pés, quase morto pelo grande número de ferimentos recebidos, pois dizem que foram vinte e três golpes de espada; vários conjurados, golpeando todos no mesmo corpo, feriram-se reciprocamente, eles também.

LXXXV. Assim César foi morto: o Senado, embora Bruto lá se tivesse apresentado para dar razão do fato sucedido, não teve coragem de ficar; mas fugiram todos apressadamente, enchendo toda a cidade de tumulto, de espanto e de terror; o povo fechava as portas de suas casas, os negociantes abandonavam suas lojas e corriam para a rua a fim de ver o que se estava passando, outros, tendo já sabido do fato, voltavam às pressas para suas casas. António e Lépido que e ram os dois maiores amigos de César, esconderam-se e depois ocultamente fugiram, para outras casas, que não as próprias. Bruto e seus companheiros, ainda excitados pelo assassínio, mostrando suas espadas ensanguentadas, saíram juntos do Senado e foram à praça pública, não como homens, que fugiam, mas ao contrário, mui alegres e seguros, conjurando o povo a defender a sua liberdade, a mantê-la, detendo-se para falar com os que encontravam pelo caminho, alguns dos quais os seguiram, misturando-se com eles, como se também fossem conjurados, para usufruir se possível, com falsas insígnias, parte da honra: dentre estes estavam Caio Otávio e Lêntulo Espinter que depois foram castigados por essa vã ambição de glória, por António e pelo jovem César, que os mandaram matar; e assim eles não gozaram da glória, por cuja ambição morriam, porque ninguém acreditou que eles eram do número dos conjurados; aqueles mesmos que os castigavam, vingavam mais, neles, a vontade do que o efeito. No dia seguinte, Bruto com seus comparsas veio à praça para falar ao povo, que o escutou, não manifestando se reprovava ou aprovava o que havia sido feito: mostrava um silêncio morno, que de um lado, indicava compaixão que sentia por César, e de outro, reverenciava a virtude de Bruto. Mas o Senado decretou um perdão geral, quanto ao passado e para contentar a todos, ordenou também que a memória de César seria honrada como a de um deus e que nada se mudaria de tudo o que ele, em vida, havia determinado e concedeu também províncias e honras convenientes a Bruto e aos seus companheiros, de modo que todos se julgavam contentes e fora restituída a boa ordem da situação.

LXXXVI. Quando se abriu o testamento de César e se constatou que ele legava a cada cidadão romano um honesto presente em dinheiro, e o povo viu seu corpo levado pela praça, todo retalhado pelas espadas, ninguém mais pôde conter a multidão, que fez um monte de objetos em redor do seu corpo; eram mesas, bancos, balcões e palanques que iam buscar cá e lá, pela praça: puseram fogo em tudo e o queimaram{1323}, quando o fogo estava bem aceso, tomaram tições ardentes e foram às casas dos que o tinham matado, para incendiá-las: outros correram pela cidade, procurando-os para fazê-los em pedaços; todavia, não os puderam encontrar, porque eles se haviam escondido e estavam bem defendidos em suas casas. Um dos familiares de César, de nome Cina, na noite precedente tivera uma estranha visão, na qual César o convidava para cear; ele não queria ir, no entretanto, César tomando-o pela mão o tinha levado contr a vontade. Tendo ele sabido de como o povo queimava o seu corpo na praça, saiu de casa, para preparar o funeral do falecido, embora a visão da noite precedente o tivesse em alguma dúvida{1324}, a ponto de causar-lhe febre. Chegando à praça, alguém do povo perguntou-lhe quem ele era: ele deu o nome; este disse-o a um terceiro, seu nome foi correndo de boca em boca, e em pouco tempo se divulgou entre o povo, como sendo ele um dos que haviam matado a César, porque, dentre os conjurados, um havia com aquele mesmo nome; pensando que era ele, agarraram-no com tal furor que o partiram em pedaços ali mesmo. Isso causou medo a Bruto e a Cássio, mais que qualquer outra coisa, pelo que, poucos dias depois, eles saíram da cidade: o que eles sofreram e o que fizeram até a morte, nós já dissemos amplamente na Vida de Bruto.

LXXXVII. César morreu na idade de cinquenta e seis anos{1325}, sobrevivendo a Pompeu, apenas quatro anos, só tendo como fruto daquele poder, que ele tinha com tanto ardor se esforçado por obter durante toda sua vida e à qual por fim chegara com tantas dificuldades e tantos perigos, um nome vão e uma glória inútil, que lhe suscitara a inveja e o ódio de seus concidadãos; todavia, aquela grande fortuna e favor do céu que o acompanhara durante todo o curso de sua vida, continuou ainda na vingança de sua morte, perseguindo por mar e terra os que haviam conspirado contra ele, tanto que não ficou um só a ser castigado, de todos os que ou com o conselho, ou de fato haviam participado da conspiração. Mas, de todas as coisas que aconteceram aos homens da terra, a mais estranha, foi a de Cássio, que depois de ter sido derrotado na batalha de Filipes, matou-se com a mesma espada que havia ferido a César: no céu, então, o grande cometa que apareceu, em grande evidência, durante sete noites consecutivas, depois de sua morte e também o escurecimento do sol, o qual durante todo aquele ano, sempre surgiu pálido e nunca com aquela claridade luminosa que lhe é peculiar, cujo calor foi igualmente muito fraco e consequentemente durante todo o ano, o ar pesado, tenebroso e espesso, pelo pouco calor que o não podia saturar nem sutilizar; foi isso causa de que os frutos da terra ficassem duros e verdes, apodrecendo antes de amadurecerem pela frialdade do ar.

LXXXVIII. Mas, de modo especial, a visão que apareceu a Bruto, mostrou evidentemente que sua morte não tinha sido agradável aos deuses: assim foi a visão: Bruto, estando para passar seu exército da cidade de Abidos para a costa fronteira, descansava como de costume à noite, em sua tenda, não ainda adormecido, mas pensando em seus negócios e no seu futuro: diz-se que ele foi um dos generais mais vigilantes e menos sujeitos ao sono de quantos existiram e que por costume vigiava sempre: pareceu-lhe escutar um ruído à porta de sua tenda; observando-a, à luz de uma lâmpada, ele percebeu uma visão horrível, como um homem de tamanho e estatura enormes, feiíssimo de rosto; a princípio sentiu medo, mas quando viu que tal fantasma nada fazia nem dizia, mas estava diante dele, quieto, perto de seu leito, perguntou-lhe por fim, quem ele era: o fantasma respondeu-lhe: "Eu sou o teu an jo mau, Bruto, e tu me verás perto da cidade de Filipes". Bruto replicou: "Pois bem, ver-te-ei então lá". Imediatamente o espírito desapareceu. Depois, encontrando-se na batalha perto da cidade de Filipes, contra António e César, na primeira vez, ganhou a batalha e rompendo tudo o que encontrou diante de si, chegou até o acampamento do jovem César, que ele saqueou: mas na noite precedente ao dia em que se deveria travar a segunda batalha, o mesmo fantasma apareceu outra vez, sem lhe dizer palavra; Bruto compreendeu que sua hora havia chegado,

lançou-se de cabeça baixa nos lugares mais perigosos da luta e, no entretanto, não morreu combatendo; vendo seus soldados, porém, derrotados e desbaratados, diante de si, retirou-se apressadamente para o pico de uma rocha onde, lançando-se sobre a ponta de sua espada, com o auxílio de um de seus amigos, segundo se diz, atravessou o corpo de lado a lado e morreu imediatamente.

COMPARAÇÃO ENTRE ALEXANDRE, O GRANDE, E JÚLIO CÉSAR

Quando se consideram, Alexandre e César, é fácil de se dizer e mais fácil ainda de se provar, que são os dois mais valentes generais de que se faz menção na história, que suas virtudes, fora da luta, são excelentes e têm grande semelhança entre si: que ambos, foram de mui nobre descendência, doutos, eloquentes, liberais, moderados, muito afeiçoados aos amigos e servidores; sinceramente queridos, obedecidos por seus oficiais e soldados, bondosos para com seus inimigos: que desde seus mais verdes anos deram grandes provas de sua futura grandeza e de sua coragem; que seus feitos são perfeitamente admiráveis, que são dois milagres na arte militar, quer se considere a brevidade do tempo de suas guerras e os países que eles percorreram, num instante, quer se lancem os olhos sobre os inimigos por eles derrotados, as cidades e províncias conquistadas, sua sabedoria, valor e bondade; jamais foram repelidos, mas sempre t iveram a vitória nas mãos, fazendo valer a vantagem com um objetivo determinado. Ambos se encontraram em gravíssimo perigo de vida, um na cidade dos malianos, e outro, na Espanha, contra os filhos de Pompeu. Ambos foram avisados mui claramente de sua morte pelos adivinhos, aos quais amavam e respeitavam: no entretanto, ambos lançaram-se como de olhos fechados no perigo do qual os queriam afastar.

II. Mas, quem se dispõe a considerar, em particular, a vida de cada um deles, acha-se como numa planície, na qual a vista não pode marcar um limite nem os diversos caminhos que se apresentam e fica extasiado, não sabendo para onde se dirigir, tantas são as coisas que contempla. Se colocar uma vida diante da outra, estará então como num oceano de discursos, sem saber a qual dos dois escolher, nem em que porto parar para se desfazer deste ou daquele. No entretanto, para encorajarmos aos que velejam nesse mar, naveguemos ao longo da costa: e (para falarmos sem figuras) vejamos em que um supera o outro, deixando ao leitor pronunciar seu julgamento, livre, sobre o que dissermos. No momento, tratarei em poucas palavras, do que se pode observar, de mais digno de memória, na adolescência de um e de outro, de seus feitos de guerra, e os seus vícios e virtudes, de sua morte e do que se lhe seguiu.

III. Falo primeiramente de Alexandre, sem notar sua descendência, nem sua beleza, nem o que se diz de sua compleição, pois tudo isso não tem influência alguma no mérito da sua virtude; sua continência, com as mulheres e de como pouco usava dos prazeres do corpo, condenam os excessos que César cometeu, quando jovem, fazendo e cometendo obscenidades que não se devem mais lembrar. A ambição de Alexandre era maravilhosamente nobre, de que são testemunho, o que ele disse da corrida dos jogos Olímpicos, suas entrevistas com os embaixadores da Pérsia e a queixa que ele fazia a seus companheiros, de que seu pai nada lhe deixava a conquistar, ao passo que César depois de ter fica do certo tempo na ociosidade, na Nicomédia e na Grécia, veio lançar-se nos braços do povo, em Roma, tornando-se liberal e discursador, para conquistar a uns e outros, disputando pequenos cargos, para, finalmente, apoderar-se dos grandes; seguiu do, em suma, caminhos mui diferentes dos de Alexandre, que trilhava a grande estrada real da virtude, para ser um dia a honra do mundo. Teve também o mais douto dos homens por preceptor e mostrou-se com efeito muito digno discípulo de Aristóteles; César, levado pelo seu natural e pelos costumes tirânicos de seu tempo, tomou, para infelicidade sua e do país, uma atitude de teimosia e de obstinação insuportáveis, que foi causa de sua morte. O amor, que Alexandre tinha desde sua infância, pelas letras e pelos homens doutos, o eleva acima de muitos príncipes. A honra que ele prestava ao poeta Homero, recai sobre ele mesmo. Não são louváveis sua gentileza e liberalidade para com Diógenes, Xenocrates e outros? César, ao contrário, parece não ter tido em conta a ninguém mais que a si próprio. Se ele respeitou a alguns, se distribuiu ouro e prata a mancheias, fê-lo para comprar homens e para servir de degrau, a fim de chegar onde deesejava, e não por qualquer outro objetivo.

IV. Como podemos chamar a ambos

Sábio no conselho e valente no combale,

quer dizer que este é seu verdadeiro título de honra, e de vantagem que eles têm sobre todos os que os seguiram e precederam, vejamos um pouco se podemos, mais particularmente qualificar Alexandre de

Rude guerreiro, combatente enérgico, temível

nas armas, aos inimigos,

como disse Ésquilo: o que foi toda sua guerra na Ásia, depois da morte de Felipe, senão tempestades, calor excessivo, nos infinitamente profundos, grandes alturas de montanhas, animais de tamanho descomunal, terríveis, mudanças de governos, por qualquer motivo, traições e revolta s de muitos? No começo de sua viagem à Grécia atormentava-se ainda, com a recordação das guerras, que Felipe lhe tinha feito: as cidades reuniam-se; a Macedónia inclinava-se a algumas mudanças, diversos povos, próximos ou distantes, estavam alertas, esperando e observando o que fariam seus vizinhos: o ouro e a prata da Pérsia correndo na bolsa dos oradores e governadores do povo, em todas as cidades, agitavam o Peloponeso; os tesouros e cofres de Felipe estavam esgotados; havia ainda grandes dívidas; malgrado todas essas desordens e no meio da pobreza, um moço que apenas saía da adolescência, atreveu-se a idear a conquista da Ásia, isto é, do império de todo o mundo, com trinta mil soldados de infantaria e quatro mil de cavalaria, ou (como dizem outros), com quarenta e dois mil escudos, em dinheiro, para custear tudo isso, (ou segundo Duris) provisão de víveres e de dinheiro, para trinta dias somente.

V. Mas ele tinha bastante magnanimidade, temperança, prudência e valor, estando mais provisto para esta empresa guerreira daquilo que havia aprendido com seu preceptor Aristóteles do que dos meios que lhe havia deixado seu pai Felipe. Ele estava em guerra mui justa contra os persas, inimigos jurados da Grécia, contra a qual tinham cometido uma infinidade de injustiças. Sua magnanimidade e valor patentearam-se em todos seus combates, quer em luta organizada, quer na tomada das cidades, sem poupar absolutamente sua pessoa, pois foi gravemente ferido em vários combates. Que proezas fez ele na cidade dos mahanos, sozinho, contra tantos bárbaros? Com que constância não encorajava seus médicos, para tirarem-lhe uma flecha presa no osso do seu peito? Ninguém, disse ele, se mestre um covarde ou fraco, nem mesmo pela minha vida; eu não poderia pensar que se julga que eu não temo a morte, se a temem por mim. Ter feito essas coisas em doze anos, quando muito, atravessado vitorioso a maior parte do mundo, é um louvor que sobrepuja todo pensamento humano. César, ao contrário, fez seus preparativos de longa data, encontra Crasso, a propósito, para servir de fiador das dívidas que ele tinha contraído, a fim de subornar a cidade de Roma: depois, tendo feito uma perniciosíssima liga com Pompeu, toma as armas e entra na Gália, onde seus estratagemas lhe viram pelo menos tanto quanto suas armas, no entretanto, ele tinha seus medianeiros, por meio dos quais, finalmente conseguiu subverter a ordem na república romana.

VI. Mas Alexandre, nisto, não é Ião admirável, porque derrotou seus inimigos pela coragem i pelo valor, com um proceder sábio e virtuoso no manejo das armas, onde ele se mostrou de fato um filósofo; disto é bom citarmos alguns exemplos, que ilustrarão bem* as virtudes desse príncipe, que neste particular sobrepuja a César. Vê-se o seu valor, acompanhado de grande

justiça, doce temperança, excelente bondade, ordem e prudência esquisitas, tudo dirigindo pela razão e pelo raciocínio maduro. Dificilmente poder-se-ia discernir em suas ações, quando era um feito de humanidade, de paciência ou de valor: mas suas ações parecem ter sido misturadas e compostas de todas as virtudes juntamente. É verdade que sempre, em cada ação, há uma virtude eminente, que está acima das outras: mas essa as impele e leva ao mesmo fim. Vê-se nos feitos de Alexandre, que seu valor é humano e sua humanidade, corajosa, sua liberalidade, econômica, sua cólera, pronta a se acalmar, seu amor, moderado, seus passatempos, não inúteis e ociosos, suas fadigas, corteses. Quem foi que entremeou a festa com a guerra, as expedições militares, com os jogos? Quem entrelaçou no estágio das cidades e de seus cercos, entre escaramuças e combates, os alegres banquetes e as canções nupciais? Quem foi mais inimigo dos injustos ou mais atencioso para com os infelizes? Quem foi mais severo para com os combatentes ou mais equitativo para com os suplicantes? Citemos aqui o apotegma de Poro, que, levado prisioneiro a Alexandre e indagado de como queria que o tratasse, respondeu: como rei. Alexandre insistiu, perguntando se ele não queria acrescentar mais nada, e ele respondeu: Não, pois tudo está compreendido nessa palavra. Também podemos em todas as ações de Alexandre, para com muges e inimigos, no começo, no meio e no fim de sua vida, acrescentar este estribilho: como sábio. Como viveu ele? Como sábio. Como procedeu ele cm todos os seus feitos guerreiros? Como sábio. Como procedeu ele em público e em particular? Como sábio.

VII. Há alguns erros em seu procedimento e não deixaremos de falar disso: mas, como todas as regras têm exceções, que as não destroem, e como uma pinta ou uma verruga não afetam a beleza de um rosto, de algum modo belo, também as imperfeições e erros de Alexandre, não lhe podem tirar essa honra que os sábios lhe atribuem. Se quiséssemos acrescentar aqui os exemplos, deveríamos repelir os que Plutarco recolheu resumida e doutamente em tantos bons autores, que fizeram com a vida de Alexandre, o que se pensa ter Xenofonte Feito com Ciro, isto é, propor a todos os homens, um modelo de príncipe, perfeito na virtude. César, ao invés, manchou sua vida com um violento e contínuo desejo de subjugar sua pátria, cometendo um crime muito maior em suas últimas guerras e no fim de sua vida, do que se tivesse convivido carnalmente com sua própria mãe, como também aquela ilusão condenável, o atormentou na noite anterior à sua entrada na Itália, para violar a liberdade de Roma: Alexandre só foi incitado pela virtude a começar uma guerra, digna de um grande rei, não visando apenas pôr o pé sobre a garganta dos gregos, mas reunir todo o mundo sob um governo pacífico e feliz. Suas guerras não fizeram os gregos chorar; César encheu sua pátria de luto e de lágrimas. Alexandre conservando seus soldados no dever, não permitindo aos que o seguiam, cometer desordens e crimes, com o auxílio de seus amigos submeteu e civilizou os bárbaros. César arruinou uma parte de seus amigos, foi abandonado pelos outros, encheu Roma de insolência militar e aí se moeu grãos de infinitos tumultos, que saíram de sem sangue.

VIII. Qual foi, porém, a castidade de Alexandre, ao qual tudo corria segundo suas aspirações? Ele não quer ver nem mesmo as mulheres prisioneiras; venceu ainda sua beleza com a temperança, (embora estivesse na flor da idade e fosse de compleição robusta) como as façanhas dos homens, cem seu valor; ele fez menos conta daquelas que lhe mostraram, do que da que ele jamais viu: mostrando-se gentil para com toda espécie de pessoas ele era, ao invés, rude para com os que eram belos. Come não tratou asperamente a Filóxeno, que lhe queria comprar dois moços, de um negociante de Tarento? Se ele se enamorou de Roxana e de Eslatira, foi para desposá-las legitimamente e para o bem dos seus interesses, não como César, que muito se descuidou desse assunto. Quanto ainda não é louvável Alexandre, que não quer absolutamente obter a vitória por meios ilícitos: como sua coragem é generosa em não aceitar as ofertas de Dario, mas quis que a Grécia dominasse a Ásia como era também justo? Que diligência empregou em perseguir seu inimigo outro lado, que compaixão não leve de sua indigna morte? Como castigou o traidor Besso? Todos os seus atos precedentes mostram que ele tinha a alma boa e verdadeiramente régia; não apreciava os traidores nem a traição e só queria vencer com honra. César perseguiu Pompeu, mas não castigou os assassinos e fê-lo somente depois que soube que eles conspi ravam contra ele.

IX. Para terminar o que tínhamos a dizer a respeito de Alexandre, podemos deduzir, do decurso de sua vida, que a providência divina fez presente das virtudes mais ilustres em outros homens célebres gregos e romanos, a este príncipe, o qual além de sua piedade, justiça, equidade, prudência, capacidade, comando, experiência, sabedoria, valor, continência, prosperidade, na adversidade fortifica-se com a esperança, na prosperidade, rodeado de aduladores, não se embriaga com sua grandeza humana, reconhece-se mortal, domina de diversas maneiras, é admiravelmente paciente, suporta as maledicências de seus familiares, não lança mão da pena ou da espada para se vingar dos que o ofendem, julgando coisa digna de um rei tolerar o ser censurado; e ouvir o mal para fazer o bem; demonstrando uma afeição cordial e uma grande honra para com os amigos, deixando mesmo suas comodidades necessárias, por amor deles, escrever-lhes familiarmente e ter um cuidado especial de suas pessoas e de seus negócios. Ele justificava seus servidores, paga aos credores seis milhões de ouro, devidos por seus soldados, manda da Ásia para a Grécia idêntica soma, para reconstruir os templos dos deuses, nos lugares onde os persas os haviam destruído; em suma, no desempenho dos negócios, mostra uma perícia e um valor invencíveis, sem jamais ceder a dificuldade de espécie alguma. É verdade que César tem muitas coisas em comum com ele, neste particular, como diremos em seguida; não obstante, Alexandre mantém-se firme e de maneira a não se deixar dominar pelo vício, e parece não conspurcar seus belos hábitos, como o outro.

X. A Alexandre, censuram-se dentre outros, os vícios da embriaguez e da cólera. Eu não quem desculpar nem um, nem outro: mas quanto a este último, não houve um príncipe que mais reconheceu suas faltas, depois de as ter cometido, por aquela veemência que lhe era de algum modo natural pode-se dizer que Clito, Calístenes e alguns que sentiram a violência de sua ira, foram principal motivo dela e tinham atraído o mal sobre si mesmos. E na verdade, não é razoável, que um servidor distinguido por seu amo, se torne tão insolente que não queira suportar mais nada e vá conscientemente dar com a cabeça contra a pedra, que ele podia facilmente evitar, se se tivesse dignado conter um pouco a língua e ceder um pouco à violência daquele que pode vencê-lo num instante. Todos condenarão os maus tratos que Alexandre dispensou aos soldados indianos que haviam saído de uma cidade, sob palavra que ele lhes havia dado. Quanto aos filósofos, é um fato que se pode de algum modo discutir, pois eles deveriam ter sido um pouco mais contidos em suas ações, para serem mais úteis à pátria, sem irritar demasiado a um inimigo poderoso e vencedor. Quanto à nação dos cosseianos, que ele exterminou toda, como um sacrifício, nos funerais de Heféstio, é uma falta grave e inescusável, seja qual for o pretexto que se possa apresentar.

XI. Mas o tratamento gentil feito a Táxilo, a Poro e a outros vencidos, a tantas cidades tomadas, as grandes e muitas honras que prestou aos seus generais e o curso ordinário de sua vida bondosa apagam de algum modo, das manchas de sua cólera, não premeditada e da aversão excessiva contia alguns; o que é necessário distinguir-se da estranha ira que César ocultava em seu coração contra todos os que se opunham aos seus desígnios, sem poupar a ninguém; e se ele perdoou a alguns, antes e depois da vitória, foi para seu proveito e não pela amizade que lhes dedicava: pois fez morrer, na África, grande número dos que lhe eram suspeitos e não poupou nem mesmo a Catão, depois da morte. Quanto às lágrimas que derramou, tomando o sinete de Pompeu e não querendo olhar para a cabeça dele, nem a Teodoto que lha apresentava, mas ao contrário, favorecendo os servidores e amigos do falecido, escrevendo belas cartas a Roma, significa beijar seu inimigo morto; mas os atos anteriores e posteriores podem mostrar que nisso havia muito de tragicomédia e de formalidade, se bem que, antes eles tivessem tido tantos assuntos para resolver juntos, era bem possível que um resto da antiga amizade, em seu coração, tivesse provocado tão íntima comoção, como também acontece aos homens de coração magnânimo, que as paixões contrárias se entrechocam e manifestam mais por fora que não intimamente. O infeliz Teodoto não merecia menos do que Besso, mas César não era Alexandre, nem tinha ido ao Egito, a não ser no interesse de seus negócios, que só podiam encaminhai bem pelo aniquilamento de Pompeu e tendo conseguido obter o seu intento, a alegria secreta que sentiu, fê-lo olvidar seu dever.

XII. Quanto à embriaguez, alguns quiseram desculpá-lo, alegando que Alexandre não bebia muito, mas ficava muito tempo à mesa, passando o tempo em conversas com os amigos, durante a noite, às vezes até de manhã; dizem mesmo que a causa disso eram os interesses do governo, porque ele estava ausente durante o dia todo: por esse motivo, não tendo tempo de estudá-los, quando chegava a noite ele sentia prazer em conversar e discutir à mesa com homens de letras. Alexandre depois de ter se ocupado dos negócios particulares do governo, de que não se descuidava, para se entregar a passatempos, divertia-se com seus generais e bebia um tanto; mesmo que se tivesse dado o caso de ele passar da medida, mais de uma vez, não se deve concluir que ele o fazia habitualmente e mereça o epíteto de bêbedo. Não desculpo a falta que ele cometeu por instigação da meretriz Laís, nem ter ele proposto um prêmio de seiscentos escudos aos seus oficiais, para aquele que mais bebesse: pois não é com copos e taças que os homens se devem mostrar valentes. Assim morreram quarenta e um oficiais nesse combate. Ele, certamente, deixou-se mui levianamente levar por Médio, para beber em casa dele, durante toda a noite e o dia seguinte, quando apanhou a doença durante a qual não quis se abster de vinho, o que foi a causa de que a febre não o deixasse mais. De que ele tenha sido envenenado, há pouca probabilidade. Mesmo que esse príncipe tenha alguma vez se excedido nas bebidas, não devemos imaginar que o vinho sepultou e afogou tantas virtudes ilustres, que nele brilharam tanto na paz como na guerra. A intemperança de César, na sua voluptuosidade e na sua ambição insaciável, é um excesso sem comparação mais violento e mais perigoso do que a cólera ou a taça de Alexandre.

XIII. Quanto à sua morte, assim como a duração e a grandeza de sua glória foi pura e singela, isenta de manchas e de invejas, durante o tempo todo que permaneceu neste mundo, assim, depois de sua morte vemos essa mesma glória firme e resoluta caminhando em seu passo habitual, enquanto ele é lastimado e chorado por todo o exército da Grécia e da Europa, tendo feito brotar de seus soldados belos ramos reais, deixando o mundo como partilha a quatro simples comandantes, cujos descendentes dele ficaram de posse, por muitos anos: César, ao invés, teve tanta dificuldade em subir, por caminhos difíceis, ao vértice de uma glória vergonhosa, que lhe granjeou o ódio dos principais membros da república, dela foi incontinente precipitado, pouco chorado por aqueles que amavam as boas leis e o bem do Estado, que ele deixou convulsionado pelas guerras civis, e que somente retomou um pouco de seu brilho sob seu sobrinho, que a Providência divina (t endo consideração a coisas mais excelentes que não o céu nem a terra) tinha designado em seu conselho, para monarca do mundo: assim ao contrário, Alexandre viu seu último dia em Babilônia do que foi avisado pelos adivinhos tendo o mau espírito (segundo o poder que apraz ao justo juízo dar-lhe), conjeturado e predito algo do que Deus havia há muito tempo revelado aos seus, por seu fiel profeta. Mas, depois de Augusto o império romano caiu em novas desgraças e não deixou de se agitar dali por diante até que caiu finalmente sob seu próprio peso. Aconteceu o mesmo aos sucessores de Alexandre, não porém, por sua culpa, o que torna ainda mais ilustre a sua memória. Eis o que eu apresento em seu favor.

XIV. Digamos também alguma coisa de J úlio César, não porém, que eu pretenda esgotar o assunto, pois para isso seria necessário encontrarmos outro mais hábil do que eu, a fim de levá-lo a bom termo: mas para fazermos uma comparação com Alexandre; ele, um dia lendo os feitos deste em certo livro, se pôs a chorar, como lhe tendo inveja pelos belos e valorosos feitos realizados. Notemos, pois, se ele fez coisas que se lhe possam comparar ou mesmo as sobrepujem. Primeiramente, em tudo o que se pode notar de generoso na juventude de Alexandre, eu contraponho este corajoso ato de César, com relação aos corsários, que eram mais prisioneiros seus, do que ele, deles, aos quais pagou o resgate, mas também, fê-los pagar a loucura de se terem juntado a ele: de tal modo que em terra eles perceberam que ele lhes falava realmente como seu juiz no mar, embora ele fosse bem jovem, quando lhes caiu nas mãos. Isto é uma amostra do resto de sua vida, a qual não soube tolerar companheiros e menos ainda, superiores: este homem tinha nascido para coisas grandes e só sentia prazer em sobrepujar tudo o que havia de raro e de alto no mundo, como se constata pelo seu procedimento, depois que ele começou a desempenhar cargos públicos até o fim de seus dias.

XV. Embora haja pouca coisa de sua eloquência, que lhe prestou bem notáveis serviços em vários e difíceis momentos, embora seja um milagre, a excelência do seu estilo e de sua graça, para exprimir singelamente todas as coisas em termos tão puros e tão belos, que as musas mais inspiradas não quiseram nem puderam falar com mais perfeição e beleza; todavia, como preferimos nos deter no bem fazer, que não no bem falar, deixemos este ponto, para fazermos outro tanto com Alexandre, e vejamos, se é deveras verdade aceita por todos os homens, dotados de inteligência, que César foi o mais perfeito general que jamais existiu sobre a terra. Embora Alexandre tivesse poucas posses, ele era senhor de um grande reino, tinha homens e prestígio, e César sem patrimônio de valor e com poucos homens, realizou as coisas mais extraordinárias que se podem imaginar.

XVI. Alexandre leve que se haver com mulheres e com crianças: se compararmos os povos que ele combateu, com os que César submeteu, não em cinco ou seis batalhas, mas em mais de cinquenta, bem contadas, nas quais ele era sempre inferior, em número de homens, mas superior em valor, jamais vencido, sempre vencedor, sem ter sido fendo gravemente, que eu saiba, embora ele fosse corajoso ao extremo e tivesse exposto sua vida sem medo, como o último soldado de suas legiões. No entretanto, acharam que ele foi muito mais reservado em suas empresas do que Alexandre, que corre, que se atira aos perigos como uma torrente impetuosa, que se choca indiferentemente, com tudo o que encontra; mas estava ele no esplendor da sua idade o César começou a sua atividade já em idade madura. Dizer-se que é um grande louvor, para um chefe guerreiro atirar-se de cabeça baixa em todos os perigos e não fazer diferença entre si e um simples soldado, é dizer-se demais, e eu acho César preferível a Alexandre neste particular: tanto por não ter ele assim procedido a não ser em grave necessidade, de tal modo que sua felicidade e sorte o glorificaram em toda parte, como também porque Alexandre parece ter procurado fazer-se bater.

XVII. Devo dizer que César matou um milhão de inimigos, triunfou sobre um milhão de outros tantos e desbaratou um número incalculável deles? Que em menos de dez anos, o tempo que durou a guerra da Gália, ele tomou oitocentas cidades e subjugou trezentas nações? Se eu quiser especificar suas guerras, no espaço de quinze anos, terei para isso necessidade de um livro, para falar somente dos louvores que nas mesmas ele mereceu. Os suíços, alemães, gauleses, romanos, egípcios, africanos, asiáticos e seus cinco triunfos sobre tantos inimigos, tão poderosos, e na aparência, invencíveis, testemunham seu valor, sua capacidade em todos os lugares onde se exigia um chefe guerreiro. Tendo por mestres sua virtude e sua felicidade, ele reúne as vontades dos seus mais valentes oficiais e soldados, os forma tão bem, que os submete a todos os seus desejos, tendo tal confiança neles, que em sua companhia, os torna invencíveis; e no meio de seus contínuos trabalhos, lê, medita, escreve, dita; deixou o mais belo livro, que o homem que ama a Marte e as musas, gosta de manusear. Seus discursos estiveram muito tempo em voga entre os romanos. Quanto a respeitar os homens doutos, valentes e virtuosos, César ter-se-ia renegado a si mesmo, se tivesse fechado sua porta a tal espécie de homens. Os perigos que Alexandre venceu foram muito grandes: mas que é isso comparado com os de César, rodeado de tão encarniçados inimigos, e em tão grande número, como os gauleses e os partidário de Pompeu? Quantos momentos difíceis não passou ele por causa de alguns dos seus mesmos, sem se ter incomodado com isso? Ao contrário, tolerou que alguns seguissem o caminho que lhes parecia melhor, mandou a bagagem e os bens de outros, sempre respeitou e honrou seus inimigos, quando desistiam de lhe fazer guerra e por seus amigos, apresentou condições razoáveis a Pompeu, antes de atacá-lo.

XVIII. Por fim, quando começou as guerras, carregado de dívidas e animado pela esperança, tendo em Roma os dirigentes por adversários, deliberou vencer todos os inimigos que estavam fora e preparar o caminho para a soberania de Roma, embora, centra a vontade de todos, pois via ter ela necessidade de um bom chefe e não de tantos pequenos senhores. Sua admirável previdência servia-lhe em todas as ocasiões, não tendo jamais sofrido desilusão, em

tudo o que empreendia, obtendo, sempre, mais do que desejava. Sua magnanimidade brilha mais que qualquer outra virtude que nele se possa notar, o que quer dizer que César sobrepuja a todos os generais gregos e romanos. Ele esteve presente em quase todas as guerras e batalhas em que comandou: jamais foi vencido, exceto, em seus lugar-tenentes: da escaramuça em que Pompeu, uma vez, levou a melhor, não vale a pena falar, pois ele não soube aproveitar a vitória. E, foi ainda uma felicidade singular, favorecida ainda por uma sorte muito rara, que dentre tantos perigos e golpes dirigidos contra César, jamais ele foi ferido. Se ele encontrou algum valimento perante Crasso, antes de ir à guerra, isso não se lhe deve censurar, pois ele sempre contentou seus amigos e submeteu à razão seus inimigos, por mais que empreendessem contra ele.

XIX. Se a justiça acompanha a coragem de Alexandre, se ele usou de moderação e de bondade em suas vitórias, se se mostra prudente em seus desígnios, que devemos dizer de César? A bondade que tanto lhe atribuem, é tida como uma das causas de sua morte. Seus passatempos eram sérios: e depois, que se pôs a atender aos negócios públicos, jamais se divertiu, conscientemente, com perda de tempo, mas em suas horas de recreação e nas conversas com amigos e familiares, sempre fazia algo de útil. No meio de suas vitórias, como trata ele aos inimigos? É como um raio que derruba tudo o que ousa apresentar-se diante dele e não toca em quem se submete ao seu poder. É fiel e não aprovava qualquer espécie de meio para obter a vitória, ainda que, mais de uma vez ele tivesse tido ocasião de costurar (como se diz) a pele da raposa à do leão. Ele gozava ainda dos bons tempos dos seus predecessores, embora tenha habilmente vencido seus inimigos, na maior parte e destruído uns pelos outros. Alexandre, ao contrário, matou alguns solda dos indianos, que lhe haviam dado uma cidade mediante ajuste e retiravam-se, confiando na sua palavra, isto é, no acordo feito com ele.

XX. A ambição de César era extrema, mas ele a ocultava diferentemente de Alexandre, quando na passagem de um rio deixou escapar palavras, que muito claramente manifestavam quanto ele buscava o louvor dos atenienses. E que dizer das falsas invenções por ele ideadas, a fim de conservar a glória do seu nome, nas índias? Não indicam elas talvez, uma vaidade bem grosseira e que só o fazia desejar aquilo que ele não podia obter? César desejava conscientemente o seu objetivo e alcançava sempre a realização de seus mesmos desejos. Sua coragem é assaz cortês, sua doçura, grave e corajosa: sua liberalidade, tão grande, que mais lhe custava o pensamento de dar, que o mesmo dom, por maior que fosse. Também não ajuntava riquezas, em tempo de guerra, para depois viver nas delícias e nos prazeres: era apenas um salário da virtude que ele ajuntava, para com ele recompensar os homens de valor e deixar aos bons soldados um meio de viver honestamente em casa, quando a velhice e as doenças os obrigassem a deixar as armas. Jamais se cansou, como Alexandre, de trabalho algum e nunca se entregou à ociosidade, nem mesmo quando mais idoso, emagrecido, sujeito à epilepsia: resistiu contra tudo isso por um contínuo exercício de corpo e de espírito, acompanhado de incrível solicitude e diligência. Tendo deixado a Gália, perseguindo Pompeu, em Brindisi submeteu a Itália cm menos de três semanas, voltou de Brindisi a Roma, de onde se dirigiu aos confins da Espanha; ali venceu dificuldades extremas na guerra contra Afrânio e Petreio e no longo cerco de Marselha. De lá voltou à Macedónia, venceu em Farsália, perseguiu Pompeu até no Egito, que depois também submeteu; em seguida veio à Síria e ao reino do Ponto, onde combateu Farnaces, de lá, foi à África onde derrotou Cipião e Juba, depois passando de novo pela Itália foi à Espanha, onde combateu os filhos de Pompeu. Comparai agora, com tudo isso, os esforços e inúmeras dificuldades, os combates, as conquistas, as empresas de Alexandre e depois dizei sinceramente o que vos parece: César o sobrepuja de muito. Somente as guerras nas Gálias foram mais difíceis e perigosas do que todas as conquistas das índias e da Ásia: pois não é nas passagens de montanhas e de rios mal seguros, que se mostram a coragem e a perícia dos homens, mas em vencer um inimigo cauteloso e possante.

XXI. Dizei-me, porém, aquelas pa lavras de César ao piloto da fragata, que, sem conhecê-lo, queria levá-lo de Apolônia a Brindisi, não eram talvez mais pomposas e soberbas que o mesmo

mar? Vamos, meu amigo, disse ele, avança corajosamente, pois tu levas a César e sua fortuna. E, o que ele disse, atravessando o Rubicão para entrar na Itália: para se perder tudo basta um golpe perigoso, que espírito se nota nessas palavras? Um espírito que verdadeiramente considera além da morte e só se importa com a execução de seus planos. Se se neta habilidade nos feitos de Alexandre, que é isso em comparação com a prudência de César? Costuma-se dizer, que ele apreciava a vitória, conquistada mais pelo conselho do que pela força. Eu sei que Alexandre foi adornado de virtudes excelentes e mui pouco dominado por vícios exteriores; que nisso, ele parece ter sido superior a César e a muitos outros dos mais ilustres na história grega e romana, embora eu não possa silenciar que ele também se deixou levar pelos aduladores e por mulheres, como o prova o que ele fez por instigação de Laís e de seus favoritos; ainda mais: havia orgulho em seus feitos: vícios mui perigosos em todos os homens, principalmente nos príncipes e dos quais César se preservou, com mais habilidade.

XXII. Mas se considerarmos o bom senso, o espírito, a inteligência, o procedimento, o saber profundo, a eloquência, a coragem, a grandeza de ânimo, a confiança mais que humana no meio dos grandes perigos, as dificuldades, a solicitude, a bondade, a doçura, a cortesia, a liberalidade e a felicidade de César, teremos muito que discutir. Objeta-se-lhe, que dentre os senadores que haviam seguido o partido de Pompeu, ele poupou àqueles que não mais podiam prejudicá-lo e exterminou na África, principalmente os outros, que ele julgava não poder sujeitar. Mas Bruto, Cássio e seus satélites, provam que César pensava em proceder sempre com brandura, se aqueles que o odiavam lho tivessem permitido: e há muita probabilidade de que se eles o tivessem suportado um pouco mais, as coisas não se teriam passado com tanta violência, como depois de sua morte: a cidade de Roma teria sido mais bem governada e a ambição desse homem, tendo atingido seu objetivo, ter-se-ia ela saciado e acalmado por si mesma.

XXIII. O ter-se ele deixado levar pela bajulação de Balbo e de Antônio, para se levantar contra o Senado, exibindo prerrogativas da dignidade real, foi um como efeito das lufadas daquele vento mau que tão perigosas tempestades suscitava e desencadeava em seu coração. Nisto não o podemos desculpar, ao contrário, não se poderia condenar bastante esta sua paixão, que surgiu quando da sua primeira viagem à Espanha, ao passar por uma pequena aldeia: ele preferia o primeiro lugar aí, do que o segundo em Roma. Cresceu depois, dominando todas as demais, e governando sua alma com uma autoridade tão perfeita que o levou para onde quis e sem consideração pela sua pátria, nem por si mesmo, ele não deixasse de correr, até que esse furioso cavalo o jogou por terra e quebrou-lhe o pescoço. Mesmo depois de tantas vitórias e triunfos ele não procurou descanso, mas (enquanto Alexandre navegava pelo Oceano, durante sua última doença e algumas horas antes de sua morte) ele empreendia guerras e conquistas ainda maiores do que antes. O que ele fez na reforma do calendário e na construção de tantas obras para o bem público, provam que esse espírito ainda estava bem ativo. Quanto aos prazeres, assim, sem mais, não n os seria conveniente fazer menção deles, e é melhor, em silêncio e com vergonha, deplorarmos a imperfeição humana, do que, falando de personagens ilustres, contentarmos àqueles que só ficam satisfeitos, quando se alimenta a sua malícia. A ambição pela qual fora tão fortemente ferido, combatendo esse vício, a respeito de mulheres, fê-lo em seguida abandonar seus sentimentos e inclinações, para depois, mais tarde de novo dominá-lo inteiramente, quando, pelo contrário, seus prazeres jamais o fizeram perder um minuto de tempo nem se afastar um passo sequer das ocasiões que se apresentavam para o seu engrandecimento.

XXIV. Sua morte foi verdadeiramente violenta e preparada pela maior parte daqueles, aos quais ele tinha dado a vida e que não viveram muito tempo, depois dele. É verdade que ele a provocou por causa de seu proceder altivo; nada faltava à sua felicidade que amar sua pátria e continuar, mais cuidadosamente do que antes, a agradar ao Senado e ao povo, como ele tinha feito depois de seus cinco triunfos, perdoando a todos, confiando cargos a uns e outros, e reerguendo mesmo as estátuas de Pompeu. Mas, tendo recaído no seu louco intento de ser ainda maior, tanto irritou os homens, que vários fizeram o que um só não teria facilmente

conseguido fazer. Mas, assim mesmo, ele ainda leva vantagem a Alexandre, nisto, que sua morte foi vingada: ao contrário, a mãe, as mulheres e filhos de Alexandre tiveram um triste fim, seu exército ficou como um corpo sem, cabeça e teve inteligência quem o comparou a Ciclopes Polifemo, quando Ulisses vazou-lhe um olho: seus generais e sucessores guerrearam-se mutuamente; César, ao invés, continuou na pessoa de Augusto, que, tendo vencido inúmeras dificuldades, estabeleceu uma monarquia, a qual a despeito de um milhão de tempestades, durou várias centenas de anos: mesmo o nome de César, por singular privilégio, ficou reservado aos que governaram, depois dele o império romano e sua coragem foi e ainda é hoje desejada por todos os homens que por feitos de valor almejam conquistar ao seu nome um louvor e uma glória imortais.

XXV. Vós me esperáveis aqui, leitor, para ver a qual dos dois eu daria a preferência: mas, como o mundo foi tão pequeno para um e outro, seria dizer demais se eu afirmasse com certeza o que eu penso. Pois que me bati pelo outro, agora retiro-me e deixo-vos o julgamento.

Agis E Cleômenes

(Reis de Esparta)

Desde a 130." olimpíada mais ou menos, ale o secundo ano da 140.*; antes de Jesus Cristo, ano 219.

I. A tabula de Ixion é o símbolo dos ambiciosos.

Não é sem propósito nem sem motivo que alguns julgaram que a fábula de Ixion foi composta contra os ambiciosos, tratando-se de uma nuvem que eles julgaram ser a deusa Juno, de cujo abraço surgiram os Centauros; assim também os ambiciosos, abraçando a glória como uma imagem da verdadeira virtude, jamais fazem ato totalmente puro e simples, nem se assemelham sempre em seus atos, mas produzem efeitos, onde há sempre alguma bastardia ou mistura de permeio, segundo a diversidade dos ventos que os inspiram, sendo ora incitados pela inveja ou pelo ciúme, ora pelo desejo de agradar a uma parte de homens, como os pastores dizem, numa tragédia de Sófocles, falando de seus rebanhos:

Nós os servimos, embora sejamos senhores,

E{1326}, sem falar, é preciso que os ouçamos.

Isso, na verdade, pode-se também dizer daqueles, que no governo das coisas públicas não têm outro objetivo que se acomodarem aos apetites e aos caprichos do povo, porque na verdade, eles servem e obedecem em tudo e por tudo, a fim de ter o título e a aparência, somente, de magistrados e de governadores, como em um navio, os marinheiros que estão na proa veem o que está adiante, melhor que os pilotos que manejam o timão à popa, e no entretanto, sempre se voltam par a eles e fazem o que eles lhes ordenam: assim aqueles que em seu governo não visam outro objetivo que a glória, são ministros escravos do povo e somente têm o nome de governantes. Aquele que fosse inteira e perfeitamente homem de bem, jamais ambicionaria glória alguma, a não ser enquanto ela lhe desse possibilidade de executar grandes coisas, a fim de que se confiasse ainda mais nele.

II. Perigo da ambição.

II. É verdade que se deve permitir a um jovem de aspecto gentil e ambicioso de honras, que se vanglorie e se compraza com suas boas ações, porque, como diz Teofrasto, as virtudes despontam e florescem nessa idade e formam-se pelos louvores que se lhes atribuem; depois, vão aumentando e crescendo à medida que a razão e a coragem também crescem. Mas o excesso, por si mesmo e em toda a parte perigoso, é contagioso e mortal nas ambições daqueles que se dedicam ao desempenho de cargos públicos; pois se eles têm grande poder, fá-los cometer faltas manifestamente violentas, ações de loucos, porque não querem que a honra proceda da virtude, mas que seja ela a mesma virtude: seria pois necessário que eles dissessem ao povo o que Fócion respondeu certa vez a Antípater, que o queria obrigar a fazer algo que não era honesto: "Não poderias, disse-lhe ele, ter a Fócion por amigo e ao mesmo tempo por bajulador". Assim não podeis ter alguém que seja senhor e criado, nem que vos

mande e vos obedeça, ao mesmo tempo; além do que é então necessário que sucede o inconveniente narrado na fábula da serpente, cuja cauda veio um dia queixar-se da cabeça, dizendo que ela queria, por sua vez, estar na frente e não ficar sempre atrás. A cabeça então satisfez-lhe o desejo, mas ela achou-se mal situada não sabendo nem como, nem por onde andar e sendo ainda culpada de que a cabeça ficasse toda lacerada, tendo que seguir contra o bom senso a quem não tinha vista, nem ouvido para poder conduzir-se. Vemos que o mesmo aconteceu a vários outros que no governo das coisas públicas tudo quiseram fazer segundo a vontade da multidão: pois tendo ficado preso a esse jugo de servidão, de querer em tudo e por tudo contentar ao povo, que bem frequentemente se agita, temerariamente e sem razão, eles não souberam depois retrair-se, nem reter ou diminuir o furor e a temeridade da multidão.

III. Esta impeliu os gregos a excessos, que eles mesmos não haviam previsto.

III. O que me levou a falar neste assunto contra a ambição e a vã glória popular, foi a consideração do grande poder que ela tem, depois que considerei atentamente o que sucedeu a Tibério e Caio Graco, os quais, ambos de ilustre nascimento, tendo ambos sido educados muito bem, foram elevados ao governo, com muito boa intenção; no entretanto, ambos por fim perderam-se, não tanto por excessiva ambição de honra, como pelo temor da desonra, que procedia apenas de um coração grande e nobre; pois tendo recebido do povo várias demonstrações de amizade e de benevolência, tiveram vergonha de ficar, por assim dizer, devedores, e procuraram, à porfia, superar as honras que o povo lhes prestava, com novas leis e novas ordens, que davam para proveito e vantagem do povo; e o povo por sua vez também os honrava tanto mais quanto eles se esforçavam para agradá-lo. Assim com essa ambição igual, inflamando-se uns aos outros, eles, procurando sempre agradar ao povo, e o povo, honrá-los, não se puseram em guarda, prudentemente e acharam-se, por fim, assaz embaraçados em seus compromissos, não mais portanto, podendo dizer{1327} este provérbio:

Ainda que, por si mesma não seja a coisa honesta,

O desistir seria já desonesto.

O que poderás por ti mesmo facilmente julgar, pela exposição clara da história.

IV. Plutarco os põe em confronto com Agis e Cleômenes.

IV. Comparamos, outros dois homens, ambos reis da Lacedemônia, Agis e Cleômenes, que querendo aumentar o poder e a autoridade do povo, como os dois romanos e restabelecer o justo e o honesto governo da Lacedemônia, que há muito estava fora de uso, incorreram ambos, do mesmo modo, na ira dos grandes, que nada queriam perder nem diminuir de sua costuma da avareza. É verdade que os dois lacedemônios não eram irmãos, mas seguiram ambos um mesmo e mui semelhante modo de governar, que começou deste modo:

V. Genealogia de Agis.

V. Depois que a ambição e o desejo de amontoar ouro e prata penetrou na cidade de Esparta, e com as riquezas vieram também a avareza e a mesquinhez, o desejo dos prazeres e das delícias, Esparta viu-se incontinente destituída de muitas grandes e honrosas preeminências e por muito tempo ficou humilhada e amesquinhada, até que Agis e Leônidas subiram ao trono, sendo Agis, da família dos Euritionidas, filho de Eudamidas, sexto em linha reta, depois de

Agesilau, que tinha, sido o maior homem e o mais poderoso de toda a Grécia, no seu tempo: Agesilau teve um filho de nome Arquidamo, que foi derrotado pelos messapianos, diante de uma cidade da Itália, que se chama Mandônio. Arquidamo deixou dois filhos, Agis, o mais velho, e Eudamidas, mais moço, que foi rei, tendo seu irmão Agis, sido morto perto da cidade de Megalópolis por Antípater, sem deixar descendência. Este, deixou um filho que se chamou Arquidamo, e Arquidamo, um outro Eudamidas, e Eudamidas, Agis, do qual nos ocupamos presentemente. Leônidas, também filho de Cleônimo, era da outra descendência real dos Agiadas, oitavo em linha reta depois de Pausânias, o que derrotou Mardônio, lugar-tenente do rei da Pérsia, perto da cidade de Platéia: Pausânias teve um filho que se chamou Plistonax, Plistonax, também teve um filho de nome Pausânias, que fugiu de Esparta para a cidade de Tegeu e no lugar dele, foi rei seu filho mais velho, Agesipolis, que morreu também sem descendência; Cleômbroto, seu irmão mais moço, sucedeu-lhe no trono. Cleômbroto teve dois filhos, um outro Agesipolis e Cleômenes; destes, Agesipolis foi rei pouco tempo, e não teve filhos: mas seu irmão Cleômenes que foi rei depois dele, teve dois, Acrotato, o mais velho que morreu quando seu pai ainda vivia, e Cleônimo o mais moço, que viveu ainda depois dele, e no entretanto não foi rei, mas o foi seu sobrinho Areo, filho de Acrotato. Areo morreu na cidade de Corinto e seu filho, que teve também o nome de Acrotato, sucedeu-lhe no trono, o qual morreu também em batalha na cidade de Megalópolis, onde foi derrotado pelo tirano Aristodemo e deixou sua mulher grávida, que depois de sua morte deu à luz um filho, do qual Lecnidas, filho de Cleônimo, teve a tutela; tendo seu pupilo morrido em tenra idade, a sucessão ao trono por morte dele recaiu sobre ele mesmo; mas seus costumes jamais foram convenientes nem dignos de seus cidadãos. Pois, embora pela corrupção universal de todo o governo, todos os cidadãos igualmente se houvessem desencaminhado, Leônidas tinha realmente grande dose de dissolução e mais visível extravio da antiga maneira de viver dos lacedemônios do que qualquer outro, pois ele havia também por mais tempo vivido nos palácios e frequentado a companhia dos príncipes e sátrapas, seguindo também a corte de Selêuco, do qual havia trazido a pompa e o orgulho muito em voga naqueles salões, na Grécia, onde dominam as leis e a razão.

VI. Caráter virtuoso de Agis.

VI. Agis, ao contrário, sobrepujou em cortesia e gentileza, em valor e coragem, não somente a Lecnidas, mas também a todos os outros que tinham reinado em Esparta depois do grande Agesilau e não tendo ainda chegado aos vinte anos, vivendo opulentamente entre as delícias e voluptuosidades supérfluas de duas mul heres, Agesistrata, sua mãe, e Arquidamia, sua avó, que tinham mais ouro e dinheiro do que qualquer outro lacedemônio, começou no entretanto bem depressa a resistir a tais prazeres e à ânsia incontidade ser agradável, pela graça de sua beleza, eliminando todo enfeite e adorno de sua pessoa, fugindo de todos os prazeres e delícias, despindo-se de toda superfluidade, até mesmo chegando a se vangloriar de andar vestido com simplicidade, coberto com um manto pobre, desprezando e descuidando-se do comer, do lavar-se e de todas as conveniências do viver da antiga disciplina lacedemônia, dizendo publicamente que só queria ser rei pela esperança de restabelecer um dia tal forma de viver, por meio da autoridade real.

VII. Novidade introduzida em Esparta por Epitadeu. Decadência da disciplina.

VII. Tal disciplina havia começado a se corromper e estragar, desde quando os lacedemônios tinham arruinado o poder dos atenienses, locupletando-se de ouro e prata: no entretanto, haviam ficado sempre o número das partes e porções das heranças que Licurgo tinha instituído e sempre tinha o pai deixado ao filho, sucessivamente o seu, tal ordem e igualdade foi de algum modo conservada, e por isso tinha-se preservado o governo de vários outros erros, até que um personagem de grande autoridade, chamado Epitadeu, homem rude, altivo e soberbo, que desempenhava o ofício de éforo, teve uma questão contra seu próprio filho, tão áspera, que por ódio a ele, promulgou uma lei que permitia a qualquer um dar sua herança ou bens, ainda em vida ou depois da morte, por testamento, a quem quisesse. Ele propusera esta lei para satisfazer uma sua raiva particular e os outros a aceitaram para servir à própria avareza, o que foi causa de se abolir e desorganizar uma tão bela instituição: pois os ricos

começaram a adquirir de todos os lados, despojando os verdadeiros herdeiros de suas sucessões, e assim em pouco tempo as riquezas passaram para um pequeno número de pessoas e houve ao mesmo tempo grande pobreza na cidade de Esparta, a qual foi motivo de que cessassem todos os exerci-nos honestos e liberais e se introduzissem os mecânicos, com tal ódio e inveja contra os que possuíam bens, que ficaram ao todo apenas uns setecentos espartanos e desses, não mais de cem possuíam terias e propriedades: todos os outros eram uma multidão de pobres e sofredores que viviam na cidade, sem uma posição qualquer honrosa, marchando de má vontade e covardemente para a guerra, contra inimigos externos e não esperando outra coisa que alguma ocasião de se revoltar e de provocar uma mudança interna.

VIII. Tentativas de Agis para restaurar o gosto por aquela antiga severidade.

VIII. Agis, portanto, julgando que seria coisa muito boa, como de verdade seria mesmo, repovoar a cidade e restaurar a antiga igualdade, ia sondando os corações e as vontades dos homens; constatou, contra sua esperança, que os moços foram os primeiros a lhe dar ouvidos, a se reunir do lado da virtude, trocando facilmente e mudando, como um vestuário, sua maneira de viver, para reconquistar sua liberdade, mas a maior parte dos antigos, tendo envelhecido na corrupção, temiam voltar à austeridade das leis de Licurgo, como um escravo fugitivo, treme de medo quando o levam de novo à presença de seu senhor; por isso, censuravam a Agis quando ele vinha deplorar e lamentar ante eles a infelicidade do estado presente e a lastimar a honra e a dignidade antiga que Esparta tivera no passado, exceto Lisandro, filho de Libis, e Mandroclidas, filho de Ecfanes, e ainda Agesilau, que aprovaram entusiasticamente a sua ideia e o exortaram a continuar com perseverança. Lisandro era o melhor e o mais estimado dos personagens da cidade: Mandroclidas, por sua vez, era o mais hábil para dirigir um empreendimento em toda a Grécia, sendo sua astúcia e sagacidade, acompanhadas de coragem; Agesilau era tio do rei. homem eloquente, mas voluptuoso e avarento: e o pior pelo que se via exteriormente, foi que seu filho Hipomedon, impelia-o e o incitava a favorecer essa empresa: tinha ele combatido em várias guerras, com coragem e valor, e tinha igualmente grande poder entre os moços, pelas suas amizades; mas a verdadeira causa secreta que mais o levou a entrar na conspiração foi a multidão de suas dívidas, das quais esperava livrar-se, com as modificações do governo.

IX. Conquista sua mãe.

IX. Logo que Agis o conquistou, procurou por meio dele conquistar também sua mãe, que era irmã do mesmo Agesilau e mulher que gozava de grande prestígio, pelo número ingente de amigos que possuía, de servidores, de criados e de devedores da cidade, por meio dos quais ela manejava conforme sua vontade uma boa parte dos negócios do governo: tendo-lhe manifestado o seu intento, a princípio ela se admirou e disse-lhe que se calasse, se tinha um pouco de bom senso e evitasse ter na ideia coisas que não eram nem possíveis, nem úteis: mas, quando Agesilau provou-lhe e demonstrou as grandes vantagens que se poderia obter disso e de como ela poderia obtê-lo, com sua grande utilidade também, o rei Agis começou a importuná-la insistentemente com tantos rogos e pedidos, que ela determinou deixar voluntariamente suas riquezas, para conquistar glória e honra a seu filho, pois ele alegava jamais poderia chegar a ser igual aos outros reis em bens e em riquezas, visto que{1328} os servidores e feitores dos reis Selêuco e Ptolomeu tinham mais haveres que todos os reis de Esparta juntos: mas se pela temperança, magnanimidade e continência, sobrepujando seus prazeres, ele viesse a restaurar os lacedemônios na comunidade e igualdade, que desfrutavam outrora, ele conquistaria glória e renome de um verdadeiro príncipe e grande rei. Depois de ter ouvido estas declarações, as senhoras, animadas ao ver tão grande magnanimidade num moço, começaram a mudar de opinião e foram repentinamente, como por inspiração divina, tomadas pelo amor da virtude, que se puseram elas mesmas a incitar e a animar Agis, mandaram chamar seus amigos, para rogá-los e animá-los em favor de seu empreendimento e

o que é mais, falaram também com outras senhoras, sabendo muito bem que sempre os lacedemônios acreditaram e confiaram muito nas suas mulheres, permitindo-lhes imiscuirem-se mais que eles mesmos, nos negócios públicos{1329}, do que eles mesmos, em suas casas, nos negócios domésticos.

X. Intriga de Leónidas contra o projeto de Agis.

X. Deve-se notar que a maior parte das riquezas da Lacedemônia estava então nas mãos das mulheres, o que tornou mais difícil a empresa: as mulheres resistiram-lhe, não somente porque sem elas vinham a perder muito em seus prazeres e delícias, nas quais, por não terem conhecimento do verdadeiro bem, elas faziam consistir a sua felicidade: mas também, porque elas viam que a honra que se lhes fazia, o poder e a autoridade que elas tinham por causa de suas riquezas, lhes seria tirado de todo; por isso dirigindo-se a Leônidas, rogaram-no que advertisse a Agis, como sendo mais velho do que ele e impedisse que fizesse o que tencionava. Leônidas tinha muito desejo de favorecer os ricos, mas temendo o povo, que não pedia outra coisa que aquela mudança, não ousava resistir-lhe abertamente, mas fazia às escondidas o que podia para impedir seus desígnios, conversando com os principais da cidade e caluniando Agis perante eles, dando-lhes a entender que ele oferecia aos pobres os bens dos ricos, a repartição das heranças e a abolição de todas as dívidas, como recompensa por lhe terem posto nas mãos a tirania e que por esse meio ele ia conquistando para si muitos adeptos, não cidadãos para a cidade de Esparta.

XI. Restabelecimento da antiga constituição proposta ao Senado e ao povo.

XI. Não obstante isso, Agis fez eleger a Lisandro éforo, propôs imediatamente ao conselho e fez publicar suas determinações, cujos principais artigos eram: "Que aqueles que deviam, ficavam inteiramente livres de suas dívidas: que o território da Lacedemônia, seria novamente dividido em porções iguais, de modo que desde o vale Palene{1330}, até o monte de Taugeto e às cidades de Malea{1331}, e de Selásia{1332}, houvesse quatro mil e quinhentas partes e fora desse limite, houvesse em todo o resto, outras quinze mil, que seriam distribuídas aos vizinhos, idôneos para usar armas e os outros, aos espartanos; cujo núme ro seria completado com povos vizinhos e estrangeiros também, que tivessem sido bem formados e que fossem fortes e bem dispostos e na idade de servir: os quais, depois, seriam divididos em quinze convivas, que seriam uns de duzentos, outros de quatrocentos homens, e viveriam segundo a forma e a regra de vida que seus antepassados haviam instituído e observado". Essa determinação, tendo sido apresentada ao Senado, foi diferentemente apreciada pelos senadores, pelo que Lisandro, mesmo sem esperar outro aviso, reuniu o grande conselho de todo o povo: no qual ele mesmo falou à multidão e Mandrochdas e Agesilau também, rogando-lhes que não permitissem que para o prazer de alguns particulares, um pequeno número, a dignidade de Esparta ficasse aniquilada e arruinada; mas se lembrassem dos oráculos dos deuses, que antigamente lhes haviam respondido que eles cuidadosamente se precavessem contra a avareza e o desejo de possuir, que seria um dia a peste e a ruína de sua pátria: semelhantemente também daquele que há pouco lhe havia sido trazido do templo de Pasifae{1333}: havia pois um templo e um oráculo de Pasifae, ao qual muitos se dirigiam na cidade de Talames{1334}. Dizem alguns que Pasifae era uma das filhas de Atlas, que concebeu de Júpiter e teve um filho de nome Amon; outros, dizem que foi Casandra, uma das filhas do rei Príamo, que morreu naquele lugar e foi cognominada Pasifae, porque ela revelava a todos os oráculos das coisas futuras. Mas Filarco{1335}, escreve que Dafné, filha de Amicla, fugindo de Apolo, que queria agarrá-la à força, foi transformada num loureiro e honrada por Apolo com o dom da profecia: dizia-se que o oráculo desse deus ordenava que os espartanos voltassem a ser de novo todos iguais, como havia sido determinado pelas leis de Licurgo.

XII. Controvérsia-entre Agis e Leónidas.

XII. Depois que todos os outros falaram, o rei Agis, por último, apresentou-se e depois de outras palavras, disse que ele participava da reforma do governo, que ele queria restaurar, com grandes contribuições; primeiramente, punha em comum todas as heranças, que eram consideráveis, tanto em terras cultiváveis tomo em pastagens; além disso, seiscentos talentos{1336}, em dinheiro; o mesmo fariam sua mãe, sua avó, seus parentes e amigos que eram os mais ricos de Esparta. Ouvindo isso o povo ficou atônito, pela magnanimidade do jovem rei e mui satisfeito, dizendo que há trezentos anos não existia um rei de Esparta tão digno como ele: mas Leônidas procurou contradizê-lo, o mais possível, refletindo que se a empresa de Agis se realizasse ele seria obrigado a fazer o mesmo e dever-se-ia agradecer somente a ele, porque, todos os espartanos igualmente seriam obrigados a pôr seus bens em comum, mas a honra ficaria somente para aquele que havia iniciado; perguntou então publicamente a Agis, se ele julgava que Licurgo havia sido um homem de bem. Agis respondeu-lhe que sim. "E onde viste, então, — replicou Leônidas — que ele aboliu os contratos de dívidas, ou que recebeu estrangeiros no número dos burgueses de Esparta? Muito, ao contrário, julgou que seu governo só podia ser perfeito, se todos os estrangeiros fossem totalmente exilados". Agis então retrucou, dizendo que ele não se admirava de que Leônidas, tendo sido educado num país estrangeiro, e tendo se casado na corte de um sátrapa, ignorava as leis de Licurgo, o qual, banindo para fera da cidade o ouro e a prata, expulsa também o dever e o emprestar. Quanto aos estrangeiros ele odiava os que não se queriam adaptar aos costumes, maneiras e modos de viver que ele introduzia e era a esses que ele bania, não porque queria mal às suas pessoas, mas porque temia seus hábitos, costumes e maneira de viver, de medo que, misturando-se com os cidadãos, não despertassem neles um desejo de viver também molemente, no meio das delícias, com a ambição de enriquecer: pois afinal, Terpander, Tales e Ferecides, todos estrangeiros, foram outrora singularmente queridos, honrados e reverenciados em Esparta, porque cantavam em seus escritos as mesmas coisas que Licurgo havia estabelecido em suas leis: e tu mesmo louvas Ecprepes{1337}, porque, sendo éforo, cortou com um machado as duas cordas que Frinis, o Músico, tinha acrescentado à cítara, além das sete comuns, e também os que fizeram o mesmo a Timóteo: no entretanto, tu me censuras porque quero tirar de Esparta a superfluidade, as delícias, a pompa e o orgulho, como se aqueles personagens não tivessem querido obviar que essa superfluidade e excesso na música levassem a tal corrupção de vida e de costumes dos homens, como a desigualdade desmesurada e desproporcionada entre os cidadãos torna a cidade dissemelhante e inconveniente consigo mesma.

XIII. Lisandro acusa e faz depor o rei Leónidas.

XIII. Depois deste incidente, o povo seguia Agis e os ricos juntaram-se a Leônidas, rogando-lhe e insistindo que não os abandonasse: por rogos e pedidos tanto fizeram com os senadores, cuja autoridade consiste principalmente em consultar e estudar os assuntos, antes de serem propostos ao povo, que conseguiram que a lei fosse rejeitada, por um voto a mais, pelo menos. Por isso Lisandro, ainda magistrado, começou a perseguir Leônidas, pela justiça, por intermédio de uma antiga lei, que proibia que alguém da raça de Hércules pudesse desposar mulher estrangeira, nem gerar filhos legítimos e que determinava a pena de morte contra os que saíam de Esparta para ir morar em outros lugares: aliciou a outros, aos quais ensinou a mesma linguagem, quando ele com seus companheiros observavam o sinal do céu: era este o costume: De nove em nove anos os éforos escolhendo uma noite em que o céu estava claro e límpido, sentavam-se em algum lugar, ao ar livre, olhando para cima, o céu; se notavam alguma estrela que mudava de lugar, no firmamento, eles acusavam seu rei perante a justiça, como tendo cometido algum pecado contra os deuses e os suspendiam do governo, até que viesse ou de Delfos ou de Olimpo algum oráculo que os restaurasse. Lisandro então, dizendo que tinha visto e observado o sinal de um astro movediço, citou Leônidas ante a justiça e apresentou testemunhas contra ele, como tendo desposado uma mulher asiática, que um dos lugar-tenentes do rei Selêuco lhe havia dado em casamento e da qual tivera dois filhos: mas depois sua mulher, odiando-o, e não querendo mais viver com ele, tinha ele voltado, contra vontade, ao seu país, onde se havia apoderado do governo, na falta de outro herdeiro legítimo que o ocupasse, e pelo mesmo meio, começando esse processo pôs na cabeça de seu genro

Cleômbroto, que lambem era de família real, que se dissesse candidato à realeza. Leônidas, temendo o fim desse processo, foi colocar-se a salvo, no templo de Juno, cognominado Calceocos e sua filha também, abandonando Cleômbroto, seu mando. Leônidas foi intimado a comparecer em pessoa: e não querendo fazê-lo, por sentença, foi destituído do trono o qual foi entregue a Cleômbroto.

XIV. Agis e Cleômbroto expulsam os novos éforos, que tinham restaurado Leónidas. Este foge.

XIV. Nesse ínterim, Lisandro deixou o cargo, tendo terminado seu tempo: os novos éforos, que o substituíram, restauraram Leônidas e acusaram Lisandro e Mandroclidas, de que, contra as leis, tinham feito abolir os contratos das dívidas, e feito novamente dividir as terras e as heranças. Eles, vendo-se citados à justiça, persuadiram aos dois reis a entrarem em entendimentos e a não fazer mais caso dos decretos e das determinações desses éforos, alegando que esses magistrados haviam obtido a autoridade, somente por causa da dissensão entre os dois reis, a fim de que eles dessem seus votos àquele dos dois que tinha opinião mais reta, quando o outro se quisesse obstinar contra o que era mais conveniente: mas se eles estavam de acordo, era-lhes permitido fazer tudo o que quisessem, sem que alguém lhes pudesse obstar e que era contrariar as leis, o resistir aos reis, visto que de direito só lhe competia a prerrogativa de arbitrar e de cidir quando havia alguma divergência entre eles, e não, controlá-los quando eles andavam de acordo. Os dois reis, acreditando nisso, foram juntos à praça, acompanhados por seus amigos, fizeram levantarem-se os éforos dos seus assentos e puseram outros em seus lugares, um dos quais foi Agesilau: além disso, armaram um bom número de moços e tiraram os prisioneiros do cárcere: o que assustou muito aos seus adversários, porque logo pensaram que eles tinham determinado matar muita gente; mas tal não aconteceu, pois não condenaram a ninguém à morte; mas ao contrário, como Agesilau quisesse mandar matar a Leônidas, que havia fugido para a cidade de Tegeu e tivesse mandado homens para esperá-lo no caminho e executar esse seu desejo, Agis, sabendo disso, mandou outros homens que acompanharam a Leônidas e o levaram em segurança até dentro de Tegeu.

XV. Agesilau evita a partilha das terras.

XV. Estando assim a sua empresa bem encaminhada e não havendo ninguém que quisesse levantar a cabeça contra eles para obstá-los, um único homem pôs tudo a perder: Agesilau, destruindo uma belíssima e perfeita determinação lacedemônia, por causa de um vício infame, isto é, a avareza. Possuindo muitas terras e as melhores do país e devendo muito dinheiro, ele não podia pagar suas dívidas, nem queria deixar suas terras: pelo que, deu a entender a Agis que, se eles tentassem fazer uma e outra coisa juntos, suscitariam grande perturbação e um perigoso incêndio na cidade: mas se eles conquistassem os que possuíam terras, propondo por primeiro a abolição das dívidas somente, eles obteriam depois, mais facilmente, sem dizer uma palavra em contrário, a divisão das terras. Lisandro ficou bem alerta, pois um e outro foram enganados pela malícia de Agesilau. Deram ordem a todos os credores que trouxessem à praça todos os documentos, letras, recibos, obrigações que os lacedemônios chamam de ciaria e fazendo delas um monte, atearam-lhe fogo. Quando os credores e os que emprestavam dinheiro a juros viram a chama nos ares, foram para casa muito descontentes: mas Agesilau, zombando deles, disse que nunca tinha visto um fogo tão belo nem tão luminoso.

XVI. Agis é mandado em socorro dos aqueenses contra os etólios.

XVI. O povo pedia que a divisão das terras se fizesse imediatamente: os reis também o desejavam; mas Agesilau sempre fazia surgir algum impedimento e alegando desculpas, procurava adiar a execução do ato, até que aconteceu que Agis teve de ir à guerra, atendendo ao pedido de socorro dos acaios, que os lacedemônios estavam obrigados a lhes fornecer, pelos estatutos da liga que haviam feito com eles, porque esperavam a cada instante que os etóhos entrassem pelas leiras dos megarianos, na região do Peloponeso: para obviar a isso, Arato, comandante geral dos acaios, tinha reunido seu exército e escrito aos éforos que lhe mandassem o seu auxílio; eles enviaram incontinente o rei Agis vendo mesmo o afeto e a bondade daqueles que tinham sido escolhidos para ir à guerra, sob seu comando, a maior parte jovens e pobres que se viam livres do temor das dívidas e esperavam que lhes repartiriam as terras logo que estivessem de volta; por isso mostravam-se mui obsequiosos e obedientes ao rei Agis; as mesmas cidades que eles atravessavam os olhavam com admiração, vendo-os atravessar todo o Peloponeso de um ponto a outro, alegremente, sem causar desprazer nem prejuízo a ninguém e quase mesmo, sem o menor ruído, por assim dizer. Os gregos, porém, iam imaginando consigo mesmos, como então na luta seria belo ver-se o exército da Lacedemônia, antigamente, quando eles tinham por generais um Agesilau, um Lisandro ou um Leónidas, visto que, todos os que então estavam no exército, obedeciam tão prontamente a Agis, que era talvez o mais moço de todo o seu exército, e que se vangloriava de passar com pouco, de gostar de trabalhar bastante, e de não andar nem vestido, nem armado mais suntuosamente do que um simples soldado, e por isso era bem considerado, louvado e estimado pelo povo: mas os ricos não gostavam daquela novidade que ele introduzia, temendo que desse motivo aos outros povos de se movimentarem também e de querer fazer o mesmo em seu lugar. Agis, então, chegou ao campo de Arato, perto da cidade de Corinto, no momento em que ele deliberava se devia dar combate ao inimigo ou não: nesse particular mostrou Agis uma vontade bem determinada e uma ousadia, não temerária, nem violenta: pois ele disse que era de opinião que se devia combater e não deixar a guerra internar-se mais, abandonando a entrada do Peloponeso: todavia, ele estava pronto a fazer o que Arato decidisse como melhor: porque ele era mais velho e comandante geral dos acaios, aos quais ele não tinha vindo para comandar, mas para auxiliar e socorrer. Mas, Baton Sinopiano escreve que ele não queria combater, embora Arato o quisesse: Ele não tinha lido o que o mesmo Arato deixou escrito para sua defesa e justificativa, alegando que os lavradores tendo já recolhido e armazenado grande parte dos frutos da terra, ele julgava que era melhor deixar os inimigos entrar do que arriscar a batalha, onde havia a dúvida da perda de todo o Peloponeso e por isso ele despediu todos os seus aliados e dissolveu seu exército.

XVII. Leónidas torna a subir ao trono.

XVII. E assim Agis retirou-se também, muito estimado por todos os que estavam no acampamento, quando já as coisas estavam bastante confusas e embrulhadas na cidade de Esparta; Agesilau era éforo e sentindo-se livre do temor que o tinha subjugado antes, nada poupou nem deixou de cometer crime algum, contanto que pudesse obter dinheiro; entre outras coisas, naquele ano mandou pagar, além da dívida, os impostos e tributos devidos ao povo, por treze meses, acrescentando-lhe o décimo-terceiro, sem que a ordem do tempo nem a revolução ordinária dos anos o exigisse. Por isso, vendo que era odiado por todos e temendo aqueles aos quais fazia injustiça, tinha soldados armados que o acompanhavam como guardas, quando ia ao palácio. Dos dois reis, não fazia caso, de um, e do outro, queria que pensassem que ele fazia caso, mais pelo parentesco que tinha com ele, do que pela dignidade real: difundiu-se um boato que ele ainda seria éforo no ano seguinte; por isso os que o queriam mal, reuniram-se antes que isso acontecesse e arriscando-se ao perigo, trouxeram à viva força, publicamente, Leônidas de Tegeu, para restaurá-lo no trono; o mesmo povo presenciou este espetáculo, com real satisfação; pois estavam descontentes por se verem enganados porque não se fazia a divisão das terras, como lhes tinham prometido; quanto a Agesilau, seu filho Hipomedon, sendo muito querido de todos por sua coragem, tanto fez com seus rogos, perante o povo, que o salvou e o afastou do perigo.

XVIII. Admirável proceder de Quelonis, mulher de Cleômbroto.

XVIII. Dos dois reis, Agis procurou salvar-se no templo de Juno Calceocos e Cleômbroto, no de Netuno; parecia que Leônidas o queria apanhai, mais que a Agis: assim, deixou Agis, para ir contra este, acompanhado de soldados: estando com ele censurou-o porque, embora fosse seu genro, ele o tinha, no entretanto, vigiado, para privá-lo da realeza, e o tinha exilado de sua pátria. Cleômbroto não sabendo o que responder a isto, continuou sentado sem replicar; mas Quelonis, sua esposa, filha de Leónidas, que antes se sentira, ofendida pela injúria que se fizera a seu pai e se havia separado do marido Cleômbroto, que lhe havia usurpado a realeza, para ir servir seu pai na adversidade e enquanto ele esteve em segurança, se fez também suplicante como ele; depois quando ele foi a Tegea continuou a usar o luto, indignada contra seu marido: mas agora, ao contrário, trocando sua raiva pela fortuna, fez-se suplicante, com seu mando, sentando-se perto dele, tendo-o nos braços, junto de seus dois filhos, um de um lado e outro do outro: todos os presentes comovidos choravam de compaixão, de pena e de caridade, por aquela senhora, que ostentava seu vestido de luto, seus cabelos em desalinho, sem ornamento algum; ela pôs-se a dizer: "Não é a piedade que eu sinto de Cleômbroto que me faz usar estas vestes nem esta atitude, meu pai, mas o luto que sempre conservei comigo, e que continuamente me acompanha desde o princípio de teus males, quando foste levado ao exílio: o que, portanto, devo fazer agora, continuar a viver de luto, e usar este piedoso vestuário, agora que venceste teus inimigos e foste restaurado em tua dignidade, ou vestir outras roupas reais e vestes de festa, vendo que queres matar o marido, ao qual tu me deste como esposa? Se ele não pode te mover à piedade e obter piedade por meio das lágrimas de sua mulher e de seus filhos, suportará ainda uma pena mais grave do seu mau conselho, do que a que tu lhe queres fazer sofrer, é que ele verá sua mulher, a quem mais ele ama, neste mundo, morrer diante dele: pois de outro modo, como poderei e com que atitude, apresentar-me diante de outras senhoras, quando com minhas lágrimas não consegui mover à piedade, nem meu pai, rogando por meu marido, nem meu marido, rogando por meu pai e que eu nasci para ser mulher e filha sempre infeliz e desprezada pelos meus? Quanto ao meu mando, se tivesse alguma razão para fazer o que fez, eu a eliminei, colocando-me ao teu lado, e protestando contra ele, pela injustiça que te fazia; e ao contrário, tu lhe dás honesto pretexto para desculpar sua falta, fazendo parecer que a realeza é coisa tão desejável e tão grande, que é permitido matar seus genros e não fazer caso algum de seus próprios filhos, por amor dela".

XIX. Cleômbroto vai ao exílio, sua mulher segue-o.

XIX. Quelonis, fazendo estas queixas e lamentações, pôs seu rosto acima da cabeça de Cleômbroto e lançou seus olhos fundos de dor, banhados de lágrimas, aos assistentes; Leônidas depois de ter conversado um pouco com seus amigos, ordenou.» Cleômbroto que se levantasse, que fosse para fora da cidade, ao exílio, rogando a sua filha, que ficasse com ele, não abandonando seu pai que tanto a tinha amado e que por amor dela tinha salvo a vida a seu marido: mas, nem assim pôde induzi-la a fazer o que pedia; ela, erguendo-se com seu marido, apresentou-lhe um dos filhos e tomou o outro nos braços; depois de ter feito oração no altar da deusa{1338}, foi para o exílio com ele, de modo que se Cleômbroto não tivesse tido o juízo depravado pela ambição e pela vanglória, ele deveria julgar que aquele exílio era maior felicidade para ele por sua mulher que o acompanhava, do que a mesma realeza, sem ela.

XX. Perfídia de Anfares, que entrega Agis aos seus inimigos.

XX. Leônidas, tendo então feito sair Cleômbroto, para fora da cidade, no lugar dos primeiros éforos que ele depôs, colocou vários outros; em seguida se pôs a pensar como poderia apanhar a Agis; procurou antes persuadi-lo a sair do abrigo do templo, onde ele se agasalhara e a vir ter com ele, com garantias, para governar e dando-lhe a entender que seus concidadãos haviam perdoado o seu passado, porque sabiam que ele havia sido enganado por Agesilau, jovem ambicioso de honras, como era. Todavia, nem por isso Agis moveu-se do seu refúgio, suspeitando de tudo o que se dizia: por isso Leônidas determinou atraí-lo e enganá-lo com palavras lisonjeiras: Anfares, Democares e Agesilau iam frequentemente visitá-lo e conversar com ele, tanto que às vezes o levavam até às termas: depois de se ter ele lavado reconduziam-no ao templo, pois todos eram seus amigos. Mas, Anfares, tendo há pouco pedido emprestado de Agesistrata alguns móveis preciosos, como tapeçarias e baixelas de prata, determinou atraiçoá-lo, sua mãe e avó, com esperança de que aqueles móveis que ele havia emprestado, lhe ficariam pertencendo. Diz-se, que foi ele que mais que qualquer outro prestou ouvidos a Leónidas, incitou e irritou os éforos, no número dos quais ele estava, contra ele. Como Agis se tivesse acostumado a ficar sempre dentro do templo, exceto quando às vezes ia às termas, determinaram surpreendê-lo quando estivesse fora do asilo. Esperaram um dia, quando ele regressava das termas, foram-lhe ao encontro e o saudaram fingindo querer acompanhá-lo, conversando com ele, como uma pessoa a quem devotaram grande amizade e estima; quando, porém, chegaram ao lugar da esquina de uma rua, que dá justamente para a prisão, Anfares deitou-lhe a mão, pois era magistrado e disse-lhe: "Eu te declaro prisioneiro, Agis, e te levo perante os éforos para prestares conta das inovações que tentaste no governo". Democares, então, que era grande e poderoso, atirou-lhe a veste em redor do pescoço e o puxou para frente e os outros o empurravam por trás, como haviam combinado. Ninguém estava perto para socorrer Agis e assim levaram-no para a prisão e imediatamente Leônidas chegou com um bom número de soldados estrangeiros, que rodearam a prisão, por fora.

XXI. É estrangulado na prisão.

XXI. Os éforos entraram e mandaram chamar os senadores, que eram da mesma opinião deles: depois ordenaram a Agis, em forma de processo, que dissesse por que motivo havia feito as inovações no governo do país. O moço se pôs a rir do fingimento deles: então Anfares disse-lhe, que não era o caso de rir-se e que ele devia sofrer o castigo de sua louca pretensão e temeridade. Um outro éforo, fingindo querer favorecê-lo e apresentar-lhe um expediente para que pudesse evitar o processo criminal, perguntou-lhe se ele tinha sido obrigado a fazê-lo por Agesilau e por Lisandro. Agis respondeu que não fora induzido nem obrigado por ninguém; mas o havia feito unicamente para seguir o velho Licurgo, pois queria restaurar o governo, fazendo-o voltar àqueles tempos, quando outrora ele o havia organizado. O mesmo éforo perguntou-lhe se estava arrependido do que havia feito. O moço respondeu francamente que jamais se arrependeria de uma coisa tão sábia e virtuosamente empreendida, ainda que visse a morte certa diante de seus olhos. Co ndenaram-no então a morrer e ordenaram aos esbirros que o levassem à Década{1339}, que é um lugar da prisão onde se enforcam os condenados à morte. Democares vendo que os esbirros não ousavam pôr as mãos sobre ele e que os soldados estrangeiros também se recusavam e sentiam horror por aquela execução, como contrária a todo direito divino e humano, pôr as mãos sobre a pessoa de um rei, ameaçando-os e injunando-os, arrastou ele mesmo Agis para aquela parte da prisão: muita gente já havia ocorrido, pois se soube do ocorrido: grande alando e confusão estabeleceu-se logo à porta da prisão, onde tochas e archotes iluminavam lugubremente a rua. Acorreram também a mãe e avó do Agis, que clamavam e pediam que o rei de Esparta pudesse pelo menos ter justiça e que seu processo fosse feito por seus cidadãos. Isso foi causa de que se apressasse a execução, porque seus inimigos tiveram medo de que durante a noite eles o arrancassem à força da prisão, se se ajuntasse mais gente. Assim foi Agis levado à força e no caminho viu um esbirro que chorava e se afligia. Disse-lhe então: "Meu amigo, não se aflija por compaixão de mim; pois eu sou mais homem de bem do que aqueles que me fazem morrer tão ignominiosamente e tão injustamente", dizendo estas palavras entregou seu pescoço à corda.

XXII. Sua mãe e sua avó estranguladas depois dele.

XXII. No entretanto, Anfares saiu à porta da prisão, onde encontrou Agesistrata, mãe de Agis, que se lhe lançou aos pés; ele levantou-a, mostrando-se amigo e compadecido e disse-lhe, que não se fana violência nem força alguma a Agis e que ela pedia ir vê-lo, quando quisesse: ela rogou-lhe então que deixassem também entrar sua mãe com ela: Anfares respondeu que nada o impedia e assim as introduziu ambas, mandando fechar as portas. Apenas elas se acharam no interior da prisão ele entregou Arquidamia aos esbirros, para que a executassem também, a qual era já bem idosa e tinha vivido até sua velhice grandemente honrada e muito digna de toda estima, mais que qualquer outra senhora da cidade. Depois que ela foi executada ele mandou a Agesistrata que entrasse também: ela viu o corpo de seu filho morto e sua mãe ainda pendurada na forca; ajudou o carrasco a soltá-la das cordas e colocou-a estendida ao lado do filho: depois de tê-la ceberto cuidadosamente, lançou-se por terra perto do corpo do filho e beijando-lhe o rosto disse: "Ai! Tua excessiva bondade, doçura e clemência, meu filho, foram causa de tua morte e da nossa". Anfares, que observava da porta, o que ali se passava, ouvindo o que ela dizia, entrou e exclamou encolerizado: "Pois que tu também participaste do crime de teu filho, sofrerás a mesma pena que ele". Então Agesistrata levantando-se para ser estrangulada, disse: "Pelo menos, possa isto ser proveitoso e útil a Esparta".

XXIII. Horror que essa crueldade inspira aos lacedemônios.

XXIII. Este fato foi divulgado pela cidade e os três corpos foram tirados da prisão; o temor dos magistrados não foi tão grande, que os cidadãos de Esparta não se mostrassem evidentemente muito desgostosos e que não odiavam de morte a Leônidas e Anfares, julgando que jamais se havia cometido crime tão cruel, tão desumano e tão infeliz em Esparta, desde que os donos tinham vindo morar no Peloponeso: pois os inimigos, mesmo em batalha não punham de boamente as mãos sobre os reis dos lacedemônios, mas evitavam-no quanto possível, pelo temor e reverência que votavam à sua majestade, de sorte que em tantas batalhas que os lacedemônios haviam travado contra os gregos, somente Cleômbroto, antes dos tempos de Felipe, foi morto por um dardo na batalha de Leuctres{1340}. É verdade que os messênios afirmam que Aristomenes matou também a Teopompo: mas os lacedemônios dizem que ele o feriu somente; todavia nisso há divergência de opiniões: mas é certo que Agis foi o primeiro dos reis que os éforos mandaram matar, por ter querido fazer reformas mui convenientes à glória e à dignidade de Esparta, estando numa idade, na qual, quando os homens erram ainda se lhes perdoa e tendo seus amigos tido mais justo motivo de se queixar dele, que não seus inimigos, porque ele salvou a vida de Leônidas e confiou nos outros, como a criatura mais doce e humana do mundo, que ele era.

XXIV. Leónidas faz seu filho Cleômenes desposar a mulher de Arquidamo, irmão de Agis.

XXIV. Tendo, então, Agis sido executado, Leônidas não foi bastante hábil para apanhar também a Arquidamo, seu irmão, pois esse conseguiu fugir imediatamente: mas, mandou levar à força, sua mulher para fora de casa com um filhinho, que tivera dele e a fez esposar a seu filho Cleômenes, embora ele ainda não estivesse na idade de se casar, de medo que essa senhora se fosse casar em outro lugar, porque ela era herdeira de uma grande e rica fortuna, sendo filha de Gilipo, cognominado Agiates, além de ser a mais bela senhora, então, em toda a Grécia, a mais honesta e a mais bem conservada: ela fez tudo o que foi possível para não ser forçada; por fim, tendo-se casado com Cleômenes, continuou a votar a Leônidas ódio mortal, mas mostrou-se boa e amável para com seu jovem esposo, o qual também logo depois de a ter

desposado, começou a amá-la e por compaixão tolerava de boamente o amor que ela dedicava ainda ao primeiro marido e a recordação afetuosa que conservava dele, de modo que mui frequentemente ele mesmo lhe falava dele, perguntando-lhe como os fatos se haviam passado e sentia prazer em ouvi-la narrar que intenção e que desejos Agis havia alimentado.

XXV. Caráter de Cleômenes.

XXV. Cleômenes era também desejoso de honras e tinha tanta coragem como Agis, e não era menos proclive à temperança, à simplicidade e à parcimônia em seus desejos, do que ele: mas não tinha aquela bondade muito reservada e aquela grande doçura, que o outro; havia em seu natural um pequeno aguilhão de cólera e uma veemência em querer pôr em execução o que achava honesto: parecia-lhe bem, como mais conveniente e mais honesto poder colocar-se acima daqueles com os quais tinha que se haver, com seu consentimento e vontade, mas ainda julgava honesto colocar-se por cima como quer que fosse, quisessem eles ou não, forçando-os a aderir ao que era melhor. Não lhe agradava o estado da cidade de Esparta, vendo que os cidadãos estavam se aniquilando pela ociosidade e pelos prazeres desordenados, e o rei deixava que os negócios corressem como quisessem e pudessem, contanto que não o impedissem de viver a seu bel-prazer nas delícias, sem nada fazer, de sorte que ninguém cuidando do bem público, cada qual apanhava tudo o que podia, para proveito particular de sua casa; ademais, exercitar as crianças, educá-las à temperança, introduzir uma igualdade e uma reforma de vida, não era somente seguro falar-se disso, pois que Agis há pouco tinha sido morto, por esse motivo. Diz-se também que Cleômenes ainda moço, tinha ouvido algumas lições de filosofia, quando o filósofo Esfero, nativo do país de Borístenes, passou pela Lacedemônia, onde ele afetuosamente se detivera, para instruir os moços e os homens; era um dos principais e dos primeiros discípulos de Zenão, o Cítio, e sentiu prazer em considerar e amar a generosidade do natural de Cleômenes e a incentivar ainda o desejo que ele tinha de se fazer notar e de alcançar celebridade; pois, como se diz, que o velho Leônidas, interrogado que lhe parecia do poeta Tirteu, respondeu: "Bom para adular e atrair os corações dos moços", porque com tais versos, cheios de divina inspiração, quando eles iam depois ao combate, lançavam-se de cabeça baixa no perigo, sem poupar suas vidas e sua pessoa; também as razoes dos filósofos estoicos têm um não sei que de perigoso para as naturezas fortes e vigorosas, que as leva às vezes à temeridade: mas quando vêm a se introduzir em um natural grave, doce e tranquilo, é então que mais elas mostram e apresentam o que têm de bom.

XXVI. Cleômenes propõe-se executar o projeto de Agis.

XXVI. Morrendo então, Leônidas, pai de Cleômenes, este veio a sucede-lo no trono; os habitantes de Esparta haviam-se de todo corrompido, porque as riquezas serviam apenas para seu proveito particular e para seus prazeres; eles’ pouco se incomodavam com o povo, os pobres, encontravam muitas dificuldades para viver, não iam de boamente para a guerra e não se incomodavam com a educação de seus filhos: ele só tinha o nome de rei, e toda a autoridade estava nas mãos dos éforos; desde o seu advento ao trono ele tomou então a deliberação de modificar a situação do povo: outrora ele tivera um amigo de nome Xenares, que muito o estimava, ao qual os lacedemônios chamam de Empnistai, isto é, inspirado; começou a sondar-lhe a vontade, perguntando-lhe que espécie de rei lhe parecia ter sido Agis e de que modo e com quem ele tinha enveredado pelo caminho que então seguira. Xenares, a princípio, não se aborreceu por lembrar estas coisas e contava-lhe como tudo acontecera: mas quando percebeu que Cleômenes se entusiasmava e se interessava demais por essa inovação de Agis e queria que ele disso lhe falasse frequentemente, censurou-o zangado, como insensato e por fim negou-se a falar-lhe, e até mesmo, a ir visitá-lo, sem no entretanto dar a razão disso a quem quer que fosse, dizendo somente aos que lha perguntavam, que ele bem sabia porque: por isso, como Xenares o evitasse, pensando que, do mesmo modo, todos os outros fariam o mesmo, resolveu arquitetar seu plano sozinho, sem ninguém: achando que lhe seria mais fácil obter o seu intento, em tempo de guerra do que na paz, ele incompatibilizou a

cidade de Esparta com os acaios, os quais deram eles mesmos os primeiros motivos de queixa.

XXVII. Primeira campanha de Cleômenes.

XXVII. Arato tinha a principal autoridade no seu conselho e assim, desde o princípio sempre havia desejado reunir, em uma liga todos os habitantes do Peloponeso; era aquele o único objetivo de todos os seus empreendimentos guerreiros e de todos os seus atos na paz, julgando que não havia outro meio para fazer que os inimigos de fora não o pudessem de algum modo prejudicar. Havia ele reunido quase todos os outros povos, só lhe faltando os ehenos, os lacedemônios e alguns dos arcádios, que obedeciam aos lacedemônios. Logo que o rei Leónidas faleceu ele começou a provocar os arcádios e a irritá-los, também àqueles que são vizinhos dos argienses, para saber o que diriam os lacedemônios, não fazendo caso de Cleômenes, porque ainda era jovem e não tinha experiência alguma na guerra; por essa razão, os éforos da Lacedemônia mandaram-no antes apoderar-se do templo de Minerva, que está perto da cidade de Belbina{1341}, porque é uma das entradas da Lacônia, mas a região estava no momento em litígio entre os megalopolitanos e os lacedemônios. Cleômenes dele se apoderou e o fortificou: disso Arato não se queixou, mas certa noite, partindo com seu exército, foi atacar a cidade de Tegeu{1342}, e a de Orcomena{1343}: todavia os traidores que estavam de inteligência com ele, tiveram medo no ato de executar a traição. Assim, Arato voltou sem nada fazer, pensando que ninguém saberia da sua intenção: mas Cleômenes, por zombaria, escreveu-lhe como a um amigo, perguntando-lhe onde levara naquela noite o seu exército: Arato respondeu-lhe que, tendo sabido que ele queria fortificar Belbina, tinha saído para observá-lo. Cleômenes então, retorquiu que acreditava deveras, como sendo verdade, mas rogava-o lhe dissesse se tinha algum interesse nisso e porque mandara levar, também, escadas e archotes. Arato se pôs a rir desta saída e perguntou que espécie de pessoa era esse rapaz. Demócrito, lacedemônio, exilado de sua pátria, respondeu: "Eu te aviso, se deves empreender alguma coisa contra os lacedemônios, é preciso que te apresses, antes que esse frango crie esporas".

XXVIII. Dá combate aos aqueenses. Arato não ousa aceitá-lo.

XXVIII. Depois, ele foi para o campo, na Arcádia, com alguns cavaleiros e somente trezentos soldados de infantaria: os éforos ordenaram-lhe que regressasse, pois temiam uma guerra: apenas regressara a Esparta, Arato apoderou-se da cidade de Cafies{1344}; por isso os éforos o fizeram voltar atrás, incontinente; em seguida ele tomou a cidade do Metídno{1345}, e devastou toda a planície de Argos. Saíram os acaios contra ele com um exército de vinte mil soldados de infantaria e mil de cavalaria, sob o comando de Aristômaco, e defrontaram-se perto de Palancio{1346}, onde Cleômenes deu-lhe combate: Arato, temendo a coragem desse jovem, não quis que o seu general entrasse em luta com ele e retirou-se; por isso foi injuriado pelo: acaios, criticado e desprezado pelos lacedemcnios, os quais tinham ao todo uns cinco mil soldados: com isso Cleômenes sentiu-se mais corajoso ainda e falando aos seus cidadãos com mais ânimo, recordou-lhes uma frase que um dos antigos reis costumava dizer: os lacedemônios jamais perguntavam quantos eram os inimigos, mas somente, onde eles estavam.

XXIX. Bate os aqueenses e toma a cidade de Mantinéia.

XXIX. Pouco tempo depois, os acaios faziam guerra aos elianos, Cleômenes foi ajudá-los e

alcançou o exército dos acaios perto do monte do Liceu{1347}, quando eles já regressavam: atemorizou-os de tal modo, que se puseram em fuga: foram mortos em grande número, e deixaram ainda muitos prisioneiros; a notícia desse acontecimento correu por toda a Grécia; dizia-se que o mesmo Arato havia sido morto; aproveitando a oportunidade que lhe dava aquela vitória ele dirigiu-se diretamente a cidade de Mantinéia{1348}, sem que se suspeitasse, tomou-a e ali deixou uma boa guarnição para garantir-lhe a posse.

XXX. Manda Arquidamo, irmão de Agis, voltar, mas os éforos o matam.

XXX. Mas os lacedemônios haviam perdido a coragem e resistiam a essas empresas; como ele queria a todo custo levá-los à guerra, ele pensou em mandar chamar a Arquidamo, irmão de Agis, que estava em Messena, ao qual competia o direito de reinar da outra família real de Esparta: ele pensava que o poder dos éforos cada vez mais enfraquecer-se-ia, quando os dois reis juntos, lhes fizessem contrapeso: sabendo disso, os que haviam causado a morte a Agis, temendo que eles também, com o tempo, fossem castigados por aquele crime, se Arquidamo voltasse ao poder, eles o receberam secretamente na cidade, ajudaram-no a voltar, mas apenas lá chegou mandaram-no matar; talvez Cleômenes não o sabia, como Filarco o escreve, talvez também tacitamente o consentiu, deixando-se induzir por seus amigos a abandoná-lo: é certo que a maior parte da culpa foi atribuída a eles, porque parece que eles tinham forçado Cleômenes a fazê-lo.

XXXI. Obtém uma grande vitória sobre os aqueenses.

XXXI. Todavia, ele tinha deliberado, o mais depressa possível, modificar a situação de Esparta e tanto fez, por meio de dinheiro, com os cfores, que os induziu a lhe decretarem uma viagem: obteve ainda a cooperação de outros cidadãos per intermédio de sua mãe Cralesicléa que lhe dava quanto dinheiro queria e o ajudava a levar adiante o seu intento a ponto de tomar como mando o homem mais influente de Esparta, em autoridade e em fama, para servir aos desígnios de seu filho, embora ela não tivesse vontade de se casar novamente. Cleômenes levou seu exército ao campo, tomou um território perto de Megalópolis chamado Leuctra{1349}: os acaios vieram imediatamente ajudar, sob o comando de Arato; travou-se uma batalha perto da mesma cidade, onde Cleômenes levou a pior, em uma parte do seu exército; Arato, não querendo permitir que os acaios passassem um abismo grande e profundo, para persegui-los, fez tocar a retirada; Lisiadas, megalopolitano, irritou-se e mandou que os cavaleiros sob seu comando prosseguissem e, perseguindo-os, não percebeu que se encontrava em um lugar cheio de vinhas, de muralhas e de fossos, onde era necessário que ele espalhasse seus soldados, do contrário, não poderiam sair. Vendo isso, Cleômenes mandou seus tarantinos que eram cavaleiros ágeis e seus candiotas, contra ele; Lisiadas, combatendo valentemente, foi derrubado e morto. Os lacedemônios, então, recobraram coragem, de modo que com grandes gritos voltaram a atacar os acaios, com tanto furor, que os derrotaram completamente, ficando mortos no campo grande número de soldados, cujos corpos, Cleômenes, atendendo-lhes ao pedido, restituiu, para que fossem sepultados: mandou, porém, levar o de Lisiadas, que o revestiu de um manto de púrpura, pondo-lhe uma coroa na cabeça, e assim revestido mandou-o até as portas de Megalópohs. Ele tinha eliminado a tirania de sua cidade, dado a liberdade s seus cidadãos e anexado Megalópohs à liga e à comunidade dos acaios.

XXXII. Leva a uma expedição todos os espartanos, que ele julgava mais contrários aos seus projetos.

XXXII. Depois desta derrota, Cleômenes não pensou mais em coisas grandes, tendo-se persuadido de que se pudesse dispor os interesses de Esparta como desejava, depois viria mais facilmente a dominar os acaios. Fez ver ao marido de sua mãe, Megistono, que era necessário desembaraçar-se dos éforos e pôr em comum, as heranças dos espartanos; depois quando todos fossem iguais em bens, animá-los à reconquista da soberania de toda a Grécia, como a tinham outrora seus predecessores: Megistono concordou, tomou ainda dois ou três dos seus amigos. Havia acontecido, mais ou menos naquele tempo, que um dos éforos, dormindo no templo de Pasifae, tivera um sonho extraordinário: fora-lhe revelado que, no recinto onde os éforos costumavam ter suas reuniões, havia somente um assento e os outros quatro haviam sido retirados: ficou admirado e ouviu então uma voz, que saía do templo e dizia que assim era melhor para a cidade de Esparta. O éforo contou este sonho, no dia seguinte, a Cleômenes, o qual ficou um tanto perturbado, a princípio, julgando que ele o fazia para sondar as suas intenções, tendo sabido alguma coisa de sua deliberação: mas quando se persuadiu de que o outro não lhe mentia, então tranquilizar-se, reanimando-se: levou consigo todos os espartanos, que julgava serem contrários à execução de seu plano, e foi atacar Herea e Alsea{1350}, cidades dos acaios, abasteceu Orcomena e foi acampar diante da cidade de Mantinéia: em suma, cansou e atormentou tanto os lacedemônios, obrigando-os a grandes marchas e a outros trabalhos, que, por fim, eles pediram-lhe que os deixasse descansar um pouco na Acaia; no entretanto, ele, com os estrangeiros que tinha consigo, voltou a Esparta, tendo, pelo caminho, comunicado a sua deliberação aos amigos e àqueles em quem ele confiava, marchou facilmente, a fim de surpreender os éforos, quando estivessem à mesa, no jantar.

XXXIII. Manda matar os éforos.

XXXIII. Quando já estava perto da cidade, mandou Eunclidas, ria frente, à sala dos éforos, como para lhes comunicar alguma notícia do acampamento de onde vinha: depois dele, mandou também Terício e Febis e dois outros, que haviam sido educados com ele, aos quais os lacedemônios chamavam de Samotrácios, cem um pequeno número de soldados; estes, bem como Euriclidas, falavam com eles; nesse instante todos precipitaram-se de espada em punho, na sala dos éforos e os atacaram com violência. Agesilau foi o primeiro a ser ferido, caindo por terra; fingiu, porém, estar morto, mas depois, escapou, esgueirando-se, da sala e ocultou-se numa pequena capela, consagrada ao medo, que costumava estar sempre fechada, mas por acaso naquele instante estava aberta; lá entrou e fechou a porta. Os outros quatro éforos foram mortos na mesma sala e mais de dez outros que se intrometeram na luta, procurando socorrê-los; depois, não mataram mais nenhum dos que não se moveram, nem impediram de sair da cidade, aos que queriam fazê-lo; ainda mais: perdoaram a Agesilau, que no dia seguinte saiu da capela do medo. Na cidade de Esparta há não somente um templo dedicado ao medo, mas também um à morte e outro ao riso e muitos às diversas paixões da alma; honravam o medo, não como se faz com os maus espíritos, para os afastar, como prejudiciais, mas porque pensavam que não há nada que melhor conserve um governo, que o medo: por essa razão os éforos no início de seu cargo, como escreve Aristóteles, faziam proclamar, que todos os espartanos deviam raspar o queixo e obedecer às leis, para que eles não lhes fossem severos. E faziam, segundo penso, esta proclamação, sobre os bigodes, para acostumar os moços a obedecer aos superiores, mesmo nas mínimas coisas: parece-me que os antigos julgaram que a coragem e a ousadia não eram uma privação do medo, mas um medo da censura e da recriminação e um temor de desonra, porque ordinariamente os que têm mais medo de transgredir as leis são os mais corajosos contra o inimigo e não se incomodam de sofrer todos os males os que temem ser censurados: por isso falou sabiamente quem por primeiro disse:

O medo sempre acompanha a vergonha.

Assim Homero faz Helena dizer em certa passagem, falando ao rei Príamo.

Certamente[{1351}], caro senhor e sogro, eu te temo e ao mesmo tempo te reverencio.

E em outro lugar falando dos soldados gregos,

Sem[{1352}] dizer palavra, eles temiam seus comandantes

porque ordinariamente os homens cultuam aqueles que eles temem.

Eis porque, perto da sala dos éferos, estava em

Esparta a capela dedicada ao medo, que tinha elevado a autoridade de seu cargo, a um poder quase absoluto e soberano.

XXXIV. Discurso de Cleômenes ao povo para induzi-lo a aceitar a restauração das leis de Licurgo.

XXXIV. No dia seguinte, portanto, Cleômenes, a som de trombeta exilou oitenta cidadãos e mandou derrubar os assentos e as cátedras dos eferos, exceto uma, que ele reservou para si mesmo, quando devia dar audiência. Depois, mandou reunir o povo e prestou-lhe contas do que havia feito: disse que Licurgo unira os senadores aos reis e que desse modo a cidade tinha sido governada por muito tempo, sem necessidade de outro magistrado: mas, ao depois, a guerra contra os messênios prolongou-se, os reis ocupados e impedidos com essa guerra, não podiam atender às necessidades e aos interesses dos diferentes partidos; por isso havia escolhido alguns de seus amigos, que haviam deixado a cidade, para ouvi-los e julgá-los em seu lugar; estes foram chamados éforos e continuaram, depois, por muito tempo, sozinhos, como ministros dos reis: mas depois, eles haviam atribuído a si mesmos o poder supremo e tinham usurpado uma jurisdição à parte, para eles. Como prova disso, dizia, vedes ainda hoje, quando os éforos chamam o rei, pela primeira vez, ele resiste à ordem, na segunda vez, também, mas na terceira ele se levanta e vai aonde eles estão: e que é verdade, aquele que por primeiro ampliou o poder e a autoridade dos éforos, Asteropo, foi éforo vários séculos depois da instituição dos reis: mas se eles tivessem querido proceder suave e moderadamente, teria sido melhor suportá-los: mas por um poder usurpado querer suprimir os cargos legitimamente instituídos há muitos anos, a ponto de ter exilado alguns dos reis e de ter feito morrer outros, sem processo algum nem determinação da justiça e ameaçar àqueles que ainda esperam ver em Esparta um governo justo e santo, como outrora, disse ele, era coisa que não se devia mais tolerar.

XXXV. Se tivesse sido possível exterminar de Esparta, sem sangue, pestes do governo que haviam sido trazidas de fora, isto é, as delícias, a superfluidade, a opulência, as dívidas, as usuras e outras ainda mais antigas a pobreza e a riqueza, ele se teria considerado o mais feliz dos reis, como um médico, que sem causar dor alguma curasse as doenças do seu país: mas, se ele tivesse sido obrigado a lançar mão das armas ele teria o exemplo de Licurgo, que o justificava, o qual não sendo rei, nem magistrado, mas um simples cidadão, tomara a autoridade de rei e tivera a ousadia de sair à praça, com armas; o rei, que então se chamava Carilau, atemorizou-se e fugiu buscando asilo nos templos e nos altares: mas, sendo de boa índole e amando o bem e a honra do seu país, passou para o lado de Licurgo, ajudou-o a executar o seu plano, aprovou a mudança do governo e das coisas públicas: com isso Licurgo, de fato, mostrou que é difícil mudar um governo, sem forças e sem temor, do que ele[{1353}] tinha usado, o mais sobriamente e o mais reservadamente possível, afastando e exilando aqueles que eram contrários ao bem e à salvação da Lacedemônia, entregando a todos os outros, as terras do país para serem repartidas igualmente em comum e perdoando as dívidas a todos os que as tinham contraído e a elas estavam presos; e ainda mais: ele queria fazer uma prova e uma escolha de estrangeiros para dar àqueles que ele conhecia, mais merecedores, o direito de burguesia espartana, a fim de conservar a cidade de Esparta e seu território pela força das armas, para que no futuro não vejamos os etóhos e os eslavônios saquear nem devastar a região da Lacônia[{1354}], por falta de homens que a pudessem

defender.

XXXVI. Ele as restabelece, de fato.

XXXVI. Feito isto, começou ele por primeiro a pôr seus bens em comum; depois Megistono, seu padrasto e sucessivamente todos os seus amigos: em seguida mandou fazer a divisão das terras e deu uma parte a cada um dos exilados, aos quais ele mesmo havia mandado para o desterro, prometendo recebê-los na cidade quando as coisas estivessem ajustadas e fixadas em bases firmes; tendo completado o número dos cidadãos de Esparta com seus mais honestos e virtuosos vizinhos, preparou quatro mil soldados de infantaria, ensinando-os a usar a lança, com as duas mãos, em lugar dos dardos, com uma só, fê-los trazer o escudo com uma braçadeira forte e não com uma correia presa por uma fivela. Depois organizou a alimentação e a instrução das crianças e restabeleceu a antiga disciplina, à qual chamam de lacônica: o filósofo Esfero, que estava presente, ajudou-o em muitas coisas, de modo que em pouco tempo os campos de exercícios para a juventude, e os convivas retomaram a ordem que costumavam ter nos tempos passados e a maior parte dos habitantes se pôs voluntariamente a viver como outrora, da maneira lacônica, havendo muito poucos que o fizeram, à força; depois, para que o nome da monarquia, pois havia um só rei, não os descontentasse, ele declarou seu irmão Euclidas, rei como ele. Jamais havia se dado o caso, de em Esparta haver dois reis da mesma família juntos, como então.

XXXVII. Assola as terras dos megalopolitanos.

XXXVII. Finalmente, tendo sido avisado de que os acaios e Arato eram de opinião que ele não se atreveria a sair da Lacônia, enquanto a situação não estivesse bem firme, pela grande reforma que ele tinha feito em Esparta, nem abandonaria a cidade, deixando à mercê de tão desusado movimento, ele julgou que lhe seria útil e honroso fazer conhecer, com fatos, a boa vontade e a pronta obediência de seu exército. Entrou com armas nas torras dos megalopolitanos, onde se apoderou de grandes presas de guerra; causou prejuízos consideráveis ao país e depois de tudo, tendo se encontrado com alguns artistas de farsas e músicos que vinham de Messênia, mandou construir um palco nas terras dos mesmos inimigos e propôs um prêmio de quatrocentos escudos aos mesmos indivíduos; e ficou o dia todo divertindo-se e entretendo-se em sua companhia, não por mero prazer, mas para mostrar ainda mais despeito para com seus inimigos e fazer-lhes ver quanto ele era mais forte do que eles, dando-lhes semelhante demonstração de despeito e pouco caso. Ao contrário, dos exércitos de todos os outros gregos e reis que estavam na Grécia, somente o exército dos espartanos, é que em seu meio não tinha artistas, farsantes, músicos, palhaços, tocadores de instrumentos, menestréis, cantores, pois seu acampamento era severo e isento de toda distração, de todo gracejo, de toda a indecência, porque quase sempre os moços passavam o tempo exercitando-se na ginástica ou preparando-se cuidadosamente no manejo das armas; os velhos ocupavam-se em instruí-los e ensiná-los e se às vezes tomavam algum momento de folga e de descanso, seus divertimentos eram conversar amigavelmente entre si, trocarem reciprocamente ditos chistosos e finos à Lacedemônia. Quanto à utilidade que tal maneira de se divertir lhes trazia, já o dissemos mais amplamente na vida de Licurgo.

XXXVIII. Reputação de Cleômenes entre os gregos.

XXXVIII. Cleômenes era o mestre que ensinava e dirigia a todos, propondo sua vida como um espelho, um exemplo de temperança, onde só havia sobriedade, simplicidade, nada de

delicado e de supérfluo e nem a mais que qualquer soldado de todo o acampamento; isto muito lhe serviu para os interesses da Grécia, pois os gregos que iam negociar ou falar com os outros reis, não se admiravam tanto de sua opulência e riqueza, quanto detestavam o seu orgulho e odiavam sua arrogância, porque eles tratavam altiva e soberbamente com os que lhes vinham falar de algum assunto, ao contrário, quando iam a Cleômenes, que era rei como eles e que tal se chamava, não encontravam vestes de púrpura nem outros trajes suntuosos, nem leitos e liteiras ricamente adornadas, muito menos um príncipe que tratava por meio de uma infinidade de mensageiros, mordomos e às vezes por pequenos boletins, e assim mesmo com grande dificuldade e enorme trabalho; mas, viam que ele mesmo vinha à sua presença, vestido com simplicidade para recebê-los, conversar com eles e despachar os negócios para os quais lá eles haviam ido, mui alegre e afetuosamente: sentiam conquistar-se-lhes o coração de maneira admirável; e assim eles regressavam com esse conceito, de que ele era o único rei digno do sangue e da raça de Hércules.

XXXIX. Frugalidade de sua mesa.

XXXIX. Com relação à sua mesa comum, era muito simples, muito parca, muito sóbria, à Lacedemônia, com três assentos, somente: se por acaso recebia algum embaixador, ou tinha hóspedes que iam visitá-lo, acrescentava outros dois assentos e seus criados tinham cuidado de que a mesa fosse um tanto melhorada, não porém, com molhos ou pastelaria nem guloseimas, mas que houvesse um pouco mais iguanas e um vinho melhor: certa vez ele advertiu um de seus amigos, porque, dando um jantar em sua casa, ele lhes havia servido simplesmente caldo de leite e pão ordinário, como costumava fazer com os hóspedes comuns. Disse-lhe ele: "Não se deve, quando há estranhos, observar rigidamente a disciplina lacedemônia"; depois que se retirava a mesa, traziam outra menor, de três pés, sobre a qual se colocava uma taça de cobre, cheia de vinho e duas taças de prata, contendo cada uma duas quartilhas e alguns outros vasos de prata, também, mas em pequeno número, onde bebia quem queria, pois ninguém era obrigado a beber contra a vontade; não se jogava nem se cantava para agradar aos ouvidos; também não havia necessidade disso: pois ele entretinha a todos, perguntando ou narrando coisas agradáveis e divertidas, de sorte que a gravidade de seu falar não era destituída de interesse, mas também em sua graça e jucundidade, onde nada havia de dissoluto. Ele julgava a maneira de ganhar e conquistar os homens pelo dinheiro e presentes de valor, como faziam outros reis e príncipes, grosseira, sem arte e plena de injustiça: mas, o mais honesto, o mais gentil e o mais régio dos meios, parecia-lhe conquistá-los pela cortesia, na conversa e nos passatempos, nos quais houvesse graça e fé ao mesmo tempo, sendo de parecer que a única diferença entre o amigo e o mercenário, era que um se conquistava e se mantinha pela afabilidade do caráter e pelas boas maneiras e o outro, apenas pelo dinheiro.

XL. Bane os aqueenses.

XL. Os primeiros que o receberam na sua cidade foram os mantilianos, que lhe abriram as portas, uma noite e ajudando-o a expulsar a guarnição dos acaios, entregaram-se a ele; ele porém conservou suas leis e deu-lhes a liberdade de dirigir seus interesses públicos, à sua maneira; no mesmo dia ele foi para Tegeu. Pouco tempo depois, passando pela Arcádia, foi a Feres, na mesma Arcádia com intenção de dar combate aos acaios ou de indispor Arato contra eles, por lhe ter entregue as planícies, a fim de saqueá-la e devastá-la: é bem verdade que Hiperbatas era então general dos acaios, mas Arato tinha toda a autoridade. Tendo os acaios saído do acampamento com todo seu povo, em armas e tendo-o estabelecido em Dimes, perto do templo{1355}, de Hecatombe, Cleômenes dirigindo-se para aquele lado, foi se fixar também entre a cidade de Dimes que lhe era contrária e o acampamento dos inimigos: alguns julgaram esse seu ato, um tanto ousado, mas à força de provocai os acaios, por fim obrigou-os a aceitar o combate, onde os derrotou e desbaratou todo seu exército, tendo feito ao mesmo tempo grande mortandade e também grande número de prisioneiros Partindo de lá, foi atacar

a cidade de Langon, de onde expulsou a guarnição dos acaios e a entregou aos ébanos. Assim, estando os acaios em situação muito inferior, Arato, que estava acostumado a ser sempre eleito{1356}, cu pelo menos de dois em dois anos comandante geral, recusou o cargo, embora os acaios o chamassem de propósito e o rogassem a aceitá-lo: o que de fato, não ficava muito bem para ele, abandonar o timão a outro, quando a tormenta era cada vez mais forte e perigosa.

XLI. Negociações iniciadas entre Cleômenes e os aqueenses.

XLI. Por isso os acaios mandaram embaixadores a Cleômenes para pedir a paz, aos quais, parece que ele deu uma resposta dura, mas, depois lhes mandou emissários, exigindo que lhe cedessem somente a primazia da Grécia; das outras coisas ele não fazia questão, nem por isso haveria desinteligência entre eles; restituía-lhes imediatamente as praças e os prisioneiros que havia feito. Os acaios ficaram bem satisfeitos com essas condições e disseram a Cleômenes que se encontrasse na cidade de Lerna, onde se devia realizar uma grande assembleia do conselho, para se firmar o pacto. Mas aconteceu que tendo se esforçado demais, nessa viagem, ficou suando e bebeu água fria, para matar a sede{1357} muito quente e perdeu grande quantidade de sangue, e por isso ficou tão rouco que não podia falar; então restituiu aos acaios os principais prisioneiros, e adiando a assembleia para outro dia, voltou à Lacedemônia.

XLII. Arato chama os macedônios a Acaia.

XLII. Somente isso causou a ruína da Grécia, a qual, de outro modo, ainda teria podido livrar-se da arrogância e da avareza dos macedônios: Arato, por temor ou desconfiança de Cleômenes, cu mesmo por inveja da sua glória, porque ele prosperara tanto em pouco tempo, julgando que lhe seria grande vergonha, depois de ter ocupado pelo espaço de trinta anos a soberania na Grécia, que aquele moço viesse embaraçá-lo, privando-o da glória e do poder que ele mesmo havia conquistado e conservado por tanto tempo; tentou então por primeiro, impedir que os acaios fizessem tal assembleia, mas, por fim, vendo que não lhe queriam dar ouvidos, pelo medo que tinham da ousadia e da solicitude de Cleômenes, e também porque julgavam o pedido de Cleômenes justo e razoável, pois queriam restaurar a situação do Peloponeso, colocando-o no estado em que se encontrava antigamente, resolveu arquitetar um plano que não convinha a grego algum, mas, ao invés, era muito infame, para ele principalmente e muito indigno dos atos honestos e louváveis que havia praticado antes: isto é, chamar a Antígono, permitir que ele entrar na Grécia e encher todo o Peloponeso de macedônios, em sua velhice, quando ele mesmo os havia expulsado em sua juventude, depois de ter tira-lo?' das mãos de suas guarnições a fortaleza de Corinto e de ter sempre tido por suspeito o inimigo dos reis, e mesmo de Antígono, do qual ele antes disssera todo o mal possível, como se depreende dos comentários e memórias dos feitos, que ele deixou, onde diz que ele mesmo tinha trabalhado tanto e se exposto a muitos perigos, para libertar a cidade de Atenas da posse dos macedônios.

XLIII. Baixeza da conduta de Arato frente a Antígono.

XLIII. No entretanto, ao depois, ele mesmo os introduziu, por sua própria mão, no país e os levou ao seu palácio, com as armas e até mesmo nos aposentos e quartos das senhoras, tendo como uma injúria, que um príncipe descendente da raça de Hércules e rei de Esparta, que pretendia restaurar a vida pública, corrompida, como um instrumento de música, afinando-o

com o belo método da antiga e sóbria disciplina e vida dórica, instituída por Licurgo, fosse chamado com seus títulos comandante geral dos siciônios e tricaianos, fugindo assim daqueles que se contentavam em comer pão grosseiro e vestir rudes capas de burel e queriam ainda eliminar toda riqueza, (causa principal da sem ação contra Cleômenes) e remediar à pobreza, dai ia se submeter, ele e toda a Acaia, a um diapoma real, a um manto de púrpura, e a ordens alvas e soberbas dos macedônios, de medo que se pensasse que Cleômenes lhe poderia dar ordens e teve ainda a coragem de fazer sacrifícios a Antíiono, cantar hinos em sua honra, com coroa de flores na cabeça, como se ele fosse um deus, quando era um simples homem, que infelizmente já tinha os pulmões apodrecidos. Todavia o que escrevemos neste ponto, não é tanto para acusar a Arato, que em muitas coisas boas se mostrou um grande personagem, digno da Grécia, como por compaixão que temos da fraqueza de nossa natureza humana: a qual não pode fazer que, embora em pessoas dotadas de qualidades excelentes e de virtudes eminentes, o dever de honra se cumpria inteiramente, sem que nada se tenha a censurar.

XLIV. Arato faz interromperem-se as negociações iniciadas com Cleômenes.

XLIV. Foram então os acaios a Argos, onde se devia reunir a assembleia do conselho de toda a sua liga; para lá foi também Cleômenes, partindo de Tegeu; todos tinham grande esperança de que haveriam de concluir uma paz propícia: mas Arato, que já estava de acordo sobre os principais pontos e artigos do acordo, com Antígono, temendo que Cleômenes, com belas palavras ou à força obrigasse o povo a concordar com tudo o que ele queria, mandou chamá-lo, dizendo que devia entrar sozinho na cidade e que para garantia de sua pessoa, dar-lhe-iam trezentos reféns ou se ele não quisesse se afastar de seu exército, que lhe dariam audiência em conselho, fora da c idade no campo dos exercícios que é denominado Cilarábio{1358}. Cleômenes, sabendo disto, disse que lhe faziam uma injustiça, porque o deviam ter avisado antes que ele se tivesse posto a caminho e não no momento, quando ele já se aproximava de suas portas, mostrar que desconfiavam dele e despedi-lo, sem nada concluir: escreveu depois uma carta ao conselho dos acaios, a qual era uma acusação perfeita contra Arato: por outro lado, também Arato, falando à assembleia do povo, disse várias palavras injuriosas contra ele.

XLV. Este declara guerra aos aqueenses. Toma Palene e Argos.

XLV. Por isso Cleômenes, partindo dali, com pressa, por um emissário, mandou declarar guerra aos acaios, não na cidade de Argos, mas em Egion{1359}, como Arato escreve, para surpreendê-los antes de se terem preparado. Houve então uma grande perturbação em toda a liga dos acaios; várias cidades quiseram se afastar e rebelar-se, porque o povo esperava a divisão das terras e a abolição das dívidas. Os nobres em vários lugares, queixavam-se de Arato e hav ia mesmo alguns irritados contra ele que o odiavam, porque ele queria introduzir os macedônios no Peloponeso. Por esse motivo Cleômenes, contando com todas estas coisas, entrou com armas na província da Acaia, onde, logo à chegada tomou a cidade de Palene{1360}, ao primeiro assalto, expulsando as guarnições dos acaios que lá se encontravam e depois conquistou também Feneum{1361} e Penteho: os acaios temiam uma traição nas cidades de Corinto e de Sicícne e para lá mandaram sua cavalaria, que estava em Argos, para guardar aquelas cidades; eles, no entretanto, em Argos, divertiam-se em celebrar a festa dos jogos nemeus; Cleômenes pensando, o que era verdade, que se ele se dirigisse a Argos, encontraria a cidade cheia de povo, que viera à festa, para ver os divertimentos e jogos, e se os assaltasse de improviso, ele os poria em sérias dificuldades e grande temor, levou durante a noite seu exército até perto das muralhas da cidade de Argos e, ao primeiro assalto, apoderou-se do quarteirão que se denomina Aspis, acima do teatro, lugar forte, pela posição e difícil de se tomar.

XLVI. Grande ideia que se concebe de Cleômenes e dos lacedemônios.

XLVI. O povo ficou tão assustado com esse inesperado ataque, que nenhum homem se atreveu a se pôr na defensiva, mas receberam a guarnição e deram vinte reféns, prometendo, dali por diante ser bons aliados e confederados dos lacedemônios, sob seu comando e suas ordens; o que lhe granjeou grande aumento de fama e de poder, pois os antigos reis da Lacedemônia, por mais esforço que fizessem, jamais haviam podido conquistar com segurança a cidade de Argos: Pirro um dos maiores e dos mais valentes generais da antiguidade, tendo lá entrado à força, não a pôde conservar, mas morreu e perdeu a maior parte de seu exército; por isso todos admiravam, com razão, a pronta solicitude e atividade extraordinária de Cleômenes; e aqueles, que antes haviam zombado dele, quando dizia que queria imitar Solcn e Licurgo, igualando os bens de seus cidadãos, abolindo as dívidas, persuadiram-se então completamente, de que aquilo era a verdadeira causa da grande mudança que se notava na coragem dos espartanes: pois, antes eles eram tão temerosos o tinham tão pouco ânimo e coragem para se defenderem que os etólios, tendo entrado com armas na Lacônia, levaram de uma vez cinquenta mil escravos; um dos mais velhos espartanos, disse então que os inimigos lhes haviam feito um grande favor, descarregando o país da Lacônia de um fardo tão pesado: pouco tempo depois, quando começaram a tomar de novo o caminho da antiga disciplina de Licurgo, como se ele mesmo estivesse presente para orientá-los, deram grandes provas de coragem e de ousadia, de obediência aos seus superiores, reconquistando a soberania da Grécia e a posse lambem de todo o Peloponeso.

XLVII. Cleon, Pliunte, Corinto, aliam-se com Cleômenes.

XLVII. Depois da surpresa de Argos, entregaram-se de uma vez a Cleômenes as cidades de Cleones{1362} e de Fliunte{1363}. Arato no entretanto estava em Corinto, onde se informava e indagava, a respeito dos que eram suspeitos de laconizar, isto é, favorecer ao partido dos lacedemônios; tendo sabido dessa rendição ficou muito admirado, pois além do mais, notou que a mesma cidade de Corinto se inclinava muito para o lado de Cleômenes e que os acaios queriam retirar-se para suas casas. Fingiu querer reunir os cidadãos de Corinto, em um conselho; no entretanto, furtivamente chegou até uma das portas da cidade, onde lhe deram um cavalo, no qual montou e fugiu a todo galope para Sicíone. Sabendo disso, os coríntios entregaram-se à porfia, correram apressadamente a Cleômenes, que estava em Argos, para levar-lhe essa notícia, com tanta pressa, que os cavalos morreram de cansaço, como o mesmo Arato escreve; mas Cleômenes os repreendeu por tê-lo deixado escapar. Todavia ele disse que Megistono iria a ele, da parte de Cleômenes, para pedir-lhe que lhe entregasse a fortaleza de Corinto, onde havia uma grande guarnição de acaios, mediante uma grande soma de dinheiro que ele oferecia Arato respondeu-lhe que ele já não tinha o governo nas mãos, mas ao contrário o governo é que o tinha nas suas.

XLVIII. Prende Antígono na passagem das montanhas Onienas.

XLVIII. Por fim, Cleômenes, partindo da cidade de Argos, submeteu os trozemanos, os epidaunanos e os hermiomanos: depois chegou a Corinto, onde logo fez cercar a fortaleza de trincheiras e de paliçadas; mandou chamar seus amigos e medianeiros dos negócios de Arato, ordenou-lhes que tomassem sua casa e seus bens, para guardá-los com cuidado e mandou, novamente, Tntimalo{1364} Messênio, a ele, rogando-lhe que pelo menos consentisse que aquela fortaleza fosse guardada pelos acaios e pelos lacedemônios juntamente, prometendo-lhe particularmente o dobro da pensão que o rei Ptolomeu lhe dava{1365}, Arato não quis aceder, mas mandou seu próprio filho a Antígono, com os outros reféns e persuadiu aos acaios lhe entregar a fortaleza de Corinto: sabendo disso, Cleômenes entrou em armas nas terras de Sicíone, saqueou e devastou toda a planície e tomou como presa os bens de Arato, que os de Corinto, por decreto público, lhe deram. E como Antígono já tinha passado o monte de Gerania{1366}, com um grande e poderoso exército, ele não quis fortificar a entrada do estreito, pelo qual se passa ao Peloponeso, mas preferiu fortificar e reforçar as passagens das montanhas Onienas{1367}, confiar aos macedônios cada uma delas, para guardá-las e defendê-

las; esperava assim pela longa dilação de tempo, vencê-los sem combater em batalha organizada, contra um exército que era mui aguerrido de longa data. Realizando esse plano, ele pôs Antígono em grande perplexidade, porque ele não tinha feito com antecedência provisão de víveres, e não era coisa fácil obter passagem pela força, pois ali estava Cleômenes, firme, para resistir-lhe: experimentou penetrar às ocultas, pelo porto de Lequeo{1368} mas foi repelido e perdeu alguns homens; por isso Cleômenes e seus soldados, confiando nessa vantagem, puseram-se à mesa; Antígono desesperava-se de se ver obrigado pela necessidade a deliberações difíceis de executar; ele resolvera retirar-se ao monte, onde está o templo de Juno e de lá passar seu exército, por mar, em navios à cidade de Sicíone, para o que era necessário muito tempo e grandes preparativos.

XLIX. Revolta de Argos.

XLIX. Mas à tarde, chegaram alguns argienses, amigos de Arato, que vindo de Argos por mar, traziam-lhe a notícia de que os argienses se haviam rebelado contra Cleômenes. Aristóteles havia provocado essa rebelião; não tivera ele grande dificuldade em induzir o povo, que estava descontente, porque Cleômenes não lhes havia dado o perdão das dívidas, como eles haviam esperado. Arato com mil e quinhentos homens que Antígono lhe dera, foi por mar a Epidauro; Aristóteles não esperou a sua chegada; com os da cidade foi atacar a guarnição dos lacedemônios, que estava instalada na fortaleza; Timoxeno ajudou-o com os acaios, vindos de Sicíone: Cleômenes, tendo sido avisado à segunda rendição da noite, mandou imediatamente chamar Megistono e ordenou-lhe, mui untado, que fosse imediatamente socorrer os seus soldados que estavam em Argos, porque fora precisamente ele que mais havia afirmado a Cleômenes a fidelidade dos argienses e havia impelido que expulsasse da cidade, os que ele considerava suspeitos. Assim, tendo-o enviado em seguida, com dois mil homens, ele guardava-se no entretanto de Antígono, e tranquilizava, como podia, os de Corinto, dando-lhes a entender que não era nada, mas apenas uma rebelião de poucas pessoas, que rebentara em Argos. Megistono porém foi morto lá, ao entrar na cidade, combatendo valentemente; a guarnição dos lacedemônios encontrava-se em grande dificuldade e mandara vários embaixadores a Cleômenes, pedindo-lhe auxílio urgente; temendo que seus inimigos se apoderassem de Argos e lhe fechassem a passagem, e depois fossem, sem perigo, devastar e saquear a Lacedemônia e até sitiar Esparta, visto que ela estava totalmente sem defesa, ele levou seu exército para | trás de Corinto, que imediatamente ele perdeu, pois mal lhe havia voltado as costas, Antígono lá entrou colocando-lhe uma forte guarnição.

L. Cleômenes a retoma e é forçado a se retirar pela chegada de Antígono.

L. Cleômenes chegando à cidade de Argos, tentou subir às muralhas; e reuniu seu exército, ainda desorganizado pela viagem que tinha feito; depois destruiu as colunas e os arcos que sustentavam a praça de Aspis, por onde subiu à cidade e se juntou aos seus homens, que ainda resistiam; apoderando-se de alguns quarteirões bem como de algumas escadas, limpou as ruas de tal modo, que ninguém dos inimigos se atreveu a combatê-lo, por causa dos candiotas e dos archeiros que ele fazia atirar; nesse ínterim, ele viu de longe Antígono descendo pela encosta à planície com seus soldados de infantaria; e viu também que os cavaleiros em massa se lançavam contra a cidade; perdendo a esperança de poder conservá-la, reuniu todos os seus soldados e se pôs a salvo, junto das muralhas, retirando-se sem perder um só homem; em bem pouco tempo conquistara uma grande região e estava quase de posse de todo o Peloponeso; mas, também logo depois foi derrotado totalmente, porque, dos aliados que estavam no seu acampamento, uns retiraram-se logo ao primeiro embate da fortuna e outros, logo depois, entregaram suas cidades a Antígono.

LI. Morte de Agiatis, mulher de Cleômenes.

LI. Assim corriam os seus empreendimentos guerreiros, como sabemos; depois, ele regressou a Fegeu, com o resto do seu exército e à tarde, chegaram notícias da Lecedemônia, não menos graves do que a perda de suas conquistas: diziam-lhe que sua mulher Agiatis tinha morrido; ele a amava com tanta ternura, que no mais difícil de seus afazeres e nas grandes alegrias, não deixava de fazer uma rápida viagem a Esparta para vê-la. Foi-lhe pois grande a amargura, como se pode facilmente imaginar; ele ainda era jovem, e perdera tão bela e tão bondosa companheira, da qual estava mesmo mui apaixonado: todavia, em nada se ofuscou a sua antiga magnanimidade, nem a tristeza que o abateu pôde deprimir sua altivez, nem sua coragem; ele conservou sempre a mesma voz, a mesma palavra, a mesma atitude, o mesmo rosto que sempre tivera antes. Tendo dado ordens aos oficiais particulares, sobre o que eles tinham de fazer e providenciado para a segurança dos cidadãos de Tegeu, no dia seguinte, ao nascer do sol, foi a Esparta, onde, tendo chorado com as pessoas de sua família a morte de sua esposa, voltou a pensar nos negócios do governo.

LII. Generosidade de Cratesicléa. mãe de Cleômenes.

LII. Ele havia se entendido com Ptolomeu, rei do Egito, que prometera socorrê-lo, mas queria como reféns, sua mãe e seus filhos. Por muito tempo ele hesitou em dizer a ela o que havia combinado com o soberano, de vergonha; muitas vezes tomara a deliberação de o fazer, mas, no momento, não ousava abrir a boca: um dia, porém, ela mesma desconfiou da sua hesitação e perguntou a um dos seus familiares, se seu filho tinha alguma coisa para lhe dizer e não se atrevia a fazê-lo: um dia, porém, ele o disse e ela se pôs a rir, respondendo-lhe com a mesma simplicidade: "Como é que hesitaste tanto tempo em me dizer o que tinhas deliberado? Vamos! Põe-me num navio e manda-me para o meu destino, para que eu possa servir ao bem de Esparta, antes que a velhice acabe com minha vida sem nada eu ter feito". Quando tudo ficou pronto para a viagem, eles foram por terra até{1369} Tenaro, acompanhados pelo exército armado; Cratesicléa, antes de subir ao navio, levou Cleômenes ao templo de Netuno, abraçando-o e beijando-o, sentiu que seu coração se partia de tristeza e de dor, e então disse-lhe: "Rei da Macedónia, que ninguém perceba, quando estivermos fora deste templo que nós choramos, nem fizemos algo indigno de Esparta, pois apenas isso está em nosso poder: tudo o mais correrá de acordo com a vontade dos deuses". Ditas estas palavras, recompôs o rosto e foi embarcar, com o filho de Cleômenes, ordenando ao piloto que zarpasse imediatamente; chegando ao Egito ela foi avisada de que o rei Ptolomeu recebia embaixadores de Antígono e estava em vias de acordo com ele. Por outro lado ela foi também avisada de que os acaios solicitavam a Cleômenes, para ter com eles uma entrevista, mas ele não se atrevia a aceder, nem a pôr fim à guerra, sem o consentimento de Ptolomeu, por causa de sua mãe: por isso ela lhe escreveu, que ele fizesse o que julgava mais conveniente para o bem e a honra de Esparta, sem temer desagradar a Ptolomeu, por causa de uma pobre velha e de uma criança; tão virtuosamente comportava-se essa senhora na adversidade de seu filho.

LIII. Surpreende a cidade de Megalópolis.

LIII. Por fim, Antígono tomou a cidade de Tegeu e saqueou as de Orcomena e Mantinéia; Cleômenes, obrigado a defender somente a Lacônia, deu liberdade a todos os ílotas, isto é, os escravos da Lacedemônia, contanto que pagassem cinquenta escudos{1370} assim ele reuniu a importância de trezentos mil escudos {1371} e armou dois mil desses escravos resgatados, à Macedónia, para se opor às tropas dos leucáspidas, isto é, escudos brancos de Antígono: depois, veio-lhe à mente tentai uma grande empresa, na qual ninguém jamais havia pensado. A cidade de Megalópolis era então mui grande, em nada menor nem menos poderosa do que Esparta e tinha ainda o auxílio da comunidade dos acaios e de Antígono, que lá estava

sempre, e que os acaios, parece, tinham chamado mais por insistência dos megalopohtanos. Cleômenes concebeu a loucura de ir saqueá-la (nada há a que mais se assemelhe a rapidez desse feito, no qual ninguém jamais havia pensado, isto é, num saque). Ordenou a seus homens que juntassem provisões para cinco dias e se pôs em marcha na direção de Selásia como se tivesse intenção de ir a Argos; mas, de aí ele voltou-se para as terras dos megalopohtanos; ceou em Recio{1372} e depois encaminhou-se diretamente para a cidade, pa ssando por Elicunte{1373}: quando já estava bem perto, mandou na frente, a Panteas, com dois grupos de lacedemônios, ordenando-lhes que se apoderassem de um certo trecho da muralha entre duas torres, que ele sabia estar sempre deserto, desprovido de vigilância; com o resto do exército seguiu depois; Panteas encontrou o lugar indicado e de fato, grande parte da muralha e de toda aquela redondeza estava completamente desguarnecida e sem sentinelas. Ocupou imediatamente uma parte e se pôs a derrubar a outra, matando os poucos guardas que encontrou, até que Cleômenes chegou ; ele entrou então com todo o exército antes que os megalopolitanos pudessem percebê-lo. No entretanto não tardou que a notícia se espalhasse pela cidade: uns fugiram com o que puderam levar dos próprios bens, outros, reuniram-se armados para resistir ao inimigo: por mais esforços que fizessem, porém, para se aproximar deles e dar-lhes combate, não puderam expulsá-lo da cidade: eles, porém, facilitaram a saída dos fugitivos, que se retiraram com segurança, de sorte que na cidade ficaram somente umas mil pessoas; todos os outros, refugiaram-se com suas mulheres e filhos na cidade de Messena: salvou-se a maior parte dos que haviam querido resistir e fizeram-se poucos prisioneiros, dentre os quais, Lisandndas e Teardas, os dois mais nobres e mais poderosos dos megalopolitanos.

LIV. Propõe aos megalopolitanos entregar-lha, com a condição de fazerem aliança com Esparta.

LIV. Logo que os soldados os apanharam, levaram-nos a Cleômenes. Lisandridas, vendo-o de longe, exclamou: "Tu tens hoje, sire, rei dos lacedemônios, a ocasião de fazer um ato ainda mais nobre e mais régio do que o que acabas de fazer, e que há de te dar uma glória ainda mais célebre". Cleômenes não compreendendo o que ele queria dizer, perguntou-lhe: "Que é que queres dizer, Lisandridas? Pois certamente não me vais aconselhar que te entregue esta cidade". "É justamente a esse respeito, replicou Lisandridas, que eu quero te falar, e a visar-te de que não a destruas, mas ao invés, a povoes de amigos e aliados, que te serão fiéis e leais: o que poderás fazer, entregando a cidade aos megalopolitanos, preservando tão grande povo, que acaba de se retirar, de uma grande mis éria e ruína". Cleômenes ficou uns instantes sem dizer uma palavra e depois respondeu: "É difícil acreditar nisso e ter certeza do que dizes; todavia, prevaleça sempre em nós a honra, que não o lucro. Ditas estas palavras mandou imediatamente um arauto aos que haviam fugido para Messena: dizia-lhes que estava pronto a restituir-lhes a cidade, com a condição de que fossem bons aliados e confederados dos lacedemônios, deixando a aliança dos acaios: mas Filopemen não o quis e impediu que eles aceitassem essa generosa oferta de Cleômenes e que deixassem a aliança dos acaios, dizendo que Cleômenes não lhes queria restituir a cidade mas dominar ao mesmo tempo a cidade e os habitantes. E por isso expulsou a Lisandridas e a Teardas de Messena, pois eram eles que encabeçavam esse movimento. Filopemen, depois foi o primeiro magistrado dos acaios e obteve grande glória entre os gregos, como já o dissemos mais particularmente em sua vida.

LV. Ante a recusa deles, entrega a cidade ao saque.

LV. Tudo isto foi referido a Cleômenes, que até então havia poupado a cidade e a deixara intacta; não se apoderara de coisa alguma: ficou, porém, tão irritado que a entregou ao arbítrio dos soldados, mandou transportar a E sparta os quadros, estátuas e pinturas e depois a arrasou e destruiu-lhes os mais belos quarteirões; em seguida, voltou à sua casa, temendo Antígono e os acaios: estes, porém, nada fi zeram; haviam eles reunido seu conselho na cidade de Egio, onde Arato, subindo à tribuna dos oradores, lá ficou muito tempo, tendo nas mãos um

pedaço de seu manto, que expunha aos olhos do povo: todos muito se maravilharam, e perguntaram-lhe onde o havia conseguido; a que ele respondeu: "Megalópolis foi tomada, destruída e arrasada por Cleômenes". Os acaios assustados de não grande e repentina perda, desfizeram imediatamente a assembleia do conselho e Antígono determinou ir em seu socorro, mas não conseguiu tirar seus homens, em tempo, das guarnições onde estavam aquartelados, pelo inverno; e então deu-lhes ordem que não se movessem; apenas ele foi à cidade de Argos, acompanhado de um pequeno número de soldados.

LVI. Devasta o território de Argos.

LVI. E assim, a segunda empresa de Cleômenes parece, à primeira vista, feita de temeridade e ousadia quase insensata: mas foi levada a cabo com bom senso e com grande previdência, como a descreve Políbio, Sabendo que os soldados macedônios estavam esparsos cá e lá pelas guarnições e que Antígono passava o inverno em Argos, com um pequeno número de soldados estrangeiros c sua família, somente, entrou com soldados nas terras dos argienses, imaginando que Antígono, levado pela vergonha sairia a campo e ele o derrotaria ou se ele não ousasse sair, pelo menos pôr-lo-ia em situação difícil e em má opinião dos argienses, que ao verem que se devastava o próprio país e se saqueava e destruía tudo, perderiam a paciência e reunir-se-iam diante da porta do palácio de Antígono, exigindo que ele saísse a campo para combater ou que cedesse o primado na Grécia e o cargo de comandante a outro mais valente do que ele. Mas Antígono, como general sensato e prudente, julgando desonra arriscar-se temerariamente e descuidar a vigilância, não ser ofendido por estrangeiros, não saiu a campo, mas perseverou na sua deliberação. Por isso Cleômenes levou seu exército até as muralhas de Argos, devastou e saqueou todos os arredores, sem perigo algum e depois voltou para sua casa.

LVII. Entra por fanfarronice em Argos.

LVII. Pouco tempo depois ele foi avisado de que Antígono tinha vindo até Tegeu, para de ali passar à Lacedemônia; partiu então por um outro caminho com seu exército, sem que os inimigos o percebessem, de modo que, ao alvorecer, todos ficaram admirados quando o viram já perto da cidade de Argos, devastando a planície, não cortando o trigo com foices ou com espadas, como fazem os outros, mas destruindo-o com longas varas de extremidade recurva, de modo que os soldados, passando pela estrada, sem dificuldade alguma, divertindo-se, cortavam todo o trigo. Quando chegaram aos arrabaldes onde está o campo dos exercícios que se denomina Cilabans, alguns soldados quiseram incendiá-lo, mas Cleômenes não os deixou, fazendo-lhes ver que o que ele havia feito a Megalópolis, fora mais efeito de raiva do que de dever. Antígono, porém, voltou logo, como para se dirigir a Argos, mas depois, reconsiderou sua de liberação, apoderou-se de todos os cumes dos outeiros e montanhas dos arredores: Cleômenes Fingiu não se incomodar com isso, mas mandou arautos pedir as chaves do templo de Juno e retirou-se, depoi s de ter sacrificado: assim zombou de Antígono e depois de ter sacrificado à deusa, na parte inferior do templo que estava fechado, mandou seu exército a Fliunte e de lá, depois de ter pulsado a guarnição que estava em Ologunte foi a Ortomena, onde não somente tranquilizou seus cidadãos, mas também obteve mesmo entre seus inimigos a fama de um grande cabo de guerra, digno de dirigir grandes empresas. Todos julgavam que, na realidade, era obra de grande envergadura, de magnanimidade e de competência ímpar, bem como de exímia perícia na arte militar, com tropas de uma única cidade, fazer guerra e sustentá-la contra o poderoso reino da Macedónia, contra todos os povos do Peloponeso, contra as finanças de um rei poderoso impedindo ainda que, não somente não se tocasse na Lacônia, mas, ao contrário, foram saquear as terras dos inimigos e arrebatar-lhes tantas e tão grandes cidades.

LVIII. A falta de dinheiro arruína os negócios de Cleômenes.

LVIII. Quem disse que o dinheiro era o nervo dos negócios, disse-o, na minha opinião, referindo-se principalmente aos negócios da guerra. Disse Demades, o Orador, um dia, quando os atenienses ordenaram que se tirassem urgentemente as galeras do arsenal, para o mar e as armassem em seguida, embora não tivessem dinheiro: Aquele que guia a proa deve olhar e investigar à frente{1374}. Diz-se ainda que o velho Arquidamo, como os povos aliados e confederados da Lacedemônia exigissem no começo da guerra do Peloponeso, que se lhes taxasse a cada qual sua contribuição, respondeu-lhes: "A guerra não se sustenta com preços estipulados e certos"; assim como entre os competidores dos jogos, aqueles que pelo longo exercício fortaleceram seu próprio corpo, enfraquecem-se, com o tempo, e só ganham aqueles que têm arte e perícia da agilidade e da luta, assim Antígono, que com o poder de um grande reino sustentava as despesas dessa guerra, aniquilou e por fim venceu a Cleômenes, porque ele não podia mais dar o soldo aos estrangeiros que havia contratado, nem mesmo alimentar seus cidadãos; o tempo trabalhava certamente para ele, porque os fatos que sucediam a Antígono em seu reino, chamaram-no à pátria. Os bárbaros vizinhos saqueavam e devastavam toda a Macedónia; também os eslavos do norte{1375}, haviam descido com grande poder; os macedônios, vendo-se saqueados e prejudicados de todos os lados, mandaram chamar urgentemente a Antígono.

LIX. Batalha de Selásia.

LIX. Se as cartas lhe tivessem sido entregues um pouco antes da batalha, ele teria ido imediatamente e teria abandonado os acaios: mas a fortuna, que sempre costuma decidir os grandes atos a dois passos do final, mostrou então tanta influência e tanta eficácia de ocasião, que logo depois da batalha de Selásia, na qual Cleômenes perdeu seu exército e sua cidade, chegaram mensageiros que vinham chamar Antígono: isto tornou ainda mais lastimável a desgraça de Cleômenes; se ele se tivesse antecipado de dois dias para dar combate, não mais teria tido necessidade disso, mas teria feito um acordo com os acaios, nas condições que de mesmo desejava, quando os macedônios se tivessem alaslado; mas por falta de dinheiro, não tendo mais esperança em suas anuas, foi obrigado a travar a batalha com vinte mil combatentes contra trinta mil, como diz Políbio, onde se mostrou excelente general; tanto ele como seus concidadãos cumpriram valentemente seu dever e os estrangeiros também portaram-se com coragem: mas ele foi derrotado pela sorte das armas de seus inimigos e pela galhardia do batalhão dos soldados macedônios.

LX. Cleômenes é derrotado por traição de Demóteles.

LX. Filarco diz que ele sofreu ainda uma outra traição, que foi a causa principal da sua derrota, porque Antígono havia ordenado aos acaios e aos eslavos, que ele tinha como reféns, se infiltrarem ocultamente ao longo da ala do exército, onde estava Euclidas, irmão de Cleômenes, para envolvê-lo pela retaguarda, enquanto ele dispunha o resto de seus homens para a batalha. Cleômenes tinha subido a uma elevação para sondar o inimigo; não vendo as armas dos acarnanianos e dos eslavos suspeitou que Antígono estava tramando-lhe algum estratagema de guerra. Mandou chamar a Demóteles, que era o encarregado da patrulha, isto é, de indagar e descobrir as manobras secretas, e ordenou-lhe que fosse observar o que se passava na retaguarda do exército e perscrutasse bem toda a redondeza. Demóteles que vinha. como se diz, sido também subornado pelo dinheiro, respondeu-lhe que não se inquietasse pela retaguarda do seu exército, porque tudo estava bem; que pensasse somente

em atacar os que tinha pela frente. Cleômenes tranquilizar-se com essas palavras, marchou diretamente contra Antígono e os espartanos que ele tinha com ele fizeram tal esforço que obrigaram o batalhão dos macedônios a retroceder mais de um quarto de légua, repelindo-os e forçando-os sempre: no entretanto Euclidas com a outra ala do exército foi envolvido pela retaguarda; Cleômenes, voltando, viu a derrota e clamou bem alto: "Ai! Meu querido irmão, estás perdido, estás perdido, mas, morres como um homem de bem e tua morte será proposta como um exemplo de bravura às crianças e cantada pelas damas de Esparta". Foram assim Euclidas e seus soldados todos mortos: os que os haviam derrotado correram imediatamente para a outra ala. Então Cleômenes, vendo seus homens tão assustados por essa manobra, que não tinham mais coragem para enfrentar o inimigo, fugiu apressadamente. Nessa batalha morreu um grande número de soldados estrangeiros e todos os lacedemônios, que eram seis mil, menos uns duzentos.

LXI. Embarca depois de ter aconselhado aos espartanos a se entregarem a Antígono.

LXl. Quando Cleômenes chegou a Esparta aconselhou aos cidadãos que vieram ter com ele, que se entregassem voluntariamente a Antígono vencedor, e quanto a ele, se pudesse fazer alguma coisa pelo bem e para a honra de Esparta, vivo ou morto, ele o faria; viu então as mulheres da cidade que iam ao encontro dos que haviam escapado da batalha como ele; ajudando-os a se descarregarem de suas armas, davam-lhes de beber; ele entrou em sua casa, onde uma jovem que ele havia aprisionado na cidade de Megalópolis, e com quem convivia depois da morte de sua esposa, veio recebê-lo como de costume e quis também refrigerar-lhe a sede, pois ele chegava todo suarento do campo de batalha; mas ele não quis beber, embora sentisse muita sede, nem mesmo sentar-se, ainda que cansadíssimo; mesmo armado como estava, apoiou a mão numa coluna, escondeu o rosto num braço e depois de ter assim descansado um pouco e de ter refletido nas várias deliberações que podia tomar, partiu com alguns amigos para o porto de Gitio{1376} onde embarcou num navio que tinha expressamente preparado e zarpou imediatamente.

LXII. Antígono trata muito humanamente a cidade de Esparta.

LXll. Logo depois chegou Antígono à cidade de Esparta; tratou humanamente todos os habitantes, que lá estavam, não injuriou nem ofendeu soberbamente a antiga dignidade de Esparta, mas restituiu-lhe suas leis e seu governo; depois sacrificou aos deuses em ação de graças pela vitória conquistada; três dias depois de lá ter entrado, partiu, por ter recebido notícias de que havia rebentado uma perigosa guerra na Macedónia e os bárbaros saqueavam e pilhavam todo o país. Ele já estava sofrendo da enfermidade de que ao depois veio a morrer, a qual terminou numa tísica muito forte, com um violento catarro; no entretanto, não foi essa doença que o vitimou, no momento, mas ele se manteve ainda com saúde, lutando pelos seus próprios interesses e conquistando uma belíssima vitória, com grande mortandade de bárbaros, para depois morrer mais gloriosamente, pois ele retalhou seus pulmões e seus órgãos internos, pela força empregada em gritar no ardor do combate, como se pode deduzir e como Filarco o escreveu. Todavia conta-se, nas escolas, que depois da batalha conquistada, ele ficou tão tomado de alegria, que gritando: Oh! magnífica jornada! — teve um grande derramamento de sangue pela boca e, em seguida, febre altíssima, do que veio a morrer. E a respeito de Antígono, basta isto.

LXIII. Terício propõe a Cleômenes terminar seus dias por morte voluntária.

LXIII. Voltemos a Cleômenes. Partindo da ilha de Citera{1377} ele foi ancorar em uma outra denominada Egialia{1378} de onde quis passar à cidade de Cirene{1379}, um de seus amigos de nome Terício, que sempre se mostrara cumpridor exemplar de seus deveres e mui corajoso, firme e honesto em suas palavras, levando Cleômenes à parte, disse-lhe: "Sire, fugimos da morte mais honrosa, isto é, morrermos em batalha, embora antes todos nos tivessem ouvido dizer, que jamais Antígono passaria por cima do rei de Esparta, a não ser depois de morto; resta-nos, porém, ainda outra, que sem dúvida, é, em virtude e em glória, semelhante à primeira. Para onde vamos navegando, sem destino? Por que fugimos da morte? Por que a vamos procurar tão longe, quando ela está tão perto de nós? Não sendo vergonha nem desonra para os descendentes da raça de Hércules, servir aos sucessores de Felipe e de Alexandre, enfrentemos as dificuldades e os perigos de uma longa viagem e vamos nos entregar a Antígono, o qual na verdade, deve ser melhor do que Ptolomeu, pois os macedônios valem mais que os egípcios; se nos consideramos humilhados, sendo governados por aqueles que nos venceram nas armas, como então queremos que seja nosso chefe, aquele que não nos venceu, mostrando-nos em vez de um, inferior a dois, isto é, a Antígono, do qual fugimos, e a Ptolomeu, ao qual vamos cortejar? Podemos alegar que vamos ao Egito por consideração à sua mãe que lá está? Na verdade, tu serás para ela um belo e agradável espetáculo, quando ela mostrar às damas da corte de Ptolomeu, seu filho prisioneiro e fugitivo, em vez de um rei, como antes. Não é então melhor, enquanto ainda vemos a Lacedemônia e ainda temos as armas em nosso poder, livrarmo-nos nós mesmos desta desgraça, e justificarmo-nos perante os que morreram em Selásia pela defesa de Esparta, em vez de irmos covardemente perder nosso tempo no Egito, esperando notícias, para sabermos quem Antígono lá deixou como lugar-tenente e governador da Lacedemônia?

LXIV. Resposta de Cleômenes que considera o suicídio uma fraqueza.

LXIV. Terício disse estas palavras e Cleômenes respondeu-lhe: "Tu pensas que é magnanimidade, buscar a morte, uma das coisas mais fáceis ao homem e que ele tem à mão, sempre que quiser: e no entretanto, mau que és, empreendes uma fuga mais fraca e mais vergonhosa que a primeira. Vá-nos homens valentes mais do que nós, outrora cederam também aos seus inimigos, por alguma vicissitude da fortuna, que lhes foi adversa ou pelo número maior de soldados; mas aquele que se deixa vencer e sucumbe sob as tribulações e fadigas, sob as censuras ou louvores dos homens, deve-se confessar vencido por sua própria fraqueza; é preciso que a morte que ele se dá voluntariamente não seja para fugir dos sofrimentos, mas deve ser ela mesma um ato louvável, porque é vergonha se querer viver ou morrer por amor de si mesmo, como tu me exortas que eu faça agora, para me subtrair às tribulações em que nos encontramos no momento, sem fazer outro ato qualquer nem útil, nem honroso: por isso, eu, pelo contrário, sou de parecer que tu *e eu jamais devemos abandonar a esperança de servir ainda um dia à nossa pátria; quando então toda esperança nos vier a faltar, então nos será sempre bastante fácil morrer, quantas vezes quisermos".

LXV. Como Ptolomeu recebe e trata Cleômenes.

LXV. Terício nada respondeu, mas na primeira ocasião, quando pôde se afastar um pouco de Cleômenes, junto à praia, voltando-se para o mar, suicidou-se. Cleômenes partiu logo dali e navegou para a África, onde foi levado pelos soldados do rei até a cidade de Alexandria; lá Ptolomeu recebeu-o sem grandes manifestações de honra, mas ao depois, quando o conheceu e ele mesmo deu provas de sua inteligência e sabedoria, mostrou que na simplicidade de sua vida rude de lacedemônio havia uma graça gentil e uma coragem em nada inferior à nobreza de seu sangue e que não se dobrava à fortuna, o rei começou a apreciá-lo mais e em ter mais prazer na sua companhia do que na dos que tudo faziam e diziam para adulá-lo e agradá-lo; arrependeu-se de ter antes feito tão pouco caso dele e de tê-lo abandonado a Antígono, que,

pela sua derrota, tinha aumentado muito seu poder e sua glória. Começou então a reanimá-lo com sua amizade e com gentilezas, prometendo ainda mandá-lo à Grécia, com navios e dinheiro e recolocá-lo em seu reino: dava-lhe, para sua manutenção, um rendimento de vinte e quatro talentos{1380} por ano, com o que ele e seus familiares viviam sobriamente e com simplicidade e gastava o resto para ajudar e sustentar os que se retiravam da Grécia para o Egito.

LXVI. Mudança dos negócios de Cleômenes no Egito.

LXVl. Mas, infelizmente, o velho Ptolomeu, antes de poder cumprir o que havia prometido a Cleômenes, isto é, mandá-lo de novo à Grécia, morreu, e depois de sua morte, a corte caiu na dissolução de banquetes e no domínio das mulheres e a promessa feita a Cleômenes, foi esquecida; o jovem rei{1381}, só pensava em mulheres e vinho; se ele não estava embriagado, então a sua maior preocupação e o seu maior empenho, era dar festas e sacrifícios, tocar instrumentos musicais pelo palácio para reunir gente, dar espetáculos, como um artista e charlatão, enquanto Agatocléia, que era sua amiga, a mãe dela e um certo Oenante, homem da pior espécie, dirigiam os principais negócios do reino. Todavia, quando assumiu o governo, ele serviu-se um pouco de Cleômenes, porque temia seu irmão Magas, que tinh a prestígio entre os soldados, por causa do apoio que sua mãe lhe dava: assim tinha ele a Cleômenes perto de si e o recebia em seu conselho privado, onde discutia os meios mais fáceis de matar seu irmão: todos os outros o aconselhavam a fazê-lo, menos Cleômenes, que o dissuadia, com veemência, fazendo-lhe ver que era preferível conseguir muitos outros irmãos para o rei, para sua segurança e para repartir entre eles os vários cargos do reino. Sosíbio, um dos mais favoritos do rei, que gozava de grande prestígio e autoridade no governo, disse, que enquanto Magas vivesse, os soldados estrangeiros, que estavam a serviço do rei não lhe seriam fiéis. Cleômenes replicou que, quanto àquilo, não se preocupasse, porque dentre os estrangeiros havia mais de três mil peloponésios, que fariam tudo o que ele quisesse e que iriam com suas armas, prontamente, para onde ele os mandasse e ao menor sinal de cabeça eles o obedeceriam. Estas palavras, no momento, pareceram revelar a amizade que ele dedicava ao rei e o poder de que gozava; mas, depois, a fraqueza de Ptolomeu aumentou-lhe a desconfiança; como acontece ordinariamente, aqueles que não têm juízo julgam mais seguro temer todas as coisas e desconfiar de todos; a recordação desse fato, tornou Cleômenes temível aos que tinham prestígio na corte, porque ele tinha autoridade entre os soldados estrangeiros. Muitos diziam: "Estás vendo esse homem? É um leão entre as ovelhas". Na verdade também o parecia aos soldados do rei quando consideravam sua maneira de agir, como olhava a todos sobranceiramente, sem fazer caso de nada e tinha sempre a atitude de quem está espreitando, para ver o que faziam.

LXVII. Ele pede que o deixem ir com seus amigos.

LXVII. Cansou-se, porém, por fim, de pedir navios e soldados; soube também que Antígono tinha morrido e que os acaios estavam empenhados na guerra contra os etólios, de maneira que os interesses da pátria chamavam-no e exigiam a sua presença, pois todo o Peloponeso estava perturbado e agitado; pediu, então, para partir, ele e seus amigos; mas não lho permitiram: o rei, de nada sabia, porque estava continuamente no meio das mulheres, dançando, cantando, bebendo e divertindo-se. Sosíbio, que tinha a superintendência de tudo, julgava que reter Cleômenes, contra sua vontade, ser-lhe-ia difícil e mesmo perigoso; por outro lado, deixá-lo ir-se, sendo ele homem corajoso e aventureiro, de grande iniciativa, conhecedor dos vícios e das falhas do seu governo, não era muito seguro; nem presentes poderiam abrandá-lo. Como o boi Apis, o boi sagrado do Egito, que tem o que comer e beber a mais não poder e parece viver nas maiores delícias, no entretanto, sempre deseja a sua vida natural, liberdade de andar e de pastar a seu bel-prazer e mostra evidentemente que se aborrece de estar sempre nas mãos do sacerdote encarregado de custodiá-lo; também nada havia nas delícias da corte que agradasse a Cleômenes, mas como diz Aquiles em Homero:

{1382}Ele enlanguescia por estar preso, pedindo

somente para ir à guerra.

LXVIII. Nicágoras acusa Cleômenes de uma conspiração. Encerram-no em uma casa.

LXVIII. Estavam pois Cleômenes e sua pátria neste pé, quando chegou a Alexandria um messênio de nome Nicágoras, que o odiava, intimamente, mas exteriormente mostrava ter-lhe muito afeto: outrora ele lhe havia vendido um belo lugar de recreio e não recebera o dinheiro, ou porque Cleômenes não tinha os meios de lhe pagar ou porque não tivera a oportunidade, por causa das guerras que empreendera. Um dia, quando Cleômenes por acaso passeava no cais do porto, viu Nicágoras desembarcando de um navio; reconheceu-o e o cumprimentou amigavelmente, perguntando-lhe que motivos o traziam ao Egito. Nicágoras correspondendo à saudação, respondeu que tinha trazido belos cavalos para as tropas de guerra do rei. Cleômenes se pôs a rir e disse-lhe: "Seria melhor que tivesses trazido formosas meretrizes, menestréis, músicos e comediantes; é isso que agora mais interessa ao rei". Nicágoras no momento fingiu rir-se também, mas poucos dias depois, veio lembrar-lhe o que lhe havia vendido e rogar-lhe que lhe entregasse o dinheiro, garantindo-lhe que nunca mais o importunaria, ainda que tivesse que perder toda a sua mercadoria. Cleômenes respondeu-lhe que nada mais tinha da pensão que lhe davam; Nicágoras irritou-se e foi referir a Sosíbio as palavras de zombaria que tinha ouvido Cleômenes proferir contra o rei. Sosíbio ficou contente com isso, mas desejando ter ainda uma oportunidade maior, para irritar o jovem rei contra Cleômenes, aconselhou a Nicágoras a escrever uma carta ao rei contra ele, dizendo que havia deliberado, se o rei lhe desse navios, dinheiro e soldados, apoderar-se da cidade de Cirene. Nicágoras fê-lo. Escreveu a carta e partiu; quatro dias depois Sosíbio levou a carta ao rei como se a tivesse recebido naquele momento. O rei ficou tão irritado, que determinou que Cleômenes fosse encerrado numa casa, onde viveria como de costume, mas com a proibição de sair.

LXIX. Cleômenes toma com seus amigos a resolução de se pôr em liberdade.

LXIX. Isso desagradou muito a Cleômenes; mas teve ele ainda menor esperança em seus projetos pelo seguinte: um dos favoritos do rei, de nome Ptolomeu, filho de Crisermo, antes vivera tão familiarmente com Cleômenes, que tinha a liberdade de falar livremente com ele de todos os assuntos. Cleômenes um dia mandou chamá-lo para falar com ele; Ptolomeu dirigiu-se à casa onde ele se encontrava e conversaram sozinhos; ele procurou convencê-lo da injustiça de todas as suspeitas contra ele; pediu-lhe que o desculpasse perante o rei, por tudo o que ele havia feito; depois de terem palestrado ele saiu, sem notar que Cleômenes o seguia até à porta; escondendo-se por trás desta, teve oportunidade de ouvir que Ptolomeu censurava acremente os guardas por custodiarem com tanta negligência a uma besta selvagem, tão furiosa e tão difícil de se apanhar, se por acaso viesse a fugir. Cleômenes, ante estas palavras, voltou para seu aposento, sem que Ptolomeu tivesse percebido, que ele estava atrás da porta; contou depois aos seus amigos o que tinha ouvido; assim, ele irritou a todos os que ali estavam, mais do que a si mesmo, destruindo o pouco de esperança que ainda lhes restava; eles resolveram vingar-se da injustiça e da injúria que Ptolomeu lhes fazia, morrendo como convinha a espartanos, sem esperar que os viessem partir em pedaços como carneiros, depois de os terem conservado por muito tempo no redil para engordar. Seria uma grande vergonha para Cleômenes, depois de ter recusado submeter-se a Antígono, que era guerreiro e príncipe de fato, viver na corte deste rei, farsante e luxurioso, até que lhe aprouvesse deixar seu tamborim, interromper sua dança e seus prazeres, para vir mandar matá-lo.

LXX. Como executam seu plano.

LXX. Tomaram então esta deliberação: o rei Ptolomeu fora à cidade de Canobo{1383}, eles então divulgaram em Alexandria a notícia de que o rei queria libertá-lo da prisão; seguindo um costume dos reis do Egito, quando concediam a um prisioneiro a sua libertação, convidavam-no na noite anterior para cear, com presentes; os amigos de Cleômenes

prepararam alguns presentes e os mandaram, enganando os guardas, dando-lhes a entender que era da parte do rei que ele os mandava: Cleômenes sacrificou aos deuses e mandou aos seus guardas boa parte das iguarias que lhe haviam mandado de fora, ceou à noite, em festa, com seus amigos, coroado de flores e diz-se que ele se apressou em executar o seu projeto, antes que fosse tarde, por ter percebido que um de seus criados de quarto sabia da conspiração, o qual saía à noite, para dormir fora, com uma mulher que ele amava; tinha medo que ele manifestasse toda a trama. Pelo meio-dia, quando viu que os guardas estavam meio embriagados e dormiam, vestiu sua túnica e abrindo a costura no ombro direito, lançou-se para fora de casa com a espada desembainhada na mão; todos seus amigos vestiam-se do mesmo modo; eram em número de treze, ao todo. Dentre eles um havia de nome Hipotas, que era coxo e fugira com eles; quando viu, porém, que, para acompanhá-lo, eles andavam devagarzinho, rogou-lhes que o matassem e que não deixassem de realizar o seu empreendimento, por causa de um homem inútil. No entretanto encontraram por acaso um homem da cidade, que passava a cavalo pela porta da casa; fizeram-no apear e puseram Hipotas sobre o animal, depois correram pelas ruas, gritando para o povo: Liberdade! Liberdade! Os cidadãos, porém, sentiam-se animados a louvar e admirar a Cleômenes, mas não tiveram coragem de segui-lo; correndo pela cidade encontraram Ptolomeu, o filho de Crisermo, quando saía do palácio; três dos homens atiraram-se sobre ele e o mataram ali mesmo. Outro Ptolomeu que tinha o encargo de defender a cidade de Alexandria, ouvindo o barulho, vinha na direção deles, dentro de um carro; foram-lhe muitos ao encontro, afastaram os guardas e arqueiros que vinham na frente, tiraram-no do carro e o mataram também: depois dirigiram-se para a fortaleza com intenção de libertar todos os prisioneiros que lá estavam e servir-se do seu auxílio: mas os carcereiros que os guardavam tinham fechado as portas e defendiam bem a prisão, de sorte que Cleômenes teve de desistir desse intento.

LXXI. Morte voluntária de Cleômenes e de seus amigos.

LXXl. Depois então, vagou cá e lá pela cidade, sem que outros a ele se juntassem, nem encontrou quem lhe opusesse resistência, porque todos fugiam diante dele: por isso, depois de ter corrido bastante, voltando-se para seus amigos, disse: "Não é de admirar de que mulheres governem este povo tão vil e covarde, pois ele evita assim a sua liberdade". Rogou-lhes então que morressem todos com ele tão magnanimamente como convinha a homens formados com ele, à dignidade das coisas nobres, que ele tinha feito. O primeiro que se fez matar foi Hipotas, ferido com um golpe de espada, que lhe desferiu um dos mais moços, a seu pedido; depois cada um deles foi se matando, sem temor; Panteu, que por primeiro havia entrado em Megalopolis, homem forte, criado na disciplina lacedemônia, melhor que outro qualquer de sua idade ficou por último; Cleômenes tinha-lhe muito afeto e ordenou-lhe que quando o visse morto e todos os outros também que ele se matasse; já todos jaziam por terra: Panteu examinou-os, um por um, experimentando-os com a ponta da espada, para ver se algum ainda não tinha morrido; quando picou Cleômenes, perto do calcanhar, percebeu que ele movera o rosto; abaixou-se e sentou-se perto dele; depois, quando viu que havia expirado, abraçando o seu cadáver, matou-se ali mesmo, perto dele.

LXXII. Morte da mãe e dos filhos de Cleômenes.

LXXII. Cleômenes foi rei de Esparta por dezesseis anos, como nós o dissemos; deste modo terminou seus dias; a notícia desse fato espalhou-se logo por toda a cidade; Cratesicléa, sua mãe, embora mulher de espírito magnânimo, esqueceu um pouco sua generosidade, pela excessiva dor que sentiu com tal acontecimento e, abraçando os filhos de Cleômenes, pôs-se a lamentá-lo; o mais velho dos filhos, porém, sem que alguém o imaginasse, escapou-lhe das mãos e subindo ao telhado da casa atirou-se do alto de cabeça para baixo, ficando muito fendo; socorreram-no, mas ele pedia que o deixassem morrer. O rei Ptolomeu sabendo de tudo o que se passara, ordenou que pendurassem o corpo de Cleômenes, tendo-o{1384} escoltado antes e que matassem seus filhos, sua mãe e todas as mulheres que estavam com ela, entre as quais estava a mulher de Panteu, uma das mais belas do seu tempo e das mais distintas.

Haviam se casado há pouco quando lhe sucederam todas estas desgraças; amavam-se ainda como no dia do casamento; seus parentes não haviam querido que ela acompanhasse seu marido; tinham-na fechado num quarto para retê-la à força; pouco tempo depois, conseguindo um cavalo, certa noite, ela fugiu, galopando a toda velocidade para o porto de Tanaro, onde embarcou num navio, que partia para o Egito, para juntar-se ao seu marido, com o qual ela suportou paciente e alegremente o viver fora de casa, em país estrangeiro. Quando os guardas vieram buscar Cratesicléa para levá-la à morte, ela a acompanhou pelo braço, ajudando-a a sustentar o vestido e a resignar-se, embora ela não estivesse aterrorizada, ante a iminência da morte, mas somente pedia a graça de que a fizessem morrer na presença de seus netos; todavia, quando eles estavam no lugar costumeiro das execuções, os carrascos mataram primeiro os netos, diante de seus olhos, e a ela, depois; em tão grande angústia e dor, ela não disse outras palavras que estas: "Ai! Meus filhos! Para onde fostes?”

LXXIII. Morte da mulher de Panteu.

LXXIII. A esposa de Panteu, forte e generosa, com suas vestes, recobriu o corpo dos que haviam sido executados, sem dizer uma palavra, nem dar sinais de perturbação; finalmente, preparou-se ela também para morrer, ajeitando cuidadosamente suas vestes no corpo, não permitindo que ninguém dela se aproximasse, nem a observasse, mas somente o carrasco, que devia cortar-lhe a cabeça; morreu com tanta firmeza como o homem mais virtuoso do mundo, sem ter nem mesmo necessidade de alguém que lhe cobrisse o corpo, depois da morte, tanto cuidado teve ela em conservar, mesmo no fim da vida, a honestidade que sempre havia guardado em toda sua existência e conservando ainda, ao morrer, o sentimento da honra, com que sempre havia adornado seu corpo, quando vivia. Assim estas damas lacedemônias, nesta piedosa tragédia, tinham desempenhado seu papel à porfia, com os homens em seus últimos dias; disputando quem mais magnânima mente sofreria a mesma morte deram provas evidentes, de que a virtude não pode ser ultrajada pela fortuna.

LXXIV. Superstição dos egípcios ocasionada pela vista de uma serpente enrolada em torno do pescoço de Cleômenes,

LXXIV. Poucos dias depois, os que tinham sido designados para guardar o corpo de Cleômenes, suspenso na cruz, viram uma grande serpente enrolada em sua cabeça, cobrindo-lhe todo o rosto, de modo que nenhuma ave de rapina podia aproximar-se para comê-lo; isso causou espanto e temor ao rei, por ser supersticioso; ele temia ter ofendido aos deuses: por isso as mulheres de sua corte fizeram vários sacrifícios de purificação para limpá-lo do pecado, certos de que tinham feito morrer um personagem muito amado e querido da divindade e que era algo mais que um simples homem. Os cidadãos de Alexandria, passando pelo lugar, faziam-lhe orações e o invocavam como um semideus, chamando-o de filho dos deuses; os mais sábios, porém, desfizeram-lhes o erro, mostrando-lhes que assim como os bois quando apodrecem, geram as abelhas; os cavalos, as vespas, do mesmo modo os asnos, quando chegam à putrefação pululam de escaravelhos, assim também os corpos humanos, quando os líquidos internos se misturam no ventre , produzem serpentes: os antigos, sabendo disso, escolheram entre todos os animais o dragão, para transf ormá-lo em homem.

Tibério Graco e Caio Graco

Desde o ano 591 até o ano 633 de Roma, antes de J. C. ano 121.

Do pai e da mãe dos Gracos.

Assim, tendo nós relatado a história dos dois gregos, é bem que escrevamos do mesmo modo, a dos dois romanos, na qual veremos menores dificuldades que se apresentaram a Tibério e a Caio, ambos filhos de Tibério Graco: este, embora tenha sido cônsul por duas vezes{1385}, uma vez censor, e tivesse a honra de dois triunfos, obtivera no entretanto mais dignidade e maior glória por sua virtude, pela qual foi julgado digno de desposar Cornélia, filha de Cipião, que derrotou Aníbal, depois da morte do pai; embora, em vida, não lhe tivesse sido amigo, mas adversário e inimigo.

II. Êxito da educação que lhes dá sua mãe.

II. Diz-se, que ele achou, um dia, no seu leito, um casal de serpentes e os adivinhos considerando o significado desse presságio, proibiram-no matá-las e deixar que ambas escapassem, mas apenas uma, a firmando-lhe, que, se ele fizesse morrer o macho, seria como trazer a morte a si mesmo e se ele matasse a fêmea, então seria a morte de Cornélia. Tibério amando muito sua esposa e pensando que seria melhor morrer ele por primeiro, isto é, antes dela, por ser mais velho, e ela ainda jovem, matou o macho e deixou a fêmea escapar: ele morreu logo em seguida, deixando doze filhos, que tivera de Cornélia, a qual, depois da morte do marido tomando toda a responsabilidade da casa e da educação de seus filhos, mostrou-se tão honesta, tão boa para com os filhos e tão magnânima, que julgaram que Tibério tinha agido acertadamente, em ter preferido morrer ele, que não semelhante mulher. Ficando viúva, o rei Ptolomeu lhe quis dar a honra do diadema real, fazendo-a rainha, tomando-a por esposa; mas ela recusou-o e perdeu em sua viuvez todos os filhos, exceto uma filha, que deu em casamento ao jovem Cipião, o Africano, e Tibério e Caio, dos quais escrevemos a vida, e que ela educou e instruiu com tanto cuidado, que se tornaram mais honestos e ilustres que qualquer outro romano do seu tempo; julgou-se até que a educação valia mais que a natureza; assim como nas estátuas de Castor e de Pólux percebe-se um não sei quê de diferente, que nos faz ver que um era mais apto para a luta e o outro, para a corrida: assim também, estes dois jovens irmãos tinham grande semelhança por haverem nascido ambos predestinados para a coragem, a temperança, a liberalidade, as letras e a magnanimidade; nota-se, porém, grande diferença entre eles quanto aos efeitos e à administração dos bens públicos; parece-me preferível declará-lo agora antes que fazê-lo mais adiante, no desenvolvimento da matéria.

III. Diferença de caráter entre os dois irmãos.

III. Em primeiro lugar, na fisionomia, no olhar, no movimento do corpo, Tibério era mais gentil e mais ponderado, Caio, mais veemente; discursando, um, mantinha-se constantemente no mesmo lugar; o outro, foi o primeiro dos romanos que introduziu o costume de andar pela tribuna, discursando ou falando e de tirar a túnica de cima do ombro, como se escreve de Cleon Ateniense, que foi o primeiro dos oradores que abriu a túnica, a bateu na coxa, falando.

Ademais, a palavra de Caio além da força persuasiva que tinha era extraordinária e cheia de ardor: a de Tibério, ao contrário, mais suave, mais inclinada à piedade, a dicção era perfeita, pura e cuidadosamente ordenada; a de Caio, figurada, embelezada e ataviada. A mesma diferença via-se também em sua mesa e em sua cozinha ordinária: a de Tibério era simples e sóbria e a de Caio em comparação com a dos outros romanos era também sóbria e parca, mas, com relação à do irmão, era esquisita, delicada e supérflua; Druso censurou-o certo dia, quando ele comprara delfins{1386} de prata ao preço de{1387} mil duzentas e cinquenta dracmas cada libra de peso. Quanto aos costumes e às inclinações naturais, seguindo a diferença da linguagem, um era dócil e gracioso, o outro violento e colérico, de sorte que, discursando, ele deixava-se levar, mesmo contra sua vontade, à raiva e à ira, elevando a voz até o agudo; dizia injúrias e tornava confusa sua linguagem; sabendo que era sujeito a tais arroubos usou deste remédio para corrigir-se: ele tinha um servo de nome Licínio, muito sensato, o qual com um instrumento de música, que serve para se elevar ou abaixar os tons, ficava por trás dele, enquanto ele falava; quando percebia que sua voz retumbava um tanto fortemente e por causa da cólera saía do tom, ele soprava-lhe por trás um tom mais suave, ao som do qual Caio se moderava imediatamente, deixando a veemência da cólera e da voz e facilmente se recompunha. Estas as várias diferenças entre os dois irmão s.

IV. Sua semelhança.

IV. Mas em valor contra os inimigos, em justiça para com os súditos, em cuidado e diligência nos cargos públicos, em temperança e continência contra os prazeres voluptuosos, eram semelhantes em tudo e por tudo. É verdade que Tibério era mais velho que seu irmão nove anos, o que foi causa de que sua participação no governo se desse muito tempo depois e um dos principais motivos pelos quais suas ações não foram sucessivas, pois que eles não floresceram no mesmo tempo, nem puderam unir o próprio poder, o qual se tivesse sido conjugado, teria sido enorme e, talvez mesmo, invencível.

V. Casamento de Tibério.

V. Vamos pois escrever agora separadamente, de um e de outro; primeiro do mais velho. Desde sua infância foi tão estimado que imediatamente o colocaram no colégio dos sacerdotes, que em Roma são chamados de Augures, os quais têm o encargo de observar os sinais e fazer os presságios das coisas futuras, mais por sua virtude do que pela nobreza, como o prova o testemunho de Ápio Cláudio, que havia sido cônsul{1388}, e censor e de tal virtude que fora declarado e nomeado príncipe do Senado e tinha também mais autoridade que qualquer outro naquele tempo Certo dia, quando todos os augures tomavam juntos a refeição, depois de ter saudado e reverenciado muito afetuosamente a Tibério, ele lhe pediu que desposasse sua filha{1389} o que Tibério aceitou de boamente; no mesmo momento foi firmado o contrato de casamento; Ápio depois, regressando a sua casa antes de transpor o limiar chamou em altas vozes sua esposa gritando: "Antístia! Vamos fazer casar nossa filha Clódia!" Ela, admirando-se, exclamou: "Que necessidade havia de termos tanta pressa para isso? Se ao menos lhe tivesse dado a Tibério Graco para marido!" Eu não ignoro que alguns atribuíram esta história a Tibério, pai deste e a Cipião, o Africano; mas a maior parte dos historiadores a reproduz como nós acabamos de fazer; Políbio mesmo escreve que depois da morte de Cipião os parentes reunidos escolheram Tibério entre todos os outros moços para lhe dar Cornélia em casamento, como não tendo sido prometida a nenhum outro por seu pai nem desposado a ninguém.

VI. Campanhas de Tibério, sob Cipião, o Africano.

VI. Tibério, o Moço, esteve na guerra da África, sob as ordens do segundo Cipião{1390}, que havia desposado sua irmã, alojando-se com ele numa mesma tenda; conheceu assim o caráter de seu comandante, dotado de belos e pr eciosos atributos, próprios para atrair o coração dos homens à imitação e desejo de sua virtude. Tornou-se em pouco tempo o mais humilde, o mais obediente e o mais valente dentre todos os moços do seu tempo; ele foi o primeiro que subiu à muralha dos inimigos, como diz Fânio, afirmando que subiu com ele e o secundou nesse ato de bravura; ele era muito estimado por todos, no acampamento e, quando ausente, muito desejado e lamentado por todos.

VII. Serve na qualidade de questor, sob o cônsul Caio Mancino, contra os numantinos.

VII. Depois desta guerra{1391} foi escolhido para questor e coube-lhe por sorte marchar contra os numantinos, com um dos cônsules, Caio Mancino que não era um mau homem, mas foi o mais infeliz e o mais desastrado dos comandantes dos romanos; no entretanto, em sorte tão adversa e em tão grande desgraça, brilhou ainda mais claramente não só o bom senso e a coragem de Tibério, mas, também, o que é ainda mais extraordinário, a reverência e a obediência que ele prestava ao seu superior, embora ele fosse tão provado pela adversidade que nem ele mesmo sabia se era comandante ou não. Tendo sido na verdade derrotado em grandes batalhas, ele fugiu de noite, abandonando seu acampamento: os numantinos perceberam-no; apoderaram-se então do seu campo e depois perseguiram os fugitivos; alcançando-os, mataram a muitos deles e envolveram todo o seu exército, de modo que eles mal puderam refugiar-se num lugar impróprio, do qual não tinham nenhuma possibilidade de escapar: Mancino, sem esperança de poder sair, pela força, mandou-lhes um arauto pedir uma entrevista, ao qual os numantinos responderam que não confiavam em ninguém, a não ser em Tibério; pediram-lhe que o mandassem ao seu acampamento: tal reverência era devida em parte pelas virtudes de moço, porque só se falava dele em toda essa guerra e em parte também pela recordação que tinham de seu pai Tibério, que fizera a guerra na Espanha e lá dominara várias nações, mas concedeu a paz aos numantinos, fazendo-a depois ratificar e confirmar pelo povo romano{1392}.

VIII. Paz com eles um tratado que salva o exército romano.

VIII. Tibério então lhes foi mandado e falou com eles. Concedeu-lhes parte do que eles queriam, mas impôs também parte do que ele queria, firmou a paz e assim salvou a vida a vinte mil cidadãos romanos, além dos escravos e de outros voluntários que seguiam o exército sem serem alistados; por fim os numantinos apoderaram-se dos bens que estavam no campo dos romanos, dentre os quais, documentos em que estavam exaradas as contas do cargo de Tibério, relativas à administração do dinheiro; desejando reaver tais documentos ele voltou à Numância com dois ou três amigos embora o exército romano já estivesse bem longe; chamando os oficiais e governadores da cidade pediu que lhe restituíssem seus papéis, p ara não dar motivo aos invejosos e aos intrigantes de caluniá-lo, quando ele não pudesse prestar contas da sua administração. Os numantinos ficaram satisfeitos com esse fato e rogaram-lhe que entrasse na cidade: como ele hesitasse, se devia ou não entrar, os oficiais de Numância aproximaram-se d ele, tomaram-no pela mão, suplicando-lhe que acreditasse que eles não eram inimigos, mas, bons amigos e que confiasse neles; Tibério então assentiu pelo desejo que tinha de recuperar seus documentos e também pelo temor de irritar os numantinos se continuasse a mostrar que desconfiava deles. Quando já estava dentro da cidade, prepararam-lhe uma ceia e rogaram-lhe insistentemente, que tomasse a refeição na companhia deles, depois entregaram-lhe os papéis e ainda ofereceram-lhe tudo o que ele queria, do que eles

haviam apanhado no campo dos romanos; ele, porém,’ não tomou coisa alguma, a não ser o incenso de que usou para o sacrifício em prol do Estado: feito isto, despediu-se, agradecendo-lhes e regressou para junto dos seus.

IX. Juízo do povo a respeito de Mancino e Tibério, relativamente a este tratado.

IX. Ao voltar, foi muito censurado e recriminado por ter aceitado o convite, como humilhante e desonroso para a dignidade de Roma: mas os parentes e amigos dos que tinham estado naquela guerra, que era a maior parte do povo, reuniram-se em torno de Tibério, dizendo que as faltas que lá haviam sido covardemente cometidas, todas deviam ser atribuídas ao cônsul e que fora ele quem salvara um tão grande número de cidadãos. Todavia, os que estavam vexados com a suposta infâmia desse encontro, queriam que se lhe fizesse como outrora haviam feito seus antepassados num caso semelhante: costumavam mandarem seus generais completamente nus aos inimigos, porque se haviam contentado de que os samnitas os despissem e os fizessem escapar com vida; não somente lhes enviaram os comandantes supremos, mas todos os que tinham tido algum cargo no exército e que haviam consentido no acordo, para atrair sobre suas cabeças todo o pecado da violação do juramento feito e do pacto jurado. Nisso, porém, ficou evidente o amor e a benevolência que o povo tinha para com Tibério, pois ordenou que o cônsul Mancino fosse entregue de pés e mãos atados{1393} aos numantinos e perdoou tudo o mais, em consideração a Tibério. Não estou bem certo se Cipião, o qual era então o primeiro homem de Roma e que mais autoridade tinha, o ajudou, todavia foi ele censurado por não ter também salvado o cônsul Mancino e ter confirmado o acordo com os numantinos, pois fora Tibério, seu amigo e seu aliado, que o firmara.

X. Do uso de se entregar aos cidadãos romanos pobres as terras dos inimigos vencidos, reunidas ao império. Como os ricos conseguiram fazê-los desistir disso.

X. Estas queixas na maior parte procediam da ambição dos amigos de Tibério e de alguns homens de letras, que o aborreciam e o indispunham contra Cipião; não chegou, porém, a ira e o ódio declarados, nem daí se seguiu mal algum; talvez. Tibério não teria caído nos erros em que depois veio a cair, se Cipião tivesse estado presente quando ele realizou o que havia proposto: mas estava-se já na guerra de Numância{1394}, quando Tibério começou a apresentar seus editos para tal ocasião: quando os romanos antigamente venciam algum dos seus vizinhos, como multa, tiravam-lhes uma porção de suas terras, das quais uma parte era vendida em benefício do Estado e outra anexada ao império, a qual, depois, era dada por arrendamento ou a aluguel aos cidadãos pobres que não tinham herança, pagando uma pequena taxa todos os anos; mas os ricos começaram a aumentar a taxa e assim os pobres ficavam privados das terras; foi então feita uma lei que não permitia ao cidadão romano ter mais de cinco jeiras de terra. Esta lei refreou um pouco a ambição dos ricos e ajudou os pobres que moravam nas terras que tinham arrendado do governo e viviam do que eles ou seus antepassados possuíam desde o princípio: mais tarde, porém, seus vizinhos ricos com o nome de pessoas falsas encontraram meios de transferir para eles os arrendamentos, e por fim, abertamente, apoderaram-se eles mesmos em seu nome da maior parte, de maneira que os pobres, despojados delas, não iam mais de b oamente para a guerra, nem se incomodavam em criar ou educar seus filhos, de tal modo que, em pouco tempo a Itália ficou despovoada de homens livres e repleta de bárbaros e de escravos, que os ricos mandavam cultivar as terras, das quais haviam expulsado os cidadãos romanos: a estes inconvenientes Caio Lélio procurou remediar; este era amigo de Cipião, mas como o grosso da cidade lhe fosse contrário, temendo rebentasse uma guerra civil, ele desistiu: e por esse motivo foi chamado de sábio ou sensato; parece que essa palavra, sábio, significa uma e outra coisas.

XI. Tibério procura entregar essas terras aos cidadãos pobres.

XI. Todavia Tibério, logo que foi eleito tribuno do povo{1395}, se pôs a executar imediatamente a sugestão, como a maior parte dos historiadores escreve, do retórico Diófanes e do filósofo Blossio, que o induziram a fazê-lo; Diófanes tinha sido exilado da cidade de Mitilene e Blossio nativo da Itália, da cidade de Cumes, tinha sido discípulo e familiar de Antípater de Tarso em Roma, onde{1396} ele lhe fez a honra de dedicar-lhe algumas das suas obras de filosofia. Outros acusam sua mãe Cornélia, a qual os recriminava de que os romanos ainda a chamavam de sogra de Cipião, não de mãe dos Gracos. Outros dizem ainda que foi um certo Espúrio Postumio, companheiro de Tibério, o seu competidor na glória da eloquência: porque Tibério à sua volta da guerra, encontrando-o assaz elevado em honra e fama, muito estimado por todos, quis suplantá-lo, tentando esta ousada empresa, que ao mesmo tempo despertava grande interesse. Seu irmão Caio, em um livro, escreveu que quando ele ia para a guerra em Numância, passando pela Toscana, encontrou o país quase deserto; os que lavravam a terra ou custodiavam o gado na maior parte eram escravos bárbaros, vindo de terras estrangeiras: por essa razão ele determinou levar a cabo essa obra que aliás foi causa de infinitos dissabores para sua pátria: mas, como se diz, foi o mesmo povo que lhe inflamou o desejo da cobiça e da ambição e apressou a sua deliberação, convidando-o a lá entrar, por meios dos cartazes que se encontravam por toda a parte, sobre os muros, nos pórticos e nas sepulturas, nos quais se pedia que ele desse aos cidadãos romanos pobres as terras pertencentes ao governo.

XII. Sabedoria dessa lei.

XII. Todavia, ele não fez o edito só de sua cabeça, mas com o concurso do conselho dos primeiros homens da cidade em virtude e em fama, dentre os quais estava Crasso, o soberano pontífice, Múcio Cévola, o Jurisconsulto, que então era cônsul{1397}, Ápio Cláudio, seu sogro: parece que jamais se fez uma lei tão suave e tão benigna, como aquela, que ele propôs contra tão grande injustiça e avareza; todos deviam ser punidos por terem desobedecido às leis e a eles se devia privar das terras que ocupavam contra as determinações expressas de Roma e fazê-los ainda pagar a multa; mas ele quis que fossem eles reembolsados pelo governo, da quantia que as terras ocupadas podiam valer e que fossem elas restituídas aos burgueses pobres que nada possuíam e que tinham necessidade de auxílio para viver.

XIII. Discurso com o qual a apoia.

XIII. E embora a reforma que seu edito introduzia fosse espontânea, o povo no entretanto alegrava-se, esquecendo o passado, de que no futuro, pelo menos, não lhe fanam mais injustiças; mas os ricos e os que possuíam vultosas heranças odiavam o edito, por causa da sua avareza e por despeito e teimosia em não querer ceder; desejavam mesmo a morte àquele que o tinha proposto, procurando desgostar o povo, dizendo que Tibério introduzia uma nova divisão nas heranças para desorganizar o governo e para provocar confusão e desordem: mas eles nada ganhavam, porque Tibério, defendendo esta causa, que por si mesma era boa e justa, com uma eloquência que teria podido provar e justificar uma má, era invencível e não havia quem o pudesse refutar nem contradizer, quando ele discorria em favor dos cidadãos pobres romanos, pois todo o povo estava postado diante da tribuna. "Que os animais selvagens que viviam por toda a Itália tinham pelo menos suas tocas, seus covis e as cavernas onde se abrigavam; os homens, que por ela combatiam e morriam, nada tinham, a não ser o ar e a luz, mas eram obrigados a andar errantes cá e lá, com suas mulheres e filhos sem um lar, sem uma casa onde pudessem viver; de sorte que os comandantes (dizia ele), mentem

ordinariamente, quando, para encorajar os soldados, os exortam a combater valentemente pelas suas sepulturas, templos e altares e de seus predecessores: não há um só de tantos burgueses romanos pobres que possa mostrar um altar doméstico, uma sepultura dos seus antepassados; vão os pobres homens à guerra combater e morrer para os prazeres, a riqueza e a superfluidade de outros; falsamente são chamados de senhores e dominadores do mundo, quando na verdade não têm uma só polegada de terra que lhes pertença".

XIV. O tribuno Otávio opõe-se à lei de Tibério.

XIV. Estas palavras e outras semelhantes, pronunciadas com gravidade e com verdadeira compunção, de tal sorte comoviam o povo e o incitavam que nenhum dos adversários ousava contradizê-lo: por isso, evitando discutir e refutá-lo, pela razão, eles se voltaram para Marco Otávio, um dos companheiros de Tibério no cargo de tribuno do povo. Era um jovem sensato, ponderado e calmo por natureza, amigo familiar de Tibério; da primeira vez que a ele se dirigiram, para fazê-lo opor-se à aprovação e à confirmação deste edito, ele desculpou-se, em consideração à amizade e à familiaridade que tinha com Tibério. Mas por fim, forçado pela insistência e pela autoridade de tão conspícuos personagens, que o importunavam, ele se opôs a Tibério, contrariando a sua ordem; isso bastava para destruí-la; porque era suficiente que um tribuno a vetasse e contradissesse ainda que todos os outros a aprovassem, para prevalecer e todos os outros juntos, nada podiam fazer, quando havia um só que se opunha.

XV. Tibério propõe uma nova lei, para obrigar a todos os que possuíam mais terras do que as antigas leis permitiam, a deixá-las.

XV. Com isso Tibério ficou muito irritado e desistiu de propor esta primeira lei; mas, por despeito, propôs outra ainda mais agradável ao povo e mais severa para com os ricos, pela qual queria que os possuidores de terras, em medida maior do que o permitiam as leis, fossem obrigados a desfazer-se delas, imediatamente; a esse propósito, todos os dias, ordinariamente havia grandes discussões na hora dos discursos, contra Otávio; embora ambos usassem de palavras ardentes e violentas, com persistência e obstinação extrema, jamais proferiram, um contra o outro, palavras injuriosas, nem jamais lhes escapou manifestação alguma de cólera, nem uma palavra que ferisse a honra do companheiro: por onde se depreende que a boa origem e a boa educação moderam e dirigem a razão do homem, não somente nas coisas agradáveis, impedindo-o de ultrapassar os limites da honra, em ações e em palavras, mas também da cólera, e dos mais ardentes anseios de ambição e de vanglória.

XVI. Outra lei de Tibério que suspendia todos os magistrados de suas funções, até que a sua lei fosse aprovada ou rejeitada.

XVI. Vendo, Tibério, que sua lei atingia também a Otávio, dentre tantos outros, porque ele possuía muitas terras, rogou-lhe à parte, que não mais se opusesse a ele, prometendo dar-lhe do seu próprio dinheiro, uma quantia igual ao valor das terras, que ele seri a obrigado a entregar, embora ele também não fosse dos mais ricos: mas Otávio não quis atender aos seus rogos; ele propôs, então, outro edito, pelo qual todos os magistrados perdiam sua jurisdição e todo o exercício de seu cargo, até que sua lei fosse aprovada ou reprovada pelo voto do povo: ele mesmo selou com suas próprias mãos as portas do templo de Saturno, onde estavam os cofres do tesouro, a fim de que os questores ou tesoureiros durante esse tempo nada pudessem nem depositar, nem retirar, impondo grandes multas aos pretores e aos outros magistrados que tinham jurisdição ordinária e transgredissem de algum modo o seu edito; de maneira que todos os oficiais, temendo incorrer nessa pena, deixaram o exercício do próprio

cargo. Por esse motivo, os ricos que tinham grande número de propriedades mudaram de vestes, andavam pelas ruas de rosto acabrunhado, tristes e procuravam secretamente surpreendê-lo, tendo mesmo encarregado alguns homens de o matar: por isso, ele, com o conhecimento de todos, trazia por baixo da túnica uma espada curta, das que usam os ladrões e salteadores e à qual os latinos chamam propriamente de dolon. Quando o dia marcado para a aprovação e publicação do edito chegou, Tibério reuniu o povo, para dar o voto, os ricos apoderaram-se à força das urnas onde se deporiam as cédulas; surgiu então o perigo de se originar uma grande amotinação e grave conflito; Tibério era o mais forte, em número de homens, que já se haviam reunido junto dele; se Mânlio e Fúlvio, homens ilustres por sua posição, como cônsules não lhe tivessem pedido, de mãos postas e com lágrimas nos olhos e não tivessem rogado que desistisse do seu intento, teria havido um conflito dos mais sérios. Tibério, quer porque era realmente grande o perigo de perturbação, quer pela consideração que tinha para com esses dois notáveis personagens, conteve-se um pouco, perguntando-lhes então que queriam que ele fizesse; responderam-lhe que não eram competentes para aconselhá-lo em assunto de tanta import ância, mas que colocasse a decisão à deliberação ‘do Senado, o que ele fez, no mesmo instante.

XVII. Paz depor Otávio do tribunado.

XVII. Mas, depois, vendo que o Senado reunido nada concluía, porque lá os ricos tinham muita autoridade, resolveu fazer outra coisa, que não era nem honesta, nem legítima, isto é, depor Otávio e privá-lo do cargo, pois sabia muito bem que jamais ele faria aprovar e autorizar o seu decreto: mas, antes de fazê-lo, pediu-lhe publicamente, diante de todo o povo, com palavras mui afáveis, tocando-lhe a mão, que desistisse da sua oposição e fizesse esse favor ao povo, que o pedia como coisa justa e razoável e lhe pedia essa recompensa bem pequena, em vez de tantas tribulações e trabalhos, que ele suportava pelo bem do Estado. Otávio rejeitou todos os seus pedidos; então Tibério disse, bem alto, que sendo ambos magistrados de igual dignidade e autoridade e de igual poder, contrários um ao outro, em coisa de tão grande importância, era impossível que aquela divergência não viesse a terminar numa guerra civil e que não havia outro remédio para tal inconveniente, a não ser a deposição de um dos dois do próprio cargo; disse a Otávio que se apresentasse, por primeiro; ele deixaria de boamente do tribunal e voltaria à vida particular, se assim aprouvesse ao povo. Otávio nada quis fazer e Tibério, então, replicou que o fana, se ele não mudasse de opinião, depois de ter tido tempo de pensar; e assim, naquele dia, suspendeu a assembleia. No dia seguinte, reuniu-se novamente o povo; Tibério subiu à tribuna, tentou ainda persuadir Otávio que desistisse: mas, vendo que não o conseguia de modo algum, pôs o assunto à votação do povo, se ele queria que Otávio fosse deposto do cargo. Havia trinta e cinco fileiras de eleitores das quais dezessete já tinham anunciado seu voto contra ele; só faltava uma, para fazê-lo ser destituído: por isso, nesse momento, ele mandou suspender a votação e suplicou novamente a Otávio, abraçando-o diante do povo, insistindo, dizendo que bem sabia que ele não queria que por sua teimosia ele passasse pela vergonha de ser publicamente privado do cargo, nem a ele se pudesse recriminar ter sido ministro de tal ato. Diz-se que nesse momento Otávio mostrou-se bastante comovido por seus rogos e tendo lágrimas nos olhos, ficou muito tempo sem responder: mas quando se voltou para os ricos possuidores de terras, que estavam reunidos num grupo bastante grande, ele teve, penso eu, vergonha e medo de ser mal visto por eles e de lhes perder a estima, e preferiu receber generosamente a sua destituição, dizendo a Tibério que fizesse o que quisesse. Foi assim a sua destituição aprovada e autorizada pelos votos do povo; Tibério ordenou a um dos servos libertos, que o fizesse sair da tribuna dos oradores e o levassse, pois ele se servia de seus libertos em vez de guardas. Isso tornou aquele ato ainda mais triste: ver se retirar Otávio tão ignominiosamente, à força; e o que ainda é pior, o povo quis agredi-lo, mas os ricos correram em seu auxílio e impediram que o maltratassem; ele salvou-se fugindo rapidamente sozinho, esquivando-se ao furor do povo: um seu fiel servidor que se lhe pusera na frente, para defendê-lo, teve os olhos vazados, contra a vontade de Tibério, que correu para junto dele, às pressas, quando ouviu o rumor e a algazarra.

XVIII. A lei de Tibério para a redução das terras é aceita.

XVIII. Depois disso, o edito relativo às terras do governo passou e foi confirmado; elegeram-se três comissários para fazer a inquirição e a distribuição. Os comissários foram Tibério, Ápio Cláudio, seu sogro, e Caio Graco, seu irmão, que então não se encontrava em Roma mas no campo de batalha, na cidade de Numância, sob o comando de Cipião, o Africano. Tudo isso se fez pacificamente; Tibério não encontrou quem lhe fizesse a menor objeção e o que é mais, ele substituiu Otávio, não por um homem de classe, mas por um de seus dependentes de nome Múcio, pelo que os ricos e os nobres ficaram sumamente indignados, temendo sua ascensão contínua e fazendo perante o Senado tudo o que podiam para mostrar-lhe seu despeito e para rebaixá-lo; ele havia pedido que lhe dessem uma tenda, por conta do governo, para quando ele partisse para o campo a fim de proceder à divisão das terras, como se fazia com os outros encarregados de trabalhos bem menores e menos importantes. Recusaram-na, unanimemente, e como seu salário diário concederam-lhe nove óbolos{1398}, por proposta de Públio Nasica que também se declarou seu inimigo acérrimo, porque possuía grandes extensões de terras públicas e estava muito aborr ecido por se ver obrigado a entregá-las.

XIX. Ele põe sua mulher e seus filhos sob a proteção do povo.

XIX. O povo continuava mais e mais a se irritar e se indispor contra os ricos, de tal modo que, tendo morrido repentinamente um amigo de Tibério, sobre cujo corpo logo depois da morte, apareceram maus sinais, o povo acorreu ao seu sepultamento, clamando bem alto que o haviam envenenado; e carregaram-lhe o esquife às costas e assistiram a cremação do falecido, no qual realmente se observaram alguns indícios estranhos que fizeram pensar que não era fora de propósito, presumir-se que ele fora envenenado, porque o corpo partiu-se e dele saiu grande quantidade de humores corrompidos que apagaram o fogo, de modo que foi preciso trazer outro, o qua l, porém, também não se acendeu: foram então obrigados a levar o corpo a outro lugar, onde o queimaram com dificuldades. Vendo isso, Tibério, para ainda mais alvoroçar o povo, vestiu-se de luto e trazendo a público seus filhos, suplicou ao povo que cuidasse deles e de sua mãe, como já tendo pouca esperança de poder conservar sua vida.

XX. Propõe uma nova lei para ordenar a divisão entre os cidadãos pobres do dinheiro que provinha da venda da herança de Átalo.

XX. Por esse meio tempo morreu Átalo, cognominado Filopater {1399}, e Edemo de Pérga-mo, levou seu testamento a Roma, com o qual ele instituía o povo romano seu herdeiro. Por isso Tibério, para ainda mais c air nas boas graças do povo, publicou imediatamente um edito, pelo qual o dinheiro que provinha da herança desse rei, seria distribuído entre os cidadãos pobres, que já haviam recebido sua parte na divisão das terras, a fim de que pudessem prover-se do necessário para cultivá-la e fazê-la produzir. Por fim, quanto às cidades que estavam no reino de Átalo, ele disse que não competia ao Senado dar ordens e o mesmo povo é que devia dispor delas; ele mesmo o proporia. Isto foi motivo de que o odiassem ainda mais no Senado; um senador de nome Pompeu, levantando-se, disse que ele era vizinho de Tibério e que por isso sabia que o pergamemano Tibério lhe havia dado um dos diademas do rei Átalo com um manto de púrpura, significando que ele um dia deveria ser rei de Roma; Quinto Mételo censurou-o, porque, quando seu pai era censor, os romanos, tendo ceado na cidade voltando depois para a própria casa, apagavam as tochas e archotes, de modo que parecesse, se os vissem voltar, que eles haviam permanecido até muito tarde em banquetes, quando, ao invés, os mais sediciosos e os mais indigentes do povo instruíam ao seu filho e faziam-lhe companhia quando ele andava pela cidade, à noite.

XXI. Questão embaraçosa que lhe move Tito Ânio.

XXI. Havia um certo Tito Anio, homem que não era nem bom, nem honesto, mas tido por grande argumentador e insuperável na arte de interrogar com sutileza e a responder com cautela: tal indivíduo desafiou Tibério a provar que não havia taxado de infâmia, a um seu companheiro, em um cargo, que pelas leis romanas devia ser santo e absolutamente inviolável. O povo tomou esta provocação como uma ofensa e Tibério mesmo apresentou-se diante da multidão que mandara reunir, e ordenou que lhe trouxessem Amo, ao qual queria mover imediatamente um processo; este, porém, sentindo-se inferior, de muito, a Tibério, em dignidade e eloquência, recorreu a uma das suas muitas sutilezas, isto é, de interrogar com astúcia a alguém para apanhá-lo na própria palavra; rogou a Tibério que, antes de entrar na acusação, lhe respondesse a uma única pergunta que lhe queria fazer. Tibério permitiu-lhe perguntar o que quisesse; fez-se silêncio e Amo disse: "Se me quisesses difamar e injuriar e eu chamasse um de teus companheiros em meu auxílio, o qual se levantasse para me socorrer e tu ficasses com isso despeitado, poderias por esse motivo privá-lo do magistrado?" Diz-se que Tibério ante essa pergunta ficou tão confuso que, embora fosse um dos mais prontos para falar e dos mais firmes na oratória, no seu tempo, no entretanto, permaneceu calado sem poder responder e por isso dissolveu imediatamente a assembleia.

XXII. Discurso de Tibério para justificar a deposição de Otávio.

XXII. Sabendo ao depois, que, de tod os os seus atos, a deposição de Otávio parecia, não somente aos nobres, mas também ao povo, fruto de uma paixão, assaz desviada da razão, porque parecia que ele tinha abatido e aviltado a dignidade dos tribunos do povo, que até aquele tempo tinha sempre sido considerada como grande e honrosa, para se justificar, fez um discurso ao povo, do qual será muito útil citarmos alguns trechos neste ponto, a fim de que se possa julgar da força, riqueza e energia de sua eloquência. Ele disse: "O tribuna-do era verdadeiramente sagrado, santo e inviolável, porque particularmente devotado à proteção do povo e criado para proporcionar-lhe todo o bem possível; mas, se ao contrário, constata-se que ele causa prejuízo ao povo, faz-lhe injustiça, diminui seu poder e tira-lhe os meios de declarar sua vontade por meio dos votos, então ele priva-se por si mesmo dos privilégios e das prerrogativas do seu cargo, não realizando aquilo para que tais prerrogativas lhe foram concedidas: do contrário, seria preciso então permitir que um tribuno, se lhe parecesse bem, demolisse o Capitólio e pusesse fogo no arsenal; e todavia, quando mesmo ele cometesse tais excessos, seria ainda tribuno do povo, pelo menos, mau: mas quando ele procura tirar a autoridade e o poder do povo, então ele não é mais de modo algum tribuno. Não seria, portanto, coisa absolutamente fora da razão, que o tribuno pudesse levar para a prisão, quantas vezes lhe parecesse bem, um cônsul e que o povo não pudesse tirar ao tribuno o poder que lhe dá o cargo, quando dele quisesse usar em detrimento daquele que lho deu? Pois é o povo que elege tanto o cônsul como o tribuno. Além disso, a dignidade real, porque compreende soberanamente em si a autoridade e o poder de todas as espécies de cargos juntamente, é consagrada com grandes e mui santas cerimonias, como mui próxima da divindade; no entretanto, o povo expulsou o rei Tarquinio, porque ele usava violentamente da sua autorida de e pela injustiça de um só homem, o cargo mais antigo e aquele que havia fundado Roma, foram eliminados. Que há em toda cidade de Roma, mais santo e mais venerável do que as religiosas Vestais, que têm o encargo de conservar e manter o fogo eterno? Todavia, se alguma delas cometer algum erro contra a p rópria honra, deverá ser sepultada viva; e quando elas erram para com os deuses, perdem todas as regalias de que gozam, pela reverência ao serviço dos deuses. Também não é razoável que ele gozo da imunidade que tem para defender o povo quando ele mesmo o ofende; pois ele quer abolir o poder do qual tem o seu próprio. Se ele foi eleito tribuno porque a maior parte dos eleitores do povo o escolheu, não é justo que seja privado do cargo se todos os eleitores unanimemente o declara ram indigno e o destituíram? Nada há tão santo e inviolável como as coisas

oferecidas, doadas e consagradas aos deuses: todavia, jamais houve alguém que proibiu ao povo servir-se delas, modificá-las e transportá-las de um lugar a outro todas as vezes que lhe aprouve fazê-lo; a ssim, lhe foi facultado transferir o tribunado, como uma dádiva consagrada, para um outro. Além disso, que não há um magistrado que não possa ser legitimamente deposto do cargo, deduz-se, de que muitas vezes vimos que aqueles mesmos que os tinham, os deixaram ou pediram que deles os dispensassem". Eis os principais motivos e razoes da justificativa de Tibério.

XXIII. Outras leis propostas por Tibério.

XXIII. Seus amigos, vendo as ameaças e os manejos que os ricos e os nobres faziam co ntra ele, foram de opinião que ele devia, para segurança de sua pessoa, continuar num segundo tribunado, para o ano seguinte; então ele começou a agradar o povo, cada vez mais, com os novos editos que propunha, pelos quais diminuía o tempo e o número de anos, quando o cidadão romano era obrigado a ir para a guerra, se chamado e seu nome estava incluído no alistamento. Dava permissão para se apelar da sentença de todos os juízes diante do povo e incluía no número dos senadores, os quais somente tinham a prerrogativa e a autoridade de julgar, um número igual de cavaleiros romanos e assim, de vários modos, ia enfraquecendo e diminuindo a autoridade do Senado e aumentando a do povo, mais por teimosia do que por achar que era coira justa ou proveitosa para o Estado. Ainda mais: quando começaram a recolher os votos e sufrágios do povo, para a autorização de seus novos editos, sentindo que seus adversários eram os mais fortes, na assembleia, porque o povo ainda não estava todo reunido, ele começou a repreender e a injuriar seus amigos, para ganhar tempo e por fim dissolveu a reunião, ordenando que voltassem no dia seguinte, quando ele por primeiro chegou à praça, trajado de luto, muito aflito e de rosto compungido, suplicando ao povo que tivesse piedade dele, pois dizia ter medo de que seus inimigos viessem de noite forçar ou destruir seu lar para matá-lo. Estas palavras comoveram de tal modo a todos, que vários levantaram tendas nos arredores de sua casa e montaram guarda ali durante toda a noite.

XXIV. Presságios funestos para Tibério.

XXIV. Ao despontar do dia, o homem que cuidava das aves, que serviam para as predições do futuro, levou-lhes a ração diária do seu alimento, mas elas não quiseram sair de seus abrigos, exceto uma, e esta mesmo depois de ter sido forçada a isso, mas não quis tocar no alimento que lhe era apresentado, mas somente levantou a asa esquerda e estendeu a perna e depois voltou para dentro do viveiro. Este presságio fez Tibério lembrar-se de um outro, anterior: ele tinha um capacete que usava na guerra muito belo e bem feito; dentro dele esconderam-se duas cobras, sem que ele o percebesse; lá puseram elas dois ovos e os chocaram; Tibério admirou-se ainda mais com o sinistro presságio das aves: no entretanto, saiu de casa quando soube que o povo estava já todo reunido diante do Capitólio, mas ao sair, deu tamanho golpe com a ponta do pé numa pedra da soleira, que o sangue chegou a manchar seu sapato e logo adiante apareceram-lhe dois corvos, brigando um com o outro, sobre o telhado de uma casa à esquerda; passando por ali grande multidão de povo, uma pedra impelida por um dos corvos, caiu aos pés de Tibério. Isso fez parar e pensar, mesmo os mais corajosos que ali estavam junto dele.

XXV. Blossio o encoraja.

XXV. Blossio de Cumes que o acompanhava, disse-lhe que seria grande vergonha para ele e bastaria para fazer seus partidários perder toda a confiança nele, se o filho de Graco, sobrinho de Cipião, o Africano, chefe do partido do povo romano{1400}, por medo de um corvo deixasse de obedecer aos cidadãos que o chamavam; que seus adversários e inimigos receberiam essa falta com zombarias, e diriam ao povo que aquilo era já golpe de tirano, que por arrogância e desprezo abusava da sua condescendência. Além disso vieram vários mensageiros, que seus amigos, os quais já estavam no Capitólio lhe mandavam, pedindo-lhe que se apressasse e que todos lá estavam do seu lado; assim sua chegada foi mui honrosa; quando o povo o percebeu de longe, soltou um grito de alegria, pela sua vinda e o recebeu, quando chegou, com grandes demonstrações de carinho e de grande afeto, evitando que alguém se aproximasse dele, se não fosse bem conhecido. Múcio começou a reunir os votantes e a pô-los em fileiras, para se proceder à votação; mas não se pôde fazer como de costume, por causa do grande vozerio que suscitavam os que estavam mais afastados empurrando e sendo empurrados, esforçavam-se por chegar mais perto, forçando a passagem e rompendo a multidão.

XXVI. Fúlvio Placo vem avisá-lo de que no Senado se havia tomado a deliberação de matá-lo.

XXVI. Nesse ínterim, Flávio{1401} Flaco, um dos senadores, subiu a um lugar de onde todo o povo podia vê-lo e percebendo que sua voz não podia chegar aos ouvidos de Tibério, fez-lhe sinal com a mão de que tinha algo de muito importante para lhe dizer. Tibério ordenou imediatamente que lhe abrissem caminho e Flávio com muita dificuldade aproximou-se dele; disse-lhe, que, em pleno Senado, os mais ricos e os mais influentes da cidade, não tendo podido induzir o cônsul ao seu partido, tinham deliberado matá-lo e para isso haviam reunido grande número de seguidores e amigos, bem como de servos armados. Tibério imediatamente revelou essa conspiração aos seus amigos e companheiros, que levantaram logo suas longas vestes, e quebraram as flechas que os guardas tinham nas mãos, para fazer o povo retirar-se e das quais tomaram os pedaços para atacá-los e para atacar os que os assaltassem e os que estavam mais longe se admiravam e perguntavam o que era aquilo. Tibério, para mostrar-lhes com sinais, o perigo em que se encontrava, tocava na cabeça com ambas as mãos, porque pelo grande barulho não se lhe podia ouvir a voz.

XXVII. Nasica sai do Senado para ir matar Tibério.

XXVII. Seus adversários, porém, viram esse sinal e correram logo ao Senado para dizer que Tibério pedia ao povo um diadema real, porque o tinham visto tocar na cabeça com ambas as mãos. Tal notícia despertou grande confusão e perturbação em todos e Nasica disse ao cônsul presidente do Senado que ele queria salvar o governo e eliminar aquele que queria se fazer tirano. O cônsul respondeu-lhe afavelmente, que não começasse a usar da força ou de golpes perigos os e não fizesse morrer cidadão algum que antes não fosse julgado e condenado; mas, se o povo, seduzido ou forçado por Tibério, fizesse algo contrário às leis, que ele não o receberia nem o impediria. Nasica então levantou-se encolerizado e disse: "Pois então, se o supremo magistrado não se importa de socorrer o Estado, aqueles que querem conservar a autoridade das leis que me sigam". Ditas estas palavras, atirou a dobra do manto sobre a cabeça e partiu diretamente para o Capitólio; os que o seguiram enrolaram a túnica em volta do braço, empurrando e afastando do caminho os que encontravam, embora poucos se atrevessem a lhes fazer frente, para detê-los, porque eram os mais dignos e os mais notáveis da cidade: todos, ao invés, fugiam à sua passagem, tropeçando mesmo pela pressa, pisavam uns nos outros. Os que os seguiam haviam trazido de casa grandes alavancas e cacetes, apanhavam achas de lenha, pernas de mesas e de cadeiras, que a multidão, fugindo, lançava por terra e quebrava; caminhavam apressadamente para onde julgavam encontrar Tibério, batendo nos que encontravam pelo caminho, de modo que em poucas horas fizeram debandar

todo o povo e houve mesmo vários mortos naquela fuga.

XXVIII. Morte de Tibério.

XXVIII. Tibério, vendo isso, procurou salvar-se escapando, mas quando fugia, alguém o agarrou pela ponta da túnica, para detê-lo; ele, porém, deixou-a nas mãos do outro e fugiu sem ela; correndo, tropeçou e caiu por cima de um terceiro que estava caído diante dele; ao levantar-se o primeiro que o agarrara, ao que parece, era um dos seus companheiros no tribunado Públio Satureio, o qual lhe deu um golpe com um pé de cadeira na cabeça; o segundo golpe que ele recebeu, foi desferido por Lúcio Rufo, que dis so se vangloriava, como se tivesse realizado um feito de valor. Morreram nesse tumulto mais de trezentas pessoas, todas atacadas a pauladas e pedradas, não havendo um só que fosse morto por arma branca. Foi a primeira rebelião entre os cidadãos de Roma, resolvida com mortes e efusão de sangue, desde que os reis haviam sido exilados; todas as outras dissensões de antes, que haviam sido outrossim grandes e graves, tinham sido, porém, pacificadas moderadamente, pois os partidos cediam um ao outro, o Senado, por medo do povo e o povo, por reverência ao Senado; parece que Tibério mesmo teria cedido com facilidade, tivessem eles procedido amigavelmente, por via de persuasão; teria ele cedido antes ainda quando mesmo tivessem agido por vias de fato, sem, porém, atacar nem fugir a ninguém, pois não havia então junto dele mais de três mil homens do povo.

XXIX. Seu corpo é lançado no Tibre.

XXIX. Parece que esta conspiração foi tramada contra ele mais por ódio e raiva que os ricos lhe votavam do que por outros motivos, que imaginavam e inventavam contra ele; como prova, podemos apresentar a crueldade e a desumanidade de que eles usaram contra seu corpo, depois de morto; jamais permitiram a seu irmão, que o havia pedido, que o levasse para sepultá-lo, à noite, mas o lançaram com os outros mortos no rio; ainda não foi tudo: expulsaram alguns dos seus amigos sem ter formado o processo, e mandaram matar os outros que lhes caíram nas mãos, dentre os quais o retórico Diófanes e Caio Bilio que eles meteram num tonel com serpentes e víboras e assim os fizeram morrer. Blossio de Cumes foi levado à presença dos cônsules que o interrogaram sobre o que havia acontecido; ele confessou francamente que tinha executado tudo o que Tibério lhe havia ordenado. Como Nasica lhe perguntasse: "Que farias se ele te tivesse mandado atear fogo no Capitólio?" ele respondeu: "Que Tibério jamais lhe daria semelhante ordem". E como vários outros insistissem perguntando-lhe: "Mas se ele te tivesse ordenado?", ele respondeu: "Eu o teria feito, pois ele não o teria ordenado, se isso não fosse útil para o povo". No entretanto ele salvou-se no momento; depois, fugiu para a Ásia, para junto de Aristonico, cujo reino estava completamente arrumado e por isso ele suicidou-se.

XXX. Nasica é obrigado a sair de Roma: morre em Pérgamo.

XXX. Por fim, o Senado, para contentar e apaziguar o povo pelo que acabava de suceder, não se opôs mais à divisão das terras; permitiu que fosse nomeado outro comissário, no lugar de Tibério. Foi escolhido Públio Crasso que era seu aliado, porque sua filha Licínia era casada com Caio Graco, embora Cornélio Nepos diga que não foi a filha de Crasso que Caio

desposou, mas a de Bruto, que venceu os lusitanos{1402}: todavia a maior parte dos historiadores escreve do mesmo modo como nós o fizemos. Mas, como quer que fosse, o povo ficou muito descontente com a sua morte e via-se evidentemente que ele aguardava apenas a ocasião para se vingar e já ameaçava a Nasica de citá-lo em juízo. Por isso, o Senado{1403} temendo que assim se fizesse, determinou, sem que houvesse necessidade, que ele partisse para a Ásia, porque o povo não dissimulava sua malquerença quando o encontrava, mas irritava-se asperamente contra ele, chamando-o de tirano e assassino, excomungado e maldito, por ter manchado suas mãos no sangue de um magistrado sagrado e dentro do templo mais santo, mais venerável e mais devoto que havia na cidade, de tal modo que ele foi obrigado, por fim a sair da cidade: embora pelos deveres do seu cargo ele fosse obrigado a fazer os maiores e os principais sacrifícios, por ser soberano pontífice: saindo de sua pátria, andava errante, sem honra, em grande tribulação e até mesmo perturbação mental; morreu pouco depois não longe da cidade de Pérgamo.

XXXI. Ressentimento do povo contra Cipião, o Africano.

XXXI. Não nos devemos admirar se o povo odiava tanto a Nasica, pois, o mesmo Cipião, o Africano, que o povo romano tinha amado mais que a qualquer outro, e com muita razão, perdeu todo o amor e afeto que este lhe devotava, porque no cerco de Numância, quando soube da morte de Tibério, declamou bem alto estes versos de Homero:

{1404}Que de hoje em diante possa acontecer outro [tanto a todo aquele que quiser semelhante [empresa realizar.

Quando em plena assembleia do povo ele foi interrogado por Caio e por Fúlvio sobre o que pensava da morte de Tibério, respondeu de modo que dava a entender que as obras do falecido não lhe agradavam: depois disso, o povo o tratou asperamente; interrompeu-lhe o fio do discurso quando ele falava, o que nunca antes lhe havia feito; ele também deixou-se tanto levar pela cólera, que disse palavras injuriosas ao mesmo povo{1405}.

XXXII. Vida retirada de Caio depois da morte de seu irmão.

XXXII. De resto, Caio Graco, no começo, quer porque temia os inimigos de seu falecido irmão, quer porque procurava ainda os meios de torná-los mais odiados pelo povo, ficou uns tempos sem aparecer em público, conservando-se quieto em sua casa, como quem está contente com a situação e desejava apenas viver modestamente sem tomar a peito empreendimento algum; assim ele deu motivo a alguns de pensar e de dizer que ele não aprovava, mas achava más, as obras que seu irmão tinha realizado: ele era, então, ainda muito jovem, pois tinha nove anos menos que seu irmão Tibério, que não havia completado trinta{1406} quando foi morto: todavia com o tempo, ele começou, pouco a pouco, a patentear seus hábitos e sua natureza; não era amigo das delícias nem da preguiça, nem amante dos prazeres e menos ainda da cobiça de riquezas; exercitava-se, porém, na eloquência e provia-se como de asas, para depois lançar-se nos trabalhos do governo e do Estado, de modo que era evidente que, quando tivesse chegado o seu dia, cie não descansaria mais.

XXXIII. Como Caio é induzido a caminhar nas pegadas de seu irmão.

XXXIII. Como um de seus amigos chamado Vécio tivesse sido citado em juízo, ele tomou o encargo de defendê-lo no julgamento; quando o povo o viu, discursando, estremeceu de júbilo, pela sua maneira de falar, fácil e alegre, mostrando muito prazer em vê-lo e ouvi-lo; todos acharam que ele falava excelentemente, e os outros oradores pareciam crianças perto dele. Por isso os ricos e cs nobres começaram de novo a sentir medo e já murmuravam entre si, que era preciso estar muito atento para que ele não fosse escolhido para o cargo de tribuno do povo: aconteceu por acaso que tendo sido eleito questor, coube-lhe por sorte ir com o cônsul Orestes{1407}, para a ilha da Sardenha, pelo que seus inimigos muito se alegraram e ele não ficou aborrecido, pois era bom soldado, não menos exercitado nas armas do que na tribuna dos oradores e na eloquência; mais: ele temia ainda a tribuna dos oradores e o desempenho dos cargos públicos, e no entretanto não podia de todo resistir à vontade do povo e dos amigos que o chamavam; por isso, ele ficou satisfeito por ter aquela ocasião legítima de se ausentar da cidade, fazendo essa viagem, embora outros sejam de opinião que ele era ainda mais popular e mais ambicioso do favor e das boas graças do povo do que seu irmão, todavia a verdade é o contrário; pois ele foi levado à força a iniciar a sua vida de homem do governo, que não por vontade e propósito deliberado; escreve o orador Cícero que ele tinha resolvido fugir de toda administração pública e queria viver em paz, como um homem privado; mas seu irmão apareceu-lhe em sonho e, chamando-o pelo nome, disse-lhe: "Por que protelas mais, meu irmão? Não é possível que possas escapar, pois uma mesma vida e uma mesma morte nos foi predestinada por nos termos dedicado ao bem do povo".

XXXIV. Induz as cidades da Sardenha a fornecer vestuário aos soldados romanos.

XXXIV. Caio chegou à Sardenha onde deu as provas que poderia dar do seu valor, mostrando-se mais valente que todos os da sua idade, contra os inimigos, mais justo para com os súditos e mais obediente para com os comandantes, pela honra que lhes prestava e pela benevolência que lhes dedicava; na temperança, na sobriedade e em suportar a fadiga ele sobrepujou mesmo aos que eram mais velhos do que ele. Chegou o inverno, muito incomodo e fértil em doenças, na Sardenha; ordenou o comandante às cidades que fornecessem agasalhos aos soldados: elas, porém, mandaram com urgência emissários a Roma para pedir ao Senado que as isentasse daquela obrigação. O Senado achou suas razoes muito sensatas e escreveu ao comandante que procurasse outro meio para agasalhar seus homens. O general não podia fazer de outro modo, porque os soldados naquele tempo sofriam de muitos males; Caio então percorreu as cidades apresentando-lhes tão boas razões, que elas por si mesmas mandaram o socorro de que os soldados romanos neces sitavam; isto foi relatado em Roma e interpretou-se logo como sendo o princípio para ele conquistar as boas graças do povo: o fato deu muito que pensar ao Senado.

XXXV. Volta a Roma e justifica-se da acusação intentada contra ele por causa de sua volta.

XXXV. Chegaram da África alguns embaixadores do rei Micipsa, que disseram que seu senhor em consideração e em atenção a Caio Graco tinha mandado trigo para seu exército na Sardenha: isso causou grande despeito aos senadores que expulsaram os embaixadores do Senado e determinaram mandar outros soldados para lá, no lugar dos que se encontravam com Orestes, ficando, porém, ele ainda como comandante, imaginando que Caio também continuaria como questor: ele, porém, sabendo disso, tomou o navio e veio imediatamente a Roma, muito irritado{1408}. Quando o viram de volta a Roma, contra a expectativa de todos, ele foi censurado, não somente por seus inimigos, mas também pelo povo, ao qual parecia estranho que ele tivesse voltado antes do comandante do qual era questor. Disso foi ele acusado perante os censores, mas pediu audiência para se justificar. Compareceu e respondeu

de tal modo ante a assembleia, que destruiu todos os seus argumentos e a opinião dos presentes, tanto que não houve um só que não julgasse que lhe haviam mesmo feito uma grave injustiça: porque ele provou que tinha estado doze anos na guerra, quando todos eram obrigados apenas ficar dez e que ele tinha sido questor, de seu comandante, por três anos{1409}, quando a lei permitia que no fim de um ano pudesse voltar, que ele somente, de todos os que haviam estado naquela guerra, tinha levado sua bolsa cheia e a trazia completamente vazia, e lá, todos os demais tinham bebido o vinho que haviam levado em seus tonéis e os haviam trazido de volta, cheios de ouro e de prata.

XXXVI. É nomeado tribuno.

XXXVI. Depois quiseram ainda acusá-lo{1410}, de ter tomado parte numa conspiração que fora descoberta na cidade de Fregeles{1411}. Mas ele conseguiu destruir a suspeita e justificou-se plenamente; pôs-se então a pleitear imediatamente o cargo de tribuno do povo, no que teve como adversários jurados, todos os homens de classe, sem exceção; mas também, ao contrário, teve grande favor do povo que acorreu de todas as partes da Itália, em enorme multidão, para assistir à sua eleição; tão grande era o número, que muitos não encontraram alojamento; o campo de Marte não era bastante grande, para conter a massa popular, e muitos davam o voto de cima das casas e dos telhados. Não puderam então os nobres forçar a vontade do povo nem diminuir a esperança de Caio; apenas, nisto puderam prejudicá-lo: esperava ele ser c primeiro tribuno, no entretanto, alcançou o quarto lugar: mas, logo que tomou posse do cargo{1412}, tornou-se incontinente o primeiro, sendo mais eloquente que os outros, e porque servia-se do motivo que lhe dava toda a força no falar, isto é, deplorar a morte de seu irmão: sempre que falava o argumento para esse ponto, relembrando-lhes o acontecimento e pondo-lhes diante dos olhos os exemplos de seus antepassados, que outrora haviam feito a guerra aos faliscos, por causa de um certo Genúcio, tribuno do povo, ao qual eles haviam injuriado e condenaram a morrer a Caio Vetúno, porque ele sozinho não quisera ceder lugar a um tribuno do povo, que passava pela rua: "Estes, dizia ele, na vossa presença e diante dos vossos olhos, mataram a pauladas meu irmão Tibério, arrastaram seu corpo, desde o Capitólio por toda a cidade para lançá-lo no rio e também mataram cruelmente a vários outros, dos seus amigos, que puderam apanhar, sem que passassem pelos trâmites da justiça: e no entretanto, segundo o costume observado desde todos os tempos nesta cidade de Roma, quando alguém é condenado a pena capital e deve ser encaminhado ao castigo que lhe foi imposto, manda-se pela manha à porta de sua casa, uma trombeta para convidá-lo ao som da mesma a se apresentar e os juízes costumam condenar só quando esta cerimonia foi inteiramente observada: os nossos predecessores foram ponderados e reservados quando se tratava da morte de um cidadão romano".

XXXVII. Primeiras leis propostas por Caio.

XXXVII. Caio com semelhante linguagem logo entusiasmou o povo; tinha além do mais, uma voz forte e vibrante e propôs então duas leis: a primeira: "Que aquele que tivesse já sido uma vez deposto de um cargo, pelo povo, não podia ser eleito para outro; a segunda: que se algum magistrado tivesse exilado um cidadão sem lhe ter antes movido um processo em regra, o julgamento e a decisão final pertenciam ao povo". Destas leis, a primeira, feria com a infâmia, evidentemente, a Otávio, que Tibério havia feito depor do seu cargo, pelo povo; e a outra, visava a Popílio, que sendo pretor, tinha exilado os amigos de Tibério: pelo que ele não esperou o término do julgamento, mas foi voluntariamente para o exílio, saindo da Itália. Quanto à primeira ele mesmo a revogou depois, dizendo que entregava Otávio, pelos rogos de sua mãe Cornélia, que lho havia pedido e com isso o povo ficou muito satisfeito e o entregavam, honrando essa senhora, não menos em consideração aos filhos, do que a Cipião, seu pai, pois, tendo feito erigir uma estátua de co bre em sua honra, nela fez gravar esta inscrição: "Cornélia, mãe dos Gracos". Encontramos por escrito várias frases assaz banais e

que revelam a vulgaridade das expressões que Caio proferiu contra alguns dos seus inimigos: como quando disse: "Ousas falar mal de Cornélia que foi mãe de Tibério?" Aquele que falara era suspeito do pecado de sodomia, disse-lhe: "Em que tens a ousadia de te comparar a Cornélia? Tiveste filhos como ela? E no entretanto não há em Roma quem não saiba que ela, que é mulher, viveu mais tempo sem homem, do que tu que és homem". Assim eram ferozes e pungentes as invectivas de Caio; poderíamos acrescentar ainda muitas outras, tiradas de seus escritos.

XXXVIII. Várias outras leis propostas por Caio.

XXXVIII. Ele propôs ainda várias leis para aumentar o poder do povo e diminuir o do Senado: uma, com relação ao repovoamento de várias cidades, pelas quais distribuía todas as terras comuns aos cidadãos pobres que eram mandados para povoá-las; outra, ordenava que se distribuísse a indumentária dos soldados, às expensas do governo, sem que por isso se lhes diminuísse o soldo ordinário e que não se podia alistar nem receber a soldo um cidadão, que não tivesse pelo menos dezessete anos. Uma outra dava igual direito nas eleições de magistrados a todos os aliados e confederados residentes na Itália, como aos próprios burgueses que habitavam na cidade de Roma. Outra determinava o preço bem baixo do trigo que se distribuía aos pobres: outra, visava os que podiam ser juízes, pela qual se limitava de muito as prerrogativas e a autoridade, do Senado, porque antes os senadores eram os únicos juízes em todos os processos e por isso eles eram muito honrados e temidos pelo povo e pelos cavaleiros romanos; acrescentava-lhes trezentos cavaleiros romanos, tantos quantos senador es; fez que os julgamentos de todas as causas fossem comuns entre esses seiscentos homens. Fazendo passar esta lei, diz-se que ele obse rvou diligentemente todas as outras coisas e também este ponto; quando todos os outros oradores, falando ao povo, voltavam-se p ara o edifício onde se reunia o Senado e para a praça que se chama Comício, ele, ao contrário, voltava-se, discursando, para fora, na direção da outra extremidade da praça; e o que desde então sempre observou com todo o cuidado; com um movimento insignificante ele causou uma mudança completa, transferindo por assim dizer, toda a força do governo, do Senado para o povo, colocando o poder que antes estava nas mãos da nobreza, inteiramente nas do povo, insinuando aos oradores que apresentavam a matéria em público, que era ao povo que eles se deviam dirigir e não ao Senado.

XXXIX. Propostas sábias e úteis feitas por Caio ao Senado.

XXXIX. O povo não somente recebeu e aprovou sua lei, com relação aos julgamentos, mas deu-lhe ainda o poder de escolher entre os cavaleiros romanos os que ele quisesse, para serem juízes; com isso ele concentrou em suas mãos um poder absoluto, por assim dizer, de tal modo que mesmo o Senado recebia conselhos dele; na verdade, ele dava-lhe sugestões, apresentava propostas que visavam a sua mesma dignidade como dentre outras, o decreto que ele propôs, por ter o vice-pretor Fábio mandado da Espanha certa quantidade de trigo, o que foi justo e mui honroso; pois ele persuadiu ao Senado que mandasse vender o trigo e restituísse o dinheiro às cidades e comunidades que o haviam mandado e se enviasse uma censura a Fábio porque tornava o império romano odioso e pesado aos seus súditos. Esta proposta granjeou-Ihe grande glória e grande benevolência nas províncias sujeitas aos romanos. Além disso propôs repovoar várias cidades destruídas, reparar e melhorar as estradas principais, construir grandes celeiros, para se fazerem grandes provisões de trigo; de todas essas obras ele mesmo tomava o encargo e a superintendência, para a sua realização, não se cansando, por mais trabalho que tivesse, de prover e de dar ordens a tantos e tão grandes empreendimentos, mas terminando-os todos, com tanto êxito e rapidez, que parecia que ele só tinha isso a fazer, de modo que aqueles mesmos que o odiavam e temiam, admiravam-se por ver como ele era ativo e expedito em todas as coisas.

XL. Como ele faz construir grandes estradas.

XL. O povo do mesmo modo maravilhava-se, vendo sempre em redor dele uma grande multidão de operários, empregados, embaixadores, oficiais, soldados, literatos; a todos ele satisfazia com maravilhosa solicitude, sempre conservando sua dignidade e usando de cortesia e humanidade, acomodando-se a cada um deles, de sorte que ele tornava seus caluniadores importunos e aborrecidos quando estes diziam que ele devia ser temido, taxando-o de violento e intolerável; porque ele sabia conquistar a benevolência do povo, em suas palavras e em suas obras, bem como em seus discursos. Mas o trabalho no qual ele empregou maior diligência e solicitude, foi em reparar e melhorar as estradas principais; tinha o cuidado de que a graça e a beleza nelas estivessem unidas à comodidade; fazia-as traçar em linha reta através dos campos, em terras firmes e tornando-as ainda mais resistentes, pavimentando-as com pedras duras, espalhando depois por cima muita areia, que para lá fazia transportar. Quando havia vales ou canais, que as águas cavavam, os fazia encher ou construir pontes por cima, de igual altura em ambos os lados; assim a obra vinha a se realizar plana, no mesmo nível, muito agradável de se ver. Ainda mais: mandou dividir toda a estrada por milhas, contando cada milha mais ou menos oito estádios{1413}, (uma meia légua) pondo no fim de cada milha uma pedra, para marcá-la: mandou ainda colocar nas duas margens da estrada assim pavimentadas, cá e lá outras pedras um pouco elevadas, menos distantes uma da outra, para ajudar os viajantes a montar a cavalo, sem ter necessidade de outra pessoa para o fazer.

XLI. É nomeado tribuno pela segunda vez.

XLI. Por isso, o povo o enaltecia e festejava com entusiasmo, sempre pronto a dar-lhe demonstrações de benevolência e de amor; ele disse, um dia, falando em público, que lhe tinha apenas uma graça a pedir: se aprouvesse ao povo conceder-lhe, ele ficaria inteiramente satisfeito e se lha recusassem, não se queixaria de modo algum. Cada qual pensou que era o consulado, que ele lhes queria pedir, e todos julgavam que ele ia pleitear ao mesmo tempo o tr ibunado e o consulado; mas quando chegou o dia da eleição dos cônsules, todos estavam atentos para ver o que aconteceria; ficaram admirados quando o viram descer ao campo de Marte, levando Caio Fânio com amigos dele para auxiliá-lo na conquista do consulado. Isso foi tão útil a Fânio que imediatamente foi eleito cônsul{1414} e Caio também foi eleito tribuno do povo, pela segunda vez, sem que o tivesse pedido nem pleiteado, mas o povo o quis assim; vendo que tinha o Senado como inimigo declarado e o cônsul Fânio mostrava-se por sua vez muito frio e indiferente, ele recomeçou a procurar as boas graças e o favor do povo, por meio de novos editos e novas leis, propondo que se mandassem burgueses pobres p ara repovoarem as cidades de Tarento e de Cápua e que se concedesse pleno direito de burguesia romana a todos os povos latinos.

XLII. O Senado suscita Lívio Druso para destruir o prestígio de Caio, conquistando o povo por meio de concessões excessivas.

XLII. O Senado, vendo isso, temendo que se tornasse tão poderoso que eles não lhe pudessem mais resistir, determinou tentar um meio novo de afastar o favor do povo, procurando agradá-lo, concedendo-lhe coisas que não eram absolutamente razoáveis; um dos companheiros de Caio, no ofício do tribunado, de nome Lívio Druso, homem de boa família e mais instruído que qualquer outro em Roma, no seu tempo, e que resistia àqueles que por suas riquezas e por

sua eloquência eram os mais estimados e tinham mais autoridade no governo. Os principais membros do Senado dirigiram-se a ele, rogando-lhe que passasse para o seu partido e se unisse a Caio, não procurando forçar o povo, nem contrariar à sua vontade, mas ao invés, cuidasse em agradá-lo, concedendo-lhe coisas, que não lhes seria bem negar, e mui razoável incorrer-se em seu desagrado. Lívio ofereceu seu tribunado para servir em tais coisas aos desígnios do Senado; propôs leis que não eram para benefício nem honra do governo e que só tendiam a provocar a emulação e a superar Caio, à força de adular o povo, fazendo-lhe a vontade e agradando-o, como os que fazem representar comédias para dar-lhes um passatempo.

XLIII. Reflexões sobre este proceder do Senado.

XLIII. Os senadores mostravam bem evidentemente que as propostas de Caio não os desgostavam tanto quanto desejavam arruiná-lo e abater o seu prestígio a qualquer preço; Caio propunha apenas o repovoamento de duas cidades e para lá queria mandar os mais honestos cidadãos e eles clamavam contra ele, que queria corromper o povo e, ao contrário, favoreciam a Druso que propunha se repovoassem doze cidades e queria que se mandassem a cada uma, três mil dos burgueses mais pobres: eles odiavam a Caio, que havia sobrecarregado de rendas anuais os burgueses pobres, aos quais havia dado terras e Lívio, ao contrário, era-lhes simpático, porque suprimira essa renda àqueles aos quais ele dava também terras, entregando-lhas livres, sem ônus algum. Assim mais: Caio desagradava-lhes, porque dava a todos os latinos igual direito de voto nas eleições dos magistrados, que eram romanos de nascimento: no entretanto, Druso propusera uma lei, que de então por diante não seria mais permitido a um comandante romano fazer chicotear ou bater com varas, na guerra, a um soldado latino; eles acharam bom o edito e o favoreceram; Lívio a cada lei que propunha, sempre dizia em seus discursos, que o fazia a conselho do Senado, que se interessava pelos pobres ; na sua administração nada houve mais útil nem mais proveitoso ao governo, do que isso: o povo tornou-se mais dócil para com o Senado, que antes era odiado e suspeitava-se dos seus principais homens; Lívio eliminou toda aquela malevolência, porque o povo viu que tudo o que ele propunha era em seu favor e em seu proveito, com o consentimento e por iniciativa do Senado. O prestígio de Druso aumentava porque ele agia retamente, só visava o bem do povo e nunca propunha coisa alguma em seu proveito nem para ele; em todos os repovoamentos de cidades, de que foi autor, para lá mandou sempre outros comissários, aos quais fazia delegar o cargo e jamais quis manejar o dinheiro: Caio ao invés, arrogava para si a direção da maior parte de todas essas administrações, mesmo as principais e as maiores.

XLIV. Caio é nomeado comissário para presidir à restauração de Cartago. Morte de Cipião.

XLIV. Rúbrio{1415}, outro tribuno do povo, propôs que se restaurasse e se repovoasse Cartago, que tinha sido destruída por Cipião; tocou por sorte a Caio ser nomeado comissário para lá; por isso, embarcou e passou à África; Druso, no entretanto, aproveitando a sua ausência, continuou a se insinuar ainda mais, nas boas graças do povo, mesmo porque acusava a Fúlvio, que era um dos maiores amigos de Caio de que o tinham nomeado comissário como ele, para fazer a divisão das terras aos burgueses, e o mandavam ao novo repovoamento. Ele era homem revoltoso, e por isso, odiado e mal visto pelo Senado; era ainda suspeito aos que pertenciam ao partido do povo, de ocultamente incitar os aliados e solicitar secretamente os povos da Itália a se revoltarem; todavia, não havia provas suficientes nem se podia citar coisa alguma contra ele, a não ser o que ele mesmo afirmava, porque mostrava ter má vontade e se aborrecia por ver as coisas em paz e tranquilas. Isso foi uma das principais causas da ruína de Caio, porque para ele desviou-se uma parte da ira que se tinha contra Fúlvio. Quando Cipião, o Africano{1416}, foi certa manhã encontrado morto, em sua casa, sem causa alguma aparente

que pudesse ter motivado aquela morte repentina, a não ser alguns sinais de pancadas que lhe haviam dado e da violência que lhe haviam feito, como já tivemos ocasião de dizer em sua vida, a maior parte das suspeitas foi lançada sobre Fúlvio, porque era seu inimigo mortal e, naquele mesmo dia, tivera uma discussão muito forte com ele, na tribuna dos oradores; Caio também foi objeto de suspeitas; esse grande crime, perpetrado contra a pessoa do primeiro e do mais digno personagem de Roma, não foi vingado nem se fizeram indagações de espécie alguma, porque o povo impediu o processo e o julgamento, temendo que Caio fosse tido como culpado, se fosse interrogado a esse respeito; mas isso foi algum tempo antes.

XLV. Presságios funestos. Caio volta a Roma.

XLV. Caio estava na África realizando o repovoamento de Cartago, que ele chamou de Junonia; diz-se, que lhe aconteceram vários presságios e sinais sinistros: o bastão da primeira insígnia foi quebrado pela violência do vento que soprava de um lado e a resistência do porta-insignia, que o tinha firme, do outro; veio também um turbilhão de vento que levou os sacrifícios que já estavam sobre o altar e os lançou fora do recinto que se havia traçado para reconstruir a cidade; mais ainda: os lobos vieram arrancar as marcas que se haviam fincado para delimitar a extensão da cidade e as levaram para longe. Não obstante tudo isso, Caio tudo realizou e terminou no espaço de setenta dias; voltou imediatamente a Roma porque recebera notícias de que Fúlvio era perseguido por Druso e os negócios do governo tinham urgente necessidade de sua presença: porque Lúcio Hostílio{1417}, homem da nobreza e que gozava de grande prestígio no Senado e no ano anterior havia sido alijado do consulado por Caio, que fizera eleger a Fânio, esperava voltar a ele, naquele ano, pelo grande número de pessoas que o ajudavam; e se o conseguisse já tinha determinado derrubar Caio, não obstante o favor e o prestígio de que ele mesmo gozava, perante o povo, começasse por assim dizer, a fenecer, porque o povo já estava saturado de tais inovações, pois havia muitos que propunham as mesmas coisas para agradá-lo, com o consentimento e aprovação do Senado.

XLVI. Perde na opção de um terceiro tribunado.

XLVI. Voltando a Roma, mudou de casa e do lugar onde ele morava antes, no monte Palatino; foi para a parte extrema da praça, porque havia naquele quarteirão muitos homens de baixa condição: depois propôs o resto de suas leis; para fazer que fossem aprovadas e aceitas pelo voto do povo, reuniu grande multidão de todas as cercanias de Roma; o Sena do então ordenou ao cônsul Fânio, que intimasse a todos os que não eram romanos de nascimento, camponeses e habitantes mesmo na cidade, que saíssem de Roma; promulgou-se então uma ordem bem esquisita, e sem precedentes; isto é, que nenhum aliado ou confederado, durante alguns dias, permanecesse em Roma: Caio, ao invés, colocou em lugares públicos um aviso, pelo qual censurava o cônsul de ter feito publicar tão iníqua determinação e prometia aos aliados e confederados, que os ajudaria, se quisessem resistir à ordem do cônsul; o que todavia não fez; vendo que os guardas de Fânio levavam para a prisão um de seus hóspedes e amigo, fingiu não se importar e não o ajudou, quer porque temia experimentar o seu prestígío perante o povo, que passava, quer porque não quis fazê-lo para, como ele dizia, não dar motivo de brigas e de rusgas com os que lhe eram contrários, os quais não queriam outra coisa, na verdade. Além disso, aconteceu que ele teve sérias divergências com seus mesmos companheiros por este motivo: o povo devia ter o divertimento das lutas dos gladiadores, na praça e vários oficiais, para também presenciarem a luta, mandaram construir um tablado em redor, que eles alugavam. Caio mandou que o tirassem dali, para que, sem pagar, os pobres também pudessem assistir aos jogos, daquele lugar. Ninguém obedeceu; ele esperou então até à noite precedente aos jogos; foi depois com vários operários, a seu serviço, e retirou todos os tablados, de modo que no dia seguinte o povo teve a praça vazia e pôde assistir comodamente aos jogos, ficando-lhe com isso muito grato e estimando-o ainda mais. Seus companheiros, ao invés, começaram a odiá-lo, como ousado e temerário: parece que isso foi motivo de lhe impedirem um terceiro tribunado, embora ele tivesse o maior número de votos, em seu favor, porque seus companheiros, como vingança, pela violência que lhes havia feito, deram dele

maliciosa e injustamente uma falsa informação; todavia isso não é de todo certo.

XLVII. Um litor do cônsul Opímio é morto pelos homens do partido de Caio.

XLVII. O fato, porém, é que ele ficou muito admirado com esse acontecimento e parece que disse, um tanto arrogantemente, aos seus inimigos, que se riam dele e zombavam, que seu riso era sardónico e não conheciam as trevas em que suas ações os haviam envolvido. Por fim, seus adversários estabeleceram Opímio no consulado{1418} e começaram por revogar várias leis de Caio, dentre outras a do repovoamento de Cartago, procurando todos os modos de irritá-lo, a fim de lhes dar um pretexto para matá-lo; todavia ele suportou tudo pacientemente desde o princípio; mas seus amigos, mesmo Fúlvio, tanto insistiram que ele de novo se pôs a recrutar gente para resistir ao cônsul; a este respeito diz-se, que mesmo Cornélia, sua mãe, secundou-o, assalariando secretamente bom número de estrangeiros, que mandou para Roma, como se fossem homens para a lavoura, precisamente o que ela diz com palavras veladas nas epístolas que escreveu ao filho, à maneira de quebra-cabeças; todavia, outros julgam o contrário; isto é, que ela ficou muito aborrecida com o que ele se pusera a fazer. Quando pois chegou o dia marcado, em que se devia proceder à rescisão de suas leis, um e outro, bem cedo, apoderou-se do Capitólio e depois que o cônsul fizera o seu sacrifício, um dos seus guardas de nome Quinto Antílio, levando as entranhas da vítima imolada, disse a Fúlvio e aos outros da sua liga que estavam perto dele: "Dai lugar aos homens de bem, maus cidadãos que sois!"

Outros dizem ainda que, depois dessas palavras injuriosas, estendeu-lhes ainda o braço nu, num gesto imoral, para humilhá-los: por isso, foi morto naquele mesmo lugar a golpes de grandes estiletes de escrever, que tinham expressamente mandado fazer para isso. O povo ficou alarmado com esse assassinato e os chefes dos dois partidos, muito perturbados, porque Caio ficou irritado e censurou acerbamente os seus, dizendo que haviam dado aos inimigos um motivo mais que suficiente para atacá-lo, o que eles sumamente desejavam; Opímio, ao contrário, tomando essa oportunidade se pôs a incitar o povo à vingança; no momento, porém, sobreveio uma chuva que os dispersou.

XLVIII. O povo indigna-se pelo interesse que o Senado mostrava tomar pela vingança dessa morte.

XLVIII. No dia seguinte, o cônsul reuniu o Senado ao alvorecer, para resolver certos assuntos internos; alguns, porém, tomaram o corpo de Antílio, colocando-o despido numa cama, levaram-no pela praça, como haviam projetado, até a porta do Senado, onde se puseram a fazer lamentações e queixas em voz alta; sabendo que Opímio lá estava fingindo nada saber, os senadores saíram para observar o que se passava; vendo aquele leito no meio da praça, uns puseram-se a lamentar o defunto, outros a gritar que era um ato indigno, que não se devia deixar passar impune; mas, ao contrário, isso renovou a ira, a irritação do povo contra a maldade dos nobres ambiciosos, que, tendo matado Tibério Graco, que era tribuno, no interior do Capitólio e lançado seu corpo no no, faziam exibição, pública no meio da praça, do corpo de um guarda, Antílio, que por acaso tinha sido injustamente morto mas ele tinha dado motivo aos que o atacaram de tirar-lhe a vida; e estava então todo o Senado em redor do seu leito a deplorar-lhe a morte e a honrar o féretro de um mercenário, para irritar o povo e induzi-lo também a matar àquele que era o único protetor e defensor do povo.

XLIX. O povo monta guarda durante a noite em redor da casa de Caio.

XLIX. Depois, voltaram de novo para dentro, onde fizeram um decreto, pelo qual davam poder extraordinário ao cônsul Opímio, para prover com autoridade soberana ao bem público, defender a cidade e exterminar os tiranos. Concluído e promulgado este decreto, o cônsul ordenou imediatamente aos senadores assistentes, que fossem tomar suas armas; aos cavaleiros, que, no dia seguinte de manhã, cada um deles trouxesse consigo dois servos armados; Fúlvio preparou-se também contra ele, e reuniu o povo: Caio, voltando da praça, parou diante da estátua de seu pai e contemplou-a fixamente, sem nada dizer; chorando, porém, soltou um grande suspiro e continuou seu caminho. Isso comoveu muito o povo que tudo presenciara; e por isso diziam a si mesmos, que eles eram muito covardes, porque falhavam na hora necessária abandonando tão. ilustre personagem; depois foram à sua casa, onde passaram toda a noite, vigiando a porta, não à maneira dos que guardavam Fúlvio, que passaram toda a noite bebendo, gritando e fazendo alarido, tanto que o próprio Fúlvio ficou aborrecido, dizendo que eles faziam e diziam coisas inconvenientes e indignas da sua posição. Ao contrário, os de Caio, estavam tristes e acabrunhados, silenciosos, como se aguardassem uma calamidade para a pátria; conversavam a respeito do que estava para suceder, vigiando e dormindo cada qual, por sua vez.

L. A mulher de Caio exorta-o a não ir à praça pública.

L. Rompeu o dia; os de Fúlvio despertaram ainda atordoados por causa do vinho, que haviam ingerido durante a noite, armaram-se com os despojos dos gauleses, que estavam pendurados pelas paredes da casa, pois ele os havia derrotado no ano em que fora cônsul, e com grandes gritos e ameaças foram ocupar o monte Aventino; Caio não quis se armar, saiu de casa com uma longa túnica, como se se dirigisse à praça do modo costumeiro, mas tinha uma espada curta escondida por baixo da túnica. Quando ele ia saindo de casa, sua mulher deteve-o à porta e segurando-lhe uma das mãos, tendo na outra um seu filhinho, disse-lhe: "Ai! Caio, não vais hoje como de costume, tribuno do povo, à praça, para falar ao povo, nem para propor novas leis, nem vais a uma guerra honesta, para que se por acaso acontecer o que é comum a todos os homens, pelo menos eu possa usar o luto de tua morte com honra; mas tu vais expor-te aos assassinos que já mataram teu irmão e ainda vais sem armas, disposto a sofrer antes que fazer qualquer outra coisa: tua morte não trará vantagem alguma ao Estado, porque o que é pior, é também o mais forte, visto que os julgamentos se fazem com violência à espada. Se teu irmão tivesse sido morto pelos inimigos diante da cidade de Numância, pelo menos nos teriam dado o seu corpo para sepultá-lo; mas talvez será preciso que eu mesma vá suplicar ao mar ou ao rio que me restituam teu corpo que lá eles lançarão: que confiança poderemos ter n as leis e nos deuses depois que Tibério foi morto".

LI. Morte de Fúlvio.

LI. Licínia fazia-lhe estas piedosas considerações, mas Caio soltou-se docemente de seus braços e partiu sem lhe responder, com seus amigos. Ela, agarrando-o pelas vestes, caiu por terra, estendida no chão, onde ficou muda, silenciosa, por muito tempo, até que seus servos a levaram desmaiada ao seu irmão Crasso. Fúlvio, depois que reuniu todos os do seu partido, a conselho de Caio, mandou o mais novo dos seus filhos, que era um lindo jovem, com um caduceu na mão, isto é, uma vara de arauto, que dá salvo-conduto. Este rapaz, apresentando-se humildemente, com lágrimas nos olhos diante do cônsul e do Senado, levou-lhes palavras de reconciliação; muitos dos presentes foram de opinião que se devia atendê-lo. Mas Opímio respondeu-lhe que não se devia mandar mensageiros, para, por meio de belas palavras,

conquistar o Senado, mas era necessário que eles mesmos viessem em pessoa, apresentar-se como súditos e criminosos, à justiça, pedir perdão e procurar abrandar a ira do Senado. Por fim, proibiu que o moço voltasse para junto dos seus, a não ser com a condição que lhe havia imposto. Caio, ao que dizem, queria ir dar suas razões ao Senado, mas os outros não deixaram que ele fosse; por isso Fúlvio mandou-lhe de novo seu filho repetir-lhe as mesmas propostas anteriores. Mas Opímio, que só queria combater, mandou imediatamente prender o moço e colocou-o sob custódia, marchando incontinente contra Fúlvio, com um bom número de soldados de infantaria e archeiros candiotas, que, com golpes certeiros, fizeram mais dano e desorganizaram mais os adversários do que qualquer outra coisa, de maneira que em pouco tempo eles se puseram em fuga; Fúlvio escondeu-se numa banheira abandonada, onde pouco depois o encontraram e ele foi morto com o filho mais velho.

LII. Morte de Caio Graco.

LII. Caio não combateu, mas atormentado por ver tão sangrenta desordem, retirou-se ao templo de Diana, onde quis suicidar-se; mas seus amigos mais fiéis, Pompônio e Licínio, impediram-no; estes dois, estando então junto dele, tiraram-lhe a espada, e aconselharam-no a fugir. Diz-se que então ele se pôs de joelhos e estendendo as mãos juntas para a imagem da deusa, rogou-lhe para vingança daquela ingratidão e traição do povo, que jamais ele se livrasse da escravidão; o povo, ou a maior parte dele, abertamente voltou-lhe as costas, quando ouviram clamar, a som de trombetas, que seriam perdoados todos os que passassem para o outro partido. Caio, então, fugiu, mas seus inimigos o perseguiram tão de perto, que o alcançaram sobre a pente de madeira, onde dois dos amigos que o acompanhavam detiveram-se para revestir aos perseguidores; disseram-lhe que ele continuasse a fugir, enquanto eles combatiam sobre a ponte, como fizeram, e ninguém conseguiu passar por ela, até que ambos foram mortos. Ninguém quis fugir com Caio, exceto um servo de nome Filócrates; todos o aconselhavam e o exortavam, como se fosse uma competição, em que se animam os concorrentes e os que lutam, mas ninguém pôs mãos à obra para ajudá-lo e socorrê-lo, nem lhe deram um cavalo, embora ele o tivesse pedido, porque viam que os inimigos o perseguiam já de muito perto; ele, porém, adiantou-se tanto que teve tempo de se esconder num pequeno bosque, consagrado às Fúrias, onde seu servo Filócrates matou-o; e matou-se também ele mesmo sobre seu cadáver{1419}. Todavia outros escrevem que tanto o amo como o servo foram apanhados ainda vivos, mas que o servo abraçou estreitamente seu senhor, que nenhum dos inimigos o pôde ferir, sem tê-lo matado primeiro, com os vários golpes que lhe desferiram.

LIII. Seus corpos são lançados ao rio.

LIII. Um dos assassinos cortou a cabeça de Caio para levá-la ao cônsul; mas um dos amigos de Opímio, que se chamava Setimuleio, tirou-lha, a caminho, porque antes da batalha ele tinha sido avisado a som de trombeta que àquele que trou xesse a cabeça de Caio e a de Fúlvio, ela ser-lhe-ia paga o peso em ouro: por isso Setimuleio levou-a espetad a na ponta de sua lança a Opímio e trouxeram uma balança para pesá-la; verificou-se que seu peso era dezessete libras e dois terços, porque Setimuleio, além do pecado de homicida, havia ainda acrescentado este outro crime: tirou-lhe todo o cérebro, substituindo-o por chumbo derretido. Os que trouxeram a cabeça de Fúlvio, eram homens de condição baixa e vil e nada receberam. Os corpos de ambos e dos outros sequazes também, mais cu menos em número de três mil, foram todos atirados ao rio, seus bens confiscados e proibido às suas viúvas usar o luto por sua morte; ainda mais: fizeram Licínia, mulher de Caio, perder o dote que seu esposo lhe deixara: mas procederam ainda mais cruel e desumanamente com o jovem filho de Fúlvio, que não tinha sequer combatido, nem estivera na refrega, mas lá tinha ido apenas para lhes falar, antes do combate, e ficara prisioneiro; mataram-no depois da batalha.

LIV. Opímio morre convencido de se ter vendido a Jugurta.

LIV. Todavia, o que agravou e ofendeu o povo, mais do que tudo isso, foi o templo da Concórdia, que Opímio mandou construir, pois parecia que ele se vangloriava, e que, por assim dizer, triunfara, tendo feito morrer tantos cidadãos romanos. Alguém, por isso, escreveu durante a noite por baixo da inscrição do templo, estes versos:

Um ato furioso e criminoso cometeu o templo da

Concórdia.

Opímio foi o primeiro em Roma, que, sendo cônsul, usurpou o poder absoluto de ditador e que condenou sem processo três mil cidadãos romanos, além de Fúlvio Flaco, cônsul, também, e que tivera as honras do triunfo, e Caio Graco, jovem que sobrepujou em virtude e fama a todos os de seu tempo; no entretanto Opímio foi também concussionário e ladrão, pois tendo sido mandado em embaixada a Jugurta, rei da Numídia{1420}, deixou-se subornar pelo dinheiro; tendo sido citado em juízo por isso, foi reconhecida a sua culpabilidade e ignominiosamente condenado; e assim terminou seus dias com essa nota de infâmia, odiado, inju riado e vilipendiado por todos; em face da derrota portou-se ele covardemente para com aqueles que combatiam em seu favor.

LV. Honras prestadas pelo povo à memória dos Gracos.

LV. Mas, logo depois, deu a conhecer quanto ele lastimava os dois irmãos Gracos, porque lhes mandou erigi r estátuas e quis que fossem colocadas em lugar público e honroso, consagrando os lugares onde eles tinham sido mortos; muitas pessoas ofereciam-lhes as primícias das flores e dos frutos, nas estações próprias e iam fazer-lhes suas preces, de joelhos, como no templo dos deuses. Sua mãe Cornélia, como está escrito, sofreu com firmeza e magnanimidade este duro golpe: quanto às capelas que se construiram e se consagraram, nos lugares onde eles tinham sido mortos, ela diz somente que eles tiveram as sepulturas que haviam merecido: depois, ela permaneceu quase sempre no monte Misene, sem modificar sua maneira de viver, pois tinha muitos amigos; e como era senhora distinta, que estimava e tratava bem os estranhos, mantinha sempre boa mesa, havia sempre em sua casa muitas pessoas, gregos e literatos, e muitos reis recebiam presentes dela e lhos mandavam também. Os que iam visitá-la sentiam grande prazer, entretendo-se com ela em amistosa palestra, ouvindo-a contar fatos da vida de seu pai Cipião, o Africano; mas admiravam-se ainda mais, ouvindo-a narrar a morte de seus filhos, sem molhar seus olhos de lágrimas e sem se lastimar, nem se mostrar revo ltada, como se estivesse contando alguma história antiga, tanto que alguns escreveram que a velhice, ou mesmo a magnitude da desgraça, haviam-lhe perturbado a razão e eliminado o sentimento da dor; mas, esses mesmos mostravam-se insensatos, em dizer tais coisas, não compreendendo como a origem ilustre e a boa formação servem para fazer os homens suportar com firmeza qualquer dor e muitas vezes a fortuna é bem mais forte que a virtude, a qual quer observar todos os pontos do dever; todavia, não lhe pode tirar a constância em suportar, quando é o caso, pacientemente, a adversidade.

COMPARAÇÃO DE TIBÉRIO E CAIO GRACO COM AGIS E CLEÔMENES

Chegamos finalmente ao termo e só nos resta comparar estas vidas, pondo-as uma diante da out ra. Os dois Gracos, na verdade, foram mais propensos à virtude do que todos os romanos do seu tempo e foram bem instruídos e educados tanto que nem mesmo os seus maiores inimigos, que deles disseram toda espécie de injúrias, não o podem negar; parece que a natureza foi, porém, mais forte em Agis e em Cleômenes; pois eles foram educados insuficientemente, formados em costumes e maneiras de viver que há muito tempo haviam corrompido seus antepassados; no entretanto mostraram-se mestres e guias na sobriedade, na temperança e na simplicidade. Além disso, aqueles, vivendo num tempo em que Roma estava no auge da sua glória e esplendor e quando aí reinava mais o zelo de todas as coisas belas e boas, eles tiveram, por assim dizer, vergonha de abandonar a herança da virtude, que tinham como hereditária, das mãos de seus maiores: estes, oriundos de pais que haviam tido vontade de todo contrária, tendo encontrado seu país corrompido e enfermo, nem por isso foram mais levados a procurar os meios de o favorecer: e o maior louvor que se atribui aos Gracos, abstendo-se de tomar dinheiro, é que em todos os seus cargos e empreendimentos do Estado, eles conservaram sempre as mãos limpas, jamais tomaram coisa alguma injustamente; Agis até ficou irritado quando o louvaram por nada tomar de outrem, porque ele pôs em comum suas mesmas riquezas e deu aos seus cidadãos todos os seus bens, os quais em dinheiro somente chegavam a[{1421}], seiscentos talentos. Por aí se pode ver quanto ele julgava grave pecado ganhar injustamente, c onsiderando uma espécie de avareza possuir justamente mais do que os outros.

II. Ainda havia bem diferença de grandeza *entre as inovações que uns e outros apresentaram, pois os feitos dos dois romanos consistiam em preparar as grandes estradas, restaurá-las, reconstruir cidades, repovoá-las; o ato mais magnânimo de Tibério foi ter posto em comum as terras públicas e de seu irmão Caio, ter ampliado os tribunais, acrescentando trezentos cavaleiros romanos, que tinham poder de julgar: Agis e Cleômenes ao invés sendo de opinião de que querer corrigir as pequena faltas e remediá-las aos poucos, era o mesmo que cortar uma cabeça da hidra, como diz Platão, por em vez de uma, nasciam outras sete, empreendera uma renovação que podia de uma vez exterminar desarraigar todos os males de seu país, ou para falar com mais verdade, que podia eliminar a desorganização que os vícios e os males haviam introduzido no governo e nas coisas públicas, para restabelecer a cidade de Esparta na sua própria e antiga condição.

III. Quanto ao governo dos Gracos, podemos ainda dizer que os principais personagens de Roma e os maiores homens foram contrários aos seus desígnios; no que Agis, ao invés, intentou e Cleômenes realizou, eles tinham o mais belo e o mais magnífico ideal do mundo, quais as antigas leis e determinações de Esparta, relativas à igualdade, à temperança, umas instituídas outrora por Licurgo e, outras, confirmadas por Apolo.

IV. Ainda mais: pelas inovações daqueles, Roma não se tornou mais do que era; pelo que Cleômenes fez, porém, a Grécia em pouco tempo viu a cidade de Esparta sobrepor-se a todo o resto do Peloponeso e combater contra os que então eram os mais poderosos da Grécia, pela primazia, cujo fim e intenção última, era livrar a Grécia das armas dos gauleses e dos eslavos, para recolocá-la sob o honesto governo dos descendentes de Hércules.

V. Ainda parece-me, que a morte deles revela certa diferença de sua virtude: aqueles, combatendo contra seus próprios cidadãos, foram mortos, na fuga; estes, Agis por não ter

querido fazer morrer nem um dos seus cidadãos, foi morto, quase voluntariamente e Cleômenes, sentindo-se injuriado e ofendido, tomou a resolução de se vingar e como a ocasião não no permitisse fazê-lo, ele matou-se, corajosamente.

VI. Pode-se, porém, em contrário, alegar que Agis jamais realizou um ato de comando, nem de general, porque foi morto antes de poder fazê-lo; às vitórias de Cleômenes, que foram muitas e belas, pode-se opor a tomada da muralha de Cartago, a qual Tibério escalou por primeiro, o que não foi um feito medíocre; a manobra que realizou diante de Numância, pela qual salvou vinte mil soldados romanos, que não tinham outro meio de escapar da morte: Caio, na mesma guerra em Numância e depois na Sardenha, praticou vários atos de bravura, de modo que eles poderiam ser comparáveis aos mais excelentes generais romanos, se não tivessem sido mortos.

VII. Ademais, quanto aos atos civis, parece que Agis os tomou muito friamente: deixou-se enganar por Agesilau, enganou seus cidadãos pobres com a divisão das terras, que lhes havia prometido; em suma, por falta de coragem, porque ele ainda era muito jovem, deixou as coisas imperfeitas; Cleômenes, ao contrário, procedeu um tanto áspera e violentamente na rebelião do governo, matando com crueldade os éforos, que ele podia facilmente dominar, pelas armas, sendo o mais forte: não é próprio nem de um médico sensato, nem de um bom político, lançar mão dos ferros, a não ser em extrema necessidade e quando não há outro remédio; é falta de competência num e noutro, mas muito mais ainda num porque a injustiça ali está unida à crueldade; dos Gracos, nem um, nem outro jamais procurou derramar sangue de seus cidadãos: até mesmo se diz que Caio, ainda que atacado, jamais se quis defender e nas batalhas era assaz valente, com as armas na mão, contra os inimigos, mas mostrou-se muito calmo nas sedições civis, contra seus cidadãos: pois ele saiu de sua casa sem armas, e retirou-se, quando os viu combater, cuidando mais em se precaver para lhes não causar mal algum, do que recebê-lo, e por isso não se lhes deve imputar a fuga como covardia ou medo, mas como um cuidado para não ferir a ninguém; po is era preciso que se entregassem aos que os perseguiam, ou se parassem, que se pusessem na defensiva, para não permitir que os ferissem.

VIII. Quanto às acusações que se fazem contra Tibério, a mais grave é ter ele privado do tribunado a um seu companheiro e ter ele mesmo pretendido depois, um segundo: quanto a Caio, acusaram-no, injustamente, da morte de Antílio, pois ele foi morto contra sua vontade; muito ele veio a sentir quando o soube: Cleômenes, deixando de parte a morte dos éforos, libertou todos os escravos e teve a realeza somente em efeito; aparentemente, porém, a ela associou o próprio irmão, que era da mesma família, e tendo persuadido a Arquidamo, ao qual pertencia o direito de sucede-lo, na realeza, da outra família real, que voltasse corajosamente de Messena a Esparta, ele deixou-o matar; não tentando vingar sua morte, confirmou a opinião que se tinha, de que ele o teria mandado matar do mesmo modo; ao contrário de Licurgo, que ele queria imitar, pois que deu a realeza voluntariamente ao filho de seu irmão Carilau e temendo ainda que, se o jovem viesse de algum modo a morrer ele não viesse a ser objeto de suspeita, ausentou-se do país e andou por muito tempo errante, pelo mundo, e não voltou a Esparta antes que Carilau tivesse tido um filho para sucedê-lo no trono; mas também nenhum outro grego há que se possa comparar com Licurgo; mostramos que entre as ações de Cleômenes, ainda houve muitas outras grandes inovações e muitas outras transgressões às leis.

IX. Assim, aqueles que censuram os costumes de uns e de outros, dizem que os dois gregos a princípio tiveram uma vontade tirânica, tendente a excitar e a suscitar a guerra; ao passo que, aos romanos, os que os odiavam e lhes votavam inveja, não podiam imputar outra coisa, a não ser sua desmesurada ambição; confessavam que eles se inflamavam excessivamente, nas contendas contra seus adversários e se deixavam transportar até o despeito e a cólera, por

maus ventos, chegando a praticar os atos que por fim praticaram: nada havia, porém, de mais honesto e de mais justo que sua primeira intenção; não tivessem sido os ricos, que queriam pela autoridade e ousadia rejeitar suas leis, eles não teriam entrado, contra vontade, nesta questão, um, para salvar sua vida e o outro, para ving ar a morte do irmão que eles haviam matado sem processo nem condenação ou ordem de magistrado algum.

X. E assim constatamos á diferença entre eles; para dizer o que me parece, em particular, de cada um deles, penso, que Tibério foi o mais virtuoso de todos os quatro, que Agis foi o que menos pecou e que em empreendimento e ação, Caio não se aproximou muito de Cleômenes.

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE ALEXANDRE, O GRANDE

CAP. V, pág. 17. No grego está a palavra hécatombeon. Nós já dissemos que esse mês ático corresponde, para a maior parte, não ao mês de junho, mas ao de julho; pois começava na lua nova mais próxima do solstício de verão, antes ou depois do solstício, segundo o padre Pétau, depois do solstício, somente, segundo Es-calígero. Assim, se supusermos com Dodwell que no primeiro ano da centésima-segunda olimpíada, o mês ático hécatombeon começou a 14 de julho, 6 do mês de hécatombeon, cairá a 19 de julho; é um duplo erro, que Amyot comete em todas estas circunstâncias, não somente porque ele desorganiza as verdadeiras relações dos meses, mas ainda porque, dando data por data, ele supõe um começo imóvel em meses que, sendo lunares, não podiam deixar de ser variáveis como a lua que os regulava. Quanto à comparação dos meses áticos com os meses macedônios esta matéria esgotou as indagações dos sábios, sem que eles se pudessem pôr de acordo. Nós os vamos apresentar ao leitor na ordem estabelecida pelo padre Corsini sem pretender preferi-lo à de Dodwell ou de Pétau.

Meses Áticos Al a cril i mios Romanos

Hécatombeon Lous Julho

Métageitnion Gorpiaeus Agosto

Boédromion Hyperberelffius Setembro

Mémactériori Dius Outubro

Pyanepsion Apellaeus Novembro

PoseidonAudynaeus Dezembro

Gainéliun Peritius Janeiro

Anthcstérion Dystrus Fevereiro

Êlapliébolion Xunticus Março

Munichion Artémisius Abril

Thargélion Daésius Maio

Soirrophorlon Panemua Junho

O ano dos macedônios começava com Dius, no equinócio do outono.

CAP. XII, pág. 26. Creio que Amyot é o único que conheceu esta edição da Ilíada chamada la correcte. A palavra grega significa uma espécie de cofrezinho onde se punham perfumes ou drogas medicinais. Entre os móveis preciosos de Dario. Alexandre havia tomado um cofre desse gênero, de ouro. adornado de diamantes, onde ele encerrou, com efeito, o exemplar da Ilíada de Homero, que sempre trazia consigo, segundo o que diz Plínio. 1. VII, cap. XIX. Falaremos desse cofre na continuação desta Vida de Alexandre. Assim, seria preciso traduzir:

o exemplar conhecido sob o nome de exemplar do cofre.

CAP. XVII. pág. 33. Não é Medéia quem diz esse verso, citado por Plutarco, e Plutarco não lho atribui absolutamente; ele diz somente que Alexandre citou a Pausânias, esse verso, da tragédia de Medéia. É o 288 da Medéia de Eurípides; está na boca de Créon que diz à Medéia: "Eu sei que na tua cólera tu ameaças castigar este esposo e aquela à qual ele se vai unir e aquele que a entrega aos seus braços". C.

CAP. XXX, pág. 49. Eis o que diz Estrabão com relação a essa passagem: "Perto de Faselis, cidade da Lídia (que Amyot chama Faselina) há uma montanha chamada Clímax (palavra grega que significa escada). Avança para o mar da Panfília. de maneira que aperta bastante a costa, e deixa aos viajantes apenas uma passagem muito estreita. No tempo da calmaria ela está seca. mas quando o mar se enche, ela o cobre com suas águas. Alexandre aí chegou no inverno, com tempo péssimo; preferiu confiar na sorte do que esperar a bonança e a retirada das águas e mandou seus soldados marchar, os quais levaram um dia inteiro para atravessar esse passo, tendo água até o umbigo".

CAP. XXXII, pág. 50. Esta palavra Asgande é desconhecida dos sábios. Astande, que com ela muito se parece, é conhecida por Eustathe e Suidas. Ambos a tomam por uma palavra persa, que significa a mesma coisa que Angare, outra palavra persa que significa uma mensagem. Dario que era. segundo Diodoro de Sicília, de sangue real, não podia sem dúvida ser um simples mensageiro; mas ele bem podia ter sido o que nós chamaríamos superintendente do correio ou ter tido junto do rei Oco, seu predecessor, a jurisdição de seus negócios particulares e de suas ordens secretas.

CAP. LVIII. pág. 81. Deve-se escrever Gaugamele, segundo Estrabão e Arrieno. É uma aldeia situada entre o Tigre e o Lico, bastante perto de um outro rio de nome Bumade ou Buinalc a vinte e cinco léguas, mais ou menos, de Arbelas, outra aldeia ou cidadezinha, segundo alguns, situada ao oriente de Gaugamele. entre o Lico e o Caper. Os que lerem em Quinto Cúrcio a descrição das marchas de Alexandre e de Dario, para chegar ao lugar desse combate, julgarão, por essas posições certas, que o historiador latino de Alexandre, conheceu mal a situação dos lugares de que ele fala, ou que a ignorância dos copistas desfigurou-lhe o texto. Ibid. pág. 81. O mês de agosto é ainda um erro de Amyot. Há no grego boédromion. setembro, segundo o que dissemos nas Observações, no tomo III e na primeira destas Observações sobre a Vida de Alexandre. Plutarco, ou melhor, seus copistas, esqueceram aqui a data do mês. Mas na Vida de Camilo ele diz que a batalha de Arbelas (ela era conhecida por esse nome, embora se tenha realmente travado perto de Gaugamele) deu-se a 26 do mês boédromion. Ele diz aqui que foi no 11.« dia depois do eclipse da lua, que se deu na época da (grande) festa dos Mistérios (de Céres) em Atenas. Começava a 15 do mês de boédromion, segundo Meursio e o padre Pétau. Plutarco está pois de acordo com ele mesmo e sua autoridade, apoiada pelas tabelas astronómicas, citadas pelo padre Pétau. (Doutrina dos tempos. 1. X. cap. 36 colocando o eclipse a 20 de setembro e a batalha a 1." de outubro, parece incontestável -mente preferível à de Arrieno. que põe este combate no mês pyancp-sioh, isto é, de novembro.

CAP. LIX, pág. 81. Nada há que trocar aqui, diga o que disser o sábio Dusoul, no texto de Plutarco, mas somente substituir-se na tradução de Amyot. um nome de rio que não está no grego, pelo de montanha. "Eu não sei, diz Dusoul, porque se traz aqui os montes Nifates e Gordianos. da Armênia, para a Mesopotâmia".

Ninguém, eu creio, encarregar-se-ia de tal incumbência. Devem-se deixá-los no lugar que Estrabão lhes destina. 1. XI, pág. 793. A passagem é clara. A primeira montanha de que ele fala é o monte Tauro, que avança da Capadócia e da Comagena para o oriente. Divide, acrescenta ele. a Armênia, da Mesopotâmia;. Esse parte da cadeia é chamada por alguns de montes Dordiaii". Ele se eleva depois e toma o nome de Nifates. onde está a nascente do Tigre. Eu não tenho necessidade de discutir essa posição da nascente do Tigre, no que Estrabão e Ptolomeu não estão de amido

Mas fica sempre de pé, segundo o texto, que os montes Gordianos e Nifates prolongam-se e se estendem do ocidente para o oriente, entre a parte meridional da Armênia e a setentrional da Mesopotâmia. Gaugamele está na parte setentrional da Mesopotâmia. Não se deve pois admirar de que a luz dos inúmeros fogos acesos pela multidão prodigiosa dos bárbaros, iluminasse as montanhas, a várias léguas de distância e o clarão produzisse um espetáculo assustador.

CAP. LXII, pág. 84. Ele era da cidade de Salamina na ilha de Chipre, filho de Acesas, o pai e o filho eram muito famosos na arte do bordado, muito cultivada em Chipre. Atenas nos conservou uma inscrição do templo de Delfos, que mostra o grau de fama a que estes dois artistas tinham chegado. Isto, diz o epigrama, é obra de Helicón de Salamina, filho de Acesas. A imortal Palas depositou em suas mãos todas as graças de sua arte divina. Eustato os cita também como os homens mais célebres na arte do bordado. Mas nem um. nem outro nos falam da sua idade.

CAP. LXIV. pág. 88. Eu respeito muito as razões pelas quais o sábio Dusoul pretende que Failo não se encontre entre os vencedores olímpicos. Se ele se tivesse lembrado da quinta cena do primeiro ato dos Acarnianos de Aristófanes, lá teria encontrado precisamente o Failo de que aqui se trata: nas glossas. há um epigrama que nos diz que ele saltava cinquenta e cinco pés e lançava o disco a noventa e cinco. O Escoliaste diz que ele havia conquistado a vitória nos jogos Olímpicos e Suidas está de acordo com ele. É verdade que Pausânias atribuindo-lhe três vitórias nos jogos Píticos, acrescenta que ele não as havia conquistado nos jogos Olímpicos. Mas ele o concluía, talvez segundo Heródoto, que lhe atribui, com efeito, três vitórias nos jogos Píticos. Ora, Heródoto leu sua história nos jogos Olímpicos, na octogésima-primeira olimpíada e a vitória de Failo pode bem ter sido posterior. O Escoliaste de Aristófanes cita ainda um outro Failo, coroado nos jogos Olímpicos, na oitava olimpíada.

CAP. LXV. pág. 88. A terra nos fornece, bem como os vegetais, matérias inflamáveis. Tais são os diferentes carvões minerais, o azeviche, o âmbar, o asfalto ou betume da Judéia, o pissasfalto e todos os betumes sólidos e líquidos: também as naftas claras e coloridas que se encontram nas quatro partes do mundo, no seio da terra, na areia, muitas vezes escorrendo dos rochedos e principalmente nas vizinhanças dos vulcões, flutuando na superfície de alguns lagos, de fontes e do mar.

Todas estas matérias têm grande relação entre si, como podemos considerar as primeiras como sendo a origem das segundas. Todos conhecem o carvão de pedra e o azeviche. O âmbar é uma resina vegetal pura, que as antigas revoluções da terra fizeram aprofundar-se nas entranhas dela mesma. Devemos notar que a analogia da árvore que produziu o âmbar, nos é desconhecida, pode ser mesmo que não exista mais; parece ter grande relação com a árvore que produz a goma copal; que esta árvore deve ser originária dos países meridionais e que viveu outrora num clima totalmente oposto àquele onde se encontra hoje o solo da Pomerània e da Prússia ducal, sob os quais está sepultada.

O betume, mais conhecido antigamente é o asfalto ou betume da Judéia; era tirado do lago Asfaltite ou de Sodoma. Havia dele fontes abundantes nas cercanias de Babilônia. Tinha-se tornado objeto de grande comércio. O Egito principalmente fazia dele o material mais importante para seus embalsamamentos. O petróleo que é um betume fluido e menos grosseiro, encontra-se por toda a parte; a nafta é mais rara; todavia pode ser encontrada em Módena e mais abundantemente ainda na superfície do mar nas vizinhanças do Vesúvio, durante as erupções desse vulcão.

A nafta é um betume ou óleo muito fluido. Pode ser mais ou menos colorido, como alguns que leva a leveza, a brancura e a limpidez do espírito de vinho; assim era a nafta de Babilónia e de Ecbátana, tal é ainda a nafta de que fala Kempfer, como testemunha ocular.

"Há na península do mar Cáspio, que se chama Okesva, diz-nos ele. uma pequena planície rodeada de montanhas, a que chamam em linguagem do país o Campo de fogo "CAMPUS ARDENS"; porque, com efeito, dele saem chamas pelas fendas da terra; esse fogo embora invisível de dia, não se manifesta menos, quando se lhe apresentam matérias leves, tênues e muito combustíveis, como o algodão. Encontramos no mesmo campo, betume negro, que corre em vários lugares, quer do seio da terra, quer dos rochedos; enfim, ele fala de um pequeno lago de água salgada, no qual há muito pouca água. A margem ocidental do lago, havia no seu tempo, dois poços, a pouca distância um do outro, nos quais se ajunta por destilação uma nafta muito branca e muito límpida. ’"Este óleo, acrescenta Kempfer, exala um vapor tão sutil que é suficiente aproximar-se a chama de uma lâmpada para que se infli…

E fora de dúvida que um óleo dessa espécie, já bastante atenuado e volatilizado pelo calor que lhe comunica uma terra incandescente, reduz-se em parte a vapor, desde que venha a ter uma corrente de ar. Pode-se, a este respeito, compará-la ao espírito de vinho, e melhor ainda, ao espírito de terebentina. um pouco aquecido. Como esses líquidos têm sempre uma atmosfera de vapor, esta inflama-se e o fogo comunica-se imediatamente ao líquido; ele se queima então, sobre algum corpo, ao qual adere; assim quando se molha um corpo qualquer no espírito de vinho e dele se aproxima uma chama, o espírito de vinho acende-se e consuma-se no momento. É assim que as crianças fazem com os ratos e os camundongos, quando os apanham; molham-nos em espírito d e terebentina e põem fogo. Quando Plutarco então nos refere que se iluminou em Babilônia a rua pela qual Alexandre devia passar para ir ao palácio, queimando de ambos os lados a nafta, e que num instante o fogo que lhe foi dado comunicou-se de uma ponta à outra, ele diz uma coisa muito simples e muito possível.

Há ainda a brincadeira de mau gosto que Antenófanes fez a Estêvão, na presença de Alexandre: a nafta com a qual esfregou o pagem era certamente muito fluida e volátil; isso se passou num lugar quente, na banheira em que o príncipe se banhava; a simples aproximação de uma chama pôs-lhe fogo e o infeliz jovem ficou queimado e quase sufocado. Uma prova de que a nafta era muito seca e volátil é que puderam apagá-la, o que não se teria podido conseguir se ela tivesse mais consistência e resistência.

Por mais volátil~ leve que seja a nafta, não pode se inflamar senão pela aproximação de outra matéria já inflamada e jamais ao simples contacto do ar, nem pelos raios do sol, por mais quentes que sejam. Até agora só se conhecem o fósforo e os piróforos. que se inflamam ao contacto do ar, mas o tempo, o lugar, o caráter do líquido e as circunstâncias, tudo mostra evidentemente que era a nafta de que Antenófanes se havia servido e não do fósforo, absolutamente, quando mesmo nós o supuséssemos conhecido dos antigos.

Devemos observar que só se encontram petróleo e nafta nas vizinhanças dos terrenos, ou nos terrenos mesmos que se inflamam, ou que outrora foram queimados; em toda a parte onde encontramos a nafta pura. volátil e muito inflamável, pode-se ter certeza de que o fogo está debaixo da t erra de onde ela promana; pois ele perde sua leveza e sua volatilidade com o tempo, pelo frio, envelhecendo. É produzido por incandescência subterrânea e pela combustão do betume e do carvão natural, aos quais a nafta deve sua origem.

Esta observação é do meu ilustre confrade Mr. Darcet.

CAP. LXXVIII. pág. 105. Não seria muito de se admirar que antes de Alexandre tivesse havido escritores menos instruídos a este respeito. Houve depois vários, mesmo entre os mais sábios geógrafos, como Estrabão. Pompònio, Mela e outros. Mas antes de Alexandre, Heródoto tinha dito, 1. I. pág. 96, que esse mar não tinha comunicação com o Oceano. No tempo mesmo de Alexandre, Aristóteles tinha escrito e provado no capítulo primeiro do segundo livro do seu tratado dos meteoros. Foram eles seguidos com razão por Arrieno e Diodoro da Sicília. As observações dos modernos viajantes confirmaram-no.

CAP. LXXXII, pág. 110. Há aqui no texto um erro grave. Amyot não lhe podendo dar remédio, preferiu pular as palavras que ele não entendia. Os sábios editores do Plutarco no lugar dessas palavras én tini króno, sem sentido, acharam num manuscrito én Kortánou, e persuadidos, com Mr. Dacier, de que nada se podia concluir, eles substituíram por én Kortakánois, sem se importar se era assim que se devia escrever o nome dessa cidade, ou ãrtákava ou ártikene. Eles todos tinham esquecido de que falando dessa entrevista de Alexandre com Roxana. Quinto Cúrcio, disse, 1. VIII. que aquilo aconteceu no palácio de um rico sátrapa do país, chamado Cohortano; o que é evidentemente a palavra do manuscrito e a verdadeira palavra que aqui devemos colocar, como o erudito Wesselingue o nota em suas Observações sobre Diodoro da Sicília, 1. XVIII. cap. III, pág. 259.

CAP. LXXXIX, pág. 119. Las que les maeurs de Grece se corrompent. Não se pode compreender a malignidade dessa citação, sem conhecer-se o resto da passagem, que era então conhecida de toda a Grécia, pois as tragédias de Eurípides estavam em todas as bocas: eis aqui o trecho inteiro: "Havia-se estabelecido um muito mau costume na Grécia: quando um exército era vitorioso, por que o chefe recebe a glória, e se esquecem os instrumentos dos seus triunfos? Confundido entre os outros guerreiros, que tem ele mais que os outros, para que dele se fale mais? No entretanto os chefes orgulhosos dão ordens nos conselhos, desprezam seus concidadãos, embora eles mesmos sejam desprezíveis, rodeados por homens superiores em mérito, aos quais só falta querer e ousar". Théâtre des Grecs, Paris, CUSSAC, 1786, t. VI, pág. 472. Andromaque de Euripides, v. 694, e seguintes. C.

CAP. CHI, pág. 136. Ayant ordonné à ceulx qui estoyent à la droitte d’en faire autant de leur costé. Eu corrigi a tradução dessa passagem, segundo a conjetura de Blancard, fundada em Diodoro da Sicília e sobre Arrieno: De Exped. Alex. 1. V. pág. 215, edit. de J. Gronovius.

Segui ainda na passagem seguinte a correção de Moysés Dusoul, que propõe se leia: éoten dé ten makén anamemigménen eínai, a batalha tendo começado de manhã.

CAP. CIV. pág. 137. Et ayant aussi subjugué les peuples Irancs, etc. Toda essa passagem está mutilada; é muito difícil restaurá-la; mas podemos suprir-lhe as deficiências, por meio de Arrieno: leia-se então: "Mas também acrescentou-lhe muito do país, assim como os povos francos e livres das quais havia até quinze nações, que habitavam em trinta e sete cidades, das quais a menor tinha cinco mil habitantes, e várias tinham mais de dez mil, sem um número infinito de aldeias. Ele tomou ainda um país três vezes tão grande, do qual fez sátrapa a um de seus familiares que se chamava Felipe". Veja-se ARRIENO. De Expedit. Alex. 1. V, pág. 221, edit. de Gronovius. C.

CAP. CXI, pág. 148. Há sem dúvida aqui algum erro no texto, e é suficiente estarmos avisado disso, sem ser necessário corrigi-lo, porque não temos subsídios. No fim do Cap. CIX, Plutarco fez Alexandre entrar na Gedrosia, de lá atravessar a Carmânia durante sete dias e ao sair da Carmânia, eis-nos na Gedrosia: esta marcha não é fácil de se conceber.

CAP. CXIII, pág. 151. Isso pode não ser absolutamente contraditório, entre Arrieno*e Quinto Cúrcio. O nome que aí se lê em Arrieno é Orxines e em Quinto Cúrcio Orsinés; era, diz Quinto Cúrcio um sátrapa poderosamente rico e do sangue de Ciro. Quanto à acusação, segundo Quinto Cúrcio, era pura calúnia do eunuco Bagoas, que subornou testemunhas, para se vingar do desprezo que o sátrapa tinha demonstrado por ele. Pode ser que então depois de sua morte se tenha reconhecido Polímaco. do qual se fala aqui. como verdadeiro culpado e que Alexandre o tenha condenado à morte, como diz Plutarco.

CAP. CXXII, pág. 161. Plutarco vai dizer um pouco mala adiante, 28; como é difícil se suspeitar de um erro na última data, é verossímil que aqui se deve ler 28 para se pôr o escritor de acordo com ele mesmo. De resto, há divergência entre os sábios sobre a verdadeira época, não do ano, mas do mês da morte de Alexandre. Padre Pétau que adotou o mês hécatombeon, para salvar-se desta passagem de Plutarco, supõe que o mês daésius variou de posição entre os macedónios, correspondendo, num tempo ao mês de thargélion e noutro, ao mês hécatombeon dos áticos. Padre Corsini fá-lo concorrer de uma maneira fixa, com o mês thargélion, e foi o seu sistema que seguimos na comparação que demos dos meses macedónios com os áticos e romanos.

SOBRE A VIDA DE JÚLIO CÉSAR

CAP. XI. pág. 184. Et les Grecs veulent que ce soit celles des meres de Bacchus que I’on n’oze nommer. É provável que essa mãe de Baco que não se ousa nomear, seja Prosérpina, que tivera Baco, de Júpiter, seu próprio pai; o que me leva a crê-lo, é que, quando os antigos falam dessa deusa, com relação aos mistérios de Eleusina, onde esse nascimento de Baco desempenhava, ao que parece um grande papel, eles não a designam senão pelo nome de koré, a filha, e que os autores que escreveram enquanto a religião grega estava em pleno vigor, evitaram cuidadosamente, falar desse nascimento de Baco: o primeiro autor, com efeito, que fala disso, é Cícero, no seu tratado De natura deorum, 1. III, cap. XXIII. Diodoro da Sicília, disso também diz alguma coisa; 1. III, cap. 64 e 1. IV, cap. IV; mas os que entram em maiores detalhes a este respeito, são os primeiros escritores do cristianismo, como Clemente de Alexandria, em sua exortação aos pagãos; Arnóbio, contra Gentes, 1. IV, pág. 171 e vários outros. Das suas obras depreende-se que Júpiter se transformou em serpente para gozar de sua filha. C.

CAP. XX, pág. 196. Todos os tradutores de Plutarco enganaram-se neste lugar. Mr. Dusoul tem razão em criticar sua interpretação; mas ele teria feito muito melhor ainda dizendo claramente aos seus leitores no que eles se enganaram, o simples soldado de que se trata, é o mesmo Cássio Sceva do qual se tratou algumas linhas acima, mas esta aventura que Plutarco narra em segundo lugar, é anterior, em ordem cronológica; Sceva era centurião no exército de César em Dirráquio. onde ele foi morto, segundo Valério Máximo. Ele era simples soldado na Inglaterra. Veja Val. Máximo 1. III. cap. II.

CAP. XXI. pág. 198. O que Amyot diz aqui das cartas cifradas de César, formadas pela transposição de letras, não está no texto de Plutarco, mas está na verdade da história. Suetônio di-lo expressamente, na Vida de César e nos afirma que essas cartas cifradas consistiam no emprego das mesmas letras do alfabeto, mas de maneira que o D era a primeira e tinha o valor de A e assim por diante todas as demais letras.

CAP. XXX. pág. 208. Tácito entende sob esse nome genérico não somente povos da Germânia, mas ainda habitantes da Sarmácia e da Escandinávia: aqueles de que "aqui se trata são os habitantes do país que hoje se chama a Suábia.

CAP. XL, pág. 223. Não é sem alguma razão que os srs. Bryan e Dusoul atacam aqui o texto de Plutarco e querem introduzir-lhe o nome de Cássio. Mas eu não sei se eles tem razão em pretender tirar o de Cúrio. Desenvolvamos o fato em poucas palavras, a fim de pormos o leitor em condições de julgar.

Primeiramente Cúrio não era mais tribuno nessa ocasião, tinha-o sido no ano precedente, 704 de Roma, sob o consulado de L. Emílio Paulo, e de C. Cláudio Marcelo, durante o qual ele se havia vendido a César, segundo o testemunho de Suetônio e de Dion Cássio. Ao deixar seu tribunado ele fora juntar-se a César, como diz Dion Cássio, no fim do seu quadragésimo livro. Voltou a Roma, diz o mesmo historiador, no começo do quadragésimo-primeiro livro, no mesmo dia em que os cônsules do ano seguinte 705, Marcelo e Lèntulo entraram em função. Apresentou ao Senado as cartas de César, de que se falou no começo deste capítulo de Plutarco. Esta leitura motivou grande altercação e os tribunos Antônio e Cássio, diz César, (é assim sem dúvida que devemos ler em Dion em vez de António e Longino) opuseram-se à deliberação. Mas não podendo resistir à superioridade do partido oposto, que acabou por expulsá-los do Senado, fugiram para junto de César, com Cúrio e Cecílio, continua o mesmo Dion; e foi esse mesmo Cúrio acrescenta ainda Dion, a quem César encarregou de fazer a descrição de todo este assunto diante das tropas reunidas em Rímini. O nome de Cúrio não é pois demais aqui, mas falta o de Cássio, a menos que se suponha que Plutarco se enganou a respeito do ano do tribu nado de Cúrio, o que é muito possível.

CAP. XLVIII, pág. 232. Não foi Amyot que se enganou neste ponto; foi Plutarco, ou melhor algum comentador que pôs essa nota à margem de onde ela passou em seguida para o texto. O mês de janeiro corresponde ao de gamélion. Veja-se a nota anterior, pág. 469.

CAP. LXXVI, pág. 264. O antigo nome do Teverone era Anio e é o que se julga ler neste trecho. Mas o Anio lança-se no Tibre a trás mil passos mais ou menos acima de Roma. O canal de que fala Plutarco, não podia portanto receber o Tibre e o Anio na cidade de Roma. Assim penso eu, com o Mr. Dusoul que é preciso juntar este nome, Anieno, que se toma pelo rio Anio, com

a frase precedente e ler: ele tentou cortar o istmo de Corinto, tendo encarregado Anieno desta empresa e de levar o Tibre por um canal, etc.

Ibid. Se consultarmos Estrabão no livro V, Suetònio, na Vida de César e Celario, pág. 513 e 517, veremos que é Pomencio e Secia que se deve ler nesse trecho de Plutarco. Mas Plutarco não fala de cidade; e eu acho a cidade de Secia mas não encontro a cidade de Pomencio, mas apenas pântanos, chamados pelos romanos Pomptinae Taludes, nesse lugar da campanha romana onde está hoje Terra cina e são os pantanais de que se trata aqui.

SOBRE AS VIDAS DE AGIS E CLEÔMENES

CAP. Ill, pág. 318. Ils ne se donnèrent de garde qu'ils se trouvèrent enveloppez en des a lia ires où Ils ne pouvoyent plus dire ce commun proverbe, etc. Aqui está o texto grego dessa passagem que está muito corrompido e quase ininteligível: élaton apsámenon pragmáton én ois oukét' en tó, epeí mè kalòn, aikròn, éde to pasastai. Reiske corrige: oúkét' én tó probenai kalón, aikròn éde tó paúsastai; que se afasta um pouco demais do texto. Encontramos num manuscrito: én ais ouk én eipéin, tõn oúkéti kalõn aikròn éde to mè paúsastai. Parece-me que é muito mais simples de se ler: én oís oiikét én eípein. mè kalòn oùk aikròn dè tò paúsastai: "eles não se alertaram para não se encontrarem envolvidos em negócios, nos quais já não podiam dizer: Cela n'est pas beau — isso não é belo. mas não há vergonha em se retirar dele". C.

CAP. XI, pág. 328. Parece estranho que o número das pessoas que se reuniam em uma mesma mesa, sendo de quinze mais ou menos, no tempo de Licurgo. como diz Plutarco, na Vida desse legislador e Porfírio, no quarto livro, de abstin, afirme-se aqui em número de duzentos ou quatrocentos e que seja o número das mesas que foi reduzido a quinze. Além disso, lemos no começo do capítulo que o número das sortes ou divisões do território, era de quatro mil e quinhentos. Ora, de qualquer maneira, que combinarmos esses três números 400, 200 e 15 o cálculo será errado, porque se multiplicarmos pelo primeiro, teremos 6.000. e se pelo segundo, 3.000. É pois claro que há aqui uma alteração no texto de Plutarco. Talvez Plutarco tenha escrito: départis en trois cents tables qui seroient de quinze convives chacune, — repartidos em trezentas mesas de quinze convivas cada uma.

CAP. XXI, pág. 343. A Ceada não era uma prisão, mas um precipício onde se lançavam os criminosos, condenados à pena capital. É evidente, pelo que Pausânias conta, da maneira pela qual Aristòmenes escapou e pelo que ele diz, que quando o atiraram, uma águia, voando por cima dele, sustentou-o na queda e impediu que se ferisse, ao cair, o que prova que era um lugar todo aberto por cima. Veja Pausânias, Messéniaques, cap. XVIII, pág. 524. Estrabão, livro VIII, pág. 564. C.

CAP. XLIII. pág. 371. É bem evidente que o nome de Tricca, cidade da Tessália, não pode estar aqui. Mr. Dusoul engana-se, substituindo-o pelo de Triteu, cidade situada entre a Fócida e a Lóerida Ozoliana. Heródoto, Estrabão, Pausânias, Estêvão de Bizâncio teriam podido fazê-lo lembrar-se de uma outra cidade da Acaia, chamada Tritéa, segundo Dyme. Ela era, diz Pausânias. Eliac. II, pág. 481, do número das cidades pouco importantes, que tinham sido reunidas para formar a cidade de Megalópolis. Ele acrescenta, não se encontrará outra cidade com o nome de Tritéa, a não ser esta da Acaia. É portanto desta que se trata certamente neste passo de Plutarco. Os habitantes dela chamavam-se triteanos e os de Triteu, triteenses, segundo Estêvão.

CAP. LXVI, pág. 399. Sonner d’un tambourin parmy son palais pour assembler le monde et faire du basteleur et triacleur. Esta passagem foi mal traduzida por todas, por não terem prestado bem atenção ao significado da palavra ageírein, que quer dizer esmolar, como o faziam os religiosos mendicantes. Veja-se Ruhnkenius, em sua nota sobre o Léxico de Timeu, pág. 9 e 10. Esmolava-se em honra de várias divindades, mas parece que era na Frigia e em honra de Cibele ou mãe dos deuses, que este costume tinha-se originado por primeiro. Os padres consagrados ao seu culto, conhecidos pelo nome de Galli eram os mais célebres mendigos da antiguidade; eles percorriam os vários países com uma imagem da deusa em baixo-relevo, sobre o peito, um tamborim na mão e esmolavam. Como em geral eram muito mais indivíduos, a palavra agurtes ou metregúrtes, esmoler ou esmoler da mãe dos deuses.

tomava-se para se designar os charlatães de todas as espécies. Pode-se ver a descrição de sua maneira de viver em Apuleio, Ane d’or, 1. VIII. pág. 578 e seg., edit. de Oudendorp. Eis como se deve traduzir este trecho: pois o jovem rei estava tão perdido de amor pelas mulheres e pelo vinho, que quando ele era o mais sóbrio, estava em seu juízo perfeito, as maiores das ocupações às quais se entregava, era celebrar os mistérios e esmolar no seu palácio, com um tamborim na mão. C.

SOBRE AS VIDAS DE TIBÉRIO E CAIO GRACO

CAP. XLI, pág. 462. Apiano, no seu primeiro livro das guerras civis, diz que Graco foi ajudado pelo prestígio de Fúlvio Flaco. Mas não é essa a única diferença que encontramos neste trecho da divergência entre Plutarco e Apiano; e não é, o que me parece o mais difícil: ei-la: se o primeiro tribunado de Graco concorreu com o de Metelo e seu segundo tribunado com o de Fânio, como era ainda ele tribuno, quando foi morto por Opímio. cônsul do ano seguinte? As diferenças de época para a nomeação dos cônsules e dos tribunos e para sua entrada em exercício, podem ser suficientes para se resolver esta dificuldade, de uma maneira que concorde com o trecho de Plutarco? Confesso francamente que não sei.

SOBRE A COMPARAÇÃO DE AGIS E CLEÔMENES COM TIBÉRIO E CAIO GRACO

CAP. VIII. pág. 485. Et quant aux objections que l’on fait à Tiberius, la plus griefve est d’avoir fait priver un sien compagnon du tribunat, et que luy mesme en poursuivit un second. Há no texto, ó ti tén sunárxonta tês demarkias ecsébale kai deutéran autos tõ Gais demarkian metee. Amyot pôs auto em lugar de tó Gais; mas eu creio que é preferível adotar a correção de Reiske, que propõe se leia kaí Gaiou óti deutéran autos auto demarkian méteei. "Quanto às censuras que se lhe fazem, a maior das que se fizeram a Tibério, foi de ter feito privar do tribunado um seu companheiro ; para Caio censuram-no de se ter feito decretar a ele mesmo um segundo tribunado". Isso se refere à maneira como Caio Graco, sendo tribuno se fez nomear tribuno para o ano seguinte. Veja Appien, des Guerres civiles, livro I, cap. XXI.

Volu me VIII

Demóstenes

(Nascido no ano de 385 e morto no ano 322 antes de J. C.)

Demóstenes, o pai do nosso Demóstenes, pertencia, como diz Teopompo, à classe d os mais distintos cidadãos de Atenas. Apelidaram-no de Espadeiro, porque possuía uma vasta oficina em que seus escravos forjavam espadas. Quanto à opinião do orador Esquino, segundo a qual a mãe de Demóstenes seria filha de um certo Gilon, banido de Atenas por crime de traição, e de uma mulher bárbara, eu não posso dizer se é a expressão da verdade ou se se trata de mentira caluniosa. Demóstenes, com a idade de sete anos, perdeu seu pai, de quem herdou bens consideráveis. Estimava-se seu patrimônio na quantia de 15 talentos mais ou menos. Em razão da desonestidade dos seus tutores, arruinou-se bem cedo. Roubaram-lhe uma parte dos seus haveres e foi tal a negligência posta na administração da sua fortuna, que chegaram a suspender o pagamento dos seus mestres. Privado assim da educação digna de uma criança de boa família, quase não se pôde formar nas artes e nas ciências. Além do mais, a fraqueza e a delicadeza da sua compleição física não permitiam que sua mãe o encaminhasse no trabalho nem que os seus professores o forçassem nesse caminho. Com efeito, Demóstenes era, na sua infância, magro e valetudinário. Por causa desse estado enfermiço, dizia-se, é que seus colegas de estudo lhe puseram os rivais que combatia do alto da tribuna. Entretanto, a primeira vez que falou diante do povo, produziu-se tal ruído que ele mal pôde se fazer ouvir: mofavam da singularidade do seu estilo, ainda um pouco confuso, por causa da extensão dos períodos e da excessiva sobrecarga de entimemas. Além disso, tinha voz fraca, a pronuncia penosa e a respiração tão difícil, que a necessidade de interromper os períodos para tomar fôlego tornava quase impossível a apreensão do seu pensamento.

Acabou por renunciar às assembleias do povo. Um dia, porém, em que passeava pelo Pireu, triste e descoroçoado, Enomus de Triasieno, que era então muito velho, vendo-o em tal estado, dirigiu-lhe vivas admoestações:

— Como! — disse-lhe ele. — Com essa eloquência que lembra a de Péricles, tu te abandonas assim, tu próprio, por mo leza e por timidez? E te resignas, por falta de coragem para afrontar a população e de força para enfrentar as lutas, a definhar ocioso e inútil!

De outra feita, segundo narram, Demóstenes, havendo fracassado mais uma vez, recolhia-se à casa de cabeça embuçada e vivamente acabrunhado pela sua falta de sorte. O ator Sátiro, seu amigo, seguia-lhe os passos e entrou com ele em sua habitação. Demóstenes começou a lamentar-se:

— Eu sou, dentre todos os oradores, o que mais se esforça. Esgotei quase todas as minhas forças para me formar em eloquência e, entretanto, não agrado ao povo! Marinheiros crapulosos e ignorantes são ouvidos e ocupam a tribuna, ao passo que a mim o povo me rejeita com desprezo!

— É verdade, — respondeu Sátiro. — Mas, eu encontrarei logo remédio para a causa deste desprezo, se tu quiseres me recitar de memória algum trecho de Eurípides ou Sófocles.

Demóstenes satisfazê-lo imediatamente. Sátiro repetiu, depois dele, os mesmos versos e os pronunciou tão bem e num tom que correspondia tanto ao estado, e à disposição da personagem, que o próprio Demostenes achou-os completamente diferentes. Convencido, então, da beleza e da graça que a declamação empresta ao discurso, sentiu que o talento da composição é pouco ou quase nada se nos descuidamos da pronúncia e da ação conveniente ao assunto. Demostenes mandou, depois disso, construir um gabinete subterrâneo que existia ainda no meu tempo, no qual ele se encerrava todos os dias, a fim de exercitar-se na declamação e formar sua voz. Assim passou durante dois ou três meses seguidos, tendo mandado raspar a cabeça pela metade pois desta maneira não podia sair à rua, impedido que estava pela vergonha de aparecer em público. Além disso, todas as visitas que ele recebia ou que retribuía, todas as palestras, todos os negócios de que tratava, serviam-lhe como motivos e ocasiões para exercitar o seu talento oratório. Ao ver-se livre, descia ao seu gabinete subterrâneo e lá repassava de memória todos os fatos de que lhe haviam falado c as razões alegadas por ambas as partes. Quando ouvia qualq uer discurso público, decorava-o e ordenava os pensamentos e os períodos. Aplicava-se em corrigir, em explicar não somente o que os outros lhe tinham dito, mas ainda o que ele próprio havia dito aos outros. Daí a reputação de que concebia muito lentamente e de que o seu talento e eloquência não eram mais do que produtos do trabalho. E o que parecia prova manifesta disso era que ninguém ouvira Demostenes falar sem prévio preparo: muitas vezes mesmo, estando sentado na assembleia e sendo chamado nominalmente pelo povo, recusava-se a usar da palavra, porque não tinha meditado e preparado de antemão o que haveria de dizer. Por isso, a maior parte dos demagogos troçavam com ele. Pitéias disse-lhe um dia, por pilhéria, que os seus raciocínios cheiravam muito a lamparina.

— Pitéias, — respondeu Demóstenes com amargor, — tua lâmpada e a minha nos alumiam para coisas bem diferentes.

Não negava a ninguém, antes confessava que nem sempre pronunciava seus discursos tais quais haviam sido escritos, e que não falava nunca sem primeiro haver composto o discurso. Era mesmo, segundo a sua opinião, o dever de um orador popular preparar a sua oração: este cuidado prova o desejo de agradar o povo, pois desprezar a opinião das multidões sobre os discursos pronunciados na sua frente é para os partidários da oligarquia e não para um homem que conta mais com a persuasão do que com a força. Oferece-se ainda, como prova da sua timidez para falar sem prévio preparo, o fato de que varias vezes, quando ele estava perturbado pelo ruído da assistência, Demades se levantou para apoiar as suas razões, o que Demóstenes jamais fizera por Demades. Dirá alguém: como é que Esquino proclama maravilhosa, entre todas, a audácia revelada por Demóstenes nos seus discursos? E como foi Demóstenes o único que se ergueu para refutar Piton de Bizâncio, que, como uma torrente transbordante, se enfureceu contra os atenienses? Há mais: Lamacus de Mirina, tendo feito um panegírico dos reis Filipe e Alexandre, no qual dizia muito mal dos tebanos e dos olintianos, e que foi lido nos Jogos Olímpicos, Demóstenes se levantou após ele e, juntando às palavras fatos e raciocínios cheios de força, trouxe à baila os importantes serviços que os tebanos e os calcídicos haviam prestado à Grécia e, ao contrário, todos os males que lhe haviam causado os aduladores dos macedônios. Influiu de tal maneira no ânimo do auditório que o sofista, apavorado com o tumulto que se formava entre o povo, foi esconder-se longe da assembleia.

Pode-se responder que Demóstenes, tomando Péricles como modelo, descurou os outros aspectos deste orador e que se inclinou a imitar principalmente seus gestos, seu modo de declamar, seu cuidado de não falar de improviso nem sobre qualquer assunto, nem sem preparo prévio. Persuadido de que era a estas qualidades que Péricles devia a sua glória, Demóstenes fez delas o objeto da sua rivalidade, sem por isso se furtar às ocasiões em que poderia distinguir-se pelos discursos que pronunciasse de improviso. Pelo menos, não quis colocar amiúde o sucesso do seu talento nas mãos da Fortuna. A verdade é que os discursos

que pronunciou sem preparo possuíam mais vigor e mais arrojo do que os escritos, a dar credito às afirmações de Eratóstenes, de Demétrio de Falero e dos poetas cômicos. Com efeito, Eratóstenes assegurou que, por mais de uma vez, no meio dos seus discursos, ele ficava como que transportado de cólera. Segundo Demétrio de Falero, certa vez, quando falava diante do povo, ele pronunciou, tomado de uma espécie de entusiasmo, este juramento que tem a dimensão de um verso:

Eu juro peta terra e as fontes, rios e águas...

Um poeta cômico lhe chamou Ropoperperetra. Outro, troçando do seu gosto pela antítese, assim se exprime:

Assim como a tomou, tornou ele a tomá-la: Sua mania foi usar dessa expressão.

Talvez Antífanes quisesse assim aludir à passagem do discurso sobre o Halonesco, em que Demóstenes aconselhava aos atenienses que não tomassem esta ilha do poder de Filipe, mas que a retomassem.

Todavia, concorda-se geralmente em que Demades, entregue ao seu gênio, possuía uma força irresistível e que seus discursos improvisados eram muito superiores às arengas de Demóstenes, meditadas e escritas cuidadosamente. Ariston de Quios evoca, também, um julgamento de Teofrastes sobre os dois oradores. Perguntava-se-lhe o que pensava a respeito de Demóstenes.

— É digno da sua cidade, respondeu Teofrasto.

— E Demades?

— Está acima da sua cidade.

Conta ainda o mesmo filósofo que Polieutes de Sfeta, um dos homens que administravam então os negócios de Atenas, reconhecia em Demóstenes um grande orador, mas que Focion lhe parecia mais eloquente, porque concentrava mui tas ideias em poucas palavras. Narra-se que o próprio Demóstenes, todas as vezes que via Focion levantar-se para falar contra ele, dizia aos seus amigos:

— Eis aí o machado dos meus discursos.

Contudo, não se sabe se era à eloquência de Focion ou à sua reputação de sábio que Demóstenes queria aludir. Talvez acreditasse que uma só palavra, um único gesto de um homem que por sua virtude mereceu a confiança pública, produzem mais efeito do que o acumulo de longos períodos.

Eis aqui os remédios que Demóstenes aplicava aos seus defeitos físicos: é Demétrio de Falero quem nos fornece estes detalhes que ele afirma ter recolhido da boca do próprio Demóstenes, já então entrado na velhice. Ele conseguiu triunfar da sua má pronúncia e da sua gagueira, enchendo a boca de pequenos seixos e pronunciando em seguida trechos de poesias. Fortaleceu sua voz, subindo, a correr, lugares elevados, e ao mesmo tempo recitando, sem respirar, trechos em prosa ou em verso. Havia, em sua casa, uma grande espelho diante do qual ele declamava, de pé, os discursos que havia composto. Um homem — conforme contam — foi procurá-lo para o encarregar de uma causa e explicou-lhe que o haviam espancado.

— Meu amigo, — disse-lhe Demóstenes, — o que me relatas não é possível.

O homem então, levantou a voz:

— Como, Demóstenes! Eu não apanhei?

— Oh! agora eu reconheço a voz de um homem que foi maltratado e que apanhou, — respondeu Demóstenes, tão persuadido estava de que o tom e o gesto contribuem poderosamente para infundir confiança naquilo que se diz!

— Sua maneira de declamar agradava singularmente ao povo. Pessoas, porém, de gosto delicado entre as quais se contava Demétrio de Falero, achavam que aos seus gestos faltava nobreza, elevação e força. Esion a quem se pediu opinião sobre os antigos oradores e sobre os do seu tempo, respondeu assim a Hermipus:

— Quando os ouvíamos falar ao povo com tanta linha e dignidade, não se podia senão admirar os de outrora. Quando lemos, porém, os discursos de Demóstenes, neles encontramos mais força e mais arte.

Não há, decerto, necessidade de fazer ressaltar tudo o que os seus discursos escritos encerram de vigor e de força; mas, nos combates fortuitos, ele sabia também empregar a graça.

— Demóstenes pretende ensinar-me novamente, — dizia certa vez Demades. — É a porca querendo dar instrução a Minerva.

— Sim, — redarguia Demóstenes. — Esta Minerva, porém, ainda outro dia, foi surpreendida em adultério, em Coute.

Certa ocasião, um ladrão chamado Cálcus, ridicularizou as suas vigílias e os seus trabalhos noturnos.

— Bem vejo, — disse-lhe Demóstenes, — que não gostas de ver a minha lâmpada acesa. Mas vós, atenienses, não vos admireis dos roubos que se cometem: nós temos ladrões de bronze e paredes de barro.

Eu poderia citar outros fatos desse gênero. Limito-me, porém, a esses somente. Vale mais a pena examinar, agora, o seu caráter e os seus costumes, de acordo com as ações que nortearam a sua conduta política.

Foi na época da guerra fócica que Demóstenes começou a tomar parte nos negócios públicos. E' ele próprio quem o atesta e é também o que se pode inferir dos seus discursos contra Filipe: os últimos foram pronunciados após a ruína dos focíenses e os primeiros aludem a vários fatos ocorridos nos últimos tempos da guerra. Sabe-se com certeza que ele advogou contra Mídias com a idade de 32 anos, quando não possuía ainda nem fama nem reputação de homem de Estado. Acredito que fosse mesmo em virtude desta consideração que ele sacrificou, por dinheiro, a sua mágoa contra Mídias.

Pois não era homem terno e fácil de acalmar-se.

Pelo contrário, era rude, violento e vingativo. Mas, sentia-se débil demais para vencer um homem rico a quem suas riquezas, sua eloquência e seus amigos formavam uma muralha inexpugnável. Por isso, decidiu-se a ceder às solicitações dos amigos de Mídias. Com efeito, a soma de três mil dracmas, ao que me parece, não seria suficiente para acalmar a cólera de Demóstenes, se ele visse a possibilidade de triunfar sobre seu adversário.

Assinalou de maneira brilhante a sua estreia na carreira política, sustentando contra Filipe a liberdade da Grécia: defendeu-a corajosamente. Em pouco tempo, conquistou glorioso renome e colocou-se, pela eloquência e ousadia da linguagem, na primeira fileira dos oradores. Era admirado em toda a Grécia: o grande rei lhe foi dar testemunho da sua estima. O próprio Filipe tinha Demóstenes na mais alta conta, entre todos os outros oradores. Mesmo os seus inimigos eram obrigados a confessar que tinham nele um adversário temível. São declarações

de Esquino e Hipérides, quando exerceram o papel de seus acusadores.

Não sei por que Teopompo assevera que Demóstenes possuía um caráter inconstante e que não se dedicava por muito tempo às mesmas coisas e aos mesmos homens. Pelo contrário, é certo que Demóstenes ia até ao fim nas causas que abraçava e, longe de mudar de princípios no curso da sua vida, sacrificou sua própria existência em nome dos princípios. Demades, para justificar sua inconstância política, afirmava que, por mais de uma vez, sem dúvida, se viu obrigado a desmentir-se a si próprio com suas próprias palavras, mas que jamais havia dito nada que pudesse ir de encontro ao bem do Estado: Demóstenes não se submeteu, em absoluto, a essas desculpas. Melanopo, rival político de Calistrates, deixava-se muitas vezes subornar pelo adversário e, em certas ocasiões, não deixava de dizer ao povo:

— Sem dúvida, Calistrates é meu inimigo, mas é preciso que o interesse público vença.

Nicodemo de Messênia, que seguira primeiramente o partido de Cassandro e que em seguida se ligara ao de Demétrio, pretendia, entregando-se ao destino, ficar fiel às suas primeiras ideias:

— Acreditei sempre que é útil a gente se submeter aos mais fortes.

A respeito de Demóstenes, não se pode falar desta maneira. Jamais o vimos tergiversar nem quanto às palavras, nem quanto aos atos: marchou constantemente na mesma linha, sem se afastar um passo sequer do plano de conduta que se traçara.

O filósofo Panécio assegura que a maior parte dos discursos de Demóstenes são fundados no princípio de que o belo merece, por si só, nossa preferência: assim são a Oração da Coroa, os discursos Contra Aristocrates, as Imunidades e, finalmente, as Filipicas. Em todos esses discursos, não é em absoluto o mais doce, o mais fácil e o mais útil que ele diz aos seus cidadãos: em várias ocasiões, ensina que o que interessa a segurança e a salvação pública deve ser colocado depois da beleza e da honestidade. Sim, à nobre ambição que o guiava nos seus cometimentos ele ajuntava a grandeza de alma que iluminava seus discursos. Por isso, merecia ser colocado, não entre os grandes oradores do seu tempo, com Merodes, Polieutes e Hipérides, mas em nível superior, com Cimon, Tucídides e Péricles. Efetivamente, entre os seus contemporâneos, Focion, chefe de um partido de pouco prestígio, que parecia favorecer os macedônios, não deixou, contudo, de ser colocado, pelo seu valor e pela justiça que sabia fazer, ao lado de Efialto, de Aristides e de Cimon. Demostenes, ao contrário, que, corno dizia Demétrio, pagava péssimo tributo às armas e não era completamente inacessível ao engodo dos presentes; Demóstenes, que, embora se mostrasse inacessível ao ouro de Filipe e da Macedônia, abriu sua porta aos emissários da alta Ásia, de Suza e de Ecbatana, emporcalhando-se com o aceitar as suas propostas; Demóstenes, repito, era muito dado ao elogio, mas não a imitar as virtudes dos seus ancestrais.

Entretanto, pela sua conduta, colocou-se sempre acima dos oradores do seu tempo, com exceção de Focion. É preciso notar que a sua linguagem, quando ele se dirigia ao povo, era cheia de franqueza: criticava asperamente as paixões e os desvios da multidão, como se pode

deduzir da leitura dos seus discursos. Segundo o depoimento de Teopompo, tendo os atenienses querido obrigá-lo a acusar certa pessoa, recusou-se. E como o povo testemunhasse o seu descontentamento por meio de gritos, assim falou:

— Atenienses, eu vos darei sempre meus conselhos, mesmo quando não o queirais. Jamais, porém, exercerei o papel de delator, embora o queirais.

Sua maneira de agir a respeito de Antifon diz muito bem das suas relações com o partido da aristocracia! Antifon havia sido absolvido pela assembleia do povo num processo de grande importância. Demóstenes tomou a acusação, levou Antifon à presença do Areópago e, não levando em conta o desagrado ao povo, convenceu este de que ele havia prometido a Filipe incendiar os arsenais de Atenas. Os senadores condenaram Antifon à morte. Acusou, da mesma forma, a sacerdotisa Teóris, imputando-lhe vários delitos, entre os quais o de ensinar os escravos a enganar seus senhores. Teóris, em vista das conclusões do orador, foi condenada à pena capital.

Empresta-se a Demóstenes a autoria do discurso que Apolodoro pronunciou contra o general Timóteo e em virtude do qual foi obrigado a restituir ao Tesouro Público somas con sideráveis. Atribuem-se ainda a Demóstenes os discursos de Apolodoro contra Formion e contra Stefanus: o que foi justamente reprovado, pois Formion defendeu-se, contra Apolodoro, com um discurso de Demóstenes, que, naturalmente, havia escrito para ambos os adversários, como se tivesse vendido a dois inimigos, para se baterem, duas espadas forjadas na mesma oficina.

Dos seus discursos públicos, os que são contra Androcion, Timocrates e Aristocrates, foram compostos para outros oradores, porque neles não havia ainda abordado os negócios da República. Com efeito, parece que essas orações foram escritas quando contava 27 ou 28 anos. Ele próprio, porém, pronunciou o discurso Contra Aristogiton e o das Imunidades, que compôs, como ele mesmo o afirma, em favor de Ctesipus, filho de Cabrias. Conta-se que Demóstenes queria casar-se com a mãe daquele jovem. Este casamento, entretanto, não se realizou. Ele desposou uma mulher de Samos, a acreditar-se no relato de Demétrio de Magnésia, no seu tratado sobre os Sinônimos. Não se sabe com certeza se a oração contra Esquino — Sobre a falsa Embaixada — foi realmente pronunciada: todavia, Idomeneu assegura que Esquino foi absolvido nessa ocasião pela maioria de trinta votos. A julgar, porém, pelo discurso dos dois oradores Sobre a Coroa, não parece que o fato seja autêntico: eles não contam, nem um nem outro, de maneira clara e formal, como este processo tenha sido conduzido até o julgamento definitivo. Quanto ao resto, é uma questão de que outros tratarão melhor do que eu.

A paz durava ainda, quando Demóstenes fez conhecer os princípios que norteariam a sua conduta política. Nada deixava passar sem um controle severo de quanto fazia o macedônio: a qualquer dos seus atos, Demóstenes dava o alarma entre os atenienses e levantava as consciências contra o rei. Assim, Filipe tinha a pessoa de Demóstenes em conta especial. Quando Demóstenes foi (era o décimo) como embaixador à Macedônia, o rei, depois de ter ouvido todos os outros, só dispensou cuidados ao discurso dele. Entretanto, nas honras e obséquios, não se portou da mesma forma para com Demóstenes: Esquino e Filocrates foram os mais bem acolhidos. Quando, porém, estes dois oradores se puseram a louvar Filipe pela sua eloquência, pela sua beleza, pelo talento que empregava no beber, Demóstenes, magoado por haver sido desprezado, não pôde conter-se:

— Essas qualidades, — disse ele, — são as de um sofista, de uma mulher e de uma esponja:

em tudo isso não há nada próprio para o elogio de um rei.

Cedo os negócios públicos caminharam para a guerra: de um lado pela inquietude de Filipe, que não podia viver tranquilo; de outro, pela impaciência dos atenienses, que Demóstenes não cessava de incitar. O primeiro conselho que deu o orador foi o de ir-se em socorro da Eubéia, posta sob o jugo de Filipe pelos seus tiranos. Os atenienses, após o decreto baixado por Demóstenes, passaram à ilha e dela expulsaram os macedônios. Demóstenes foi em seguida em socorro dos corintianos e dos bizantinos, que estavam em guerra com Filipe: persuadiu os cidadãos a sacrificar seu ressentimento, a esquecer os motivos de queixa que lhes haviam dado estes dois povos na guerra dos aliados; e os atenienses lhes enviaram tropas, que os libertaram de Filipe. Ele foi, em embaixada, a diversos povos da Grécia e os animou tão bem com seus discursos que todos, com exceção de um pequeno numero, se levantaram contra o rei da Macedônia. Pôs-se em pé de guerra um exército de 15 mil homens de infantaria e 2 mil de cavalaria, sem contar as milícias urbanas. Foram conseguidos fundos necessários para o sustento e soldo dos estrangeiros. Foi então que — conta Teofrasto — os aliados, tendo proposto que se fixasse a quota da contribuição de cada povo, Crobilus, o demagogo, respondeu:

— A guerra não se nutre de rações certas.

Assim, pois, estava a Grécia toda sublevada e atenta aos acontecimentos. Os povos e as cidades de Eubéia, Acaia, Corínto, Megara, Leucade e Corciro formaram uma liga contra o inimigo comum. Ficava, porém, a Demóstenes a tarefa mais importante: atrair os tebanos à confederação. Os tebanos, habitantes de uma região limítrofe da Ática, possuíam tropas aguerridas e eram, então, dentre todos os povos da Grécia, o mais afamado nas armas.

Não era fácil conquistar os tebanos, ligados e quase submetidos a Filipe, pelos serviços ainda recentes que o rei lhes havia prestado na guerra fócica. Sobretudo, porque a vizinhança de Atenas e de Tebas oferecia às duas cidades ocasião sempre pronta para renovar a guerra uma contra a outra.

Seja como for, Filipe, ensoberbecido com o sucesso conseguido perto de Anfissa, atirou-se bruscamente contra a Eubéia e apossou-se da Fócida. Os atenienses se assustaram. Ninguém ousava subir à tribuna. A incerteza e o silêncio reinavam na assembleia. Demóstenes se levantou e aconselhou o povo a pedir com insistência o apoio dos tebanos. Encorajou os atenienses com seus discursos e, segundo seu costume, os encheu de esperanças. Foi ele próprio, com alguns outros, em embaixada a Tebas. Filipe, ao que assevera Márs ias, mandou da sua parte Amintas e Clearco, macedônios, e, com eles, Daoco o tessalíano e Trasidéus, para responder às alegações dos embaixadores atenienses. Os tebanos não dissimulavam o que lhes par ecia mais útil: tinham sempre sob os olhos os males que lhes havia causado a guerra fócica e cujas feridas ainda estavam sangrando. A veemência, porém, do orador reanimou, como evidencia Teopompo, o fogo nos corações, inflamou as ambições e escureceu todo o resto: esqueceram todo o medo, toda a prudência e se deixaram arrastar pelo entusiasmo, pela eloquência de Demóstenes, pelo partido mais honesto.

Este êxito do orador apareceu tão grande, tão brilhante que Filipe se apressou a enviar embaixadores para pedir a paz, pois a Grécia toda se levantou como um só homem na

expectativa do futuro. Não apenas os generais atenienses se conformaram com as ordens de Demóstenes, mas ainda os próprios Beotarcas. Demóstenes estava em Tebas e não menos em Atenas, como alma de todas as assembleias. Era igualmente querido e igualmente poderoso tanto entre um como entre outro povo. E, como assinala Teopompo, não era sem um justo motivo, nem por um simples capricho, pois tinha direito a esse amor. Uma divindade fatal, porém, havia marcado, ao que parece, para essa época o termo da liberdade da Grécia. Fez abortar empresas tão bem organizadas e anunciou, por meio de vários sinais, os acontecimentos que deviam seguir-se. Assim, a Pítia revelava vaticínios terríficos; cantava-se uma antiga profecia, tirada das coleções sibilinas:

Possa eu estar distante do combate

Que irá travar-se às margens do Termodon!

E, como as águias entre as nuvens, possa

Contemplar o espetáculo de cima!

Chora o vencido e o vencedor perece!

O Termodon, dizem, é um pequeno regato do nosso território de Queronéia, que se vai lançar no Cefiso. Hoje, porém, não conhecemos nenhum curso d'água que tenha tal nome. Todavia, conjeturamos que o que se chama atualmente Hemon se chamasse outrora Termodon: ele corre ao longo do templo de Hércules, ao pé do qual os gregos haviam estabelecido o seu acampamento. É verossímil que a quantidade de sangue e de cadáveres que enchia o campo de batalha desse lugar a essa troca de nomes. Duris, entretanto, pretende que o Termodon não seja um riacho. Soldados que, segundo ele, cruzavam a terra para levantar a sua tenda, acharam uma estátua de mármore, na qual estava gravada esta inscrição: Termodon carregando nos braços uma amazona ferida. Cita, a esse respeito, outro oráculo assim concebido:

Aguarda, ó ave de negra plumagem, o combate do Termodon! Lá, cadáveres humanos te fornecerão abundante repasto!

Sobre esse ponto, porém é difícil encontrar a verdade.

Demóstenes, cheio de confiança nas armas gregas, e singularmente entusiasmado pela força e pelo ardor das numerosas tropas que não desejavam outra coisa senão marchar contra os inimigos, não queria, afirma-se, que se atendesse aos oráculos, que se ouvissem as profecias: suspeitava que a própria Pítia filipizasse, e lembrava aos tebanos que Êpaminondas, e aos atenienses que Péricles, persuadidos de que tais coisas não passavam de simples conselhos para covardes, seguiam somente as luzes da razão, Demóstenes, até aqui, se comportou como homem de coragem. No campo de batalha, porém, nada fez de honroso, nada que correspondesse à energia dos seus discursos: abandonou vergonhosamente seu posto e arremessou para longe as suas armas, sem se envergonhar, diz Pitéias, de desmentir a legenda gravada no seu escudo: À boa fortuna.

Filipe, no excesso da alegria que lhe causou a vitória, esqueceu todos os preceitos da decência: foi, bêbedo de vinho, insultar os mortos que jaziam na planície. E se pôs a cantar, medindo as sílabas métricas, as primeiras palavras do decreto que Demóstenes redigira:

Demóstenes, filho de Demóstenes, Ateniense, escreveu...

Quando, porém, saiu da bebedeira e pôde refletir sobre a luta terrível em que ele próprio se havia empenhado, tremeu de horror ao pensar que a eloquência e a fama desse orador o abrigavam a arriscar, num só combate e durante algumas horas apenas, o seu reino e a sua vida.

O renome de Demóstenes correu até ao rei da Pérsia, o qual mandou aos seus sátrapas somas consideráveis com ordem de lhas dar e de tratá-lo com mais distinção do que todos os outros gregos, pois o julgava o único homem capaz de embargar os passos do macedônio e conter Filipe com a provocação de insurreições na Grécia. Essa manobra foi descoberta mais tarde por Alexandre, que encontrou em Sardes cartas de Demóstenes e as contas dos generais do rei, nas quais estavam assentadas as somas pagas ao orador. O desastre sofrido pela Grécia em Queronéia reacendeu nova audácia nos oradores inimigos de Demóstenes: levantaram-se com energia contra ele e o fizeram comparecer perante a justiça, a fim de prestar contas da sua conduta. O povo, porém, não satisfeito em absolvê-lo, conferiu-lhe novas honras: confiou-lhe outra vez os negócios do Estado, como o orador mais escrupuloso no trato do bem público. E foi ainda encarregado de pronunciar o elogio fúnebre dos soldados mortos em Queronéia, cujos ossos haviam sido transportados para Atenas para aí receberem as honras da sepultura. Essa escolha prova que o povo não se julgava nem abatido nem desonrado com a sua desgraça, como pretende Teopompo nas suas lamentações trágicas: as distinções e as honras prodigalizadas aos que aconselhavam a guerra mostraram, ao contrário, que o povo não se arrependera de seguir as suas opiniões.

Demóstenes pronunciou, pois, a oração fúnebre. Mas, daí por diante, não mais apôs seu nome aos decretos que propunha: servia-se sucessivamente do nome de cada um dos seus amigos, a fim de conjurar sua má sorte, até ao momento em que a morte de Filipe lhe fez retomar a confiança em si próprio. Com efeito, Filipe não sobreviveu, por muito tempo, à vitoria da Queronéia. Era isso, ao que parece, o que profetizava o oráculo neste verso:

Chora o vencido, o vencedor perece.

Demóstenes foi informado secretamente da morte do rei da Macedônia: e, para bem predispor os atenienses em relação ao seu futuro, compareceu ao Conselho de cara alegre, dizendo ter tido na noite anterior um sonho que pressagiava aos atenienses uma grande felicidade. Pouco tempo depois, os correios trouxeram a notícia da morte de Filipe. Os atenienses realizaram, prontamente, sacrifícios para agradecer aos deuses a feliz notícia e outorgaram uma coroa a Pausânias. Demóstenes apareceu em público coroado de flores e magnificamente vestido, embora fosse o sétimo dia da morte de sua filha. Esquino, que recordou o fato, endereçou-lhe nessa ocasião vivas censuras, acusando-o de desamor aos filhos. Esquino deu com isso provas de covardia e frouxidão, considerando os gemidos e as lamentações como sinais de uma alma doce e terna e reprovando a coragem que faz suportar com constância e resignação as calamidades domésticas.

Quanto a mim, não aprovaria que os atenienses se coroassem de flores e houvessem feito sacrifícios pela morte de um rei que, longe de abusar da vitória, os tratava, na sua desgraça, com tanta doçura e humanidade. Além de se exporem à vingança celeste, havia pouca nobreza na sua conduta: haviam honrado Filipe em vida e lhe haviam concedido o título de cidadão de Atenas. E, após ter sido abatido pelos golpes de um assassino, não podem conter sua alegria:

calcam aos pés seu cadáver e cantam sobre seu túmulo hinos de triunfo, como se esta morte fosse obra da sua bravura. Ao mesmo tempo, entretanto, louvo Demóstenes, que deixa às mulheres as lágrimas, os gemidos das suas desgraças pessoais, e não se ocupa senão com o que acredita útil à sua Pátria. É, a meu ver, indício de uma alma generosa e digna de governar, o manter-se ligado invariavelmente ao bem público, submeter seus pesares e negócios caseiros aos interesses do Estado, e conservar a dignidade de caráter que se possui, com mais cuidado ainda do que o fazem os comediantes que representam papéis de reis e de tiranos: de fato, não os vemos chorar ou rir, no teatro, por causa de suas mágoas particulares, mas tendo em vista a exigência das situações das personagens que representam. Além do mais, se não se deve abandonar a si próprio o homem que vem de experimentar uma desventura e lhe recusar as consolações que podem minorar-lhe as penas; se se deve procurar aliviar seus pesares por meio de discursos e dirigir seu pensamento para coisas agradáveis, como se costuma fazer com aqueles que não possuam boa vista, obrigando-os a desviar os olhos das cores vivas e berrantes, para fixar apenas as cores verdes e doces: que consolação mais poderosa se pode oferecer a um homem atribulado do que a felicidade da pátria, do que o concurso da felicidade pública com o seu infortúnio pessoal, concurso em que os sentimentos agradáveis amortecem os sentimentos de dor? Fui levado a fazer estas considerações porque vejo muitas pessoas arrastadas à compaixão, tocadas, ou melhor, relaxadas pelas declamações de Esquino a este respeito.

As cidades formaram, sob a inspiração de Demôstenes, nova liga. E os tebanos, a quem Demôstenes fornecera armas, atacaram a guarnição que ocupava sua cidade e mataram grande parte dos soldados macedônios. Os atenienses se preparavam para sustentar esta guerra; e Demôstenes, que não abandonava a tribuna, escreveu aos generais do rei da Pérsia, na Ásia, concitando-os a declarar guerra a Alexandre, que classificava de criança e de Margitas. Após haver Alexandre posto em ordem os negócios do seu pai e haver entrado na Beócia à frente de um exército, os atenienses sofreram grande abatimento na sua altivez e o ardor de Demóstenes se extinguiu. Abandonados pelos atenienses, os tebanos se viram obrigados a defender-se sozinhos e Tebas foi arrasada! Os atenienses, na extrema desordem em que foram surpreendidos, tomaram a resolução de enviar uma delegação a Alexandre. Demóstenes foi escolhido, com mais outros, para a embaixada. Temendo, porém, a cólera do rei, abandonou a missão de que fora investido ao chegar a Citeron.

Alexandre mandou pedir que lhe enviassem dez oradores, conforme narram Idomeneu e Duris. Mas, a maior parte dos historiadores, os mais dignos de fé, não falam senão de oito: Demóstenes, Polieuto, Efialto, Licurgo, Merocles, Damon, Calistenes e Caridemus. Foi então que Demóstenes contou aos atenienses o apólogo das ovelhas que entregaram seus cães aos lobos, comparando-se, ele e seus companheiros, a cães que combatiam pelo povo e qualificando Alexandre da Macedônia de lobo feroz.

— Assim como os negociantes, — disse-lhes ainda, — que levam numa gamela uma amostra de trigo e, por meio de alguns grãos, vendem o que têm em casa, assim também, ao nos enviardes, vós mesmos vos enviais, sem o saberdes.

Tal é o testemunho de Aristóbulo de Cassandria.

Os atenienses discutiram o pedido de Alexandre e não sabiam o que resolver, quando aparece Demades e se encarrega, pelos cinco talentos que lhe deram os outros oradores, de ir sozinho como delegado e solicitar a graça do rei, ou porque confiasse na amizade de Alexandre, ou porque esperasse encontrá-lo saciado de vingança, como um Leão cuja fome tivesse passado com a carnificina. Demades conseguiu, de fato, dominá-lo, obtendo o perdão para os oradores e reconciliando os atenienses com Alexandre.

Enquanto Alexandre esteve longe da Grécia, o crédito dos outros oradores se manteve com toda a firmeza. O de Demades, entretanto, diminuiu em muito, por se haver rendido quando o espartano Agis entrou na. campanha. Esta mudança, porém, não durou muito tempo. Os atenienses não cederam absolutamente terreno, Agis foi assassinado e os lacedernômos esmagados. Por esse tempo, voltou a debate o processo da coroa, contra Ctesifon; a acusação havia sido intensa sob o arconte Carondas, pouco antes da batalha de Queronéia. O julgamento só se efetuou dez anos após, sob o arconte Aristofon. Jamais processo algum conseguiu tanta repercussão, não só pelo renome dos oradores, mas também pela coragem dos juízes. Apesar do crédito de que gozavam os acusadores de Demóstenes, sustentados inteiramente pelos macedônios, os juízes, longe de condená-lo, pronunciaram uma luminosa sentença absolutória. Esquino não conseguiu reunir cinco votos. Envergonhado da sua derrota, saiu imediatamente da cidade, indo refugiar-se em Rodes e na Iônia, onde passou o resto da sua vida a dar lições de eloquência. Pouco tempo depois, Harpalo chega da Ásia a Atenas: havia fugido de Alexandre, porque fora acusado de malversações consideráveis, a fim de cobrir as suas prodigalidades, e porque Alexandre tornara-se temível para os seus próprios amigos. Implorou a proteção do povo e pôs à sua disposição suas riquezas e seus navios. Os outros oradores, perturbados pelo tilintar do ouro, votaram a favor e aconselharam aos atenienses que aceitassem o oferecimento e salvassem o suplicante. Demóstenes, a princípio, era de parecer que se devia fazer Harpalo retornar à Ásia, com medo de atirar a cidade a uma guerra, por um motivo injusto e sem necessidade. Decorridos alguns dias, porém, como se fizesse o inventário das suas riquezas, Harpalo percebeu que Demóstenes olhava encantado para uma taça do rei, em que admirava o cinzelado e a forma: pediu-lhe que a tomasse em sujas mãos para avaliar o peso do seu ouro. Demóstenes, espantado do peso, perguntou quanto ela custava:

— Vinte talentos, para ti, — respondeu Harpalo, sorrindo. E, naquela mesma tarde, enviou a Demóstenes a taça e mais vinte talentos. Harpalo revelou-se muito perspicaz, descobrindo, na alegria do seu rosto, o amor pelo dinheiro. Demóstenes não resistiu ao engodo. Comovido com o presente, como se tivera recebido uma guarnição em sua casa, ei-lo entregue inteiramente aos interesses de Harpalo: voltou no dia seguinte à assembleia, o pescoço envolvido numa manta de lã. E, como fosse convidado a se levantar e pronunciar o seu voto, fez saber, por sinal, que estava afônico. Os humoristas divertiram-se com o lato:

— Nosso orador, — diziam eles, — foi acometido esta noite não de angina, mas de argentina.

Toda a gente soube logo do presente que Harpalo lhe fizera. E, quando tentou falar para justificar sua conduta, o povo recusou ouvi-lo e demonstrou sua cólera e sua indignação por meio de vaias. Então, um gaiato levantou-se e perguntou:

— Atenienses, recusais-vos a ouvir aquele que é detentor da taça?

Harpalo foi expulso de Atenas e, na crença de que Alexandre pedisse conta das riquezas pilhadas pelos oradores, realizou-se uma pesquisa severa, revistando-se todas as casas, exceto a de Calicles, filho de Arrenidas. Foi a única que se respeitou, porque Calicles — fala Teopompo — acabara de se casar e nela estava a sua jovem esposa. Demóstenes deixou-se ar rastar pela onda e ele próprio propôs um decreto que encarregava o Areópago de informar sobre esse escândalo e de punir os considerados culpados de se deixarem corromper. Compareceu perante o tribunal.

Foi ele um dos primeiros contra os quais o senado pronunciou à sentença: foi condenado a uma multa de 50 talentos. A sentença mandava reter o réu em prisão até ao pagamento da multa.

A vergonha dessa desonra e a fraqueza do seu temperamento não lhe permitiram suportar a prisão.

Foram, assevera-se, os motivos que determinaram sua fuga: enganou alguns guardas e os outros facilitaram a evasão. Conta-se que, estando ainda a pequena distância da cidade, percebeu que alguns inimigos seus corriam no seu encalço. Procurou esconder-se, mas chamaram-no pelo nome e, chegando-se junto dele, rogaram-lhe que aceitasse algum dinheiro para fazer a viagem, dinheiro esse que lhe haviam trazido expressamente, fazendo-lhe sentir que era esse o único motivo por que o seguiam. Exortaram-no a encher-se de coragem e a suportar seu infortúnio sem impaciências. Demóstenes, então, redobrou suas queixas e suas amarguras:

— E como resignar-se a gente, sem grande pesar, a deixar uma cidade em que se têm inimigos tão generosos que só se encontrariam iguais entre os amigos?

Durante seu exílio, deu grandes provas de fraqueza. Ora passou-o em Egina, ora em Trezene. Não podia volver os olhos para os lados da Ática sem enchê-los de lágrimas. E atribuíam-lhe palavras que não revelavam nenhuma coragem e correspondiam muito pouco à sua energia política de outrora. Ao abandonar Atenas, dizem que levantou as mãos para a Acrópole e assim se dirigiu a Minerva: — Protetora da nossa cidade, como podes tomar conta dessas três bestas ferozes: a coruja, o dragão e o povo?

Todos os jovens que iam vê-lo e conversar com ele, hão conseguiam levá-lo para o terreno político.

— Se desde o princípio me tivessem mostrado dois caminhos, o da tribuna e o das assembleias, ou o de uma morte certa, e se eu tivesse podido prever os males que me acarretariam a carreira política, os sustos, os ciúmes, as calúnias, as lutas inseparáveis de tudo isso, eu teria escolhido de cabeça baixa o caminho que conduzisse à morte.

Estava ainda no exílio quando Alexandre morreu. A Grécia se une novamente. Leostenes se notabiliza pelo seu valor, sitia Antipater na Lâmia e o encerra num muro de circunvalação. O orador Pitéias e Caíimedon, apelidado de Carabus (Caranguejo), ambos banidos de Atenas, se enfileir aram no partido de Antipater: percorreram cidades com os amigos e os embaixadores de Antipater e impediram os gregos de abandonar a sua aliança para se ligarem aos atenienses. Demóstenes, porém, se reuniu aos embaixadores de Atenas. E secundou seus esforços com toda a firmeza, no sentido de convencer os gregos a se atirarem contra os macedônios e expulsá-los da Grécia. Na Arcádia, como conta Filarco, Pitéias e Demóstenes travaram juntos viva disputa. Falavam na assembleia, um a favor dos macedônios e o outro, dos gregos.

— Não duvidamos, — afirmava Pitéias, — de que, numa casa onde se bebe leite de jumenta, haja doenças. O sinal mais evidente de que uma cidade está doente é o verem-se nela entrar embaixadores atenienses.

Demóstenes, porém, refutou a comparação:

— Assim como não se dá leite de jumenta, numa casa, a não ser para curar doenças, da mesma forma, os atenienses não entram nunca numa cidade a não ser para lhe levar a saúde.

O povo ateniense, encantado com a conduta de Demóstenes, baixou um decreto, anistiando-o. E foi Demon Peaniense, sobrinho de Demóstenes, quem lhe levou o decreto. Enviou-se uma trirreme para conduzi-lo a Egina. Quando subiu do Pireu para Atenas, todos os magistrados, todos os sacerdotes, seguidos do povo todo, marcharam ao seu encontro e o receberam com vivas demonstrações de alegria. Demôtrio de Magnésia conta que nesse momento Demóstenes ergueu as mãos para o céu e felicitou-se por tão glorioso dia que o reconduziu à sua pátria mais honradamente do que Alcebíades. Pois era espontaneamente e não obrigado por qualquer força estranha que o povo o recebia em seu seio. Entretanto, a multa a que fora condenado subsistia ainda e não era permitido perdoá-la: iludiu-se a lei com um subterfúgio. Era uso, no sacrifício que se fazia todos os anos a Júpiter Salvador, pagar uma soma em dinheiro aos que preparavam e ornavam o altar do deus: esse ano, Demóstenes foi encarregado dessa tarefa e lhe foram dados os cinquenta talentos, que era a quanto montava a multa.

Demóstenes, porém, não gozou por muito tempo do aconchego da pátria, pois os negócios dos gregos se viram bem cedo completamente em falência. No mês de Metagitnion, travou-se a batalha de Cranon. No mês de Boedromíon , os atenienses tiveram de suportar uma guarnição macedônia em Muniquia. Demóstenes morreu no mês de Pianepsion, da seguinte maneira.

Quando Demóstenees e os seus correligionários souberam que Antipater e Cratera marchavam sobre Atenas, apressaram-se a sair da cidade e o povo os condenou à morte num decreto que Demades havia baixado. Dispersaram-se cada um para seu lado. E Antipater enviou para prendê-los soldados comandados por Arquias, apelidado o Figadofero: era originário de Turíes. O seu primeiro ofício fora o de ator trágico. E Polo de Egina, o ator mais

perfeito da Grécia, é apontado como um dos seus discípulos. Hermipo, porém, coloca Arquias no numero dos discípulos do retórico Lacrito. Segundo Demétrio, entretanto, ele havia estudado filosofia com Anaximeno. Esse Arquias, pois, tendo encontrado em Egina o orador Hipérides, Aristonico de Maratona e Himereus, irmão de Demétrio de Falero, que se encontravam refugiados no templo de Ajax, arrancou-os do seu asilo e os enviou a Cleones, para serem entregues a Antipater. Lá foram condenados à morte. Há quem afirme que Antipater mandara cortar a língua a Hipérides. Arquias, informado 'de que Demóstenes encontrara asilo no templo de Netuno em Calauria, foi até à ilha no seu pequeno barco e desembarcou com um grupo de soldados trácios. Persuadiu Demóstenes de que devia abandonar o templo e entregar-se a Antipater, que lhe não faria nenhum mal. Demóstenes, entretanto, havia tido na noite anterior, durante o sono, um sonho estranho. Vira-se lutando com Arquias na representação de uma tragédia: quanto à ação, ele era o vencedor. Seu rival, porém, triunfou em virtude da riqueza do vestuário e da pompa das decorações, Fala-lhe Arquias num tom de grande humanidade. E Demóstenes, levantando os olhos para ele, do mesmo lugar onde estava, assim falou:

— Arquias, jamais acreditei nas tuas palavras: nem quando representavas a tragédia, nem agora ao ouvir as tuas promessas.

A esta resposta, Arquias enfureceu-se e começou a ameaçar.

— Agora, — retrucou Demóstenes, — falas como homem inspirado pela írípode da Macedônia. Agora mesmo, a tua linguagem é a de um comediante. Espera, pois, um pouco, que vou escrever para a minha casa, dando as ultimas ordens.

Ao pronunciar estas palavras, retirou-se para o interior do templo. Tomou de um pequeno caderno, como se fosse escrever. Levou à boca um pedaço de cana e mordeu-o num gesto que lhe era habitual quando meditava ou compunha qualquer discurso. Passado algum tempo, cobriu-se com o seu manto e recostou a cabeça. Os soldados que ficaram à porta do templo tomaram tal espera como pusilanimídade e consideraram Demóstenes como um homem débil e sem coragem. Arquias se aproximou dele e intimou-o a se levantar e, repetindo-lhe as mesmas palavras, prometeu de novo as boas graças de Antipater. Demóstenes, ao sentir que o veneno tinha produzido o seu efeito, descobriu-se e, fixando o olhar de Arquias, disse:

— Podes agora representar o papel de Creon na tragédia e jogar meu corpo na sepultura. Ó Netuno! Saio ainda com vida do teu templo, mas Antipater e os macedônios não deixaram o teu santuário sem profaná-lo!

Pronunciava essas palavras já cambaleando. Pediu que o segurassem para caminhar. E, no momento em que passava diante do altar do deus, caiu e soltou a alma num suspiro.

Conta Ariston que Demóstenes havia tomado o veneno, como acabamos de narrar, chupando a ponta da cana. Entretanto, um certo Papo, cujas Memórias serviram de material a Hermipo para a sua história, diz que, quando Demóstenes caiu ao pé do altar, encontrou-se no seu caderninho um começo de carta assim concebido: "Demóstenes a Antipater". Não havia senão

essas palavras. Como causasse surpresa a sua morte tão súbita, os trácios que estavam à porta contaram que, tendo visto Demóstenes tirar da roupa qualquer coisa que levou à boca, pensaram que fosse ouro que ele engolia. O fato é que era veneno. Um jovem escravo que lhe servia e que Arquias interrogou, disse que Demóstenes trazia consigo, desde muito tempo, esse nódulo, como se fora amuleto. Eratóstenes assegura que Demóstenes trazia sempre veneno num anel oco, que ele usava à maneira de bracelete. Mas não é necessário relembrar as diferentes tradições dos historiadores a respeito desta espécie de morte, pois são numerosíssimas. Não devo, porém, omitir a de Democares, parente de Demóstenes. Segundo a sua opinião, Demóstenes não morreu do veneno: os deuses, por um favor e uma providência particulares, deram-lhe uma morte pronta e suave, para furtá-lo às crueldades dos macedônios. Ele morreu no dia 16 do mês de Pianepsion, o dia mais triste da festa das Tesmoforias, pois é aquele em que as mulheres jejuam até à noite, sentadas no chão, no templo da deusa. Pouco tempo depois, o povo ateniense prestou à memória de Demóstenes as homenagens a que tinha direito. Ergueu-se-lhe uma estátua de bronze e decretou-se que o seu filho mais velho seria ad perpetuam sustentado pelo Pritaneu. Gravou-se, no pedestal do bronze, a seguinte inscrição tão conhecida:

"Se a tua força, Demóstenes, tivesse sido igual ao teu gênio, jamais o macedônio haveria mandado na Grécia".

Os que pretendem que o próprio Demóstenes tenha composto essa inscrição em Calauria, antes de tomar o veneno, não sabem verdadeiramente o que dizem. Mas, eis aqui uma aventura que se registou pouco tempo antes de uma das minhas viagens a Atenas. Um soldado, processado pelo seu comandante, meteu todo o dinheiro que possuía numa das mãos da estátua de Demóstenes, que as tinha juntas com os dedos entrelaçados. Um pequeno plátano havia crescido ali, cujas folhas, ou levadas pelo vento ou colocadas pelo próprio soldado, nas mãos da estátua, esconderam por muito tempo o ouro que ali estava depositado. O soldado, na sua volta, encontrou o dinheiro. O fato causou sensação na cidade e vários escritores compuseram versos a respeito do desinteresse de Demóstenes.

Demades não gozou por muito tempo da glória que novamente adquirira. A justiça divina, que queria vingar a morte de Demóstenes, o levou à Macedônia para aí receber, das próprias mãos daqueles de quem ele havia sido o vil adulador, a justa punição para o seu crime. Já todos o odiavam. Cometeu, certa vez, um erro para o qual não encontrou justificação. Descobriu-se uma carta dele, na qual convidava Pérdicas a entrar com o seu exército na Macedônia e salvar a Grécia que estava sustentada apenas por um fio velho e podre: era assim que ele se referia a Antipater. Dinarco, o corintiano, tomou o papel de seu acusador e o apresentou como autor da carta. Cassandra, movida pelo impulso da sua cólera, massacrou seu filho com as próprias mãos e ordenou que a matassem também. Assim, Demades pôde convencer-se, pelo preço das mais terríveis calamidades, de que os traidores são sempre as primeiras vitimas da própria infâmia. Demós-tenes, por várias vezes o predissera, e Demades não quisera acreditar.

Eis aí, meu caro Senecion, a vida de Demóstenes, segundo consegui recolher das minhas leituras e das minhas conversações.

Cícero

Nascido no ano 106 e morto no ano 43 antes de J. C.

I. Quanto a Cícero, sua mãe segundo se diz, chamava-se Hélvia. Pertencia a uma família distinta e, desde seu nascimento, sua conduta se mostrou sempre digna. Há, a respeito da condição do seu pai{1422}, opiniões contraditórias: uns pretendem que tenha nascido e que foi criado na oficina de um pisoeiro; outros o fazem descender de Tulo Átio{1423}, que reinou gloriosamente sobre os Volscos{1424}, e lutou sem muita desvantagem contra os romanos. Quanto ao mais, o primeiro dessa família que teve o sobrenome de Cícero parece ter sido um homem respeitável, e é por isso que seus descendentes, longe de desprezarem o sobrenome, começaram a usá-lo com ufania, não obstante isso ter sido, para muitos, motivo de pilherias. Cicer, em latim, significa "grão de bico".

Cícero, cuja vida descrevemos, a primeira vez que conseguiu uma causa e tomou parte nos negócios públicos, foi instado pelos seus amigos a que abandonasse esse nome e tomasse outro. Ele, porém, respondeu com nobre altivez:

— Eu farei todos os esforços possíveis para fazer o nome de Cícero mais célebre do que os de Scauro e de Catulo{1425} .

Durante sua questura na Sicília, ofereceu aos deuses um vaso de prata{1426}, no qual fez gravar os seus dois primeiros nomes: Marco Túlio. Porém, no lugar do terceiro, recomendou ao artista, por pilheria, que gravasse um grão de bico. Eis aí o que se conta a propósito do nome de Cícero.

II. Afirma-se que sua mãe deu-o à luz sem dores e sem trabalho: foi no terceiro dia das calendas novas{1427}, dia em que os magistrados de Roma fazem muitas preces e sacrifícios em intenção do imperador. Assegura-se que um fantasma apareceu à sua ama e disse-lhe que o menino que ela amamentava seria o firme sustentáculo de Roma. Essas predições, que se costumam ordinariamente catalogar no rol dos sonhos e das bobagens, Cícero, mal chegado à idade de se aplicar ao estudo, tomou a peito transformá-las em realidade. O talento de que era possuidor tornou-o célebre entre os seus camaradas, a ponto de os pais destes irem à escola para ver Cícero com os seus próprios olhos e testemunharem eles próprios tudo quanto se dizia a respeito do seu engenho e da sua capacidade intelectual. Alguns destes, mais grosseiros, censuravam seus filhos quando os viam, na rua, colocar Cícero honrosamente entre eles. Nasceu com esta qualidade que constitui, segundo Platão{1428}, a aptidão literária e filosófica: era capaz de abarcar todas as ciências e não desdenhava de nenhuma espécie de estudo e de saber. Cedo, porém, toda a sua paixão foi para a poesia. Existe ainda um pequeno poema em versos tetrâmetros{1429}, intitulado Pontius Glaucus, composto por ele em plena infância. À medida que avançava em idade, aperfeiçoava o talento pela cultura, e conseguiu a fama de ser não só o melhor dos oradores romanos, mas também o melhor dos seus poetas. O renome da sua eloquência subsiste ainda, não obstante as modificações consideráveis introduzidas na língua latina. O grande número, entretanto, de excelentes poetas, aparecidos depois dele, apagou e arruinou completamente a sua glória.

III. Ao concluir os primeiros estudos, tomou lições com Filon o acadêmico, um dos discípulos de Clitomaco{1430}, do qual os romanos admiravam particularmente a eloquência e o caráter. Cícero frequentava, ao mesmo tempo, a casa de Múcio{1431}, grande homem de Estado e um dos mais ilustres senadores. Nessa convivência, adquiriu um profundo conhecimento das leis. Serviu, durante algum tempo, sob Sila, na guerra Márs ica{1432}.

Depois, como visse a República afundar-se na guerra civil, e a guerra civil numa monarquia absoluta, inaugurou uma vida de meditação e de estudo, travando conversações com os sábios gregos, aplicando-se às ciências, até ao momento em que Sila se apossou do poder supremo e pôde dar ao governo uma espécie de estabilidade.

Nesse tempo, Crisógono, liberto de Sila, pôs em leilão os bens de um homem que disse ter sido morto em consequência da proscrição, e comprou-os ele mesmo pela importância de duas mil dracmas. Róscio, filho e herdeiro do morto, indignado com este negócio iníquo, provou que tais bens valiam 250 talentos. Sila, convencido do contrário, não se conteve: instigado por Crisógono, intentou contra Róscio um processo em que o acusava de parricídio. Ninguém ousou socorrer o acusado: o pavor que a crueldade de Sila inspirava afastou quantos estivessem em condições de defendê-lo. O rapaz, abandonado por todos, recorreu a Cícero. Cícero viu-se logo rodeado de seus amigos, que o estimulavam a aceitar uma causa que lhe oferecia oportunidade de adquirir glória como ele não encontraria jamais, nem mais bela nem mais brilhante. Resolveu-se, pois, a defender Róscio e conseguiu salvá-lo. O sucesso lhe valeu a admiração geral. Temendo, porém, a vingança de Sila, abandonou Roma e foi viajar pela Grécia. Fez crer que tomava tal resolução em virtude da sua saúde abalada. Com efeito, era magro, fraco e possuía um estômago delicadíssimo, não podendo comer muito tarde e tomando apenas pequeníssimas rações. Possuía uma voz forte e sonora, porém dura e pouco flexível. E, como declamasse com muito calor e muita veemência, atingindo, sem cessar, os tons mais altos, temia-se que sua saúde estivesse em perigo.

IV. Chegado a Atenas, tomou lições com Antíoco o Ascalonita: a doçura e a graça dos discursos desse filósofo o encantavam, se bem que não aprovasse as inovações por ele introduzidas nas doutrinas. Antíoco já estava separado da nova Academia e da escola de Carneades — ou porque cedesse à evidencia da razão, ou, como querem outros, porque uma espécie de ambição e desavenças com os discípulos de Clitomaco e Filon o tivessem feito mudar de ideia e abraçar a maior parte dos dogmas do estoicismo. Cícero amava a nova Academia: era a escola cujos escritos estudava de boa vontade. Projetava mesmo, no caso em que fosse obrigado a abandonar a advocacia e renunciar ao Fórum e aos empregos públicos, retirar-se para Atenas, para aí viver uma vida tranquila, toda entregue à filosofia.

Ao ter, porém, conhecimento da morte de Sila e sentindo seu físico revigorado pelos exercícios, e que sua voz, já bem formada, aliava a doçura à forca, correspondendo, assim, satisfatoriamente, à compleição do seu corpo; instado pelos seus amigos nas cartas que lhe vinham de Roma e levado pelos repetidos conselhos de Antíoco, decidiu-se a tomar parte nos negócios públicos. Antes, porém, quis formar, com mais cuidado do que o havia feito, a sua eloquência, como um instrumento necessário, e, ao mesmo tempo, desenvolver a sua consciência política. Exercitava-se na composição e frequentava os retóricos mais reputados. Foi por isso que passou algum tempo na Ásia e em Rodes. Acompanhou as lições dos retóricos asiáticos Xenocles de Adramite, Denis de Magnésia e Menipo da Cária. Em Rodes, frequentou o retórico Apolônio, filho de Molon, e o filósofo Posidônio. Apolônio não compreendia a língua romana: pediu a Cícero que falasse em grego. Cícero concordou de boa vontade, crente de que assim os seus erros seriam mais facilmente corrigidos. Ao declamar, o auditório, tomado de admiração, não se cansou de louvá-lo. Apolônio, porém, ao ouvi-lo, não fez nenhum sinal de aprovação. E quando Cícero terminou o discurso, ficou durante muito tempo a pensar, sem nada dizer. Como Cícero se ressentisse com seu silêncio, Apolônio assim lhe falou:

— Cícero, eu te louvo e te admiro. Choro, porém, sorte da Grécia, ao ver que as únicas vantagens que no restavam, o saber e a eloquência, vão, por teu intermédio passar para as mãos dos romanos.

V. Cícero, cheio de esperanças, preparou-se para ingressar nos negócios públicos. Um oráculo, porém, abateu-lhe o entusiasmo. Ele havia perguntado ao deus de Delfos de que maneira poderia conquistar a glória:

— Tomando por guia da tua vida — respondeu a pitonisa — o teu próprio sentimento e não a opinião dos demais.

Chegado a Roma, aí se conduziu, nos primeiros tempos, com extrema reserva. Mostrava pouca vontade de assumir imediatamente qualquer encargo. Por isso, todos se isolavam dele e motejavam dele com os nomes injuriosos de grego e de escolar{1433}, termos habituais e familiares à mais vil populaça de Roma. Mas a sua ambição natural e as exortações de seu pai e dos amigos o impeliram para o Foro. Rapidamente colocou-se na primeira fileira, não por progressos lentos e necessários, mas por lances brilhantes e rápidos, ultrapassando, em curto prazo, todos os seus rivais na advocacia.

Ao que se afirma, possuía ele os mesmos defeitos que Demóstenes apresentava na pronúncia e no gesto. Mas as lições de Róscio, o comediante, e de Esopo, o ator trágico, o ajudaram a corrigi-los. Conta-se que este Esopo representava o papel de Atreu, na cena em que este delibera a maneira de vingar-se de Tieste, e como passasse diante dele, casualmente, um contínuo do teatro, no momento justo em que a violência da paixão o pusera fora de si, assestou-lhe tal golpe com o cetro que o estendeu morto ali mesmo. A graça da declamação emprestava à eloquência de Cícero uma força persuasiva. Assim, ele se ria dos oradores que não sabiam senão soltar tremendos gritos:

— É por fraqueza que eles gritam, — dizia ele — como os coxos montam a cavalo.

Essas finas anedotas, essas réplicas vivas, que lhe vinham amiúde, espontaneamente, davam muita graça ao discurso e são próprias de um homem de espírito. Mas o uso excessivo que Cícero fazia delas acabou por ferir muitas pessoas e dar ao orador uma reputação de malignidade.

VI. Nomeado questor numa época de crise, o destino apontou-lhe a Sicília. De inicio, começou a desgostar os sicilianos, exigindo-lhes contribuições de trigo para enviar a Roma. Mais tarde, porém, ao terem ocasião de pôr à prova o seu zelo, a sua justiça e a sua bondade, deram-lhe testemunhos tais de consideração, de estima e de respeito como nenhum magistrado romano em época alguma jamais os conheceu. Vários rapazes das melhores famílias de Roma, havendo sido acusados de insubordinação e de fraqueza no serviço militar, foram enviados à presença do pretor da Sicilia. Cícero advogou a sua causa com grande brilho e conseguiu-lhes

a absolvição.

Cheio de confiança em si próprio, após estes sucessos, regressava a Roma, quando lhe sucedeu em caminho uma aventura interessante por ele mesmo referida. Ao atravessar a Campânia, encontrou um distinto romano que tratava como amigo. Persuadido de que Roma estava cheia do seu nome, perguntou-lhe o que lá se pensava dele e o que se dizia dos seus feitos.

— Oh! Cícero! Onde estiveste durante todo este tempo? — perguntou-lhe a personagem.

Cícero, no primeiro momento, perdeu toda a calma, ao constatar que a sua reputação em Roma ainda estava escondida, como mergulhada num mar imenso, sem lhe ter proporcionado ainda uma sólida glória. A sua reflexão diminuiu com a ambição. Percebeu que essa glória a que aspirava era um campo sem limite, sem meta. Entretanto, o prazer de ouvir o elogio e o amor da glória foram, em toda a sua vida, a sua paixão dominante e o impediram muitas vezes de seguir, no seu modo de proceder, os sábios conselhos da razão.

VII. Decidido a vencer, ao assumir os negócios do governo, achou vergonhoso que um homem de Estado, cujas funções públicas não se exercem senão pelo conhecimento das pessoas, não se apressasse a conhecer os seus concidadãos, tal como o artesão procura saber e conhecer minuciosamente o nome e o emprego dos ferros e dos instrumentos de que deve utilizar-se no seu ofício. Acostumou-se, não somente a reter os nomes das mais importantes figuras, mas ainda a saber os seus endereços na cidade, suas casas no campo, seus amigos, seus vizinhos. Não existia na Itália uma só região da qual Cícero não pudesse falar com conhecimento e mostrar, visitando-a, as terras e as casas dos seus amigos.

Suas posses eram modestas, mas suficientes para as despesas. Todos se admiravam de que não cobrasse um vintém pelas causas que advogava. Esse desinteresse ele focalizou-o por ocasião da acusação que produziu contra Verres{1434}. Verres havia sido pretor na Sicília e, no exercício do cargo, cometera excessos revoltantes. Os sicilianos levaram-no à barra do tribunal. E Cícero fê-lo condenar, não por falar contra ele mas, por assim dizer, por deixar de falar. Os pretores queriam salvar Verres: procuraram protelar o processo, conseguindo adiamentos contínuos até ao último dia das audiências. Era evidente que um dia não era bastante para o debate e que a sentença não poderia ser conseguida. Cícero se levanta e diz que não se fazem necessários os debates: ouve as testemunhas, tira as conclusões e obriga os juízes a se pronunciarem.

Recordam-se, entretanto, vários trechos que ele pronunciou no decorrer do processo. Os romanos chamam verres (varão) ao porco que não é castrado. E, como um liberto chamado Cecílio, que passava por ser um adepto da religião dos judeus{1435}, quisesse desviar a atenção dos sicilianos da marcha do processo, Cícero perguntou:

— Que há de comum entre um judeu e um varão?{1436}

Verres tinha um filho moço, que passava por usar desonestamente da sua beleza física. Tendo Verres classificado Cícero de efeminado, este respondeu:

— É essa uma censura que ele precisa fazer aos seus filhos, a portas fechadas.

O orador Hortênsio{1437} não teve coragem de defender Verres pessoalmente. Obteve-se dele, porém, que estivesse presente no momento da fixação da multa. Como recompensa desta condescendência, Hortênsia recebeu uma esfinge de marfim. Como Cícero lhe dirigisse algumas palavras, cujo sentido não fosse bem claro, respondeu Hortênsio:

— Não sei adivinhar enigmas.

Ao que Cícero replicou:

— Entretanto, a esfinge está em teu poder.

VIII. Verres foi condenado e Cícero fixou a multa em 750 mil dracmas. Acusam-no de haver recebido dinheiro para limitar a multa a essa módica quantia. Entretanto, quando foi nomeado edil, os sicilianos, querendo testemunhar-lhe o seu reconhecimento, levaram-lhe da ilha vários ricos presentes. Cícero, porém, não fez uso de nenhum desses presentes e não se aproveitou da boa vontade dos sicilianos a não ser para conseguir a baixa no preço dos cereais. Cícero possuía em Arpinum uma bela casa de campo, uma propriedade nos arredores de Nápoles e outra, do mesmo tamanho, perto de Pompéia. O dote de Terência, sua mulher, era de 120 mil dinheiros e recebeu urna herança orçada em 90 mil. Com esta fortuna, vivia honrada e sabiamente no meio dos elementos mais instruídos da sociedade grega e romana. Era raro sentar-se à mesa antes do pôr-do-sol, menos em virtude das suas ocupações do que da debilidade do seu estômago. Para a sua saúde, usava de precauções extremas. Fazia diariamente um número certo da fricções e caminhadas. Conseguiu, com este regime, fortalecer seu temperamento, tornando-se são e vigoroso, capaz de suportar as penosas e rudes lutas do trabalho.

Entregou a seu irmão a casa paterna e se alojou no Palatino{1438}, a fim de que seus clientes não tivessem o incomodo de procurá-lo longe. Todas as manhãs batia à sua porta tanta gente como à porta de Crasso e Pompeu, os mais honrados romanos e os de maior renome: um, por causa das suas riquezas; o outro, pela autoridade de que gozava no exercito. O próprio Pompeu procurava Cícero, e o apoio que lhe emprestou o orador foi-lhe utilíssimo para aumentar o podar e a glória.

IX. Quando Cícero pleiteava a pretoria, várias pessoas de prestígio se encontravam na sua frente: todavia, foi ele o nomeado em primeiro lugar. As sentenças que proferiu durante a sua

magistratura granjearam-lhe uma sólida reputação de justiça e probidade. Licínio Mácer, homem de valor próprio e, além disso, sustentado inteiramente por Crasso, foi acusado de crime de peculato diante de Cícero. Estribado na confiança que lhe dava a sua riqueza e no prestígio dos amigos, era tal a convicção de que triunfaria daquela situação que, quando os juízes começaram a proceder à votação, correu à sua casa, mandou cortar o cabelo, vestiu uma toga branca, disposto a retornar ao Fórum. Foi quando Crasso se dirigiu ao seu encontro e lhe avisou que havia sido condenado por unanimidade de votos. O choque sofrido por Licínio foi tão forte que morreu subitamente. Essa sentença despertou muita simpatia por Cícero, em virtude da firmeza com que se conduzira durante os debates. Vatinio, homem rude, que nos seus discursos tratava muito friamente os juízes, tinha o pescoço cheio de escrófulas. Aproximou-se um dia da tribuna de Cícero e perguntou-lhe alguma coisa. Como o pretor custasse a lhe responder, necessitando de tempo para refletir, assim falou Vatinio:

— Se eu fosse pretor, não trepidaria em responder.

Ao que Cícero retrucou, voltando-se para o seu interlocutor:

— Também, não possuo um pescoço tão grande como tu.{1439}

Dois ou três dias antes de expirar o seu cargo, levou-se Manílio à sua presença, acusado de peculato. Manílio tinha a seu favor a simpatia do povo, que acreditava estar ele disposto a defender a causa de Pompeu, de quem era amigo. O acusado perguntou se lhe podiam conceder alguns dias de prazo para responder aos quesitos. Cícero notificou-o para o dia seguinte. Esse fato irritou bastante o povo, pois a tradição estabelecia, entre os pretores{1440}, o prazo de dez dias pelo menos aos acusados. Os tribunos levaram Cícero, por isso, diante da assembleia do povo e o acusaram de ter cometido um ato arbitrário. Cícero pediu que o ouvissem.

— Tendo sempre tratado os réus — disse — com toda a equidade e humanidade, de acordo com a lei, eu me julgaria culpado se não houvesse tratado Manílio da mesma forma que os outros. Dei-lhe propositadamente o último dia de que ainda podia dispor, do meu cargo. Efetivamente, se tivesse enviado a outro pretor o julgamento desse processo, não lhe poderia ter prestado nenhum serviço.

Essa justificação produziu no animo do povo uma transformação profunda. Cícero foi alvo de elogios e, ao mesmo tempo, convidado a defender ele próprio a causa de Manílio. Aceitou-a de boa vontade, sobretudo em atenção a Pompeu, que se achava ausente.

X. Contudo, o partido dos nobres não se mostrou menos entusiasmado do que o povo para elevá-lo ao consulado. O interesse publico reuniu, nessa ocasião, todos os elementos de que dispunha e pela seguinte razão. As modificações operadas por Sila no governo, que a princípio foram encaradas como audaciosas, pareciam, por efeito do tempo e do hábito, ter tomado um aspecto de estabilidade, sem desagradar à massa popular. Homens, porém, movidos por um espírito de cupidez notável, cegos quanto ao bem geral, procuravam agitar e subverter tal estado de coisas. Pompeu se achava ocupado com a guerra contra os reis do Ponto e da

Armênia. Ninguém em Roma possuía força bastante para deter os facciosos. Seu chefe era Lúcio Catilina, tipo audacioso e empreendedor, de um caráter que sabia se adaptar a todas as circunstâncias. A todas as culpas que lhe imputavam, acrescia o incesto com sua própria filha e o assassínio do seu irmão. Temendo que fosse levado à barra da justiça em virtude deste ultimo crime, ele se empenhara com Sila para incluir o irmão no número dos proscritos, como se ainda fosse vivo. Os celerados de Roma cerraram fileiras em torno do chefe. E, não contentes em comprometer mutuamente a sua fé com os juramentos ordinários, degolaram um homem e lhe comeram toda a carne. {1441}

Catilina havia corrompido grande parte da juventude romana, prodigalizando-lhe todos os prazeres, banquetes, mulheres, nada poupando para que tudo saísse a seu contento. Já toda a Etrúria e a maior parte dos povos da Gália Cisalpina estavam dispostos à revolta. E Roma se encontrava amea çada de um movimento subversivo, em virtude da desigualdade reinante entre as fortunas, causa da ruína dos cidadãos mais distintos por seu nascimento e pela sua coragem. Estes, consumindo suas riquezas em espetáculos, festins, brigas pelos cargos, construções de edifícios, tinham visto passar seus bens para as mãos de homens abjetos e desprezíveis. Tudo havia chegado a tal ponto que, para derrubar o governo, não seria preciso mais do que um leve impulso dado pelo primeiro aventureiro que aparecesse.

XI. Seja como for, Catilina, a fim de assegurar à sua empresa um sólido e firme ponto de apoio, enfileirou-se entre os candidatos ao Consulado. Fundava ele suas grandes esperanças em um colega: Caio Antônio{1442}, homem por si só incapaz de chefiar um bom ou mau partido, mas que se tornaria um forte ponto de apoio para um colega enérgico. Os bons cidadãos, prevendo o perigo que ameaçava a República, levaram Cícero ao consulado, quase por unanimidade. O povo escolheu Cícero. Catilina foi rejeitado e Cícero nomeado cônsul com Antônio. De todos os candidatos, Cícero era, portanto, o único nascido de um pai simples cavaleiro e não senador.

XII. O povo ignorava ainda as conspirações de Catilina. Cícero, desde a sua entrada no Consulado{1443}, viu-se assoberbado de negócios difíceis: era o prelúdio dos combates que iria travar em seguida. De um lado, os que haviam sido excluídos da magistratura pelas leis de Sila e que, sem serem pouco poderosos nem pouco numerosos, se apresentaram para disputar os cargos: nos seus discursos ao povo eles se levantavam — tão cheios de verdade quanto de justiça — contra os atos tirânicos de Sila; mas empregavam mal seu tempo para realizar mudanças na República. De outro lado, os tribunos do povo propunham leis que seguramente subverteriam a ordem : reivindicavam o estabelecimento de dez comissários revestidos de um poder absoluto e que, dispondo como senhores da Itália, da Síria e das novas conquistas de Pompeu, tivessem o poder de vender as terras públicas, de instaurar os processos que desejassem, de banir à vontade, de fundar colônias, de usar dos dinheiros do Tesouro Público, de conservar e levantar tropas a seu talante. Essas leis eram apoiadas pelas pessoas mais consideradas de Roma e, à frente delas, Caio Antônio, o colega de Cícero que esperava vir a ser um dos decênviros. Acredita-se que ele não ignorasse os planos sediciosos de Catilina e não desgostaria de vê-los vitoriosos, pois se encontrava crivado de dívidas. É isso, sobretudo, o que horroriza os bons cidadãos. Cícero, para prevenir este perigo, fez dar a Antônio o governo da Macedônia e recusou para ele próprio o das Gálias, que lhe haviam destinado. Tendo prestado esse importante serviço a Antônio, Cícero esperou ter nele uma espécie de ator assalariado, que representaria, de acordo com ele o segundo papel num drama em que se tratasse da salvação da pátria. Conquistado ou domesticado Antônio, Cícero sentiu mais valentia e força para se erguer contra os que propunham inovações. Combateu no Senado a nova lei{1444} e soube amedrontar tão bem os que a queriam votar, que estes não tiveram uma única palavra para lhe responder. Os tribunos da plebe fizeram novas tentativas e notificaram os cônsules para comparecerem perante o povo. Mas Cícero não se deixou assustar: fez-se seguir pelo Senado ao Fórum e, subindo à tribuna, falou com tanto poder e brilho que a lei foi rejeitada. Além do mais, tirou aos tribunos toda esperança de sucesso nos outros projetos, tão completamente os havia vencido pela eloquência!

XIII. Cícero foi, de todos os oradores, o que soube fazer sentir melhor aos romanos como o encanto da eloquência amplifica o bem e como o direito é invencível, quando sustentado pelo talento e pela palavra! Mostrou-lhes como o homem de Estado que quer governar bem deve, na sua conduta pública, preferir sempre o que é honesto ao que engana; mas que deve também, nos seus discursos, temperar a doçura da linguagem com o rigor dos atos que propõe. Nada prova melhor a graça da sua eloquência do que o que fez no consulado, em relação aos espetáculos. Até então, os cavaleiros romanos haviam sido confundidos nos teatros com a multidão dos espectadores e se sentavam misturados com o povo. Marco Oton{1445}, porém, pretor, separou, como prova de distinção, os cavaleiros da multidão e lhes determinou lugares próprios que eles conservam ainda hoje. O povo sentiu-se ofendido com essa medida. E, quando Oton apareceu no teatro foi acolhido com uma vaia e assobios. Os cavaleiros, pelo contrário, o receberam com os mais vivos aplausos. O povo redobrou a assuada e os cavaleiros as ovações. Daí, a reciprocidade das injúrias e o teatro cheio de confusão. Cícero, informado da desordem, transportou-se imediatamente ao teatro e se fez seguir do povo ao templo de Belona: aí dirigiu aos amotinados severas e persuasivas admoestações, e o povo, retornando ao teatro, aplaudiu vivamente Oton e disputou com os cavaleiros quem lhe rendia mais honras e homenagens.

XIV. Entretanto, a conspiração de Catilina, que a princípio havia sido dominada, retomou sua audácia. Os conjurados reuniram-se e decidiram meter mãos à obra ainda mais arrojadamente, antes que Pompeu — que se dizia a caminho, seguido do seu exercito — voltasse a Roma. Os que mais insuflavam Catilina eram os antigos soldados de Sila , espalhados por toda a Itália e disseminados entre as cidades etruscas: esses homens sonhavam, uma vez ainda, com o roubo e a pilhagem das riquezas que tinham sob os olhos. Tendo tomado Málio por chefe, um dos generais que haviam servido com honra sob Sila, entraram na conjuração de Catilina e se concentraram em Roma para o apoiar nas eleições, pois Catilina se fizera pretendente, pela segunda vez, ao Consulado, resolvido a matar Cícero no tumulto dos comícios. Tremores de terra, raios, aparições de fantasmas, pareciam ser advertências do céu a respeito das conspirações que se tramavam. Recebiam-se também, da parte dos homens, indícios verdadeiros, mas que não bastavam ainda para abater uma personagem tão considerável pelo poder e pela nobreza como o era Catilina. Eis por que Cícero, tendo adiado o dia dos comícios, intimou Catilina a comparecer perante o Senado para interrogá-lo a respeito dos rumores que corriam. Catilina, persuadido de que havia no Senado mais do que um que desejava a revolução, e querendo também elevar-se aos olhos dos seus cúmplices, respondeu a Cícero com extrema arrogância:

— Que mal faço eu se, ao ver dois corpos, um com cabeça, mas magro e esgotado, e outro sem cabeça, mas robusto e grande, quero pôr uma cabeça neste último?{1446}

Cícero compreendeu que esse enigma era referente ao Senado e ao povo, e o seu pavor não fez mais do que aumentar. Pôs uma couraça e se fez escoltar da sua casa ao Campo de Marte, pelos principais cidadãos e por um grande número de moços. Entreabriu propositadamente sua túnica por debaixo das espáduas e deixou à mostra a couraça, dando assim a entender aos presentes que havia grande perigo. Vendo isso, o povo, indignado, acercou-se dele. Enfim, Catilina fracassou mais uma vez e a votação foi favorável a Silano e Murena, que foram nomeados cônsules.

XV. Tendo os soldados da Etrúria, pouco tempo depois, se reunido para ficar às ordens de Catilina ao primeiro sinal, e aproximando-se o dia fixado para a execução da conspiração, três das primeiras e mais poderosas personagens de Roma, Marco Crasso, Marco Marcelo e Cipião

Metelo, foram, na calada da noite, à casa de Cícero e bateram-lhe à porta. Chamando o porteiro, pediram-lhe que fosse acordar Cícero e anunciar-lhe a sua presença. Eis aqui do que se tratava. O porteiro de Crasso levara a seu senhor, ao sair da mesa, cartas que haviam sido entregues por um desconhecido e dirigidas a diferentes pessoas: entre elas havia uma para Crasso, mas sem assinatura. Crasso só leu a que trazia o seu endereço. Como lhe houvessem dito que Catilina devia, em breve, realizar uma carnificina em Roma e que lhe pediam que abandonasse a cidade, ele não teve tempo de abrir as demais. E, ou porque temesse o perigo que ameaçava Roma, ou porque procurasse se limpar das suspeitas que fizeram nascer as suas ligações com Catilina, o certo é que saiu a procurar Cícero imediatamente. O cônsul, após haver deliberado com eles, convocou o Senado de manhã cedo, remeteu as cartas aos seus respectivos destinatários e os convidou a lê-las em voz alta. Todas revelaram da mesma forma a existência da conspiração. Mas, depois que Quinto Arrio, antigo pretor, denunciou os ajuntamentos tumultuosos que se faziam na Etrúria, e que se soube, por outras denúncias, que Málio, à frente de um exército considerável, estava ao redor das cidades dessa província, para aí esperar os acontecimentos que se desenrolariam em Roma, o Senado votou um decreto pelo qual passava o governo às mãos dos cônsules e lhes ordenava que tomassem todas as medidas que julgassem convenientes para o bem do Estado e a salvação da República. É uma medida que o Senado raramente decide tomar e somente a toma quanto teme algum perigo.

XVI. Cícero, investido desse poder, confiou a Quinto Metelo os negócios exteriores e se encarregou ele próprio dos da cidade. Em geral, só caminhava pelas ruas de Roma escoltado por grande número de cidadãos e, quando ia ao Fórum, o seu lugar se enchia logo da multidão que o acompanhava. Catilina, impaciente com uma espera tão longa, resolveu correr ao campo de Málio. Antes, porém, de deixar Roma, encarregou Márcio e Cetego de irem, pela manhã, armados de punhais, à porta de Cícero e, fingindo saudá-lo, atirar-se sobre ele e matá-lo. Uma mulher de nascimento ilustre, Fúlvia, passou a noite na casa de Cícero para inteirá-lo do que se forjava e recomendar-lhe que ficasse em guarda contra Cetego. Os assassinos, de manhã cedo, para lá se dirigiram. E como lhes fosse recusada permissão para entrar, lamentaram-se em altos brados e fizeram grande bar ulho à porta, o que veio aumentar mais ainda as suspeitas. Assim que saiu, Cícero convocou o Senado no templo de Júpiter Stator, como chamam os romanos a esse deus que se encontra à entrada da rua sagrada, na subida para o Palatino. Catilina aí compareceu com os demais senadores, como se quisesse justificar-se das acusações que lhe faziam. Mas nenhum senador quis colocar-se perto dele. Abandonaram por completo o banco em que Catilina se sentava. Todavia, começou a falar. Sua voz, porém, não conseguiu dominar os clamores. Por fim, Cícero se levanta e ordena-lhe que abandone a cidade.

— Uma vez que empregamos no governo, — disse Cícero, -, eu a palavra e tu as armas, é preciso que um muro se erga entre nós.

Catilina saiu rapidamente de Roma, à frente de trezentos homens a rmados. Fazia-se preceder — como se fora um comandante militar — de litores com seus feixes. Carregavam-se diante dele as insígnias. Marchou, dessa maneira, para o campo de Málio. Aí após a realização de uma assembleia de vinte mil homens mais ou menos, saiu pelo país, captando a simpatia das cidades e revoltando-as. Era uma fórmula de declaração de guerra. Antônio foi enviado para combatê-lo.

XVII. Os cidadãos corrompidos por Catilina, que ficaram em Roma, foram convocados e encorajados por Cornélio Lêntulo, apelidado Sura, homem de família distinta, mas cuja conduta infame e cujos deboches provocaram a sua expulsão do Senado. Ocupava, então, a pretoria pela segunda vez, como é do uso entre os que querem restabelecer a sua dignidade de senadores. Quanto ao apelido de Sura, conta-se ter sido o seguinte o motivo pelo qual lhe

foi dado. Sendo questor no tempo de Sila, consumiu ele, em despesas loucas, grande parte dos dinheiros públicos. Sila, irritado, pediu-lhe contas da sua administração em pleno Senado. Lêntulo, com um ar de indiferença e de desdém, disse que não tinha contas a prestar, mas que apresentava a sua perna: é o que fazem as c rianças quando cometem qualquer falta no jogo da péla. Eis o fato que lhe acarretou o apelido Sura, que em latim quer dizer perna. De outra feita, citado em juízo, e tendo corrompido alguns dos juízes, só foi absolvido pela maioria de dois votos.

— Perdi — exclamou Sura — o dinheiro que dei a um dos que me absolveram, pois me bastava a maioria de um voto.

Um homem de tal caráter foi logo convencido por Catilina; e os falsos adivinhos, os charlatães acabaram de corrompê-lo com as vãs esperanças com que o embalavam. Anunciaram-lhe predições e oráculos à sua maneira, tirados falsamente dos livros sibilinos{1447} e que afirmavam que era dos destinos de Roma possuir três Cornélios por chefes.

— Dois, — asseguraram-lhe, — já preencheram os seus destinos: Cina e Sila: tu és o terceiro que a Fortuna chama à monarquia. Põe, pois, a tua alma na empresa e não deixes escapar, como Catilina pelos seus adiamentos, a ocasião favorável.

XVIII. Lêntulo só formulava vastos e temerosos projetos. Resolvera massacrar o Senado inteiro e tantos cidadãos quantos pudesse. Atearia fogo na cidade e só pouparia os filhos de Pompeu. Propunha-se roubá-los e retê-los na sua companhia, como dois reféns que pudessem facilitar as negociações de paz com seu pai. Corria já um rumor por toda parte, com visos de verdade, de que Pompeu regressava da sua expedição. A execução da conspiração estava marcada para a noite das Saturnais{1448}. Haviam já amontoado e escondido, na casa de Cetego, espadas, estopas, enxofre. Designaram cem homens e alguns quarteirões da cidade, atribuídos pela sorte a cada um desses homens, a fim de que, atiçado o fogo ao mesmo tempo em vários pontos, a cidade fosse em um instante presa das chamas. Outros deviam cortar os condutos d’água, colocar-se ao pé das fontes e matar os que delas quisessem se acercar.

Enquanto tomavam tais disposições, encontravam-se em Roma dois deputados dos Alóbrogos{1449}, povo duramente tratado pelos romanos e que suportava impacientemente a sua dominação. Lêntulo, persuadido de que estes dois homens podiam ser-lhe úteis para agitar a Gália e fomentar a revolta, fê-los entrar na conspiração e lhes deu cartas para o Senado do seu país, nas quais prometia a liberdade aos gauleses. Deram-lhes outras para Catilina pedindo-lhe que se apressasse em libertar os escravos e marchasse sobre Roma. Fizeram partir, com os Alóbrogos, um certo Tito, o Crotoniata, a quem fizeram portador de cartas para Catilina. Todas essas diligências, porém, desses homens levianos, que não falavam nunca sobre os seus negócios, a não ser quando embriagados e entre mulheres, Cícero as seguia com uma vigilância, um sangue-frio e uma prudência extremos. Ele havia, entretanto, espalhado pela cidade, grande número de pessoas fiéis, para espiar com cuidado e despistar em seu proveito tudo quanto se passava. Cícero chegava até a conferenciar secretamente com várias pessoas que os conjurados acreditavam ser seus cúmplices e que o informavam das relações que estes mantinham com os estrangeiros. De acordo com esses dados, Cícero colocou pessoas da sua confiança em emboscada durante a noite. Entrevistou-se secretamente com os dois Alóbrogos e fez prender o Crotoniata e apreender as cartas de que era portador.

XIX. Cícero, desde cedo, convocou o Senado no templo da Concórdia e leu as cartas apreendidas e ouviu as testemunhas. Júnio Silano declarou que ouvira Cetego dizer que já degolara três cônsules e quatro pretores. Pison, personagem consular, prestou um depoimento parecido, e Caio Sulpício, um dos pretores, enviado à casa de Cetego, aí encontrou grande quantidade de dardos e de armas, sobretudo espadas e punhais recentemente aguçados. Enfim, falou o Crotoniata, sob a promessa de impunidade que lhe fez o Senado se quisesse tudo confessar. E Lêntulo, convencido por Cícero, demitiu-se imediatamente do seu cargo de pretor, deixou no próprio Senado a sua toga de púrpura e tomou outra mais conforme com a sua presente situação. Ele e seus cúmplices foram confiados à guarda dos pretores, cujas casas lhes serviram de prisão. Como já fosse tarde e o povo esperasse em massa à porta, Cícero saiu e comunicou aos cidadãos o que se passara. O povo o conduziu até a casa de um dos seus amigos, seu vizinho, porque a sua estava ocupada pelas mulheres romanas que aí celebravam os sagrados mistérios da deusa que se chamava, em Roma, a Boa-Deusa, e, na Grécia, Ginecia. Todos os anos a mulher, ou a mãe do cônsul efetua, em sua casa, um sacrifício a essa divindade, em presença das vestais{1450}.

Cícero, ao entrar nessa casa, só tendo consigo muito poucas pessoas, refletiu sobre a conduta que devia ter para com os conjurados. A doçura do seu caráter e o temor de que o acusassem de haver abusado do poder que lhe outorgaram, punindo com o máximo rigor homens de tão nobre nascimento e que tinham em Roma amigos poderosos, levavam-no a vacilar quanto à pena que merecia a enormidade das suas culpas. Por outro lado, se os tratasse com doçura, fremia lembrando-se do perigo a que estaria exposta a cidade, pois os conjurados, longe de se acalmarem se se lhes infligisse qualquer pena mais branda que a morte, não fariam senão atirar-se com mais audácia ainda do que nunca a todos os crimes, aliando à sua antiga perversidade o ressentimento novo por essa injúria. E ele próprio passaria por um covarde, aos olhos do povo, que já não possuía uma bela ideia da sua valentia.

XX. Enquanto Cícero flutuava nessa incerteza, as mulheres que realizavam o sacrifício são testemunhas de um prodígio. Do fogo do altar que parecia quase extinto lançou-se, de repente, do meio das cinzas e das cascas queimadas, uma flama brilhante. O clarão dessa flama assustou os presentes. As virgens sagradas, porém, aconselharam Terência, mulher de Cícero, a ir procurar seu marido imediatamente e forçá-lo a apressar a execução, sem perda de tempo, das resoluções tomadas para a salvação da pátria, assegurando-lhe que a deusa havia feito flamejar aquela luz como um presságio de segurança e de glória para Cícero. Terência, que, de resto, não era de caráter fraco nem tímido; que possuía mesmo ambição e, como disse o próprio Cícero, partilhava mais com o marido o zelo pelos negócios públicos do que lhe comunicava os negócios domésticos, foi levar-lhe as palavras das vestais e o incitou vivamente contra os conjurados. A mesma coisa fizeram Quinto, irmão de Cícero e Públio Nigídio, seu companheiro de estudos de filosofia, homem cujos conselhos ele escutava, muitas vezes, sobre os mais importantes negócios do governo.

No dia seguinte, deliberou-se, no Senado, sobre a punição dos conspiradores. Silano foi convidado a falar em primeiro lugar e propôs que eles fossem conduzidos à prisão pública, para aí serem punidos com a pena capital. Todos os que falaram depois adotaram a sua opinião, até que chegou a vez de Caio César{1451}, o que depois foi ditador. César era ainda jovem e começava, naquele tempo, a lançar os fundamentos do seu grande futuro. Já mesmo, por suas astúcias políticas e por suas esperanças, abria o caminho que o conduziu enfim a trocar por uma monarquia o governo de Roma. Ninguém se apercebia disso. Só Cícero mantinha grandes suspeitas contra ele mas nenhuma prova suficiente para convencê-lo. Afirmam alguns que Cícero atingia o momento de confundi-lo, mas que César teve a habilidade de escapar-se. Pretendem outros que Cícero negligenciou e rejeitou mesmo, de propósito, as provas que possuía da sua cumplicidade, porque temia o seu poder e o grande número de amigos que o sustentavam. Todos estavam persuadidos de que os acusados seriam

envolvidos na absolvição de César, bem antes do que César no seu castigo.

XXI. Quando chegou a sua vez de opinar, César levantou-se e declarou que não estava de acordo em que se punissem os conjurados com a pena de morte.

— É preciso — afirmou — confiscar seus bens e colocar suas pessoas nas cidades da Itália que Cícero deverá escolher, para os ter a ferros até a inteira derrota de Catilina.

Esse voto, mais suave que o primeiro, e sustentado com toda a eloquência por César, recebeu ainda um grande peso do próprio Cícero, que, estando de pé, discutiu os dois votos e alegou fortes razões, primeiro em favor do de Silano, depois em favor do de César. Seus amigos, que encontraram na opinião de César o interesse de Cícero, porque, se deixasse viver os culpados, teria que temer menos censuras, adotaram o último voto, de preferência ao primeiro. O próprio Silano voltou ao seu primitivo pensamento e explicou que não pretendera a pena de morte porque encarava a prisão como o máximo suplício para um senador romano.

O primeiro que combateu o voto de César foi Lutácio Catulo; Catão{1452} falou depois de Lutácio, e, insistindo com força sobre as suspeitas que havia contra César, encheu o Senado de tanta indignação e ousadia, que a sentença de morte foi, afinal, pronunciada contra os conjurados. Quanto à confiscação dos bens, César a ela se opôs, alegando que não era justo rejeitar o que seu voto continha de humano para só adotar a sua disposição mais rigorosa. Como a maioria se declarasse abertamente contra o seu voto, apelou para os tribunos, que recusaram interceder. Cícero, porém, tomou o partido mais brando e abandonou a questão do confisco dos bens.

XXII. À frente dos senadores, Cícero foi à prisão dos condenados, pois não tinham sido encarcerados em uma mesma casa: estavam confiados à guarda dos pretores. Cícero se dirigiu primeiro ao Palatino, onde estava Lêntulo, que ele mandou conduzir pela rua sagrada e através do Fórum. As principais figuras da cidade cerravam-se em torno do cônsul e lhe serviam de guarda. O povo, numa imensa multidão, seguia em silêncio, trêmulo de horror ao pensar que se preparava a execução. Os moços, sobretudo, assistiam a esse espetáculo com uma admiração misturada de terror, como nos mistérios sagrados que celebrava a nobreza pela salvação da pátria. Quando Cícero atravessou a praça e chegou à prisão, entregou Lêntulo ao carrasco e ordenou que fosse executado. Conduziu em seguida Cetego e cada um dos outros sucessivamente, fazendo-os executar. Cícero via, entretanto, na praça, vários cúmplices da conspiração que se haviam reunido e que, ignorando o que se passava, esperavam a chegada da noite para arrebatá-los à prisão, julgando-os ainda com vida. Cícero gritou-lhes:

— Eles viveram!

E a maneira de falar de que se servem os romanos que querem evitar palavras funestas, para não dizer: Eles morreram.

A noite tombava. Cícero atravessou o Fórum para retornar à casa, não mais em meio de um povo silencioso e que o escoltava na melhor ordem possível, mas rodeado de uma multidão de cidadãos que o cobriam de aclamações e de aplausos e que o chamavam de salvador, de fundador de Roma. As ruas estavam iluminadas de lâmpadas e tochas colocadas diante de cada porta. As mulheres iluminaram também o alto dos tetos em homenagem a Cícero e para contemplá-lo subindo com o seu majestoso cortejo de patrícios, cuja maioria havia tomado parte em guerras importantes, entrado em Roma em carros de triunfo, ou conquistado para o império uma vasta extensão de terras e de mares. Marchavam, confessando entre si que, se o povo romano devia às vitorias dos generais contemporâneos ouro e dinheiro, ricos despojos e a condição de grande potência, Cícero fora o único que lhe dera a segurança e a salvação, afastando da pátria um perigo espantoso. O admirável, em tudo isso, não foi que tivesse prevenido a execução da conspiração e mandado punir os culpados, mas que tivesse sabido sufocar, pelos meios menos violentos, a mais vasta conspiração que jamais se formara em Roma, extinguindo-a sem sedições e sem perturbações. Com efeito, a maioria dos que se haviam agrupado em torno de Catilina, ao saberem do suplício de Lêntulo e de Cetego, abandonaram seu chefe, e este mesmo, tendo combatido contra Antônio com os que lhe ficaram fiéis, foi derrotado e pereceu, assim como todo o seu exército.

XXIII. Não obstante, havia pessoas que criticavam a conduta de Cícero e se preparavam para fazê-lo arrepender-se. À sua frente estavam César, Metelo e Béstia, — um, pretor, e os outros dois tributos, designados para o ano seguinte. Quando entraram em ação, restavam ainda alguns dias a Cícero de permanência no consulado. Não lhe permitiram, pois, falar ao povo e puseram bancos na tribuna a fim de impedir que ele assomasse nela. Deixaram-lhe apenas a liberdade de comparecer, se assim o quisesse, para se demitir do cargo e abandoná-lo em seguida. Cícero acedeu e subiu à tribuna como se fora para só pronunciar o juramento. Fez-se um profundo silêncio. Mas, em lugar do juramento da praxe, Cícero pronunciou outro em tom completamente novo e que não convinha senão a si próprio. Jurou que salvaria a pátria e conservaria o império. Todo o povo repetiu, após ele o mesmo juramento. César e os tribunos, irritados com esse gesto, maquinaram contra Cícero outras intrigas. Propuseram, principalmente, uma lei que chamava Pompeu com as suas tropas, contando destruir assim o poder quase absoluto de Cícero. Felizmente, para Cícero e para Roma, Catão era então tribuno, e, como possuísse uma autoridade igual à de seus colegas, com uma maior consideração, fez oposição aos decretos de César. Catão viu facilmente o momento de satisfazer os seus desejos e de tal forma exaltou em seus discursos ao povo o consulado de Cícero, que a este se concederam as maiores honras jamais concedidas a nenhum romano, dando-se-lhe o nome de pai da pátria, título honorífico que teve a glória de haver sido o primeiro a possuir, e que Catão lhe conferiu em presença de todo o povo.

XXIV. Cícero gozou da maior autoridade em Roma. Tornou-se, porém, odioso para muita gente, não que praticasse alguma ação má, mas porque geralmente chocava o fato de elogiar-se ele próprio, exaltar a glória do seu consulado. Não ia nunca ao Senado, às assembleias populares e aos tribunais que não tivesse na boca os nomes de Catilina e de Lêntulo. Chegou mesmo a encher com os seus próprios elogios todos os livros e escritos que compunha. E a sua eloquência, tão cheia de doçura e de graça, tornava-se enfadonha e fatigante para o auditório. Essa afetação importuna era como uma doença fatal inoculada na sua pessoa. Todavia, permaneceu puro, apesar dessa ambição desmedida, de todo sentimento de inveja a respeito dos outros. Prodigalizava louvores não só aos grandes homens que o haviam precedido, mas também aos seus contemporâneos, como se vê nos seus escritos. Lembram-se também dele várias palavras caraterísticas. Ele dizia, por exemplo, de Aristóteles, que era um rio em que rolava ouro em fortes ondas, e, dos diálogos de Platão, que, se Júpiter quisesse falar, seria aquele o seu estilo. Costumavam chamar a Teofrasto “a sua delícia”. Como lhe perguntassem; certa vez, qual era dentre os discursos de Demóstenes o que achava mais belo, respondeu: “O mais longo”. Entretanto, alguns dos que se dizem fiéis zeladores da memória de Demóstenes, lhe censuraram por haver escrito, numa carta a um dos seus amigos, que Demóstenes, nos seus discursos, provoca algumas vezes o sono. Esses censores, entretanto, parecem não se lembrarem dos admiráveis elogios que ele fez a Demóstenes em várias

passagens das suas obras, e de que aos discursos em que trabalhou com mais cuidado, os que pronunciou contra Antônio, deu-lhes Cícero o nome de Filípicas.{1453}

Dentre todos os oradores e filósofos célebres do seu tempo, não houve um só que não tivesse a sua fama acrescida pelos louvores que Cícero espalhava em seus discursos e escritos. Apoiou com sucesso, junto a César já ditador, a Cratipo, o peripatético, com o fim de lhe conseguir o direito de cidadania romana. Obteve também, do Areópago, um decreto pelo qual se lhe pedia que ficasse em Atenas, para aí instruir os moços, sendo ele como era um dos ornamentos da sua cidade. Há cartas de Cícero a Herodo e outras a seu filho, em que o exorta a tomar as lições de Cratipo. Censura no retórico Górgias o haver inspirado a seu filho o gosto pelos prazeres, inclusive os da mesa, e recomenda que se abstenha de qualquer relação com ele É essa, talvez, a única carta de Cícero, além de uma outra a Pelops de Bizâncio, que foi escrita em tom amargo. Mas ele tinha razão de se queixar de Górgias, se, de fato, este era realmente tão vicioso e tão corrompido como parecia ser. Quanto à carta dirigida a Pelops, com estreiteza de ânimo e com ambição pueril, queixava-se da sua negligência em não lhe haver conseguido, da parte dos bizantinos, certos títulos honoríficos.

XXV. É sem dúvida à sua ambição que se devem atribuir essas misérias, assim como a falta que cometeu, muitas vezes, de sacrificar toda a conveniência à reputação do bem-dizer. Munácio{1454}, que Cícero defendera e conseguira absolver, começou a perseguir Sabino, um dos amigos do orador. Cícero ficou tão irritado que chegou ao ponto de dizer

— Pensas, então, Munácio, que é à tua inocência que deves o fato de teres sido absolvido, e não a mim, que, com a minha eloquência, ofusquei a luz aos olhos dos juízes?

Cícero fez, certa vez, da tribuna, um elogio a Marco Crasso, tendo sido muito ovacionado e, pouco tempo depois, fez, ao mesmo uma censura amarga.

— Não foi neste mesmo lugar, — lhe disse Crasso, que me elogiaste há poucos dias?

— Sim, — respondeu-lhe Cícero, — eu queria experimentar o meu talento num tema ingrato.

De outra vez, Crasso dissera que nenhum dos Crasso em Roma tinha vivido mais de sessenta anos. Em seguida porém, se retratou

— Em quem pensava eu — disse — quando fiz tal afirmação?

— Tu sabias, — respondeu Cícero, — que os romanos ouviriam isso com prazer e quiseste fazer-lhes a corte.

Tendo dito Crasso que apoiava a máxima dos estoicos “o sábio é rico”, respondeu Cícero:

— Cuidado, para que não adotes antes esta outra máxima estoica: “tudo pertence ao sábio”.

É que Crasso estava muito desacreditado em razão da sua avareza. Um dos dois filhos de Crasso parecia-se perfeitamente com um certo Áxio, contra cuja mãe se levantavam suspeitas desastrosas. Tendo sido esse moço aplaudido num discurso que fizera no Senado, pediu-se a Cícero a sua opinião a respeito dele. Cícero respondeu, em grego:

— É digno (é filho) de Crasso.{1455}

XXVI. Crasso, no momento da sua partida para a Síria, pensou que lhe seria mais útil reconciliar-se com Cícero do que o ter como inimigo: fez-lhe uma porção de presentes e mandou dizer-lhe que ia jantar com ele{1456}. Cícero o recebeu com prazer. Poucos dias após, alguns dos seus amigos foram dizer a Cícero que Vatinio, com quem ele brigara, desejava fazer as pazes.

— Vatinio, — disse Cícero, — quererá mesmo jantar comigo?

Era assim que ele fazia com Crasso. Esse Vatinio tinha o pescoço cheio de escrófulas. Um dia, em que havia atuado em um processo, Cícero comentou:

— Eis aí um orador bem empolado.

Foram dizer-lhe, um dia, que Vatinio morrera, mas como se soube, algum tempo depois, com toda a certeza, que Vatinio vivia, Cícero teve estas palavras:

— Maldito o que mentiu tão mal a propósito!

César ordenara se distribuíssem aos soldados terras da Campania e essa lei descontentou vários senadores. Lúcio Gélio, que era já muito velho, declarou que a partilha não se realizaria enquanto ele vivesse.

— Esperemos, — falou Cícero, — pois Gélio não pede longo prazo.

Um certo Otávio, de quem se lamentava a origem africana, disse um dia a Cícero que não o ouvia.

— Tu tens a orelha furada, replicou Cícero.{1457}

— Fizeste perecer mais cidadãos, — dizia-lhe Metelo Nepote, — prestando testemunho contra eles, do que os que salvaste com tua eloquência.

— Concordo, — replicou Cícero, — que haja em mim ainda mais crédito e fé do que eloquência.

Um rapaz, acusado de ter envenenado o próprio pai com um bolo, enfureceu-se contra Cícero e o ameaçou de liquidá-lo com injúrias.

— Prefiro tuas injúrias ao teu bolo — foi a resposta.

Públio Sextio, envolvido num processo criminal, pediu a Cícero e a outros amigos que o defendessem; mas falava tanto que não dava lugar a que seus defensores pronunciassem uma só palavra. Como os juízes iniciassem a votação e parecessem favoráveis ao acusado, disse Cícero:

— Aproveita a ocasião, Sextio, porque amanhã serás um homem particular.

Públio Cota, que se tinha na conta de um jurisconsulto, se bem que fosse homem sem conhecimentos e sem espírito, invocado certa feita por Cícero como testemunha, respondeu que não sabia nada.

— Crês, talvez, — obtemperou Cícero, — que te interrogo sobre direito?

Metelo Nepote, disputando contra ele, repetiu-lhe várias vezes:

— Cícero, quem é teu pai?

— Graças à tua mãe, — redarguiu Cícero, — ficas mais embaraçado do que eu para responder a semelhante pergunta.

Ora, a mãe de Nepote não possuía boa reputação. Quanto a Nepote, era de caráter leviano: enquanto foi tribuno, abandonou, de repente, suas funções para ir encontrar Pompeu na Síria. Depois, retornou a Roma, mais loucamente ainda. Quando morreu Filagro, seu preceptor, ele, fez-lhe um magnífico enterro e colocou sobre seu túmulo um corvo de mármore.

— Não podias fazer melhor, — comentou Cícero, pois teu preceptor te ensinou mais a voar do que a falar.

Marco Ápio, havendo dito, no exórdio de um discurso, que o amigo que ele defendia o tinha conjurado a trazer à causa exatidão, raciocínio e boa fé, disse Cícero:

— Como tens o coração tão duro para nada fazeres de tudo quanto te pediu teu amigo?

XXVII. Sem dúvida, é uma das qualidades do orador saber lançar, contra inimigos ou contra a parte adversa, brocardos amargos e mordazes. Cícero, porém, que os prodigalizava ao acaso, unicamente para fazer rir, tornou-se odiado, por isso, de uma porção de gente. Citarei alguns exemplos. Marco Aquílio tinha dois dos seus genros banidos. Cícero lhe chamava Adrasto{1458}. Lúcio Cota, que amava com vigor o vinho, era censor, quando Cícero se candidatou ao consulado. Tendo sentido sede no dia da eleição, Cícero, de pé, entre os amigos que o rodeavam, falou:

— Fazeis bem em ter medo que o censor se volte contra mim ao me ver bebendo água.

Encontrando-se na rua com Voconio, que levava três filhas em sua companhia, todas extremamente feias, gritou em voz alta:

— Esse homem ficou pai a despeito de Febo!{1459}

Marco Gélio, que passava por ter nascido em condição servil, certa vez lia cartas diante do Senado, com uma voz muito forte e muito clara.

— Não vos maravilheis, — bradou Cícero, — pois ele outrora foi apregoador.

Fausto, filho de Sila, o que havia possuído em Roma a autoridade soberana e havia levado à proscrição grande número de cidadãos, tendo dissipado a maior parte da sua fortuna e encontrando-se cheio de dívidas, anunciou a cessão de todos os seus bens aos seus credores.

— Prefiro os seus anúncios, — disse Cícero, — aos do seu pai.

XXVIII. Atraiu, assim, muitos ódios. Quanto à inimizade que lhe votaram Clódio e seus partidários, eis aqui o motivo que a gerou.

Clódio, jovem romano de nobre nascimento, mas insolente e audacioso, amava Pompéia, mulher de César. Certa vez, introduziu-se secretamente na casa de César, disfarçado em músico, pois as mulheres aí celebravam um sacrifício misterioso do qual são excluídos os homens. Não havia um só homem na casa, mas Clódio, adolescente ainda, e completamente imberbe, esperou que pudesse se misturar com as mulheres até chegar ao pé de Pompéia, sem ser reconhecido. Tendo entrado de noite em uma casa assim tão grande, perdeu-se. E caminhava de um lado para outro, quando foi encontrado por uma das escravas de Aurélia, mãe de César, que lhe perguntou seu nome. Forçado a responder, disse que procurava uma das aias de Pompéia chamada Abra. Reconhecendo a escrava que tal voz não era uma voz feminina, chamou aos gritos as mulheres: estas fecharam as portas, revistaram tudo e encontraram Clódio no quarto da moça com a qual entrara. O ruído que causou esse acontecimento obrigou César a repudiar Pompéia e a intentar contra Clódio um processo por impiedade.

XXIX. Cícero era amigo de Clódio e, no processo de Catilina, Clódio o auxiliara com grande dedicação e havia sido como uma espécie de guarda da sua pessoa. Clódio, em resposta à acusação, asseverou que naquele dia não se encontrava em Roma, estivera no campo, bem longe da cidade. Mas Cícero depôs dizendo que Clódio tinha ido naquele dia à sua casa tratar de um negócio, o que era verdade. De resto, Cícero prestou esse depoimento menos para atestar a verdade do que para curar as suspeitas de Terência, sua mulher. Terência odiava Clódio, por causa de sua irmã Clódia, que ela supunha ter querido desposar Cícero e se servir, para negociar esse casamento, de um certo Túlio, íntimo amigo e familiar de Cícero. Túlio ia todos os dias à casa de Clódia e lhe fazia assiduamente a corte, sendo a casa de Clódia vizinha da de Cícero. Terência suspeitava, pois, dos seus desígnios. Era, aliás, uma mulher de um caráter complicado. E, como dominasse Cícero, animou-o a pôr-se em oposição a Clódio e a depor contra ele. Vários cidadãos distintos depuseram também contra Clódio e o acusaram de perjuro, de ter cometido gatunices, de ter corrompido o povo a peso de dinheiro e de haver seduzido várias mulheres. Lúcido levou escravas que atestaram haver Clódio mantido comércio incestuoso com a mais jovem das suas irmãs, sendo ela mulher de Lúculo. Era crença geral, aliás, que Clódio havia desonrado suas duas outras irmãs, das quais uma, Terência{1460}, havia desposado Márcio Rex e a outra, Clódia, Metelo Celer. Davam a Clódia o apelido de Quadrantaria, porque um dos seus amantes lhe enviava, numa bolsa, pequenas moedas de cobre, em lugar de moedas de prata. Ora, os romanos chamam quadrans à menor das suas moedas de cobre. O que mais difamou Clódio em Roma foi o incesto com Clódia. Entretanto, o povo não se mostrou satisfeito com os que se haviam ligado contra Clódio, na carga dos seus depoimentos. Os juízes temeram que se usasse de violência e guarneceram o tribunal de gente armada. Quase todos, ao escreverem a sua opinião nos caderninhos, só

traçavam letras confusas{1461}. Pareceu, contudo, que os votos absolutórios estavam em maioria. Correu o boato de que os juízes haviam sido corrompido a peso de dinheiro. Também Catulo, ao encontrá-los assim, falou:

— Tivestes razão de pedir guardas para vossa segurança, com medo de que arrebatassem o vosso dinheiro.

Clódio vangloriou-se com Cícero de que o seu testemunho não havia merecido a fé dos juízes.

— Ao contrário, — respondeu Cícero, — vinte e cinco deles acreditaram em mim, e este é o número dos que te condenaram; e trinta não te quiseram crer, e estes só te absolveram depois de terem recebido o teu dinheiro.

César, chamado como testemunha contra Clódio, negou-se a depor.

— Minha mulher, — asseverou, — não cometeu adultério. Eu a repudiei porque a mulher de César deve estar isenta não somente das ações vergonhosas, mas ainda de toda e qualquer suspeita.

XXX. Clódio escapou a esse perigo e, nomeado tribuno do povo, começou logo a perseguir Cícero. Opôs-lhe tantos embaraços quantos lhe foi possível e levantou contra ele toda espécie de gente. Por meio de leis populares, ganhou o favor da multidão e conseguiu outorgar a cada um dos dois cônsules províncias consideráveis: Pison teve a Macedônia e Gabínio a Síria. Fazia passar medidas políticas com a ajuda de uma multidão de indigentes e tinha sempre ao pé da sua pessoa um contingente de escravos armados. Dos três homens que gozavam, então, de mais autoridade em Roma, Crasso era o inimigo declarado de Cícero; Pompeu fazia valer seu prestígio com um e com outro; e César estava a ponto de partir para a Gália com o seu exército. Cícero procurou insinuar-se junto a César, se bem que César nunca tivesse sido seu amigo e o houvesse considerado suspeito desde a conspiração de Catilina. Rogou-lhe, pois, que o levasse consigo, na qualidade de seu lugar-tenente. César aceitou o seu pedido e Clódio, vendo que Cícero ia escapar ao seu poder de tribuno, aparentou querer reconciliar-se com ele. Era de Terência, dizia ele de quem se queixava quase que unicamente; quanto a Cícero, não falava mais dele senão com as palavras mais doces e mais honestas. Afirmava que não lhe queria mal absolutamente e não alimentava contra ele nenhum rancor. Não lhe fazia senão leves censuras e, assim mesmo, num tom todo amigável. Conseguiu, dessa forma, dissipar todos os receios de Cícero, que agradeceu a César a nomeação de lugar-tenente e voltou a se ocupar com a gestão dos negócios públicos.

César, ofendido com essa atitude, apoiou Clódio nos seus desejos e apartou completamente de Cícero o espírito de Pompeu e declarou, diante do povo, que Cícero lhe parecia haver ferido a justiça e as leis, fazendo executar Lêntulo e Cetego sem nenhuma formalidade legal. Era, sob esse aspecto, que intentava a acusação contra Cícero e era a respeito desse fato que o intimava a responder. Cícero, para conjurar o perigo e escapar à perseguição dos seus inimigos, tomou a toga de luto, deixou crescer os cabelos e a barba e saiu por toda parte a suplicar ao povo o voto em seu favor. Clódio saiu no seu encalço, seguido de um grupo de

homens violentos e audaciosos, que troçaram de Cícero pela sua mudança de traje e pelo seu ar abatido. Fizeram-lhe mil ultrajes, chegando mesmo ao ponto de lhe atirarem lama e pedras, com o fim de impedir que fizesse as suas solicitações ao povo.

XXXI. Entretanto, a ordem equestre quase toda tomou luto, como Cícero, e mais de vinte mil jovens o acompanharam, de cabelos crescidos, solicitando, com ele o favor do povo. O Senado reuniu-se para decretar que o povo mudasse de trajes, como num luto público. Os cônsules, porém, se opuseram a esse decreto, e Clódio, foi sitiar o lugar do conselho com seus homens armados, e maior parte dos senadores saiu soltando fortes gritos e rasgando suas togas. Mas, esse triste espetáculo não inspirava nem compaixão nem vergonha na alma dos inimigos de Cícero. Era necessário que Cícero se exilasse ou que decidisse pelas armas a sua querela com Clódio. Cícero pediu ajuda de Pompeu, que se afastara propositadamente e se encontrava no campo, na sua casa de Alba. Cícero lhe enviou primeiramente Pison, seu genro, depois foi ele próprio. Prevenido da sua chegada, Pompeu não quis o encontro. Estava envergonhado da sua conduta para com um homem que se havia empenhado por ele em tão grandes lutas e lhe tinha prestado tão notáveis serviços políticos. Mas Pompeu era genro de César. Sacrificou às exigências de seu sogro uma velhíssima amizade e saiu da sua casa por uma porta dos fundos. Evitou, assim, a entrevista.

Cícero, sentindo-se traído por Pompeu e abandonado de todo mundo, recorreu aos cônsules. Gabínio sempre se mostrou seu desafeto, mas Pison falou com mansidão e o aconselhou a retirar-se, a ceder por algum tempo aos impulsos de Clódio, a suportar pacientemente esse revés da fortuna e se considerar ainda, pela segunda vez, o salvador da sua pátria agitada, a esse tempo, por sedições funestas. Cícero procurou seus amigos para orientar-se nesse sentido. Lúculo foi de opinião que ele ficasse, assegurando-lhe que triunfaria dos seus inimigos. Os outros, porém, o aconselharam a que se exilasse voluntariamente por algum tempo, crentes como estavam de que o povo, uma vez satisfeito dos furores e das loucuras de Clódio, não tardaria a lastimá-lo. Cícero aceitou este último alvitre. Possuía, desde muito tempo, em sua casa, uma estátua de Minerva, que ele cultuava com especial devoção. Tomou-a e a levou ao Capitólio{1462}, onde consagrou-lhe esta inscrição: A Minerva, protetora de Roma. Depois, fez-se acompanhar de alguns amigos, saiu da cidade por volta da meia-noite e seguiu por terra a estrada de Lucânia, procurando o rumo da Sicília.

XXXII. Assim que se espalhou a notícia da fuga de Cícero, Clódio baixou contra ele um decreto de banimento, e mandou afixar uma ordem em que era proibido dar-lhe água e fogo, e recebê-lo em casa a uma distância de quinhentas milhas da Itália. O respeito, porém, que Cícero infundia foi bastante para que esta última medida fosse desprezada. Por toda parte, teve ele uma acolhida solícita e era acompanhado com demonstração da mais viva consideração. Somente em Hiponium, cidade da Lucânia, chamada hoje Vibone, o siciliano Víbio, a quem Cícero havia dado várias provas de amizade, e que tinha sido, durante o seu consulado, o intendente dos operários, não o recebeu em sua casa e lhe pediu que se retirasse da sua terra. E Caio Virgílio, pretor da Sicília, que devia grandes obrigações a Cícero, escreveu-lhe, pedindo-lhe que não fosse à Sicília. Lacerado com essa ingratidão, seguiu para Brindis, onde embarcou para Dirráquium, levando vento favorável. Como, porém, durante o dia, soprasse um vento contrário, Cícero aportou de novo à Itália. Imediatamente retomou a rota marítima; e, ao chegar a Dirráquium, quase prestes a desembarcar, registrou-se, afirma-se, um tremor de terra e ao mesmo tempo um súbito refluxo das aguas. Os augures conjeturaram sobre esse prodígio, assegurando que o seu exílio não seria de longa duração; que essas espécies de sinais pressagiavam uma mudança favorável.

Em Dirráquium, ele foi visitado por uma multidão que lhe testemunhou vivo interesse, e as cidades gregas disputavam entre si qual prestaria a Cícero maiores homenagens. Ninguém, porém, conseguiu insuflar-lhe coragem nem dissipar-lhe a tristeza. Semelhante a um amante

infeliz, voltava, sem cessar, os seus olhares para a Itália. Humilhado, abatido pelo seu infortúnio, mostrou várias vezes fraqueza e pusilanimidade, o que não se podia esperar de um homem que passara a sua vida mergulhado no estudo. Assim, por mais de uma vez, pedira aos seus amigos que não lhe chamassem orador, mas filósofo.

— Eu me acho ligado à filosofia, — costumava dizer, — como ao fim de todas as minhas ações, e a eloquência não é para mim senão o instrumento da minha política.

A opinião não tem senão o poder bastante para apagar da nossa alma as impressões da razão, como uma tintura que não penetrou profundamente, e os homens de Estado, à força de lidar com o povo, acabam por se impregnar das paixões vulgares, a menos que velem por si próprios com uma atenção ininterrupta. É preciso estar, exteriormente, em contacto com os negócios, mas não com as paixões que determinam os negócios.

XXXIII. Clódio, depois de ter banido Cícero, incendiou as suas casas de campo e a sua habitação em Roma, em cujo local mandou edificar o templo da Liberdade. Pôs em leilão os seus bens e todos os dias os fazia apregoar, sem que se apresentasse um só comprador. Tornando-se, pelas suas violências, temível a todos os nobres, pois dispunha do povo, que ele deixava abandonar-se a todos os excessos da licença e da audácia, ameaçou levantar-se contra Pompeu e censurou algumas medidas que tomara quando no comando dos exércitos. Pompeu, cuja reputação era alvo de ataques, lamentou-se de haver abandonado Cícero. E mudou de ideia. Ligou-se com seus amigos para conseguir a volta do orador. Clódio resistiu a esses esforços, mas o Senado decretou que ficaria suspensa a ação de todos os negócios públicos, até que fosse decretada a volta de Cícero. Sob o consulado de Lêntulo, a sedição avançara tanto, que houve tribunos do povo feridos em praça pública. Quinto, irmão de Cícero, foi abandonado como morto entre muitos outros. A lembrança desses excessos começou a sossegar o povo; e o tribuno Ânio Milon foi o primeiro a arrastar Clódio à barra do tribunal, para responder por violências cometidas. A maioria do povo e dos habitantes das cidades vizinhas se aliou a Pompeu que, seguro de tal ajuda, expulsou Clódio da praça pública e convocou os cidadãos para nova eleição. Jamais, afirma-se, decreto algum foi baixado pelo povo com tanta unanimidade. O Senado rivalizou em zelo com o povo e deliberou que se enviassem agradecimentos a todas as cidades que haviam acolhido Cícero no seu exílio e que a sua casa de Roma, com as suas habitações de campo incendiadas por Clódio, fossem reconstruidas a expensas do tesouro público.

Cícero voltou a Roma depois de 16 meses de exílio. Todas as cidades e todas as populações demonstraram tanta alegria e tanta ânsia em ir ao seu encontro, que Cícero dizia a verdade quando afirmava que a Itália inteira o conduzira a Roma sobre os seus ombros. O próprio Crasso, que já era seu inimigo antes do exílio, saiu também ao seu encontro e se reconciliou com ele querendo assim causar prazer a seu filho Públio, que era um dos mais ardentes admiradores de Cícero.

XXXIV. Aproveitando-se da ausência de Clódio, pouco tempo depois, Cícero foi ao Capitólio, acompanhado de vários cidadãos, arrancou as tábuas tribunícias em que se inscreveram os atos do tribunato de Clódio e as desfez em pedaços. Clódio quis, por isso, acusá-lo como criminoso. Respondeu-lhe Cícero que foi desprezando a lei que Clódio, patrício de nascimento, chegara ao tribunato. Portanto, nada do que havia decretado, durante o exercício do seu cargo, era legal. Catão ficou descontente com essa violência e combateu o motivo invocado por Cícero. Não que ele aprovasse os atos de Clódio: pelo contrário, reprovava a sua administração, mas o Senado não podia, na sua opinião, sem injustiça, e sem abuso de

autoridade, anular decretos e atos tão importantes, dos quais um, entre outros, era a comissão para a qual ele havia sido nomeado e que devia desempenhar em Chipre e Bizâncio. Reinou, depois dessa questão, certa frieza entre Catão e Cícero, não que chegasse à ruptura decisiva, mas viveram daí por diante com menos intimidade.

XXXV. Pouco tempo depois, Milon matou Clódio e, processado por esse assassínio, encarregou Cícero de sua defesa. O Senado, temeroso de que o perigo em que se encontrava um homem considerado e violento como Milon causasse alguma perturbação em Roma, encarregou Pompeu de presidir não só a esse julgamento mas também aos outros processos e de velar pela segurança na cidade e nos tribunais. Pompeu distribuiu, na véspera, soldados pelo Fórum e pelos lugares que o dominam. Milon, de medo que Cícero, perturbado por esse espetáculo incomum, não falasse com a sua eloquência habitual, convenceu-o de que se devia transportar ao Fórum em liteira e conservar-se em repouso até que os juízes chegassem e que o tribunal começasse a funcionar. Cícero era tímido, ao que parece, não só quando se tratava de guerra, mas até quando se tratava de ir à tribuna. Jamais começava um discurso sem experimentar certo temor, embora uma longa prática tivesse fortalecido e aperfeiçoado a sua eloquência, o que devia impedi-lo de tremer e comover-se. Advogado de Lúcio Murena{1463}, acusado por Catão, mostrou-se tão fatigado por esse trabalho extenuante e pela longa vigília, que pareceu inferior a si próprio. No dia do julgamento de Milon, quando, ao sair da, sua liteira, viu Pompeu sentado no alto do tribunal, como num campo e, em torno dele, soldados com armas reluzentes, ficou completamente emocionado e não começou seu discurso senão com grande dificuldade, o corpo todo tremendo e falando com uma voz entrecortada, ao passo que Milon assistia aos debates com um ar confiante e corajoso, desdenhando deixar crescer os cabelos e tomar uma roupa de luto. Foi isso, creio eu, o que mais contribuiu para a sua condenação. De resto, o terror de Cícero em tais circunstâncias parecia devido menos à sua timidez do que à sua afeição pelos amigos.

XXXVI. O colégio dos sacerdotes, a que os romanos chamam augures, recebeu-o, em substituição a Crasso, o jovem, que fora morto pelos Partos. Tendo-lhe cabido por sorte a Cilicia{1464}, na partilha das províncias, com um exército de doze mil homens de infantaria e dois mil e seiscentos de cavalaria, para lá embarcou. Levava, também, a missão de reconciliar os capadócios{1465} com o rei Ariobarzanes e de reconduzi-los à obediência. Conseguiu-o, sem dar lugar a nenhuma queixa e sem recorrer às armas. Os desastres experimentados pelos romanos no país dos Partos{1466} e os movimentos da Síria que contaminaram os Cilicianos do espírito de revolta, ele os remediou e conteve pela brandura do seu governo. Recusava presentes, mesmo os que lhe eram oferecidos pelos reis, e repunha nos cofres da província as despesas da sua mesa. Recebia, à própria custa, pessoas cuja convivência lhe era agradável. Tratava-as sem magnificência, porém com muita liberalidade. Não havia porteiro em sua casa e jamais alguém o encontrou na cama. Levantava-se de manhã cedo, passeava pelo quarto, acolhendo gentilmente os que iam saudá-lo. Nunca ninguém, com o seu consentimento, apanhou com varas e teve a sua roupa rasgada. Jamais, mesmo em estado de cólera, pronunciou uma palavra ofensiva ou impôs alguma multa que pudesse parecer injuriosa. Os fundos públicos tinham sido dilapidados: ele enriqueceu as cidades, fazendo-as recobrar o que haviam perdido. E, sem ferir ignominiosamente os prevaricadores, contentou-se em fazê-los devolver aquilo de que se tinham apossado. Teve de fazer uma guerra: pôs em fuga os bandidos que habitavam o Amanus{1467}. Essa vitória levou os soldados a dar-lhe o título de imperator{1468}. O orador Célio pediu-lhe que enviasse panteras da Cilicia para as diversões que estava organizando em Roma. Cícero respondeu-lhe, algo envaidecido com as suas façanhas, que não havia mais panteras na Cilicia: tinham todas fugido para a Cária, furiosas de serem elas as únicas contra as quais se fez a guerra, enquanto que o resto da província vivia em paz.

Ao voltar da Cilicia, passou primeiramente em Rodes, depois em Atenas, onde se demorou prazerosamente algum tempo, pela lembrança que lhe trazia a estada que aí fizera outrora. Conversou em Atenas com os homens mais eminentes pelo saber e visitou os seus amigos e

familiares que aí se encontravam então. Após haver recebido da Grécia um justo tributo de admiração, retornou a Roma, onde encontrou os negócios públicos em combustão, por assim dizer, e a guerra civil a ponto de rebentar.

XXXVII. O Senado quis lhe conceder o triunfo. Respondeu Cícero que seguiria com mais satisfação o carro triunfal de César, depois de feita a paz com ele. Não cessava, em particular, de aconselhar essa paz. Escrevia frequentemente a César, da mesma maneira que a Pompeu, não poupando esforços no sentido de abrandar os seus dissentimentos. O mal, porém, era irremediável e, quando César avançou sobre Roma, Pompeu, em lugar de o esperar, abandonou a cidade seguido de um número considerável de cidadãos ilustres. Cícero não o acompanhou nessa fuga. Acreditava-se que ele se fosse juntar a César. É verdade que oscilou durante muito tempo entre os dois partidos em vésperas de violenta agitação. Ele próprio escreveu nas suas Cartas: “De que lado devo me colocar? Pompeu tem, para fazer a guerra, um motivo glorioso e honesto. César, porém, se há de conduzir melhor nesta terrível crise e há de saber fazer melhor pela sua salvação e pela dos seus amigos. Sei muito bem que devo fugir, mas não vejo quem me dará refúgio”.

Trebácio, um dos amigos de César, escreveu a Cícero dizendo-lhe que era pensamento de César que ele se devia juntar ao general e partilhar das suas esperanças, ou que, se sua idade não permitisse esse caminho ativo, devia retirar-se para a Grécia e aí viver tranquilamente, livre de compromissos com um e outro partido. Cícero, admirado de que César não lhe tivesse escrito diretamente, respondeu a Trebácio cheio de cólera, afirmando que não tomaria nenhuma atitude indigna dos atos políticos da sua vida. Eis o que se encontra, com os próprios termos seus, nas suas Cartas.

XXXVIII. Havendo César partido para a Espanha, Cícero embarcou imediatamente, a fim de se reunir a Pompeu. Todos viram com prazer essa resolução, exceto Catão, que, à sua chegada, o chamou em particular e reprovou-lhe o haver abraçado o partido de Pompeu.

— Quanto a mim — disse-lhe Catão — não posso, sem me causar prejuízo, abandonar uma causa a que estou ligado desde a minha estreia nos negócios públicos. Mas tu, porventura, não terias sido mais útil à tua pátria e aos teus amigos ficando neutro em Roma e adaptando a tua conduta aos acontecimentos, em lugar de vires aqui, sem razão e sem necessidade, declarar-te inimigo de César e empenhar-te em tão grande perigo?

Essas observações foram o bastante para que Cícero mudasse de opinião, tanto assim que Pompeu não o designou para nenhum cargo de importância. É verdade que Cícero não devia queixar-se senão de si próprio, pois não negava que se havia arrependido. Pilheriava francamente dos preparativos de Pompeu, desaprovava intimamente os seus projetos e não deixava de atirar contra os aliados os seus brocardos e ditos espirituosos. Passeava durante todo o dia pelo campo com um ar sério e morno, mas não deixava escapar nenhuma ocasião de fazer rir aos que não tinham vontade de divertir-se. Talvez não seja mau examinar aqui o seu aspecto de humorista.

Domício queria conferir um posto superior a um homem pouco afeito à guerra e louvava a pacatez e a honestidade dos seus costumes.

— Por que não o guardas, — replicou Cícero, — para educador dos teus filhos?

Teofano de Lesbos era, no exército, prefeito dos operários do acampamento. Como lhe louvassem a maneira pela qual ele consolava os ródios da perda da sua armada, observou Cícero:

— Como se é feliz quando se tem um grego por capitão!

César saía vitorioso em quase todos os combates e considerava Pompeu como sitiado.

— Afirma-se, — comentou Lêntulo, — que os amigos de César estão muito tristes.

— Queres dizer, — replicou Cícero, — que estão de má vontade com César?

Um certo Márcio, recentemente chegado da Itália, dizia que o boato corrente em Roma era de que Pompeu se encontrava sitiado.

— E embarcaste repentinamente, — disse Cícero, para vires te certificar disso com os teus próprios olhos?

Após a derrota de Pompeu, Nônio dizia:

— Tenhamos esperança! ainda restam sete águias no campo de Pompeu.{1469}

— Terias razão, — respondeu Cícero, — se fizéssemos guerra às gralhas.

Labieno, cheio de confiança em certas predições, sustentava que Pompeu acabaria como vencedor.

— No entanto, — assegurou Cícero, — foi com essa tática que acabamos perdendo o nosso campo.

XXXIX. Retido, no leito por uma doença, Cícero não havia podido ir à batalha de Farsália. Quando Pompeu fugiu, Catão, que possuía em Dirráquium um exército numeroso e uma frota considerável, quis que Cícero assumisse o comando das forças militares, em virtude da lei, pois estava revestido da dignidade de cônsul. Cícero, porém, recusou em absoluto essa prebenda, declarando que não tomaria parte nenhuma na guerra. Essa recusa quase lhe foi fatal: o jovem Pompeu e seus amigos apontaram-no como traidor, e atravessá-lo-iam com suas espadas, se Catão não o tivesse impedido. Ainda por interferência de Catão, Cícero abandonou o acampamento e se dirigiu a Brindis, onde se demorou por algum tempo à espera de César, retido fora da Itália, pelos negócios da Ásia e do Egito. Ao saber que César desembarcara em Tarento e que viria de lá, por terra, a Brindis, Cícero correu a esperá-lo, não desesperançado de obter o seu perdão, mas, entretanto, cheio de vergonha por ter de fazer, à vista de tanta gente, a prova das disposições de um inimigo vitorioso. Não lhe foi necessário, porém, tomar nenhuma atitude incompatível com a sua dignidade. César, ao perceber que Cícero, adiantando-se bastante dos demais, ia ao seu encontro, desceu do cavalo e o saudou, caminhando ao seu lado alguns estádios{1470}, numa palestra animada. Daí por diante, não cessou de testemunhar-lhe a sua estima e amizade. Tendo Cícero composto mais tarde um elogio de Catão, César, na resposta que lhe deu, elogiou a eloquência e a vida de Cícero, que ele comparou às de Péricles e de Teramene. O discurso de Cícero intitula-se Catão e o de César Anti-Catão.

Tendo sido Quinto Ligario acusado como um dos que tinham usado dás armas contra César, Cícero encarregou-se da defesa. César, ao que se conta, disse, então, a um dos seus amigos:

— Que impede que deixemos Cícero falar? Há muito tempo já que não o ouvimos. Quanto ao cliente, é homem mau, é meu inimigo: está julgado.

Cícero, porém, desde as primeiras palavras do seu discurso, comoveu singularmente César. E, à medida que avançava, empregando todos os recursos do patético, tudo quanto possuía a sua eloquência de sedução, viu-se muitas vezes César mudar de cor e tornar sensíveis os diversos afetos que lhe agitavam a alma. Enfim, quando o orador tocou na batalha de Farsália, César, fora de si, estremeceu todo o corpo e deixou cair os papéis que tinha na mão. Cícero, vencedor do ódio de César, conseguiu a absolvição de Ligário.

XL. Substituído o antigo governo pelo poder de um só homem, Cícero abandonou desde então a vida pública e empregou todo o seu tempo no trato com os moços que desejavam aplicar-se à filosofia. Pertenciam eles às principais famílias de Roma. Cícero reconquistou, por suas frequentes relações com eles, um grande prestígio na cidade. Sua ocupação era compor e traduzir diálogos filosóficos e fazer passar para o latim os termos da física e da dialética. Foi ele afirma-se, quem naturalizou primeiramente, ou pelo menos com maior sucesso entre os romanos, as palavras gregas que significavam imaginação (fantasia), assentimento (catatesis), suspensão de julgamento (epoché), átomo, invisível, vazio (cenon) e várias outras semelhantes, explicando, ou por metáforas ou por termos conhecidos e vulgares, as que se aproximavam delas pelo sentido. Servia-se, no seu divertimento, da facilidade que possuía para a poesia: quando se abandonava à sua veia poética, fazia, conta-se, quinhentos versos numa noite.

Cí cero passava a maior parte do seu tempo em Tusculum, domínio seu, de onde escrevia aos amigos dizendo que levava a vida de Laerte. Dizia-o, ou por troça, como era seu costume, ou porque a ambição lhe fizesse almejar o retorno à vida política. O certo é que estava descontente da situação em que se encontrava. Raramente ia a Roma e somente para fazer a corte a César. Era o primeiro a aplaudir as honras que se conferiam a César e encontrava sempre alguma coisa de novo e lisonjeiro para dizer sobre a sua pessoa ou suas ações. Tais são as palavras sobre as estátuas de Pompeu que haviam sido derrubadas e que César reergueu de novo.

— César, — disse Cícero, — levanta as estátuas de Pompeu, mas essa generosidade firma as suas próprias estátuas.

XLI. Sonhava Cícero escrever a história de seu país, enriquecendo-a com muitas tradições gregas e narrações das primeiras idades. Foi, porém, desviado do seu intento por uma série de ocup ações públicas e particulares, por acontecimentos desagradáveis e outros que o atribularam, ao que parece, quase todos por sua própria culpa. Primeiro que tudo, repudiou sua mulher Terência, porque, durante a guerra , se ocupara muito pouco com ele e, quando ele partiu, deixara que faltassem as coisas mais necessárias para a viagem, e também porque, à sua volta à Itália, dela não recebera nenhuma prova de afeição. Encontrando-se ele em Brindis durante muito tempo, Terência não procurou vê-lo e quando sua filha, que era extremamente jovem, aí foi juntar-se a ele sua mulher não lhe deu nem um séquito conveniente para um percurso tão longo, nem com que prover aos seus gastos, co mo era necessário. Terência, enfim, abandonara a casa de Cícero, deixando-a vazia e desprovida, carregada de dívidas consideráveis. Tais são os pretextos mais honestos que apresentou para o seu divórcio. Terência negava que houvesse verdade nessas acusações e o próprio Cícero — é preciso confessar — deu-lhe um excelente meio de justificação, desposando, pouco tempo depois, uma moça cuja beleza o havia seduzido, ao que dizia Terência. Tiron, porém, liberto de Cícero, afirma que ele se casara em virtude da riqueza da noiva, pois precisava pagar as suas dívidas. Essa moça era, com efeito, muito rica, e Cícero possuía seus bens em fideicomisso, por testamento do pai, até à sua maioridade. Como, porém, ele devesse somas consideráveis, deixou-se persuadir por seus amigos e parentes de que devia desposá-la, apesar da desproporção da idade, a fim de que, com sua fortuna, se livrasse dos credores. Antônio, no seu discurso em resposta às Filípicas, fa la desse casamento, asseverando que Cícero repudiara uma mulher ao lado da qual envelhecera, dizendo com graça que ele tinha sido um homem pássaro, que jamais se havia afastado de sua casa, nem tinha estado na guerra para servir à causa pública.

Algum tempo depois do seu c asamento, Cícero perdeu a sua filha Túlia, morta de parto na casa de Lêntulo, que ela desposara após a morte de Pison, seu primeiro marido. Os filósofos acorreram, de todos os lados, à casa de Cícero, a fim de consolá-lo. Essa infelicidade, porém, afetou-o tão profundamente, que foi até ao repúdio da sua nova mulher, pois estava convencido de que ela se alegrara com a morte de Túlia.

XLII. Eis aí a vida doméstica de Cícero.

Ele não tomou parte, absolutamente, na conjuração contra César, se bem que fosse um dos mais devotados amigos de Bruto e, descontente com o estado presente dos negócios do Estado, desejasse, como nenhu m outro, o retorno de Roma à antiga ordem de coisas. Mas os

conjurados não ousaram fiar-se num caráter tímido como o seu nem num homem já na idade em que tinham desaparecido a audácia e a firmeza próprias das almas vigorosas. Executado o plano de Bruto e Cássio, os amigos de César se prepararam para a vingança. Temia-se ver Roma mergulhada nas guerras civis. Antônio, que era cônsul, convocou o senado e falou, em poucas palavras, sobre a necessidade da concórdia. Cícero fez um l ongo discurso, de acordo com as circunstâncias, e convenceu os senadores de que deviam decretar, a exemplo de Atenas, uma anistia geral para tudo quanto se havia feito sob a ditadura de César, e distribuir províncias a Cássio e Bruto. Essas medidas, porém, ficaram sem efeito. O povo se deixou arrastar por uma paixão natural em frente ao corpo de César, que era conduzido através do Fórum. Quando Antônio tirou a túnica de César toda ensanguentada e furada pelos golpes de espada, esse espetáculo encheu a multidão de tal furor que procurou os assassinos na própria praça e correu, de tochas na mão, a incendiar as suas casas. Prevendo esse perigo, furtaram-se às perseguições. E, como temessem outras e maiores ainda, tomaram a resolução de abandonar Roma.

XLIII. Também Antônio levantou logo a cabeça e todos se assustaram, sobretudo Cícero, à ideia de que ia comandar Roma sozinho. Antônio, que via o crédito político de Cícero fortificar-se dia para dia, e o sabia amigo de Bruto, suportava sua presença impacientemente. Havia entre eles, desde muito já, um começo de desconfiança mútua, nascida da diferença absoluta dos seus costumes. Cícero, que temia a má vontade de Antônio, quis primeiramente ir à Síria, como lugar-tenente de Dolabela, mas Hírtio e Parsa, dois homens de bem e amigos de Cícero, que deviam suceder a Antônio no consulado, suplicaram a Cícero que não os abandonasse, prometendo, com a sua ajuda, destruir o poder de Antônio. Cícero, sem recusar acreditá-los, mas sem dar muita fé às suas palavras, deixou partir Dolabela. E, após ter combinado com Hírtio que iria passar o verão em Atenas{1471} e que retornaria a Roma desde que seu colega e ele tivessem tomado posse do consulado — embarcou para a Grécia. Como a sua viagem por mar sofresse várias interrupções, conseguia todos os dias, como de costume, notícias de Roma: asseguravam-lhe que se operara em Antônio mudança extraordinária: que Antônio não tomava uma só resolução a não ser de acordo com o Senado e que não faltava mais do que a presença de Cícero para dar aos negócios públicos uma situação mais favorável. Cícero lamentou, então, a sua excessiva previdência e voltou a Roma. Ele não se enganou, desde logo, nas suas esperanças: saiu à sua frente uma multidão tão considerável que lhe foi necessário despender quase todo o dia em apertos de mãos e abraços, desde as portas da cidade até à sua casa.

No dia seguinte, Antônio convocou o Senado e chamou Cícero, que se absteve de aí comparecer, ficando de cama sob o pretexto de que a viagem o havia fatigado. Seu verdadeiro motivo, porém, era evidentemente o temor de alguma cilada, da qual tivera conhecimento durante a viagem. Antônio, ofendido com uma suspeita que classificava de caluniosa, mandou soldados para conduzi-lo à força, ou, então, incendiar sua casa, se se obstinasse a recusar sua presença no Senado. Em virtude da insistência de vários senadores, porém, Antônio revogou a sua ordem e se contentou com penhorar aperias alguns bens de Cícero. Desde esse dia, eles deixaram de se cumprimentar quando passavam um ao lado do outro na rua. Viviam nessa desconfiança, quando o jovem César{1472} chegou da Apolônia, apresentando-se como herdeiro do antigo César e reclamando uma soma de 25 milhões de dracmas, de que Antônio se apossara. É nesse momento que começa a ruptura franca de Cícero com Antônio.

XLIV. Filipe, que havia desposado a mãe do jovem César, e Marcelo, o marido da sua irmã, foram com ele à casa de Cícero. Aí, combinou-se que Cícero apoiaria César com a sua eloquência e com o seu prestígio no Senado e diante do povo. Por seu turno, o jovem César empregaria seu dinheiro e suas armas na proteção à vida de Cícero, pois o rapaz dispunha de grande número de soldados que haviam servidor às ordens do ditador.

Parece, porém, que Cícero se viu obrigado, por motivos mais poderosos, a receber com alegria os oferecimentos de César. No tempo em que Pompeu e César viviam ainda, Cícero teve um sonho, no qual lhe pareceu que eram chamados ao Capitólio os filhos dos senadores. Júpiter devia, dentre eles, eleger o soberano de Roma. Os cidadãos acorriam em multidão e acercavam-se do templo. Os meninos, vestidos de túnica pretexta, mantinham-se sentados em silêncio. De repente, as portas se abrem, os meninos se levantam e passam, cada um na sua fila, diante do deus, que, após havê-los observado atentamente, os faz retornar a seus lugares cheios de aflição. Quando, porém, o jovem César se aproxima, Júpiter estende-lhe a mão e diz: "Romanos, eis aqui o chefe que porá termo às vossas guerras civis". Esse sonho, conta-se, gravou tão vivamente no espírito de Cícero a imagem do menino, que ele jamais a esqueceu. Ele não o conhecia, mas, no dia seguinte, quando descia o Campo de Marte, à hora em que os meninos voltavam dos seus exercícios, o primeiro que notou foi o jovem César, tal qual o vira em sonho. Impressionado com o encontro, p erguntou-lhe o nome de seus pais. Seu pai chamava-se Otávio, homem de nascimento pouco ilustre; mas sua mãe, Átia era sobrinha de César{1473}, o qual, não tendo filhos, o instituíra, por testamento, herdeiro da sua casa e dos seus bens. Afirma-se que, depois dessa aventura, Cícero não encontrou nunca o menino sem lhe falar cordialmente e sem deixar de fazer-lhe carícias, que o jovem César aceitava com prazer. Aliás, o acaso determinara o seu nascimento sob o consulado de Cícero.

XLV. Eis ai as versões a respeito do fato. O que, porém, ligou Cícero a César foi, antes de tudo, seu ódio contra Antônio, e, depois, seu caráter, que não sabia resistir à ambição. Ele esperava pôr a serviço da República a atividade desse rapaz que, aliás, procurava por todos os meios insinuar-se na amizade de Cícero, chegando até a chamá-lo de pai. Bruto, indignado com essa fraqueza, censurou Cícero energicamente nas cartas a Ático. Cícero, segundo ele, adulando César pelo medo que lhe inspirava Antônio, não deixa lugar para dúvida: procura, não tornar livre a sua pátria, mas dar-se a si próprio um senhor doce e humano. Todavia, Bruto levou consigo o filho de Cícero, que se encontrava em Atenas ouvindo lições de filosofia.

Encarregou-o de uma tarefa, que desempenhou com excelente êxito. O poder de Cícero em Roma atingia, então, o seu apogeu: dispondo de tudo como senhor, expulsou Antônio, sublevou os espíritos contra este e enviou os dois cônsules Hírtio e Parsa para declarar-lhe guerra. Enfim, Cícero convenceu o Senado de que, por um decreto, devia conceder a César litores armados de feixes e todas as honras militares, como ao defensor da pátria. Como, porém, Antônio houvesse sido derrotado, e mortos, no campo de batalha, os dois cônsules, e como os dois exércitos que comandavam se tivessem ido reunir aos de César, o Senado, que temia esse rapaz, cujo futuro devia ser brilhante, fez todos os esforços no sentido de lhe arrebatar os soldados, conferindo-lhes honras e recompensas, e para lhe desorganizar as forças, sob o pretexto de que, com a derrota de Antônio, a República não mais tinha necessidade de defender-se pelas armas. César, alarmado com essas medidas, mandou secretamente algumas pessoas falar a Cícero, exortando-o, com suas súplicas, a disputar o consulado para si e para César. Cícero, afirmavam eles, dispunha da coisa pública a seu talante e, assim, governaria o rapaz, que não ambicionava outra coisa senão títulos honoríficos. O próprio César confessava que, temendo ver-se abandonado por todos em vista do licenciamento da sua tropa, jogou com a ambição de Cícero, pedindo-lhe se candidatasse ao consulado, prometendo-lhe ajudá-lo com o seu prestigio e os pedidos de votos nos comícios.

XLVI. Cícero, não obstante a sua idade, deixou-se fascinar e enganar nesse momento por um rapaz: apoiou a pretensão de César e conseguiu o favor do Senado para tais pretensões. Seus amigos mais que depressa o censuraram e não tardou que ele próprio reconhecesse que estava perdido, sacrificando, dessa maneira, a liberdade do povo. O jovem César, uma vez no poder, não quis mais saber de Cícero: ligou-se com Antônio e Lépido. Reunindo suas forças, todos três, partilharam o império entre si, como se se tratasse de uma simples herança. Organizaram uma lista de duzentos cidadãos, cuja morte lhes parecia necessária. A proscrição que deu lugar à mais viva disputa foi a de Cícero. Antônio não queria ouvir falar em

acomodações, se Cícero não fosse o primeiro a perecer. Lépido apoiava os pedidos de Antônio. César resistia a um e outro. Passaram três dias perto da cidade de Bolonha{1474} em conferências secretas. Era numa ilha o lugar onde se reuniam, situada no meio do rio que separava os dois campos. César lutou vivamente, conta-se, os dois primeiros dias, para salvar Cícero. Ao terceiro dia, porém, cedeu, e o abandonou. Fizeram-se todos os três concessões recíprocas. César sacrificou Cícero; Lépido, o seu próprio irmão Paulo; e Antônio, o seu tio materno Lúcio César — tanto a cólera e a raiva haviam afogado neles todo e qualquer sentimento de humanidade! Que digo eu? Provaram que não há monstro mais selvagem do que o homem quando possui o poder de saciar a sua paixão.

X LVII. Enquanto isso acontecia, Cícero vivia na sua casa de campo de Tusculum, com seu irmão. Logo que correu a primeira notícia das proscrições, resolveram ambos vir à Astira, outra casa de campo de Cícero, situada à beira-mar. Queriam embarcar aí para a Macedônia, onde ficariam ao lado de Bruto, cujas forças, segundo boatos já correntes, estavam consideravelmente acrescidas. Puseram-se, cada um numa liteira, e partiram, tristes e abatidos e sem mais esperanças. Interromperam a viagem, aproximaram as liteiras e deploraram mutuamente a sua sorte. Quinto era o mais acabrunhado. Lamentava-se, sobretudo, da falta de recursos em que iria se encontrar: “Não trago nada comigo”, queixava-se ele. Cícero não levava mais do que poucas provisões para a viagem. Convieram em que era mais justo que Cícero continuasse a viagem e apressasse a fuga, enquanto Quinto correria até sua casa, a fim de prover-se de tudo quanto fosse necessário. Tomada essa resolução, abraçaram-se ternamente e separaram-se com os olhos ba nhados em lágrimas.

Poucos dias depois, Quinto, traído por um dos seus domésticos, e entregue àqueles que o procuravam, foi morto, juntamente com seu filho. Cícero, ao chegar a Astira, encontrou um barco preparado, no qual embarcou. Viajou, com bom tempo, até o monte Circé. Os pilotos quiseram logo fazer vela e demandar novo porto. Cícero, porém, ou porque temesse o mar, ou porque conservasse ainda alguma esperança na fidelidade de César, saltou em terra e caminhou cerca de cem estádios em direção a Roma.

Caindo, porém, em novas aflições, mudou de pensamento, retomando o caminho do mar. Ficou em Astira, onde passou a noite entregue a pensamentos terríveis, sem saber o que resolveria. Pensou, mesmo, num momento, em penetrar secretamente na casa de César e se degolar junto ao fogão, a fim de expor a pessoa de César à fúria vingadora do povo. O medo de ser torturado, caso lhe pusessem a mão em cima, o desviou dessa resolução. Sempre oscilando entre resoluções igualmente perigosas, abandonou-se aos seus domésticos, que o deveriam conduzir por mar a Caieté, onde possuía um domínio: era um retiro agradável no verão, quando os ventos etésios{1475} fazem sentir o seu doce hálito. Há, nesse lugar, um pequeno templo dedicado a Apolo, situado ao, pé do mar. De repente, se ergueu do alto do templo um bando de corvos que dirigiam seu voo, crocitando fortemente, para o barco de Cícero, que procurava alcançar a terra, e foram pousar nos dois lados da antena, enquanto os outros picavam as extremidades das cordas. Todos olharam esse signo como mau presságio. Cícero desembarcou, entrou em casa e foi deitar-se para descansar. A maior parte, porém, dos corvos, veio pousar na janela do seu quarto, soltando gritos aterradores. Houve um que desceu à cama de Cícero e tirou insensivelmente, com o bico, a gola da túnica com que ele cobrira o rosto. Em vista disso, seus criados censuraram-lhe a fraqueza. “Esperaremos nós, — diziam eles, ser testemunhas aqui da morte do nosso senhor? E, quando até os animais acorrem em seu auxílio e se inquietam com a sorte indigna que o ameaça, não faremos nada pela sua conservação?”. Puseram-no, então, numa liteira, tanto com palavras como à força, e tomaram o caminho do mar.

XLVIII. Enquanto isso, chegaram seus assassinos. Eram um centurião, chamado Herênio, e Popílio, tribuno dos soldados. Este ultimo havia sido outrora defendido por Cícero, num

processo em que era acusado de parricídio. Vinham seguidos de uma tropa de satélites. Encontrando as portas fechadas, arrombaram-nas. Cícero não apareceu e o pessoal da casa assegurava não o ter v isto. Um rapaz, porém, chamado Filólogo, liberto de Quinto, a quem este havia instruído nas belas letras e na ciência, informou, ao que se conta, ao tribuno, que a liteira estava sendo conduzida para o mar, pelas aléias cobertas. O tribuno, levando consigo alguns soldados, lançou-se por um atalho, rumo à saída das aléias. Cícero, ao perceber que a tropa conduzida por Herênio corria precipitadamente por sob o arvoredo, disse a seus servos que parassem a liteira. E, levando a mão esquerda ao queixo, gesto este que lhe era peculiar, atirou sobre os assassinos um olhar intrépido. Os cabelos eriçados e cheios de pó, o rosto desfigurado pelos pesares, exerceram sobre os soldados uma tal impressão que a maioria cobriu o rosto, enquanto Herênio o degolava. Cícero havia posto a cabeça fora da liteira, oferecendo assim o pescoço ao carrasco. Morreu com a idade de 64 anos{1476}. Herênio, de acordo com a ordem que lhe dera Antônio, cortou-lhe a cabeça bem como as duas mãos com a qual havia escrito as Filípicas. Cícero intitulara Filípicas os seus discursos contra Antônio. É esse o título que trazem ainda hoje os seus discursos.

XLIX. Quando essa cabeça e essas mãos foram conduzidas a Roma, Antônio realizava os comícios para a eleição dos magistrados. “Agora, acabaram-se as proscrições”, disse ele, depois de ouvir a informação sobre o assassínio e ao ver o aspecto sangrento dêsses despojos. Fê-los colocar nas bordas da tribuna: espetáculo terrível para os romanos que, parecia, estavam vendo não o rosto de Cícero, mas a própria imagem da alma de Antônio. Entretanto, em meio a tantas crueldades, Antônio fez seu ato de justiça, entregando Filólogo a Pompônia, mulher de Quinto. Pompônia, de posse do corpo do traidor, além dos vários suplícios terríveis a que o submeteu, forçou-o a cortar a própria carne, pouco a pouco, fazê-la assar e comê-la em seguida. É pelo menos o que narram alguns historiadores. Porém, Tiron, liberto de Cícero, não faz nenhuma referência à traição de Filólogo.

Ouvi dizer que César, longos anos após, entrando um dia em casa de um dos seus netos, este, surpreendido com uma das obras de Cícero na mão, escondeu o livro na sua túnica. César, notando isso, tomou do livro, leu de pé uma grande parte e entregando-o ao rapaz, disse-lhe:

— Foi um sábio, meu filho. Um sábio que amava a sua pátria.

De resto, logo que César derrotou Antônio em combate, tomou por colega no consulado o filho de Cícero{147 7}. O Senado, sob a sua magistratura, derrubou as estátuas de Antônio, revogou as honras de que gozava e proibiu, por decreto público, que qualquer pessoa da família dos Antônios trouxesse o prenome de Marco. Parece que, por esse meio, a vingança divina reservou para a família de Cícero o fim do castigo de Antônio.

A COMPARAÇÃO DE CÍCERO COM DEMÓSTENES

Eis o que chegou ao nosso conhecimento, com relação aos feitos notáveis e dignos de memória que ficaram escritos sobre Cícero e Demóstenes. Deixando afinal de lado a comparação sobre a semelhança ou dissemelhança da eloquência que existe em suas orações, parece-me que bem posso dizer que Demóstenes empregou inteiramente tudo o que ele tinha de senso e de ciência, quer natural, quer adquirida na arte da retórica e que ele sobrepujou em força e virtude de eloquência a todos os que no seu tempo se entregaram a oratória e à advocacia: e, em gravidade e magnificência de estilo, a todos os que escrevem, somente para se mostrar ou por mera ostentação: e em diligência delicada e artifício a todos os sofistas e mestres de retórica. Cícero, ao invés, era homem universal, possuindo várias ciências, pois tinha estudado diversas espécies de letras, como se pode conhecer, pois ele deixou vários livros filosóficos que são de sua criação, escritos à maneira dos filósofos académicos: e pode-se ver ainda em diversos discursos que escreveu em algumas causas para deles se servir nos julgamentos e que ele procurava as ocasiões para mostrar de passagem que tinha conhecimento das belas letras.

II. Pode-se ainda ver, através do seu estilo, alguma sombra do seu natural; o estilo de Demóstenes nada tem de alacridade, de divertido, de ornamento, mas é sempre conciso e nada tem que não acosse e não oprima propositadamente e revela não somente a lâmpada, como dizia gracejando Píteas, mas um apreciador de bom vinho, um grande trabalho e juntamente azedume e austeridade de natureza. Cícero, porém, frequentemente usava do gracejo, aproximando-se do jocoso e até do escarnecedor: e em suas perorações, mudando coisas de importância em gracejo e riso, quando vinham a propósito, ele se esquecia muitas vezes da atitude que bem convinha a um personagem de gravidade e dignidade como ele: assim sucedeu na defesa de Célio{1478} quando ele disse que se não deveria julgar estranho, se num grande acumulo de riquezas e de delícias ele se permitia um certo desafogo e que era uma loucura não usar dos prazeres lícitos e permitidos, considerando-se mesmo que filósofos houvera dos mais célebres, que haviam posto a suprema felicidade do" homem na voluptuosidade; narra-se ainda que,’ tendo Marcos Catão acusado Murena, Cícero, sendo cônsul, defendeu-o em seu discurso, apostrofou, gracejando, toda a seita dos filósofos estoicos, por causa de Catão, pelas estranhas opiniões que eles têm e que se chamam de paradoxos, de modo que todos os assistentes se puseram a rir alto e abertamente, até os mesmos juízes e Catão, também sorrindo, disse aos que estavam perto dele: "Temos um cônsul grande mofador e grande gracejador, senhores!" Mas, mesmo sem isso, parece que Cícero sempre gostou muito de rir e de gracejar, de modo que seu próprio rosto, logo se percebia, mostrava uma natureza alegre, jovial e divertida: o semblante de Demóstenes, ao invés, indicava sempr e atividade, uma tristeza sonhadora e pensativa, que jamais o abandonava, de maneira que seus inimigos, como ele mesmo o diz, o tinham por enfadonho e perverso.

III. Além disso, em seus trabalhos vê-se que um fala sobriamente em louvor de si mesmo, de modo que a gente não se poderia ofender e nunca, a não ser quando necessário, para o interesse de alguma coisa importante; em suma, muito reservado e modesto, no falar de si mesmo; e, ao contrário, as contínuas repetições de uma mesma coisa, de que usava Cícero por qualquer motivo, em suas orações, mostravam uma excessiva ambição de glória, quando ele clamava incessantemente:

Cede a força armada à prudência, o louro do triunfo à eloquência.

Ainda mais: ele não louvava somente seus atos e seus feitos, mas também os discursos que ele escrevera ou proferira como se tivesse de se exibir diante de um Sócrates ou um Anaximenes, mestres da escola de retórica, e não em orientar e dirigir um povo romano:

combatente firme, armado pesadamente, para esperar o inimigo em campo aberto.

Pois é necessário que um governante de Estado político adquira autoridade pela eloquência: mas aspirar à glória do seu belo falar, ou o que é pior, mendigá-la, é um ato de ânimo muito baixo: e portanto nesta parte, é necessário confessar que Demóstenes é mais grave e mais magnânimo como ele mesmo o dizia, que toda a sua eloquência não era senão um hábito adquirido pelo longo exercício, a qual tinha ainda necessidade de ouvintes, que o quisessem escutar pacientemente e que reputava tolos e impertinentes, como deveras o são aqueles que com isso se querem gloriar.

IV. Isto ambos têm igualdade comum, o fato de gozar de grande crédito e de grande autoridade em falar ao povo, e em conseguir o que desejavam, de sorte que os generais e os guerreiros tiveram necessidade da sua eloquência, como Chares, Diopites e Leostenes, se serviram do auxílio de Demóstenes; Pompeu e o jovem César, de Cícero, como o mesmo César declara nos Comentários que escreveu a Agripa e a Mecenas. O que mais prova, porém, e mais revela a natureza do homem, como se diz, e como é verdade, é o desregramento e a autoridade de um magistrado, a qual movimenta tudo o que há de paixão no fundo do coração de um homem, e põe em evidência todos os vícios secretos que aí est ão escondidos: Demóstenes não a teve, nem jamais deu disso alguma demonstração, pois nunca foi magistrado de grande autoridade e dignidade: pois não comandou, como general, o exército, que ele mesmo tinha encaminhado contra Felipe: Cícero, ao invés, foi mandado como questor à Sicília, pro cônsul à Cilicia e à Capadócia, num tempo em que a avareza e a cobiça de possuir era tão desenfreada, que os generais e os governadores, que eram envia dos para reger as províncias, considerando que era covardia roubar, arrebatavam abertamente e à força, pois naquele tempo isso não era considerado um mal, mas quem o fazia moderadamente ainda era estimado; ele, ao contrário, mostrou um grande desprezo pelo dinheiro, e deu provas da grande humanidade, doçura e temperança que nele havia. Em Roma ele foi eleito cônsul, na aparência, mas, de verdade, era ditador, com autoridade soberana e poder sobre todas as coisas, contra Catilina e seus cúmplices e o oráculo de Platão deu testemunho da verdade, quando disse: "Que as cidades teriam chegado ao fim de suas misérias e de sua infelicidade, quando, por determinação boa e divina, grande poder unido à sabedoria e justiça, se encontrassem no mesmo indivíduo".

V. Censura-se a Demóstenes o ter mercantilizado sua eloquência, afirmando-se que ele escreveu secretamente um di scurso para Fórmio e um outro para Apolodoro, numa mesma causa, na qual eles eram contrários: afirmou-se que ele recebeu dinheiro do rei da Pérsia e de fato foi acusado e condenado por causa do dinheiro que tinha recebido de Harpalo. E se se afirmasse que não dizem a verdade os que escreveram e que são vários, pelo menos é impossível de refutar-se este ponto: que Demóstenes não foi homem de ânimo muito forte para recusar presentes, que os reis lhe ofereciam, rogando-lhe que os aceitasse, pela honra, que lhe faziam e para lhes ser agradável: também não era ato digno de um homem que emprestava com usura naval, a mais excessiva de todas. E, ao contrário, como já dissemos, é certo que Cícero recusou os presentes que os sicilianos lhe ofereceram durante o tempo em que foi questor e o rei dos capadócios, quando ele era procônsul da Cilicia e ainda os que lhe ofereceram seus amigos, insistindo que aceitasse grandes somas de dinheiro, quando ele saiu de Roma, para o exílio.

VI. O exílio de um foi vergonhoso e infame, considerando-se que ele foi afastado por sentença comum como ladrão, o do outro foi tão glorioso como nenhum outro ato que ele houvesse praticado, pois fora expulso por ter salvo a sua pátria de homens nocivos; por isso, daquele não se falou mais, depois que ele partiu: para este o senado, ao invés, mudou as vestes e pôs luto; determinou que não confirmaria com a sua autoridade decreto algum, antes que a repatriação de Cícero não tivesse sido decretada pelos votos do povo. É verdade que Cícero passou na ociosidade o tempo de seu exílio, nada fazendo na Macedónia: Demóstenes, ao invés, durante seu exílio, levou a efeito um dos principais atos de todo o tempo em que se ocupou dos negócios públicos, pois ele percorreu várias cidades, auxiliado os embaixadores dos gregos e rejeitando os dos macedônios: nisso ele se mostrou bem melhor cidadão que não Temístocles ou Alcibíades em semelhante conjuntura. E, logo que ele foi repatriado, se pôs de novo a seguir o mesmo caminho que tinha trilhado antes, continuou a fazer guerra a Antípater e aos da Macedônia: e Lélio em pleno senado injuriou a Cícero por ter ele ficado em silêncio, sem nada dizer, quando o jovem César pediu que lhe fosse dado obter o consulado, contra todas as leis, numa idade em que não tinha ele ainda nem um fio de barba: e Bruto mesmo censura-o por carta, de que tinha ele criado e alimentado uma tirania mais grave e maior do que a que os havia arruinado.

VII. E finalmente a morte de Cícero foi miserá vel: ver-se um pobre velho, ao qual os servidores, pela afeição que lhe dedicavam, afastavam da própria casa, procurando por todos os meios de fazê-lo escapar e evitar a morte, que lhe vinha ao encontro, um pouco antes do seu tempo natural e depois ainda vê-lo, velho como era, de maneira tão dolorosa ter decepada a cabeça: Demóstenes, embora se tenha rebaixado um pouco quando suplicou àquele que o viera prender, quer tivesse preparado o veneno de antemão, quer o tivesse sempre guardado consigo, tendo-o usado depois, como ele o usou, não pode deixar de ser grandemente louvável{1479}.Pois, visto que já não era grato ao deus Netuno, que ele gozasse da imunidade do seu altar, recorreu ele, por assim dizer, a alguém, maior, isto é, à morte e partiu, esquivando-se das mãos e das armas dos satélites de um tirano e zombando da crueldade de Antípater.

Demétrio

SUMÁRIO DA VIDA DE DEMÉTRIO

Relações e diferenças entre as operações dos sentidos e as da inteligência. II. Porque Plutarco escreveu a história de homens viciosos. III. Perfil de Demétrio. IV. Sua ternura para com seu pai. V. Sua dedicação para com os amigos. VI. Perde uma batalha contra Ptolomeu. VII. Desforra-se. VIII. Outros êxitos de Demétrio em diversas guerras. IX. Seu pai e ele determinam dar liberdade à Grécia. X. Vai a Atenas para daí expulsar as tropas de Ptolomeu. XI. Sai-lhe mal o empreendimento. XII. Restabelece a democracia em Atenas. XIII. Bajulação exagerada dos atenienses para com Demétrio. XIV. Caráter de Estratocles. XV. Sinais da cólera divina contra as honras extravagantes decretadas a Demétrio. XVI. Versos de Felipides contra Estratocles. XVII. A loucura dos atenienses levada ao auge, em um decreto que Democlides os faz aceitar. XVIII. Mulheres de Demétrio. XIX. Vai a Chipre fazer guerra a Ptolomeu. XX. Obtém contra ele uma grande vitória. XXI. Como Aristodemo comunica a notícia a Antígono. XXII. O nome de rei dado pela primeira vez a Antígono e a Demétrio. XXIII. Nova expedição de Antígono e de seu filho Demétrio. contra Ptolomeu; sem resultado, porém. XXIV. Libertinagem de Demétrio. XXV. Descrição da sua grande máquina de guerra, denominada Elépolis. XXVI. Porque se obstinou ele no cerco de Rodes. XXVII. Paz a paz com os rodianos. XXVIII. Põe em liberdade todos os gregos que habitam aquém das termópilas. XXIX. Infame libertinagem de Demétrio. XXX. Democles lança-se numa caldeira fervente para fugir à sua brutalidade. XXXI. Demétrio eleito comandante geral de toda a Grécia. XXXII. Inicia-se nos mistérios de Céres. XXXIII. Enorme contribuição que ele exige dos atenienses. XXXIV. Digressão sobre uma concubina de Demétrio, chamada Lâmia. XXXV. O mesmo sobre uma cortesã egípcia chamada Tonís. XXXVI. Liga de vários sucessores de Alexandre contra Antígono e Demétrio. XXXVII. Presságios desagradáveis para ambos. XXXVIII. São vencidos; Antígono é morto. XXXIX. Os atenienses negam a Demétrio a entrada em sua cidade. XL. Como se deve desconfiar da adulação do povo. XLI. Saqueia as terras de Lisímaco. XLII. Casa sua filha Estratonice com Selêuco. XLIII. Separação entre Selêuco e Demétrio. XLIV. Demétrio cerca Atenas. XLV. Apodera-se da cidade. XLVI. Vence os lacedemònios. XLVII. Funesta revolução na sorte de Demétrio. XLVIII. Alexandre chama-o cm seu auxílio. XLIX. Conjuração de Alexandre para assassinar a Demétrio. L. Demétrio fá-lo matar. LI. É nomeado rei da Macedônia. LII. Como o médico Erasístrato descobre a paixão de Antíoco por Estratonice. LIII. Como ele induz a Selêuco a dá-la por esposa. LIV. Demétrio apodera-se da cidade de Tebas. LV. Revolta de Tebas. Demétrio cerca-a e a toma novamente. LVI. Guerra entre Demétrio e Pirro. LVII. Luxo de Demétrio. LVIII. Orgulhosa dureza de Demétrio. LIX. A justiça é a virtude própria dos reis. LX. Grandes preparativos de guerra e vastos projetos de Demétrio. LXI. Ptolomeu, Selêuco e Lisímaco unem-se contra ele. LXII. O exército de Demétrio; se amotina contra ele. LXIII. Ele foge. LXIV. Reflexões sobre as vicissitudes da fortuna de Demétrio. LXV. Dispõe o cerco diante da cidade de Atenas e o levanta. LXVI. Extremos a que o reduz Agátocles. LXVII. Tentativas inúteis de Demétrio para conseguir o auxílio de Selêuco. LXVIII. Selêuco marcha contra ele. LXIX. Doença de Demétrio. LXX. O exército de Demétrio passa para o lado de Selêuco. LXXI. Demétrio entrega-se a Selêuco. LXXII. Selêuco o desterra para Quersoneso da Síria. LXXIII. Como Antígono recebe a notícia do cativeiro de seu pai. LXXIV. Morte de Demétrio. LXXV. Exéquias fúnebres que lhe presta seu filho Antígono.

Desde o primeiro ano da 110.ª olimpíada aproximadamente, até O segundo ano da 123», antes de Cristo, ano 287.

Os primeiros autores desta opinião, que as ciências e as artes se assemelham aos sentidos da natureza, segundo a minha opinião, entendiam muito bem aquela força de julgar, pela qual tanto as ciências como os sentidos nos dão discernimento e conhecimento das coisas contrárias; pois ela é comum a ambos. Há, porém, esta diferença, que os sentidos naturais não atribuem as coisas, das quais nos dão conhecimento e discernimento, ao mesmo fim, que as ciências; pois o sentido é uma potência natural de discernir e conhecer tanto o branco como o preto, o doce como o amargo, o mole e o líquido como o duro e o sólido: mas é somente seu próprio, quando as coisas que são seus objetos naturais lhe são apresentadas, ser por elas movido e mover também o discernimento, referindo-o ao entendimento, quando ele se encontra preparado. Mas as artes e ciências, que estão constituídas com a razão, para escolher e optar pelo que é bom, e para recusar e evitar o que é mau, consideram principalmente um dos contrários e por amor de si mesmo, e o outro, acidentalmente, e para precaver-se dele. Pois a medicina trata casual e acidentalmente da doença e assim a música, dos falsos acordes, a fim de melhor poder fazer o contrário, isto é, cuidar da saúde e produzir bons acordes. E assim a temperança, a justiça, a prudência, as ciências mais perfeitas de todas, não nos dão somente conhecimento do que é honesto, justo e proveitoso, mas também do que é desonesto, inj usto e prejudicial: e mm longe está que elas louvem aquela tola e singela simplicidade, que se glorifica como de uma coisa importante, de não saber o que é mal, que elas julgam uma estupidez, e ignorância das coisas que devem principalmente saber os que querem viver retamente e como pessoas de bem; assim é que os antigos espartanos, nos dias de festas solenes, obrigavam os escravos, a que chamavam de Ilotas, a beber vinho puro em grande quantidade, e depois os levavam, embriagados, aos lugares onde se davam banquetes públicos, para que seus filhos vissem, com exemplos, que grande vileza é a embriaguez.

II. Eu, porém, acho que essa maneira de querer corrigir e orientar, deprimindo e desencaminhando a outrem, é incivil e desumana; talvez, porém, não seja mal inserirmos entre os exemplos destes grandes personagens, dos quais estamos escrevendo a vida, alguns que, embora altilocados e em postos de autoridade soberana, abusaram um tanto inconsideradamente de sua lic ença, a ponto de seus vícios serem conhecidos de todos: não certamente para causarmos deleite e mais interesse aos leitores, apresentando-lhes como um quadro onde se vê toda sorte de pintura, mas, ao contrário, para imitar a Ismenias, o Tebano, que, mostrando aos seus discípulos, os que tocavam bem flauta, lhes dizia: assim é que se deve tocar e em seguida, apresentando-lhes os que tocavam mal, repetia: assim não se deve tocar: dizia ainda Antigenidas que os moços sentem mais prazer em ouvir um exímio musicista, depois de terem ouvido um mau: e assim, também me pareceu a mim, que nós nos animaríamos mais à leitura da vida dos homens virtuo sos e a sua imitação, depois de termos conhecido também a vida daqueles que por suas faltas e vícios com muita razão são censurados: neste tratado teremos as vidas de Demétrio, apelidado Poliorcetes, isto é, tomador de cidades, e de Antônio, imperador{1480}, pois ambos deram bom testemunho daquilo que Platão deixou escrito — isto é, as grandes naturezas, assim como produzem grandes virtudes assim também produzem grandes vícios; ambos, na verdade, deram-se ao amor, ao vinho, foram valentes na guerra, magnificentes, supérfluos, insolentes, e tiveram as mesmas vicissitudes na fortuna; ambos tiveram em toda sua vida gloriosas vitórias como vergonhosas derrotas, levaram a cabo os maiores empreendimentos, e em outros, igualmente, fracassaram; e tendo sido arruinados contra a opinião e a expectativa de todos, foram igualmente contra toda a esperança restaurados em suas primitivas posições; mas terminaram o curso de suas vidas quase da mesma maneira, um caindo prisioneiro nas mãos dos seus inimigos, o outro quase vindo a sofrer idêntica desgraça.

III. Vamos, porém, à história. Antígono teve dois filhos de sua esposa Estratonice, filha de Correus; a um deles deu o nome de seu irmão Demétrio, e ao outro o de seu pai, Felipe: nisto está de acordo a maior parte dos escritores: no entretanto, alguns ainda afirmam que Demétrio não era filho de Antígono, mas seu sobrinho; pelo seguinte, porque quando seu pai faleceu ele ainda era muito pequenino e sua mãe casou-se imediatamente com Antígono, e daí

se julgou que ele era filho do mencionado Antígono: como quer que seja Felipe que era pouco mais moço do que Demétrio, morreu; quanto a Demétrio, porém, embora fosse de bela e grande estatura, não era tão alto como seu pai: tinha também um ar e uma beleza de rosto tão acentuadas e tão atraentes que nenhum pintor nem escultor jamais pôde reproduzi-lo, ao vivo, com perfeição: via-se em seu semblante unidas, a dor e a gravidade, a reverência e a graça; brilhava em todo o exterior a heroica aparência da majestade real, dificílima de se representar, acompanhada de vivacidade e alacridade próprias da juventude: seu natural e seus modos eram tais que causavam admiração e prazer aos que dele se aproximavam e privavam com ele; embora ele fosse alegre e comunicativo em suas relações, e nos seus passatempos, embora fosse o mais supérfluo nas reuniões, fosse delicado em seu modo de viver, dissoluto em todas as espécies de voluptuosidade e de prazeres, como jamais rei algum, não obstante, tinha uma atividade assaz grande, um cuidado atento e uma contínua solicitude em seus deveres. Por isso ele louvava muito a Dionísio e esforçava-se por imitá-lo, isto é, Baco, entre todos os outros deuses, por ter sido o mais astuto e valente comandante na guerra e que bem havia sabido mudar a guerra em paz e naquela, ainda passar alegremente o tempo e ter sempre boas disposições.

IV. Ele amava singularmente seu pai, e parece que a grande reverência e obediência que ele prestava à sua mãe, era devida a ele, por sua honra, mais por causa do verdadeiro amor filial que lhe consagrava, do que para conquistá-lo por causa do seu poder, nem pela esperança de sucessão. A este propósito narra-se que um dia, voltando da caça, ele foi ter com seu pai Antígono, quando dava ele audiência a alguns embaixadores, e depois de lhe ter feito a saudação de costume e tê-lo beijado, sentou-se perto dele, vestido como estava, durante a caçada, tendo ainda na mão alguns dardos, que havia levado consigo; Antígono então, disse ainda em voz alta, aos embaixadores que se retiravam, depois de terem sido atendidos: "Senhores! Podeis ainda formar mais este juízo de mim e de meu filho, de como vivemos um com o outro". Como se lhes quisesse fazer ver que serviam de segurança para os deveres de um rei e eram testemunho de grande poder, as boas relações de concórdia e confiança entre pai e filho: porquanto um império e toda autoridade são sempre seguidos de toda sorte de desconfianças, de suspeitas e de malquerenças: e assim o maior e o mais antigo de todos os sucessores de Alexandre se vangloriava de não temer seu próprio filho, mas permitia que se aproximasse da sua pessoa, mesmo tendo um dardo na mão. No entretanto somente esta família, por assim dizer, dentre todas as outras da Macedônia, conservou-se isenta de baixezas até vários degraus de sucessão: e para dizer-se a verdade, jamais houve na descendência de Antígono, senão um Felipe que matou seu próprio filho{1481} : porquanto quase todas as outras famílias e descendências reais têm mais de um exemplo de alguém que fez morrer seu próprio filho, esposa e mãe: matar o irmão era coisa comum e para isso não se fazia muita dificuldade. Os geômetras às vezes querem que se admitam certas proposições que eles supõem, sem provar, assim era também isto quase como um princípio, que esses reis a si mesmos permitiam, para a segurança e conservação do seu estado.

V. Para mostrarmos ainda que o natural de Demétrio era benigno e bondoso, e que ele tinha um grande afeto por seus amigos, podemos ainda citar este exemplo: Mitrídates, filho de Ariobarzanes, era seu amigo ín timo, pois eram ambos quase da mesma idade e frequentava ele ordinariamente a corte de Antígono, sem maquinar contra ele traição alguma, nem imaginar algo de mal, nem ser tido como um tal indivíduo. No entretanto, Antígono começou a suspeitar dele, por causa de um sonho, assim: parecia-lhe passar por um campo, grande, belo, onde ele semeava grãos de ouro; dessa semente surgiu depois o trigo, em lindas espigas douradas; voltando, porém, ao campo, pouco depois, nada mais encontrou, senão as hastes vazias, despojadas das espigas; muito admirado ficara e raivoso, ao ouvir alguns dizerem que o autor daquele ato tinha sido Mitrídates, que cortara as espigas de ouro e a havia levado aos países do Ponto. Muito perturbado com este sonho, Antígono, depois de ter feito seu filho jurar que nada diria, a ninguém, contou-lho todo o sonho, e de como tinha determinado matar esse moço. Demétrio ficou grandemente aflito e quando no dia seguinte o amigo chegou para, como sempre, passar com ele algumas horas, por causa do juramento, nada lhe disse, mas levando-o à parte, longe dos demais, ele escreveu na terra com a ponta de um dardo: Fuja, Mitrídates! O moço compreendeu o que ele queria dizer e naquela noite mesma dirigiu-se à Capadócia; e, na realidade, pouco tempo depois realizou-se a visão que Antígono havia tido no

sonho, pois o rapaz conquistou muitas terras e por primeiro instalou a descendência e a família dos reis do Ponto, que os romanos, porém, destruíram ao depois, perto da oitava sucessão. Com este exemplo pode-se claramente fazer uma ideia da doçura e da bondade natural de Demétrio.

VI. Segundo a opinião de Empedocles, há sempre, entre os elementos, disputa e altercação{1482} mas principalmente entre os que vivem juntos e têm entre si diversas relações. Assim, embora entre os sucessores de Alexandre, universalmente, houve guerra e malevolência contínuas, todavia foram ela:, mais claras e mais ardentes, entre aqueles cuja: terras e propriedades eram limítrofes, e que por causa dessa proximidade, sempre tinham questões a resolve r, como entre Antígono e Ptolomeu{1483}. Antígono residia ordinariamente na Frígia: tendo sabido que Ptolomeu passava por Chipre, assaltando e depredando toda a Síria, reduzindo por bem ou à força, todas as cidades e aldeias ao seu domínio, para lá enviou seu filho, Demétrio, que então tinha somente vinte e dois anos, e pela primeira vez ocupava o cargo de chefe e comandante, numa empresa de tanta importância. Sendo, porém, muito jovem e assaz inexperiente na arte da guerra, tendo pela frente um velho comandante, mui experimentado e valoroso, feito à escola e sob a disciplina de Alexandre, o Grande, e por si mesmo e em seu nome tinha já dirigido outras e grandes batalhas, foi o rapaz vencido e seu exército desbaratado perto da cidade de Gaza:, nessa derrota morreram cinco mil homens, oito mil foram feitos prisioneiros perdendo ainda Demétrio suas tendas e pavilhões, seu ouro e prata, afinal, toda a sua bagagem e tudo o que lhe. pertencia: Ptolomeu, porém, devolveu-lhe tudo isto, bem como os amigos que tinham sido aprisionados durante a batalha, com uma palavra graciosa e cortês, isto é, que não era de mister combater outra ele, por muitas coisas juntamente, mas apenas pela honra e pelo império.

VII. Demétrio então, ante este fato, rogou incontinente aos deuses que não o fizessem ficar por muito tempo devedor destes favores a Ptolomeu, mas que lhe fosse possível, quanto antes, retribuí-los. Ele não se admirou, como qualquer outro jovem não se admiraria, de ter no princípio de sua carreira sofrido uma tal derrota, mas como um antigo e valente general, que já havia experimentado as vicissitudes da sorte, se pôs logo a reunir homens, forjar armas, e submeter ao seu domínio cidades e aldeias, treinando no manejo das armas os soldados que podia recrutar. Antígono, tendo sabido deste fracasso, nada mais disse senão, que por ora, Ptolomeu tinha apenas vencido os que não tinham barba, mas que de ora em diante ele haveria de combater com homens feitos e barbados. Não querendo, porém, abater nem menosprezar a coragem de seu filho, que lhe rogava a permissão para tentar uma segunda vez a guerra contra Ptolomeu não lha recusou, mas mui prontamente lhe fez a vontade. Pouco tempo depois, Cilas, general de Ptolomeu, veio com um poderoso exército para expulsá-lo e afastá-lo de toda a Síria: pois não se fazia mais muito caso dele, por ter sido já derrotado, uma vez; Demétrio, ao invés, surpreendeu-o, improvisamente, enchendo-o e aos seus homens de tal espanto, que conseguiu apoderar-se de todo o acampamento e dos oficiais, bem como de sete mil soldados, obtendo ainda uma enorme soma de dinheiro; com isto muito se alegrou, não tanto pelas riquezas que podia assim levar consigo, como por ter então a oportunidade e os meios de pagar a sua dívida, nem tanto lhe causaram satisfação o pensamento das riquezas e da glória conquistadas com tal vitória, como por ter os meios de retribuir a gentileza e a honestidade de que Ptolomeu havia usado para com ele: no entretanto, não o quis fazer por própria autoridade, mas escreveu ao pai sobre o seu intento; quando então recebeu dele inteira permissão e seu consentimento, ele enviou Cilas a Ptolomeu bem como todos os seus grandes amigos, com muitos e generosos presentes que largamente lhes fez.

VIII. Este insucesso fez Ptolomeu desistir totalmente da Síria e tirou Antígono da cidade de Celene, pela grande alegria que ele experimentou com tal vitória, e pelo grande desejo de ver seu filho, que logo depois mandou contra os povos da Arábia, chamados nabatianos, para subjugá-los e reduzi-los à obediência, onde ele correu grandíssimo perigo, encontrando-se certa vez em um lugar deserto, onde não havia água: não deu ele, porém, sinal algum de medo nem de temor; e conseguiu deste modo, causar tal admiração aos bárbaros, que teve a

facilidade de se retirar para um lugar seguro, levando ainda grandes despojos e sete mil camelos. Mais ou menos nesse tempo, Selêuco{1484}, que tinha sido expulso da Babilônia por Antígono, e depois para lá voltara, reconquistando-a, apenas com os próprios recursos, partiu com grandes reforços contra os povos e nações que estão nos limites da Índia e províncias, que se localizam em redor do Cáucaso, a fim de conquistá-las. Demétrio, esperando encontrar a Mesopotâmia sem defesa alguma, passou logo o rio Eufrates, penetrando em Babilônia, antes que alguém o tivesse percebido; aí afastou a guarnição de Selêuco que defendia uma das fortalezas da cidade, pois havia duas, e deixou sete mil soldados para guardá-la: depois ordenou aos demais homens que agarrassem o que pudessem e levassem o mais possível do país; feito isto, encaminhou-se para o mar deixando o estado e o reino de Selêuco mais forte e mais bem firmado do que quando ali ele entrara. Parecia, pois, que ele deixara o país a Selêuco, como quem nada tinha, saqueando-o e assaltando-o também. À sua volta soube que Ptolomeu tinha cercado a cidade de Helicarnasso; para lá dirigiu-se bem depressa, a fim de obrigá-lo a levantar o cerco, e assim conseguiu tirar-lhe a cidade das mãos.

IX. Com esta empresa bem sucedida, granjearam ambos, Antígono e Demétrio, uma fama assaz gloriosa, e sentiram então vivíssimo o desejo de libertar toda a Grécia, que Ptolomeu e Cassandro ainda conservavam sob seu domínio e sujeição. Jamais príncipe ou rei empreendeu guerra mais gloriosa, mais honrosa e mais justa do que essa; pois todo o poder e toda a riqueza que ele conseguia armazenar, oprimindo e vencendo os bárbaros, delas usava unicamente para dar a liberdade aos gregos e com isso granjear mais glória ainda. Assim estavam eles em conversações de como continuar e prosseguir na empresa encetada e imaginavam em seus planos que deviam começar por Atenas; um dos principais amigos de Antígono lhe dissera, mesmo, que era necessário, apoderar-se antes daquela cidade, colocando lá um bom número de soldados, pois, dizia ele, se conseguissem apoderar-se dela, teriam um ótimo trampolim para daí saltarem sobre toda a Grécia. Antígono não o quis escutar, e ainda disse que a amizade e a benevolência dos homens era um trampolim bem mais fácil e melhor, e que a cidade de Atenas era como uma sentinela de toda a terra, a qual imediatamente faria brilhar por todo o orbe a glória dos seus feitos, como um archote que arde do alto de uma torre.

X. Pôs-se então Demétrio ao mar, com cinco mil talentos em dinheiro{1485} e uma frota de duzentos e cinquenta navios, navegando para Atenas, na qual ainda se encontrava Demétrio, o Falério, que a dominava e governava em nome de Cassandro, de fendendo-a, com uma guarnição numerosa, tanto no porto como na fortaleza de Muníquia. Tendo bom tempo e vento favorável, conforme sua previsão, e belo empenho que empregou em realizar a viagem, pôde chegar ao porto do Pireu no dia vinte e cinco de maio {1486}, antes que alguém o tivesse podido imaginar. Quando da cidade se avistou a frota que vinha em sua direção, pensando que eram navios de Ptolomeu, todos se dispuseram a recebê-los. Muito tarde porém, os comandantes perceberam o engano e cuidaram em reparar o erro, avançando, para impedir-lhe o desembarque. Houve então grande tumulto e confusão, como bem se pode imaginar, pois eram obrigados a combater em desordem, para impedir que eles desembarcassem, e afastá-los, uma vez que tinham sido apanhados de improviso. Demétrio, tendo encontrado abertas as entradas do porto, imediatamente precipitou-se para elas, e assim ficou logo bem à vista de todos; de sua galera, fez sinal com a mão, pedindo silêncio, pois queria dirigir-lhes a palavra. A multidão acalmou-se e ele então por meio de um de seus homens, comunicou-lhes que seu pai o havia mandado, para, ainda em tempo, afastar de Atenas toda ocupação militar e restituir aos seus habitantes a liberdade e as antigas regalias, dando-lhes suas leis, seu governo e sua polícia, como no tempo dos seus antepassados. Ouvindo isto, todo o povo depôs as armas; colocaram em terra escudos e paveses para poder bater palmas em aclamações de alegria rogando-lhe que viesse a terra, e chamando-o de benfeitor e salvador. Os que ainda estavam com Demétrio, o Falério, julgaram mais conveniente recebê-lo, deixá-lo entrar na cidade, pois se mostrava o mais forte, embora nada fizesse do que havia prometido e no entretanto enviaram embaixadores a ele. Demétrio os ouviu atenciosamente e para tranquilizá-los envi ou-lhes um dos melhores amigos de seu pai, Aristodemo Milesiano; não se preocupou com a salvação e a segurança de Demétrio, o Falério, o qual, por causa da reviravolta, no governo e na polícia, tinha mais receio do próprio povo de Atenas do que dos seus inimigos. Considerando, porém, a fama e a virtude de tal personagem, respeitando-a e reverenciando-a, Demétrio mandou levá-lo a Tebas, como ele queria, com numerosa guarda. Ele porém, embora tivesse grande desejo de ver a cidade, disse, que nela não entraria, sem previamente lhe haver dado e concedido plena e inteira imunidade, e retirado a guarnição que

lá se encontrava: por isso mandou cavar fossos em redor da fortaleza de Muníquia bem como rodeá-la de paliçadas: no entretanto, para não perder tempo, partiu para a cidade de Megara, onde Cassandro tinha ainda soldados.

XI. Nesse meio tempo, porém, disseram-lhe que Cratesipolis, que fora mulher de Alexandre, cognominado Poliperchon, mulher de grande beleza e fama, que então se encontrava na cidade de Patras, recebê-lo-ia com prazer; deixou então o exército no território dos megarenses e dirigiu-se incontinente àquela cidade, com poucos homens, os mais decididos e mais ligeiramente equipados: mas, ao depois, desfez-se ainda desses mesmos, e mandou preparar seu aposento em separado, para que não se percebesse a presença dessa senhora, quando ela viesse vê-lo. Alguns de seus inimigos foram logo avisados disso, e então decidiram-se a atacá-lo de surpresa; Demétrio, sabendo do que se tramava, sentiu-se amedrontado, e mal teve tempo de tomar um agasalho, o primeiro que encontrou, com o qual se salvou apressadamente, pois bem pouco faltou que por causa de sua incontinência, não fosse vergonhosamente agarrado por seus adversários: conseguiram porém, eles ainda levar-lhe a tenda e todos os seus haveres. Depois a cidade de Megara foi tomada aos homens de Cassandro, e os soldados de Demétrio a queriam assaltar e saquear; mas os atenienses com rogos humildes pediram-lhe, intercedendo por ela, que não fosse abandonada ao saque. Pelo que Demétrio, depois de ter afastado a guarnição de Cassandro, restituiu-lhe toda a liberdade. Nessa ocasião lembrou-se ele do filósofo Estilpo, grand e homem e assaz afamado, embora tivesse escolhido um gênero de vida longe dos afazeres, na paz e tranquilidade: mandou perguntar-lhe e saber, se algum de seus homens lhe havia tirado algum objeto ou coisa que lhe pertencesse. Estilpo respondeu-lhe que não, pois — disse ele — pessoa alguma eu vi que me tivesse levado a minha ciência". No entretanto os servos e os escravos da cidade tinham quase todos sido levados. E visto que uma outra vez, Demétrio o havia tratado com gentileza, dizendo-lhe ao partir: "Olhe, Estilpo, deixo a sua cidade livre" respondera-lhe ele: "Diz a verdade, Sire, pois nela não deixou nem um servo".

XII. Voltou em seguida, novamente a Atenas, fazendo o cerco{1487} diante da fortaleza de Muníquia, da qual se apoderou e dominou a guarnição que nela se encontrava; depois arrasou-a completamente. Em seguida, a rogo dos atenienses que o convidavam a vir descansar em sua cidade, para lá se dirigiu, mandou reunir o povo, ao qual deu a antiga liberdade, e ao mesmo tempo o governo dos negócios públicos, prometendo-lhe ainda que lhe faria entregar, por meio de seu pai, cinquenta mil medidas de trigo, e madeira e aduelas suficientes para poderem construir cento e cinquenta{1488} galeras. Assim os atenienses, por meio de Demétrio, reconquistaram a democracia, isto é, o governo do Estado popular, quinze anos após o terem perdido, vivendo porém, mais ou menos dois anos depois da guerra a que chamaram de Lamiaca, e da batalha que se travou perto da cidade de Cranon, como oligarquia, isto é, governo de um pequeno número de homens, pelo menos na aparência, mas na verdade, como monarquia, isto é, sob o domínio de um só, que tem todo poder, pela grande autoridade de Demétrio, o Falério.

XIII. Eles, poré m, tornaram o seu benfeitor, Demétrio, odioso e invejado de todos, ele, que parecia ter conquistado tanta glória e honra por suas benemerências, e justamente por causa das honras exageradas e demasiadas que lhe decretaram: primeiro, chamando de reis a Demétrio e Antígono, que antes haviam rejeitado e sempre recusado esse título; aqueles mesmos que haviam dividido e repartido o império de Felipe e Alexandre, nele não tinham ousado tocar nem o usurparam dentre todos 08 outros privilégios, prerrogativas e preeminências. Foram ainda os únicos que lhes deram o título de deuses salvadores e aboliram o cargo anual, a que chamavam de Epônimo, porque desde os tempos mais remotos costumavam denominar os anos pelo nome daquele que o era: e no lugar dele determinaram, em conselho da cidade, que todos os anos, por votação popular, um seria eleito, a que chamariam de sacerdote dos deuses salvadores, cujo nome seria escrito em todos os contratos e em todos os atos públicos, para especificar o ano: além disso nos estandartes e bandeiras sagradas, nos quais estavam as imagens dos deuses, patronos e protetores da cidade, em

retratos ou em bordados, aí também seriam fixadas suas imagens. Além disso, consagraram o lugar onde por primeiro Demétrio pisara, ao descer de seu carro, e aí erigiram um altar, ao qual denominaram da descida de Demétrio: e às suas linhagens acrescentaram duas: a Antigonida e a Demetríade. Seu grande conselho, que antes se criava todos os anos, e era de quinhentos homens, foi então, primeiro elevado a seiscentos, pois que era necessário que cada linhagem fornecesse e criasse por si mesma cinquenta conselheiros: ainda, o mais estranho e a mais esquisita invenção de adulação de Estratocles, (pois era ele quem inventava e propunha todas as adulações em suas várias formas) foi um decreto que ele imaginou, pelo qual se ordenava que aqueles que eles mandassem a Antígono e a Demétrio, publicamente, seriam chamados de Teori, em vez de embaixadores, o que significava comissários de sacrifícios: as sim eram igualmente chamados os que eram envia dos, em Delfos, a Apoio Pítio, ou na Elida a Júpiter Olímpico, nas festas e solenidades publicai de toda a Grécia, para fazerem os sacrifícios e as oblações ordinárias pela salvação das cidades.

XIV. Estratocles em todas as coisas era um homem temerário, o qual sempre havia levado vida má e desordenada, e pela sua impudência desavergonhada parecia imitar bastante a louca ousadia e a temerária insolência de que antigamente Cleon linha usado para com o povo. Ele conservava publicamente em sua casa uma concubina de nome Filacíon. Um dia, quando ela comprara para o jantar, umas cabeças de animais{1489}, que se costumam comer, ele lhe disse: "Como? Você comprou as bolas com que nós jogamos e nos divertimos nos negócios públicos?" Outra vez, tendo a esquadra ateniense sido derrotada perto da ilha de Amorgos{1490} ele apressou-se em anteceder os que traziam a notícia e veio pela rua Cerâmica toda, coroado de flores, como se os atenienses tivessem ganho a batalha; foi autor de um decreto pelo qual e sacrificou aos deuses, em ação de graças pela vitória, e distribuiu-se carne pelas famílias, como sinal de público regozijo. Logo depois chegaram os que traziam os restos do naufrágio daquela der-rota; o povo amotinou-se logo, e fez chamá-lo, irritado, e ele teve ainda a desfaçatez de se apresentar e enfrentar com grande arrogância o descontentamento do povo, dizendo-lhe com altivez: "Ora! Que mal vos fiz, se vos tive alegres durante dois dias?" Tal e tão grande era a temeridade e a insolência de Estratocles.

XV. Mas, como diz o poeta Aristófanes,

havia coisa ainda mais ardente

que não o fogo, o qual tudo faz arder e devora.

Pois, houve ainda um outro, que sobrepujou a Estratocles em impudência, propondo um decreto, pelo qual, todas as vezes que Demétrio viesse à cidade, fosse recebido com as mesmas cerimonias e as mesmas solenidades das festas de Ceres e de Baco, e àquele que sobrepujasse a todos os demais em magnificência e suntuosidade de aparato, quando Demétrio entrasse na cidade, o público lhe desse tanto dinheiro, que fosse suficiente para se fazer uma estátua, ou outra oferta que se dedicaria aos templos em memória de sua liberalidade. Além disso, trocaram o nome do mês de janeiro e o chamaram Demetriano, e ao último dia do mês, que antes chamavam de lua antiga e lua nova, passaram a chamar Demetríade: as festas de Baco, que se denominavam Dionísia, foram chamadas Demétrias. Mas os deuses mostraram com vários sinais e presságios que eles estavam ofendidos: pois a bandeira na qual, como havia sido determinado, se tinham pintado os retratos de Antígono e de Demétrio, com os de Júpiter e Minerva, quando era levada em procissão pela rua Cerâmica, ao levantar-se de repente um tremendo vendaval, tão impetuoso foi partida ao meio; em redor dos altares que tinham sido erguidos em honra de Demétrio e de Antígono, a terra produziu tanta quantidade de cicuta, que por via natural, dificilmente poderia ter crescido tanto naquele lugar; e no mesmo dia em que se celebra a festa de Baco, foi-se obrigado a transferir a pompa ou procissão, que se faz naquela circunstância, tanto havia baixado a temperatura, fora do tempo e da estação: e caiu tanta garoa e saraiva que não

somente as vinhas e as oliveiras gelaram, mas também a melhor e a maior parte do trigo que ainda estava crescendo.

XVI. Nessa contingência, o poeta cômico Felipides, inimigo de Estratocles, numa comédia, escreveu contra ele estes versos:

Aquele que por sua impiedade, contra os deuses foi causa de que a saraiva prejudicasse as nossas vinhas, e que o santo estandarte se partisse em dois, pela impetuosidade do vento, atribuindo aos homens aquilo que unicamente é devido à natureza divina, é ele somente e ninguém mais quem arruma a autoridade do povo, embora ele diga, sem razão, que é a pobre comédia.

Felipides era íntimo e muito bem-visto do rei Lisímaco de modo que, por amor dele, este rei havia feito muitos benefícios e favores à causa pública em Atenas: tanto ele o apreciava, que todas as vezes que o via ou encontrava no começo de uma guerra ou de qualquer outro empreendimento de importância, parecia-lhe que aquilo lhe trazia boa sorte: era ele estimado e muito amado, não só pela excelência de sua arte, mas também por suas boas e louváveis qualidades, pois não era aborrecido, nem dominado pela curiosa afetação da corte, como muito bem mostrou um dia em que o rei o lisonjeava e lhe dizia com o rosto alegre: "Que queres que eu te conceda dos meus bens, Felipides?" — "O que bem lhe aprouver, majestade, — respondeu ele — contanto que não seja dos teus segredos". Quisemos dizer dele estas coisas, para bem colocarmos em confronto com este desavergonhado arengador do povo, um honesto intérprete de comédias{1491}.

XVII. Houve ainda um certo Democlides, da aldeia de Esfeto, que imaginou uma esquisitíssima e estranha maneira de honra, referindo-se à consagração e oferenda dos escudos, que se entregavam ao templo de Apoio, em Delfos, isto é, que se fosse perguntar o oráculo a Demétrio; citemos, porém, os mesmos termos do decreto, tal como foi promulg ado: "Assim: o povo determinará que seja eleito um cidadão de Atenas, que irá ter com o nosso salvador: e depois de lhe ter divinamente sacrificado, perguntará a Demétrio, nosso Salvador, de que modo o povo poderá mais devota e mais santamente fazer a oferenda dos santos dons: e segundo o oráculo que lhe aprouver revelar, o povo o porá em execução". Assim, atribuindo todas estas e outras coisas tão tolas e ridículas a este homem que afinal era pouco sensato, eles o estragaram ainda mais e o fizeram perder a cabeça.

XVIII. Estando então em Atenas, desposou uma viúva de nome Eurídice, da nobre e antiga família de Milcíades, que tinha sido casada com um certo Ofeltas , príncipe da província da Cirenaíca, e depois da sua morte havia voltado a Atenas: muito se alegraram os atenienses com este casamento, julgando mesmo que era uma grande honra para a sua cidade, e que ele o havia feito por amor deles: ele, porém, estava sempre pronto para contrair núpcias, e já havia mesmo desposado a várias mulheres, ao mesmo tempo, entre as quais, todavia, Filia era a que desfrutava de maior honra e de maior autoridade, quer por causa de seu pai, Antípater, quer porque ela tinha sido casada em primeiras núpcias com Cratero, a quem os macedônios haviam amado em vida, e lamentado depois da morte mais que qualquer outro dos sucessores de Alexandre. Seu pai a havia feito casar, a meu ver, à força, embora ela não fosse de uma idade conveniente a ele, pois ele era muito jovem, e ela já super-adulta: como Demétrio mostrasse não estar muito satisfeito com isso, seu pai disse-lhe baixinho ao ouvido:

Casar-se, de mau grado, convém,

contra a natureza, quando há proveito nisso.

Muito a propósito modificava os versos de Eurípides:

Convém servir de mau grado,

contra a natureza, quando há proveito nisso.

Mas a honra que Demétrio prestava a Filia como às outras mulheres desposadas por ele, era tal que linha consigo, e sem vergonha, outras meretrizes e senhoras casadas, das quais ele usava: e foi censurado por ser, mais que qualquer outro príncipe ou rei do seu tempo, escravo deste vício e deste prazer.

XIX. Nesse ínterim, foi ele mandado por seu pai a Chipre para combater ainda contra Ptolomeu. Ele foi obrigado a obedecer, embora sentisse bastante deixar a guerra empreendida pela libertação da Grécia, que era muito mais honrosa e mais gloriosa; todavia, antes de partir, ele mandou oferecer dinheiro a Cleônides, general de Ptolomeu, que ocupava com muitos soldados e forte guarnição as cidades de Corinto e de Sicíone, para que deixasse as cidades em liberdade; este, porém, não quis atendê-lo. Por isso Demétrio se pôs imediata mente ao mar, e com toda a sua esquadra dirigiu-se a Chipre onde logo na primeira batalha venceu a Menelau, irmão de Ptolomeu; pouco depois, porém, o mesmo Ptolomeu, com um grande exército, tanto por mar como por terra, para lá se dirigiu; trocaram reciprocamente severas palavras, ameaças terríveis; Ptolomeu ordenou a Demétrio que se retirasse imediatamente, se era um homem sensato, antes que seu exército fosse reunido e esmagado sob seus pés; e ele mesmo lhe passaria por sobre o corpo, se ele não partisse; por sua vez, Demétrio mandou-lhe dizer que lhe concederia a graça de o deixar escapar, se ele lhe jurasse e prometesse retirar as guarnições que tinha nas cidades de Corinto e de Sicíone. Assim a expectativa dessa batalha conservava em sérias apreensões e dúvidas, não somente estes dois príncipes que deviam combater entre si, mas também todos os outros senhores, príncipes e reis, porque o resultado era-lhe desconhecido e incerto ainda, e não se sabia qual dos dois seria o vencedor: parecia, porém, a cada qual que a vitória não somente dana ao vencedor o reino de Chipre, e o da Síria, mas torná-lo-ia incontinente o maior e o mais poderoso de todos.

XX. O mesmo Ptolomeu, então, se fez ao mar com cento e cinquenta navios, contra seu inimigo, e ordenou ao mesmo tempo a Menelau, seu. irmão que, quando os visse em pleno combate, no auge da luta, saísse do porto de Salamina e atacasse por trás, os navios de Demétrio, para causar-lhe pânico e desorganização, com as sessenta galeras, que ele comandava. Mas por seu lado Demétrio mandou dez galeras contra essas sessenta, julgando que eram suficientes para fechar a embocadura e a saída do porto que era assaz pequena e estreita, de modo que nenhuma das que estavam dentro pudesse sair; distribuiu ainda seu exército de terra pelas rochas e pontas, que nos arredores se projetam sobre as águas e depois se fez ao mar, com suas cento e oitenta galeras para atacar as de Ptolomeu; fê-lo com tanto ímpeto e tanta veemência, que imediatamente o obrigou a fugir; este, vendo sua frota em debandada, se pôs logo a navegar o mais rapidamente possível, salvando apenas oito galeras, pois todas as outras foram destruídas- e afundadas durante o combate, as outras setenta aprisionadas com toda a tripulação e tudo o que estava dentro delas. Sua bagagem de terra, seus oficiais, servos, criados, mulheres, e ainda seu ouro e sua prata, armas, munições que estavam em grandes navios veleiros ancorados, nada escapou e tudo caiu em poder de

Demétrio, que o levou para seu acampamento: dentre as mulheres estava aquela famosa meretriz de nome Lâmia, que, a princípio, se tornara célebre e ambicionada somente pela sua arte, pois era exímia tocadora de flauta; mas ao depois quando se começou a dar ares de meretriz, maior admiração e desejo ainda ela causou: e assim mesmo quando já no declínio de sua vida e da sua beleza, encontrando ainda Demétrio, muito mais jovem do que ela, conquistou e o prendeu pela sua doçura e sua graça, de modo que ele se tornou apaixonado, amando unicamente a ela, embora todas as outras o amassem. Depois desta vitória naval, Menelau mesmo não pôde resistir, e entregou a Demétrio a cidade de Salamina e seus navios, com mil e duzentos cavaleiros e doze mil soldados de infantaria, todos bem armados. Esta vitória, já grande por si mesma, tornou-se ainda maior pela bondade e humanidade de que usou Demétrio, ordenando magníficos e solenes funerais para seus inimigos, que haviam morrido na batalha, mandando pôr em liberdade e sem pagar resgate os que havia feito prisioneiros, dando ainda mil e duzentas armaduras completas, com todas as peças, aos atenienses.

XXI. Depois disto, mandou Aristodemo Milesiano a seu pai, para comunicar-lhe pessoalmente a notí cia da vitória. Era este o maior adulador da corte de Antígono, o qual, então como eu penso, procurou acrescentar a este fato o cúmulo da adulação. Passando da ilha de Chipre para o continente ele não quis que o navio no qual tinha navegado se aproximasse da terra, ordenando que ancorasse fora, e que ninguém saísse do navio: saiu apenas ele numa pequena barca, e dirigiu-se a Antígono, que vivia atormentado pela grande dúvida, a respeito do êxito desta batalha, cheio de apreensões, como bem se pode imaginar e como naturalmente acontece a todos os que aguardam o desfecho de grandes empreendimentos: quando lhe disseram então, que o mensageiro caminhava sozinho para o palácio, ele ficou ainda mais aflito, de tal modo, que nem podia permanecer em seus aposentos, mandando uns após outros, mensageiros e homens, a Anstodemo, para interrogá-lo e dizer-lhe que se apressasse em lhe dar as notícias, fossem quais fossem: ele, porém, a ninguém respondia, e ainda por cima, caminhava vagarosamente, com uma atitude grave e séria, rosto fechado, em um mutismo misterioso: Antígono por isso ficou fora de si e foi-lhe, ele mesmo, ao encontro à porta do palácio, onde havia já uma grande multidão de povo, que seguira Aristodemo, acorrendo de todas as partes, para saber da notícia e ouvir as palavras do mensageiro. Finalmente, quando ele estava bem perto, estendendo a mão direita, se pôs a exclamar em altas vozes: "Deus o guarde, Majestade, rei Antígono, nós derrotamos por mar a frota do rei Ptolomeu, conquistamos o reino de Chipre, com dezesseis mil e oitocentos prisioneiros". Antígono então respondeu-lhe: "Deus te guarde também; na Verdade, Aristodemo, por muito tempo nos conservaste em agonia, mas per penitência, do inferno que nos causaste, receberás mais tarde o presente pela boa notícia".

XXII. Então, primeiramente{1492}, o povo em altas vozes chamou a Antígono e Demétrio de rei. A Antígono, seus familiares e amigos, no mesmo instante, cingiram-lhe a cabeça com a coroa real, que se chama diadema; a Demétrio, porém, seu pai o enviou, e nas cartas que lhe escreveu, chamou-o também de rei. Os que estavam no Egito com Ptolomeu, tendo sabido disto, também o chamaram e o saudaram como rei, para que não parecesse que, por terem sido vencidos uma vez, eles tinham perdido a coragem. Assim esta ambição, por inveja e emulação, passou de um a outro, dos sucessores de Alexandre. Lisímaco, então, começou também a usar o diadema, e Selêuco também, todas as vezes que falava ou tratava com os gregos: pois desde muito antes, ele já tratava com os bárbaros, como rei. Mas Cassandro, embora todos o tratassem como rei, escrevendo-lhe ou chamando-o tal, sempre procedeu como estava acostumado, em suas atividades. Não foi isso, porém, apenas o acréscimo de um novo nome, ou uma mudança de ornatos ou de vestes, mas foi uma glória, que lhes fez crescer a coragem, aumentou a opinião que eles tinham de si mesmos, e fez que em seu modo de viver e em suas relações com os outros, eles se tornassem mais majestosos e mais pomposos que antes: como os atores de tragédias, que, quando se caracterizam para desempenhar seus papéis no teatro, mudam de andar, de rosto, de atitudes, de voz, de modo de se sentar à mesa, e de falar: tanto que, depois, tornaram-se mais violentos em transmitir suas ordens aos subordinados, depois que haviam tirado a máscara e a dissimulação do seu poder absoluto, que antes em muitas coisas os tornavam mais toleráveis e mais delicados, para com os que lhe deviam prestar obediência: tanto poder e eficácia teve somente a voz de um adulador, que

Introduziu no mundo uma tão grande mudança.

XXIII Antígono, entusiasmado com o feliz êxito dos empreendimentos de seu filho Demétrio em Chipre, deliberou imediatamente atacar de novo a Ptolomeu: ele mesmo em pessoa levou o exército de terra, enquanto Demétrio continuava por mar, lado a lado, com uma grande frota de navios; um de seus meninos, porém, de nome Médio, dormindo, teve uma visão, que indicava qual deveria ser o fim desta empresa; pois lhe fora revelado, que ele via Antígono, com todo o seu exército, disputar uma dupla corrida, para ver quem ganharia o prêmio e que ele, no início, correra com grande entusiasmo e velocidade, mas ao depois, diminuíra a força e o fôlego de tal sorte que, quando empreendia a volta, já estava completamente exausto, e assim teve de se retirar. Assim aconteceu de fato: ele encontrou-se em graves e sérias dificuldades e perigos, e Demétrio também, por mar, foi dar à costa, arremessado pela tempestade sobre escolhos, onde não havia portos nem ancoradouros, nem abrigos para seus navios e depois de ter perdido muitos deles, teve de regressar sem nada ter feito. Antígono, seus familiares e amigos, no mesmo instante, cingiram-lhe a cabeça com a coroa real, que se chama diadema; a Demétrio, porém, seu pai o enviou, e nas cartas que lhe escreveu, chamou-o também de rei. Os que estavam no Egito com Ptolomeu, tendo sabido disto, também o chamaram e o saudaram como rei, para que não parecesse que, por terem sido vencidos uma vez, eles tinham perdido a coragem. Assim esta ambição, por inveja e emulação, passou de um a outro, dos sucessores de Alexandre. Lisímaco, então, começou também a usar o diadema, e Selêuco também, todas as vezes que falava ou tratava com os gregos: pois desde muito antes, ele já tratava com os bárbaros, como rei. Mas Cassandro, embora todos o tratassem como rei, escrevendo-lhe ou chamando-o tal, sempre procedeu como estava acostumado, em suas atividades. Não foi isso, porém, apenas o acréscimo de um novo nome, ou uma mudança de ornatos ou de vestes, mas foi uma glória, que lhes fez crescer a coragem, aumentou a opinião que eles tinham de si mesmos, e fez que em seu modo de viver e em suas relações com os outros, eles se tornassem mais majestosos e mais pomposos que antes: como os atores de tragédias, que, quando se caracterizam para desempenhar seus papéis no teatro, mudam de andar, de rosto, de atitudes, de voz, de modo de se sentar à mesa, e de falar: tanto que, depois, tornaram-se mais violentos em transmitir suas ordens aos subordinados, depois que haviam tirado a máscara e a dissimulação do seu poder absoluto, que antes em muitas coisas os tornavam mais toleráveis e mais delicados, para com os que lhe deviam prestar obediência: tanto poder e eficácia teve somente a voz de um adulador, que introduziu no mundo uma tão grande mudança.

XXIII. Antígono, entusiasmado com o feliz êxito dos empreendimentos de seu filho Demétrio em Chipre, deliberou imediatamente atacar de novo a Ptolomeu: ele mesmo em pessoa levou o exército de terra, enquanto Demétrio continuava por mar, lado a lado, com uma grande frota de navios; um de seus meninos, porém, de nome Médio, dormindo, teve uma visão, que indicava qual deveria ser o fim desta empresa; pois lhe fora revelado, que ele via Antígono, com todo o seu exército, disputar uma dupla corrida, para ver quem ganharia o prêmio e que ele, no início, correra com grande entusiasmo e velocidade, mas ao depois, diminuíra a força e o fôlego de tal sorte que, quando empreendia a volta, já estava completamente exausto, e assim teve de se retirar. Assim aconteceu de fato: ele encontrou-se em graves e sérias dificuldades e perigos, e Demétrio também, por mar, foi dar à costa, arremessado pela tempestade sobre escolhos, onde não havia portos nem ancoradouros, nem abri-os para seus navios e depois de ter perdido muitos deles, teve de regressar sem nada ter feito. Antígono tinha então perto de oitenta anos; sofria muito em sua pessoa, mais por causa do tamanho e do peso do seu corp o, do que pela idade. Tornando-se por isso incapaz para os afazeres da guerra, ele servia-se do filho, o qual muito feliz se sentia e pela experiência já adquirida levava adiante com êxito grandes empreendimentos.

XXIV. Seu pai não se desgostava nem se ofendia com suas muitas insolências, despesas supérfluas e libertinagem: em tempo de paz ele entregava-se a todos estes vícios e prazeres apenas se via livre dos seus encargos, ele abandonava-se dissolutamente a toda sorte de

gozos e de prazeres e proporcionava-se as mais variadas espécies de voluptuosidades: mas em tempo de guerra, ele era sóbrio e casto como os que habitualmente o são. A este propósito, diz-se que um dia, quando Lâmia dominava já completamente e torcia a sua vontade, voltou Demétrio do campo e foi, como de costume, beijar seu pai. Antígono, rindo-se, disse-lhe: "Parece-te, meu filho, que beijas a Lâmia?" De outra feita ficou vários dias ausente em libertinagens, sem ir visitar o pai; depois, para desculpar-se perante ele, disse-lhe que o reumatismo o obrigava a ficar n o leito e não lhe havia permitido vir visitá-lo. "Eu bem o tinha ouvido dizer, respondeu Antígono, mas esse reumatismo era de Tasos ou de Chios?" E isso ele dizia, porque julgava deliciosos os vinhos de uma e outra, dessas ilhas. Outra vez, mandou ainda dizer a seu pai, que ele es tava passando mal: Antígono foi vê-lo, e encontrou à porta de sua casa um belíssimo jovem; depois entrou no seu quarto e sentando-se junto do leito tomou-lhe o pulso. Demétrio disse-lhe que a febre já havia diminuído muito e tinha ido embora. "Pois é, respondeu Antígono {1493}, eu acabo de encontrar há pouco, quando saía, esse rapaz". Assim tolerava ele docilmente essas faltas, pelas outras muitas e belas qualidades e atos virtuosos que Demétrio praticava. Diz-se que os citas, bebendo e embriagando-se, fazem às vezes soar as cordas de seus arcos, como se isso lhes servisse para lembrar e conservar o vigor da coragem e da sua ousadia, que se esvairia e dissipar-se-ia pelo prazer do vinho que eles bebem. Mas Demétrio abandonava-se a cada coisa, por sua vez, ora aos divertimentos, ora ao cumprimento de seus deveres e encargos de importância e somente a uma por vez, dava-se às ocupações, sem misturá-las, e assim não era menos cuidadoso e solícito em preparar todo o necessário para a guerra, mas era um general judicioso e valente para bem dirigir o exército, e ainda mais cuidadoso e diligente em prepará-lo e organizá-lo: queria que se tivesse todo o necessário, mais ainda do que se precisaria de fato, quando chegasse a oportunidade e o momento justo.

XXV. Era, porém, incansável em imaginar c onstruir magníficos navios e toda espécie de máquinas de guerra, mesmo somente pelo prazer que experimentava em inventá-las e executá-las; pois tendo int eligência e sendo naturalmente habilidoso, projetava e imaginava tais máquinas, que se fazem com a mente e a destreza das mãos; não aplicava a alma nem o afeto que tinha pelas artes mecânicas, em jogos ou passatempos inúteis; como tantos outros reis que se divertiam em tocar flauta, pintar ou esculpir; outros ainda que trabalhavam em ocupações de habilidade, como Europo, rei da Macedônia, que, com prazer, passava o seu tempo em fazer pequenas mesas e lâmpadas: Átalo, cognominado Filometor, isto é, que ama a própria mãe, o qual se entregava à jardinagem e cultivava ervas medicinais, não só o eleboro e o meimendro negro, mas também a cicuta, o acônito e o dorínio, semeando-as e plantando-as ele mesmo no jardim do palácio real, deixando de recolher no tempo próprio os grãos, o suco e o fruto, e de conhecer seu poder e sua virtude; ou como os reis dos partos, que se gloriavam de eles mesmos afiarem a ponta de suas flechas: mas Demétrio mostrava mesmo em suas obras mecânicas que era rei; sua maneira de trabalhar tinha em si tamanha grandeza, que no meio da engenhosa sutilidade e artifício das obras, mostrava a altura da sua coragem e a magnanimidade do operário, de tal modo que se apresentavam elas dignas de uma inteligência e opulência reais, mas também que eram produzidas pelas próprias mãos de um grande rei: sua grandeza enchia de espanto aos seus mesmos amigos, e a beleza encantava aos mesmos inimigos: e o que é ainda verdadeiro e não seria para se dizer, é que seus inimigos muito se admiravam quando viam navegar pelas suas costas as galeras de quinze ou dezesseis ordens de remos e suas máquinas de guerra, a que ele chamava de Elepolis, isto é, máquina para tomar cidades, o que era um espetáculo de grande admiração para aqueles mesmos que eram sitiados, como os fatos o comprovam: pois Lisímaco, dentre os reis, era quem mais mal o queria; tendo vindo levantar o cerco que estabelecera diante da cidade de Soli, na Cilícia, mandou-lhe pedir que lhe fizesse ver suas máquinas de assalto e suas galeras navegando no mar; tendo-o atendido e satisfeito à sua vontade, diz-se, que Lisímaco voltou assaz admirado; quando ele levantou também o cerco de Rodes, que por muito tempo esteve sitiada, os rodianos pediram-lhe que lhes deixasse alguma das suas máquinas, para servir perpetuamente como testemunha, ao mesmo tempo do seu poder, da sua coragem e da sua valentia.

XXVI. Ele havia feito guerra aos rodianos porque eles eram aliados e confederados do rei Ptolomeu; fez acercar-se de seus muros a maior máquina que ele tinha{1494}, cujo pé era em

forma de telha, mais comprido do que largo, e tinha embaixo, de cada lado, quarenta e oito côvados de comprimento e sessenta e seis de altura, estreitando-se sempre para cima, em ponta, de modo que os panos eram para cima mais estreitos, que não à base, e por dentro eram bem amarrados e reforçados com vários andares e vários entremeios. A parte que estava voltada para os inimigos era aberta e tinha janelas em cada andar, pelas quais se lançavam toda espécie de projéteis, pois estava cheia de homens que combatiam com várias armas: estava ela, porém, tão bem equilibrada que não balançava, nem se inclinava para um lado, quando nelas os homens se movimentavam, mas conservava-se firme e ereta, avançando ora num lugar, ora noutro, com um ruído e um som característicos; isso causava grande pasmo à inteligência e prazer aos olhos, dos que a contemplavam. Nesta guerra, foram-lhe enviadas duas couraças de ferro, pesando cada uma quarenta libras{1495}; querendo o armeiro Zoilo mostrar-lhes a dureza da tempera e a resistência, pô-las à prova, colocando-as a uma distância de cento e vinte passos, onde receberam os golpes de algumas máquinas de guerra; as couraças foram atingidas, mas continuaram inteiras, sofrendo apenas uma leve arranhadura, que parecia apenas um ponto, como se o mesmo tivesse sido feito por um pequeno buril ou ponta de estilete. Demétrio usou uma e Alcio a outra; este era nativo da Albânia, o mais forte e o melhor combatente do seu exército, e sozinho suportava a sua armadura completa, a qual pesava{1496} cento e vinte libras, quando todos os outros carregavam apenas sessenta{1497}. Morreu ele em Rodes, combatendo valentemente perto do teatro. Neste cerco os rodianos defenderam-se tão bem, que Demétrio nada pôde fazer digno de menção; mas embora ele visse que aí perdia o tempo, tinha-se obstinado a combatê-los, pela ojeriza que tinha contra eles, porque lhe haviam aprisionado um navio, no qual sua mulher Filla lhe mandava algumas peças de tapeçaria, linho, vestidos e caitas, e haviam mandado tudo imediatamente a Ptolomeu. E nisto não seguiram a honestidade e a cortesia dos atenienses, que, tendo surpreendido algumas cartas de Felipe, que lhes fazia a guerra, abriram todas as outras que levavam, e as leram, exceto as que sua esposa Olímpia lhe escrevera, as quais mandaram fechadas e lacradas como estavam, quando as receberam.

XXVII. E embora esta ofensa o tivesse irritado, enraivecido e causado mui grande despeito, ele não teve animo de se vingar e de lhes pagar na mesma moeda, pouco depois, quando para isso teve oportunidade, se o quisesse; pois, por acaso, naquele tempo, Protógenes, excelente pintor, natural da cidade de Cauno, lhes pintava o retrato da cidade{1498} de Ialiso: Demétrio encontrou o quadro em um edifício que estava fora da cidade, em um dos arrabaldes, já quase terminado; e como os rodianos lhe tivessem enviado um mensageiro pedindo-lhe que pou passe tão bela obra e não permitisse que fosse destruído, ele lhes respondeu que ele teria permitido que queimassem o retrato de seu pai, do que tão preciosa obra-prima e tão belo trabalho, pois, diz-se que Protógenes levara sete anos para realizá-lo: e diz-se ainda, que o mesmo Apeles, quando o viu, ficou tão preso de admiração, que não pôde falar e ficou longo tempo em silêncio, e por fim assim disse: "Eis uma obra admirável e um ótimo trabalho: mas falta-lhe a graça, pela qual, os que eu pinto atingem o mesmo céu". Tendo depois este quadro sido levado a Roma, e incluído com os outros, foi queimado e destruído pelo fogo. Os rodianos e o mesmo Demétrio desejavam terminar logo essa guerra, buscando apenas uma ocasião favorável para o fazer; eis que chegam então embaixadores dos atenienses, muito a propósito, dizendo que os rodianos de boamente aliar-se-iam com Antígono e Demétrio contra tudo e contra todos, exceto Ptolomeu.

XXVIII. Os atenienses chamavam a Demétrio, porque Cassandro tinha vindo cercar a cidade: por isso Demétrio navegou imediatamente para Atenas com trezentas e trinta galeras, e muitos homens bem armados, de tal modo que expulsou Cassandro, não somente da província da Atica, mas o perseguiu até o desfiladeiro das Termópilas, onde o derrotou em combate organizado, e recebeu a cidade de Heracléia, que voluntariamente a ele se entregou, e seis mil macedônios que passaram para o seu lado, Depois, de volta, deu liberdade a todos os gregos que habitam aquém do desfiladeiro, fez aliança com os beócios, tomou a cidade de Cencres, e as fortalezas de File, e de Panactos, nas fronteiras da Ática, nas quais Cassandro tinha deixado as guarnições, para conservar o país sob seu domínio, e depois de os ter expulso, entregou as terras aos atenienses.

XXIX. Embora antes os atenienses parecessem ter desdobrado inteiramente a sua antiga parcimônia em lhe decretar toda espécie de honras, à porfia, encontraram ainda outros meios novos de o engrandecer e adular; ordenaram, pois, que a parte posterior do templo de Minerva que se chamava Partenon, isto é, o templo da virgem, ser-lhe-ia preparado e mobiliado para seu aposento, para ele aí residir: diziam que era a mesma deusa Minerva quem o recebia em sua casa. Mas na verdade, era ele um hóspede muito pouco casto e pudico, para se pensar que uma deusa virgem pudesse desejar que fosse alojado em sua companhia. E, no entretanto, seu pai Antígono, um dia tendo sabido que se tinha preparado a residência de seu irmão Felipe, em uma casa onde havia três moças, nada lhe disse, mas mandou em sua presença chamar o quartel-mestre e disse-lhe: "Não desalojarás meu filho deste lugar, tão apertado?" E Demétrio, que devia ter tanta reverência para com Minerva, se não por outro motivo, pelo menos como sua irmã mais nova, (pois assim queria ele que a chamassem) contaminou todo o prédio, dentro do qual estava este santo templo virginal, com tantas baixezas que cometeu, tanto nas pessoas de crianças de famílias honestas, como em moças da cidade; de tal modo que o ambiente parecia mais puro e mais casto, quando ele aí cometia atos indecorosos simplesmente com suas meretrizes Crisis, Demo, Lâmia e Anticira. Para honra da cidade, não devemos dizer em particular e claramente todas as vilezas e obscenidades que aí se cometeram.

XXX. A virtude, porém, e a honestidade de Democles não deve ser esquecida nem conservada em silêncio. Este era um moço que ainda não tinha barba, e era tanta a sua beleza que na cidade era conhecido por Democles, o Belo. Demétrio veio a saber disto, e começou a perseguir o rapaz, com toda a espécie de rogos e solicitações, promessas, presentes e até ameaças; quando viu que era impossível conquistá-lo, e que o rapaz vendo-se tão perseguido e importunado, deixava de frequentar os lugares públicos, onde os outros moços costumavam divertir-se e exercitar-se em jogos e ginástica, para evitar os banhos comuns ia lavar-se num estabelecimento particular, Demétrio indagou do dia e da hora, e lá entrou quando estava ele sozinho. O moço, vendo-se em perigo e não podendo de outro modo impedir que Demétrio abusasse dele, tirou a tampa da caldeira onde fervia a água para o banho e pulou para dentro dela, onde morreu queimado e afogado: não merecia ele certamente tão infausto fim, mas teve a coragem digna de sua beleza e de sua pátria; não fez ele, como um outro, certo Cleaneto, filho de Cleomedon, que levou cartas de Demétrio dirigidas ao povo, e fez de modo que pela intercessão e a rogo do mesmo Demétrio a multa de cinquenta talentos{1499} à qual seu pai tinha sido condenado e por falta de pagamento eslava encarcerado, lha fosse perdoada e indultada; fazendo isso, não somente ele se desonrou e difamou-se a si mesmo, mas ainda agitou toda a cidade: pois o povo perdoou a multa a Cleomedon, mas promulgou um edito pelo qual proibia que de então em diante cidadão algum trouxesse cartas de Demétrio. Sabendo ao depois que Demétrio estava muito descontente com esse edito, e que se tinha irritado muito, não somente caçaram o primeiro decreto, mas também, daqueles que tinham sido autores ou que tinham neles intervido, eles fizeram morrer alguns e expulsaram aos outros. E, além disso, fizeram outro decreto, pelo qual declarou-se que o povo ateniense acharia de ora em diante, religioso, quanto aos deuses, e justo, quanto aos homens, tudo o que agradasse ao rei Demétrio ordenar. Alguém então, dos mais notáveis personagens e dos mais nobres da cidade, disse que Estratocles era indivíduo mentecapto, em propor tais coisas: "Bem mentecapto seria ele verdadeiramente, se não fosse da qualidade dos que se chamam lacônios", respondeu Democares{1500}. Isto ele dizia, porque Estratocles havia recebido inúmeros benefícios de Demétrio, por essa bajulação. Democares, porém, acusado de ter dito essas palavras, foi banido da cidade. Eis o que faziam os atenienses, que pareciam estar livres da sujeição anterior e ter conquistado a sua primeira liberdade e imunidade.

XXXI. Daí Demétrio passou ao Peloponeso, onde nenhum de seus inimigos se atreveu a atacá-lo, mas, ao contrário, fugiram todos à sua aproximação, abandonando-lhe suas praças, fortificações e cidades. Assim estabeleceu ele sob seu domínio toda a região a que chamam Acta{1501} e toda a Arcádia, exceto a cidade de Mantinéia: libertou as cidades de Argos, Sicíone e Corinto, por cem talentos que ele entregou{1502} aos que compunham a sua guarnição. Veio nessa ocasião o tempo em que se celebra a festa de Juno em Argos, a que

chamam Heréa. Demétrio, querendo celebrar esta solenidade com os gregos, desposou a Deidamia, filha de Eacides, rei dos molossos e irmã de Pirro, e persuadiu aos siciônios de deixar sua cidade e vir habitar e estabelecer-se em um outro lugar, muito mais belo, que estava bem perto, e no qual ainda moram presentemente; com a praça e a situação trocou também de nome a cidade: pois em vez de Sicíone passou a se chamar Demetríade. Depois, em uma assembleia dos estados da Grécia, que se reuniu no estreito do Peíoponeso, o qual se chama Istmo, onde se havia ajuntado uma grande multidão de homens, de todas as partes da Grécia, ele foi eleito comandante-geral de toda a Grécia, como antes já o haviam sido Felipe e Alexandre, reis da Macedônia, ao qual, não somente ele se comparava, mas imaginava ser ainda maior, porque então a fortuna lhe sorria, e seus empreendimentos eram bem sucedidos: Alexandre, porém, jamais tirou aos outros reis o título e o nome de rei, nem jamais se chamou rei dos reis, embora tivesse dado a muitos o nome e o poder de rei; e ao contrário, este ria-se e zombava daqueles que chamavam aos outros príncipes, de rei, exceto ele e seu pai; sentia prazer e gostava de ouvir os seus, que, nos banquetes, pediam vinho ao rei Demétrio e chamavam, a Selêuco, senhor dos elefantes, a Ptolomeu, almirante, a Lisímaco, guarda do tesouro, a Agátocles, Siciliano, governador das ilhas. Os outros reis, quando se lhes contavam tais gentilezas, riam-se à vontade, menos Lisímaco, que se irritava e se mostrava muito despeitado porque Demétrio o julgava castrado, pelo costume de se entregar antigamente a guarda do tesouro a um eunuco. Era Lisímaco quem lhe tinha mais antipatia e inimizade, e querendo espicaçá-lo, pois ele tinha sempre Lâmia junto de si, da qual estava apaixonado, disse: "Eu nunca tinha visto, até agora, uma meretriz fingir". Demétrio respondeu-lhe que sua meretriz era mais pudica do que a Penélope dele.

XXXII. Afastando-se então do Peloponeso, voltou a Atenas, mandando, antes dele, algumas cartas, nas quais pedia aos atenienses que, apenas chegasse, queria ser recebido na confraria e na religião de seus santos mistérios, e desejava que lhe mostrassem, de uma vez, tudo o que havia, desde as coisas mínimas até as mais importantes, e as cerimonias mais secretas, que se chamavam Epópticas, porque eram manifestadas aos sócios e confrades, muito tempo depois de terem eles sido admitidos às primeiras e pequenas cerimonias: o que não era possível, nem jamais antes havia sido feito, porque os pequenos mistérios celebravam-se desde tempos muito remotos no mês de novembro e os grandes no mês de agosto{1503} e os confrades não eram admitidos a ver pessoalmente estas últimas e santas cerimonias, a não ser um ano inteiro, pelo menos, depois dos grandes mistérios. Quando estas cartas foram lidas publicamente, ninguém ousou contradizê-las, exceto Pitodoro, o sacerdote que leva a tocha quando se mostram os mistérios; todavia sua oposição de nada valeu, pois, segundo a proposição de Estratocles, foi declarado e determinado em plena assembleia da cidade, que o mês de março{1504}, em que então se achavam, seria chamado novembro{1505} e como tal considerado. E assim sendo, por seus decretos e editos da cidade, podiam eles receber Demétrio e de fato o receberam na confr aria de seus mistérios: depois, novamente, este mesmo mês de março{1506}, que eles haviam convertido em novembro{1507} transformou-se repentinamente em agosto{1508} e nesse mesmo foi celebrada então a outra solenidade dos grandes mistérios e assim também, do mesmo modo, Demétrio foi admitido a ver cerimonias mais secretas e íntimas. Por isso o poeta cômico Felipides, reprovando este sacrilégio e esta impiedade da religião violada por Estratocles, fez alguns versos, a propósito:

Aquele que tem o curso e o circuito do ano inteiro, o reduz a um único mês.

Depois, com relação ao fato de ter ele sido causa de que a residência de Demétrio lhe fosse preparada no templo de Minerva, que estava dentro do edifício:

Aquele que fez de vossa fortaleza uma taverna, e que, no templo da deusa Virgem Palas, alojou meretrizes.

XXXIII. De todas as baixezas e indecências, imoralidades e desmandos que se cometeram em Atenas, embora muitos fossem, um não houve, como se diz, que humilhasse e pesasse tanto sobre os atenienses como este: Demétrio ordenou-lhes que lhe entregassem imediatamente a soma de duzentos e cinquenta talentos{1509}. A coleta dessa importância lhes foi s umamente penosa, tanto pela exiguidade do tempo que lhes foi marcado, como porque não conseguiram obter-lhe uma redução. Quando ele teve em mãos este dinheiro, que lhe foi entregue em um amontoado, ele mandou que o levassem a Lâmia e às outras meretrizes, que viviam com ele, para que comprassem sabão: pois a vergonha fazia-lhes mais mal que a perda de seu dinheiro; e as palavras, que ele usou para desprezo deles e da sua cidade, causaram-lhes mais humilhação e sofrimento que não o dinheiro pago; todavia alguns dizem que não foi aos atenienses que ele fez passar semelhante vexame, mas aos tessálios.

XXXIV. Ainda, porém, além disto, Lâmia por iniciativa própria exigiu dinheiro de vários cidadãos particulares, para uma festa que ela organizou para Demétrio, cuja apresentação foi tão suntuosa e magnífica que Liceu, natural da ilha de Samos, escreveu-lhe a descrição e um certo poeta cômico, a esse propósito, não menos zombeteira que verdadeiramente, chamou a Lâmia de EAepolis, isto é, máquina de tomar cidades; e Democares, natural da cidade de Soh, chamava a Demétrio de fábula, porque tinha sempre essa Lâmia junto de si{1510}, (como nas fábulas que as velhas contam às crianças, há sempre uma Lâmia, isto é, uma fada ou uma feiticeira): de modo que a autoridade e o prestígio de que Lâmia gozava e o amor que Demétrio lhe consagrava não causavam ciúme, somente, e inveja das mulheres que Demétrio desposara, mas também o ódio de seus familiares e de seus amigos particulares. Alguns de seus gentis-homens, que ele havia mandado como embaixadores ao rei Lisímaco, privando com o mencionado rei, viram um dia grandes cicatrizes, que ele lhes mostrou, causadas pelas garras de um leão, nas coxas e nos braços, pois ele fora obrigado a combater com a fera, quando o furor de Alexandre o encerrara dentro de uma jaula em companhia do feroz animal{1511} : riram-se eles, e disseram também que seu senhor trazia também no pescoço os s inais das mordidas de um outro terrível animal, Lâmia. Para dizer a verdade, isto era coisa deveras estranha, pois ele tinha pouca vontade e, com grande pesar, desposara sua mulher Filia, porque não era ela de idade igual à sua; como é então que estava tão cativo de Lâmia e como a amou com perseverança durante tanto tempo, considerando-se que ela era madura e super-adulta? Por isso, Demo, que foi apelidada de Mania{1512}, (que significa a raivosa), respondeu-lhe graciosamente uma tarde quando Lâmia tinha tocado flauta durante a refeição, tendo-lhe Demétrio perguntado: "Que lhe parece agora, Demo, da minha Lâmia? — Uma velha, majestade", disse ela. Outra vez, quando haviam servido frutas no fim da refeição: — "Vede, disse Demétrio, quantos pequenos obséquios me envia Lâmia?" — "Minha mãe, respondeu Demo, te enviará ainda muito mais, se quiseres dormir com ela".

XXXV. Conta-se também que Lâmia, certa vez, protestou num julgamento de Bocoris, pelo seguinte: havia no Egito um homem que se apaixonou por uma meretriz de nome Tonis; ela, porém, pedia muito dinheiro para dormir com ele, e o rapaz não podia consegui-lo: era tão grande a paixão, que uma noite o moço sonhou que estava dormindo com ela e que no sonho sentia o mesmo prazer, tão veemente e tão forte que, depois ao despertar, o mesmo prazer passou ao corpo. Sabendo disso, a meretriz citou-o perante o tribunal, para ter o que lhe competia pelo prazer causado ao moço, embora em imaginação, apenas. Bocoris, por sua vez, ordenou ao rapaz que trouxesse ao tribunal, dentro de um vaso, tanto dinheiro quanto ela lhe havia pedido para dormir com ele; depois mandou que. ele o movimentasse em suas mãos, diante dela, para que ela tivesse somente a vista e a sombra: pois, dizia ele, "a imaginação e a opinião são apenas a sombra da verdade". Mas Lâmia achou que este julgamento e esta decisão estavam errados, pois, "a sombra, dizia ela, ou a vista do dinheiro não satisfez o desejo de possuir, da mulher, como o sonho tinha deleitado a paixão do moço e o amor que ele sentia". Mas basta o que dissemos sobre Lâmia. XXXVI. No entretanto os feitos e as aventuras daquele de quem estamos escrevendo fazem passar as palavras da nossa narração de um teatro cômico a uma tragédia, isto é, de um assunto leve e agradável a outro lamentável e cheio de lágrimas; pois todos os outros príncipes e reis reuniram-se e fizeram aliança contra

Antígono e reuniram num só bloco toda sua força e toda sua potência. Por isso Demétrio saiu imediatamente da Grécia, e foi reunir-se a seu pai, encontrando-o mais animado e entusiasmado a essa guerra, do que o comportava a sua idade, acrescentando-se que a sua chegada animou-o e encorajou-o ainda mais: todavia, como me parece, se Antígono tivesse querido ceder em algumas pequenas coisas, se tivesse querido ou podido refrear um pouco sua ambição desenfreada de do minar, ele teria conservado para si mesmo e ainda legado a seu filho, depois de sua morte, o primeiro grau de autoridade e de poder, entre todos os reis sucessores de Alexandre; mas ele era orgulhoso e de natureza excessivamente soberba, insolente e ousado em fatos, não menos que em palavras, com as quais indispôs gravemente contra si mesmo vários homens grandes e poderosos. Dizia ele que haveria de destruir e esmagar aquela liga e aquele grupo de conjurados contra ele, tão facilmente como se espanta e se assusta um grupo de passarinhos que vem roubar a semente, depois de lançada ao solo, com uma pedrada ou com um pouco de barulho. E assim pôde ele levar à batalha mais de setenta mil homens de infantaria e dez mil de cavalaria, com setenta e cinco elefantes. Seus inimigos tinham sessenta e quatro mil homens de i nfantaria e quinhentos de cavalaria, mais do que ele, com quatrocentos elefantes e mais ou menos cento e vinte carros de combate.

XXXVII. Quando os dois exércitos se aproximaram um do outro, parece-me, que em sua mente surgiram algumas apreensões, as quais lhe modificaram a esperança, não, porém, sua coragem; nas outras batalhas, estava acostumado a mostrar atitude e gestos ousados, falando em voz alta e forte, usando palavras altivas e animadoras ou ainda mesmo, às vezes, dizendo palavras xistosas no auge da luta, mostrando confiança em si mesmo e desprezo pelo inimigo; agora, porém, era ele visto calado e pensativo, sem falar. Um dia mandou reunir todo o seu exército e apresentou seu filho aos soldados, recomendando-lhes que o tivessem por seu sucessor e herdeiro; depois falou com ele a sós, em sua tenda, e disso muito mais ainda todos se admiraram; não estava ele na verdade acostumado a manifestar a quem quer que fosse o segredo do seu conselho, nem mesmo ao seu próprio filho, mas tudo deliberava consigo mesmo, e depois ordenava publicamente aquilo que ele sozinho havia deliberado. A este propósito, diz-se, que Demétrio sendo ainda muito jovem, perguntou-lhe um dia, quando o campo mudaria de posição, e que ele respondeu encolerizado: "Tens medo de que somente tu não escutes o som da trombeta?" E o que é mais, aconteceram-lhes vários e sinistros presságios, os quais muito lhe diminuíram o entusiasmo e enfraqueceram-lhe o ânimo; pois fora revelado a Demétrio, em sonho, que Alexandre, o Grande, aparecera a ele armado com todas as peças e que lhe perguntara que palavra eles tinham deliberado dar no dia da batalha: ele respondeu que tinham proposto Júpiter e Vitória: e que Alexandre lhe dissera: "Vou então para os inimigos, pois eles me receberão". E depois, no mesmo dia da derrota, quando todo o exército já estava disposto no campo de batalha, Antígono, saindo de sua tenda, chocou-se tão fortemente, que caiu de bruços, ferindo-se bastante; quando o levantaram, erguendo as mãos ao céu, ele rogou aos deuses, que lhes provesse conceder a vitória, ou então a morte repentina, sem grande dor, antes que ser vencido e ver seu exército dispersado e desbaratado.

XXXVIII. Travou-se então a luta e os homens combatiam corpo-a-corpo; Demétrio, que tinha consigo a melhor e a maior cavalaria, foi atacar Antígono, filho de Selêuco, e combateu com tanto denodo que daquele lado desbaratou o inimigo, e o pôs em fuga: mas, por uma ambição imprudente e um entusiasmo vão, de perseguir os fugitivos, antes que fosse tempo para isso, ele perdeu tudo e foi outrossim causa de uma derrota: pois quando voltou da perseguição, não pôde alcançar seus homens de infantaria, pois os elefantes estavam colocados entre eles: e então Selêuco, vendo que do lado de Antígono não havia mais cavalaria, não se, dirigiu para ele, incontinente, mas ladeou-o, como para cercá-lo, por trás, e amedrontá-los, fazendo sempre menção de atacá-los, para lhes dar, no entretanto, ocasião de passa r para o leu lado, como eles de fato fizeram; pois uma grande parte do exército de Antígono abandonou-o e se entregou aos inimigos e o resto foi dispersado. E como um grupo considerável de homens se dirigisse enfurecido para o lugar onde Antígono se encontrava, um dos que estavam perto dele lhe disse: Majestade! Cuidado! Pense em si mesmo, pois elas vêm nos atacar" — Ele respondeu: "E para que me conhecem eles[1513] ? Além de que, meu filho Demétrio virá em meu auxílio". Era a sua última esperança; ele olhava sempre para todos os lados, se o via aparecer de algum lugar, até que finalmente, a golpe de dardos, de flechas e de lanças ele foi

atirado por terra; ninguém ficou perto do seu corpo, nem seus amigos, nem seus soldados, a não ser um tal Tórax, da cidade de Larissa, na Tessália.

XXXIX. Depois do infeliz êxito desta batalha, os príncipes e reis que haviam ganho tão bela vitória, como se tivessem partido um corpo volumoso em vários pedaços, repartiram entre si o império de Antígono, e cada qual teve sua parte nas províncias, regiões e países que haviam pertencido a ele, as quais eles anexaram aos que já possuíam antes. Demétrio, com cinco mil homens de infantaria e quatro mil de cavalaria, fugiu com a maior rapidez possível, chegou à cidade de Éfeso, onde todos julgavam que, precisando ele de muito dinheiro, não hesitaria em depredar o templo de Diana Efesina, apoderando-se da prata e do ouro que nele havia; mas, ao contrário, temendo que seus soldados o fizessem contra sua vontade, ele partiu imediatamente, navegando para a Grécia, depositando a maior e a melhor parte da sua esperança nos atenienses, pois havia deixado em Atenas sua mulher Deidamia, com alguns navios e uma soma de dinheiro, julgando que não poderia encontrar retiro mais seguro nem refúgio mais certo em sua desdita, do que na benevolência dos atenienses. Por isso, quando os embaixadores de Atenas vieram encontrá-lo, perto das ilhas Cidades, ele navegava a toda velocidade para a Ática; comunicaram-lhe eles então a nova inesperada, isto é, que desistisse ele de entrar na cidade, porque o povo tinha feito uma lei e um edito, de não permitir mais que nenhum rei entrasse na cidade, e que tinham mandado Deidamia, sua mulher, com acompanhamento honroso à cidade de Megara. Demétrio então encheu-se de imensa cólera; mostrou-se despeitado e perdeu completamente a calma, embora tivesse até então suportado pacientemente a sua infelicidade, não se mostrando, em momento nenhum, dominado pelo desânimo e pelo medo; era porém, aquele, um golpe muito rude, ver-se, contra sua esperança, abandonado pelos atenienses, que lhe faltavam no momento oportuno, constatando assim, na hora em que mais deles necessitava, que a amizade e a benevolência de antes eram falsas e vãs.

XL. Por isso, pode-se evidentemente conhecer, que o argumento mais incerto e enganador da amizade dos povos, das cidades e das aldeias, para tom os príncipes e reis, são as demonstrações excessivas de honras que lhes concedem e decretam. Pois, assim como a verdade e a certeza da honra dependem da afeição daqueles que a prestam, o temor que os povos e as comunidades têm ordinariamente do poder dos reis é bastante suficiente para se suspeitar que eles governem de boa vontade e de coração, visto que por temor eles decretam as mesmas coisas que decretariam por verdadeira e cordial amizade. Por isso os príncipes sábios e prudentes devem considerar, não somente as estátuas que para eles se erigem, ou para os quadros e honras divinas que se lhes decretam, como os atos e as ações e, segundo estes, aceitá-las e crer nelas, como verdadeiras honras, ou rejeitá-las e não crer, como feitas à força: pois é isto que faz que os povos tenham mui frequentemente grande ódio dos reis, quando eles aceitam as honras que lhes são decretadas desmesurada e ultrajosamente, e, o mais das vezes, por aqueles que o fazem contra sua vontade.

XLI. Demétrio, portanto, vendo a ação má e indigna que lhe faziam os atenienses, não tendo, porém, no momento, os meios de se vingar, mandou-lhes somente participar a sua tristeza e o seu sentimento, com moderação, pedindo-lhes a restituição de seus navios, entre os quais estava aquela galera que tinha dezesseis ordens de remos, e logo que os teve, se pôs imediatamente ao mar, rumo ao estreito do Peloponeso, onde pôde ainda constatar que de fato as coisas lhe iam mal, pois, de todos os lados, aqueles que ele havia deixado como guardas das praças as haviam abandonado e voltavam as costas para ele e se lhe mostravam inimigos. Por isso deixou Pirro, seu lugar-tenente, na Grécia e navegou para o Quersoneso, onde, pelas depredações que fazia e pelo s botins que arrebatava, nas terras de Lisímaco, ele sustentava seus homens e enriquecia de novo seu exército, o qual começou então a se tornar outra vez poderoso e temível aos seus inimigos. Quanto a Lisímaco, os outros reis com ele não se incomodavam nem pensavam em auxiliá-lo, porque ele não era mais equitativo do que Demétrio, tinha mais terras e mais poder que os outros, sendo-lhes ainda, suspeito e temível.

XLII. Pouco tempo depois Selêuco{1514} mandou pedir em casamento a Estratonice, filha de Demétrio e de Filia, embora ele já tivesse um filho de nome Antíoco, de sua mulher Apama Persiana; mas julgava ele que seus negócios e a grandeza de leu estado e de seus domínios eram bem suficientes para vários sucessores: além disso, pensava em se aliar com ele, tendo disso necessidade, pois via que Lisímaco tomava uma das filhas de Ptolomeu para ele, e outra para seu filho Agátocles. Demé trio, vendo essa boa fortuna, que se lhe apresentava, contra sua esperança, sem delongas, levou a filha consigo, e se pôs ao mar com todos os seus navios, rumo à Síria, embora durante essa viagem tivesse sido obrigado a descer à terra várias vezes, mesmo na Cilícia, que Plistarco, irmão de Cassandro, tinha então sob seu domínio, a qual lhe fora entregue pelos outros reis como sua parte nas terras de Antígono, depois da sua derrota. Este Plistarco, pensando que Demétrio tinha descido ao seu território, não para um descanso, mas para saqueá-lo e depredá-lo, querendo ainda queixar-se de que{1515} Selêuco fazia aliança com seu inimigo comum, sem o consentimento de todos os outros príncipes e reis confederados, foi ter com ele. Demétrio foi logo avisado e partiu imediatamente para a cidade de Cindes, levando cento e vinte talentos que ainda pôde encontrar no tesouro de seu pai{1516}; depois, com a maior diligência possível, voltou para embarcar em seu navio e se pôs ao largo. Logo dep ois sua mulher Filia veio procurá-lo, e assim Selêuco os recebeu perto da cidade de Orosso{1517} onde eles tiveram uma entrevista real que foi bastante franca, sem fingimento, nem suspeita de parte a parte. Selêuco por primeiro o homenageou em seu campo, dentro de sua tenda, e depois, Demétrio, em sua galera de treze ordens de remos: passaram vários dias juntos em conversações amigáveis, mostrando um ao outro a mais cordial satisfação, sem estarem armados, e sem guardas, até que Selêuco, com sua mulher Estratonice, partiu, com grande triunfo e magnificência, para a cidade de Antioquia. Demétrio ocupou e conservou a província da Cilícia, mandou sua mulher Filia ao seu irmão Cassandro, para responder às queixas e acusações de Plistarco contra ele. Nesse ínterim, Deidamia, sua mulher, partiu da Grécia para vir ter com ele, e, depois de ter ali permanecido algum tempo, morreu de doença. Tendo caído de novo nas boas graças de Ptolomeu, por intermédio de Selêuco, ele casou-se com sua filha Ptoíomaida.

XLIII. Até aqui Selêuco procedera honesta e delicadamente para com ele: mas, depois, intimou-o a entregar a Cilícia recebendo em troca uma importância em dinheiro; o que Demétrio recusou muito bem; Selêuco então manifestou uma avareza violenta e tirânica: pediu-lhe, enraivecido, com ferozes ameaças, pelo menos as cidades de Tiro e Sidon. pasto, parece-me, ele usava de um meio mau e desonesto, como se ele, que tinha sob seu domínio tudo o que está entre as índias e o mar da Sina, fosse ainda tão pobre e indigente que, por duas cidades, punha em dificuldades e cuidava de expulsar seu próprio genro e que tinha sofrido tão severa e dolorosa mudança de fortuna, dando um testemunho certo e seguro daquilo que nos ensina Platão: "Que aquele que quer ficar verdadeiramente rico deve cuidar não em aumentar e fazer crescer suas riquezas, mas antes, de diminuir sua ambição de possuir, porque aquele que não fixa um alvo, e não põe limites aos seus desejos nunca deixará de ser pobre e indigente". Demétrio, porém, não cedeu pelo temor, mas reforçou as cidades com guarnições para defendê-las e guardá-las contra ele, dizendo que, ainda que ele tivesse sido vencido dez mil outras vezes em batalhas, jamais lhe haveria de entrar na mente a ideia de que ele se devia contentar, e reputar-se bem feliz de aceitar com tanto agrado a aliança de Selêuco.

XLIV. Por outro lado ele foi avisado de que um certo Laçares, aproveitando a ocasião de terem os atenienses se envolvido em uma sublevação civil, atirando-se uns contra os outros, os havia oprimido, alvorando-se em tirano e senhor da cidade; ele teve então esperança de facilmente poder retomá-la, se lá chegasse inopinadamente, surpreendendo-os; atravessou então o mar, com grande frota de navios, sem perigo algum: sobreveio, porém, uma grande tempestade na costa da Ática, onde ele perdeu boa parte de seus navios, e muitos dos seus homens também: ele, porém, salvou-se e então começou a fazer guerra aos atenienses, mas depois vendo que assim perdia seu tempo e que nada conseguia, inundou gente de confiança para novamente reunir navios e ele foi ao Peíoponeso, para sitiar a cidade de Messene, onde então correu um grave perigo; pois combatendo bem perto da muralha, ele foi ferido por um dardo que lhe

passou pela boca e furou a face. Quando, ao depois, se curou da ferida, submeteu ao seu domínio algumas cidades que se haviam revoltado contra ele, e depois novamente voltou à Ática, onde tomou as cidades de Eleusina e Ramnus, cujo território percorreu e saqueou, tomou um navio carregado de trigo, mandando enforcar o indivíduo ao qual o trigo era destinado, e o piloto do navio, a fim de intimidar os outros negociantes, para que não se atrevessem mais a semelhante ato, e a carestia tomasse conta de toda a cidade, e tivessem eles falta de todas as coisas indispensáveis à vida humana; o que de fato aconteceu, pois a medida de sal era vendida a quarenta dracmas de prata{1518}, e o alqueire de trigo a trezentos{1519}. Nesta extrema penúria, os atenienses tiveram uma breve alegria, por causa de cento e cinquenta galeias que divisaram perto de Egina, que Ptolomeu lhes mandava em auxílio; quando os sol dados que estavam dentro delas, porém, viram que também a Demétrio se juntavam muitas outras do Peloponeso, de Chipre e de outros lugares, de modo que ele poderia facilmente reunir ao todo uns trezentos navios, ergueram as âncoras e fugiram.

XLV. O mesmo Lacares abandonou às ocultas a cidade e salvou-se. E então os atenienses, embora tivessem decretado pena de morte contra os que fizessem menção de tratar de paz ou de acordo com Demétrio, abriram-lhe incontinente as portas, mais próximas do lugar onde estava localizado o seu campo, e mandaram-lhe embaixadores, não por terem esperança de alguma graça ou acordo, mas porque a extrema necessidade a isso os obrigava. Durante esse cerco tão apertado aconteceram vários casos estranhos e esquisitos; entre outros, vejamos este: um pai e um filho estavam em sua casa, completamente desanimados em poder levar adiante a própria vida; caiu diante deles, do teto da casa, um camundongo morto; disputaram então, pai e filho, quem o haveria de comer. Diz-se ainda que nesse mesmo cerco o filósofo Epicuro nutriu e sustentou a si mesmo e aos seus familiares, que aderiam à sua doutrina, distribuindo-lhes, contadas, cada dia, um certo número de favas, com o que eles viviam. Estando pois a cidade de Atenas reduzida a tal extremo, Demétrio lá entrou, e ordenou a todos os cidadãos presentes que se reunissem no teatro, onde os fez rodear de soldados armados; depois colocou outros soldados em volta do palco dos atores. Feito isso, ele mesmo desceu ao teatro, pelas amplas galerias e entradas, como costumam fazer os que representam nas tragédias; com isso amedrontaram-se os atenienses, mais do que antes; ele, porém, acalmou-lhes o medo, imediatamente, logo que começou a falar; pois não deu às suas palavras um tom de cólera ou de raiva, não usou de palavras acres e ásperas, mas somente depois de se ter queixado amavelmente deles, e de lhes ter mostrado delicadamente suas faltas, disse-lhes que os perdoava e que queria de novo gozar das boas graças de todos, e mais ainda, fez distribuir ao povo dez milhões de medidas de trigo e escolheu magistrados, que foram muito aceitos ao povo. Vendo então Democles, o Orador, que o povo soltava grandes exclamações de alegria em louvor de Demétrio, e que os oradores à porfia, se sucediam na tribuna para decretar-lhe todos os dias novas honras a quem sobrepujasse o seu companheiro, ele propôs um decreto, a saber, que se entregasse nas mãos do rei Demétrio o porto e o ancoradouro do Pireu e de Muníquia, para que ele agisse a seu bel-prazer. Isto lhe foi concedido por votos do povo, mas ele mesmo, com sua autoridade própria, colocou uma grande e poderosa guarnição dentro do forte chamado Museum, de medo de que o povo ainda se rebelasse contra ele e não lhe viesse causar novas ameaças e perigos.

XLVI. Depois de ter assim conquistado os atenienses, foi observar os lacedemônios: mas o seu rei Arquidamo, com uma poderosa esquadra, veio ao seu encontro, a qual ele desmantelou em com bate, e pôs em fuga perto da cidade de Mantinéia depois entrou de armas na mão na Lacônia, chegando até perto da cidade de Esparta, onde desbaratou outra vez os lacedemônios em severo combate, no qual fez quinhentos prisioneiros e matou duzentos; e a cada qual bem parecia que nesse passo, sem obstáculos, ele iria apoderar-se da cidade de Esparta, a qual até então jamais tinha sido tomada.

XLVII. Não houve jamais rei, em tempo algum, que tivesse sofrido tantas e tão rápidas mudanças e vicissitudes em sua vida, do que ele, nem que nos seus empreendimentos fosse, ao mesmo tempo, tão grande, tão pequeno, que caísse tão baixo e ao depois tanto se elevasse,

que fosse tão fraco e logo em seguida tão poderoso e forte; e por isso diz-se que nas suas grandes adversidades, quando a sorte se voltava contra ele, ele costumav a clamar, endereçando seus clamores à fortuna, com as palavras de Esquilo em um de seus versos:

Tu me quiseste primeiramente fazer

e agora me parece que tu me queres desfazer.

quando suas empresas estavam bem encaminhadas, para reconquistar nova mente grande império e grande poder, vieram-lhe trazer notícias, primeiro, que Lisímaco havia tomado todas as cidades que ele linha na Ásia, e, por outro lado, que Ptolomeu lhe linha tirado o reino de Chipre, exceto somente acalmou-lhes o medo, imediatamente, logo que começou a falar; pois não deu às suas palavras um tom de cólera ou de raiva, não usou de palavras acres e ásperas, mas somente depois de se ter queixado amavelmente deles, e de lhes ter mostrado delicadamente suas faltas, disse-lhes que os perdoava e que queria de novo gozar das boas graças de todos, e mais ainda, fez distribuir ao povo dez milhões de medidas de trigo e escolheu magistrados, que foram muito aceitos ao povo. Vendo então Democles, o Orador, que o povo soltava grandes exclamações de alegria em louvor de Demétrio, e que os oradores à porfia, se sucediam na tribuna para decretar-lhe todos os dias novas honras a quem sobrepujasse o seu companheiro, ele propôs um decreto, a saber, que se entregasse nas mãos do rei Demétrio o porto e o ancoradouro do Pneu e de Muníquia, para que ele agisse a seu bel-prazer. Isto lhe foi concedido por votos do povo, mas ele mesmo, com sua autoridade própria, colocou uma grande e poderosa guarnição dentro do forte chamado Museum, de medo de que o povo ainda se rebelasse contra ele e não lhe viesse causar novas ameaças e perigos.

XLVI. Depois de ter assim conquistado os atenienses, foi observar os lacedemônios: mas o seu rei Arquidamo, com uma poderosa esquadra, veio ao seu encontro, a qual ele desmantelou em combate, e pôs em fuga perto da cidade de Mantinéia; depois entrou de armas na mão na Lacônia, chegando até perto da cidade de Esparta, onde desbaratou outra vez os lacedemônios em severo combate, no qual fez quinhentos prisioneiros e matou duzentos; e a cada qual bem parecia que nesse passo, sem obstáculos, ele iria apoderar-se da cidade de Esparta, a qual até então jamais tinha sido tomada.

XLVII. Não houve jamais rei, em tempo algum, que tivesse sofrido tantas e tão rápidas mudanças e vicissitudes em sua vida, do que ele, nem que nos seus empreendimentos fosse, ao mesmo tempo, tão grande, tão pequeno, que caísse tão baixo e ao depois tanto se elevasse, que fosse tão fraco e logo em seguida tão poderoso e forte; e por isso diz-se que nas suas grandes adversidades, quando a sorte se voltava contra ele, ele costumava clamar, endereçando seus clamores à fortuna, com as palavras de Esquilo em um de seus versos:

Tu me quiseste primeiramente fazer

e agora me parece que tu me queres desfazer.

Quando suas empresas estavam bem encaminhadas, para reconquistar novamente grande império e grande poder, vieram-lhe trazer notícias, primeiro, que Lisímaco havia tomado todas as cidades que ele linha na Ásia, e, por outro lado, que Ptolomeu lhe linha tirado o reino de

Chipre, exceto somente a cidade de Salamina, na qual ele ainda conservava sua mãe e seus filhos, que ele tinha cercado de maneira rigorosa.

XLVIII. Não obstante, a fortuna ainda lhe fazia, como a má mulher, de que fala Arquíloco a qual,

numa das mãos, trazia a água enganadora e, na outra, vingadora, o fogo ardente.

Com estas terríveis e espantosas notícias quase a fortuna lhe tirou das mãos a cidade de Esparta, justamente quando ele estava certo de apoderar-se dela, mas ela mesma lhe veio logo apresentar e oferecer esperanças de outros novos e grandes acontecimentos, assim: depois da morte de Cassandro, Felipe, que era o primogênito de todos os seus filhos, e seu sucessor no reino da Macedônia, não reinou muito tempo sobre os macedônios, mas morreu logo depois de seu pai, e os outros dois irmãos mostraram-se mui diferentes um do outro, chegando a combater-se reciprocamente; um, que se chamava Antípater, matou a própria mãe, Tessalônica, e o outro chamou em seu auxílio a Demétrio e Pino, um do reino do Épiro e o outro da região do Peloponeso. Pirro chegou primeiro, e ocupou uma grande parta da Macedônia, que conservou como recompensa pelo auxílio que a seu pedido lhe viera trazer, da modo que ele era já um vizinho temível a Alexandre, que o havia chamado. Além disso, sendo avisado de que Demétrio se tinha posto a caminho, apenas recebera suas cartas, com todo o seu exército, para vir em seu socorro, o moço ficou ainda mais admirado e duplamente espantado pela dignidade e reputação muito grandes de Demétrio. Foi então ao seu encontro, no lugar a que chamam de Deion, onde o saudou e abraçou, com grandes demonstrações de amizade; mas, logo depois, disse que seus negócios estavam em tal estado que (graças aos deuses) não tinha mais necessidade da sua presença para auxiliá-lo.

XLIX. Depois destas palavras, começaram ambos a desconfiar um do outro. Aconteceu que, um dia, Demétrio ia à casa de Alexandre, onde se havia preparado um festim, e alguém lhe veio denunciar uma emboscada que lhe haviam preparado e dizer-lhe que tinham deliberado matá-lo, logo que ele se apresentasse, para divertir-se nessa recepção; Demétrio não se perturbou absolutamente com isso, mas somente diminuiu um pouco o passo e não caminhou mais com a mesma desenvoltura que antes; no entretanto, mandou dizer aos seus generais que conservassem os homens de prontidão e disse, aos companheiros que estavam com ele e aos oficiais de sua casa, que então estavam junto de si e que eram cm número muito maior que os de Alexandre, que entrassem todos com ele na sala, e lá ficassem até que ele se levantasse da mesa: por isso os homens de Alexandre, encarregados de atacá-lo, não o ousaram fazer, tanto medo sentiram, vendo-o bem acompanhado. Além disso Demétrio, fingindo que então não estava se sentindo bem, saiu imediatamente da sala e deliberou partir no dia seguinte, como se tivesse recebido notícias urgentes, sobro outros negócios importantes que o chamavam, e rogou a Alexandre que o desculpasse, por não poder mais fazer-lhe companhia, constrangido a partir como era, e a se afastar de sua corte, e que, de outra vez, ele viria com mais vagar, quando estivessem ambos mais folgados.

L. Alexandre muito prazer sentiu ao saber que Demétrio se ia contente e não desgostoso, da Macedônia: acompanhou-o até a Tessália e quando chegaram à cidade de Larissa, começaram novamente a se obsequiar um ao outro para se surpreenderem: isso fez com que Demétrio tivesse Alexandre em suas mãos, do modo que ele desejava; pois Alexandre, de própria vontade, não quis a guarda junto de si, de medo que Demétrio também quisesse conservar seus homens, e, por isso, aconteceu-lhe sofrer, por primeiro, o que tinha imaginado e preparado para o outro, pois havia deliberado não o deixai mais escapar, se o pudesse agarrar

de novo. Tendo sido convidado a cear em casa de Demétrio, aceitou e foi; no meio da refeição Demétrio levantou se da mesa; Alexandre também se levantou muito assustado, por esse seu gesto, e seguiu-o até a porta; Demétrio então disse aos guardas que estavam ali:

"Matem aquele que me segue!" Saiu depois, e Alexandre, que lhe vinha atrás, foi morto ali mesmo, e, com ele, alguns de seus cortesãos que haviam corrido em seu auxílio; um destes, quando morria, disse que Demétrio não o hav ia precedido senão de um dia. Toda aquela noite passou-se em grande tumulto; no dia seguinte cedo, os macedônios as-sustaram-se e muito se espantaram, temendo o grande poder de Demétrio, mas quando viram que ninguém os veio atacar, e que ele mesmo ao contrário, mandou dizer-lhes que lhes queria falar e dar-lhes satisfação pelo que tinha feito, começaram então a se tranquilizar e lhe deram audiência de muito boa vontade.

LI. Não lhe foi necessário usar de muitas palavras, nem fazer longos discursos para ganhá-los e atraí-los a si; pois odiavam eles Antípater, como parricida e assassino de sua mãe, e não tendo outro melhor, escolheram facilmente a Demétrio, rei dos macedônios: e assim o reconduziram à Macedônia para que ele tomasse posse do seu reino. Esta mudança não foi desagradável aos outros macedônios, que ainda estavam no país, e em suas casas{1520}, pela recordação que ainda conservavam do mau e desleal proceder de Cassandro para com Alexandre, o Grande, pela qual razão, eles odiavam a toda a sua posteridade; e se havia ainda algum resto da recordação da bondade e doçura de seu avô Antípater, Demétrio recebia-lhe os frutos, tendo por esposa a Filia, da qual tinha um filho, que lhe devia suceder no reino e estava já na adolescência, no campo com seu pai. Gozava então ele de grande prosperidade e tudo lhe corria bem, quando soube que Ptolomeu não somente tinha levantado o cerco de diante da cidade onde ele conservava sua mãe e seus filhos mas lhe tinha ainda prestado grandes homenagens e dado ricos presentes. Por outro lado soube que sua filha Estratonico, que antes fora esposa de Selêuco, tinha-se casado com Antíoco, filho de Selêuco, e tinha sido coroada rainha das nações bárbaras que habitam nas altas províncias da Ásia, o que acontecera assim:

LII. O jovem príncipe Antíoco, pois o amor às vezes surpreende os homens, enamorou-se de sua madrasta Estratonice, que já tivera um filho de Selêuco: mas sendo jovem e singularmente bela, ele ficou de tal modo preso e apaixonado, que embora ele tivesse feito tudo para dominar essa paixão, todavia cada vez sentia-se mais fraco, de tal modo que espontaneamente ele se condenava à morte porque percebia que seu desejo era censurável, sua paixão, incurável, e sua razão, vencida de todos os lados; resolveu então abandonar a vida e pouco a pouco deixar que ela se esvaísse, abstendo-se de comer e de beber e não cuidando em procurar remédio ao seu mal, fingindo ter alguma doença interior e secreta. Não soube, porém, ele fingir à perfeição e Erasístrato, que era médico, percebeu bem facilmente que seu mal era proveniente de amor; mas era difícil conjeturar-se de quem estava ele apaixonado. Querendo descobri-lo, ele ficava o dia todo no quarto do jovem príncipe e quando ali entrava algum belo rapaz ou moça, ele olhava atentamente para o rosto do jovem Antíoco, e observava cuidadosamente todas as partes do seu corpo e seus movimentos exteriores, que costumam corresponder às paixões e afetos secretos da alma. Várias vezes pôde então notar que quando outros vinham vê-lo, fosse quem fosse, ele permanecia impassível; mas, quando Estratonice ali chegava, ou sozinha, ou em companhia de seu marido Selêuco, percebia ordinariamente nele os sinais que Safo dá dos apaixonados, isto é, faltavam-lhe a voz e as palavras, o rosto tornava-se vermelho e inflamado, lançava olhares ardentes, com a fronte banhada de suor, e palpitações fortes nos pulsos; e quando as energias da alma estavam esgotadas, ele ficava como em êxtase, fora de si, empalidecendo.

LIII. Erasístrato então, por estes sinais e demonstrações tão claras e tão eloquentes, concluiu que não podia ser outra senão Estratonice, aquela de quem o jovem príncipe se apaixonara, o

que ele se esforçava por ocultar até à morte; pensou, porém que era coisa vergonhosa declará-lo ao rei; no entretanto, confiando no grande amor que Selêuco tinha pelo filho, um dia, tomou ânimo para fazer-lhe essa difícil confidencia, isto é, que a doença de seu filho outra coisa não era, senão amor; mas, era um amor diferente, um amor impossível, e por isso era necessário que ele morresse, pois o mal era incurável. Selêuco ficou fora de si pela tristeza, ante esta notícia e perguntou-lhe: "Como e por que me dizes que é incurável? " — "Porque, majestade, respondeu o médico, ele está apaixonado por minha mulher". E então, Selêuco: — "Eu sempre te tive, disse ele, no número dos meus melhores amigos, e agora queres negar-me esse favor, de dar tua mulher como esposa a meu filho, pois bem sabes que é o único que eu tenho, e que ele virá fatalmente a morrer se não o salvares?" — "Vossa majestade não faria o mesmo se fosse de Estratonice que ele estivesse apaixonado", disse Erasístrato. — "Prouvesse aos deuses, respondeu incontinente Selêuco, que os mesmos deuses ou os homens dirigissem o seu amor para tal lado, pois, quanto a mim, eu lhe daria, não somente o meu afeto, mas entregaria de boamente o meu reino para salvar-lhe a vida". Vendo então Erasístrato que o rei dizia estas palavras com grande sentimento do coração e com lágrimas nos olhos, tomou-lhe a mão direita e disse-lhe francamente: "Não terá vossa majestade que fazer senão isso mesmo, para ajudar a Erasístrato, pois sendo pai, marido e rei, poderá ainda ser o médico da enfermidade de seu filho". Ouvindo isto, Selêuco mandou reunir o povo e diante de todos declarou que ele tinha deliberado coroar seu filho Antíoco rei das altas províncias da Ásia e Estratonice, rainha, para que se casassem e que ele estava persuadido de que seu filho, que sempre se havia mostrado obediente e submisso à vontade de seu pai, não o contradiria quanto a esse casamento; e quanto a Estratonice, se estivesse descontente com essas núpcias ou se tivesse dificuldade em consentir, pois não era coisa muito comum, ele queria que seus amigos lha fizessem saber, que ela devia considerar bom e honesto tudo aquilo que agradava ao rei, e que era pelo bem do reino universal e utilidade das coisas públicas. Eis como se realizou o casamento de Antíoco com Estratonice.

LIV. Voltando à história de Demétrio, ele recebeu o remo da Macedônia e da Tessália, do modo como dissemos há pouco; e ainda conservava a melhor parte do Peloponeso, e, aquém do estreito, as cidades de Megara e de Atenas; levou ainda seu exército contra os beócios, os quais no princípio quiseram fazer um acordo e tratar da paz, com ele; mas depois que Cleônimo Espartano, com seu exército, entrou na cidade de Tebas, os beócios, anima" dos e encorajados pelas belas palavras de incitamento de Pisis, natural da cidade de Tespis, que então era o maior homem deles, em prestígio e em autoridade, eles renunciaram ao que tinham começado a tratar e deliberaram aceitar a guerra. Por isso Demétrio foi sitiar a cidade de Tebas e mandou aproximar suas máquin as de guerra, de modo que Cleônimo, de medo, saiu ocultamente da cidade: por esse motivo os tebanos, assustados, entregaram-se a Demétrio, o qual, depois de ter colocado grandes reforços nas cidades e ter levado uma boa soma de dinheiro, deixou-lhes como governador seu lugar-tenente, o historiador Jerônimo; parece que ele os tratou com muita generosidade e bondade, perdoando mesmo a Pisis; tendo-o feito prisioneiro não lhe causou maus tratos, mas o recebeu com gentileza, mostrando- lhe simpatia, dando-lhe depois o magistrado de Polemarca, isto é, mestre da guerra, que tem a superintendência com relação às armas, na cidade de Tespis. Pouco tempo depois que isto se havia passado, o rei Lisímaco foi aprisionado por um outro rei bárbaro, de nome Dromicates. Por isso Demétrio, não querendo perder tão boa oportunidade de cuidar dos seus interesses, decidiu-se a invadir a Trácia, julgando não encontrar quem lhe impedisse o caminho, para apoderar-se de tudo e reduzi-la ao seu domínio.

LV. Mas, apenas ele partiu, os beócios revoltaram-se uma segunda vez, e ele soube que Lisímaco se havia libertado da prisão; voltou então fortemente irritado contra os beócios, que já haviam sido vencidos por seu filho Antígono e então novamente partiu para sitiar Tebas, capital de toda a província. Nesse ínterim, porém, Pirro veio assaltar e saquear toda a Tessália, e chegou até o desfiladeiro das Termópilas: Demétrio foi obrigado a. deixar ao seu filho a continuação do cerco de Tebas, enquanto ele foi contra Pirro, o qual se retirou imediatamente para o seu reino. Assim Demétrio deixou dez mil soldados de infantaria e mil de cavalaria na Tessália, para defesa da região e voltou com o resto do seu exército para atacar Tebas. Fez aproximar-se das muralhas a sua máquina de guerra, que se chamava Elepolis, como já dissemos, que se movia devagarzinho com grande dificuldade, por causa do

seu peso e do seu tamanho, de medo que com grande esforço a podiam fazer caminhar um meio quarto de légua{1521} em dois meses. Mas os beócios e os tebanos defendiam-se valentemente; e Demétrio, por uma obstinação e ambição de vingança, mais do que por proveito, que lhe pudesse advir, obrigava a miúdo seus soldados a dar o assalto e a se expor ao perigo, de modo que todos os dias muitos deles morriam em grande número. Vendo isso, seu filho Antígono disse-lhe: "Por que fazemos morrer nossos soldados, Bem nenhuma necessidade, nem vantagem?" Demétrio, irritado, respondeu-lhe: "Por que te importas? Deves{1522} a distribuição de trigo aos que morrem?" Mas, para que não se pensasse que ele queria somente expor os outros ao perigo, e ele não se atrevesse a enfrentá-lo, ia também aos combates, tanto que, certa vez, teve o pescoço atravessado por um dardo muito agudo, que lhe foi atirado do alto da muralha, e com isso passou grave perigo; não levantou, porém, o cerco, nem mudou o seu campo, mas tomou outra vez a cidade de Tebas, ao assalto, a qual, repovoada e restaurada, foi tomada duas vezes no espaço de dez anos. Tomaram-se os tebanos de grande medo, pelas furiosas ameaças que ele fez ao entrar na cidade; de modo que eles esperavam toda a sorte de penas e sofrimentos, que podem ser infligidos aos vencidos pelos vencedores, justamente' indignados. Todavia, depois de ter feito morrer somente treze e expulsado outros, ele perdoou aos demais. Nesse tempo veio à estação em que se celebravam os jogos e a festa chamada de Pítia, em honra de Apoio; tendo os etólios ocupado todas as estradas e passagens, pelas quais era necessário passar para se ir a Delfos, onde os velhos estavam habituados a celebrar os mencionados jogos e festas, ele mandou que estas se fizessem em Atenas, como o lugar mais apropriado, onde se deveria honrar e reverenciar o deus, pois era o patrono da cidade, e os atenienses o consideravam seu progenitor.

LVI. De lá ele voltou à Macedônia, e sabendo que não era seu natural viver na ociosidade e no descanso, vendo outrossim que os macedônios lhe eram mais serviçais e submissos em tempo de guerra, e que em tempo de paz se tornavam mais sediciosos, cheios de curiosidade, de murmurações e de litígios, ele foi fazer a guerra aos etólios, e depois de ter saqueado e pilhado toda a região, ele deixou uma boa parte do seu exército sob o comando de Pantauco, que nomeou seu lugar-tenente; e depois com o resto de seus homens marchou contra Pino, e Pirro também mar chou contra ele, mas não se encontraram um com o outro; Demétrio continuou e chegou até o reino do Épiro, que devastou e saqueou; Pino, por sua vez, caminhou para frente; encontrou Pantauco, ao qual atacou imediatamente, chegando a combater corpo-a-corpo com ele, causando-lhe ferimentos e também foi ferido por ele; mas finalmente Pirro venceu, e pôs Pantauco em fuga, matando muitos soldados, fazendo também cinco mil prisioneiros, causando assim grande prejuízo a Demétrio.

LVII Pirro, porém, não incorreu na ira dos macedônios pelo mal e prejuízo que lhes causou, mas, ao contrário, granjeou entre eles grande fama de valente, por ter feito com suas forças, unicamente, a maior parte dos grandes feitos de armas, que tiveram lugar naquele dia, e por isso, de então, ele foi muito estimado e respeitado pelos macedônios. Alguém mesmo ousava dizer que somente ele era o único rei dentre todos os outros, no qual se podia divisar a imagem, a valentia e a coragem de Alexandre, o Grande, reproduzidas ao vivo e que todos os outros, mesmo Demétrio, não faziam senão imitar sua gravidade, magnificência e majestade real, como os artistas que num palco querem copiar e imitar a alguém. E assim, para se dizer a verdade, havia mesmo muito de tragédia e de pompa em redor de Demétrio: pois não somente ele tinha sempre a cabeça coberta com um chapéu de bordas largas e duplos cordões, e vestia-se de púrpura com bordados de ouro; usava ainda calçados feitos de uma lã também tingida de púrpura, não tecida, mas cortada à maneira de feltro e dourada por cima. Mandou fazer, e usou durante muito tempo, um manto de um trabalho esplendidamente soberbo e arrogante: pois sobre ele estava pintado o mundo dos astros e dos círculos do céu, que ficou imperfeito pela mudança e pelas vicissitudes de sua fortuna; não houve, porém, rei algum da Macedônia, ao depois, que se atrevesse a usá-lo; embora tivesse havido depois dele vários outros, muito arrogantes e presunçosos.

LVIII. Estavam muito desgostosos e aborrecidos os macedônios, não somente por verem coisas, às quais não estavam acostumados, mas também, estavam ofendidos por seu modo de viver e pelos prazeres que a si mesmo proporcionava; ainda, porque era muito difícil de ser ele entrevistado e com muita demora podia-se falar com ele. Não dava audiência, ou se a dava, era grosseiro e rude, recriminando altivamente aos que tinham que tratar com ele; chegou a reter por dois anos os embaixadores de Atenas, sem falar com eles, aos quais no entretanto, ao que parece, ele estimava mais do que a outro qualquer povo o u cidade da Grécia: irritou-se porque os lacedemônios lhe tinham mandado apenas um homem, como embaixada, pensando que o haviam feito por desprezo. Respondeu-lhe o embaixador, muito graciosamente e à Lacedemônia, quando Demétrio lhe disse: "Como é que os lacedemônios me mandam somente um homem numa embaixada?" — "Não, ele respondeu, majestade, a um". Ele apareceu algumas vezes em público um pouco mais particular e popularmente vestido que de costume: e deu esperança de um acesso mais fácil, e de que benignament e ouviria as queixas de cada qual. Muitos correram a ele, e apresentaram-lhe humildemente suas queixas por escrito. Ele as recebeu todas, colocando-as na dobra do seu manto; os pobres suplicantes ficaram bem alegres, e o seguiam passo a passo, certos de que seriam prontamente atendidos. Mas, quando ele chegou sobre a ponte do rio Axis, ele desdobrou seu manto e as lançou todas ao rio. Isso entristeceu grandemente o coração dos macedônios, que então constataram que não eram governados por um rei, mas ultrajados por um tirano; e o que mais ainda os amargurava era a recordação de que eles mesmos tinham visto ou tinham ouvido seus antepassados dizer que o rei Felipe era doce e benigno em tais circunstâncias; pois um dia, passando pela rua, uma pobre mulher puxou-o pelo manto pedindo-lhe insistentemente, que a escutasse: ele respondeu que naquele momento não o podia fazer, e então a mulher começou a clamar, em altas vozes: "Não queiras então ser rei í" Estas palavras tocaram-lhe vivamente o coração e ele refletiu, deliberando voltar imediatamente ao seu palácio e deixando de lado todas as outras ocupações, se pôs a escutar as queixas e os pedidos de todos os que o procuravam, a começar por aquela pobre velhinha.

LIX. Certamente, nada há que esteja tão bem num príncipe, como fazer e administrar a justiça; Marte, que significa a força, é um tirano, como diz Timóteo: "mas a justiça e a lei, segundo o que diz Píndaro, é a rainha de todo o mundo"; e diz ainda o sábio poeta Homero{1523}, "que os príncipes e os reis não receberam de Júpiter, em depósito e em custódia, máquinas de artilharia para destruir e arrasar cidades, nem navios fortes e poderosos, mas leis santas e o direito"; e por isso chama ele de discípulo e familiar de Júpiter, não o mais sanguinário dos reis, ou o mais violento, ou o mais conquistador; mas o mais reto e o mais justo{1524}. E Demétrio regozijava-se de ter um título e de ser chamado por um apelido, totalmente contrário ao de Júpiter: que é chamado de Polieus ou Polieuco, o que significa protetor e conservador das cidades, e ele era chamado Poliorcetes, isto é, tomador e vencedor de cidades; e assim o mal era tomado pelo bem, e o vício posto no lugar da virtude por uma força que não sabia distinguir o bem do mal e que mudava a sua injustiça em glória e sua iniquidade em honra.

LX. Voltando, porém, ao ponto de partida, Demétrio adoeceu gravemente na cidade de Pella, durante a doença perdeu quase toda a Macedônia, por um ataque repentino levado a efeito por Pino, que. a percorreu toda e chegou até à cidade de Edessa: mas logo que começou a melhorar, facilmente o afastou, e depois teve com ele alguns acordos, pois, unindo-se a ele, visto que o teria continuamente à sua porta e divertindo-se em combatê-lo, em escaramuças cá e lá, não queria tornar-se menos poderoso e forte para executar o que pretendia. Não premeditava ele pouca coisa, mas pensava em recuperar todas as terras e possessões que seu pai tivera também; e os preparativos que fazia não eram menores nem menos suficientes ao desígnio de sua empresa: pois já tinha organizado e preparado um exército de cem mil homens de infantaria e eram suficientes apenas dois mil, e, além desses, não menos de doze mil cavaleiros, mandando preparar também mais ou menos quinhentos navios, que eram construídos, parte no porto do Pneu, parte em Corinto, parte na cidade de Caleis, e parte nos arredores de Pella. Ele mesmo percorria os estaleiros, mostrando aos operários como era necessário fazer, ajudando-os e conversando familiarmente com eles, de modo que todos se admiravam, não somente da grandeza e da magnificência das suas obras, mas também do seu número: pois ninguém até então havia visto galera, nem de quinze, nem de dezesseis ordens

de remos: é verdade que mais tarde Ptolomeu, cognominado Filopater, construiu uma de quarenta ordens de remos, que tinha o comprimento de duzentos e oitenta cevados e a altura desde a quilha até ao alto da popa, de quarenta e oito, e eram precisos nada menos de quatrocentos marinheiros para guarnecê-la e quatro mil forçados para fazê-la navegar e, além disso, ainda podia ela conter, sobre a sua ponte de bordo, uns três mil combatentes; mas esta galera não servia senão de amostra, e era quase semelhante aos edifícios firmes e imóveis, e jamais foi movida do lugar, onde fora construída, senão com grande dificuldade e não menor perigo, mais para causar admiração ao mundo, do que por servi ço ou utilidade que dela se pudesse obter; mas a beleza dos navios de Demétrio não impedia que eles fossem bons e velozes para combater, nem a grandeza da estrutura lhes tirava o uso, mas sua ligeireza e agilidade eram ainda mais dignas de serem observadas, que não a magnificência e a suntuosidade.

LXI. Assim, pois, com este grande poder, qual nenhum outro rei antes desde Alexandre pudera conseguir, preparava-se ele para invadir a Ásia: Ptolomeu, Selêuco e Lisímaco aliaram-se então contra ele, primeiramente, e depois, envia ram em nome de todos, seus embaixadores a Pirro, para atraí-lo e chamá-lo à aliança, incitando-o a vir à Macedônia, mostrando-lhe que não devia confiar no tratado que Demétrio tinha feito com ele, como uma paz segura e duradoura, pois não lhe davam garantia de que Demétrio no futuro não lhe faria guerra, mas aguardava ele apenas a oportunidade para fazê-la contra quem melhor lhe parecesse. Pirro, considerando estas coisas e achando-as verdadeiras, consentiu no acorda, e a guerra surgiu áspera e forte de todos os lados contra Demétrio, que adiava o seu começo e esperava ainda: ao mesmo tempo, Ptolomeu com uma grande armada veio à Grécia, e fê-la toda revoltar-se contra ele; Lisímaco do lado da Trácia, e Pirro do lado do Epiro, limítrofe com a Macedônia, penetraram nos territórios e os saqueavam totalmente. Demétrio deixou seu filho Antígono na Grécia e voltou apressadamente à Macedônia, para ir primeiramente contra Lisímaco: quando, porém, se preparava para isso, vieram dizer-lhe que Pino já havia tomado a cidade de Berrea. Difundindo-se estas notícias entre os macedônios, os empreendimentos de Demétrio se desorganizaram completamente; todo o campo se encheu de gritos de desespero e de lamentações, seus homens começaram a mostrar abertamente sua ira contra ele, dizendo toda sorte de impropérios e acusações, e não queriam mais permanecer ali, mas pediam licença para se retirar, sob o pretexto de querer ordenar os seus próprios negócios em suas casas, mas, na verdade, para se ir entregar a Lisímaco.

LXII. Por isso Demétrio julgou que seria conveniente afastar-se dele o mais possível, e voltar suas forças contra Pirro, pois ele era do seu país e familiarmente conhecido da maior parte deles, por ter estado com Alexandre, o Grande, e a seu juízo, os macedônios não preferiam Pirro, que era estrangeiro, a ele; mas, nisso ele se enganou; pois apenas colocou seu campo perto dele, os macedônios, que sempre tinham tido veneração e singular admiração pela sua virtude e coragem, e que desde toda a antiguidade costumavam julgar mais digno de ser rei, aquele que era mais hábil nas armas e mais valente na guerra, e que ainda pretendiam contar como ele tinha tratado com benevolência, os prisioneiros: acrescente-se que há muito tempo eles tinham vontade de deixar Demétrio, e para isso buscavam os meios de entregar-se a Pirro ou a qualquer outro; então, começaram a se afastar e secretamente fugiam uns após outros, em pequenos grupos, no começo; mas, depois rebentou no campo uma revolta e uma sedição geral, contra ele, de modo que por fim foram à sua tenda dizer-lhe que se retirasse, que se salvasse, porque os macedônios estavam já cansados de ter as armas na mão para combater para seu prazer: Demétrio ainda julgou estas palavras as mais modestas e as mais doces, em comparação às ultrajosas e ásperas que outros lhe haviam dito.

LXIII. Retirou-se à sua tenda, envolveu-se num manto negro, em lugar das vestes luxuosas e soberbas que costumava usar, como faria, não um rei, mas um ator de tragédia, depois de terminado o espetáculo; e depois ausentou-se secretamente: tendo-se espalhado esta notícia, por todo o campo, muitos soldados correram incontinente à sua tenda, para saqueá-la, e cada qual, querendo arrebatar o mais possível, acabaram por destruí-la totalmente, chegando a desembainhar as espadas para lutar: mas Pirr o, que chegara, acalmou os exaltados, e logo no início, sem derramamento de sangue, conquistou todo o campo de Demétrio; depois dividiu pela metade todo o remo da Macedônia com Lisímaco, no qual Demétrio havia reinado em paz durante sete anos. Assim, miseravelmente privado de seus bens e de seu re ino, fugiu Demétrio para a cidade de Cassandra, onde estava sua mulher Filia, que, ferida pela dor, não pôde suportar a humilhação de vê-lo como um homem privado, derrubado e expulso do seu trono, e o mais miserável de todos os reis, que antes haviam existido. Não tendo então mais nenhuma esperança, e detestando a sorte de seu marido, muito mais firme nas adversidades do que na prosperidade, ela matou-se tomando veneno; Demétrio retirou-se à Grécia, com intenção de reunir ainda o pouco que lhe restava do seu naufrágio, e lá convocou todos os seus generais e os amigos que ainda tinha.

LXIV. Parece-me esta a comparação que Menelau faz da sua fortuna em uma das tragédias de

Sófocles, nestes versos:

Incessantemente meu destino gira

como uma roda, jamais permanece

no mesmo estado, como a lua,

que nunca fica duas noites na mesma forma,

mas, depois de se ter ocultado,

aparece um pouco, na noite iluminada,

primeiro em seu novo crescente,

que pouco a pouco vai aumentando

e depois se enche completamente de fecunda

luminosidade, em sua bela face redonda:

depois, novamente vai diminuindo

e volta ao seu primeiro nada.

Esta comparação, digo, se poderia muito melhor e mais a propósito aplicar-se às aventuras de Demétrio, aos seus progressos e retrocessos, ao apogeu e à ruína de suas empresas, pois quando parecia a todos que seu poder e sua força estavam completamente esgotados e aniquilados, novamente elas surgiam e se reorganizavam, muitos soldados pouco a pouco iam-se novamente reunindo em torno dele, reanimando-lhe as esperanças. Foi esta a primeira vez que o viram andar vestido simplesmente, como um homem do povo, por toda a região, sem insígnias, nem distintivos de rei; alguém, vendo-o neste estado, em Tebas, aplicou-lhe sarcasticamente alguns versos de Eurípides, assim:

Tendo{1525} mudado sua figura imortal e sua fortuna em natureza mortal, ele veio ao rio de Dirceu e passou ao longo do Ismeneu.

LXV. Quando, porém, ele outra vez sentiu a esperança, como, por assim dizer, no grande caminho dos reis, e quando novamente começou a reunir em torno de si alguns homens, que formaram um como corpo e lhe deram algo de aparência real e de poder soberano, ele deu liberdade e seu governo aos tebanos: mas os atenienses abandonaram-no uma segunda vez{1526}, e reclamaram a dignidade e o sacerdócio de Difilo, que naquele ano tinha sido criado sacerdote dos salvadores, em lugar de prefeito, que antigamente era chamado Epônimo, como já dissemos antes, e ordenaram que desde então, em diante, os antigos magistrados e ordinários seriam escolhidos e eleitos como antigamente; e os mandaram a Macedônia, a Pino, mais para causar medo e temor a Demétrio, que eles viam novamente readquirir seu antigo poder e autoridade, do que pela esperança de vê-lo vir em seu auxílio. Mas Demétrio foi atacá-los com grande fúria, e cercou fortemente a cidade; então os atenienses mandaram a ele o filósofo Crates, homem de grande reputação e de autoridade, que tanto fez junto dele, rogando-o e advertindo-o seriamente, que ele levantou incontinente o cerco. Tendo depois reunido muitos navios, e embarcando doze mil homens de infantaria e alguns de cavalaria, ele se pôs ao mar e navegou para a Ásia, com intenção de tirar a Lisímaco as províncias da Caria e da Lídia e fazê-las voltar-se contra ele: e lá, Eurídice, irmã de sua mulher Filia, recebeu-o

perto da cidade de Milet, tendo consigo uma das filhas de Ptolomeu e dela, chamada Ptolemaida, a qual antes lhe havia sido nada como n oiva, por meio de Selêuco: e assim ele a esposou com o desejo e o consentimento de sua mãe Eurídice. E logo após as núpcias ele se pôs ao campo e prosseguiu, para alcançar as cidades, algumas das quais o receberam de boamente, e outras foram tomadas à força: dentre as quais tomou Sardes, e aí generais de Lisímaco foram entregar-se a ele levando-lhe alguns soldados e uma boa soma de dinheiro.

LXVI. Tendo, porém, sido avisado de que Agátocles, filho de Lisímaco, seguia as suas pegadas com um poderoso exército, passou para a Frígia; pois imaginava que se conseguisse alcançar a Armênia, facilmente ele poderia levantar e rebelar toda a Média e tentaria conquistar as outras altas províncias da Ásia, onde poderia ter vários refúgios, se por acaso fosse depois perseguido. Mas Agátocles perseguia-o bem de perto, e no entretanto, todas as vezes que eles travavam escaramuças, Demétrio sempre levava a melhor; mas Agátocles cortava-lhes os víveres de todos os lados, e o apertava fortemente, tanto que seus homens não ousavam, se afastar do campo para procurar forragem, e por isso sofriam grande penúria de víveres; começaram então seus homens a duvidar e suspeitar de que ele os queria conservar perto dele, e levá-los à Armênia e à Média. A fome crescia todos os dias, cada vez mais, no seu exército, e aconteceu que por ter perdido-o caminho e não ter bem experimentado o vau ao atravessar o rio de Lico, a força e a impetuosidade das águas carregaram muitos de seus homens que morreram afogados; no entretanto, apesar de tantos desastres, eles ainda se alegravam cem ele, pois alguém escrevera até, à entrada da sua tenda, o primeiro verso da tragédia de Edipo, o Colônio, escrita por Sófocles, trocando apenas algumas palavras:

Ó filho do velho cego Antígono, onde estamos e a que lugar viemos?

Por fim a peste começou a se misturar com a fome, como sói acontecer, porque os homens, levados pela necessidade comem tudo o que encontram e lhe foi necessário deixar para trás o que restava dos soldados, pois ele tinha perdido mais ou menos oito mil homens ao todo, bons e maus.

LXVII. Quando chegou à província de Tarso ordenou que não se tocasse em nada, porque ela estava então sob a dominação de Selêuco, ao qual ele não queria absolutamente prejudicar: mas, quando viu que isso era impossível, pois seus homens estavam reduzidos à extrema necessidade, e Agátocles tinha feito murar e fechar as passagens do monte Tauro, ele escreveu uma carta a Selêuco, que continha, antes, uma longa lamentação e queixa amarga sobre a sua sorte, e depois de humildes súplicas e orações, pedia que tivesse piedade de seu aliado, que tinha caído em tão difícil e miserável infortúnio, tão grande que poderia mover à compaixão os seus maiores inimigos. As suas palavras comoveram um pouco o coração de Selêuco, de modo que ele escreveu aos prepostos e governadores que ele tinha naqueles lugares, que fornecessem para a sua pessoa, tudo o que era necessário para o palácio de um rei, e víveres à vontade aos seus soldados. Todavia, um certo indivíduo de nome Patrocles, que tinha a reputação de ser um homem de muito entendimento, e leal amigo de Selêuco, veio fazer-lhe ver, que dar de comer aos soldados de Demétrio, não era a maior falta que ele cometia, e da qual ele devia fazer mais conta, mas que não era, ao invés, muito prudente, com relação aos seus empreendimentos, deixar que Demétrio permanecesse em suas terras, pois desde todos os tempos, ele tinha sido assaz violento e mais ousado em acometer grandes empresas, do que nenhum outro príncipe, e agora estava reduzido a tal extremo e a tal desespero, o qual faz os mais tímidos e medrosos temerários em empreender e violentos em executar todas as tentativas ousadas contra o seu natural.

LXVIII. Selêuco, considerando estes motivos, se pôs imediatamente a caminho da Cilícia Com um grande exército; Demétrio assustado com tal mudança, e temendo seu grande poder retirou-se aos lugares mais fortes e mais ásperos do monte Tauro: depois mandou a Selêuco, embaixadores, pedindo-lhe permissão para subjugar e conquistar algumas regiões dos bárbaros nas imediações, que ainda não tinham reis, e viviam com suas leis, a fim de que lá pudesse passar tranquilo os seus últimos dias e por fim ao seu exílio, detendo-se em algum lugar que lhe fosse determinado; ou então, se isso não fosse do seu agrado, que ele lhe quisesse sustentar o exército somente no inverno, no lugar onde ele estava, e que não tivesse o coração tão duro para expulsá-lo desprovido de tudo e de todas as coisas mais necessárias, para expo-lo aos seus mais cruéis e ferozes inimigos. Mas Selêuco suspeitando de tudo o que ele lhe pedia, mandou-lhe, ao invés, dizer que passasse somente ali dois meses de inverno, e não mais, na região da Catonia, dando-lhe como refém seus melhores amigos; no entretanto fazia impedir todas as passagens e caminhos por onde se pudesse passar à Síria.

LXIX. Por isso Demétrio, vendo-se cercado e rodeado de todos os lados como um animal que se quer prender numa teia, por necessidade, recorreu à forca; vasculhou toda a região, nos arredores; e todas as vezes que tratava escaramuças com Selêuco sempre levava a melhor; mesmo quando várias vezes lançaram contra ele carros armados de foices, ele passou por cima e os pôs em fuga; depois desalojou os que guardavam os cumes das montanhas, e fechavam as passagens para impedir que ele passasse à Síria e as ocupou em seguida. Em suma, vendo seus homens animados e decididos, criou ânimo também, a ponto de se preparar e deliberar dar combate ao mesmo Selêuco, e de arriscar-se de qualquer modo, e assim o próprio Selêuco não sabia o que devia fazer; pois ele tinha feito voltar o auxílio que Lisímaco lhe havia mandado, porque o temia e não confiava nele; e por outra parte, ele duvidava em combater sozinho contra Demétrio, temendo enfrentar um homem desesperado; duvidando também da instabilidade da sua fortuna, a qual, muitas vezes, de extrema necessidade o havia elevado a grande prosperidade. Mas, nesse ínterim, Demétrio adoeceu gravemente, ficando extremamente fraco e débil, perdendo por completo as forças do corpo, e com isso arruinou todas as suas empresas; de seus soldados, alguns foram se entregar aos inimigos, outros debandaram e espalharam-se cá e lá sem licença. Quando mais tarde a custo recobrou a saúde, refazendo~se durante quarenta dias, com apenas poucos soldados que lhe permaneceram fiéis, ele apareceu fazendo menção aos seus inimigos de partir para a Cilícia; depois, repentinamente, à noite, sem dar sinais, nem toques de trombetas, ele movimentou-se e passou para o outro lado, pelo monte Amano, saqueando toda a região que estava abaixo, até as terras da Cirrestica.

LXX. Selêuco, porém seguiu-lhe as pegadas, e foi acampar bem perto dele; Demétrio, então, armou imediatamente seus homens, e durante a noite, foi ao seu encontro, enquanto ele dormia, e não suspeitava absolutamente de nada; de tal sorte, que ele não soube desta surpresa senão muito tarde porque alguns traidores do campo de Demétrio, que haviam fugido na frente, vieram às pressas adverti-lo, quando ele ainda dormia, e trazer-lhe a notícia do grande perigo que corria. Selêuco, muito assustado, levantou-se incontinente, deu o sinal de alarme, vestiu-se e preparou-se, clamando e dando ordens em altas vozes, aos seus amigos e servidores: "Temos agora que enfrentar um animal selvagem e muito perigoso!" Mas Demétrio, imaginando pelo grande ruído que escutava no campo inimigo, que seu ardil tinha sido descoberto, retirou-se apressadamente: no dia seguinte ao raiar do dia, Selêuco foi apresentar-lhe batalha. Demétrio preparou-se para recebê-lo, e tendo confiado o encargo de uma das pontas do seu exército a um dos seus mais fiéis amigos, tomou ele a outra, e venceu alguns inimigos, do seu lado. Mas Selêuco no meio do combate desceu do cavalo, e tirando seu capacete, tomou somente um escudo no braço, dirigiu-se às primeiras filas do seu exército, apresentando-se e mostrando-se aos soldados de Demétrio, aconselhando-os a se voltarem contra ele, e a reconhecer, pelo menos, no fim, que havia muito tempo que ele evitava dar-lhe batalha, mais para poupá-los, que não a Demétrio. Ouvindo isto os soldados de Demétrio fizeram-lhe uma reverência, e saudando-o como seu rei, reconhecendo-o tal, entregaram-se totalmente a ele.

LXXI. Então Demétrio, que tinha experimentado antes tantas vicissitudes, tantas mudanças e alterações em sua fortuna, cuidando de escapar desta última, fugiu para as portas Amanidas, que são algumas passagens e estreitos do monte Amano, onde encontrou um bosque muito espesso e ali deliberou esperar a noite, com alguns companheiros, gentis-homens de sua corte, alguns oficiais e servos, que o haviam seguido em pequeno número, para depois, se lhe fosse possível, retomar o caminho da cidade de Cauno, e chegar até à costa do mar, onde esperava encontrar algum dos seus navios; mas quando lhe disseram que não havia víveres e outra provisão qualquer senão para aquele dia, unicamente, ele começou a ter outras preocupações e a falar de outro modo até que Sosígenes, um de seus familiares, chegou, o qual tinha no cinto mais ou menos quatrocentas peças de ouro. Assim, esperando com aquele dinheiro poder escapar até o mar, retomaram o caminho, durante a noite, para o alto da montanha; mas, vendo que os inimigos já estavam perto, vigiando, e haviam feito grandes fogueiras, eles perderem a esperança de poder passar sem ser percebidos: voltaram então ao mesmo lugar, de onde haviam partido, não todos, porém, pois alguns haviam fugido, e os mesmos que haviam ficado não se mostravam tão animados como antes. Um houve que ousou dizer que não havia outro meio de salvação senão entregar Demétrio a Selêuco. Demétrio então desembainhou sua espada e quis matar-se, mas seus amigos o impediram, e puseram-se todos a persuadi-lo que ele o devia fazer; por isso ele mandou dizer a Selêuco que se entregava, e com isso Selêuco experimentou grandíssima alegria, e disse que não era a boa sorte de Demétrio que o salvava, mas a dele a qual, além de outros grandes bens e honras, que lhe tinha concedido, oferecia-lhe ainda uma tão honrosa ocasião e essa felicidade de mostrar a todo o mundo sua clemência e humanidade.

LXXII. Mandou imediatamente chamar seus mordomos, e ordenou-lhes que construíssem uma tenda real, e que aprontassem todas as outras coisas convenientes para se receber e tratar magnificamente a Demétrio. Havia na corte de Selêuco um gentil-homem de nome Apolonide que outrora fora muito íntimo de Demétrio: Selêuco mandou-o incontinente a ele, para assegurar-lhe de uma boa recepção, e que poderia vir sem nenhum temor ao seu rei, pois nele encontraria um amigo e um aliado. Logo que se tornou conhecida a vontade do rei, alguns cortesãos compareceram à sua presença, em pequeno número, a princípio; mas logo depois, cada qual a porfia corria para chegar primeiro, pois julgavam todos que imediatamente teriam crédito e autoridade perante Selêuco: isso, porém, foi causa de se mudar a piedade em raiva e de dar ocasião aos invejosos e aos indivíduos de má índole, de impedir e deturpar a humanidade do rei; pois lhe foram falar de suspeitas dizendo que dentro de pouco tempo, desde que o vissem os soldados, então grandes novidades haveriam de surgir, e grandes mudanças em seu campo. E assim pouco depois que Apolonide, muito satisfeito por trazer boas notícias, havia chegado a Demétrio, e quando outros também satisfeitos iam repetindo e comentando as gentis palavras de Selêuco, e o mesmo Demétrio, depois de tão grande infelicidade, (ainda que antes ele pensasse ter feito uma ação ignommiosa, entregando-se nas mãos do seu inimigo) mudara de ideia e começara a tranquilizar-se e a retomar esperança de poder voltar ao seu primitivo estado; eis que chega um dos generais de Selêuco, de nome Pausânias, com uns mil homens de infantaria e cavalaria, com os quais rodeou Demétrio, mandou afastarem-se todos os outros que lhe estavam perto, pois tinha o encargo de o levar, não à corte do rei, mas a Quersoneso da Síria, onde ele foi desterrado, com uma guarda numerosa que o custodiava.

LXXIII. Depois Selêuco mandou-lhe oficiais, dinheiro e tudo o de que se precisava para a casa de um príncipe, e todos os dias preparavam-lhe tudo tão opulentamente, para o seu viver, que nada mais se poderia desejar. Além disso foram-lhe determinados vários lugares de passeio, onde havia belas corridas, e ele podia divertir-se, montando a cavalo ou passeando, pomares, parques cheios de animais, onde ele podia caçar: aos que o tinham acompanhado, de sua corte, era permitido conviver com ele, se quisessem; vinham frequentemente pessoas da parte de Selêuco trazer-lhe boas palavras, e confortá-lo, dando-lhe sempre esperanças de que apenas Estratonice e Antíoco tivessem voltado, eles lhe fariam uma visita. Estando pois Demétrio reduzido a este estado, ele escreveu a seu filho Antígono e aos seus oficiais e amigos que estavam em Corinto e em Atenas, que não prestassem fé a nenhuma carta que lhes fosse endereçada em seu nome, nem mesmo ao seu selo, se nelas estivesse gravado; mas, ao invés conservassem para Antígono as cidades que eles tinham, e o resto de seu poder,

como se ele tivesse morrido. Antígono depois de ter sabido do deplorável estado de seu pai, ficou assaz amargurado, vestiu-se de luto, escreveu a todos os outros reis, até mesmo a Selêuco, suplicando-lhes que o tomassem como refém, por seu pai, pois ele estava pronto a deixar tudo o que lhe restava para sua libertação; o mesmo lhe pediram várias cidades e quase todos os príncipes, exceto Lisímaco, o qual lhe prometia, por seus embaixadores uma boa soma de dinheiro, se o quisessem fazer morrer. Mas Selêuco que já há muito não o amava e o tinha em grande desprezo, considerou-o ainda mais malvado, mais cruel e mais bárbaro, por esta vil e baixa perseguição; ele, porém, adiava sempre e prolongava o tempo, porque queria que Demétrio fosse libertado por seu filho Antíoco e por Estratonice, a fim de que devesse a sua libertação aos mesmos, e para sempre de boamente eles soubessem disso.

LXXIV. Demétrio, desde o princípio, suportou pacientemente o seu exílio e a sua infelicidade, e cada dia mais se acostumava a levar facilmente o estado em que se encontrava: pois, em primeiro lugar, ele exercitava seu corpo em corridas e caçadas, enquanto o lugar o permitia, e lhe era concedido; mas pouco a pouco começou a se enfastiar e a se aborrecer de tais exercícios, e entregou-se à embriaguez e aos jogos de dados, tanto que passava a maior e a melhor parte do seu tempo nesses divertimentos, quer para evitar os enfadonhos pensamentos da sua infelicidade, que lhe traziam à memória o tempo em que ele vivia sobriamente, quer para abafar o que ele tinha na mente com esses excessos de comer e de beber, ou ainda reconhecendo em si mesmo que era aquela a vida que ele por tanto tempo havia procurado, almejado e desejado, e por loucura de vã ambição, se tinha desviado e tinha deixado o verdadeiro caminho, dando a si mesmo e aos outros, muitas penas e aborrecimentos, para cuidar de encontrar em exércitos e esquadras, por terra e por mar, a felicidade e o soberano bem que ele tinha encontrado no descanso e na ociosidade, quando não mais esperava outra coisa nem mais a desejava. Que outro fim de seus trabalhos, perigos e guerras, podem propor-se os maus e mal aconselhados príncipes e reis? São eles grandemente enganados, não somente porque perseguem com afã as delícias e a voluptuosidade, como seu bem soberano em lugar da virtude e da verdadeira honestidade: mas também porque não sabem, na verdade, empregar bem o tempo em folganças, nem em gozar acertadamente do prazer. Demétrio então, depois de ter estado três anos relegado no Quersoneso, contraiu pela ociosidade, pela gula e pela embriaguez uma enfermidade, da qual morreu na idade de cinquenta e quatro anos; o mesmo Selêuco foi grandemente censurado e depois arrependeu-se muito de ter suspeitado dele, e de não ter pelo menos seguido a honestidade e a cortesia de Dromicates, homem bárbaro, nascido na Trácia, que tinha tratado Lisímaco com tanta humanidade e de modo real, sendo ele seu prisioneiro de guerra: e todavia, ainda teve ele uma certa pompa trágica e teatral no aparato do seu funeral.

LXXV. Seu filho Antígono, quando foi avisado que traziam suas relíquias e suas cinzas, pôs-se ao mar com todos os seus navios e foi ao seu encontro, para recebê-las, até as ilhas, e depois de as ter recebido, as colocou numa urna de ouro, na popa da galera capitania, e todas as cidades diante das qua is passava, ou onde eles aportavam, umas cobriam a urna de coroas de flores, outras enviavam homens vestidos de luto para as acompanhar e para lhes prestarem as honras merecidas, e assistirem aos funerais até o fim. Assim navegava toda a frota, para a cidade de Corinto e via-se de longe essa urna em lugar elevado sobre a popa da nau-chefe, toda circundada de púrpura e por cima o diadema real, com o estandarte, e ainda muitos jovens armados, como guarda de honra. Além disso, Xenofanto, o mais exímio músico daqueles tempos, sentado junto da urna, tocava na flauta, uma melodia tão piedosa e devota, que combinava com o movimento dos remos e das vagas e cujo som se misturava com graça às lamentações daqueles que batiam no peito, a cada estrofe da canção. Mas o que causava tristeza e mais levava o povo de Corinto a chorar e a se lamentar, quando, postado ao longo do mar, aguardava a chegada, era Antígono, que se lhes apresentava todo macilento de dor, trajado de luto. Depois de terem atirado flores, muitos ramalhetes e festões sobre a urna, depois de lhe terem prestado todas as honras possíveis à cidade de Corinto, Antígono fez transportar a urna para sepultá-lo na cidade de Demetríade, que tinha o nome do falecido, e era uma cidade nova, que tinha sido povoada e construída de pequenas outras cidades, em redor de Iolcos. Demétrio deixou dois filhos de sua primeira esposa Filia, isto é, Antígono e Estratonice; e dois outros, ambos chamados Demétrio, um apelidado o Magro, de uma mulher da região dos Ilírios e o outro, que foi príncipe de Cirene, de sua mulher Ptolomaida: e de

Deidâmia um outro chamado Alexandre, que viveu no Egito: e diz-se que ainda teve um outro filho chamado Corrabo, de sua mulher Eurídice, e continuou sua posteridade reinando por sucessão de pai a filho, até Perseu que foi o último rei, no tempo do qual os romanos subjugaram e submeteram à sua dominação o reino da Macedônia. Agora é tempo, depois que o macedônio representou o seu papel, que o romano venha ao palco, para também desempenhar o seu.

Marco Antônio

SUMÁRIO DA VIDA DE MARCO ANTÔNIO

Nascimento e educação de Antônio. II. Suas relações com Clóclio e Cúrio. III. Serve sob Gabínio contra os judeus. IV. Incita Gabínio a restaurar Ptolomeu no trono. V. Costumes de Antônio. VI. Sua liberalidade. VII. Toma o partido de César. VIII. Foge com Quinto Cássio para César. IX. Insolências e devassidão de Antônio, durante a ausência de César. X, Leva auxílio a César. XI. Comanda a ala esquerda do exército de César na batalha de Farsalia. XII. Resiste abertamente a Dolabela que propunha a abolição universal das dívidas. XIII. Indecências e licenciosidades da vida de Antônio. XIV. Casa-se com Fúlvia. XV. Honras que César lhe confere, desprezando-o. XVI. Oferece o diadema a César na festa das Lupercais. XVII. Procedimento de Antônio depois da morte de César. XVIII. Profere a oração fúnebre de César. XIX. Otávio pede-lhe a sucessão de César. XX. Otávio, ajudado por Cícero faz declarar Antônio inimigo da pátria. XXI. Corajosa paciência de Antônio na sua adversidade. XXII. O exército de Lépido entrega-se a ele. XXIII. Triunvirato. XXIV. A ira principal cai sobre Antônio. XXV. Vai com Otávio fazer guerra a Bruto e a Cássio. XXVI. Viagem de Antônio à Grécia. XXVII. Insolência de seu proceder na Ásia. XXVIII. Considerações que lhe faz Hibreas sobre a imposição exorbitante que ele exigia da Ásia. XXIX. Gosto de Antônio pela zombaria; a liberdade com que ele permite os gracejos contra ele mesmo, ajudava a ou ganha-lo. XXX. Manda ordem a Cleópatra de lhe vir prestar contas de seu procedimento. XXXI. Comitiva na qual Cleópatra chega a Antônio. XXXII. Entrevista de Antônio e Cleópatra XXXIII. Maneira de viver de Antônio e Cleópatra. XXXIV Presentes magníficos feitos pelo filho de Antônio ao médico Pilotai XXXV. Habilidade de Cleopatra para cativar Antônio. XXXVI. Gracejo que ela lhe faz em uma pescaria. XXXVII. Antônio parte para a Itália. XXXVIII. Sua reconciliação com Otávio. XXXIX. Congraçamento de Otávio e Antônio com Sexto Pompeu. XL. Antônio parte para a Grécia. XLI. Vitória? de Ventídio, lugar -tenente de Antônio, contra os partos. XLII. Antônio volta a Atenas. XLIII. Antônio desavém-se com Otávio. Otávia os faz reconciliarem-se. XLIV. Antônio prende-se novamente nas cadeias de Cleopatra. XLV. Empreende a guerra contra Fraortes. rei dos partos. XLVI. Imprudente precipitação de Antônio. XLVII. Seu lugar-tenente Taciano é cortado em pedaços com dez mil homens. XLVIII. Inútil vitória de Antônio sobre os partos. XLIX. Levanta-se o cerco de Fraortes. L. Estratagema de Fraortes para surpreender Antônio, inspirando-lhe confiança. LI. Antônio prepara-se para voltar pelo caminho pelo qual tinha vindo. LII. Um mareio vem avisá-lo das emboscadas que os partos lhe preparavam. LIII. Aparecem os partos. Escaramuças de parte a parte. LIV. Vantagem considerável que os partos levam por causa da temeridade de Flávio Gallo. LV. Elogio do proceder de Antônio depois deste fato. LVI. Tornam a aparecer os partos. LVII. São repelidos. LVIII. A fome penetra no exército de Antônio. LIX. Novo estratagema dos partos para enganar Antônio. LX, Mitrídates o adverte sobre isso. LXI. Os partos perseguem o exército romano. LXII. Tumulto no exército de Antônio. LXIII, o exército passa um rio e os partos se retiram. LXIV. Como Antônio perdeu o mundo nessa expedição. LXV. Leva Artabase em triunfo a Alexandria. LXVI. Impaciência de Antônio, para se unir a Cleopatra. LXVII. Novos projetos de Antônio para lev ar a guerra, contra os partos. LXVIII. Otávio embarca para ir se encontrar com Antônio. LXIX. Manejos de Cleopatra para prender ainda mais a Antônio. LXX. O pr oceder de Antônio para com Otávio torna-o odioso. LXXI, Reinos divididos por Antônio e Cleopatra e a seus filhos. LXXII. Começo do rompimento entre Otávio e Antônio. LXXIII. Antônio parte para a guerra com Cleopatra. LXXIV. Seu proceder a caminho. LXXV. Falta que Antônio comete dando a Otávio o tempo de se preparar para a guerra. LXXVI. Queixas espalhadas contra Antônio. Seus amigos o deixam. LXXVII. Presságios funestos para Antônio. LXXVIII. Forças de Antônio e Otávio, respectivamente. LXXIX. Desafios de Antônio e de Otávio. LXXX. Domício deixa Antônio, para passar para o lado de Otávio. LXXXI. Canídio aconselha Antônio a combater por terra. LXXXII. Cleópatra o move a preferir uma batalha naval. LXXXIII. Enfrentam-se os exércitos. LXXXIV. Trava-se o combate. LXXXV. Cleópatra foge. Antônio segue-a. LXXXVI. Ceia com ela. LXXXVII. Ordena a Canidio de voltar à Ásia, pela Macedônia. LXXXVIII. Bela resistência de seu exército por mar e por terra. LXXXIX. Esgotamento a que Antônio tinha reduzido a Grécia. XC. Desespero de Antônio. XCI. Digressão sobre Timon, o Misantropo. XCII. Encontro de Antônio com Cleópatra. Luxo e

delícias de sua vida. XCIII. Experiência que Cleópatra faz com diversos venenos. XCIV. Negociações entre Antônio e Cleópatra n a presença de Otávio. XCV. Suspeitas de Antônio contra Cleópatra. XCVI. Cleópatra manda levar todas as suas riquezas a um túmulo. XCVII. Otávio sitia Alexandria. XCVIII. Antônio vencido e traído. XCIX. Atravessa-se com sua espada. C. Paz que o levem ao túmulo onde Cleópatra estava encerrada. Sua morte. CI. Otávio envia Proculeio para se apoderar da pessoa de Cleópatra. CII. Entra no túmulo, agarra-a e a desarma. CHI. Honra que Otávio presta ao filósofo Arrio. CIV. Sepultamento de Antônio. CV. Cleópatra propõe ao seu médico ajudá-la a se livrar da vida. CVI. Visita de Otávio a Cleópatra. CVII. Ofertas fúnebres de Cleópatra sobre o túmulo de Antônio. CVIII. Sua morte. CIX. Divergências na narração da sua morte. CX. O que foram os filhos de Antônio depois dele.

Desde o ano 668 ou 671 até o ano 724 de Roma, antes de J. C., ano 30.

O avô de Antônio foi aquele famoso orador que Mário mandou matar, porque era do partido de Sila, e seu pai foi um outro Antônio, apelidado o Cretense{1527} que não foi tão célebre,’ nem teve muito prestígio no governo das coisas públicas, mas que, afinal, foi um homem de bem e de boa índole, muito liberal, como se pode julgar por este seu ato: ele não tinha grandes posses, e por isso sua mulher não lhe permitia usar de sua liberalidade e bondade natural. Um dia, veio a ele um de seus familiares, pedindo-lhe uma certa quantia de dinheiro, de que estava precisando, e sucedeu que casualmente ele não o tinha para lho dar; ordenou por isso a um de seus servidores, que lhe trouxesse água numa bacia de prata; molhou ele então a barba como se quisesse raspá-la, depois, fez afastarem-se os criados, e deu ao amigo a bacia de prata, dizendo que podia dispor dela. Alguns dias depois, todos procuravam ansiosamente a bacia e vendo que a esposa dele muito se inquietava com o desaparecimento, e queria interrogar um por um todos os criados para saber o que havia acontecido, ele confessou que a tinha dado e rogou-lhe que o perdoasse. Sua esposa chamava-se Júlia e era da família e da descendência de. Júlio César, a qual em honestidade e seriedade nada ficava a dever a qualquer uma das mulheres cio seu tempo. Antônio foi criado e educado por ela, que se casou de novo, após a morte do seu primeiro mando, com Cornélio Lêntulo, que Cícero mandou matar por ter sido um dos que se tinham envolvido na conjuração de Catilina: isto parece ter sido o princípio e o primeiro motivo daquela ira veemente e mortal que Antônio tinha a Cícero, porque Antônio mesmo diz, que ele não lhe quisera entregar o corpo de seu padrasto para sepultá-lo, até que sua mãe não foi pedi-lo à mulher de Cícero, o que manifestamente e sem dúvida era falso: pois não houve um sequer, de todos os que Cícero fez morrer pela justiça, ao qual fosse negada a sepultura.

II. Tornando-se Antônio um belo rapaz, na flor da idade, travou relações com Cúno; ao que se diz esta amizade e conhecimento foi uma calamidade, pois era ele um homem perdido e viciado em tudo o que há de mais torpe, e para ter Antônio ao seu dispor, levou-o a fazer grandes despesas com mulheres, dando banquetes e festas, de modo que em pouco tempo ele ficou endividado; tão grande era a quantia que dificilmente ele poderia pagá-la, demasiado grande para sua idade, isto é, duzentos e cinquenta talentos{1528} ; o mesmo Cúrio era o causador dessa dívida: e por isso seu pai{1529}, vindo a sabe-lo, afastou Antônio de junto dele e proibiu-lhe entrar em sua casa. Foi então ele buscar a companhia de Clódio, o mais temerário e o pior dos homens que então se davam ao governo das coisas públicas e por algum tempo participou da sua temeridade, que punha em grande sobressalto toda a cidade de Roma; mas afastou-se dele bem depressa, pois cansou-se e aborreceu-se com o seu furor e também porque começou a temer o poder dos que estavam contra ele.

III. Partiu então da Itália e foi à Grécia, onde passou o tempo em exercícios militares e no estudo da eloquência. Usava da maneira de falar que se denomina asiática, a qual florescia e estava em grande voga naquele tempo, e tinha também grande conformidade com seus costumes, e sua maneira de viver que era vaidosa, cheia de fanfarronice e de ambição desigual e pouco comunicativa. Depois de algum tempo, Gabínio, sendo cônsul, foi à Síria{1530} e quis persuadi-lo a acompanhá-lo em sua viagem, ao que respondeu ele que não iria simplesmente como um particular; por isso Gabínio confiou-lhe o comando da cavalaria e o levou consigo, mandando-o primeiramente contra Anstóbulo, que tinha feito revoltarem-se os ju deus, onde ele, por primeiro, subiu ao alto da muralha da praça mais forte do lugar, e lançou Aristóbulo fora de todas as suas fortalezas, e com poucos homens que ainda tinha consigo, derrotou os judeus, que eram muitos contra um só, e os fez passar quase todos à espada e ainda prendeu Anstóbulo com o filho.

IV. Depois disse Ptolomeu{1531}, rei do Egito, que tinha sido expulso do seu país, marchou contra Gabínio, para rogar-lhe e induzi-lo a entrar com ele no Egito, a fim de restaurá-lo em seu reino, prometendo-lhe, se ele o fizesse, a soma de dez mil talentos{1532}. A maior parte dos generais foi de opinião que não se deveria ir, e o mesmo Gabínio criou muitas dificuldades

para entrar nessa guerra, embora a tentação dos dez mil talentos o dominasse e o prendesse fortemente, mas Antônio, que não aguardava senão o ensejo para realizar grandes coisas, e que desejava também satisfazer a Ptolomeu, em seu pedido, se pôs a persuadir a Gabínio, incitando-o a empreender a viagem. Eles temiam mais a estrada que lhes era necessário percorrer, para chegar à cidade de Pelúsio, que não o resto do perigo que poderiam correr nessa guerra, pois tinham de passar por desertos{1533} e lugares onde não havia água potável, ao longo de pântanos{1534}, a que chamam de Sermonidas, os quais os egípcios dizem que são os orifícios por onde o gigante Tifon respira: mas parece, de verdade, que é uma variante do mar Vermelho, que se espalha por baixo da terra, no lugar em que ele se separa no seu intervalo mais estreito, do mar, do lado de cá. Antônio então para lá foi mandado, c om a cavalaria, e não somente conquistou essa passagem, mas também tomou Pelúsio, que é uma cidade grande e poderosa, com todos os soldados que lá se encontravam: e, fazendo isso, tornou ao mesmo tempo fácil e seguro o ca minho para o resto do exército e a esperança da vitória: os mesmos inimigos, na cidade, gozavam da sua gentileza e bondade e do desejo que linha ele de se ver honrado; pois, Ptolomeu incontinente. ao entrar na cidade pensou em passar à espada muitos dos egípcios que lá se encontravam, pelo grande ódio que nutria contra seus habitantes, nus Antônio a isso se opôs e não permitiu que ele o fizesse: e em todas as outras batalhas e escaramuças, que foram muitas, Antônio praticou muitos atos de bravura, próprios de um genial comandante: como quando ele cercou e rodeou por trás os inimigos, deu a vitória aos que combatiam de frente e por isso recebeu o prêmio e o estipêndio de honra, que era devido à sua virtude. Também tornou-se conhecida de todos a humanidade e a honestidade que ele usou para com Arquelau; pois tendo sido seu familiar e hóspede, ele lhe fez guerra, por coação de seu general, mas, depois de sua morte, fez procurar seu corpo e o honrou com pomposos funerais e obséquios dignos de um rei.

V. Por estas e outras razões ele deixou de si mesmo uma gloriosa lembrança em Alexandria, e foi julgado como uma pessoa muito gentil, pelos romanos, que estiveram nessa viagem; tinha além disso uma dignidade liberal, apresentando todo seu aspecto exterior certa beleza de porte e de atitude, linha a barba forte e espessa, a fronte larga, o nariz aquilino, e em seu rosto transparecia tal virilidade como a que se vê representada em medalhas e imagens pintadas e modeladas, como as de Hércules. Disto já se falava desde toda a antiguidade, isto é, que a família dos Antônios descendia de um Anton, filho de Hércules, do qual ele conservava o porte e o nome; esta opinião ele procurava confirmar não somente pela figura e pela forma natural do seu corpo, que era como acabamos de descrever, mas também pela maneira de se adereçar e de se vestir. Pois todas as vezes que ele devia aparecer em público e ser visto por grande multidão, usava sempre alguma veste grossa, cingida fortemente quase à altura da coxa, com uma grande espada pendurada ao lado, e por cima uma capa grossa: o que muitos, porém, julgavam aborrecido e insuportável nele, é que ordinariamente ele se vangloriava, e zombava sempre de alguém; não fazia dificuldade em beber diante de todo mundo, de sentar-se junto de soldados, quando eles comiam e de comer e de beber à sua mesa; e é de se crer como isso o fazia amado, desejado e querido deles. Ainda mais; sendo inclinado ao amor, tornava-o desejável, assim levava muitos a querer amá-lo também; pois sentia prazer em ajudar os que estavam enamorados a gozar dos seus amores, e assim não tomava a mal, quando zombassem dos seus: e com isso, sua liberalidade, pois dava tudo, sem nada poupar, aos seus guerreiros e aos amigos, foi-lhe de grande impulso para bem começar e quando se tornou grande, aumentou-lhe ainda e de muito à autoridade e o poder, que afinal o a rruinavam e o perdiam por causa de inúmeras outras faltas que ele cometia ordinariamente.

VI. Citarei neste ponto um exemplo somente de sua grande largueza e generosidade: Um dia, ele ordenou àquele que dirigia ás suas finanças, que desse a um de seus familiares duzentas e cinquenta mil dracmas{1535} de prata, que os romanos na sua maneira de falar chamam de Décies{1536} : admirou-se o seu tesoureiro, mas trouxe à sua presença esse dinheiro, para mostrar-lhe e fazer-lhe ver que som a enorme era. Antônio então perguntou o que era aquilo: o tesoureiro respondeu-lhe que era o dinheiro que ele havia ordenado que desse ao familiar. Antônio, percebendo a malícia do homem, disse: "Eu pensava que Décies era uma soma muito maior, pois isso é ainda pouco e por isso dá-lhe ainda ou tro tanto". Mas isso foi depois.

VII. Estando então os romanos dividido s entre si, uns contra os outros, em duas ligas; os que defendiam a autoridade do senado aderiam a Pompeu, que estava presente, e os que tinham o partido do povo, chamavam em seu auxílio a César, que estava fazendo a guerra nas Gálias, Cúrio, amigo de Antônio, que tinha mudado de opinião, e então defendia o partido de César, do qual um pouco antes tinha sido adversário, puxou Antônio para o seu lado e, quer pelo grande prestígio e crédito que tinha entre o povo, tanto fez, por causa também de seu falar, quer, por causa da grande largueza em despender o dinheiro que César lhe dava, que Antônio foi eleito tribuno do povo, e logo depois admitido ao colégio dos sacerdotes, que pelo voo dos pássaros conhecem e predizem o futuro, aos quais os romanos chamam de augures. Isso foi de grande consequência para as atividades e manejos de César, pois logo que ele tomou posse do seu cargo, primeiramente se opôs ao que propunha naquela ocasião o cônsul Marcelo, que queria que certas legiões que já tinham sido recrutadas e organizadas, fossem entregues a Pompeu, com a comissão e o poder de recrutar ainda outras e propôs que os soldados, que estavam reunidos e agrupados, fossem enviados à Síria, como reforço a M. Bíbulo, que movia a guerra aos partos; e por fim, que se proibisse a Pompeu de recrutar mais homens e aos soldados, de obedecer-lhe. Depois, como os partidários de Pompeu impedissem que as cartas de César fossem recebidas pelo senado e lidas, tendo ele poder e garantia de sua pessoa pela santidade do tribunato, leu-as publicamente, e fez que vários outros mudassem assim de opinião, pois lhes parecia que César com suas cartas não pedia senão coisas justas e razoáveis. Finalmente, propôs-se à deliberação do senado, dois pontos: um, se o senado era de opinião que Pompeu deixasse seus exércitos; e o outro, que César; poucos senadores foram de opinião que Pompeu abandonasse as armas, mas, quanto a César, quase todos o decidiram. Antônio então, levantando-se, perguntou se lhes parecia bem que Pompeu e César, juntamente, deixassem as armas, e ambos entregassem seus exércitos: todos os senadores aprovaram unanimemente essa proposta, e louvando a Antônio com grandes aclamações, rogaram-lhe que pusesse à deliberação do senado, mas os cônsules não o quiseram permitir.

VIII. Os amigos de César, então, fizeram outras propostas e pedidos, que pareciam razoáveis e úteis, aos quais, porém, Catão se opôs; e Lêntulo, um dos cônsules, fez Antônio sair à força do senado; contra ele dirigiu então o mesmo Antônio graves palavras de protesto e de crítica: depois vestiu a roupa de um escravo e correu a toda pressa para César, com Quinto Cássio, tomando uma carruagem; apenas lá chegaram, puseram-s e a gritar em altas vozes, que em Roma tudo estava convulsionado, pois não era mais permitido aos tribunos do povo falar livremente, pois eram expulsos com grande perigo de suas vidas, aqueles que ousavam defender o direito e a equidade. Por isso César lançou-se imediatamente contra a Itália com seu exército; diz Cícero em suas Filípicas{1537} que assim como Helena foi causa da guerra de Tróia, assim Antônio foi autor da guerra civil: o que indubitavelmente é falso: pois C. César não era* tão fácil a se deixar levar pela ira, a um mau raciocínio, se ele não tivesse há muito tempo projetado e premeditado fazer isso, não teria, no momento, deliberado empreender a guerra contra o seu país, somente porque tinha visto Antônio e Cássio mal vestidos correrem a ele numa carruagem. Mas como há muito tempo ele procurava algum motivo, este serviu-lhe de pretexto, e lhe deu a aparência de uma guerra justa. E para se dizer a verdade, o que o estimulava a fazer a guerra a todo o mundo, outra coisa não era que o mesmo, que a princípio, tinha incitado a Alexandre, e ainda antes, a Ciro, isto é, um desejo insaciável de reinar, uma ambição desmesurada de ser o primeiro e o maior homem do mundo; o que não podia conseguir, sem ter antes vencido e derrotado a Pompeu.

IX. Depois qu e César se apoderou da cidade de Roma e expulsou Pompeu da Itália, deliberou ele passar em seguida à Espanha, contra as legiões que lá Pompeu ainda tinha, e ao mesmo tempo fazer provisão de navios e de equipagem de mar, para depois perseguir o mesmo Pompeu. Durante esse tempo ele deixou o governo da cidade a Lépido, que era pretor; e a Antônio, que era tribuno, o encargo dos soldados e da defesa da Itália. Antônio tornou-se imediatamente querido e amado por seus soldados, pois ordinariamente estava com eles, com eles comia e bebia frequentemente é dava-lhes presentes, segundo os seus meios e as suas posses. Incorreu, porém, ele na ira e na malevolência de outros homens, porque, devido ao seu descuido e pouco caso, ele não se preocupava em fazer justiça àqueles que ultrajavam e

ofendiam, assaz rudemente, aos que tinham que tratar com ele, e corria a má fama de que desencaminhava e corrompia as mulheres dos outros. Em suma, os amigos de César e os que governavam com ele, eram causa de que se caluniasse e odiasse a sua dominação, embora não fosse ela nada mais que tirania, quanto a ele, pelas insolências e ultrajes que eles faziam, dentre os quais, Antônio, como o mais poderoso, e o que cometia as maiores faltas, era por isso o mais censurado. Todavia César, quando voltou da guerra da Espanha, não fez caso das queixas que lhe eram apresentadas, contra ele, mas ao contrário, sabendo-o homem valente e empreendedor, bom general, serviu-se dele em suas empresas principais, e nisso não teve, absolutamente, decepção alguma.

X. Passou depois o mar Jônico, para Brindisi, com uma pequena parte de homens, e depois fez regressar os navios nos quais havia passado o mar, e mandou a Antônio e Gabínio que o mais depressa possível embarcassem seus soldados, e os levassem à Macedônia. Gabínio teve medo de se pôr ao mar, que estava revolto, por ser já o inverno, e mandou seu exército fazer uma grande caminhada por terra. Mas Antônio, temendo que acontecesse algum acidente a César, porque estava ele rodeado de grande número de inimigos, repeliu e afastou em primeiro lugar a Libo, que estava ancorado com muitos navios mesmo diante da boca do porto de Brindisi: cercou-o de um número tão grande de barcas, chalupas e outras espécies de embarcações{1538} em redor de cada galera, que ele foi obrigado a se afastar dali. Feito isto, embarcou em seus navios vinte mil homens de infantaria e oitocentos cavalos; com essa tropa se pôs a navegar e lançou-se em pleno mar. Logo que os inimigos o perceberam, puseram-se a persegui-lo, e ele venceu este perigo, porque o vento do sul começou a soprar furiosamente, suscitando terrível tempestade no Oceano, e as ondas impediram que as galeras dos inimigos o pudessem alcançar. Foi ele então ter com toda a sua esquadra a uma costa rochosa, onde o mar era muito alto, de modo que não tinha mais esperanças de se poder salvar; mas a boa fortuna repentinamente fez mudar a direção do vento, que soprou de Lebeche{1539}, a qual está entre o sul e o oeste e sopra da costa do golfo, impelindo as ondas do rio para dentro do mar alto. Assim Antônio, deixando a terra atrás de si e singrando com segurança à vontade, viu logo depois a costa cheia de náufragos: pois a força e violência do vento lá arremessara as galeras que o perseguiam, várias das quais foram partidas e perderam-se, e Antônio fez um grande número de prisioneiros, arrecadou uma grande soma de dinheiro, tomou além disso a cidade de Lisso e trouxe a César grande conforto e segurança, por ter chegado bem a tempo e com tal poder.

XI. Travavam-se então frequentemente ásperas escaramuças e combates renhidos nos quais Antônio comportava-se tão valentemente que levava a palma a todos os outros, especialmente, por duas vezes, quando os soldados de César se retiravam, e fugiam apressadamente: ele se pôs à frente deles e os obrigou a voltar ao combate, de tal modo, que por fim a vitória lhes sorriu. Tinha ele então no campo de batalha, entre os soldados, a segunda autoridade e a César só se falava dele, o qual também mostrou a sua opinião a seu respeito, quando na última batalha de Farsália, a que devia decidir o final e dar o império do mundo ao vencedor, conduziu ele a ponta direita do seu exército e entregou a esquerda a Antônio, para que a dirigisse, como o mais valente e mais entendido em fato de guerra de todos os que estavam em sua companhia.

XII. Ganha a vitória, César foi criado ditador e se pôs a seguir as pegadas de Pompeu: antes, porém, nomeou Antônio chefe da cavalaria e o enviou a Roma, pois o chefe da cavalaria é o segundo magistrado, quando o ditador está na cidade, mas quando não está, é o primeiro e, talvez mesmo, o único{1540}, pois suprimem-se todos os oficiais e magistrados, desde que há um ditador eleito. Todavia, sendo então Dolabela tribuno do povo, jovem que pedia somente renovações, propunha o que os romanos chamam novas tábulas, isto é, uma rescisão de todas as obrigações, e abolição geral de qualquer espécie de dívida, e chamava novas tabelas, porque era então necessário fazer novos bilhetes de crédito e de receita, e persuadia a Antônio que era seu amigo, e que não desejava senão os meios de agradar e comprazer ao povo, ajudá-lo a levar adiante esse projeto: ao contrário, Trebélio e Asímo procuravam

dissuadi-lo e afastá-lo disso, o mais possível. Aconteceu casualmente que Antônio começou a ter ciúmes de Dolabela e a suspeitar que ele se encontrava com sua mulher, e levou isso a tal ponto que a expulsou de casa; ela era sua prima-irmã, filha de C. Antônio, que tinha sido companheiro de Cícero no consulado, e unindo-se a Asínio resistiu a Dolabela, até a combatê-lo: Dolabela tinha-se apoderado da praça onde se faziam as assembleias do povo, e aí havia colocado homens armados, com intenção de fazer passar e ratificar pelo povo, à força, o seu edito. Antônio por ordem do mesmo senado, que lhe tinha outorgado o poder de recrutar homens para resistir com armas a Dolabela, foi contra ele, e combateu com tanto ardor que houve homens mortos na praça de lado a lado: isto fez que ele incorresse de um lado, na malevolência do povo por esse ato, e por outro lado ele não agradava aos homens de bem e honrados, por causa dá sua vida desonesta e dissoluta, como diz Cícero, mas era odiado por eles, porque eles abominavam os banquetes e as libações a que ele se entregava ordinariamente, em horas impróprias, seus gastos exagerados, e o fato de estar continuamente entre mulheres de vida fácil, e depois durante o dia, ele dormia, ou andava embriagado para digerir o vinho bebido durante a noite.

XIII. Em sua casa só ha via festas, danças e momices; ele passava o tempo assistindo à representação de farsas, ou às núpcias de farsistas, charlatães, palhaços e outros indivíduos semelhantes. A este propósito, conta-se que nas núpcias de um seu amigo palhaço, chamado Híppias, ele bebeu tanto durante a noite, que depois, na manhã seguinte, quando foi falar perante o povo reunido na praça, que o havia chamado, tendo ainda o estômago cheio de vinho e de carne, foi obrigado a vomitar na presença de todos, e um de seus amigos teve de estender-lhe a capa por cima do vomito. Ele era ainda amigo de outro comediante de nome Sérgio, que era o maior de todos os seus companheiros, e que de maior prestígio e crédito gozava junto dele, e de uma mulher chamada Citendes, da mesma profissão, dá qual ele se tinha enamorado; ele a levava por todas as cidades para onde se dirigia, dentro de uma liteira; e não havia menos servidores e acompanhamento junto da liteira dessa comediante do que da sua própria mãe. Isso desgostava imensamente às pessoas de bem, por verem que quando ele ia para o campo levava em pós de si grande quantidade de vasilhas de ouro e prata, à vista de todos, como se fosse a demonstração de um triunfo; muitas vezes no meio do caminho ele fazia erguer suas tendas, à beira de alguma floresta verdejante, ou ao longo de algum fresco regato, e aí servia-se suntuosamente o seu jantar; às vezes fazia atrelar leões ao seu carro, para que o levassem; obrigava, pelas cidades por onde passava que em casas de gente honesta fossem hospedados pecadoras públicas, meretrizes e comediantes: causava-lhes grande desgosto ver que César estava fora da Itália, perseguindo os restos de seus inimigos, para pôr um fim à guerra, com tantos perigos e sofrendo toda a sorte de incômodos, ao passo que outros, que estavam sob sua autoridade e seu nome, cometiam estas injúrias e estes ultrajes aos mesmos cidadãos. Isso parece-me, ter sido a causa de que a rebelião contra César fosse crescendo cada vez mais: e de que se soltasse o freio aos soldados, que então tiveram a ousadia de cometer várias extorsões, violências e furtos. César, tendo voltado, perdoou a Dolabela, e tendo sido criado cônsul pela terceira vez, não escolheu mais a Antônio, mas preferiu Lépido, para seu companheiro. Depois, quando foi posta à venda a casa de Pompeu, Antônio a comprou; mas quando lhe pediram o dinheiro, ele achou-o estranho e irritou-se com isso; escreveu ele mesmo que não queria ir com César à guerra da África, porque não tinha sido bem recompensado pelos grandes serviços que havia prestado anteriormente.

XIV. César conteve uma parte da sua insolência e de suas loucuras, não deixando mais passar levemente suas faltas, fingindo não vê-las; por isso deixou ele a sua maneira dissoluta de viver e casou-se com Fúlvia, que antes fora esposa de Clódio; não tinha ela um coração tão humilde de não pensar senão em fiar ou cuidar de sua casa, e não se contentava em governar seu marido em casa, mas queria dominá-lo, mesmo como magistrado e dar-lhe ordens, quando ele comandava as mesmas legiões e tropas, de modo que Cleópatra devia a esta Fúlvia a aprendizagem da obediência que Antônio prestava às mulheres, pois ela lho entregara bem instruído e acostumado a fazer a vontade de suas mulheres: sendo ela de natureza grave e severa, Antônio pensou em torná-la um pouco mais jovial, fazendo em sua honra alguma pequena festa e organizando jogos para seu divertimento, como ele fez quando César voltou vitorioso pela última vez, da Espanha{1541} ; todos acorreram a ele, Antônio, também; mas

imediatamente espalhou-se a voz por toda a Itália, que César tinha morrido e que seus adversários voltavam, com armas; regressou apressadamente a Roma, tomando as vestes de um servo, e assim disfarçado foi durante a noite, para sua casa, dizendo que trazia, para Fúlvia, cartas de Antônio: fizeram-no entrar e o levaram a ela; ele estava com o rosto encoberto, para que não o reconhecessem: toda assustada, antes de tomar as cartas, perguntou-lhe ela se Antônio estava passando bem{1542} ; Antônio apresentou-lhe as cartas sem dizer palavra alguma; depois que ela as abriu e começou a lê-las, ele saltou-lhe ao pescoço e a beijou. Quisemos narrar este fato, somente a título de exemplo, pois poderíamos citar ainda outros.

XV. Ao regresso da última guerra que César fizera na Espanha, todos os grandes personagens e os mais importantes da cidade foram recebê-lo até bem longe, mesmo fora de Roma e aí César prestou grandes honras a Antônio, mais que a qualquer outro que lá estava também: fê-lo subir ao seu carro, e o levou junto de si, deixando atrás a Bruto, Albino e Otaviano{1543}, filho e sua sobrinha, que depois também foi chamado César, e teve o império de Roma por mui to tempo. E depois, quando César foi eleito cônsul pela quinta vez, ele escolheu imediatamente a Antônio, para seu companheiro, e quis, deixando o consulado, pô-lo nas mãos de Dolabela, como substituto em seu lugar: e já o tinha proposto ao senado, mas Antônio a isso se opôs obstinadamente, e disse contra Dolabela as maiores ofensas e injúrias, em pleno senado. Dolabela pagou-lho na mesma moeda: César tendo vergonha de tal escândalo, desistiu. Ainda outra vez, quando César quis que Dolabela o substituísse no consulado, Antônio se pôs a gritar que os presságios dos pássaros não o permitiam; tanto que, por fim, César foi obrigado a ceder e a abandonar Dolabela, que com isso ficou muito despeitado. Pouco ele estimava assim a ambos: diz-se até que uma vez ele respondeu a alguém que lhe veio falar deles e os queria tornar suspeitos, que não era daqueles peralvilhos, tão bem nutridos e pintados, que ele tinha receio: "Mas, — disse — eu temeria mais todos os pálidos e magros", entendendo falar de Bruto e Cássio, que ao depois conspiraram contra ele e o mataram. E Antônio, não pensando neles, nem cuidando fazê-lo, deu, porém, a isso uma honest a ocasião, assim:

XVI. Os romanos celebravam a festa e a solenidade a quem chamam de Lupercália, e César, coberto com um manto triunfal, estava na tribuna, na qual se costumavam fazer os discursos ao povo, e de lá contemplava o movimento dos que corriam. Nesse dia, é costume que muitos jovens de famílias nobres e mesmo os que desempenham nesses anos os mais altos cargos da magistratura, corram nus, pela cidade, untados com azeite de oliva, e batam por brincadeira nos que encontram pelo caminho, com correias de couro branco que têm nas mãos. Antônio era um dos que devia correr: deixou, porém, as antig as cerimonias e costumes daquela solenidade e sem mais correu para a tribuna onde César estava sentado, tendo nas mãos uma coroa de louros, em redor da qual estava presa uma faixa, a que chamam de diadema, e era antigamente o sinal dos reis. Chegou bem perto dele e se fez levantar por uns dos que com ele corriam e tentou pôr a. coroa sobre a cabeça de César, querendo dizer que ele merecia ser rei. César fingindo não vê-lo voltou o rosto e com isso todo o povo se rejubilou e aplaudiu com muitas palmas. Antônio novamente tentou aproximá-la de sua cabeça e de novo César desviou-a, e assim estiveram alguns minutos em tentativas, um e outro; todas as vezes que Antônio tentava fazê-lo receber essa coroa de louros, um pequeno número de seus sequazes aplaudia, e todas as vezes que César a recusava, todo o povo unanimemente batia palmas: era isto uma coisa realmente notável, que aqueles que tinham experimentado o que fazem os reis aos seus súditos, detestavam e aborreciam o mesmo nome de rei como a abolição e a destruição de sua liberdade. Pelo que César, perturbado levantou-se e descobrindo seu pescoço, apresentou-o, dizendo alto que lhe cortassem a cabeça se quisessem. Esta coroa foi ao depois colocada sobre a cabeça de uma das estátuas de César, mas alguns tribunos do povo a arrancaram, e por isso o povo muito os louvou, e os acompanhou com grande séquito até suas casas, para lhes prestar uma homenagem, batendo, ao mesmo tempo, muitas palmas. César, porém, os destituiu do seu cargo.

XVII. Este fato deu coragem e ânimo a Bruto e a Cássio, para conspirarem e determinarem sua morte; aliciaram ainda para o seu grêmio outros falsos amigos, para executar o seu plano, mas duvidaram se o deviam manifestar também a Antônio; todos concordaram com esse alvitre, menos Trebônio: pois disse ele, que quando foram ter com César, após a sua volta da última guerra da Espanha, tinham-sempre cavalgado juntos pelos campos, e alojado sempre juntos, e que então, de longe e disfarçadamente tinha observado o seu proceder; e que Antônio compreendera muito bem onde ele queria chegar, mas não lhe quisera prestar ouvido, e, no entretanto, jamais tinha manifestado a César o desígnio que nutriam, mas o tinha fielmente calado. Deliberaram também depois disso, se deviam matar também a Antônio, com César: Bruto não o quis, e procurou impedi-lo, dizendo que era necessário que tal empreendimento a que se arriscavam para a defesa das leis e da justiça, fosse puro e limpo de toda iniquidade. Todavia, temendo a força e a dignidade de magistrado de Antônio, eles determinaram a alguns dos conjurados, que o detivessem fora da sala, quando César entrasse no senado, sob o pretexto de lhe falar de certos negócios. Foram propostas e projetadas estas coisas, e assim igualmente levadas a cabo, e César foi morto em pleno senado; Antônio ficou muito amedrontado, vestiu-se como um escravo, e escondeu-se: mas depois quando ele soube que aqueles que o haviam matado, a ninguém mais atacavam, e se tinham retirado ao Capitólio, mandou dizer-lhes que descessem sem temor sob sua palavra, e mandou-lhes seu filho como refém; naquele mesmo dia, serviu um jantar a Cássio, Lépido e Bruto. No dia seguinte mandou reunir o senado e ele mesmo propôs que se esquecesse o passado, e que se desse alguma província a Cássio e a Bruto: o senado autorizou e confirmou essa proposta e ainda mais, ordenou que nada seria mudado daquilo que César tinha feito ou determinado. Assim saiu Antônio do senado ainda mais estimado do que qualquer outro, e com os melhores louvores que jamais se havia prestado a homem algum, pois parecia a todos, que ele tinha eliminado todo motivo de guerra civil e tirado assim a ocasião de um movimento rebelde, mostrando ser um homem sensato e inteligente, e muito entendido em assuntos de governo, pois soubera tão prudentemente deslindar as coisas e apaziguar os ânimos, quando parecia que muitas e enormes dificuldades estavam para surgir.

XVIII. Mas a opinião que ele concebeu de si mesmo, depois de ter ouvid o a voz do povo e sondado a sua vontade, com a esperança, que prometia a si mesmo, que ele seria com certeza o primeiro ho mem do mundo, quando tivesse vencido a Bruto, afastou-lhe logo da mente estes primeiros discursos. No dia em que se levava o corpo para a sepultura, ele fez um elogio fúnebre em plena praça, exaltando a César, como era costume, antigamente, louvar os grandes personagens por ocasião de seus funerais; vendo que o povo sentia com isso muita satisfação, e se exaltava, ouvindo falar de César e engrandecer os seus feitos, ele entremeou na sua oração palavras de comiseração e tocou em coisas que movem o coração à piedade e à compaixão, aumentando e exagerando os fatos. Quando chegou ao término do discurso, ele distendeu à vista do povo as vestes do falecido, ainda ensanguentadas e rasgadas pelos golpes de espada, que ele tinha recebido, chamando àqueles que haviam praticado o crime, de assassinos, de homens malditos e condenados; de tal modo então o povo se enfureceu, que tomaram o corpo de César, e o queimaram na praça com os bancos e as mesas dos cambistas, que reuniram de todos os lados: depois tomaram tições, quando o fogo estava alto e correram às casas dos que o haviam matado, para incendiá-las e obrigá-los a lutar. Por isso, Bruto e seus cúmplices, para garantir as suas vidas, foram obrigados a sair da cidade: então os amigos de César foram ter com Antônio e sua mulher Calpúrma, confiando nele, fê-lo ir à sua casa e pôs em suas mãos grande parte do seu dinheiro, que podia elevar-se a quatro mil talentos{1544}, e tomou ainda todos os papéis de César, entre os quais estavam os registros e as memórias de tudo o que ele havia feito e determinado. Antônio acrescentava a isso todos os dias o que lhe parecia bem, e assim criava novos oficiais, novos senadores, fazia voltar os que estavam exilados e restituía aos seus cargos a outros, libertava os que estavam prisioneiros; e depois dizia que tudo aquilo tinha sido ordenado e determinado por César. Por isso os romanos zombando daqueles que assim tinham sido promovidos, chamavam-nos de Caroni tas, porque quando eles se convencessem da própria nomeação, não teriam outra prova disso senão dizer que assim se tinha encontrado escrito nos papéis de César e nos seus registros, o qual tinha viajado na barca de Caron e morrera. Do mesmo modo nas outras coisas, usava Antônio de poder absoluto, pois era cônsul, um de seus irmãos, Caio, era pretor, e um outro, Lúcio, tribuno do povo.

XIX. Quando estas coisas se passavam em Roma, chegou o jovem César, o qual era filho da sobrinha de Júlio César, como já dissemos antes, e tinha sido constituído por testamento seu herdeiro universal, e que estava em Apolônia quando seu tio fora assassinado. Logo à chegada foi cumprimentar a Antônio, como um dos amigos do seu tio César, que o tinha adotado por testamento; fez-lhe incontinente menção do dinheiro e de outras coisas que tinham sido confiadas em depósito a ele mesmo, pois César, por testamento, tinha legado ao povo romano setenta e cinco dracmas de prata{1545}, por cabeça, das quais ele era tido como herdeiro universal. Antônio a princípio votou-lhe certo desprezo, e não se incomodou, pois ele era muito jovem, dizia que ele não era sensato, mas destituído de inteligência e de bons amigos, se é que determinara carregar sobre seus ombros tão grande e pesado fardo, como o de querer passar por herdeiro de César. Como ele, porém, não se deixou levar por essas palavras, mas continuava a lhe pedir os seus bens e o dinheiro, Antônio começou a dizer e a fazer várias coisas, injuriando a sua pessoa, com seu grande prejuízo; em primeiro lugar impediu-lhe a eleição de tribuno do povo, e quando ele quis tratar da dedicação da cátedra de ouro, que tinha sido ordenada pelo senado em honra de César, ele o ameaçou de prender, se não desistisse de incitar o povo à rebelião.

XX. Vendo isto, o jovem César foi se juntar com Cícero e com outros que queriam mal a Antônio, por meio dos quais ele se insinuava nas graças do senado: e por sua vez ia conquistando a benevolência do povo por todos os meios, reunindo e exercitando velhos soldados de César, que andavam esparsos cá e lá pelas cidades: Antônio muito se admirou com isso e falou com ele no Capitólio, onde se reuniram para conferenciar. Mas, naquela mesma noite, Antônio, dormindo, teve uma visão muito esquisita: pois lhe fora manifestado que um raio caíra sobre ele e lhe queimara a mão direita. Poucos dias depois disseram-lhe que César preparava-lhe uma emboscada e o vigiava para mandar matá-lo. César defendeu-se e justificou-se perante ele, dizendo que não era nada; mas Antônio não lhe deu crédito. A inimizade entre eles recomeçou, mais áspera que antes e ambos correram toda a Itália, para reunir e preparar os velhos soldados que já se tinham retirado das atividades e se haviam estabelecido nas cidades, fazendo-lhes grandes e tentadoras promessas; cada qual do seu lado se esforçava para organizar as legiões que ainda estavam em armas. Por outra parte, Cícero, que então era o maior homem da cidade em autoridade e reputação, incitava e amotinava todo o povo contra Antônio, de tal modo que, por fim, o senado acabou por declará-lo inimigo da causa pública e decretou, para o jovem César, homens que levariam as machadinhas diante dele e outros sinais da magistratura e da dignidade pretorial, e enviou Hircio e Pansa, que então eram cônsules, com dois exércitos, para expulsar Antônio de toda a Itália. Estes dois cônsules, juntamente com César que também tinha um exército, foram atacar Antônio, no cerco, diante da cidade de Módena, e aí derrotaram-no: mas os dois cônsules morreram.

XXI. Antônio fugindo dessa denota encontrou-se em muitas dificuldades e aperturas de uma vez, das quais a mais triste foi a fome; mas ele tinha da natureza esta boa qualidade: vencia-se a si mesmo em paciência e em virtude, quando se encontrava na adversidade e mais a sorte o atormentava, mais ele se tornava semelhante a um homem verdadeiramente virtuoso. É coisa comum aos que se encontram em contingências difíceis, escutar e atender o que exigem então o dever e a virtude: mas, bem poucos têm a coragem de, em tais dificuldades e estremecimentos da fortuna, fazer e imitar o que eles louvam e pensam, ou fugir ao que eles censuram e repreendem, mas, muito ao contrário, deixam-se levar pelo costume que têm, de viver segundo a própria vontade e por fraqueza e frouxidão de alma, dobram-se e mudam suas primeiras palavras. Era este um exemplo maravilhoso para os soldados, ver Antônio que estava acostumado a viver no meio das delícias e em tão grande abundância de tudo, beber sem rebuços água fétida e corrompida, comer frutas e raízes selvagens; diz-se ainda mais que eles comeram cascas de árvores e animais que nunca antes os homens haviam comido, quando passaram os Alpes.

XXII. Era sua intenção ir reunir-se às legiões que estavam além dos montes sob o comando de Lépido, o qual Antônio pensava que era seu amigo, porque por meio dele tinha recebido

muitos benefícios e muitas vantagens da parte de César. Quando ele chegou onde Lépido se encontrava, foi alojar-se bem perto dele; mas vendo que ninguém aparecia, que lhe desse alguma esperança, ele deliberou apresentar-se em pessoa. Tinha deixado crescer a barba, depois da derrota não mais a cortara, de modo que estava já bem longa, os cabelos também, sem penteá-los; além disso trajava uma veste negra de luto e neste estado ele aproximou-se das trincheiras do campo de Lépido, onde se pôs a falar; a muitos soldados ele comoveu, por verem-no tão mal vestido e naquela triste situação; outros comoveram-se por suas palavras, tanto que Lépido teve medo e então mandou que tocassem as trombetas todas ao mesmo tempo, a fim de que assim se impedisse aos soldados ouvir o que ele dizia: eles tiveram, porém, ainda mais pena, e falaram-lhe secretamente por meio de Clódio e Cého, que lhe mandaram disfarçados em vestes de raparigas, e aconselharam-no a que se esforçasse por penetrar dentro do campo pois lá havia um número bem grande de soldados que o receberiam, e ainda matariam a Lépido, se ele quisesse. Antônio jamais quis permitir que fizessem algum mal a Lépido, mas no dia seguinte, com seu exército ele veio tentar o vau de um pequeno rio que estava entre eles, e por primeiro entrou na água para alcançar a outra margem, vendo já a vários do campo de Lépido que lhe estendiam as mãos, e que arrancavam os paus e removiam as traves da entrada para lhe dar passagem. Quando se pilhou lá dentro e podia contar com suas forças, procedeu muito humanamente para com ele; pois, abraçando-o, chamou-o de pai, e embora, segundo a verdade, ele tudo fez e tudo passou para o seu domínio, ele sempre conservou-lhe a honra e o nome de general: isto foi causa de que Munácio Planco, que estava acampado perto dali com um exército, viesse também unir-se a ele. Assim Antônio tendo-se refeito e tornando-se novamente grande e poderoso, voltou a passar os Alpes, levando para a Itália, com ele, dezessete legiões, e dez mil cavaleiros, além de seis legiões que ele deixou para defender as Gálias, sob o comando de Vário, um de seus familiares, com quem costumava beber e por isso era apelidado por gracejo de Cotilon, como significando copeiro.

XXIII. César então não quis mais aderir a Cícero, vendo que ele trabalhava única e totalmente para restaurar as coisas públicas na sua primitiva liberdade e não tinha outra vontade e intenção, e mandou por meio de seus amigos convidar a Antônio para um encontro e para que se reunissem os três, César, Antônio e Lépido, em uma pequena ilha, cercada por um riacho, onde estiveram de fato por três dias. Quanto a todas as outras coisas facilmente se puseram de acordo e repartiram entre si o império romano, como se o tivessem recebido por herança paterna: tiveram, porém, grande dificuldade em concordar a respeito dos que deveriam fazer morrer, pois cada qual queria eliminar seus inimigos, e salvar os parentes e amigos; contudo, por fim, pelo grande desejo que tinham de se vingar de seus adversários, colocaram de lado e mesmo espezinharam a reverência à consanguinidade e à santidade da amizade: César cedeu Cícero a Antônio e Antônio abandonou-lhe Lúcio César, que era seu tio, irmão de sua mãe: e ambos permitiram a Lépido fazer morrer seu próprio irmão Paulo. Todavia alguns dizem que foram eles quem o pediram e que Lépido o eliminou. Eu penso que jamais houve coisa mais horrível, mais desumana, nem mais cruel do que estas permutações; pois trocando assim, morte por morte, eles matavam também aos que deixavam ao outro, como os que os outros lhes entregavam; eram, porém, muito mais injustos para com os amigos, pois, os faziam morrer sem que houvesse motivo para isso e sem odiá-los. Depois que tudo se passou, os soldados que estavam nos arredores quiseram que eles ‘garantissem ainda mais essa amizade, pela aliança de casamento, e que César desposasse Cláudia, filha de Fúlvia, mulher de Antônio; tendo isto sido deliberado, eles condenaram a morrer, por proscrição, trezentos dos principais cidadãos de Roma, e Antônio ordenou aos que disso estavam encarregados, depois que haviam matado a Cícero, que lhe amputassem a cabeça e a mão direita, com a qual ele tinha escrito as orações Antomanas, contra ele. Quando lhe trouxeram esses pobres membros decepados, ele contemplou-os longamente, com alegria, rindo-se muito alto, e várias vezes, pelo grande prazer que sentia. Depois de ter bastante saciado o seu coração contemplando-os, ele mandou colocá-los no lugar mais eminente da praça, sobre a cátedra pública, onde durante sua vida ele costumava falar ao povo, como se isso fosse uma injúria ao que ele acabara de mandar matar, e não a sua própria fortuna, mostrando-se, para sua grande vergonha, e tão cruelmente, indigno do poder que possuía. Seu tio Lúcio César, quando o procuravam e o perseguiam por toda parte, para matá-lo, fugiu para a casa de sua irmã; queriam os assassinos penetrar aí, a todo custo; ela então, veio à porta, com os braços abertos, gritando em altas vozes e várias vezes: "Vós não matareis a Lúcio César, sem antes me terdes matado a mim, que embalei o vosso general". E assim ela salvou a vida de seu irmão.

XXIV. O domínio desses três personagens ficou sendo chamado triunvirato, para muitas coisas odiosas e raiva dos romanos; mas disso dava-se a maior parte da censura a Antônio, pois ele era mais velho do que César, e mais poderoso do que Lépido, e porque voltara a viver dissoluta e luxusosamente, como antes, logo que se viu fora de suas incumbências: e além da má fama de que gozava por causa da sua intemperança, ele era ainda muito odiado por causa da residência onde morava, que tinha sido do grande Pompeu, personagem não menos estimado e afamado pela sua temperança e por sempre ter vivido honestamente e com simplicidade do que pelos seus triunfos; fazia-lhes muito mal vê-la sempre fechada aos generais e oficiais, aos magistrados e mesmo aos embaixadores de nações estrangeiras, que às vezes eram repelidos grosseiramente e mesmo levados injuriosamente até à porta, e ao invés, sempre cheia de comediantes, farsistas, prestidigitadores, palha ços, beberrões, aos quais ele tratava com toda a cordialidade, esbanjando com eles o dinheiro, em grandes somas, dinheiro por vezes extorquido, com violências e pilhagens o que é impossível de se dizer, pois não somente vendiam em leilão muitos bens dos que tinham sido proscritos, defraudando caluniosamente as pobres viúvas e seus infelizes orfãozinhos, e impunham toda sorte de impostos, subsídios e multas: mas tendo sido notificados de que as religiosas vestais tinham também algumas importâncias te dinheiro depositado e guardado em suas mãos, tanto dos de fora como da cidade, foram arrebatá-lo à força.

XXV. César, vendo que não havia mais dinheiro suficiente para Antônio, quis repartir as finanças com ele, e dividiram também o exército para irem ambos à Macedônia, fazer a guerra contra Bruto e Cássio e deixaram, no momento, o governo de Roma a Lépido. Depois de terem atravessado o mar começaram a guerra, estando acampados perto do inimigo, isto é, Antônio contra Cássio e César contra Bruto, César nada conseguia; coisa diferente, porém, passava-se com Antônio que vencia sempre, e fazia tudo: na primeira batalha César foi derrotado por Bruto, e perdeu o campo, de modo que com dificuldade se pede salvar, fugindo rapidamente e escapar aos. que o perseguiam; todavia, ele escreve em seus Comentários, que ele se havia retirado antes que a carga tivesse começado, por uma visão que tivera em sonho um de seus familiares: Antônio derrotou Cássio, embora alguns tenham escrito que ele não estivera presente ao combate, mas lá chegou depois da derrota, quando seus homens já perseguiam o inimigo. Cássio foi morto por sua grande instância e pedido, por um de seus servos, um fiel homem de nome Píndaro, ao qual ele tinha dado liberdade, e isto, porque ele não fora advertido em tempo, que Bruto tinha vencido, do seu lado. Poucos dias, combateram eles de novo, outra vez, e bruto foi, então, derrotado e ele mesmo ao depois, suicidou-se: Antônio teve a principal glória da vitória, considerando-se que então, mesmo César estava enfermo. Tendo encontrado o corpo de Bruto, disse-lhe algumas injúrias, reprovando-lhe a morte de seu irmão Caio que ele tinha feito morrer na Macedônia, como vingança pela cruel morte de Cícero: mas no entretanto ele disse que culpava mais a Hortênsio que não ele; e por isso fê-lo morrer sobre o túmulo de seu irmão: e ao contrário, lançou sua cota de armas sobre o corpo de Bruto; esta era muito rica; depois ele deu ordem a um de seus servos libertos, que cuidasse da sua sepultura; tendo ao depois sabido que o servo não fizera queimar a cota de armas juntamente com o corpo, porque valia muito dinheiro, e que ele tinha desviado muito da soma destinada aos funerais e à sepultura, mandou matá-lo.

XXVI. Depois disto César voltou a Roma e não se esperava que ele sobrevivesse muito tempo ainda, nem escapasse à enfermidade que o torturava. Antônio partiu para as províncias e regiões do Oriente para exigir e resgatar as importâncias devidas, passando primeiro pela Grécia, levando consigo um número enorme de soldados. Tinham prometido a cada soldado{1546} cinco mil dracmas de prata, era portanto necessário impor pesados impostos e fazer contínuas e pesadas arrecadações. Não foi, porém, importuno, logo à sua chegada à Grécia, nem molesto aos seus habitantes, umas ao invés, divertia-se com prazer ouvindo as discussões dos sábios, os jogos, assistindo aos sacrifícios dos gregos, às suas cerimonias, fazendo justiça a todos com grande senso de equidade; gostava de se ouvir saudar e chamar de Filelen, isto é, amigo dos gregos, e mesmo dos atenienses, aos quais fez muitos benefícios. Os megarenses, à porfia, com os atenienses, cuidando apresentar-lhe também algo de belo,

rogaram-no que viesse ver seu palácio, onde se reunia o senado e se realizava o conselho. Ele foi: depois de ter bem observado, perguntaram-lhe: "Senhor, que vos parece esta sala?" — "Ela parece-me, respondeu ele, pequena, e prestes a cair em ruínas". Depois mandou tomar medida do templo de Apoio Pítio, prometendo ao senado fazer terminá-lo.

XXVII. Mas, depois de ter passado à Ásia, deixando a Lúcio Censorino como governador da Grécia e de ter experimentado um pouco as riquezas e as delícias do Oriente, vendo que reis e príncipes, senhores e nobres vinham esperá-lo à porta de seu aposento para fazer-lhe a corte, que as rainhas e princesas, à porfia, faziam-lhe belos e ricos presentes, prestando-lhe outrossim homenagem, cuidadosas em se enfeitar e fazendo tudo o que podiam para serem tidas como formosas e mais ainda conquistar as suas graças enquanto César, em Roma, esgotava-se de alma e corpo em guerras e sedições civis, ele estava em bonançosa paz e quase na ociosidade, não pôde então deixar de voltar ao antigo hábito de viver voluptuosamente: foi então que um certo Anaxanor, tocador de citara, Xoutos, tocador de flauta, Metrodoro, palhaço, uma chusma de músicos e mestres da volúpia da Ásia, que sobrepujavam em adulação e humorismo a todos os que ele tinha levado consigo da Itália, penetraram na sua corte e aí dominaram completamente e, então, nada mais pôde ir bem e satisfatoriamente. Pois todos se puseram a combater toda sorte de sem-vergonhice, quando viram que isso agradava e toda a Ásia era como a cidade de que fala Sófocles, numa de suas tragédias{1547} :

plena de cânticos, perfumes, incensações, de choros também e de gemidos.

Na cidade de Éfeso as mulheres compareceram diante dele trajadas de sacerdotisas de Baco, os homens e as crianças, de faunos e de sátiros, e nada mais se via pela cidade senão heras e flechas enfeitadas de heras, saltérios, flautas e oboés. Em seus cânticos eles chamavam a Antônio de Baco, pai da alegria, doce e benigno; assim era ele para alguns, mas para a maior parte, era cruel e desumano; pois tirava os bens dos nobres e de homens de qualidade, para dá-los aos aduladores e aos velhacos, os quais lhe pediam muitas vezes as riquezas daqueles que ainda viviam, como se eles tivessem morrido e introduziam-se à força em suas residências: ele deu a casa de um ancião da Magnésia a um cozinheiro, porque segundo dizem lhe tinha preparado um ótimo jantar.

XXVIII. Por fim, dobrou as contribuições, e impôs uma segunda taxa sobre a Ásia; então, Hibreas, o Orador, comissionado e enviado pelos estados para lhe ir dar informações sobre o país, teve a ousadia de lhe dizer: "Se queres ter o poder de nos impor duas contribuições, num mesmo ano, é preciso também que tenhas o poder de nos dar dois verões e dois outonos, duas ceifas e duas vindimas. Isto lhe foi dito com graça e delicadeza, e muito ao gosto do humor de Antônio, mas ele acrescentou pouco depois, que foi dito com muito atrevimento e mais vivamente endereçado ao fim para servir: "A Ásia pagou-te duzentos mil talentos{1548}, toda esta soma de dinheiro não chegou aos teus cofres, pede conta aos que ta tiraram; mas se a recebeste, e não tens mais nada, nós estamos destruídos e perdidos". Estas palavras de Hibreas cor moveram e alertaram bem a Antônio: ele não sabia de muita roubalheira que se fazia em seus negócios e nas finanças, sob sua autoridade, não tanto por seu descaso, como porque ele confiava demasiado e para tudo em seus auxiliares, com uma grande simplicidade; ele era grosseiro e pouco sutil, de natureza, e muito mais tarde percebia as faltas que se cometiam, mas também quando delas tinha ciência, muito se exasperava, e as confessava claramente àqueles, aos quais sob sua autoridade se tinha feito mal; tinha o coração grande, tanto para castigar os erros, como para recompensar os benefícios; mas, no entretanto, parece que ele se excedia mais na medida, dando excessivamente, do que castigando.

XXIX. Quanto àquele modo insolente de escarnecer, de que mui frequentemente usava zombando e caçoando dos outros, ele trazia co nsigo o seu remédio; pois era lícito de se lhe retribuir do mesmo modo, em troca, zombando também dele, e assim era fácil ser alvo de chacotas, como também chacotear aos outros: e era isto que tudo punha a perder, o mais das vezes. Pois julgando que aqueles que lhe diziam tão bem a verdade e lhe falavam com tanta franqueza, não o adulariam jamais, em se tratando de coisas de importância, e falando com sabedoria, ele se deixava facilmente enganar pelos louvores que lhe atribuíam, não percebendo que aqueles aduladores misturavam aquela maneira de falar francamente a ele, com suas bajulaçõ es, como o expediente para disfarçar e diferençar as iguarias com um molho picante, para evitar, por esta liberdade de gracejar e de divertir-se com ele francamente à mesa, que ele se aborrecesse com suas adulações ordinárias e contínuas, como acontece com as coisas de que a gente se serve frequentemente, e que eles empregavam sutilmente aí, quando em matéria de importância eles cederiam e satisfariam ao seu desejo, que não parecesse que eles o faziam para comprazê-lo, mas por não serem tão bem compreendidos, nem tão bem prevenidos como ele.

XXX. Sendo então Antônio de tal natureza, o último e o maior de todos os seus males, foi o amor de Cleópatra, o qual veio despertar e excitar vários vícios que ainda se encontravam ocultos nele, e até então não se haviam manifestado: e se algum vestígio de bem havia ficado e alguma esperança de renovação, ela o destruiu totalmente, e deturpou-o ainda mais do que antes. Isso passou-se assim: tendo partido para fazer a guerra aos partos, ele mandou intimar Cleópatra a comparecer em pessoa à sua presença, quando ele estivesse na Cilícia, para responder às acusações e imputações que se faziam contra ela, isto é, que ela tinha ajudado e animado a Cássio e Bruto na guerra que haviam travado contra ele. A ela foi mandado um certo Délio, para marcar-lhe esse encontro; este, depois de ter observado atentamente e considerado a sua beleza, a grande graça e a força atraente da sua linguagem, pensou incontinente, que Antônio evitaria fazer algum mal a essa dama, mas, ao contrário, ela em pouco tempo teria conseguido grande favor e prestígio perante ele: começou então a cercá-la de muita deferência, convidando-a a vir à Olícia, usando das melhores vestes e séquito que lhe fosse possível, e que não duvidasse de Antônio nem se amedrontasse por causa dele, que era o mais gentil e o mais humano dos homens, como ainda ela não tinha visto outro. Ela, por seu lado, acreditando no que Délio lhe dizia e conjeturando pelo prestígio e pelo fácil acesso de que gozara perante Júlio César e Cneu Pompeu, filho do grande Pompeu, somente por sua beleza, sentiu-se esperançosa, de que mais facilmente ainda poderia conquistar a Antônio, pois aqueles a haviam conhecido quando ela era ainda mocinha e não sabia o que era o mundo, mas agora ela ia ter com Antônio numa idade em que as mulheres estão no auge da beleza e no vigor de seu entendimento.

XXXI. Muniu-se de muitos dons e presentes, de muito ouro e prata, de riquezas e belos ornamentos, como se poderia obter de tão grande personagem, de um palácio tão opulento e um reino tão rico como o do Egito. Não levou, porém, com ela, absolutamente nada, pois tinha toda a esperança e confiança em si mesma, nos seus encantos e na magia da sua beleza e de sua graça. Por isso, embora fosse intimada por várias cartas de Antônio e de seus amigos, ela pouco se incomodou e zombou ainda dele, pois apresentou-se navegando pelo rio Cidno em um barco, cuja popa era de ouro, as velas, de púrpura, os remos{1549}, de prata, sendo manejados ao som e à cadência de uma música de flautas{1550}, de oboés, de cítaras e violas e outros instrumentos que se tocavam com arte e maestria dentro dele. Ela, porém, estava deitada, sob uma tenda de tecido de ouro, vestida e adornada como se costuma representar Vênus, tendo aos lados umas crianças lindas, trajadas também como os pintores costumam representar os Amores, com leques nas mãos, que eles agitavam lentamente. Suas damas e companheiras, do mesmo modo, as mais belas, estavam vestidas como Ninfas Nereidas, que são as fadas das águas, e como as graças, umas apoiadas no leme, outras nas cordas e cabos da barca, da qual emanavam suaves e inebriantes ondas de perfume, que se difundiam pelas margens do rio, repletas de espectadores: uns acompanhavam a barca pela margem, outros acorriam da cidade para ver o que se passava, e reuniu-se assim uma grande multidão de povo, tão grande que finalmente Antônio estando na praça no seu trono imperial, a dar audiências, aí ficou sozinho, e corria a voz entre o povo que a deusa Vênus estava se aproximando{1551} para ser hóspede do deus Baco, a fim de prodigalizar o bem universal de

toda a Ásia.

XXXII. Ela desceu em terra e Antônio convidou-a a cear em sua casa; ela, porém, mandou-lhe dizer que seria muito melhor se ele fosse à casa dela. Quis então mostrar-se deferente, à sua chegada, ele acedeu e foi; lá encontrou tal luxo e fausto que não é possível imaginar nem exprimir: entre outras coisas, porém, o que mais admiração lhe causou foi o número de lanternas e tochas suspensas no ar e alumiando todos os aposentos, tão engenhosamente dispostos e arrumados, uns redondos, outros quadrados, o que constituía uma das coisas mais belas e mais singulares para se ver, e que os olhos jamais poderiam ter escolhido como deleite, de que se faz menção nos livros. No dia seguinte, Antônio a homenageou por sua vez, procurando sobrepujar em magnificência e em fausto o seu festim; mas foi superado em ambos, de tal modo que ele por primeiro começou a se rir da grosseria e da imperfeição do serviço de sua casa. comparado com a suntuosidade, limpeza, asseio e elegância do de Cleópatra. Ela vendo que os gracejos e as conversas de Antônio eram muito grosseiros, e que estavam a ouvir seus soldados, de boca cheia, começou corajosamente a bocejar, e a censurá-lo sem nada temer; pois sua beleza unicamente, ao que se diz, era incomparável, de modo que não era mesmo possível que houvesse outras mais belas do que ela, porque conquistava imediatamente todos os que a contemplavam: mas sua conversação era tão amável, que era impossível não se ficar preso e com sua beleza, a graça insinuante, a doçura e gentileza do seu natural, que tudo encantava, tanto seus gestos como suas palavras, era um aguilhão que feria ao vivo; além disso sua voz era tão suave e maviosa que causava intenso prazer, suas palavras eram como um instrumento musical de vários sons e registros, que ela manejava com maestria, como lhe agradava, de modo que ela falava a poucas nações bárbaras, por meio de intérprete, mas dava ela mesma as respostas, pelo menos à maioria, como aos etíopes, árabes, trogloditas, hebreus, sírios, medas e partos e a muitos outros ainda, cuja língua aprendera quando muitos dos seus predecessores, reis do Egito, dificilmente tinham podido aprender somente o egípcio e alguns até esqueceram a da Macedônia.

XXXIII. E assim ela surpreendeu de tal modo a Antô nio com o seu amor, que embora sua mulher Fúlvia estivesse em Roma, em guerra difícil contra César pelos seus mesmos interesses e o exército dos partas, do qual os lugar-tenentes do rei tinham dado o comando principal a Labieno, estivesse todo reunido na Mesopotâmia prestes a entrar na Síria, no entretanto como se tudo isso não lhe importasse absolutamente nada, ele se deixou levar por ela a Alexandria, onde perdeu, em brinquedo de criança, por assim dizer, e em passatempos inúteis, a coisa mais cara e mais preciosa que se poderia desperdiçar, como diz Antífon, isto é, o tempo. Organizaram entre eles um grupo a que chamaram de Animetobion, isto é, a vida não igual, que outros não saberiam imitar, festejando-se uns aos outros, por vez, gastando nisso uma importância que excedia a todos os limites e a todas as medidas da razão. A este propósito ouvi meu avô Lamprino narrar há muito tempo, que Filotas, médico, natural da cidade de Anfissa, contara-lhe, que naquele tempo ele estava em Alexandria, estudando medicina, e que um dos chefes de cozinha de Antônio, que ele conhecia, levou-o um dia, a título de curiosidade, para mostrar-lhe as grandes aparelhagens e a suntuosidade de uma só ceia. Quando ele entrou na cozinha, viu uma quantidade enorme e variadíssima de carnes e iguarias, e dentre outras coisas, oito javalis, inteiros, que estavam sendo assados, o que muito o pasmou, dizendo que devia haver um grande número de convivas, àquela ceia. O cozinheiro se pôs a rir, e respondeu-lhe que não havia muita gente, mas unicamente umas doze pessoas: mas era preciso que tudo o que era posto sobre a mesa fosse preparado e servido na hora, e que não serviria mais se passasse do momento; e Antônio poderia talvez querer cear àquela hora, ou um pouco mais tarde, ou possivelmente adiaria ainda a hora da ceia, por ter bebido à tardinha ou por estar ainda ocupado nalguma longa entrevista: e por esse motivo, preparava-se não somente uma ceia, um jantar, mas vários, pois não se poderia adivinhar a hora em que ele viria à mesa.

XXXIV. Filotas narrava isto a meu avô e dizia ainda mais: que algum tempo depois, ele esteve a serviço do filho mais velho de Antônio, o qual ele tivera de Fúlvia, e que comia à sua mesa

com outros familiares todas as vezes que não o fazia com seu pai: um dia viera também um médico, que fazia maravilhas em citar e em arguir, tanto que quebrava a cabeça a todos que estavam à mesa; para fechar-lhe a boca, Filotas dirigiu-lhe este argumento sofistico: é bom dar-se de beber água fria a um doente, que tem febre de alguma maneira: ora, todo aquele que tem febre, a tem de alguma maneira: segue-se então que é bom dar água fria a todo doente que tem febre. O médico ficou mudo e tão admirado, que não soube o que dizer. Por isso o jovem se pôs a rir, e ficou tão satisfeito que lhe disse: Filotas, eu te dou tudo aquilo! E mostrou-lhe um armário cheio de grandes vasos de ouro e de prata. Filotas agradeceu-lhe e disse-lhe que se sentia muito comovido por tanta liberalidade: mas jamais pensara que ele tinha a licença de poder dar tantas coisas e de tão grande valor: todavia, ficou ainda mais admirado, quando pouco depois um dos servos da casa trouxe-lhe dentro de uma corbelha todos os vasos mencionados, dizendo-lhe que o fizera marcar com o seu sinal e os entregava. Filotas fez o portador voltar, temendo ser censurado se os aceitasse: então o jovem lhe disse: "Como, pobre como és, por que fazes dificuldade em aceitá-los? Não sabes que é o filho de Antônio quem tos dá e que ele tem o poder de fazê-lo? Todavia acredita em mim, e se preferes, recebe de minha parte o dinheiro que eles podem valer, pois meu pai poderia pedi-los, pois são antigos e muito apreciados pela excelência do trabalho". Eu ouvi meu avô contar estes fatos muitas vezes.

XXXV. Mas, voltando a Cleópatra, Platão escreve que a arte e a ciência de adular é tratada de quatro modos; todavia ela inventou muitas* outras maneiras para isso: pois, quer por divertimento, quer em assunto de relevo, ela achava sempre alguma nova modalidade de prazer, pela qual conservava Antônio em seu poder e o dominava, não o abandonando absolutamente, nunca perdendo-o de vista, nem de dia, nem de noite: às vezes divertia-se jogando dados com ele ou bebiam juntos, ou caçavam: ela estava sempre presente quando ele se dava a exercícios físicos: quando ele então se disfarçava em servo, para, durante a noite, andar pela cidade e divertir-se pelas portas das tavernas e nas vizinhanças das mesmas com homens do povo, discutindo e gracejando com os que lá estavam, ela disfarçava-se também em camareira ou mulher do povo e ia em seu seguimento pelas ruas; de onde ele voltava sempre com algum escárnio e, bem frequentemente, com pancadas, que lhe davam; e embora isso desagradasse à maior parte, todavia comumente os de Alexandria apreciavam muito essa jovialidade, e a- tomavam em bom sentido, dizendo elegante e engenhosamente que Antônio lhes apresentava um rosto cômico, isto é, jovial, e, para os romanos, trágico, isto é, austero. Seria muito grande simplicidade querer reunir e narrar todos os passatempos a que eles se entregaram, divertindo-se: contarei, porém, apenas um, dentre tantos.

XXXVI. Certa vez ele se pôs a pescar com o anzol e vendo que nada podia apanhar, ficou muito aborrecido porque Cleópatra estava presente. Ordenou então ocultamente a um dos pescadores, que quando ele lançasse a linha, ele se atirasse imediatamente à água e prendesse no seu anzol algum peixe que já havia sido pescado antes e assim pôde apanhar uns dois ou três. Cleópatra percebeu-o incontinente; todavia, fingiu nada ter notado, e mostrou-se admirada de como ele pescava tão bem: mas depois, à parte, contou o fato aos seus íntimos, e disse-lhes que no dia seguinte eles se encontrassem também à margem do rio, para o espetáculo. Lá foram eles todos, em grande número, e se puseram nas barcas, como os pescadores; Antônio também lançou a linha e então Cleópatra mandou a um dos seus servos que mergulhasse logo, antes do pescador contratado por Antônio, e que atasse ao anzol um peixe velho, já salgado, como os que se trazem do Ponto: feito isto, Antônio pensando ter apanhado um peixe, puxou logo o anzol: e então, como bem se pode imaginar, os presentes desataram numa estrondosa gargalhada e Cleópatra, rindo-se com eles, disse: "Deixe, senhor, deixe para nós, egípcios, habitantes de Faro e de Canobo, a linha e o anzol, não é o seu ofício: sua pescaria é tomar e conquistar cidades e reinos, países e nações".

XXXVII. Enquanto Antônio assim se divertia tão louca e insensatamente, chegaram-lhe más notícias de ambas as partes: de Roma, diziam que Lúcio, seu irmão, e Fúlvia, sua mulher, haviam se desavindo entre si, primeiramente, e depois tinham-se declarado em guerra aberta

contra César, e tinham posto tudo a perder, tanto que haviam sido obrigados a fugir da Itália: a outra, que não era melhor do que esta, era que Labieno, com o exército dos partos, submetia e conquistava toda a Ásia, desde o rio Eufrates e desde a Síria até a Líbia e Jônia. Começou então ele a despertar um pouco, como quem esteve adormecido, por assim dizer, a restabelecer-se de uma grande embriaguez. Quis partir antes contra os partos, e chegou até a Fenícia, mas lá recebeu cartas de Fúlvia cheias de lamurias e de queixas; daí voltou-se então para a Itália, com duzentos navios e pelo caminho recolheu todos os seus amigos, que da Itália fugiam para ele, os quais o informaram de que unicamente Fúlvia era a causa dessa guerra, a qual, sendo de uma natureza importuna, perversa e temerária, tinha provocado todo esse tumulto na Itália, com a esperança de afastá-lo assim de Cleópatra.

XXXVIII. Aconteceu, felizmente, que Fúlvia indo ter com Antônio, morreu de doença na cidade de Sicíone, e por isso foi mais fácil o entendimento entre ele e César, pois quando chegou à Itália e viu que César nada lhe perguntava, com relação a ele mesmo, e que Antônio, por seu lado, negava tudo o que se lhe imputava a respeito de sua mulher Fúlvia, os amigos de um e de outro não quiseram que eles continuassem em altercação, nem em indagação, para se averiguar quem tinha ou não razão e quem era causador de todo aquele movimento, de medo de que as coisas piorassem, mas os puseram de acordo e dividiram entre si o império de Roma, marcando o mar Jônico como limite da divisão: todas as províncias do Levante tocaram a Antônio, e as do Ocidente, a César, deixando a Lépido a África e determinaram que um depois do outro fariam cônsules aos próprios amigos, quando não quisessem sê-lo, eles mesmos. Isso parecia ser muito sensato, porquanto então era maior a necessidade de um liame mais estreito e de maior segurança e do qual a fortuna apresentou o meio. Ainda vivia Otávia, irmã mais velha de César, não, porém, da mesma mãe, pois nascera de Ancária e ele de Áctia. Ele amava muito esta irmã e na verdade ela era muito digna; ficara viúva de seu primeiro marido, Caio Marcelo, que havia morrido há pouco; Antônio também estava viúvo, depois da morte de Fúlvia: ele não negava que tinha Cleópatra, mas também não confessava que a tinha por mulher; ao contrário, debatia-se ainda sua razão contra o amor da egípcia. Todos queriam este casamento, esperando que Otávia, que tinha a graça, a honestidade e a prudência unidas a uma rara beleza, depois de se ter unido a Antônio, sendo amada e estimada, como a razão queria que o fosse uma tal senhora a qual certamente seria causa de paz e amizade entre eles. Puseram-se então ambos de acordo e foram depois a Roma, para o casamento, embora a lei proibisse que uma viúva se tornasse a casar antes de dez meses da morte do primeiro mando; mas o senado dispensou-a disso e assim realizou-se o casamento.

XXXIX. Sexto Pompeu, então, ocupava a Sicília e de lá coma toda a Itália saqueando-a, com um grande número de barcos e navios corsários, que conduziam Menas e Menecrates, dois piratas que assolavam todo o mar, de tal modo que ninguém mais ousava na vegar; e ainda mais, Sexto Pompeu tinha procedido honestamente para com Antônio, pois recebera caridosamente sua mãe, que fugira da Itália com Fúlvia; por isso todos pensaram que era necessário entrevistar-se com ele. Encontraram-se perto do monte Misene, sobre uma elevação que se lança para dentro do mar, tendo Pompeu a frota de suas embarcações ancoradas perto, e Antônio e César seus exércitos à beira do mar nas proximidades: depois de terem determinado que Pompeu teria a Sicília e a Sardenha, com a condição de que ele limpasse o mar de todos os salteadores e piratas, corsários e ladrões, e o tornasse seguro e navegável, mandaria ainda certa quantidade de trigo a Roma, combinaram tomar juntos a refeição e tiraram a sorte para ver quem por primeiro ofereceria o festim. A sorte caiu primeiro sobre Pompeu: por isso Antônio perguntou-lhe: "E onde cearemos nós?" — Lá! respondeu ele, mostrando a sua galera capitania, que tinha seis ordens de remos: pois foi a única casa paterna que me deixaram". Isso ele dizia para provocar a Antônio, porque ele possuía a casa de Pompeu, o Grande, seu pai: lançaram ao mar outras muitas âncoras para firmar bem a galera e construíram uma ponte de madeira, para se passar desde Misene até o navio, onde ele os recebeu e homenageou cordialmente: mas no meio do festim, quando começavam a se esquentar e a se divertir com o amor de Antônio por Cleópatra, Menas, o Corsário, aproximou-se de Pompeu e lhe disse baixinho ao ouvido: "Queres que eu corte as cordas das âncoras e que eu te faça senhor, não somente da Sicília e da Sardenha, mas também de todo o império de Roma?" Pompeu depois de ter pensado um pouco respondeu: "Tu o deverias ter feito sem me avisar, por agora contentemo-nos com o que já temos; quanto

a mim, não aprendi a faltar à minha palavra e aos meus compromissos, nem a cometer uma traição". Os outros dois também depois, o homenagearam cada qual em seu campo. Mais tarde ele regressou à Sicília.

XL. Antônio, depois que tudo assim ficou resolvido, mandou antes, à Ásia, um certo Ventídio para deter os partos e impedir que avançassem mais: ele, entretanto, para agradecer a César consentiu em ser eleito sacerdote e sacrificador de Júlio César e trataram assim amigavelmente de várias coisas importantes concernentes ao governo do império; mas em todos os divertimentos em que às vezes ambos se entretinham, Antônio perdia sempre e levava a pior, e com isso muito se aborrecia; ele tinha consigo um adivinho do Egito, daqueles que se dedicam a adivinhar e a julgar o nascimento e a predizer os acontecimentos dos homens, considerando a hora do nascimento, o qual, quer para agradar a Cleópatra, quer porque exercitava assim a sua arte, dizia francamente a Antônio, "que sua fortuna, que era por si muito ilustre e muito grande desaparecia e se apagava diante da de César", e por isso aconselhava-o a se afastar o mais possível desse senhor: "Pois teu demônio, dizia ele, isto é, o bom anjo e o espírito que te guarda, teme e receia o dele, e sendo corajoso e altivo, quando está sozinho, longe dele, torna-se temeroso e medroso quando se aproxima do outro". Como quer que fosse, os acontecimentos provaram o que o egípcio afirmava. Diz-se que todas as vezes que eles tiravam a sorte por brincadeira, para ver quem teria alguma coisa, ou quando jogavam dados, Antônio perdia sempre. Quando às Vezes por passatempo organizavam brigas de galo ou de codornizes, que lutavam também, as de César venciam sempre, e isso aborrecia muito a Antônio e o deixava impressionado embora exteriormente ele não o demonstrasse e por isso cada vez mais acreditava no egípcio, tanto que por fim entregou os negócios de sua casa a César e partiu da Itália, com Otávia, sua mulher, que levou à Grécia; dela, tinha já uma filha.

XLI. Passando o inverno em Atenas, chegaram-lhe notícias das vitórias de Ventídio, que derrotara os partos em grandes batalhas, nas quais haviam morrido Labieno e Farnabates, o melhor general que teve o rei Orodes. Por causa destas boas notícias, ele deu uma festa pública, reuniu uma assembleia geral de todos os gregos, houve jogos e exibição de lutas em Atenas, nas quais ele mesmo quis ser o juiz. Deixando então seus aposentos, sua guarda, suas machadinhas e as insígnias do seu império, ele veio ao lugar onde se realizavam os mesmos jogos e os espetáculos, com uma longa veste, calçando chinelas à maneira dos gregos; levava-se diante dele o bastão que se costuma levar diante dos juízes; ele mesmo separava os lutadores, retirando-os, pelo pescoço, quando já tinham lutado suficientemente. Depois, quando deliberou partir, para então iniciar a guerra, tomou uma coroa da oliveira santa e levou consigo um vaso cheio de água da fonte de Clepsidra, porque um oráculo assim lhe havia ordenado que fizesse. No entretanto Ventídio numa batalha travada na região de Cirrestica venceu outra vez a Pácoro, filho do rei dos partos, que então, novamente para ali tinha vindo com um grande exército para invadir e ocupar a Síria, em cuja refrega morreram muitíssimos partos, dentre outros o mesmo Pácoro. Este feito de armas, glorioso por todos os motivos, deu aos romanos plena e inteira satisfação pela vergonha e pelas perdas recebidas à morte de Marco Crasso; fez os partos retirarem-se, conservando-se dentro dos limites da Mesopotâmia e da Média, depois de terem sido derrotados por três vezes em duras batalhas: Ventídio, porém, não teve coragem de persegui-los além, porque temia ser vítima da inveja de Antônio e cair-lhe na antipatia; levou então seu exército contra os que se haviam rebelado e os reconquistou, cercando a Antíoco, rei da Comagena, o qual oferecia mil talentos{1552} para que lhe perdoassem a rebelião, e prometia de ora em diante cumprir as determinações de Antônio: imperador e esposa do outro. Ora, se (o que não queira Deus) se tomar o pior conselho e se desencadear a guerra, vós dois não sabeis e é incerto, ao qual os deuses farão vencedor ou vencido: quanto a mim, porém, de qualquer lado surja a vitória, minha condição será sempre infeliz". Estas palavras de Otávia comoveram o coração de César, tanto que ele se dirigiu pacificamente a Tarento; foi um espetáculo agradável assaz aos olhos dos que o presenciaram, isto é, ver um grande exército acampado em terra, sem se mover, e inúmeros navios flutuando no porto, em paz e segurança: e além disso a cordialidade dos amigos que se abraçavam reciprocamente. Antônio por primeiro homenageou a César, por amor à sua irmã: depois eles combinaram que César daria a Antônio duas legiões para que ele combatesse os partos e Antônio deu a César cem galeras armadas de esporões de cobre na proa. Mas além

disso, Otávia obteve de seu marido, para seu irmão, vinte bergantins e de seu irmão para seu marido, mil soldados a mais.

XLIV. De pois que se separaram, César partiu imediatamente para fazer guerra a Sexto Pompeu, e conquistar a Sicília; Antônio deixou com ele sua esposa Otávia e seus filhos, dela, bem como os de Fúlvia, e partiu para a Ásia: o grave e pestífero mal, que era o amor de Cleópatra, o qual por tanto tempo estivera adormecido e parecia mesmo ter-se de todo dissipado e dado lugar a melhores e mais bondosos sentimentos, começou a despertar e novamente a retomar a sua força, à medida que Antônio se aproximava da Síria: e por fim, esse cavalo da alma, tão difícil de ser domado, como diz Platão, isto é, a concupiscência desenfreada, ergueu-se violentamente e desbaratou todos os pensamentos honestos e salutares; ele mandou Fontéio Capito para ir buscar Cleópatra e traze-la à Síria, à qual, pela sua vinda, ele fez não poucas concessões, muito além do que estava em seu poder, acrescentando-lhe províncias da Fenícia, da baixa Síria, a ilha de Chipre, uma grande parte da Cilícia, e a região da Judéia, que tem o verdadeiro bálsamo, a parte da Arábia onde residem os nabateanos, que se estende para o Oceano. Estas doações muito desagradaram aos romanos. E embora ele desse facilmente senhorias e reinos de grandes e poderosas nações a alguns homens particulares, e tirasse a outros reis de sucessão verdadeira, os seus, como a Antígono{1553}, rei dos judeus, que mandou decapitar publicamente, embora jamais um rei tivesse sido punido dessa maneira, nada, porém, ofendia e desgostava os corações dos homens como as honras exageradas que ele prestava a Cleópatra: a raiva e as murmurações contra ele aumentaram ainda mais, quando deu os nomes de Alexandre e Cleópatra a dois filhos gêmeos que teve da mesma Cleópatra, apelidando a um de Sol e à outra de Lua. Ele, porém, sabia disfarçar e encobrir com palavras bonitas os atos vergonhosos e reprováveis que praticava, dizendo que a grandeza do império romano e a sua magnificência se manifestavam, não pelo que os romanos conquistavam, mas pelo que eles doavam, e que a nobreza se dilatava e se multiplicava entre os homens, pela posteridade dos reis, quando eles deixavam sua semente em vários lugares, e que, por esse meio, seu primeiro antepassado e tronco de sua raça tinha sido oriundo de Hércules, o qual não tinha posto a esperança da continuação de sua linhagem e de sua posteridade no ventre de nenhuma mulher, temendo as leis de Sólon, ou tendo em consideração as determinações que os homens fizeram com relação à procriação dos filhos, mas tinha querido dar à natureza e estabelecer os fundamentos de várias raças nobres e famílias, em diversos lugares.

XLV. Depois que Fraortes{1554} matou seu pai Orodes e ocupou o reino, vários gentis-homens dos partos deixaram-no e fugiram, entre os quais estava Moneses, homem nobre e de grande autoridade que recorreu a Antônio; este recebeu-o e comparou sua fortuna à de Temístocles e sua opulência e magnificência à dos reis da Pérsia; pois ele lhe dera três cidades{1555} Ladissa, Aretusa e Hierápolis, que ao depois se chamou Bambicé: mas o rei dos partos, pouco tempo depois, mandou chamá-lo, sob sua palavra de honra, e Antônio sentiu-se satisfeito de lhe dar permissão para voltar, esperando assim apanhar Fraortes desprevenido: mandou dizer-lhe que seriam bons amigos, e haveria paz entre eles, se ele lhe quisesse restituir os estandartes e as insígnias dos romanos, que os partos haviam conquistado na batalha, em que Marco Crasso tinha sido morto e também os homens que ainda estavam prisioneiros depois daquela derrota. Mandou nesse ínterim Cleópatra ao Egito e tomou o caminho da Arábia e da Armênia, onde passou em revista todo seu exército, reunido juntamente com os dos reis seus confederados, que tinham vindo por sua ordem ajudá-lo em grande número; o principal destes era Artabàso, rei da Armênia, que lhe fornecera seis mil cavaleiros e sete mil infantes, e ainda havia dos romanos, seiscentos mil homens de infantaria e cavalaria, espanhóis e gauleses, que eram contados como romanos, até mais ou menos dez mil e de outras nações, trinta mil homens, inclusive soldados de infantaria, ligeiramente armados.

XLVI. Tão grande potência e aparato de guerra, que espantou os mesmos indianos os quais habitam além da região bactriana e que fez tremer toda a Ásia, se lhe tornou completamente inútil e de nada lhe serviu, por causa do amor de Cleópatra, pois o desejo que ele tinha de

passar o inverno com ela, fê-lo começar a guerra antes da estação, fora do tempo e precipitar todas as coisas, apressadamente, porque ele estava com sua mente perturbada e de tal modo encantado com o veneno do amor, que não pensava em outra coisa senão nela, e de como poderia logo voltar, mais do que de como poderia vencer seus inimigos: era-lhe pois necessário primeiramente acampar na Armênia para descansar e retemperar suas tropas, que estavam fatigadas pela longa caminhada de mais de quinhentas léguas{1556} e depois, no começo da nova estação, invadiria a Média, antes que os partos se tivessem retirado de suas casas e de suas fortalezas: ele não teve paciência de esperar o tempo, mas levou-as incontinente para a província de Atropatena, deixando a Armênia à esquerda, e devastou toda a planície da região. Além disso, pela grande pressa que ele tinha deixou atrás suas máquinas de guerra, as quais eram transportadas em 300 carros, entre as quais havia um carneiro de oitenta pés de comprimento, de que ele tinha muitíssima necessidade, e que não podia em tempo suficiente substituir, se porventura viesse a perdê-lo, porque aquelas altas províncias da Ásia não têm árvores tão altas, tão longas, nem tão fortes e direitas, para com elas se fazerem tais máquinas de guerra: e no entretanto as deixou atrás como um empecilho, para levar a efeito o que havia empreendido, reservando apenas alguns homens para guardá-las e confiando o encargo disso a um certo Taciano; depois foi sitiar Fraata, a cidade principal e a maior, do rei da Média, na qual estavam sua mulher e seus filhos.

XLVII. Viu logo, pela necessidade, a grande falta que elas lhe faziam e o erro cometido, deixando atrás as máquinas de artilharia{1557} : como não tinha com que abrir brechas para que seus homens pudessem combater corpo-a-corpo contra os que defendiam a muralha, ele fez levantar uma montanha de terra bem junto dos muros da cidade, pela qual subiam pouco a pouco, com grande dificuldade e trabalho. No entretanto o rei Fraortes veio-lhe ao encontro com grande poder e tendo ainda sabido que Antônio havia deixado no caminho suas máquinas de guerra, enviou contra ele um número muito grande de soldados de cavalaria, que envolveram Taciano com todos os seus carros, mataram-no e ainda uns dez mil homens que estavam com ele. Feito isso, os bárbaros tomaram as máquinas e as queimaram, fazendo ainda muitos prisioneiros, entre os quais estava o rei Polemon. Esta infelicidade, como bem se pode crer, convulsionou grandemente todo o exército de Antônio, por terem sofrido tão grande perda logo no começo da empresa, contra sua esperança, de tal modo que Artabaso, rei dos armênios, perdendo a confiança nos romanos, retirou-se com seus homens, embora tivesse sido ele o principal incentivador desta guerra.

XLVIII. Por outro lado, os partos aproximaram-se corajosamente do campo de Antônio, que estava no cerco{1558}, diante da sua cidade real e fizeram-lhe ferozes e ultrajosas ameaças. Temendo, porém, que, se ele se movesse sem nada fazer, seus homens com isso viessem a perder o ânimo, e se intimidassem cada vez mais, ele tomou dez legiões com três coortes pretorianas, que são as companhias de apoio, ordenadas para guarda do comandante, e toda a sua cavalaria e os levou para saquear, esperando, por esse meio, poder atrair facilmente os partos a um combate aberto; mas, quando havia já marchado e se afastado, mais ou menos um dia do seu campo, ele viu os partos que se espalhavam em redor dele, para atacá-lo e dar-lhe combate, quando ele pensasse em se pôr a caminho: por isso ele então fez expor o sinal da batalha e mandou então recolher as tendas e retirar as bagagens, como se não quisesse combater, mas apenas retirar seus homens: depois foi passar diante do exército dos bárbaros, que estava disposto em forma de lua crescente e encarregou à cavalaria, que o mais depressa possível, quando lhes parecesse que as legiões estavam bastante próximas do inimigo, para poder atacar por primeiro, que corressem a toda brida, e iniciassem o ataque. Os partos, então, preparados para a batalha, contemplavam os romanos, a passar; pareciam-lhes soldados armados, ao vê-los desfilar com tanta ordem, que não seria possível melhor; em marcha, eles viam suas fileiras igualmente bem distantes umas das outras, com muita ordem, agitando seus dardos sem nada dizer: mas quando começou a soar o alarme, os cavaleiros voltaram-se imediatamente, com grandes gritos correram em círculo contra os partos, que os esperaram e detiveram, no princípio, pois eles estavam bastante perto, mais ou menos um tiro de arco; mas quando os legionários vieram reunir-se a eles, e se aproximaram com grandes gritos, brandindo suas armas, os cavalos dos partos de tal modo se assustaram e eles também, que se puseram a fugir antes de se iniciar o combate corpo-a-corpo. Antônio então continuou a persegui-los, com grande esperança de ter ganho com esta vitória toda, ou pelo menos,

metade desta guerra: mas, depois que os soldados de infantaria tinham caminhado bem três{1559} léguas grandes, e a cavalaria três vezes isso, eles constataram que em tudo e por tudo não tinham aprisionado senão trinta homens e mais ou menos uns oitenta mortos; isso os levou a grande desânimo e desespero, quando se puseram a considerar que, tendo obtido a vitória haviam matado um número pequeno de seus inimigos e, ao invés, tendo sido vencidos, haviam perdido tantos soldados, como acontecera quando na derrota todos os seus carros haviam sido tomados e destruídos.

XLIX. No dia seguinte reuniram suas bagagens e se dispuseram a voltar ao campo; de regresso encontraram os partos, primeiro, em número reduzido, depois, continuando a caminhar, encontraram ainda mais outros, e por fim, quando todos estavam reunidos, vieram eles dizer-lhes palavras ofensivas, e provocá-los de todos os modos, e tão dispostos, como se não tivessem sido dispersados, de tal modo que, com grande dificuldade puderam os romanos chegar, com segurança, até seu próprio campo. Por outro lado, os medas, que estavam sitiados em sua capital, fizeram uma arremetida contra os que ocupavam a elevação que se havia colocado contra a muralha da cidade e os obrigaram a abandonar o posto, levados pelo medo; Antônio, com isso ficou tão enfurecido que usou da antiga punição militar que se chamava dizimação: dividiu-os em grupos de dez e fez matar um, dos dez, sobre o qual caía a sorte e aos outros dava pão de cevada em vez de trigo para comer.

L. E assim esta guerra era vergonhosa para ambas as partes, e a expectativa do fim, mais espantosa ainda, porque Antônio por seu lado outra coisa não podia esperar senão a fome; porque não podia mais ir saquear nem mandar procurar víveres, sem que se ferissem ou morressem muitos dos homens: e por outro lado, Fraortes bem sabia que nada havia que os partos não fizessem, menos conservar-se no campo e ficar fora de abrigo, durante o inverno, e por isso, ele temia que se os romanos se obstinassem em conservar o cerco, e persistissem em continuar a lhes fazer guerra, durante todo o inverno, seus homens o abandonassem, pois que a estação começava a passar e o ar a engrossar e esfriar depois do equinócio do outono; por isso então usou ele deste estratagema: mandou que os mais conhecidos e os mais nobres dentre os partos, todas as vezes que encontrassem os romanos fora de seu campo, quando saíam para algum saque, para dar de beber aos cavalos ou para obter provisão, que não lhes fizessem algum mal, mas que os deixassem tomar e levar o que quisessem louvando ainda a sua virtude e sua coragem, como a de homens muito valentes, e dissessem que seu rei tinha por eles grande estima e admiração e não sem motivo. Depois destas primeiras aproximações, eles começaram pouco a pouco a se chegar e a parlamentar com eles a cavalo, censurando acremente a teimosia de Antônio, que não dava a Fraortes, o qual nada mais desejava senão poupar e salvar tantos jovens valorosos e nobres, o meio de fazer uma paz honrosa, mas teimava loucamente em esperar dois dos maiores inimigos, os mais temíveis que podia haver, isto é, o inverno e a fome, dos quais seria bem difícil que ele se pudesse salvar, ainda que os partos se dispusessem a acompanhá-los e a ajudá-los.

LI. Estas palavras foram referidas a Antônio várias vezes, e despertaram-lhe um pouco a esperança de sua volta; todavia não quis mandar embaixada alguma ao rei dos partos, sem primeiramente mandar investigar sobre aqueles bárbaros que falavam com tanta gentileza aos seus homens, se o que eles diziam partia do seu senhor; e como asseveravam que sim, e o advertiam que não duvidasse deles nem suspeitasse, Antônio enviou alguns de seus amigos ao rei, para lhe pedir as insígnias e os prisioneiros dos romanos, que ele ainda tinha em seu poder, depois da derrota de Crasso, a fim de que não parecesse que, se ele nada pedisse, que estava resignado a se retirar facilmente para se salvar, e escapar do perigo em que se encontrava. O rei dos partos respondeu-lhe que, quanto às insígnias e aos prisioneiros, ele não se daria a trabalho algum, mas que se ele se quisesse retirar incontinente e sem delongas, poderia fazê-lo em harmonia e sem perigo. Por isso Antônio preparou em poucos dias a sua bagagem e levantou acampamento pondo-se em retirada: embora ele tivesse o coman do das tropas e sempre houvesse usado de sua autoridade em todos os movimentos, todavia, de vergonha e confusão, não quis dar a ordem de movimento; confiou a retirada a Domício Enobarbo, por não querer falar com os soldados: alguns tomaram este seu proceder como despeito ou desprezo para com eles, mas a maior parte compreendeu muito bem a verdadeira causa e também sentiu-se envergonhada: e por isso pensaram que deviam

continuar a dedicar-lhe todo o respeito como seu comandante, como ele também os respeitava e continuaram também a obedecer-lhe. Antônio tinha deliberado voltar pelo mesmo caminho pelo qual viera, isto é, pelas planícies rasas, sem bosques nem moitas.

LII. Veio então ter com ele um soldado, natural da região dos márcios, o qual, pelo longo contacto que tivera com os partos, conhecia muito bem sua maneira de agir, e já tivera provas da sua lealdade para com os romanos, na jornada em que os carros e a artilharia tinham sido aniquilados. Ele veio adverti-lo, de que cuidasse bem em não seguir aquele caminho e não expor o seu exército pesado e carregado de armaduras, a um número tão grande de cavaleiros e arqueiros em pleno campo, onde nada haveria que lhes impedisse de poder correr e dar voltas em redor dele e que era a causa pela qual Fraortes lhe havia dado ocasião de se retirar, depois de palavras tão amáveis e tranquilizadoras, para fazê-lo levantar acampamento e atacá-lo em campo raso; mas que, se ele quisesse, poderia guiá-lo por um outro caminho, à direita, através de uma região montanhosa e coberta de moitas, mais curto ainda, e por onde ele encontraria grande quantidade de tudo o que ele necessitaria para seus homens. Ouvindo isto Antônio reuniu seu conselho; ele não queria, depois de ter tratado com os partos, dar-lhes a entender que desconfiava deles, e passar por lugares bem habitados, onde poderia obter todas as coisas necessárias: por isso perguntou que garantias lhe poderia dar esse mardiano de tudo o que lhe prometia. O homem ofereceu-se para ser amarrado fortemente até que o exército estivesse acampado na Armênia.

LIII. Assim atado, guiou e dirigiu o exército dois dias sem algum embaraço nem impedimento. No terceiro dia, pensando Antônio que os partos já não os seguiam, deixou que seus homens marchassem em desordem, à vontade; o mardiano, vendo que tinham tranquilamente passado o curso de um rio, que lhes era necessário atravessar, e que as águas estavam fora do leito, inundando todo o caminho, por onde eles deveriam passar, suspeitou que os partos tinham feito semelhante coisa: que tinham feito o rio transbordar, para detê-los e impedir que continuassem a jornada: avisou a Antônio que cuidasse de sua pessoa, e disse-lhe que os inimigos estavam perto dele. Logo que dispôs seus homens em ordem, alinhando os atiradores de dardos e os que lutavam com fundas, para fazer recuar os inimigos, avistaram os partos, que giravam em redor do exército para envolvê-lo de todos os lados e pô-lo em desordem: mas os soldados, que estavam armados ligeiramente, correram sobre eles e assim depois de ter ferido com dardos vários romanos, e de ter sido também atingidos por eles a golpes de flechas e de chumbadas, retiraram-se um pouco, para depois desferir novo ataque, até que os cavaleiros gauleses voltaram seus cavalos e correram velozmente contra eles e os afastaram bastante, de modo que não se puderam mais reunir naquele dia. Pelo que Antônio, avisado do que tinha que fazer, reforçou não somente a retaguarda do exército, mas também os flancos, dos dois lados, com muitos homens atiradores de flechas e de fundas, e mandou marchar em quadrado, ordenando à cavalaria que, quando os inimigos viessem atacá-los, que os repelisse, mas não os perseguisse por muito tempo; desse modo, nos quatro dias seguintes, os partos, vendo que não podiam mais causar dano aos romanos, sem receber igualmente, eles, também, muitos prejuízos, não foram mais tão violentos, como tinham determinado, e desculpando-se com o inverno, que os castigava, deliberaram voltar atrás.

LIV. No quinto dia, Flávio Gallo, guerreiro valente e corajoso, que tinha um alto cargo no exército, veio ter com Antônio e lhe pediu que lhe desse alguns soldados ligeiramente armados e alguns cavaleiros, daqueles que estavam na retaguarda e destes, na vanguarda, pois com eles esperava realizar uma grande empresa: Antônio concedeu-lhe tudo e quando os inimigos vieram, como de costume, provocar e instigar os últimos das fileiras dos romanos, ele os repeliu corajosamente, não porém, como haviam feito anteriormente, retirando-se incontinente, e voltando a alcançar o exército: pois ele afastava-se para combater a pé muito temerariamente. Os oficiais que comandavam a retaguarda, vendo que ele se afastava demasiado do exército, mandaram dizer-lhe que voltasse, mas ele jamais o quis fazer: e diz-se que Tício, o Questor, tomou ele mesmo as insígnias e esforçou-se por fazer voltar atrás os que as levavam, dizendo injúrias a Gallo, porque pela sua temeridade e obstinação, ele fazia matar

e ferir, sem aparência de motivo, muitos e valentes soldados. Gallo, por sua vez, injuriou-o também e ordenou aos seus homens que parassem: por isso Tício voltou ao exército e Gallo atacando sempre os que encontrava pela frente, não cuidou de que estava sendo envolvido: vendo-se depois cercado de todos os lados, mandou dizer-lhes que o fossem socorrer, e então os que conduziam as legiões, dentre os quais estava Canídio, que gozava de muito crédito perante Antônio, cometeram graves faltas: pois, sendo necessário fazer voltar todo o exército, eles lhe mandaram auxílio apenas com algumas poucas tropas e depois, quando estas haviam sido derrotadas, mandaram-lhe ainda outras, do mesmo modo: e assim por sua inépcia eles causariam a ruína e a dispersão de todo o exército se Antônio não tivesse voltado da frente de batalha com a terceira legião, passando entre os fugitivos, até enfrentar os inimigos, deteve-os, não permitindo que passassem além, mas nesta refrega morreram mais de três mil pessoas, tendo ficado no campo, ainda, cinco mil feridos, entre os quais Gallo que tinha o corpo atravessado{1560} por feridas de flecha s em quatro lugares, e por isso veio a morrer.

LV. Antônio passava pelas tendas, visitando e encorajando os feridos, com muito sentimento, a ponto de não poder deixar de chorar, e eles mostravam-se satisfeitos, apertando-lhe a mão, e rogando-lhe que também fosse tratar da própria saúde, que não se afligisse por causa deles, chamando-o ainda com grande reverência, de seu comandante e imperador e que quanto a eles, estavam sãos e salvos, mas, que ele também se conservasse com saúde. Para se dizer mesmo tudo, segundo a verdade, não houve naquele tempo imperador ou general que houvesse reunido tão luzidio e poderoso exército, tanto pela força, pela flor da juventude, como também pela paciência e coragem em todos os reveses e dificuldades: havia, porém, ainda mais: a obediência e a reverência que eles prestavam ao seu comandante, com a benevolência e verdadeira amizade, era tão grande, e tão geral, tanto grandes como pequenos, nobres e plebeus, oficiais e soldados, tão afeiçoados e devotados, que preferiam as boas graças e a estima de Antônio, à própria vida e segurança, que nesta parte da disciplina militar os antigos romanos não saberiam fazer mais: e disto várias eram as causas, como já dissemos antes, a nobreza de Antônio, a antiguidade de sua descendência, sua eloquência, sua simplicidade natural, sua liberalidade e magnificência, sua simplicidade em tomar parte nas amizades de inferiores, e ainda o gesto que muito comovera a todos, de ter ele visitado e consolado pessoalmente aos feridos e enfermos, dando a cada qual tudo o de que necessitava, teve tanta eficácia que fez com que os que estavam doentes e feridos, se lhe ficassem ainda mais agradecidos e afeiçoados, e mais dispostos a servi-lo, do que os que estavam sãos e restabelecidos.

LVI. Esta vitória aumentou tanto a coragem dos inimigos, os quais antes haviam desacoroçoado e desistido da perseguição, que então durante toda a noite ficaram rondando o acampamento de Antônío, julgando que os romanos acabariam por abandoná-lo e pôr-se em fuga, e assim eles poderiam saquear e depredar suas posições. Ao amanhecer do dia eles eram muito mais numerosos do que antes: diz-se que havia mais de quarenta mil cavalos, porque o rei havia mandado até os que pertenciam à sua guarda, tendo quase certeza da vitória e considerando-a ganha, para que todos pudessem participar do saque e da pilhag em; ele mesmo, porém, jamais havia tomado parte em batalha alguma. Antônio, querendo admoestar seus homens, pediu uma veste preta, como se estivesse de l uto, para que ao vê-lo, todos fossem tomados de compaixão, mas seus amigos fizeram-no desistir desse propósito; vestiu-se ele com sua cota de guerreiro, como imperador e assim trajado dirigiu aos seus soldados um longo discurso, ao qual louvou entusiasticamente os feitos brilhantes dos que tinham vencido e dispersado o inimigo, censurando, também os que tinham voltado as costas e fugido covardemente, de modo que os vencedores mesmos procuraram infundir-lhe coragem: os outros, arrependidos, querendo redimir-se da falta, ofereceram-se voluntariamente para serem dizimados, se isso lhe parecesse bem, aceitando, outrossim, qualquer espécie de punição; contanto que ele esquecesse o passado e a vergonha que lhe haviam causado e voltasse às boas graças com eles. Vendo isto, Antônio levantou as mãos ao céu e agradeceu aos deuses, rogando-lhes ao mesmo tempo, que se algum mal ainda estava para acontecer, como uma espécie de compensação, pelas grandes vitórias, que eles o fizessem cair somente sobre ele e dessem a vitória a todo o exército.

LVII. No dia seguinte, organizaram melhor todas as posições do exército para batalha e puseram-se a caminho de sorte que, quando os partos pensaram em voltar para atacá-los, eles os encontraram bem diferentes do que pensavam, pois não esperavam um combate, mas vinham para dar-se ao saque, mas foram recebidos a golpes de dardos e de flechas, e outros projéteis que os romanos lhes lançaram fortemente, mostrando-se fortes e decididos para a luta, o que eles não esperavam absolutamente: por isso começaram novamente a intimidar-se; no entretanto, aproveitaram-se de uma inclinação no flanco da montanha, para atacarem violentamente os romanos, que não podiam descer senão devagar e passo a passo. Os legionários, então, q ue traziam grandes pavêses, voltaram-se e encerraram no meio deles os que estavam ligeiramente armados, puseram um joelho em terra, depois atiraram diante de si seus pavêses, os da segunda fila cobriram-nos também com os seus, os da terceira fizeram o mesmo com os da segunda, e assim por diante, todos os demais, e dessa maneira pareciam como telhas sobre o telhado de uma casa, ou como degraus, ou assentos de um teatro, formando um abrigo seguro contra os dardos e flechas que vinham para cima deles. Quando os partos viram este movimento dos legionários romanos, que tinham um joelho em terra, pensaram que eles tinham desistido da luta e deixando imediatamente seus arcos, tomaram as lanças e avançaram para o combate corpo-a-corpo. Os romanos então, de repente, levantaram-se todos, e com seus dardos mataram os que vinham logo à frente, e puseram os demais em fuga, fazendo o mesmo nos dias seguintes.

LVIII. Por causa destas escaramuças o exército de Antôni o não podia fazer longas caminhadas num dia, e por esse motivo a fome começou a atormentá-los, porque não podiam obter senão uma pequena quantidade de trigo, e era preciso todos os dias lutar para consegui-lo, além de que não tinham os instrumentos necessários para moê-lo e fazer pão, porque haviam deixado uma grande parte de sua bagagem e porque tinham morrido os animais que as traziam, ou eram usados para transportar os feridos e os enfermos; grande foi a fome que os assaltou, tanto que a oitava parte de um alqueire de trigo era vendida por cinquenta dracmas{1561} e o pão de cevada era vendido a peso de prata. Foram por fim obrigados a comer ervas e raízes, mas bem poucas eram as que se encontravam, próprias para a alimentação, e assim eram ainda obrigados a experimentar aquelas que não conheciam e não sabiam se eram destinadas para esse uso, pois nunca se haviam comido tais raízes e ervas; dentre estas uma, depois de ingerida os fazia desmaiar, e deixava com a razão ofuscada, aquele que a comia, o qual depois não se lembrava mais de nada, nem percebia o que se passava, mas punha-se somente a remover as pedras que encontrava de um lugar para outro, como se isso fosse uma coisa de importância e necessária, e que exigisse grande urgência. Só se viam no meio do campo, homens curvados para a terra, abaixados ao solo, que remexiam e removiam pedras de um lugar para outro; por fim vomitavam grande quantidade de cólera{1562}, e morriam repentinamente pois o mesmo vinho que era o remédio soberano para tais doenças, lhes faltava. Encontra-se escrito que Antônio, vendo que cada dia morria um grande número de soldados, e que os partos não se retiravam e não os deixavam em paz, exclamava em altas vozes suspirando: "Ó dez mil!" — tanta era a sua admiração pela virtude dos dez mil gregos que Xenofonte conduziu depois da derrota de Ciro, porque haviam percorrido mais caminho, vindos de Babilônia e tinham combatido contra inimigos que eram muitas vezes mais numerosos do que eles e no entretanto se haviam retirado em ordem e com segurança.

LIX. Os partos, vendo que não lhes era possível desorganizar e romper as linhas romanas, mas ao contrário, eles mesmos já tinham várias vezes sido batidos, vencidos e postos em fuga, recorreram novamente ao ardil dos enganos; quando encontravam algum romano afastado e isolado dos outros, para qualquer trabalho, como saque, ou procurando trigo, ou outros víveres, aproximavam-se dele, como se fossem amigos, mostrando-lhes seus arcos afrouxados, dizendo que voltavam para suas casas, e que não os perseguiam mais, mas que apenas alguns médios os seguiriam ainda por alguns dias, um ou dois no máximo, para vigiar, que eles não causassem prejuízos às aldeias, que estavam à margem da estrada, e depois os saudavam cortês-mente, afastando-se deles com mostras de cordialidade, de modo que os romanos ficavam bem tranquilos.

LX. Antônio, tendo ouvido isto, com a boa vontade que tinha, deliberou tomar o caminho plano e descer aos campos, mesmo porque, segundo diziam, nas montanhas eles não encontrariam água: quando estava disposto a fazer isso, chegou ao seu exército um gentil-homem de nome Mitrídates, do campo inimigo, que era primo de Monezes, o que tinha fugido para Antônio, e ao qual Antônio havia dado três cidades. Quando ele chegou, pediu que o levassem a alguém que soubesse a língua parta ou síria: levaram-no a um certo Alexandre Antíoco, amigo de Antônio; o gentil-homem então declarou quem ele era e que Monezes o enviava para tributar a Antônio a mesma honra e o mesmo bem que ele lhe havia feito. Depois desta introdução, ele perguntou a Alexandre se ele via as altas montanhas, que lhes apontava com o dedo, diante dele, bem longe. Alexandre respondeu que sim. "Os partos — disse ele — estão escondidos ao pé dessas montanhas, abaixo das quais há grandes planícies e vastos campos; os partos pensam que vó s, enganados por suas palavras falsas e hipócritas, deixa-reis o caminho das montanhas e passareis pela planície. Quanto ao outro caminho, é muito mais di fícil, por aí sofrereis grande cansaço e muita sede, ao que, porém, já estais acostumados: mas se Antônio tomar o caminho por baixo, que tenha como certo o mesmo fim que teve também Marco Crasso". Disse isto e foi-se embora. Antônio ficou muito admirado quando ouviu estas declarações, reuniu todos os seus amigos para deliberar e também o mardiano que lhes servia de guia, o qual declarou que jamais havia pensado no que lhes dissera o gentil-homem: "Pois ainda — dizia ele — não houve na planície nenhuma emboscada de inimigos, porque a região é áspera e o caminho cheio de curvas e difícil para se percorrer, ao passo que o caminho da montanha rude e cheio de moitas não tem outra dificuldade, senão que será necessário caminhar um dia inteiro sem encontrar água". Assim Antônio, deixou a sua primeira deliberação, moveu-se durante a noite, tomando o caminho da montanha, ordenando que cada qual levasse a sua provisão de água: a maior parte, porém, tinha falta de vasilhas para levá-la; pelo que alguns eram obrigados a levá-la nos capacetes, e gorros, outros em peles de cabras.

LXL Depois que eles haviam partido, foram notificar aos partos que eles se haviam afastado: estes então puseram-se em seu seguimento, naquela mesma noite, contra seu costume, de tal modo que ao despontar do dia alcançaram a retaguarda do exército dos romanos, que estavam abatidos, cansados, esgotados, quer pela marcha, quer pela falta de descanso, sem dormir, não podiam mais: naquela noite haviam caminhado quinze léguas, e causava-lhes grande desespero ver o que lhes estava acontecendo naquele momento, que contra sua esperança, o inimigo estava ao seu encalço; além de que o combate aumentava-lhes a sede, porque eram obrigados a combater andando, para afastar o inimigo, percorrendo assim, também, pouco a pouco o seu caminho. Os que estavam na vanguarda do exército, encontraram casualmente um regato que tinha água clara e fresca, mas era salgada e venenosa: pois aqueles que a haviam bebido sentiram logo os intestinos apertados, aumentando-lhes ainda mais a sede, e causando eólicas dolorosas; embora o mardiano os houvesse prevenido, todavia eles, levados pela força da sede, não obedeciam aos que os queriam impedir de bebê-la. Mas Antônio, andando de um lado para outro, rogava-lhes que não bebessem, que tivessem um pouco mais de paciência, que suportassem a sede por mais um pouco, pois havia bem perto um outro riacho, cuja água era potável, e muito boa para se beber, e que dali por diante o caminho era tão difícil para a cavalaria que os inimigos não mais os poderiam seguir: dizendo isto, fez tocar a retirada, para reunir os que combatiam, mandou armar as tendas e os pavilhões, para que pelo menos os soldados tivessem um pouco de sombra para se refrescar. Levantadas as tendas, e tendo os partos se retirado como de costume, o mesmo Mitrídates de que falamos, voltou novamente e foi ter com Alexandre, seu intérprete; aconselhou, depois, quando o exército já estava um pouco mais descansado, que os romanos se movimentassem imediatamente, procurando ganhar rápidos a margem do riacho, porque os partos não passariam além, pois haviam deliberado persegui-los asperamente até ali. Alexandre tudo referiu a Antônio, que lhe deu muitos vasos de ouro com que recompensar Mitrídates, o qual escondeu a quantos pôde, nas próprias vestes, e foi-se embora de novo.

LXII. Antônio começou a mover-se quando ainda era dia claro, pondo todo o exército em marcha, sem que os partos lhe fizessem obstáculo algum; eles mesmos, porém, causaram a si próprios a pior noite, a mais espantosa que jamais haviam tido antes; pois alguns malfeitores cortaram a garganta aos que eles sabiam que possuíam ouro e prata, e roubaram tudo o q ue se levava nos animais, e por fim apoderaram-se ainda dos jumentos que levavam as bagagens

e os haveres de Antônio, quebraram em pedaços belas placas e vasos riquíssimos, que disputavam entre si; todo o acampamento ficou convulsionado. pelo medo e pelo tumulto, porque todos pensavam que eram os partos quem os haviam assaltado, pondo o exército em polvorosa; Antônio então chamou um dos seus servos libertos, de nome Ramno, que era também um dos seus guardas, e fê-lo prometer, sob juramento, que ele lhe atravessaria a espada sobre o seu corpo, quando ele o ordenasse e depois cortar-lhe-ia a cabeça, para que não fosse apanhado vivo pelos inimigos, nem reconhecido depois de morto, pelo que todos os seus amigos e familiares começaram a chorar de compaixão: mas o mardiano o animou, e garantiu-lhe que o no ao qual eles se dirigiam, estava já bastante perto dali, o que ele deduzia por um vento suave e úmido que soprava, e pelo ar que estava mais fresco que de costume, pois respiravam mais à vontade e também porque depois que tivessem partido, podiam, com pouco mais, terminar o caminho que haviam empreendido, pois lhes restava pouco da noite; por outro lado vieram avisá-lo de que aquela confusão e tumulto não fora causada pelos inimigos, mas pela ambição e maldade de alguns soldados.

LXIII. Pelo que Antônio, querendo pôr o exército em ordem, acalmar os ânimos e dissipar ainda restos do tumulto, mandou soar as trombetas, para a partida. Começava já o dia a despontar e o exército movia-se em ordem, e tudo voltava à calma, quando os partos aproximaram-se; as flechas que atiravam haviam alcançado os da retaguarda do exército. Deu-se então o sinal de batalha, para os soldados ligeiramente armados e os legionários cobriram-se como antes, com seus pavêses, com os quais resistiam aos golpes de setas dos partos, que não ousavam atacá-los mais de perto: desta maneira, os que estavam na frente, na primeira linha, esgueirando-se aos poucos, alcançaram a margem do riacho, e aí Antônio ordenou que seus homens se dispusessem sobre a areia, para resistir aos inimigos e depois, repeli-los; fez passar, porém, o riacho os que estavam doentes e feridos, e depois também os outros. Mas aqueles mesmos que tinham ficado para combater, puderam beber à vontade e com segurança; apenas os partos viram o riacho soltaram seus arcos, e disseram aos romanos que passassem sem medo, louvando ao depois o seu valor e a sua coragem. Depois que passaram o riacho, com vagar e comodamente, retomaram um pouco de coragem, pondo-se em seguida a caminho novamente, não confiando, porém, absolutamente nos partos.

LXIV. No sexto dia, depois desta última batalha, chegaram ao rio Araxe, o qual separa a Armênia da Média, e pareceu-lhes, tanto pela profundidade, como pelo volume das águas, muito perigoso para se vadear. E além disso corria a voz pelo acampamento que os partos estavam de emboscada nos arredores, e que viriam atacá-los quando eles estivessem ocupados em atravessar o rio: mas depois que eles o haviam passado sem perigo algum e já haviam alcançado a outra margem, na província da Armênia, então saudaram e adoraram aquela terra, como se fosse a primeira que eles haviam pisado, depois de uma longa e perigosa viagem por mar, tendo chegado ao porto da salvação: caíam-lhes as lágrimas dos olhos, e dominados pela alegria abraçavam-se reciprocam ente; mas, ao depois, percorrendo os campos da região, rica e abundante de todos os bens, depois de terem suportado tão grande privação, eles se encheram tanto, comeram em tal quantidade carne e outras iguarias, em excesso, que vários adoeceram de disenteria, inchação e hidropisia. Antônio, passando revista aos seus exércitos, constatou que havia perdido vinte mil homens de infantaria, e quatro mil de cavalaria, dos quais nem todos haviam sido mortos pelo inimigo: mais da metade havia morrido de doenças, tendo gastado em viagem desde a cidade de Fraata até a Armênia mais ou menos vinte e sete dias e tendo vencido os partos em dezoito batalhas.

LXV. Estas vitórias, porém, não tinham sido nem completas, nem inteira s, pois que não os repeliam para longe; podia-se facilmente então deduzir que fora Artabaso, o rei dos armênios, quem tinha impedido a Antônio de levar a termo esta guerra. Pois se os dezesseis{1563} mil homens de cavalaria que ele trouxera consigo da Média tivessem participado daquelas batalhas, estando armados e equipados quase todos à mesma maneira dos partos e acostumados a combater contra eles, quando os romanos tivessem vencido e posto em fuga os que os queriam enfrentar, estes armênios tivessem perseguido os fugitivos, eles não teriam tido coragem de voltar e nem a ousadia de voltar ao combate, tão frequentemente, depois de terem sido dispersados uma vez: por isso todos os que tinham certo crédito no exército solicitavam a Antônio e o incitavam a vingar-se desse armênio; ele, porém, usando mais da razão do que da paixão, não lhe reprovou a traição, nem lhe mostrou animosidade, nem menos honra da que lhe prestara antes, porque sabia que seu exercício estava muito enfraquecido e necessitava de inúmeras coisas. Depois, porém, voltou de novo com grande poder à Armênia, e tanto fez com belas promessas, solicitações e mensagens, que Artabaso veio entregar-se a ele: conservou-o então prisioneiro, e o levou em triunfo na cidade de Alexandria. Isto ofendeu muitíssimo aos romanos e foi motivo para que muitos se afastassem dele, quando viram que, por amor de Cleópatra, ele sacrificava a própria honra e a principal glória de sua pátria, para favorecer e engrandecer aos egípcios.

LXVI. Isso sucedeu algum tempo depois, mas pela grande ânsia que ele tinha de se encontrar com Cleópatra, sobrecarregou tanto seus soldados, fazendo-os permanecer no acampamento, no coração do inverno, quando nevava incessantemente, que perdeu na caminhada bem uns oito mil homens, e depois, desceu com um núm ero reduzido a uma certa região que se denomina Blancburgo{1564}, que está situada entre as cidades de Berito e Sidon, onde Cleópatra o esperava. E como ela ainda demorasse para chegar, ele enlanguescia de amor, e perdia a paciência, a ponto de não saber o que fazer; punha-se então a beber e a divertir-se para matar o enfado; mas ele estava tão dominado pelo amor que não podia permanecer à mesa com seus convivas, pois levantava-se frequentemente, antes mesmo de terminar o banquete, e corria para a amurada, fixando suas vistas sobre o mar, para ver se ela vinha. Por fim, depois de longa expectativa, Cleópatra chegou trazendo grande abundância de vestidos e dinheiro para dar aos soldados; contudo, outros dizem que ela trouxera muitos vestidos, quanto ao dinheiro, porém, dizem que ele tomou do seu e o fez distribuir aos soldados em nome dela, como se fosse ela mesma quem lhos dava.

LXVII. Nesse ínterim, aconteceu que o rei dos medos e Fraortes, rei dos partos, desavieram-se gravemente, um contra o outro: começou a querela, por causa dos despojos dos romanos e tomou tal proporção que causou ao rei dos medos grande apreensão e temor do perigo de perder o seu reino: ele mandou então pedir a Antônio que fizesse a guerra aos partos prometendo-lhe que o ajudaria o mais possível. Isso veio dar a Antônio grande esperança, pois sabia que a única coisa que ainda lhe havia faltado, a fim de que pudesse ter derrotado os partos, era uma cavalaria suficiente e muitos guerreiros de dardos, lhe era inesperadamente oferecida e de tal modo, que lhe causava mais prazer em aceitar do que lho poderiam causar, oferecendo-lha: por esse motivo começou a se preparar para fazer novamente a viagem à Armênia e recomeçar mais forte do que nunca, a guerra contra os partos, depois de ter parlamentado com o rei dos medos, à margem do rio Araxe.

LXVIII. Nesse meio tempo, Otávia, sua mulher, que ele havia deixado em Roma, quis pôr-se ao mar para ir ter com ele: o que César, seu irmão, lhe permitiu, não tanto para agradá-la e fazer-lhe a vontade, como a maior parte dos autores o afirma, como porque a injustiça que lhe faria Antônio e o pouco caso que mostrava fosse motivo para lhe fazer a guerra. Mas quando ela chegou a Atenas, recebeu cartas dele, pelas quais lhe mandava que o esperasse lá, e lhe comunicava o empreendimento da viagem; sabendo disso, embora muito se constasse, por ter sabido da denota, no entretanto, pelas cartas que lhe tornou a escrever depois, dizia onde queria que deixasse as coisas que lhe havia trazido, isto é, muitas vestes para soldados, muitos cavalos, dinheiro e presentes para seus amigos e para os oficiais, e além disso, dois mil

soldados, ainda, todos soldados de elite, bem armados e equipados, nada mais, nada menos como os guerreiros das coortes pretorianas.

LXIX. Quando Niger, um dos amigos íntimos de Antônio, que ele para lá havia mandado, lhe trouxe estas notícias da parte de Otávia, e juntamente a louvou, como bem ela merecia, Cleópatra, sabendo quanto ela fazia para lhe arrebatar Antônio e temendo que com sua virtude e honestidade, juntamente com a potência de César, seu irmão, ela se servia também dos atrativos e carícias do amor para atrair seu marido, não se sentiu muito senhora de si, e pensou que acabaria por ser preterida: começou então a fingir que enlanguescia de amor, para com Antônio, emagrecendo seu corpo por falta de suficiente alimento, fazendo gestos exagerados para prender a Antônio, revirando os olhos, em êxtase, na sua presença, derramando lágrimas à sua partida., mostrando-se inconsolável com sua ausência, e fazendo de modo que Antônio sempre a encontrasse chorando, enxugando os olhos molhados e voltando o rosto, para que Antônio não a visse chorar. Todas estas coisas aconteciam quando ele ia partir para a Sicília a fim de se encontrar e parlamentar com o rei dos medas: os bajuladores que secundavam a vontade de Cleópatra, censuravam a Antônio, como homem sem coração, desumano, e de pouco afeto, que assim atormentava e afligia aquela pobre mulher, a qual não vivia senão para ele. Pois Otávia, diziam, tinha-se casado com ele, à força, porque os negócios assim o exigiam, por causa de seu irmão, tinha a honra de ser chamada de esposa legítima e mulher de Antônio: e Cleópatra, tendo nascido rainha de milhares de homens, era somente chamada de amiga de Antônio e no entretanto não recusava nem desdenhava tal nome, contanto que pudesse sempre gozar da sua presença e viver com ele: mas se fosse algum dia, afastada dele, ser-lhe-ia então impossível continuar a viver.

LXX. Em suma, com suas bajulações encomendadas, conseguiram comover e convencer Antônio a permanecer; de medo que ela morresse, ele transferiu a sua expedição, voltou a Alexandria, despediu o rei dos medas, adiando a guerra para o ano seguinte, embora soubesse que os partos estavam em lutas consigo mesmos: todavia depois foi fazer aliança com ele: pois ele casara sua filha, que era ainda muito jovem, com um dos filhos que Cleópatra tivera dele: depois voltou, tendo já na mente e no propósito a guerra civil, porque quando Otávia voltara de Atenas para Roma, César lhe ordenara que deixasse a casa de Antônio, e que se conservasse sozinha em sua casa, porque ele lhe havia feito uma injúria: ela, porém, respondeu que jamais abandonaria a casa de seu marido, e que se ele não tinha outra ocasião de lhe fazer guerra, ela rogava-lhe que não se inquietasse por causa dela, pois seria coisa muito cen surada, que dois imperadores tão grandes e tão poderosos, tivessem lançado os romanos numa guerra civil, um por amor de uma mulher, o outro pelo ciúme de uma outra. Ora, se ela lhe dizia estas palavras, muito mais ainda e melhor o fazia com fatos: pois ficou na casa de Antônio, como se lá ele estivesse presente, e cuidava honesta e honradamente de seus filhos, não somente dos que eram mesmo dela, mas também dos que ele tivera de Fúlvia. E quando Antônio mandava algum de seus familiares a Roma, para conseguir algum ofício ou cargo público da magistratura, ou para outro qualquer assunto, ela o recebia e tanto fazia que obtinha de seu irmão o que lhe pedia: mas fazendo isso, sem pensá-lo, causava grande mal a Antônio: pois isso acarretava-lhe o ódio de todos, quando viam que ele tratava tão mal uma mulher tão bondosa e tão honesta, mas foi ainda mais odiado por uma repartição que ele fez entre seus filhos, na cidade de Alexandria: também, para se dizer a verdade, era ele igualmente muito soberbo e muito insolente, pois quase o fizera por despeito e por desprezo para com os romanos.

LXXI. Pois mandou ele reunir todo o povo no parque, onde as crianças e os moços se exercitam em ginástica e jogos de educação física, e sobre uma tribuna coberta de prata, mandou colocar duas cadeiras de ouro, uma para ele, o utra para Cleópatra, e outras mais abaixo para seus filhos: depois declarou publicamente diante de todos os presentes, que, por primeiro, ele criava Cleópatra, rainha do Egito, de Chipre, da Lídia e da baixa Síria, e igualmente Cesário, rei dos mesmos reinos: este Cesáno era considerado filho de Júlio César, que tinha deixado Cleópatra grávida. Em segundo lugar, aos seus filhos e dela, chamou de reis

dos reis e deu como partilha a Alexandre, a Armênia, a Média e os partos, quando ele os tivesse subjugado e conquistado, e a Ptolomeu, a Fenícia, a Síria e a Cilícia: depois fez aparecerem em público a Alexandre, trajando uma longa veste à maneira dos medos, com um chapéu alto e pontudo na cabeça, cuja extremidade era reta, como o usam os reis medas e armênios, e a Ptolomeu, coberto com um manto à Macedônia, com pantufas nos pés, e um chapéu largo cingido de uma faixa real, pois era assim que costumavam trajar os reis sucessores de Alexandre, o Grande. Assim, depois que seus filhos lhes prestaram homenagem, curvando-se diante deles e beijando o pai e a mãe, imediatamente uma tropa de guardas armênios, organizada expressamente, cercou um, e uma tropa de macedônios, o outro. Cleópatra, porém, não somente então, mas sempre que saía em público, diante do povo, vestia-se de trajes sagrados, como a deusa Ísis, e dava audiência aos seus súditos, como uma nova Ísis.

LXXII. César, referindo estas coisas ao senado e acusando-o muitas vezes diante de todo o povo romano, tanto fez que irritou a todos, atirando-os contra ele. Antônio, por outro lado, mandou a Roma mensageiros, para contra-acusá-lo também; os principais pontos das acusações eram: tendo ele despojado Sexto Pompeu da Sicília, não lhe havia dado a sua parte na ilha: em segundo lugar, que não lhe entregava os navios e os barcos que lhe tinha pedido emprestado para essa guerra: em terceiro lugar, que ele, tendo alijado a Lépido, seu companheiro no triunvirato, da sua parte no império, e tendo-o privado de todas as honras, ele conservava para si, a pessoa{1565}, as terras e os rendimentos das mesmas, que lhe tinham sido destinadas como sua parte, e finalmente, que ele tinha quase distribuído aos seus homens toda a Itália e nada tinha deixado aos dele. César respondeu-lhe que, quanto a Lépido, realmente, o havia deposto e privado da sua parte no império, porque ele abusava ultrajosa mente: quanto ao que ele havia conquistado pelas armas, dana de boamente parte a Antônio, contanto que ele também lhe fizesse o mesmo da Armênia. Quanto aos seus soldados, eles nada deveriam pretender na Itália, pois possuíam a Média e a terra dos partos, que haviam anexado ao império romano, combatendo valentemente com seu imperador.

LXXIII. Antônio recebeu estas notícias quando ainda estava na América: ordenou então a Canídio que rumasse incontinente para a costa do mar, com as dezesseis legiões que ele tinha, e ele com Cleópatra, partiu para a cidade de Êfeso, onde se reuniram suas galeras e navios, de todos os lados, que eram mais ou menos oitocentos, contando-se também os grandes navios de carga, dos quais Cleópatra fornecia uns duzentos e vinte mil talentos{1566} e víveres para alimentar todo o exército durante essa guerra. Depois, Antônio determinou que Cleópatra voltasse ao Egito, a conselho de Domício, esperando o início das operações: ela, porém, temendo que Antônio voltasse às boas graças com César por intermédio de Otávia, tanto fez, a peso de ouro, com Canídio que falou por ela, e disse a Antônio que não era razoável afastar e eliminar desta guerra, aquela que sustentava e custeava uma grande parte da mesma, nem proveitoso, porque isso desencorajava os egípcios, que eram a principal força do exército, por mar, além de que não havia rei dentre todos os aliados seus, aos quais Cleópatra fosse inferior em prudência, nem em bom senso, pois que antes já ela tinha por muito tempo sabiamente governado um tão grande reino como o Egito, e além disso, tinha convivido com ele por tanto tempo, e tinha por isso aprendido como se devia tratar os seus negócios mais importantes. Estas belas demonstrações e razoes venceram-no; ele era predestinado e era de mister que o governo de todo o mundo estivesse todo e unicamente sob o poder de César.

LXXIV. E assim, tendo reunido todas as forças, rumaram para a ilha de Samos, onde se entregaram a todos os prazeres e divertimentos; do mesmo modo que ele antes havia ordenado a todos os reis, príncipes, potentados, comunidades, povos e cidades, desde a Síria até os mares meótidas, e desde os armênios até os ilírios, que são os eslavos, que levassem ou mandassem munições e todo o necessário para a guerra, assim também convidou a todos os farsantes, artistas, palhaços e músicos que se dirigissem à ilha de Samos: e assim quando em quase toda a terra habitada havia choro e lágrimas, suspiros e pranto, naquela ilha somente e

durante vários dias, não se ouviam senão cantos, risos, músicas de instrumentos, e os teatros estavam cheios de espectadores, bem como de comediantes, artistas e músicos de toda a espécie: além disso, cada cidade devia mandar um boi para o sacrifício e os reis porfiavam uns com os outros para ver quem daria o mais suntuoso festim, e lhe enviavam os mais ricos presentes, a ponto de cada qual dizer: "Que poderão eles fazer, se ganharem a batalha em regozijo pela vitória, pois que fazem tão suntuosas festas quando se preparam para a guerra?" Depois que tudo isso se passou, ele deu como residência, durante a guerra aos músicos e aos demais a cidade de Pnene, e em seguida partiu para Atenas e lá se deu novamente à vida de divertimentos, pelos teatros e pelos salões de banquetes: por outro lado, Cleópatra, ciumenta das honras que Otávia havia recebido nessa cidade, onde tinha deveras sido muito amada e honrada pelos atenienses, para se insinuar na benevolência do povo ateniense, fez-lhe grandes benefícios: eles, por sua vez, concederam-lhe grandes honras, determinando vários embaixadores, para lhe levar o decreto ao seu aposento, dos quais um foi Antônio como cidadão de Atenas, o qual lhe dirigiu então a palavra, e fez o discurso em nome da cidade: depois mandou, em Roma, expulsar Otávia de sua casa, a qual, como se diz, saiu com todos os filhos de Antônio, menos o mais velho dos de Fúlvia, que estava com o pai, chorando e lastimando a sua infelicidade, que o tinha levado a tal proceder, que ela fosse considerada como uma das causas dessa guerra civil. Os romanos tinham piedade dela, mas, ainda mais, de Antônio, mesmo aqueles que haviam visto Cleópatra, a qual não superava a Otávia nem em beleza, nem em mocidade.

LXXV. César, avisado da grandeza e da urgente preparação de Antônio, ficou bastante perturbado, temendo ser obrigado a combater nesse primeiro verão, porque várias coisas ainda necessárias lhe faltavam e as violentas extorsões e cobranças de dinheiro que exigiam, sobrecarregavam excessivamente o povo: pois todas as outras espécies de pessoas eram obrigadas a contribuir com a quarta parte de seus frutos e de suas rendas e os que se chamam de libertos, isto é, aqueles dos quais os pais haviam sido outrora servos, a oitava parte de seus bens, paga uma vez: levantou-se assim um grande clamor e toda a Itália estava convulsionada e em grande efervescência, de modo que se contam entre as maiores faltas que jamais Antônio cometeu, o adiamento e a dilação da batalha. Porque ele deu a César a oportunidade de fazer seus preparativos e de acalmar as queixas e lamentações dos povos; pois quando se lhes pedia tanto dinheiro, eles se irritavam e se rebelavam, mas depois de ter pago, não se lembravam mais disso.

LXXVI. Ademais Tício e Planco, principais amigos de Antônio, homens consulares, pela grande injustiça e pelo mal que Cleópatra lhes fazia, porque tinham obstado com todo o seu poder que ela viesse a essa guerra, foram entregar-se a César, se lhe disseram onde estava o testamento que Antônio tinha feito, sabendo muito bem o que ele continha. Estava ele nas mãos das virgens sagradas, as Vestais, às quais César o pediu. Elas responderam que não lho entregariam: mas que se ele quisesse que o fosse buscar, pois não o impediriam, também. Por isso César foi, e tendo-o lido em particular, anotou algumas passagens reprováveis, mandou depois reunir todo o senado, e leu-o publicamente, com o que vários não ficaram contentes: pois lhes parecia estranho que um homem, ainda vivo, sofresse a pena daquilo que ele determinava fosse feito depois de sua morte. César atacava primeiramente o que ele determinava que se fizesse com relação à sua sepultura: ele queria que seu corpo, embora ele morresse em Roma, passasse em cortejo fúnebre pelo meio da praça, e fosse enviado a Alexandria, a Cleópatra. Ademais, Calvísio, um dos amigos de César, dentre outros encargos e incumbências que Antônio lhe havia dado por amor a Cleópatra, censurava ter-lhe ele dado como mero presente as livrarias da cidade real de Pérgamo, nas quais havia duzentos mil volumes simples: e que em um banquete onde havia várias pessoas à mesa, ele lhe pisou no pé, e levantou-se r epentinamente da mesa para uma citação e conjuração que tinham combinado: que ele tinha permitido, estando ele presente, que os efésios chamassem a Cleópatra de sua senhora: que muitas vezes estando em seu tribunal, em conferência com reis e príncipes, ele tinha recebido dela, cartas de amor, escritas em tabuazinhas de cornalina ou cristal, e as tinha lido sentado em seu trono imperial: que um dia, quando Fúrmo, homem de grande autoridade e o mais eloquente de todos os romanos, defendia uma causa perante ele, por acaso Cleópatra passou em sua liteira, pelo lugar onde se fazia a ação judicial; Antônio levantou-se imediatamente, e deixou a audiência para seguir a liteira. Todavia julgou-se que

Calvísio tinha inventado a maior parte de tudo isso: contudo aqueles que queriam bem a Antônio rogavam o povo por ele, mandaram um tal, chamado Gemínio, a Antônio rogá-lo que não tolerasse, que por seu descaso lhe arrebatassem o império e o tivessem por inimigo do povo romano. Gemínio mesmo, tendo chegado à Grécia, por mar, despertou imediatamente as desconfianças de Cleópatra, porque ela pensou que ele tinha vindo só para falar em favor de Otávia: e por isso deu-lhe por várias vezes demonstrações de pouco caso: durante todo o jantar não deixou de o motejar e de lhe dirigir indiretas: para mostrar-lhe mais despeito ainda ela o fez sentar-se à mesa nos lugares menos honrosos: tudo ele suportou pacientemente, esperando a ocasião de falar com Antônio. Mas, tendo Antônio durante o jantar pedido a ele que dissesse a razão da sua vinda, ele respondeu que não era um assunto a ser discutido à mesa, e que o diria no dia seguinte de manha: mas, nessa circunstância, quer estivesse ele em seu juízo, ou estivesse embriagado, estava certo de uma coisa, que tudo jamais iria bem, se não se fizesse Cleópatra voltar para o Egito. Antônio tomou a mal estas palavras e Cleópatra respondeu-lhe: "Procedeste sabiamente, Gemínio, confessando a verdade, antes que fosses obrigado a fazê-lo à força de torturas". Pouco depois Gemínio fugiu para Roma. E os aduladores para agradar a Cleópatra fizeram expulsar vários outros dos melhores servidores e amigos de Antônio, os quais já não podiam tolerar as injúrias e as contundias que se lhe dirigiam, dentre os quais estavam também Marco Silano e Délio, o Historiador, o qual escreveu que ele fugira porque fora avisado pelo médico Glauco que Cleópatra o vigiava para mandar matá-lo. Ele tinha incorrido na sua inimizade porque um dia, jantando, dissera que lhe serviam vinho azedo, e que Sarmento, em Roma, bebia o vinho de Falerno. Este Sarmento era um jovem muito insinuante, daqueles que os senhores de Roma costumavam ter consigo para fazê-los passar o tempo, e aos quais chamavam de suas delícias, e era de César.

LXXVII. Depois que César terminou seus preparativos, decretou publicamente a guerra contra Cleópatra e destituiu a Antônio do poder do império, pois ele já o tinha antecedentemente cedido a uma mulher. E dizia ainda César que Antônio não era senhor de si, porque Cleópatra, por meio de seus encantos e de seus venenos amorosos, o havia privado de seu bom senso e que lhes fariam guerra, um Mardion que era eunuco, um Fotino, uma Iras, sua criada de quarto de Cleópatra, que lhe penteava o cabelo, e um Charmion, que dirigiam os principais assuntos e negócios do império de Antônio. Antes desta guerra, como se diz, aconteceram estes sinais e prodígios: primeiro, a cidade de Pisauro, que tinha sido repovoada por Antônio, à margem do mar Adriático, por um violento tremor de terra foi tragada pela terra e desapareceu no abismo. Uma das estátuas de pedra que tinham sido erguidas em honra de Antônio na cidade de Alba, suou por vários dias: e embora alguém a enxugasse, ela não deixava de suar. Na cidade de Patras, durante o tempo em que Antônio lá estava, o templo de Hércules foi destruído pelo raio que sobre ele caiu, e em Atenas num lugar, onde havia a guerra dos gigantes contra os deuses representada em estátuas, a de Baco, foi arrancada e lançada no teatro por um turbilhão de vento. Antônio dizia-se proveniente da raça de Hércules, como já dissemos também anteriormente, e na sua maneira de viver imitava a Baco, por essa razão era chamado de novo Baco. A mesma tempestade abateu os colossos, isto é, imagens excessivamente grandes, muito além do natural, feitas em honra de Eumenes e de Átalo, os quais eram chamados de Antonínanos. E não causou mal aos outros, embora houvesse havido vários. Na galera capitania de Cleópatra, chamada Antoniada, aconteceu uma coisa de presságio sinistro: as andorinhas tinham feito seu ninho debaixo da popa: vieram outras pouco depois, que afugentaram estas primeiras e destruíram seus ninhos.

LXXVIII. Quando tudo estava pronto e preparado e que se aproximaram, para combater constatou-se que Antônio não tinha menos de quinhentos navios de guerra, entre os quais havia várias galeras de oito e dez ordens de remos, que tinham sido preparadas e equipadas soberbamente, não tanto para o combate como para o triunfo, cem mil homens de infantaria, com doze mil cavaleiros, e tinha ainda com ele, para seu socorro os reis, seus súditos e vassalos, que seguem: Boco, rei dos líbios, Tarcondemo, da alta Cilícia, Arquelau, da Capadócia, Filadelfo, rei da Paflagônia, Mitrídates, rei de Comagena, Adallas, da Trácia, que estavam em pessoa, com ele. Os que estavam ausentes mandaram seus exércitos, como Polémon, rei do Ponto, Manco, da Arábia, Herodes, rei dos judeus, e além desses, Amintas, dos licaônios e{1567} dos gaiatas: tinha ainda o auxílio que lhe mandava o rei dos medas. Quanto a César tinha duzentos e cinquenta navios de guerra para o combate, oitenta mil

homens de infantaria e cavalaria mais ou menos tantos quantos o seu inimigo: e Antônio tinha sob sua obediência, de um lado toda a terra que está além da Armênia e o rio Eufrates até o mar Jônico e a Eslavônia e César por seu lado tudo o que resta em nosso hemisfério desde a Eslavônia até o Oceano no poente, e depois tudo o que está além do Oceano até o mar da Sicília e da África, tudo o que está do lado oposto da Itália, das Gálias e da Espanha: o que estava além da província da Cirenaica até a Etiópia, estava sob Antônio, o qual estava tão dominado pela vontade de uma mulher que embora ele fosse muito mais forte por terra, quis no entretanto que a empresa se realizasse por um combate no mar, por amor a Cleópatra, embora ele visse com seus olhos que, por falta de forçados, suas capitanias tiravam e levavam da pobre Grécia, à força, todos os jovens que se podiam encontrar pelos campos, viajantes, almocreves, ceifadores, rapazes de serviço e ainda que não podiam fornecer o suficiente para encher as galeras, de modo que ainda uma grande parte estava vazia e -não podia vogar, porque não tinha número suficiente de braços para movê-la. Mas, ao contrário, as de César não estavam equipadas com tanta pompa e grandeza, para uma ostentação de magnificência, mas estavam bastante leves, ligeiras e fáceis de se manejar, armadas e guarnecidas de forçados, como era de mister, as quais ele conservava prontas nos portos de Tarento e de Brindisi.

LXXIX. Mandou então dizer a Antônio que não recuasse mais perdendo tempo e que viesse com seu exército para a Itália que ele lhe dana portos e ancoradouros para poder em segurança e sem obstáculos descer em terra, e que retrocederia com seu exército para trás do mar, na Itália, quanto se pode estender a corrida de um cavalo, até que tivesse colocado seu exército em terra, e tivesse ele mesmo se preparado. Antônio ao contrário, mostrando-se corajoso, mandou dizer-lhe que o desafiava a combater a sós em campo fechado embora ele fosse mais velho, e que se ele evitava este combate que ele o combateria em pugna organizada nos campos de Farsália, como haviam feito antes Júlio César e Pompeu.

LXXX. Enquanto Antônio estava ancorado, sem nada fazer ao abrigo do chefe de Áctio{1568} no lugar onde hoje está a cidade de Nicópolis, César atravessou o mar Jônico e ocupou o lugar que se denomina Torine sem que Antônio tivesse notícias da sua partida: e por isso seus homens muito se espantaram, porque seu exército de terra ficou para trás. Mas Cieópatra zombando, disse: "Bem, que perigo há se César está acampado em Torine{1569} ?" No dia seguinte, pela manhã, os inimigos puseram-se em movimento, navegando para dar-lhes combate: Antônio teve receio de que viessem a chocar-se e lhe tomassem e levassem os navios que estavam desprovidos de homens: organizou então os forçados, deu-lhes armas e os alinhou na amurada dos navios, depois fez levantar todos os remos no ar, tanto de um lado como do outro, com a proa voltada para os inimigos, à entrada da caverna{1570} que começa na ponta de Áctio e os teve assim em ordem de batalha, como se eles estivessem armados e equipados, tanto de forçados como de soldados aptos para o combate. César enganado por este ardil retirou-se: e com isso Antônio cortou-lhe a água, sutil e engenhosamente: pois sabendo que os lugares circunvizinhos onde ele havia descido à terra tinham pouca água e muito ruim, ele os encerrou entre trincheiras e fortes, que construiu nos arredores, para impedi-lo de sair à. vontade e ir buscá-la mais longe: fez a Domício, mesmo contra a vontade de Cleópatra, um ato de gentileza, pois como ele tivesse ido em uma pequena barca para o campo de César, preso de grande agitação, Antônio ficou imensamente pesaroso: mas no entretanto, mandou após dele, toda sua bagagem, seus pertences e seus homens: por ter sido descoberta sua traição, morreu imediatamente. Também alguns reis o deixaram e passaram para o lado de César, como Amintas e Dejotaro.

LXXXI. O que e mais, porem, seus navios, sempre infelizes, não estavam prontos para o serviço, obrigaram-no novamente a mudar a sua deliberação e a tentar a batalha por terra; Canídio que tinha o comando do exército de terra, quando chegou o momento de pôr mãos à obra, começou também a mudar de opinião, aconselhando a Antônio que mandasse embora Cleópatra, que ele se dirigisse à Macedônia para combater por terra, pois que Dicome, rei dos getas, prometia-lhe vir em seu auxílio, com grande poder, e que não lhe seria absolutamente

vergonha alguma ceder o mar a César, pois ele, se tinha exercitado e seus soldados também em combates marítimos, durante a guerra da Sicília contra Sexto Pompeu: mas, que, ao invés, seria coisa fora de todo bom senso, se ele, que tinha tanta experiência em combates por terra, não se servisse da força e da coragem, bem como da perícia de seus soldados, da valentia de todos seus homens de infantaria que estavam todos prontos, mas fosse enfraquecendo seu exército dividindo-o e distribuindo-o pelos navios.

LXXXII. Não obstante todas estas razoes e motivos, Cleópatra obrigou-o a entregar tudo ao sabor de uma batalha naval, imaginando, porém, desde então, como poderia fugir, e dispondo seus negócios, não para ajudar a conquistar a vitória, mas para mais rapidamente escapar quando tudo estivesse perdido. Havia desde o campo de Antônio até o lugar onde estavam ancorados seus navios, um caminho longo que muito antes tinha sido preparado, como lançado por sobre o mar, pelo qual ele ia e vinha frequentemente sem suspeitar de coisa alguma. Um dos homens de César percebeu-o e foi avisar seu senhor, dizendo que seria muito fácil surpreender e prender a Antônio, quando ele percorresse aquele trecho do caminho; César então para lá enviou alguns homens que se puseram de emboscada para vigiá-lo, e pouco faltou que não o agarrassem, tendo apanhado o que ia diante dele, porque se levantaram do esconderijo um pouco antes do tempo e ele pode com dificuldade, porém, escapar rapidamente. Depois que estava determinado que se combateria por mar, ele mandou queimar todas as outras naus, exceto umas sessenta egípcias, conservando apenas as melhores, as maiores galeras de três ordens de remos, até dez, sobre as quais colocou vinte e dois mil combatentes, com dois mil archeiros: mas enquanto ele preparava seus soldados para a batalha, um chefe de um grupo de homens, corajoso e valente, que se tinha encontrado várias vezes sob seu comando em várias empresas, tanto que tinha o corpo cheio de cicatrizes, quando Antônio passava perto dele, gritou em voz alta: "Sir Imperador! Como põe sua esperança nestes frágeis e míseros barcos? Desconfia talvez destas minhas cicatrizes e desta espada? Deixe os egípcios e os fenícios que combatam por mar, e vamos nós para terra firme, onde estamos acostumados a vencer, ou a morrer de pé!" Antônio continuou o caminho, sem nada responder, somente acenou-lhe com a mão e com a cabeça, como querendo dizer-lhe que ele tinha coragem e valor, todavia, ele mesmo não tinha grandes esperanças: como os pilotos e comandantes das galeras quisessem soltar as velas, ele ordenou que atacassem, dizendo com seu gesto, que não devia escapar nem sequer um dos inimigos.

LXXXIII. Durante todo esse dia e os três seguintes, o mar esteve tão forte e tão borrascoso, batido de ventos impetuosos, que a batalha foi adiada. No quinto dia o vento acalmou-se, e o mar tornou-se sereno, e então navegaram à força de remos, um contra o outro, na expectativa da batalha, Antônio levando a ponta direita com Publícola e Célio a esquerda, Marco Otávio e Marco Insteio, o centro. Do outro lado César tinha posto na extrema-esquerda de seu exército a Agripa e tinha conservado a direita para ele. Quanto aos exércitos de terra, Canídio tinha o supremo comando do de Antônio, e Tauro, o de César, os quais se puseram em posição de combate, um diante do outro, à margem do mar, sem se chocarem. Quanto aos dois soberanos chefes, Antônio estava numa das fragatas, navegando como se estivesse com todo seu exército, encorajando seus homens a combater como se estivessem em terra firme, por causa do peso e da firmeza de seus navios, ordenando aos pilotos e comandantes das galeras, que sem se mover, como se estivessem ancorados, sustentassem o primeiro choque dos inimigos e não abandonassem a entrada da caverna. César, no dia seguinte cedo, quando saía de sua tenda para vir visitar seus navios, encontrou um homem que tocava um jumento diante de si; perguntou-lhe quem ele era e qual o seu nome. Eu me chamo, disse o bom homem, Eutico, que quer dizer, muito feliz: e meu jumento chama-se Nicon, isto é, vencedor: por isso César depois de ter ganho a batalha, adornando o lugar com esporões dos navios e das galeras aprisionadas, como uma marca da vitória ali fez também erguer a estátua de um homem e de um burro, de bronze. Quando depois visitou bem todo o seu exército, inspecionando-o fez-se transportar numa barca para a ponta direita e muito se maravilhou por ver que seus inimigos conservavam-se imóveis dentro do estreito: pois ao vê-los de longe ter-se-ia dito que os navios estavam ancorados e por muito tempo ele pensou assim: conservou então suas galeras longe do inimigo mais ou menos uma meia légua.

LXXXIV. Chegando o meio-dia, começou a soprar uma leve brisa e então os soldados de Antônio, impacientes de tão longa demora, e confiando na força e no poder de seus navios, como se fossem totalmente inexpugnáveis, começaram a avançar pela ponta-esquerda: vendo isso, César ficou muito contente, e começou a retroceder um pouco e recuar a ponta direita, querendo atraí-los mais para fora do estreito, e da embocadura do porto, a fim de que pudesse com seus navios que eram leves e bem guarnecidos de forçados, rodear e cercar as galeras dos inimigos, que eram pesadas e vazias, tanto pelo grande volume como também porque tinham falta de remadores. Quando começou a refrega e eles já combatiam corpo-a-corpo, não houve violência na luta, nem os navios se chocaram, fortemente, uns contra os outros, como se faz ordinariamente, nos combates navais, porque, de um lado os navios de Antônio pelo seu peso não podiam ter a velocidade nem a rapidez, que torna os golpes de ponta violentos e eficazes, e por outro lado, os navios de César evitavam, não somente chocar-se e enfrentar os de Antônio, que tinham a proa revestida de pontas de cobre: não ousavam ainda nem mesmo atacá-los pelos flancos, porque suas pontas se quebravam facilmente de qualquer lado que eles sustivessem a violência dessas naus, que eram feitas de grandes pedaços de madeira quadrada, ligadas juntamente por tiras de ferro de modo que a batalha era quase como um combate terrestre, ou melhor, o assalto de uma cidade, pois umas três ou quatro das de César sempre rodeavam as de Antônio, e os soldados combatiam a golpes de lanças, de alabardas e lançavam potes e lanças incandescentes: e os de Antônio com balestras e máquinas de atirar, lançavam também flechas do alto das torres de madeira de seus navios.

LXXXV. Ora, Publicola vendo Agripa estender e alargar a ponta-esquerda do exército de César para cercar Antônio, que combatia, foi também obrigado a passar para o largo, e assim pondo-se um pouco para o lado, afastou os que estavam no meio da batalha, os quais se assustaram: pois estavam já bastante oprimidos por Arúncio: todavia o combate ainda estava equilibrado, e a vitória pendia duvidosa, sem se inclinar mais para um lado do que para outro, quando repentinamente as sessenta naves de Cleópatra levantaram os mastros e desfraldaram as velas para a fuga: passaram através das que combatiam, pois tinham sido colocados atrás dos grandes na vios, e puseram as outras em grandes dificuldades, porque os mesmos inimigos se maravilharam muito de vê-las singrar de velas estendidas para o Peloponeso: foi quando Antônio mostrou mesmo que tinha perdido o bom senso e a coragem não somente de imperador mas também de um homem virtuoso, e que tinha a mente ofuscada, e que isso era verdade,. nós o sabemos, pois um ancião disse gracejando: "Que a alma de um amante vive no corpo de outrem, não no próprio", tanto ele se deixou dominar por essa mulher, como se estivesse colado a ela, e que ela não se soubesse mover sem movê-lo também com ela. Pois logo que ele viu partir o seu navio, esqueceu, abandonou e traiu os que combatiam e se deixavam matar por ele, e lançou-se{1571} em uma galera de cinco ordens de remos para seguir àquela que já começava a ser a causa de sua ruína, e que deveria ainda acabar por destruí-lo.

LXXXVI. Quando ela percebeu de longe aquela galera, mandou tirar da popa do seu navio um escudo e assim Antônio aproximou-se e depois passou ao navio e foi onde estava Cleópatra, mas não a viu nem ela a ele; foi Antônio sentar-se sozinho, em silêncio, na proa do navio, com a cabeça entre as mãos: e no entretanto alguns navios de César, que o perseguiam, aproximaram-se: Antônio imediatamente fez voltar a proa da nau, e obrigou os outros a se afastar, menos o de um certo Euricles Lacedemônio, que sempre o perseguia, com muita insistência, brandindo um dardo que tinha na mão, do alto da proa, como se o quisesse lançar contra Antônio: ele veio postar-se no castelo da frente e perguntou: "Quem é este que persegue Antônio?" — "Eu sou, respondeu ele, Euricles, filho de Laçares, que por meio da boa sorte de César procuro vingar a morte de meu pai". Pois Laçares tinha sido acusado de furto, e Antônio o tinha feito decapitar: contudo Euricles evitou atacar o navio onde estava Antônio, mas deu à outra capitania, pois havia duas, tão grande golpe de ponta, que era de cobre, grande e reforçada, que o fez revirar, e apoderou-se de toda a carga, a qual consistia em grande quantidade de móveis muito ricos e preciosos. Depois que ele se retirou, Antônio voltou ao mesmo lugar, e colocou-se na mesma atitude, como antes, em profundo silêncio, e assim passou três dias sem falar com ninguém até que chegaram a Tenaro, onde as damas de Cleópatra os fizeram falar um com o outro, e depois, cearam e foram dormir juntos.

LXXXVll. Já começavam a se reunir a eles grande número de navios mercantes, e alguns familiares que tinham escapado à derrota, os quais traziam notícias de que o exército de mar estava perdido, mas que pensavam que as forças de terra ainda existiam: então Antônio mandou a Canídio que voltasse com seu exército pela Macedônia, à Ásia. Ele, porém, pensava em dirigir-se à África -tomou então uma de suas caravelas, cheias de ouro e prata e de várias outras coisas preciosas e a deu aos seus amigos, mandando-lhes que repartissem entre si, e que procurassem salvar-se. Eles, porém, responderam chorando, que não o fariam e que jamais o abandonariam. Então Antônio os animou, com palavras comovidas e muito afetuosas, rogando-lhes que se retirassem; escreveu a Teófilo, governador de Corinto, que lhes desse os meios de se porem em segurança, e que os escondesse em algum lugar secreto até que eles tivessem se avistado com César. Teófilo era pai de Hiparco, que gozara de grande crédito perante Antônio; foi ele o primeiro de todos os seus libertos, que se voltou e se reuniu a César, e logo depois foi residir em Corinto. Eis como ele foi ter com Antônio.

LXXXVIII. A sua esquadra, que combatia diante de Áctio, pôde resistir por muito tempo, e nada lhe causou tão grande prejuízo, como um vento forte que se levantou por diante, na proa; foi, porém, ao depois, com grande dificuldade, destruída às cinco horas da tarde. Morreram mais de cinco mil homens, e foram ainda aprisionados uns trezentos navios, como César mesmo o diz em seus Comentários. Muitos tinham mesmo visto Antônio fugir, e no entretanto, custavam a acreditá-lo, que ele, que tinha ainda dezenove legiões intactas e doze mil soldados de cavalaria, à beira do mar, os tivesse abandonado, e fugido tão covardemente, como, se ele nunca tivesse experimentado uma e outra vicissitudes: e que não estivesse habituado às várias alternativas da batalha e no entretanto ainda o desejavam seus homens, e esperavam sempre que ele voltasse de alguma parte: e se mostravam tão fiéis e leais para com ele, que ainda que tivessem certeza da sua fuga, permaneceram sete dias inteiros, não prestando atenção aos embaixadores que César lhes enviava todos os dias. Finalmente, seu chefe, Canídio, lugar-tenente de Antônio, também fugiu de noite e saiu do acampamento; quando se viram abandonados por seus chefes, então entregaram-se ao mais forte.

LXXXIX. Depois disto César navegou p ara a cidade de Atenas, onde teve uma entrevista com os gregos, e distribuiu o que restava do trigo que se tinha reunido para o exército de Antônio, às cidades e aldeias da Grécia, as quais estavam reduzidas à extrema pobreza e miséria, esgotadas de dinheiro, de servos, de cavalos, de outros animais de carga e de carro: de tal modo que o meu bisavô Nicarco contava que então os cidadãos da nossa cidade, sem excetuar-se um só, foram obrigados a levar eles mesmos sobre seus ombros uma certa quantidade de trigo até a costa do mar, que está diante da ilha de Anticira e ainda eram açoitados com golpes de chibata. Desse modo, porém, levaram-no somente uma vez, pois na segunda viagem, quando deviam levar de novo outra quantidade, e as cargas já estavam quase todas divididas, chegaram notícias de que Antônio tinha perdido a batalha, o que foi a salvação da nossa pobre cidade: pois os comissários de homens de armas de Antônio fugiram imediatamente e os cidadãos repartiram o trigo entre eles.

XC. Antônio, tendo chegado à Líbia, mandou adiante Cleópatr a ao Egito, da cidade de Paretônio e ficou sozinho em grande solidão, tendo por companheiros apenas dois familiares, com os quais errava cá e lá: ambos eram retóricos, um grego, Aristócrates e o outro, romano, Lucílio; deles já escrevemos em outro lugar: como quando Bruto foi derrotado perto da cidade de Filipes, ele veio espontaneamente entregar-se nas mãos dos que perseguiam a Bruto, dizendo que era ele, a fim de que Bruto, entretanto, tivesse ocasião de se salvar e depois porque Antônio lhe salvou a vida, ele ficou em sua companhia e manteve-lhe fidelidade e lealdade de amizade até o fim de seus dias. Mas quando Antônio foi notificado de que aquele ao qual ele havia confiado o governo da Líbia e ao qual tinha dado o comando do exército, que ainda existia, tinha passado para o lado de César, ficou tão desgostoso que quis se matar, e o teria feito, se seus amigos o não tivessem impedido. Foi para Alexandria onde encontrou

Cleópatra entregue a uma empresa grandiosa e que dela exigia muita coragem e ousadia: há entre o mar Vermelho e o que banha as costas do Egito um pequeno espaço de terra que separa os dois mares, e divide a África da Ásia, e que se localiza bem no ponto em que os dois mares se apertam e se restringem o mais possível, e que mede de largura mais ou menos dezoito léguas{1572} e meia. Cleópatra tencionava fazer tirar seus navios de um mar e fazê-los transportar até o outro, pelo estreito, e depois que eles estivessem colocados nessa caverna{1573}, da Arábia, transportar então todo o seu ouro e sua prata, e partir com um grande séquito de seus amigos, para residir em alguma terra do Oceano, longe do Mediterrâneo, para fugir ao perigo dessa guerra e da escravidão: mas, porque os árabes que estão nos arredores da cidade de Petra, queimaram os primeiros navios que para lá se haviam levado, e Antônio pensava que seu exército de terra, que estava perto de Áctio, ainda existia, ela desistiu dessa empresa, e mandou guardar os portos, passagens e saídas de seu reino. Antônio, então, por sua vez, deixou a cidade e a companhia dos amigos, e mandou construir uma casa dentro do mar, perto da ilha de Faros, sobre bases que mandou colocar no meio das águas, e lá vivia com alguns homens, afastado dos demais, dizendo que queria levar uma vida como a de Timon, porque havia acontecido a ele a mesma coisa, pela ingratidão e pela grande injustiça que os outros haviam cometido contra ele, máxime aqueles aos quais havia feito muitos benefícios, e considerava como amigos, ele desconfiava de todos os demais e os desprezava.

XCI. Timon era um cidadão de Atenas que vivera no tempo, mais ou menos, da guerra do Peloponeso, como se pode deduzir das comédias de Platão e de Aristófanes, nas quais ele é criticado como inimigo do gênero humano, por recusar e evitar toda e qualquer companhia e comunicação com os demais homens, exceto Alcibíades, jovem, ousado e insolente, ao qual ele dava mostras de amizade, abraçando e beijando de boamente, e por isso Apemanto se irritava, e perguntava-lhe qual o motivo, pelo qual tanto queria assim a um homem como ele, e unicamente a ele, e desprezava a todos os outros: "Eu o amo, respondeu ele, porque eu bem sei e estou certo de que um dia ele será causa de grandes males aos atenienses". Timon tinha recebido algumas vezes a Apemanto e com ele conversara, porque mais ou menos tinha a mesma natureza e os mesmos hábitos que ele, e porque imitava muito a sua maneira de viver. Um dia, quando se celebrava em Atenas a solenidade a que chamam de Choe, isto é, a festa dos Mortos e se fazem sacrifícios e libações pelos mortos, eles juntos, festejavam a data, sozinhos, quando Apemanto começou a dizer: "Eis aqui um belo banquete, Timon"; e Timon respondeu: "Sim, muito belo, se tu não estivesses aqui". Diz-se que um dia quando o povo estava reunido na praça para o ajuste de algum negócio, ele subiu à tribuna, como faziam ordinariamente os oradores, quando queriam falar ao povo: fez-se logo grande silêncio, e cada qual estava atento para escutar o que ele iria dizer, pois era coisa desusada e uma novidade estranha vê-lo na tribuna; começou então a dizer: "Senhores atenienses, tenho em minha casa um lugarzinho, onde há uma figueira, onde vários já se enforcaram: e como eu quero construir nesse lugar, eu quis antes advertir-vos, antes de cortar a figueira, para que se alguém ainda quiser se enforcar, que se apresse". Ele morreu na cidade de Hales{1574} e foi sepultado à beira-mar. Aconteceu que em redor de sua sepultura o mar transbordou de modo que alcançou as proximidades do túmulo, e impedia que alguém dele se aproximasse, sobre o qual estavam gravadas estas estrofes:

Tendo terminado minha vida miseravelmente, neste lugar me sepultaram: Morrei, malvados, de morte desastrada, sem perguntar como eu me chamava.

Diz-se que ele mesmo ainda vivo fez este belo epitáfio, pois aquele que a ele se atribui comumente, não lhe pertence, mas é do poeta Calímaco:

Aqui tenho para sempre a minha morada, Timon, odiando ainda os homens; passa, leitor, dando-me uma hora má, passa somente, e vai maldizendo-me.

Poderíamos ainda escrever outras coisas do mesmo Timon, mas o pouco que dissemos é bastante, por hora.

XCII. Voltando então a Antônio, o mesmo Canídio lhe veio trazer notícias, que ele tinha perdido o seu exército de terra perto de Áctio. Por outro lado, ele também foi notificado, que Herodes, o rei dos judeus, que tinha com ele algumas coortes e algumas legiões, tinha passado para o lado de César, e todos os outros reis haviam feito o mesmo, de modo que, fora os que estavam junto da sua pessoa, nada mais havia que estivesse com ele. No entretanto nada de tudo aquilo o perturbou, e parecia até que ele estava bem contente de deixar toda esperança, a fim de poder desobrigar-se também de todo o peso dos negócios públicos: saiu então daquela moradia que ele havia feito construir dentro do mar, e à qual ele chamava a mansão timoniana, e o recebeu Cleópatra em seu palácio real. Logo que ele lá chegou, toda a cidade se pôs a dar-lhe banquetes, e festas se organizaram, por sua iniciativa também: pois ele fez inscrever, segundo o costume romano, o filho de Júlio César e de Cleópatra, no número dos jovens, e deu a veste viril, que era veste longa, imaculada, sem bordados nem adornos de púrpura, a Antilo, seu filho primogênito, que tivera de Fúlvia; por estes fatos houve durante vários dias em Alexandria, festas e divertimentos, jogos e danças, banquetes e festins. É verdade que eles aboliram aquela primeira agremiação a que chamavam de grupo da vida inimitável: mas organizaram uma outra, a que denominaram de Sinapotanumenon, isto é, o grupo daqueles que querem morrer juntos, que em suntuosidade, gastos e prazeres nada ficava a dever à primeira: pois seus amigos alistando-se nesta agremiação de co-moribundos, assim viviam sempre alegres, porque cada qual, por sua vez, procurava tornar festiva a reunião.

XCIII. Entretanto Cleópatra fazia uma lista de todos os venenos que têm o poder de matar os homens: e para conhecer os que faziam morrer com o mínimo de dor, ela os experimentava nos criminosos de morte que estavam nas prisões: mas, quando ela viu, que aqueles que eram rápidos, traziam logo a morte com dores e tormentos atrozes, e ao contrário, os mais suaves não tinham a força de causar a morte imediatamente, ela se pôs a experimentar as mordidas de serpentes, e fazia diante dela várias provas, aplicando a uns e outros os mais variados venenos: e embora fizesse todos os dias novas experiências, não encontrou nenhum, de todos os que experimentou, mais próprio do que a morde-dura de uma serpente, que sem gemido ou estertor, causa somente um peso na cabeça e uma grande vontade de dormir, com um pouco de suor no rosto; e pouco a pouco amortece os sentidos, sem que os pacientes sintam grandes dores, pois ficam quase fora de si, como adormecidos, ou atordoados, como quem desperta do sono, e ainda tem grande vontade de novamente dormir.

XCIV. Não obstante eles enviaram embaixadores a César, na Ásia, ela pedindo o reino do Egito para seus filhos, e ele rogando que o deixasse viver em Atenas, como um particular, se César não quisesse que ele residisse no Egito. E como eles não tivessem junto de si pessoas de destaque, porque alguns tinham fugido e eles não confiavam muito nos outros, foram obrigados a mandar para lá a Eufrônio, o preceptor de seus filhos. Pois Alexas Laodicense, que tinha sido introduzido na casa e na amizade de Antônio por Timagenes e depois tinha conquistado mais crédito e favor que nenhum outro grego, porque tinha sido sempre um dos instrumentos e ministro de Cleópatra para ganhar Antônio, e para desfazer todas as suas deliberações de regressar para junto de Otávia, Antônio o havia mandado a Herodes, rei dos judeus, para tentar conservá-lo na sua amizade, e impedir que o abandonasse: mas ele ficou lá e traiu a Antônio pois em vez de converter o outro, ele o aconselhou a abandoná-lo e teve ainda a ousadia de se apresentar a César, entregando-se a Herodes. Contudo Herodes de nada lhe serviu, pois ele foi imediatamente preso e levado sob ferros ao seu país, onde por ordem de César, foi morto. Eis como Alexas foi castigado pela sua traição, pelo inimigo mesmo de Antônio, e pela deslealdade de que havia usado para com ele.

XCV. Finalmente César não quis ouvir os rogos e pedidos de Antônio; quanto a Cleópatra, porém, ele respondeu-lhe que nada lhe recusaria que fosse justo e equitativo, contanto que ela fizesse morrer ou expulsasse de seu país, a Antônio, e enviou logo um de seus servidores, chamado Tireu, homem ilustre e sensato, que, levando carta de crédito de um jovem senhor a uma senhora orgulhosa, que muito se comprazia de sua beleza e nela confiava, tê-la-ia, por sua eloquência facilmente podido movê-la. Este homem falava-lhe mais tempo que os outros e prestava-lhe a rainha grande honra, de modo que despertou suspeitas e desconfianças em Antônio: assim foi que este o mandou açoitar e depois o mandou assim a César, como notificando-o de que ele o havia irritado, porque fazia pouco caso dele, mostrando-se soberbo e o tinha desprezado, naquela contingência, principalmente, quando ele estava se consumindo na miséria em que se encontrava: "Em suma, se achas que ele é mau (disse ele), tens junto de ti, um de meus libertos Hiparco, toma-o, se queres, e açoita-o à vontade, para que sejamos iguais". De então em diante, Cleópatra, para se desculpar das acusações que se lhe faziam, e das suspeitas que se levantavam contra ela, entre-tinha-o e o acariciava mais que de costume; agora ela celebrava o dia do seu nascimento, com pouca solenidade e modestamente, como convinha à sua situação e fortuna presente, e ao contrário, celebrava o dia do seu nascimento de tal sorte, que ultrapassava os limites da suntuosidade e da magnificência de modo que muitos dos convidados ao festim, que haviam chegado pobres, voltavam ricos.

XCVI. Enquanto estas coisas se passavam, Agripa por várias cartas sucessivas, ordenava a César que regressasse a Roma, porque os negócios exigiam a sua presença indispensavelmente, pelo que a guerra foi diferida para o ano seguinte; apenas o inverno passou, porém, ele voltou novamente contra Antônio, pela Síria, e os seus outros generais pela costa da África. Ora, como a cidade de Pelúsio tivesse sido tomada, correu uma voz pela cidade, que Selêuco a tinha entregue com o consentimento de Cleópatra; mas, para mostrar que não, ela entregou nas mãos de Antônio sua mulher e seus filhos, para que se vingasse segundo a sua vontade. Ademais, ela tinha há muito mandado fazer sepulturas e monumentos suntuosos, tanto em beleza de obra como em altura e grandeza de construção, perto do templo de Ísis: para lá mandou levar tudo o que possuía de riquezas e de preciosidades dos antigos reis, seus predecessores, ouro, prata, pedras preciosas, esmeraldas, pérolas, ébano, marfim, cinamomo e outras coisas, muitas tochas, lenha, estopa, de modo que César receando que tantos bens se perdessem e que essa mulher por desespero incendiasse tudo e queimasse tão grande riqueza, mandava-lhe sempre alguém que lhe dizia uma boa palavra, para manter-lhe sempre a esperança, enquanto ele se aproximava da cidade com o exército.

XCVII. E aproximou-se tanto que chegou a pôr o seu acampamento bem perto da cidade, dentro do campo onde se costumavam domar os cavalos e tratá-los; Antônio atacou-o e combateu valentemente, tanto que conseguiu afastar a cavalaria de César, e os perseguiu sob as armas até dentro do seu acampamento e depois voltou ao palácio, engrandecendo-se por essa vitória, beijou Cleópatra ainda vestido como estava de regresso do combate, elogiando ele um de seus homens, que naquela escaramuça havia combatido com valor e feito seu dever e ela para louvar sua virtude, deu-lhe uma pequena couraça e um elmo de ouro: mas o homem depois que recebeu esse presente, riquíssimo, deveras, de noite, se foi entregar a César. E Antônio mandou outra vez desafiar a César e apresentar-lhe combate homem contra homem. César respondeu-lhe que tinha outros modos de morrer que não aquele. Pelo que Antônio vendo que não lhe restava outro meio de morrer valentemente senão combatendo, deliberou fazer um último esforço, tanto por mar como por terra; e ceando, segundo se diz, ordenou aos seus servidores, à mesa, que lhe dessem de beber, e o tratassem do melhor modo possível, porque, disse ele "não sabeis se me podereis fazer amanhã o mesmo que agora, ou se servireis a outros senhores, e talvez nada mais exista de minha pessoa, senão um corpo morto e inerte". Todavia, vendo que seus servidores e amigos choravam, ouvindo estas palavras, para corrigir o que havia dito, acrescentou que não os levaria a um combate do qual não tivesse antes certeza de voltar, seguramente com a vitória, do que lá morrer valentemente e com glória.

XCVIII Finalmente, naquela mesma noite, pela meia-noite, mais ou menos, estando toda a cidade envolta em profundo silêncio, temor e tristeza, pela expectativa dessa guerra, diz-se que de repente ouviram-se harmonias de sons que brotavam de toda espécie de instrumentos, com os clamores de uma grande multidão, como se muitos dançassem e cantassem, tal como se costuma fazer nas festas de Baco, com movimentos e bailados satíricos: e parecia que essa dança percorria a cidade inteira, vindo da porta que correspondia ao campo dos inimigos, e que também por aquela porta toda a tropa cujo rumor se ouvia, saía para fora da cidade. Foi esta uma advertência aos que com razão procuravam a interpretação desse prodígio, que era o deus, ao qual Antônio tinha singular devoção em imitar e afeto em se lhe assemelhar, que os, deixava. No dia seguinte ao despontar do dia foi reunir os poucos soldados que ainda tinha, no outeiro que está em frente da cidade, e de lá observavam suas galeras que partiam do porto e vogavam contra as dos inimigos: permaneceram imóveis esperando alguma façanha de seus soldados, que estavam dentro: mas imediatamente, levados pela força dos remos, apenas se aproximaram, saudaram antes os de César e os de César retribuiram-lhes a saudação e das duas se fez uma só armada, e em seguida navegaram para a cidade. Apenas estas coisas aconteceram, os cavaleiros de Antônio também se entregaram a César, abandonando-o, também, quando seus soldados de infantaria foram derrotados e dispersos: ele então retirou-se para dentro da cidade, clamando que Cleópatra o havia traído, em favor daqueles mesmos, contra os quais ele movera a guerra, por amor a ela.

XCIX. Então, ela, temendo o seu furor e o seu desespero, fugiu para dentro daquele túmulo que tinha feito construir, e mandou fechar as portas e abaixar as grades que eram presas com grandes fechaduras e barreiras resistentes e mandou dizer a Antônio que ela tinha morrido. Ele acreditou sem mais e disse a si mesmo: "Que mais esperas, Antônio, quando a fortuna inimiga tirou-te a única coisa que te restava, pela qual ainda desejadas viver?" Depois de ter dito estas palavras, entrou no quarto, despiu a couraça e estando despido se pôs a dizer: "Ó Cleópatra, não estou sentido por estar separado de ti e privado de tua companhia, pois eu me dirigiria logo para junto de ti; mas estou atônito, pois tendo sido um grande general e um grande imperador, estou com efeito convencido de ser menos magnânimo e menos corajoso que uma mulher". Ele tinha um servo de nome Eros, em quem ele confiava, e ao qual ele havia já há muito tempo feito jurar que o mataria quando ele o tivesse ordenado: ordenou-lhe então que cumprisse a sua promessa: o servo, então, desembainhou sua espada, e a empunhou para feri-lo, mas voltando o rosto para um outro lado, ele atravessou-se a si mesmo com a arma, e caiu morto aos pés de seu senhor: então disse Antônio: "Ó, gentil Eros, eu te conheço muito bem, e fizeste-o virtuosamente a ti mesmo, aquilo, que, mostrando-me, eu deveria fazer a mim também, o que não pudeste fazer em meu lugar". E então dizendo estas palavras, atravessou o ventre com sua espada e deitou-se num pequeno leito: o golpe não era mortal, e por isso a efusão do sangue diminuiu um tanto, quando ele se deitou, e depois de ter-se rearmado um pouco, pediu aos que ali estavam que o acabassem de matar: mas eles todos fugiram do quarto e o deixaram gritando de desespero até que um seu secretário, de nome Diomedes, veio ter com ele, o qual tinha o encargo de levá-lo onde estava Cleópatra, ao túmulo.

C. Quando ele soube que ela ainda vivia, mandou com grande afeto aos seus que o levassem para lá: eles, então, tomaram-no nos braços e assim chegaram até a entrada do mesmo. Cleópatra, porém, não queria abrir as portas, aparecendo, todavia numa das; janelas ao alto, atirou para baixo algumas cordas, às quais amarraram Antônio, e ela com duas outras mulheres, que ela permitira em sua companhia dentro do sepulcro, o puxou para cima. Os que estavam presentes a esse espetáculo dizem que jamais se presenciou coisa mais piedosa, pois levantavam aquele pobre homem todo banhado em sangue, nas vascas da morte, que estendia a s mãos para Cleópatra, e se sustinha como podia. Era coisa difícil suspendê-lo, principalmente tratando-se de mulheres; todavia, Cleópatra com grande esforço, empregando todas as suas energias, inclinando a cabeça para baixo, sem soltar as cordas, tanto fez que finalmente conseguiu fazê-lo chegar até junto dela, e com o auxílio das outras, animada pelos que estavam embaixo, que lhe procuravam também dar coragem, sofrendo tanto quanto ela naquela dolorosa expectativa. Depositou-o em seguida num leito, desatando suas vestes, batendo e esfregando-lhe o peito, friccionando o rosto e o estômago; enxugou-lhe o sangue, que lhe banhava o rosto, chamando-o seu senhor, seu marido e seu imperador, esquecendo quase sua miséria e sua própria infelicidade, pela compaixão e pena de quanto presenciava.

Antônio fê-la terminar as lamentações, pediu vinho para beber, quer porque tinha sede, de verdade, quer porque assim esperava morrer logo e mais depressa. Depois de ter bebido, aconselhou-a a salvar a própria vida, se pudesse fazê-lo, sem desonra e sem vergonha, e que confiasse principalmente em Proculeio mais que em qualquer outro de todos os que tinham prestígio perante César: quanto a ele, que ela não o lamentasse pela miserável mudança de fortuna, no fim dos seus dias, mas que o julgasse muito feliz, pelos seus triunfos, e honras que havia recebido no passado: pois tinha ele sido durante sua vida o mais glorioso, o maior triunfador e o mais poderoso dos homens sobre a terra, e que então ele tinha sido vencido, não covardemente, mas com muito valor e coragem, ele que era. romano, por um outro, também romano. No momento mesmo de exalar o último suspiro, Proculeio chegou, mandado por César: porque depois que Antônio se ferira, e quando o levavam para a sepultura de Cleópatra, um de seus guardas, chamado Derceteo, tomou a espada com a qual ele se havia ferido e a escondeu: depois, roubou-a secretamente e foi o primeiro que levou a notícia da sua morte a César, mostrando-lhe ainda a espada tinta de sangue.

Cl. César, tendo ouvido estas notícias, retirou-se ao mais íntimo da sua tenda, e se pôs a chorar de pena e a lamentar sua miserável fortuna, como a daquele que tinha sido seu aliado, seu cunhado e seu igual no império, e companheiro em vários feitos de armas e grandes empresas; depois chamou todos os seus amigos e mostrou-lhes as cartas que lhe tinha escrito e respondido durante suas diversas altercaçoes e como em todas as coisas justas e razoáveis que ele lhe escrevia, o outro lhe respondia altiva e arrogantemente. Feito isto, mandou Proculeio, ordenando-lhe que tudo fizesse para ap anhar viva a Cleópatra, se possível, porque ele temia que o seu tesouro fosse perdido e ainda mais, porque julgava que seria ela um grande ornamento para o seu triunfo, se ele a pudesse levar viva a Roma. Mas ela não se entregou nas mãos de Proculeio, embora tivessem falado com ele quando Proculeio aproximou-se das portas que eram muito grandes e fortes, e estavam fechadas com toda a segurança. Havia, porém, algumas fendas por onde a voz podia passar e ouvia-se que ela pedia o reino do Egito para seus filhos, e que Proculeio lhe respondia que tivesse toda esperança disso e que não duvidasse de se entregar à boa vontade de César.

CII. Tendo depois observado e considerado bem o lugar, ele veio relatar a César tudo o que acontecera; este mandou novamente a Gallo para parlamentar ainda uma vez com ela. Manifestou-lhe expressamente a sua vontade, insistindo, enquanto Proculeio preparava uma escada bem alta junto da janela, pela qual Antônio havia passado, pela qual entrou no túmulo com dois homens, junto da porta onde Cleópatra estava, escutando o que Gallo lhe dizia. Uma das mulheres que estava lá encerrada com ela, por acaso viu Proculeio quando ele descia, e se pôs a gritar: "Pobre Cleópatra! Estás presa!" Voltando-se, viu Proculeio por trás dela; procurou então servir-se de uma pequena espada que usava sempre à cintura; mas o oficial avançou de repente, agarrou-a e disse: "Cleópatra, cometerás um gr ande erro contra ti mesma e contra César também, privando-o da ocasião de pôr em evidência toda a sua magnanimidade e clemência, dando aos que o querem mal, motivo de caluniar o mais humano dos príncipes que jamais existiu, como se fosse pessoa sem misericórdia, e no qual não se tivesse absolutamente confiança". Dizendo isto, tirou-lhe a espada que ela trazia, sacudiu-lhe as vestes temendo que ela tivesse algum venen o escondido.

CIII. Depois, César mandou um de seus libertos, chamado Epafrodita, ao qual ordenou expressamente que a guardasse, com cuidado e segurança, e que impedisse, absolutamente, que ela se matasse, e por fim, que a tratasse o mais gentilmente possível. Ele, por sua vez, entrou na cidade de Alexandria, entretendo-se com o filósofo Arrio, tomando-o pela mão, para que os cidadãos o tivessem em grande reverência, vendo que César o honrava tão altamente. Foi depois ao parque dos exercícios e subiu a uma cátedra elevada, que lhe haviam preparado diante da qual estava reunido por sua ordem, todo o povo de Alexandria, tremendo de medo, de joelhos!, por terra diante dele, pedindo misericórdia. César mandou-o levantar-se, e declarou publicamente que ele absolvia o povo, e lhe perdoava a ofensa e a traição que haviam cometido durante aquela guerra, primeiramente, por causa do fundador da cidade,

Alexandre, o Grande: em segundo lugar, pela sua beleza, que ele apreciava e admirava muito: em terceiro lugar, pela amizade que dedicava ao seu amigo Arrio. Tal honra prestou César a ele, que lhe pediu perdão e intercedeu por vários outros, dentre os quais Filóstrato, o mais eloquente e o mais erudito de todos os sofistas e retóricos do seu tempo, por falar sempre e de improviso, mas que se dizia filósofo acadêmico com insígnias falsas: César, porém, que odiava sua natureza e seus costumes, não queria ouvir os seus rogos, por isso, então, ele deixou crescer uma longa barba branca e seguia a Arrio passo a passo, vestido de uma longa túnica preta, repetindo-lhe sempre um verso grego, mais ou menos assim: "Homens de saber, os sábios vão salvando. Ou eles mesmos não são sábios". César sabendo disto e querendo não tanto livrar Filóstrato do medo que ele tinha, como também evitar a Arrio o ódio e a inveja que poderiam ser suscitados contra ele, acabou por perdoá-lo.

CIV. Quanto aos filhos de Antônio, Anti-lo, o filho mais velho de Fúlvia, foi morto, porque Teodoro, seu preceptor, o en tregou aos soldados, que lhe cortaram a cabeça, e tirou-lhe ainda uma pedra preciosa de grande valor que ele trazia ao pescoço, que ele coseu ao seu cinto, e depois negou tê-lo tirado, mas a pedra foi encontrada e por isso César o fez crucificar. Os de Cleópatra eram guardados com seus preceptores, e os que tinham o encargo de suas pessoas os alimentavam honrosamente. Quanto a Cesário, que se dizia ser filho de Júlio César, sua mãe o havia mandado às índias, pela Etiópia, com uma grande soma de dinheiro: mas um outro seu preceptor, chamado Rodon, semelhante a Teodoro persuadiu-o a voltar, porque César o chamava para lhe entregar o reino de sua mãe: e como César deliberava o que se deveria fazer, Arrio lhe disse:

Pluralidade de Césares não é boa{1575}.

Pelo que César ao depois o fez morrer, após a morte de Cleópatra. Vários príncipes, generais e reis pediram a César o corpo de Antônio, para sepultá-lo: mas ele não o quis tirar a Cleópatra e foi sepultado com pompa real e magnificamente pelas mãos dela mesma, à qual foi permitido tomar tudo o que quisesse para empregar no seu funeral.

CV. Estava ela torturada pela tris teza e pela melancolia, e ao mesmo tempo pela dor, porque tanto tinha batido no peito por angústia, que tinha o seio todo ferido e em vários lugares chagado, com inflamação, de modo que lhe sobreveio a febre: com isso ela muito se alegrou, porque lhe seria motivo para não se alimentar, e assim pensava acabar seus dias e extinguir sua vida sem obstáculo. Ela tinha um médico chamado Olimpo, ao qual ela se manifestou e contou toda a verdade, a fim de que a ajudasse a partir desta vida, como o mesmo Olimpo deixou escrito, o qual escreveu e. publicou uma história destas coisas: mas César desconfiou de tudo, por algumas notícias que teve e intimidou-a, ameaçando-a de fazer morrer seus filhos vergonhosamente: ante tais ameaças ela se rendeu incontinente, como se tivesse sido atacada por golpes de baterias e depois deixou-se medicar e alimentar como era de mister.

CVI. Poucos dias depois César mesmo em pessoa foi visitá-la para falar-lhe e confortá-la. Ela estava deitada em um pequeno leito em estado deplorável. Quando o viu entrar, porém, em seu quarto, levantou-se imediatamente, e foi lançar-se vestida somente de camisa aos seus pés, muito desfigurada, quer por causa dos cabelos desgrenhados, quer pelo rosto que tinha dilacerado com suas unhas; tinha a voz fra ca e tremula, os olhos fundos por causa das lágrimas, que corriam continuamente, e podia-se ver grande parte de seu ventre dilacerado e ferido. Todo seu corpo estava tão abatido quanto seu espírito: entretanto sua graça, o vigor e a força da sua beleza não se haviam extinguido completamente, mas ainda que ela estivesse em tão piedoso estado, quase transparecia do íntimo e se manifestava nos movimentos do

rosto. Depois que César fê-la novamente deitar-se e sentou-se perto dela, começou a apresentar a sua defesa, suas justificações, desculpando-se do que havia feito e atribuindo tudo ao temor e ao receio de Antônio. César, ao contrário, a convencia em cada ponto e motivo; pelo que ela então começou a lhe pedir perdão e implorar dele a misericórdia, como se ela tivesse grande medo de morrer e grande vontade de viver. Finalmente, ela lhe entregou uma lista das joias e dos tesouros que possuía, Por acaso ali se encontrava um dos seus tesoureiros, chamado Selêuco, que veio à presença de César, declarando, como bom servo, que ela ali não havia posto tudo, e que escondia secretamente outras coisas; com isso ela foi tomada de tal sentimento de cólera e de impaciência, que o agarrou pelos cabelos e lhe deu vários socos no rosto. César se pôs a rir, e fê-la acalmar-se. "Ora, César, — disse ela — não é uma grande indignidade, que tenhas tido o trabalho de vir até mim e me tenhas concedido a honra de falar comigo, neste estado, tão mesquinha e miserável e ainda meus servidores me venham acusar porque eu quis reservar alguma coisa dos meus haveres, joias, próprias de uma mulher, ai! não para me enfeitar, infelizmente, mas com a intenção de dar alguns presentes a Otávia e a Lívia, para que por sua intercessão e por seu intermédio fosses mais benigno para comigo e mais indulgente?" César ficou muito satisfeito com essa declaração, persuadindo-se de que ela desejava muito garantir a sua vida: respondeu-lhe que ele lhe dava não somente o que ela havia conservado, para lhe ser absolutamente agradável, mas que além disso, ele a trataria mais liberalmente e mais magnificamente do que ela poderia esperá-lo: e assim despediu-se dela, e foi-se embora, pensando tê-la enganado, mas estando bem enganado ele também.

CVII. Um jovem de nome Cornélio Dola bela, que era um dos mais íntimos de César, não era dos menos afeiçoados a Cleópatra: ele mandou-lhe secretamente, como ela lhe havia pedido, dizer que César tinha deliberado retomar o caminho pela Síria, e que dentro de três dias ele a mandaria adiante com seus filhos}. Quando ela soube dessa deliberação, pediu a César que se dignasse consentir-lhe oferecer as últimas oblações aos mortos, pela alma de Antônio: foi-lhe isto permitido, e ela se fez conduzir ao lugar da sepultura, e lá, de joelhos, abraçando o túmulo com suas mulheres de companhia, disse, com lágrimas, nos olhos: "Caro senhor Antônio, eu te sepultei sendo ainda livre, e agora apresento-te estas ofertas e libações fúnebres como prisioneira e escrava, e me proíbem rasgar e estraçalhar o meu corpo escravo, que é cuidadosamente conservado, apenas para o triunfo sobre ti, não esperes, pois, outras honras, ofertas, nem sacrifícios da minha parte: estas são as últimas que Cleópatra te pode ofertar, pois a levam cativa. Enquanto vivemos nada nos pôde separar, mas agora à nossa morte, eu duvido de que nos façam trocar o lugar do nosso nascimento: e como tu, romano, estás sepultado aqui no Egito, assim eu, infeliz egípcia, serei sepultada na Itália, o que será o único bem que terei recebido do teu país. Se pois os deuses de lá, onde tu estás presentemente, têm algum poder e autoridade, pois que os cá da terra nos abandonaram, não permitam que levem viva a tua amiga, e não suportem que em mim triunfem sobre ti, mas recebe-me contigo, e sepulta-me num mesmo túmulo, pois, embora os meus males sejam infinitos, não houve um só que me tivesse sido tão duro de suportar, como o pouco tempo que fui obrigada a viver sem ti".

CVIII. Depois destas lamentações e preces, ela cobriu o túmulo de flores, grinaldas e festões, que tinha preparado carinhosamente, e ordenou que lhe preparassem um banho: depois de se ter banhado e lavado pôs-se à mesa, onde foi servida magnificamente. Enquanto ceava, chegou um camponês que trazia um cestinho: os guardas imediatamente lhe perguntaram o que ele trazia dentro: ele abriu o cestinho, tirou as folhas de figueira que estavam por cima, e mostrou-lhes alguns figos. Ficaram todos admirados pela beleza e tamanho das frutas. O camponês se pôs a rir, e disse-lhes que tirassem se quisessem: eles pensaram que o homem dizia a verdade e lhe disseram que os levasse para dentro. Depois de Cleópatra ter ceado, ela mandou a César tabuazinhas escritas e seladas, e ordenou que todos os outros saíssem da sepultura, onde ela estava, exceto as duas mulheres: depois fechou as portas. Quando César leu as lamentações e as súplicas, compreendeu como Cleópatra queria que ele a deixasse ser sepultada com Antônio, ele entendeu logo o que ela queria dizer: foi então ele mesmo para lá: mas mandou antes alguém para que indagasse do que se passava. A morte foi rápida: os enviados de César apressaram-se, e encontraram os guardas que de nada sabiam, e não

tinham percebido a morte da rainha. Quando abriram as portas, encontraram Cleópatra morta sobre seu leito de ouro, vestida de hábitos reais, e uma das mulheres, a que se chamava Iras, morta também aos seus pés: a outra, Charmion, quase morta, na agonia, mas ainda ajustando o diadema que ela tinha em redor da cabeça. Alguém lhe disse então naquele momento: "Isto é belo, Charmion?" Muito belo! — respondeu ela — e muito conveniente a uma senhora da raça de tantos reis". Dizendo isto caiu por terra e morreu perto do leito de Cleópatra.

CIX. Alguns dizem que lhe trouxeram a serpente dentro do cesto de figos, e que ela havia ordenado que a ocultassem nas folhas da figueira, a fim de que pensassem que ela fora picada pela serpente, quando comia os figos, sem que ela o tivesse, antes, percebido: mas, quando ela quis tirar as folhas para tomar as frutas!, ela a percebeu e disse: "Então estás aqui?" E lhe estendeu o braço nu para ser mordida. Outros dizem que ela a conservava dentro de um arbusto, e que a provocou e irritou com um fuso de ouro de tal modo que a serpente raivosa saiu e mordeu-lhe o braço: ninguém, porém, sabe de fato a verdade. Pois se diz mesmo que ela tinha veneno escondido numa pequena lima ou raspador oco que tinha oculto entre os cabelos, e no entretanto, não se encontrou nenhum vestígio no seu corpo, nem se percebeu por sinal algum que ela tinha sido envenenada. Nem, por outro lado, jamais se encontrou dentro do túmulo tal serpente, somente diz-se, que dela se viram alguns vestígios e rastos à beira-mar, onde se via este sepulcro do mesmo lado das portas. Outros dizem que se encontraram duas picadas em um dos seus braços, muito pequenas e que quase não se percebiam. Pelo que, parece que César mesmo prestou fé a esta ocorrência, porque no seu triunfo mandou levar uma imagem de Cleópatra, na qual se via uma cobra mordendo-lhe o braço. Eis como se diz que este fato aconteceu. Quanto a César, embora estivesse bastante emocionado com a morte dessa mulher, tinha ele muita admiração pela grandeza e nobreza da sua coragem, e ordenou que ela fosse sepultada real e magnífica mente, ficando seu corpo com o de Antônio e querendo também que as duas mulheres tivessem igual honra fúnebre. Cleópatra morreu na idade de trinta e oito anos, depois de ter reinado vinte e dois e de ter governado com Antônio, mais de quatorze.

CX. De Antônio uns dizem que ele tinha cinquenta e três anos, e outros, cinquenta e seis: mas todas suas estátuas, imagens e medalhas foram abatidas e as de Cleópatra permaneceram em seus lugares;, com a condição que Arquibio, um de seus amigos, desse a César mil talentos{1576} para que não se lhes fizesse o mesmo que com as de Antônio. Ele deixou sete filhos de três mulheres, dos quais César mandou matar somente o mais velho de Fúlvia, chamado Antilo. Otávia tomou todos os; outros e os fez criar com os seus, e deu em casamento Cleópatra, filha de Antônio, ao rei Juba, príncipe muito formoso e gracioso: Antônio, filho de Fúlvia, foi tão grande que, depois de Agripa, que tinha o primeiro lugar e grau de honra junto de César, e depois dos filhos de Lívia, que tinham o segundo, ele estava no terceiro: e ainda, tendo Otávia tido duas filhas do seu primeiro marido Marcelo, e um filho chamado também Marcelo, César deu a este filho, sua filha em casamento: e pelo mesmo meio adotou-o por seu filho: e Otávia deu em casamento uma de suas filhas a Agripa. Depois que Marcelo morreu, pouco tempo depois de se ter casado, vendo que César, ser irmão, estava impedido de escolher dentre seus amigos algum no qual ele confiasse para fazer dele seu genro, ele lhe disse que seria bem que Agripa esposasse sua filha, viúva de Marcelo, deixando a sua, dela: César a princípio concordou, e depois, também Agripa, e por isso ela retirou sua filha e" a casou com Antônio, e Agripa desposou Júlia, filha de César. Restavam ainda os dois filhos de Otávia e de Antônio. Domício Enobarbo casou-se com uma, e a outra, a jovem Antônia, senhora muito afamada, pela sua singular beleza, e por sua pudicícia, casou-se com Drusio, filho de Lívia, e enteado de César, de cujo casamento nasceram Germânico e Clódio, tendo este último sido ao depois, imperador; dos filhos de Germânico, um que se chamou Caio, o foi também, e depois de ter reinado desordenadamente, por algum tempo, foi morto com sua mulher e sua filha: e Agripina tendo um filho, Lúcio Domício, de seu primeiro marido Enobarbo, tornou a se casar com Clódio, que adotou seu filho e o chamou Nero Germânico, o qual teve o império desde o nosso tempo e fez morrer sua mãe e pouco faltou que ele não arruinasse o império dos romanos por sua maldade e furiosa loucura, sendo o quinto sucessor do império depois de Antônio.

COMPARAÇÃO ENTRE DEMÉTRIO E ANTÔNIO

Sendo que um e outro, isto é, Demétrio e Antônio tenham em comum isto, que ambos foram sujeitos às mesmas mudanças e grandes variedades de fortuna, consideremos agora qual foi e de onde veio o poder de um e de outro, e como eles chegaram a tão grande autoridade. Primeiramente, é certo que o poder de Demétrio era hereditário, e adquirido anteriormente, por seu pai, Antígono, que se tornou o mais poderoso de todos os sucessores de Alexandre, e tinha conquistado a melhor e a maior parte da Ásia, antes de Demétrio ter atingido a idade adulta. Antônio, ao contrário, tendo nascido de um pai honrado, mas que não era homem de guerra, e que não lhe havia deixado os meios para conquistar tão grande glória, ousou intrometer-se no império de César, que por direito hereditário não lhe competia absolutamente em nada: e se tornou por si mesmo sucessor do poder, que o outro por seu trabalho e esforço havia adquirido e tornou-se tão grande, sem auxílio de outrem, unicamente com sua iniciativa, que estando o império do mundo dividido em duas partes, ele teve uma, a qual era a da maior importância. Estando ausente, por meio de seus generais venceu em várias batalhas aos partos, e organizou as nações bárbaras que habitam em redor do Cáucaso, até o mar de Hircano. E isto, mesmo que se lhe impute como reprovação e censura, dá testemunho de sua grandeza. O pai de Demétrio fê-lo desposar com grande alegria a Filia, filha de Antípater, embora ela fosse muito velha para ele, porque ela era de uma linhagem mais nobre que a sua; o que se reprova a Antônio foi o casamento com Cleópatra, senhora que sobrepujava em nobreza de sangue e poder a todos os reis de seu tempo, exceto Arsaces: e tornou-se por si mesmo tão poderoso que os outros o julgavam digno de muito grandes coisas que ele mesmo não queria.

II. Quanto à intenção e vontade que moviam a um e outro para conquistar impérios, era reta e irrepreensível em Demétrio, que queria dominar e reinar sobre os povos que tinham sempre sido governados e dirigidos por reis, desde todos os tempos: mas a de Antônio era má e tirânica, pelo que ele queria sujeitá-los ao povo romano, há pouco livre da monarquia de César. Mesmo o maior e o mais famoso feito de armas que jamais Antônio realizou, isto é, a guerra na qual ele derrotou Cássio e Bruto, não foi feita por outro fim senão para tirar a estes cidadãos e ao seu país, sua liberdade e franquia: Demétrio, porém, ainda antes que a fortuna o tivesse reduzido aos extremos, não deixou de libertar a Grécia e de expulsar as guarnições que ocupavam as cidades submetidas, não como Antônio, que se vangloriava e se gabava de ter matado os que tinham restituído a Roma a sua liberdade.

III. Uma das coisas que mais se louva em Antônio é sua liberalidade e magnificência, no que Demétrio o superou de muito, pois ele deu mais aos seus inimigos do que jamais Antônio aos seus amigos, embora ele fosse estimado, porque ordenou que o corpo de Bruto fosse honrosa e suntuosamente sepultado. Demétrio, porém, mandou sepultar todos os inimigos que tinham morrido na batalha e restituiu a Ptolomeu todos os que tinha aprisionado, com presentes e dons que ainda lhes fez.

IV. Eram ambos insolentes em sua prosperidade e dissolutos e voluptuosos em seus prazeres: mas, não se poderia dizer jamais que Demétrio tenha deixado escapar as ocasiões de fazer grandes coisas, para se entregar aos seus prazeres, mas a eles se entregava somente depois de tê-las terminado e quando estava em descanso: divertia-se na companhia de Lâmia, na verdade, como se faria em ouvir contar histórias, se não se sabe o que fazer, e quando se tem grande vontade de dormir, mas quando se tratava de fazer os preparativos para a guerra, não havia hera na sua lança, nem seu elmo rescendia de perfumes, nem ele saía dos aposentos das damas, enfeitado e elegante, para ir ao campo de batalha, mas abandonava as danças, e fazia cessar todos os divertimentos, tornando-se, como dizia o poeta Eurides:

Soldado de Marte cruel e desumano.

Em suma, jamais lhe aconteceu por sua preguiça ou descaso, nem por se ter demorado demais em seus prazeres, algo de desastroso: como vemos em quadros, em que Onfalo tira secretamente a maça de Hércules, e o despoja de sua pele de leão, assim muitas vezes Cleópatra desarmou a Antônio e o atraiu a si, fazendo escapar de suas mãos negócios de grande importância, viagens e expedições necessárias, para ir divertir-se e passar o tempo nas margens do Canoboe de Tafosiris. Finalmente, assim como Paris fugiu da batalha e foi se esconder entre os braços de Helena, o mesmo fez ele, no seio de Cleópatra, ou melhor, Paris escondeu-se no aposento de Helena, mas Antônio, para seguir a Cleópatra, fugiu e deixou perder-se a vitória.

V. Além disso Demétrio tinha várias mulheres ao mesmo tempo, o que não era proibido nem censurável entre os reis da Macedónia, mas era até mesmo uma coisa comum desde Felipe e Alexandre, como também o tinham Lisímaco e Ptolomeu, e honrava a todas, as quais desposava. Mas Antônio, em primeiro lugar, casou-se com duas mulheres ao mesmo tempo, o que nenhum romano havia ainda se atrevido a fazer. Em segundo lugar, ele abandonou e repudiou a romana, e a que tinha legitimamente desposado por amor de uma estrangeira, e à qual tinha tomado somente por amor passageiro, e não segundo as leis: por conseguinte, àquele nenhum mal aconteceu por erro ou injustiça que tivesse cometido contra suas esposas, e a este, ao invés, por esse motivo vieram-lhe os maiores males e as mais desastrosas consequências.

VI. É verdade que entre os efeitos de Antônio, não há a malignidade que existe entre os de Demétrio: pois os escritos deixaram declarado que não se permitia que os cães entrassem em todo o palácio de Atenas, porque este animal dentre todos os demais, é o que se mistura, mais publicamente, com as fêmeas; e ele mesmo no templo de Minerva dormia com meretrizes e também corrompeu e violou várias burguesas da cidade: e além disso, o vício que se julgaria ser o menos misturado às dissoluções e delícias, isto é, a crueldade, está unido à concupiscência de Demétrio, o qual deixou, ou melhor, obrigou a morrer piedosamente o mais belo e o mais casto dos jovens dentre os atenienses, para evitar de ser agarrado à força; em suma devemos dizer que Antônio pela sua incontinência fazia mal somente a si próprio, e Demétrio aos outros.

VII. Quanto aos seus parentes, Demétrio, jamais prejudicou a quem quer que seja, e Antônio abandonou o irmão de sua mãe à morte, para poder matar a Cícero, o que por si mesmo é tão condenável, tão mau e tão cruel, que com grande dificuldade mereceria ser-lhe perdoado, ainda que ele tivesse sido obrigado a fazer Cícero morrer para salvar a vida de seu tio.

VIII. Quanto ao terem violado seu juramento e faltado à sua palavra, um, prendendo Artabazo e o outro, matando a Alexandre, Antônio, fora de dúvida, tinha um motivo de verdade: pois o outro o havia traído e abandonado na Média; mas Demétrio, ao que muitos dizem, inventou os motivos que atribuiu falsamente a Alexandre, para encobrir o assassínio que tinha cometido; julgou que ele caluniou aquele ao qual ele tinha feito mal, e não se vingou daquele que lhe queria fazê-lo.

IX. Por outra parte, Demétrio mesmo realizava seus feitos e empresas guerreiras, que

descrevemos na sua vida: e Antônio, ao contrário, quando ele lá não estava em pessoa, conquistava brilhantes vitórias por meio de seus lugar-tenentes: e foram ambos derrotados e desbaratados estando presentes, em pessoa, à batalha, não porém, do mesmo modo: pois um foi destituído por seus homens, porque os macedônios o haviam abandonado, e o outro, ao contrário, abandonou os seus; pois fugiu deixando aos que por seu bem e sua honra arriscavam-se ao perigo da morte: assim a falta que um cometeu está nisto, que ele tornou inimigos aqueles mesmos que combatiam por ele, e o outro, em que ele abandonou tão covardemente àqueles que lhe dedicavam tão grande amor e lhe tinham prestado fidelidade.

X. Quanto à morte, não se saberia louvar uma ou outra; há, porém, muito mais a se lastimar e censurar na de Demétrio, que se deixou aprisionar e depois de ter sido condenado e desterrado, teve ainda ânimo de querer viver por três anos, com grande moleza, para servir ao seu ventre e à sua boca, à maneira dos animais irracionais: quanto a Antônio, ele matou-se, para dizer a verdade, muito tímida e miseravelmente, com grande tristeza e pena-mas ao menos, foi assim que seu corpo caiu em poder do seu inimigo.

Artaxerxes

do Império Persa

Nascimento, nome e caráter de Artaxerxes. II. É declarado sucessor de Dario. III. É coroado. IV. Como Oiro se prepara para a revolta. V. Liberalidade e bondade de Artaxerxes. VI. Ciro pede socorro aos lacedemônios. VII. Ciro parte para a guerra contra Artaxerxes. VIII. Artaxerxes marcha ao seu encontro. IX. Espanto do exército de Ciro, à sua aproximação. X. Como Clearco causa a derrota de Ciro. XI. Ciro mata Artagerse. XII. Morte de Ciro. segundo a narração de Dinon. XIII. Segundo a narração de Ctésias. XV. Artaxerxes manda cortar a cabeça e a mão direita de Ciro. XVI. Contradição entre as palavras de Ctésias e as de Dinon e de Xenofonte. XVII. Presentes de Art axerxes aos que tinham matado ou ferido a Ciro. XVIII. Vingança de Parisate contra eles. XXII, Morte de Clearco e de outros generais gregos. XXIV. Parisate faz morrer Estatira. XXV. Artaxerxes envia Parisate exilada a Babilônia. XXVI. Agesilau leva a guerra à Ásia. XXVII. Artaxerxei subleva a Grécia contra os lacedemônios à força de dinheiro. XXVIII. Paz de Antalcidas. XXIX. Deixa-se ele morrer de fome. XXX. Ismênias e Pelópídas na corte de Artaxerxes. XXXI. Pre.sni tes magníficos de Artaxerxes a Timágoras. XXXII. Artaxerxes reconcilia-se com sua mãe Parisate. XXXIII. Casa-se com Atossa. XXXIV. Empreende a guerra contra os cadusianos. XXXV. Foz a paz com eles pela habilidade de Tiribaso. XXXVI. O luxo não tinha enfraquecido Artaxerxes. XXXVII. Toma-se desconfiado e cruel. XXXVIII. Declara a Dario, seu sucessor. XXXIX. Dario pede a seu pai sua concubina Aspásia. Artaxerxes a faz sacerdotisa de Diana Anitis. XL. Tiribaso irrita o ressentimento de Dário. Porque. XLI. Meios que Tiribaso emprega. XLII. Dário conspira com ele contra seu pai. XLIII. Descoberta da conjuração. Morte de Tiribaso. XLIV. Dário é decapitado. XLV. Morte de Ariaspes e de Arsames. XLVI. Morte de Artaxerxes.

Desde o primeiro ano da 81.ª olimpíada, até o terceiro da 104.ª, antes de Jesus Cristo, ano 362.

Artaxerxes{1577}, o primeiro destes nomes, entre os reis da Pérsia, príncipe benigno e magnânimo, como nenhum outro em sua descendência, foi apelidado Mão-longa, porque tinha a mão direita mais comprida que a esquerda, era filho do rei Xerxes: mas o segundo, do qual pretendemos escrever agora, foi apelidado Mnemon, isto é, grande memória, e era filho da filha do primeiro; pois o rei Dário e sua mulher Parisate tiveram quatro filhos, do sexo masculino, dos quais o primogénito foi este Artaxerxes, o segundo foi Ciro e dois outros mais moços, Ostanes e Oxartes. Ciro trouxe desde o princípio o nome do primeiro antigo Ciro, que em língua persa significa o sol: mas Artaxerxes antes chamava-se Arsicas, embora Dmon escreva que ele se chamava Oarses: todavia não é verossímil que Ctésias, ainda que seus livros estejam cheios de fábulas de toda a espécie, não somente incríveis, mas mesmo loucas e tolas, tenha ignorado o nome do príncipe com o qual ele vivia, ao qual servia{1578} e seguia ordinariamente, ele, sua mulher e seus filhos. Ciro desde a mais tenra idade foi de natureza ardente e veemente e Artaxerxes, ao contrário, mais doce e mais ponderado em todas as suas ações; suas paixões e afetos eram mais moderados e menos violentos. Teve como esposa uma honesta e linda senhora, que ele desposou por ordem de seu pai e de sua mãe, e depois a conservou contra vontade deles e até mesmo com sua proibição. Pois o rei Dário, seu pai, tendo feito morrer o irmão dela, queria que também ela morresse: mas tanto ele pediu a sua mãe e tanto fez com suas lágrimas, orações e rogos, para com ela, que com grande dificuldade obteve, não somente que ela não morresse, mas ainda que não se separasse dele. No entretanto, a mãe tinha mais afeto a Ciro do que a ele, e desejava que ele fosse rei depois da morte de seu pai.

II. Ciro estava no governo das províncias marítimas da Ásia, quando lhe determinaram que voltasse imediatamente à corte, porque seu pai adoecera da mesma doença de que depois veio a falecer; ele para lá se dirigiu com grande esperança de que sua mãe teria feito que seu pai o declarasse por testamento seu sucessor no remo da Pérsia: ainda mais, porque igualmente Parisate alegava uma razão de certo valor e da qual o velho Xerxes se tinha uma vez servido, em caso semelhante, por conselho de Demarato: dizia ela ter amamentado Arsicas antes que Dário, seu esposo, fosse rei, e Ciro depois que ele tinha recebido a coroa: todavia não o conseguiu, pois, filho mais velho, Arsicas, foi declarado sucessor no reino da Pérsia, e cognominado Artaxerxes e Ciro, governador da Lídia e lugar-tenente do rei em todas as províncias baixas e marítimas da Ásia.

III. Alguns dias depois da morte de Dário, o novo rei Artaxerxes foi a Pasargades, para aí ser sagrado pelos sacerdotes da Pérsia. Pasargades é um templo dedicado a uma deusa das armas, Minerva, como eu penso, e é necessário que o rei que nele entra, para ser consagrado, se despoje de suas vestes, e vista a que o velho Ciro usava antes de ser rei; ainda é necessário que ele coma uma torta feita de figos com terebinto e que beba uma bebida composta de vinagre e leite. Se há ainda outras cerimonias secretas que ele tem que observar, somente os sacerdotes é que o sabem, e mais ninguém. Quando, porém, Artaxerxes estava para realizai todas estas cerimonias, Tissafernes veio ter com ele, e trouxe-lhe um dos seus sacerdotes, que tinha sido preceptor e mestre de Ciro em sua infância, e lhe ensinara a arte da magia, e por esse motivo devia estar, tanto quanto os outros, ou ainda mais, admirado de que ele não tivesse sido declarado rei. Isso foi motivo de que se desse mais crédito às acusações que veio fazer contra ele: pois o acusou de ter conspirado contra a pessoa do rei, seu irmão, e de ter deliberado matá-lo, à traição, dentro do templo, quando ele se despisse de suas vestes. Alguns dizem que por esta simples acusação verbal Ciro foi preso. Outros escrevem que ele entrou no templo e lá, escondendo-se, foi depois descoberto e aprisionado pelo sacerdote; mas quando o quiseram fazer morrer, sua mãe tomou-o nos braços, enrolou-lhe o pescoço com suas tranças do cabelo e o ligou estreitamente a si mesma, chorando com tanto sentimento, clamando e suplicando ao rei, seu filho, com tanta insistência, que lhe salvou a vida, e o fez recolocar em sua posição de governo: ele, porém, não se contentou com isto,. e não gravou tanto na memória a graça que o rei, seu irmão, lhe havia concedido, dando-lhe a vida, como o despeito, por tê-lo feito aprisionar: de maneira que, por este episódio infeliz, ele desejou ainda mais, e mais do que nunca, fazer-se rei.

IV. Alguns escreveram que ele tomou as armas e se revoltou contra seu irmão, porque ele não tinha o necessário para manter o decoro de sua casa e de sua despensa ordinária: mas é tolice dizer-se isso: pois quando ele não tivesse tido outro meio, senão sua mãe, ele podia obter dela tudo o de que necessitasse e que lhe saberia pedir: e para mostrar que ele por si mesmo era bastante rico, não é necessário senão citar os soldados estrangeiros que ele mantinha às suas expensas, em vários lugares, como o escreve Xenofonte; ele não os reuniu todos de uma vez, porque desejava conservar oculto o seu empreendimento, o mais possível, mas tinha servidores e amigos que os recrutavam em diversos lugares e em várias ocasiões: e tinha também sua mãe que, estando junto do rei, afastava as suspeitas que se levantavam contra ele: e ele também, por sua parte, enquanto fazia os seus preparativos, escrevia muito humildemente a seu irmão, pedindo-lhe alguma coisa, e às vezes contra-acusando e acusando também Tissafernes, a fim de que o rei compreendesse que era a ele que eles queriam e contra quem toda sua inveja e ira se dirigiam: como a natureza do rei fosse um tanto pesada e lenta por si mesma, o povo isso tomava por um proceder benigno e bondoso.

V. É verdade que quando cingiu a coroa ele seguiu bastante a bondade e a benignidade do primeiro Artaxerxes, do qual trazia o nome: ele escutava mais de boamente aqueles que tinham que tratar com ele, honrava e recompensava mais largamente os que o haviam merecido, e mandava castigar os delinquentes com tal moderação, que dava bastante a conhecer que não era por vingança nem por vontade desordenada de ultrajar a alguém que ele o fazia{1579} : quando recebia presentes, não mostrava menos contentamento e satisfação para com os que lho davam, do que eles mesmos, e dava com tanta franqueza e bondade: pois tudo o que se lhe apresentavam, por pequeno ou insignificante que fosse, ele não o desprezava, mas o aceitava de boa vontade. Como ele disse um dia de um certo Romises{1580} que lhe fazia presente de uma romã bela, grande e vermelha: "Pelo sol{1581} — disse ele — este homem em pouco tempo faria de uma aldeia uma grande cidade, que se lhe desse para governar". Uma outra vez, um modesto operário, vendo que cada qual oferecia ao rei algum presente, isto ou aquilo, quando ele passava, e nada encontrando no momento à mão em seu caminho, para lhe oferecer, correu ao no, encheu o côncavo da mão de água e foi levá-la a ele. O rei Artaxerxes apreciou tanto este ato que lhe enviou, dentro de uma taça de ouro maciço, mil dáncas, que eram moedas de ouro assim chamadas porque tinham nelas impressas a imagem de Dário.

E a um lacedemômo chamado Euclidas, que lhe dizia atrevidamente palavras injuriosas, contentou-se em lhe responder por um de seus generais: "Podes dizer-me o que te aprouver, mas a mim, que sou rei, é-me permitido tanto dizer como fazer o que me agrada". Outra vez, numa caçada, Tiribazo mostrou-lhe a veste toda rasgada: "Pois bem, — disse ele — que quer que eu faça?" Tiribazo lhe respondeu: "Majestade! Tome uma outra e dê-me essa que tem no corpo". O rei fê-lo e disse: "Tinbazo, eu te dou esta minha veste, mas eu proíbo-te usá-la". Tinbazo tomou-a e não se inquietou por o rei tê-lo proibido usá-la, não que ele fosse homem de má vontade, mas somente irrefletido e temerário, que nada temia: vestiu imediatamente a veste real e, não contente com isso, adornou-se com joias de ouro, que somente os reis costumam usar, e vários adornos de mulheres, de maneira que todos os da corte murmuravam, porque era coisa proibida pelas leis da Pérsia: mas o rei somente riu-se, e disse-lhe: "Eu te permito usar esses adornos de ouro, à maneira das mulheres, e essa veste real, à maneira de um louco". Além disso, sendo costume na Pérsia que jamais uma pessoa se sentasse à mesa do rei, a não ser sua mãe ou esposa, sentando-se a mãe acima e a esposa abaixo, Artaxerxes fez sentarem-se com ele seus dois irmãos Ostanes e Oxatres: o que mais ainda apreciaram os persas, foi que ele quis que sua esposa, que se chamava Estatua, - viajasse sempre em carro descoberto, e que fosse visitada e saudada por outras senhoras do país: isso fez que o povo muito o amasse.

VI. É verdade que aqueles que desejavam novidades e que não podiam ficar sossegados

andavam dizendo que os negócios exigiam um príncipe como Ciro, que era liberal de natureza, amava as armas, e fazia grandes bens aos seus servidores, e que a grandeza do imp ério da Pérsia tinha urgente necessidade de um rei que tivesse um coração nobre e fosse desejoso de glórias e de honras: de medo que Ciro empreendeu a guerra contra o rei, seu irmão, não somente animado pelos que estavam no país baixo, junto dele, mas também nas províncias altas, junto do rei, e sobre isso escreveu aos lacedemônios, pedindo-lhes que lhe enviassem soldados, prometendo-lhes, aos que viessem a pé, dar-lhes cavalos, e, aos que já os tinham, dar-lhes carros, e aos que tinham propriedades dar-lhes aldeias inteiras, e, aos que já tinham aldeias, dar-lhes cidades. Numa palavra, que, quanto ao soldo ordinário dos que pegassem em armas para ele, pagar-lhes-ia, não por conta, mas segundo a medida: falando de si mesmo, dizia, vangloriando-se, que tinha um coração generoso, mas que seu irmão{1582}, que suportava todas as necessidades com muito mais ânimo do que ele, que entendia mais de magia, que bebia mais vinho e o tolerava mais, e que o rei, seu irmão, ao contrário, era delicado e tão covarde que, quando ia à caça, a custo montava num cavalo, e, à guerra, ia num carro. Os lacedemônios, tendo recebido suas cartas, enviaram{1583} um bilhete a Clearco, pelo qual lhe ordenavam que obedecesse a Ciro em tudo o que ele lhe ordenasse.

VII. Assim, partiu Ciro para fazer guerra ao próprio irmão, tendo reunido grande número de combatentes das nações bárbaras e gregos, pouco menos de treze mil, e dando a entender, ora uma coisa, ora outra, porque reunira tanta gente: mas não pôde por muito tempo dissimular, nem ocultar a sua intenção: Tissafernes, em pessoa, foi à corte levar a notícia do empreendimento, pelo que todo o palácio real muito se alvoroçou. Lançava-se a maior parte da culpa desta guerra à mãe do rei e eram seus amigos e servidores muito suspeitos de ter tido entendimentos com Ciro; o que mais aborrecia, porém, a Parisate, mãe do rei, era a rainha Estatira, a qual muito se afligia por ver esta guerra contra seu marido, e não fazia outra coisa senão gritar: "Onde está a fé que juraste? Onde estão as orações pelas quais salvaste da morte aquele que tinha atentado e conjurado contra a própria pessoa de seu irmão? e tendo-lhe salvo a vida, não és causa desta guerra e de todos estes males e aflições em que agora nos encontramos?" Por estas queixas e recriminações, Parisate, que era mulher áspera e vingativa, e que guardava ódio, se pôs a querer mal a Estatira, tão cruelmente, que procurou, desde então, por todos os meios, fazê-la morrer: e diz o historiador Dinon que foi durante a mesma guerra que ela executou a sua má intenção. Mas Ctésias escreve que foi depois: e é mais verossímil que ele, que então residia ordinariamente na corte do rei da Pérsia, tenha sabido, com certeza, qual o tempo em que ela executou sua emboscada e sua traição e não há outro motivo para que ela tenha diferido o seu crime para outro tempo, que não aquele em que foi cometido, ainda que em vários outros lugares ele tenha tido o hábito de se afastar da verdade para dizer mentiras e inverdades, à vontade. Por isso coloquemos os acontecimentos desse fato, na mesma ordem do tempo e do lugar em que ele o colocou.

VIII. Quando Ciro começou a se aproximar da região onde seu irmão estava, deram-lhe a notícia e correu mesmo a voz no seu acampamento, que o rei não tinha deliberado combater tão depressa, nem vir à batalha contra ele, e que tinha proposto retirar-se para longe da Pérsia, para aí esperar que suas forças se reunissem de todas as partes. E que isso era verdade, o sabemos, porque o rei fez abrir através o campo uma trincheira de dez braçadas de largura{1584} e o mesmo de profundidade, na extensão de vinte e cinco léguas de comprimento, ele a abandonou e deixou Ciro apoderar-se dela; penetrou depois, sem encontrar resistência alguma, até bem perto da mesma cidade de Babilónia. Todavia, Tinbazo, como se diz, foi o primeiro que teve a ousadia de lhe dizer que não devia fugir assim da batalha, nem ir se esconder no fundo da Pérsia, abandonando como presa ao seu inimigo os reinos da Média, de Babilónia e de Susa: mesmo porque ele tinha tantos combatentes já prontos, quantos seu inimigo, e inúmeros generais mais experimentados, e melhores para o aconselhar e combater por ele. Estas palavras de Tinbazo fizeram-no mudar de ideia, e de intenção, e tomar a deliberação de combater o mais depressa possível. Posse então imediatamente a caminho, para enfrentar o inimigo, com novecentos mil combatentes, muito bem armados e equipados, e marchando em boa ordem.

IX. Isto, à primeira vista, espantou e perturbou muito os homens de Ciro, quando os viram tão bem organizados e armados diante deles, que estavam esparsos cá e lá em desordem, desarmados, porque confiavam demasiado em si mesmos, e desprezavam o inimigo: de maneira que Ciro teve muita dificuldade em organizá-los para a batalha no meio do tumulto e dos clamores: mais que todos, porém, foram os gregos quem mais estupefatos se mostraram quando viram o exército do rei marchar com tanta ordem, pois eles esperavam ver muita desordem, grande confusão numa tão grande multidão de homens, e julgavam que haveria muito alando e que não se entenderiam uns com os outros; mas, muito ao contrário, tudo estava muito bem ordenado{1585} ; antes da batalha ele tinha disposto seus melhores carros de guerra, armados de foices, aos quais estavam atrelados os cavalos mais fortes e mais velozes que havia em todo o exército, esperando, pela impetuosidade de sua corrida, que eles abririam e romperiam as linhas dos inimigos, antes que eles pudessem alcançar e atacar as suas.

X. Mas, esta batalha foi descrita por vários historiadores, especialmente por Xenofonte, que por assim dizer, no-la faz ver a olho e a representa aos que o leem, não como coisa passada, mas presente, impressionando de tal modo, que parece que estão presentes à mesma, e no meio do perigo tão claramente o descreve; não seria, pois, conveniente que eu quisesse descrevê-la, senão apenas algumas particularidades dignas de serem mencionadas, e que ele por acaso omitiu, como o lugar onde se deu a batalha, que se chamava Cunaxa, longe de Babilónia, pouco mais de trinta léguas, e que antes da batalha Clearco aconselhou a Ciro que se conservasse atrás do batalhão dos gregos, sem arriscar, porém, a sua pessoa entre os primeiros: e que Ciro lhe respondeu: "Que dizes, Clearco? Queres que eu, que procuro fazer-me rei, me mostre indigno de sê-lo?" Ciro, porém, cometeu a falta de não ser cuidadoso quanto a si mesmo, mas muito temerariamente se lançou no perigo; o mesmo Clearco disse-lhe então outra frase não menos pesada, ou talvez mais ainda que a primeira, quando ele não quis alinhar e dirigir os homens ao lugar da batalha dos inimigos, onde estava a pessoa do rei, mas os foi reunir ao longo do rio, de medo que eles fossem envolvidos pela retaguarda; pois, se ele queria olhar assim de perto, e prover em todos os pontos a sua segurança a fim de não ser atacado de algum modo, ele não devia ter-se movido de casa. Mas, depois de ter tanto caminhado, desde a região baixa da Ásia até o lugar onde combateram, sem que ninguém os impedisse e obstaculizasse, somente para pôr a Ciro no trono real de seu pai, ir procurar um lugar de batalha, não onde pudesse prestar mais serviço ao senhor que o assalariava, mas onde pudesse combater mais à vontade e com menor perigo, era o mesmo que, se, por falta de coragem, ele tivesse perdido o senso do necessário, ou por deslealdade tivesse covardemente abandonado a empresa; pelo que, pois, sendo verdade que as tropas que estavam perto do rei jamais tinham sustentado o ataque dos gregos, e que derrotadas elas, o rei teria sido morto no campo de batalha ou obrigado a fugir, e Ciro teria ganho a jornada, e por essa vitória teria sido criado rei, o êxito da batalha o mostra e o testemunha assaz evidentemente. Por isso, ao invés deve-se dar a culpa da derrota desta luta à excessiva circunspeção de Clearco, do que à temeridade de Ciro: pois se o mesmo rei Artaxerxes tivesse escolhido de sua vontade um lugar no qual os gregos se devessem colocar, para menos prejuízo lhe causar, ele não teria podido encontrar um outro mais adequado e a propósito, do que aquele, que estava mais longe dele e de onde os gregos não tivessem podido nem ver, nem ouvir o que se fazia no lugar onde ele estava, como de fato sucedeu: pois Ciro foi feito em pedaços antes que se tivesse podido valer da vitória de Clearco, tanto ele estava longe dele: e ainda mais, Ciro soube muito antes do fato, o que era mais útil de se fazer; pois ele ordenou a Clearco que se alinhasse com sua companhia no meio da batalha e Clearco lhe respondeu, que ele de nada se inquietasse e que ele dana a ordem e tudo sairia bem. Tendo dito isto, depois, tudo ele pôs a perder, pois no lugar onde estavam os gregos, eles romperam os bárbaros que encontraram na frente, diante deles e os perseguiram quanto quiseram.

XI. Ciro, tendo montado em um cavalo fogoso e vivo, mas difícil de governar, teimoso e se-mi-selvagem, ao qual chamavam de Pasacas, como diz Ctésias, o governador da província dos cadusianos, que se chamava Artagerse o avistou de longe e logo correu em sua direção clamando em altas vozes: "Ó traidor, o mais desleal e o mais insensato dos homens que jamais existiram sobre a terra, desonras o nome de Ciro, o mais belo dentre os persas, por trazeres aqui os gregos, valorosos combatentes, a uma empresa tão infeliz para saquear os bens dos

persas, na esperança de arruinar e derrotar teu soberano senhor e teu próprio irmão, que tem inúmeros servidores e escravos, mais homens de bem do que tu em toda a tua vida: e tu o conhecerás aqui por experiência, presentemente, pois deixarás a vida antes que possas ver a face do rei, teu irmão". Dizendo estas palavras arremessou-lhe com toda a sua força um dardo que tinha na mão: mas a couraça de Ciro foi tão forte que ele não a atravessou: todavia o golpe foi tão violento que o fez cambalear sobre o cavalo. Feito isto ele virou rapidamente seu cavalo, e então Ciro atirou-lhe por sua vez um dardo com tanta pontaria que o atingiu no osso que une as duas espáduas, atravessando-lhe o pescoço de lado a lado.

XII. Todos os historiadores estão bem de acordo em narrar este fato, isto é, que Ciro matou imediatamente a Artagerse, como dissemos: quanto à morte de Ciro, porém, pois que Xenofonte não diz sequer uma palavra nem de passagem, porque não estava presente no momento e no lugar onde ele foi morto, não será mal descrevê-lo do modo como o faz Dinon, e outrossim Ctésias; Dinon escreve que Ciro, depois de ter matado Artagerse, foi furiosamente atacar a tropa que estava mais próxima da pessoa do rei, e que ele alcançou de bem perto, a ponto de matar o mesmo cavalo em que ele montava, de modo que ele caiu por terra; mas Tiribazo que Já se encontrava também, montou-o imediatamente em outro, dizendo-lhe: "Majestade, lembre-se deste dia, pois ele não merece ser esquecido". Ciro, fustigando novamente seu cavalo atirou uma segunda seta, com a qual atingiu Artaxerxes: mas à terceira carga, o rei não podendo mais se conter, disse aos que estavam em redor dele, que ele preferia morrer do que suportá-lo por mais tempo; e cavalgou então ao encontro de Ciro, o qual se lançava furiosamente, de cabeça baixa, no meio de inúmeros golpes, que lhe desferiam de todos os lados, e lhe atirou o seu dardo: assim fizeram todos os que estavam mais perto da sua pessoa, de modo que nessa confusão Ciro foi atirado ao chão. Uns dizem que foi pelo golpe que lhe desferiu o rei, seu irmão, outros dizem que foi um soldado da região da Cana, ao qual o rei como recompensa deu mais tarde o privilégio de levar em todas as batalhas, diante da primeira fileira um galo de ouro preso na ponta de um dardo, porque os persas chamam aos da região da Caria, de galos, porque eles cost umam levar, na guerra, cristas semelhantes às dos galos, em seus elmos.

XIII. Eis como Dinon a descreve: mas Ctésias, para estender um pouco as palavras, diz que Ciro depois de ter matado a Artagerse, cavalgou diretamente contra o rei, e o rei contra ele, sem dizer uma só palavra nem um, nem outro. Arieu, um dos amigos de Ciro, atirou o primeiro dardo, mas não atingiu o rei: o rei, então com toda a sua força, lançou seu dardo, julgando ferir a Ciro: mas errou, e, no lugar dele, feriu Tissafernes{1586}, um dos mais valentes e dos mais leais servidores que Ciro tinha junto de si, e com esse golpe o atirou morto, por terra. Ciro então atirou-lhe um dardo, que o atingiu no estômago, tão fortemente que forçou a couraça, e entrou uns dois dedos na carne. Ante esse golpe, o rei caiu por terra pelo que a maior parte dos que estavam perto dele se assustou e fugiu: no entretanto, ele ainda levantou-se com o auxílio dos que estavam junto dele, entre os quais o mesmo Ctésias diz que estava e retirou-se a uma pequena colina ali bem perto, para reanimar-se. No entretanto, o cavalo de Ciro, que era ardente, como dissemos, e tinha muito má boca, levou-o contra sua vontade bem longe de seus homens mesmo no meio de seus inimigos, sem que ninguém o conhecesse porque já era noite, e seus homens não podiam procurá-lo: ele, porém, confiando em ter já ganho a vitória, pois era ardente de natureza, cheio de ânimo e de coragem, começou a andar cá e lá no meio dos inimigos, gritando em língua persa: "Salvem-se! Pobres homens, salvem-se!" Ouvindo isto alguns afastavam-se para deixá-lo passar, fazendo-lhe reverência: mas, por infelicidade, sua tiara, que era um chapéu alto, real à maneira dos persas, caiu-lhe da cabeça: e então um jovem persa, chamado Mitrídates, passando ao lado dele deu-lhe um golpe de dardo na fronte, perto dos olhos sem nem ao menos saber quem ele era. Imediatamente da ferida correu abundantemente o sangue, pelo que Ciro fora de si de espanto, caiu por terra e seu cavalo fugiu: mas a sela que estava sobre ele caiu por terra ensanguentada e um pajem de que o havia ferido a apanhou.

XIV. Pouco depois, Ciro tendo voltado do seu espanto, alguns de seus eunucos, isto é{1587}, criados de quarto, castrados, que tinham permanecido perto dele, levantaram-no para montá-lo em outro cavalo, e tirá-lo daquele meio confuso: mas ele não podia ficar a cavalo; tentaram levá-lo caminhando mesmo a pé, e os eunucos tomaram-no por debaixo do braço, ainda

atordoado como ele estava, não podendo ficar de pé, embora pensasse ter ganho a batalha, porque via os inimigos fugindo em redor dele, os quais gritavam: Viva o rei Ciro! e pediam-lhe que os perdoasse e tivesse compaixão deles. Mas, nesse ínterim, alguns pobres homens da cidade de Cauno que seguiam pelo campo do rei, ganhando a vida na execução dos mais baixos serviços que o homem pode fazer, esses pobres homens, por acaso, uniram-se ao grupo onde estava Ciro, pensando, que eram homens do rei, mas por fim perceberam pelo manto vermelho que usavam sobre suas armas, que eram inimigos, porque os do rei os usavam branco, e um dentre eles teve a ousadia de. desferir em Ciro um golpe de espada por trás, sem saber que era Ciro. O golpe atingiu o jarrete e cortou-lhe o nervo, de modo que ele caiu por terra, e caindo, por infelicidade bateu com a fenda da fronte em uma pedra, tão fortemente que morreu no mesmo instante. Assim descreve Ctésias{1588} onde vemos que parece que ele lhe corta a garganta com uma espada recurvada, tendo o corte inutilizado, tanto lhe custou fazê-lo morrer.

XV. Logo depois que ele morreu, Artasiras, um dos eunucos de Artaxerxes, ao qual na corte chamavam de olho do rei, passando por lá a cavalo, reconheceu os eunucos de Ciro, que se mostravam vivamente chorosos, e lamentavam a morte de seu senhor. Perguntou então àquele em quem mais Ciro confiava: "Quem é esse morto, ó Pariscas, que tu choras com tanto sentimento?" Pariscas respondeu-lhe: "Não vês, Artasiras, que é Ciro que acaba de morrer?" Artasiras ficou estupefato quando o viu, consolou o eunuco, aconselhando-o a ficar perto do corpo para guardá-lo; ele, no entretanto, galopando a toda brida, foi ter com o rei Artaxerxes que pensava ter perdido tudo, e estava sofrendo muito, quer pela sede que o devorava, quer pelo golpe que havia recebido no estômago. Chegando ao rei, o eunuco, tudo lho narrou com alegria, de como havia visto Ciro já cadáver; com isso rejubilou-se tanto o rei que teve vontade de ir ele mesmo imediatamente ao lugar onde Ciro estava, para vê-lo, e ordenou a Artasiras, que o levasse lá: mas depois de ter pensado um pouco melhor, aconselharam-no de não ir ele mesmo, em pessoa, pelo temor e perigo dos gregos, que se dizia terem ganho tudo, e estarem ainda no campo, assaltando e matando, mas antes, enviar um grupo de homens que poderiam mais facilmente informar-se e trazer-lhe notícias, com certeza se era ou não verdade. Foi aceita esta proposta, e foram mandados uns trinta homens com muitas tochas e lanternas: no entretanto, um dos eunucos, chamado Satíbarzanes, corria de cá para lá para ver se encontrava um pouco de água para o rei, que parecia querer morrer de sede, pois ali onde estavam não havia uma gota sequer de água, e estavam ainda muito longe do seu acampamento. Depois de ter corrido bastante, por fim encontrou aqueles pobres diabos caunianos, um dos quais levava dentro de um saco de pele de cabra mais ou menos oito copos de água, já estragada e imprópria para se beber: levou-a assim mesmo, incontinente, ao rei, que a bebeu toda, e depois de a ter bebido, o eunuco perguntou-lhe se aquela água ruim não lhe havia feito mal, e o rei jurou-lhe por todos os deuses que jamais havia bebido vinho tão delicioso nem água tão fresca e pura como aquela, tanto prazer lhe havia causado: "E portanto, — disse ele — rogo aos deuses, se não puder encontrar aquele que ta forneceu, para recompensá-lo, que o façam feliz e contente. Tendo ainda na mente esta resolução, voltaram os trinta homens com suas tochas e todos com o semblante alegre, confirmaram-lhe a boa-nova, que ele jamais havia esperado, e já de todos os lados, se havia reunido um número tão grande de soldados, em redor dele e muitos outros ainda vinham em fila, que ele começou a convencer-se de que era de fato verdade. Desceu então à planície, com muitas tochas e lanternas, e foi ao lugar onde ainda estava estendido por terra o corpo de Ciro, onde, segundo um antiga determinação e lei da Pérsia, contra os criminosos, de lesa-majestade, ele mandou cortar-lhe a cabeça e a mão direita, depois mandou trazer-lhe a cabeça e tomando-a pelos cabelos que Ciro usava longos e espessos, mostrava-a ele mesmo aos que ainda fugiam e duvidavam, para convencê-los da realidade e eles se admiravam, faziam-lhe reverência, e reuniam-se à tropa do rei, de modo que em poucas horas, ele pôde reunir bem setenta mil combatentes, com os quais retomou o caminho para o seu acampamento.

XVI. É verdade que Ctésias diz que ele não tinha quatrocentos mil combatentes ao todo, mas Dinon e Xenofonte dão-lhe muito mais: quanto ao número de mortos Ctésias diz que haviam dito ao rei que eram mais ou menos nove mil, mas que lhe parecia que, ao vê-los, eram não menos de vinte mil: quanto a esta afirmação, porém, poder-se-ia discutir num e noutro ponto: mas quanto ao resto, sobre no que diz que o rei o mandou com Failo, o Zacintiano, aos gregos

e a alguns outros ainda, isto é mentira certa: pois Xenofonte sabia muito bem que Ctésias estava a serviço do rei, visto que ele faz menção disso em alguns lugares da sua história, e se ele tivesse sido deputado pelo rei para ir levar aos gregos palavras de tão grande importância, é verossímil que Xenofonte não o teria calado nem ocultado, onde ele cita apenas Failo{1589}, o Zacintiano: mas Ctésias, como se nota muitas vezes em seus escritos, era homem muito ambicioso e apoiava os lacedemônios, principalmente Clearco e procurando sempre a ocasião, fazendo mesmo aparecer de propósito, para falar de si mesmo, em seu proveito, da Lacedemônia, como de Clearco.

XVII. Depois desta batalha, o rei Artaxerxes enviou belos e ricos presentes ao filho de Artagerse, que Ciro tinha matado com suas próprias mãos, e honrou assim a Ctésias, ele o diz e a vários outros, e não se esqueceu de mandar procurar o pobre homem cauniano que lhe havia dado a água para que ele bebesse naquela difícil contingência, quando apertado pela sede: e tendo-o encontrado, fê-lo de pobre e desconhecido, que era antes, homem rico e nobre. Usou ainda de um sensato e reto modo de julgar, no castigo daqueles que tinham faltado ao próprio dever, como um certo medo, chamado Arbaces, o qual no dia da batalha tinha fugido do lado de Ciro, depois, quando soube que ele tinha sido morto, voltara para o primeiro lado: julgando que era, antes, fraqueza e covardia, do que traição ou má vontade, que o tinha feito agir assim, condenou-o a trazer sobre o pescoço uma meretriz completamente nua, por toda a praça, durante um dia. E a um outro, que além de se ter ido entregar aos inimigos, ainda se vangloriava mentirosamente que tinha matado dois, fez-lhe atravessar a língua com três golpes de sovela em três lugares. Por fim, sendo de opinião que ele mesmo tinha matado a Ciro, com suas próprias mãos, e querendo que todos o pensassem e o dissessem também, enviou presentes a Mitrídates, que o tinha ferido na fronte, por primeiro, e ordenou àquele que os levava a ele, de lhe dizer de sua parte: "O rei envia-te presentes, porque por primeiro tendo encontrado a sela do cavalo de Ciro tu a trouxeste a ele". O Cariano também, que lhe havia cortado o jarrete, depois do que ele caiu por terra, também pediu o seu presente, que o rei lhe deu, e mandou dizer-lhe, por aquele que lho entregou: "O rei te faz este presente, porque foste o segundo que lhe levou a boa notícia; porquanto Artasiras foi o primeiro e tu, o segundo, que lhe anunciou a morte de Ciro".

XVIII. Mitrídates, porém, ainda que tivesse ficado bastante descontente com estas palavras, contudo retirou-se sem nada dizer, no momento, em contrário: mas o infeliz Cariano se deixou levar pela sua loucura a uma paixão assaz comum aos homens: pois a alegria que sentiu repentinamente, como é natural, de ver diante de si o belo e rico presente que o rei lhe enviava, o exaltou e cegou até a fazê-lo aspirar e pretender coisas maiores do que as que o seu estado e condição o comportavam: assim, não quis aceitar o presente que o rei lhe mandava, pelo motivo de ele lhe ter anunciado a morte de Ciro, mas começou a se irritar, gritando e chamando os deuses como testemunhas que unicamente ele, somente ele, e nenhum outro, tinha matado a Ciro, e que assim se lhe fazia grande injustiça querendo-se privá-lo dessa glória. O rei tendo ouvido isso, irritou-se, e ordenou que imediatamente lhe cortassem a cabeça: mas Pansate, sua mãe, estando presente a esta ordem, disse-lhe: "Não faças morrer assim, este malvado, deixa-me a mim, eu o castigarei bem por ter se atrevido a falar com tamanha ousadia e temeridade". O rei lhe permitiu e ela mandou prender o infeliz Cariano pelos executores da alta justiça, e o fez martirizar durante dez dias, continuamente, e no fim dos dez dias lhe fez arrancar os dois olhos da cabeça, e finalmente mandou despejar-lhe metal derretido dentro dos ouvidos até que nesse tormento ele morreu.

XIX. Mitrídates também morreu pouco tempo depois, miseravelmente, por uma mesma loucura: pois fora convidado a um banquete, ao qual estavam lambem presentes os eunucos do rei, e sua mãe, e lendo ele vindo, sentou-se à mesa com a mesma veste de ouro que o rei lhe havia dado. Quando se chegou ao fim do jantar que começaram a se trocar os brindes, um dos eunucos de Parisate, se pôs a dizer: "O rei deveras te deu esta linda veste, Mitrídates, e belas correntes e colares de ouro, e também a cimitarra que ele te deu é assaz rica e suntuosa: de modo que quando tu a tens ao teu lado, ninguém há que não te julgue feliz", Mitrídates, ao qual os vapores do vinho já começavam a turbar a mente e subir à cabeça, respondeu-lhe imediatamente: "Que é isso, Esparamix? Eu merecia muito mais e coisas muito

mais belas no dia da batalha". Então Esparamix replicou-lhe, sorrindo: "Eu não digo isso por inveja, que tenho de teu bem, Mítrídates, mas falando aqui entre nós, francamente, porque os gregos dizem num provérbio comum, que a verdade está no vinho, eu te peço, dize-me, que grande e magnânima proeza é ter recolhido a sela de um cavalo, que tinha caído por terra, e tê-la levado ao rei?" isso o eunuco lho dizia maliciosamente, não que ele não soubesse bem da verdade, mas para provocá-lo, para que ele falasse, e para que saísse fora dos limites sabendo que ele era homem leviano por natureza, e que não sabia refrear a língua, principalmente então que havia bebido, como de fato aconteceu: Mítrídates, não sabendo mais conter-se, replicou: "Vós falais de sela de cavalo e de coisas confusas, tanto quanto quereis, mas eu vos digo, com certeza, que Ciro foi morto por esta minha mão, e não por outra: pois eu não dei o meu golpe em vão, como fez Artagerse, mas o feri na fronte, bem perto dos olhos: e tendo-lhe atravessado a cabeça de lado a lado eu o derrubei ao chão, e ele morreu por aquele golpe". Não tinha terminado ele estas palavras que todos os que estavam à mesa abaixaram os olhos, prevendo desde então a ruína e a morte daquele infeliz Mítrídates, mas quem dava o banquete, tomando a palavra, disse: "Mítrídates, meu amigo, bebamos e estejamos alegres, adorando e agradecendo a boa sorte do rei; deixemos esses assuntos que são muito elevados e não nos pertencem. Ao sair dali o eunuco foi imediatamente referir aquelas palavras a Parisate, afirmando que Mitrídates as tinha dito publicamente, em presença de muita gente, e ela as referiu ao rei, que imediatamente se encheu de cólera, como sentindo-se desmentido e obrigado a perder aquilo que ele tinha de mais honroso e agradável em sua vitória: pois ele queria que todos, tanto os gregos como os bárbaros, acreditassem certamente que, na luta entre ele e seu irmão, ele tinha sido gravemente ferido, mas que o tinha matado com suas próprias mãos. Mandou então que matassem também a Mitrídates, com o suplício dos coxos que é assim:

XX. Tomam-se dois recipientes vazios e ocos, semelhantes ao coxo, onde bebem os animais, e iguais em tamanho; dentro de um coloc a-se a pessoa que vai ser supliciada, deixando fora, por orifícios, a cabeça, os pés e as mãos: o resto do corpo fica encoberto e escondido, dentro, pelo outro que vai por cima. Dá-se-lhe de comer e se ele se recusar, obrigam-no à força, picando-lhe os olhos com uma sovela: depois que ele comeu dá-se-lhe de beber mel destemperado com leite, e derramam-lhe não somente pela boca, mas pelo rosto todo de modo que o sol lhe bate sempre dentro dos olhos: o rosto então estará todo coberto de moscas, e fazendo, dentro dos coxo s, todas as necessidades que o homem comendo e bebendo deve fazer, ele chega a produzir podridão e decomposição em suas fezes e os vermes então lhe começam a roer o corpo até as partes mais nobres: quando veem que o paciente está morto, removem o coxo de cima, e sua carne está toda devorada, pelos vermes que dele mesmo se geraram, até às entranhas. Mitrídates, depois de ter agonizado durante seis dias ou sete, nesse miserável estado, finalmente morreu entre dores atrozes.

XXI. Não restava então a Parisate, para terminar a sua tarefa, senão Mesabate{1590}, um dos eunucos do rei, que tinha cortado a mão e a cabeça a Ciro; vendo que ele se conservava sempre vigilante e atento em suas palavras e atitudes, não lhe dando ocasião de prendê-lo, por fim, armou-lhe ela uma cilada: era mulher de muito espírito, e que dentre outras coisas sabia muito bem jogar dados e antes da guerra frequentemente o fazia com o rei. seu filho: depois da guerra, ainda, depois de ter feito seus deveres, não deixou de jogá-lo e de passar o tempo como antes, até a conhecer os segredos de seus amores, e a ajudá-lo a deles gozar: em suma, não o perdia de vista, dele se afastava o menos possível, deixando apenas à esposa Estatira, o pouco tempo de que ela podia dispor para estar com ele, quer porque a odiava mais que qualquer outra pessoa no mundo, quer porque queria ter mais crédito e prestígio perante o rei do que ninguém mais. Um dia, então, vendo o rei quase na ociosidade, e não sabendo como passar o tempo, ela lhe propôs jogar mil dáricas nos dados, e propositalmente quis perder, pagou-o em moedas contantes, mostrando, porém, que estava aborrecida e se sentia irritada: pediu-lhe então que jogassem, desta vez, um eunuco, e o rei ficou satisfeito com a proposta: mas antes de jogar puseram esta condição no jogo, que um e outro excetuaria nomeadamente os cinco que lhe eram mais fiéis e que lhe eram mais caros, e o resto, aquele que perdesse teria que entregar prontamente ao ganhador aquele dentre os outros eunucos que lhe fosse pedido. Puseram-se a jogar com essa condição e ela fazendo tudo o que sabia e podia nessa modalidade de jogo, com todo o cuidado e atenção e com o que os dados a

favoreciam, tanto fez que ganhou e pediu a Mesabates por ter vencido, porque ele não era dos que o rei tinha excetuado. Tendo-o entre suas mãos, antes que o rei pudesse suspeitar do que ela queria fazer, ela o entregou aos carnífices e ordenou-lhes que ainda vivo lhe tirassem a pele e depois o crucificassem e atassem seu corpo em três cruzes, e estendessem sua pele sobre um outro pedaço de madeira, à parte. Isso foi feito, e o rei ficou muito desgostoso e descontente quando veio a saber, irritando-se vivamente com ela: ela, porém, não se importou, e ainda disse-lhe em tom de zombaria: "Verdadeiramente tens motivo de te irritar, por teres perdido um velho e mau castrado{1591} quando eu perdi mil dáricas, e tive paciência, sem dizer nem uma palavra". Nada mais houve, porém, senão que o rei ficou muito aborrecido, e se arrependeu de ter jogado e de se ter assim deixado enganar. Mas a rainha Estatira, além de em todas as outras coisas lhe ser sempre contrária, não deixava nesse caso de dizer abertamente, que era uma ofensa feita a ela, matarem cruelmente e sem razão bons e leais servidores do rei e por amor de Ciro.

XXII. Mas, por fim, depois que Tissafernes, lugar-tenente do rei Artaxerxes, enganou a Clearco e aos outros generais gregos, faltando infelizmente à palavra, que lhes tinha dado, e os enviara de mãos e pés atados ao rei, Ctésias diz que Clearco rogou-lhe que lhe fizesse trazer um pente, e tendo-o usado, penteando-se, sentiu com isso tanto prazer que lhe deu em recompensa o anel com o qual ele selava e timbrava suas cartas, para lhe servir de testemunho e de insígnia aos seus parentes e amigos, e da amizade que existira entre ambos; dizem que na pedra desse anel havia gravada uma dança das Canátides. Ele diz ainda que os outros soldados, que estavam prisioneiros com Clearco, lhe tiravam a maior parte dos víveres que lhe eram enviados, deixando muito pouco para ele, e que ele a isso remediou ordenando que lhe mandassem em maior quantidade e que se pusesse a porção de Ciearco, à parte, e a dos outros soldados, à parte, também: o que ele fazia, diz-se, com a notificação e a ordem de Pansate{1592}, a qual, sabendo que todos os dias se mandava presunto a Ciearco, entre outros alimentos, avisou-lhe, uma vez, que era suficiente mandar-lhe dentro do presunto uma pequena faca, a fim de que ao termo da vida, tão valente general e homem de bem, não ficasse à disposição da crueldade do rei, mas que ele teve medo de o fazer, e não ousou mesmo fazê-lo, e que o rei prometeu e jurou a sua mãe, que o rogou muito afetuosamente, que não o fana morrer: todavia, depois, tendo sido solicitado e persuadido do contrário pela rainha Estatira, ele os fez matar a todos, exceto Menon, pelo que Parisate desde aquele momento, diz-se, começou a procurar todos os meios de fazer morrer e de envenenar a rainha Estatira.

XXIII. Não me parece, porém, verossímil que Parisate se pusesse a maquinar um ato tão infeliz, tão mau e perigoso, como o de fazer morrer a mulher legítima do rei, da qual ele já tinha filhos que deveriam um dia também cingir a coroa, somente por amor e por causa de Clearco: é fácil de se compreender que se inventou tudo isto para honrar e engrandecer mais a memória de Clearco: e que é verdade, pode-se facilmente conjeturar, pelas evidentes mentiras que depois se acrescenta, dizendo que os generais, tendo sido mortos, foram os corpos de todos os demais estraçalhados pelos cães e pelas aves de rapina; sobreveio ao depois um vendaval fortíssimo que cobriu o corpo de Ciearco, com um grande monte de terra, e que em redor desse amontoado, pouco tempo depois surgiram da terra várias palmeiras, das quais se fez como um pequeno bosque bastante espesso, de sorte que cobriu e ensombrou todo aquele lugar, de tal modo que o mesmo rei, pouco depois, se arrependeu de tê-lo feito morrer, por ter matado um homem de bem e querido dos deuses. Não foi então o amor de Ciearco, mas uma antiga raiva que Pansate tinha guardada no coração e uma inveja concebida há muito tempo, contra a rainha Estatira, por que ela via bem que o crédito e a autoridade, que ela tinha perante o rei, procediam de uma reverência filial que lhe tinha ele para honrá-la somente; e ao contrário, o crédito de Estatira estava muito mais bem fundado, pois procedia do amor que ele lhe dedicava e da confiança que tinha nela. Eis a verdadeira causa que a incitou a conspirar e a maquinar a morte da rainha, tendo determinado que era necessário que ela ou a rainha morressem.

XXIV. Ela tinha uma criada de quarto, chamada Gigis, que tinha bastante ascendente sobre

ela, e na qual tinha inteira e absoluta confiança. Dinon escreve que ela se servia dela para executar os seus envenenamentos; todavia, Ctésias diz que ela o sabia, somente: e que foi contra sua vontade; que quem forneceu o veneno foi um certo Belitaras, ao qual todavia Dinon chama de Melantas: e embora elas tivessem se reconciliado, aparentemente, fingindo ter esquecido todas as suas querelas e inimizades passadas, e começavam a se encontrar frequentemente, comendo e bebendo juntas, todavia sempre desconfiavam uma da outra, e se precaviam diligentemente, estando sempre em guarda, comendo das mesmas iguanas, servidas pelos mesmos criados e nas mesmas vasilhas. Ora, há na Pérsia um pequeno pássaro, no qual não há nada que não seja bom para se comer, pois está cheio de gordura, por dentro, de maneira que se julga que ele se nutre do vento e do orvalho, e, para louvá-lo, chamam-no em língua Persa, de Rintaces. Parisate, como diz Ctésias, apanhou um que cortou pelo meio em duas partes, com uma pequena faca, a qual estava envenenada de um dos lados somente e pôs imediatamente na boca a parte contrária ao veneno, sem ter tocado nela com a parte envenenada da faca, e deu o outro pedaço a Estatira, que estava contaminado pelo veneno. Todavia Dinon escreve que não foi a mesma Parisate quem lho deu, mas sim o seu escudeiro Melantas, que trinchava, diante dela e que costumava servir à rainha, a carne que tinha tocado do lado envenenado da faca. Estatira caiu logo doente, e dessa enfermidade morreu, com muitas dores e contorsões nos órgãos interiores, e bem se sabia que ela tinha sido envenenada por Parisate, e o disse ao rei, que tinha a mesma opinião contra sua mãe, ainda porque ele muito bem conhecia a sua natureza cruel e vingativa, que jamais perdoava quando tinha tomado uma deliberação.

XXV. Querendo então esclarecer tudo, logo depois da morte de sua mulher, ele mandou prender todos os servidores, criados e os oficiais de sua mãe, e a todos fez supliciar, para obrigá-los a dizer a verdade, exceto Gigís, que Parisate manteve escondida em seu quarto muito tempo, sem querer entregá-la ao rei que a exigia também: todavia, por fim, ela mesma pediu a Parisate, que a deixasse ir, ao seu aposento, certa noite; o rei sabendo disto, fê-la vigiar, e a sua passagem, prendeu-a, e condenou-a a morrer com o suplício que se usa na Pérsia contra os envenenadores, e é o seguinte: metem-lhe a cabeça debaixo de uma pedra chata e com uma outra batem-lhe por cima, com força, até que a cabeça fique despedaçada. Gigis foi assim executada. Quanto a Parisate, nem lhe fez, nem lhe disse outro mal, mas mandou-a a Babilónia, como ela mesma havia pedido e jurou que enquanto ela vivesse, jamais Babilónia a veria.

XXVI. Eis o estado em que se encontravam os seus negócios domésticos: Artaxerxes, então, fez todo o esforço possível para apanhar os gregos que lhe tinham vindo fazer a guerra até no centro do seu reino, como desejará derrotar a Ciro e conservar seu estado; jamais pôde, porém, chegar a isso: pois ainda que tivessem perdido aquele que os tinha assalariado, isto é, Ciro, e todos os generais particulares que os haviam conduzido, eles se salvaram do fundo do seu reino, mostrando por experiência que todo o feito dos persas não era senão ouro e prata, muitas delícias e belas mulheres, e por fim, pompa vã, somente exterioridade; com isso toda a Grécia se sentiu muito animada e confiante, e teve um grande desprezo pelos bárbaros, de tal modo que os lacedemônios julgaram que lhes seria uma grande vergonha, se não libertassem os gregos que habitavam na Ásia, da servidão dos persas, e não os defendessem dos ultrajes e das insolências dos bárbaros. Tendo outrora pretendido fazer isso, por um lermédio de seu general Timbron, e ainda depois, por Dercilidas, que eles enviaram com um exército, sem no entretanto ter conseguido fazer coisa digna de memória, finalmente eles deliberaram enviar seu mesmo rei Agesilau, o qual, passando à Ásia com navios, começou imediatamente, apenas desceu em terra, a pôr mãos à obra, com sabedoria: pois logo na chegada venceu em combate a Tíssafernes, lugar-tenente do rei, e fez rebelasse contra ele a maior parte das cidades gregas que estão na Ásia.

XXVII. Considerando isto, o rei Artaxerxes pensou sabiamente e encontrou o meio pelo qual era-lhe necessário fazer a guerra aos gregos: enviou um rodiano, chamado Hermocrates, no qual ele confiava, com bastante ouro e prata à Grécia, para dar e distribuir aos que ele visse

ter crédito e autoridade nas principais cidades dela, a fim de fazer uma liga de todos os outros gregos contra os lacedemônios. Hermocrates executou sabiamente sua comissão pois as mais poderosas cidades da Grécia passaram para o lado da Pérsia contra os lacedemônos: de tal modo que todo o Peloponeso se convulsionou e o conselho da Lacedemônia foi obrigado a chamar Agesilau para a Grécia. Sendo, contra sua vontade-, obrigado a partir da Ásia, disse ele, a seus amigos, que o rei da Pérsia os expulsava com trinta mil arqueiros, porque na moeda da Pérsia havia gravada a figura de um arqueiro. Ele restituiu também os lacedemônios do principado do mar por meio do general Conon, ateniense, que Farnabazo, um de seus lugar-tenentes lhe havia conquistado, pois Conon, depois da batalha naval, que perdeu no lugar chamado rio da Cabra{1593}, tinha sempre permanecido na ilha de Chipre, não somente para ali ficar em segurança, quer sua pessoa, quer seus bens, mas também porque era um lugar muito próprio para esperar que os negócios da Grécia mudassem de rumo: e sabendo que os discursos que concebera na mente não tinham força para serem executados, mas, ao contrário, que o poder do rei tinha necessidade de um homem de eloquência e inteligência, para dele se servir, escreveu-lhe uma carta, comunicando-lhe o que tinha em mente realizar, ordenando expressamente àquele que lha deveria levar, que, se lhe fosse possível, ele a fizesse apresentar por um candiota, que se chamava Zenon, e era bufão do rei, ou por Policnto, nativo da cidade de Mende, que era seu médico: e se por acaso esses dois lá não estivessem, que a entregasse a Ctésias, para apresentá-la ao rei. Aconteceu que a carta caiu nas mãos de Ctésias, o qual, ao que se diz, acrescentou, além do que já estava escrito, que o rei o enviasse a ele, pois que era um personagem que seria muito útil ao seu serviço, com relação aos serviços da marinha. Ctésias não diz isso, mas escreve que o rei, de sua própria vontade, lhe confiou esse encargo.

XXVIII. Mas depois que Artaxerxes, por meio de Conon e Farnabazo, ganhou a batalha naval perto da ilha de Gnido, e que por meio dela, derrotou e afastou os lacedemônios do domínio dos mares, foi tido em grande estima e reputação em toda a Grécia, de tal modo que deu aos gregos, com as condições que quis exigir, aquela tão afamada paz de Antalcidas. Antalcidas era um cidadão de Esparta, filho de Leon, o qual, favorecendo aos negócios do rei, tanto fez que, pelo tratado dessa paz, os lacedemônios deixaram a Artaxerxes todas as cidades gregas que estão na Ásia, e todas as ilhas compreendidas nas mesmas, para gozarem pacificamente dela e fazer-lhes pagar imposto e tributo à sua vontade. Esta paz feita com os gregos, (se é que se pode chamar de paz a uma traição, uma mancha e uma infâmia de toda a Grécia, tão ignominiosa que nenhuma guerra jamais teve termo tão vergonhoso e infame para os vencidos) o rei Artaxerxes que, por outro lado, odiava de morte a todos os lacedemônios, e que os julgava, como Dinon o escreve, os mais desavergonhados homens do mundo, ao contrário, amou singularmente a Antalcidas, e lhe fez a melhor acolhida possível, quando ele foi à Pérsia; diz-se que um dia o rei tomou uma coroa de flores que mergulhou num óleo de perfume preciosíssimo, o mais perfumado possível, que se preparava para os banquetes, e o enviou a Antalcidas, de sorte que todos ficaram muito admirados, de ver tantos sinais de simpatia, e tão grande obséquio que o rei lhe prestava: mas também era ele um homem bem digno de viver entre as delícias e superfluidades dos persas, e merecia que se lhe enviasse uma coroa tal, visto que tinha tido a coragem de dançar, num baile diante dos persas, para os quais imitava, por zombaria, Leônidas e Calicrátides, dois dos mais valorosos homens que jamais existiram em toda a Grécia. Pelo que alguém lhe disse, ainda na presença do rei Agesilau: "Como é feliz hoje a pobre Grécia, na qual os lacedemônios Persistem", isto é, aderem aos persas{1594} : e o rei Agesilau respondeu-lhe prontamente: "Não é assim, mas ao contrário, que os persas Lacoritzam", isto é, aderem aos lacedemônios. Todavia, a argúcia desta resposta, assim revertida, não destruiu a vergonha do fato, e pouco tempo depois{1595} os lacedemônios perderam a jornada de Leuctras e outrossim a primazia que há tanto tempo tinham conservado sobre toda a Grécia, embora já antes eles tivessem perdido a reputação, por ter consentido e concordado com o tratado de uma paz tão vergonhosa.

XXIX. Enquanto a cidade de Esparta permaneceu aos seus pés e conservou o primeiro grau de dignidade entre os gregos, Arraxe rxes também sempre conservou a Antalcidas consigo e o tratou como seu hóspede e amigo: mas, depois que os lacedemônios perderam a batalha de Leuctras, ficando bastante inferiorizados, e tendo ainda falta de dinheiro, eles enviaram Agesilau ao Egito, e Antal cidas foi a Artáxerxes, na Pérsia, para rogá-lo que o ajudasse e aos

lacedemônios: mas o rei fez pouco caso e o desprezou, rejeitando todas as suas propostas e pedidos, de modo que ele voltou confuso e envergonhado a Esparta sem nada ter conseguido, vendo-se ainda posto em ridículo por seus inimigos, temendo ainda mais que os éforos o mandassem prender e condenar, preferiu ele mesmo matar-se, de fome.

XXX. Mais ou menos por esse mesmo tempo, foram também à corte de Artáxerxes, na Pérsia, ísmênias e Pelópidas, ambos tebanos, depois que ganharam a jornada de Leuctras; Pelópidas nada fez de indigno nem de desonesto, mas ísmênias, tendo-se-lhe ordenado que se inclinasse, para fazer a reverência ao rei, deixou cair seu anel aos seus pés e abaixou-se para apanhá-lo; pensou-se que ele o fizera, para se inclinar diante do rei.

XXXI. Outra vez Artáxerxes, tendo acha do bom um aviso secreto que Timágoras Ateniense lhe dera, por um secretário, chamado Beluris, deu-lhe dez mil dáricas: e, por estar ele indisposto, tinha necessidade de leite de vaca, para se fortificar, o rei mandou-lhe oitenta vacas, para ter delas leite fresco em abundância, todos os dias, e mandou-lhe também um leito com colchão, cobertores e todas as outras coisas e também criados de quarto para arrumá-lo, dizendo que os gregos nada entendiam e não sabiam como estender um leito; mandou-lhe ainda outros homens para carregá-lo nos braços até ó mar, porque ele estava enfermo e enquanto esteve na corte, fê-lo tratar sempre magnífica e cuidadosamente, de modo que um dos irmãos do rei chamado Ostanes disse-lhe: "Timágoras, lembra-te deste serviço de mesa, pois não deve ser por coisa de pouco que assim te servem tão magnificamente". Esta palavra era mais uma reprovação de traição, que uma recordação de favores recebidos. Também os atenienses condenaram o citado Timágoras, a morrer por ter tomado dinheiro do rei da Pérsia.

XXXII. Mas Artaxerxes, como recompensa por tantas outras coisas que ele tinha feito, com grande desprazer dos gregos, lhes deu grande contentamento, quando mandou matar Tissafernes que era o mais aguerrido e feroz inimigo que eles tinham. Pansate muito ajudou para isso, agravando as acusações contra ele: pois o rei não guardou por muito tempo o ódio nem a raiva que tinha contra sua mãe, mas reconciliou-se com ela, e mandou buscá-la de volta, vendo que ela tinha a inteligência e a coragem necessárias para governar um grande reino e ainda também porque não havia mais o impedimento que não lhes permitia aproximarem-se e viver juntos, como eles desejavam, de medo de dar ocasião de inveja e de enfado a outrem. Pelo que de ali por diante, Parisate se pôs a agradar e satisfazer aos desejos do filho, que era rei, e fingia nada achar de mal em tudo o que ele fazia, pelo que conquistou tanto prestígio perante ele que nada lhe era recusado se tivesse tido a ousadia de lho pedir.

XXXIII. Perceberam que ele estava desesperadamente apaixonado por uma das suas próprias filhas, que se chamava Atosa, mas que ele dissimulava sua afeição, o mais possível, e disfarçava por causa dela principalmente, embora alguns dissessem que ele já a tinha deflorado. Logo que Parisate descobriu este amor, começou a tratá-la com mais deferência e mais cuidados e atenções do que antes, falando ao pai, louvava ora a sua beleza, ora a sua graça e suas doces maneiras, dizendo que ela parecia sua rainha e sua grande princesa: de maneira que, pouco a pouco, ela o persuadiu a desposá-la publicamente, sem contrariar absolutamente as leis e as opiniões dos gregos, pois que Deus o tinha dado aos persas, para fazer leis e lhes definir o que era justo ou injusto, honesto ou desonesto. Há ainda alguns historiadores, entre os quais está Heráclides, nativo de Cumes, que escrevem que Artaxerxes não desposou somente a primeira de suas filhas, mas também a segunda, que se chamava Amestris, da qual falaremos dentro em pouco: mas tendo desposado a primeira, ele a amou tão afetuosa e ardentemente que, embora lhe tivesse sobrevindo uma doença a que chamam vulgarmente de o mal da santa Mão{1596}, que lhe cobriu todo o corpo, não deixou de amá-la menos por isso, mas fez continuamente preces por ela a Juno, não adorando nem rogando a outra deusa senão a essa somente, prostrando-se diante dela por terra, e mandando-lhe por

meio de seus amigos muitíssimas ofertas e dons, que por toda a estrada que ia desde seu palácio real até o templo de Juno, que distava uma boa légua{1597} dali, estava repleto de joias de ouro e de prata, riquíssimos panos tingidos de púrpura e cavalos que ele lhe enviava.

XXXIV. Ele iniciou a guerra contra os egípcios, e fez seus lugar-tenentes a Farnabazo e ífícrates Ateniense, que nada aí fizeram, porque caíram em desinteligência e em divergência entre si mesmos, um contra o outro; mas depois ele foi em pessoa a essa empresa, da conquista dos cadusianos{1598} com trezentos mil combatentes de infantaria, e dez mil de cavalaria, penetrou no seu país, que é bastante áspero e sempre escuro e cheio de nuvens, onde a terra não dá fruto algum, que os homens semeiam, mas nutre seus habitantes de peras, maçãs e outras frutas, e no entretanto os homens são fortes, ousados e corajosos. Tendo ele se adiantado na região, não reparou que estava com seus víveres quase acabados, e por conseguinte, em grande perigo, porque seus homens não encontravam em todo o país coisa alguma que fosse boa para se comer, e não se podia ir buscá-la em outra parte, por causa da dificuldade e aspereza do terreno, em todos os lugares: de modo que seu acampamento não se podia mais sustentar, senão com carne de animais de transporte, que matavam para comer e ainda assim chegava a custar tão caro, que a cabeça de um asno custava sessenta dracmas de prata{1599}. Em suma, a necessidade foi extrema, tanto que os víveres vieram a faltar e tinha-se somente um pequeno número de cavalos, porque todos os outros, já tinham sido comidos.

XXXV. Tiribazo, então, o qual muitas vezes gozara da primazia e de prestígio perante o rei, por ser um homem valente, e muitas vezes tinha sido também demitido e rebaixado por suas loucuras e leviandades, como então, quando não tinha mais autoridade alguma, serviu-se de um estratagema, pelo qual salvou o rei e todo seu exército: havia nesse país dos cadusianos dois reis, e ambos estavam em guerra, com seus exércitos acampados ao lado um do outro. Tiribazo, depois de ter falado com o rei Artaxerxes e lhe ter comunicado o que ele pretendia fazer, foi ter com um deles, e ao mesmo tempo enviou secretamente seu filho ao outro, enganando a ambos, e dando a entender, a cada um, que o outro rei tinha sido mandado a Artaxerxes para tratar da paz e da aliança com ele, sem que o seu companheiro o soubesse: e portanto, dizia ele: "Se tu és sensato, é preciso que tomes a dianteira e que te apresses antes de que o tratado seja concluído entre eles, e de minha parte eu te ajudarei em tudo o que eu puder". Um outro destes reis prestou crédito a estas palavras, cada qual pensando que seu companheiro lhe tinha inveja, de modo que um mandou imediatamente seus embaixadores a Artaxerxes com Tiribazo e o outro também o fez, com seu filho: mas, porque Tiribazo demorou-se muito nessa viagem o rei Artaxerxes começou a suspeitar dele, e os que o queriam mal, se puseram a caluniá-lo na sua ausência, estando o rei muito aborrecido, arrependendo-se de ter confiado nele, e prestando de boamente ouvidos aos que diziam mal dele: mas, finalmente, ele voltou e também seu filho, e cada qual levou a ele seus embaixadores cadusianos, com os quais a paz foi firmada.

XXXVI. Tiribazo então cresceu em prestígio perante o rei, e sua estima também aumentou mais do que antes; partindo depois com o rei, o qual assim mostrou claramente que a covardia e a fraqueza de ânimo não procedem das delícias, pompas e superfluidades, como alguns pensam, julgando que isso é que efemina os costumes e enfraquece o espírito{1600} dos homens, mas vem de uma baixa e vil natureza, que se põe preferivelmente a seguir a má opinião do que a boa: pois nem as joias de ouro, nem as vestes reais, nem os outros adornos e ornamentos que este rei tinha sempre em sua pessoa de valor mais ou menos de{1601} doze mil talentos, como se diz, não o impediam de trabalhar e de esforçar-se como o último homem do seu exército: pois ele marchava à frente, a pé, levando sua bagagem às costas, seu escudo no braço, e caminhava através de montanhas rudes e ásperas, de maneira que os soldados, vendo a coragem e o trabalho que o rei se dava a si mesmo, caminhavam tão expeditamente que parecia que eles tinham asas: pois eles faziam diariamente doze léguas e meia{1602}, e mais. Tanto caminharam que chegou ele a uma de suas residências reais, onde havia pomares e parques sombreados e agradáveis, e que estavam muito bem equipados; mas, nas cercanias a

região era desprovida e nua, de modo que não havia árvores, até a uma boa distância dali, e fazia muito frio: ele permitiu aos soldados cortar belos pinheiros e ciprestes do parque e como eles não ousassem fazê-lo, ele, tomando um machado, assim mesmo como estava, foi cortar pelo pé o mais belo e o maior dentre eles; vendo isso os soldados puseram-se também a cortar cada qual por seu lado, de modo que em poucas horas eles tinham uma boa provisão de lenha, com que fizeram um grande fogo em vários lugares, em redor dos quais passaram a noite comodamente.

XXXVII. Todavia, nessa viagem ele perdeu um grande número de homens valorosos e quase todos os seus cavalos: por esse motivo, pensando ser desprezado pelos seus, por ter falhado na empresa, começou a suspeitar dos primeiros homens que tinha junto de si: de tal sorte que mandou matar alguns por despeito; mais ainda, porém, àqueles dos quais ele desconfiava: pois nada há mais cruel, nem mais amante do sangue, do que um tirano covarde, como, ao contrário, nada há tão doce e tão humano, nem menos suscetível de suspeita, do que um homem valente e corajoso: e por isso os animais, que nunca se aprisionam, são em geral covardes e temerosos, e, ao contrário, são nobres e corajosos, os que facilmente se apanham e se acostumam ao homem, porque eles não têm medo, nem recusam as carícias e a amizade que o homem lhes dispensa.

XXXVIII. Estando já Artaxerxes bem adiantado em anos, soube que havia discórdia entre seus filhos, pela sucessão ao trono e ao governo do reino, depois de sua morte, e que essa discórdia se estendia mesmo aos seus amigos e pessoas da nobreza. Os mais razoáveis queriam, que, como ele, por um direito de primogenitura, tinha sucedido ao seu pai no reino, assim ele o deixasse também depois da morte, ao seu filho mais velho, que se chamava Dano: mas o segundo, que se chamava Oco, sendo homem decidido e ardente por natureza, tinha na corte homens que eram do seu partido e esperava, com confiança, poder conseguir sobrepujar aos demais e obter o seu intento por meio de sua irmã Atossa, à qual ele fazia a corte, tendo prometido desposá-la e fazê-la rainha, se chegasse a ser rei, depois da morte de seu pai, e corria ainda a voz que, mesmo durante a vida de seu pai, ele a possuía secretamente: todavia Artaxerxes jamais soube de coisa alguma: mas querendo quanto antes tirar a Oco toda a esperança de lhe suceder no trono, de medo que esta esperança não o fizesse empreender o que Ciro tinha posto na sua cabeça, e que por esse meio seu remo não viesse a ser dividido e atribulado por guerras civis e intestinas, ele declarou seu filho mais velho Dário, que já tinha cinquenta anos{1603}, rei, depois da sua morte e lhe concedeu o privilégio, desde então, de usar a ponta de seu chapéu, reta.

XXXIX. É costume no reino da Pérsia, quando alguém é declarado sucessor ao trono, que peça um presente àquele que o declara então seu sucessor: este lho concede aquilo que ele lhe pedir, contanto que seja coisa possível. Dano pediu a seu pai uma concubina, que se chamava Aspásia, a qual antes tinha sido de Ciro{1604} e mais ardentemente amada por ele do que por nenhum outro, e então servia a Artaxerxes; ela era do país da Jônia, nascida de pai e de mãe francos e livres, e tinha sido educada pudica e honestamente; um dia, porém, foi levada a Ciro, como se pensa, com outras mulheres, que se sentaram, sem serem convidadas, mui perto dele e gostaram quando Ciro começou a brincar com elas e a tocá-las, dizendo a cada qual uma palavra de gracejo, sem se mostrarem aborrecidas: ela, porém, ficou de pé, sem dizer palavra, perto da mesa, e embora Ciro a chamasse, jamais quis ir a ele, e quando os criados a quiseram agarrar para levá-la, ela disse-lhes: "O primeiro que puser as mãos em mim, arrepender-se-á", de modo que todos os presentes a julgaram uma louca ou de juízo apoucado, que não conhecia nem o bem, nem a honra: Ciro, porém, que estava de bom humor, não fez senão rir-se e disse àquele que as tinha trazido: ‘Não vês que de todas aquelas que me trouxeste não há uma que seja inteiramente honesta, a não ser essa?" Desde aquele dia Ciro começou a amá-la, mais ardente e continuadamente que nenhuma outra, e a apelidou de Sábia. Ela foi tomada com o resto da bagagem de Ciro quando ele foi derrotado e seu acampamento saqueado totalmente, e Dário, como dissemos, pediu-a de presente ao próprio pai, o qual ficou muito aborrecido: pois os bárbaros, entre outras coisas, são muito ciosos de

seus prazeres e voluptuosidades, de sorte que não somente aquele que tivesse ousado falar com a concubina do rei ou tocar-lhe, ao passar, ou que andando pelos campos se aproximasse dos carros onde elas estão, seria castigado de morte: e todavia sua filha Atossa, que ele tinha desposado, contra todas as leis, vivia ainda, e tinha ainda ele outras trezentas e sessenta concubinas, todas modelos de beleza: e, no entretanto, quando seu filho lhe pediu aquela, ele respondeu que ela. era livre e que se ela o quisesse, ele ficaria muito contente se a tomasse: mas se ela não quisesse ir, de sua espontânea vontade, ele não queria que a obrigasse-. Mandaram então perguntar a Aspásia de quem ela gostaria mais de ser. Ela respondeu que era de Dário, contra toda a esperança do rei Artaxerxes, o qual, obrigado pelos costumes e pela lei, foi obrigado a lha entregar: mas pouco depois ele a arrebatou, dizendo que a queria consagrar a Diana, a que está no país de Ecbátana, onde a chamam de Anitis{1605} para ali servir à deusa e viver, castamente, todo o resto da vida: pensando assim castigar seu filho não grave e injuriosamente, mas, moderado e misto de gracejo e zombaria, com a pena que lhe havia de causar: todavia o filho não suportou este golpe com moderação e paciência, quer porque estava mesmo tomado de violenta paixão por Aspásia, quer porque ele se sentia ofendido, zombado, desprezado e injuriado por seu pai, com aquela deliberação.

XL. Vendo isso, Tiribazo, que percebera ter ele ficado vivamente ferido no coração, se pôs a irritá-lo ainda mais, reconhecendo a mesma paixão que sentia em si em certa ocasião: O rei Artaxerxes tinha várias filhas e tinha prometido em casamento a Farnabazo a que se chamava Apama e a Orontes, Rodogouna, e a Tiribazo, Amestris. Ele deu aos dois outros as que lhes havia prometido e logrou a Tiribazo, com relação à sua: pois ele mesmo desposou Amestris e, em lugar dela, pro-meteu-lhe que lhe daria a mais jovem, Atossa, da qual ele se tornou apaixonado, e a esposou: por isso Tiribazo ficou tão desgostoso e despeitado, que lhe votava mal de morte, não que ele fosse, por natureza, um traidor e sedicioso, mas apenas leviano e estouvado: por isso, às vezes ele conquistava autoridade e prestígio como os demais, para também depois, quase repentinamente, fazer algo que desgostava ao rei, e ser então rebaixado e rejeitado; assim não procedia ele bem, nem em um, nem em outro casos: pois quando ele gozava de estima, fazia-se odiar pela arrogância, e quando era rejeitado, não se queria nem humilhar, nem dobrar, mas era mais altivo e orgulhoso do que nunca.

XLI Acrescentou-se assim fogo ao fogo, quando Tiribazo começou a frequentar a companhia de Dário, pois lhe soprava todos os dias ao ouvido que de nada lhe servia trazer seu chapéu de ponta reta, se ele não fizesse também retamente suas obras e ações: que ele estava bem enganado, se não soubesse que seu irmão, por meio das mulheres que o rodeavam, aspirava secretamente à coroa, e que, sendo seu pai tão volúvel e variável como era, não devia ele ter tanta certeza de vir a sucede-lo no remo, fosse qual fosse a declaração que ele fizera em seu favor: pois se ele, dizia ainda, por causa de uma vil mulher grega, defraudara a mais santa e a mais inviolável das leis da Pérsia, não devia ter como certa qualquer coisa que igualmente tivesse prometido: mostrava-lhe ainda que não havia semelhante empecilho a Oco, de não poder chegar onde pretendia, como a ele, de ser privado do que já possuía: porque Oco podia viver como um homem particular, sem que ninguém lho impedisse: mas ele já tinha sido declarado e designado rei, era pois necessário que ele fosse mesmo rei, ou que então deixasse de viver.

XLII. É universalmente verdadeiro o que diz o poeta Sófocles:

A persuasão para fazer o mal, caminha ligeiramente para a própria perda e ruína,

pelo que o caminho é fácil se conduz o homem a acreditar o que ele quer, e os homens

ordinariamente querem antes o mal que o bem, porque o mais das vezes eles não têm conhecimento nem experiência do bem. Mas além disso, a grandeza do reino e o temor que Dano tinha de seu irmão Oco, davam grande força às insinuações de Tiribazo: e talvez mesmo Vénus fizesse alguma coisa, pela inveja e pelo despeito de o terem privado de Aspásia: mas como quer que fosse, a coisa chegou a tal ponto que Dano foi levado a conspirar contra seu pai juntamente com Tiribazo.

XLIII. Havendo já grande número de conjurados, um dos eunucos percebeu-o, e foi contá-lo ao rei; manifestou-lhe o modo de como haviam deliberado surpreendê-lo, estando bem certo do que tinham resolvido entre eles, matá-lo à noite, em seu leito. Artaxerxes, vindo a saber de tudo, pensou que não era absolutamente necessário fazer pouco caso de uma coisa de tão graves consequências, que lhe punha a vida em perigo, e também que seria coisa muito leviana prestar imediatamente fé à palavra de um eunuco, sem antes ter alguma prova da veracidade do que ele dizia. Pensou então agir deste modo: ordenou ao eunuco, que lhe havia dado a notícia, que se conservasse perto dos conjurados, e os seguisse por toda a parte, para saber o que eles faziam: fez entretanto furar a parede por trás de seu leito, onde preparou uma porta encoberta por um grande tapete: quando chegou o dia e a hora que os conjurados haviam marcado para tal execução, logo que o eunuco o pode avisar, Artaxerxes os esperou atrás do leito e não se moveu até que não visse um por um o rosto dos que tinham vindo para matá-lo: depois, quando eles se dirigiam a ele de espadas em punho, repentinamente tirou o tapete e passou à sua antecâmara, fechando a porta atrás de si e gritando em altas vozes: Aos assassinos! Assim os conjurados tendo sido vistos e reconhecidos por ele, sem terem podido realizai o seu desígnio, fugiram por onde haviam entrado, e disseram a Tiribazo ao qual advertiram que se salvasse, porque tinha sido conhecido, e espalhando-se cá e lá, uns e outros, fugiram rapidamente: mas Tiribazo foi logo aprisionado, depois de ter matado vários da guarda do rei, defendendo-se valentemente, ainda que não o tivessem podido agarrar, até que um dardo, atirado de longe o derrubou por terra.

XLIV. Dário também foi preso e levado com seus filhos, e o rei lhe deu juízes reais, para organizarem o processo, pois ele não quis estar presente ao julgamento, e mandou a outros em seu lugar para acusá-lo: ordenou porém, aos escrivães, que transcrevessem por escrito a sentença de cada um dos juízes e a trouxessem. Não houve um só, dentre os juízes, que não se pronunciasse contra ele e não o condenasse a morrer. Então os servos o agarraram e o levaram a um quarto da prisão para onde veio o carrasco, com a navalha na mão com a qual costumava cortar a garganta dos que eram condenados pela justiça: entrando no quarto, percebeu que era Dano e encheu-se de espanto e temor; voltou imediatamente para a porta por onde tinha entrado, não se atrevendo a por as mãos sobre a pessoa do rei: mas os juízes, que estavam também na sala, disseram-lhe que voltasse e o executasse se não quisesse ele mesmo sofrer a pena. Ele então voltou e tomou a Dano pelos cabelos com uma das mãos, e, fazendo-o abaixar a cabeça, cortou-lhe o pescoço com a navalha que empunhava na outra. Outros escrevem que este julgamento foi feito na presença do mesmo rei Artaxerxes, e que Dário, tendo sido provada a sua culpabilidade pelas provas apresentadas contra ele, lançou-se aos pés de seu pai, pedindo misericórdia, e que seu pai, encolerizando-se e desembainhando sua cimitarra, deu-lhe tantos golpes que o fez rolar pelo chão diante dele: depois, voltando ao palácio, adorou o sol, e voltando-se para os outros persas, que o seguiam, disse-lhes: "Ide-vos, senhores persas, ficai satisfeitos e alegres em vossas casas, e dizei aos que não estiveram presentes, que o grande Oromazes{1606} vingou aqueles que tinham preparado e arquitetado executar a infeliz e vergonhosa traição contra mim'. Eis como terminou a conjuração de Dário.

XLV. Depois disso Oco teve grande esperança de suceder ao pai, no reino, também pelo favor de sua irmã Atossa: todavia, ele temia seus irmãos legítimos, um que se chamava Ariaspes, que vivera sempre sozinho, e o bastardo Arsames: não porque Ariaspes fosse mais velho que ele: porque era manso, afável, benigno e simples de natureza, os persas queriam que ele fosse rei: por outro lado, Arsames era homem inteligente, e Oco via bem que ele era muito estimado por seu pai. Determinou então armar uma cilada a ambos: e sendo homem cauteloso, cruel e

malicioso, por natureza, empregou sua crueldade contra Arsames, e sua malícia contra Ariaspes: pois, sabendo-o simples, mandava-lhe todos os dias alguns eunucos, criados de quarto e servos do rei, que lhe proferiam ameaças e palavras injuriosas do rei, dando-lhe a entender que ele tinha deliberado fazê-lo morrer cruel e ignominiosamente, e, cada dia mais, inventava destas notícias, como coisas muito secretas, fazia-o passar momentos de terror dizendo que o rei tinha resolvido executar alguma das suas ameaças, dentro de pouco tempo e as outras logo depois, de modo que o pobre homem ficou de tal modo amedrontado e de tal modo desesperou-se que bebeu veneno e as-sim por si mesmo deixou esta vida. O rei, seu pai, sabendo como ele tinha morrido, lastimou-o muito e sentiu bastante a sua morte, e suspeitou igualmente de alguma coisa pela qual ele tinha falecido: mas nada pôde averiguar nem fazer indagações por causa da sua velhice, e lhe deu este acidente ocasião de amar ainda mais a Arsames, mostrando evidentemente que confiava mais nele, do que em Oco, e manifestava-lhe familiarmente todas as coisas, pelo que Oco não teve paciência de diferir por mais tempo a sua deliberação e encarregou Harpaces, filho de Tiribazo, dessa incumbência, por meio do qual matou a Arsames.

XLVI. Artaxerxes estava já tão velho e caduco que pouco faltava também para que ele deixasse de viver, pelo que o acidente da morte de Arsames veio apressar o fim, porquanto ele não pôde suportar esse golpe nem resistir a ele, e morreu de dor e de tristeza, depois de ter vivido durante noventa e quatro anos e reinad o sessenta e dois{1607}. Foi considerado príncipe manso e humano, que amava seu povo e seus súditos, principalmente depois de terem experimentado a Oco, seu sucessor, que em crueldade e desumanidade sobrepujou a todos os homens do mundo.

Observações

SOBRE A VIDA DE DEMÓSTENES

CAP. VI. É certo que a expressão de que aqui Plutarco se serve é muitas vezes empregada no sentido que Amyot seguiu. Mas é ainda verdade que ela é encontrada também nos outros escritores, e especialmente em Plutarco, com uma acepção muito diferente, e que corresponde ao que os latinos entendem pela palavra optimates, a que nos chamamos homens de boa família; e é neste sentido que aqui devemos entendê-la, com Xylander.

CAP. VII. Por esta palavra, poderíamos ser tentados a crer tratar-se de um negócio famoso de algum particular, chamado Oropo. Mas é o nome de uma cidade que está nos confins da Atiça e da Beócia, ao lado da Eubéia. Foi motivo eterno de contestações, entre os povos limítrofes. Pausânias diz que a princípio ela era de propriedade dos beócios. Vê-se em Tucídides que no tempo da guerra do Peloponeso, Oropo estava sob a dominação dos atenienses. Diodoro de Sicília, nos afirma que os tebanos dela se apoderaram — 94.» olimpíada. Temison, tirano de Erétria, também tomou posse dela na 103.”. Mas oprimido fortemente pelos atenienses que lhe moviam guerra, ele a entregou como um depósito, diz o mesmo historiador, aos tebanos que não lha restituíram. Felipe tomou-a para dá-la de novo aos atenienses. Foi declarada livre, depois da morte de Alexandre, por Polypércon. Mas não deixou de causar novas desavenças, mesmo depois que os romanos a dominaram, como se vê em Pausánias. É de uma das altercações a respeito dessa cidade, que aqui se fala.

CAP. XVIII. É a esta guerra que chamam de sagrada. Tendo os anfictiões condenado os fócios à multa, porque eles se haviam apoderado de uma parte do território sagrado, isto é, pertencente ao templo de Delfos, Filomela incitou os fócios a assaltarem o mesmo templo. A guerra começou no quarto ano da 105.» olimpíada. Os inimigos dos fócios, dentre os quais os tebanos ocupavam a primeira linha, não se julgando bastante fortes, chamaram em seu auxílio Felipe e o puseram à sua frente, o qual era rei da Macedónia, e que terminou esta guerra com a ruína de todas as cidades da Fócida, no primeiro ano da 108.» olimpíada, 348.v antes da era cristã.

CAP. XXXVI. Tanneguy Lefèvre, em suas anotações sobre Timon de Luciano, capítulo III, pág. 881, tomo 1.», edição de Hemsterhuis, e Dacier na sua nota sobre este trecho das Vidas de Plutarco, observam que Amyot enganou-se em sua tradução e em sua nota. Devia com efeito traduzir assim: Não quereis escutar, atenienses, àquele que tem a taça na mão? Lefèvre acha que isso tem relação com um costume que se observava nos banquetes, a taça passava de mão em mão dando a volta: aquele que a tinha, cantava uma canção daquelas que se chamam de scolies (escólios) e eram ouvidas sem interrupção: mas a passagem de Platão, que ele cita. não diz isso e eu confesso que não encontrei em parte alguma vestígios desse uso.

CAP. XLIV. O grego diz. a 16 do mês pianepsion, que correspondia nesse ano, à 3.» da 114.» olimpíada, a 10 de novembro.

Nas Vidas dos dez Oradores, no artigo Demóstenes, encontrar-se-á que Plutarco dá a sua morte aos 50 anos da sua idade. Essa falta grave provém, sem dúvida, dos copistas. Mas o

Padre Corsini, corrigindo-a nos seus Fastes Attiques comete uma outra, não menos grave. O texto de Plutarco está alterado, diz ele, restabelecei 56 anos. Por que? É que nós demonstramos, (diz ele, e eu não duvido absolutamente) que Demóstenes nasceu no 4.v ano da 98.» olimpíada, embora Denis de Halicarnasso coloque o seu nascimento no 4.» ano da 99.» olimpíada e ele morreu no mesmo ano que Aristóteles, no 3.» ano da 114.» olimpíada, como diz Diógenes Laércio. Ora, desde o 4." ano da 98.» olimpíada até o 3.9 ano da 114.', há certamente 62 anos, sem se contar o primeiro e o último. Assim, seguindo este cálculo. Demóstenes tinha pelo menos 63 anos e talvez mesmo 64. ou ainda 59. se se seguir o que diz Denis de Halicarnasso.

SOBRE A VIDA DE CÍCERO

CAP. I. Encontramos em vários manuscritos, depois destas palavras 'en ouoloúskois, estas outras: kai polemésanta Romáiois ouk' adunátos que Amyot coloca na sua tradução; eu não sei porque elas não foram admitidas em edição alguma, embora ofereçam o complemento da frase.

CAP. IX. O grego diz 750.000 dracmas, o que está verdadeiramente muito abaixo da soma que Cícero pediu. M. Ruault tem razão em relevar este absurdo nas suas notas sobre Plutarco, porque é impassível de se supor que Cícero, depois de ter pedido a Verrès 18.750.000 libras, tenha combinado com ele em seguida uma restituição abaixo de 600.000 francos; daí M. Ruault determina que se deve ler no texto de Plutarco, em lugar de 750.000, 8 ou 9.750.000 dracmas, soma mais ou menos equivalente à de 7.500.000 libras de nossa moeda, ou a dez milhões de dracmas que os sicilianos provavam lhes ter sido roubados por Verrès.

Isto posto, sobre que podia cair a suspeita de que Plutarco fala aqui? Por ter Cícero pedido a Verrès 18.750.000 libras, pretendia-se que isso não podia ser, senão por conluio que Verrès não teria pago senão 7.500.000. M. Gaultier de Sibert justificou perfeitamente a Cícero, desta censura, em uma Memória lida na Academia de belas-letras. Ele aí concilia com uma erudição muito judiciosa, duas passagens de Cícero das quais a contradição aparente podia ter fornecido matéria para esta imputação: em uma, Cícero pede a Verrès a restituição de 100.000.000 de sestércios, nos termos da lei: quo nomine, abs te, Verrès, sestertium milhes ex lege repeto: pois é assim que os latinos exprimiam as somas em sestércios, decies, um milhão, centies, dez milhões, millies, cem milhões, pois que com esse primeiro advérbio deve-se sempre subentender cem mil. Na outra, ele estabelece que Verrès roubou à Sicília 40.000.000 de sestércios. Uma lei contra as concussões concedia, diz M. de Sibert, aos que se queixavam, o dobro e meio do prejuízo. A primeira soma é o dobro e meio da segunda. As duas passagens estão pois totalmente de acordo.

M. de Sibert prova em seguida, com a autoridade de Ascônio Pediano, historiador célebre, que florescia no reinado de Vespasiano, que Verrès, tendo prevenido seu julgamento por exílio voluntário, pagou de fato aos sicilianos 40.000.000 de sestércios, com o que eles se contentaram, pois era a quantia que ele lhes havia tirado antes.

Nós adotamos com grande prazer tudo o que aqui diz M. de Sibert, na sábia Memória que ele bem nos quis comunicar. Quanto à relação das dracmas com a nossa moeda, M. de Sibert seguiu a avaliação de M. Rollin, e nós continuamos a seguir a que M. Brotier tinha estabelecido numa tarefa posterior.

SOBRE A VIDA DE DEMÉTRIO

CAP. XIII, pág. 191. Os arcontes anuais foram criados em Atenas no primeiro ano da 24." olimpíada. Eram em número de nove, entre os quais havia um que Se denominava Epônímo, pela razão que Plutarco aqui nos apresenta. Essa magistratura hipônima subsistiu até o ano 500 depois de J. C, segundo o Padre Corsini, se excetuarmos, porém, a curta interrupção de que aqui se trata, que durou desde o segundo ano da 118.» olimpíada até o primeiro ano da 123.', depois do que as coisas voltaram à ordem costumeira.

Ibid. pág. 192. As tribos de Atenas, até o tempo de Cecrops, eram em número de quatro, mas elas tinham frequentemente mudado de nome. Depois da expulsão dos Pisistrátidas, Clistenes estabeleceu dez tribos no terceiro ou quarto ano da 67.ª olimpíada, quando ele foi arconte. Devemo-nos lembrar de que os anos antigos começavam então no mês gamélion, janeiro, e correspondiam portanto a dois anos olímpicos, que começavam no mês hécatombeon, julho, como dissemos em outro lugar.

CAP. XXXII, pág. 219. Havia em Atenas duas espécies de mis.-, térios de Céres, os grandes e os pequenos. Os grandes celebravam-se em Eleusina no mês boédromion, setembro, os pequenos em Agres, no mês anthestérion, fevereiro. Os que eram admitidos aos pequenos mistérios chamavam-se mistos: e só entravam no vestíbulo. Os que eram recebidos nos grandes, chamavam-se epoptas, isto é, que tinham direito de ver tudo. Isto não podia ter lugar senão um ano depois da primeira cerimônia. Deve-se pois ler nesse mesmo capítulo: eles não eram admitidos a ver os grandes mistérios senão depois do intervalo de um ano, e não, um ano depois dos grandes mistérios, como o corrigiu Meúrsio em seu livro intitulado Eleusínia, onde se encontrarão todos os pormenores que aqui não devem ter lugar.

Ibid. pág. 220. Assim devemos traduzir todo este trecho: "Eles determinaram, sob a proposta de Estratocles que eles chamariam, anthestérion ao mês de munichion, e iniciaram Demétrio nos mistérios que se celebram em Agres. Esse mês tornou-se em seguida boédromion, e Demétrio aí recebeu o resto da iniciação e a ele foi admitido no mesmo tempo à epopta". Eu segui a correção proposta pelo Padre Pétau nas suas notas sobre Temístio, pág. 415, e adotada por vários sábios que propõem se leia tá orós Ágran, os mistérios que se celebram em Agra: em lugar de ta orós ágoran, que não tem sentido. Nós sabemos, com efeito, por Etienne de Bisance, que os pequenos mistérios que eram uma como preparação para os grandes, celebravam-se nessa aldeia. A epopta era a última parte dos mistérios, e a em que faziam ver a mesma divindade. Vejam-se as indagações sobre os mistérios do paganismo do meu respeitável amigo M. de Saint-Croix, pág. 208 e seguintes.

CAP. XXXIV, pág. 221. Lâmia era, segundo Diodoro da Sicília. 1. 20, § 41, uma rainha da Líbia, de uma grande beleza, que, tendo perdido todos os seus filhos, se tornou extremamente feroz, e fazia criar todas as crianças, para fazê-las morrer. Eurípides tinha feito uma tragédia, da qual ela era o argumento. Parece, pelo que diz Denis de Halicarnasso, no seu juízo sobre Tucídides, § 6, que os historiadores que precederam a este célebre escritor, não deixavam jamais de colocar em suas histórias alguma Lâmia, e como essas histórias estavam em geral cheias de fábulas, eram mais conhecidas sob o nome de mítoi do que sob o de histórias. É a isto, que esta resposta se refere.

CAP. XLIII, pág. 235. Que ainda que ele tenha vencido dez mil vezes em batalha; há no texto: uk án meríakis kele té makasallas, enteso, gambron agapesaer epi misto Seleucon, o que não há sentido; entíse, que está na primeira pessoa, não se pode referir a etleté que está na terceira. Encontramos em vários manuscritos en Ipso. Penso que se deve ler makas áleas os en Ipso agapesein k. t. l. e traduzir: "Quando ele tivesse sido batido mil vezes, como o tinha sido em Ipso, ele não lhe entraria, portanto, jamais, etc". Esta batalha era aquela na qual Antígono perdeu a vida; nós temos-lhe o nome na Vida de Pirro, tomo IV, pág. 117.

SOBRE A VIDA DE ANTÔNIO

CAP. VIII, pág. 291. Cícero não diz outra coisa senão o que Plutarco vai dizer.- César queria convulsionar- tu do. Ele precisava de um pretexto para justificar o atentado. Antônio mesmo lho proporcionou. César, acrescenta ele, não apresentou outro para isso. Era um rio impaciente por transbordar. Um único dique o continha.

Um homem arrebentou-o. O rio inunda os campos. A quem os lavradores atribuirão a culpa de seus prejuízos? Helena que jamais viu Tróia não foi mais a causa dessa famosa guerra do que Antônio, da guerra civil. Ela serviu de pretexto para a ambição dos atridas. Príamo não era tão insensato para expor sua velhice às misérias de um longo cerco, nem Heitor tão louco de arriscar um trono cuja sucessão lhe pertencia em favor de um ser tão desprezível e tão desprezado como Paris. Este é o sentimento de Heródoto. Tucídides diz formalmente que esses não foram os juramentos exigidos por Tíndaro que levaram os príncipes gregos a Troia, mas a superioridade do poder de Agamenon, que os obrigou a segui-lo. Menelau entrou em Troia para reaver sua aventureira. O rei, os velhos, o povo afirmaram-lhe que jamais a haviam visto, que ela estava no Egito ou Proteu a tinha retido com todas as suas riquezas. Se se tivesse desejado apenas ela, muita distância ainda havia para ir informar-se sobre isso. Um conselho composto de vários reis, tendo entre eles o velho, o sábio Nestor, não teria julgado que era aquilo o primeiro passo a se dar antes de empreender uma tal guerra? Queres?, portanto, outra coisa, Helena foi assim o pretexto dos atridas, e Antônio, o de César. Eis o que o orador quis dizer. Causa não significa muitas vezes pretexto. Mas Plutarco nos avisou que ele aprendeu o latim muito tarde.

CAP. XCI, pág. 403. Esta explicação de Amyot não é feliz. Eis aqui uma outra mais certa.

Os atenienses celebravam no mês anthestérion uma festa em honra de Baco: chamavam-na de Antestéria. Era o nome geral da solenidade. Vê-se logo a razão disso. Estava, porém, dividida em três dias de festas particulares e que tinham cada qual seu nome. O primeiro dia chamava-se a festa das Pitegias, isto é, da abertura dos tonéis, e celebrava-se a 11 do mês; era o primeiro dia em que se bebia vinho novo: e não era permitido recusá-lo a ninguém, nem mesmo ao mercenário e ao escravo.

O segundo dia da festa, a 12 do mês, era o dia das Coes, ou libações. Oestes, depois do assassínio de sua mãe, tendo vindo a Atenas durante as festas de Baco, esse povo hospitaleiro julgou não poder excluí-lo desta cerimonia religiosa, nem dever fazer em comum com ele as libações, bebendo de um mesmo copo ou de uma taça comum. Imaginou-se então colocar diante de cada conviva um vaso e uma taça, a fim de que ninguém participasse com ele das libações e que ao mesmo tempo ele não se ofendesse por uma separação pessoal, se a ele se servisse em um vaso especial enquanto os demais usariam uma taça comum. A festa de que aqui fala Plutarco era a comemoração deste fato e não absolutamente uma festa de mortos, embora também aí se sacrificasse também a Mercúrio terrestre.

O terceiro dia, 13 do mês, era a festa das Citras, isto é, dos vasos ou das marmitas, porque nelas se fazia cozinhar em vasos e panelas ou marmitas sementes de todas as espécies que se ofereciam a Mercúrio terrestre e das quais ninguém comia. Esta cerimonia tinha sido introduzida por aqueles que tinham escapado do dilúvio. Mas a festa não era menos consagrada a Baco, e os poetas disputavam-lhe publicamente o prêmio da poesia. Veja-se Meúrsio, Lect. Att. 1. IV, cap. 13.

SOBRE A VIDA DE ARTAXERXES

CAP. VI. pág. 450. Parece que Xenofonte sabia melhor que Plutarco, quem era Ciearco e a que título ele se encontrava no seu exército. Ora, Xenofonte diz que Ciearco tendo sido expulso da Lacedemônia, tinha-se refugiado junto de Ciro, onde conseguira granjear grande consideração. Ciro deu-lhe uma soma considerável, com a qual ele organizou um exército no Quersoneso, para fazer guerra aos trácios que habitavam acima do Helesponto, e porque esta guerra favorecia os interesses dos gregos, as cidades gregas próximas do Helesponto forneceram voluntariamente, e com prazer, a Ciearco novos fundos para sustentar seu exército. Foi com estas tropas que Ciearco voltou para junto de Ciro, quando este príncipe, tendo terminado todos os outros preparativos, mandou os generais e as tropas, que preparava há tanto tempo, a diversos lugares, sob diversos pretextos, para ocultar a seu irmão a ciência do seu projeto. Não houve portanto ordem alguma dada a Ciearco pelos lacedemônios.

CAP. XXVIII, pág. 480. Visto que ele tinha bem tido a coragem de dançar no baile diante dos persas, aos quais ele imitava por zombaria a Leônidas e a Calicrátidas.

Deve-se ler no texto com Dusoul, segundo vários manuscritos, Ecsorkesámenos em Pérsai em lugar de erkesámenos e traduzir assim: "Tendo assim abjurado entre os persas, os princípios de Leônidas e de Calicrátidas".

Volume IX

Díon

Prefácio

1. Como disse Simônides, ó Sósio Senecião, os troianos não quiseram mal aos coríntios por terem estes participado da expedição dos aqueus contra eles porque Glauco, originário de Coríntio, combatia ardorosamente por sua cidade. Assim também, não será, natural que nem os romanos, nem gregos, se queixem da Academia, que tanto deu a uns e outros como se pode ver por esta obra, que contém as biografias de Bruto e Díon? Este ouviu as lições do próprio Platão e aquele se alimentou de sua doutrina, saíram ambos, por assim dizer, da mesma palestra antes de travar os maiores combates. Não espanta que, realizando inúmeras ações parecidas e como que fraternas, tenham prestado esta homenagem a seu guia na senda da virtude: que a sabedoria e a justiça devem se ligar ao poder e à fortuna a fim de que a conduta política apresente ao mesmo tempo beleza e grandeza. Com efeito, da mesma forma que o professor de ginástica Hipômaco pretendia reconhecer de longe seus ex-alunos apenas pela maneira com que compravam carne no mercado, assim é normal que a razão, entre aqueles que receberam educação semelhante, acompanhe igualmente seus atos e lhes comunique, junto com a conveniência, uma espécie de harmonia e de ritmo.

2. As peripécias que lhes sobrevieram — as mesmas, em virtude mais das circunstâncias que de seus desígnios — introduzem um paralelismo nas vidas de ambos. De fato, um e outro pereceram antes de atingir o objetivo que sua atividade se havia proposto, travando fatigantes lutas sem alcançá-lo. O mais surpreendente de tudo, porém, foi que a divindade fê-los entrever a morte por intermédio da aparição semelhante de um fantasma ameaçador. Verdade é que alguns negam esse tipo de fenômeno alegando que jamais um homem sensato teve a visão de um demônio ou de um espectro, e que apenas as crianças as mulheres e os doentes de espírito arrastam consigo, nos desarranjos da alma ou no desequilíbrio do corpo, essas fantasias vãs e estranhas — porque tem em si mesmo a superstição (deisidamonía) que atua como gênio mau. Mas se Díon e Bruto, homens ponderados, filósofos, pouco inclinados a deixar-se surpreender ou ludibriar por uma impressão qualquer, sentiram-se tão vivamente afetados por uma aparição que a comunicaram aos outros, talvez seja melhor admitir a tradição — por mais bizarra que pareça — recebida da mais alta antiguidade. Segundo esta tradição, os demônios maus e invejosos, enciumados dos homens de bem e empenhados em contrariar-lhe as ações, suscitam em seu espírito perturbações e medos que agitam e abalam a sua virtude, para impedi-los de continuar impérvios e puros de conduta; assim, depois da morte, não poderão alcançar um destino melhor do que os desses demônios.

Fiquem estas considerações, no entanto, para outra obra. Nesta, que constitui o décimo segundo tomo de nossas Vidas Paralelas, comecemos pela história dos mais antigos dos nossos heróis.

Os casamentos de Dionísio, o Antigo. Primeira Viagem de Platão à Sicília.

3. Dionísio, o Antigo, mas chegou ao poder desposou a filha do Siracusano Hermócrates. Como sua tirania ainda não estivesse consolidada, os siracusanos se rebelaram e praticaram contra sua mulher violências tão indignas e terríveis que a pobre se suicidou. Dionísio casou-se, após restabelecer e firmar sua autoridade, com duas mulheres ao mesmo tempo, uma da

Lócrida, chamada Dóris, e a outra da própria Siracusa, chamada Aristômaca. Esta era filha de Hiparino, homem dos mais destacados entre os siracusanos e que comandara com Dionísio da primeira vez que este fora escolhido general supremo para a condução da gu erra. Diz-se que desposou as duas no mesmo dia, mas ninguém soube jamais de qual das duas se aproximou primeiro. Partilhou a vida, igualmente, entre ambas: uma e outra comiam com ele e se alternavam em seu leito. O povo de Siracusa teria apreciado que a natural do país prevalecesse sobra a estrangeira, mas o privilégio que coube a esta de ser a dar a Dionísio um filho (o mais velho de sua descendência) sustentou-a contra o preconceito motivado por sua origem. Aristômaca ficou muito tempo com Dionísio sem conceber, se bem que ele desejasse vivamente ter filhos dela: chegou a condenar a morte a mãe da lócria, a quem acusava de utilizar filtros para tornar Aristômaca estéril.

4. Díon era irmão de Aristômaca. De início fora prestigiado por causa da irmã, mas depois, dando provas de suas aptidões, o tirano passou a apreciá-lo pelo que ele era. Dionísio, entre outras marcas de favor, autorizou os tesoureiros a darem a Díon o que ele pedisse, desde que no mesmo dia lhe prestasse contas. Díon mostrava já um caráter altivo, magnânimo e corajoso. Reforçou essas qualidades quando por um divino acaso, alheio aos cálculos humanos, Platão desembarcou na Sicília. Terá sido certamente um deus quem, preparando com grande antecipação os fundamentos da liberdade dos siracusanos e a queda da tirania, levou Platão da Itália para Siracusa e colocou Díon em contato com ele. Foi este, embora ainda muito jovem, de todos os discípulos de Platão, o mais bem aquinhoado para aprender e o mais pronto para escutar as lições de virtude, como o próprio Platão escreve e ele demonstrou por atos.

Criado na corte de um tirano, em presença de costumes degradantes e vivendo uma vida assinalada pelas desigualdades e os temores; mergulhado num luxo de novo rico, nas delícias grosseiras e num tipo de existência que idealizava os prazeres e os lucros, Díon, mal teve acesso a uma doutrina filosófica que exaltava a virtude, sentiu a alma inflamar-se. Em seu entusiasmo pelo bem, imaginou mesmo, com ingenuidade toda juvenil, que aqueles discursos fariam sobre Dionísio uma impressão semelhante e falou-lhe com tanta insistência que convenceu o tirano a arranjar tempo para encontrar e ouvir Platão.

5. Na entrevista, a conversação recaiu principalmente sobre a virtude e insistiu principalmente no tema da coragem: Platão demonstrou que não existem homens menos corajosos que os tiranos. Em seguida, tratando da justiça, fez ver que apenas a vida do homem justo é feliz e a do injusto desgraçada. O tirano, sentindo-se alvejado, não pode suportar aquelas palavras e aborreceu-se com os assistentes que, tocados de admiração, aprovaram o filósofo e pareciam encantados com seu discurso. Por fim, muito irritado, muito exasperado, perguntou a Platão por que viera a Sicília. "Para procurar um homem de bem", foi a resposta. "Pelos Deuses!", exclamou Dionísio, "está claro que ainda não encontraste nada semelhante." Díon desconfiava não pararia por aí e apressou-se a embarcar Platão num trirreme que levaria para a Grécia o espartano Pólis. Dionísio, porém, pediu secretamente a Pólis que desse sumiço em Platão, se possível, durante a travessia, ou pelo menos que o vendesse: "Isso em nada o prejudicará", ironizou, "e sua felicidade em nada será diminuída, pois cont inuará justo ainda que se torne escravo". Afirma-se que Pólis conduziu Platão para a Egina e pô-lo à venda, porquanto os eginetas estavam então em guerra com os atenienses e haviam decretado que todo ateniense que caísse em suas mãos seria vendido como escravo.

Nem por isso diminuiu o crédito de Díon junto a Dionísio. Viu-se mesmo encarregado de importantes embaixadas, e, em Cartago, alcançou grande estima. Era praticamente a única pessoa cuja franqueza Dionísio suportava, pois dizia sem receio o que lhe vinha à cabeça. Foi o caso, por exemplo, de sua observação a propósito de Gélon. Segundo Dionísio Gélon fora, ele próprio motivo de riso por toda a Sicília (gélota) e os cortesãos fingiram admirar seu trocadilho. Díon, porém, mostrou-se indignado: "No entanto", disse ele, "reinas porque tens crédito graças a Gélon, ao passo que graças a ti ninguém jamais confiaria em ninguém". De fato, Gélon provara que o espetáculo de uma cidade governada por um monarca era o mais belo do mundo — Dionísio, que era o mais feio.

Morte de Dionísio. Ascensão de Dionísio, o Jovem.

6. Dionísio tinha três filhos da lócria e quatro de Aristômaca, entre os quais duas filhas, Sofronise e Arete. Casara Sofronise com seu filho Dionísio e Arete com seu irmão Teárides. Mas, morta Teárides, Díon desposou Arete, que era sua sobrinha.

Quando Dionísio, doente, parecia a ponto de morrer, Díon tentou dispo-lo a favor dos filhos de Aristômaca, mas os médicos, para agradas aquele que iria herdar o poder, não lhe deram tempo: segundo conta Timeu, quando Dionísio pediu um sonífero, deram-lhe uma droga estupefaciente que o levou do sono ao trespasse.

Entretanto, da primeira vez que Dionísio, o Jovem, reuniu os amigos em conselho, Díon expôs tão bem as necessidade do momento que fez parecer a todos os demais, em termos de inteligência, meras crianças, e em termos de franqueza simples escravos da tirania. É que, por medo e covardia, não buscavam opinar senão para bajular o jovem. Eis, porém, o que mais os espantou: impendendo sobre o império a ameaça cartaginesa, Díon comprometeu-se, caso Dionísio quisesse a paz, a embarcar imediatamente para a Líbia e terminar o conflito nas melhores condições possíveis; caso preferisse a guerra, a fornecer ele próprio cinquenta trirremes prontas para se fazer ao mar.

7. Dionísio ficou admirado com a magnanimidade de Díon e apreciou seu zelo. Outros, porém, consideraram aquela magnificência uma afronta e sentiram-se rebaixados pelo crédito de que ele gozava. Não perderam tempo e tudo fizeram para indispor o jovem contra Díon: este desejava, diziam, abrir ao mar um caminho secreto rumo à tirania e arrancar com seus navios o poder soberano a fim de transferi-lo aos filos de Aristômaca, que eram seus sobrinhos. No entanto, as causas mais aparentes e fortes de tamanha inveja e ódio eram o contraste de suas vidas com a vida de Díon, além do empenho que ele mostrava em fugir à sociedade. Desde o início, com efeito, por meio de prazeres e bajulações, haviam se tornado camaradas e íntimos do tirano, jovem e mal-educado, a quem não cessavam de proporcionar amores, passatempos, bebedeiras, mulheres e outros divertimentos vergonhosos. Assim amolecendo a tirania como o ferro quando perde a sua dureza, fizeram-na parecer humana aos olhos súditos de Dionísio, tirando-lhe o que ela tinha de desumano e embotando-a — mas menos por certa moderação do que por descaso do soberano. De sorte que o relaxamento do jovem, progredindo aos poucos, fundiu aquelas cadeias de aço nas quais Dionísio, o Antigo, pretendia ter aprisionado para sempre sua monarquia. Conta-se que Dionísio, o Jovem, quando se punha a beber, fazia-o durante noventa dias consecutivos, e nesse tempo o palácio, fechado às pessoas e aos assuntos sérios, abrigava unicamente a embriaguez, a derrisão, a música, a dança e bufonaria.

8. Díon, naturalmente, fazia-se detestar porque não se entregava a nenhum prazer, a nenhuma confusão. Caluniavam-no, dando às suas qualidades nomes plausíveis de defeitos: a gravidade passava por desdém, a franqueza por arrogância, as censuras por acusações e a recusa em participar dos excessos alheios por desprezo. Verdade é que ostentava uma altivez natural e uma rudeza que lhe tornava o trato difícil. Não era apenas com o rapazola de ouvidos tapados pelas bajulações que se mostrava desagradável e duro; mesmo aqueles de seu círculo que apreciavam a simplicidade e nobreza de seu caráter censuravam-lhe as maneiras e achavam-no severo demais quando tratava com as pessoas que a ele recorriam por razões políticas. A esse respeito Platão, como que numa inspiração profética, escreveu-lhe mais tarde como que sugerindo que se guardasse "da arrogância, companheira habitual da solidão". No entanto, parecia gozar do mais elevado prestígio em virtude dos negócios que se encarregava; era o único, ou pelo menos, o mais capaz, de salvar a tirania caso ela fraquejasse, mas dava-se conta que não era por afeição, e sim por necessidade e a contragosto, que o tirano o mantinha como seu principal conselheiro.

9. Supondo que Dionísio era o que era devido a carências de educação, Díon concebeu o projeto de voltá-lo para ocupações nobres e propiciar-lhe o gosto das letras e dos conhecimentos, para que deixasse de temer a virtude e tivesse prazer no bem. Por natureza, Dionísio não contava entre os piores tiranos. Seu pai, no entanto, receava que o espírito do filho se elevasse e ele com pessoas inteligentes, conspiraria para arrebatar-lhe o poder. Por isso, mantivera-o em casa, privado de companhia e ignaro dos negócios públicos, ocupando-se, ao que parece, da fabricação de carrinhos, lâmpadas, cadeiras e mesas de madeira.

Dionísio, o Antigo, era mesmo tão desconfiad o, tão suspeitoso de todos que não permitia que seus cabelos fossem cortados a tesoura, mas chamava um barbeiro e mandava que esse os queimasse em volta da ca beça com um tição. Nem seu irmão, nem seu filho podiam entrar no quarto com as roupas que trajavam; era preciso que, antes de franquear a soleira, se despisse e vestissem outras, após mostrar-se nu aos guardas. Um dia seu irmão Leptines, querendo mostrar-lhe a configuração de um lugar, pegou a lança de um dos guardas para fazer-lhe o desenho; Dionísio ficou furioso e mandou executar o homem que lhe emprestara a arma. Afirma que se protegia dos amigos porque os considerava pessoas sensatas, que preferiam exercer a tirania a submeter-se a ela. Condenou à morte um certo Márs ias, que promovera a um comando, porque este sonhara que seu senhor estava sendo degolado; Dionísio pretendia que a visão lhe sobreviera em sonho em consequência de uma ideia surgida durante o dia. Ainda assim encolerizara-se com Platão, que não o havia declarado o mais corajoso dos homens — ele, de alma tão medrosa, tão repleta de vícios provocados pela covardia!

10. Quanto ao filho Díon, vendo-o como dissemos corrompido pela falta de educação e depravado nos costumes, exortava-o a voltar-se para os estudos e a pedir insistentemente ao príncipe dos filósofos (tou próton tõn philosóphon) que viesse à Sicília. Quando chegasse, Dionísio por-se-ia em sua mão para moldar o caráter segundo os princípios da virtude e torná-lo parecido ao mais belo e divino dos modelos dos seres, aquele que dirige o universo dócil e tira-o do caos para imprimir-lhe a ordem. Alcançaria assim imensa felicidade para si mesmo e para os cidadãos, pois tudo o que estes concediam então, em seu desencorajamento, às exigências do poder, Dionísio o obteria de boa vontade graças à sabedoria e à justiça de uma autoridade paternal: de tirano, transformar-se-ia em rei. As cadeias de aço não são, como pretendia seu pai, o terror, a violência, o número de navios ou os dez mil bárbaros de guarda — mas o afeto, o zelo, o reconhecimento suscitados pela virtude e pela equidade. Tais laços, sendo mais flexíveis que aqueles, têm mais força para manter um império.

Afora estas qualidades, um soberano não é honrado ou invejado porque reveste o corpo com roupas magníficas e povoa a casa com móveis luxuosos, ao passo que, para conversar e arrazoar, mostra-se igual a qualquer um e não procura ornamentar o palácio de sua alma de maneira digna e conveniente a um rei.

11. Como Díon renovasse incansavelmente suas exortações, ilustrando-as com pensamentos de Platão, Dionísio sentiu-se presa de um desejo ardente e apaixonado de ver e ouvir o filósofo. Assim, logo chegavam a Atenas diversas cartas de Dionísio, repetidas solicitações de Díon e de outros, enviadas da Itália pelos pitagóricos, que o instavam a vir e se apossar da alma de um jovem, obnulada pela magnitude de sua autoridade e poder, para dominá-la com raciocínios mais fortes. Platão declara que aquiesceu principalmente por uma questão de honra pessoal, a fim de não parecer ser apenas homem de palavras, que nunca passa aos atos; esperava também que a cura de único homem, órgão diretor de um país, devolvesse a saúde a toda a Sicília enferma.

Mas os inimigos de Díon, que receavam a conversão de Dionísio, convenceram-no a chamar do exílio Filisto, homem letrado e profundo conhecedor dos hábitos dos tiranos, para terem n ele um contrapeso a opor a Platão e sua filosofia. Filisto, com efeito, mostrara-se entusiasta da tirania desde seu estabelecimento e por muito tivera a cargo a guarda da cidadela, cuja guarnição comandava. Insinuava-se que mantinha relações amorosas com a mãe de Dionísio, o antigo que, aliás, o sabia. Mas quando Leptines, que tivera duas filhas de uma mulher por

ele roubadas do marido, deu uma a Filisto sem sequer informar Di onísio, este se irritou, prendeu e encarcerou a companheira de Leptines e expulsou da Sicília Filisto. O exilado buscou amparo junto a anfitriões residentes às margens do Adriático e julga-se que foi lá que empregou seus ócios para compor a maior parte de sua História. Não voltou enquanto viveu Dionísio, o Antigo. Só depois da morte dele, como dissemos, a inveja dos cortesãos a Díon trouxe-o como a um instrumento próprio a seus desígnios de consolidar a tirania.

12. Desde seu regresso, pois, Filisto trabalhou pela tirania. Enquanto isso os outros caluniavam Díon aos ouvidos do tirano acusando-o de ter-se entendido com Teódoto e Heráclides para derrubar o regime. Díon, parece, esperava que a presença de Platão contribuísse para eliminar da tirania tudo o que ela tinha de desperdício e exageradamente absolutista, fazendo de Dionísio um soberano moderado e legítimo. Se resistisse e não se deixasse dobrar, Díon resolvera aos siracusanos sua constituição. Não é que aprovasse a democracia, mas julgava que na falta de uma aristocracia sã ela era melhor que o regime tirânico.

13. Tal a situação quando Platão pôs pé na Sicília. Desde o primeiro momento viu-se alvo de considerações e honras extraordinárias. Colocaram-lhe à disposição, quando desceu da trirreme, um dos carros reais magnificamente decorado, e o tirano ofereceu um sacrifício como se a seu império acabasse de sobrevir uma grande felicidade.

A reserva observada nos repastos, o bom comportamento da corte e a doçura mostrada pelo próprio tirano em suas audiências levaram os cidadãos a conceber alvissareiras esperanças de mudança. Geral entusiasmo impelia as pessoas para os estudos e a filosofia, e, diz-se, o palácio do tirano foi invadido pela poeira, tanta gente havia lá se entregado pela geometria. Dias depois, acontecendo no palácio um sacrifício tradicional, o arauto pediu aos deuses, segundo o costume, que por muito tempo mantivessem a tirania ao abrigo de vicissitudes; Dionísio, que se achava de lado, teria resmungado: Não pararás de nos lançar imprecações? "Essas palavras afligiram profundamente Filisto e seus amigos, para quem o tempo e o convívio tornavam de certa maneira invencível a influência de Platão — uma vez que aquela curta frequentação já bastara para modificar e abalar tão significativamente o estado de espírito do rapaz.

14. Não foi, pois, um por um e em segredo, mas todos juntos e abertamente que eles atacaram Díon. "Já não cabem dúvidas", exclamaram, "de que se serve dos discurs os de Platão para enfeitiçar Dionísio e levá-lo a abdicar voluntariamente do governo, que será depois transferido aos filhos de Aristômaca, sobrinhos de Díon." Outros acrescentavam, simulando indignação "Outrora os atenienses vieram à Sicília com fortes esquadras e exércitos para perecer e ser exterminados antes de tomar Siracusa. Agora é graças a um único sofista que vão destruir a tirania de Dionísio, persuadindo-o a largar seus dez mil guardas pessoais, suas quatrocentas trirremes, seus dez mil cavaleiros e seus hoplitas muitas vezes mais numerosos para buscar na Academia esse Bem que não se sabe o que é e colocar sua felicidade na geometria. Abandonará, pois a Díon e aos sobrinhos de Díon a ventura que reside no poder, na riqueza e no prazer!".

Tais palavras, de início, suscitaram suspeitas em Dionísio, depois uma cólera e uma animosidade mais manifestas. Enviaram-lhe então, secretamente, uma carta que Díon escrevera às autoridades de Cartago sugerindo-lhes que não negociassem a paz com Dionísio sem que ele próprio estivesse presente às conferências, pois que iria ajudá-los a tudo regular sem risco de fracasso. Dionísio leu a carta à Filisto e, após deliberar com ele, ludibriou Díon por meio de uma pretensa reconciliação, no dizer de Timeu: fez-lhe apenas censuras moderadas e declarou-se disposto a um entendimento; em seguida foram os dois para junto da cidadela, à beira-mar, e ali Dionísio mostrou-lhe a carta e acusou-o de aliar-se com os cartagineses contra ele. Díon tentou justificar-se, mas Dionísio não queria ouvir nada: fê-lo subir imediatamente, tal qual estava, para bordo de um pequeno navio e ordenou aos marinheiros que o levassem para a Itália.

15. Ess a conduta foi e pareceu cruel a todos. As mulheres encheram com suas lamentações a residência do tirano, enquanto a cidade de Siracusa se exaltava na expectativa de uma pronta revolução em consequência dos dissabores de Díon e da desconfiança em relação ao tirano. Dionísio assustou-se. Tentou consolar os amigos de Díon e as mulheres afirmando que não o mandara para o exílio, mas em viagem, receando que Díon, se permanecesse ali, o irrita-se com sua arrogância e o forçasse a tomar medidas mais drásticas. Por outro lado, entregou dois navios aos parentes de Díon recomendando-lhes que embarcassem neles parte das riquezas e criadagem do exilado, e a levassem para o Peloponeso. Díon possuía muitos bens e um aparato doméstico quase real, com toda espécie de móveis e objetos que os amigos reuniram e lhe entregaram. Além disso, recebeu inúmeros presentes das mulheres e companheiros, a ponto de o dinheiro e o luxo fazê-lo brilhar entre os gregos e a opulência do banido trazer à luz toda a potência da tirania.

16. Dionísio transferiu imediatamente a residência de Platão para a acrópole, a pretexto de honrá-lo com uma hospitalidade amistosa — mas, de fato, para trazê-lo de olho e impedir que, indo ao encontro de Díon, patenteasse a injustiça de que este fora vítima.

No entanto, com o tempo e o convívio, tal qual um animal que se habitua ao contato do homem, Dionísio foi se acostumando a aceitar a companhia e as palavras do filósofo, e entrou a amá-lo com um amor tirânico. Pretendia que Platão, em troca, só a ele amasse e o apreciasse mais do que a ninguém. Estava até disposto a lhe entregar os deveres da soberania se desistisse da amizade de Díon pela sua. Grande desgraça foi para Platão aquela paixão de maníaco, parecida ao ciúme dos amores vis, paixão que suscitava em curto espaço de tempo repetidos acessos de cólera seguidos de reconciliações e súplicas. Dionísio ansiava por beber-lhes as palavras e associar-se às suas investigações filosóficas, enquanto temia aqueles que o queriam afastar dois estudos como de algo próprio a corrompê-lo.

Estalando então uma guerra, deixou Platão prometendo-lhe chamar Díon de volta na primavera. Faltou à palavra, mas enviou à Díon as rendas de sua propriedade e suplicou a Platão que o desculpasse pela demora, provocada pela guerra; uma vez restabelecida a paz, faria vir a Díon o mais depressa possível, motivo pelo qual lhe pedia que ficasse tranquilo, sem provocar revoltas e sem desacreditá-lo aos olhos dos gregos.

17. Platão esforçou-se nesse sentido e familiarizou Díon com a filosofia retendo-o na Academia. Em Atenas, Díon residia na casa de um tal Calipo, homem de suas relações, e adquiriu para seus lazeres um domínio rural de que mais tarde, ao voltar à Sicília, fez presente a Espeusipo, seu melhor amigo em Atenas e com quem mais convivia. Platão queria temperar a abrandar o caráter de Díon por intermédio de conversações pontilhadas, aqui e ali, de delicados jogos de espírito. Ora, ninguém melhor para isso do que Espeusipo, a quem Timão chamou "mestre em chalaça" em suas Paródias (Sílloi). Devendo Platão organizar na qualidade corego um grupo de crianças, foi Díon que ensaiou os coreutas e assumiu todas as despesas; o filósofo cedeu-lhe essa oportunidade de fazer uma liberalidade aos atenienses, que proporcionaria mais prestígio a Díon que honra a si mesmo.

Díon percorreu também outras cidades da Grécia, empregando seus lazeres em frequentar, por ocasião de festas, os homens mais sábios e hábeis em política. Mostrava sempre, não uma conduta imprópria, tirânica ou orgulhosa, mas temperança, virtude, coragem e aplicação rígida aos estudos filosóficos. Alcançou assim o afeto e a admiração de todos, como também honras públicas que as cidades lhe conferiram por decreto. Os lacedemônios fizeram-no até cidadão de Esparta sem se preocupar com a cólera de Dionísio, que com muito zelo os ajudava então em seu conflito com os tebanos. Conta-se que certa feita Díon, querendo avistar-se com Pteodoro de Mégara, dirigiu-se à sua casa. Esse personagem era, ao que tudo indica, um homem rico e poderoso, e Díon encontrou à porta uma multidão de solicitadores que, devido ao grande número de negócios que ocupavam Pteodoro, não conseguiam chegar até ele. Percebendo seus amigos impacientes e já começando a resmungar, Díon teria dito: "Por que censurá-lo: Nós fazemos o mesmo em Siracusa".

18. Com o passar do tempo Dionísio, invejoso de Díon e receando a popularidade de que ele gozava entre os gregos, deixou de mandar-lhe as rendas e pôs sua fortuna nas mãos de administradores particulares. Querendo, por outro lado, anular a péssima reputação que tinha junto aos filósofos por causa de sua atitude para com Platão, cercou-se de diversas pessoas que passavam por eruditas. Tomando como ponto de honra ultrapassar a todos na discussão, empregava bisonhamente as lições de Platão, compreendidas às avessas. Nessas ocasiões lamentava as sua ausência e acusava-se a si mesmo por não ter sabido aproveitar o convívio do filósofo e ouvir o que ele dizia de acertado. Tirano que era, sempre obnulado por suas paixões e facilmente levado pelos seus desejos, já não pensava senão em Platão: valendo-se de todos os recursos, convenceu o pitagórico Árquitas a chamar Platão e fazer-se de fiador de suas condições (fora, com efeito, por intermédio de Árquitas que Platão e Dionísio haviam travado laços de amizade e hospitalidade). Árquitas enviou Arquedemo a Platão. Dionísio, de seu lado, despachou uma trirreme com amigos para convidar o filósofo e escreveu em termos bastante claros e formais que não concederia a Díon nenhum tratamento favorável se Platão se recusasse a voltar à Sicília; mas daria tudo se ele deixasse se convencer. Díon recebeu diversas cartas da irmã e da esposa, que o instavam a obter de Platão assentimento ao convite de Dionísio sem mais subterfúgios. Assim foi que Platão, segundo ele mesmo diz,

"veio pela terceira vez ao estreito de Cila

Para enfrentar de novo a funesta Caríbdis".

19. Sua chegada encheu Dionísio de alegria e a Sicília de novas esperanças: a ilha inteira desejava ardentemente que Platão levasse a melhor sobre Filisto e a filosofia prevalecesse sobre a tirania. As mulheres se açodaram em torno dele e Dionísio testemunhou-lhe extraordinária confiança, como não costumava fazer a ninguém mais: permitia que se aproximasse sem ser revistado. Frequentemente oferecia-lhe altas somas de dinheiro, que Platão recusava; Aristipo de Cirene então dizia "Dionísio não se arrisca nada se mostrando munificente, pois se a pessoas como eu dá pouco, quando queríamos mais, a Platão oferece muito e ele não aceita".

Depois das primeiras congratulações, Platão começou a falar de Díon. Primeiro vieram as dilações, depois as censuras, depois as querelas. nada disso transpirava porque Dionísio dissimulava e, prodigalizando atenções e honras a Platão, ia tentando afastá-lo de Díon; Platão, por seu turno, pelo menos no início, escondia a desconfiança que lhe inspirava a falsidade de Dionísio e aguardava com calma. Estavam nessas decepções recíprocas, que acreditavam ignoradas de todos, quando Helícon de Cízico, familiar de Platão, predisse um eclipse do sol que de fato se produziu. O tirano, bastante admirado, presenteou-o com um talento. Aristipo, chalanceando com os outros filósofos, declarou que também ele tinha um fenômeno extraordinário a predizer; instado a explicar-se "Pois bem", ironizou, "anunciou que dentro de muito pouco tempo Platão e Dionísio se tornarão inimigos".

Por fim Dionísio pôs à venda os bens de Díon e deitou mão ao produto. Em seguida, transferiu Platão, que se alojava no jardim vizinho ao palácio, para o meio dos mercenários, que o odiavam e queriam matá-lo porque aconselhava Dionísio a abdicar da tirania e viver sem guardas.

20. Tal perigo a que Platão se achava exposto quando Árquitas, informado, apressou-se a enviar uma triacôntera com embaixadores encarregados de reclamar de Dionísio a pessoa do filósofo lembrando-lhe que Platão viera a Siracusa depois que ele, Árquitas, lhe garantiu a segurança. Dionísio, para desmentir sua hostilidade, ofereceu banquetes a Platão e prodigalizou-lhe mostras de amizade no momento da partida, permitindo-lhe dizer apenas: "Decerto, Platão, vais falar muito mal de mim aos filósofos de teu círculo". Ao que Platão

retrucou sorrindo: "Tomara que nunca nos faltem assuntos na Academia para que não precisemos sequer mencionar-te!". Foi assim, diz-se, que Platão partiu. Todavia, o que ele mesmo conta não concorda inteiramente com esse relato.

21. Díon não gostou nada da conduta de Dionísio e, pouco depois, ao saber do destino imposto à sua mulher, rebelou-se abertamente cont ra ele. A propósito do incidente, uma carta de Platão a Dionísio contém uma alusão velada. Eis do que se tratava. Após a expulsão de Platão, Dionísio, ao despedir-se de Platão, pedira-lhe que perguntasse reservadamente a Díon se ele não se oporia a que sua esposa fosse dada em casamento a outro homem, pois corria um boato — verdadeiro ou inventado pelos inimigos de Díon — de que aquela união não lhe aprazia e ele não se dava bem com a mulher. Quando Platão voltou a Atenas e conversou com Díon sobre esses assuntos, escreveu a Díon uma carta clara em todos os sentidos, menos nesse ponto, que só o destinatário poderia compreender: dizia que falava a Díon do caso e que ele certamente se aborreceria se Dionísio pusesse o projeto em execução. Na época havia ainda grandes esperanças de reconciliação, de sorte que Dionísio nada fez contra sua irmã e permitiu-lhe ficar com o filho que tivera de Díon. Mas depois que qualquer acordo se tornou inviável e Platão, visitando novamente a ilha, partiu em condições odiosas, deu Arete, malgrado ela mesma, a seu amigo Timócrates. Nisso não imitou a moderação que seu pai mostra pelo menos uma vez em situação análoga. Conta-se, com efeito, que Polixeno, marido de Teste, irmã de Dionísio, o Antigo, fizera-se inimigo do tirano e, receoso, fugira da Sicília. Dionísio mandou chamar a irmã e queixou-se por ela não o ter advertido da fuga do marido. Teste, sem se perturbar, nem, por Zeus, mostrar-se assustada, replicou: "Acreditas mesmo, Dionísio, que eu seja uma mulher tão frágil e covarde a ponto de, prevenida da partida do meu marido, não embarcar com ele e ir partilhar de sua sorte? Infelizmente, eu nada soube com antecedência. Para mim seria mais belo ser chamada a esposa do banido do que a irmã do tirano". Parece que Dionísio admirou muito a franqueza de Teste e os siracusanos sua virtude, pois, ruída a tirania, ela conservou as honras e o modo de vida de uma princesa real. Ao morrer, os cidadãos acompanharam-na oficialmente ao túmulo. Essa foi uma digressão que não me pareceu inteiramente destituída de interesse.

22. Díon, a partir de então, optou pela guerra. Platão preferiu ficar à margem do conflito, em virtude dos laços de hospitalidade que o uniam a Dionísio e também de idade. Mas Espeusipo e os outros amigos de Díon apoiaram-no e o exortaram-no a libertar a Sicília, que lhe estendia acolhedoramente os braços. É de crer que Espeusipo, enquanto Platão esteve em Siracusa, tenha se misturado aos habitantes para melhor conhecer suas disposições. De início, a ousadia de sua linguagem provocara-lhes suspeitas, como se tratasse de uma prova mediante a qual o tirano procurasse sondá-los, mas com o tempo ganharam confiança. Ora todos diziam a mesma coisa: pediam, suplicavam a Díon que regressasse sem navios, sem hoplitas e sem cavalheiros, pois bastaria que aparecesse sozinho a bordo de cargueiro e emprestasse sua pessoa e seu nome aos sicilianos contra Dionísio. Encorajado por esse relatório de Espeusipo, Díon ordenou o recrutamento secreto de mercenários, utilizando-se de intermediários para camuflar seus desígnios. Secundaram-no diversos políticos e filósofos, entre os quais Eudemo de Chipre (cuja morte inspirou a Aristóteles seu diálogo Da Alma) e Timônides de Lêucade. Atraíram também o tessálio Miltas, um adivinho que tomara parte dos colóquios da Academia. Dentre os banidos pelo tirano, que não eram menos de mil, apenas vinte e cinco participaram da expedição: os outros, por covardia, traíram a causa.

A base da partida foi a ilha de Zacinto, onde todos os combatentes se reuniram. Não chegavam a oitocentos, mas todos se haviam celebrizado numa série de importantes campanhas, tinham o corpo maravilhosamente exercitado, experiência e audácia incomparáveis. Podiam, assim, inflamar e excitar à luta as multidões que Díon esperava ver unir-se-lhe na Sicília.

23. Os combatentes, de início, ao saber que a frota aparelhava contra Dionísio e a Sicília, foram tomados de pânico e supuseram que Díon, cego de cólera e atacado de loucura furiosa, ou então por falta de perspectivas favoráveis, atirava-se para uma empresa desesperada.

Revoltaram-se contra os oficiais e recrutadores, que não os haviam informado logo de que guerra se tratava. Mas Díon, em discurso, enumerou-lhes as fraquezas secretas da tirania e afirmou que os conduzia menos como soldados que como chefes, a fim de que comandassem os siracusanos e demais sicilianos de há muito prontos para a rebelião. Depois de Díon, Alcímenes, companheiro de armas deles e o primeiro dos aqueus pelo nascimento e reputação, falou-lhes também. Deixaram-se persuadir.

Estava-se no pico do verão, os ventos etésios reinavam no mar e na lua cheia. Díon, tendo preparado um magnífico sacrifício a Apolo, dirigiu-se em procissão ao santuário do deus, à testa dos soldados inteiramente armados. Após o sacrifício, mandou-lhes um festim no estádio de Zacinto. Admiraram as copas de ouro e prata e as mesas, cujo esplendor ultrapassava a riqueza de um simples; e comentaram que um homem já maduro, dono de semelhante fortuna, não se meteria em empresa tão duvidosa se não acalentasse sólidas esperanças e seus amigos da ilha lhe não fornecessem meios suficientes de ação.

24. Após as libações e preces de costume, sobreveio um eclipse da lua. O fenômeno não inquietou Díon, familiarizado com os períodos eclípticos e sabedor de que a sombra projetada sobre a lua é efeito da oposição da terra ao sol (tês gês tèn antíphraxin pròs tòn hélion). Mas a perturbação dos soldados tinha de ser acalmada. O adivinho Miltas avançou para o meio deles e instou-os a recobrar a coragem e esperar por uma vitória, pois a divindade anunciava o eclipse de uma das potências que presentemente brilhavam; ora, nada havia de mais brilhante que a tirania de Dionísio, cujo fulgor eles extinguiram mal puseram pé na Sicília. Isso Miltas declarou publicamente a todos. Quanto às abelhas que apareceram nos navios e cobriram a popa do de Díon, o adivinho revelou a este, em particular e a seus amigos mais próximos, seu temos de que as nações do chefe, inicialmente coroadas de êxito, não passassem pouco depois de flores murchas.

Diz-se que também Dionísio recebeu da divindade numerosas advertências sob forma de prodígios. Uma águia arrebentou a lança de um dos seus guardas, levou-a pelos ares e deixou-a cair num abismo. A água do mar que banha o sopé da Acrópole tornou-se doce e potável durante um dia inteiro, conforme puseram constatar todos que a provaram. Nasceram nos domínios de Dionísio porcos bem-conformados, mas sem orelhas. Os adivinhos explicaram que este último era um presságio de revolta e desobediência, e que os cidadãos não mais dariam ouvidos aos tiranos. Quanto à doçura da água do mar, prenunciava aos siracusanos a mudança de uma situação penosa e má para outra melhor. Finalmente, sendo a águia o servidor de Zeus e a lança o símbolo do comando e do poder, o soberano dos deuses indicava assim a destruição completa da tirania. Isso é o que conta Teopompo.

25. Os soldados de Díon foram embarcados em dois navios de transporte, que eram acompanhados por um terceiro. menor, e por duas triacônteras. Como armas, afora as que equipavam suas tropas, levava dois mil escudos, grande quantidade de dardos e lanças, e abundante provisões. Não queria que nada faltasse durante a travessia, pois estaria constantemente a mercê dos ventos e do mar alto: temia a terra, sabendo que Filisto, ancorado na costa da Iapígia, espiava sua passagem. Após doze dias de navegação com vento franco e ameno, ao décimo terceiro avistaram o Páquino, cabo da Sicília. O piloto Proto aconselhou-os a desembarcar ali imediatamente, explicando que, se se afastassem da terra e do promontório, perderiam muitos duas e noites em alto-mar, à espera do vento sul em pleno verão. No entanto Díon, que temia operar um desembarque nas proximidades do inimigo e preferia, por isso, descer mais longe, ordenou que se dobrasse o cabo Páquino. Mas então um vento norte, soprando com ímpeto e sacudindo as vagas, arrebatou os navios para longe da Sicília. Relâmpagos e trovões, riscando os céus ao levantar-se do Arcturo, desencadearam grossa tempestade, que caía em bátegas violentas. Os marinheiros, extremamente inquietos, vogavam ao acaso quando, de súbito, perceberam que as ondas empurravam o navio para Cercina, perto da Líbia, do lado em que essa ilha é mais escarpada e de mais perigosa aproximação. Por pouco não eram esmagados contra os rochedos, que só conseguiram evitar com imensa dificuldade e utilizando ganchos. Acalmada finalmente a tempestade, toparam com uma embarcação e souberam que se encontravam não longe das chamadas Cabeças da grande Sirte. Estavam desanimados devido à calmaria e navegaram sem rumo. Súbito, uma

brisa se levantou do sul e pôs-se a soprar de terra, fenômeno tão inesperado que mal puderam crer nele. Aos poucos, porém, a brisa foi aumentando e ganhou a força; desfraldaram então todas as velas e, implorando aos deuses, alcançaram ao largo para rumar da Líbia para a Sicília. Depois de uma rápida travessia de quatro dias, fundearam em Minoa, cidadezinha da Sicília então sob dependência de Cartago. O governador cartaginês Sinalo, hóspede e amigo de Díon, estava lá. Ignorando que se tratava de Díon e sua expedição, tentou opor-se ao desembarque dos soldados. Estes, porém, armados e a passo de carga, lançaram-se para fora dos navios. Não mataram ninguém, pois Díon os proibira disso devido à sua amizade com o cartaginês, mas, perseguindo os fugitivos, tomaram a praça. Depois que os chefes se encontraram e se saudaram, Díon devolveu a cidade a Sinalo, intacta; Sinalo, por seu turno, concedeu hospitalidade às tropas de Díon e forneceu-lhes o de que precisavam.

26. O que mais lhe dava segurança era a ausência fortuita de Dionísio, que acabara de embarcar para Itália com oitenta navios. Assim, malgrado as recomendações de Díon, que os aconselhava a descansar depois de tantas fadigas a bordo, recusaram-se a ficar e, ávidos para aproveitar a oportunidade, pediram que o chefe os levasse à Siracusa. No caminho, os primeiros a se juntar-se-lhe foram duzentos cavaleiros de Ácraga estacionados perto de Ecnomo; surgiram depois homens de Gela.

A notícia da expedição, espalhando-se, logo alcançava Siracusa. Timócrates, que desposara a mulher de Díon, irmã de Dionísio, estava à testa dos fiéis que o tirano deixara na cidade. A toda pressa, enviou a Dionísio um mensageiro com uma carta onde lhe anunciava a chegada de Díon. Ele próprio ocupou-se, enquanto isso, em sufocar os levantes e os tumultos da cidade, cujos habitantes, superexitados, ainda estavam, no entanto tranquilos, por desconfiança e medo. Sucedeu ao correio mandado por Timócrates uma aventura extraordinária. Depois de passar à Itália e atravessar o território do Régio, apressava-se na direção da Caulônia, onde se achava Dionísio, quando topou com um amigo que carregava uma vítima recém-imolada. Recebeu um pedaço de carne e prosseguiu caminho. Entretanto, como caminhara boa parte da noite, a fadiga obrigou-o a dormir um pouco; estendeu-se, tal como estava, num bosque ao lado da estrada. Atraído pelo cheiro, apareceu um lobo, o qual, abocanhando a carne que estava dentro do alforje e a carta, que o homem colocara dentro dele. Percebendo o que acontecera ao despertar, procurou em vão pelos arredores, mas nada encontrou. Resolveu então não prosseguir viagem para não aparecer diante do tirano sem a carta, mas fugir e desaparecer.

27. Dionísio deveria então saber, tardiamente e por intermédio de outros, que a guerra grassava na Sicília. Prosseguindo Díon, cidadãos de Camarina e um afluxo considerável de siracusanos espalhados pelos campos subleveram-se para juntar-se a ele. Leontinianos e campanianos guardavam as Epípoles com Timócrates; mas, como Díon fizesse chegar até eles a falsa informação de que atacaria primeiro suas cidades, deixaram Timócrates e partiram para defender seus concidadãos. Quando a notícia chegou aos ouvidos de Díon, que estava acampado perto de Acras, os soldados receberam ordem de levantar-se em plena noite e avançar até às margens do Anapo, a apenas dez estádios da cidade. Ali, Díon fez alto e ofereceu um sacrifício ao rio, invocando também o sol levante. Os adivinhos predisseram-lhe, da parte dos deuses, a vitória, e os presentes, vendo-o coroado por causa do sacrifício, coroaram-se a todos num assomo comum.

Não eram menos de cinco mil os que haviam engrossado o exército de Díon durante sua marcha. Pobremente armados com o que lhes caíra nas mãos, supriam com ardor a insuficiência do armamento, a ponto de, quando Díon ordenou a partida, porem-se a correr gritando e convidando-se uns aos outros à liberdade.

28. Entre os siracusanos que haviam permanecido na cidade, os notáveis, vestidos de branco, dirigiram-se aos portões para receber Díon. Enquanto isso, o povinho caía sobre os amigos do tirano e capturava os chamados delatores, sujeitos impiedosos e inimigos dos deuses que, circulando pela cidade e metendo-se com os siracusanos, esmiuçavam todos os seus negócios

para transmitir aos tiranos os pensamentos e palavras de cada um. Foram os primeiros a ser castigados, e quem quer que encontravam abatiam a bastonadas. Timócrates, não conseguindo juntar-se aos guardiões da Acrópole, saltou para um cavalo, fugiu da cidade e pelo caminho foi enchendo o país de terror e confusão: exagerava as forças de Díon para não parecer ter abandonado a Siracusa com medo de um perigo nada grave.

Apareceu então Díon à frente de todos, coberto de armas brilhantes, ladeado por seu irmão Mégacles e pelo seu ateniense Calipo, os três ostentando coroas na cabeça. Seguiam-no os cem mercenários que constituíam a guarda de Díon. Os demais, muito bem equipados eram conduzidos por seus oficiais. Os siracusanos viam-no como uma procissão religiosa e sagrada, que trazia para a cidade, depois de quarenta e oito anos, a liberdade e a democracia.

29. Depois que Díon atravessou a porta Temêtida, mandou soar a trombeta para pôr fim ao tumulto e proclamar, através do arauto, que Díon e Mégacles, vindos para sacudir a tirania, libertavam do jugo os siracusanos e os demais sicilianos. Ele seguida, querendo falar ele próprio aos habitantes subiu pela Acradina enquanto, dos lados da rua, os siracusanos dispunham vítimas sacrificiais, mesas e crateras; à sua passagem lançavam-lhe flores e dirigiam-lhe preces como a um deus. Havia sob a Acrópole e as Pentápilas um quadrante solar em lugar elevado e bem visível, que Dionísio mandara construir. Nele subiu Díon para arengar ao povo e exortar os cidadãos a defender sua liberdade. Cheios de alegria, os siracusanos demonstraram toda sua afeição nomeando-o, e a seu irmão, estrategos com plenos poderes; a pedido dos dois, acrescentaram-lhes vinte colegas, metade dos quais eram banidos que haviam regressado com Díon. Os adivinhos viram com bons olhos o fato de Díon, falando ao povo, ter sob seus pés o monumento erigido pelo orgulho do tirano; no entanto, como se tratava de um quadrante solar, sobre o qual estava ainda quando foi eleito estratego, recearam que Díon logo sofresse, em seus empreendimentos, algum giro da fortuna.

Em seguida assenhorou-se das Epípoles, soltou os cidadãos que lá se achavam presos e mandou construir fortificações contra a cidadela. Seis dias depois Dionísio penetrou por mar na acrópole, enquanto carretas traziam a Díon as armas que ele deixara com Sinalo. Distribuiu-as aos cidadãos. Os que não as receberam equipararam-se como puderam, e todos, mostraram-se soldados aguerridos.

30. Dionísio começou por enviar emissários, a título pessoal, para sondar as intenções de Díon. Este aconselhou-o a tratar com a comunidade dos cidadãos, agora livres, e os contatos se deram por intermédio de embaixadores. Eram portadores de propostas conciliatórias da parte do tirano, que prometia a diminuição de impostos e abrandamento dos encargos militares, caso estes não houvessem sidos votados pelos siracusanos — que, todavia, motejavam de semelhantes promessas. Díon respondeu aos embaixadores que Dionísio não deveria mais tentar negociar antes de renunciar à tirania; depois que abdicassem ele mesmo garantiria sua segurança e proporcionar-lhe-ia as melhores condições que pudesse, tendo em vista seu parentesco. Dionísio saudou com agrado essas ofertas e novamente despachou embaixadores a pedir que alguns siracusanos se apresentassem na acrópole, onde, numa troca de concessões, tratariam de interesses comuns. Foram-lhe então enviadas pessoas credenciadas por Díon. Logo, na cidadela, espalhava-se pela cidade o persistente rumor de que Dionísio iria abandonar a tirania, mais por vontade própria do que para agradar a Díon. O procedimento do tirano, no entanto, não passava de solércia e maquinação contra os siracusanos, pois reteve prisioneiros os enviados da cidade e, na manhã seguinte, depois de fartar de vinho puro seus mercenários, lançou-os a passo de carga contra fortificação dos inimigos. Ante o inesperado do ataque e a audácia dos bárbaros que em tumulto começavam a demolir o muro, atirando-se contra os siracusanos, nenhum destes ousou resistir. Mas os soldados estrangeiros de Díon, ao primeiro alarde, acorreram ao seu socorro. Infelizmente, estes mercenários também não sabiam o que fazer para ajudá-los e não ouviam as ordens devido aos gritos e ao alarido dos siracusanos, os quais fugiam em todas as direções e se misturavam a eles. Por fim, Díon, constatando que suas palavras não eram ouvidas e querendo dar o exemplo, lançou-se na primeira fileira contra os bárbaros. Terrível luta se generalizou em torno dele, que era reconhecido tanto pelos amigos quanto pelos inimigos na confusão para a qual todos se atiravam ululando. Díon estava já demasiado alquebrado pela idade para semelhantes combates. Não obstante, graças à astúcia e à coragem, resistiu aos assaltantes;

infelizmente, ao fazê-los recuar, foi ferido na mão por um golpe de lança. A couraça mal o preservava dos dardos e golpes assestados de perto, muitos projéteis atravessavam seu escudo, os quais, partindo, deram com ele por terra. Soerguido pelos soldados, colocou no comando Timônides e foi percorrer a cidade a cavalo a fim de deter os siracusanos fugitivos. Em seguida, levando os mercenários que guarneciam a Acradina, lançou-os frescos e cheios de ardor contra os bárbaros fatigados, que já começavam a desesperar de sua tentativa. Haviam se vangloriado de poder tomar ao primeiro embate a cidade inteira, mas, topando com homens dispostos a ferir e a bater-se, recuaram na direção da acrópole. Vendo-os dobrar-se, os gregos pressionaram-nos com renovado empenho, afugentaram-nos e encerraram-nos em suas muralhas. Ao passo que Díon não teve mais do que setenta e quatro mortos, foram consideráveis as perdas do inimigo.

31. Depois da brilhante vitória, os siracusanos deram de presente cem minas aos soldados estrangeiros, que por sua vez ofereceram a Díon uma coroa de ouro.

Entrementes, desceram da parte de Dionísio arautos que traziam a Díon cartas das mulheres de sua família. Uma delas sustentava o seguinte sobrescrito: "A meu pai, de Hiparino". Era o nome do filho de Díon. Timeu afirma que ele se chamava Areteu, do nome de sua mãe, Arete, mas nesse ponto acho melhor dar fé a Timônides, amigo e companheiro de armas de Díon. As outras cartas foram lidas aos siracusanos: continham apenas súplicas e jeremiadas das mulheres. Quanto à que parecia ser do filho de Díon, não quiseram os siracusanos que fossem aberta em público; Díon, porém, fê-lo, malgrado eles. Tinha sido escrita por Dionísio e, embora formalmente endereçada a Díon, visava na realidade os siracusanos. Sob a aparência de uma justificação e um pedido, seu objetivo era caluniar Díon. Nela se lembrava o zelo com que Díon trabalhara em favor da tirania e sobravam ameaças contra as pessoas que lhe eram mais caras: a irmã, o filho e a mulher, tudo misturado a terríveis esconjuros e queixas. O que mais impressionou Díon foi que Dionísio o instava a não abolir a tirania, mas guardá-la para si evitando dar liberdade a homens cheios de cólera e rancor; melhor seria que exercesse o poder de modo a assegurar a integridade de parentes e amigos.

32. A leitura dessas cartas não inspirou aos siracusanos a justa admiração que deveriam provocar neles a constância e magnanimidade de Díon, que tão resolutamente sacrificava os interesses de família à virtude e equidade. Ao contrário, entraram a temê-lo, suspeitosos de que verdadeiramente fossem poupar o tirano — e afastaram-se dele para seguir a outros chefes.

O que mais os excitou foi a notícia de que Heráclides chegava por mar. Tratava-se de um banido, esse Heráclides, bom general e bem conhecido graças aos comandos que exercera sob os tiranos, mas de caráter instável, leviano em tudo e incerto quanto à possibilidade de compartilhar o poder e a glória na condução dos negócios públicos. Após uma desavença com Díon no Peloponeso, decidira equipar uma frota particular contra o tirano e, chegando a Siracusa com sete trirremes e três navios de transporte, achou Dionísio novamente assediado e os siracusanos sublevados. Logo se insinuou nas boas graças do povo, pois possuía o dom natural de comover e convencer multidões que só desejam ser bajuladas. Aliciou, pois, o povo, e manobrou-o à vontade, tanto mais que a gravidade de Díon estomagava as pessoas, sendo considerada insuportável e imprópria para a vida pública. A massa, no fundo, o que queria era ser governada democraticamente antes mesmo de construir um povo de verdade — tamanha a audácia, tamanho o relaxamento consecutivos à vitória!

33. Para começar, os siracusanos, reunindo-se em assembleia por iniciativa própria, nomearam Heráclides comandante da frota. Díon, subindo à tribuna, queixou-se de que a concessão daquela autoridade anulava a que lhe havia sido outorgada antes, uma vez que não disporia de plenos poderes se um outro comandasse no mar. Os siracusanos, de mau grado, retiraram o cargo a Heráclides. Feito isso, Díon chamou Heráclides à sua casa e recriminou-o moderadamente pela tentativa que ele empreendera, contra o bem público, de disputar honras num momento que o menor deslize poderia deitar tudo a perder. Em seguida,

convocou nova assembleia, na qual fez com que Heráclides fosse nomeado comandante da frota e aconselhou os cidadãos a que lhe dessem uma guarda pessoal como a que ele próprio tinha. Heráclides, em palavras na aparência, andava cheio de considerações para com Díon, reconhecia as obrigações que assumira com ele, seguia-o humildemente e executava suas ordens. Em segredo, no entanto, esforçava-se por corromper a multidão e os revolucionários, acabando por provocar tais problemas a Díon que verdadeiramente o pôs em embaraços. Díon propunha entendimentos para deixar sair Dionísio da cidadela? Acusavam-no de querer poupar e salvar o tirano. Prosseguia com o assédio, para não contrariar ninguém? Sibilava-se que prolongava a guerra a fim de obter mais poderes e dominar os cidadãos pelo medo.

34. Havia um certo Sósis, muito conhecido dos siracusanos por sua crapulice e insolência. Mas não viam senão um acúmulo de liberdade em sua linguagem desenfreada. Esse indivíduo, que conspirava contra Díon, numa das sessões da assembleia levantou-se e cobriu de injúrias os siracusanos, que não percebiam que haviam sido livrados de uma tirania assinalada pela embriaguez e pelo embotamento apenas para acolher um déspota sóbrio e alerta. Depois de assim mostrar-se abertamente inimigo de Díon, deixou a praça pública; no dia seguinte, porém, viram-no correr nu pela cidade, a cabeça e as faces ensanguentadas e como que fugindo de perseguidores. Nesse estado irrompeu na praça pública, onde gritou ter sido vítima de uma armadilha montada pelos mercenários de Díon. Dizendo isso, mostrava a cabeça ferida. Inúmeros siracusanos partilhavam sua indignação e aliaram-se a ele contra Díon, bradando que esse se conduzia como tirano cruel pondo em perigo a vida dos cidadãos para roubar-lhes a liberdade de palavra. Entretanto, apesar do tumulto que imperava na assembleia, Díon adiantou-se no intuito de justificar-se. Revelou que Sósis era irmão de um dos guardas pessoas de Dionísio e que fora por instigação desse irmão que andava a disseminar querelas e desordens na cidade — pois Dionísio não tinha outro meio de salvação a não ser a discórdia e a desconfiança mútua dos cidadãos. Os médicos, examinando os ferimentos de Sósis, julgaram-no muito superficial para provir uma cutilada. Com efeito, o corte feito por uma espada é profundo sobretudo no meio, devido ao peso da arma; ora, o de Sósis era raso em toda sua extensão e denunciava repetidas tentativas, verossimilmente porque a dor o forçara a parar para em seguida recomeçar. Apareceram entrementes alguns indivíduos notáveis mostrando uma navalha à assembleia. Contaram que, encontrando na rua um Sósis ensanguentado e a gritar que fugia dos mercenários de Díon, os quais o haviam ferido, haviam iniciado imediatamente a perseguição e não viram ninguém; acharam, porém, uma navalha caída no chão, numa gruta onde haviam visto sair Sósis.

35. Já era má a situação de Sósis quando, a essas provas, veio juntar-se o testemunho de seus escravos, que garantiam haver saído ele sozinho com a navalha, sendo ai nda noite. Os acusadores de Díon retiraram então a queixa. A seguir, o povo votou a pena de morte contra Sósis, e reconciliou-se com Díon.

O povo, no entanto, continuou a suspeitar dos mercenários de Díon, tanto mais que quase todos os combates contra o tirano agora aconteceram no mar. Filisto, com efeito, chegara de Iapígia em socorro de Dionísio à frente de grande número de trirremes; ora, como aqueles soldados estrangeiros eram infantes, os siracusanos cuidaram não mais precisar deles para a guerra e até tentaram mantê-los sob controle, já que eram um povo de marinheiros cuja força residia na esquadra. Sua altivez aumentou ainda mais com a vitória naval alcançada sobre Filisto, ao qual trataram em seguida com bárbara crueldade. É verdade que Éforo afirma ter ele se suicidado quando seu navio foi capturado. Mas Timônides — que desde o começo tomara parte com Díon em todas as ações da guerra — conta numa carta endereçada ao filósofo Espeusipo que Filisto foi apanhado vivo na trirreme, que encalhara; despojaram-no da couraça, deixaram-no completamente nu e o crivaram de ultrajes — a ele, que era um velho — para depois cortar a cabeça e enviar o cadáver aos meninos da cidade, recomendando que o arrastassem pela Acradina e o atirassem para os Latominias. Timeu, pormenorizando esses horrores, diz que os meninos puxaram o corpo de Filisto pela perna manca e o foram levando pelas ruas em meio às zombarias dos siracusanos, que viam arrastado pela perna aquele que dissera "Dionísio não deixará jamais a tirania montado num corcel ágil, mas agarrado pela perna". Filisto, porém, atribuíra essa frase dirigida a Dionísio, não a si próprio, mas a outra pessoa.

36. Timeu, pretextando com justiça o zelo e a fidelidade de Filisto em relação à tirania, inunda sua obra de acusações contra ele. Talvez se possa desculpar suas vítimas por terem levado o rancor a ponto de cair sobre um cadáver insensível; mas os historiadores, posteriores aos acontecimentos e que por isso não sofreram nada da parte dele (só sabiam de sua conduta por ouvir dizer), deveriam por uma questão de honra narrar sem insultos, zombarias ou vexações desgraças nas quais nem o melhor dos homens está a salvo de ser precipitado pela fortuna.

Éforo, por seu turno, não dá mostra de bom senso quando louva Filisto. Se bem que fosse muito hábil em colorir com pretextos especiosos atos injustos e costumes depravados ao compor bonitos discursos, não poderia, a despeito de tantas invenções, escapar à macula de haver sido, ele próprio, o maior amigo da tirania — além de que, mais do que ninguém, ser um perpétuo admirador de Fausto, do poder, das riquezas e das bodas dos déspotas. Em suma, nem o que elogia os atos de Filisto, nem o que insulta suas desgraças mostra senso de harmonia.

37. Depois da morte de Filisto, Dionísio propôs a Díon entregar a cidadela, suas armas e seus mercenários com soldo pago por cinco meses, à condição de poder, por tratado, retirar-se para a Itália, estabelecer-se lá e auferir os rendimentos de um território siracusano chamado Giarta, região vasta e fértil que se estendia do mar ao interior das terras. Díon não aceitou a proposta e sugeriu que os embaixadores se dirigissem aos siracusanos; mas estes, que esperavam apanhar Dionísio vivo, expulsaram-no. Então Dionísio, confiando a cidadela a Apolócrates, o mais velho de seus dois filhos, embarcou nos navios o que tinha de melhor em homens e bens, e aproveitando-se do vento favorável, fez-se ao mar sem ser visto pelo navarca Herác lides. Censurado e chacoteado pelos cidadãos, este pôs em cena um demagogo chamado Hipão, que conclamou o povo à partilha das terras dizendo que a igualdade das fortunas é a base da liberdade, assim como a pobreza eterniza a escravidão dos proletários (aktémosi). Heráclides apoiou Hipão, e excitando o povo contra Díon que se lhes opunha, persuadiu os siracusanos a votar a partilha, a suprimir o soldo dos mercenários e a eleger outros estrategos para ver-se livre da sufocante austeridade de Díon. Os siracusanos, ansiosos por recuperar-se logo da tirania, como de uma longa enfermidade, e por governar-se a si mesmos prematuramente, iam assim cometendo disparates políticos e odiando Díon, o qual, à maneira dos médicos, queria manter a cidade sob um regime rigoroso e prudente.

Díon abandona Siracusa.

38. Quando estavam se reunindo para eleger novos magistrados, no pico do verão, sobrevieram furiosas tempestades e sinais funestos no céu que não pararam durante quinze dias, e suspendendo as sessões, impediram o povo supersticioso de nomear outros estrategos. Depois, voltando o tempo ao normal e querendo os demagogos proceder às eleições, um boi atrelado a uma carreta e acostumado a circular pelo meio da multidão, mas agora sem dúvida irritado com seu condutor por outro motivo qualquer, sacudiu o jugo e lançou-se a toda velocidade na direção do teatro. O povo levantou-se precipite, fugiu e dispersou-se na maior desordem, enquanto o boi se voltava aos saltos, semeando o pânico, para outra parte da cidade, aquela que os inimigos deveriam ocupar em seguida. No entanto, os siracusanos não deram a mínima atenção ao fato e elegeram vinte e cinco estrategos, entre os quais Heráclides. Mandaram emissários secretos aos estrangeiros, para afastá-los de Díon e aliciá-los com a promessa até de igualdade de direitos políticos. Os soldados, porém, repeliram essas ofertas e permaneceram fiéis e devotos a Díon, formaram com suas armas uma muralha em torno dele e levaram-no para fora da cidade. Não causaram danos a ninguém, mas, aos que iam encontrando, censuravam abertamente a ingratidão e perversidade. todavia, os siracusanos desdenhavam seu pequeno número e motejavam do fato de não tomarem a iniciativa do ataque. Como eram muito mais numerosos, atiraram-se sobre eles, convencidos de que os derrotariam facilmente dentro da cidade, e realizariam um completo massacre.

39. Díon, reduzido à necessidade que a fortuna lhe impunha ou de lutar contra seus concidadãos ou de perecer com seus mercenários, estendia os braços para os siracusanos, desdobrava-se em súplicas e apontava-lhes a acrópole atulhada de inimigos que, do alto das muralhas, espiavam o que se passava. O arroubo da multidão, contudo, não podia ser detido, e a cidade, semelhante a um barco em alto-mar, era sacudida pelo sopro dos demagogos. Díon proibiu aos seus estrangeiros atacarem os siracusanos, e eles se limitaram a uma demonstração lançando-se a passo de carga, gritando e brandindo as armas. Nenhum siracusano resistiu ao pé firme, todos figuram pelas ruas ainda que ninguém os perseguisse; é que Díon ordenara imediata meia-volta aos seus estrangeiros, a fim de conduzi-los à Leontinos. Os chefes dos siracusanos, desejosos de apagar sua vergonha ante os gracejos das mulheres, armaram de novo os cidadãos e puseram-se no encalço de Díon. Alcançaram-no na passagem de um rio e travaram uma escaramuça de cavalaria. Mas, ao perceber que Díon, ao invés de continuar suportando com paternal doçura seus desmandos, agora só dava ouvidos à cólera e ordenava aos soldados que se alinhassem para a resistência em ordem de batalha, deram o fora ainda mais vergonhosamente do que da primeira vez. Foram refugiar-se na cidade, sem ter sofrido baixas muito pesadas.

40. Os habitantes de Leontinos acolheram Díon com brilhantes honrarias, assoldaram os estrangeiros e conferiram-lhe o direito de cidade. Em seguida, mandaram embaixadores aos siracusanos para pedir-lhes justiça aos mercenários. De seu lado, os siracusanos expediram embaixadas a fim de acusar Díon. Os aliados todos, reunidos em Leontinos, debateram a questão e repudiaram a atitude dos siracusanos. Estes, no entanto, pouca coisa fizeram do julgamento dos aliados, pois já agora mostravam-se altivos e insolentes a ponto de não escutar mais ninguém: os próprios estrategos, subservientes ao povo, temiam-no.

41. Nesse comenos, trirremes enviadas por Dionísio chegaram a Siracusa trazendo Nípsio de Neápolis, que vinha com viveres e dinheiro para os sitiados. No combate naval que se seguiu, os siracusanos saíram-se vencedores e capturaram quatro dos navios do tirano; mas, na embriaguez da vitória e em meio à anarquia em que viviam, entregaram-se alegremente a festins e deboches tão insensatos que negligenciaram todas as precauções; crendo-se já senhores da acrópole, acabaram perdendo até a cidade.

Nípsio, percebendo que nenhuma parte da cidade estava sã e que a multidão, de manhã até a alta noite, só pensava em embriagar-se ao som da flauta (os próprios estrategos, também encantados com a festa, hesitavam em tentar controlar aqueles borrachos), aproveitou muito bem a ocasião para atacar a muralha. Tomou-a abriu-lhe uma brecha e soltou seus bárbaros pela cidade, ordenando que fizessem o que bem entendessem com as pessoas que fossem encontrando. O s siracusanos não tardaram a aperceber-se do desastre, mas, no susto, não conseguiam reunir-se senão lenta e penosamente para remediar a situação. A cidade estava entregue à pilhagem, massacravam-se homens, solapavam-se muros, levavam-se para a acrópole mulheres e crianças chorosas. Os estrategos desesperavam da salvação e não conseguiam lançar os cidadãos contra os inimigos, misturados que estavam todos e por toda parte.

42. Tal era a situação da cidade. E o perigo já se aproximava de Acradina. Tod os tinham em mente o único homem em quem ainda se podia apoiar a esperança, mas ninguém o nomeava envergonhado da ingratidão e sandice com que Díon fora tratado. No entanto, sob o império da necessidade, ergueram-se da banda dos aliados e da cavalaria vozes que exigiam a convocação de Díon e a volta dos peloponésios ora em Leontinos. Mal ouviram esta proposta ousada, os siracusanos deram gritos de alegria e choraram; pediam que os deuses o fizessem aparecer, temiam não voltar a vê-lo e recordavam seu valor e coragem em pleno perigo, onde

não apenas se mostrava intrépido como inspirava audácia aos companheiros, levando-os a encarar sem temor o adversário. Assim, despacharam-lhe imediatamente dois dos aliados, Arconides e Telésides, e cinco cavaleiros, entre os quais Helânico. Esses emissários cavalgaram a rédea solta e chegaram a Leontinos ao entardecer. Depois de apear, caíram aos pés de Díon e, lacrimosos, expuseram-lhe as desgraças dos siracusanos. Já alguns leont inianos acorriam e diversos peloponésios rodeavam Díon, intrigados com o açodamento e as súplicas dos enviados. Díon prontamente conduziu os emissários para a assembleia, onde o povo todo se reuniu às pressas. Arconides e Helânico, apresentando-se, narraram em poucas palavras a extensão de seus males e conjuram os estrangeiros a socorrer Siracusa deixando de parte qualquer rancor, pois os siracusanos tinham sido punidos mais rigorosamente por seus erros do que o poderiam desejar as pessoas por eles maltratadas.

43. Quando acabaram de falar, vasto silêncio desceu sobre o teatro. Díon ergueu-se, porém as lágrimas que derrubava abundantemente sufocaram-lhe a voz. Os estrangeiros encorajavam e compartilhavam seu sofrimento. Depois que se refez um tanto da comoção, disse: "Peloponésios e aliados! Reuni-vos aqui para que delibereis sobre um assunto que toca de perto vossos interesses. Quanto a mim, estando Siracusa em Perigo não é preciso tomar decisões: se não puder salvá-la, irei sepultar-me no incêndio e na ruína da minha pátria. Vós, se consentis ainda em nos ajudar — a nós, os mais imprudentes e infelizes dos homens -, vinde soerguer a cidade que é obra vossa. Todavia, caso o ressentimento contra os siracusanos fechar-vos os olhos para sua situação, peço aos deuses que vos compensem dignamente pela coragem e zelo com que até agora trabalhastes por mim. Lembrai-vos de Díon, que há pouco, quando fostes vítimas da injustiça, não vos abandonou e também não abandonará seus cidadãos caídos em desgraça".

Falava ainda quando os estrangeiros se levantaram aos brados, pedindo-lhe que os conduzisse sem mais tardança em socorro da cidade. Os enviados siracusanos beijaram-no afetuosamente e suplicaram aos deuses que concedessem a Díon e aos estrangeiros toda a felicidade possível. Quando o tumulto se acalmou, Díon ordenou que os soldados fossem se prepararam para partir imediatamente, depois de comer, deveriam voltar com suas armas àquele mesmo local, pois tencionava sair em auxílio de Siracusa durante a noite.

44. Entrementes, em Siracusa, os generais de Dionísio, depois de infligir inomináveis males à cidade durante todo o dia, retiraram-se de noite para a acrópole. Haviam perdido alguns homens.

Os demagogos, então, recobraram coragem, esperando que os inimigos, saciados de devastação, permaneceriam tranquilos. Sugeriram que os cidadãos dispersassem. Díon pela segunda vez, e, se ele se aproximasse com seus estrangeiros, recusassem-lhe acolhidas; não deveriam ceder ante o valor daquela gente, como se ela lhes f osse superior, mas salvar sozinhos a cidade e a liberdade, utilizando os próprios recursos. Os estrategos então enviaram novos emissários a Díon para demovê-lo de voltar; mas os cavaleiros e notáveis o mesmo, a fim de apressar-lhe a marcha.

Díon avançava lentamente. Ao cair da noite, seus adversários ocuparam os portões, resolvidos a barrar a entrada. Mas Nípsio, lançando de novo a cidadela contra a cidade mercenários ainda mais resolutos e numerosos, iniciou imediatamente a demolição do muro de defesa e percorreu a cidade, devastando-a. Agora se matavam não apenas os homens, mas também as mulheres e crianças. Não havia pilhagens, mas tudo era destruído uma vez que, desesperando da situação, o filho de Dionísio passara a odiar intensamente os siracusanos — e Nípsio, por assim dizer, queria sepultar a tirania moribunda sob as ruínas da cidade. Para obstar à chegada de Díon, os soldados recorreram ao meio de destruição e aniquilamento mais rápido: o fogo. Munidos de tochas, incendiavam o que viam pela frente e disparavam projéteis inflamados contra objetivos mais distantes. Os siracusanos que fugiam eram apanhados e massacrados nas ruas; os que buscavam refúgio nas casas saíam expulsos pelas chamas, enquanto vários edifícios, já esbraseados, ruíam sobre os passantes.

Díon novamente em Siracusa.

45. Foi sobretudo esse flagelo que pôs todos os cidadãos de acordo para abrir a Díon as portas da cidade. Diminuíra ainda mais a marcha ao saber que os inimigos se haviam encerrado na cidadela. Mas, no decorrer do dia, surgiram cavaleiros anunciando-lhe que a cidade fora tomada pela segunda vez, e depois até alguns de seus adversários se apresentaram para apressá-lo. Como a gravidade da desgraça não cessasse de aumentar, Heráclides despachou-lhe seu irmão e em seguida seu tio Teódoto a suplicar que socorresse Siracusa, pois já ninguém resistia ao inimigo, ele próprio estava ferido e pouco faltava para que a cidade fosse completamente destruída pelo incêndio. Quando essas mensagens chegaram ao conhecimento de Díon, achava-se ainda a sessenta estádios das portas. Informou os estrangeiros da urgência do perigo, exortou-os e conduziu o exército não mais a passa, porém na corrida, enquanto iam constantemente chegando novos emissários para pressioná-lo. Os mercenários avançaram com rapidez e ardor admiráveis, e Díon entrou pela porta que dá para o chamado Hecatômpedo. Prontamente lançou suas tropas ligeiras contra o inimigo, a fim de com o exemplo restaurar a coragem dos siracusanos que os observassem, e alinhou os hoplitas em ordem de batalha. Formou em colunas os cidadãos que afluíam e se agrupavam em torno dele, partilhando o comando entre vários chefes para provocar mais pânico com um ataque desfechado de todos os lados ao mesmo tempo.

46. Depois de fazer esses preparativos e orar aos deuses, marchou contra o inimigo pelas ruas da cidade. Foi então uma explosão de gritos e de alegria, de vivas exclamações misturadas a votos e encorajamentos da parte dos siracusanos, que chamavam Díon seu salvador e seu deus, e os estrangeiros seus irmãos e compatriotas. Nas circunstâncias, ninguém era suficientemente egoísta e ligado à vida para não mostrar mais inquietação por Díon que por todos os outros juntos, vendo-o rumar à testa da tropa para o perigo, em meio ao fogo, ao sangue e à profusão de cadáveres que atulhavam as praças. Por sua vez, os inimigos ofereciam um espetáculo assustad or: espumantes de raiva e alinhados ao longo da muralha, tornavam o acesso penoso e difícil de forçar. Mas era sobretudo o perigo do incêndio que embaraçava os estrangeiros e atrapalhavam sua marcha. Cercados pelas chamas que brilhavam devorando as casas, tropeçando em destroços incandescentes, tentado escapar na carreira aos desabamentos que os ameaçavam com seu enorme peso e atravessando densas nuvens de poeira e fumaça, tentavam ainda assim permanecer agrupados em e boa ordem. Quando o contato foi estabelecido, só um pequeno número de pôde engalfinhar-se, dada a e streiteza e desigualdade do terreno. Os soldados de Díon, porém, animados pelos gritos entusiásticos dos siracusanos, conseguiram abalar as tropas de Nípsio, que em sua maioria foram achar salvação na cidadela, muito próxima. Os que ficaram do lado de fora e se dispersaram acabaram perseguidos e mortos pelos estrangeiros. Bom seria gozar imediatamente a vitória, entregar-se à euforia e às congratulações como tamanho feito merecia. Mas as circunstâncias eram adversas e os siracusanos tiveram primeiro que ocupar-se de suas casas, só com imensa dificuldade conseguindo extinguir o incêndio durante a noite.

47. Quando rompeu o dia, nenhum demagogo encontrava-se na cidade: todos haviam condenado a si mesmos ao exílio, salvo Heráclides e Teódoto, que se puseram nas mãos de Díon reconhecendo sua culpa e pedindo-lhe que mostrasse mais brandura para com eles do que a que haviam mostrado para com Díon. Arrazoavam: "Convém a Díon, já incomparável pela soma de suas virtudes, mostrar-se também, triunfando do ressentimento, superior aos ingratos que ora se confessam vencidos por aquela virtude devido à qual, há pouco, se revoltaram contra ele". Enquanto Heráclides e Teódoto imploravam, os amigos de Díon aconselhavam-no a não poupar indivíduos perversos e invejosos, mas a entregar Heráclides aos soldados e extirpar do governo a demagogia, doença insidiosa e não menos funesta que a tirania. Para tranquilizá-los, Díon respondeu: "Os outros generais estão mais afeitos às armas e à guerra. Mas eu, na Academia, durante muito tempo exercitei-me para domar a cólera, a

inveja, e o espírito de querela. Ora, mostramos que tivemos êxito não pela moderação para com os amigos e homens de bem, mas quando, alvos de iniquidades, deixamo-nos dobrar pelos culpados e os tratamos com doçura. Não desejo ultrapassar tanto Heráclides em inteligência e poder quanto em bondade e justiça, pois é aí que reside a verdadeira superioridade. Os êxitos da guerra, esses, mesmo que não sejam contestados pelos homens, podem sê-lo pela fortuna. Se a inveja torna Heráclides desleal e censurável, não é razão para que Díon empane sua virtude com a cólera. Bem sei que, segundo as leis, considera-se mais justo vingar uma injustiça que cometê-la — mas, segundo a natureza, esses dois atos procedem de uma só e mesma fraqueza. A maldade humana, por penosa que seja, não é tão completamente selvagem e intratável que não possa mudar, vencida pelo reconhecimento que inspir am os benefícios reiterados".

48. Com base nesses raciocínios, Díon soltou Heráclides e Teódoto. Passando a ocupar-se da fortificação, ordenou aos siracusanos que cortassem, cada um, uma estaca e a pusessem de parte. Depois, colocou os estrangeiros a trabalhar durante a noite e, enquanto os siracusanos dormiam, mandou cercar a acrópole com uma paliçada, às escondidas deles. Dia claro, cidadãos e inimigos, observando o resultado, sentiram-se igualmente surpresos com a rapidez com que a obra fora executada.

Díon sepultou então os siracusanos mortos, libertou os prisioneiros (que não eram menos de dois mil) e convocou a assembleia. Heráclides, tomando a palavra, propôs que Díon fosse eleito estratego com plenos poderes em terra e mar. Os notáveis aprovaram e pediram que se proclamasse imediatamente à votação, mas a turba dos marinheiros e operários (banâusoi) protestou ruidosamente, aborrecida com ver Heráclides despojado de suas funções de almirante e convencida de que ele, mesmo que lhe faltassem outras qualidades, era pelo menos muito ligado ao povo e mais subserviente à massa do que Díon. Este cedeu e fez devolver à Heráclides o comando da frota. Opôs-se, entretanto, à partilha de terra e moradias, que a multidão exigia, e invalidou o que antes fora decretado a esse respeito. Os ânimos se irritaram. Extraindo daí um novo pretexto, Heráclides, então em Messina, intrigou junto a soldados e marinheiros que haviam embarcado com ele e excitou-os contra Díon, a quem acusava de aspirante à tirania. Em segredo, tratou com Dionísio por intermédio de Farace de Esparta. Os princípios notáveis de Siracusa ficaram suspeitosos e rebentou no exército uma sedição que reduziu Siracusa a tal penúria que Díon já não sabia mais que partido tomar. Os amigos acusavam-no de ter fortalecido contra si próprio um homem tão intratável, tão corrompido pela inveja e a maldade como Heráclides.

49. Farace acampou em Neápolis, no território de Ácraga, e Díon saiu com os siracusanos para atacá-lo. Sua intenção era travar mais tarde a batalha decisiva contra ele, mas Heráclides e os marinheiros resmungavam que de fato não queria terminar a guerra por um combate, mas protelá-la para firmar-se no poder. Díon, pois, viu-se obrigado a atacar e foi batido. A derrota, porém, não era grave e sobreveio principalmente em consequência da desordem provocada pelo motim da soldadesca.

Díon se preparava para nova batalha e alinhava as tropas, encorajando-as com discursos, quando, no começo da noite, soube que Heráclides singrava com a frota para Siracusa, decidido a assenhorar-se da cidade e proibir a entrada a Díon e seu exército. Convocando imediatamente os cavaleiros mais robustos e devotados, Díon cavalgou a noite inteira e, na terceira hora do dia, estava às portas da cidade. Cobria setecentos estádios.

Heráclides, que com seus navios esforçava-se para ser rápido, chegou tarde demais e teve de se fazer novamente ao mar. Pôs-se a errar de uma costa a outra, sem projeto meditado, e acabou topando com o espartano Gesilo, que se disse enviado da Lacedemônia para assumir o comando dos siracusanos, como outrora Gílipo. Heráclides acolheu-o alegremente como uma salvaguarda contra Díon, espécie de amuleto dos que se trazem ao pescoço e apresentou-os aos aliados e enviou um arauto aos siracusanos conclamando-os a aceitar o espartano como chefe. Díon respondeu que aos Siracusanos não faltavam chefes competentes e que, em todo caso, se a situação reclamava um espartano, ali estava ele mesmo, que recebera em Esparta o direito de cidade. Gesilo renunciou ao comando, foi ao encontro de Díon e reconciliou-o com Heráclides, que prestou juramento oferecendo as mais solenes garantias. Por seu turno,

Gesilo jurou que vingaria Díon a puniria Heráclides se este concebesse desígnios traiçoeiros.

Dionísio entrega a acrópole.

50. Após esses acontecimentos, os siracusanos licenciaram a frota, de que não mais precisavam. Além do mais, ela exigia enormes despesas para navegar e constituía para os chefes motivo de dissensão. A seguir, assediaram a cidadela, após completar a muralha circundante.

Como ninguém viesse em socorro dos sitiados, os víveres faltassem e seus mercenários se tornassem ameaçadores, o filho de Dionísio, desesperado da situação, parlamentou com Díon, entregou-lhe a acrópole com as armas e o resto do material, e, levando a mãe e as irmãs, fez-se ao mar ao encontro do pai com cinco trirremes. Díon permitiu que ele partisse com toda a segurança. Nenhuma pessoa em Siracusa deixou de comparecer para apreciar o espetáculo. Em altos brados, invocavam os ausentes que já não podiam participar daquela jornada e admirar o sol se erguendo sobre Siracusa livre. Se ainda hoje o exílio de Dionísio é considerado um dos maiores e mais gritantes exemplos conhecidos da instabilidade da fortuna, qual não deve ter sido então a alegria dos siracusanos? Que orgulho não terão experimentado, eles que, munidos de tão frágeis meios, haviam derrubado a mais possante tirania que jamais existiu?

51. Após a partida de Apolócrates, Díon compareceu à acrópole. As mulheres não tiveram paciência de esperá-lo entrar: correram para a porta. Aristômaca trazia o filho de Díon; Arete seguia-a chorando, perguntado-se como haveria com o marido, como o saudaria depois de ter vivido com outro. Díon beijou primeiro a irmã e depois o filho. Aristômaca, então, puxou Arete e disse: "Fomos muito infelizes, Díon, durante teu exílio. Retornando vitorioso, livraste-nos a todas do peso de nossas misérias, com exceção apenas desta mulher, que com dor vi obrigada a desposar um outro, estando tu ainda vivo. Agora que a sorte te fez senhor de nós, como encararás a situação a que ela foi reduzida? Deverás abraçar-te como a um tio ou como a um marido também?".

Assim falou Aristômaca. Díon, banhado em lágrimas, acolheu ternamente a esposa e, confiando-lhe o filho, enviou-a para a casa onde ele próprio residia. A cidadela, entregou-a aos siracusanos.

52. Depois de tamanhos êxitos, Díon não quis gozar sua felicidade antes de ter distribuído favores e presentes aos amigos e aliados, sobretudo antes de mimosear os cidadãos aos quais estava ligado e seus soldados estrangeiros com a quota de afeição e honra que eles mereciam. A magnanimidade de Díon, com efeito, ultrapassava seu poder.

Ele próprio regulava seu modo de vida pelo que tinha ao alcance, com frugalidade e simplicidade. No momento em que era admirado e não apenas a Sicília e Cartago, mas a Grécia inteira voltava os olhos para ele e seu sucesso; em que os companheiros não podiam crer que houvesse homem maior, em que nenhum outro chefe parecia possuir tamanha audácia e sorte — nesse momento, mostrava-se tão modesto nos trajes, no aparato e na mesa como se vivesse na Academia em companhia de Platão, e não no meio de mercenários e oficiais para quem a vida al egre e os prazeres quotidianos são a consolação das fadigas e perigos.

Platão escreveu-lhe que todos os homens da terra tinham os olhos cravados nele só. Mas parece que o próprio Díon olhava apenas para um sítio e uma cidade, a Academia, não reconhecendo como seus examinadores e juízes senão os que lá se achavam e que, em lugar de admirar-lhe os feitos, a coragem e a vitória, observavam unicamente se ele aproveitava a

sorte com conveniência e sabedoria, mostrando-se moderado em tão grande prosperidade.

Quanto à sua gravidade nos relacionamentos humanos e à sua rigidez para com o povo, tinha como ponto de honra não minorá-las sem desmenti-las, mesmo quando os negócios exigiam dele flexibilidade e ainda que Platão o exprobrasse de longe, como vimos, escrevendo-lhe que "a arrogância é a companheira habitual da solidão". É de si evidente que sua natureza prestava-se dificilmente nos métodos da persuasão e que ele se empenhava com todas as forças em arrancar os siracusanos a uma vida licenciosa e debilitante.

53. E Heráclides voltava aos ataques. Convocado ao Conselho, recusou-se a comparecer alegando que era um simples particular e só fazia parte da Assembleia, com os outros cidadãos. Em seguida, exprobrou Díon por ele não ter arrasado a cidadela, nem permitido ao povo, como este desejava, abrir o túmulo de Dionísio e profanar o cadáver; enfim, por ter chamado de Corinto conselheiros para governar com ele, denotando assim seu desdém pelos compatriotas. Na verdade, Díon convocara coríntios da esperança de que, com sua ajuda, estabeleceria mais comodamente o regime político que tinha em mira. Queria impedir o advento da democracia pura, que, como Platão, considerava não uma constituição, mas uma barafunda de constituições. Aspirava a uma forma de Estado aparentada ao sistema lacônico e cretense, misturada de democracia e realeza onde a democracia supervisionasse e arbitrasse os negócios políticos mais importantes. Ora, sabia que os coríntios possuíam uma constituição predominantemente oligárquica e só permitiam ao povo tratar de questões de somenos. Contra semelhante projeto, contava sobretudo com a insurreição de Heráclides, que conhecia como homem turbulento, leviano e faccioso, e por isso teve de abandoná-lo aos que de há muito exigiam sua morte, coisa que até então Díon os impedira de levar a cabo. Introduziram-se, pois, na casa de Heráclides, e mataram -no. O assassinato desagradou vivamente os siracusanos; não obstante, como Díon preparasse para Heráclides brilhantes funerais, seguisse o cotejo com o exército e discursasse em seguida, perdoaram-no, compreendendo que a turbulência não cessaria na cidade enquanto Díon e Heráclides participassem juntos da vida política.

Morte de Díon.

54. Díon tinha um companheiro vindo de Atenas, Calipo, que conheceram e a quem se ligara, segundo Platão, não durante seus estudos, mas por ocasião das iniciações dos mistérios. A partir daí, suas relações não cessaram. Calipo tomara parte na expedição e tantas honras obteve que foi, de todos os companheiros de Díon, o primeiro que entrou com ele em Siracusa, com uma coroa na cabeça. Também se assinalara brilhantemente nos combates. Todavia, depois que Díon perdeu, na guerra, seus principais e melhores amigos, e que Heráclides foi morto, Calipo, percebendo que em Siracusa a democracia já não tinha chefe e ele próprio gozava de ampla consideração junto aos soldados de Díon, tornou-se o mais celerado dos homens. Esperando firmemente dominar a Sicília como prêmio do assassinato de seu hóspede (e havendo mesmo, como sustentaram alguns, recebido dos inimigos vinte talentos para perpetuar o crime), subornou os mercenários e voltou-os contra Díon, preparando o mais odioso, o mais pérfido dos conluios.

Comunicava sistematicamente a Díon as palavras que os soldados haviam de fato proferido ou que ele mesmo forjava. Adquirira, graças à confiança que inspirava, tamanha liberdade de ação que podia avistar-se em segredo com quem quisesse e falar-lhes com a maior franqueza contra Díon — pois era o que este ordenara que fizesse, para saber quem lhe era disfarçadamente hostil. O resultado foi que Calipo não tardou a descobrir e agrupar os homens de alma perversa e desarvorada. Quando alguém repelia suas propostas e o ia denunciar a Díon, este não ficava nem inquieto nem aborrecido, pois que Calipo estava se conformando às suas instruções.

55. Enquanto a sedição era tramada, um fantasma gigantesco e monstruoso apareceu a Díon. Estava ele sentado, tarde da noite, num vasto aposento da sua casa, sozinho e mergulhado em pensamentos, quando de repente ouviu o barulho na outra extremidade da sala; voltou-se e, como era dia ainda, deu com uma mulher de talhe imponente, semelhante no rosto e no traje a uma Erínia trágica, ocupada em limpar a casa com uma vassoura. Muito impressionado, chamou os amigos, descreveu-lhes a visão e pediu-lhes que passassem a noite com eles, pois estava perturbado e temia que a visão reaparecesse quando voltasse a ficar só. Não reapareceu. Mas dias depois seu filho, ainda não completamente saído da infância, após uma crise de amuo e cólera por motivo insignificante e pueril, precipitou-se de cabeça do alto do teto e matou-se.

56. Sabendo que Díon ficara extremamente afetado, Calipo empenhou-se ainda mais na execução de seu plano e espalhou por Siracusa o boato de que Díon, sem mais filhos, resolvera chamar Apolócrates, filho de Dionísio, para instituí-lo sucessor, uma vez que era sobrinho de sua mulher e neto de sua irmã. Entrementes, Díon e as mulheres da casa começaram a suspeitar do que se tramava. As denúncias não paravam de chegar. Mas Díon — ao que parece, lamentava sua conduta para com Heráclides e vivia entristecido por causa daquele crime, verdadeira mácula colada à sua existência e seus atos — declarou que preferia padecer mil mortes e oferecer o pescoço a quem quisesse matá-lo do que viver perpetuamente na defensiva não apenas contra inimigos, mas também contra os amigos. Calipo, vendo as mulheres conduzir uma investigação minuciosa sobre o caso, ficou com medo e foi conversar com elas, protestando, chorando, e oferecendo as garantias que lhe exigissem. As mulheres pediram que prestasse o grande juramento, cuja forma é a seguinte: a pessoa que empenhava sua fé desce ao santuário das Tesmóforas e após realizar certos sacrifícios, envolve-se no manto de púrpura da deusa e, empunhando uma tocha, faz o juramento. Depois de cumprir todas as cerimonias e pronunciar a fórmula, Calipo zombou a tal ponto das deusas que aguardou o dia das festas de Coré (pela qual jurara) para executar o crime. Talvez, entretanto, nem tenha atentado para a data, já que de qualquer maneira constitui sacrilégio para com a deusa um mistagogo, não importa a ocasião, degole aquele que ele iniciou nos mistérios.

57. Calipo arregimentou numerosos cúmplices. Num dia em que Díon estava estirado com os amigos numa sala de muitos lei tos, alguns conjurados cercaram a casa enquanto outros se postaram às portas e janelas do aposento. Os que deveriam executar a agressão, uns zacintianos, entraram desarmados e de túnica e os que ficaram de fora puxaram as portas mantiveram-nas cerradas. Os assassinos atiraram-se sobre Díon, tentando sufocá-lo e estrangulá-lo. Como não conseguissem, pediram uma arma, mas ninguém ousava abrir as portas porque no interior havia muita gente com Díon; essa gente, porém, esperava salvar-se abandonando-o, de sorte que ninguém teve coragem de socorrê-lo. O tempo passava. Então Lícon de Siracusa, pela janela, passou um punhal a um dos zacintianos: com ele Díon foi degolado qual vítima sacrifical de há muito dominada e assustada.

Pouco depois, eram levadas para a prisão a irmã e a mulher de Díon, que estava grávida. Deu à luz miseravelmente na enxovia e pôs no mundo um menino que ambas insistiram em alimentar, tanto mais que haviam obtido a conivência dos guardas — os quais já notavam que a situação de Calipo se arrumava.

58. Calipo, depois de assassinar Díon, gozou nos primeiros tempos de uma brilhante fortuna e manteve Siracusa em seu poder. Chegou a mandar uma carta para Atenas, de todas as cidades a que mais deveria respeitar e temer seguida aos deuses, por causa da mácula de que se cobrira. Mas parece que diz a verdade quem afirma que essa cidade dá nascimento aos melhores homens de bem e aos piores celerados, assim como seu solo produz o mel mais delicioso e a cicuta mais mortalmente eficaz. De resto, não foi por muito tempo que a exigência de Calipo justificou a censura que se poderia fazer à fortuna e aos deuses de

permitir a um homem gozar a soberania e a influência adquirida ao preço de tamanha impiedade: ele não tardou a ser punido como merecia. Querendo assenhorar-se de Catânia, perdeu ao mesmo tempo Siracusa. Conta-se que na ocasião afirmou ter abandonado uma cidade em troca de um ralador de queijo (katáne). Em seguida, ao atacar Messina, perdeu a maior parte de seus soldados, entre os quais o assassino de Díon. Como nenhuma cidade siciliana quisesse recebê-lo e todos o repelissem com ódio, apossou-se de Régio. Ficou ali em situação deplorável e, por alimentar mal os mercenários, acabou assassinado por Leptines e Poleperconte — que casualmente se serviram, diz-se, do mesmo punhal que ferira Díon. O objeto foi reconhecido pelo tamanho (era curto como os da Lacônia) e pela beleza de valor, muito delicado e artístico. Eis como foi punido Calipo.

Quanto a Aristômaca e Arte, depois que saíram da prisão, Hicetas de Siracusa — que fora amigo de Díon — acolheu-as e parece tê-las tratado de maneira leal e honrosa. Mas depois, aliciado pelos inimigos de Díon, mandou aparelhar um barco a pretexto de enviá-las para o Peloponeso e ordenou que fossem degoladas durante a travessia e atiradas ao mar. Outros pretendem que padeceram morte por afogamento, e a criança com elas.

Castigo digno desse ato também atingiu Hicetas: capturado por Timoleão, foi condenado à morte. E os siracusanos, para vingar Díon, eliminaram ainda suas duas filhas, conforme se lê em pormenor da Vida de Timoleão.

Bruto

SUMÁRIO DA VIDA DE BRUTO

Nascimento de Bruto. II. Seus estudos filosóficos. III. Vai a Chipre com seu tio Catão. IV. Toma o partido de Pompeu. V. César ordena aos seus soldados que poupem a vida de Bruto. Por que. VI. Vai ter com César. Com que distinção César o trata. VII. César lhe dá o governo da Gália Cisalpina. VIII. Ele lhe dá a pretoria urbana. IX. O que César pensava de Bruto e de Cássio. X. O que levou Bruto a conspirar contra César: XI. Cássio propõe-lhe ficar à testa da conjuração. XII. Como ela se organiza. XIII. Inquietação de Bruto. XIV. Como sua mulher lhe mostra que ela era assaz corajosa para ser digna de ter parte no seu segredo. XV. Os conjurados marcam o dia da execução. XVI. Tranquilidade de espírito de Bruto. XVII. Diversos acidentes próprios para desnortear e assustar os conjurados; Pórcia desaparece. XIX. Circunstância inquietante. Como Bruto a julga. XX. Morte de César. XXI. Bruto se opõe ao assassínio de Antônio. XXII. Discurso de Bruto ao povo. Como o povo o recebe. XXIII. Decreto do senado em honra de Bruto e de seus conjurados. XXIV. Elogio de César, feito por Antônio. XXV. Furor do povo contra os seus assassinos. XXVI. Bruto sai de Roma. XXVII. Bruto censura as manobras de Cícero em favor de Otávio. XXVIII. Despedida de Bruto e de Pórcia. XXIX. Bruto vai a Atenas. XXX. Apodera-se de alguns navios que levavam dinheiro a Roma. XXXI. Acidente que acontece a Bruto. XXXII. Caio Antônio entrega-se a ele com suas tropas. XXXIII. Otávio faz condenar Bruto e seus companheiros. XXXIV. Bruto faz matar Caio Antônio. XXXV. Reunião dai tropas de Bruto e de Cássio. XXXVI. Elogio de Bruto. XXXVII Bruto e Cássio separam-se. XXXVIII. Bruto cerca a cidade de Xante. XXXIX. É destruída por um incêndio. XL. A cidade de Pátaro entrega-se a ele. XLI. Paz morrer a Teódoto. XLII. Questão entre Bruto e Cássio. XLIII. Julgamento de Bruto que desagrada a Cássio. XLIV. Fantasma que aparece a Bruto. XLV. Ele conta a sua visão a Cássio que o tranquiliza. XLVI. Bruto e Cássio acampados frente a frente com Otávio e Antônio. XLVII. Maus presságios que assustam a Cássio. XLVIII. O desejo de Bruto para tentar a batalha, prevalece. XLIX. Bruto e Cássio prometem matar-se se forem vencidos. L. Seu exército se põe em movimento. LI. Grande vantagem do lado de Bruto. LII. A ala de Cássio é inteiramente derrotada. LIII. Espanto de Bruto à sua volta. LIV. Morte de Cássio. LV. Bruto presta-lhe honras fúnebres. LVI. Perturbação no acampamento de Bruto. LVII. Promessa de Bruto a suas tropas, se cumprirem bem seu dever no combate. LVIII. Batalha ganha pela frota de Bruto. Ele não é avisado em tempo. LIX. Nova aparição do fantasma. LX. Bruto é derrotado. LXI. Lucilio se faz levar a Antônio sob o nome de Bruto. LXII. Bruto manda visitar seu acampamento. LXIII. Morte de Bruto. LXIV. Honra que Antônio presta a seu corpo. Morte de Pôrcia.

Desde o ano 675 até o ano 712 de Roma, antes de Jesus Cristo, ano 42.

Marco Bruto era descendente daquele Júnio[{1608}] Bruto ao qual os antigos romanos erigiram uma estátua de bronze no Capitólio, entre as dos reis, com uma espada desembainhada na mão, porque ele tinha valorosamente expulsado e derrotado os tarquínios do trono de Roma[{1609}] ; mas ele, tendo da natureza costumes austeros e não temperados pela razão, assemelhando-se às espadas[{1610}] de têmpera muito forte, deixou-se levar pela ira e pelo ódio que tinha contra os tiranos, até matar seus próprios filhos. E, ao contrário, este, de quem escrevemos agora, tendo mitigado seus costumes pelo conhecimento das letras e pela razão adquirida nos estudos da filosofia e tendo dominado seu natural, que por si mesmo era manso e grave, para fazer e executar grandes coisas, parece-me ter sido bem trabalhado para a virtude; de modo que aqueles mesmos que lhe queriam mal, porque ele conjurou contra César, se houve alguma coisa feita com generosidade durante a conjuração, a atribuem a Bruto, e todos os atos ásperos e duros, a Cássio, o qual era muito amigo de Bruto, não porém tão perfeito em seus hábitos nem tão completo como ele. Servília, sua mãe, dizia-se descendente do sangue de Servílio Hala, o qual, como Espúrio Mélio, tentasse fazer-se rei e para seus intentos solicitasse o povo à rebelião, tomou um punhal que escondeu sob as axilas, e foi à praça, onde fingiu ter alguma coisa a lhe comunicar, e para isso, aproximou-se bem perto dele, mas, assim que o outro abaixou a cabeça para ouvir o que ele queria dizer, deu-lhe uma punhalada, que o matou[{1611}] : quanto a isso, não há ninguém que diga o contrário; mas, quanto ao lado paterno, houve alguns que por ódio e malquerença contra Bruto, por causa da morte de Júlio César, sustentaram que ele não descende daquele que expulsou os tarquínios, porque nada ficou da sua raça, visto que ele matou seus filhos, e que este era descendente de uma família popular[{1612}], a qual depois de pouco tempo tinha começado a se intrometer nos estados e nas honras dos negócios públicos. Ao contrário, o filósofo Possidônio escreve que Júnio Bruto matou deveras seus dois filhos[{1613}], que já tinham certa idade, como está escrito nas histórias, mas que ficou ainda um terceiro, que então estava na sua primeira infância, do qual a descendência depois teve sua origem; e ainda mais, que, no seu tempo, havia alguns homens ilustres daquela família, dos quais os traços do rosto muito se assemelhavam aos da estátua de Bruto. Mas já falamos bastante a este propósito.

II. Marcos Catão, o Filósofo, era irmão de Servília, mãe de Bruto, ao qual, de todos os romanos, mais ele se propôs imitar, sendo seu tio, e do qual, ao depois, desposou uma filha. Quanto aos filósofos gregos não há seita alguma, por assim dizer, da qual ele não tenha frequentado alguma, nem da qual não tenha sido adversário: mas sobre todos os outros, ele mais apreciou os platônicos, e não se aplicando muito nem à nova, nem à média Academia, como a chamam, ele se tinha de todo entregue à antiga; por isso ele teve sempre grande admiração pelo filósofo Antíoco, da cidade de Ascalon, mas tornou-se amigo e familiar de seu irmão Ariston, e o quis ter por dom éstico[{1614}], o qual em letras e em saber não era tão excelente como foram muitos outros filósofos, mas em sabedoria e em doçura ele competia com os primeiros. No que diz respeito a Empilo, do qual ele mesmo faz menção em suas Epístolas, e seus amigos também em vários lugares, era um orador, que deixou um pequeno livro que não é mau, da morte de César, intitulado Bruto. Era bastante prático na língua latina, que podia fazer um longo discurso, como para disputar e defender uma causa; mas na língua grega nota-se e se observa mesmo em algumas das suas cartas, que ele usa daquela concisão grave e sentenciosa no falar, própria dos lacedemônios; tendo já a guerra começado, ele escreveu aos pergamenses deste modo: "Eu ouvi dizer que entregastes dinheiro a Dolabela; se o fizestes voluntariamente, vós confessais que me ofendestes, e se contra vontade, declarai-o, entregando-mo voluntariamente". Outra vez, aos sânios: "Vossos conselhos são longos, vossos efeitos são lentos, pensai qual será o fim disso". E uma outra, em que lhes escreveu dos patarinos[{1615}], os xantenses[{1616}] "por terem desprezado minha graça, fizeram de seu país um sepulcro de d esespero: e os patarinos por se terem posto em minha defesa, não perderam um ponto sequer de sua liberdade. Pelo que, enquanto vos é possível, escolhei ou o julgamento dos patarinos ou a fortuna dos xantenses". Eis a maneira como são as cartas de Bruto, que se fazem notar pela concisão.

III. Estando ainda na adolescência foi a Chipre com seu tio Catão, que havia sido enviado

contra o rei Ptolomeu{1617} o qual foi derrotado, e Catão, tendo alguns negócios que o retinham necessariamente na ilha de Rodes, havia já mandado adiante um de seus familiares, de nome Canínio{1618} para guardar o dinheiro e os outros bens; mas, temendo que ele o roubasse, escreveu a Bruto que viesse a Chipre imediatamente, da Panfília, onde estava convalescente de uma enfermidade; ele o fez, mas muito a contragosto, quer pela vergonha que tinha de Canínio, que Catão deixava ao seu cuidado, ignominiosamente, quer também porque este encargo e administração lhe pareciam demasiado vis e impróprios a ele, que era um jovem dedicado aos estudos; todavia, saiu-se tão bem e tão diligentemente que Catão o louvou; e depois que todos os bens foram vendidos, tomou a maior parte dos últimos, com os quais voltou a Roma.

IV. Depois, quando o poder romano foi dividido em duas ligas, que César e Pompeu tomaram as armas um contra o outro, e que todo o império de Roma se viu conturbado, esperava-se que ele seguisse o partido de César, porque algum tempo antes Pompeu havia feito morrer seu pai; mas, julgando que se deviam pospor os interesses particulares aos públicos e persuadindo-se de que a causa pela qual Pompeu tomava as armas era melhor e mais justa que a de César, se pôs do lado de Pompeu, embora tendo, algumas vezes, se encontrado com Pompeu, não se dignou saudá-lo, pensando que seria isso para ele um pecado, falar com o assassino de seu pai; mas depois, submetendo-se a ele como chefe dos negócios públicos, partiu para a Sicília, como lugar-tenente de Séstio, ao qual coubera o governo daquela província; e vendo que lá não havia a ocasião de fazer grandes coisas, e que já César e Pompeu estavam perto um do outro, combatendo, para decidir quem seria o maior, ele foi voluntariamente para a Macedónia, sem ser mandado, para tomar parte no perigo, e por isso se diz, que Pompeu, alegrando-se e admirando-se de sua chegada, quando o viu aproximar-se, levantou-se do seu trono, e foi abraçá-lo diante de todos, com tanta demonstração de honra, como ele o teria feito a algum outro dos maiores da sua liga. No acampamento, durante o dia, exceto o tempo em que ele estava com Pompeu, entregava-se aos livros e aos estudos, não somente nos dias precedentes, mas também antes do da grande batalha de Farsália. Era o forte do verão, fazia muito calor, acrescente-se ainda que o acampamento estava colocado bem junto de terrenos pantanosos, e os que traziam sua tenda estavam demorando para chegar: por isso, cansado e esgotado, como ele estava, a muito custo quis ao meio-dia comer alguma coisa; depois, quando todos os demais dormiam e descansavam ou imaginavam o que poderia acontecer no dia seguinte, ele estava estudando e escreveu durante o dia todo, até a tarde, compondo um sumário de Políbio{1619}.

V. Diz -se que César não lhe votou desprezo e pouco caso, e que ele disse antes da batalha, diante de seus generais e oficiais, que evitassem matar Bruto na batalha, e se ele se entregasse voluntariamente, que o levassem a ele; mas que se se pusesse na defensiva, para não ser apanhado, que eles o deixassem, sem lhe fazer violência alguma; e diz-se que o fazia por amor de Servília, mãe de Bruto, pois sendo ainda muito jovem ele tinha conhecido Servília, que tinha se apaixonado ardentemente por ele; e porque Bruto ao depois nascera quando o seu amor estava no auge, persuadiu-se que ela havia concebido dele. A este propósito conta-se que no tempo em que se tratava no senado do assunto da conjuração de Catilina, que esteve a ponto de destruir e arruinar toda a cidade de Roma, César e Catão encontraram-se, sustentando opiniões contrárias, e que, nesse ínterim, trouxeram de fora alguns escritos a César. Ele tomou-os e os leu, à parte, em voz baixa; Catão, então, se pôs a gritar que César fazia mal de receber avisos e cartas dos inimigos pelo que muitos dos presentes murmuraram. César então deu a carta como estava a Catão, que a leu, e viu que era uma carta amorosa e lasciva de sua irmã Servília; restituiu-a a César e disse: Toma, bêbado! Continuou depois o assunto e prosseguiu com o discurso como antes, tanto era conhecido e sabido de todos o amor e o afeto de Servília para com César.

VI. Depois da derrota de Farsália, quando Pompeu fugiu para o mar, e que seu campo foi cercado, Bruto saiu pelas portas, sem ser notado, e se lançou num pantanal cheio de água e de caniços palustres; depois, quando chegou a noite, ele saiu e foi para a cidade de

Larissa{1620}, de onde escreveu a César, que ficou muito contente por saber que ele estava salvo, e mandou dizer que viesse ter consigo; e quando ele chegou, não somente o perdoou, mas o conservou perto de si, com tantas honras, como a nenhum outro que lá se encontrasse.

Ninguém sabia para onde Pompeu havia ido, e estava-se em dificuldade para sabe-lo; pelo que César, caminhando um certo tempo, sozinho, com Bruto, perguntou-lhe o que ele pensava, e pareceu-lhe por algumas palavras que ele disse que ele sabia muito bem, por conjeturas de sua fuga; e, por isso, deixando todo e qualquer conselho ou advertência, rumou para o Egito. Mas Pompeu, que, como Bruto havia conjeturado, se tinha ocultado no Egito, lá foi surpreendido pela hora do seu destino. Finalmente, Bruto impetrou ainda, de César, graça para Cássio; e defendendo a causa do rei da Líbia{1621} é verdade que ele sucumbiu ante a multidão e o peso dos encargos, que lhe confiavam, mas intercedendo e rogando por ele, salvou-lhe ainda grande parte de seu reino e de suas terras. E diz-se que a primeira vez que César o ouviu discursar diante dele, disse aos seus amigos: "Eu não sei o que este jovem deseja, mas, tudo o que ele quer, ele o quer com maravilhosa veemência". Pois, como sua gravidade não se comunicava facilmente a todos os que lhe vinham pedir que lhes fizesse um favor, mas sendo movido pelo conselho e pela razão, ela tendia sempre a fazer coisas louváveis e honestas; também quando se punha a realizar alguma coisa, usava de uma instância veemente e urgente, que não desistia jamais, antes de ter conseguido o objetivo de sua empresa; pois pela adulação nunca se pôde conseguir dele alguma coisa, nem obrigá-lo a fazer algo injusto, e julgava que, deixar-se vencer pelos rogos e pedidos daqueles que, sem vergonha, atormentam e importunam àqueles dos quais querem obter alguma coisa irrazoável, o que alguns fazem por vergonha de nada ousar recusar, era uma coisa bem má e muito inconveniente a um grande personagem; e por isso ele tinha o costume de dizer que lhe parecia que aqueles que nada podiam recusar, tinham governado muito mal a flor da própria juventude.

VII. Quando César resolveu passar o mar, para ir à África, contra Catão e Cipião, deixou-o no governo da Gália, que está para cá dos Alpes, do lado da Itália, o que foi uma felicidade singular para aquela província, pois, quando as outras eram assaltadas e saqueadas, pela insolência e avareza dos governadores, como se fossem países de conquista, Bruto foi para os gauleses descanso e conforto dos trabalhos que eles antes haviam suportado; e a graça desse tratamento era por ele inteiramente atribuída a César, de sorte que ao seu regresso da África, visitando a Itália, o que ele viu com mais satisfação e prazer, foram as cidades governadas por Bruto, e o mesmo Bruto, que lhe fazia a honra da sua pessoa e cuja companhia lhe era assaz agradável.

VIII. Havia em Roma várias espécies de pretorias e esperava-se que Bruto ou Cássio teriam aquela que é a de maior dignidade, a que chamavam de pretoria urbana, porque, aquele que a ocupava exercitava o direito e a justiça entre os da cidade; por essa razão eles se indispuseram, um com o outro, embora alguns digam que por outras causas precedentes, já havia uma certa divergência entre eles e este fato aumentou ainda mais a dissensão, embora eles fossem parentes: pois Cássio tinha desposado Júnia, irmã de Bruto. Outros dizem que esta questão entre eles vinha do mesmo César, o qual, secretamente, dava a esperança do seu favor, ora a um, ora a outro; continuou a briga e eles se indispuseram de tal modo um contra o outro, que instauraram um processo. Bruto combatia com sua virtude e boa fama, contra vários e grandes feitos de armas que Cássio tinha realizado contra os partos; e César, depois de ter ouvido as suas declarações, disse aos seus amigos, aos quais ele se aconselhava sobre este negócio: "É verdade que as razões que Cássio alega são mais justas; mas, no entretanto, é necessário preferirmos Bruto". E assim Bruto teve a primeira e Cássio a segunda, o qual não lhe quis tanto bem por aquela que ele obtivera, do que mal, pela qual havia perdido.

IX. Mas Bruto, era muitas outras coisas usufruiu ainda do poder de César, tanto quanto quis; pois se ele tivesse querido, ele poderia ter sido o primeiro dentre os seus amigos e tido maior prestígio ante ele; mas os da facção de Cássio dissuadiam-no disso, (pois, Cássio não tinha ainda voltado às boas graças com ele, depois da dissensão) e estavam incessantemente junto

dele, a admoestá-lo e a rogar-lhe que não se deixasse enganar, nem ceder pelas insinuações de César, mas fugisse de todas as demonstrações de afeto e de suas graças tirânicas, das quais diziam que César usava para com ele, não para honrar a sua virtude, mas para enfraquecer a força de sua coragem. César mesmo tinha alguma suspeita disso e ouvira algumas declarações, mas temia sua grande coragem, sua autoridade e seus amigos; mas, por outro lado, confiava na bondade de seus costumes e de seu natural, pois, como lhe narraram um dia, que Antônio e Dolabela maquinavam algo contra ele, respondeu, que os gordos e os papagaios, não lhe causavam temor, mas os pálidos e magros, sim, entendendo falar de Bruto e de Cássio. Outra vez, quando acusavam a Bruto contra ele, e advertiam-no que tivesse cuidado, ele respondeu, pondo a mão sobre o estômago: "Como, parece-vos que Bruto não terá a paciência de esperar que este pobre corpo tenha completado o seu tempo?" Como se quisesse dizer que não tocava a nenhum outro, senão a Bruto, ter também junto dele tanto poder quanto ele.

X. Parece-me a mim, que ele teria podido ser com certeza o primeiro homem da cidade, se tivesse conseguido secundar a César, por algum tempo, e tivesse, por assim dizer, deixado fenecer um pouco a flor da sua autoridade e passar a glória que havia adquirido com suas grandes vitórias; mas Cássio, homem colérico, que odiava mais a César como particular do que como tirano, incitou-o e o fez apressar os acontecimentos, diz-se que Bruto suportava a dominação com impaciência, mas que Cássio odiava o dominador, queixando-se de várias injustiças que ele tinha cometido, e dentre outras; que ele lhe havia tirado uns leões. Cássio tinha feito provisão deles, para seus jogos, quando fosse edil; foram eles encontrados na cidade de Megara, quando tomada por Caleno, e César os conservou para si. Diz-se que esses animais trouxeram grande prejuízo aos megarenses, pois quando a cidade foi tomada, eles arrebentaram as jaulas em que estavam encerrados, e os soltaram, pensando que eles impediriam os inimigos de atacá-los: mas os leões voltaram-se contra eles mesmos, quando fugiam cá e lá, todos desarmados: e esquartejaram a alguns tão cruelmente que os próprios inimigos sentiram piedade ante aquele espetáculo. Eis o que alguns dizem ter sido a causa principal de Cássio conspirar contra César; mas eles não dizem a verdade. Porque Cássio tinha desde o seu nascimento uma natureza impaciente e detestava toda sorte de tiranos, como o demonstrou sendo ainda criança quando ia à escola juntamente com Fausto, filho de Sila. Fausto, gloriando-se dentre os demais meninos, engrandecia a monarquia de seu pai; Cássio, pondo-se de pé, deu-lhe duas bofetadas: os tutores de Fausto quiseram exigir reparação e punir esta injúria com a justiça; mas Pompeu os dissuadiu disso e mandou chamar os dois meninos à sua presença, aos quais perguntou como o fato se havia passado. Cássio, então, como encontramos por escrito, disse ao outro: "Vamos, Fausto, quero ver se tens a coragem de dizer outra vez na presença deste personagem as mesmas palavras que me irritaram contra ti, para que de novo eu te quebre a cabeça a socos", tal era o natural de Cássio. Mas os seus familiares amigos, por várias solicitações, e seus cidadãos, por vários boatos da cidade e vários cartazes, o chamavam nomeadamente e o incitavam a fazer o que ele fez: pois por baixo daquele seu antigo parente Júnio Bruto, que aboliu a dominação dos reis em Roma, escreveu-se: "Prouvesse a deus, que tu então existisses, Bruto": e uma outra vez: "Oh! Se vivesse ainda hoje, Bruto!" O mesmo tribunal, no qual ele dava audiências durante o tempo da sua pretoria, estava pela manhã cheio desses escritos: "Bruto, tu dormes, e não és verdadeiro Bruto". Os aduladores de César eram causa disso, pois, além das honras excessivas e exageradas que inventavam todos os dias, colocavam, à noite, coroas, sobre: a cabeça das estátuas, esperando com isso incitar o povo a chamá-lo de rei, era vez de ditador, mas aconteceu o contrário, como já o dissemos na Vida de Júlio César.

XI. E como Cássio andava incitando e solicitando seus amigos contra César, todos unanimemente prometiam-lhe entrar nessa conjuração, contanto que Bruto fosse o chefe, dizendo que tal empresa tinha necessidade, não tanto de coragem, nem de quem pusesse mão à espada, como de um indivíduo de tal reputação como Bruto, para que cada qual acreditasse, com certeza, pela sua presença unicamente, que se tratava de uma ação santa e justa; do contrário, para realizá-lo, eles teriam menos coragem, e depois de tê-lo realizado, seriam mais objeto de suspeita, porque cada qual julgaria que tal indivíduo ter-se-ia recusado a participar de tal execução, se a causa não fosse boa. Pelo que Cássio, depois de ter considerado estas razões, consigo mesmo, falou com Bruto, depois da divergência que haviam tido; tendo-se

reconciliado, abraçaram-se; ele perguntou-lhe se tinha determinado estar no se nado no primeiro dia do mês de março, porque tinha ouvido dizer que os amigos de César deviam naquele dia apresentar ao conselho a proposta, para que César fosse chamado e declarado rei, pelo senado, Bruto respondeu que ele não estaria lá. "Mas, disse Cássio, se nos chamam para lá". — "Então, respondeu Bruto, eu não me calarei, mas hei de resistir, até mesmo a morrer, antes que perder a liberdade". Cássio, então, encorajado por estas palavras, disse: "E quem será dentre os romanos que te queira deixar morrer pela liberdade? Ignoras que és Bruto? Julgas que são tecelões, garçãos e outros operários e trabalhadores que escrevem esses bilhetes e cartazes que nós encontramos todos os dias em teu assento pretorial e não os maiores homens e os mais nobres da cidade? Pois é bem que saibas que eles esperam dos outros pretores, dons e presentes populares, brinquedos e lutas de esgrima, como diversão, ao povo; eles, porém, te pedem a ti, nomeadamente, como uma dívida hereditária, à qual tu estás obrigado, a abolição da tirania, estando bem dispostos a fazer e a suportar todas as coisas por amor de ti, contanto que te queiras mostrar tal como eles julgam que tu deves ser, e esperam que sejas". Disse isto, e beijou Bruto, abraçou-o, e assim despediram-se e foram cada qual ter com seus amigos.

XII. Havia, então, um dos amigos de Pompeu, chamado por ter seguido seu partido tinha sido acusado perante César e César o tinha absolvido; mas, não sabendo muito bem do como da sua absolvição, e estando ainda indignado de que por sua tirânica dominação ele estivera em perigo, tinha-se conservado como áspero inimigo, em seu coração, e sendo muito amigo de Bruto, o qual foi visitá-lo quando doente, de cama, e lhe disse: "Ó Ligário, em que tempo estás doente?" Ligário, então, levantou-se e tomando-lhe a mão direita, disse: "Se tens vontade, Bruto, de empreender uma coisa digna de ti, eu estou curado". Depois disso começaram a conquistar todos os seus conhecidos, nos quais confiavam, e a lhes comunicar a sua deliberação, escolhendo não somente seus amigos e familiares, mas todos os que eles julgavam ter coragem bastante para tentar coisas perigosas, e que não temiam a mesma morte; por esse motivo nada disseram a Cícero, embora ele fosse uma pessoa a quem muito eles estimavam, e em quem confiavam, de medo que, além de, por natureza, ter falta de coragem, tinha-lhe ainda a idade trazido mais temor, ele não rebatesse, por assim dizer, e não amassasse a ponta de sua deliberada afeição e não esfriasse o ardor de sua empresa, a qual tinha principalmente necessidade de ser calorosamente executada, querendo, por discursos da razão, reduzir todas as coisas a tal segurança, que não houvesse dúvida alguma. Bruto abandonou mesmo alguns de seus amigos, como Estatílio, o Epicúrio, e Faônio, que fazia voto de imitar e seguir a Marco Catão, porque, tendo-lhes dirigido algumas palavras encobertas, disputando com ele sobre filosofia, para sondar-lhes a vontade, Faônio respondeu que uma guerra civil era pior que um principado de monarquia usurpado contra as leis; e Estatílio tinha dito que não é próprio de um homem prudente e sensato pôr-se em perigo e risco de sua vida, para loucos e ignorantes. Labeo estava presente a esta disputa, o qual era da opinião contrária a ambos; mas Bruto calou-se como se tivesse tido naquilo alguma dúvida e alguma dificuldade a se resolver naquele assunto; mas depois, fora dali, ele comunicou sua deliberação a Labeo, o qual de boa vontade se ofereceu para tomar parte, e deliberaram ainda receber um outro Bruto, de nome Albino, não que ele fosse um homem extraordinário nem muito valente, mas porque ele podia muito, por razão de um grande número de servos lutadores que ele conservava e nutria, para dar divertimentos ao povo, que os via combater; ainda se acrescente que ele tinha prestígio junto de César. Cássio e Labeo falaram-lhe. primeiramente juntos, aos quais ele nada respondeu, mas quando ele falou com Bruto, à parte, e Bruto declarou-lhe que ele era o chefe e responsável por todo o empreendimento, então de boa vontade prometeu ajudar como melhor pudesse.

XIII. Em suma, a melhor e a maior parte dos conjurados foi levada a tomar parte no movimento pela dignidade e reputação de Bruto; e sem jamais terem jurado em comum, sem terem jamais dado ou pedido garantias nem se terem obrigado uns aos outros por algum juramento religioso, todos conservaram o maior segredo, todos souberam tão bem conservá-la oculta, e tão ocultamente movimentar-se e articular-se entre si, que embora os deuses a descobrissem por predição dos adivinhos, por sinais e prodígios celestes, e por presságios dos sacrifícios, jamais se acreditou nela. Mas Bruto, bem sabendo que ante sua palavra e por seu amor todos os mais nobres, os mais virtuosos da cidade e os mais magnânimos dentre todos,

tomariam parte nesse movimento, considerando em si mesmo a grandeza do perigo, quando estava fora de sua casa, procurava conter-se, e proceder de modo que sua atitude e suas maneiras nada revelassem daquilo que ele tinha em mente; mas à noite, em sua casa, assim não podia ele fazer, ou porque a sua inquietação o despertava, e o impedia de conciliar o sono, ou então punha-se ele mesmo a pensar com tanta insistência em seus negócios, e discorria mentalmente examinando todas as dificuldades que ainda deviam ser vencidas, tão fortemente, que sua esposa, estando deitada perto dele, percebia que ele estava oprimido por grande angústia e tristeza, tanta preocupação de sua mente, que não lhe era habitual, e que ele remoía em seu espírito alguma deliberação que muito lhe pesava e que ele sentia grande dificuldade em resolver e desenvolver.

XIV. Sua esposa Pórcia era, como já dissemos, filha de Catão, e desposou Bruto, que era seu primo, não moça, mas viúva nova, depois da morte de seu primeiro marido Bíbulo, do qual tivera um filho, chamado também Bíbulo, que depois escreveu um pequeno livro dos feitos e empresas de Bruto, que ainda hoje pode ser encontrado. Essa jovem era instruída em filosofia, amava seu marido, e tinha um coração grande, unido a bom senso e grande prudência; não quis interrogar seu marido a respeito do que ele tinha no ânimo, sem antes ter feito uma experiência, consigo mesma; apanhou uma pequena ferramenta com a qual os barbeiros costumam raspar as unhas e tendo feito sair todas as criadas e senhoras do seu aposento, fez uma ferida profunda em sua coxa, de modo que imediatamente dali brotou grande quantidade de sangue, e logo pela dor daquela incisão ela começou a sentir muita febre; vendo que seu mando muito se atormentava e estava em grande agitação, no auge da dor, ela lhe falou deste modo: "Eu — disse ela — Bruto, sendo filha de Catão, te fui dada, não para ser participante de teu leito e de tua mesa somente, como uma concubina, mas também para ser tua companheira era todas as vicissitudes alegres ou tristes de tua vida. Quanto a ti, não há o que lamentar nem repreender, de tua parte em nosso casamento, mas da minha parte, que demonstração posso dar de meu dever para contigo, e de quanto eu quisera fazer por teu amor, se eu não sei suportar constantemente contigo um secreto acidente, ou uma inquietação que se deve ocultar fielmente? Bem sei que o natural de uma mulher parece comumente muito fraco, para poder com segurança guardar uma palavra de segredo; mas o bom alimento, Bruto, e o contacto com pessoas virtuosas, têm o poder de reformar um vício da natureza; quanto a mim, isso tenho bastante, pois sou filha de Catão e esposa de Bruto, no qual, no entretanto, eu não confio absolutamente, daqui por diante, pois que agora eu soube, que a mesma pena e a mesma dor não me saberiam vencer". E dizendo estas palavras ela mostrou-lhe a ferida e lhe contou como a havia feito para experimentar a si mesma. Bruto ficou pasmado quando ouviu estas palavras e levantando as mãos ao céu, rogou aos deuses que lhe dessem a graça de levar a bom termo a sua empresa, tão bem quanto ele fora julgado digno de ter como esposa uma mulher tão nobre como Pórcia, a qual então procurou confortar o melhor que pôde.

XV. Por fim, tendo sido marcado um dia para o conselho, no qual se esperava que César não deixaria de vir ao senado, deliberaram então executar a empresa, porque então todos os conjurados se podiam reunir sem suscitar suspeitas, e lá teriam também os primeiros homens da cidade, os mais nobres e ilustres, que, quando vissem executado tão grande empreendimento, estender-lhe-iam também a mão, em defesa da liberdade: e pareceu-lhes ainda vantajoso, que o lugar onde se deveria reunir o conselho, era um lugar expressamente designado pela providência divina, que o fazia para eles, pois era um dos pórticos que estão em volta do teatro, dentro do qual havia uma sala em forma de auditório, provista de assentos em redor, e uma imagem de Pompeu, que a cidade tinha colocado em sua honra, quando ele embelezou e adornou aquele quarteirão da cidade, com o teatro que mandou construir e com os pórticos que estão em redor dele. Para tal lugar, foi então marcada a assembleia do senado, no dia quinze do mês de março, que os romanos chamam Ido de Março, de modo que parecia mesmo que algum deus guiava expressamente a César para lá para ser morto, como vingança pela morte de Pompeu.

XVI. Quando chegou o dia, Bruto deixou sua casa depois de ter escondido sob sua túnica uma

longa espada, sem que ninguém o soubesse, exceto sua mulher: os outros conjurados estavam todos reunidos em- casa de Cássio, para acompanhar e levar até a praça o seu filho, que naquele dia tomava a veste viril; e de lá dirigiram-se todos juntos para dentro do pórtico de Pompeu, esperando que César também chegasse ao senado; foi certamente admirável a constância destes homens, cheia de segurança, em coisa de tão grande perigo, visto que era realmente grave o que eles intentavam, pois vários deles, por dever de seu ofício, eram pretores, sendo obrigados a fazer justiça às partes, não somente escutaram doce e pacientemente o que lhes queriam dizer, ou pleitear alguma causa perante eles, de ânimo tão tranquilo como se não tivessem outra qualquer preocupação na mente, e, o que é ainda mais, deram sentenças graves, de julgamento calmo, procedendo mui atenciosamente. Houve partes que tendo sido condenadas não queriam pagar, mas gritando e protestando diziam que apelavam para César: e Bruto, então, olhando para os assistentes: "César — disse — não me impedirá de fazer o que mandam as leis".

XVII. E, todavia, aconteceu, por acaso, que sobrevieram vários acidentes, para atrapalhá-los, dos quais o primeiro e principal foi que César demorou muito para chegar, de modo que era já bem tarde, quando ele veio ao senado, porque, não se julgando os sinais dos sacrifícios bons nem propícios, sua mulher o reteve em casa e os adivinhos não o queriam deixar sair. O segundo foi que um tal, aproximando-se de Casca que era um dos conjurados, tomando-o pela mão direita, disse-lhe: "Casca, tu me ocultaste bem o teu segredo, mas Bruto me contou tudo"; Casca ficou muito admirado com estas palavras e o outro continuou dizendo: "Como é que de repente ficaste tão rico que pretendes ser edil?" Pouco faltou para que Casca, enganado pela ambiguidade das palavras que o outro lhe havia dito, não revelasse todo o segredo da conjuração. Um outro senador, chamado Pompílio Lena, depois de ter cumprimentado mais afetuosamente que de costume a Bruto e a Cássio, disse-lhes baixinho ao ouvido: "Rogo aos deuses que possais levar a cabo vossa empresa; mas eu vos aconselho e aviso de vos apressardes, pois vossa intenção não é desconhecida". Tendo-lhe dito estas palavras foi-se embora imediatamente e deixou-os em grande dúvida de que a sua conspiração não fosse descoberta.

XVIII. Nesse ínterim, veio correndo a toda pressa um dos criados de Bruto, para dizer-lhe que sua mulher estava morrendo; Pórcia, levada pela dúvida incerta do futuro, não se sentindo forte bastante para suportar tão grande agonia de espírito, apenas podia permanecer em sua casa, mas estremecia de medo a cada rumor ou grito que ouvia, como aqueles que são tomados pelo espírito do furor das bacantes, perguntando a todos os que voltavam da praça, que fazia Bruto, e mandando continuamente mensageiros, uns após outros, para saber das novidades. Finalmente, tornando-se a coisa demasiado longa, sua força corporal não pôde mais resistir, deixou-se tomar pelo desânimo e desfaleceu; e quase não pôde entrar em seu quarto; foi tomada de tal fraqueza e teve de ficar sentada no meio da casa, onde perdeu totalmente os sentidos; vendo isso, os criados puseram-se a gritar, os vizinhos correram à porta e por isso o barulho aumentou e espalhou-se a notícia de que ela tinha morrido, mas ela bem depressa voltou a si do desmaio, foi posta na cama e tratada por suas camareiras. Quanto a Bruto, tendo sabido desta desgraça, ficou muito perturbado, com se pode imaginar; todavia, não deixou o público, nem se retirou para sua casa, não obstante tudo o que havia acontecido.

XIX. Dizia-se que César já estava a caminho, trazido numa liteira, pois havia determinado não se deter no senado, naquele dia, por causa dos sinistros presságios, que ele temia, e adiou os negócios de urgência para outra assembleia do conselho, fingindo achar-se incomodado. Ao sair da liteira, Pompílio Lena, o mesmo que há pouco tinha dito a Bruto que rogava aos deuses que ele pudesse chegar a bom termo com sua empresa, foi encontrá-lo, e ficou muito tempo conversando com ele. César escutou-o, com muita atenção, pelo que os conjurados (se assim podemos chamá-los) não ouvindo as suas palavras, mas conjeturando pelo que ele lhes havia dito um pouco antes, que aquela conferência outra Gisa não era senão a revelação da conjuração, ficaram muito admirados, entreolhando-se, e dando muito bem a conhecer pela expressão de suas fisionomias, que todos eles estavam prevenidos, pois não deveriam esperar

até que os agarrassem, mas estavam dispostos a se suicidar, matando-se com suas próprias mãos; e como Cássio e alguns outros pusessem já a mão sobre o punho da própria espada, escondida por baixo de seus mantos, para desembainhá-las, Bruto observando os gestos e a atitude de Lena e considerando que ele tinha a aparência de um homem que roga humilde e afetuosamente, e não de quem acusa, não falou com seus companheiros porque ah havia muitos que não eram da conspiração, mas com rosto alegre e sorridente, tranquilizou a Cássio e logo depois Lena afastou-se de César, beijando-lhe a mão, o que indicava que ele estivera tratando de algum negócio.

XX. Tendo o senado entrado por primeiro no lugar onde se devia realizar a assembleia do conselho, todos os outros conjurados rodearam imediatamente o trono de César, como se lhe quisessem Dizer alguma coisa. E conta-se, então, que Cássio, olhando para a estátua de Pompeu, dirigiu-lhe uma prece como se ela tivesse inteligência. Trebônio, por outro lado, retirou-se à parte com Antônio, à entrada do auditório, e conversou com ele sobre um assunto, qualquer, para conservá-lo do lado de fora. Quando César entrou na sala, todo o senado se pôs de pé, para homenageá-lo e, depois que ele se sentou, os conjurados rodearam-no de todos os lados, apresentando-lhe um de nome Túlio Cimber, que lhe rogava pela restituição de seu irmão, que fora exilado, e todos fingiam interceder por ele, tocando-lhe nas mãos, beijando-lhe o peito e a cabeça; César a princípio repeliu as carícias e os rogos; mas depois, vendo que eles não desistiam e que continuavam a importuná-lo, afastou-os à força; Cimber, então, com as duas mãos agarrou-lhe as vestes por cima dos ombros e Casca, que estava perto, por trás, desembainhou a espada e por primeiro lhe deu um golpe perto do ombro, mas a ferida não foi profunda e César sentindo-se atacado, agarrou-lhe imediatamente a mão, que ainda sustinha a espada e exclamou em voz alta, em língua romana: "Miserável traidor Casca, que estás fazendo?" E Casca, por sua vez, respondeu em língua grega, chamando seu irmão em seu auxílio; e como já muitos na multidão o atacassem, olhando em redor de si e querendo fugir, viu a Bruto que tinha também uma espada em punho pronto para ferir; então soltou a mão de Casca que ainda conservava presa, e cobrindo o rosto com seu manto, abandonou-se a quem o quisesse matar; então os conjurados, apressando-se e apertando-se uns contra os outros, pelo desejo que tinham de não poupá-lo, feriram-no com inúmeros golpes de espadas, a muitos dentre eles mesmos, inclusive Bruto que foi atingido numa das mãos, querendo também participar do assassínio e todos os outros também se mancharam de sangue.

XXI. Depois de César ter sido morto deste modo, Bruto apresentou-se no meio da sala, fez sinal de que ia falar e prender todos os outros senadores, que não estavam na conspiração, para dar razão do seu ato; mas eles fugiram assustados em grande desordem, empurrando a porta apressadamente, para saírem logo, sem que ninguém, no entretanto, os perseguisse; pois haviam espalhado entre eles a notícia de que somente César seria sacrificado, mas que convinha, afinal, a todos os outros, procurar conquistar a liberdade. Todos tinham sido de opinião, deliberando sobre este assunto, que se deveria também matar a Antônio, porque era um homem insolente e por sua natureza favorecia a monarquia, além de ter grande prestígio e autoridade entre os soldados, pela longa convivência que tivera com eles, e do mesmo modo porque, sendo homem de natureza empreendedora e ambicioso de grandes coisas, ele tinha ainda então a autoridade do consulado, sendo cônsul com César; mas Bruto impediu que isso se fizesse, primeiro, porque a coisa seria em si mesma injusta, e depois, porque esperava alguma mudança nele, pois, sendo Antônio homem magnânimo e por natureza desejoso de honras e de glória, pensava-se que quando ele visse César morto, desejaria também ajudar o seu país a reconquistar a liberdade, sendo atraído pelo exemplo deles mesmos a seguir e a amar a virtude. Assim Bruto salvou a vida de Antônio, o qual, no momento, pelo temor que o invadiu, disfarçou-se, mudando suas vestes, trocando-as por um hábito pobre e afastou-se; mas Bruto e seus companheiros, tendo as mãos ainda cheias de sangue, suas espadas desembainhadas, foram direito ao Capitólio, incitando os romanos, pelos lugares por onde passavam, a reconquistar sua liberdade.

XXII. Logo no começo, houve um princípio de tumulto na cidade, levantaram-se clamores e

muita gente corria apavorada de um lado para outro. Isso veio aumentar a confusão e o tumulto, mas quando perceberam que não matavam a ninguém, nem saqueavam as casas, nem se cometiam atos de violência, então alguns senadores e vários homens do povo tranquilizaram-se e dirigiram-se também ao Capitólio, onde muita gente já se encontrava reunida: Bruto fez-lhes um discurso para conquistar a simpatia do povo e justificar o que se havia feito. Todos os assistentes disseram que tinham feito bem e aclamaram-nos, dizendo que descessem sem temor; por isso, Bruto e seus companheiros criaram ânimo e desceram à praça e todos os seguiram agrupados, mas Bruto caminhava rodeado pelos mais conspícuos personagens da cidade, que o acompanharam e o levaram do monte Capitólio através de toda a cidade, até a tribuna dos oradores. Quando o povo o viu no alto da tribuna, embora um grupo de gente houvesse que provinha de todos os lados, os quais estavam decididos a provocar um tumulto, contudo teve vergonha de o fazer, pela reverência que votava a Bruto, e fez silêncio para ouvir o que ele queria dizer-lhes; quando ele começou a falar, escutaram pacientemente o discurso; todavia, logo depois manifestaram bem claramente que o fato não lhes agradava, absolutamente, a todos, pois quando um outro, chamado Cinna, quis falar e começou a acusar a César, fizeram grande alvoroço, manifestando sua cólera, dizendo-lhe muitas injúrias, de modo que os conjurados retiraram-se novamente para o monte Capitólio, onde Bruto, temendo ser cercado, despediu vários grandes personagens que lá tinham ido com ele, julgando que não era razoável que aqueles que não tinham tomado parte na conjuração fossem participantes do perigo.

XXIII. Todavia, no dia seguinte, estando o senado reunido no templo da deusa Tellus, isto é, a Terra, naquela assembleia estavam Antônio, Planco e Cícero, que propuseram, como necessária, uma anistia geral, um esquecimento e um perdão de todas as coisas passadas e maior concórdia para o futuro, determinou-se que não somente eles teriam impunidade pelo delito, mas ainda os cônsules poriam à deliberação do senado quais honras lhes seriam decretadas. Feito isto, o senado levantou-se e o cônsul Antônio, para tranquilizar todos os que estavam no Capitólio, enviou-lhes seu filho como refém. Com esta fiança, Bruto e seus companheiros desceram e cada qual, confusamente, os saudava, felicitava e abraçava» dentre os quais estava Antônio, o qual recebeu em sua casa e fez cear com ele a Cássio e Lépido fez o mesmo com Bruto, e assim os demais, de acordo com a amizade ou familiaridade que tinha com os outros amigos. No dia seguinte, estando o senado reunido novamente em conselho, louvou primeiro a Antônio pelo que sabiamente tinha feito, abafando um princípio de guerra civil; depois, teceu ainda grandes elogios a Bruto e aos seus companheiros, que lá estavam presentes; finalmente encarregou-os de governos nas províncias: a Bruto foi dada a Cândia; a Cássio a Líbia e a Trebônio a Ásia, a Cimber a Bitínia, e ao outro Bruto a Gália aquém dos Alpes.

XXIV. Feito isto, falaram do testamento de César, de seus funerais e de sua sepultura; Antônio era de opinião que se devia ler seu testamento em público, do alto da tribuna, e também sepultar o corpo com todas as honras, e não ocultamente, de medo que isso desse ocasião ao povo de se irritar e zangar-se mais ainda se se fizesse de outro modo; Cássio contradisse áspera e fortemente; mas Bruto estava de acordo e consentiu; nisso parece que ele cometeu uma segunda falta, pois a primeira foi quando ele impediu que se matasse a Antônio, porque, com razão, acusaram-no de ter, com esse seu modo de proceder, salvo e fortalecido um inexpugnável e feroz inimigo da sua conspiração; e a segunda foi quando ele consentiu que se fizesse o funeral de César do modo que Antônio desejava; isso foi causa de que tudo se perdesse e se arruinasse. Pois, em primeiro lugar, quando se leu publicamente o testamento pelo qual se vinha a saber que ele dava a cada cidadão romano setenta e cinco dracmas de prata{1622} por cabeça, e que ele deixava para o povo o jardim e os pomares, que ele possuía, aquém da margem do Tibre, no lugar onde agora está o templo da Fortuna, o povo amou-o e lamentou-o muito; depois, quando o corpo foi levado pela praça, Antônio, que fez o discurso em louvor do falecido, segundo o antigo costume de Roma, vendo que o povo comovia-se pelas suas palavras, voltou seu discurso, para incitá-lo ainda mais a comiseração, e, tomando as vestes de César, todas ensanguentadas, desdobrou-as perante a assistência, mostrando os cortes, para fazer ver que inúmeros haviam sido os golpes que ele recebera.

XXV. Por isso, o povo irritou-se e revoltou-se muito, havendo então grande desordem, porque uns gritavam que se devia matar a todos os conjurados assassinos, outros corriam a arrancar mesas, cadeiras e bancos das casas e vendas da vizinhança e, levando-as à praça, depois de as ter amontoado atearam-lhes fogo, como haviam feito nos funerais de Cláudio, sobre o qual colocaram o corpo, que queimaram no meio de vários laços sacros, invioláveis e santificados, e logo que o fogo estava bem aceso, uns de cá, outros de lá, tomaram tições acesos, com os quais correram às casas dos que o haviam matado para incendiá-las e matá-los a todos; no entretanto, eles, que estavam bem prevenidos, salvaram-se facilmente do perigo; mas um poeta de nome Cinna, que não tinha participado da conjuração, mas sempre fora amigo de César e na noite anterior tinha sonhado que César o convidara para cear com ele, e ele tinha-se recusado; César havia insistido fortemente, até mesmo forçando-o, tanto que finalmente ele o levara pela mão a um lugar grande, vazio e tenebroso onde, espantado, tinha sido obrigado a segui-lo contra a vontade. Esta visão lhe causara febre durante toda a noite e, no entretanto, de manhã, quando ele soube que levavam seu corpo para sepultar, tendo vergonha de acompanhar o seu enterro, saiu de sua casa e foi meter-se no meio do povo, que já estava rebelado e irritado. Aí alguém o chamou pelo nome e o povo, pensando que fora ele, o mesmo que ainda há pouco havia feito um discurso injuriando publicamente a César, atirou-se para cima dele e furiosamente o fez em pedaços ali mesmo.

XXVI. Isso espantou muito a Bruto e aos seus companheiros, mais que qualquer outra coisa, depois da mudança de Antônio, por isso eles saíram de Roma, permanecendo a princípio na cidade de Ântio{1623}, na esperança de voltar a Roma, quando o furor do povo tivesse acalmado, o que eles pensavam haveria de suceder dentro de pouco tempo, visto que eles tinham que se haver com uma multidão inconstante e fácil de se comover, e o senado estava com eles, porquanto ele não tomara em consideração castigar os que haviam matado a Cinna, e, ao invés, cuidava em castigar os que haviam lançado fogo nas casas dos conspiradores. O mesmo povo estando já cansado da insolência de Antônio, o qual fazia quase todas as coisas com poder absoluto, como se fosse rei, desejava que Bruto voltasse e esperava-se que ele viria em pessoa organizar os jogos que divertiam o povo, por causa do seu ofício de pretor; mas, tendo sido avisado de que vários soldados, dos que tinham estado na guerra com César e que tinham herdado dele casas na cidade, onde eles haviam habitado, o vigiavam para matá-lo, e que todos os dias em pequenos grupos eles desfilavam ocultamente pelas ruas de Roma, ele não se atreveu a voltar, mas teve o povo 0 divertimento e assistiu, em sua ausência, aos jogos e outros divertimentos que foram bem e magnificamente prodigalizados e providos de todo o necessário, sem que ele nada tivesse poupado; pois havia leito comprar um grande número de animais estranhos, dos quais ele não quis que se desse nem mesmo um, a qualquer pessoa, nem que se deixasse um só, mas quis que todos fossem usados nos jogos, e foi ele mesmo a Nápoles para falar a alguns comediantes e músicos e escreveu a seus amigos sobre um certo Canúcio, que era exímio artista, que insistissem com ele de qualquer modo, para que ele viesse tomar parte nos seus jogos, porque não era razoável, dizia ele, forçar a nenhum dos gregos, se eles não viessem de boa vontade; e escreveu ainda a Cícero, rogando-o insistentemente que viesse também assistir aos espetáculos.

XXVII. Estando as coisas neste pé em Roma, sobreveio outra mudança, quando o jovem César chegou; ele era filho da sobrinha de Júlio César, que o tinha adotado por filho e instituído seu herdeiro universal por testamento; mas, quando seu pai adotivo foi morto, ele estava na cidade de Apolônia, onde estudava, esperando-o, porque ele tinha determinado levar a guerra aos partos; logo que teve notícias da morte, voltou a Roma, onde, para começar a se insinuar nas boas graças do povo, primeiramente tomou o nome de seu pai adotivo e distribuiu o dinheiro que ele lhe havia deixado por testamento; e desse modo ele atrapalhou bastante a Antônio, e, à força de dinheiro, retirou um grande número de soldados que tinham estado na guerra com seu pai. E Cícero mesmo, pelo grande ódio que votava a Antônio, favorecia as suas empresas, de que Bruto o censurava e lastimava muito, escrevendo-lhe que ele mostrava, com seu proceder, de não estar ansioso por ter um senhor, mas somente por ter alguém que o odiasse e que seus conselhos na administração das coisas públicas testemunhavam que ele procurava e preferia submeter-se a uma servidão graciosa e humana, dizendo e escrevendo

que esse jovem César era homem manso e de boa índole e os nossos predecessores, dizia ele, não quiseram jamais servir a senhor algum por mais mansos e afáveis que eles fossem. E que de sua parte ele jamais tinha determinado firmemente consigo mesmo, de querer, nem a paz, nem a guerra, mas que sua resolução e sua deliberação tomada era de jamais servir; e que ele se admirava, como Cícero temia uma guerra civil, por ser perigosa, e não temia uma paz ignominiosa, e, que, para derrubar Antônio da tirania que ele usurpara, procurava colocar a este jovem César como tirano, em recompensa. Tal é o resumo das primeiras cartas que Bruto escreveu a Cícero.

XXVIII. Estando já a cidade de Roma dividida em duas partes, uns do lado de Antônio e outros do lado do jovem César; os soldados vendiam seu serviço, como num leilão, a quem mais lhes oferecia, e Bruto, perdendo a esperança de que os negócios pudessem ser levados a bom termo, deliberou sair da Itália e foi a pé pela região da Lucânia, à cidade de Élea, que está à beira-mar, onde Pórcia estando para partir, separando-se dele, para regressar a Roma, procurava o mais que podia dissimular a dor que trazia no coração, mas um quadro a manifestou, por fim, embora ela até então sempre a tivesse constante e virtuosamente suportado. O assunto da pintura era tirado de narrações gregas, como Andrômaca acompanhava seu mando Heitor, logo que ele saiu da cidade de Tróia, para ir à guerra, e como Heitor lhe restituía seu filho; mas ela tinha os olhos fixos nele, a semelhança daquele quadro com o seu sofrimento a fez derramar lágrimas e, voltando várias vezes por dia para ver esse quadro, ela se punha sempre a chorar. Vendo o isso Acílio, um dos amigos de Bruto, recitou os versos que Andrômaca disse a este respeito, em Homero{1624}

Heitor, tu ocupas o lugar de pai e de mãe e

em meu lugar, de marido e de irmão.

Bruto, então, sorrindo, disse: "É verdade, eu não posso de minha parte dizer a Pórcia o que Heitor responde a Andrômaca, no mesmo lugar, do poeta{1625} :

Não te é necessário cuidar de outras coisas,

Mas somente ensinar tuas mulheres a fiar.

Pois é bem verdade que a fraqueza natural do seu corpo não lhe permitia poder fazer os mesmos atos de bravura, que nós poderíamos bem fazer, mas com coragem ela procederá tão virtuosamente em defesa do país como um de nós". Bíbulo, o filho de Pórcia, assim o escreveu em sua história.

XXIX. Ao partir de lá, Bruto, pondo-se ao mar, navegou diretamente para Atenas, onde o povo o recebeu de boa vontade, com muitos decretos honrosos era seu louvor e ele hospedou-se em casa de um amigo, indo todos os dias ouvir a leitura e as disputas de filosofia acadêmica de Teomnesto, e de Cratipo Peripatético, e conversando com eles sobre filosofia, de modo que parecia que tinha posto de lado todos os seus encargos, pensando unicamente nos estudos; todavia, ocultamente, ele fazia preparativos para a guerra; enviou Herostrato à Macedónia, para aliciar e conquistar os generais e os soldados que estavam naquela marca, atraía e conquistava todos os jovens da nobreza romana, que estavam em Atenas, para o estudo das letras e da filosofia, entre os quais estava também o filho de Cícero, que ele louva de maneira

especial, dizendo que, quer ele estivesse acordado, quer estivesse dormindo, o achava sempre de ânimo tão gentil, tanto ele odiava naturalmente os tiranos.

XXX. Algum tempo depois, começou a tratar do assunto às claras e, sendo avisado de que vinha da Ásia uma frota de navios romanos, onde havia dinheiro, e que o comandante, que era homem de bem e seu familiar, tomava o caminho de Atenas, ele continuou até quase a ilha de{1626} Caristos, onde, tendo falado, fez de modo que o outro ficasse contente por lhe entregar os navios; por esse motivo, Bruto quis tratá-lo magnificamente em sua casa, visto que era mesmo o dia do seu aniversário. No meio da festa, quando todos bebiam à vontade, os convidados brindavam à vitória de Bruto e à liberdade dos romanos. Bruto querendo ainda mais confirmar e encorajar, pediu uma copa maior e, antes de beber, pôs-se a dizer em voz alta, sem motivo aparente algum, estas estrofes:

{1627}Mas todavia, meu triste destino

E Febo, terminaram a minha vida.

Segundo esta determinação, diz-se que, no dia em que ele travou sua última batalha, perto da cidade de Filipes, ao sair de sua tenda, ele deu aos soldados, como palavra de ordem para a batalha, este nome: Febo, de tal modo que depois julgaram que esta repentina exclamação era um presságio da infelicidade que lhe devia acontecer. Depois disso Antístio entregou-lhe{1628} quinhentas mil dracmas de prata, que ele levava à Itália, e todos os soldados de Pompeu, que ainda erravam cá e lá, pela Tessália, se reuniram de boamente a ele, que tirou de um certo Cinna quinhentos cavaleiros, que ele levava para a Ásia a Dolabela; depois foi por mar à cidade de Demetriada{1629}, onde se apoderou de grande quantidade de armas, que se levavam a Antônio, e que, por ordem de Júlio César, lá tinham sido forjadas e feitas para servir na guerra contra os partos; o que é mais, Hortênsio, governador da Macedónia, entregou-lhe o governo e todos os príncipes, reis e senhores dos arredores se uniram e entraram na liga com ele, quando este foi avisado de que Caio, irmão de Antônio, vindo da Itália, tinha passado o mar e dirigia-se rapidamente para as cidades de Dirráquio e de Apolônia para se apoderar dos soldados que lá Gabínio ainda conservava.

XXXI. Por isso, Bruto querendo passar-lhe à frente e chegar antes, se pôs incontinente em campo, com os poucos homens que tinha consigo, tomando a estrada por lugares ásperos e difíceis, em pleno inverno, quando nevava muito, e apressou-se tanto que se adiantou muito dos animais que levavam os víveres, de modo que, quando estava perto da cidade de Dirráquio, apanhou uma doença que os médicos chamam de bulimia, isto é, fome, por causa do trabalho e do frio suportado. Isto acontece frequentemente aos homens e aos animais que trabalham quando neva, ou porque o calor natural é todo retirado e encerrado dentro do corpo pelo frio do ar, que torna espesso o couro, digere e consome imediatamente o alimento, ou um vento fraco, agudo e cortante, que sai da neve quando ela se derrete, penetra dentro do corpo e expulsa o calor natural, que se expande fora: pois parece que o calor, extinto pelo frio que encontra ao sair da pele do corpo, seja causa dos suores que aparecem em tal doença, das quais coisas já falamos muito difusamente em outro lugar. Bruto, porém, tendo-se tornado tão fraco e não encontrando em seu acampamento coisa alguma que lhe pudessem dar para comer, seus homens foram obrigados a recorrer aos próprios inimigos; chegando perto da porta da cidade, pediram, por favor, pão aos guardas; sabendo eles da grande dificuldade e embaraço em que se encontrava Bruto, foram eles mesmos e lhe deram de beber e de comer; como recordação disso, depois, quando ele teve a cidade em seu poder, tratou com muita humanidade e bondosamente, não somente a eles, mas a todos os outros habitantes, por amor deles.

XXXII. Tendo então Caio Antônio chegado à cidade de Apolônia, ordenou aos soldados que estavam nos arredores que se retirassem para juntar-se a ele; mas sabendo que, ao contrário, eles se retiravam para o lado, de Bruto e, além disso, que os habitantes de Apolônia favoreciam-no também, ele abandonou a cidade e foi para Butrotus; no entretanto, pelo caminho perdeu três bandeiras, que foram despedaçadas; depois tentou conquistar, pela força, alguns lugares fortes e vantajosos para acampar, que estão nas proximidades de Bilis, e expulsar os homens de Bruto que os tinham ocupado antes. Para fazer isso, deu combate a Cícero, filho, pelo qual foi vencido; pois Bruto já se servia dele, como de um general, e realizou alguns feitos de valor por seu meio e com sua cooperação. Daí a algum tempo, tendo surpreendido Caio, em alguns lugares pantanosos, bastante afastados e isolados do seu retiro, não o quis atacar de uma vez, mas somente o fez cercar pela cavalaria, ordenando aos soldados que os poupassem a ele e aos seus homens pois, dentro de pouco, esperava que, sem feri-los, todos seriam feitos prisioneiros, como de fato aconteceu; pois eles todos se entregaram e seu general com eles; de tal modo que Bruto tinha j á uma grande multidão de soldados em seu seguimento. Por muito tempo ele honrou a esse Caio sem lhe tirar nem mesmo as insígnias de magistrado, embora muitos, e dentre outros também Cícero, lhe escrevessem que o fizesse morrer, mas quando percebeu que ele começava a falar em segredo aos generais e a tentar alguma coisa insólita, mandou encerrá-lo num navio e vigiá-lo. Os soldados que já tinham sido subornados por que tinham ido para a cidade de Apolônia, de onde mandaram dizer a Bruto que fosse ter com eles; ele, porém, respondeu-lhes que esse não era o costume dos romanos e que era necessário que eles mesmos viessem ao seu comandante, para pedir-lhe que perdoasse a sua deslealdade, o que eles fizeram e ele os perdoou.

XXXIII. Ao mesmo tempo que se preparava para ir à Ásia, vieram notícias da mudança que se operava em Roma, pois o jovem César tinha crescido em honra e autoridade por meio do senado, contra Antônio, mas, depois, que fora derrotado e expulso da Itália, o mesmo Antônio, ele começou a ser temível ao próprio senado, porque ele pedia o consulado, que era coisa proibida pelas leis, e sustentava grandes exércitos, sem que as coisas públicas tivessem disso necessidade. E por outro lado, vendo que o senado, não contente com isso, se voltava para Bruto, que estava fora da Itália e que ele lhe ordenava e decretava governos das províncias, ele também teve medo, por seu lado, e mandou oferecer a Antônio sua aliança e sua amizade; depois, levando seu exército para perto de Roma, se fez eleger cônsul por bem ou por mal, estando ainda quase na adolescência, pois ainda não tinha vinte anos, como ele mesmo descreve em seus comentários, imediatamente nomeou os juízes para procederem ao processo criminal contra Bruto e seus cúmplices, por terem matado o primeiro e o maior personagem de Roma, que desempenhava a mais alta e a mais honrosa magistratura dela, sem ter sido julgado, ouvido, nem condenado judicialmente, fazendo acusar a Bruto deste crime, por Cornifício, e Cássio, por Agripa. Foram os acusados condenados por contumácia, porque os juízes foram obrigados a assim julgar. E diz-se que, como um guarda da porta, seguindo o costume dos julgamentos, subindo à tribuna dos discursos, chamou a Bruto em voz alta, citando-o a comparecer perante os juízes, em pessoa, todo o povo suspirou visivelmente e os nobres abaixaram a cabeça sem ousar proferir uma só palavra, entre os quais Públio Sicílio, de cujos olhos rolaram as lágrimas, pelo que logo depois ele foi posto no rol dos que por decreto foram proscritos e abandonados para serem mortos.

XXXIV. Depois disso, estes três, César, Antônio e Lépido, fizeram um acordo e ao mesmo tempo uma liga, pela qual eles dividiram, entre si mesmos, as províncias do império romano, e, por meio de decretos, condenaram à morte duzentos dos principais personagens de Roma, no número dos quais estava também Cícero; estas notícias chegaram até a Macedónia e Bruto então, obrigado, escreveu a Hortênsio que fez morrer Caio Antônio, por vingança da morte de Cícero, e do outro Bruto, do qual um era seu amigo e o outro, parente. Por esse motivo, Antônio, depois, tendo aprisionado Hortênsio na batalha de Filipes, fê-lo matar sobre a sepultura de seu irmão. Mas Bruto disse, então, que ele tinha mais vergonha da causa pela qual Cícero tinha morrido, do que compaixão pela sua morte e que ele não podia deixar de lamentar, e repreender muito os amigos que tinha em Roma, os quais eram servos mais por

sua culpa, do que pela virtude daqueles que exerciam a tirania sobre eles, visto que eles tinham a vontade mui fraca, pois permitiam que se fizesse, diante dos próprios olhos, aquilo que somente ouvir, lhes deveria partir o coração.

XXXV. Depois que ele passou seu exército, que já era bastante grande, para a Ásia, deu ordem para se reunir um bom número de navios, tanto na costa da Bitínia, como na cidade de Cízico{1630}, para organizar uma frota marítima; e no entretanto passou pelas cidades, organizando e dispondo todas as coisas, dando audiência aos príncipes, aos senhores da região, que tinham coisas a tratar com ele. Depois mandou a Cássio, na Síria, embaixadores, que o fizessem desistir de ir ao Egito, dizendo ainda que não era absolutamente para conquistar^ domínios para eles mesmos, nem impérios, que eles iam assim vagando pelo mundo, mas que era, ao contrário, para libertar seu país e dar-lhe a liberdade; e que o acumularem e ajuntarem armas e soldados era para destruir os tiranos, que os quisessem atacar; por esse motivo, com relação ao seu primeiro objetivo e desígnio principal, eles não deviam, senão o menos possível, afastar-se da Itália, mas logo apressar-se em dirigir-se para lá, para socorrer seus concidadãos. Cássio acreditou e voltou. Bruto continuou para frente, e se encontraram perto da cidade de Esmirna, sendo então esta a primeira vez que eles se encontravam depois de terem partido ao mesmo tempo do porto do Pireu, em Atenas, um para ir à Síria e o outro, à Macedónia. Alegraram-se muito e tiveram não menor tranquilidade e segurança, quando viram os exércitos poderosos, que ambos haviam organizado, pois, tendo partido da Itália como exilados e desprovidos de tudo, sem armas, sem dinheiro, sem navios, nem equipagem, sem nem ao menos um único soldado, nem ao mesmo tempo uma só cidade que lhes prestasse obediência, no entretanto, pouco tempo depois eles se encontravam assaz poderosos em navios, dinheiro e homens de guerra, tanto de infantaria, como de cavalaria, para combater pela primazia do império romano.

XXXVI. Cássio queria prestar grandes honras a Bruto, como Bruto lho prestava: este, porém, o mais das vezes o procedia, e por primeiro ia ter com ele, tanto porque ele era mais velho, como também porque ele não estava tão disposto, nem tão bem em sua pessoa e julgava-se comumente que ele era muito entendido em assunto de guerra, mas também colérico e violento, que queria mandar aos outros, mais por temor do que por outro motivo e, depois, ao contrário, era fraco com seus familiares e gostava muito de se divertir e de gozar. Bruto, ao contrário, era por sua virtude muito querido do povo, amado pelos seus, estimado pelos homens de bem, e ninguém o odiava, nem mesmo seus adversários, porque ele era homem afável e benigno por natureza, magnânimo, que jamais se deixava levar pela ira, pela sensualidade, pela avareza, mas tinha sempre vontade e intenção retas, sem jamais dobrar nem variar, para o direito e para a justiça, que eram a fonte principal de sua glória, de seu progresso, e da benevolência que cada qual lhe dedicava, porque todos tinham esta persuasão, que sua intenção era reta: pois não se esperava certamente que o grande Pompeu, mesmo se ele tivesse estado acima de César, teria querido submeter sua autoridade às leis mas pensa-se que ele teria sempre retido a soberania do poder, tomando, para contentar o povo; o título de cônsul ou de ditador, ou de qualquer outro ofício mais civil e mais gracioso. Quanto a Cássio, homem violento e colérico, que por muitas paixões se desviava do reto caminho da justiça, para seguir o da utilidade, julgavam-no, com certeza, que ele fazia a guerra, e ia por toda a parte, expondo-se aos perigos das armas, mais para conquistar domínio e poder, para si mesmo, do que para dar a liberdade aos seus concidadãos; pois quem considerar os outros mais velhos ainda do que este, como um Cina, um Mário, um Carbo, é muito certo que eles se propunham como um prêmio e um butim de sua vitória, a dominação sobre o próprio país e que, por assim dizer, eles quase confessavam que combatiam para ocupar a tirania e se fazerem senhores do império romano; e, ao contrário, seus mesmos inimigos jamais reprovaram a Bruto uma tal mudança, mas diz-se que Antônio declarou várias vezes, publicamente, que ele julgava que, de todos os que tinham posto a mão sobre César, não havia senão Bruto, que tinha sido levado a tal ato, por julgá-lo unicamente, em si, como um ato louvável e virtuoso, mas que todos os outros conjuraram a sua morte, por ódio particular ou por inveja que lhe tinham. Pelo que se nota que Bruto não confiava tanto na potência do seu exército quanto na sua própria virtude, e isso se pode constatar pelos seus mesmos escritos; pois, estando já bastante próximo do perigo extremo, ele escreveu a Pompônio Ático, que seus negócios estavam no mais alto grau da fortuna, que podiam estar;

pois, ou eu libertarei todo o povo romano ganhando a batalha, ou eu me livrarei da escravidão, morrendo. Todas as outras coisas eram-lhe já certas e garantidas, mas um único ponto ficava-lhe ainda em dúvida: se eles viveriam ou se morreriam com liberdade. Ele escreveu, ainda, que Antônio recebia o castigo que sua loucura merecia, pois, em lugar de participar igualmente da glória de Bruto, de Cássio e de Catão, e de ser posto em seu número, ele preferira ser somente um auxiliar de' Otávio, com o qual, ainda que ele não tenha sido vencido por nós, terá ele, porém, muito depressa a guerra contra ele; quanto a este ponto, certamente profetizou muito bem, pois isso de fato aconteceu.

XXXVII. Estando na cidade de Esmirna, Bruto pediu a Cássio que lhe entregasse parte do dinheiro que ele tinha ajuntado, em grande quantidade, porque o que ele tinha ajuntado por seu lado tinha gasto tudo, fazendo construir uma grande frota de navios, e por meio deles tinham todo o mar entre as terras submetidas. Os amigos de Cássio, porém, dissuadiam-no com energia, afirmando-lhe que não era razoável que Bruto recebesse o dinheiro que Cássio tinha ajuntado e poupado, exigindo-o com grande descontentamento do povo submetido, para dá-lo aos seus soldados, e por esse meio conquistar mais benevolência à custa de Cássio; no entretanto, Cássio deu-lhe ainda a terça parte da soma total. E separando-se outra vez para ir cada qual para seu lado, aos seus negócios, Cássio tomou a cidade de Rodes, onde não procedeu nem humana, nem honestamente, embora penetrando dentro dela tivesse respondido, a alguns dos habitantes, que saudando-o o haviam chamado de senhor e rei, que não era nem senhor, nem rei, mas um homem que tinha punido e matado aquele que se queria fazer senhor e rei.

XXXVIII. Bruto, partindo, mandou pedir auxílio em dinheiro e em soldados aos lícios; mas um certo orador, de nome Naucrates, fez revoltarem-se as cidades, de tal modo que os da região ocuparam algumas pequenas elevações, cuidando assim impedir a passagem de Bruto. Pelo que ele mandou, contra eles, seus soldados a cavalo, que os surpreenderam, quando eles jantavam, e destruíram cerca de seiscentos; tomando todas as aldeias e vilas, ele deixava partir, sem pagar resgate, todos os que aí fazia prisioneiros, esperando por esse ato de generosidade conquistá-los e atrair todo o resto da cidade; mas eles eram tão obstinados e tão altivos, que se revoltavam por um pouco de prejuízo que se lhes causava passando por suas terras, e desprezavam sua bondade e sua humanidade, até que finalmente ele foi sitiar a cidade dos xantianos, na qual estavam encerrados os mais orgulhosos e os mais belicosos de toda a Lícia.

XXXIX. Há um no{1631} que passa ao longo das muralhas da cidade, pelo qual se salvavam alguns dentre os habitantes, e nadando fugiam; colocaram então redes dentro do rio, com campainhas, que avisavam quando algum havia caído na armadilha. À noite, esses xantianos fizeram uma escapada e vieram pôr fogo nalgumas máquinas de guerra, com as quais se derrubavam suas muralhas: mas eles foram imediatamente cercados pelos romanos apenas estes os perceberam. O vento era impetuoso e aumentou as chamas, levando-as até as aberturas do alto das muralhas, de modo que as casas que estavam mais próximas também foram incendiadas. Por isso, Bruto, de medo que toda a cidade se queimasse, ordenou imediatamente que apagassem o fogo e procurassem também socorrer a cidade; os lícios, porém, foram tomados de um tal acesso de raiva e desespero tão horrível, que não se poderia descrevê-lo, apenas comparável a um tresloucado desejo de morrer; pois todos junta mente com suas mulheres e seus filhos, senhores e servos, de todas as idades, combatiam em cima da muralha e lançavam pedras, dardos e outras coisas sobre os romanos, que tentavam apagar o fogo para salvar a cidade; e, ao contrário, trazendo feixes, juncos e caniços secos e também madeira, atiravam o mais que podiam para cima do fogo, dentro da cidade, fazendo tudo para aumentar ainda mais o incêndio e incrementando-o de todos os modos possíveis. Quando a chama se estendeu por toda a parte e atingia já todos os quarteirões da cidade, brilhando no espaço, Bruto, cheio de compaixão, montou a cavalo e deu a volta em torno das muralhas, para ver se poderia dar alguma ordem, estendendo a mão para os habitantes, rogando-lhes que perdoassem à sua pobre cidade e se salvassem a si mesmos. Mas ninguém

escutava suas palavras, e faziam ainda tudo o que podiam para arruinar e perder a si mesmos, não somente os homens e as mulheres, mas ainda as mesmas crianças, das quais algumas, chorando e gritando, lançavam-se no meio do fogo, outras precipitando-se do alto para baixo das muralhas, quebravam a cabeça, outros apresentavam a garganta aos próprios pais, que os degolassem e, desfazendo-se de suas vestes, rogavam-lhes que eles mesmos os matassem. Quando a cidade ficou totalmente queimada, encontraram uma mulher que se tinha enforcado com uma corda{1632}, tendo numa das mãos uma criança morta amarrada pelo pescoço e na outra uma tocha com a qual incendiava sua casa. Quiseram mostrá-la a Bruto, mas ele não quis ver tão horrível cena e tão trágico espetáculo, mas se pôs a chorar, quando lho disseram e mandou apregoar ao som de trombas, por meio de um arauto, que daria um certo prêmio em dinheiro a todo soldado que pudesse ainda salvar um xantiano; somente uns cinquenta, diz-se, é que foram encontrados e salvos, contra a vontade deles mesmos. Assim, os xantianos, depois de um longo espaço de tempo, tendo terminado a revolução da sua ruína fatal, renovaram por sua temeridade a memória da calamidade de seus antepassados, os quais semelhantemente, na guerra dos persas, queimaram sua cidade e se destruíram a si mesmos.

XL. Por esse motivo, Bruto vendo a cidade dos patarinos resistir muito, contra ele, estava em dúvida, e não sabia se devia ou não atacá-la, pensando que também eles poderiam ser levados pelo mesmo desespero; mas tendo tomado algumas de suas mulheres como prisioneiras, restituiu-lhes a liberdade sem exigir resgate; elas, que eram mulheres e filhas dos principais homens da cidade, narrando aos parentes a grande generosidade com que ele as tinha tratado, a sua justiça, continência e honestidade que tinham visto em Bruto, persuadiram-nos a se submeterem a ele, e entregar-lhe a cidade; depois delas, todos fizeram o mesmo e foram entregar-se a ele, que encontraram realmente muito humano, manso e gentil, mais do que haviam imaginado e esperado, mesmo em comparação com Cássio, que, quase no mesmo tempo, depois de ter obrigado os rodianos a contribuir com todo o ouro e prata, que cada qual tinha em sua casa, e com o que ele ajuntou uma grande quantia, mais ou menos uns oito mil talentos{1633}, ainda condenou a cidade em público, à soma de quinhentos outros talentos; Bruto, depois de ter exigido sobre todo o país dos lícios cinquenta talentos somente{1634}, sem lhes ter dado outro prejuízo nem desgosto, partiu para o país da Jônia.

XLI. Durante essa viagem, ele fez várias ações notáveis e bem dignas de memória, tanto premiando, como castigando os que haviam merecido; mas eu contarei aqui uma dentre tantas, na qual ele mesmo e todos os homens notáveis dos romanos se compraziam: quando o grande Pompeu, tendo perdido a batalha contra Júlio César, desceu para a costa do Egito, perto da cidade de Pelúsio, os que tinham o encargo da tutela e da guarda do rei, que era ainda quase uma criança, reuniram-se em conselho com seus servidores, e amigos do pai, sobre o que se devia fazer naquele caso. Não estavam todos de acordo, nesta deliberação, porque uns eram de opinião que se devia recebê-lo e outros que ele devia ser expulso e exilado para o Egito; mas um certo retórico de nome Teódoto, natural da ilha de Chio, que estava lá para ensinar a retórica a este jovem rei, tendo sido chamado a este conselho, que não possuía altos personagens, disse que uns e outros se enganavam, tanto os que eram de opinião que ele se devia receber, como os que diziam que ele devia ser expulso, e que o mais certo, visto as circunstâncias do momento, era agarrá-lo e matá-lo, acrescentando, a esta sentença sua, que um homem morto não morde mais. O conselho deteve-se ante esta proposta e assim, por um notável conjunto de circunstâncias incríveis e nas quais jamais se poderia ter pensado, o grande Pompeu encontrou a morte pela retórica, destas palavras de Teódoto, como ele mesmo, ao depois, glorificando-se, dizia: mas quando Júlio César, depois, chegou ao Egito, os maus que tinham sido desta opinião foram castigados, segundo a sua própria culpa, e todos morreram, de maneira infeliz, exceto Teódoto, ao qual a fortuna deu ainda algum tempo, em que ele viveu pobre e ignominiosamente, sem jamais atrever-se a permanecer nalgum lugar: mas, quando Bruto andava pela Ásia, ele não mais se pôde conservar escondido e lhe foi levado e então castigado, de modo que adquiriu mais fama com sua morte, do que havia adquirido em toda a sua vida.

XLII. Durante esse tempo, mais ou menos, Bruto mandou pedir a Cássio que fosse à cidade de Sardis; ele o fez, e Bruto, tendo sido avisado de sua chegada, foi ter com ele juntamente com os amigos, estando também aí todos os seus exércitos, em armas, os soldados os chamaram a ambos de imperadores{1635} ; como acontece ordinariamente nas grandes empresas, entre dois personagens que têm muitos amigos e muitos generais sob suas ordens, eles tinham também, algumas queixas e algum descontentamento um do outro; pelo que, antes de fazer outra qualquer coisa, logo que chegaram ao seu aposento, retiraram-se a um pequeno quarto, mandaram sair todos os que estavam ali e fecharam a porta, e então, começaram a se lastimar reciprocamente, cada qual um do outro; finalmente, chegaram mesmo a se atacar e a se acusar, dizendo alta e claramente as verdades, um ao outro, com grande veemência, e depois, por fim, puseram-se ambos a chorar. Seus amigos, que estavam fora do quarto, ouvindo-os discutir tão- fortemente e irritarem-se um contra o outro, ficaram muito admirados e tiveram medo que eles se ferissem, um ao outro; mas eles haviam proibido que qualquer pessoa os fosse interromper; no entretanto um certo Marco Faônio, que tinha sido, por assim dizer, amante de Calão, quando ele vivia, e se pusera a imitar a filosofia, não tanto com discursos da razão, como com uma impetuosa e furiosa paixão, quis entrar dentro do quarto, embora os criados lho quisessem impedir; mas foi difícil conter este Faônio, porquanto a sua paixão o incitava; era ele homem ardente e repentino em todas as coisas e em nada estimava a dignidade de ser senador romano; e embora ele usasse a franqueza de falar ousadamente, da qual faziam profissão os filósofos que antigamente se chamavam cínicos, como quem diz, cães, embora muitas vezes a sua ousadia não fosse nem aborrecida, nem importuna, porque a gente se limitava a rir de tudo o que eles diziam. Faônio, então contra a vontade (los porteiros bateu à porta e entrou no quarto, pronunciando com uma voz grossa e com um acento grave, que ele imitava de propósito, os versos que o velho Nestor diz era Homero:

{1636}Escutai-me e segui o meu conselho,

Eu vivi muito mais do que vós ambos.

Cássio se pôs a rir, mas Bruto o atirou para fora, chamando-o de cão sem graça e cão disfarçado com falsas insígnias; todavia, terminaram então a sua altercação e separaram-se imediatamente. Naquela mesma noite, Cássio mandou preparar a ceia em seu aposento, ao qual Bruto levou seus amigos, e quando já estavam à mesa, Faônio chegou, tendo-se lavado. Bruto, vendo-o, pôs-se a dizer bem alto que não o tinha convidado e ordenou que o pusessem no leito mais alto{1637} ; ele, porém, à força, se pôs no do meio, o que foi causa de que todos se rissem e o festim tornou-se mais alegre e não sem alguma palestra de filosofia.

XLIII. No dia seguinte Bruto condenou judicialmente em público e marcou como infame a Lúcio Pella, que tinha sido pretor dos romanos, e a quem Bruto acusara, seguindo a indicação dos de Sardis, que o acusavam de pilhagem, concussão e mau uso dos bens do estado e o provavam. Este julgamento desagradou muito a Cássio, porque uns dias antes ele mesmo tinha apenas recriminado com palavras, em particular, dois dos seus amigos acusados dos mesmos crimes, e em público os tinha absolvido, e não deixava de os empregar e de servir-se deles, como antes; pelo que censurava a Bruto como querendo ser demasiado justo e observar muito rigorosamente as leis em um tempo em que havia mais necessidade de dissimular um pouco, e de não tomar as coisas com tanto rigor. Bruto, ao contrário, respondeu-lhe que ele devia lembrar-se dos idos de março, quando haviam matado a César, que não pilhava nem perturbava ele mesmo todo o mundo, mas somente era o suporte e o apoio dos que o faziam sob sua autoridade e sua ordem, e que se há alguma ocasião pela qual se pode desprezar a justiça e o direito, teria sido muito melhor deixar roubar e fazer todas as coisas iníquas e contra a razão, aos amigos de César, do que permiti-lo aos seus, pois então, dizia ele, "não se nos poderia imputar senão fraqueza e falta de coragem, somente, e agora acusar-nos-iam de injustiça, além da pena que suportamos e dos perigos aos quais nos expomos". Por aí se pode muito bem conhecer qual era a intenção de Bruto.

XLIV. Mas quando eles se preparavam para passar da Ásia à Europa, diz-se que lhe aconteceu um fato extraordinário. Ele era vigilante por natureza e dormia muito pouco, quer porque vivia muito sobriamente, quer porque trabalhava continua-mente. Jamais dormia durante o dia e durante a noite, somente quando era obrigado a ficar sem fazer nada, ou sem falar com alguém quando todos descansavam. Mas quando estava em guerra e na superintendência de todos os seus negócios, tendo sempre a inteligência pronta para a realização do objetivo e daquilo que estava para acontecer, depois de ter dormido apenas um pouco, após a refeição, empregava todo o resto da noite em resolver seus negócios e depois de ter organizado e dado todas as providências, se lhe sobrava tempo punha-se a ler algum livro, até a terceira sentinela da noite, quando os comandantes, centuriões, chefes de bandos, costumavam vir ler com ele. Quando estava para passar à Europa uma noite, muito tarde, estando todos dormindo, dentro do seu acampamento, reinava um grande silêncio, quando ele estava em sua tenda, com uma luz fraca, cismando, pareceu-lhe perceber que alguém havia entrado e, olhando para a porta da tenda, viu uma figura horrenda e espantosa de um corpo horrível, que se foi postar à sua frente, sem dizer palavra; perguntou-lhe quem era, se era deus ou homem, e o que o levava para ali. O fantasma respondeu-lhe: "Sou o teu anjo mau. Bruto, e tu me verás perto da cidade de Filipes". Bruto, sem se perturbar, replicou-lhe: "Pois bem, eu ver-te-ei lá". O fantasma imediatamente desapareceu e Bruto chamou seus criados, que nada tinham visto nem ouvido.

Por esse motivo, ele se pôs então a velar e pensar, como antes; mas, de manhã, logo que o dia clareou, foi ter com Cássio e contou-lhe da visão que tivera durante a noite. Cássio, que seguia a opinião de Epicuro em filosofia e estava acostumado a disputar e a discutir muitas vezes com Bruto, disse-lhe: "Nós sustentamos, Bruto, em nossa seita filosófica, que não sofremos, nem vemos de verdade, tudo aquilo que pensamos ver ou sofrer; e é coisa muito incerta e enganosa, que o sentido natural do homem e que a inteligência, que é ainda mais leve e mais rápida, a considerem e a voltem mais facilmente, sem matéria, nem sujeito algum, em todas as formas e todas as espécies, como quando se grava e se imprime sobre a cera; e assim é muito fácil à alma do homem, que tem em si o que faz e recebe, a impressão de diferenciar uma coisa por si mesma; o que nos mostram muito evidentemente as diversas mudanças dos sonhos, que nos sucedem dormindo, que a parte imaginativa ou apreensão do nosso entendimento, de um pequeno princípio se muda em todas as espécies de acidentes, porque o natural de nosso entendimento é sempre mover-se e seu movimento outra coisa não é que imaginação ou apreensão; mas ainda há mais em ti: é que o corpo cansado tem pela natureza o entendimento suspenso em transe e em comoção. Mas, dizer-se se que há espíritos ou anjos e ainda que houvesse, que tenham forma de homem, voz, ou poder algum que chega até nós, não é verdade. Quanto a mim eu quisera que tivessem, para que em nós houvesse confiança, não somente em tão grande número de armas, de cavalos, de navios e de barcos, mas também no socorro dos deuses, visto que nós somos autores e defensores de belíssimos, santíssimos e virtuosíssimos atos". Com tais palavras Cássio acalmou e tranquilizou um pouco a Bruto.

XLVI. Quando o exército caminhava, vieram duas águias que, voando com grande rapidez, juntaram-se às primeiras insígnias e seguiram sempre os soldados, que lhes davam de comer até a cidade de Filipes. E, somente um dia antes da batalha, elas foram-se embora. Bruto já tinha sob sua dominação a melhor parte dos povos e nações de toda aquela região, mas restava-lhe ainda anexar algumas outras pequenas cidades, ou algum senhor; quando terminaram de os submeter, partiram para a costa de Tassos{1638} ; Norbano estabeleceu seu acampamento numa certa passagem, a que chamam de Estreitos, perto de um lugar denominado Símbolo{1639}, Cássio e Bruto o rodearam de tal sorte que ele foi obrigado a se retirar e abandonar o sítio que lhe era muito vantajoso. Mesmo assim, quase lhe tomaram todo o exército, pois César não o tinha podido seguir por causa de uma enfermidade, pelo que, ele tinha ficado para trás, e o teriam feito, se não fosse o auxílio de Antônio, que usou de tão grande diligência, que Bruto quase não o acreditou. César chegou dez dias depois e acamparam, Antênio contra Cássio e Bruto, em frente de César, Os romanos chamam a planície que está entre os dois inimigos de campos Filipenses e jamais se havia visto dois tão belos, nem tão poderosos exércitos romanos, um diante do outro, prestes a combater.

É verdade que o de Bruto era menor em número de homens do que o de César, mas, em

beleza de equipamento e em suntuosidade de armas, tinha melhor aparência, pois a maior parte de seu armamento era de ouro e prata, que Bruto havia dado larga mente, embora em todas as demais coisas ele ensinam e muito bem aos seus oficiais que vivessem com regra, sem superfluidades; mas, a suntuosidade das armas era necessária; porque os soldados, tendo-as sempre nas mãos e trazendo-as sobre as costas, sentiam que isso lhes aumentava a coragem, principalmente aos que são de natureza ambiciosa e desejosa de glória, e tornava o combate mais áspero, aqueles que gostam de ganhar e temem perder, porquc eles combatem para salvar suas armas, como seus bens e sua herança.

XLVll. Quando se fez a revista dos exércitos e a purificação, César realizou a sua, dentro das trincheiras do seu campo, e deu um pouco de trigo somente cinco dracmas de prata por cabeça, a cada soldado, para sacrificar aos deuses pedindo-lhes a vitória; Bruto, ao contrário, condenando essa mesquinhez e pobreza, fez a revista de seu exército e o purificou no acampamento, como é hábito dos romanos, e depois deu a cada companhia muitos carneiros para sacrificar e{1640} cinquenta dracmas de prata para cada soldado; de maneira que seus homens estavam muito mais contentes que os outros e mais dispostos a lutar no dia da batalha, do que os dos inimigos. Todavia, fazendo as cerimonias desta purificação, diz-se que sucedeu a Cássio uma coisa de sinistro presságio: um dos seus servos, que trazia as varas diante dele, trouxe-lhe a coroa de flores que ele devia ter sobre a cabeça, no sacrifício, voltada às avessas, e diz-se que ainda antes, em alguns jogos e pompas, em que se trazia uma imagem dá vitória de Cássio, que era de ouro, ela caiu, porque aquele que a levava tropeçara. Além disso, viam-se todos os dias, dentro do acampamento, um grande número de aves que comem os cadáveres dos mortos, e encontraram-se também enxames de abelhas que se tinham reunido em ‘um certo lugar, dentro da cerca das trincheiras do acampamento, e este lugar, os adivinhos julgaram ser conveniente excluir do campo, para tirar o temor supersticioso e a suspeita que eles tinham, a qual começava a afastar um pouco a Cássio, das opiniões dos epicuristas e tinha assustado muito seus soldados; de tal modo que eles eram de opinião que não se decidisse essa guerra com uma única batalha, mas que ela se prolongasse mais e que se estendesse, visto que eles tinham mais dinheiro e menos quantidade de homens e de armas.

XLVIII. Ao contrário, porém, Bruto, sempre antes e agora também, não pedia outra coisa, senão pôr tudo, à sorte de uma batalha, o mais depressa possível, a fim de, ou logo recuperar a liberdade de seu país, ou livrar desses males a todos que eram obrigados a seguir, alimentar e a sustentar tão grandes e poderosos exércitos. Vendo ainda que nas escaramuças e corridas que se faziam todos os dias seus homens eram sempre os mais fortes e, levavam sempre a melhor, isso veio aumentar-lhe ainda mais o ânimo. E além disso, visto que alguns de seus homens já se tinham ido entregar aos inimigos e ainda se desconfiava que alguns outros queriam fazer o mesmo, vários amigos, mesmo de Cásssio, que antes eram de sua opinião, quando em conselho se deliberou se se travaria a batalha ou não, foram da opinião de Bruto, e no entretanto um de seus amigos, que se chamava Atélio, os contradisse, pois era de opinião que se esperasse o inverno terminar; Bruto perguntou-lhe que vantagem ele esperava obter aguardando ainda um ano, e Atélio respondeu-lhe: "Se não houver outro proveito, pelo menos eu terei vivido um pouco mais". Elísio ficou muito aborrecido com esta resposta, e por essa razão Atélio ficou mal visto de todos, e muito pouco estimado, de modo que foi logo cercado e preso, porque, no dia seguinte, travar-se-ia a batalha.

XLIX. Durante toda a ceia, Bruto mostrou-se cheio de grande esperança e fez belos discursos sobre filosofia; depois da ceia, foi descansar. Quanto a Cássio, porém, Messala diz que ceou em seu aposento, com poucos de seus familiares, e que durante toda a refeição parecia triste e pensativo, embora esse não fosse o seu natural, e que depois da ceia ele o tomou pela mão, e, apertando-a fortemente, como se faz por amizade, como era seu costume, ele lhe disse em grego: "Eu te protesto e te tenho como testemunha, Messala, de que, como o grande Pompeu, contra a minha vontade e opinião, sou obrigado a aventurar ao sabor de uma batalha a liberdade de nossa pátria, e no entretanto devemos todos ter muito ânimo, tendo

consideração à fortuna, à qual nós faríamos injustiça se desconfiássemos dela, ainda que sigamos um mau conselho". Messala escreveu que Cássio tendo-lhe dito estas últimas palavras, despediu-se, e que ele o havia convidado a cear no dia seguinte em sua casa, porque era o dia do seu aniversário. No dia seguinte, portanto, logo que amanheceu, foi levantada no acampamento de Cássio e de Bruto a insígnia do combate, que era uma cota de armas vermelha; conversaram os dois chefes no meio de seus exércitos e Cássio, por primeiro, disse: "Praza aos deuses, Bruto, que possamos neste dia ganhar a batalha e viver de ora em diante todo o resto de nossa vida um e outro em franca prosperidade; mas sendo que as coisas grandes e mais importantes, entre os homens, são as mais incertas, se o fim do dia de hoje for outro que não como nós desejamos e esperamos, não será fácil que nos possamos rever; que deliberaste, nesse caso, fazer? Fugir ou morrer?" Bruto respondeu-lhe: "Sendo ainda jovem e não assaz experiente nos negócios deste mundo, eu fiz, não lei como, um discurso de filosofia, no qual censurava acremente a Catão de se ter destruído a si mesmo, como não sendo um ato nem lícito, nem religioso, quanto aos deuses, nem quanto aos homens, virtuoso, de não ceder à determinação divina, e não tomar constantemente de boa vontade tudo o que lhe apraz enviar-nos, mas mostrar-se esquivo e retrair-se: mas agora, encontrando-me no meio do perigo, eu tenho outras deliberações; de tal modo que se prouver aos deuses que o êxito desta batalha seja feliz para nós, não quero tentar outra esperança, nem procurar organizar novamente outra equipagem de guerra, mas livrar-me-ei das misérias deste mundo, contentando-me com a fortuna{1641} : pois eu doei nos idos de março{1642} minha vida à minha pátria pela qual viverei outra livre e gloriosa". Cássio se pôs a rir, ouvindo-o dizer estas coisas, e, abraçando-o, retrucou: "Vamos então encontrarmo-nos com nossos inimigos, para combatê-los, com esta intenção: pois ou venceremos, ou não temeremos mais os vencedores".

L. Ditas estas palavras, puseram-se a organizar, a batalha, na presença de seus amigos, e Bruto pediu a Cássio que lhe deixasse o comando da ponta direita, que se julgava mais conveniente e mais própria a Cássio, quer por ser o mais velho, como por ser ele mais experimentado; e no entretanto Cássio concedeu-lho e quis ainda que Messala, que era o chefe de uma das legiões mais belicosas, estivesse também naquele setor. Bruto se pôs logo em marcha com a cavalaria que estava bem preparada e os soldados de infantaria não foram menos solícitos era os acompanhar. Os homens de Antônio cavavam uma trincheira desde os pântanos ao longo dos quais ele estava alojado, para cortar a Cássio o caminho para o mar; e César, ao menos seu exército, não se movia; ele não estava em seu campo, por motivo de doença, e não esperavam seus homens que os inimigos os viessem atacar, mas somente fizessem algumas pequenas excursões, para importunar àqueles que trabalhavam nas trincheiras, e a golpes de dardos perturbá-los e impedir que continuassem o seu trabalho; não se incomodando com aqueles que vinham diretamente a eles para lhes dar combate admiravam-se do grande barulho que ouviam vindo dos lugares onde se abriam as trincheiras.

LI. Bruto, no entretanto, mandou aos chefes de grupos e comandantes algumas notas, nas quais estava escrita a palavra da batalha, e ele mesmo, passando a cavalo ao longo das tropas, as ia incitando a cumprir valentemente seu dever, de modo que muito poucos ouviram qual era a palavra de batalha que lhes era dada, mas a maior parte, sem esperar que se lha dissesse, correram impetuosamente para atacar os inimigos, de sorte que, por essa desordem, houve grande desigualdade entre as legiões, que foram afastadas e separadas umas das outras. A de Messala, a primeira e as mais próximas, depois, passaram além da ponta esquerda dos inimigos, sem fazer outra coisa senão seguir ao longo deles e derrubar alguns de passagem; caminhando pare frente, foram dar bem no campo de César, pura fora do qual, como ele mesmo escreve em seus comentários, ele tinha um pouco antes sido transportado por conselho e advertência de um de seus amigos, chamado Marco Artóno: o qual, à noite, dormindo teve uma visão, na qual se mandava que ele fosse transportado para fora do seu acampamento; de tal modo que se pensou que ele tinha sido morto, por causa da liteira, na qual nada havia dentro e fora atravessada por golpes de dardos e flechas, em vários lugares. Houve grande morticínio naquele campo e, entre outros, foram despedaçados dois mil lacedemônios, que pouco- antes tinham chegado em auxílio de César; os outros que não se tinham adiantado, mas tinham atacado da direita em linha reta, a batalha de César, os puseram facilmente em fuga, porque estavam atônitos pela perda de seu acampamento e foram derrotadas a golpes de braço, três legiões; depois, com o grande ardor com que

perseguiam e expulsavam os fugitivos, eles se lançaram misturados para dentro do acampamento tendo Bruto no meio deles.

LII. Mas o que os vencedores não tinham notado, a ocasião o mostrou aos vencidos, era a ala esquerda da batalha dos inimigos, isolada e desamparada, sem o auxílio dos da direita, que se tinham afastado muito, para perseguir os que a tinham rompido. Foram atacá-los violentamente e, no entretanto, por mais esforços que fizessem, não puderam forçar nem romper o meio da batalha, onde encontraram homens que os sustiveram e os enfrentaram valentemente; mas romperam e puseram em fuga os da ponta esquerda na qual estava Cássio, pela desordem que aí se manifestou, e também porque eles não estavam avisados de como a sua ala direita se tinha comportado. Expulsaram-nos perseguindo-os até ao acampamento, que eles saquearam, sem que nem um, nem outro dos comandantes aí estivesse presente; porque Antônio, ao que se diz, evitando o furor do primeiro ataque, se tinha lançado num pântano próximo e não se sabia o que fora feito de César, depois que se tinha feito transportar para fora do campo; alguns soldados mostraram suas espadas ensanguentadas, com as quais diziam tê-lo matado e descreviam-lhe o rosto e diziam a idade que poderia ter. E o que é mais, a frente e o meio da batalha de Bruto tinha já derrotado, com grande derramamento de sangue, todos os inimigos que encontrara diante dele, de sorte que Bruto tinha totalmente vencido e ganho do seu lado; e Cássio tinha tudo perdido, do que lhe cabia, e nada prejudicou tanto seus empreendimentos como não ter Bruto ido socorrê-lo, pensando que ele também estava vencendo, como ele; e Cássio não esperou Bruto, pensando que também estava perdido, como ele; e que é verdade que a vitória esteve do lado dele, Messala o mostra, porque eles conquistaram três águias e várias outras insígnias dos seus inimigos e seus inimigos nem uma sequer, deles.

LIII. Mas Bruto voltando da caça, depois de ter batido, pilhado e saqueado o campo de César, admirou-se quando não viu a tenda de Cássio, preparada e erguida como de costume, nem as outras tendas e pavilhões em seu campo, adornados como sempre, porque tudo estava por terra e fora destruído por mãos dos inimigos; mas os que estavam com ele e tinham melhor vista disseram que viam grande número de armas reluzentes e vários escudos prateados que iam e vinham pelo campo de Cássio, mas que não eram, na sua opinião, nem as armas, nem o número de homens que tinham sido deixados e determinados para a guarda do campo, e, no entretanto, eles não viam além um grande número de mortos nem a desordem que deveria haver, se tantas legiões ah tinham sido destruídas.

LIV. Isso começou a despertar em Bruto a desconfiança do que havia acontecido; ordenou então a alguns homens que guardassem o campo do seu inimigo, que ele tinha tomado, e mandou voltar seus homens que ainda perseguiam os fugitivos; organizou-os para irem em auxílio de Cássio, ao qual as coisas tinham-se passado deste modo: primeiramente, ficou ele muito contristado, por ver que os soldados de Bruto atacavam os inimigos, sem esperar a palavra da batalha, nem a ordem de atacar, e menos ainda, agradou-lhe, depois de terem vencido, eles se entregarem logo ao saque, sem se preocupar de envolver o resto dos inimigos pela retaguarda: mas também, por muito esperar e por muito diferir, mais do que pela previdência ou valentia dos comandantes adversários, ele se encontrou envolvido pela ala direita do exército dos inimigos: de tal modo que seus cavaleiros debandaram incontinente fugindo a toda brida, para os lados do mar: e vendo que seus soldados de infantaria estavam indecisos e recuavam também, ele se esforçou por retê-los, e tirou, de um porta-insígnias que fugia a que ele levava, a qual fincou em terra diante dele, embora com grande dificuldade já ele pudesse conter reunidos somente seus guardas. Afinal ele também foi obrigado a se retirar com uma pequena tropa de seus soldados a um pequeno outeiro, de onde se podia ver claramente e observar o que se fazia na planície, mas ele não via nada, porque linha a vista fraca; o que viu, porém, com grande dificuldade, foi que os inimigos saqueavam o seu acampamento, diante de seus próprios olhos. Ele viu também uma grande tropa de cavalaria que Bruto mandava em seu auxílio, e pensou que eram os inimigos que o perseguiam e, então, mandou a um certo Titínio, que era dos seus, para ver o que na verdade estava acontecendo.

Estes cavaleiros perceberam-no de longe: e logo que reconheceram nele um dos melhores e dos mais fiéis amigos de Cássio, lançaram gritos de alegria e os que lhe eram mais íntimos saltaram em terra para saudá-lo e abraçá-lo: outros rodearam-no a cavalo, com cânticos de vitória e grande rumor de armas, com que fanam ressoar o campo, pela excessiva alegria que mantinham: mas foi isto que lhe causou mais mal, do que todo o resto: pois Cássio pensou que Titínio, na verdade, havia sido aprisionado pelos inimigos, e disse então estas palavras: "Por ter muito desejado viver, eu esperei até ver, por amor de mim mesmo, perder-se diante de meus olhos, um de meus melhores amigos". E dizendo isto retirou-se para uma tenda onde não havia ninguém e chamou a si um de seus servos libertos, de nome Píndaro, que sempre conservara junto de si para tal necessidade, depois da expedição infeliz contra os partos, na qual Crasso morreu: todavia, ele salvou-se daquela derrota, mas então envolvendo seu manto em redor da cabeça, e estendendo-lhe o pescoço descoberto, ordenou-lhe que lhe cortasse a cabeça (pois a encontraram separada do corpo) ; nunca mais, porém, viram a esse homem, Píndaro, por isso alguns ousaram dizer que ele havia matado seu amo sem sua ordem.

LV. Logo depois, eles reconheceram aqueles cavaleiros e Titínio, coroado com uma grinalda de triunfo que vinha na frente com pressa, para encontrar-se com Cássio: mas quando ele compreendeu, pelos gritos, choros e lamentações de seus amigos, que se desesperavam, o erro e a desgraça que havia acontecido por ignorância do seu comandante, ele desembainhou sua espada e, dizendo mil injúrias a si mesmo, por ter-se demorado tanto, matou-se ali mesmo; Bruto, no entretanto, aproximava-se cada vez mais, tendo já sabido que Cássio tinha sido derrotado: mas de sua morte só soube quando já estava bem perto do acampamento: depois de tê-lo chorado e lastimado, chamando-o o último dos romanos, como se ao depois fosse impossível nascer cm Roma alguém de tanta coragem como ele, e fez sepultar o seu corpo, mandando-o para a cidade de Tassos, de medo de que, se se fizesse o funeral no acampamento, isso fosse causa de desordem; depois, reuniu seus soldados e os consolou: e vendo que tinham perdido toda sua bagagem, sem a qual não podiam passar, prometeu a cada um duas mil dracmas{1643} como recompensa. Consolaram-se os soldados depois de tê-lo ouvido falar, admirando-se muito de sua liberdade, e o seguiram com aclamações quando ele se retirou, exaltando-o como o único dos quatro generais que não tinha sido vencido na batalha. Também, para se dizer a verdade, o eleito mostrou que, não sem causa, ele tinha tido esperança de ser vencedor: porque com poucas legiões ele tinha vencido e derrotado todos os que diante dele se haviam apresentado, e, ainda, se todos os seus tivessem combatido e a maior parte deles não tinha ultrapassado os inimigos, para ir saquear seus bens, é verdade que ele os derrotou a todos, I não ficou um só deles. Morreram, do seu lado, uns oito mil homens, contando-se também os servidores dos soldados, que Bruto chamava de brigas, e, da parte dos inimigos, Messala escreve que, secundo a sua opinião, morreram mais duas vezes esse número: por esse motivo eles estavam muito mais desanimados e aborrecidos do que ele, até que à tarde, já horas adiantadas, um servo de Cássio, de nome Demétrio, foi ter com Antônio e lhe levou as vestes de que haviam há pouco despojado o corpo de seu senhor e também sua espada.

LVI. Isso animou os inimigos de Bruto e lhes deu tal coragem, que no dia seguinte de manha eles se apresentaram no campo de batalha; mas do lado de Bruto os dois acampamentos estavam em alvoroço, não sem grande perigo, pois o seu, estando cheio de prisioneiros, tinha necessidade de guarda numerosa e atenta, e o de Cássio, suportava com impaciência a mudança de seu genera l, e havia ainda uma inveja surda dos que haviam sido batidos, contra os que tinham vencido: por isso Bruto os reteve bem preparados com armas, mas evitou, no entretanto, de lhes dar combate. Quanto aos prisioneiros servos, dos quais havia um grande número, que não sem suspeita iam e vinham por entre os soldados armados, mandou que os matassem; os livres despediu-os, dizendo que seriam melhores prisioneiros com seus inimigos do que com ele: com eles eram servos e escravos e com ele, livres e cidadãos: e vendo que seus amigos e seus oficiais tinham, a alguns, tão grande ódio que não lhes queriam de nenhum modo perdoar, ele mesmo os escondeu e mandou ocultamente embora sãos e salvos.

Entre estes prisioneiros estava Volúmnio, um ator, e Sacúho, farsante, dos quais Bruto não fazia caso algum: mas seus familiares os levaram à sua presença, acusando-os de que, embora prisioneiros, não cessavam de zombar deles e de injuriá-los atrevidamente. Bruto a isto nada

respondeu, estando preocupado com outras coisas, e Messala Corvino diz que seria coisa muito conveniente fazê-los chicotear sobre um estrado, e depois de açoitados mandá-los, nus, aos generais de seus inimigos, para mostrar-lhes a sua vergonha, pois era necessário que eles tivessem tais indivíduos como eles, estando no campo, para fazê-los rir, e diverti-los à mesa. Alguns dos assistentes riram-se desta proposta mas Públio Casca, aquele que deu o primeiro golpe em César, quando ele foi morto, disse então: "Nós não cumprimos o dever, como deveríamos, nos funerais de Cássio, de nos divertirmos e rirmo-nos, neste ponto: quanto a ti, Bruto, mostrarás que lembrança conservas de um tal chefe, teu igual e companheiro, fazendo morrer ou salvando estes palhaços, que depois zombarão dele e difamarão a sua memória". Bruto, então, respondeu com grande cólera: "Por que então vindes falar comigo. Casca, e não fazeis vós mesmo o que achais que vos parece bem?" Ouvindo estas palavras, eles tomaram a resposta como um consentimento, contra aqueles pobres infelizes, e uma permissão para fazer o que quisessem: levaram-nos, então e os mataram.

LVII. Feito isto, Bruto deu aos soldados o que lhes havia prometido, e depois de lhes ter, por primeiro, feito algumas recomendações, e repreendido também, porque não tendo esperado a palavra de ordem para a batalha, tinham ido atabalhoadamente atacar o inimigo naquele primeiro encontro, prometeu-lhes que, se uma segunda vez eles cumprissem o dever com o mesmo valor, ele lhes daria para pilhagem e saque duas cidades, a saber: Tes-salônica e Lacedemônia. Em toda a vida de Bruto não encontramos senão esta única falta, para a qual não há resposta; embora César e Antônio tenham depois dado a seus homens muito pior recompensa pela vitória, expulsando da Itália inteira, ou quase inteira, os habitantes naturais e verdadeiros proprietários, para dar as terras e as cidades aos seus soldados, nas quais eles nada possuíam: mas aqueles jamais haviam tido em mente outro objetivo nessa guerra senão vencer para dominar: por isso, tinha-se em grande conta a virtude de Bruto, que a voz comum e a opinião do mundo não lhe permitiam, nem vencer, nem se salvar, se não fosse justo e honesto, mesmo depois da morte de Cássio, ao qual se acusava e se acreditava, mesmo, de ler algumas vezes induzido Bruto a praticar atos de violência. E assim como, no mar, quando se quebra ou se desarranja o leme do navio, no ardor da tempestade, os marinheiros procuram logo consertá-lo ou substituí-lo, reparando o mal de todos os modos possíveis: assim, Bruto, tendo que reger um tão grand e poder e suas empresas estando em grave risco, não tendo mais generais que gozassem da mesma dignidade e autoridade que ele, foi obrigado a se servir necessariamente dos que ele ainda possuía, e, consequentemente, a fazer muitas coisas, de acordo com o parecer e a opinião deles, e era ele mesmo da opinião de que se lhes facultasse tudo aquilo que ele julgava servir, para fazer que se mostrassem homens de bem, segundo a necessidade: pois os homens de Cássio eram muito difíceis de se tratar e mostravam-se altivos e corajosos no campo, porque não tinham chefe, nem quem os governasse, mas eram fracos e covardes com os inimigos, porque já tinham sido por eles derrotados.

Por outro lado, as empresas de César e de Antônio não iam nada melhor: pois, primeiramente, eles tinham falta de víveres e, estando acampados num lugar baixo, esperavam um inverno duro e rigoroso, pois estavam alinhados ao longo dos pântanos, e, depois da batalha, tinham caído grandes chuvas na estação do outono, pelo que todas as tendas e pavilhões estavam cheios de lama e de água, que gelava imediatamente por causa do frio; ainda, nesse ínterim, chegaram-lhes notícias da grande perda de homens que haviam sofrido por mar: pois as galeras de Bruto encontraram na passagem um grande reforço de soldados, que lhes era enviado da Itália, e os derrotaram; de tal modo que muito poucos se salvaram, os quais, ainda tão atormentados pela fome, foram ob rigados a comer até as velas e as cordas dos navios: desejavam muito travar a batalha, novamente, antes que Bruto fosse cientificado destas notícias, boas, para ele: aconteceu, então, por coincidência, que a batalha por mar se travou no mesmo dia que a de terra; mais acidentalmente, porém, do que pela malícia ou indolência dos comandantes, aconteceu que Bruto soube disso somente vinte dias depois. Se ele o tivesse sabido antes, não se teria novamente encaminhado para a batalha, visto que não estava provisto de todas as coisas necessárias ao seu exercite), para um tempo assaz longo, e estava acampado num lugar muito oportuno, de modo que seu campo não podia ser gravemente atingido pelo inverno, nem também forçado pelos inimigos, e ele era pacífico senhor vitorioso por mar, tendo ainda, por sua vez, vencido por terra. Isso bem lhe devia levantar o ânimo e dar-lhe grande esperança; mas, estando os negócios do império romano, ao que me parece reduzidos a tal estado que não podiam mais ser dirigidos por vários senhores, mas tinham necessidade de um soberano monarca, Deus querendo tirar aquele que era o único a impedir

a monarquia, a quem a ela devia unicamente ascender, fez que aquela vitória não chegasse ao conhecimento de Bruto, embora ele estivesse a ponto de ser avisado de -tal acontecimento; pois no dia anterior à última batalha, à noite, já bem alta, um de seus inimigos, Cláudio, veio entregar-se em seu acampamento, o qual declarou que César tendo sabido da derrota de seu exército, por mar, não procurava outra coisa que combater, antes que Bruto disso tivesse conhecimento: mas, ninguém acreditou nas suas palavras e ele foi de tal modo desprezado, que nem pelo menos se dignaram levá-lo à presença de Bruto, porque julgavam que tudo não passava de uma mentira que ele havia inventado para ser recebido, como tendo trazido boas notícias.

LIX. Naquela noite, diz-se que o mesmo fantasma, que já uma vez havia aparecido a Bruto, novamente se lhe apresentou sob a mesma forma e aparência, e depois desapareceu sem lhe dizer uma palavra sequer: mas Públio Volúmnio, homem instruído e bom filósofo, que desde o início desta guerra sempre estivera com Bruto, não faz menção desse fantasma: mas, diz ele, que a primeira e principal das águias cobriu-se toda de abelhas, e que um de seus generais teve um dos braços repentinamente lodo suado, o qual segregou óleo rosado e que várias vezes tentaram enxugá-lo, mas de nada valiam os esforços: e que, antes do choque da batalha, duas águias combateram entre os dois exércitos e, durante o combate, se fez grande silêncio, o que não é coisa natural, em toda a planície, estando os dois exércitos um diante do outro, atentos em vê-las combater, e que, finalmente, a do lado de Bruto cedeu e fugiu. Foi coisa também notória e certa, que, quando se abriu a porta do acampamento, o primeiro homem que encontrou o porta-insígnias que levava a águia foi um etíope, o qual os soldados fizeram em pedaços a golpes de espada, por causa do presságio. Depois que Bruto colocou no campo seu exército pronto para a batalha e o apresentou frente ao inimigo, demorou-se ainda bastante tempo para dar o sinal da batalha; porque, indo inspecionar as companhias, teve no espírito várias dúvidas a respeito de algumas delas, e vieram mesmo dizer-lhe certas coisas e fazer-lhe advertências: viam-se seus soldados de cavalaria andar a esmo, sem vontade, mostrando francamente não estarem dispostos a combater, nem a iniciar o ataque, mas esperavam o que fariam os soldados de infantaria: depois repentinamente, um dos melhores cavaleiros que ele possuía no exército, e que até então tinha sido muito afamado pelas suas proezas, chamado Camulácio, passou a cavalo perto de Bruto, e sob suas vistas foi-se entregar aos inimigos.

LX. Bruto ficou muito desgostoso, parte, por raiva, e parte, por medo de uma grande rebelião e traição, mandou então marchar, pois já era mais de três horas depois de meio-dia: onde ele estava as coisas andaram bem combatendo-se co m valor, e ele forçou a ala esquerda dos inimigos, e recuou diante dele, com o auxílio da cavalaria, a qual atacou juntamente com a infantaria, quando viu os inimigos desbaratados: mas os da ala esquerda, quando os comandantes os quiseram fazer marchar, tiveram medo de ser cercados por trás, porque eles eram em número menor que os inimigos e por isso, alargando-se, afastaram-se um pouco do centro da batalha. Por essa razão, estando eles cansados, não puderam sustentar o ataque dos inimigos, mas puseram-se imediatamente em fuga; os que os haviam desbaratado vieram logo envolver a Bruto pela retaguarda, o qual, no mais forte da peleja, fez tudo o que poderia fazer um general valente e um soldado corajoso, tanto com a inteligência, como com as armas, para obter a vitória: mas aquilo mesmo, que na primeira vez lhe dera a vitória, fê-la perder, na segunda: na primeira vez, os inimigos que foram desbaratados foram logo feitos em pedaços e, nesta segunda, dos homens de Cássio que tinham sido postos em fuga, não houve entre eles um morto, sequer, e os que se tinham salvado rapidamente, estando atônitos por terem já sido vencidos, desencorajaram o resto do exército, vindo juntar-se a ele, tudo encheram de desordem e de horror.

LXI. O filho de M. Catão morreu combatendo valorosamente, entre os mais corajosos soldados: embora ele estivesse bastante cansado e esgotado; jamais quis recuar ou fugir: mas, combatendo persistentemente, corpo-a-corpo, e declarando bem alto quem ele era pelo seu

nome e pelo de seu pai, foi finalmente abatido sobre vários corpos de inimigos que ele tinha matado, em torno dele: e assim morreram na batalha todos os nobres que estavam no exército e que se expuseram corajosamente a todo perigo para salvar a pessoa de Bruto: entre os quais estava um de seus familiares, de nome Lucílio, que, vendo um grupo de homens bárbaros, armados, não fazendo caso de todos os outros que encontravam pelo caminho, dirigiam-se todos diretamente a Bruto, deliberou detê-los, com perigo de sua vida; tendo ficado para trás, disse-lhes que ele era Bruto e, para que acreditassem, rogou-lhes que o levassem a Antônio, porque, dizia ele, temia a César e confiava mais em Antônio. Os bárbaros alegraram-se muito com este encontro, julgando ter encontrado realmente uma fortuna; levaram-no quando já era noite, mandando alguns adiante para avisá-lo: muito satisfeito ele ficou e compareceu à presença dos que o conduziam. Outros, quando ouviram que se trazia a Bruto, como prisioneiro, correram de todas as partes, uns tendo compaixão da sua sorte, outros dizendo que ele havia feito um ato indigno de sua reputação, porque, por medo de morrer, se deixara apanhar tão covardemente pelos bárbaros. Quando se reuniram, Antônio esperou um pouco, refletindo como deveria proceder diante de Bruto, e que atitude tomar para com ele: entretanto, Lucílio lhe foi apresentado e se pôs a dizer com firmeza: "Antônio, posso garantir-lhe que nenhum inimigo aprisionou, nem aprisionará vivo a Marco Bruto, e não praza a Deus que a fortuna tenha tanto poder sobre a virtude: mas, em qualquer parte em que ele se ache, quer vivo, quer morto, sempre o encontrarão num estado digno dele; afinal, quanto a mim, venho à sua presença depois de ter enganado a esses soldados, fazendo-lhes crer que eu era Bruto, e não me recuso a sofrer por este logro, todos os tormentos que quiser". Ouvidas estas palavras de Lucílio, todos os presentes quedaram-se pasmados, e Antônio, olhando para os que o haviam trazido, disse-lhes: "Penso que estais bem aborrecidos por terdes falhado no vosso intento, companheiros, e por ter este indivíduo vos causado um grande logro mas eu quero que saibas que fizestes uma presa muito melhor, do que a que pretendíeis: pois, em lugar de um inimigo, vós me trouxestes um amigo: quanto a mim, se me tivésseis trazido Bruto, vivo, não sei certamente o que eu lhe teria feito, pois eu prefiro que homens como ele sejam meus amigos e não inimigos". Dizendo isso, abraçou Lucílio e entregou-o à guarda de um de seus amigos, recomendando-o: Lucílio serviu-o fiel e lealmente até a morte.

LXII. Bruto tendo atravessado um pequeno rio, que tinha nas margens algumas rochas, sombreado também por grandes árvores, sendo noite muito escura, não continuou a caminhar, mas parou num lugar baixo, sob uma rocha alta, com alguns oficiais e amigos que o tinham seguido, e, olhando para o céu cheio de estrelas, disse, suspirando, dois versos, dos quais Volúmnio anotou um, que é este:

{1644}Ó Júpiter, que{1645} aquele, cujo nascimento tem tantos males, não escape à tua vingança.

Diz-se que ele tinha esquecido o outro. Um pouco depois, nomeando os amigos que tinha visto morrer na batalha, diante de seus olhos, suspirou mais forte do que o havia feito antes, quando citou Labeo e Flávio, dos quais um era seu lugar-tenente e o outro, chefe dos operários do seu campo. Nesse ínterim, alguém da comitiva tendo sede e vendo que Bruto também tinha, correu com um capacete para o rio. No mesmo instante ouviu-se um barulho do outro lado: Volúmnio foi para lá com Dardano, o escudeiro de Bruto, para ver o que era, e, tendo voltado logo depois, perguntaram se ainda havia mais, para beber. Bruto, rindo-se, respondeu gentilmente: Bebemos tudo, mas vos daremos outra bebida: e mandou ao rio aquele, que tinha ido antes, o qual esteve em perigo de ser apanhado pelos inimigos, e salvou-se com dificuldades, ficando, porém, ferido. Bruto, porém, julgava que não era grande o número de mortos na batalha e, para saber a verdade, um certo Statílio prometeu-lhe passar entre os inimigos, para vê-lo, pois de outro modo não seria isso possível; ia visitar o seu acampamento e, se lá visse que tudo andava bem, ele acenderia um facho e o levantaria no ar, e depois voltaria para ele. O facho foi levantado: Statílio foi até lá: e muito tempo depois, Bruto, vendo que ele não voltava, disse: Se Statílio está vivo, ele há de voltar: mas aconteceu por infelicidade que, voltando, ele caiu nas mãos dos inimigos, que o mataram.

LXlll. Sendo já noite adiantada, Bruto inclinando-se para Clito, um dos seus domésticos, que estava sentado, disse-lhe algumas palavras ao ouvido: o outro nada lhe respondeu, mas se pôs a chorar. Chamou depois também para junto de si a Dardano, seu escudeiro, ao qual disse também algumas palavras: e, por fim, falou também com Volúmnio, em língua grega, rogando-o, em memória dos estudos de literatura e dos exercícios que haviam feito juntamente, que o ajudasse a lançar mão da espada e dar o golpe, para se matar. Volúmnio recusou-se a esse pedido e assim também fizeram todos os outros, um dos quais disse que não se deveria mais ficar naquele lugar, mas fugir: Bruto, então, levantando-se, disse: "É mesmo na verdade necessário fugir, mas com as mãos e não com os pés". Tocando-lhes, depois na mão, a todos, disse-lhes estas palavras com um rosto alegre: "Eu sinto no meu coração um grande contentamento, por constatar que, de todos os meus amigos, nem um sequer me faltou, no momento da necessidade: e não me queixo da sorte, senão no que diz respeito ao meu país: pois, quanto a mim, eu me considero mais feliz do que os que venceram, não somente com relação ao passado, mas também ao presente, visto que eu deixo uma glória sempiterna de virtude, a qual nossos inimigos vitoriosos não poderiam jamais conquistar, nem pelas armas, nem pelo dinheiro, nem deixar à posteridade, que não se diga sempre, que eles sendo injustos e maus, derrotaram homens de bem, para usurpar uma dominação tirânica, que absolutamente não lhes pertence". Dizendo isto, ele aconselhou-os e rogou mesmo, a cada qual, que se salvasse: depois retirou-se um pouco com dois ou três somente, um dos quais era Straton, que ele conhecera durante o estudo da retórica. Aproximou-se muito dele e, tomando{1646} sua espada com as duas mãos, pelo cabo, deixou-se cair sobre ela com toda a força e matou-se. Outros dizem que não foi ele quem segurou a espada, mas Straton, a pedido dele, voltando, porém, o rosto para o outro lado, e Bruto precipitou-se rapidamente sobre ela, de modo que ficou atravessado de lado a lado na altura do estômago e morreu imediatamente. Messala, que fora um grande amigo de Bruto, depois reconciliou-se com César, apresentou-lhe algum tempo depois a Straton, num dia em que estavam de folga, e chorando disse-lhe: "César, eis aqui aquele que prestou o último serviço a Bruto, meu amigo". César recebeu-o e, desde então, em todas as suas empresas, foi por ele tão lealmente servido como nenhum outro dos gregos, que viveram com ele, até a batalha de Actio. E diz-se que esse mesmo Messala disse um dia a César que em sua presença o louvava muito, por ter combatido valentemente e pela grande afeição que lhe tinha, na jornada de Áctio, embora ele tivesse sido antes acérrimo inimigo, na de Filipes, por amor de Bruto: "Eu sempre quis estar do lado melhor e do mais justo".

LXIV. Por fim, Antônio tendo encontrado o corpo de Bruto, fê-lo envolver em uma das suas mais ricas armaduras. E depois, tendo sido avisado de que a armadura tinha sido roubada, mandou matar o ladrão que a tinha tomado e mandou as cinzas e relíquias do corpo a Servília, mãe de Bruto. Quanto a Pórcia, sua mulher, Nicolau, o Filósofo, e Valério Máximo{1647} dizem que, tendo tomado a resolução de morrer, seus parentes quiseram impedi-la e cuidaram atentamente em fazê-lo e, por essa razão, ela tirou da lareira carvões ardentes e os lançou

dentro da boca, que conservou fechada tão fortemente, que morreu asfixiada. Todavia, encontra-se uma carta de Bruto aos seus amigos, pela qual ele se queixa do pouco caso e do descuido para com a sua esposa, e que ela teria preferido morrer do que definhar enferma, por tanto tempo. Assim parece que este filósofo não tinha conhecido bem o tempo: pois a epístola, pelo menos, se for verdadeiramente de Bruto, dá bem a entender a enfermidade e o amor dessa mulher e também a maneira de sua morte.

COMPARAÇÃO DE DION COM BRUTO

Comparemos agora estes dois personagens; é certo que tendo ambos tido grandes alternativas e esta, por primeiro, que, de bem pouco que eram, ambos se tornaram muito grandes; mas, deve-se um louvor próprio e singular a Dion, porque não teve o concurso nem auxílio alheio para se fazer, como Bruto teve o de Cássio: o qual, sem dúvida, não tinha a reputação de virtude, nem a glória semelhante à sua: mas, quanto às empresas guerreiras, ele não contribuiu menos, com seu senso, sua coragem, sua inteligência e com toda a argúcia do que ele: pelo que, vários lhe atribuem o primeiro início e a origem de toda empresa e dizem que foi ele quem deu ânimo a Bruto de conspirar contra César e matá-lo. Assim como Dion forneceu, com as próprias posses, as armas, os navios e os soldados, também ganhou ele, por si mesmo, os que lhe foram de auxílio e os companheiros, para executar o que havia planejado. Do mesmo modo não fez Bruto, o qual, pelos seus mesmos empreendimentos, se fez grande e conquistou pela guerra seu poder e suas riquezas: e, ao contrário, entregou seus próprios bens para fazer a guerra, para recobrar a liberdade dos seus cidadãos, empregando nisso o dinheiro com o qual devia sustentar-se no exílio.

II. Mais, Bruto e Cássio foram obrigados a recorrer às armas, porque não podiam estar em paz, quando estavam fora de Roma, pois estavam condenados e perseguidos de morte: para segurança de suas pessoas, foram obrigados a se expor à sorte da guerra, mais por eles mesmos, do que pelos seus concidadãos: Dion, vivendo, ao invés, em seu exílio com mais tranquilidade e mais alegremente que o mesmo tirano, que o havia exilado, expôs-se ao perigo para livrar a Sicília da escravidão: não era a mesma coisa, aos romanos, serem libertados da dominação de César, como aos siracusanos serem aliviados de Dionísio: Dionísio não negava que ele era tirano, pois cumulara a Sicília de males infinitos. Mas a dominação de César, quando se estabeleceu, é verdade, causou muitos males no seu início, àqueles que a ela quiseram resistir; depois, àqueles que, vencidos, a receberam; parece que era somente um nome, uma ilusão, uma opinião, e não uma coisa verdadeira: pois não fez um ato sequer tirânico ou cruel, mas, ao contrário, parecia um médico delicado e clemente, que um deus, por graça especial, havia dado ao império romano, para pôr um pouco de ordem em seus empreendimentos que tinham necessidade de ser reduzidos à monarquia: e, por isso, o povo romano lamentou imediatamente a César quando ele foi morto, e jamais perdoou aos que o haviam matado: do que mais os siracusanos acusaram a Dion foi de ter deixado Dionísio escapar do palácio de Siracusa e não ter querido demolir a sepultura de seu pai.

III. Agora, quanto aos feitos guerreiros, Dion sempre se mostrou um general irrepreensível, tendo sempre muito bem e sabiamente conduzido as empresas que ele tinha iniciado por própria vontade e corrigido as faltas que os outros haviam cometido, levando os negócios a uma condição melhor do que a que ele os encontrara: parece-me, porém, que Bruto, ao invés, não agiu sabiamente ao empreender a segunda batalha, visto que a ela se entregou totalmente: e depois de tê-la perdido, não soube encontrar remédio algum, nem recurso, mas perdeu o ânimo e abandonou toda esperança, não tendo nem mesmo ousado combater, pelo menos contra a má sorte, como fez Pompeu, visto que lhe haviam restado ainda, no campo, muitos recursos com que ter ainda esperança nas armas, e, além disso, ele era indubitavelmente senhor de todo o mar.

IV. O que mais, porém, se tem a reprovar em Bruto é que, tendo-lhe César salvo a vida e perdoado, quando muitos prisioneiros fizera em batalha, como ele o havia pedido, considerando-o seu amigo e honrando-o mais que a qualquer outro dos seus familiares, Bruto, no entretanto, manchou suas mãos com o seu mesmo sangue; isto não se poderia censurar a Dion, pois, ao contrário, enquanto foi amigo e aliado de Dionísio, ajudou-o e o auxiliou sempre a realizar seus empreendimentos: mas, ao depois, tendo sido exilado e ainda sofrendo um

grande ultraje na pessoa de sua mulher, sendo privado de todos os seus bens, entrou então abertamente em guerra justa e legítima contra ele.

V. Mas, certamente, ao contrário, é o primeiro ponto que se volta todo ao reverso: pois aquilo em que consiste seu principal louvor, isto é, a ira contra os tiranos e contra os maus, é pura e simples em Bruto, pois nada tendo em particular de que se pudesse queixar de César, ele se expôs ao risco de matá-lo, somente para a restauração da liberdade de sua pátria: e se Dion não tivesse recebido uma injúria particular em sua vida, da parte de Dionísio, jamais lhe teria feito guerra. Isso se nota muitas vezes pelas cartas de Platão, onde se pode ver que Dion tendo sido expulso, contra sua vontade, da corte do tirano e não se tendo retirado, nem exilado voluntariamente, ele expulsou a Dionísio. Mais, a consideração pelo bem público, fez que Bruto se tornasse amigo de Pompeu, do qual antes era inimigo, e inimigo de César, do qual era amigo, como se ele não tivesse tido outros confins para limitar sua amizade ou inimizade, que o direito e a justiça: e Dion fez várias coisas em favor e em proveito de Dionísio, enquanto ainda confiava nele, e quando começou a desconfiar, então por despeito começou a fazer-lhe guerra: de tal modo que seus mesmos amigos não acreditaram que, depois de ter expulsado Dionísio, ele mesmo não se apoderaria do poder, iludindo o povo com algum outro título mais doce e mais suave que não o de tirano: quanto a Bruto, seus mesmos inimigos confessavam que, de todos os que haviam conspirado contra César, ele era o único que jamais tinha proposto outro objetivo em sua empresa que não o de restaurar o governo das coisas públicas romanas ao seu primitivo estado.

VI. Além disso, não era a mesma coisa tratar com Dionísio e tratar com César: pois todos os que antes conheceram a Dionísio o desprezavam, pois ele passava a maior parte do tempo em bebedeiras, jogo de dados e folganças: mas o ter ousado tomar a deliberação de matar a César e não ter recuado por temor de sua grande inteligência, seu poder e sua fortuna, visto que seu nome somente causava medo, e não deixava tranquilos os reis dos partos e dos indos, era bem necessário que isso viesse de uma natureza primorosa e a quem o temor, jamais teria diminuído, em nada, a sua coragem. Por isso, logo que Dion veio à Sicília, vários milhares de homens foram unir-se a ele, contra Dionísio: mas a glória de César sustentou e animou seus amigos, ainda mesmo depois de ter ele morrido, e seu nome teve tanta força, que, de uma simples criança, que por si mesma não tinha meios, nem poder algum, fez incontinente o primeiro homem dos romanos, do qual se usou como de um remédio, de um contraveneno, contra a ira, a malevolência e o poder de Antônio.

VII. Alguém diz que Dion expulsou o tirano Dionísio com grandes batalhas e feitos de armas: e, ao contrário, que Bruto matou a César, sozinho, abandonado e sem guardas: eu respondo que esse foi um ato de muito grande inteligência e de um experimentado comandante, o ter sabido tão bem escolher o tempo e o lugar próprios para surpreender, sozinho e desprevenido, um homem tão poderoso: pois não o foi atacar repentinamente em um ímpeto de ira, nem sozinho, ou com poucos companheiros: mas foi sua empresa premeditada e preparada com muita antecedência e levada a cabo com muitos outros, dos quais nem um sequer jamais falhou: assim é preciso crer-se que desde o princípio ele os escolheu a todos, homens de bem, ou por escolhê-los, os tornou tais. Dion, ao invés, quer porque desde o começo ele falhou no escolher, tendo confiado nos maus, quer porque não soube usar bem dos que havia escolhido, de homens de bem, os fez infelizes e maus, nem uma, nem outra pode ser uma ação de homem sensato: pois Platão mesmo o censura por ter ele escolhido tais indivíduos para seus amigos, os quais foram os mesmos que o mataram.

VIII. Depois que Dion foi morto, ninguém vingou sua morte{1648} e, ao contrário, dos inimigos de Bruto, um (Antônio) mandou sepultar honrosamente seu corpo e César mesmo lhe tributou honras, pois havia em Milão, cidade da Gália, que está do lado da Itália{1649}, uma sua estátua feita de cobre, e César, passando diante dela, algum tempo depois, olhou-a atentamente,

porque havia sido modelada por um hábil artista, e reproduzia-o com muita perfeição, mas, depois continuou o seu caminho: mas, parando de novo, disse na presença de vários dos oficiais da cidade, aos quais ele disse que sua cidade era-lhe inimiga e criminosa de lesa-majestade, porque ela asilava, em seu seio, um seu inimigo. À primeira vista os oficiais ficaram muito admirados, como se pode imaginar, e o negaram com firmeza: não sabendo de que inimigo queria falar, entreolharam-se: César, então, voltando-se para a estátua de Bruto, com o rosto denotando aborrecimento, disse-lhes: "Aquele que está ah de pé não é nosso inimigo?" Os oficiais ficaram ainda mais admirados do que antes, de tal modo que não souberam o que responder: então César se pôs a rir e, louvando os gauleses, por serem firmes e leais para com seus amigos, mesmo na adversidade, quis que a estátua continuasse em seu lugar, como estava.

Arato

Desde o segundo ano da 127.ª olimpíada, até o terceiro ano da 141.ª. antes de Cristo, ano 214.

Por que Plutarco dedica a Vida de Arato a Polícrates.

O filósofo Crisipo, temendo, como me parece, o mau sentido de um antigo provérbio, coloca-o, não de todo em seus devidos termos, como ele deve ser e como é usado, mas como ele julgava que seria melhor, dizendo:

Aqueles que louvam seu pai, generoso,

não são talvez filhos felizes?

Mas Dionizodoro, o Trozeniano, censurando-o, o escreve assim, como ele deve ser, de verdade:

Aqueles que louvam seu pai generoso

não são, talvez, filhos infelizes?

Dizendo que este provérbio fecha a boca àqueles, que por si mesmos nada valem, e acobertando-se sob a virtude de seus ancestrais, não fazem outra coisa que os elogiar continuamente. Mas aqueles que têm, como diz Píndaro,

Por natureza a virtude ilustre e hereditária

de seus antepassados,

como tu, que vais conformando tua vida com os exemplos domésticos de teus virtuosos antepassados, para estes é uma grande felicidade rememorar muitas vezes os fatos gloriosos de seus parentes, ouvindo citar ou citando mesmo, frequentemente, fatos notáveis que lhes são atribuídos: pois não é por falta de qualidades recomendáveis neles mesmos, que se vão atribuindo e aceitando a glória dos elogios de outrem, mas, acrescentando os próprios aos dos antepassados, exaltam-nos como quem não somente os fez existir, mas os fez bem existir. Pelo que tendo escrito a vida de Arato, teu cidadão e um dos teus antepassados, a cuja memória tu não causas vergonha, por falta de glória, nem por falta de poder, eu ta dedico: não que eu pense que tu não tenhas, mais diligentemente que ninguém, indagado dos seus feitos e de todos os seus ditos, a fim de que teus dois filhos, Polícrates e Pítocles, lendo-os e ouvindo-os

citar frequentemente, conheçam os exemplos domésticos e por eles se formem à virtude, que lhes será proposta logo em seguida: pois apenas se ama a si mesmo e não ao dever ou à honra, aquele que se estima tão perfeito que não precisa de alguém para imitar.

Arato, criança, salvo das mãos de Abântidas.

II. A cidade de Sicíone, depois que se libertou do puro governo da nobreza, o qual é próprio das cidades dóricas, como se sua harmonia tivesse sido posta em desacordo e em confusão, foi presa de dissensões civis e sediciosas, dirigidas por arengadores do povo; e não deixou de ser afligida por esses males e perturbações, mudando sempre de tiranos, até que, tendo sido morto Cleon, os cidadãos elegeram para seus governadores a Timóclidas e Climas, os dois personagens mais notáveis e de maior autoridade, que havia na cidade: e quando os negócios públicos começavam a tomar rumo certo, Timóclidas morreu e Abântidas, filho de Páseas, pretendendo fazer-se senhor da cidade, matou Clímas, fez ainda matar outros dos seus parentes e exilou os demais, procurando ainda fazer morrer seu filho Arato, que então tinha somente sete anos: mas nessa confusão e tumulto ele fugiu da casa de seu pai, no meio dos que também fugiam: e vagando pela cidade muito assustado, sem encontrar ninguém que o socorresse, por acaso entrou na casa de uma mulher que era irmã de Abântidas, casada cem Perifanto, irmão de Climas, e chamava-se ela Soso: sendo de natureza magnânima, julgando que o menino tinha-se refugiado em sua casa, por providência divina, escondeu-o: e depois, durante a noite, mandou-o para a cidade de Argos.

Exercícios a que se entrega na sua juventude.

III. Sendo então Arato salvo desta maneira e escapando assim do perigo, começou a alimentar em seu coração aquele ódio veemente e forte contra os tiranos, que, depois, nele foi ainda crescendo com a idade. Foi educado honestamente na cidade de Argos, em casa de amigos de seu pai, e vendo que seu corpo se tornava grande e robusto, entregou-se aos exercícios físicos, nos quais se tornou exímio, chegando a tomar parte nos jogos públicos, em todas as cinco espécies de exercícios, conseguindo obter o prêmio, por várias vezes: também nota-se, no rosto das suas estátuas, um não sei que de campeão atlético, juntamente com maneiras reais e traços de prudência, que se refletem em seu rosto, notam-se-lhe ainda os sinais de que ele era um bom garfo e muito amante do vinho{1650}, como são ordinariamente os que têm como profissão tais exercícios físicos e por isso aconteceu que não se exercitou ele em falar, como naturalmente se espera de quem tem o encargo das coisas públicas: todavia alguns julgam, pelos seus comentários, que ele era mais elegante em seu falar e mais eloquente, do que parece a outros porque ele os escrevia às pressas, fazendo outras coisas, com as primeiras palavras que lhe vinham à mente.

Nicocles apodera-se do poder em Sicíone depois da morte de Abântidas.

IV. Depois, porém, Dínias e Aristóteles, o Dialético, mataram a Abântidas, que tinha o costume de estar sempre na praça, ouvindo suas conversas e disputando com eles o que lhes deu o ensejo de executar a sua emboscada. Depois da morte de Abântidas, seu pai Páseas ocupou o poder, e Nicocles, depois, matou-o à traição e se tornou soberano em seu lugar. Diz-se que este Nicocles parecia-se muito de rosto, com Penander, filho de Cípselo, como Orontes Persa, com Alcmeon, filho de Anfiarão, e um outro jovem lacedemônio, com Heitor de Troia, o qual,

Mirsilo escreve que foi esmagado pela grande prensa do mundo, que para lá acorreu, para vê-lo, apenas o soube. Nicocles conservou o poder por quatro meses, durante os quais fez muito mal à cidade e pouco faltou que não a perdesse, por um ataque dos etólios.

Arato toma a deliberação de dar a liberdade à sua pátria.

V. Arato entrava, então, na adolescência e era muito estimado pela família da qual havia saído e pela coragem que nele se notava, a qual não era nem fraca, nem pouca, mas acompanhada de uma gravidade de um senso mais maduro que não o mostrava a sua idade: por isso, os exilados de Sicíone reuniram-se a ele, mais que a qualquer outro, e Nicocles não se descuidava em indagar, diligentemente, o que ele intentava; observava-o e fazia vigiá-lo secretamente, para conhecer sua intenção, não que ele desconfiasse de alguma empresa mais ousada, nem de alguma aventura, mas suspeitava somente que ele solicitava os reis que eram hóspedes e amigos de seu falecido pai: pois, também, na verdade, Arato tentou primeiramente seguir aquele caminho, mas, quando ele viu que Antígono alongava suas promessas, deixava o tempo passar e a esperança do auxílio de Ptolomeu e do Egito estava muito longe, resolveu por fim desfazer-se ele mesmo do tirano. Comunicou antes a sua deliberação a Aristômaco e a Ecdelo{1651}, um dos quais estava também exilado de Sicíone, e o outro, Arcádio, exilado da cidade de Megalópolis, filósofo e trabalhador também, tendo sido familiar, amigo e discípulo de Arcesilau, acadêmico, na cidade de Atenas. Tendo estes dois, de boamente, dado ouvido às suas palavras, ele falou, depois, também a outros exilados, dos quais alguns, poucos porém, tiveram vergonha de não participar de tal esperança e uniram-se à empresa: mas a maior parte, não somente não quis tomar parte, mas tentou até dissuadir a Arato do seu empreendimento, dizendo que, por falta de experiência e de não conhecimento do perigo, ele tentava uma coisa em que não havia possibilidade alguma.

Determina tentar a escalada da cidade.

VI. E como se tivesse a intenção de ocupar uma praça no território de Sicíone, de onde pudessem fazer a guerra aos tiranos, veio ter com ele em Argos um homem que fugira das prisões do tirano de Sicíone, irmão de Xenocles, um dos exilados: o qual, tendo sido levado a Arato pelo mesmo Xenocles, disse que, no lugar por onde ele se tinha salvado, a terra, por dentro, era tão alta que quase alcançava as ameias da muralha, que naquele lugar estava rente a lugares altos, elevados e pedregosos, e, por fora, a altura não era tão grande que não podia ser vencida por meio de escadas. Arato tendo ouvido isto, mandou, com Xenocles, dois de seus servidores, Seutas e Tecnon, para observar a muralha, estando disposto, se houvesse alguma probabilidade de êxito, a tentar logo secretamente, tal empresa e a arriscar imediatamente, de uma vez, do que começar uma guerra, que seria de longa duração, procedendo nisso de modo evidente, às claras, ele, que era um particular, contra o poder de um tirano. Xenocles tendo voltado, depois de ter tomado a medida da altura da muralha, relatou que aquele lugar não era nem impossível, nem difícil de se escalar, mas que lhe era difícil aproximar-se sem ser percebido, porque alguns cães que um jardineiro possuía, ali bem perto, e que eram muito assustadiços, ladravam muito e não se podia fazê-los calar: todavia, por isso, ele não deixou de iniciar a empresa, imediatamente.

Preparativos: como ele engana as sentinelas e os espiões de Nicocles.

VII. Não causou sensação vê-lo fazer provisões de armas, pois, então, havia muitas brigas e assaltos pelos campos e não se fazia outra coisa senão atacarem-se uns aos outros; quanto às escadas, Eufranor, que era carpinteiro e operário de máquinas de guerra, fê-las publicamente, porque era esse o seu ofício e isso eliminava todo motivo de suspeitas, para o que elas estavam sendo feitas: pois era ele, bem como os demais, também um exilado de Sicíone. Afinal, os amigos que ele tinha em Argos, do pouco que possuíam, emprestaram cada qual dez homens e ele armou trinta dos seus servidores, além dos quais ele reuniu e assalariou um pequeno grupo de soldados, por intermédio de Xenófilo{1652}, que lhe haviam dado os chefes dos ladrões, aos quais se deu a entender que eles seriam levados ao território de Sicíone, para aí apanhar e levar os jumentos do haras do rei, e os mandou adiante, uns por um lado, e outros, por outro, com ordem de se reunirem junto à torre de Polignoto, onde o deveriam esperar; mandou também adiante a Cafésias, sem armas, com quatro outros companheiros, que deviam, à noite, ir à casa do jardineiro, como viajantes, para lá passar a noite e tê-lo dentro de casa com seus cães, pois não havia outro caminho, por outro lugar. Quanto às escadas, que eram divididas em partes, eles as esconderam em tonéis de transportar trigo e as puseram em carros que mandaram na frente. Nesse ínterim, porém, foram descobertos em Argos espiões de Nicocles, que andavam pela cidade, observando com ares de indiferentes o que Arato ia fazer: pelo que, de manhã, ao despontar do dia, ele saiu de sua casa e foi à praça, passear com seus amigos, como de costume; depois foi ao parque dos exercícios, onde se despiu, untou-se e lutou também: finalmente, levou consigo à sua casa alguns dos seus amigos, aos quais ele tratava sempre com muita cordialidade, para beber e passar o tempo com ele: e também, logo depois, viu na praça um de seus servos, que trazia uma coroa de flores, e outro que comprava tochas e, archotes, um outro que falava com bailarinas e menestréis, que costumavam dançar e tocar nos banquetes. Vendo isto, os espiões de Nicocles foram enganados e, rindo-se, disseram que bem podiam ver, em tudo aquilo, que nada havia de mais covarde, nem de mais tímido que um tirano, pois Nicocles, que tinha uma grande cidade e muito grande poder, temia um moço, o qual punha toda a sua preocupação em passar alegremente o seu exílio, em prazeres, banquetes e festins em pleno dia.

Põe-se em marcha.

VIII. E assim esses espiões foram enganados: mas Arato, incontinente, depois do jantar, partiu de Argos e foi-se encontrar com seus soldados, aos quais havia determinado encontrarem-se junto da torre de Polignoto, e os levou diretamente a Neméia, onde lhes declarou abertamente o seu intento, tendo-os antes aconselhado e feito belas promessas: depois lhes deu como palavra de senha Apolo favorável e partiu diretamente para Sicíone, apressando o passo, à medida que a lua baixava, e retardando-o, depois, de maneira que sua claridade lhe servisse durante todo o tempo do caminho e ele chegasse à casa do jardineiro, que estava junto da muralha, quando a lua estivesse completamente escondida: chegou então Cafésias, o qual não havia podido prender os cães, pois eles haviam fugido: mas tinha prendido o jardineiro dentro de casa. Isso desanimou a maior parte dos homens, que queriam a toda força retroceder, mas Arato os reanimou, prometendo-lhes que os levaria de volta se os cães fizessem muito barulho e os fez partir imediatamente e colocarem-se adiante daqueles que tinham as escadas, as quais Ecdelo e Mnasiteu levavam, e ele também partiu logo em seguida.

Embaraço que lhe causam alguns cães e as patrulhas da cidade.

IX. Os cães ladravam já bem alto e corriam em volta de Ecdelo e de seus companheiros: no entretanto, eles se aproximaram da muralha, com segurança, e aí encostaram as escadas, pelas quais, logo que os primeiros subiram, o chefe dos sentinelas, que tinha cedido àquele que devia prestar serviço de manha, passou casualmente por ali, inspecionando os guardas, com uma campainha{1653}, e tinha muitas tochas, e grande rumor de gente que marchava atrás dele. Ouvindo isto, os que estavam em cima das escadas encolheram-se e ficaram imóveis: por

isso, foi fácil não serem percebidos pelos que passavam, mas a sentinela nova, da manha, vindo do lado oposto, os pôs em grande risco de serem descobertos: todavia, tendo ainda escapado, porque esta segunda sentinela passou também sem se deter, Ecdelo e Mnasiteu subiram logo à muralha, depois mandaram apressadamente Tecnon a Arato, pedindo-lhe que se apressasse em vir. Não era grande a distância do jardim onde estavam os cães até a muralha, e até uma torre, onde estava um grande cão de caça para vigiar; todavia, ele não percebeu a sua chegada, quer porque de natureza era indolente, quer porque no dia anterior tinha sido muito exercitado: mas os cachorros do jardineiro, que latiam embaixo, tendo-o acordado, convidaram-no a latir também e ele começou a responder-lhes, rosnando um pouco, mas baixo: depois, porém, quando eles passaram pela torre onde ele estava, ele se pôs a latir com toda a força e fez estremecer toda a vizinhança com o barulho do seu latido, de modo que a escolta, que estava um pouco adiante, perguntou em altas vozes, a quem tomava conta do cão, por que ele estava latindo com tanta veemência, se havia alguma novidade. O outro respondeu-lhe de dentro da torre que nada havia de novo, que era apenas o seu cão que tinha despertado e se pusera a ladrar por causa das luzes das sentinelas que tinham passado e por causa do som da campainha: foi isso que tranquilizou os soldados de Arato, pelo que eles julgaram que o outro era inteligente e os estava ajudando a ocultar a sua empresa e que havia também muitos outros dentro da cidade que haviam aderido à conjuração. Quando ainda subiam à muralha, passaram por um enorme perigo, porque as escadas balançavam e se vergavam sob o peso, pois eles não haviam subido um de cada vez; o tempo corria rapidamente, galos começavam a cantar, os habitantes da cidade saíam para levar alguma coisa ao mercado, para vender, e já vinham de todos os lados.

Apodera-se da cidade, Nicocles foge.

X. Por isso, Arato apressou-se em subir também, tendo somente quarenta homens na sua frente, os quais haviam subido antes dele; esperou ainda mais alguns dos que estavam embaixo e marchou diretamente para o palácio e casa do tirano; onde os soldados, que ele tinha para sua guarda, pagos por ele, vigiavam; Arato surpreendendo-os, repentinamente, agarrou-os todos, sem matá-los; depois mandou gente à casa de seus amigos, chamá-los; estes vieram logo, de todos os lados. O dia começava a clarear e logo o teatro ficou cheio de gente que viera trazida pelo rumor da cidade, sem saber deveras o que estava acontecendo, até que um arauto lhes anunciou, em altas vozes, que Arato, filho de Clínias, chamava seus concidadãos para recuperar sua liberdade: e então, certificand o-se de que aquilo que eles há muito estavam esperando havia chegado, correram em massa à casa do tirano, que incendiaram; levantou-se enorme chama, quando toda a casa estava ardendo, que se via até de Corinto; os coríntios, não sabendo o que poderia ser e estavam indecisos de levar o seu auxílio ou não. Nicocles, porém, salvou-se, fugindo da cidade por lugares secretos e os soldados, apagando o fogo com os da cidade, saquearam tudo o que encontraram dentro da casa, que não fora consumido pelo fogo: Arato não impediu isso, mas dividiu ainda o resto dos bens que pertenciam ao tirano. E tudo correu tão felizmente, que ninguém ficou ferido, nem morto, daqueles que tinham vindo de fora, nem dos inimigos que estavam dentro, e a fortuna protegeu totalmente este feito, evitando toda a efusão de sangue civil.

Ele associa Sicíone à liga dos acaios

XI. Arato restabeleceu, na posse de seus bens e de suas casas, a uns oitenta exilados que tinham sido expulsos por Nicocles e a outros que tinham também sido expulsos por tiranos anteriores, mais ou menos uns quinhentos, os quais, durante uns cinquenta anos haviam vagado fora da própria pátria; e tendo a maior parte deles voltado, miseráveis e indigentes, quiseram entrar na posse dos bens que antes possuíam: e tendo entrado na posse de suas terras e campos, de suas casas da cidade, puseram a Arato em grande perplexidade, vendo, de um lado, que Antígono procurava todos os meios de se apoderar de Sicíone, depois que ela havia sido libertada e que internamente ela estava convulsionada por uma dissensão civil; por

isso, julgando bem e escolhendo o melhor partido segundo o estado em que se encontravam os negócios daquele tempo, ele a associou à liga e comunidade dos acaios{1654}. Os de Sicíone, sendo de nação dórica, submeteram-se de boamente à sociedade do governo e ao nome dos acaios, que não tinham ainda grande autoridade nem poder, porque eram todas cidades pequenas, que não possuíam grandes e boas extensões de terras, estando situadas ao longo da costa marítima, na qual havia poucos abrigos para portos e, ao invés, muitos rochedos e pedras, pelas quais o mar batia na terra firme: e, no entretanto, eles muito bem deram a conhecer que a força dos gregos é inexpugnável sempre que há ordem e eles se põem em entendimento sob as ordens de um experimentado general{1655} : visto que não havia, por assim dizer, menores partes das forças da Grécia, quando ela estava em pleno florescimento: e então, não tendo, ao todo, o poder de uma só boa cidade, para se porem de acordo uns com os outros e seguirem um bom conselho e a não ter inveja daquele que era o primeiro em virtude, mas a obedecer-lhe voluntariamente, não somente eles se conservaram livres no meio de tantas cidades grandes, de tão poderosas e fortes tiranias, mas libertaram e preservaram ainda de várias servidões muitos outros povos gregos.

Caráter de Arato.

XII. Quanto aos costumes de Arato, ele era homem que por sua natureza amava a igualdade civil, que deve haver entre os burgueses de uma mesma cidade, magnânimo, mais cuidadoso e mais diligente nos negócios públicos que não nos da própria casa, odiando mortalmente os tiranos e medindo suas amizades ou inimizades com a medida do bem e da utilidade públicas. Por isso, parece não ter sido ele amigo tão perfeito, nem tão completo, como doce e gracioso inimigo acomodando-se no tempo do governo público a um e a outro; em suma, era voz comum entre todos os aliados, todas as cidades confederadas, todas as companhias particulares e todas as assembleias dos teatros, que Arato não era amigo senão das coisas boas e honestas, que não era tão convencido nem tão ousado para travar uma batalha e para fazer a guerra abertamente, como cauteloso e esperto para surpreender alguma cidade: e, portanto, embora tivesse corajosamente executado várias grandes empresas, das quais jamais se havia esperado que ele as pudesse realizar, parece ainda que ele deixou outras, bem possíveis, por não as ter empreendido: pois não há somente animais, que veem claramente nas trevas da noite e são cegos de dia, porque a secura e a sutilidade do humor, que está em seus olhos, não podem combinar com a luz do dia: mas há também homens, que sendo prudentes e sensatos por natureza, facilmente se perturbam nos perigos, quando é preciso caminhar em pleno dia, às claras: e, ao contrário, arriscam-se em tratativas secretas, onde é necessário proceder disfarçadamente: esta desigualdade de certeza, em pessoas geralmente de boa origem, procede do fato de não terem o juízo bem orientado e as palavras influenciadas por razões de filosofia, que produz neles a sua mesma natureza, a virtude, não dirigida pela ciência, como um fruto, que se produz por si mesmo, sem ser cultivado por mãos humanas. Mas isso se poderá conhecer e julgar por meio de exemplos.

Sua moderação e liberalidade.

XIII. Arato, então, tendo-se juntado à comunidade dos acaios, ele e sua cidade, e permanecendo em pessoa entre seus soldados, para a guerra, era singularmente amado pelos oficiais-generais, que o viam tão obediente: pois, embora ele tivesse levado à comunidade uma tão notável contribuição como a sua reputação, de si mesmo e de sua cidade, no entretanto, ele era tão pronto em executar todas as ordens, daqueles que tinham sido escolhidos para comandantes, como o teria sabido fazer o último dos soldados, quer fosse ele de Dime ou de Trita.

Vai ao Egito.

XIV. Não obstante, os exilados faziam pressão sobre os usurpadores de seus bens, para obrigá-los a se retirar e não se queriam contentar de outro modo: por esse motivo, estando as coisas públicas em perigo de uma guerra civil, Arato vendo que não havia outro meio de remediar a tal inconveniente, senão pela liberalidade de Ptolomeu, resolveu ir ter com ele, suplicá-lo a fornecer-lhe o dinheiro com que apaziguar e pôr de acordo os litigantes. Embarcou no porto de Metone, acima da capital de Malee, para de lá tomar o caminho do Egito; mas teve o vento tão contrário e o mar tão agitado, que o piloto do navio foi obrigado a abandonar-se ao sabor dos elementos. E assim tendo já saído fora da rota, com dificuldade alcançaram a cidade de Adria{1656}, que lhe era inimiga, porque Antígono{1657} a tinha sob seu poder e a ocupara com seus homens: mas Arato conseguiu evitá-lo, e, desembarcando às escondidas, com muita habilidade, e caminhando para longe do mar, com um de seus amigos de nome Timantes, ocultou-se num bosque, onde passaram a noite em segurança. Apenas ele havia deixado o navio, o capitão da guarda chegou e, sabendo do que se tratava, se pôs a procurá-lo: mas seus familiares o enganaram, pois ele os havia ensinado como deveriam fazer e o que deveriam dizer, isto é, que ele havia fugido imediatamente e tinha passado para a ilha de Eubéia. Mas, por fim, o capitão reteve o navio, os servos e tudo o que nele se encontrava, como sendo uma boa presa. Alguns dias depois, estando Arato em grande perplexidade , não sabendo o que fazer, aconteceu felizmente que um navio romano apareceu naquele lugar, onde ele se tinha ocultado, quer para se esconder, quer também para espionar e ver se descobria alguma coisa. O navio ia para a Síria, e ele subiu ao mesmo, e tanto fez com o comandante, que ele prometeu levá-lo até a Caria, como de fato o fez: mas não ficou livre de outro perigo tão grande por mar como na primeira viagem. Da Cana, ele passou muito tempo depois, ao Egito, onde falou c om o rei, que lhe era muito afeiçoado, porque Arato mostrava-lhe também amizade, mandando-lhe frequentemente quadros, pinturas e outras raridades da Grécia: pois, tendo inteligência e gosto pelas artes, ele colecionava e comprava sempre as obras de arte, mesmo de Panfilo e Melanto, para enviar-lhe. Pois então ainda as letras floresciam em Sicíone e a pintura era considerada como a que melhor conservava a verdadeira perfeição, sem nada ler de corrompido e de alterado: de modo que Apeles, embora gozasse já de grande estima, foi para lá e pagou a esses dois artistas um talento, para irem ficar algum tempo com ele, a fim de obter, também, não tanto a perfeição do artista, mas a fama.

História do quadro de Aristrato.

XV. Por isso, logo que Arato deu liberdade à cidade, mandou destruir imediatamente todas as estátuas dos tiranos: mas ficou em dúvida muito tempo, se destruiria também, a de Aristrato, que tinha reinado no tempo de Felipe, porque tinha sido confeccionada pelas mãos de todos os discípulos de Melanto, e estava perto de um carro de triunfo que trazia um troféu, e o mesmo Apeles tinha nele posto suas mãos, como o diz Polemon, o Geógrafo. Era uma obra singular e muito digna de ser vista, de modo que Arato, no começo pensava em conservá-la, pela fama do artista: mas, afinal, levado pelo ódio excessivo que tinha dos tiranos, mandou que fosse destruída. Diz-se, porém, que o pintor Neacles, que era amigo de Arato, rogou-o, com lágrimas nos olhos, que perdoasse a tão grande obra-prima: e como Arato nada quisesse fazer, ele lhe disse que havia mesmo muita razão em fazer a guerra aos tiranos, não, porém, às suas estátuas. Deixemos pois o carro de triunfo e a vitória e eu farei que vejas Aristrato saindo voluntariamente do quadro{1658}. Arato lho permitiu e então Neacles apagou a figura de Aristrato, no lugar da qual, pintou somente uma palma e nada mais acrescentou do seu próprio. Diz-se que abaixo do carro ficaram escondidos os pés de Aristrato apagado.

Arato restabelece a concórdia entre seus concidadãos.

XVI. Arato, então, por causa dessas pinturas já era muito estimado pelo rei Ptolomeu, mas, depois que ele experimentou a sua companhia, ainda mais o estimou, com maior afeto do que antes: de modo que lhe deu para socorrer à sua cidade, a impo rtância de cento e cinquenta talentos{1659}, da qual ele levou consigo quarenta, para o Peloponeso, e depois o rei lhe enviou o resto em várias vezes. Foi já isso uma grande coisa, de ter sabido proporcionar aos seus cidadãos uma soma tão grande, quando os oradores, capitães e governadores das cidades livres, por bem pequena parte da quantia que eles recebiam dos príncipes e dos reis, deixavam-se corromper e vendiam e atraiçoavam seu país e suas cidades. Mas foi ainda coisa maior, que por meio desse dinheiro ele restituiu a paz, a união e a concórdia, entre pobres e ricos, e c onsequentemente assegurou a salvação de todo o povo de Sicíone, mostrando-se porém, com isso, muito moderado e reservado, em tão grande poder e autoridade como a que tinha: pois, tendo sido escolhido para árbitro, para, com plenos poderes, apaziguar, julgar e decidir, com poder soberano, todas as questões dos exilados, ele não quis desempenhar sozinho tal comissão e tomou consigo quinz e outros dos principais cidadãos, com os quais, com muita dificuldade e trabalho, pôde resolver todos os litígios de seus concidadãos e os pacificou, uns com os outros. Por essa razão, não somente os camponeses, mas todos os habitantes de Sicíone, em comum, decretaram-lhe honras públicas, como de fato ele merecia; mas os exilados, em particular, também lhe erigiram uma estátua de cobre, por baixo da qual fizeram gravar esta inscrição:

Os altos feitos de inteligência e de coragem,

Que este homem praticou em honra da Grécia,

Muito se aproximam das colunas gêmeas

Que Hércules pôs como limite, aos seus grandes

Mas, tendo nós, Arato, voltado, [feitos;

Por tua justiça, ao lugar onde nascemos,

Para honrar tua virtuosa coragem,

Fazemos erigir-te esta estátua,

Reverenciando-te como nosso salvador,

Que, graças ao favor dos bons deuses,

Deste liberdade ao teu país,

Leis sábias e igualdade completa.

Antígono procura indispo-lo com Ptolomeu.

XVII. Arato, então, tendo feito tudo isto, venceu a inveja dos burgueses e dos habitantes da cidade com a grandeza dos bens que lhes fizera: mas o rei Antígono admirou-se com isso e querendo, ou atraí-lo totalmente à sua amizade, ou torná-lo suspeito a Ptolomeu, prestava-lhe outras grandes homenagens, sem que Arato as procurasse: e mesmo um dia, quando ele sacrificava aos deuses em Corinto, mandou-lhe, a Sicíone a sua parte das vítimas que ele havia imolado, e, no festim do sacrifício, onde havia muitas pessoas notáveis convidadas, disse em voz alta: "Eu pensava, de início, que este jovem siciônio era franco por natureza, amando a liberdade de sua terra e de seus cidadãos somente: mas agora eu sei que ele é homem que sabe julgar muito bem a respeito dos costumes e dos negócios dos príncipes; e até agora não fazia caso de nós, porque sua esperança o levava ao Egito, fora do seu país, e ele apreciava muito as riquezas daquelas terras, ouvindo falar de tantos elefantes, de grandes frotas de

navios e da grande corle, como é costume no Egito: mas agora, que ele viu de perto e conheceu que tudo aquilo é apenas ilusão e vã aparência, falsa pompa e um pouco de fumaça, ele se voltou todo para nós: quanto a mim, eu o recebo de boamente e quero que vós o estimeis e o considereis por meu amigo". Estas palavras não deixaram de ser bem recebidas pelos invejosos e pelas pessoas de má índole, que, tomando-as por assunto, escreveram, à porfia, várias coisas vergonhosas e inconvenientes a respeito de Arato, ao rei Ptolomeu, o qual lhe mandou um mensageiro expressamente para se queixar e lamentar-se a ele. E, assim, havia também entre as grandes amizades de príncipes e reis daqueles que por ciúme, porfiadamente, despertavam entre eles a malignidade e a inveja.

Determina apoderar-se da cidadela de Corinto.

XVIII. Em seguida, na primeira vez que Arato foi eleito capitão-geral da liga dos acaios, atacou e saqueou a região da Lócrida, que está em frente da costa da Acaia, e a Caledônia, também: mas não chegou em tempo para socorrer os beócios, na batalha que eles perderam diante da cidade de Queronéia, contra os etólios, onde Abeocrito, governador da Beócia, foi morto na luta com mil outros beócios: mas, no ano seguinte{1660}, tendo sido novamente eleito capitão-general, ele se propôs tornar a conquistar a fortaleza e o palácio de Corinto, que era uma empresa que muito interessava ao bem, não somente de Sicíone, em particular, e da liga dos acaios, mas também de toda a Grécia, porque sua intenção era expulsar a guarnição dos macedônios, que parecia propriamente um jugo que conservava em servidão todo o resto dos gregos: pois, assim como Cares, capitão dos atenienses, tendo obtido certa vantagem numa refrega contra os oficiais do rei, escreveu ao povo de Atenas que tinha conquistado uma vitória irmã da de Maratona: assim também me parece que não se diz bem, quando se afirma que esta execução se parecia, simplesmente, como uma irmã, à outra, à matança dos tiranos feita por Pelópidas, o Tebano, e por Trasíbulo, ateniense, senão que este último ato é mais excelente, nisto, que não foi executado contra os gregos, mas contra uma dominação estrangeira.

Importância dessa praça.

XIX. O istmo do Peloponeso, que separa o mar Egeu do Jónico, une a terra firme do resto da Grécia com a península do Peloponeso: assim, o monte que se chama Acrocorinto, sobre o qual está a fortaleza, elevando-se no meio da Grécia, quando nela há guarnição de soldados, interrompe e impede todo o comércio, tráfico ou passagem de exércitos dos que estão dentro do estreito, com os que estão fora, tanto por mar como por terra, e faz senhor e dominador somente aquele que ocupa a praça, de sorte que não era à maneira de gracejo e de zombaria, mas segundo a verdade, que Felipe, o Moço{1661}, rei da Macedónia, costumava chamar a cidade e a fortaleza de Corinto, de cadeias e ferros da Grécia. Por isso, a praça era muito cobiçada e desejada por todos, mesmo por príncipes e reis: mas o desejo, que Antígono tinha dela, era tão ardente que se assemelhava ao amor dos mais apaixonados: pois ele não fazia outra coisa senão pensar continuamente, como poderia arrancá-la, por algum ardil, aos que a ocupavam, visto que tê-la à força e abertamente, era-lhe impossível.

Como Antígono se tinha apoderado dela.

XX. E assim, tendo morrido Alexandre, que ocupava a praça, envenenado por Antígono, como

se diz, a fortaleza ficou nas mãos de sua mulher Nicéia, a qual tomou as rédeas dos negócios e mandou guardar cuidadosamente esta fortaleza, de Acrocorinto, e para lá ele mandou logo seu filho Demétrio e deu a ela uma doce esperança de núpcias reais, prometendo-lhe fazê-la casar-se com o jovem príncipe, o que era realmente muito agradável à dama, embora ela já fosse um tanto avançada em anos: e conquistou-a imediatamente por meio de seu jovem filho, do qual ele usou como de isca, para atraí-la às suas redes: para isso, ela não abandonou seu palácio, mas fê-lo guardar mais cuidadosamente ainda: Antígono fingiu que não notara este particular, fazendo suntuosos sacrifícios aos deuses, festins, banquetes, jogos, todos os dias, na cidade de Corinto, para as núpcias, como se não quisesse pensar em outra coisa, senão em festas, e em se mostrar o mais satisfeito possível. Quando chegou a hora de se assistir aos jogos e o músico Amebeu começou a cantar, ele mesmo mostrou querer acompanhar Nicéia até o teatro, numa liteira, preparada e enfeitada como para uma rainha. Ela estava muito contente com essa honra e não pensava em outra coisa senão naquilo que estava para acontecer: mas, quando Antígono chegou a uma pequena rua, por onde se deve passar para se chega r ao palácio, ele lhe disse que continuasse para o teatro e ele, no entretanto, deixou Amebeu, com todo o seu canto, e a festa das núpcias, e foi diretamente para o palácio, esforçando-se mais do que lho permitia a idade. Lá chegando, encontrou a porta fechada, bateu então com seu bastão, ordenando aos guardas que abrissem. Espantados de o verem lá em pessoa, abriram: e ele, então, apoderando-se de tudo, ficou tão satisfeito que não se soube manter nos limites da prudência: pôs-se a banquetear-se no meio da rua, pela alegria que experimentava, onde havia menestréis, que tocavam e cantavam diante de sua mesa, trazendo coroas de flores na cabeça, divertindo-se tão dissolutamente, como se ele ainda fosse muito jovem, ele, que já era velho e que tinha já em toda a vida experimentado tantas vicissitudes da sorte: e, no entretanto, ainda se deixava levar pelo prazer, pois saudava e abraçava a todos os que encontrava pelo caminho: pelo que se pode julgar que a alegria, entrando no espírito do homem, sem razão, o faz às vezes sair de si mesmo e o põe em grande descontrole de mente e inteligência, o que não causam nem a dor, nem o medo. Antígono, então, tendo conquistado a fortaleza de Acrocorinto, da maneira que dissemos, colocou-a nas mãos dos que lhe eram dignos de confiança, para que a defendessem e guardassem, a cuja frente estava o filósofo Perseu.

Ergino promete entregá-la a Arato, mediante 50 talentos.

XXI. Mas Arato quando ainda Alexandre vivia muito desejara conquistá-la, todavia, não o fez, porque se tornara aliado dos acaios; apresentou-se então novamente a ocasião de o tentar, que foi esta: havia em Corinto quatro irmãos nativos da Síria, um dos quais, de nome Diocles, era soldado da guarnição do palácio, e os outros, tendo roubado ouro do rei, haviam fugido para Sicíone, onde foram procurar o banqueiro Égias, do qual Arato se servia também no que se referia às suas atividades. Estes três irmãos venderam-lhe incontinente parte do ouro que eles tinham roubado: depois, um deles, que se chamava Ergino, indo e vindo várias vezes a ele lhe vendeu pouco a pouco o resto: e assim, com este tráfico, Égias tomou certa familiaridade com ele e falou-lhe da guarnição da fortaleza de Acrocorinto. Ergino disse-lhe que, indo falar com seu irmão, pelos rochedos abruptos e talhados, havia visto uma fenda cavada no rochedo, que conduzia a um lugar onde a muralha do castelo era bastante baixa. Ouvindo isto, Égias respondeu-lhe, rindo-se: "Então, meu amigo, como é que, para obter tão pouco ouro, vos expusestes a tão grande risco, com as riquezas do rei, quando, numa única hora, poderíeis conquistar uma soma de dinheiro muito maior? Pois vos hão de condenar à morte, se fordes apanhado por este roubo, como se tivésseis cometido uma traição". A estas palavras, Ergino se pôs a rir também e prometeu que havia de examinar as disposições de seu irmão Diocles, pois não confiava muito nos outros irmãos, e, poucos dias depois, voltando, ele determinou levar Arato a um lugar da muralha, que não tinha mais de quinze pés de alto, prometendo que o ajudaria a executar o resto, com seu irmão Diocles.

Arato empenha seus objetos de valor para reunir a importância.

XXII. Arato prometeu dar-lhes cinquenta talentos{1662}, se conseguisse levar a cabo a sua empresa e, se falhasse{1663}, que lhes daria a cada um uma casa e um talento. Ergino quis que os cinquenta talentos fossem realmente depositados nas mãos do banqueiro Égias. Arato não os tinha no momento e não os quis tomar emprestados, de medo de dar motivo a levantarem-se suspeitas e prejudicar sua empresa: pelo que tomou todos os seus objetos de ouro e prata, todos os anéis e joias de sua mulher e entregou como penhor pela soma, nas mãos de Égias: mas Arato tinha o coração tão grande e desejava tanto fazer grandes coisas, que, sabendo como Fócion e Epaminondas tinham sido julgados os mais justos e os maiores homens de bem de toda a Grécia, por terem recusado grandes presentes que se lhes queriam fazer e por não terem jamais querido vender sua honra por dinheiro, ele, passando ainda além, era feliz por poder gastar o seu, secretamente, a fim de levar a cabo uma empresa, em que era necessário que somente ele corresse risco de vida, pelo bem comum de todos, sem que aqueles mesmos, em proveito dos quais realizava o empreendimento, nada soubessem. Quem então não há de sentir admiração pela grande magnanimidade de um homem como ele, e, por assim dizer, nesta hora não estará inclinado a ajudá-lo, visto que ele comprava, por preço tão alto, tão grande perigo para a própria pessoa e punha no penhor o que ele tinha de mais precioso em seus haveres, a fim de ser levado, durante a noite, para o meio dos seus inimigos, onde teria de combater pela própria vida, sem outro prêmio ou recompensa que a esperança de uma ação grandiosa e nada mais?

Como a empresa pensou terminar.

XXIII. Mas, se a empresa era por si mesma perigosa, um erro que sucedeu por ignorância, desde o começo, tornou-a ainda mais perigosa: pois Arato tinha mandado na frente um de seus homens, chamado Tecnon, com Diocles{1664}, para examinar a muralha: Tecnon jamais havia falado com Diocles, mas pensava reconhecer a sua pessoa, por meio dos sinais que Ergino lhe havia dado, como, cabelos crespos, rosto escuro, sem barba. Tendo, então, chegado ao lugar, onde Ergino havia dito que se encontraria com Diocles, esperou-o, diante da cidade, em um lugar que se chamava Ornis; enquanto estava esperando, o primeiro irmão de Diocles, de nome Dionísio, que de nada sabia, nem era inteligente bastante, mas assemelhava-se muito, de rosto, com Diocles, por ah passou casualmente; Tecnon vendo-o, reconheceu os sinais, em tudo semelhantes aos que lhe haviam sido dados, e perguntou-lhe se ele nada tinha para Ergino: respondeu-lhe que era seu irmão: por isso, imediatamente ele pensou que estava falando com Diocles, e, sem lhe perguntar o nome, nem buscar outro qualquer indício, tocou-lhe na mão e começou a falar do que tinha em mente dizer a Ergino e a perguntar-lhe outras coisas. O outro, servindo-se do seu erro, confirmou-lhe tudo{1665} e voltou para a cidade, conversando com ele, sem que Tecnon de nada desconfiasse: mas, quando Dionísio estava para lançar-lhe as mãos, Ergino chegou e, tendo percebido o erro em que Tecnon havia caído, e o perigo em que se encontrava, fez-lhe sinal, com a cabeça, de que fugisse, e puseram-se ambos a correr, e assim salvaram-se rapidamente; este, porém, nem por isso perdeu a esperança, mas mandou imediatamente Ergino levar dinheiro a Dionísio e rogar-lhe que nada dissesse do que havia ouvido e ainda o levou a Arato: depois que o haviam apanhado, porém, não mais o deixaram sair, mas o amarraram e o prenderam em um quarto, enquanto se preparavam para executar o plano preparado.

Arato entra na cidade de Corinto.

XXIV. Quando tudo esta va pronto, Arato ordenou ao resto do seu exército que ficasse atrás, em armas, durante toda a noite, e ele com quatrocentos homens, dos melhores que tinha, e que não sabiam para onde iam, nem porque, dirigiu-se diretamente para as portas da cidade, passando pelo templo de Juno. Era mais ou menos no coração do verão, a lua era cheia, o céu

claro sem nuvens, de sorte que eles tinham muito receio de que suas armas, reluzentes aos raios da lua, os denunciassem: mas, logo que os primeiros se aproximaram bastante da cidade, surgiram nuvens do lado do mar, as quais cobriram toda a cidade e seus arredores, fazendo bastante sombra, e, sentando-se, então, tiraram seus sapatos, para fazer menos rumor e para melhor poderem subir nas escadas; Ergino e sete outros companheiros, vestidos de peregrinos, entraram secretamente na cidade, onde mataram o porteiro e os guardas que estavam com ele. No mesmo momento, Arato mandou encostar as escadas nas muralhas, pelas quais fez subir rapidamente cem soldados, e mandou aos outros que o seguissem como melhor pudessem: depois, mandando retirar as escadas o mais depressa possível, passou através a cidade com seus cem homens, para ir ao palácio, tão contente, como se já tivesse conseguido o seu intento, pois não havia sido descoberto, até então. Mas, caminhando, perceberam que quatro sentinelas vinham na sua direção, trazendo luzes: esses homens não os viam, porque ainda estavam na sombra, e, ao contrário, eles eram vistos, bem claramente: pelo que Arato e seus homens encostaram-se mais à muralha, esperando que eles passassem, e, num salto, mataram três: mas o quarto ferido, com um golpe de espada na cabeça, fugiu, gritando que os inimigos estavam dentro da cidade. Imediatamente, as trombetas deram o sinal de alarme, toda a cidade se movimentou, as ruas encheram-se de gente que corria em todas as direções, de luzes que tudo iluminavam, tanto na cidade como no alto do palácio, e ouviam-se gritos confusos de todos os lados.

Ataca a fortaleza.

XXV. Arato procurava subir aos rochedos ásperos e íngremes, passo a passo, no princípio, e com grande dificuldade e esforço, em seguida, não estando no caminho que ele devia seguir, mas tinha o perdido, porque estava oculto entre os rochedos e, com algumas voltas e contravoltas, fo i-se aproximando do pé da muralha do castelo; de repente, como por milagre, a lua, através, das nuvens, mesmo quando eles estavam no lugar mais difícil de todo o caminho, iluminou-lhes a estrada, até que ele chegou ao lugar da muralha onde ele devia chegar e então novamente a lua se escondeu, porque as nuvens se reuniram. Por fim, os trezentos soldados que Arato tinha deixado à porta, perto do templo de Juno, quando entraram na cidade, cheia de tumulto e de luzes, não podendo encontrar o caminho, por onde os outros tinham subido, nem segui-los, reuniram-se ao longo do flanco de um rochedo sombreado e escuro, esperando, com grande inquietação e agonia de alma, notícias de Arato, que já estava combatendo contra a guarnição do palácio, que se atirava contra ele e contra os seus com grande violência.

Toma-a.

XXVI. Ouvia -se bem embaixo do palácio um grande barulho de homens que combatiam: mas o som era tão confuso pelo tinir das armas e pelo eco dos rochedos e do monte, que não se podia discernir com certeza de onde vinha. Eles, então, na incerteza, não sabendo para que lado se deveriam voltar, Arquelau, comandante dos soldados do rei Antígono, tendo um bom número de combatentes, subiu com grande clamor e com muito barulho de trombetas para ir atacar a retaguarda de Arato e sua tropa; mas, passando além dos trezentos soldados, eles saltaram de repente, como se tivessem ali sido colocados de emboscada e caíram sobre eles, matando os que puderam e afugentando os outros, inclusive Arquelau, que se dispersaram para todos os lados. E, logo depois que foram derrotados, chegou Ergino, onde estavam os trezentos soldados; viera dos que combatiam, trazendo-lhes notícias de como Arato lutava contra os do palácio, que se defendiam valentemente e que se lutava com ardor pela muralha, e, por isso, havia ne cessidade de ir em seu auxílio imediatamente. Os soldados pediram-lhe então que os levassem para lá, sem esperar mais: e assim se fez: ao chegar, disseram com seus gritos, aos companheiros, que iam em seu auxílio: mais ainda, a lua, que era cheia, reb rilhando sobre as armas, fazia os inimigos imaginarem que eles eram em número muito

maior do que na realidade eram, pelo comprimento da estrada, que eles percorriam, subindo ao longo dos rochedos, e também porque o rumor, de durante a noite, lhes parecera causado por um número muito grande de soldados. Em suma, unindo-se aos demais, eles fizeram tanta pressão, que expulsaram os homens da guarnição para fora da muralha e conquistaram-lhe o cimo; tomaram-se por fim senhores da situação, no momento preciso em que o dia começava a clarear, de modo que, de repente, o sol veio iluminar-lhes a vitória; e o resto do exército chegou de Sicíone, o qual os coríntios receberam de boamente, de portas abertas, ajudando-os a prender os soldados do rei.

Convence os coríntios a entrar na liga dos acaios.

XXVII. Depois, quando lhes pareceu que tudo estava bem garantido, Arato desceu do castelo ao teatro da cidade, para onde acorreu uma enorme multidão de povo, tanto pelo desejo de vê-lo, como para ouvir as palavras que ele ia dirigir aos de Corinto, pelo que, tendo colocado os acaios à entrada do teatro, de um lado e outro, ele, ainda armado como estava, entrou em cena e se adiantou, tendo o rosto todo mudado, tanto pelo trabalho suportado, como por não ter dormido; de tal modo que o cansaço do corpo diminuía a alegria e o contentamento do espírito. Todo o povo, logo que ele apareceu, prorrompeu em aclamações, querendo demonstrar-lhe todo o contentamento e a boa acolhida que lhe fazia; ele passou então seu dardo, da mão direita para a esquerda, e, dobrando um pouco os joelhos e o corpo, apoiou-se em cima e ficou por muito tempo de pé, assim, antes de falar, recebendo as aclamações de alegria e as palmas, que todo o povo lhe dirigia, engrandecendo a sua virtude e bendizendo sua feliz sorte: depois, quando terminaram e serenaram-se os ânimos, então, tomando ares de gravidade, começou por dirigir-lhes a palavra, em nome de toda a liga dos acaios, relativamente ao fato que se acabava de realizar, persuadindo-os a se unirem a ela, entregando-lhes ali mesmo os chefes da cidade, os quais até aquele momento ainda não tinham estado no poder, desde os tempos do rei Felipe. Quanto aos outros oficiais de Antígono, tendo aprisionado a Arquelau, deixou-o depois em liberdade e mandou matar a Teofrasto, porque ele não queria sair de Corinto: mas Perseu, vendo que o palácio estava perdido, salvou-se secretamente, fugindo para a cidade de Cenorés : e diz-se que, depois, tendo-se entregado à filosofia, como alguém afirmasse que somente o perfeito sábio poderia ser também perfeito comandante: "Foi mesmo — respondeu ele — (e assim me ajudem os deuses) uma das opiniões de Zenão que me foi no passado muito cara; mas, agora, esse jovem sidónio me fez mudar muito de opinião". Vários historiadores escrevem a respeito deste fato de Perseu.

Outros feitos de Arato.

XXVIII. Por fim, Arato apoderou-se do templo de Juno e do porto de Lequeum, onde aprisionou vinte e cinco navios do rei e quinhentos cavalos de serviço para a guerra e quatrocentos sírios, que vendeu, todos. Os acaios deixaram dentro da fortaleza de Acrocorinto uma guarnição de quatrocentos homens de infantaria, cinquenta cães e outros tantos caçadores, os que eram criados para guarda do palácio. Ora, os romanos, admirando a virtude de Filopêmene, chamaram-no o último dos gregos: mas eu também poderia dizer que este ato (segundo a minha opinião) foi o último feito notável de virtude dos gregos, sendo (penso eu) semelhante, tanto em ousadia como em prosperidade, aos mais belos dos antigos, como bem testemunha o que se seguiu logo depois: os megarenses, afastando-se de Antígono, uniram-se a Arato e os treze-manos com os epidáurios entraram logo na liga e sociedade dos acaios e na sua primeira arremetida foi atacar os países da Ática; passou depois à ilha de Salamina, que pilhou e saqueou, como se tivesse tirado de uma prisão a potência dos acaios, para dela se servir em tudo o que bem lhe parecesse: mas deu liberdade aos prisioneiros atenienses, sem fazê-los pagar resgate algum, a fim de dar-lhes a vontade de se rebelar contra os macedônios.

Grande autoridade que ele obtém na liga dos acaios.

XXIX. Ainda mais: ele fez o rei Ptolomeu{1666} aliado e confederado dos acaios, com a condição de que ele teria a supremacia e a superintendência da guerra, tanto por mar como por terra; por essa razão, ele obteve grande autoridade e tanto prestígio entre os acaios, que, não podendo ser eleito continuamente, de ano em ano, capitão-general, porque as leis o proibiam, ele o era, sempre, pelo menos de cada dois anos, um; mas de fato, e de comum acordo, ele sempre tinha a autoridade para comandar, porque sabiam evidentemente que não havia glória, riquezas, amizade de príncipes e reis, nem vantagem particular ou da cidade em que nascera, nem outra coisa qualquer, que ele preferisse ao pro gresso da comunidade dos acaios; ele tinha a opinião que as cidades eram, cada uma de per si, fracas, e se conservavam porque ligadas entre si pela cadeia do bem público, como, no corpo dos animais, as partes vivas nutrem-se e vivem pela ligação que têm umas com as outras, e, apenas separadas, não tomando mais alimento, corrompem-se e apodrecem: do mesmo modo, as cidades pereciam por se desmembrarem em sociedades e, ao contrário, cresciam sempre, quando se tornavam parte de um corpo grande e sentiam a previdência comum.

Determina libertar Argos da tirania de Aristômaco.

XXX. Vendo que as principais cidades dos arredores eram livres e viviam segundo suas leis, pareceu-lhe coisa indigna deixar os argienses na escravidão: procurou os meios de fazer morrer o tirano Aristômaco, que então dominava, quer para agradecer à cidade em que, quando pequenino, fora criado e educado, quer também para unir aquela grande e poderosa cidade à liga dos acaios. Muitos foram os que tiveram a coragem de se aventurar a essa empresa, cujos chefes foram Ésquilo e Carímene, o Adivinho; mas eles não tinham espadas, pois era estritamente proibido o seu uso e havia graves castigos, ordenados pelo tirano, contra os que fossem apanhados com alguma. Por isso, Arato mandou forjar em Corinto espadas curtas e pequenas, que costurou por dentro das túnicas, carregando-as depois sobre animais de carga, que levavam não sei que peças de roupa, mas o adivinho Carímene falou da empresa a um terceiro e o associou à conjuração; Ésquilo ficou descontente com isso e começou a fazer seus manejos à parte; separou-se dos demais e, quando o outro o percebeu, ficou muito despeitado, e os denunciou, a todos, quando iam executar a empresa.

Aristômaco é morto. Aristipo se põe em seu lugar.

XXXI. Todavia, a maior parte dos cúmplices da conspiração salvou-se e refugiou-se em Corinto: não obstante, o tirano Aristômaco, pouco tempo depois, foi morto pelos seus próprios servidores. Mas outro tirano, Aristipo, mais mau ainda que o primeiro, apressou-se em usurpar o poder antes que alguém lho pudesse impedir: no entretanto, Arato com todos os jovens acaios que estavam na idade de pegar em armas, foi prontamente em seu socorro, esperando encontrar bem disposta a vontade de todos os cidadãos, para recobrarem sua liberdade: mas o povo já estava acostumado a suportar voluntariamente o jugo da servidão, pelo longo tempo que o tinha tolerado, e ele não encontrou ninguém que se pusesse do seu lado: e, assim, voltou sem nada fazer; acusaram porém, aos acaios, de, em plena paz, terem começado a fazer a guerra e por isso foram citados perante a justiça pelos habitantes de Mantinéia, a instâncias e insistência de Aristipo. A causa foi julgada na ausência de Arato e foram então condenados à multa de trinta marcos{1667} de prata. Depois disto, Aristipo,

temendo a Arato e odiando-o mortalmente, procurou matá-lo, com o auxílio do rei Antígono, que o aconselhava a fazê-lo, e tinha já muita gente vigiando-o, para colhê-lo no tempo mais próprio, a fim de executarem o que pretendiam: não há, porém, para um senhor ou comandante, guarda mais segura do que a verdadeira e constante benevolência de seus súditos: por isso, depois que a nobreza e o povo se acostumaram a temer, não aquele, mas por aquele que os governa, então ele vê com muitos olhos, ouve com muitos ouvidos e percebe de longe tudo o que se faz.

Vida miserável deste tirano.

XXXII. Quero por isso deter um pouco o fio da minha história neste ponto, para falar da maneira de viver deste tirano Aristipo, à qual esta tão cobiçada dominação tirânica e este desejo de domínio, que tanto se ambiciona e tanto se estima, o tinha reduzido. Pois, ainda que ele tivesse como aliado o rei Antígono, se rodeasse de muitos guardas para a segurança de sua pessoa e não tivesse deixado vivo, dentro da cidade, nenhum dos seus inimigos e nenhum dos que o queriam mal: no entretanto, ele queria que seus guardas e satélites permanecessem fora do palácio e vigiassem as galerias, os pórticos e as adjacências e despedia logo todos os servidores, apenas tinham terminado a ceia; depois, recolhia-se sozinho com uma concubina em um pequeno quarto no alto, que se fechava com um alçapão, no qual ele colocava o seu leito e dormia como somente pode dormir uma pessoa que vive continuamente suspeitosa, desconfiada e ao mesmo tempo com medo e temor. Depois que ele havia subido para lá, a mãe de sua amiga vinha retirar a escada e a fechava dentro de um outro quarto; somente pela manhã a tornava a colocar em seu lugar, chamando esse bravo tirano, que saía de lá como uma cobra, rastejando pelo buraco. Arato, ao invés, tinha conquistado, não violentamente, pelas armas, mas legitimamente, pela virtude, um principado perpétuo; vestia-se em geral com um simples hábito e uma capa de pouco valor e tinha-se declarado inimigo mortal de toda espécie de tirano; deixou, porém, uma raça e linhagem de seus descendentes que dura ainda até hoje, muito nobre e muito ilustre, entre os gregos; ao contrário, muito poucos tiranos há que ocupam as fortalezas das cidades livres, que sustentam e pagam tantos satélites, que se cercam de muitas armas, de portas e de pontes levadiças para garantia de suas pessoas, que se salvam por fim, de morte violenta, como as lebres, mas não deixam nem posteridade, nem casas, nem sepultura, cuja memória seja honrada depois da sua morte.

Arato tenta apoderar-se de Argos, de surpresa.

XXXIII. Arato tentara, várias vezes, pela astúcia e pela força, surpreender a cidade de Argos e a tirar do tirano Aristipo; sempre, porém, tinha falhado, mesmo numa noite, quando subiu corajosamente pe las escadas, com alguns soldados, matou os guardas que tinham vindo por aquele lado em socorro e defesa: mas depois, quando o dia raiou, e o tirano com todas as suas forças veio atacá-lo, os argienses, como se não tivesse sido pela sua liberdade que Arato tinha combatido, mas como se eles fossem juízes nos jogos, assistindo às lutas de Neméia, para dar o prêmio merecido ao vencedor, sem querer favorecer nem a uma, nem a outra das partes, não se moveram absolutamente: e, no entretanto, Arato combatendo como homem de bem, recebeu um golpe de lança que lhe atravessou a coxa de lado a lado: todavia, ele ganhou por fim o bairro da cidade onde combatia e dali não foi desalojado até a noite, por mais esforços que fizessem os inimigos; lutou porém durante toda a noite e conseguiu assim realizar a sua empresa: pois o tirano pensava em fugir e já tinha mandado grande parte dos seus bens para o mar; mas ninguém foi dar a Arato essa notícia, acrescentando-se, ainda, que eles tinham falta de água, e ele não podia ajudar-se a si mesmo, por causa da ferida, e por isso, por fim foi obrigado a retirar seus homens sem nada ter conseguido.

Inutilmente tenta apoderar-se dela à força.

XXXIV. Pelo que, perdendo a esperança de poder conquistá-la de improviso, atacou-a abertamente, saqueando toda a região plana de Argos, onde ele teve uma escaramuça bem violenta, perto do no Cares, contra o tirano Aristipo, na qual muito se censurou a Arato por ter abandonado a vitória e se ter covardemente retirado da refrega, uma vez que o resto de seu exército, sem dúvida, tinha tido vantagem, e perseguido os inimigos até bem longe, não sendo perseguido, nem forçado a recuar, mas desconfiando de si mesmo de poder vencer, e, sentindo-se atemorizado, retirou-se com seus soldados para o seu campo, bastante perturbado: e como os outros, tendo voltado, depois da perseguição, se irritaram porque, tendo desbaratado os inimigos e tendo matado um grande número e perdido muito poucos dos seus, no entretanto eles deixavam, por falta de coragem, que levantassem sobre eles um troféu, como sinal de vitória, aqueles mesmos que eles haviam derrotado e perseguido, tendo vergonha desse fato, propôs tentarem novamente o combate, para a conquista do troféu. Um dia qualquer ele saiu para o campo, e apresentou outra vez seu exército em posição de batalha, mas, no entretanto, vendo, ao depois, que havia chegado um grande reforço ao inimigo, e que os do tirano vinham ao combate mais bem dispostos que antes, não ousou esperar, e retirou-se, mandando pedir licença para levar seus mortos e enterrá-los: todavia, soube falar com tanta gentileza e proceder com tanta sabedoria, pela experiência que tinha em governar e também pela benevolência que todos lhe tributavam, que ele apagou aquela mancha, e obteve dos acaios a cidade de Cléones, onde mandou que se celebrasse a festa dos jogos de Neméia, que desde muitos anos pertencia aos cleonenses, que não aos de Argos. Todavia, os argienses a celebraram também e foi então pela primeira vez quebrada a imunidade e a garantia que se costumava dar aos que vinham para combater em tais jogos, porque os acaios fizeram prisioneiros os que tinham combatido em Argos, passando por suas terras, e os venderam como inimigos: tanto Arato e os acaios odiavam asperamente e sem querer perdoar, a toda espécie de tiranos.

Bate Aristômaco, que é morto.

XXXV. Pouco tempo depois, ele foi avisado de como o tirano Aristipo aguardava a ocasião para surpreendê-lo e tomar a cidade de Cléones; mas, que ele o temia, porque tinha sua residência em Corinto; mandou então ordens a toda parte, para reunir o exército da liga: ordenou também que fizessem provisão de víveres para vários dias e desceu a Cencres, provocando Aristipo, com o ardil deste afastamento, a fim de que, em sua ausência, ele tentasse atacar os cleonenses, como de fato aconteceu: pois para lá se dirigiu ele incontinente com seu exército: mas Arato, voltando de Cencres a Corinto, quando já era noite bem escura, e tendo posto guardas em todos os caminhos, levou depressa o exército dos acaios diretamente a Cléones, tão depressa quanto possível, de modo que ninguém os percebeu no caminho, e entraram na cidade de Cléones, ainda de noite, e prepararam-se para combater, sem que o tirano soubesse de nada. As portas da cidade foram abertas ao despontar do dia e o sinal de batalha foi dado ao som de trombetas; atacando com grande alarido as hostes do tirano, que de nada suspeitavam, as puseram imediatamente em fuga: e como o lugar onde se deu o encontro tinha várias viravoltas, Arato, perseguindo-os tomou o caminho que lhe pareceu ter tomado o tirano ao fugir. A perseguição continuou até a cidade de Micenas, onde o tirano foi apanhado por um candiota, de nome Tragisco, como diz Dimas, que o matou, e morreram, de seus homens, mais de quinze mil combatentes.

Esta vitória restabelece a sua reputação.

XXXVI. Mas Arato, depois de ter conquistado tão grandiosa vitória, sem perder um só de seus homens, não pôde, todavia, tomar a cidade de Argos, nem dar-lhe a liberdade, porque um certo Égias, acompanhado de um segundo Aristômaco, atiraram-se sobre ela com o exército do rei e a ocuparam: mas, com este feito, ele destruiu uma grande parte das censuras que lhe haviam sido feitas, dos ditos e fatos jocosos e de zombaria que lhe dirigiam os aduladores dos tiranos, os quais para agradar-lhes iam dizendo a todos, por exemplo, que, quando se arremessavam facas, o ventre do capitão-general dos acaios todo se comovia, e que ele sentia a vista turva e uma tonteira na cabeça quando ouvia o som de trombetas; que, quando ele tinha organizado seus homens e dado a palavra da batalha, ele perguntava aos comandantes dos grupos se era necessária a sua presença{1668}, porque ele estava ferido no calcanhar, e depois, ia para bem longe, esperar para saber qual era o resultado da batalha. Estas afirmações eram comuns, tão comuns que os filósofos, mesmo discutindo se tremer ou mudar de cor, à aproximação de um perigo, eram sinais de covardia ou de má compleição e fraqueza de corpo, citavam sempre Arato, como sendo um valente general, ao qual, no entretanto, aquilo quase sempre acontecia, no momento de iniciar a peleja.

Lisíadas, tirano de Megalópolis, deixa a tirania e anexa sua cidade à liga dos acaios.

XXXVII. Depois que ele derrotou Aristipo, procurou também os meios de vencer a Lisíadas, megalopolitano, que tinha sob seu poder, como soberano, a cidade de Megalópolis, todavia ele não tinha o ânimo fraco nem vil e se havia deixado levar a esta violenta usurpação de tirania desenfreada, pela concupiscência de viver a seu bel-prazer, nem por insaciável avareza, como o faz a maior parte dos príncipes: mas era impelido por um desejo de honra e de glória, e, sendo ainda jovem, tendo guardado inconsideradamente, em seu coração, que era nobre e grande, as frases falsas e vãs que escutara a respeito do principado, como de coisa muito feliz e admi rável, ele conseguiu tornar-se senhor do seu país: mas bem depressa capacitou-se dos perigos e atribulações que trás cons igo tal dominação e, querendo imitar a Arato, que ele via prosperar em honra e glória, acrescentando-se ainda que ele temia as emboscadas que ele lhe fazia, foi tomado de uma honesta e louvável vontade de se livrar, primeiramente, do ódio e do temor da prisão e da guarda dos satélites, e por conseguinte, ser benfeitor do seu país: mandou buscar a Arato, deixou seu governo e pôs sua cidade na liga e na comunidade dos acaios: por esse ato, eles louvaram-no grandemente e o elegeram capitão-general da sua liga, e ele, querendo logo sobrepujar a glória de Arato, tentou várias coisas, que não pareciam necessárias, como por exemplo, começar a guerra aos lacedemônios; por isso, Arato quis resistir-lhe, mas, julgaram que ele o fazia por inveja: por essa razão, ele foi pela segunda vez eleito capitão-general dos acaios, não obstante todos os manejos de Arato, que o obstaculava abertamente, e insistia em fazer eleger um outro: pois ele era sempre escolhido cada dois anos, um.

Lisíadas, antes muito estimado; perde o seu crédito.

XXXVIII. Foi então Lisíadas eleito por três vezes capitão-general da liga dos acaios, com grande contentamento de todos, e tinham autoridade soberana para mandar alternativamente, um depois do outro, Arato e ele: mas por fim, havendo inimizade declarada entre eles, pois censuravam-no e o atacavam constantemente no conselho dos acaios, aborreceram-se e o afastaram, porque pensavam que sua virtude era fingida, a qual ele queria contrapor à verdadeira, pura e sincera. E como Esopo diz, que os passarinhos responderam ao cocu{1669}, que lhes perguntava por que razão fugiam dele, que era porque eles o temiam, que ele se transformasse num gavião, assim também parece que tinha ficado na opinião dos homens algo de suspeito sobre a tirania de Lisíadas, que fazia julgar que ele não era movido por uma vontade franca e boa.

Vitória de Arato, conquistada sobre os etólios em Palene.

XXXIX. Mas Arato conquistou também grande honra pelas coisas que fez contra os etólios: pois, como os acaios a todo custo os quisessem combater nos confins do território de Mégara, e o mesmo rei dos lacedemônios, Agis, tendo chegado com seu exército ao acampamento da liga, os exortasse e incitasse a sua coragem para iniciarem a batalha, Arato o contradisse firmemente, e teve de suportar várias censuras e zombarias, que lhe foram dirigidas; acusaram-no de covardia e de medo: não obstante tudo isso, ele não abandonou a resolução de seu conselho salutar, por uma infâmia aparente, mas deixou os inimigos passarem o monte Gerania e entrarem no Peloponeso sem combatê-los; todavia, depois, vendo que à chegada eles tinham-se apoderado da cidade de Palene, abandonou sua primeira deliberação e não quis mais perder tempo, esperando que todas as suas forças estivessem reunidas; sem protelar mais, marchou diretamente, com o punhado de homens que tinha consigo, contra os inimigos, os quais se haviam enfraquecido a si mesmos, por ter usado insolente e desordenadamente da vitória, até mesmo a não cuidar mais da sua defesa: não tinham eles ainda bem entrado na cidade de Palene, que os soldados se debandaram imediatamente, entrando pelas casas, empurrando-se uns aos outros, atropelando-se, por causa dos bens que lá havia; os comandantes iam também apanhando as mulheres e as moças de Palene, às quais eles colocavam seus mornões e seus capacetes, sobre as cabeças, para que nenhum outro as tomasse, mas se conhecesse, pelo elmo, quem era o senhor de cada uma delas. Estando, porém, as coisas neste pé, vieram de repente trazer-lhes notícias de que Arato estava para chegar. Isto causou tal pavor no meio deles, como se pode imaginar, pois viam-se surpreendidos e desprevenidos: antes de serem avisados do perigo da surpresa, os acaios já estavam combatendo, dentro das portas da cidade, nos arrabaldes, contra os primeiros, que foram logo derrotados: postos em fuga todos aqueles, deixaram em grande perplexidade aqueles que se haviam reunido para ir-lhes em socorro, que eles não sabiam o que fazer.

Singular aventura no templo de Diana.

XL. Nesse tumulto, uma das mulheres aprisionadas, filha de Epigetes, um dos mais nobres da cidade, de grande formosura, estava sentada no templo de Diana, onde a tinha colocado o capitão{1670} que a havia aprisionado e escolhido para si, e lhe havia colocado seu elmo{1671} sobre a cabeça; correu ela repentinamente, quando ouviu o rumor dos combatentes e apareceu na porta do templo com o elmo na cabeça, para assistir ao desenrolar do combate. Os da cidade, vendo-a, com aquele vestuário, julgaram-na por demais veneranda e de grande majestade para uma simples criatura humana; os inimigos tomaram-se de tal susto, pensando ver um fantasma, que nem um deles sequer cogitou de se defender. Dizem também os palenianos que a imagem de Diana fica sempre fechada, ninguém lhe põe a mão, e quando a religiosa, que tem a guarda da mesma, a toma para levar a outro lugar, ninguém ousa fitá-la, mas todos voltam os olhos para o lado, porque a sua vista é, não somente terrível e prejudicial aos homens, mas também torna as árvores estéreis, por onde passa, e faz secar os frutos. Foi esta a causa que perturbou o juízo dos etóhos, porque a religiosa, transportando a imagem da deusa, voltou-a para eles: todavia, Arato, em seus Comentários, nada diz de tudo isso, mas escreve somente que, tendo derrotado os etólios, os expulsou e perseguiu e entrou, juntamente com os outros que fugiam, na cidade, da qual depois os expulsou e matou uns setecentos. Este feito militar ficou célebre, dentre os mais gloriosos, e o pintor limantes reproduziu-o quase ao vivo. No entretanto, porque vários príncipes, povos e nações se passaram incontinente para o lado contrário aos acaios, Arato concordou com eles, depois, e fez paz e aliança ofensiva e defensiva com os etólios, por meio de um certo Pantaleão, que tinha grande prestígio e autoridade entre eles.

Tenta surpreender o Pireu.

XLI. Ademais, querendo ainda libertar os atenienses, tentou surpreender num assalto o porto do Pireu, pelo que foi censurado pelos acaios, porque infringira a trégua, que tinham feito com os macedônios: mas ele, em seus Comentários, nega firme e fortemente que tenha sido ele e põe a culpa em Ergino, por meio do qual ele reconquistara a fortaleza de Acrocorinto, dizendo que foi ele quem, por sua espontânea vontade, tentou escalá-la e, tendo-se quebrado a sua escada, ele fugiu: sendo então perseguido de perto pelos inimigos, ele chamava continuamente a Arato, como se ele estivesse presente e que ele se salvou, tendo enganado seus inimigos com este ardil. Todavia, esta resposta não me parece verossímil: pois não é admissível que Ergino, simples soldado, sírio de nascimento, tenha empreendido, por sua iniciativa, tão grande empreendimento, e não o tenha sido por ordem e com o conhecimento de Arato, que lhe havia concedido alguns homens, tempo e os meios de empreendê-lo; o que depois ele mostrou evidentemente, pois não o intentou duas ou três vezes somente, mas outras mais ainda, como quem deseja ardentemente esse objetivo, isto é, surpreender o porto do Pireu, não desanimando por ter falhado uma vez, mas voltando à carga e fortalecendo a esperança por ter faltado pouco e por ter chegado já bem perto: e uma vez, fugindo pela planície Triasia, ele deslocou a perna e teve de fazer várias incisões para se curar, de modo que esteve por muito tempo impossibilitado de andar e era levado à guerra numa liteira.

Paz entregar o Pireu aos atenienses.

XLII. Depois da morte de Antígono, Demétrio sucedeu-lhe no reino; ele, então, tentou mais que nunca libertar a cidade de Atenas, fazendo muito pouco caso dos macedônios. Tendo sido derrotado numa batalha perto de Filacia por um lugar-tenente do rei Demétrio, chamado Bitis, e tendo-se espalhado por toda a parte a notícia de que Arato tinha morrido, ou pelo menos, que estava prisioneiro, aquele que defendia o Pireu, um capitão, de nome Diógenes, escreveu uma carta a Corinto, pela qual mandava à guarnição dos acaios, que a defendia, que lhe entregassem a cidade, porquanto Arato tinha morrido; ele, porém, se encontrava por acaso em Corinto, de sorte que aqueles que tinham levado a carta regressaram envergonhados, causando riso e zombarias; e, o que é mais, o mesmo rei Demétrio mandou da Macedónia uma galera, na qual ele queria que lhe trouxessem Ara-lo, amarrado e manietado: e os atenienses, para agradar aos macedônios, no auge da leviandade e da adulação, coroaram um dia, de flores, suas cabeças, em sinal de regozijo público, quando lhe trouxeram a notícia de que ele tinha morrido: por isso Arato, vivamente irritado, levou logo seu exército contra os que assim faziam, até as proximidades do bairro da Academia: todavia, a seus rogos, não lhes fez mal algum: depois, os atenienses reconheceram a sua virtude, quando o rei Demétrio veio a morrer, e recobraram o desejo de conquistar a liberdade: e ele, embora houvesse naquele ano um outro general dos acaios, tendo sido preso de uma longa enfermidade, não se movia do leito, mas, fez-se transportar numa liteira até Atenas, e tanto insistiu com a guarnição e seu comandante Diógenes, que conseguiu que o porto do Pireu fosse restituído aos atenienses, e também a fortaleza de Muníquia, a ilha de Sálamina, e o castelo de Sunium, mediante a soma de cento e cinquenta talentos{1672} da qual o mesmo Arato forneceu, de seu dinheiro, a importância de doze mil{1673} : e feito isto, uniram-se imediatamente aos acaios, os eginetes e os lermionianos: e a maior parte da Arcádia, de modo qu e, estando então os macedônios ocupados com outras guerras, que faziam contra os vizinhos, o poder dos acaios tomou grande incremento, tendo ainda por aliados os etólios.

Paz Aristômaco segundo entrar na liga dos acaios.

XLIII. Arato então, querendo cumprir sua antiga promessa e envergonhando-se de ver a cidade de Argos, que lhe estava tão próxima, ainda dominada pela servidão, mandou expor a Anstômaco que ele desse a liberdade à sua cidade e se unisse à liga dos acaios, como Lisíadas

tinha feito com a sua, e preferindo ser capitão-general, com honra e louvor de uma comunidade tão grande e tão importante do que ser tirano de uma só cidade, odiado, exposto a grave perigo, a todas as horas do dia e da noite. Anstômaco ouviu estas advertências e mandou como resposta, a Arato, dizer que tinha necessidade de cinquenta talentos{1674}, para se desfazer dos soldados que tinha com ele. Encontrou-se o dinheiro imediatamente e Lisíadas, que ainda era capitão-general da liga e que desejava que esse feito se realizasse por seu intermédio, mandou secretamente acusar Arato, perante Aristômaco, fazendo-lhe ver como sempre ele lhe fora inimigo mortal, e que jamais perdoava aos tiranos, por isso ele o aconselhava que de preferência se entregasse a ele: como de fato ele o fez: e Lisíadas o apresentou ao conselho dos acaios, onde seus membros declararam, claramente, o amor e a confiança que tinham em Arato: quando porém ele se opôs a que Aristômaco fosse recebido, eles o expulsaram com raiva{1675}, e depois, tendo ele mesmo sido quando (Me começou a falar de novo o contrário, diante do conselho, eles concordaram prontamente em receber os de Argos e os de Fliásia, em sua comunidade, e, no ano seguinte, escolheram a Aristômaco para capitão-general da liga: e ele percebendo que gozava de prestígio perante os acaios, quis entrar, à força, no país da Lacônia; mandou chamar a Arato, que então se encontrava em Atenas. Arato escreveu-lhe que o dissuadia completamente dessa viagem, não querendo que os acaios se ligassem a Cleômenes, que era um jovem corajoso e aventureiro e que em pouco tempo tinha progredido maravilhosamente; todavia, tendo Aristômaco insistido muito nisso, Arato obedeceu-lhe e foi em pessoa a essa expedição, onde, tendo-se apresentado a ele repentinamente o mesmo Cleômenes, com seu exército, perto da cidade de Palâncio, Aristômaco quis dar-lhe combate: mas Arato fê-lo desistir disso, pelo que Lisiadas o acusou perante os acaios, e no ano seguinte ele tentou obter o cargo de general: mas perdeu-o e foi derrotado com maioria de votos, tendo Arato sido eleito capitão-general pela décima-segunda vez.

Surpreende Mantinéia.

XLIV. Nesse ano, ele foi derrotado numa batalha por Cleômenes, perto do monte de Liceu, e tendo fugido, perdeu-se durante a noite, de modo que pensaram que ele fora morto, e disso correu imediatamente a notícia entre os gregos: todavia, ele salvou-se, e tendo reunido seus soldados, não se contentou de ter escapado e de se retirar em segurança, mas, servindo-se sabiamente da ocasião, sem que ninguém suspeitasse, nem imaginasse o que poderia acontecer, foi assaltar de surpresa os mantinenses, que eram aliados de Cleômenes, e tendo tomado a cidade nela deixou uma boa guarnição e deu direito de burguesia aos estrangeiros que lá estavam morando. Assim foi ele o único que, estando vencido, conquistou para os acaios, o que com grande dificuldade eles teriam podido ganhar, se eles mesmos tivessem vencido.

Morte de Lisíadas: descrédito em que este fato faz Arato cair.

XLV. Depois, tendo os lacedemônios entrado com armas nas terras dos megalopolitanos, foi ele para lá mui depressa em seu auxílio: mas não quis arriscar-se a travar batalha, nem a aprisionar Cleômenes, que outra coisa não pedia e não desejava senão atraí-lo ao combate e resistiu constantemente aos megalopolitanos, que o forçavam de todos os lados a sair a campo aberto: pois além de ele não ser de natureza muito própria para uma batalha ainda era mais fraco em número de combatentes, e tinha ainda que se haver com um jovem corajoso, que tinha a cabeça cheia de ideias ardorosas, e a ele, ao invés, o ardor do entusiasmo se linha arrefecido bastante e sua ambição esfriara, julgava-se que Cleômenes por se arriscar corajosamente, ia adquirindo uma reputação, que antes não possuía: assim era necessário que ele conservasse a sua, cuidando bem em se defender e com parcimônia usasse ele a que já tinha conquistado. No entretanto, os soldados armados com armas leves, saíram ao campo e rechaçaram os espartanos, até dentro de seu acampamento, onde entraram confusamente

com eles; Arato, por isso, não quis jamais levar lá seus cidadãos, e os deteve à borda de uma trincheira, que estava entre ambos, e os impediu de passar além: por isso Lisíadas, desesperando-se e ultrajando a Arato, chamou sua cavalaria, dizendo-lhes que ele queria a todo custo ir auxiliar os que perseguiam, rogando-os de não querer tão covardemente deixar perder-se a vitória que eles tinham certeza de ter nas mãos, e de não abandoná-lo na hora da necessidade, combatendo pela defesa de seu país; assim, tendo reunido um bom número de soldados de cavalaria e de homens escolhidos, ele foi atacar com ímpeto a ala direita dos inimigos; tendo-os desbaratado e posto em fuga, expulsou-os com um ardor e coragem incríveis, até os caminhos tortuosos, cheios de árvores e de fossos, onde Cleômenes o foi atacar tão asperamente, que ele ficou morto no campo, combatendo valentemente e com muita glória: os outros soldados, fugindo, foram-se lançar no meio da batalha de seus companheiros de infantaria e perturbando a ordem de suas fileiras, encheram a todos de medo e de terror, pondo-os em debandada: por essa razão, Arato foi muito censurado, pois abandonara Lisíadas, e sendo forçado pelos acaios, que se iam sem sua licença, ele os seguiu por fim, e retirou-se também para a cidade de Égio, onde os acaios tinham seu conselho; determinaram eles que não danam mais dinheiro a Arato, nem pagariam os soldados estrangeiros, e lhe disseram que se arranjasse com o seu mesmo, se quisesse mais tarde empreender alguma guerra: pelo que, sentindo-se grandemente injuriado e ofendido, ele esteve a ponto de abandonar seu sinete e desistir imediatamente do cargo de general: todavia, depois de ter discorrido um pouco consigo mesmo, e considerado o assunto, teve paciência, e levando os acaios à cidade de Orcomene, lá combateu contra Megistono, sogro de Cleômenes, sobre o qual levou vantagem: pois matou-lhe trezentos homens e ainda conseguiu fazê-lo prisioneiro.

Ele recusa a preteria.

XLVI. Finalmente, tendo-se acostumado de longa data a ser sempre eleito comandante-geral, pelo menos{1676} de dois em dois anos, quando chegou a sua vez, chamaram-no para confiar-lhe o cargo, mas ele não o aceitou e foi então eleito Timoxeno, em seu lugar: alega-se como motivo desta recusa, o despeito ou o aborrecimento, que ele tinha contra o povo; isso porém não me parece verossímil, porque a verdadeira causa foi, a meu modo de ver, ter ele notado a situação dos negócios dos acaios: Cleômenes não governava mais com tanta firmeza como no princípio, quando era coadjuvado pelos oficiais e magistrados da cidade: depois que ele havia feito matar os éforos, dividido em partes iguais todo o território da Lacedemônia e dado direito de burguesia espartana a vários estrangeiros, como senhor absoluto da Lacedemônia, ele arremeteu também contra os acaios, conscientemente e procurou adquirir preeminência e autoridade sobre eles.

Reflexões sobre o proceder de Arato.

XLVII. Por esse motivo, censura-se muito a Arato, por que numa tão perigosa tormenta dos negócios do seu país, ele o abandonara e se afastara, ele, que era o piloto, deixando o governo do timão a outro, quando teria sido honesto e razoável que ele mesmo o tivesse tomado em suas mãos, ainda que não lho quisessem entregar, para cuidar do interesse comum: se ele, porém, desconfiava do poder dos acaios, devia então dar o lugar a Cleômenes e não corromper novamente o Peloponeso com costumes bárbaros, lá colocando guarnições de macedômos, e enchendo a fortaleza de Acrocorinto de armas gaulesas{1677} e eslavas, e não fazer seus amos e senhores àqueles mesmos, que ele tinha tantas vezes derrotado na guerra e tantas vezes superado em matéria de governo, e dos quais ele mesmo fala tão mal em seus Comentários, nem introduzi-los dentro da cidade, chamando-os de aliados e confederados, para disfarçar a vileza do fato. Mas, ainda que Cleômenes tenha sido iníquo, violento e tirânico, se assim se deve dizer, pelo menos era descendente do sangue de Hércules, nativo de Esparta; mesmo ao mais humilde e ao menor homem dessa cidade, era preferível dar o

principado que não ao primeiro da Macedónia, ao menos àqueles que têm em alguma estima a honra e a nobreza da Grécia: todavia Cleômenes não pedia aos acaios senão a preeminência e o título de comandante, somente, e em troca desse título de honra ele prometia muitos bens às cidades da liga e da aliança: Antígono{1678}, tendo sido eleito capitão-general, com poder absoluto, tanto por mar como por terra, não quis no entretanto aceitar o cargo, sem que primeiramente não se lhe tivesse entregue em suas mãos, por sua paga, a fortaleza de Acrocorinto, o que era fazer, nada mais, nada menos do que, como o caçador de Esopo, que refreou o cavalo: pois ele não quis dominar sobre os acaios, que o pediam, os quais por embaixadas e decretos de seu conselho, submetiam-se ao seu poder, sem que primeiramente os tivesse selado e refreado por meio da guarnição que os fez receber, e reféns que exigiu lhe entregassem: no entretanto, ele alega tudo o que pode, rara se isentar dessa falta, procurando fazer crer que a isso foi obrigado. Mas Políbio escreve que de longa data antes da pressão, desconfiando da ousadia de Cleômenes, ele tivera secretamente tratado com Antígono o que depois fez abertamente e que encarregou os megalopohtanos, por primeiro, que fizessem esse pedido ao conselho dos acaios, de chamar o rei Antígono em seu socorro, porque eles estavam mais perto do fogo e os que mais continuamente sentiam os efeitos da guerra de Cleômenes, o qual estava sempre às suas portas para saquear e pilhar: e a mesma coisa escreve Filarco, a quem, todavia, se não tivesse a Políbio por testemunha, não seria mesmo o caso, nem muito razoável prestar-se grande fé: pois, pelo amor que ele tinha a Cleômenes, parece ter sido movido por alguma inspiração divina, todas as vezes que vinha a falar dele, em fato de sua história, como ele o faria num pleito diante dos juízes, acusando em tudo a um, e defendendo sempre o outro.

Impede a Cleômenes entrar na liga dos acaios. Consequências funestas deste fato.

XLVIII. Os acaios então perderam novamente a cidade de Megalópolis{1679} que lhes fora tomada por Cleômenes, e foram por ele ainda derrotados numa grande batalha perto de Hecatombe, da qual ficaram tão admirados, que lhe mandaram incontinente embaixadores, pelos quais lhe pediam que ele se encontrasse na cidade de Argos, que lá eles o fariam seu capitão-general: mas quando Arato soube que ele vinha, e que já estava com seu exército perto da cidade de Lerna, tendo medo disso, enviou outros embaixadores para fazê-los compreender que ele vinha em segurança, com trezentos homens somente, como aliados e confederados: não obstante, que se eles tivessem desconfiança de algum ardil ou malvadeza, ele lhes entregaria alguns reféns, para garantia de sua pessoa. Cleômenes respondeu que aquilo era realmente um ato de zombaria e uma injúria que lhe faziam: por isso, partiu imediatamente de lá, e escreveu uma carta ao' conselho dos acaios, na qual ele disse todas as vilezas e infâmias que pôde, de Arato, o qual lhe respondeu no mesmo tom, e se indispuseram assim um com o outro, chegando a falar de seus casamentos e de suas esposas: depois dessa carta, Cleômenes mandou, por um arauto, desafiar os acaios e lhes declarar guerra; e pouco faltou que ele não saqueasse a cidade de Sicíone, por meio de alguns traidores: mas tendo falhado na empresa, regressou logo, e dirigiu-se a Palene, que ele tomou, tendo expulsado o comandante-geral dos acaios, e incontinente tomou também a cidade de Fenea e a de Pentélio; depois, uniram-se a ele os argienses e os fliásios, que receberam dele uma guarnição, de modo que nada mais restava para os acaios, de tudo o que eles tinham conquistado e anexado à sua comunidade.

Ele torna-se odioso, fazendo castigar os que tinham ligações com Cleômenes.

XLIX. Por isso, Arato ficou grandemente perturbado, vendo que todo o Peloponeso assim se esfacelava, e que todas as cidades se sublevavam, por manejos daqueles que desejavam um novo regime: não havia ninguém contente com o estado em que então se encontravam as coisas; alguns, de Sicíone e de Corinto, foram descobertos, pois tinham entendimentos secretos com Cleômenes e há muito estavam descontentes com a liga e a comunidade, pelo desejo que tinham de se tornarem eles mesmos senhores de suas próprias cidades, contra os

quais, tendo sido dado pelo conselho a Arato a comissão de informar e de lhes mover o processo, soberanamente e sem apelo, ele fez morrer os que julgou contaminados por essa corrupção em Sicíone; tentando fazer o mesmo em Corinto, mandou fazer indagações entre eles e os fez castigar, irritando contra si mesmo, o povo, que já lhe era estranho em sua vontade, e se aborrecia com a sujeição dos acaios.

Os coríntios querem-se apoderar da sua pessoa. Ele lhes escapa.

L. Pelo que, tendo-se reunido no templo de Apolo, mandaram chamar a Arato, com intenção de aprisioná-lo e o conservar detido, antes de se rebelar abertamente. Arato foi lá, para mostrar que não desconfiava deles nem os temia, levando todavia seu cavalo pela rédea, atrás de si. Vários levantaram-se então contra ele, censuraram-no e disseram-lhe tantas injúrias quantas entenderam dizer. Arato com semblante calmo e palavra suave, disse-lhes que se acalmassem e se sentassem em seus lugares; que não gritassem assim, de pé, e mandou entrar também os que haviam ficado à porta: mas dizendo-lhes isso, retirou-se gentilmente um pouco para trás, como para entregar seu cavalo a alguém que o segurasse: depois, tendo saído para fora, falou calmamente aos de Corinto, que encontrou pelo caminho, dizendo-lhes que fossem também ao templo de Apolo, mas, quando estava no caminho do palác io, montou rapidamente em seu cavalo e ordenou a Cleópatro, comandante da guarnição dos acaios, que guardasse cuidadosamente o palácio; dize ndo isso, correu a toda velocidade para Sicíone, seguido somente por uns trinta soldados, porque os outros o abandonaram, espalhando-se cá e lá. Pouco depois, avisados os coríntios de como Arato havia fugido, correram-lhe ao encalço, mas não o puderam alcançar: mandaram então chamar a Cleômenes e entregaram sua cidade a ele, o que ele não julgou grande coisa, por terem eles deixado que Arato escapasse, sentindo imenso aquele sua grande falta.

Recusa os vantajosos oferecimentos de Cleômenes.

LI. Assim Cleômenes, tendo-se também os povos que habitavam ao longo daquela costa, que se chama comumente a costa de Corinto, entregues a ele e tendo-lhe entregue suas praças e cidades, cercou com uma trincheira de paliçada a fortaleza de Acrocorinto. Finalmente, tendo Arato chegado a Sicíone, vários dos acaios reuniram-se e realizando-se uma reunião do conselho, ele foi eleito capitão-general, com plenos poderes e autoridade soberana, em todas as coisas, e lhe deram guardas de seus próprios cidadãos, tendo já dirigido os negócios dos acaios, pelo espaço de trinta e três anos, durante os quais sempre fora o primeiro homem da Grécia, em poder e reputação e agora estava pobre, abandonado e aflito, como um náufrago de seu país, batido pelas tempestades e em grande perigo de sua própria pessoa; pois, tendo mandado pedir socorro aos etólios, eles lho recusaram: e o que é mais, a cidade de Atenas, tendo vontade de mandar socorro, por amor de Arato, foi impedida de o fazer pelos manejos de Euchdas e de Mício. Ainda mais: ele tinha uma casa em Corinto, onde estava seu dinheiro, na qual Cleômenes não tocou, a princípio nem permitiu que outrem tocasse, mas mandou buscar seus amigos e intermediários em negócios, e lhes disse que a guardassem e dirigissem tudo, para depois lhe prestar contas: além disso, em particular mandou Tripilo a ele, e depois ainda Megistono, seu sogro, fazer-lhe vários grandes oferecimentos, até mesmo uma pensão{1680} de doze talentos, que era o dobro da que Ptolomeu lhe dava, o qual lhe mandava seis talentos todos os anos, e não pedia outra coisa, senão que ele fosse declarado pela comunidade, capitão dos acaios, e que ele pudesse colocar metade da guarnição dentro da fortaleza de Acroconnto para guardá-la, em comum: ao que Arato respondeu que não tinha os negócios em suas mãos, e que os negócios, ao invés, o tinham a ele: Cleômenes tomando estas palavras por uma derrota simulada, entrou imediatamente de armas na mão nas terras dos siciônios, onde saqueou e devastou toda a planície, ficou lá pelo espaço de três meses, enquanto Arato estava a deliberar e a resolver, se devia receber Antígono, ou não, porque ele não queria lançar mão das armas, para socorrê-lo, sem que de antemão lhe entregassem a fortaleza de Acroconnto.

Chama Antígono em auxílio dos acaios.

LII. Por isso os acaios, reunidos na cidade de Égio, para consultá-lo, chamaram a Arato: mas havia perigo na passagem, porque Cleômenes estava acampado perto da cidade de Sicíone, e seus cidadãos o retinham e diziam, com energia, que não o deixariam ir expor-se a tão evidente perigo, estando seus inimigos muito perto dele. As mulheres e mesm o as crianças, enlaçadas ao seu pescoço, choravam e o rodeavam como a um pai e salvador comum: todavia Arato tendo-os consolado e tranquilizado o mais possível, montou a cavalo com dez dos seus amigos, já no começo da adolescência e foi para a costa do mar, onde subiram a vários navios que lá estavam ancorados e se fizeram levar a Égio, onde estava reunido o conselho, no qual se deliberou que se fana chamar a Antígono e lhe entregariam a fortaleza de Acroconnto: o que se fez, e Arato mandou seu próprio filho entre outros reféns: os coríntios irritaram-se e se enfureceram muito com isso, pilharam seus bens e deram sua casa a Cleômenes. Como, porém, já Antígono estivesse a caminho, para ir ao Peloponeso, com seu exército, que era de uns vinte mil homens de infantaria, macedônios, e de mil e quatrocentos de cavalaria, Arato, com os oficiais da liga dos acaios, foi ter com ele por mar, sem que os inimigos o soubessem, até a cidade de Peges, não confiando muito em Antígono, nem nos macedônios, porque ele sabia muito bem, que ele{1681} não se tinha feito grande senão à custa de males e prejuízos, que ele lhe tinha causado e que o primeiro e maior meio que ele tinha tido de se movimentar e pôr em andamento os negócios, tinha sido a ira, que ele votava ao velho Antígono{1682} ; todavia, vendo que era uma necessidade irremediável, que o motivo o premia, ao qual, aqueles mesmos que mandam, estão obrigados a obedecer, ele atreveu-se a ace itar a sorte.

Honrosa maneira com que Antígono o trata.

LIII. Quando foram levar a notícia a Antígono, que era Arato em pessoa, que vinha a ele, tendo saudado aos outros que estavam em sua companhia, com uma gentileza assaz comum, ele fez a ele uma recapitulação neste primeiro encontro, que foi singularmente honroso: e depois, conhecendo-o em tudo, como um homem de bem e de muito bom senso, teve confiança nele e chegou a comunicar-lhe seus negócios particulares, porque não somente ele era útil no desencargo dos negócios de estado e governo de grandes coisas, mas era também assaz agradável, para estar junto de um príncipe, fazendo-lhe companhia, a fi m de passar o tempo tranquilamente e com maior prazer. Pelo que, embora Antígono fosse então jovem, todavia, quando conheceu bem o caráter de Arato, que tinha todos os requisitos necessários para gozar da amizade de um príncipe, ele serviu-se dele em todas as coisas, mais que de qualquer outro, não somente dos acaios, mas também dos macedônios. E aconteceu também que os deuses tinham significado pelos sinais e indícios dos sacrifícios: em uma hóstia, que foi imolada, encontraram-se duas bolsas do fel reunidas num único invólucro: o que os adivinhos haviam interpretado, significando que aqueles, que antes eram muito grandes inimigos e que se queriam mal de morte, unir-se-iam numa amizade extrema: desta predição, Arato, no momento, não fez caso; não prestava ele grande fé aos sacrifícios, nem às interpretações, e confiava mais nas palavras da razão. Mas, depois, estando os negócios da guerra bem encaminhados, como Antígono desse uma festa na cidade de Corinto, para a qual muita gente foi convidada, ele quis que Arato se sentasse acima dele, à mesa, e pouco depois mandou que trouxessem uma coberta; voltando-se para Arato perguntou-lhe se sentia frio. Arato respondeu-lhe que estava gelado, e então Antígono lhe disse que se aproximasse dele, e como os criados tivessem trazido um manto para cobrir o rei, eles os envolveram a ambos,-e então Arato lembrando-se do sacrifício, se pôs a rir, e contou ao rei o sinal que lhe havia aparecido quando sacrificara, e a interpretação que os adivinhos tinham dado. Isso foi algum tempo depois.

Ele retoma Argos de Cleômenes.

LIV. Estado então em Peges, eles juraram fidelidade um ao outro: e depois disso, marcharam contra os inimigos: houve várias escaramuças, perto da cidade de Corinto; Cleômenes estava bem fortificado, e defendia-se dos coríntios com muita coragem. Nesse momento, Aristóteles argiense, amigo de Arato, mandou secretamente avisá-lo que ele fana a cidade rebelar-se, se ele viesse com alguns soldados. Arato disse-o ao rei Antígono, o qual lhe deu mil e quinhentos homens, com os quais ele embarcou e passou além da embocadura do estreito até a cidade de Epidauro: mas os argienses não esperaram sua chegada; revoltaram-se antes e atacaram os soldados de Cleômenes, que acossaram até dentro da fortaleza. Cleômenes foi avisado e temendo que seus inimigos, conquistando a cidade de Argos, lhe cortassem o caminho para poder retirar-se são e salvo ao seu país, quando fosse preciso, abandonou a fortaleza de Acrocorinto e partiu, quando ainda era noite escura, para ir socorrer os seus, que estavam em Argos: lá chegou bastante em tempo e derrotou algumas tropas dos inimigos, mas logo depois, Arato tendo chegado, e também o rei Antígono com todo o seu poder, Cleômenes foi obrigado a se retirar para Mantinéia.

Diversas censuras feitas a Arato.

LV. Depois desta reconquista de Argos, todas as outras cidades do Peloponeso passaram novamente para o lado dos acaios: Antígono apoderou-se da fortaleza de Acroconnto e Arato, tendo sido eleito comandante dos argienses, aconselhou-os que fizessem presente a Antígono de todos os bens de seus tiranos e dos que haviam sido traidores das coisas públicas: e depois de ter atormentado o tirano Anstômaco na cidade de Cencrés, afogaram-no finalmente no mar; Arato foi muito censurado, por ter deixado martirizar um pobre homem, que não era mau e que lhe havia dado algum prazer, tendo deixado voluntariamente o poder ao seu convite e posto sua cidade na comunidade dos acaios, acrescentando-se ainda, que lhe atribuíam ainda outras coisas, como ter sido causa de que os acaios dessem de presente a Antígono a cidade de Corinto, como se fosse uma pequena aldeia e depois de ter saqueado a cidade de Orcomene, tinha permitido que lá pusessem uma guarnição de macedônios, e que eles tinham determinado em seu conselho que não se escreveria mais, nem se mandariam embaixadores, sem o conhecimento e o consentimento de Antígono e que eles eram obrigados a pagar o soldo aos macedônios, e que se fizessem sacrifícios, ofertas, festas e jogos a Antígono, como se ele fosse deus, seguindo o exemplo dos cidadãos de Arato, que por primeiro o haviam feito, e tinham recebido Antígono em sua cidade, ante a palavra de Arato, que o hospedava e homenageava em sua própria casa. De todas aquelas faltas eles lançavam a culpa sobre Arato, não considerando que depois de ter entregue nas mãos de Antígono as rédeas do governo, ele mesmo se tinha mostrado indiferente que ele o tivesse levado pela firmeza impetuosa da licença real, e não permanecera mais nem chefe, nem senhor, mas somente de palavra, da qual ainda não ousava ele usar muito livremente: é muito certo que ele fez, depois, várias coisas que muito desagradaram a Arato, dentre outras, que Antígono mandou recolocar as estátuas dos tiranos de Argos, que ele fizera derrubar e mandou derrubar as que tinham sido levantadas, aos que haviam conquistado a fortaleza de Corinto, exceto a de Arato: e com as preces que ele fez, ao contrário, jamais pôde obter o que desejava.

Seu proceder com relação à cidade de Mantinéia, inescusável.

LVI. Parece também que os acaios não procederam com humanidade para com os mantineenses, como era conveniente, entre gregos: pois tendo a cidade em suas mãos, por meio de Antígono, eles fizeram morrer todos os seus principais e mais notáveis personagens, foram vendidos como escravos e outros enviados à Macedónia, com ferros nos pés; as

mulheres e as crianças foram vendidas como servos ou escravas, e o dinheiro obtido dividiram, entre si, uma terça parte e deram duas outras aos macedônios. Mas ainda, pode-se dizer que isso se fazia com algum direito de vingança, pois embora fosse crueldade, tratar com tanta ira povos que eram do mesmo sangue e da mesma língua, pelo menos isso foi coisa suave, não áspera, como diz Simônides, quando se é obrigado a dar esse contentamento e essa satisfação ao coração ardente de ira e inflamado de despeito: mas, quanto ao que depois se fez à cidade, não se saberia de nenhum modo desculpar a Arato, nem dizer que ele o fez por motivo honesto ou necessário: pois Antígono, tendo dado a cidade vazia aos argienses, eles decidiram repovoá-la e escolheram a Arato como chefe e organizador deste repovoamento, o qual ordenou que, de então em diante a cidade não se chamaria mais Mantinéia, mas Antigônida, como se chama ainda hoje. Assim parece que a amável Mantinéia (pois assim a chamam os poetas) foi totalmente destruída, e tornou-se portanto outra cidade, que trás o nome daqueles que a destruíram e fizeram morrer os habitantes da primeira.

É vencido pelos etólios, perto de Cáfias.

LVII. Depois, Cleômenes tendo sido derrotado em uma grande batalha perto da cidade de Selásia, abandonou a cidade de Esparta e fugiu para o Egito: e Antígono tendo usado de toda a honestidade e gentileza para com Arato, voltou à Macedónia, onde sentindo-se já atacado de grave enfermidade mandou a Felipe, que o devia suceder no reino e ainda estava em plena adolescência, ao Peloponeso, inculcando-lhe expressamente que governasse principalmente sob o conselho de Arato e usasse da sua mediação quando quisesse falar às cidades e se tornar conhecido dos acaios. Arato, recebendo-o, fê-lo afeiçoar-se a ele de modo que o jovem voltou depois à Macedónia, cheio de amor e de benevolência para com ele, e decidido a empreender de boa vontade os negócios da Grécia. Mas depois da morte de Antígono, os etólios começaram a desprezar a preguiça e a moleza dos acaios, porque, estando já todos acostumados a se defender por mãos de estrangeiros, tendo-se reunido totalmente sob as armas dos macedônios, eles viviam na ociosidade e em grande dissolução; pelo que os etólios determinaram tornar-se senhores do Peloponeso: organizaram um exército e passando pela estrada, apoderaram-se de alguns animais e alguns utensílios, nas terras dos patreenses e dos dimeenses: entrando com armas no território de Messêma, pilharam e saquearam toda a planície da cidade.

Por isso Arato irritou-se e vendo que aquele que então era capitão-general dos acaios, de nome Timoxeno, recuava e protelava sempre, gastando o tempo em vão, porque se aproximava o fim do seu ano, e ele fora designado general para o ano seguinte, antecip ou o seu termo de cinco dias para ir socorrer os messênios; reunindo as forças dos acaios, que já não eram mais aptos para as armas, nem tinham vontade de a elas se entregar, ele foi vencido perto da cidade de Cáfias.

Parece que ele tinha procedido demasiado ardorosamente, e por isso de novo ele esmoreceu tanto, e abandonou de tal modo os negócios, que perdida toda esperança, permitiu que os etólios calcassem aos pés, por assim dizer, o Peloponeso diante de seus olhos, com toda a insolência e arrogância possíveis, embora por várias vezes eles dessem boas arremetidas sobre eles.

Prestígio de Arato perante Felipe.

LVIII. Foram novamente os acaios obrigados a estender a mão à Macedónia e a chamar aos negócios da Grécia, o jovem rei Felipe, esperando, pelo amor que ele tinha a Arato e principalmente pela confiança que nele depositava, ele facilmente poderia manejá-lo, e fanam tudo o que eles quisessem. Mas logo começaram Apeles e Megareu e alguns outros a acusar a Arato, a caluniá-lo, e o rei prestando ouvido a eles, dando a mão a um certo Esperato, do partido contrário ao de Arato, fez que ele fosse eleito capitão-general pelos acaios: mas este

novo general Esperato era muito desprezado pelos acaios e Arato não queria mais abso lutamente imiscuir-se nos negócios e por isso, nada ele fez que tivesse importância ou valor: por isso Felipe, reconhecendo que tinha falhado, voltou-se a Arato, confiando inteiramente nele; quando soube que seus negócios iam progredindo cada vez mais, de bem para melhor, quis então depender totalmente dele, como daquele do qual procedia toda sua honra, sua reputação e sua grandeza. Por isso, Arato foi estimado por todos e julgado um sábio governante, não somente de um estado e dos negócios públicos, populares, mas também de um reino, porque seus costumes, sua intenção e seu objetivo principal transpareciam nos feitos desse jovem rei, como uma cor viva que tudo embelezava: a moderação de que usou esse príncipe para com os lacedemônios, que o haviam ofendido, o tratamento gentil que ele dispensou aos candiotas, pelo qual ganhou toda a ilha de Cândia, em poucos dias, e a expedição que empreendeu contra os etólios, que foi de maravilhoso êxito, granjearam-lhe renome de príncipe que atende a conselhos, e a Arato, de sábio governante e de homem de grande inteligência: por isso os amigos desse jovem rei, tendo-lhe mais inveja do que nunca e vendo que nada ganhavam em falar mal dele, ocultamente começaram a murmurar publicamente e a injuriá-lo, a cobri-lo de calúnias e vilezas, de palavras ofensivas à mesa, ditas com grande insolência e cinismo, até mesmo a persegui-lo certa vez a pedradas, quando ele se retirava depois da ceia, à sua tenda: Felipe, quando o soube, ficou indignado e condenou-os imediatamente à multa de vinte talentos{16831}, depois, porque lhe perturbavam os negócios, mandou-os matar.

Felipe muda de proceder.

LIX. Mas finalmente, orgulhoso pela prosperidade de seu governo, como tudo corria segundo a sua vontade, começou a praticar atos de violência e de ambição; sua natural maldade veio forçar a máscara com que ele ocultava a sua natureza e, pouco a pouco, a mostrar os vícios de seus costumes: primeiramente ele corrompeu a mulher do jovem Arato, o que ficou encoberto por muito tempo, porque ele estava hospedado em sua casa; começou depois a tornar-se cada dia mais rude e mais áspero nas coisas públicas e nos estados populares; e via-se evidentemente que ele colocava Arato atrás de si: mas o começo da desconfiança que tinha dele, veio do que sucedeu em Messena, assim: como os messênios fossem atribulados por uma grande dissensão civil, Arato foi para lá, para pôr remédio à situação e chegou um dia depois de Felipe, que em lugar de os pacificar, os irritava e exasperava ainda mais, uns contra os outros; pois perguntava aos chefes, à parte, se eles não tinham leis para reprimir a insolência e a ousadia do povo; depois, perguntava aos chefes dos partidos do povo, se não tinham mãos para se defenderem dos tiranos: por isso ambas as partes confiavam nele; os capitães queriam lançar a mão sobre os oradores e arengadores do povo e estes com o povo, se rebelaram e mataram os chefes, oficiais e principais personagens da cidade, em número quase de duzentos. Felipe havia pois cometido esta má ação e posto os messênios em grande animosidade, uns contra os outros; Arato chegou logo depois e mostrou-se muito desgostoso; não fez calar seu filho que censurava publicamente o rei, com muita raiva e azedume. Parecia que esse jovem Arato, antes, gostava de Felipe, mas não pôde deixar de dizer-lhe diante de toda a assembleia do povo, que não mais o achava belo nem mesmo de rosto, mas, o mais feio do mundo, depois de ter praticado semelhante ato: a isto Felipe nada respondeu, embora julgassem que ele devia ter respondido, com cólera; e que deveria ter protestado várias vezes, enquanto o outro discursava: e como ele tivesse suportado pacientemente as palavras pesadas que seu filho lhe havia dirigido e não se tivesse ofendido, por ser de natureza moderada e civil, ele tomou o pai pela mão, e o levou para fora do teatro, onde estava reunido o povo, para o palácio de Itome, a fim de lá sacrificar a Júpiter, e visitar a fortaleza, que não era menos forte que a de Acroconnto, e que, quando guarnecida, causa muitos prejuízos aos vizinhos e é muito difícil expulsá-los de lá.

Arato convence-o a entregar Itome aos messênios.

LX. Felipe, então, subiu ao castelo e lá ofereceu um sacrifício; o adivinho trouxe-lhe as entranhas de um boi que acabavam de imolar e ele as tomou com ambas as mãos e as mostrou a Arato e a Demétrio, o Faléno, voltando-se ora para um, ora para outro, perguntando-lhes o que eles pensavam sobre os sinais e presságios desse sacrifício, isto é, se ele conservaria para si a fortaleza, ou se a restituiria aos macedônios. Demétrio, pondo-se a rir, respondeu-lhe: "Se tens consciência de adivinho, tu a restituirás, mas se a tiveres, de rei, tu conservarás o boi pelos dois chifres". Entendia por boi, o Peloponeso, querendo dizer que, se ele conservasse essa fortaleza de Itome com a de Acrocorinto, o Peloponeso estaria inteiramente sob seu po der e sujeito a ele. Mas Arato ficou muito tempo sem dizer uma palavra e finalmente, tendo-lhe Felipe pedido que respondesse, ele disse: "Há em Cândia várias grandes fortalezas, e vários palácios, erguidos em lugares elevados, fora do plano da terra no país dos beócios e dos fócios. Também há vários lugares de maravilhosa força nas marcas dos acarnanianos, tanto em terra como ao longo das costas do mar, de todas as quais tu não tomaste uma sequer e no entretanto fazem voluntariamente o que tu lhes ordenas: é próprio de salteadores confiar em rochedos e apoderar-se de altos precipícios, mas, um rei não pode ter fortaleza mais forte nem mais defendida do que o amor, a fé e a benevolência dos homens. Foi isto que te franqueou o mar de Cândia; foi isto que te colocou no Peloponeso; foram estes os meios que te fizeram, em tão jovem idade, ser escolhido como capitão de uns e senhor absoluto dos outros". Como Arato continuasse a sua dissertação, Felipe restituiu ao adivinho as entranhas, que lhe tinha levado, e tomando Arato pela mão, disse-lhe: "Vamos, pois, seguindo esse mesmo caminho", como se ele tivesse sido posto, à força, para fora da fortaleza e lhe tivesse tirado das mãos a cidade de Messênia.

Arato retira-se da corte de Felipe.

LXI. Depois Arato evitou o mais possível estar na sua corte e pouco a pouco afastou-se da sua companhia: quando ele foi fazer guerra ao reino do Épiro, rogou muito a Arato que viajasse com ele; mas este desculpou-se e ficou em sua casa, temendo granjear má fama e má reputação pelas ações que Felipe lá cometesse: o qual depois, tendo perdido muito vergonhosamente seu exército de mar, contra os romanos, e tendo por fim dirigido mal seus negócios, voltou de novo ao Peloponeso, onde tratou uma segunda vez de enganar os macedônios, mas sua malícia foi descoberta, e então ele se pôs a ofendê-los abertamente, depredando todo o seu país. Por isso Arato afastou-se totalmente dele e cortou a sua amizade, pois então já percebera a injúria que ele tinha cometido na mulher de seu filho, do que ele estava muito desgostoso em seu coração, sem todavia nada querer manifestar ao filho, porque não lhe poderia vir outra consequência senão saber qual ultraje lhe tinha sido feito, visto que ele não tinha meio de se vingar, porque Felipe tinha mudado completamente, tornando-se de rei gracioso e jovem casto, homem vicioso, dissoluto, cruel e tirânico: o que, para se dizer a verdade, não era uma mudança de natureza, mas sim uma declaração manifesta e clara, quando ele não temia a mais ninguém, da sua malvadez e crueldade, a qual, por temor, por muito tempo ele conservara oculta.

Felipe fá-lo envenenar.

LXII. Pois, embora seja verdade que a consideração e o afeto que ele dedicou desde o começo a Arato, estavam misturados com reverência e temor, ele, porém, o mostrou evidentemente, com o que ele fez contra ele: pois desejando fazê-lo morrer, pensando não ser inteiramente livre, enquanto ele vivesse, nem rei, nem tirano, não se atreveu a fazê-lo ele mesmo, mas encarregou a um de seus familiares, chamado Taurion, ao qual deu a incumbência de o fazer, com os meios mais secretos que lhe fosse possível, mesmo por meio de veneno em sua ausência. Este oficial tomou amizade a Arato e deu-lhe um veneno, nem forte, nem violento, mas daqueles que produzem no corpo um calor lento, com uma pequena tosse, e que pouco a pouco produzem a tísica. Arato percebeu que estava envenenado, mas sabendo que nada

tinha a ganhar manifestando-o, sofreu-o com paciência, sem dizer uma palavra, como se fosse uma doença natural; mas, uma vez, estando um de seus íntimos, dos mais fiéis amigos em seu quarto, admirando-se por vê-lo cuspir sangue, ele lhe disse: "Céfalo, meu amigo, é a recompensa da amizade dos reis", e morreu{1684} dessa maneira na cidade de Égio, sendo pela décima-sétima vez capitão-general dos acaios, os quais queriam que ele fosse enterrado no mesmo lugar e que se lhe erigisse um monumento conveniente à honra de sua vida.

É enterrado em Sicíone. Honras fúnebres que lhe prestam.

LXIII. Mas os siciônios julgando que seria para eles uma vergonha, se seu corpo fosse sepultado em outro lugar que não na sua cidade, tanto fizeram perante o conselho dos acaios, que eles lhes permitiram levar o corpo: todavia havia uma antiga determinação, pela qual era expressamente proibido enterrar quem quer que fosse dentro dos muros de uma cidade e além dessa proibição, ainda havia um supersticioso temor que os dominava pelo que, mandaram homens ao templo de Apolo, em Delfos, para pedir conselho à profetisa, que lhes deu esta resposta:

Consultas, Sicíone, onde os ossos de Arato devem ficar em repouso eterno; como deves a este grande homem, fazer digna sepultura, e uma digna comemoração? Sabe, que quem impedir de se reverenciar a esse personagem, está fora de si e peca contra a terra e o alto firmamento e juntamente contra o mar.

Este oráculo lhes foi levado, e todos os acaios ficaram bem contentes, mas especialmente os siciônios, os quais trocando imediatamente seu luto em regozijo público, levaram o corpo da cidade de Égio e coroando-se de flores, trajando lindas vestes brancas, conduziram-no processionalmente, com hinos e cânticos, em seu louvor e com danças, até a cidade de Sicíone, na qual escolheram um lugar conveniente onde o sepultaram, como fundador, pai e salvador da sua cidade; chama-se ainda hoje Arado, esse o lugar onde se fazem todos os anos dois sole nes sacrifícios, um no dia 5 de novembro{1685}, quando ele salvou a cidade da escravidão e a esse sacrifício chamam de Sotena, o que significa, festa da salvação: e um outro, no dia era que ele nasceu, como eles dizem. Quanto ao primeiro sacrifício, foi o sacerdote de Júpiter salvador que o fez e o segundo, o filho de Arato, estando cingido de uma toalha, que não era de todo branca, mas metade de cor púrpura e durante o sacrifício foram cantados hinos em seu louvor, com acompanhamento de lira, por vários músicos, e{1686} o mestre dos músicos fez uma procissão em redor, sendo acompanhado pelas crianças e homens da cidade, atrás dos quais vinham o senado, coroado de flores e outros cidadãos, que o queriam acompanhar. Disto eles guardam ainda hoje alguns sinais de devoção. Mas a maior parte das honras que então lhe foram determinadas, por um certo tempo e pela vicissitude das coisas, que depois sobrevieram, foram abandonadas.

Como o céu castigou Felipe por seu crime.

LXIV. Eis como viveu e quem foi o primeiro Arato, como o encontramos nas histórias. Finalmente, Felipe, homem mau e cruel, também mandou envenenar seu filho, o segundo Arato, não com veneno mortal, mas daqueles que perturbam os sentidos do homem, tornando-o, com essa infelicidade, também louco, ofuscando-lhe a razão, até praticar ações estranhas e horríveis, despertando-lhes apetites vergonhosos e reprováveis, de modo que a morte, ainda que na juventude e na flor da idade, não deve ser considerada um mal, mas a mesma salvação e a libertação de males muito maiores. Mas Felipe, depois, pagou durante toda sua vida a Júpiter, protetor do direito de hospitalidade e da amizade, o castigo que mereciam sua maldade e crueldade: pois tendo sido derrotado pelos romanos, foi obrigado a se submeter à sua vontade, e por eles foi privado de todas as suas propriedades e terras, de todos os navios, exceto de cinco e condenado a pagar mil talentos{1687} como multa e a entregar seu filho como refém: somente lhe deixaram, por piedade, o reino da Macedónia, com seus pertences: e lá mesmo, fazendo morrer todos os dias os homens mais nobres da cidade e os mais próximos de seu sangue, ele encheu a cidade e o reino de horror e de ódio mortal contra si mesmo. Mas o que é ainda pior, não tendo entre tantos males, senão uma única felicidade, isto é, ter um filho virtuoso, ele o fez morrer por inveja e ciúme, vendo que os romanos o honravam e deixou a sucessão do seu reino ao outro filho, Perseu, do qual se dizia ainda que não era seu filho legítimo, pois havia nascido de uma costureira, que se chamava Gnatenium; foi a ele que Paulo Emílio derrotou e levou em triunfo a Roma: a ele faltou a raça dos reis descendentes de Antígono, mas a posteridade de Arato permanece até agora nas cidades de Sicíone e de Palene.

Galba

Desde o ano 749 até o ano 822 de Roma, depois de Cristo, ano 69.

Como as tropas indisciplinadas são perigosas.

Ifícrates, general ateniense, dizia que é necessário que o soldado seja avarento, amoroso e voluptuoso, a fim de, para ter com que satisfazer às suas paixões, ele se arrisque mais corajosamente a todo e qualquer perigo: mas a maior parte dos outros é de opinião que os guerreiros devem ser como um corpo forte e robusto{1688} que, porém, não tem nenhum movimento por si mesmo, mas se move segundo a vontade do comandante. Seguindo esta opinião diz-se que Paulo Emílio chegando à Macedónia, encontrou o exército cheio de tagarelice e de curiosidade, porque cada soldado queria ser comandante: ele não achando isso bom, mandou publicar uma ordem, que os soldados não se ocupassem de outra coisa senão em ter a mão pronta para empunhar a espada, bem afiada: e que quanto ao resto deixassem-no agir: pois ele teria o cuidado de fazer tudo o que lhe competia, de acordo com o seu cargo. Pelo que Platão que diz, que de nada serve ter um bom chefe, um sensato comandante, se os soldados também não forem sensatos e obedientes, julgando que a virtude de bem obedecer, tem também necessidade de uma natureza generosa, de um auxílio de boa alimentação, como a virtude real de bem mandar, visto que é ela mesma que tempera, num acordo equilibrado, a veemência da cólera ativa com a doçura e a naturalidade humana, tem muitos outros exemplos e suficientes testemunhos para verificar o seu falar e mesmo as misérias e calamidades que caíram sobre os romanos, depois da morte de Nero, mostram bastante que não há nada que mais se deve temer em um império, do que uma potência militar, a qual, licenciosamente, segue apetites loucos e desordenados.

Vista de olhos sobre as mudanças do império romano, logo depois da morte de Nero.

II. Demades, depois da morte de Alexandre, o Grande, comparava seu exército a Ciclope Polifemo, depois que ele teve o olho vazado, vendo os movimentos insensatos, perturbados e cegos, com que ele se movia. Mas o império romano, dividido em várias partes, num mesmo tempo e amotinado em vários lugares contra si mesmo, caiu nos acidentes e inconvenientes, que os poetas contam dos Titãs, não tanto pela ambição dos que acabavam de ser declarados imperadores, como pela avareza e insolência dos soldados, que expulsavam para fora do trono imperial, os imperadores uns após outros, como uma cavilha afasta a outra. E no entretanto Dionísio, o tirano da Sicília, costumava chamar a Fereu que tinha sido senhor e tirano da Tessália, durante dez meses somente, tirano de tragédia, zombando da rápida mudança do seu estado: o palácio e a casa imperial dos Césares em Roma, em menos tempo, que não dez meses, recebeu quatro imperadores, fazendo os soldados lá entrar um, e sair o outro, como se estivessem representando alguma peça sobre um palco; mas, ao menos tinham os habitantes de Roma, que eram assim oprimidos, uma consolação, e era, que não lhes era necessária outra vingança contra os que eram causa da sua opressão: pois eles os viam matar-se reciprocamente e mais justamente que nenhum outro, aquele que primeiro os tinha aliciado e que lhes havia ensinado a esperar tanto à mudança de um imperador, como ele lhes prometeu{1689}, condenando um ato muito belo, qual o de ter-se rebelado e revoltado contra Nero, tornando-o um ato de traição, por nele ter interposto a recompensa. Ninfídio Sabino, comandante dos soldados destinados à guarda dos imperadores, que se chamam soldados pretorianos, com Tigelino, quando viu a situação de Nero totalmente desesperadora, e ele prestes a fugir para o Egito, persuadiu aos mesmos soldados a declarar a Galba imperador, não estando mais Nero em Roma, pois já tinha fugido, prometendo-lhes{1690} setecentos e

cinquenta escudos por cabeça, e aos outros, que estavam espalhados na guarda das províncias{1691} cento e vinte e cinco, cuja soma era impossível ajuntar, se ele não fizesse dez mil vezes mais extorsões ao povo, do que o mesmo Nero. Esta promessa foi causa de se fazer morrer incontinente o próprio Nero{1692}, e pouco depois Galba{1693}, porque os soldados abandonaram um pelo outro, na esperança de receber esse presente e logo depois mataram também o outro, porque não o recebiam bastante segundo a sua própria vontade. Depois, procurando alguém que lhes desse outro tanto, eles perderam-se e perderam aos outros, por causa das revoltas e das traições em vez de encontrar o que desejavam.

Nascimento e início de Galba.

III. Querer expor detalhadamente tudo o que se fez ou que aconteceu depois, seria escrever uma história inteira e completa: mas eu, para mim, será suficiente não passar em sil êncio os fatos mais notáveis, ou os acidentes e os inconvenientes que sucederam então aos Césares. É coisa sabida por todos, que Sulpício Galba foi o homem mais rico que jamais pisou no palácio dos Césares e embora de sua própria estirpe ele teve grande dignidade de nobreza, por ser da raça e da família dos Servíanos e sentia-se ainda mais honrado por ser parente de Quinto Catulo, que foi um dos primeiros homens do seu tempo em virtude e reputação, embora por fim, ele cedesse voluntariamente a autoridade e o prestígio a outros. Também era Galba de algum modo parente de Lívia, mulher de Augusto César, e por esse motivo em favor dela ele saiu do palácio imperial {1694} quando foi tomar posse do seu consulado. E diz-se que tendo o comando do exército da Alemanha ele portou-se muito bem: e do mesmo modo no governo da Líbia, onde ele foi vice-cônsul e teve grande honra no desempenho do seu cargo, mais que qualquer outro: mas a simplicidade de seu viver e suas despesas regradas, sem superfluidade alguma, foram consideradas avareza, quando ele foi declarado imperador, porque o louvor da sobriedade e da temperança que ele queria tornar habitual, era já coisa tão banal, por assim dizer, e tão desacostumada, que já não era novidade.

Seu proceder no governo da Espanha.

IV. Ele foi também mandado como governador à Espanha por Nero, antes que ele tivesse começado a temer os cidadãos de grande autoridade: mas, exceto isso, ele era doce e humano por natureza; a velhice aumentou ainda a opinião que se tinha dele, de que ele era tímido. Como os maus e malfadados procuradores de Nero{1695} atormentassem cruel e desumanamente as províncias, ele não as pudesse socorrer, pelo menos era de algum conforto e consolação aos que eram julgados e vendidos como escravos por eles, ver que Galba lamentava a sua infelicidade e a injúria que se lhes fazia, como se fosse feita a ele mesmo. E como se tivessem feito versos difamatórios contra Nero, que se cantavam por toda parte, ele não os impediu nem proibiu, nem com isso se aborreceu, como faziam os procuradores de Nero: por essa razão ele foi ainda mais estimado e amado por aqueles que ali habitavam, com os quais tinha certa familiaridade, porque já era o oitavo ano que ele tinha nas mãos aquele governo, desde que Júnio Víndex, sendo governador das Gálias, se havia rebelado contra Nero: o qual, pelo que se diz, lhe havia escrito antes, que se rebelaria abertamente: mas Galba não deu crédito a isso, nem também o denunciou, nem o acusou como fizeram vários outros, que comandavam exércitos e se ocupavam do governo de províncias, que enviaram a Nero as mesmas cartas que Víndex lhes tinha escrito e impediam, quanto estava neles, a empresa, da qual tendo depois participado, eles se confessaram traidores a si mesmos como a ele.

Declara-se chefe da revolução suscitada por Júnio Víndex.

V. Mas, depois, tendo Víndex{1696} abertamente declarado guerra a Nero, ele escreveu outra vez a Galba, rogando-lhe que aceitasse o império e se tornasse o chefe, de um corpo forte e poderoso, que não tinha senão necessidade de uma cabeça; eram os gauleses, dos quais havia já cem mil combatentes, todos prontos, de armas, e ainda se podiam recrutar outros; então se pôs o assunto à deliberação de seus amigos dos quais, uns foram de opinião que ele diferisse ainda, esperando que impressão e que mudança causaria em Roma essa notícia. Mas Tito Júnio, comandante da legião pretoriana, disse-lhe: "Galba, ainda consultas sobre isso? Pois deliberar se permaneceremos ou não fiéis a Nero{1697}, já é permanecer: é-nos necessário fazer um dos dois, ou não rejeitar a amizade de Víndex, como sendo Nero nosso inimigo, ou então acusá-lo e lhe fazermos guerra, porque ele te deseja ver imperador de Roma, antes que a Nero, tirano". Depois disso, por proclamações públicas, ele marcou um dia, no qual daria liberdade aos que lha fossem pedir. Esta notícia espalhou-se por toda a parte, e reuniu uma grande multidão de homens, dispostos a se rebelarem e mal apenas ele subiu à tribuna todos os assistentes o chamaram e declararam imperador. Todavia ele não quis logo a princípio receber essa denominação mas, acusando Nero e censurando alguns dos mais nobres personagens da cidade, que ele tinha feito morrer, prometeu que ele daria sua inteligência e sua prudência ao bem público do seu país, não se chamando nem César, nem imperador, mas somente lugar-tenente do senado e do povo romano.

Como Nero recebe esta notícia.

VI. Que Víndex havia agido sabi amente, convidando Galba para o império, pode-se verificar pelo testemunho do mesmo Nero: o qual tendo sempre mostrado que não se importava com Víndex e que não fazia caso algum da rebelião dos gauleses, logo que soube que Galba também se tinha rebelado, o que foi na hora da ceia, ele revirou a mesa por raiva e despeito: e no entretanto o senado tendo julgado Galba inimigo, ainda quis ele mostrar-se tranquilo e divertir-se entre seus amigos, dizendo que esta notícia não lhe tinha vindo fora de propósito, porque ele também tinha negócios com dinheiro e era um expediente que lhe havia chegado bem em tempo, para ganhá-lo, porque logo ele teria os bens de todos os gauleses, como presa de guerra justa, depois de os ter reconquistado e de novo subjugado: e que logo que tivesse os bens de Galba, ele os podia vender visto que o mesmo se tinha declarado seu inimigo. E depois ordenou de fato que levassem e vendessem em leilão a quem mais desse, os bens de Galba. Ouvindo isto, Galba também, a som de trombeta, anunciou a venda de tudo o que era de Nero, em toda a província da Espanha e encontrou ainda mais gente disposta a comprá-los.

Galba arrepende-se da sua empresa.

VII. Todos os dias, por toda a parte havia gente que se rebelava contra Nero, que se reunia ao partido de Galba exceto Cláudio Macer, na África, e Virgínio Rufo, nas Gálias, o qual comandava as legiões destinadas à guarda da Alemanha: estes dois agiam separadamente, não tendo ambos a mesma intenção: porque Cláudio, tendo roubado muito e feito morrer muitos homens, por sua crueldade e avareza, mostrava evidentemente que ele nadava em duas águas, não sabendo, nem como deixar, nem como conservar o cargo do seu governo: e Virgínio, sendo comandante das legiões mais poderosas, que por várias vezes o haviam declarado imperador e o haviam querido obrigar a aceitar o império: ao qual ele sempre havia respondido que se não tinha decidido, nem a aceitá-lo, nem a tolerar que fosse ele dado a um outro senão àquele que o senado escolhesse. Isso a princípio turbou bastante a Galba: mas quando os dois exércitos de Víndex e de Virgínio, contra a vontade dos comandantes, que não o puderam impedir, como os cocheiros que não podem reter a corrida dos cavalos, que tomam o freio nos cientes, encontraram-se numa grande batalha, onde vinte mil gauleses ficaram mortos no campo e Víndex, que depois se matou, correu uma voz, que os vencedores, depois de tão bela vitória, ou obrigariam a Virgínio a aceitar o império, ou ele voltaria a Nero. Então

Galba, muito assustado, escreveu a Virgínio, que viesse entrar em entendimentos para conservar o império e a liberdade dos romanos, e retirou-se a uma cidade da Espanha, que se chama Colônia{1698}, arrependendo-se do que já tinha feito e lamentando sua costumada tranquilidade de vida, na qual ele tinha sempre sido educado, do que procurando fazer alguma coisa útil ou necessária à sua empresa.

Um de seus libertos anuncia-lhe que o senado o ha via nomeado imperador.

VIII. Era já o começo do verão, e, uma tarde, pouco antes do anoitecer, chegou a ele um seu servo liberto, nativo da Sicília{1699}, que tinha vindo de Roma em sete dias, e sabendo que Galba descansava, sozinho, correu ao seu quarto, abriu a porta, e entrando contra a vontade dos criados, que estavam de guarda, notificou-lhe de como, vivendo ainda Nero, não aparecendo mais, porém, em público, o povo romano, primeiro e depois, o senado, o tinham chamado e nomeado imperador; logo depois espalhara-se a notícia de que Nero havia morrido; ele não quis crer, mas, tendo ido a determinado lugar, viu seu corpo estendido, inerte; tinha-se, então, posto a caminho para ali.

Grande prestígio de Ninfídio Sabino.

IX. Estas notícias alegraram muito a Galba e grande multidão de homens acorreu à porta de sua moradia, para certificarem-se, de que ele estava mesmo em segurança embora a notícia do mensageiro parecesse inverossímil, mas dois dias depois, chegou Tito com alguns outros do acampamento, que lhe deu particularmente a notícia de tudo o que o senado havia mandado. Tito foi assim promovido, em grau de honorabilidade, e o servo liberto teve o direito de usar anel de ouro, fazendo-se chamar de Marciano Vicei lo; e teve depois grande autoridade entre os libertos de seu senhor. No entretanto, Ninfídio Sabino em Roma, ia, não devagarzinho, mas rapidamente usurpando toda a autoridade: considerando que Galba já era tão velho, que não poderia ser levado senão numa liteira a Roma, tendo a idade de setenta e três anos, acrescente-se ainda que, a legião de pretorianos que estava em Roma há muito tempo lhe queria muito bem, e não reconhecia outro superior senão ele, pela grandeza da promessa que ele lhes tinha feito: da qual ele tinha o prazer e a graça, e Galba ficava obrigado à dívida. Ordenou em seguida a Tigelino, seu companheiro no cargo de comandante dos pretorianos, que depusesse a espada: e dando muitos banquetes, mandava chamar a todos os que tinham sido cônsules, ou que tinham cargo no exército ou governo nas províncias, e os convidava em nome de Galba: e alguns soldados espalharam esta notícia pelo acampamento, que era necessário enviar embaixadores a Galba, para pedir-lhe a Ninfídio, como capitão e chefe perpétuo, sozinho e sem companheiros. O que o senado fazia em sua honra e seu favor chamando-o de seu benfeitor e indo todos os dias fazer-lhe a corte até mesmo em sua casa, querendo que ele fosse autor de todos os decretos que se propunham no senado e que os autorizasse, deu-lhe ânimo e coragem, e despertou-lhe o entusiasmo: de modo que em pouco tempo ele se tornou, não somente odioso, mas temível, aos mesmos que lhe iam fazer- a corte. E como os cônsules tivessem dado a correios públicos os papéis assinados e selados nos quais estavam exarados os decretos do senado, para levá-los ao imperador, e em virtude desses mesmos papéis os oficiais das cidades, logo que viam o selo, faziam fornecer carros e cavalos descansados aos mensageiros, para mais rapidamente continuar sua viagem, ele se irritou asperamente contra eles, por não terem levado também decretos assinados e selados, dele e dos soldados, para mau dá-los e o que ainda é pior, diz-se que esteve a ponto de depor os cônsules; todavia tendo ele se desculpado e suplicado que os perdoasse, ele acalmou a sua cólera.

Ele aspirava secretamente ao império.

X. Para agradar ao povo, ele deixou morrer em tormentos, aqueles que eram presos, dos domésticos e familiares de Nero: dentre outros um gladiador e esgrimista exímio, que se chamava Spicilo, o qual eles colocaram por baixo das estátuas de Nero e o arrastaram por toda a cidade; a um outro chamado Apônio, um dos delatores de Nero, eles derrubaram por terra e por cima dele fizeram passar os carros carregados de pedras; e a vários outros do mesmo modo, fizeram em pedaços, a muitos mesmo sem que tivesse culpa alguma. Assim houve um certo Maunsco, dos melhores homens da cidade e lido por todos como tal, que disse em pleno senado: "Tenho grande medo que bem depressa tenhamos a lamentar a ausência de Nero". Assim Ninfídio, vendo sua esperança bem perto do objetivo que ele visava, gostava de ouvir que alguns cochichavam que ele era filho de Caio César{1700}, aquele que governou o império romano depois de Tibério, porque Caio sendo ainda jovem tinha conhecido sua mãe, que era uma senhora de rosto muito lindo, filha de Calisto, um dos servos libertos de César, que ele tivera de uma costureira que ele sustentava; mas diz-se que Ninfídio já tinha nascido antes que Caio César tivesse conhecido sua mãe, e tinha-se a opinião de que ele tinha sido gerado por um esgrimista, de nome Marciano, do qual sua mãe se apaixonou, pela grande fama que ele gozava na cidade de Roma e de fato ele se parecia muito de rosto com ele, mais do que qualquer outro: mas ele mesmo confessava ser filho dessa Ninfídia, atribuindo porém a si somente, a derrota de Nero, ele não se julgava suficientemente recompensado com as honras que por isso lhe advinham e com os bens de que gozava, nem de se sentar à mesa com Sporo, que Nero tanto tinha amado, o qual ele mandou chamar para os funerais de Nero, quando o corpo ainda ardia, e o reteve com ele, como se fosse sua esposa, e o chamava de Popeu {1701} : todavia, não contente com isso, ainda ele aspirava à sucessão do império, esforçando-se para isso, tanto em Roma, mesmo, por meio de algumas mulheres e homens que eram do senado e que o favoreciam secretamente, como por meio de um certo Geliano, que ele mandou à Espanha para espiar o que lá se fazia.

Virgínio Rufo reconhece Galba por imperador.

XI. Mas depois que Nero morreu, tudo aconteceu conforme os desejos de Galba; exceto que Virgínio Rufo, o qual nadava ainda em duas águas, o tinha em grande inquietação, porque temia, (além de ele comandar um exército grande e muito belicoso, tendo mesmo de data recente derrotado Víndex, e dominando uma boa parte do império romano, que era Gália total, que estava convulsionada, e estava para se rebelar) que ele não prestasse ouvidos aos que o exortavam a apoderar-se ele mesmo do império: pois não havia então general romano, que tivesse tão grande renome, nem que fosse de tal reputação como Virgínio, e com razão, como tendo servido na hora da necessidade com muita solicitude aos interesses dos romanos, tendo-os libertado de uma vez de uma cruel tirania e do perigo das guerras da Gália: todavia, perseverando ele na sua primeira resolução, reservou ao senado a eleição do imperador, embora ainda depois que a morte de Nero foi conhecida, muitos dos soldados fizessem-lhe grande instância e um comandante de mil homens, fosse até a sua tenda, apresentar-lhe uma espada desembainhada e dizer-lhe que se decidisse a aceitar o império ou a receber a espada em seu corpo. Mas depois que Fábio Valens, chefe de uma legião, fez o juramento de fidelidade a Galba, e recebeu cartas de Roma, nas qu ais se lhe escrevia que o senado havia ordenado, por fim, com grande dificuldade, persuadiu aos soldados de declarar e reconhecer a Galba como imperador, o qual lhe enviou por sucessor a Flaco Ordeônio, ao qual ele cedeu voluntariamente: e tendo-lhe passado o exército, foi encontrar-se com Galba, que se dirigia para Roma, diretamente, e o acompanhou, sem que Galba lhe desse alguma demonstração de descontentamento nem também de honra: sendo causa de um Galba mesmo que ele respeitava e de outros seus amigos, mesmo Tito Júnio{1702}, pela inveja que tinha de Virgínio, cuidando impedir seu progresso, pelo que secundava e ajudava sem conhecê-lo, sua boa sorte, a qual lhe preparava meios de o tirar das guerras civis e dos males em que caíram depois os outros generais, para pô-lo em uma vida tranquila e em uma velhice plena de paz e de repouso.

Galba recebe os deputados do senado.

XII. Finalmente, os embaixadores enviados da parte do senado encontraram Galba em Narbona, cidade da Gália, onde depois de o terem saudado, o advertiram que se apressasse o mais possível, para se apresentar ao povo romano que desejava singularmente a sua chegada. Galba os recebeu com bondade e delicadeza, fazendo-lhes boa acolhida, mas todavia, com reservas: pois embora Ninfídio lhe tivesse enviado vários oficiais e muitos móveis de Nero, jamais ele se serviu deles em todos os banquetes e festas que promoveu, senão dos seus próprios: e nisso mostrou-se homem magnânimo e vencedor de toda vaidade tola.

Perfil de Tito Júnio.

XIII. Júnio porém, deu-lhe logo a entender que esta magnanimidade e esta moderação civil sem pompa nem superfluidade, era uma maneira muito baixa de adular o povo, e que era uma certa honestidade que não se conhecia a si mesmo, mas desprezava sua grandeza. Persuadiu-o a usar os bens e os móveis de Nero, quando dava suas festas, sem nada poupar, em uma suntuosidade de aparato real. Em suma, o velho começou a mostrar evidentemente que ele se deixava governar por Júnio, o qual era extremamente, e mais que qualquer outro, avarento, e além disso, dominado pelas mulheres: pois sendo ainda jovem, na primeira vez que esteve na guerra com Calvísio Sabino, ele levou a mulher de seu comandante, que era mulher luxuriosa, disfarçada em soldado, até a casa mesma do oficial, que os romanos chamavam de Principia{1703}, onde a corrompeu: por essa razão Caio César mandou metê-lo na prisão, mas, da morte, ele escapou. Outra vez, ceando com Cláudio César, ele roubou um vaso de prata e Cláudio sabendo disso, mandou chamá-lo no dia seguinte, para cear com ele de novo: mas ordenou a seus oficiais que o servissem em vasos de barro. Assim este roubo pelo estratagema cômico de César pareceu mais digno de riso e de zombaria do que de ira e raiva: mas os que ele cometeu depois, por excessiva cobiça de dinheiro, quando ele tinha Galba em seu poder e toda a autoridade perante ele, deram a uns, causa justa e aos outros, aparente pretexto de trágicos inconvenientes e de muito graves calamidades.

Ninfídio tem inveja do seu prestígio perante Galba.

XIV. Ninfídio logo que Gehano voltou à Espanha, para onde ele o tinha enviado a fim de espionar o que Galba fazia, sendo advertido por ele de que Cornélio Lacon era comandante dos guardas e da casa do imperador e que Júnio tinha todo prestígio e autoridade e que jamais lhe fora permitido poder tão-somente aproximar-se de Galba nem falar com ele, em particular, porque todos os que estavam em redor dele julgavam-no suspeito e tinham-no sob vigilância, observando tudo o que ele fazia, e estava muito aflito: reuniu todos os comandantes de cem homens, chefes de grupos, oficiais particulares do acampamento dos pretorianos, aos quais ele demonstrou que Galba, como pessoa, era um bom velho e pessoa muito moderada, mas que ele não se governava por si mesmo, deixando-se levar por Júnio e Lacon, que tudo deitavam a perder: e portanto que seria bom, antes que eles viessem a se fortificar mais e a conseguir na direção dos negócios tão grande autoridade, como havia feito Tigelino, enviar embaixadores ao imperador, em nome de todo o acampamento, para mostrar-lhe que, afastando dele somente estes dois personagens, ele teria chegado melhor a Roma e seria mais agradável a todos. Os oficiais não acharam isso bom. pois lhes pareceu estranho e sem motivo querer desse modo ensinar a um velho imperador, como se se tratasse de um rapaz que então começava a experimentar o que é ter liberdade de mandar e prescrever-lhe de que servidores e amigos dever-se-ia servir e em quem devia acreditar ou não.

Procura fazer-se substituir a Galba.

XV. Ninfídio, vendo isto, tomou outro caminho e escreveu cartas a Galba, para amedrontá-lo, dizendo-lhe que havia muita gente em Roma que lhe era contrária, e que se estavam preparando para se rebelar contra ele; outra vez, que as legiões da Germânia movimentavam-se, e que ele sabia o mesmo das que estavam na Judeia e na Síria, e uma outra vez, que Cláudio Macer retinha na África os navios carrega dos de trigo que deviam vir a Roma: mas, por fim, vendo que Galba não fazia nenhum caso dele e não lhe dava crédito algum, ele determinou atacá-l o por primeiro, embora Cláudio Celso, nativo de Antioquia, homem sensato e que lhe era amigo fiel, o desaconselhasse muito disso, dizendo-lhe que ele sabia que não havia nem uma família e nem uma só casa em Roma que quisesse chamar a Ninfídio de César. E, ao contrário, vários outros zombavam de Galba, até um certo Mitrídates, do reino do Ponto, que se vangloriava de que ele era calvo e enrugado: pelos os romanos, dizia ele, o têm agora em alguma conta: mas quando o tiverem visto, julgarão que é uma infâmia perpetua e uma sempiterna reprovação de nosso tempo, que ele tenha sido chamado e nomeado Césai ¡ foram de opinião que se levasse Ninfídio pela meia noite, ao campo, e lá o declarassem e nomeassem publicamente imperador.

Antônio Honorato persuade as coortes pretorianas, a permanecerem fiéis a "Galba.

XVI. Mas o primeiro oficial Antonio Honorato pela tarde reuniu os soldados que estavam sob seu comando, e na sua presença começou a censurar primeiro a si mesmo, e depois a eles, porque em tão curto espaço de tempo eles tinham mudado e trocado tantas vezes, sem se deixar governar pela razão, nem escolher o melhor, mas eram somente impelidos por algum mau espírito que os levava de uma traição a outra. "Ainda (disse ele) tinha a nossa primeira mudança alguma aparência de razão, isto é, os crimes e pecados de Nero, mas agora, de que acusamos a Galba para termos pretexto de lhe faltar à palavra? Ele matou sua mãe? Ele fez morrer a esposa? Representou ele vilmente, como um farsante sobre um palco em pleno teatro? E todavia por esses atos infames, não tivemos nós jamais a coragem de abandonar a Nero, mas prestamos fé às palavras de Ninfídio, que nos deu a entender que foi ele quem por primeiro nos havia abandonado e que havia fugido para o Egito. Que queremos então fazer? Matar a Galba depois de Nero? Matar aquele que é parente de Lívia, para eleger imperador o filho de Ni nfídia, como já fizemos morrer o filho de Agripina, ou então fazê-lo sofrer o castigo do que temerariamente ousou-fazer, e fazendo isso, vingar a morte de Nero e mostrarmo-nos leais e fiéis a Galba?" A estas palavras do oficial assentiram todos os soldados e foram aos outros companheiros, incitá-los a manter a fé e a lealdade que tinham jurado ao imperador, de sorte que vários retrocederam.

Ninfídio é morto.

XVII. Tendo-se por isso levantado grande celeuma, Ninfídio, cuidando, como outros dizem, que haviam sido soldados que o tinham chamado, ou então, querendo logo abafar esta rebelião, para conter os que hesitavam, ainda na dúvida, foi, com muitas lanternas, tochas e archotes, levando na mão um discurso que Ciconio Varro havia escrito e que ele tinha decorado para proferi-lo diante dos soldados: mas achando as portas do acampamento fechadas e vendo homens com armas sobre as muralhas, teve receio e aproximando-se pediu-lhes que lhe dissessem por que tinham suas arma s e por ordem de quem. Responderam-lhe todos a uma voz, que não reconheciam outro imperador senão Galba: o que ele fez menção de

aprovar, e ordenou aos que o seguiam de fazer outro tanto, e assim aproximou-se mais ainda: alguns soldados, que estavam perto da porta, abriram-lha, e o deixaram entrar com alguns homens. Mas não tinha ele bem entrado, que lhe deram um golpe de dardo, o qual um certo Setímio, que ia adiante dele, recebeu sobre o escudo, depois outros atacaram-no com as espadas desembainhadas, e o perseguiram, a ele que fugia, até a casa de um soldado, onde o massacraram: depois atiraram seu corpo a um lugar público, pondo barreiras em redor, a fim de que aqueles que quisessem pudesse vê-lo, no dia seguinte.

Atos tirânicos de Galba.

XVIII. Assim terminou Ninfídio seus dias; Galba foi avisado desse fato e ordenou que todos os seus cúmplices e companheiros de conjuração, que até então não tinham sido mortos por causa dele, fossem condenados à morte: como de fato o foram: dentre eles estavam Ciconio, o que havia composto o discurso, e Mitrídates, o do Ponto; mas, embora bem eles o tivessem merecido, julgou-se que isso não tinha sido feito, nem lícita, nem legalmente: isto é, ordenar que fossem mortos esses personagens, que eram de certa posição, sem lhes ter movido antes processo algum, porque todos esperavam ver sob esse novo imperador uma outra forma de governo, que ainda não tinham visto e estavam decepcionados e desiludidos daquilo que desde o princípio estavam aguardando: mas, ainda achou-se bem mais errado, o ter ele ordenado a morte de um cônsul, chamado Petrônio Tertuliano{1704}, porque tinha sido fiel a Nero. Quanto a Macer, que ele mandara matar na África, por Treboniano, e a Fonteio, na Alemanha, por Valens, ele tinha certo motivo de temer, porque eles estavam em armas, e tinham autoridade no exército, pelo cargo que ocupavam, mas Tertuliano, que era idoso e sem armas, certamente ele o devia ter ouvido, para apresentar sua defesa, se ele tivesse querido de fato observar a moderação que prometera para com seus adversários. Eis o que se censura nele.

Insolência da coorte dos marinheiros; Galba os manda matar.

XIX. Finalmente, quando ele já estava perto de Roma, mais ou menos uma légua e meia, encontrou-se envolvido num tumulto de marinheiros e de forçados que haviam ocupado o caminho e o tinham cercado de todos os lados: Nero os havia reunido numa legião, e tendo-os tirado do remo, os havia feito soldados; ali estavam para pedir-lhe que os confirmasse como homens de guerra e insistiam com tanta pertinácia, que não permitiam que os que tinham vindo procurar o imperador, pudessem aproximar-se dele e falar-lhe: faziam grande algazarra e barulho, pedindo as insígnias da legião e um lugar de guarnição para aquartelarem. Galba determinou que o procurassem outra vez, prometendo então escutá-los quando lhe viessem repetir o mesmo pedido. Eles, porém, disseram que aquilo era uma espécie de recusa e se amotinaram, perseguindo-o com grandes gritos, a ponto de alguns mesmo terem tido a ousadia de desembainhar suas espadas: e então Galba ordenou aos cavaleiros que os atacassem. Nenhum deles resistiu, alguns foram esmagados pelas patas dos cavalos ali mesmo e outros, mortos, quando fugiam{1705}. O que foi um mau e sinistro presságio para ele, entrar na cidade de Roma depois de tão grande efusão de sangue humano, e por cima de corpos de tantos homens mortos: mas embora alguns, antes, o desprezassem como velho e caduco, não houve um sequer que não o temesse e não estremecesse diante dele.

Procura retirar das mãos dos comediantes e homens dessa espécie, todos os dons que Nero lhes havia feito.

XX. Querendo ainda mostrar grande inovação, quanto à largueza e superfluidade desmesurada de Nero, parece que ele saiu fora do cumprimento do dever: porque, como um certo Cano, exímio tocador de flauta, tivesse tocado durante um jantar uma melodia muito agradável de se ouvir, ele o louvou e elogiou muito, depois ordenou que lhe levassem sua bolsa, da qual ele tomou alguns escudos e lhos entregou, dizendo que não era dinheiro público, mas do seu próprio, e ainda ordenou que se restituíssem severamente, os presentes que Nero tinha feito aos artistas de comédias, músicos, lutadores e a todos os demais que faziam demonstração de dotes pessoais, deixando-lhes a décima parte, somente: recolheu, porém muito pouco, porque a maior parte dos que o haviam recebido, já tinham gasto tudo, sendo na maior parte pessoas que vivem sem regra nem método, e unicamente do dia em que se acham; era necessário que fossem procurar os que tinham recebido ou comprado alguma coisa deles, e obrigá-los a restituir; e isso não linha fim, tanto ia a coisa longe, de um a outro e se estendia a um grande número de pessoas.

Mau proceder de Galba inspirado por Tito Júnio.

XXI. De tudo isso, porém, a vergonha e a desonra caíam sobre ele, mas a raiva e o ódio sobre Júnio, como quem tornava o príncipe avarento e mecânico para com os outros, enquanto ele, servindo-se desordenadamente disso, recebia e vendia todas as coisas: o poeta Hesíodo diz que é preciso:

{1706}Beber seu gole quando o tonel está cheio e igualmente quando ele está no fim.

Mas Júnio, vendo Galba tão velho e caduco, queria enriquecer com sua fortuna, enquanto ainda a conservava pensando que ela lhe começava e terminava ao mesmo tempo: e no entretanto fazia uma grave injustiça ao pobre velho, administrando mal, sob sua autoridade, nos principais negócios, e censurando, ou ainda impedindo àqueles que o príncipe por si mesmo, tinha boa vontade de fazer com justiça, como punir os ministros de Nero, dos quais fez morrer alguns, como um certo Élio, um Políclito, Petino e Patróbio: com isso o povo muito satisfeito ficou e clamava, quando os levavam ao suplício pela praça, que era uma procissão santa e bela e pedia aos deuses e aos homens, aquele que tinha sido o senhor e o guia de toda a tirania de Nero, Tigelino: mas o corajoso homem tinha ganho a dianteira, sobrecarregando a Júnio, com grandes compromissos e depois, fazendo morrer o pobre Tertuliano{1707} : porque somente ele não tinha abandonado nem odiado a Nero, sendo tal como era, sem que todavia fosse culpado, nem participante dos crimes e dos males que ele tinha cometido em sua vida: e aquele que tinha tornado a Nero digno de morte e depois ainda o abandonara ficou impune e dele nada se exigiu, servindo de belo ensinamento aos outros, e nada que não se pudesse esperar obter de Júnio, se algo se lhe desse: jamais o povo romano desejou tanto outra coisa, senão ver a Tigelino levado ao suplício e não cessava jamais nas assembleias do teatro ou nas contendas, de o pedir, até que o imperador os repreendeu por uma proclamação pública: na qual se dizia que Tigelino não viveria muito porque estava doente de tísica e todos os dias ia-se consumindo aos poucos: e pedia Galba ao povo que não tornasse seu principado áspero nem tirânico e cruel. O povo admirou-se disso, e não fez outra coisa senão rir-se: Tigelino sacrificou aos deuses para dar-lhes graças pela sua salvação e mandou preparar um suntuoso banquete, onde Júnio levantando-se de peito do imperador depois do jantar, foi jogar em casa de Tigelino, levando sua filha, que era viúva, com ele, à saúde da qual Tigelino bebeu, oferecendo-lhe um presente de vinte e cinco mil escudos{1708} e mandou à principal de suas concubinas, tirar do seu pescoço para dá-lo, um colar que usava, no valor de quinze mil escudos{1709}.

Ódio geral contra Galba.

XXII. Depois disto as mesmas coisas que se faziam retamente e com justiça, eram mal interpretadas e tomadas em má parte: como o que se passou com os gauleses, porque eles se tinham sublevado com Víndex: pois julgou-se que não era tanto pela bondade e liberalidade do imperador que eles tinham sido libertados e isentados dos subsídios e tributos, que costumavam pagar, que eles tinham obtido direito de burguesia romana, como por o terem comprado de Júnio. Por essa causa e razão o povo odiava o império de Galba: mas os soldados, por causa do presente que lhes havia sido prometido no princípio, alimentavam alguma esperança, pensando que, ainda que eles não tivessem tanto quanto lhes fora prometido, pelo menos teriam tanto quanto Nero lhes havia dado. Galba sabendo que se queixavam dele, disse então uma palavra digna de um príncipe grande e magnânimo: "Que ele estava acostumado a escolher os soldados, não a comprá-los". Tendo sido transmitidas a eles estas palavras, geraram em seus corações uma grande ira contra ele, porque julgaram que era privá-los, não somente, mas também ensinar os imperadores que viriam depois dele, o que eles tinham a fazer em casos idênticos.

Pensa em adotar alguém para ser seu sucessor.

XXIII. Todavia o amotinamento dos soldados pretorianos, que estavam em Roma, ainda era bastante oculto pelo respeito que eles tinham de Galba, o qual prendera os que tinham vontade de se rebelar porque nada viam ainda de modificação. Isso disfarçava de algum modo, e lhes impedia mostrar abertamente a sua má vontade. Mas os que antes haviam estado sob o comando de Virginio e que estavam agora sob Flaco, na Alemanha, julgando-se dignos de grandes recompensas pela batalha que tinham ganho contra Víndex e não tendo absolutamente nada, não se contentaram com o que lhes disseram seus comandantes, e não fizeram conta do mesmo Flaco, porque ele nada podia fazer, tanto era atormentado pela gota, acrescentando-se ainda que ele não tinha experiência nenhuma de negócios de guerra nem de estado. Um dia realizaram-se alguns jogos, em cujo início os comandantes e os capitães, segundo o costume romano, faziam votos e orações aos deuses pela saúde e prosperidade do imperador Galba; alguns fizeram barulho a princípio: depois como os capitães continuassem suas orações, por fim, os soldados responderam: se ele for digno. Do mesmo modo as legiões que estavam sob o comando de Tigelino, faziam muitas vezes as mesmas insolências, os procuradores e intermediários dos negócios de Galba disso o advertiram por carta. E ele teve medo, e pensando que o desprezavam, não somente por sua velhice, mas também porque ele não tinha filhos, deliberou adotar por seu filho um jovem qualquer, das mais nobres famílias da cidade e declará-lo seu sucessor no império.

Quem era Oton.

XXIV. Marco Oton, de nobre descendência, sempre tinha sido muito escravo do prazer, e perdido na voluptuosidade, desde a infância, tanto ou mais ainda, que qualquer outro romano. E as-sim como Homero chama muitas vezes a Páns, o mando da bela Helena, pelo nome de sua mulher, porque não tinha ele em si outra qualidade recomendável, assim também Oton teve fama e foi conhecido em Roma pelo casamento com Popéia, da qual Nero se enamorou, quando ela ainda estava casada com Crispino{1710} : mas, prestando ainda alguma honra à sua mulher e temendo sua mãe, ele encarregou Oton de a solicitar e corromper. Nero amava Oton e sentia prazer em sua companhia, porque ele era também dissoluto: tinha satisfação de ouvir que algumas vezes ele zombava dele, chamando de avarento e mecânico; a este propósito conta-se que Nero, tendo-se um dia untado com óleo e uma mistura de perfume, muito precioso, ele aspergiu um pouco, ao passar a Oton: este, no dia seguinte, deu uma festa em

seu aposento, e, lá, de repente, apareceram muitos tubos de ouro e prata, de todos os lados da sala, que esguicharam daquele óleo perfumado, como se fosse água, molhando a todos os da sala. Tendo então desencaminhado e corrompido Popéia na esperança do amor de Nero, ele a persuadiu a se divorciar de seu marido. O que ela fez, e ele a recebeu depois em sua casa como esposa legítima e não se contentando tanto de ter parte nisso, como estando aborrecido e desgostoso de comunicá-lo a outrem. E deste ciúme Popéia mesma não se mostrava aborrecida, pelo que se diz: pois ela fechou algumas vezes a porta a Nero, ainda que Oton não estivesse em casa, quer porque ela quisesse tê-lo sempre no desejo, e não deixá-lo gozar do prazer à saciedade, ou como outros julgam, porque ela não queria a César algum por marido, mas não o recusava como amigo, porque ela era luxuriosa.

Oton esteve em perigo de vida, por causa do seu casamento com Popéia: era coisa estranha que Nero, tendo feito morrer sua mulher e sua irmã para as núpcias com Popéia, no entretanto perdoou a Oton. Mas foi porque ele tinha a Séneca por amigo, a pedido e por exortação do qual ele foi mandado à Espanha para lá do Oceano, ao governo dos lusitanos: onde, porém, procedeu com tanta sabedoria, que não foi desagradável nem aborrecido aos habitantes daquelas terras, os quais sabiam bem que aquela comissão lhe havia sido confiada só para amenizar o seu exílio.

Como se insinuou nas boas graças de Galba.

XXV. Depois, quando Galba se rebelou, ele foi o primeiro de todos os governadores das províncias, que se juntaram a ele; mandou depois lesar tudo o que ele tinha de utensílios de ouro e de prata ao chefe da casa da moeda, entregou-lho para que fundisse e fizesse moedas; deu-lhe dos seus oficiais os que julgava os mais competentes e os mais adequados para o serviço de um príncipe: mostrando-se, em suma, fiel, e tão bem experimentado nos negócios de estado, quando lho incumbiram disso, como nenhum outro na corte do imperador. E assim ele viajou muitas vezes no mesmo coche, com Galba, quando então procurou insinuar-se bem nas boas graças de Júnio, por meio de presentes que lhe mandava e por conversas agradáveis com que o entretinha: mas principalmente por lhe ceder voluntariamente o primeiro lugar, e por isso ele tinha sempre certamente o segundo em prestígio e autoridade: e o superava nisto, que ele fazia tudo o que se lhe pedia, gratuitamente e sem nada exigir, e recebia com facilidade e dava audiências gentilmente a todos os que queriam falar com ele; aos soldados, também muito ele auxiliou e fez progredir nos cargos honrosos, parte pedindo-o ele mesmo, sem intermediários ao imperador, e parte impetrando-o de Júnio e de dois libertos de Galba, Icélio e Asiático, que eram as três pessoas que mais prestígio tinham na corte, junto de seu senhor: e todas as vezes que ele servia a ceia ao imperador em seu aposento, ele corrompia os guardas que estavam de sentinela, fazendo dar a cada soldado um escudo: parecia que ele o fazia mais para honrar o imperador, mas de fato era para lhe dar um golpe, que assim ele ia conquistando os soldados e os guardas que estavam de sentinela.

Júnio aconselha a Galba adotar a Oton.

XXVI. Como Galba consultasse a quem elegeriam por seu sucessor, Júnio, apresentou-lhe Oton; isto ele o fazia com interesse, não sem recompensa, mas sob promessa, de que Oton desposaria sua filha, contanto que Galba o adotasse por filho e o declarasse seu sucessor no império. Mas Galba tinha sempre evidentemente mostrado que ele preferia o público ao particular, e procurava adotar, não aquele que seria mais agradável, mas o que seria mais útil ao império romano. E bem me parece a mim, que ele não quis instituir a Oton, herdeiro de seu patrimônio, por saber que ele era um homem desordenado, dissoluto e gastador, cheio de dívidas, pois devia cerca de quinhentos mil escudos{1711}. E assim tendo ouvido o conselho de Júnio, sobre este assunto, suavemente sem nada responder, ele diferiu a solução para outra vez, e por então, fê-lo somente cônsul, e a Júnio, também: todos, porém, pensaram que no

começo do ano ele o declararia seu sucessor no império. O que os soldados desejavam muitíssimo; mas quando ele estava para resolver e decidir que determinação tomar a esse respeito, a rebelião das legiões da Germânia, que se sublevaram repentinamente, veio surpreendê-lo. Todos os soldados, em geral, o odiavam, por-que não lhes dera o prometido presente; aqueles, porém, particularmente alegavam como causa simulada da sua malquerença, que ele tinha afastado sem honra a Virgínio Rufo: e que os gauleses, que tinham combatido contra eles, eram remunerados com grandes privilégios e os que não tinham aderido a Víndex tinham sido punidos e castigados, de sorte que somente Víndex era tido em consideração, visto que ele o honrava e recompensava, embora estivesse morto, com pública oblação e sacrifícios fúnebres, como se só por ele tivesse sido declarado imperador.

O exército da Germânia nomeia Vitélio imperador

XXVII. Já se falava publicamente a este respeito nos acampamentos, quando veio o primeiro dia do ano, que os romanos chamam de calendas de janeiro; como Flaco tivesse feito reunir os soldados nesse dia para repetir o juramento de fidelidade ao imperador, segundo o costume, eles derrubaram as estátuas de Galba e juraram, em nome do povo e do senado romano somente. Vendo isso, os oficiais temeram tanto o perigo de ficar sem chefe, como o da rebelião, e alguém dentre eles se pôs a dizer: "Que fazemos, companheiros? Não elegemos outro imperador e não queremos aquele que está agora: mostrando assim que não recusamos, nem fugimos e evitamos a Galba somente, mas todo outro chefe e imperador que nos possa governar. Quanto a Flaco Ordônio, que não é senão uma sombra e uma imagem de Galba, eu sou de opinião que nós o deixemos lá, como está: mas Vitélio, governador da baixa Alemanha, não está longe de nós, apenas distante um dia somente, filho de um homem que foi censor em Roma, cônsul por três vezes, que foi par e companheiro, por assim dizer, de Clódio César, na administração do império, cuja pobreza, se ainda há alguém que a censure, no entretanto ela é uma prova certa de sua bondade e magnanimidade. Escolhamo-lo, então, e mostremos a todos que nós sabemos escolher melhor o nosso imperador do que os espanhóis e os lusitanos". Alguns dos soldados presentes aprovaram estas palavras, outros não: e um porta-insígnias, afastando-se secretamente do campo, foi levar a notícia a Vitélio, o qual tinha naquele dia, em sua mesa, uma grande reunião de amigos: e tendo esta notícia corrido logo todo o acampamento, Fábio Valens, comandante de uma legião, veio no dia seguinte, primeiro, com grande número de homens cavalo, e nomeou a Vitélio imperador; este fazia que rejeitava e não queria aceitar a princípio como temendo o cargo do império, demasiado grande e ido para ele: mas depois, estando cheio de comida e de vinho, veio a público e recebeu o cognome de Germânico, que lhe ofereceram, não querendo ainda aceitar o de César: imediatamente, os de Flaco, faltando ao juramento popular que tinham prestado em nome do senado, juraram obedecer fielmente a quanto prouvesse ao imperador Vitélio ordenar-lhes. Eis como Vitélio foi eleito imperador, na Alemanha.

Galba vai ao campo declarar Pison, seu sucessor.

XXVIII. Galba, sabendo desse novo movimento, pensou que era tempo de não deferir mais i adoção que ele tinha premeditado: e sabendo que aqueles, nos quais ele confiava, tinham-se dirigido, uns, para Dolabela, e a maior parte para Oton, não aprovou nem uma, nem outra coisa, e repentinamente, sem dizer uma só palavra mandou chamar a Piso, neto de Crasso e de Piso, que Nero tinha feito morrer, jovem de boa condição, o qual mostrava, pela gravidade moderada que ele havia recebido da natureza, que tinha nascido para a virtude. Galba veio imediatamente do palácio e foi diretamente ao campo para o declarar César e seu sucessor no império: mas, ao sair do palácio, viu grandes sinais e prodígios celestes, que o acompanharam: e, mesmo quando ele estava dentro do campo, e começara a declamar de cor uma parte do discurso e a ler outra parte, trovejou e relampejou, quando ele falava; caiu depois tão forte chuva e um granizo tão espesso sobre o campo e sobre toda a cidade, que se

podia facilmente deduzir que os deuses não tinham como propícia aquela adoção e que nada sucederia de bem. Os soldados, pelo rosto triste, mostravam seu descontentamento e sua má vontade, mesmo porque então não lhes fizeram menção alguma de generosidade, e se maravilharam muito os assistentes pelo que se podia conjeturar do semblante e das palavras de Piso, que ele não se comovia com tão grande graça, embora não o fizesse por falta de conhecimento.

Intrigas de Oton, para se fazer nomear imperador pelo exército.

XXIX. Ccmo também por outro lado, facilmente se podiam notar, no rosto de Oton, vários sinais que traduziam o seu amargo despeito e a ira por se ver assim despojado daquela esperança: fora ele de quem por primeiro se havia falado como sendo o mais digno e, tendo chegado tão perto do poder, via-se ao depois logrado; julgou então que era isso sinal de que Galba tinha má opinião dele e que lhe queria mal, em seu coração, de modo que depois ele viveu sempre com temor e dúvida sobre sua pessoa: temendo a Piso, odiando a Galba e ficando zangado com Júnio, ele se foi, atormentado por diversas paixões, porque os adivinhos, os astrólogos e caldeus, que ele tinha sempre com ele, o admoestavam de não perder totalmente a esperança e de não desanimar de todo; e até um certo Ptolomeu, no qual ele muito acreditava, porque por várias vezes lhe havia predito e assegurado que Nero não o faria morrer, mas, ao contrário, que ele morreria primeiro e que ele sobreviveria e seria imperador de Roma; pois, tendo-lhe já feito conhecer o verdadeiro começo, ele lhe assegurava que não devia desconfiar do final: mas, ainda mais o incitavam aqueles que secretamente o lamentavam e suspiravam por vê-lo tão ingratamente tratado por Galba, mesmo v ários daqueles que tinham outrora ocupado cargos honrosos com Tigelino e Ninfídio, os quais estando agora afastados, juntaram-se a ele e o estimulavam: dentre outros, Vetúrio e Bárbio, um dos quais tinha sido Optio e o outro Tesseráno: assim chamavam os romanos àqueles que precediam como murmuradores, espiões e intermediários entre os comandantes: os quais, com um servo liberto chamado Onomasto, foram ao campo, onde corromperam alguns soldados com o dinheiro, e a outros, com promessas, pois eles já tinham má vontade e não desejavam senão uma ocasião qualquer para manifestar: pois, se os soldados, ao invés, tivessem todos tido boa vontade, não era essa uma obra que se poderia conduzir a termo em quatro dias, quanto havia de intervalo entre a adoção e a morte, que fazer assim revoltar-se todo o acampamento: pois eles foram mortos no dia quinze de janeiro, dia em que Galba sacrificou de manhã, no palácio, na presença de seus amigos: e o adivinho, que se chamava Ombrício, quando teve as entranhas da vítima em suas mãos, depois de as ter observado, disse, não com palavras encobertas e ambíguas, mas clara e abertamente, que ele via sinais de um grande tumulto e que havia perigo de traição sobre a cabeça do imperador, de maneira que parecia que os deuses lhe entregavam a Oton, pela mão: pois ele estava então atrás de Galba e escutava tudo o que o adivinho dizia e o que ele mostrava.

O exército o proclama.

XXX. Enquanto, porém, ele estava nessa agonia, mudando até a cor seu rosto, pelo medo que sentia, Onomasto, seu liberto, veio dizer-lhe que os mestres carpinteiros e pedreiros tinham chegado e o esperavam: era esse o sinal que haviam combinado, pelo qual Oton devia ir ter com os soldados. Diz-se, então, que ele, tendo comprado uma casa velha, queria ir mostrar aos empreiteiros aquilo de que ele desconfiava: e, assim, separou-se dos demais e saiu do palácio, pelo quarteirão, que se chamai o aposento de Tibério, no lugar onde está a "lima dourada, para a qual convergem e onde se reúnem todos os grandes caminhos da Itália. Lá encontraram todos aqueles que por primeiro o haviam aclamado imperador e eram mais ou menos vinte e três: por isso, ainda que ele não fosse (instante, como parecia, por ser tão delicado em pessoa, tão fraco e efeminado em sua coragem, i invés, era decidido e imutável nos perigos, assim «Hiena ele, então, tanto teve medo, desistir de sua empresa: mas os

soldados não o permitiram; rodeando sua liteira, com as espadas desembainhadas, ordenaram aos portadores que o levassem: ele repelia muitas vezes: "Eu estou morto", apressava seus portadores: alguns o ouviram, quando ele passava, admirando-se, mais do que se perturbando, de ver com ele tão pouca gente, que tinha ousado empreender uma coisa tão arriscada. Quando o levaram-no pela praça, ele encontrou outros que vinham ter com ele e, ainda depois, outros, três a três, quatro a quatro, todos unindo-se ao seu grupo, gritando: César! César! com as espadas desembainhadas. Ora, o comandante, ao qual tocava naquele dia guardar o campo, Marcial, nada sabia da conspiração, mas, tendo-se admirado e assustado, ele os deixou entrar. Quando já estava dentro, não encontrou resistên cia alguma, porque os que não sabiam o que se passava foram envolvidos pelos que o sabiam, e que, por um compromisso feito há muito, se entendiam, estando esparsos cá e lá, seguiram os demais, por medo, no princípio e depois, de boa vontade.

Falsa notícia da morte de Oton.

XXXI. Foram logo contar tudo isso a Galba no palácio; estava ainda o adivinho terminando o sacrifício, de modo que os mesmos, que não prestavam fé àquele presságio e não queriam acreditar, ficaram muito admirados pelo significado da interpretação. Grande multidão de gente correu então logo para a praça do palácio, pelo que Júnio e Lacon, com mais alguns libertos, ficaram perto da sua pessoa, tendo as espadas desembainhadas, e Piso saiu para falar aos guardas do corpo: a legião Eslavônia estava aquartelada fora do campo, dentro do pórtico que se chama Vipsano, para lá mandaram apressadamente a Mário Celso, homem de bem, para conquistá-la. No entretanto, Galba estava em dúvida se devia ou não sair do palácio: pois Júnio não queria que ele saísse, mas Celso e Lacon insistiam muito que o fizesse, chegando mesmo a dizer palavras pesadas a Júnio, que o dissuadia. Nesse ínterim, correu a voz que Oton tinha sido morto dentro do acampamento: e logo depois chegou Júlio Atrício, um dos melhores e mais afamados soldados que havia entre os guardas, mostrando sua espada nua e dizendo que ele tinha matado o inimigo de César: tanto fez no meio do povo, que chegou perto de Galba e mostrou-lhe a espada ensanguentada. Galba observando-o atentamente, perguntou-lhe quem havia mandado que ele tal fizesse: o soldado respondeu-lhe que fora a fé e o juramento de fidelidade que ele mesmo tinha feito: diante disso, toda a multidão clamou que ele fizera muito bem e bateu palmas em sinal de regozijo.

Galba é morto.

XXXII. Galba, então, pondo-se na liteira, se fez levar para fora do palácio, para sacrificar a Júpiter e também mostrar-se em público: mas não linha ainda descido à praça, que um vento contrário, por assim dizer, chegou-lhe ao ouvido, de que Oton era senhor do acampamento e de todo o exército. Então, como sempre acontece numa grande multidão de povo, uns gritavam que ele voltasse para trás, outros, que prosseguisse, dizendo-lhe que não duvidasse de nada, e outros que se pusesse de sobreaviso. Estando sua liteira no meio do tumulto, como numa tempestade do oceano, atirada para cá e para lá e às vezes a ponto de tombar, perceberam ao longe, alguns cavaleiros, antes, e depois também soldados de infantaria, que vinham dos lados do palácio de Paulo, gritando juntos em altas vozes{1712}: Para fora, para fora, homem do povo! Todo o povo se pôs a correr, não desordenadamente, mas para os pórticos e lugares elevados da praça, como se s e colocasse para ver algum espetáculo público; então, um certo Atílio Sarcelo{1713} derrubou por terra uma das estátuas de Galba, o que foi como uma declaração da guerra, que se iniciava: todos os demais atiraram uma chuva de dardos contra a liteira, mas, quando viram que não podiam atingi-la, então, aproximaram-se de espadas em punho, sem que ninguém dos seus homens se dispusesse a defendê-lo, exceto um, que o sol naquele dia viu sozinho, entre milhares de homens, digno do império romano; foi um oficial de nome Semprônio{1714}, que jamais tendo recebido um benefício particular de Galba, mas somente pelo dever e juramento de fidelidade, se pôs diante da liteira e, levantando um galho de videira que tinha na mão, com o qual os oficiais costumam

bater nos soldados, quando precisam de corretivo, se pôs a gritar e a clamar, aos que atacavam, que não ofendessem o imperador. Mas por fim, quando viu que eles não desistiam e o faziam com intenção deliberada, desembainhou sua espada, aparando os golpes, até que lhe cortaram os jarretes: então, ele caiu por terra e a liteira de Galba tombou revirada no lugar da praça que se chama Lago Cúrtio, e Galba ficou prostrado por terra no meio da rua, coberto por uma couraça. Os soldados conjurados lançaram-se sobre ele, deram-lhe vários golpes e ele, mostrando-lhes a garganta, disse: "Matai-me, se é para o bem do povo romano!" Recebeu vários golpes nos braços e nas coxas, segundo $e diz, mas o soldado que o matou chamava-se Camúrio, da décima-quinta legião: outros dizem que foi um certo Terêncio, e outros ainda, Arcédio: alguns ainda dizem de um certo Fábulo, que, tendo-lhe cortado a cabeça, a embrulhou num pedaço de suas vestes, pois não a podia agarrar de outro modo, porque ele era todo calvo; seus companheiros não queriam que ele a escondesse, mas, ao contrário, a mostrasse, pondo bem em evidência a obra-prima que havia executado: pelo que ele a fincou na ponta de uma lança e foi sacudindo e agitando a cabeça daquele pobre velho, príncipe sábio e moderado, soberano pontífice e cônsul, correndo para cá e para lá, como fazem as mulheres tomadas pelo furor de Baco, nas festas Bacanais e agitando sua lança tinta de sangue que corria pelo chão.

Oton nomeado imperador pelo senado.

XXXIII. Quando apresentaram esta cabeça a Oton, diz-se que ele exclamou em voz alta: "Isto não é nada, companheiros, se não me apresentardes também a de Piso". Pouco depois trouxeram-na também: pois o moço tinha sido ferido e foi perseguido por um certo Marco{1715}, que o matou perto do templo de Vesta: também foi morto Júnio, que confessou bem alto que ele era um dos participantes da conjuração contra Galba, pois gritava, aos que o matavam, que Oton não sabia que o estavam matando. No entretanto, os soldados cortaram-lhe a cabeça a ele e a Lacon e as levaram a Oton, para receberem uma gratificação: mas, como diz o poeta Arquíloco:

De sete mortos que jazem sobre a terra, Há mil que deles se dizem matadores.

Também vários que nada tinham com esse assassínio mancharam suas espadas e suas mãos de sangue e as mostraram assim ensanguentadas, para receberem também gratificações, os quais Vitélio{1716} depois mandou procurar e matar: também veio ao acampamento Mário Celso, a quem vários acusavam de ter persuadido os soldados de levar socorro a Galba e gritava ao povo que o matasse: isto, porém, Oton não queria fazer: todavia, temendo contradizer à vontade dos soldados, ele lhes disse que não deviam matá-lo com tanta pressa, pois havia coisas que antes deviam ser esclarecidas a respeito dele e ordenou que o atassem e o entregassem à guarda de homens de confiança. Feito isso, foi imediatamente convocado o senado, onde os homens repentinamente se mudaram por completo e juraram, sem mais, fidelidade a Oton, como se houvesse novos deuses; antes, haviam jurado a Galba e não tinham observado a sua palavra e lhe deram o nome de Augusto e de César, estando ainda os corpos sem cabeça estendidos no meio da praça, vestidos com seus trajes consulares. Quanto às cabeças, os soldados, depois, quando não sabiam mais o que fazer com elas, venderam a de Júnio à sua filha, por cento e cinquenta escudos, a de Piso, sua mulher a obteve por pedido de um certo Verânio{1717}, mas a de Galba, eles a entregaram aos servidores de Patróbio e de Vitélio{1718}, os quais, depois de a terem ultrajado de todos os modos, a lançaram no lugar onde se lançavam os corpos dos que os Césares faziam morrer, que se chamava Sestércio. Quanto ao seu corpo, Helvídio Prisco, com permissão de Oton, levou-o, e, de noite, Ágio, um seu liberto, sepultou-o.

Juízo sobre Galba.

XXXIV. Eis a história de Galba, personagem que, em riqueza e em nobreza, em nada ficava a dever aos demais romanos, ma s, em ambas, era o primeiro no seu tempo, pois vivera durante o reinado de cinco imperadores, sempre com honra e boa reputação: de maneira que ele derrotou Nero pe lo seu bom nome e pela estima que se tinha dele, não por seu poder, nem por sua força. Pois, daqueles que então tentaram fazer-se imperadores, uns não encontraram ninguém que os julgasse dignos, outros julgaram-se dignos por si mesmos: mas Galba, para o cargo, foi chamado e obedeceu aos que o tinham chamado, emprestando seu nome à coragem de Víndex, e, fazendo isso, ele foi causa de que seu movimento, que antes era chamado de atentado de inovações e rebelião, fosse chamado de guerra civil, depois que sua facção teve por chefe um personagem que se julgava digno do império, todavia, não fez tanto caso de tomar o governo para si, como de se dar a si mesmo ao governo: mas ele errou quando quis mandar nos soldados que Tigelino e Ninfídio tinham corrompido com sua bajulação, como o haviam feito antigamente Cipião, Fabrício e Camilo aos soldados romanos do seu tempo. E, estando já consumido pela velhice, mostrou-se bom imperador e de estilo antigo, em seu proceder para com os soldados, somente: mas, por fim, deixando-se dominar pela ambição de Júnio e de Lacon, bem como de seus servos libertos, a ninguém deixou que lastimasse o governo do seu império, mas, ao invés, deixou a muitos que tiveram pena e compaixão de sua morte.

Oton

imperador romano

Desde o ano 785 até o ano 822 de Roma, na era cristã, ano 69.

OTON — OTÃO, Marcus Salvius Otho ou Marcus Salvius Otho Caesar Augustus ou Marco Sálvio Otão

Oton assume o governo do império.

No dia seguinte{1719 }, o novo imperador, ao despontar o dia, foi ao Capitólio, onde ofereceu um sacrifício e chamou, para lá, a Mário Celso, ao qual ele saudou e falou humanamente, advertindo-o que esquecesse a causa da sua prisão, em vez de se lembrar da sua libertação. Celso deu-lhe uma resposta magnífica, magnânima e prudente: o crime de que o tinham querido acusar, perante ele, fazia fé de seus costumes, mostrando-se fiel a Galba, ao qual não era devedor de nenhum favor. As palavras de um e de outro agradaram imensamente à multidão. Os mesmos soldados as acharam boas. E, no mesmo senado, depois de ter proposto várias coisas boas e honestas, ele dividiu o tempo que ainda tinha para ser cônsul, dando parte a Virgínio Rufo: e a todos os que tinham sido nomeados cônsules, por Nero ou por Galba, ele conservou e confirmou sua nomeação: e honrou os senadores mais velhos com prelaturas e sacerdócios e àqueles que eram então os mais afamados e gozavam de boa reputação. A todos os do senado que, expulsos por Nero, tinham sido repatriados, ele restituiu ainda o que foi possível de seus bens, que não tinham sido vendidos, pelo que os primeiros e principais personagens da cidade, que antes tremiam de medo e de horror, pensando que ele não era um homem, mas uma fúria e um espírito maligno, logo no que linha vindo ocupar o império muito se rejubilaram, pela esperança de um reinado alegre e feliz, que lhes prometia este começo.

Manda matar Tigelino.

II. Nada, porém, agradou mais a todos os romanos e lhe conquistou a benevolência de todos, do que o que ele fez a Tigelino, o qual já fora bem castigado, quando sentiu o medo que tinha do castigo que todos pediam dele, como uma dívida à causa pública, e pelas doenças incuráveis de que eu corpo foi tomado. E embora os homens de bem e honrados julgassem que esse era um suplício extremo, comparável a várias mortes, que as malditas e execráveis dissoluções da luxúria nas quais ele se chafurdava ordinariamente com mulheres desonestas e perdidas, depois das quais sua desordenada concupiscência ardia ainda, embora ele tivesse a morte entre os dentes, conservando-os o mais tempo possível: no entretanto, ainda todos se aborreciam por ver que tal homem ainda contemplava o sol, depois de ter feito perder a luz da vista a tantos outros grandes personagens. Oton mandou buscá-lo, pois ele se encontrava em uma casa de campo, divertindo-se perto da cidade de Sinuesse, onde ele residia, tendo sempre navios prontos na costa marítima, para fugir para mais longe, se fosse necessário. Ele tentou primeiro ganhar com dinheiro àquele que havia sido encarregado de o levar e persuadi-lo que o deixasse escapar: mas quando viu que nada podia fazer, não deixou de lhe

dar presentes e rogou-lhe que lhe desse pelo menos o tempo de fazer a barba: o que o outro lho concedeu: e então Tigelino tomou uma navalha com a qual cortou a própria garganta.

Consente, para agradar ao povo, em usar o nome de Nero.

III. Assim, Oton, tendo dado estas três alegrias ao povo, não quis, por fim, mostrar-se ressentido, nem vingar-se de algum inimigo particular: mas, para agradar ao povo não recusou ser chamado de Nero nas assembleias públicas dos teatros; e como alguns tivessem recolocado à vista do público algumas suas estátuas, ele não o impediu: mas, o que é mais, Clódio Rufo{1720} escreve que foram enviadas cartas oficiais à Espanha por correios, nas quais esse belo nome de Nero estava unido ao de Oton. Todavia, sabendo que os primeiros e os principais homens de Roma não o achavam bom, ele atendeu-os e desistiu de o empregar em suas cartas.

Rebelião da décima-sétima coorte.

IV. Tendo então Oton começado a estabelecer seu império, os soldados lhe deram um certo aborrecimento, porque a todo instante o advertiam que não confiasse muito em todos e estivesse de sobreaviso, proibindo que as pessoas de honra e de bem se aproximassem dele, quer porque verdadeiramente eles tivessem medo de que tramassem, secretamente, alguma conspiração contra ele, pelo amor e benevolência que lhe tinham, quer porque fosse um pretexto imaginado que eles buscassem para tudo perturbar e tudo pôr em desordem e combustão de guerra: pois como ele tivesse enviado a Crispino com a décima-sétima coorte para levar alguns prisioneiros{1721} e que Crispino se preparasse bem cedo para ir desempenhar sua comissão e mandasse carregar as armas de seus soldados sobre carroças, os mais temerários se puseram a dizer que Crispino nada tinha de bom em seu coração, que era o senado que tentava introduzir inovações e que essas armas se levavam não para César, mas contra César. Estas palavras chocaram vivamente a muitos que se revoltaram: e assim uns apoderaram-se das mencionadas carroças, para tomá-las, outros mataram de fato dois comandantes de cem homens, e o mesmo Crispino, que os queria deter, e todos juntamente, animando-se uns aos outros, dirigiram-se diretamente a Roma, como para ir em socorro do imperador: e lá, sabendo que havia bem oitenta senadores, que jantavam com ele, correram logo ao palácio, gritando que era uma boa ocasião para se matar de um só golpe todos os inimigos de César.

Oton a acalma.

V. Toda a cidade de Roma tomou-se incontinente presa de grande agitação, esperando ser a todo momento saqueada; corriam todos pelo palácio, apressadamente, estando o mesmo Oton muito perturbado e em grave dificuldade: pois se sabia evidentemente que ele tinha medo, pelos que ele havia convidado, não por si mesmo, vendo-os tremendo de receio, sem lhe dizer palavra, tendo os olhos fixos sobre ele, pois alguns tinham mesmo vindo à festa com suas esposas; mandou então logo os comandantes e chefes de grupos contra os soldados, ordenando-lhes que lhes fossem falar e fizessem tudo o que era possível para acalmá-los; mandou ainda que os convidados se levantassem da mesa e saíssem do palácio por portas secretas: e assim eles se salvaram, passando através dos soldados, bem pouco antes que eles entrassem na sala, onde se dava o banquete, gritando e perguntando: "Que é feito dos

inimigos de César?" E ele, erguendo-se do seu assento, os acalmou e tranquilizou com palavras afáveis, chegando a empregar as mesmas lágrimas, e tanto fez que conseguiu demovê-los afinal, e no dia seguinte mandou distribuir-lhes cento e vinte e cinco escudos, para cada um{1722}, depois entrou no acampamento, onde louvou a todos pela muita afeição que lhe tinham demonstrado naquela circunstância, mas disse que havia, entre eles, quem, sob aparência de bem, fazia más ações, sendo causa de se caluniar sua bondade e humanidade, sua constância e fidelidade, pedindo-lhes que os lamentassem com ele e os punissem. Todos apro varam suas palavras e declararam em voz alta, que ele o fizesse. Oton, então, mandou prender a dois deles somente, de cujo castigo ele pensou que ninguém se inquietaria, e depois partiu.

Escreve a Vitélio. Resposta deste.

VI. Os que o amavam e confiavam nele admiraram-se dessa mudança: os outros julgaram que era necessário que ele assim fizesse, para mais conquistar o coração dos soldados, por causa da guerra que o ameaçava, pois já lhe chegavam algumas notícias de todos os lados, de que Vitélio tinha assumido a autoridade de imperador, e chegavam correios, uns após outros, que lhe traziam avisos e advertências, quando se lhe referia, todos os dias, alguma coisa a ele. Outros também lhe diziam que as legiões, que estavam de guarda na Panônia, na Dalmácia, na Mísia, tinham escolhido Oton. Imediatame nte trouxeram-lhe cartas muito amáveis de Muciano e de Vespasiano, um dos quais estava na Síria e o outro, na Judeia, com grandes e poderosos exércitos: confiando neles, escreveu a Vitélio que não imaginasse uma empresa superior a um simples soldado e que ele lhe daria muito ouro e prata, com uma cidade, onde ele poderia viver alegremente, descansando, e à vontade. Vitélio respondeu-lhe, zombando dele, gentilmente, a princípio: mas depois, tendo-se irritado um contra o outro, trocaram cartas bastante ofensivas e assaz violentas, atacando-os um ao outro, não de coisas falsas, mas tola e loucamente manifestando seus próprios vícios: seria difícil discernir qual dos dois era mais voluptuoso, mais efeminado, menos experimentado, mais pobre ou mais endividado antes.

Diversos presságios.

VII. Enumeravam-se então vários presságios que se dizia terem aparecido, mas a maior parte eram boatos incertos de cidade, os quais não encontravam quem os confirmasse. Mas havia dentro do Capitólio uma vitória erguida sobre um carro triunfal: — todos viram como ela soltou as rédeas dos freios dos cavalos que tinha nas mãos, não podendo mais sustentá-las. E uma estátua de Caio César, na ilha, que há em Roma{1723}, no meio do rio Tibre, sem que houvesse tremor de terra, nem soprasse vento algum, voltou-se do ocidente para oriente, o que se diz ter acontecido justamente no tempo em que Vespasiano começava a tomar conscientemente o governo em suas mãos: muitos tomaram mesmo como presságio o incidente do Tibre: pois é verdade que era a estação em que os rios costumam crescer no seu volume de água, mas ele antes nunca fora tão volumoso, nem tinha estragado e destruído tantas coisas, como ent ão, tendo saído muito além das margens e inundado a maior parte da cidade, mesmo no lugar onde se vende o trigo, de sorte que durante vários dias tiveram muita falta de víveres e reinou a fome em Roma.

Marcha na frente dos comandantes de Vitélio.

VIII. Nesse ínterim, chegaram notícias, que Cecina e Valens, dois oficiais de Vitélio, tinham ocupado os montes dos Alpes; e, em Roma, Dolabela, homem de nobre linhagem, foi alvo de

suspeita por parte dos soldados pretorianos, que pensavam que ele maquinava alguma surda traição. Oton, quer porque o temesse, a ele ou a algum outro, mandou-o à cidade de Aquino{1724}, assegurando-lhe que nenhum mal lhe sucederia: e escolhendo pessoas de classe que iriam com ele, levou dentre outros a Lúcio, irmão de Vitélio, sem diminuir nem aumentar em nada a honra em que o tinha: teve ainda grande cuidado de tranquilizar sua mulher{1725} e sua mãe, que nada temessem e nomeou a Flávio Sabino, irmão de Vespasiano, guarda e governador de Roma, em sua ausência, o que ele fez, quer por amor de Nero, que outrora lhe havia dado a mesma honra e autoridade, a qual Galba lhe tinha depois tirado, quer porque queria dar a entender a Vespasiano que o amava e que confiava nele. Ficou depois em Bressele, cidade que está sobre o no Pó, e mandou adiante seu exército sob o comando de Mário Celso e de Suetônio Paulino, de Galo e de Espunna, todos personagens de grande e ilustre descendência, que não podiam, porém, governar, nem dirigir o governo, segundo sua fantasia, como eles bem o gostariam de fazer, pela insolência e desobediência dos soldados, os quais não queriam outros comandantes{1726} e diziam que tocava somente ao imperador comandá-los.

Insolência das tropas de Vitélio.

IX. É verdade que os inimigos não eram muito inteligentes, nem fáceis de serem dirigidos por seus oficiais, mas eram bravos, temerários e audaciosos, ao mesmo tempo: mas tinham ainda isto a mais, que eles sabiam combater muito bem, eram aguerridos e habituados ao mister, do qual não fugiam: os pretorianos, ao invés, que vinham de Roma, eram delicados, moles e efeminados, pelo longo descanso e ociosidade em que viviam, sem guerra, na cidade de Roma, onde eles tinham passado a maior parte do tempo em festas e em jogos e pela fanfarronice e arrogância queriam que se pensasse que eles desprezavam as ordens e as incumbências que seus oficiais lhes davam, como sendo muito dignos para fazê-las e não muito fracos para suportarem-lhe a pena, de sorte que, quando Espurina os quis obrigar, correu perigo de vida e mesmo faltou pouco que não o matassem; mas não pouparam os insultos, ultrajes, nem injúrias, que não lhe atirassem em rosto, chamando-o de traidor e censurando-o por deixar perderem-se as ocasiões de bem conduzir os negócios de César. Alguns mesmo, estando bêbados, foram à noite à sua tenda pedir-lhe licença, dizendo que queriam ir de qualquer modo ao imperador, para acusá-lo: mas uma aguilhoada que lhes deram seus adversários, por aquele mesmo tempo, perto da cidade de Plaisance, foi muito útil a Espurina e aos mesmos negócios: pois os de Vitélio, aproximando-se das muralhas da cidade, zombaram dos de Oton, que estavam nas ameias, chamando-os de belos dançarinos e comediantes, que só assistiam a jogos, divertimentos e festas, mas de guerras e de feitos de armas, de batalhas e lutas, nada sabiam, e que sua maior proeza era ter cortado a cabeça a um pobre velho desarmado, referindo-se a Galba: mas aparecer em pleno campo de luta, diante de outros homens, disso eles não tinham coragem. Estas palavras injuriosas os deixaram humilhados e ofendidos, irritaram-nos e os inflamaram de tal modo, que eles mesmos foram pedir a Espurma que os comandasse, que ordenasse o que quisesse, que dali por diante não se recusariam a qualquer trabalho, nem perigo, fosse qual fosse.

Vantagem obtida pelas tropas de Oton sobre as de Vitélio.

X. Deram, então, um grande assalto à cidade com muitas máquinas de guerra: mas os de Espurina levaram vantagem e, tendo repelido os assaltantes com grandes baixas, salvaram uma das maiores e mais belas cidades da Itália. Eram os oficiais de Oton mais delicados e mais atenciosos ao falar às cidades e em tratar com os homens que os de Vitélio: dentre outros Cecina não era, nem de aspecto, nem de maneiras, simpático, nem popular, mas esquisito, feio e antipático, pois tinha um corpo grande, usava, à maneira dos gauleses, o calção e o manto, e falava com tais vestes aos por-ta-insígnias e capitães romanos: tinha ainda sua mulher sempre com ele, montada num cavalo fogoso, vestida pomposamente e

acompanhada de uma tropa de homens escolhidos dentre todas as companhias. O outro, Fábio Valens, era tão avarento, que, nem a pilhagem dos inimigos, nem os roubos a seus súditos, nem as extorsões e corrupção sobre os aliados e amigos, podiam saciar sua ambição de riquezas, e parece que foi essa a causa pela qual, não caminhando bastante depressa, ele não esteve presente à primeira batalha: todavia, os outros dão a culpa a Cecina, que se apressou demais pelo desejo que tinha de que a honra da vitória coubesse a ele somente, o qual foi causa de que, além das outras faltas leves, ele cometesse ainda a outra, isto é, que ele deu batalha fora de tempo e da estação: e depois quando iniciada a pugna, ainda não a sustentou ele valentemente, mas de sorte que ela cuidou ser causa de tudo se perder, pois tendo sido expulso de Plaisance, ele foi a Cremona, que é uma outra grande e poderosa cidade.

Novas vantagens das tropas de Oton.

XI. E Amo Galba{1727} , tendo ido socorrer Espurina, que estava sitiado em Plaisance, quando soube, pelo caminho, que os de dentro se tinham tornado muito mais fortes e que os que se encontravam em Cremona estavam em grande aperto e em perigo, ele transportou para lá seu exército e foi acampar perto dos inimigos. Depois, os outros oficiais, de um lado e do outro, vieram em socorro dos seus: mas Cecina, tendo posto de emboscado a um bom número de soldados bem armados, em alguns lugares cheios de árvores e bem coberto, ordenou aos cavalananos que marchassem para frente e que, se os inimigos os viessem enfrentar, que eles se afastassem, retrocedendo, pouco a pouco, fazendo como se estivessem a fugir, até que os tivessem atraído à emboscada. Alguns traidores revelaram a emboscada a Celso, o qual com seus melhores homens lhes foi ao encontro, mas evitou também persegui-los, com velocidade, mas rodeou o lugar no qual estavam de emboscada, que ele desfez: e no entretanto ordenou com urgência os de infantaria que estavam no seu campo, que se apressassem em vir, e parece que, se eles tivessem chegado em tempo, não se teria salvo nem sequer um homem dos inimigos, e eles teriam passado por cima de todo o exército de Cecina, se eles tivessem seguido em tempo e lugar os cavalananos. Mas, Paulino, tendo chegado com o socorro demasiado tarde, por ter marchado com muito vagar, foi acusado de não ter cumprido o dever de comandante, como devia: e ainda mais, os soldados o acusavam de traição para com Oton, e incitavam o imperador contra ele, falando deles mesmos em voz alta, como tendo vencido e tendo como culpada somente a fraqueza de seus capitães, se eles não haviam obtido a vitória total: Oton não confiava muito neles, mas queria mostrar que não desconfiava. Pelo que ele enviou a Ticiano, seu irmão, ao campo, e com ele Proclo{1728}, mordomo do palácio, que tinha autoridade e o poder de comandar, mas de fato era Ticiano quem tinha o título de honra de lugar-tenente do imperador. Celso e Paulino vinham depois, como conselheiros e amigos somente, mas poder e autoridade na direção dos negócios, não tinham absolutamente. Por outro lado, os inimigos não estavam atemorizados, mesmo aqueles que Valens dirigia; quando trouxeram a notícia do encontro que se dera naquela emboscada, aborreceram-se com ele, por não terem estado lá, e porque não os levara para socorrer os soldados que lá tinham ficado, e ele teve muita dificuldade para apaziguá-los e para contê-los, tanto eles estiveram a ponto de atacá-lo: por fim, todavia, ele os desalojou e foi unir-se a Cecina.

Oton reúne o conselho de guerra. Todos seus oficiais são de opinião de não se arriscar ao combate.

XII. Mas Oton tendo ch egado ao seu acampamento, em Bedríaco{1729}, que é uma pequena cidade vizinha de Cremona, reuniu um conselho com seus oficiais, para saber se deveriam dar batalha ou não. Proclo e Ticiano eram de opinião que, visto que os soldados estavam bem decididos por causa da vitória que acabavam de conquistar, de que a não deviam diferir, porque isso só poderia esfriar o ardor do exército, o qual desejava entrar na luta e dar ocasião aos inimigos de esperar, seu chefe Vitélo, que vinha da Gália. Ao contrário, Paulino alegava que os inimigos tinham suas forras completas, com as quais esperavam dar-lhes combate e

que não os prejudicaria em nada, se Oton esperasse um outro exército da Mísia{1730} e dos panônios, tão poderoso como aquele que eles tinham lá, contanto que ele soubesse esperar a ocasião, não para ser útil aos inimigos, e se presente-mente os soldados estavam bem dispostos, sendo em menor número, por mais forte razão eles o estariam ainda mais, quando tivessem maior número de companheiros e que combatessem em melhores condições. Ainda mais, ele demonstrava que o diferir era-lhes proveitoso, a eles, visto que tinham abundância de todos os bens e de todas as provisões; o contrário de seus adversários, que estando em país inimigo, viriam a ter logo falta de víveres. Mário Celso achou boas essas razões e considerações e Anio Galo não estava presente a este conselho, tendo-se retirado para se fazer curar de uma queda, porque caíra do cavalo; Oton lhe escrevera sobre isso, para ter a sua opinião; ele respondeu que pensava que não se devia apressar, mas esperar o exército que vinha da Mísia, visto que ele já estava a caminho.

Oton decide-se a combater.

XIII. Todavia Oton não se ateve a este conselho, mas venceram os que eram pela batalha, de que se alegam vários motivos: o principal e o mais importante foi que os soldados que se chamam pretorianos, guardas ordinários do imperador, experimentando deveras o que é ter a profissão de soldados e de viver como guerreiros, lamentavam a estada em Roma, onde eles viviam à vontade em jogos e festas, sem passar pelos incômodos e dificuldades da guerra, e, por essa razão, pediam a batalha, com tanta insistência, que não era mais possível contê-los, como se eles pudessem ao seu primeiro grito e ao primeiro ataque, vencer os inimigos: e parece-me que Oton mesmo não podia mais suportar a dúvida e a incerteza do futuro, nem tolerar por mais tempo a pena, de pensar no perigo de seus negócios, tanto ele era delicado e não habituado a sofrer uma inquietação e a suportar uma grande tribulação: o que o fez assim apressar e precipitar-se, como do alto de um rochedo, de olhos fechados, e lançar-se de todo à incerteza. Assim o narra o orador Segundo, que era secretário de Oton: os outros contam que os dois exércitos tomaram diversas deliberações e várias determinações, como a de se reunir todos em um mesmo campo e escolher, se possível, de acordo, o homem mais honesto de seus oficiais que lá estavam, ou de reunir o senado em um lugar, e lá permitir aos senadores escolher um imperador tal como lhe parecesse. E, não é fora de dúvida, pois que nem um, nem outro dos dois que se chamavam de imperadores fora julgado digno, que essas ideias não podiam ter vindo da mente de soldados romanos, sensatos e bem experimentados, pois era coisa que eles deviam abominar, lançarem-se eles mesmos em misérias e calamidades, que seus predecessores tinham no passado feito sofrer, uns aos outros, por Sila e Mário, primeiramente, e depois por César e Pompeu, e isso, para dar o império romano ou a Vitélio, a fim de que ele tivesse com o que prover à sua bebedeira e gula, ou a Oton, a fim de que ele pudesse satisfazer aos seus deleites e à sua desordenada luxúria. Era o motivo que levava Celso a protelar, esperando que, sem esforço e sem perigo, as dificuldades poder-se-iam ajustar e que fez, também, que Oton se apressasse pelo temor que teve disso: mas, voltando a Bresseles ele cometeu outra falta, não somente por ter privado seus amigos de lhes mostrar o afeto que pela reverência e pela presença lhe dedicavam, mas também por ter ele levado consigo, para a guarda de sua pessoa, os melhores combatentes, os mais corajosos e afeiçoados, que havia em todo seu exército.

Escaramuças entre algumas partes dos dois exércitos.

XIV. Aconteceu, mais ou menos nesse tempo, que houve uma escaramuça ao longo do rio Pó, porque Cecina construía uma ponte e os de Oton lho queriam impedir: mas vendo que nada conseguiam puseram dentro dos barcos muitos pedaços de lenha e galhos secos, molhados com enxofre e piche e também o fogo e se puseram à água: quando chegaram ao meio da corrente, levantou-se de repente um vento forte que acendeu a lenha que eles tinham preparado para lançar sobre o trabalho dos inimigos; primeiro, apareceu uma pequena

fumaça, depois, logo uma grande chama, que pôs em aperto de tal modo os que estavam no barco, que eles foram obrigados a se atirar à água, e assim perderam seus barcos, e se entregaram eles mesmos, sob grande zombaria, aos inimigos. Ainda os alemães de Vitélio, tendo marchado contra os gladiadores de Oton, aos quais conquistaram uma pequena ilha, no meio do rio, e sendo mais fortes mataram a vários deles.

Oton envia a seus generais ordem de iniciar a batalha.

XV. Por esse motivo os soldados de Oton, que estavam em Bedríaco, mostrando-se despeitados e pedindo a batalha com insistência, Proclo os levou ao campo e foram acampar fora da cidade, mais ou menos umas três léguas, tão inconsideradamente e tão sem propósito, que, na estação da primavera, toda a região em redor, estando cheia de regatos e de água, que nunca se esgotam, no entretanto eles tinham falta de água: no dia seguinte quiseram partir, para, naquele mesmo dia, ir encontrar-se com os inimigos; era-lhes necessário, para isso, fazer ainda mais de seis léguas. Paulino não o quis, mostrando que era necessário ir devagar e não afadigar-se demais, nem ir apressadamente, com muito ardor, para, apenas chegados, cansados e esgotados pela caminhada que tinham feito, atacar logo os inimigos, que estavam bem armados e que teriam tempo de se preparar e dispor em ordem de batalha, à vontade e com comodidade, ao passo que eles tinham feito uma longa caminhada, com toda sua bagagem e seus utensílios. Havendo nisso opiniões contrárias entre os vários comandantes, chegou da parte de Oton um homem a cavalo, dos que se chamam nômades, que lhe trouxe cartas, pelas quais Oton ordenava que não demorassem mais e não perdessem tempo, mas marchassem incontinente diretamente contra os inimigos. Depois destas cartas, os capitães fizeram incontinente marchai-os soldados. Cecina, sabendo da sua chegada, primeiro mostrou-se muito assustado e logo abandonou a obra da ponte que estava fazendo, para regressar ao acampamento: lá encontrou a maior parte dos soldados já armados, tendo já a palavra da batalha, que Valens lhes havia dado: e, enquanto as legiões tomavam seus lugares para a batalha, eles mandaram na frente, para pequenas escaramuças, os melhores cavalananos que possuíam.

Causas da derrota do exército de Oton.

XVI. Corria a voz, não se sabe por qual motivo, que os comandantes de Vitélio, durante a batalha, passariam para o lado de Oton: quando esses soldados chegaram bem perto dos de Oton. estes os saudaram muito cordialmente e os chamaram de companheiros. Os de Vitélio, porém, não receberam bem essa saudação, mas responderam-lhes com raiva, com um tom de voz de homens que estavam desejosos de combater: os que os haviam saudado, então, mostraram-se desiludidos, e seus companheiros começaram a suspeitar e desconfiar deles, julgando-os traidores. Essa foi a primeira causa pela qual a desordem surgiu, quando estavam para encetar a batalha. Daí então a confusão reinou no meio deles: pois os animais de carga foram meter-se no meio dos soldados, causando ainda maior embaraço. Ademais, o lugar onde combatiam os obrigava a se afastarem uns dos outros, por causa de muitos fossos e trincheiras que ali existiam. Isso ainda os forçava a combater em pequenos grupos: somente duas legiões, uma de Vitélio, denominada Deslumbrante, e uma de Oton, cognominada Serviçal, afastando-se desses fossos, se estenderam pela planície, aberta e rasa, e combatiam asperamente, em renhida e longa batalha.

É vencido.

XVII. Os de Oton eram homens belos, fortes e valentes, mas jamais haviam participado de uma guerra, jamais haviam tomado parte num combate, senão naquele: os de Vitélio, ao invés, eram velhos experimentados na arte da guerra, tinham passado a flor da sua juventude em árduas campanhas guerreiras. Quando então se chocaram os dois exércitos, os de Oton atacaram-nos com tamanho ímpeto, que desorganizaram toda a primeira fileira, matando todos os seus componentes e conquistaram uma insígnia: os de Vitélio, então, foram tomados de tanta vergonha e despeito, que cobraram tal coragem e precipitaram-se, de cabeça baixa, violentamente contra os inimigos, que mataram por primeiro o próprio comandante e tomaram diversas bandeiras: contra os gladiadores de Oton, que eram considerados muito práticos e experimentados no manejo das armas, Varo Alfeno mandou os soldados da Batávia, que são da baixa Alemanha e que moram numa ilha em redor da qual corre o rio Reno. Bem poucos destes gladiadores resistiram, a maior parte deles fugiu para os lados do rio, onde encontraram alguns batalhões dos inimigos, enfileirados em batalha, que os destruíram totalmente a todos eles: de modo que não se salvou nem um só: ninguém, porém, procedeu com maior covardia que os pretorianos, pois eles não esperaram nem que os inimigos os atacassem, e, fugindo pelo meio dos seus soldados, que ainda não tinham sido derrotados, os deixaram confusos e desnorteados: todavia, um grande número dos soldados de Oton, tendo rompido a linha dos atacantes, precipitou-se violentamente para o meio dos inimigos vitoriosos e voltou para seu acampamento: mas, de seus comandantes, nem Procio, nem Paulino se atreveram a voltar com eles; afastaram-se, temendo o furor dos soldados, que atribuíam a culpa da derrota aos seus comandantes; todavia, Amo Galo dirigiu-se para a cidade de Bedríaco e lá reuniu os soldados que haviam escapado da derrota, dando-lhes a entender que a batalha havia sido igual para ambos, e até mesmo que em vários momentos, eles tinham obtido vantagem sobre os inimigos.

Manda embaixadores aos vencedores.

XVIII. Mário Celso, tendo reunido os nobres e homens ilustres da cidade, e também aqueles que tinham algum cargo no exército, propôs, à deliberação de todos, o que se deveria fazer em tal contingência, e em tão grande mortandade de cidadãos romanos, pois, se Oton era realmente um homem de bem, ele não deveria mais tentar semelhante sorte, porquanto Catão e Cipião, por não terem querido ceder a César, depois que ele conquistara a vitória de Farsália, haviam sido acusados de ter causado a morte, desnecessária, de muitos homens de bem, na África, embora combatessem pela liberdade dos romanos: pois a fortuna, favorecendo ora a uns, ora a outros, não pôde impedir que os homens de bem tomassem como adversidade o conselho, segundo a infelicidade que lhes sucedeu. Estas advertências persuadiram logo os oficiais, que foram indagar da vontade dos soldados particulares, aos quais todos encontraram desejosos de paz: Ticiano era de opinião que se mandassem embaixadores aos inimigos para tratar de um acordo: rogaram então a Celso e a Galo que desempenhassem essa missão e fizessem as propostas a Cecina e a Valente: pelo caminho, porém, eles encontraram alguns soldados que lhes disseram que todo o exército dos inimigos já estava a caminho de Bedríaco e que seus chefes os haviam mandado adiante para iniciar as negociações de um acordo: Celso e seu companheiro muito se alegraram com isso, e rogaram aos militares que voltassem com eles para junto de Cecina: quando, porém, estavam já bem perto, Celso passou por um grande perigo de vida, porque os soldados, aos quais alguns dias antes ele havia derrotado numa emboscada, quando o viram, correram contra ele dando grandes gritos: mas os soldados, que os acompanhavam, puseram-se diante dele, para protegê-lo, e o mesmo fizeram os outros oficiais, pedindo-lhes que não lhes fizessem mal algum. Cecina, sabendo também de que se tratava, foi ter com eles e acalmou seus soldados: depois cumprimentou cordialmente a Celso e com ele dirigiu-se a Bedríaco.

Presta juramento de fidelidade ao nome de Vitélio.

XIX. No entretanto, Ticiano, quase arrependendo-se de ter mandado embaixadores aos inimigos, servindo-se de alguns soldados que se mostravam corajosos, os colocou sobre a muralha da cidade e procurou incutir coragem aos demais, para que fizessem o mesmo, pondo-se em posição de defesa: mas Cecina aproximou-se da muralha, a cavalo, e lhes estendeu a mão; ninguém mais então pensou em resistir; os que estavam sobre a muralha saudaram os soldados, os que estavam dentro da cidade abriram-lhes as portas e misturaram-se com os homens de Vitélio, que os receberam sem a menor sombra de ressentimento, nem mostras de inimizade, mas trocaram cumprimentos e abraçaram-se uns aos outros; depois juraram fidelidade a Vitélio e se entregaram a ele.

Horrível carnificina neste combate.

XX. Assim narravam o término desta batalha todos os que a ela estiveram presentes, confessando, porém, que não poderiam narrá-la em seus particulares por causa da grande confusão que reinava: e quando cu passei, certa vez, pelo mesmo campo onde se travara a batalha, na companhia de Métno Floro, que fora cônsul, ele me mostrou um ancião, que era moço quando se dera aquele fato bélico e linha estado presente à batalha., na qual tomara parte, não como voluntário, mas obrigado pelas tropas de Oton, o qual nos disse que, depois do combate, ele fora ao campo para ver de perto o resultado da luta; havia então montes de cadáveres, empilhados uns sobre os outros, de tal altura, que os corpos que estavam em cima chegavam à altura dos que deles se aproximavam{1731}, e disse ainda que ele procurara encontrar a causa disso, mas não o pôde, e nem mesmo imaginá-la, nem achar alguém que lha pudesse dizer: pois há muita probabilidade de que, numa batalha civil, de homens da mesma cidade, depois que um dos exércitos foi derrotado, haja grande morticínio, maior que contra os outros inimigos, porque não se fazem prisioneiros, porquanto não se saberia o que fazer deles; mas. porque foram empilhados uns sobre os outros, é muito difícil conjeturar-se qual tenha sido a causa disso.

Zelo e afeição que mostram a Oton as tropas que ele tinha consigo.

XXI. A notícia desta derrota chegou a Oton, primeiramente obscura e confusa, como geralmente acontece em coisas desse gênero e de tal consequência: depois, porém, vieram alguns homens feridos, que lhe disseram da triste realidade e ninguém, se admira, então, de que seus próprios amigos e familiares o tenham reconfortado, dizendo-lhe naturalmente que não devia perder a coragem, nem a esperança: o afeto que então demonstraram os seus soldados, nessa alternativa, sobrepuja e excede a lodo e qualquer crédito, porque dele não se afastaram, nem se bandearam para o lado dos inimigos vitoriosos, nem pensaram nos seus próprios interesses, vendo seu imperador tomado de desespero; foram todos reunir-se junto de sua moradia e o chamaram de imperador: depois, quando ele apareceu diante deles, prostraram-se aos seus pés, como costumamos ver nos quadros de vitórias, beijando-lhe as mãos, com lágrimas nos olhos, suplicando-o que os não abandonasse aos inimigos, mas se servisse deles e de suas pessoas, enquanto eles tivessem uma gota de sangue e um pouco de vida em seu corpo. Todos ao mesmo tempo fizeram esta oferta, mas um soldado, dentre tantos, adiantou-se e, desembainhando sua espada, disse-lhe: "Sabe, imperador, que todos os meus companheiros estão dispostos a morrer assim por ti!" E matou-se diante dele.

Discurso que Oton lhes faz.

XXII. Todas estas coisas tão tristes e desagradáveis não conseguiram, porém, abater o ânimo de Oton, que, fitando-os a todos, com rosto sereno, assim lhes falou: "Eu considero este dia mais feliz para mim, meus caros companheiros, do que aquele em que me escolhestes e elegestes para vosso imperador, ao vos ver tão afeiçoados para comigo, honrando-me tanto, com tão rara demonstração de amizade: mas eu vos suplico, que não me queirais privar de uma outra tão grande graça, qual a de morrer valente e honrosamente pela salvação de tantos homens de bem, como vós, bons cidadãos romanos. Se fui digno de governar o império romano por escolha vossa, é necessário que eu o mostre agora, não fingindo despender minha vida pelo bem e pela salvação da minha pátria. Eu sei que a vitória não foi nem inteira, nem perfeita ao meu inimigo. Tenho notícias de que os nossos exércitos da Mísia{1732}e da Panônia já estão em marcha para vir até nós: sei, ainda, que estão a apenas um dia de caminho distante daqui{1733}, na direção do Adriático: a Ásia, a Síria e o Egito, e as legiões que fazem a guerra na Judeia estão conosco: o senado está do nosso lado e as mulheres e as crianças dos inimigos estão em nossas mãos; esta guerra não é contra um Aníbal, nem contra um Pirro, ou contra os címbrios, para se decidir a quem caberá a posse da Itália, mas contra os mesmos romanos: de maneira que nesta guerra vencidos e vencedores ofendem ao próprio país, pois o que redunda em bem para os vitoriosos converte-se sempre em prejuízo para o bem público. Acreditai que eu prefiro morrer do que reinar, vendo que não poderia ser tão útil aos romanos, quando eu me tivesse por fim tornado o mais forte, como eu o seria sacrificando minha vida pela paz, pela união e concórdia dos meus cidadãos e para impedir que a Itália tenha ainda outra jornada como esta".

Ele despede seus amigos e os senadores que estavam com ele.

XXIII. Depois de ter dito estas palavras, despediu os que o queriam dissuadir de seu propósito, ordenou aos amigos e aos senadores que estavam presentes que também se retirassem: depois escreveu aos ausentes, mandou cartas para as cidades por onde eles deviam passar, para que fossem recebidos honrosamente e escoltados com segurança: depois aproximou-se dele seu sobrinho Cocceio, ainda muito jovem, e o reanimou, dizendo que não devia temer a Vitélio, porque ele havia conservado sua mãe, sua mulher e seus filhos, com tanto cuidado, como se fossem pessoas de sua própria família, e que ainda não o havia adotado por filho, ainda que desejasse fazê-lo, porque queria ver o fim dessa guerra: a fim de que, se ele saísse vencedor, pudesse reinar pacificamente com ele, e se fosse vencido, por causa da adoção, ele não fosse causa da sua morte. "Pois bem, meu filho — disse ele — como última advertência, que ainda te posso dar, que não esqueças, nem também graves muito em tua memória, que tiveste um tio, imperador". Logo em seguida ele ouviu um rumor à poria de sua residência: eram os soldados que ameaçavam os senadores à saída, e os queriam matar, se eles não permanecessem ali e ousassem abandonar o seu imperador. Por esse motivo ele apareceu em público uma segunda vez, temendo que lhes c ausassem algum dissabor e ordenou aos soldados que se retirassem, não, porém, rogando-os e falando-lhes com brandura, mas olhando-os com o rosto irado e cheio de cólera, que eles, de medo, se retiraram. À tarde ele sentiu sede e bebeu um pouco de água: tomou duas espadas e se pôs durante muito tempo a lhes experimentar o fio. Por fim ficou com uma: depois reanimou seus servidores, distribuindo-lhes fartamente seu dinheiro, a uns mais e a outros menos, não o fazendo, porém, prodigamente, sem consideração, como de uma riqueza que já não lhe pertencia, mas tendo em conta uma proporção justa, de acordo com o mérito de cada um: depois de os ter despedido, deitou-se e dormiu todo o resto da noite; os criados de quarto ouviram-no roncar, tão profundo foi o seu sono.

Ele se mata.

XXIV. Pela manhã chamou um de seus libertos, do qual se havia servido para defender o senadores, e mandou-o ver se todos eles se haviam retirado: disse-lhe ele que sim e que tinham tido tudo o que haviam desejado: "Então — disse-lhe ele — vai agora apresentar-te aos soldados, se não queres que eles te matem depois, pensando que me ajudaste a me matar".

Logo que o servo saiu do quarto, tomou a espada com ambas as mãos e, colocando-lhe a ponta sobre o estômago, deixou-se cair sobre ela com todo o peso do corpo, sem pro-ferir outra expressão de dor, que um profundo suspiro, pelo qual, os que estavam fora do quarto perceberam que ele estava morrendo: começaram então seus servidores a gritar e imediatamente, não só o acampamento, mas também toda a cidade foi tomada de pranto e de lágrimas. Os soldados acorreram com grande alarido à porta de sua residência, onde o lastimaram com pranto e manifestações de dor, censurando-se mutuamente por não terem com mais cuidado defendido a pessoa do seu imperador, e de não terem impedido que ele se matasse por amor deles: e nem um deles, sequer, afastou-se do seu corpo, embora os inimigos se a proximassem: mas cuidaram de preparar honrosamente o seu féretro, levantando uma pilha de madeira, acompanharam o corpo, levando suas armas ao lugar do funeral, considerando-se muito felizes os que podiam carregar-lhe o caixão, para ajudar a transportá-lo: uns aproximavam-se de joelhos, outros beijavam-lhe a ferida, outros tomavam-lhe as mãos e as osculavam: aqueles que não se podiam aproximar o reverenciavam, curvando-se, de longe; alguns, depois de ter sido ateado fogo à lenha, mataram-se ali mesmo, junto do fogo, até daqueles que nenhum benefício haviam recebido do falecido, pelo menos ao que se sabe, nem que tivessem algo a temer da parte daquele que havia sido vitorioso. Creio mesmo e me parece que nenhum rei ou tirano jamais teve tanta ânsia de reinar, quanto aqueles homens desejaram ser governados por Oton e obedecer-lhe; aquele desejo não se lhes extinguiu, nem mesmo depois de sua morte, mas ficou-lhes bem impresso no coração., e afinal transformou-se num ódio capital e irreconciliável a Vitélio; mas disso falaremos cm outro momento, a seu tempo e lugar.

Suas tropas, depois de lhe ter prestado honras fúnebres, submetem-se a Vitélio.

XXV. Por fim, depositaram na terra as suas cinzas; levantaram-lhe um túmulo, que, nem em estrutura, em grandeza e em magnificência de inscrição, foi objeto de admiração: eu mesmo vi este monumento em Bresseles, o qual era de modesta aparência, com uma inscrição latina, que dizia apenas que aquele era o túmulo de Marcos Oton. Morreu na idade de trinta e sete anos, governando apenas três meses, e teve tantos homens de bem e notáveis que louvaram sua morte, como teve, também, outros tantos que censuraram a sua vida: pois não tendo vivido mais honestamente do que Nero, no entretanto, morreu mais magnanimamente que ele. Por fim, seus soldados, ante a insistência de Pólio, um de seus oficiais, que queria que. eles prestassem logo o juramento de fidelidade a Vitélio, irritaram-se e não se submeteram: ouvindo dizer que ainda restavam alguns senadores, nada pediram aos outros, mas foram aborrecer a Virgínio Rufo: dirigiram-se à sua residência, empunhando suas armas, e, chamando-o pelo nome, ordenaram-lhe que assumisse o seu comando, e{1734} que fosse como seu embaixador interceder por eles: ele, porém, pensou que seria tolice aceitar semelhante encargo, uma vez que eles tinham sido vencidos, pois já o havia recusado, quando eles haviam vencido: acrescentando-se ainda que ele tinha receio de ir em embaixada, aos alemães, aos quais ele havia forçado a muitas coisas, contra a sua vontade: por isso ele escapou por uma das portas posteriores de sua casa: os soldados, sabendo disso, deixaram-se por fim convencer a prestar o juramento de fidelidade ao nome de Vitélio, e juntaram-se aos homens de Cecina contanto que o seu passado lhes fosse todo perdoado.

Aníbal

SUMÁRIO DA VIDA DE ANÍBAL

Aníbal é chamado por Asdrúbal à Espanha, depois da morte de Amílcar. II. É nomeado general do exército dos cartagineses na Espanha. III. Decide-se a empreender a guerra contra os romanos. IV. Obtém uma grande vitória sobre os carpentanianos e outros povos da Espanha. V. Sitia Sagunto. VI. Ruína de Sagunto. VII. Os romanos enviam embaixadores a Cartago para queixarem-se. VIII. Preparativos de Aníbal para vir à Itália. IX. Atravessa os Pireneus. X. Vence os volscos. XI. Avança para os Alpes. XII. Passa os Alpes. XIII. Vence Cipião junto do Ticino. XIV. Alcança Semprônio perto de Tréb ia. XV. Derrota-o. XVI. Entra na Toscana. XVII. Chega ao lago do Trasimeno. XVIII. Obtém aí uma grande vitória sobre o cônsul Plamínio. XIX. Caráter de Aníbal. XX. Fábio nomeado ditador. XXI. Proceder deste novo general. XXII. Perigo em que Aníbal se encontra. XXIII. Estratagema pelo qual consegue escapar. XXIV. Vantagem obtida por Minúcio sobre uma parte do exército de Aníbal. XXV. Minúcio é vencido e salvo por Fábio. XXVI. Aníbal vem acampar perto de Cannes. XXVII. Imprudência de Terêncio Varrão. XXVIII. Trava-se a batalha. XXIX. Vitória completa de Aníbal. XXX. Firmeza dos romanos ante esta notícia. XXXI. Aníbal é recebido em Cápua. XXXII. Perolla é dissuadido por seu pai do projeto de assassinar a Aníbal. XXXIII. Décio Mágio entregue a Aníbal. XXXIV. Mago vai levar a Cartago a notícia da vitória. XXXV. Aníbal retira-se ao seu quartel de inverno em Cápua. XXXVI. Vários reveses sofridos por Aníbal. XXXVII. É vencido por Marcelo. XXXVIII. Apodera-se de Tarento. XXXIX. Vantagens obtidas por Aníbal. XL. Aníbal tenta inutilmente fazer levantar o cerco de Cápua, XLI. Vai acampar às portas de Roma. XLII. Retira-se. XLIII. Cápua rende-se aos romanos. XLIV. Aníbal vence o procônsul Púlvio. XLV. Batalha entre Aníbal e Marcelo. XLVI. Várias outras batalhas entre Marcelo e Aníbal. XLVII. Morte de Marcelo. XLVIII. Aníbal tenta em vão surpreender Salápia. XLIX. Cláudio Nero obtém várias vitórias sobre Aníbal. L. Derrota e morte de Asdrúbal. LI. Como Aníbal se mantém ainda por algum tempo na Itália. LII, Passa de novo à África. LIII. Determina tratar da paz com Cipião. LIV. Batalha de Zama. LV. Aníbal aconselha a paz aos cartagineses a qualquer condição. LVI. Retira-se para junto de Antíoco. LVII. Entrevista de Aníbal com Cipião. LVIII. Bons conselhos que ele dá a Antíoco, mas que não são ouvidos. LIX. Aníbal, à frente dos navios de Antíoco, é vencido em Magnésia. LX. Retira-se para junto de Prúsias, rei da Bitínia. LXI. Vence o rei Eumenes com a frota de Prúsias. LXII. Envenena-se. LXIII. Diversas opiniões sobre o proceder de Flamínio.

Desde o ano 506, mais ou menos, até o ano 572 de Roma. antes do Jesus Cristo, ano 182.

Se trouxermos à nossa memória a primeira guerra Púnica{1735}, que os cartagineses travaram contra os romanos, encontraremos muitíssimos generais, que, pela glória de seus grandes feitos, deixaram aos seus sucessores um alto renome. Não encontraremos, porém, entre os generais cartagineses, um, que tenha sido mais elogiado, pelos autores gregos e latinos, do que Amílcar, pai de Aníbal, cognominado Barca, homem, sem dúvida, virtuoso e, para os tempos de então, assaz experimentado na arte militar. Ele resistiu primeiramente na Sicília, por mais tempo do que se poderia esperar, ao esforço dos romanos, os quais tinham grandemente prejudicado aos negócios públicos do seu país. Depois, na guerra da África, quando os soldado s mercenários, pela sua rebelião, puseram em grave risco os interesses públicos dos cartagineses, ele apaziguou com tanta virtude a citada revolta, que, ao parecer de cada qual, fora ele unicamente o conservador do seu país. Foi ao depois mandado como governador e general à Espanha{1736} (quando ele levou, segundo se diz, consigo, seu filho Aníbal, ainda criança), onde praticou vários feitos dignos de memória. Finalmente, nove anos depois de ter chegado àquela província, morreu combatendo valentemente contra os vetões{1737}. Depois de sua morte, Asdrúbal, seu genro, ao qual os cartagineses, ajudados pelo favor da facçã o e partido Barciniano, tinham constituído general-comandante de todo o exército, governou por uns oito anos. Ele chamou a Aníbal para a Espanha, pouco depois da morte de seu pai, mesmo contra a vontade dos chefes do partido contrário, a fim de que, como ele tinha sido iniciado antes, desde a inf ância, na arte militar, vivendo ainda Amílcar, assim, do mesmo modo, tendo crescido em idade, ele se fosse ha bituando aos perigos, incômodos e a todos os exercícios da guerra.

II. Embora, a princípio, a memória de seu pai muito lhe servisse para conquistar as boas graças dos soldados, todavia, depois, ele mesmo, por sua própria diligência e habilidade, portou-se tão bem, que os batalhões antigos, esquecendo-se de todos os outros comandantes, manifestaram a vontade de escolher a ele unicamente para seu comandante. Viram todos que ele possuía os requisitos e todas as qualidades que se poderiam desejar em um soberano-general. Tinha uma deliberação muito pronta, em executar todos os grandes empreendimentos, unida à atividade e coragem. Tinha um coração invencível a todas as adversidades e perigos do corpo, que a muitos outros impede cumprir seu dever. Prestava seu tempo de sentinela, como todos os outros, e estava pronto a executar todas as outras atribuições exigidas, quer de um valente soldado, quer de um bom oficial. Nessas condições esteve ele sob as armas, pelo espaço de três anos, sob o comando de Asdrúbal. Durante esse tempo ele conquistou o coração de todo o exército, de tal modo que, logo depois da morte de Asdrúbal{1738}, ele foi, de comum acordo entre todos os soldados, escolhido para comandante supremo. Tal prerrogativa militar foi aprovada sem contestação pelos cartagineses, mediante o favor do partido B arciniano. Aníbal tinha vinte e seis anos{1739}, quando foi declarado supremo comandante por seus soldados. Pois quando seu pai o levara à Espanha, ele tinha nove anos e, de então até a morte de Asdrúbal, segundo Polibio, passaram-se dezessete anos.

III. Apenas obtivera a superintendência sobre o acampamento e a administração dos negócios do governo, ele determinou fazer a guerra aos romanos, como há muito tempo já ele a vinha premeditando. Em primeiro lugar, como quase todos os cartagineses, ele sentia um ódio profundo contra os romanos, por causa da perda da Sicília e da Sardenha. Depois, em particular, nutria-lhes também grande rancor, quase como uma herança de seu pai Amílcar, que fora o maior inimigo dos romanos, dentre todos os generais cartagineses. A este respeito encontramos, por escrito, que, quando ele se preparava para passar à Espanha, ele obrigou a Aníbal, ainda criança, por um juramento, em um sacrifício que ofereceu, que apenas chegado à idade adulta, ele se manifestaria inimigo dos romanos. A recordação destas coisas renovava-se frequentemente na fantasia do moço, como uma ideia do ódio paterno, e o impelia cada vez mais a procurar todos os meios de arruinar o império romano. Ademais, o partido Barciniano não cessava de estimulá-lo insistentemente a isso, para que ele se tornasse forte e poderoso por. meio. das armas e da grandeza do seu estado. Estas causas, tanto públicas como particulares, incitando Aníbal a empreender a guerra contra os romanos, deram motivo ao orgulhoso jovem de empreender a realização desse objetivo.

IV. Naquele tempo os saguntinos estavam como de permeio entre os cartagineses e os romanos, os quais haviam sido deixado livres, pelo acordo e combinação da paz. Há muito eles eram considerados do partido dos romanos e, por meio da aliança feita com eles, eram tidos como muito fiéis ao império romano. Aníbal, então, pensou que não poderia encontrar ocasião mais propícia para causar despeito aos romanos e acender a mecha, para ele tão agradável, do que importunar, com a guerra, os saguntinos, seus confederados. Mas, em vez de atacá-los abertamente, deliberou levar seu exército contra os oleadas e outros povos do outro lado do rio Ibero; depois que esses se tivessem rendido, buscaria um motivo de aborrecer os saguntinos, para fazer parecer que a guerra tinha sido provocada por eles, do que de fato motivada por ele. Portanto, depois de ter obrigado os oleadas a se renderem, ele se lançou sobre os vaceanos, devastou suas planícies, atacou várias cidades, tomando Hermandice e Arbócola, cidades mui opulentas. Tinha já ele reduzido toda a região ao seu domínio, quando alguns fugitivos de Hermandice{1740}, animando-se mutuamente conjuraram contra ele, reuniram mais homens e atraíram ao seu partido também os fugitivos de Olcades. Depois persuadiram aos carpentanianos{1741}, que eram seus vizinhos, a, de comum acordo, atacarem Aníbal de improviso, apenas ele estivesse de volta. Todo o povo, não desejando outra coisa que combater, mesmo porque ainda se ressentia das i njúrias e ultrajes recebidos, facilmente aceitou esta proposta, tomou das armas e se reuniu em grande número, (mais ou menos uns cem mil ou mais) e foram atacar Aníbal à sua volta dos vaceanos, ao longo do rio Tago. Ao chegar, o exército dos cartagineses parou de repente e, por toda a massa dos soldados, passou uma onda de medo e de espanto. E não se deve duvidar mesmo de que eles teriam recebido uma grande fenda, se, quando ainda assustados, à chegada repentina dos inimigos e carregados de muitas e valiosas presas de guerra, tivessem atacado homens tão furiosos. Considerando isso, Aníbal, prudente general, como era, não quis combater, mas ordenou que acampassem naquele lugar. Durante a noite fez passar seu exército, com o menor ruído possível, para o outro lado do rio, deixando um lugar, por onde o inimigo pudesse passar facilmente, deserto e sem guardas, a fim de que por um temor simulado ele atraísse os bárbaros e os fizesse atravessar o rio, para aproveitar a ocasião que se lhes apresentava. E, como ele era o general mais astuto e inteligente do seu tempo, não foi enganado em sua tentativa e no feliz resultado da sua iniciativa para iludir o inimigo. Os bárbaros, violentos por natureza, confiando demasiado em seu número, julgando que os cartagineses se tinham assustado, lançaram-se furiosamente à água. Encontrando-se então em desordem e atrapalhados, antes que pudessem ter atravessado todo o no, foram eles atacados pelos cartagineses, primeiro por alguns homens da cavalaria, e depois por todo o exército, de sorte que muitos deles foram mortos e o resto se pôs em debandada, fugindo.

V. Depois dessa vitória, todos os outros povos e nações do outro lado do rio Ibero entregaram-se a ele, menos os saguntinos: estes, embora vissem a Aníbal tão perto de si, todavia confiando na amizade dos romanos, puseram-se na defensiva: mandaram, porém, embaixadores a Roma para avisar o senado do grande perigo em que se encontravam e para pedir socorro contra seu tão grande inimigo, que os perseguia de tão perto. Apenas os embaixadores mandados a Roma haviam saído da Espanha, Aníbal veio com todo o seu exército acampar mesmo diante da cidade de Sagunto{1742}. Em Roma soube-se logo disso e deliberaram reunir um conselho para considerar os ultrajes feitos aos seus aliadas; os senadores, com muita apatia, decretaram que P. Valério Flacco e Quinto Fábio Panfílio partissem contra Aníbal, para intimá-lo a se retirar de diante da cidade de Sagunto: em caso negativo, que eles fossem a Cartago exigir que lhe entregassem Aníbal, seu general, como tendo quebrado a paz. Políbio narra que esses embaixadores foram ouvidas por Aníbal, mas tiveram uma resposta muito fria. Lívio, ao contrário, diz que jamais eles foram ouvidos, nem mesmo ousaram penetrar em seu acampamento. Ambos, porém, estão de acordo nisto, que vieram eles à Espanha, depois passaram à África, e foram a Cartago, onde, depois de ter exposto a sua missão ao conselho, tiveram contra eles a facção Barcimana, tanto que voltaram a Roma com pouca honra e, mesmo, sem nada ter feito.

VI. Havia no senado de Cartago dois partidos e facções contrárias. Uma das quais existia há

muitos anos, desde os tempos em que Amílcar, cognominado Barca, ainda governava e tinha tocado como por sucessão hereditária ao filho Aníbal: depois cresceu e aumentou tanto, chegando a tão alto grau de poder, que tanto no interior como no exterior tinha preeminência e o primeiro lugar nas causas e julgamentos. Hanno, era o chefe da outra, homem grave e de soberana dignidade, na mesma república, mas que apreciava mais o descanso e a tranquilidade do que a guerra. Segundo se diz, foi somente ele, que quando os embaixadores romanos vieram a Cartago queixar-se dos ultrajes feitos aos seus aliados, contra a vontade do senado inteiro, opinou que se devia conservar a paz, com eles, e aconselhou-os a evitar a guerra, que seria, um dia, a causa da ruína da sua pátria. Certamente se os cartagineses tivessem querido antes seguir o conselho de Hanno, do que tomar em consideração a sua amizade, seguindo o autor da paz, e não se iludir com os que aconselhavam a guerra, eles ter-se-iam sentido bem melhor, mesmo com relação à sua república. Mas tendo-se deixado levar pelo furor e cobiça de um simples jovem, eles deram ocasião a inúmeros males que ao depois lhes advieram. Por isso, é de grande necessidade aos homens de governo, bons e prudentes, ter sempre mais em consideração o princípio dos negócios do que o seu fim, e deliberar todas as coisas com a p rudência, antes que recorrer aos expedientes da guerra. Ora; os saguntinos, vendo-se cercados por Aníbal, que contra todo direito e razão lhes fazia a guerra, conseguiram sustentar o cerco por alguns meses. Finalmente, não obstante Aníbal ter maior número de homens (ele tinha, como se diz, em seu acampamento, cento e cinquenta mil combatentes) e uma grande parte das muralhas tivesse sido abatida, eles preferiram esperar o saque da sua cidade, do que se entregar à mercê de seu mortal inimigo. Alguns dizem que Sagunto foi tomada oito meses depois de iniciado o cerco{1743}, com os quais parece que Lívio não concorda, e mesmo declara que outro foi o tempo certo do dito cerco.

VII. A tomada desta cidade, tão opulenta, muito serviu, e de vários modos, às empresas de Aníbal: pois, abaladas pelo exemplo desse saque, várias cidades, que, por se aborrecerem de estar sujeitas aos cartagineses, estavam a pique de se revoltar, conservaram-se dentro do seu dever, e mesmo os soldados retomaram coragem, vendo os ricos despojos que lhes eram repartidos no acampamento. Mandou depois a Cartago valiosos presentes dos despojos da cidade de Sagunto, por meio dos quais subornou os chefes e principais homens da cidade e os tornou mais fáceis à guerra, que ele tinha deliberado fazer contra o povo romano, não na Espanha, como muitos pensavam, mas na mesma Itália. Nesse ínterim os embaixadores voltaram a Roma, de Cartago, e declararam, em pleno senado, a fria acolhida e a resposta que lhes haviam dado, e quase ao mesmo tempo souberam do saque de Sagunto. Pelo que os romanos muito se arrependeram (demasiado tarde) por não ter dado auxílio e assistência aos seus amigos em tão extremo perigo. O senado, então, juntamente com o povo, muito se comoveu e sentiu grande pena; bastante irritados, repartiram os cargos das províncias aos cônsules, a saber: da Espanha a P. Cornélio{1744} e da África, juntamente com a Sicília, a T. Semprônio. Depois, alguns dos maiores da cidade foram mandados como embaixadores a Cartago, para fazer as suas declarações em pleno senado, lastimando a trégua interrompida e pondo-lhes diante dos olhos as causas e a origem da futura guerra, e ao mesmo tempo denunciar-lhes corajosamente a guerra, depois de terem declarado o motivo e a causa daquele proceder da parte deles. Tudo foi recebido pelos cartagineses com uma bravata semelhante. E nisto, entretanto, andaram mal avisados, pois o efeito e o princípio da guerra afinal, bem o declararam.

VIII. Depois que Aníbal teve conhecimento do que se havia feito ao senado de Cartago, pareceu-lhe que já era tempo de passar à Itália, como havia-lhe determinado desde o princípio, e por isso mandou equipar, com grande urgência, toda a sua bagagem e ter prontos os navios, pediu auxílio e reforço às cidades que lhe eram mais fiéis, e ordenou que todos os grupos se reunissem em Cartago, a nova. Tendo chegado a Gades{1745}, colocou guarnições nos lugares mais próprios e cómodos da África e da Espanha, o que lhe parecia mais que tudo necessário, para que, quando ele tivesse passado à Itália, os romanos não viessem apoderar-se delas. Mandou então à África mil e duzentos soldados de cavalaria e treze mil de infantaria, espanhóis. Fez vir de vários lugares da África quatro mil soldados, aos quais entregou Cartago, em custódia, tendo assim reféns e soldados. Deixou o governo da Espanha a seu irmão Asdrúbal, entregando-lhe uma esquadra de cinquenta navios de guerra, quase dois mil cavaleiros e doze mil soldados de infantaria. Essas foram as guarnições que ele deixou em

duas províncias: não por que pensasse que eram suficientes para resistir ao poder dos romanos, pois o forte da guerra seria na Espanha ou na África: mas porque assim ele julgava que estavam bem defendidas para impedir que o inimigo conquistasse o país, até que, tendo levado seu exército por terra, tivesse feito a sua entrada na Itália. Pois na verdade ele não ignorava que os cartagineses eram bastante poderosos para organizar um novo exército onde quisessem, e se se houvesse apresentado a necessidade de enviar-lhe novo reforço para a Itália, Porquanto, depois que eles haviam deixado para trás aquela tão perigosa guerra, suscitada pela indignação dos mercenários{1746} tendo depois, porém, sido vitoriosos, primeiro sob o comando de Amílcar, depois sob o de Asdrúbal, e finalmente sob o de Aníbal, eles tinham de tal modo aumentado o seu poderio, que, no tempo em que Aníbal chegou à Itália, seu império era já de enorme extensão. Possuíam toda a costa da África, que está no mar Mediterrâneo, desde os altares dos filemos, que não estão muito longe da grande Sirte, até as colunas de Hércules e tem de extensão{1747} dois mil passos. Tendo passado o estreito que separa a Europa da África, tinham ocupado quase toda a Espanha, até os montes Pireneus, que separam a Espanha das Gálias.

IX. Postas assim as coisas na África e na Espanha, Aníbal voltou a Cartago, a nova{1748}, onde ele tinha seu exército já pronto e bem equipado. E não querendo mais adiar, mandou reunir seus homens, encorajando-os com grandes promessas, elogiou a fertilidade da Itália, e mostrou-lhes a importância da aliança e da amizade dos gauleses. Finalmente disse-lhes que marchassem alegremente. No dia seguinte partiu de Cartago e conduziu seu exército ao longo da praia, até o rio Ibero. Diz-se que. na noite seguinte apareceu a Aníbal, em sonho, um jovem de aspecto terrível, que por primeiro o incitava a segui-lo à Itália, mas. em seguida, ele viu uma serpente de tamanho descomunal, que fazia grande barulho: e como ele queria saber o que aquilo significava, parecia-lhe ter entendido que era a destruição da Itália. Não nos devemos admirar se, sua grande preocupação e solicitude pela guerra da Itália durante o dia, lhe produzisse tais fantasmas e sonhos durante a noite, representando-lhe ou a vitória, ou a destruição, incêndios e outras calamidades da guerra. Pois muito frequentemente acontece, como diz o orador, que nossos pensamentos e palavras geram, em repouso, as coisas, que o poeta Ênio escreve de Homero, isto é, aquelas em que mais frequentemente ele pensava e de que falava.

X. Depois que Aníbal passou os Pireneus e conquistou o coração dos gauleses à força de presentes, chegou em poucos dias à margem do Ródano. O Ródano tem sua origem não muito longe da dos nos Reno e Danúbio, e depois de ter percorrido mais ou menos quarenta e nove léguas, precipita-se no lago de Genebra, depois, saindo de lá, volta-se para o ocidente, e separando por um espaço o território dos gauleses, e recebendo depois um acréscimo com as águas dos nos Saona e outros, vem finalmente desembocar no mar, por várias ramificações, entre os volscos{1749} e os cavarianos{1750}. Os volscos ocupavam então as duas margens do Ródano, e eram muito numerosos, e mesmo os povos mais ricos e mais poderosos dentre todas as nações da Gália. Tendo eles sabido da vinda de Aníbal, passaram o rio, armaram-se e postaram-se às suas margens, para impedir que os cartagineses passassem. Embora Aníbal tivesse ganho à sua amizade todos os outros gauleses, todavia não tinha conseguido com presentes, nem com ameaças, que experimentassem a amizade dos cartaginese s, que não a sua força. Vendo então que era necessário tratar esse inimigo, de preferência com a astúcia, mandou a Hanno, filho de Bomílcar, que passasse ocultamente o Ródano, com uma parte do exército, e atacasse os gauleses de improviso. Este partiu logo, percorreu um bom pedaço de estrada e passou o rio num lugar que era bastante acessível, e apresentou-se perto do acampamento dos inimigos, antes de que eles o percebessem, ou, mesmo, que eles pudessem saber quem eles eram. Os gauleses, ouvindo gritos por trás deles e vendo-se apertados pela frente por Aníbal, que já tinha vários barcos preparados para fazer seus homens passar, não tiveram tempo de deliberar, nem de recorrer às armas, abandonaram o acampamento e puseram-se a fugir em debandada. Tendo eles então sido impelidos para a outra margem, o resto do exército dos cartagineses passou o rio sem perigo algum.

XI. Nesse ínterim, Públio Cornélio Cipião, que tinha chegado a Marselha um pouco antes, ouvia continuamente notícias do exército de Aníbal. Para melhor se certificar, mandou então um grupo de cavaleiros de elite, para observar e espiar e, se possível, saber das intenções dos inimigos: caminhando rapidamente, estes, como lhes havia sido ordenado, encontraram logo quinhentos cavaleiros númidas enviados também por Aníbal para observar o exército dos romanos, aos quais eles atacaram imediatamente, e, depois de uma luta corajosa de lado a lado, por fim os romanos puseram os outros em fuga, não sem inúmeras perdas de seus soldados, bem que todavia o maior número de mortos fosse do lado dos inimigos. Aníbal, assim informado do lugar onde estavam os romanos, foi tomado de grande indecisão, se devia ou não prosseguir para a Itália, ou levar seu exército contra o do cônsul que estava perto, arriscando tudo à sorte e aguardando o resultado. Finalmente, depois de longa alternativa de dúvidas e incertezas, a respeito do que deveria decidir, os embaixadores dos boios{1751} persuadiram-no a deixar de lado todas as outras empresas e a passar logo à Itália. Pois, antes de Aníbal ter passado os Pireneus, os boios, tendo aprisionado os embaixadores romanos, com um ardil, tendo causado grande dano ao pretor Mânlio, e incitado os insubrianos{1752}, revoltaram-se e juntaram-se a Aníbal, principalmente porque os romanos tinham repovoado Plaisance e Cremona. Aníbal, então, persuadido pelos seus conselhos, levantou o acampamento e iniciou a marcha pela margem do no; chegou cm poucos dias ao lugar que os gauleses chamam de Ilha, que é formada pelo Saona e pelo Ródano, os quais, passando entre várias montanhas, ah se vão encontrar: aí está hoje a cidade de Lião, muito célebre na Gália, que se diz ter sido há muito tempo edificada e construída por Planco Munácio. De lá passou à região dos alóbrogos{1753} e, tendo apaziguado a controvérsia entre dois irmãos, por causa da realeza, passou à região dos castimanos{1754} e vocôncios, até Durance. Aqui há um rio, que, tendo sua origem nos Alpes, e de lá descendo em grande rapidez, vem desembocar no Ródano: e como frequentemente muda de curso, não se pode senão com grande dificuldade atravessá-lo a vau. Todavia, tendo-o passado, levou seu exército até os Alpes por lugares descobertos, avançando tanto quanto lhe foi possível.

XII. Mas, ao que se diz, passando por aí recebeu grandes perdas, tão grandes, que alguns contemporâneos afirmam ter ouvido do mesmo Aníbal, que ele havia perdido mais de trinta mil homens, com a maior parte dos seus cavalos. Pois lhe fora de mister, não somente combater os habitantes das regiões montanhosas, mas também forçar as asperezas e dificuldades dos caminhos, de tal modo que, em alguns lugares, dos mais altos e ásperos rochedos, ele fora obrigado a abrir passagem à força de fogo e de vinagre. Tendo passado os Alpes, depois de quinze dias, ele desceu perto de Turim. Parece-me muito possível e verossímil que ele passou o monte vulgarmente chamado Genua{1755} : que, de um lado, tem o rio de Durance e do outro, inicia a sua descida para Turim. É bem difícil poder dizer-se, na verdade, que número de homens ele tinha, depois de ter passado à Itália, pela diversidade de opiniões. Pois alguns escrevem que ele tinha cem mil soldados de infantaria e vinte mil de cavalaria: outros, vinte mil homens de infantaria e seis mil de cavalaria, todos africanos e espanhóis. Mas outros, compreendendo os ligúrios e os gauleses, citam o número de oitenta mil de infantaria e dez mil de cavalaria. Todavia, é de se crer, que ele não teve tão grande exército, como dizem os primeiros, depois de ter passado por tantos países, de ter recebido tantas perdas e danos, nem do mesmo modo, número tão pequeno, como querem os segundos, em seus escritos, se considerarmos as grandes empresas que ele, ao depois, levou a cabo. E assim parece-me aproximar-se muito mais da verdade, a opinião dos que conservam uma opinião média, entre os dois: pois ele levou à Itália a maior parte dos oitenta mil homens de infantaria e dos dez mil de cavalaria, os quais ele tinha reunido na Espanha, como é também muito notório, que um grande número de ligúrios e de gauleses veio unir-se a ele, pelo grande ódio que então essas nações votavam aos romanos, que não era mesmo menor que o dos cartagineses.

XIII. Aníbal, então, veio de Turim à região dos insúbrios e teve como antagonista a Públio Cornélio Cipião, que partiu apressadamente de Marselha, e atravessando o Pó e o Ticino, acampara não muito longe do inimigo: de modo que, pouco tempo depois, tendo ambos os generais saído para reconhecimento, houve uma escaramuça de cavalarianos, que durou algum tempo, sem que se pudesse saber quem levaria vantagem. Finalmente, os romanos, vendo o cônsul mui aflito, quando os cavaleiros númidas avançavam para cercá-los por trás,

foram obrigados a recuar e, assim, pouco a pouco, retiraram-se, defendendo-se como melhor podiam, para salvar o cônsul, chegaram até seu próprio acampamento. Diz-se que, então, P. Cornélio Cipião foi salvo por seu filho, (depois cognominado o Africano) que ainda era muito jovem: louvor que, certamente (tanto é soberano, quanto prestado em tão grande juventude), é assaz verossímil, e conforme às grandes empresas depois por ele realizadas. Cipião, tendo assim experimentado quanto seu inimigo era mais poderoso do que ele em cavalaria, determinou colocar-se num acampamento, no qual a infantaria estivesse mais garantida, e pudesse combater com maior vantagem. E assim, durante a noite ele atravessou o rio Pó, com o menor ruído possível, e se dirigiu a Plaisance.

XIV. O mesmo fez, pouco tempo depois, T. Semprônio Longo, que tinha sido chamado novamente pelo senado, da Sicília, a fim de que os dois cônsules dirigissem os negócios públicos com a mesma autoridade e de comum acordo. Aníbal igualmente os seguiu com todo o seu exército e acampou com todos os seus soldados perto do rio Trébia, esperando que, pela proximidade dos dois acampamentos, apresentar-se-ia logo alguma ocasião de combater, o que ele desejava ardentemente, não só porque ele não podia mais e por mais tempo sustentar a guerra por falta de víveres, mas também porque ele suspeitava da volubilidade dos gauleses: pois, assim como bem depressa se teriam unido a ele e gozado da sua amizade, levados pela esperança de melhoria e pelo renome da vitória por ele conquistada, também, pensava ele, por alguma causa fútil, (como se a guerra se prolongasse por muito tempo em seu país) eles voltariam toda a raiva e o ódio que tinham contra os romanos, contra ele, como o único autor da guerra. E, por isso, procurava de, por todos os meios, o motivo para travar a batalha. Durante essas tratativas, Semprônio, o outro cônsul, encontrou um grupo de inimigos carregados de presas de guerra e esparsos pelo campo, aos quais ele atacou e pôs em fuga: imaginando, por este episódio, o resultado de toda a batalha, pela feliz sorte que tinha tido, concebeu uma grande esperança da vitória, se por acaso os dois exércitos se encontrassem e viessem a lutar. Pelo que, desejando praticar algum ato extraordinário, antes que Cipião deixasse o consulado e que outros fossem eleitos em seu lugar, deliberou travar a batalha, mesmo contra a vontade do outro cônsul, seu companheiro, o qual julgava não haver coisa mais fora de propósito do que arriscar os negócios públicos, quando todos, ou quase todos os gauleses estavam em armas contra eles.

XV. Aníbal foi avisado de tudo isso, por meio dos espiões que ele havia enviado ao acampamento dos inimigos. Por isso, fino e astuto como ele era, escolheu logo um lugar entre os dois campos, todo coberto de sebes e moitas, onde pôs seu irmão Mago, de emboscada, com uma tropa de elite. Depois ordenou aos cavaleiros númidas que corressem até às muralhas e trincheiras dos romanos e os provocassem, para os trazer à batalha. Depois de ter remunerado o resto do exército, levou-o em ordem, a fim de estar sempre preparado para o que acontecesse. O cônsul Semprônio, ao primeiro tumulto dos númidas, mandou logo também seus cavaleiros contra eles e depois seis mil soldados de infantaria, e por fim saiu ele mesmo do acampamento com todo o exército. Era pleno inverno e fazia muito frio, também nos lugares fechados pelos Alpes e pelo monte Apenino. Os númidas, como lhes havia sido ordenado, atraíam os romanos pouco a pouco para aquém do no Trébia, até que, tendo chegado ao lugar, de onde podiam reconhecer suas insígnias, de repente, voltaram-se contra os inimigos que estavam em desordem. É costume dos númidas recuar muitas vezes, propositalmente, e depois parar de repente, quando lhes parece, para voltar a atacar o inimigo, mais fortemente e com mais fúria do que antes. Por isso Semprônio reuniu logo seus cavaleiros e preparou a batalha, segundo o momento o exigia, para ir enfrentar seu inimigo, que o aguardava enfileirado para a luta. Aníbal tinha seu exército pronto, para aproveitar a ocasião que se lhe apresentava. A refrega começou primeiro, no encontro da cavalaria ligeira, depois, pela infantaria; mas os cavaleiros romanos, não podendo suportar o choque dos inimigos, foram logo desbaratados. E as legiões sustentaram a batalha com tal esforço, com tanta coragem, como elas sabiam resistir, quando não se exigiria senão o trabalho das tropas de infantaria. Mas, de um lado, os cavaleiros e os elefantes os assustavam e, de outro, a infantaria os perseguia de muito perto, combatendo com grande violência, contra corpos esfomeados e enregelados. Os romanos, suportando tantos males e perigos, dificuldades que lhes vinham de todos os lados, com uma coragem e magnanimidade acima das próprias forças, combateram sempre, até que Mago, saindo da sua emboscada, veio atacá-los de

improviso, com grandes gritos, e o batalhão do meio, dos cartagineses, veio por ordem de Aníbal lançar-se sobre os cenomânios. Vendo então os romanos que seus aliados fugiam, perderam a coragem. Dizem que dez mil soldados romanos de infantaria se retiraram a Plaisance, passando todos através dos inimigos. O resto do exército que fugia foi na maior parte reduzido em pedaços pelos cartagineses{1756}. O cônsul Semprônio fugiu assim das mãos dos inimigos, não sem grande perigo para sua pessoa. A vitória também custou caro a Aníbal, pois ele perdeu um grande número de homens e seus elefantes foram quase todos mortos.

XVI. Depois desta vitória, Aníbal percorreu toda a região, passando tudo a ferro e fogo: tomou várias cidades e com poucos soldados desbaratou e pôs em fuga um grande número de camponeses, que se haviam ajuntado para dar-lhe combate, sem alguma ordem. Depois, no começo da primavera, pôs novamente em campo seu exército, mais cedo do que o tempo o exigia, e querendo passar à Toscana foi repelido por uma grande tempestade, junto ao vértice do Apenino, e por isso obrigado a fazer regressar seu exército para os arredores de Plaisance: mas bem depressa se pôs novamente em campo, por várias causas necessárias. Se não se tivesse salvado com esse alvitre, pouco teria faltado para cair nas emboscadas dos gauleses, que, estando descontentes por ter a guerra se prolongado demasiado em seu país, tinham-no como único culpado e causador da guerra. Obrigado por causa do perigo, julgou necessário apressar-se em passar seu exército para outra província. Além disso, pensava também que muito lhe haveria de servir para conservar sua reputação perante os estrangeiros, e para encorajar os seus se ele pudesse fazer, que aparecesse como assaz grande o poder dos cartagineses, que seu general, era de grande ânimo e coragem a ponto de ir fazer a guerra em lugares tão próximos da cidade de Roma. Pondo de lado todas as outras coisas, fez marchar o exército pelo monte Apenino, depois, passando pela região dos ligúnos, desceu à Toscana, pelo caminho que leva às planícies e pântanos das imediações do rio Amo{1757}. O rio Arno estava naquele tempo muito cheio e transbordava, inundando todos os campos vizinhos. Por isso Aníbal, levando um exército tão numeroso, não pôde evitar a perda de muitos homens e animais, antes de poder escapar desses lugares pantanosos. E, de fato, ele mesmo, embora assentado sobre o dorso de um enorme elefante, o único que lhe restava, pelo trabalho e esforço ininterrupto, não descansando nem de dia, nem de noite, e pelo ar prejudicial, perdeu um dos olhos.

XVII. Nesse ínterim, o cônsul G. Flamínio, ao qual havia sido confiado o exército de Semprônio, tinha vindo a Arezzo, contra a vontade do senado, que e stava aborrecido, porque ele, deixando em Roma seu companheiro Gneu Servílio, tinha-se retirado da província, ocultamente, sem as insígnias consulares e sem ajudantes. Ele era homem altivo por natureza, e tinha sido elevado bem alto pelo favor do povo, de modo que se tinha tornado tão atrevido, que se via bem claramente, e que ele tudo faria sem consideração nem premeditação. Sabendo de tudo isto, Aníbal julgou que seria melhor provocar o cônsul e fazer que ele entrasse em combate, antes da chegada do seu companheiro. Fazendo então marchar seu exército pela região de Fiesole{1758} e de Arezzo{1759}, ele devastava e incendiava toda a região vizinha, enchendo-a de medo e de terror, sem ter outra finalidade, que destruir e queimar, até que chegou às montanhas cortonenses{1760}, e depois ao lago denominado Trasimeno. Tendo reconhecido o lugar, ele só cuidava em surpreender o inimigo em alguma emboscada e, para isso, mandou ocultar alguns cavaleiros nas elevações próximas, junto do estreito que leva ao Trasimeno e por trás da montanha colocou sua cavalaria ligeira. E com o resto do exército desceu ao campo, julgando que o cônsul não se conservaria impassível, como de fato aconteceu. Pois aqueles que têm a mente ardendo facilmente se expõem e caem nas emboscadas dos inimigos e frequentemente arriscam toda sua sorte, por não quererem acreditar num bom conselho. Flamínio vendo que a região estava toda devastada, o trigo cortado, as casas queimadas, apressou logo a marcha do seu exército, contra o parecer de todos, que eram de opinião, que ele devia esperar seu companheiro. Tendo, ao cair da tarde, chegado aos estreitos do lago Trasimeno, aí mandou estabelecer o acampamento, embora seus homens não estivessem nem cansados, nem esgotados pelo trabalho suportado na viagem. No dia seguinte, ao romper da madrugada, sem de qualquer outro modo inspecionar a região, passou o monte.

XVIII. Então Aníbal, que há muito já se mantinha preparado, em pé de guerra, não esperando senão a ocasião de atacar, vendo os romanos lançarem-se na planície, fez sinal aos seus homens que atacassem os inimigos. Os cartagineses, então, surgindo de todos os lados, pela frente e pela retaguarda, bem como pelos flancos, fe charam o inimigo entre o lago e as montanhas. Os romanos, ao invés, entrando na batalha, sem ordem alguma, combatiam cercados ainda por uma densa neblina, que lhes tirava a visão e os deixava como nas trevas, de mod o que foi mesmo coisa extraordinária, como eles puderam sustentar por tanto tempo a refrega, pois estavam cercados de todos os lados. Combateram assim mais de três horas, com tanto ardor e coragem, que não perceberam os três grandes tremores de terra que então se deram, e jamais recuaram, até que souberam que o cônsul, indo de linha em linha, para dar coragem aos soldados, tinha sido derrubado e morto por um soldado de nome Ducário. Tendo então perdido seu general, perderam também todas as esperanças e fugiram, uns para as montanhas, outros para o lago, muitos dos quais foram mortos, na fuga. Ficaram{1761} uns quinze mil no campo e uns dez mil salvaram-se de diversas maneiras. Dizem que havia ainda uns seis mil homens de infantaria, que desde o começo da luta tinham fugido para a encosta da montanha, com grande esforço, e permaneceram sobre um outeiro até o fim do combate, quando desceram, sob palavra de Aníbal, mas foram traídos e feitos em pedaços.

XIX. Depois desta grande vitória, Aníbal deixou partir, em liberdade, sem preço de resgate, a vários italianos prisioneiros, depois de os ter tratado com humanidade, a fim de que a fama da sua humanidade e clemência se divulgasse por todas as nações, embora por sua natureza ele fosse total mente contrário a tais virtudes. Pois era altivo e cruel de natureza, e tinha sido desde sua infância treinado no manejo das armas, exercitado no morticínio, nas traições e vinganças para com os inimigos, sem se importar com ordens, leis ou costumes civis. Eis como ele se tornou um dos generais mais cruéis, dos mais astutos e sagazes, em enganar os inimigos, de que jamais se teve notícia. Como ele estava sempre atento em iludir o inimigo, os que ele não podia vencer em guerra aberta procurava surpreendê-los em alguma emboscada ou cilada, como se pode ver pela presente batalha, e pela que ganhara antes contra o cônsul Semprônio, perto do rio Trébia. Mas voltemos ao nosso assunto e deixemos este argumento para outra vez.

XX. Quando se soube em Roma da derrota do cônsul Flamínio, que tinha sido vencido e morto com uma grande parte do exército, uma onda de lágrimas e de luto se espalhou pela cidade; uns tinham compaixão, pela calamidade pública, outros, pelas perdas sofridas e outros ainda por ambas as razões. E de fato, era um espetáculo muito triste, ver correrem de porta em porta, por toda a cidade, homens e mulheres em grande número, para ter notícias de seus parentes e amigos. Narra-se por escrito que duas mulheres, estando em grande aflição pela sorte de seus filhos, morreram repentinamente, pela grande alegria que sentiram, vendo-os sãos e salvos, contra toda a sua esperança. Nesse mesmo tempo o cônsul Servílio, companheiro de Flamínio, mandava-lhe quatro mil soldados de cavalaria, pois não tinha ainda sido notificado da batalha travada perto do lago Trasimeno; soube, porém, a caminho, da derrota de seus companheiros; como nessa ocasião eles pensavam em retirar-se para a Úmbria{1762}, foram cercados pela cavalaria dos inimigos e levados a Aníbal. Estavam os negócios públicos, em Roma, em grave perigo, por causa de tantas perdas sucessivas; determinou-se então criar um magistrado ordinário e seria também criado um cargo de ditador, que, como de costume, era o remédio extremo, reservado para os tempos mais difíceis e de grave risco para as coisas públicas. Mas, como o cônsul Servílio não podia regressar a Roma porque todas as passagens estavam ocupadas pelos inimigos, o povo de um partido, que ainda não estava resignado, cr iou ditador a Q. Fábio, que depois recebeu o cognome de Máximo e foi por ele nomeado chefe da cavalaria de M. Minúcio. Fábio era homem de grande inteligência, de muita prudência, e de muito alto conceito nos negócios públicos. E assim todos os cidadãos confiavam imensamente nele, persuadidos de que a honra da cidade se poderia manter sob o governo de tal chefe, melhor do que sob o de qualquer outro. Fábio soube disso e depois de ter com grande cuidado e diligência dado suas ordens para as coisas mais necessárias, partiu da cidade; após ter recebido o exército das mãos do cônsul Servího, acrescentou-lhe mais duas legiões e assim foi enfrentar o inimigo.

XXI. Aníbal tinha-se retirado do lago Trasimeno e tinha tomado o caminho de Espoleto{1763}, para verificar se, ao primeiro ataque, ele podia capturar a cidade. Vendo, porém, que seus habitantes se haviam colocado sobre as muralhas e a defendiam muito bem, se pôs a saquear a região circunvizinha, queimando casas e aldeias; depois retirou-se para a Apúlia, pela Marca de Ancona, para o país dos marsianos e peligmanos. O ditador seguiu-lhe as pegadas, e acampou perto da cidade de Arpi{1764}, não muito longe do campo dos inimigos, com o objetivo de retardar a guerra, contemporizando. Os negócios dos romanos estavam então em tal estado, pela temeridade e louca ousadia dos generais do passado, que se julgava mesmo como vitória o não ser vencido pelo inimigo tantas vezes vitorioso. Por isso muitas coisas então se modificaram, com a mudança do comandante. Aníbal, depois de ter alinhado seus homens para a luta, vendo que o inimigo não se movia, se pôs a saquear toda a região, esperando que assim poderia atrair o ditador à luta, quando visse que as campinas dos seus aliados eram saqueadas na sua presença: ele, porém, nem por isso se incomodou, mas conservava sempre seus homens unidos, como se a coisa em nada absolutamente o visasse.

XXII. Aníbal ficou muito apreensivo pela tardança do general romano; mudava então constantemente de lugar, a fim de, marchando por diversos lugares, se lhe apresentasse alguma ocasião de enganar o inimigo ou então de travar combate. E assim, passando o monte Apenino, veio a Sâmnio{1765} : mas, porque, um pouco antes, alguns habitantes da Champanhe{1766}, que haviam sido aprisionados, junto do lago Trasimeno, tinham sido gratuitamente libertados e soltos, davam-lhe esperança de poder tomar a cidade de Cápua, ele mandou o exército marchar, tomando um guia, que conhecia a região, para ser levado a Cassino{1767}. O guia, porém, em vez de Cassino, entendeu Casilino{1768}, enganando-se pela semelhança das palavras, e os levou por um caminho completamente contrário, a Calentino e Caleno{1769} e de lá aos arredores de Stella{1770}. Mas, como se encontravam numa região rodeada de montanhas e de rios, Aníbal, percebeu que ele se tinha enganado: e mandou matar cruelmente o pobre homem que os havia guiado. Fábio, no entretanto, usava de grande paciência, deixando Aníbal correr livremente de um lado para outro, até que ele tivesse ocupado os montes Galicano{1771} e Casilino, onde ele colocou guarnições, por ser um lugar de grande comodidade. E assim, quase todo o exército dos cartagineses ficou rodeado, e eles teriam sido forçados a morrer ali, por falta de víveres, ou então a fugir com sua grande vergonha, se Aníbal não tivesse evitado o perigo, com um expediente, dos que costumava imaginar.

XXIII. Sabendo do perigo em que se encontrava, com todo o seu exército, e tendo observado a oportunidade das circunstâncias, ordenou aos seus soldados que lhe trouxessem uns dois mil bois, dos que tinham apanhado pelos campos e de que estavam bem providos; tendo-lhes feito amarrar tochas nos chifres, mandou que alguém as acendesse e espantasse os animais para o vértice das montanhas, quando fizessem a primeira troca de sentinelas. Tudo se fez exatamente conforme tinha sido ordenado: quando os bois corriam para o alto do monte com as tochas acesas nos chifres, o exército os seguia a passo lento. Os romanos, que há muito haviam posto boa guarnição sobre as montanhas, ficaram assustados com essa cena e temendo alguma emboscada abandonaram incontinente suas posições. Fábio mesmo, pensando que era algum ardil do inimigo, conservou seus homens no acampamento, não podendo saber de fato de que se tratava. No entretanto, Aníbal passou a montanha, não longe dos banhos Suessamanos{1772}, que os da região chamam agora a Torre dos banhos, e retirou-se com todo o seu exército, salvo, para os arredores de Alba: mas logo depois o fez marchar como se quisesse se dirigir diretamente a Roma, mas depois retrocedeu e foi à Apúlia, onde tomou Glerene, cidade rica e abundante de tudo: aí determinou passar o inverno.

XXIV. O ditador seguia-lhe ainda os passos e foi acampar não longe dos cartagineses, ao pé de Laurino{1773}. Mas tendo sido chamado a Roma por causa de negócios do governo, teve de se retirar apressadamente; mas, deu ordem ao seu substituto que se conservasse quieto{1774}, e

não atacasse o inimigo e de modo algum combatesse durante a sua ausência. Porquanto ele estava decidido a manter sua primeira deliberação, isto é, não provocar o inimigo, nem combater, mesmo que o inimigo o provocasse. Todavia, M. Minúcio (assim se chamava o seu substituto) pouco se importando com as determinações do ditador, logo que ele virou as costas, atacou um grupo de inimigos, que tinha ido colher forragem e estava esparso pela campina, matando muitos deles, e os outros os foi perseguindo até o seu acampamento, A notícia desta escaramuça espalhou-se logo e chegou mesmo a Roma, e deram a ela tanta importância, que foi considerada uma vitória, e tanto prazer causou ao povo, que logo igualaram o poder do lugar-tenente ao do ditador Fábio: coisa que jamais havia sido feita antes. Fábio suportou paciente e magnanimamente essa injúria, que absolutamente não havia merecido e, depois, regressou ao acampamento.

XXV. Havia então dois ditadores ao mesmo tempo{1775}, o que antes jamais havia acontecido, nem disso jamais se havia falado: dividiram eles o exército pela metade e ambos comandavam com poder absoluto, cada qual sobre o seu exército, como os cônsules costumavam fazer. Com isso Minúcio ficou muito orgulhoso, a ponto de deliberar ousadamente empreender a batalha sem dá-lo a conhecer ao seu companheiro, coisa que Aníbal, tantas vezes vencedor, jamais havia ousado fazer; levou seu exército a um lugar onde ele foi cercado pelo inimigo, de modo que Aníbal os ia matando à vontade, sem que eles tivessem esperança de poder escapar, se Fábio não tivesse chegado oportunamente, em tempo e hora precisas, para lhes prestar auxílio, tendo mais em vista, porém, o bem público, do que a injúria que havia recebido. Pois chegando à batalha com o seu exército ainda descansado causou medo a Aníbal, de tal modo que as legiões romanas tiveram oportunidade para se retirar a um lugar seguro. Por esse motivo Fábio obteve fama de muito grande virtude e de prudência, tanto entre os seus como entre os inimigos. Pois, diz-se que Aníbal, regressando ao seu acampamento, afirmou que naquele dia ele havia vencido a M. Minúcio, mas que ele tinha sido vencido por Fábio. Minúcio, mesmo depois, reconhecendo a sua prudência, e considerando que era mesmo necessário, segundo as palavras de Hesíodo, obedecer a um melhor do que ele, foi com todo o exército ao acampamento de Fábio e renunciando ao seu cargo, saudou-o com toda a reverência, como pai, de modo que naquele dia houve grande alegria entre os soldados.

XXVI. Tendo-se os dois exércitos retirado para descansar no inverno, depois de terem combatido por muito tempo, foram afinal criados dois novos cônsules{1776}, L. Paulo Emílio e C. Terêncio Varrão, o qual tinha sido elevado da mais baixa condição até a dignidade de cônsul, pelo favor do povo. Foi-lhes permitido organizar um exército maior que não o haviam feito os generais precedentes. As legiões foram aumentadas, acrescentando-se outras novas às que já existiam. Reunindo-se aos seus exércitos, os cônsules, como eram de naturezas diversas, assim também adotaram uma maneira diversa de governar. L. Paulo, que era homem prudente determinou governar do mesmo modo que Fábio, procurando protelar a guerra e deter o inimigo, sem querer combater. Varrão, ao contrário, era homem violento, ousado, o qual outra coisa não desejava senão barulho. Assim foi que, algum tempo depois, se conheceu o grande perigo e a desvantagem em que se encontrava a cidade, que diferença havia entre a modéstia de Emílio e a arrogância de Varrão. Aníbal, também, temendo que pela falta de víveres surgisse algum novo tumulto no acampamento, partiu para Glereno, e passando pelos lugares mais quentes da Apúlia veio acampar com todo o seu exército perto de uma aldeia que se denomina Cannes{1777}.

XXVII. Foi, porém, seguido pelos dois cônsules romanos, que também acamparam perto dele separadamente, porém, mas bem perto um do outro, havendo entre eles apenas o rio Áufido.

Este no, como se diz, separa sozinho o monte Apenino e tem sua origem do lado da montanha que está voltado para o mar, pelo que vai desembocar no mar Adriático. L. Paulo vendo que era impossível a Aníbal, estabelecido em país estranho, poder sustentar seu exército, que era tão grande e composto de homens de tantas nações diversas, estava resolvido a atrasar e adiar a guerra, retardando-a, pensando que era o único e verdadeiro meio de vencê-la, julgando que isso seria de grande desvantagem para o inimigo, quanto útil e proveitoso para o

bem público. E de fato, se C. Terêncio tivesse sido da mesma opinião, era assaz notório que o poder de Aníbal poderia ter sido vencido pelos romanos, sem se mover. Mas como ele era de espírito irrequieto e de um natural desassossegado, não se importava nem com o prudente conselho, nem com a autoridade de Paulo Emílio: mas, ao contrário, o censurava e queixava-se diante dos soldados, de que ele mantinha seus homens inativos e presos, enquanto o inimigo se preparava para a luta. Quando chegou o dia em que lhe tocava a soberana autoridade sobre todo o exército (pois eles eram comandantes supremos, cada um por sua vez), ao amanhecer, ele passou o rio Áufido, e deu o sinal da batalha, sem avisar seu companheiro, que o seguia, contra vontade e não de boamente, porque ele não lhe podia resistir.

XXVIII. Aníbal rejubilava-se, porque a ocasião de combater havia chegado, pois toda dilação lhe parecia voltar-se contra as suas determinações e desígnios; fez passar o rio também ao seu exército, que já estava todo preparado, em boa ordem e equipamento: haviam na verdade feito grandes presas sobre os inimigos, para bem se equipar. O exército dos romanos se havia voltado para o sul, e um vento meridional, que os da região chamam de vulturno, vinha bater-lhe diretamente nos olhos; os inimigos, ao invés, tinham o vento e o sol em seu favor, e seus homens estavam dispostos nesta ordem: os africanos ocupavam os dois flancos, os gauleses e espanhóis, o batalhão do meio. A cavalaria ligeira começou o primeiro ataque, e depois dela, os outros soldados: e como o lugar entre o rio e os soldados de infantaria era muito estreito, de modo que não podiam os soldados espalhar-se comodamente, a refrega foi mais sangrenta que longa. A cavalaria dos romanos foi desbaratada e os soldados da infantaria sustentaram o ataque com tal ardor e coragem, que lhes parecia faltar o tempo para combater. Mas o excessivo desejo de vencer levou-os a um fim triste e infeliz, como no primeiro encontro lhes tinha obtido um próspero começo. Pois os gauleses e espanhóis, que dissemos estarem colocados no batalhão do meio, não podendo sustentar o ataque veemente dos romanos, retiraram-se para os africanos, nas alas. Vendo isso, os romanos partiram em forte corrida contra os inimigos perseguindo-os e acossando-os sempre, até que chegaram ao meio: os cartagineses então, que conservavam os flancos, fecharam-nos incontinente, sem que eles tivessem tido tempo de se pôr de guarda.

XXIX. Quinhentos cavaleiros númidas, dissimuladamente, dirigiram-se para os cônsules, os quais os receberam com humanidade, e os colocaram na retaguarda do seu exército. Estes, vendo que tinha chegado a sua vez, fizeram-se ver, por trás dos inimigos, e os atacaram, improvisamente. Foi então o exército romano desbaratado de todos os lados, e Aníbal obteve a vitória. Lívio escreve que nesta batalha morreram quarenta mil soldados de infantaria{1778} e mais de dois mil e setecentos cavalos. Políbio diz que o número de mortos foi ainda muito maior. Deixando essas divergências, é certo que os romanos jamais tiveram tantas perdas, nem mesmo na primeira guerra Púnica, nem na segunda, da parte dos cartagineses, do que nesta em Cannes. Nela ficou o cônsul Paulo, homem certamente digno de todo louvor, que se tinha dedicado a todos os negócios do estado, até o último respiro; o cônsul Servilio, do ano precedente também foi morto e vários outros cônsules, pretores, e de outras dignidades, generais, oficiais, ainda muitos senadores e honrados cidadãos dos quais morreram então grande número, que a crueldade mesma do inimigo ficou satisfeita. O cônsul Terêncio, que tinha sido o causador da batalha, vendo que o inimigo obtinha a vitória de todos os lados, salvou-se na fuga. E Tuditano, oficial de um grupo de soldados, passando com um bom número de homens, pelo campo dos inimigos, chegou a Canúsio. Lá se reuniram uns dez mil homens, que tinham escapado das mãos dos inimigos, como de uma grande tempestade; com o consentimento de todos, o comando do exército foi confiado a Áupio Púlquer e a P. Comélio Cipião (que depois pôs termo a esta guerra). Eis o fim da batalha que se travou perto de Cannes.

XXX. A notícia do desastre logo chegou a Roma e, embora tal calamidade, com muita razão, tivesse enchido toda a cidade de luto e de tristeza, todavia o senado e o povo de Roma conservaram sempre sua grandeza em tais contingências desastrosas, de modo que não somente ainda tinham grande esperança de poder conservar sua cidade, mas ainda, puseram-se a organizar um novo exército, convocando para as armas os moços, sem deixar, no entretanto, desprovidas a Sicília e a Espanha, de tal medo que muito se há de admirar, ao se considerarem estas coisas, de como, em tão grande calamidade, eles podiam ainda ter tanta prudência e tão corajosos propósitos. Pois, omitindo as outras perdas que sofreram no Ticino, em Trébia e no lago Trasimeno, que nação teria podido suportar esta última desgraça, pela qual o poder dos romanos foi quase de todo esmagado"? E, no entretanto o povo romano o suportou, e o suportou de tal modo, que com a atividade e o prudente conselho, não lhes faltou coragem e ousadia. Além de que, Aníbal, vitorioso, perdia o tempo descansando seus homens, refrescando suas tropas, e assim deu ocasião aos vencidos de tomar ânimo e de se refazerem. Se ele, depois de ter vencido, tivesse levado logo seu exército diretamente a Roma, os romanos, sem dúvida alguma, estariam de todo perdidos, ou, pelo menos, obrigados a se expor a todas as perigosas incertezas da fortuna. E diz-se mesmo, que, muitas vezes, mais tarde, ele se arrependeu da sua demora, queixando-se publicamente de ter obedecido ao conselho dos que lhe diziam que devia dar uma folga aos soldados e deixá-los descansar, antes que a Maharbal, comandante da cavalaria, que era de opinião que se deveria marchar imediatamente contra Roma, como termo e complemento da guerra, e, vendo que Aníbal se demorava, pronunciou, pelo que se diz, esta frase, que é agora muito comum: "Aníbal, tu sabes vencer, mas não sabes aproveitar da vitória". Ora! Todas as coisas (como diz Nestor Homérico) não foram dadas aos homens, ao mesmo tempo: uns não tiveram a ciência de vencer, outros, não souberam aproveitar prontamente da vitória, e outros, ainda, não souberam conservar o que haviam conquistado. Pirro, rei do Épiro, que fez guerra aos romanos, foi um dos soberanos generais, como jamais outro existiu: todavia, segundo o que encontramos por escrito, embora tivesse sido muito feliz em conquistar os reinos, não os soube defender nem conservar. Assim também, outros chefes militares foram dotados de virtudes excelsas, mas eram destituídos de outras não menos recomendáveis, a comandantes e a guerreiros, como se pode ver nas histórias antigas.

XXXI. Depois desta batalha de Cannes, os atelanienses, os calatinianos, os samnitas, depois os brúcios, os lucânios e muitos outros povos da Itália, comovidos pela fama dessa grande vitória, passaram para o lado de Aníbal. E a cidade de Cápua (o que Aníbal há muito desejava) abandonando seus velhos amigos e confederados, fez aliança e amizade com Aníbal, o que lhe deu grande crédito perante as outras nações. Naquele tempo ela era cidade poderos a e muito populosa, talvez a cidade mais considerada e importante de toda a Itália, depois de Roma. E para compreendermos em poucas palavras tudo o que se narra, é certo que antes era uma povoação dos etruscos, chamada Vulturno, e, depois, Cápua, do nome do governador, que se chamava Cápio, ou então, como é mais provável, por causa dos lugares campestres, que lhe estão em redor. Veem-se nas vizinhanças belíssimos campos muito férteis e todas as espécies de terras, que em grego se dizem KÉPOI. Toda a região é também rodeada de nações mui célebres. Do lado do mar estão os suessâmos, os cumânios e os napolitanos. No meio das terras, do lado do setentrião, estão os calentinianos e os calenianos. Do lado do oriente e do sul, os daumanos e os nolanos. Além disso o lugar é muito abundante em natureza; de um lado é cercado pelo mar e, do outro, tem grandes e contínuas montanhas. Ora, naquele tempo, os campanianos estavam em plena prosperidade. Vendo, então, que os romanos estavam quase de todo arruinados, pela batalha que haviam perdido em Cannes, voltaram-se logo para o lado dos mais fortes, como acontece o mais das vezes. E, além da aliança que fizeram com Aníbal, receberam-no em sua cidade com grandes honras, esperando que, terminada a guerra, eles seriam os mais poderosos e os mais ricos de toda a Itália. Eis como muitas vezes acontece, que os homens são enganados em suas esperanças. Logo que Aníbal entrou na cidade de Cápua, uma grande multidão de povo correu para vê-lo, pela sua fama e renome, pois só se falava da grande vitória que ele havia conseguido contra o inimigo.

XXXII Quando ele entrou na cidade, levaram-no ao aposento de Pacúvio, seu amigo e familiar, que era um homem poderoso e de muito grande autoridade, como não havia outro entre os campânios. Fizeram-lhe um grande banquete, para o qual não foi convidado nenhum

habitante da cidade, exceto Vibélio Táurea, homem muito virtuoso, filho de Pacúvio{1779}, seu hospedeiro, que se tinha reconciliado com Aníbal após inúmeras e grandes dificuldades, por meio do pai, pois que Aníbal tinha um grande desdém contra ele, por ter seguido o partido de Décio Mágio, o qual sempre havia resistido aos romanos. Mas, consideremos um pouco, eu vos peço, como os grandes personagens, às vezes, caem sem pensar em graves e vários perigos. Pois este moço, fingindo ter-se reconciliado com Aníbal, esperava, porém, a ocasião para prejudicá-lo; quando o banquete decorria com toda a alegria e cordialidade, levou seu pai a um lugar bem afastado do salão, rogando-o de, com ele, resgatar por algum grande benefício a amizade dos romanos, e as boas graças, que eles haviam perdido, por sua grande maldade. Depois disse-lhe como havia imaginado matar a Aníbal, inimigo de sua pátria e de toda a Itália. O pai que era homem de grande autoridade, ficou admiradíssimo, ouvindo a proposta do filho, abraçando-o e chorando copiosamente, rogou-lhe que lançasse longe a sua espada e deixasse seu hóspede em segurança na sua casa, o que por fim conseguiu não sem grande dificuldade. Eis como pouco faltou, para que Aníbal (que havia escapado dos ataques do inimigo e das emboscadas dos gauleses, trazendo consigo um enorme exército, desde o mar e os confins distantes da Espanha, por inúmeras e extensas regiões) não fosse morto pela mão de um moço, enquanto estava tranquilamente divertindo-se à mesa.

XXXIII. No dia seguinte, Aníbal foi ouvido em pleno senado, onde fez muitas e belas promessas, e lhes propôs também várias coisas, nas quais os campanianos acreditaram facilmente e, por isso, prometiam-lhe o domínio de toda a Itália, mas eles se aborreceram muito. De fato, haviam-se submetido francamente a Aníbal, parecendo mesmo que eles não somente lhe haviam dado entrada em sua cidade, mas que o haviam recebido como senhor, como quem não se importava, nem se lembrava da própria liberdade, como se pode ver por um exemplo, que citarei dentre tantos. Aníbal pediu que Décio Mágio, chefe do partido contrário, lhe fosse entregue, ao que o senado não somente obedeceu com humildade, mas, o que foi pio r, permitiu que, à vista de todo o povo, fosse levado ao acampamento amarrado e manietado, aquele mesmo que, não querendo deixar a antiga aliança dos romanos, tinha -se mostrado um dos mais devotados cidadãos à causa pública do seu país, que não às nações bárbaras.

XXXIV. Enquanto estas coisas se passavam em Cápua, Mago, irmão de Aníbal, foi a Cartago, para levar as notícias aos seus concidadãos, da feliz vitória conquistada, sobre os inimigos, e, ao mesmo tempo, expor na presença do senado os altos feitos de armas de Aníbal: e, para confirmar as suas palavras, ele espalhou, à entrada da corte, os anéis de ouro, conquistados aos nobres romanos, os quais, segundo alguns, perfaziam mais de um alqueire e, como dizem outros, mais de três e meio. Depois pediu reforços, o que lhe foi concedido com mais alegria e satisfação pelo senado, do que lho foi depois enviado. Pois os cartagineses, animados pelas demonstrações daquele momento imaginavam que o fim da guerra seria também feliz, como o começo já o havia sido e, por isso, eram de opinião que se prestasse todo o auxílio necessário aos empreendimentos de Aníbal, recrutando mais soldados para continuar a guerra. Somente Hanno, perpétuo adversário e inimigo do partido barcinonense, era contrário; mas os cartagineses não se incomodaram com isso e desprezaram o seu parecer, que tendia para a paz, embora fosse muito salutar, como já o tinha sido também outras vezes.

XXXV. Depois que Aníbal firmou aliança com os campanianos, estabeleceu seu acampamento diante da cidade de Nola, esperando que ela se entregasse por si mesma, sem ser obrigada a isso. E sem dúvida teria obtido o seu intento, se o pretor Marcelo, chegando repentinamente, não tivesse detido o povo, acalmado a sedição e repelido o inimigo, que já entrava na cidade, pelo ataque que moveu contra ele, por três portas diversas, repelindo-o e derrotando-o até o seu campo, com grandes perdas. Era Marcelo, homem de bem e muito experimentado na guerra, muito afamado na arte militar, o qual, com grande magnanimidade, coragem e perícia, fez saber a todos que Aníbal não era invencível. Aníbal julgou que era necessário no momento abandon ar Nola, até outra oportunidade e foi então para Acenes, tomou-a e saqueou-a, sem resistência. Depois, dirigindo-se com mais veemência para Casilino, lugar muito apropriado

para hostilizar os capuanos, procurou conquistar os que eram da guarnição; mas, vendo que nem suas belas promessas, nem as ameaças obtinham resultado, deixou uma parte do exército cercando a cidade e levou o resto para invernar. Escolheu, porém, para sua residência principal, a cidade de Cápua, muito bela e rica de diversões e de toda a espécie de delícias. Foi aí que os soldados, acostumados a dormir na terra dura , a sofrer pacientemente a fome, a sede e o frio, de valentes, tornaram-se medrosos, de corajosos, tímidos, de ativos e espertos, fracos e efeminados, pela voluptuosidade e pelos prazeres de que todos os dias gozavam, em abundância. Pois os prazeres da mesa e que atraem o homem a si mesmo corrompem a força e o vigor da coragem, o valor da virtude, abastardam o espírito, privam do conselho, coisas todas muito perigosas e fatais para os homens. Com muita razão, Platão chama a voluptuosidade uma isca e um engodo para todos os males. Certamente, nessa ocasião, as delícias da Campânia trouxeram mais dano aos cartagineses que não os mais altos Alpes e todos os exércitos dos romanos. Pois um único inverno, passado assim na dissolução e na volúpia dos prazeres, foi de grande eficácia para extinguir o ardor e a coragem dos soldados, de modo que, quando voltaram aos exercícios e ao acampamento no princípio da primavera, parecia que eles se haviam completamente esquecido das virtudes e do valor militar.

XXXVI. Passado o inverno, Aníbal voltou a Casilino, esperando que seus habitantes se entregassem, mesmo contra sua vontade, depois de terem suportado tão longo cerco. Mas eles tinham deliberado sofrer todas as agruras, antes de se entregar à mercê de seu inimigo, assaz cruel, embora os víveres lhes viessem a faltar. Alimentando-se, então de algas primeiramente e, depois, de nozes que eles receberam dos romanos, pelo rio Vulturno, puderam manter-se por muito tempo, e Aníbal, por fim, envergonhado de demorar-se tanto, ali, no mesmo lugar, contentou-se de receber a cidade em condições o que antes ele havia recusado. Ora, esta guerra, na qual os cartagineses haviam sempre tido muita sorte, sem jamais ter recebido perdas dignas de memória, entre tantas vitórias, começou nessa época a sofrer várias modificações em seu curso, com várias alternativas. Pois a aliança que havia sido feita com Felipe, rei da Macedônia, e o reforço que. havia sido mandado de Cartago, a tomada de Petília, de Cosenza e de outras cidades da região dos brúcios, mantinham a esperança dos cartagineses. Por outro lado, as grandes vitórias que os romanos haviam conquistado sobre os inimigos, na Espanha e na Sardenha, levantavam-lhes muito o ânimo, e davam-lhes esperança de que suas empresas progrediriam cada vez mais. Eles tinham também escolhido excelentes comandantes, Fábio Máximo, Semprônio Graco e M. Marcelo, homem digno de todo louvor militar, o qual governava tão bem, que Aníbal percebeu que tinha de combater contra um chefe não menos prudente e avisado, do que belicoso. Pois, primeiramente, ele foi repelido das cercanias de Cumes, com grande perda de homens, por Semprônio Graco, e obrigado a levantar o cerco; pouco depois foi derrotado perto de Nola, por Marcelo. Aí, dizem, morreram mais ou menos mil romanos{1780} e seis mil cartagineses, mortos ou aprisionados na fuga. Pode-se facilmente compreender de quão grande importância foi a mencionada batalha, pois, de repente, Aníbal levantou o cerco de Nola e retirou-se para a Apúlia, para fazer seu exército invernar.

XXXVII. E assim aconteceu que os romanos, restabelecendo-se como de uma doença, lançaram-se violentamente contra o inimigo e não se contentaram somente de se precaver contra o próprio, mas ousavam atacar e se lançar também sobre o dos outros. Seu intento principal era sitiar a cidade de Cápua, por causa da injúria que eles tinham recebido ainda há pouco, na pessoa dos capuanos, pois imediatamente depois da batalha d e Cannes, estes deixaram os romanos no momento mais difícil da sua sorte e dos seus negócios e passaram-se para o lado de Aníbal, vitorioso, esquecendo os grandes benefícios que sua cidade tinha recebido dos romanos. Por outra parte, os campamanos, bem sabendo a falta que haviam cometido e admirados do novo aparato dos romanos, mandaram à Apúlia embaixadores a Aníbal, para rogá-lo que auxiliasse à sua cidade, a qual era do número de suas aliadas, em sua grande necessidade. Ele partiu da Apúlia sem tardar; em grandes jornadas, veio à Campânia e foi estabelecer o seu arraial perto de Tifata, acima de Cápua, mais diferindo, por este meio» para um outro tempo, o mal que devia suceder aos campanianos, do que impedindo-o. Mas percorrendo as regiões circunvizinhas de Nápoles, ele retomou a esperança de se apoderar da cidade de Nola, à traição. Pois sabia que, lá, o senado e o povo estavam em divergência, bem

como em outras cidades da Itália. O povo, cioso de novidades, favorecia a Aníbal e os homens nobres e de autoridade, ao povo romano. Quando então Aníbal ia tomar Nola, Marcelo apresentou-se diante dele, com seu exército preparado para a luta, como ele já havia feito antes e não fingiu atacar ao primeiro contato. Assim os romanos venceram e repeliram o inimigo, com tanta violência e entusiasmo, que se os cavalarianos, que tinham seguido outro caminho, tivessem acorrido em tempo, como Marcelo lhes havia ordenado, ‘sem dúvida os cartagineses teriam sido derrotados.

XXXVIII. Aníbal, depois de ter reconduzido seu exército ao acampamento, com grandes perdas, partiu logo em seguida desse mesmo lugar e dirigiu-se para o país dos salentinianos. Pois alguns jovens tarentinos, que haviam sido aprisionados em batalhas anteriores, nas quais os romanos tinham sido derrotados e foram, depois, libertados sem pagar resgate, querendo mostrar-se gratos, tinham dado esperança a Aníbal de lhe entregar a cidade de Tarento, contanto que ele aproximasse o seu exército da mencionada cidade. Aníbal, incitado pelas promessas, propôs-se logo iniciar tal empreendimento, para ter alguma cidade marítima em seu poder, como havia há tanto tempo desejado. E de fato, dentre as cidades marítimas, não saberia escolher outra melhor do que Tarento, para ter o auxílio da "Grécia e para suprir o exército de tantas coisas necessárias para cada dia. Embora a coisa se prolongasse por causa da guarnição dos romanos, que resistia valentemente, todavia, Aníbal não desistiu do seu intento, até que Nico e Filomeno, autores da traição, não lhe tivessem entregado a cidade em suas mãos{1781}. Os romanos conservaram somente a fortaleza, a qual é quase toda rodeada pelo mar; o único lado que se liga com a terra firme estava bem defendido com fossas e muralhas. Aníbal, vendo que nada obtinha por aquele lado, por causa da ótima defesa que havia, determinou obstruir a embocadura do porto de Tarento, julgando ser esse o único meio de obrigar os romanos a se entregar, quando os víveres lhes fossem cortados. Todavia, a empresa parecia assaz difícil, porque os inimigos montavam guarda à entrada do porto e os navios que deviam sitiar a entrada do mesmo estavam encerrados num lugar muito acanhado, e era necessário tirá-los do porto, o qual estava localizado bem perto da fortaleza e fazê-los passar ao mar próximo. E como ninguém, dos tarentin os, sabia de outro meio capaz de levar a cabo esta empresa, Aníbal, sozinho, notou que se podiam tirar os navios do porto com o auxílio de algumas máquinas e depois carregá-los pela cidade, até o mar. Tendo posto em ação um grupo de homens ativos e habilidosos, os navios em poucos dias foram tirados do mar onde estavam e colocados em outro lugar, podendo-se apresentar, então, diante da entrada do porto.

XXXIX. Depois da reconquista da cidade de Tarento, quase cem anos depois que ela tinha sido subjugada pelos romanos, Aníbal, deixando a fortaleza sitiada por mar e por terra, voltou a Sâmnio. Os cônsules romanos tinham surpreendido e saqueado os campanianos, que haviam saído para buscar forragem e, tendo levado seu exército para diante de Cápua, esforçavam-se por conquistar a cidade. Pelo que Aníbal, tomando muito a peito o cerco de Cápua, veio com todo o seu exército ao encontro do inimigo e, vendo pouco depois que os romanos não recusavam a batalha, ambos os exércitos avançaram. Sem dúvida, havia probabilidade de que a refrega seria duríssima, se o exército de Semprônio, que vinha da Campânia, sob o comando de C. Cornélio, depois de ter perdido Semprônio Graco, no país dos Lucânios, não os tivesse, no momento, separado. Pois vendo de longe esse exército, antes de poder distinguir a quem pertencia, os romanos e os cartagineses, ambos tiveram medo e se retiraram cada qual para o seu acampamento. Logo depois, os cônsules também se retiraram para um lugar diverso: um, para a Lucânia e outro, para Cumes, a fim de atrair Aníbal para a parte posterior de Cápua, o qual foi para a Lucânia e encontrou ocasião de combater contra M. Centênio, que cheio de ousadia e de temeridade fora apresentar, diante do inimigo fino e cauteloso, o exército que o senado havia totalmente entregue ao seu comando. Iniciada a luta, Centênio morreu valorosamente combatendo e poucos outros escaparam. Sobreveio ainda outra perda: Aníbal, voltando pouco depois à Apúlia, encontrou outro exército dos romanos, que o pretor Fábio organizara e comandava, o qual ele surpreendeu com emboscadas e retalhou em mil pedaços, de modo que, de vinte mil homens, com muita dificuldade conseguiram escapar uns dois mil, que não foram passados a fio de espada.

XL. No entretanto, os cônsules, vendo que Aníbal havia partido, vieram com seus exércitos a Cápua e a sitiaram de todos os lados. Aníbal, vindo a saber disso, veio com seu exército bem equipado e em boa ordem à Campânia e foi logo atacar o acampamento dos romanos, tendo antes advertido os campanianos de fazer também ao mesmo tempo uma incursão contra eles. Os generais romanos, ao primeiro movimento dos inimigos, repartiram entre si o exército e marcharam. Os campanianos foram facilmente repelidos para a cidade; contra Aníbal travou-se um duro combate. Se ele em outras vezes se havia mostrado valente e corajoso comandante, mais teve de o fazer nessa contingência. Procurou surpreender os romanos com algum ardil. Quando seus homens estavam já bem perto, para forçar o campo inimigo, ele mandou alguns, que falavam bem a língua latina, que gritassem em altas vozes, que, por ordem dos cônsules, os romanos se salvassem nas montanhas vizinhas, porque eles tinham perdido quase todo o acampamento e as fortificações. Esses gritos, dados de improviso, teriam impressionado facilmente os que os haviam escutado, se os romanos, habituados aos expedientes e ardis próprios de Aníbal, não tivessem descoberto a fraude e a esperteza dele, em querer enganá-los ainda uma vez. Pelo que, reanimando-se, uns aos outros, fizeram o inimigo recuar e o obrigaram a se recolher ao seu acampamento, contra sua vontade.

XLI. Aníbal, depois de ter tentado todos os meios de que se podia servir, para fazer levantar o cerco de diante de Cápua, vendo que nada conseguia, estava em grande inquietação pelo perigo da cidade e dos seus aliados: por isso determinou recorrer à deliberação que ele tinha há muito tempo tomado e reservado quase como o recurso extremo. Mandou preparar a bagagem e fez o exé rcito marchar com grande cuidado e menor rumor possível; passando o rio Vulturno, atravessando o país dos sidicimanos, alifanianos e cassinianos, partiu para Roma de bandeiras desfraldadas, julgando que assim, ou de nenhum outro, ele faria levantar o cerco que, com tanta pertinácia, estava plantado diante de Cápua. Isto foi relatado em Roma, p or alguns enviados; eles ficaram tão atemorizados, que jamais parece ter havido tanto medo na cidade como então. Viam marchar contra eles o seu maior inimigo, de bandeiras ao vento; tantas vezes tinham experimentado seu poder com grande detrimento para os negócios do estado e aquele que eles não tinham podido conter, ausente, viam agora, presente, ameaçando reduzir à escravidão o senado e o povo romano. Estava, pois, toda a cidade em tal temor; mandaram por isso que Fúlvio Graco, um dos generais romanos, regressasse de Cápua, e que os novos cônsules, Sulpício Galba{1782} e Cornélio Centimalo, acampassem fora da cidade, que o pretor C. Calpúrnio colocasse uma guarnição grande e poderosa no Capitólio e que os cidadãos que tinham tido algum cargo supremo fosse m comissionados para exercer a sua autoridade e poder em determinados movimentos que se poderiam realizar fora da cidade. Aníbal marchava sempre sem parar; chegou até ao rio Aniano, onde acampou, a légua e meia da cidade, e logo depois chegou com dois mil cavaleiros tão perto dela, que, cavalgando diante da porta Colina até o templo de Hércules, ele teve oportunidade de contemplar, comodamente, o prado e as muralhas da grande cidade. Vendo isso, Fúlvio Flaco não o pôde tolerar: mandou imediatamente contra ele alguns soldados romanos, que atacando Aníbal com grande rapidez, como lhes havia sido ordenado, fizeram-no recuar, sem dificuldade.

XLII. No dia seguinte, Aníbal levou seu exército para fora do campo, ordenou seus homens para a luta, determinando combater quanto antes, se pudesse atrair o inimigo à luta. Os romanos, por sua vez, fizeram o mesmo. Pelo que, os dois exércitos marcharam um contra o outro, com tal celeridade e animação, que parecia que eles não temiam perigo algum, contanto que pudessem conquistar a vitória, naquele dia. De um lado, os cartagineses deviam pouco depois combater pela monarquia de todo o mundo, a qual eles julgavam depender dessa batalha, como sendo a última. De outro lado, os romanos deviam combater pelo seu país, pela sua liberdade, pelos seus bens, isto é, se eles os conservariam ou se cairiam sob o poder do inimigo. Aconteceu, porém, uma coisa digna de memória. Pois quando estavam aguardando a luta, esperando o sinal de atacar, caiu uma chuva tão forte, um temporal tão violento, que todos foram obrigados a levar seus exércitos ao campo, para resguardá-lo da chuva. Assim, do mesmo modo, no dia seguinte, até o qual parecia que a batalha tinha sido adiada e retardada, quando eles dispunham seus homens para a luta, caiu outra vez outra

chuva, tão forte e tão violenta, que causou não menor dano aos romanos e aos cartagineses, como já o havia feito a primeira, de sorte que os obrigou a pensar somente em se salvar o mais depressa possível, deixando de lado todo pensamento de luta. Percebendo isso. Aníbal voltou-se aos seus familiares e lhes disse que uma vez não havia tido intenção de se apoderai de Roma e que da outra vez o meio de o fazer lhe havia sido tirado. Uma coisa ainda perturbou muito a Aníbal e foi que, embora ele sitiasse Roma e a apertasse com um tão grande exército de infantaria e cavalaria, no entretanto, sabia que os romanos tinham enviado reforços para a Espanha e reconquistado o lugar onde ele havia estado{1783}, por um preço muito maior do que aquele que a razão o exigia. Por isso, cheio de raiva, mandou vender em leilão todos os objetos de valor em prata dos cidadãos romanos. Mas, depois reconsiderando e refletindo, que seria coisa muito difícil apoderar-se da cidade de Roma, ou ainda, temendo a falta de víveres (pois ele havia trazido o suficiente apenas para dez dias), levantou seu acampamento e partiu, dirigindo-se para o bosque sagrado da deusa Ferônia; saqueou o rico templo, que ah havia, e depois retirou-se para o país dos brúcios e dos lucânios.

XLIII. Os habitantes de Cápua, vindo a saber disso, frustradas todas as esperanças, entregaram a cidade aos romanos{1784}. A cidade de Cápua, assim entregue ao poder dos romanos, foi de grande consequência para todos os povos da Itália e trouxe consigo um grande desejo de modificações e de mudanças. Aníbal mesmo, que, seguindo um mau conselho, saqueava as cidades que não podia submeter, abalava muito a coragem das nações vizinhas. Pois, como antes, quando vitorioso, ele libertava os prisioneiros sem exigir resgate e por esta liberalidade havia conquistado o coração de muitos, assim, do mesmo modo, agora, sua crueldade desumana foi causa de que muitas cidades, aborrecendo-se por estar submetidas aos cartagineses, revoltaram-se contra ele e passaram de novo para o lado dos romanos. No número dessas, está Salápia{1785}, que se entregou ao cônsul Marcelo, por meio de Blácio, chefe do partido romano, e um grupo de homens, cavalarianos de elite, que tinha sido deixado como guarnição, foi qua se todo picado em pedaços. Foi nessa cidade que Aníbal ficou preso pelo amor de uma mulher, como alguns escrevem e censuram muito a sua lubricidade imoderada. Outros, porém, louvando a modéstia desse general, dizem que ele jamais comeu deitado e não bebeu mais de três meias medidas de vinho, nem a princípio, quando ele veio fazer a guerra na Itália, nem depois, quando voltou à África. Outros ainda atribuem a Aníbal crueldade, deslealdade e outros vícios semelhantes; todavia, não fazem menção de sua castidade ou de sua luxúria. Dizem somente que teve uma mulher espanhola, que era natural de Castulo{1786}, muito boa cidade, à qual os cartagineses favoreciam muito e nela confiavam pela sua soberana constância é lealdade.

XLIV. Mas Aníbal, depois de ter perdido, como dissemos, a cidade de Salápia, achou logo o meio de tirar uma desforra e de causar uma grande perda aos romanos, maior do que a que ele mesmo havia recebido. Pois nesse mesmo tempo o vice-cônsul Fúlvio estava diante de Herdonéia, esperando apoderar-se da cidade sem usar de violência, E, não havendo em redor nenhum temor do inimigo (Aníbal se havia retirado para o país dos brúcios), não conservava sentinelas, e estava de todo descuidado da direção dos negócios da guerra, contra o costume dos generais romanos. Aníbal, avisado disso pelos seus espiões, não quis deixar passar tão bela ocasião. Pelo que, vindo à Apúlia com seu exército bem preparado, chegou tão inesperadamente a Herdonéia, que pouco faltou que ele não surpreendesse Fúlvio desprevenido em seu próprio acampamento. Todavia, os romanos resistiram ao primeiro choque com tal firmeza, que fizeram a luta prolongar-se por um espaço de tempo maior do que a razão o teria imaginado. Afinal, como dois anos antes eles tinham sido vencidos ali perto, com seu chefe Fúlvio, assim, sob o comando deste, Fúlvio, vice-cônsul, as legiões romanas foram rompidas e derrotadas e o mesmo comandante foi morto, com uma grande parte do seu exército.

XLV. O cônsul Marcelo estava então em Sâmnio{1787} ; avisado da derrota sofrida pela negligência do comandante, desejou reparar a perda e, embora parecesse que ele vinha demasiado tarde para uma desforra, a fim de remediar as coisas perdidas, levou seu exército ao país dos lucânios, para onde soubera que Aníbal se havia retirado, depois da vitória, e foi acampar bem defronte do inimigo; logo em seguida empreendeu a luta, que os cartagineses não recusaram, mas enfrentaram-nos com grande ardor, tanto que a batalha durou até o pôr

do sol, sem que se pudesse saber qual dos dois levaria vantagem; a noite que sobreveio separou-os. No dia seguinte, os romanos, saindo novamente a campo, deram a entender que os inimigos tinham medo, pois Aníbal conservou seus homens dentro do acampamento e, na n oite seguinte, saindo sem fazer barulho, foi para a Apúlia. Marcelo seguiu-lhe as pegadas; procurava todas as ocasiões de obter a vitória com alguma batalha memorável. Pois ele tinha essa persuasão, de que dentre todos os generais romanos não havia um que pudesse competir com Aníbal, senão ele, quer em conselho, quer em sutileza e astúcia, quer em disciplina e nas demais virtudes militares. Mas o inverno, que se aproximava, não o deixou combater, contra o inimigo, numa batalha bem organizada. Porque, depois de ter feito algumas escaramuças, não querendo fatigar inutilmente seus soldados, retirou-se para os quartéis de inverno.

XLVI. No começo da primavera, excitado em parte pelas cartas de Fábio{1788}, que era um dos novos cônsules daquele ano, e em parte por seu próprio natural, saiu de seus acampamentos, antes do tempo marcado, e levou seu exército contra Aníbal, que então estava em Canúsio. Aconteceu que, pela proximidade dos dois acampamentos e pelo grande desejo que ambos tinham de combater, em poucos dias travaram três batalhas. No primeiro dia, depois de ter combatido até à noite, com quase a mesma vantagem, sem que se pudesse julgar quem venceria, cada qual se retirou para o próprio acampamento, como já tinham determinado. No segundo dia, Aníbal foi vencedor, aniquilando perto de dois mil e setecentos inimigos e pondo o resto em fuga. No terceiro dia, os romanos, querendo apagar a mancha da vergonha, que haviam sofrido no dia anterior, vieram à batalha, à qual foram levados por Marcelo, de cuja coragem e ousadia o mesmo Aníbal, maravilhado, disse aos seus homens que tinha que enfrentar um inimigo, o qual não sabia ter descanso, nem quando vitorioso, nem quando vencido. A batalha foi mais árdua ainda do que as precedentes, porque os romanos se esforçavam, de um lado, por vingar a perda anterior e, de outro, os cartagineses estavam irritados, porque os vencidos ousavam provocar, para uma batalha, aos mesmos vencedores. Por fim, os romanos, advertidos e encorajados pelo mesmo Marcelo a se portarem valentemente, como homens de bem, para que se recebesse em Roma a notícia da vitória e não a da derrota, avançaram, e romperam as defesas, e combatendo sem cessar, até que por três vezes desorganizaram os inimigos e os puseram em fuga. Nesse mesmo tempo, Fábio Máximo retomou a cidade de Tarento, quase do mesmo modo como tinha ela sido perdida. Aníbal, sabendo disso, exclamou: "Os romanos também têm o seu Aníbal".

XLVII. No ano seguinte{1789}, Marcelo e Crispino foram criados cônsules e, mandando preparar todo o necessário para a guerra, levaram seus dois exércitos consulares contra o inimigo. Aníbal, não tendo esperança de poder resistir a eles, em pleno campo, empregou todas as forças do seu espírito, para encontrar algum meio de surpreendê-los pela astúcia, visto que não os podia vencer num combate organizado. Estando assim preocupado com estes pensamentos, apresentou-se-lhe a melhor ocasião para realizar o seu intento, a qual jamais teria esperado: havia entre os dois campos um outeiro coberto de arbustos, no meio dos quais ele colocou de emboscada alguns grupos de númidas, para surpreender os inimigos que passassem por ali. Por outro lado, os cônsules, de comum acordo, eram de opinião que se inspecionassem os mesmos arbustos e que deles se apoderassem, se fosse o caso, a fim de, se os deixassem para trás, os inimigos não os viessem a ocupar e não se lhes apresentassem, ao depois, pela frente. Mas, antes de mover o exército, saíram ambos do acampamento com um pequeno grupo de homens a cavalo, para fazer o reconhecimento do lugar; pondo-se a caminho despreocupadamente e com pouca defesa, como convinha a pessoas de tal classe, caíram na emboscada. Acharam-se num momento rodeados de todos os lados e, não podendo escapar pela frente, foram batidos e atacados, por trás, puseram-se então na defensiva, mais por necessidade do que por plano de ação. Marcelo morreu nessa refrega, combatendo valentemente e Crispmo, profundamente magoado, conseguiu com muita dificuldade escapar das mãos dos inimigos. Aníbal, então, sabendo que M. Marcelo, o qual havia sido o principal, dentre todos os generais romanos, que havia interrompido o curso das suas vitórias, e que lhe havia dado mais trabalho do que qualquer outro, havia sido morto, foi imediatamente ao campo, onde a batalha se havia realizado, e encontrou o corpo de Marcelo; fê-lo sepultar com grande magnificência. Por esse ato, pôde-se constatar como a excelência da virtude e a magnanimidade são estimadas por toda a espécie de pessoas, pois o inimigo, muito cruel e morto, quis dar honrosa sepultura ao corpo de um valente e ilustre general. No entretanto, os

romanos, vendo um de seus cônsules morto e o outro muito magoado, haviam-se retirado incontinente para as montanhas vizinhas, estabelecendo-se num lugar mais seguro.

XLVIII. Crispino havia mandado avisar às cidades vizinhas das montanhas que seu companheiro cônsul tinha morrido e que Aníbal estava de posse do seu anel, com o qual poderia timbrar as cartas e, por isso, tivessem muito cuidado com as cartas que fossem escritas em nome de Marcelo. O correio de Crispino acabava de chegar a Salápia, quando lhe trouxeram cartas de Aníbal, as quais diziam da parte de Marcelo que ele lá estaria na noite seguinte. Os salapitanos, conhecendo o embuste, despediram o mensageiro e esperaram com grande ânsia a Aníbal. Perto da quarta sentinela, Aníbal apareceu diante da cidade. Ele havia posto na vanguarda alguns fugitivos romanos que falavam latim para que fizessem crer que Marcelo lá estava em pessoa. Os da cidade deixaram entrar uns seiscentos deles e depois fecharam a porta; repeliram então, à força de dardos, o resto do exército, depois picaram em pedaços os que haviam entrado. Desse modo, Aníbal, envergonhado por ter fracassado nessa tentativa, afastou-se dali e foi ao país dos brúcios, para socorrer os locrenses, que estavam sitiados pelos romanos por mar e por terra.

XLIX. Depois de tudo isso, por reiterados pedidos do senado e do povo, foram criados outros dois cônsules, que eram dois generais muito experimentados{1790}, Marco Lívio e Cláudio Nero, os quais, depois de terem dividido entre si o exército, partiram para o governo de suas províncias. Cláudio foi para o país dos salentinianos{1791} e Lívio, para a Gália, contra Asdrúbal Barcimano, o qual tinha passado os Alpes e se apressava por se reunir a seu irmão com um poderoso exército de infantaria e cavalaria. Mas aconteceu, nesse mesmo tempo, que Aníbal recebeu grandes perdas, da parte do cônsul Flávio; pois, primeiro, o venceu na região dos lucânios, servindo-se das mesmas espertezas e artifícios de que Aníbal se servia. Depois, vindo a encontrar-se com Aníbal na Apúlia, perto de Venuse, lutou com tanto ardor que vários dos inimigos ficaram mortos no campo. Por essas perdas, Aníbal retirou-se de repente a Metapont{1792} a fim de descansar e reequipar o exército; tendo ali passado alguns dias, ele recebeu o exército de Hanno, o qual juntou ao seu e voltou de novo a Venuse. Cláudio tinha seu acampamento não muito longe de Venuse; tendo surpreendido as cartas do inimigo, soube por meio delas que Asdrúbal se aproximava. Por isso pensava, dia e noite, como haveria de apanhá-lo e de impedir que dois exércitos tão poderosos se unissem.

L. Depois de ter refletido bastante, determinou tomar uma deliberação, que aparentemente parecia perigosa, mas talvez, necessária, para aquela circunstância: deixando o acampamento sob o comando do seu lugar-tenente, tomou consigo uma parte do exército e partiu a marchas forçadas para a Marca de Ancona, de modo que no sexto dia ele chegou a Senes{1793}. Lá, os dois cônsules juntaram seus exércitos e atacaram Asdrúbal perto do rio Metauro; tiveram um feliz êxito na batalha, pois, como se diz, naquele dia, ficaram mortos cinquenta e seis mil inimigos, de modo que eles tiveram uma perda quase também igual à que os romanos haviam tido antes em Cannes. Mas Cláudio Nero, depois desta vitória memorável, voltando rapidamente a Venuse, como quando partira, mandou fixar a cabeça de Asdrúbal perto do lugar onde se postava a sentinela dos inimigos e soltou alguns prisioneiros, para irem levar a notícia a Aníbal, dessa grande derrota. Soube-se pouco depois, que até então ele não havia tido conhecimento da façanha secreta de Cláudio, nem da execução que havia sido feita dias antes. E nisso eu não posso assaz deixar de me admirar, de que um general, tão astuto e tão sagaz, tenha sido sobrepujado por Cláudio, visto que havia muito pouca distância entre os dois acampamentos, e ele soube da derrota de seu irmão com todo o seu exército, antes de saber da partida e do regresso do cônsul romano ao seu acampamento.

LI. Aníbal, tendo recebido tão profunda ferida, não somente pública, mas também particular, pela morte de seu irmão, disse que ele via claramente a mudança da sorte dos cartagineses; bem depressa partiu dali e retirou-se para a região dos brúcios. Não ignorava que aquela

derrota, recebida perto do Metauro, trazia grande animação e vantagem aos romanos é seria de grande consequência para o final de toda a guerra. Não deixava, porém, de reunir todas as forças que ainda lhe restavam na Itália, depois de tantas batalhas e escaramuças, de tantas cidades tomadas, sustentando a guerra cem invencível coragem. E nos devemos admirar ainda mais por ter ele conservado, pela sua autoridade ou pela sua prudência, tal concórdia e união em todo seu exército, que era composto de espanhóis, africanos, gauleses e de várias outras nações, que nunca se ouviu dizer que teve no seu exército a menor rebelião, sedição ou tumulto. Mas os mesmos romanos, depois de ter reconquistado a Sicília, a Sardenha e a Espanha, não o puderam vencer e expulsar da Itália, até que mandaram à África P. Cornélio{1794} Cipião, o qual, fazendo a guerra de perto aos cartagineses, os reduziu a tal extremo, que eles foram obrigados a chamar imediatamente a Aníbal para fora da Itália{1795}. Ele estava, naquele tempo, como já dissemos, no país dos brúcios e fazia a guerra, mais à maneira de corridas e saques, do que em batalha organizada, até que, certa vez, travou um combate quase improvisamente centra o cônsul Semprônio{1796} ; pois ele veio chocar-se com todo o seu exército contra o mencionado Semprônio. No primeiro combate Aníbal venceu, mas foi vencido na segunda batalha.

LII. Desde então, não encontro em nenhum autor, grego ou latino, que Aníbal tenha realizado na Itália algum outro feito memorável. Pois, tendo sido chamado à África pelos cartagineses, deixou a Itália, dezesseis anos depois de ter começado esta guerra Púnica, lastimando-se muito do senado de Cartago e de si mesmo, também. Do senado, porque, durante todo o tempo em que ele esteve em país inimigo, lhe havia dado tão pouca assistência, quanto reforços e reabastecimento e também dinheiro, bem como em muitas outras coisas necessárias à guerra; de si mesmo, porque depois de ter vencido tantas vezes os romanos sempre esperara, depois da vitória, e lhes havia dado descanso. Diz-se também, que antes de embarcar, ele mandou construir um arco de triunfo perto do templo de Juno Lacínia, no qual estavam sumariamente gravados os seus feitos militares em língua púnica e grega. Partindo da Itália, teve vento favorável; em poucos dias chegou a Leptis; aí fez desembarcar todo seu exército e se dirigiu logo a Asdrumente{1797} e logo depois a Zama{1798} : sendo aí avisado da situação dos negócios dos cartagineses, julgou que era melhor dar um fim à guerra.

LIII. Por esse motivo, mandou dizer a Cipião que desejava encontrar-se com ele em algum lugar, onde pudessem tratar de um assunto de grande importância. Não se sabe, porém, se isso se fez por ordem do senado, ou por sua própria autoridade. Cipião não quis recusar-se a parlamentar. E assim, num dia aprazado, reuniram-se em uma grande planície dois grandes generais e chefes de poderosas nações, cada qual com um intérprete, para tratarem de assuntos que se referiam à paz e à guerra. Aníbal era de todo inclinado à paz, pois via que os negócios dos cartagineses pioravam dia a dia, porque eles tinham perdido a Sicília, a Sardenha e a Espanha; a guerra se tinha mudado da Itália para a África; o rei Sífax, muito poderoso, estava prisioneiro dos romanos, toda sua esperança cifrava-se no exército que ele tinha levado à África, que era como o resto e as sobras da imensa guerra que ele tinha levado a efeito na Itália e restava ainda aos cartagineses tão pouca força, tanto no estrangeiro como na própria nação que com dificuldade eles podiam defender a mesma cidade de Cartago. Envidou, pois, todos os seus esforços para persuadir a Cipião, com um longo discurso que ele estava mais inclinado à paz do que à guerra. Mas Cipião, que tinha grande esperança de levar a bom termo esse empreendimento, parecia não querer nem ouvir falar de paz. Depois de terem discutido longamente, separaram-se sem nada ter concluído.

LIV. Pouco tempo depois, travou-se a célebre batalha de Zama, na qual os romanos obtiveram a vitória; logo no primeiro embate, os elefantes dos cartagineses foram voltados contra seu próprio exército, de modo que desorganizaram a cavalaria de Aníbal; Lélio e Massmissa, que comandavam as alas, aumentaram-lhe ainda mais o medo, não dando espaço algum aos cavaleiros para se reunirem novamente. Mas a infantaria combateu por muito tempo e com grande coragem, tanto que os cartagineses, confiando em suas vitórias passadas, pensavam que a salvação de toda a África repousava em suas forças e delas dependia inteiramente: e os

romanos também estavam muito animados e tinham ainda maior esperança. Mas uma coisa fez com que os romanos obtivessem a vitória: Lélio e Massmissa, voltando da perseguição dos cavaleiros, precipitaram-se com grande força na batalha e aterrorizaram os inimigos. Com sua chegada, os cartagineses perderam logo a coragem e, como único expediente, procuraram a salvação na fuga. Diz-se que, na quele dia, ficaram mortos no campo mais de vinte mil cartagineses, e outros tantos prisioneiros. Seu chefe, Aníbal, depois de ter esperado até o fim para ver o resultado da batalha, fugiu também com alguns, daquela imensa carnificina.

LV. Depois, chamado a Cartago para evitar a ruína dos negócios públicos, ele declarou ao senado, que não podiam mais ter esperança alguma nas armas, aconselhando-o, deixando de parte todas as outras coisas, a mandar embaixadores aos romanos, para tratar da paz, a qualquer preço, quando os dez embaixadores trouxeram a Cartago a enumeração dos artigos da paz, conta-se que um certo Gisgo, o qual, não querendo ouvir falar de paz, fez um discurso, pelo qual tentava persuadir a se reiniciar a guerra contra os romanos: e como vários parecessem apoiar a sua opinião, Aníbal, indignado porque indivíduos completamente nulos, sem experiência, se atrevessem a falar de tais coisas, em tempos tão difíceis e adversos, derrubou-o da tribuna ainda quando ele falava. Mas, vendo que esse ato tinha parecido, a toda a assembleia, muito ousado, indigno de uma cidade livre, subiu ele mesmo à tribuna e disse: "Ninguém se deve aborrecer se aquele que desde sua primeira infância esteve fora de Cartago, passando toda sua vida na guerra, no meio das armas, ignore as leis e as determinações da cidade". Depois, falou com tanta prudência dos artigos da paz, que os cartagineses, convencidos pela autoridade de tão grande personagem, foram de opinião que se aceitassem as condições que o vencedor e a necessidade lhes propunham. Alguns dos artigos eram demasiado duros, como os que os vencidos costumam sempre receber dos vencedores. Mas, além de todas as outras coisas, os cartagineses eram obrigados a pagar aos romanos, todos os anos, um certo tributo, até um tempo determinado. Quando chegou o dia em que se devia pagar a primeira quota e todos se lamentavam por causa do tributo, diz-se que Aníbal irritado pelas lágrimas inúteis dos cartagineses, começou a rir: e como Asdrúbal Hedo o repreendesse, por estar ele rindo-se tanto, num momento de tristeza comum, de toda a cidade, ele respondeu que aquele riso não era o de um homem alegre, mas o de quem zombava das lágrimas inúteis, daqueles que então choravam, quando havia menos motivo para isso, somente porque se tratava do dinheiro particular de cada um, do que, quando antes, os romanos tiravam aos cartagineses seus navios, suas armas e os despojos das grandes vitórias, conquistadas em outros tempos e davam leis e determinações aos vencidos. Eu bem sei que há autores que dizem que Aníbal partiu imediatamente para a Ásia, depois de ter perdido a batalha, temendo ser entregue nas mãos de Cipião, que o poderia exigir.

LVI. Mas, se isso se deu imediatamente ou algum tempo depois da batalha de Zama, pouco importa, pois que é sabido que, vendo as coisas mal paradas, ele fugiu para a Ásia, refugiando-se junto do rei Antíoco{1799}. É certo também que ele foi recebido mui cordialmente pelo rei, que lhe tributou grande honra, dizendo-lhe ainda que o tomava entre os seus conselheiros, não só nas coisas particulares, mas ainda nas públicas, porque o nome de Aníbal era famoso e acatado por toda a parte. Além disso, ele votava também um grande ódio aos romanos, o que e ra um grande incentivo para se fazer a guerra. Por isso, parecia que ele fora ter muito a propósito àquele país, não somente para incentivar a coragem do rei, mas também para que se iniciasse a guerra contra os romanos. E dizia que o único meio para isso era passar à Itália, a fim de ajuntar soldados italianos, por meio dos quais, unicamente, aquela província, vencedora de todas as outras nações, poderia ser subjugada. Ele pediu ao rei cem navios, dezesseis mil homens de infantaria e mil de cavalaria, somente; prometeu entrar na Itália com aquele pequeno exército e com ele agitar as cidades italianas, que ele sabia ainda muito temerosas e que assaz se perturbavam somente ao ouvir pronunciar o seu nome, por causa das guerras que ele lhes havia movido e que ainda lhes estavam esculpidas na memória. Além disso, ele animava-se em renovar a guerra Púnica, se o rei lhe permitisse mandar homens a Cartago para incitar o partido Barciniano, que, ele sabia, detestava a dominação romana. Depois que o rei satisfez ao seu pedido, ele mandou chamar Ariston Tirense, homem astuto e mui sagaz, muito indicado para levar a cabo essa incumbência, ao qual fez grandes promessas, persuadindo-o a ir a Cartago, falar com seus amigos e levar-lhes algumas cartas. Dessa maneira, Aníbal exilado e fugitivo movia por todo o mundo a guerra contra os romanos.

Tais determinações não teriam sido vãs e inúteis, se Antíoco tivesse seguido e apoiado mais os conselhos de Aníbal, como havia feito no principio, que não o dos seus aduladores e cortesãos.

Mas a inveja, peste que desde todos os tempos sempre, contaminou os palácios dos príncipes e reis, engendrou muitos inimigos contra Aníbal. Temendo que ele caísse nas boas graças do rei, por esses conselhos (pois ele era um general astuto e sagaz), e que por esse motivo ele galgasse o apogeu do poder e da autoridade, tudo faziam para torná-lo suspeito ao rei.

LVII. Aconteceu também, nesse tempo, que P. Vílio, o qual tinha vindo como embaixador a Éfeso, conferenciou muitas vezes com Aníbal. Por esse motivo, os que lhe queriam mal tomaram vários pretextos para caluniá-lo e o mesmo rei começou também a suspeitar dele, tanto que, dali por diante, não o chamou mais para ouvir os seus conselhos. Ao mesmo tempo, como dizem alguns, P. Africano (que era um dos embaixadores mandados ao rei Antíoco) conversou em particular com Aníbal e lhe pediu, entre outras coisas, que lhe dissesse, na verdade, quem ele julgava ter sido o mais valente e ilustre general dentre todos: Aníbal respondeu-lhe: "Em primeiro lugar, Alexandre, rei da Macedónia, em segundo lugar, Pirro, rei do Épiro, e em terceiro lugar, eu mesmo". P. Africano, então, sorrindo disse-lhe: "Que dirias, Aníbal, se me tivesses vencido?" — "Sem dúvida", respondeu ele, "eu me colocaria então acima de todos os outros". Diz-se que essa resposta agradou a Cipião, porque ele não se via desprezado nem diminuído, em comparação com os outros, mas conservado à parte, como fora de comparação por alguma bajulação secreta de Aníbal.

LVIII. Depois de todas estas coisas, Aníbal, tendo ocasião de falar com Antíoco, começou a contar-lhe a sua vida, desde pequenino, e a dizer-lhe também do ódio que sempre devotara aos romanos, e assim destruiu os mal-entendidos e caiu novamente nas boas graças dele, de modo que voltou à antiga cordialidade e amizade do rei, que ele havia perdido. Por isso, o rei tinha determinado nomeá-lo seu almirante, como comandante da sua esquadra, que ele fazia aparelhar para passar à Itália e ter assim uma prova da magnanimidade e da perícia daquele que era um excelente general e perpétuo inimigo dos romanos. Mas, um certo Toas, príncipe dos etólios, contradizendo a esta sentença, ou por inveja, ou talvez porque essa era sua opinião, mudou a deliberação do rei, e o fez desistir de todas as suas determinações, que todavia eram de grande importância para a guerra que eles pretendiam levar a cabo. Pois ele aconselhou a Antíoco que fosse ele mesmo à Grécia e dirigisse as operações, e não permitisse que um outro lhe tirasse a glória dessa guerra. O rei deixou-se persuadir por essas razoes e foi à Grécia, para fazer a guerra aos romanos. Pouco tempo depois, reunindo-se para deliberar se deveria corromper os tessálios para fazê-los passar para o seu lado, perguntaram especialmente a Aníbal qual era a sua opinião; este discorreu com tanto entusiasmo sobre os tessálios e sobre o assunto, que todos aprovaram as suas palavras e lhe deram o seu assentimento. Ele era de opinião que não se deveriam inquietar a respeito dos tessálios, mas, ao contrário, fizessem todo o possível para atrair ao seu partido o rei Felipe da Macedónia, ou então, para persuadi-lo a se conservar neutro, sem se intrometer, nem em favor de um, nem de outro. Além disso ele aconselhou a se fazer a guerra, de perto, aos romanos, e para isso ofereceu-se para ajudá-los em tudo o que pudesse. Ouviram-no falar, mui atenciosamente; sua opinião, porém, foi mais apreciada do que posta em prática. Pelo que, muitos se maravilharam de que um general, que tinha por tantos anos feito guerra aos romanos, quase vitorioso em toda a parte, fosse então tido em pouco pelo rei, quando se tinha principalmente necessidade da sua experiência e do seu conselho. Que general mais sagaz e astuto poderiam encontrar em todo o mundo, mais indicado para fazer a guerra aos romanos? Todavia o rei, no começo, não teve em conta a sua experiência; mas não se passou muito tempo, que ele, desprezando o conselho de todos os outros, confessou que somente Aníbal tinha previsto as coisas com acerto.

LIX. Depois que os romanos haviam conseguido a vitória, na guerra que se travou na Grécia{1800}, Antíoco retirou-se da Europa para Éfeso, onde, não se preocupando absolutamente com nada, esperava passar tranquilamente seus dias em paz, não pensando que os romanos trariam seus exércitos para a Ásia. As bajulações dos aduladores

acomodavam-se muito aos seus desejos, bajulações que eram uma peste perpétua, para os reis e grandes príncipes que se deixam louvar e se comprazem em serem enganados, pois, preferem ouvir o que lhes agrada. Mas Aníbal, que conhecia o poder dos romanos e até onde chegava a sua ambição, advertiu o rei, que esperasse outras coisas, que não a paz; e pensasse que os romanos não se haveriam de deter, até que tivessem experimentado se lhes seria possível levar os confins do seu império à terça parte do mundo como haviam feito na África e na Europa. Antíoco, impressionado e incitado pela autoridade de tal personagem, ordenou imediatamente a Polixênidas, homem muito experimentado e hábil em guerras marítimas, que fosse enfrentar a esquadra romana, que se aproximava: mandou Aníbal à Síria para reunir um maior número de navios. Depoi s nomeou-o chefe dessa esquadra, e também a Apolônio, um dos seus cortesãos e favoritos, os quais, tendo sabido que Polixênidas se tinha saído mal no encontro com os romanos, foram atacar os rodianos, que eram amigos e aliados dos romanos. Nessa batalha, Aníbal atacou Eudamo, comandante dos rodianos, que dirigia a ala esquerda, tinha já cercado a nau capitânia e sem dúvida obteria a vitória: mas os da outra ala sobrevieram, depois de ter posto em fuga a Apolônio e lhe tiraram das mãos a coroa que ele já contava como certa{1801}.

LX. Depois desta batalha por mar, que não teve um fim feliz, não encontramos notícia de que Aníbal tenha realizado algum outro feito brilhante. Além das condições que os romanos haviam imposto a Antíoco pediam que Aníbal, perpétuo inimigo de seu governo, lhes fosse entregue. Aníbal, prevendo isso há muito tempo, afastou-se de Antíoco, depois da memorável batalha que se travou perto de Magnésia{1802}, onde foi destruído o poder do rei e depois de ter vagado sem rumo, cá e lá, por fim refugiou-se junto de Prúsias, rei da Bitínia, não porque confiava na amizade dele, mas porque era um lugar mais conveniente, pelos meios de que dispunha, do que segundo ele o teria desejado, visto que os romanos nos tinham sob sua dominação a maior parte da terra e do mar. Uns dizem que, depois da derrota de Antíoco, Aníbal retirou-se para Cândia, junto dos gortianos e que logo correra a voz de que ele tinha levado consigo uma grande soma de ouro e prata, pelo que, temendo que os candiotas o aprisionassem, procurou logo um meio de fugir ao perigo. Encheu vários sacos com pó de chumbo dourado, depois os mandou levar ao templo de Diana fingindo estar muito inquieto e preocupado com o seu tesouro, por não ter onde deixá-lo. Ele, porém, tinha escondido o seu ouro dentro de estátuas de bronze, que deixava descuidadamente espalhadas pela casa; enquanto, porém, guardavam cuidadosamente o templo, para que não lhe tirassem os sacos com o pó de chumbo, ocultamente, Aníbal se pôs ao mar e fugiu para a Bitínia.

LXI. Há na Bitínia uma aldeia sobre o mar que os naturais chamam de Libissa, onde se diz que existia um oráculo muito conhecido, assim:

A terra de Libissa engolirá o corpo de Aníbal, quando a alma estiver fora dele.

Nesse lugar encontrava-se Aníbal, não, porém, na ociosidade, pois passava o tempo exercitando os marinheiros, domando cavalos, adestrando seus soldados. Alguns autores escrevem que naquele tempo Prúsias fazia a guerra a Eumenes, rei de Pérgamo, que era aliado e amigo do povo romano; ele fez a Aníbal comandante-geral de sua esquadra, a qual atacando a Eumenes de uma maneira diferente e desusada, havia obtido a vitória naquele prélio naval. Antes de começar a luta, diz-se que Aníbal colocou um número muito grande de serpentes em potes de barro; depois, quando eles estavam combatendo, ele mandou jogar aqueles potes nos navios dos inimigos e, desse modo, os pôs em fuga, enquanto estavam ocupados e assustados com aquela surpresa. Que tudo tenha acontecido dessa maneira, as mais velhas crónicas nada dizem, nem fazem menção; dizem-no somente Emílio e Trogo. Por isso eu me refiro aos autores.

LXII. As notícias da dissensão e da discórdia desses dois reis chegaram até Roma; o senado mandou como embaixador, à Ásia, a Q. Flamínio{1803}, cujo nome é muito célebre pelos grandes feitos realizados na Grécia, como eu posso conjeturar. para apaziguar os dois reis. Este embaixador, encontrando-se com Prúsias, ficou muit o indignado por saber que ainda vivia o maior inimigo dos romanos em toda a face da terra, depois de tantas cidades e regiões saqueadas e pilhadas e, por isso, solicitou veementemente, ao rei que lhe fizesse entregar Aníbal como prisioneiro. Aníbal, percebendo, desde sua chegada a fraqueza de ânimo de Prúsias, tinha feito cavar várias galerias em sua moradia e preparado várias saídas secretas, para fugir, se fosse repentinamente perseguido. A chegada de Flamínio aumentou-lhe ainda mais as suspeitas, pois ele o considerava o maior inimigo que tivera em Roma, tanto publicamente, por causa do ódio de todos os romanos, como particularmente, pela memória de seu pai Flamínio, que fora morto na batalha que se travou perto do lago Trasimeno. Assim, cheio de inquietação e de angústia, ele tinha (segundo se diz) encontrado meio de escapar, o qual, porem, muito pouco lhe poderia aproveitar contra tão grande poder. Quando os guardas do rei, que tinham sido mandados para o prender, tinham rodeado sua casa, logo à chegada, Aníbal procurou fugir, salva ndo-se por uma saída secreta: mas quando viu que tudo já tinha sido ocupado pelos guardas, perdeu toda a esperança de poder escapar e resolveu subtrair-se às mãos dos romanos por uma morte voluntária. Dizem alguns que ele foi estrangulado por um dos servidores que ele mesmo havia encarregado disso. Outros, que ele bebeu o sangu e de um touro e depois caiu morto, do mesmo modo que Clítarco e Estratocles falsamente afirmaram de Temístocles. Mas Lívio, grande historiador, escreve que Aníbal pediu o veneno que ele já tinha preparado para aquela circunstância e que tendo essa bebida mortal em suas mãos, ele disse antes de a beber: "Livremos o povo romano de grande pena e inquietação, pois tem ele tanta vontade e tanto desejo de dar a morte a um pobre velho alquebrado. Os antigos romanos avisaram a Pirro, rei do Épiro, que viera de bandeiras desfraldadas para diante dos muros de Roma, que estivesse atento para não ser envenenado. Eles são causa de que um hóspede e amigo, esquecendo sua descendência real e sua palavra, traia miseravelmente seu hóspede". Ditas estas palavras, maldizendo e esconjurando o rei Prúsias, envenenou-se, na idade de setenta anos{1804}, como alguns deixaram escrito. O corpo foi sepultado num túmulo de pedra perto de Libissa, no qual havia esta inscrição: AQUI JAZ ANÍBAL.

LXIII. Foram os romanos avisados da sua morte e cada qual tinha uma apreciação diferente, segundo suas paixões lho ditavam. Muitos censuravam a crueldade de Flamínio, que, para ter a glória de alguma ação nobre, como lhe parecia, fora causa de que morresse um homem já alquebrado pela idade e que não teria mais causado dano algum à causa pública, vencedora que era de quase todas as nações. Outros, porém, aprovavam o seu gesto e louvavam a Flamínio, por ter feito morrer o perpétuo inimigo do povo romano; o qual, embora débil de corpo, não tinha no entretanto perdido o ânimo varonil, a prudência e a ciência militar para levar à guerra o rei Prúsias e perturbar toda a Ásia com novas guerras. Naquele tempo o poder do rei da Bitíma era tão grande, que não se deveria desprezá-lo. Pouco depois Mitrídates, rei da mesma Bitínia, soube causar bastante preocupações ao povo romano por mar e por terra e travou batalha contra L. Luculo, e C. Pompeu, ilustres e excelentes generais. Podia-se temer o mesmo de Prúsias, p rincipalmente tendo a Aníbal como seu comandante. Por isso, alguns julgam que Q. Flamínio tinha sido enviado especialmente para esse fim, como embaixador a Prúsias, para tratar secretamente da morte de Aníbal. Mas podemos ainda supor que Quinto não procurou tanto os meios de fazer Aníbal morrer tão repentinamente, como trazer vivo a Roma, aquele que tanto dano tinha causado às coisas públicas de seu país, o que teria sido útil ao povo romano e a ele, muito honroso. De tal género de morte faleceu Aníbal, o Cartaginês, personagem, sem sombra de dúvida, muito ilustre em todas as espécies de louvores guerreiros, sem falar de todas as suas outras virtudes: de modo que podemos facilmente compreender de que -importância foi, em todas as coisas, quer a sua grande coragem, quer a atividade, a sagacidade e a verdadeira ciência da arte militar; pelo que os cartagineses jamais se julgaram vencidos na guerra que tinham com tanto ardor e com tanto preparo empreendido, até que Aníbal foi derrotado e vencido naquela grande batalha que se travou perto de Zama. De modo que, parece que sua força e virtude bélicas tiveram o seu brilhantismo e viveram com seu general Aníbal e também se eclipsaram com ele.

Cipião, O Africano

Desde o ano 520, mais ou menos, até o 571 de Roma, antes de Cristo, ano 183.

Sobre a família de Cipião.

Públio Cipião, patrício, da muito nobre família dos Corném̃os, que foi o primeiro general romano, contra quem Aníbal, o Cartaginês, combateu na Itália{1805} foi pai de Cornélio Cipião, que por primeiro teve o cognome de Africano, por causa daquela nação, por ele vencida e subjugada. Este, depois de ter obtido várias vitórias na Espanha e realizado belos feitos militares, foi por fim morto por uma fenda que recebera numa batalha, contra os inimigos, quando ia de fileira em fileira, percorrendo as posições, especialmente onde ele via maior necessidade de auxílio e mais grave perigo{1806}. Pouco depois, seu irmão C. Cipião terminou seus dias quase do mesmo modo, pois foi morto quando combatia valentemente. E esses dois generais, além da fama de grandes feitos de armas, que conquistaram, deixaram em pós de si grande louvor pela fidelidade, temperança e virtude, pelas quais eles se tornaram desejáveis e queridos, não somente aos soldados que ainda viviam, mas também às nações espanholas. Ora, C. Cipião teve um filho chamado Públio Cornélio Nasica, que foi cônsul e ilustre, o qual, sendo ai nda muito jovem, foi contudo considerado o homem mais nobre da cidade, para receber a mãe Idea{1807}. Públio teve dois filhos, os mui afamados Cipiões: um dos quais foi cog nominado Asiático, por ter dominado a Ásia,- e o outro Africano, por ter subjugado a África, naquela memorável batalha que ganhou contra Aníbal e os cartagineses, como já tivemos ocasião de dizer. Dele nos dispusemos a escrever a vida, não tanto para tornar a glória do seu nome, tão celebrado por autores gregos e latinos, mais ilustre, por esse nosso escrito, como para apresentarmos, aos olhos dos homens, a ordem dos seus grandes feitos, a disciplina civil, a fim de que todos os príncipes e generais o contemplem como uma viva imagem de excelente virtude, que os possa incitar a imitá-lo e a segui-lo.

Grandes exemplos de virtude que Cipião dá na sua juventude.

II. P. Cornélio Cipião dava, desde sua mais tenra infância, esperança de uma natureza gentil e excelente virtude; começou a sua primeira instrução nas artes militares sob as vistas de seu próprio pai. Foi levado ao acampamento no princípio da segunda guerra Púnica, tendo apenas dezessete anos, mas comportou-se tão bem, em pouco tempo, e mostrava-se tão correto em todas as coisas, quer em pequenos encargos, quer passando as noites sem dormir, quer suportando outros trabalhos e incômodos da guerra, que mereceu grande elogio de seu pai e boa reputação entre todos os que estavam no acampamento. Além disso, mostrou-se de espírito mui gentil e senso atilado, o que lhe dava uma graça singular e amedrontava também seus inimigos. Pois, na batalha da cavalaria que o cônsul P. Cornélio travou contra Aníbal, perto do rio Ticino, Cipião esteve presente; e alguns escrevem que o pai Cornélio nessa ocasião teria sido aprisionado pelos inimigos, se o filho Cipião não o tivesse salvo, conquanto ainda muito jovem. Depois, quando se travou a batalha em Cannes, com grandíssimas perdas e quase ruína total do império romano, quando os dez mil homens que se haviam retirado a Canúsio passaram de comum acordo a chefia das armas a Ápio Pulcro, o qual tinha sido edil, e a Cornélio Cipião, que era ainda muito jovem, o mesmo Cipião declarou, com efeito, quão grandes eram a virtude e a magnanimidade que nele havia. Pois vendo que alguns jovens deliberavam deixar a Itália, ele entrou no meio deles e, desembainhando sua espada, fê-los a todos jurar que não seriam infiéis à causa pública. Tais ações feitas por ele, com vivacidade de espírito e singular magnanimidade, quando ainda muito jovem tiveram tanta influência no povo romano, que, sem ter em consideração a sua po uca idade, nem as tradições antigas,

confiaram-lhe grandes incumbências e o desempenho de cargos de grande importância. Pedindo o ofício de edil, antes do tempo legal, conquanto os tribunos do povo se opusessem ao pedido, porque ele ainda não tinha a idade exigida, foi-lhe, no entretanto, permitido ser elevado de categoria em categoria e depois, em seguida, declarado edil curul, por maioria de votos.

É nomeado procônsul na Espanha.

III. Mas, depois que seu pai e seu tio, ambos ilustres e grandes generais, foram mortos, um depois do outro, na Espanha, e o povo romano buscava um chefe de singular virtude para colocá-lo em seu lugar, a ninguém encontraram que quisesse continuar esta guerra difícil e perigosa, pois que dois ilustres generais nela tinham já perecido. Por isso, a assembleia foi convocada para nomear um vice-cônsul; os outros encarregados das coisas públicas; conservaram-se, porém, calados e imóveis nessa alternativa. Cipião, que contava vinte e quatro anos, apresentou-se e disse com grande firmeza que com muito boa vontade assumiria o cargo. Não havia ele acabado de fazer essa proposta, que lhe foi confiada a direção dos negócios na Espanha, por um singular favor dos que votavam{1808}. Todavia, os senadores, refletindo um pouco contra que generais e em que regiões dever-se-ia conduzir a guerra, parecia-lhes impossível que, naquela idade, ele pudesse suportar a responsabilidade de tão pesado encargo e de tão difíceis empresas. Houve, então, repentinamente, uma grande mudança de opinião, como se os votantes se tivessem arrependido do seu gesto e do decreto. Vendo isso, Cipião apresentou-se à assembleia e começou a falar da sua idade e dos deveres da guerra, de tal modo que todos os presentes se puseram a observá-lo e o povo romano recobrou a esperança que nele havia depositado, quanto ao cumprimento dos seus desígnios.

Elogio de Cipião.

IV. Pois ele não somente tinha o coração magnânimo e era exímio em todas as virtudes, mas, ainda, de singular beleza e de perfeitas proporções de corpo, de rosto alegre; o que contribui para conquistar mais facilmente as boas graças de todos. Ele tinha, assim, em sua maneira de agir, soberana majestade. A glória militar estava unida a tais dons de espírito e de natureza, que se podia mesmo duvidar se ele era mais apreciado pelas nações estrangeiras, por suas virtudes civis, do que admirado por suas virtudes bélicas. Tinha, outrossim, incutido no coração de todo o povo uma certa superstição, porque, depois que ele tomara a toga viril, costumava subir todos os dias ao Capitólio, entrar no templo, sem companhia alguma, de modo que todos estavam persuadidos de que ele recebia em comunicação, no templo, algo de secreto, que a outros não se podia revelar, do mesmo que antes também se pensava que Numa Po mpílio tinha sido instruído pela ninfa Egéria. Além disso, no tempo de Cipião, parece que alguns tiveram dele idêntica opinião, como outrora, de Alexandre, rei dos macedônios, que muitas vezes se havia visto uma serpente entrar no quarto de sua mãe.

Primeiros feitos de Cipião, a sua chegada na Espanha.

V. Deixando de lado todas estas coisas, P. Cipião, partindo da Itália com dez mil homens de infantaria e uma frota de trinta galeras, que eram de cinco ordens de remos cada banco, velejou para a Espanha: e tendo chegado em poucos dias a Empena{1809} retirou os homens do navio e foi por terra a Tarragona{1810}. Lá reuniu uma assembleia onde estiveram muitos embaixadores das cidades aliadas, os quais foram bem recebidos e voltaram às suas casas com a resposta pela qual suspiravam. Depois destas coisas, Cipião, atento aos negócios da guerra por ele empreendida, julgou que seria melhor juntar ao seu exército o resto dos

antigos grupos que tinham sido salvos por L. Márcio. Após a morte dos dois Cipiões, como a Espanha estivesse quase perdida e as legiões romanas desbaratadas e postas em fuga, L. Márcio, cavaleiro romano, tendo reunido o resto dos dois exércitos, derrotou, contr a a expectativa de todos, os inimigos cheios de glória pela vitória que eles tinham conquistado, e com virtude e habilidade incrível sustentou a guerra na Espanha contra três generais cartagineses. Cipião, tendo vindo a este exército que estava nas guarnições para invernar, deu a todos grande esperança, que os negócios decorreriam sem novidade; vendo-o lembravam-se de seus velhos generais, de sorte que não havia soldado que deixasse de saudar a esse moço. Mas ele, depois de ter louvado e elogiado seus soldados, por sempre terem tido bom comportamento, sem perder a esperança nos êxitos dos negócios públicos, prestou grande honra a L. Márcio, para mostrar que aquele que confia na própria virtude não tem motivo para invejar a glória de outros.

Cerca e toma Cartagena.

VI. O inverno havia passado; ele retirou dos alojamentos e os grupos antigos e os novos e determinou, antes de tudo, ir sitiar Cartago, a nova: pois, entre todas as cidades da Espanha, não havia outra mais rica, nem mais própria para se levar a guerra por mar e por terra, do que aquela. Além disso, os generais cartagineses tinham reunido nessa cidade todas as munições e suas maiores riquezas; nela e na fortaleza haviam, porém, deixado uma forte guarnição. Estes, porém, se haviam retirado para diversas regiões, a fim de que, por meio dos três juntamente, o país não fosse devastado; por esse tempo nada menos eles esperavam que o cerco de Cartago. Cipião, tendo pronta toda a sua equipagem, veio atacá-la, com todo o seu exército por mar e por terra. A empresa parecia difícil assaz e de longa duração, porque a cidade era forte e seus habitantes eram corajosos, os quais, não somente pensavam poder defender a cidade, mas atreviam-se até a atacar os inimigos, fazendo incursões até às trincheiras e muralhas dos romanos. Mas acontece frequentemente que aquilo que não se pode obter pela força pode-se consegui-lo pela astúcia. Cipião sabia que o lago que está não muito longe dos muros de Cartago aumentava e diminuía com a maré e que se podia passá-lo a vau, do lado em que havia mais fácil acesso às muralhas. Julgando dever aproveitar essa ocasião, que outra melhor não se lhe poderia apresentar para tomar Cartago, quando lhe pareceu oportuno, organizou seus homens para a luta, distribuiu-os por vários batalhões e fez desencadear-se um furioso ataque à cidade, como nunca antes havia feito. No entretanto, escolheu uma companhia de homens mui valentes, aos quais mandou que passassem o lago e escalassem a mural ha do lado onde havia menos vigilância. Os que foram encarregados dessa missão, depois de terem passado o lago sem empecilho algum, encontraram o lugar para onde se dirigiam, sem defesa alguma, porque o mais forte do combate era do outro lado da cidade: subindo então cuidadosamente à muralha, atacaram os inimigos por trás. Os cidadãos e os guardas, surpreendidos, ante tal perigo, abandonaram imediatamente as muralhas e, vendo se atacados de todos os lados, fugiram. Os romanos perseguiram-nos, tão de perto que tomaram a cidade e a saquearam {1811} : encontraram grandes despojos e muitas coisas necessárias para a guerra. Cipião louvou muito seus soldados e os recompensou por terem procedido valentemente: como era, porém, necessário dar a coroa mural àquele que por primeiro havia escalado a muralha, suscitou-se grau de divergência entre dois soldados por esse motivo: e o mesmo exército correu grande risco de se levantar um contra o outro, por essa razão. Cipião reuniu-os então imediatamente e, em plena assembleia, disse que ele bem sabia que ambos haviam subido à muralha, ao mesmo tempo, e deu a ambos a coroa mural. Assim foi eliminada a dissensão que havia quase chegado aos extremos.

Continência de Cipião.

VII. Depois destes acontecimentos, ele restituiu os reféns às cidades da Espanha, os quais havia encontrado em grande número naquela cidade, o que lhe granjeou grande fama de

humanidade e clemência, e, com esse gesto de bondade, atraiu grande número de cidades para o lado dos romanos, as quais por isso mesmo deixaram o partido dos cartagineses. Mas uma coisa, dentre todas, aumentou-lhe muito a fama e lhe granjeou ainda maior benevolência, a qual foi celebrada por todos os autores como um exemplo de todas as virtudes. Levaram-lhe uma jovem prisioneira, que, sobrepujando a todas em beleza e graça, foi por ele custodiada cuidadosamente e com toda a honestidade: tendo sabido depois que ela era esposa de Luceio, príncipe dos celtiberos{1812}, mandou chamá-lo e lha entregou intacta. Certamente este é um fato digno de ser registrado por escrito e Cipião mesmo merece receber o prêmio de tão grande gesto de humanidade e continência nos escritos de todos os autores. Luceio, não esquecendo essa graça, comunicou imediatamente, a todos os seus súditos, a liberalidade, a modéstia e a singular excelência de todas as virtudes que possuía o general romano, e, logo depois, voltou ao acampamento dos romanos com um bom número de cavaleiros. Os generais cartagineses Mago, Asdrúbal Barciniano e o outro Asdrúbal, filho de Gisgo, bem sabendo que a perda de Cartago, a nova, lhes caus aria grande prejuízo, tanto diminuindo-lhes o crédito perante as nações estrangeiras como pelo juízo qu e disso se fazia, com relação ao término da guerra, cuidavam primeiro de esconder o fato, depois de diminuí-lo, por palavras, o mais possível.

Derrota a Asdrúbal.

VIII. Ora, Cipião, depois de ter anexado a si mesmo vários povos e príncipes da Espanha, entre os quais estavam dois pequenos reis, Mandônio e Indibile, mandou seu exército marchar para os lugares onde ele pensava que Asdrúbal Barcimano estava, a fim de dar-lhe combate, antes que Mago e o outro Asdrúbal se unissem a ele. Asdrúbal Barciniano estava acampado perto do rio Bétula e desejava combater, porque confiava muito nas próprias forças. Mas, quando soube que Cipião se aproximava, retirou-se da planície para um outeiro bastante defendido pelos acidentes naturais. As legiões romanas seguiram-no e, sem lhe dar descanso, sempre de perto, e atacaram o seu acampamento, logo à chegada{1813}. Combateram nas trincheiras e nas defesas das muralhas, como se estivessem atacando alguma cidade. Os cartagineses, confiando na fortaleza do lugar e impelidos pela necessidade, que desperta os brios, mesmo aos mais medrosos e tímidos, resistiam aos ataques do inimigo, o mais possível. Os romanos, ao contrário, cheios de entusiasmo e de coragem, combatiam valentemente e procediam como homens de bem, tanto mais que a luta se desenrolava ante os olhos do mesmo Cipião e de todo o exército, de sorte que os grandes feitos e atos de heroísmo não podiam ficar escondidos. Por isso jamais desistiram do assalto, até que, tendo empregado todas as suas forças, subiram às muralhas e, entrando no campo dos inimigos por vários lugares, puseram-nos em fuga. Asdrúbal, general dos cartagineses, salvara-se rapidamente, com poucos dos seus, antes que os romanos entrassem na fortaleza. Depois dessa batalha, Cipião, segundo o seu costume, fez vir à sua presença todos os prisioneiros espanhóis e os mandou ir em liberdade, sem pagar resgate algum. Encontrou entre os prisioneiros um jovem de sangue real, sobrinho de Massinissa, ao qual, depois de haver tratado muito gentilmente, mandou a Massinissa, com grandes e valiosos presentes, querendo assim dar a entender que o chefe de um exército não deve ser menos ornado e rico de liberalidade e de outras virtudes civis, como de todas as artes bélicas. Pois o fim da guerra é a vitória, cujo fruto se cifra principalmente na liberalidade e na clemência. De aí vem a glória e todos os louvores dos generais, como acontec e nas coisas de que falamos. Um grande grupo de espanhóis, que estava presente, admirando a clemência do general romano, não se pôde conter, e, para prestar-lhe uma homenagem e recompensar sua virtude, chamaram-no de rei. Mas Cipião abafou repentinamente essa palavra, que era desusada aos ouvidos dos romanos e não quis de modo algum aceitar esse título, qu e ele sabia odioso aos homens de bem do seu país e à liberdade romana. Somente advertiu os espanhóis de que, se queriam mostrar-se gratos para com ele, usassem sempre de toda lealdade e benevolência para com o povo romano. Enquanto Cipião fazia estas coisas, os dois outros generais cartagineses, depois de ter sabido da derrota de seus soldados, perto de Bétula, apressaram-se em se reunir e logo depois foram encontrar-se com Asdrúbal Barciniano, para, de comum acordo, pensar nos preparativos da guerra. Depois de terem parlamentado entre si e examinado cuidadosamente todas as coisas, resolveram que Asdrúbal Barciniano iria à Itália, onde estava seu irmão Aníbal e onde se travava o mais forte da luta: Mago e o outro Asdrúbal ficariam na Espanha, fariam vir reforços

de Cartago e não se combateria contra os romanos, até que, depois de ter reunido os re forços e os socorros que aguardavam, tivessem formado um poderoso exército. Depois que Asdrúbal se fora para a Itália{1814}, Hanno foi mandado de Cartago para ocupar o seu lugar: ele, de passagem, quando tentava fazer revoltar-se a Celtiberia, M. Silano veio atacá-lo, por ordem de Cipião, e foi tão feliz que o venceu e o aprisionou.

Tomada de Aurinx.

IX. Havia uma cidade que os naturais do lugar chamavam de Oringe{1815}, que era muito rica e muito propícia para renovar a guerra. L. Cipião para lá foi mandado com uma parte do exército, para cercá-la: mas, achando o lugar muito bem defendido para poder tomá-lo de assalto, rodeou a cidade e, poucos dias depois, tomou-a e saqueou-a. O inverno aproximava-se muito forte e o tempo parecia admoestá-los a se retirarem aos seus quartéis de inverno. Pelo que, depois de ter tido tanto êxito nessas empresas, Cipião retirou-se para Tarragona, Mago e Asdrúbal, filh o de Gisgo, para o mar{1816}.

Cipião vence o outro Asdrúbal e Magon.

X. No verão seguinte, a guerra recomeçara mais forte do que nunca, na última Espanha; os romanos e os cartagineses reuniram-se perto de Bétula e se chocaram em dura batalha. Depois de terem combatido por muito tempo, Cipião venceu, pondo os inimigos em fuga (muitos, porém, ficaram no campo da luta), sem lhes dar oportunidade de se reunir nem de resistir, nem de enfrentá-lo; perseguiu-os com tanta violência que Asdrúbal e Mago foram obrigados a deixar a terra firme e se retirar a Gades, depois de ter perdido quase todo o exército. Havia no exército dos cartagineses um jovem de grande coragem e prudência, de nome Massinissa, o qual, tendo ocasião de falar secretamente com Silano, abriu-lhe o primeiro caminho da amizade, quer tenha sido levado a fazê-lo pela liberalidade de Cipião, quer porque julgava ter chegado o tempo mais seguro para seguir o partido dos romanos vitoriosos. Foi esse mesmo Massinissa quem, depois, por meio dos romanos, tornou-se o mais poderoso rei da Numídia e em muitas coisas foi assaz útil sua amizade e proveitosa aos romanos. Por fim, naquele ano{1817}, que era o décimo-quarto da segunda guerra Púnica, a Espanha foi a primeira nação, das que estão no continente, que foi dominada pela exímia habilidade do vice-cônsul Cipião: foi, todavia, a última a ser reduzida à forma de província, muito tempo depois, por César Augusto.

Vai à África onde faz aliança com Sífax.

XI. Cipião, não contente com os grandes feitos realizados em bem pouco tempo na Espanha (pois já tinha abraçado, em seu espírito, também a África), julgou que seria melhor empregar e tentar todos os meios possíveis para atrair à amizade dos romanos a Sífax, rei dos masesílios. Pelo que, depois de ter experimentado o ânimo do rei, vendo que ele era bastante propenso a fazer aliança com o povo romano, deixou de lado, incontinente, todos os outros empreendimentos e velejou para a África, somente com duas galeras de cinco remos cada banco. Nesse mesmo tempo chegou, de Gades, Asdrúbal, filho de Gisgo: de sorte que esses dois valorosos e ilustres generais compareceram perante o rei, como estando ambos avisados do fato, a fim de pedir, à porfia, sua amizade e suas boas graças, para os seus interesses públicos. Sífax recebeu-os em seu palácio, muito gentil e atenciosamente, e deu ordem que

ambos comessem à mesma mesa e dormissem no mesmo quarto, a fim de que não parecesse que um era preferido ao outro. Diz-se que Asdrúbal, maravilhado pela magnanimidade e bom espírito de Cipião, que ele via agora em sua presença, percebeu o grande perigo que corria então sua cidade e mesmo toda a África, por causa daquele homem. Pois o via ainda jovem, decidido e excelente em todas as virtudes, e que contava já com inúmeras vitórias: pelo que lhe parecia evidente que, na flor da idade, jamais se poderia convencê-lo a preferir a paz antes que a guerra. Temia, portanto, que Sífax, levado pela presença e pela autoridade dele, tomasse o partido dos romanos: e nessa suspeita não foi enganado. Pois embora Sífax a princípio se mostrasse inclinado a favorecer a ambos e tivesse tido o propósito de pôr um fim à guerra entre romanos e cartagineses, todavia, logo depois, quando Cipião lhe disse que ele nada podia decidir com relação à paz, sem o consentimento do senado, ele pôs Asdrúbal de lado e acedeu aos desejos de Cipião, fazendo aliança com o povo romano.

Perturbações causadas por uma enfermidade de Cipião.

XII. Voltando Cipião à Espanha, submeteu e tomou, parte com seu próprio poder e força, e reduziu à obediência, parte também com o concurso de L. Márcio, as cidades de Ilitúrgio{1818}, Castillo e alguns outros lugares que se recusavam submeter à dominação romana. E, para que nada faltasse em toda sorte de divertimentos, depois de ter levado a cabo tão grandes feitos, chegando a Cartago, a nova, mandou preparar com grande aparato os jogos, as lutas e outros certames ainda, aos quais compareceram grandes personagens, não somente para assistir aos referidos jogos, mas também para exibir-se nas lutas. Dentre tantos espanhóis ilustres, dois se apresentaram chamados Corbis e Orsua, que estavam incompatibilizados por causa da realeza: naquele dia eles terminaram a briga, pois um foi morto pelo outro. O combate foi enfadonho aos espectadores e aos assistentes e a morte de um deles ainda mais enfadonha e aborrecida, pois eram primos-irmãos. Depois disso, Cipião pensava continuamente nos negócios de maior importância, que não aqueles que havia até então realizado, quando adoeceu. Divulgou-se esta notícia por toda a Espanha e, como acontece frequentemente, tendo-se julgado que a doença era muito mais grave e perigosa do que era pela voz que corria, não somente as nações da Espanha se moveram na esperança de mudanças e novidades, mas também o exército dos romanos, que ele havia deixado em Sucro. Primeiro a ordem e a disciplina militar enfraqueceram pela ausência do comandante, depois a notícia da sua doença e do perigo de vida provocou no exército tal agitação que alguns, não se inquietando absolutamente com a autoridade e o comando dos chefes de grupos, os expulsaram e escolheram para seus comandantes dois simples soldados, que consentiram em receber o título que lhes havia sido dado por homens de nenhuma autoridade, e, o que é pior, mandaram levar diante deles os feixes de varas e os machados. Tal é muitas vezes a ambição e a loucura, que transtorna os corações dos homens. Por outro lado, os espanhóis não ficaram quietos e, principalmente, Mandônio e Indibile, que, aspirando à realeza na Espanha, se tinham refugiado junto de Cipião, seu vencedor, depois da tomada de Cartago, a nova. Mas depois, estando aborrecidos por ver o poder dos romanos estender-se continuamente, procuravam alguma ocasião de dar outro rumo aos acontecimentos. Depois de ter sabido da doença, não somente, mas da próxima morte de Cipião, e de ter acreditado nisso, organizaram imediatamente um exército e foram fazer guerra aos suesitanos{1819}, que eram aliados e amigos do povo romano.

Como ele castiga os chefes de uma rebelião suscitada entre os soldados.

XIII. Cipião, porém, entrou em convalescença e, assim como pela falsa notícia da sua morte haviam sido suscitadas muitas desordens, assim também todos se viam agora atemorizados quando vieram a conhecer a verdade e ninguém mais ousou pensar em qualquer modificação ou novidade. Cipião, mais habituado a tratar de assuntos de guerra externa do que destas sedições internas, civis e particulares, embora estivesse muito aborrecido com os soldados faltosos, todavia, a fim de que, dando largas à sua ira, não se pensasse que ele exorbit ara dos

limites da razão, punindo-os, ele relatou tudo ao conselho. A maior parte era de opinião que se devia castigar a todos os que haviam sido causa do tumulto e perdoar aos demais: "Porque, por este meio, diziam eles, far-se-á que o castigo atinja apenas uns poucos e que a todos servirá de exemplo". Cipião seguiu este conselho e mandou imediatamente chamar a Cartago, a nova, os grupos sediciosos, para virem receber o castigo. Os soldados obedeceram a esta ordem, uns fazendo sua falta mais leve do que realmente era, como habitualmente os homens se desculpam reciprocamente, outros confiando na bondade do general, que eles sabiam não ser muito rigoroso em castigar. "Pois se costumava dizer que ele preferia salvar a vida de um cidadão do que matar mil inimigos". Corria assim a voz que Cipião tinha ainda um outro exército pronto, que ele esperava para juntar ao seu, e depois ir atacar os reis que faziam a guerra aos suesitanos. Por isso, partindo de Suero, com esperança de alcançar perdão, eles vieram a Cartago. Mas no dia seguinte, quando já haviam entrado na cidade, mandaram-nos vir à praça, tiraram-lhes as armas e as legiões os rodearam. Então, o general romano, subindo ao assento do juiz, apresentou-se a todos com tanta saúde e tão boas disposições como nunca antes tivera em sua vida e na sua juventude. Depois fez um discurso, muito severo e cheio de amargas queixas, de sorte que não havia um sequer dentre os soldados desarmados que ousasse levantar os olhos do chão e fitar seu comandante, pela grande vergonha que sentiam. O remorso pela falta cometida e o temor do suplício os espantavam tirando-lhes o juízo e a razão, e a presença de seu general os fazia corar de vergonha, tanto os inocentes como os culpados. Havia em todos um triste silêncio. Depois de ter acabado o discurso, fez trazer à presença de toda a assembleia os principais autores da sedição, aos quais, depois d e ter feito açoitar do modo costumeiro, mandou cortar as cabeças; este espetáculo foi espantoso e horrível aos circunstantes.

Derrota Mandônio e Indibile.

XIV. Acalmado este incidente, Cipião fez os soldados proferirem outro juramento e logo declarou guerra contra Mandônio e Indibile. Estes, refletindo de como os soldados romanos que haviam provocado a sedição no acampamento haviam sido castigados, perderam toda esperança de perdão: pelo que, tendo organizado um exército de vinte mil homens de infantaria e dois mil de cavalaria, marcharam contra os romanos. Cipião, tendo sabido disto, antes que os reis pudessem aumentar a sua força e que outras nações se rebelassem, apressou-se em partir de Cartago e o mais depressa possível correu para enfrentar o inimigo. Os reis estavam acampados num lugar bem defendido e confiavam de tal modo em seu exército, que tinham deliberado não provocar o inimigo, nem tampouco recusar a batalha se fossem provocados. Mas aconteceu, por causa da proximidade dos dois acampamentos, que, poucos dias depois, aqueles irritados e provocados pelos romanos atacaram-nos em batalha organizada e chocaram-se ambos os exércitos, de modo que durante algum tempo a luta foi áspera e dura. Mas, os espanhóis, vendo-se cercados pela retaguarda e obrigados a combater em círculo, para mostrar a frente a todos os lados, foram afinal vencidos. Com grande dificuldade a terceira parte deles salvou-se na fuga. Mandônio e Indibile, vendo que para eles tudo estava perdido e que não havia mais remédio nem esperanças, mandaram embaixadores a Cipião para suplicar-lhe humildemente que os recebesse pa ra uma entrevista e para pedir-lhe perdão. Mas Cipião, ainda que bem soubesse quanto eles o haviam insultado, a ele e ao povo romano, todavia, julgando que não era menos honroso vencer os inimigos pela doçura e pela clemência, do que pelas armas, perdoou-os, ordenando-lhes apenas que fornecessem o dinheiro para pagar os soldados.

Entrevista e aliança entre Cipião e Massinissa.

XV. Nesse mesmo tempo Massinissa partiu de Gades e veio para terra firme, a fim de confirmar pessoalmente a amizade que, ausente, havia oferecido a Cipião, por meio de M. Silano; ao mesmo tempo, para falar-lhe pois o julgava excelente pessoa, pelos seus gestos e

grandes feitos. Massinissa não ficou desiludido, quanto à opinião que havia formado, da virtude de Cipião e achou que, na realidade, ele era como o havia imaginado, o que todavia acontece raramente. Pois, além dos grandes dons de espírito que Cipião tinha acima dos demais, ele ostentava não sei que de beleza unida à majestade soberana, digna mesmo de um grande imperador. Era ainda muito afável e gracioso, delicado para com os que a ele se dirigiam, eloquente em seu falar, e possuía um encanto singular para conquistar o coração de todos. Era venerável em seus costumes e em sua maneira de agir, tinha cabelos compridos. Massinissa, tendo vindo saudá-lo, logo que o viu, foi tomado de tal admiração, como se diz, que dele não podia afastar os olhos, nem contentar-se em fitá-lo. Ele agradeceu-lhe sentidamente, por ter-lhe restituído o sobrinho, e prometeu-lhe que confirmaria deveras a amizade firmada entre eles: e certamente a conservou inviolável, ao povo romano, desde então até à morte.

Cipião volta a Roma.

XVI. Todos os povos da Espanha já reconheciam o império dos romanos, ou eram seus aliados, por isso os de Gades, seguindo o exemplo dos demais, vieram também entregar-se aos romanos. É esta uma nação muito antiga e, se nos é lícito crer na fama, assim como Cartago na África, Tebas na Beócia, são repovoamento dos tinos, assim igualmente Gades que está junto do mar. Cipião, depois de ter reconquistado a Espanha e expulsado os cartagineses, vendo que nada mais lhe restava a fazer na sua empresa, deixando o governo da província a L. Lêntulo e Mâ nho Acídio, voltou a Roma. Tendo chegado, o senado deu-lhe audiência, fora da cidade, no templo de Belona, onde, depois de ter relatado ponto por ponto toda a empresa por ele valente e felizmente levada a cabo, de ter notificado da sua vitória em batalhas organizadas, sobre quatro grandes generais, de ter derrotado quatro exércitos dos inimigos, de ter expulsado os cartagineses da Espanha, e que não restava nação alguma daquelas partes que não estivesse sujeita à dominação romana, o senado julgou que esse feito era digno de magnífico triunfo{1820}. Mas, como ainda não era permitido a ninguém entrar em triunfo na cidade, por feitos de valor, pois ele era apenas vice-cônsul, e não tinha ofício de magistrado, os senadores foram de opinião contrária e Cipião mesmo não fez caso algum disso, não querendo que, por sua causa, se viesse a mudar um antigo costume.

É nomeado cônsul.

XVII. Depois que entrou na cidade, ele foi declarado cônsul de comum e voluntário acordo, por toda a assembleia{1821}. Diz-se que jamais se reuniu em Roma tanta gente, como então, não tanto para participar da assembleia, como para ver P. Cornélio Cipião. Pelo que, não somente os romanos mas também os estrangeiros, tinham seus olhares fitos nele somente e diziam, em público e em particular, que ele devia ser enviado à África, para fazer de perto a guerra aos cartagineses. Cipião era da mesma opinião e disse que pediria a opinião do povo, se o senado se opusesse a essa louvável empresa. Pois havia mesmo alguns dentre os padres que resistiam, e muito, a essa opinião, e dentre outros principalmente Fábio Máximo, homem de soberana autoridade. Cipião opinava em contrário, mostrando com vivas razões que era aquele o único recurso para se vencer os cartagineses e de poder expulsar Aníbal para fora da Itália, e que todos os outros meios eram inúteis.

Passa para a Sicilia.

XVIII. Depois de terem longamente debatido o assunto, a Sicília foi entregue a Cipião e lhe foi permitido, pelo senado, passar com todo seu exército à África, se ele julgasse útil e proveitoso

para as coisas públicas. Este decreto do senado foi publicado e todos já imaginavam grandes feitos que pensavam conseguir na África e tinham grande esp erança de pôr um fim a essa guerra. Mas Cipião via grandes dificuldades em fazer os seus preparativos, por causa da pobreza do erário público e pela falta de moços, cujo flor e elite estava assaz dizimada pelas perdas anteriores, quando das lutas contra Aníbal. Todavia, para satisfazer à confiança que tinham nele, e no que esperavam dele, empregou todos os seus esforços para ultimar os seus preparativos e as coisas necessárias para a guerra. Vários povos da Toscana e da Umbria ofereceram-se para ajudá-lo na medida de suas posses, uns dando-lhe madeira para os navios, outros, armaduras, outros, ainda, o trigo e toda espécie de munição de víveres para o sustento do exército. Estando terminados os navios e equipada a esquadra, em apenas quarenta e cinco dias, o que para alguns poderia parecer incrível, Cipião partiu da Itália e tomou o caminho da Sicília. Mas, quando ele passou em revista o exército, escolheu principalmente os que há longo tempo haviam já manejado as armas, sob o comando de M. Marcelo, e que eram tidos como excelentes soldados.

Como conquista o coração dos sicilianos.

XIX. Mas os sicilianos, ele os conquistou parte pela sua amabilidade, parte pelo seu rigor, obrigando-os a dar socorro e auxílio para a guerra que ele tinha a empreender e que haviam determinado levar a cabo na África, logo que a estação do ano o perm itisse. Diz-se entre outras coisas que Cipião escolheu, em diversas cidades, trezentos moços, os mais nobres de toda a província, e mandou que comparecessem, certo dia, com armas e cavalos. Eles se encontraram no dia aprazado, como lhes fora mandado, e o cônsul lhes propôs a escolha, ou segui-lo para a África ou dar armas e cavalos a tantos outros quantos eles eram. E como todos pediam dispensa da guerra, Cipião substituiu-os por trezentos jovens romanos, que ele tinha levado consig o sem armas, para fora da Itália, a fim de os equipar às expensas dos sicilianos, como aconteceu. Depois serviu-se deles muito bem na África, em vários encontros. Era tempo de levar o exército aos quartéis para invernar, quando Cipião, querendo dar ordem não somente aos aparatos de guerra mas também aos negócios da Sicília, veio a Siracusa. Lá veio a saber, por queixas de vários, que havia naquela cidade uma quantidade bem grande de soldados italianos que não queriam restituir a presa de guerra, embora já por várias vezes lhes houvesse sido ordenado que o fizessem, isto é, restituí-la aos siracusanos, por ordem do senado; ele os obrigou imediatamente por editos e decretos a cumprir o que o senado tinha determinado. Por esse fato ele conquistou as boas graças do povo de toda a Sicília, e a fama e o renome de ser justo e amigo da honestidade.

O negócio de Plemínio.

XX. No entretanto, ele foi avisado por C. Lélio que voltara da África, com grandes despojos, de que o rei Massinissa esperava sua volta com grande afeto e devotamento e lhe pedia mesmo que passasse à África o mais depressa possível, se o pudesse fazer sem prejuízo dos negócios públicos. Que várias nações da África o desejavam igualmente, as quais, detestando a dominação dos cartagineses, não pediam outra coisa senão a oportunidade de realizar uma reviravolta na situação. Esta viagem não tinha sido diferida por falta ou negligência de Cipião, pois dificilmente se encontrará um comandante mais diligente do que ele, no desempenho dos negócios públicos. Mas os interesses da Sicília e a opo rtunidade de retomar Locres impediram-no e ele não pôde realizar a empresa segundo sua vontade. Além disso, o assunto de Plemínio, seu lugar- tenente, interessava-o de perto, pois, tendo-o deixado em Locres, ele tinha praticado toda espécie de ultrajes, de imoralidade e de rapina contra os pobres cidadãos, de modo que todos eles, irritados por a quelas ofensas e vilanias, resolveram suportar tudo, antes que ficar submetidos à dominação de homem tão mau e tão hosti l. Os embaixadores de Locres chegaram a Roma e queixaram-se em pleno senado das ofensas e ultrajes recebidos de Plemínio; os padres tomaram-no tanto a peito que foram publicados

severos decretos, não somente contra Plemínio, mas também contra P. Cipião.

O **senado manda uma comissão para examinar o proceder de Cipião.**

XXI. Por isso os inimigos e invejosos tomaram motivo para caluniar a Cipião e ousaram mesmo afirmar que ele bem soubera dos ultrajes de Plemínio contra os locrenses, bem como da rebelião dos soldados, e que tinha tolerado todas essas coisas com muito pouco caso, o que não era, nem digno, nem próprio de um cônsul. Eles acrescentavam, ainda, que o exército que ele tinha na Sicília esta va todo desorganizado e era inútil, que ele não se incomodava com as determinações do seu campos que o mesmo comandante fazia pouco caso, e que se havia entregue a toda ociosidade e luxúria. E, dentre todos os outros, Fábio Máximo mostrava-se tão ofensivo em suas palavras, que ultrapassava os limites da razão; ele era de opinião que se devia tirá-lo da Sicília e privá-lo do governo. Esta deliberação pareceu muito forte e excessivamente rigorosa. Pelo que, seguindo o conselho de Q. Metelo, os senadores enviaram dez embaixadores à Sicília, para indagar, cuidadosamente, se as acusações feitas contra Cipião procediam e eram verdadeiras; se eles o julgassem culpado, fizessem-no imediatamente regressar à Itália, por ordem do senado: mas se injustamente o houvessem acusado, somente por instigação dos invejosos e caluniadores, que eles o enviassem ao seu exército e o animassem calorosa e corajosamente, a começar a guerra. Chegaram os embaixadores à Sicília e, depois de diligente indagação a respeito do que haviam sido encarregados, nada puderam constatar de que Cipião fosse cu lpado, a não ser que ele havia tido em pouca conta as injúrias e ultrajes feitos por Plemínio aos locrenses. Cipião era liberal em recompensar seus homens, mas suave e clemente em castigar. Mas, quando eles viram o seu exército, seus navios, todos os seus aparelhos e equipagem de guerra, diz-se que ficaram tão maravilhados da abundância e boa ordem de todas as coisas, que, ao depois, voltando à cidade, louvaram muito a Cipião e, rejeitando todas as calúnias dos invejosos, deram soberana esperança da vitória ao senado e ao povo romano.

Embaixadores de Sífax a Cipião.

XXII. Eliminados então todos os impedimentos, por aquele lado, vieram outras atrapalhações do exterior, que lhe perturbaram muito o espírito. Pois os embaixadores do rei Sífax lhe vieram dizer que ele tinha feito nova aliança com os cartagineses e tinha contraído parentesco com Asdrúbal, cuja filha havia desposado; e por isso ele o advertia de que, se queria favorecer os interesses próprios, nada empreendesse na África, porque ele tinha deliberado ter como amigos os que os cartagineses considerassem como tais e atacar, também, os que atacassem aos cartagineses, considerando-os como inimigos. Cipião despediu imediatamente esses embaixadores mandando-os de volta a Sífax, a fim de que a causa, pela qual eles haviam vindo, não se divulgasse no seu acampamento e entregou-lhes cartas pelas quais ele lhe pedia que, lembrando-se da aliança e da palavra dada, cuidasse de nada fazer indigno do nome romano e de sua palavra de rei.

Passa para a Africa.

XXIII. Depois, mandando reunir seus homens, disse-lhes que os embaixadores de Sífax tinham

vindo à Sicília para queixar-se de sua longa demora, como Massinissa havia feito antes. E por isso era necessário apressar-se para passarem à África; ordenava, pois, a todos os soldados que se preparassem e se munissem de todas as coisas necessárias para a viagem. Este edito do general romano foi publicado por toda a Sicília e chegou imediatamente a Lilibeu uma grande multidão de gente, não somente dos que deviam partir para a África, mas também daqueles que tinham vindo ver a frota e a esquadra dos romanos, porque jamais haviam visto outra mais bem equipada do que aquela, nem mais bem prevista de tudo o que era necessário, nem mais bem guarnecida de soldados. Cipião, vendo que tudo estava preparado, partiu de Lilibeu{1822} com tão grande desejo de atravessar o mar, que lhe parecia que, nem os ventos, nem os remos cumpriam fielmente o próprio dever. Em poucos dias, porém, ele foi levado até o promontório a que chamam de Beau{1823} e lá fez desembarcar todo o exército.

Obtém uma vitória contra Hanno.

XXIV. A notícia da sua chegada foi logo levada até Cartago e toda a cidade ficou terrivelmente perturbada, tanto que logo deram o alarme e puseram guardas às portas e sobre as muralhas, como alguns deixaram escrito. Pois desde M. Régulo até aquele dia, haviam-se passado quase cinquenta anos, que nenhum general romano entrava na África com o seu exército. Não sem motivo, portanto, todos estavam cheios de medo e de terror. O nome de Cipião aumentava-lhes ainda mais o medo, pois os cartagineses não sabiam que general opor contra ele ou mesmo que a ele se comparasse. Asdrúbal, filho de Gisgo, era então considerado um grande general, mas eles bem sabiam que ele fora vencido e expulso da Espanha, por Cipião. Todavia, tinham grande esperança de salvar a cidade com ele e com Sífax, rei mui poderoso, e, assim, não deixaram de rogar a um e de incitar ao outro, que os ajudassem e prestassem assistência aos interesses da África, o mais depressa possível. E quando eles estavam para reunir seus exércitos, Hanno, filho de Amílcar, que fora destacado para defender o país vizinho, apareceu diante dos romanos. Cipião, depois de ter saqueado a planície da região e enriquecido seu exército com grandes presas, tinha acampado perto da Útica, para reduzir ao seu poder, se fosse possível, tão poderosa cidade, tão nobre, cômoda e propícia para a guerra, por mar e por terra. Nesse mesmo tempo Massinissa chegara ao acampamento dos romanos, ardendo num desejo insaciável de levar a guerra a Sífax, porque pouco antes havia sido expulso por ele do seu reino paterno. Cipião, que o havia conhecido na Espanha, como jovem de bom espírito, decidido e valente, mandou-o observar o exército inimigo, antes que os cartagineses reunissem uma tropa maior e ordenou-lhe que por todos os meios possíveis procurasse atrair Hanno à batalha. Massinissa, como lhe fora mandado, começou a provocar e a irritar o inimigo, atraind o-o pouco a pouco, levou-o para onde Cipião estava, com suas legiões armadas, aguardando a ocasião propícia. O exército dos inimigos estava já cansado, quando os romanos se apresentaram diante dele, com seus homens descansados e dispostos à luta, e assim os atacaram. Hanno foi vencido ao primeiro ímpeto dos soldados e morto com uma parte de seus homens. Todos os outros, voltando as costas, começaram a correr para cá e para lá, cuidando cada qual em se salvar como podia.

Como Cipião vem a saber das condições do acampamento de Sífax e de Asdrúbal.

XXV. Depois desta vitória, quando Cipião voltava para sitiar Útica, a repentina chegada de Asdrúbal e de Sífax fizeram-no desistir da empresa, os quais traziam também consigo um grande e poderoso exército de infantaria e cavalaria, e puseram seu acampamento bem próximo do dos romanos. Cipião, vendo isso, levantou imediatamente o cerco e foi fortificar seu acampamento, junto de um promontório, do qual podia enfrentar o inimigo, provocar e cansar os habitantes de Útica e defender seus navios que lá estavam ancorados. Mas a estação fria havia chegado e eles tiveram de retirar seus exércitos, para recolhê-los aos quartéis de inverno; determinou, então, mandar embaixadores a Sífax, para sondar-lhe a vontade e afastá-lo da amizade dos cartagineses, se possível. Pois bem sabia que ele era de tal

modo incitado pelas núpcias de Sofonisba, impelido a tal excesso pelas carícias e palavras dela, que não somente havia deixado a amizade dos romanos, mas, o que ainda era pior, queria destruí-los contra a sua palavra dada. E, se ele começasse a se aborrecer e a se saturar dela, pensava que então poderia ainda retratar-se. Sífax, tendo sabido o que Cipião lhe mandava dizer, respondeu que verdadeiramente era tempo, não somente de deixar a aliança dos cartagineses, mas até de deixar todo e qualquer pensamento de guerra e prometia ser um bom medianeiro de paz. Cipião escutou de boamente estas advertências, mas suspeitou de nova artimanha. Escolheu os melhores soldados do seu exército, aos quais vestiu como escravos, e os mandou em companhia dos embaixadores, dizendo-lhes o que eles tinham que fazer. Eles, enquanto os embaixadores e Sífax parlamentavam, discutindo os artigos e as condições da paz, como a conversa se prolongava por muito tempo, mais do que de costume, foram-divertir-se no acampamento dos inimigos, observando todas as entradas e saídas, como Cipião lhes havia mandado. Depois de ter feito isso várias vezes, voltaram a Cipião.

Derrota a ambos, completamente.

XXVI. Houve tréguas por um certo tempo; expirado este, Cipião fingiu (como desesperando-se de poder entrar num acordo) fazer preparar as armas, equipar a esquadra e aprontar as máquinas de guerra para voltar a sitiar Útica, como já havia feito antes. Fez correr essa notícia por toda a região, para induzir seus inimigos a acreditar nela; mandou, porém, chamar todos os seus oficiais e declarou-lhes, de verdade o seu projeto. Avisou-os de que os dois acampamentos dos inimigos não eram separados um do outro, um deles tinha as tendas e os alojamentos feitos de madeira, e o outro, de juncos, que facilmente poderiam ser queimados. Assim, tendo feito chamar Massinissa e C. Lélio, deu-lhes o encargo de atacar à meia-noite o acampamento de Sífax e de incendiá-lo, e ele por outro lado, iria atacar os cartagineses. Fizeram eles sem demora quanto lhes fora ordenado, foram à hora aprazada atacar o campo dos númidas e atearam fogo nos caniços e juncos; imediatamente levantou-se uma grande chama, que se estendeu por todo o acampamento. Os númidas, pensando, a princípio, que o fogo havia sido casual, correram sem muita preocupação para extingui-lo, mas, quando se encontraram entre as legiões, que os iam matando sem dó, vendo-se cercados de todos os lados, resolveram fugir. Por outro lado, no exército onde Cipião se encontrava, o acampamento dos cartagineses foi quase totalmente incendiado do mesmo modo e os inimigos, repelidos, deram-se à fuga, com tal mortandade, que, como alguns escrevem, naquela noite ficaram mortos no campo bem uns quarenta mil homens cartagineses e númidas{1824}.

Nova vitória de Cipião.

XXVII. Esta derrota foi conhecida em Cartago e de tal modo assustou e encheu de terror os camponeses e os habitantes, que muitos foram logo de opinião que se chamasse a Aníbal da Itália: outros, que era preciso pedir a paz a Cipião. O partido Barciniano, porém, que era poderoso e rico, e de todo contrário aos que queriam a paz, tanto fez, que novamente arrolaram homens, para se continuar a guerra. Sífax então e Asdrúbal reuniram grande multidão de homens de infantaria e cavalaria, refizeram o exército, mais depressa do que se poderia ter imaginado, e logo vieram acampar bem em frente ao inimigo. Cipião, vindo a saber deste fato, não quis também protelar e veio imediatamente dar-lhes combate, enquanto seus homens ainda estavam animados e cheios de esperança. Aconteceu, no início, por causa da proximidade dos dois exércitos, que se deram algumas escaramuças: mas, finalmente, os exércitos se entrechocaram e os romanos combateram com tal violência, que, ao primeiro ímpeto, puseram em fuga os númidas e os cartagineses e fizeram era pedaços uma grande porção deles. Asdrúbal e Sífax salvaram-se fugindo às pressas daquela mortandade. Cipião mandou Massimssa e C. Lélio com a cavalaria ligeira para persegui-los.

Sífax é ainda vencido e feito prisioneiro.

XXVIII. Sífax chegou à Numídia e, de lá, ao seu reino paterno e hereditário; reuniu às pressas um exército de toda a espécie de gente e veio encontrar Massinissa e C. Lélio, não hesitando em dar-lhes combate. Todavia, ele o fez impensadamente, porque não estava tão bem preparado quanto seu inimigo, nem era tão forte como ele, nem em número de combatentes, nem em igualdade de soldados: porque nem estes, nem os oficiais do seu exército podiam ser comparados aos soldados e aos oficiais dos romanos. Por isso, ele foi facilmente vencido por homens tão belicosos e, o que foi pior, caiu prisioneiro na luta, com outros grandes personagens: o que Massinissa teria jamais ousado imaginar e desejar: trouxe-os depois à presença de Cipião. A princípio todos se admiraram e se alegraram quando se soube que traziam Sífax e outros, como prisioneiros: mas, quando o viram amarrado e manietado, todos se compadeceram, pelo seu miserável estado e pela recordação que tinham da sua grandeza e majestade. Ainda, lembravam-se de como fora grande a fama desse rei, quão ingentes as suas riquezas e a potência do seu reino: e vendo-o precipitado de tão alto a este estado de miséria, eles sentiram piedade. O general romano os recebeu cordialmente e com humanidade, falando com ele, perguntou-lhe que motivo o havia feito mudar de resolução e o tinha levado a fazer a guerra aos romanos. Então o rei, lembrando-se da antiga amizade e da palavra dada, respondeu-lhe, francamente, que o amor que dedicava à sua esposa Sofonisba o havia incitado a proceder com tanta fraqueza e injustiça contra os romanos mas bem logo teria recebido o castigo, que aos outros serviria de exemplo, para evitarem de faltar à palavra dada. Todavia, foi-lhe de grande alívio, em sua adversidade extrema, ver seu inimigo mortal, Massinissa, tomado também pela mesma raiva e furor que ele.

Massinissa casa-se com Sofonisba e manda-lhe veneno.

XXIX. Depois que Sífax fora vencido e aprisionado, Massinissa dirigiu-se a Cirte, capital do seu reino que ele capturou, e aí encontrou-se com Sofonisba, da qual se apaixonou: logo que ela começou a afagá-lo com mil carinhos, ele prometeu livrá-la das mãos dos romanos e, a fim de melhor poder realizar a sua empresa, tomou-a como esposa. Cipião logo veio a saber de tudo isto, ficou bastante aborrecido. Sífax tinha sido vencido pelos romanos e, portanto, tudo o que lhe pertencia estava subordinado ao seu juízo: se, portanto, Massinissa, sem o seu consentimento, determinara defender a causa de Sofonisba, parecia com isso desprezar a sua autoridade de general e a majestade do povo romano. Além disso sua sórdida luxúria, que parecia intolerável, agravava tanto a sua falta, quanto a continência do general romano era maior, e que Massinissa tinha diante dos olhos, para poder imitá-lo. Pois Cipião, além de outras declarações e demonstrações de sua virtude, tinha-se sempre abstido das mulheres prisioneiras, por todos os lugares onde sempre fora vencedor. Estando, pois, muito indignado com Massinissa, embora nada manifestasse aos demais, recebeu-o amavelmente, quando ele voltou ao acampamento; todavia, pouco depois, chamando-o à parte, recriminou-o tão asperamente, que ele percebeu que tinha de obedecer a um general ao mesmo tempo assaz moderado e severo. Retirou-se, então, à sua tenda, chorando, não sabendo que deliberação tomar; mas, logo depois, vendo que lhe era impossível manter a promessa feita a Sofonisba, e que isso lhe causava grande angústia, mandou-lhe veneno com algumas indicações; ela bebeu-o e, assim, voluntariamente morreu.

Aníbal volta à Africa.

XXX. Finalmente, os cartagineses, depois de terem recebido tantas e tão graves perdas, vendo que as coisas tinham chegado ao extremo, de tal modo que eles já não podiam aspirar a aumentar seus domínios, mas unicamente cuidar em prover-se dos meios com que defender o próprio país, chamaram Aníbal, da Itália. Voltou ele apressadamente à África; antes do mais, pensou ser útil parlamentar com Cipião, relativamente à paz, quer porque temia o feliz êxito presente do jovem general, quer porque duvidava de poder de outra forma defender os interesses públicos do seu país, que estava prestes a se desmantelar. Determinou-se assim um lugar, onde se encontrariam, conforme ele havia pedido{1825} : e, tendo lá chegado, conversaram longamente a respeito do término da discórdia. Finalmen te, Cipião propôs a Aníbal condições tais, que parecia claramente que o povo romano não se aborrecia com a guerra e que ele mesmo, sendo jovem, tinha mais esperança de obter a vitória, do que grande desejo de fazer a paz. Pelo que, toda esperança de poder entrar em entendimento foi eliminada, o colóquio, interrompido, e, no dia seguinte, preparam-se para a batalha dois dos mais valentes, ilustres e nobres generais que se poderiam encontrar, para perder num momento ou dar aos seus países, o domínio e o império de todo o mundo.

É vencido em Zama por Cipião.

XXXI. o lugar onde dispuseram todas as suas forças e onde se travou tão memorável batalha foi perto de Zama{1826}, como se diz: na qual os romanos foram vencedores, pondo em fuga, primeiro, os elefantes, depois, a cavalaria e, depois, com incrível violência desbarataram todo o exército. Dizem que mais de quarenta mil cartagineses foram ou mortos, ou aprisionados pelos romanos. Aníbal, de tal morticínio, escapou são e salvo, depois de ter naquele dia feito o dever de um valente e ilustre general. Pois para esta batalha ele tinha organizado e preparado seu exército melhor ainda que para as batalhas anteriores, e o tinha reforçado, com a comodidade do lugar e com outros subsídios; no mais forte da contenda conservou-se ao lado dos soldados, tanto que os próprios inimigos louvaram-no como um soberano general. Depois desta vitória, Cipião, encontrando Vermina, filho de Sífax, que levava socorro aos cartagineses, pô-lo em fuga e levou seu exército até os muros de Cartago, julgando, como aconteceu, que os cartagineses lhe viriam suplicar a paz. Pois como os cartagineses haviam sido prontos e rápidos a encetar a guerra, agora eram fracos e sem coragem, principalmente vendo que seu general Aníbal havia sido derrotado, e porque nele depositavam todas as esperanças de poder conservar o seu país.

Cipião concede a paz aos cartagineses.

XXXII. Por isso, tendo perdido toda coragem, mandaram embaixadores a Cipião para implorar-lhe que usando da sua costumada clemência, lhes oferecesse a paz. Ora, havia em Roma grandes dissensões com relação à província da África e um dos novos cônsules apressou-se em vir para fazer a guerra com entusiasmo igual à sua dignidade. Por isso, Cipião, temendo que a glória de ter posto fim a tão difícil luta fosse atribuída a outro, deixou-se facilmente convencer pelos embaixadores dos cartagineses. As condições e os artigos da paz foram feitos aos cartagineses, segundo a vontade do vencedor, e, além de todas as demais coisas, toda a esquadra e todos os seus navios, nos quais eles depositavam ainda suas esperanças, lhes foram tirados. Quando a queimaram, ninguém pôde suportar semelhante espetáculo; ouviam-se choros e lamentações por toda a cidade, como se a mesma Cartago estivesse sendo destruída. Pois, segundo alguns, quinhentos navios de várias espécies foram queimados. Tais coisas nos devem prevenir, sobre a^ fragilidade humana, que nós esquecemos facilmente quando as coisas correm como nós queremos. Pois aqueles que antes tinham em suas mãos o império do mundo, depois de ter conquistado sobre os inimigos tantas vitórias, reduzido quase toda a Itália ao seu poder, sitiado tão atrevidamente a mesma cidade de Roma, em pouco tempo, foram depois reduzidos a tal extremo que, sendo esmagado quase todo o seu poder, nada mais lhes restavam que os muros de Cartago, e ainda esses mesmos não tinham eles muita certeza de os poder conservar, se não fosse por uma graça especial do

inimigo.

Triunfo de Cipião.

XXXIII. Feito isto, Cipião, por decreto do senado não somente restituiu o rei Massinissa ao seu reino paterno, mas acrescentou-lhe uma boa parte do riquíssimo reino de Sífax e o fez um dos reis mais poderosos de toda a África; depois deu presentes a cada qual, segundo os próprios méritos. Finalmente, depois de ter ordenado os negócios na África e firmado a paz, reconduziu seu exército para a Itália: nesse tempo, afluiu a Roma uma grande multidão para ver o soberano general que voltava de tão extraordinária expedição, depois de tantos feitos de valor; por isso, ele entrou em Roma{1827}, num magnífico triunfo, seguindo-o Terêncio Culeo, senador, com uma coroa, porque, por meio dele, tinha sido livrado da escravidão. Políbio escreve que. o rei Sífax foi levado em triunfo, mas alguns dizem que ele morreu antes do triunfo de Cipião. É bem verdade, que muitos dos que também haviam triunfado, durante a guerra Púnica, e outros, durante a guerra Macedônica e Asiática, fizeram levar diante deles, em seu triunfo, muito mais vasos de ouro e prata, e levaram maior número de escravos. Mas, um Aníbal vencido e a glória de ter terminado essa guerra tornaram o triunfo de Cipião tão grande e tão célebre, que ele sobrepujou facilmente o ouro, e o aparato, e a pompa de todos os outros. Depois de subjugada a África, nenhuma outra nação houve que se envergonhasse de ser vencida pelo povo romano. Pelo que se fez dessa província uma como espécie de degrau, para se aumentar e estender a potencia do império romano, tanto na Macedónia, como na Ásia e nas outras partes do mundo.

Cipião nomeado continuamente príncipe do senado.

XXXIV. Estando Cipião (que agora posso com muita razão chamar de Africano, depois da conquista da África) de volta a Roma, ele não deixou de receber dignidades e honras civis. Em assembleia que se teve, para a eleição dos censores, embora houvesse outros dentre as primeiras e mais nobres famílias da cidade, que pretendiam tal cargo, todavia ele e Élio Peto foram os preferidos a todos os demais: tendo sido criados censores, desempenharam seu cargo como homens dignos e de pleno acordo. Depois, os censores seguintes elegeram continuamente, um depois do outro, o Africano, para príncipe do senado, cuja dignidade se costuma somente atribuir aos que chegaram à suprema dignidade e honras por seus grandes feitos e benemerencias para com a causa pública. Pouco tempo depois ele foi de novo eleito cônsul{1828} e lhe foi dado por companheiro Semprônio Longo, filho do mesmo Semprônio que Aníbal vencera naquela grande mortandade junto do rio Trébia. Foram os primeiros, diz-se, que colocaram separadamente os padres ou senadores, por trás do povo, em lugares reservados, para assistir aos jogos. Essa separação e distinção tornou-se assaz odiosa ao povo romano e o fez muito hostil aos cônsules: porque parecia que com is. o se queria aumentar a honra dos senadores e diminuir e rebaixar a deles. Diz-se também que o Africano, mesmo, arrependeu-se de ter eliminado o antigo costume e introduzido o novo.

Cipião faz tocar a seu irmão Lúcio a província da Asia, oferecendo-se para ser seu legado.

XXXV. Havia naquele tempo grande discórdia entre Massinissa e os cartagineses, com relação aos limites de suas terras; para apaziguá-los, o senado mandou Cipião com dois outros

comissários, os quais, depois de terem ouvido a causa da discórdia, deixaram o assunto como estava, sem nada decidir. Isso fizeram, para que os cartagineses, preocupados com as discórdias civis, não se sobrecarregassem com outros problemas e tivessem que atender a outras coisas ainda. Havia mesmo uma grande guerra contra o rei Antíoco{1829}, e Aníbal, o Cartaginês estava com ele, o qual n ão deixava de irritar os velhos inimigos, contra os romanos, de solicitar e de granjear outros, de aconselhar de todos os modos aos cartagineses que sacudissem o jugo da servidão que os romanos lhes haviam imposto sob o nome de paz, e a gozar a amizade dos reis. Mas, pouco depois, os romanos, tendo obtido a vitória, expulso a Antíoco da Grécia, determinaram conquistai a África; e tinham assim posto seus olhos sobre o Africano, como pessoa a mais indicada para pôr um termo às guerras de grande importância. Mas L. Cipião e C. Lélio eram cônsules{1830}, e ambos porfiavam em ter o governo e a administração da Ásia. Foi o assunto posto em deliberação: o senado estava em grande dúvida de como daria o seu juízo sobre dois tão grandes personagens. Todavia, porque Lélio tinha maior prestígio perante os padres e os senadores e era mais estimado» o senado começou a se inclinar para o lado dele e queria entregar-lhe tal incumbência, quando P. Africano, irmão mais velho de L. Cipião, rogou o senado de não cometer tal vergonha contra sua família; disse que seu irmão tinha também grandes virtudes unidas à prudência e que ele mesmo seria seu ajudante. Não havia acabado de dizer estas palavras, que os senadores o receberam com grande alegria e desapareceu imediatamente toda dúvida. Determinaram, pois, em pleno senado que L, Cipião fosse à Grécia para fazer a guerra aos etólios, e de lá velejasse para a Ásia, se lhe parecesse bem, para fazer a guerra a Antíoco, e levasse consigo a P. Cipião, a fim de o opor a Aníbal, que estava com o exército de Antíoco.

Elogio da piedade fraterna e filial de Cipião.

XXXVI. Quem não admiraria a piedade de P. Cipião, a qual desde sua juventude ele manifestou para com seu pai Cornélio, depois, também para com seu irmão Lúcio, estando os fatos neste pé? E, embora esse Africano houvesse vencido a Aníbal, triunfado sobre os cartagineses e sobrepujasse a todos os demais em louvor e nas virtudes bélicas, ele se submeteu de boa vontade ao comando do seu irmão, a fim de que ele fosse preferido na honra de ter a província, ao seu companheiro, que também era estimado e tinha grande prestígio. L. Cipião, como cônsul, granjeou para seu país grande glória com aquela guerra, tendo-se servido dos conselhos e da fiel mediação de seu irmão. Passando primeiramente pela Grécia, fez seis meses de tréguas com os etólios, a conselho do Africano; o qual o aconselhava a deixar de lado todas as coisas, e a se dirigir imediatamente à Ásia, onde estava o forte da guerra. Depois, afastou da amizade de Antíoco a Prúsias, rei da Bitínia, que estava indeciso, sem saber a que lado pender, ainda por meio do Africano.

Antíoco restitui a Cipião, seu filho que tinha sido feito prisioneiro

XXXVII. Era também a autoridade do Africano bastante grande e todos os que queriam alcançar alguma coisa do cônsul dirigiam-se a ele, para que intercedesse perante o cônsul, e fosse igualmente seu advogado. Chegando à Ásia, o embaixador de Antíoco e Heráclides Bizantino vieram trazer-lhes palavras de acordo e de entrevista e, depois de terem publicamente declarado seu encargo, vendo que não podiam obter condições de uma paz equitativa, dirigiram-se particularmente ao Africano, como lhes fora ordenado, e procuraram por todos os meios trazê-lo à amizade do rei. Disseram-lhe que Antíoco lhe devolveria seu filho, que ele tinha aprisionado, que ainda o receberia de boa vontade como companheiro no governo e na administração de todo o seu reino, reservando-se somente o título de rei. Mas P. Cipião, não menor em lealdade e em bondade, do que soberano em todas as outras virtudes, depois de tudo, respondeu-lhe que, quanto ao filho, ele o receberia como um presente muito agradável e que a esse favor particular ele procuraria também retribuir com outro semelhante. Todavia ele advertia ao rei de que, sobre todas as coisas, deixando qualquer

cogitação de guerra, recebesse as condições de paz que o senado lhe oferecia, juntamente com o povo romano. Logo depois, Antíoco restituiu a P. Cipião o filho, como havia prometido, o qual havia sido aprisionado, como se diz, desde o começo da guerra, quando ele passava de Cáldide para Onco{1831} : ou, como dizem outros, quando ele atravessava em uma fragata. Ainda outros dizem que ele foi aprisionado quando fora espionar o conselho dos inimigos, e então restituído ao seu pai, que estava enfermo em Eléia.

Antíoco dá combate aos romanos

XXXVIII. Esta gentileza e cortesia do rei foi muito agradável ao Africano, e não sem motivo, pois, vendo seu filho, depois de tão grande ausência, seu espírito se reanimou e também o corpo, debilitado pelas doenças. P. Cipião, para dar um sinal de sua gratidão, mandou agradecer muito a Antíoco, por meio dos embaixadores, que tinham vindo com ele, pela ação gentil que praticara com ele, restituindo-lhe o filho. Depois o aconselhou a não empreender a luta, até que ouvisse que ele tinha voltado ao campo. Antíoco, movido pela autoridade de tal personagem, conservou-se por algum tempo em seu campo e deliberou fazer prolongar-se a guerra, por muito tempo, esperando poder ter alguma aproximação com o cônsul, por meio do Africano. Mas, depois, o cônsul estando acampado perto de Magnésia, irritando e provocando o inimigo, o rei não se pôde conter e veio ao seu encontro em batalha organizada. Diz-se que Aníbal esteve presente a essa batalha, sendo um dos chefes do rei.

Condições com as quais Cipião concede a paz.

XXXIX. Antíoco foi vencido e seu exército desbaratado; vendo que não havia mais remédio, dirigiu-se ao Africano, que, restabelecido de sua enfermidade, havia ido ao campo, depois de vencida a batalha, e, por meio dele, impetrou do cônsul poder tratar da paz. Chegando os embaixadores de Antíoco ao campo e tendo pedido perdão em nome de seu rei, rogaram que lhes apresentassem as condições de paz que quisessem; o Africano respondeu, em nome de todos, que não era costume dos romanos sucumbir ante a adversidade, nem se elevar ante a infelicidade dos outros: que ele lhe fazia as mesmas ofertas e as mesmas propostas que tinha feito antes da vitória; que o rei nada empreendesse sobre a Europa, que abandonasse toda a Ásia, desde o monte Tauro até o no Tanais{1832}, que pagasse tributo durante vinte anos, que lhe entregasse como reféns os que ele quisesse escolher e que antes de tudo lhe entregasse Aníbal, o Cartaginês, que era a causa e o autor de toda a guerra. Mas este, como já dissemos na sua vida, vendo que o poder de Antíoco havia sido aniquilado, tanto por mar como por terra, havia escapado das mãos dos romanos e se refugiara na corte de Prúsias, rei da Bitínia; Antíoco aceitara as condições da paz e disse que o povo romano usava para com ele de grande bondade, livrando-o assim de grandes apreensões, concedendo-lhes tão pequeno reino. Pois os grandes reinos e as enormes riquezas, que todos no entretanto desejam, estão sempre tão cheios de preocupações, de aborrecimentos e imprevistos; que o que Teócrito escreveu não é menos verdade do que belo e elegante:

Eu não desejo ter todas as riquezas

do filho de Tântalo, menos ainda, saber

que os Ventos ligeiros e fugazes alcançam velozmente;

mas, que me seja permitido, ao longo de algum regato

claro e límpido, cantar a meu bel-prazer,

isento de toda preocupação, depois ter a satisfação

de contemplar do alto de um outeiro

as vagas do mar, por maiores e mais fortes que sejam.

Cipião chega ao auge das honras.

XL. Vencido o mais poderoso rei da Ásia e terminada, mesmo contra a opinião de todos, uma tão grande guerra, com relativa facilidade, o cônsul voltou a Roma e entrou na cidade{1833} com grande e extraordinário triunfo. Mereceu ser chamado pelo nome da província por ele dominada, de modo que, como antes seu irmão tinha sido chamado de Africano, por ter subjugado a África, assim seria ele chamado de Asiático, por ter reduzido a Ásia à sua sujeição. E P. Cipião, por cujo conselho seu irmão Lúcio tinha levado a bom termo suas empresas, não ficou sem honra. Logo depois, dois nobres censores, T. Q. Flamínio e M. Cláudio Marcelo, elegeram-no príncipe do senado, pela terceira vez. Naquele tempo a família dos Cipiões e dos Cornélios tinha recebido toda espécie de honras e a autoridade do Africano tinha chegado a tão alto grau, que um homem particular jamais teria desejado mai or em uma cidade livre.

Acusado por dois tribunos do povo; como ele se defende

XLI. A inveja que se havia ocultado em corações mesquinhos, não podendo por mais tempo suportar esta sua grandeza, veio por fim a se manifestar e a recair sobre os autores de tão grandes coisas. Dois tribunos do povo, subornados, pelo que se diz, por Pórcio Catão, citaram a P. Africano{1834}, acusaram-no de ter retido as riquezas do rei Antíoco, de não as haver entregue ao tesouro público. Ele, porém, estando certo de sua inocência, mostrou-se obediente ao Magistrado e com singular tranquilidade e absoluta segurança compareceu ao tribunal, onde pronunciou um discurso, falando dos seus empreendimentos, em proveito e utilidade das coisas públicas: a descrição dessas ações não foi tomada em má parte pelo povo, que estava presente, porque ele o havia feito mais para evitar a cilada que lhe haviam preparado do que por vã glória. Todavia, os tribunos, não contentes com isso, perseguiram-no forte e vivamente com injúrias e o acusaram de ser culpado, mais por suspeita do que por verdadeiras razoes. No dia seguinte, sendo de novo citado, ele compareceu à hora marcada, acompanhado de seus amigos; passou através da assembleia e subiu à tribuna dos discursos. Quando viu que todos haviam feito silêncio, ele disse: "Lembro-me, meus senhores, de que, certo dia como este, eu obtive uma grande vitória sobre Aníbal e os cartagineses; por isso, deixando de lado todo atrito e contenda, eu sou de opinião que vamos todos ao Capitólio, para dar graças a Deus por tão grande vitória". Depois, partiu e toda a assembleia o seguiu, não somente ao Capitólio, mas a todos os templos da cidade, deixando o magistrado sozinho com seus auxiliares.

Retira-se para Linterno.

XLII. Aquele dia foi como o último do feliz êxito da fortuna do Africano, o qual brilhou mais que nenhum outro antes, pela grande multidão de gente que o acompanhava e pela grande benevolência que o povo lhe demonstrou. Depois daquele dia, ele retirou-se à sua casa de campo, longe de toda ambição e da multidão dos homens. Partiu para Linterno{1835}, grandemente aborrecido, por ter granjeado somente vergonha e ignomínia, como prêmio de

tantos benefícios que havia feito à causa pública; coberto de honras e de glória ele julgava ser coisa mais virtuosa ceder de boamente à inveja de seus inimigos, do que manter sua grandeza pela força das armas. E assim como os tribunos o acusava m de contumácia e seu irmão Lúcio desculpava a sua ausência, por enfermidade, assim, Tibério Graco, um dos tribunos que estavam incompatibilizados com o Africano, recebeu como boa aquela desculpa, contra a opinião de todos, e defendeu tão bem a causa de Cipião, quer louvando-o honrosamente, quer amedrontando seus inimigos, que o senado, depois, o reconheceu muito bem e agradeceu muito; pois estava muito aborrecido por causa da injúria que lhe haviam feito. Alguns até escreveram que Públio Cipião rasgou com suas mãos o livro que seu irmão levara ao senado para prestar contas de sua administração e que antes de ele sè retirar a Linterno, não por malícia ou arrogância, mas pela mesma confiança de que- ele havia às vezes usado para com os questores, quando lhe pediram, contra as ordens e determinações, as ch aves do tesouro público, para atender à necessidade das causas públicas. Outros ainda dizem que não foi o Africano, mas o Asiático, quem foi chamado a juízo pelos tribunos e que P. Cipião, tendo então sido mandado em comissão à Toscana, voltou depressa à cidade quando o soube, e que, encontrando à sua volta seu irmão Lúcio condenado e os auxiliares prestes a levá-lo, atado, à prisão, ele se inflamou de tal modo de ira, que arrancou à força seu irmão das mãos dos guardas e dos tribunos do povo. Dizem ainda que Tibério Graco, tribuno do povo, queixando-se ao magistrado, de que o poder do tribuno tinha sido violado e calcado aos pés por um particular, deixando de lado toda ira e inimizade que nutria contra os Cipiões, tomou a sua defesa, a fim de parecesse que os tribunos haviam sido vencidos p or outro tribuno, que não por um indivíduo particular.

Filhos de Cipião.

XLIII. Dizem igualmente que, naquele mesmo dia, quando o senado ceava no Capitólio, haviam persuadido ao Africano a dar sua filha mais nova em casamento a Tibério Graco{1836}. Esta promessa não foi feita senão quando P. Cipião, voltando à casa, disse à sua esposa que tinha feito casar-se sua filha, pelo que ela ficou muito aborrecida e lhe disse que não a devia fazer desposar, sem o seu consentimento, como mãe, embora ele a tivesse podido dar em casamento a Tibério Graco. Esta resposta agradou imensamente a Cipião, quando ele viu que sua mulher era da mesma opinião que ele, quanto ao casamento da filha. Eu bem sei que o que acabo de dizer é atribuído por alguns a Tibério, filho, e a Ápio Cláudio, seu sogro. Pois Políbio e outros autores autênticos escrevem que Cornélia, que criou Caio e Tibério, foi esposa de Graco, depois da morte do Africano. O Africano teve por mulher Emília, filha de L. Paulo, que fora cônsul, morreu perto de Cannes pela causa pública. Dela teve duas filhas, uma das quais se casou com P. Cornélio Nasica e a mais moça, com Tibério Graco, antes ou depois da morte do pai. Quanto aos filhos, pouca coisa se pôde encontrar por escrito, que se tenha em conta de verdade. Falamos desse moço, que fora aprisionado por Antíoco e depois restituído liberalmente ao pai, de que os autores não fazem absolutamente atenção, que eu saiba, senão alguns que dizem que ele depois foi pretor e que obteve esse cargo, por intermédio de Cicereio, secretário de seu pai. Encontra-se ainda, por escrito, que o Africano, o Moço, foi adotado pelo filho de P. Cipião. M. Cícero, no livro que intitulou Catão Maior: Como era fraco, diz ele, o filho de P. Africano, aquele que te adotou? E no sexto livro da República, Emílio, o pai, adverte a Cipião, seu filho, que observe a justiça e a piedade, como fez o Africano, seu avô.

Morte de Cipião.

XLIV. Quanto à morte de P. Cipião, os autores dela falam de maneira diversa. Uns dizem que ele morreu e foi sepultado em Roma: e, como testemunho disso, apresentam um monumento que lhe foi erigido perto da porta Papena, sobre o qual havia três estátuas, duas das quais eram de P. e L. C ipiões e a terceira de Q. Ênio, poeta. Com isto parece concordar o que

Cícero escreve: Nosso Ênio, diz ele, foi muito estimado por Africano, o Grande: por isso, julga-se que ele foi posto no túmulo de Cipião. Outros autores (e a voz é mais comum) escrevem que o Africano morreu em Linterno e que lá foi sepultado, segundo o seu desejo, a fim de que seu país, que tão mal reconhecia os benefícios recebidos, da parte dele, não celebrasse seus funerais: e que lá lhe ergueram um sepulcro, sobre o qual havia sido colocada uma estátua, que pouco depois foi abatida pela tempestade, a qual Lívio afirma ter visto. Além disso, perto de Cajete, encontram-se gravados estes versos, em um vaso de bronze que está em um sepulcro de mármore:

Depois de ter vencido Aníbal, tomado Cartago,

Aumentado o patrimônio do império romano,

Encerrado sob este mármore jaz o corpo mortal

De Cipião, o Grande, não o espírito imortal;

E aquele a quem outrora a Europa fértil

Não soube resistir, nem a África monstruosa,

Repousa bem no meio deste pequeno túmulo,

Tão pouco a felicidade dos mortais se detém em

certo lugar.

Seu elogio.

XLV. Quanto à época da sua morte, depois de ter buscado por muito tempo, encontrei, em alguns oradores gregos, que o Africano viveu cinquenta e quatro anos e que, pouco tempo depois, ele morreu{1837}. Finalmente, foi um personagem digno de todo elogio, belicoso e excelente em todas as outras virtudes, as quais ele alimentava de tal modo em seu espírito, que estava habituado a dizer que jamais se sentira menos ocioso que quando estava descansando, nem jamais tão sozinho, que quando estava sem companhia. Algumas vezes, ele se retirava de propósito da multidão e do convívio dos amigos, para ficar isolado como num porto. Mas a glória dos seus grandes feitos era extraordinária, de modo que, por toda a parte onde ele ia, toda a espécie de gente acorria para vê-lo. A fama era comum e, quando ele se estava retirando em Linterno, veio até mesmo ao seu recanto um grupo de bandidos para saudá-lo, para conhecer tão grande personagem, para apertar-lhe a mão, tantas vezes leal e vitoriosa. Grande é a forçada virtude e de grande autoridade, para com todas as espécies de homens, pois atrai ao amor e à admiração de si mesmo, não somente os bons, mas também os maus.

COMPARAÇÃO ENTRE ANÍBAL E CIPIÃO

É tempo de compararmos em poucas palavras os feitos e os gestos de Cipião e de Aníbal e o que diz respeito à sua disciplina civil. Primeiramente, se formos considerar os seus feitos bélicos, é notório que ambos foram excelentes e mesmo soberanos generais e cabos de guerra e que não somente foram iguais aos mais ilustres reis e príncipes, que existiram no seu tempo (embora vivesse então a fina flor dos mais belicosos do mundo), mas aos que ha viam existido antigamente.

II. De uma coisa não me posso cansar de admirar e é de como, tendo poderosos adversários na cidade, que procuravam impedir e dificultar todos os seus empreendimentos, como lhes foi ainda possível desempenhar tão grandes incumbências, e levar a feliz- termo as gigantescas empresas guerreiras, às quais haviam sido mandados. Pois, sem falar de outras muitas, P. Cipião quantas dificuldades não teve de superar antes de conseguir ser mandado à África, para dirigir a guerra contra os cartagineses, pois, Fábio Máximo e outros principais da cidade eram-lhe contrários. Por outro lado, Aníbal que grande adversário não teve em Hanno, o chefe do partido contrário? Tendo, portanto, ambos vencido tantas dificuldades que lhes faziam seus mesmos concidadãos, eles levaram a bom termo feitos dignos de perpétua memória, não por casualidade, como a muitos acontece, mas pela habilidade, pela inteligência e pela prudência.

III. Muitos admiram a altivez e a ousadia de Aníbal, que, depois de ter tomado e saqueado Sagunto, teve a coragem de vir dos extremos da terra à Itália, e, trazendo consigo tão grande e poderoso exército, de infantaria e cavalaria, veio provocar uma importantíssima questão, que seus predecessores tinham sempre temido muito, e, depois de ter ganho várias batalhas, matado cônsules e generais, veio postar seu acampamento diante da cidade de Roma, incitando os reis estrangeiros das mais longínquas nações a fazer guerra aos romanos. Quem soube levar a cabo tais coisas deve ser por todos considerado um valente e mui grande general.

IV. Os outros, falando de Cipião, louvam-no e o exaltam muito, por causa dos quatro generais por ele vencidos e dos quatro grandes exércitos que ele desfez e pôs em fuga na Espanha; por ter ainda vencido e aprisionado o grande rei Sífax. Finalmente, louvam também aquele memorável combate, no qual Cipião derrotou Aníbal; pois se Fábio, dizem eles, foi louvado, porque não foi vencido por Aníbal, em que estima não se terá o Africano, que desbaratou, em plena batalha, aquele tão temível e grande general e pôs fim a uma guerra tão perigosa? Além disso, Cipião sempre fez a guerra abertamente e combateu, ordinariamente, com o inimigo em campo aberto; Aníbal, ao invés, sempre usou de esperteza, de estratagemas e de toda a sorte de enganos. Por isso, todos os autores gregos e latinos chamam-no de muito cauteloso e muito astuto.

V. Louva-se ainda a Aníbal, por ter sabido, e por tanto tempo, conter em paz e união seu exército, feito de todas as espécies de nações, quando fazia a guerra aos romanos, sem que tenha havido em seu campo rebelião ou revolta alguma. Por outro lado, censuram-no, por não ter sabido usar da vitória quando derrotou os romanos naquela memorável batalha, tendo deixado que seus soldados se corrompessem nas delícias e na voluptuosidade, na Campânia e na Apúlia, de modo que parecia que não eram mais os mesmos soldados que haviam derrotado os romanos em Trébia, Trasimeno e Cannes. Todos os autores censuram-lhe estas coisas e têm horror à sua deslealdade e crueldade. Entre outras coisas, não foi enorme crueldade ter feito vir ao seu acampamento uma mulher de Arpi, com seus filhos e depois os

ter feito queimar vivos? Que se dirá dos que ele fez morrer cruelmente no templo de Juno Lacínia, ao partir da Itália?

VI. Quanto a Cipião, se nos ativermos somente ao que escrevem os bons autores, do que a uma multidão de caluniadores e de invejosos, veremos que ele foi um general muito bondoso e moderado, não somente corajoso e valente, mas também afável e clemente, depois da vitória. Pelo que frequ entemente seus mesmos inimigos experimentaram a sua virtude, os vencidos, a sua misericórdia e clemência, e todas as espécies de pessoas sua probidade e lealdade. E, falando da sua continência e liberalidade, de que usou na Espanha, para com aquela moça prisioneir a e Lucéio{1838}, príncipe dos celtiberos, não é digna de todo elogio?

VII. Quanto à vida particular, ambos foram instruídos nas ciências e ambos tiveram em grande estima e reverência os homens instruídos. Pois, segundo se diz, Aníbal teve grande familiaridade com Sosilo Lacedemônio, como o Africano, com Ênio. Outros escrevem que Aníbal foi muito versado nas letras gregas e que chegou mesmo a escrever uma história em língua grega, relativa aos feitos de Mânho Vulso. Eu estou de pleno acordo com M. Túlio, que diz, no livro do orador, que Aníbal ouv iu, em Éfeso, a Fórmio Peripatético, o qual disputava, com muita loquacidade sobre o dever e o ofício do comandante-general, sobre leis e determinações de guerra, e que, pouco depois, interrogado sobre o que ele pensava daquele filósofo, respondeu, não em grego muito bom, mas em grego, que ele já havia visto muitos velhos visionários, nunca, porém, um maior do que Fórmio. Além disso, ambos tiveram muito espírito em suas conversas familiares: Aníbal tinha algo de sagaz e mordaz em suas respostas. Uma vez, quando Antíoco queria fazer a guerra aos romanos e já havia posto em campo seu exército, não tão bem provisto de homens, como ornado de ouro e prata, ele perguntou a Aníbal se lhe parecia que aquele exército era suficiente para os romanos. "Sim, Majestade, respondeu ele, embora os inimigos sejam muito gananciosos".

VIII. Pode-se, pois, dizer com verdade q ue Aníbal realizou grandes feitos guerreiros, todavia nocivos e prejudiciais à própria causa pública. Pois ele deu motivo a guerras muito perigosas e foi causa da ruína total do seu país. Ao contrário, Cipião conservou sempre íntegros os interesses de seu país e ainda aumentou-lhe a potência, de tal modo que todos os que refletem e pensam nisso, não poderiam deixar de chamar a Roma de ingrata, a qual preferiu que o Africano, que a havia defendido e conservado, dela se retirasse, antes que reprimir e rebater o furor atrevido de um pequeno número de homens. Eu não saberia ter grande estima de uma cidade, que suportou tão covardemente os ultrajes e as ofensas feitas a um personagem tão grande e mais que inocente; e não saberia também censurá-la bastante, quanto a julgaria censurável, se tivesse ajudado a fazer-lhe tal ultraje. E, de fato,- o senado, como todos testemunham, agradeceu a Tibério Graco, por ter defendido a causa dos Cipiões e o povo, seguindo a Cipião pelos templos da cidade, deixando os tribunos, que o acusavam, manifestou assaz a sua benevolência e a honra que prestava ao nome dos Cipiões. Portanto, se se devesse avaliar o ânimo e a vontade dos cidadãos por essas coisas, não se poderia deixar de julgar muito ingrata a cidade, que se esquecera assim dos seus benefícios, como demasiado fraca e covarde, suportando tamanho ultraje: pois bem poucos houve que aprovaram tanta maldade e quase todos ficaram muito aborrecidos com isso.

IX. Mas Cipião, que era homem de grande alma, não se importando com a inveja dos inimigos, preferiu deixar a cidade do que conturbá-la com guerras civis. Não quis também ir contra seu país de bandeira desfraldada, nem solicitar as nações estrangeiras, nem reis poderosos, para com o seu auxílio forçar a cidade, que ele tinha embelezado e ornado com tantos despojos e triunfos, como o haviam feito Coriolano, Alcibíades e vários outros, dos quais se faz menção nas histórias antigas. Pois, pode-se facilmente compreender, quanto ele se esforçou para conservar a liberdade romana; estando na Espanha, recusou o título e o nome de rei, que lhe fora oferecido: aborreceu-se muito com o povo romano, porque o quis criar cônsul perpétuo e

ditador: e impediu que lhe erguessem estátuas, nem no lugar onde se reuniam para consultá-lo, nem no trono judicial, nem no Capitólio. Todas estas honras foram, ao depois, conferidas pelos cidadãos a César, que derrotara Pompeu. Tais foram, portanto, as virtudes cívicas do Africano, que são soberanos e mui verdadeiros louvores da sua continência.

X. Para sintetizarmos todas estas coisas, dizemos que estes dois célebres generais não se devem comparar, tanto nas virtudes particulares e civis (nas quais Cipião tem muito maior vantagem sobre Aníbal), como nas virtudes bélicas e na glória dos grandes feitos e atos guerreiros. Final mente, há também alguma semelhança na sua morte, porque ambos morreram fora do seu país, embora Cipião não tenha sido condenado pela causa pública, como Aníbal, mas quis terminar seus dias fora da cidade, num exílio voluntário.

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE DION

CAP. XXVI. — Na frase grega não seria impossível que a palavra de velhice se referisse a Dion, embora pareça naturalmente referir-se a Platão. Os sábios dividiram-se a este respeito. Mas, seguindo uma versão mais exata dos manuscritos, percebe-se que a frase de Amyot não é boa, e de preferência assim se há de traduzir: Platão não tendo querido imiscuir-se, por respeito à hospitalidade e por causa da sua velhice. Platão morreu no primeiro ano da 108.ª olimpíada, no 82º ano da sua idade. Ele tinha, portanto, nascido no 3.« ano da 87." olimpíada, e por conseguinte, ele tinha 71 anos, quando Dion começou seus preparativos de guerra contra Dionísio, no 3.º ano da 105.ª olimpíada. Era, pois, bem uma idade para não se intrometer mais em semelhante empreendimento. Quanto a Dion. eis aqui duas testemunhas decisivas. Platão diz pos itivamente, em uma das suas cartas, que, quando ele foi pela primeira vez ter com Dionísio, o Moço, Dion com eçava a ser homem feito. Dionísio subiu ao trono no 1.« ano da 103.ª olimpíada. Dion chegou à Sicília para atacá-la, no ano da 105.º. O intervalo é só de onze anos. Ele não podia, portanto, ser um velho. Cornélio Nepos confirma fortemente nossa conclusão, dizendo-nos que Dion foi morto aos 55 anos. Ora, ele foi assassinado no 3.º ano da 106.ª olimpíada, cinco anos depois da época que aqui estamos discutindo. Ele tinha, portanto, cinquenta anos. quando fazia seus preparativos. Assim, no Capítulo XXIX, pág. 41 no lugar dessas palavras, homem já idoso e passado, seria preciso traduzir-se: Homem que havia passado a primeira flor da idade.

CAP. XXXI. — Seria preciso, pelo menos, escrever A Puglia, o texto grego diz a Iapígia e é impossível fixarmos o lugar propriamente aqui designado por Plutarco. Os romanos chamavam, com o nome de Apúlia, toda a extensão ao longo do mar Adriático, desde a Frentânia. que era a quarta região da Itália, e que o rio Frenton separava da Apúlia, até Tarento, a oeste, e Brindisi, a leste: este nome de Apúlia compreendia a Daunia e a Peucétie. Desde Tarento e Brindisi, toda esta península, que chamamos de calcanhar da bofa, e cujos diferentes portos serviam de lugar de embarque para se ir à Grécia, até o promontório Iapix ou de Salenta, chamava-se Iapígia, em geral. Aqui, distingue-se a Calábria e o país dos salentinos. No entretanto, alguns, Estrabão dentre outros, dizem que se chama indiferentemente Iapígia, Messápia, Calábria ou Salêntia. Mas alguns historiadores gregos compreendiam sob esta denominação a Apúlia, hoje a Puglia. O vento que soprava, dessa costa para a Grécia, chamava-se Iapix, do nome da região. É por isso que, na segunda ode do primeiro livro, Horácio deseja que todos os outros ventos parem e sopre somente o Iapix, para levar seu amigo Virgílio à Grécia. Assim, é pelo menos verossímil, que Filisto estava na baía, perto de Brindisi.

CAP. XXXVI. — É com razão, diz Mr. Reiske, numa nota sobre este trecho, que Mr. Dacier notou que este nome de campanianos está errado e que devemos procurar um nome do povo siciliano, para substituí-lo. Eu creio, então, que se deve escrever catanianos. No entretanto, acrescenta o sábio editor, Diodoro da Sicília fala, num trecho do seu 16.« livro, de campanianos em Etna. Esta última observação é alguma coisa, mas diz, também, com que precipitação Mr. Reiske trabalhava; movido por esta ideia, não se deu ao trabalho de consultar Diodoro da Sicília, sobre um ponto tão importante de crítica. Se o tivesse feito, teria encontrado aí toda a história desses campanianos, que passaram da Itália para a Sicília, servindo antes os siracusanos, contra o tirano Dionísio, depois, corrompidos pela sua munificência, tornaram-se os restauradores e defensores do seu poder: recompensados, proporcionadamente por tão grande serviço, apoderaram-se por meio de um crime atroz da cidade de Entelle; foram postos, em seguida, pelo mesmo tirano, em Catania, e de lá, na cidade de Etna, sobre a montanha vizinha, do mesmo nome; por fim, foram destruídos, alguns anos depois da época em que estamos, por Timoleão. Depois, sob Agátocles, outro tirano da Sicília, que subiu ao trono na 115.ª olimpíada, ele teria visto os restos destes, ou com mais

exatidão de outros campanianos,

CAP. XXXI. — Seria preciso, pelo menos, escrever A Puglia, o texto grego diz a Iapígia e é impossível fixarmos o lugar propriamente aqui designado por Plutarco. Os romanos chamavam, com o nome de Apúlia, toda a extensão ao longo do mar Adriático, desde a Frentânia. que era a quarta região da Italia, e que o rio Frentón separava da Apúlia, até Tarento, a oeste, e Brindisi, a leste: este nome de Apúlia compreendia a Daunia e a Peucétie. Desde Tarento e Brindisi, toda esta península, que chamamos de calcanhar da bofa, e cujos diferentes portos serviam de lugar de embarque para se ir à Grécia, até o promontório Iapix ou de Salenta, chamava-se Iapígia, em geral. Aqui, distingue-se a Calábria e o país dos salentinos. No entretanto, alguns, Estrabão dentre outros, dizem que se chama indiferentemente Iapígia, Messápia, Calábria ou Salêntia. Mas alguns historiadores gregos compreendiam sob esta denominação a Apúlia, hoje a Puglia. O vento que soprava, dessa costa para a Grécia, chamava-se Iapix, do nome da região. É por isso que, na segunda ode do primeiro livro, Horácio deseja que todos os outros ventos parem e sopre somente o Iapix, para levar seu amigo Virgílio à Grécia. Assim, é pelo menos verossímil, que Filisto estava na baía, perto de Brindisi.

CAP. XXXVI. — É com razão, diz Mr. Reiske, numa nota sobre este trecho, que Mr. Dacier notou que este nome de campanianos está errado e que devemos procurar um nome do povo siciliano, para substituí-lo. Eu creio, então, que se deve escrever catanianos. No entretanto, acrescenta o sábio editor, Diodoro da Sicília fala, num trecho do seu 16." livro, de campanianos em Etna. Esta última observação é alguma coisa, mas diz, também, com que precipitação Mr. Reiske trabalhava; movido por esta ideia, não se deu ao trabalho de consultar Diodoro da Sicília, sobre um ponto tão importante de crítica. Se o tivesse feito, teria encontrado aí toda a história desses campanianos, que passaram da Itália para a Sicília, servindo antes os siracusanos, contra o tirano Dionísio, depois, corrompidos pela sua munificência, tornaram-se os restauradores e defensores do seu poder: recompensados, proporcionadamente por tão grande serviço, apoderaram-se por meio de um crime atroz da cidade de Entelle; foram postos, em seguida, pelo mesmo tirano, em Catania, e de lá, na cidade de Etna, sobre a montanha vizinha, do mesmo nome; por fim, foram destruídos, alguns anos depois da época em que estamos, por Timoleão. Depois, sob Agátocles, outro tirano da Sicília, que subiu ao trono na 115.ª olimpíada, ele teria visto os restos destes, ou com mais exatidão de outros campanianos, vindos da Itália, a seu exemplo, apoderar-se de Messina por uma traição e com crueldade semelhante à que os seus antecessores tinham praticado em Entelle: Políbio, 1. I. Enfim, estes, ou um terceiro grupo do mesmo país da Itália, servindo, segundo o mesmo Diodoro da Sicília, nas tropas dos cartagineses, estabelecidos por Amílcar ao ocidente da ilha, para defender os cantões submetidos a Cartago, e isso lhe teria sido suficiente para não buscar outro nome, que o de campanianos, que aqui ocupam um lugar tão conforme à verdade da história.

SOBRE A VIDA DE BRUTO

CAP. II. — As três cartas que Plutarco transcreve encontram-se, palavra por palavra, nas cartas atribuídas a Bruto, publicadas primeiro por Aldo Manúcio na coleção das Epístolas gregas e reimpressas naquela, à qual se juntou a tradução latina, que traz o nome de Cujas, em Genebra. 1606, in foi., o que prova que esta coleção de cartas de Bruto existia já nos tempos de Plutarco. Eu não examinarei se são dele, mas observarei que o torneio sofistico que se lhe incrimina não é uma prova de que não o sejam; este defeito é natural a todos os que escrevem em uma língua que não é a sua.

CAP. XLVI.— — É verdade que se encontra esse nome mais ou menos no sétimo livro de Estrabão; mas o geógrafo fala nesse ponto dos Palos-Meótidas. de Quersoneso Táurica e do

Bósforo Cimeriano. Ora, nós vimos neste momento do Helesponto, do Quersoneso e do Bósforo da Trácia e nós estamos na Trácia, perto da cidade de Filipes. Por conseguinte, não se trata do porto de mar do qual fala Estrabão, seguindo a citação de Amyot, mas do Monte Símbolo, que, segundo Dion Cássio, 1. 47, se une ao Monte Pangeu num lugar que traz o mesmo nome de Símbolo, entre Filipes e Nápoles.

SOBRE A VIDA DE ARATO

CAP. III. — O grego diz que o ar de prudência e da nobreza de seus traços revelavam um pouco a voracidade do atleta e a enxada. Nós já dissemos em outro lugar qual era a maneira pela qual os atletas faziam o exercício com a enxada ou alvião.

IBID — Skafíon é aqui uma espécie de enxada, de que os atletas se serviam para remover a terra, para fortificar com esse exercício os ombros e o braço, como o diz o Escoliasta de Teócrito, idílio 18, v. 4. Deve-se, pois, traduzir: -Vê-se nessas estátuas algo de atlético e a majestade real. que está impressa sobre o seu rosto, não impede que aí se notem os traços da voracidade natural dos atletas e da enxada de que eles usavam", o sábio Visconti pensou ter achado a forma dessa enxada, entre as mãos de um gênio, que se vê num baixo-relevo, gravado, tomo V, prateleira 40, do Museu Pio Clementino.

CAP. XII. — Assim se lê esta passagem na edição de Reiske, tomo V, pág. 523: óden oúk oútos dokei gegonénai fíkoi akribés ós ektrós eugnómon kaipráos, úpó tés politeías ep’anfotera tó kairó metaballo menos ómonoías étnón kaí koinonías pólein, kal sunedríou ks teátrou mían fónen áfientós ós óudenós, ali’ é ton kalón, épasés. Esta passagem está evidentemente alterada, como todos os editores o fizeram notar. Eu creio que se poderia ler assim: Metallonénos omonias etnón kaí koinonías póleon enéna. Sunedríou ks teátrou mían fonén áfientós, ós oudenós é tón kalón erases én. Eu omito o ponto depois de metabollonénos. A palavra éneka foi destruída pela última sílaba de póleon e por kaí. Quanto à palavra én que eu acrescento no fim, é absolutamente necessária e pode-se traduzir assim esta passagem: "por isso, parece não ter sido tão inteiro e tão perfeito amigo, como doce e gracioso inimigo, acomodando-se às duas partes, segundo o tempo, para a conservação da concórdia entre os povos e a união entre as cidades. E quer nu conselho, quer nos teatros, dizia-se, a uma voz, que Arato não era amigo senão das coisas boas e honestas". O sunédrion ou conselho era o lugar onde se reuniam os magistrados e o teatro era o lugar onde se faziam as assembleias do povo.

CAP. XIV. — Apeles, como já dissemos alhures, florescia pela 112.» olimpíada, mais ou menos 80 anos antes desta época. Ele tinha sido discípulo de Panfílio, ao qual havia pago um talento, por dez anos de lições, bem como Melanto, do qual era companheiro de estudos, e não discípulo, segundo Plínio, cuja autoridade nesta matéria, principalmente, é preferível à de Plutarco.

CAP. LX — O famoso Demétrio de Faléria tinha morrido no ano 470 de Roma e nós estamos, pelo menos, no ano 535. Este nome. Faléria, é um erro, constatado desde muito tempo pelos sábios. É de Demétrio Fariense que se fala muito em Políbio. Ele foi assim cognominado por causa do nome da sua pátria, Fares, uma das ilhas Liburnianas, fundada pelos habitantes de Paros, na 98.ª olimpíada. Sua coragem o tinha tornado ilustre entre os ilírios.

Ele tornou-se seu chefe e. tendo-se unido aos reis da Macedónia, Antígono Gonatas e Felipe, prestou-lhes grandes serviços durante a guerra. Fez também guerra aos romanos; mas. tendo sido vencido por Paulo Emílio, no ano 535 de Roma. fugiu para a corte de Felipe, que o conservou consigo. Em seguida, tendo querido apoderar-se da cidade de Messenas, ao sul de Filipes, foi morto ao atacá-la; fim digno de sua vida, diz Políbio. Pois era, diz o historiador, um homem temerário e sem palavra. O fato de que Plutarco fala aqui encontra-se. palavra por palavra, em Políbio.

SOBRE A VIDA DE GALBA

CAP. II — Mr. Dusoul tem razão em observar que o nome da pessoa falta aqui. Mas ele engana-se. supondo que é o de Alexandre, tirano de Feres, do qual muitas vezes se falou, na vida de Pelópidas. O trecho que Plutarco refere aqui não pode ser atribuído a ele. de. nenhuma maneira, pois ele reinou onze anos. É o nome de Polifron que se deve pôr neste lugar, segundo Xenofonte. Eis o seu trecho, Hell. 1. VI: Jasão, que os tessálios tinham escolhido por seu chefe e que tinha governado com bastante sabedoria e glória, tendo sido morto numa conspiração, por sete moços, no 3.º ano da 102.ª olimpíada, os tessálios colocaram em seu lugar dois de seus irmãos, Polidoro e Polifron. Mas, pouco depois. Polifron assassinou o seu irmão, quando este dormia; pelo menos suspeita-se que o tenha feito. Ele governou um ano, como tirano. Alexandre, o quarto irmão, matou-o, com o pretexto de vingar a morte de Polidoro, e apoderou-se do governo, do qual usou de maneira assaz tirânica. O ano de que fala aqui Xenofonte e os dez meses de Plutarco vão bem de acordo. Diodoro da Sicília não fala de Polifron. Ele diz que Jasão foi morto, segundo alguns, por seu irmão Polidoro, que não reinou mais de um ano. Mas a autoridade de Xenofonte, histórico contemporâneo, me parece indubitavelmente preferível à de Diodoro da Sicília. Ambos, afinal, estão de acordo comigo sobre este ponto, de que não é de Alexandre que se trata aqui.

CAP. XXX. — Que tendo comprado uma casa velha ele queria ir mostrar aos mestres pedreiros aquilo em que ele não confiava. Há, em todas as edições, exceto na de Reiske, Tóis politais, o que não tem nenhum sentido: propuseram ler-se polétais, correção que Reiske adotou. Baseia-se no que Tácito, contando a mesma coisa (Histoires, liv. I, cap. 27), diz que advertiram a Oton, expectari eum ab architecto et redemtoribus. Mas parece-me que polétai significa o contrário de redem tor. Creio, entretanto, que é preciso adotar-se a correção, mas torna-se também necessário explicar esta passagem, segundo Suetônio, que, na Vida de Oton, Cap. VI, diz: Deinde liberto adesse architectos nuntiante, quod signum conuenerat, quasi uenalem domum inspecturus abscessit. "Tendo-lhe seu liberto dito que os arquitetos haviam chegado, o que era o sinal convencional, ele se foi, dando a entender que ele ia examinar uma casa que estava à venda". Parece que Plutarco adotou mais ou menos o mesmo trecho e que se deve traduzir assim: "E que tendo com prado uma casa velha, ele queria ir mostrar aos vendedores as partes que tinham algum defeito"’.

SOBRE A VIDA DE OTON

CAP. I — Nos meses de março, maio, junho, outubro, os Idos caíam a 15 do mês e começava-se no dia seguinte, 16, a contar os dias antes das Calendas. Nos outros meses, os Idos eram a 13 e 14, era o 18 antes das Calendas.

CAP. III — Esquelles ce beau nom de Néron estoit joint à celui d’Othon. Há, no grego: Tò té Nerónos teíon ónoma, o divino nome de Nero: o que é um epíteto um tanto singular, para o nome de Nero. Oudendorp, em suas notas sobre Suetônio, vida de Oton, Cap. VII, pág. 782, traz uma correção de G. Fred. Gronovio, que propõe se leia: Tetón ónoma, o que me parece evidente, e então deve-se traduzir assim: "nas quais este nome adotivo de Nero está unido ao de Oton".

SOBRE A VIDA DE ANÍBAL

CAP. VIII. — A posição dos Altares dos filenianos não é cerra. Alguns autores os põem ao sudeste da grande Sirta, hoje golfo de Sidra, que está entre o reino de Tripoli e de Barca. Outros os põem entre a grande e a pequena Sirta, hoje golfo de Cabes, entre os reinos de Túnis e de Tripoli, isto é, entre 30 e 35 graus de longitude. Ora, as colunas de Hércules, hoje estreito de Gibraltar, estão a 12 graus. A distância é, portanto, pelo menos cerca de 500 léguas.

SOBRE A VIDA DE CIPIÃO, O AFRICANO

CAP. VIII. — Há aqui, da parte do autor, um erro, que nos faz supor outro, grave, em Tito Lívio. O rio chamado Bétulo por Mela, Sambroca, por Ptolomeu, e hoje o Ter, está acima da província tarragonesa, perto de Ampúrias, onde Cipião tinha abordado. Mas não foi aí que se deu o combate, contra Asdrúbal, segundo Tito Lívio: foi em Bétula, que está na Bética. E eis a prova: Depois da batalha, diz Tito Lívio, Asdrúbal retirou-se, além do Tago, para os Pireneus. Ora, Bétula está aquém do Tago; mas o rio Bétulo e o cantão dos bétulos está aquém do Tago e bem mais perto dos Pireneus. Tito Lívio acrescenta que Cipião, alguns dias depois do combate, atravessou o passo de Castulo, para voltar a Tarragona. Ora, Castulo está perto do Tago, na Bética, entre Bétula e Tarragona. A cidade perto da qual foi vencido Asdrúbal, filho de Barca, é, portanto, a mesma Bétula, onde foi vencido, no ano seguinte. Asdrúbal, filho de Gisgo. E o sábio Celári o teve razão em nos dizer, falando dos bétulos: Tomai cuidado, para não confundi-los com a cidade de Bétula de que" fala Tito Lívio.

{1} Sósio Senecião era o amigo de Trajano e foi várias vezes cônsul. No grego. Sossius.

{2} Seu nome era Pittheus; e é assim que se lê no grego.

{3} Ao pobre mercenário. No grego, a um amigo. Piteu queria que se estivesse sempre pronto a recompensar os serviços prestados por um amigo. Foi sem dúvida por causa da rima que Amyot substituiu a máxima do mercenário.

{4} Onde pela religiosa do templo. No grego: onde pela Pítia.

{5} Quando ele chegasse à idade de homem assaz poderoso-No grego: e que, chegado à idade de homens, fosse assaz poderoso para, etc.

{6} Irmão de Egeu.

{7} O tridente, que é uma forquilha de três pontas, a insígnia de Netuno. o grego nomeia apenas o tridente. Todo o resto é a explicação de Amyot: longa demais. Talvez a tivesse julgado necessária para ser entendido num século em que era raro o conhecimento dos monumentos antigos.

{8} Nem quem os tirasse deste mundo. No grego: nem quem os contivesse.

{9} Os gregos nem nenhum autor antigo falam de uma cidade dos Ióxidas. Não era, pois, senão um povoado.

{10} É a cor da javalina. Essa cor é escura.

{11} Pequeno burgo entre Corinto e Mégara.

{12} Amyot, notas manuscritas.

{13} A rota de Teseu não podia conduzi-lo a Hermíona, que é na Argólida. Conjecturou-se que era preciso corrigir em Hermeu, lugar situado entre Atenas e Elêusis.

{14} Amyot devia ajuntar o que está no grego, e que se chama agora Hecatômbeon. Seria de desejar que ele sempre tivesse posto os nomes gregos dos meses. Hecatômbeon responde ao mês de julho, e não ao mês de junho.

{15} No grego: eles vieram de Esfeta abertamente em armas. Esfeta era um burgo da Ática.

{16} A Tetrápolis da Atica era composta de quatro cidades: Zênce, Maratona, Probalinto e Tricórito. Estrabão, liv. VIII.

{17} No grego: Creta.

{18} Pensa Dacier que eram enviadas crianças somente de nove em nove anos. E’ uma vingança lenta para um pai e para um rei que pune os Atenienses com a morte dos filhos. De resto, o grego é suscetível de ambos os sentidos.

{19} Num dos mais belos quadros encontrados em Hercu-lano, vê-se o Minotauro derrubado aos pés de Teseu. O mostro tem uma cabeça de touro sobre um corpo de homem. Crianças beijam as mãos, abraçam os joelhos de Teseu. Pitture Antiçhe d’Ercolano, t. I, tav. V.

{20} No grego: em sua "Republica", dos Botieus.

{21} Plutarco confunde aqui os dois Minos: o primeiro filho de Júpiter Astério e de Europa, famoso por sua sabedoria; o segundo, neto de Minos e filho de Licaste e de Ida. Foi aquele que impusera o tributo aos Atenienses. Vide o próprio Plutarco, cap. XXIV.

{22} No grego: e que depois de ter feito.

{23} O Pritaneu, lugar onde os magistrados de Atenas se reuniam.

{24} Acrescentem-se estas pala vras: tendo Dédalo e os banidos de Cândia por guias, e

suprimam-se na frase seguinte.

{25} Sua irmã — não está no grego.

{26} Essa dança, depois de três mil anos, existe ainda na Grécia, e se chama a Candiota. Guys, testemunha ocular, dela apresenta pormenores curiosos. Viagem Literária à Grécia, Carta XIII. E' vista representada na grande obra de Le Roy, As Ruínas dos Mais Belos Monumentos da Grécia, 2.ª edição, página 22 , estampa X.

{27} Grego: Pyaneprion.

{28} Vide as Observações, cap. XXVI.

{29} Demétrio de Falero foi nomeado chefe dos Atenienses 318 anos antes de Jesus Cristo.

{30} O grego: a festa das Oscofórias.

{31} As grandes Panatenéias eram celebradas todos os cinco anos no dia vinte e três do mês de Hecatômbeon, e as pequenas todos os anos no dia vinte do mês de Targélion. As Metécias celebravam-se no décimo-sexto dia de Hecatômbeon.

{32} O grego traz: para todo o resto, em tudo os igualou, de maneira que os nobres, etc.

{33} Pellerin publicou duas belas medalhas de Atenas, em uma das quais se vê a cabeça de um touro e na outra o combate de Teseu contra o Minotauro. Medalhas de Povos e Cidades, tomo I, página 246.

{34} Vide as Observações, cap. XXX.

{35} Ponto Euxino ou mar Negro.

{36} O grego: da Pítia.

{37} Hermón, Mercúrio. Hérmon, Hermo.

{38} É um erro de Amyot. Era preciso traduzir alcançando o Museu. O Museu ficava no recinto da cidade de Atenas de frente para a cidade. Museu, poeta mais antigo do que Homero, ali recitava seus versos e ali foi inumado. Pausânias, I, 25. Daí veio o nome de Museu dado àquela colina.

{39} No grego: Boedrômion.

{40} No grego: do Museu.

{41} No grego: do herói Calcódoon.

{42} Asse templo era consagrado à Lua, que se chamava Terra Olímpica no sistema da pluralidade dos Mundos. Falarei disso mais adiante, ao explicar o Tratado dos Oráculos que cessaram.

{43} Chamava-se Rus ou Rous, isto é, a torrente, por causa das águas que caíam da montanha vizinha. Pausânias, I, 41.

{44} No grego: um edifício em forma de losango.

{45} No grego: e perto do rochedo que se chama Cinoscéfalas.

{46} O grego acrescenta: embora ela fosse ainda criança.

{47} No grego: sua filha Cora.

{48} Lícofron e Tzetzes chamam-lhe Munito. Vide Méziriac, Comentários sobre as Epístolas de Oyídio, tomo I, página 127.

{49} No grego: queixar-se a Edomeu a respeito de Pirítoo.

{50} No ano 490 antes de Jesus Cristo.

{51} Afésion é que era arconte de Atenas, no quarto ano da 74ª olimpíada, quando Címon levou da ilha de Ciros os ossos de Teseu.

{52} No grego: do Ginásio. C.

{53} No grego: do mês de Pianéprion.

{54} Vide as Observações, cap. XLIV.

{55} Do mês de Hecatômbeon. C.

{56} Por causa da solidez do cubo, o número oito, primeiro número cúbico, era o emblema da firmeza imóvel de Netuno, que assegura e afirma a terra. A doutrina de Pitágoras estava cheia dessas imagens. Tomar a ele esse gosto no Egito. É o que se deve relembrar frequentemente, quando se trata de sua doutrina e do uso que ele faz dos números.

{57} No grego: que uma filha.

{58} Nas Demandas Romanas, Dem. LVII, chama-lhe Plutarco a deusa Rumina, para nutrir as crianças de peito: em seus sacrifícios, não se usa vinho, antes neles se oferece leite e água misturada com mel.

{59} E água misturada com mel não está no grego.

{60} O grande Circo.

{61} Havia um asilo e um templo. Mas Plutarco é o único que fala de um deus Asilo.

{62} Eu expliquei numa Dissertação tudo o que respeita ao recinto de Roma: tamanho, população, desde os primeiros tempos até ao seu maior esplendor. Comparei sua população com a de Paris, Londres, Pequim. Vide Taciti Opera, tomo II página 375, edição in-4º.

{63} E’ um erro de Amyot: ele devia traduzir um eclipse do sol. A conjuração eclíptica da lua com o sol é que foi expressa no grego de Plutarco. Não pode haver eclipse da lua no trigésimo dia de um mês lunar.

{64} O ano 553 antes de Jesus Cristo.

{65} O que está entre parênteses, nesta página, não figura no grego.

{66} O cálculo astronômico não dá eclipse solar neste dia, o que mostra ser falso o cálculo de Tarrúcio, seu nascimento. Essas coisas e outras semelhantes agradarão porventura mais aos leitores pela novidade e curiosidade de que ofenderão pela falsidade.

{67} Dionísio de Halicarnasso e a maior parte dos historiadores colocam o rapto das Sabinas no quarto ano da fundação de Roma.

{68} No grego, Talásio.

{69} No grego, Talásia.

{70} Essa festa, que se chamava Consuália, é marcada para o dia 13 do mês de agosto, nos antigos calendários romanos.

{71} É o nome que se dava, no tempo de Amyot, a uma longa cabeleira.

{72} Nas Observações se encontrará uma tradução mais fiei desses dois fragmentos.

{73} Rocha Tarpéia.

{74} O grego: como já não resistisse aos Sabinos, foi.

{75} Chamavam-se Curetos os habitantes de Curos, antiga capital dos Sabinos. — N. do ed. bras.

{76} No grego: Comire.

{77} Vide as Observações, cap. XXX.

{78} No grego; não se mostrar nu.

{79} O grande Circo.

{80} No grego: cornalheira.

{81} Essa festa era celebrada no primeiro dia de março e no primeiro dia de abri l.

{82} Celebrava-se em 11 de janeiro. Realizava-se ainda uma segunda festa a 15. Carmenta era a mãe e não a mulher de Evandro. O próprio Plutarco o diz nas Demandas Romanas, Dem. LVI.

{83} Vide o cap. XVII.

{84} Celebrava-se no dia 15 de fevereiro em honra do deus Pã, que se chamava Luperco porque afastava os lobos.

{85} No grego: levam para fora os cães e observam ainda essa cerimonia, chamada Periscilacismo. Vide, como explicação dessa passagem, as Questões Romanas, Quest. 68. C.

{86} Fazia-se ali uma festa e uma corrida militar no dia 19 do mês de outubro.

{87} Segundo Dionísio de Halicarnasso, Rômulo enviou somente trezentos. Esse número parece fraco, se for considerado o que Plutarco narra no capítulo seguinte.

{88} Essas chuvas de sangue, tão terríveis para os antigos, são produzidas naturalmente por insetos ou por exalações tintas de ve rmelho, como se observou várias vezes no último século e no presente.

{89} No grego: que se fazem ainda hoje, segundo dizem.

{90} No grego: ele matou-lhes seis mil homens.

{91} Expressão grega é mais natural: e colocou sobre esse carro sua estátua coroada pela Vitória.

{92} No grego: “que ele ofereceu três vezes o sacrifício chamado Hecatônfonis, por haver matado de cada vez cem homens aos Lacedemônios.” Pausânias, Messeníacas, cap. 19.

{93} No grego Septempagium, isto é, sete burgos, ou aldeias, ou cantões.

{94} Vide as Observações, caps XI.

{95} O vestuário de Rômulo era o sagum de púrpura. Em cima do sagum trazia o paludamentum ou chlamys de púrpura, bordado com púrpura mais preciosa e ligado sobre o ombro.

{96} É um erro de Plutarco ou de seus copistas; é preciso corrigir.

{97} Além das cerimonias de 7 de julho, celebrava-se ainda uma festa chamada Quirinalia, em 17 de fevereiro.

{98} No grego: a alma seca é a melhor alma.

{99} A festa chamada Poplifugium é marcada para o dia 5 de julho nos antigos calendários.

{100} Dionísio de Halicarnasso dá a Rômulo cinquenta e cinco anos de vida, e trinta e sete de reino. Vide o próprio Plutarco na vida de Numa, cap. III.

{101} É um erro no grego. Não se viu divórcio entre os Romanos antes do ano de Roma 523. Dionísio de Halicarnasso, liv. II. Vide a comparação de Licurgo com Numa, cap. XVII, onde

farei conhecer a causa desse erro e a maneira de o corrigir.

{102} Disco usado nos jogos de arremesso.

{103} A primeira Olimpíada remonta o ano 776 antes de Jesus Cristo.

{104} Tales, poeta lírico é bem diferente de Tales, um dos sete Sábios da Grécia, nascido duzentos anos depois de Licurgo.

{105} É preciso ler Creófilo, segundo Estrabão, liv. XIVr página 946.

{106} Acrescente-se, conforme ao grego, de Esparta.

{107} Esse trecho se acha citado em duas outras passagens de Plutarco: no livro Da Diferença entre o Amigo e o Enganador e naquele Da Inveja e do ódio. Lê-se aí como seria bom, quando não saberia, etc; e é assim que é preciso ler, omitindo a negação.

{108} Toda essa passagem está alterada e truncada. Vide as. Observações, cap. IX.

{109} Entre o Eurotas e o Gnácion, pequeno rio que se lança no Eurotas, perto de Esparta.

{110} Heródoto. Xenofonte e outros historiadores dizem que os éforos foram criados por Licurgo. Eles eram então somente conselheiros dos reis. Mas, cento e trinta anos depois, quando os reis abusaram de seu poder, a autoridade dos éforos aumentou e eles se tornaram senhores dos reis.

{111} Para conhecer o caráter de Licurgo e o espírito de suas leis, é preciso recordar as reflexões de Montesquieu. Vide as Observações, cap. XII.

{112} No grego, setenta medimnos. A avaliação de Amyot é demasiado fraca. A meia-mina de Paris vale apenas três alqueires; e o alqueire de trigo pesa vinte e uma e vinte e duas libras. O medimno continha mais de quatro alqueires, medida de Paris.

{113} No grego, dez minas, que valiam setencentos e setenta e oito libras francesas. Em moeda de ferro, deviam perfazer um peso de mais de mil e seiscentas libras.

{114} No grego, um medimno de farinha. Vide a verdadeira avaliação no capítulo XII.

{115} No grego, oito chous de vinho, o que vale um pouco mais de vinte e oito pintas de vinho, medida de Paris. É quase uma pinta por dia.

{116} Espécie de sopa. À que se fazia com enguias dava-se o nome de caldo branco.

{117} Rio que passava por Esparta.

{118} No grego, a andarem nuas pela cidade, Vide as Observações, cap. XXV.

{119} No grego: como de ordinário, nos Phiditia.

{120} A montanha de Taígeto é agora a montanha dos Mainotas mais rijas e mais fortes.

{121} No grego: mas com vinho.

{122} Mais liv res, mais ágeis.

{123} Acrescentar, segundo o grego, pelo que diz Platão.

{124} É uma espécie de cardo, na língua dos Messenianos. Vide Hesíquio. Amyot. É o cardo algodoado, carduus tomentosus.

{125} No grego: e era obrigado a jejuar.

{126} Vide as Observações, cap. XXXIX.

{127} O grego: de que tenhamos sempre com que honrá-los.

{128} Ginásticas.

{129} No grego: o sofista Hecateu.

{130} Tocar bem a lira e servir-se bem das armas vão a par.

{131} Essa passagem está corrompida. Vide as Observações, cap. XLVI.

{132} Isso não está no texto.

{133} No grego: não impediu que.

{134} Que na invasão.

{135} Ano 489 antes de Jesus Cristo. Aí pereceram mais de vinte mil hom ens, conforme relato de Diodoro da Sicília, XI, 63.

{136} No grego: pois deu mais força à aristocracia.

{137} No grego: com uma eítala.

{138} E, se cometessem algumas faltas, fossem os Lacedemônios bem chicoteados.

{139} Essa opinião é a verdadeira. Embora haja muitas dificuldades sobre a idade de Pitágoras, consta que ele vivia ainda na quinquagésima olimpíada, cerca de duzentos anos após a morte de Numa e 580 antes de Jesus Cristo.

{140} Como soberano não está no texto, Amyot traduziu segundo sua correção, que foi aprovada por Mézirac e por Dacier. C.

{141} Há em todas as edições Heródoto. Amyot pôs Ródoto à margem do seu exemplar, segundo um manuscrito. De resto, esse traço de mitologia é inteiramente desconhecido.

{142} Vide Pausânias, Ática, cap. XXI.

{143} Plutarco supõe sempre que Pitágoras foi contemporâneo de Numa, embora ele seja muito mais recente. Vide. cap. II.

{144} Acrescentar: esse Epicarmo é um autor antigo e, etc. Há um equívoco na maneira pela qual Amyot traduziu.

{145} No grego: dos deuses, que são todo-poderosos e senhores de tudo, pois.

{146} Vide as Observações, cap. XVI.

{147} Vê-se aqui um efeito bem marcado de catóptrica e dos espelhos ardentes. A tradução de Amyot não é nem bastante precisa nem bastante exata. Vide as Observações, cap. XVII.

{148} Vide as Observações, cap. XVIII.

{149} Inteiramente velada.

{150} Plutarco explica na vida de Camilo, cap. XXXVI, porque Numa estabeleceu o culto do fogo.

{151} Essa verdade tão antiga da mobilidade da terra, que Pitágoras sem dúvida conheceu no Egito, foi demonstrada em nosso século pelas observações astronômicas de Bradley.

{152} No grego: que se casasse de novo antes desse prazo.

{153} Dois desses escudos, chanfrados dos dois lados, são reproduzidos nos reversos de duas medalhas da família Licínia. O capacete, isto é, o casco ou boné de pontífice, está colocado no meio dos dois escudos.

{154} No grego, sobre o choenix, medida que era a quadragésima-oitava parte do medimno e continha aproximadamente o que é preciso para a nutrição diária de um homem. Pitágoras queria que se trabalhasse para ganhar a vida e se pensasse no dia seguinte.

{155} Isto é, não irritar um homem colérico.

{156} Executar o que se está fazendo sem parar, sem perder tempo.

{157} Na doutrina de Pitágoras, Deus era a unidade, e o número binário era o Diabo. Opiniões dos Filósofos, I, 7.

{158} Não creio em razão tão oculta. O vinho da videira que não é podada não vale nada, não deve ser oferecido aos deuses. Não se sacrifica sem farinha, porque o trigo é um dos dons mais preciosos da natureza e da nutrição do homem Dava-se uma volta ao adorar, menos talvez para se recordar ou para imitar o movimento dos céus do que para saudar o bom gênio. A doutrina dos gênios é muito antiga.

{159} Vide as Observações, cap. XXVII.

{160} Em grego, Maenides: pequeno peixe branco, que se torna preto no verão e se chama mêndola.

{161} Para impedir que Júpiter terminasse e dissesse vivas pessoas, ou pessoas vivas, Numa acrescentou imediatamente: sardinhas, ou mêndolas.

{162} Celebravam-se em sua honra as festas Terminais. Ter-minalia no dia 23 de fevereiro; e esse dia era antigamente o termo do ano. Vide Varrão, De Ling. Lat., liv. V, pág. 32.

{163} Eis uma das mais antigas formas do ano, tal como era entre os Egípcios antes do acréscimo dos cinco dias e que denominaram Epagômenos. O dia 23 de fevereiro era então o último do ano, como observei mais acima, cap. XXVIII.

{164} Falta. A tara e mais conhecida na linguagem das finanças, onde significa queda.

{165} Êsse mês denominava-se também Mercetlonius. A origem desses nomes está em que, sendo esse mês o último do ano, pagavam-se então os alugueis. A palavra vem de merx, mercis.

{166} Vide as Observações, cap. XXXI.

{167} Alto Egito é um país muito antigo e um dos primeiros impérios do mundo. O baixo Egito, ou o Delta, era u m pais novo, porque foi preciso mandar escoar as águas, abrir canais: essa parte do Egito foi habitada mais tarde.

{168} Cf. Aprilis e Aphrodite. — N. do ed. bras.

{169} A primavera européia é a primeira estação do ano e vai de 21 de março a 21 de junho. — N. do ed. bras.

{170} É porventura necessário ler, no texto grego, agotes Heras, que significaria do nome de Juno. Amyot. No grego, agotes oras. A correção proposta por Amyot é feliz, Reiske introduziu-a no texto. E' preciso traduzir: O mês de junho tira seu nome de Juno. Alguns relacionam esses nomes com a idade da velhice e da juventude. Chamam-se os velhos maiores e os jovens juniores.

{171} Em alguns velhos exemplares gregos, lê-se nesse lugar phthitois, que significaria para os defuntos. Amyot. Essa lição é excelente. E' preciso traduzir: Nesse mês, sacrifica-se para os mortos. Tal sacrifício se fazia a 13′ de fevereiro. O calendário de Polemeu Sílvio marca nesse dia

PARENTATIO TUMULO RUM, o serviço dos túmulos. Fazia-se ainda outra festa no dia 21, que se denominava FERALIA DIS INFERIS, festas fúnebres aos deuses infernais.

{172} Celebrava-se no dia 15 de fevereiro.

{173} O templo de Jano foi ainda fechado sob o império de Nero e sob o de Vespasiano. Falei sobre isso nos Suplementos de Tácito. Ele fora mesmo fechado três vezes, sob Augusto, nos anos de Roma 725, 729 e 744.

{174} No ano de Roma DXIX, após a primeira guerra púnica, 235 anos antes de Jesus Cristo. Desde Numa até esse ano, Roma não cessara de fazer a guerra. Atílio chamava-se Caio, e não

Marco.

{175} No ano de Roma 573. Havia 470 anos que Numa estava morto- Plínio dá pormenores curiosos sobre a descoberta desse livros. Plínio, XIII, 13. Vide também Tito Lívio, liv. 40, çap. XXIX.

{176} Tendo querido conjurar o trovão, não observou cerimonias prescritas por Numa e foi atingido por um raio. A superstição se torna, por isso, mais orgulhosa e mais ousada. Vide Plínio, XXVIII, 2.

{177} No grego: era ali deixado aos escravos.

{178} Ver-se-á, nas observações sobre o capítulo VI, como Amyot corrigiu essa passagem, que estava muito corrompida.

{179} Em sua tragédia Andrômaca, v. 597. C.

{180} Vide, nas observações sobre o capítulo VI, como é preciso corrigir e traduzir esses versos.

{181} É um erro de Plutarco ou de seus copistas: Carvílio não fez o primeiro divórcio senão no ano de Roma 523- Sua mulher, que ele amava ternamente, era estéril. Ele foi constrangido a jurar, diante das censuras, que se separava para ter filhos. Dionisio de Halicarnasso, liv. II. Aul. Gell. Noct. IV, 3. XVII, 21. A fonte do êrro pelo que me parece, vem da omissão de um número. Creio ser preciso corrigir: "Também os Romanos revelam que o primeiro que repudiou sua mulher foi Fúrio Carvilio, quinhentos e vinte e três anos depois da primeira fundação de Roma, o que antes jamais tinha sido feito; e que a mulher de certo Pinário, chamada Taléia, foi a primeira que teve disputa e debate com sua sogra chamada Gegânia, ao tempo em que reinava o rei Tarquínio sobrenomeado o Soberbo, no ano de Roma duzentos e trinta". Asse ano era o décimo do reinado de Tarquínio.

{182} Há, em todas edições, Filócles C.

{183} Nas observações sobre o capítulo III, encontrar-se-à tradução mais exata desse fragmento.

{184} Nenhum trabalho é desonroso, só a ociosidade desonra. Hesíodo. Os trabalhos e os Dias, v. 311.

{185} No grego: como Proto, que fundou Marselha. Vide Justino, liv. XLIII, cap. 3.

{186} No grego: "uma copa que o rei Creso tinha enviado ou, segundo outros, um vaso que Baticles deixara". Esse Baticles era provavelmente o escultor de que íala Pausânias, liv. III, cap. 18.

{187} O grego: contra os que vêm do lado da terra.

{188} Ilíada, II, 557 e 553.

{189} Em sua versão direta do grego e no metro original, publicada recentemente no Brasil pelo saudoso editor italiano Pasquale Petraccone, assim traduz o poeta Carlos Alberto Nunes esses versos de Homero: "De Salamina Ajax trouxe, também doze naves simétricas. Indo postá-las a par com as falanges dos homens de Atenas."

{190} De Cirra, cidade da Fócida, perto do golfo de Corinto.

{191} Seiscentos anos antes de Jesus Cristo, Cílon apoderou- se da cidadela de Atenas, mas foi obrigado a fugir. Seus cúmplices foram degolados perto do altar da Eumênides. Eis o que se chama o crime de Cílon. Vide Tucídides, liv. I, n. 126.

{192} Arconte.

{193} Arconte.

{194} A mina de Atenas, antes da reforma de Sólon, era de 75 dracmas. Essas 75, ou essas 100 dracmas, valiam 77 libras francesas.

{195} Há aqui uma transposição que Ruauld notou bem- É preciso corrigir: "de maneira que os que tinham a render

grande soma de dinheiros vinham pagar em número de peças tanto quanto deviam, e não tanto em valor", isto é, em peso e em valor intrínseco.

{196} Nas Observações sobre o cap. XXIV achar-se-á uma tradução desses versos, que Aristides nos conservou mais completos.

{197} Amyot não entendeu essa passagem dos poemas de Sólon. Ela foi muito bem explicada por Loiseau, sábio jurisconsulto, que corrige: "Pois ele se gaba e glorifica, em seus versos, de haver tirado os brandões e pendões colocados em muitos lugares nas terras hipotecadas. Diz ele havê-las libertado, quando antes eram servas." Chamam-se brandões e pendões os avisos ou sinais colocados nas terras apenhadas e por vender judicialmente. Eram postos na Ática sobre as terras hipotecadas: operação simples, sábia e útil.

{198} No grego, cinco talentos, ou 23,343 libras francesas,

{199} No grego, quinze talentos, ou 70,120 libras francesas.

{200} Vide as Observações sobre o capítulo XXVI.

{201} Falta no original o cap. XXIX ou então se trata, possivelmente, de mero erro de numeração. — N. do ed. bras.

{202} No grego, quinhentos medimnos. A meia-mina não é mais de três alqueires de Paris. Mas o medimno continha mais de quatro alqueires, como notei sobre a vida de Licurgo, cap. XII. Sobre essa base deve ser calculada a renda das classes em Atenas. Consistia ela em grãos e frutos líquidos, isto é, vinho e óleo.

{203} Acrescentar, segundo o grego: "Armei cada porção do povo, em suma, Para que opressão não haja de nenhuma."

{204} Arconte.

{205} Os antigos estimavam o marmelo por seu odor e efeitos salutares. Vide Plínio, XV, II, XXIII, 6.

{206} A dracma valia cerca de dezesseis soldos de libra francesa.

{207} O óbolo era a sexta parte da dracma e valia cerca de dois soldos e meio de libra francesa.

{208} Tinha razão Sólon, ao considerar a ociosidade um crime. Queria ele que todo cidadão prestasse contas da maneira pela qual ganhava sua vida. Numa boa democracia, não se deve gastar senão para o necessário. Cada um deve possuí-lo; pois de quem o receberíamos? — como observa muito bem Montesquieu, "L' Esprit des Lois", v. 7.

{209} Vide as Observações sobre o cap. XLIV.

{210} Setenta e sete libras francesas.

{211} Cerca de dezesseis libras francesas.

{212} Eis aí um quadro interessante da cidade de Atenas no tempo de Sólon. Um carneiro valia uma dracma, a dracma valia cerca de 16 soldos. Um carneiro e uma dracma, ou cerca de 32, soldos, eram o preço de um medimno de trigo, isto é, mais de quatro alqueires, que perfazem o peso de mais de 84 libras de trigo, medida de Paris. Um boi não valia senão cinco dracmas, ou cerca de quatro francos. O preço do gado e do trigo era muito baixo em Atenas. Encorajava-se a população. Ao mesmo tempo, havia grandes recompensas para os vencedores nos jogos: para uns, cem dracmas, ou 77 libras; para outros, quinhentas dracmas, ou 385 libras. Excitavam-se os talentos; preparava-se o belo século de Péricles.

{213} Essa opinião é a de Heródoto, v.66. Ela é ainda confirmada por uma inscrição antiga, existente em Cízico. Vide Oáylus, Recueil d'Antiquités, t. II, páginas 207 e seguintes.

{214} Essa bilha de seis potes continha vinte e uma pintas de água, medida de Paris. As duas bilhas perfazem quarenta e duas pintas. É a quantidade de água que nos cálculos econômicos se supõe necessária para a manutenção de um casal.

{215} Essas leis são ainda, nessa parte, a base do direito romano. Vide a lei 13 do Digesto, tit. Finium regundorum- C.

{216} Na Odisseia, XIV, 162

{217} Carlos Alberto Nunes, em sua versão da "Odisseia", editada por P. Petraccone, apresenta a seguinte tradução direta do grego e no metro original: "Antes de a lua apagar-se e de novo redonda ficar". — N. do ed. bras.

{218} De Eicada.

{219} Canopo.

{220} Freret fez reflexões sobre essa história nas "Memórias da Academia das Inscrições", tomo V, pág. 176-.

{221} Entre os quais estavam os artesãos.

{222} No grego: feriste.

{223} O grego: cinquenta homens armados de maças.

{224} Sem nenhum dos seus atos conhecer é o sentido de um verso pentâmetro que falta no texto e que Amyot acrescentou, ou segundo um manuscrito, ou segundo Clemente de Alexandria, que cita esse verso, Stromates- livr. I, pág 328.

{225} No ano de Roma 245.

{226} Chama-se agora Isola di S. Bartolomeo, ilha de São Bartolomeu, que fi cou célebre por causa do templo de Esculápio.

{227} Por causa de suas duas pontes: uma, chamada a ponte Fabrícia, agora Ponte Quattro Capi; a outra, construída Dor Céstio, agora Ponte S. Bartolomeo.

{228} No ano de Roma 246.

{229} É preciso ler: o templo de Vica Pota, isto é, da Vitória. Vide Tito Lívio, liv. II cap. VII e às notas de diversos estudiosos, e sobretudo as de Drakemborch.

{230} Isso não tem nenhuma relação com o que precede; é preciso, pois, recomeçar o. período e ler: Permitiu, a quem o quisesse, etc.; mas, não sabendo, etc.

{231} Dez óbolos perfazem perto de vinte e seis soldos de libra francesa.

{232} Cem óbolos perfazem perto de treze libras francesas. O gado estava a preços muito baixos em Roma e, entretanto, muito mais caro do que em Atenas ao tempo de Sólon. Vide a vida de Sólon, cap. XLIV.

{233} O grego não fala nem de prata nem de dinheiro sob a forma de moeda de prata. Amyot e Dacier deveriam ser mais circunspectos. Os Romanos só cunharam moeda de prata no ano de Roma 485.

{234} Na edição de Tácito, eu fiz uma dissertação sobre todos os censos e arrolamentos dos Romanos sob os reis, sob a república e sob os imperadores. Vide Taciti Opera, tomo II, pág. 353′ e seg., edição in-4.

{235} Do nome de vencedor ali derrubado. Plínio, VII, 42. Essa porta não ficava onde se acha agora a porta Flamínia, ou porta del Popolo, mas perto do Capitólio, entre o Capitólio e o Tibre.

{236} E' um erro de Amyot. No grego, há o dia dos idos de setembro, que caem sempre no dia 13 de setembro. Metagítnion, que é o segundo mês do ano ateniense, não corresponde ao mês de setembro, mas ao de agosto. O plenilúnio ocorre nos idos dos meses de agosto e setembro, quando a ordem das luas é como no presente ano de 1783, pouco mais ou menos.

{237} Na edição de Tácito eu fiz duas dissertações, uma sobre o Capitólio e sua magnificência, outra sobre as reconstruções feitas por Vespasiano e por Domiciano. Expliquei tudo o que

respeita às construções, às dedicações, às despesas, às riquezas do templo de Júpiter. Vide Taciti Opera, tomo II, página 477 e seg., 415 e seg., edição in-4.

{238} Amyot se engana, tendo Dacier cometido o mesmo erro. Plutarco assinala quarenta mil libras de peso, medida romana, o que perfaz 2.514.500 libras francesas.

{239} No grego, doze mil talentos, que perfazem 65.3’62.500 libras francesas. Plutarco tem razão em notar que os bens do homem mais rico de Roma não montavam à soma que Domiciano despendera só com a duração do templo de Júpiter. Surpreende-me que Dacier se tenha enganado nesse ponto.

{240} No ano de Roma 246.

{241} Não se conhece essa cidade, nem a de Sincério, de que fala Dionísio de Halicarnasso.

{242} Tito Lívio e Dionísio de Halicarnasso dão-lhe o nome de Lárcio.

{243} Havia então cento e trinta mil cidadãos, como vimos no cap. XXIII. Nessa época de frugalidade romana, eles não despendiam mais de três soldos por cabeça. Trabalhavam com bois e não podiam, por conseguinte, trabalhar muito em um dia.

{244} No ano de Roma 247.

{245} Póstumo.

{246} No ano de Roma 249-

{247} No ano de Roma 250.

{248} Eis um fato de história natural bastante notável e ao qual eu não sei que ninguém ten ha prestado atenção. E, preciso entretanto, recordar o aforismo de Hipócrates, III 12, para se ter disso a inteligência. Deve-se concluir daí que no ano 250 de Roma, 505 antes de Jesus Cristo, o inverno tinha sido chuvoso com ventos do meio-dia, e a primavera seca com ventos do norte.

{249} Suetônio chama-lhe Ata Clauso. Tácito fala dele em seus Anais, XI, 24. Vide as notas sobre essa passagem e o belo monumento ainda existente em Lyon, por mim descrito. Taciti Opera, tomo II, pág. 20 e 348, edição in-4.

{250} Essas cinco mil famílias deveriam perfazer ao menos 20.000 pessoas, à razão de quatro cabeças por família, como devem ser contadas em uma nação sem luxo e que não procurava senão proliferar.

{251} Essa passagem merece atenção especial, porque nos permite saber qual era então a fortuna de um senador e a situação do povo. Cinco mil famílias, ao menos vinte mil pessoas, possuíam apenas dez mil arpentes de terra, e um senador vinte e cinco.

{252} O ano de Roma 251.

{253} Um quarto de ás, um pouco mais de três soldos de libra francesa- Havia então em Roma cento e trinta mil cidadãos, como se viu no capítulo XXIII. Asse povo tão frugal tinha já magnificência em seus funerais.

{254} Sobre o monte Palatino, no décimo bairro de Roma.

{255} Creio ser preciso corrigir com Xilandro: e todos os Valerianos, isto é, todas as outras famílias pertencentes à raça dos Valerianos. C.

{256} Assim, com efeito, traduz Carlos Alberto Nunes aquele termo grego, como se vê nos versos 424-425 do canto V de sua versão brasileira da Ilíada de Homero, editada por Petraccone: -Quando amimava uma dessas Aquivas de manto bem feito. A delicada mãozinha espetou na dourada fivela." — N. do ed. bras.

{257} A Sabedoria ou ciência do governo começou a esse tempo entre os gregos. Bem mais antiga foi ela no Oriente, como se vê nos livros de Davi e Salomão.

{258} Em grego, os demagogos, isto é, os oradores que dirigiam o povo.

{259} Terceiro ano da septuagésima segunda Olimpíada, ano memorável em que começou o grande brilho da Grécia.

{260} Em grego: "esta guerra estava por então em toda sua força e os eginetas tinham todo o mar em seu poder".

{261} No grego: que ele procurava todos os meios de ganhar dinheiro porque, etc.

{262} No texto: "prevost" — em nota: — "arconte".

{263} É um erro de Amyot. O Decreto de ostracismo era de dez anos. Veja-se o próprio Amyot na vida de Aristides. cap. XVII.

{264} O célebre vale de Tempé, o mais belo local da natureza, tia Tessália, cantado por todos os poetas.

{265} É um engano de Amyot. Aíetes que se chama hoje Fetio é uma cidade da Maenésia, e não uma ilha.

{266} Atualmente 4.668 Libras da nossa moeda.

{267} Esta batalha em que os Persas foram vencidos, deu-se no primeiro ano da septuagésima-quinta Olimpíada, 480 anos A. C.

{268} Artemísio é um promontório da ilha de Eubéia, atualmente Negroponto.

{269} Esses dois óbolos equivalem a um pouco mais de 5 sous de nossa moeda.

{270} Seis Libras de nossa moeda.

{271} É um erro de Amyot, como já foi notado no Cap. XI. O decreto do ostracismo foi de 10 anos.

{272} "Gouffrê", em francês.

{273} O casseron é uma pequena espécie de peixe voador que os romanos chamavam loligo. Esse peixe expele, um liquido negro.

{274} Uma coruja, o pássaro de Palas e símbolo particular de Atenas que se vê em quase todas as s uas medalhas.

{275} Trata-se de uma repetição do erro de Amyot, do qual Já se falou nos caps. XI e XXI.

{276} AEschili Perseae, v. 339.

{277} Que lançavam flechas.

{278} Espada, lança e couraça.

{279} No texto de Amyot — "dè traict et gect". A nota diz "jet".

{280} Dafeneforo.

{281} É a gloriosa vitória de Salamina obtida no primeiro ano da septuagésima quinta olimpíada, 480 anos A. C, a vinte do mês de Boedromion ou a 23 de setembro.

{282} Na comédia dos Cavaleiros. V. 815.

{283} É um erro. Deve-se ler Págaso, porto da Magnásia.

{284} "Rouant" no texto — circulando.

{285} Da ilha de Andros, que se chama ainda agora Andro.

{286} Amyot escreve "et avoit luy etc", quando deveria escrever "et l’avoit luy".

{287} Ialiso, cidade da ilha de Rodes.

{288} Esses três talentos equivalem a 14.000 libras de nossa moeda.

{289} É um erro de Amyot a que já nos referimos várias vezes. Plutarco fala do decreto de ostracismo que era de dez anos.

{290} Vinte talentos equivalem a 93.375 libras da nossa moeda.

{291} Sessenta mil escudos. Amyot. Agora 456.875 libras de nossa moeda.

{292} Agora 373.500 libras de nossa moeda.

{293} 1.800 escudos. Amyot. Agora 14.006 libras da nossa moeda.

{294} Agora 913-750 libras da nossa moeda.

{295} Em grego: "bom cavaleiro, mas que quanto ao resto, etc. Veja-se Platão, no Menon. t II. p. 93. C.

{296} Em grego: "o promontóno de Alcimo".

{297} A família Fúria se partilhava entre patrícios é plebeus.

{298} No ano 323 de Roma.

{299} Leia-se veietaneanos, segundo a correção de Shylander em muitos manuscritos.

{300} O cerco de Veios começou no ano 349 de Roma.

{301} Foi no ano 351 de Roma que os romanos começaram a acampar no inverno.

{302} O lago de Alba se encheu no ano 356 de Roma. Essa montanha é cheia de fontes que correm de todos os lados. Não há dúvida de que as águas que abastecem essas fontes se lançaram no lago. Os ventos e fermentações que fazem com muita frequência debaixo da terra, puderam também contribuir para essa enchente. Essas causas são muito naturais e foram verificadas pelo exame de lugares que o padre Kircker e outros fizeram Mas tudo era prodígio para os antigos.

{303} As férias se celebravam em honra a Júpiter Latial sobre o monte de Alba.

{304} No ano 358 de Roma.

{305} Sua festa é marcada nos antigos calendários Romanos, no dia 11 de junho, Matrália, isto é, festa da deusa mãe Matuta.

{306} Tito Lívio, livro V — cap XXII.

{307} Plutarco era sacerdote de Apolo. É o que se deve recordar quando ele noticia ou faz valer prodígios imaginários. Não obstante seus preconceitos, suas reflexões são sábias e judiciosas.

{308} No ano 359 de Roma.

{309} Pode-se traduzir "e que era sem fortuna", segundo a correção de Reiske, que me parece assaz provável embora não seja autorizada por nenhum manuscrito.

{310} Consta do grego, "a este deus"; o que não significa nada a menos que se suponha, como o faz Bryant, que Plutarco escrevia em Delfos, onde era sacerdote de Apolo. Sabe-se com efeito, por intermédio de Tito Livio, liv. V, cap. XXIII, que era a este deus que Camilo votara o dízimo dos desnoios.

{311} Avaliando-os segundo o pequeno talento romano que pesava sessenta libras, os oito talentos equivalem a quatrocentos e cinquenta e três mil libras da nossa moeda. Isso pode dar a conhecer a grandeza e a forma dessa "cratera", que era um vaso e não uma taça como traduziu Amyot. Se o cálculo for feito segundo o grande talento romano, ela equivaleria a 630 mil libras em nossa moeda.

{312} Vejam-Se as observações do capítulo XV.

{313} No ano 360 de Roma.

{314} No texto: "sargens" — em nota: "lictores".

{315} Correspondem mais ou menos a 150 escudos. Amyot. Esses quinze mil asses correspondem a 7.875 libras da nossa moeda. Plutarco enganou-se não os avaliando senão em 1.500 dracmas de prata, que não correspondem a mais de 1.167 libras da nossa moeda. Ele confundiu o asse do tempo de Fábio Máximo com o asse do tempo de Camilo. Eis a fonte de seu erro. O sábio Ruauld, que tratou dessa questão pormenorizadamente, na sua grande edição grega e latina de Plutarco, não a compreendeu.

{316} Em uma dissertação sobre os feitos e a glória dos gauleses, eu expliquei esta expedição e outras que assinalaram a coragem da nação na Europa e na Africa. Veja-se Taciti Opera, tom. I, pág. 367. ed. in-12.

{317} Separam a Rússia da Sibéria.

{318} Esta jornada infeliz era assinalada nos antigos calendários romanos, no d ia dezoito de julho, como Aliensis. O ribeiro de Alia se chama agora Torrente di Catino. A batalha se deu no ano 364 de Roma. Os trezentos Fabianos tinham perecido no ano 277 de Roma. A dezenove de julho, havia ainda uma festa chamada Lucária, em memória do refúgio que os romanos tinham encontrado na mata depois de batidos pelos gauleses.

{319} Em um tratado perdido, que Plutarco escrevera sobre os dias. Sobre o mesmo assunto ele diz também qualquer coisa nas questões romanas, cap. XXXV.

{320} Segundo ano da centésima-segunda Olimpíada.

{321} A batalha de Geresto, ou antes de Ceresse, se deu por ocasião da de Termopilas e, por consequência, nas proximidades do ano da septuagésima-quinta olimpíada. Ela não precedeu senão de 108 anos a batalha de Leuctres. Deve haver portanto um erro no grego de Plutarco. Parece também haver um erro no nome de Geresto. Trata-se de um promontorio da Eubeia: não se conhece região c om esse nome na Beócia. Mas há perto de Tespias, cidade da Beócia, uma praça-forte chamada Ceresse. Foi lá que os beocianos se defenderam outrora contra os tessalonianos que haviam pretendido invadir seu país Veja-se Pausanias. DC, 14.

{322} Amyot devia ter conservado os nomes dos meses gregos. A batalha de Maratona foi travada no dia 6 do mês Boedromion, como nota Plutarco, no terceiro ano da septuagésima segunda Olimpíada.

{323} As batalhas de Plateia Micale são do segundo ano da septuagésima quinta Olimpíada.

{324} A batalha de Arbela é do segundo ano da centésima décima segunda Olimpíada.

{325} A batalha naval, travada perto da ilha de Naxos, se aeu por ocasião do plenilúnio do mês de Boedromion no quarto ano da centésima olimpíada.

{326} Veja-se a vida de Temístocles, cap. XXX.

{327} Em grego mês de Targelion. Amyot deveria ter traduzido mês de maio, como o fez acertadamente, na vida de Timoleon, cap. XXXVI. A batalha de Granico se deu no ano terceiro da centésima-décima primeira olimpíada.

{328} Amyot calcula mal o fim dos meses que se devem contar retrogradando assim, o sétimo dia do mês Targeldon ao terminar, não cai no dia 27 mas no dia 23.

{329} Em grego o mês Metaginion. É o segundo mês do ano ateniense: corresponde ao mês de agosto. A batalha de Cranon se deu no terceiro ano da centésima décima quarta olimpíada.

{330} Filipe, pai de Alexandre o Grande, ganhou a batalha dê Queronéia no terceiro ano da centésima-décima olimpíada.

{331} Arquidamo, rei da Lacedemônia. Ele ia levar socorro aos tarentinos, quando foi morto em Maduria, cidade perto de Casal Nuevo, na Calábria.

{332} Amyot comete aqui um duplo engano. Há no grego, referência ao dia 9 do mês que terminava, e não ao dia sétimo. Oabeida traduzir vigésimo segundo e não vigésimo sétimo.

{333} Foi no segundo ano da centésima décima primeira Olimpíada que Alexandre destruiu a cidade de Tebas na Beócia, um pouco antes da festa dos mistérios dedicada a eleusis, no templo de Ceres, no mês de Boedromion, ou setembro.

{334} Esta procissão de Baco ia de Atenas a eleusis, no sexto dia da festa dos mistérios, no dia 20 do mês de Boedromion.

{335} Trata-se de um erro. É preciso corrigir para Cepion. Ele foi batido pelos Cimbros no ano 649 de Roma. Falei longamente dessa derrota, onde os romanos perderam oitenta mil homens, nas notas sobre Tácito De Moribus Germ., cap. 37.

{336} O dia seguinte das calendas e o dia seguinte das nonas eram os outros dois dias reocontados nefastos.

{337} Nas "Questões Romanas", op, XXXV.

{338} Eis a origem do culto do fogo tão antigo e espalhado no Universo. Perpetuou-se o uso de conservar fogo nos templos.

{339} Este local se chamava Doliola. Veja-se, em relação a essa palavra, Festo Pompeu e Tito Lívio, liv. V cap XL.

{340} No ano 364 de Roma.

{341} Essas mil libras de peso em ouro equivalem a 65.362 libras da nossa moeda Brotier. Há erro nesse cálculo; a libra romana pesava um pouco mais de dez onças em nossa medida de peso; assim, as mil libras devem equivaler a mais de um milhão em moeda atual.

{342} Poucos dias depois do dia quinze de julho, de acordo com o texto grego. Veja-se a batalha de Alia no cap. XXXII.

{343} Esta libertação da cidade de Roma está marcada no dia 13 de fevereiro, no calendário de Polemo Silvio.

{344} Ano 365 de Roma.

{345} Este bastão augurai é representado em inúmeras medalhas, sobretudo nas de Júlio César e de Augusto.

{346} É um erro de Amyot. Em grego, o dia das nonas. Elas não se dão no dia 5 mas no dia 7 de julho. O calendário de Polemo Sílvio conservou-nos a lembrança dessa festa com alguns pormenores particulares. Esse calendário marca no dia 7 de julho: festa das servas da Síria. Foi estabelecido em memória de, após a tomada de Roma pelos gauleses, terem as nações vizinhas já vencidas, pedido esposas das melhores famílias de Roma. A conselho de Filotis enviaram-lhes servas vestidas com roupas de suas patroas. Essas servas fizeram sinais. Os povos em apreço foram surpreendidos mergulhados no sono, e vencidos. Macróbio fala também dessa festa Saturnal I, II.

{347} Macróbio as chama Nonas Caprotinas.

{348} Vida de Rómulo, cap. XLVI.

{349} Ano 369 de Roma.

{350} Ano 370 de Roma.

{351} Ano 373 de Roma.

{352} Ele se chamava Lúcio Fúrio.

{353} Trata-se da cidade de Sátria que não era na Toscana mas estava situada entre os volscos. Plutarco confundiu as cidades Sútrio e Sátria. Parece mesmo que ele não descreveu exatamente esta campanha de Camilo. É melhor ater-se a Tito Lívio, VI. 22. Não foi senão por força de uma passagem mal entendida desse autor, que Plutarco imaginou a doença de

Camilo. Vejam-se as reflexões de M. Secousse na História da Academia das Inscrições, tom. V, pág. 172.

{354} Dentre seus cinco colegas.

{355} Ano 378 de Roma.

{356} É um erro de Plutarco e Amyot. Não havia por esse tempo moeda de prata em Roma. É preciso corrigir para 50.000 asses que equivalem a 2.250 libras de nossa moeda.

{357} No ano de Roma 387.

{358} Esse rio que os romanos chamavam Anio chama-se agora Teverone. Falou-se já sobre isso na vida de Publícola, cap. XXXVIII.

{359} É erro do texto grego de Amyot. É preciso corrigir para 23 anos.

{360} Ano 388 de Roma. Os dois cônsules se chamavam Lúcio Emílio Mamerco e Lúcio Sexto.

{361} Ano 389 de Roma.

{362} A comparação de Temístocles com Camilo falta nas obras de Plutarco. Ela foi suprida na própria época de Amyot por S. G. S., isto é, por De Girard, senhor du Haillan, que publicou as últimas edições de Plutarco de Amyot acompanhadas de considerações.

{363} Plutarco tinha dividido suas -Vidas dos Homens Ilustres" em muitos volumes. A de Demétrio começava o terceiro volume, como se vê no manuscrito da Biblioteca do Rei, n." 1.671. A vida de Péricles iniciava o décimo. É por isso que o prefácio é mais extenso.

{364} Em francês "Cest-mon": É meu parecer.

{365} O segundo ano da septuagésima quinta Olimpíada, 479 anos A. C.

{366} Nós a chamamos cebola marinha.

{367} Demois, os povos: ele zombava, ao que parece, nesta comédia, dos vários povos da Ática.

{368} É um erro. É preciso corrigir para dez anos. Tal era o decreto de ostracismo. Veja-se o próprio Amyot, cap. XVIII.

{369} No grego: -o qual queria que da mesma forma que numa representação trágica, a virtude tivesse também uma parte satírica. Veja-se as Observações, Cap. VIII.

{370} No texto de Amyot lé-se "le test" — Em nota “a cabeça".

{371} Se entregou aos negócios públicos ligando-se, etc.

{372} Péricles intrometeu-se no governo na época da septuagésima terceira olimpíada, 488 anos A. C.

{373} Em Amyot "prevost" — Em nota do editor: "Arconte"’.

{374} Na primavera.

{375} Demagogos.

{376} Em Amyot "beau pére" — Em nota do editor, cunhado de Cimon. Amyot não prestou atenção na significação da palavra "Kedéses".

{377} No grego oito meses.

{378} É um erro de Amyot e dos outros tradutores. Plutarco não diz que o templo de Minerva tivesse cem pés em todos os sentidos. Suas ruínas magnificas, que existem ainda, mostram que ele tinha mais de duzentos pés de comprimento. 65 de alto e cem de largo. Sua bela fachada de cem pés lhe fizera atribuir o nome de Hecatompedon. Após mais de 2.000 anos

admira-se, mesmo cm suas ruínas, a elegância das proporções, a beleza dos baixos-relevos e a brancura do mármore. Veja-se "As ruínas dos mais belos monumentos da Grécia" por M. Le Roy. tom. I, pág. 8 e 30. segunda edição.

{379} Este edifício 6 notável pelos dois andares de colunas tais como são vistos ainda cm Pestum. ou Possidònia, nos belos templos construídos de acordo com os modelos de Atenas. A lanterna, ou cúpula, merece também uma atenção particular. Desde o tempo de Péricles a arquitetura conhecia grandes meios de decoração.

{380} Ela tinha quarenta estádios-, ou chuto milhas de comprimento, quarenta côvados de altura e era tão larga que dois carros podiam cruzar-se sobre ela.... Envolvia o Pireu e o uniu à cidade de Atenas.

{381} Ele ainda existe.

{382} Veja-se a vida de Teseu. cap. XXVII.

{383} São os Proplleus, ou os magníficos vestíbulos da "Acrópole".

{384} A planta chamada Partenium. Veja-se Plínio, cap. XXII, 17.

{385} Higia ou Salutar.

{386} Esta estátua, uma das obras-primas de Ofídias, era de ouro e marfim.

{387} No grego: "do que a todas as espécies de vento".

{388} É preciso ler no texto: "me oytan" assim como se encontra em alguns manuscritos, e traduzir: -tendo adquirido um poder e uma autoridade que não tinham os arcontes anuais".

{389} No grego: os jonianos e os Dórios.

{390} "Gouffre" no texto francês. Em nota: golfo.

{391} É a entrada do Quersòneso, ou da Criméia. A fortaleza de Perekop a defende hoje.

{392} Leia-se: no Ponto-Euxino.

{393} Amyot omitiu uma palavra essencial que consta do Grego: "tendo obtido para os atenienses"

{394} 6.000 escudos. Amyot. 46.687 libras francesas de 1818.

{395} Leia-se bipobotes, isto é, aqueles cuja fortuna punha em condições de nutrir cavalos. C. ASPÁSIA

{396} Deve-se ler "Demis", i sto é. "os povos". Veja-se p. 164.

{397} Quatro mil seiscentas e sessenta e oito libras francesas de 1818.

{398} Em grego dez mil peças de ouro que devem equivaler-se a mais ou menos a 225.000 libras francesas de 1818.

{399} Uma das ilhas Esporadas junto a Samos.

{400} No texto de Amyot — "chevesche". Em nota: a coruja. Ela é representada na maior parte das medalhas atenienses»

{401} O quarto ano da octogésima-quarta olimpíada, 141 anos A. C.

{402} Em Amyot "le blason fúnebre". Em nota: é o nome que se deu muito tempo às orações fúnebres.

{403} Ela começou dez anos depois da guerra de Samos no primeiro ano da octogésima olimpíada.

{404} Em Amyot: "leurs estappes". Em nota: seus mercados.

{405} Em grego: -Ele os acusou de lavrar um terreno consagrado e em consequência fez expedir um decreto". Este terreno consagrado era aquele que pertencia ao templo de Eleusina.

{406} Em grego: "Este decreto expedido por Péricles não continha senão queixas muito moderadas e expressas de maneira muito humana; mas aconteceu que o arauto Antemócrito, aí enviado, morreu".

{407} Esta porta é ainda hoje um dos monumentos de Atenas.

{408} Um dos mais célebres escultores da antiguidade.

{409} Nessa estátua que era de ouro e marfim, as diferentes partes se mantinham unidas por meio de parafusos e porcas. Essas partes podiam ser destacadas e pesadas.

{410} Veja-se a vida de Sólon. cap. XVII.

{411} No texto: "la cueux bise". Em nota a pedra de cor bise, ou escura, aguça o fio da espada.

{412} Esta peste, uma das mais terríveis mencionadas pela história, veio da Etiópia. Ela devastou muitos países e assolou Atenas na octogésima olimpíada, durante o segundo ano da guerra do Peloponeso. Tucídides a descreve na forma mais viva e mais tocante, liv. II, 47, e seguintes.

{413} 8.000 escudos. Âmyot. 70.031 libras em moeda francesas de 1818.

{414} 30.000 escudos? Amyot. 233.437 libras em moeda francesa de 1813.

{415} Deve-se ler no texto, segundo os manuscritos verificados por li. aliene c por Amyot, "dasaneros", e traduzir,i"gentio homem’ gastador".

{416} Por acidente. É o sentido em que se deve tomar a palavra "mechef". Veja-se a vida de Teseu, cap. XLIV.

{417} Amyot seguiu a lição dos manuscritos que Henry Étiene citou. Mas para ser mais exato, ele devia traduzir Epitimio de Farsala e não Tessaliano, embora Farsala seja na Tessália, Os outros livros dizem que Epitimio matou por acidente um cavalo ou que mataram o cavalo de Epitimio. A questão é muito pouco importante para atermo-nos sobre ela.

{418} A expressão de Amyot é equívoca: Ele devia traduzir: "Estesimbroto escreve que o próprio Xantipo disseminou o rumor propalado pela cidade de que sua mulher era entretida por Péricles". Vejam-se as reflexões de Plutarco sobre essa acusação, cap. XXX.

{419} Em grego 40.000 medimnos. Sobre a avaliação dessa medida, veja-se a vida de Licurgo, Cap. XII.

{420} No grego: duas letras foram trocadas em seus nomes, etc.

{421} Amyot, notas manuscritas, observa que ele é chamado Fábio Ruliano, em Plínio, VIII, 41.

{422} No ano 521 de Roma.

{423} No ano 357 de Roma.

{424} Isto não consta de Plutarco.

{425} Na primavera. Os romanos chamavam esse sacrifício ver sacrum".

{426} Lê-se em Tito Lívio, XXII, 10, que a despesa desses jogos foi de trezentos e trinta e três mil, trezentos e trinta e três asses e um terço, o que equivale em moeda francesa a vinte e cinco mil novecentos e trinta e sete libras. Mas essa passagem é muito alterada nos manuscritos, tendo sido restaurada à base de conjecturas. Plutarco leu um exemplar mais correto ou seguiu qualquer outro autor. Quanto à afetação do número três vimos já na vida de Numa, cap. XXV, as ideias dos romanos sobre os números.

{427} Deve-se ler e em lugar de ou.

{428} Equivalem mais ou menos a oito mil e quinhentos escudos. Amyot. Em moeda francesa de 1818, sessenta e cinco mil e quarenta libras.

{429} Ao pé do monte Casino, no pais dos volscos, perto de Roma.

{430} No texto: Champagne. Em nota a Campânia.

{431} Chama-se ainda hoje Volturno, e Casilino era onde é hoje a cidade de Cápua.

{432} Equivale mais ou menos a vinte e cinco escudos. Amyot. Cento e noventa e quatro libras francesas, atualmente.

{433} No ano 538 de Roma.

{434} A festa era celebrada a 12 de Abril.

{435} Da nação dos Marsos.

{436} No grego: boas pereiras.

{437} A cidade de Rhege, Regio, na Calábria.

{438} Um milhão e oitocentos mil escudos. Amyot. 13.706.250 em libras francesas de 1818.

{439} No ano 545 de Roma.

{440} Cipião fora enviado à Espanha no ano 543 de Roma.

{441} No ano 549 de Roma.

{442} No grego: que se lhe entregasse o que era necessário para essa guerra.

{443} Tácito fala nesses usos romanos em seus anais, Liv. III, 71.

{444} No ano 551 de Roma, Aníbal abandonou a Itália e voltou à África.

{445} No ano 552 de Roma.

{446} No texto de Amyot: ‘nouvelle de la routte". Em nota: Derrota.

{447} O espeto de ferro era uma moeda, como o veremos na "Vida de Lisandro".

{448} O "as" que valia então um "sou" da moeda francesa. No censo feito em Roma no ano 545, foram contados 127.107 cidadãos.

{449} O texto de Amyot diz — Campagne — A nota do editor — Campânia.

{450} Fúlvio e Ápio, cônsules no ano 542 de Roma.

{451} No grego, seis talentos, equivalentes a 28.012 libras francesas de 1818. Cabe entretanto corrigir para dez talentos, ou sejam, 46.687 libras, como se vê pelo número de prisioneiros resgatados por Fábio. Veja-se o cap. XXIX.

{452} Eis um elogio curto mas esplêndido, do esplendor romano sob os Césares.

{453} Comédia as Vespas, v. 45.

{454} O dito não se pode revelar, como na língua grega, em função das duas pronúncias, corax e colax. Uma palavra significa corvo, a outra bajulador.

{455} Da lira e do plectro.

{456} Não se fala em rabeca no texto grego.

{457} Correspondem mais ou menos a cem florins. Amyot. Se esses "stateres" eram de Corinto, valiam 130 libras francesas de 1818. Havia aliás "stateres" que valiam o dobro. Tais eram

provavelmente aqueles aqui mencionados.

{458} Equivalente a cem escudos. Amyot. 4668 libras francesas de 1818.

{459} No grego: na expedição de Potideia.

{460} Equivalem a seis mil escudos. Amyot. 42.018 libras francesas de 1818.

{461} No grego: setenta -minas", equivalentes a 5.446 libras francesas de 1818.

{462} Distribuição de dinheiro que ele fez ao povo.

{463} Leia-se: distribuído ao povo.

{464} As três primeiras vitórias tinham sido alcançadas por Alcibíades que pilotava seus próprios carros. As duas últimas foram obtidas por carros seus, embora ele não os dirigisse.

{465} Vejam-se as observações sobre o cap. XVII .

{466} Vejam-se as Observações sobre o cap. XIX.

{467} No primeiro ano da nonagésima olimpíada.

{468} No terceiro ano da nonagésima olimpíada.

{469} Na peça as "Rãs", v. 1425.

{470} No segundo ano da nonagésima-primeir a olimpíada.

{471} O "especialmente" é inútil, e não se encontra no texto grego. Os Hermes eram figuras de Mercúrio sem pernas e sem braços. Eram uma cabeça de Mercúrio colocada sobre um suporte.

{472} No grego, "e se media a sua água". Media-se então, o tempo por meio de clepsidra, e pela queda da água.

{473} No grego, "cerca de cento e quarenta trirremes". Esses navios tinham três linhas de remos.

{474} Rhege, atualmente Régio, na Calábria.

{475} O que está entre parênteses, não consta do texto.

{476} Amyot escreve "presbtre", a nota corrige para "hiérophante".

{477} Amyot escreve "bastonnier", a nota indica "arauto" ou "ceryce".

{478} Eurípides, Orestes, V. 129.

{479} No grego; e que era um dos persas que mais odiava os gregos.

{480} Amyot teria sido m ais exato se traduzisse: "Porque ele chegou a dar o nome de Alcibíades, à sua mais bela casa de campo, morada a mais admirável do mundo, pelos belos jardins, fontes, bosques e prados saudáveis e deli ciosos que aí havia, tudo arranjado com régia suntuosidade. Todo o mundo deu-lhe depois esse nome".

{481} Frínico foi morto, segundo Lísias. por Trasibulo de Calidon e Apolodoro de Megara. Veja-se o seu discurso contra Agora to. onde ele dá pormenores relativos a essa morte, p. 492, t. V. "Das orações gregas de Reiske."

{482} A palavra homicida não consta do grego. O golpe foi dado por um dos homens da tropa de Hermon. Hermon foi coroado, por ter dado a ordem.

{483 } No grego: "e ele procurou caluniar Tissafernes, espalhando boato que era quem o tinha feito evadir-se".

{484} Oficial de navio que comanda os remadores.

{485} O hierofante.

{486} O dia vinte e quatro do mês Thargelion, que não corresponde ao mês de Setembro mas ao de Maio.

{487} Os mistérios de Ceres e de Prosérpina.

{488} No grego: "conduzindo laco". Isso era feito no sexto dia da celebração dos mistérios. Vide Meursii eleusinia cap. XXVII; e a erudita obra de Sainte-Croix, pág. 198. C.

{489} O óbolo de Atenas valia mais o u menos sete dinheiros. Amyot. Valia pouco mais de dois "sous" e sete dinheiros da moeda francesa de 1818.

{490} É agora chamada Rodasto.

{491} Aegos Potamos.

{492} Há aqui um erro de Amyot. Meziriac notou bem que ele devia ter traduzido: "Vendo então tudo perdido, entraram eles em considerações que não tinham sabido fazer, enquanto estavam ainda em condições de manter-se."

{493} Atualmente Carini.

{494} Amyot deveria ter escrito Caio Márcio Coriolano e não como o fez Caio Mártio. São aqueles os seus verdadeiros nomes. Ele seguiu o uso grego em Caio e a pronúncia latina em Mártio. A família Márcia remontava ao rei Anco Márcio . A água Márcia foi trazida a Roma, segundo Arsóli, por um aqueduto de mais de sessenta milhas. Era a mais límpida das águas de Roma.

{495} Tito Lárcio.

{496} Ê um erro do texto grego; é preciso corrigi-lo para Lárcio. Trata-se de Tito Lárcio, cujo va lor foi louvado no cap. X. Amyot reconheceu esse erro, em suas notas manuscritas.

{497} Foram os príncipes que fundaram a cidade de Cirene. Amyot.

{498} Estrabão, liv. XVII, pág. 1146, e Plínio, liv. VI, cap. 30, chamam-no Laturo; e encontra-se em alguns manuscritos de Plutarco, Latiro, palavra que significa uma es pécie de ervilha; esse apelido, assim, equivaleria ao de Cícero.

{499} Sexto Pompeu escreve, todavia, que os homens morenos se chamavam Sullae. Amyot.

{500} Em sua carta a Dion, tomo III, pág. 312.

{501} As "Thensoe" eram carros e não liteiras.

{502} Creio que caberia traduzir "e de outra vez porque o cocheiro tomou, etc".

{503} Deve-se traduzi r o grego: -como se por meio de coisas impossíveis e de fábulas incríveis, ele destruísse a liberdade de cada um decidir-se segundo sua razão, o que ele não faz"

{504} Alguns velhos exemplares dizem "metera", sua mãe. Amyot.

{505} Ele está atualmente, na biblioteca do Arsenal.

{ 506} Veja-se a "Vida de Alcibíades", cap. XXVIII.

{507} O Prefácio e a Comparação mostram que Plutarco pôs a vida de Paulo Emílio antes da de Timoleon, e qu e ele não tinha estabelecido como lei inviolável colocar o Grego antes do

Romano. (Nota da trad. fr.).

{508} Um Mamerco.

{509} Ge neral romano, morto em 216 A. C.

{510} Ano 572 da fundação de Roma. Emílio entrou na guerra o ano seguinte.

{511} Mar Tirreno.

{512} No grego: «de três bancos de remadores.» (Trad. fr.).

{513} A guerra contra Perseu tinha começado no ano 583 da fundação de Roma.

{514} Antígono, o Ciclópico, também chamado Caolho. Morreu na batalha de Ipso, em 301 A. C.

{515} Demétrio, o Tomador de Cidades, 337 a 283, A. C.

{516} Nasceu em Gonoi, na Tessália. Começou a reinar em 277 A. C, sendo de stituído por Pirro, rei do Êpiro, voltando a governar somente depois da morte desse príncipe. Morreu em 239.

{517} Demétrio H, o Etólio. Morreu em 229 A. C.

{518} Reinou de 229 a 221, proporcionando à Macedónia um período de paz.

{519} Medida de capacidade para secos, usada antigamente em vários pontos da Europa. Na França valia 78 litros.

{520} Naturais da Dardania, região situad a na parte central da península balcânica.

{521} O Danúbio.

{522} Habitantes da Esclavônia, designação que abrangia outrora todos os povos eslavos. É a Iugoslávia de hoje.

{523} Genthius.

{524} No original grego: «Este homem era Paulo Emílio».

{525} Ano d e Roma, 586.

{526} Tamanha era a submissão do povo romano ao i mpério da virtude, para conquistar para si mesmo o império do mundo. (Trad. fr.).

{527} Na Trácia, perto da Macedonia. (Trad. fr.).

{528} Estes gauleses são os mesmos também denominados basternos por Plutarco. Diodoro da Sicília chama-os igualmente de gauleses. (Trad fr.)

{529} Moeda usada entre os gregos, cujo valor em ouro ou prata era equivalente ao peso de um talento. Este, como peso, variava de um país par a outro e era usado também no Egito, na Caldeia, etc. Valia mais ou menos 26 quilos na Grécia antiga.

{530} O estádio "olímpico" (esta medida variava de denominação e de dimensão conforme o país ou região onde era adotada) equivalia a 192m27. A altura do monte era. pois, de 1.922m70.

{531} Esta expressão não se encontra no original grego. (Tr ad. fr).

{532} Plutarco colocou este fa to no fim do verão, segundo a expressão de Tito Lívio, que deu para a data deste eclipse a noite de 3 ou 4 de setembro. Mas esse dia. segundo o calendário usado na época, correspo nde ao dia 21 de junho, pelo calendário Juliano. E Tito Lívio não dá

muito valor à estação, pois diz que se estava então no período mais quente do estio. Ele fala mesmo do s olstício do verão. É possível, pois, que haja o erro de alguns dias. O solstício de verão, no tempo de Paulo Emílio e mesmo de César, não podia cair antes de 22 de junho do calendário Juliano. (Trad. fr.).

{533} "Dois estádios" no original. (Trad. fr).

{5 34} O nome de Pidna não se encontra no grego. Segundo Reiske, deve-se ler Pela. Mas esta Pidna, sem dúvida, que Políbio ref ere, estava perto da cidade onde Perseu se achava acampado, o que parece ser confirmado quando Plutarco diz mais tarde que ele fugiu de Pidna para a cidade de Pela. Tito Lívio também diz o mesmo. (Trad. fr.).

{535} O grego traz: "palinianos e racinianos". Tito Lívio registra: "pelignianos e marrucianos". (Trad. fr.).

{536} No original grego: "cem homens". (Trad. fr.).

{537} No grego: "cento e vinte estádios". (Trad. fr.).

{538} No grego: "cinquenta talentos". (Trad. Fr.).

{539} Esta batalha teve lugar entre os locrianos e crotonianos. sendo estes últimos completamente derrotados. Ver Justino, 1. 20, c. 3. (Trad, fr.).

{540} Ano de Roma 845 ou 92 da era cristã, (Idem).

{541} É um erro. É preciso corrig ir essas duzentas e cinquenta léguas. Antônio comandava na alta Germânia, onde se revoltou. (Trad. fr.).

{542} Quer dizer que tinha começado seu discurso às duas horas da tarde. (Trad. fr.).

{543} Ou «pela primeira tribo.» (Idem).

{544} O grego traz: «ganhas sobre os ilírios e os ligurianos.» (Trad. fr.).

{545} Estas palavras não se encontram no original. (Idem).

{546} Os golpes e as feridas não poderiam ser para Galba objeto de riso, mas sim as contusões. (Trad. fr.).

{547} As tribos. (Idem).

{548} O grego traz: «de cornos». Nos tempos antigos faziam-se deles vasos para beber, de onde sobreveio a Baco o apelido de Cornudo. (Trad. fr.).

{549} Plutarco não fala aqui de procissões ou festas religiosas. (Id.).

{550} Não está no grego. (Trad. fr.).

{551} Ilíada, 1. 224, v. 525 e seguintes. (Id.).

{552} Não há nenhum golfo no texto. (Trad. fr.).

{553} No grego: Corcira. (Idem).

{554} No grego: Corcira. (Idem).

{555} O ano de Roma 711 (Id.).

{556} No grego: Licínio Filonico. A palavra Filonico é um nome próprio. Ver Plutarco, Preceitos de Administração, cap. 4. (Id.).

{557} O ano de Roma 590. (Trad. fr.).

{558} No grego, «tendo-se deitado ». Deitou-se, não para comer, mas para repousar um pouco.

{559} No grego, «liguriano s». São os habitantes do país de Genes. Amyot em vez de gêneses, chamava-os de genoveses.

{560} São mais ou menos trinta e sete mil escudos.

{561} Plutarco não está aqui de acordo consigo mesmo. Diz ele no ca pítulo 6 que os bens de Emílio haviam chegado apenas para pagar o dote de sua segunda esposa. De resto, Diodoro da Sicília avaliou sua fortuna no dobro, pois ele eleva a 60 talentos, a parte que cabia a Cipião, e que ele deixou para o seu irmão Fábio, que ficou tão opulento, quanto ele mesmo. Já havia feito presente a sua mãe Papíria de todas as riquezas mobiliárias de sua avó Emília, mulher de Cipião, o Africano antigo. Isto chamou a si todos os louvores e bênçãos da cidade. Não foi menos generoso em relação às duas filhas do mesmo Cipião. O leitor, que sabe o quanto a natureza tem direitos sobre os homens, não ficará surpreendido por ter visto a comparação com o que Plutarco diz no cap. LXI, por que meios obteve o segundo Africano, o amor do povo.

{562} Dionisio, o Jovem, expulso por Dion no quarto ano da centésima-quinta Olimpíada, 356 anos antes de Jesus Cristo.

{563} Siracusa era, efetivamente, uma colônia dos coríntios. Era o segundo estabelecimento dos gregos na Sicília, depois da fundação de Naxe pelos calcidianos. O núcleo foi estabelecido por Arquias, coríntio, da família dos Heráclides, no terceiro ano da quinta Olimpíada, 757 A. C. e 21.« do arcontado perpétuo de Ésquilo em Atenas, segundo os mármores de Oxford. Dodwell, na sua cronologia de Tucídides, transporta este acontecimento para o 4.» ano da 11.' Olimpíada. (N ota da trad. fr.).

{564} A Grécia se achava ent ão às voltas com Filipe, pai de Alexandre, o Grande.

{565} No grego: Emariste. (Nota da trad. fr.).

{566} O grego acrescenta: «e Timeu». Ver cap. 14.

{567} Habitante da Lócrida. região da Grécia antiga.

{568} Rege. atu almente Régio, na Calábria.

{569} Foi representada sobre uma medalha de Adrana, publicada por M. Pellerin, Medalhas dos Povos e das Cidades, tome 3, pág. 97. Acredita-se que seja o deus Marte.

{570} O grego traz: 340 estádios, que perfazem um pouco mais de catorze léguas.

{571} Trin ta estádios, um pouco mais de uma légua.

{572} Não há nenhum bastão no original grego. Bastões na antiga lingu agem francesa é tomado por armas, tais como alabardas, lanças, etc. (Nota da trad, fr.).

{573} No original grego: "que se dizem seus amigos, não ousam", etc. (Nota da trad. fr.).

{574} O texto grego ajunta: "ele já estava morto". Com efeito, havia morrido antes que Dionísio deixasse Siracusa, o terceiro ano do reino de Filipe, isto é. na centésima-oitava Olimpíada. Filipe havia subido ao trono no primeiro ano da centésima-quinta, segundo Diodoro da Sicília.

{575} "Ao bom Gênio".

{576} Ajuntai segundo. O grego: "E porque não satisfez esse ressentimento, que tinha há muito tempo no coração, no momento em que a sorte parecia haver reservado para ser o instrumento de salvação de Timoleon". (Nota da trad. fr.).

{577} Sem dúvida que havia ainda navios de transporte. Vede o embarque do qual se fala no cap. XXIV.

{578} Parece que isso se refere a sicilianos, gregos de origem. A continuação nos faz ver que são a gregos propriamente ditos, pois ele lhes diz que deveriam desejar ter mais Sicílias entre eles e os cartagineses. Também o original grego não diz: — "vós que tendes", mas somente: — "que vos, que sois gregos, quere is livrar dos bárbaros uma cidade", etc.

{579} O ori ginal grego traz: "perto de nós".

{580} «A bílis esquentada, o primeiro fogo».

{581} Não é talvez fora de propósito faze r notar, para a honra desta espécie de filosofia que não põe sua glória na impiedade, que o autor e o chefe desta infame deserção, chamado Trásio, era um dos principais cúmplices do sacrilégio cometido quinze anos antes pelos fenícios contra o templo de Delfos, do que Plutarco fala mais adiante e que Diodoro da Sicília coloca no segundo ano da centésima sexta Olimpíada.

{582} No grego, o mês Targélion, que Amyot tão bem colocou aqui pelo mês de maio e não pelo mês de abril, como faz ordinariamente.

{583} Diodoro da Sicília diz que eles pilharam uma cidade de Brutium, vizinha do mar, e então os bruti nos os atacaram, forçaram e massacraram todos. Este acontecimento deu-se no ano seguinte, o segundo ou o terceiro da centésima décima Olimpíada, 338 anos antes de Jesus Cristo.

{584} Diodoro da Sicília chama-o Filomelo. Este acontecimento foi para Filipe um dos mais poderosos meios para escravizar a Grécia.

{585} Grego: Peloponésia.

{586} Ajuntai: Eutimoo.

{587} É o começo da tragédia de Medéia de Eurípides. Amyot.

{588} É o rio Alabo, que se lança no mar em Megare.

{589} O verdadeiro nome deste rio é Halico; corre entre as cidades de Agrigento e de Selinonte, banhando os muros de Héracles, denominada Minoa, que os habitantes chamam hoje Platani.

{590} Agrigento, a algumas léguas de Heracléia do lado Oriente, sobre o rio que traz seu nome. Gela, a algumas léguas também de Agrigento, no Oriente, sobre o rio do mesmo nome. Essas três cidades estão sobre a costa meridional da Sicília.

{591} Eléia, antigamente chamada Vélia, cidade da Lucânia, província da Itália sobre a costa oci dental.

{592} Céo, uma das ilhas Cíclades, pátria de Simônides. Os antigos chamavam-na Ceia ou Céos. Está no meio-dia da Eubéia, ao Oriente da Ática, em face do promontório Sunio.

{593} Todo o mundo sabe que Epaminondas e Pelópidas, os dois maiores estadistas e guerreiros e talvez os únicos que Tebas haja pr oduzido, eram contemporâneos. Pelópidas morreu na Tessália varado de ferimentos num combate onde venceu Alexandre, tirano de Feres, 364 anos antes de Jesus Cristo. Epaminon das teve a mesma sorte um ano depois da batalha de Mantinéia contra os lacedemônios. Agesilau, rei da Lacedemônia, não o sobreviveu senão um ano. Timóteo, filho de Conon, ele mesmo um dos melhores g enerais de Atenas, não levou sua carreira muito mais longe.

{594} Automatia, a deusa que preside os casos fortuitos. Veja a nota de Dacier sobre este

trecho de Plutarco.

{595} Ao «gênio sagrado».

{596} Miles, c idade situada sobre a costa meridional da Sicília, do lado do Oriente, junto ao promontório Pelorio.

{597 } O quarto ano da centésima-décima Olimpíada, 337 anos A. C, depois de ter governado durante oito anos a Sicília , onde entrou no quarto ano da centésima-oitava Olimpíada 345 anos A. C.

{598} Bem entendido desde Alexandre, que morreu 324 anos antes de Cristo.

Eis a ordem de seus suce ssores, segundo Plutarco: Antígono I — chamado o Grande. Demétrio I —- chamado Poliorcete. Antígono II — chamado Gonatas. Demétrio II. Antígono III —- chamado Doson. Filipe. Perseu.

Plutarco não dá aqui nenhuma consideração a todas as revoluções intermediárias. (Nota da Trad. fran.).

{599} General que os lacedemónios enviaram em socorro dos siracusanos, na famosa e funesta expedição que os atenienses empreenderam contra a Sicilia durante a guerra do Peloponeso. Chegou a Siracusa no terceiro ano da nonagésima-primeira Olimpía da, 413 anos antes de Jesus Cristo. Depois de alguns maus resultados, derrotou enfim os atenienses e expulsou-os da Sicília. O que Plutarco lhe censura aqui está bem de acordo com o roubo do qual o acusa na vida de Lisandro e na de Nicias.

{600} Sibaris, cidade famosa pela moleza de seus habitantes. Estava situada sob re a costa oriental ao pé da Itália, entre os rios Sibaris e Cratis. Foi destruída pelos de Crotona no terceiro ano da quinquagésima-sétima Olimpíada, sob as ordens do famos o atleta Milon. Reconstruida pelos atenienses no terceiro ano da octogésima-terceira Olimpíada, à pequena distância de seu primeiro sítio, foi denominada Túrio.

{601} No grego; "a cavalaria".

{602} Nos Suplicantes, v. 861.

{603} "Pobre" não está no original grego.

{604} Grego: "em seguida, tendo per guntado", etc, "quando viu", etc.

{605} O grego designa por uma palavra genérica uma circunvalação com trincheiras.

{606} Os tebanos.

{607} Pelópidas.

{608} É o que chama mais abaixo companhias. Veja cap. 31.

{609} Grego: de o atravessar.

{610} Leia: "pois Ptoum está ali perto" O grego não se refere em nada que fosse uma montanha.

{611} Orgulhosos.

{612} Babice não é um riacho, mas uma ponte que se achava sobre o Eurotas, como vimos na Vida de Licurgo, cap. 9. A cidade de Esparta estava situada entre esta ponte e o riozinho de Cnacion.

{613} Ilíada, liv. 21, v. 363.

{614} Grego, trezentos. Veja cap. 33.

{615} Leia: «a aventura de Laio não foi a causa primitiva», etc. Veja a segunda Observação sobre o mesmo capítulo.

{616} Deu-se esta batalha no segundo ano da centésima-segunda Olimpíada, 371 anos antes de J. C.

{617} Meneclides.

{618} Ptolomeu, antes de J. C. 369 anos.

{619} No grego: «pelo nome de Jasão seu pai.

{620} É um erro de Amy ot: No grego: mil dracmas.

{621} Taigeto, montanha vizinha de Esparta.

{622} Juntai segundo o grego: «que o que podia ser visto como um penhor de favor e de benevolência.

{623} Arcontes.

{624} Este eclipse chegou 364 ou 365 anos ante s de J. C.

{625} 364 anos antes de J. C.

{626} Este acontecimento é da nonagésima-sexta Olimpíada, aproximadamente 433 anos antes de J. C. Diágoras descendia de Hércules, por Tlepolema, que reinou em Rodes, antes do cerco de Troia onde foi morto. Sua família conservou o trono mais ou menos seiscentos anos. Diágoras levantou um. grande número de vitórias nos diferentes jogos da Grécia. Foi para ele que Píndaro compôs a sétima de suas Olimpíadas, que os rodinos mandaram escrever com letras de ouro no templo de Minerva em Linde, uma das três cidades antigas da ilha.

{627} No décimo-quarto livro da Ilíada. v. 86.

{628} Quer dizer, magistr ados curiais. Havia ordinariamente em Roma dois magistrados escolhidos entre o povo. Nomearam dois outros, tirados da ordem do senado no ano de Roma 388. o mesmo ano que viu Lúcio Laterano. primeiro cônsul escolhido na classe do povo.

{629} Políbio chama-os Gwsaíes, da palavra Gaesa, que significa, disse ele. soldo. Outros querem que seja o nome de suas armas. Habitavam os Alpes perto do Rône.

{630} O ano de Roma 364.

{631} O ano de Roma 531.

{632} Esse cantão está ao nordeste de Roma sobre a costa do mar Adriático. Chamam-no em latim: Agerpicenus.

{633} Vila do mesmo cantão, no grego: Arimin.

{634} Vice.

{635} O grego traz: "que pudessem alegar como desculpa".

{636} Tibério Semprônio Graco foi cônsul no ano de Roma 591.

{637} No grego: — ‘"tendo caído sobre livros onde estavam escritas as regras, etc".

{638} Assim Amyot conta três. O grego não nomeia senão dois: Cornélio Cetego e Quinto Sulpício.

{639} Leia-se segundo o grego: — "e personagens mui notáveis que foram todos os dois privados de seu sacerdócio, a saber Cornélio Cetego por ter deixado de entregar as entranhas da hóstia imolada, na ordem onde a devia dar".

{640} O greg o traz: — '-Eles os destituíram todos dois e nomearam outros em seu lugar". Valério Máximo põe esse fato na conta de Fábio Máximo.

{641} Eram os magistrados que governavam no interregno, sob os reis. Conservaram esse nome sob a república.

{642} No grego: '"deu-lhe*'.

{643} Aproximaram-se de Acerres, que estava assediada pelos romanos. O nome grego do rei é Britomarto. Suplemento de Tito Lívio, liv. 20, Viridomarus.

{644} O grego diz somente: "do outro lado do Pó". Políbio coloca-a entre o Pó e os Alpes. Cluvier conjectura que ela estava a sete milhas do Pó. Perto de Adda, diz Cellarius, segundo a tábua Teodosiana.

{645} Um pequeno carvalho. Os sábios estão divididos sobre a verdadeira lição deste texto.

{646} O ano de Roma 317. Não era senão tribuno dos soldados sob o ditador Emílio Mamerco, segundo os antigos historiadores que Tito Lívio seguiu nesta narração. Mas. ele mesmo observa que a inscrição anunciava Cosso como cônsul e que com efeito o nome de despojos opimos era consagrado unicamente àqueles que eram. retirados de um general morto pela mão de outro general.

{647} Leia: — "sobre um carro, no grego chamado feretron, porque nesses primeiros tempos, etc".

{648} Tito Lívio, liv. 23, cap. 16. não traz senão dois mil e oitocentos o número de cartagineses que foram mort os e ainda parece-lhe esse número exagerado.

{649} Tito Lívio conta mil duzentos e setenta e dois.

{650} No ano de Roma 540.

{651} Há aqui uma sensível lacuna no texto de Plutarco. Eis como a suprir, segundo a narração de Tito Lívio, L. 24, cap. 29. Havia em Siracusa dois partidos, um pelos romanos, outro pelos cartagineses. Hipócrates, chefe desta facção, rendeu-se com suas tropas sobre as terras dos leontinos, a seu pedido, e de acordo com eles atacou os quarteirões dos romanos, matando muita gente. Por causa disso, Marcelo foi fazer cerco à cidade dos leontinos.

{652} Com cinco carreiras de remos.

{653} Grego: «dez talentos».

{654} Este lugar está estragado no texto grego, e é n ecessário reconstituir do oitavo livro de Políbio, de onde Plutarco o tomou. Amyot.

{655} Antigamente chamada Hibla, sobre a costa oriental da Sicilia, a algumas léguas ao norte de Siracusa.

{656} Aciles, outros chamam-na Acriles, a algumas léguas da costa e de Siracusa, ao meio-dia, sobre o rio Élore.

{657} As quatro edições que tenho sob os olhos trazem Etna. Mas o manuscrito do rei, do qual já falei, apresenta distintamente Ena, cidade situada no centro da Sicília. Pode-se ver em Tito Lívio a traição dos habitantes de Ena e a vingança cruel que tirou Lúc io Pinario, comandante da guarnição romana, liv. 24, cap. 37 e seguintes. (Nota da trad. fr.).

{658} Êngio (Engyum) sobre o monte Hereen, junto à nascente do rio Hímere, onde, dizem que se veem ainda s uas ruínas. Havia um templo consagrado a Cibele, de que Cícero fala em sua quarta Verrina.

{659} Espécie de manto curto que os romanos traziam às costas, preso por um broche.

{660} Falando de Siracusa. É o começo da segunda Pítica.

{661} Mirto.

{662} O ano de Roma 544.

{663} Leia-se: onze tribunos militares.

{664} Tito Lívio, liv. 27, cap. 2.

{665} Há. sem dúvida, um erro no texto. Talvez se deva notar a correção feita por um anônimo, da qual resulta este sentido, bastante razoável: "parece-me. pois. que após uma vitória, a con fiança, após uma derrota, a vergonha, determinam igualmente novas tentativas."

{666} Tribuno militar.

{667} Na Campanie, província da qual Cápua era capital.

{668} No grego: "Sinuesse",

{669} Ano de Roma 546.

{670} O que está entre parênteses não se acha no original grego. A explicação de Amyot. alias, é inexata. O nome desses locrianos, vinha pela razão de habitarem os arredores do promontório Zefirio.

{671} Uma ou jarro.

{672} Um ginásio.

{673} Cidade da ilha de Rodes, onde Minerva tinha um templo famoso.

{674} A palavra filósofo não está no g rego. Cremos que aquele de quem Plutarco fala é o filósofo estoico, denominado o atleta, que teve uma escola em Rodes e veio a Roma no tempo de Marcelo.

{675} Foi para ele que foram escritos os belos versos de Virgílio, que se leem no fim do sexto livro da Eneida e que sua mãe Otávia pagou tão regiamente.

{676} Juba rei da Mauritânia, príncipe muito instruído, autor de um grande número de obras perdidas. Vive u no tempo de Augusto. Escreveu em grego e. por causa disso. Plutarco o conta entre os escritores dessa nação.

{677} No original grego: tribo.

{678} Famoso gramático que Cassandro, governador da Macedónia, pôs como comandante em Atenas, seis anos depois da morte de Alexandre, trezentos anos antes de nossa era. Foi a ele que os atenienses ergueram trezentas e sessenta estát uas.

{679} Arconte epônimo, isto é. aquele que dava seu nome ao an o. Com efeito, dos nove arcontes que nomeavam cada ano. o primeiro era o arconte propriamente dito e o único que inscrevia seu nome nos atos públicos.

{680} Codro, último rei de Atenas, dedicou-se à sua pátria, mil e noventa e um anos antes de Nosso Senhor Jesus Cristo. A realeza foi substituída por magistrados perpétuos, que se chamavam arcontes. No terceiro ano da sexta Olimpíada, o arcontado foi reduzido para dez anos. Antes dessa redução houve treze seguidos e depois dela, sete. Depois os arcontes

tornaram-se anuais, no primeiro ano da vigésima-quarta Olimpíada e Créon foi o primeiro. Esta data foi estabelecida em uma excelente obra de Larcher

{681} Veja-se a Vida de Sólon, cap. XXX.

{682} Medida antiga.

{683} No grego: "... e mostravam ainda esses vasos, em meu tempo, onde se lia esta inscrição...".

{684} Não se trata aqui senão da escrita e da forma dos caracteres, que era muito diferente, como se vê pelas inscrições que ainda existem e que são mais antigas do que Euclides, matemático célebre e um dos mestres de Platão. Não se trata da forma dos caracteres, mas da ortografia, pois que os atenienses haviam conservado a antiga até o arcontatío de Euclides no segundo ano da octogésima-oitava Olimpíada, época em que adotaram o alfabeto jônio, que era mais completo.

{685} Foi arconte epônimo no terceiro e quarto anos da septuagésima-segunda Olimpíada, quatrocentos e noventa anos A. C. e um ano depois da batalha de Maratona. Digo terceiro e quarto, porque o ano ático, começando no mês gamclion. a partir do solsticio do inverno, correspondia a dois anos olímpicos, que começavam no mês hec atomheon, a partir do solstício do verão, o que subsistiu até o fim da octogésima Olimpíada. Depois dessa época, o começo do ano ático e do arcontado foram levados para o mês hecatombeon. Dodwell coloca o arcontado de Aristides um ano mais tarde.

{686} Aproximadamente setecentos escudos, segundo Amyot.

{687} Esse restabelecimento foi feito depois da expulsão dos pisistrátidas, na sexagésima-sétima Olimpíada e não como Amyot entendeu, depois de serem expulsos os trinta tiranos, o que se deu na nonagésima-quarta Olimpíada, muito tempo depois da morte de Clistênio e de Aristides. Também não se encontra no original grego a palavra trinta.

{688} Parece que no grego, com a simples mudança de uma vírgula, pode-se conseguir este sentido mais razoável: "... do q ue deixá-lo conseguir uma autoridade excessiva, suportando que suas opiniões prevalecessem em todas as ocasiões".

{689} Isto é uma explicação de Amyot e não está no origin al.

{690} Na tragédia dos «Sete Chefes diante de Tebas», v. 594.

{691} Segundo ano da septuagésima-segunda Olimpíada, 491 A. C.

{692} Isto é uma explicação de Amyot.

{693} Segundo ano da septuagésima-quinta Olimpíada, ou 479 A. C.

{694} No original grego: «Da classe do povo».

{695} Amyot se torna, às vezes, confuso, chegan do mesmo a contradizer-se, no empenho de mostrar com maiores detalhes o pensamento de Plutarco, o que aliás, os próprios comentadores franceses reconhecem. Neste caso , por exemplo, as palavras bondade e virtude têm o mesmo sentido, o qual não é senão justiça, atributo da divindade que Plutarco considera fácil ser exercido pelos homens. No trecho que comentamos, Amyot discrimina bondade e virtude, quando pelo sentido se deve co mpreender que Plutarco se refere ao senso de justiça, que é também uma grande virtude. O que é de admirar, no caso, é que Amyot, prelado ilustre, que estava naturalmente familiarizado com São Paulo e Agostinho, deixe passar em branco a debatida questão da liberdade humana com relação ao bem e ao mal.

{696} Esta observaçã o não se acha no original.

{697} O primeiro ano da septuagésima-quinta Olimpíada. 480 anos A. C.

{698} Leia: — «Porque os tegeatos queriam, como estavam sempre habituados a fazer, se os lacedemônios ficavam na ponta direita da batalha, eles ficavam na sinistra e alegavam as proezas», etc.

{699} L. 9, § 45.

{ 700} E uma falta de Amyot. Trata-se aqui dos persas e não dos aliados gregos. Devia portanto traduzir: — «Não combatemos como eles por uma cidade, por um país somente, mas para não perder o renome de proeza, etc.» Brotier. Creio que Amyot pegou bem o sentido dessa passagem, que é um pouco obscura no texto; poder-se-ia traduzir assim: — «Não combatemos como esses que combateram em Maratona por nossa cidade, etc.» Mas parece que não há nada a mudar na tradução de Amyot.

{701} Reproduziria m melhor o grego traduzindo: — Esse momento foi horrível e a constância dos espartanos admirável.

{702} Pereceram nesta batalha trezentos e sessenta gregos. Heródoto, IX, 69, não fala dos cento e sessenta e nove homens q ue perderam os lacedemônios, os tegeatos e os atenienses. Eis o que Plutarco lhe censura.

{703} A astronomia.

{704} Quarenta e oito mil escudos. Amyot.

{705} Esses mil estádios fazem perto de quarenta léguas da França, com duas mil e quinhentas toesas cada uma.

{706} O grego não exprime que foi uma ninfa, e não podia ser, tendo nascido de parentes mortos.

{707} É uma falha de Amyot. Memacterion não corresponde ao mês de janeiro, mas ao mês de outubro.

{708} Grego, uma ária guerreira.

{709} Mirto.

{710} O arconte.

{711} Uma jarra.

{712} Grego, Bizâncio.

{713} Leia: «e sobre tudo».

{714} Duzentos e setenta e seis mil escudos. Amyot.

{715} Trezentos e sessenta mil escudos. Amyot.

{716} Setecentos e oitenta mil escudos. Amyo t.

{717} No grego: cinquenta minas.

{718} São aproximadamente trezentos escudos. Amyot.

{719} Mil escudos. Amyot.

{720} É um erro de Amyot. No grego , cem pletros. O pletro grego é de cem pés quadrados, e, o arpente é de cem varas quadradas; a vara de Paris, que é a menor, tem dezoito pés. (Pietro —

antiga medida de comprimento que valia a sexta parte do estádio ou cem pés, aproximadamente trinta metros).

{721} Treize sous et quatre (65 centavos e quatro). Amyot.

{722} Aproximadamente vinte moedas tornesas. Amyot. (Tornes — moeda cunhada até o século XIII em Tours (França) e depois da moeda real cunhada pelo modelo da de Tours).

{723} Trois sous et quatre (quinze centavos e quatro). Amyot.

{724} Chamava-se então Marcos Pórcio prisco.

{725} Ou antes, Cato.

{726} Manio Curio Dentato, assim cognominado porque havia nascido com dentes. Foi cônsul no ano de Roma 464, ou 290 A. C, guerreou os samnitas e os sabinos, obtendo neste mesmo ano duas vezes a honra do triunfo. Cônsul pela segunda vez no ano de Roma 479, derrotou Pirro, que expulsou da Itália e triunfou pela terceira vez. É esse grande homem que após tantas vitórias e tantos triunfos, após haver prodigiosamente aumentado a extensão da dominação romana, disse em um de seus discursos esta palavra memorável: — «um cidadão é pernicioso quando sete arpentes de terra não lhe são suficientes;:. Era a medida que havia sido fixada pelo povo romano depois da expulsão dos reis. P línio, XVIII, 3.

{727} O ano 545 de Roma.

{728} Era uma túnica curta e apertada, que Plutarco denomina exomis, que não tinha mangas. Veja Aul. Gell. VII, 12. É ainda hoje o camisão ou o colete (gibão) das pessoas do campo.

{729} Veja o Nudus ara de Virgílio em suas Geórgicas.

{730} Magis trado romano encarregado das questões financeiras.

{731} Ano de Roma 559, e eles foram censores no ano de Roma 570.

{732} Ano de Roma 548.

{733} Aproximadamente dez soldos torneses.

{734} Para compreender o preço desta observação de Plutarco, é preciso lembrar-se que na ocasião houve escravos vendidos em Roma até setecentos mil sestércios. Plínio, VII, 49.

{735} Grego, um asse, aproximadamente vinte dinheiros. O liard era uma antiga moeda de cobre que valia o quarto de cinco centavos.

{736} A varrer, para a limpeza dos jardins.

{737} Novos.

{738} Falo desse belo templo de Minerva nas anotações sobre a vida de Péricles, cap. 28.Veja livro 2.

{739} um. cabo, que chamam Cinossema, ou o cabo da sepultura do cão, na ilha de Salamina, atualmente ilha de Colouri, no golfo de Êngia.

{740} Cada um pode raciocinar sobre isto, como queira.

{741} No gr ego, três medimnos (unidade de medidas de capacidade entre os atenienses para matérias secas) de frumento. Já se falou desta medida na Vida de Licurgo, cap. 12. O minot era uma antiga medida de capacidade equivalente à metade da mina.

{742} No grego três e meio medimnos, ou um medimno e meio.

{743} Desde o tempo de Catão, o luxo começou a se introduzir nas mesas romanas. Que teria ele dito se tivesse vivido no tempo de T ibério e tivesse visto comprar três salmonetes (peixes) por trinta mil sestércios! Suetônio, Vida de Tibério, cap. 34.

{744} De administrar vossos negócios.

{745} Quer dizer: entendimento, pois consideravam que o assento da razão fosse no coração, seguindo a opinião de Aristóteles.

{746} M. Dacier observou bem que há uma negativa esquecida no texto grego. É o que engana Amyot. É preciso ler: “Parece-me, Polibio, que não fazes como Ulisses, que uma vai evadido da caverna do gigante Ciclope, queres aí voltar para ir buscar teu chapéu e teu cinto, que aí esqueceste:” Veja as Observações.

{747} Amyot deveria traduzir: «A primeira, por haver confiado um segredo a uma mulher; a segunda, ter ido por água aonde pudesse ir po r terra; a terceira, haver passado um dia inteiro sem nada fazer; Meziriac censura-o de não haver traduzido: — haver passado um dia sem fazer seu testamento. Se bem que a palavra grega adíábetos tenha também este sentido, a outra significação é mais natu ral e geralmente seguida.

{748} A Espanha do lado da França, além do rio Betis ou Guadalquivi r.

{749} Seiscentos e vinte mil escudos. Amyot.

{750} Aproxim adamente sessenta e seis libras.

{751} A Lacetânia, nos baixos dos Pireneus, é uma parte da província hoje chamada Catalunha.

{752} Não se acham no grego as duas expressões entre parênteses.

{753} Ano de Roma, 560.

{754} Ano de Roma, 563.

{755} O cônsul Mânio Acílio Glabrion.

{756} No ano de Roma 558, quando Flamínio proclamou a liberdade da Grécia.

{757} Soldados recrutados em Firmum, atualmente Fermo, no Caminho de Ancon a.

{758} Em desordem e de algum jeito desmantelados.

{759} Não se trata de calunias no grego.

{760} De Cipião.

{761} Grego, oitenta e seis anos.

{762} Tito Lívio e Plutarco dão a Catão noventa anos de vida. Cícero e Plínio, XXIX, 1, não o fazem viver senão oitenta e cinco anos; Morreu no ano de Roma 605. 149 anos antes do Cristo. Veem mesmo por Plutarco, cap. II, que Catã o não viveu mais que oitenta e cinco anos, pois não tinha senão dezessete anos quando Aníbal destruiu e pilhou a Itália. A batalha de Canes é do ano de Roma 538.

{763} No ano de Roma 570.

{764} Isto não está no grego.

{765} Lucio Quíncio Flamínio havia sido cônsul no ano de Roma 5G2. Veja detalhes amplos sobre esta história na Vida de Tito Flamínio, 35 e seguintes.

{766} Amyot traduziu mal e mutilou esta passagem de Pluta rco. Eis o que exprime o texto grego: — "E mesmo Cícero, em seu Diálogo da Velhice, introduz Catão narrando ele próprio. Tito Lívio diz que fizeram morrer um desertor gaulês e que não foi o algoz, mas Lucio pessoalmente que lhe cortou a cabeça, sendo o fato assim exposto no discurso de Catão". Veja Cícero. de Senectute, cap. 12, e, Tito Lívio, 1. 39, cap. 42.

{767} Isto não está no grego.

{768} Aproximadamente cento e cinquenta escudos. Amyot.

{769} Eram pequenas moedas de cobre que valiam um pouco mais de quatro moedas tornesas. Amyot. O asse, no tempo da censura de Catão valia perto de cinco centi mos (um sou). Os três asses que pagavam de imposto equivaliam a três sous.

{770} Mil e duzentos escudos. Amyot.

{771} Amyot subst ituiu o início desta inscrição. Essas palavras: "Em honra de Marcos Catão censor", não estão no grego.

{772} Esquerdos.

{773} Trezentos mil escudos. Amyot.

{774} Tais costumes em um censor tão grav e! E, que exemplo para as pessoas que não tinham oitenta anos e que não eram Catões!

{775} Catão Salonino.

{776} Odisseia, liv. X, verso 405.

{777} Catão Salonino.

{778} Catão da Útica.

{779} Ver a vida de Sólon, liv. I, cap. 30, onde são citadas essas elas»«s de Atenas e suas rendas.

{780} No grego, três ou cinco talentos.

{781} No grego: ou a meu gên io. Todo o mundo sabe que os antigos acreditavam em gênios de uma natureza intermediária entre os deuses e os homens; eram eles que. por seus conselhos e sua influência, determinavam os cortes do destino. Homero não conheceu esta espécie, nem a deusa Fortuna. Com ele, são os deuses subalternos que oc upam estas funções.

{782} Um homem sem recursos.

{783} Homero Odisseia, liv. XIV, vers. 222.

{784} Refere-se à indigência moral ou cupidez.

{785} Pausânias e Suidas chamam-no Cleandro.

{786} Megalópolis e Mantinéia eram cidades da Arcádia. Nesta Vida de Filopêmene, Amyot es creveu Megalipólis em vez de Megalópolis, e Messina em vez de Messena.

{787} Pausânias cita-o, em certo lugar, como Craugis, e em outro como Crantis. Mas, ao que parece, trata-se de erros que podem ser atribuídos ao s copistas. Suidas chama-o Craugis, e é assim que seu nome aparece na inscrição colocada na estátua de Filopêmene, em Tégea.

{788} Homero, Ilíada, liv. IX.

{789} Pausânias chama-os Ecdelo e Megalófone. Suidas cita as duas versões, a primeira de

Políbio, e a de Pausânias. A autoridade de Políbio é maior, sem dúvida nenhuma, pois era de Megalópolis, e filho de Licortas, contemporâneo de Filopêmene.

{790} Era uma estátua. V. o capítulo XVII.

{791} Autor antigo, que escreveu sobre tática. (N. do E.).

{792} No ano 531 de Roma.

{793} No grego: ordená-las em espira. Esta formação em espiral devia estender-se numa linha semi-circular, facilitando-lhe os movimentos.

{794} No começo do livro XIX da Ilíada.

{795} No terceiro ano da 143.ª olimpíada, 206 A. C.

{796} As palavras entre parênteses não figuram no texto grego.

{797} No ano 561 de Roma.

{798} No grego: os demag ogos (ou seja, os oradores).

{799} O cônsul Mânio Acílio Glabrião derrotou Antíoco no ano 563 de Roma, 191 A. C.

{800} É o episódio das Termópilas narrado na Vida de Catão, do capítulo XXIV ao capítulo XXIX, tomo III.

{801} Famoso historiador, amigo de Cipião e filho de Licortas, comandante dos aqueus.

{802} No terceiro ano da 158.ª olimpíada, 146 A. C.

{803} No ano 546 de Roma.

{804} No ano 546 de Roma.

{805} Tito Lívio (XXXII, 10) diz que Filipe acampara perto do rio Aous, o que parece mais verdadeiro.

{806} Habitantes de Opunte, capital da Lócrida Opúncia, à beira-mar, diante da ilha Eubéia.

{807} Políbio refere-se a Bráquilas.

{808} O s Jogos ístmicos eram celebrados no Istmo de Corinto. em honra de Melicerta, ou Palemão, rei marinho. Estes jogos eram realizados no primeiro e no terceiro ano das olimpíadas: os do primeiro ano, no início do verão, e os do terceiro, no início da primavera.

{809} Povo da Caria, onde estava situada a cidade de Bargílias, que hoje se denomina Barghili.

{810} Os jogos nemeus eram ce lebrados no inverno do segundo ano e no verão do quarto ano das Olimpíadas.

{811} No ano 558 de Roma, ou 196 A. C.

{812} No ano 820 de Roma, ou seja, no ano 67, de nossa era.

{813} Uma mina de prata valia 100 dracmas.

{814} Nilo se conhece nenhum historiador com este nome. Talvez se trate de Tuditano, escritor a q uem se referem Macróbio e Plínio.

{815} Antíoco III. o Grande.

{816} Esta passagem é notável: eis um romano venerado em vida como se fosse um deus tutelar. O abade Mongault fez uma dissertação curiosa sobre este culto, publicada nas "Memórias da Academia das Inscrições", t. 1, pág. 353.

{817} V. a Vida de Catão. cap. XXXIV.

{818} V. a Vida de Catão, capítulo XXXVII.

{819} A morte de Aníbal verificou-se, segundo Tito Lívio, no ano 571, de Roma, e, segundo Políbio, no ano seguinte.

{820} Encontra- se o mesmo julgamento em Tito Lívio (XXXV, 14). Plutarco apresenta-o de maneira diferente na Vida de Pirro, capítulo XVI, sem dúvida por ter então, sob os olhos, outro autor.

{821} Comparando estas palavras com o que Plutarco diz na Vida de Filopêmene, cap. XX, ver-se-á que ele foi traído pela sua memória. Não creio, contudo, que se deva colocar uma negação no texto, como propôs Xilandro; o que segue mostra que Plutarco escreveu da maneira como vemos no texto. (Nota de Clavier).

{822} Hoje a Albânia.

{823} Segundo Eusébio, D eucalião reinou no Parnaso 1542 A. C. O dilúvio que inundou a Grécia ocorreu treze anos mais tarde. Trata-se do dilúvio de Deucalião, e não do dilúvio universal, que teve lugar, segundo se calcula, 2344 A. C.

{824} Pausánias chama-o Taripo.

{825} É o seu nome, segundo Diodoro. Pausânias c hama-o Aribas.

{826} Os atenienses começaram esta guerra após a morte de Alexandre, o Grande.

{827} Plutarco esqueceu-se dessa referência, ou, então, o trecho cm que o fez desapareceu. Plínio, entretanto, remedeia este silêncio. Ele nos conta que o dedo de Pino foi colocado num relicário e conservado em um templo. (Plínio, VII, 2).

{828} Na Frígia, no ano 301 A. C. Segundo alguns autores, Pode-se escrever Ipse.

{829} Essa vida foi perdida. Plutarco narrou de modo diferente este julgamento de Aníbal na Vida de Flamínino, (cap. XLIII).

{830} No grego, Corcira.

{831} Eurípides, em sua tragédia intitulada "As Fenícias", v. 68.

{832} Ilíada. L. I, v. 491.

{833} No original grego: trezentos e cinquenta mil.

{834} Na tragédia "As Fenícias", 526.

{835} No grego: vinte e dois mil infantes, dois mil arqueiros e quinhentos besteiros.

{836} No ano 474, de Roma.

{837} O rio Serio, perto de Heracléia, no go lfo de Tarerto.

{838} Eis um dos mai ores oráculos políticos que conheço e bem digno dos mais belos tempos de Roma. Montesquieu não deixou de observar em sua bela obra " La Grandeur des Romains", onde escreve estás palavras memoráveis: "Acredito que a seita de Epicmo, que se introduziu em Roma no fim da República, contribuiu bastante para depravar o coração e o espírito dos romanos. Os gregos eníatuaram-se antes deles, e corromperam-se também mais cedo"'. (Cap. X).

{839} As Saturnais, que se celebravam n o mês de dezembro.

{840} No ano 4 76. de Roma.

{841} Asco li.

{842} Ptolomeu Cerauno, que foi morto no ano 474, de Roma, no decorrer de uma irrupção dos gauleses, na Macedônia, sob a Chefia de Bélgio. A derrota de que fala aqui P lutarco não é, assim, a de Ptolomeu, mas a de Sóstenes, um de seus sucessores, e que ocorreu quando os gauleses irromperam de novo na Macedônia, no ano 476 de Roma, c hefiados por Breno.

{843} Na costa ocidental da Sicília, hoje San Giuliano.

{844} Cornélio Merenda, que foi cônsul, juntamente com Mânio Cúrio Dentato, no ano 480, de Roma.

{845} No original grego lê-se «para defender Pirro». Este verso é uma paródia do verso 443 do livro XII da «Ilíada» e Pirro co locou o seu nome no lugar de «pátria», que figura em Homero.

{8 46} Plutarco tem razão. Existiu, entre os romanos, uma grande diversidade de uso no que se refere aos nomes. Entretanto, de um modo geral, no tempo dos reis e da República, o primeiro nome era o nome próprio. O último foi o nome próprio, em geral, no tempo dos imperadores.

{847} No ano 635, de Roma.

{848} Colega de Cota no consulado.

{849} Hoje, Gu adalquivir.

{850} Varizes.

{851} No ano 645, de Roma. Foi este Quinto Cecílio Metelo que recebeu o nome de Numídico.

{852} A cidade de Vaga, na Numídia.

{853} No ano 647, de Roma.

{854} Béstia foi cônsul no ano 643, de Roma; Albino, no ano de 644. Foram ambos enviados à África para lutar contra Jugurta, mas tiveram a baixeza de se deixar corromper pelos seus" presentes.

{855} Boco casou-se com a filha de Jugurta, e, assim, este era seu sogro. Salústio assegura-o em termos concludentes. As medalhas de Sila confirmam essa afirmação. Nelas se veem Boco jovem e sem barba e Jugurta, velho, e com uma longa barba. Amyot, deixou-se enganar por Plutarco. Deve-se assim corrigir: Boco, rei da Alta Numídia, era genro de Jugurta. V. o capítulo III da Vida de Sila.

{856} No ano 648, de Roma.

{857} Vê-se também esta cena representada nas medalhas consulares da família de Sila.

{858} No ano 650, de Roma,

{859} Os ci mbros eram os piratas do Báltico, e esse o motivo por que eram chamados de bandidos. V. "Origine Germanorum", de Jean-Georges Eccard. Não desejo examinar o fund amento da descrição de Plutarco. Diodoro da Sicília (liv. V, cap. 32) deriva a palavra eirnbro do antigo vocábulo cimério, e atribui aos cimbros a mesma orig em apresentada aqui por Plutarco, em último lugar. A tradução de Amyot apresenta, todavia, o texto com muita

fidelidade; e a palavra cimbro significa, com efeito, bandido, segundo Suidas.

{860} As leis prescreviam a idade de 42 anos para o consulado. Cipião foi nomeado cônsul antes dos 30 anos.

{861} Tácito expôs com precisão e eloquência estas incursões dos cimbros e suas vitórias.

{862} No ano 650, de Roma.

{863} No ano 651, de Roma.

{864} Aurélio Orestes, colega de Mário.

{865} Restam vestígios do Canal de Mário no lugar denominado Foz. O canal encontra-se agora obstruído, e é chamado Braço-Morto.

{866} No ano 652, de Roma.

{867} Com um manto de púrpura tingido duas vezes, o que era, naquela época, uma coisa magnificente. A púrpura de Tiro, tingida duas vezes, era vendida por mil dinheiros. V. Plínio, IX, 39.

{868} É evidente que o fenômeno meteorológico então observado nessas duas ci dades da Umbria não era senão uma aurora boreal.

{869} Cidades da Galácia, famosa pelo culto a Cibela, a qual é representada em várias medalhas dessa localidade.

{870} Os latinos denominavam-na Aquae Sextiae, em virtude das águas termais existentes nas proximidades.

{871} Este fato se repetiu em 1746 nas planícies de Fontenoy, após a famosa b atalha de que haviam sido teatro no ano anterior.

{872} Presentemente o rio Â dige.

{873} Os romanos a chamavam Fortuna hujusce diei. V. Plínio, XXXIV, 8. Seu templo estava localizado no décimo quarteirão de Roma.

{874} A batalha foi travada no dia 30 de julho, no ano 653, de Roma.

{875} Quando Camilo foi chamado segundo fundador de Roma, por haver expul so os gauleses.

{876} Da cidade de Camerino, situad a perto dos Apeninos.

{877} No ano 654, de Roma,

{878} Ter o «pescoço grosso» significa ser orgulhoso. O soberbo, se empav ona, e seu pescoço intumesce.

{879} No ano 663, de Roma.

{880} Pompeu Rufo

{881} Perto do Mo nte Circello, onde estava localizada a antiga morada de Circe.

{882} Junto à embocadura do rio Líris.

{883} San Giuliano, na costa ocidental da Sicília.

{884} A ilha de Zerbi entre Tripoli e Tunfe.

{885} Presentemente a ilha de Querqueni.

{886} Otávio e Cina, cônsules no ano 667, de Roma.

{887} Este termo é notável e mostra o descrédito em que haviam caído no tempo de Plutarco as Sibilas, os livros sibilinos e seus seguidores.

{888} Não existe singularidades: Otávio, comportou-se como mau e Mário como bom político.

{889} O famoso orador Marco Antônio, pai do triúnviro.

{890} Esta palavra tesouro significa aqui as oferendas feitas ao templo pelos habitantes de Acanto. Vide os pormenores acerca destas oferendas no capítulo XXXIII. A cidade de Acanto, que foi denominada depois Cassandra , ficava peito do monte Atos.

{891} Outros autores o chama m Aristócrito,

{892} Aristóteles, nos «Problemas», secção XXX, tomo II, pág. 815.

{893 } No primeiro ano da 93.ª olimpíada, 408 anos A. C.

{894} Os antigos geógrafos colocavam Focéia, uns na Btólia e outros na Jônia asiática. Mas trata-se , sem dúvida, de uma cidade jônia. Seus moradores devem ser chamados foceenses para se distinguirem dos fócios, naturais de Fóeida, província da Grécia. Foram os foceenses que se dirigiram à Gália, on de fundaram, em 539 A. C, Marselha, segundo Pétau.

{895} Quersoneso da Trácia, no estreito dos Dardanelos

{896} Provavelmente, alusão de Plutarco às antigas leis dóricas.

{897} Sardes, capital da Lídia, hoje Sart.

{898} Perto de Lesbos.

{899} Cidade da Ásia Menor, quase junto à costa, à entrada da Propôntida. Era famosa pelos seus vinhos.

{900} Foi depois denominada Novo Castelo da Europa, estando situada no estreito dos Dardanelos.

{901} Cidade do Quersoneso, nas costas do Helesponto.

{902} Esta guerra do Pelopone so durou 27 anos. Terminou no quarto ano da octogésima-terceira olimpíada, 405 anos A. C.

{903} Trata-se de fenômenos de eletricidade, observados em todos os séculos, mas que somente muito tempo depois se tornaram melhor conhecidos

{904} Plínio, II, 58, zomba com razão, desta pretensa predição feita, ao que se afirmou, por Anaxágoras, no segundo ano da 78 olimpíada.

{90 5} Plutarco não conta o motivo deste julgamento. Xenofonte (Hist. L. II.) no-lo narra. Os atenienses foram acusados de haver lançado ao mar todos os cativos de duas galeras e terem resolvido em plena assembleia cortar as mãos de todos os inimigos que aprisionassem. eles foram todos condenados a morte, com exceção de Adimante, que se opusera a esse decreto. Vide as sábias reflexões de Montesquieu sobre a força das penas. (Esprit des Lois, IV, 12).

{906} Ou seja, cortar as mãos de todas os prisioneiros, segundo conta Xenofonte.

{907} Não é do poeta, mas do historiad or, discípulo de Isócrates, que estas palavras são tiradas. Vide Muret (Var. Lect VII, 17). (Brotier). Muret se baseia naquilo que Teodoro Meto

chita cita de passagem como sendo de Teopompo, o historiador; mas o testemunho deste escritor não t em peso, bastante para que deva corrigir Plutarco.

{908} Plutar co inverte aqui a ordem dos fatos, pois este episódio de Samos só se verificou, segundo Xenofonte, após a demolição das muralhas de Atenas, de que se tratará em breve.

{909} No grego: aos pilotes e aos celeustas. Estes últimos fiscalizavam a preparação e a distri buição dos alimentos nos navios. Suidas atribui-lhes autoridade sobre os soldados e os remadores, que eram por eles animados, seja durante as viagens, seja durante os combates.

{910} No grego: munychion .

{911} electra, vide 167

{912} Pausànias chama-o de Eteônico, e conta esta história de maneira um pouco diferente.

{913} No grego; o-Banquete.

{914} Xenofonte escreve que ele seguiu, não para a Trácia, mas para Samos.

{9 15} Vide a Vida de Licurgo, capítulo LXII

{916} Também chamado Alexandridas

{917} Historiador da ilha de Samos, da qual foi ti rano, segundo Ateneu. Viveu na época de Ptolomeu Piladelfo.

{918} Dacier conjectura, valendo-se do testemunho de Pausânias, que se deve ler aqui Tilfuso (B). O nome de Cissusa esta perfeitamente de acordo com o que Plutarco narra a respeito dessa fonte. Assim, não acho que se deva fazer qualquer alteração.

{919} No ano 464 de Roma.

{920} Não é ao caráter, mas à pessoa ou ao físico a que Plutarco se refere, ao dizer que deve ser permitido usar de seme lhantes traços, quando se procura descrever um homem como Sila.

{921} Isto é contado de modo um pouco diferente na Vida de Mário.

{922} Fenícias, V. 554.

{923} Sile Metelo foram cônsules juntos no ano de 674, sentiu já o primeiro ditador. Foi nesse ano que Cícero, com 27 anos pronunciou seu admirável discurso em defesa de Sexto Rósoio Amerino.

{924} Laverne era uma deusa venerada em Roma pelos larápios e impostores. Ela tinha um bosque sagrado perto da Via Salaria. É, ao que parece, deste bosque, que se trata aqui.

{925} Valério Máximo diz que ele passara por todas as honras.

{926} Um pardal.

{927} O nome da deusa não figura no texto, e não se pod e apontá-lo, pois Plutarco diz que não sabia qual era ela.

{928} Ninguém sabe que lugar é este. (Vauvilliers). Vide as Observações.

{929} Medida p ara secos, no sistema ático, criada por Sólon, e que valeria, aproximadamente, 53 litros. (N. do T.).

{930} Alguns estudiosos dizem que se deveria ler Ateio.

{931} Dípilo era uma das portas de Atenas, a noroeste da cidade, e que dá para Colona, lugar que Édipo tornou famoso. Picava a dez estádios de Atenas, se gundo Tucídides. O sábio Meursius pretende que se deve ler quatro estádios, tendo-se em vista um trecho de Cícero, em suas Tusculanas. Mas Tito Lívio, assim como Tucídides, contou mil passos da porta de Dípilo até à A cademia, na extremidade da qual se achava o comoro chamado Colona, como se pode ver nos Aticos, de Pausânias.

{932} No ano 668 de Roma.

{933} Cidade situada na fronteira entre a Beócia e a Fócida.

{934} Um pouco mais adiante se chama Molo.

{935} No texto grego lê-se Erício; todavia, vários autores são de opinião que se deve ler Hírcio.

{936} Cidad e da Beócia.

{937} Medida agrária de mil pés quadrados, entre os gregos antigos. (N. do T.),

{938} Não se trata d a Média, vasta região da Ásia; mas de um território da Trácia oriental.

{939} No ano 670 de Roma.

{940} No ano 666 de Roma.

{941} Tiatira, cidade da Lídia, ao norte de Sardes, no caminho de Pérgamo Era uma colônia dos macedônios . Tivera anteriormente os nomes de Pelópia e Evipe.

{942} Hoje Durazzo, na Albânia.

{943} Nome próprio que significa: consagrado às ninfas. Este fogo, segundo Dion Cássius, não crestava nem a terra, nem as árvores ou as ervas que cresciam no local.

{944} Hoje Borgo de San Donino. Apiano coloca a cena deste acontecimento em Piacenza; o q ue não constitui propriamente uma contradição, pois as duas cidades são vizinhas, Fidência, com efeito, encontra-se entre Piacenza e Farma.

{945} Séstio, segundo Apiano. Mas as duas cidades eram vizinhas ficando ambas no Lácio.

{946} Nos arredores da antiga cidade de Alba havia numerosas casas de recreio, entre as quais se tornaram particularmente famosas a de Pompeu e a de Domiciano.

{947} No ano 672 de Roma.

{948} No ano 675 de Roma.

{949} No ano 619, de Roma.

{950} No ano 676, de Roma.

{951} Designação dada, em Esparta, aos cinc o magistrados eleitos para fiscalizar e contrabalançar a autoridade dos reis.

{952} Odisseia, L. VIII, v. 77.

{953} «Maior» não está no grego.

{954} Ver a Ilíada, L. XXIII, v. 295.

{955} Dez oito mil escudos. Amyot.

{956} Uma scytale — bastão cilíndrico, sobre o qual os espartanos enrolavam em espiral as margens do pergaminho servido para escrever os despachos do Estado. O própr io despacho.

{957} A Hidria.

{958} Outros leem: «ter piedade e ser sábio ao mesmo tampo». Amyot.

{959} Eurípides, «As Troianas».

{960} É preciso ler: — «Os tralianos, ou os habitantes da Trália». Ver a nota de Dacier.

{961} Sessenta mil escudos. Amyot.

{962} Concorrente não é a palavra, pois que sempre houve dois reis. Era seu companheiro, ou, se permitem o termo, co-rei.

{963} Pausânias, filho de Plistoanax. Ver a Vida de Lisandro, no cap. 52 até o cap. 56.

{964} Como querendo dizer, «que tinha o cérebro ferido por ser tão presunçoso». Amyot.

{965} Leia-se Arquias, como os historiadores e Plutarco mesmo escreveram em diversos lugares.

{966} Leia-se Arquias, como os historiadores e Plutarco mesmo escreveram em diversos lugares.

{967} Chamada Eutéia, segundo Xenofonte Heleno, L. VI. p. 353.

{968} Esta batalha contra os aten ienses, os argianos e os mantinianos, foi travada no terceiro ano da nonagésima Olimpíada, o ano de Roma 336, sob o comando de Agis.

{969} Não e stá escrito no texto que esta carne foi salgada, mas muito simplesmente que eles lhe enviaram um pedaço de carne de seu banquete.

{970} Cem escudos. Amyot.

{971} A s coroas.

{972} Cento e trinta e oito mil escudos. Amyot.

{973} Sobre o Mediterrâneo, acima do promontório de Ar-dane, na parte da África denominada Marmarica, entre o Egito ao oriente e a Cirenaica ao ocidente.

{974} Dois milhões e quatrocentos mil escudos. Amyot.

{975} Ver Appien, Das Guerras Civis, L. I, cap. 78, que narra um pouco diferente a morte de Cina.

{976} Picenum, antiga região da Itália, no Adriátic o, hoje o território que forma as províncias de Ancona, Macerata e Ascoli.

{977 } Vetídios.

{978} Sobre a costa da África, em face da ilha Sardenha, à esquerda; e Cartago à. direita do rio Bagrada, que desce dos montes Mampsaro e se joga no Mediterrâneo.

{979} Sobre a margem esq uerda do rio Bagrada.

{980} No ano de Roma 673, A. C. 81.

{981} O ano de Roma 676; Sila morreu nesse mesmo ano.

{982} Grego, Mutine, entre os rios Scultena à direita e Gabeló à esquerda, na parte da Itália denominada Gália Cispadana, isto é, aquém do Pó.

{983} Leia-se segundo o grego : — «e havia mudado subitamente entregando-se ao luxo e às despesas supérfluas, de maneira que Pompeu adquiriu não somente a admiração mas ainda a amizade de todo o mundo, aumentando ainda a simplicidade de sua maneira de viver; não teve necessidade de muitos esforços para isto, porque, etc».

{984} vida de Sertório e as Observações, L. V,- cap. XXVII.

{985} Idem.

{986} Idem.

{987} O ano de Roma 680, A. C. 74.

{988} O ano de Roma 681, A. C. 73.

{989} O ano de Roma 683.

{990} O ano de Roma 684, A. C. 70.

{991} Que pertencia à ordem equestre.

{992} É preciso ler: — «cidades tomadas::. Não se trata de prisioneiros no texto.

{993} Ilha do mar Egeu abaixo d a Trácia, diante da embocadura do Hebreu.

{994} Hermíona e Epida uro são duas cidades da Argólida.

{995} Grego: no istm o; é o istmo de Corinto.

{996} Promontório do Pelopo neso entre o de Maléia e o de Corifásio.

{997} Leia-se: — «na Caláuria». Caláurla era uma ilha, sobre a costa da Trezênia, onde havia um templo de Netuno. Veja-se Pausânias, L. II, cap. 33.

{998} Sobre o golfo de Ambrácia ao noroeste da Acarnânia.

{999} Leucádia, pequena ilh a ao longo das costas da Acarnânia.

{1000} Sobre as costas da Jônia.

{1001} Há duplo sentido na l eitura deste trecho, e segundo outra Interpretação, é preciso traduzir: porque o ar fendido e entreaberto recebe muito vácuo. Amyot.

{1002} Cidade da Cilícia, na extremidade, do lado da Panfília, perto do mar Mediterrâneo, que sé chamava o longo desta costa, mar da Panfília.

{1003} Soles, outra cidade da Cilícia, perto da emboeadura do rio Cidno.

{1004} Ilíada, L. XXII, v. 207.

{1005} No gregos «esses que mantinham o partido aristocrático».

{1006} Ao meio da Paflagônia.

{1007} Estende-se do norte ao meio-dia, desde a Selêucida a té a Palestina.

{1008} Sessenta mil escudos. Amyot.

{1009} Ao norte da Comagene e da Mesopotâmia.

{1010} Três milhões e seiscentos mil escudos. Amyot.

{1011} Meia mina.

{1012} Uma mina.

{1013} Um talento.

{1014} Esse Bósforo não é o da Trácia, mas o Bósforo Cimeriano ou Cimério que reúne os Paios Meótidos com o Ponto Euxino e separa Quersoneso Táurico, hoje a Criméia, da Sarmácia da Ásia.

{1 015} No grego: a Cíntia e a Panomia.

{1016} Cento e oitenta mil escudos. Amyot. Consta no grego. quatrocentos talentos.

{1017} Seiscentos escudos. Amyot.

{1018} T rinta mil escudos. Amyot.

{1019} No grego: cinquenta milhões.

{1020} No grego: oitenta e cinco milhões.

{1021} No grego: vinte mil talentos.

{1022} No grego: mil e quinhentas dracmas.

{1023} Nasceu no ano de Roma 648, triunfou de Mitrídates no ano de Roma 693, no mesmo dia do aniversário de seu nasc imento. Tinha portanto, precisamente quarenta e cinco anos.

{1024} O a no de Roma 696.

{1025} Um pouco antes; pois voltou da Espanha no ano de Roma 694 e foi cônsul pela primeira vez no ano de Roma 695.

{1026} Da Ilíria.

{1027} Leia-se segundo o grego: «a cada vez que sacudia sua veste». Não se trata de padre no texto.

{1028} O ano de Roma 697.

{1029} Auletes.

{1030} Povos dos Países Baixos.

{1031} Povos de além do Elba.

{1032} Grego: bretões.

{1033} O ano de Roma 699.

{1034} Leia-se: «a tenentes seus amigos».

{1035} O ano de Roma 701.

{1036} O ano de Roma 702.

{1037} No grego consta: — «Ele se coroava e sacrificava nos deuses pelo seu casamento, quando devia pensar, etc».

{1038} Seiscentos mil escudos. Amyot.

{1039} O ano de Roma 704.

{1040} Novecentos mil escudos. Amyot.

{1041} Do lugar onde o Senado se reunia.

{1042} Arimin, hoje Rímini, cidade situada sobre o mar Adriático, na província da Umbria, na embocaclura do rio do mesmo nome, a cinquenta e oito léguas de Roma. Foi ali que se realizou no ano 359 de Jesus Cristo o famoso concilio, onde mais de quatrocentos bispos, vencidos pelas violências de Tauro, prefeito do imperador Constâncio, assinaram a fórmula pela qual, segun do expressão de São Jerônimo, todo o universo foi surpreendido por se achar ariano, mas que forneceu ao papa Libério, recusando subscrever, uma feliz ocasião de reparar a falta que havia cometido, doi s anos antes, aderindo à condenação de Santo Atanásio, e assinando uma fórmula de fé ariana, segundo a expressão de Santo Hilário, que a anatematizou com seu autor.

{1043} Um pouco acima do rio Arimin.

{1044} Isto não- consta no grego.

{1045} Lúcio Volcacio Túlio, que havia sido côn sul no ano de Roma 688.

{1046} Cícero, Epístola Ad. Atticum, L. 7, ep. 11.

{1047} Cidade da Macedônia, ao pé do mo nte Bermio.

{1048} Brindes na Calábria.

{1049} No Épiro sobre o mar Ioniano.

{1050} Cantão do Epiro perto do Pindo.

{1051} Ilha do mar Egeu, perto das costas da parte da Ásia, denominada Eólia, acima da Trôade, entre 39 e 40 graus de latitude.

{ 1052} Na Tessália, acima de Larissa é atravessada pelo rio Apidano, que vai se jogar no golfo Termaico, depois de haver passado com o Peneu e o Enipeu pelos vales do monte Olimpo, conhecidos sob o nome de Tempia.

{1053} Isto não consta nos Comentários de César, e, portanto, creio que é necessário adotar a mudança proposta por Dusoul, e traduzir: — «Dizem que César mesmo havia visto assim, quando ia revistar suas patrulhas«.

{1054} Cidade da Tessália, um pouco ao norte da Farsália, que não se deve confundir com

Escotusa, cidade da Trácia sobre o rio Estrimon.

{1055} O ano de Roma 706, A. C. 48.

{1056} Ilíada, L. II, v. 543.

{1057} Perto da embocadura do rio Estrimon.

{1058} Capital da ilha de Lesbos.

{1059} Dirráquio ou Epidane, sobre o mar Jônio acima das montanhas que separam a Ilíria da Macedônia. É hoje Durazzo.

{1060} Sobre a costa meridional da Ásia, quase em frente à ilha de Chipre, se bem que um pouco mais a ocidente.

{1061} Denominado Dionísio. irmão de Cleópatra.

{1062} Ver a nota sobre a Vida de Crasso, L. V, cap. 35.

{1063} Sobre o mar Mediterrâneo, na embocadura a mais oriental do Nilo.

{1064} Grego, Teodote.

{1065} No grego: "sorrindo, um homem mo rto não morde "mais".

{1066} Cinquenta e oito anos e um dia.

{1067} Tendo a lutar contra um tempo tempestuoso, como contra um terrí vel antagonista.

{1068} No "Antígono", v. 570 ou 563 .

{1069} Historiador, de Lampsaque, viveu no tempo da ve lhice de Fócion.

{1070} Um dos dez oradores d os quais Plutarco escreveu as Vidas, que se encontram nesta coleção.

{1071} Na guerra que denominam Social, no terceiro ano da centuagésima-quinta Olimpíada; A. C. 358.

{1072} O quarto ano da centuagésima Olimpiada; A. C. 377.

{1073} "Por que não te fazes escanhoar?" O resto é uma paráfrase de Amy ot.

{1074} Um sicofanta.

{1075} Leia-se, de acordo com as variantes dos manuscritos, "enviou de volta todos os gregos que haviam sido aprisionados".

{1076} Todas as duas na parte da Trácia que forma o reino dos Odrisianos; Perinto, sobre a Propôntida, e Bizâncio, sobre o Bósforo da Trácia.

{1077} Na extremidade ocidental do Atiço, abaixo do monte Citeron.

{1078} Um pouco abaixo de Megara. Era uma cidadezinha que servia de po rto e de arsenal de marinha a Megara.

{1079} Isto não consta no grego.

{1080} De Queronéia, aparen temente.

{1081} Aquele que se retirou com a comitiva que seguiu Dario, ali recebendo a morte como prêmio d a nobre franqueza com que fizera sentir a diferença de suas tropas brilhantes de ouro com os soldados macedônios todos

cobertos de ferro. Veja Q. Curt. L. III, cap. 5.

{1082} No primeiro ano da centuagésima-undécima-primeira Olimpíada.

{1083} No terceiro ano da centuagésima-décima Olimpíada.

{1084} Sessenta mil escudos, Amyot.

{1085} Não é da ilha que se trata aqui, mas de uma cidade sobre o rio do mesmo nome, na Bitínia ou na Mísia, que lhe é contígua.

{1086} Gergueto está na Mísia.

{1087} Milasses acha-se na Caria.

{1088} Eléia, na Eólia, abaixo do rio Calco e de Pérgamo que está do outro lado do rio. £ hoje a aldeia de Castela-mare-della-Bruca.

{1089} É um bairro do Pireu. Ver Meursius, L. I.

{1090} Leia: "Seu filho desejando combater nos jogos das Panathenea, Fócion permitiu-lhe concorrer aos prêm ios do exercício chamado Parabate, não porque lhe apetecesse unanimemente, etc". Este exercício consistia em descer e subir sobre carros correndo à rédea solta.

{1091} Os sábios concordam com razão com a forma Foco, como se encontra mais adiante.

{1092} General de Alexandre, governador da Babilônia, onde roubou o tesouro do s reis antigos, transportando-o para Atenas. O desaparecimento de uma parte desse tesouro deu causa a um processo ruidoso, no qual o próprio Demóstenes esteve envolvido. Harpalo morreu em 324 A. C.

{1093} Quatrocentos e noventa mil escudos. Amyot.

{1094} Pausânias chama-a Pitionice e assegura que esse monumento é um dos mais belos da Grécia. L. I, pág. 90, ediç. de Kuhn.

{1095} Dezoito mil escudos. Amyot.

{1096} A Guerra Lamiaca, pela qual os gregos tentaram libertar-se do domínio macedónico depois da morte de Alexandre (328 A. C) , sob a chefia de Hispérides e Demóstenes. Houve sucessos a princípio, tendo o próprio Leóstenes, referido no texto, feito um cerco a Antípater na cidade de Lâmia (daí a denominação da guerra). Com a batalha naval de Craunon e morte dos principais c hefes, Atenas submeteu-se.

{1097} Consta no grego: "mas receio o Dolichum", que era uma corrida em que se fazia seis vezes o percurso. C.

{1098} No segundo ano da centuagésima-décima-quarta Olimpíada; A. C. 323.

{1099} No ano seguinte. Cranon acha-se no distrito da Tessália chamado Têmpia.

{1100} Entre o de Falere para o oriente e o do Pireu para o ocidente. É uma das povoações do Atiço, mas não se sabe de qual tribo.

{1101} Grego, "boedromion", setembro.

{1102} Leia-se: "em cujo dia habituaram-se a conduzir Jacos desde a cidade de Atenas até. etc." C.

{1103} Floresta da Tesprótida ou de Molóssia; pois os limites dessas duas províncias variaram. Era consagrada a Júpiter e famosa por seus oráculos que eram entregues por carvalhos ou por pombas.

{1104} Ou faixas, com as quais unem ao redor os berços místicos de Baco. Amyot.

{1105} Na extremidade do golfo Argólico e do golfo Saronlco.

{1106} Cidade da Argólida.

{1107} Grande cadeia de montanhas no Épiro.

{1108} A esta forma de governo.

{1109} Cem escudos. Amyot.

{1110} No quarto ano da centuagéslma-décima-quarta Olimpíada; A. C 321.

{1111} Havia duas províncias com o nome de Lampria no Atico.

{1112} É preciso ler: "eu creio. Caricies". Veja o cap. 50.

{1113} Leia-se: Foco.

{1114} Grego, "munychion" (abril), no terceiro ano da centuagé-sima-décima-quinta Olimpíada.

{1115} Popédlo Silo, como observa na Vida de Mário, cap. 59.

{1116} Não podia ter então mais do que quatro anos, pois nasceu no ano de Roma 660, e Druso, em casa de quem esta cena se passou, morrera no ano de Roma 663, e a guerra dos Martes na qual esse Popédlo foi general começou n este ano 663, A. C. 91.

{1117} Ver a narração no quinto livro da Enei da de Virgílio, desde o verso 545 até o verso 603.

{1118} Sessenta e dois mil escu dos. Amyot.

{1119} Catão, o Antigo, cuja Vida encontra-se no terceiro livro.

{1120} Era assim porque a sorte se tirava com ossinhos, os quais quando se encontravam com o V para cima, o lanço chamava-se Vénus. Amyot.

{1121} Antiga veste militar.

{1122} Outrora chamada Abissinta, junto da embocadura oriental do Ebro, no cantão dos ciconianos.

{1123} Na Macedónia, sobre o golfo Termaico.

{1124} Na ilha de Tassos, próximo da costa meridional da Trácia. Esse mármore de várias cores era então muito apreciado.

{1125} Quatro mil e oitocentos escudos. Amyot.

{1126} Isto parece se referir a César, em seu livro que chamou Anti-Catão. Amyot. Ver as Observações.

{1127} Cidade da província da Ásia chamada Galácia ou Galo-Grécia, próxima do rio Sangare.

{1128} Magistrado romano encarregado das finanças ou da justiça criminal.

{1129} Grego: "em te exp or fazendo-te expulsar pelos nossos sargentos".

{1130} O cargo de questor.

{1131} Um mil e duzentos escudos. Amyot.

{1132} Três m il escudos. Amyot.

{1133} Na Vida de Lúcu lo, este propósito é atribuído ao próprio Catão. L. V, cap. 81.

{1134} Os tribunos podiam vetar as decisões dos cônsules.

{1135} No ano de Roma 691, A. C. 63.

{1136} No ano de Roma 691.

{1137} No ano de Roma 692.

{1138} Equivalentes aos atuais taquígrafos.

{1139} Marcus Culpurnius Bibulus, cônsul junto com César, partidário de Pompeu, cuja morte se deu durante a guerra civil.

{1140} Catão a retomou depois da morte de Hortênsio," no ano de Roma 705, como se verá no capítulo 68.

{1141} Setecentos e cinque nta mil escudos. Amyot.

{1142} Gladiadores.

{1143} No ano de Roma 695.

{1144} Grego: "a Campanha"; e é o que denominam hoje a Terra do Labor no reino de Nápoles.

{1145} Grego: "a Iliria"

{1146} No an o de Roma 6ST6; A. C. 58.

{1147} Auletes, denominada também Nothu s.

{1148} Quatro milhões e duzentos mil escudos. Amyot.

{1149} Grego: "dois talentos e quinhentas dracmas".

{1150} Porto oriental de Corinto.

{1151} Grego: "Corcira".

{1152} No ano de Roma 698. Catão não tinha ainda trinta e oito anos; e a lei exigia quarenta para a pretoria.

{1153} Grego: "cento e vinte e cinco mil dracmas". O tradutor latino pôs quinhentos mil sestércios, como se lê em uma carta de Cícero a Atiço; Liy. IV.

{1154} No ano de Roma 701.

{1155} No ano de Roma 702.

{1156} Leia-se: "no entanto, que todas as vezes que solicitasse seus conselhos em particular, ele os daria, mas que, mesmo que não lhe solicitasse nada, diria sempre publicamente tudo o que lhe parec esse conveniente para o bem do Estado".

{1157} E o outro senhor Cláudio Marcelo, foram cônsules no ano de Roma 703.

{1158} Rimini.

{1159} Hér cules Furioso, v. 174.

{1160} Messina.

{1161} Grego: "ou na Líbia". Mas este nome significa aqui não uma província particular, mas a Africa assim denominada pelos «regos e, da qual o Egito fazia parte.

{1162} Os antigos esquentavam-se e lavavam-se, depois punham-se dentro de leitos para jantar. Amyot. Não se punham dentro mas em cima.

{1163} Sobre a costa da África, junto ao promontório de Apolo que se acha em frente da Sardenha.

{11 64} Sobre a costa da África, à direita descendo de Cartago; quase em frente da ilha de Malta.

{1165} Sobre a mesma costa que Tapses, mas um pouco acima, na altura de Malta, ao lado da pequena Leptis.

{1166} Leia-se: "Certamente, disse, ele vem contra nós como contra homens!"

{1167} Telmesso é uma cidade da Lícia onde a arte dos arúspices estava muito florescente.

{1168} Treskeyein, imitar os trácios, e daí exercer o seu culto supersticioso.

{1169} Ler: "Esse ar tista, com efeito, observou perfeitamente bem e representou o que vários

dos seus amigos e sucessores procuraram imitar depois, a saber, sua maneira de apresentar-se, etc." Vide a Vida de Pirro, cap. XV.

{1170} O Pancrácio: explicamos alhures em que consistia essa espéci e de combate.

{1171} Oco.

{1172} Ele dava a si mesmo o nome de Fénix, a Alexandre o de Aquiles, etc.

{1173} Sete mil e oitocentos escudos, — Amyot. 60.684 libras francesas.

{1174} Na costa do mar Egeu, entre Anfípolis e Acanto, n a parte da Macedónia chamada Calcídica situada ao pé da cidade de Mieza, onde ainda existem assentos de pedra que Aristóteles mandou construir em aldeias cobertas de árvores para passea rem à sombra.

{1175} Quer dizer: Estão publicados, e assim não o são. — Amyot. Tanto poderia estar essa tradução no texto como em nota, pois é o sentido exato do grego.

{1176} Ek toy nárthekos. Querem alguns que essa passagem se refira ao rico cofre encontrado entre as j oias de Dário, dentro do qual Alexandre quis que se guardassem os livros de Homero. — Amyot. Vide as Observações.

{1177} Seu v erdadeiro nome é Onesícrito. Acompanhou Alexandre na expedição à Pérsia e escreveu-lhe a história. Era piloto de seu navio. Alexandre enviou-o junto aos chamados filósofos brâmanes, da índia. Sua história foi acusada, pelos antigos, de muitas infidelidades; Plutarco alude a isso na continuação da Vida de Alexandre.

{1178} Ambos floresciam na 95ª olimpíada.

{1179} Trinta mil escudos. — Amyot. 233.437 libras francesas.

{1180} Eram ambos filósofos hindus, aos quais Ones ícrito fora enviado. Vieram, em seguida, encontrar Alexandre na Pérsia, onde Calano, pondo termo à vida, queimou-se voluntariamente à vista dos persas e dos macedônios. Vide Estrabão, 2. XV, pág. 1.042 e seguintes. Aquele a quem Plutarco ch ama aqui Dandamis é chamado Mandanis por Estrabão, Ibid., e pelo próprio Plutarco nesta Vida de Alexandre, final.

{1181} Havia na Trácia, perto da Macedónia, ao pé do monte Pangeia, uma província chamada Média por todos os antigos. Os habitantes denominavam-se me dos, do nome de um príncipe ilírico chamado Medo, segundo ápio. Esse povo costumava invadir a Macedónia, sobretudo quando alguma expedição dali fazia sair os reis. Se nunca ningué m os chamara de medários, é o que aparentemente sabia Plutarco, ou seus copistas. Mas esse conhecimento não chegou até nós.

{1182} Ilíria.

{1183} Acrescentar, de acordo com o grego: durante sua ausência.

{1184} 336 A. C.

{1185} Ilíria.

{1186} No segundo ano da centésima-undéci ma olimpíada. 335 A. C.

{1187} É o Cínico.

{1188} É aparentemente Libetra, na Tessália, porto da qual estava o túmulo de Orfeu. Havia

também uma fonte da mesma denominação, derivando daí o nome das musas Libétrides, se bem que Pausânias pareça fazer, derivar esse epíteto da montanha e da fonte da Beócia, que trazia o mesmo nome.

{1189} Quarenta e dois mil escudos. — Amyot. 326.812 libras francesas.

{119 0} Cento e vinte mil escudos. — Amyot, 933.750 libras francesas.

{1191} Grego: a Minerva e aos heróis.

{1192} Que corre através da Frigia e da Mísia menores e se lança na Propôntida.

{1193} No mês Désio.

{1194} Artemísio.

{1195} Grego: Clito, cognominado o Negro, como se lê em Arrieno em Diodoro; pois houve outro cognominado o Branco.

{1196} É preciso ler, segundo alguns manuscritos: deixou descobertas as pontas da rocha, etc.

{1197} Acrescentar, conforme ao grego: que já era morto.

{1198} Perto da Panfília.

{1199} Seu verdadeiro nome é Píndaro.

{1200} De Mitilente, historiador que Plutarco cita várias vezes na Vida de Alexandre e que parece ter sido contemporâneo desse prín cipe.

{1201} Uma das cidades mais célebres da Ásia, na parte da Síria chamada Celessíria, perto" do monte Líbano.

{12 02} Barsina.

{1203} Ler: corrompido.

{1204} Ele assim, a adotou de certo modo, dando-lhe esse nome em sinal de respeito.

{1205} A história de sua vida, escrita em forma de jornal p or Èumenes de Cárdia e Diodoro de Eritreia. Surpreende-me que o sábio Vóssío, em seus Historiadores Gregos, ponha em dúvida se esses dois personagens florescem nessa época: pois Êume nes é o capitão de Alexandre, tornado tão famoso depois dele e cuja vida foi escrita por Plutarco.

{1206} Grego, dez mil dracmas. 7.682 libras francesas.

{1207} Na Cilicia, entre os montes Tauro e Amano.

{1208} A Fenícia fica ao longo do Mediterrâneo, descendo da Cilicia. Tiro fica na costa; ficava numa ilha, ao tempo de Alexandre, e distante 40 estádios do continente, segundo Quinto Cúrclo, ou 700 passos, segundo Plínio. As obras empreendidas por Alexandre a reuniram ao continente. A antiga Tiro, chamada Palétiro, ficava no continente, a 30 estádios da ilha.

{1209} Parte do Líbano, do lado da Arábia deserta.

{1210} No mar Mediterrâneo, ao sul de Áscalon, na Palestina.

{1211} Ilíada, 1. V, v. 340. Na tradução de Carlos Alberto Nunes, edição de Pasquale Petraccone: ‘"Escorreu, logo, o licor da deidade imortal, sangue que corre nas veias de todos os deuses eternos".

{1212} Construída depois da tomada de Tróia por Teucro, filho de Telamônio, que lhe deu esse nome, por causa da ilha de Salamina, ma pátria.

{1213} Nas festas de Baco, pediu a Alexandre, etc.

{1214} Escarféia fica no golfo Malíaco, na Lócrida, cognominada Epicnemidiana, entre os lóc rios cognominados ozolos no poente os lócrios opuntianos no oriente, diante de Eubéia.

{1215} Seis mil escudos. — Amyot. 46.687 libras francesas.

{1216} Seis milhões de escudos. — Amyot. 46.688.500 libras francesas.

{1217} Os outros exemplares dão: ao medo, tó phobos. Amyot.

{1218} Faltam nesse trecho algumas linhas do original grego— Amyot.

{1219} Vinte e quatro milhões, de ouro. — Amyot. 186.750.000 libras francesas.

{1220} Parece que se trata de lãs, tintas de púrpura. A melhor encontrada na Europa era a de Hermíona, ci dade da Lacònia. — Amyot. Hermíona não ficava na Lacônia, mas na Argólida. entre os golfos argólico e sarônico. Mas não é a púrpura de Hermíona de que fala Plínio, e sim a da Lacônia, por ele gabada em várias passagens; e pode-se julgar, pela décima-oitava ode do segundo livro de Horácio, a que ponto era estimada em Roma.

{1221} Pai de Clitarco, que acompanhou Alexandre em suas expedições e escreveu a história desse conquistador. Assim, vivia Dínon na época de Oco, rei da Pérsia. Cornélio Nepos seguia-lhe a autoridade no que concernia à Pérsia. Entretanto, vê-se, por Plínio que sua obra não estava isenta da mistura de fábulas.

{1222} Três mil escudos. — Amyot. 23.342 libras francesas.

{1223} Sessenta mil escudos. — Amyot. 4.668.775 libras francesas.

{1224} Teio, cidade da Iònia, diante da ilha de Quio: é a pátria Anacreonte.

{1225} Mas nós faremos de sorte que, por meio de presentes, etc.

{1226} Duzentos mil escudos. — Amyot.

{1227} No grego, três mil e três estádios e meio., a 24 estádios por légua 337 500 lib ras francesas que perfazem 137 léguas.

{1228} Axatres. segundo Quinto Cúrcio e Díodoro da Sicília.

{1229} Há, no grego um erro de cópia, ocasionado pela semelhança dos nomes. Felipe é um historiador cuja época não é conhecida. Ele escreveu sobre a história da Caria, sua pátria; porque ele era da cidade de Teangelo, Plutarco chama-o de Teangeliano, Teangueleús, nome que os copistas trocaram por eisangueleús, lsen gelo, epíteto dado, duas linhas acima, a Cares e que designa entre os reis a função de introdutor.

{1230} Cidade da Macedónia.

{1231} Dimno em Quinto Cúrcio e em Diodoro da Sicília.

{1232} Cidade da Macedónia.

{1233} Quinto Ciircio o chama de Cebalino.

{1234} Chamado Metron, segundo Quinto Cúrcio,

{1235} Leia-se: foram dizendo tudo às claras.

{1236} Povo da Acarnânia, vizinho do s etólios.

{1237} Ariston, segundo Quinto Cúrcio e Arrieno.

{1238} Quinto Cúrcio diz que Alexandre saiu da mesa e foi se pôr no ve stíbulo escuro, pelo qual todos os convidados deveriam passar, à saída, e Clito saindo por último, ele o matou, depois de lhe ter perguntado pelo nome.

{1239} Cidade d a Trácia.

{1240} Odiavam também a Calístenes.

{1241} Eurípides, Bacchantes, v. 267.

{1242} Da cidade de Esmima, vivia no tempo de Ptolomeu Evergeto I.

{1243} Ilíada, 1. XXI, v. 107.

{1244} Na Hircânia.

{1245} Não é ela conhecida com outro nome. Foi aí que Alexandre desposou Roxana. Estava na Bactriana.

{1246} Há várias cidades com esse nome. Esta é nas Índias, entre os rios Cofene e Indo.

{1247} Seiscentos mil escudos. — Arayot. 4.668.775 li bras francesas.

{1248} Alexandre.

{1249} Leia-se: tendo ordenado a Ceno que fizesse o mesmo à direita, assim, etc. Veja as Observações.

{1250} Leia-se: a batalha tendo começado de manhã, os bárbaros foram vencidos, com dificuldade, à oitava hora do dia. Veja as Observações.

{1251} Potamon, o Lesbiano, ensinou em Roma no tempo de Tibério o que marca também a época de Socion, o Histor iador, que não deve ser confundido com Socion, o Filósofo, que vivia no tempo de Ptolomeu Filometor, sexto sucessor de Alexandre.

{1252} Plutarco os chama gandaritas, bem como Estrabão. Os presianos são chamados tabresianos por Diodoro da Sicília .

{1253} Os maliano s e os oxídracos habitavam perto da confluência do Indo com o Hidaspes.

{1254} Quinto Cúrcio o chama de Timeu.

{1255} O ferro da flecha: Plutarco não quis dizer que ela não era guarnecida de ferro, mas que era de madeira, em vez de ser de caniço.

{1256} Eu prefiro outra versão: que gloriosamente morresse.

{1257} Ciluta, segundo Arrieno que a coloca na embocadura do Indo.

{1258} Fazem parte da Gedrosia, ou com ela limitam-se.

{1259} A Carmânia limita-se com a Gedrosia. Estes países es tão ao ocidente do Indo na direção do mar Eritreu. Estrabão fala dos ictiófagos que limitam com os oritas e se nutrem de peixes, eles e seus rebanhos.

{1260} Os vasos tericleanos.

{1261} Nos limites da Síria e da Arábia, perto do Eufrates.

{1262} Um milhão e oitocentos mil escudos. — Amyot. 14.006.225 libras francesas.

{1263} Em grego, uma peça de ouro.

{1264} Seis milhões de ouro, menos setenta e oito mil escudos. — Amyot. 40.687.750 libras francesas.

{1265} Perto do monte Oronte, cidade cuja origem remonta pelo menos, segundo Heródoto, a Dejoces, rei da Média, isto é, pela 21.» olimpíada, no ano 58 de Roma. Muito antes, segundo Diodoro da Sicília; muito depois, segundo Plínio, que certamente está enganado. Havia uma outra cidade com esse nome na Pérsia e uma na Síria.

{1266} É o seu nome, entre outros escritores, mas Plutarco os chama de Cusseanos. Julgavam-nos ao orient e de Susa, segundo Plínio; limítrofes com a Média, segundo Arriano. É preciso então colocá-los às portas de Susa.

{1267} Sete milhões de ouro. — Amyot. 46.68T.750 libras francesas.

{1268} Em grego, no mês Daésio. Veja as Observações.

{1269} Mil e duzentos escudos. — Amyot. 9.337 libras. 10 dinheiros franceses.

{1270} Havia, segundo Estêvão de Bizâncio, duas pequenas ilhas com esse nome, perto da de Salamina.

{1271} Doze mil escudos. — Amyot. 93.390 libras francesas.

{1272} Trinta mil escudos. — Amyot. 233.437 libras, 10 dinheiros franceses.

{1273} Cornélia, filha de Cina, que ele havia desposado, diz Suetônio. depois de ter repudiado Cossucia que era apenas de família equestre, mas excessivament e rica.

{1274} Pilha de Quinto Pompe u e neta de Sila.

{1275} Setecentos e oitenta escudos. — Amyot. 6.089.385 libras francesas.

{1276} Em grego, cinco milhões e quinhentos mil sestércios. 1.049.411 libras, 14 dinheiros franceses.

{1277} Abra. não é um nome próprio e eu me admiro de que Dacier se tenha também enganado, pois essa palavra si gnifica mais particularmente, o que nós dizemos, uma criada de quarto. Veja a Index du Trésor d'Henri Étienne. nessa palavra.

{1278} Novecentos e noventa mil escudos, Amyot. 3.875.062 libras e 10 dinheiros franceses.

{1279} Os suíços. César dá-lhes como limites o Reno, o monte J ura, o lago Lemano ou de Genebra e o Ródano.

{1280} É o cantão de Zur ique.

{1281} O Saona.

{1282} O condado Franco, a Borgonha, etc.

{1283} A parte da Itália que então se chamava Gália Cisalpina como se verá pelo que se segue.

{1284} A Picardia e os Países-Baixos.

{1285} Eles habitavam a parte da Bélgica, situada hoje no departamen to do Norte.

{1286} E m grego, os usupos, chamados em outros lugares usípios ou usipetas. Habitavam na margem ulterior da Reno, bem como as tsnterridas, que César chama de tencteres.

{1287} Povo vizinho, que habitava à margem de um pequeno rio denominado Lippe.

{1288} Que habitavam a região hoje chamada Arvorada.

{1289} Estes, o pais de Chartres.

{1290} Outros leem neste lugar prós tón Ázarin. isto é. até o rio Mona. — Amyot. É a mel hor versão, com a qual estão de acordo os Bâtblos.

{1291} Entre o Saona, o Loira e o Sena. Sua capital era Autun.

{1292} Sua capital era Langres, mas seu território estendia-se muito longe.

{1293} Hoje, São Reno na Borgonha.

{1294} Seiscentos mil escudo.-. — Amyot. 4.668.775 libras francesas.

{1295} Como, depois chamada Novoco mo, quando César lá estabeleceu esses novos colonos, acima- do lago de Como, outrora, Lario. na parte da Itália chamada então Gália Transpadana, isto é, além do Pó.

{1296} Novecentos mil escudos. — Amyot. 7.003.125 libras francesas.

{1297} Vinte e cinco escudos. — Amyot. 194 libras, 10 soldos e 7 dinheiros franceses.

{1298} Veja as Observações no capítulo seguinte.

{1299} Cispadana, isto é aquém do Pó, parte da Cisalpina.

{1300} O grego diz, em sua maneira de falar: O dado seja lançado. Amyo t.

{1301} Hoje Sulmona. no cantão dos pellgnianos, ho je Abruaao, no reino de Nápole.

{1302} Estrabão. Tito Lívio. Plínio, chamam-no Aus ou Eas. Ele corre, segundo Estrabão. a dez estádios, um pouco menos de meia légua de Apolónia.

{1303} Túsculo estava a cinco léguas de Roma, a sudeste. Tal cantão possuía muitas casas de veraneio; o terreno ara muito fértil. Hoje chama-se Frascati: a antiga Túsculo" estava a meia encosta: Frascati está ao pé da montanha.

{1304} A primeira cidade da Tessália, saindo do Épiro, diz César.

{1305} O original grego é defeituoso neste ponto: e é necessário completá-lo com o que está escrito na vida de Pompeu. — Amyot. Veja-se a Vida de Pompeu, t. VI.

{1306} Na Vida de Pompeu ele é chamado de Craniano: César o chama Crastino.

{1307} Cidade da Ásia Menor, na Lídia.

{1308} A dez l éguas de Veneza.

{1309} Em grego dezessete milhões e quinhentos mil sestércios, 8.849.609 libras francesas.

{1310} Dava-se este nome às torres edificadas nas costa? ou nós portos de mar, onde se acendiam lumes para orientar os navios durante a noite. Em frente a. Alexandria, havia uma ilha. chamada Favo ou Paro», e cobre o promontório dessa ilha. um farol, construído por Ptolomeu Filadelfo. de tamanho e magnificência tais. que alguns o enumeraram entre as maravi lhas do mundo.

{1311} Sabemos que Plutarco as escreveu em grego; as três palavras latinas, que são de César, foram postas por Amyot. para apresentar três palavras somente, o que o francês não permite, porque é sempre necessário juntar-se o pronome ao verbo.

{ 1312} O que se diz aqui da casa de Pompeu. não tem relação com Cornificio, mas com António, como veremos na sua vida e com o se vê nas Filípicas de Cícero e em outros lugares.

{1313} Deve-se escrever Tapso, como Ptolomeu, Estnibiio e todos os outros escrevem.

{1314} O mesmo de que falamos há pouco em outro lugar. Augusto o restabeleceu em seguida no trono, dando-lhe em lugar dos Estadas de seu pai, uma parte da Getúlia e das províncias que tinham sido submetidas precedentemente a Boco e a Bogada.

{1315} No ano 709 de Roma, antes de J. C, ano 45.

{1316} Munda, na antiga Bética. hoje reino de Granada, a cinco léguas de Málaga, muito perto do estreito de Gibraltar.

{1317} No ano 710 d e Roma. antes de J. C. ano 44.

{1318} Diodoro da Sicília di-lo assim e Estrabão e Pausânias estão de acordo com ele com relação a Corinto; mas, quanto a Cartago, ela só foi restaurada por Augusto.

{1319} Na embocadura do braço esquerdo do Tibre, separado nesse lugar por uma pequen a ilha.

{1320} Este trecho é relatado na V ida de Bruto: mas com relação à pretura urbana, de que Plutarco fala algumas linhas antes, por estas palavras, a mais honrosa.

{1321} Deve-se ler, eu creio: ele o solicitou, ele mesmo, em particular; e suprimir: os que escr eviam estes pequenos cartazes.

{1322} Na Vida de Bruto, é Caio Trebônio quem faz esse papel.

{1323} Em grego: no mesmo lugar.

{1324} Leia-se: e ele além disso, teve febre.

{1325} No ano 710 de Roma.

{1326} Sem que eles falem.

{1327} Esta frase deve ter falta de alguma coisa e muito embaraçou os sábios. Ficaria mais claro se escrevêssemos: eles só podiam dizer esse pr ovérbio comum. etc. O que significaria que se tendo deixado levar mais longe do que teriam desejado, voltaram-lhe a ponta contra o mesmo sentimento interior, pela vergonha de recuar. Vauvillicrs.

{1328} Leia-se: os escravos dos sátrupas e dos Intendentes dos reis Selêuco e Ptolomeu, etc.

{1329} Leia-se: que elas não lhes permitem a eles imiscuirem-se nos negócios domésticos.

{1330} Palene. cidade da Arcádia, no território da Lacedemônia. Havia outra cidade na Acaia, cuja semel hança de nome provoca confusão com esta. mas que se deve chamar Pclene. segundo o Escoliaste de Apolônio.

{1331} Malea é somente um promontório no sul da Macedónia.

{1332} Selásia, perto do rio Oeno ao oriente do verfto. com referência a Esparta.

{1333} Pausânias chama-a Pafia. em suas Lacônicas, p. 276. Mas os sábios pretendem que se deve ler nesse lugar Pasifae.

{1334} No oriente da Lacedemõnia, ao lado da Messênia.

{1335} Ele vivia no tempo de Ptolomeu Evergeta I e de seu sucessor Pilopator. e por conseguinte no tempo de Anis e de Cleômenes. Foi autor de diversas obras historiai:; e mitológicas. Não 86 sabe qual a sua pátria.

{1336} Trezentos e sessenta mil escudos. Amyol. 2.801.250 libras francesas.

{1337} É chamado Emerepes, nos Apotegmas dos lacedemônios, cap. XXIX, et. XVI.

{1338} Leia-se: do deus. Vimos no começo do capitulo XVIII que Cleômbroto se havia refugiado no templo de Netuno.

{1339} Vários sábios acham que se deve ler: a Ceada, nome dado à prisão de Esparta.

{1340} No segundo ano da 102.» olimpíada, antes de J. C. ano 371. É Cleômbroto I.

{1341} Outros escrevem Blemina, Belamina, etc. Tinha feito parte da Arcádia, à qual fora tirada pelos laced emônios.

{1342} Grande cidade da Arcádia, perto de Alfea, a um dia mais ou menos do Eurotas, na estrada de Megalopolis a Argos.

{1343} Também na Arcádia, perto de Tegeu e de Megalopolis, como o fato o indica.

{1344} Na Arcádia, perto de Orcomena do Peloponeso, tpie se não deve confundir com Orcomena d a Beócia.

{1345} Uma das cidades que formavam Megalópolis.

{1346} Cidade da Arcádia cujo nome B8 deriva de Palas, bisavó, de Evandro. Deve-se escrever Palanteó. Vej a-se Virg. Aen. 1. VIII. v. 54.

{1347} Montanha da Arcádia.

{1348} Ao sul da Arcádia, perto dos limites da Lacedemònia

{1349} Em Políbio. esse lugar é chamado Laodicies.

{1350} Cidades da Arcádia, sujeitas aos acaios: esta é chamad a Aséa por Pausânias: é verdadeiramente a que Plínio chama Aléa.

{1351 } Ilíada. 1. III. v. 172. C.

{1352} Ilíada, 1. IV, v. 431. C.

{1353} Ele. Cleômenes.

{1354} Em grego, os Ilírios, ao longo do mar Adriático, que vinha juntar-se à Macedónia. Mas essa denominação é assaz vaga. entre os antigos e compreende uma extensão mais ou menos grande da região.

{1355} Templo não está no texto grego; e, segundo Políbio, parece que é o nome de um pequ eno cantão.

{1356} Isto está multo diferente do texto, que significa: que Arato era alternadamente pretor; de cada dois anos, um.

{1357} Estando ao mesmo tempo.

{1358} Em Plutarco encontra mos Cilarabis e Cilabaris. O nome verdadeiro é Cilarabis.

{1359} Cidade da Anila, no norte do Peloponeso, perto do rio do koIío de Corinto, a oeste de Sicione.

{1360} Entre Sicione e Egio, mas um pouco ao norte, a duas léguas e meia do golfo.

{1361} Fenéa, cidade da Arcádia.

{1362} Cidade da Argólida na estrada de Argos a Corinto.

{1363} Na parte da Acaia, que tem o nome de Sicionéa, entre Sicíone e Cleones. Fliunte que Ptolomeu coloca perto de Nauplia na Argólida. devia ser muito insignificante, pois Estrabão não fala dela, fazendo a descrição dos lugares vizinhos a Nauplia.

{1364} Vicia de Arato, aquele que Cleômenes manda, chama-se Tripilo.

{1365} Evergeto I.

{1366} Entre Megara e corinto.

{1367} Perto de Corinto, entre a fortaleza de Solígia e Cencrés, um dos portos de Corinto, ao oriente, no golfo sarônico

{1368} Outro porto de Corinto, ao ocidente, no golfo de Crissa

{1369} Promontório.

{1370} Em grego, cinco minas. 389 libras, 1 sh. e 9 d. Francesas.

{1371} Em grego, Cinquenta talentos, 233.437 libras, 10. sh francesas.

{1372} Mais provavelmente Zecio. pequena e humilde cidade, absorvida por Megalópolis.

{1373} Talvez também Helissunta. cidade do mesmo gênero e no mesmo caso.

{1374} Alguns velhos exemplares dizem: té prorátou psorásal, que é o sentido por nós seguido. Outros dizem tés próras tó psurásai. isto é, a preparação vai na frente da proa, o que também é interessante, e mais agudo, pois é como se dissesse, necessita-se de precaução e prudência antes de um empreendimento qualquer. — Amyot.

{1375} Os Ilírios.

{1376} Pequena cidade ao sul da Lacônia. perto da embocadura do Eurotas. Servia de porto a Esparta.

{1377} Abaixo do promontório do Peloponeso, chamado Maleu.

{1378} Ilha situada entre o Peloponeso e Creta. Seu verdadeiro nome é Egilia.

{1379} Na Africa.

{1380} Quatorze mil escudos. — Amyot. 112.050 libras frances as.

{1381} Filopator.

{1382} Ilíada. 1. I . v. 491. C.

{1383} Canopo. na embocadura mais ocidental do Nilo e que trazia o seu nome.

{1384} Kremásai katabursósantas, suspen dê-lo. depois de tê-lo mumificado e escoltado. Outros velhas livras dizem katamiirõsuntus. isto é, tendo-o antes mumificado, para que ficasse mais tempo intacto no cad afalso, como era costume dos egípcios, conservar os corpos. Diodoro da Sicilia. — Amyot.

{1385} Nos anos 577 e 591 de Roma.

{1386} Outros leem neste lugar Deificas, isto é, mesas de prata, obras de Delfos, — Amyot. Da mesma forma que a tripeça de Delfos.

{1387} Cento e vinte e cinco escudos. — Amyot.

{1388} No ano 611 de Roma.

{1389} Tibério tinha então apenas vinte anos.

{1390} Nos anos 607 e 608 de Roma . Ele tinha dezesseis anos.

{1391} Vários anos depois. O assunto de que se trata e o consulado de Mancino são do ano 617 de Roma. Tibério tinha então vinte e seis anos.

{1392} Acrescente-se: e a fez observar religiosamente.

{1393} No ano 618 de Roma. Foi Mancino mesmo que propôs a lei; mas os numantinos o devolveram.

{1394} Nos anos 620 e 621 de Roma.

{1395} No ano 621 de Roma.

{1396} Antípater.

{1397} No ano 621 de Roma.

{1398} Mais ou menos cinco soldos e meio. — Amyot. 1 lib., 3 s. e 4 d. 1/8 de moeda francesa, pois o óbolo valia 2 s. 7 d. 1/8 de moeda francesa, o que dá para a dracma, que vale seis óbolos, segundo Plínio, 15 s. 6 d. 3/4 segundo o cálculo que fizemos: e 3 d. 9/80 para o chalco, dez dos quais faziam um óbolo, segundo o mesmo Plínio.

{1399} Que havia subido ao trono no ano 616 de Roma.

{1400} Do partido, não está no texto grego, e nada significa.

{1401} Ou melhor, Fúlvio, que foi cônsul oito anos depois, no ano 629 de Roma, uniu-se a Caio Graco e foi morto com ele no ano 633 de Roma.

{1402} Os portugueses, como procônsul, no ano 618 de Roma.

{1403} Leia-se: o Senado temendo por ele.

{1404} Odisseia 1. I, v. 47.

{1405} Acrescente-se: Mas eu narrarei isto mais detalhadamente na Vida de Cipião.

{1406} Ele foi morto no fim do ano 621 de Roma; havia nascido no fim do ano 591 ou no começo do ano 592 de Roma e Caio no ano 600.

{1407} No ano 628 de Roma.

{1408} No ano 631 de Roma.

{1409} Dois anos, somente, segundo Aulo-Oelo.

{1410} Acrescente-se: por ter procurado ajudar os aliados e ter estado, etc.

{1411} Cidade do Lácio, que Opimio, então pretor, tomou e destruiu.

{1412} No ano 632 de Roma.

{1413} Isto não está no texto grego. A légua tem 24 estádios.

{1414} Ele foi cônsul n o ano 632 de Roma. Veja as Observações.

{1415} O padre Pétau coloca, portanto, mal, o repovoamento de Cartago e sua restauração, no ano 631 de Roma; aqui ele vem a cair no ano 632.

{1416} No ano 625 de Roma.

{1417} Deve-se ler: Lúcio Opimio, como se dirá em seguida, no cap. XLVII.

{1418} No ano 633 de Roma.

{1419} No ano 633 de Roma.

{1420} Alguns anos depois. Veja Salústio, cap. XVI.

{1421} 360.000 escudos. — Amyot. 2. 801.250 libras, em nossa moeda.

{1422} O pai de Cícero se chamava como o filho Marco Túlio Cícero, e pertencia à ordem equestre.

{1423} Na casa de quem Criolano se abrigou, no ano 263 de Roma.

{1424} Os Volscos eram um povo do Lácio, que habitava as margens do Líris. A frase a seguir, "e lutou sem muita desvantagem contra os romanos" não está em algumas edições de Plutarco, mas é admitido segundo vários manuscritos. Encontra-se em vários manuscritos, depois destas palavras ´en ouoloúskois, estas outras: kai polemésanta Romáiois ouk´adunátos que foram admitidas por Amyot.

{1425} Scaurus, de calcanhar saliente; Catulus, cachorrinho.

{1426} Literalmente, um ex-voto, que podia ser também um quadro ou imagem que se colocava em igreja ou ermida. em cumprimento de um voto.

{1427} Isto é, 3 de janeiro. Cícero nasceu no ano 647 de Roma, 106 a.C.

{1428} Veja-se Platão, República, livros V e VI.

{1429} Versos latinos de quatro pés. Em poesia grega ou latina, os versos mediam-se por pés, e não por sílabas. Os pés podiam ter duas, três ou quatro sílabas breves ou longas, e podiam ser dáctilos ou espondeus. O verso heroico tinha a medida de seis pés.

{1430} Fil ósofo grego, de origem cartaginesa (187-110 a.C.). Escreveu cerca de quatrocentos livros. Clitomaco, depois de Filon, foi sucessor de Carneades na direção da 3ª Academia.

{1431} Q. Múcio Cévola, áugure.

{1432} Os marsos era um povo do Lácio, que, juntamente com os samn itas, se revoltou contra Roma.

{1433} Graecus, grego; scholasticus, declamador.

{1434} Caio Cornélio Verres.

{1435} É contra esta pretensão de Cecílio que é dirigido o discurso de Cícero intitulado Divinatio.

{1436} Os judeus não comem carne de porco.

{1437} Hortênsio foi um orador romano (114-50 a.C.). Era a princípio rival de Cícero, mas depois tornou-se seu amigo.

{1438} Uma das Sete Colinas de Roma. Foi no Palatino que se levantaram os primeiros edifícios.

{1439} Parece que, entre os romanos. a g rossura do pescoço era olhada como sinal de imprudência.

{1440} Em Roma, havia tribunos militares e tribunos da Peble. É a estes últimos que Plutarco se refere. A eles competia a defesa das classes populares, contra os patrícios. Tinham grande poder. Usavam toga, como os patrícios. Inicialmente, haviam dois tribunos, mas o seu número ascendeu até dez.

{1441} Salústio diz somente que correra um boa neste sentido, mas não afirma a realidade deste terrível crime.

{1442} Caio Antônio, segundo filho do célebre orador Marco Antônio.

{1443} No ano 691 de Roma, 63 a. C.

{1444} Ainda se te m o discurso de Cícero contra Servílio Rulo que lhes estava à testa.

{1445} Segundo Amyot, outros o chamam de Lucio Roscio.

{1446} O grego diz, literalmente: "uma resposta que não era fraca".

{1447} Pitonisa, ou profetisa; uma Sibila fizera profecias sobre o futuro de Roma, reunidas em livros conservados no Capit ólio.

{1448} As saturnai s constituíam a festa dos escravos. Celebrava-se todos os anos no 16º dia das calendas de janeiro. No tempo de Cícero, elas não duravam mais do que um dia. César di latou a sua duração para três dias, e Augusto para sete.

{1449} Povo da Gália Narbonense, que habitava uma parte do Delfinado e quase toda a Sabóia.

{1450} Sacerdotisas da deusa vesta, a qual simbolizava o fogo terrestre. As vestais eram obrigadas a manter a virgindade, competindo-lhes conservar aceso, sem interrupção, o fogo sagr ado, no altar de Vesta. Aquela que deixasse apagar o fogo seria punida com açoites.

{1451 } Tinha então 37 anos.

{1452} Trata-se de Catão, o Jovem (95-46 a.C.), inimigo de Caio Júlio César. Após a derrota de Trapso, suicidou-se em Útica.

{1453} Nome dos discursos de Demóstenes contra Filipe da Macedônia.

{1454} T. Munácio Planco Bursa, inimigo de Milon e de Cícero. Este, primeiro, o defendeu; mais tarde, fê-lo condenar.

{1455} Em grego, "Áxios Krássou ". Actio é um nome próprio romano, e áxios em grego significa digno, assim a graça está na ambiguidade da palavra.

{1456} Eram diversar as refeições dos romanos: jentaculum (pequeno-almoç o, de manhã); prandium (jantar, antes do meio-dia); merenda (refeição, depois do meio-dia); cena (ceia, ao anoitecer, ou seja, à hora nona) e comonessatio ou comissatio (refeição noturna). A ceia era a mais a bundantes das refeições, constando de três partes: gustatio ou antecoenium (primeiro prato, destinado a excitar o apetite); caput cena (constituída por iguarias fort es e substanciais); e, finalmente, secunda mesa (sobremesa de doces e frutas).

{1457} Alusão aos costumes de povos da África de furar as duas orelhas.

{1458} Adrasto, rei de Argos, figura de tragédias gregas, obedecendo a um oráculo, casara as filhas com Polinice e Tideu, dois exilados.

{1459} Verso de um autor desconhecido, que alude a Laio, rei de Tebas, a quem Apolo proibira a procriação.

{1460} Alguns textos antigos dizem Tércia, segun do Amyot.

{1461} Os juízes escreviam a letra A, a letra C, ou as duas letras N.L.: Absolvo, Condeno, ou Non liquet, isto é, absolvição, condenação ou questão indecisa.

{1462} Outra das Sete Colinas de Roma.

{1463} Este discurso encontra-se nas obras de Cícero.

{1464} Antigo país da África Menor, na região montanhosa de Tauros. Isto foi ano 703 de Roma.

{1465} A Capadócia é uma região da Ásia Menor, situada a Oeste da Armênia.

{1466} Os partos, povo cita, que se fixou junto da Hircânia, Bactriana e Índia, eram valentíssimos, principalmente no combate a cavalo.

{1467} Pequena cadeia de montanhas no Tauros.

{1468} Título de honra que os soldados vitoriosos davam antigamente por aclamação, num ímpeto de entusiasmo, aos generais vitoriosos; podia portanto haver muitos imperadores ao mesmo tempo. Só posteriormente veio corresponder à nossa palavra imperador. A carta de

Célio de que se fala adiante está no segundo livro das Epístolas familiares de Cícero e é ender eçada a Célio, edil Curul.

{1469} Cada legião tinha uma águia, isto é, uma insígnia, um estandarte.

{1470} Medida itinerári a dos antigos gregos, correspondendo cada estádio a 185 metros.

{1471} No ano 7 10 de Roma.

{1472} Apesar da confusão, Plutarco refere-se a Otávio, que Caio Júlio César instit uíra, em testamento, seu filho adotivo e herdeiro. Caio Otávio era sobrinho de César, e a partir de então adotou o nome do pai, Caio Júlio César, acrescentando-lhe, c omo era usual, o seu próprio nome, agora transformado em Otaviano.

{14 73} Sobrinha de César, filha de Marco Acio Balbo e de Julia, irmã de César.

{1474} O rio é o Reno, e a ilha é a dos Triúnviros.

{1475} Diz-se dos ventos do norte, que sopram às vezes no Mediterrâneo, modificando calores do estio.

{1476} Tito Lívio aponta 63, mas ele estava de fato com 64, tendo nascido no a no 648 de Roma.

{1477} No ano 721 de Roma. Outros dão como cônsul nesse ano L. Volcacio Tullo; e o padre Pétau os seguiu. Mas Plínio está de acordo com Plutarco.

{1478} Oratio pro M. Coelio, § 17.

{1479} Vivermos até quando a mão que nos colocou no mundo dele nos tire e sofrer com paciência superior na adversidade, tudo a que apraz a Deus determinar, eis a verdadeira coragem, a verdadeira virtude e por conseguinte o único modo de agir, que é grandemente louvável, disseram, ant es de Plutarco, filósofos e poetas mais profundos em moral que o filósofo de Tebas.

{1480} Marco Antônio jamais foi imperador, mas sim triunviro com Otávio e Lépido, no ano 711 de Roma.

{1481} Foi este Felipe quem faz guerra aos romanos e foi vendido por Tito Quinto Flamínio, como vimos na Vida desse romano. E fez envenenar e estrangular, no ano 574 de Roma. um de seus filhos c hamado Demétrio. por causa das calúnias de um outro seu filho, Perseu, que o sucedeu, fez também a guerra aos romano, e foi vencido e levado em triunfo por Paulo Emílio, no ano 587 de Roma.

{1482} Pois que ele dizia, que acordo e desacordo eram as causas eficientes da geração e da corrupção d e todas' as coisas. — Amyot.

{1483} Filho de Lago, fundador do reino do Egito.

{1484} Selêuco Nicanor, fundador do reino da Síria.

{1485} Três milhões em ouro. — Amyot. 23.343.750 libras em nossa moeda.

{1486} Em grego, 26 do mês targelion, que corresponde a esse ano, o 2.º da 118 .ª olimpíada, ano 447 de Roma, a 11 de maio.

{1487} Ó cerco já tinha sido feito, como acabamos de ver. O grego diz, tendo estabelecido o seu acampamento.

{1488} Há no grego: de cem galeras.

{1489} Em grego: miolos.

{1490} Uma das Esporadas. perto de Naxos. É a pátria de Simônidas, não o lírico, que foi contemporâneo de Píndaro, e o poeta jãmbico, e segundo Suidas, o inventor do s jambos, que floresciam pela 29.ª olimpíada.

{1491} Intérprete, não; o grego não o diz, mas, autor.

{1492} Pela primeira vez.

{1493} Leia-se: Acabo de encontrá-lo à porta.

{1494} Demos-lhe a descrição em Diodoro da Sicília. Veja as Observações no tomo XV — (Obras morais).

{1495} Leia-se: de quarenta minas cada uma.

{1496} Leia-se: de dois t alentos.

{1497} Leia-se: de um talento.

{1498} Não é questão de cidade, mas da pessoa de Ialiso, no grego. Veja as Observações no tomo XV.

{1499} Trinta mil escudos. — Amyot. 233.437 libras e 10 s. na nossa moeda.

{1500} Leia-se: Leuconiano, isto é, da Leucònia, arrabalde ou bairro da Ática

{1501} É toda a parte oriental da costa do Peíoponeso, que aqui é designada pelo nome de Acta. antes comum a vários outros cantões marítimos.

{1502} Sessenta mil escudos. — Amyot. 466.875 libras de nossa moeda.

{1503} Boedromion, setembro.

{1504} Munychion, abril.

{1505} Fevereiro.

{1506} Abril.

{1507} Fevereiro.

{1508} Setembro.

{1509} Cento e cinquenta mil escudos. — Amyot. 1.1 67.187 libras e 10 s. de nossa moeda.

{1510} Isso não está no texto. Veja as Observações.

{1511} No grego não se fala de jaula, mas de um lugar cercado; como as arenas onde se realizavam os combates com as f eras.

{1512} O que está entre par êntesis é uma explicação de Amyot e não é justa; tinha-se dado este apelido à meretriz, porque ela tinha o costume de dizer frequentemente Mavid, isto é, loucura. Veja Athénée, 1. XIII. pág. 578 .

{1513} Alguns sábios corrigem de uma maneira provável esta passagem, lendo: e a que outro poderiam eles dirigir-se?

{1514} Nicanor.

{1515} Leia-se: de que Selêuco fazia aliança com seu inimigo comum, sem o consentimento dos outros reis, foi ter com Cassandro.

{1516} Setecentos e vinte mil escudos. — Amyot, 5.602.500 libras de nossa moeda.

{1517} Rosso, segundo Celário.

{1518} Quatro escudos. — Amyot, 31 1. 2 s. 6 d.

{1519} Trinta escudos. — Am yot, 233 1. 8 s. 9 d.

{1520} Lei a-se assim: "que tinham horror à memória de Cassandro, por causa da maneira indigna, como procedera para com Alexandre, depois de sua morte" Cassandro, com efeito, t inha entregue Olímpia, a mãe de Alexandre, ao furor dos soldados e tinha feito perecer com veneno os, dois filhos de Alexandra. Veja Pausânías. Beócia, c. VII.

{1521} Dois estádios.

{1522} O trigo era distribuído como soldo, nos guerreiros, todos os meses. — Amyot.

{1523} Ilíada, 1. I, v. 238.

{1524} A saber: Minos. Odisseia. 1. XIX, pág. 179.

{1525} Bacantes, v. 4.

{1526} Leia-se: se apagaram da lista dos Epônimos o nome de Difilo que tinha sido inscrito como sacerdote dos deuses salva dores, e ordenaram, por um decreto que se escolheriam os arconti como no passado". Veja o Cap. XIII.

{1527} Porque ele terminou e concluiu, com sua morte, a guerra que tinha felizmente podido faz er contra os de Creta, isto é, Candia. Floro, na epítome do livro 97. — Amyot. Aí ele foi morto no ano 679 de Roma. 75. antes de J. C. Mas é fora de propósito o que Amyot diz. que ele concluiu a guerr a com sua morte. Pois ela continuou depois dele. e foi terminada por Quinto Metelo, que submeteu a ilha toda, no ano 687 de Roma, e foi apelidado, por isso. o Cretense.

{1528} Cento e cinquenta mil escudos. — Amyot. 1.167.187 libras e 1 0 s. de nossa moeda.

{1529} Isto é, o pai de Cúrio.

{1530} Na qualidade de procônsul, no ano 699 de Roma; ele tinha sido cônsul no ano 696 de Roma.

{1531} Auletes.

{1532} Seis milhões de escudos, — Amyot. 46.687.500 libras na nossa moed a.

{1533} Outros dizem odocis bateikas, o que significa caminhos profundos, mas o primeiro sentido é o melhor. — Amyot.

{1534} O grego diz: ao longo do Ecregma e do pântano de Sermonidas; esta palavra Ecregma, que é grega, parece ter sido nome próprio da origem do lago, isto é, do lago por onde o mar aí entrava c o formava. Esse lago unia-se ao mar pela sua extremidade ocidental, de onde estendia-se paralelamente ao mar, desde Casio até a Palestina.

{1535} Vinte e cinco mil escudos. — Amyot. 194.531 libras e 5 s. da nossa moeda.

{1536} Veja as Observaçõ es sobre a vida de Cícero.

{1537} Na segunda.

{1538} Veja. a descri ção mais detalhada deste fato nos Comentários de César. — De Bel. Civ. — L. III, cap. 24.

{1539} Da Líbia. Veja o Quadro dos Ventos nas Observações sobre o tomo XV.

{1540} O grego acrescenta: pois o tribunato subsiste, e veremos pelo que se segue que isso era necessário que se dissesse.

{1541} Eu não sei porque um sábio quer ler aqui África em. lugar de Espanha; sob o pretexto de que Antônio ainda não t inha esposado Fúlvia, quando César voltou da Espanha. Muito menos ainda tê-la-ia ele esposado antes da sua volta da África. Pois trata-se aqui da guerra contra os filhos de Pompeu, na Espanha, que seguiu à da África; e Cíce ro diz expressamente, na segunda Filipica, que esta viagem de Antônio teve lugar durante o tempo em que César fazia a guerra na Espanha.

{1542} Leia-se: Se Antônio estava vivo.

{1543} Augusto, que então era chamado Otávio.

{1544} Dois milhões e quatrocentos mil escudos. — Amyot. 18.675.000 libras, de nossa moeda.

{1545} Mais ou menos sete escudos e meio. — Amyot, 58 libras 7 s. 2 d. e 1/4 da nossa moeda.

{1546} Quinhentos escudo. — Amyot. 3.890 libras 12 s. e 6 d. de nossa moeda.

{1547} Êdipo Rei. v. 4.

{1548} Cento e vinte milhões de ouro. — Am yot. 933.750.000 de libras em nossa moeda.

{1549} Prateados.

{1550} Flautas, flautas campestres e cítaras. No grego não se fala nem de oboés, nem de violas, instrumentos que não eram conhecidos.

{1551} Vinha cear.

{1552} Seiscentos mil escudos. — Amyot. 4.668.750 libras de nossa moeda.

{1553} Ele não era rei. mas exercia a autoridade sob o nome de grão-sacerdote. Era filho de Aristóbulo, expulsara Hircano. que se tinha posto em seu luga r, no ano 714 de Roma. no mesmo ano em que Herodes obteve de Antônio o trono da Judéia. Antígono foi crucificado no ano 716 ou 717 de Roma.

{1554} Fraate.

{1555} Na Síria.

{1556} No grego, 8.000 estádios, 333 léguas e 1/3, sendo 24 estádios cada légua.

{1557} Suas máquinas de gu erra.

{1558} Isto não e stá no texto grego.

{1559} No texto grego, 50 estádios, um pouco mais de duas léguas.

{1560} Leia-se: por quatro flechas, pela frente.

{1561} Cinco escudos. — Amyot. 38 libr as, 1 d. e 1/2 de nossa moeda.

{1562} Bílis.

{1563} Ele dissera antes, se is mil. Este número é mais verossímil.

{1564} Leucé Come.

{1565} Em grego, o general; leia-se o exército.

{1566} Doze milhões de ouro. — Amyot, 93.373.000 libras de nossa moeda.

{1567} Acrescente-se: Dejotaro, rei dos gaiatas, como se verá mais adiante.

{1568} Cidade e promontório da Acamânia, célebre pela batalha que decidiu o império do mundo entre August o e Antônio.

{1569} A graça da f rase não se pode exprimir-em outra língua por causa da ambiguidade da palavra Torine, que significa uma cidade da Albânia e uma colher com a qual se tira a espuma da vasilha, como se ela dissesse, que César estava em casa, a tirar espuma de uma vasilha. — Amyot.

{1570} Não se trata de caverna, aqui, mas da entrada do porto ou do ancoradouro.

{1571} Acrescente-se: acompanhado somente por Alexandre da Síria, e por Scélio. Não sei por que Amyot omitiu estas palavras: Alexandre da S íria é o mesmo que se vai encontrar mais adiante com o nome de Alexas de Laodicéia.

{1572} Em grego, 300 estádios, 12 léguas e meia.

{1573} Golfo.

{1574} Na Atica: havia duas aldeias com esse nome.

{1575} Fazendo alusão a um certo verso de Homero, onde se lê: "Pluralidade de senhores não é boa".

{1576} Seiscentos mil escudos. — Amyot. 4.668.750 libras de nossa moeda.

{1577} Artaxerxes ou Artoxerxes é evidentemente o mesmo nome. Veja-se a série dos reis da Pérsia nas Observações no vol. XV .

{1578} Leia-se: e do qual ele era o médico, bem como de sua esposa, de sua mãe e de seus filhos.

{1579} Esta passagem no original, é-me suspeita. — Amyot. Não sei por qu e. O pensamento é

bastante claro.

{1580} Outros leem aqui Omisés.

{1581} Por Mitras; é o nome do sol, entre os persas.

{1582} Leia-se: que ele era mais filósofo do que ele, que entendia mais de magia.

{1583} Um bastão ci líndrico.

{1584} Xenofonte, que a viu, diz, cinco de largo e três de profundidade.

{1585} Leia-se: e ele tinha sabiamente oposto à falange dos gregos os melhores e os mais fortes de seus carros armados de foices, esperando que, etc.

{1586} Não sem dúvida aquele que o tinha denunciado a Artaxerxes, mas um outro, com o mesmo nome, a menos que se leia aqui Satiferne, como se encontra em alguns manuscritos.

{1587} Isto não está no grego e não é v erdade.

{1588} Entretanto o autor do primeiro livro da reti rada dos dez mil, conhecido sob o nome de Xenofonte, e que Plutarco cita como sendo dele, está quase inteiramente de acordo com Dinon, e toma como garantia, a Ctésias, que estava presente, diz ele.

{1589} Palleno, segundo Diodoro de Sicília; Paleno, segundo Xenofo nte.

{1590} Bagapate, diz Ctésias.

{1591} Em grego, eunuco.

{1592} Creio que assim se deve traduzir: "como se mandasse todos os dias presunto a Ciearco, ele rogou a Ctésias, e o convidou a esconder um a pequena faca, etc,"

{1593} Egospotamós.

{1594} Ou seguem os costumes dos persas. — Amyot.

{1595} Quatorze anos.

{1596} Uma espécie de lepra, em grego.

{1 597} Em grego, dezesseis estádios, dois terços de légua.

{1598} Povo da Mé dia, perto do mar Cáspio.

{1599} Seis escudos. — Amyot. 46 libras 13 s. e 9 d. em nossa moeda.

{1600} Se isso não é verdade, é preciso refazer a história do mundo.

{1601} Sete milhões e duzentos mil escudos. — Amyot. 56.025.000 libras de nossa moeda.

{1602} Em grego, mais de 200 estádios, um pouco mais de oito léguas.

{1603} Outros leem aqui vinte e cinco anos, e Plutarco de f ato o chama, um pouco mais adiante, de jovem.

{1604} Aquele do qual descrevi há pouco o trágico fim.

{1605} Leia-se: Anaitis.

{1606} O grande deus dos persas, o deus da luz, ou o sol.

{1607} Diodoro da Sicília dá-lhe apenas 43 anos de reinado, e põe a sua morte no terceiro ano da 104.ª olimpíada, antes de Cristo, ano 362.

{1608} Dionisio de Halicarnasso e Dion negam-no formalmente.

{1609} No ano 244 de Roma, antes de J. C., 510.

{1610} Psokrélata, isto é, batido a frio de palavra a palavra. — Amyot.

{1611} No ano de Roma, 315 antes de Cristo, an o 439.

{1612} grego diz, filho de um certo Bruto, ecónomo, i.e., intendente de uma casa.

{1613} Chamados por Tito Lívio, Tito e Tibério. Não os matou, mas em sua qualidade de cônsul, presidiu ao seu suplício.

{1614} Não para servi-lo, mas para viver junto.

{1615} Pátaro, cidade da Lícia, pelo que Apolo é cogno minado Patarino. Aí ele dava seus oráculos durante os seis meses de inverno e em Delos, durante os seis do verão. Estava na parte meridional da Ásia, na embocadura do Xanto do lado do oriente.

{1616} A cidade de Xanto estava na Lícia acima da embocadura do Xanto,. ao ocidente. Este Xanto não é, como se vê, o mesmo fio da Trôade.

{1617} Veja a Vida de Catão da Útica, Cap. XLVII e XLVIII.

{1618} Ou Canídio. — Amyot. Na vid a de Catão da Útica sempre se escreve Canídio

{1619} Célebre historiador da cidade de Megalopolis, nascido no ano 548 de Roma e morto no ano 631 de Roma.

{1620} Uma das maiores cidades da Tessália, perto do rio Peneu.

{1621} Era Juba, mas é certo que Bruto intercedeu também por Dejotaro, rei da Galácia, que no entretanto foi privado por César de uma grande parte de seu país. E por isso aqui seria melhor entendermos que é dele que se trata. — Amyot. Pode-se consultar sobre essa dificuldade a nota da edição de Plutarco, por M. Reiske. É certo que não pode haver questã o aqui, sobre o rei Juba, mas sim, sobre Dejotaro, rei da Galácia.

{1622} Sete escudos e meio. — Amyot. 57 l ibras, 12 shilings e 11 ludinheiros da nossa moeda.

{1623} Lola, cidade do Lácio, perto do mar, hoje Netuno na Campanha de Roma.

{1624} Ilíada, L. VI. v . 429.

{1625} Ilíada, L. VI. v. 491.

{1626} Esta ilha é invenção de Amyot. O texto grego diz simplesmente até Caristo. É uma cidade da Eubéia aos pés do monte Ocha.

{1627} Homero, Ilíada, L. XVI. v. 849.

{1628} 50.000 escudos. — Amyot. 389.062 1. e 10 s. de nossa moeda.

{1629} Vimos na Vida de Demétrio que, para lhe faze r honra, tinha-se dado esse nome à nova

cidade de Sicíone.

{1630} A Bitínia est á na Ásia, ao sul do Ponto Eúxino, é Cizicó, na Mísia, voltando-se para o ocidente, sobre o Héleosponto.

{1631} O Xanto, como já dissemos há pouco.

{1632} Leia-se: "e tendo seu filho morto amarrado ao seu pés ..... e na mão um archote aceso para incendiar sua casa".

{1633} Quatro milhões e oitocentos mil es cudos. — Amyot. 37.330.000 libras de nossa moeda.

{1634} 700.312 libras, 10 s. de nossa moeda.

{1635} Imperatores, isto é, generais soberanos: — Amyot.

{1636} Ilíada, L. I, V. 259.

{1637} Como quem diz, na extremidade da mesa. — Amyot

{1638} A ilha de Tassos que está abaixo da Trácia.

{1639} É outra coisa, muito dif erente: é o nome de um porto de mar. Veja Estrabão, livro 7. — Amyot. Veja as Observações.

{1640} Cinco escudos. — Amyot. 38 lib. 18 s. 1 d. % de nossa moeda.

{1641} Esta passagem está corrompida, no texto grego. — Amyot. Eu creio, com Reiske, que é assim que se deve traduzir: "agradecendo à fortuna, pelo que de pois do sacrifício que eu tinha feito de minha vida nos idos de março, ela me deixou ainda viver algum tempo livre e coberto de glória".

{1642} A 15 de março, dia em que ele matou César.

{1643} 556 libras, 5 s. de nossa moeda.

{1644} Eurípides, Medeia, v. 332.

{1645} Appiano julga que se trata de Antônio. — Amyot.

{1646} Em grego: Apoiando, com ambas as mãos, o punho da sua es pada no chão.

{1647} L. IV. cap. 6. Ele vivia sob Augusto e Tibério.

{1648} Ninguém, pelo menos, com uma vingança direta. Veja-se o fim da sua Vida.

{1649} Em grego, Gália Cisalpina.

{1650} Skafíon, outros tomam neste lugar a palavra por uma enxada, como querendo dizer que ele parecia um trabalhador de enxada. — Amyot. Vej a as Observações.

{1651} Em outro lugar ele o chama Ecdemo. — Amyot.

{1652} Leia-se: de Xenófilo, o maior dos chefes dos ladrões, aos quais se deu, etc.

{1653} Esta campainha era destinada a saber se as sentinelas estavam acordadas. Os guardas eram obrigados a responder de long e, quando lhe escutavam o som.

{1654} No primeiro ano da 132.ª olimpíada , antes de Cristo, ano 252, e foi nomeado pretor.

{1655} Visto que eles não contavam, absolutamente, com as forças da Grécia, etc.

{1656} Deve-se ler aqui ilha de Andros, que está em frente da Eubéia.

{1657} Gonatas, ao qual Demétrio sucedeu no 3." ano da 134.» olimpíada, antes de Cristo, ano 242.

{1658} Em grego, e eu farei sair Aristrato do quadro.

{1659} 90.000 escudos. — Amyot. 700.312 libras, 10 s. de nossa moeda.

{1660} Políbio, que escreveu segundo os Comentários de Arato, coloca a sua segunda pretoria oito anos depois da primeira.

{1661} Pilho de Demétrio e neto de Antígono Gonatas.

{1662} Trinta mil escudos. — Amyot. 232.437 libras, 10 s. de nossa moeda.

{1663} Acrescente-se: — se conseguisse escapar com os seus.

{1664} Em grego: para examinar a muralha de acordo com Diocles.

{1665} Ele respond ia no seu sentido.

{1666} Evergeto.

{1667} Em g rego: trinta minas, 2.334 libras, 7 s. e 6 d. de nossa moeda. O talento vale 69 minas, a mina 100 dracmas.

{1668} Leia-se: (pois o dado foi lançado) e depois ia-se, etc...

{1669} Cuco.

{1670} Acrescente-se: —, da tropa de elite.

{1671} Acrescente-se: —.ornado de três penachos.

{1672} Noventa mil escudos. — Amyot. 700.312 1. e 10 s. de nossa moeda.

{167 3} Em grego, vinte talentos, 93.375 libras de nossa moeda.

{1674} Trinta mil escudos. — Amyot. 233.437 libras, 10 s. de nossa moeda.

{1675} Esta tradução torna Plutarco ridículo. Deveria ele dizer assim: pois Arato, tendo objetado, por despeito, eles o rejeitaram. É fácil compreender-se o porquê do seu despeito.

{1676} Não há pelo menos no texto grego. Plutarco disse antes, que as leis dos acaios não permitiam que um pre tor ocupasse o cargo continuadamente, por dois anos.

{1677} Mr. Dusoul julga que se deve ler aqui, etólios. Eu bem sei, igualmente, que gauleses, nos causam mesmo admiração, neste lugar.

{1678} Cognominado Doson.

{1679} Leia-se: de Mantinéia.

{1680} Sete mil e duzentos escudos. — Amyot. 55.922 libras de nossa moeda.

{1681} Ele mesmo, Arato.

{1682} Gonatas.

{1683} Doze mil escudos. — Amyot. 93.375 libras de nossa moeda.

{1684} Na idade de 58 anos.

{1685} No grego: do mês désio, que os atenienses chamam de antestério, fevereiro.

{1686} Leia-se: O Ginasiarca.

{1687} Seiscentos mil escudos. — Amyot. 4.668.650 libras de nossa moeda.

{1688} Esta passagem pareceu obscura a vários sábios que a tentaram corrigir, seguindo diversas conjecturas; nenhuma, porém, nos parece satisfatória. Talvez Pl utarco quis dizer que como em um corpo em perfeita saúde, não há movimento isolado, mas todas as funções particulares são dirigidas por um princípio motor, cuja influencia universal os combina para o interesse comum: assim também em um exército, tod os os atos, todos os movimentos particulares devem ser inspirados, presididos e governados pela vontade do general.

{1689} 7.500 dracmas.

{1690} 1.250 dracmas.

{1691} Isto é, desonrando com isso.

{1692} No ano 821 de Roma; ele matou-se.

{1693} No ano 822 de Roma: reinou somente sete meses.

{1694} No ano de Roma 775 e antes de Cristo, 22.

{1695} Esses procuradores eram encarregados da percepção das taxas e da gestão dos negóc ios do imperador. Augusto os havia instituído. Seus direitos se estenderam pouco a pouco, diz Tácito. An. 1. XII: nas províncias e em Roma mesmo, eles exerceram quase todas as funções outrora atribuídas aos pretores. Cl áudio lhes deu uma jurisdição universal e soberana. Ibid.

{1696} No ano 821 de Ro ma.

{1697} Traduza-se assim, segundo a correção de Justo Lipse: é Já não mais o ser.

{1698} Outros dizem Clunia. — Amyot

{1699} Leia-se: corrigindo o texto segundo Suetônio e Tácito: chamado Icelo.

{1700} Calígula que sucedera a Tibério, no ano 790 de Roma fora morto no ano de Roma, 794.

{1701} Leia-se Popéia — Nero lhe havia dado os nomes de Sabina e de Popéia. que eram os da infame criatura que ele desposara, repudiando Otávia.

{1702} Leia-se aqui, e em todos os lugares em que Plutarco fala disso, T. Vínio. — Veja a nota de Oudendorp sobre Suetônio. Galba, pág. 762.

{1703} Isso não está no texto grego. O lugar que os romanos chamavam de Principia era o lugar onde se colocavam as águias e mitras insígnias militares: era lá que se convocava a assembleia dos soldados. Esse recinto era sagrado. Tácito não diz que foi Vinio que a introduziu em seu acampamento, mas que ela lá entrou por si mesma, por curiosidade, disfarçada de soldado.

{1704} Cornélio Tácito o chama Turpiliano. — Amyot.

{1705} Não todos e logo em seguida. Depois de os ter assim desbaratado, Galba os condenou a serem dizimados: e a legião, que era mais numerosa que as outras, ainda conservou-se bastante completa, como se vê em Suetónio e Tácito.

{1706} Les travaux et les jours, v. 366.

{1707} Veja a nota sobre o cap. XVIII.

{1708} Em grego: 250.000 dracmas. 194.531 libras e 5 s. de nossa moeda.

{1709} Em grego: 150.000 dracmas. 116.7 18 libras e 15 s. de nossa moeda.

{1710} Tácito diz que Oton a sed uziu e a esposou e. a Nero, despertou a paixão do tirano, que ainda não a conhecia.

{1711} 50 milhões de dracmas.

{1712} Leia-se: Que todos lhes saíssem da frente.

{1713} Tácito o chama de Virgílio. — Amyot.

{1714} Cornélio Tácido o chama Denso. — Amyot.

{1715} Outros dizem Murco. — Amyot.

{1716} Aquele que. como vimos há pouco, fora proclamado pelo exército da Germânia e que reinou depois de Oton durante oito meses.

{1717} Leia-se: sua mulher Veràn ia.

{1718} Tácito e Suetônio só falam de Patróbio.

{1719 } A 15 de janeiro do ano de Roma. 822. Pois Plutarco nos diz que Galba tinha sido morto a 18 das calendas de fevereiro, isto é. 14 de janeiro. Veja as Observações.

{1720} Clúvio Rufo. como já o notaram v ários sábios. Ele tinha sido cônsul no ano 798 de Roma. sob o imperador Cláudio.

{1721} Deve-se traduzir assim, segundo Tácito, tendo enviado Crispino para levar a décima-sétima coorte (pretoriana), cuja residência habitual era em óstia, antigo porto, e primeira colônia dos rom anos, perto da embocadura do Tibre, à esquerda.

{1722} Em grego: 1.250 dracmas, 972 libras, 13 s. e 1 Vz d. de moeda francesa.

{1723} Em Roma. não está n o texto. Não seria a ilha formada pelos dois braços do Tibre, na sua embocadura, e denominada a ilha Sagrada?

{1724} À esquerda do rio Líris, do lado da Campânia.

{1725} De Vitélio.

{1726} Leia-se: Sabendo q ue era deles que o imperador tinha a sua autoridade.

{1727} Leia-se: Galo, como se encontrará escrito um pouco ma is adianto.

{1728} Prefeito do pretório.

{1729} Bedriacum ou Betriacum. segundo Celário. de acordo com os melhores manuscritos de Tácito e Suetônio.

{1730} Moesia. Estendia-se ao longo do Danúbio, que a limitava ao norte, até o Ponto Euxino. Tinha ao sul a Macedónia, ao oeste a Panònia, dividida em superior e inferior ou em primeira e segunda.

{1731} O texto está de tal modo alterado que é impossível pensar-se em reconstituí-lo, por meio de conjeturas.

{1732} Veja. atrás, o capítulo XII.

{1733} A Ásia. a Síria e o Egito marcharam para o golfo Adriático e as legiões que fazem a guerra na Judeia estão conosco.

{1734} O texto grego diz o contrário; que ele escolhesse ou ser seu general, ou seu deputado junto dos vencedores.

{1735} Começou esta no ano 490 e terminou em 513 de Roma. antes, de Jesus Cr isto, ano 241. No ano de 517 de Roma. Aníbal tinha nove anos.

{1736} Foi morto num combate, no ano 526 de Roma, 228. A. C, depois de ter governado por uns nove anos.

{1737} Os vetões eram um povo da Lusitânia ou Portugal.

{1738} Foi assassinado por um gaulês, para vingar, diz Tito Lívio, a morte de seu senhor.

{1739} Cornélio Nepos diz que não tinha ainda vinte e cinco anos, Políbio não disse, que eu saiba, em lugar algum, dezessete anos. Pode-se concluir isso, r eunindo-se os vários números. Mas pode-se também não deduzir que um pouco mais de dezesseis e, por conseguinte, senão vinte e cinco para Aníbal.

{1740} Ou Salmantica, hoje Salamanca, no reino de Leão.

{1741} Este povo estava mais ou me nos no melo da Espanha, os oleadas, à sua direita, um pouco para o sul. os vaceanos, à esquerda, um pouco para o noroeste.

{1742} Na costa, diante da Maiorca, fica mais ou menos o lugar onde se encontra hoje Morviedro.

{1743} Políbio diz formalmente, no oitavo mês: ora, Políbio nasceu no ano 548 de Roma, e Sagunto foi tomada no ano 535 d e Roma, e Políbio tinha feito a viagem à Espanha, como ele mesmo no-lo diz, para conhecer a fundo as coisas de que ele deveria falar em sua história. É desta época que data o primeiro ano da segunda guerra Púnica, concorrendo com o 536 de Roma, Sagunto teria sido tomada no fim do ano precedente.

{1744} Cipião que foi morto na Espanha, depois de muitos êxitos brilhantes, bem como seu irmão Gneu Cipião, no ano 542 de Roma.

{1745} Hoje, Cádis.

{1746} Iniciada no ano 513 de Roma e terminada no ano 516.

{1 747} Este passo está corrompido. l'Ecluse. Veja as Observações.

{1748} Cartagena, no reino da Múrcia. à. beira-mar.

{1749} Eles habita vam o Languedoc e o Rossillon. Não se estendiam para além do Ródano.

{1750} Ocupavam uma parte do Delfinado, Avinhão era sua metrópole.

{1751} Havia uma parte deles entre o Loire e o Àllier; outros do lado de Bordéus e de Auch.

{1752} Habitantes do Milanês.

{1753} Ocupavam pa rte do Delfínado e parte da Sabóia.

{1754} Não conheço os castinianos. Mas encontro entre todos os geógrafos, à esquerda do Ródano, entre o ísero e a Durance. os tricastinianos e ao seu oriente, os vocôncios.

{1755} Eu não conheço também o monte Gemia: mas aí eu vejo os Alpes Marítimos, entre a Durance. o mar. Génova, à beira-mar. e acima, a vinte e cinco léguas, a noroeste. Turim.

{1756} No ano 536 de Roma.

{1757} A direita do Tibre. onde ele se lança.

{1758} Acima do Arno.

{1759} A esquerda do Arno, perto do lago Clusino.

{1760} De Cortona. cidade que está entre o Tibre e o Amo, acima do lago Trasi meno.

{1761} Plutarco, na Vid a de Fábio Máximo, acrescenta outros tantos prisioneiros. L'Écluse.

{1762} A esquerda do Tibre, no mar Adriático.

{1763} Na Úmbria.

{1764} Na Apúlia.

{1765} No país dos Samnitas: a cidad e de que L'Écluse fala. provavelmente chama-se Samnício.

{1766} Campânia.

{1767} No Lácio.

{1768} Na Campânia.

{1769} A cidade municipal, chamada Cales, está a s ete milhas de Casilino. Calácia, que aqui se chama Calentino, está ao oriente do verão de Cales.

{1770} Não é uma cidade, mas um território perto da Calácia, de Cales e de Casilino.

{1771} É também um território vizinho.

{1772} De Sinuesse, na costa da Campânia.

{1773} Larino, cidade dos freatanianos, que se limitam com os pelignianos e c om os samnitas.

{1774} Comandante da cavalaria.

{1775} Não de nome: mas o povo tinha dado ao comandante da cavalaria um poder igual ao do ditador, do qual ele anteriormente não era senão o lugar-te nente.

{1776} No ano 538 de Roma.

{1777} Antigamente aldeia e depois cidade da Apúlia, pe rto do rio Aufido.

{1778} Plutarco na Vida de Fábio Máximo diz 50 mil mortos, e uns 14 mil prisioneiros. L'Écluse.

{1779} Chamado Perolla.

{1780} Plutarco na vida de M. Marcelo fala de L'cluse.

{1781} No ano 542 de Roma.

{1782} No ano 543 de Roma.

{1783} O terreno onde seu acampamento estava, perto de Roma, durante o tempo em qu e ele ali estava.

{1784} No ano 543 de Roma.

{1785} Na Apúlia.

{1786} Sobre o Guadalquivir.

{1787} No ano 544 de Roma.

{1788} No ano 545 de Roma.

{1789} No ano 546 de Roma.

{1790} No ano 547 de Roma.

{1791} Antigamente chamava-se Calábria, perto do promontório Iapix.

{1792} No cantão dos brúcios.

{1793} Sena ou Senogália. perto do rio Metauro e de Esis, que limita a Úmbria do lado do norte.

{1794} Nomeado cônsul 110 ano 549 de Roma.

{1795} No ano 551 de Roma.

{1796} No ano 550 de Roma.

{1797} Adrumeto — na costa, ao oriente de Cartago.

{1798} Sua pos ição é incerta: uns a colocam a 300 milhas de Adrumeto. Tito Lívio a 5 dias de Cartago.

{1799} Cognominado o Grande, que subiu ao trono da Síria no ano 530 de Roma. Aníbal foi agasalhar-se no seu reino no ano 559 de Roma.

{1800} No ano 563 de Roma.

{1801} No ano 564 de Roma.

{1802} Perto do Meandro, na Jônia, que não se deve confundir com a Magnésia da Lídia, perto do monte Sipilo.

{1803} Flamínio — Veja-se a sua Vida no vol. IV.

{1804} No ano 571 de Roma, segundo uns, 572, segundo outros. Ele tinha setenta anos, como diz Cornélio Nepos. e devia ter nascido no ano 502 de Roma ou 503. Mas isso padece grandes dificulda des.

{1805} No ano 536 de Roma.

{1806} No ano 542 de Roma.

{1807} No ano 550 de Roma.

{1808} No ano 543 de Roma.

{1809} Cidade marítima, hoje Ampúrias, na Catalunha.

{1810} Na mesma província, sobre a costa do Mediterrâneo,

{1811} No ano 544 de Roma; ela foi atacada e tomada no mesmo dia.

{18 12} Estabelecidos no norte da Espanha, perto do Ebro, estendiam-se para sudeste, até Sagunto.

{1813} No ano 546 de Roma.

{1814} No ano 547 de Roma.

{1815} Auri nx, na Bética, ao sul da Espanha, perto de Bétula, onde Cipião havia vencido a Asdrúbal.

{1816} Isto é estranho, como se Tarragona não estivesse à beira-mar. Tito Lívio diz que Asdrúbal, filho de Gisgo, havia-se retirado para-o lado do Oceano e de Cádiz e que Hanno, recém-chegado da Africa, estava com Mago na Celtiberia.

{1817} O décimo-terceiro.

{1818} Perto do Betis.

{1819} À esquerda do Ebro, do lado dos Pireneus.

{1820} No ano 548 de Roma

{1821} No ano 549 de Roma.

{18 22} No ano 550 de Roma.

{1823} Pert o de Cartago, o mesmo, talvez, que Mercúrio.

{1824} No ano 551 de Roma.

{18 25} No ano 552 de Roma.

{1826} No ano 552 de Roma.

{1827} No ano 553 de Roma.

{1828} No ano 560 de Roma.

{1829} No começo do ano 564 de Roma.

{1830} No ano 564 de Roma.

{1831} No Épiro.

{1832} Que separa a Europa da Ásia.

{1833} No ano 565 de Roma.

{1834} No ano 567 de Roma. Vimos, ademais, que eles eram irmãos e se chamavam Petílio.

{1835} Na Campânia.

{1836} Veja a Vida de Tibério Graco, em Plutarco, no tomo VII.

{1837} No ano 571 de Roma. Ele tinha 24 anos, no ano de Roma, 543, quando foi mandado como procônsul à Espanha, acrescentem-se 28 e teremos 52 ou 53 anos.

{1838} Tito Lívio chama -o Alúcio.

Table of Contents

Vidas Paralelas

Volume I

Teseu

Rômulo

A COMPARAÇÃO DE TE SEU COM RÔMULO

Licurgo

Numa Pompílio

A COMPARAÇÃO DE LICURGO COM NUMA

Sólon

Publícola

A COMPARAÇÃO DE SÓLON COM PUBLÍCOLA

Observações

SOBRE A VIDA DE TESEU

SOBRE A VIDA DE RÓMULO

SOBRE A VIDA DE LICURGO

SOBRE A VIDA DE NUMA

OBSERVAÇÕES SOBRE A COMPARAÇÃO ENTRE LICURGO E NUMA

SOBRE A VIDA DE SÓLON

Volume II

Temístocles

Fúrio Camilo

A COMPARAÇÃO DE TEMÍSTOCLES COM CAMILO

Péricles

Fábio Máximo

A COMPARAÇÃO ENTRE PÉRICLES E FÁBIO MÁXIMO

Alcibíades

Coriolano

COMPARAÇÃO ENTRE
ALCIBÍADES E M. CORIOLANO

OBSERVAÇÕES

TEXTO DE PLUTARCO

SOBRE A VIDA DE CAMILO

SOBRE A VIDA DE PÉRICLES

SOBRE A VIDA DE ALCÍBIADES

Volume III

Emílio Paulo

Timoleon

COMPARAÇÃO ENTRE AS VIDAS
DE PAULO EMÍLIO E TIMOLEON

Pelópidas

Marco Cláudio Marcelo

COMPARAÇÃO DE MARCELO
COM PELÓPIDAS

Aristides, o justo

Catão, o Censor

COMPARAÇÃO DE ARISTIDES
COM MARCOS CATÃO

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE PAULO EMÍLIO

SOBRE A VIDA DE TIMOLEON

SOBRE A VIDA DE PELÓPIDAS

SOBR E A VIDA DE MARCELO

COMPARAÇÃO DE PELÓPIDAS COM MARCELO

SOBRE A VIDA DE ARISTIDES

S OBRE A VIDA DE CATÃO O CENSOR

VOLUME IV

Filopêmene

Flamínino

PARALELO ENTRE TITO QUÍNCIO FLAMÍNINO E FILOPÊMENE

Pirro

Caio Mário

PARALELO ENTRE PIRRO E MÁRIO

Lisandro

Sila

PARALELO ENTRE SILA E LISANDRO

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE FILOPÊMENE

SOBRE A VIDA DE T. Q. FLAMÍNINO

SOBRE A VIDA DE PIRRO

SOBRE A VIDA DE C. MÁ RIO

SOBRE A VIDA DE LISANDRO

SOBRE A VIDA DE SILA

Volume V

Cimon

Lúculo

Compa ração entre Cimon e Lúculo

Crasso

Comparação entre Nícias e Marcos Crasso

Sertório

Eumenes

Compa ração entre EUMENE E SERTÓRIO

OBSERVAÇÕES

SOB RE A VIDA DE CÍMON

SOBRE A VIDA DE LÚCULO

SOBRE O CONFRONTO DE LÚCULO COM CIMON

SOBRE A VIDA DE NÍCIAS

Sobre a Vida de Marcos Crasso

SOBRE A VIDA DE SERTÓRIO

Volume VI

Agesilau

Pompeu

COMPARAÇÃO DE POMPEU COM AGESILAU

Fócion

Catão de Útica

COMPARAÇÃO DE FÓCION COM CATÃO DE ÚTICA

Observações

SOBRE A VIDA DE AGESILAU

SOBRE A VIDA DE POMPEU

SOBRE A COMPARAÇÃO DE A GESILAU COM POMPEU

SOBRE A VIDA DE FÓCION

SOBRE A VIDA DE CATÃO DE ÚTICA

Volume VII

Alexandre o Grande

OBSERVAÇÕES SOBRE A VIDA DE ALEXANDRE. O GRANDE

Júlio César

COMPARAÇÃO ENTRE

ALEXANDRE, O GRANDE, E JÚLIO CÉSAR

Agis E Cleômenes (Reis de Esparta)

Tibério Graco e Caio Graco

COMPARAÇÃO DE TIBÉRIO E CAIO GRACO COM AGIS E CLEÔMENES

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE ALEXANDRE, O GRANDE

SOBRE A VIDA DE JÚLIO CÉSAR

SOBRE AS VIDAS DE AGIS E CLEÔMENES

SOBRE AS VIDAS DE TIBÉRIO E CAIO GRACO

SOB RE A COMPARAÇÃO DE AGIS E CLEÔMENES COM TIBÉRIO E CAIO GRACO

Volume VIII

Demóstenes

Cícero

A COMPARAÇÃO DE CÍCERO COM DEMÓSTENES

Demétrio

Marco Antônio

COMPARAÇÃO ENTRE DEMÉTRIO E ANTÔNIO

Artaxerxes

Observações

SOBRE A VIDA DE DEMÓSTENES

SOBRE A VI DA DE CÍCERO

SOBRE A VIDA DE DEMÉTRIO

SOBRE A VIDA DE ANTÔNIO

SOBRE A VIDA DE ARTAXERXES

Volume IX

Díon

Bruto

COMPARAÇÃO DE DION COM BRUTO

Arato

Galba

Oton

Aníbal

Cipião, O Africano

COMPARAÇÃO ENTRE ANÍBAL E CIPIÃO

OBSERVAÇÕES

SOBRE A VIDA DE DION

SOBRE A VIDA DE BRUTO

SOBRE A VIDA DE ARATO

SOBRE A VIDA DE GALBA

SOBRE A VIDA DE OTON

SOBRE A VIDA DE ANÍBAL

SOBRE A VIDA DE CIPIÃO, O AFRICANO